EDIÇÃO MUNDIAL DE 10.918.000 EM CINCO IDIOMAS

Cr. $2,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERÊSSE PERMANENTE

Mais homens para queimar . . . . . *Saturday Night* 1
Seus males não serão imaginários? 6
Como o povo fez grande o jornal que lhe é fiel . *G. Kent* 8
O portentoso salvamento do Normandie . *New Republic* 13
No encalço dos desaparecidos . . . . . *Coronet* 17
Podemos ensinar os meninos a viver 20
Quadros a óleo para todos . . . *Saturday Evening Post* 22
Não basta acabar com os nazistas! . *«Men in Motion»* 25
O hipnotismo atinge a maioridade . . . . . *Liberty* 28
Sindbá, o cachorro marinheiro . . . . . *Life* 32
Uma incursão temerária na Birmânia . . . . *Atlantic* 35
Talvez não saiba que 41
Inventos para o conforto do soldado . . . . . *Atlantic* 42
O felá do Egito está virando mecânico . *por F. Sondern* 47
Coisas graves—em forma sorridente . *U.S.N. Pamphlets* 50
Epístola aos ingleses . . . . . *por Eric A. Johnston* 52
No centro da excentricidade 57
Rei da Arábia pelo seu próprio esforço . . . . . *Life* 59
Nasce um vulcão no Continente Americano
Pan American 66
Retalhos do drama cotidiano . . . . *por Edwin Balmer* 70
Como se curam hoje as neuroses de guerra
por F. C. Painton 72
Flagrantes da vida americana 77
Irmãos Castores, engenheiros e arquitetos. . . *Collier's* 79
Lá vem o Rei! . . . . . *Rotarian* 82
A prece ergueu um lar para crianças . . . . . *Kiwanis* 85
Pela fermentação à carne sintética . . . . . *Time* 89
O ensino pelo exemplo produz melhores operários
por S. Chase 91
Assuntos de conversa 113
Seção de Livros — «Agora ele pertence à posteridade»
por Carl Sandburg 95

JANEIRO DE 1944

CMDPC-CA
1311

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr. $2,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr. $20,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS—Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem, Pará.

BAÍA: Livraria Souza, Rua do Colégio, 8, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 351, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal

LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo V, No. 24 — *Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.* — Janeiro de 1944

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace

Redator Gerente: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator*: J. Rodrigues Miguéis

Administração: *Gerente Geral*, A. L. Cole. *Subgerente*: Fred D. Thompson, Jr.
Gerente de Circulação, Roberto C. Sánchez

Chefe de Publicidade, Willard R. Espy

Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson

Subdiretor: Marvin McCord Lowes

Copyright 1943 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

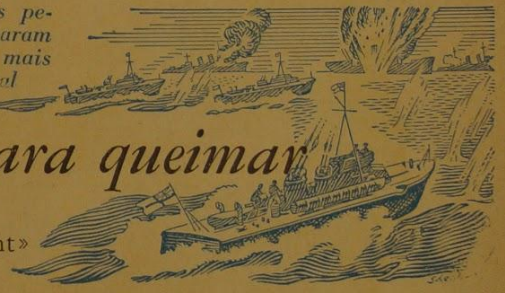
JANEIRO de 1944

SELEÇÕES do Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO V — No. 24

A narrativa dramática de como três pequenos moto-torpedeiros britânicos levaram a efeito um ataque, certamente dos mais audaciosos de que reza a história naval



Mais homens para queimar

(Condensado da «Saturday Night» do Canadá)

Por George Palmer e *Frederic Sondern, Jr.*

POR UMA tarde de abril, quando a batalha pela conquista da Tunísia entrava rugindo na sua última fase, um sinal, transmitido ao quartel general naval, em Sousse, pelo comandante-chefe das forças em operações no Mediterrâneo, Sir Andrew Cunningham, ordenou que três moto-torpedeiros partissem «para patrulhar, em pleno dia, a península do Cabo Bom, nas proximidades de terra», e «abrir caminho naquela área.»

A ordem parecia um disparate. Os moto-torpedeiros, ou antes, os MTB, como vulgarmente são chamados na marinha inglesa, só operavam à noite. Não seria pois de esperar que se vissem compelidos a sair à luz do sol para cometer, em última análise, um ato de suicídio, expostos ao fogo das baterias nazistas de costa, e dos enxames de Messerschmitts que, sem dúvida, os não poupariam.

Havia entretanto razão para que a medida se impusesse. É que as tropas aliadas estavam prontas para desencadear a ofensiva final, e o general Eisenhower precisava saber, seguramente, se o *Afrika Korps* se estava, ou não, preparando para um segundo Dunquerque. Os aviões de reconhecimento não poderiam colher informações rigorosas, com a precisão necessária, sobre os elementos maravilhosamente camuflados que estivessem porventura a ser dispostos para uma evacuação, ou acerca das posições da artilharia de costa, destinada a protegê-los. Não havia portanto

alternativa, senão despachar os moto-torpedeiros, sem embargo de ser quase certa a sua destruição.

Durante toda a noite, as guarnições das lanchas 639, 633 e 637 se ocuparam em confeccionar flâmulas de batalha nazistas, pintando de vermelho, branco e preto velhos pedaços de pano, apropriado a tais fins, e a que davam a devida forma. O truque naval, já muito conhecido, de falsificação de bandeira, era a sua única esperança, que aliás o próprio otimismo do chefe da expedição, o tenente Stewart Gould, de 26 anos de idade, reconhecia fragílima. «Vai ser interessante, camaradas,» foi o comentário que fez, animadamente, aos dois outros comandantes, tenentes Henry E. Butler, de 28, e George Russell, de 35 anos. Parecia-lhe entretanto impossivel que os observadores nazistas deixassem de reconhecer as linhas inconfundiveis de um MTB britânico.

Os três pequeninos navios puseram-se em marcha, e aproximaram-se da linha de terra alemã exatamente ao despontar do dia. Não tardou que o vigia vislumbrasse, a não mais de meia milha de distância, uma possante bateria de defesa de costa. Mas os alemães, na praia, limitavam-se a mover-se de um lado para outro, em atividade. Nos MTB, as bandeiras brancas britânicas permaneciam enroladas nas suas vergas, para só ser desfraldadas no momento propriamente da ação. Por enquanto, apenas as suásticas tremulavam garbosamente ao vento.

Os navios, cruzando lentamente, passaram por Hammamet e Nabeul, examinando cada pequena enseada. Enquanto os alemães em terra continuavam a movimentar-se, os comandantes dos moto-torpedeiros iam marcando, em mapas, a posição de cada canhão camuflado, ou de cada uma das barracas ocultas por entre o mato.

Ei-los afinal, os MTB, perto da Ponta Kelibia, precisamente o lugar de onde era de supor que as forças do Eixo lançassem a evacuação; e, entre as instruções dadas a Gould, figurava a de investigar a verdadeira capacidade dos cais que alí se construiam. De terra, grandes canhões mostravam-lhe a carranca, e bastaria, é claro, qualquer deles para despachar-lhe o navio caminho da eternidade, com um só dos seus projeteis. Sem embargo, os MTB se mantiveram a cruzar por cerca de meia hora, tempo bastante para que os oficiais tomassem as suas notas, às barbas, pode dizer-se, dos soldados nazistas, que, a tão pequena distância, trabalhavam febrilmente.

Era de fato aquela a principal zona de ancoragem para os navios nazistas, assim os de guerra, como os de abastecimento. O porto era defendido por baterias de canhões de seis polegadas—fato, seja dito, de que Gould e o almirante Cunningham não tinham até então qualquer notícia. Nem um tiro, contudo, foi disparado, quando os três naviozinhos entraram tranquilamente na enseada, e

---

George Palmer escreve sobre combates navais com a devida experiência. Designado pela United Press para acompanhar os movimentos da esquadra inglesa do Mediterrâneo, viajou por muitos meses em comboios de Malta, e com tanta felicidade que somente uma vez lhe aconteceu estar a bordo de navio que foi torpedeado. Outra ocasião, num raide de comando em Tobruque, então a 300 milhas para trás das linhas inimigas, a pequena embarcação em que tomara lugar viu-se perseguida, durante 12 horas, por bombardeiros de mergulho. Acompanhou igualmente o bombardeio naval de instalações situadas na costa italiana.

Frederic Sondern, Jr., redator viajante do Reader's Digest, tem estacionado nestes últimos meses no Oriente Médio.

aí lançaram âncoras. Tudo o que dizia respeito a disposição de canhões, radares, armazens, navios, depósitos de munições, concentração de tropa, foi objeto, por cerca de meia hora, da inspeção minuciosa de Gould e seus oficiais.

Parece incrivel; de uma distância, tão só, de algumas centenas de metros, oficiais alemães e italianos assestavam os binóculos sobre os moto-torpedeiros, acompanhando-lhes os movimentos. Houve, é certo, um momento crítico, em que se teve a impressão de que os enormes canhões de uma bateria próxima começavam a mover a boca na sua direção. Logo, porem, se pôde perceber que os artilheiros nazistas estavam apenas revistando as peças. Viram-se, em todo caso, bem de perto, os terriveis focinhos. Prisioneiros alemães, posteriormente, revelaram que todos em terra tinham acreditado que os MTB eram navios nazistas, habilmente disfarçados em unidades britânicas.

Gould, terminadas as suas anotações, com o respectivo assinalamento no mapa, levantou ferro, muito calmamente, e entrou mais fundo em território inimigo. De cinco em cinco minutos, cortava o espaço um avião nazista. Mas os Messerschmitts, não podendo imaginar que navios aliados estivessem a rondar, em pleno dia, os ancoradouros do Eixo, não se davam sequer ao trabalho de uma observação mais detida.

Por volta das nove e meia da manhã, estava Gould a 60 milhas atrás das linhas do inimigo. Tinha já feito as pesquisas que lhe determinaram, achando-se portanto em condições de levar ao almirante Cunningham os elementos de informação de que este não podia prescindir. Mas havia ainda a questão de «abrir caminho», para que se cumprissem integralmente as ordens recebidas. Estava ele a refletir sobre como dar começo à execução do serviço, quando lobrigou, numa angra, dois lança-minas italianos. Um navio alemão, de escolta de comboio pousava, nas vizinhanças. Atrás, em terra, uma fábrica que parecia importante.

Gould deu sinal de combate. A suástica desapareceu dos três pequenos mastros, e nestes passou então a tremular a cruz de S. Jorge. Durante vinte minutos, os moto-torpedeiros mantiveram fogo cerrado contra os lança-minas e o navio de escolta. Quando estes não eram atingidos, quem pagava o tributo era a fábrica, sobre a qual iam cair os projeteis. As guarnições do Eixo, surpreendidas demais para que pudessem resistir, mostraram-se a bordo inteiramente confusas.

Os lança-minas foram rapidamente para o fundo. Quando o navio maior já estava posto em chamas, pilotos nazistas corriam, em busca dos seus aparelhos nos aeródromos próximos. Gould porem, já se vê, não iria ficar à espera deles.

Voltou pelo mesmo caminho por onde tinha vindo, a atirar sobre tudo que se afigurava interessante. As balas de duas libras não impressionavam grandemente os campos de aviação, mas o efeito moral do ataque assumiu proporções espantosas. O comando alemão imaginou que aquilo seria indício de algum raide em grande escala, prestes a surgir, e ordenou a toda pressa a movimentação de forças de terra, e que mais aviões entrassem em ação.

Quanto a Gould, depois de ter posto abaixo um avião de observação que, muito provavelmente, lhe viria a causar transtorno, se não fosse derrubado, encontrou alguma coisa que não seria para desprezar. Espalhados ao longo

da costa, achavam-se vários grandes aviões alemães de transporte, remanescentes do comboio aéreo de 100 aparelhos que os Warhawks americanos atacaram no Mediterrâneo no hoje famoso «massacre de Domingo de Ramos». Alguns estavam completamente avariados; havia, contudo, uns poucos em perfeitas condições. Os artilheiros de Gould destruiram-nos todos.

Já então, é evidente, os moto-torpedeiros britânicos poderiam regressar, com honra, à sua base. Quando passavam, porem, à altura da Ponta Kelibia, o 639 fez um sinal. Era Gould que ordenava: «Procurar aproximar-se, e fazer fogo.» Butler no 633, e Smith no 637, viram, com espanto, que o navio do seu chefe começava de fato a mover-se de acordo com essa ordem. «Santo Deus,» disse um dos timoneiros, alarmado: «Vamos ser heróis sangrentos.» E tinha razão.

A cerca de uma milha da praia, via-se um navio de carga nazista, de bom tamanho, guardado, não somente por dois destróieres, senão tambem por aviões de combate, e baterias costeiras de seis polegadas. Com o sinal «Avante, a toda força,» deu Gould início a um ataque, certamente dos mais audaciosos de que reza a história naval. Tinha ele, na noite anterior, concertado com Butler e Smith a tática para tal situação.

O 639, de Gould, dirigiu-se para os destróieres, com a missão de atrair o fogo destes, enquanto o 633 e o 637 manobravam no sentido de pôr-se em posição para torpedear o cargueiro. Levou isso uns doze minutos, durante os quais desatou-se um verdadeiro inferno.

Um segundo, não mais, depois que Gould agrediu, com o seu armamento relativamente ridículo, o maior dos destróieres, os navios de guerra nazistas fizeram ouvir a voz dos seus canhões de quatro polegadas. As baterias costeiras de seis polegadas igualmente manifestaram-se. Mais um pouco, e entravam tambem em cena os canhões da defesa anti-aérea, abaixados, para esse fim, ao nivel do mar. Ao mesmo tempo, aviões de combate mergulhavam em formações de dois e três, para punir, a metralhadora e canhão os pequenos e ousados moto-torpedeiros.

Aconteceu, todavia, o inacreditavel. «Procurem atingir a ponte daquele destróier,» gritou Gould aos seus atiradores, por entre o ruido das balas e granadas que batiam na couraça da sua minúscula torre de comando. Com efeito, dentro de cinco minutos, o destróier começava a retirar-se, seriamente avariado. Evitando os remoinhos que, por assim dizer, a cada instante, ameaçavam engulí-lo, o 639 lançou uma cortina de fumaça entre o segundo destróier e os outros dois MTB, de modo que a estes fosse mais facil dispor-se para a tremenda tarefa. Mais um momento, e eis em marcha os torpedos de Smith. Houve uma explosão ensurdecedora, e o navio nazista deu um grande salto fora da água, reduzindo-se a pedaços.

«Retirar,» veio do 639 este sinal. Butler, porem, e Smith hesitaram, porque o 639 estava a incendiar-se. Na sua ponte, jazia Gould, o lado direito crivado de balas de metralhadora, do rosto ao joelho. A pequena distância, o cadaver do seu substituto no comando; uma explosão de granada matara-o instantaneamente. O imediato em hierarquia, tenente John Hayden, comandava o navio, apesar de ter nas costas um ferimento de bala.

Quando Butler e Smith procuraram aproximar-se, o mais possivel, do que era o seu navio capitânia, para dele retirar Gould e a respectiva guarnição, granadas de seis polegadas entraram a perseguí-los. Um dos homens do leme avisou que havia, em baixo, um guarda-marinha ferido; e, enquanto os dois moto-torpedeiros, transformados em barcos de salvamento, aguardavam pacientemente desafiando o perigo, lá foi o homem por entre fumo e fogo em busca desesperada, até que voltou a anunciar triunfante: «Aquí está ele!» O guarda-marinha, ensanguentado, sem a metade da mão esquerda, e com a mandíbula arrebentada por balas, tentou esboçar um sorriso. «Vocês têm um pouco de morfina?» perguntou.

Estava já a bordo dos dois moto-torpedeiros o último dos sobreviventes do 639, quando surgiram, em número de 40, aviões de combate do Eixo. Mas Butler e Smith, com os seus conveses carregados de mortos e feridos, conseguiram evitá-los, rumando para Sousse. Os próprios feridos não contiveram expansões de regozijo quando um dos atiradores pôs abaixo um Focke-Wulf, em chamas. Em seguida apareceu um esquadrão de Warhawks americanos, e os aviões inimigos trataram de recuar.

«Foi um belo serviço!» era o que dizia Gould ao morrer, uma hora depois.

Carta de longe

¶ O Expresso Ferroviário de Fort Worth, no Texas, recebeu do cabo C. V. Schaffer, aquartelado no Norte de África, uma carta lacônica sobre certa encomenda postal que alí estava retida para ele: «Como podem calcular, não me é possivel comparecer pessoalmente para levantar a encomenda. É favor abrirem-na. Se for bolo, comam-no; se forem cigarros, fumem-nos; mas se for uma pequena loura, remetam-na à cobrança, que eu pagarei os encargos.»

Star Telegram, Fort Worth

*

Receita de serenidade

¶ Alguem perguntou a Lillian Russel como é que ela podia ter uma face tão suave e um espírito tão sereno, malgrado os problemas da sua vida, ao que a artista replicou: «Coloquei um aviso à entrada de minha alma, com os seguintes dizeres: Só o que é amavel e tranquilo pode entrar». Há milhares de vozes que me chamam, tentando desviar-me de minha decisão, mas eu já aprendí a não ouví-las. Mantenho-me firme, não tentando arrostar com os vendavais da vida, mas sim permanecendo calma e imovel no centro do ciclone, onde os ventos não sopram.»

—Margery Wilson, *The Woman You Want to Be* (Lippincott)

Seus males não serão imaginários?

UMA SENHORA de compleição robusta, mas que vivia a queixar-se de uma série infindavel de malestares e indisposições, chamou tantas vezes o médico a vê-la, que este acabou por perder a paciência. Um dia, como ela lhe descrevesse as misérias de que era vítima, interrompeu-a o esculápio, observando num tom admirativo: «Deixe lá que a senhora deve ter uma saude de ferro, para aguentar com tanta coisa!»

Dr. George Lincoln Walton, *Why Worry?* (Lippincott)

O HIPOCONDRÍACO é dominado pela idéia fixa de que deve sempre sentir-se perfeitamente bem, e de que é necessário que cada uma de suas sensações corresponda exatamente a esse ideal. Se pudessse esquecer tal preocupação, e concentrar sua energia em pensamentos mais uteis; se aprendesse a dizer de si para consigo: «O que eu estou fazendo é muito mais importante do que o que estou sentindo», ver-se-ia curado da sua hipocondria.

Idem

TIVE UMA VEZ como paciente uma jovem solteira que se achava tomada de grande desalento, tendo perdido todo o amor à vida, e assim caminhava aos poucos para a mais total hipocondria. Ocorreu-me fazer com que a cada consulta ela me narrasse alguma história engraçada. Foi dificil, a princípio, mas pouco a pouco passou a interessar-se pela coisa. Antes mesmo que eu desse o tratamento por terminado, adquirira o hábito de colecionar anedotas, tornando-se uma verdadeira perita na arte de narrá-las. Esse simples tratamento de humorismo, bastou para pô-la boa.

Dr. William S. Sadler, *Quest for Happiness* (Follett)

EIS UMA receita do filósofo William James para a cura de qualquer estado de agitação nervosa: «Empertigue os ombros, fale com voz mais forte, sorria, e faça um elogio a alguem.»

Como um paciente extremamente deprimido se queixasse a Alfred Adler de que ignorava uma série de coisas devido à educação deficiente que recebera, observou-lhe o psiquiatra: «Está vendo aquela quitanda do outro lado da rua? Sei perfeitamente que o quitandeiro está muito melhor informado do que eu sobre as peculiaridades das couves de Bruxelas—mas, como vê, não me deixo abalar por isto.»

Phyllis Bottome, *Alfred Adler—A Biography* (Putnam)

O ESGOTAMENTO nervoso vence os espíritos fatigados pelo esforço de manter os seus disfarces.

Dr. Elizabeth Adamson, *So You're Going to a Psychiatrist* (Crowell)

UMA JOVEM encantadora confessou-me certa feita: «Meu mal, doutor, é que me esforço demais pelos outros; todos concordam nisto.» Como todo o mundo lhe fizesse tal observação, acabou por convencer-se de que era mesmo assim. Não tardou porem a compreender que não era por esforçar-se demasiado, mas por pensar «vou ficar exhausta de tanto esforço», que se sentia realmente exhausta. O desejo espontâneo de prestar auxílio, e a sua realização, só podem servir de estímulo para o espírito.

Dr. Josephine A. Jackson e Helen M. Salisbury *Outwitting Our Nerves* (Appleton-Century)

AO DEIXAR há alguns dias meu consultório, uma senhora que toda a vida foi vítima de histeria e nervosismo, disse-me, suspirando: «A questão, doutor, é que sou extremamente sensivel». Não há dúvida, minha senhora, de que é extremamente egoista.» «O que eu disse foi: sensivel». «Mas eu,» retruquei-lhe, «disse egoista, e mantenho». Saiu zangada, porem voltou arrependida dalí a dez dias, e desculpou-se, declarando reconhecer pela primeira vez que sempre fora, de fato, extremamente egoista.

Dr. William S. Sadler, *Business Woman: Her Personality and Health* (Follett)

O QUE ACONTECE à maioria das pessoas nervosas é que pensam demais em si próprias, e se preocupam demasiado com seus próprios problemas. Gastam assim em si mesmas aquilo de que o mundo tanto carece atualmente: amor, compaixão e indulgência.

Dr. William S. Sadler, *Quest for Happiness* (Follett)

O DR. OLIVER WENDELL HOLMES exclamou certa vez, ao surpreender seu conhecido, vítima de hipocondria, lendo um estudo relativo à sua própria moléstia: «Cuidado! Não vá morrer devido a um erro de imprensa!» *Time*

Trocista

CAMINHANDO pela parte baixa da Broadway, encontrei-me com o Dr. Clyde R. Miller, da Universidade de Colúmbia, cavalheiro que goza da fama de estar sempre planejando uma boa peça. Disse-me que ia a caminho de uma importante tarefa, e convidou-me a acompanhá-lo. Ao chegarmos a Wall Street, ele se dirigiu para um restaurante que se encontra no andar térreo de um dos maiores edifícios do distrito—um restaurante que parecia tão grande quanto o Madison Square Garden. Miller se pôs a contemplar, por um bom bocado, as paredes e o teto do restaurante e, a seguir, deu cuidadosamente algumas passadas, abaixou-se e fez uma forte marca, a lapis, no pavimento. Com um largo gesto, explicou-me: «Aquí vai ser a nova divisão. Aquela parte, acolá, ficará separada por uma parede. Naquele canto, colocaremos os lavabos.»

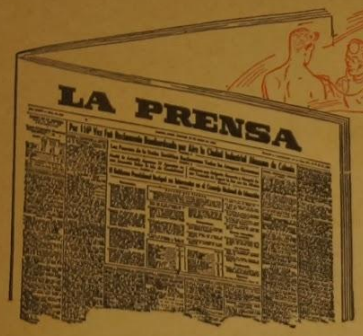
Nessa altura, o gerente do restaurante tinha já aparecido e queria naturalmente saber do que se tratava. «Nós viemos—disse Miller—tratar das alterações a serem feitas». E, como se se tratasse de um simples fato de rotina, começou a tomar novas medidas pelo pavimento.

«Mas como?—inquiriu o gerente. —E o contrato que eu tenho?»

«Eu não sei nada a respeito de contratos, —replicou Miller. —Apenas estou cumprindo ordens, de acordo com os planos feitos.» E, dirigindo-se a mim: «Comece os trabalhos na segunda-feira.»

E, com essa, saiu.

—Fred C. Kelly



Como o povo fez grande o jornal que lhe é fiel

Por George Kent

Tendo construido a sua prosperidade sobre anúncios de «precisa-se», tornou-se uma instituição que serve o povo, sobranceira assim aos governos como à pressão dos anunciantes, e oferecendo assistência médica e judiciária, e serviços outros, ainda aos que não sejam seus assinantes.

La Prensa, de Buenos Aires, considera-se não simplesmente um jornal, mas uma instituição a quem incumbe, como dever sagrado, fazer tudo o que esteja em suas forças para ajudar o povo da Argentina.

Se um indivíduo está doente, poderá ser tratado no consultório do jornal —e sem pagar coisa alguma. Se precisa de tratar ou consertar os dentes, aí estão para atendê-lo, tambem gratuitamente, os dentistas da empresa. Contará, do mesmo modo, com os advogados de *La Prensa* para dar-lhe o devido conselho em algum caso forense, e defendê-lo se lhe faltarem recursos. Não se suponha que haja em tudo isso qualquer espírito de propaganda, visando o aumento da circulação. Toda a gente é alí benvinda, compre ou não compre o jornal.

Se se trata de um lavrador, *La Prensa* está pronta a analisar-lhe o terreno, ou a dizer-lhe o que deve fazer para curar um animal doente. Se aparece um jovem com vocação musical, o conservatório de *La Prensa* lhe dará ensino gratis. Mantem ainda uma biblioteca pública, uma sala de conferências, virtualmente franqueada a qualquer grupo que dela deseje servir-se, e um laboratório à disposição do comércio, para análise de produtos.

Tais atividades, entretanto, são incidentais ou acessórias, ao lado da que é expressa pela publicação do grande orgão, verdadeiramente mundial. O fundador de *La Prensa* foi o falecido José Clemente Paz. O seu primeiro número, aparecido em 1869, arvorou desde logo os princípios que lhe guiariam os passos: Verdade; Honra; Liberdade; Progresso; Civilização.

O jornal cresceu firmemente em proporções e prestígio. Quando os imigrantes começaram a afluir à Argentina, com o fim de trabalhar nos seus campos de trigo, *La Prensa* ofereceu-se para servir-lhes de endereço postal. Não são poucas as pessoas que ainda hoje usam da sua prestimosidade, para efeitos de posta-restante.

Recomendou-se, por outro lado, o jornal, aos colonos que chegavam, pelo fato de estampar nas suas colunas notícias locais das regiões da Europa que lhes falavam mais ao coração, dos próprios lugares de onde tinham vindo. Quando os imigrantes, já cidadãos argentinos, se tornavam proprietários e

negociantes, era naturalmente a *La Prensa* que haviam de recorrer, sempre que tivessem qualquer coisa a ser anunciada. As seções de anúncios do jornal converteram-se então, mais e mais, no verdadeiro mercado, para compras e vendas de toda natureza, e onde empregadores e candidatos a emprego se encontravam, uns com os outros, satisfazendo-se reciprocamente. Os milhares de anúncios humildes em duas ou três linhas passaram a representar a fonte de renda principal da empresa, e acabaram enriquecendo-a. Por trás desse baluarte, formado, como se vê, pelo concurso do que poderia chamar-se a clientela modesta, de carater popular, funciona o que é presentemente o jornal mais próspero do mundo. E esta gente simples, de interesses modestos e honestos, é que proporciona ao diário os recursos e a autoridade necessários para manter-se no caminho «da verdade e da honra», sem recuar diante da categoria dos que acredita dever combater, mesmo que estes se dêem por ofendidos.

Os editoriais de *La Prensa* são elaborados com o zelo com que um advogado, por exemplo, lavrará as suas razões, a apresentar à Suprema Corte; não deixam de ser, todavia, enérgicos e vibrantes. Corre em Buenos Aires como adágio que governo combatido por *La Prensa* está condenado a cair. Até certo ponto, é verdade, se bem que o processo, às vezes, seja lento. O último caso, a propósito, é o do regime Castillo, ao qual o orgão se opôs de modo decidido.

De longe em longe, governos, grandes empresas, interesses especiais, têm procurado influir na sua orientação, ora tentando a sedução por lisonja, ora o suborno, ora a intimidação—mas sempre sem resultado. Não há muito, grupos nazistas arremessaram-lhe bombas, através das suas portas de ferro, e tambem balas já lhe entraram pelas janelas. Certa vez, uma malta organizada tornou-se de tal modo ameaçadora, que houve que carregar o pátio de eletricidade, e inundá-lo, de maneira a punir o agressor que se aventurasse à invasão. Há uma *sala de armas* no edifício, onde os redatores se exercitam no uso da espada e do sabre. Ezequiel Paz, o atual diretor, é um atirador exímio.

O jornal vai a grandes extremos para preservar-se em absoluto de qualquer influência exterior. Nem um centavo dos seus vastos fundos se emprega em ações ou títulos industriais ou comerciais. D. Ezequiel não aceita convites para reuniões políticas ou diplomáticas, com receio de que daí possam resultar obrigações que restrinjam, de qualquer modo, a inteira liberdade do jornal. Neste, por outro lado, não se admite publicidade paga do governo, nem anúncios eleitorais, sob o fundamento, quanto a estes, de que semelhante prática favorece os candidatos que disponham de mais dinheiro.

Típico da integridade do jornal, é, por exemplo, este caso: *La Prensa* publicou um artigo censurando uma grande companhia. No dia seguinte, apresentou-se um representante da firma, com uma réplica para ser inserta na seção de anúncios, onde ocuparia duas páginas. A gerência recusou a publicação, dizendo amavelmente: «Se os senhores desejam replicar, preparem um comunicado, e nós o publicaremos na parte editorial respectiva.»

Ainda aqueles que detestam *La Prensa*, têm por ela o devido respeito. Isso explica em parte a relutância com que as autoridades sempre hesitam em

aplicar-lhe a censura. O extinto regime Castillo suprimiu vários jornais; mas *La Prensa*, que o combateu mais do que qualquer outro o terá feito, foi estritamente respeitada.

La Prensa é, no mundo, o jornal que ordinariamente publica maior noticiário do estrangeiro. Quando outros jornais em Buenos Aires enchiam páginas a respeito do jogador de boxe Firpo, que derrotou Willard, e depois foi vencido por Dempsey, *La Prensa*, com um ou dois tópicos, pô-lo fora do cartaz. Por ocasião da célebre partida de xadrez Capablanca-Lasker, da Havana, publicou a marcha do jogo, movimento por movimento, pagando a respectiva transmissão ao preço de 30 cruzeiros cada palavra. Despendeu cerca de 200 mil cruzeiros, para ter, na íntegra, as 30 mil palavras da exposição do Plano Dawes a propósito das reparações devidas pela Alemanha, transmitida telegraficamente para Buenos Aires, e provavelmente o mais longo despacho telegráfico que jamais um jornal recebeu.

Foi um arguto redator do diário quem se lembrou de incumbir a United Press de entrevistar em Berlim certo matemático alemão, ainda obscuro naquela época. Chamava-se ele Albert Einstein, e assim coube a *La Prensa* pôr em foco, despertando para ela a atenção universal, a teoria da Relatividade.

O interesse do jornal por informações do estrangeiro tem tido os seus efeitos salutares. Durante a última guerra, quase todo o seu serviço de noticiário do exterior se achava a cargo da Havas, a conhecida agência francesa. O fato de a Havas não dar conhecimento do ponto de vista alemão, recusando-se mesmo a transmitir os comunicados germânicos, desagradou a *La Prensa* que, uma vez terminada a guerra, induziu a United Press a distribuir por toda a parte correspondentes que fossem colher diretamente nas fontes as notícias a divulgar.

Resultou que a United Press, cujos serviços eram então muito restritos, triplicou e quadruplicou o seu pessoal no exterior, e o volume dos seus telegramas e comunicados, de todas as procedências, cresceu enormemente. *La Prensa* pagava as respectivas despesas. Durante algum tempo, os despachos, recebidos em Nova York, eram transmitidos imediatamente para a Argentina. Gradualmente, porem, os jornais novaiorquinos entraram a interessar-se pelo caso, até que abriram espaço em suas colunas a quase todo o serviço que só *La Prensa* vinha publicando. A Associated Press, que servia *La Nación*, rival de *La Prensa*, tratou, por seu turno, de desenvolver as suas atividades. Se hoje, nos Estados Unidos, se lêem muito mais notícias do estrangeiro do que noutros tempos, é isso devido, em parte, à iniciativa a que aludimos.

Os redatores de *La Prensa* sentam-se em cadeiras de couro lavrado, e até recentemente escreviam à mão os seus originais. A não ser pelo ruido dos teletipos, a tranquilidade, no salão central de trabalho, contrasta com o borborinho que se nota numa redação de jornal dos Estados Unidos. Surja, porem, um acontecimento, e é de ver como funciona rapidamente a máquina. Foi só chegar a notícia de que se estava a travar a batalha do *Graf Spee*, e logo partiram aviões a recolher as primeiras fotografias da cena. Nos dias de eleição, acompanha todo o processo, distribuindo representantes seus pelos colégios eleitorais, e assim se constitue uma defesa da regularidade do voto.

Quando o caso é de carater mundial, faz-se ouvir intensamente uma sereia, instalada no alto do edifício. O povo então aflue de toda a parte para ler os boletins, no pavimento térreo, a ponto de muitas vezes fazer parar o tráfego na larga Avenida de Maio.

Encontrar-se-ão normalmente nos jornais de Buenos Aires muitos títulos vistosos, para fatos que se descrevem com todos os seus pormenores, que possam causar sensação. Não assim, porem, em *La Prensa*. Excetuado um certo espaço da página da frente, que contem apenas títulos, as primeiras cinco a oito páginas do jornal são cheias, maciçamente, de anúncios de «precisa-se». Seguem-se as colunas de noticiário, todas elas com títulos discretos, de pequenas dimensões. Nem os divórcios, nem os suicídios são registrados em suas colunas. Até mesmo casos de homicídio têm sido noticiados como de morte em «condições anormais».

O mesmo escrúpulo se manifesta no departamento de publicidade, onde certa vez se hesitou em aceitar um anúncio de Wrigley, por antipatia pela idéia de introduzir na Argentina o uso do chíclete.

Quando o autor da seção humorística ilustrada de *La Prensa*, Dom Fulgêncio, emprestou o personagem de suas gravuras para figurar no reclame de uma dada marca de café, a direção não só rejeitou o anúncio, como suprimiu a referida seção, não obstante a popularidade de que a mesma gozava. Imagine-se um jornal dos Estados Unidos eliminando *Superman* ou *Blondie* por semelhante razão!

Para com os seus empregados, é benévola, sanão patriarcal, a atitude do jornal. Quando um deles está muito velho, deixa de trabalhar, mas recebe todo o ordenado. Até hoje só três pessoas se viram dali expulsas. Um empregado da seção de anúncios, encontrado em falta nas suas contas, não teve a sofrer mais que a transferência para outro departamento onde não lidava com dinheiro.

O atual diretor, Dom Ezequiel, nasceu alguns anos depois da fundação do jornal. Nos primeiros tempos, muito duros, trabalhou ele na sala de composição, a arrumar tipos e a manobrar o velho prelo antiquado. Depois entrou a dedicar-se de corpo e alma à matéria editorial.

Quando se construiu o edifício onde *La Prensa* hoje funciona, nenhum prédio da cidade o igualava em magnificência. É que o seu fundador julgava o jornalismo o tipo mais alto de serviço público, e daí parecer-lhe que o jornal devia ter uma sede à altura da sua importância. Certa ocasião, um representante do Vaticano, visitando *La Prensa*, observou: «Isto aqui, para um jornal, será luxuoso talvez!» Dom José replicou em tom suave: «S. Pedro de Roma não é, de alguma forma, luxuoso?»

O pai educou devidamente o filho para a empresa que havia de legar-lhe. Ia à Europa todo ano, e deixava o jornal a seu cargo, certo de que o único meio de aprender a fazer um serviço é justamente fazê-lo. Conta hoje Dom Ezequiel 72 anos, é um homem alto, bem tratado, extremamente ativo para sua idade. Tem mantido o costume paterno quanto a viagens à Europa, substituido, sempre que se ausenta, pelo sobrinho, dr. Alberto Gainza Paz, já educado na grande tradição do jornal. Essas viagens à Europa, e a prodigalidade de D. Ezequiel, são famosas na Argentina. Ele reservava para si a me-

tade do melhor tombadilho de um transatlântico de luxo, mandava mobilar e decorar de novo todas as peças, levava muitas pessoas de sua família, e um cozinheiro. Do séquito faziam parte tambem aves e uma vaca, para ter sempre leite fresco. Ao chegar à França, mandava matar a vaca, e distribuia a carne com a tripulação. De volta, a mesma coisa.

D. José nunca esteve nos Estados Unidos, mas D. Ezequiel fez uma viagem às terras de Tio Sam nos começos do século. Em época recente o dr. Gainza Paz, atualmente co-diretor do orgão, esteve na grande república norte-americana, e ficou de voltar, com a família, para uma longa estada. Isso é significativo, porque *La Prensa* nem sempre tem estado em bons termos com os Estados Unidos. Seus proprietários e diretores entraram, não poucas vezes, em divergência com a política de Washington. Alguns dos editoriais mais incisivos que ainda se publicaram em oposição ao Tio Sam, surgiram nas colunas do grande matutino.

Nestes últimos anos, tem o jornal apoiado de modo peremptório a causa da solidariedade hemisférica, dando combate ao Eixo. Atribue-se-lhe, em geral, uma espécie de liderança no que toca à política externa da nação argentina. Até agora, entretanto, sem embargo dos seus editoriais, as forças pro-Eixo vão exercendo influência na Argentina; mas a luta continua, e *La Prensa* manifesta pela causa aliada uma simpatia que com o tempo acabará pondo o país do lado das Nações Unidas.

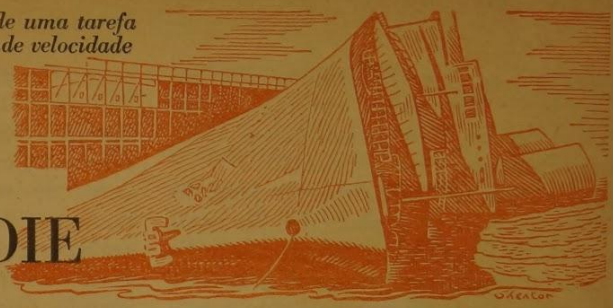
¶ Durante 40 anos o Jardim Zoológico de Nova York não soube como resolver o caso dos flamejantes guarás. Os pernaltas chegavam da Florida com a sua esplêndida plumagem rosada, mas cada nova primavera as suas penas iam desbotando mais e mais, até que somente um perito era capaz de distinguí-los dos flamingos brancos da Europa.

O curador dos pássaros do Zoo, Lee S. Crandall, achou que a alimentação dada aos guarás—camarões sêcos—não possuia as vitaminas e os óleos dos mariscos que essas aves comem em seu habitat natural. No ano passado, ele compôs uma complicada fórmula para a dieta dos seus pássaros: nabos, pimentão doce, óleo de fígado de bacalhau, fermento de cevada, moscas mexicanas secas, que são elementos ricos em óleo; camarões frescos, biscoitos para cachorro, e arroz cozido.

A fórmula deu resultados. Esta primavera, pela primeira vez em 40 anos, os flamingos do Jardim Zoológico estentaram na Quaresma novas plumagens, de um rosado tão rico como o das aves oriundas da Florida. E, o que é mais interessante, os flamingos europeus, que participaram da mesma dieta durante todo o inverno, apareceram tambem com belas plumas rosadas.

—William Bridges, N. Y. Zoological Society

¶ *Narrativa quase incrivel, de uma tarefa gigantesca realizada a grande velocidade*



O portentoso salvamento do NORMANDIE

(Condensado da «New Republic») ★ ★ ★ *Por Bruce Bliven*

Embora destroçado, chamuscado e ferrugento, depois de um estágio de 18 meses meio submerso nas águas do Hudson, mais uma vez o *Normandie* se ergue sobre elas. Venceu-se a etapa mais dificil da maior tarefa de salvamento de um casco de navio ainda empreendida pelo homem, história épica de inacreditavel coragem e persistência em face de obstáculos insuperaveis. E, note-se, a obra do salvamento do *Normandie* repercutiu proveitosamente no esforço nacional para a guerra, visto que o pessoal nela treinado veio a ser utilizado para desobstruir as docas dos portos do Norte da África, atravancados pelos cascos de navios nazi-fascistas, lá afundados pelo bombardeamento aliado, contribuindo assim para o aceleramento da invasão da Sicília.

Foi a 9 de fevereiro de 1942, seis semanas após a requisição do *Normandie* pela Marinha dos Estados Unidos—a qual mudou o nome do grande paquete para o de *Lafayette*, e começou a convertê-lo em transporte de guerra—que um incêndio se declarou no salão nobre do barco. Sopradas por vento rijo do noroeste, as chamas rapidamente envolveram todo o navio. O corpo de bombeiros de Nova York despejou sobre este milhares de toneladas de água, sobrecarregando-o de tal forma, que o paquete adernou para estibordo, e foi como se houvesse naufragado. A Marinha viu-se então diante de um problema de solução dificil. O casco da grande nave, medindo 320 metros de comprido por 37 de largo, jazia quase metade fora da água, a maré subindo e descendo dentro, tal qual o fazia por fora. O navio ficara aproado à terra e, ao tombar, o seu terço da proa assentara sobre uma plataforma de rocha, a uns 20 metros de profundidade. Os outros dois terços do casco assentavam no lodo do leito do rio, pelo que se receou que o navio se quebrasse em dois, onde a rocha acaba e a lama começa. A tarefa do salvamento do *Normandie* fascinou o público; milhares de pessoas escreveram à Marinha, expondo opiniões sobre o modo de salvá-lo, algumas das quais as mais disparatadas. Um alvitre comum foi o de que se amarrassem milhares de engradados cheios de bolas de pingue-pongue, ou latas vazias devidamente soldadas, à amurada submersa do navio, para que ele se endireitasse. Outras idéias de igual quilate eram: que se fizessem milhares de blocos de gelo debaixo da água, e se amarrassem ao costado do navio, ou que se empregassem balões aéreos com ganchos engatados à amurada submersa! Cada vez que os jornais se referiam ao *Normandie*, caía sobre as autoridades navais uma avalanche de cartas e de telefone-

mas, até que a certa altura a seção encarregada do serviço, embora contrariada, pediu à imprensa que se abstivesse de falar sobre o assunto.

Entrementes os peritos da Marinha Americana e os engenheiros da firma Merritt-Chapman & Scott, uma das mais antigas organizações mundiais de salvamento de cascos, chegavam à conclusão de que o *Normandie* poderia ser novamente posto a flutuar pelo sistema de elevação compensada, por meio de bombas.

O sistema prescreve que se torne estanque a maior parte do navio, dividindo o casco em compartimentos que possam ir sendo progressivamente esvaziados e hermeticamente fechados. Depois, por meio de bombas, retira-se a água das partes submersas ao mesmo tempo que, por igual sistema, se enchem as partes correspondentes do lado oposto, até que o navio volte a ficar a prumo. Os peritos calcularam que a obra levaria entre dezoito a vinte e quatro meses, e o custo iria a uns 6 milhões de dólares. O resultado, porem, foi que, não somente o navio foi posto a flutuar em 18 meses, mas a despesa orçou por muito menos.

Teria tal empresa valido o esforço e a despesa que nela se empregaram? Será dificil responder à pergunta, tantos são os aspectos obscuros no caso.

Reconhece-se que ninguem, no seu juizo, se proporia construir um transporte de guerra do tamanho e tipo do *Normandie*. Seria preferivel construir três transportes menores. Os grandes navios causam apreensões proporcionais ao alto comando, pois transportam números elevados de tropa, e o melhor é sempre diluir o risco. Por outro lado, a Marinha considerou que, tendo em vista a necessidade premente de transportes marítimos, o salvamento do *Normandie* proporcionaria um casco e máquinas em bom estado, por um oitavo apenas do custo atual, que andaria por cerca de 40 milhões de dólares; um navio que lhe facultaria os meios de um transporte de guerra completo, por dois terços do que um de tal tonelagem e marcha custaria no momento. Alem disso, o salvamento do *Normandie* não requereria muito do material presentemente escasso, nem muita mão-de-obra, e passaria a ser uma unidade a mais, e não feita à custa da produção nacional de chapas e turbinas marítimas.

Teoricamente o problema do levantamento do casco do *Normandie* era facil; na prática, porem, as dificuldades foram tão colossais, que só a proporção da tarefa basta para causar pasmo. Quando ocorreu o desastre do *Normandie*, todo o costado de estibordo achava-se coberto de andaimes que, na ocasião, se quebraram como palitos. Muita da madeira dos mesmos ficou encravada nas vigias ou nos embornais de carga, formando ângulos fantásticos. Todo o entulho desta espécie teve de ser removido antes do início das operações de salvamento, por mergulhadores, obrigados assim a trabalhar no meio de obstáculos de madeira e lama, muito abaixo da superfície da água. Esse trabalho foi duplamente penoso, visto o rio Hudson acumular tanto lodo que, a poucos pés de profundidade, os mergulhadores se vêem envoltos em trevas, sem que as lâmpadas elétricas de que vão munidos lhes prestem grande serviço.

Nada menos de 356 vigias tinham ficado submersas quando o navio tombou. Muitas delas achavam-se abertas no momento; nenhuma tinha sido feita para ser inteiramente estanque, ao submergir. Achavam-se a 15 metros abaixo da superfície do rio, e cada uma delas teve que ser coberta com uma tampa impermeavel, aplicada, na maioria dos casos, pela parte de dentro. Quando os mergulhadores haviam concluido os preparativos para iniciar os trabalhos, o lodo, *dentro* do navio, atingira já 3 metros de altura. De começo, tiveram os mergulhadores que ir tateando o caminho através de um labirinto de corredores e camarotes, e cavar e remover toda espécie de entulho acumulado, de muito do qual se desprendiam gases venenosos, inclusive o sulfureto de hidrogênio, que é mortal. Toneladas e toneladas de lodo que se havia infiltrado por todos os orifícios abertos, tiveram de ser removidas, após o que teve começo a faina de apor tampas impermeaveis sobre todas as vigias e sobre 16 grandes embornais de carga e portalós do costado, alguns com dimensões suficientes para a passagem de automoveis. Foi preciso construir milhas de compartimentos estanques e assentes em cimento. Todos os porões e escotilhas no convés intermediário tiveram que ser tapados. Assim tambem toda a extensa e complicada canalização do navio.

Não há casco que se construa com a resistência suficiente para as pressões a que o *Normandie* ficou sujeito. O deste teve, portanto, que ser reforçado. Foi precisc remover todas as obras mortas do segundo convés para cima, incluindo dois mastros, dois conveses a todo o comprimento, e as três chaminés, cada uma das quais com dimensões de tunel ferroviário. Todo o maquinismo pesado, que não fora nem construido nem assente para firmar-se a ângulos de quase 90 graus, e assim permanecer durante 18 meses, foi escorado e coberto de ingredientes contra a ferrugem. Toda a maquinaria e equipamento instalada sobre e dentro do casco, teve que ser montada em plataformas fixas, com dobradiças numa extremidade e polias na outra, de forma que, à medida que o navio retomasse o prumo, as máquinas continuassem funcionando sem interrupção. Nada menos de 5.000 toneladas de obras mortas ou sobreestruturas, 6.000 toneladas de entulho, 10.000 toneladas de água, foram removidas do bojo do *Normandie!* Esta formidavel tarefa foi, na sua maior parte, executada pela firma Merritt-Chapman & Scott, sob a superintendência da Marinha Americana. As turmas de operários trabalharam aceleradamente, em dois e, às vezes, três turnos por dia. Empregaram-se constantemente na obra entre 600 a 800 homens, dos quais 75 eram mergulhadores.

O trabalho foi feito sob condições de grande tensão nervosa. Os mergulhadores corriam constante risco de ser-lhes cortado o tubo de ar, ou pelas vidraças quebradas, ou pelas centenas de cantoneiras e chapas de ferro cujas pontas interceptavam o curso do tubo. Por vezes foi mister mandar dois ou três mergulhadores, só afim de manterem desembaraçado o tubo de ar de um quarto companheiro, incumbido de algum trabalho em lugar mais perigoso. A enorme procura de mergulhadores para os serviços da guerra, dificultou a obtenção de maior número deles. O superintendente dos trabalhos, portanto, improvisou uma escola de mergulhadores, no próprio cais, alí perto, e em que os aprendizes, que jamais haviam mergulhado, começaram a exercitar-se.

Obtive licença para ir a bordo do *Normandie* na véspera das operações do

levantamento propriamente dito. Só caminhar ao longo da doca e encarar aquele tremendo bojo com 18 metros de altura acima de mim, considerar que outro tanto se achava submerso, e que tal colosso em breve voltaria a flutuar, bastou para muito me impressionar.

Não menos interessante era a azáfama a bordo do navio. Um constante vai-vem de operários utilizava as seis pranchas que do cais se achavam montadas no que fora o convés de passeio do *Normandie*. De minutos a minutos descia um mergulhador a verificar o funcionamento da parte submersa da obra que se vinha tentando havia 18 meses sem interrupção. Pintara-se no casco um enorme semi-círculo branco, graduado a toda a volta. Um ponteiro encarnado, com 3 metros de comprido, indicava o grau exato a que o navio tinha tombado, e serviria para ir marcando o restabelecimento do prumo à medida que progredia a obra de salvamento. Entramos no salão de jantar—agora reduzido apenas a um enorme caixão de ferro completamente despido de qualquer apetrecho—e nele vimos um grande conjunto de bomba, suspenso em cabos de aço, de forma a funcionar sem interrupção, independentemente do ângulo a que o navio se achasse.

Comoveu-me sobretudo uma das coïsas que vi nas dependências do cais—os grandes painéis removidos dos vastos salões do magnífico paquete. Cada painel continha o nome de uma cidade da França—Tolosa, Bordéus, Nantes, Rennes. Ao reler os nomes daquelas garbosas cidades, não pude furtar-me à impressão de que o *Normandie* era verdadeiramente um símbolo da própria França; e que o fato dele se ter reerguido da sua humilhante postura, era bom presságio de que a França, ela própria, se ergueria de novo, altaneira e livre do jugo estrangeiro.

Não há vaga!

¶ Um partidário entusiasta do sr. Roosevelt acabava de ser presenteado com um filho, e este estava chupando a mamadeira quando entrou um amigo do pai.

—Que tal acha você o meu pimpolho?

—Belo! Ainda pode vir a ser Presidente.

—Ora essa! respingou o novel papai.—Que defeitos é que você acha no Roosevelt?...

Drew Pearson

¶ **Está com vontade de fugir de casa? Não faça isto porque não adianta—os «Skip Tracers» o acharão**

No encalço dos desaparecidos

(Condensado do «Coronet») ● *Por William A. Lydgate*

Aborrecido do seu trabalho e da vida de casado, um senhor de meia idade, empregado num grande armazem de Nova York, saiu de casa em agosto de 1942, e desapareceu. Depois da polícia ter feito, sem resultado, todas as diligências possiveis, a mulher do desaparecido resolveu recorrer a uma firma que há vinte anos se dedica exclusivamente a este gênero de trabalho—a empresa *Skip Tracers* (isto é «Pega Fugidos») com escritórios centrais em Nova York e agentes por todo o país.

Os agentes tinham apenas dois indícios pelos quais se guiar: a grande predileção que o homem sempre tivera pela comida de restaurantes chineses, e a vaga idéia, sugerida pela esposa, de que ele talvez estivesse na cidade de Atlanta. Munido de uma fotografia do desaparecido, um investigador da companhia percorreu todos os restaurantes chineses daquela cidade. O gerente de um destes informou que um senhor de fisionomia semelhante à da fotografia costumava jantar lá todas as sextas-feiras. Na semana seguinte quando o homem apareceu para jantar, como de costume, o agente já estava à sua espera. A pesquisa durara uma semana.

Nos vinte anos de serviços que têm, os *Skip Tracers* já conseguiram achar milhares de pessoas desaparecidas—vítimas de amnesia, maridos errantes, aqueles que quebram contratos ou querem fugir dos credores, e outros que simplesmente resolvem mudar de vida.

Os investigadores levam geralmente de um a vinte dias para localizar o «desaparecido», se bem que algumas investigações já se tenham prolongado por mais de um ano.

A companhia está no momento em grande atividade, pois desde a entrada dos Estados Unidos na guerra, mais de mil e quinhentas mulheres abandonadas resolveram descobrir os maridos fugidos, para terem direito à pensão dada pelo governo às esposas de militares. Nos rapazes que foram criados por pais adotivos surge, antes de ir para a guerra, um desejo inexplicavel de saber quem são seus verdadeiros pais.

As mulheres hoje em dia tambem deram em desaparecer, já que têm certeza de poder encontrar emprego facil em qualquer lugar onde queiram morar. As mulheres podem esconder-se melhor do que os homens, pois lhes é facil mudar o penteado, o feitio das sobrancelhas, acolchoar o busto, esticar a pele com operações plásticas, e assim transformar-se completamente. O homem pouco pode fazer para alterar a aparência.

Um caso típico dos tempos de guerra foi o de uma moça de trinta e dois anos, casada há oito, que desapareceu de casa de um dia para o outro. Depois de procurá-la em vão durante dois meses, o marido resolveu recorrer aos *Skip Tracers*, e dentro de quarenta e oito horas o mistério estava desvendado. Ao

saberem os investigadores que a moça usava óculos, indagaram do marido onde ela costumava mandar fazer os vidros; com o oculista, apuraram logo que duas semanas depois de se ter sumido de casa, ela havia mandado os óculos pelo correio, para que fosse substituido um vidro quebrado; dera ao mesmo tempo um endereço em Long Island para onde os mesmos deveriam ser devolvidos. E lá os agentes a encontraram, trabalhando numa fábrica de material de guerra.

Julga-se em geral ser coisa muito facil mudar de identidade e desaparecer; os investigadores se gabam, porem, de poder achar pelo menos oitenta por cento daqueles que pretendem volatilizar-se. Estes se deixam frequentemente trair por hábitos e modos de agir inconcientes. Até na escolha de um nome falso há certa tendência previsivel: é comum usarem o nome da família materna, ou então o próprio nome com a alteração de algumas letras.

Mesmo que o «desaparecido» consiga modificar inteiramente sua aparência física, conserva no entanto os mesmos hábitos. É provavel que vá viver num ambiente semelhante àquele que deixou, e que procure trabalho na profissão de que possue treino e proficiência. É raro o negociante que vai ser estivador ou o empregado de banco que queira trabalhar de enxada na mão. E é por isto que, embora a pessoa pense poder esconder-se perfeitamente no meio da multidão de uma grande cidade, é possivel ser achada dentro de algumas semanas.

Eis um caso típico em que a profissão serviu de pista para se achar a pessoa desaparecida. Um jovem casal fora vítima de um acidente de estrada-de-ferro, durante a viagem de lua-de-mel. O rapaz fora levado para um hospital e a moça para outro. Assim que teve alta, o marido foi buscar sua esposa no outro hospital, mas lá informaram que ela já tinha ido embora. Durante vinte anos ele a procurou em vão por toda a parte. O que tornava o caso mais estranho, é que não parecia haver motivo algum para que ela o tivesse abandonado.

Ao se encarregarem do caso, os *Skip Tracers* vieram a saber que antes de se casar, a moça trabalhara como costureira numa grande casa de modas. Ora as melhores oportunidades para este gênero de trabalho se encontram em Nova York, na Rua 57, onde estão as grandes casas de modas e alta costura. Na oficina de costura de uma dessas casas foi encontrada a esposa desaparecida. O marido ficou tão satisfeito em tê-la de novo, que mal reparou que seu rosto estava recoberto de cicatrizes vermelhas—o motivo por que ela resolvera fugir...

Ao querer achar a pista de um desaparecido, a primeira coisa que faz um investigador é procurar falar com seu melhor amigo. O problema será depois convencer este de que deve contar tudo o que sabe.

Vejamos, por exemplo, o caso do Jones, que abandonou a mulher. Ele era muito amigo de uma irmã mais velha, de quem a senhora Jones por sua vez não gostava. Um agente da companhia procurou a irmã, mas sem lhe preguntar nada que se referisse diretamente ao Jones, antes simulando querer apenas investigar o crédito e idoneidade de um tio deles. Assim que a irmã foi ficando mais à vontade e se tornou mais expansiva, o agente perguntou com naturalidade se algum outro membro da família morava pela vizinhança; ela citou um irmão mais velho que morava perto, e disse que um *outro* irmão se mudara para Chicago.

O investigador, sem mostrar mais interesse pelos irmãos, encaminhou a conversa de novo para o tio, e daí a alguns minutos se despediu e saiu. O campo a investigar se limitava agora à cidade de Chicago, e dentro de uma semana o homem estava caçado.

Muitas vezes os «desaparecidos» se deixam pegar através de seus divertimentos prediletos. Um senhor de certa idade foi por fim encontrado só por causa da paixão que tinha por campeonatos de xadrez. Por informações obtidas do barbeiro, já sabiam os agentes estar ele em Boston. Ao ler nos jornais o anúncio de uma competição de xadrez nesta cidade, os agentes se misturaram com a assistência, e lá toparam com o «desaparecido», sentado na segunda fila dos espectadores.

O fundador e gerente dessa empresa de investigação secreta é o senhor Daniel M. Eisenberg. Todos os seus funcionários são homens, porque, diz ele, as mulheres não pensam com bastante rapidez, e alem do mais não costumam guardar segredos. Os agentes devem saber usar qualquer dialeto, sotaque ou provincianismo, e muitas vezes são obrigados a imitar voz de mulher ao telefone. O perfeito investigador deve ser de aparência banal e inofensiva—dessas pessoas que se podem ver uma dúzia de vezes sem que a sua fisionomia fique gravada na nossa memória.

As grandes fábricas e companhias estão em geral prontas a cooperar na busca de um desaparecido. A empresa *Skip Tracers* manda regularmente circulares com fotografias, ao gerente encarregado do pessoal, nas grandes fábricas de produção de guerra. Quando não é possivel estabelecer a identidade só pela fotografia, um agente vai à fábrica, e procura entrar em conversa com o suspeito, no ônibus ou no bonde, ou então durante a hora do almoço. Se for um caso realmente dificil de resolver, o agente às vezes chega a se empregar na mesma seção onde trabalha o fugitivo, com o fim de conseguir desmascarar-lhe a identidade.

Lógica de borracho

¶ Certo cavalheiro, um tanto ou quanto bebido, entrou em um ônibus de dois andares, em Chicago, e sentou-se junto do motorista. E começou a falar sem parar, até que o chofer, delicadamente, sugeriu que seria uma boa idéia ir para o andar superior do ônibus, tomar um pouco de ar fresco. O borracho de bom grado aceitou a sugestão, e foi para cima; mas poucos minutos depois estava de volta.

—Que foi que houve? perguntou a chofer.—Não gostou da paisagem?

—Gostei sim, respondeu o homenzinho.—Mas não é seguro—não há chofer lá em cima!

Columns, University of Washington

Podemos ensinar os meninos a viver

— VI —

Não revele os seus projetos: execute-os

Eu tinha nove anos. Estava, com um tio, à janela, olhando o quintal onde alguem oferecera uma moeda ao menino que trouxesse, do galho mais elevado de uma mangueira, certa manga. Era preciso que a façanha não tivesse auxílio de qualquer instrumento. Alguns se dispuseram, inutilmente, a alcançar a meta, mas desceram sob ensurdecedora vaia.

Olhei meu tio, e disse-lhe: vou ganhar a moeda. Já me dirigia ao quintal, quando ele me segurou o braço: «Vá, sem fazer alarde; suba calado, e não dê importância aos gritos. Depois, volte aquí.» Assim procedí. A meninada rompera em infrenes apupos:—«Desça daí!» À proporção que me aproximei do ponto, a assuada decresceu, até fazer-se silêncio, quando alcancei a fruta. Descí, aclamado, como um herói. Recebí o prêmio, e fui ter com meu tio, que me disse:

«Se v., antes, se tivesse enfatuado, prometendo ganhar a recompensa, os meninos o teriam vaiado até o momento supremo, para que v. desistisse, e talvez isso o atordoasse, impedindo-o de ir à vitória. Proceda sempre assim: nunca revele os seus projetos; execute-os.»

Pela vida, comecei a reparar: tudo o que eu anunciava, dava em fracasso. Os pérfidos comentários, faziam que eu deixasse o trabalho no meio. Aquela lição me atuou no espírito; fui deixando de revelar os meus planos, e se acaso não chego a realizá-los, não tenho o desgosto de ser interrogado, ironicamente, por aquilo que sabem desistí...

Avio Brasil, Baía

A criança mimada

Até os sete anos fui de uma perigosa precocidade. Meus irmãos mais velhos faziam tudo para que eu me sentisse realmente importante. Aos cinco anos sabia ler, recitava em três linguas e bailava nas pontas dos pés. Certa vez minha família foi visitar um médico amigo, o dr. Paiva. Bem depressa surgiu a oportunidade de mostrar os meus talentos. Rodeada animadoramente pelos presentes, recitei e dansei. Para meu desapontamento o dr. Paiva não demonstrou a menor admiração, e assobiou longamente chamando o seu cãozinho.

«Perí tambem sabe algumas habilidades,» disse o médico, e, com o auxílio de uma varinha, fez o cão passear na ponta dos pés e cumprimentar os presentes. O confronto da minha ilustre pessoinha com o cão suscetibilizou os meus parentes, e eu me sentí terrivelmente humilhada, pois compreendera que não havia razão para que me enchesse de vento, desde que o animal tambem era capaz de fazer o mesmo que eu. O médico tornou-se-me, de então, antipático, mas toda vez que pretendia provocar admiração, não deixava de sentir uma ponta de receio, pois não estava certa de que a impressão que os outros tinham de mim era a mesma que eu tinha a meu respeito. Hoje sou agradecida ao dr. Paiva pela ducha fria que deu na minha petulância, pois, vendo em mim uma criança deploravelmente mimada, achou de bom alvitre não incensar mais ainda o meu absurdo orgulho infantil.

Electra, Rio de Janeiro

De cara alegre brinca-se mais

Eu e meu irmão José costumávamos discutir bastante; por isso quase todas as nossas brincadeiras acabavam em tolas querelas. Até o dia em que uma senhora nos ensinou um novo jogo: «Rir mais para brincar melhor e brincar melhor para rir mais.»

Quando um de nós se pusesse a questionar, o outro tinha que se mostrar engraçado e dessa forma provocar o riso do parceiro. Meu irmão, que era mais novo do que eu, e tambem mais engenhoso, sempre se lembrava, nos momentos críticos, de imitar os miados e cacarejos de animais domésticos, ou então começava a gaguejar sem motivo, e imaginava insetos caminhando no meu pescoço. Naturalmente, o susto e a decepção causados tinham como resultado, em todas as ocasiões, provocar o nosso bom humor.

E as desavenças se iam embora. Ao chegar a noite, nós nos sentíamos então satisfeitos de ir para a cama, com a sensação de termos aproveitado bem o dia e nos acostumamos desde então a não nos deixar enraivecer diante dos pequenos e corriqueiros contratempos da vida.

Carlos Maia, Fortaleza

E' preciso rodear para alcançar

Fiquei orfão muito pequeno. Aos sete anos eu desejava muito aprender piano e o meu padrinho tomou um professor para mim.

Algumas semanas depois, vi que não podia tocar peças, tendo que passar horas inteiras a dedilhar escalas interminaveis. Disse então a meu padrinho que queria abandonar o estudo. Ao saber o motivo do meu desânimo, ele me conduziu até junto de uma formosa horta, atrás da qual estavam à minha vista, porem não ao meu alcance, laranjas, mangas, goiabas e outras frutas deliciosas.

—Tire a que você quiser, disse-me.

—Mas, daquí eu não alcanço nenhuma; vamos até lá.

—Ah! Com a fruta a quatro passos você diz que está longe e prefere dar uma volta de duzentos metros! Vamos...

Quando chegamos junto de uma laranjeira, tirou a maior e me disse:

—Está vendo? É necessário empregar tempo em certas voltas afim de saborear os frutos apetecidos. Isto tambem é verdade para o piano e para toda a vida.

Aprendí o tocar, e nunca esquecí a lição de meu generoso padrinho.

Henry H. Gray, Lima, Perú

Sorte uma vez na vida

¶ Certa mulher, que fora mordida por um cachorro, foi aconselhada pelo médico a declarar quais as suas últimas vontades, visto estar em riscos de morrer de hidrofobia. Mas levou tanto tempo a escrever, que o médico lhe observou se aquilo não seria um bocado comprido para testamento.

«Qual testamento! resmungou ela.—Testamento coisa nenhuma! Estou mas é fazendo aquí uma lista das pessoas a quem quero morder!»

Joseph W. Cochran

Vendia despertadores e, tendo passado a negociar em objetos de arte, acabou com a fome de muito pintor. . .

Quadros a óleo para todos

(Condensado do
«Saturday Evening Post»)

Por Lowell Brentano

Ainda não há muito tempo, não excederia talvez a uma centena o número de americanos que se pudessem dizer compradores habituais de quadros. Ora, debatendo-se para conquistar a atenção e o patrocínio desse reduzido mercado, haveria uns 30 mil artistas de reconhecido valor, dos quais só quinhentos se podiam ufanar de ganhar por ano de 5 mil dólares para cima.

Em novembro de 1942 a firma *Art Movement, Inc.*, abriu ao público de Nova York as suas portas. E desde então, ela vem transformando muito pacato cidadão em comprador de quadros, e muitos artistas subalimentados em pessoas eminentemente capazes de comer três vezes ao dia!

A alma e a inspiração da *Art Movement* é o sr. Max M. Pochapin, que edificou uma simples teoria segundo a qual, se os preços dos quadros baixassem, os pintores venderiam mais obras. Era a teoria apenas uma variante daquela verdade mercantil que o Pochapin, ele mesmo, verificara, em artigos tais como bonecas e relógios despertadores, e que levara ao máximo requinte ao vender ao público albuns de discos de boa música, a preços de retalho de 1.39 e 1.69 dólares. Esses albuns, distribuidos a 3.400 lojas de música e grandes armazens pela *Music Appreciation, Inc.*, mediram as profundidades do mercado estético americano, ao se tornarem um êxito de venda (como sói dizer-se) «sem precedentes».

Quando a goma-laca, indispensavel no fabrico de discos, foi declarada artigo essencial à guerra, Pochapin mudou-se com presteza do campo musical para o das artes plásticas, onde a escassez de matérias primas essenciais à guerra ainda se não fizera sentir. Resolveu escrever, expondo os seus planos, a todas as pessoas que figurassem no *Who's Who in American Arts*. Pediu aos pintores que apresentass em sem moldura os seus quadros, sobre os quais daria ponderado parecer um comitê de juizes, tais como John Sloan, decano dos pintores americanos; Walter Pach, autoridade em clássicos como em modernos; Alphaeus P. Cole, artista eminente e membro da Academia Nacional; e Howard Patterson, cujas obras se encontram hoje em muitas coleções de importância. Pochapin acentuou o fato de que, para fomentar as vendas, o artista deve pôr um preço razoavel às suas obras—quando muito, um terço da cifra habitual. Mas o que não se admitia era que a qualidade das obras deteriorasse.

A questão do baixo preço provocou agitação no mundo das artes. Não seria o caso que os artistas que participassem da combinação iam manchar seu prestígio com «barganhas», e arruinar o mercado das artes? O único obstáculo à argumentação dos puristas era que, para cada dez artistas, havia nove que em muitos anos nada tinham vendido.

O *Hall of Art*, em Nova York, é talvez a maior galeria de arte comercial do mundo inteiro, embora lhe falte por completo essa atmosfera de abafante imponência, que é caraterística das galerias de arte. As janelas não têm pesados reposteiros, as salas não são espessamente alcatifadas, nem paira no ar o cheiro solene das catedrais. Quem passe na rua, achatando o nariz na vidraça das montras, pode abranger numa vista de olhos todo o interior do estabelecimento. Homens de negócio e das profissões liberais, noivos, mães com seus bebês, estudantes, soldados e artistas percorrem o salão, examinando os quadros e conversando com a maior naturalidade. Qualquer pessoa que não goste de certa pintura, ou da maneira como está emoldurada, pode dizê-lo sem constrangimento algum. Nem sequer é preciso perguntar «quanto custa?» pois todas as obras têm o preço marcado e bem à vista.

Esta audácia, equivalente a apear a Arte do seu pedestal de solenidade, teve um êxito verdadeiramente notavel. Os artistas se espantam não só de ver vender seus quadros, mas da rapidez tambem com que se fazem as transações.

A primeira venda consumou-se mesmo antes de aberta ao público a galeria: ainda os carpinteiros andavam martelando coisas pelas salas, quando um empregado abriu a porta da rua para arejar a casa. Um pedestre pediu licença para dar uma vista de olhos pela sala. Vinte minutos depois dirigia-se ao empregado e dizia-lhe: «Já escolhí meia dúzia de coisas. Você pode mandar levar em casa?» Tinha adquirido mais de 400 dólares de quadros!

Faz pouco tempo entrou na galeria um pintor, sobraçando um seu quadro, uma marinha pela qual pedia 250 dólares. Pochapin colocou-a sobre uma cadeira para a examinar. Nesse instante chegou-se um comprador, que olhou e exclamou: «Exatamente aquilo que eu estava procurando! É linda! Fico com ela.»

O fato de se venderem alí óleos de 10 a 250 dólares não significa que o *Hall of Art* negocie em obras de quinta ordem, por pintores de meia-tigela. O movimento que ele provocou já abrange mais de 600 artistas. Nikol Schattenstein, conhecido retratista que cobra normalmente 2.000 dólares por cada retrato, tem alí paisagens que se vendem por 100 dólares. O preço dos quadros de John Sloan vai de 500 a 2.000 dólares, mas encontram-se alí pinturas dele, de 35 dólares para cima. A. G. Bogdânove, que conquistou nove prêmios da Academia Nacional, e que ainda recentemente vendeu um quadro por intermédio de uma galeria do tipo convencional, oferece alí marinhas a 150 dólares. Não se trata, como se vê, de sonhadores fracassados, de ratês, mas de homens e mulheres com reputação feita, que têm enfrentado a má-vontade de vendedores e de críticos, para auxiliar os seus colegas em má situação a obterem algum êxito através da *Art Movement, Inc.*

Têm-se dado alguns episódios tocantes, que apontaram a necessidade de organizar a venda de objetos de arte a prestações. Uma família de refugiados, que perdera todas as suas posses viu alí um quadro intitulado *A Avó*, que levou a moça a pensar em sua própria mãe. O preço, 150 dólares, parecia uma fortuna,

mas os refugiados suplicaram que lhes aceitassem 10 dólares no ato da compra, e 5 por semana, em prestações. Uma enfermeira da Cruz Vermelha rompeu a chorar quando viu um quadro das suas serras natais de Montana, só por 75 dólares... O dia de pagamento ainda vinha longe, e ela tinha apenas 15 centavos na bolsa. Pochapin arranjou um acordo com uma importante casa bancária de Nova York, e hoje qualquer pessoa de bem, que tenha emprego e queira comprar um quadro, pode levantar um empréstimo pessoal no banco, ao juro de 4 por cento, e o *Hall of Art* dá o seu aval à promissória do comprador.

Já o amigo Pochapin anda matutando na maneira de transformar o *Art Movement, Inc.*, em uma instituição de fins não-lucrativos. Ele bem compreende que a tarefa real consiste em erguer o prestígio da pintura americana—para dissipar a tradição snob de que a arte americana é inferior ao que se importa da Europa e outras partes do mundo. Seria de verdade divertido e irônico a um tempo, se o comércio viesse, por este meio, estender uma tábua de salvação à cultura!

Instantâneos pessoais

¶ O Presidente Lincoln visitava um dia uma quermesse de igreja, na companhia da esposa, e deteve-se numa barraca de flores. A senhora Lincoln escolheu um ramo de violetas, e o Presidente deu à florista uma nota de 20 dólares, para que ela cobrasse o preço. A mulherzinha guardou a nota e, sem devolver nenhum troco, disse de um fôlego: «Obrigado, senhor Presidente, muito obrigado. É mesmo a conta.»

Inclinando-se do alto da sua grande estatura, Lincoln tocou de leve no pulso da florista e disse: «E isto, que é?»

«Oh, isto, senhor Presidente? Isto é o meu pulso. Que é que o sr. julgava que era?»

«Bom,—fez Lincoln com voz pachorrenta—da maneira que as coisas por aquí estão subindo, julguei que fosse o seu tornozelo!...»

Ethwell Eddy Hanson

¶ O ator John Drew tinha rapado o bigode para desempenhar certo papel, e isso alterou-lhe imenso as feições. Pouco depois, encontrando-se com Max Beerbohm no átrio de um teatro de Londres, não foi capaz de o reconhecer. Mas a memória de Beerbohm era melhor.

«Olá, Mr. Drew,—disse o escritor—estou vendo que o sr. não é capaz de me reconhecer sem o seu bigode!»

Everybody's Magazine

¶ Em um banquete oferecido ao grande violinista Heifetz, o cômico Groucho Marx estava manifestamente nervoso e impaciente. Quando Heifetz, descrevendo as dificuldades do começo da sua carreira, declarou que fora obrigado a ganhar o pão desde os doze anos de idade, Groucho o interrompeu: «E antes disso, que era v.? Um boa-vida?»

—Ten. Beirne Lay, Jr.

¶ *«Será que a Alemanha nos logrará outra vez?»*

Não basta acabar com os nazistas!

(Condensado de «Men in Motion»)

Por Henry J. Taylor

Notavel correspondente de imprensa

Terceiro artigo da série sobre a Alemanha. Veja-se o parecer da escritora Dorothy Thompson em Seleções, novembro de 1943.

Em 1941 voltei a visitar a Alemanha, para o fim de observar o que ia indo por lá. Não é que tivesse a intenção de aprender mais alguma coisa a respeito dos nazistas. Quem quer que os tenha visto, alí mesmo, no seu Reich, desde 1923, conhecia já de sobra aquela galeria de maníacos. Naturalmente, nunca devemos parar de combater os nazistas, até que toda a sua hierarquia, de Hitler para baixo, caia de fato aos pedaços. Os nazistas já perderam a sua oportunidade de engabelar o mundo.

Resta, porem, outra gente, pronta a criar a mesma situação que os alemães criaram antes, e a fazer justamente o mesmo que eles fizeram depois da primeira guerra mundial. Trata-se dos chamados conservadores ou tradicionalistas—Junkers, industriais, diplomatas, professores, generais, líderes conservadores do exército, e assim por diante. Tive ocasião de conhecer, durante dezoito anos, de 1923 a 1941, essa espécie de alemães, e quero crer que o seu estado de espírito, as suas convicções, envolvem uma ameaça à paz do mundo.

É propriamente nos tradicionalistas que reside o perigo real, que a nosso ver existe na Alemanha. Tenho a impressão de que eles nos vão mantendo de tal maneira ocupados em pensar nos nazistas, que se diria estamos preparados para cometer o grave erro—seria um erro fatal—de acreditar que, eliminando o nazismo, teremos eliminado ipso-facto o dificil problema germânico.

Quando nos desembaraçarmos dos nazistas, nem por isso estaremos libertos do perigo alemão.

A única distinção básica entre os nazistas e os tradicionalistas alemães, está na questão da velocidade com que a Alemanha Maior deve passar para o domínio dos fatos. Os nazistas propõem-se a tudo arriscar para que se apresse o grande dia da supremacia germânica. Os tradicionalistas estão dispostos a fazer a paz, sempre que a sorte da guerra se mostre desfavoravel, aguardando melhores tempos para um golpe mais seguro.

O problema alemão tem raizes mais profundas do que em geral se imagina. Os alemães acreditam, com firmeza, que a sua raça é ingenitamente superior às outras. É raro que um alemão empregue isoladamente as palavras «honra», «dever», ou «talento». Dirá, de preferência: «honra alemã», «dever alemão», «talento alemão». Esse conceito de superioridade racial não dimana de Hitler. Está no sangue do povo.

Como é do conhecimento de quantos tenham estado na Alemanha, o alemão

médio é escrupulosamente honesto no seu trato pessoal, adora a família, encontra deleite na música e num copo de cerveja, leva uma vida amavel, e é sempre solícito para com os amigos; capaz do máximo de correção pessoal, submete os seus atos ao controle da própria conciência. Tem porem um ponto fraco: acredita que à Alemanha, já como nação, já como raça, cabe intangivel direito ao domínio do mundo. E, sempre que o seu país disponha de força bastante para fazer valer este «direito», ei-lo que abandona a tolerância, a justiça, o respeito pelos fracos, e as regras, ainda as mais elementares, de simples moralidade, em prol da causa de uma Alemanha Maior.

O expansionismo alemão tem sido, na história da Europa, uma caraterística persistente. Reprimido muitas vezes, como o foi na última guerra, de 1914 a 1918, revela, não obstante, uma vitalidade inquebrantavel. É que realmente os alemães—e não somente os nazistas—julgam-se ungidos para a missão da supremacia a que aspiram. Se pois fracassam na tentativa presente, reservar-se-ão para a futura.

Em novembro de 1941, no ministério do Exterior, em Berlim, tive uma boa, elucidativa palestra com o dr. Hans Heinrich Dieckhoff, o último embaixador da Alemanha nos Estados Unidos.

—Que acontecerá se a Alemanha perder a guerra? perguntei-lhe.

—A Alemanha se restabelecerá o melhor que possa, respondeu-me. —O mundo verificará que o povo alemão pode esperar, *com melhores resultados* que os obtidos, em circunstâncias análogas, por outra qualquer das raças de que há notícia na história.

—Então,— tornei eu à carga—se a guerra correr mal, e tornar-se evidente que a Alemanha será derrotada, entendem vocês que a força do país deve ser mantida, caminhando-se para um período de armistício, com fortes elementos ainda intactos?

—*Se a Alemanha tem que ser salva, para cumprir seu destino*,—esclareceu Dieckhoff—*não se deve levar a guerra aos seus peores extremos.*

Os próprios conservadores alemães, vistos ou considerados em conjunto, são claramente afeiçoados à idéia de um mundo germânico. Não gostam, é certo, dos métodos nazistas—sobretudo no tocante aos judeus—mas adotam em substância a mesma ideologia e atitude do nazismo, quanto à Alemanha Maior.

Os Junkers e outros tradicionalistas já se acham, a esta hora, convencidos de que a atual guerra está perdida. Consideram que a Alemanha deve pôr termo à luta, restringir suas perdas, desarmar-se—e assim reter bastante sangue e indústria para retomar a ação mais tarde, *dando cumprimento ao seu destino na terceira guerra mundial, sob novas alianças.*

Os tradicionalistas alemães, com os quais conversei na Europa, fazem praça do banho de sangue que acompanharia certamente uma rendição germânica, e alegam que o mundo só teria a lucrar poupando-se a matança de alemães através de um período de apaziguamento, ou arrefecimento de paixões. Os poloneses não tiveram tal período quando o exército do Reich subjugou Varsóvia. Tãopouco terão conhecido semelhante regime complacente os holandeses, franceses, belgas, noruegueses, iugoslavos, russos ou gregos. Todavia, em se tratando do seu próprio sacrifício, estão prontos os alemães a sugerir a medida. É espantoso como voltam eles a falar nas mesmas coisas, todas as vezes que perdem! Já se tornou monótono.

O plano da cortina de fumaça, induzindo os povos livres a perdoá-los de novo, está em preparativos. À hora oportuna surgirão em cena os chamados elementos conservadores, suaves como lírios, e amigos da liberdade como os que mais o forem no planeta. Ao ladrão preso nunca faltam lábias.

Não sendo, como não são, os americanos e os ingleses, propensos ou indiferentes ao derramamento de sangue em seu próprio benefício, como se têm mostrado os alemães, não será de estranhar que o apelo destes encontre acolhimento. A Alemanha, em tal hipótese, viria a sair da guerra, pelo menos, tão bem quanto a Rússia, incalculavelmente melhor do que a França, e em condições até mais favoraveis, e não em pequena escala, deve-se acrescentar, do que a Inglaterra.

Passado o tempo, chegada a hora devida, ei-la a desencadear, sempre em nome do mesmo destino, a terceira guerra mundial. Não haja sobre isso a menor dúvida.

À vista de tais razões, impõe-se que, desta feita, vamos com os alemães até o fim, e de uma vez por todas. Para usar as palavras de Churchill, há que bater a Alemanha integralmente. Deve ela aceitar as consequências de uma derrota completa, não por mera «rendição incondicional», ou coisa que o valha, permitindo aos alemães escolher por si mesmos o momento em que devam pôr termo à guerra, mas por punição militar que lhes retribua ao pé da letra o assalto premeditado que lançaram contra os homens livres do mundo.

A Alemanha deve passar, não só por graves convulsões internas, mas também por uma revolução psicológica que a liberte do seu pangermanismo, a ponto que nenhum alemão possa jamais esquecer o que custa a tentativa de submeter ao seu domínio o resto do mundo.

Uma risada por dia

¶ Se o riso fosse uma coisa que se pudesse comprar nas farmácias, qualquer médico poderia receitar muitas risadas por dia. Uma boa gargalhada equivale a uma dose de vitaminas estimulantes combinadas com brometo sedativo. É um excelente exercício para o diafragma, o qual é negligenciado em todos os exercícios, exceto os de respiração profunda.

Se pudéssemos ver, pelos raios X, o que acontece quando rimos, certamente ficaríamos assombrados. Nosso diafragma se abaixa consideravelmente e nossos pulmões se expandem. Absorvemos mais oxigênio do que usualmente, e esse oxigênio passa ao nosso sangue, através dos pulmões. Quando rimos, essa absorção de oxigênio é dupla ou tripla, e uma torrente de força corre da cabeça aos pés.

«Pouca gente compreende que a saude de fato varia na proporção das nossas risadas,» declara o dr. James J. Walsh, da Universidade de Fordham. «A gente que ri muito, vive mais do que aqueles que não riem. Talvez o mais eminente médico do nosso tempo seja Mickey Mouse».

—Helen Christine Bennet, *Recreation*

Outrora monopólio de charlatães e de prestidigitadores, o hipnotismo é utilizado hodiernamente como brilhante instrumento da psiquiatria

O hipnotismo atinge a maioridade

(Condensado da «Liberty»)

Por Lois Mattox Miller

ABRINDO novos caminhos para os mais recônditos arcanos da alma, o hipnotismo científico está hoje contribuindo para a descoberta das causas latentes de muitas doenças físicas e mentais, e para eliminar recalques psíquicos que servem de obstáculo à felicidade e ao êxito.

Por meio da hipnose consegue-se que os alcoólicos detestem a bebida. As vítimas de amnesia são depressa arrancadas ao seu nevoeiro mental, e os sonâmbulos, que quase todas as noites arriscavam a vida, permanecem agora na cama com toda a segurança.

Em muitos casos, pintores que desesperadamente fitavam as suas telas por acabar; compositores cuja inspiração desaparecia apenas se sentavam ao piano; escritores que quase só à força podiam sentar-se à máquina de escrever, todos agora executam os seus trabalhos com renovado entusiasmo criador.

Desde que Antônio Mesmer assombrou o mundo, no século XVIII, com o seu «magnetismo animal», o hipnotismo tem sido explorado por charlatães e prestidigitadores. Mas nestas últimas décadas a investigação científica mais séria vem pondo por terra a tagarelice acumulada, tendo assim afinal o hipnotismo atingido a maioridade.

Para alguns dos mais notaveis psiquiatras não existe dúvida sobre ser o hipnotismo um eficiente auxiliar em fisioterapia. Ao que diz o dr. Nolan D. C. Lewis, do Instituto de Neurologia do Columbia Presbyterian Medical Center, de Nova York, «em muitas das grandes instituições em que se usa e ensina devidamente a psiquiatria, tem-se achado util o hipnotismo na diagnose e na cura de certas desordens psíquicas».

No Sprague Memorial Institute e no Departamento de Patologia da Universidade de Chicago, os drs. Julian H. Lewis e Theodor R. Sarbin trabalham há mais de cinco anos no seu Estudo de Regressão da Idade pelo hipnotismo. Descobriram que uma pessoa sob a ação da hipnose pode recordar-se rapidamente de incidentes e atitudes do seu passado, que se achavam completamente perdidos para a sua memória conciente.

Demonstraram-no no seu laborâtório de investigações, com a cooperação voluntária duma estudante de 19 anos. Depois de lhe explicar o fim da experiência, o dr. Lewis pediu-lhe que se deitasse num sofá, e concentrasse a atenção numa luzinha que ele tinha na testa.

«Maria, você agora vai cair num sono profundo, e fará tudo o que eu lhe disser. Só ouvirá a minha voz, e nada mais, nem dentro nem fora deste quarto. Descanse, descanse todo o corpo. Você está atordoada e a cair de sono.»

Enquanto o médico repetia várias vezes estas frases, os olhos da moça iam-se fechando.

«Maria, agora vamos transportá-la aos seus doze anos,» prosseguiu o dr. Lewis. «Diga-nos o que aconteceu hoje.» Quase sem tomar fôlego, ela descreveu-nos em todos os seus detalhes a sua festinha de aniversário, mencionando todas as crianças que alí estiveram, contando exatamente o que tinham comido.

Depois, transportou-a sucessivamente ao seu tempo dos 4 anos, dos 2, e dos 3. A sua maneira de falar e expressões de rosto tornaram-se as duma criancinha. Seu pai, que tinha assistido ao seu segundo aniversário, não foi mencionado na descrição do terceiro.

—Não está aí seu pai? perguntou o dr. Lewis. Maria hesitou e os lábios fecharam-se-lhe.

—Não. Papai desapareceu. Foi atropelado por um automovel.

Trazendo-a para a idade de 9 anos, o hipnotizador submeteu-a a uma prova de ortografia. Ela errou as palavras «laboratório» e «declaração», mas soletrou-as corretamente depois, quando a experiência foi levada para a idade dos dezessete.

Finalmente o dr. Lewis trouxe-a para a idade atual. «Quando você despertar desse êxtase não se lembrará de nada que tenha acontecido, nem de nada que se tenha dito. Terá muito apetite, e a impressão de que tem qualquer coisa no sapato esquerdo.»

Maria acordou satisfeita. Não podia recordar nenhum dos incidentes que ela mesma descrevera tão vivamente. Mas disse: «Que apetite eu tenho! Deve já passar muito da hora de comer.» Não era assim, entretanto. Deu alguns passos, parou e começou a descalçar o sapato do pé esquerdo. O doutor Lewis sorriu, e explicou-lhe que se tratava de uma sugestão hipnótica. A impressão no pé desapareceu imediatamente.

Se Maria, em vez de normal, fosse doente, é facil compreender que o médico poderia ter sondado mais profundamente nas suas reminiscências, trabalhando cuidadosamente, e fazendo-a progredir devagar através dos anos. Mais de metade do esforço, na cura de qualquer doença que tenha raizes psicológicas, está em investigar-lhe a causa. A psicanálise é um meio efetivo de trazer à superfície causas secretas, mas uma vagarosa investigação terá que continuar-se durante meses e anos. A hipnose pode muitas vezes desenterrar fatos importantes em poucas horas.

Por exemplo, ainda recentemente, os drs. Lewis e Sarbin conseguiram resolver numa só sessão o enigma duma mulher jovem, cuja irascibilidade a ia encaminhando para o divórcio. Ao fazê-la retroceder, ano por ano, até à infância, o médico ia perguntando se ela era uma boa menina, ao que ela respondia com rabugice: «Não!» até que respondeu «Sim, sou boa menina», ao chegar aos três. Por meio de outras perguntas chegou-se a averiguar que, aos três anos, lhe tinha nascido uma irmãzinha. Desde então, ela sentiu-se um pouco abandonada, e para compensar esse sentimento começou a manifestar mau gênio que, com o andar dos anos, se foi tornando cada vez peor. Quando se discutiu o caso, e os médicos a ajudaram a raciocinar sobre ele, mudou inteiramente a sua atitude.

Um brilhante cientista, ainda moço, não podia beber água nem tomar um

banho, sem sentir espasmos de garganta que o asfixiavam. A hipnose revelou que, ainda muito menino, a mãe lhe recomendara que não brincasse à beira do rio. Desobedecendo levianamente, caiu no rio e esteve a ponto de morrer afogado. O médico sugestionou-o para lembrar-se da história toda, depois de acordar do sono hipnótico. Assim aconteceu, e, uma vez que a sua mente adulta examinou o caso, os espasmos da garganta deixaram de aparecer.

Os médicos sabem que o que nós chamamos «espasmos do estômago» é causado pela contração e distensão dos respectivos músculos. Mas quanto deste mal-estar é devido à necessidade física de alimento, e quanto ao «apetite» mental?

Uma tarde os drs. Lewis e Sarbin fizeram experiências em alguns estudantes que não tinham comido nada desde o primeiro almoço. Cada estudante enguliu um balãozito ligado a um fino tubo de borracha. Depois foram hipnotizados. O dr. Sarbin soprou o tubo com cuidado, enchendo o balão dentro do estômago duma estudante. A outra extremidade estava ligada a um instrumento que marcava os altos e baixos das contrações do estômago.

«Agora vou alimentar Helena com uma refeição imaginária,» disse ele, e perguntou-lhe o que gostaria de comer. Helena, hipnotizada, escolheu *chop suey*, um prato muito popular. O dr. Sarbin encostou-lhe um lapis aos lábios, e ela começou a mastigar. «Mastigue bem,» recomendou-lhe, e os queixos dela começaram a trabalhar vigorosamente. Para a sobremesa pediu torta de maçã. Entretanto os altos e baixos no gráfico foram gradualmente diminuindo, até que o estilete do aparelho registrador traçou uma linha horizontal. Sem ter ingerido alimento algum, as dores de estômago de Helena cessaram completamente.

Variando um pouco a experiência, os drs. Lewis e Sarbin conseguiram demonstrar algumas das causas puramente emocionais das perturbações de estômago. Dá-se à pessoa hipnotizada uma refeição «imaginária», e depois dizem-se-lhe certas palavras sugestivas, como «sogra». A seguir, os analistas extraem uma amostra do conteudo do estômago, e verificam que a acidez é excessivamente elevada. Repete-se a experiência, evitando cuidadosamente desta vez qualquer referência a «sogra» (ou qualquer outra palavra que se haja escolhido para chave). A análise revela apenas acidez normal.

A última das experiências dos drs. Lewis e Sarbin, a análise do açucar sanguíneo, ilustra o efeito que a sugestão hipnótica pode ter na química involuntária do corpo. Diz-se à pessoa hipnotizada que está a comer açucar. Se realmente comesse o açucar, o sangue absorvê-lo-ia, aumentando por isso temporariamente o teor correspondente.

A simples sugestão de comer açucar, porem, é bastante para produzir a insulina do corpo—uma substância que transforma o açucar em energia—afim de ir atuar sobre o açucar já existente. O resultado é o decréscimo da taxa de açucar do sangue. Isso não quer dizer que o hipnotismo deva substituir o uso da insulina no tratamento da diabete, mas mostra-nos algumas das potencialidades do hipnotismo, que até agora não haviam sido comprovadas.

O hipnotismo tem sido empregado com êxito no tratamento do alcoolismo, depois de terem falhado outras terapêuticas. Descrevem-se ao doente hipnotizado os horrores do alcoolismo e incute-se-lhe a idéia de que ele perdeu a paixão pela bebida. A seguir pinta-se-lhe um quadro de vida feliz, cheia de novos encantos. Alguns doentes necessitarão de mais tratamentos hipnóticos, uma vez por mês durante um ano, até passar o perigo de reincidência.

Os médicos que usam o hipnotismo científico sabem que muitos dos seus colegas ainda o encaram em termos de charlatanismo, e que o público leigo mantem as suas desconfianças sobre o assunto. Muitos destes prejuizos e malentendidos podem corrigir-se em poucas palavras:

—Você não pode ser hipnotizado se o não quiser ser. É indispensavel a cooperação mais completa. Se não confiar no hipnotizador, ficará completamente desperto.

—Você acordará sempre pela sua própria vontade—ainda que o hipnotizador o tenha feito adormecer, e desaparecido para sempre.

—Não sofrerá depois quaisquer efeitos prejudiciais, físicos ou mentais. É muito possivel até que a hipnose deixe de produzir os resultados desejados no seu caso; mas nenhuma consequência resultará de a ter experimentado.

—Durante o sono não dirá nem fará coisa alguma que você mesmo possa considerar indigno ou prejudicial.

Para demonstrá-lo numa aula a estudantes médicos que duvidavam, um famoso neuro-psiquiatra de um dos grandes centros médicos de Nova York, deu ao hipnotizado um revolver, dizendo-lhe que disparasse contra si próprio. O homem deitou o revolver fora, e acordou num sobressalto.

O mesmo especialista demonstra tambem quão forte é o inato sentido do pudor. Mandou que uma mulher hipnotizada se despisse diante dos circunstantes. Ela levantou-se, esfregou os olhos, e acordou enraivecida—embora não tivesse a menor idéia do que lhe tinha sido dito, ou por que motivo estava tão zangada.

Naturalmente o hipnotismo tem os seus limites. O dr. Milton H. Erickson escreveu há pouco num artigo: «O hipnotismo não é coisa que faça milagres, embora os seus resultados às vezes pareçam milagrosos.» Pode não produzir o mesmo grau de resultados em todos os casos; parece que muito depende individualmente do doente, e só quando a hipnose é aplicada por um psiquiatra ou médico experimentado é que se têm conseguido resultados satisfatórios.

Todavia têm havido êxitos bastantes, para se poder dizer que o hipnotismo se elevou das sombras seculares do descrédito, a um brilhante instrumento da psiquiatria moderna.

«Mensagem a Garcia»

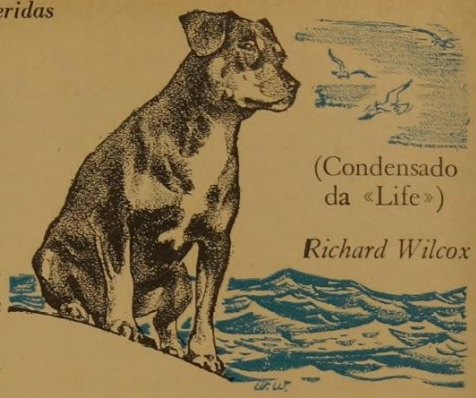
¶ No Fort Meade, Maryland, um pombo do exército chamado Clarence ficou com as asas embebidas de óleo. Apesar disso, caminhou dez milhas, e levou a sua mensagem a destino.

—*Time*

Nos portos, tem amores e tavernas preferidas

SINDBÁ,

o cachorro marinheiro



(Condensado da «Life»)

Richard Wilcox

UMA DAS LENDAS vivas do Atlântico Norte é hoje a de um cachorro bastardo, atarracado e peitudo, mascote de um navio guarda-costas da Marinha norte-americana, a que os marujos deram o nome de Sindbá—evocador de aventuras navais para os que tiveram a sorte de ler as *Mil e Uma Noites*.

Sindbá, o cachorro, tem uma taverna preferida—e algumas namoradas—em cada porto onde toca o seu navio. Vi-o pela primeira vez uma noite, deviam ser umas onze horas, no Scollay Square, de Boston. Já ele estava meio lá, meio cá, mas sem por isso deixar de trotar resolutamente por entre uma verdadeira floresta azul de pernas de marinheiros, soltando de vez em quando um soluço provocado pela bebida forte. Quando o vi desaparecer pela porta aberta de uma taverna, o oficial da Guarda Costeira que me acompanhava fez-me sinal para que o seguisse, e entramos atrás dele.

Numa sala cheia do estrépito infernal das vitrolas automáticas e da marujada em licença, Sindbá deteve-se atrás de um banco desocupado, junto ao balcão. Mediu a distância, armou o salto, ficou sentado com toda a gravidade, e soltou um curto latido imperioso. Sem dizer palavra, o bartender se voltou e serviu-lhe um whisky—acompanhado de uma cerveja para «lavar a canalização». O cachorro lambeu os bebes enquanto o diabo esfrega um olho, pulou no chão, e enfiou porta fora. O oficial pagou-os, e lá fomos atrás do cachorro até o bar seguinte, onde se repetiu o mesmo ritual alcoólico. Mais três ainda, e o bicho tinha a sua conta para aquela noite! Esgueirou-se então conforme pôde para dentro de um taxi, e o reconduzimos à ponte do Arsenal, e dalí a bordo, para o metermos na cama.

Este Sindbá entrou na Guarda Costeira há de haver seis anos, e tornou-se desde então o objeto de maior estima que existe a bordo. A tripulação olha-o com um misto de veneração e camaradagem, na firme certeza de que, enquanto Sindbá se conservar a bordo, nada poderá suceder ao navio. E essa convicção está tão profundamente arraigada, que tanto os marujos como os oficiais seriam capazes de se recusar a fazer-se ao mar sem ele, e o capitão, antes de levantar ferro, sempre procura certificar-se de que a mascote está a bordo.

Certa vez, na Islândia, Sindbá ficou a curtir a sua «chuva» no quarto dos fundos de um bar qualquer. Nisto chegou-lhe aos ouvidos o prolongado apelo da sereia do barco, que partia, cumprindo ordens de urgência. O cachorro não quis ouvir mais nada: pôs-se em pé, cambaleando, e correu à desfilada para o cais, onde verificou com pesar que umas cem jardas de água o separavam já do seu lar flutuante... Inutilmente, os

marujos imploraram do capitão a graça de voltar para agarrar o cachorro; o comandante alegou que não podia apresentar ao Comando Naval um diário-de-bordo onde se lesse que tinham largado a 0850 e voltado a 0900 para agarrar um cachorro...

Nesse meio-tempo, sem esperar a decisão, Sindbá tinha pulado do alto da muralha de nove metros para dentro da água gelada, e nadava com denodo. De bordo, a marinhagem entusiasmada vitoriava-o; mas não tardou a tornar-se evidente que o animal não poderia alcançar o navio. Aí, o capitão começou a sentir que ia mudar de opinião...

«Com mil demônios!—disse ele—se o cachorro gosta assim tanto do navio, dêem uma volta e pesquem ele pra bordo!»

A lição foi boa: desde esse incidente, ele não voltou a faltar à hora de um só embarque.

Sindbá é o autêntico cachorro de bordo. Vive com a tripulação nas camaratas, dormindo cada noite num beliche diferente como para mostrar que divide equitativamente seus afetos entre os homens. Come na companhia deles e adora entrar com eles no chuveiro, chegando a tomar três e quatro duchas por dia. Sempre que a tripulação forma na tolda para a revista, Sindbá comparece, trazendo o seu próprio cinto de salvação, e responde ao chamado do seu nome com um latido curto e vigoroso. (A sua voz, que dantes era clara como o som de uma sineta, tornou-se raspante após anos de exposição ao ar salino do mar, e devido ao consumo imoderado das bebidas fortes.)

Se bem que lhe seja permitido percorrer o navio à vontade, Sindbá nunca pensaria em pôr as patas na ponte de comando ou nos domínios dos oficiais. Consente que estes o acariciem, é certo, e quando está com a cabeça mergulhada nos vapores do alcool, aceita que o levem para bordo, de taxi, na sua companhia. Mas só até aí, não mais, chega a sua consideração pelos galões dourados...

Quando o *cutter* entra num porto, Sindbá põe-se de pé no mais alto do castelo da proa, com as orelhas espetadas, cheias de vento. Já sabe quando é que pode ir a terra, visto que só nessas ocasiões lhe é posta a coleira; e se lha não põem, compreende que o navio não ficará fundeado muito tempo, e deixa-se ficar criteriosamente a bordo.

Mas assim que se apanha de coleira, ele aí vai largado: é o primeiro a chegar em terra. Detem-se então a cada estaca que encontra no cais (porque este cão naval nunca chegou a descobrir as vantagens que oferecem aos seus irmãos de raça os lampiões de rua e as árvores) e em seguida começa a fazer o circuito das tavernas do porto. Quando os homens por sua vez se encontram em liberdade, vão dar as mesmas voltas que ele deu, e pagar as contas por ele deixadas pelo caminho.

Os amores de Sindbá-o-cachorro são tão voluveis como os de qualquer marinheiro. Possue em cada porto uma corda de cadelas, e tão depressa aplacou a sua sede de navegante, põe-se em campo à cata delas. Por um processo de que só os cães têm o segredo, ele parece marcar encontros com uma ou outra das suas queridas. Na manhã seguinte à fundeação do navio em determinado porto, Sindbá não deixa de aparecer a bordo acompanhado de uma pequena e atraente *poodle* branca. Na manhã do outro dia conduz a cadelinha até a beira do cais, e dalí a recambia para as suas honestas ocupações de bicho terrestre.

Cerca de uma hora depois, chega ao navio uma fêmea *airedale*; Sindbá vai recebê-la ao cais ou ao portaló, e introdúla a bordo. E cada santo dia surge uma fêmea diferente a visitá-lo! Até onde tem sido possivel à tripulação observá-lo, Sindbá nunca fez encontradas duas das suas damas: até nisso, como todos os homens do mar, ele é o que se chama um cavalheiro!

São de ver os recortes de jornais que ele tem acumulado: formam um volume digno de qualquer almirante de linha! Sempre que vai a terra, na Irlanda, a seção mundana dos jornais publica um tópico a respeito. E Sindbá, alem dos milhares de marujos, taverneiros e gente dos cais que encontra nos seus bebedouros favoritos, mantem excelentes relações de cortesia com oficiais navais de alta patente, em cinco paises do mundo...

É talvez o único cachorro que até hoje se tornou objeto de uma disposição regulamentar da Guarda Costeira: antes da guerra, quando o seu *cutter* chegava na Groenlândia, ele tinha por costume ir a terra e meter-se com a inofensiva carneirada dos pastos. Isso acabou por provocar reclamações, até que foi publicada uma ordem oficial recusando-lhe direito a desembarcar em qualquer porto da Groenlândia... A ordem foi-lhe lida na câmara de comando, e desde que ele ficou um dia inteiro trancado no xadrez por se ter escapulido para terra uma noite, transgredindo essa ordem, Sindbá nunca mais tentou fazê-lo.

Muito embora leve vida desregrada, Sindbá não é positivamente o que chamaríamos um tipo dissoluto. Os tombos que tem apanhado na vida do mar, teriam arrastado qualquer ser humano ao vício da bebida. Há alguns anos que ele se aguenta na luta contra tempestades e furacões, com os seus doze quilos de peso, e apesar disso dando mostras de tanta coragem como qualquer marinheiro calejado. Estava uma noite na tolda, quando o seu navio se bateu contra um submarino, que acabou por ser abalroado e metido no fundo.

Alguns membros da tripulação, diga-se a bem da verdade, já têm tentado reformar-lhe os costumes: mas sem êxito muito apreciavel. Todos sentem hoje que ele tem direito a gozar a vida o melhor que puder, e ninguem procura arredá-lo dos seus prazeres caninos... e humanos. O próprio médico de bordo, quando o encontra a braços com as duras sequelas de uma boa carraspana, dá-lhe uma aspirina para o acalmar.

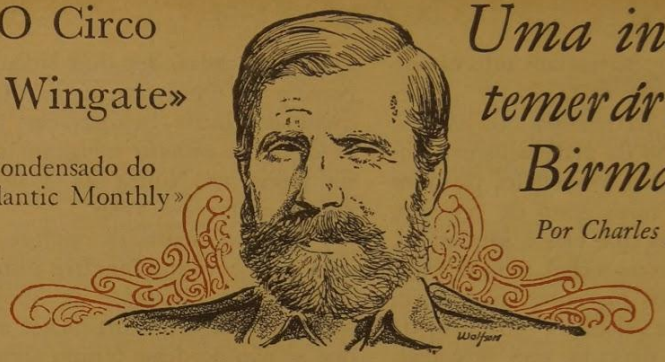
A última vez que me encontrei com Sindbá, estava ele pensativamente sentado na tolda do *cutter*, fundeado num solitário porto do Atlântico Norte. Perguntei a um marujo por que razão o não deixavam ir a terra. «Que é que ele há-de fazer metido num buraco desses? replicou o marinheiro. —Não tem nada pra se beber, e a cadela que aí vivia morreu o ano passado... Este cachorro não é nenhum tolo, não senhor!»

¶ Um jovem piloto inglês estava sendo cumprimentado por um oficial ao voltar de um combate. «Mas afinal,» disse o piloto, «minha superioridade numérica era somente de um contra cinco alemães».

John T. Whitaker

«O Circo de Wingate»

Condensado do «Atlantic Monthly»



Uma incursão temerária na Birmânia

Por Charles J. Rolo

Gênio excêntrico, um oficial inglês de 39 anos impressiona e estimula os naturais, destrói as comunicações japonesas, e mostra como se há de fazer a invasão.

Sob o comando do brigadeiro Orde Charles Wingate, de 39 anos, oito colunas inglesas, vindas da Índia, entraram recentemente na Birmânia, através das linhas japonesas, e alí espalharam, ao longo de três meses, a confusão e o pânico. Os japoneses, zumbindo em volta, como abelhas espantadas de uma colméia desfeita, nunca puderam alcançar os incursionistas. A expedição de Wingate destruiu postos avançados, fez voar pelos ares depósitos de munição, escangalhou aeródromos, inutilizou estradas de rodagem, e dinamitou, arruinando-as, pontes e a via férrea.

Os *chindits*, como Wingate chamava a sua tropa, nome tomado aos dragões que montam guarda aos templos da Birmânia, penetraram 500 quilômetros em território de ocupação japonesa, realizando em seguida uma heróica marcha de regresso à Índia. As perdas ficaram aquem de todas as previsões. O caso é digno de ser memorado como um dos grandes episódios romanescos desta segunda guerra mundial.

A expedição realizou, entre outros, os seguintes objetivos, de inequívoca importância: aliviou a pressão sobre os chineses; recolheu informações que habilitaram a Real Força Aérea a desencadear alguns ataques, de efeitos devastadores; estorvou os movimentos dos japoneses, e evitou, provavelmente, naquele momento, uma invasão da Índia. Mas, antes e acima de tudo, estabeleceu um padrão de treinamento e tática para a reconquista da Birmânia. *Gurkhas*, birmaneses, e um regimento de ingleses, criados todos eles em cidades, mostraram aos japoneses que já lhes não pertencia o primado das selvas.

Os *chindits* ingleses de Wingate eram soldados de segunda linha, quase todos homens casados, oriundos do norte da Inglaterra, e de 28 a 35 anos. Wingate disse-lhes: «Temos que imitar Tarzan.» Durante seis meses, verdadeiramente sufocantes, exercitaram-se nas matas indianas em travessia de cursos de água, táticas de infiltração, e longas marchas forçadas, conduzindo pesadas mochilas, até que se transformaram na mais rija das forças de choque. Ao regressar da incursão, observava um soldado: «Foi tudo um pedaço de bolo, em comparação com os exercícios.»

Os oficiais, por seu turno, passaram por um curso interminavel de provas táticas, não em teoria, mas no campo, de modo que na Birmânia todas as situações, ainda as mais graves, com que ti-

veram de arcar, já haviam sido objeto de ensaio anterior.

Por ocasião da partida dos *chindits* em desempenho da arriscadíssima empresa, o marechal Wavell foi passá-los em revista, e, num gesto de respeito, saudou-os antes que eles o saudassem. Não ignorava o marechal, nem tãopouco nenhum dos presentes, que quem fosse ferido ou adoecesse no curso da operação seria deixado, mui provavelmente, em mãos dos japoneses.

O rio Chindwin, largo de meia milha, e divisa entre territórios respectivamente ocupados por ingleses e japoneses, representava, no avanço, o primeiro passo crítico. Os destacamentos de reconhecimento não registavam a presença de patrulhas inimigas, por aqueles próximos quilômetros. Pequenas embarcações, de um tipo em voga na zona, botes de borracha e canoas, foram devidamente utilizadas para o transporte de equipamento pesado. Quanto aos oficiais e praças, passaram a nado, despidos, ao sabor da corrente. A travessia fez-se ininterrupta, durante até tarde da noite do dia imediato. Wingate atirou o seu capacete na última embarcação a partir, tirou a roupa, e lançou-se ao rio, num mergulho.

Em seguida foi a marcha através de matas densas, montanhas ásperas, estreitos caminhos, ladeados por precipícios, vales onde a relva, que alí medra, cresce mais alto que um homem. Esqueletos marcavam o rasto da retirada imposta aos aliados no verão anterior.

Wingate evitava, em geral, os caminhos já batidos, preferindo romper a mata. Incumbia certos grupos de lançar no terreno pistas falsas, e procurava assegurar sobretudo lepidez aos movimentos. Muitas vezes, as patrulhas japonesas chegavam tão perto que sentinelas avançadas, dos dois lados, se encontravam umas com as outras, e daí quase contínuas escaramuças, durante as quais os *chindits* mataram mais de mil japoneses. Nunca porem o inimigo conseguiu fazer-se valer.

Frequentemente, os *chindits* avançavam cincoenta quilômetros num dia, à temperatura asfixiante de 40 graus à sombra. Wingate mantinha-se atento a que se não perdesse tempo algum. Foram todos proibidos de barbear-se, porque tal importaria em dormir dez minutos menos. Tinha ele uma teoria de que a marcha constante afastava a doença —e o fato é que foi raro registar-se um caso de malária.

À frente de cada coluna, iam cães exploradores, treinados em reconhecer pelo faro a presença de japoneses. Os oito ramos em que se dividiu a expedição conservavam-se em permanente comunicação entre si, não só por meio do rádio, mas usando tambem cães mensageiros, pombos correios, e curiosos sinais acústicos imitando cantos de pássaros. Elefantes, montados por pequenos birmaneses, habituados a cavalgá-los, conduziam obuses, canhões Bren, embarcações enroladas, e aparelhos radiotelegráficos. Vinham em seguida os homens e os cavalos; depois, as mulas. À retaguarda, bois, puxando carros, carregados de metralhadoras, canhões ingleses, granadas, carabinas, munições. Cada coluna estendia-se por mais de quilômetro e meio. «Parece uma arca de Noé,» disse um dos soldados britânicos, quando a bizarra coleção de animais galgava a margem de um rio. É interessante assinalar que, a duzentos metros de distância, o ruido dos movimentos de semelhantes colunas já se não fazia ouvir, tanto o abafavam as vozes da floresta.

Traziam os *chindits* sapatos de sola de borracha, chapéus de aba larga, tipo australiano, coberturas contra mosquito, e umas grandes facas de campo, que se usam naquelas regiões. Cada homem entrou na Birmânia levando nas costas rações para seis dias, a partir dos quais os suprimentos se vieram a fazer por via aérea. Ao todo, a expedição recebeu pelo ar quase duas toneladas e meia de provisões.

Cada coluna levava consigo um oficial da Real Força Aérea, para escolher lugares apropriados, como fossem campos de arroz, leitos de rios secos, trechos de terreno cobertos de relva, onde os aviões despejassem, do alto, a sua carga de abastecimentos de todo gênero. Mensagens, em cifra, notificavam a base aérea, em Assam, da hora e do local em que a próxima descarga ou entrega se deveria fazer. Sinais de fumaça, durante o dia, e luminosos, à noite, guiavam os aviões. Destes, os maiores, desciam até à altura de 50 a 60 metros, e lançavam em terra munições, armas, dinamite, e latas de ração contendo carne, biscoitos, passas, tâmaras, chá, açucar, sal, e comprimidos de vitamina C. Só uma garrafa de rum, aconteceu quebrar-se.

A RAF não poupou esforços para fornecer às colunas tudo o que elas desejavam, sem exclusão de uma biografia de Bernard Shaw, uma garrafa de whisky para o devido festejo do dia de S. Patrício, monóculos, dentes postiços, e um saiote escocês. Dois radiotelegrafistas voluntários vieram por avião substituir companheiros que haviam adoecido. Um oficial, cercada a sua coluna pelos japoneses, recebeu da RAF, pelo ar, um testamento para assinar. O maior restaurante de Calcutá preparou, durante a noite, duzentos quilos de chocolate que a tropa tinha pedido; pela manhã, eis a encomenda nos ares, a caminho da Birmânia, dalí distante mais de mil quilômetros.

O oficial da base, a cargo dos aprovisionamentos, era o capitão Lord. Procurando fazer trocadilho com o nome «Lord» que quer dizer tambem «Senhor,» no sentido de Deus, Wingate radiografou: «Oh, Lord, mande-nos pão!» A resposta não se fez esperar: «O Lord ouviu tuas preces.» Com efeito, poucas horas depois, sessenta padas—verdadeiro maná do céu—caíam das alturas.

Um destacamento de *chindits*, birmaneses, foi ter ao posto de comando de uma unidade japonesa, onde só se achavam, no momento, os criados que preparavam ativamente o jantar. Esperaram amavelmente pelos homens de Wingate que, escusado é dizer, «removeram» o que alí encontraram disponivel em munição de boca.

A expedição penetrou até cerca de duzentos quilômetros da estrada da Birmânia, e aí recebeu ordem de regressar. Quando as colunas voltavam para o Irrawaddy—era uma noite terrivelmente fria, com um esplêndido luar—os japoneses atacaram-nas a metralhadoras e obuses. Wingate poderia ter forçado uma passagem, porem à custa de pesadas perdas. De pé num saco de areia, no Irrawaddy, mais parecendo algum profeta bisonho, com a sua imensa barba, e um cobertor a proteger-lhe os ombros, tomou uma decisão instantânea. Determinou que os seus *chindits* se dividissem em grupos de 40, e fizessem através da selva uma espécie de jogo de esconder, desorientando o inimigo. Efetivamente, dentro de 48 horas, tinham todos conseguido atravessar o rio. Enterraram então os aparelhos

radiotelegráficos, inutilizaram o equipamento pesado e lançaram-se à marcha de retorno, rumo à Índia, pelos mesmos 500 quilômetros que haviam percorrido na ida.

Sem o rádio, já não eram mais possíveis os aprovisionamentos pelo ar. O problema da alimentação, os *chindits* resolveram-no com a carne dos seus próprios bois e mulas, a que juntaram arroz, cobras, abutres, folhas de banana, raizes, e sopas de erva. Caçados por toda a parte, viam-se forçados a evitar os lugares mais comuns onde pudessem mitigar a sede, e assim passaram algumas vezes dias, sem mais do que uns goles de água, drenados de bambú. Compreendendo que a sua segurança dependia, em grande parte, da rapidez com que vencesse o percurso, não poupava Wingate a sua tropa; não lhe dava descanso.

Quando tudo chegou a bom termo, começou-se a chamar, afetuosamente, a expedição, o «Circo de Wingate». Os oficiais constituiam um curioso grupo —duros tipos de «comando». «Mad Mike» Calvert, tambem conhecido por «Dinamite Mike», é um perito em armadilhas, um artista cujos olhos tomam um ar de santidade quando ele fala em dinamitações. Muito jovem, ainda na casa dos vinte, raro é o teatro da guerra em que não tenha servido, atrás da linha inimiga.

O major Bernard Ferguson, do «Black Watch» (regimento escocês, cujo nome oficial é o de «Royal Highlanders», Montanheses Reais), não abandona o monóculo; mas abandonou uma cômoda posição de estado-maior, pela possibilidade de chamuscar a barba do Micado. «Desejei, toda minha vida, fazer saltar pontes,» exclamou ao ver que voavam na direção do céu os fragmentos da ponte Bonchaung Gorge. Para leitura no mato, levou consigo um dos romances de Trollope. «Fumamos todas as 600 páginas,» confessou, depois. «Você sabe, tínhamos bastante fumo, mas faltava papel para fazer cigarro.»

O tenente Geoffrey Lodkett, antigo negociante de vinho em Liverpool, distinguia-se pelo saiote e pela falta de dentes, que os tinha perdido todos. Deixou crescer a barba até à barriga, para meter medo aos japoneses, e insistiu em fazer toda a campanha metido num saiote.

Um americano — tenente aviador James Gibson, conhecido por «Carolina»—ofereceu-se para fazer parte da expedição. «Estou louco por deitar abaixo aviões japoneses,» explicou. «Quero ver a cara daqueles miseraveis quando chegarem ao chão.»

O «Circo de Wingate» exibia ainda em seu elenco um príncipe birmanês; um antigo historiador de Oxford, tenente William Edge, que sabia como ninguem preparar um bom prato de carne de búfalo; e um sargento comando, Robert Blain, de Loch Lomond, a quem, certa vez, agravadas em demasia as dificuldades e perigos, acudiu observar, tranquilizando as hostes: «Como diz a minha avó, estas coisas são mandadas para nos experimentar.»

De regresso à Índia, Wingate foi saudado como o «Lawrence da Birmânia». Aliás suas fabulosas explorações de guerrilha já antes lhe haviam grangeado os títulos de «Lawrence da Judéia» e «Lawrence da Etiópia». Hoje o povo, na Inglaterra, limita-se a chamar-lhe «O Novo Lawrence». É de fato um parente consanguíneo do Lawrence da Arábia.

Dir-se-ia que o exército inglês timbra em apresentar ou produzir, em cada geração, um gênio de soldado de tal excentricidade—Clive, da Índia, o «chinês» Gordon, Lawrence, da Arábia. Wingate é um general «de espada e Bíblia», um homem que crê profundamente na prece, um místico propenso para o ioga, vale dizer para a meditação e o ascetismo, e ao mesmo tempo um soldado profissional, que dá que fazer ao adversário, e ama o combate por amor da luta. Abre o dia com a oração, e adota para si, como código, passagens da Escritura. A espada, a Bíblia, e o gosto das investidas, estranhas e arrojadas, ocupam lugar distinto na herança de Wingate. O pai serviu 32 anos no exército indú, e, depois de reformado, fundou uma missão para os Pathans. A mãe, profundamente religiosa, deu-lhe uma educação puritana.

Tem Wingate um rosto descarnado de intelectual, olhos profundos e penetrantes, nariz fino, ossudo, boca severa, queixo de buldogue. Usava na Birmânia uma camisa de campo esfarrapada, calças de pano rústico, e um velho capacete à moda antiga, justamente apropriado para o sol.

Sustenta ele o ponto de vista de que, assim como o camelo guarda reservas de água, pode o homem guardá-las de energia. É capaz de manter-se no campo semanas a fio, dormindo apenas algumas horas; terminado porem o serviço, passará dias a dormir, ou em pura contemplação. É um fanático da manutenção de boas condições físicas; não fuma, e acredita firmemente nas propriedades tonificantes da cebola crua, que mastiga a valer durante as marchas. Faz massagens toda noite, nas costas, com uma escova de borracha.

Num homem cujo ofício é a guerra, a variedade de assuntos pelos quais se interessa Wingate causa surpresa e admiração. Não é por exemplo de estranhar que às primeiras horas da manhã alguem o tenha surpreendido a cantar, para si mesmo, em árabe. Apaixonado por música, ficará deitado no chão horas e horas, ouvindo discos sinfônicos. Em literatura, vai de Shakespeare à «Jane», heroina de gravuras cômicas, preferindo todavia a leitura séria.

O seu primeiro encontro com a bela moça com quem se casou, ocorreu a bordo de um navio de passageiros que fazia a carreira do Mediterrâneo. Tinha ela então quinze anos. Ele, 30. É ele mesmo quem o conta: «Ela marchou para mim, e disse-me—Você é o homem com quem eu vou me casar.—Foi uma espécie de arranjo de comando combinado. Ambos sentíamos igualmente.»

Wingate fala como uma enciclopédia. Quando se senta com os oficiais discorre sobre os preceitos da ioga, os hábitos sociais das hienas, a conduta das moscas quando presas debaixo de um copo, a pintura do século XIII, e os meios práticos de ganhar a guerra. Na Etiópia, um grupo de novos oficiais não ocultou seu espanto ao ouvir-lhe uma preleção sobre a técnica da caçada de hienas ao luar, e a pistola.

Não liga Wingate maior importância a hierarquias ou títulos. Sua indiscreção é proverbial. Não hesita em falar aos próprios chefes sobre os erros que estes cometam, e é provavelmente o único oficial britânico que já se valeu de antiga prerrogativa para queixar-se por escrito ao rei, de um dos seus superiores. Mas, depois de provocar com as suas idéias inortodoxas as iras de alguns tradicionalistas do exército, observou uma ocasião, com certo orgulho, a um amigo: «Eu não sou maluco, nem a metade do que se pensa.»

Na Palestina, em 1938, o governo inglês recompensou-o com a sua inclusão na D.S.O. (Ordem de Serviço Distinto), a que depois se juntaram novas distinções, pelo comando das patrulhas noturnas que libertaram o país dos terroristas árabes, subsidiados pelo Eixo. Na Etiópia, coube-lhe impor-se à devoção e respeito dos membros de tribos, por uma série de arremetidas de comando, de surpreendentes resultados, contra forças italianas incomparavelmente superiores.

É Wingate um dos raros homens de raça branca, que têm conseguido, nesta guerra, modificar o estado de espírito dos nativos daquelas paragens. Leva sempre consigo uma máquina de tirar cópias, um alto-falante, e propagandistas locais, especialmente treinados. Em cada povoação, na Birmânia e na Etiópia, parava o tempo bastante para distribuir folhetos, e irradiar um manifesto, vasado em linguagem simples e pitoresca. «O homem misterioso que se acha entre vocês,» assim, uma vez, se exprimiu, «pode fazer vir de longe grandes e misteriosas forças do ar, para libertá-los dos japoneses, opressores e ferozes». Os birmaneses cognominam-no reverentemente «Lorde Protetor dos Pagodes». Guardaram silêncio em torno dos movimentos dos *chindits*, e deram-lhes mesmo indicações a respeito de caminhos secretos na selva. Sem essa cooperação eficacíssima, a expedição, muito provavelmente, teria sido atingida, e aniquilada.

A campanha da Etiópia foi, em toda a sua extensão, um caso típico do gênero Wingate, pela audácia, pela surpresa, pelos blefes coroados de êxito. Contando apenas com 1.800 sudaneses e «askaris» etíopes, investiu os redutos italianos numa série de intrépidos assaltos. Grupos de etíopes, de cabelos crespos, tropa irregular—Wingate insistia em honrá-los com o nome de «Patriotas»—acudiram a formar a seu lado. Pois esse exército de meia tigela deu conta de 40 mil italianos, mortos ou capturados. Em maio de 1941 entrava Wingate em Adis Abeba num cavalo de batalha branco, ao lado do imperador Haile Selassie, então restituido ao trono.

O marechal Wavell impressionou-se de tal modo que chamou Wingate à Índia no outono do ano seguinte, elevou-o ao posto de brigadeiro, e deu-lhe poderes amplos para organizar uma força de supercomando que servisse de vanguarda para a reconquista da Birmânia.

«Os japoneses,» diz Wingate, «não são superhomens. Seus planos de operações revelam cérebros de terceira classe. O serviço de guerra na selva reclama espírito de sacrifício e capacidade de improvisação. Os japoneses possuem o primeiro em grau extraordinário, mas são incapazes de resolver problemas que não tenham conhecido anteriormente. Nós temos provado que poderemos batê-los no próprio terreno que eles escolheram.»

¶ Guardemo-nos de procurar constituir uma sociedade em que ninguem conta para nada, exceto o político ou o burocrata, uma sociedade na qual a iniciativa não fosse recompensada, nem o espírito de economia tivesse privilégios.

Winston Churchill

Talvez não saiba que . . .

(Excertos da «Collier's»)

Por Freling Foster

¶ Os soldados, marinheiros e fuzileiros navais norte-americanos recebem uma gratificação mensal de dois dólares, depois de serem condecorados, seja com a Medalha de Honra, com a Cruz ou a Medalha de Serviços Distintos, ou com a Cruz da Marinha. Os oficiais condecorados com a Medalha de Honra recebem mensalmente dez dólares, os quais são empregados na constituição de um fundo de pensão militar.

¶ O corpo de Sinaleiros do Exército dos Estados Unidos possue agora uma estação emissora mista, de rádio e metereologia, mais ou menos do aspecto e tamanho de uma mala de viagem. Esse aparelho pode fornecer indicações radiofônicas sobre temperatura, umidade e pressão barométrica, com intervalos regulares de algumas horas, durante três meses, depois de ter sido enterrada em qualquer ponto da costa de um país inimigo.

¶ Existe um novo aparelho rádio-elétrico que regista automaticamente o funcionamento de setenta peças diferentes de um avião, durante os vôos de prova. Uma máquina complementar, situada no aeródromo, grava os resultados em discos e em filmes sonoros, transformando-os em gráficos, em poucos segundos. Desse modo, em caso de dificuldade, os pilotos podem ser avisados pelos observadores de terra, e, alem disso, os dados registados pelo aparelho não só completam os dados obtidos pelo piloto, como não se perdem, no caso do avião ter um acidente.

¶ Na Grã Bretanha, as pessoas culpadas de maltratar um cão, não podem, por lei, possuir nenhum outro durante o período mínimo de um ano, e até por toda a vida.

¶ Mais de 90 por cento das flores de todas as espécies conhecidas, ou não têm cheiro, ou cheiram mal.

¶ Em um subúrbio de Londres há uma grande fábrica de equipamento elétrico para aviões, que tem somente 12 metros de largura, mas com uns 11 quilômetros de extensão: ocupa o tunel de um trem subterrâneo ora em desuso.

¶ Entre os povos que praticam a poligamia, especialmente os maometanos, as mulheres frequentemente solicitam a seus maridos que se casem mais uma vez, quando elas se acham sobrecarregadas de trabalhos domésticos e de filhos. Se os maridos se recusam a satisfazer o pedido, as esposas podem levar o caso a juizo, e geralmente ganham a causa.

Inventos para o conforto do soldado

(Condensado do «Atlantic Monthly»)

Por Harland Manchester

Nesta «guerra da Intendência», deve-se aos pesquisadores americanos um verdadeiro triunfo militar.

AINDA nos dias de calor mais forte, do último verão, ver-se-ia em Lawrence, Massachussetts, um grupo de soldados, envergando roupas próprias para as frígidas regiões do Ártico, a subir uma colina, naquela cidade, à temperatura de 51° abaixo de zero, lutando contra uma brisa que soprava a grande velocidade. A colina é um campo de ensaio, e a brisa é fornecida por um soprador, na imensa câmara frigorífica do laboratório químico do Corpo de Intendência do Exército, onde este faz passar pelas devidas provas o vestuário, a alimentação, os abrigos e o equipamento, destinados às frentes de combate nas várias zonas do mundo. À hora das refeições, os soldados desatam seus sacos, acendem os fogões de bolso a gasolina, e preparam a comida. À noite, armam barracas, e assim dormem.

Ao acordarem, os homens—todos voluntários—são submetidos a minucioso exame físico, e interrogados quanto ao estado de espírito e condições de conforto em que se sentem. Os técnicos a cargo dos testes decidirão então se um novo tipo de camisa de lã, com capuz resiste suficientemente ao vento; que pássaro produz mais aquecedora penugem para os sacos de dormir; quanto tempo é necessário para armar uma barraca quando se está com os dedos entorpecidos, e que gênero de roupa mais conveniente para dar a um homem em combate liberdade de movimento, ao mesmo tempo que o mantem quente.

Já outro dia, encontrarão um esquadrão de cobaias humanas a marchar num deserto simulado, com o termômetro marcando 50°, e um vento de fogo a envolvê-los numa nuvem de areia. Tambem pode acontecer que os surpreenda mais tarde um dilúvio tropical, em que fiquem postos a prova os ponchos e capotes para chuva. Noutro laboratório, no Forte Kentucky, um tanque é superaquecido por um sol de deserto artificial, enquanto uma guarnição, a esvair-se em suor, se mantem em serviço dentro dele. Por meio de tal sistema de experiências e investigações, o Corpo de Intendência do Exértico vem realizando tranquilamente uma verdadeira revolução na arte do preparo dos soldados para a guerra moderna.

Pearl Harbor encontrou-nos presos ainda aos padrões de 1918. Mas, dentro da rapidez com que se impunha a organização da nova aparelhagem, havia que encontrar sucedâneos para muitos materiais estratégicos. Por outro lado, o peso e o volume do equipamento deviam baixar ao mínimo, assim para aliviar a carga do soldado, como para poupar espaço, na respectiva expedição, por terra, mar, ou ar.

Essa a tarefa de proporções gigantescas que o Intendente Geral do Exército, E. B. Gregory, teve que enfrentar, quando estabeleceu, em fins de 1941, um Departamento de Aperfeiçoamento

e Pesquisas. Chamou, para dirigí-lo, o coronel Georges F. Doriot, industrial e antigo professor na Escola de Comércio de Harvard. O coronel Doriot cercou-se imediatamente de homens experientes na prática da manufatura de roupas, materiais plásticos, produtos químicos, alimentos preparados, e outros muitos artigos de que se necessitava. Apelou tambem para técnicos que tinham aprendido como viver no deserto, na selva, e no Ártico. O major Paul Siple, por exemplo, veterano de três expedições Byrd, chefia um grupo que traça o quadro dos climas das presentes e futuras frentes de batalha, pelo qual, a um relance de olhos, se poderá ter idéia da espécie de alimento, vestuário, e equipamento dormitório, que se tornarão precisos em cada ponto do globo.

A vanguarda do Departamento de Aperfeiçoamento e Pesquisas é constituida pela Seção de Forças Especiais, composta de uma verdadeira seleção de exploradores, alpinistas e corredores de mundo: Sir Hubert Wilkins; Bradford Washburn, alpinista; Earl Hanson, explorador e escritor; James H. Breasted, Jr., egiptólogo; Earl Hardenbrooke, para quem a Ásia não tem segredos, e muitos outros. Louis Bean, do Maine, que tem servido a milhares de desportistas, contribue com os seus conhecimentos práticos em matéria de uniformes e equipamentos para o ar livre.

Cerca de 50 por cento dos homens das Forças Especiais estão usualmente no campo, ensaiando equipamento sob as verdadeiras condições das frentes de combate, desde os trópicos ao Ártico. De tais provas têm resultado não poucos melhoramentos. Em lugar de abrigos de pele ou lã de carneiro, pesando cerca de 14 quilos, que tanto comprometem a agilidade, Sir Hubert Wilkins e o dr. Vilhjalmur Stefansson ajudaram a projetar outros que, tendo uma peça exterior a prova de vento, e isolamento de alpaca ou outro leve material fibroso, pesam justamente metade.

Estes novos artigos de vestuário deram tão bons resultados, que vão sendo agora fornecidos, não só a tropas americanas, mas tambem às próprias russas. Aquecem de tal maneira, que permitem aos soldados combater às baixas temperaturas sob as quais, anteriormente, se viam compelidos a procurar refúgio. A referida peça exterior pode ser usada pelo avesso, e portanto dos dois lados, sendo um destes branco, e o outro verde escuro. Quando vem a primavera, muda-se de cor, para que fique menor a sua visibilidade pelo inimigo; e quando chega o calor, basta retirar uma peça em vez de ser necessário o reequipamento com roupas de verão.

O antigo saco de dormir, que pesava mais de oito quilos, foi substituido por outro, recheado de penugem, que pesa menos da terça parte, ocupando, quando enrolado, um terço do espaço que o primitivo ocupava. Analogamente, o fogão de bolso, a gasolina, de quase um quilo de peso, com treze peças separadas, e que se obstrue facilmente, pesa, no novo modelo, a metade, sendo este de uma só peça, e provido de um dispositivo para limpeza automática. Uma barraca para dois homens, reversivel para efeitos de camuflagem, pesa pouco mais de três quilos, incluidos os postos, e se tem mostrado bastante forte para resistir a uma rajada de vento de 200 quilômetros de velocidade, na crista do Monte Washington.

Os fabricantes prontificam-se, em grande número, a concorrer para o aperfeiçoamento dos artigos de que precisa a Seção de Forças Especiais. Do Pací-

fico Sul vieram reclamações, dizendo que os sapatos, após breve tempo de uso na mata úmida, ficavam estragados, desprendendo-se-lhes a sola. Os encarregados das investigações chegaram à conclusão de que só borracha e lona poderiam resistir a semelhante umidade. A United States Rubber Company fabricou então um calçado com grossas solas de borracha, providas de inserções metálicas para evitar escorregadura, palmilhas de lona, para efeitos de comodidade, cordões de fibra de vidro, refratários ao apodrecimento, e cano de lona forte, até perto do joelho, para fins de proteção contra espinhos e insetos. Tais calçados, entretanto, são quase um quilo mais leves do que os antigos de couro, e duram, naqueles lugares, cinco vezes mais do que estes.

Posteriormente, substituiram-se tambem as solas de couro pelas de borracha, para o serviço de guerra no deserto. Verificou-se que as solas de couro conduziam calor da terra, queimada pelo sol, e suas tachas ou pregos arrancavam centelhas da rocha, atraindo assim, à noite, o fogo do inimigo. Os novos sapatos têm sola e tacão inteiramente de borracha, e duram o dobro do que duravam os de couro.

Muitas outras modificações vão sendo introduzidas, graças ao mesmo serviço de pesquisas. Notou-se que a roupa de dentro usada pelo exército, tradicionalmente branca, ajudava os pilotos inimigos a descobrir, do ar, a posição dos nossos destacamentos, pelas suas linhas de lavagem. Hoje, até nos lenços se usam cores próprias de camuflar. Os *shorts* tropicais tiveram que ser abandonados, porque as picadas de mosquitos nas pernas expostas podem resultar em malária, e, por outro lado, os arranhões se transformam algumas vezes em úlceras tropicais que atingem até o osso. Assim, as tropas em combate usam agora roupas que cobrem todo o corpo.

Outra inovação interessante, é a que se imaginou em matéria de macas para a selva. Feitas de um tecido especial, não grosso, porem forte, são providas de um fundo falso que protege o ocupante contra os insetos. No lado de baixo, existem alças onde o soldado pode pendurar não somente a carabina, mas igualmente as rações, defendendo, uma e outras, da umidade e dos vermes. Em cima uma cobertura de levíssimo tecido impermeavel, e uma rede contra mosquito. Tudo isso, enrolado, forma um pequeno volume que não chega a pesar três quilos.

O bolor que, em tempo úmido, tanto preocupa em toda a parte as donas de casa, destruia em certas matas os panos ou tecidos, com extraordinária rapidez. Para obviar o inconveniente, o dr. Willard Dow, da Dow Chemical Company, e membro do conselho consultivo do departamento de pesquisas, surgiu com um preservativo que põe a prova contra a ação dos fungos o tecido das macas, e outros. Essa invenção pode ser, após a guerra, de imensa utilidade para os civís.

Novos compostos químicos preservam tambem os soldados, nas regiões dos trópicos, assim de queimadura pelo sol, como de micróbios e insetos. É o caso de um *baton*, para os lábios, como os das senhoras, e um creme especial para o rosto, que neutralizam a ação dos raios ultravioletas do sol. Afim de ficar seguro de que a água é própria para beber, o soldado põe no seu cantil um comprimido que mata os micróbios, e em seguida despeja a água noutro, onde perde ela o sabor que lhe tenha resultado do dito comprimido. Pesquisadores como o dr. Philip Granett, de Rutgers, foram picados por meio milhão de mosquitos, em experiências ou ensaios de agentes químicos contra insetos, e já atualmente as nossas tropas nas regiões tropicais se untam com um deles que se mantem por mais tempo, sem ser nocivo à pele.

Um novo líquido inseticida, altamente eficaz, passa ao estado gasoso quando posto em liberdade, do seu recipiente manual, e mata, em alguns segundos, todos os mosquitos e moscas que se encontrem num compartimento de caserna, barraca, ou avião.

Na primeira guerra mundial, a tropa marchava quilômetros e quilômetros, em busca das instalações de despiolhamento. Suas roupas eram desinfetadas a vapor, e saíam da operação disformes e manchadas. Hoje, dois ou três homens empilham as suas peças de vestuário num saco de lona hermeticamente fechado, juntamente com uma ampola de vidro de bromureto de metilo. Seguram em cima, calcam sobre a ampola, e o gás mata os piolhos.

Resguardos individuais de celofane foram fabricados para efeitos de proteção contra gás. Trata-se de um envoltório espaçoso, selado dos lados e em cima; se o inimigo lança um ataque de gás corrosivo, o soldado, em cinco segundos, mete-se na cobertura que o defende. Se está conduzindo um *jeep*, resguarda-se e prossegue. Uma vez limpo o ar, jogam-se fora as capas, e novas capas são fornecidas.

Para resolver os problemas de travessia de rios, cada combatente, na floresta, leva agora no seu bolso duas «bexigas de flutuação»—pequenos sacos, forrados de borracha, e providos de tubos de gás, que, à hora própria, os entumecem. Basta meio minuto para enchê-los, e prepará-los de modo que se elevem o necessário a suportar o soldado, com os respectivos petrechos. Um invólucro de tela plástica, resistente, protege-lhe a carabina, mantida em flutuação pelo ar alí represo; e, se um japonês aparece à outra margem, uma bala pode partir, através do dito invólucro.

Não raro se torna público que um novo artigo, feito de materiais sucedâneos, revela, na prática, extraordinárias vantagens. Os ponchos de *nylon*, por exemplo, tornados impermeaveis pelo emprego de resinas sintéticas, não são apenas mais leves que os antigos, tratados a borracha; quando aplicados a uma barraca para dois homens, protegem muito mais contra a chuva do que a lona usada como abrigo na primeira guerra mundial, e tantas vezes amaldiçoada. Um cantil de material plástico, extremamente leve, é todavia tão forte, que se pode pular em cima dele; não emite som metálico, revelando ao inimigo a posição do soldado, e, sendo o material plástico mau condutor do calor, não lhe queimará as mãos, quando cheia de café quente. Com tais artifícios e substituições, um punhado de homens, trabalhando em suas mesas, tem permitido economizar cerca de 70 milhões de quilos de borracha, um oitavo, mais ou menos, do respectivo consumo nos Estados Unidos, antes da guerra; alumínio em quantidade suficiente para construir dez mil bombardeiros ligeiros, e estanho, cânhamo e aço, em proporções comparaveis.

O mais impressionante, quiçá, dos serviços realizados pelo Corpo de Intendência, é o de prover as tropas de rações apetitosas, compactas e nutritivas, sob as mais variadas condições. Refeições completas, em embrulhos indestrutiveis, e à prova de imersão, têm sido

estabelecidas para diversos climas. A ração de montanhas por exemplo, pode ser submersa em água o dia inteiro, ou deixada, durante um mês, a 51° abaixo de zero; e, em tempo não maior que o necessário para ferver água, fornece alimentos quentes, incluindo frutas, cereais, sopa, carne, legumes e café. Há tambem em cada embrulho cigarros e bombons.

Quanto mais vai o soldado avançando na direção da linha de combate, mais leves e concentradas se tornam as suas rações. A ração «K»—entre todas a mais compacta—é composta de três pacotes, para bolso, embrulhados em celofane, e com os rótulos, respectivamente, de «primeiro almoço», «almoço», e «jantar». Pesa tudo cerca de um quilo. Cada homem pode ter presunto, ovos e café, pela manhã, sanduiches de queijo e limonada, ao meio dia, e, à noite, uma taça de caldo, e uma entre oito variedades de carne. Estas refeições de bolso são usadas como rações de emergência para tropas entregues a si mesmas, apurando-se, entretanto, por ensaios realizados, que se poderão adotar de modo indefinido, sem causar perturbações de saude motivadas por deficiência de nutrição. Duplicam, ao que asseguram técnicos militares, a eficiência combativa de um destacamento independente.

Foi o general nazista Ravenstein quem observou que «o *blitzkrieg* é o paraiso para o tático, mas o inferno para o quartel-mestre.» Todavia, resumindo num breve período de 18 meses o que seriam anos de pesquisa, invenção e adaptação, o grupo de especialistas civís e militares, a que vimos fazendo referência ao longo destas linhas, fez do soldado de hoje o mais bem vestido, melhor alimentado, e disposto em melhores condições, de que a história da guerra tem notícia.

As últimas...

¶ Os BANCOS do *bar* do Brown Derby, em Hollywood, estão presos com cadeias ao balcão, a respeitavel distância uns dos outros, para evitar que os clientes se mostrem demasiado expansivos em matéria de amor.

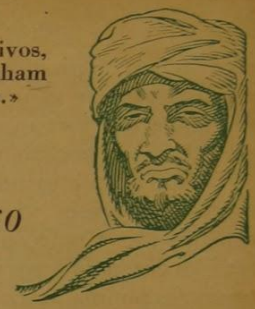
Irving Hoffman

¶ CEDRIC ADAMS, jornalista, pôs um anúncio de 240 linhas no *Sunday Tribune* de Mineápolis, pedindo uma empregada doméstica. Recebeu em resposta 643 chamados—dos quais 26 foram de candidatas, e as 617 restantes, de pessoas que queriam tomar a seu serviço qualquer das pretendentes que ele não houvesse aceitado...

«Há dois tipos de homens: os de olhos vivos, e os de olhos parados. Os primeiros, venham donde vierem podem aprender de tudo.»

O felá do Egito está virando mecânico

Por Frederic Sondern, Jr.



HÁ CERCA de ano e meio, a pedido urgente do exército, a General Motors remeteu para o Egito um tal Eugênio Triulzi, com a missão de organizar uma escola de treino para mecânicos. Era preciso atender ao avultado material motorizado que, nessa data, rolava continuamente para a frente, a dar batalha ao general Rommel, e as forças anglo-americanas não dispunham do número de mecânicos indispensavel ao serviço. Tornava-se imperativo transformar 800 egípcios sem treino em bons mecânicos—e depressa!

Estrangeiros de longa data residentes no país tentaram convencer Triulzi de que isso era impossivel: o oriental que recebeu certa educação, ainda que elementar, considera degradante o trabalho manual. A escola seria, pois, forçada a recrutar seus aprendizes na camada mais baixa da população rural, os iletrados felás, cuja miséria já era proverbial ao tempo dos faraós.

Os *fellahin*, que constituem para cima de metade da população do Egito, ganham em média o salário de 6 cruzeiros por dia, e vivem em mucambos infestados de moscas. Os canais de irrigação servem em comum, nas vilas e aldeias, de banheiro e lavadouro, e para o abastecimento de água de consumo. As doenças que disso resultam, arrebatam todos os anos um tremendo número de vidas. A subnutrição é corrente no povo; os felás vivem quase exclusivamente de pão negro e feijões, porque não podem permitir-se outros luxos culinários. E em raríssimos casos podem eles esperar da vida qualquer elevação ou melhoramento das condições em que nasceram e foram criados. Por aquí se pode imaginar a tropa de tinhosos que Triulzi e o seu intérprete recrutaram...

Mas apesar disso, em oito meses o exército tinha construido, perto do Cairo, uma Escola de Reparação de Material Motorizado, a General Motors do Próximo Oriente fornecia o equipamento necessário, e Triulzi, com seus quatro assistentes, formava 800 mecânicos que qualquer oficina dos Estados Unidos teria admitido de boamente ao seu serviço!

Triulzi é um novaiorquino gorducho e rijo, que faz lembrar muito o prefeito La Guardia. Começou a trabalhar na General Motors como ajudante de mecânico, foi subindo à força de braço até ser feito gerente das estações de serviço Chevrolet, de costa-a-costa. E tem só 39 anos.

Embora nunca tivesse saido dos Estados Unidos, tinha aprendido muita coisa sobre a natureza humana, no curso dos anos que passou ao torno. Diz ele que há no mundo, de modo geral, dois tipos de homens: «Os que têm olhos vivos e espertos, e os que os têm para-

dos, inexpressivos. Os primeiros, venham eles donde vierem, podem aprender seja o que for: a questão é a gente esforçar-se um bocado!»

Triulzi descobriu no Egito noventa moços de «olhos vivos» e pôs-se a trabalhá-los. Começou por desembaraçá-los das suas roupas imundas, substituindo-as por macacões do exército, que os aprendizes tinham de conservar imaculados. O banho diário se tornou obrigatório, e os estudantes, alem de usarem sapatos, eram rigorosamente obrigados a fazer a barba todos os dias.

É natural que os nossos egípcios achassem essas disposições um bocado cacetes e estranhas, mas levaram a rir as «loucuras» dos americanos, porque estes pagavam duas vezes e meia mais do que eles poderiam ter recebido em qualquer outro emprego ou trabalho.

Outra fonte de espantos foi a série de conferências de 15 minutos que lhes fez Triulzi, sobre as razões que impõem ao homem a limpeza do corpo e a decência dos costumes. Disse-lhes ele das condições de vida doméstica e de trabalho, nos Estados Unidos, e de quanto vale ter um bom emprego. Para aqueles homens, habituados a mourejar sete dias na semana, de sol a sol, para ganhar com que comprarem os feijões e o pão, essas histórias soavam tão maravilhosas como os contos de príncipes, e fadas, e palácios encantados, com que os narradores profissionais do mundo muçulmano entretêm as boquiabertas multidões das ruas.

Não eram menos fascinantes as ferramentas que lhes mostravam os americanos. As ferramentas dos egípcios pouco se modificaram desde o tempo dos faraós. A mão-de-obra é tão barata, que resulta mais econômico pagar a homens que carreguem a água em odres, ou baldes, do que comprar uma mangueira. Doze homens que monotonamente levantam e deixam cair um martelo-pilão, custam menos do que o uso de uma máquina a vapor.

Muito embora poucos dentre os estudantes tivessem jamais pegado numa chave inglesa ou num macaco, mostraram em geral uma rara aptidão mecânica. O seu manejo das ferramentas elementares era delicado e firme; depressa estavam empregando maquinismos complicados, e tendo com eles os mais rigorosos cuidados. Dentro de oito semanas, as turmas de oficina estavam aptas a desmontar, reparar e tornar a montar em oito horas um motor de automovel—proeza digna de registo, mesmo numa oficina dos Estados Unidos! Dos motores reparados naquela escola, nem um só falhou nos testes altamente rigorosos do exército.

«Sempre me irritava, nos Estados Unidos, ver uma roda de tipos, na oficina, a espinafrar um camarada, só porque ele era grego ou russo, ou coisa assim,» diz Triulzi. Os anglo-saxões, no Próximo Oriente, sempre tratam de *wogs* todos os naturais: Triulzi proibiu o termo como ofensivo. «Tratem-nos como se fossem brancos—disse ele aos seus instrutores—e vê-los-ão proceder como brancos, e até talvez melhor.» E um dia que um grupo de americanos começou a intrometer-se com os seus homens, ele fez respeitar a sua regra pela força dos punhos.

«Ele gosta mesmo da gente,» disse-me um dia um dos seus graduados. «Ele não nos chama de *George*, à maneira da maioria dos estrangeiros; ele sabe nossos nomes. E nós gostamos de fazer bom trabalho para ele.»

Para cada turma Triulzi organizou uma cerimônia de graduação. Flan-

queados pela bandeira dos Estados Unidos, houve oficiais do exército que fizeram discurso, e os diplomas foram distribuidos com apropriada solenidade. E os egípcios acharam tudo aquilo encantador!

Triulzi levou muito tempo estudando o pessoal a quem estava dando lições, para o conhecer melhor. Informou-se das famílias de cada um, da maneira como viviam; visitou-os em suas casas. E foi assim descobrir um povo inteligente, com um notavel senso de humor, e uma imensa capacidade para trabalho rude. «Toda essa crítica da mentalidade oriental não passa de uma lenda ridícula. A mentalidade deles não difere da minha ou da sua. São tão capazes de aprender seja o que for, como qualquer outro homem; a questão é darem-lhes a oportunidade...»

Um dos alunos de Triulzi era Abdul, moço de 25 anos, de agradavel aparência e bem apessoado. Contava-me ele da sua nova existência, num inglês algo embrulhado: «Quando o sr. Triulzi descobriu-me, eu era moço de fazenda, ganhava oito piastras (sete cruzeiros) por dia, e vivia num mucambo com 17 irmãs e irmãos. Toda a gente na escola tinha a certeza de que os americanos estavam doidos, para nos pagarem 20 piastras por dia, por um trabalho que nós nem sequer entendíamos. Davam-nos tambem um dia de descanso semanal, e prometeram-nos férias com salário. Quem é que nunca tinha ouvido falar em tamanha loucura!

«Então, quase de repente, começamos a compreender muitas coisas que eram novas para nós. Isto de andarmos limpos, por exemplo, é uma coisa bem agradavel. Deixamos de andar ulcerados, e sentíamo-nos muito melhor. Outra coisa que nos surpreendeu, foi que ninguem mais nos dava empurrões nem batia, da maneira como éramos tratados pelos capatazes das fazendas. Mr. Triulzi um dia me pegou por esta orelha e me pôs debaixo de um chuveiro: mas foi a rir que ele fez isso! Quando cometíamos algum erro, os instrutores simplesmente nos mostravam a maneira de não repetir o engano. Nunca fomos tão bem tratados em toda a nossa vida!

«Começamos a compreender o efeito que ia ter em nossa existência aquilo que estávamos aprendendo. Iríamos trabalhar numa boa fábrica, agradavel, e não mais como bestas de carga nesses campos. Ganharíamos o dinheiro bastante para vivermos num lugar limpo e decente. Pela primeira vez tínhamos na vida alguma coisa em que confiar... E pusemo-nos a trabalhar com afinco. Veja o que aconteceu comigo em um ano. Não sou mais um sujo felá, mas um homem limpo e decente. Tenho uma boa mulher e um lar digno. Vou de noite à escola, e já sei ler e escrever razoavelmente. E sou um mecânico!»

Havia nessa derradeira frase um grande orgulho mal disfarçado. Abdul hesitou um momento, e a seguir, «Diga-me cá,—continuou—haverá na América muitos homens como este sr. Triulzi?»

E eu disse que sim, que me parecia haver muitos...

¶ A MELHOR maneira de amar uma coisa é pensar que a poderíamos perder.
—G. K. Chesterton

Coisas graves—em forma sorridente

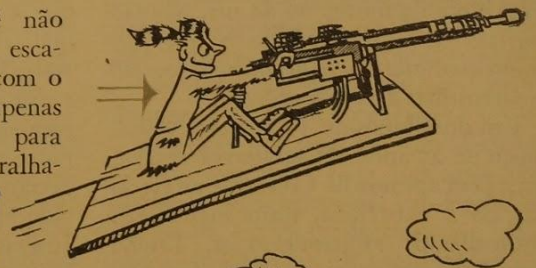
Os «Manuais dos Sensos»—assim lhes chama o Departamento de Marinha—são breves, incisivos panfletos para instrução dos aviadores navais: «Senso do Paraquedas», «Senso do Mergulho», «Senso do Tiro», «Senso do Oxigênio». Os temas desses livrinhos são de vida ou de morte, mas seu tratamento nada tem de lacrimoso... A idéia consiste em produzir uma coisa que os moços aviadores *leiam*; de maneira que as lições, apesar de muito sérias, são repassadas de bom-humor, no texto e nas ilustrações.

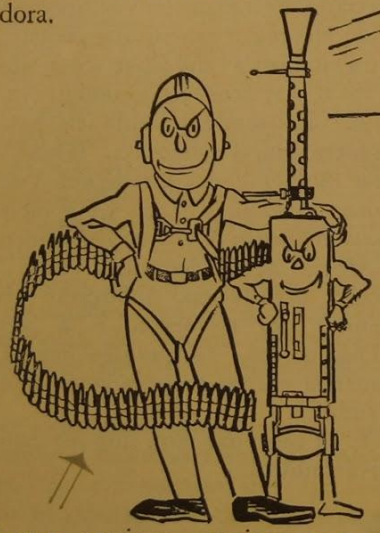
«A 4.500 metros de altitude, sem oxigênio, o homem porta-se como uma mocinha boba num cabaré barato»—eis uma imagem que *fica!*

Pergunta a gente quem é que teve a idéia inspirada de que os manuais militares não precisam ser insípidos como água da louça, e quem é que escreveu estes, e a resposta é só: «Divisão de Treino, Serviço Aeronáutico». Pseudônimo (ou Anônimo) de alguns dos mais brilhantes escritores e ilustradores americanos, que atualmente envergam o uniforme...

SENSO DO TIRO

Tenha presente que você não anda aquí como um piloto escabriado, mas como *atirador* com o diabo no corpo—o avião é apenas uma plataforma que serve para levar até lá cima a sua metralhadora.



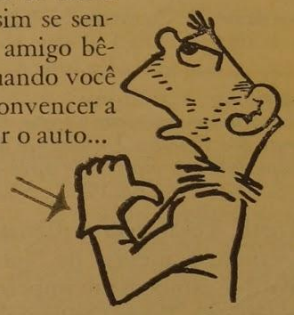


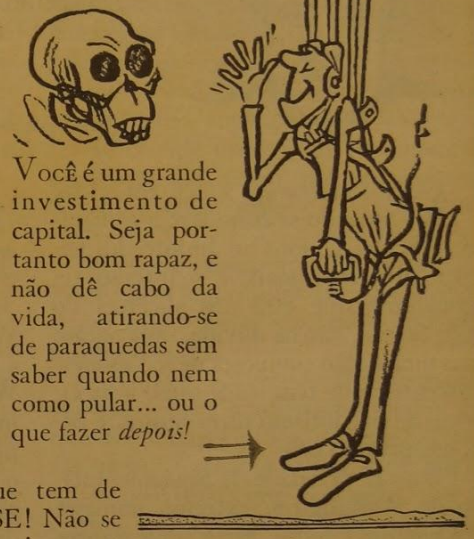
Concorra a jogos esportivos. Os jogos de bola são os melhores para os atiradores, porque treinam o golpe-de-vista.

Assim, pratique, pratique, e torne a praticar! Aprenda a estar «à vontade com a sua metralhadora».

SENSO DO PARAQUEDAS

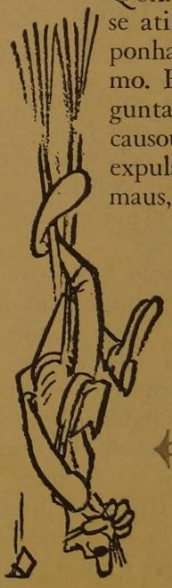
Comece a usar a máscara de oxigênio quando o altímetro lho aconselhar—e não se ponha a fazer farol: «Eu cá sou um bamba! Sinto-me fino!» Está claro que se sente fino! Assim se sente o seu amigo bêbado, quando você o quer convencer a não guiar o auto...





Você é um grande investimento de capital. Seja portanto bom rapaz, e não dê cabo da vida, atirando-se de paraquedas sem saber quando nem como pular... ou o que fazer *depois!*

Quando souber que tem de se atirar—ATIRE-SE! Não se ponha a discutir consigo mesmo. E de nada lhe serve perguntar ao «gênio mau» que lhe causou a encrenca... Ele será expulso do grêmio dos gênios maus, se abrir a boca!



Abra e estique bem as pernas antes de puxar a corda do paraquedas. Os saltos mortais são coisa muito gozada, e podem lhe dar a sensação de que voltou à mocidade, mas isso quer dizer tambem que quando você puxa a corda, as suspensões do pano vão com certeza sair-lhe entre as pernas, e você fará a descida de cabeça para baixo! Isso dá-lhe uma excelente vista do terreno, lá em baixo, mas a postura é muito pouco confortavel, nada digna, e você pode até perder os objetos que leve nos bolsos! E se perde o seu livro de endereços—onde é que há-de ir passar os serões?...

Epístola aos ingleses

Transmitida oralmente pelo autor na Associação das Câmaras de Comércio Britânicas

Por Eric A. Johnston

Presidente da Câmara de Comércio dos Estados Unidos

Um norte-americano trata da terra e da gente dos Estados Unidos—e de como estes cooperarão no mundo de após-guerra.

A PRIMEIRA coisa a ter em vista, quando se considerem os Estados Unidos no âmbito dos negócios internacionais, é o intenso regionalismo que está nos alicerces do país. Somos, não há dúvida, uma nação; mas uma nação composta de seções efervescentes, que têm, cada qual, uma espécie de patriotismo intra-muros, e para seu próprio uso.

Eu nasci na cidade de Spokane, estado de Washington, extremo noroeste dos Estados Unidos. Meus conterrâneos não se contentam de chamar sua região uma região; qualificam-na de império. Seus imensos campos de trigo, magníficos pomares, montanhas colossais, estupendas quedas de água, gigantescas florestas, inspiram-lhes toda a adjetivação de que se preza Hollywood.

Já os cidadãos, entretanto, de Fort Worth, Texas, não se dignam de tomar a sério as grandezas do Noroeste. Fort Worth é tambem um império, o grande império do Texas Ocidental. Terá sido provavelmente de Fort Worth que veio o imortal texano, a quem coube declarar, antes de Pearl Harbor: «Se os Estados Unidos forem à guerra, o Texas tambem irá!»

Esse localismo sentimental, que se espalha por todo o país, é alimentado ou fortalecido, assim pela nossa economia, como pelas nossas políticas, que são, uma e outras, e sob muitos aspectos, diferentes das inglesas.

Vossa organização financeira faz do país uma unidade, muito mais do que o é de fato o nosso. Vossos grandes bancos têm sucursais ou agências em toda a Inglaterra. Nós temos fortes estabelecimentos bancários independentes, de localidade em localidade. Os jornais de Londres circulam e são lidos amplamente pela Grã Bretanha inteira. São poucos, no entanto, os americanos, fora de Washington, que lêem regularmente algum dos jornais da nossa capital. Todas as vossas estações de rádio são propriedade e exploração de uma única agência, de carater público, a British Broadcasting Corporation. As nossas são, todas elas, de propriedade privada, e centenas funcionam sob a direção independente de proprietários locais.

Vosso governo nacional é completamente soberano. O nosso, não; tem apenas os poderes que o povo lhe conferiu expressamente. A cláusula mais expressiva da nossa Constituição é a que prescreve que todos os *demais* poderes continuam a residir nos estados ou no próprio povo.

É um erro descrever os Estados Unidos como uma união soberana de estados soberanos. Só o povo é soberano. O povo de cada estado dá ao seu governo estadual os poderes que julga necessários, retendo consigo o resto. De maneira análoga, o povo de todos os estados outorga, em conjunto, ao governo nacional, os poderes que entende bastarem, retendo o resto consigo.

Esse funcionamento conciente da soberania popular—com autoridade para *dar* poderes ao governo, para *recusar* poderes ao governo, e, acima de tudo, para *retirar* poderes ao governo—é o fato político básico do sistema americano. Junte-se isso aos nossos sentimentos regionalistas, e ao modo como se distribuem as nossas forças bancárias, da imprensa e do rádio; que teremos, então?

O que temos, em conclusão, é justamente a média dos espíritos nos Estados Unidos; é o cidadão que vê com grandes reservas qualquer dominação centralizada, não importa qual seja o setor de que porventura se trate, e que está sempre a dirigir cruzadas no sentido de pôr abaixo monopólios privados, e máquinas burocráticas oficiais, armadas de poderes excessivos.

Ora, o que este cidadão é, nos Estados Unidos, sê-lo-á quando o transportarmos para o terreno internacional. Não se mudam as manchas de um leopardo pelo simples fato de pô-lo num jardim zoológico. Um dos pontos fracos mais nocivos, em certa classe de planejadores de reconstruções mundiais, é a sua ingênua suposição de que, instalando na mesma jaula internacional leopardos, leões, antílopes e elefantes, entrarão eles de pronto em cruzamento, resultando daí como que um tipo de animal internacional.

INVOCO a vossa atenção para três «sintomas» americanos que não deixam de ser importantes, do ponto de vista internacional.

O primeiro é a convicção inabalavel, em que se acha o americano médio, de que os Estados Unidos, caldeando muitas raças, formaram uma raça nova. Quer isso dizer que devemos, uns e outros, pôr um ponto final em todo palanfrório a respeito de ser o sangue mais denso do que a água, ou do fato de Shakespeare haver escrito o *Hamlet* em língua inglesa. Sabemos que a legislação parlamentar que conduziu à revolta as colônias americanas era escrita igualmente em inglês; como não ignoramos que durante um largo período não foi senão com os ingleses que nós, os americanos, tivemos as nossas principais guerras externas e disputas diplomáticas.

Um incidente, que muito diz sobre o assunto, vem da minha própria região, que foi em tempo chamada, nos Estados Unidos, Território do Oregon. Os ingleses se julgavam com direito à sua posse, porque Sir Francis Drake, numa de suas viagens, esteve a olhar para aquilo. Os americanos alegavam que a terra lhes pertencia, porque o nosso capitão Gray navegara, certa vez, por um dos rios que a banham. Concordamos afinal, americanos e ingleses, numa ocupação conjunta, para um governo, em conjunto, da zona disputada. Veja-se

ERIC A. JOHNSTON é talvez o mais dinâmico intérprete que os homens de negócios americanos têm encontrado em muitos anos, e seguramente, no gênero, um dos mais populares e persuasivos. A Câmara de Comércio dos Estados Unidos abriu mão de uma praxe, quando o elegeu seu presidente com a idade apenas de 46 anos.

Depois de ter percorrido a América do Sul como presidente da Comissão de Fomento Interamericano dos Estados Unidos, foi recentemente convidado a visitar a Inglaterra para tratar do problema da colaboração comercial, após a guerra.

Eric Johnston é de Spokane, Washington, onde dirige com êxito uma empresa de eletricidade. Mas principiou como vendedor de jornais, e serviu na última guerra, no posto de capitão de fuzileiros navais.

agora a que resultado afinal chegamos!

Ingleses e americanos, éramos certamente àquele tempo mais do mesmo sangue do que hoje. Sem embargo, não nos foi possivel manter, em termos amigaveis, aquela conjunta ocupação e governo do Território do Oregon. Houve um fracasso contínuo, e que em suma só conduziu à agravação do atrito.

A essa altura, James K. Polk propôs-se à Presidência da República sob a promessa de que poria os ingleses fora do Território, pelas armas. Seu estribilho, a propósito, agradava mais ao povo americano que qualquer tópico de Shakespeare.

Polk foi eleito, e só não houve a guerra com os ingleses porque ele, quase imediatamente, meteu-se noutra com o México.

O incidente revela duas coisas. Uma, é que governos e ocupações conjuntas de áreas geográficas não correspondem na prática aos fins que se têm em vista. Outra, é que litígios podem ocorrer entre povos cujo sangue tenha a mesma densidade, com a mesma facilidade, nem mais nem menos, com que se suscitam entre quaisquer outros.

Permití-me, contudo, que vos fale com absoluta clareza. Pertenço ao número dos americanos que desejam amizade íntima, e intensa cooperação com a Inglaterra. Separados, poderemos converter-nos, americanos e ingleses, em rivais, perigosos uns aos outros. Juntos, não é dificil que sejamos, com as nossas manufaturas, as nossas exportações, as nossas aplicações de capital, a força mais poderosa com que se conte no mundo, para elevar a um nivel mais condigno de prosperidade e cultura todas as regiões do planeta.

Não é, todavia, na base do sentimentalismo racial, que a nossa cooperação deve firmar-se. Se repudiamos o racismo quando o vemos nos alemães, não é lícito que o queiramos em nós mesmos. Podemos cooperar, e havemos de fazê-lo, se a cooperação visar de fato altos objetivos, de carater mundial.

Passo agora a tratar da segunda «mancha» que o leopardo americano apresenta. Os americanos, como disse, são intransigentemente incompativeis com os monopólios artificiais privados. Onde quer que a competição seja natural e praticavel, exigem que seja mantida.

Virtualmente, entre as grandes nações do mundo, só os Estados Unidos têm legislado, acentuada e repetidamente, contra o artificialismo em monopólios e práticas de comércio. Expedientes domésticos, como sejam a divisão de mercados, a distribuição de produções, a fixação de preços por grupos comerciais,—as nossas leis, expressamente, os proibem.

Nenhum americano, portanto, pode sinceramente, ou em conciência, prometer-vos cooperar em qualquer sistema de cartéis, a estender-se pelo mundo. A nossa lei e a nossa própria índole são hostís a tais processos. Para o americano médio, tratar-se-ia, em última análise, de imperialismo econômico, do qual é adversário, por assim dizer instintivo.

Não o é menos do imperialismo político. A política de Boa Vizinhança do Presidente Roosevelt, para com a América Latina, não é um mero ponto de programa, porventura pessoal. Foi o Presidente Coolidge quem deu início a tal política, fazendo retirar de Santo Domingo os nossos fuzileiros navais. Foram eles tambem retirados de Nicarágua e Haití. Perante Cuba, renunciamos ao nosso direito, assegurado em tratado, de intervir nos negócios cubanos. Já nos comprometemos com os filipinos a reconhecer-lhes a independência em data definida. Temo-nos afastado em toda a linha do imperialismo político em que fomos mergulhados pelo Presidente McKinley e pela guerra hispano-americana, e hoje em dia o americano médio não tem ambição, qualquer que seja, de vê-lo restaurado.

Não se deduza daí que os americanos pretendam insinuar aos ingleses o que estes devam fazer quanto ao Império Britânico, ou que propendam, de qualquer maneira, para promover a revisão dos vossos métodos econômicos ou políticos, em negócios internacionais. Tão-pouco têm a intenção de rever os seus próprios, ou de preconizar de qualquer modo o domínio, econômico ou político —e ainda menos exercê-lo—de povo sobre povo, seja onde for, no planeta. Porem só extremados teóricos, sem maiores responsabilidades, imaginam instituir, num novo orbe terrestre, um novo paraiso. Os americanos em geral desejam, partindo do atual estado de coisas, ver de que modo lhes será possivel cooperar com os ingleses, certos aliás da praticabilidade de tal cooperação, sem constrangimento para nenhuma das partes, senão com benefício para ambas, e para o resto do mundo.

Ou muito me engano, ou vejo uma garantia de cooperação nesse terreno precisamente na terceira das peculiaridades americanas que estou a pôr em relevo. O americano normal é empreendedor e animador—qualidade suscetivel de ser utilizada num sentido internacional. Já se observa, nos Estados Unidos, um grande interesse em descobrir meios práticos de desenvolver a capacidade de lucro, e por conseguinte de compra, nas regiões do globo onde tal capacidade se revela demasiadamente restrita.

Não podereis, por exemplo, vender muitas máquinas de costura aos camponeses bolivianos, se a Bolívia não tiver sua própria economia um tanto sólida e próspera. Resulta que muitos homens de negócio, nos Estados Unidos, estão a considerar, não só apenas como vender à Bolívia, mas tambem como promover o desenvolvimento do país, mediante o devido emprego das próprias energias do seu povo.

O fenômeno boliviano é o mesmo de, pelo menos, trinta outras nações, que necessitam de ser estimuladas interiormente. Entenda-se bem que não tenho em mira, no caso, medidas de carater filantrópico, em auxílio dos chamados povos atrazados. Não pretendo que estes povos sejam convertidos em pupilos das grandes nações. Sou contra o poder econômio arbitrário que se destinasse a explorá-los, mas sou igualmente contra o complacente poder econômico que tentasse empobrecê-los.

As regiões, não desenvolvidas, do mundo, desejam o concurso do nosso capital, americano e inglês, contanto porem que se misture com o nosso o seu próprio capital e representação. Um após outro, homens de negócios, de país em país que visitei, na minha recente excursão pela América do Sul, manifestaram-me espontaneamente o mesmo ponto de vista, dir-se-ia nos mesmos termos:

«Necessitamos de assistência técnica, e novos capitais, vindos de fora. Mas temos tambem dinheiro. Gostaríamos de ver associados os recursos internos aos externos, operando conjuntamente, para o fim de elevar-nos do nivel de colônias econômicas ao de povos em gozo de independência econômica.»

Não eu que tenha receio do que possa estar contido em semelhantes manifestações. Recebo-as, ao contrário, com prazer. Quanto mais um país prosperar sob o ponto de vista econômico, tanto mais irá comprando. Vós, os ingleses, sois hoje o país, no mundo, mais completamente industrializado—o que não impede que sejais, para nós, americanos, de fato o melhor freguês.

Dispomos atualmente, os americanos, de maior capital que o vosso. Sois entretanto mais aptos para administrar o capital, no labirinto dos créditos, moedas e câmbios internacionais. Tendes a maior habilidade; nós, o maior peso. Vamos juntar os dois, mas nestas bases:

O capital empregado será capital *privado*, capital *livre*, capital *de competição*. Nesse consórcio anglo-americano, estará compreendida a associação de todo e qualquer capital que voluntariamente se apresente nas regiões onde se venham a fazer as aplicações respectivas. E disponhamo-nos a rejubilar-nos, em vez de retrair-nos, sempre que tais regiões se mostrem vivas e atentas no zelo dos seus próprios interesses.

Creio não serem outras as premissas que podem servir de fundamento à união das forças capitalistas, americanas e inglesas. Semelhante orientação representaria certamente uma nova prova prática do princípio de desenvolvimento que está firmemente enraizado no pensamento, no espírito, do que se chamará o tipo médio do homem de negócios americano. Entende ele que toda a gente deve ter uma boa cidade onde morar. Nem se lhe afigura grande coisa que se faça de Chunquim, Teerã, ou qualquer outro lugar, um centro maior e melhor, com um sem número de pessoas possuindo casas próprias, e a comprar mais geladeiras e instrumentos agrícolas. Tudo isso, ele o compreende num relâmpago.

Mas que tem tudo isso com a paz? A relação é evidente; porque, atrás do conceito do melhoramento da cidade onde se assenta a lareira, há subentendida uma visão no sentido de um país, tambem melhor, e, em suma, de um melhor mundo.

Eis porque não procuro escusas para o nosso localismo americano. Ao invés, orgulho-me dele, como que a vê-lo acenar com uma sã esperança para o gênero humano, mais próximo, como é, da criatura em si mesma, homens e mulheres. Falamos demais em *povos*, no conjunto; e não bastante do *povo* que faz ou levanta uma localidade. Só entretanto por meio de boas localidades, poderemos ter um bom mundo; como é verdade igualmente que as boas localidades só se fazem com povo bom, e só por um mundo bom nos será lícito alcançar a paz.

Um bom mundo, baseado em boas localidades—um todo, próspero e são, baseado em partes sãs e prósperas—revelará aos olhos humanos, fatigados e céticos, a verdade fundamental, sobre que a paz deverá ser construida: a da eterna identidade dos desejos e aspirações humanos, que é afinal a verdade da essencial fraternidade dos homens.

¶ Religião é o que o indivíduo faz de sua própria solidão. Quem nunca esteve só, nunca foi religioso.

—Dean Inge

Não se pode negar que a burocracia arranja maneiras engenhosas de matar o tempo . . .

O Secretário Ickes, em fevereiro deste ano, fundou um novo Conselho destinado à elucidação e exata pronúncia de nomes geográficos. Malgrado a crise de auxiliares em Washington, o Conselheiro-Chefe Meredith F. Burrill encontrou 110 empregados e, ao tempo de nossa entrevista, andava em busca de mais vinte e cinco ou trinta.

—Em janeiro de 1943, diante da confusão criada quanto à pronúncia de nomes geográficos, o Secretário Ickes fundou o novo Conselho, informou o dr. Burrill.

Falamos ao dr. Burrill sobre a sua série de escritórios no Novo Edifício do Ministério do Interior. Mostrava-se atento e satisfeito, mas inclinado a conservar-se reservado ao primeiro contacto.

—Precisamos ser cautelosos com aqueles com quem falamos, há-de compreender.

O Conselho já preparou uma relação de nomes com as respectivas pronúncias corretas—nomes aliás que figuram na publicidade diária, como sejam: Bizerta, Amchitka, Kharkov, Sebastopol, etc.

—No nosso próprio país,—continuou o dr. Burrill—há cidades conhecidas por denominações que vão de seis a oito. Esse é um problema exasperante, e pelo qual não atentara ainda nenhuma organização oficial. Investigaremos os antecedentes da localidade, para obter uma decisão segura quanto ao nome que lhe compete. Quero insistir no fato de estarmos preparados para efetuar um trabalho rápido em qualquer caso desse gênero. Outro problema a resolver é este: suponha que vai seguindo por uma estrada, e vê uma cadeia de montanhas, geralmente conhecida por Messabi. Mais tarde, passando por outra estrada, observará a mesma cadeia, já aí entretanto conhecida por nome diferente. Nosso trabalho é, com o auxílio das verificações devidas, uniformizar as denominações.

O dr. Burrill tambem se referiu ao que viria a acontecer se o Mississipi subitamente se desviasse dos seus canais que rumam para Nova-Orleãs, e desaguasse no Lago Pontchartrain. Como se chamaria o novo rio? Seria ele ainda Mississipi, ou começaria a ser conhecido por Pontchartrain, ou por um nome derivado de ambos? E que nome teria a velha cabeceira do rio, reduzido a não ter mais um pingo de água?

Se tal coisa ocorresse, o dr. Burrill fixaria prontamente as denominações antes mesmo que a Cruz Vermelha chegasse ao local do fenômeno, porque—e ele o acentuou—«a rapidez é a essência de nosso trabalho».

Para assegurar essa rapidez, o dr. Burrill organizou duas divisões cada uma com

cinco seções. A Divisão de Pesquisas abrange: Investigação Regional, Processo de Averiguação Linguística e Histórica, e Origens Materiais e Cartográficas. Sob o título de Arquivos e Serviços, figuram: Administração, Catálogos Onomásticos, Promulgação, Inquirições, e Fichas Estenográficas.

Enquanto o dr. Burrill se concentra no exame dos problemas de mais vulto, o Diretor-Assistente, Edwin J. Foscue trata dos pormenores. Ouvimos o dr. Foscue perguntar à estenógrafa do dr. Burrill de que maneira pronunciava «what».

—«Watt»—disse ela—como se estivesse a referir-se a uma lâmpada elétrica.

—Já o previa, replicou ele.—A questão de pronúncia vai ser uma das nossas maiores dificuldades. Um exemplo: pode-se pronunciar «What» de quatro modos diversos—«whut», «wot», «watt» ou «what», tudo dependendo do que se pretenda dizer.

De volta ao nosso próprio escritório, telefonamos a cinco congressistas para perguntar-lhes o que conheciam sobre a nova Organização. Nenhum ainda ouvira falar nela.

—Larston D. Farrar, *Nation's Business*

«Ménage à trois»...no Zoo

¶ Dois calaus cristados de Samatra viviam felizes, bem casados, no Jardim Zoológico de Nova York. Horas e horas seguidas, ternamente empoleirados a par, quando chegava a hora das refeições, o macho muitas vezes escolhia um petisquinho e presenteava com ele a esposa. A dedicação daquele casal era um exemplo e um estímulo para todos os pares de noivos que visitavam o Jardim.

Ora um dia, entrou em cena certo pássaro recem-chegado—um calau indiano, de bico em cavalete, instalado pelo curador das aves numa gaiola contígua à do par de Samatra.

Assim que chegou, o indiano, macho jovem de sangue na guelra, começou deitando o rabo do olho para a fêmea vizinha, paredes-meias, e atirando-lhe olhares sorrateiros e provocadores. A dama não viu objeção, e, com o tempo, passou a pousar cada vez mais perto da rede de arame que separava as gaiolas.

Uma tarde, à hora da ração, o pássaro indiano pegou uma uva sumarenta da sua bandeja e arremessou-a através da rede. A fêmea deitou-lhe o bico, e volveu ao galã um olhar de ternura e tímida surpresa, qual dona que acabasse de ser presenteada com um colar de pérolas por um galante admirador...

No instante imediato, porem, já ela estava estendida no chão da gaiola, sob as garras do irado esposo, que batia as asas e estendia o aguçado bico ameaçador! Saltou-lhe da boca o bago de uva. Ela não opôs resistência, e deixando-a, por fim, o macho recuou para o fundo e ficou a olhá-la. A dona pôs-se em pé, tornou a apanhar a uva, e fez então esta coisa tocante e feminina: ofereceu-a docemente ao esposo.

E o marau, com um olho de sarcasmo pousado no calau da Índia, papou-a num abrir e fechar de olhos!

William Bridges, N.Y. Zoological Society

¶ *Ibn Saud, que é um dos «mãos-fortes» do mundo, vive, como o seu reino, envolto em mistério*

Rei da Arábia pelo seu próprio esforço

(Condensado da «Life»)

Por Noel F. Busch

No outono de 1943, quando Abdul Aziz Ibn Saud, rei da Arábia, fazia a sua peregrinação anual à santa cidade de Meca, rebentou de repente um pneumático do seu real sedã Packard. Sua majestade apeou, e foi sentar-se tranquilamente na areia, enquanto os súditos lhe reparavam o pneu. Nessa altura, um pastor que passava montado no seu camelo, deteve-se e perguntou se não tinham visto passar o rei. Ibn Saud, guardando o incógnito, inquiriu das razões por que o pastor queria saber isso.

«Ouví dizer que o rei estava a caminho de Meca,—explicou o pegureiro—e queria ver se ele me dava algum dinheiro com que eu pudesse ir tambem de romagem à Cidade do Profeta.»

Abrindo, qual Harum-al-Raxide, o milagroso saco que sempre traz à cinta, para um caso de urgência, o rei presenteou o pastor com um punhado de moedas de ouro. O moço olhou o dinheiro, depois ergueu os olhos para o soberano, e disse:

«Obrigado, Abdul Aziz! Não podia reconhecer-te pela face, mas a tua generosidade diz-me quem tu és!»

A cena a que este encontro deu lugar, e que parece tirada das *Mil e uma Noites*, é típica do rei e do seu país. Como a Arábia não tem cinema nem jornais populares, a cara de Ibn Saud não é familiar aos seus súditos. E não se estranhe que o pastor tratasse o rei pelo primeiro nome: a coisa é perfeitamente conforme às regras da etiqueta!

Ibn Saud dispensa perfeitamente as complicações protocolares que, nas monarquias constitucionais, disfarçam pomposamente a carência de verdadeira autoridade dos reis. Monarca absoluto, ele é o mais importante de quantos ainda restam no mundo: acumulando a um tempo as funções de presidente, juiz supremo, primeiro ministro, secretário do Tesouro, pontífice máximo, generalíssimo, juiz de paz e chefe da guarda. Acessivel por assim dizer a todo o mundo, ele recebe diariamente vastas coortes de seus vassalos, na sala do trono do real palácio de Riad.

Esta sala do trono não excede em majestade à de qualquer delegacia de polícia moderna, tendo mesmo sobre a

Eis aquí a reportagem que Noel F. Busch, um dos mais antigos redatores da *Life*, escreveu sobre a recente visita que fez à Arábia, como hóspede do rei Ibn Saud. Antes dele, nenhum jornalista não maometano tinha tido permissão para visitar Riad, a capital do deserto. Até diplomatas acreditados permanecem em Jedda, à margem do Mar Vermelho, a centenas de quilômetros de distância. Usando trajes árabes, o autor gastou cinco dias em Riad e nas circunvizinhanças, hóspede do príncipe real.

mesa um telefone e um *buzzer* elétrico. Numa alcova, para a direita de sua majestade, ficam sentados quase todos os áulicos mais importantes, e alguns dos filhos mais velhos do rei, que alí podem conversar à vontade, sem deixarem de ficar ao alcance do chamado do seu real senhor, em caso de necessidade. Com 63 anos de idade, e apesar das suas velhas cicatrizes de muitos golpes de espada e balázios, que o obrigam a caminhar com certo vagar, o rei Ibn Saud dá a impressão de ser mais jovem do que nos revela o calendário. Deve-se isto em parte à sua voz de baixo, às suas respostas prontas, e gestos vivos e expressivos; e talvez tambem ao fato de ele pertencer a um mundo mais novo...

Medido pela bitola dos seus feitos—que o levaram a arredondar o mais vasto dos reinos árabes desde que se acabaram os tempos áureos do Islão—Ibn Saud ombreia com as figuras máximas suas coevas. Personagem supremo do mundo islâmico, o fato de estar de posse das santas cidades de Meca e Medina, torna-o não só o primeiro de todos os 30 milhões de árabes do Próximo Oriente, mas tambem o comendador de 220 milhões de crentes islamitas largamente derramados pelo mundo.

Para todos os efeitos práticos, a Arábia Saudí é um país fechado aos cristãos, e não chega a cem o número de europeus e americanos que nos tempos modernos têm visitado as suas fortalezas do deserto. Não obstante, a situação da Arábia, que domina duas das três estradas disponiveis para o Próximo Oriente, faz dela um fator essencial dos planos das Nações Unidas, não só para o abastecimento da Rússia e da Índia, como do Levante e África do Norte. Alem disso, tanto a ilha de Barem, no golfo Pérsico, como a costa da Arábia, em Phahran, são importantes estações de reabastecimento de combustiveis para as forças das Nações Unidas.

No decurso da segunda Guerra Mundial, como durante a primeira, que precedeu a ocupação das santas cidades pelo rei Ibn Saud, este manteve uma neutralidade simpática, que foi de grande vantagem para a Inglaterra. Se, antes desta guerra, Ibn Saud se tivesse posto ao lado do Eixo, que aliás não se poupou a esforços para o persuadir a fazê-lo, ter-se-ia mostrado dificil, se não impossivel, expulsar os italianos da Abissínia e da Eritréia. E se Ibn Saud houvesse hesitado há um ano, a revolta pro-fascista do Iraque, que veio a redundar mais tarde na entrada do Iraque na guerra, ao lado das Nações Unidas, poderia ter tido outras e menos agradaveis consequências.

A confiança de Ibn Saud nas Nações Unidas, e o apoio que ele lhes dava, exigiam tanta coragem quanta perspicácia na altura em que Rommel, há pouco mais de um ano, se encontrava às portas de Alexandria. O caso resolveu-se a bem de todos os interessados, e atualmente Ibn Saud goza não só da gratidão dos Estados Unidos e da Inglaterra, tangivelmente expressa em carregamentos de ouro, cereais e veículos sob acordos de arrendamento-empréstimo, mas tambem da dos seus súditos, os quais, em troca do poder outorgado ao soberano, esperam dele naturalmente um juizo quase infalivel, e as vantagens respectivas.

A Arábia, sob o governo de Ibn Saud, ainda não se aproximou dos niveis de cultura e prosperidade de tantas outras nações. Os seus habitantes não se revelam demasiado sensiveis aos benefícios do progresso material, como seja a aviação. Ainda não há muito tempo, por

exemplo, um piloto que, lá das alturas, procurava com o olhar uma das raras bombas de gasolina que se encontram pelo deserto veio aterrar junto dela para encher os tanques. O beduino que prestava serviço na estação encheu-lhe o depósito e, mais tarde, limitou-se a relatar que um dos carros que alí parara durante o dia tinha largado pelo ar, à partida, em vez de rodar em terra como os mais...

Reconhecendo a importância crescente de Ibn Saud, o Departamento do Estado acreditou Alexander Kirk, que já era ministro no Egito, na qualidade de ministro dos Estados Unidos na Arábia Saudí; e em 1942 Kirk fez a sua primeira visita oficial, vindo do Cairo por avião. Um engenheiro da «California Arabian Standard Oil» traçou no deserto as faixas de aterragem, a pouca distância de Riad, e sentou-se a um aparelho de rádio de campanha para orientar o piloto que se aproximava da pista.

Juntou-se em volta dele um numeroso grupo de beduinos, um dos quais perguntou o que é que a «caixinha» estava dizendo: a resposta foi que, daí a cerca de hora e meia, um passarão baixaria do céu trazendo vários homens no bojo. Quando o avião se apresentou, esperava o engenheiro que o beduino considerasse o rádio-emissor e o avião como uma espécie de duplo milagre. Em vez disso, o beduino fez notar com muito espírito crítico que o aparelho tinha chegado dez minutos antes da hora marcada...

S.M. Ibn Saud é o tipo do *self-made man*, mas em altíssimo grau, à estatura dos heróis. Em 1880, ano em que ele nasceu, a Arábia fazia parte, nominalmente, do Império Turco. Na realidade o grande país desértico vivia entre quatro muralhas, isolado do resto do mundo como uma folha de pergaminho depositada na pedra angular de um continente. Nas vastas e ofuscantes planuras da Arábia, varridas de vento, e no dédalo escuro de suas cidades muralhadas, travavam-se guerras secretas entre guerreiros islamitas que se batiam a golpes de espada ou de lança, e soltando gritos e exclamações de guerra como se ouviam no tempo da Reconquista e das Cruzadas.

Numa dessas guerras, o tetravô de Ibn-Saud conquistou a maior parte da península. Pela altura de 1880, porem, os antigos domínios dos Saud estavam reduzidos a pouco mais que nada, e haviam caido nas mãos, sobretudo da poderosa família dos Raxide. Ibn Saud ainda não tinha dez anos quando viu todo o seu clã forçado ao exílio e à miséria. Foi portanto educado na idéia de que o seu destino era reconquistar todo o território que fora outrora domínio de seus maiores.

O seu primeiro ato de destino—tinha ele então 21 anos—foi um golpe de mão de inaudita audácia contra Riad, que tomou assistido de dez homens apenas, e que durante os quinze anos subsequentes ele soube manter contra todos os esforços dos Raxide para de lá o expulsarem. Veio a primeira guerra mundial, e os Raxide tomaram o partido dos turcos. Foi a sua perda. Em 1921 Ibn Saud, auxiliado pelos ingleses, capturava os últimos representantes da família. Fiel, embora extravagantemente, aos preceitos árabes de tolerância e generosidade para com o vencido, fê-los transportar para a sua mesma capital, onde ainda hoje vivem. Os príncipes Raxide frequentam as mesmas escolas que os filhos de Ibn Saud, e competem com estes nas

corridas hípicas. Entretanto, se bem que os moços da casa de Saud possam casar-se com moças da família Raxide, os desta não podem aspirar à mão de nenhuma donzela da real família...

A Arábia consta de três regiões principais. A vitória de Ibn Saud sobre os Raxide tinha-lhe dado desde 1901 o domínio da região central, o Nedjed. Restava-lhe conquistar as duas restantes: Hasa, na costa oriental—aos turcos, em 1914; e o Hejaz, terra santa dos islamitas, completando a restauração do antigo reino Saudí. Proclamado rei da Arábia, Ibn Saud deu entrada na Santa Cidade do Profeta em atitude adequadamente humilde, envergando o traje do peregrino, que consiste num par de toalhas.

A primeira das inovações ocidentais a ser introduzida por Ibn Saud foi o automovel. Em contraste com o resto da população, que nunca foi censitada, mas poderá exceder bem quatro milhões, e ainda hoje não possuirá senão umas centenas de autos,—o rei possue, só ele, mil ou mais carros. Quando se põe em marcha para Meca, acompanhado da numerosa parentela, e todos os anos ele o faz com extrema devoção, arrasta atrás de si um comboio de uns duzentos veículos, incluindo caminhões e auto-vagões, levando serviçais, guardas, cozinheiros, construtores de tendas, mecânicos, peças e acessórios, e os rebanhos de carneiros e bandos de galinhas que irão sendo consumidos pelo caminho...

Prestar assistência e cuidados a cerca de 250 mil peregrinos maometanos que anualmente visitam Meca, é uma das principais funções do trono—e uma das suas pingues fontes de receita. Nos dias de outrora, quando esses romeiros eram considerados boa presa para salteadores, eles não podiam sequer transpor com tranquilidade o último trecho do caminho, uns 80 quilômetros de Jedda a Meca, sem levarem uma escolta armada. Mandava a tradição que qualquer árabe, necessitando muito de uma coisa, tinha direito a tirá-la a outra pessoa que, mercê da generosidade diurna, a possuisse em abundância. O rei restituiu a peregrinação ao seu prístino esplendor, acabando com os salteadores, e como incentivo à boa conduta ainda por cima restabeleceu as antigas penalidades do Corão contra o roubo e o homicídio: mutilação e decapitação, nada menos.

A renda total do soberano é integrada, em partes aproximadamente iguais, pela peregrinação dos crentes, o governo britânico e a «California Arabian Standard Oil». Ora, uma vez que a peregrinação sofreu com a guerra um sério desfalque, o deficit, se é que disso algum deficit resultou, é coberto pelas outras duas fontes de receita. O rei dispensa, no manejo dos fundos do Estado, todas as formalidades orçamentárias, e não possue um serviço de reserva federal. Sendo que a alimentação nacional da Arábia consta de arroz e café, e que ambos gêneros é preciso importá-los, o problema capital do dia presente é o fomento dos recursos agrícolas da nação. Durante o inverno de 1942 o Departamento de Estado dos E.U.A. mandou à Arábia uma missão, que percorreu 16 mil quilômetros, estudando as possibilidades do país. Entretanto, o ministro da Real Fazenda está procedendo a pesquisas em larga escala sobre um projeto de recuperação de terras, não longe de Riad, onde os poços naturais tornam possivel irrigar uns 1.300 hectares de terras de alta fertilidade, que produzem trigo e vegetais.

O melhoramento das comunicações no âmbito dos seus domínios habilitou Ibn Saud a levar longe as suas reformas e a torná-las efetivas. Os xeiques mantêm o soberano minuciosamente informado de tudo que se passa nos seus domínios, por meio da rádio-telefonia e telegrafia, a um ponto inconcebivel para os cidadãos de nações em que o governo tem caraterísticas menos pessoais. Ao passo que os beduinos, seguidos dos seus rebanhos, podem circular à vontade pelo país, outros viajantes precisam de obter primeiro o expresso consentimento do rei. E a jornada é passo por passo e etapa por etapa, descrita em relatórios ao soberano.

Isto de administrar um país do tamanho da Arábia como se fosse uma loja de frutas, impõe pesadas exigências de tempo ao chefe da nação. Depois de ler o Corão durante uma hora, antes do amanhecer, e de assistir às preces matutinas com o nascer do sol, o rei toma um banho, asperge-se prodigamente com essência de rosas—de que, como a maioria dos árabes de extração nobre, gosta até o exagero—e em seguida, faz a primeira colação do seu dia, que consiste de café e chá.

Após este pequeno almoço, S.M. apresenta-se em corte e convoca seus ministros, um por um, para que o informem do que houver sucedido desde o dia anterior. E estes informes podem respeitar a não importa que assunto, desde a notícia de uma insurreição entre as tribos do Norte, até a de um automovel que ficou encravado na lama, quando vinha a caminho de Riad.

Há hoje três intérpretes adidos à corte, que escutam as rádio-emissões de notícias do estrangeiro, e as traduzem para o rei a intervalos regulares durante o dia. Na sua qualidade de perito militar de vasta experiência pessoal, o rei sabe provavelmente mais da marcha da guerra atual do que muitos funcionários de Washington ou de Londres. Ibn Saud inclina-se a esperar que a guerra acabe em 1944, com a vitória dos Aliados.

Os árabes costumam contar o tempo desde o nascer do sol, em vez de o contarem a partir da meia-noite. Por volta das três, ou seja, umas quatro horas depois de acordar, o rei tem geralmente despachado o seu expediente administrativo de maior urgência, e está pronto para tomar mais uma gota de chá e café. O café árabe, que se bebe sem açucar e com muito tempero de especiarias, vai-se pondo, às colheres, em tigelinhas redondas do tamanho de cálices de Porto. O chá, antecipadamente açucarado, bebe-se por copos altos, para «empurrar». Pela altura em que el-rei despejou na alcatifa a sua última gota de café, para mostrar que findou, a corte está pronta a receber os visitantes.

O rei assiste pessoalmente às preces do meio-dia, e muitas vezes prega mesmo o seu pequeno sermão sobre algum texto do Corão. Um dos seus mais famosos sermões dizia respeito a uma passagem algo obscura em que o Profeta observa que alguns indivíduos poderão ir dar com os ossos no Purgatório pelas boas ações que praticaram, enquanto outros poderão subir ao Céu pelas más. «O que o Profeta quer dizer aquí—explicou o rei—é que, se os homens de bem podem ser tentados a cometer o pecado do orgulho, os maus estão pelo menos expostos à virtude do arrependimento.»

Como sucede com a maioria dos que visitam qualquer outra capital, os seus hóspedes têm quase sempre algum favor

a pedir, e cada um deles vem munido do seu memorial com as pretensões que deseja ver satisfeitas. Tabulados pelos xeiques segundo a ordem da sua importância, esses memoriais são apresentados ao rei depois do seu almoço, e ele toma decisões sobre cada um deles. Pelo fim da tarde, os visitantes de Sua Majestade esperam a sua passagem para lhe agradecer a generosidade ou pedir mais. O rei tem sempre o cuidado de não deixar que ninguem saia de Riad sem levar um presente apropriado. Para os estrangeiros famosos ou xeiques de importância, tem sempre relógios, capotes e moedas de ouro. Para os visitantes mais pobres, mandou montar uma formidavel cozinha popular, onde qualquer beduino pode receber uma refeição: basta-lhe pedí-la.

Quanto aos amores, posto que submetendo-se às restrições do Corão relativas ao matrimônio, o rei da Arábia não tem deixado de seguir as suas mais generosas disposições sobre divórcio. Com efeito, se bem que nunca tenha tido mais de quatro esposas de cada vez, Ibn Saud teve entre cem e duzentas mulheres no curso da sua vida de adulto. Esposas e concubinas vivem na mais perfeita das harmonias, sendo que até muitas das ex-mulheres do soberano, apesar do divórcio, continuam vivendo nos aposentos femininos contíguos à corte.

Está calculado que o número de príncipes nascidos de tanto casamento atinge a 31: mas esse cômputo é, provavelmente, de excessiva moderação. Saud, príncipe herdeiro, é governador de Riad, e um dos ministros mais jovens e mais queridos de seu pai: Feisal, filho segundo, desempenha as funções de ministro de relações exteriores, e passa a maior parte do seu tempo em Jedda, porto do mar Vermelho e única cidade da Arábia onde é permitido aos europeus residir.

Desde sempre um decidido e firme amigo dos ingleses, Ibn Saud é pelo menos igualmente parcial a favor dos americanos, que são seus parceiros nas duas únicas empresas estrangeiras que funcionam na Arábia: uma delas é a «Saudi Arabian Mining Syndicate» (Sindicato Mineiro da Arábia Saudí) que se ocupa da exploração do ouro em jazidas que já rendiam o precioso metal ao tempo de Jesús Cristo.

Excedendo de longe, em importância, qualquer outra grande empresa comercial na Arábia, temos, é claro, a «California Arabian Standard Oil», cujo movimento seria impressionante mesmo numa comunidade como a Califórnia, quanto mais na Arábia onde a fortuna líquida se exprime muitas vezes nuns poucos quartilhos de leite de camela. A presença da C.A.S.O. é grata aos árabes por muitas razões, alem das puramente financeiras. As suas oficinas mecânicas em Dharan constituem uma base muito acessivel para reparação dos numerosos automoveis do rei. Os engenheiros da companhia dão tambem a sua ajuda às obras de recuperação de El Kharj, e prestam muitos outros serviços, como por exemplo na questão dos poços: desde a aurora dos tempos que os poços superficiais têm sido o problema capital da Arábia. Ora a escavação de poços é um brinquedo de meninos para engenheiros especializados em abrir furos petrolíferos; e atualmente, o aprofundamento dos poços de água, na Arábia, tornou-se para esses técnicos um ramerrão cotidiano, que eles praticam como prova de reconhecimento pelas boas graças do dono da terra...

A qualidade talvez mais simpática de Ibn Saud, é uma confiança verdadeiramente angélica na eventual perfectibilidade das coisas. Não lhe causou grande surpresa que Alá, tendo dado à Arábia as chuvas de outros tempos, lhe conceda agora a graça de ter petróleo tambem. Nem lhe causará grande surpresa que Deus acabe assegurando aos Aliados não apenas a desejada vitória, mas tambem esse mundo honesto, próspero e tranquilo que a deve acompanhar.

O Pied Piper de Vaagsö

¶Saimos de nosso destróier de madrugada, em botes de fundo chato, para fazer uma incursão de *comandos* em Vaagsö, na Noruega. Ao chegarmos à costa, subitamente ouvimos, acima do ruido das metralhadoras alemãs, a música de uma gaita de foles. Um major escocês, à popa de um bote, estava tocando, de pé, constituindo um perfeito alvo para as balas nazistas. Foi ferido duas vezes—no rosto e na mão—mas somente parou de tocar para dizer, meio sorridente: «Rapazes, a gente chega lá!» E nós bem sabíamos que chegávamos.

Quando desembarcamos, os alemães se puseram de tocaia nas casas. Carregando granadas e metralhadoras, fomos avançando cautelosamente pela rua principal, observando todas as janelas. «Onde é que estarão as crianças?» murmurou o major, que caminhava ao meu lado. «Eu tambem tenho um par de garotos. Olhe lá,» disse ele, subitamente se interrompendo, e apontando para a janela de um sobrado.

Uma mulher, que parecia um espetro, muito branca e descarnada, estava apontando para baixo. Um alemão estava de tocaia no andar térreo. Eu e o major entramos. Na cozinha, encontramos o nazista, segurando, à altura do peito, como um escudo, uma criança que choramingava. O major meteu-lhe uma bala entre os olhos e apanhou a criança antes dela cair.

Nas janelas das outras casas, começaram a surgir mulheres e crianças famintas e doentias. Uma cidade de mortos-vivos rapidamente aparecia, fazendo sinais que se multiplicavam. No primeiro bloco de casas, matamos pelo menos 30 nazistas. De súbito, o major sentiu um puxão na manga. Era a mulher que primeiro nos havia dado sinal, trazendo o seu filhinho e uma pequena valise. «Por favor, levem-nos com os senhores» disse ela em norueguês.

O major deu um muchocho. «Por Deus», exclamou ele, «sou tocador de gaita, mas não quer isso dizer que eu seja o *Pied Piper* de Vaagsö e possa levar comigo os fugitivos da cidade!»

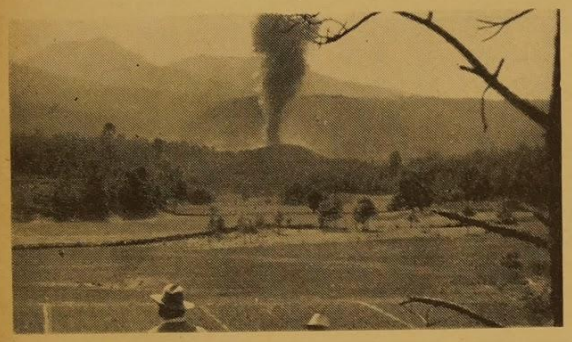
Depois de várias horas de luta, quarteirão em quarteirão, pela cidade, já se havia formado atrás de nós uma fila de cerca de 50 mulheres e crianças. Ao entardecer, fizemos contacto com os demais grupos da nossa expedição. Atrás deles havia outras filas ainda mais longas de crianças e mulheres!

Um grupo de homens de Vaagsö veio assistir à partida dos nossos botes, que iam conduzir suas famílias para terras livres. Eles não pediram para vir conosco—e sabiam que tinham que se haver com os alemães, quando estes regressassem. Escurecia quando partimos. Viéramos, na madrugada, a uma cidade de mortos-vivos. Tinha havido um breve período de ressurreição, mas agora, atrás de nós, ficava mais uma vez uma cidade de mortos-vivos.

Nasce um vulcão no Continente Americano

Em fevereiro de 1943 rebentou numa fazenda mexicana infernal erupção vulcânica, cuja lava ainda devasta a região, afugentando milhares de pessoas de suas casas.

(Condensado da «Pan American») . . . . . *Por Lois Mattox Miller*



O Paracutin em seus primeiros momentos

O «PEON» mexicano Dionísio Pulido, que possuia uma pequena fazenda no estado de Michoacan, a uns 290 quilômetros para ocidente da capital do México, é talvez o único homem que tenha assistido ao rebentar de um vulcão, um dos mais tremendos espetáculos da natureza.

No sábado, 20 de fevereiro de 1943, pela tarde, Dionísio tinha acabado de lavrar um campo, e parara para descansar um momento, quando de repente viu elevar-se da terra, a uns cincoenta metros de distância, uma fina coluna de fumaça branca.

Disse o lavrador que várias coisas anormais tinham já acontecido na sua fazenda nesse dia. De manhã cedo, a terra começara a tremer violentamente. Notara depois que os regos de terra lavrada estavam tão quentes, que lhe escaldavam a sola dos pés. Agora aparecia aquela fumaça inexplicavel. Aproximando-se para averiguar o que poderia ser, ouviu um ruido abafado «como se se houvesse desarrolhado uma garrafa gigantesca». A coluna de fumo tornou-se mais espessa e, subitamente, pareceu ter sido disparada para o ar por uma força titânica. Dionísio lançou-se a correr, para ir buscar a mulher.

Os Pulidos não voltaram a ver sua lavoura de milho. Quando Dionísio tentava excitadamente dar pressa à mulher incrédula, houve um grande tremor de terra, tão forte que o registaram os sismógrafos de Nova York, a 3.622 km. de distância; e, ao conseguir desembaraçar-se das ruinas da sua cabana, passou os olhos pelo campo, e viu a sua terra de milho vomitando fogo, e lançando ao ar pedregulhos enormes e toneladas de areia.

Quando os Pulidos, cambaleando, conseguiram finalmente abrir caminho pela terra que tremia, para a próxima aldeia de Paracutin, tudo aí era tambem aflição, ruina, morticínio. A estrada estava coalhada de gente que fugia aterrada, em busca de salvamento. Chales e cobertores abarrotados de objetos pessoais apinhavam-se nos carros. O padre clamava por homens robustos para transportarem a imagem de Nossa Senhora dos Milagres.

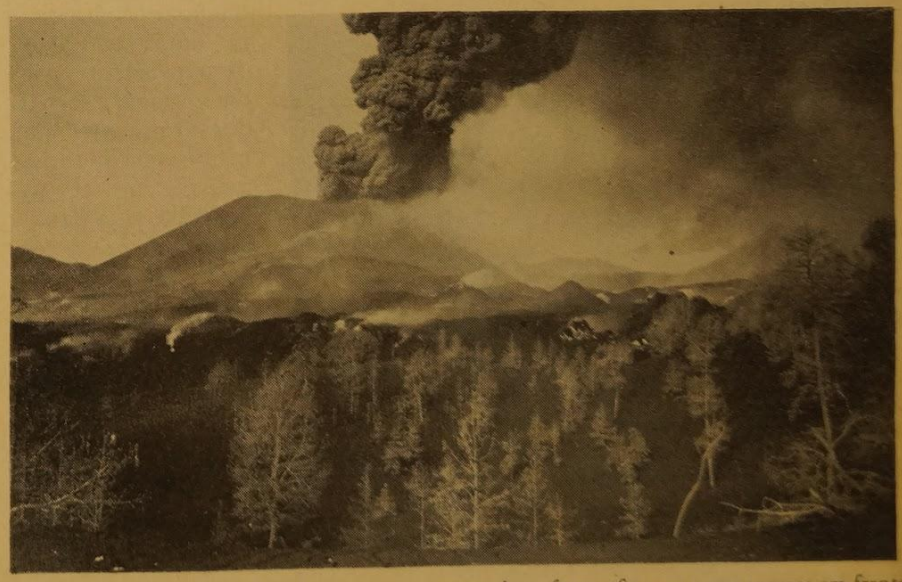
Em Paracutin não anoitecia, porque o vulcão, que fora outrora a fazenda de Dionísio Pulido, iluminava agora toda

a paisagem, fulgurando intensamente, mesmo através da densa cortina de fumaça e de asfixiantes vapores de enxofre. Línguas de fogo saltavam para o ar, e blocos de pedra candente eram arremessados a centenas de metros de altura. Durante todo este tempo, formidaveis explosões alçavam ou abatiam o chão, como a fazê-lo ondular. Ouvia-se um ribombar contínuo, «como centenas de canhões disparando em uníssono,» diziam as autoridades. Nuvens de fina cinza negra chegaram até aos tetos de casas da cidade do México, a 289 km. de distância.

Mas o peor estava para vir! Na terceira noite, o cone da cratera, que parecia uma imensa caldeira rubra, começou a lançar a primeira torrente de lava. Fervendo como o minério derretido de mil crisóis, emergia das entranhas da terra, e precipitava-se rolando, das paredes da cratera como uma onda de 6 metros de espessura e 60 de largura, cambiando gradualmente dum branco ofuscante para um vermelho brilhante, à medida que ia descendo pelo vale, levando a morte ao que encontrava pelo caminho.

Oficiais do governo, geólogos, repórteres e fotógrafos acorreram de toda parte ao vale flagelado. Arriscaram-se até à fazenda de Dionísio, por cima da crosta de lava endurecida que já agora cobria a aldeia de Paracutin, e aproximaram-se da grande cortina de fogo que circundava aquele milharal transformado num inferno. Alí permaneceram alguns dias, estudando o assombroso fenômeno do aparecimento de um vulcão no Novo Mundo—o primeiro desde 1759.

Desde que o vulcão se manifestou, houve por seis vezes uma ligeira calma nas suas erupções. A cada pausa se seguiu uma explosão formidavel, que aterrorizou novamente as próprias povoações mais distantes. À sexta vez, a



O Paracutin cresce dia a dia: observe-se o contraste desta fotografia com a que aparece em frente

10 de junho, o Paracutin—que é como se chama o novo monstro, por ter tomado o nome da aldeia que tragou—abriu nova cratera a pouca distância da original, e um novo rio de lava derretida começou a correr para outro vale. A princípio avançava uns 300 metros por dia; um mês depois tinha-se espraiado por tal superfície, que a orla apenas podia arrastar-se uns 3 metros diários.

Os dois vales jazem agora sepultos debaixo de profundas camadas de lava, cinza e pedras vulcânicas. O vulcão domina a planície duma altura de 400 metros, e tem na base um diâmetro de mais de um quilômetro.

Ao voar na direção do vulcão, comecei a notar os seus primeiros efeitos devastadores a uma distância de 120 quilômetros. Montes e vales outrora verdejantes apresentavam-se agora cobertos de cinzas escuras. As hortas e pomares desapareceram. Flechas de igrejas emergiam de montanhas de entulho sob que o resto havia desaparecido. As nascentes secaram, e o rio Cupatitzo é apenas um vagaroso regato de lodo. Em breve avistava-se uma gigantesca coluna de fumo, elevando-se em espiral para o céu, desde a boca da cratera até atingir a incrivel altura de mais de 6 mil metros. Cada quatro segundos havia novo jacto de fumo, toneladas de pedra eram lançadas com rugido para o ar, e um largo veio de lava incandescente esguichava a uma altura de mais de 300 metros, para vir derramar-se pelas arestas da cratera, numa massa que depois descia pelas abas, formando dois regos enormes. Devido ao calor intenso e às muitas partículas de pedra esbraseada que voavam em volta de nós, as janelas do avião iam fechadas; isso não impedia, no entanto, que entrasse uma sufocante fumaça de enxofre que nos provocava a tosse.

O êxodo: o vulcão desaloja os habitantes da região

Este fumo crescente, os pedregulhos disparados (alguns maiores que o nosso pequeno aeroplano) e a lava ardente, enchiam-nos de receio, quando o avião pairava mais perto.

Aterramos na aldeia de Uruapan, a uns 30 quilômetros do vulcão. A povoação está coberta duma espessa poeira vulcânica, que se transforma em lama pegajosa, quando chove. Os telhados vergam sob o peso das cinzas, que se acumulam mais rapidamente do que o tempo necessário para limpá-las. Mais de 500 visitantes por dia invadem a região declarada oficialmente zona de turismo. Há um serviço de ônibus para Uruapan, embora os últimos quinze km. de estrada tenham que ser continuamente desembaraçados das cinzas por grupos de trabalhadores. De Uruapan os turistas seguem de automovel, ou montados em mulas, até o limite da zona oficial de segurança, a cerca de dois quilômetros da base do vulcão.

Parangaricutiro, uma aldeia a que os habitantes preferem dar o nome de San Juan, encontra-se no limite da zona. Dalí por diante há apenas cinzas, lava, rugidos e pavor. O governo mexicano insiste em que San Juan está condenada a desaparecer, e por isso tentou evacuar os seus habitantes. Mas estes recusam-se a partir, embora tenham que lutar dia e noite contra as cinzas, suando ao duro trabalho das pás. Estão ganhando mais dinheiro que nunca, vendendo comida aos turistas, alugando-lhes mulas e cavalos, e servindo-lhes de guias.

Numa área de 160 quilômetros quadrados não existe nada verde, nem sequer erva. A 80 quilômetros as culturas tenras murcham, e só conseguem sobreviver as mais resistentes, como árvores e arbustos. Esse desastre trouxe a desolação completa a sete aldeias, e prejuizos enormes a muitas outras. Nos terrenos ferteis, cada vez que o vento muda de direção e espalha uma camada de cinzas, a vegetação esmorece e morre. As aves caem mortas a meio do vôo, e quase se não encontra água, porque secaram todas as fontes.

O Secretário de Beneficência Pública mandou um corpo de médicos, enfermeiras e agentes da assistência social, para auxiliarem a transferência de mais de 8.000 pessoas desta desventurada região.

Isso não parou ainda. A fúria do vulcão Paracutin não mostra sinais de abrandar. Terriveis explosões continuam a lançar pelos ares grande quantidade de pedras candentes que ao cair se acumulam em volta da cratera, e a fazem cada vez mais alta; a proporção do aumento mostra que a quantidade de material lançado das suas entranhas não diminue. A lava continua a saltar em repuxo, depois cai e serpeia pela montanha abaixo. De noite esta torrente parece uma cascata de fogo. E os mexicanos dizem que «o diabo ainda anda à solta».

Há muitas maneiras de matar pulgas

¶ A QUEDA prematura das folhas de *kiri*—árvore cientificamente conhecida por *paulownia*—representa na mitologia japonesa um anúncio de morte. Tendo averiguado esse fato, o Departamento de Informação de Guerra dos E.U.A. (OWI) conseguiu que os bombardeiros americanos soltassem sobre os japoneses da ilha de Atú grande quantidade de folhas imitando as de kiri. Muitos folhetos de propaganda são igualmente concebidos para tocar a corda poética da alma japonesa e a sua devoção ao imperador. Assim, reza um deles: «Antes que volte a Primavera, as bombas da América cairão como folhas de kiri, acarretando desgraça e maus prenúncios. A queda de cada uma dessas folhas é a profecia do aniquilamento dos militaristas.» Outra, em forma de folha de tung, cita um poema escrito pelo próprio imperador: «Doces são os dias de paz...»

Adpt. do *N.Y. Herald Tribune* e de Thomas M. Johnson, *Ithaca Journal*

Retalhos do drama cotidiano

—V—

Por Edwin Balmer
(Redator do «Redbook Magazine»)

ACONTECEU O FATO que vou narrar na Era do Jaze, logo após a Primeira Guerra Mundial, quando era moda ser cínico e os princípios morais eram ridicularizados. Morávamos em Chicago, à beira do Lago Míchigan, e por essa época viemos a ter como vizinhos um jovem casal que, como muitos outros, havia feito um casamento apressado, durante os anos de guerra.

Até então a vida conjugal de Clara e Fred, como lhes chamarei, se limitara a momentos de emoção excessiva, entrecortados de períodos de grande tensão nervosa; duas ou três semanas de felicidade extrema interrompida por longos meses de separação. Agora, como tantos outros da sua idade, tinham que se conformar com a monotonia da rotina diária, e habituar-se ao convívio constante em circunstâncias muitas vezes prosaicas.

Num dia de feriado, em setembro de 1919, estavam eles brigando de novo; as cenas e discussões já tinham começado havia meses. Se bem que ainda se quisessem bastante, parecia que o casamento deles andava mal parado. Tinham ambos concordado que era antiquado e sem graça sairem sempre juntos, de modo que, naquele dia justamente, era Carlos, um amigo comum, que ia levar Clara para passear e Fred acompanharia outra moça sua conhecida.

O jovem casal bebera vários coquetéis, enquanto esperava por Carlos que devia vir buscar Clara em casa. Fred repetira com ironia um comentário que ouvira sobre Carlos àquela tarde, Clara se aborrecera e a discussão se tornou azeda.

Nisso, o apito estridente de uma locomotiva interrompeu-lhes a altercação. Não parecia ser um apito comum pois rasgara o ar com uma estridência súbita e assustadora, para cessar tambem bruscamente. O que acontecera naquele instante, a um quilômetro de distância, Clara e Fred não podiam saber.

OUTRO CASAL tambem resolvera sair para passear àquela noite de feriado. Eram eles Mary e William Tanner, e são estes seus verdadeiros nomes.

Estavam casados há mais tempo que Clara e Fred e os pequenos problemas que pudessem ter tido na vida em comum já haviam sido resolvidos há muito. Mary e William amavam-se profundamente.

Naquela noite, depois do jantar, resolveram ir a pé até o cinema. Mas ao atravessarem a passagem de nivel Mary escorregou e seu pé ficou preso entre o trilho e as tábuas que formavam a passagem. Ela não conseguia soltar o pé nem descalçar o sapato. Enquanto isto aproximava-se um trem expresso.

Teriam tido tempo suficiente para atravessarem a pé o leito da estrada, mas agora, ao se demorarem procurando livrar o pé de Mary, os minutos voavam.

O maquinista do trem só os viu quando deparou com eles de repente na sua frente, no meio da linha; imediatamente puxou a corda do apito, cortou o

vapor e aplicou os freios. Viam-se três vultos na passagem de nivel pois o sinaleiro tambem correra em auxílio de Mary.

William Tanner, de joelhos, procurava febrilmente desatar o sapato da esposa, mas já não havia mais tempo para isto; ajudado pelo sinaleiro, tentou ainda, desesperadamente, arrancá-la a força dalí, mas o barulho ensurdecedor do trem já estava perto demais.

«É inutil!» gritou o sinaleiro. «Não podemos mais salvá-la.»

Mary, que compreendera perfeitamente a situação, gritava para o marido: «Me deixe, Willy, me deixe!» procurando empurrá-lo para longe.

William Tanner teve um rápido segundo para pensar. Era impossivel salvar Mary mas ele ainda podia escapar. Por entre o troar das rodas do trem que se lançavam sobre os dois, o sinaleiro pôde ouví-lo que dizia à mulher: «Eu fico com você, Mary.»

SERIA FALSO dizermos que o som daquele apito fizera com que Clara e Fred parassem de brigar; mas o fato é que o acidente na passagem de nivel interrompera o trânsito por alí e ao querer Carlos atravessar a estrada para ir à casa de Fred, foi obrigado a parar. Ele não procurou, no entanto, passar por outro caminho. Preferiu voltar para casa e telefonar.

Fred atendeu ao telefone:—Você quer falar com Clara...

—Não. Você mesmo serve, disse Carlos com uma voz soturna e diferente. —Fred, é favor você dizer a Clara que não vou mais buscá-la para passearmos.

Fred perguntou espantado o que havia, e Carlos hesitou um momento por não saber bem o que dizer.—Você conhecia o casal Tanner? perguntou ele.

—Tanner? Tanner? Fred procurou lembrar-se.—Ah, sim. Sei quem são. Pacatos demais, não acha?

—É... muito pacatos, murmurou Carlos, e desligou o telefone.

Um pouco mais tarde, uns vizinhos, de passagem por casa de Fred, contaram como se dera a tragédia.

...«O marido podia ter escapado mas não quis abandoná-la. Abraçou-se com ela resolutamente e o sinaleiro ouviu-o dizer: «Eu fico com você, Mary.» E lá ficaram os dois, abraçados... o farol do trem bem em cima deles. Ele não quis deixá-la sozinha.»

Um ato de abnegação como este serve muitas vezes para mostrar com uma clareza implacavel o que há de egoismo mesquinho nas nossas próprias ações. William Tanner revelou com sua morte a existência de um sentimento ideal que os outros procuravam negar; lançou aos cínicos e chasqueadores um desafio a que não podiam responder. E cada moça que ouvia contar os detalhes da tragédia era levada a se perguntar a si-mesma: «Terei eu conseguido fazer com que algum homem tenha por mim tanto amor?» E os homens eram forçados a pensar: «Que sei eu sobre o amor se nunca percebí em mim um sentimento bastante forte que pudesse levar-me a uma ação dessas?»

Tenho certeza que a mudança verificada na maneira de viver de Clara e Fred pode ser de certa maneira atribuida ao acontecimento daquela noite. E muitos outros tambem mudaram de maneira de pensar, pois começaram a desconfiar que, se Will Tanner fora levado a se sacrificar daquele modo, é porque devia haver no amor conjugal reservas de sentimentos profundos que certamente lhes eram de todo desconhecidas.

Soldados abalados mentalmente pelos horrores da guerra vão sendo curados e restituidos ao serviço pelos psiquiatras do exército

Como se curam hoje as neuroses de guerra

Por Frederick C. Painton

Correspondente de guerra do Reader's Digest no Mediterrâneo

UM SARGENTO americano de infantaria conduzia o seu pelotão para o alto de umas escarpas, queimadas pelo sol, que ficam alem da cidade de Ena, na Sicília. Dias seguidos, ele e os seus homens, mal dormidos e mal alimentados, haviam permanecido sob o ruido constante de metralhadoras e canhões. Súbito, uma bateria de obuses italianos, situada à sua esquerda, lançou duas granadas. O sargento, ouvindo o som caraterístico dos projeteis a cortar o espaço, gritou aos seus comandados que se abaixassem, e fez o mesmo. As bombas cairam perto, e explodiram. Três dos soldados morreram. O sargento foi arremessado duas vezes no ar por efeito das terriveis concussões que a explosão produziu.

Visivelmente ileso, levantou-se, e, sendo um oficial inferior com a exata noção do seu dever, prosseguiu com os sobreviventes no desempenho do encargo que lhe fora confiado de capturar a posição. Mais tarde, num interregno tranquilo, eis que estremeceu sobressaltado, ao olhar para a sua mão direita. Estava ela metida no bolso, e só com o auxílio da esquerda conseguiu levantá-la, mas para vê-la cair de novo, como inerte. Contrariado, apreensivo, tentou reanimá-la com pequenas pancadas. Não havia, porem, sensibilidade. Mão e braço estavam sem dúvida paralisados.

Deixou-se ficar assim por alguns dias, quase uma semana, sem recorrer ao médico, na esperança de que, de um momento para outro, recuperaria os movimentos. Afinal, como não se confirmasse a sua expectativa, não houve jeito senão baixar ao hospital. Examinado detidamente, não se lhe encontrou ferimento de espécie alguma. Um psiquiatra deu-lhe uma dose de pentotal de sódio, e sob a ação deste hipnótico, o sargento moveu livremente o braço, a mão, e os dedos. Fixou-se-lhe então o diagnóstico: «exhaustão»; e foi ele segregado para tratamento especial.

Se o caso houvesse ocorrido na Iª guerra mundial, tê-lo-iam atribuido a «neurose traumática», que era então em geral o responsavel pelas psiconeuroses verificadas no curso das operações militares, e praticamente não se aplicaria nenhum tratamento curativo. Nas linhas de frente, era dificil aos médicos distinguir entre as vítimas de neuroses reais, e os que se deviam ter por embusteiros. Muitos dos combatentes viam-se assim suspeitados de estar simulando sintomas de várias enfermidades, para escapar desse modo ao fogo do combate. Os outros soldados atiravam-lhes em rosto o epíteto de «amarelos», o que só contribuia para

agravar-lhes o estado. Impunha-se-lhes, a seguir, um duro tratamento. Isolados, não podiam receber visitas, nem cartas; e escolhiam-se, para ministrar-lhes, remédios incômodos, repugnantes, amargos. Admitia-se que, em tais condições, acabariam talvez preferindo voltar às fileiras a suportar o rigor de semelhantes métodos de cura. Desnecessário é dizer que muito poucos se restabeleceram; suas neuroses de guerra tenderam, ao contrário, a acentuar-se. Milhares deles foram devolvidos aos respectivos lugares de residência, onde se tornaram um onus público. Os hospitais neuropsiquiátricos, mantidos pelo governo, encheram-se destes destroços, remanescentes da guerra.

Só mais tarde—muito tarde demais—se compreendeu que aqueles homens foram atingidos realmente por um dos danos ou males mais terriveis que a guerra pode infligir.

A alta porcentagem de casos de neurose na primeira guerra mundial foi atribuida, algum tempo, à relativa facilidade, sob o ponto de vista do exame de sanidade mental, com que se faziam as admissões no exército. Assim, quando em 1940 se restabeleceu a conscrição, as exigências quanto a condições, tanto mentais como físicas, tornaram-se rigorosas. Sem embargo, iniciada que foi a campanha da África do Norte, as neuroses de guerra, a que ainda se dava o nome de «neurose traumática» (shell-shock), entraram, do mesmo modo, a manifestar-se, e atingindo indistintamente homens dos mais vários tipos, quanto a coeficientes de ordem mental.

Todavia, desta vez, o serviço médico do exército está deliberado a tratar de outra maneira os jovens acometidos de desordens nervosas. O tenente-coronel Perrin H. Long, que já serviu no Hospital Johns Hopkins, e atualmente faz parte do pessoal do Corpo de Saude em atividade na África do Norte, teve ocasião de dizer-me: «O que a medicina tem feito aquí de mais importante é a prática de um tratamento que vai curando doentes de neuroses de guerra, os quais regressam à linha de combate, ou vão trabalhar utilmente, embora não combatendo, na retaguarda. Todos eles voltarão à vida de paz em condições de reajustamento a atividades uteis. O homem a quem se deve sobretudo o salvamento de tantos soldados, para a própria função militar, é o major Frederick Hanson.»

Conversei com o major Hanson, anteriormente médico clínico em Montreal, Canadá—magro, jovem, usando óculos, muito modesto, e que só saiu da quietude, para falar com grande animação, quando eu lhe fiz referência à «neurose traumática».

«Não existe a «neurose traumática», respondeu-me incontinente. «Essa expressão foi usada na última guerra, porque então os médicos admitiam que as vítimas de neuroses tinham sofrido concussão cerebral, oriunda de explosões. Foram entretanto muito poucos os casos efetivamente de concussão cerebral. Mas o nome «neurose traumática» estava lançado, e persistiu, fazendo grande mal. O soldado que recebia tal diagnóstico, supunha-se logo vítima de insanidade mental e peorava. Assim, aquí na África, preferimos dizer «exhaustão», que é o termo provavelmente mais adequado aos vários tipos de neurose de guerra.

«Outra coisa a ter em mente, é que a exhaustão, ou a neurose de guerra, não distingue entre os soldados. A bravura ou a cobardia pouco influem no caso. Tãopouco exerce influência o tempo de

treinamento militar que o homem tenha tido. Homens selecionados, como sejam pilotos e tripulantes de aviões de combate e bombardeio, podem apresentar os mesmos sintomas.

«A causa mais decisiva da exhaustão estará na luta íntima entre o desejo de bem cumprir o dever e o instinto poderoso que incita a poupar a vida. Não nos esqueçamos de que o medo é a reação normal do ser humano em perigo de morte. Todos os soldados vão para a batalha em estado de angústia. Mas conseguem dominá-la pela força de vontade, auxiliada pela experiência.

«Como quer que seja, a luta dura e constante, coincidindo com a irregularidade de alimentação e de sono, conduz à exhaustação física. Os riscos tremendos que se correm a cada instante acabam esgotando os nervos. Quanto mais se declara a exhaustão física, tanto mais a inquietação se torna insuperavel. Até que, um dado momento, uma explosão de granada, ou a morte de um amigo, representa o papel da última gota que faz transbordar a taça. O que deles se ouve mais frequentemente são frases como esta:—Aguentei o mais que pude; mas já não podia mais.»

O caso é de fazer pena. Na Sicília, no auge da luta, viam-se soldados a chorar histericamente, ou recuando, a vagar, das linhas de frente, como sonâmbulos. Traziam na face a palidez do terror; olhos vagos, boca lassa; tremiam como se estivessem com frio; andavam com os joelhos a dobrar como se não pudessem suportar o peso do próprio corpo. Alguns não podiam dizer uma palavra, senão a gaguejar. Como crianças em confusão, assustadas, estremeciam violentamente ao mais leve ruido. E eram como crianças, no modo aflito como pediam socorro.

Dir-se-ia que nunca mais se poderiam restabelecer. O tratamento, entretanto, fazia maravilhas. Davam-se-lhes sedativos, para ajudar-lhes o sono; alimentação regular, e aquecimento; enquanto, por outro lado, sob a ação narcótica do pentotal, tratava-se de livrá-los mentalmente do pesadelo que os oprimia. Explicava-lhes o psiquiatra o que lhes havia sucedido, e as razões do fenômeno, falando-lhes em termos destinados a revigorar-lhes o eu. Em vez de submetê-los à situação de doentes, mantinha-se-lhes a disciplina de soldados, deixando-os em contacto com os homens das suas próprias unidades. O fato é que muitos se restabeleceram dentro de quatro a cinco semanas, e alguns mesmo em poucos dias.

Mas uma conclusão se tirou: das vítimas de exhaustão mandadas para hospitais, só dois por cento puderam ser devolvidos às linhas de combate. Os majores Hanson e Louis Tureen decidiram fazer a experiência de tratar 95 dos acometidos do mal, na própria linha de frente, ao som dos canhões, e sob ataques aéreos que se verificavam com frequência. Sessenta deles, ao fim de quatro dias, retornavam ao combate; e a inspeção realizada, três semanas depois, relativamente a quarenta e quatro, dos sessenta, mostrou que todos, com exceção de cinco, se haviam portado convenientemente, ainda em fortes refregas. Quase todos permaneceram em pleno serviço ativo, até o fim da campanha, sem recaida. Os 35 que não melhoraram ao termo dos quatro dias, foram mandados para o hospital da base, onde a grande maioria se refez em condições de ser aproveitada em serviços não combatentes.

O major Hanson descreveu um caso típico de angústia, com carater grave:

«No combate, perto de Sedjenane, um soldado de infantaria foi encontrado a vaguear nas imediações, depois de haver suportado muito fogo, de canhões e bombardeios de mergulho. Não falava, tremia fortemente, e bastava se lhe tocasse em qualquer parte do corpo, ainda que fosse com o dedo, para que redobrasse de agitação. Pusemo-lo na cama, alimentamo-lo devidamente, e demos-lhe sedativos para dormir. Passadas duas semanas, o homem podia falar, mas tambem ria e gritava «Bombardeiros de mergulho!» e escondia-se em baixo da cama. Tocava harmônica, porem sempre a mesma música: *Maybe*. E, quando tocava, caía em êxtase, e as lágrimas lhe corriam pelo rosto.

«Sob a narcose do pentotal, revivia as lembranças de guerra, e expandia-se a respeito. Descobrimos que ele partira para a luta preocupado com a situação da mulher que estava grávida. *Maybe* era justamente uma canção de que esta gostava muito. O paciente restabeleceu-se em quatro semanas de tratamento. Não voltará à frente mas poderá exercer atividades normais, e nenhuma desordem mental de carater permanente o transformará, depois da guerra, em carga pública.»

Referiu o major Hanson este outro caso, mais simples:

«Um jovem condutor de tanque tinha estado em constante combate durante muitos dias. Em Kasserine Pass, o sargento do tanque, pondo a cabeça fora da torre, foi atingido no rosto por uma granada 88. O corpo, sem cabeça, caiu para trás, ao lado do condutor. Este parou o tanque, pulou fora, e deitou a correr para um lado e para outro, torcendo as mãos. Trouxeram-no à nossa presença. Manifestava grande depressão física, e não continha as lágrimas. Demos-lhe sedativos, alimentação, e explicamos-lhe o que ocorrera. Decorridos quatro dias, voltava ele à sua unidade, e manteve-se na linha de frente o resto da campanha.»

Depois de uma pausa, observou o major: «Naturalmente, o ideal seria que os oficiais do serviço médico atuassem ainda em tempo de evitar propriamente que a exhaustão dominasse os pacientes, como aliás se procede para com o pessoal dos aviões. Mas, numerosa e dispersa, como é a tropa de terra, não é possivel fazê-lo. Instruimos, todavia, os oficiais médicos em serviço nas linhas avançadas, habilitando-os a reconhecer os sintomas, e interpretar os casos. Quando a tropa se torna mais amadurecida, e de alguma forma expurgada de personalidades menos fortes, o número de casos vai diminuindo.»

Algumas vezes, explicou o major Hanson, o restabelecimento é retardado em virtude ou por efeito de melancolia profunda. Contou então o caso de um jovem tenente de infantaria que foi arremessado ao ar por uma explosão de granada. «Quando o recebemos, ele tremia da cabeça aos pés, e tudo o que podia dizer era «Quem?» Reconheceu um irmão, tambem oficial, mas só por sinais conseguia revelar-lhe o que tinha acontecido. Quando se fazia referência a certos homens da sua companhia, gemia, cobrindo o rosto com as mãos, e em seguida suspirava, e abanava a cabeça. Reconheceu tambem a fotografia da mulher, conservando-a à cabeceira. Aplicamos-lhe o tratamento do costume. Ele porem continuou deprimido; dizia que tinha falhado, deixara de cumprir o seu dever, e nunca mais poderia voltar a sua casa, e encarar a esposa e os pais.

«Tivemos muitos assim. Alguns

pensavam que haviam faltado aos seus camaradas, ou que, por sua culpa, algum companheiro tinha morrido. Em tal hipótese, mostram-se, em geral, obstinados. É contudo espantoso observar quantos destes rapazes ficam firmes, pela simples ação da força de vontade, levando o combate ao fim, para só depois manifestarem os efeitos da exhaustão. Houve dois padioleiros que trabalharam duramente ao longo de toda a campanha. Ainda quando esta se findava, coube-lhes carregar feridos através de uma chuva de granada. Sem embargo, fizeram o serviço, entregando os pacientes ao posto médico respectivo. Em seguida, sentaram-se, rompendo em prantos, numa crise histérica. Dentro de quatro dias, um deles estava bom. O outro, porem, apresentou gaguez, tornando-se a cura dificil. Casos como aquele do sargento que sentia a mão paralisada, são tambem de um tratamento muito dificil e delicado.

«Penso que os numerosos casos de depressão, em que os homens sofrem pela impressão que conservam de terem falhado, mostram o alto senso geral, que predomina, de responsabilidade e dever. Os casos de simulação têm sido poucos. E não têm havido psicoses reais—loucura—produzidas pela guerra. Os únicos soldados atingidos por psicose são os que já traziam consigo precedentes de insanidade.

«Temos adiante de nós uma grande tarefa, e damos apenas os primeiros passos. Mas estamos tratando a exhaustão com indiscutivel êxito; estamos a arrancar homens ao terrivel pesadelo de idéias fixas que os atormentem, e possam desintegrá-los mentalmente. Nossos rapazes voltarão ao seio de suas famílias em boa forma, e não como destroços cambaleantes de um sistema nervoso arruinado.»

Avante, fuzileiro!

¶ Quando eu a vi, ela estava na ponta dos pés, na plataforma da estação, tentando ver, por cima da cabeça dos outros, os viajantes que chegavam. De repente, alguem chamou: «Beth, Beth!» E um alto e espadaudo fuzileiro naval abriu caminho até ela. Contemplaram-se por um momento e, em seguida, estavam um nos braços do outro. E ela, de olhos cerrados, oferecia os lábios, quando o rapaz, já prestes a beijá-la, viu um superior que se aproximava. Imediatamente o jovem fuzileiro se enquadrou, deixando a pobre Beth extática, de olhos cerrados, esperando o beijo. O oficial respondeu à continência, olhou Beth de relance e disse: «Seu moço, uma das primeiras regras do Corpo de Fuzileiros é não hesitar, na tomada de qualquer objetivo. Avante!»

—Louis C. Schneider

FLAGRANTES DA VIDA AMERICANA

Colin MacKenzie era a viva incarnação do espírito independente peculiar aos habitantes de Vermont, razão pela qual sua lembrança permanece inapagada na cidade onde exerceu com êxito e eficiência a profissão de advogado, e foi um zeloso defensor da liberdade própria e coletiva. De aspecto rude, com os cabelos ruivos em constante desalinho, viveu sempre como bem lhe aprouve dizendo sem maior cuidado o que lhe acudia ao pensamento.

Houve um longo intervalo entre a morte da sua primeira mulher, e o segundo casamento de Colin MacKenzie. Alguns de seus amigos afirmavam que nenhuma mulher de juizo seria capaz de casar-se com um homem de tal modo obstinado, o que foi desmentido pelos fatos, quando Colin contraiu novas núpcias, e não com uma jovem de espírito maleavel, mas com uma senhora conhecida pela sua rijeza de carater. A viuva Blanchard era de fato tida e havida, mesmo em Vermont—onde tais coisas são correntes—por pessoa voluntariosa e autoritária. Os vizinhos ficaram a esperar o resultado da experiência por assim dizer com a respiração suspensa.

Colin e a sua nova esposa viviam, entretanto, na maior harmonia, na tranquilidade mais completa, até que surgiu a história do fogão a gás.

A sra. MacKenzie anunciara a todos que pretendia instalar um daqueles fogões na sua cozinha. Fizera eloquentes referências à superioridade do fogão a gás, muito mais limpo, muito mais econômico, e muito menos trabalhoso que o fogão a lenha, constante causador de uma série de aborrecimentos e contratempos; mas os meses se passavam sem que a medida fosse posta em prática. Colin, ao discutir a questão com os amigos, revelou-se inimigo irredutivel dos fogões a gás. É possivel que o matrimônio lhe estivesse abrandando sorrateiramente a rispidez, mas o fato é que os Mackenzies continuavam a cozinhar no fogão a lenha.

Um belo dia, quando o marido se achava ausente por uma semana, a serviço de sua profissão, a sra. MacKenzie comprou, sem mais aquela, o fogão dos seus sonhos. Ou por que não ousasse, ou por qualquer outro motivo, não o pôs exatamente dentro de casa. Fez com que o carpinteiro construisse um telheiro de madeira junto à varanda da cozinha, e o fogão modelo foi colocado naquela espécie de Santuário antes que o esposo regressasse da viagem.

Ninguem sabe ao certo o que se passou entre os dois depois daquilo, mas o fato é que nada transpirou para os ouvidos atentos da vizinhança. Era evidente, contudo, que a esposa ganhara a questão, pois passou a cozinhar sob o telheiro, no fogão que era o símbolo do seu triunfo, até uma dada manhã de domingo...

Colin MacKenzie, regressando da igreja, sentara-se na cadeira de balanço do terraço com um charuto entre os dentes e o jornal nos joelhos, enquanto a esposa preparava a refeição. Ouviu decerto—e só um surdo não teria ouvido—o estrondo que reboou de repente pela casa como a tosse rouca de um gigante, mas os que por alí passavam no

momento afirmam que, quando a mulher entrou correndo pelo terraço, o marido lá estava a ler o seu jornal como se nada houvesse acontecido.

—Colin, gritou ela.—O fogão explodiu!

MacKenzie continuou mergulhado na seção financeira do jornal. Observou apenas:

—Não é de espantar. Sempre achei que havia de explodir.

—Colin, o telheiro pegou fogo!

—Tambem já contava com isto, respondeu Colin, dando um novo impulso à cadeira de balanço.

—Colin, não sei o que fazer!

—Em tais circunstâncias—replicou o marido, como se estivesse a dar algum conselho judiciário—as pessoas costumam chamar os bombeiros.

A mulher correu ao telefone. Enquanto pedia socorro, um som crepitante de madeira fez-se ouvir na direção da cozinha, um cheiro acre de gás encheu a casa, e uma verdadeira multidão aglomerou-se em frente ao jardim. Mas Colin MacKenzie continuava calmamente a fumar e a ler o seu jornal na cadeira de balanço.

Ainda alí se encontrava quando o carro dos bombeiros parou em frente à casa. Parecia ignorar totalmente todo aquele tumulto, enquanto a esposa, no alpendre de madeira, procurava impedir que as chamas se alastrassem. Espantado com a indiferença do dono da casa, o chefe dos bombeiros perguntou-lhe, gritando:

—Homem de Deus, onde é o incêndio?

Colin MacKenzie que acabava de iniciar a leitura da seção dos esportes respondeu calmamente:

—Pergunte à senhora MacKenzie. O incêndio *é dela*.

Viveram depois disto muitos anos em completa união, comendo as refeições que a senhora MacKenzie preparava, claro está no seu velho fogão de lenha.

—Frederic F. Van de Water

Ducha à prussiana

¶ Entre as nossas ocupações de prisioneiros de guerra que éramos, meu camarada e eu fomos um dia destacados para prestar serviço nos chuveiros reservados aos alemães. Vimos entrar uma companhia de soldados, admiravelmente alinhados a cinco de fundo, cantando em coro e marchando quase em passo de ganso. Cada soldado trazia sua toalha enrolada debaixo do braço esquerdo. Deram então entrada, um a um, na sala dos chuveiros.

«Alto! Dispersar! Despir!» gritou o chefe, e todos se despiram. Uma fila de corpos nus esperou que o sargento berrasse: «Avançar! Chuveiro! Lavar! Ensaboar na frente! Ensaboar à retaguarda! Chuveiro! Alto!»

Depois, sempre debaixo de forma, os soldados sairam dos chuveiros, formaram a cinco de fundo, e sairam cantando em coro, quase em passo de ganso, com o sargentinho prussiano na frente...

Constantin Joffé, *We Were Free* (Smith & Durrell)

¶ *Engenheiro habil, pai de família exemplar, pacífico por índole, é o castor um cidadão de bons costumes e grande utilidade*

Irmãos Castores, engenheiros e arquitetos

(Condensado do «Collier's»)

Por Bill Cunningham

A natureza esqueceu-se de ensinar aos castores a arte da luta. Sendo embora um animal de proporções regulares, armado de bons dentes e garras afiadas, é, por índole, tão manso, que nunca lhe ocorreu lutar ou resistir ao ver-se atacado. Prefere trabalhar tranquilamente na construção de represas.

Um castor de tamanho médio tem cerca de oitenta centímetros de comprimento, e uns trinta de altura, e pesa uns vinte e três quilos, mais ou menos. As patas traseiras são chatas e espalmadas como as de um pato; as dianteiras porem, são semelhantes às do macaco. Ao nadar, a cauda, grossa e escamosa, serve-lhe de leme; de pé ou sentado, costuma empregá-la como ponto de apoio, e é ainda por meio dela que transmite as más notícias aos seus companheiros. De fato, quando um castor fareja qualquer perigo, bate na água com a cauda; em dias de bom tempo e calmaria, o ruido que assim faz pode ser ouvido a muitos metros de distância, e todos os castores da redondeza desaparecem repentinamente.

Ao ser surpreendido na praia, corre a meter-se na água. Nada e mergulha como um peixe. Prende então a respiração, relaxando os músculos e fazendo assim com que as pulsações desçam de 100 a 50 por minuto, e afunda como bloco de ferro, podendo permanecer mergulhado uns quinze minutos.

É o inverno glacial do norte que leva o castor a construir represas. Sem estas o congelamento da água não lhes permitiria mergulhar ao sentir-se ameaçado; é dificil, por outro lado, cavar a neve em busca de alimento. O castor constrói portanto a sua própria represa, formando uma verdadeira piscina em cujo fundo lodoso pode guardar os suprimentos do inverno—as cascas de árvore e pedaços de madeira que lhe servem de alimento—e erguer uma segura fortaleza para si e para os seus.

Procura encontrar primeiro alguma floresta rica em árvores de casca delicada—choupos, álamos, salgueiros, ou freixos bravos—cuja casca constitue seu principal alimento. Escolhe sempre um canto da floresta onde exista um riacho.

Quando há correnteza no riacho, nosso astuto engenheiro joga na água algum tronco já seco, e com o auxílio da corrente, leva-o até ao ponto em que pretende construir a represa. Não havendo correnteza, arrasta o tronco no sentido inverso, da nascente para cima.

Uma vez encalhado, o tronco vai-se cobrindo de lodo e acumulando os galhos ou toros de madeira que venham flutuando nas águas do riacho. O castor vem trazendo, por seu turno, punhados

de terra e relva, gravetos, pedras e tudo o que lhe caia nas mãos, formando aos poucos uma espécie de massa resistente. Traz nas patas os punhados de lama que constituem a matéria básica para a construção e, em mergulhos sucessivos, vai aplicando-a de encontro ao tronco com as patas e o focinho.

Começa pelo centro, construindo em seguida as partes laterais em direção a cada margem. As represas variam entre 30 e 300 metros de comprimento. Há uma no Alasca, de 280 metros, em Yellowstone Park, e outra de 130 no Wisconsin.

As colônias são pequenas. Vários castores podem operar em conjunto, mas não parecem dar a menor atenção um ao outro. Preferem trabalhar nas noites de lua, e raramente o fazem durante o dia, a não ser num caso excepcional, como seja o da queda de uma represa.

À medida que as obras avançam, cada par de castores começa a edificar a sua casa. Esta pode ser colocada na própria represa, nas margens do rio, ou numa ilha, no centro da piscina assim formada. É construida sobre galhos, pedras e gravetos tão bem entrelaçados que nunca se desmancha.

Uma vez construida a represa, quando o nivel da água se torna estavel, levantam o aposento principal sobre um chão de madeira seca. Esta peça tem, geralmente, de dois a quatro metros de diâmetro por um e meio ou dois de altura. Há duas entradas por baixo da água. Uma destas é destinada a dar passagem à madeira, e a outra se reserva para o uso dos membros da família. Há ainda uma espécie de comporta extremamente util, caso algum inimigo submersivel surja de sopetão a fazer-lhes uma visita inesperada.

O teto de colmo da cabana só é terminado ao chegarem as primeiras neves do inverno. Os castores, cobrem-se então com uma camada espessa de lama que, ao gelar, forma uma espécie de couraça, resistente e segura. Nenhum animal seria capaz de destruí-la com suas garras. Um par de castores leva geralmente seis meses para construir a habitação com mais vagar. Premidos, porem, pela aproximação do inverno, constroem-na, às vezes, em trinta dias.

Enquanto isto, os suprimentos de madeira «comestivel» para o inverno foram arrastados pelo rio até o ponto em que se encontra a represa, e alí ancorados na lama. Venham depois a neve, o gelo, as tempestades. Quando outros animais morrem de fome nos rigores do inverno, o «papai» castor, num mergulho, traz almoço e jantar para toda a família. Comem a casca dos troncos e dos galhos, e o resto põem de lado, para empregá-lo nos futuros consertos de que a represa e a casa venham porventura a precisar.

Abra-se uma brecha numa dessas represas, e a reação é instantânea. Uma cabeça aparece na água, junto a uma das cabanas, e o castor nada infalivelmente em direção ao ponto onde se verificou o incidente. Depois de examinar atentamente a fenda, entrega-se logo ao trabalho.

Durante todo o verão, a cabana fica inteiramente ao abandono. A lama funde-se e as chuvas lavam-na aos poucos. Mas quando as noites se vão tornando mais frescas, e as folhas adquirem tons ruivos e dourados, a família toda se reune em torno à velha habitação, e trata de cobrir as fendas, e pôr tudo novamente em ordem.

Como lenhadores, os castores dão mostras da mesma habilidade que revelam como carpinteiros e engenheiros. Mantendo-se de pé sobre as patas traseiras, começam a comer a casca do tronco em toda a sua circunferência até que este, cada vez mais estreito, termine por cair com o auxílio do vento e da lei de gravidade. Preferem geralmente os pequenos arbustos, mas às vezes derrubam troncos de cerca de 50 centímetros de espessura. Trabalham separadamente, um em cada árvore. São providos de dentes longos e curvos cujo esmalte tem grande resistência. Com o crescimento dos dentes é preciso afiá-los sempre afim de que não cresçam demasiado.

Contrariamente à lenda corrente, o castor não pode fazer com que uma árvore caia na direção desejada. Pelo contrário, muitas vezes, é pegado, na queda, pelo tronco. Desejaria, claro está, que este já caisse diretamente na água. Quando isto não se dá, corta-o em pedaços, e vai puxando ou empurrando os vários tocos de madeira até o rio. Se as margens são planas, abre às vezes canais até à floresta, para que os paus já venham flutuando desde lá.

Deixa-se apanhar facilmente, devido à sua natural boa fé. Senhor de um pelo macio e duravel, muito empregado nos abrigos de senhoras, teria desaparecido por completo da face da terra, se alguns amigos dos animais não tivessem vindo em seu socorro.

Em 1920, três pares de castores foram postos em liberdade nos bosques de Palisades Interstate Park, a cerca de 60 quilômetros de Nova York, na margem oeste do rio Hudson. Quinze anos depois, mil castores, descendentes daqueles seis, se haviam espalhado sobre uma área de mais de trezentos quilômetros, construindo umas cem represas. Alguns tinham até atravessado o Hudson, e um par de alpinistas emigrara para as montanhas Catskill, uns cento e trinta quilômetros ao norte dalí.

A caça aos castores é feita agora, geralmente, sob a vigilância do estado. Quando o comissário anuncia a abertura da estação, os caçadores surgem de todas as direções, pagando uma taxa pelo direito de caçar. Cada pele vale 25 dólares.

Há alguns anos o Ministério do Interior dos Estados Unidos reconheceu oficialmente o castor como um agente de progresso, ao capturar um grande número de animais da sua espécie, espalhando-os largamente, afim de contar com o seu auxílio em várias obras executadas por mãos humanas, como sejam, por exemplo, abrigos para trutas.

A natureza ensinou ao castor três mandamentos que ele cumpre fielmente: trabalhar duramente, ficar em casa o mais possivel, e manter a paz em torno a si. Como *modus vivendi*, será talvez um tanto monótono, mas todos nós sabemos que tem o seu lado bom...

¶ Eu quase podia demonstrar estatisticamente a existência de Deus. Considere-se por exemplo o corpo humano: a só probabilidade de que todas as funções orgânicas do indivíduo possam existir por «acaso», é uma monstruosidade estatística!

George Gallup

O rei Jorge e a rainha Elizabete souberam conquistar a amizade e o carinho dos ingleses

Lá vem o Rei!

(Condensado do «Rotarian»)

Por Charles J. Rolo

ALGUNS DIAS depois de um dos bombardeios de Londres, um americano que visitava o Palácio de Buckingham perguntou por que motivo as janelas dos apartamentos privados do rei ainda não haviam sido reparadas dos estragos sofridos. O secretário de Sua Magestade respondeu simplesmente: «Suponho que ainda não chegou a vez dele.»

Os membros da família real recebem o mesmo número de cartões de racionamento que cada qual de seus compatriotas. Como quase todas as donas de casa do país, a rainha Elizabete procura conservar os cupons de carne da família inteira para o assado do domingo, cujos restos serão aproveitados no curso da semana. Ao sair para as compras, leva consigo o seu próprio papel de embrulho.

Quase todos os cupons de racionamento do vestuário da rainha são empregados em sapatos, meias e luvas, pois percorre ela quilômetros nas suas rondas de inspeção, e as centenas de apertos de mão a que se vê obrigada lhe reduzem as luvas a farrapos. Usa ainda os vestidos que comprou para a sua visita aos Estados Unidos em 1939.

Ninguem em todo o Palácio pode usar para o banho mais de uma certa e restrita quantidade de água. O rei mandou que pintassem em todas as banheiras um traço azul marcando a altura a que a mesma deve chegar, 12 a 13 centímetros.

Afim de economizar carvão, suprimiram o aquecimento central do edifício, e não há fogo na lareira de nenhum dos aposentos, a não ser em caso de doença, por ordem médica. Só uma luz deve ser acesa em cada quarto, e em cada sala de banhos.

O Parque de Windsor, onde a famosa manada de veados do rei costumava exibir-se, é hoje o campo que produz mais trigo em toda a Grã Bretanha; 900 veados foram sacrificados, em virtude da escassez de carne no país, e os 100 restantes, a serem utilizados nas criações de após guerra, são mantidos numa área que não se presta para plantações. Os cavalos da carruagem real, os populares *Greys* de Windsor, que puxam a sege dourada nas cerimônias da coroação, estão trabalhando agora nas fazendas.

Depois da queda da França, a família real preparou-se para defender o Palácio Buckingham de ala em ala. O rei aprendeu a fazer fogo com um fuzil-metralhadora, apoiado de encontro ao corpo, no que ele próprio chama de «estilo cinematográfico». Colocaram minas em redor do edifício, afim de que este fosse todo reduzido a destroços, se por acaso caisse nas mãos dos alemães.

A rainha Mary, que mora atualmente no campo, está ensinando jardinagem a todo um grupo de crianças evacuadas da região de Midlands. Firme ainda no porte, e usando até agora os tradicionais chapéus que usou por meio século, dirigiu a campanha local de angariação de objetos utilizaveis na indústria de guerra, percorrendo as redondezas num carrinho em que foi recolhendo ferros velhos, papéis, e toda sorte de refugos aproveitaveis.

No ano passado, a Princesa Elizabete alistou-se com mais 200.000 meninas de dezesseis anos de idade, nas organizações do Serviço Nacional. São ambas bandeirantes, ela e a irmã, tendo um curso completo de socorros de urgência. Figuraram, com outras jovens evacuadas, em várias representações organizadas por associações de caridade. O seu número favorito é um sapateado que as duas irmãs executam em conjunto, e um dueto francês que cantam com frequência.

O rei vai para a mesa de trabalho às nove horas, e alí fica a manhã inteira, ocupado com os despachos do Gabinete e os relatórios dos chefes militares. Como comandante-chefe é consultado sobre qualquer medida importante a ser tomada pelas forças armadas. Verdadeiro técnico em questões industriais—sendo até conhecido, quando duque de York, pelo apelido de «Principe Industrial»—acompanha de perto todos os problemas da produção.

Manter o moral do povo na retaguarda, será talvez a principal tarefa da família real. A passagem do rei ou da rainha produz sempre um efeito indescritivel, quer no espírito dos militares, quer no dos civís. Costumam ambos visitar as fábricas de guerra, acampamentos, hospitais, e centros de socorro, indagando das condições em que tudo se encontra, e procurando reconfortar os feridos ou aqueles que perderam os seus entes queridos e tudo o que possuiam.

As visitas do rei às forças armadas são sempre inesperadas. O único aviso prévio é geralmente o grito de surpresa de algum soldado ou marinheiro: «Santo Deus, lá vem o rei!» Sua Magestade leva consigo sanduiches e uma garrafa térmica de chá, indo fazer muitas vezes a sua refeição junto aos soldados. Tomou parte nas manobras de uma das Escolas de Guerra, deitando-se no chão ao lado da tropa de infantaria, ouvindo sibilar por cima da cabeça as balas e a metralha.

Os acampamentos das forças americanas têm recebido regularmente a visita do rei. Um dos soldados do Tio Sam, pelo menos, não esquecerá jamais a simplicidade que cercava essas visitas. Estava ele examinando o motor de um avião quando alguem lhe perguntou: «Que lhe parece o nosso clima? Sem virar a cabeça, e ignorando totalmente quem seria o seu interlocutor, respondeu dando de ombros: «Uma boa porcaria!»

Os londrinos não esquecerão jamais a soberba atitude do rei e da rainha durante todo o «blitz». De quando em vez os moradores dos bairros pobres, a cavar entre as ruinas das suas casas arrazadas pelas bombas, viam, ao erguer os olhos, o casal avançar ao seu encontro por entre montes de destroços. Não lhes vinham trazer apenas palavras convencionais de simpatia e consolo, mas algum auxílio mais prático. Estimularam a formação das cantinas moveis destinadas a socorrer e levar alimento às vitimas dos bombardeios; trouxeram

CHARLES J. ROLO nasceu em Alexandria, de pais britânicos, em 1916. Formou-se na universidade de Oxford, e cursou depois a Escola de Jornalismo da universidade de Colúmbia em Nova York. Colaborou em várias revistas dos Estados Unidos e da Inglaterra e, desde 1941, tem feito parte do pessoal do Serviço Britânico de Informações em Nova York.

roupas e mantimentos para os que haviam perdido os seus lares, e contribuiram para a distribuição dos instrumentos necessários aos que trabalhavam para remover os destroços, e salvar o que porventura ainda fosse de qualquer maneira possivel.

Depois de um dos mais violentos bombardeios, a rainha Elizabete ordenou que 60 conjuntos de mobília do Castelo de Windsor—inclusive várias peças que datavam da era vitoriana—fossem enviados para as casas atingidas nos distritos mais pobres de Londres. Numerosas vítimas do «blitz» receberam presentes anônimos de tapetes, camas, lençóis, e vestuário. Algumas delas estarão usando, sem sequer suspeitá-lo, vestidos, sapatos e chapéus da rainha. Não quiseram dar-lhes a saber de onde provinham essas dádivas, para que os beneficiados as não pusessem de lado como relíquias preciosas, em vez de usá-las sem qualquer constrangimento.

«Aposto que Hitler não ousaria andar como eles no meio do povo sem proteção alguma,» observou um londrino a um reporter americano. Outro ainda comentava orgulhoso: «Correm os mesmos perigos, e sofrem as mesmas privações que nós. A casa deles foi bombardeada tal e qual a minha.»

As Magestades britânicas são agora o casal mais popular de Londres; nem haverá num só país do mundo dois soberanos mais queridos, ou que melhor se tenham imposto ao respeito e ao carinho do seu povo.

Os civís cooperam

¶ A CENA ocorreu num elevador dos grandes Armazens Gimbels, de Nova York, à hora de maior concorrência de fregueses, e revela bem a prestimosa docilidade do espírito civil em tempo de guerra. O garoto do elevador, evidentemente novo no serviço, meteu uma carga de passageiros no andar térreo, fechou a porta e disse em tom de comando:

«Virem-se de cara para trás, façam favor.»

Sem um momento de hesitação, e por certo sem mesmo pensar, todos os passageiros deram meia-volta e ficaram de cara para o fundo. Ao ver aquele estranho espetáculo, o operador exclamou: «Santo nome de Deus, aquí deve haver engano! Façam favor de se voltar pra frente!» E os passageiros, como um só homem, executaram outra meia-volta...

New Yorker

¶ UMA MOÇA de Atlanta, que voltava para casa no ônibus, reparou de repente que lhe esquecera no Correio um mealheiro com algumas economias. Correu atrás, e foi encontrar o mealheiro em cima do balcão, exàtamente onde o deixara,—mas reparou que estava bastante mais pesado.

Que se passara? Os cidadãos generosos, pensando que o mealheiro estava alí à espera dos seus óbulos para alguma boa causa, tinham posto dinheiro dentro dele!

AP

¶ *A fé profunda de John Klingberg trouxe alegria e vida nova a centenas de crianças*

A prece ergueu um lar para crianças

(Condensado do «Kiwanis Magazine»)

Por T. E. Murphy

JOHN KLINGBERG nunca pediu um centavo a quem quer que fôsse; entretanto, o que o povo lhe tem dado, nestes últimos quarenta anos, orça por quase dois milhões de dólares. Alem propriamente de dinheiro, chegam-lhe às mãos donativos de toda natureza, desde toneladas de roupa, até um carro carregado de batatas, ou uma boa vaca leiteira, e o feno preciso para alimentá-la. Sua correspondência postal é um milagre, sempre renovado, de dinheiro a correr ao seu encontro, dos 48 estados da União, na importância de mil dólares, em média, por semana.

Tais fatos representam, ao que ele diz, «tratos diários com Deus». Há cerca de quatro décadas, quando era John Klingberg um obscuro sacerdote, a serviço de uma modesta congregação, ocorreu-lhe a idéia de fundar uma casa para orfãos. Fez então um voto solene: o de que jamais pediria fosse o que fosse a ninguem, nem sequer a ninguem falaria sobre o de que precisasse; confiaria exclusivamente o seu plano, a sorte da sua obra, à oração e à fé.

E assim tem sido, rigorosamente. Sem embargo, partindo de nada, erigiu um dos mais belos orfanatos que hoje há nos Estados Unidos. Seus edifícios, avaliados em meio milhão de dólares, erguem-se numa bela quinta, de mais de 160 mil metros quadrados, na mais alta colina de New Britain, no estado de Connecticut. E não deve um ceitil a ninguem!

A Casa não tem ligações com qualquer igreja ou organização. O que há mais próximo de patrocínio, a velar pela sua existência, é o cordial interesse dos companheiros de sacerdócio de Klingberg na Igreja Batista Sueca, os quais, testemunhas que têm sido daquela perfeita e cândida confiança na prece, se sentiriam naturalmente propensos a divulgar o caso.

Todo material impresso que Klingberg distribue é um simples folheto registando os donativos ainda os mais humildes. Nomes, porem, não são mencionados. Absolutamente nenhum. «Não desejamos receber contribuição de ninguem que vise pôr-se em evidência,» decidiu ele, ao iniciar a jornada. Lêem-se então no registo palavras como estas: «Amigos de New Sweden e outras localidades do Maine enviaram-nos de novo um carregamento de batatas»; «doze alqueires de nabos e couves, de Bristol, Connecticut;» «onze aventais, e quatro latas de sopa, de Alcester, S.D.» Um dos óbolos fez-se

acompanhar da explicação: «Isto é o dinheiro dos ovos que as minhas galinhas puseram no domingo.»

Não é raro que gente, na rua, dê dinheiro, em mão, a Klingberg; como tambem é frequente ver-se consignado no folheto: «Encontraram-se 5 dólares no chão da secretaria. Alguem muito provavelmente meteu-os por baixo da porta.»

De tempos a tempos, registam-se donativos de maior vulto. Houve um de 25 mil dólares, para ser usado nos serviços de «aquecimento dos orfãos». O diretor de um grande banco—homem que ele nunca tinha visto—deixou a Klingberg, no seu testamento, 50 mil dólares. «Hei-de esforçar-me por fazer deste orfanato o melhor do país,» disse o bom padre ao filho do banqueiro. «O senhor já o fez,» respondeu-lhe o rapaz. «Papai tomava as coisas muito a sério; posto que nunca houvesse tido com o senhor o mínimo contacto, submeteu contudo a sua obra a investigações completas.»

O primeiro passo para a fundação do Orfanato foi produto de um impulso, já se vê que sagrado. Um polícia dirigiu-se, certa noite, a um jovem sacerdote, e contou-lhe que três criancinhas, abandonadas pela mãe, estavam sós e famintas, numa pocilga lá para os fins da cidade. «Vestí as criaturinhas,» narra Klingberg, «e trouxe-as para casa, onde minha mulher nos recebeu com lágrimas nos olhos.» Ao tempo, ganhava ele apenas 16 dólares por semana, e morava, com a mulher e dois filhos pequenos, numa casa onde mal cabiam. «Volvemo-nos para Deus, e Lhe pedimos auxílio.»

A cidade não tardou a saber que o pastor tomara a seu cargo aqueles entezinhos ao abandono. Muitas ofertas de ajuda começaram a surgir. Um homem fê-lo parar na rua, e prometeu-lhe uma casa grande, ao preço de dez dólares por mês. Noticiado o fato pelos jornais da terra, o humanitário casal entrou a receber, de procedências diversas, presentes de víveres e moveis. Aumentados assim os seus recursos, foram vindo outras crianças, que eram todas recebidas de braços abertos. Dentro de um ano, subia a 18 o número de abandonados e orfãos acolhidos à sombra de Klingberg, na sua própria casa.

A princípio—ele mesmo o confessa—não lhe faltaram momentos de certo receio ou dúvida. Mas logo a fé lhe redobrava o ânimo. Quando amigos o aconselhavam a ser «prático», e pedir contribuições, apressava-se em responder: «Se a minha empresa não é bastante boa para que Deus a proteja, então será melhor abandoná-la.» E aos que lhe diziam que seria mais ajudado, se fosse mais cuidadoso quanto à espécie de crianças a que se consagrasse, replicava firmemente: «Minha casa está aberta a crianças de todas as raças e credos; só o que me basta saber é que necessitam de socorro.»

Vivia realmente ao Deus dará. Uma vez, não tendo no bolso um niquel, e devendo entretanto pagar, naquele dia, os dez dólares do aluguel mensal da casa, ia andando acima e abaixo, na rua principal, a rezar em silêncio. «Um desconhecido deu-me cinco dólares, e outro, dez,» refere Klingberg, ainda hoje comovido.

Chegou um domingo em que pareceu que as crianças iam ver-se afinal reduzidas a não ter o que comer. O padre ajoelhou-se. De um campo de piquenique, ao alto da rua, vinha um ruido festivo de cantigas e folguedos, mas ele fechou a tudo olhos e ouvidos, concentrando-se na oração: «O Senhor é meu pastor, e não me abandonará.»

Dentro em breve, caía a chuva, uma chuva torrencial, e, minutos decorridos, alguem lhe batia fortemente à porta, interrompendo-lhe a prece. Eram dois rapagões, trazendo uma enorme cesta.

«Nós somos da União dos empregados de bares,» esclareceu um deles. «A chuva estragou o nosso piquenique, e nós nos lembramos de que o senhor poderia aproveitar isto.» Descobrindo a cesta, viu Klingberg que nela havia presuntos, queijos, salchichas, pão e manteiga. «Muito obrigado,» disse; e acrescentou amavelmente: «Não era inteiramente inesperado.»

Numa véspera de Natal, o porteiro de uma casa de bebidas trouxe-lhe uma lata contendo moedas de cobre, muito sujas, e explicou, desculpando-se: «Foram apanhadas do pó de serra, em frente do bar.» A senhora Klingberg lavou-as em amônia, pondo-as como novas. Eram cerca de 700.

Admite Klingberg que, nos primeiros, tempos, era olhado pelo povo com certa desconfiança. «A maioria das pessoas não compreende o princípio da confiança infantil em Deus. Mas o certo é que, através de 40 anos, nunca tive que alterar o método de assegurar a manutenção da obra. O Senhor é tão generoso hoje como foi no tempo em que começamos.»

Aliás o sacerdote conhece a probreza por experiência própria. Na sua velha Suécia, a mãe carregava argamassa, trabalhando como ajudante de pedreiro, para sustentar sete filhos, orfãos de pai. A partir dos nove anos, John trabalhava quando podia, mas às vezes, pela falta completa de recursos, era obrigado a mendigar o pão. Serviu em minas de ferro até os vinte anos, vindo em seguida para os Estados Unidos, onde foi trabalhar em usinas de aço, perto de Chicago. Algum tempo depois as deixava, para matricular-se na universidade daquela cidade, aí formando-se em Teologia—conquista, certamente, não pequena, para um trabalhador imigrante.

Poucas instituições funcionam com tão reduzido pessoal administrativo como o orfanato de Klingberg. Tem apenas doze empregados remunerados, alguns dos quais alí servem há mais de trinta anos. Recentemente, o filho de Klingberg, Haddon, renunciou ao exercício das suas funções de pastor, para vir ajudar o pai, e eventualmente substituí-lo na direção da casa.

Neste momento, cem crianças são acolhidas no Orfanato. Todas as que passam de onze anos, têm serviços de que dar conta. As meninas lavam a louça e põem a mesa; as mais pequenas remendam meias. Os meninos tomam a si as vacas e as galinhas. Não há castigos corporais; mas um pequeno pode ser privado de certas regalias, ou receber, como punição, meias para serzir.

O orfanato recebe crianças, venham elas de onde vierem. Não há fórmulas de admissão. É um estabelecimento inortodoxo. Os seus fichários não obedecem, em rigor, a regras científicas.

«Nem é necessário que obedeçam,» observa uma autoridade em problemas sociais. «Não se trata alí propriamente de um asilo, senão da família de John Klingberg; e nunca se ouviu dizer que uma família conserve as fichas dos seus próprios filhos.

Aos técnicos de assistência social que não concordam com a prática de dormitórios para orfãos, responde Klingberg: «Não é a casa, materialmente,

que constrói um belo carater, mas sim o espírito que nela predomina. Se as crianças notarem que as pessoas por elas responsaveis as amam efetivamente, e são abnegadas, sentir-se-ão como em casa, qualquer que seja o tipo do edifício.»

Ao longo de quarenta anos, já 1.100 orfãos passaram pelo Orfanato. Uma boa proporção dos seus graduados continua a viver nas vizinhanças, casadas as moças, os homens, habeis mecânicos ou pequenos negociantes. Muitos se tornaram missionários. Cerca de cem estão nas forças armadas.

Reunem-se anualmente. Na última reunião, contribuiram com perto de 500 dólares em favor da construção de um novo edifício para crianças pequenas. Um soldado, em serviço nas ilhas Salomão, de lá remeteu seus vencimentos de um mês. John Klingberg tem mais orgulho das suas crianças do que da condecoração que recebeu do rei da Suécia; e a parte mais agradavel do seu dia é a que passa a ler-lhes as cartas.

Só uma vez cometeu ele uma quase violação do seu voto de nunca recorrer a qualquer auxílio humano. Respondendo a uma carta de um banqueiro que lhe mandara uma contribuição, incluiu o retrato de certo menino, dizendo: «Penso que o senhor gostaria de ver o tipo de jovem a que está prestando auxílio. Esperamos que dia virá em que possa ele ir a alguma instituição de ensino superior.» Assim dito, assim feito! A resposta foi um convite a aparecer com o pequeno. O desfecho foi que este terminou indo para uma universidade, e é hoje professor de Medicina.

Klingberg reside alí mesmo, numa casa branca, modesta. Com uma energia nervosa e uma aparência física que lhe desmente os anos, cumpre ainda, aos 75, todo o programa de atividade diária. Acorda, nos sete dias da semana, às cinco da manhã, e faz a última ronda às onze da noite.

Os olhos claros, a expressão austera, denunciam nele um homem que tem vivido uma vida rica de emoções. Enquanto me falava, ia derramando o olhar sobre o milharal agitado pelo vento, as vacas ruminando na pastagem. Duas meninas brincavam com bonecas nuns degraus em frente. Meninos em recreio gritavam alegremente, no quintal dos fundos da casa. Os olhos do ancião se iluminaram quando ele se expandiu nestas palavras: «Encaramos o futuro com o coração cheio de graças. As bençãos que Deus me tem dado!»

Pensando melhor...

¶ Foi na Maternidade. O marido, inquieto, passeava para cá e para lá na sala de admissão, fazendo caretas e gesticulando nervosamente, enquanto esperava a altura de registar a esposa para entrada imediata. De repente, virando-se para a que estava prestes a ser mãe, perguntou ansiosamente: «Querida, você tem certeza que quer sujeitar-se a isto tudo?»

Caravan

¶ *De uma tina, vai saindo suculenta carne sintética, a uns cinco cruzeiros o quilo*

Pela fermentação à carne sintética

(Condensado da «Time»)

Chegam de St. Louis impressionantes notícias, em matéria de alimentação. Numa tina, em Anheuser-Busch, está sendo produzida, de doze em doze horas, uma tonelada de carne, boa e rica, quase tão suculenta quanto um lombo, que certamente leva mais tempo, meses, anos, a formar-se. Essa carne sintética é de fabrico tão simples, que os seus inventores começam a pensar na hipótese de praticar entre os povos esfomeados do mundo de após-guerra uma espécie de moderno milagre dos peixes e dos pães.

Em realidade, o produto é um novo tipo de fermento, a que se juntam substâncias que lhe dão gosto e aroma, tornando-o, por assim dizer, indistinguivel dos alimentos naturais. O fermento excede a carne, como alimento propriamente dito; é a mais rica fonte que se conhece de vitaminas B, e contem o duplo da proteina que há na carne.

Vai por três anos, um químico inglês, A. C. Thaysen, entrou a explorar as possibilidades do uso, diretamente, do fermento, como gênero alimentício. Conseguiu afinal preparar uma nova qualidade, com agradavel gosto de nozes, e que se poderia produzir a cinco cruzeiros o quilo. O governo britânico está fazendo construir uma fábrica em Jamaica, com capacidade para fornecer duas mil toneladas por ano. Esperava Thaysen servir o seu fermento em doses concentradas, como suplemento a dietas deficientes ou pobres. Não se propunha a revolucionar com a sua inovação a economia alimentar do mundo.

Mas a tal se propõe, ao que parece, um jovem biologista, Carl Lindegren, da Universidade Washington, de St. Louis. Imaginou ele desenvolver o fermento numa variedade de sabores, parecendo alimentos naturais; e, em colaboração com a sua esposa, acabou por produzir, pela combinação de fermentos, alguns que foram julgados excelentes.

Colocam-se 56 quilos do fermento numa tina contendo 25 mil litros de água, e juntam-se uma tonelada e meia de melaço (em cujo açucar o fermento se alimenta) e amônia (de onde vem o nitrogênio que o fermento converte em proteina). A mistura é agitada por uma corrente de ar de cerca de 28 metros cúbicos por minuto (sem ar, dar-se-ia a fermentação do açucar). Decorridas doze horas, o fermento, que aumenta prodigiosamente, multiplicado 16 vezes o seu peso original, está convertido numa tonelada de saboroso alimento. Antes de ser cozinhado, o aspecto é de um pó seco, trigueiro, com um gosto de carne, aipo, ou nozes, segundo a variedade. Anheuser-Busch tem posto a prova as suas possibilidades, servindo refeições com sopa, carne, bolinhos, biscoitos de queijo, pastéis—tudo feito com o dito pó.

Já Anheuser-Busch se acha aparelhado para produzir anualmente milhões

de quilos. O exército está fazendo enormes encomendas, não sendo menores as compras consignadas aos créditos do «arrendamento e empréstimo». Desde que, grama por grama de proteina, o fermento custa apenas um quinto do preço da carne, os seus entusiastas vão ao ponto de fantasiar o advento ou a aproximação de uma era em que o gado do mundo entre em férias.

Não sei se me entendes...

¶ O CONHECIDO crítico militar alemão Ludwig Sartorius é, sem dúvida, o sujeito que neste mundo melhor sabe dar más notícias sem produzir «choque». Dizia ele há tempos, descrevendo uma operação militar na Sicília: «Os violentos esforços do inimigo, no sentido de dificultar o desembaraço das nossas forças e interromper o nosso sistemático avanço para a retaguarda, foram repelidos com todo o êxito.»

L. H. R., *Times Magazine*

Escapando...

¶ DURANTE a retirada, em França, dois escoceses caíram prisioneiros dos alemães. Mas conseguiram fugir aos captores e, com a ajuda de franceses, puseram-se a caminho da fronteira espanhola. Quando se preparavam para atravessar um rio numa chata, foram detidos por dois oficiais alemães, e julgaram que estava tudo acabado. Em muito mau francês, tentaram fazer-se entender dos nazís, e ficaram sabendo que estes queriam apenas atravessar o rio, como eles. «Assim os levamos para a outra banda, à força de pulso,» dizia mais tarde um dos escoceses. «E ainda por cima cobramos cinco francos a cada um pelo transporte!»

—John T. Whitaker, *We Cannot Escape History* (MacMillan)

¶ MILHARES de noruegueses têm escapado ao jugo nazí, afrontando em pequenos barcos o Mar do Norte, para irem servir a causa das Nações Unidas. Um visitante que há pouco percorria, na Inglaterra, um dos numerosos hospitais noruegueses que alí foram organizados com pessoal cem por cento norueguês, perguntou se não havia dificuldade em conseguir enfermeiras norueguesas. Responderam-lhe com o ar mais natural do mundo:

«Oh, não! Basta mandar uma mensagem de onda-curta para a Noruega, e daí a semanas chegam botes carregados delas.»

—Mary Agnes Craig, *N.Y. Times Magazine*

O ENSINO PELO EXEMPLO

produz melhores operários

Por Stuart Chase

No número de dezembro último, Seleções publicou um artigo de Stuart Chase, sob o título: *Tratando o operário como gente*, descrevendo um programa nacional para o ensino de contra-mestres e superintendentes de fábricas, quanto à forma de melhor se entenderem com o pessoal operário. Neste artigo diz-nos o escritor dos métodos simples, mas eficazes, pelos quais se ensina um contra-mestre a preparar o operário.

JÁ ALGUMA vez tentou o leitor ensinar qualquer simples operação manual a alguem—a uma criança, a um operário, empregado, ou mesmo a sua esposa? Talvez se tenha limitado a *dizer-lhes* como executá-la, admirando-se depois de eles o não terem entendido. Talvez haja mesmo tentado *demonstrar-lhes* como se faz, e ainda assim não conseguisse melhor resultado.

Existe, porem, um método infalivel para se chegar a êxito—método que está desempenhando, e progressivamente, uma função importante no grande programa da indústria americana de guerra.

Se a afirmação de «método infalivel» parecer extravagante, considerem-se os fatos seguintes:

O ensino de um operário a reduzir cristal de rocha, para o fabrico de lentes, costumava levar três semanas: agora, apenas três dias.

Ensinar um operário a inspecionar granadas de mão, tomava nunca menos de cinco dias: hoje, não é preciso mais de um.

Um aprendiz a inspetor de certa qualidade de tecido não alcançava competência suficiente com menos de um mês de treino: atualmente aprende num dia o que antes lhe exigia um mês.

Até o advento da guerra, a maior parte do ensino ou treino do operariado nas fábricas era assunto tratado às cegas. Afinal os aprendizes acabavam por se tornar peritos, mas através de muitos prejuizos, contratempos, e acidentes.

Quando rebentou o conflito, foi preciso pôr termo a tal estado de coisas; houve que estudar a forma prática de preparar o operariado, e fazê-lo rapidamente. Promoveram-se milhares de operários a contra-mestres; milhares de operários, que atualmente servem sob a direção dos primeiros, jamais haviam trabalhado numa fábrica. Hoje que a indústria americana atingiu quase o seu máximo de capacidade produtiva, cerca de um milhão de operários entram, mensalmente, em algum novo serviço.

A Comissão Reguladora da Mão de Obra para a Guerra organizou um departamento especial dedicado à questão do treino do operariado das indústrias. Colocaram-se à testa do mesmo quatro diretores industriais de elevada categoria, cujos serviços foram oferecidos pela indústria particular.

A primeira tarefa dos quatro especialistas foi a de delinear uma fórmula-padrão simples, pela qual os contramestres pudessem transmitir eficazmente, ao operário sem treino, a explicação do que ele tinha a fazer.

O esboço da fórmula foi delineado por um engenheiro industrial de renome, e a aplicação se fez primeiramente em algumas fábricas escolhidas a dedo. Uma vez eliminados os inconvenientes que as experiências revelaram, a fórmula foi posta a serviço da indústria americana—e imediatamente aceita.

Deu-se-lhe o título de «Treino para Ensino da Obra»; já a aprenderam mais de 725 mil contra-mestres, o que equivale a dizer que mais de sete milhões de operários têm sido já preparados por semelhante processo para o desempenho eficaz da tarefa que lhes incumbe, em vez de terem aprendido, como antes, às cegas e sem método.

Eis-nos numa sala de conferências de uma fábrica. À volta de uma grande mesa acham-se sentados dez contramestres ou chefes de turma e, à cabeceira, um treinador. De começo, e afim de pôr todos a vontade, o treinador convida-os a ficar em mangas de camisa, e a fumar, se assim desejarem. Em seguida, para lhes remover do espírito qualquer desconfiança, diz-lhes: «Não estou aquí para mostrar-lhes como desempenhar suas funções. Vamos ver apenas qual a forma de ENSINAR UM OPERÁRIO A EXECUTAR UMA OBRA, BEM E RAPIDAMENTE.

«Tomemos, por exemplo, a aprendizagem do modo por que se devem atar duas pontas de fio elétrico antes de ligá-las. É uma das coisas mais elementares para um eletricista. Vou começar por dizer como o nó deve ser feito. Quem quer aprender?»

Um dos capatazes presentes, de feições sérias, ergue a mão. «Muito bem, Tom, diz o treinador,—ouça com atenção. Tome um pedaço de fio entrançado para lâmpada. Suspenda-o verticalmente com a mão esquerda, entre o polegar e o indicador, a quinze centímetros da extremidade. Separe as duas pontas, formando um V. Endireite-as com o polegar e o indicador da mão direita. Tome o fio solto do lado direito com a mão direita, passando um laço por cima do outro fio...»

A essa altura, já desapareceu do rosto de Tom a expressão inteligente que lhe iluminava as feições. «Confesso que eu não saberia dar o nó com essas indicações, diz ele.—Não compreendí a terceira frase.»

O treinador sorrí. «Você tem razão, Tom. A descrição, de per si, não basta para ensinar. Neste mesmo momento está-se descrevendo a milhares de operários, em todo o país, a forma de fazer as coisas; mas quantos deles estarão compreendendo bem a explicação?»

«Agora vamos a ver. Quem é que quer que eu lhe *demonstre* como se atam os fios? Muito bem, Joe, chegue para junto de mim. Não vou dizer uma só palavra. Mas observe bem o que vou fazer.»

Joe, um rapaz alentado, observa a demonstração como se dela lhe dependesse a vida. Em seguida tenta galhardamente dar o nó, conforme lhe foi demonstrado, mas emaranha os fios.

O treinador sorrí de novo. «Nunca vi ninguem conseguir acertar da primeira vez. A demonstração sem explicação não adianta mais do que a explicação sem demonstração. A maior parte das vezes fazem-se demonstrações de trás para diante. Joe, alem disso, estava de frente para mim, e a minha demonstração foi, portanto, do lado oposto àquele em que ele deve tentar a operação. É certo que se pode aprender ouvindo ou vendo; mas leva muito tempo. Há porem outro metodo que dá resultados rápidos e seguros. Proveio de 25 anos de experiência nas fábricas mais progressistas da América. Quem quer aprender a forma de dar o nó nos fios, de maneira a nunca mais se esquecer? *All Right*, Harry, chegue aquí.»

Desta vez o treinador começa com uma breve explicação sobre o objetivo do referido nó.

«Suponhamos,—diz ele—que você se propõe instalar lâmpadas elétricas num dos acampamentos militares. Este nó visa aliviar a tensão sobre os fios da lâmpada. Se não for bem dado, pode dar-se um curto circuito, queimando tudo. Bem, agora tome um pedaço de fio e faça como eu.»

O treinador passa a fazer e explicar conjuntamente, mas muito mais do que isso. A demonstração induz Harry a exercitar as mãos no processo, e assim a assenhorear-se da forma preceituada para se dar o nó corretamente. Harry repete o exercício que lhe fica gravado na memória. Depois de ter repetido o processo meia dúzia de vezes, é-lhe pedido que faça a demonstração ao treinador. Isso é da maior importância. Se ele conseguiu aprender o que lhe foi ensinado, e é capaz de demonstrá-lo a quem lho ensinou, ficará verificado que efetivamente aprendeu.

Enquanto Harry ensaia o que acaba de aprender, demonstrando-o a Tom, vem-me à lembrança um processo que costumava poupar-me centenas de quilômetros de caminho errado, em tempos idos. Quando eu paro o meu carro, afim de perguntar a alguem qual é o melhor caminho para, digamos, Blots Center, não ponho mais, imediatamente, o pé no acelerador, mal acaba de ser-me dada a informação pedida... «Primeira esquina a direita, volte a esquerda na segunda encruzilhada, dê a volta à rotunda... etc.» Não senhor. Terminada que seja a explicação, peço ao meu informante: «Você quer fazer-me o favor de ir corrigindo-me à medida que vou repetindo as informações que acaba de me dar?» É incrivel o número de vezes em que não compreendí claramente as indicações obtidas. Mas, uma vez repetidas corretamente, nunca deixo de achar o caminho por onde desejo ir.

O sistema nervoso do homem recusa-se a ser sobrecarregado. Aprende melhor por partes, que se repitam conforme se aprenderam, ensaiando as operações ou reproduzindo-as da forma que mais nos agrade. O treino profissional assenta fundamentalmente nesse princípio psicológico. O capataz de tempos idos, que ao escalar para determinada máquina, e pela primeira vez, um operário sem treino, lhe indicava que «fizesse como os demais estavam fazendo», devia frequentemente pasmar da estupidez do pessoal novo. Tivesse a experiência de hoje, e os operários sem treino lhe não pareceriam diferentes de todos os tempos.

Um dos contratempos frequentes com o operariado noviço costumava ser o medo das máquinas; esse receio desapareceu com o processo de treino moderno. Tal processo estimula no operário a noção da sua importância, capta-lhe imediatamente a atenção, desperta-lhe a curiosidade no trabalho a que vai dedicar-se, e faz-lhe conhecer exatamente a relação existente entre as suas funções e as demais que na sua oficina se desempenham, o produto final da

fábrica, e a sua missão na guerra. Num só departamento de certa fábrica de munições, a aplicação do treino ao operariado instruiu 118 novos operários quanto ao modo de fazerem 24 tipos de trabalho. Como resultado, as fábricas estão poupando cerca de 20 a 80 por cento das horas-homem antes empregadas na aprendizagem.

Uma companhia houve cujos choferes de caminhão foram em sua totalidade chamados ao serviço militar. Os diretores resolveram empregar cem mulheres para os substituir. Sabeis o que são mulheres—ou o que se supõe que elas sejam—quando se sentam na boléia. Portanto, pelo seguro, os diretores resolveram submeter as novas condutoras a um curso de ensino profissional. Movimento por movimento, foi-lhes ministrado ensino, praticamente demonstrado de condução de viaturas, a ponto de que com a maior naturalidade se familiarizaram elas por completo com as suas novas ocupações. A brigada de veículos da companhia funciona agora mais eficientemente e com mais segurança do que nunca. Um caso impressionante é tambem o de uma companhia cuja enfermaria se achava constantemente atulhada de vítimas de acidentes ligeiros. Verificou-se que o contingente maior provinha de uma oficina onde grande parte dos operários se feriam nas mãos. Todo o pessoal respectivo foi submetido ao sistema de treino, de fio a pavio, o que eliminou os acidentes, e aliviou a enfermaria.

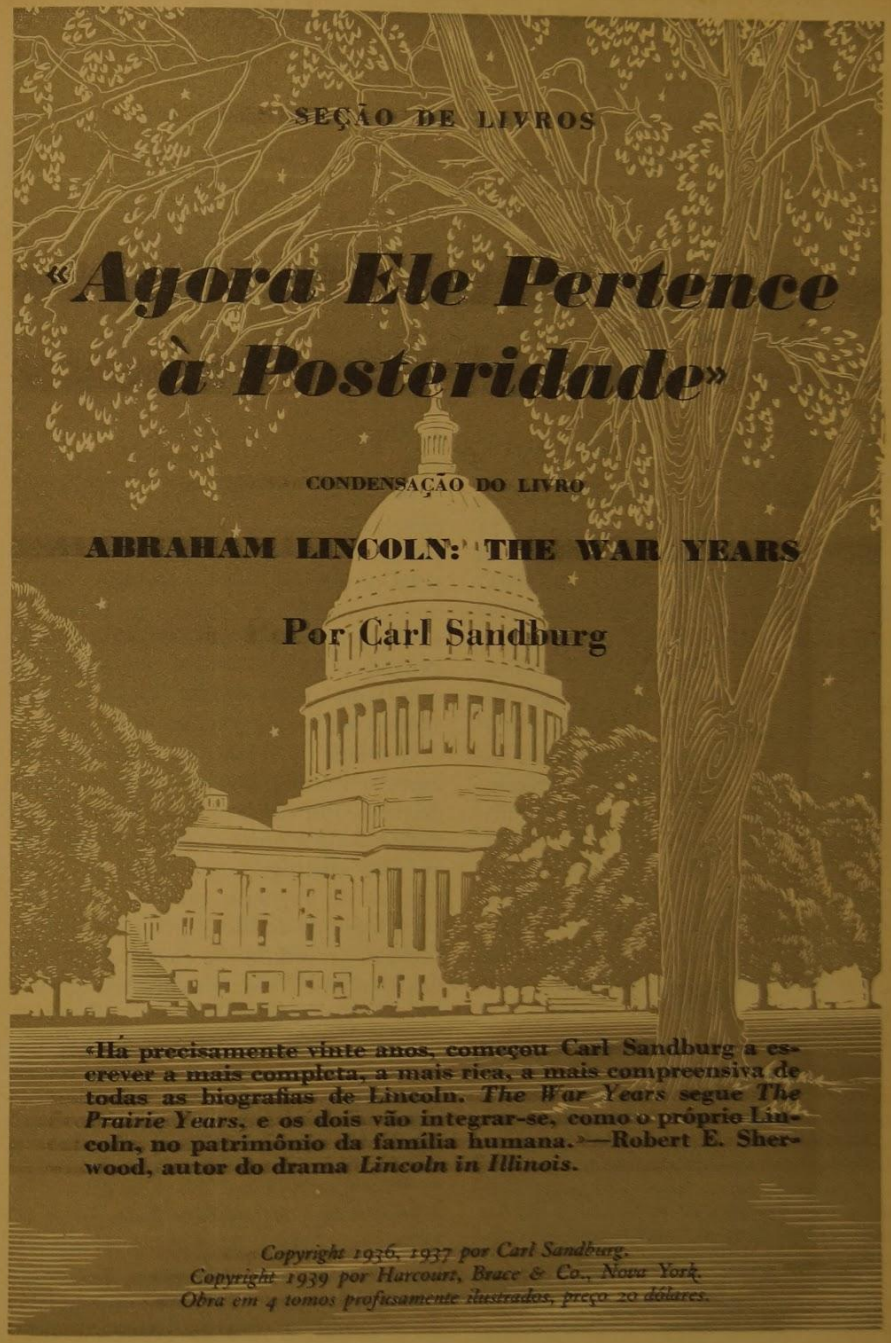
Diz o superintendente geral de uma das grandes fábricas de aviões: «Estaríamos perdidos se não fosse o sistema de treino profissional. A média do período de treino diminuiu de seis meses para duas ou três semanas.»

Esses resultados parecem fantásticos, e frequentemente confirmam todas as previsões. Só se conseguem, porem, quando os gerentes das fábricas, convencidos da eficácia do sistema, mantêm e desenvolvem as conferências preceituadas, e estágios subsequentes. Conquanto tivesse sido delineado para resolver um problema nas fábricas de material de guerra, o método vai sendo empregado em hospitais, estradas de ferro, serviços de ônibus, linhas aéreas e garages. A famosa Clínica Mayo em Róchester, Minesota, adotou-o. Uma companhia mineira do México, que costumava importar operários para trabalharem com as escavadoras elétricas na extração de minério de cobre, dispensa agora operários importados; está sendo bem servida por operários mexicanos devidamente treinados de acordo com as novas regras.

Descreví aquí apenas algumas das vastas aplicações do sistema de treino profissional, de tão seguros efeitos, e que está produzindo avantajados dividendos em muitas fábricas dos Estados Unidos.

¶ Há AGORA tantas mulheres no exército, que, quando um soldado vê um uniforme, vindo pela calçada, ele tem que esperar, até chegar a uma distância de 10 metros, para então saber se deve fazer continência ou assobiar coió.

— Bob Hope (NBC)



A vida de Lincoln, por Carl Sandburg, tem sido amplamente louvada como a mais bela das biografias que se escreveram nestes últimos anos. «É uma narrativa que, durante decênios, revigorará a confiança dos que acreditam na democracia,» diz Allan Nevins.

O que abaixo se vai ler é resumido dos episódios finais da grande obra de Sandburg. Em palavras ora vivamente dramáticas, ora eloquentes, de uma eloquência poética, aí se trata particularmente do dia que encerrou tragicamente a existência de Lincoln.

Sexta-feira da Paixão

CORRIA a Semana Santa de 1865, e a Sexta-feira da Paixão caiu a 14 de abril. Cinco dias antes, o general Robert E. Lee, chefe dos Estados Confederados do Sul, rendera as armas ao general Ulysses S. Grant, comandante das forças federais, na guerra civil que, havia quatro anos, vinha ensanguentando os Estados Unidos. Estavam findas as hostilidades. Ao que a muitos parecia, nunca a fisionomia de Abraão Lincoln se vira tão iluminada de benevolência e de júbilo. Perdera quinze quilos de peso; seu rosto não ocultava os sinais de uma grande fadiga; porem, todo o seu íntimo vibrava ao som de uma música deliciosa—um canto de paz na terra aos homens de boa vontade.

CARL SANDBURG nasceu no estado de Ilinóis em 1878. Até a idade de 36 anos foi totalmente desconhecido nos meios literários. Tinha sido sucessivamente distribuidor de leite, servente de barbearia, ajudante de contra-regra num teatro de terceira ordem, lava-pratos, moço de lavoura, soldado, vendedor ambulante, e por fim, jornalista. Os *habitués* de salas de conferências conheceram-no como poeta, cantor de baladas e habil banjoista. O seu livro *The War Years*, epílogo da sua grandiosa biografia de Lincoln, constituiu a grande sensação literária de 1939.

O programa do Presidente para aquele dia nada oferecia de extraordinário: serviço matinal de expediente, até pelas oito horas, café, audiências até as onze, quando se reunia o gabinete, almoço, novas audiências, um passeio de carruagem, à tarde, com a esposa, e à noite uma ida ao teatro. Deveria correr assim a sua Sexta-feira da Paixão.

A cidade de Washington apresentava aspecto festivo. Ruas e casas embandeiradas. Por todos os lados o estandarte nacional. Já a noite anterior decorrera, até alta madrugada, por entre demonstrações de regozijo público: iluminações, fogos de artifício, préstitos improvisados, precedidos de charangas e bandas marciais. Os fiéis enchiam as igrejas, a ouvir sermões da Paixão, onde eram rendidas graças ao Príncipe da Paz, que havia feito descer sobre o país a benção das alturas.

O grande acontecimento da vida nacional, marcado para o dia, teve por teatro Charleston, na Carolina do Norte. Com cerimônias formais, e ao troar dos canhões, hasteou-se de novo a bandeira no Forte Sumter, de onde, quatro anos e um dia antes, havia partido o primeiro tiro da guerra. Henry

Ward Beecher usou da palavra, apresentando ao Presidente dos Estados Unidos «nossas solenes congratulações por lhe ter Deus conservado a vida e a saude, sob a carga sem precedentes de quatro anos de sangueira, permitindo-lhe manter a unidade nacional por que tanto se tem esforçado». À leitura dos salmos de graças, a assistência entoou, com toda a unção, as palavras sagradas: «O Senhor obrou grandes coisas; por isso nos regozijamos.»

O general Grant, de regresso das linhas de batalha, havia chegado a Washington no meio de aclamações; e, tentando ir a pé do seu hotel ao Departamento da Guerra, teve que apelar para a polícia, que interveio a abrir-lhe caminho entre a multidão que o festejava.

A ida ao teatro, aquela noite, fora planejada pela senhora Lincoln. Representava-se no Teatro Ford um drama de terceira ordem—*Nosso primo americano*. Lincoln, por si, não teria ido. Mas a esposa havia feito o projeto de assistir ao espetáculo; e, por sugestão do marido, convidou o general Grant e a senhora a acompanhá-los, tendo ele aceitado o convite.

Horas depois, entretanto, Grant mudava de idéia. É muito provavel que a senhora Grant haja ponderado ao general que teria o maior prazer em ser agradavel ao presidente, mas lhe custaria suportar a companhia da senhora Lincoln, que ainda recentemente a ofendera com uma súbita explosão de mau-humor. O certo é que Grant recuou, alegando como escusa, para não ir ao teatro, o fato de ter que partir para Nova Jersey, onde os filhos o esperavam.

O Secretário da Guerra, Stanton, tinha aliás feito ver, e com insistência, tanto a Lincoln como a Grant, que deviam evitar a ida ao teatro. É que os seus agentes secretos o haviam posto a par de conspirações e ameaças, em virtude das quais fora imprudente, para os dois eminentes líderes, expor-se perante numerosa assistência, num lugar de facil acesso a «elementos mal intencionados».

Um sonho de mau agouro

NÃO ERA para estranhar a advertência de Stanton. Havia já três anos que ele vinha mantendo essa atitude, digamos, de inquieta vigilância. Contra os expressos desejos de Lincoln, mandava de vez em quando cavalaria, guardas a pé, agentes à paisana, seguir o Presidente. Sem dúvida, somente Hill Lamon, que tinha a seu cargo, mais diretamente, a guarda de Lincoln, seu amigo íntimo, o igualava na franqueza com que falava ao próprio Chefe do Estado sobre os cuidados a ter com a sua segurança pessoal.

Alguns dias antes Lincoln mandara Lamon a Richmond, em serviço do governo. Antes, porem, de partir, Lamon procurou o Secretário do Interior, Usher, e pediu-lhe que persuadisse Lincoln a sair à rua o menos possivel, durante a sua ausência. Decidiram então ir, os dois, à presença de Lincoln. Lamon rogou ao Presidente que lhe prometesse não se ausentar de casa depois do anoitecer, e sobretudo não ir ao teatro.

Lincoln voltou-se, e disse: «Usher, este rapaz é um maníaco da minha segurança.»

Mas o Secretário replicou-lhe: «Sr. Lincoln, é bom ouvir Lamon. Ele tem meios e oportunidades de saber mais do que nós sobre essas coisas.»

«Bem,—aquiesceu Lincoln—prome-

to fazer o melhor que possa.» E dando a Lamon um forte aperto de mão: «Adeus, Hill. Deus lhe abençôe!»

Não foi contudo tranquilo, que fez Lamon a sua jornada até Richmond. Angustiava-o, alem do mais, certa história que Lincoln lhe havia contado, de um sonho que tivera; tanto mais quanto, já alguns anos antes, fora o seu chefe e amigo visitado por estranhas manifestações, que valiam tambem por maus presságios. Falara-lhe o Presidente, mais de uma vez, no episódio da dupla imagem que vira num espelho. Era em 1860. Uma das faces brilhava de animação e de vida; a outra, dir-se-ia de um fantasma. «Que o mistério tinha a sua significação, era para Lincoln claríssimo: a primeira imagem correspondia a uma passagem segura do seu primeiro período como Presidente da República; a segunda queria dizer que o seu segundo período seria interrompido, em meio, pela morte.»

Espírito prático e estritamente lógico, Lincoln entretanto acreditava na realidade dos sonhos. Parecia-lhe, ao que diz Lamon, que todo sonho tem o seu sentido, uma vez que possamos seguí-lo por entre as extravagâncias em que o espírito humano é tão fertil. E as impressões de Lamon sobre Lincoln são autorizadas, pois a nenhum outro homem terá ele falado mais de perto, ou mais naturalmente. Nenhum tocou banjo para Lincoln, ou correspondeu ao seu desejo—«cante-me agora uma cantiguinha triste»—num concerto dos dois, a sós. Nenhum esteve mais próximo de ser, para o grande homem, o tipo do bom companheiro. E é Lamon quem escreve: «Ele sempre imaginou que haveria de cair, no ápice de sua carreira, pela mão de um assassino.»

O sonho que teve Lincoln naquela semana, a segunda do mês de abril de 1865, foi, no conceito de Lamon, «o caso mais impressionante» de que ainda houve notícia. Uma noite, na Casa Branca, presentes a senhora Lincoln, ele, Lamon, e mais duas ou três pessoas, eis como o referiu o próprio Lincoln, segundo a versão de Lamon:

«Aquí há uns dez dias, fui-me deitar muito tarde, e comecei logo a sonhar. Parecia haver em torno a mim uma quietude de morte. Ouví em seguida soluços abafados, como se estivesse por alí muita gente a chorar. Sentí então que me levantava da cama, e, descendo as escadas, saía a vagar pela casa. Fui assim de sala em sala. Em todas elas havia luzes acesas. Tudo, porem, deserto. Os objetos me eram familiares; mas de onde viria aquele choro, que parecia de corações a rebentar de aflição? Entrei afinal no Salão Este. Aí me esperava desagradavel surpresa. Vi diante de mim um catafalco, e sobre este um cadaver, envolvido em trajes fúnebres. Em torno, soldados a postos e povo, uns em lamentações ao pé do morto, cuja face estava coberta, outros a chorar de fazer pena. «Quem morreu na Casa Branca?» perguntei a um dos soldados. «O Presidente,—respondeu-me o homem—foi assassinado!» A essa altura, os lamentos da multidão se fizeram ouvir tão alto, que despertei com o ruido. Não pude mais conciliar o sono; e, embora se trate de um sonho, confesso que tenho estado desde então aborrecido com o caso.»

EM DUAS ocasiões, depois que entrou a exercer a magistratura suprema, havia escapado Lincoln de morrer assassinado. O primeiro atentado ocorreu no verão de 1863. Por aquela época fazia ele diariamente, a cavalo, o percurso de uns seis quilômetros entre o palácio presidencial e a Casa dos Inválidos da Pátria, onde a família passava os meses de calor. Uma daquelas manhãs, ao chegar à Casa Branca, disse a Lamon: «Tenho uma coisa a contar-lhe». E, levando-o ao seu gabinete, narrou-lhe a portas fechadas o que Lamon mais tarde reproduziu para a história, nos termos que se vão ler.

«A noite passada, cerca de 11 horas, fui sozinho aos Inválidos, montado no meu *Old Abe* (era um apelido dado a Lincoln, quando presidente da República, e que ele transmitira ao seu cavalo). Ao chegar à entrada da chácara, o animal a meio trote, e eu mergulhado em meditações, eis que ouví subitamente o som de um tiro de rifle, a não mais que uns cincoenta metros. De um pulo, o meu errático homônimo separou-me do meu chapéu alto de 8 dólares, e chegamos, a passo acelerado, a lugar mais seguro. Afirmo-lhe que os dois Old Abes não perderam tempo, no momento.

«Pessoalmente—prosseguiu—não creio que ninguem me desse um tiro com a intenção de matar-me; se bem que deva reconhecer que a bala daquele sujeito assobiou, um tanto incomodamente, demasiado perto de mim.»

Tudo isso, ele o dizia com um ar de grande seriedade. Mas, em seguida, disse num tom de gracejo: «Posso acrescentar com segurança, que um dos Abes ficou assustado, mas a modéstia me impede de mencionar qual deles foi. Não há nenhum interesse em dar publicidade a este incidente. Mais ainda, não quero que suponha que eu partilho das suas apreensões. Efetivamente, não as tenho.»

O outro fato se deu pelos meados de agosto de 1864. John W. Nichols, um guarda nos terrenos dos Inválidos, ouviu certa noite, por volta das 11 horas, um tiro de carabina, ao mesmo tempo que vinha chegando a toda pressa um cavalo, trazendo o Presidente, sem chapéu. «Olhe que o bicho tomou o freio nos dentes!» disse o Presidente. E, como Nichols lhe perguntasse pelo chapéu, respondeu que, tendo alguem atirado com uma arma de fogo, o animal se assustara, jogando-lhe o chapéu fora.

Nichols encontrou o chapéu, examinou-o, e descobriu que uma bala lhe havia varado a copa. Despertada para essa circunstância a atenção de Lincoln, «limitou-se ele a um comentário, ainda aí, de bom-humor, manifestando não desejar que merecesse a ocorrência qualquer divulgação.»

O certo é que duas vezes perdeu Lincoln o chapéu, enquanto fazia a cavalo a sua breve excursão. Os contínuos avisos de Lamon não eram tomados no menor apreço. Finalmente, desesperado, escreveu ele uma carta ao Presidente, pedindo a exoneração do cargo que exercia. Lincoln, é bem de ver, não deferiu, e Lamon valeu-se do ensejo para uma nova insistência: «Mais uma vez, v. foi esta noite ao teatro, desacompanhado. Quando digo desacompanhado, quero dizer que só estavam a seu lado Charles Sumner e um diplomata estrangeiro, nenhum dos quais estaria em condições de defender-se a si mesmo contra o ataque ou agressão de qualquer mulher robusta desta cidade. Não ignoramos, entretanto, que se conspira contra a sua vida, e, se não formos todos cautelosos, acabarão dando cabo dela!»

Não obstante avisado de que estava a oferecer-se como alvo facil, continuou Lincoln a ir ao teatro, sempre que assim lhe aprazia. Já o fizera, desde que se achava em Washington, uma centena

de vezes, seguido ora de uns, ora de outros companheiros, e até, não raro, sozinho. Disse uma feita, a alguem que o interrogou sobre a espécie: «Vou simplesmente para mudar de ambiente; rio, porque não devo chorar. É tudo.»

Caminhando para o Departamento da Guerra, naquela sexta-feira à tarde, fez alusão ao perigo que possivelmente o cercava. Conforme o depoimento do guarda da Casa Branca, W. H. Crook, que o acompanhava no momento, chegou a dizer a este: «Você sabe, Crook? Há pessoas por aí que desejam tirar-me a vida.» E, depois de uma breve pausa, em parte como a falar de si para consigo: «Não tenho dúvida de que o farão.»

«Espero que nunca, Sr. Presidente,» observou Crook. Lincoln deu alguns passos em silêncio, e respondeu ao guarda: «Tenho a maior confiança em cada um dos seus homens. Sei que quem o fizesse não escaparia com vida. Mas, se tiver de acontecer, ninguem o evitará.»

Ao entrar na Casa Branca, despediu-se com estas palavras: «Adeus, Crook.»

Crook ficou perturbado; porque até então o Presidente usara sempre de outra expressão: «Boa noite, Crook.» Aquele *adeus*, que era uma novidade, impressionou o guarda.

NO CARRO em que o Presidente e a senhora Lincoln tomaram assento aquela noite, entraram com eles, convidados a acompanhá-los ao teatro, o major Henry R. Rathbone e sua noiva, senhorita Clara Harris. Rathbone, de 28 anos, e pertencente a abastada família de Albany, era um oficial de voluntários, adido de confiança ao Ministério da Guerra.

Quanto à guarda pessoal do Presidente, coube ela naquele dia, ou antes, àquelas horas, a John F. Parker, um dos quatro agentes, da força pública da capital, destacados para o serviço. Tratava-se de um indivíduo de 35 anos, que, tendo sido anteriormente carpinteiro, se alistara por três meses no exército, entrando a fazer parte da polícia em 1861. Tinha mulher e três filhos. Em 1862, ao que ficou apurado, tratou de maneira insolente um determinado cidadão, e usou, para com um superior, de linguagem desrespeitosa. Em 1863, foi processado sob a acusação de, quando em serviço de patrulha, estar a dormir num carro de praça, e ter permanecido cinco semanas, no meio de bebedeiras, numa casa de prostituição, conduta de todo imprópria para um policial. Mas as autoridades competentes não tomaram as providências que no caso deviam caber.

Como Parker foi escolhido para desempenhar, na Casa Branca, funções de tanta responsabilidade, não é muito claro. É certo, não obstante, que, requisitado em dado momento para serviço no exército, a senhora Lincoln escrevera à respectiva autoridade dizendo ter sido por sua ordem que ele viera servir na residência presidencial.

De qualquer modo, foi a um tipo de tal ordem que tocou exercer, naquela noite de 14 de abril, um papel que desempenharia com uma nulidade que, ainda assim, pareceu demasiada. Ninguem, no mundo, o excederia no gênero. Ele não tinha olhos para ver, nem ouvidos para ouvir. Só tinha, de positivo, a proteção política.

Lua de sangue

A NOITE era de mau tempo. Nuvens baixas. Neblina. De vez em quando, aguaceiros. Uma umidade penetrante e incômoda. À luz dos lampiões de gás,

um ou outro vulto de transeunte, corcovado sob a friagem.

A carruagem deixou a Casa Branca com os seus quatro ocupantes, tendo às rédeas o cocheiro Francis Burns, e, ao lado deste, um lacaio, Charles Forbes. A uma ordem de Burns, os cavalos puseram-se em marcha. Nenhuma circunstância de última hora—algum telegrama, por exemplo, que chegasse subitamente às mãos do Presidente—aconselhou que se cancelasse a ida ao teatro.

Transpostos os portões, Lincoln, da janela do carro, lançou um último olhar à Casa Branca, onde tinha vivido quatro anos e quarenta e um dias. Antes de dobrarem uma esquina, poderia ter vislumbrado, curvando-se para a frente, a destacar-se aureolada de luz, a cúpula mística do Capitólio, uma bandeira a flutuar como símbolo da União dos Estados.

NO TEATRO Ford tinham já dado começo à representação da peça. Lá estava John Parker de serviço. Eram cerca de 9 horas quando chegaram o Presidente e o seu séquito, aliás reduzido. Um guarda os conduziu ao camarote. Os atores interromperam a representação enquanto o público se manifestava em aplausos, que o Presidente agradecia, inclinando-se. Mas, logo em seguida, continuou o espetáculo.

Sentados à frente, o major Rathbone e a senhorita Harris ficaram a plena vista da assistência. A senhora Lincoln preferiu colocar-se bem atrás, não tanto quanto o Presidente, que se acomodou à vontade numa cadeira de balanço, ao fundo do camarote, oculto por uma cortina. Alí somente o veriam seus próprios convidados, os atores, e uma ou outra pessoa que pudesse aparecer nos bastidores, à esquerda.

O isolamento, entretanto, era na verdade menos completo do que parecia. Havia no camarote duas portas, e uma delas, a pequena distância do Presidente, não era fechada à chave. Nesta porta, um intruso, àquela tarde, abrira um pequeno orifício, por onde seria possivel espreitar; e a porta dava para uma estreita passagem que conduzia a outra, aberta precisamente para os balcões do teatro.

Seria então por estas duas portas que o intruso teria que passar, afim de poder atingir o camarote presidencial. Ficaram mesmo vestígios de que lhe esteve nos cálculos inutilizar, no instante próprio, a porta dos balcões, de maneira a impedir que importunos, com risco para os seus planos, pudessem dela por acaso servir-se.

Cumpria a John F. Parker estar sobretudo atento àquelas duas passagens. A um homem cuidadoso, não teriam provavelmente passado despercebidos, nem o orifício, à verruma, na porta do camarote, nem uma espécie de pequeno nicho cavado na parede, juntinho à dos balcões. Ao contrário, uma e outra coisa estranhas o induziriam a redobrar de desconfiança e vigilância. Se Lincoln confiava, como dissera poucas horas antes a Crook, nos homens que respondiam pela sua segurança pessoal, teria suposto sem dúvida que Parker, àquela hora, se acharia postado com o seu revolver à porta do camarote.

NESSE particular da confiança, Lincoln estava enganado. Se em algum raro momento foi John Parker solícito em cumprir o seu dever, tal não ocorreu aquela noite. O que, bem ao inverso, nele predominou aquela noite, foi o seu hábito de não ligar importância às próprias obrigações. Fora, aliás,

sempre assim. A não serem boas bebidas e mulheres ordinárias, nada o interessava. Já que nunca seria alguem, procurava tirar proveito do pouco ou nada que era, em última análise. Não teria, contudo, imaginado a que extremos iria chegar a sua insignificância, à luz de um caso em que ficou tão em foco o seu relaxamento.

«O guarda—escreveu posteriormente o fiel Crook—tinha o seu lugar à retaguarda do camarote, junto à entrada. As instruções o obrigavam a alí permanecer, bem armado, para proteger o Presidente, em todas as circunstâncias. Do ponto onde ele se achava, não podia ver os atores; podia, entretanto, ouví-los. Foi assim que, a uma dada hora, interessado no desenrolar da peça, desertou tranquilamente o seu posto, e, seguindo por uma passagem lateral, quase às escuras, tomou assento entre os espectadores.»

Ou durante um intervalo, ou em alguma parte do espetáculo que lhe houvesse parecido menos interessante, ou porque foi mais forte do que tudo a tentação do *whisky*, o fato é que, a certa altura, John Parker deixou o seu lugar nos balcões, e foi à rua aquecer-se com um pouco de alcool, convidando o cocheiro e o lacaio do carro do Presidente a tomar com ele um trago.

O Intruso, vigilante, na tocaia, não perderia ocasião tão propícia à realização do que tramara...

ENTRE onze horas e meio dia daquela Sexta-feira Santa, o belo, excêntrico, impetuoso e ainda jovem ator John Wilkes Booth, viera ao Teatro Ford, em busca de sua correspondência postal, e ouvira que um mensageiro da Casa Branca tinha mandado reservar um camarote para o Presidente, que devia assistir ao espetáculo daquela noite. Havia meses que Wilkes Booth e seus cúmplices vinham insistentemente conspirando contra a vida de Lincoln. Era chegada a hora decisiva. Esperava ele, não apenas afastar um chefe de governo, a quem atribuia, no seu delírio, a responsabilidade capital por todos os tormentos do seu querido Sul, mas dar desafogo ao bárbaro desejo, que freneticamente o empolgava, de matar o plebeu «mestiço», que lhe inspirava um ódio insopitavel. Entrou pois em ação. Pelas quatro horas da tarde voltou ao teatro, então vazio, e lá viu a cadeira de balanço, a um canto do camarote de onde deveria o Presidente assistir ao espetáculo. Inspecionou fechaduras, abriu um orifício através da porta do camarote, e uma cavidade na parede onde colocou uma barra com que travaria mais tarde a porta de comunicação entre o corredor e os balcões.

Às sete horas, deixou, para nunca mais alí voltar, o quarto que habitava no Hotel Nacional. De passagem, perguntou a um dos empregados do escritório do hotel se não iria ao Ford. O homem não pensava em tal coisa. «Pois hoje haverá alí uma boa representação,» disse-lhe Booth, e seguiu, que não tinha tempo a perder. Correu ao encontro de um dos seus cúmplices—Paine. Combinaram os dois o seu horário: à mesma hora e minuto, Paine iria à residência de Seward, Secretário de Estado, para o matar, e ele, Booth, assassinaria o Presidente. Um terceiro conjurado, Atzerodt, deveria tomar a seu cargo a eliminação do Vice-Presidente Johnson; mas faltava-lhe, para tanto, a disposição necessária. Booth cobriu-o de recriminações, taxando-o de traidor e de cobarde. Atzerodt inclinou-se, tomado de angústia e perplexidade, em todo

caso um dos raríssimos homens que poderiam ter dado aviso à polícia do que Booth havia tramado para consumar-se aquela noite.

De um estábulo, perto do Ford, partiram, pouco antes das dez horas, Booth para o Ford, e Paine, a cavalo, para a casa de Seward.

Já ia o espetáculo por mais do meio quando Booth chegou ao teatro. Ao passar pelo porteiro, teve para este um sorriso, perguntando em tom prazenteiro: «Não quer o meu bilhete?» O porteiro apontou-lhe o relógio: «Dez e dez!» Booth abriu a porta da platéia, e olhou os camarotes. A peça—*Nosso primo americano*—já lhe era conhecida. Havia mesmo escolhido o ponto da representação que lhe pareceu mais estratégico para a sua entrada em cena. Era numa ocasião em que somente um ator permanecia no palco. Costumava ocorrer nessa passagem um riso do auditório, e este riso bastaria para abafar qualquer ruido estranho que houvesse num camarote.

Galga Booth as escadas, atravessa os balcões por trás de uma das filas de cadeiras, e atinge assim a passagem que o leva ao local aonde o arrasta o destino.

E A PRÓXIMA CENA? A cena imediata seria uma das mais bárbaras, uma das mais inconcebivelmente funestas e atordoantes, que já comoveram o mundo.

Aquele momento de fatalidade, nem sequer o percebeu a assistência do teatro. Só um homem o testemunhou. Foi justamento o Intruso. Depois de inutilizar, com a barra escondida no buraco que abrira na parede, a porta por onde entrara, dirigiu-se, com pés de lã, ao camarote presidencial; aí espiou, de fora, pelo orifício que tambem fizera, com uma verruma, na porta, o que se passava lá dentro, e deu com o seu Alvo Humano sentado na cadeira de balanço. Abriu devagarinho a porta, e encaminhou-se para a sua presa, na mão direita uma pequena pistola de bolso, de um só tiro, cano de bronze, na esquerda um punhal de aço.

Mantinha o sangue-frio, e cada um dos seus movimentos era bem preciso e calculado. Estendendo o braço direito, alinhou o cano da arma com a cabeça da sua vítima, a pouco mais de um metro de distância—e puxou o gatilho.

Uma bala de chumbo, de cerca de um centímetro de diâmetro, penetrou o lado esquerdo da cabeça do Alvo Humano, uns seis ou sete centímetros atrás do ouvido. Para Abraão Lincoln, aquilo foi a treva, a boa-noite, e um longo adeus à terra e às suas árvores, aos seus companheiros amaveis, e à União dos Estados e a toda a Família Humana que tanto amara. Estava a lutar com a morte. Porem não disse mais uma palavra; não mais viu, nem ouviu, nem recobrou conciência, até o instante final, que seria questão de horas.

A ASSISTÊNCIA no teatro ignora o que acaba de passar-se. O major Rathbone salta da cadeira. A enfrentá-lo com uma faca, surge uma estranha criatura humana, de uma vivacidade terrivel, um agílimo animal selvagem, veloz como um tigre, um gato do mato em forma de homem, a cabeça descoberta, os cabelos negros e lustrosos—uma lisa face sinistra com olhos a fuzilarem. Procura atingir com a faca, num golpe ligeiro e desapiedado, o coração de Rathbone. Mas este ergue o braço direito, defendendo-se, e aí recebe um ferimento profundo, que o faz recuar, cambaleando. O tigrino indivíduo, de-

sembaraçado do obstáculo, sobe, num ápice, ao parapeito do camarote.

O público, um tanto perplexo, tem um ar de quem pergunta se alguma coisa de anormal estaria acontecendo. Ou faria aquilo parte da peça?

Do parapeito, a uns três metros de altura, dá o enfurecido um salto lépido. Sofre então um contratempo com que não teria contado nos cálculos tão perfeitos que fizera. Uma bandeira da União, que haviam alí pendurado, se prende em uma das esporas de que ele provera os sapatos para a escapada a seguir-se, e disso lhe resulta uma queda, com fratura da canela da perna esquerda. Mas o público permanece ignorante do que praticara o fugitivo. Vêem-no apenas, erguendo-se, correr através do palco e evaporar-se. Houve quem tivesse ouvido um grito de Rathbone: «Prendam esse homem!» Booth precipita-se por uma porta que dava para um beco. Aí o espera, com um cavalo baio, um pobre e obtuso rapaz, que vivia de biscates, por alcunha John Peanuts. O fugitivo empurra-o para o lado, e voa sobre o cavalo; o ruido dos cascos do animal, batendo nas pedras, faz-se ouvir incontinenti. Entre este momento e o do tiro, são decorridos, ao todo, uns 60 a 70 segundos.

Se o Intruso fez uma pausa, após disparada a arma, e pronunciou em voz alta uma frase dramática, não se pôde saber ao certo, porque os depoimentos divergiram nesse particular, dizendo uns que ele entrou logo a correr, enquanto, ao que afirmam outros, encarou um instante a assistência, e proferiu com ênfase as palavras que Virgínia tomara por divisa, as de Brutus, ao matar Cesar: *Sic semper tyrannis!*—«Assim sempre aos tiranos!» Até mesmo quanto à frase, porventura pronunciada, surgiram divergências, havendo quem diga tenha sido esta: «O Sul está vingado!»

Segundo alguns, as luzes do teatro se apagaram. Outros, a mil quilômetros de distância, viram a lua surgir por trás de nuvens de um rubor de sangue. Foi aquela uma noite de muitas testemunhas, qual delas mais atônita e pungida...

Mas já toda a platéia está de pé. A atmosfera é de pânico. «Que é isto? Que aconteceu?» «Santo nome de Deus, que aconteceu?» Um grito de mulher corta o espaço. É, de acordo com alguns testemunhos, a própria senhora Lincoln quem brada: «Ele atirou no Presidente!» Espectadores se aglomeram às proximidades da ribalta. Outros tantos enchem os corredores, sem saber que rumo tomar.

A senhora Lincoln, voltando da varanda do camarote, de onde vira o possesso escafeder-se pelos fundos do palco, dá com o marido na cadeira de balanço, a cabeça caida para a frente. Com pequenos soluços entrecortados, lança-se ao seu encontro. Já o Major Rathbone tinha gritado por um médico, e, com o braço a doer e a sangrar, ordenara ou tomara as providências que imediatamente se impunham. Ao povo que se vem acumulando nas imediações do camarote, é vedado passar alem de certo ponto. Só a um homem se permite entrar no camarote.

Este homem é o dr. Charles A. Leale, de 23 anos, cirurgião-assistente do corpo de Voluntários dos Estados Unidos.

A senhora Lincoln indaga, entre lágrimas: «Oh, doutor! Ele está morto? Não se salvará? O senhor toma conta dele? Oh! meu querido marido, meu querido marido!» O médico procura consolá-la, dizendo-lhe fará tudo o que esteja em suas forças.

O corpo, desfalecido na cadeira, dir-se-ia já de um morto. Olhos cerrados. Não se percebe, ao certo, se respira. O dr. Leale, com auxílio de outras pessoas, levanta-o, para o estender no chão. Apoiando-lhe, para isto, as espáduas e a cabeça, nota-lhe um coágulo de sangue, perto do ombro esquerdo. Recorda-se então do punhal que vira luzir no palco, quando o assassino o atravessava a correr, e supõe que o Presidente foi apunhalado. Abre-lhe o casaco e a camisa, e não acha ferimentos. Mas levantando-lhe as pálpebras, observa sintomas evidentes de anormalidade cerebral. Passa os dedos, rapidamente, pelos cabelos emaranhados da vítima, e encontra um ponto ferido. Desfeito o coágulo sanguíneo que aí se havia formado, a pressão sobre o cérebro se alivia, e o pulso e a respiração, embora fracos, dão contudo sinal de vida.

Diria, mais tarde, o dr. Leale: «Vi que não era um caso de morte imediata. Mas pronunciei, desde logo, meu diagnóstico e prognóstico:—Este ferimento é mortal. É impossivel salvar o Presidente.»

O Dr. Leale pede que se transporte o Presidente para a casa mais próxima que houver. Alguns indagam se não pode ele ser levado, diretamente, para a Casa Branca. O dr. Leale responde: «O Presidente morreria antes de lá chegar.»

Quatro soldados erguem o corpo pelo tronco e pelas pernas. Chegam mais dois médicos. Um lhe segura o ombro direito, outro o esquerdo, e o dr. Leale a cabeça. Dirigem-se para a porta do camarote. O povo, aglomerado no corredor, impede a passagem. Um capitão, com soldados armados de espingardas, baionetas, sabres, grita, ordenando a homens e mulheres, a transbordar de curiosidade, que desobstruam o caminho.

Então, o pequeno préstito solene, conduzindo a preciosa carga, a cabeça à frente, caminha a passo lento através de um espaço aberto pela força pública, a postos.

Na rua—sob o alto céu da noite, onde nuvens escuras se desdobram, deixando aparecer de vez em quando uma esplêndida e alva lua—a perplexidade continua: «É o Presidente que estão carregando?» «É certo que o mataram?» «Oh, Deus! não pode ser verdade!»

Ao terem que atravessar, em frente ao Teatro Ford, Leale apela para o capitão, pedindo-lhe abrir caminho por entre o povo, de maneira que possam chegar à casa fronteira mais próxima. Entre alas de homens, que o protegem, desfila o cortejo. Chega, todavia, a informação de que a casa a que se dirigem está fechada. Na imediata, entretanto, vê o dr. Leale, em pé, à porta, com uma vela acesa, alguem que lhes acena, para que entrem.

Assim o Amigo do Homem, tão mal ferido, vai receber agasalho no quarto alugado de William Clark, pensionista de William Peterson, e aí o fazem deitar numa cama simples de madeira, onde passará seus últimos momentos. São 10 horas e 45 minutos; não faz meia hora ainda que o assassino puxou, no camarote, o gatilho da pequena pistola de bolso.

A cama é curta demais, o que obriga a manter levantados os joelhos do ferido. Leale, em ânsias, ordena que se removam os pés da cama, e, como parecesse dificil realizá-lo de pronto, faz estender o corpo em diagonal através do leito, arranjando-se com travesseiros,

carinhosamente, o mais possivel, uma posição de repouso.

AGORA, é esperar pelo fim. Pode este ser protelado um pouco mediante contínua remoção do sangue coagulado no orifício do ferimento. Afora isto, o que fazem os cirurgiões é tão somente tomar a respiração e o pulso, e aguardar, impotentes, diante de inapelaveis circunstâncias.

O quarto é de 5 metros de comprido por 3 de largo. Cobre o chão um tapete de Bruxelas. Em torno, algumas cadeiras, uma secretária comum, uma pequena chaminé de madeira, um lavatório com bacia e jarro. Lá fora, o luar se perde por detrás do céu cinzento, um céu frio, igual e monótono.

Roberto Lincoln chega com John Hay, secretário privado do Presidente. É informado de que não há esperanças. Não pode conter as lágrimas. Recobra, porem, o ânimo, e não poupa esforços, durante a noite, por dar consolo à mãe.

A intervalos, é a senhora Lincoln avisada de que pode aproximar-se do marido. Numa dessas ocasiões, ouvem-na dizer, a chorar: «Viva! Você deve viver!» E outra feita: «Tragam Tad. A Tad ele falará. Ele lhe quer tanto!» Não se julga, entretanto, de bom aviso permitir ao pequeno ver o pai naquelas condições.

Um por um, os membros do Gabinete vão chegando. Todos, exceto Seward, Secretário de Estado (Ministro das Relações Exteriores). Estava ele, àquela noite, em casa, ainda de cama, vítima que fora, dias antes, de um acidente de carruagem, quando Paine, um dos membros da conjura chefiada por Booth, lhe vibrou uma punhalada, que por pouco o teria morto, antes que chegassem a acudí-lo seus dois filhos e o enfermeiro, que puseram em fuga o atacante. O Vice-Presidente, Johnson, compareceu por seu turno em rápida visita. Ele figurava na lista, organizada por Booth, dos que naquele dia, à mesma hora, deveriam ser executados. Nada contudo lhe sucederia. Atzerodt, o seu pretenso algoz, não era homem para execuções: a hora própria julgou melhor desistir.

Quando os primeiros raios de sol, coando-se pelas janelas, anunciaram no aposento o amanhecer do dia, era claro que o Presidente se estava ultimando. Pouco antes das sete, o Secretário da Marinha, Welles, entrou no quarto, onde um ardente Amigo do Homem se ia enregelando, a mover-se naquele último calafrio, que todos conheceremos, cada um de nós no seu dia. «A esposa fez-lhe a derradeira visita. Começara o combate final. Roberto, o filho, postou-se, com outras pessoas, à cabeceira. Manteve-se bem; mas, por duas ocasiões, não conseguiu reprimir uma explosão da mágua insopitavel.»

Era sábado, 15 de abril de 1865. Às 7 horas, 22 minutos e 10 segundos, o Amigo do Homem rendeu a alma a Deus.

A Morte reclamara os seus direitos. Para um rio de águas profundas, para um país misterioso, longínquo, para uma viagem de que se não volta, acabava de partir o filho de Nancy Hanks e Tom Lincoln, que, da humildade de uma vida rústica, descortinara a beleza de amplos horizontes a rasgar, e cujo nome, antes de inscrever-se na pedra funerária, já se havia tornado lendário, tanto a ele se ligava, de modo indissolúvel, a luta humana pela liberdade à face da terra.

Notificada, a viuva lançou-se em soluços com uma indizivel angústia sobre o corpo inanimado. Ao ser afastada, soltou, do fundo do coração, este grito: «Oh! meu Deus, eu levei meu marido para a morte!» O dr. Leale passou a mão de leve sobre o rosto do cadaver, tirou do bolso duas moedas que lhe colocou sobre as pálpebras, cobrindo-lhe em seguida a face com um pedaço de pano branco.

Ao que escreveu John Hay, a fisionomia do morto, vincada pela fadiga, tinha a iluminá-la «uma expressão de paz inexplicavel.»

Stanton, ao que depois foi divulgado, pronunciou estas palavras, que ficaram memoraveis: «Agora ele pertence à posteridade.»

QUANTO a J. Wilkes Booth, enquanto se escapava para o Sul, onde tinha por certa a acolhida com que os confederados haveriam de saudá-lo, exaltando-lhe a façanha, não tardou a verificar que os fatos não respondiam à sua expectativa. Havia ao contrário, segundo lia e ouvia, uma impressão bastante acentuada de que o seu ato, sobre ser um crime, fora tambem um erro. Em vez de matador de um tirano, via-se nele o assassino de um bom amigo do Sul.

Pela manhã de 26 de abril, perseguido como uma fera, acuado como um rato, veio a acabar tragicamente. Perto de Bowling Green, na Virgínia, no interior de um celeiro em chamas, a que de fora se lançara fogo, uma bala varou-lhe o pescoço. Carregaram-no, e deitaram-no à sombra de uma árvore. Deram-lhe água. Recobrou conciência, murmurando, entre lábios ressequidos: «Digam a minha mãe que morrí por meu país.» Transportado para a varanda de uma casa, aí voltou a expandir-se, numa voz que se sumia: «Supús ter feito pelo melhor.» Resistiu por um momento. Veio um médico. Wilkes Booth perguntou se lhe podiam levantar as mãos, de modo que lhe fosse dado vê-las. Fizeram-lhe a vontade. E ele, olhando para as próprias mãos, disse, ofegante e rouco: «Inutil! Inutil!» Foram as suas últimas palavras.

E o tal John Parker, cujo dever jurado era o de estar vigilante, à porta do camarote, em guarda do Presidente? Não lhe faltaram, é certo, acusações por seu relaxamento. Porem não foi processado, e só três anos depois se viu exonerado de modo deshonroso da polícia, acusado de dormir, quando em serviço.

Como repercutiu em Parker a notícia do assassínio de Lincoln? É possivel que o tenha despertado, um pouco, da letargia. Terá passado provavelmente a noite, em certo estado de atordoamento, pelas ruas de Washington, a parar aquí e alí, ouvindo o que se dizia, mas preocupado sobretudo com as explicações que daria da sua ausência do posto, à hora do crime. Às seis da manhã, apresentou-se conduzindo, presa, uma pobre meretriz. Era um plano de que se valia, para revelar atividade, em horas tão matinais. Nada havia entretanto a alegar contra a desgraçada mulher, que foi imediatamente posta em liberdade.

Nem Stanton, nem qualquer dos membros do Congresso, nem mesmo um só dos jornais, ou um desses procuradores espontâneos e habituais do bem público, ninguem mostrou interesse, a não ser muito ligeiro, por assim dizer momentâneo, pelo caso daquele guarda que faltou a um dever sagrado, quando, por menos, outros terão pago, ao preço da própria vida, a sua deserção ou cobardia.

A comoção—Um povo angustiado

O Norte, que havia estabelecido, no momento, uma União de Estados, mergulhou em profunda tristeza. Para onde quer que se olhasse, era o luto a patentear-se por todas as formas de demonstração.

As conversas nas ruas, nas casas, nos lugares de frequência pública, nos trens, nos carros de praça, os panos, o crepe—tudo era, afinal, tentativa para dar expansão a alguma coisa que se não podia exprimir.

Tentava-se trocar impressões; mas as palavras faltavam, e voltava-se ao silêncio. Melhor seria calar.

Lincoln deixara de existir.

Haveria mais a dizer?

Que todos manifestassem o seu pesar, e tomassem a sua parte no grande funeral nacional, e numa cerimônia ao mesmo tempo de humilhação e de lágrimas. Nada, porem, de palavras, que todas estavam ditas na só e simples enunciação do fato.

Lincoln deixara de existir.

Nunca mais haveria de ouví-lo o povo americano.

Um grande amigo do homem se eclipsara de súbito.

Tudo o que se pudesse dizer, seria esforço vão para expressar as proporções da perda.

Silêncio, luto, serenidade nas resoluções, era o que cumpria, na emergência, aos que o amavam e o admiravam, sentindo-lhe tão vívida a presença que, se diziam: «É terrivel», ou «Deus nos ajude», era como se falassem, não a outrem, mas a si próprios, côncios de que as suas expressões não tinham qualquer destino exterior.

Milhares e milhares haveriam de lembrar-se, enquanto vivos fossem, do lugar exato onde se achavam, até mesmo da posição em que se encontravam no momento, de pé, sentados, deitados, e do que estavam a fazer, com todos os pormenores, quando receberam a notícia.

«O Presidente Lincoln foi assassinado!» estas as cinco palavras que percorreram o país, cidades, estradas, fazendas, abalando-o de um extremo a outro, dolorosas, pungitivas.

Centenas de milhares de cidadãos haveria por aí, que representavam os alicerces da sua grande obra, tão prontamente acudiram à sua voz de comando.

Quando ele apelou para filhos, pais, irmãos, maridos, estes responderam ao chamamento, comungando na sua fé, uns pela União dos Estados, outros pela extinção do cativeiro.

Toda essa gente não tinha agora palavras, senão apenas tristeza—uma tristeza que ultrapassava os limites do poder de expressão da palavra.

A bandeira nacional, pura e simples, não caberia, no caso. Era mister pôr-lhe uma borda negra, ou guarnecê-la de crepe.

Quatro anos eram passados que o viram assumir o governo, e tantas conjeturas se fizeram sobre o que seria ele como Chefe da Nação.

Melhores provas de si não poderia ter dado; e, quando porventura a confiança periclitava em outros, nunca soube esmorecer.

Ninguem, por outro lado, ignorava quanto lhe confrangia o coração ver aquela corrente incessante de homens e rapazes que se moveu para o Sul por quatro longos anos; que a morte se lhe tornou familiar, tanto nele vivia a lembrança dos que perdeu na guerra, a ponto que medo não tinha de juntar-se ao «bivaque dos mortos»; que, na penumbra em que acabava de entrar, o haviam antecedido muitos camaradas e bravos, por ele distinguidos, e até mesmo desertores, por ele frequentemente perdoados.

Não era, entretanto, sabido o que lhe ouvira certa vez a delicada mulher de cuja pena saiu *A Cabana do Pai Tomás:* «Eu não durarei muito, depois de acabada a guerra.»

No meio de tanta paixão e tanto sangue, sob a pressão, não raro, de conselhos irrefletidos, insanos, não cometeu jamais o grande erro, que tudo teria perdido.

Foi nessa forja que se sentiu sua têmpera.

Ele era do povo, pelo povo, e para o povo.

Para o auscultar mais de perto, fizera-se, cada vez mais, seu vizinho, seu amigo íntimo, o homem compreensivo a quem valia a pena acompanhar, ainda que sem saber seguramente para onde ele estava indo.

Agora já não era o Pai Abraão do número dos vivos.

Não se contariam mais histórias a respeito do «Old Abe», na Casa Branca de Washington.

O Presidente Lincoln—seus manifestos e proclamações, suas cartas e discursos—tudo estava acabado.

Só o que subsistia, era uma memória a guardar.

Esta, porem, ficava, já que de fato sobreviveriam à vida que ele vivera o espírito e as luzes desta vida. Nem um tiro de pistola, nem a mais pesada artilharia, teriam força bastante para varrer da presença das gerações por virem o quadro que ele deixava—a voz e a figura daquele alto profeta do sonho americano, da fé na Família Humana por toda a face da terra.

Mede-se melhor uma árvore quando ela cai...

No sábado que se seguiu à Sexta-feira Santa, milhares de sermões tiveram que ser substituidos, por se haverem tornado impróprios para aquele Domingo de Páscoa. Impunha-se um novo sermão. Nas catedrais das grandes cidades, como nas igrejas do campo; nas capelas dos hospitais, como nos serviços religiosos dos navios de guerra, ou dos acampamentos do exército, os sermões de Páscoa consagraram o Presidente morto.

A imprensa, diariamente, fornecia aos seus leitores o noticiário dos fatos que se iam desenrolando, em linguagem que afinava com o sentimento público. Comentários editoriais, cartas, efusões poéticas, eram impressos em caracteres de luto.

Fora de qualquer dúvida—assim diziam jornais e personalidades de relevo—não havia notícia de homem cuja morte tivesse despertado, em todos os paises, tão grande interesse humano, tão genuina lástima, tão ampla repercussão em comentos e debates.

Um tópico do *Harper's Weekly*, com a legenda «Luto em Richmond», descreveu o pesar reinante, mesmo naquele que, tão pouco havia, era território inimigo: «O general Lee recusou-se, a princípio, a ouvir pormenores do homicídio. Declarou que, ao renunciar ao comando das forças rebeldes, se rendeu tanto à bondade de Lincoln quanto à artilharia de Grant. Acrescentou o general que lamentava tanto a morte de Lincoln como qualquer homem do Norte, e nele reconhecia um paradigma de magnanimidade e boa-fé».

O brigadeiro confederado Louis Wigfall considerou a tragédia «o maior in-

fortúnio que poderia ter sucedido ao Sul.» E o major, tambem confederado, Charles F. Baker, no momento em Cairo, a caminho de Nova Orleãs, fez publicar uma carta em que, pedindo «a vingança do Céu» sobre o assassino, declarou que, se as autoridades confederadas estivessem implicadas no caso, «eu estou tão longe do Sul como desejara estar.»

Na Inglaterra, onde o sentimento popular nunca permitira ao governo o reconhecimento da Confederação, a mágua foi profunda. Na Alemanha, muitos clubes de operários, sociedades cooperativas e jornais trabalhistas lamentaram publicamente a grande perda, dizendo-se por ela atingidos. Na Suécia e Noruega, as bandeiras nos navios foram postas a meia-verga. Pelos quatro cantos da terra, espalhou-se, numa onda de veneração e simpatia, a história e lenda de Lincoln. Todos se interessavam, em toda parte, pela empolgante personalidade. Todos compreendiam, mais ou menos, o que o seu nome exprimia. Viajantes, nos vários continentes, já não tinham mais surpresa ao encontrar em casas humildes o retrato de Lincoln, e o interesse por conversas em que o assunto fosse ele.

A 19 de abril, Ralph Waldo Emerson falou em Concord, Massachusetts. Com a sinceridade impecavel que pôs em tudo quanto disse e fez, deu Emerson alí expansão às suas meditações sobre o fim da vida de Lincoln. O negror da calamidade tinha ido por mares e terras, de país em país, «como a sombra de um eclipse.» Velha como era a história, não parecia, todavia, a Emerson, que jamais tão grande pena houvesse causado uma morte ao gênero humano.

Referiu-se Emerson à sua «imensa boa natureza, que o fez tolerante e acessivel a todos; puro de pensamentos e intenções, inclinado a favor do suplicante.» Seu «amplo bom humor», sua «jovial palestra», eram dons inestimaveis que «o habilitavam a tratar com toda sorte de gente, em toda classe da sociedade; a adoçar as decisões mais severas; a perceber, com verdadeiro instinto, o carater, o modo de ser de qualquer interlocutor.»

Mencionou, como simples gracejos de Lincoln, ditos sem segundas intenções, que «se revelaram, pela aceitação que encontraram na boca de milhões, a verdadeira sabedoria da hora.» Emerson estava certo de que, «se aquele homem tivesse governado num período de menores facilidades de imprensa, se teria tornado mitológico, à semelhança de Esopo, pelos seus provérbios e fábulas.»

Lincoln, segundo a análise de Emerson, crescia com as circunstâncias. À medida que os problemas iam aumentando de vulto, aumentava, no Presidente, a compreensão deles. «Não se diga que há aquí um exagero do seu valor. Se jamais um homem foi honestamente posto a prova, ele, sem dúvida, o foi.» Em quatro anos de luta, sua resistência, capacidade de recursos, magnanimidade, resignação no sacrifício, nunca estiveram em falta. «Por sua coragem, sua justiça, sua uniformidade de carater, sua humanidade, fez-se uma heróica figura no centro de uma época heróica. É ele, em suma, a verdadeira história do povo americano no seu tempo.»

O suave diplomata John Bigelow, com toda a sua longa convivência com estadistas e homens de negócios, escreveu a respeito de Lincoln: «Não me consta que a história tenha registado nenhum outro homem que procedesse, tão habitualmente e tão constitucionalmente, para com os outros, como desejaria que os outros procedessem para com ele.»

O povo sentia-se triste, menos propriamente pelo crime, do que pela perda de um amigo a quem prezava, antes e acima de tudo, como uma criatura humana.

Em milhares de comentários, de que se poderiam fazer pilhas, a cada momento mais altas, era Lincoln apresentado como o símbolo, a incarnação, de duas grandes conquistas: a Emancipação e a União. Não se acabariam as tragédias, nem a miséria humana. Mas indiscutivelmente as duas causas, de que Lincoln arvorara a bandeira, haviam ganho a guerra. O negro não seria nunca mais uma propriedade de ninguem. A doutrina de Secessão e Direitos dos Estados estava sepultada para sempre.

Na peça inaugural do seu segundo período de governo, teve Lincoln sentidas palavras sobre o custo em que importava fazer pela violência o que, muito melhor, pela razão, se poderia ter feito. Por entre o fumo e a infecção da guerra, os próprios grandes heróis não subiram tão alto quanto Lincoln. Nenhum projetou de si mais larga sombra. Todavia, para ele, o grande herói foi o Povo. Nem se fatigava de dizer que não havia passado de um simples instrumento.

Tais eram as reflexões, as impressões, do povo americano, nos dias que se seguiram àquela Sexta Feira da Paixão, 14 de abril de 1865.

Pompas fúnebres espetaculosas; depois, o grande sossego

HOUVE um funeral.

Custou muito a percorrer seu imenso itinerário.

Muitos milhões de pessoas o viram, e tomaram parte no cortejo.

Foi vistoso, vulgar, maciço, confuso, caótico.

Foi tambem, por outro lado, simples, significativo, magestoso.

A despeito de alguns dos seus aspectos de desmedida teatralidade, proporcionou, em todo caso, momentos inesqueciveis e solenes a milhões que viam em Lincoln uma grandeza inspiradora e amavel.

Sim, houve um funeral.

Da sua Casa Branca de Washington —onde tiveram começo as vastas cerimônias—carregaram o seu esquife, e por dia e noite o acompanharam, durante doze dias.

De noite, fogueiras e tochas lhe iluminavam o caminho, rumo a um trem que seguia à marcha lenta.

De dia, tropas, com armas em continência, e tambores forrados de preto, e multidões, ávidas por aproximar-se do ataude, de alças de prata. E, com os sinos a dobrarem, como num canto de requiem, a salva dos canhões a desferirem seus inarticulados estrépitos.

Em Baltimore, Harrisburg, Filadélfia, Nova York, armaram-se catafalcos de ornamentação aparatosa.

Em Albany, Utica, Siracusa, não faltaram à procissão novas procissões que a avolumassem.

Em Cleveland, Columbus, Indianápolis, Chicago, tomaram num carro o mudo caixão oblongo, e o conduziram aos locais onde o aguardavam, aos milhares, os que deviam lançar-lhe um derradeiro olhar.

Por fim, Springfield, no Ilinóis, a velha e boa lareira, para a última morada na terra que lhe foi ninho.

Ao chegar a Springfield, tinha o féretro vencido mais de três mil quilôme-

tros, e passava de sete milhões o número de pessoas que o haviam saudado em seu percurso, e de milhão e meio o das que tiveram ocasião de contemplar, estáticas, contritas a rígida face do morto.

No edifício do Congresso Estadual, na câmara baixa a que ele pertencera, e onde fizera advertências proféticas, foi o ataude deposto.

A vez, agora, cabia aos que o conheceram mais de perto, e que iriam figurar entre os 75 mil que desfilaram. Sentiam-se aniquilados.

Eram clientes cujas causas ele tinha ganho ou perdido, advogados que funcionaram ao seu lado, ou a serviço da parte oposta, vizinhos que o viram a ordenhar uma vaca ou a escovar o cavalo, amigos que tantas vezes estiveram a ouvir-lhe as histórias, à volta da chaminé, escutando-lhe as conjeturas sobre política e religião.

Por todo o dia e pela noite inteira, não cessou o desfile, a despedida, o adeus da terra natal.

A 4 de maio daquele ano de 1865, uma procissão se pôs em marcha, do edifício do Congresso para o Cemitério de Oak Ridge. Alí, a espraiar-se pela área, de terras e colinas verdejantes, que circundava o túmulo, não ouviu apenas o povo hinos e preces; ouviu tambem, lida que foi em voz alta, a famosa mensagem inaugural do segundo quadriênio do apóstolo.

Antes que caisse sobre o ataude, colocado num receptáculo de nogueira, a pedra funerária, a gente da terra o cobriu carinhosamente de flores—flores frescas e em profusão, como se nunca bastantes para exprimir o coração do extinto, e o dos que muito o amaram.

E veio a noite com uma grande calma.

E houve afinal o repouso.

Nova Insígnia das Forças Aéreas

¶ Reproduzida acima vê-se a nova insígnia de todos os aviões militares dos Estados Unidos. Essa nova insígnia conserva a estrela branca sobre um fundo azul, da antiga, tendo mais dois retângulos brancos à direita a à esquerda, com uma faixa vermelha a toda a volta.

A nova insígnia foi criada segundo as provas de visibilidade realizadas pelo Comando das Provas Terrestres da Aviação Militar. Essas provas demonstraram que a antiga estrela branca ianque, bem como o círculo vermelho dos japoneses e a cruz negra dos alemães (sobreposta em uma cruz branca mais larga), a certa distância, tomam a aparência de qualquer círculo. A nova insígnia norte-americana mantem a forma de uma barra, longa e estreita, nos limites da visibilidade—o círculo central achata-se e confunde-se com o retângulo do conjunto. Desse modo, não poderá haver engano quanto à identidade dos aviões, mesmo a grandes distâncias.

ASSUNTOS de CONVERSA

Talvez sejam humanos

Por Robert Sherrod

Os atos de fanatismo praticados pelos japoneses na batalha de Atú são quase inconcebiveis para a nossa mentalidade ocidental. Numa extensão de três quilômetros apenas, vi oitocentos cadáveres de japoneses, grupos de homens que se haviam dado a morte por meio de cargas explosivas, cumprindo assim aquilo que julgam ser um dever. Era sempre junto ao torax ou ao abdome que haviam feito explodir as granadas; um talvez em cada quatro tinha colocado a bomba junto à cabeça, acontecendo às vezes ficar esta em dois pedaços, presos a cada hombro.

Era facil saber quais deles haviam usado granadas roubadas aos soldados americanos feridos ou mortos; neste caso, tanto o abdome quanto o torax haviam ido pelos ares. A granada de mão japonesa tem poder explosivo muito menor e é em todos os sentidos bem inferior à americana. Ao lado de alguns soldados viam-se às vezes três ou quatro granadas que não haviam explodido, mostrando o esforço desesperado do soldado para se matar.

A obrigação desses japoneses era eliminar tantos inimigos quantos lhes fosse possivel, antes de pensar em suicídio; no entanto, muitos dos que alí se haviam dado a morte podiam ter combatido por mais tempo se quisessem, pois ainda tinham munição, alimento, e nem ao menos estavam feridos. Haviam feito explodir as granadas nas próprias entranhas.

Soldados nossos ouviram japoneses em patrulhas de reconhecimento gritarem: «Japonês mata americano! Japonês bebe sangue de americano!» E se não fossem os gritos estranhos desses bárbaros, talvez tivessem eles surpreendido e morto dormindo maior número de soldados americanos.

Aqueles suicídios em massa eram a prova de um sentimento de derrota e frustração. O soldado japonês é ignorante e não raciocina, talvez seja um ser humano como nós, mas não havia nada em Atú que o demonstrasse.

—Time

Os cavalos continuam a viajar

Por Kyle Crichton

Ouvimos dizer todos os dias que nossas estradas de ferro estão sobrecarregadas de serviço por causa da guerra, que as indústrias têm necessidade urgente de todo espaço disponivel para transporte de carga, e por isto os passageiros viajam horas a fio, em pé, nos corredores. No entanto milhares de cavalos continuam a ser transportados de hipódromo em hipódromo, de uma costa à outra do país, em carros especiais engatados aos rápidos de passageiros. Não há falta de material rodante para este ramo rendoso de negócio. Só em 1942 fizeram-se 1.450 transportes de cavalos dentro dos Estados Unidos. Este ano, ao terminar em Los Angeles a estação

do turfe, 800 animais foram embarcados em 79 vagões. Ao mesmo tempo vinham da Florida para o norte 101 vagões com cavalos. Diz o Departamento de Transporte para Defesa haver 341 vagões disponiveis para o transporte deste tipo.

O *Derby* de Kentucky realizou-se como de costume, embora sem a aprovação da Comissão de Transportes. Ainda este ano houve uma corrida de cavalos em Charles Town, no estado de West Virginia, um local acessivel *somente* de automovel. A administração do Narragansett Park desafiou o regulamento da Comissão que proibia o estacionamento de automoveis nos seus parques. «Para assistir às corridas,» escreveu o *Journal* da cidade de Providence, «os turfistas vieram em cinco mil automoveis particulares.»

Os frequentadores do turfe perguntam porque hão-de ser eles os únicos criticados, se os jogos de beisebol e outros esportes continuam a se realizar sem restrições. A resposta é simples, pois a corrida não é um esporte mas sim um pretexto para jogo. Alguns anos atrás, quando o estado de Nova York resolveu acabar com a jogatina, os hipódromos se viram obrigados a fechar.

É verdade que na Inglaterra continua a haver corridas de cavalos; é proibido, porem, transportar cavalos de corrida por via férrea ou caminhão; tornando-se necessário levar os animais de um hipódromo para o outro, estes vão pelas suas próprias pernas. Não há, tãopouco, trens especiais para os turfistas.

—Collier's

A agricultura no após-guerra

Por Herbert H. Lehman

O sr. Lehman, que foi coronel na 1ª Guerra Mundial e quatro vezes reeleito governador do estado de Nova York, é hoje diretor do Departamento de Socorro e Rehabilitação no Estrangeiro, ramo do Ministério do Exterior.

Ao CONTEMPLAREM hoje os fazendeiros o seu gado que se multiplica, e ao se lembrarem da queda de preços que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, eles perguntam: «Seremos de novo apanhados de surpresa?»

Na verdade a situação hoje em dia é inteiramente diferente. Na guerra passada os paises que possuiam as melhores pastagens da Europa, mantiveram-se neutros; e nos próprios paises em guerra, o gado ficou relativamente intacto, por trás das frentes de combate. Nesta guerra, pelo contrário, os animais de criação já quase desapareceram, em parte devido à confiscação sistemática praticada pelos nazistas, e em parte pela escassez de forragem.

A Europa Ocupada já perdeu um terço de seus cavalos, um quarto do gado vacum, quase a metade de seus porcos e um terço de seus rebanhos de carneiros. Alem do mais, o gado que ainda existe acha-se doentio e mal nutrido—impróprio para reprodução. Este declínio há-de continuar até terminar a guerra.

Assim que cessar a luta nosso primeiro trabalho será aliviar a miséria e a fome; passaremos logo após à fase, comercialmente desejavel, de fornecer aos agricultores da Europa gado, maquinaria agrícola, sementes e adubos.

Há séculos que da Europa nos têm vindo reprodutores de boas raças para aperfeiçoar nossos rebanhos de criação. Chegou o momento de inverter a corrente. As vastas criações de porcos do centro do nosso país não são apenas reservas de carne para o matadouro; o gado leiteiro do estado de Nova York, Wisconsin e Minesota representa mais que manteiga e queijo; são os reprodutores que vão restaurar a indústria pecuária na Europa. Nos próximos dez ou quinze anos a procura de animais para reprodução será enorme. Inteligentemente organizado, este programa de exportação virá a ser uma garantia contra o perigo de uma queda de preços semelhante à que se deu depois da Primeira Grande Guerra.

—Country Gentleman

Preparativos de «vitória»

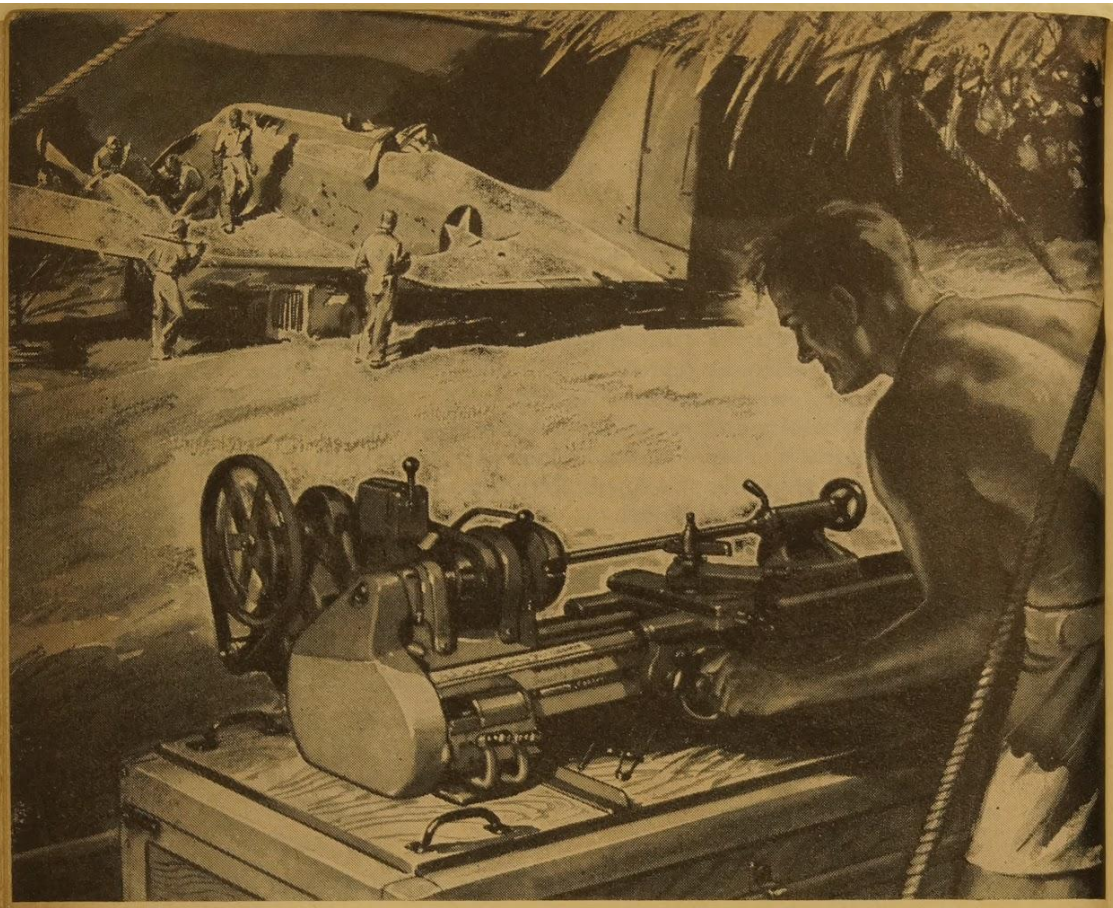
¶ A 26 DE JULHO DE 1940, o gerente do Hotel Bristol, de Berlim, que em tempos normais era um grande estabelecimento com uma vasta clientela cosmopolita, escrevia a alguem na Suiça esta carta que a *Nation*, de Zurique, recentemente deu à estampa:

Meu caro Herr X.:

Em resposta à sua carta, tenho o prazer de anunciar-lhe que lhe reservamos por dez dias, a partir de 28 de agosto próximo, um quarto com janela para a Unter den Linden.

Ouso porem trazer à sua atenção o fato de que estamos assoberbados com pedidos de nossos hóspedes habituais, que são bem 4.000, e todos eles querem quarto com janela para a Unter den Linden, visto ser opinião corrente aquí na Alemanha que a guerra acabará em breve. Temos avisado todos aqueles a quem pudemos prometer quartos sobre a Unter den Linden, de que, durante a parada das tropas que regressem da guerra, esses hóspedes terão de dar acesso às suas janelas a quatro ou cinco outros hóspedes regulares, que tiveram de tomar quartos à retaguarda. Somos forçados a pôr esta condição igualmente a v., para o caso de que a entrada das nossas tropas vitoriosas se venha a dar durante a sua estada aquí. Nos outros dias v. não será incomodado.

(A) Dr. Bollbuck, Gerente



Os Tornos Voadores do Corpo Aéreo

Um dos trabalhos mais difíceis do Serviço Técnico do Corpo Aéreo é pôr novamente em vôo aviões com avarias que fizeram aterrissagens forçadas em pontos longínquos. Sejam quais forem os lugares onde êles aterrissem, para lá devem seguir ràpidamente técnicos hábeis, com todas as ferramentas e equipamento de que houver necessidade para fazer consertos de emergência.

Algumas vêzes, são necessários trabalhos de grande precisão—assim, o Corpo Aéreo está preparado para transportar Tornos de Precisão pelo ar, para onde quer que aviões possam aterrissar. Acondicionados em caixas leves, especiais, e providos de accessórios para uma variedade surpreendente de trabalhos, estes tornos voadores constituem uma parte importante do equipamento do serviço de emergência do Corpo Aéreo.

Estamos orgulhosos por terem sido escohidos Tornos South Bend para êste importante serviço—um dos muitos encargos vitais que estão mantendo os Tornos South Bend ocupados enquanto durar a guerra.

SOUTH BEND LATHE WORKS

South Bend, Indiana, E.U.A. **Fabricantes de Tornos Há 37 Anos**

O Mundo Faz-Se Pequeno!

As GUERRAS globais como a atual e o tráfico global como o do futuro, tornam mais pequena a esfera terrestre, e vizinhos os que ainda ontem eram antípodas. E especialmente as repúblicas dos Estados Unidos da América do Norte e do Brasil estão-se tornando mais concientes da sua proximidade, à medida que sobe o registro das mútuas contribuições dos dois povos, sob a forma de troca de mercadorias e de intercâmbio de idéias.

A Eagle Picher, fundada há 101 anos, fabricante de artigos de chumbo e de zinco, e de isolamentos de lã mineral para aplicações domésticas e industriais,—orgulha-se do seu longo ativo de bons serviços.

Esperamos ansiosamente pelo tempo em que nos será possivel estender ainda mais as nossas disponibilidades pelas nações de língua portuguesa.

EAGLE PICHER

EAGLE-PICHER

Chumbo - Zinco - Isolamentos

THE EAGLE-PICHER LEAD COMPANY

Dep. de Exportação: 420 Lexington Ave., Nova York, N. Y. E. U. A.
Escritórios gerais: Cincinnati, Ohio
Endereço telegráfico: EAGLEPICH

Salvando Vidas na China...

UMA NOVA ARMA DE GUERRA tem sido introduzida en Chungking... uma arma que *ajuda* a salvar as vidas dos valentes soldados das Nações Unidas. Esta arma é SANGUE *HUMANO.*

Os técnicos chineses, treniados nas Américas, voltaram recentemente ao seu país para montar un Serviço de Dadores de Sangue o qual dará vida, fornecendo plasma sanguineo para seus soldados combatentes. E do equipamento que êles teem levado consigo para este trabalho, um dos mais importantes é o Refrigerador Servel.

Estes refrigeradores e outros equipamentos de refrigeração Servel, serão usados para conservar perfeitamente o sangue, depois de ter sido doado, assim como para o submeter aos devidos processos até chegar ao estado de plasma.

Hoje, os Refrigeradores Servel estão servindo às Nações Unidas em todas partes do mundo. Funcionam sem peças moveis, e portanto, asseguram confiança em qualquer lugar onde sejam instalados. E assim como os mais de 2.000.000 de refrigeradores Servel que estão servindo em casas por ambas Américas, estes estão sempre silenciosos.

Nós os da Servel estamos orgulhosos da grande tarefa que está fazendo o refrigerador Servel nas casas e na guerra. Tambem nos orgulhamos dos outros artigos de combate que estamos produzindo. E estaremos ocupados nesta tarefa até obter a Vitoria. Depois, tornaremos a fabricar refrigeradores para todos e—quem sabe—talvez, tambem alguns novos aparelhos modernos para a casa domestica.

SERVEL, Inc.

Departamento de Exportação
51 East 42nd St., New York, N.Y., E.U.A.

FABRICANTES DAS GELADEIRAS SERVEL A QUEROSENE E A GAS

As mais finas da América

Pérolas
MARVELLA
PÉROLAS ARTIFICIAIS—DE REVESTIMENTO NATURAL

À venda somente por intermédio dos concessionários • 383 Fifth Avenue, Nova York, E. U. A.

Informe da Pan American aos povos da América Latina

NÃO obstante as dificuldades causadas pela guerra . . . não obstante a impossibilidade de se obter novo equipamento para aviação . . . os Clíperes da Pan American estabeleceram este recorde durante o período de 12 meses que findou a 30 de junho de 1943:—

1. Os Clíperes voaram um total de 50.791.473 km. no serviço da América Latina . . . (uma distância que excede 1.267 vezes a circunferência do planeta ao redor do equador.)
2. Transportaram 406.472 passageiros.
3. Carregaram 1.773.049 quilos de correspondência aérea.
4. Transportaram 9.616.144 quilos de carga por expresso aéreo.

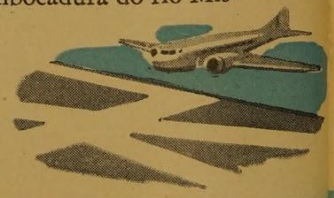
Estas cifras representam um aumento consideravel sobre o mesmo período do ano precedente. Mas o maior aumento foi no transporte aéreo de carga.

O ano passado, relatamos nas páginas de *Seleções* o transporte de 4.240.080 quilos de carga por expresso aéreo. Como se pode observar pelos dados supra, as cifras *deste* ano foram alem do dobro.

Naturalmente, sob tais condições, o transporte de passageiros tem que sofrer dificuldades. Quando um avião leva maior quantidade de material bélico, menor número de passageiros têm que ser transportados porque, no ar, o peso tem que ser levado em maior conta que noutras formas de transporte.

Inauguração duma nova rota

Alem disso, não obstante ser quase impossivel obter-se novo material de aviação, a Pan American inaugurou, a 13 de junho de 1943, uma nova rota entre os Estados Unidos e a América Latina. Estabeleceu-se um serviço tri-semanal de viagens da grande cidade de Nova Orleãs, situada na embocadura do rio Mississippi, até o México, a Guatemala e a Zona do Canal, ligando-se alí com outras linhas da Pan American que servem a mais de 200 cidades latino-americanas... Desde então, este serviço foi aumentado a cinco viagens semanais.



* * *

Hoje, graças a confiança que o público da América Latina tem demonstrado no transporte aéreo, a rede de linhas aéreas ao sul da fronteira do México é agora duas vezes e meia maior do que a dos Estados Unidos. Hoje, quando as Nações Unidas lutam para obter produção, e dirigem-se com esse fim para as remotas áreas do Amazonas e outros lugares de dificil acesso, projetam-se mais rotas e mais escalas. Nesse melhoramento e progresso em que 44 diferentes companhias estão participando, a Pan American ufana-se em proclamar que seis das dez principais linhas aéreas na América Latina pertencem ao Sistema Aéreo Mundial da Pan American. Estas seis linhas aéreas estão agora voando um total de 764.169 km. semanais.

As contribuições relativas a esse total são as seguintes:

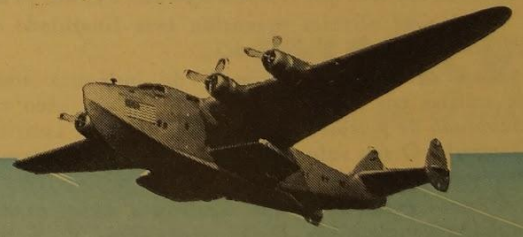
	Km. Semanais:
Pan American Airways	380.197
Pan American-Grace-Airways	105.396
Cia. Mexicana do Aviação	97.134
Panair do Brasil	84.899
Avianca	66.693
Cia. Nacional Cubana de Aviação	29.850
Total	764.169

* * *

O certo é que se tal programa vem sendo realizado *a despeito* da guerra, não deve causar surpresa o dizer-se que após a guerra o serviço da Pan American na América Latina excederá, e muito, o que o mundo tem visto a este respeito. Os novos Clíperes, maiores e mais velozes, em horários mais frequentes, proporcionarão aos povos da América Latina um serviço bem livre de impecilhos e incômodos, e justificarão a confiança do público nos meios aéreos de transporte.

Manaus: Um Clipper da Pan American carrega borracha em folha, para a transportar aos Estados Unidos

Até que isso suceda, rogamos a sua benevolência. Com os meios de que agora dispomos estamos fazendo o melhor possivel.



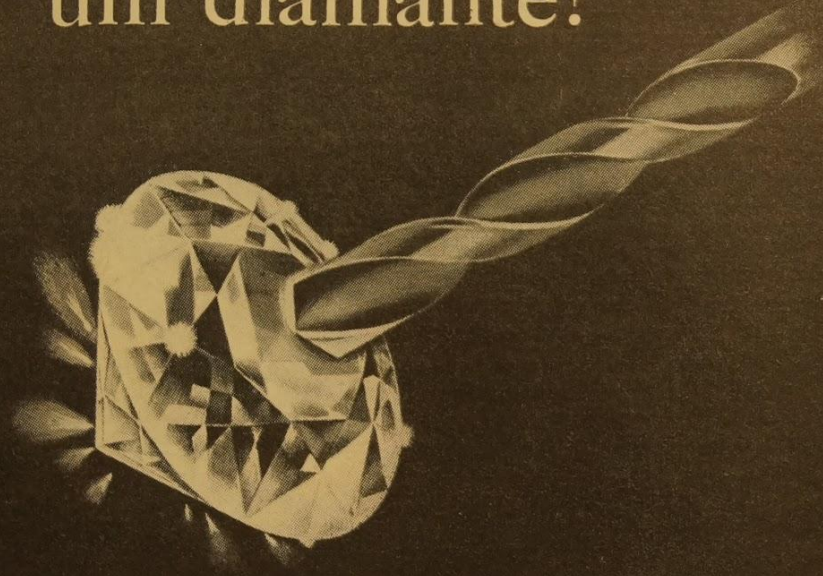
Asas da Democracia

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Empresa dos *Clippers*

Companhias associadas na America Latina:
Panagra; Panair do Brasil, S. A.; Aerovias Nacionales de Colombia, S. A.; Cia Mexicana de Aviacion, S. A.; Cia Nacional Cubana de Aviación; Uraba, Medellin & Central Airways; Lloyd Aereo Boliviano.

V. S. já tentou perfurar um diamante?



Como a experiência de 78 anos em petróleo ajudou a Socony-Vacuum a solucionar um problema vital da Produção de Guerra!

REDUZA AO MÍNIMO O DESGASTE

GARGOYLE

Lubrificantes

PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

DE FATO. Perfurar diamantes é uma operação vital que tem relação com a guerra, pois os filamentos de tungstênio usados nos rádios militares devem ser trafilados através de finíssimos orifícios abertos em diamantes.

Usam-se diamantes brutos industriais e o pó do próprio diamante é que faz a perfuração da pedra, sob a ponta de uma agulha de aço em alta rotação. *O problema é obter-se um óleo que retenha o pó sob a ponta da agulha!*

O óleo de oliveira preenchia essa finalidade. Mas a guerra impediu a sua obtenção.

Hoje em dia, grande parte da indústria americana de tráfilas em diamantes depende de um óleo especial *elaborado de petróleo* pelos produtores dos Lubrificantes Gargoyle. O seu valor militar é enorme. Seu desenvolvimento mereceu um elogio oficial.

É outro exemplo do que significa a maior experiência mundial em petróleo. Dessa experiência V. S. desfruta quando adquire os Lubrificantes Gargoyle para as suas máquinas, podendo estar certo de ter obtido para elas a mais eficiente proteção.

TIMKEN

UMA DAS GRANDES ORGANIZAÇÕES INDUSTRIAIS

Tendo começado numa forja de ferreiro, há 45 anos atrás, tornou-se uma das maiores organizações industriais, com imenso capital aplicado em máquinas e equipamento, empregando quasi 20.000 homens — eis aí a história da Timken Roller Bearing Company em duas palavras.

Seu principal produto, as chumaceiras cônicas de rolamento, que eram no princípio utilizadas apenas nos eixos das carruagens, são hoje usadas em toda parte onde houver rodas e eixos girando, em qualquer máquina que se possa imaginar.

Se a Timken Roller Bearing Company chegou a esta posição invejavel e conseguiu mantê-la durante a Expansão Industrial Americana, é porque procurou ir sempre ao encontro das exigências da indústria, em precisão, resistência, e velocidade.

THE TIMKEN ROLLER BEARING CO., CANTON, OHIO, E.U.A.

TIMKEN

TAPERED ROLLER BEARINGS

Eis um fator do bem-estar

A esperança do bem-estar alimentada pelos povos da América e do resto do mundo quando cesse o troar dos canhões, encontrará um fator fundamental na mecanização crescente.

A maquinaria permite a um homem executar o trabalho de muitos braços, reduzindo assim o custo dos produtos de primeira necessidade, pondo-os ao alcance de maior número de consumidores.

Os tratores Allis-Chalmers e os acessórios para êsses tratores levarão a mecanização a todos os ramos de atividade . . . agricultura, construção de rodovias e outras obras, exploração de madeiras florestais, etc. Dedicados agora a servir quase exclusivamente as necessidades militares, os elementos aperfeiçoados da Allis-Chalmers contribuirão terminada a guerra, para rehabilitar todas as nações e levar maior eficiência à tarefa de prover vida mais abundante para os seus povos.

Agora é que é preciso iniciar os planos para os vindouros dias de paz. Como uma das maiores empresas do mundo fabricantes de tratores agrícolas e industriais, e de tratores que se relaciona com a operação de tratores, a Allis-Chalmers interessa-se em satisfazer as exigências e necessidades de V. S. nêsse ramo.

ALLIS-CHALMERS

Depto. PD-144–Divisão de Tratores, Milwaukee, E. U. A.

REPRESENTANTES NO BRASIL

Sociedade Técnica de Materiaes Ltda.
Caixa Postal 1109, São Paulo

Ayres, Son & Co.
Rua D. Maria Cezar 31-41
Recife, Pernambuco

Correa Ribeiro & Cia.
Caixa Postal 600
São Salvador, Bahia

Companhia de Propaganda, Administração e Comércio
Rua General Câmara 62
Rio de Janeiro

REPRESENTANTE EM PORTUGAL

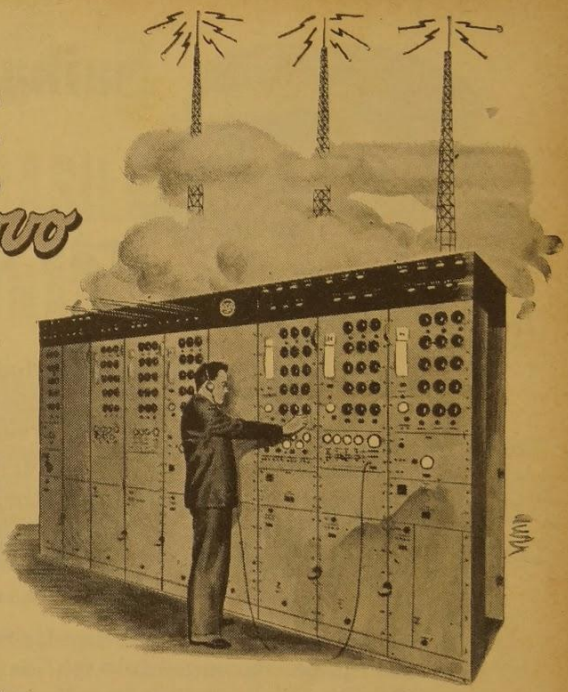
Fassio Limitada
20, Rua Jardim do Regedor, Lisboa

★ A Allis-Chalmers tem representantes nas principais cidades. O que estiver mais perto lhe ajudará com prazer nos seus planos de aquisições futuras, e lhe dará valiosos conselhos para a manutenção do equipamento que V.S. atualmente possue.

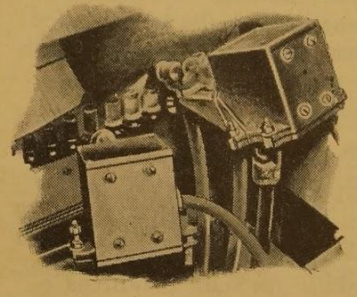
FABRICANTES DE MAQUINARIA DESDE 1846

A RCA APRESENTA

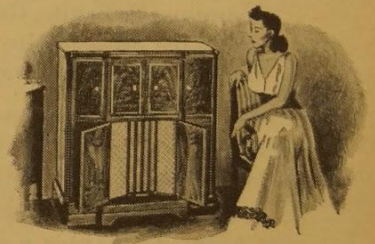
O Que Há De Mais Novo



O sonho do perito em rádios. O Receptor Múltiplo RCA de onda curta é o que há de mais perfeito em rádio-comunicações: reproduz três "versões" diferentes da mesma transmissão em três diferentes antenas, e *automaticamente* seleciona a melhor! A mesma pesquisa da RCA que agora dedica os seus esforços à causa das Nações Unidas, promete-nos rádios mais soberbos quando vier a paz.



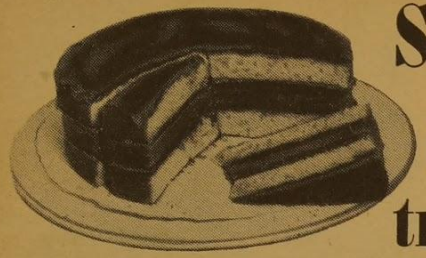
Uma válvula ajuda a pintar outra! Quando se procede à pintura das válvulas de metal RCA, uma válvula Eletrônica RCA economiza a tinta, aspergindo-a automaticamente *só* quando as válvulas estão bem em frente do bocal. Para cada finalidade há uma Válvula Eletrônica RCA.



O mais perfeito receptor RCA para o lar é o QU8. Oferece o que há de mais novo em rádio-audição, com as suas 24 válvulas e circuito de nove faixas. Oferece tambem o melhor em fonografia, podendo tocar automaticamente 20 discos com a mais alta fidelidade de som. Grava discos dos programas de rádio, e serve alem disso como valioso instrumento para amplificar a voz dos oradores nas audições públicas.

RCA RADIO CORPORATION OF AMERICA

Divisão RCA Victor, Camden, N. J., E. U. A.
RCA Victor Radio, S. A., Caixa Postal 2726, Rio de Janeiro, Brasil



Saiba o que ha por trás dêsse bolo...

Aí está um bolo caprichosamente feito em casa. Terá bom sabor . . . será de facil digestão? O emprego de um ingrediente decidirá se V. S. apreciará todos os seus pedacinhos. E esse ingrediente é o Fermento em Pó Royal.

O Fermento em Pó Royal, fabricado pela Standard Brands do Brasil, Inc., é famoso por sua pureza salutar . . . qualidade superior e de confiança. Há várias gerações que Royal é o preferido das donas de casa exigentes.

Alem do Fermento em Pó Royal, a Standard Brands—líder no campo da nutrição—fabrica tambem o Fermento Fleischmann para padeiros, Fermento Irradiado Fleischmann para a Saúde, Gelatina Royal, Pudins Royal e outros produtos alimentícios . . . que muito concorrem para a boa nutrição e os prazeres da mesa.

A Standard Brands possue, nos Estados Unidos, o maior laboratório do mundo dedicado exclusivamente às pesquisas sobre leveduras. Há, alem disso, muitos outros laboratórios da Standard Brands espalhados pelo continente americano, com o fim de manter a alta qualidade de seus produtos e descobrir novas e melhores maneiras de usá-los.

Para mais informações sobre os produtos da Standard Brands e os resultados das suas pesquisas científicas, escrevam à

STANDARD BRANDS DO BRASIL, INC.

Av. Pedro II, 250—Rio de Janeiro

UM DOS MAIORES VENDEDORES DO CAFE BRASILEIRO NOS ESTADOS UNIDOS

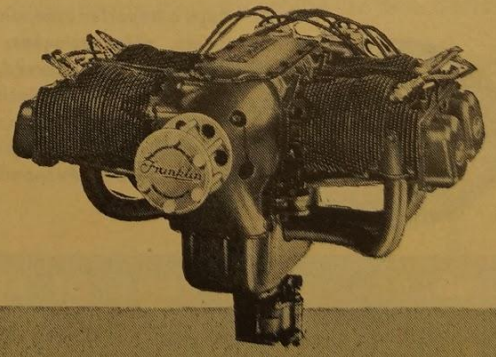
OS AVIÕES BRASILEIROS DE TREINO VÃO SER ACIONADOS POR MOTORES

Franklin

● Nenhum tributo prestado aos motores Franklin poderia ter sido mais eloquente do que a sua escolha para acionar os aviões de treino nos quais de hoje em diante muitos pilotos militares e navais do Brasil receberão seu treino inicial.

O motor selecionado para esse fim foi o famoso Franklin "65"—modelo de 65 H.P., de oposição horizontal, e arrefecido a ar. Mais de 5.000 desses motores têm dado boas provas de si, acionando aviões leves—em vôos de centenas de milhares de horas em todo o mundo. Esses motores, de funcionamento suave, seguro e econômico, tornaram-se logicamente os preferidos para aquisição em quantidade pelo governo brasileiro.

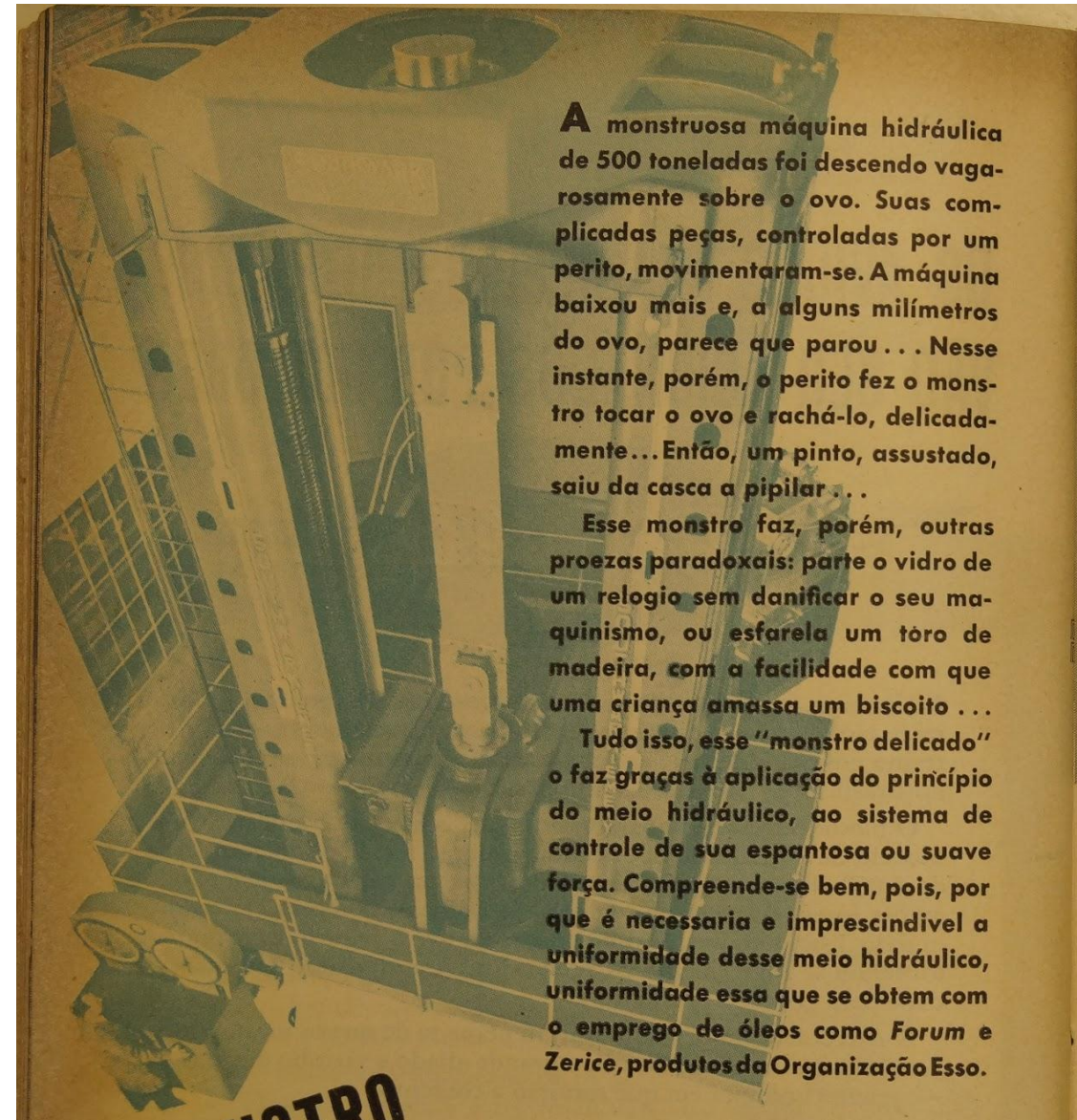
A Aircooled Motors Corporation ufana-se de que os seus motores Franklin irão servir ao Brasil, o grande aliado e vizinho dos E.U.A. —e temos confiança em que servirão a contento.



AIRCOOLED MOTORS CORP.
SYRACUSE, N.Y. E.U.A.

MESBLA S/A

RUA DO PASSEIO 48-54
RIO DE JANEIRO, BRASIL
Distribuidores Exclusivos para o Brasil



A monstruosa máquina hidráulica de 500 toneladas foi descendo vagarosamente sobre o ovo. Suas complicadas peças, controladas por um perito, movimentaram-se. A máquina baixou mais e, a alguns milímetros do ovo, parece que parou . . . Nesse instante, porém, o perito fez o monstro tocar o ovo e rachá-lo, delicadamente... Então, um pinto, assustado, saiu da casca a pipilar . . .

Esse monstro faz, porém, outras proezas paradoxais: parte o vidro de um relogio sem danificar o seu maquinismo, ou esfarela um tôro de madeira, com a facilidade com que uma criança amassa um biscoito . . .

Tudo isso, esse "monstro delicado" o faz graças à aplicação do princípio do meio hidráulico, ao sistema de controle de sua espantosa ou suave força. Compreende-se bem, pois, por que é necessaria e imprescindivel a uniformidade desse meio hidráulico, uniformidade essa que se obtem com o emprego de óleos como *Forum* e *Zerice*, produtos da Organização Esso.

O MONSTRO DELICADO...

Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional, do Rio: Record, de São Paulo; Inconfidência de M. Gerais, B. Horizonte; Farroupilha, de P. Alegre; e Radio Clube de Pernambuco, de Recife.

Esso

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL
E A ORGANIZAÇÃO ESSO
Distribuidoras dos afamados produtos Esso que se encontram sempre sob o oval ESSO

Se um dia...

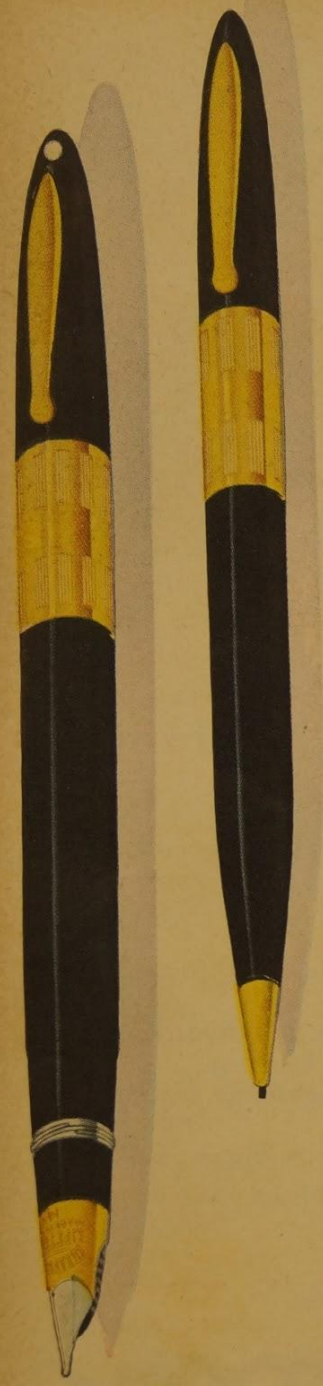
fosse preciso racionar o perfume,

muito pouco prejudicaria o racionamento aos bons conhecedores que sempre têm preferido TABU.

Porque a intensidade e a persistência de TABU, o perfume sutil que nunca chega a evaporar-se, é bastante para que umas poucas gotas de tão deliciosa essência, sejam suficientes para destacar, durante muitas horas, a personalidade dos que a usam.

Dana

FABRICAS EM: NOVA YORK - ARGENTINA - CHILE - COLÔMBIA - COSTA RICA - CUBA - MÉXICO - PERÚ - URUGUAY - VENEZUELA



UM PRESENTE DE DURAÇÃO PERPÉTUA

Para os que desejarem dar o melhor—um presente que possua beleza, durabilidade e valor pratico—nada se compara á Sheaffer Triunfo. Esta famosa caneta Lifetime* fará lembrar constantemente o seu doador, pois representa satisfação permanente ao escrever. Em todas as ocasiões a magnifica lapiseira Triunfo forma uma combinação ideal com a caneta. W. A. Sheaffer Pen Co., Fort Madison, Iowa, U.S.A.

*A caneta Lifetime, identificada pelo ponto branco, significa garantia para toda a vida.

A fonte de SKRIP utiliza até a última gota.

Peça V. S. SKRIP em vez de tinta. É melhor para tôdas as canetas —seca tão rápidamente que não necessita mata-borrão e conserva a caneta limpa.

SHEAFFER'S TRIUNFO

Representantes Gerais Para o Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa Postal 843—Rio de Janeiro
Representantes Gerais Para Portugal—Messrs. Azevedo & Duarte, Ltda., Rua do Crucifixo 76—Lisboa, Portugal

A ESTRADA ABATE

. . . mas um Diesel "Caterpillar" faz a sua rápida reparação

COLOMBIA. Perto de Medellin, uma importante auto-estrada serpenteia entre montanhas, ao longo de perigosos precipícios. Uma súbita inundação desprende terra e rochas que desabam, deixando cortada a auto-estrada. Fica impedida toda a espécie de trânsito. Eis a sucinta descrição da gravura junta.

Normalmente tais ocorrências ocasionam longas demoras; as reparações tomam bastante tempo. Mas, no caso a que se alude, um poderoso Trator Diesel "Caterpillar" veio salvar a situação. Com suas largas esteiras que desafiam o lamaçal, sua potente máquina resfollgando, e sua vigorosa escavadora LaPlant-Choate (*bull-dozer*) removendo a cada golpe grandes massas de terra e calhaus, esta utilíssima máquina deu conta, em pouco tempo, do trabalho de reabertura do tráfico da estrada.

Por toda a parte do Mundo, os Tratores e Moto-Niveladores Diesel "Caterpillar" são a alma de milhares de obras de desbravamento, abertura de novas estradas, reparação de auto-estradas e remoção e transporte de pesadas cargas. Eles estão no mais aceso de todas as batalhas; lavram milhões de hectares de terreno produtivo; trabalham em milhões de minas, pedreiras, florestas e campos de óleo e, deste modo, concorrem simultaneamente para a condução da guerra e provisão dos produtos da paz. Sua força, resistência, duração e baixo custo de operação e manutenção, têm sido constantemente comprovados—razões pelas quais os Diesel "Caterpillar" serão, mais definitivamente do que nunca, e escolha preferida para toda a espécie de tarefas, quando a produção deste tipo de máquinas voltar à normalidade.

CATERPILLAR *DIESEL*

MARCA REGISTADA

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILLINOIS, E. U. A.

TRATORES • MAQUINARIA PARA ESTRADAS • MOTORES E ELETROGERADORES

O CAMINHO DA FELICIDADE

Com um Evinrude suave e silencioso instalado no seu barco, onde houver água, estará seu caminho para a felicidade! Para alem de cada curva surgem cenários novos e praias a descobrir . . . para aqueles que gostam dos esportes aquáticos . . . para o pescador ansioso por chegar mais depressa a lugares de melhor pescaria . . . um Evinrude leve e portatil, que se adapta facilmente a qualquer embarcação, abre novos horizontes e um novo mundo de prazeres.

Hoje em dia todo Evinrude é fabricado com a finalidade severa de servir para a guerra. Evinrude fornece propulsão a embarcações de rearmamento, para pontões e barcaças. São usados para barcos de desembarque, tipo "comando", podendo desenvolver velocidade surpreendente. Servem em muitas frentes a causa das Nações Unidas.

Depois da Vitória, estarão de novo no mercado . . . os melhores Evinrude jamais fabricados . . . de novo prontos para se aventurar nos caminhos da felicidade!

AS AMÉRICAS EM PRIMEIRO LUGAR

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING CO.
DIVISÃO DE EXPORTAÇÃO • Waukegan, Illinois, E. U. A.

GRATIS! Permita que lhe enviemos, com nossos cumprimentos, o "Selecionador de Barcos e Motores de Evinrude", com informações uteis sobre embarcações, motores, velocidades, etc. É favor enviar-nos o coupon abaixo.

EVINRUDE
MOTORES AMOVIVEIS

OUTBOARD, MARINE & MFG. CO.
Divisão de Exportação,
Waukegan, Ill., E.U.A.

Senhores: Gostaria de receber o "Selecionador de Barcos e Motores Evinrude".

Nome:.....

Endereço:.....

.....

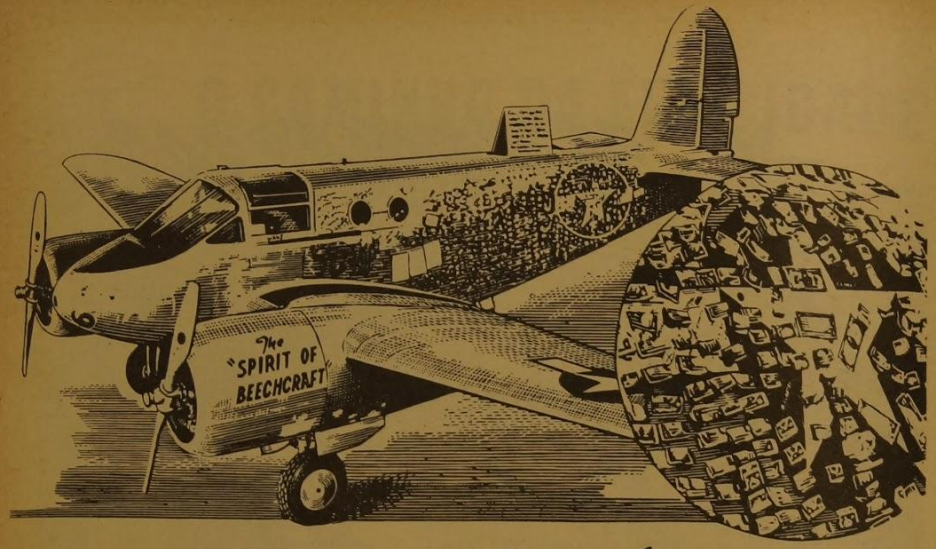
Nas profundezas do vale do Amazonas, junto à fronteira do Brasil e a Bolívia, os aparelhos de rádio *Zenith* conservam os seringueiros em contacto com os acontecimentos mundiaes. Os rádios *Zenith* resistem aos efeitos das variações climatológicas e prestam seus bons serviços tanto nas regiões frígidas do norte como nas quentes e úmidas no coração das florestas virgens tropicaes.

Aos nossos amigos que perguntam sôbre os *Zenith* após guerra, diremos que muitas descobertas e melhoramentos feitos pela *Zenith* serão encorporados nos modêlos a serem introduzidos apenas a vitória seja alcançada. Como sempre,

Zenith *o primeiro na guerra—o primeiro na paz.*

ZENITH LONG DISTANCE RADIO

FABRICANTES EXCLUSIVOS DE EQUIPAMENTO RADIÔNICO



O ESPÍRITO DA *Beechcraft*

Que é que distingue este exquisito Beechcraft AT-10, de contraplacado, para treino de transição, das incontaveis centenas de seus reluzentes irmãos que têm sido entregues aos Exércitos do Ar? Simplesmente o fato de que está coberto de milhares de assinaturas a lapis delevel de empregados da Beechcraft, e de notas de dolar que eles lhe colaram por toda a parte.

Era esta a última unidade dum grande grupo e, para comemorar o acontecimento, os homens da linha de produção decidiram espontaneamente autografar o aparelho, e fazer uma doação ao fundo de recreio do campo ao qual o avião seria destinado.

Aos operários da Beechcraft não importou saber para onde o avião ia; quiseram apenas ser generosos para com alguns dos homens da Força Aérea que usam o produto das suas mãos e perícia.

Em poucos dias o movimento alastrou por todos os departamentos da fábrica, e quase todos os empregados autografaram o avião e deram a sua contribuição. O resultado foi ter-se obtido, somente dos empregados, mais de 2.100 doláres, para ser destinado sem quaisquer restrições ao fundo de recreio do campo de treino que recebeu este Beechcraft AT-10.

Eis outro exemplo do Espírito da Beechcraft, que já no passado se tinha manifestado através de Festas de Beneficência e Cortejos organizados a levados a cabo pelo pessoal da Beechcraft a favor dos homens e mulheres das Forças Armadas.

A divisa na Beechcraft é: "Matemolos com Produção"; o que não impede a condução de outras atividades, tendentes a mostrar o apreço pelas pesadas contribuições que estão sendo prestadas, em toda a parte, pelos homens e mulheres das Forças Armadas. Talvez que este espírito exprima o significado da palavra "Moral," de que tanto se tem abusado.

BEECH AIRCRAFT CORPORATION
WICHITA, KANSAS, E. U. A.

OTIS

QUER QUE LHE AJUDEMOS A FAZER AGORA OS PROJETOS DOS SEUS ELEVADORES A SEREM INSTALADOS QUANDO HAJA MATERIAIS DISPONIVEIS?

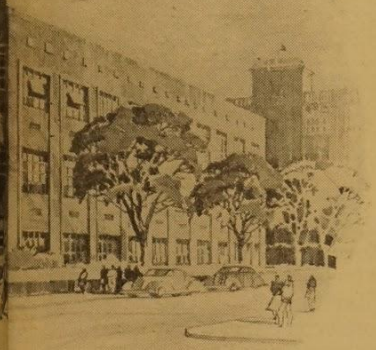
NOSSAS FACILIDADES DE SERVIÇO ESTÃO À SUA DISPOSIÇÃO PARA PRESTAR CUIDADOS AOS ELEVADORES OTIS JÁ INSTALADOS

OTIS ELEVATOR COMPANY

BUENOS AIRES — RIO DE JANEIRO — MÉXICO, D.F.
MONTEVIDEU — HAVANA — BOGOTÁ
SAN JUAN DE PORTO RICO — PANAMÁ

AGENTES EM OUTRAS CIDADES DA AMÉRICA LATINA

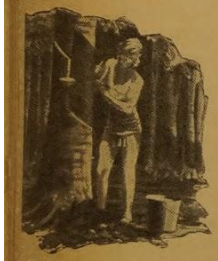
"O MELHOR AINDA ESTÁ PARA VIR"



UMA EXPRESSÃO DE FÉ

A GOODYEAR dedicou há pouco uma nova instalação às suas ousadas e múltiplas pesquisas, agora concentradas nos produtos de guerra.

Aí reunidos em vasta disposição, estão os mais modernos instrumentos, das descobertas científicas, não só nos campos da borracha natural, sintética, e plásticos seus aparentados, más tambem nos da aerodinâmica e metalurgia.



Mais de um milhão de dólares se gastaram na construção das novas instalações e seu recheio.

Estamos convencidos de que é este o melhor laboratório entre os congêneres de todo o Mundo.

Mas não é a execução desta obra que desejamos aquí pôr em relevo.

E, antes, o começo de um novo adiantamento já lançado pelas ilimitadas exigências da guerra e que, certamente, se tornará ainda mais efetivo quando a paz vier.

Porque o desenvolvimento da Goodyear não tem sido obra da acumulação de propriedades ou dinheiro,— mas da fertilidade de espiríto e da sua orientação no sentido da melhor utilidade dos produtos.

Firmemente, desde o começo, a Goodyear tem impulsionado as pesquisas que tendam a aumentar a utilidade e valor dos seus produtos.

Foi esta constante busca de melhoramentos que, logo de início, deu origem ao primeiro pneu sem talão que produziu o primeiro pneumático para caminhões e tratores agrícolas, e o primeiro pneu de baixa pressão para aviões; que elevou os pneus de algodão, de rayon ou nylon, a sua atual perfeição; que deu origem ao "Pliofilm" e "Airfoam", dois adiantamentos gêmeos da arte de empacar e almofadar; que desen-

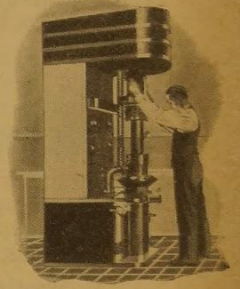
NA AMÉRICA

volveu a nunca igualada correia de transmissão "Compass"; que aperfeiçou os tanques de combustivel para aviões, à prova de furos de bala, e que, finalmente, fez aparecer o primeiro pneu *de borracha sintética* da América, o qual foi produzido pela Goodyear em 1937.

Desde há 28 anos, a Goodyear tem ganho a consagração popular, expressa no fato de que no mundo inteiro mais carros rodam sobre pneus Goodyear do que sobre os de qualquer outra marca.

Não podemos predizer as inovações a que o referido laboratório nos levará.

Mas no domínio das possibilidades, ampliadas pelos desenvolvimentos que a guerra provocou, existe já uma série de produtos sobre os quais estamos presentemente trabalhando, tais como: vidro macio materiais para isolamento delgado como obreias, correias transportadoras de 160 km. de comprimento, tubagem plástica anti-congelante para água, contraplacado mixto de madeira e metal para carroçarias de automóveis e fuselagens de aviões, tendas e toldos imunizados contra o bolor, aparelhos de rádio imunes às interferências, fabrico de aviões inteiramente soldados, tanques de combustivel para aviões a prova de acidentes, e muitas outras maravilhas.



E assim se ditará de modo significativo "a forma das coisas que hão-de vir" prevendo-se a amplidão de vida que está na nossa mão conceber e realizar, quando a paz voltar.

Portanto, não foi apenas um edifício novo que consagramos, mas tambem os talentos, para cujo serviço este edifício foi construido.

É nossa aspiração tornar para sempre verdadeira em relação á Goodyear à frase que define a vida na América: "o melhor está ainda para vir".

UNIDAS HOJE
UNIDAS SEMPRE

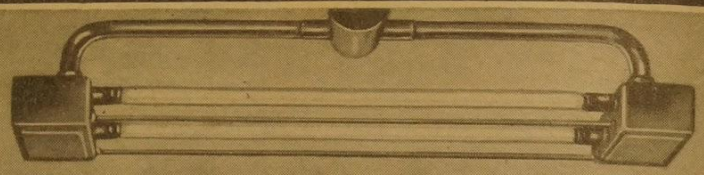
TODOS . . . "BONZ VIZINHOS"!
Toda America necessita hoje de conservar a borracha e outros materiais de importancia vitali Condutores cuidadosos fazem "Bons Vizinhos"!

GOODYEAR

O MAIOR NOME EM MATERIA DE BORRACHA

Os produtos da Goodyear são fabricados na Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Irlanda, Inglaterra, Índia, Peru, Africa do Sul, Suécia. Filiaís, distribuidores e agentes por todo o Mundo.

Vejamos o que oferece o futuro – em ELETRÔNICA



Adeus, Micróbios!

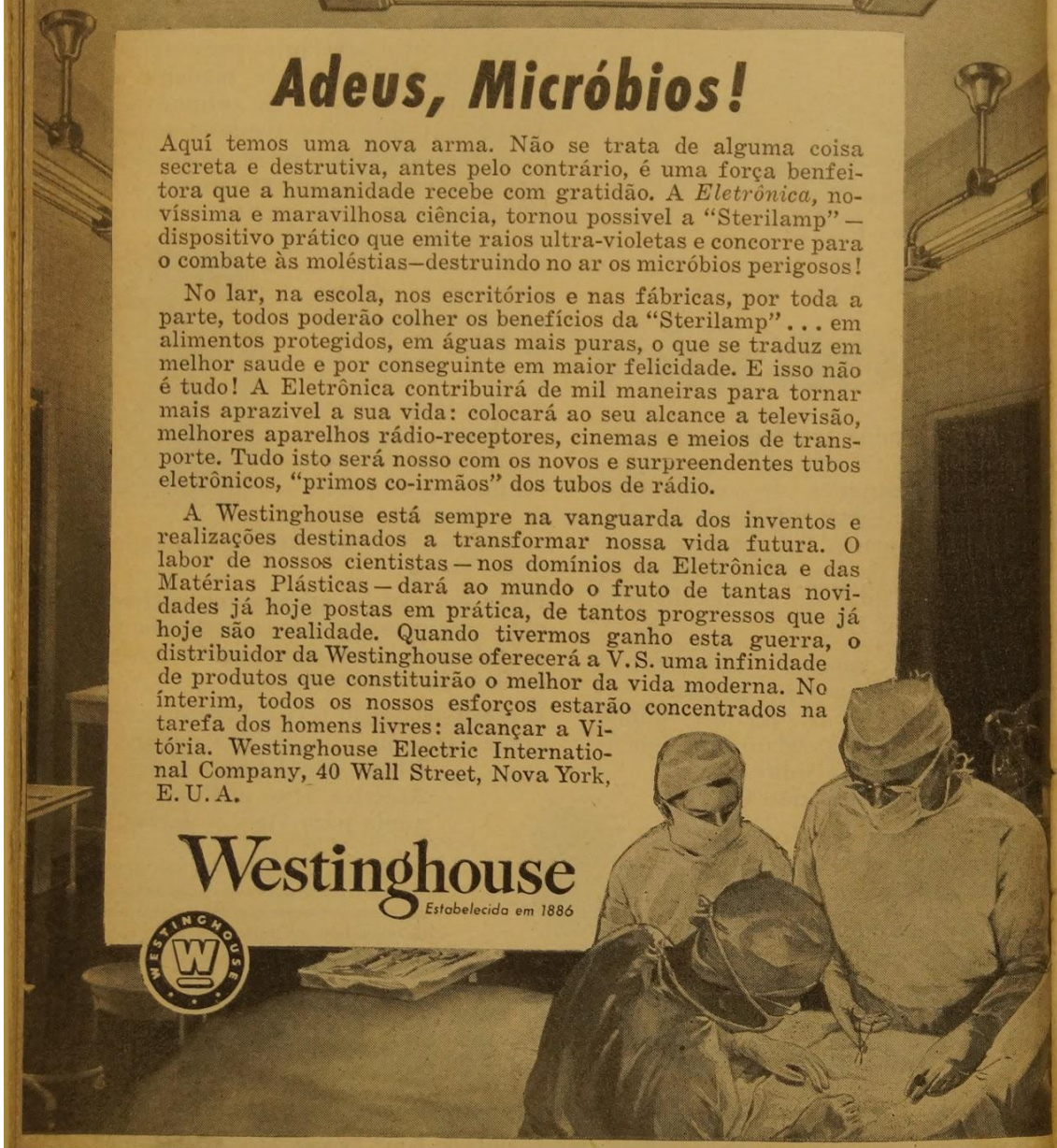
Aquí temos uma nova arma. Não se trata de alguma coisa secreta e destrutiva, antes pelo contrário, é uma força benfeitora que a humanidade recebe com gratidão. A *Eletrônica*, novíssima e maravilhosa ciência, tornou possivel a "Sterilamp" — dispositivo prático que emite raios ultra-violetas e concorre para o combate às moléstias—destruindo no ar os micróbios perigosos!

No lar, na escola, nos escritórios e nas fábricas, por toda a parte, todos poderão colher os benefícios da "Sterilamp" . . . em alimentos protegidos, em águas mais puras, o que se traduz em melhor saude e por conseguinte em maior felicidade. E isso não é tudo! A Eletrônica contribuirá de mil maneiras para tornar mais aprazivel a sua vida: colocará ao seu alcance a televisão, melhores aparelhos rádio-receptores, cinemas e meios de transporte. Tudo isto será nosso com os novos e surpreendentes tubos eletrônicos, "primos co-irmãos" dos tubos de rádio.

A Westinghouse está sempre na vanguarda dos inventos e realizações destinados a transformar nossa vida futura. O labor de nossos cientistas — nos domínios da Eletrônica e das Matérias Plásticas — dará ao mundo o fruto de tantas novidades já hoje postas em prática, de tantos progressos que já hoje são realidade. Quando tivermos ganho esta guerra, o distribuidor da Westinghouse oferecerá a V. S. uma infinidade de produtos que constituirão o melhor da vida moderna. No ínterim, todos os nossos esforços estarão concentrados na tarefa dos homens livres: alcançar a Vitória. Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York, E. U. A.

Westinghouse

Estabelecida em 1886



"PRIMEIRA no Passado... PRIMEIRA no Futuro"

As Lanchas HIGGINS

Hoje na Guerra

Amanhã no Comércio

Higgins

INDUSTRIES INCORPORATED

NOVA ORLEANS

O fulcro das Américas

Os maiores fabricantes de lanchas do mundo

Beba
Coca-Cola
MARCA REGISTRADA
Bem gelada

Um costume agradavel

"Coca-Cola" bem gelada possúe o dom especial de tornar qualquer reunião mais amigavel. Quando se está entre amigos, é um costume agradavel o da . . . *pausa que refresca,* com "Coca-Cola" bem gelada.

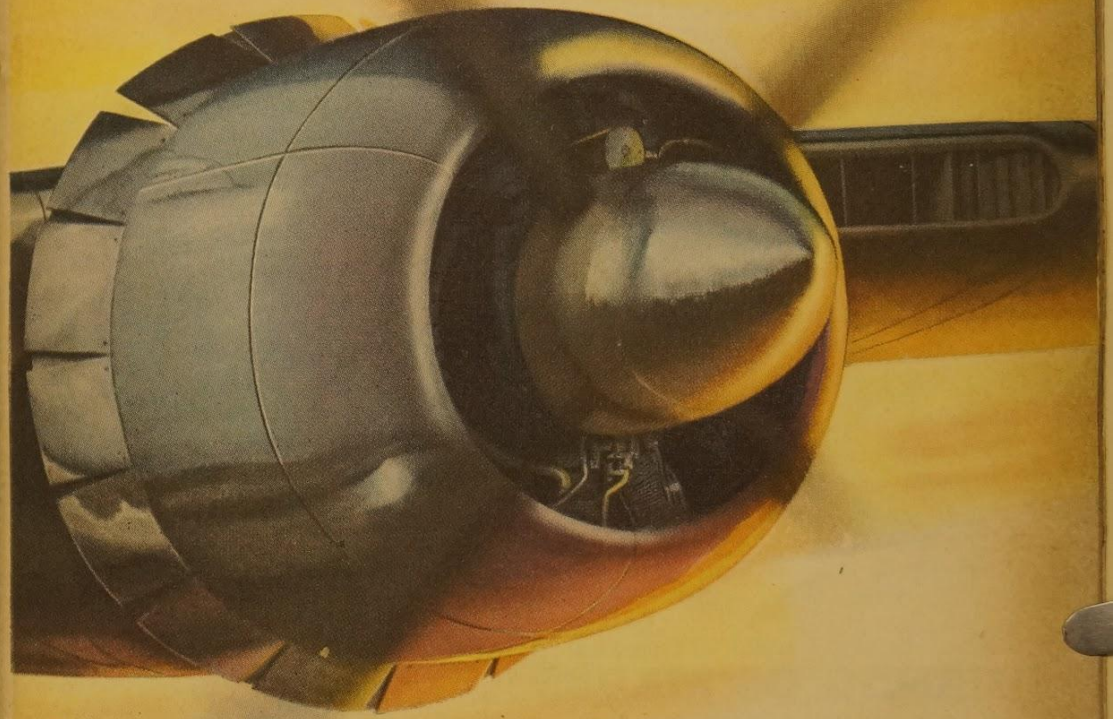
QUALIDADE DIGNA DE CONFIANÇA

COPYRIGHT 1943 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

UNIDOS HOJE UNIDOS SEMPRE

Outra nova técnica da Northrop

acelera a produção de aviões bélicos



PARA apressar a Vitória, a indústria dos E.U.A. trabalha dia e noite. As linhas de montagem se movem com renovada rapidez, enquanto os técnicos de aerodinâmica e de produção, e os artífices, vão descobrindo novos meios de economizar tempo.

Eis um exemplo típico: os aviões requerem um vasto número de pequenos rebites; dois minutos são requeridos para perfurar e rebitar cada orifício; vistò isso, decidiu-se usar a soldadura, muito mais rápida, para unir muitas peças do avião.

Pois ultimamente acelerou-se ainda mais a soldadura. Uma nova técnica da Northrop fez aumentar de 300% a produção de peças soldadas por esse processo, reduzindo assim muitos milhares de horas de labor humano que são utilizadas em produzir maior quantidade de aeronaves Northrop.

Até o dia da Vitória decidiu a Northrop concentrar toda a sua atividade na produção de aviões bélicos. Chegando a paz, a Northrop dedicará a sua perícia à construção de aviões aperfeiçoados do tipo para servir aos viajantes e ao comércio do mundo.

NORTHROP *Aircraft, Inc.*

NORTHROP FIELD, HAWTHORNE, CALIFORNIA, E. U. A.
MEMBRO DO AIRCRAFT WAR PRODUCTION COUNCIL, INC.

QUANDO OS MARES TORNEM A SER LIVRES...

A Paz restabelecerá as comunicações entre os homens e as nações. Então, como agora, as canetas-tinteiro Parker vão proporcionar maior facilidade e prazer na escrita.

Uma das mais finas Canetas Parker é a linda Vacumatic. Reluzente, moderna, transparente, permite ver quanta tinta tem dentro. Não há razão para que esta Parker fique vazia!

Peça hoje uma demonstração da Caneta Parker Vacumatic, à escolha em várias cores atraentes. Seu bico de osmirídio escreve suave como o veludo. O Lozango Azul no segurador indica a nossa garantia vitalícia.

Unicos distribuidores para todo Brasil e Posto Central de Consertos: Costa, Portela & Cia.—Rua 1° de Março 9-1°, Rio de Janeiro.

PARKER

AGORA

tire das suas máquinas o que por elas pagou!

• Cada Caixa Registradora e cada Máquina de Contabilidade National que V. possue, pode proporcionar-lhe muitas vantagens! Se V. as não está usando todas, está desperdiçando um capital que lhe saíu do bolso.

• Use cada total na sua Caixa Registradora, como valiosa informação. Use recibos para sua própria proteção, e para agradar a seus clientes. Use a "fita de detalhe" para tornar os exames de escrita mais simples e completamente seguros.

• Tire todas as vantagens da flexibilidade das suas Máquinas de Contabilidade National. Conserve-as ocupadas todos os dias, encontrando-lhes mais aplicações. Use-as para ajudar a reduzir ainda mais suas despesas e preocupações com o pessoal.

• E para melhor desempenho, sugerimos que continue a usar os aprovisionamentos "National" pois que eles são manufaturados segundo exatas especificações da fábrica, para suprir as máquinas National, e são todos aprovados pelos serviços de inspeção.

• Os representantes da Caixa Registradora National ajudá-lo-ão a conceber todas as vantagens a tirar do seu presente equipamento, e fornecer-lhe-ão prontamente os acessórios de que necessite.

CAIXAS REGISTRADORAS
MÁQUINAS DE CONTABILIDADE

RUA CHILE No. 31 • RIO DE JANEIRO

National

ESCRITORIOS FILIAIS

Belém, Pará
Belo Horizonte, Minas Gerais
Campos, Rio de Janeiro
Curitiba, Paraná
Forteleza, Ceará
Porto Alegre, Rio Grande do Sul
Recife, Pernambuco
Santos, São Paulo
São Paulo
São Salvador, Baia

THE NATIONAL CASH REGISTER COMPANY

ATALHO QUE LEVA À EXPERIÊNCIA

UM CASO TIPICO do que se está passando nos Estados Unidos é o dos rapazes recrutados para o Exército e Marinha. Eles conheciam razoavelmente bem a vida, mas, que sabiam da guerra?—esta guerra com motores de avião de 2000 H.P. . . . Eletrônica . . . Destruidores de tanques . . . Detectores de submarinos!

Os Comandos do Exército e da Marinha tiveram noção dessa falta de experiência. Sabiam que muitos daqueles recrutas seriam mandados para algumas das mais perigosas frentes de batalha do mundo, contra tropas, marinheiros e aviadores experimentados no combate. . . .

Eles tinham passado por tudo isto; haviam instituido um sistema de treinamento mais eficiente e 40% mais rápido do que o comum . . . um sistema que utiliza milhares de películas para instrução militar, que põe em forma um pessoal à altura das exigências técnicas das modernas forças armadas.

* * *

A Kodak é a maior fornecedora de filmes para estas películas de treino—uma das razões por que as populações civís não têm podido obter os filmes que desejam. Mas quando esta guerra estiver terminada, haverá milhões de pessoas que quererão aprender as Artes e Ciências da Paz, tão facil e abundantemente, senão mais ainda, como as aprenderam para os fins da guerra. O ensino através do cinema e da projeção estática de filmes—cuja importância tem crescido constantemente desde que as invenções da Kodak tornaram possivel o filme educativo—entra agora na sua fase definitiva. Eastman Kodak Company, Rochester, N. Y., E. U. A.

KODAK . . . a fotografia ao serviço do progresso humano

Procurando um submarino . . . no céu!

RONCANDO SOBRE o Atlântico, um enorme Bombardeiro da Patrulha Naval dirige-se para minúsculo ponto do oceano onde, segundo informações recebidas, um submarino inimigo se encontra imerso. Como é que os aviadores o irão encontrar? Não olhando para a água... mas para o céu!

Um dos oficiais aponta o seu sextante para o Sol. Incorporado com o sextante existe um relógio de alta precisão que conta os segundos.

O sextante dar-lhe-á a altura do Sol. O relógio fornecer-lhe-á o tempo exato. Quando ele premir um gatilho, ambas estas medidas serão *instantaneamente* registradas. E elas permitir-lhe-ão encontrar o objetivo com uma precisão matemática.

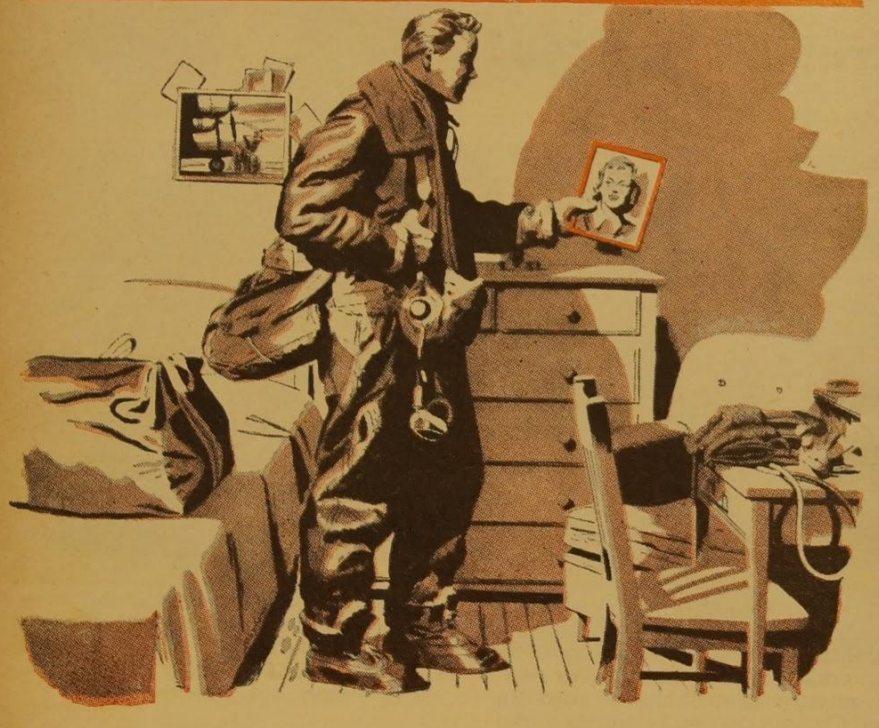
Os empregados da Hamilton estão agora inteiramente ocupados na fabricação de relógios para navegação e muitos outros exatos medidores de tempo para as nossas forças armadas. E, conquanto a Hamilton possa, por agora, fazer poucos relógios para uso civil, esta experiência ganha em tempo de guerra promete um mais fino relógio Hamilton para os tempos de paz. Hamilton Watch Company, 514 Columbia Avenue, Lancaster, Penna., E.U.A.

HAMILTON

Há 50 anos fabricantes de excelentes relógios

FABRICAM HOJE RELÓGIOS DE PRECISÃO PARA A GUERRA

V. JÁ CONHECE ESTE "BOM VIZINHO"...



Talvez não pessoalmente. E muito menos intimamente, porque ele nunca se demora muito no Brasil. Falta-lhe para isso o tempo.

Mas vem regularmente — dúzias de vezes, todas as semanas—em carne e osso. É um dos poucos ianques capazes de o fazer, nos tempos que vão correndo.

Num dos vossos grandes aeroportos, ele permanece dentro do "bojo" flutuante, vindo diretamente de Miami. Dentro de poucas horas, ele aí vai de novo—para a África.

Na semana passada talvez ele tivesse estado em Londres . . . ou na Groenlândia . . . ou na Irlanda. Para a semana que vem . . . quem sabe?

Não estes jovens do Comando de Transportes dos Estados Unidos. Com um aviso prévio de poucas horas, fazem as suas pequenas malas e lá decolam para os confins do Mundo —Chunquim, Moscovo, ou as mais minúsculas ilhas do Pacífico.

A sua função é solitária e esgota os nervos: não implica fascinantes combates, nem títulos de glória. Mas que faria o combatente das Nações Unidas sem os enxames de aviões que eles lhe levam? Que faríamos nós — nós, as duas maiores Nações da América? . . .

Não façamos perguntas. Continuemos apenas a contribuir com a nossa parte para apressar a vinda da Vitória e da Paz. E, seja o que for, façamo-lo com o seu sorriso e a sua determinação. Eles são vencedores!

LYCOMING

MOTORES DE AVIÃO

O motor dos atuais aviões de treino . . .
O motor de avião dos futuros amadores

DIVISÃO LYCOMING, THE AVIATION CORPORATION, WILLIAMSPORT, PENNA., E. U. A.

Avco

Fabricantes dos produtos AVCO

O Fim da Guerra de Tiros

PRODUÇÃO—Construção—Reconstrução . . . serão esses os toques de chamada quando a guerra terminar e, por muitas gerações, têm sido esses os campos de ação da International Harvester.

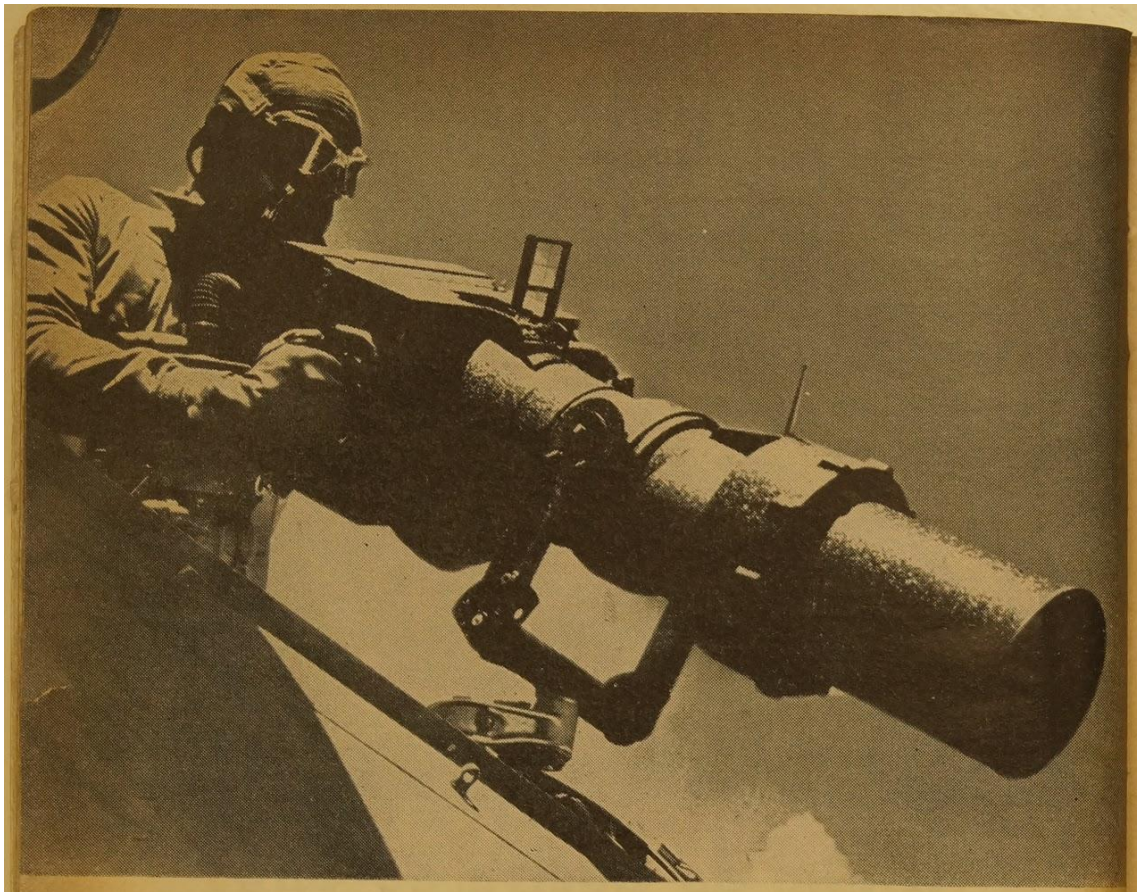
Hoje em dia, a International Harvester produz armas para qualquer teatro da guerra. Constroe muitas que são mortíferas, muitas que serão inúteis após a Vitória. Mas a International Harvester fabrica, também, muitas máquinas cujo trabalho na guerra moderna é assaz semelhante ao trabalho em tempos de paz. Tomemos, por exemplo, estes possantes tratores de esteiras. Dezenas de milhares de tratores International equipados para fins militares servem as Forças Armadas das Nações Unidas como transportes primários de grandes canhões, para nivelar campos de pouso dilacerados por bombardeios, para desbastar matas e para construir importantes estradas de emergência.

Eis aí uma arma de combate já pronta para atender às necessidades de serviço na paz vindoura. A guerra está enrijecendo o trator, aprestando nele uma força poderosa que auxiliará a reconstruir o mundo. Quando silenciarem os canhões, os TracTracTores International estarão prontos para reassumir suas funções normais e produzirão a força de que necessitarem a indústria e a agricultura.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building — Chicago, U. S. A.

Filiais no Brasil:
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — PORTO ALEGRE

INTERNATIONAL HARVESTER



Localizando Campos de Aviação Ocultos... duma altitude de oito quilômetros e mais

FORA do alcance efetivo do fogo anti-aéreo, os fotógrafos da aviação dos E.U.A. levantam cartas das posições inimigas com o auxílio de possantes câmaras aéreas. Dessas altitudes tiram-se fotografias de uma area de 3.800 km² no espaço de uma hora. Não obstante isso, essas observações revelam detalhes tão completos, que até os próprios soldados inimigos podem ser contados.

As lentes fotográficas de Bausch & Lomb e o equipamento cartográfico têm sido aperfeiçoados para essa tarefa por nossos cientistas e pesquisadores em cooperação com os técnicos militares. Hoje, grandes quantidades desses aparelhos de precisão estão sendo produzidos pelos mesmos peritos que têm fabricado para V. S. as lentes fotográficas da Bausch & Lomb dos tempos de paz. Depois da Vitória, os esmerados aperfeiçoamentos alcançados sob a premência das exigências militares, serão destinados para seu benefício.

BAUSCH & LOMB

DO BRASIL, LTD.

Rua Assembléa 104-8 • Rio de Janeiro
Rua D. José de Barros 152-8 • São Paulo

Instituição Científica Norte-Americana Produtora de Vidros Óticos e Instrumentos de Ótica para Fins Científicos Educativos, de Investigação, de Indústrias, e para Correção de Defeitos Visuais.

Gratuitamente

O NOVO CATÁLOGO de Produtos de Guerra H&R

A grande maioria das armas de fogo de Harrington & Richardson—caçadeiras e revólveres famosos no mundo inteiro há já 70 anos—já se não fabricam até que se cumpram as encomendas militares. Mas ainda se encontram à venda alguns dos produtos da superior marca H&R. Entre eles se encontra o maravilhoso fuzil-metralhadora Reising—arma devastadora de cal. .45 usada pelas tropas paraquedistas da Armada dos E.U.A. e de outras forças das Nações Unidas; o novo fuzil Reising Semi-Automático de cal. .22—fuzil-metralhadora aperfeiçoado e mais leve; o conhecidíssimo Revolver H&R de .22 para os desportistas; revólveres diversos, pistolas de foguetão, e para arremessar cabos, algemas, ferros de jarrete.

O catálogo, oferecido gratis, encerra descrições e gravuras desses bons produtos da H&R. Solicite hoje mesmo um exemplar. Oferecemos tambem gratis o Manual Ilustrado do fuzil-metralhadora Reising H&R. E' favor mencionar se quer em inglês ou espanhol. Harrington & Richardson Arms Company, Worcester 2, Mass., E.U.A.

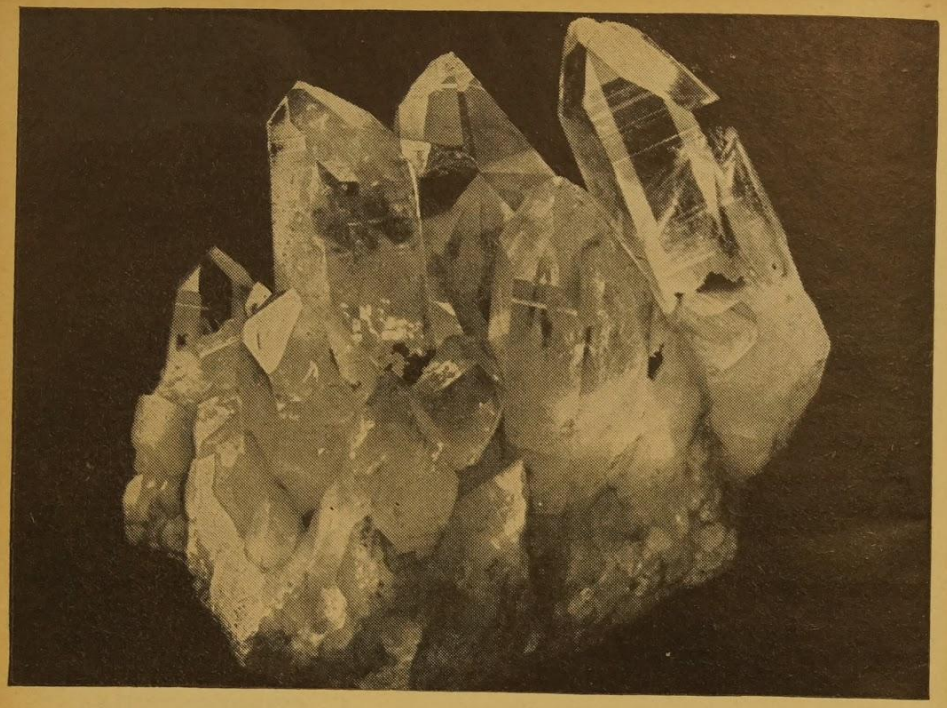
CORRESPONDA-SE COM A H&R

Belas e novas armas de fogo de H&R — com importantes melhorias sobre as nossas excelentes armas do passado — estão na expectativa da Vitória. Haverá de tudo o que de melhor e mais novo existe em fuzís, pistolas e revólveres — incluindo-se nessas armas as novas ligas metálicas, plásticos, desenhos e recursos de fabricação. Corresponda-se com a H&R.

H&R

Excelentes armas de fogo

para desportistas, policiais e militares



A Philco produz, com cristal-de-rocha do Brasil, cristais para rádio de uma exatidão de

40/1.000.000 DE POLEGADA!

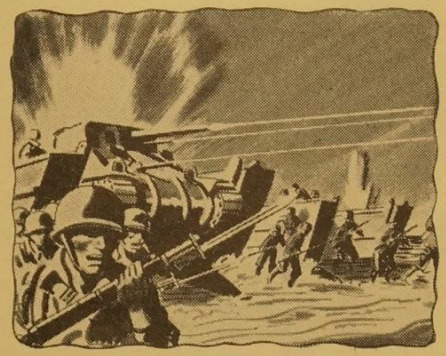
MAIS pequenos que um selo postal, os cristais de rádio produzidos pela Philco têm que amoldar-se a padrões de precisão que parecem incriveis. As medidas tomam-se pela Eletrônica em milionésimos de polegada! Mesmo o ângulo em que se corta a lamela tem que ter uma exação de 1/60 de grau! Os cristais de quartzo usados nos rádios militares, para exatidão absoluta, representam um dos muitos produtos de guerra da Philco que requerem perícia técnica excepcional . . . perícia que após a guerra brindará ao leitor novos milagres em rádio, televisão e refrigeração sob o famoso nome Philco!

PHILCO

A MAIOR FABRICANTE DE RÁDIOS DO MUNDO

ATENÇÃO! RÁDIO-OUVINTES DE ONDAS CURTAS!

As estações de rádio de ondas curtas dos Estados Unidos estão combinadas, com o fim de apresentar diariamente os melhores programas norte-americanos de rádio, anunciados em português.



NOTÍCIAS!

MÚSICA!

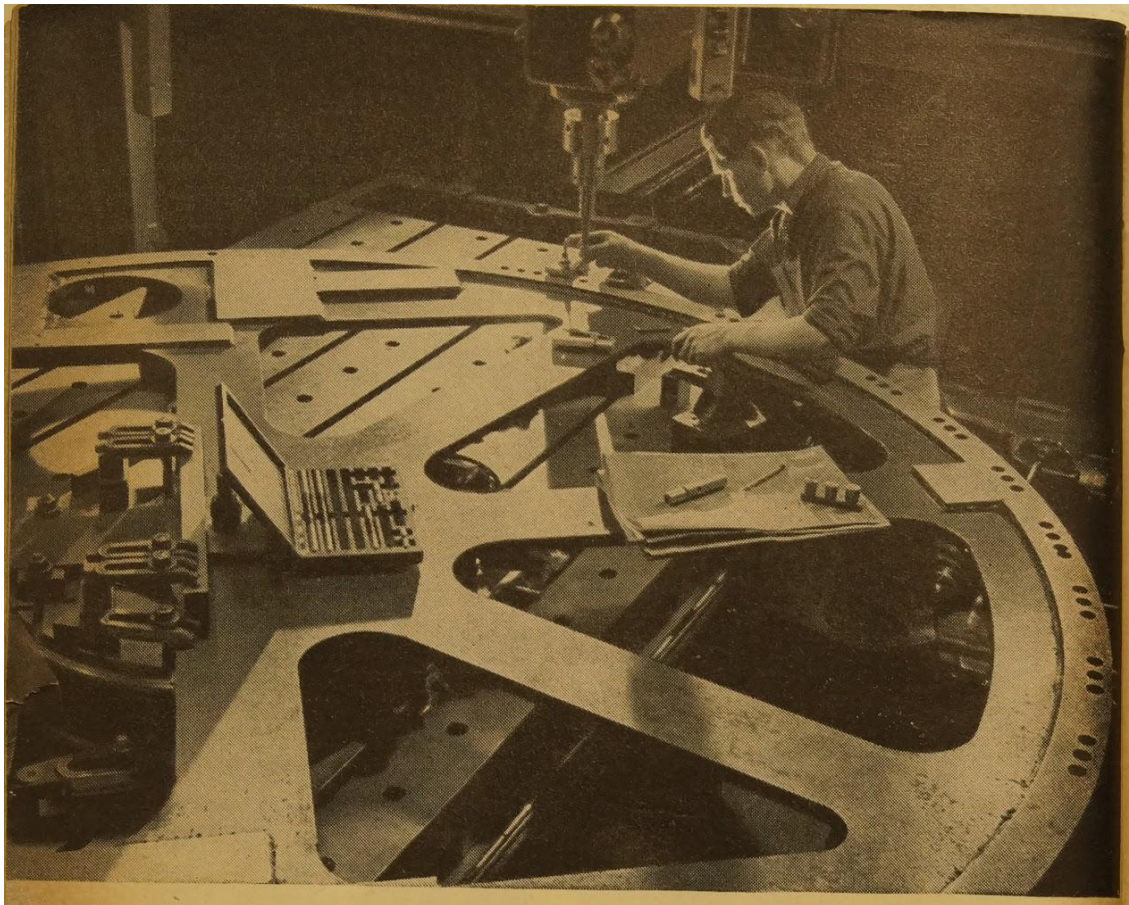
COMENTÁRIOS!

HOLLYWOOD!

Todos os programas serão transmitidos simultaneamente pelas três poderosas emissoras: WCBX—WRCA—WGEA. Agora os rádio-ouvintes poderão ouvir, em qualquer dessas três potentes estações, os melhores programas de ondas curtas dos Estados Unidos.

ESTAÇÕES DE RÁDIO DOS ESTADOS UNIDOS

Os que desejarem receber a lista dos programas irradiados por essas estações de ondas curtas, escrevam para o Coordenador de Assuntos Inter-Americanos, Caixa Postal 860, Rio de Janeiro, ou Caixa Postal 205B, São Paulo.



O Mercador De Tarefas

• A Fortaleza Voadora* abriu primeiro as suas asas, nas mesas de desenho dos engenheiros da Boeing. Hoje, as Fortalezas são produzidas por três fabricantes . . . Boeing, Douglas e Vega.

Este acordo cooperativo requer as mais precisas medidas-padrões. As partes feitas numa fábrica devem ajustar-se perfeitamente na Fortaleza construida em qualquer outra fábrica.

Para assegurar às peças esta possibilidade, a Boeing constrói uma série de bitolas mestras—muitas das quais, maiores do que a apresentada acima.

Um jogo idêntico de bitolas foi fornecido a cada companhia construtora de Fortalezas. Em comparação com elas, são verificadas, muitas vezes até a milésima parte duma polegada, as inúmeras peças que constituem estas naves aéreas de combate.

Como resultado, as guarnições de terra, em toda a parte, sabem que as peças sobressalentes se ajustarão e a engenharia da Boeing é cientificada diariamente pelos registros de batalha das Fortalezas Voadoras.

Quando toda esta engenharia for orientada para os produtos dos tempos de paz, V.S. saberá que, se é "Fabricado pela Boeing," equivale a dizer que é bom.

CRIADORES DAS FORTALEZAS VOADORAS • DO STRATOLINER • DOS CLIPERES AMERICANOS **BOEING**

**Os nomes "Fortaleza Voadora" e "Stratoliner" são propriedade registada da Boeing.*

A Singer continua às suas ordens!

• As Lojas Singer continuarão servindo ao público, ainda que por enquanto só possam dispor de limitada quantidade de máquinas novas. Procure uma Loja Singer quando tenha algum problema de costura

★ *Um vestido elegante e facil de fazer—de tafetá com renda preta.*

A sua máquina salta pontos ou está emperrada?

Dispomos de serviço mecânico para manter a sua máquina em bom estado. O custo é módico.

Precisa Ajuda na Costura?

Oferecemos instrução em diversos ramos da costura moderna. Dispomos tambem de uteis brochuras sobre a costura e bordado a máquina.

Precisa de agulhas e acessórios?

V. Exa. pode obtê-los sempre, nas Lojas Singer. Para assegurar-se de produtos e serviços Singer legítimos, procure na vitrina da loja o famoso "S" vermelho.

Distintivo das Lojas Singer

SINGER

SEWING MACHINE COMPANY

Copyright U.S.A., 1943, by Singer Sewing Machine Co. All rights reserved for All Countries. Todos os direitos devidamente protegidos por tratado internacional.

O EXPRESSO DA VITÓRIA

O mais veloz—e mais seguro e mais econômico dos trens de carga que V.S. jamais terá visto. Forte e bonito, com a duradoura robustez e beleza do fulgurante aço inoxidável, é provido de refrigeração para salvaguarda dos produtos que irão para os mercados.

É o «Expresso da Vitória»—um dos muitos novos trens de velocidade assombrosa que, ligando todas as Américas, ajudarão a dar a todos os americanos maior prosperidade e melhor vida, quando a guerra estiver terminada.

Engenheiros e desenhistas já estão fazendo os seus planos nesse sentido. Finas ligas obtidas em forno elétrico e aços inoxidaveis da Republic ajudarão a tornar isso uma realidade, depois da Vitória. Alguns dêsses aços são novos, criados para a guerra e experimentados na batalha. Outros têm sido provados em longos anos de serviço na indústria das estradas de ferro.

Tôdos se enquadram magnificamente nos trabalhos que devem realizar, pois todos são o produto de uma longa experiência no fabrico de aços preparados. E, porque a Republic aumentou a capacidade dos seus fornos elétricos, em cerca de 900%, para atender às urgentes necessidades da guerra, todos êsses finos aços serão generosamente postos à disposição dos consumidores particulares, em tempos de paz. E assim será para a grande variedade de outros produtos da Republic—aços carbonados, aços acabados a frio, partes manufaturadas, e toda uma gama de produtos, desde o prego às construções de aço.

Quando a liberdade das Américas estiver novamente assegurada, êsses esplêndidos produtos da Republic—aços finos e objetos manufaturados em aço para serviços domésticos, em propriedades agrícolas e fábricas, ajudarão a tornar essa liberdade mais rica e mais duradoura.

REPUBLIC — VITÓRIA PELA UNIÃO

REPUBLIC STEEL CORPORATION

Depto. de Exportação: Chrysler Building, 405 Lexington Ave.
New York, N.Y., E.U.A. Endereço Telegráfico: «TONCAN» . . .

Escritórios Centrais: Cleveland, Ohio, E. U. A.

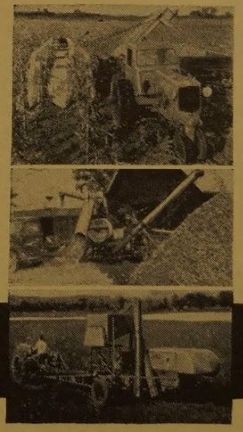
Representantes na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colombia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haití, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Perú, Porto Rico, El Salvador, Trinidade, Uruguai, Venezuela, Ilhas Virgens.

Também estamos representados em: Grã-Bretanha, Canadá, Austrália, Nova-Zelândia, União Sul-Africana, India, China, Irán, Portugal, Suécia, Turquia

E ACERCA DE ALIMENTOS PARA DEPOIS DA VITÓRIA?

Assim como a maré da Vitória flue na esteira dos nossos exércitos em marcha, assim tam bem a maré da paz—verdadeira, duradoura paz—deve seguir as pegadas da alimentação. Somente com pão, carne, e leite para crianças, podemos ter esperanças de começar a construir um mundo melhor e mais são.

Para os agricultores do mundo, esta grande e humanitária tarefa, apresenta um desafio sem paralelo na História. Cada hectare de terreno aravel do mundo deve então ser trabalhado no sentido de proporcionar sua maior produção de alimento. Cada hectare deve ser guardado e preservado para melhor servir a humanidade em cada sucessiva geração. Realizando este ideal, a causa da paz ganhará mais do que todos os tratados jamais assinados.



No mundo de amanhã, a moderna maquinaria agrícola terá um papel tão importante como teve no continente americano durante os últimos 100 anos. A moderna maquinaria permitirá que menos de 20% da população produza mais alimentos, fibras, óleos essenciais, e muitos outros elementos vitais à manutenção dum mais alto nivel de vida, do que 80% da população pôde produzir antes do advento dos modernos tratores e outras máquinas agrícolas.

Minneapolis-Moline constrói uma linha completa de modernos tratores e maquinaria agrícola para quase todas as exigências, e durante a guerra fabricará de todos esses produtos a parte que lhe é permitida em face às medidas de restrição.

MINNEAPOLIS-MOLINE

POWER IMPLEMENT COMPANY — MINNEAPOLIS MINNESOTA, U.S.A.

O MAPA SE CONTRAI!

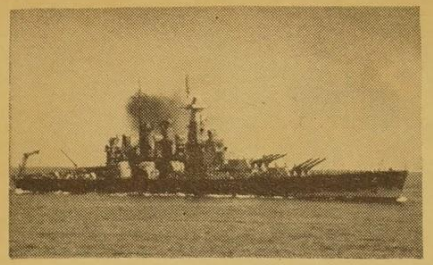
Motores JACOBS para Aviões

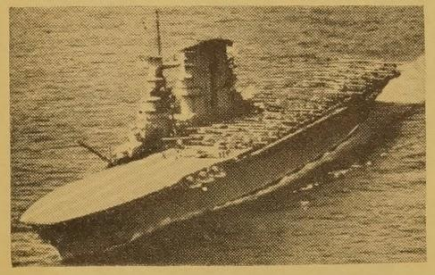
O velho mapa está-se contraindo rapidamente—e as antigas distâncias vão sendo reduzidas de dias, ou semanas, a horas.

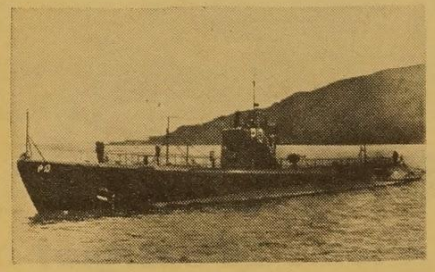
As nações da América Latina, outrora amigos distantes dos Estados Unidos, estão-se tornando de fato nossos vizinhos do pé da porta. Depois desta guerra, o turismo inter-americano vai crescer prodigiosamente . . . Os viajantes da América do Norte poderão nadar ao sábado nas praias maravilhosas do Rio, e estar de regresso ao trabalho na segunda-feira seguinte. As viagens de negócio, com ida e volta na mesma semana, se tornarão coisa banal.

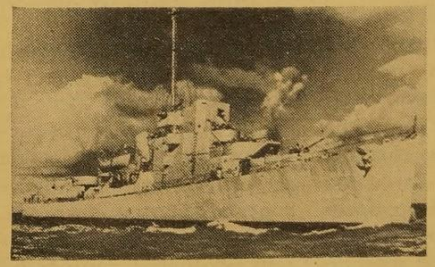
Aeronaves leves e modernas, acionadas pelos eficientes motores de confiança Jacobs, hão-de assegurar viagens rápidas e faceis desde os términos das carreiras aéreas internacionais até o interior desses paises, abrindo para todos nós seus ilimitados recursos e belezas naturais.

JACOBS AIRCRAFT ENGINE CO.
POTTSTOWN, PENNSYLVANIA, E. U. A.









Em todos os cais... e sulcando os mares do mundo!

Em 1.249 navios da Marinha dos E.U.A. . . . couraçados, cruzadores, porta-aviões, destróieres, barcos-mosquitos, emfim, em todos os tipos de navios de combate e auxiliares . . . o equipamento da York preserva os mantimentos, protege os paióis da pólvora, acondiciona o ar nos centros de direção do tiro, postos de observação, e salas de prontidão dos porta-aviões.

Os submarinos norte-americanos têm um mais vasto rádio de cruzeiro, mais alta velocidade, e maior eficiência, por causa do acondicionamento de ar York. As máquinas à vapor que estão sendo agora construidas nas oficinas da York, acionarão os novos destróieres de escolta da Marinha, que se caraterizam pela sua ação fulminante.

No momento em que escrevemos, a refrigeração da York está sulcando os mares em 1.054 cargueiros, incluindo centenas dos famosos navios "Liberdade". Alem disso a York atualmente prepara equipamento para um assombroso número de Navios da Vitória, novos e maiores, e tambem para uma completa frota de cargueiros de refrigeração. York Corporation, York, Pennsylvania, E.U.A.

YORK REFRIGERAÇÃO E AR ACONDICIONADO PARA A GUERRA

Centro de Refrigeração Mecânica desde 1885

REPRESENTANTES NO BRASIL: BYINGTON & CO. SEDE PRINCIPAL NO RIO DE JANEIRO

É rica em Vitamina B_1 — fonte de energia!

CONHEÇA ÊSTES OUTROS PRODUTOS SWIFT

- Salsichas
- Pâtés
- Perú
- Línguas
- Presuntos
- Bacon
- Carne de Porco
- Corned Beef
- Carne Cozida
- Extrato de Carne
- Tuco (para massas)
- Banha
- Galantina

É um alimento saboroso e nutritivo! Presuntada, rica em vitamina B_1 — para crescimento, vigor, nervos e apetite — é uma fonte de preciosas energias. Pode ser servida tal como vem acondicionada, poupando tempo e combustível. É de delicado sabor quando servida fria e igualmente apetitosa se desejá-la quente.

No seu preparo, por processo exclusivo da Swift do Brasil, só entram tenros presuntos e suculentas carnes de porco. Não deixe faltar Presuntada em sua despensa. Verá quão fáceis se tornam seus problemas culinários.

Produto da

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO
DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

..."Enviai-me vinho da Nova Califórnia e da Missão de San Diego para nosso augusto monarca, Dom Fernando VII"...

Excitados e ufanos, os padres da missão californiana de San Diego de Alcalá agrupavam-se em torno do mensageiro. O vice-rei do México, em pessoa, mandava pedir-lhes seu vinho particular, para brindá-lo ao rei da longíqua Espanha! Tal reconhecimento constituia um triunfo para esses valentes franciscanos, fundadores da grande indústria vinícola na Califórnia. Este templo, o primeiro dos 21 erigidos na costa californiana, conserva-se na atual cidade de San Diego como relíquia histórica das românticas origens hispânicas da Califórnia.

Em *Cresta Blanca* encontra-se esse delicado sabor que só o tempo, o cuidado e a experiência podem dar aos vinhos. E são apoiados por uma tradição que data da época em que os missionários franciscanos se estabeleceram na Califórnia *antes dos Estados Unidos constituirem-se em Nação.*

A medida que as missões se estabeleciam, as vinhas eram plantadas naquele terreno fertil e aquecido pelo sol. O delicioso licor daquelas uvas adquiriu em breve fama que foi alem dos círculos eclesiásticos. Com os tempos, sobressairam-se algumas distintas marcas. A principal delas, hoje, e desde já cincoenta anos, é *Cresta Blanca.* E tão rica, na realidade, esta marca singular, que tem sido procurada por alguns dos maiores vinhateiros europeus . . . e já conquistou medalhas nas exposições internacionais.

V. S. tambem apreciará a sua delícia. Honre os seus convidados sempre que os acolher: sirva-lhes o *Cresta Blanca!*

CRESTA BLANCA

Há mais de cincoenta anos, o mais fino dos vinhos norte-americanos

UM PRODUTO Schenley

CRESTA BLANCA WINE COMPANY, INC.
LIVERMORE, CALIFORNIA

A Eletrônica trará a Televisão ao nosso Lar

MEIO século já transcorreu desde que a primeira mensagem radiotelegráfica foi transmitida. Hoje, a rádio-difusão leva às mais longínquas fronteiras da terra as notas de uma sinfonia ou as últimas notícias das frentes de batalha.

Amanhã, por meio da televisão, presenciaremos, comodamente sentados em nossa casa, um jogo de futebol, ou o vistoso espetáculo de um corso carnavalesco. Acompanharemos o intrépido explorador em suas viagens através das selvas ou seguiremos o vôo de um avião sôbre os cimos dos Andes...

Faz anos que a General Electric vem construindo aparelhos transmissores de televisão para uso experimental. Da sua estação WRGB, em Schenectady, uma das maiores do mundo, são irradiados atualmente programas recreativos e culturais.

Depois da Vitória, graças a experiência adquirida durante os anos de guerra, os receptores de televisão General Electric permitirão V.S. convidar à sua casa, seus amigos e parentes para assistir uma ópera ou um filme cinematográfico transmitido por televisão.

RÁDIO • *Eletrônica* • TELEVISÃO

ELETRÔNICA — Uma ciência nova para um mundo novo.

Um interessante folheto de 32 páginas, em português, impresso em lindas côres, descreve a história da televisão e outras invenções eletrônicas. Peça-o ao distribuidor local da General Electric ou à International General Electric Co., Inc., Electronics Dept., Schenectady, N. Y., E.U.A.

GENERAL ELECTRIC

EL-4-43DP

A edição árabe do READER'S DIGEST

Continuação da última capa

O exercício do ensino por longos anos, nos ginásios e universidades americanas do Próximo Oriente, coincide com o aparecimento dos tanques e *jeeps* no deserto, de aeroplanos americanos nos céus, e de jovens ianques em uniforme, passeando no dédalo das ruas, cuja poeira já está endurecida pelos pés pacientes de muitos e muitos séculos.

Hoje em dia o Oriente e o Ocidente se andam acotovelando. As distâncias geográficas entre estes dois mundos foram anuladas para sempre. Entre Nova York e o Cairo, por exemplo, os novos «Magalhães» da Divisão do Transporte Militar estão conduzindo pelo ar homens e carga em dois dias e meio. A despeito porem dessa conquista, há ainda um abismo entre os pensamentos de um americano do interior e o dos seus vizinhos de Damasco.

Aos olhos da ciência, o uso das palavras significa somente instrumento de comunicação de pensamentos humanos. Mas as barreiras proibitivas das diferentes línguas torna esta comunicação falha, abandonando os homens e suas idéias ao isolamento.

Confiamos que a publicação do Reader's Digest no idioma árabe concorrerá para que Oriente e Ocidente não só se encontrem, mas tambem, na prossecução de um mesmo destino pacífico, vivam, trabalhem e prosperem lado a lado.

IMPRESSO NOS E.U.A.

A EDIÇÃO ÁRABE DO READER'S DIGEST

Os graciosos e estranhos caracteres que encimam esta capa constituem o título da nova edição árabe do Reader's Digest. Lidos da direita para a esquerda—à boa maneira árabe—eles querem dizer: *Al Mukhtar Min Reader's Digest* (Seleções do Reader's Digest).

O primeiro número de *Al Mukhtar* foi publicado no Cairo a 1 de setembro de 1943. Sessenta mil exemplares se espalharam por trem, aeroplano e caminhão, a pé ou a lombo de camelo, por todos os paises do mundo árabe. A oeste de Suez ficam o Egito e o Sudão, a Líbia, a Tunísia, a Argélia e Marrocos; a leste se encontram a Síria, a Palestina, o Iraque, o Líbano, a Transjordânia e a grande massa da Arábia propriamente dita, a maior península do mundo.

Nessas antigas terras, cincoenta milhões de pessoas falam a língua árabe, cincoenta milhões alimentam a idéia da independência do espírito árabe, e, cinco vezes ao dia, a maioria destes cincoenta milhões voltam-se como um só homem para Meca, a orar...

Mas o olhar do povo árabe está tambem fixado no Oeste, com crescente esperança. Por gerações e gerações, o mundo ocidental dessedentou-se nos mananciais inexhauriveis da sabedoria mediterrânea. A essa rica fonte o novo mundo foi buscar, entre outros tesouros culturais, o seu sistema de numeração, o seu alfabeto, o seu conhecimento dos astros. Neste instante, por um caminho inverso, a nossa civilização está sendo examinada pelos povos do Levante, em vias de renascimento.

Continua no verso

EDIÇÃO MUNDIAL DE 10.918.000 EM CINCO IDIOMAS

Cr. $3,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

Jimmy Yen, Mestre da China	*por J. P. McEvoy*	1
O combate dos altofalantes	*por G. Palmer e F. Sondern*	8
A Canção que veio do Céu	*por Hertha Pauli*	10
Voz das ruas	*New Yorker*	13
Primeiro ensaio de socorro mundial	*Survey Midmonthly*	15
Como se me revelou meu pai	*por Sherwood Anderson*	19
Não adianta mais mentir	*McCall's*	23
Pelo preço do custo	*Saturday Review*	26
Matar, eis o seu ofício	*This Week*	27
Podemos ensinar os meninos a viver		31
Não se deixe acovardar pela artrite	*por Paul de Kruif*	33
Eisenhower fez o milagre do comando único	*por F. C. Painton*	37
Mark Twain à luz da lua	*por Mark Twain*	43
A hecatombe dos búfalos	*Natural History*	45
Aviadores que lutam desarmados	*American Mercury*	49
Precursora dos trens aerodinâmicos	*Coronet*	53
Já passaram os melhores anos de sua vida?		55
O que faz o médico de aviadores	*Air News*	58
Divertimentos na floresta	*Frontiers*	63
Herdeiro presuntivo de Churchill	*Life*	65
Retalhos do drama cotidiano	*por Dorothy C. Fisher*	69
A maior falcatrua da História	*por R. G. Vansittart*	72
Cincoenta anos sem uma só greve	*Future*	76
Quem foi afinal que salvou?	*por M. L. Runbeck*	79
Furacão em uma caixa	*Science News Letter*	82
Assuntos de conversa		86
Só há um método de emagrecer	*Rotarian*	89
Seção de Livros — Sob as trevas de París	*por Etta Shiber*	93

FEVEREIRO DE 1944

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr. $3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr. $30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.

BAÍA: Livraria Souza, Rua do Colégio, 8, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 351, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo V, No. 25 — [*Marca Registrada* / *Reg. U.S. Pat. Off.*] — Fevereiro de 1944

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace

Redator Gerente: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator*: J. Rodrigues Miguéis

Administração: *Gerente Geral*, A. L. Cole. *Subgerente*: Fred D. Thompson, Jr.

Gerente de Circulação, Roberto C. Sánchez. *Chefe de Publicidade*, Willard R. Espy

Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson. *Subdiretor*: Marvin McCord Lowes

Diretor de Anúncios: Josiah B. Thomas

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS: *Reader's Digest* (fundado em 1921); publica-se em inglês em Pleasantville (E.U.A.) e em Londres; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace; tiragem mensal: 9.345.000 exemplares. *Selecciones del Reader's Digest*· edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas; tiragem mensal· 880.000 exemplares. *Det Bästa ur Reader's Digest*: edição em sueco, publicada em Estocolmo; redator: Anders Hedberg; tiragem mensal: 225.000 exemplares; *Al Mukhtar Min Reader's Digest*: edição em árabe, publicada no Cairo; redator: Fuad Sarruf; tiragem mensal: 60.000 exemplares.

TIRAGEM DE TODAS AS EDIÇÕES: 10.918.000 EXEMPLARES

Copyright 1943 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

CMPPS-4
1912

FEVEREIRO de 1944

SELEÇÕES *do* Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO V — No. 25

JIMMY YEN, *Mestre da China*

Foram seus mestres: Confúcio, Cristo, e os humildes *coolies* da sua terra. Seus métodos dramáticos e revolucionários de ensino são modelo para todo a gente

(Condensado de «Freedom from Ignorance»)

Por J. P. McEvoy

HÁ ALGUNS ANOS, o generalíssimo Chiang Kai-xeque manifestou a Jimmy Yen o desejo de vê-lo e ter com ele uma palestra na capital da China. É que lhe chegara aos ouvidos a repercussão do milagre de Ting Hsien, onde Yen conseguira transformar uma povoação atrazadíssima no primeiro laboratório, em pleno êxito, de que o mundo tinha notícia, de reconstrução social e educação em massa, com cerca de quatrocentos mil camponeses analfabetos a servir-lhe de colaboradores decididos, e, ao mesmo tempo, de material de experiência. Chiang Kai-xeque e Jimmy Yen conversaram três dias seguidos. Todas as manhãs Madame Chiang dizia a Jimmy: «O generalíssimo estava tão impressionado, que não pôde dormir esta noite.»

Não havia aliás nisso nada de espantoso—porque Jimmy é realmente uma das personalidades mais impressionantes da cena contemporânea, o maior educador vivo da China, e provavelmente o mais dinâmico da nossa geração.

Em meio do bombardeio de Chun-

quim, o generalíssimo, pensando profundamente no papel que a educação popular teria forçosamente de exercer na reconstrução do país, insistiu em fazer ver que tudo podia parar, menos o Colégio Nacional de Jimmy Yen, para Treinamento de Pessoal Técnico e Administrativo. Deu a Jimmy o equivalente a um milhão de dólares, declarando-lhe: «Sinto não poder dar-lhe mais; não deixarei de fazê-lo, assim que os tempos melhorem. Prestarei ao seu movimento o mais completo apoio.»

Através de uma centena de gerações, os antepassados de Y.C. Jimmy Yen foram mestres e educadores. O próprio Jimmy é um produto de três educações, ou seja, de três grandes preceptores: Confúcio, Cristo, e os «coolies», a gente humilde do seu país. Foi educado na tradição clássica. Sentava-se aos pés do pai, a estudar em voz alta, com o cabelo repartido em seis pequenos rabichos; e por volta dos dez anos já sabia de cor os Quatro Livros, e não menos os Cinco Clássicos, afora poemas, ensaios e comentários sem conta, a que davam coroamento os suaves poemas de Li Tai Po.

Depois, ainda criança, Jimmy foi para a Escola de Ensino Ocidental, mantida por missionários, e aí frequentou os cursos de Ciências, Geografia, História, Inglês e Cristianismo. Obteve o primeiro prêmio no exame de admissão à Universidade de Hong-Kong, o que, porem, de nada lhe serviu, por não ser súdito inglês—e essa terá sido talvez a primeira lição realista que recebeu em matéria de conhecimento do Ocidente...

Transportando-se afinal para os Estados Unidos, matriculou-se na Universidade de Yale, onde suplementou os recursos de uma bolsa de estudos, cantando hinos no coro. Graduado em 1918, quando estava a concluir-se a primeira guerra mundial, viajou para a Europa, afim de prestar serviço na Comissão de Guerra da Associação Cristã de Moços do Exército, na manutenção de relações com os duzentos mil trabalhadores chineses que os Aliados haviam importado, para abrir trincheiras, construir estradas, e trabalhar em fábricas, à retaguarda das linhas. Designaram-no para vender pequenas mercadorias na cantina de Boulogne, França, e servir de intérprete a cinco mil dos seus compatriotas alí estacionados. Um dia, um deles, querendo escrever à mulher, porem sendo analfabeto, pediu-lhe fizesse a carta. Logo no dia seguinte voltou, meio embaraçado, trazendo três companheiros, que desejavam merecer o mesmo favor. Dentro em breve, Jimmy escrevia diariamente dezenas de cartas. Por outro lado, começou a fazer todas as noites, no acampamento, a leitura de notícias em voz alta.

Uma noite, acudiu-lhe esta idéia magnífica: porque não tentar ensinar aquela gente a escrever as suas cartas e a ler as suas notícias? «Analisando o que eles diziam nas cartas,—é Jimmy quem o refere—verifiquei que um vocabulário básico chinês de cerca de mil caracteres seria suficiente para as suas necessidades elementares. Convoquei-os para uma reunião em massa e disse-lhes que ia ensinar-lhes a escrever. Naturalmente, a princípio eles não acreditaram que aquilo fosse possivel. Tão complexa e dificil é a nossa linguagem escrita, com mais de quarenta mil caracteres, que ao longo de toda a história chinesa, os camponeses, que representam entretanto 85 por cento da população, nunca aprenderam a ler e escrever nem tal lhes foi ensinado.

«Mas eu insistí. Não lhes cobraria coisa alguma. Quem se apresentava voluntariamente para aprender? Por fim, entre os cinco mil, houve quarenta espíritos ousados que se dispuseram à luta—um décimo-milionésimo da população da China.

«É todavia com um primeiro passo que se começa a vencer uma longa caminhada. Durante quatro meses houve uma hora de aula cada noite. Por ocasião dos exames finais, cada aluno escreveu uma carta para casa, e, de pé, orgulhosamente, diante do acampamento, leu em voz alta as notícias que eu havia escrito numa pedra. Os milhares de descrentes olhavam, espantados, uns para os outros, como se acaso estivessem presenciando um milagre. E ô era realmente, para eles!»

O grupo imediato de voluntários de Jimmy foi apenas um pouco maior, tão profundas as raizes em que assentava a falta de confiança dos camponeses; mas a evidência do fato acabaria, é bem de ver, por impor-se. Quando uma noite o major Cole, que tinha a seu cargo o setor, se lembrou de ir ao acampamento dos trabalhadores chineses, ao aproximar-se, ouviu uma grande vozearia. Mas Jimmy o tranquilizou: «São os meus estudantes que aprendem os caracteres em voz alta. Adoto para os meus trabalhadores métodos clássicos que têm por si os séculos.» O major percorreu o acampamento, maravilhado pelo que alí vía. «De lá saiu—conta Jimmy—com lágrimas nos olhos. A avidez patética daqueles rudes trabalhadores por aprender o que se lhes ensinava, tocou-lhe o coração. Perguntou-me se eu poderia fazer aquilo em todos os acampamentos. Respondí-lhe:—Se isso produz resultado com cinco mil trabalhadores, porque não com 200 mil?»

Jimmy então foi a París, entendeu-se com 80 chineses instruidos que estavam servindo voluntariamente em outros acampamentos, e ensinou-lhes a sua técnica. Eles se espalharam pela França, disseminaram o ensino dos Mil Caracteres, e o milagre se foi reproduzindo.

Os camponeses, trabalhadores, ou seja os «coolies», como são chamados no Oriente, tinham aprendido a ler, mas não encontravam o que ler, já que nada havia escrito nos Mil Caracteres. Para dar solução ao caso, fez Jimmy surgir a lume o *Semanário dos Trabalhadores Chineses*. Ao mesmo tempo, iniciados por essa altura os trabalhos da Conferência da Paz, ele explicava diariamente no acampamento, usando linguagem simples, o que ia acontecendo. Resultou que os trabalhadores, ao regressarem à China, sabiam quase o mesmo, acerca do Tratado de Versalhes, que os diplomatas e observadores cultos.

«O fato—diz Jimmy—causou-me funda impressão; e daí precisamente foi que surgiu minha idéia da educação política das massas. Aqueles duzentos mil representavam uma bela amostra dos quatrocentos milhões que povoam a China. Imagine-se o que significou ter uma prova, e prova experimental, de que eram todos eles *educaveis*—coisa que antes ninguem suspeitara! Eu tive que ir à França para esclarecer-me a respeito do meu próprio país, para saber o que éramos—uma república sem cidadãos; e foi com eles, os «coolies», os pobre trabalhadores da minha terra, que aprendí a criar cidadãos por meio da educação. *Coo-lie*, literalmente, quer dizer dura força. Agora sei que devo consagrar a minha vida à educação do meu povo, porque só assim se há-de fazer menos duro o seu quinhão, e mais pujante a sua força latente.»

Escolheu Jimmy, para sua base de operações, a China Central. Dotado de grande senso de dramaticidade, organizou a sua campanha de modo a chamar sobre ela, o mais possível, a atenção. As paredes cobriram-se de cartazes, com a figura de um homem cego que apresentava a um lavrador analfabeto um papel onde se lia: «O lavrador tambem é cego porque não pode ler.» Realizavam-se desfiles; faziam-se discursos. Lojas, casas particulares, pavilhões de divertimentos, e templos, foram transformados em Escolas do Povo, nas quais os próprios trabalhadores do campo estudavam uma hora, antes do amanhecer. A cidade foi dividida em seções, e os estudantes em grupos de recrutamento, sendo que os já alfabetizados se constituiram professores tão dedicados ao ensino que, entre 1.400 camponeses da primeira classe instituida, 965 foram aprovados em exame, e liam com rapidez surpreendente as frases que Jimmy ia escrevendo na pedra.

Com o auxílio dos assistentes que assim foi preparando, estendeu Jimmy o serviço a várias outras cidades, sempre com o mesmo êxito. Surgindo novos rebentos de cada ramo, a Associação Provincial de Educação em Massa propagou-se por toda a China, tomando afinal o carater de uma instituição nacional com sede em Pequim, e um orçamento anual—não vão pensar que há engano—de 3.600 dólares chineses, isto é, mais ou menos mil dólares dos Estados Unidos, vale dizer, aproximadamente, vinte mil cruzeiros! Tocavam a Jimmy, como diretor geral, os vencimentos de mil cruzeiros mensais. Ele e um amanuense, que dava meio dia de serviço, constituiam todo o pessoal em função administrativa no quartel general do movimento.

Em 1938, voltou Jimmy aos Estados Unidos, para o fim de receber um grau honorário da Universidade de Yale. Meteu então mãos à obra de levantar meio milhão de dólares entre homens de negócios americanos, que nunca chegariam a perceber a que é que se rendiam, se à sua doçura confuciana, se ao seu zelo cristão. Henry Ford deu-lhe 10 mil dólares, dizendo: «Simpatizo com a sua idéia. O senhor quer promover a educação do povo como eu produzo automoveis.» Jimmy lembrou-o mais tarde, quando surgiram críticas mostrando-lhe quanto era lento o processo que se vinha pondo em prática. «Se são precisos sete anos para concluir o serviço num distrito, e há na China 1.900 distritos,—alegavam os críticos—trata-se então de um programa para treze mil anos.» «Absolutamente não, replicava Jimmy.—Ford gastou longo tempo a aperfeiçoar o seu modelo, mas, uma vez que este ficou fixado, a produção se acelerou, aos milhões.»

Obtido o concurso financeiro, retornou Jimmy à China, levando, alem dos dólares, dois conceitos revolucionários, fundamentais. Primeiro: se você tem uma teoria educacional, procure pô-la à prova, não nas salas de aula, com grupos selecionados, porem nas próprias comunidades ao vivo, sob as condições naturais da vida cotidiana. Segundo: multiplique a experiência pela ação direta, pessoal, e não a escrever livros sobre o assunto. Hoje, decorridos vinte anos de educação em massa na China, nenhum dos associados ao movimento escreveu um só livro a respeito. Nem sobraria tempo para tanto.

Em Pequim organizou Jimmy um êxodo em massa de mestres e professores —técnicos de educação, economia, administração pública, agricultura, saude pública—da cidade para o campo, das salas de aulas para o convívio do povo. Transportou-os da grande metrópole para Ting Hsien, um modesto lugar do interior, primitivo, enterrado em lama; e alí toda aquela gente culta, portadora de graus e diplomas de universidades estrangeiras, instalou-se em cabanas misérrimas, vivendo com os camponeses em plena fraternidade.

Uma nova lição aprendeu Jimmy—a de que ensinar os «coolies» a ler e escrever, era como um brinquedo de criança, comparado ao que lhe custava reeducar os instrutores e mestres para que «descessem» ao nivel da educação em massa. Citava, para guiá-los, aquela advertência de S. Paulo: «Se tu não usas palavras que sejam faceis de compreender, como se há-de saber o que foi dito?»

Um graduado da Universidade de Cornell ofereceu-se para fazer uma nova chocadeira para galinhas, que havia de ser util aos camponeses. O antigo sistema consistia em construir uma casinha de barro, com uma pequena porta; as galinhas entravam facilmente, mas tinham dificuldade em sair. O técnico projetou uma excelente chocadeira, com ventiladores de lata, telas de arame, e até dispositivos automáticos.

«Está magnífico,—disse Jimmy—não, porem, para a gente de Ting Hsien. Onde vão eles achar ventiladores como estes? Vamos fazer de novo.» Tive ocasião de ver a significativa exposição dos sucessivos modelos de experiência que o professor arquitetou: dez ao todo. O nono obedecia exatamente às linhas científicas do primeiro—exceto em que tinha, para ventilação, uma tela de arame na frente. Mas os camponeses da China, ainda que dispusessem de recursos para isso, não teriam onde comprar telas de arame. Chegou-se então ao décimo modelo, com a tela feita de pequenas varas, e assim estava reeducado o instrutor.

Médicos diplomados pela Johns Hopkins tiveram que adaptar-se a métodos práticos de saude pública, apropriados a populações que nunca tinham ouvido falar em semelhante serviço. Cada distrito de Hsien escolheu, entre os graduados das Escolas do Povo, o seu próprio agente sanitário, que recebia um treinamento intensivo de dez dias, aprendendo inclusive a conservar em boas condições um reservatório de água, aplicar dezesseis medicamentos simples da Caixa de Remédios custeada pela comunidade, vacinar, e assim por diante. Cumpria-lhe, tambem levantar quadros demográficos—nascimentos e mortes. Os recenseamentos oficiais eram em geral muito imperfeitos, porque os camponeses sabiam, por amarga experiência, que tais dados, em regra, só serviam para o alistamento militar e o lançamento de impostos. Agora, eles confiavam nos seus próprios companheiros, certos de que só atuariam em benefício de todos.

O agente sanitário local tratava os doentes de enfermidades ligeiras, despachando os outros para o Centro de Saude Sub-Hsien, onde havia um médico do grau «B». Se este julgava que o caso não cabia nos limites da sua experiência, enviava, por seu turno, o paciente para o Centro de Saude Hsien, que estava a cargo de um pequeno grupo de médicos e enfermeiros competentes. Os agentes locais não recebiam remuneração alguma; gozavam porem de prestígio, e, pelo Ano Bom chinês, não lhes faltavam pequenos presentes, acompanhados, não raro, de discursos e fogos de regozijo. O fato é que, em

menos de dois anos, esse engenhoso sistema deu cabo, em Ting Hsien, do tracoma, da varíola, e de outras doenças suscetiveis de prevenção, tudo isso ao custo total, por ano, de menos de 10 centavos (dois cruzeiros) por pessoa.

Trata-se, em substância, de um princípio que tem sido aplicado, com igual êxito, nas mais variadas circunstâncias. Desenvolvido entre o povo o espírito de cooperação, está dado o primeiro passo, como indispensavel treinamento para o desenvolvimento econômico, e subsequente educação política. Nas escolas, as crianças mais velhas aprendiam cinco caracteres, e saíam a ensiná-los a uma classe de crianças menores. Já desde aí futuros mestres ou líderes se iam revelando, e eram convenientemente aproveitados.

«Começamos por alfabetizar o povo, explica Jimmy.—Mas que lhe valeria isso, se continuasse na miséria? Tivemos pois que ensinar os camponeses a ser bons lavradores, a criar melhor os animais, a tirar da terra melhores colheitas. Em seguida verificamos que o que eles ganhavam, trabalhando em melhores condições, perdiam por não saber negociar. Houve então que instruí-los para as transações comerciais. O decano do Colégio de Comércio de Pequim renunciou ao seu cargo, instalou-se numa choupana, e passou três anos a divulgar um sistema de contabilidade, simples e seguro, ao alcance da gente do campo. O nivel econômico de todo o Hsien subiu espetaculosamente. Só em algodão, a produção aumentou, de 120.000 dólares em 1932, para 1.800.000 em 1937, ao se darem as incursões japonesas.»

Por esse tempo, havia já 80 mil graduados das Escolas do Povo, e centenas de cooperativas de aldeia se tinham congregado numa grande cooperativa Hsien. Os visitantes afluiam de toda a China, para ver e estudar de perto esse centro experimental. Ao regressarem aos seus lares, fundavam organizações análogas, e assim surgiram cerca de 800.

Quando, em 1938, Hankow se tornou a capital *de facto* da China, o Generalíssimo nomeou o general Chang Chi-chung, brilhante defensor de Xangai, em 1937, governador da Província de Hunan, para o fim de alí organizar a resistência contra os japoneses. O general Chang, que observara o que o Movimento de Educação em Massa havia conseguido em matéria de cooperação, convidou Jimmy Yen a ajudá-lo a preparar a província, que tem trinta milhões de habitantes, segundo o modelo de Ting Hsien.

Nem outro era o desafio por que ansiava Jimmy. Fez vir para Hunan um grupo já treinado, e mobilizou uns trinta mil auxiliares, inclusive cinco mil professores e mestre-escolas, refugiados. Instituiu classes para treinar novos magistrados, e os chefes dos cinco principais departamentos do seu novo sistema Hsien—negócios civís, finanças, educação, saude e economia—e preparou, selecionando os trinta mil, o pessoal técnico e administrativo que devesse tomar a si as funções propriamente de governo dos Hsiens e Sub-Hsiens. Posteriormente, oficiais, que voltavam das linhas de combate, atribuiam em grande parte suas possibilidades de ação, e mesmo suas vitórias, a essa cooperação que se estabeleceu entre os novos governos locais, o pessoal bem instruido, e as populações confiantes e devidamente orientadas.

Estava Ting Hsien a preparar-se para servir de cenário às primeiras eleições locais, de carater democrático, de que ia haver menção na história da China, quando se anunciou que os japoneses tinham invadido a província. O quartel-general da Educação em Massa transferiu-se para Hunan, e, mais tarde, sob a pressão do inimigo, para Szechuan. Mas a população, educada à sombra do movimento, forneceu um exemplo edificante de tenaz resistência de guerrilha. A povoação central foi tomada ao inimigo sete vezes, e, dos 472 povoados que compõem o Hsien—cada um deles com a sua Escola do Povo—apenas 30, à margem da estrada de ferro, continuam em mãos dos japoneses, sempre hostilizados e intranquilos.

O programa sanitário do Ting Hsien está hoje adotado no país inteiro, e, sob recomendação do próprio Chiang Kai-xeque, o Novo Sistema de Governo de Hsien é tido como padrão para a reconstrução de toda a China. Desde o começo da guerra, 27 milhões de chineses aprenderam a ler e escrever, e Jimmy julga perfeitamente possivel extinguir completamente, dentro destes próximos dez anos, o analfabetismo no país.

Naturalmente, muitas outras organizações estão realizando, na China, serviços utilíssimos no tocante a saude pública, educação das massas, e cooperativas. O próprio Jimmy Yen seria o primeiro a reconhecer o que deve à obra pioneira do antigo embaixador Hu Xih e outros grandes eruditos que, relegando a velha tradição de só se escrever em chinês clássico, promoveram e estimularam uma renascença literária, baseada em livros escritos no Pai-Hua coloquial, que é a linguagem do povo. Mas foi Jimmy quem demonstrou como poder usar-se o Pai-Hua para educar as massas, e fez possivel a realização do belo sonho de Sun Yat-Sen, no sentido de uma China completamente alfabetizada e democrática.

Em maio de 1943, reuniu-se, no Carnegie Hall, de Nova York, uma distinta assistência, onde predominavam intelectuais e professores, para comemorar o quarto centenário de Copérnico, e houve por bem distinguir, por essa ocasião, os dez mais notaveis revolucionários do nosso tempo. Entre estes, figuraram Einstein, Walt Disney, Ford—e Jimmy Yen. Jimmy fora unanimemente escolhido pelo comitê, mas, até dias antes da realização da cerimônia, ninguem sabia por onde ele andava. Senão quando, ei-lo em Washington, aonde vinha em missão, afim de alí estudar diretamente os planos que se vão elaborando para a reconstrução do mundo, após a guerra.

Se o seu movimento educativo de reorganização nacional é em si mesmo surpreendentemente simples, Jimmy Yen, em pessoa, o não é menos. Lépido, simpático, maneiras delicadas, assemelha-se fisicamente ao bambú da terra natal, e, em questões de menor importância, tende a ir ao sabor dos ventos, e «conquista, cedendo». Quando se trata, porem, da sua missão propriamente, adquire um poder de expressão verdadeiramente magnético, e há nos seus negros olhos um lampejo de profeta do Velho Testamento. «Dois terços da população do mundo pertencem à classe dos «coolies», diz ele, e sua voz, em tais ocasiões, dir-se-ia a de Isaías. «Nenhuma nação pode subir alem do nivel das suas massas; e, enquanto estas massas, o mais rico manancial inexplorado do mundo, não estiverem desenvolvidas por meio de educação apropriada, enquanto o povo não for preparado para participar, ele mesmo, na sua própria reconstrução, debalde os líderes universais hão de clamar pela paz! A paz não existirá.

«A educação das massas fará de cada homem um indivíduo completo, e, no dia em que ele o for, será de fato um irmão de todos os seus semelhantes. Acredito, humildemente, que é essa a educação de que necessita o mundo, se quiser ter democracia e paz. Porque então não teremos apenas as Quatro Liberdades, mas igualmente a Quinta, aliás a maior de todas, já que sem ela não podem existir as outras—a que emancipa o homem da Ignorância.»

¶ *A história de uma batalha naval que não estava no programa dos ingleses*

O combate dos altofalantes

Por George Palmer e *Frederic Sondern, Jr.*

As tropas do general Rommel estavam bem entrincheiradas na África, numa linha de 56 quilômetros que se estendia do Mediterrâneo às margens da intransitavel Depressão de Quattara.

Os generais Alexander e Montgomery, prontos para uma primeira grande ofensiva, sabiam de antemão que um ataque contra qualquer ponto daquela linha poderia resultar em consideraveis perdas, a menos que eles conseguissem provocar primeiro uma diversão das forças de Rommel. Somente um habil estratagema poderia surtir o necessário efeito. E estaria a Real Marinha Inglesa disposta a cooperar nisso?

O poderio aéreo dos alemães era ainda formidavel. E um ataque britânico, mesmo de pequena monta, poderia, sendo mal sucedido, pôr em perigo fatal a pequena tonelagem de que a Marinha Real dispunha naquele momento, e que era imprescindivel para proteger os comboios que cruzavam o Mediterrâneo. Os almirantes tinham que armar um ardil realmente engenhoso, e assim foi jogada a grande cartada.

Descera a noite. Em plena escuridão, horas antes do tempo fixado pelo general Montgomery para o início da ofensiva, quatro pequenas lanchas torpedeiras tomaram posição, longe da praia, algumas milhas atrás das linhas avançadas dos alemães. Pararam os motores, e seguiram-se momentos de ansiosa expectativa.

Súbito fez-se ouvir, entre clarões, um ruido infernal, e uma cortina de fogo começou a cair sobre um recanto da praia e no deserto adjacente. Os bombardeiros da R.A.F. tinham quebrado o silêncio, e afugentavam as sombras da noite lançando foguetes luminosos e bombas de alto poder explosivo.

A artilharia pesada inglesa, a milhas

de distância, auxiliava, abrindo uma barragem de fogo que revolvia o solo, e levantava nuvens de pó. Foi quando os lanchões de desembarque entraram em ação. À luz dos holofotes inimigos, ei-los perfeitamente visiveis, num afanoso vai-e-vem, lançando uma espessa cortina de fumo.

Um oficial alemão telefona nervosamente ao Comando Supremo, avisando que os ingleses desembarcavam tropas, protegidos por cortinas de fumaça. Do Quartel General prometeram que seriam mandados reforços. Mas o general duvidou da importância do fato, e nada se fez. Minutos depois, outro oficial corre ofegante ao telefone, pois agora, ao abrigo do nevoeiro artificial que encobria as águas, se ouvia o inconfundivel rumor que acompanha um grande ataque por mar. Os motores roncavam, as cadeias das âncoras rangiam nos escovens; foguetes de cor subiam ao ar, e estrondeavam por todos os lados as descargas das baterias navais...

O Comando Supremo alemão reagiu imediatamente. As ordens foram emitidas, e logo postas em prática. Em poucos minutos, todos os Stukas e Messerschmitts disponiveis estavam no ar. A famosa Divisão Ligeira N.° 90, completamente motorizada, punha-se em movimento para defender as praias ameaçadas. Canhões e tanques eram mandados da linha de frente para a orla do mar. As baterias se sucediam umas às outras, despejando metralha contra os rolos de fumaça.

Mas das forças britânicas, nem sombra! O inimigo em vão as buscou, ao dissipar-se a cortina de fumaça. Tudo o que os nazistas encontraram foram umas balsas destroçadas.

O rádio de Berlim clamou triunfante que um grande ataque se ferira, e que o inimigo retrocedera com pesadas perdas. Riram-se as autoridades militares inglesas, pois o tal «grande ataque» não passara de uma batalha simulada, feita com quatro lanchões de desembarque, providos de poderosos altofalantes. Todo o ruidoso ecoar de batalha provinha das vozes de discos fonográficos enormemente amplificadas. O ardil fora coroado de êxito.

E graças a isso, foi uma linha alemã confusa e enfraquecida a que Montgomery acometeu e rompeu, a muitos quilômetros dalí, dando início à cabal derrota do Eixo na África.

Não trate o bebê com mimo!

¶ Dois correspondentes de guerra chegaram à Índia, vindos de certa cidade da Birmânia, e anunciaram que tinham feito toda a viagem num *jeep*. O oficial a quem se apresentaram declarou: «Isso é impossivel! Não existe nenhuma estrada através desses montes e selvas!»

«Psiu! Não fale tão alto..., suplicou um dos jornalistas.—O nosso *jeep* ainda não sabe que existem estradas, e nós não queremos estragá-lo com mimo!»

Automotive War Production

¶ «Noite de Paz», um dos mais famosos cânticos do Natal, foi cantado pela primeira vez há 25 anos por quatro crianças austríacas, cuja história passamos a narrar

A Canção que veio do Céu

(Condensado de «Silent Night»)

Pela escritora austríaca, Hertha Pauli

A 24 DE DEZEMBRO DE 1818 o padre Joseph Mohr lia sozinho a Bíblia na saleta do prebistério em Hallein, uma velha aldeia dos Alpes austríacos. Reinava entre as crianças de toda a redondeza um festivo alvoroço, pois podiam ficar acordadas até altas horas para ouvir a missa do Galo. Os camponeses vinham vindo rumo à aldeia pelos caminhos cobertos de neve do vale que, de longe, com as luzes das lanternas a tremular, parecia uma gigantesca árvore de Natal com centenas de velas a brilhar-lhe entre os galhos.

O jovem cura, porem, nem podia admirar a paisagem. Com a Bíblia aberta sobre a mesa de madeira tosca, preparava o sermão a ser pronunciado na missa de meia noite. Relia a história dos pastores aos quais o anjo do Senhor anunciara: «Nasceu-vos hoje o Salvador na Cidade de Daví...»

Mal o padre Mohr acabara de ler este trecho, alguem bateu-lhe à porta. Era uma velha camponesa envolta num pesado chale. Vinha informá-lo de que a mulher de um pobre carvoeiro que vivia numa das mais altas montanhas da paróquia tivera um filho àquela madrugada, e os pais pediam que ele fosse abençoá-lo.

A visita à misera cabana, onde a mulher sorria com o filhinho aos braços no seu rústico leito, causou ao padre a mais profunda emoção. Não fora exatamente a mesma a cena que se desenrolara na mangedoura da Cidade de Daví, mas as últimas palavras que ele lera na Bíblia pareciam adquirir de repente um significado especial, como se lhe houvessem sido dirigidas diretamente. Regressando ao vale, viu que os caminhos mais vizinhos à aldeia já se achavam iluminados pelas tochas dos camponeses a caminho da igreja, e os sinos das capelas de toda a redondeza repicavam sonoros.

Para o padre Mohr, o que se acabava de verificar fora um verdadeiro milagre de Natal. Sentado à mesa de trabalho, após a missa, procurou traduzir o que lhe ia na alma. Sem que o fizesse voluntariamente, as frases lhe foram saindo em versos, e ao raiar a madrugada tinha escrito um poema. No próprio dia de Natal, seu amigo Franz Xaver Gruber, professor de música na escola da aldeia, compôs um hino para os versos.

Um grupo de crianças ouviu-os por acaso—o padre e o professor—cantando juntos na capela deserta. Como o orgão não estivesse funcionando, Franz Gruber acompanhava com a guitarra. «Afinal de contas,» observara judiciosamente, «Deus há-de ouvir-nos mesmo sem orgão.»

Mal sabiam que aquele cântico singelo viria a ser entoado em todos os países do mundo, onde quer que se festeje o Natal, e que a quatro crianças como elas caberia torná-lo popular.

DE TODOS os meninos do vale de Zillertal, no Tirol austríaco, os que tinham melhor voz eram os quatro Strasser—Carolina, José, Andreas e a pequenina Amália, que chamavam Maly, e mal podia ainda pronunciar as palavras corretamente. «Estes Strassers,» costumavam dizer, «cantam como se fossem rouxinóis.»

E como os rouxinóis, as quatro crianças partiam cada primavera para o norte, em direção a Leipzig, no reino da Saxônia, onde tinha lugar todos os anos a grande Feira. Os Strasser eram fabricantes de luvas, e incumbiam as crianças de vendê-las. As luvas de camurça macias e bem feitas tinham aliás grande saida.

Leipzig, durante os dias de Feira, era uma cidade extremamente movimentada, e os pequenos, vindos de Zillertal, se sentiam por vezes perdidos em meio à multidão barulhenta e agitada. Buscavam então coragem e reconforto no recurso de sempre: punham-se a cantar em coro. O que cantavam com maior frequência, era «Noite de Paz», por ser esta a sua canção favorita.

Karl Mauracher, famoso construtor de orgãos de Zillertal, ensinara-lhes a cantá-la. Fora chamado certa feita a uma aldeia vizinha, afim de consertar o orgão da igreja. Terminado o trabalho, pedira ao organista que examinasse o instrumento a ver se tudo estava em ordem. O organista era Franz Gruber que tocou por acaso alguns acordes da melodia de Natal que compusera com o padre Mohr.

«Nunca ouví esta canção,» disse-lhe Mauracher, com voz surpresa. «Vou tocá-la na cidade onde moro, pois estou certo de que agradará muito.» Gruber quis transcrever a melodia, mas o outro lhe fez ver que não seria necessário: «Hei-de guardá-la na momória, onde já tenho tantas outras... Uma a mais, uma a menos, não será grande o esforço.»

Não tardou que a cantiga se tornasse popular em todo o vale sob o nome de «A Canção que veio do Céu». O fabricante de orgãos não sabia contudo que assim fizera ao mundo uma dádiva preciosa, fruto da inspiração de dois obscuros camponeses.

Os pequenos Strasser averiguaram, dentro em pouco, que a magia daquele hino singelo operava como por encanto, mesmo em meio à balbúrdia da cidade. Certa feita, um senhor de idade avançada que se apresentou como sendo o maestro Phlenz, Diretor Geral das Instituições Musicais da Saxônia, deu-lhes bilhetes para um dos concertos que costumava reger no Gewandhaus—antigo teatro de Leipzig. Os quatro Strasser não cabiam em si de alegria.

Ao entrarem na brilhante platéia repleta de senhoras elegantes, com seus vestidos de noite, ao lado de casacas impecaveis, ficaram intimidados, e sentiram-se felizes ao descobrir seus lugares num canto mais oculto quase em baixo do palco. Foi ao terminar o concerto, embevecidos ainda com o que acabavam de ouvir, que sucedeu o inesperado. O maestro Pohlenz levantou-se e, voltando-se para o público, anunciou que alí estavam presentes quatro crianças cujas vozes eram as mais belas que ele jamais ouvira. Talvez

fosse possivel persuadí-las a cantar algumas das lindas canções tirolesas do seu repertório para suas majestades o rei e a rainha, e o público alí presente.

Ao ouvir aquilo, os quatro Strasser ficaram mudos de pavor. Como começassem a aplaudí-los, Maly, a pequerrucha, segredou aos outros: «Vamos fechar os olhos, e fazer de conta que estamos cantando em casa.»

Cantaram em primeiro lugar a «Noite de Paz». Ao terminarem, houve um momento de profundo silêncio, antes que os aplausos irrompessem. Cantaram tudo o que sabiam, e, como não soubessem nada mais, repetiram a canção. A platéia aplaudia ainda entusiasmada pedindo novo «bis», quando um senhor de uniforme subiu ao palco anunciando que Suas Altezas Reais desejavam receber os jovens cantores.

«Cantaram muito bem. Tudo muito bonito,» disse o rei às crianças. «Nós nunca tínhamos ouvido aquela canção de Natal. Qual é a sua origem?»

«É uma canção tirolesa, Magestade,» respondeu-lhe Joseph.

«Pois gostaria que viessem ao palácio na noite de Natal,» disse a rainha,» afim de cantá-la para os príncipes. Sei que agradará muito a estes ouví-los.»

E assim foi que, na véspera de Natal do ano de 1832, na Capela Real do Castelo de Pleissenburg, na Saxônia, os quatro Strasser cantaram a «Noite de Paz», ao terminar a missa do Galo.

A partir daquela noite, a singela canção se espalharia pelo mundo inteiro, celebrando a doçura da «noite santa e silenciosa» em que nasceu numa pequena aldeia do Tirol.

DURANTE muitos anos, ao chegar o Natal, a canção foi cantada na aldeia de Hallein, na casa em que vivera e onde morreu o velho Gruber. Um de seus netos tocava o acompanhamento do coro, na guitarra que o velho professor empregara, ele próprio, para a primeira execução da delicada e encantadora melodia.

Mais tarde esta tocante cerimônia veio a ser transmitida pelo rádio, até que em 1938 o nome da Áustria fosse varrido do mapa, e o cântico da paz se viesse a tornar «indesejavel».

Mas para a grande pátria da música não há fronteiras, e a «Noite de Paz», como a própria mensagem de Natal que o Anjo do Senhor transmitiu aos pastores, viverá para sempre onde quer que ainda existam homens de boa vontade.

Assim bate certo!

¶ TENDO lido no jornal que a dívida pública dos Estados Unidos era de 104.204:022.068 dólares e 70 cêntimos, dois soldadinhos aquartelados em Brunswick, no Maine, remeteram à Tesouraria do Tio Sam a quantia de 70 cêntimos para (diziam eles) «contribuir para arredondar os números da verba»...

U. P.

Voz das ruas

(Excertos do «New Yorker»)

O crepúsculo do poeta

UM POETA nosso conhecido foi recentemente chamado às fileiras. Sua incorporação às forças armadas se deu normalmente, havendo apenas um incidente digno de nota, que foi sua entrevista com o médico psiquiatra do exército. O facultativo, depois de contemplar o pobre coitado, nu e tremendo de frio, estudou de novo a ficha que tinha nas mãos, e perguntou pensativo: «Você é poeta, não é? Já esteve internado em algum hospital para moléstias nervosas?»

Operações de conjunto

PASSEANDO à tardinha pela zona Este de Nova York, um pacato cavalheiro foi subitamente acostado por um molecote que surgiu da sombra de um portão: «Eh moço! Tem uns camaradas esperando pra me pegar na esquina. O senhor quer me comboiar até a Terceira Avenida?»

Uma estranha

UMA SENHORA, vestida com requintada distinção, entrou num ônibus, no outro dia, e começou logo por aborrecer o chofer, pedindo-lhe que trocasse uma nota de dez dólares. Quando conseguiu por fim desencavar um niquel no fundo da bolsa, não sabia onde depositá-lo. O chofer não teve surpresa alguma, quando ela lhe disse confidencialmente: «Sabe, é a primeira vez que ando nestes ônibus...» Olhando com indiferença para aquela pobre vítima sacrificada no altar das restrições de guerra, ele respondeu: «Pois olhe, Madama, a gente nunca deu pela sua falta!»

Tratamento

A JOVEM esposa de um oficial de marinha chegara havia pouco a Massachusetts para estar na companhia de seu marido, que fazia um estágio na Universidade de Harvard. Para passar o tempo resolvera visitar o Museu Agassiz em Cambridge; ao chegar lá teve de repente um ataque de soluços que, naquele ambiente solene e sepulcral, ecoavam a grande distância. Nisto, como num pesadelo, uma senhora com um ar zangado agarra-a pelo braço e exclama:

—Onde está minha bolsa?

—O que? pergunta a moça assustada.

—Você ouviu o que eu disse! continua a senhora rispidamente.—Minha bolsa! Eu vi você roubá-la e quero que me devolva!

Quase chorando a moça protesta:

—Juro por Deus que nem pus os olhos na sua bolsa!

Sorrindo agora, a senhora severa bate-lhe no braço afetuosamente:

—Veja, passou o soluço!

A moça foi dalí diretamente para casa, e pôs-se na cama com uma compressa gelada na testa.

Aerodinâmico

UM SENHOR ao passear pelo Museu Metropolitano de Nova York parou para observar um grupo de meninos que dese-

nhavam na seção dedicada à escultura grega. Eram cinco, os jovens artistas. Olhando por cima dos ombros dos meninos—o que não era dificil, pois não deviam ter mais de dez anos de idade—verificou que eles se esforçavam por copiar concienciosamente a estátua de um atleta grego. Isto é, quatro faziam isto, enquanto o quinto, parando como os outros para tirar as medidas do atleta de mármore, desenhava um avião bombardeiro de quatro notores.

Tato

Um rapaz louro de nossas relações casou-se com uma moça de cabelos muito pretos. Passado o tempo necessário, a união foi abençoada com a chegada de um filho, que por sinal saiu louro platinado. Com afeição paternal, o rapaz cortou uma mecha dos cabelos do filho e colocou-a dentro do relógio. Ora, tendo ele um dia chegado atrazado para um encontro com a mulher, resolveram ambos que o relógio precisava ser consertado e para isto entraram numa relojoaria da Quinta Avenida. Ao abrir a máquina, o relojeiro ficou bastante embaraçado. Depois de algumas hesitações e manobras, ele conseguiu levar nosso amigo para um canto e, sem dizer palavra, entregou-lhe discretamente a mecha de cabelo platinado...

Encontro com um pombo

Um conhecido nosso estava parado numa esquina, esperando que mudasse a luz, quando viu um enorme caminhão estacar com um rangir de freios, para deixar passar um pombo que atravessava a rua contra o sinal. O chofer olhou para nosso amigo e abanando a cabeça comentou: «Puxa, que tem cada pombo trouxa!»

O truque do chapéu

A hospitalidade é sem dúvida uma das virtudes cardiais. Não obstante, há dias ou momentos em que a gente tem o legítimo direito de embirrar que nos venha bater à porta um visitante inesperado. Um dos truques que melhor resultado me têm dado, e ao qual devo muito serão tranquilamente passado em casa, é o de pôr o chapéu (e capote tambem, se estiver frio) assim que ouço tocar a campainha. O importuno, vendo-me de chapéu na cabeça, e pronto a sair, declara logo que voltará em melhor ocasião... Murmuro uma desculpa qualquer mas (isso é o mais dificil) aguento-me firme. Só os casos extremos de teimosia justificam que minha mulher e outros membros da família ponham tambem os capotes para sair. A nossa experiência mostra que até hoje nenhum visitante se atreveu a forçar a linha da família inteira de chapéu na cabeça!

Pode, porem, suceder que o inesperado visitante seja a pessoa que nós nos preparávamos para ir ver. Em tais casos deve-se dizer: «Entre, entre! Ainda nem tempo tive de me pôr à vontade!»

Alan MacDonald, *Yankee*

Como vinte e dois americanos ajudaram o povo da Tunísia a resolver suas dificuldade

Primeiro ensaio de socorro mundial

(Condensado de «Survey Midmonthly»)

Por Kingsbury Smith

Atrás dos exércitos aliados, enquanto estes marchavam através da Tunísia, seguia um pequeno grupo, de vinte e dois americanos, paisanos, levando consigo gêneros alimentícos, roupa, e outras provisões, para as populações civís. Estes homens, representando o Departamento de Operações de Rehabilitação e Socorro Estrangeiro (OFRRO) dos Estados Unidos, ofereciam auxílio ao povo posto em desordem pelas operações militares, às vezes sem que o fogo propriamente houvesse ainda cessado. É assim que, uma feita, um caminhão carregado de material de socorro, no qual ia Fred K. Hoehler, chefe da missão, foi bombardeado, e Hoehler perdeu a mala que continha toda a sua roupa e demais objetos de uso pessoal.

A ocupação da África do Norte foi a primeira oportunidade que se apresentou ao OFRRO para pôr à prova os seus planos, longamente elaborados, de ajuda às populações oprimidas pelo Eixo. A missão verificou que, devido à rapidez das vitórias aliadas, os prejuizos e sofrimentos foram relativamente reduzidos. Muita gente, na Tunísia, tinha dinheiro com que pagar o de que necessitava. Em outros casos, a despesa corria pelo crédito de «arrendamento e empréstimo» às autoridades francesas locais. Pouco foi o que teve o carater de caridade americana.

As necessidades variavam de lugar a lugar. Na cidade de Tunis, onde havia escassez de alimentos, eram os judeus os que mais necessitavam de auxílio, pois os nazistas haviam requisitado os seus prédios, roubado os seus fogões, geladeiras, moveis, colchões e roupas de cama, e arrecadado entre eles, numa espécie de multa coletiva, vinte milhões de francos.

Herbert H. Lehman, ex-governador do estado de Nova York, e chefe do OFRRO, tinha firmado o princípio de que a sua tarefa se cifrava em ir ajudando o povo a resolver as suas dificuldades. Consoante esse ponto de vista, o pessoal a cargo do serviço apelou, antes de tudo, para a cooperação dos chefes locais em Tunis. Por intermédio do presidente da comunidade israelita, do xeque do Medinah, e dos representantes das organizações francesas de assistência pública, fizeram-se os devidos arranjos para dar que comer e que vestir aos realmente necessitados, e induzir a gente dispersa, o que não seria coisa facil, a voltar a suas casas e ocupações normais.

Árabes, judeus, franceses e italianos apresentaram-se oferecendo, voluntariamente, os seus serviços. De transportes ancorados no porto, saíam para caminhões militares, que os levavam a seu destino, suprimentos de açucar, farinha, arroz, chá, e peças de vestuário.

Estabeleceram-se mercados de socorro, confiados, por via de regra, a voluntários locais, sob a vigilância americana. A inauguração de cada mercado era motivo para uma cerimônia, com bandeiras aliadas a tremular, e dísticos anunciando, em língua francesa, «Mercadorias dos Aliados». Cada chefe de família, cujo estado de necessidade, motivado pela guerra, se comprovava com um certificado das autoridades locais, comprava a sua carta de ração, e depois entrava em linha, recebendo víveres, sabão e roupa.

Nas povoações da Tunísia, pedia-se mais roupa que alimento. Havia muita gente seminua, por se achar o comércio desde meses completamente desprovido do artigo. A maior parte da roupa fornecida aos tunisianos era de segunda mão, ou já usada, e por isso vendida, como é de presumir, a preços extremamente módicos.

Dentro de algumas semanas, os mercados de socorro do OFRRO tinha atendido a cem mil pessoas em diferentes centros na Tunísia—e tudo sob a superintendência de vinte e dois homens apenas. Por muitos meses ainda, o serviço de socorro distribuiu leite gratis a milhares de crianças subalimentadas. A distribuição geral foi agora interrompida, mas sessenta mil crianças enfermas continuam a receber diariamente a sua ração de leite, como se nada houvera acontecido.

O OFRRO não ofereceu dinheiro, em espécie, senão aos prisioneiros políticos europeus, libertos dos campos de concentração. Não se tratava porem de dinheiro do governo, mas de fundos procedentes de grupos particulares, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Estes prisioneiros—judeus que haviam fugido de território nazista, ou soldados republicanos espanhóis, emigrados da Espanha—estavam naturalmente sem vintem, e os agentes combinaram dar a cada um deles um terno, e a importância de 200 francos. Muitos, aliás, recusaram o dinheiro, dizendo: «O que desejamos é trabalho.» Efetivamente quase todos encontraram prontamente colocação, uns no Corpo de Pioneiros Ingleses, outros nas comunidades israelitas e espanholas. Os que por mutilação ou aleijamento, se achavam incapacitados para o trabalho, o serviço de socorro despachou-os para um acampamento agrícola em Fouke Marine, que hoje se acha a caminho de manter-se por si mesmo. Lá estão eles a plantar legumes, a criar galinhas, coelhos e patos, e a fazer alpercatas, que se vendem quantas haja.

Os funcionários de saude pública, adidos ao serviço de socorro, estabeleceram regras sanitárias para o fim de evitar epidemias. Técnicos agrícolas inspecionaram cuidadosamente as zonas rurais da Tunísia, e chegaram à conclusão de serem boas as perspectivas para as safras do ano. Os alemães não haviam tido tempo de destruir as lavouras de modo apreciavel. Com a restauração das facilidades de transporte, e alguns suprimentos adicionais de sementes e instrumentos agrícolas, o país provavelmente viria a produzir, até com sobras para exportação.

Posto que as condições fossem benignas, comparadas com as que, certamente, se encontrarão adiante, à medida que se for desenvolvendo a libertação da Europa, a Tunísia prestou-se, todavia, a um utilíssimo ensaio, de que se recolheu experiência que vai servir no futuro.

O governo dos Estados Unidos espera despender centenas de milhões de dólares para ajudar a alimentar, vestir, alojar, e restaurar grandes áreas do mundo—não, porventura, num gesto simplesmente humanitário, mas contando tambem com as vantagens, de várias naturezas, que daí resultarão.

Considera-se, desde logo, que a divulgação de tais propósitos anima as populações dos paises ocupados, e até, em dado momento, dos próprios inimigos, a receber de bom grado os exércitos aliados, e a cooperar com eles. Os sicilianos, por exemplo, facilitaram sensivelmente a invasão com a sua atitude cordial. A guerra está custando aos contribuintes americanos um bilhão de dólares (20 bilhões de cruzeiros), de três em três dias. Possa o programa de socorro contribuir para encurtar o conflito, ainda que seja de uma ou duas semanas, e a economia, só em dólares, sem falar na de vidas humanas, será, como se vê, enorme.

Outro objetivo capital é evitar se produza, nos paises liberados, o caos econômico. A ajuda imediata pode substituir a anarquia, oriunda do desespero, numa reconstrução bem ordenada do comércio internacional. Qualquer programa com que se conjure a hipótese de um colapso da Europa, suscetivel de abrir margem a nova depressão mundial, paga, e com bons juros, o seu preço, qualquer que este possa vir a ser.

Sem dúvida, o desembolso de dinheiro americano pode assumir, durante um breve período, enormes proporções. Há que auxiliar muitos paises com recursos financeiros, alimentação, vestuário, materiais de construção, maquinaria industrial e agrícola.

O OFRRO está já a acumular pilhas e pilhas de roupa, para dez milhões de pessoas, ao custo de cerca de 54 milhões de dólares (um bilhão e oitenta milhões de cruzeiros). Evita, como é natural, no respectivo preparo, o uso de quaisquer materiais que possam fazer falta ao próprio povo dos Estados Unidos. Blusas, por exemplo, e vestidos, para climas quentes, serão feitos de «osnaburg», uma espécie de pano de saco, existente em abundância, e que se tinge dando-lhe bom aspecto. Sapatos, calças, uniformes de serviço, far-se-ão de lona. Para o vestuário destinado às populações nórdicas, empregar-se-ão o «aralac», um produto de caseina que tem algumas ou muitas das propriedades da lã. Fivelas, grampos, nada de metal será usado. Trata-se de roupa de emergência, o estritamente imprescindivel, mas confortavel e prático.

Planos análogos estão em preparativos, relativamente a alimentos e vários outros artigos de primeira necessidade. A experiência tem mostrado que, uma vez habilitado o povo a ir tirando da terra os produtos da lavoura, passa ele a viver por conta própria, e as operações de socorro automaticamente se aliviam.

Quanto a matérias primas, entende o OFRRO—e é essa uma das suas idéias mais revolucionárias—que devem ser fornecidas, antes pelo critério da necessidade efetiva, que da capacidade de retribuição. Mas pedir-se-á pagamento, sempre que seja possivel. Quando este, evidentemente, não puder fazer-se em dinheiro, que se faça sob a forma de acordos comerciais, reduções de tarifas, etc. De todos os dólares, e até dos centavos, que forem gastos em auxílios, se guardará registo, se bem que não haja idéia de comprometer o futuro dos paises talados pela guerra, tentando obrigá-los ao pagamento de dívidas com cujos encargos é claro não poderão ar-

car. Em qualquer negócio, mais vale um cliente próspero que um devedor empobrecido ou insolvente.

O governo americano reconhece tambem que nenhuma nação estará em condições de restaurar o mundo só com os seus próprios recursos. O Departamento de Estado (Ministério das Relações Exteriores) sugeriu o estabelecimento do serviço, não a cargo, como agora, dos Estados Unidos somente, mas das Nações Unidas. Uma minuta de acordo foi submetida ao exame de quarenta e três outras nações, e, depois de revista, para atender a certas objeções dos pequenos paises, recebeu afinal aprovação. Ficou assim criada a Administração de Restaurações e Socorros das Nações Unidas—UNRRA—cuja primeira conferência foi logo convocada, para novembro último, em Washington.

Segundo o ajuste, haverá um diretor-geral, um conselho constituido de representantes de todos os governos membros, e um comitê central composto de delegados das quatro nações maiores, ao qual incumbe pôr em execução as decisões e planos do conselho.

Cada governo membro se compromete a entrar com as contribuições que estiverem «dentro dos limites dos seus recursos disponiveis». Por exemplo: 50 por cento, no mínimo, do total de cereais que a Europa vai exigir, poderão vir prontamente de zonas outras, que não dos Estados Unidos. Já se fez, para começar, um entendimento, pelo qual o Canadá, o Reino Unido, a Austrália e a Argentina, assim como os Estados Unidos, asseguram o fornecimento de grandes quantidades de trigo. Para dar cumprimento ao disposto na Carta do Atlântico, quanto a contarem todas as nações com a possibilidade de obter certas matérias primas essenciais, as Nações Unidas entrarão com determinada porcentagem das suas sobras de petróleo, carvão, algodão, borracha, ferro e estanho. Os paises em falta de tais materiais pagarão, pelo que receberem, o que no momento puderem; de qualquer modo, porem, serão temporariamente abastecidos.

Deixou-se explícito que o que representar encargo financeiro direto para os Estados Unidos, dependerá, como ordinariamente, do processo legislativo.

Só poderemos manter, ao que se objeta, o sistema de livre empresa, tão profundamente americano, se a reorganização mundial, com uma sociedade de nações em plena cooperação, nos desembaraçar ao mesmo tempo do onus da guerra e de maiores entraves à expansão do comércio. Tudo, pois, o que despendermos, para curar as feridas abertas pelo conflito, e evitar o caos econômico, constitue um tributo a pagar, e o pagaremos da melhor vontade, para preservar e desenvolver o tipo de mundo que nos interessa, ou o mundo que desejamos.

¶ É EXTRAORDINÁRIO como, quando escrevemos cartas com frequência, nunca faltam novidades que contar. Ao contrário, se esperamos um mês para escrever uma carta, logo nos parece que não há nada que valha a pena dizer!

O. Douglas, *Penny Plain*

¶ *Meu tipo inesquecivel*

Como se me revelou meu pai

Por Sherwood Anderson

Pai e filho eram como estranhos—até que uma noite se tornaram amigos.

POR MUITO que o não pareça, de todas as relações entre a espécie humana, nenhuma há mais imponderavel do que a existente entre pai e filho. Sei-o por experiência própria.

Em via de regra o filho anseia por que em seu pai concorram qualidades acima do comum. Por outro lado ouve-se dizer que os pais aspiram a que seus filhos sejam o que os pais não podem ser; mas posso afirmar que a recíproca tambem é verdadeira.

Por mim, sei que em rapaz eu queria que meu Pai fosse aquilo que ele não era. Queria eu que fosse pessoa de grande compostura; que, quando em companhia de outros rapazes, eu o visse passar ao longo da rua, me fosse possivel apontá-lo com orgulho e dizer-lhes:—«Lá vai ele. Aquele é meu pai...»

Não quis o Destino, porem, que assim acontecesse. O feitio de meu pai era bem avesso ao do meu ideal. Parecia-me que ele se conduzia sempre de modo a representar um papel para o público. Digamos, por exemplo, que na nossa vila alguem se lembrasse de organizar um espetáculo teatral, o que frequentemente acontecia. Nele tomavam parte o boticário, o caixeiro da sapataria, o veterinário e bom número de mulheres e moças. Meu pai havia sempre de arranjar maneiras de se assenhorear do papel de cômico principal. Se fosse, por acaso, uma peça dos tempos da guerra civil na América, tocar-lhe-ia por força o papel de um soldado irlandês numa situação apropriada a provocar o riso. A platéia aplaudia-lhe as pantominices que, a mim, só desgosto e desespero causavam. Nem eu compreendia sequer como minha mãe o aturava; ao contrário, porem, ela ria-se como os demais e achava-lhe sempre graça. Talvez a mim próprio me tivesse divertido tal palhaçada, se o protagonista fosse outro.

Se houvesse qualquer manifestação pública, como, por exemplo, uma parada no aniversário da Independência da América, ou no Dia de Finados, lá estaria meu pai pela certa, à testa da função, feito Marechal, ou coisa que o valha, escarranchado num bucéfalo branco alugado nalguma coudelaria. Nem num cavalo de brinquedo sabia montar! Perdia as estribeiras e caía da sela abaixo, provocando gargalhada geral que em nada o perturbava. Parecia até gozar com a troça que dele faziam.

Lembro-me de uma ocasião em que ele praticou uma macaquice qualquer no meio da rua principal da vila. Estava eu em companhia de outros rapazes que, rindo a bandeiras despregadas, o incitavam em exclamações que ele retribuia. Fui correndo por uma viela nos fundos de umas lojas, e, sentado sob um telheiro adjacente a uma igreja, lavei-me em lágrimas de amargura.

Outras vezes acontecia estar já eu deitado, à noite, e ele chegar a casa, um pouco alegre da «pinga» e trazendo outros homens em sua companhia.

Antes de ter falido (tivera uma loja de seleiro), no seu estabelecimento parava sempre uma quantidade de homens que não tinham que fazer. Meu pai faliu, claro está, por ter vendido quase tudo fiado. Não sabia recusar nada a ninguem, o que me exasperava. Cheguei a detestá-lo.

Apareciam por alí homens que nada em última análise, teriam a tratar com ele. Até o proprio superintendente das nossas escolas, o proprietário da loja de ferragens, sujeito tão sossegado, e um homem já velho, de cabelos brancos, que era caixa do Banco. Surpreendia-me que pessoas dessas quisessem ter relações com um tagarela de tal força. Eis o conceito em que eu tinha meu pai! Hoje sei o que era que os atraía para ele. É que a vida em pequenas vilas, como a nossa, era por vezes muito monótona, e de meu pai é que provinha a nota alegre que tudo animava. Ele conseguia fazê-los rir, contava-lhes histórias, chegou a fazê-los cantar!

Se não se reuniam em nossa casa, iriam todos, por exemplo à noite, sentar-se nalgum relvado à beira de um regato. Alí improvisavam uma ceia, e bebiam cerveja, à roda dele, escutando-lhe as histórias. Narrava ele anedotas acerca de si próprio, exaltando prodigiosos acontecimentos em que tomara parte. Às vezes atribuia-se papéis que o metiam a ridículo. Em nada lhe importava isso.

Quando um irlandês nos visitava, logo meu pai se proclamava de origem irlandesa. Descrevia mesmo o lugar da Irlanda em que nascera, citando acontecimentos lá ocorridos durante a sua meninice. E contava as coisas com tal detalhe e realismo, que até eu, se não soubesse que ele nascera no estado de Ohio, o teria acreditado!

Se o visitante fosse escocês, a cena repetia-se. Meu pai adquiriria subitamente o sotaque escocês, transformando-se analogamente, conforme o requeressem as circunstâncias, em alemão ou em sueco.

Suponho que toda a gente sabia que ele estava mentindo, mas nem por isso apreciavam menos as histórias que contava. Em rapaz, era precisamente isso que me custava compreender.

E minha mãe! Como é que ela o tolerava? Muitas vezes lho quis perguntar, mas nunca cheguei a fazê-lo. Não era criatura, ela, a quem se pudessem fazer tais perguntas.

Às vezes estava eu já recolhido em meu quarto, no andar de cima, sobranceiro à varanda, e ouvia meu pai a contar suas histórias. Muitas delas eram acerca da Guerra Civil. Quem lhe ouvisse as narrativas diria que ele havia tomado parte em todas as batalhas! Tinha conhecido pessoalmente os Generais Grant, Sherman, Sheridan, e não sei quantos mais... As suas relações com o General Grant haviam sido tão íntimas que, quando o grande cabo de guerra partira para leste a assumir o comando de todos os exércitos, meu pai fora convidado a acompanhá-lo...

«Eu era ordenança no quartel-general, quando Samuel Grant me disse:—Irve, (disse ele) você vai comigo!»

Parece que meu pai e o General Grant de vez em quando zarpavam juntos, para bebericarem em algum recanto tranquilo. Pelo menos era o que meu pai afirmava. Descrevia o dia em que o General Lee se rendeu, e como, chegado o momento supremo, ninguem sabia onde Grant se encontrava!

«Vocês conhecem o livro de memórias do General Grant? continuava meu pai. Recordam-se como ele declarou

achar-se atacado duma dor de cabeça, e como, ao receber a notícia de que Lee estava pronto a render-se, a dor de cabeçalhe passou milagrosa e subitamente...

«Ah! Ah! Ele estava comigo no bosque, tomando uma pinga!

«Eu estava encostado a uma árvore, e já com uma boa dose de aguardente de milho. Tinha pilhado uma garrafa de excelente qualidade...

«E eles procurando Grant! Este tinha desmontado, e viera ter comigo. Estava todo enlameado.

«Recebí-o com a garrafa na mão. Que me importava a mim? A guerra havia terminado; eu sabia que a tínhamos ganho.»

Meu pai afirmava que fora ele quem transmitira a Grant a notícia da rendição de Lee. Soubera-o por uma ordenança que passara a cavalo, e que lho comunicara por saber da sua intimidade com o general. Grant ficara um tanto desconcertado.

«Mas,—observou-lhe Grant—repare no estado em que eu estou, Irve! Todo enlameado...» E então, continuou meu pai, ele e Grant decidiram tomar mais um trago juntos.

«O Sam Grant já está na terra da Verdade, e eu não desejo difamá-lo,» acrescentou.

Eis a espécie de histórias que costumava contar. Está claro que toda a gente sabia que ele estava mentindo, mas parece que ainda assim saboreavam as patranhas.

Quando ficamos sem vintem, podia-se crer que ele traria qualquer coisa para casa... Não ele! Se não houvesse o que comer, iniciava uma série de visitas às fazendas vizinhas. Todos porfiavam em o acolher. Às vezes tais visitas levavam semanas, enquanto minha mãe tinha que trabalhar para nos sustentar até que ele regressasse, trazendo, digamos, um presunto, que lhe dera algum lavrador amigo. Com um gesto de triunfo, assentava o presunto sobre a mesa na cozinha, acrescentando com ar fanfarrão: «Ao menos garanto que aos pequenos não há-de faltar o que comer...» E minha mãe, de pé, o encarava sorrindo. Nunca fez o menor reparo acerca das semanas e meses de ausência do marido, sem lhe deixar sequer um vintem para nosso sustento. Uma vez ouví-a palestrar com uma nossa vizinha. Talvez esta se tivesse afoitado a manifestar pezar pela sua sorte. «Oh,—afirmava mamãe—isso não importa! Ele é um homem muito vivo. Nunca nos falta animação em casa.»

Muitas vezes, porem, me exasperava tal vida, e em diversas ocasiões desejei que ele não fosse meu pai. Chegava mesmo a inventar a hipótese de que o não era. E para não malsinar minha mãe, fantasiava a história de um casamento secreto, que, por qualquer motivo estranho, jamais tivesse sido divulgado. Como se, por exemplo, algum homem, digamos o Diretor da Estrada de Ferro, ou talvez um Deputado, tivesse casado com minha mãe, supondo-se viuvo de outra mulher, e que esta tivesse reaparecido mais tarde, obrigando-o a esconder o casamento, durante o qual, de qualquer maneira, eu teria nascido. Eu não era, na verdade, o filho de meu pai. Algures no mundo, havia de existir um homem de grande compostura, pessoa muito digna, que seria, com efeito, o meu pai. E cheguei a convencer-me da realidade dessas minhas divagações!

Chegou, enfim, uma noite memoravel. Minha mãe tinha saido, talvez para assistir a algum serviço religioso. Meu

pai entrou em casa. Tinha estado ausente duas ou três semanas seguidas. Encontrou-me sozinho, à mesa da cozinha, a ler. Chovera, e ele vinha encharcado. Sentou-se, olhando-me demoradamente, sem dizer palavra. Sobressaltei-me com a expressão de profunda tristeza que lhe dominava o semblante, tal como eu jamais o vira. Por algum tempo permaneceu sentado, a água escorrendo-lhe da roupa. De repente levantou-se.

«Venha comigo,» disse ele. Levantei-me e seguí-o fora de casa. Eu estava surpreso, mas não receoso. Seguimos por um caminho que conduzia a um vale, a quilômetro e meio da vila, onde existia uma lagoa. Caminhávamos em silêncio. O palrador cessara de palrar. Eu não podia imaginar-lhe os desígnios, e começava a apossar-se de mim a sensação de que acompanhava um indivíduo estranho. Ignoro se era isso o que ele tinha em mira, mas não creio que o fosse.

A lagoa era bem grande. Chovia ainda muito, e a escuridão era entrecortada de relâmpagos seguidos de trovões. Chegáramos à margem relvada da lagoa, quando meu pai falou em voz que a chuva e a negrura da noite tornavam estranha aos meus ouvidos.

«Dispa-se,» disse ele. Cheio ainda de espanto, comecei a despir-me. De repente à luz de um relâmpago, pude ver que ele já estava nu.

Entramos na água. Tomando-me pela mão, puxou-me para dentro. Talvez eu estivesse aterrado, ou cheio de espanto para poder falar. Nunca, até àquela noite, parecera que meu pai me prestara a mínima atenção.

«Que quererá ele fazer desta vez?» perguntava rapetidamente a mim próprio. Eu não sabia nadar muito bem, mas ele assentara a minha mão sobre o seu ombro e nadava no escuro pela lagoa dentro. Ele era um homem de ombros largos e valente nadador. Na escuridão, sentia eu o movimento dos seus músculos. Nadamos até a margem mais distante da lagoa, e regressamos ao local onde tínhamos deixado a roupa. A chuva caía sem cessar, puxada pelo vento. De vez em quando meu pai passava a nadar de costas, e então tomava a minha mão, assentando-a sempre sobre o seu ombro. À luz dos relâmpagos, eu podia observar-lhe nitidamente o rosto. Como antes, na cozinha, cobria-lhe as feições um véu de tristeza. De momento a momento, iluminado o espaço pela trovoada, vislumbrava-se-lhe a face, logo imersa na escuridão, entre o sibilar do vento e da chuva. Apossara-se de mim uma sensação nunca antes experimentada. Revelava-se-me uma afinidade com meu pai que eu até então desconhecera. Era como se apenas nós dois existíssemos na terra. Pareceu-me que me tinham arrancado subitamente de mim próprio, do meu mundo de criança de escola, dum mundo em que eu vivera envergonhado de meu pai.

O estranho incidente revelara-mo como sendo o sangue do meu sangue; ele, o valente nadador, e eu, o pequenito agarrado a ele no meio da procela. Nadamos em silêncio e em igual silêncio vestimos a roupa encharcada, e regressamos a casa. Luzia o candieiro na cozinha, e quando entramos, com as roupas a escorrer, lá estava minha mãe esperando. Recebeu-nos com um sorriso. Lembro-me que nos chamou de *rapazes*: «Que é que vocês andaram fazendo, rapazes?» perguntou. Mas meu pai não respondeu. Assim como tinha iniciado aquela inesquecível aventura comigo, assim a terminou. Voltou-se e encarou-me. Em seguida saiu da sala, pareceu-me a mim com um novo ar de dignidade e compostura.

Subí as escadas até o meu quarto, despí-me às escuras e deitei-me. Não pude, nem quis, conciliar, o sono. Pela primeira vez me apercebí de que eu era o filho de meu pai. Ele era um narrador de histórias, como eu estava destinado a sê-lo. É de crer que eu tivesse até rido um pouco em recato, ao aconchegar-me na cama. Se assim fiz, ri-me com a convicção de que jamais voltaria a desejar outro pai.

¶ *O detector de mentiras soluciona casos de crime*

Não adianta mais mentir

(Condensado do «McCall's»)

Por Henry F. Pringle

SENTAMO-NOS numa pequena sala do Laboratório de Pesquisa Científica de Crimes, da Northwestern University, em Chicago. Numa mesa atrás de mim estava uma pequenina máquina, em forma de caixa. Era o Polígrafo Keeler, popularmente conhecido como «detector de mentiras», e eu estava sendo submetido a um exame para ver até onde falava a verdade. O inventor do aparelho, Professor Leonard Keeler, da Escola de Direito da Northwestern University, dirigia o teste.

—Tomou seu almoço hoje pela manhã? perguntou num tom de voz perfeitamente indiferente.

—Sim.

—Veio a Chicago de trem?

—Sim.

—Sempre tem vivido em harmonia com os seus chefes, no jornal?

—Sempre, respondí.

Naturalmente que esta última resposta encerrava uma mentira chapada! Nenhum jornalista deixa de ter seus desentendimentos com os diretores. E eu me sentí satisfeito por não terem sido as perguntas demasiado embaraçosas, pois os zigue-zagues das linhas que apareciam no papel do rolo registrador do polígrafo indicavam de maneira absolutamente clara o momento em que eu mentira.

Fisiólogos e psicólogos de há muito sabem que o corpo sofre certas modificações involuntárias sob a influência do medo ou de outras emoções. Diante de tais situações, qualquer pessoa tem a sensação «do sangue latejando na cabeça», ou «de leves ferroadas no couro cabeludo». Estas reações involuntárias explicam o trabalho do Polígrafo Keeler, que registra as modificações na res-

piração, no pulso e na pressão sanguínea. Esteve em ação durante cinco anos na Northwestern, e quinze mil pessoas foram submetidas ao teste, sendo registradas com absoluta exatidão todas as mentiras experimentais. A polícia em alguns Estados americanos emprega o polígrafo com o fito de obter confissões, e tem conseguido notaveis resultados.

Estritamente falando, o polígrafo não tem base legal; um acusado não pode ser forçado a submeter sua veracidade a um teste, e depois ver tal prova usada contra ele no tribunal. Isto é justo— já que todo mundo tem o direito de se recusar a ser testemunha de acusação contra si próprio.

Via de regra, o referido polígrafo é usado em casos de crime, sem que as provas sejam apresentadas ao tribunal. É dificil uma pessoa acusada fugir ao teste, pois, negar-se a ele é já fazer uma confissão tácita da culpa. A grande maioria dos acusados, alem disso, estão certos de que podem iludir aquela pequenina caixa preta, e assim não oferecem objeção. Outros imaginam que podem escapar ao detector de mentiras, recusando-se a dar quaisquer respostas. Mas reagem da mesma maneira ao interrogatório, quando o mesmo toca na matéria da culpa. E 75 por cento dos indivíduos que acusam reações positivas no detector, fazem confissões completas ao ser-lhes apresentada a folha em que ficaram gravadas as suas reações, apontando-lhes as falhas em que incidiram. Por exemplo:

Um ladrão, quando tentava forçar o cofre de uma residência particular, foi surpreendido pelo proprietário. Tentou então fugir pela janela, mas na pressa derrubou uma pesada cortina. Bloqueado, buscou a porta e deu um tiro no dono da casa, enquanto corria. Na manhã seguinte, foram presos cinco indivíduos suspeitos. Todos protestaram inocência, e consentiram no exame pelo Prof. Keeler e seu polígrafo. As perguntas não faziam qualquer referência ao crime. Eram questões do tipo seguinte: «Na sua sala de estar existe alguma saida de incêndio?» «Há alguma cortina pesada que possa ser derrubada com facilidade?» Todos os homens estavam nervosos, mas nenhum mostrou uma reação emotiva específica a qualquer das perguntas.

Dois dias depois foram presos mais dois homens. Um deles não deu qualquer sinal de estar mentindo. O segundo, entretanto, reagiu violentamente às perguntas que descreviam a sala em que o crime se deu. Foi-lhe imediatamente aplicado um segundo teste, contendo perguntas diretas: «V. tentou abrir algum cofre?» «Atirou num homem?» O suspeito negou peremptoriamente mas o polígrafo traiu-o. Quando foram apresentados os resultados e pedida uma explicação, confessou haver praticado o crime.

Os arquivos de Keeler estão repletos de exemplos similares de descobertas de crimes pela aplicação do polígrafo.

O aparelho é, realmente, muito simples. A pessoa submetida ao exame fica sentada numa sala tranquila, com o polígrafo e o operador atrás de si. Ata-se ao braço um manguito comum de tomar pressão arterial, tudo exatamente como os médicos fazem para os seus exames sobre pressão sangínea. Em torno do peito é colocado um tubo de borracha, tecnicamente conhecido pelo nome de pneumógrafo. O manguito e o penumógrafo estão ligados por meio de tubos de borracha a uns pequenos tambores metálicos, onde se fixam duas penas. Estas oscilam com as modificações sofridas pela pressão arterial e a respiração do examinado, sob a ação das perguntas formuladas, e as oscilações são reproduzidas num tambor revestido de papel gráfico, e que gira vagarosamente.

O polígrafo vem realizando prodígios no campo das pesquisas policiais particulares. Todos os bancos sofrem o que se chamam «diferenças de caixas». Algumas são causadas por erros de boafé, mas não todas. Um banco de Chicago que possuia 80 funcionários estava perdendo, anualmente, uma média de 1.200 a 1.500 dólares, nessas diferenças de caixa. Keeler foi chamado para fazer um teste com todos os empregados que lidavam com dinheiro. Recomendou a demissão de alguns. Examinou os novos funcionários admitidos. E tendo-se anunciado que o polígrafo entraria em ação de vez em quando, naquele ano as diferenças cairam para 500 dólares.

O polígrafo é extremamente maleavel. Nas mãos de um habil operador pode forçar o indivíduo a dizer onde o dinheiro ou outros objetos estão escondidos. Keeler já conseguiu tal coisa, mas os casos, por motivos de discreção policial, não podem ser tornados públicos. Façamos de conta, porem, que cem mil dólares tenham sido roubados de um carro blindado. Os ladrões fugiram, mas foram detidos uma semana depois. As impressões digitais e outras marcas por eles deixadas, motivaram a devida confissão.

—E agora—perguntou a polícia— onde está o dinheiro?

—Os senhores gostariam de saber! responderam os gatunos.

Mas o detector de mentiras pode fazer com que eles contem tudo. O primeiro passo a dar na busca do roubo, seria apresentar aos ladrões, examinados separadamente pelo polígrafo, um mapa da cidade onde o dinheiro possivelmente está escondido. O examinador apontaria para uma parte do mapa e depois para outra.

—O dinheiro está escondido aquí? perguntaria, com fatigante repetição.

O criminoso calejado declina responder, mas sua pressão sanguínea subirá quando a trilha estiver «esquentando», e a curva do polígrafo se encarrega de o trair. Finalmente, a busca seria localizada numa pequena seção. Um mapa maior de tal área seria então usado no interrogatório, repetindo-se o processo, até que o roubo, em devido tempo, seria localizado.

O polígrafo não chegou a ser usado na causa criminal mais célebre da América nestes 40 anos. Alguns meses antes da eletrocução de Bruno Hauptmann, o raptor do bebê Lindbergh, sua esposa visitou o laboratório de detecção de crimes da Northwestern. Disse que queria submeter-se ao detector de mentiras. Seu desejo era, uma vez comprovada sua eficiência, convencer as autoridades de Nova Jersey a levar seu esposo a um exame semelhante.

A sra. Hauptmann foi conduzida para a saleta onde funciona o polígrafo. O Prof. Keeler começou com o mais simples de todos os testes. Perguntou-lhe a idade.

—A senhora não falou a verdade, observou o professor delicadamente, quando terminou. Conseguiu, então a idade certa da cliente.

—Penso que é melhor o senhor não me fazer mais perguntas, disse ela.— Receio que meus advogados não gostem.

E foi assim que ninguem voltou a sugerir o emprego do polígrafo nos famosos interrogatórios de Bruno Hauptmann.

Pelo preço do custo

Excertos da seção de Bennett Cerf na
«Saturday Review of Literature»

¶ Um oficial falava à sua esquadrilha, nas vésperas de um raide aéreo contra Kiska. «A missão de amanhã,» disse ele, «será uma das mais duras que já tivemos. O inimigo recebeu reforços. Nós vamos usar os nossos aviões mais velhos. Está ameaçando uma terrivel tormenta. Se tivermos sorte, de cada quatro voltará um vivo... Partiremos às sete em ponto. E se algum de vocês chegar 30 segundos atrasado, c'os diabos, obrigo-o a ficar em terra!»

¶ Moe procurou seu amigo Sam e disse-lhe:—Preciso de 2 mil dólares, e só você pode me ajudar. —Positivamente,—respondeu-lhe Sam—não pode ser. —Mas, Sam,—protestou Moe—em 1929, quando os valores da Bolsa cairam de 188 para 50, quem foi que deu a você 10 mil dólares, para evitar sua falência? —Foi você, admitiu Sam. —E em 1931, quando sua filha Shirley teve pneumonia, quem foi que a levou para a Florida, para convalescer?—Foi você, meu amigo.—E em 1933, quando nós estávamos pescando juntos, quem foi que se atirou à água e evitou que você se afogasse? —Foi você, Moe, amigo velho! —Então, Sam, pelo amor de Deus, como é que você não pode me emprestar agora 2 mil dólares? —Tudo isso é verdade,—replicou Sam, sacudindo a cabeça vagarosamente—mas que é que você tem feito por mim, ultimamente?

¶ Joe E. Lewis passou uma noite, certa vez, no velho Hotel Grand Union, em Saratoga. A estação da estrada de ferro ficava justamente por baixo do hotel, e havia um movimento constante de locomotivas, fazendo manobras de um lado para outro. Finalmente, Joe Lewis disse ao gerente: «Eu queria saber, meu amigo, a que horas é que este hotel chega em Chicago!»

¶ Certa jovem sonhou uma noite que ia caminhando por um estranho atalho no campo. O atalho conduzia ao alto de uma colina, onde havia uma casa encantadora, cercada por um jardim. A jovem bateu à porta, e foi recebida por um velho de longa barba branca. Justamente quando começava a falar com o velho, despertou. Nas três noites seguintes, o sonho se repetiu, exatamente, e ela sempre acordava quando começava a falar com o velho. Pouco tempo depois, viajando de automovel, a jovem subitamente divisou, ao lado da estrada, o caminho dos seus sonhos, com a casa e o jardim! Deixando o automovel estacionado, e com o coração aos pulos, ela se dirigiu para a casa na colina. Em breve chegava à vivenda, cujo aspecto, em todos os seus detalhes, lhe era tão familiar. Como nos sonhos, bateu à porta, e foi recebida tambem por um velho de barbas brancas.

—Por favor,—disse ela—pode dizer-me se esta casa está a venda?

—Está sim,—respondeu o velhote, —mas eu não aconselharia a senhorita a comprá-la. É uma casa assombrada, minha jovem!—Assombrada!—repetiu a moça—Assombrada! Por quem? —Pela senhorita! replicou o velho, fechando calmamente a porta.

¶ *Foi com os gangsteres americanos que o «Major» aprendeu muito do que ensinou aos seus super-comandos*

Matar, eis o seu ofício

(Condensado do «This Week»,
do New York Herald Tribune)

Por Frederic Sondern, Jr.

Na sala reservada de uma pequena estalagem da costa da França, achavam-sesentados à roda de uma mesa, conver sando e bebendo, seis oficiais alemães. Eram a nata da *Luftwaffe* de Goering. Como chefes de esquadrilhas de bombardeiros pesados durante o *blitz*, haviam aprendido tanto acerca dos objetivos militares e defesas da Inglaterra, assim como das táticas da RAF, que tinham sido incumbidos do treino e despacho de outros comandantes. Eram grandes peritos no assunto.

Estavam alí celebrando a sua reunião semanal. A mesa achava-se coberta de garrafas, e a algazarra era tamanha que nenhum deles se apercebeu do silencioso abrir de uma porta, nem da presença de um oficial inglês, até que este, cobrindo-os com a sua metralhadora ligeira, lhes apareceu pela frente. Mal um dos alemães havia soltado uma imprecação de surpresa, tombavam um a um sob inesperada rajada de balas. Um instante depois, um segundo inglês avançou e, rapidamente, passou minuciosa revista aos bolsos de cada um dos nazistas abatidos. E vinte segundos após aquele discreto abrir da porta, esta fechou-se com igual silêncio.

O Major reputa este um dos seus raides mais perfeitos, citando-o como exemplo nas aulas que dá aos especialistas do respectivo ramo do serviço militar aliado. Considerado como o melhor instrutor dos «Comandos» Britânicos, especializou-se nas missões mais complexas e dificeis. Todos os seus alunos completaram já o curso normal dos «Comandos».

À medida que vai fazendo sua preleção, reporta-se a uma mesa, ao lado, sobre a qual se acham armas portateis de toda espécie, desde a metralhadora ligeira—a *tommy gun*— até a mais delicada faca de arremesso.

O Major é um homem simpático. Tez rosada, robusto, pequena estatura, sempre sorridente, senão mesmo pronto sempre a uma boa gargalhada. Os óculos de aro grosso adaptam-se-lhe precariamente ao nariz algo achatado. Quando sob a veemência do entusiasmo, não raro gagueja um pouco. A aparência, nele, é enganadora.

«Isto aquí é uma escola de homicídio,» diz tranquilamente aos alunos. «A minha especialidade é o assassínio. Não se trata aquí da simples troca de balázios entre inimigos desconhecidos em combate, mas sim do assassinato

individual, praticado a sangue-frio. Trata-se de uma arte que requer estudo, prática e aperfeiçoamento.

«Infelizmente, em média, os ingleses e os americanos sofrem de remorsos. Devemos eliminar tal preconceito, ou de contrário ele nos estorvará em dado momento crítico, podendo até causar a nossa própria morte.

«Matar um alemão é como esmagar um verme. Concentrem-se vocês neste conceito, matem alguns, e acabarão por dormir facilmente o sono mais tranquilo, ainda em seguida à mais sanguinolenta «limpeza».

«Em dois objetivos, apenas, se devem fixar: primeiro, cumprir a missão; segundo, retirar-se a salvo.» Aquí, o Major faz uma pausa, afim de que a recomendação produza todo o efeito. E prossegue:

«Há processos indicados para a execução de tais serviços. Temos, por exemplo, o caso dos seis aviadores alemães...» E entra a explicar os pormenores concretos.

O raide foi projetado com a máxima atenção e minúcia, como sempre aliás o Major exige e recomenda. O Serviço de Inteligência do Exército percebera a atuação dos seis alemães, e os reputava particularmente perigosos. Destacaram-se agentes que cuidadosamente os observavam, acompanhando inclusive a sua costumada reunião semanal, e chegaram a enviar para Londres um croquís da sala reservada da estalagem.

Resultou daí que os «Comandos», desembarcados na costa em local próximo, sabiam exatamente aonde ir, e não tiveram que fazer alto uma só vez, antes de chegarem à porta.

«Quando lhes for preciso abrir uma porta,» ensina o Major, «nunca a arrombem com um pontapé, como se vê fazer nas fitas de cinema. O ruido sobressalta os ouvintes, pondo-os alerta e em guarda. Abram-na de mansinho, como um criado o faria. Assim, no momento psicológico, que será de vida ou morte para vocês, poderão observar a cena, e orientar devidamente a ação. Não percam tempo com dramatizações. Nunca cedam à tentação de dizer «Boa noite, meus senhores», ou qualquer tolice de tal jaez. Publicados nos relatórios, mais tarde, tais preâmbulos pareceriam admiravelmente britânicos, mas só nos acarretariam registos, a mais, de óbitos. Uma só palavra da parte de vocês prejudicará o fator de surpresa, valiosíssimo no caso. O ataque deve subordinar-se a certas regras. O oficial inglês que matou os alemães seguiu-as à risca.

«Achavam-se presentes os seis nazistas, conforme se calculara. Três deles ficaram transidos de medo. Dois outros começaram a agachar-se no chão. O sexto rogou uma praga.

«Pois bem,—prosseguiu o Major—ele abateu primeiro o que praguejou, e cuja imprecação, evidentemente, revelava uma atividade cerebral acima da dos companheiros, denunciando-o, portanto, como o mais perigoso do grupo. A seguir, coube a vez naturalmente aos dois que se agacharam, como que desfalecendo. É que estes bem *poderiam* estar simulando um desmaio, para melhor lançarem mão das armas. Como quer que seja, moveram-se, e devemos sempre fazer fogo contra quem quer que se mecha. Por último foram liquidados os três que haviam ficado imoveis, atônitos. Quando um indivíduo se deixa aterrar dessa maneira, o cérebro fica-lhe semi-paralisado. Por isso pode-se ignorar-lhe a presença... mas só por um segundo.

«A missão foi executada à perfeição, concluiu o Major.—O executor gastou apenas duas balas para cada, isto é, doze tiros, e fez tudo em seis segundos. Entrou tambem nisso o fator sorte. Um cão que ladre ou o ranger de uma porta podem complicar o serviço. Mas há como precaver-se contra tais eventualidades.»

E continuou explicando—com a ajuda do giz e de um quadro—o que os dois «Comandos» teriam feito na hipótese de ter vindo alguem pela escada acima, ou se qualquer imprevisto, entre mais de uma dúzia, houvesse acontecido.

Nenhuma hipótese, possivel de occorrer, deixou de ser ventilada.

Uma vez firmemente compenetrados das teorias do Major, passam os alunos ao treino em instalações especialmente preparadas num edifício com quartos, salas e escadarias de vários tamanhos e feitios. Manequins de madeira compensada, a que se dão os movimentos precisos, sentam-se junto a mesas, deitam-se em camas, agacham-se atrás de portas; são eles preparados de tal forma, que é possivel fazê-los erguer-se num salto, andar, correr, ou girar à roda.

O aluno entra no edifício, de metralhadora em punho, e seguido de perto pelo Major. Subitamente, num corredor escuro, avança-lhe ao encontro um vulto ameaçador; outro visa-o do alto da escada, enquanto lhe surge um terceiro, repentinamente, de uma porta. De quarto para quarto—uns completamente escuros, outros em semi-escuridão, outros brilhantemente iluminados—a movimentação dos manequins vai mudando.

O aluno aprende a disparar debaixo de mesas, por trás de camas, do patamar de uma escada, ou pela escada abaixo, de qualquer ângulo e em qualquer posição, cada qual mais dificil.

O Major anseia por encontrar um manequim que *morra* de fato! «É preciso que se vença a repugnância por matar,» diz ele. «Em regra, um homem leva mais tempo a morrer do que se crê. Ao ser ferido, vem-lhe ao rosto um sorriso terrivel, os olhos reviram-se-lhe para cima, enquanto as pernas se lhe vergam, e ouve-se-lhe um rouco estertor que impressiona profundamente os espectadores inexperientes.»

Os primeiros percursos através do pavoroso ambiente do prédio dos exercícios são quase tão aterradores como um raide de verdade. A pouco e pouco, porem, o aluno aprende a enfrentar todas as circunstâncias numa fração de segundo, com um mínimo de munições. Durante o exame final, é submetido—sozinho—a uma série das mais árduas provas, que o Major concebe, tudo em poucos minutos, e que o obrigam a acertar pelo menos com uma, mas não mais que duas balas, numa região vital de cada manequim que se lhe depare.

Todo o indivíduo que se mostre incapaz de tais provas, é eliminado da especialidade, logo de início. Segundo verificação feita pelo Major, os melhores alunos são os ingleses e americanos. Os soldados do continente europeu, cujas famílias foram cruelmente chacinadas, acham-se possuidos de intenso ódio contra o inimigo. Mas o ódio, segundo o Major, não produz um bom matador.

«Dêem-me homens com fria precisão—como os gangsteres americanos,» diz ele.

Há muitos anos que o Major alcançou fama mundial como especialista em armas portateis. Aos detectives da célebre Scotland Yard, ensinou ele a

técnica de puxar rapidamente da pistola, e dispará-la à altura da coxa Confessa, porem, que o que até então sabia, em nada se compara com o muito que aprendeu nos Estados Unidos.

Quando J. Edgar Hoover, chefe da Polícia Secreta Federal (F.B.I.) dos Estados Unidos, organizava sua famosa campanha contra o gangsterismo, mandou chamar o Major como sendo o perito mais abalizado nas referidas armas. Passou ele então nove anos em contacto com o F.B.I. e com a polícia de Nova York, Chicago e São Francisco, tendo chegado à conclusão de que, sob o aspecto puramente militar, os gangsteres ofereciam assunto digno de estudo. Em tal conformidade, consultou o bandido John Torrio acerca das vantagens da espingarda de caça com o cano cortado a meio,—a tão conhecida *shot-gun* da reportagem criminal.

Teve igualmente conferências com o famoso Dion O'Bannion a respeito de táticas adotadas pelos guardas-costas. Com a quadrilha Touhy aprendeu os métodos de rapto. Alem disso, estudou a técnica dos grandes e bem planejados assaltos a bancos e armazens, como a caminhões e trens de ferro. Quanto mais observou, mais se convenceu da vantagem dos médodos dos gangsteres para uso em tempo de guerra.

Com a criação dos Comandos, imediatamente após a evacuação de Dunquerque, proporcionou-se ao Major a oportunidade de aplicar as suas observações. Tanto Lorde Mountbatten, chefe dos «Comandos», como seus homens, não tardaram a compreender que a adoção das técnicas do Major lhes reduziriam as baixas.

As regras são minuciosas e completas, desde a proibição do uso de relógio-pulseira com mostrador luminoso, até a descrição do melhor processo para subir por uma escada rangedora sem fazer barulho. (Coloquem-se os pés bem junto à parede em que assentam os degraus, e poucas são as escadas que rangem.)

Acima de tudo, aquilo em que o Major mais insiste, é o aperfeiçoamento da arte de sacar das armas portateis. A maior parte dos ingleses acostumados a lidar com carabinas, não gostam do revolver nem confiam nele. Após algumas semanas de treino, porem, sacam do revolver com a rapidez do relâmpago, disparam com qualquer das mãos, ou com ambas, e acertam, com seis tiros seguidos, numa carta de jogar a seis metros de distância.

Para a metralhadora ligeira, ou *tommy gun*, o Major tem elogios quase líricos! «Esta arma não se dispara, diz ele; isto é um instrumento que se toca... É por isso que lhe chamam um *piano de Chicago*. Para usá-la é preciso ter ritmo.» E demonstra-o perfurando seis alvos, espaçados irregularmente na galeria, exatamente com duas balas em cada, numa única saraivada de fogo.

Quanto ao uso do punhal, não é menor a elegância ou o desembaraço do Major. Pouco propenso ao esfaqueamento, reputa-o em geral grosseiro e de menor eficácia. Há, porem, ocasiões em que é preciso liquidar uma sentinela sem fazer barulho. «Não se espeta ao acaso, nem se dão machadadas com uma faca,» diz ele. «Fulmina-se!» Rastejando, saltando, coleando como uma cobra, demonstra a forma de mais rapidamente cortar uma artéria, por trás, do lado e, se preciso for, pela frente.

Os alunos do Major aprendem igualmente a manejar o armamento alemão.

«Nunca se pode dizer quando seremos obrigados a utilizá-lo...» Uma vez, durante um raide, virou um dos botes de borracha que um grupo de Comandos procurava fazer chegar à praia através da rebentação. Chegando afinal a terra, encontraram providencialmente o depósito de armamento de uma patrulha nazista, e assim puderam abastecer-se. Como entretanto não conhecessem bem o armamento alemão, faltou ao tiroteio dessa noite a precisão costumada. Desse incidente, recolheu o Major uma lição.

Experimentando, em pessoa, toda a sua técnica, em incursões em território inimigo, como por meio de submarino, ou paraquedas, cada uma das suas «visitas» tem custado aos nazís várias vidas de pessoal estratégico. Não sofreu, todavia, sequer um arranhão. Orgulha-se da sua imunidade, que atribue à superioridade dos processos que preconiza. O gangster militar, de que se fez criador, converteu-se num super-Comando. Doravante, os grandes homens do império de Hitler não poderão dormir tranquilos, nem mesmo quando estiverem rodeados pelos mais cuidadosos guardas.

Podemos ensinar os meninos a viver

– VII –

Barretada com o chapéu alheio

QUANDO TINHA meus doze anos, certa tarde um pobre parou à porta da loja de meu pai, e me pediu uma esmola. Mais que depressa fui à gaveta, e retirei uma prata que entreguei contente ao pedinte. Meu pai, que a tudo assistira, nada me disse, continuando a escriturar seus livros.

Logo depois outro pobre apareceu, solicitando a mesma coisa. E antes que eu repetisse o gesto, meu pai, embargando-me os passos, ordenou-me que lhe trouxesse o meu cofrezinho onde eu guardava as moedinhas com que me presenteavam. Abriu-o calmamente, e, retirando uma prata igual entregou-a ao mendigo.

Fiquei imensamente surpreso, mas nada disse. E a explicação do seu proceder, tive-a de sua própria boca. «O verdadeiro óbulo—disse-me ele—o que realmente agrada a Deus e é cedo ou tarde considerado pelos homens, é somente aquele que provem do que verdadeiramente é nosso. Com o primeiro pobre, você não praticou caridade alguma, e sim um erro, dando um dinheiro que não era seu. Achei, por isso, que você precisava reparar a falta e aprender a dar a verdadeira esmola, para o caso, o dinheiro do seu cofre!»

«Há muita gente—rematou meu pai—que em assuntos semelhantes costuma, como se diz, «fazer barretada com chapéu alheio». Aconselho-o porem, meu filho, a que nunca use sinão o seu chapéu.» A. Rodrigues—São Paulo

A lição do papagaio

NENA ERA uma menina chorona. Pelos menores motivos desandava em longa choradeira. Quando não lhe faziam as vontades recorria sempre ao choro, que já se tornava um suplício para as pessoas da casa. Nem promessas nem ameaças dos pais conseguiam corrigir a pequena. Até o papagaio ficou alarmado, e começou a imitá-la. Tratei de aproveitar a idéia e chamei a Nena para fazê-la ouvir. A princípio ficou contrariada com o *Rico*, mas acabou se envergonhando do seu mau hábito. Daí em diante sempre que a pequena fizesse «beicinho» bastava chamar-lhe a atenção para o papagaio. A lembrança do quanto lhe era desagradavel ouvir a repetição do próprio choro era suficiente para acalmá-la.

E agora quando ela quer fazer alguma queixa, imagina o *Rico* repetindo as suas lamúrias e desiste.

Leopoldo Maip—Ijuí, R. G. do Sul

A vida é cooperação

CERTA TARDE, minha mãe me mandou comprar o pão para a ceia, e comecei como de costume a remanchar. Meu pai, que me observava, chamou-me carinhosamente e me pediu a cesta que tinha nas mãos. Dei-lha, acreditando haver triunfado, porque ele chamou também meus irmãos.

Levantando-se, meu pai disse: «Até agora, vocês têm feito os mandados e eu tenho dado o dinheiro. De agora em diante eu faço os mandados. Dê cá o dinheiro!»

A troca de papéis assustou-nos e ficamos calados. Pouco depois, eu havia trazido a encomenda, e estávamos todos sentados à mesa.

Meu pai completou assim a lição:

«Esta ceia representa a benção de Deus, e o esforço de cada um de nós. Deus nos abençoou: para que eu ganhasse o dinheiro, vocês fizessem as compras com ele, e sua mãe cozinhasse a comida. Assim todos nos alimentamos. A cooperação é a base, no lar e na humanidade. Quando ela falta, Deus retira a sua benção.»

Nossa atitude mudou, e a lição nos serviu para toda a vida.

Miguel Angel Erazo, República do Salvador.

Nem só de pão vive o homem

QUANDO EU tinha 12 anos, fiquei um dia sozinha para preparar o almoço de papai. Levei tanto tempo fazendo pequenas coisas de seu agrado, que o almoço, propriamente, foi feito muito às pressas. As flores, sobre a mesa, tinham sido arranjadas com grande capricho, mas a cozinha estava bastante em desordem.

Meu pai chegou exatamente no momento em que eu pagava o inevitavel tributo da pressa nervosa, entornando todo o salmão com ervilhas pelo chão da cozinha. Eu estava a ponto de prorromper em pranto, com o meu orgulho completamente abatido, verdadeiramente acabrunhada.

Meu pai compreendeu de relance toda a situação. «Não se incomode,» disse. «Vamos limpar e arrumar tudo, e procurar outra coisa para comer. O que você fez vale mais do que cozinhar. Miosotis são mais importantes do que comida!»

Fizemos sanduiches, e comemo-los à nossa mesa adornada de flores. Aprendí com esse oportuno elogio que o pouco de atenção e gentileza que fazemos alem daquilo que de nós se espera, vale todos os incômodos—e os infortúnios—que isso possa custar.

Dorothy May Anderson

De um curioso acidente científico, resulta novo tratamento médico de uma penosa doença

Não se deixe acovardar pela artrite

Por Paul de Kruif

ORÇA por milhões o número de pessoas martirizadas, se não invalidadas, pela artrite. A dor física, no caso, só é excedida pela agonia mental dos que, vendo falhar um após outro os tratamentos a que recorreram para libertar-se do mal, acabam por convencer-se de que jamais encontrarão alívio. Todavia, mais de metade, cerca de dois terços dos artríticos, poderiam restabelecer-se, se propriamente tratados no seu primeiro ano de doença. E agora surge uma nova esperança de que os próprios pacientes, casos crônicos, venham a obter grandes melhoras, retomando muitos deles as atividades normais, libertos dos sofrimentos que os perseguiam.

A velha noção de que a artrite é uma moléstia primariamente das juntas, não mais prevalece no estado atual da ciência. Com a inflamação e a dor nas juntas, não será de estranhar que se declarem um terrivel cansaço, perda de peso e apetite, nervosismo e anemia. Se a enfermidade prossegue, o que nem sempre se dá, chegará a vez dos músculos, ocorrendo em muitas vítimas, ainda que jovens, o endurecimento das artérias. *As juntas inflamadas e doloridas são apenas um sinal de que todo o organismo está sofrendo alguma perturbação profunda.*

Quase todas as moléstias infecciosas podem servir de veículo a um ataque de artrite; e, uma vez produzida a doença, o seu curso é imprevisivel. O dr. H. A. Nissen, de Boston, estudou um total de quinhentos casos no decurso de vinte anos. Destes, cerca de um terço resultou em morte ou aleijamento, a despeito de quantos esforços se empregaram para a cura. Quanto aos outros dois terços, alguns sofreram um simples ataque, restabelecendo-se em seguida, e os demais só melhoraram para recair de novo.

Para os verdadeiros casos crônicos, precisamente os do primeiro terço, não houve, então, remédio. Para os outros, isto é, os dois terços, o repouso apropriado, um adequado regime alimentar, a exposição ao sol, o calor, o exercício em condições devidas, a correção de postura, tudo isso mostrou ser util. Será porem que, sem tais cuidados, poderiam os pacientes haver chegado a restabelecer-se? Casos há de melhora rápida, quando se extraem maus dentes, ou amígdalas infectadas. Outras vezes, não resulta daí modificação alguma no estado dos doentes. Vacinas, veneno de abelha, enxofre, e centenas de outros produtos, medicamentos, ou meios de tratamento, foram aplicados com certo êxito em alguns, para revelar-se entretanto inteiramente inuteis quando usados em outros casos. Só restava assim aos médicos o recurso de tatear, sem saber ao certo que terreno pisavam.

Em tais condições, a artrite *crônica* tornou-se, para a medicina, uma espécie de enteada, mais ou menos ao abandono. Numa inspeção que se estendeu a 140.000 casos de artrite crônica, no estado de Massachusetts, verificou-se que não atingia a um terço o número dos doentes que tinham assistência médica.

O resto, ou tentava tratar-se por si mesmo como podia, ou se resignava ao sofrimento, ou mesmo à invalidez.

Eis porem que, em 1933, ocorreu um acidente científico, realmente curioso. O dr. Carlos I. Reed e seus assistentes, em Chicago, experimentavam o emprego de grandes doses de vitamina D em pessoas atacadas de febre do feno. Entre estas figurava uma senhora que vinha sofrendo, havia já quinze anos, de artrite crônica. A vitamina D, tomada diariamente, não teve sobre a febre maior efeito, mas, um mês decorrido, a dama voltava alvoroçada, à presença do dr. Reed.

Pela primeira vez, em sete anos, conseguira tirar do dedo um anel a que este, entumecido, deixara de dar passagem. Com a continuação do tratamento, recuperava o movimento das mãos para agarrar com firmeza, e sentia os sapatos mais folgados em torno dos tornozelos. Suspenso pelo médico, para experiência, o uso da vitamina, os incômodos anteriores voltaram a manifestar-se, para só cederem de novo com o retorno ao tratamento. Não se achava a paciente propriamente curada, mas a vitamina D lhe atenuava a doença. Ao fim de dois anos, movia-se livremente, sofria pouco, sentia-se muito mais forte, e podia volver ao trabalho.

Esse estranho caso despertou a atenção do dr. Reed para a sua própria artrite. Tambem ele se achava estropiado havia meses, só podendo caminhar com o auxílio de duas bengalas. Depois de submeter-se às mesmas doses maciças de vitamina D, para tirar a prova de que não faziam mal, sentiu que podia dobrar muito melhor os joelhos, e com muito menos dor. Prosseguiu no tratamento, e, passados nove meses, dispensava as bengalas. A experiência foi assim, como a outra, animadora. Mas duas andorinhas não fazem verão!

O dr. Walter Bauer, de Boston, aplicou a vitamina D a dezoito artríticos crônicos. Não curou nenhum deles, e teve-se a lamentar que, embora de fato aliviando alguns, o emprego das grandes doses se mostrasse perigoso. Parecia haver, em certas preparações de vitamina D, subprodutos tóxicos. Assim a descoberta do dr. Reed poderia ter-se perdido, se não surgisse outro pesquisador que nada tinha de médico.

Charles Comfort Whittier (não passará despercebido aos artríticos o «Comfort» do seu sobrenome) era um engenheiro de minas, que tinha interesse por tudo que fosse mineral, e daí voltar-se para o estudo da produção da vitamina D, que ajuda a manter em ordem «a indústria mineral do organismo humano». Acudiu-lhe examinar um importante problema: todos os espécimes de vitamina D tinham ação curativa sobre o raquitismo; variava entretanto, de modo alarmante, a respectiva energia, segundo a maneira por que os preparavam os laboratórios químicos.

Como outros pesquisadores, Whittier usou o produto químico orgânico, ergosterol. Mas, em vez de aplicar-lhe, consoante o meio ortodoxo para fazer vitamina D, a luz ultravioleta, fez passar através dos vapores de ergosterol uma poderosa corrente elétrica. Obteve então um produto a que deu o nome de «Ertron», que, ao mesmo tempo que eficaz na cura de crianças raquíticas, se revelava em grande parte liberto dos subprodutos venenosos que tanto haviam alarmado o dr. Bauer.

Mas qual seria o efeito do Ertron sobre a artrite? O dr. R. Garfield Snyder, do Hospital para Cirurgia Especial da cidade de Nova York, tinha durante

dezoito anos ensaiado quantos remédios haviam sido propostos contra a tenaz doença, de modo que andava cético em relação ao assunto. Vira como todos desmentiram as esperanças que despertavam a princípio. O ponto central da questão estava nos casos crônicos, e não nos artríticos recentes, que podiam muitas vezes melhorar por si mesmos, independentemente do tratamento que lhes fosse aplicado.

Todavia, dois anos seguidos, limitou o dr. Snyder as suas pesquisas à verificação das virtudes do produto de Whittier. Acabou por convencer-se de que poderia dar a um artrítico até quatro centas vezes a dose do remédio necessária para curar uma criança raquítica; e mais, seria possivel fazê-lo diariamente, durante meses, sem nenhum outro efeito nocivo, a não ser em alguns casos a provocação de náuseas.

Decidiram então, o dr. Snyder e seus assistentes, passar à fase da experiência direta, isto é, da aplicação do tratamento aos enfermos. Cada qual dos que compuseram seu primeiro grupo histórico de vinte e três pacientes, era um caso de artrite crônica, datando já de anos; e todos, sem exceção, só vinham peorando, não obstante os muitos meios de cura a que tinham recorrido. Ao cabo de três anos, os drs. Snyder e Willard H. Squires fizeram um interessante relatório expondo os resultados obtidos.

As melhoras, no começo, mostravam-se muito lentas. Ordinariamente, só depois de mais de um mês de grandes doses diárias de Ertron, *sob estrita vigilância*, começavam os doentes a sentir, no seu estado geral, uma curiosa modificação. Não era nada, desde logo, que se pudesse medir em termos científicos. Melhor apetite, certo atenuamento da terrivel fraqueza de que se queixavam, e algo, em suma, de mais animador nisso que se chama «bem-estar».

À medida, todavia, que foram correndo os meses, entraram a passar-se coisas que eram de impressionar o ceticismo dos médicos. Não se vá supor que se trate da melhora ou cura de deformidades definitivas, ou da restauração, para a vida, de articulações destruidas. Mas as inflamações se reduziram de modo muito sensivel; os pacientes podiam mover mais livremente as pernas e os braços, e a maioria acusou desaparecimento das dores. Muitos ganharam peso, e regozijaram-se ao notar uma contínua revivescência de forças.

Depois de seis meses a dois anos de tratamento diário, dezesseis dos vinte e três—e eram todos, como vimos, casos crônicos, reputados incuraveis—voltaram a trabalhar, com a artrite de tal modo controlada, que se lhes tornou perfeitamente possivel ir vivendo em condições aproximadamente normais.

No decurso dos últimos seis anos, tais casos de experiência subiram a mais de duzentos, e a proporção de mais de cincoenta por cento voltando à atividade e à resistência física, manteve-se em toda a linha. E em atividade permanecem. A alguns foi permitido suspender de todo o tratamento; outros continuam a tomar pequenas doses. Novas experiências se vão realizando atualmente, na Universidade Northwestern, de Chicago, na Colúmbia, de Nova York, e na de Míchigan, sob as vistas, respectivamente, dos drs. Paul Magnuson, Ralph Boots, e R. H. Freyberg. A cura vai entrando rapidamente no domínio da clínica médica.

A influência do novo tratamento sobre a artrite crônica é vulgarizada pelas vidas que têm sido refeitas: aquí, é um jovem ator que, depois de ter sofrido

cinco anos de uma artrite da coluna vertebral, está a representar numa das peças agora em cena em Nova York; alí, é certo senhor de 57 anos, que, sem andar havia vinte e dois meses, porque os joelhos lho não permitiam, é visto hoje a caminhar livremente, recuperada a robustez, e restituido ao trabalho; acolá, é um antigo «astro» do tenis, que, por longo tempo compelido a conservar-se sentado, por impossibilitado de levantar-se, voltou agora ao jogo.

O tratamento com ergosterol ativado eletricamente, isto é, com o Ertron, verificou-se não oferecer perigo, *contanto que seja aplicado sob vigilância médica*. Como quer que seja, não se trata de uma cura segura, pois falha em alguns pacientes. A ciência ignora, ainda hoje, a causa da artrite crônica, e não sabe propriamente como o medicamento funciona.

Fazem-se mesmo precisos, para o pleno êxito do tratamento, os serviços de um grupo de médicos. A artrite crônica ataca todo o organismo, de modo que o paciente reclama os cuidados de vários clínicos, cada um deles a responder pelo setor relativo à sua aptidão especial.

No Hospital do County Cook, em Chicago, o dr. D. H. Levinthal estabeleceu um modelo de organização para o serviço. Ministra-se aos artríticos crônicos ergosterol, eletricamente ativado. Cirurgiões ortopédicos operam-lhes as juntas estragadas, fortalecem-lhes os músculos por meio de exercícios adequados, corrigem-lhes a postura. Fisioterapistas incumbem-se de massagens e aplicações de calor. Especialistas em nutrição vigiam-lhes as dietas. Muitas vezes, a depressão mental que manifestam é combatida por psiquiatras. Clínicos gerais localizam os possiveis focos de infecção, e corrigem as perturbações digestivas, de que muitos padecem.

Registam os médicos do referido hospital que 93 por cento dos seus artríticos crônicos vão positivamente melhorando por esse método moderno que consiste em tratar não só a artrite, mas o organismo em geral. As estatísticas, como que trazem a visão de um fim que se vai dar a essa que é, entre as torturas humanas, a que mais deforma e aleija os homens.

Só há lugar em pé

¶ Um casal de turistas que andava percorrendo Londres, foi visitar o edifício do Parlamento, e mostrou certa surpresa ao ver as acanhadas proporções da sala dos Comuns; não lhes parecia que ela pudesse conter todos os membros da câmara, observaram ao guia. Este assentiu, e fez notar que devia faltar lugar para uns cem membros. «Mas—acrescentou logo—eles nunca se juntam todos ao mesmo tempo, de modo que a instalação ainda é conveniente.» A explicação não satisfez os nossos turistas, que perguntaram se, no caso de estar em risco a sorte do Império, nem mesmo assim estariam presentes todos os Comuns? «Não,—respondeu o guia, depois de pensar um instante—eles sabem que, mesmo se viessem, não teriam lugar onde se sentar.»

The New Yorker

Eisenhower fez o milagre do comando único

Diz-se ele mesmo «general de gabinete», mas até os mais brilhantes comandantes ingleses se sentem felizes sob as suas ordens

Por Frederick C. Painton

Correspondente de guerra do Reader's Digest na África do Norte

Quando Dwight David Eisenhower foi promovido, há cerca de um ano, ao pleno generalato, e designado em seguida para o supremo comando das Forças Aliadas de terra, mar e ar, no Noroeste da África, a opinião nos Estados Unidos, tendeu em geral a interpretar essa designação como uma espécie de recompensa ao esforço de guerra da América, tratando-se pois, em suma, de uma distinção honorífica. Poucos terão então compreendido que o que se punha sobre os ombros deste soldado do Texas, era o peso do mais grave problema da guerra—o de levar os Aliados a combater como tais; o de coordenar praticamente as forças americanas, inglesas e francesas, de modo a tirar da ação conjunta das três um resultado incomparavelmente maior que o que dariam, estando dispersas.

Na primeira guerra mundial, foram precisos mais de três anos de sangue e morticínio, e afinal a iminente ameaça de uma derrota completa, para que se chegasse à decisão de confiar a um marechal de França, Ferdinand Foch, o supremo comando aliado. Agora, e por isso mesmo que já tínhamos a lição da experiência, reconhecemos muito mais cedo a necessidade do comando único; mas uma coisa era firmar o princípio, e outra torná-lo efetivo numa organização viavel, a despeito das circunstâncias de nacionalismo, e heterogeneidade em equipamento e sistemas militares.

Como poderiam generais, almirantes, comandantes de frotas aéreas, abalizados e experientes no ofício, adaptar-se a novos moldes e regras, atrelados todos a um só carro? Por treinamento e pendor, os homens que exercem o comando militar habituam-se à chefia, a mandar, a decidir, e não se lhes fale em restrições a essa autoridade, que guardam ciosamente.

Assim, nós, os correspondentes de jornais na África do Norte, perguntávamos a nós mesmos como o nosso calvo e rosado *Ike* Eisenhower haveria de entender-se com chefes militares do calibre de Sir Harold Alexander, reputado, sem discussão, um dos grandes generais da Grã Bretanha; ou de Sir Bernard Montgomery, o *Monty* do Oitavo Exército; ou do almirante Sir Andrew Browne Cunningham, comandante da Esquadra Inglesa do Mediterrâneo, para com eles formar, sob a sua direção, uma unidade, um bloco. Com 52 anos de idade, nunca Eisenhower exerceu o comando em qualquer grande batalha. Os desembar-

ques na África do Norte serão, mui provavelmente, as operações de maior vulto em que já terá tomado parte. Sem embargo, foi posto à frente de chefes que conquistaram em combate a alta nomeada de que gozam.

O seu êxito iria depender da sua capacidade de organizador, da sua diplomacia, do seu tato, mas, antes e acima de tudo, dos seus predicados fundamentais de carater. Alem de uma grande propriedade de maneiras, e um paciente espírito de compreensão, tinha ele já revelado anteriormente, quando em serviço em Londres, uma honestidade sem refolhos, que causara nos círculos britânicos a melhor impressão. Seus olhos azues são vivos e acolhedores, e nunca lhe falta um sorriso, amplo e natural, que só lhe atrai simpatias.

Desde que deixou, em 1915, a escola militar de West Point, tem-se sempre distinguido por uma capacidade de trabalho verdadeiramente notavel, extraordinária memória, e excepcional aptidão para organizar. Aos 28 anos, na última guerra, fez jus à Medalha de Serviço Distinto, por motivo de «zelo invulgar, e assinalada capacidade administrativa».

Foi armado de tais elementos que Eisenhower meteu mãos à obra.

Coube-me estar presente à audiência a jornalistas, em que fez o general suas primeiras declarações públicas, depois de investido no posto que atualmente exerce.

«Ingleses e americanos,—disse ele—encontram-se juntos aquí, para bater o Eixo. E é como digo: *juntos*. Não se cogita de nacionalidade, porem de dar conta da tarefa.»

E acrescentou dias depois: «... Cumpre fazer ver a todos os oficiais que, criticando sem base qualquer dos aliados, estaremos fazendo simplesmente o jogo do Eixo. Oficial americano que incidir nessa falta, ficará sujeito à punição direta que eu posso infligir administrativamente.»

Quando diz coisas destas, parece que se transfigura. Através da fisionomia severa, dos olhos glaciais, sente-se-lhe o aço, a rijeza de um ânimo inflexivel.

Devotado, dia e noite, à elaboração dos planos de guerra, é de ver como se harmonizam os oficiais aliados a que serve de ponto central de convergência e coordenação. O almirante inglês Cunningham era o chefe no Mediterrâneo, tendo, porem, como imediato em comando, o vice-almirante Henry K. Hewitt, da marinha dos Estados Unidos. Tedder, Marechal do Ar da Real Força Aérea, foi feito consultor estratégico, mas o general Spaatz e o major-general Jimmy Doolittle, ambos americanos, eram respectivamente chefe tático e comandante das forças de bombardeio. O general Alexander, ao mesmo tempo que substituto no comando supremo, tinha sob as suas ordens um grupo de exércitos de campanha, no qual figuravam, como chefes, o general Clark, americano, Montgomery, o herói inglês, e os generais Anderson e Patton, britânico o primeiro, americano o segundo.

Por todo o Quartel-General das Forças Aliadas, a distribuição do pessoal obedece às mesmas regras. Em cada seção, do major-general aos subalternos, cada oficial americano tem a seu lado um inglês, e a respectiva chefia toca indistintamente a um ou a outro, conforme as circunstâncias. Cada papel, cada fato, cada pedido de informações, é examinado pelos dois. Esses homens vivem juntos, fazem juntos as refeições, trabalham 16 e 18 horas por dia, por

assim dizer em comum. Os americanos empregam gíria inglesa, e não será raro ouvir oficiais ingleses dizerem *okay*, e outros termos que tais, peculiarmente americanos.

O setor mais espantoso desta monumental organização aliada, era a divisão de abastecimentos. Dos Estados Unidos à África do Norte, vão cerca de 4 mil milhas, e, de Alger à Inglaterra, mil e novecentas. Entretanto, cada bala, cada grama de alimento, cada botão de farda, tinham que ser transportados por aquelas vias marítimas. Por outro lado, de Casablanca à Tunísia, através da África do Norte, há apenas uma linha de caminho de ferro, e uma pequena, penosa meada de estradas; sem embargo, toda tonelada de material para a zona de combate, havia que remetê-la por semelhantes vias. Cada divisão—e eram mais de uma dúzia, no momento— devia receber diariamente umas trinta toneladas de munições de boca. Os dois mil veículos de uma divisão, empregados em transporte de aprovisionamentos, reclamavam nada menos de 190 mil litros de gasolina por dia. Em determinado ponto de uma das estradas principais, por onde fluia o abastecimento, foram registados em três meses, como tendo passado por alí, mais de dois milhões de veículos. Mas a titânica empresa foi realizada, e plenamente.

Uma vez que se achava, a um só tempo, a fazer serviço de estado-maior para as forças em operações, e traçando novos planos para maiores exércitos e mais vastas campanhas futuras, o Quartel-General de Eisenhower se afigurava desproporcionado, no vulto que tomou, para as tropas em ação na Tunísia. Estacionavam alí cerca de 1.200 oficiais, e 16 mil soldados. Foram requisitados, para as competentes instalações, 1.500 edifícios distintos de Argel. Quando certa ocasião, a campanha tunisiana entrou a arrastar-se por sobre a lama do inverno, um jornalista brincalhão, contemplando aquele colosso, comentou parodiando a famosa frase de Churchill: «Nunca tantos conduziram tão poucos, para fazer tão pouco.»

Houve um momento supremo em que veio pôr-se à prova aquela composição heterogênea. Foi ao ter que praticar-se a invasão anfíbia da Sicília.

Os técnicos são acordes em reconhecer que uma invasão por mar é a mais delicada e perigosa operação de que tratam os livros de guerra, dependendo muito o seu êxito, já da surpresa dos golpes, já do rigor na coordenação das forças operantes. Nunca se vira no mundo uma tão grande armada em movimento, rumo à terra de onde iria desalojar o inimigo: mais de meio milhão de homens, e barcos e aparelhos de invasão, em número aproximado de três mil. Dezenas e dezenas de navios de guerra, americanos e ingleses, deviam acompanhá-la, garantindo-a. Milhares de aviões teriam que fornecer-lhe uma cobertura no ar, ao mesmo passo que hostilizando as posições inimigas, e as forças e instalações do adversário nas áreas de retaguarda. Impunha-se que o desembarque das tropas invasoras se realizasse rigorosamente nos locais que fossem determinados, de maneira a evitar a confusão que seria de prever, dada a escuridão ainda reinante ao aproximar-se a madrugada. E era do seio das trevas, enquanto o sol não surgia a clarear as alturas, que desceriam, à hora própria e nos devidos lugares, os paraquedistas incumbidos de capturar os aeródromos de maior importância.

A ordem de combate, para que tudo se cumprisse à risca, ocupou centenas

de páginas, constando de cerca de cem mil palavras, e uma grande quantidade de anexos e mapas.

Dirigindo todo o movimento, tomando as decisões finais, controlando, peça por peça, o funcionamento da máquina no seu preciso ritmo de tempo, como se fosse, não um general, mas um relojoeiro consumado, lá estava *Ike* Eisenhower.

Como ele tinha forjado, com os oficiais de estado-maior ingleses e americanos, um mecanismo soberbo, dir-se-ia que o desembarque, vale dizer a invasão, se efetuou de relógio na mão. E a despeito de ter havido em Gela encarniçado combate, é indiscutivel que o inimigo foi colhido de surpresa. Compreende-se a alegria com que se expandiu Eisenhower, ao registar e comentar o fato: «Por Deus, que os surpreendemos!» exclamava radiante.

Eisenhower refere-se a si mesmo como o «presidente do conselho de administração»; chega mesmo a dizer algumas vezes que é um «general de papéis», ou seja, de gabinete. Trabalha da madrugada até noite dentro, ocupado, não raro, com operações que só se executarão daí a meses. Conserva-se todavia sempre atento à marcha diária dos acontecimentos. É assim que, por exemplo, na campanha dificil da Tunísia, foi a uma sua sugestão que quatro divisões americanas se deslocaram secretamente do extremo sul da linha em torno a Gafsa, para o norte, onde surgiram, atuando em Beja e Mateur. Cerca de 50 mil homens e 10 mil veículos tiveram que atravessar as linhas de aprovisionamento do Primeiro Exército Britânico; fizeram-no, sem interromper um só instante as referidas linhas, mantido o abastecimento daquela rija força de combate. Não resta a menor dúvida que se trata de um feito admiravel. A presença inesperada dos americanos, ao norte, atordoou de tal modo os alemães, que muito contribuiu para bater von Arnim.

Tem Eisenhower uma qualidade que muito lhe grangeia a devoção de quantos com ele servem no Estado-Maior aliado: é a de nunca descarregar sobre outrem a responsabilidade ou a culpa, quando ocorre alguma coisa porventura desagradavel. Ao sofrerem os americanos, na luta contra Rommel, a sua peor derrota, no desfiladeiro de Faid, surgiram queixas de que as unidades americanas e inglesas se apresentaram em campo numa grande confusão. Tropas americanas de tanque diziam ter sido mal dirigidas por comandantes ingleses que não conheciam os seus métodos, enquanto forças de infantaria britânica faziam análogas críticas ao modo por que a artilharia americana lhes havia prestado apoio.

Ike então resolveu convocar os correspondentes de jornais.

«Qualquer recriminação por mistura de unidades, deve recair sobre mim, disse ele, tranquilamente. —Vislumbramos uma possibilidade de apanhar toda a Tunísia, antes que pudessem os alemães receber qualquer reforço. Assim, pusemos em ação, sem maiores considerações, quantas unidades de combate encontramos disponiveis. Foi um jogo que podia ter grandes vantagens, e por pouco o teríamos ganho. Quando se misturam unidades, mesmo numa boa partida como esta, é necessário algum tempo para pô-las de novo no respectivo lugar.»

Quando, salvo da França, veio para a África, é muito provavel que o general Giraud esperasse caber-lhe o posto de Generalíssimo Aliado. Deve-se muito ao tato de Eisenhower que se haja ele resignado a uma posição subalterna. Quando mais tarde tomou vulto a crise entre De Gaulle e Giraud, as tropas e equipamentos aliados estavam a seguir com destino à conquista da Sicília, para a qual, evidentemente, se tornava indispensavel que a linha de abastecimento, de Casablanca a Tunis, não sofresse interrupção. Ora Giraud guardava, no momento, com 60 mil franceses, aquela grande artéria.

Os alemães tentaram destruí-la. Vedetas de Giraud capturaram nazistas, disfarçados de árabes, trazendo consigo fios de arame, e explosivos. Tive ocasião de ver três de tais agentes, presos perto de Tebessa, e outros em Gafsa. Paraquedistas germânicos lançaram-se do ar com a missão de inutilizar a via férrea, e coube aos franceses o duro encargo, de que se desempenharam satisfatoriamente, de neutralizar-lhes a ação.

Foi numa hora assim crítica que De Gaulle pediu formalmente o afastamento imediato, de todos os oficiais que houvessem tido o mais ligeiro contacto com o governo de Vichy. Isso importaria, é bem de ver, em estabelecer a confusão, e daí, quando mais não fosse, em ineficiência temporária. A força de De Gaulle, em 1940, foi a sua resistência à política de armistício, a sua decisão intransigente de prosseguir na luta; e dessa atitude, então esplêndida, ficou-lhe a inaptidão para pactuar. Acabou todavia retirando a sua reclamação, o que logo se atribuiu à pressão aliada, recaindo principalmente sobre Eisenhower muitas das críticas que se fizeram a propósito do fato.

Alguns dias depois do incidente, fomos ao Quartel General. De lá voltamos com esta impressão: ao ter que transpor o mar, para o primeiro ataque propriamente ao continente europeu, nenhum comandante poderia permitir que perigassem de qualquer maneira suas áreas de retaguarda, ou as suas linhas de aprovisionamento. Outros, é certo, poderiam fazer o serviço com a mesma exatidão com que o fizeram os homens de Giraud, mas a realidade é que eram estes os que se encontravam no posto, e toda e qualquer mudança seria, pelo menos, inoportuna. Como soldados que são, quer De Gaulle, quer Giraud, o compreenderiam muito bem; e de fato o compreenderam.

De vez em quando, Ike, a marchar com o seu passo rápido, emerge do gabinete em que vive submergido em mapas e papéis, e voa a inspecionar linhas de frente. E é aí que se sente mais feliz. São, aliás, em regra intervalos muito breves. Três dias depois do desembarque na Sicília, lá estava a saudar as tropas canadenses, agora pela primeira vez sob o seu comando.

Nas suas relações com a imprensa, tem revelado Eisenhower a mesma desataviada probidade, o mesmo espírito acolhedor, cordial, que lhe facilitaram a criação do Comando das Forças Aliadas.

«Eu cooperarei com vocês, e preciso que vocês cooperem comigo.» Assim definiu ele a situação entre o alto comando e os jornalistas. E é o que deseja que se cumpra. Certo correspondente foi mandado regressar para os Estados Unidos por violação de censura. Tinha ele escrito a respeito de Eisenhower um artigo que não podia ser mais lisonjeiro; não este, porem, que se deixasse influir por essa circunstância. Quando a segurança está em jogo, sua severidade é absoluta. Que a vida de um dos seus soldados possa ser posta em perigo por indiscreções, não concebe, e jamais tolerará.

Detesta reportagens de «especulação» em que se formulam previsões de possíveis movimentos militares; porque, segundo comenta, ou as previsões se confirmam, e terão ajudado o inimigo, ou deixam de confirmar-se, o que exporá quem as fez a passar por estúpido. Cita, a propósito, o caso de um reporter que anunciou, falando pelo rádio, um provavel movimento do general Alexander, que então fazia a sua retirada, rumo da península malaia. A conjetura estava certa; mas os japoneses, prevenidos, impuseram aos retirantes um tributo dos mais pesados.

Entretanto, a 10 de junho, Eisenhower surpreendeu-nos, no meio de uma audiência ordinária, dizendo que o seu golpe imediato seria a conquista da Sicília, iniciadas dentro de cerca de um mês as respectivas operações. Acrescentou confiar em que guardaríamos segredo; e, mais tarde, saiu dos seus hábitos, para louvar a maneira por que soubemos corresponder à sua confiança.

O general, quanto pode, mantem-se na penumbra. Não há o «Quartel General de Eisenhower», mas o «Quartel General das Forças Aliadas». Ensejo não perde de pôr em relevo os chefes que o rodeiam, seu «time de estrelas», como os qualifica.

«A tarefa é dura e ingrata,» disse, uma vez, aos seus auxiliares mais diretos. «Estamos, porem, dando a prova—e é esse um grande fato—de que os Aliados podem combater juntos, sob um comando único, e como uma só nação.»

Rádio-Enigmas do Mês

1. Como se pode distinguir com facilidade a margem direita e a esquerda de um rio? *Are You a Genius*, CBS

2. Uma pessoa que vive sempre com sede excessiva, de qual destas doenças pode estar sofrendo: cleptomania, polidipsia, ou miopia? *Bob Hawk Quiz*, CBS

3. Quando começou o século XX: a 1 de janeiro de 1900 ou a 1 de janeiro de 1901? *Bob Hawk Quiz*, CBS

4. Verdade ou mentira? A Arca de Noé era conhecida como a Arca da Aliança? *True or False*, NBC

5. Diga quais os cinco monarcas da Europa que vivem no exílio. *Are You a Genius*, CBS

6. Num baralho comum, dois dos valetes têm um só olho, enquanto os outros dois têm dois olhos. Qual é o número total de olhos nos quatro valetes? *Dr. I. Q.* NBC

7. É **verdade** que há um lugar na Inglaterra aonde o rei nunca pode ir? *The Answer Man*, MBS

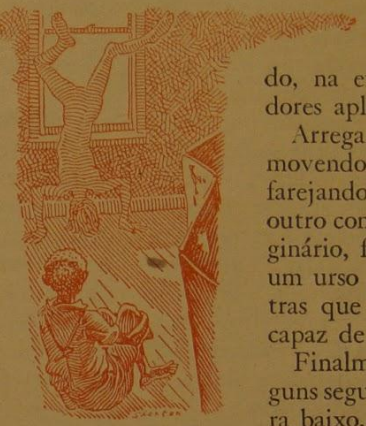
8. Qual é o país de menor território do continente americano? *Dr. I. Q.* NBC

9. Entre os líderes das Nações Unidas há três fumantes inveterados. Identifique (1) o que gosta de charutos, (2) o que fuma cigarros, e (3) o que fuma cachimbo. *Double or Nothing*, MBS

Vd. respostas à pág. 78

Mark Twain à luz da lua

(Condensado da sua Autobiografia)



Em 1849, tinha eu então catorze anos, minha irmã deu uma festa a que convidou toda a juventude da aldeia em que vivíamos no Missuri. Tímido demais para entabolar conversa com as jovens convidadas, resolveu-se que eu só faria uma curta aparição de uns dez minutos, encarnando o papel de urso numa peça a ser representada à noite pelo pessoal da terra.

Por volta das dez horas, disseram-me que fosse vestir o macacão de pelo marron escuro, afim de estar pronto para entrar em cena dentro de meia hora. Como o meu quarto fosse muito pequeno, e eu ainda quisesse ensaiar o papel fui ter a um casarão que se achava vazio, do outro lado da rua, sem saber que alguns dos convidados que tomavam parte na representação tinham decidido mudar a roupa alí.

Sandy, o negrinho, foi comigo, e escolhemos um quarto espaçoso no segundo andar. Ao ouvir-nos a voz, duas moças que lá se estavam vestindo correram a refugiar-se por trás de um biombo, antes que déssemos com elas.

Era um velho biombo que apresentava rasgões em vários pontos. Sem nada suspeitar, despí-me completamente, e comecei a ensaiar o meu papel à luz da lua, que iluminava o quarto através das janelas sem cortina. Cheio de ambição, e decidido a ter um grande êxito, pus-me a dar cambalhotas e a correr de um lado para o outro a quatro pés, colhendo, na exibição, os animadores aplausos de Sandy.

Arreganhando os dentes, movendo-me em cabriolas, farejando de um lado para o outro com meu focinho imaginário, fiz muita coisa que um urso faria, e muitas outras que um urso seria incapaz de fazer.

Finalmente, descansei alguns segundos, de cabeça para baixo, e equilibrando-me nas mãos. Sandy então perguntou-me, com o seu ar inocente.

—Nhô Sam, vosmincê já viu arenque seco?

—Não. O que é?

—É um tar de peixe!

—Um peixe? E tem alguma coisa de extraordinário?

—Tem, sim sinhô. É um peixe que se come cum tudo o que tem dentro!

Duas gargalhadas femininas irromperam de repente, de detrás do biombo. Aquilo tolheu-me as forças num segundo, e caí para a frente como uma torre dinamitada, arrastando o biombo na queda, e sepultando sob ele as duas jovens que se puseram a gritar. Agarrei minha roupa, e descí como louco escada abaixo, acompanhado por Sandy. Fi-lo prometer que não diria uma palavra sobre tudo aquilo, e decidimos ocultar-nos até que acabasse a festa. Nossa casa se achava mergulhada num completo silêncio, e todos já dormiam, quando me aventurei a voltar ao meu quarto. Sobre o travesseiro encontrei um bilhete em que alguem havia escri-

to, disfarçando visivelmente a letra, estas zombeteiras palavras: «Você talvez não representasse bem, metido na pele do urso; mas despido, foi notavel—verdadeiramente notavel!»

Todo aquele episódio foi para mim uma horrivel tortura. Julguei que a história se achasse espalhada por toda a aldeia, na manhã seguinte, o que felizmente não sucedeu. Durante várias semanas, não pude encarar uma só pequena, sem que pensasse incontinenti: «Talvez fosse uma delas,» e afastava-me sem demora. Tratava-se apenas de dois pares de olhos zombeteiros—mas, se houvessem sido mil, o resultado fora o mesmo. Quando deixei a aldeia, o segredo continuava guardado.

Quarenta e sete anos depois, fui ter a Calcutá, afim de fazer alí uma série de conferências. Ao entrar no hotel, dei com um vulto de mulher desenhado na luz do sol poente. Era Mary Wilson, uma das minhas companheiras de infância. Fora uma das meninas mais bonitinhas da nossa aldeia. Eu nunca ousara aproximar-me dela, pois me parecia feita da matéria especial de que se fazem os anjos, e nada podia haver de comum entre ela e um mísero mortal.

Desapareceu antes que eu pudesse dirigir-me a ela, e, embora alí tivesse estado em carne e osso, tomou assim o aspecto de uma fugitiva aparição. Ela era a neta da outra Mary dos meus conhecimentos de infância. Um dia a avó convidou-me a ir vê-la. Viuva, de cabelos grisalhos embora, conservava-se moça e bonita. Conversamos largo tempo. Mergulhamos nossas almas sedentas no vinho do passado—do soberbo e saudoso passado; pronunciamos nomes que nos não tinham subido aos lábios durante cincoenta anos, e que nos soaram aos ouvidos como acordes de música distante. Com palavras repassadas de saudade e respeito, desenterramos nossos mortos, companheiros da meiga juventude. Percorremos as salas poeirentas e os menores recantos da memória, retirando de lá diversos incidentes e episódios que nos traziam risos aos lábios e lágrimas aos olhos. Subitamente, Mary perguntou-me quando eu menos esperava:

—Diga-me uma coisa! Sabe qual é a peculiaridade dos arenques secos?

Era uma pergunta estranha num momento como aquele. Não tinha sequer sentido, e deixou-me embasbacado. Sentí no entanto que qualquer coisa se me agitava nas profundezas da reminiscência. Pus-me a pensar, a revolver no pensamento a singular pergunta: Arenques secos? Arenques secos? A peculiaridade dos a...

Erguí a vista. A minha amiga tinha no rosto uma expressão grave, mas piscou-me os olhos maliciosamente...

Súbito ouví do fundo do passado uma voz há muito esquecida, e que explicava baixinho:

«É um peixe que se come cum tudo o que tem dentro!»

¶ Democracia não quer dizer «eu sou igual a você», mas sim, «você é igual a mim».

James Russell Lowell

A hecatombe dos búfalos

(Condensado da «Natural History»)

Por Donald Culross Peattie

A aniquilação do Rei da Pradaria, o maior animal da América. Como o bisão, às manadas, que outrora chegaram a contar 50 milhões de cabeças, disputou aos colonizadores a posse do Oeste.

Mais de um milhão, talvez, de americanos terá lutado passo a passo, e no meio das maiores dificuldades, através das pradarias centrais do continente norte-americano, antes das estradas de ferro terem começado a atravessar o vasto território. Durante meio século, o maior anfitrião da América serviu este milhão de pessoas, e serviu-as regiamente, fornecendo-lhes saborosa e suculenta carne fresca, cobrindo-os com o rico agasalho das suas peles, proporcionando-lhes combustivel onde muitas vezes se não podia encontrar nem um graveto para acender uma fogueira. Mostrou-lhes o caminho para as nascentes de água, ou os vaus por onde os carros de toldo podiam atravessar as correntes. Não é, pois, de estranhar que este herói dos tempos da «fronteira» ande imortalizado nas moedas de cinco centavos dos Estados Unidos.

Chamavam-lhe *Old Man Buffalo*—«Velho Búfalo». O bisão ou búfalo americano era, e é, o maior animal do novo continente. Ao atingir o máximo crescimento, a sua altura média é de 1,80 m. na espádua, e mede de 3 a 3,75m. de comprido, da cabeça à cauda. Pesa a bagatela de 900 quilos, e alguns exemplares têm chegado a pesar 1.200! Os cornos não são muito compridos, mas a largura da coroa hirsuta que os separa, é soberba.

Com esses cornos excavava o macho a terra dura da planície para nela se aninhar; podia destroçar toda uma alcatéia de lobos, estripar um cavalo, e até arrebatar cavalo e cavaleiro enfiados neles durante uns cem metros, antes de atirá-los ao chão. A fêmea, ao defender a sua cria, é mais perigosa do que o urso *grizzly*, e pode tornar-se um dos mais agressivos animais do mundo. E ninguem poderia sobreviver sessenta segundos, se fosse colhido no meio duma manada em estouro.

Antes da chegada dos brancos à America, o bisão era o mais numeroso de todos os grandes mamíferos terrestres. Vários têm sido os cálculos feitos pelos naturalistas, mas nenhum crê que houvesse menos de milhões de búfalos na América do Norte. Os primitivos vaqueiros não tinham palavras para descrever as manadas destes reis da planície. O Coronel Dodge, um dos maiores conhecedores da pradaria, descreve-nos uma manada com a largura de uns quarenta quilômetros que se estendia de norte a sul, até onde os olhos podiam alcançar. Na época da navegação fluvial, o trânsito no ric

Missuri chegava a ser às vezes interrompido durante dias por uma manada de bisões, que atravessavam as águas a nado.

Nunca o Criador concedeu a país algum a graça de tal abundância de carne; mas, devido a um desperdício voraz, nem a terça parte dos animais abatidos era aproveitada. Havia «epicuristas» da pradaria capazes de matar um bisão só para saborear-lhe a deliciosa língua, abandonando aos lobos todo o resto do animal. Muitas vezes matavam-se búfalos para se lhes usar a pele, e os primeiros colonizadores o faziam para engordar com eles os porcos. Milhões foram sacrificados só para se livrarem deles os terrenos.

Por volta de 1810 já os tinham forçado a migrar para alem do Mississipi, e nas florestas de leste os seus únicos vestígios eram os trilhos ou carreiros que eles tinham aberto ao marchar em longas filas. A «Estrada Sertaneja» de Don Boone seguia em parte um carreiro de búfalo desde o Tennessee, através da garganta de Cumberland, até os terrenos salinos do Kentucky. Muitas cidades devem a sua localização a terem os bisões um dia aberto uma estrada por alí.

O lançamento das estradas de ferro transcontinentais trouxe consigo a condenação das manadas de búfalos. Mas o velho senhor das terras não se limitou a contemplar pacificamente a invasão: tentou opor-se-lhe, derribando os postes telegráficos, plantando-se no meio dos trilhos e parando os trens; ao investir contras os vagões, despedaçava-lhes os engates.

A Estrada de Ferro Kansas-Pacífico pagava ao Coronel William Cody o suntuoso ordenado de 500 dólares por mês, para conservar a linha livre daqueles resfolegantes brutos. Com seu bando destruidor, não só dizimou as manadas, mas forneceu diariamente ao pessoal construtor toda a carne fresca de que necessitavam. Uma vez, por uma aposta o Coronel Cody matou num só dia sessenta e nove animais. Em dezoito meses massacrou 4.280 búfalos, e foi por isso que passou a ser conhecido pela alcunha de «Búfalo Bill».

Em face a semelhante ofensiva estava escrito o trágico destino do bisão. Os enormes animais tinham que desaparecer à medida que os brancos iam avançando. Os colonizadores não podiam manter as suas fazendas, suas cercas, seus rebanhos e colheitas, na presença destes monstros ferozes. «Búfalo Jones», de Santa Fé, declarou que em 1865 existiam apenas uns 15 milhões de bisões, dos quais foram exterminados, só nesse ano, mais de um milhão. Metade dos que sobejaram foram destruidos em 1872, o ano da maior matança.

Em 1883 foi abatida em poucos dias a maior manada do Montana, uns dez mil animais: atiradores exímios vigiavam todas as nascentes de água durante as horas abrazadoras do verão, e à noite, à luz das fogueiras; e quando os pobres brutos, exasperados de sede, afrontavam as balas, para beber, nem um só escapava.

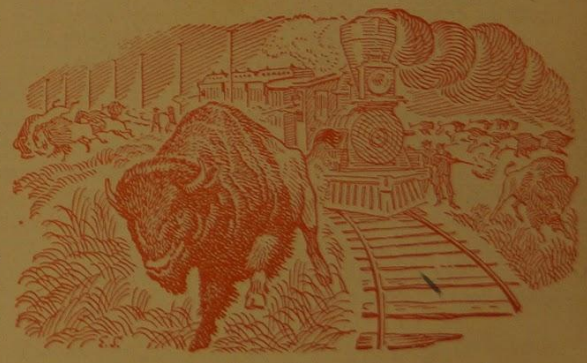
Esta matança foi devida, em grande parte, ao valor das peles, crescente à medida que elas escasseavam. Depois depositavam-nas à beira da estrada de ferro, em pilhas tão altas como as medas de feno do Kansas, numa extensão de muitos quilômetros. Para o fim, o rei da América primitiva era apenas um alvo para os atiradores esportivos. Passara a ser moda para ricos caçadores de «caça grossa» e para hóspedes ilustres «matar o último búfalo». O General Sheridan arranjou uma caçada para o grão duque Aleixo da Rússia, com o General Custer, o Coronel Cody, um grupo de batedores índios, e um esquadrão de cavalaria dos Estados Unidos, que fizeram uma batida aos últimos sobreviventes. Depois comeu-se churrasco de búfalo, regado com champanha.

Nos sítios onde no passado as manadas eram soberanas, encontram-se hoje apenas os seus esqueletos alvejantes—espalhados por uma extensão de muitos quilômetros. Fotografias da época mostram-nos a planície branca de ossadas, a perder de vista. E, mesmo depois de reduzido a esqueleto, o «Velho Bisão» continuou a ajudar o colonizador. Os ossos tinham um preço elevado no mercado, tanto para serem usados nas refinarias de açucar, como para a fabricação de adubos químicos; e muita gente houve, dentre os antigos pioneiros, que pagou a primeira prestação da propriedade com o produto da venda de ossos de bisão que juntara ao limpar o terreno adquirido. Um comerciante fez uma fortuna, expedindo para a cidade de Kansas um carregamento de três mil carros.

Por onde quer que houvesse passado o «Velho Bisão», sempre deixou luz e calor. Muitos anos depois de terem desaparecido as suas manadas, quem viajasse através da planície desarborizada, conseguia combustivel do esterco do búfalo, e em tais fogueiras se cozinharam refeições reconfortantes, e muitas histórias foram contadas em torno a elas. Mesmo depois de terem desaparecido tais vestígios, os colonizadores das pradarias puderam achar o caminho para as nascentes, porque os carreiros que para lá conduziam, estrumados por estes grandes animais durante gerações, estavam nitidamente marcados por uma erva maior e mais viçosa.

O terreno veio a ser afinal cultivado e vedado, as estradas de ferro cruzando a planície em várias direções. Isolados, perseguidos, os últimos bisões corriam o risco de extinção completa. O Presidente Grant opôs-se a um projeto de lei para salvá-los, e o Congresso obstruiu sucessivamente a promulgação de várias medidas destinadas à sua conservação. Alguns homens, porem, compreenderam que muita da nossa força e orgulho, muito do esplendor americano se perderia quando desaparecesse o último dos bisões.

«Coiote Errante», um índio *Pend d'Oreille*, talvez tivesse sido o primeiro amigo provado do bisão, prestes a desaparecer. Pegou a laço quatro crias, dois machos e duas fêmeas, e destes pares é que tiveram origem os dois grandes rebanhos Allard-Pancho e Conrad, de Montana, dos quais descendem muitos dos bisões de puro sangue que existem atualmente. Em Panhandle, o Coronel Charles Goodnight, a pedido da esposa,



tambem salvou algumas crias bravas, que atraiu à sua fazenda para as proteger, no que foi imitado por vários outros estancieiros entusiastas do Oeste.

A Sociedade do Bisão Americano, fundada em 1905 por Theodore Roosevelt e outros, conseguiu juntar 50 mil dólares para criar a Reserva Nacional do Bisão, no Montana. Atualmente existem tambem manadas perfeitas nos estados de Nebrasca, Oklahoma, Dakota-do-Sul e Yellowstone Park, e introduziu-se um rebanho no Alasca.

A população total de bisões nos Estados Unidos excede cinco mil cabeças. A natalidade de búfalos é hoje muito superior à reserva de território disponivel para os conter. Os que se não querem, vendem-se aos jardins zoológicos; e se ainda fica um excesso, dá-se aos índios. Esta decisão é muito oportuna, porque para o pele vermelha o búfalo é uma criatura de origem divina, uma dádiva do Grande Espírito, que desempenha um papel importante no seu cerimonial religioso.

Electrons cantantes

A VENDA de orgãos de sopro era praticamente nula, havia anos, quando apareceu o orgão elétrico Hammond, e eis que em pouco mais de um ano se venderam mil e setecentos desses orgãos, a igrejas, teatros, estúdios de rádio-emissão e casas particulares, sendo as duas maiores instalações a do Madison Square Garden, em Nova York, cuja sala tem capacidade para mais de 20.000 pessoas, e o Hollywood Bowl, em Los Angeles. O orgão elétrico não é só mais barato do que os seus antecessores; é tambem um novo tipo de instrumento musical. Não produz apenas, por meio de correntes elétricas, as notas musicais com todas as harmônicas que, nos outros instrumentos musicais, resultam das vibrações «simpáticas» da madeira ou do metal—como tambem apresenta qualidades tonais nunca dantes conhecidas. Calculam os engenheiros que, graças a este orgão, são possiveis 253 milhões de combinações de qualidades tonais. O orgão tem aproximadamente as dimensões de uma espineta antiga, ou cerca de 4 pés quadrados de superfície.

O «electron dansante» aciona ainda outro instrumento musical, o Theremin, que habitualmente se encontra com as dimensões de uma caixa de rádio-receptor de sala. Da sua parte superior projeta-se uma delicada haste de metal, com uns 45 centímetros de altura, do extremo do qual se destaca horizontalmente um anel de metal, como uma espécie de braço circular. Para tocar o Theremin, o artista põe-se de pé atrás dele, e agita as mãos no ar... À medida que a sua mão esquerda se aproxima da haste vertical, aumenta a altura das notas; e quando a sua mão direita se acerca do anel ou braço superior, a música se torna mais suave. O organista não toca em nada, mas do pequeno movel as vozes vão saindo, ora surdas, ora vibrantes, ora gementes, fazendo pensar nos sons do violino. Existe outro tipo de Theremin, que se toca como o violoncelo; e outro ainda tem um teclado semelhante ao do piano. O maestro Stokowski usou um deste tipo com a orquestra sinfônica de Filadélfia. O Theremin tem-se empregado muito nas rádio-emissões, e já há solistas de concerto que se têm especializado nesse curioso instrumento.

G. Edward Pendray, *Today*

Aviadores que lutam desarmados

(Condensado do «American Mercury»)

Por W. L. White

Autor de «Homens para queimar», «Rainhas até na morte», etc.

EU QUERIA entrevistar o tenente-coronel Karl Polifka, por causa da lenda que se formou em volta dele, e já corre entre os aviadores militares, desde a Austrália à Sicília. Essa lenda é a seguinte: um dia, Polifka voava sobre a Nova Guiné, tirando fotografias das posições japonesas em Buna, quando foi atacado subitamente por um avião nipônico do tipo Zero. Devemos ter presente que o coronel Polifka é um fotógrafo-aviador, e seu avião portanto não leva armas. Ele puxou para trás a alavanca de comando, subiu quase verticalmente no espaço deu uma volta de cabeça para baixo, e desceu pela retaguarda do adversário, manobrando o seu aparelho até que as hélices atingiram a asa direita do Zero, cortando-a como se corta uma caixa de fósforos num ventilador elétrico. O avião japonês caiu em espirais, afundando na baía de Buna. Polifka então terminou a sua missão, fotografando as bases inimigas, e regressou a Port Moresby, onde foram consertadas as hélices do seu aparelho.

O coronel nega a história: «Não, diz ele, co's diabos! Não fui eu!» Mas ele é bem o tipo de aviador que pode dar origem a estas e outras lendas que tais.

Obtive permissão oficial para a minha entrevista com Polifka, mas fui advertido:—Na mesa próxima à de Polifka, V. encontrará outro coronel, que certamente há-de reconhecer, pelas numerosas fotografias dele que os jornais têm publicado. Acaba de regressar da África, e é um dos nossos melhores oficiais. Mas o seu nome não pode ser revelado, lembre-se bem.

—Mas porque não?

—Por ser ele quem é. Se contássemos a metade do que tem feito, diriam que estamos exagerando. Portanto, conte o milagre mas não conte o santo.

Os DOIS coronéis, cujas mesas se achavam juntas, tinham pouco mais de trinta anos. Polifka, gorducho, rosto redondo, jovial; o coronel X, com aquela sua face expressiva, caraterística.

—A primeira coisa a saber sobre reconhecimento aéreo,—declarou Polifka, —resume-se no que disse Kipling: «Aquele que viaja só é o que viaja mais depressa.» Assim somos nós. A maior formação de reconhecimento consiste em um só avião, com um só piloto.

—E os rapazes têm que saber um bocado,—acrescentou o Coronel X.—Para chegar ao seu objetivo, o piloto de reconhecimento precisa ser um perfeito navegador. Deve realizar um raide tão preciso como o de um bombardeiro. Para escapar ileso de um ataque, sem armas, é necessário que conheça todos os truques de vôo usados por um piloto de caça.

—Mas não fique com pena dos nossos

fotógrafos,»—insistiu Polifka—porque eles voam em um P-38—o mais rápido dos nossos aparelhos. O P-38, quando usado para reconhecimento, sem os canhões pesados e a munição, consegue um aumento de velocidade de 60 ou 80 quilômetros por hora.

—O avião leva três máquinas fotográficas, pelo menos,—informa o Coronel X.—Uma na frente, para fotografar perpendicularmente; e uma de cada lado, com um ângulo determinado, de modo que se pode abranger todo o horizonte visual, de extremo a extremo. As máquinas são reguladas antes da decolagem, e tudo o que se tem a fazer é apertar um botão vermelho, situado junto da alavanca de comando, exatamente como faz um piloto de combate, para atirar.

«Em geral, se quer primeiro um mapa de uma dada região, o que se consegue com vários vôos, de um lado para outro, como se estivéssemos arando um terreno. Com sorte e bom tempo, a tarefa pode ser realizada de uma altura de 9 mil metros. Em seguida, tratar-se-á de um objetivo específico—digamos, um campo de aviação inimigo. Nesse caso, as fotografias devem ser tiradas de pequena altura, de modo que possam representar o terreno como os paraquedistas o vêem, quando saltam dos seus aparelhos, a uns 240 metros. Cada paraquedista necessita de uma fotografia, para localizar os acidentes do terreno, o que ele faz, suponho, enquanto desce, depois de abrir o paraquedas. Outra missão consiste em fotografar durante a noite, com bombas de luz. Essas bombas, lançadas pelo piloto, são reguladas de maneira que explodem a uma distância de 500 metros, e a sua luz impressiona a célula foto-elétrica que se acha por baixo do avião, e que abre automaticamente a objetiva da máquina fotográfica, obtendo-se assim a fotografia.

—É uma coisa perigosa como o diabo,—observa Polifka.—Essas bombas são de magnésio, e, com o aparelho carregado delas, se uma se choca onde não deve, meu caro, vai tudo pelos ares.

—V. perguntou,—disse o Coronel X—porque os nossos pilotos de reconhecimento não levam armas em seus aparelhos. É que eles seriam naturalmente tentados a responder ao inimigo, entrando em combate e esquecendo o resto. Ora nós queremos fotografias, e não heróis.

—Não ter armas não é tão mau,—continuou Polifka.—Há vários meios de evitar os aviões de combate inimigos. Um dia, acima de Rabaul, uma esquadrilha inteira de Zeros chegou até a altura em que eu voava. Com a carga que eu levava, minha velocidade diminuiu, e, olhando para trás, vi que os Zeros, vinte e três ao todo, se estavam aproximando. Mas, justamente à minha frente, chegava uma esquadrilha, que reconheci como sendo a Esquadrilha 19 de Bombardeio, comandada por Ken Hobson. Tive então uma idéia. As nossas Fortalezas vinham em linha como os dentes de um pente, e não muito separadas. Resolví fazer a Ken um presente de Natal, mimoseando-o com alguns Zeros, os quais excediam o que eu pudesse razoavelmente desejar. Assim, lancei-me diretamente em direção à esquadrilha de Ken, com os Zeros no meu encalço, e passei entre duas das Fortalezas. Os artilheiros de Ken abateram 17 dos 23 japoneses. Soube mais tarde que, por um minuto, Ken ficou danado comigo, por ter estragado daquele jeito a bonita formação da sua esquadrilha, com tantos Zeros pela

frente. Mas, compreendendo que eu não tinha armas, quando nos encontramos depois na nossa base, estava todo sorrisos!

«Assim é que deve ser,» disse-me ele. «Não deixe que ninguem o maltrate. Chame pelo papai!»

—Já ouviu falar de Frank Dunn?—perguntou-me o Coronel X.—Sua especialidade são as fotografias tiradas em vôos baixos, obliquamente. Para fotografar uma praia, a gente desce a 30 metros de altitude, e passa como um raio por cima da água, enquanto o inimigo atira como se estivesse numa galeria de tiro ao alvo, de bonecos de gesso! As fotografias são tiradas pela janela lateral, de modo que os rapazes, depois, desembarcando das barcaças, possam ter uma vista completa da praia. Os ingleses chamam a essa missão «jogar o dado». É mesmo um caso de jogar a vida!

—Dunn tem um bom humor fora do comum,—observa Polifka.—Um dia, foi enviado a Cagliari, na Sardenha. O tempo estava tão mau, que ele teve que baixar muito, e, quando viu, estava mesmo por cima de um aeródromo, onde uma porção de aviões do Eixo faziam círculos, para aterrissar. Diz Dunn que não quis parecer suspeito—e começou tambem a fazer círculos. Foi visto, mas a confusão era tão grande que ninguem podia atirar, e finalmente ele achou uma brecha por onde escapar-se, voando em direção à cidade. Ao passar pela estação da estrada de ferro, chegava um trem à plataforma. Como dispunha de alguns tanques vazios de gasolina, decidiu pregar uma peça: baixou mais e largou os tanques vazios sobre o trem. Meu velho, foi um sucesso! Os tanques tombaram com um barulho infernal sobre o vagão junto da máquina, e Dun pôde ver o maquinista saltando do tender e os passageiros voando pelas janelas. Um carro descarrilou e tombou. Um mês depois, Dunn ainda se ria do caso, mostrando a fotografia do maquinista saltando na linha. Mas os nossos aviões de bombardeio puderam efetuar um ataque com êxito baseando-se nas outras fotografias que Dunn tirou nessa missão—e ele pegou a medalha por Serviços Distintos.

—Quando estávamos fotografando Roma para o grande raide,—disse o Coronel X—aconteceu uma das coisas mais engraçadas. Leon Gray estava operando com as suas máquinas a 7.500 metros, quando dois aviões de caça italianos—tipo Macchi 202—o atacaram, um de cada lado. Que faz Gray? Sobe de repente com o seu aparelho, justamente quando os italianos abriam fogo, e um deles abateu o outro! Quando Gray chegou à base ainda se ria...

—E agora, declarou o Coronel X, sorrindo-se para Polifka—se você não contar a história do seu ferimento, eu conto.

Polifka tambem sorriu.—Realmente foi gozado, disse ele.—Eu ia entre Lae e Salamaua, quando percebí uma esquadrilha inteira de aviões japoneses, que me pareciam Zeros, voando a 150 metros acima de mim. Eles entraram em mergulho, e eu fiz o mesmo, vendo o velocímetro alcançar 550 quilômetros. Geralmente essa velocidade deixa os Zeros para trás, pois as suas asas não aguentam tanto. Saí do mergulho, e já começava a rir, quando uma saraivada de balas passou pela minha cabeça, e eu me voltei para ver se eles ainda estavam me perseguindo, ao alcance dos tiros. O que vi foi outra coisa. Não eram Zeros, mas aparelhos Focke-Wolfs! Não me pergunte como foi que os *japs* os conse-

guiram; provavelmente construiram-nos pelos desenhos alemães. Tornei a mergulhar, chegando até 800 km. de velocidade! Já é andar! Conseguí desvencilhar-me dos japoneses, mas, quando saí do mergulho, minhas tripas estavam de fora.

—Naturalmente, disse o Coronel X— o que aconteceu foi que, quando você interrompeu a descida, as suas tripas continuaram a descer...

—O que eu sei,—continuou Polifka —é que o mergulho me deixou com alguns centímetros de intestinos de fora, metidos nas calças. Quando voltei à base, o médico botou tudo de novo para dentro, com unguento sedativo. Mas, como eu não havia tirado fotografias, não tinha provas do combate—nem ferimento visivel para que me fosse oferecida uma medalha...

A essa altura da entrevista, o telefone chamou—e o Coronel X, atendendo ao chamado, saiu a toda pressa, certamente para alguma missão urgente.

Polifka acompanhou-o com o olhar: —Um belo oficial—disse então.—Viu como ele falou daquelas arriscadas proezas dos seus rapazes, fotografando praias inimigas sob o fogo? O que não disse é que essa é tambem a sua especialidade. Os seus comandados são loucos por ele; «o velho», é como lhe chamam. Não dá ordens para os outros, vai, em pessoa à frente. Todos sabem que jamais encarregaria alguem de uma terefa que ele próprio não desempenhasse. Não há ninguem com maior coragem e ousadia do que ele, em combate. Qualquer de seus pilotos lhe dirá que ele teria tido há muito a medalha por Serviços Distintos, se seu pai não fosse quem é.

Cine-Jornal da Guerra

¶ Imensos cartazes ao ar livre anunciam em Los Angeles: «NÃO DESPERDICE GASOLINA! Serviço Completo de Funerais perto de sua casa. Em todos os bairros existe uma agência Funerária Utter-McKinley!»

¶ Em El Paso, no Texas, um sujeito apanhou 60 dias de «xadrez» por fazer contrabando de grampos para o cabelo!

Time

¶ Devido à falta de braços que agora reina, um restaurante de Nova York anuncia na sua montra: «Auto-Serviço—Máxima Cortesia e Eficiência».

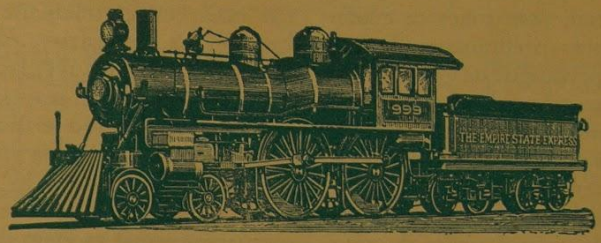
John A. Straley, *The Investment Dealer's Digest*

¶ Um farmacêutico de Nova York, em desespero de causa, pôs recentemente à porta da sua botica um letreiro que dizia: «PRECISA-SE pessoa para servir ao balcão de refrescos. Com ou sem experiência. Dia inteiro ou só meio-dia. Sexo masculino ou feminino.»

O anúncio esteve exposto três ou quatro dias, em vão, até que um transeunte imaginoso acrescentou isto a lapis: «*Morto ou vivo*».

The New Yorker

¶ *A velha 999, que fez mais de 160 km. à hora, lá pelas alturas de 1893*



Precursora dos trens aerodinâmicos

(Condensado da «Coronet»)

Por William F. McDermott

Numa linda tarde da primavera de 1893, Charley Hogan, campeão maquinista do expresso *Empire State*, da Estrada de Ferro Central de Nova York, decidiu tirar o «freio» à máquina 999, para ver o que ela podia *dar*. E a 999 bateu o recorde mundial de velocidade, que deteve durante 41 anos, até que apareceram os trens aerodinâmicos a motores Diesel.

Naquele tempo, as companhias ferroviárias andavam competindo umas com as outras, a ver qual delas fabricava melhor material para ser exibido na Exposição Colombiana de Chicago, cuja data então se aproximava. Os rapazes da Central de Nova York, que já em 1891 tinham batido os recordes de velocidade dos Estados Unidos e da Inglaterra, com 84,5 quilômetros à hora entre Nova York e Búfalo, passaram a andar numa grande excitação. O seu objetivo secreto era assombrar o mundo com uma velocidade de 160.

Coube a Bill Buchanan, antigo superintendente da força-motriz, a preparação de tal proeza, no curso da qual fez algumas experiências radicais. A máquina 999 tinha rodas motrizes especiais, de 2,10 m. de diâmetro, demasiado grandes para puxar pesadas cargas, mas muito uteis para acelerar a marcha. Foi tambem a primeira locomotiva a ter freios nos jogos de rodas dianteiros, e tinha uma nova caixa-de-fogo, inventada por Buchanan. Quando saiu dos depósitos ferroviários de West Albany pela sua própria força, era uma coisa de resplandecente beleza: todas as cintas, tubos e enfeites de latão luziam com o polimento; a cabina do maquinista estava lustrosamente pintada, e dum lado e outro do tender, em letras de dois pés e meio de altura, cobertas com folha de ouro, lia-se a inscrição: *The Empire State Express*.

Entretanto, a repartição de viação-e-obras preparava-se para a grande prova, e andava pondo a via férrea em condições, botando mais saibro nos trilhos e experimentando as agulhas. O tunel por baixo da prisão de Sing Sing, ao norte de Nova York, foi escavado mais 30 cm. para dar passagem à 999.

Depois de ter passado a nova «favorita» da Central, com todos os cuidados, pelas provas preliminares de 128 km. à hora, o presidente da Companhia, Webb, chamou três antigos maquinistas, e perguntou a cada um deles se seriam capazes de bater o recorde: dois hesitaram; o terceiro, Charley Hogan, homem experiente, que tudo tinha enfrentado, desde as avalanches de neve aos ataques dos Índios, respondeu prontamente: «Eu sou capaz disso!» Foi então encarregado do cometimento.

A prova teve lugar no trajeto entre Siracusa e Búfalo, no estado de Nova York. O trem levava quatro carruagens, com muitas personagens importantes das estradas de ferro—e três cronometristas para registarem e confrontarem entre si a duração das provas.

Hogan seguiu com a maior naturalidade a 128 quilômetros à hora, abrandando a marcha nas curvas, até que ultrapassou Róchester e chegou a Batávia. Aquí começava uma linha reta de 58 quilômetros! Durante algum tempo havia uma ligeira subida, seguindo-se depois uns 23 km. na horizontal.

Neste percurso, o cintilante trem lançou-se para diante como um pássaro a voar. Charley abriu um pouco a válvula reguladora da velocidade, e a 999 acelerou a marcha. 130 quilômetros à hora, durante uma milha (1610 m) e os cronometristas foram concordes no registo; outra milha a 153 km. p.h.; outra a 156 km. e finalmente, mal se distinguindo já a paisagem e as casas das fazendas, o mágico, o extraordinário sonho das 100 milhas, ou sejam 160 km. à hora, tornava-se realidade!

Mas Charley e o seu intrépido foguista, Al Elliott, de nada sabiam. O que todo o pessoal da máquina ignorava, era que a 999 poderia vir ainda a atingir mais velocidade. Al Elliott passou a dar mais vertiginosamente ainda combustivel ao «monstro». Abriu-se mais um ponto à válvula reguladora da velocidade, ainda outro mais...até o máximo! E a 999 portou-se à altura. Cada vez mais e mais depressa giravam aquelas rodas, as maiores do mundo. Os espectadores não podiam contar as carruagens—mal as viam de relance!

Aguentar-se-ia a locomotiva sobre os trilhos? Charley, por intuição, estava convencido que sim. Atrás, nas carruagens, o coração dos passageiros batia, acelerado de anseio...

Depois de abrandada a marcha, e da triunfal entrada em Búfalo, os números cuidadosamente conferidos demonstravam a espantosa realidade. Pela primeira vez no mundo, tinha-se marchado com a vertiginosa velocidade de 181 quilômetros à hora!

Charley Hogan levou a sua famosa 999 e o *Empire State Express* à Feira Mundial de Chicago, onde causaram a admiração de milhões de pessoas. Na Exposição do Século do Progresso (Chicago) em 1933 e 1934, lá se encontravam o maquinista Hogan e a sua velha locomotiva, na grande seção de estradas de ferro. Tanta gente atrairam alí, que Nova York desde logo pensou em exibí-los na sua Feira Mundial de 1939 e 1940. Efetivamente lá estava a famosa locomotiva, mas já sem o seu maquinista. Hogan tinha recebido o sinal de partida—e entrara na «grande reta» ilimitada, quase aos 90 anos...

Hoje, a famosa e velha 999 descansa tranquilamente nas instalações ferroviárias de West Albany. Conserva-se porem nas mais perfeitas condições, pronta a desempenhar em qualquer altura o seu papel, puxando quatro carros a 112 km. à hora ou mais, se for preciso.

Já passaram os melhores anos de sua vida?

WALTER B. PITKIN, que foi professor de jornalismo na Universidade de Colúmbia, é o autor do livro «A Vida Começa aos Quarenta». Estudar a natureza humana é sua ocupação predileta. Durante uma longa viagem que fez através dos Estados Unidos, no ano passado, inquiriu de várias pessoas quais haviam sido os melhores anos de sua vida. Damos a seguir algumas das mais interessantes respostas.

Fala a viuva do negociante em lacticínios:

¶Os MELHORES ANOS de minha vida foram os que sucederam a uma tragédia à qual me parecia impossivel sobreviver. Até então eu havia sido uma esposa «bibelô», pois crescera no meio de luxo e conforto, sem conhecer nada da vida. Alem de administrar com êxito seu negócio de lacticínios, meu marido dirigia tambem a nossa casa, enquanto eu aceitava docemente uma vida de agradavel irresponsabilidade.

Um dia, tendo dado um desfalque, o sócio de meu marido foge. Um mês mais tarde, meu marido, que sofria do coração, morre, em consequência. E assim de uma hora para outra, vi-me sentada no seu escritório vazio, sem a menor experiência da vida, e herdeira de uma casa de comércio.

Amigos aconselhavam-me que vendesse o negócio por qualquer preço, pois certamente acabaria abrindo falência. Mas um sentimento obscuro segredava-me que não devia dar-me por vencida, antes de ter pelo menos feito uma tentativa. Recusei-me pois a desfazer-me da loja, e comecei a estudar e a aprender com avidez, conversando com banqueiros, intermediários e fregueses da firma. À noite jogava-me na cama exhausta. E nessa luta, a bonequinha de porcelana tornou-se uma mulher de carne e osso.

Um ano depois ainda me achava cheia de dívidas, e havia perdido pelo menos metade da freguesia. Já começava porem a sentir-me à vontade naquele ramo do comércio.

Três anos mais tarde, o negócio ia de vento em popa, e eu podia sentir-me segura de mim; já tirava de lucro quase tanto quanto meu marido costumava obter, o que não era nada mau para uma ex-bonequinha de porcelana. Muitos dos antigos fregueses haviam voltado a procurar a firma, e eu agora comia e dormia melhor, e até conseguia rir como nunca antes rira.

Tinha eu naquela época trinta e nove anos. Ando agora beirando os cincoenta, e considero que estou ainda nos Melhores Anos de Minha Vida—os anos em que pude mostrar o que havia de melhor em mim.

Fala a mulher do florista:

¶Os MELHORES ANOS de nossa vida começaram quando casamos o nosso último filho solteiro; depois de vinte e nove anos de casados, estávamos de novo sozinhos. Havíamos criado quatro filhos, enquanto mantínhamos uma casa de flores e uma pequena chácara perto de

Boston. Tínhamos trabalhado muito durante aqueles anos; as poucas férias que tomávamos eram de curta duração. Fizéramos, todavia, algumas economias, e, quando nos apareceu um comprador oferecendo um bom preço pelo negócio, num gesto de impulso, o vendemos.

Era nosso sonho poder viajar pelo mundo, ver os lugares e paises distantes de que nos falavam os livros. Empregamos todo o dinheiro em títulos, que nos asseguravam um rendimento módico por mês. Não era suficiente para darmos a volta ao mundo em transatlânticos de luxo, mas era o bastante para que pudéssemos pôr-nos a caminho, já que estávamos dispostos a trabalhar durante a viagem, sempre que nos fosse possivel arranjar algum emprego.

Saimos com a firme decisão de não ter pressa. Evitávamos tanto quanto possivel os hotéis frequentados por turistas americanos, e assim viemos realmente a conhecer a gente de outras terras.

Fomos primeiro a Havana, onde trabalhamos durante três meses; seguimos depois para o Rio, Montevidéu, Buenos Aires. Ensinávamos inglês, servíamos de cicerones a outros turistas; empregamo-nos uma vez como porteiros no palacete de um ricaço, e chegamos até a ter um balcão para vender «cachorro-quente».

Já percorremos assim dezenove paises. Fomos obrigados, por causa da guerra, a interromper nossas peregrinações, mas assim que ela terminar, estaremos de novo com a mala às costas, a viajar e fazer amizades por este mundo em fora. Somos hoje em dia mais que cidadãos norte-americanos, somos cidadãos do mundo. E sabermos que podemos morar e ganhar a vida em qualquer parte do globo dá-nos uma sensação de força e independência que até nos surpreende, pois é preciso lembrar que já temos ambos mais de sessenta anos!

Fala o senador: ¶Os anos mais decisivos de minha vida foram os que vieram logo após a morte de meu pai na explosão de uma fábrica. Ele deixara minha mãe sem nada, a não ser sua saudosa memória. Nossa casa estava hipotecada até o limite máximo, e tínhamos conosco apenas o dinheiro bastante para nos manter durante um mês. E eu, que naquela época era um garoto de catorze anos, larguei o colégio, e fui para a rua vender jornais.

Até então tivera menos contacto com a realidade da vida que qualquer dos meus colegas da mesma idade. Durante algum tempo, mal tínhamos o que comer, pois eu só ganhava sete ou oito dólares por semana. Foi como se tivesse dado um mergulho em água gelada.

Graças a um amigo de meu pai, conseguí o direito de postar-me numa esquina perto da Prefeitura Municipal, onde vendia a edição do meio-dia aos conselheiros municipais e advogados de renome. Dentro em pouco, o prefeito já me conhecia de vista, e trocava algumas palavras comigo, ao comprar o jornal. Depois, um conselheiro municipal, tendo simpatizado comigo, ajudou-me a comprar uma banca de jornal na zona comercial. E não tardou muito que eu conhecesse e puxasse prosa com a maior parte dos políticos e homens de negócios daquela cidade.

Tambem tive meus contratempos com os jornaleiros rivais e os larápios; mas isso era perfeitamente compensado pela riqueza de experiência que adquiria ao tratar com meus fregueses, sem a qual nunca teria chegado a ser senador. Foi então que

comecei a compreender que cada conhecimento que se faz é como jogar uma pedra em água parada: é a origem de uma onda de influência que pode atingir as margens mais distantes.

Habituei-me a ler cuidadosamente as notícias, e a comentá-las com outros. Minha banca tornou-se ponto de parada e de palestra, à moda das vendas nas cidades da roça. Os banqueiros, de caminho para uma sessão de diretoria, paravam um momento para perguntar-me as últimas notícias, e saber minha opinião sobre isso ou aquilo. Um dia, um dos principais jornais escreveu um artigo sobre mim, o vendedor de jornais que estava sempre a par de tudo, e cuja banca era como um forum para a opinião pública. Logo depois o prefeito nomeou-me para uma posição de responsabilidade, e daí por diante minha carreira política progrediu sempre.

Gigantomaquia

¶Enquanto eu esperava na ante-sala dos escritórios de uma grande firma, ouví através de um tabique indiscreto uma coisa que vale a pena contar: Um grande capitão de indústria tentando obstinadamente obter ligação telefônica para um seu rival, para no fim conseguirem os dois apenas... um glorioso empate!

O telefone repenicou no gabinete de Mr. Auchincloss, e a secretária deste senhor atendeu ao chamado: era a secretária de Mr. Birstein, dizendo que este cavalheiro gostaria de falar com Mr. Auchincloss.

—*All right*,—disse a secretária de Mr. Auchincloss—passe o fone a Mr. Birstein, que eu chamo Mr. Auchincloss!

—Não,—parece que replicou de lá a outra donzela—você dá o receptor a Mr. Auchincloss, enquanto EU vou chamar Mr. Birstein!

—Absolutamente não! contraveio a moça atrás do meu tabique.—Eu nem sequer sonho que Mr. Auchincloss havia de ficar à espera!

Esta batalha de gigantes raivou assim nos fios durante cinco ou dez minutos, travada pelas respectivas secretárias, para saber qual dos dois manitús tinha direito a considerar mais precioso o seu tempo. E durante a refrega, é de presumir que os dois gigantes estivessem por alí, de charuto na boca, ociosos, esperando o resultado...

Até que uma das moças cedeu ou foi batida, não sei; mas aquilo podia ter acabado mal! E a nós, alí sentados na ante-sala, aquela paralisação momentânea da grande indústria pareceu-nos prenhe de promessas de melhores dias—aqueles dias futuros em que a Igualdade dará entrada no mundo dos negócios, e em que ninguem poderá mais falar com ninguem... por estarem todos igualmente ocupados!

The New Yorker

O que faz o médico de aviadores

(Condensado da «Air News»)

Por Frederic Sondern, Jr.

O cirurgião duma esquadrilha tem que conhecer bem ambas as coisas: homens e medicina—para poder cuidar dos seus rapazes como um mentor de futebol treina os seus jogadores.

OS HOMENS da esquadrilha chamam-lhe «Doc». Ele é cirurgião de uma unidade pesada de bombardeio dos Estados Unidos, que tem andado pelo Norte de África e costas da Itália a lançar bombas: um capitão alto e robusto, duns 35 anos de idade, aspecto simpático, sorriso facil e aquela perfeita confiança em si mesmo, própria de um bom médico.

O doutor é mais do que um simples cirurgião; é o amigo, o conselheiro e o confidente, tanto do comandante como dos pilotos ou dos mecânicos. Voa com eles, joga o beisebol e o poquer, e está sempre à mão e disposto a conversar, destacando-se por possuir um vastíssimo vocabulário de termos pitorescos.

Devido a estas qualidades é que, sendo ele um próspero clínico numa cidade do Oeste, foi escolhido pela Junta Seletiva da Escola Médica de Aviação Militar, em Randolph Field. Durante meses seguiu alí cursos intensivos sobre enfermidades especiais dos olhos, ouvidos, coração, estômago e cérebro, de que um homem, submetido ao esforço esgotante do combate aéreo, tem probabilidade de vir a sofrer. Estudou tambem dúzias de outras matérias, desde a higiene e dieta de campanha até o uso do oxigênio em elevadas altitudes. E aprendeu a voar, não para fins de combate, mas o bastante para conhecer como tudo aquilo funcionava. Depois de formado, seguiu uma aprendizagem de diversos meses, na Inspeção Médica da Aviação, antes de conseguir as asas de ouro de médico de aviação.

O primeiro problema do médico de aviação é a «fadiga do aviador», decorrente fundamentalmente da inevitavel revolta do espírito normal ante as sensações desusadas do estado de receio permanente — embora inconciente — e da tensão de nervos contínua, durante a vigilância num vôo de combate.

Os sintomas são inconfundiveis. Um rapaz alegre e barulhento, pilhérico e brincalhão, torna-se de repente taciturno e «ausente». Já outro, quieto, estudioso, entra excitado num bar, e provoca uma desordem. Uns acham defeitos em motores que estão perfeitamente em ordem, outros começam a queixar-se de doenças imaginárias: falam da morte—talvez em tom de troça—mas o pensamento, evidentemente, lá está.

Na parede do consultório do médico há um quadro, onde se registra o número total de horas efetivas de vôo militar, realizadas pelos membros da esquadrilha. «Logo que um atinge 100 horas no ar», explica ele, «faço sempre com que fique em terra; como se fosse casualmente, convido-o a tomar uma cerveja, e cavaqueamos durante uns momentos. Posso desta maneira apreciar com toda a facilidade o seu grau de aptidão.»

«Mas, compreendam-me bem,» continua, «os nossos rapazes não são moles. Pelo contrário, são bastante resistentes. Nós é que tivemos o bom senso de compreender que a «fadiga do aviador» faz parte da profissão, e só há uma maneira de a curar: descanso e mudança de ambiente.»

«Para melhor se perceber o que acontece, é necessário ter presente a vida que leva a tripulação dum avião de bombardeio. Não se trata de uma coisa sensacional, heróica ou legendária; mas da rotina habitual duma dessas equipagens que, através dos dias, a curtos intervalos, saem regularmente, para fazer explodir fábricas, ou desempenhar outras missões igualmente pouco interessantes.

«Tome-se, por exemplo, o caso do piloto X, um rapaz da Califórnia, agradavel, inteligente, calmo, e muito habil—que é conhecido como um Industrioso Castor ou um Sólido Cidadão. Frequentemente lê-se o seu nome no quadro, para alguma missão na manhã seguinte. Naturalmente ele começa a preocupar-se, a partir daquele momento. Estará em ordem o seu avião? A sua tripulação será desembaraçada? E, nessa noite, como não poderá dormir muito, começa a pensar como escapou por tão pouco àquele ataque dos aviões inimigos, e nos seus amigos que não voltaram. Terá medo? Um pouco, por certo, conciente ou inconcientemente. Não seria humano que não sentisse certa apreensão. É claro que há uma grande diferença entre ter-se receio e ser-se covarde.

«Na manhã seguinte, apresenta-se na barraca do Comando de operações para receber as instruções. Sabe que tem de lembrar-se dos menores detalhes: onde estão situadas as baterias anti-áreas, qual a melhor altitude e direção para se aproximar do seu objetivo, e uma dúzia de outras minudências, de que dependem não só o bom êxito da sua missão, mas tambem a vida da equipagem. E tudo isso o excita enormemente.

«É então que começa a parte verdadeiramente dificil. Digamos que se trata de uma missão de dez horas, o que quer dizer—a cinco horas de distância. Podem imaginar o que seja voar durante cinco horas com cada nervo em hipertensão? É tempo excessivo para se depender dos nervos. Por isso os aviadores não dizem que «vão numa missão», mas que «suam uma missão». E realmente é o que acontece.

«Ao aproximar-se do objetivo, vê-se cercado de explosões infernais por baixo, por cima, por todos os lados. Mas tem que se conservar imovel como uma máquina de calcular, e manter o vôo absolutamente linheiro, afim de que o seu bombardeador possa lançar as bombas com a mais exata precisão. E não goza sequer a satisfação de ver os seus projeteis acertar no alvo, porque começa a extenuante vigia para descobrir algum avião avariado, que deva ser protegido para poder alcançar o campo. E as cinco horas de vôo de regresso—sempre na expectativa de um ataque—pareciam interminaveis. Agora, some-se tudo isto em termos de energia despendida, lembrando-nos de que, em todo este tempo, o piloto não teve uma só ocasião de descarregar os nervos. Num avião de caça, o piloto vê no que acerta, executa acrobacias, dando assim expansão ao sistema nervoso. Não assim o piloto dum avião de bombardeio; e o mesmo sucede com toda a tripulação, que se conserva sentada durante horas, à espera daqueles poucos minutos de

riscos infernais. Isso deve dar uma idéia da razão por que o bombardeiro, ao regressar à base, vem morto de cansaço. Basta observar-se a tripulação de um avião de bombardeio, quando volta duma missão. O oficial do Serviço de Informação, ao qual incumbe coligir todos os detalhes do vôo, geralmente se vê atrapalhado para conseguir que lhe contem o que se passou. Os homens não querem falar; sentam-se, começam a mastigar a refeição; depois caem na cama, e dormem durante algumas horas.»

Os aviadores dum Grupo de Caça são bem diferentes dos de um avião de bombardeio. Quando visitei uma destas unidades, havia uma animação enorme na tenda que servia de clube dos oficiais. Os aviadores, que acabavam de regressar duma expedição bem sucedida, davam palmadas uns nos outros, e gritavam com toda a força dos pulmões. Um enorme ianque de Connecticut, saltitava num pé só, à espera de vez para contar a sua aventura. Lembravam-me uma turma de futebol depois de ter ganho uma partida. «Estes já não jogam futebol», dizia-me o doutor. «Agora matam. Por isso têm os nervos muito apurados, e é bastante complicado lidar com eles.»

«A guerra», prosseguiu, «é uma coisa muito mais pessoal para estes aviadores do que para os de bombardeio. Um piloto de caça aproxima-se do adversário às vezes tanto que lhe vê a cara. Voa sozinho, e sob uma pressão de nervos extenuante, de modo que, ao ser atingido pela fadiga, os seus efeitos são fulminantes e violentos. A fadiga é extremamente perigosa, porque a tática de caça exige decisões instantâneas, tomadas numa fração de segundo.

«Voltando agora àquele piloto de bombardeio», continua, «um dia, depois que as suas horas de vôo somavam já um bom número, notei-lhe certa transformação. Fumava excessivamente, praguejava como nunca o tinha ouvido, tornara-se tristonho e agitava-se toda vez que alguem falava em casos de aviação. Discutiu comigo quando lhe propús que gozasse uns dias de licença. Preferia acabar o seu termo de serviço, de modo que pudesse depois ir para casa por algum tempo. Anuí ao seu desejo, um erro que não tornarei a cometer.

«No dia seguinte falhou mesmo em cima do objetivo. Perdeu o controle do avião, e andou a voar em círculos como uma ave ferida, apanhando uma quantidade de granadas anti-aéreas no aeroplano. Finalmente, a uns trinta metros acima da superfície do mar, recobrou o controle, ainda a tempo. E conseguiu regressar à base.—Doc, disse ele,—eu não sei que diabo foi que aconteceu. De repente comecei a suar e a tremer. Não sentia medo, mas parece que perdí toda a energia.

«Foi culpa minha, não do rapaz», concluiu o médico. «Se o tivesse obrigado a descansar, ele estaria ainda hoje voando tão bem como sempre. Assim, quase me vi com a responsabilidade da morte de nove homens, e sou o culpado da perda de um aviador. Porque ele não tornará a tocar num aeroplano. Ficou com os nervos arrebentados. Aquí está o que a «fadiga do aviador» pode causar, se o médico da esquadrilha não acudir a tempo.

«E' claro que os manhosos devem ser vigiados. Qualquer afecção do nariz ou ouvidos é bastante para fazer desembarcar um piloto. Às vezes um deles inventa uma dor plausivel. Se apuro a verdade, repreendo-o, e aconselho-o a

cumprir o dever. Outras vezes um piloto convence-se de que realmente tem qualquer sofrimento. E para esse tipo de pessoa o fato de não ser tratado devidamente será a significação de uma terrivel injustiça. Por isso dou-lhe uma pílula de açucar, que produz sempre o resultado desejado.»

Ouví por ocasião de uma refeição da esquadrilha vários elogios ao doutor. «Levamo-lo há dias, numa das nossas incursões aéreas,» dizia um rapaz. «Por signal que foi terrivel: o inimigo disparou contra nós tudo quanto tinha, e começávamos a sentir-nos um pouco receosos. Mas não o nosso Doc. De cada vez que uma granada rebentava perto de nós, ele exclamava: «Papagaio!» Parece-me que vamos crismar o nosso avião com este nome.» «Vocês deviam ter visto o Doc,» interrompia outro, «quando foi conosco, de licença, a Tal-Aviv. Como ele alvoroçava as moças.» Da extremidade da mesa ergueu-se a voz calma de outro: «Ninguem consegue enganar o Doc», disse ele com o ar um tanto desanimado. E todos concordaram, acenando solenemente com a cabeça, que se não pode embair o médico, com o que pareciam muito satisfeitos.

O médico de aviação tem que ter os conhecimentos mais variados de medicina, porque lhe aparecem na consulta os casos mais diversos, desde insolação ou ligeira disenteria até os ferimentos de combate ou de desastres. Adapta-se uma prateleira de bombas à cadeira operatória; não há água corrente, e o chão da barraca é de alvo cascalho. Mas tudo está limpíssimo. «Eu tenho doentes ideais, na verdade,» comenta o Doc, «a fina flor da nossa juventude. Mas estes rapazes crêem que a higiene é uma espécie de mania. Não fazem caso de talhos nem de inflamações, e neste clima é mau ser-se assim. Não usam os capacetes contra o sol, e esquecem-se da rede contra os mosquitos. Tenho que andar atrás deles continuamente.»

Quando há casos graves, evacuam-se imediatamente para um vizinho hospital de campanha. Se um aeroplano de bombardeio com feridos a bordo, anuncia pelo rádio a sua chegada, uma ambulância da unidade vai ao seu encontro, no lugar onde aterra. Se um dos rapazes foi ferido seriamente, o médico o acompanha durante o percurso, na ambulância, por motivos psicológicos. O rapaz conhece o médico da sua esquadrilha, e fica contente de sentí-lo junto a si. As Forças Aéreas prestam atenção a particularidades como essas.

Perguntei a um sargento-mor veterano o que pensava do novo sistema médico. «Dantes não costumavam animar-nos assim,» respondeu ele com aquela maneira com que falam os velhos sargentos. «Nós éramos rijos naquele tempo.» Depois acrescentou quase contra a vontade: «Mas eu preferia ser ferido agora do que naquele tempo.»

O hospital propriamente dito é um grupo de tendas ou barracas, numa alameda sombreada, bem espalhadas para não serem facilmente bombardeadas. Dão uma idéia da habilidade americana. Quando o visitei, tinham os médicos e enfermeiras construido o seu próprio teatro, protegido contra os mosquitos, e dissimulado contra ataques aéreos, com todos os restos de materiais que conseguiram juntar perto do campo. Fizeram mesas de lavar e estantes de pedaços de moveis que aproveitaram numa aldeia vizinha, que tinha sido destruida, e cobriram-nas com placas de mármore tiradas das ruinas de edifícios bombardeados. O aparelho de oxigênio é ale-

mão, os autoclaves para esterilização são italianos, objetos abandonados pelos cirurgiões do Eixo. A energia elétrica para iluminar durante as operações—um grupo de faróis de automovel—é fornecida por uma pequena unidade geradora movel. Mas, apesar de todos esses inconvenientes, os cirurgiões fazem excelente trabalho. Poucos homens, dos que têm conseguido voltar nos seus aviões, morreram de ferimentos. E os resultados obtidos pelo corpo de psiquiatras é igualmente lisonjeiro. Os casos de doenças mentais nas Forças Aéreas têm sido insignificantes, comparados com os da outra guerra, apesar do excesso de esforço exigido aos aviadores nos vôos de combate da guerra atual.

O nosso doutor tem vários deveres que serão aborrecidos para um médico da sua habilidade. Cumpre-lhe inspecionar continuamente as cozinhas e lavatórios. Não tem tempo nem espaço para se dedicar às suas predileções médicas. Às vezes sente saudades de casa; mas a regra, que permite aos aviadores visitar a familia após certo período de serviço, não o inclue a ele. Para se animar, vai pensando consigo mesmo que afinal está empenhado numa tarefa que poucos estarão preparados para cumprir. E diz a verdade.

O Gato... e o rato

¶ Andando numa das minhas habituais peregrinações, em busca de objetos para o meu bricabraque de raridades, entrei um dia na loja do antiquário Sam Cohen, onde já mais de uma vez tinha achado pechinchas bem boas. Tendo metido o nariz em todos os cantos, sem achar nada de interesse, já me ia encaminhando para a porta, quando, mesmo ao pé desta, reparei num gato que lambia o seu leite de um velho pires. De relance, notei logo que o pratinho era uma inestimavel antiguidade... E, na esperança veemente de que o Sam não houvesse feito reparo no valor do objeto, voltei-me e disse:

—Bonito gato que você tem aquí, Sam amigo. Quanto é que você quer por ele?

—Não vendo esse gato por menos de cinco dólares!

Paguei o preço, que era puxado, metí o gato debaixo do braço, e acrescentei:

—Acho que tambem vou levar o pratinho. Se calhar o bichano está habituado a comer nele...

—Isso é que não, fez Sam. —Não lhe posso dar o pires.

—Bem nesse caso eu lho compro.

—Oh não! Tambem não posso vender!

—Que bobagem, amigo Sam! Então porque é que você não pode me vender este pires velho?!

—Porque é graças a este pires velho que eu já conseguí vender nada menos de 139 gatos, tão bonitos como este...

Jules M. Smith

¶ *Interessantes instantâneos das brincadeiras a que se entregam os animais das selvas*

Divertimentos na floresta

(Condensado de «Frontiers»)

Por Archibald Rutledge

Quem vive no meio do mato como eu, tem frequentemente ocasião de surpreender os animais selvagens a brincar. Esses transportes de alegria estão muitas vezes ligados à exaltação do período de procriação, mas em outros momentos são apenas expressão de simples alegria de viver.

Certo dia saí da floresta ao cair da tarde para ir passear pela praia. Assim que a lua cheia começou a brilhar sobre o Atlântico, surgiu do arvoredo próximo um bando de veados. Ora, não há nada à beira do mar que sirva de alimento ou bebida a esses animais, e se lá vão à noite, há de ser com fito idêntico ao de qualquer de nós, isto é, apenas para apreciar o luar.

Com as cabeças levantadas e o porte altivo, eles se aproximam com passos leves e graciosos. Vejo agora o veado mais velho estacar diante de um tronco de árvore; com muita encenação salta três vezes por cima do obstáculo; uma pequena corça, que tambem quer mostrar suas habilidades, põe-se a fazer cabriolas e a dansar sozinha; outra, pulando graciosamente por cima de plantas rasteiras, executa lindos passos de dansa. Pouco depois, encaminham-se todos juntos para o mar; como crianças brincando à beira da água, fogem da onda quando esta vem subindo pela praia, para logo correr atrás da água que reflue.

Passeava eu um dia de madrugada pelo mato. Galhos de pinheiro cheirosos salpicavam-me de gotas frias de orvalho; o sol, coando suavemente o seu brilho por entre a neblina, transformava as clareiras da floresta em pequenas alcovas douradas. Parei para olhar em volta. Dentro em pouco ouví um frufrú de folhas úmidas e, por entre a névoa que se levantava, vi um faisão e duas faisoas. Não estavam procurando comida, mas apenas exprimindo sua satisfação. Abriam a cauda em leque, e enchendo as penas de ar, levantavam as asas de vez em quando, como para voar; passeavam assim, com pose, de um lado para o outro, ou então exibiam-se em graciosas piruetas. De brincadeira, as galinhas fingiam perseguir o galo; ao fim de algum tempo este voou para um tronco coberto de musgo e, inflando as penas do pescoço, começou a arrulhar docemente; não era o grasnar de desafio, mas um monólogo de contentamento.

Certos animais são tão noctívagos que é quase impossivel surpreendê-los a brincar; um desses é o esquilo-voador, um animalzinho verdadeiramente encantador. Dorme o dia inteiro dentro de sua toca, no tronco bem alto de uma árvore; mas ao anoitecer, antes de se pôr a procurar comida, já o vi fazendo proezas aéreas de pura alegria.

O pequeno acrobata salta de uma árvore bem alta, com as quatro patas estendidas de maneira a abrir as asas que lhe servem de paraquedas; desce então, numa curva larga, virando bruscamente para cima, antes de pousar noutra árvore. Enquanto voa assim, de galho em galho, tagarela alegremente para exprimir o seu prazer.

Não há dúvida que as manobras aéreas de certos pássaros são apenas uma forma de divertimento: as cambalhotas que dão os pombos, as acrobacias de certos falcões, o estranho vôo do ibis do mato que sobe verticalmente, em espiral, até perder-se de vista.

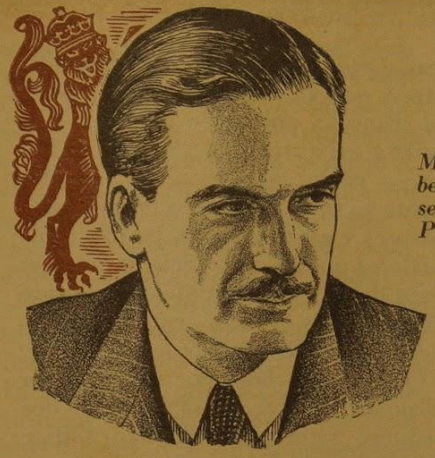
Encontrei, um dia, um bando de patos selvagens ocupados numa grande brincadeira. Como que obedecendo a um sinal qualquer, a um dado momento todos levantavam vôo, percorriam uma distância de uns cincoenta metros sobre o lago, e de repente mergulhavam com grande alarido, respingando água por todos lados. Daí a pouco repetiam a mesma manobra. Assim atravessaram o lago todo enquanto eu os observava. Ao chegarem à margem oposta, separaram-se e puseram-se a alisar as penas ou a procurar alimento. Mas daí a meia hora estavam de volta, na mesma estranha brincadeira.

Stewart Edward White, no seu livro «Speaking for Myself», conta o seguinte caso: «Quando estive no Alasca, há alguns anos, vi um dia três corvos a voar. Um deles levava no bico o que parecia ser um pequeno peixe; com umas batidelas de asa e um golpe brusco transferia o peixe do bico para as garras, e depois, repetindo a manobra, tornava a passar a presa das garras para o bico. Cada vez que o fazia, os dois outros voando em volta, davam gritos estridentes e procuravam atrapalhá-lo.

«Era extraordinária a precisão e rapidez com que executava a troca, mas acabou por fim deixando escapulir o objeto. Imediatamente, os dois outros desceram num mergulho e um deles conseguiu pegá-lo antes que caisse ao solo. Começou então a proceder da mesma maneira que o primeiro, enquanto os dois outros se esforçavam por que errasse a manobra.

«Daí a pouco estavam tão perto de mim que já podia distinguir o objeto com que brincavam: um pedaço de pau. Não se tratava pois de uma luta banal por uma iguaria apetitosa, era um brinquedo de «pique», de «quem-erra-sai», com regras definidas.»

Apreciar animais selvagens brincando só por prazer e alegria, faz-nos sentir a semelhança que existe entre nossa vida e a deles.



Herdeiro presuntivo de Churchill

Mussolini chamou-lhe um dia «o bobo mais bem vestido da Europa»; mas Anthony Eden se acha agora em linha para ser o próximo Primeiro Ministro da Inglaterra.

(Condensado da «Life»)

Por Noel F. Busch

Anthony Eden, o homem no. 2 do atual gabinete britânico, é um espécime clássico, até nos próprios defeitos, de uma Inglaterra que homens como ele tornaram grande. Numa espécie de plebiscito de carater privado, à moda dos que promove nos Estados Unidos o Instituto Gallup, e efetuado recentemente na Grã Bretanha, 45 por cento dos votantes indicaram-no para sucessor de Churchill. E este, no último inverno, colocou-o em rumo direto à chefia do governo, fazendo-o lider da Câmara dos Comuns, funções que, em tempos normais, incumbem no Parlamento ao Primeiro Ministro.

O episódio de que resultou para Eden a situação de relevo em que atualmente se encontra foi a sua sensacional renúncia em fevereiro de 1938, quando, em sinal de protesto contra a política de apaziguamento, abandonou o posto que ocupava no gabinete Chamberlain. As renúncias, por motivos de princípio, andavam fora de moda na vida política inglesa, e foi assim edificante que desse alguem uma prova de que estimava o valor das suas convicções em mais do que os vencimentos de 20.000 libras por ano, com que se remunera, na Inglaterra, o ministro do Exterior. Vieram depois os fatos, e justificaram, em toda a linha, as atitudes de Eden; as suas objeções à técnica de ir capitulando diante dos antagonistas, a sua fé nos aparelhos, nos pactos, criando a segurança coletiva, a sua devoção à liga das Nações como sendo a única máquina de que se podia dispor, em garantia da paz, não eram expressão de idealismo, porventura platónico, senão de agudo discernimento, quanto ao que se ia desdobrando.

É precisamente sob esse aspecto, o da clara visão das coisas, que a reputação de Eden, do começo da guerra para cá, só tem crescido de vulto, mercê da sua conduta em face dos novos fatos. Convidado em 1939 para fazer parte do gabinete, a princípio na pasta dos Domínios, em seguida na da Guerra, manifestou desde logo brilhante capacidade organizadora na adaptação e preparo dos serviços internos de defesa, durante a batalha de Inglaterra, ao tempo em que dava mostras de um alto senso estratégico, persuadindo o governo a despachar tropas para o Egito, isso em 1940, quando a idéia de concentrar forças contra a invasão da metrópole

absorvia todos os espíritos. Em 1941, voltou Eden ao seu antigo posto de ministro das Relações Exteriores, em substituição do Visconde Halifax, nomeado embaixador nos Estados Unidos.

Descrito, uma ocasião, por Mussolini, como «o bobo mais bem vestido da Europa», e ainda hoje, se bem que sem fundamento, largamente julgado um figurino, não pertence de fato Eden à classe leviana ou futil, mas, ao contrário, ao tipo sólido e sério de personalidade. Tem sido, por assim dizer desde o berço, um intelectual, um estudioso, ávido de conhecimento e informação; e é um espírito que se compraz em lidar com papéis oficiais, ainda que seja aos montões, para deles recolher, através de detido exame, a imagem dos fatos.

Quando não está trabalhando, gosta de conversar, ainda assim, sobre os seus assuntos de serviço, ou de pensar e excogitar a respeito dos que mais o interessam no momento. Seu atual programa de trabalho, que o traz ocupado dezesseis horas por dia, ajusta-se-lhe à perfeição.

Exceto em fins de semana, quando vai usualmente reunir-se à mulher numa pequena casa em Sussex, Eden dorme no seu gabinete, num minúsculo apartamento que arranjou no pavimento superior, e que, ao tempo de Lorde Halifax, servia de sala de recepção. Por volta das 9 da manhã, depois de, durante o primeiro almoço, passar a vista no *Times* e nos comunicados telegráficos recebidos durante a noite, sai a um rápido passeio pelo Parque St. James, alí perto. Em seguida, depois de uma ou duas horas à mesa de trabalho, segue para o seu outro gabinete, na Câmara dos Comuns. Aí, tira um pouco os óculos, faz com as pontas dos dedos uma pequena massagem nas sobrancelhas, e passa a anotar, de testa franzida, papéis que alí encontra à sua espera. Se chamado, porem, ao plenário, já é outra a sua aparência. Afavel, com um sorriso para todos, senta-se languidamenta ao lado da mesa do *speaker* (presidente), e estira as longas pernas, ocultando os pés em baixo dela, o que não deixa de ser de certa utilidade, porque não usa ligas, e nem sempre tem as meias devidamente em ordem.

Quando, em hora por via de regra adiantada da tarde, deixa a Câmara dos Comuns, retorna ao Foreign Office (Ministério do Exterior), e aí permanece em atividade até pelas oito da noite. Não será então de estranhar que jante com um amigo num hotel, ou no seu clube, um tanto sombrio, o Carlton. Em seguida, muitas vezes, vai a uma reunião do gabinete, do outro lado da rua. Sua posição no governo é especial, de alguma forma privilegiada. Não será facil dissuadir Churchill, quando discute em abono de um dado ponto de vista. Há de ser preciso mais de um para lhe refutar os argumentos. Eden, sendo, entre os aliados do Primeiro Ministro, o que lhe é mais chegado, e o que maior confiança lhe inspira, vê-se não raro obrigado a assumir a liderança de uma espécie de coalisão, intra-gabinete, contra o chefe. Terminada a reunião, faz o serviço que será talvez o mais importante do dia: palestra a sós com Churchill; e, como este não é amigo da cama, resulta ser frequente que a conversa se prolongue até três, e mais, da madrugada.

Habituado a tratar, há longos anos, com Churchill, adquiriu uma habilidade sem par nessa arte que reclama não pouca sutileza. Quando o Primeiro Ministro regressou de uma das suas visitas aos Estados Unidos, trouxe um

daqueles drásticos programas, à moda «churchiliana», para estabelecer a concórdia entre De Gaulle e Giraud. Eden, que gosta de manejar tais problemas, delicados por sua natureza, segundo os seus próprios métodos, foi ao encontro de Churchill na África do Norte, e desviou-lhe a atenção das coisas diplomáticas para a inspeção de tropas.

O jeito de Eden para lidar com temperamentos assomados, como o do seu chefe atual, pode ser ligado a circunstâncias da sua primeira infância. No curso dos 500 anos de que há registo da família Eden, dela sairam homens que alcançaram situações de prestígio, entre os quais, por exemplo, Lorde Baltimore e Lorde Auckland; nunca, porem, um do tipo do progenitor de Anthony. Sir William Eden, secundário como pintor, era entretanto um atirador exímio, um pugilista amador capaz de levar de vencida os melhores profissionais da sua época, e um respeitaval quebrador de louça, para não dizer um estouravergas. Dono de cães de caça, não participava do sentimentalismo de sua geração no que tocava às crianças, que antes parecia detestar, sobretudo pelo barulho que faziam, e daí a rispidez com que as tratava.

Os efeitos que sobre um menino da delicadeza de Anthony causaria o contacto de um pai de modos assim tão vivos, não será dificil imaginá-los. Cresceu ele retraido, tímido, pensativo, e suas cartas de Eton para casa dão conta dos esforços que empregava para sobrepujar os companheiros, antes em estudos que em atletismo.

Deixando a escola aos dezoito anos, alistou-se no Corpo de Fuzileiros Reais. Promovido a segundo-tenente, seguiu para a França em 1916. Pela altura de 1918, era o mais jovem dos capitães no exército britânico, e, por se haver arrastado, debaixo de fogo de metralhadora, pela «terra de ninguem», para salvar um soldado ferido, recebera a Cruz de Guerra.

Assim, só depois de finda a conflagração foi acabar de educar-se na Universidade de Oxford, onde conquistou os maiores graus em línguas orientais. Alí tambem foi que se fixou no propósito de, uma vez terminado o seu curso, entrar a exercer atividade política.

Equipado com um bom cérebro, clara visão, e um grande interesse pelos negócios públicos, não custou a atrair a atenção, logo que eleito para o Parlamento. Em 1931 dava-lhe Stanley Baldwin o posto de Sub-secretário Parlamentar dos Negócios Estrangeiros; em 1935, tornava-se Ministro sem Pasta para a Liga das Nações, e meses depois era feito Ministro da Relações Exteriores.

Instalado num velho e escuro edifício de Downing Street, defronte do famoso No. 10, onde está o Primeiro Ministro, o Foreign Office inglês tem a seu serviço mil e trezentos funcionários civís, dos quais os mais graduados, cerca de duzentos, respondem pela parte propriamente administrativa. As mensagens procedentes das embaixadas e legações britânicas, em toda parte do mundo, circulam entre estes últimos, sob a forma de «minutas», em caixas de marroquim vermelho e azul; e, desde que estejam suficientemente informadas, são respondidas, e tomam então caminho dos arquivos, onde passam a ter o nome de «papéis enterrados». O processo, no conjunto, pode parecer deficiente, e até irracional; não é todavia de outro modo que a Inglaterra, desde muito, vem tomando para si, no mundo, a parte do leão.

Em tal meio, Anthony Eden, estaria no seu elemento. Alí, estudando ininterruptamente no intervalo das duas guerras, colheu o conhecimento, verdadeiramente extraordinário, que tem das coisas da Europa. Sua confiança na «diplomacia direta», com os membros responsaveis dos governos a tratar uns com os outros face a face, resultou de ter observado: primeiro, que, nos governos de um só homem, é inutil trocar impressões com qualquer outro, senão com o maioral; segundo, que, com os modernos meios de viagem, os entendimentos pessoais são perfeitamente praticaveis.

Teve assim ensejo, duas vezes, de avistar-se com Hitler, mas os seus atos de maior relevo, na diplomacia que preconiza, foram as conversas que travou com Stáline e Mussolini. Se o desfecho, quanto a este último, foi um desentendimento sem reservas, caso único, aliás, na carreira diplomática de Eden, o contacto, ao contrário, com o primeiro, constituiu o passo inicial da aproximação, que, a despeito da pausa ocorrida em 1939, hoje se está mostrando de tanto alcance. As duas visitas, a Moscou e a Roma, são, de qualquer modo, um exemplo da sua nítida compreensão das principais correntes, no momento, da política européia; mas, atrás de tais dramáticos incidentes, estavam anos e anos de paciente estudo em Whitehall (o edifício do Foreign Office), e muitos meses de convívio atento com todos os diplomatas, inclusive os de menores responsabilidades, que se reuniam em Genebra. Ninguem melhor que ele se inteirou das particularidades, ainda as mínimas, que não devem ser ignoradas por quem quer que se proponha promover a paz e, estabelecer a vida internacional em bases sólidas de cooperação e entendimento duradouros.

Durante anos têm figurado entre os melhores amigos de Anthony Eden o embaixador dos Estados Unidos na Inglaterra, John G. Winant, e M. Maisky, antigo embaixador da Rússia, tambem em Londres, e hoje Vice-Comissário dos Negócios Estrangeiros em Moscou.

A ligação de Eden com Maisky tem importantes aspectos, assim políticos como diplomáticos. Do mesmo modo que Churchill é considerado o chefe do departamento de solidariedade anglo-americana, a Eden se atribue posição semelhante, no que concerne ao entendimento anglo-russo. Stáline, que disse a respeito de Sir Stafford Cripps: «Enfastia-me com toda a sua loquacidade acerca de socialismo,» considera Eden um típico aristocrata inglês, com quem se sabe exatamente onde está, e que é, alem do mais, um trabalhador infatigavel.

Até aquí, Anthony Eden tem, de alguma sorte, guardado uma compreensivel reserva relativamente às conclusões a que vai chegando, quanto aos meios de pôr a andar em devida ordem, após a guerra, o relógio europeu. A melhor síntese do que, de modo geral, admite sobre o assunto, deu-a em recente discurso: «Nenhum de nós poderá escapar, ainda que o queira, de modificações revolucionárias. Quanto a nós, só há um caminho seguro, através do labirinto das complicações de após-guerra: é o de confiarmos em nós mesmos como nação, e nos nossos deveres e responsabilidades como potência do mundo, e para o mundo. Se nos deixarmos inspirar por esse senso de missão, de cooperação com os nossos aliados, grandes e pequenos, tudo será mais facil.»

Retalhos do drama cotidiano

Por
Dorothy Canfield Fisher

—VI—

Quando eu era menina, moramos por alguns anos no centro dos Estados Unidos, numa cidade universitária onde meu pai exercia o magistério. Minha mãe veio a saber que um seu primo de segundo ou terceiro grau era fazendeiro na vizinhança. Os Burt não se orgulhavam lá muito daquele membro da família, pois tinha fama de ser um sujeito exquisitão e insuportavel, bastante inteligente, diziam os vizinhos, mas positivamente com «uma telha de menos».

Depois da morte da primeira mulher, casara-se com uma moça muito mais jovem do que ele, a quem o velho fazia passar uma vida triste e afanosa; de vez em quando ele desaparecia, não se sabe para onde, deixando-a semanas a fio, sozinha, a braços com os encargos da fazenda.

Meus pais às vezes me levavam com eles no cabriolé da família quando iam à fazenda dos Burt, de onde voltavam trazendo ovos, legumes e frutas, alem de novos detalhes, que eu ia ouvindo, das ruindades do parente.

Numa dessas visitas soubemos que, com a irresponsabilidade do costume, o Burt havia desaparecido. A mulher acusava-o com indignação: «Eu sei muito bem quando ele começa a pensar em cair fora e me deixar fazendo todo o serviço na fazenda; vai ficando cada vez mais enfezado até chegar a um ponto que nem um santo poderia aguentá-lo sem perder a paciência. Quando tiver acabado a raiva, ele volta, magro como um bacalhau seco, com a roupa toda esfarrapada, sujo, feito um maltrapilho.»

Depois disto, lembro-me de ter ouvido dizer que afinal quem tinha «dado o fora» era a mulher do Burt—coisa muito rara naqueles tempos. A cidade vizinha onde passara a morar era um bom centro comercial e, às vezes, quando íamos fazer compras, encontrávamo-nos com ela. Parecia agora outra pessoa; começara com um empreguinho mal pago numa fábrica, mas, graças a sua capacidade de trabalho e jeito para lidar com as outras empregadas, foi rapidamente melhorando de posição. Transformara-se numa mulher bonitona e bem vestida, sem o menor traço da fazendeira magra, amargurada e de roupas grosseiras que conhecêramos.

Lá na fazenda o velho Burt estava cada vez mais desleixado e macambúzio. Continuava a desaparecer sem mais nem menos. Durante suas escapadas, os vizinhos, com pena, lá iam ordenhar as vacas e soltar cavalos e criação para que se alimentassem como pudessem. Os fazendeiros da redondeza, ao se encontrarem com a senhora Burt na cidade, comentavam: «A senhora fez muito bem em deixá-lo; quem é que podia viver com aquele maluco.»

Algum tempo mais tarde vieram contar-lhe mais novidades. Parece que o velhote dera para fazer tais excentricidades, que os vizinhos pediram ao médico da zona que arranjasse um pretexto qualquer para ter uma conversa com ele. A conclusão do médico foi que o

homem sofria de uma forma branda de loucura; as crises vinham por ciclos, durante os quais ele se ia aos poucos afastando da normalidade até ficar inteiramente fora de si, e sair andando a esmo durante dias. Quando acordava daquele transe, regressava a penates.

A senhora Burt ouviu tudo sem dizer palavra. Dentro de alguns dias largava o bom emprego, os vestidos finos, o conforto da cidade, para retornar à vida árdua da fazenda, junto do marido doente. Pôs-se logo a limpar a casa até a deixar como um brinco, a preparar as comidas prediletas do marido, e a cuidar dele, até que ele começou a perder aquele ar desvairado.

Um dia, de repente, *ambos* desapareceram.

Ouví depois minha mãe contando o caso a meu pai. Assim que a senhora Burt percebera os primeiros sinais de irritação e malancolia que sempre precediam as crises, propôs imediatamente: «Que é que você acha da idéia de darmos um passeio até o município vizinho? Eu fiz aquelas bonecas de palha de milho que poderia ir vendendo pelo caminho, e assim ganhar algum dinheiro.»

Combinara ela previamente com o filho de um vizinho para que viesse tomar conta da fazenda na ausência deles; a carroça estava preparada para servir de condução e abrigo, com um bom colchão de palha e um toldo de lona esticada. Só lhe foi preciso apanhar mantimentos e cobertores, e dentro de meia hora estava ela sentada no banco do carro, chamando o marido, e pronta para partir: «Está tudo pronto. Vamos embora! Eu vou guiando os cavalos. Uma mudança de ar vai nos fazer muito bem.»

Assim se puseram a caminho. Desta vez, ao se anuviar o juizo do pobre homem, não estaria ele mais andando a esmo pelas estradas, sem comer, cambaleando de cansaço, dormindo pelos campos onde lhe caisse o corpo exhausto; levava agora a casa consigo. A mulher, ativa e enérgica, guiava a carroça de fazenda em fazenda, cantando cantigas do tempo antigo pelas estradas fora, enquanto o velho, indiferente a tudo, se deixava ficar ao seu lado, ou então jazia inerte dentro da carroça.

Ela obrigava-o a comer regularmente, protegia-o do frio e da chuva, tendo até aprendido a fazer-lhe a barba. Num instante vendeu as bonequinhas de palha, e com o dinheiro comprou utensílios de casa que revendia nas propriedades distantes, recebendo em pagamento os produtos das próprias fazendas. Depois de tirar o necessário para o sustento, vendia o que sobrava na cidade. Quando as pessoas olhavam com curiosidade para o velho sorumbático e mudo, ela dizia: «Meu marido hoje não está se sentindo muito bem.»

Assim viveram durante três semanas, e quando a carroça passou de novo pela porteira da fazenda, era agora ele que tinha as rédeas na mão, limpo e barbeado, com o olhar lúcido e normal; ao seu lado estava a mulher com as mãos cruzadas sobre os joelhos, e o ar de obediência passiva, próprio às boas esposas daquela época.

Creio que assim viveram muito tempo, e a última lembrança que tenho dos Burt é de uma cena que hoje, cincoenta anos mais tarde, ainda me está vívida na memória. Andaria eu pelos meus treze para catorze anos, quando fui um dia com minha mãe buscar ovos na fazenda.

A senhora Burt estava amassando pão, e eu, sentada no chão, brincava com uns gatinhos em frente ao fogão da cozinha, enquanto ouvia a conversa.

E ouví-a dizer: «Eu não gosto muito de estar falando sobre estas coisas, mas como você é parenta,» e parou para borrifar um pouco de farinha na tábua. «Eu acabei percebendo que, quando vinha um ataque daqueles, a melhor coisa que podia fazer era largar tudo, e meter-me pela estrada com ele. Parece que gostava de me ter junto. A impressão que dava era de que tinha qualquer coisa atrás, a perseguí-lo, mas que não podia pegá-lo se estivesse andando. O barulho das rodas como que o ajudava a sentir que estava fugindo daquela coisa que o atormentava. Ando com o carro até altas horas da noite e não paro enquanto ele não dorme. Quando acaba o ataque, ele fica bom de novo, e nós então voltamos para casa. A fazenda não rende lá muito deste jeito, mas dá para vivermos.»

Lembro-me que minha mãe ficou profundamente emocionada, com lágrimas nos olhos, e foi com a voz embargada que procurou exprimir sua admiração: «Nós todos achamos que o que você faz por ele é muito alem de sua obrigação, é uma coisa que ninguem...»

Ouví então uma frase que não seria jamais esquecida, uma frase calma, completa e perfeita, com uma sonoridade tão profunda que até hoje lhe escuto os ecos longínquos. A fazendeira deixou minha mãe terminar a frase, emocionada de admiração, e, tendo parado para pôr a massa de pão no forno, disse com serena simplicidade: «Ora, afinal de contas ele é meu marido, não é?»

Monumentos

Uma mulherzinha andava cavando em frente da sua cabana escalavrada pelos anos e o mau tempo, quando um vizinho parou perto e disse:

—Effie May, não está bonito vosmecê andar aí a cavar, hoje que toda a gente sabe na terra que vosmecê recebeu uma carta do governo a dizer que seu filho Jim morreu lá numa dessas terras da estranja. Não está direito vizinha!

Effie May fitou o vizinho com os olhos baços:

—Amigo, eu sei que você tem boa intenção, mas não entende. Esta terra era do meu Jim, e eu sei que lhe alegrava a alma ver crescer a verdura por aquí, porque assim ele sabia que à sua mãe e aos pequenos não faltariam meios. Esta é a enxada dele, e andando aquí a cavar, até me parece que sinto as mãos dele debaixo das minhas, no cabo, e ouço a voz dele que me diz: «Assim é que é, mãe, assim é que é...» Eu cá não posso comprar uma bonita pedra prá campa do meu Jim. Trabalho, e não lágrimas, é a única placa que eu lhe posso oferecer... De modo que, se o vizinho não vê inconveniente, eu fico chorando meu filho à minha maneira...

Don Blanding

Lições da última guerra que são advertências para hoje

A maior falcatrua da História

(Condensado de «Lessons from My Life»)

Robert Gilbert Vansittart

Não há na história exemplo de ato comparavel ao roubo das Reparações alemãs após a primeira Guerra Mundial. Este caso mostra claramente a que ponto a humanidade se havia habituado a ser enganada pela propaganda alemã. A Alemanha, não só havia persuadido um mundo demasiado crédulo de que não podia pagar as indenizações da guerra, mas ainda se deu a aparência de martir da injustiça, cercando-se de quase uma auréola.

É verdade que nos anos logo após a guerra a nação passou por grandes sofrimentos; a causa destes, porem, não eram as Reparações, mas a guerra feita *sem razão* e *completamente perdida*. Alem disso, o seu sofrimento dos primeiros tempos não foi de longa duração, e, antes mesmo de serem finalmente abolidas as Reparações, a Alemanha já não estava sofrendo, antes pelo contrário, sob muitos aspectos, sofria menos que as suas vítimas.

Eis aquí os cinco pontos principais desse episódio extraordinário: 1. A Alemanha intencionalmente precipitou o mundo na selvajaria. 2. O mal praticado foi irreparavel. 3. A Alemanha não fez uma só tentativa sincera para o reparar. 4. Ao inverso, lançou mão dos mais espantosos subterfúgios. 5. Esses subterfúgios foram coroados pelo triunfo completo da fraude e da má fé.

Os aliados praticaram o primeiro erro, ao pretenderem forçar os alemães a pagar o máximo das indenizações pelas devastações que fizeram, fixando muito alto o montante das reparações. Esta avaliação não era naturalmente demasiado elevada do ponto de vista da justiça—a quantia realmente fixada de 6.600 milhões de libras esterlinas era apenas um quarto do que a guerra havia custado aos aliados—mas por considerações de ordem prática. Esse erro teve graves consequências, pois deu à propaganda alemã o ensejo de uma grande orquestração.

Entretanto, um acordo viavel poderia ter sido encontrado, se a nação alemã tivesse mostrado o mais leve remorso pelo horror e pelos sofrimentos que havia infligido ao mundo, ou se tivesse sentido o menor desejo de se corrigir. O povo alemão, pelo contrário, apenas sentiu a tentação de defraudar as suas vítimas vitoriosas. Estava resolvido a pagar o menos possivel e a protestar o mais que pudesse. Não reconhecia seus pecados, e assassinava alguns dos próprios cidadãos que tentaram lembrar certos fatos aviltantes e inconvenientes.

O problema imediato que, então, se apresentava aos alemães era o de como melhor enganar. E assim, meteram mãos à obra com método. Viram, muito antes de Hitler, que as grandes mentiras são mais faceis de ser acreditadas do que as pequenas. Pretenderam que estavam pagando muito mais do que realmente o faziam, e lamentavam-se em altas vozes, continuamente. Isto exigia apenas a convicção na ilimitada credulidade da parte dos roubados—o que realmente constitue a base de todas as grandes ladroeiras.

A quantia que, na realidade, os alemães pagaram foi calculada em 1.038 milhões de libras esterlinas pela Comissão de Reparações, e foi paga em prestações durante vários anos. Deste total, apenas 253 milhões foram pagamentos feitos em dinheiro, sendo o saldo representado por pagamentos em gêneros. É de notar que só a reconstrução do norte da França custou 830 milhões de esterlinos, que, naturalmente, tiveram que ser pagos principalmente pela França. A infeliz Polônia não recebeu coisa alguma. A farsa das Reparações torna-se clara quando se verifica que a restauração da Bélgica e de outros territórios devastados tambem teve que ser tirada das magras indenizações pagas pela Alemanha.

De fato, a Alemanha não se desincumbiu de uma parte consideravel das Reparações que, pelo Tratado de Versalhes, se havia comprometido a pagar. Concientemente, resolveu que as suas vítimas deveriam enfraquecer-se efetuando o próprio pagamento dos danos, ao passo que ela se conservaria o mais forte que fosse possivel, afim de se preparar para a guerra de vingança que já estava planeando. Pretextou que estava falida devido ao excesso das indenizações. Entretanto, para completar o preparo do seu segundo crime—a guerra atual—gastou, de acordo com as suas próprias declarações, oito bilhões de libras esterlinas—cerca de oito vezes o que lhe custaram as Reparações do primeiro atentado.

O jogo alemão consistia em dar vulto aos seus sacrifícios ilusórios, elevando-os a dimensões impossiveis. E isso era facil: contavam como Reparações tudo o que haviam perdido. Assim, por exemplo, reclamaram como crédito de «Reparações» os navios que perderam durante a guerra. Incluiram até a própria esquadra que eles mesmos afundaram em Scapa Flow, debitando os Aliados em 67 milhões de libras nesse item.

Veja-se alem disto, o caso das minas de carvão do Sarre, que os Aliados tomaram da Alemanha como compensação pela inundação proposital das minas de carvão da França—vileza que teve por fim anular a concorrência francesa. Em 1913, o Ministro das Finanças da Alemanha tinha avaliado essas minas em 300 milhões de marcos ouro; entretanto, por ocasião das Reparações, os alemães tiveram a audácia de avaliá-las em 1.208 milhões.

Conseguiram eles isso? Conseguiram ainda muito mais, pois em 1935 receberam de volta, por 140 milhões de marcos ouro, a inteira propriedade do Estado do Sarre, da qual as minas constituem apenas uma parte. Qual a razão de tal caridade em favor de trapaceiros? É que durante quinze anos o mundo passara a ouvir falar nos «pobres alemães».

Mas não para aí a farsa das Reparações. Entre outras coisas espantosas que a Alemanha incluiu como parte dos seus pagamentos de Reparações havia: o valor das colônias, o custo do desarmamento, a destruição das fortalezas, a transformação da indústria de guerra em indústria de paz. Tudo isto não eram Reparações; eram simplesmente as perdas inevitaveis de um agressor

LORDE VANSITTART, cuja vida foi inteiramente dedicada ao serviço diplomático inglês, exerceu o cargo de Sub-Secretário perpétuo do Foreign Office, no período de 1930 a 1938.

derrotado. Entretanto, o mundo sempre deu ouvidos à versão alemã e acreditou que a nação estava arruinada. Tal era o poder da propaganda.

Olhemos mais de perto essa Alemanha «arruinada» pelas Reparações que não pagou e que nunca teve a intenção de pagar. Meditaram alguma vez os ingênuos no fato de que a inflação de 1923 varreu praticamente a dívida interna alemã, ao passo que a Grã-Bretanha carregava uma dívida de sete bilhões de libras e a França uma dívida de 250 bilhões de francos? Algum dia souberam eles que entre 1924 e 1939 a renda nacional alemã era 50 por cento e, às vezes, 75 por cento maior que a dos anos anteriores à ultima guerra? Nesses anos de «penúria» o alemão individualmente estava, pois, ganhando mais do que nos dias de fartura da paz sob o império do Kaiser Guilherme II.

Em 1925 a renda nacional alemã já era 60 por cento mais alta do que antes da guerra, e o Governo estava habilitado a conceder enormes subvenções às indústrias, que iniciaram um grande programa de modernização e reformas. Cinco anos mais tarde as exportações da Alemanha ultrapassavam, pela primeira vez, as dos ingleses, começando ela a exibir aos viajantes estrangeiros, gabando-se, as suas novas e magníficas construções, rodovias, navios, fábricas, e quanta coisa mais.

A Alemanha «arruinada», na verdade, prosperava e gastava, ao passo que os vitoriosos cobravam-lhe em vão as contribuições reduzidas, destinadas à reconstrução das regiões que ela havia devastado. Dentro de pouco tempo estavam eles emprestando dinheiro ao devedor para que este lhes pagasse. A Alemanha bateu todos os recordes em matéria de empréstimos. Recebeu 1.500 milhões de libras esterlinas em empréstimos e créditos dos seus antigos inimigos, seis vezes o montante de Reparações que havia pago em dinheiro.

Em 1929 tinha pago 130 milhões de libras em dinheiro, depois de dez anos de discussões,—60 por cento menos do que a indenização que lhe foi paga pela França, dentro de dois anos, após 1871.

Houve um suspiro de alívio quando vieram a findar as Reparações. Se estas tivessem continuado ainda por muito tempo, os vencedores poderiam estar a pagar à Alemanha, que se vinha tornando muito arrogante. Entretanto, tal era a força da propaganda alemã que o mundo estava persuadido de que o Tratado de Versalhes era *inteiramente* indefensavel e que as Reparações não haviam deixado à vencida outra alternativa senão a de se atirar aos braços de Hitler. Poucos se recordarão de que as Reparações haviam sido anuladas um ano antes de Hitler assumir o poder.

Os melhores cérebros da Alemanha viram que, se esta pelo menos pudesse contrair *bastantes* empréstimos nos Estados Unidos, obteria um exército de portadores de títulos interessados no seu destino, e que estes portadores, afinal, a auxiliariam a anular as Reparações, afim de salvar o dinheiro aplicado.

Alguns dos primeiros empréstimos foram feitos às grandes firmas alemãs fabricantes de armamentos—dez milhões de dólares a Krupp, e doze milhões a Thyssen. Aqueles bons alemães não tinham matado um número suficiente de bons europeus, de modo que era preciso abastecê-los de novos instrumentos de guerra.

A armadilha imediata foi o brado de que as dívidas «comerciais» só poderiam ser pagas, se se suspendesse a

cobrança das Reparações—nas quais os Estados Unidos não tinham qualquer interesse. Todos os meios de estabelecer sobre o caso um juizo seguro e imparcial tinham sido neutralizados pela argúcia e tenacidade da propaganda germânica. Os alemães, eles próprios, sentiam-se admirados do seu êxito: a formidavel trapaça corria de vento em popa. Em lugar de indignar-se, toda a gente, muito ao contrário, se dispunha de bom grado a ser enganada outra vez. Tanta ingenuidade servia os interesses alemães, e eles passaram tambem a lograr os credores «comerciais», embolsando por essa via outro bilhão de libras. Foi assim que se rearmaram para a sua próxima guerra.

A narrativa do incrivel episódio não pode ser concluida sem que se faça alguma referência ao que veio depois ocorrer, durante a nova catástrofe que a Alemanha, restaurada pelo processo aquí exposto, desencadeou sobre o mundo: o estado trapaceiro impôs às nações que conquistou uma contribuição anual de um bilhão de libras em dinheiro de contado—o que representa o quádruplo, em um ano, do total que pagou em dinheiro, durante doze anos, a título de Reparações, após a última guerra. Isso sem falar no roubo, em grosso, de todas as naturezas, que as ditas nações sofreram; nas interminaveis procissões de automoveis de carga e trens de ferro, que delas transportaram para o Reich quanto material e mercadoria caiu nas mãos do invasor.

Poderemos evitar que a Alemanha ludibrie de novo a humanidade? Não o faremos jamais, se insistirmos na velha utopia dos «bons alemães». Os «bons alemães» estiveram no poder depois da última guerra, e se uniram desde logo aos militaristas e à indústria pesada, aos quais, uns e outra, caberia promover o rearmamento para o seguinte assalto.

Já se vão formando, em nosso meio, certos núcleos de simpatia pela Alemanha vencida. Tende, pois, a história a repetir-se. «Desta vez, não haverá Reparações,» é uma das frases que surgem. Daí não irá muito para dizer que tão pouco haverá restaurações. Alemães e germanófilos não vacilarão mesmo em sugerir que a Alemanha deve guardar, quando mais não seja, uma parte do produto dos saques a que andou submetendo os paises que ocupou.

Se semelhante doutrina viesse a ser aceita, os alemães teriam ganho a guerra. Eu insisto em acentuar que se impõe dar um preço à agressão, e este preço, há de pagá-lo o agressor. A Alemanha deve ser despojada inteiramente do fruto das suas rapinas, assim como desarmada. Seus sofrimentos, após a última guerra, foram, em grande parte, simulados; nada que se possa comparar ao que têm sofrido outros povos. Não nos deixemos engabelar outra vez.

¶ Há dois ultrajes que nenhum ser humano pode suportar: um é a afirmação de que ele não tem senso de humor; o outro, a asserção duplamente impertinente de que ele nunca conheceu dificuldades.

Sinclair Lewis, *Main Street*

O que a S.A. Falk tem conseguido «por se preocupar com os homens das suas oficinas»

Cincoenta anos sem uma só greve

(Condensado da «Future»)

Por Jack Stenbuck

MESMO para um casal felizmente unido, cincoenta anos são um espaço de tempo consideravel para se viver sem ter tido uma só divergência. Muito mais notaveis, nestes anos de greves de braços caidos ou demonstrações violentas, são o patrão e os operários duma fábrica, que possam gabar-se de ter passado meio século sem uma disputa.

A Sociedade Anônima Falk, de Milwaukee, celebra as suas bodas de ouro, orgulhosa dos aperfeiçoamentos que fizeram dela a maior firma do mundo na produção de engrenagens propulsoras, e não menos orgulhosa da harmonia que reina entre os 3.500 tchecos, polacos e suecos, os brancos e pretos, homens e mulheres, novos e velhos nascidos aquí que formam a sua família operária.

Fabricam esses operários, entre outras coisas, gigantescas engrenagens que propulsionam os porta-aviões dos Estados Unidos da América do Norte, e chegam a trabalhar 64 horas por semana, incluindo domingos e dias feriados. Não existe alí o problema das faltas.

A satisfação do pessoal não é devida, nem a vistosas gratificações, nem a qualquer complicado sistema de pensões. Os salários não diferem dos de qualquer fábrica semelhante de Milwaukee. Mas os operários gostam do contacto familiar de Harold S. Falk, que é um «presidente em mangas de camisa», e de seu filho, o alegre e entusiástico Dick.

Por exemplo, na Fábrica Falk um homem de quarenta anos encontra sempre oportunidade de trabalhar, até um número surpreendente de pessoas de 50 têm sido contratadas. Quando um operário envelhece demais para o seu emprego, é mudado para qualquer outro, e geralmente não sofre diminuição de horas de salário. Os operários antigos dizem que esta oportunidade de continuar no serviço ativo é mais importante do que qualquer plano de reformas e pensões que se tenha projetado. Os mesmos Falk nos dirão que isso é tão humano como tomar conta do nosso próprio avô.

Segundo os seus princípios, é apenas natural que quando Sam, o preto ajudante do fogueiro, ou Tony, o fundidor polaco, adoecem e vão para o hospital, um dos diretores arranje tempo para lhes fazer uma visita cordial. Casamentos e batizados têm sempre a assistência de um dos membros da família Falk.

Aos seus três filhos,—Harold, gerente geral, Louis, engenheiro-diretor, e Dick, chefe de relações industriais,—o velho Harold Falk tem pregado sempre: «Quando um patrão atravessa a sua fábrica sem receber um sorriso amigavel dos seus operários, é porque há qualquer coisa de errado na sua gerência.» Harold Falk não só recebe sempre esse sorriso, mas até frequentemente lhe dizem: «Como vai, seu Harold?» Por sua vez, ele diz que sabe o nome de cada

um dos seus operários. E quando Tony e Mike, negros de suor e de poeira, se sentam em frente das suas máquinas, ou à mesa do refeitório, para almoçar, não é raro que o patrão se sente ao lado deles, tomando parte na refeição e na animada palestra.

«Mesmo quando éramos novos,—explica Dick Falk—meu pai costumava dizer que um de nós devia vir para a fábrica, mas como alguma coisa mais do que um simples engenheiro; que um de nós deveria ocupar-se, mais do que os outros, dos operários das nossas oficinas.» Assim, desde que Dick Falk saiu da Universidade, a maior parte dessa responsabilidade recaiu sobre ele; e teve um êxito tal que, há três anos, foi indicado pela Câmara juvenil de Comércio para receber o prêmio anual concedido à pessoa de Milwaukee, com menos de 35 anos de idade, que tenha feito mais pelo seu semelhante durante o ano anterior.

As idéias de Dick sobre relações industriais são generosamente condimentadas com doses de exercícios desportivos para os homens e mulheres da fábrica. «Se os exercícios desportivos são importantes para a juventude das escolas, por que razão o não devem ser igualmente para a juventude das fábricas?» pergunta Dick. «Um programa esportivo pode ensinar boa camaradagem, lealdade esportiva e firmeza moral entre os operários, como entre os estudantes. E a necessidade disso é ainda maior aquí.»

Ele crê que boa parte das dificuldades suscitadas nas fábricas são obra de inquietos elementos jovens, muitos deles vindos diretamente das escolas, onde atraíam muitas atenções nos jogos atléticos. Isso fazia com que se sentissem importantes; ao passo que depois, nas oficinas, como obscuros dentes de uma roda de engrenagem, se tornam azedos, e murmuram, causando muitas vezes uma atmosfera de irritação.

Na Falk, a transição da escola para a fábrica é atenuada por uma série de distrações devidamente organizadas. Há grupos de futebol, basquetebol, beisebol, voleibol, etc. Há tambem clubes fotográficos, numismáticos, filatélicos, dramáticos, de atiradores, uma orquestra e uma banda musical.

Haverá umas quinhentas mulheres, muitas delas mães ou irmãs de empregados chamados ao serviço militar, e que vieram substituí-los nos respectivos lugares. Foi necessário, por isso, organizar tambem recreios para as mulheres.

Dick escreve com extraordinária regularidade a cada um dos quatrocentos empregados atualmente no Exército. Eles tambem lhe escrevem, mandam-lhe lembranças, trocam com ele a respeito disso ou daquilo, pedem-lhe para telefonar a «Mamãe», ou perguntam-lhe que tal desempenha «essa minha irmã o meu lugar»? Nenhuma carta começa por «Sr. Falk». Tratam-no sempre de «caro Dick».

Ninguem é despedido sem que Dick ouça primeiro o operário acusado e o capataz acusador. E, mesmo assim, na maior parte dos casos, Dick procura colocar o homem em qualquer outra parte. Os que saem voluntariamente da Falk, podem sempre voltar. A comparação feita por eles, entre as condições de trabalho nas outras fábricas e nas da Falk, exerce boa influência sobre os outros empregados, pensam os Falks.

Tanto estes como os seus empregados se sentem igualmente orgulhosos do fato de que as faltas por todas as causas, incluindo acidentes e doenças, dá uma média de 4% apenas.

Herman Falk, tio de Harold, o fundador da empresa, deixou a fábrica de cerveja do pai, em 1894, para ir tentar a vida por si mesmo, com uma oficina instalada numa única sala, e tendo unicamente por ajudante Julius P. Heil, mais tarde governador do Estado de Wisconsin. Alí estabeleceram o exemplo das relações industriais, tão famosas como os produtos das suas formidaveis máquinas.

Algumas engrenagens da Falk são tão pequenas, que podem meter-se num bolso; outras, como as dos navios porta-aviões ou dos destróieres, chegam a pesar 80.000 quilos com a caixa que as encerra. Cada uma delas é tão perfeitamente equilibrada como a roda de balanço de um relógio; tem a precisão e exatidão matemática de que pode depender a sorte dum navio em combate. As engrenagens de propulsão do *Enterprise*, do *Wasp* e do *Hornet* foram todas fabricadas na Falk.

Não existe União operária ou sindicato algum na fábrica Falk, embora há 6 anos se tivesse ordenado uma eleição, para determinar a preferência dos operários por um agente contratador. A eleição nunca teve lugar, e tanto o Congresso de Organisação Industrial (CIO) como a Federação Americana de Trabalhadores (A.F.L.) retiraram as suas propostas, ao compenetrar-se de que os operários da Falk eram mais felizes sem a representação de nenhuma das organizações trabalhistas.

Dick Falk diz: «Nós compreendemos porque é que o operariado precisa de ter as suas próprias organizações; mas os nossos homens e mulheres evidentemente estão convencidos de que podem obter tudo quanto a nossa organização tem para lhes oferecer, sem a intervenção de Sindicatos.»

Há algum tempo, porem, os dirigentes do CIO, para conseguirem algum progresso, distribuiram material de propaganda nos portões da fábrica. Como os panfletos eram ofensivos para a firma, Dick moveu-lhes um processo, ainda hoje pendente, em que pedia 50.000 dólares de indenização. «Isso é tal e qual no futebol!» disse Dick, referindo-se ao seu pleito. «Há certas regras que têm que ser respeitadas; e se alguem as infringir, é ao árbitro que compete aplicar a penalidade.»

Respostas aos Rádio-Enigmas

(*Vide pág. 42*)

1. Olhando a favor da corrente, a margem esquerda está à sua esquerda, e a margem direita à sua direita.
2. Polidipsia.
3. 1 de janeiro de 1901.
4. É falso. A Arca da Aliança era uma arca sagrada existente no santuário do templo, na qual Moisés colocou as tábuas com os Dez Mandamentos gravados.
5. (1) Zogú da Albânia; (2) Guilhermina da Holanda; (3) Pedro da Iugoslávia; (4) Jorge da Grécia; (5) Haakon da Noruega.
6. Doze: cada valete tem duas faces.
7. Sim, a Casa dos Comuns.
8. Salvador.
9. (1) Winston Churchill, (2) F. D. Roosevelt, (3) José Stáline.

Uma mulher e um menino abandonados num bote ao sabor das ondas

Quem foi afinal que salvou?

Por Margaret Lee Runbeck

QUEM a visse, bonitinha como é, nos jardins de uma universidade, ou examinando atentamente um chapéu mais audacioso no mostruário de uma loja, diria de si para consigo: «É filha de algum sujeito abastado; uma destas felizardas que mal ouviram falar na guerra.»

Nada mais falso, no entanto. Há uns poucos meses, aquela jovem de aparência tão despreocupada se achava num barco salva-vidas ao sabor das ondas, nos mares dos trópicos, tendo deixado para sempre, atrás de si, aquilo que mais amava.

Tudo o que resta a Ann Martin, é a sua própria energia física. Dá aulas durante o dia, seguindo à noite um curso de engenharia, e só tem uma ambição: contribuir no que lhe for possivel para a vitória.

Contou-me muita coisa da sua vida. Só num assunto não tocou, nem nada lhe perguntei a respeito. Sei apenas que seu esposo, um jovem médico, morreu subitamente na Índia. Depois daquele golpe, a vida perdeu todo o interesse para ela, mas decidiu voltar à America, onde nascera. Partiu de Bombaim, num pequeno navio que se destinava ao Rio de Janeiro. Havia a bordo poucos passageiros. Na Cidade do Cabo embarcaram com suas famílias dois missionários ingleses que tinham estado na África por largo tempo. Várias crianças faziam parte do grupo. Embora fossem todos gente cordial e simples, Ann, mergulhada que estava no seu inconsolavel desgosto, procurava evitar a companhia de quem quer que fosse. Havia entre as crianças um pequeno de sete anos, Tommy, que lhe sorria sempre ao passar em frente à cadeira de lona que ela ocupava no convés. Ann, porem, não lhe retribuia o sorriso.

Como fosse forçada a fazê-lo, tomava parte diariamente nos exercícios de salvamento em caso de naufrágio. Tommy procurava sempre colocar-se ao seu lado.

«Vou para a América,» disse-lhe ele no primeiro dia. Na manhã seguinte, acrescentou com os olhos chamejantes de entusiasmo: «Tenho na minha mala uma bandeira americana!» Ann respondia a tudo aquilo por monossílabos, mas o pequeno nem assim se deixava absolutamente desanimar.

«Somos nós os únicos americanos em todo o navio,» comentou ele no terceiro dia. «Já perguntei a *todo o mundo*, e descobrí que você e eu somos os únicos americanos!»

Era evidente que aos seus olhos semelhante circunstância devia criar entre os dois inquebrantaveis laços de amizade. Mas Ann sentia-se tão infeliz, ao que me disse, que o seu desgosto nem lhe permitia ser amavel para com o garoto.

Certa feita, contou-lhe Tommy: «Minha mãe e meu pai eram americanos. Morreram ambos. Por isso é que vou para a América. Dizem que lá tratam muito bem os orfãos.» Depois

daquilo, Ann não pôde continuar a manter sua indiferença pelo pequeno. Começou a responder-lhe às perguntas, e a contar-lhe coisas sobre a vida das crianças na América.

«Ele vinha todas as tardes ao meu camarote, e regulávamos para as sete horas meu despertador,» disse-me ela. «Quando o relógio soava, tinha eu que contar-lhe uma história sobre os Estados Unidos. Era para ele o melhor momento do dia, e para mim tambem, embora eu não quisesse, então reconhecê-lo.»

Dez dias depois da partida do Cabo, o navio foi torpedeado. O submarino surpreendeu-nos sem nenhum aviso prévio, por volta de um quarto para as sete, numa noite de calor intenso. O barco partiu-se ao meio, e vários escaleres ficaram totalmente inutilizados. Ann conseguiu entrar num dos botes, mas, quando os marinheiros começavam a baixá-lo, ouviu a compainha do despertador vindo do seu camarote, que ficava alí perto.

«Tenho que voltar à cabine . . . Preciso ir buscar Tommy!» gritou ela. «Vão embora, se não puderem esperar por mim!» Procuraram segurá-la, mas ela desvencilhou-se, e lá se foi a correr pelo convés fora, tomada de pânico, e soluçando de terror, em busca do seu pequeno compatriota. Encontrou-o ao lado do missionário que o trouxera, e que morrera, ao dar-se a explosão. O pequeno, com a face lívida, e mudo de pavor, agarrou-lhe a mão com a energia do desespero.

Ela o levou para o convés, mas o bote já partira. Outro escaler, levemente danificado, estava sendo lançado ao mar. Um marinheiro atirou-a para dentro com a criança nos braços. Não havia nenhuma outra mulher na embarcação e esta se achava tão repleta que sete dos marinheiros procuravam equilibrar-se na sua amurada.

«Tive um momento a sensação de que a melhor coisa a fazer era deixar-me escorregar nas águas, e desaparecer para sempre,» confessou-me Ann. «Eu não tinha porque, nem para que viver. Dei, porem, com os olhos em Tommy, encolhido no fundo, como um pássaro assustado. O terror que devia encher meus olhos refletiu-se nos seus. Aproximou-se mais, agarrando-se a mim.

«Uma granada do submarino alemão atingiu o navio, que se afundou nas águas uns segundos depois. Tommy e eu nos pusemos a tremer. Sentí que devia dizer-lhe alguma coisa de animador, mas o terror embargara-me a voz. Percebí então que ele procurava cobrir-me o rosto com seus pequenos ombros, para que eu não visse que o navio desaparecera. Pequenino como era, tentava proteger-me!»

«Não tenha medo, Mrs. Martin!» murmurou.

A senhora Martin esqueceu-se por fim do seu próprio terror, e lembrou-se apenas de que alí estava uma criança precisando de uma mulher que cuidasse dela. Disse-lhe então com voz segura e calma:

«Estamos atravessando uma verdadeira aventura, Tommy . . . um naufrágio. Que história formidavel terá você para contar aos novos amiguinhos que vai encontrar na América, e aos seus próprios filhos, daquí a muitos anos! Imagine só como eles não gostarão de ouví-la!»

E assim, durante 24 dias, naquela baleeira levada ao sabor das ondas, nas águas do Atlântico Sul, ninho de tubarões, Ann Martin procurou manter uma atmosfera tranquilizadora de calma e segurança em torno ao seu pequeno protegido.

Quando um dos marinheiros enlouqueceu, devorado pelas torturas da sede, e tentou matar-se; quando outro ainda se suicidou atirando-se ao mar, a mulher e a criança encontraram um refúgio nas eternas histórias sobre a América.

Quando as rações já se achavam quase esgotadas, e o sol e a fome iam levando os homens, vezes muitas, ao delírio, Ann e Tommy inventavam novos jogos que lhes pudessem preservar a lucidez de espírito. Imaginavam uma casa, e se punham a mobilhar-lhe os quartos; liam os livros que ela trazia numa biblioteca imaginária—Robinson Crusoe, a Ilha do Tesouro, e quantas histórias Ann lera em criança. Tommy ensinou-lhe as palavras de vários hinos religiosos, aprendendo com ela, por seu turno, canções, poemas e charadas. Um foi assim salvando o outro.

O escaler finalmente, graças à sorte e aos esforços de alguns dos marujos, chegou a Trinidad, nas Índias Ocidentais.

Seria dificil dizer se a criança deve a existência à sua companheira de martírio, ou se esta é quem lha deve, pois um dos milagres da vida está no fato de que, muitas vezes, ao salvarmos alguem, nos salvamos a nós mesmos.

Dinheiro estragado

¶ Na Tesouraria Federal do Tio Sam existe um serviço especial para a reconstituição e remissão de papel-moeda, que é de grande utilidade para as pessoas cujo dinheiro foi chamuscado ou carbonizado pelo incêndio, mutilado ou empastado na lavanderia, mastigado pelo cachorro da família, ou reduzido a *confetti* pelo bebê. Levam-se alí os restos mortais das notas, e os especialistas, munidos de microscópios para identificar os fragmentos, vão-nos colando sobre uma folha de papel com as dimensões exatas da nota original, e tanto quanto possivel na posição que lhes compete. Sendo possivel dar conta de três quintos da nota original, esta é remida pelo seu pleno valor; se apenas se identificam dois quintos, ela é paga por metade do seu valor de emissão.

Em casos muito excepcionais, se o interessado apresenta uma certidão de bom comportamento moral e civil, e termos de responsabilidade, pode ele chegar a receber o valor integral da sua nota, mesmo que desta não restem mais do que dois quintos.

Desgraçado porem daquele que, tendo remido hoje uma nota danificada, espere poder repetir mais tarde o embolso com os outros pedaços da nota! Os arquivos do Tio Sam são completíssimos: ainda há tempos foi apresentado para remissão um quarto de uma nota de 5 dólares. Consultados porem os arquivos, veio a saber-se que, pelos três quartos restantes, já a Tesouraria Federal pagara os 5 dólares... *vinte e oito anos atrás!*

Louis E. Reichard, *This Week*

Furacão em uma caixa

As espantosas possibilidades da turbina a gás—a primeira instalação de força-motriz de um tipo verdadeiramente novo, nos últimos cincoenta anos

(Condensado da
«Science News Letter»)

Por J. D. Ratcliff

TERMINOU-SE recentemente a construção de um novo tipo de motor cuja existência ainda não foi divulgada, por isso que em tempo de guerra há que guardar segredo sobre não pouco do que nele existe de inovação no gênero. Trata-se da turbina a gás, o mais simples e econômico dos motores compactos que jamais existiram, e já empregado agora em centenas de estabelecimentos industriais.

A máquina a vapor, a turbina a vapor, o motor a gasolina e o Diesel contribuiram sucessivamente para a transformação de combustivel em energia motriz criando, ao fazê-lo, novas indústrias, e revolucionando as mais antigas. A turbina a gás vem produzindo os mesmos resultados.

O princípio em que se baseia o seu funcionamento é extremamente simples; trata-se, por assim dizer, de um moinho de vento. Quando uma corrente de ar sopra de encontro às pás de um moinho, faz girar a roda do mesmo, produzindo assim a energia motriz que impulsiona a água, e mói o grão. Colocando a roda de um moinho dentro de um cilindro de aço, e soprando de encontro às suas pás o vapor de uma caldeira, tem-se a turbina a vapor que move os aparelhos geradores de quase todas as instalações de força motriz, e tambem a maior parte dos navios mais rápidos do mundo. A turbina a gás apresenta uma grande vantagem, do ponto de vista econômico: sua roda é movida pelo deslocamento de ar causado pelo próprio combustivel em ebulição, suprimindo-se assim o complicado aparelhamento da caldeira a vapor.

A turbina a gás é quase tão simples quanto o princípio em que se baseia o seu funcionamento. O combustivel — que pode ser óleo, gás natural, ou artificial—é soprado por ar comprimido através de um queimador. O ar comprimido e os gases de combustão expandindo-se num calor intenso, impulsionam a roda do moinho. A força motriz assim produzida pode ser ligada a máquinas diretamente, ou empregada como geradora de eletricidade.

As pás da turbina não são, é claro, semelhantes em tudo às rústicas pás de um moinho. São formadas por milhares de lâminas tão delicadas que se diriam peças de ourivesaria feitas de metais preciosos. As lâminas do compressor são como as pás da hélice de um avião em miniatura. As da turbina, embora diferentes na forma, têm o mesmo delicado acabamento. Ambas se acham colocadas nas extremidades do mesmo eixo.

Não se trata do sonho de um inventor, ou de um simples projeto traçado no papel. A turbina a gás é já uma realidade. A revista *Business Week* anunciou recentemente que há 27 turbinas a gás postas em uso nos Estados Unidos, entre muitas outras que não podem ser mencionadas devido à censura de guerra. A maior parte produz nada menos de 2.000 cavalos-vapor, ou sejam 1.500

quilovátios. Entre as corporações que estão atualmente empregando capitais para o desenvolvimento do novo motor, figuram: Allis Chalmers, Westinghouse, General Electric, De Laval, e a Companhia Brown Boveri, da Suiça, a pioneira no caso.

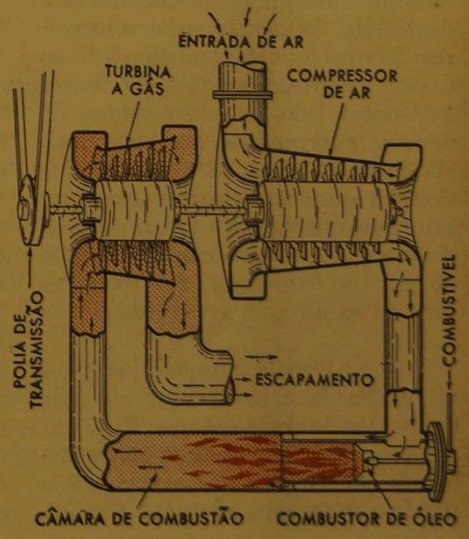
As futuras possibilidades são impressionantes. A turbina a gás pode revolucionar a aviação com o fato de tornar possivel a construção de aparelhos realmente de grandes dimensões. Um motor a gasolina de dois mil cavalos para aviões—o maior até hoje construido—tem 14 cilindros separados e milhares de peças moveis, com todas as complicações mecânicas e problemas de lubrificação em que isso naturalmente importa, dando que pensar aos técnicos quando, ao traçar tais motores, consideram o limite a que o seu uso pode circunscrever a aviação. Entretanto, já se acham em atividade turbinas a gás de cinco mil cavalos, e projetos estão concluidos para o fabrico de outras, de dez mil cavalos, senão mais. Não há por enquanto notícia de avião movido por turbina a gás, mas, antes que a censura houvesse entrado em ação, fabricantes suiços tinham já submetido, quer à Inglaterra, quer à Alemanha, o desenho de um motor de aviação, baseado no novo princípio.

Uma instalação de força para navios, que reduz drasticamente o peso, elimina o problema da água doce (dois quilos e tanto de água para cada meio quilo de carvão), e dispensa as caldeiras a vapor, com todo o seu grande volume, abre, é claro, vasto horizonte à construção naval. Um navio, tipo Liberty, poderia carregar mil toneladas a mais, se fosse movido por uma turbina das de que nos ocupamos. Armazenando potência muito maior, em cascos dos seus tamanhos atuais, os destróieres acionados por turbinas bateriam em rapidez tudo o que anda hoje pelos mares.

Os problemas de água, peso e volume são igualmente importantes no caso das locomotivas. Uma locomotiva ferroviária de turbina a gás, posta a prova na Suiça, revelou-se ao mesmo tempo eficiente e econômica. O aerodinâmico *City of Denver* é impulsionado por uma instalação motriz Diesel de quatro carros. Todavia, bastava um destes para acomodar uma turbina a gás, da mesma força.

Uma turbina a gás, do tamanho de uma caixa de sapatos, seria suficiente para acionar um automovel. Até agora, porem, só turbinas de grandes dimensões, demasiadas para os automoveis, poderão ser construidas, em condições economicamente práticas.

Nenhum nome isolado de inventor se



liga à nova realização. É ela o resultado das contribuições de muitos homens, em função nos laboratórios de grandes companhias—especialmente os da Brown Boveri.

Desde a data já remota de 1791, engenheiros e mecânicos se entretinham com a idéia de uma turbina acionada por gases em combustão. Mas os primeiros modelos usavam praticamente toda a força em alimentar a si mesmos—isto é, em impulsionar o compressor de ar. Em 1926, o dr. Aurel Stodola, da Suiça, um técnico de vanguarda em matéria de turbinas, demonstrou matematicamente que havia de ser sempre assim, enquanto algum mágico não produzisse um compressor de ar mais adequado às circunstâncias, na hipótese. Decorrida uma década, ele próprio dirigia as provas de eficiência a que foi submetido o primeiro modelo experimental, consagrado pelo êxito.

No curso daqueles anos, duas indústrias, que não tinham aparentemente afinidades com o assunto, haviam realizado em seus domínios descobertas fundamentais. Os metalurgistas conseguiram fabricar ligas, capazes de resistir ao calor e à corrosão dos gases em chama. Por outro lado, os pesquisadores de aviação, esforçando-se por obter mais eficientes contornos para as asas e hélices dos aparelhos, atinaram com certos princípios que vieram a tornar possivel, aos discípulos do dr. Stodola, o desenho de pás de compressor, em condições mais de acordo com as necessidades da prática.

O motor Diesel é reconhecido como o agente de força motriz que até hoje apresentou maior eficiência. Ei-lo entretanto desafiado por um novo elemento que surge, e que, comparado a um Diesel de igual potência, é muito menor em volume, tem cerca de metade do peso, custa menos de metade para ser construido, e reduz, a não mais de metade, a despesa de combustivel. É que a turbina, com uma só peça movel, em lugar das centenas que há no Diesel, requer serviços de manutenção correspondentemente simples. Não há nela necessidade de um sistema refrigerante, nem de complexos e dispendiosos mecanismos de arranque. Tão pouco exige o complicado sistema de ignição elétrica dos motores a gasolina; e, não tendo válvulas e êmbolos a mover-se acima e abaixo, resulta que está consideravelmente isento de vibração.

Uma instalação Diesel bem projetada é com efeito mais eficiente que as atuais turbinas a gás; retira, do combustivel, maior quantidade do calor, como potência util. Ainda assim, a turbina a gás compete economicamente, visto que o seu custo inicial é muito menor, e queima óleo muito mais barato.

Os fabricantes afirmam que os novos modelos rivalizarão, em eficiência, com os Diesel. As turbinas instaladas no momento estão funcionando a temperaturas de 1000-2000 graus Fahrenheit (537,7-1093 graus centígrados). As novas deverão funcionar a temperaturas mais altas, com extraordinários efeitos, no tocante a eficiência. O problema tem sido o de encontrar metais que resistam ao calor no grau tremendo em que este é necessário. O turbo-compressor do dr. Sanford A. Moss, que habilita os aviões americanos a voar a altitudes de mais de onze mil metros, é uma turbina acionada pela descarga do motor, e suas pás têm que suportar temperaturas de 1.800 graus Fahrenheit (982 graus centígrados). Conquanto não houvessem resolvido completamente a questão, muito aprenderam os pesquisadores no estudo deste turbo-compressor. Acontece porem que, na hipótese, os metais só terão que sofrer as altas temperaturas por algumas horas de cada vez, ao passo que a turbina a gás, num navio ou numa instalação industrial, deve estar apta a funcionar durante semanas a fio, sem qualquer interrupção.

Como a solução foi encontrada, é ainda um segredo. Mas, entre quantas realizações, ou quantos novos processos, vão resultando, sob a premência da guerra, do esforço e tenacidade dos nossos cientistas, engenheiros e industriais, nada existirá mais promissor, para o mundo sob a paz, do que a revolucionária, e já hoje posta a prova, turbina a que aludimos—a primeira instalação de força motriz de um tipo realmente novo nos últimos cincoenta anos. Ninguem que viu o motor a gasolina, quando ele apareceu, terá previsto o avião e o automovel. Ninguem que está vendo hoje surgir a turbina a gás, poderá tambem prever todas as suas possibilidades. Não será de estranhar que venham a ser igualmente espantosas.

¶ Quase toda a gente acreditava que o Marechal Joffre tinha ganho a primeira batalha do Marne, mas havia quem discordasse. Para aclarar o ponto, um belo dia certo jornalista foi entrevistar o grande militar: —Marechal, o sr. quer me dizer quem é que ganhou a batalha do Marne?

—É uma pergunta a que não posso responder, disse o Marechal. —O que eu lhe posso dizer, porem, é que, se a França tivesse perdido a batalha do Marne, as culpas seriam todas para mim...

News Week

¶ Uma das que agora correm entre os pilotos dos aerotransportes militares, conta que o comandante inglês de uma companhia de indígenas pediu um dia voluntários para certa missão: «Todos aqueles que quiserem pular da altura de 150 metros, devem apresentar-se daqui a uma hora no comando,» disse ele. Compareceu a companhia toda em peso, mas um dos soldados, dando um passo em frente, pôs a seguinte condição: «Teremos muito gosto em saltar, *seu* capitão, mas é só se for da altura de 90 metros.» O comandante, sem poder crer no que ouvia, replicou: «Mas ó rapazes, então vocês não sabem que um pulo de 90 metros em paraquedas é quase a morte certa?...» Desta vez foi o porta-palavra que ficou assombrado: «Ora esta! O senhor quer dizer que nós vamos pular com paraquedas *mesmo?!*»

The Star and Stripes

ASSUNTOS DE CONVERSA

Pequeno, mas rijo!

(Da «Liberty»)

Por Joseph W. Frazer

¶ Depois da Guerra Civil, o refrão era: «20 hectares e uma mula». Agora, porque não «20 hectares e um *jeep*»? O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos submeteu o *jeep*, o pequeno automovel de transporte militar, blindado, às mais árduas provas em uma fazenda agrícola. O pequeno auto arou meio hectare de algodoal, com um arado de 40 centímetros, em duas horas, gastando uns 10 litros e meio de gasolina. Arrastou uma carga de 600 kg. sem se atascar. Puxou um trator, geralmente tirado por três cavalos, sobre um campo de uns 10 hectares, gastando 45 litros de gasolina, ou, seja, uns 4 litros por hectare. Esse trabalho era feito anteriormente por um trator pesado que consumia para o mesmo serviço 26 litros. Durante o dia, o *jeep* pode arar o campo, fornecer energia para diversas obras, e, em geral, diminuir o esforço do agricultor. À noite, serve de transporte para os habitantes da fazenda, que assim podem ir ao cinema da vila próxima. Deve ser pois de grande utilidade nos ranchos, pois pode atravessar os pastos, sobre pedras ou moitas, e subir colinas, indo quase que a toda a parte como um cavalo. Os serviços de Entrega Postal têm procurado adquirir *jeeps*, os donos de garages os querem obter para usá-los nas cidades, e as estradas de ferro querem empregá-los como veículos de transporte para os trabalhadores das linhas. Não é necessário ter muita imaginação para ver que o *jeep* pode ser igualmente utilíssimo no combate aos grandes incêndios das florestas do Noroeste, ou em sanear as áreas pantanosas. Sua utilidade, para tais funções, ficou sobejamente comprovada durante a construção da Estrada Alcan, do Canadá ao Alasca.

Seis meses apenas depois de Pearl Harbor, a palavra *jeep* já estava nos dicionários americanos, e podemos apostar que vai ficar para sempre!

O «praça» aprende a ler

(Da «Liberty»)

Por Benjamin Fine

¶ Parece inacreditavel, mas o Exército dos Estados Unidos teve que rejeitar 750 mil homens, unicamente porque não sabiam ler nem escrever! Cincoenta divisões de soldados fisicamente capazes. Com o fim de não perder tais reservas, o Exército transformou-se em escola, e está recrutando condicionalmente os analfabetos. Se, ao fim de treze semanas de instrução, eles passam nas provas, continuam nas fileiras. Até agora, 95 por cento dos analfabetos têm passado, e calcula-se que este ano 200 mil aprenderão a ler. Os analfabetos são, em geral, homens do campo ou mineiros, mas uma classe deles, no Forte Lee, inclue um domador de elefantes, um operário de fábrica, um motorista de caminhão de serviço transcontinental (que sempre levava um ajudante para ler os sinais do tráfego), um barbeiro, e um jogador de futebol profissional. Muitos deles nunca viram os objetos mais correntes da vida civilizada, tendo que aprender como segurar um lapis, ou como usar o telefone. A Cartilha do Soldado (*Soldier's Reader*) foi o primeiro livro que viram, depois da Bíblia.

As lições de leitura se relacionam com a vida na caserna. «Há trabalho no acampamento. O trabalho é duro. O trabalho duro faz bons soldados.» E para as lições mais adiantadas: «Quem é que gosta de um sujeito metido a esperto? Ele nunca é bom amigo. Sempre se queixa de que tem algum trabalho que fazer. Não queira ser um sujeito «sabido».

O «Soldado Pete», herói de uma série de histórias em desenhos, é um personagem que não está familiarizado com o ambiente da caserna, nem com a vida moderna em geral. Os soldados-estudantes se identificam com Pete e acompanham as suas aventuras com grande interesse.

Durante oito horas por dia, esses homens rústicos, que nunca haviam lidado com livros, estudam arduamente. Suam, tentando canhestramente escrever as letras do alfabeto. Mas, ao terminar o curso, como se sentem orgulhosos! A primeira carta que escrevem para casa deve, sem dúvida alguma, ser um dos acontecimentos mais importantes de toda a sua existência.

Ao Tio Sam, com amor

(Da «Colliers»)

Por Amy Porter

¶ Todas as manhãs, as caixas do correio da Tesouraria, em Washington, abarrotam de presentes para o Tio Sam. São *jeeps*, canhões e aviões—sob a forma sintética de cheques. Essas doações são inteiramente espontâneas. O governo não tomou nenhuma iniciativa em promovê-las. Todavia, em cinco meses, foram doados quatro milhões de dólares—80 milhões de cruzeiros!

Um veterano envia os 80 dólares de sua pensão... «Usem isso em um rifle *Garand*, por favor», diz ele em sua carta. O Congresso Internacional Feminino de Bolão remete 100 mil dólares, para um bombardeiro; os Clubes Infantís da América doam 1.400 dólares, recolhidos centavo por centavo, para um *jeep*.

O dinheiro enviado é empregado exatamente segundo os desejos dos remetentes.

Mas, alem de dinheiro, são oferecidos milhares de objetos: 60 *bushels* de feijão, (aproximadamente 2.180 litros)—um piano de cauda, um Rolls-Royce, uma máquina de escrever, um anel de casamento, seis barrís de whiskey, uma pulseira de diamantes...

En geral, os doadores fazem suas contribuições com propósitos específicos. Comprazem-se em pensar que a «sua» ambulância está sendo usada no Norte da África, ou que «seu» rifle vai dar o último tiro, da guerra. Certo casal ao remeter um cheque de 1.543,25 dólares fez o seguinte pedido:

«Poderia nossa ambulância levar uma placa, com a seguinte inscrição: Em memória do tenente Thomas Vincent Stillwell?» O pedido foi atendido.

O Conselho de Construtores de Chicago levantou 100 mil dólares para comprar um bombardeiro; a Fraternidade dos Ferroviários conseguiu 50 mil dólares para comprar um avião P-40, de combate. Os operários de muitas usinas contribuem mensalmente com um dia de salário.

Dois aviões, um para o Exército e outro para a Marinha, sob a designação de «Moça do Governo», foram doados por 157 mil empregadas federais, através de uma campanha promovida pelo *Post*, de Washington.

Muitos «estrangeiros inimigos» tambem enviam dinheiro regularmente. O avião de combate «Lealdade» foi doado por um grupo de 1.600 refugiados, recentemente chegados aos E.U.A. Todos os doadores recebem notificação das suas ofertas, ainda que seja de um centavo, e os que dão mais de 50 dólares recebem uma citação individual, gravada em placa.

O alcool de contrabando

(Da «Cosmopolitan»)

Por Harry T. Brundidge

¶Os FABRICANTES ilegais de licores, os contrabandistas de bebidas e seus satélites, estão de volta, o mesmo acontecendo com os seus cenários favoritos de reunião—as tavernas e os clubes noturnos proibidos. E, o que é peor, nos arredores dos portos de mar e dos centros de treino militar, os contrabandistas estão dando largas ao seu negócio ilícito, vendendo *scotch* e genebra, que embriagam os soldados e lhes soltam a língua.

Os destiladores clandestinos vão produzindo quantidades enormes de alcool ilegal de 200 graus, ao passo que outros aventureiros, por meio de suborno ou fraude, conseguem desviar alcool desnaturado das indústrias, decantando-o por processos rudimentares. Essas bebidas alcoólicas de baixa qualidade são vendidas em garrafas comuns ou sob os rótulos falsos de marcas populares. É, naturalmente, uma mercadoria barata, que custa até menos do que as taxas impostas às bebidas lícitas. (No estado de Nova York, por exemplo, uma caixa de whiskey de 100 graus paga 22,50 dólares de taxas.)

A volta do contrabando de bebidas se deve aos altos impostos e ao fato de que nem uma só gota de bebida espirituosa foi produzida desde 8 de outubro de 1942, data em que os destiladores legais converteram toda a sua produção de álcool para fins militares—pólvora sem fumaça, borracha sintética, drogas e artigos médicos. Prevendo a falta de mercadoria, os negociantes ladinos armazenaram vastas quantidades. Um antigo «*bootlegger*», novamente ativo em seu negócio ilícito, disse-me outro dia: «Não vai tardar muito que os vendedores legítimos comecem a vender bebida ilegal, se não quiserem falir!» Da situação atual à situação existente nos tempos da Proibição só vai um passo.

¶ *Os perigos da obesidade, e a única maneira de combatê-la.*

Só há um método de emagrecer

(Condensado do «Rotarian»)... *Por Blake Clark*

HÁ DIARIAMENTE milhares de pessoas a engulir pílulas com secreção de tireóide, a beber suco de uva e tomar sais laxativos, a se untar com «cremes mágicos», a tomar banhos salgados, e se maltratar com rolos de borracha, na luta incessante para adelgaçar a cintura e reduzir a papada caraterística.

Há de fato sérias razões para nos preocuparmos com o excesso de gordura, pois sendo prejudicial à saude, ela põe a própria vida em perigo. Nos homens com um excedente de peso de vinte por cento, a proporção de mortalidade é um terço mais alta que o normal; cincoenta por cento, a mortalidade dobra.

Ficou demonstrado por experiências científicas que a causa da obesidade é simples: *a única razão por que certas pessoas são gordas é por comerem demais.* Isto foi provado por meio das experiências mais cuidadosas e detalhadas que já se fizeram neste assunto, conduzidas e controladas pelo dr. Louis Harry Newburgh, da Escola da Medicina da Universidade de Míchigan. O dr. Newburgh incluiu nas suas observações doentes sofrendo de todas as moléstias geralmente consideradas como causadoras da obesidade.

Os doentes eram internados no próprio hospital da Universidade, onde podiam ser mantidos sob condições estaveis. Por meio de testes determinava-se a quantidade de alimento normalmente necessária para cada indivíduo, sendo depois controlada diariamente a alimentação de cada um; tudo era pesado e analisado—uma fatia tirada do centro de cada pão, um pedaço cortado sempre do núcleo de cada queijo, e um pouco de leite de cada garrafa.

Se os testes mostravam que o paciente gastava normalmente 3.500 calorias por dia, este era submetido a uma dieta de 800 calorias, vamos dizer, e portanto forçado a utilizar a reserva de gordura de seu próprio organismo.

Obrigando cada paciente a comer menos do que a quantidade queimada diariamente pelo organismo, o dr. Newburgh conseguiu fazer com que todos eles emagrecessem, fosse qual fosse o seu tipo de obesidade; podia até calcular o peso exato que atingiriam no fim de sessenta dias.

Há um preconceito errôneo de que o excesso de gordura é caraterística hereditária de certas famílias; os trabalhos do dr. Newburgh acabam de provar, que não se trata de hereditariedade, mas sim de hábitos alimentares. O estudo do regime alimentar de 142 meninos e meninas obesos, de 13 anos de idade, veio demonstrar que todos comiam demais, e principalmente alimentos hidrocarbonados. A ciência admite que a forma do corpo seja hereditária, mas o fato de uma pessoa ser «robusta» não quer dizer que seja obesa, a não ser que venha a comer em excesso.

O caso de Miss N. serve para refutar completamente o mito da hereditariedade no assunto. Fora sempre uma menina gorda, e aos vinte e um anos pesava perto de 120 quilos. Seu pai era um homem de 1,80 m. de altura, pesando quase 100 quilos; sua mãe tambem era de dimensões enormes. Tinham todos muita pena da menina e da fatalidade de uma herança da qual não tinha culpa. Ora, um estudo feito de seu regime alimentar veio mostrar que, se bem que comesse relativamente pouca carne, peixe ou ovos, se enchia de bolos, tortas, e comidas ricas. Internando-a num sanatório e submetendo-a a uma dieta de 600 a 800 calorias, com as vitaminas necessárias mas livre de gorduras, seu médico conseguiu fazê-la voltar a um peso normal.

Em certos casos diz-se que a causa da obesidade são as perturbações glandulares; no entanto, o dr. Newburgh, sem recorrer a remédios, simplesmente por meio de dieta, já tem conseguido emagrecer pessoas que sofrem de mau funcionamento de glândulas. Um de seus casos mais brilhantes foi, na verdade, o de um homem de 250 quilos cujo peso monstruoso diziam ser devido a distúrbios glandulares.

Restringindo-se a uma dieta de 300 calorias, emagreceu 132 quilos no espaço de um ano—quase meio quilo por dia, sem remédios nem exercício! Seguindo daí por diante uma dieta de 600 calorias, atingiu por fim o peso normal de 88 quilos.

A teoria comum é que um mau funcionamento de glândulas traz uma diminuição do metabolismo, o que fatalmente produz obesidade, seja qual for a dieta. É verdade que se o metabolismo diminue, a pessoa tende a aumentar de peso, caso continue a receber o mesmo número de calorias na sua dieta; pois a baixa do metabolismo é uma indicação de que o organismo consome menos alimento. Mas se reduzirmos proporcionalmente o número de calorias na alimentação, não haverá aumento de peso.

Muita gente pensa que fazer exercício é a melhor maneira de emagrecer; no entanto a atividade é muito menos eficaz que uma boa dieta. Um homem que pese 115 quilos precisará subir vinte vezes um lance de escada para consumir a energia absorvida numa fatia de pão. Poderá gastar 100 calorias andando um quilômetro e meio, mas tirando 30 gramas de creme de leite de sua alimentação teria diminuido de 100 calorias a sua ração diária. Terá ele que andar 58 quilômetros para gastar meio quilo de gordura—e depois de uma excursão destas, o seu apetite será tal que, uma vez satisfeito numa lauta refeição, estará destruido o resultado do exercício.

É fato comprovado que, os jogadores de futebol perdem um a dois quilos de peso durante uma peleja violenta, mas esta perda é devida principalmente à transpiração e é rapidamente compensada ao beberem alguns copos de água. Nos banhos de vapor é água que se perde e não gordura; as massagens que nos oferecem os salões de ginástica e os elegantes institutos de beleza, tambem não servem para tirar gordura; a única pessoa que emagrece com as massagens é o massagista.

E PORQUE haveremos de comer demais? A maioria dos animais sabe parar de comer quando se sente alimentado; mas o homem, por gulodice e prazer na comida, muitas vezes ignora os avisos de seu organismo. O aumento de peso tambem pode ser devido a doença ou à idade, que, reduzindo nossas necessidades alimentares, entretanto não diminuem nosso apetite.

O dr. Newburgh acredita, todavia, haver outra causa mais frequente para nos fazer comer mais do que o necessário. Deixar-se dominar pelos prazeres da mesa é uma maneira de esquecer problemas íntimos. Das centenas de pessoas obesas que já estiveram aos cuidados do dr. Newburgh, muitos tinham na vida sérias perturbações emotivas, e era impossivel conseguir que ficassem dentro de uma dieta normal enquanto esses problemas se não resolviam.

O dr. Newburgh teve o caso de uma doente que era obrigada pelo pai a tomar conta de um irmão imbecil. Esta desagradavel incumbência levava-a a procurar distração na comida, e naturalmente pesava o dobro do seu peso normal. Enquanto estava sujeita a tratamento, fora de casa e livre da responsabilidade do irmão, viveu satisfeita, comeu normalmente e emagreceu; mas assim que voltou para casa e para suas penosas obrigações, retomou os hábitos antigos. Por duas vezes esteve ela internada no sanatório, mas enquanto não fosse resolvido seu problema pessoal, era impossivel ao médico achar um meio de conservá-la em peso normal.

O dr. Newburgh teve o caso de outra cliente que comia desproporcionadamente para contrabalançar os sofrimentos físicos e morais que lhe infligia o marido alcoólico.

Internada no hospital e submetida a uma dieta de 450 calorias, em trinta e um dias emagreceu quase 8 quilos. Pouco tempo depois obteve o divórcio, e arranjou um emprego razoavel. Resolvidos seus problemas emotivos, comia agora moderadamente, e, depois de emagrecer até seu peso normal, manteve-se nele firmemente.

CADA PESSOA tem seu peso ideal. As tabelas que reproduzimos a seguir foram calculadas pelo dr. Louis I. Dublin, especialista em estatísticas da Metropolitan Life Insurance Company. É mais exata que as tabelas comuns, porque leva em conta as dimensões da estrutura óssea. As pessoas que têm ossos grandes e largos devem necessariamente pesar mais que as de ossos pequenos.

HOMENS
(*vestidos normalmente*)
Peso ideal

Altura (com sapatos)	*Ossatura peq. (em kg.)*	*Ossatura média (em kg.)*	*Ossatura grande (em kg.)*
1m60	54–58	57–61	60–65
1m625	56–60	59–63	62–67
1m65	57–62	61–65	64–69
1m675	58–63	62–66	66–71
1m70	60–65	64–68	68–73
1m725	61–67	66–71	69–75
1m75	63–68	67–72	71–77
1m775	65–70	69–74	73–79
1m80	67–72	71–76	75–81
1m825	69–74	73–78	77–84
1m85	71–77	75–81	79–86
1m875	74–79	77–83	81–89
1m90	76–81	80–86	83–92

MULHERES
(*vestidas normalmente*)
Peso ideal

Altura (com sapatos)	*Ossatura peq. (em kg.)*	*Ossatura média (em kg.)*	*Ossatura grande (em kg.)*
1m525	47–51	51–54	54–58
1m55	49–52	52–55	55–59
1m575	50–53	53–56	56–61
1m60	51–55	54–58	57–63
1m625	52–57	56–60	59–65
1m65	54–58	57–61	60–66
1m675	56–60	59–63	62–68
1m70	57–61	61–65	64–70
1m725	58–63	62–67	66–72
1m75	60–65	64–69	67–73
1m775	62–67	66–71	69–75
1m80	63–68	67–72	70–77
1m825	64–70	68–74	72–79

O homem corpulento, de cincoenta anos de idade, não deve olhar para esta tabela e dizer: «Se tenho uns quilos em excesso, é por conta dos anos que tambem tenho a mais,» porque na verdade o peso ideal aos cincoenta anos é o mesmo que aos trinta.

Se está pesando demais, sem ser um caso extremo, a melhor maneira de emagrecer é deixar de comer gorduras e alimentos que se transformem em gordura. Coma pouca manteiga e evite a segunda fatia de pão. Fuja das maioneses e outros molhos ricos em gordura. Prefira ovos cozidos ou quentes, para evitar a gordura em que são feitos os ovos estrelados e mexidos. Beba leite desnatado, e coma queijo magro em vez de queijo completo. Procure comer legumes verdes, crustáceos e moluscos, que são quase inteiramente livres de gordura. Para emagrecer é tambem aconselhavel diminuir a quantidade de bebidas alcoólicas pois 1 onça (28 gramas) de whisky equivale a uma fatia de pão.

Se tem 20 ou mais quilos acima do peso normal, peça ao seu médico ou a um especialista em dietética, para indicar uma dieta de 600 ou 800 calorias que contenham as proteinas, vitaminas e minerais necessários para conservar suas energias, e ao mesmo tempo permitir emagrecer de 1 a 3 quilos por semana. Não desanime se não perder peso na primeira semana; durante os primeiros dias, certa quantidade de água ficará retida nos tecidos, trazendo às vezes ligeiro aumento de peso.

O dr. Newburgh não aprova as dietas «maravilhosas» graças às quais é possivel perder meio quilo por dia; ou os regimes em que é aconselhado comer hidrocarbonados numa refeição, proteinas na outra, levando assim vida de nababo.

A simples verdade é que qualquer pessoa pode emagrecer se absorver diariamente menos calorias do que despende, mas é preciso ver que na dieta estejam incluidos os minerais, vitaminas e proteinas indispensaveis à saude.

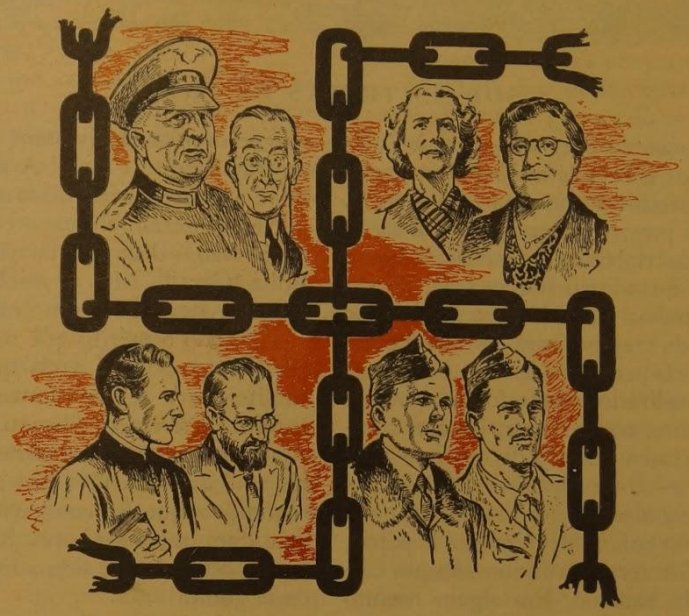
A invasão dos roedores

¶ Ninguem soube ainda explicar por que razão é que certos tipos de roedores aumentam subitamente de número, em proporções assustadoras. Temos nos Estados Unidos anos em que os coelhos desaparecem como por encanto, e outros, não menos misteriosos, em que os coelhos pululam de tal modo, que no Oeste, por exemplo, se organizam batidas a toda a extensão dos estados, para destruir a praga dos roedores.

Há zonas da Noruega onde, em certos anos, os lemingos (que são parentes próximos dos ratos) se tornam tão numerosos, que chegam a descer das montanhas e a atravessar as cidades, morrendo por todas as bandas; invadem os bairros comerciais de Oslo, e acabam, na sua inquietante migração, por chegar à beira-mar. Uma vez alí, como se atraidos pela voz das sereias, atiram-se às ondas e afogam-se em massa.

Donald C. Peattie, *Today*

Sob as trevas de París



Condensação do livro «PARIS-UNDERGROUND» por

Etta Shiber

«Este empolgante relato das aventuras de duas mulheres em luta com a Gestapo, e do comovente heroismo de milhões de pessoas das classes populares francesas—escreveu Dorothy Canfield—não só é literalmente verídico, mas possue o inconfundivel sabor da autenticidade. Dispensando, com singular honestidade, todo esforço de dramatização dos fatos, ou intenção de se fazer passar por heroina, a autora limitou-se a lançar ao papel os acontecimentos tais como se produziram. Mas heroina ela o é—e de aventuras de arrepiar! Nenhum americano devia deixar de ler esta assombrosa narrativa de audácia e autosacrifício. E uma vez lida, não é possivel esquecê-la mais.»

Os fatos essenciais desta obra—segundo declaração dos editores—são absolutamente autênticos. Por motivos óbvios, omitiram-se ou alteraram-se nomes próprios e outros pormenores.

***Paris Underground* foi um dos dois livros escolhidos pelo «Clube do Livro do Mês» para outubro de 1943.**

Copyright 1943, *Press Alliance, Inc. Editores, Charles Scribner's Sons, Nova York. Preço: 2.50 dólares.*

SOB AS TREVAS DE PARÍS

NEM ADEUS cheguei a dizer à Europa! Estava lá em baixo no camarote quando o navio se pôs em marcha. O mais provavel é que as máquinas estivessem trabalhando havia já algum tempo quando eu me apercebí do seu surdo pulsar. Corrí lá cima ao *deck*: no clarão do crepúsculo, a costa de Portugal já se ia perdendo de vista, e o grande vapor, solitário entre o fulvo esplendor do poente, com as letras imensas a negro no casco pintado de branco—«Diplomata—*Drottningholm*—Diplomata» navegava a toda a força.

Ia eu, enfim, de regresso à pátria, depois de ter passado um ano nos cárceres do nazismo. Em algum recanto ignorado dos Estados Unidos abrira-se de par em par a porta de uma cela, para deixar sair o prisioneiro alemão, pelo qual eu fora trocada.

O consul dos Estados Unidos em Lisboa, Wiley, tinha-me dito que esse prisioneiro era Johanna Hoffmann, a famosa cabeleireira do transatlântico *Bremen*, que em 1938 fora condenada como membro de uma perigosa quadrilha de espiões nazistas em ação na América do Norte.

Quando eu ponderei se a minha libertação valeria uma tal presa, um dos funcionários do Consulado Americano de Lisboa respondeu: «Minha cara Sra. Shiber, o Departamento de Estado conhece muito bem o que foi a sua ação em París. Imagine que os ingleses, na guerra passada, tivessem tido a sorte de trocar Edite Cavell! A senhora, sabe, é a Edite Cavell desta guerra...»

Neguei terminantemente esta asserção: «Não,—disse eu—eu não sou outra Edite Cavell. Mas a minha querida amiga Kitty, essa sim, essa foi talvez... Todo o mérito que me possa caber pelo que fiz, é a ela que o devo. Limitei-me a seguir as suas diretivas. E foi ela, e só ela, que pagou por tudo... Ainda se encontra nas garras da Gestapo, se é que está viva; ou morta, se a sentença a que foi condenada se cumpriu. Sim, meus senhores, Kitty Beaurepos pode bem ter sido a Edite Cavell desta guerra!»

CONHECÍ-A em 1925, durante uma das minhas visitas anuais a París. Filha de um banqueiro de Londres, tinha-se casado com um francês, o negociante de vinhos Henri Beaurepos, de quem mais tarde veio a separar-se em termos os mais amigaveis. Kitty era economicamente independente, mas, detestando a ociosidade, abriu uma pequena casa de modas na Rue Rodier. Foi alí que travei conhecimento com ela, e uma sólida amizade se desenvolveu entre nós.

Em 1933 meu irmão Irving morreu subitamente em París, e Kitty não só me assistiu durante a pavorosa crise, mas se ocupou mesmo de todas as formalidades do funeral, que se realizou

para o velho Père Lachaise. Três anos depois, ao saber da morte de meu marido, ela me telegrafou, convidando-me a ir morar com ela em París. Solitária, tendo perdido todos os homens da família, o meu amparo, cabografei-lhe cheia de gratidão: «Parto.»

Instalei-me confortavelmente junto dela, no seu esplêndido apartamento moderno, partilhando de uma agradavel existência que os nossos recursos nos consentiam desfrutar.

A nossa «torre-de-marfim» e a vida calma que nela levávamos derrocaram-se na véspera da entrada dos alemães em París, a 13 de junho de 1940. Confiantes de que París (como prometera o chefe do governo, Paul Reynaud) seria defendida rua a rua e casa por casa, tínhamo-nos mantido indiferentes aos boatos, e imunes ao pânico, de dia para dia mais avolumado. E foi só naquele dia, quando os nossos repetidos chamados telefônicos para gente amiga ficaram sem resposta, que nós despertamos da cegueira, para perceber que toda a gente tinha fugido...

«Eu vou chamar a Embaixada Americana, disse eu, ainda sem poder acreditar.—De lá me dirão se os alemães sempre vão pôr cerco a París.»

Respondeu-me da embaixada uma voz alarmada:

«O que? A senhora ainda está em París?! Então não sabe que o governo se mudou para Tours? Os alemães vão entrar em París numa questão de horas!»

Então, numa espécie de frenesí, Kitty e eu jogamos para dentro do carro tudo o que podíamos levar, e abalamos.

Mas tínhamos pensado tarde demais: a estrada nacional n.° 20, que liga París com o Sul da França, era demasiado estreita para dar escoamento à torrente de apavorados seres humanos que, ao longo dela, procuravam refúgio e salvação. A pé, de automovel, de bicicleta, —milhares de refugiados entupiam a estrada que se desenrolava à nossa frente, num medonho «engarrafamento» com bem 300 quilômetros de extensão. E aquilo quase não se movia! Na manhã seguinte, ainda nos achávamos nos arrabaldes de París quando veio a notícia de que os alemães acabavam de entrar na capital!

«Agora, assim que chegarmos à primeira encruzilhada,—disse Kitty de repente—vou tirar o carro desta maldita estrada, e tentar meter por uma dessas que cortam através dos campos!»

O primeiro cruzamento deparou-nos um caminho que pouco mais era do que um atalho de terra batida, serpeando através de terras lavradas. Mas o pavimento estava seco e liso, e pudemos rodar a 60 quilômetros por hora.

Foi então que nos caiu em cima o golpe: à nossa frente, a estrada mostrou-se de repente pejada de automoveis... que corriam para nós! Quando os primeiros carros já chegavam perto do nosso, ouvimos gritar: «Volte pra trás! Volte pra trás! Os alemães vêm atrás da gente!»

Já escurecia à altura em que atingimos de novo a estrada real. Devíamos estar a uns cem metros dela, quando nos chegou aos ouvidos um tênue zumbido, que foi crescendo até se tornar em ruido atroador sobre as nossas cabeças. A Kitty travou o carro tão bruscamente, que demos um salto para diante.

Pudemos ver então o negro vulto de um avião recortando-se no céu; aproximou-se, voando tão baixo que pude ver os olhos do observador, e quase que roçou pelas densas fileiras da gente que,

em baixo, ficara prisioneira do «engarrafamento» do tráfego.

Em poucos segundos a estrada ficou deserta: os condutores, loucos de medo, atiraram com os autos para fora do pavimento, contra as árvores, ou metendo-os nas valetas. Alguns deles viraram de rodas para o ar, e os ocupantes escapuliram em todas as direções, correndo como ratos. Só alguns veículos ficaram na estrada, com os seus passageiros imoveis: esses já não tinham podido tomar parte na louca debandada dos vivos...

O avião passou, e quando a sua roncadeira de morte se sumiu ao longe, homens e mulheres começaram a emergir cautelosamente das valetas. Alguns ficaram parados, indecisos, em pleno campo: iam de fugida para algum lugar, julgando escapar ao perigo que deixavam para trás. Mas viam agora que esse perigo os alcançara, e alí estavam metidos numa ratoeira, sem saber que fazer nem para onde ir. E com eles, nós duas tínhamos caido tambem na armadilha.

Ouvimos na escuridão o trepidar de inúmeros motores, e em poucos instantes o exército alemão estava em cima dos fugitivos.

Vieram primeiro a toda a velocidade as tropas motociclistas, caminho do sul em plena escuridão, com a segurança de quem sabia que os aviões que os tinham precedido haviam varrido os obstáculos da estrada. Seguiram-se os carros ligeiros de assalto; depois, na estrada real, roncaram atroadoramente perto de nós os tanques, vindos das estradas secundárias e através dos campos. Pareciam estar por toda a parte, ou ter-se assenhoreado da terra inteira. A intervalos de uns 200 metros, desdobrando-se numa formação regular atrás do exército em marcha, paravam os motociclistas para se encarregarem dos civís que fugiam.

O que ficou mais perto de nós, encaminhou-se para o nosso carro e disse-nos num francês excelente:

—As senhoras voltam para París.

—Mas nós queremos ir para Nice, rogou Kitty.

As palavras do alemão eram polidas, mas um sorriso sarcástico pairava-lhe nos lábios:

—Nice, madame, é para onde nós vamos. A senhora vai regressar a París.

Metemos o carro à estrada. Horas depois detínhamo-nos à porta de um restaurante, exhaustas, prestes a cair de cansaço. Mas o proprietário, de pé no limiar, fez-nos um gesto negativo e disse:

—Não tenho nada que lhes possa dar. Nestes dois dias passou por aquí mais de um milhão de pessoas!

—Nós nos contentamos com uma chícara de chá, disse Kitty virando-se para ele com o mais cativante dos seus sorrisos. Entrou e sentou-se.

Isso produziu resultados, porque o proprietário trancou a porta, e não só nos serviu chá, mas um pequeno pedaço de salame e um queijinho.

—As senhoras são inglesas? perguntou ele com interesse. —Nesse caso podem me fazer um grande obséquio. Tenho aquí um sujeito que só sabe falar inglês. Façam-me um favor: digam-lhe que, se ele teima em ficar aquí, vai-me criar grandes dificuldades. Tenho muita pena, mas...

Foi lá dentro e voltou acompanhado de um rapaz alto, com um casaco de couro sobre o seu uniforme azul-gris da RAF. Chamava-se William Gray. Apanhado em Dunquerque, não tinha podido alcançar em tempo nenhum dos navios de evacuação.

—Queiram explicar a este sujeito que eu preciso de umas roupas de paisano. Depois eu cuidarei de mim, disse ele como a desculpar-se.

Kitty traduziu para o francês.

—Que loucura! exclamou este.—Se o apanham vestido a paisana, os alemães vão fuzilá-lo como espião. Ao passo que se conservar a farda, será tratado como prisioneiro de guerra!

Gray ficou sentado, um momento imovel. Em seguida, ergueu-se com um sorriso de embaraço:

—O melhor—disse—é eu ir embora daquí sem criar dificuldades a ninguem. Querem fazer o favor de perguntar ao estalajadeiro quanto é que eu lhe devo?

Apertei o braço da Kitty e segredei-lhe: —Não deixe ele ir-se embora. Você já reparou? Ele é o vivo retrato do meu pobre Irving quando tinha 20 anos... (Kitty conhecera bem meu irmão.) Temos o carro alí à porta, supliquei.—Podíamos encaixá-lo no compartimento das bagagens...

O armazem das bagagens do carro da Kitty não abria para fora, como na maioria dos automoveis, mas dentro, nas costas dos assentos traseiros. Mesmo que fôssemos detidas na estrada pelos alemães, seria dificil eles pensarem em procurar alguem naquele esconderijo. Kitty sorriu para mim. Depois, voltando-se para o jovem piloto, disse que lhe queríamos falar.

...E alí estávamos nós, duas respeitaveis damas de meia-idade, em pleno território inimigo, com um piloto inglês em nossas mãos, e metidas numa aventura que poucas horas antes nos teria parecido absurda e fantástica!

Levamos toda aquela noite para chegar a París. Tornei a ver, com um aperto no coração, a Torre Eiffel, sobre a qual flutuava agora a bandeira nazí. Demos volta ao Arco de Triunfo, e paramos à porta do nº 2, rua Balny d'Avricourt—em casa!

—Devo eu... devo eu sair primeiro? gaguejei. Já me parecia ver nazistas por todos os lados, espiando a ocasião de nos cairem em cima.

—Espere! disse Kitty num sopro, cheia de apreensões.

Uma guarda militar alemã marchava rua abaixo, enquadrando um soldado francês. Quando dobraram a esquina, Kitty virou-se para o compartimento de bagagem e murmurou:—Mr. Gray!

—*Yes!* respondeu lá de trás uma voz abafada.

—Vamos sair agora mesmo. Abotoe o seu casaco de couro para não se lhe ver a farda, e siga-nos. Porte-se com naturalidade, e não hesite. Vamos embora!

Não havia ninguem no vestíbulo, e o elevador automático estava, felizmente, vazio e esperando no andar térreo. Entramos correndo no apartamento. Atirei-me à porta e passei o trinco de segurança. Durante alguns instantes julguei que minhas pernas não iam mais aguentar o meu peso...

—Eu não devia ter consentido que as senhoras se arriscassem a tanto por minha causa, disse William Gray.—Foi falta de previsão de minha parte...

Na sua preocupação, ele parecia mais jovem que nunca.

—Ouça bem, seu moço, disse Kitty com firmeza. —Estamos todos metidos no mesmo saco. O que é preciso agora é imaginar de que maneira nos poderemos safar.

E dito isto, abalou para o quarto, afim de atender à toalete, trauteando a alegre melodia que lhe vinha à cabeça sempre que se sentia particularmente contente consigo mesma.

Era muito facil a Kitty dizer que devíamos achar a maneira de nos tirarmos da dificuldade: mas para onde havíamos nós de nos voltar a pedir socorro? A única pessoa que estava no segredo era a nossa criada bretã, a Margot, pessoa reconhecidamente incapaz de nos trair. Com a sua consumada perícia, a Gestapo andava procedendo a buscas para encontrar soldados escondidos, fechando as saidas de quarteirões inteiros de uma vez, e vasculhando-os depois metodicamente, casa por casa. Todos os dias esperávamos que viessem bater-nos à porta.

Vivemos assim uma semana numa atmosfera de terror constante; William inconsolavel por nos estar causando tanta apoquentação! Um dia fomos surpreendê-lo saindo da porta nas pontas dos pés, vestido para não voltar. A Kitty puxou-o para trás e chamou-lhe «fedelho ingrato». Mas ao mesmo tempo deu-lhe um largo sorriso bom, e ele não teve mais remédio senão conformar-se e ficar.

Se o tivéssemos deixado ir embora, de certo não teríamos tido a conciência tranquila para o resto dos nossos dias. Os alemães andavam a essa altura fuzilando como espiões todos os soldados ingleses que eram apanhados em França.

A KITTY chegou uma noite atrasada para o jantar, mas assim que entrou, leve como a brisa, eu percebí que nos trazia boas notícias.

—Etta! exclamou ela.—Você se lembra do Chancel?

Lembrava-me perfeitamente. Tínhamos trabalhado com ele no *Foyer du Soldat* antes de tentarmos fugir de París.

—Quase que esbarrava com ele no Metrô, continuou a Kitty.—Tenho confiança nele, e julgo que nos poderá ser util no caso. Vamos vê-lo amanhã à tarde.

Depois de cear, fomos sentar-nos todos na sala, a beber as últimas gotas do nosso precioso café, discutindo as perspectivas da entrevista que, no dia seguinte, a avaliar pelas nossas esperanças, viria pôr termo às nossas inquietações. Pela primeira vez eu vi então um sorriso assomar à face de William.

Foi quando ouvimos tocar a campainha da porta.

Já lá vão meses desde que a estridente campainhada me feriu os ouvidos; e no entanto, ainda agora volto a sentir o violento arrepio que me correu o corpo todo. Ainda vejo a face apavorada da Margot, no momento em que entrou na sala, fechando a porta atrás de si, para dizer num sussurro:

—Os alemães estão lá fora!

A Kitty foi a primeira a recobrar a presença de espírito:

—São soldados?

—Não, vêm a paisana.

—A Gestapo! disse Kitty em voz abafada. Fez-se um silêncio em que se ouvia só a respiração dela, ansiosa. Voltou-se depois para mim:—Leve Bill para o seu quarto. Veja se o pode esconder!

Depois olhou rapidamente em volta da sala, e disse:—Leve tambem a chícara dele. Depressa!

Quando saíamos, ouví-a levantar a voz num tom de impaciência, como se ralhasse à criada espavorida:—Não seja tola, Margot! Não faça esperar mais tempo esses cavalheiros!

William sentou-se à beira do sofá, no meu quarto, a cabeça pendente, os punhos cerrados... Pensei comigo se ele estaria orando. Pareceu-me que a polícia, do outro lado da porta, podia até ouvir latejar meu coração. No meio daquele terror, houve dois objetos familiares que, de repente, se iluminaram: as fotografias de meu marido e de meu irmão, em cima da cômoda. Parecia-me ouvir dentro de mim as vozes deles, como tantas vezes as ouví quando eram vivos... «Bom, Etta, você está metida numa boa entaladela. Mas não perca a cabeça. Nós vamos lhe ajudar...»

E compreendí repentinamente de que modo meu irmão podia de fato ajudar-nos. Corrí ao sofá e agarrei William pelo braço:—Depressa! Dispa-se e meta-se na cama! Finja que está doente...

Ajudei-o a desembaraçar-se das roupas exteriores, e fui-lhe dizendo em segredo o meu plano. Daí a coisa de segundos ele estava na cama. Amarrei-lhe uma toalha na cabeça... Foi o tempo precisamente necessário, pois ouví logo a voz da Kitty: —Etta, onde está você? Estes senhores desejam ver o seu quarto...

Pareceu-me que o penetrante olhar do agente da Gestapo me verrumava de lado a lado. Atrás dele vinham mais dois homens a paisana, e a porteira do prédio, Madame Beugler. Era facil ver, pela expressão beligerante do rosto dela, que dalí os agentes não podiam esperar ajuda alguma.

—Esta senhora é americana, a minha boa amiga Mrs. Shiber, disse a Kitty.—É uma vítima involuntária da guerra, longe da sua pátria... como os senhores!

Fiz um esforço supremo para aparentar naturalidade.

—Hão de desculpar a desordem do meu quarto! Meu irmão está na cama com uma gripe intestinal. Há tanto disso na cidade, agora! Espero que não seja preciso o incomodarem.

Eu nem ousava olhar para a Kitty, no medo de que a minha expressão me traisse.

—Os documentos dele, faz favor, disse o alemão secamente.

Abrí a gaveta de minha cômoda e tirei dela a carteira vermelha do meu Irving, com o seu passaporte americano e o cartão de identidade de residente em França. Abençoei a hora em que decidira guardá-los! O oficial da Gestapo percorreu por alto as páginas do passaporte; chegou ao retrato de meu irmão, e atirou uma mirada de raspão ao homem que estava de cama. A verdade é que o William, com a toalha enrolada na cabeça, e uma barba de três dias que lhe dava muito mais idade, representava à maravilha o papel de inválido.

O policial examinou o cartão de identidade de mais perto, e notou:

—Porque é que ele não renovou o seu cartão?

—Tínhamos resolvido regressar à América faz tanto tempo! Mas a saude dele sempre peor... Nestas condições quase que nem valia a pena!

Sabia eu que era muito frequente não se renovarem os cartões de identidade, obrigatórios para os estrangeiros residentes em França; e o da Gestapo sabia-o tão bem quanto eu. Pediu meus papéis, verificou-os bem, e saiu do quarto com uma frígida palavra de agradecimento. Pude respirar outra vez.

De volta à sala, o oficial perguntou a Madame Beugler pela lista dos locatários, e percorreu-a minuciosamente.

—Não vejo aquí o nome do irmão desta senhora, observou ele.

Sentí meus joelhos se dobrarem, mas Kitty disse com toda a calma:—É que o Irving não é locatário habitual da

casa, naturalmente. Está aquí apenas desde que se tornou preciso haver alguem que olhasse por ele...

Mme. Beugler portou-se absolutamente à altura das dificeis circunstâncias:—Queira perdoar, disse ela.—*Je suis idiote!* Esquecí-me daquele cavalheiro. Como ele nunca me pediu o certificado de residência, eu esquecí-me de o pôr na minha lista.

O agente sentou-se vagarosamente à mesa e puxou pela sua caneta de bolso. Que iria ele escrever? pensava eu em ânsias. Um mandado de captura para nós? Nada disso: pegou na lista dos locatários e, pela sua própria mão, acrescentou-lhe o nome de meu irmão Irving!

Quando a porta se fechou nas costas dos agentes, a Kitty correu a puxar o ferrolho. Em silêncio, olhamo-nos nos olhos. Ambas sabíamos que, se a Gestapo fosse verificar as nossas declarações nos arquivos das autoridades francesas, estaríamos imediatamente culpadas de dar acolhida a um inimigo no nosso apartamento, e de lhe fornecer os documentos de identificação de um morto.

Surgiu então à porta do meu quarto a face, pálida e negra de barba, de um rapaz em roupas menores, com uma toalha amarrada na cabeça.

—Que aconteceu? perguntou William Gray.

Ao ouvir esta inocente pergunta, que contrastava comicamente com o mau bocado que acabávamos de passar, desatamos as duas a rir perdidamente...

•

NA TARDE do dia seguinte fomos visitar Chancel. A Kitty abriu a conversa com muito cuidado, e o francês, apreendendo o sentido geral das suas palavras, interrompeu-a com um sorriso: —*Ma chere madame*, disse ele, eu não mudei de política com a entrada dos alemães. Em que gênero de complicação, precisamente, é que a senhora se meteu?

Kitty engoliu em seco e falou franco:

—Temos um piloto inglês escondido no apartamento.

E contou-lhe a história toda, incluindo a visita da Gestapo na noite anterior. O amigo Chancel deu um assobio:

—Muito bem! Não está nada má a aventura, para duas senhoras que ninguem decerto tomaria por aventureiras.

Foi uma pena não terem vindo logo procurar-me. Podiam ter-se poupado a muitas dores de cabeça.

Ao que parecia, Chancel era membro de uma organização clandestina que ajudava os soldados a escapar-se para o território desocupado. A organização tinha uma casa na Margem Esquerda, onde os refugiados se ocultavam até ser possivel obter-lhes salvo-condutos para viajar. Eram então remetidos por via-férrea a uns amigos que possuiam uma propriedade na linha de demarcação entre a França ocupada e a não-ocupada. Por alí é que eles atravessavam para o território controlado pelo governo de Vichy.

—Mas se o seu rapaz não fala francês—disse Chancel—ele não pode viajar com segurança no trem!

Eu o levarei no meu carro até a fronteira, disse Kitty.

—Isso agora não é tão facil. Como sabe, não se pode comprar gasolina...

Chancel meditava, e de repente deu uma forte palmada em cima da mesa: —Descobrí! disse.—O Lar do Soldado ainda funciona, sob o controle dos alemães. Ofereçam novamente os seus serviços, e assim poderão usar no carro o emblema da Cruz Vermelha, o que lhes

dá direito a quase 50 litros de gasolina por semana. Alem disso, terão um pretexto para percorrer o país, visitando hospitais e campos de concentração.

Em suma, a fuga de William Gray foi tão nua de incidentes, que quase nos ia desapontando. Conseguimos documentos de identificação do Lar do Soldado, e começamos visitando os hospitais da região parisiense. Chancel obteve um *permis* de viajar para William, e quando tudo ficou pronto, escondemo-lo uma vez mais no compartimento das bagagens do carro. Levávamos encomendas e presentes do Lar do Soldado para certo número de hospitais militares, mas a nossa primeira parada veio a ser numa pequena cidade, já na demarcação das duas Franças, onde nos foi muito facil encontrar os amigos de Chancel.

Uma semana depois, Margot entrou correndo no apartamento, a agitar no ar um bilhete postal. William mandava-nos uma cuidadosa mensagem, dizendo que lhe tinham prometido que em breve poderia «ir visitar a família». Percebí logo que se tratava de ir para a Inglaterra, e fiquei tão contente, que até já me sentia quase com forças para repetir a proeza daquela fuga.

Apesar disso, quando a Kitty um dia sugeriu qualquer coisa no gênero, eu sentí-me aterrada. Tinha lido por acaso no *Paris-Soir* um anúncio que lhe parecera muito interessante. A seção de «Desaparecidos» era então, em toda a França, a que se lia com mais voracidade, porque dificilmente se encontraria alguem que não tivesse perdido um parente ou um amigo no grande borborinho da guerra e ocupação. O *Paris-Soir*, que se tornara pro-nazí desde a entrada dos alemães, publicava diariamente centenas desses anúncios relativos às pessoas desaparecidas. Mas este anúncio tinha qualquer coisa de peculiar. Dizia ele:

> Jonathan Burke está procurando seus amigos e relações. Dirigir-se ao Hospital Militar de Doullens (Somme).

—Isto é um nome inglês, disse a Kitty pensativamente.—Quem jamais ouviu falar de um francês chamado Jonathan? Vou escrever a este homem.

—Kitty! fiz eu alarmada.—Você não vai agora tentar pescar mais soldados ingleses, ou será que vai?

—Não...Mas se encontrar algum, o menos que poderei fazer é levá-lo ao Chancel!

—Bem, vejo que você não desmente a idéia que tenho de você, repliquei.

Dias depois ela trazia-me esta nota, redigida em inglês e assinada Jonathan Burke: «Seria admiravel ter alguem com quem falar... Fico esperando ansiosamente sua visita.»

—O Lar do Soldado espera que nós levemos encomendas aos soldados, disse a Kitty olhando-me fixamente.

—Muito bem, respondí.—E quando é que nós devemos ir? Que eu tambem vou, sabe você, para a ajudar a livrar-se de alguma...

Partimos para Doullens na manhã seguinte, bem cedo, com os habituais pacotes de víveres e cigarros para os soldados. A Kitty levava tambem uma caixa embrulhada em papel pardo, acerca da qual não se mostrou muito expansiva. Era uma «coisa» que ela queria entregar no Lar do Soldado, quando regressássemos a París.

O Hospital Militar de Doullens ainda estava funcionando com todo o seu pessoal francês, mas sob a vigilância dos alemães. Duas sentinelas nazistas, rigidamente postadas aos lados do por-

tão, nem mostras deram de notar a nossa entrada. O hospital estava escuro, imundo, infestado de parasitas. Andamos por alí, conversando com os soldados, e de olho aberto, para o caso de avistarmos o Jonathan Burke. Fomos encontrar no jardim um oficial inglês sentado num banco, sozinho, com um penso aplicado no olho direito. O seu uniforme da RAF estava amarrotado e desbotado. Ao ver-nos aproximar, pareceu voltar à vida de repente:

—Eu tinha esperança de que viriam, disse ele.—Mas não me atrevia a ter certeza...

—O sr. é meu compatriota, respondeu Kitty.—É horrivel que o obriguem a permanecer neste lugar sórdido.

—Talvez lhe pareça assim, tornou ele em voz baixa.—Mas estou aquí a ver se ganho tempo. Estou curado, pronto a ter alta, e quando eles o souberem vão me mandar para a cadeia. Por aquí há poucos guardas, e talvez eu pudesse fugir... Agora da prisão é que há pouca esperança de escapar!

Kitty deu alguns passos, nervosa, afastando-se do banco, e depois voltou atrás:—O sr. gostaria que eu o levasse comigo para París? perguntou ela.

Burke agarrou-lhe a mão:—Mas como, Mrs. Beaurepos? Ó meu Deus... Eu sei que a senhora quer ajudar—mas que pode uma mulher fazer? Já está vencida, mesmo antes de começar...

E com os dedos trêmulos, palpou o penso do olho. Kitty disse com suavidade:—Está enganado, sr. Burke. Nós podemos levá-lo a París, e dalí para a França desocupada. E faremos isso mesmo!

O terror frio que me largara com a bem sucedida fuga do William Gray voltou a apoderar-se de mim... A Kitty apresentou então o misterioso embrulho de papel pardo que trouxera de París:—Aquí tem um macacão, disse ela. —Nosso auto está parado do outro lado daquele muro baixo, onde os arbustos são mais espessos. Nas costas do assento traseiro está a tampa do compartimento das bagagens. Meta-se lá dentro que tem espaço bastante; feche a tampa e espere por nós.

Ela olhou então para mim. Suponho que esperava o meu protesto; mas que podia eu dizer, com o Burke alí ao pé de nós, vibrando visivelmente de esperança?...

O ato mais dificil de toda a minha vida, foi aquele regresso até a saida, através das enfermarias, e falando para os doentes, como se nada houvesse acontecido... No corredor deparou-se-nos um rapaz novo, que parecia estar alí à nossa espera e veio ao nosso encontro, coxeando:

—Chamo-me Lawrence Meehan, disse ele.—Vi as senhoras falando com o Burke. Por favor... levem-me tambem daquí!

Via-se que estava muito doente, e tremia como varas verdes.—Você tem febre, disse eu.

—Não, isto é só a ferida na perna. Está quase fechada. Se me apanho fora daquí, fico logo bom!

—Olhe, fez Kitty, nós só podemos levar um de cada vez no carro. Se os alemães não nos pegarem, nós voltaremos aquí para livrar você. Tenha coragem, e espere.

Dito isto, ela seguiu corredor fora sem olhar para trás, e eu atrás dela, trotinando como gatinho assustado. Chegadas que fomos ao portão, a Kitty disse em voz alta:

—Me espere aquí. Eu trago o carro para este lado.

Alí fiquei aparafusada de medo, espiando, enquanto ela foi buscar o auto, que veio estacar em frente das duas sentinelas alemãs.—A que horas da manhã é que vocês abrem os portões para as visitas? perguntou ela em alemão, e um dos soldados informou-a.—É que nós talvez tenhamos que voltar aquí algumas vezes, continuou friamente a minha amiga.—Quer um cigarro?

O soldado aceitou o cigarro e riscou um fósforo para Kitty.—*Danke schön*, fez ela, arrancando...

Já eu me preparava para a exprobrar, quando ela me disse sossegadamente, sem olhar para mim:—Está vendo, eu queria que eles soubessem que nós vínhamos só as duas no carro.

—Kitty, você é um prodígio! Mas imagine agora se ele pedisse para ver o compartimento da bagagem?...

—Está fechado a chave. E eu diria que me esquecí das chaves em París...

Quando nos apanhamos em nossa casa com o Burke, em segurança, Kitty e eu nos sentimos como conspiradores experimentados e triunfantes; mas ele estava pálido, e o suor escorria-lhe pela cara abaixo.

—As senhoras foram admiraveis, disse ele.—Como eu desejaria que outros soldados ingleses tivessem a minha sorte! Supõe-se que haja uns dez mil, que ficaram encurralados por aí depois de Dunquerque, escondidos como animais por esses bosques e cavas do norte da França. Não têm comida nem armas. Os alemães já organizaram um corpo especial de motociclistas para lhes dar caça. E não há maneira de salvá-los...

Ficamos algum tempo sentadas num silêncio triste. Depois do jantar, quando Burke foi para a cama, a Kitty virou-se para mim com um olhar de decisão:

—Etta, você vai ter que voltar para os Estados Unidos. Eu é que não posso ficar aquí de mãos cruzadas, enquanto prossegue esta cruel caçada ao homem. Tenho que ajudar os meus compatriotas a fugir da França. Mas o que eu não posso é comprometer você neste trabalho!

Durante alguns instantes eu não pude falar. E a Kitty prosseguiu:—Eu não sou corajosa, Etta. Tenho medo da morte. Mas ninguem que saiba como salvar esses homens tem o direito de os abandonar. Ainda que eu soubesse que os alemães me fuzilavam, mesmo assim eu tentaria salvar esses moços ingleses!

—Mas eu não vou abandonar você, Kitty, conseguí eu articular finalmente. —Se você tem que salvar esses homens, o meu dever é auxiliá-la.

O GRANDE problema estava na maneira de nos pormos em contacto com aqueles soldados. Acabamos decidindo fazer uso da coluna dos «Desaparecidos», como tinha feito o Burke. A Kitty saiu cedo, no dia seguinte, e foi pôr este anúncio no *Paris-Soir*:

> William Gray procura seus parentes e amigos. Dirigir-se ao Café Moderno, rue Rodier, París.

Não nos atrevemos a usar nem os nossos nomes nem o nosso endereço. Mas o Gray estava seguro, fora do território nazí. E a Kitty conhecia o proprietário do Café Moderno, um tal M. Durand, um francês de confiança que prometera fazer-nos entrega de toda a correspondência que alí chegasse endereçada a William Gray.

Estávamo-nos aprontando para sair, na intenção de acompanhar o Burke à margem esquerda, quando Chancel chegou a nossa casa com más notícias. Um dos homens do grupo tinha-se passado para o inimigo, e na noite anterior a

casa da *Rive Gauche* tinha sido assaltada pela Gestapo. Os nazistas já estavam informados a respeito da quinta na fronteira...

—Então, não tarda que estejam aquí! disse eu num susto.

—Oh, não! respondeu Chancel.—As senhoras estão seguras. O traidor só conhecia alguns de nós. O amigo que temos na Prefeitura, aquele que nos arranja os vistos de saida, é homem de absoluta confiança para os nazís, e sabe tudo quanto eles sabem. Nunca ouviram falar das senhoras, podem estar descansadas.

O nosso cúmplice da Prefeitura de Polícia tinha prevenido os amigos e, por sorte, todos se tinham escapulido em tempo das suas casas; o fato, porem, é que aquela via de escape nos ficava para sempre embargada. O próprio Chancel se dispunha a passar agora para a zona não-ocupada. Ia ficar por alí o tempo necessário para deixar crescer uma longa barba, e organizar um grupo que tomasse conta dos homens que nós fôssemos fazendo passar através da fronteira.—Quando regressar aquí, disse ele, me porei logo em contacto com as senhoras.

Despediu-se, e com ele foi-se o ânimo e a coragem que a sua presença nos dava sempre. Podíamos ouvir os passos do tenente Burke, que andava no quarto para cá e para lá, impaciente. A salvação dele era a nossa preocupação mais imediata.

—Só há uma coisa a fazer, Etta, disse Kitty.—Amanhã teremos que descobrir alguns lavradores franceses que vivam lá para a fronteira, e que concordem em ajudar a passar o Burke.

Deteve-se um instante, e reatou: —Amanhã já não pode ser. Amanhã temos que ir tirar o Meehan do hospital...

—Kitty! Você não vai agora meter aquí outro homem!

Olhou-me com surpresa:—Não vou metê-lo aquí? Mas nós lhe prometemos!

A NOSSA segunda jornada a Doullens foi rápida. Meehan estava de cama e parecia muito doente. Vimos que seus olhos brilharam, mas foi esperto o bastante para não dar sinal de nos ter reconhecido. Kitty deteve-se junto à cama vizinha da dele, e daí a pouco agarrou-me pelo braço e levou-me até o corredor. Ao passarmos pela sala da diretoria, a porta abriu-se bruscamente, e um médico militar francês atravessou-se no nosso caminho.

—Eu sou o major Thibaud, chefe deste hospital. Segundo creio as senhoras já nos deram há dias o prazer da sua visita, disse ele vagarosamente. E depois, com modo brusco:—Querem ter a bondade de me dizer onde se encontra o tenente Burke?

O coração subiu-me à garganta; mas a Kitty retorquiu com toda a calma: —O doutor com certeza adivinhou o que nos ia no espírito: acabamos agora mesmo de percorrer as enfermarias em busca dele!

O dr. Thibaud inspecionou Kitty com um olhar minucioso. Em seguida, regressando ao seu gabinete, disse: —Queiram entrar para aquí...

Mandou-nos então sentar, e começou a passear devagar para um lado e para o outro. Aquele silêncio causava uma tensão insuportavel. O major parou enfim na nossa frente:

—É claro que procedí a um inquérito rigoroso. A senhora, Madame Beaurepos, nasceu na Inglaterra. Não me surpreende por isso que, no dia da sua visita aquí, nos tenha desaparecido um dos

poucos prisioneiros ingleses que cá estavam. Eu não sou parvo, madame Beaurepos. Para mim não oferece dúvidas que a senhora ajudou o tenente Burke a fugir. O meu dever é entregar a senhora às autoridades alemãs. Sou um soldado, e tenho o hábito de acatar ordens...

O médico deteve-se um instante, durante o qual meu coração pulsou desordenadamente.

—Mas não sou apenas militar, minhoras senhoras, continou ele devagar. —Sou tambem *francês*. E é por isso que ainda não dei parte da fuga do tenente Burke. Mas (e aquí o tom da sua voz se tornou cortante, como se ele desse uma ordem militar) as senhoras vão sair imediatamente deste hospital, e não voltam a pôr aquí os pés. Devo exigir-lhes a promessa formal de que não repetirão o seu ato. Essa repetição seria provavelmente fatal para as senhoras. E aconselho-as a esquecer esta conversa. Pela minha parte, estou absolutamente certo de que nunca mais a lembrarei.

Eu fiquei sentada na minha cadeira, rígida sob o efeito siderante desta inesperada saida do major. A Kitty então levantou-se:

—Obrigado, Doutor, disse ela estendendo-lhe a mão.—Tenho sempre alegria em conhecer um autêntico francês!

—Hão de perdoar—responder secamente o dr. Thibaud—que eu tome a precaução de as escoltar até o seu automovel...

Rolamos alguns quilômetros, na volta a París, antes de eu poder articular uma palavra. Disse por fim:—Pobre Meehan, vamos ter que o deixar ficar alí... É positivo que não podemos lá voltar!

A Kitty sorriu:—Passei um bilhetinho ao Meehan enquanto estivemos paradas ao pé da cama vizinha. Ele já vai aquí, no compartimento da bagagem...

O espanto que se me pintou na cara foi com certeza demasiado para a minha amiga. Desatou a rir, a rir, de tal forma que teve de parar o automovel. Eu não lhe fiquei atrás! E alí nos demoramos um bom pedaço, o carro parado à beira da estrada, duas senhoras sós a rir perdidamente, até às lágrimas— num país donde o riso se apagara por completo...

CHEGADAS que fomos a casa, tivemos muita dificuldade em conseguir que o Meehan saisse do seu esconderijo. Coxeando e apoiando-se pesadamente em nós duas, lá se arrastou até ao apartamento. Saindo do quarto ao nosso encontro, Burke perguntava: «Correu tudo bem?» quando Meehan se foi a terra, e ficou estendido, inanimado. Burke inclinou-se para ele, examinou-o e exclamou: «A ferida dele tornou a abrir!»

Com efeito, uma das pernas da calça de Meehan estava ensopada em sangue, e este pingava em grandes gotas no soalho.

—Telefonem já a um médico! ordenou Kitty.—Não, esperem! Nós não podemos dizer ao médico... Arranjem aí umas toalhas!

A campainha da porta retiniu, insistente e vibrante. Ficamos todos como estátuas. E o toque repetiu-se...

—Não serve de nada, fez a Kitty desanimada.—Nós não podemos esconder isto. Etta, responda você à porta.

Nunca na minha vida eu cumprí uma tarefa com tanta relutância quanta tive em abrir aquela porta. Mas felizmente nosso receio era infundado: Henri Beau-

repos, o marido da Kitty, apareceu-me entre portas! Sempre que passava por París ele vinha infalivelmente ver a ex-mulher. Desta vez, porem, a sua visita foi de verdade providencial e, passado o primeiro momento de assombro, ele tomou logo a seu cargo a direção de tudo. Telefonou a um médico que sabia ser da maior confiança, e que não levou mais de cinco minutos a chegar. Daí a um quarto de hora, Meehan estava pensado e na cama; mas o médico abanou a cabeça—o estado do ferido era pouco animador. Tinha uma infecção grave. Mas havia de se fazer tudo o que fosse possivel...

Depois de saido o médico, Henri resolveu todos os problemas que nos inquietavam: tinha um amigo em Libourne, um certo Tissier, cujos vinhedos se estendiam de um lado e outro da linha de demarcação. Por alí podiam atravessar os rapazes. Iria custar, no entanto, algum dinheiro, uns 50 francos por cabeça, em gorgetas aos sargentos das forças que guardavam a linha de demarcação, os quais não desgostavam de receber as suas compensações.

«Conheço um sujeito na Prefeitura de París—continuou—que nos dará salvo-condutos com nomes franceses para os seus amigos britânicos. Agora já não há razão para apreensões. Tudo vai correr o melhor possivel...

Vi luzir lágrimas de alegria nos olhos da Kitty. E dizer que poucas horas antes ainda pensávamos que a nossa situação era desesperada!

NA MANHÃ seguinte, o filhinho de M. Durand, Emílio, trouxe-nos umas cartas dirigidas a «William Gray», Café Moderno. A Kitty abriu uma: não continha propriamente texto, mas apenas este endereço:

B. W. Stowe 12, rua de la Gare, Reims

—Isso me parece suspeito, observei eu imediatamente.

—Oh, Deus, disse a Kitty para Burke.—A Etta vai ver agora a mão sutil da Gestapo por trás de cada uma destas cartas...

A carta seguinte vinha em francês, e dizia:

CARO SENHOR:

Sou o pároco da freguesia de Conchy-sur-Conche, e escrevo-lhe a pedido de alguns dos meus paroquianos, que parecem reconhecer no seu nome o de um velho amigo deles. E asseguram-me que posso dirigir-me a V. com toda a confiança, para tratar de assunto do máximo interesse para a minha congregação.

O edifício da nossa igreja está reclamando obras urgentes, sem as quais esta jóia da arquitectura medieval se arrisca a aluir—catástrofe que esperamos de um dia para o outro—perdendo-se assim valores inestimaveis e insubstituiveis. Já obtive autorização da Igreja e das autoridades locais para executar o projeto de restauração.

Venho assim rogar-lhe, presado Sr., se digne informar-me imediatamente sobre a data e o lugar onde poderíamos avistar-nos, para discutir a promoção da nossa campanha de colheita de fundos.

Rogando para V. S. as bençãos do Senhor, subscrevo-me

Com subido respeito,
Pe Christian Ravier

—Oh, mais um pedido de auxílio... comentei eu.

—Etta! bradou Kitty quase fora de si.—É uma carta dirigida a William Gray, em resposta ao nosso anúncio! E está escrita para que só nós a entendamos, e mais ninguem. Escute: «Alguns

dos meus paroquianos... parecem reconhecer no seu nome o de um velho amigo...» O cura deve estar em contacto com alguns dos homens da unidade do Gray! «Asseguram-me que posso dirigir-me a V. com toda a confiança...» Esperam a catástrofe «de um dia para o outro»—por outras palavras, a «congregação» pode ser descoberta e metida na cadeia!

Concordamos todos que a carta parecia autêntica, e a Kitty foi ao Bispado de París pedir informações sobre o padre Christian Ravier. Raciocinou corretamente, ao presumir que ele devia na verdade ter organizado um fundo destinado à restauração da sua igreja, para que, no caso de uma investigação policial, as suas cartas de «apelo» pudessem afigurar-se inocentes. Regressou a casa radiante de júbilo, e pusemo-nos logo a caminho para ir ver o rev. Christian.

A julgar pela carta, esperava eu ir encontrar um santo varão, de longa barba branca... Em vez disso, saiu-nos um padre jovem, enérgico e de olhos brilhantes, a quem de relance dei uns 28 anos.

Sugeriu ele que fôssemos conversar na Reitoria, que ficava atrás do templo, e guiou-nos através do jardim até um pequeno quarto de teto baixo. Dissenos então que havia pelo menos uns mil soldados ingleses ocultos nas florestas de Conchy-sur-Conche, com os quais ele se encontrava em contacto regular.

—Mas não me parece que eles possam continuar escondidos por muito mais tempo. Estão tão desnutridos, tão exhaustos! A minha congregação dá-lhes todo o alimento e todas as roupas que nos é possivel pôr de lado, mas o racionamento é tão estrito, que ainda que tudo lhes déssemos, mesmo assim não seria o bastante... Eu posso obter cartões de identidade para eles, e fazê-los acompanhar a París em pequenos grupos, se a senhora pode e quer encarregar-se deles daí em diante.

—Com certeza que posso, respondeu Kitty. E falou-lhe do nosso «tunel de fuga», que poderia estar a funcionar dentro de uma semana. O sacerdote fechou os olhos alguns instantes, como se orasse. E depois:

—A sua vinda aquí, minha senhora, parece uma resposta de Deus às minhas preces!

A INFECÇÃO de Lawrence Meehan tinha cedido prodigiosamente bem ao tratamento, e em breve o rapaz devia estar em condições de viajar. Esperávamos poder mandá-lo na companhia de Burke. O amigo que Henri tinha na Prefeitura de París conseguira obter-nos grande número de *permis* em branco, que nós podíamos preencher com os nomes e outros pormenores relativos aos nossos protegidos. Entretanto, certa manhã lemos nos jornais que a pena de morte seria imposta a todas as pessoas julgadas cúmplices da fuga de soldados ingleses.

—Devo ir a Libourne, preciso de ver o Tissier imediatamente, disse a Kitty. Temo que esta ordem o assuste, e ele queira furtar-se a ajudar-nos...

Mas como já tínhamos salvo-condutos para os nossos dois refugiados, ela decidiu levá-los logo consigo. Quando regressou, vinha cheia de entusiasmo por Tissier. Burke e Meehan já estavam seguros, do outro lado da «fronteira». Tissier era um tipo admiravel! Quando Kitty fez referência à pena de morte decretada, ele cuspiu para o chão e disse: «Eu fiz toda a guerra de 14 a 18.

Podia ter morrido mil vezes, e não morrí. Mais uma guerra passou por mim, e tornei a escapar. Estou convencido de que nada tenho a perder, pois já levo bastante vantagem aos que foram adiante de mim.»

A Kitty escreveu logo ao rev. Christian, dizendo-lhe que tudo estava a postos para começar a subscrição; daí a poucos dias, chegava ele ao apartamento, acompanhado de quatro soldados. Munidos de salvo-condutos, tomaram o trem da noite para Libourne.

Tissier devia-nos informar da chegada deles, mas passaram-se dois dias sem recebermos recado, e já começávamos a recear algum desastre, quando ele se apresentou em pessoa na nossa casa. Disse-nos logo sem rodeios:

—As senhoras cometeram um erro grave. De futuro, não devem deixar que esses rapazes se metam a viajar sem uma escolta de gente esperta, que possa responder por eles, e em francês, às perguntas que lhes sejam feitas.

Ficamos sabendo que aqueles quatro ingleses só por um fio tinham escapado às garras da polícia. Os gendarmes franceses, ao verificarem a documentação dos passageiros, descobriram que os quatro rapazes tinham papéis franceses, mas eram incapazes de falar a sua língua! Se os outros passageiros que seguiam no mesmo compartimento, todos franceses, não tivessem protestado indignadamente, os gendarmes teriam obrigado os refugiados a descer do trem. Tinham estado à beira da morte...

Ainda não havia meia-hora que Tissier tinha saido, quando a Margot veio anunciar-nos outra visita, desta vez um tal sr. Corbier.

—Não conheço ninguem com esse nome, disse a Kitty, desconfiada.—Que quer ele?

Mas a Margot não teve nem tempo de responder, porque M. Corbier abriu a porta e entrou sem cerimônia. Era o tipo do médico francês—barba preta e mal talhada, óculos de aro grosso. Ficamos a olhar para ele.

—Minhas caras senhoras, — disse —estou satisfeitíssimo por ver que não me reconhecem!

—Chancel! gritamos nós duas, quase em coro.

O nosso amigo andava agora trabalhando para uma nova organização que tinha por objetivo fazer entrar clandestinamente na Inglaterra todos os franceses que quisessem lutar sob as ordens do general de Gaulle. Vinha pedir-nos que trabalhássemos de acordo com ele, e quando a Kitty explicou em que embaraços nos achávamos, ele viu logo de que maneira as nossas dificuldades podiam resolver-se num plano de conjunto. Não havia nada mais facil, na sua opinião:

—Sempre que tiverem alguns ingleses para mandar, mandem recado, que eu arranjarei um número igual dos nossos rapazes, que querem unir-se aos de-gaulistas. Podem ir todos juntos.

—Foi Deus que mais uma vez o mandou aquí! disse-lhe a minha amiga.

Esta observação ficou-me gravada na memória. Era certo que a sorte, uma sorte quase milagrosa, nos fora até alí favoravel. Mas seria apenas sorte, ou andaria nisso, a guiar-nos, a mão da Providência?...

Tínhamos agora uma via de escapamento não só para a zona desocupada, mas até à própria Inglaterra.

Pelas alturas de novembro já havíamos remetido mais de cem ingleses, acompanhados de igual número de franceses. O sistema funcionava com a precisão de um cronômetro. Estávamos

tão habituadas a isso, que se podem contar as vezes que nos ocorreu a idéia do perigo em que vivíamos. Mas o triste despertar já não vinha muito longe...

EM OUTUBRO, aquele tráfego de fugitivos por grosso tinha-nos posto em dificuldades financeiras. As despesas de viagem, incluindo 50 francos por cabeça para conseguir a passagem dos homens através da fronteira, atingiam uma soma respeitavel; mais dispendioso era, porem, alimentá-los enquanto ficavam por París. Em nossa casa dispúnhamos apenas de três cartas de racionamento; alem disso, como nos era muitas vezes dificil conseguir mesmo as rações a que as cartas nos davam direito, tínhamos que recorrer ao mercado negro, onde se pagavam preços dez a vinte vezes mais altos que os da tabela organizada pelas autoridades. Qualquer protesto da nossa parte, contra a exorbitância dos preços, representaria para nós a perda da única fonte de abastecimento dos víveres indispensaveis.

A Kitty conhecia algumas famílias abastadas na Zona Livre, que teriam prazer em nos ajudar. Mas, é claro, não se podia corresponder com elas. Teria que ir visitá-las pessoalmente. Perguntei-lhe quanto tempo se demoraria por lá, tentando mascarar sob um sorriso o receio que me provocava a idéia de ficar só.

—Duas... talvez três semanas. Não se preocupe, Etta... Se alguma coisa acontecesse, você podia sempre recorrer ao nosso Chancel.

Durante a primeira semana da ausência da Kitty, o padre Christian mandou-me três grupos, que eu sucessivamente entreguei às escoltas de Chancel. Um dia, não teria corrido ainda meia-hora sobre a saida do terceiro grupo, apareceu-nos à porta Emílio, o pequeno de Durand, a perguntar pela Kitty. O sr. Durand mandava dizer que estava no café um Mr. Stowe, que queria falar com ela.

«Mr. Stowe» era o nome que assinava uma das cartas por nós recebidas em resposta ao anúncio do *Paris-Soir*. Fiquei alguns momentos paralisada na minha cadeira: como soubera aquele homem o nome da Kitty, se o nosso anúncio mencionava apenas o William Gray?

Eu precisava de fugir! Talvez ainda me fosse possivel passar à zona desocupada, fora de perigo. Mas depois Kitty, ao regressar, encontraria o apartamento abandonado! Pouco a pouco conseguí acalmar-me. No fim de contas, pensei, não era já a primeira vez que me via em sérios embaraços...

Fui-me instalar num pequeno restaurante, a um quarteirão de distância do Café Moderno, e disse a Emílio que pedisse ao pai para me vir ver imediatamente. M. Durand não tardou nada.

—O sr. deu nosso endereço a este tal Mr. Stowe? perguntei logo.

—Está claro que não dei! Mme. Kitty disse-me para não dar o endereço dela a ninguem. O homem perguntou por William Gray, e eu mandei o pequeno procurar a senhora. Pode estar certa de que não sou tão estúpido como a senhora julga! Respondí ao tipo que não conhecia nenhum William Gray. Aconselhei-o a esperar, e se aparecesse por alí algum William Gray a pedir cartas, eu lho apresentaria.

Respirei aliviada ao ouvir isto.

—E que lhe parece o tal Stowe?

—Bem... o francês dele não é mau... Em todo caso não é exatamente o francês que falam os nossos amigos

ingleses! Disse-me ele que estava receoso de falar inglês, isso embora a sua voz fosse tão baixa que ninguem o poderia...

Durand calou-se de súbito, com uma expressão de assombro estampada na fisionomia: —*Diable, que je suis stupide!* O homem acendeu um cigarro enquanto estava a falar comigo. Era da marca que distribuem aos soldados alemães...

Agarrei por cima da mesa a mão de Durand: —Tenha calma, M. Durand. Este Mr. Stowe é um agente da Gestapo!

A cara do meu interlocutor fez-se branca: —Que hei-de eu fazer agora? que vai ser de mim?

—Eu tenho salvo-condutos. O senhor pode ir já para a estação, e tomar um trem para a zona não-ocupada...

—Não,—gemeu ele—tenho mulher e filhos... Tudo o que possuo está aquí!

Uma nuvem de inquietação toldou-lhe o rosto, e de repente dissolveu-se para deixar brilhar um largo sorriso: —Achei uma solução, uma solução perfeita! Vou telefonar já para a sede da Gestapo, denunciando-lhe um «inglês suspeito» que está no meu café. Dessa maneira não poderão suspeitar de mim!

Mal ele deixara a minha mesa, quando um receio me assaltou: não fosse ele cometer algum erro. Suponha-se que Mr. Stowe era de fato um soldado inglês? Fui até o café, e sentei-me na terrasse para ver o que ia sair de tudo aquilo, e serenar o meu ânimo, se me fosse possivel.

Vi então chegar um auto oficial dos alemães, do qual saltaram na calçada três homens. Entraram no café, e momentos depois saíam acompanhados de um quarto sujeito, agarrando-o pelos braços. Meu coração quase parou: tínhamos por certo cometido um erro!

Mas quando se apanharam na penumbra da rua, os quatro homens desataram a rir às gargalhadas. Subiram para o carro e «Mr. Stowe», ainda a rir, ofereceu aos outros, cortesmente, cigarros do seu pacote; agora já me não restava dúvida que era da marca militar alemã...

Poucos dias depois, Durand entrou-me pelo apartamento dentro, numa fúria, brandindo um jornal: —A senhora endoideceu? gritou ele. Li então o anúncio sobre o qual o seu dedo, apontando, tremia ainda de excitação.

> William Gray (ex-morador em Dunquerque) procura seus amigos. Endereço: Café Moderne, rue Rodier, París.

—Sr. Durand, disse eu, não fomos nós que pusemos este anúncio. Nem sequer demos ordem para que o nosso se repetisse!

—Então de quem é isto? fez ele com uma expressão de incerteza.

—Da Gestapo! disse eu. Tenho a certeza. Eles queriam ver a quem você se dirigia quando lesse o anúncio...

—*Mon Dieu!* disse Durand esmagado. —Que imprudência a minha, vir aquí! Que é que eu hei-de fazer agora?

—Nada, disse eu. —Se eles o seguiram, o mal está feito. M. Durand, o senhor é um bom francês. Se chegar algum correio para William Gray, espero que tome as medidas necessárias para que ele não caia em mãos da Gestapo...

Fiquei todo aquele dia com o credo na boca, ansiosa. Quando chegou o anoitecer, pus-me a correr o apartamento e, armário por armário, gaveta por gaveta, fui destruindo e queimando

todos os papéis que nos pudessem comprometer. Foi na manhã seguinte, estava eu a tomar o pequeno almoço, que ouví tocar a campainha. Dois homens estavam diante de mim no patamar.

—Onde está Madame de Beaurepos?

—Em Tours, respondí, sabendo que não devia declarar que ela abandonara a zona da França ocupada.

—Quando é que ela volta aquí?

—Mas porque é que os senhores estão me fazendo todas estas perguntas?

Um dos homens puxou da placa: «Polícia Secreta Alemã...»

Esta cena decorreu, de certa maneira, contra a minha expectativa. Durante cinco meses, eu havia vivido no terror de que este momento chegasse; e agora que ele viera, sentia-me calma e fria! O acontecimento era muito menos espetacular do que eu esperara—dois homens muito simplesmente a paisana, com as suas carteiras, polidamente falando comigo à porta, como dois caixeiros viajantes que viessem oferecer a sua mercadoria.

Supunham os agentes da Gestapo que eu não entendia alemão, e um deles falou assim para o outro: «A inglesa bateu as asas. Você não saia daquí, e não deixe de responder ao telefone.» Depois, voltando-se para mim, pronunciou em francês: —A senhora vai comigo. Prepare uma valise, e meta nela alguma roupa quente.

Fui ao meu quarto de cama e comecei a meter umas coisas na mala, ao mesmo tempo que pensava exasperadamente na maneira de deixar atrás de mim um aviso qualquer. O padre Christian era alí esperado ao meio-dia, e quanto ao Chancel, podia chegar a qualquer momento. A ratoeira estava pronta!

Enquanto o elevador, vagarosamente nos levou até baixo, alimentei a esperança de encontrar a porteira no vestíbulo; mas estava tudo deserto.

Quando chegamos à sede da Gestapo, fui introduzida entre guardas numa sala onde estavam dois agentes sentados às suas escrevaninhas. Um deles, de uniforme, era o capitão Pietsch, conforme vim a saber mais tarde. O outro, o dr. Hager, era um sujeitinho vestido a paisana, tipo de professor primário, com uma cara em bico, e que falava o inglês em voz baixa, quase cariciosa...

—Mrs. Shiber, disse ele persuasivamente, nós não queremos ser forçados a meter na cadeia um cidadão do seu grande país. Se a senhora é uma pessoa sensata, dir-nos-á com a maior simplicidade tudo o que aconteceu. A maior parte das coisas, em todo caso, já não são segredo para nós. Sabemos que Mme. de Beaurepos estava levando a cabo as suas atividades à sombra do trabalho que fazia para o Lar do Soldado, passando soldados ingleses através da fronteira como contrabando. Tudo o que nós queremos que a sra. nos diga, são alguns pormenores do caso, por mera formalidade. Só Deus sabe se a senhora não poderia produzir alguma circunstância atenuante, que viesse em socorro da sua amiga!

O terror pânico que tantas vezes me dera vertigens, só de pensar que poderia ser presa, tinha-se agora ausentado por completo de mim, e achei-me senhora de um pensamento claro e fluente. A minha suposição era que nem a visita da polícia ao nosso apartamento, nem a minha prisão, eram necessariamente prova de que os agentes da Gestapo estavam na posse de informações positivas, mas apenas de que estavam dispostos a obtê-las. E a minha reação foi negar tudo. Era mais que certo que, se

eu confessasse, estaríamos todos perdidos. Fiquei pois silenciosa, olhando por cima da mesa o meu interrogador. Dando ligeiros sinais de impaciência, o dr. Hager prosseguiu:

—Vamos, vamos, Mrs. Shiber, a ver se acabamos com isto! Em que data é que Mme. de Beaurepos começou a remeter soldados ingleses através da linha de demarcação?

—Tenho muita pena—respondí firmemente—mas nada sei acerca de tais atividades por parte de minha amiga, Mme. de Beaurepos.

O capitão Pietsch virou-se para Hager e soprou, não tão baixo que eu não ouvisse: «Vá para diante com os seus métodos humanitários, se o quer. Mas quando chegar à conclusão de que não consegue nada com a sua bobagem sentimental, eu lhe garanto que conheço a maneira de fazer falar esta dama!» Levantou-se irritado, e saiu da sala.

Na parede em frente estava um relógio elétrico. Vi as horas: o padre Christian devia estar a chegar ao meu apartamento... Tocaria a campainha, e exclamaria alegremente como era seu costume: «Trago aquí na minha companhia meia dúzia de rapazes com uma fome de urso! Posso convidá-los para lanchar conosco?» E só então, demasiado tarde, notaria que fora um homem desconhecido quem lhe abrira a porta...

O dr. Hager continuou a instar-me e a ameaçar-me alternadamente. Parecia agora um mestre-escola mal-humorado, furioso porque os alunos tinham sido mais espertos do que ele. Comecei a recuperar minha coragem.

Passava um pouco do meio-dia quando o telefone retiniu. O dr. Hager escutou durante uns instantes, e depois olhou-me com uma expressão de triunfo. Deu logo esta ordem: «Tragam-no já aquí... Não, escutem! —acrescentou imediatamente, corrigindo a sua própria ordem: —Podem chegar outras visitas. Eu vou mandar alguem para buscá-lo.»

Virando-se para mim com um sorriso de grande satisfação pessoal, disse:

—Mrs. Shiber, a senhora já reparou que quando se quebra um fio de pérolas, e uma delas rola no chão, as outras invariavelmente a seguem?

Quando o rev. Christian foi introduzido na sala, disse-me logo:

—Como vai, Mrs. Shiber?

—Ah, então reconhece-a, não é assim?

—Mas naturalmente! respondeu o padre. —Eu ia procurar Mme. de Beaurepos, que me tem ajudado na restauração da minha matriz, quando me prenderam. Não faço a mais leve idéia do que se trata.

Era tudo quanto eu queria saber; tambem ele havia negado tudo. Durante as horas que se seguiram, fomos bombardeados com perguntas e mais perguntas, umas vezes separados, outras em acareação. Procuraram levar-nos a contradizer-nos mutuamente; mas por sorte, ambos nos agarramos à mais simples versão das nossas relações, indicada nas primeiras palavras pronunciadas, ao entrar alí, pelo padre Christian. Eram seis horas quando os investigadores renunciaram a arrancar-nos uma confissão. O dr. Hager chamou um agente e disse-lhe: «A mulher fica, para novas investigações.»

Fui durante duas semanas a presa número 1876 na cadeia militar alemã da rua du Cherche-Midi. A cela que compartilhei com três outras mulheres, continha quatro pequenos catres, tão juntos uns dos outros, que não era possivel passar entre eles. O ar estava carregado do cheiro nauseabundo do vaso de lata, que era todo o nosso material sanitário na prisão. Como não era permitido estar na cama antes das sete da noite, e não nos eram consentidas distrações quaisquer, tais como tricotar ou escrever cartas, nada tínhamos que fazer senão sentar-nos muito direitas todo o santo dia à beira dos catres. As refeições eram uma diversão sempre benvinda. Mas que refeições aquelas! —café artificial, «sopa» que era uma pitada de verdura numa tigela de água, carne sintética (duas pelancas finas, duras de roer como borracha) e uma pequena fatia de pão negro. Consumíamos toda essa intoleravel ração, mas isso nem sequer chegava a embotar a fome que nos roía.

Por duas vezes, no curso das duas semanas seguintes, fui intimada a comparecer no gabinete do dr. Hager, e assediada com centenas de perguntas e acusações, que naturalmente continuei a negar. Para meu grande assombro, no dia 14 de dezembro, o dr. Hager anunciou-me afavelmente que eu ia ser posta em liberdade.

Estonteada e suspeitosa, eu já esperava outra «partida» da polícia. Mas recebí meus papéis de soltura convenientemente carimbados, e encaminhei-me para fora da cadeia, respirando o ar de liberdade da rua du Cherche-Midi.

Mme. Beugler, quando eu fui bater à porta do seu cubículo, pareceu não me reconhecer. Depois, foi com as lágrimas nos olhos que me disse: «*Mon Dieu*, que foi que eles lhe fizeram, Mrs. Shiber?!»

Nem a Kitty nem Chancel tinham tornado a aparecer por alí, disse-me madame Beugler; não tinha visto o sr. Beaurepos (que estaria provavelmente a seguro, em território desocupado). Vira, da janela do seu cubículo, a Gestapo prender o rev. Christian: este não trazia ninguem com ele, nenhum inglês Quanto à nossa Margot, tinha sido engavetada, mas a polícia pusera-a logo em liberdade, e a boa mulher fora para a Bretanha, para junto dos seus.

Sozinha agora no apartamento, andei de quarto em quarto, acendí e apaguei as luzes, experimentei as torneiras para me certificar de que não ne tinham privado do luxo de água quente.

Depois, a campainha da porta tocou; fui abrir, e vi diante de mim a figurinha do dr. Hager. Vinha, assim me disse, com a maior suavidade de que era capaz, verificar se os seus homens tinham deixado o apartamento em boa ordem. Passou uma inspeção minuciosa a todos os quartos, a todos os armários, e até espreitou para dentro da refrigeradora. Saiu dentro em pouco, aconselhando-me amigavelmente a regressar aos Estados Unidos: «E veja se convence a sua boa amiga, Mme. de Beaurepos, a acompanhá-la... Nós destruimos a organização dela, e o caso está encerrado. Mas teríamos de ser muito severos, se ela por aquí ficasse, e reincidisse no contrabando de ingleses!»

Assim, eu via agora que a minha liberdade era pura ilusão! Os da Gestapo me tinham posto em liberdade para que eu servisse de *isca*, e os levasse no meu rasto ao esconderijo da Kitty...

Por toda parte onde eu andei, naqueles poucos dias que se seguiram, sentí atrás de mim uma sombra persistente, seguindo meus passos, virando todas as esquinas que eu virava. E foi então que, um dia, o Chancel saiu da boca de uma estação do Metrô, e se encaminhou para mim.

Minha primeira reação foi de alegria, por ver que ele ainda estava livre. Mas

logo me contive, pensando que falar-lhe seria denunciá-lo aos cerberos que me seguiam, sempre dois passos à minha retaguarda. Mas Chancel, ao ver-me, sorriu. Olhei-o friamente, sem dar sinais de conhecê-lo, e ao cruzar-me com ele, murmurei de dentes cerrados: «Não me conhece. Sou seguida.»

Estuguei o passo, e ao chegar à primeira esquina olhei para trás, por cima do ombro: minha sombra fiel desaparecera, mas um pequeno grupo se formara à entrada do Metrô, e ouví um agudo silvo de policial.

Nessa noite a Gestapo reapareceu no meu apartamento, e deteve-me uma vez mais para «averiguações». E de novo tive que enfrentar o melífluo dr. Hager.

—Bom, a comédia acabou-se, disse ele. —Graças à senhora, Frau Shiber, agarramos esta tarde o sr. Corbier. E Mme. de Beaurepos foi presa em Bordéus há precisamente duas horas.

O chefe não tinha proferido o verdadeiro nome de Chancel, o que foi para mim um motivo de alívio; mas quando ele disse que a Kitty estava presa, apagou-se-me até da mente o pensamento do nosso auxiliar. De modo que eles a tinham enfim na rede!

O MEU interrogatório, desta vez, foi muito diferente. Mandaram vir um secretário que estenografou tudo quanto eu disse: era o meu depoimento formal para a organização do processo. Continuei naturalmente a negar tudo. Quando o meu depoimento, já dactilografado, me foi trazido para firmar, li-o com o maior cuidado—dez páginas de máquina a intervalos singelos—receando uma cilada da Gestapo; mas tudo quanto eu dissera alí estava, palavra por palavra. Assinei firmemente meu nome todo ao final de cada página dos autos.

Em seguida foi chamado um guarda para me reconduzir à prisão do Cherche-Midi. Quando ia a sair, o dr. Hager dirigiu-me estas palavras cruéis: «Mrs. Shiber, vão passar dois ou três meses antes que o seu caso possa ir a julgamento. Não é muito tempo... Previno-a, pois, para que se prepare. Os tribunais têm instruções para aplicar a pena de morte aos casos do gênero do seu. Adeus, Mrs. Shiber!» E inclinou-se, num sorriso que lhe pôs a descoberto todos os dentes.

AS PRIMEIRAS notícias que tive da Kitty foram-me involuntariamente fornecidas pelas próprias autoridades prisionais, durante o segundo mês que passei na cadeia. Uma noite, o guarda veio trazer-nos o café com pão da ceia, mas em vez de nos entregar a ração diária de gordura, passou-nos para as mãos a seguinte notícia mimeografada:

> Como represália contra a tentativa de fuga por parte de uma presa, inglesa de nascimento e francesa por casamento, acusada de ajudar soldados ingleses a fugir da França, os presos serão hoje privados da sua ração diária de gordura.
>
> Frustrada a sua tentativa, a presa foi punida com 30 dias de célula solitária. Avisam-se as presas de que qualquer outra tentativa de fuga será punida com maior severidade.

Não tinha eu a menor dúvida de que a autora da tentativa fora a minha amiga, a inquebrantavel Kitty! E lembrei-me de quantas vezes a vira passeando pelo quarto, abrindo as janelas umas atrás das outras, e exclamado como se asfixiasse: «O ar aquí está tão abafado, parece que está a gente numa cela!» A Kitty, que adorava o ar e a

liberdade... Vim depois a saber que, antes de corrido o mês de castigo, ela sofrera uma síncope, e fora preciso transportá-la para a enfermaria da prisão.

Pouco depois chamavam-me ao gabinete do diretor, onde fui encontrar o dr. Hager esperando por mim. «Vim aquí prevení-la pela última vez,» disse ele, e entregou-me um documento com quinze páginas. «Gostaria a senhora de ver a confissão de Mme. de Beaurepos?»

Folheei o fantástico documento: todos os parágrafos abriam pela palavra «Confesso...» e pareceu-me que encerrava uma descrição bastante completa de nossas atividades. Fiquei como se me tivesse caido um raio aos pés. Como é que a Kitty podia ter feito uma coisa daquelas?

«Já vê! disse triunfante o dr. Hager. —E agora, se confessasse tambem?» Fiquei muda. «Vá, vá, Mrs. Shiber, isto é ridículo! A senhora vai provocar irritação no tribunal. Eu estou agindo só no seu interesse!»

O dr. Hager teria feito melhor se tivesse omitido aquela última frase. Limitei-me a dizer: «Nada tenho a acrescentar às minhas primeiras declarações.»

ÀS OITO da manhã do dia 7 de março, o guarda veio buscar-me para o julgamento. Ao alto da escada, abriu violentamente a porta de uma cela, e bradou: «Número 2017—julgamento!» E Kitty apareceu entre portas...

Meu coração pulou-me no peito; a minha amiga vinha pálida, com profundas olheiras, mas não dando quaisquer sinais de quebrantamento físico ou moral. Olhou-me, no seu rosto passou leve sorriso, e disse: «Alô, Etta!»

—Silêncio! gritou o guarda.—Os presos não podem falar!

Junto ao passeio, na rua, estava o carro celular, pintado de verde. O guarda abriu a porta da gaiola, e entramos as duas. Trancaram-nos por fora, e o auto arrancou com um solavanco.

Tão depressa ficamos a sós, a Kitty olhou-me com censura: —Como é que você pôde fazer aquilo, Etta? Que fraqueza foi essa, dizer tudo a estes sujeitos!

—Eu?!... murmurei, quase sufocada de emoção.

—Sim, eles devem ter forçado você a falar pelo terror! Mas você devia ter-se mantido firme. Deus sabe se eu tenho razões para estar zangada...

—Kitty, exclamei, eu lhe juro que neguei tudo, sempre!

—Mas eu vi a sua confissão com os meus próprios olhos! É um depoimento de dez páginas, assinadas pela sua mão. Conheço muito bem a sua letra...

—Eu fiz declarações que encheram dez páginas, e assinei-as todas, mas *negando*, e não confessando. Se você viu uma coisa diferente, é que se tratava de um documento forjado!

—Meu Deus! gemeu Kitty. —E eu, acreditando que aquilo era autêntico, confessei *tudo!* Então fui eu que entreguei todos à Gestapo! E ainda venho acusar você...

Passei-lhe o braço pelos ombros:

—Você não teve culpa, Kitty.

Ela abanou lentamente a cabeça:

—Estamos perdidas, Etta, perdidas...

O carro parou bruscamente. A Kitty ergueu a cabeça com altivez e alisou o vestido com as mãos. —Cabeças levantadas! disse ela. —Não deixemos que estes alemães pensem que nós temos medo deles!

No centro da sala do tribunal via-se uma comprida mesa coberta de grossos maços de documentos. As cadeiras dos juizes, de espaldar alto, faziam frente à longa bancada dos réus. Mandaram-nos sentar alí, e pouco depois vieram juntar-se-nos o rev. Christian e Monsieur Tissier. O último a chegar foi Chancel, que nos dirigiu um leve cumprimento com a cabeça, como se fôssemos estranhos.

Eu estava de olhos pregados na porta, ansiosa, esperando ver entrar Durand dum momento para o outro; mas ninguem mais apareceu.

—Frau Kitty Beaurepos! chamou o juiz presidente.

Kitty encaminhou-se para a comprida mesa.

As perguntas preliminares foram as do costume: nome e endereço, idade, lugar do nascimento e nacionalidade, religião, e assim por diante. Terminado isto, o juiz leu o libelo: —A senhora é acusada de ter conspirado com Mme. Shiber, Monsieur Christian Ravier, Monsieur Tissier, e Monsieur Corbier, para o efeito criminoso de dar fuga, para fora da França ocupada, a soldados ingleses.

—Não é exato! disse Kitty em voz nítida.

—Com efeito! respondeu o juiz sarcástico. —Isso é muito curioso, pois eu tenho aquí a sua confissão assinada.

—Não estou me retratando, disse Kitty. —Mas estas pessoas não estavam implicadas nas minhas atividades.

—Frau Shiber, que ocupava o mesmo apartamento que a senhora, devia ser então uma pessoa muito obtusa!

—Não, e sem embargo não sabia de nada.

—E o senhor Tissier? Vejo aquí que a senhora se servia da propriedade dele para atravessar a linha de demarcação.

—Não lhe pedí autorização para o fazer. Escolhí essa propriedade devido à posição que ela ocupa. E então atravessei-a muito simplesmente. Isso é tudo.

—Vamos de vento em popa, disse o juiz com um riso sardônico. —E agora, a respeito de Monsieur Ravier: que interessante desculpa encontrou a senhora para ele?

—Serví-me dele como de um pretexto para minhas viagens. Ele supunha que eu o estava ajudando a recolher donativos para a restauração da sua igreja matriz.

Eu escutava Kitty com admiração e pena ao mesmo tempo. Era esplêndido da sua parte, tentar assim pôr-nos a salvo; mas a versão dos acontecimentos que ela dava era, na realidade, lamentavelmente fragil...

—Bom, só nos resta um acusado, disse o juiz. —E que me diz de Monsieur Corbier?

—Eu não conheço Monsieur Corbier, respondeu Kitty com toda calma, pois tambem sabia que eles não tinham po dido identificar Chancel.

—É muito nobre da sua parte—notou o juiz—mas a explicação é infantil e grosseira. A senhora fez uma confissão completa, e acaba de declarar que se não retrata. É tudo quanto queremos ouvir da sua boca.

O juiz fez um gesto, despedindo-a, e em seguida chamou:

—Frau Etta Shiber!

Fui tomar lugar junto da mesa, e respondí às perguntas preliminares.

—Conhece o crime de que é acusada, disse o juiz: —Confessa?

—Estou inocente, respondí.

O juiz volveu-me uns olhos frios de aço, e ficou sem falar nem se mover durante um minuto. De repente deu um murro tão violento na mesa, que os maços de papéis pularam no ar.

—Estúpida! berrou. —Como ousa você dizer-se inocente! O apartamento onde você vivia estava constantemente cheio de soldados foragidos. Você era a lugar-tenente da outra, neste bando de criminosos! A senhora tem culpas, Frau Shiber! O tribunal regista a sua atitude.

Tinha rugido aquilo tudo num paroxismo de furor, sem se deter, nem para respirar. E eu alí fiquei, paralisada, como que hipnotizada pela fixidez do seu olhar e as suas palavras.

—Se isso é tudo que veio aquí para nos dizer, melhor fora que ficasse sentada.

Regressei ao meu assento quase cambaleando. Se alguma esperança me tinha deixado o depoimento da Kitty, essa esperança agora se dissipara. Este tribunal não se ia preocupar muito com provas e formalidades.

Era agora a vez de Monsieur Tissier, e ele encaminhou-se para a mesa.

—Reparo—disse o juiz—que você assinou de cruz as declarações. Será possivel que não saiba escrever o seu nome?

—Não, disse Tissier, calmo.

—Essa é muito boa! Neste país que tanto se orgulha da sua cultura, um homem que por três vezes foi eleito *maire* da sua municipalidade, e que nem sequer sabe ler nem escrever!

—Eu não disse que não sei ler nem escrever, respondeu Tissier, e levantou no ar o braço direito. —Não posso pegar numa pena, porque na batalha do Marne, em 1914, uma bala alemã me levou esta mão.

A face do juiz ruborizou-se, e veio outra pergunta. Tissier admitiu que consentira que qualquer pessoa atravessasse a sua propriedade, querendo, porque não admitia que nenhum estrangeiro decretasse medidas obrigatórias para os franceses, em França.

A Tissier seguiu-se o rev. Christian. Desejaria eu ter comigo um texto estenográfico das suas declarações! Disse ele, se bem me lembro, aproximadamente o seguinte:

—A França ainda está em guerra com a Alemanha. Os generais renderam-se à Alemanha, mas o povo não se rendeu. Quantos são os senhores em França? Um milhão? Pois há 40 milhões contra os senhores!

«Eu sou um sacerdote, mas nesta guerra tenho sido um soldado, e um soldado que se não rendeu. Porque eu estava lutando por alguma coisa mais do que uma decisão militar na contenda entre duas potências: estava lutando pela Justiça. E não espero vir encontrar essa Justiça no vosso tribunal. Só sei que, no fim, vencerá a Justiça divina; e o veredicto de Deus será pronunciado contra os senhores, que aquí se presumem de nossos juizes.»

O último a comparecer foi Chancel, e mais uma vez se lhe dirigiram pelo nome de Corbier. Era acusado de cumplicidade conosco, embora a única prova que havia contra ele fosse um postal ilustrado que lhe tinham encontrado no apartamento, uma caricatura do Fuehrer com esta legenda «*Vive la France!...À Bas les Boches!*»

Em seguida, misturando dados autênticos com puras fantasias, o promotor de justiça pediu que fôssemos sentenciados em nome de Hitler. Concederam a palavra aos advogados de defesa, e o juiz e seus assessores anunciaram que se iam retirar para discutir a sentença. No momento em que se levantavam para sair, entrou correndo o dr.

Hager, excitado, a deitar os bofes pela boca, e pôs-se a conferenciar com o juiz, ao mesmo tempo que tirava papéis de uma pasta. Acabado o conciliábulo, o juiz deu uma martelada na mesa e declarou reaberta a audiência...

—Acabamos de descobrir elementos novos de julgamento. Levante-se o sr. Chancel!

Causou-me admiração a presença de espírito de Chancel: ficou tão indiferente à inesperada chamada do seu nome, como se estivesse na lua. Mas nós, seus companheiros, é que caimos na armadilha, e todos voltamos para ele o nosso olhar. O juiz exclamou logo.

—Pobre Monsieur Chancel, vejo que esqueceu o seu nome; mas os seus amigos é que não o esqueceram... É melhor acabar agora com essa farsa. Herr Chancel—ou Herr Corbier, se o prefere: ao que parece, o senhor cometeu a lamentavel imprudência de deixar os seus papéis autênticos, de mistura com outros em nome de Corbier, em casa de um seu amigo que teve a desgraça de nos cair nas mãos. Desejaria agora modificar a sua declaração de que não conhece os outros acusados, e que nada tinha que ver com as atividades deles?

—Se o tribunal já está tão bem informado, parece-me desnecessário acrescentar seja o que for, respondeu Chancel. E o juiz rosnou:

—Este tribunal pouco se interessa em saber se você confessa, ou se continua a negar a sua evidente ligação com esse bando de conspiradores.

Levantou-se o promotor:

—Desejo incluir o nome de Herr Chancel entre os dos réus para quem pedí a pena capital!

Chancel, sem prestar atenção às formalidades processuais, virou-se para nós e disse: —Queiram desculpar não os ter cumprimentado mais cedo. Estou certo que compreendem porque...

Davam duas horas quando as portas se abriram, e os juizes reingressaram cerimoniosamente na sala. O juiz presidente pronunciou logo a sentença: pena de morte para Kitty; pena de morte para o padre Christan; cinco anos de trabalhos forçados para Chancel; quatro anos de trabalhos forçados para Tissier; três anos de trabalhos forçados para mim...

O horror que experimentei deve ter transparecido em minha face. Embora a minha pena fosse a mais leve de todas, eu não podia aturar o pensamento sequer de mais três anos naquela medonha prisão. Lembrei-me então da sentença condenatória de Kitty e do rev. Christian—a morte!—à qual, até onde posso conjeturar, nenhum terá escapado.

Kitty agarrou-me no braço:—Não chore, Etta. Não deixe estes alemães suporem que perdemos o aprumo.

Apertei-lhe freneticamente a mão e engulí conforme pude as lágrimas e os soluços. E dizer que era Kitty, a condenada à morte, que me consolava e amparava!

Fomos mais uma vez encurraladas as duas no carro celular. Ambas sentíamos que seria esta, provavelmente, a última vez que nos víamos. Perdí a serenidade, e, pondo a cabeça no peito da Kitty, chorei lágrimas amargas. E ela, com a sua mão, alisava-me o cabelo...

—Eu devia ter mandado você para a América enquanto era tempo, dizia-me ela. —Não se preocupe comigo. Houve um tempo em que a só idéia da morte me gelava o sangue! Mas fui-me acostumando a esse pensamento. Milhões de pessoas morrerão antes que esta guerra acabe, e uma morte a mais pouca diferença fará. Especialmente se você olhar a que eu não fui dos que falharam, mas dos que foram bem sucedidos, dos que ganharam uma vitória de 1 contra 150 sobre os alemães. Etta, prometa-me que nunca pensará em mim com tristeza. Lembre-se só dos rapazes fortes e corajosos que mandamos daquí para fora. Pela vida que agora a Inglaterra perde em mim, eu lhe restituí 150 vidas uteis!...

O carro celular parou com um guincho na calçada. Tínhamos chegado à prisão...

Dar aos queixos... à francesa

¶ Os americanos são conhecidos pela afetação com que comem, sempre inibidos pelas mais absurdas regras de «boas maneiras». Assim por exemplo, nós temos o pavor de esbrugar a galinha para lhe arrancar a melhor febra, ou de subtrair à couraça de uma lagosta os pedacinhos mais apetecidos e gostosos; evitamos os molhos como se fossem veneno, e só porque alguem, um dia, se lembrou de inventar uma lei contra o hábito de raspar o prato, deixamos sistematicamente voltar para a copa a última colher de sopa, ainda a melhor!

Os preceitos da mesa são ainda mais estritos e complicados entre os ingleses: o filho de Albion não come amoras de espécie alguma, nem toca numa crosta de pudim-flam senão com garfo e colher—técnica diabólica, que faz com que teto e parades fiquem salpicados de sobremesa quando um ianque tenta imitá-la...

Os franceses é que são mestres neste gênero.

Quando o bom cidadão francês se senta à mesa, esforça-se—como o escocês da velha parábola de golfe—por alcançar os seus fins sem «utensílios supérfluos». Começa por se instalar confortavelmente, ata o guardanapo atrás da nuca, pega no garfo e na faca, e mete mãos à obra com admiravel à-vontade. Molha o pão no suco dos caracóis, persegue no prato, com uma côdea de pão, os pedaços do bife e os restos do molho, lambe os dedos, e no fim, regalado, faz «Aaaah!...» O gaulês é demasiado sensato para deixar voltar à cozinha um pedaço de apetitosa morcela, só porque um inglês se lembrou um dia de decretar que um cidadão nunca deve deixar perceber que está com apetite, nem mesmo quando sentado à mesa. Se o bocado é pequeno demais, ou demasiado líquido para agarrar com o garfo, ele não hesita em usar a faca à laia de pá, limpando-a depois ao miolo do pão.

O francês não exige um pau de golfe especial para levantar as ervilhas que cairam no purê de batata, nem de uma pinça para subjugar e chupar os espargos! Se um resto de cogumelo repousa dificilmente na ladeira da borda do prato, o livre *citoyen* o não desdenha, como o teria feito o inglês ou o americano: mas persegue-o e acaba por conquistá-lo, ainda que tenha de fazer três jogadas sobre a toalha da mesa, uma heresia que nós, anglo-saxões, julgaríamos totalmente inconcebivel!

E a verdade é que isso não constitue um espetáculo repulsivo. Muito ao contrário, a alegria e o engenho de que o francês dá mostras à mesa são dignos de admiração e inveja, pois combinam a máxima simplicidade com os máximos resultados.

Westbrook Pegler, *'Taint Right*, Doubleday, Doran & Co.

Onde a Elegância e a Beleza se confundem...

O método dos 2 Cremes Pond's conquista as mais lindas mulheres!

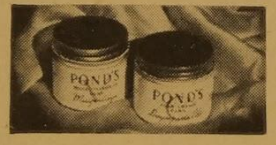
NOS MEIOS sociais mais requintados, formosas mulheres expressam o mesmo entusiasmo: «Tenho obtido excelentes resultados com os dois Cremes Pond's», afirma a Sra. Cecília L. Pereira Pinto. «Não dispenso os Cremes Pond's para manter a cútis macia e suave», confirma outro ornamento da nossa sociedade, a Sra. Rose Marie T. De Argaez. Siga-lhes o exemplo!

1 - Aplique Cold Cream Pond's no rosto e no colo. Retire-o em seguida. Para amaciar a cutis, aplique mais uma camada.

2 - Antes de fazer a «maquillage», use o Creme Evanescente Pond's, que protege a cútis contra o sol e o vento e conserva o pó de arroz horas seguidas.

Esteja entre as mulheres mais lindas do mundo: use o método Pond's de dois cremes.

• • •



AMOSTRA GRATIS: Queira enviar-nos o coupon com Cr. $ 1,00 para despesas de remessa de uma amostra dos Dois Cremes Pond's.

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL 3 - PPPP - 25
Avenida do Estado, 5.537 — São Paulo

Nome.....

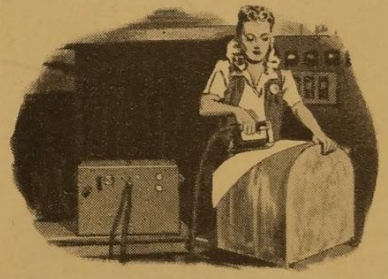
Rua.....

Cidade..... *Estado*.....

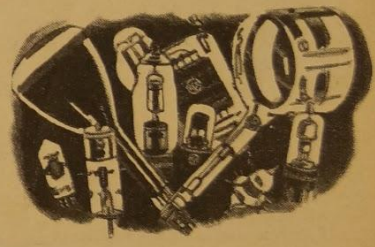
A RCA APRESENTA

O Que Há De Mais Novo

Costura sem agulha nem linha. A nova Máquina Eletrônica de coser RCA usa correntes de rádio de frequências ultra-elevadas para "costurar" materiais termo-plásticos, tais como os empregados no fabrico de capas impermeaveis, paraquedas, globos para serviço meteorológico, e no acondicionamento de muitos comestiveis e óleos. Não obstante a RCA estar agora inteiramente dedicada ao esforço de guerra, suas pesquisas continuarão ininterruptas, e prometem para depois da guerra os melhores produtos imaginaveis.



Ferro de engomar Eletrônico? Não —Um grudador Eletrônico! O novo grudador RCA projeta energia Eletrônica através das peças de marcenaria e gruda-as. Acelera a construção de aviões de madeira, e oferece muitas possibilidades às indústrias de madeira e outras do mesmo ramo.



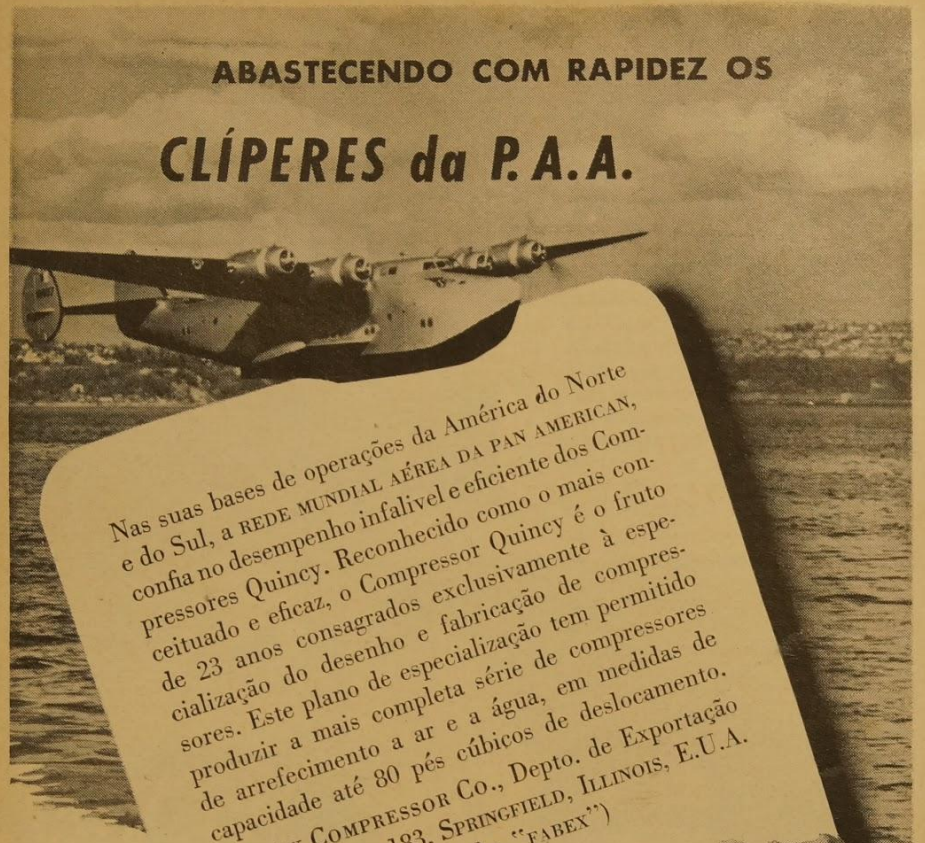
Verdadeiros milagres de velocidade e cálculo são efetuados pelas Válvulas Eletrônicas RCA. Capacitadas para ver, ouvir, cheirar, contar, sentir, saborear, lembrar e falar, essas válvulas estão revolucionando muitas fases da produção industrial. Para cada finalidade existe uma Válvula Eletrônica RCA.

RADIO CORPORATION OF AMERICA

RCA Victor Division, Camden, N. J., U. S. A.
RCA Victor Radio, S. A., Caixa Postal 2726, Rio de Janeiro, Brasil

ABASTECENDO COM RAPIDEZ OS

CLÍPERES da P.A.A.

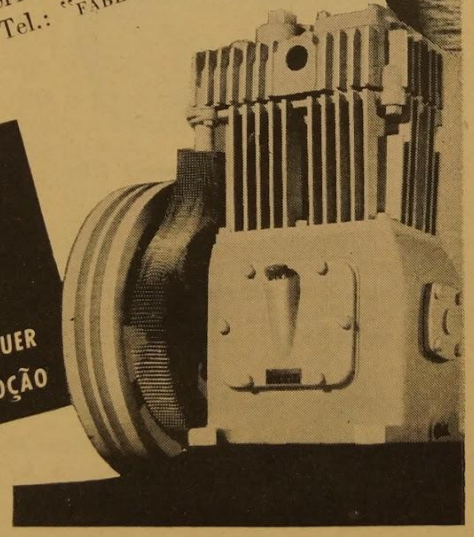


Nas suas bases de operações da América do Norte e do Sul, a REDE MUNDIAL AÉREA DA PAN AMERICAN, confia no desempenho infalível e eficiente dos Compressores Quincy. Reconhecido como o mais conceituado e eficaz, o Compressor Quincy é o fruto de 23 anos consagrados exclusivamente à especialização do desenho e fabricação de compressores. Este plano de especialização tem permitido produzir a mais completa série de compressores de arrefecimento a ar e a água, em medidas de capacidade até 80 pés cúbicos de deslocamento.

QUINCY COMPRESSOR CO., Depto. de Exportação
P24, P.O. Box 183, SPRINGFIELD, ILLINOIS, E.U.A.
(End. Tel.: "FABEX")

Quincy
COMPRESSORS

SERVIÇO COMPLETO PARA QUALQUER RAMO INDUSTRIAL E DE LOCOMOÇÃO



AGÊNCIA DO CORREIO NAS NUVENS?...

Sacos de correio, armas, víveres e medicamentos, têm sido lançados do ar às tropas das Nações Unidas, nos lugares mais remotos do mundo . . . sendo assim, porque não poderiam os grandes e rápidos aviões depois da guerra, fazer a distribuição do correio por meio de paraquedas, pelas pequenas cidades?

Os helicópteros pousam no solo e decolam de lugares tão apertados que não nos seria possivel conduzir até eles um automovel, e estacioná-lo . . . sendo assim, porque não poderão eles ser usados, depois da guerra, para transportar correio e mercadorias, de lugar para lugar?

Os aviões têm, com todo êxito, "pescado" volumes do solo, sem aterrar . . . *mas, V.S. sabe que isso mesmo está sendo feito hoje regularmente com sacos de correspondência aérea em certas áreas dos E.U.A.?*

Tudo isso pode parecer obra de fantasia, porem, muito se tem falado acerca do transporte aéreo de todo o correio. E nesta guerra tem sido amplamente provado que quase nada está fora do alcance dos recursos inventivos dos cientistas e engenheiros das Nações Unidas.

São tudo coisas que devemos esperar para quando a enorme tarefa de ganhar a guerra estiver acabada. Concorramos, pois, todos com a nossa cota parte—e *mais* ainda. Ganhemos a guerra rapidamente, e lancemo-nos ao alcance do futuro que já se divisa no horizonte!

LYCOMING
MOTORES DE AVIÃO

O motor dos atuais aviões de treino . . .
O motor de avião dos futuros amadores

DIVISÃO LYCOMING, THE AVIATION CORPORATION, WILLIAMSPORT, PENNA., E. U. A.

AVCO

Fabricantes dos produtos AVCO

A PONTE SOBRE O RIO PEACE

Elo capital da Rodovia do Alasca
Construída pela
ROEBLING
para a Administração de Vias Públicas
Tempo exato de construção—18 semanas!

A TAREFA DA ROEBLING é construir produtos de metal. Arames elétricos, arames de aço redondos, chatos e conformados; rede de arame; cabos de arame de aço "Centro Azul". Estes são produtos inanimados, habilmente fabricados, mas seguem sendo mero metal. Diferentes, em todo caso, das pontes construidas pela Roebling.

Uma ponte pensil Roebling é metal tambem, mas quase parece dotada de alma,—parece viver e respirar quando oscila sobre o seu vale, unindo regiões que dantes se encontravam separadas. Especialmente quando as atravessamos em regiões despovoadas . . .

A Ponte sobre o rio Peace é uma dessas pontes, construida sob as fortes ventanias do gelado inverno alascano. Uma necessidade de guerra, sim, —porem ainda mais que isso, pois que uma ponte é algo independente do tempo, existe na guerra para servir na paz. Talvez algum dia tenha o leitor a oportunidade de atravessá-la.

Então perceberá o que foi a construção desta enorme ponte, em pleno inverno, a 64 quilômetros do término ferroviário! Sobre um rio de 700 metros de largura, que flue à razão de 13 quilometros por hora; um rio que congelou numa camada de 1,35 cm. de espessura, que ameaçava levar tudo ao degelar-se na primavera.

O leitor verá só um gracioso taboleiro, a 35 metros de altura sobre o rio de veloz correnteza. O resto talvez haja desaparecido . . . As choupanas que a Roebling construira . . . onde chegaram a repousar de uma vez 80 homens doentes . . . As estufas de queimar lenha que oz homens da Roebling cortavam . . . As lanchas a motor construidas no local pela Roebling, para acelerar o trabalho depois de derretido o gelo . . . A torre de trabalho, de 100 toneladas, construida sobre o gelo, e trasladada de lugar em lugar . . .

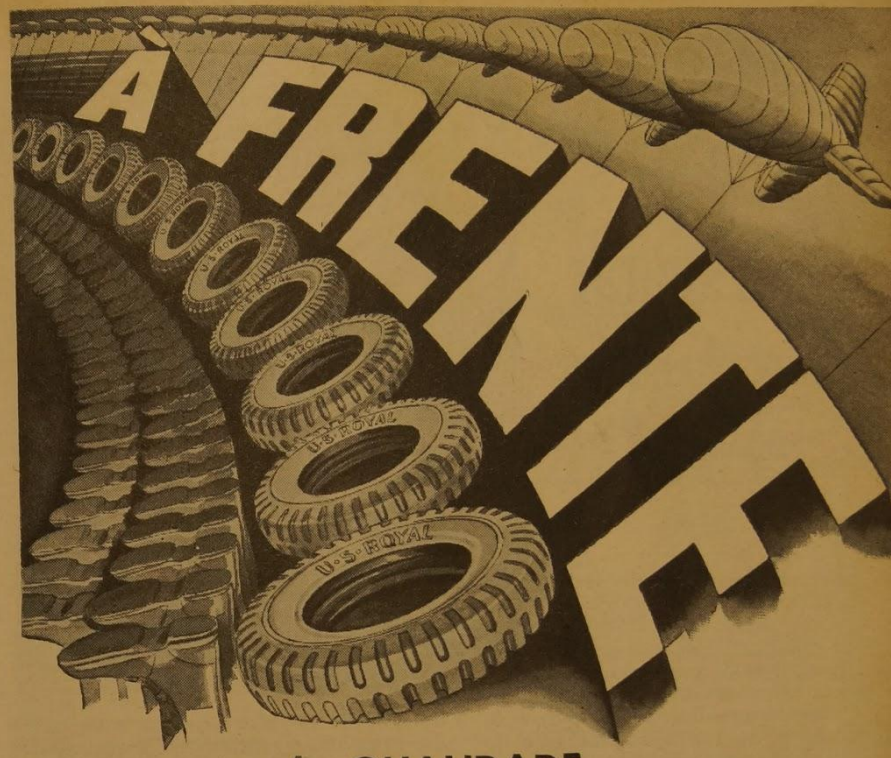
Estas marcas de uma luta renhida com os elementos não mais existirão. Tãopouco se ouvirá a gritaria entusiástica dos trabalhadores da Roebling, cujo eco repercutia pelas montanhas naquele dia de agosto de 1943 em que a ponte foi aberta ao tráfego essencial—*antes da data estipulada!*

A graciosa ponte pensil que o leitor pode contemplar se parece com todas as demais pontes . . . se parecerá com a que a Roebling talvez venha a construir no seu país, para facilitar as viagens, promover o comércio, e estreitar mais os laços entre os bons vizinhos.

JOHN A. ROEBLING'S SONS COMPANY
Divisão de Exportação:
19 Rector Street, Nova York, E. U. A.

End.Tel.: "Roebling," Nova York. Agentes na América Latina: Argentina—Leopoldo Sol & Cia., Reconquista 558, Buenos Aires; Bolívia—International Machinery Co., Ororu; Chile—International Machinery Co., escritórios em Santiago, Valparaiso, Antofagasta; Cuba—Machín & Wall Co., Muralla 68, Havana; México—Maquinaria Industrial y Agrícola, S.A., Guadalajara, Jalisco; Perú—International Machinery Co., Lima; Puerto Rico—Roberto Colón Machinery Mfg. Co., Calle Comércio 17-19, San Juan.

Construtor de Pontes... Precursor em produtos de arame Roebling **ROEBLING**



Pneumáticos Royal

Sapatos Keds

Acessórios mecanicos U. S.

pela QUALIDADE e VARIEDADE de PRODUÇÃO

A nossa tarefa foi sempre uma tarefa de paz, intensa e esmerada, que nos levou, no campo da produção de artigos de borracha, à frente da indústria.

Hoje, continuamos seguindo à frente . . . ao serviço da causa da liberdade . . . essa liberdade que, uma vez conseguida a Vitória, todos necessitam para prosseguir em suas tarefas de paz e de progresso.

Então, poderão os Senhores procurar, outra vez, os produtos da marca "U.S." Com os extraordinários desenvolvimentos conseguidos durante a produção bélica, os produtos "U.S." do período de após-guerra, serão melhores que nunca . . . e contribuirão decisivamente para maior confôrto da civilização.

Mais de 60,000 produtos diferentes, dêsde pneumáticos até sapatos . . . dêsde bólas de gôlfo até aerostátos! . . . Cada um à frente de sua especialidade.

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd.
1230 Sixth Avenue, Rockefeller Center, Nova York, E.U.A.
***No Canadá:* Dominion Rubber Co., Ltd.**

Vale A Pena Esperar

PELOS "CATERPILLAR" DIESELS

• Atualmente, a produção da "Caterpillar" é a maior de todos os tempos—muito maior do que foi em qualquer época de paz. Mas, quando as Forças Armadas levam o maior quinhão destas máquinas, de que tanto necessitam, e de que tanto se valem, não resta, nem de longe, um número suficiente para satisfazer a procura mundial. A Junta de Produção de Guerra está repartindo a produção sobrante, da maneira mais equitativa possivel, entre aqueles compradores civis cujo trabalho é essencial ao esforço de guerra. A milhares de compradores pede-se que esperem pelo seu novo "Caterpillar" Diesel—mas não há dúvida de que lhes *vale a pena esperar*.

A qualidade dos Tractores Diesel, Moto-Escarificadores, Motores e Grupos Eletrôgenos da marca "Caterpillar" tem sido boa no passado. Mas será ainda melhor no futuro. Não pretendemos oferecer-lhe "aparelhos mágicos," antes pelo contrário, lhes forneceremos máquinas *postas à prova* no campo de ensaios mais rigoroso de todos os tempos—a atual frente de combate. Serão elas dotadas da mesma robustez e simplicidade, da mesma economia e segurança, que V.S. conhece e aprecia.

Quando a paz vier, V. S. não terá de esperar até que a fábrica seja convertida à produção civil. As linhas de produção da "Caterpillar" continuarão a funcionar tal como no dia atual, e as máquinas serão postas à venda em número maior que nunca, graças à enorme expansão que a guerra veio dar à nossa empresa.

V.S. comprará seus novos "Caterpillar" Diesels ao mesmo representante de confiança que conhece seus problemas e que, através destes tempos criticos, tem continuado a serví-lo bem.

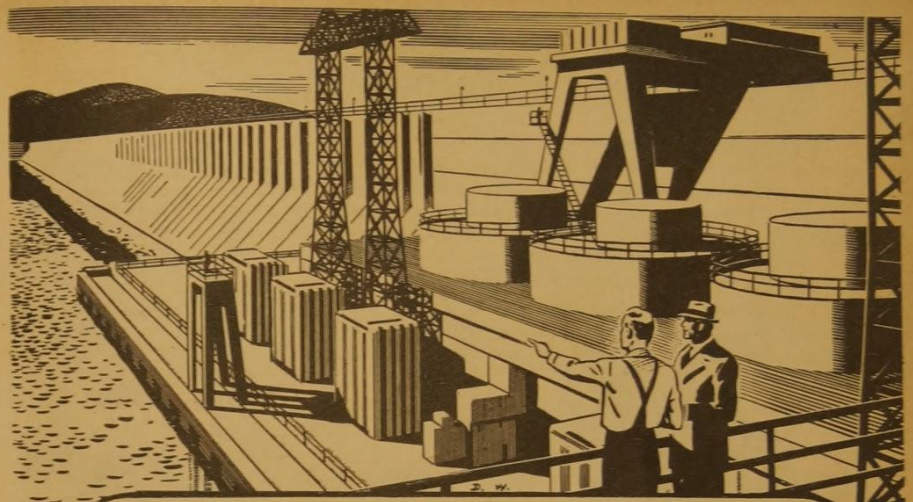
Com o auxílio de nosso representante, no cuidado e manutenção de suas velhas máquinas, V.S. poderá esperar pelo equipamento de sua preferência. Será oferecido ao público no dia em que as condições de guerra nô-lo permitirem.

CATERPILLAR DIESEL

MARCA REGISTADA

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILLINOIS, E. U. A.

TRATORES DE ESTEIRAS • MÁQUINAS DIESEL • MAQUINARIA PARA ESTRADAS



ENERGIA . . . PARA MELHOR SE VIVER

• Depois da Vitória, a energia elétrica trará descanso e confôrto e aumentará a prosperidade de muitas partes dos países da América onde a magia da electricidade ainda não pôde chegar. Das centrais geradoras, como a que acima está representada, sairá energia para melhor luz, mais eficaz refrigeração e confortável ar condicionado, para os lares da cidade e do campo...para eficiente e permanente auxílio agrícola...e energia econômica para as fábricas que assim estarão aptas a produzir uma grande variedade de produtos que o mundo está a espera de poder comprar.

Aços finos e altamente qualificados da Republic—muitos dos mesmos aços que são agora usados na produção do melhor equipamento militar que o mundo jamais conheceu—ajudarão a levar ao leitor essa energia elétrica para tornar a vida melhor. São os famosos aços produzidos em forno elétrico e os inoxidáveis, nos quais a Republic é especialista, a par de inúmeros outros produtos: aços carbonados, aços silicatados, aços acabados a frio, partes manufaturadas, e toda uma gama de produtos, desde o prego às construções de aço. Cada qual foi criado para servir a um fim especial. No seu conjunto farão com que os geradores, transformadores, motores e equipamento de contrôle sirvam mais duradoura e eficientemente.

E, quando tiverem acabado a sua tarefa bélica, êsses aços da Republic não só ajudarão a *produzir* energia elétrica, como tambem a *gozá-la*. Eles contribuirão para o aparecimento de novos e melhores produtos dos tempos de paz para melhor viver, melhor trabalhar, nos lares, nos campos e nas fábricas.

VITÓRIA PELA UNIÃO

REPUBLIC STEEL CORPORATION

Depto. de Exportação: Chrysler Building, 405 Lexington Ave., New York 17, N. Y., E. U. A.

Endereço Telegráfico: "TONCAN"... Escritórios Centrais: Cleveland 1, Ohio, E. U. A.

Representantes na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haití, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguái, Perú, Porto Rico, El Salvador, Trinidad, Uraguai, Venezuela, Ilhas Virgens.

Também estamos representados em: Grã-Bretanha, Canadá, Austrália, Nova-Zelândia, União Sul-Africana, Índia, China, Irán, Portugal, Suécia, Turquia

PIONEIRA NORTE-AMERICANA DE ROTAS AEREAS INTERNACIONAIS

A Pan American Airways, pioneira universal da aviação, que em 1927 iniciou as suas operações estabelecendo um serviço aereo de 160 km. entre Key West e Havana, conseguiu estabelecer na atualidade rotas que ultrapassam 160.000 km., e que prestam serviços em um maior número de paises do que qualquer outra companhia de aviação internacional.

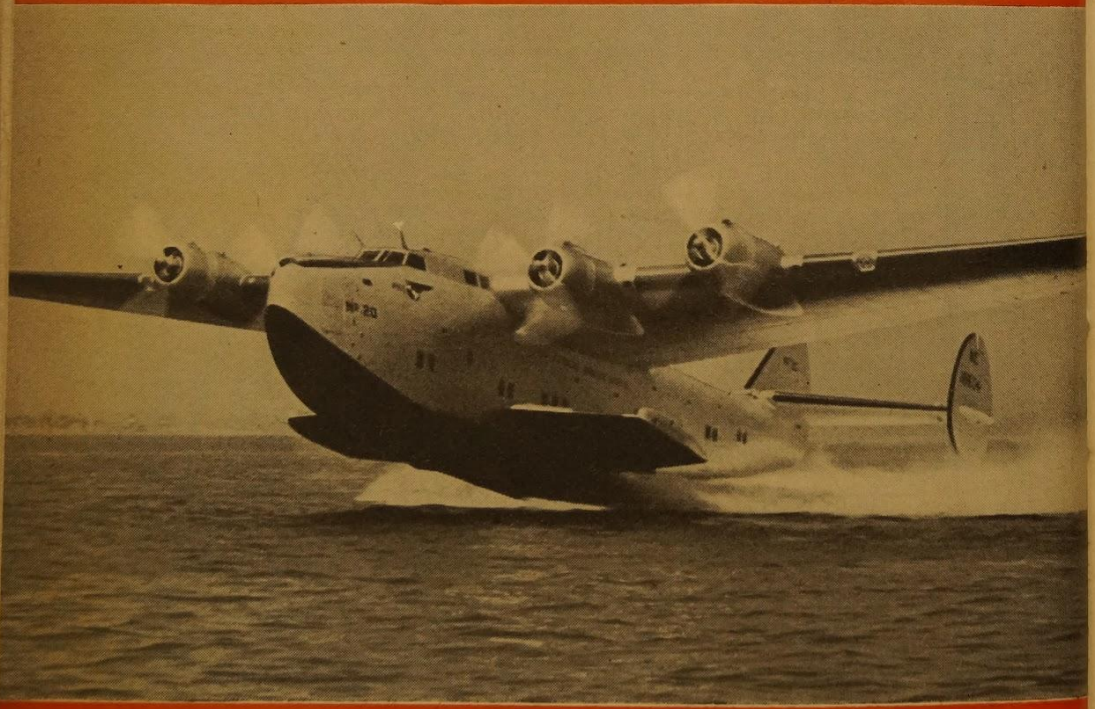
As extensas rotas aereas internacionais da Pan American e os seus inúmeros aeroportos, estão contribuindo de maneira essencial para o esforço bélico das Nações Unidas.

A Texaco ufana-se por ser fornecedora de gasolina de aviação em alguns setores importantes dessa grande rede de linhas aereas.

TEXACO
MARCA REG.

UNIDAS HOJE UNIDAS PARA SEMPRE

THE TEXAS COMPANY
e seus distribuidores



TEXACO PRODUTOS DE PETROLEO

UNIÃO VICTORIA LIBERDADE

Quer se encontrem em alto mar, nas costas do oceano ártico ou nos trópicos, os marinheiros dos Estados Unidos teem, na radiofonia, o laço invisível mais efetivo que os une à sua pátria . . .

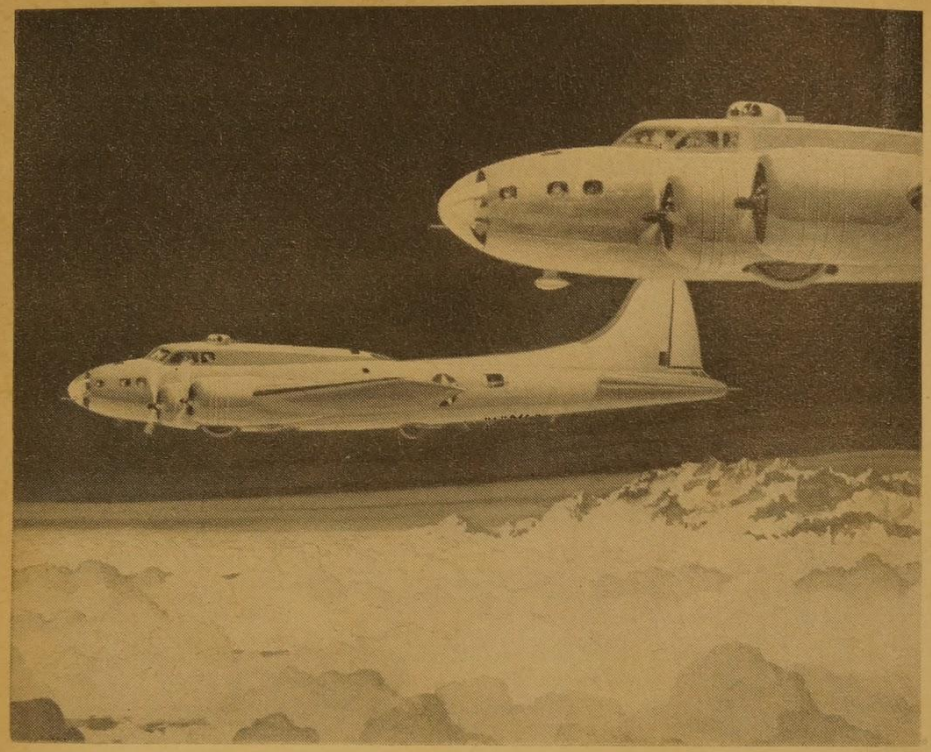
Através de quantos *Zenith* estes valentes rapazes ouvem vozes conhecidas, programas favoritos, notícias de interêsse que lhes avivam a recordação do lar e dos amigos da terra amada! Tudo isto mantém alto o moral . . .

Em todas as partes do mundo os aparelhos *Zenith* estão reafirmando a invejável reputação de que gozam por suas incomparaveis recepções—iguais em todos os climas e sob as piores condições de guerra.

Nos modelos *Zenith* de após guerra irão incorporados os adeantamentos que ainda se conservam secretos, porém que já se usam nos equipamentos radiofônicos que *Zenith* fornece aos exércitos das Nações Unidas. Assim, *Zenith* continuará mantendo a vanguarda! *Zenith! O primeiro na guerra—o primeiro na paz!*

ZENITH LONG DISTANCE RADIO

FABRICANTES EXCLUSIVOS DE EQUIPAMENTO RADIÔNICO



Mais e mais Fortalezas Voadoras são equipadas com motores Cyclone construidos pela Studebaker

Os jovens cruzados de olhos claros e corações de ouro, estão lá em cima, nessas Fortalezas Voadoras, escrevendo novos capítulos do destino de um Mundo livre. Muitos deles eram, ainda ontem, despreocupados estudantes. E, já hoje, andam semeando terror e alucinação sobre os espíritos daqueles que até há pouco alardeavam de "superhomens". Ante esses intrépidos rapazes—e ante as guarnições de peritos que cá em baixo lhes facultam as possibilidades de vôo—nós os da Studebaker, comprometemo-nos a produzir mais e ainda mais poderosos motores Wright Cyclone, para esses devastadores aviões Boeing. Segundo a melhor tradição da Studebaker "daremos mais do que prometemos." Entretanto, as necessidades civís devem e terão que esperar . . . até que a Studebaker cumpra os seus compromissos de guerra . . . até que os melhores automoveis e caminhões da Studebaker possam ser construidos para um dia mais brilhante!

THE STUDEBAKER EXPORT CORPORATION
SOUTH BEND, IND., E. U. A.

A STUDEBAKER *FABRICA OS MOTORES WRIGHT CYCLONE PARA OS BOEING* **FORTALEZAS VOADORAS**

INSPECIONADO PELOS PERITOS DA LOCKHEED

Durante os quatro anos do seu funcionamento, as enormes bases ultramarinas de reparações da Lockheed alteraram, repararam ou reconstruiram mais de 7.000 aviões, despachando-os com um "OK—pronto a combater."

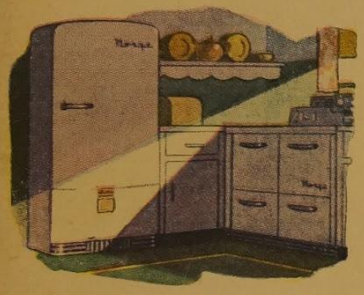
Lockheed estabeleceu estas bases afim de manter seus aviões em impecaveis condições para a peleja. Raros são os casos em que um avião Lockheed, onde quer que se encontre, esteja alem de poucas horas do alcance dos mecânicos da Lockheed. A significação disto, para as Nações Unidas, tem sido milhares de horas de vôo a mais todos os meses. E hoje, 33 diferentes tipos de aviões se mantêm em condições de combate graças às mesmas unidades de serviço que ajudaram a estabelecer a reputação que hoje gozam os aviões Lockheed pelo seu funcionamento eficaz e seguro.

COM *Lockheed* **SEMPRE NA VANGUARDA**

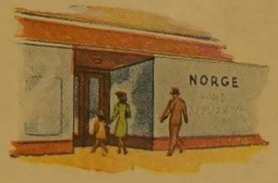
LOCKHEED AIRCRAFT CORPORATION, VEGA AIRCRAFT CORPORATION, BURBANK, CALIFORNIA, E. U. A.

SÍMBOLO DE EXCELÊNCIA

na Guerra — como na Paz



O ELEVADO grau de perícia e experiência que em tempos fez dos Refrigeradores e Utensílios Domésticos da Norge Rollator o padrão mundial da excelência, está hoje inteiramente consagrado à produção de materiais essenciais à guerra. A Norge sente-se orgulhosa do seu record excepcional no serviço das Nações Unidas . . . um record que está tornando a Norge apta a servir V. S. ainda melhor no mundo da Paz futura.



Os agentes e representantes da Norge estão por toda a parte fazendo uma contribuição importante para a Vitória, porque mantêm em boas condições de serviço o material Norge atualmente em uso. Sabem eles que, acabada a guerra, as suas salas de exposição poderão mostrar um sortimento Norge verdadeiramente sem precedentes. Cientistas, pesquisadores e engenheiros da Norge trabalham sem cessar, para que os agentes da Norge possam ser os primeiros a apresentar os prodigiosos utensílios do futuro.

NORGE

UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS E REFRIGERAÇÃO COMERCIAL

UMA INDUSTRIA BORG-WARNER

TÃO SENSIVEL COMO OS SEUS PRÓPRIOS DEDOS

Forte e enérgico—ou leve como uma pluma—o impulso manual de V.S. se transfere ao papel, facil e perfeitamente.

A brilhante Caneta-tinteiro Parker Vacumatic agradará a V.S. A sua pena, suave como o setim, com bico de custoso osmirídio, jamais falha ou vacila no momento de escrever. Outro detalhe exclusivo da Vacumatic é o seu belo corpo translúcido de brilhante material plástico. O nivel da tinta está sempre visivel no seu enorme depósito. Por isso não há o perigo de que esta caneta fique vazia.

Visite hoje mesmo o seu vendedor e experimente escrever com uma Caneta Parker Vacumatic. É tudo o que lhe pedimos, pois estamos certos que, depois de experimentá-la, V.S. exclamará com prazer: "Esta será minha caneta!" O Lozango Azul no segurador significa nossa garantia vitalícia.

Únicos distribuidores para todo Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1º de Março 9,1º , Rio de Janeiro

Nivel da Tinta Sempre Visivel

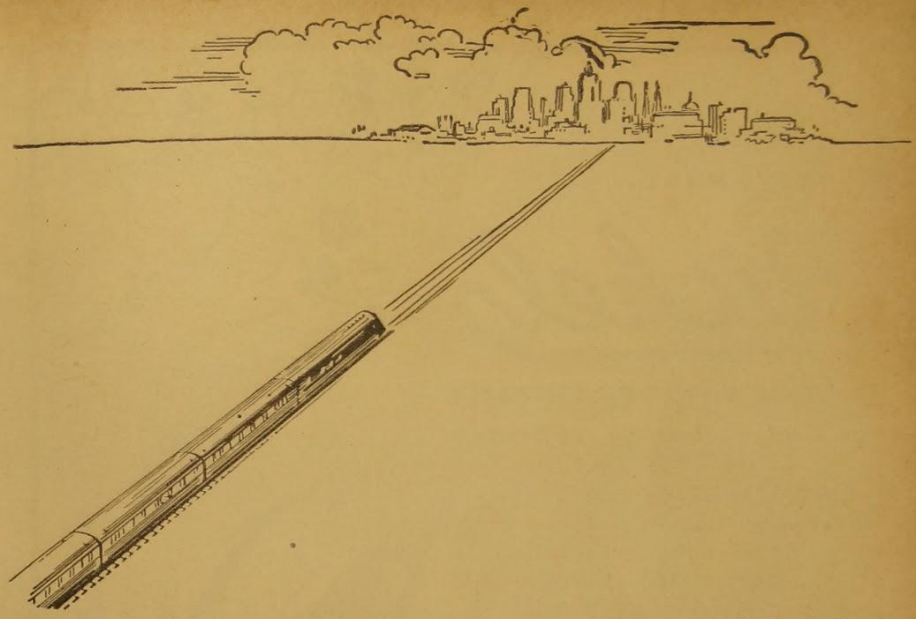
PARKER

Decolando velozmente para enfrentar o inimigo, o avião de combate Corsair da Marinha dos Estados Unidos se eleva pela potência dominante de 2.000 cavalos de força.

Este Vought de combate, o décimo-segundo a ostentar o glorioso nome Corsair, está equipado com hélice Hamilton Standard Hydromatic e motor Pratt & Whitney de 2.000 H.P. de alta compressão.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION
EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E.U.A.

MOTORES PRATT & WHITNEY • AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICÓPTERS SIKORSKY • HÉLICES HAMILTON STANDARD



As Cidades Modernas São Construídas . . . Pelas Rodas

Desde os tempos dos antigos Fenícios até o sec. XIX, foi a geografia que determinou a situação das cidades. As populações se congregavam nas encruzilhadas dos caminhos terrestres, na confluência dos rios, e nos estuários junto ao mar: porque era nesses lugares que os viajantes se encontravam e florecia o comércio.

Mas as cidades modernas surgem, por assim dizer, à passagem das rodas . . . Quando a estrada-férrea demonstrou a sua praticabilidade como meio de transporte dos bens e das pessoas de todo o mundo; quando ela rompeu caminho até o interior dos vastos continentes—as vilas e cidades brotaram de terra ao longo dela, as indústrias nasceram e floreceram, as populações cresceram e os mercados prosperaram, e o bem-estar geral subiu. Todo um novo mundo, longe dos rios e dos mares, ficou aberto à cultura e ao progresso.

Esse processo está-se continuando, e o melhoramento das facilidades ferroviárias veio acelerá-lo. Sirva de testemunho esta última década, em que os leves, modernos e velozes Trens de Aço Inoxidavel, criação da Budd, foram tão largamente adotados em todas as redes ferroviárias dos Estados Unidos. A velocidade e conforto aumentados, e a segurança desses trens, atraíram milhões de passageiros novos. Foram eles tambem de enorme vantagem para as companhias, em maior receita de tráfego e maior economia de exploração.

Os estabelecimentos fabrís da Budd grandemente expandidos, estão agora inteiramente ocupados com a produção para a guerra, mas serão de futuro à disposição de todas as Nações do continente americano.

EDWARD G. BUDD MANUFACTURING COMPANY

Budd

DE FAMA
UNIVERSAL..

Michel

BATON DE ENCANTO TRIPLICE

Aformoseia . . . Beneficia . . . Dura

É tão facil de aplicar e esparzir . . . tem tanta consistência e aderência . . . seu efeito é tão sedutor, que a mulher que o usa, onde quer que apareça, pode esperar—e receber em abundância—atenção, admiração, e elogios. As cores do Michel nunca apresentam superfície gordurosa ou granulosa. Com sua base de creme selecionado e textura exclusiva, Michel merece a preferência que goza entre as damas que aspiram à formosura—e entre os galãs que se sentem atraidos pelo seu poder maravilhoso.

8
Tons Sedutores

AMARANTH • CHERRY
AMAPOLA • RASPBERRY
BLONDE • VIVID
SCARLET • CYCLAMEN

Insista pelo autêntico Michel. Não se conforme com uma imitação quando possa adquirir o Michel legítimo. Verifique o nome Michel *no seu Baton para os lábios, Rouge, Pó de Arroz e Cosmético para os olhos. É a marca de qualidade, sinônimo de beleza.*

O que encerra um Comboio?

PRODUÇÃO PARA A GUERRA

A fabricação do equipamento aeronáutico para a Aviação Militar dos Estados Unidos, e a produção de máquinas de calcular e de contabilidade para os serviços militares, repartições do governo e indústrias bélicas das Nações Unidas, são as tarefas essenciais confiadas à Burroughs no Programa da Vitória.

Qualquer grande comboio vai repleto de suprimentos e provisões diversas e em grandes variedades,—munições em geral, apetrechos do Corpo de Engenheiros, medicamentos e drogas, roupas.

Gastam-se horas infindas em planejar e contar, e um tempo precioso em determinar os tipos e as quantidades dos necessários suprimentos . . . empilhando-os nos pontos assinalados para embarque . . . distribuindo-os estrategicamente entre os navios, com o fim de diminuir o perigo da perda de um determinado artigo que faria falta.

A arte dos suprimentos é um fator cuja importância cresce de dia para dia. Para a tarefa essencial de conferí-los com rapidez e exatidão, as máquinas Burroughs de somar, de contabilidade e de estatística, são indispensaveis nesse empreendimento de verdadeira magnitude.

★ ★ ★ ★

Há representantes da Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante da Burroughs no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., com séde à rua da Alfandega 81 A-1º., Rio de Janeiro.

Burroughs

MÁQUINAS DE SOMAR, CALCULAR, FATURAR, DE CONTABILIDADE, ESTATÍSTICA, E CAIXAS REGISTRADORAS

OS VÍVERES LUTAM PELA LIBERDADE

No mundo de amanhã a moderna maquinaria agrícola terá um papel tão importante como teve durante os últimos 100 anos, nas Américas, onde ela tem permitido que 20% da população produzisse mais alimentos, fibras, óleos essenciais, e muitos outros produtos indispensaveis à manutenção de um mais alto nivel de vida, do que 80% da população pudera produzir antes do advento dos modernos tratores e outras máquinas agrícolas.

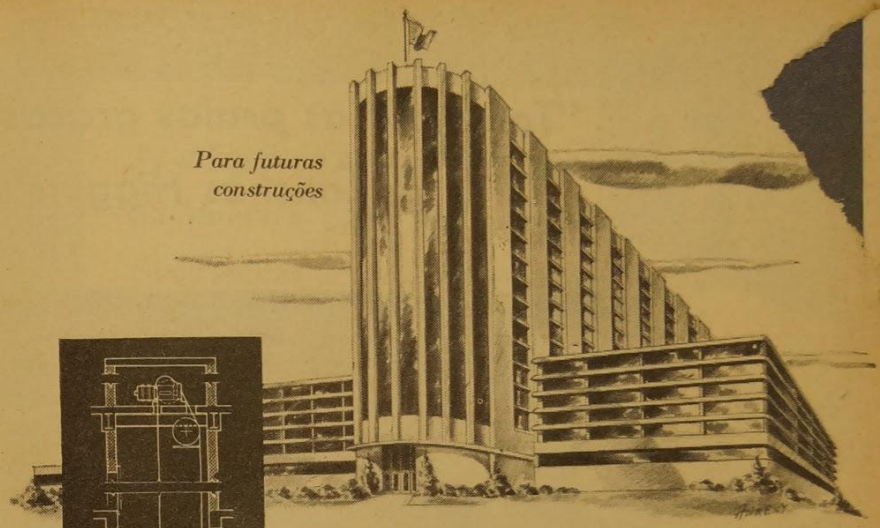
A Minneapolis-Moline fabrica um sortimento completo de modernos tratores e maquinaria agrícola para quase todas as condições de trabalho, e durante a guerra fabricará, de todos esses produtos, a parte que lhe for permitida em face das restrições impostas pela situação. Quando a paz estiver restabelecida no Mundo, a Minneapolis-Moline usará a sua capacidade, vastamente aumentada, para produzir quantidades de maquinaria moderna e tratores muito maiores do que nunca, durante os seus já 79 anos de contínuo progresso.

Quando a paz for restaurada, todos aqueles que manipulam e usam os produtos da Minneapolis-Moline, terão o correspondente benefício.

MINNEAPOLIS-MOLINE
MODERN MACHINERY

MINNEAPOLIS-MOLINE
POWER IMPLEMENT COMPANY
MINNEAPOLIS 1, MINNESOTA, U.S.A.

Para futuras construções



Elevadores para passageiros
e cargas

MONTGOMERY

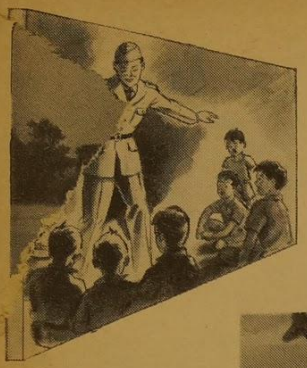
As NOVAS CONSTRUÇÕES agora em projeto utilizarão os modernos materiais e técnicas. E nas que requerem elevadores, novos problemas surgirão. Para assistí-lo na resolução de seus problemas de elevadores, V.S. pode contar com a firma Montgomery. A «Montgomery» talvez lhe seja desconhecida, ou quiçá a conheça...não obstante, há quase 50 anos que os Elevadores Montgomery vêm prestando inestimaveis serviços em milhares de edifícios nos Estados Unidos. Os que o utilizam, sabem por experiência que os Elevadores Montgomery prestam serviços duradouros e de alta qualidade. Num ano típico, 72% de todos os Elevadores Montgomery que se venderam, foram adquiridos por antigos compradores desta marca, satisfeitos com o serviço obtido. Se V.S. está projetando construir ou reconstruir um edifício, convidamo-lo a informar-se sobre o Serviço de Projetos de Elevadores Montgomery. Enviamos detalhes a pedido.

SÉRIE COMPLETA DE ELEVADORES —A Montgomery fabrica um sortimento completo de elevadores para passageiros, cargas, serviço de cozinha, e todo equipamento especial para transporte vertical. O sortimento compreende todos os aparelhos de elevação e segurança.

montgomery Elevator company

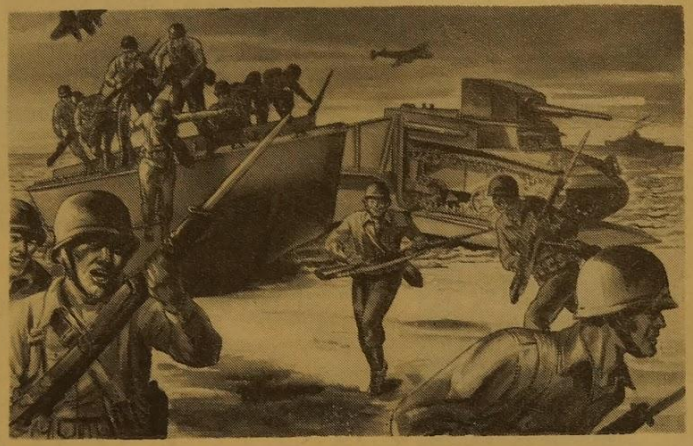
MONTGOMERY ELEVATOR COMPANY

DEPTO. DE EXPORTAÇÃO, MOLINE, ILLINOIS, E. U. A.



"Tomamos as praias graças às Lanchas Higgins"

ÁFRICA!
ILHAS SALOMÃO!!
RAIDES DA MANCHA!!!
ATTÚ!!!!
ITALÍA!!!!!



«Sem as Lanchas Higgins a tática das operações dos Comandos não poderia ser realizada.»
LORDE MOUNTBATTEN

«As Lanchas Higgins são tão resistentes, que podem atracar diretamente nas praias rochosas, desembarcar tropas, tanques e equipamento, tudo a pé enxuto, e safam-se pela própria energia. São velocíssimas no ataque, volteiam em águas de pequena superfície, e ziguezagueiam para livrar-se de qualquer perigo; nunca vimos uma dessas lanchas virar-se.»

Essa descrição foi feita por veteranos de Guadalcanal e da África, a respeito das Lanchas Higgins, projetadas e construidas para as Nações Unidas. Em relatórios oficiais disseram tambem que essas lanchas eram as «Melhores do Mundo». Esses elogios emanam de homens que as manejaram debaixo de fogo—homens cujas vidas dependiam da perfeita manobrabilidade, resistência, e operação sem desarranjos, das Lanchas Higgins.

Hoje as fábricas Higgins dedicam seu tempo inteiramente à fabricação de lanchas, tanques e outros produtos para fazer face às rápidas e inconstantes necessidades de guerra das Nações Unidas. Essa habilidade em alterar planos—obra de pioneiros—que antecipa as necessidades de amanhã—torna o nome «Higgins» merecedor de ser guardado em mente.

ARMY NAVY

Higgins
INDUSTRIES INCORPORATED

NOVA ORLEÃS
Fulcro das Américas

OS MAIORES FABRICANTES DE LANCHAS DO MUNDO

As máquinas de escrever mais notaveis da América, estão hoje prestando serviço às forças armadas das Nações Unidas!

L C SMITH "EXTRA-RÁPIDA"—MODELO DE ESCRITÓRIO

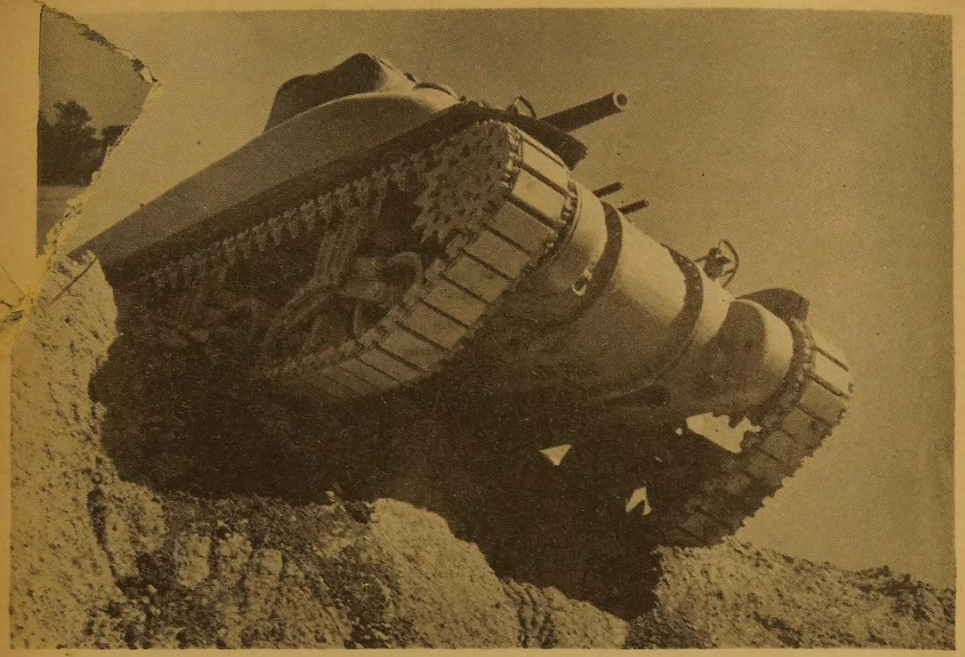
SMITH-CORONA

PARA ESCRITÓRIO **PORTATEIS**

Máquinas de Escrever

AS AMÉRICAS EM PRIMEIRO LUGAR

L C SMITH & CORONA TYPEWRITERS INC., SYRACUSE (1), NOVA YORK, E.U.A.



NUM TANQUE, TIPO M-4...
70 Chumaceiras Timken

Onde quer que girem eixos e rodas num campo de batalha, alí se encontram as Chumaceiras Timken carregando o peso. Num couraçado usam-se milhares, num aeroplano centenas; até o minúsculo *jeep* é dotado de um número surpreendente de Chumaceiras Timken—nada menos de 22.

A tremenda quantidade de Chumaceiras Timken aplicadas em grande escala no material de combate tem o seu paralelo em toda a maquinaria industrial da paz. Efetivamente, ao converter-se a produção da paz para a guerra, tanto os desenhistas como os fabricantes julgaram de bom aviso o emprego das Chumaceiras Timken sempre que isso fosse possivel, pois que eles tinham perfeito conhecimento da precisão e resistência das Chumaceiras Timken nas máquinas-ferramentas, tratores, automoveis, caminhões, equipamento para construção, para siderurgia—em suma..."onde quer que girem eixos e rodas." The Timken Roller Bearing Company, Canton, Ohio, E.U.A.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ **TIMKEN** ★ ★

TAPERED ROLLER BEARINGS

O Convite Universa
"TOMEMOS UMA COCA-C

Vista da baía e da cidade do Rio de Janeiro

Os brasileiros têm uma nova maneira de dizer: "Como vai, amigo?" O convite cordial que se ouve tantas vezes é: "Tomemos uma Coca-Cola". Todo o mundo já verificou que a "Coca-Cola" possue um sabor delicioso e uma qualidade que inspira confiança. Eis porque *a pausa que refresca* com uma "Coca-Cola" bem gelada se tornou um costume geral entre amigos.

UNIDOS HOJE
UNIDOS SEMPRE

COPYRIGHT 1944 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

A menina que nunca adoeceu

Rosinha é uma criança sadia a graciosa uma flor silvestre. Jamais ficou doente. Nem sarampo, nem difteria, nem mesmo o mais leve resfriado. . .

V. S. não conhece esta pequena. No entanto, ela tem vivido, durante milhares de anos, no pensamento e no coração de todos como um símbolo da tão almejada vitória da ciência sobre a enfermidade.

Hoje, graças ao novo microscópio eletrônico General Electric, a ciência dá mais um grande passo em direção a êsse ideal supremo. Utilizando a emissão eletrônica, em vez da luz, êsse poderoso instrumento permite examinar a fórma estrutural do micróbio da febre tifóide, o vírus da gripe, etc.

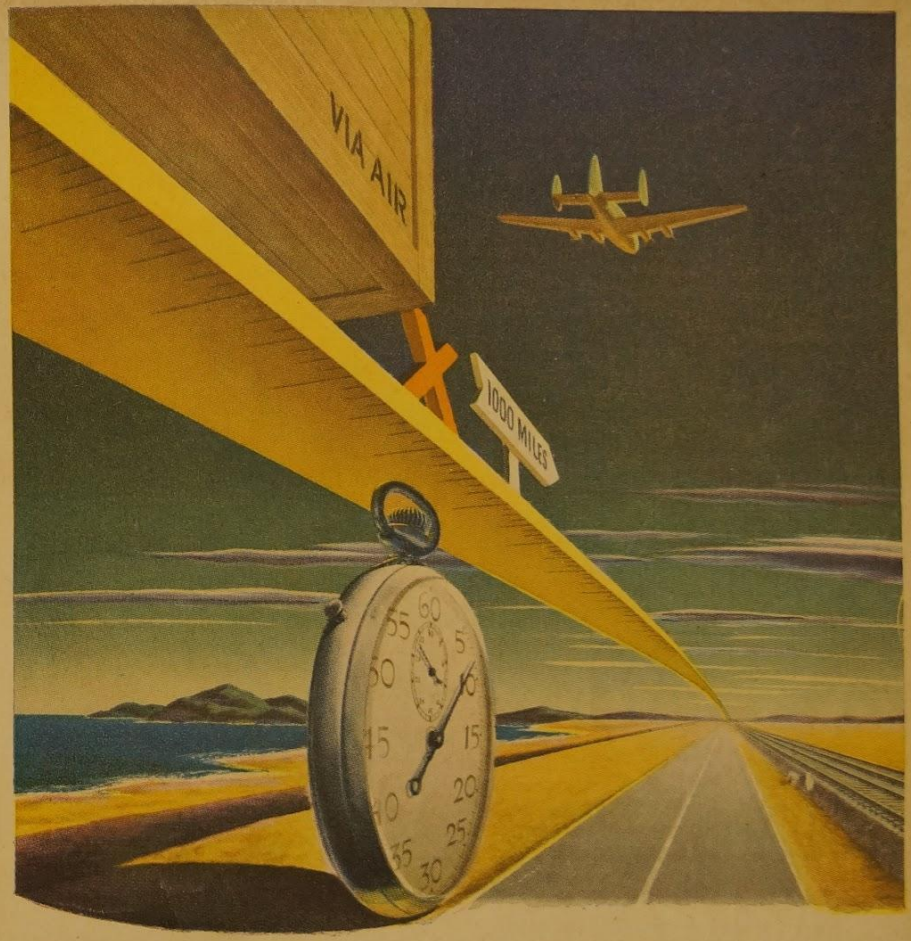
A ciência eletrônica, ao extender mais uma vez suas aplicações ao importante campo da medicina, proporciona um poderoso auxílio na luta contra os inimigos naturais da humanidade. A perícia e a experiência que tornaram possível o microscópio eletrônico são utilizadas na construção do rádio General Electric. Depois da guerra, os novos conhecimentos provindos do esforço bélico, permitirão a General Electric oferecer a V. S. os máximos adiantamentos técnicos em seus receptores e transmissores de rádio.

RÁDIO — *Eletrônica* — TELEVISÃO

Um interessante folheto em português, de 32 páginas, impresso em lindas côres, narra a história do microscópio eletrônico e da ciência eletrônica. Peça-o à International General Electric Co., Inc., Electronics Dept., Schenectady, N. Y., E. U. A., ou ao representante local da General Electric.

GENERAL ELECTRIC

EL-5-43DP



Medida de Transporte

CARGA X DISTÂNCIA
TEMPO

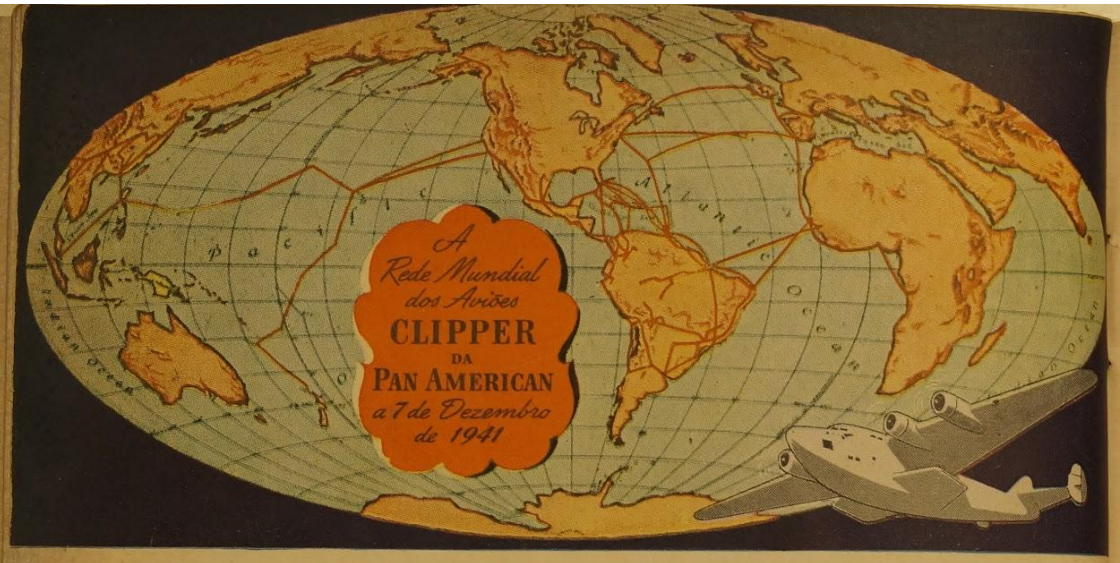
QUE QUANTIDADE . . . que distância . . . que velocidade . . . eis a medida de eficiência para todos os meios de transporte. Sendo as nossas necessidades atuais mais toneladas-milhas por hora, nossas cargas urgentes vão pelo ar. Hoje apenas estamos em início. Cargas ainda maiores para paises inexplorados e distantes prometem grande economia no custo—e *como bonus,* uma economia de tempo. Esta nova tonelagem do ar dependerá da potência da Wright.

LIGHT · COMPACT · POWERFUL
Wright
ENGINES

FÔRÇA-MOTRIZ PARA A TONELAGEM DO AR

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO

A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind



Em Todos os Vôos da Pan American EVERSHARP é a Caneta OFICIAL!

A ALIMENTAÇÃO MÁGICA EVITA INUNDAÇÃO—TANTO A GRANDE ALTITUDE COMO AO NIVEL DA TERRA!

Todas as canetas "Eversharp" são providas da famosa Alimentação Mágica. Isto faz com que a vossa caneta "Eversharp" escreva mais palavras—duma maneira mais macia—até à ultima gôta de tinta—sem derramar ou gotejar!

O BOTÃO MÁGICO DISPARA NOVAS PONTAS COMO UMA METRALHADORA

Basta primir o Botão Mágico da vossa lapiseira de Repetição "Eversharp" e,—Presto!—tendes uma nova ponta *instantaneamente*. Sem torcer. Sem procurar por grafíte. Reparai no jôgo Eversharp "Presentation" na vossa loja.

EVERSHARP, INC., CHICAGO, E.U.A.N.

O Serviço de Consêrtos nas Canetas e Lapiseiras Eversharp — identificadas pela dupla marca ⚡⚡ no gancho segurador— é garantido—não por anos —não por vida—mas GARANTIDO PARA SEMPRE

Oferecei

EVERSHARP...

e Oferecereis a melhor

A Penicilina... *Orvalho Misericordioso!*

Sem o mofo que tem sido uma praga desde que o mundo é mundo, não existiria hoje a penicilina . . . e seriam poucas as esperanças para os milhões que todos os anos sucumbem às bactérias mortais da família "cocci".

E sem a refrigeração e o ar acondicionado não teríamos a penicilina, pois que todas as fases da sua produção dependem do mais acurado controle da temperatura.

Por exemplo, nos Laboratórios Reichel, em West Chester, na Pensilvânia, E.U.A., o ar acondicionado York fornece e mantem com rigor a temperatura e umidade mais favoraveis ao rápido desenvolvimento do mofo em gigantescas incubadoras.

Alí se cria o mofo num líquido nutriente contido em milhares de garrafas de dois litros de capacidade, em cujo líquido o mofo distila as gotinhas douradas da preciosa penicilina. O líquido, decantado após um período de 10 dias de cultura, é então deshidratado por meio de uma rigorosa série de complicados processos, que incluem refrigeração e evaporação a vácuo de alto grau.

Auxiliando os cientistas dos Laboratórios Reichel a resolverem os seus problemas essenciais de esfriamento mecânico, a York ajuda igualmente a salvar os feridos nos distantes campos de batalha, e a induzir novas esperanças para o mundo de amanhã. York Corporation, York, Pennsylvania, E.U.A.

NOTE: *Como talvez V.S. saiba, todos os laboratórios atualmente ocupados nesta tarefa estão por enquanto incapacitados de produzir suficiente quantidade de penicilina para as tropas de combate dos E. U. A., e assim, exceto para fins de pesquisas, essa droga não está disponivel para o público. Todas as unidades desse precioso produto estão sendo adquiridas e controladas pelo governo norte-americano.*

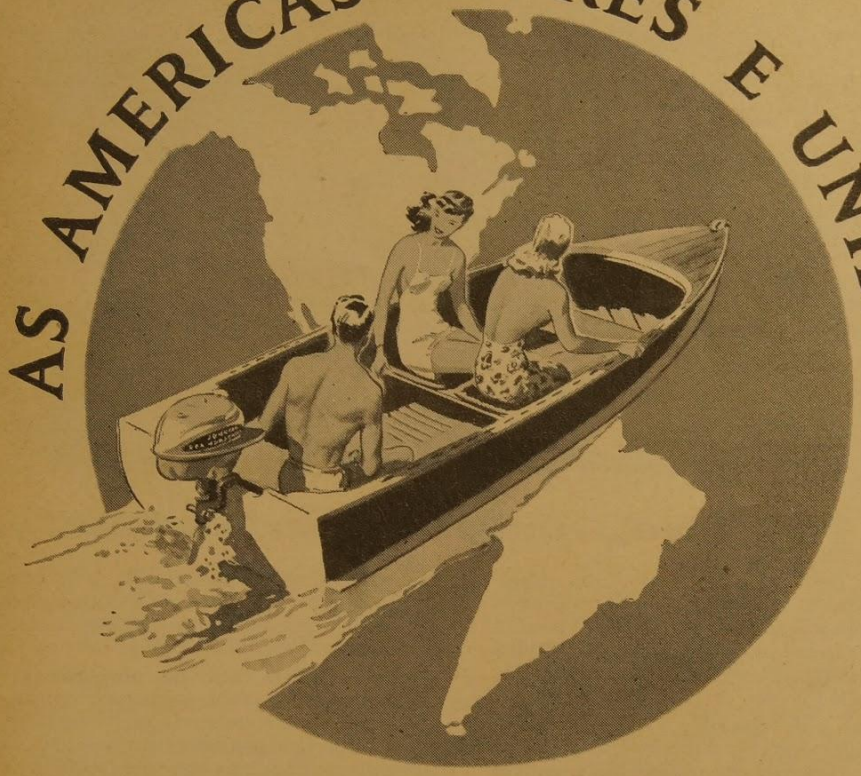
york refrigeration air conditioning

YORK REFRIGERAÇÃO E AR ACONDICIONADO PARA A GUERRA

Centro de Refrigeração Mecânica desde 1885

REPRESENTANTES NO BRASIL: BYINGTON & CO. SEDE PRINCIPAL NO RIO DE JANEIRO

AS AMERICAS LIVRES E UNIDAS



Os motores fora-da-borda Johnson Sea-Horse tornam possivel para toda a gente a aquisição dum barco a motor a preço módico. Estes compactos e potentes motores marítimos convertem instantaneamente os cascos pequenos e médios em velozes embarcações de prazer, fornecendo energia para velocidades superiores a 45 nós, dependendo do tipo de casco e motor.

Os motores Johnson Sea-Horse são conhecidos e usados em toda a América. As suas esplêndidas caraterísticas e o seu seguro e simples manejo tornam-nos favoritos dos nautas de todo o mundo. Quando a guerra acabar, estes famosos motores estarão novamente disponiveis para uso recreativo e comercial. Faça imediatamente os seus planos para comprar um Johnson Sea-Horse—para experimentar a emoção e o prazer da navegação a motor, com este motor fora-da-borda que é rápido, silencioso e digno de *confiança*.

GRATIS! Peça um exemplar da nossa brochura, onde poderá ver os detalhes completos de construção dum lindo barco de 4,30 metros, com motor fora-da-borda.

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING CO.
Divisão de Exportação, Waukegan, Illinois, E.U.A.

JOHNSON "SEA-HORSES"

É favor enviar-me um exemplar gratuito do seu plano para uma pequena embarcação. (J2P)

Nome_____

Endereço_____

● O transporte dos materiais, peças, ensamblagens e produtos acabados, "daquí para alí" e no momento exato em que se faz preciso, conservando força-motriz, multiplicando a produção, e ajudando ao operário, constituem as bases fundamentais da produção em massa.

A Link-Belt constrói transportadoras e maquinaria de adaptação, de todos os tipos, para a manipulação de materiais e produtos de toda espécie. E para a transmissão mecânica de energia, fabricamos a mais completa aparelhagem—cadeias de rolamento e silenciosas; redutores de velocidade; permutadores de velocidades variaveis; chumaceiras de bola e de cilindro a metal babbitt; cadeias de aço e carretes de ferro maleavel, Promal, de todos os tipos e medidas, etc.—tudo de um desenho e fabricação que asseguram serviço eficiente e a baixo custo.

Submeta os seus problemas ao mais próximo representante da Link-Belt, da relação abaixo, ou escreva-nos diretamente.

LINK-BELT COMPANY

Engenheiros—Fabricantes—Exportadores—Estabelecidos em 1875
233 Broadway, Nova York (7), N.Y., E.U.A. Endereço telegráfico: "LINKBELT" 9367

TRANSPORTADORAS LINK-BELT
CADEIAS—EQUIPAMENTO TRANSMISSOR DE FORÇA

Representantes:
Cia. Importadora de Máquinas, Rua Visconde Inhauma 65, 3°., Rio de Janeiro
Lion & Cia. Ltda., Rua Boa Vista 82, São Paulo

Os Beechcraft em ação

No. 8
DE UMA SÉRIE

QUANDO A CHUVA CAIR RESSOANDO SOBRE O SEU TELHADO — e V.S. estiver bem agasalhado e aquecido — lembre-se desta fotografia do Beechcraft AT-11, pronto a levantar vôo logo que subam a bordo o bombardeador e o instrutor munido da alça de lança-bomba. Nossos aviadores do Exército e da Marinha têm que combater nos climas mais variados, e por conseguinte, a sua instrução de treino tem que ser igualmente realizada numa grande variedade de climas —de dia e de noite. . . . O infalivel regresso desses aviadores dos tempestuosos céus noturnos depende em grande parte da perícia e do cuidado exercidos pelos homens e mulheres incumbidos de desenhar e construir esse Beechcraft, e os milhares de Beechcraft semelhantes a este, que estão sendo utilizados para o treinamento de bombardeadores, pilotos e navegadores dos nossos serviços militares. E porque os "Beechcrafters" cumprem e aceitam de boa-mente esta responsabilidade, estes Beechcraft militares, assim como os seus protótipos comerciais, alcançaram sob as mais árduas condições de vôo uma reputação de confiança e eficiência.

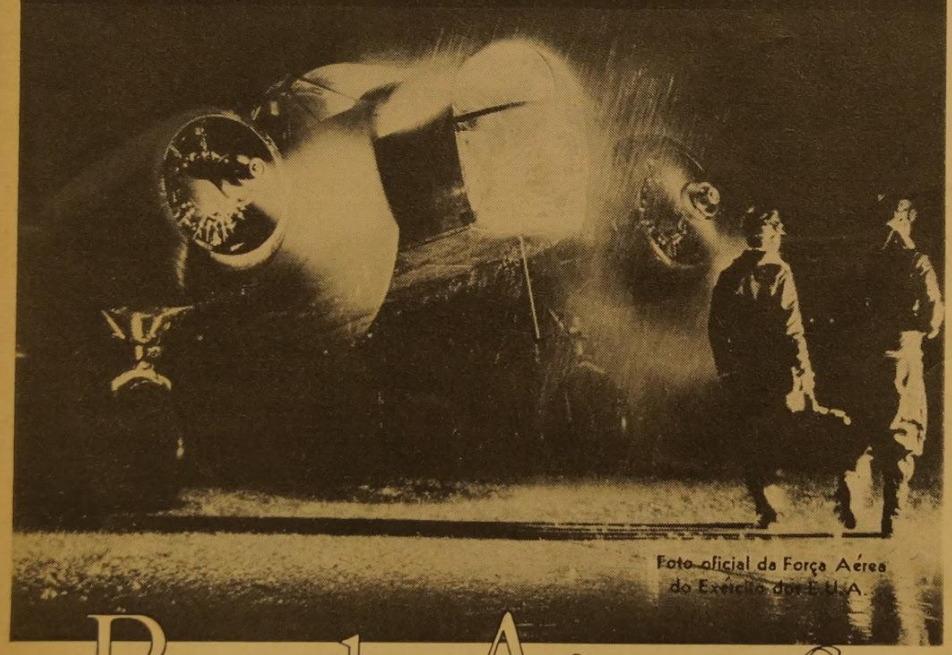


Foto oficial da Força Aérea do Exército dos E.U.A.

Beech Aircraft
CORPORATION

OS BEECHCRAFT CUMPREM O SEU DEVER — WICHITA, KANSAS, E.U.A.

O Carioca, Um Dos Homens Mais Bem Calçados Do Mundo!

Homens e mulheres, desde criança, se habituam a usar sapatos, essas peças de couro, ligadas e dispostas de maneira cômoda e agradavel à vista, e que permitem andar sem magoar os pés no calçamento duro das ruas, ao mesmo tempo que os resguarda da humidade, no inverno, ou do calor excessivo no verão.

Há calçados de todos os preços e de todos os tamanhos, que variam de acordo com o pé, ou o gosto do comprador. O carioca, por exemplo, é um dos homens mais bem calçados do mundo. Mas, quer se trate de simples alpercatas ou sapatos de sola dupla, brancos ou pretos, de couro de búfalo ou de crocodilo—os sapatos são fabricados em máquinas hoje aperfeiçoadíssimas, cujo funcionamento perfeito e normal depende de uma lubrificação adequada.

Para atender às necessidades de conservação e bom funcionamento dos maquinismos das fábricas de calçados, a Organização Esso produz e fornece lubrificantes adequados, e de primeira qualidade, como os oleos *Teresso*, *Esstic* e *Faxam*.

A excelência desses lubrificantes é garantida pela marca Esso, símbolo de boa qualidade na produção de derivados do petróleo.

Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidência de Minas Gerais, B. Horizonte; Farroupilha, de Porto Alegre; e Radio Clube de Pernambuco, de Recife.

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL
E A ORGANIZAÇÃO ESSO

Esso

Distribuidoras dos afamados produtos Esso que se encontram sempre sob o oval Esso.

"Bazooka"*

OUTRA ARMA "SECRETA" QUE REVELA A HISTÓRIA DA

PHILCO NA GUERRA!

O BAZOOKA—um novo e admiravel fuzil de bala-foguetão — faz despedaçar o mais pesado tanque inimigo como o faria um morteiro! Tão facil de transportar como um fuzil, sob o fogo do seu projetil de hélice giratória desmoronam-se ninhos de metralhadoras, edifícios, pontes!

A Philco orgulha-se de ter sido incumbida de tomar parte importante no melhoramento final e produção do Bazooka, arma concebida e aperfeiçoada pelos engenheiros do Exército.

Isso é mais um exemplo de como a Philco está agora servindo às forças armadas das Nações Unidas. Finda a guerra, os técnicos da Philco e as suas vastas facilidades de produção, proporcionarão novamente a V.S. o que há de mais fino em rádio, televisão, e refrigeração para o seu lar.

* *Leia-se: Bazuka*

PHILCO INTERNATIONAL CORPORATION
230 Park Avenue, Nova York, E. U. A.

PHILCO

OS MAIORES FABRICANTES DE RÁDIO DO MUNDO

SEU PASSATEMPO FAVORITO

PELAS ESTAÇÕES DE ONDA CURTA DOS E. U. A.

Três das estações de onda curta dos Estados Unidos conjugaram as suas incomparaveis facilidades técnicas, artísticas e outras, para levar até V.S.—em português—o que há de melhor em

NOTÍCIAS
COMENTÁRIOS
TEATRO

MÚSICA
HOLLYWOOD
ESPORTES

E êsses programas são irradiados simultaneamente por cada uma das estações, de modo a garantir a V.S. uma recepção perfeita!

WCBX WRCA WGEA

O que hoje se faz de melhor nos Estados Unidos, em questão de rádio-emissões, está inteiramente ao seu dispor—irradiado simultaneamente, em português, pelas poderosas estações de onda curta. Faça dos programas norte-americanos de onda curta, em português, o seu entretenimento habitual e predileto!

★ *Sintonize já esta noite* ★
ESTAÇÕES DE ONDA CURTA DOS E. U. A.

A LEI MORAL

A LEI moral é a base fundamental das boas relações humanas. O grau de felicidade e bem-estar da humanidade existe em proporção direta com a prática desta lei. Os privilégios, posses e direitos do homem dela dependem. São os seus postulados que ditam as relações adequadas entre os homens, entre as comunidades, e entre as nações.

Lei do espírito que não foi escrita,—ela é a Regra Áurea. A sua profunda influência em nossa vida é maior do que qualquer documento, decreto ou axioma, que tenha sido ou venha a ser concebido pelo homem.

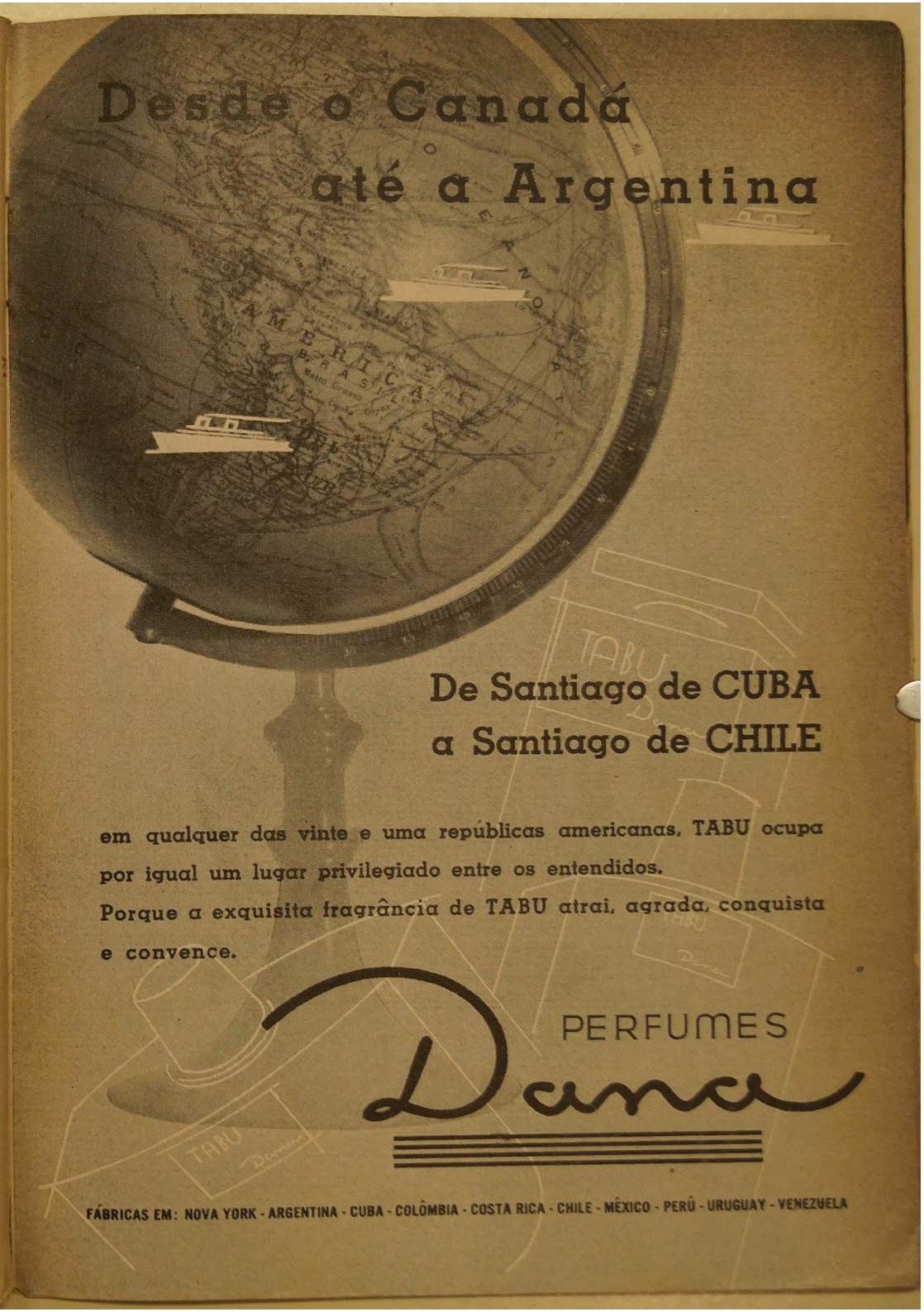
A lei moral é a lei universal, absoluta, eterna, dirigida por nossa conciência e sem restrições de línguas, costumes, fronteiras, tempo e circunstâncias.

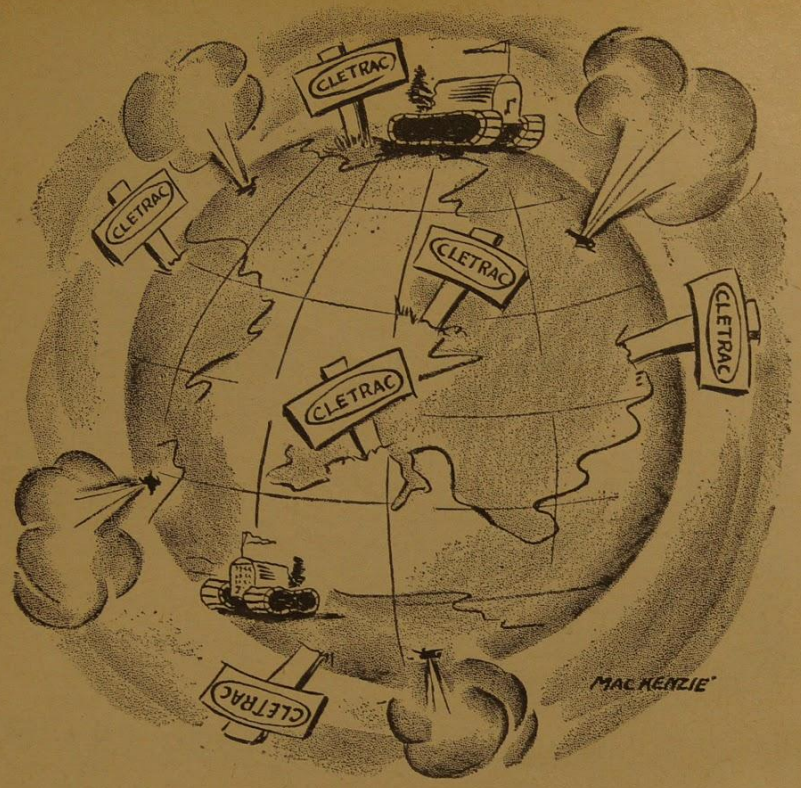
É a base de todas as leis íntegras que o homem estabeleceu.

A causa da presente conflagração mundial reside no fato de que ela tem sido ignorada por pessoas da mais alta responsabilidade.

Quando as forças armadas das Nações Unidas tenham levado de vencida os inimigos da decência e do direito, deveremos estar preparados para ditar uma paz que venha a ser o desdobramento da lei moral —uma paz que garanta o respeito pelos direitos de outrem nas relações políticas, industriais, econômicas, educacionais, culturais e espirituais, e que ofereça amplas oportunidades a todos os indivíduos e nações de viver e trabalhar em paz e harmonia uns com outros.

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION





CUMPRINDO UMA TAREFA NO MUNDO INTEIRO

DIFICILMENTE se encontra no mundo um lugar onde se não conheça e se preste homenagem ao nome Cletrac . . . onde a energia e a potência de um Cletrac não se faça sentir e admirar. Esse inigualavel recorde é bem facil de se demonstrar: Cletrac está contribuindo para produzir mantimentos; Cletrac está ajudando a realizar as tarefas esmagadoras do transporte.

Ao cumprir da melhor forma possivel essas tarefas, Cletrac está sendo digno da reputação que goza por sua durabilidade e segurança. Isso—alem da vontade de vencer que anima o Cletrac—tem contribuido para manter esse trator em todo o mundo movendo-se a toda força para a frente—para a Paz!

Cletrac **CLETRAC** Cletrac

The Cleveland Tractor Company, Divisao de Exportacão: 19300 Euclid Avenue, Cleveland, Ohio, E. U. A.

Se o jantar está atrasado... ganhe tempo... e elogios...

sirva Salsichas SWIFT!

SALSICHAS TIPO VIENA
Sirva com farofa e couve flor.

SALSICHAS TIPO OXFORD
Sirva com purê de batatas.

Ganhe Novas Energias

— com vitamina B1

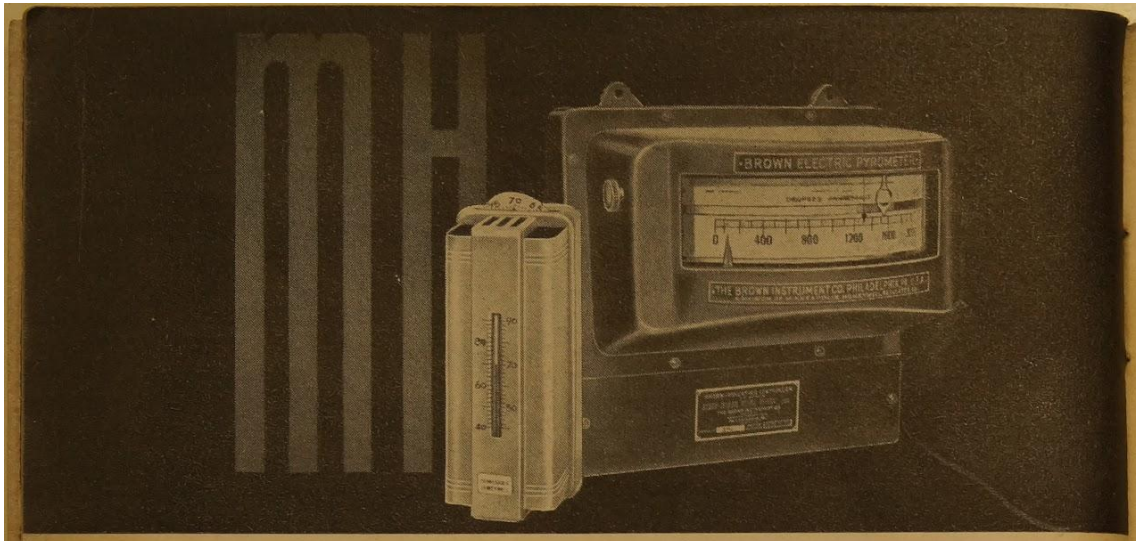
Este é o alimento que nos dá proteinas e minerais imprescindiveis ao organismo. Sobretudo é rico em preciosa vitamina B-1 — fonte de novas energias, apetite e vitalidade!

PRODUTOS DA

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO
DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

Eis outros de nossos produtos de qualidade: PRESUNTOS • PÂTÉS • PERU
LÍNGUAS • PRESUNTADA • BACON • CARNE DE PORCO • CORNED BEEF • CARNE COZIDA
EXTRATO DE CARNE • TUCO (para massas) • GALANTINA • BANHA • SALSICHAS COCKTAIL



Sempre a par do progresso

Ao interesse sempre crescente que há na América do Sul por casas modernas, segue-se uma procura sempre maior de Aparelhos de Controle Automático de Aquecimento e Ar Condicionado. A Minneapolis-Honeywell é desde 1885 a principal fabricante de Aparelhos de Controle Automático de Temperatura. Para satisfazer à procura sempre crescente destes aparelhos no grande continente da América do Sul, os Controles para melhorar a produção, evitar desperdícios e dar a devida proteção aos trabalhadores, são considerados hoje de absoluta necessidade. Os instrumentos de registro, indicação e controle para todos os ramos da indústria são fabricados pela Brown Instrument Company, subsidiária da Minneapolis-Honeywell. Ainda que muitos aparelhos de controle não se encontrem hoje em dia no mercado, devido à guerra, pedimos no entanto, que nos consultem sobre qualquer assunto, referente ao controle de temperatura ou controle industrial. Minneapolis-Honeywell Regulator Company, Export Department, 4422 Wayne Avenue, Philadelphia, Pa.

COM UNIDADE LIBERDADE

DISTRIBUIDORES

Argentina e Uruguai: E. C. Knight e Hijo, Buenos Aires—Brasil: Oscar Taves and Company, Rio de Janeiro—Colômbia: P. Porta, Bogotá—Perú: Custer and Thommen, S.A., Lima—Chile: Thermic Ltda., Santiago—Panamá: The Electric Service Co., Panamá—México: Armando Vaquie, Cidade do México—Cuba: William P. Bryant, Havana—Porto Rico: Sucessores de Abarca, San Juan—Trinidad: Industrial Agencies Ltd., San Fernando.

★ ★ ★ ★ CONTROLES AUTOMÁTICOS ★ ★ ★ ★

MINNEAPOLIS-HONEYWELL

INSTRUMENTOS DA **BROWN** PARA AS INDÚSTRIAS

Fácil como...

A ...alivia as dôres.

B ...baixa a febre.

C ...corta os resfriados.

Acha difícil livrar-se de uma dôr de cabeça, gripe ou resfriado? Pois nada há mais fácil! MELHORAL, o moderno analgésico, que venceu plenamente na América Latina, é a solução simples e segura para êste problema. MELHORAL é fabricado segundo os processos mais modernos e com os mais puros ingredientes. Sua embalagem, em CLARAPEL hermèticamente fechado, é inviolável. Isento de qualquer contaminação, MELHORAL constitue uma proteção para sua saúde. MELHORAL é de ação rápida!

● *MELHORAL vem hermèticamente fechado em CLARAPEL.*

AS AMÉRICAS UNIDAS UNIDAS VENCERÃO!

Melhoral

CONTRA DÔRES E RESFRIADOS

A juventude é uma só...

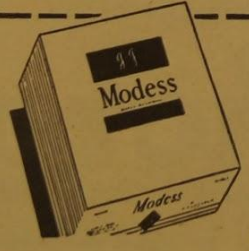
...saiba aproveitá-la!

Modess garante sua liberdade em dias outrora perdidos!

SE VOCÊ SOMASSE os dias perdidos todos os meses nas suas fases críticas de mulher, veria quão preciosos momentos eliminou do ciclo de sua vida... Saiba aproveitar a sua juventude.

Procure conhecer Modess, a toalha higiênica que lhe proporciona tranquilidade absoluta. Feita de um material mais absorvente que o algodão, Modess tem, ainda, a parte externa protegida por uma camada impermeável. Porisso lhe proporciona a melhor proteção.

Peça Modess em qualquer farmácia ou loja de artigos para uso feminino.



JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL

AMOSTRA GRATIS: Envie-nos Cr.$1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho «O que a Mulher Moderna Deve Saber». — Caixa Postal, 2838 — São Paulo.

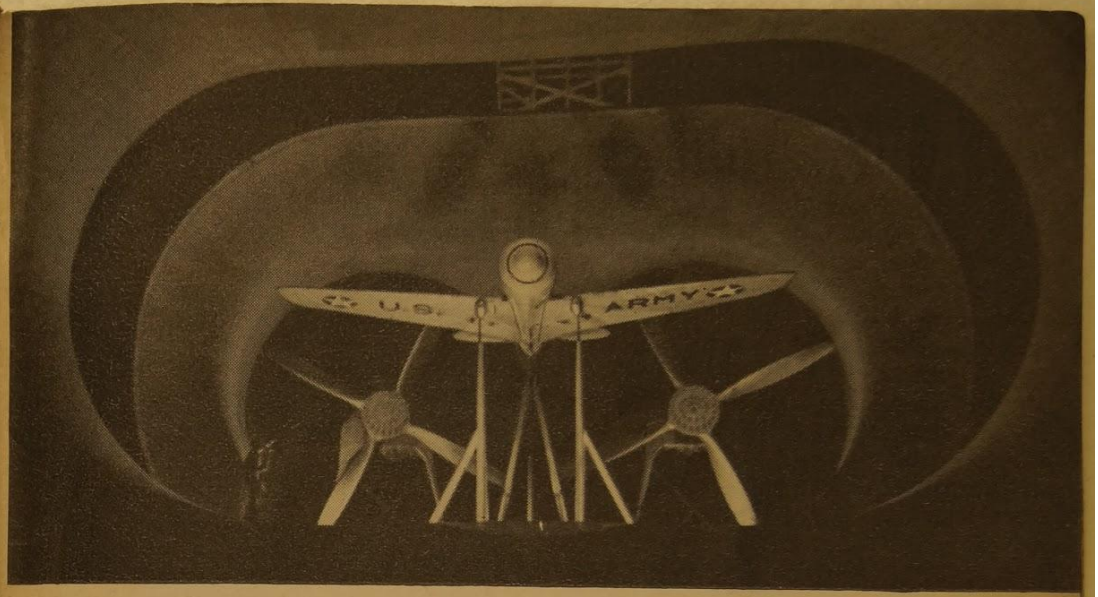
4 - IIII - 25

Nome.....

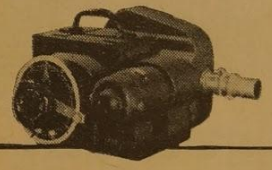
Rua.....

Cidade.....

Estado.....



Um dos Laboratórios de Pesquisas Aeronáuticas do Governo usa Cine-Kodak para registrar o comportamento das superfícies de sustentação e correntes de ar.



Esta chave da eficácia das ARMAS SECRETAS faz expandir o tempo

DEPOIS que a guerra eclodiu, os engenheiros e cientistas dos Estados Unidos não perderam tempo em desenvolver aviões mais rápidos e motores mais potentes. Encontraram maneira de evitar que a metralhadora de calibre 50 se "encravasse"; melhoraram as caraterísticas funcionais dos grandes tanques e canhões, fazendo-os mais precisos e mais mortíferos; aceleraram a tal ponto a produção, que foi qualificada de fantástica por eminentes cidadãos da América Latina em visita aos Estados Unidos.

Um dos motivos de tais realizações foi que estes engenheiros e cientistas não tiveram que trabalhar "às cegas", experimentando melhorar as caraterísticas dos instrumentos de guerra que se movem com velocidade louca, ou das rapidíssimas máquinas que os produzem. Por meio de uma câmara superveloz de filmagem, desenhada pela Kodak, se tiram 3.000 fotografias por segundo em películas de 16 mm., modelo estândarde. Estas fotografias mostradas a velocidade normal de projeção de 16 fotos por segundo, revelam ações que, tendo ocorrido numa fração infinitesimal de segundo, aparecem tão esmiuçadas, que podem ver-se a olho nu. Estes aparelhos Kodak especiais tornaram-se uma das ferramentas militares mais efetivas da indústria Norte-Americana.

* * *

Os homens e as máquinas que desenharam e fizeram estas e outras câmaras exigidas pelas necessidades da guerra, são os mesmos que produziram as Kodaks e Cine-Kodaks que V.S. pode hoje ter. Com tão preciosa experiência, são eles os mais indicados para produzir as máquinas fotográficas que V.S. quererá amanhã. Eastman Kodak Company, Rochester, N.Y., E.U.A.

KODAK... a fotografia ao serviço do progresso humano

A 52° Norte, e 30° Oeste
REPARÁ-LO OU AFUNDÁ-LO

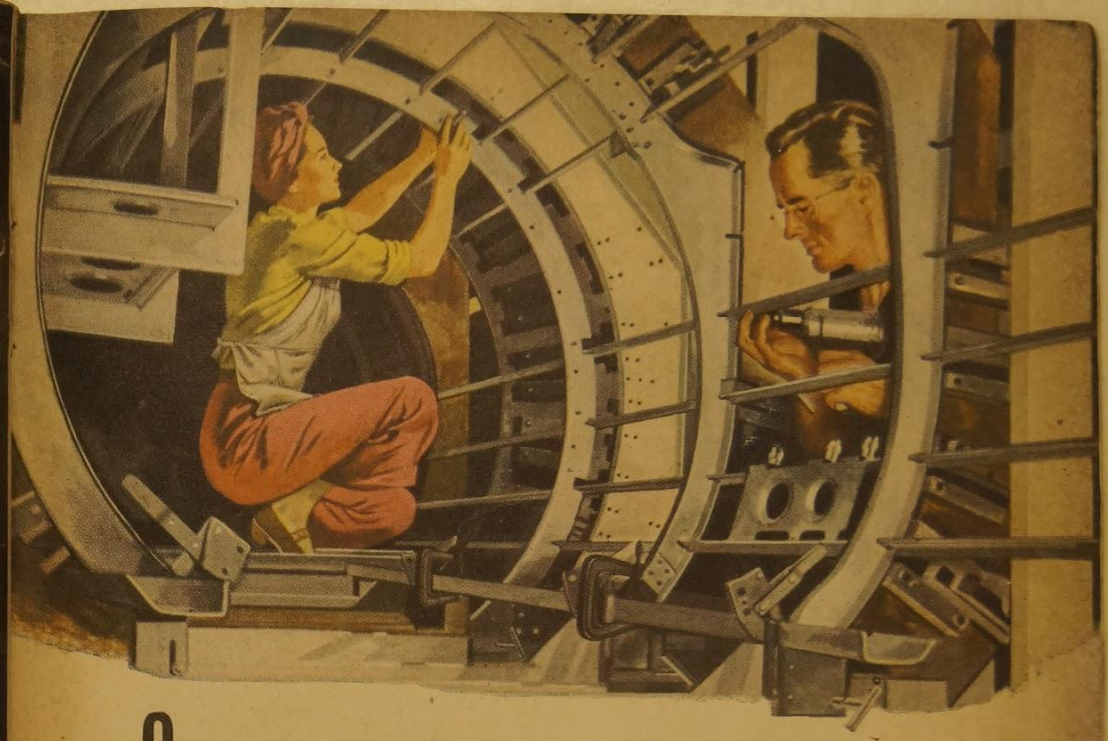
VENCENDO o mar com o casco e as máquinas avariadas, mais de um navio atingido foi trazido com segurança ao pôrto devido aos esforços heroicos da sua tripulação. Tal feito requer muita calma e trabalho rápido —mãos hábeis e as ferramentas apropriadas.

Navios de combate são unidades complicadas que se compõem de motores, turbinas, bombas, centenas de aparelhos de precisão, e contrôles automáticos, devendo tudo isto estar permanentemente em ordem. Conservação e consertos são sempre importantes. Mas, quando chega o caso de "repará-lo ou afundá-lo", grandes responsabilidades caem sôbre a oficina mecânica do navio. O equipamento de ferramentas deve estar à altura da emergência, sendo a precisão e a velocidade requisitos absolutos. A Marinha conta com as máquinas operatrizes, bem como com os homens, para a execução de trabalhos que não podem falhar.

É significante que Tornos South Bend tenham sido escolhidos para serviço nas oficinas mecânicas de bordo de inúmeros navios de guerra dos Estados Unidos. Fornecer estes tornos é uma das nossas muitas tarefas de tempo de guerra.

SOUTH BEND LATHE WORKS

South Bend 22, Indiana, E. U. A. *Fabricantes de Tornos Há 37 Anos*



O que a Northrop está hoje realizando ajudará a acelerar o dia da Vitória

EM 1930 . . . iniciou-se a era do moderno monoplano todo metálico, de asas baixas, com o "Alpha" Northrop . . . o primeiro monoplano de revestimento a metal estirado, que incluiu asas de estrutura multicelular.

Seguiu-se, criado pelo grupo Northrop, o "Gamma" Northrop — o primeiro avião com aletas de aterragem, de rebordo fendido de arrasto — hoje tão comuns. Com alterações militares foi este *o primeiro avião do mundo utilizado como bombardeiro de ataque.*

Depois apareceu o Northrop 3A — *pioneiro dos aviões de caça, que faz mais de 483 km. por hora.*

Mais tarde, o grupo Northrop desenhou e construiu o Bombardeiro de patrulha N3-PB — que ainda é *o mais veloz hidroavião militar que combate em qualquer frente.*

Estes mesmos peritos do grupo Northrop estão hoje trabalhando com afinco na *produção de grandes quantidades de aviões de guerra, com o fim de continuar a tradição da fábrica Northrop.*

NORTHROP *Aircraft, Inc.*

NORTHROP FIELD, HAWTHORNE, CALIFORNIA, E. U. A.

MEMBRO DO AIRCRAFT WAR PRODUCTION COUNCIL, INC.

Já era famoso em 1815, quando pela primeira vez os ianques desembarcaram na Argélia

O whiskey americano tem sido usado para celebrar todas as vitórias na história da América—pois o whiskey americano é mais antigo que os Estados Unidos.

E agora o whiskey americano é preferido em todo o mundo para festejar as vitórias das Nações Unidas. Hoje bebe-se mais whiskey americano que qualquer outro.

Há várias gerações que o SCHENLEY Royal Reserve vêm sendo reconhecido como o mais fino dos whiskeys.

Para apreciar o seu insuperavel aroma, delicioso sabor e riquíssima suavidade, tome-o à americana — num "Old Fashioned" — a bebida tradicional.

Eis a receita desse famoso coquetel: **1**: sobre meio-torrão de açúcar ponha duas gotas de Bitter Angostura e 6 gotas de água; **2**: Dissolva o açúcar; **3**: Adicione dois cálices de SCHENLEY Royal Reserve; **4**: Adorne com uma *fatia* de laranja, outra de limão, e uma cereja; **5**: Encha o copo com pedaços de gelo, mexa um pouco e sirva.

É uma revelação!

LIBERDADE NA UNIDADE

SCHENLEY INTERNATIONAL CORPORATION
Empire State Building, New York

O WHISKEY MAIS FINO DA AMERICA

SCHENLEY Royal Reserve

Continuação da última capa

Não diga que a terra é pequena!

preender os outros povos, que são tão diferentes dele—tão diferentes, bem entendido, exceto em sua qualidade humana.

Eis porque não deixa de ser um feliz presságio, daí ter sido saudada tão calorosamente, a aparição das edições internacionais do Reader's Digest, agora expostas nas montras de jornais e revistas em mais de trinta paises. Em espanhol, português, sueco e árabe, homens e mulheres estão aprendendo de primeira mão o que representam as outras nações; e vão compreendendo, outrossim, que numerosos seres, habitantes de remotos recantos do globo, têm os mesmos anseios, idênticas esperanças e necessidades. Em seu próprio idioma, a estes diversos povos estão sendo reveladas muitas noções uteis acerca de outros, ao lado do melhor do pensamento americano e estrangeiro, recolhido de revistas e livros da mais variada espécie.

Fazem assim, as edições internacionais do Reader's Digest, uma grande contribuição, realmente uma contribuição revolucionária. É de esperar que muito breve ele possa ser lido em todos os mais importantes idiomas da terra.

★★★

Porque Seleções agora custa Cr. $3.00

Em virtude do aumento de custo do papel, impressão e transporte, o preço de Seleções teve que passar a Cr. $3,00 por exemplar, e a Cr.$30,00 pela assinatura anual. Os leitores podem ficar tranquilos, no entanto, que nenhuma modificação haverá na atraente apresentação atual, no formato ou número de páginas, bem como no elevado padrão do material, condições todas estas que têm permitido a Seleções proporcionar o máximo de prazer e benefício aos seus milhares de leitores.

Não diga que a terra é pequena!

Por Eva Curie
Autora de «Madame Curie»

NO REGRESSO da minha viagem de quarenta mil milhas ao redor do globo, em visita aos campos de batalha, o cliper que me conduzia teve que fazer uma parada na Libéria, para reabastecer-se de combustivel. Um engenheiro da base fez-me então um presente inesperado: um exemplar do *Herald Tribune* de Nova York, de apenas cinco dias atrás! Tal fato sugeriu este comentário a um de nossos companheiros de viagem: «O mundo se tornou muito pequeno.»

Pequeno? Porque viveremos a repetir indefinidamente esta absurda frase feita? Muito pelo contrário, o mundo é imenso e variado. É verdade que alguns milhares de soldados estão sendo enviados para distantes campos de batalha,—e, muito breve, um bombardeiro de longo raio de ação, com base na Europa, estará em condições de espalhar miséria e distruição por qualquer cidade ou vila, onde quer que se ache na terra. Não significa isto, no entanto, que o mundo seja pequeno. As massas inumeraveis de gente humilde—de pele branca, parda, negra ou amarela—não viajam de cliper; tãopouco as nações se mudam. Um camponês iletrado da Índia ainda não faz idéia do que possa ser uma fazenda no Iowa. Quiçá nem saiba que a América existe!

No curso de minha reportagem ambulante, tive oportunidade de falar a homens descalços que nunca viram a neve, e a outros que nunca avistaram o mar ou uma montanha. Em um lado do globo, ouví sempre pronunciadas com reverência estas duas palavras: Cristianismo e Democracia. Na outra face, vi à distância ídolos de ouro em templos cuja entrada me era vedada.

Ninguem quererá que os hábitos de viver e pensar do mundo sejam fundidos, e reduzidos a uma imensa pasta, de modo que a única diferença entre um chinês e um abexim, um americano e um francês, fique sendo a cor da pele. Mas todo povo quer conhecer e com-

(*Continua no verso*)

EDIÇÃO MUNDIAL DE 10.918.000 EM CINCO IDIOMAS

Cr.$ 3,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

O verdadeiro internacionalismo . . . *por William Hard* 1
Podemos ensinar os meninos a viver 15
Olho por olho—para que os cegos vejam . . *Collier's* 17
Do fundo de uma trincheira . . . . *Washington Post* 20
Hoje não me divorciaria . . . . . *Harper's* 22
O terremoto de Messina em 1908 . *American Mercury* 25
Um cavalinho de nada . . . . *por Frederic Loomis* 29
Señor Pagador . . . . . *Southwest Review* 34
O Coronel Carlson e seu batalhão Gung Ho . *Liberty* 37
Não reprima a fantasia . . . . *por James L. Mursell* 42
A base elétrica da vida . . . . . *Harper's* 44
O bom humor sentou praça 47
Vida espinhosa do porco-espinho . *Country Gentleman* 48
Príncipe, o negrinho do bosque . . *American Magazine* 51
Ofensiva de «confeti» . . . *por Frederick C. Painton* 55
Assuntos de conversa 58
Tio Sam, o homem da roupa velha 62
Pode adquirir-se personalidade? . . . *por H. C. Link* 63
Ele humanizou a penitenciária . . *por Frank J. Taylor* 66
No céu não há ateus . . . . . *Air Facts* 71
Dominando a sífilis com a cura de um dia
por Paul de Kruif 74
A «bazuca» é o torpedo antitanque *American Mercury* 78
Aproveite a minha experiência . . . . . *Forbes* 83
O lavrador que arruina a terra . . *por Louis Bromfield* 85
Vovó e a «gaivota» . . . *Woman's Home Companion* 89
Da cama para o combate . . . . . *Air News* 91
Os animais têm coisas de gente 95
Assim é a natureza humana 121
Seção de Livros — Trampolim para a vitória . . . . . *por Howard Handleman* 97

MARÇO de 1944

SMDPO-CB
1313

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.

BAÍA: Livraria Souza, Rua do Colégio, 8, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 351, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo V, No. 26 — [*Marca Registrada* / *Reg. U.S. Pat. Off.*] — Março de 1944

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace

Redator Gerente: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator*: J. Rodrigues Miguéis

Administração: *Gerente Geral*, A. L. Cole. *Subgerente*: Fred D. Thompson, Jr.

Gerente de Circulação, Roberto C. Sánchez. *Chefe de Publicidade*, Willard R. Espy

Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson. *Subdiretor*: Marvin McCord Lowes

Diretor de Anúncios: Josiah B. Thomas

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS: *Reader's Digest* (fundado em 1921): publica-se em inglês em Pleasantville (E.U.A.) e em Londres; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace; tiragem mensal: 9.345.000 exemplares. *Selecciones del Reader's Digest*: edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas; tiragem mensal: 880.000 exemplares. *Det Bästa ur Reader's Digest*: edição em sueco, publicada em Estocolmo; redator: Anders Hedberg; tiragem mensal: 225.000 exemplares; *Al Mukhtar Min Reader's Digest*: edição em árabe, publicada no Cairo; redator: Fuad Sarruf; tiragem mensal: 60.000 exemplares.

TIRAGEM DE TODAS AS EDIÇÕES: 10.918.000 EXEMPLARES

Copyright 1943 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

MARÇO de 1944

SELEÇÕES do *Reader's Digest*

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO V — No. 26

Os Estados Unidos devem aderir ao mundo — e ser, mais do que nunca, americanos

O verdadeiro internacionalismo

Por William Hard

OS ESTADOS UNIDOS, a meu ver, cumpre que tenham uma política externa, baseada em três pontos principais, cada qual deles mais controvertido, e passivel de discussão. Vou expô-los sob a reserva de possiveis correções, o que não exclue, seja dito, a convicção profunda com que os adoto e apresento.

Primeiro ponto:

Os Estados Unidos, na próxima paz, devem evitar a todo transe quaisquer alianças, *de carater geral*, com determinados paises, e esforçar-se no sentido de uma União Mundial de todas as nações, grandes ou pequenas, desenvolvidas ou atrazadas, «boas» ou «más», no modelo, não da Liga das Nações, que rejeitamos, mas da União Panamericana, a que vimos pertencendo, há mais de meio século.

As alianças de carater geral, em tempo de paz, com determinados paises, produzem efeitos tóxicos, visto conterem dois ingredientes mortais. O primeiro é que cada um dos membros da aliança incorre nos ódios internacionais que o outro ou os outros hajam acumulado. Bastaria esse fato para que devêssemos poupar-nos a qualquer aliança de tal gênero, quer com a Grã

Bretanha, quer com a Rússia. Nossas razões de impopularidade no mundo são muito conhecidas. Os ingleses e os russos, por seu turno, têm outras tantas, imensas.

Há duas Inglaterras. Uma,—que é o berço das modernas instituições livres, e fez-se pedra angular da resistência, assim à agressão francesa na era napoleônica, como à alemã na nossa era,—desfruta um lugar de glória, verdadeiramente único, na história universal. Outra, porem, que é o Império, tem, a fremir contra si a hostilidade apaixonada de centenas de milhões de africanos e asiáticos. O Egito, a Palestina, o Iraque, o Irã, a Índia, a Birmânia, a Malásia—para citar só exemplos—toda essa gente vê na Inglaterra o opressor. Se nos reunirmos aos ingleses, numa aliança total, passará ela incontinenti a olhar-nos como seus co-opressores. O grande prestígio que temos, por aquelas regiões, estará totalmente perdido.

Análogas observações, mas ainda mais enfáticas, podem ser articuladas, no que diz respeito à Rússia. Temos, para com o Exército Vermelho, uma dessas dívidas que, não podendo ser pagas com um igual sacrifício de sangue, nunca o serão apropriadamente. Mas, ao longo da fronteira ocidental da Rússia, há milhões de habitantes, para os quais não há diferença entre a Rússia e a Alemanha como símbolo de agressão. Se bem que não por enquanto em termos oficiais, tem a Rússia contudo anunciado, sem restrições ou reservas, não só que anexará, em tempo próprio, boa porção de território estrangeiro, na referida zona, porem tambem que se opõe à falada «federação» dos respectivos paises, não importa quantos deles desejem confederar-se, para o fim de pôr termo aos seus litígios, e incentivar seu progresso. Uma aliança, pois, em toda linha, que estabelecêssemos com a Rússia, implicaria a extensão, a nós, da inimizade desses seus vizinhos; e mais, os conflitos, no nosso próprio país, com os nossos compatriotas de ascendência finlandesa, estoniana, letônia, lituana, romena, polonesa, e que são, a contar-se por milhões, violentamente contra os russos.

Hoje, o soldado americano em serviço no estrangeiro é cordialmente recebido, por assim dizer em toda parte. O Vice-presidente Wallace falou bem a verdade quando disse que os Estados Unidos poderão constituir-se na maior influência mundial, porque «somos olhados, em geral, com menos desconfiança, que qualquer outra das grandes potências». Sabe-se que nada temos de imperialismo. Só uma grande potência não imperialista estará apta a merecer a confiança e a exercer a liderança moral do mundo, visto em conjunto. Iremos nós abrir mão dessa única e formidavel oportunidade não imperialista, pelo gosto de nos tornarmos participantes neófitos nos imperialismos dos outros? Parece-me que a resposta que se impõe é um Não peremptório.

Mas o segundo ingrediente mortal, no caso das alianças, é ainda mais importante. Uma verdade básica, em toda a história internacional, é que não há aliança que não provoque outra, em sentido contrário. Estamos a ver, ainda, agora, a confirmação do fenômeno.

O conde Sforza, o estadista italiano que há tempos regressou dos Estados Unidos à Itália, disse, a propósito da projetada aliança anglo-americana e da existente aliança anglo-russa: «Vai-se então entregar a três paises o governo do mundo?»

William Hard vem sendo, há mais de 25 anos, um estudioso reporter de assuntos internacionais. Sua educação e o modo como correram os primeiros tempos de sua vida inspiraram-lhe um interesse pela matéria, que nunca esmoreceu. Nascido no estado de Nova York, filho de pai inglês e mãe americana, passou na Índia, onde o pai servia como missionário, a maior parte da infância, e os primeiros anos da adolescência. Lá fez os seus estudos primários e secundários, e frequentou a Universidade de Londres, antes de regressar aos Estados Unidos, onde se matriculou na Universidade Northwestern, na qual seria, depois de graduado, professor de história.

Em 1918 e 1919, escreveu numerosos artigos para revistas, sobre assuntos de política internacional, no curso do debate em torno à Liga das Nações. Depois viajou, em missões jornalísticas, pela Inglaterra, França, Itália, Áustria, Hungria, Alemanha, Polônia e outros paises.

Entre as reuniões internacionais que acompanhou como escritor e correspondente pelo rádio, figuram a Conferência Panamericana de Havana, em 1928, a Conferência de Armamentos Navais de Londres, em 1930, a Conferência do Desarmamento de Genebra, e à Conferência Econômica e Monetária Internacional de Londres, em 1933.

Em Washington, onde tem atualmente a sede dos seus trabalhos, tem estado em íntimo contacto com as correntes de pensamento dominantes no Departamento de Estado (Ministério das Relações Exteriores) e nas embaixadas e legações dos diferentes paises.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

Cincoenta e sete nações jamais se conformariam com tal coisa. O conde Sforza dá início à revolta. Propõe, para começar, uma pequena aliança mediterrânea, em que entrem a Espanha, a França, a Itália, a Iugoslávia, e a Grécia. Com que resultado, em última análise? Inevitavelmente, o seguinte:

A aliança mediterrânea será impelida, por força das suas próprias necessidades, a procurar estender-se à Turquia, que é uma potência mediterrânea de indiscutivel importânica. Com a Turquia viriam o Iraque (Mesopotâmia) e o Irã (Pérsia), os dois companheiros maometanos dos turcos. Mas a Inglaterra e a Rússia têm naquelas regiões o que julgam «interesses vitais». Eis, portanto, a aliança anglo-russa a procurar repelir a aliança mediterrânea, e todo o Médio Oriente de novo covertido, como tantas vezes no passado, num vulcão potencial de novas guerras, por obra de ódios e rixas de alianças rivais.

Toda aliança redunda numa exclusiva particular *pro*. Determina automaticamente uma réplica, não menos particular, *contra*. Precisamos movernos no rumo que possa levar-nos à união do mundo. As alianças o dividirão. São elas, paradoxalmente, a maior força de desagregação de que já teve notícia a sociedade internacional. Sugiro assim que na paz, já tanto debatida, nos abstenhamos de alianças, promovendo, ao mesmo tempo, a única alternativa que, afinal, poderá ter o condão de desanimá-las entre outros.

Voto igual para todos

A única alternativa para um sistema de alianças e contra-alianças é um organismo universal em que todas as nações estejam representadas num plano de completa igualdade. A União Panamericana é, para as repúblicas do hemisfério ocidental, uma instituição desse gênero. Dela fazem parte as vinte e uma nações do continente. Não há no seu seio, ou entre os seus membros,

alianças de qualquer ordem, ou agrupamentos políticos especiais, que lhe comprometam a unidade. Mais ainda: diferentemente da Liga das Nações, não tem «câmara superior» ou «conselho», no qual as maiores potências tomam assento, justamente pelo fato de serem maiores. Na União Panamericana, só existe uma «câmara»; e nesta os Estados Unidos não gozam maiores direitos do que qualquer de seus pequenos membros.

Sob a crescente influência desse princípio de universalidade e igualdade na União Panamericana, os Estados Unidos retiraram, em tempo, a sua tropa, de Nicarágua, São Domingos e Haití, e desistiram da prerrogativa de intervenção em Cuba, conquistando, por tais atos de não imperialismo, o que nenhuma das outras grandes potências conseguiu até hoje alcançar: a confiança dos seus pequenos vizinhos.

O imperialismo é um prolífico gerador de guerras. Os Estados Unidos estão em condições de ajudar a promover o não-imperialismo no planeta; mas só poderão fazê-lo numa organização mundial que tenha como faróis uma completa universalidade e uma igualdade total.

Quais os deveres a ser desempenhados por semelhante organismo? Tratarei do assunto, ao discutir os pontos dois e três. Por agora, quero apenas acrescentar que no conceito da universalidade devem estar compreendidas, tanto as «más» nações, como as «boas».

Vejamos os casos do Japão e da Rússia.

Em 1917, o Japão foi uma nação «boa». Combateu contra a Alemanha. Era um caro amigo nosso. Com ele firmamos um pacto—o Convênio Lansing-Ishii—pelo qual reconhecemos seus «interesses especiais» na China. Em outras palavras, consideramos os japoneses tão admiravelmente «bons» que entregamos os chineses aos seus «especiais» cuidados.

Mas a Rússia! Na primeira guerra mundial, coube-lhe o papel de uma nação excepcionalmente «má». Assinou com a Alemanha uma paz em separado. Introduzindo o Bolchevismo, executou cidadãos em grandes quantidades, não por motivo de crime, senão por simples razões de ordem econômica e política. Não se conhece nação, em nosso tempo, que se revelasse tão «má» quanto a Rússia naquela época. O governo russo era então um proscrito internacional. Hoje, todo o mundo livre pede à Rússia, afetuosa e interessadamente, que entre a participar nos seus conselhos. A Rússia agora é «boa.»

O Japão, entretanto, hoje é «mau».

Considerar um povo, em conjunto, permanentemente «mau», não é só imoral e anticristão, mas atenta, ao mesmo passo, contra a sabedoria e contra a história. Aplaudo as magníficas palavras em que se exprimiu recentemente o dr. Sun Fo, presidente do Ramo Legislativo do governo dos chineses livres de Chiang Kai-xeque. Os chineses têm sido, sem dúvida, as maiores vítimas das atrocidades japonesas. É evidente que conhecem os japoneses muito melhor do que nós. Que diz entretanto o dr. Sun Fo?

«O povo japonês,» é ele quem o observa, «uma vez que se liberte dos seus chefes atuais, que estão levando a ruina, o sofrimento e a desgraça a tantos e tantos lares, na sua própria terra, nunca propenderá para outra guerra, se dispuser livremente da sua própria vontade . . . De um Japão republicano-democrático, nada temos, os

chineses, a temer. Ao contrário, estaremos prontos a restabelecer, e de bom grado, relações normais com um novo Japão cujo governo seja democraticamente constituido, e por conseguinte responsavel perante os japoneses, como povo. Um Japão novo, assim organizado, deve ter, e terá certamente, o lugar que lhe compete numa comunidade mundial de nações legalistas e pacíficas.»

Como quer que seja, torne-se «bom» ou continue «mau», um Japão desarmado e democrático será de qualquer modo fator vital para a economia do mundo, ou para que este realize um máximo de prosperidade efetiva. O mesmo se aplica à hipótese de uma Alemanha democratizada e desmilitarizada. «Bons» ou «maus», os alemães continuarão a trabalhar e a ganhar seus meios de vida; continuarão a revelar-se o povo mais apto ou eficiente da Europa, em pesquisa científica, inventos técnicos, produção industrial; e é impossivel imaginar uma prosperidade máxima para o continente europeu, a não ser em conjunção com os serviços de uma Alemanha próspera e disposta a cooperar.

Se o mundo quiser ter tranquilidade é preciso gozar primeiro de bem-estar econômico. Não vacilo em considerar que na depressão e pobreza está o maior perigo contra a paz. A última crise econômica muito contribuiu para o advento e a ascensão de Hitler.

Enquanto o mundo e a Alemanha se mantiveram relativamente prósperos, nos anos de 1924 a 1928, a representação do nazismo, que era «o partido dos descontentes», no Reichstag, baixou de 32 membros a 14, e em seguida para 12. Quando, porem, a depressão geral atingiu tambem a Alemanha em 1929 e 1930, os 12 se elevaram a 107. Agravada cada vez mais a crise, o desemprego no território alemão assumiu proporções terriveis. Em 1932, o sofrimento era intenso, e virtualmente abrangia todas as classes da sociedade. Foi quando houve em novembro, uma nova eleição. A representação nazista no Reichstag subiu a 196, e, dois meses depois, eis Hitler elevado a chanceler.

Ou comércio mundial—ou guerras mundiais

Sustento eu que, se temos que aprender a *viver* juntos no mundo, impõe-se aprendamos primeiro a *trabalhar* juntos. Portanto:

Segundo ponto:

O dever precípuo de uma União Mundial de todos os paises é, logicamente, o de atuar no sentido de que haja paz e prosperidade gerais, no domínio econômico.

Muito devo, sobre o assunto, ao livro intitulado *Economic Union and Durable Peace*, de autoria de Otto Mallery, de Filadélfia.

Salienta ele, entre outras coisas:

Que, durante a última paz, cada país moveu, de alguma sorte, guerra econômica a todos os demais.

Que esta guerra econômica teve a sua expressão no excessivo controle governamental, quer de importações e exportações, quer em matéria de moldes, e em toda uma longa série de expedientes outros, inspirados em geral pela idéia suicida de que, se empobrecermos suficientemente o estrangeiro, ficaremos então ricos.

Que uma das razões que conduziram o Japão à sua projetada «Esfera de Co-prosperidade para os Asiáticos» foi a arbitrária e drástica exclusão que afas-

tou as mercadorias japonesas das vastas possessões das potências européias no Extremo Oriente.

Que, «se não queremos que os soldados cruzem as fronteiras internacionais em missões bélicas, façamos com que as atravessem, em missões de paz, as correntes de comércio.»

Que, como disse o abalizado e distinto homem de estado inglês Sir Arthur Salter, «o fator econômico constitue o problema central da paz no mundo.»

Utiliza-se a seguir, o sr. Mallery, do muito que sabe sobre as atividades da Repartição Internacional do Trabalho. Trata-se de uma instituição que, estabelecida ou criada pela Conferência da Paz em 1919, apresenta uma folha de serviços, não igualada até hoje por qualquer outra da espécie, isto é, de feição internacional. A ela pertencem 54 nações, inclusive os Estados Unidos.

Não é um super-governo. Não tem força para tornar obrigatórias as suas decisões aos paises que a compõem. Sua única função é elaborar planos que sirvam como padrão de melhores condições de serviço para as classes trabalhadoras, e *recomendá-los* aos governos, para possivel *ratificação*. O fato, entretanto, é que as ratificações já são quase novecentas. O progresso realizado, em consequência, quanto a normas de trabalho, em muitas partes do mundo, é realmente notavel.

Qual a razão, todavia, de semelhante êxito? O sr. Mallery a encontra no seguinte fato:

Entre os delegados que concorrem a cada conferência da Repartição Internacional do Trabalho, apenas 50 por cento são estritamente governamentais. Vinte e cinco por cento são homens de negócio, propostos aos governos pelas organizações patronais dos respectivos paises; e os vinte e cinco por cento restantes são representantes das classes trabalhadoras, designados segundo o mesmo processo. Assim, enquanto metade da assembléia pode ser constituida por políticos ou diplomatas, a outra metade (empregadores e empregados) deve promanar dos próprios círculos que lidam praticamente com o aparelho do trabalho.

Esse princípio, ao que opina o sr. Mallery, é suscetivel de ser aplicado às «Uniões Econômicas» regionais, que sugere se estabeleçam entre dois ou mais paises. Eu vou alem. Considero que o princípio poderia ser introduzido, imediatamente, numa União Mundial de todas as nações.

Recorre o sr. Mallery à citação de um dos homens de negócio americanos de maior evidência, o sr. Henry I. Harriman, grande capitão da indústria de luz e força, que exerceu a presidência da Câmara de Comércio dos Estados Unidos, e fez parte do conselho diretor da Repartição Internacional do Trabalho. Diz ele:

«Na Repartição Internacional do Trabalho, a forma tripartida de organização (isto é, a presença de delegados, de empregados e empregadores, assim como dos governos) teve os melhores efeitos no campo das relações entre capital e trabalho, em todos os paises representados. Penso que, aplicado o mesmo método, quanto a *outros problemas econômicos*, se chegaria a resultados análogos.»

Ao testemunho do sr. Harriman, poderia eu juntar muitos outros, em abono da tese que propugno, e de acordo com a qual sugiro que na União Mundial se incluam desde logo, por cada país, não só representantes do governo, porem tambem da finança, das indústrias de importação e exportação, do trabalho, e do grande interesse básico da coletividade humana, que é a agricultura. Sugiro mais, e com ênfase, que todos estes representantes, em vez de se reunirem (como o Conselho e a Assembléia da Liga das Nações) apenas a intervalos, tenham as suas reuniões com carater de absoluta permanência.

Qual o motivo por que fracassou a grande Conferência Econômica e Monetária de Londres, em 1933? Superficialmente considerando, o malogro foi devido ao governo de Washington, que, numa exibição do mais extremado isolacionismo, se esquivou do primeiro passo que lhe cumpriria dar, rumo da paz e da prosperidade, sob o ponto de vista econômico, no plano internacional; isto é, não se dispôs a empregar os necessários esforços no sentido de encontrar um laço ou relação de certa estabilidade, entre o dolar americano e a libra inglesa.

Fundamentalmente, porem, a Conferência resultou inutil, porque se entendeu de fazer em algumas semanas ou meses o que, só através de anos de estudo tranquilo e entendimentos mútuos, poderia ser realizado e mantido.

Nunca poderemos negociar, de modo eficaz, seja a paz econômica ou política, seja a própria paz militar, por acessos, ou aos impulsos. O processo, na hipótese, tem que ser contínuo como a vida.

Colaboração sem efeito compulsório produz resultado

No setor econômico, a União Mundial terá sob as suas vistas uma longa série de problemas:

Taxas de importação e exportação, e quotas de uma e outra. Acessibilidade adequada, para todas as nações às reservas de metais e minerais do mundo. Justiça entre os paises, maiores produtores, e os maiores consumidores de mercadorias. Aplicação apropriada de capital nos paises não desenvolvidos, a real benefício comum. «Liberdade do ar», como devido, para os aviões comerciais de todas as bandeiras. Relações, sob a maior estabilidade possivel, entre as moedas dos diferentes estados. Ação, de natureza mundial, que só ela pode ter os necessários efeitos, nos casos de depressão, igualmente mundial.

Entretanto, e precisamente à semelhança da Repartição Internacional do Trabalho, não deve a União Mundial dispor de autoridade para impor a nenhuma nação suas conclusões econômicas. Deve limitar-se a *transmitir* as ditas conclusões a todos os governos, esforçando-se pela adoção respectiva por tantos paises quantos possam ser persuadidos da sua conveniência. Tenho para mim que há grande acerto num recente relatório do Comitê de Política Econômica da Associação de Banqueiros Americanos, dirigida pelo financista sr. W. Randolph Burgess, vice-presidente do Conselho do National City Bank de Nova York. Este relatório não é isolacionista, mas, ao contrário, internacionalista. Procura inspirar-se nas realidades. Observa:

«É de desejar que se estabeleça alguma instituição internacional, que ajude as nações a estabilizar suas moedas.»

Mas tambem diz:

«Qualquer tentativa de ação compulsiva por parte da referida instituição, seria motivo de desunião. A persuasão e o livre concurso, baseado em mútuas vantagens, ofereceriam, sem dúvida, a melhor base de confraternidade.»

Não é só, ao que penso, indesejavel; seria mesmo impossivel armar de autoridade compulsória qualquer organismo mundial, político ou econômico; e re-

força a alegação com o exemplo da chamada Comunidade Britânica de Nações, que se compõe dos cinco paises livres do Império Britânico, a saber: Inglaterra, Canadá, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia.

Se há cinco paises no mundo intimamente ligados, serão estes. Constituem o maior milagre, que o mundo já conheceu, de colaboração internacional. Representam a culminância do gênio político inglês. Sem embargo, será hoje absolutamente impossivel dar-lhes um governo comum. Cada um deles insiste em reter o pleno direito de dirigir-se como melhor entender, segundo a própria vontade. Na Assembléia da Liga das Nações, em Genebra, tive ensejo de ver estas nações a votar umas contra as outras, com relativa frequência. Na Comunidade Britânica de Nações não existe, em parte alguma, nenhum poder central coercitivo. Faço, pois, esta pergunta:

Se os cinco paises livres, sob a soberania do rei da Inglaterra, não podem formar um governo central da comunidade, como admitir que as 60 nações do mundo consigam estabelecer um governo mundial, a que todos se submetam? Denuncio tal idéia como perniciosa utopia; e por aí chego ao meu terceiro e último ponto.

Compromissos conduzem a deshonra

Terceiro ponto:

Em suas diligências pela paz, assim política e militar como econômica, a União Mundial, à imagem da União Panamericana e da Repartição Internacional do Trabalho, não deve exigir qualquer cessão de soberania, de qualquer dos governos que a componham. Tãopouco lhes deve impor compromissos, sejam quais forem, quanto a atitudes futuras. Seja por meio de tais compromissos, ou de uma polícia internacional, não lhe cabe exercer sobre os seus membros nenhuma ação que os obrigue a uma conduta predeterminada. Cada ameaça à paz, cumprir-lhe-á considerá-la a seu tempo, à luz das imediatas circunstâncias em que o fenômeno ocorra, não se lhe tornando indispensavel obter, sobre a matéria, uma resposta unânime. O que deve ser unânime, é a obrigação de contínua *consulta*, havendo porem liberdade de ação especial, por *governos* especiais, para conduzir-se em presença de especiais *emergências*, pelo *modo* especial que lhes parecer preferivel.

A história da Liga das Nações demonstra exhaustivamente que toda e qualquer teoria de uma União Mundial, fora das bases que aí delineio, é inteiramente falaz, e nada produzirá, senão desapontamento, decepções, descrédito, com a agravante de uma possivel reação no sentido de um fator que é talvez o peor inimigo da paz mundial: o cinismo.

A Liga das Nações procurou ligar os governos que dela faziam parte, a toda uma longa lista de compromissos prévios. Predominava entre eles o famoso Artigo Décimo do respectivo pacto. Este artigo obrigava firmemente cada governo-membro a «preservar» contra «agressão» a «integridade territorial» e a «independência política» de qualquer dos demais governos associados no grêmio.

Em 1935, a Itália violou ostensivamente a «integridade territorial» e a «independência política» de certo membro da Liga: a Etiópia. Alega-se que o atentado não teria acontecido, se os Estados Unidos fizessem parte integrante da famosa Liga de Genebra.

Peço licença para ponderar:

Em 1935, o rearmamento da Alemanha ia apenas começando. O Eixo Berlim-Roma não se achava ainda formado. Não contava, pois, a Itália, com o apoio da Alemanha. A França, a Inglaterra e a Rússia eram membros da Liga.

Pergunto:

Haverá quem pretenda, seriamente, convencer a quem quer que seja de que os ingleses, os franceses e os russos, reunidos, necessitavam dos americanos, para que pudessem eficazmente deter o passo ao agressor fascista?

A verdade histórica, nua e crua, é que, em 1935, os membros da Liga das Nações, uns por uma razão, outros por outra, fugiram ao compromisso do Artigo Décimo, estabelecido no pacto, em 1919, *em outras circunstâncias*.

Mas alega-se ainda o seguinte:

Pode ser que os membros da Liga não precisassem, em 1935, do auxílio físico dos Estados Unidos. Precisavam, porem do *idealismo*, que só dos Estados Unidos lhes poderia advir. Houvessem contado com semelhante estímulo, não teriam recuado, até mesmo de ir à guerra, para impedir a insólita investida da Itália contra a Abissínia.

Sim? Vamos então considerar o caso da agressão japonesa à China, de 1937.

Dois tratados vedavam a agressão. Um, era o próprio pacto da Liga das Nações, que os Estados Unidos deixaram de assinar. Outro, era o tratado das Nove Potências, de 1932, a que deram os Estados Unidos o mais vigoroso apoio, reunindo-se à sua assinatura as de mais oito paises: China, Japão, Itália, Bélgica, Holanda, Portugal, França e Inglaterra. Comprometeram-se os signatários a respeitar a «integridade administrativa e territorial» e a «soberania» da China.

Em 1937, reuniu-se a Liga em Genebra, para o fim de deter o Japão, em observância dos compromissos solenes, assumidos no documento fundamental do instituto. Não chegou, porem, a nada, que pudesse ser tido como ação. O Japão não se deu por achado.

Naquele mesmo ano de 1937, os Estados Unidos tomaram parte numa conferência, em Bruxelas, de conformidade com o tratado das Nove Potências, com o mesmo objetivo. A conferência manifestou-se em discursos, e em seguida dissolveu-se, sem que houvesse chegado a nada, que pudesse ser tido como ação. O Japão, mais uma vez, não se deu por achado.

Permitam-me então que pergunte, com toda seriedade:

Haverá alguem que acredite que o que os Estados Unidos não puderam fazer em Bruxelas, teriam feito em Genebra?

Tão completo foi o fracasso da reunião em Bruxelas, que a Inglaterra, dois anos depois, houve por bem transferir-se do lado da China para o do Japão, e firmou com este um ajuste, declarando que «as forças japonesas na China tinham obrigações especiais para o fim de salvaguardar sua própria segurança, e o governo de Sua Magestade não alimentava a intenção de favorecer qualquer ato prejudicial ao cumprimento de tais obrigações».

Estarei atacando a Inglaterra? Não. Estou combatendo os compromissos de carater permanente. Estou mostrando que eles conduzem, reiteradamente, aquí e alí, ao que só pode receber o nome de perfídia e deshonra. Direi agora a respeito do meu próprio país.

No decurso da nossa história, to-

mamos três compromissos permanentes, de assinalado relevo, com países estrangeiros. Todos três acabaram mal.

A) Em 1788, assinamos com a França um tratado de aliança. Foi aliás o único, no gênero, a que demos jamais a nossa firma. A França, comprometeu-se a lutar ao nosso lado, contra a Inglaterra, pela nossa independência. Assim o fez, e com êxito. Mas tambem, pela nossa parte, nos comprometemos a alguma coisa. Comprometemo-nos a «garantir para sempre, contra quaisquer outras potências», as possessões francesas na América. Não tardou que os ingleses atacassem aquelas possessões. Ao mesmo tempo, fizemos com a Inglaterra um tratado de comércio que pareceu à França uma violação dos convênios da mesma natureza que com ela celebráramos. O tratado de «aliança», que nos obrigava, por exemplo, a defender as Índias Ocidentais Francesas, contra a esquadra britânica, tornou-se, para nós, intoleravel. Em 1798, por um simples ato do Congresso, sem o assentimento da França, repudiamo-lo completamente.

B) Em 1882, firmamos um tratado com a Coréia, pelo qual nos obrigamos a tomar providências diplomáticas, se qualquer terceiro país a tratasse «opressivamente». Em 1905, o Japão, conquistando a Coréia, tratou-a com a mesma «opressão» com que tornaria a tratá-la em 1910, anexando-a. Demos nós alguns passos diplomáticos, opondo-nos ao Japão? Absolutamente nenhum. Bem ao contrário, fomos o primeiro governo a reconhecer a conquista com o fato de retirar nossa legação da Coréia, proclamando assim ao mundo que aquele nosso «aliado» cessara de existir como estado independente.

C) Em 1846, comprometemo-nos, por um tratado com a Colômbia, a «garantir» a sua «soberania» sobre o istmo do Panamá. Tal compromisso, em 1903, estava em pleno vigor. Naquele ano, houve no istmo uma revolução artificialmente arranjada. Fomos nós em auxílio da Colômbia, para o fim de ajudá-la a restaurar sua soberania sobre o istmo? Não. Usamos, ao invés, das nossas forças armadas, para *impedir* a Colômbia de restabelecer, *por si mesma*, a dita soberania. Por ter assim procedido, pagamos enfim à Colômbia uma indenização escusatória de 25 milhões de dólares. Reconhecemos que, *mudadas as circunstâncias*, tínhamos violado um compromisso tomado *em circunstâncias já remotas*.

Acredito que os Estados Unidos têm a sua palavra em tão alta conta como qualquer outra nação; se, por conseguinte, são capazes, como ficou demonstrado, de faltar a compromissos, quando *mudam as circunstâncias*, é que país não haverá que o não faça, em emergências análogas.

O sonho da Polícia Internacional

Mas eu sei que há muito quem diga: As nações agora são diferentes. Aprenderam. Londres foi bombardeada. Kansas City poderia sê-lo igualmente. O mundo agora é uno. Toda a gente compreende que devemos passar a ter segurança coletiva e uma força de polícia internacional. As nações, de agora em diante, cumprirão livremente a sua palavra, ou serão compelidas a fazê-lo pela polícia internacional.

Estou preparado para esse argumento. Responderei invocando o caso, bem expressivo, dos chamados estados bálticos: a Estônia, a Letônia, a Lituânia.

Em 1920, a Rússia reconheceu a independência dos referidos estados. Em 1921, foram todos três admitidos à Liga das Nações. Em 1922, os Estados Unidos, a seu turno, lhes reconheceram a independência e completa soberania. Hoje, todavia, diz a Rússia que vai anexá-los.

A Liga das Nações ainda existe. Todos os seus compromissos ainda obrigam a seus membros. A Rússia é um destes. A Inglaterra o é tambem. São-no igualmente o Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia, a África do Sul. Do mesmo modo, a Suécia, a França, vários países latino-americanos.

Consoante o Artigo Dez do Pacto da Liga, todas estas nações são obrigadas a «preservar» a independência e soberania dos estados bálticos. Nos termos da Carta do Atlântico, os Estados Unidos, por ação executiva presidencial, comprometeram-se, e sem limite de tempo, vale dizer indefinidamente, em favor do «direito de todos os povos a escolher a forma de governo sob a qual desejem viver».

Vamos então supor que a Liga das Nações e os Estados Unidos tenham organizado uma força de polícia internacional. Se os compromissos tomados de antemão representam alguma coisa, e a idéia de uma força de polícia internacional traz em si quaisquer condições de sinceridade ou vigor, então, no dia em que a Rússia puser em prática a anexação dos estados bálticos, a dita força estará na obrigação de realizar um desembarque na costa oriental do Mar Báltico, e derrotar então o Exército Vermelho.

Haverá quem admita que tal pudesse ocorrer? Haverá quem acredite que o Parlamento inglês ou o nosso Congresso americano votassem recursos para semelhante empresa?

É possivel imaginar uma polícia internacional, a deter pequenas guerras entre pequenos países. Não são estas, porem, as guerras que põem o mundo em perigo. As grandes guerras, através da história, foram sempre iniciadas por grandes potências. Quando a atual houver chegado a seu termo, a Alemanha e o Japão estarão ou serão desarmados. As grandes potências remanescentes serão apenas a Rússia, a Inglaterra, e os Estados Unidos. Haverá quem realmente possa conceber que qualquer destes três países aquiesça na criação de uma força de polícia internacional capaz de subjugar, se for preciso, as suas próprias forças regulares de terra, mar e ar?

Evidentemente, a Rússia, que é comunista e vive no constante receio de ser «sitiada» e sufocada pelas potências «capitalistas», jamais se conformará com a criação de uma força de polícia internacional, controlada e manejada por uma organização mundial que as potências «capitalistas» iriam necessariamente dominar de modo irresistivel.

Por essa simples razão, quando outras não houvesse, deixa de ter cabimento a hipótese de governo mundial, com uma força de polícia, apta a preservar automaticamente a paz, em toda a parte e sempre. Essa história de uma máquina, da qual bastará um tique-taque, para anular qualquer perigo de guerra, fabricada assim a paz do mundo, não passa de fantasia. Os Estados Unidos não têm o direito de deixar-se adormecer ao embalo de tais canções. Cumpre-lhes ver praticamente as coisas, escolhendo entre fazer parte de um sistema de alianças e contra-alianças, em choque, e promotoras de guerra, ou promover uma União Mundial, sem outro poder senão este:

Tentar, por contínua consulta comum, desenvolver entre os povos o senso de unidade, que só ele afinal produzirá a paz e a prosperidade, a conquistar para o mundo.

No hemisfério ocidental, temos visto, experimentalmente, o que é possivel fazer por esse método. As conferências internacionais periódicas dos estados americanos, a que serve de centro permanente a União Panamericana, não exercem qualquer autoridade, alem de consulta e recomendação. A última de tais conferências, realizado em Lima, Perú, em 1938, adotou uma memoravel «Declaração da Solidariedade da América». Que diz este documento? Limita-se a prescrever que, se a paz de qualquer das repúblicas americanas for ameaçada, todas elas proclamarão sua solidariedade, «coordenando suas respectivas vontades soberanas por meio do processo de consulta», e «empregando as medidas que em cada caso concreto forem de fato aconselhadas pelas circunstâncias».

É tudo. Unicamente «consulta». Unicamente medidas que as «circunstâncias» aconselharem. Unicamente os princípios que aquí estou propugnando para uma União Mundial. Nada de compromissos prévios. Nada de força. Nada de cessão de soberania. Vejam-se entretanto os resultados.

Um sistema prático para a paz

Pouco a pouco, de 1890 para cá, as repúblicas americanas têm desenvolvido gradualmente um senso de unidade hemisférica e uma determinação no sentido da paz continental, que não têm paralelo na história. Temos no nosso hemisfério o sistema de paz mais efetivo, ou de maior êxito, que existe. Julgo do nosso dever, *e mesmo do nosso interesse*, procurar estender-lhe a aplicação ao mundo, no seu todo.

Digo do nosso interesse, porque, a menos que haja uma União Mundial, para o livre debate dos problemas econômicos e políticos do mundo, veremos as novas alianças e contra-alianças entre potências européias e asiáticas separarem outra vez as nações, lançando-as em novas lutas, tanto políticas como econômicas. Teremos que ver uma revivescência agravada de todas aquelas restrições governamentais sobre a riqueza e o comércio internacionais, que tanto contribuiram para tornar a última crise econômica absolutamente incuravel, a não ser mediante despesas artificiais dos governos, para um novo rearmamento de carater mundial.

O mundo não é uniforme em matéria de cultura, religião, ou formas de governo, mas obviamente o é no que diz respeito a trocas de mercadorias ou moedas, ou, em suma, no que entende com prosperidade ou depressão. Nosso secretário de Estado, sr. Cordell Hull, proclamou-o de modo mais incisivo, e em termos de maior repercussão que qualquer outro estadista. É que ele viu claramente que só pode haver prosperidade máxima para um país, se ela se desenvolve no sentido de maior prosperidade para todos os paises em conjunto. Compreendeu igualmente que não haverá paz militar no meio de privações e desespero. Ou, como avisadamente acentuou o sr. Otto Mallery, «a paz, para ser duradoura, precisa ser toleravel.»

Não é mister que nos refiramos aquí ao idealismo dos americanos. Reportemo-nos apenas ao seu materialismo. Ser-nos-á materialmente vantajoso promover a cooperação econômica no plano mundial; e sustento que tal só se fará de modo conveniente através de uma união de todas as nações, em que a idéia de unidade seja diariamente cultivada, e as vias de acesso para essa unidade, sempre crescente, do mundo, se explorem sem cessar, cada vez mais.

Repito, não obstante, e sublinho a repetição: a existência de uma União Mundial não exclue de nenhum modo os acordos especiais, entre potências em especiais condições, e para fins tambem especiais, devidamente especificados, e de duração limitada. Tais ajustes não constituiriam alianças gerais e totais, e são em si mesmos necessários. Citando, ainda uma vez, se me é permitido, o sr. Mallery, «o meio mais seguro de não chegar a nada é confiar na idéia de que as nações do mundo devem ser trazidas a concordar sobre uma mesma base, antes que qualquer delas se decida a fazer alguma coisa.»

Todas as nações podem e deveriam, em certas ocasiões, consultar-se mutuamente. Mas, numa dada emergência, como a Liga das Nações verificou tristemente, nem todas o farão. Assim, é necessário que as que desejem fazê-lo não se sintam constrangidas, podendo então proceder como melhor lhes pareça.

Não se deduza, portanto, da minha oposição às alianças de carater geral, que sou, de qualquer modo, hostil a ajustes especiais que celebremos com a Inglaterra, ou a Rússia, ou ambas, por limitados períodos e para fins definidos, que nada impede sejam revelados sem restrições ou reservas à União Mundial, e perante ela defendidos.

Razão não há, com efeito, para que se impugnem convênios destinados, por exemplo: a conservar a Alemanha e o Japão, durante certo prazo, desarmados; ou a utilizar os bons ofícios de todos os interessados, no sentido de promover cordial entendimento e boas relações comerciais entre a Rússia e os estados seus vizinhos da fronteira ocidental, diminuindo talvez por esse meio a pressão, porventura exercida pelos russos na referida fronteira; ou a tentar conjugar o comunismo russo e os «capitalismos» inglês e americano, num esforço cooperativo para favorecer a prosperidade dos quatrocentos milhões de chineses, em proveito geral do mundo; ou numa dada emergência, e em determinadas circunstâncias, a proteger uma nação inocente contra a expoliação, enquanto as circunstâncias sejam as mesmas, e a emergência perdure.

Já o mesmo, entretanto, não direi de um pacto que importe, suponhamos, num compromisso perpétuo, para os Estados Unidos, de sustentar os limites da Rússia e da Inglaterra, isto é, dos seus impérios, contra, por exemplo, os esforços que os chineses resolvam empregar para que se retirem, algum dia, os ingleses de Hong Kong, ou os russos da Mongólia. Isso não.

Por motivos não só de ordem moral, porem tambem de ordem prática, não devem os Estados Unidos pôr jamais a sua firma num convênio desse gênero. Todo plano de preservação da paz que tiver como base a consagração, ou, mais propriamente, a inviolabilidade de um estado de coisas existente, para o fim de consolidar a hegemonia mundial das três grandes potências sobreviventes, estará destinado ao fracasso. Tais processos, no passado, conduziram o mundo ao sofrimento, e acabaram banhando-o em sangue. Assim será no futuro, se as circunstâncias se reproduzirem.

O dr. Carlos Martins, embaixador do Brasil nos Estados Unidos, apresentou o

problema na sua integridade, e conclusivamente, quando disse que—se as grandes potências só levarem em conta a si mesmas, não produzirão outra coisa senão guerras universais; que só chegarão à paz, se se dispuserem a cooperar num sistema de liberdade, de carater mundial; que de nenhum outro modo poderão conquistar a confiança, e com ela o assentimento e o indispensavel apoio do resto do mundo.

Eu faço votos ardentes por que caiba aos Estados Unidos a honra—e a vantagem—de ser, entre as grandes potências, a primeira que veja e sinta a realidade dos fatos, e nela funde as suas diretrizes. Deixamos de ser espantalho neste continente. Porque o seremos nos outros?

Nada de alianças. Uma União Mundial. Para trabalhar no sentido de maior abastança e maior paz para o mundo. Ajustes especiais, para as especiais circunstâncias de especiais emergências, em que a justiça se apresente clara. Mas uma união mundial para examinar a virtude dos referidos ajustes, atraindo, para eles, o apoio da opinião universal. E os Estados Unidos, não agressivos, não imperialistas, a darem à referida opinião a confiança que só uma grande potência, com tais caraterísticas, estará em condições de merecer ou infundir.

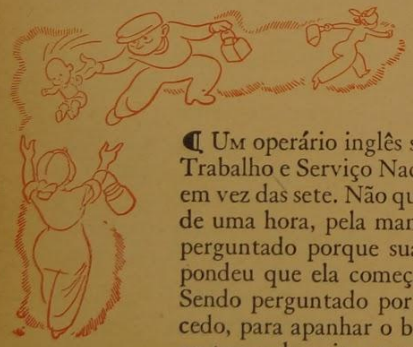
É, ao que penso, o que nos cumpre fazer: nem mais, nem menos.

Em casa de ferreiro...

¶ Queixava-se um marinheiro inglês na Cantina de Hollywood, de estar com a garganta irritada, ao que uma das gentís garçonetes sugeriu: «Já experimentou fazer gargarejo com água salgada?»

«A *quem* você está dizendo! Se já fui torpedeado três vezes!»

—Hedda Hopper



Mobilização geral

¶ Um operário inglês solicitou uma permissão especial ao Ministério do Trabalho e Serviço Nacional, para começar a trabalhar às oito da manhã, em vez das sete. Não que fosse preguiçoso, disse ele, mas é que necessitava de uma hora, pela manhã, para levar o seu bebê a casa da vovó. Sendo perguntado porque sua esposa não podia tomar conta da criança, respondeu que ela começava a trabalhar às 6, em uma fábrica de aviões. Sendo perguntado por que razão a avó não podia vir a casa dele mais cedo, para apanhar o bebê, o operário replicou: «Ela tambem trabalha, no turno da noite, e somente larga às sete.»

—James B. Reston, no *N. Y. Times*

Podemos ensinar os meninos a viver

—VIII—

As marcas dos pregos

Uma vez, estando meu pai cansado de me repreender pelas minhas más ações, disse-me:

—Filho, é muito feio assim seres, ninguem gosta de ti, e eu estou farto de te castigar; vou mostrar-te por outro processo, como é feia a tua conduta. Tenho aquí esta tábua nova e bonita; todas as vezes que me desobedeceres ou fizeres qualquer coisa má, espeto nela um prego; e, quando me alegrares, arranco um prego que lá tenha espetado.

Que pena! A tábua encheu-se de pregos, mas, um dia em que fiquei muito triste e envergonhado por ver que tinha praticado tanto mal, tive muita vontade de ver a tábua nova, como estava. Comecei a portar-me bem e assim os pregos foram desaparecendo... desaparecendo, até a tábua ficar sem nenhum. Mas, não fiquei de todo contente. E' que reparei que a tábua já não tinha pregos mas guardava as marcas deles! Disse a meu pai, que respondeu:

—É verdade, meu filho, os pregos desapareceram mas as marcas nunca se podem tirar. Acontece o mesmo com o coração: cada má ação que fizermos deixa uma marca feia nele, e mesmo quando deixarmos de praticar tal ato, a marca lá fica: é a culpa.

Aproveitei a lição, pois nunca mais quis que o meu coração fosse assim feio como a tábua.

Josias Ferreira Gil—Coimbra, Portugal

«Como Deus é bondoso comigo!»

A festa da abertura dos cursos prometia, e a criançada exultava, cada qual mais animado no ensaio dos papéis. Haveria recitação, canto e representação de uma pequena peça.

Eu, porem, me consumia de tristeza: não tinha como as outras uma linda voz, o que me enchia de inveja e me isolava. Notou-o mamãe, e eu tive que expor-lhe o motivo do meu desgosto. Sem nada dizer-me como consolo, à tarde, após algumas voltas, levou-me a uma casinha azul, onde uma menina de meu tamanho brincava no jardim.

A minha pergunta de se poderia brincar com ela, respondeu-me com uns sons roucos, nada semelhantes à voz humana. Estarrecida, lancei para mamãe um olhar interrogativo. Ela veio em meu auxílio, e conversou com a pequena por meio de sinais.

Mais tarde, já na rua, só pude dizer a mamãe: «Pobre menina!» E mamãe comentou: «Vê, filha, como Deus é bondoso contigo?»

E desde então sinto prazer ao ouvir minha voz feia, e quando algum pezar me atormenta, antes de me entregar ao desânimo, olho ao redor, e sempre acabo dizendo: «Como Deus é bondoso comigo!»

Conai Renode—São Paulo

«Escreva isso no quadro»

Éramos três meninos—um ano apenas de diferença entre nós. Brigávamos frequentemente. Mas minha mãe disse: «Não durmam sobre uma raiva.» Ela colocou um pequeno quadro-negro no vestíbulo e nos encorajou a escrever nele coisas que não diríamos um ao outro. Andy tinha brigado com Raimundo e, com orgulho infantil, nenhum queria pedir desculpas. Mas, antes de ir deitar-se, um de nós teria

invariavelmente que escrever «Desculpe-me».

Todos nós nos sentíamos melhor ao escrever um pedido de desculpas. E um recado como este: «Andy, sinto muito ter perdido a paciência,» exprimia nosso amor recíproco, nossa união e respeito familiares.

Raimundo Forer (sargento, E.U.A.)

«*Um recurso maternal*»

Quando eu era pequeno, tinha um gênio terrivel; caprichoso, suscetivel em extremo, enraivava-me facilmente, quando me davam motivos, ou quando eu acreditava tê-los.

Promessas, rogos e ameaças não conseguiam senão acentuar as minhas tendências. Até que um dia, ocorreu a minha mãe uma idéia que me reformou para sempre.

Quando me via furioso, ela se punha a arremedar-me, não de maneira trocista, porem delicada e amavel, dando então uma sonora gargalhada. O seu riso cristalino e franco vencia-me. Começava tambem a sorrir, e não tardava que as lágrimas provocadas pelas risadas viessem a misturar-se com a amargura do amuo anterior. Mamãe então estreitava-me nos braços dava-me um beijo... e tudo estava terminado.

Tão profunda mossa deixou-me na alma essa atitude de minha mãe, que, toda vez que me enraiveço, surge das profundezas da minha memória a melodia, para mim tão doce, do seu sorriso.

Roberto A. Chiappa—Argentina

Conhecida a natureza humana, é facil...

¶ Certo administrador de bens imoveis consegue arrendar facilmente os apartamentos de tamanho idêntico, no mesmo prédio, estabelecendo nas rendas diferenças que vão até 10 por cento. Há um tipo de inquilino «esperto» que sempre dá pela diferença, e se põe a comparar os dois apartamentos; vendo que são exatamente iguais, corre a arrendar o mais barato, antes que alguem dê pelo «engano»... Por outro lado, não é menos frequente o tipo de freguês que se mostra pronto a pagar uma diferença de dez dólares a mais, só para basofiar que paga a renda mais alta do seu andar...

Kenneth M. Good e M. Zeenn Kaufman, *Showmanship in Business* (Harper)

¶ Quase toda a gente espera que o salmão enlatado seja cor de rosa, não sendo por isso facil vender salmão branco, apesar de que nem mesmo um provador experimentado poderia talvez notar diferença no gosto. Aquí há anos, o salmão rosado chegou tarde ao Rio Colúmbia, para a desova, e houve um fabricante de conservas que se arriscou a pôr à venda salmão branco. Mandou colar em cada lata uma etiqueta que dizia: «Garantimos que este salmão não se torna cor de rosa, seja qual for o clima».

Fred C. Kelly, *Saturday Evening Post*

Olho por olho— para que os cegos vejam

(Condensado do «Collier's»)

Por Philip Harkins

Num hotel de Nova York um moço canadense aguardava a telefonema de seu médico. Não recuperaria a vista se acaso não se encontrasse, e não se transplantasse para seus olhos, uma pequena partícula recentemente removida da córnea de outro olho humano.

A córnea é um orgão com o diâmetro aproximado de um centímetro. É transparente, e suas diversas camadas, finas como papel, arqueiam-se sobre a iris e a pupila, como o vidro se adapta ao mostrador de um relógio.

Um olho, com seu fragil elemento luminoso ainda intacto, não é coisa facil de obter. Deve provir de uma pessoa recentemente falecida, e que haja manifestado o desejo de ceder um dos seus olhos para que um cego possa ver; ou então, de alguem cujo olho tenha sido extraido por lesão que não afetasse a córnea. Pode ser transportado de uma cidade para outra convenientemente conservado em gelo, mas os médicos preferem utilizá-lo antes de decorridas doze horas sobre a extração.

Finalmente chegou a tão ansiada informação: o médico conseguira um bom enxerto de córnea. O coração do moço encheu-se de esperança. A resposta à pergunta que o torturara durante anos ia ser-lhe dada nas breves horas que se seguiam. Recuperaria a vista? Teria êxito a mais delicada de todas as operações oculares?

A primeira operação concluiu-se em vinte minutos. Duas semanas mais tarde, ao serem removidas as ataduras, o milagre verificava-se! Através da pequena janela transparente, aberta em um de seus olhos, o doente pôde ver na sua frente os dedos do cirurgião e o sorriso da enfermeira.

Após um mês de repouso, a operação era repetida no outro olho.

Três meses depois o cirurgião recebia do Canadá um cartão de Natal, no qual se lia: «Acabei de ser aprovado no exame de olhos para a Real Aviação Canadense.»

O cirurgião que efetuou a operação, o dr. Ramon Castroviejo, um espanhol, tem executado no «Columbia Presbyterian Medical Center», em Nova York, mais de quinhentas transplantações da córnea, das quais cerca de 90 por cento coroadas de êxito.

Em cada caso em que a visão é restaurada por transplantação da córnea, tanto o paciente como o leigo consideram o fato milagroso. Estava eu presente quando um operário naval voltou ao consultório de um oftalmologista, para ser examinado várias semanas após uma transplantação. Disse

ele: «Quando o estilhaço de metal me atingiu, supús que tudo estava acabado; não voltaria a ver deste olho. Nos estaleiros todos pensavam o mesmo. Mas aquí o doutor sabia disto de transplantar córneas. Examine agora meu olho.»

Examinei. Exatamente no centro do globo ocular, sobre a pupila, havia um pequeno retângulo claro. «Esta é a minha janela,» disse o operário. «Vejo tão bem por ela como vejo pelo olho que não foi atingido. Meus camaradas rodeiam-me frequentemente, fixam-me, e acabam sempre por abanar a cabeça. Para eles o médico é um homem que faz milagres.»

Há dez anos uma transplantação da córnea que fosse bem sucedida, tinha na verdade muito de milagroso. Nessa época um grupo de oftalmologistas —Tudor Thomas na Inglaterra, Filatov na Rússia, Elschnig na Tchecoslováquia, e Ramon Castroviejo nos Estados Unidos—começavam a colher os frutos de longos anos de experiências.

A humanidade sonhara durante séculos com esta operação. Em 1798 um cirurgião francês, Pellier de Quengsy, tentou coser um disco de vidro na córnea nebulosa de um cego. Não obteve resultado; o olho humano não podia tolerar substância tão dura. Durante todo o século dezenove os cirurgiões experimentaram enxertos de olhos de animais. Os resultados foram igualmente nulos; as partículas da córnea dos animais deterioravam-se pouco a pouco.

Porem, apesar destas derrotas, a cirurgia não se queria confessar vencida. E começaram as experiências com o enxerto de olhos humanos.

Atualmente, em quase todas as grandes cidades dos Estados Unidos há cirurgiões oftalmologistas que realizam esta dificil operação. No Hospital de Olhos e Ouvidos de Manhattan, um eminente cirurgião ensina a técnica a seus colegas, para que estes possam operar os soldados que cegam em combate. Especialistas dos olhos, treinados nos Estados Unidos, executam brilhantes operações desta espécie no Brasil, Colômbia, Argentina, Cuba e Panamá.

Mas a transplantação da córnea não é de modo algum uma cura para todos os casos de cegueira. Em cada 100 *pessoas cegas, somente um número inferior a vinte possue lesões da córnea suscetiveis de aproveitar com uma operação.*

Embora se trate de uma intervenção cirúrgica que pode ser muito cara, os melhores especialistas de olhos de Nova York realizam-na gratuitamente para os cegos sem recursos, nas famosas clínicas da cidade. Apenas, dada a escassez de enxertos, é por vezes necessário esperar muito tempo antes da operação. Por outro lado, quando se encontra uma córnea em boas condições, é possivel em muitos casos utilizá-la em três transplantações.

Sob o ponto de vista técnico, a operação é uma obra de arte em miniatura; uma obra de arte medida aos milímetros. Tudo nela se realiza em escala incrivelmente pequena. Os instrumentos parecem complicados apetrechos de manicura, e as pinças que retêm as pálpebras são tão pequenas que lhes foi dado o nome de «pinças mosquito».

Uma pequena lâmpada projeta luz sobre o olho, previamente anestesiado, e o cirurgião fixa rapidamente as pinças nas pálpebras, retendo-as com fio de seda.

Depois, usando lentes especiais, estuda a córnea afetada, e diz: «Creio que precisamos de um enxerto de cinco milímetros,» —isto é, de um seção de

córnea igual a um quinto de polegada quadrada. Os enxertos têm sempre de ser muito pequenos, pois o globo ocular não resistiria à remoção total da córnea.

Com seus dedos enluvados, o cirurgião pega num instrumento cuja extremidade é formada por duas lâminas paralelas, ajustaveis, com o aspecto do duplo trilho de um trenó. Coloca seguidamente esse bisturí especial sobre uma régua esterilizada, ajusta as duas lâminas paralelas para os cinco milímetros e amola-as. Esta então apto a cortar duas seções idênticas de córnea com uma margem de erro inferior a um centésimo de polegada: uma no olho do paciente, e outra no olho doado.

Primeiro, recorta com toda a delicadeza o contorno do quadrado de cinco milímetros na córnea afetada. Depois, por meio de passagens sucessivas de uma agulha através da córnea, forma uma teia de linha em redor e por cima do quadrado marcado. Esta teia é preparada de tal forma que, quando retesada no final da operação, é suficiente para conter em seu lugar o minúsculo enxerto transplantado.

Na sala de operações brilhantemente iluminada não se ouve outro ruido alem do proveniente do ventilador. Os observadores aproximam-se, e vêem o cirurgião, manejando bisturís e tesouras especiais, libertar o pequenino quadrado de córnea, e retirá-lo.

Em seguida, trabalhando no olho doado, corta delicadamente um enxerto de superfície igual à do alojamento praticado no olho do paciente. *Olho por olho!* Com uma pequena espátula soergue a minúscula partícula de córnea sã, e coloca-a no recorte praticado no olho do paciente—e o ajustamento é perfeito. Terminada a transplantação, retesa a teia de fio de seda, faz rapidamente um nó em um dos lados, e a operação está terminada.

O doente tem agora uma janela de córnea sã, que permitirá a passagem da luz até à retina. Por vezes, enquanto o paciente está na mesa de operações, passa um raio de luz; ouve-se então sob os lençóis e toalhas uma voz excitada que grita: «Já vejo!»

Porem os olhos doentes são sempre cobertos por uma atadura de seda negra. Durante dez dias o paciente conserva-se deitado de costas, com a cabeça imobilizada. No sexto dia a costura é removida. No décimo-quarto dia a atadura é retirada, e, quando tudo correu bem, o paciente recuperou a vista.

A transplantação da córnea é atualmente uma ocorrência diária. Porem será sempre um milagre.

Era o Natal de 1942...

¶ Da Nova Guiné, um soldado razo, natural do Ohio, escreveu à esposa: «Vai ser um Natal diferente, este ano. Nosso altar será o tronco de uma árvore caida na floresta. À nossa volta, um odor de suor, de roupas sujas e de morte. Mas eu me ajoelharei para rezar. Sei que tu estarás ao meu lado, tambem rezando, e bastará isso, querida, para que eu tenha um Natal feliz.»

—George Johnston, no *Time*

DO FUNDO DE UMA TRINCHEIRA

Fala um soldado de volta...

(Condensado do «Washington Post»)

Por George Kent

«Não adianta vocês quererem fazer pouco dos japoneses,» disse o sargento recem-chegado da frente de Guadalcanal. «Eles são tão espertos quanto qualquer de nós. A guerra vai ser longa. Você não sabe como é bom estar aquí. Só espero ter a sorte de não precisar voltar.»

E olhou para fora, pela janela do trem que, atravessando o continente, nos levava para Leste. Era a primeira licença que tinha em dezoito meses, e isto porque se achava inutilizado pelo paludismo.

«Ninguem aquí parece ter a menor noção do que seja aquele inferno por lá,» dizia-me ele. «Os jornais não contam nada. Estão sempre a falar na vida das trincheiras, mas garanto que nenhum de vocês é capaz de imaginar o que seja passar vinte e quatro, trinta e seis horas a fio, em pé numa trincheira.»

Fez então uma pausa, mas as suas recordações levaram-no a falar:

«Você já teve medo do escuro? Pois olha, eu já. Aquilo lá é o mesmo medo, mas cem vezes peor. A gente está em pé na trincheira e começa a chover, e aí você tem que fazer todas as necessidades; depois são seus companheiros que o terão tambem. O mau cheiro é horrivel, e os bichos e mosquitos em volta não dão mais folga.

«Se um lagarto faz mexer uma folha você pensa que é japonês; se os macacos começam num bate-boca, você jura que são os japoneses de novo. A gente sabe que os diabos estão alí pertinho, espreitando. Ninguem ousa acender um cigarro porque seria a conta para mostrar a nossa posição. Quando a lama começa a se formar no fundo da trincheira, é preciso raspar o chão com o capacete e jogar fora com cuidado, porque as botas pisando na lama podem fazer barulho.

«Se seu companheiro pega no sono e dá para roncar, você acorda-o com um soco. Se é você que ronca, tambem levará o soco. Não ousamos atirar com o fuzil porque o fogo trairia nossa posição. Só se pode usar granada de mão. E isto uma noite atrás da outra.»

O sargento ficou por um momento imerso em seus pensamentos; enquanto seu corpo descansava no conforto da poltrona estofada, em imaginação estava ainda com seus companheiros na frente de batalha.

—Se não enterramos os mortos depressa, prosseguiu ele,—insetos, aves e lagartos os devoram. Em vinte e quatro horas só resta a ossada limpa e lustrosa, que nem esqueleto de museu. Às vezes deixamos expostos, de propósito, os cadáveres dos japoneses; lidar com ossos limpos não é tão repugnante.

—E fora da trincheira, como são as condições de vida? perguntei eu.

—Talvez a coisa tenha melhorado

um pouco ultimamente, respondeu-me. —Mas enquanto estive lá, toda a comida era seca—deshidratada. Fazíamos fileira para receber a bóia, e quando chegava a hora de comer ninguem tinha mais vontade de engulir aquela droga. As moscas-de-coqueiro vinham para cima da gente aos enxames, grudavam nas mãos, na cara, nos lábios. Você tinha que enxotá-las da comida para tirar uma colherada, mas quando levantava a colher, já elas tinham se amontoado nela; era preciso enxotar de novo, mas acabavam entrando pela boca dentro antes de se ter tempo de fechar.

—E que faziam vocês nas horas de descanso? Tinham cinema, ou outro divertimento qualquer?

—Que nada! Não havia outra coisa a fazer senão deitar-se debaixo do cortinado e ficar ouvindo o rádio; muitas vezes com vontade de cuspir em cima daqueles locutores de voz suave, que só contam a metade da história; a outra parte a gente é que sabe qual é, alí debaixo do cortinado, no meio daquele inferno de calor e mosquitos, durante dezoito meses...

«O sujeito da cama a meu lado está chorando. É um latagão musculoso, de cara rude, e desde criança nunca mais chorou. Agora está alí, soluçando, sem saber porque. Que é que hei-de fazer? Sei que tambem não estou muito longe de fazer o mesmo. Se mostrar que reparei que ele estava chorando, é bem homem de me cortar o pescoço. O jeito é fingir que não vi nem ouví nada.

«Os nervos ficam à flor da pele, é preciso ter um cuidado louco com o que se diz aos outros, mesmo aos que menos parecem estar prontos a perder a cabeça. Por uma bobagem atoa, vi cada briga dos diabos.»

E pôs-se a olhar pela janela.

«Estou com sorte de estar de volta,» disse quase a falar consigo mesmo. «Gostava de estar no seu lugar—paisano, ganhando bom dinheiro, passeando com sua namorada, podendo até se casar com ela se quiser. Tambem tinha uma pequena, estava até pensando em me casar, pois eu tinha um bom emprego. Agora, quando acabar a guerra, sou obrigado a recomeçar tudo.

«Porque só uns hão-de fazer todo o sacrifício? Porque havemos nós de passar por aquele inferno enquanto vocês continuam na boa vida, com seus empregos, suas casas, seus filhos, seu conforto?

«Não devemos chamar os pais às fileiras, dizem os jornais! Essa é boa; a metade dos soldados que estão no exército são casados e têm filhos. Porque não chamar os pais? São melhores que nós? Minha irmã está casada com um soldado e tem uma criança. Poderia viver só com a pensão miseravel que o governo dá? Não. Se meu pai não estivesse bem não sei o que seria.»

Eu fiquei calado, e ele prosseguiu:

«Espero que não me mandem de volta. Eu obedeço às ordens, mas fique você sabendo que não é pela glória. Confesso que sinto nó na garganta quando no fim do dia tenho que formar para a chamada de retreta. Mas porque hei-de estar eu lá enquanto vocês aquí ficam no macio, engordando e ganhando dinheiro?»

Eram profundamente sinceras as palavras deste rapaz, de volta da trincheira—eram a confissão franca e sóbria de um soldado americano. Quem viajar de trem hoje em dia há-de encontrar outros como este sargento que, tendo combatido nas frentes de guerra, voltam para a América, e, com a frieza calma dos que já sofreram muito, contemplam e julgam o resto da nação.

Hoje não me divorciaria

(Condensado do «Harper's Magazine»)

Autora anônima

Se hoje me fosse dado voltar ao passado não me divorciaria de meu marido. E quantas outras mulheres divorciadas, imagino, desejariam tambem que o divórcio nunca tivesse sido inventado! Poucas ousariam confessá-lo, porque é peculiar à natureza humana esconder o fracasso, não admitir a derrota, nem mesmo intimamente. E divórcio é derrota. Disto eu tenho perfeita conciência, embora até aos amigos mais íntimos só apareça a atitude serena com que procuro dissimular corajosamente a indizivel angústia que me vai na alma.

Há dez anos, contava eu trinta, e meu filho oito. Meu marido entrara então nos quarenta. Aos vinte casara-me com o homem que amava. Quando os primeiros arrebatamentos inevitavelmente cederam lugar ao esforço de compreensão e tolerância mútua que formam a base concreta do casamento, muita coisa sobrevivia ainda. Ambos apreciávamos o mesmo gênero de distrações. Ambos éramos imensamente dedicados a nosso filho. Jim lograra êxito na carreira, e gozávamos conforto e segurança material.

Atualmente, essa situação apresentaria, quanto a mim, os elementos essenciais à consolidação de uma boa união matrimonial. Naquele momento, porem, o fato de Jim beber exageradamente cegou-me e impediu-me a apreciação de tudo o mais.

«Educar meu filho livremente num ambiente próprio,» era o argumento máximo que opunha às minhas dúvidas e com que procurava justificar a mim mesma a necessidade de uma separação. Agora, no entanto, vejo claramente que a fraqueza de Jim não constituia razão suficiente para privar meu filho de seu pai. Hoje creio que o divórcio entre casais com filhos é não somente indesejavel, mas impossivel. A criança aí está para lembrar a toda hora que o «outro» existe. Diante desse fato positivo é surpreendente a arrogância do homem ou da mulher que determina que um dos dois é supérfluo à vida do filho.

Como podia eu estar tão segura de servir ao mesmo tempo, eficientemente, de pai e mãe a meu filho, sem considerar as dificuldades específicas a vencer? Não tivesse eu precipitadamente desfeito nosso lar, e a proteção oferecida pelo pai a seu filho teria largamente compensado as desvantagens que porventura resultassem de seu vício.

Ainda há pouco tempo, fui ao clube buscar meu filho que passara o dia em companhia do pai, o único dia do mês que a lei lhes concede. Quando entrei achavam-se os dois junto ao corte de tenis. O rapaz acendia o charuto do pai aproveitando depois o mesmo fogo para seu próprio cigarro. Havia entre eles uma atitude de camaradagem momentânea mas indiscutivel. Senti-me de repente uma verdadeira ladra. Quando privei meu filho de seu pai, transgredí um dos princípios fundamentais da sociedade familiar.

Mulher alguma, seja qual for o motivo que a conduza ao divórcio, pode evitar cicatrizes dolorosas como as que trago comigo. No entanto, as convenções sociais exigem coragem, ou atitude que simule coragem; cumpre-nos esconder o sofrimento e mostrar fisionomia sorridente. Dos que me conhecem, ninguem por certo suspeitaria que, enquanto me ocupava das formalidades do divórcio, na ausência de meu marido, então na Europa, muitas vezes voltei à casa que tinha sido nosso lar. Vazia, contendo apenas algumas coisas de Jim, contemplá-la representava para mim verdadeira tragédia. Ao ver-se a prazenteira atitude que adotara para com o mundo, e principalmente para com Jim e meus advogados, dificil seria supor que durante essas peregrinações muitas lágrimas derramei, a face encostada aos ternos de meu marido.

Se essas lágrimas, todavia, indicassem apenas uma emoção passageira, e que o divórcio que se seguiu nos tivesse dado aos três, a ele, ao menino e a mim, as tão preconizadas vantagens da liberdade, esse período de sofrimento teria então sido proveitoso. Mas a sensação de isolamento que acompanha o divórcio é demasiado dolorosa. Anos de vida em comum, cuidados mútuos pelo filho, constituem raizes profundas e solidamente plantadas. Impondo-nos a separação pela morte, o Destino comunica-nos tambem uma dignidade superior que nos auxilia a enfrentá-la. O divórcio, este, é resultado de nossa própria vontade.

Não há momento que mais intensamente faça sentir à mãe o quanto é duro o pão do divórcio, do que aquele em que se vê obrigada a discutir, à luz fria de um escritório de advogado, as graves questões relacionadas ao bem estar do filho. Por mais sensato e compreensivo que se mostre o conselheiro legal, torna-se patente que o único a compartilhar das esperanças e apreensões maternas é aquele para quem a felicidade da criança é tambem de importância capital.

Acompanha-me um sentimento profundo de solidão no ambiente agitado dessa estação onde costumo ir esperar o trem que traz «nosso» filho da escola. Nem mesmo o rapaz e o alvoroço da sua chegada dissipam essa impressão. Sinto-me a desejar desesperadamente alguem com quem possa dividir minha afeição pelo menino, meu orgulho em verificar o quanto está crescido, minha satisfação pela espantosa maturidade que o aumento de seu vocabulário revela. Apesar da alegria manifestada pelo meu filho em se achar novamente junto a mim, percebo que, para ele, essa volta a casa tambem não é completa, nem o torna inteiramente feliz. A formalidade de telefonar ao pai para comunicar-lhe que chegou bem, é como um vento frio num cálido dia de junho. A imagem do «exilado» infiltra-se dolorosamente entre nós dois.

Creio, hoje sinceramente que falta alguma cometida por um ser humano merece castigo tão grande quanto o de lançar uma criança da infância à idade adulta sem a companhia e assistência de um dos pais responsaveis pela sua vida.

Com isso não quero negar que haja casos excepcionais em que se impõe a cirurgia do divórcio. Mas hoje sei, o que infelizmente ignorava há dez anos, que o divórcio é inegavelmente uma operação cirúrgica, lancinante e dolorosa, de êxito precário, e que só deve ser empregada em caso absolutamente extremo.

Se tivesse que recomeçar a vida e encarar a possibilidade de um divórcio, não sei quais as contigências que a isto me forçariam. Por pouco que meu marido possuisse esses cristais de bondade e generosidade que são a essência de

tudo o que a civilização e a religião nos deram, e que se limitasse a viver e a deixar viver, continuaria meu casamento com ele.

Se ele fizesse a corte a outras mulheres, eu procuraria convencer-me de que isso o tornava feliz; se ocasionalmente se mostrasse cruel e mau, tentaria descobrir a causa que o motivara; se me desamparasse materialmente, facil me seria compreender que o divórcio não remediaria essa situação, e corajosamente enfretaria a crise procurando prover as minhas necessidades e as de meu filho tal como seria obrigada a fazê-lo depois de divorciada; se ele bebesse em excesso, procuraria induzí-lo a aceitar cuidados médicos, demonstrar-lhe-ia afeição, e não o importunaria com recriminações.

Creio que essa minha atitude seria coroada de êxito, porque os homens têm quase que invariavelmente, um imenso desejo de tornar duradouro o casamento. São fundamentalmente conservadores, e por isso repudiam a idéia da separação e suas consequências. Os maridos, com mais clareza e rapidez que as mulheres, percebem que o casamento não fará da vida longa noite de festa.

Analisando meus dez anos de casamento e dez de divórcio, concluo que muitas das faltas atribuidas então a meu marido não eram senão o resultado de meu próprio desajustamento aos rigores da vida. É espantosamente facil atirar sobre o casamento a culpa de nossos maus humores, e um marido é o objeto indicado para satisfazer a nossa necessidade de sempre acusarmos alguem por tudo que nos desagrada na vida. A divorciada porem, no seu foro íntimo, tem conciência que fracassou naquilo em que mais ardentemente desejava ter êxito.

O casamento afigura-se-me hoje a mais civilizada de todas as instituições, aquela que exige continuidade de esforço na compreensão de outro ser humano, diverso em suas aspirações, objetivos, ideais e desesperos. Aproximando-me agora irremediavelmente da meia-idade, sei que, se pudesse voltar ao passado, teria continuado casada, mesmo com o homem que reconhesse ter mal escolhido.

Juntos teríamos seguido pela vida, procurando compreender-nos mutuamente e conseguindo-o por vezes. Juntos teríamos esperado o trem que nos trazia o filho, e juntos estaríamos fazendo o possivel para tornar feliz a vida pela qual somos responsaveis! Juntos daríamos a nosso filho o conforto moral que ora lhe falta, de pais unidos—trágico, desesperado anseio de toda criança!

¶ O QUADRO «A Luz do Mundo», do pintor Holman Hunt, mostra Jesús Cristo de noite num jardim, segurando na mão esquerda uma lanterna, e com a direita batendo numa pesada porta fechada.

Ao ser descerrado o quadro, certo crítico de arte observou:

—Mas sr. Hunt, esta obra não está acabada! Falta pintar o fecho da porta...

—Não, —disse o artista—esta é a porta do coração humano. Só se pode abrir pelo lado de dentro...

Fairfax Downey, *Disaster Fighters* (Putnam)

O terremoto de Messina em 1908

(Condensado do «American Mercury»)

Por Wayne Francis Palmer

A AURORA de 28 de dezembro de 1908 raiou sobre Messina através de grossas nuvens de tempestade; os lampiões de gás estavam ainda acesos nas ruas, e já se ouvia o tilintar das campainhas das cabras leiteiras. Alguns madrugadores caminhavam já nas ruas. Era um dia de apreensões. Horas antes, os cavalos haviam soltado um breve relincho nas estrebarias, e os cães tinham-se posto a uivar. O gado estava inquieto. Na escuridão, pássaros voavam em círculos ou davam pios de alarme. Esses fenômenos, notados num raio de uns 160 quilômetros, foram posteriormente atribuidos a movimentos microssísmicos.

Mas agora, ao raiar da manhã daquela segunda-feira, a maior parte dos 150.000 habitantes de Messina dormiam tranquilamente. Um rumor curioso, como de um vago canto, começou a produzir-se ao longe. Baixo a princípio, como os primeiros sibilos de um vendaval, foi-se tornando mais alto, fez-se rugido cavo, e por fim estourou num medonho trovão subterrâneo. Mais um instante de fragor seguido de breve pausa, e logo o solo começou a altear-se e a tombar de novo em movimento ondulatório. Messina fora sacudida como rato nos dentes de um cão. Os prédios eram levantados em bloco e caíam após, desamparados, com entrechoques de endoidecer. Alçavam-se os leitos das ruas. Os passeios contorciam-se. Pedras e tijolos tombavam desfeitos em pó. Com tremendo bramido, uma gigantesca avalanche de alvenaria esboroada e madeiramento em estilhaços baqueou no solo, estrepitosamente. Foi o fim do mundo para milhares de pessoas adormecidas.

Em trinta segundos, o que tinha sido uma cidade famosa pela beleza transformou-se em extenso monte de entulho.

Passado o primeiro choque retumbante, tudo silenciou, menos os gritos dos feridos e moribundos. Os que puderam escapar dos prédios destroçados arremessaram-se mal vestidos ou nus para as ruas, abrindo caminho por entre montanhas de escombros em direção às praias. Sucessivos tremores de terra, conquanto menores, continuavam a fazer chover sobre eles peças de mobília, blocos de pedra, e mesmo corpos humanos. Ainda que muitos fossem esmagados pelo caminho, alguns milhares de sobreviventes agruparam-se por fim ao longo do quebra-mar, julgando ter alí encontrado um refúgio seguro.

Daí a momentos, porem, viram as águas do porto recuar bruscamente, e em seguida avançar sobre eles numa gigantesca maré de doze metros de altura, coroada de espumas, que irrompeu pela cidade até uma distância de 400 metros. Barcos de pesca e navios, rompendo as amarras, precipitavam-se em direção às praias, quilha virada, cuspindo no mar suas tripulações mortas ou agonizantes. Pequenas embarcações eram esmagadas, partindo-se em gravetos. Era como um tufão que soprasse dos quatro pontos cardeais. Cavavam-se abismos na massa líquida. Navios que estavam ancorados em águas profundas caíam no fundo descoberto do mar, para logo serem es-

magados sob o peso de toneladas de água da tremenda ressaca. O quebramar onde os sobreviventes haviam trepado desfez-se como papelão, e, quando as águas recuaram, levaram consigo os destroços dos edifícios e a maior parte da horda aterrada que buscara refúgio para o lado do porto.

O próprio céu entrava agora na conjura: fantásticos lampejos e fulgurações enchiam o espaço, e não tardou que o universo inteiro parecesse abrasado. Esse estranho fenômeno continuou até que o vento atingiu a velocidade de um furacão. E então, subitamente, o céu abriu as suas comportas sobre a cidade, e durante sete dias seguidos, nem os ventos cortantes nem as chuvas diluvianas deram uma hora sequer de trégua aos pobres sobreviventes sem lar.

Quase ao mesmo tempo que caíram as chuvas, os incêndios crepitaram, alimentados pelos condutos de gás, projetando um sinistro clarão sobre aquela cena de horror. Como continuassem os abalos, os sobreviventes lançaram-se em tropel em direção à Sé—majestoso edifício que por oito séculos proporcionara refúgio contra bombardeios, incêndios e terremotos. E alí, naquele oasis em meio à destruição, puderam encontrar o sossego. No altar celebrava-se a missa, e o canto solene prosseguia, em tons monótonos que reconfortavam os corações.

E eis então que a terra entrou de novo a contorcer-se com tal violência, que o teto da Sé, com suas abóbadas maciças, ruiu estrepitosamente, sepultando tambem os que alí tinham ido em busca de asilo.

Veio o dia, por fim, mas era impossivel organizar socorros na própria cidade. Quase todas as autoridades civís tinham perecido. O grande hospital militar estava em ruinas, seus doentes e pessoal mortos quase todos. Os meios normais de comunicação tinham sido todos destruidos. Não podiam obter-se víveres nem suprimentos médicos. Os únicos instrumentos de salvação eram as mãos vazias dos sobreviventes.

Um dos navios que conseguiram vencer a tempestade foi enviado costa acima para pedir socorros, mas só na terçafeira seguinte é que os auxílios chegaram. Às seis da manhã desse dia, o couraçado russo *Slava* começou a entrar lentamente no porto de Messina. Centenas de incêndios iluminavam a cidade, e o cheiro de carne queimada era insuportavel. Os marinheiros podiam ouvir o fragor dos pavimentos e paredes que desabavam. Edifícios públicos, escritórios, lojas, residências, tudo eram montões de escombros. Cadáveres e entulho jaziam por toda a parte, e pesada mortalha de fumaça estendia-se sobre a desolada cena.

Turmas de socorro, vindas de bordo, atacaram os trabalhos. Foram distribuidas pás, machados e picaretas. «Vão precisar de fuzís tambem,» advertiu um oficial italiano. «As prisões foram arrombadas, e a escória da Sicília está pilhando as ruinas.»

Os russos desembarcaram num cais desmantelado. Longa fila de mortos estendia-se ao comprido da praia, e os corpos nus vogavam aquí e alí, ao sabor das ondas. Os sobreviventes erravam silenciosamente entre os cadáveres, à procura de parentes. Um deles estacou junto ao corpo de uma bela moça: «Estão vendo? Por causa dos anéis!» Ergueu-lhe a mão—dois dedos haviam sido decepados...

Os marinheiros russos dividiram-se em grupos através das ruinas, e sempre que uma voz clamava abafada, ou gemia por socorro, escavavam doidamente entre tijolos, argamassa, vigamentos de madeira, peças de mobília,—às vezes até à profundidade de doze metros. Entrementes, novos abalos faziam ruir outras paredes. Era frequente os russos levarem horas abrindo um tunel através do entulho, para no fim o verem ruir, esmagando a vítima.

Os marujos do *Slava* viram duas mulheres e cinco crianças agarradas a um resto de soalho, preso ainda a uma parede inclinada. Havia já trinta horas que alí estavam, quatro andares acima do solo. Com o auxílio de cordas, dois marinheiros escalaram a parede; uma a uma, as mulheres e quatro das crianças foram descidas para a rua. Um dos marujos envolveu a última criança em sua jaqueta. A corda que a prendia ia sendo arriada quando a terra tremeu: as mulheres e as crianças que já estavam em baixo, correram para salvar-se; a corda com a criança balançou um instante como um pêndulo gigantesco, e a parede desabou para a frente. A criança e o seu malogrado salvador ficaram sepultados juntos, sob a mortalha de um jaleco naval russo...

Por volta da quarta-feira já vários navios ingleses se tinham vindo juntar aos salvadores russos, e mais tarde, chegaram várias unidades da frota americana, que estavam de regresso aos Estados Unidos após famoso cruzeiro à volta do mundo. Traziam muitos homens a bordo, e abundantes suprimentos médicos e víveres. Já era tempo, pois agora os sobreviventes vagavam pelas ruas da cidade como alcatéias de lobos alucinados de fome.

Milhares das pessoas salvas encontravam-se horrivelmente feridas. Foram enviadas com urgência aos postos médicos, barracas de lona eguidas à beiramar, onde os cirurgiões dos navios de salvamento trabalhavam horas e horas a fio. Com o restabelecimento dos serviços ferroviários, os feridos foram removidos para fora da cidade. A escritora americana Maud Howe descreve o primeiro comboio que partiu de Messina:

«Não se pode imaginar todo o seu horror. O trem coleava pelo tunel como um verme ferido, atulhado de seres moribundos, esmagados, a esvair-se, deixando um rastro rubro de sangue. Jamais esquecerei o rugido de dor selvagem daquelas míseras criaturas, clamando por água e por médicos. Morria gente a todo instante.»

Como se Messina já não tivesse sofrido bastante pela ação dos salteadores egressos das prisões, criminosos vindos de toda a Itália corriam para a cena da catástrofe. As forças navais internacionais tiveram ordem de atirar sobre os saqueadores assim que os avistassem, mas as dificuldades aumentaram quando esses bandidos se meteram nos uniformes dos oficiais italianos que tinham morrido, e se reuniram em bandos armados. No Banco da Sicília, onde 500.000 dólares em ouro jaziam ao abandono, travou-se uma batalha campal que resultou em seis ladrões mortos e seis marujos feridos. Na manhã seguinte, vinte execuções foram o epílogo da refrega. Criminosos de outra espécie fizeram um lucrativo negócio, embarcando moças ainda meio estuporadas para os lupanares do continente.

Era impossivel desviar o tempo destinado aos trabalhos de salvamento para empregá-lo na inhumação dos mortos. Enquanto se abrigaram esperanças de encontrar vidas entre os escombros, todo o esforço foi concentrado em seu salvamento, e assim, corpos nus jaziam por toda a parte, empilhados em filas, ou meramente atirados em montes e aban-

donados afrontosamente sob a chuva. Bandos de corvos, atraidos de quilômetros em torno pelas exalações dos corpos decompostos, juntavam-se aos lobos dos montes no seu banquete repugnante.

Mas por fim veio o momento em que tambem os mortos deviam merecer atenção. De começo, as turmas de trabalhadores tentaram enterrar os cadáveres numa extensa vala comum, sendo os milhares de corpos empilhados como lenha. Mas a tarefa era excessiva. E assim, recorreu-se ao fogo purificador. Durante dias, filas de carretas fúnebres encheram do seu surdo rolar o pavimento arrombado das ruas, a caminho de uma gigantesca pira funeral. As exalações fétidas dos corpos a arder pairavam por toda parte.

Gradualmente restaurou-se um simulacro de ordem. Ao longo das praias do estreito de Messina, onde quarenta aldeias tinham compartilhado da sorte da cidade, mais de 100.000 pessoas morreram ou ficaram mortalmente feridas. Numa área de 19.400 quilômetros quadrados, quase nem um edifício permaneceu intacto ou uma família escapou.

Mas o punhado miseravel de sobreviventes teve outra vez alimento e abrigo, e de novo pôde olhar com esperança para o futuro.

O Mundo—e Hollywood

¶ Um escritor teatral decidiu deixar Hollywood, e notificou sua intenção ao estúdio onde trabalhava. O produtor da empresa mandou chamá-lo, e tentou dissuadí-lo de seus propósitos. O escritor permaneceu inabalavel. «Mas você não pode ganhar nenhum dinheiro escrevendo para o teatro!» disse o diretor. «Veja por exemplo a sua última peça: quanto foi que você ganhou com ela?» «Setenta e cinco mil dólares,» respondeu com certo orgulho o escritor. «Está vendo?» replicou-lhe o produtor.

—*The New Yorker*

¶ Samuel Goldwyn, que estava procurando um enredo para um filme de Bob Hope, recebeu uma telefonema de certo escritor de Hollywood. «Tenho uma magnífica comédia,» dizia ele, entusiasmado, «que é simplesmente ideal para Bob Hope.» «Ótimo, ótimo,» disse Goldwyn. «Não somente é uma grande comédia,» continuou o escritor, «como encerra uma mensagem.»

«Uma mensagem?» redarguiu Goldwyn. «Escreva-me somente uma comédia e deixe as mensagens para a Companhia de Telégrafos.»

—Leonard Lyons

¶ *Quem o visse, não daria muito por ele. Chehalis, entretanto, veio a bater um recorde mundial*

Um cavalinho de nada

Pelo dr. Frederic Loomis

Minha senhora e eu nos achávamos em Óregon, há alguns anos passados, afim de assistir à exposição anual de cavalos, quando encontramos por acaso Frank e Katie Frazier. Desde então, já os visitamos muitas vezes. Embora tenham completado, respectivamente, 91 e 83 anos de idade, estão ambos fortes e ativos como sempre. Frequentando-lhes a casa, pudemos averiguar de perto quais as grandes e pequeninas coisas que, como os fios entrelaçados de um tecido, tinham vindo a formar a perfeita união que reinava entre os dois após longos anos de convivência: as dificuldades que tiveram de enfrentar quando se estabeleceram em Óregon para começar a vida, a dedicação total de um pelo outro—pois nunca tiveram filhos—e finalmente a história de um afeto que ainda veio torná-los mais unidos.

O dr. Frederic Loomis fez-se distinguir em dois campos de atividade—a medicina e a literatura. Começou contudo a sua carreira de modo inteiramente diverso. Deixou a Universidade de Míchigan, quando estava cursando ainda o primeiro ano, afim de servir na Guerra Hispano-americana. Foi depois, durante três anos, caixeiro de loja, e durante outros sete, mineiro no Alasca. Voltou então a Míchigan formando-se em medicina, e passou a ensinar na escola de medicina daquela universidade. De 1917 até que se aposentasse, em 1938, exerceu a ginecologia e a obstetrícia em Oakland, na Califórnia. Desde então, excreveu dois livros que obtiveram grande êxito: *Consultation Room* e *The Bond Between Us*.

Ei-la tal como nos foi narrada por Frank e Katie:

—Poker Nash chamou-me um dia, —disse Frank,—e perguntou-me se eu queria comprar um cavalo. Respondí-lhe que não, porque os cavalos que ele vendia em geral não tinham dentes. «Está bem, seu bobo,» respondeu-me, desligando o telefone. Claro está que o chamei logo depois, e lhe pedí maiores esclarecimentos. O caso, contou-me Nash, é que tinha dado com um potro verdadeiramente notavel. Lembrara-se logo de que os cavalos do «doutor» batiam sempre os meus nas corridas, e, como não tivesse lá grandes simpatias pelo doutor, queria que eu comprasse o potro. Talvez não fosse mesmo outro o motivo.

Escreví a um amigo, perito em matéria de cavalos, incumbindo-o de examinar o potro. No dia seguinte, pediu-me ele por telegrama que enviasse 600 dólares, e assim fiz. Poucos dias depois, tinha nas mãos o recibo da compra de Chehalis.

Sem refletir sequer, saí pela cidade anunciando que acabara de comprar um verdadeiro puro sangue de dois anos de idade. Quando o potro chegou, quase morrí de desgosto. Nunca tinha posto os olhos num cavalinho tão insignificante. Levei-o pela saida do fundo, afim de que não fosse visto por ninguem.

Mal Katie deu com ele—tão peque-

nino e rechonchudo—falou-lhe na linguagem misteriosa com que se fala aos bebês, e o potro correspondeu, com um agrado de focinho, como se já fossem velhos amigos. Katie não sabia se o cavalo era bom ou não, nem queria saber; volta e meia, exclamava: «Ah Frank, que gracinha de cavalo!» e mal amanhecia lá estava ela a conversar com o potro.

Comprei uma charrete de rodas altas, atrelei-a ao potro, e saí pela estrada. Batí-lhe de leve com o chicote e—nem lhe digo! Quase me arranca do lugar. O danadinho saiu numa carreira como se estivéssemos com o diabo atrás de nós. Quando cheguei em casa, Katie pensou que eu houvesse enlouquecido.

A princípio não me gabei muito do potro. Ao contrário, na presença de estranhos, procurava sempre diminuí-lo. Mas lá um dia o «doutor» surgiu na estrada com o seu cavalo baio. «Olá, Frank,» gritou ele. «Então é este o tal potro maravilhoso de que tanto se fala —ou será um cangurú?»

Creio que Chehalis compreendeu o insulto. Mal abrí a boca, partimos numa corrida desenfreada, chegando tão depressa à altura em que o outro se achava, que eu gritei assustado: «Saia do caminho, seu idiota, e deixe o cangurú passar!» O «doutor» tinha os olhos esbugalhados, ao que pude ver quando passamos por ele como um raio. O fato é que o meu potro era um verdadeiro cavalo de corrida, e ele sabia muito bem que, em matéria de corridas, quem ganha é quem melhor corre, o que os próprios cavalos nem sempre chegam a compreender.

Treinamos Chehalis durante todo o verão, sendo eu sempre quem o conduzia. Fora isso idéia de Katie, pois, segundo afirmava, se ele nunca sentisse o toque de outras mãos, terminaria por compreender tudo o que eu lhe tentasse dizer com as minhas. Terminada a lição, Katie lhe dava em recompensa um pedaço de açucar que nunca se esquecia de trazer consigo. Lembro-me que um dia o esqueceu no bolso, por baixo do lenço. Pois Chehalis puxou-lhe o lenço do bolso, e, segurando-o entre os dentes, alí ficou imovel como à espera, sem tirar os olhos dela. Não achei nada demais naquilo, mas Katie ficou entusiasmada com a história, e fê-lo repetir a cena várias vezes.

Quando me pareceu que o potro já estava bem treinado, levei-o para Sacramento. Dezesseis cavalos tomaram parte na corrida, e o nosso potrinho passou por eles todos com tamanha velocidade, que os outros pareciam verdadeiras estátuas. Resolvemos então fazer uma turnê por todas as pistas daquela região: Katie, Chehalis e eu. Tomou ele parte em treze corridas, saindo vencedor em doze. Os jornais publicaram inúmeras histórias sobre o cavalinho preto que «atravessava o espaço como um raio».

Na primavera seguinte, em Montana, como Chehalis viesse ganhando a corrida sem maior esforço, resolví diminuir um pouco a marcha, já quase na chegada. Qual não foi pois a minha surpresa quando o juiz anunciou que tínhamos chegado em terceiro lugar! A multidão quase ataca o estrado onde os juizes se achavam, e um sujeito do Texas, robusto e corpulento, que era trunfo em questões de corridas de cavalo, ameaçou até de morte o juiz que anunciara a decisão do juri. Mas era tarde demais. Eu, de tão revoltado, quis até desistir.

Mas o sujeito do Texas animou-me: «Olhe rapaz,» disse-me ele, «se você

desistir, com um cavalinho daqueles, é porque não tem fibra. Talvez fosse conveniente treiná-lo sobre uma distância maior.» E pôs-se então a discutir sobre uma idéia que tivera—uma idéia que poderia vir a ser posta em prática com resultados maravilhosos.

Katie e eu começamos logo a fazer novos planos—e com que entusiasmo! Conservávamos Chehalis em forma para as corridas de costume, mas pus-me a treiná-lo todas as manhãs sobre um percurso de três a quatro quilômetros. Pelos fins da estação, lá fomos nós até Salem, no Óregon, onde havia sempre uma grande feira de cavalos. Não foi possivel organizar corrida alguma, porque não havia alí nenhum animal que pudesse competir com Chehalis. Mas os madrugadores que se ocupam da vida alheia nos tinham visto de manhã cedo percorrendo os três quilômetros do treino, e os juizes me perguntaram se eu pretendia bater o recorde de três quilômetros e meio. Disseram-me que, se assim fosse, me dariam 500 dólares, e mais 100 por cada nova partida. Aceitamos a proposta, pois nos parecia que o potro já estava bem preparado.

Nessa altura interrompeu Katie:

—E não só o potro, você tambem! Nem imaginam como estava faceiro, com o casaco de setim azul claro, um gorro azul marinho, calças brancas —tudo novinho em folha! Ao lado do potrinho preto, formavam os dois um verdadeiro quadro.

Tomei lugar no estrado dos juizes, e pensei que fosse morrer de impaciência. Tive a impressão de que só mesmo Frank, eu e talvez o próprio Chehalis acreditávamos que um cavalinho tão pequeno pudesse bater um recorde mundial. Mas deram o sinal de partida, e alí fiquei a olhá-los de longe com a respiração suspensa. Ouví os juizes dizendo: «30 segundos na primeira quarta parte... vai depressa demais, dentro em pouco estará exhausto...» A metade do caminho: 1.04. E lá vinham eles, —Chehalis numa marcha segura como se fosse uma verdadeira máquina.

Meu coração quase parou de bater, quando começaram a anunciar: 2.09 por cada dois quilômetros; não poderá aguentar muito mais. De repente, gritaram: «Nossa Senhora, veja como vai na disparada!» Dalí a pouco estavam todos torcendo como se nem fossem juizes. Frank e Chehalis vieram pela pista em fora como um raio — Frank nem levantava sequer o chicote, gritando apenas: *Boy, Boy, Boy!*

Os juizes dansavam no estrado, gritando: 4.19¼! Era um recorde mundial de velocidade sobre um percurso de três quilômetros e 500 metros. A multidão delirava quando Frank e Chehalis chegaram vencedores. Puseram um colar de rosas vermelhas em torno ao pescoço do cavalo, e eu comecei a chorar de alegria. Foram momentos inesqueciveis!»

E a voz de Katie, ao dizê-lo, tremia de emoção. Depois, confessou-nos:

—Não foi tudo. Quando voltamos para o hotel, Frank carregava debaixo do braço um vasto embrulho amarrado com um cordão vermelho. Mal entramos no quarto, ele abriu o papel, e tirando o colar de rosas que haviam posto no pescoço de Chehalis, colocou-o em torno aos meus ombros, dizendo: «Katie, é a você que devemos isto—você gostava tanto daquele cavalinho que ele não tinha outro jeito senão ganhar. Ei-lo agora campeão mundial!»

Frank, àquela altura, tomou de novo a palavra:

—E Chehalis conservou o título de

campeão do mundo durante seis anos, até ser vencido por Don Patch que já o detem há quarenta anos.

É claro que depois daquilo tivemos que inscrevê-lo no «Grande Circuito». As corridas de então, com as rodas das aranhas brilhando ao sol, os homens de cartola e as senhoras trajando lindos vestidos de rendas com suas graciosas sombrinhas apoiadas ao ombro, pareciam-me muito mais lindas que as de agora.

Pelos fins da estação, Katie adoeceu em Búfalo. Persuadiu-me a que seguisse para Boston sem ela. Deixei ordem na florista para que lhe mandasse rosas amarelas, todos os dias ímpares, com as seguintes palavras num cartão: «Afetuosamente—Chehalis», e, todos os dias pares: «Afetuosamente—Frank».

Continuamos ganhando, mas sem a alegria de sempre. Quando eu chegava à cavalariça, de manhã, Chehalis olhava em volta como que a perguntar: «Onde está Katie?» Foi quando chegou uma carta do nosso médico dizendo que eu precisava levar Katie para o sul da Califórnia, aquele inverno, fosse lá como fosse. Se o não fizesse, correria o risco de perdê-la.

Sentei-me a refletir. Estava longe de ser um milionário, e alguem me havia oferecido 5.000 dólares por Chehalis. Katie adoecera daquele jeito. Eu tinha certeza de que, se a consultasse, ela nunca concordaria em vender o potro. Escreví portanto dizendo que já o tinha vendido. Acrescentei que ia fazê-lo correr pela última vez comigo nas corridas do domingo, e depois voltaria para casa.

O sábado chegou sem que eu recebesse carta alguma, e pensei que Katie tivesse peorado. Quase decido não tomar parte na tal corrida, mas lembrei-me de que muita gente teria apostado em Chehalis, e de que, já àquela altura, era impossivel recuar. O potro seria vendido logo depois.

Levei-o portanto para a pista. A multidão acolheu Chehalis com vivas e aplausos, pois o nosso cavalinho preto se tornara extremamente popular. Erguí a cabeça, tirando o chapéu para agradecer e—meu Deus! Lá estava Katie! Reconhecí primeiro a sombrinha de listas que eu lhe dera em Chicago, e depois o rosto muito pálido que se ocultava, esboçando um sorriso.

Acenou-me de longe com a mão. Alguns minutos antes tudo me era indiferente, mas já agora a coisa mudara de aspecto. Repetí várias vezes no ouvido de Chehalis: «Katie veio, *boy*, Katie chegou,» e não me espantaria nada que ele tivesse compreendido.

Logo na partida levamos um tropeço devido a uma depressão da pista, mas o potro saiu-se bem do acidente. Na última volta,—vinha até então atrás dos outros—partiu como uma flecha. Havia três cavalos na nossa frente. Passou o terceiro, passou o segundo e, ao chegarmos ao primeiro, a multidão de pé, delirando de entusiasmo, pôs-se a atirar para o ar chapéus, lenços, papéis, e o ruido dos aplausos e dos vivas era semelhante ao das cataratas do Niágara. Ganhamos por cabeça.

Olhei para o camarote onde deixara Katie, e vi que ela já não estava lá. Corrí como um louco em direção às arquibancadas, e fui encontrá-la desmaiada em meio a um círculo de curiosas. A emoção fora demasiada.

Aquela noite, no hotel, o sujeito que queria comprar Chehalis ofereceu-me por ele 7.200 dólares, pagamento à vista. Pensei na palidez de Katie, e aceitei a proposta: «Pois Chehalis lhe pertence.»

Na manhã seguinte, sentindo-se melhor, Katie fez questão de ir à estrebaria. Não sei se acreditarão no que lhes digo, mas o cavalo sorriu ao vê-la aproximar-se. Rinchou, como o fazia lá fora, pondo-se a esfregar o focinho no pescoço da dona que rompeu a chorar. Ele então, abaixando a cabeça, apanhou-lhe o lenço no bolso, como costumava fazê-lo. Quando nos voltamos para olhá-lo uma última vez, lá estava ele imovel com o lenço preso à boca.

Coube a Katie terminar:—Isto foi há mais de 40 anos. Para mim, nunca houve ninguem como Frank. Nem para Chehalis. Desde que o vendemos, não ganhou mais uma só corrida e morreu de desgosto—disto estou convencida...

Atravessando a sala, ao dizê-lo, foi aninhar-se nos braços de Frank, com a cabeça apoiada sobre o seu ombro. Ele abraçou-a carinhosamente, acariciando-lhe o rosto com a mão. Entre a nuvem de lágrimas que me vinham aos olhos, pareceu-me ver ao longe o vulto de Frank no seu casaco de setim azul com as impecaveis calças brancas, e o do potro Chehalis, a passar como um raio pela pista, entre os aplausos da multidão. Imaginei-o ainda imovel na manhã da despedida com o lenço preso à boca, vendo partir para sempre aqueles de quem fora o só afeto, alem do grande amor que os unia um ao outro.

Trocista

¶ O conhecido ator Sothern passava pela loja de um ferrageiro, quando viu lá dentro, atrás do balcão, um moço com cara de lua. Resolveu logo entrar, e perguntou:

—Tem por acaso a segunda edição da *História da Inglaterra*, de Macaulay?

—Não senhor. Isto aquí é uma loja de ferragens.

—Oh, a folha-de-guarda não tem importância! Quero mesmo assim.

—Mas aquí não se vendem livros...

—Oh, embrulhe no que entender. Como se fosse para sua própria mãe, percebe?

—Já lhe disse que não vendemos livros aquí! gritou o rapaz ao ouvido do ator. —Não há livros! *Ferragens!!*

—Muitíssimo obrigado! Eu espero, então.

E com um sorriso de beatitude, Sothern sentou-se. O rapaz, aflito, correu ao escritório para chamar o patrão, e daí a nada voltou acompanhado deste.

—Que deseja o senhor? perguntou severo o dono da loja.

—Quero uma pequena lima, pouco mais ou menos deste comprimento, respondeu o ator, impassivel.

—Como não! fez o ferrageiro atirando ao pobre caixeiro um olhar de indignação que o fez tremer.

Quotable Anecdotes, coligidas por D. B. Knox (Dutton)

Señor Pagador

(Condensado da «Southwest Review»)

Por William E. Barrett

Alegre história de um grupo de foguistas mexicanos não conformados com a rotina

LARRY e eu éramos engenheiros auxiliares em uma usina de gás, o que quer dizer que não passávamos de amanuenses. Nossa tarefa consistia unicamente em repetir as ordens enviadas da cidade pelo escritório central. Mas os trabalhadores mexicanos nos respeitavam. Aos seus olhos, éramos a fórma visivel de um distante e desconhecido patrão, *el señor pagador*.

Os aristocratas entre esses mexicanos eram os foguistas, homenzarrões que trabalhavem em turnos de oito horas, à boca ardente das fornalhas, em cujas estreitas aberturas lançavam, com maravilhosa precisão, enormes pazadas de carvão. Trabalhando nus da cintura para cima, havia neles certo «quê» de orgulho e dignidade. Poucos homens podiam realizar tal trabalho, e eles eram desses poucos.

A Companhia pagava aos seus operários duas vezes por mês, no dia 5 e no dia 20, o que parecia absurdo aos mexicanos. Como é que o dinheiro pode durar quinze dias nas mãos de um homem? Guardar o dinheiro por mais de três dias é ser sovina—e quando foi, *señor*, que o bom sangue espanhol correu nas veias de um unha-de-fome?

Assim, nossos foguistas apareciam de três em três, ou de quatro em quatro dias, para receber o dinheiro que lhes era devido. Eu e Larry enviávamos os papéis necessários ao escritório central e recebíamos o adiantamento correspondente, que seria depois descontado do cheque de cada um. Mas, um dia, recebemos da gerência o seguinte memorando: «Têm havido muitos abusos com o sistema de pagar adiantado. Daquí por diante, não será concedido nenhum adiantamento, exceto em casos de autêntica emergência.»

Mal tínhamos acabado de afixar o aviso no escritório, quando aparece o foguista Juan García, pedindo um adiantamento. Mostrei-lhe o aviso. Leu-o todo, vagarosamente, e depois perguntou:

—Autêntica emergência, *señor*, que quer dizer?

Expliquei-lhe que fazer os pagamentos cada três ou quatro dias dava um grande incômodo. Se alguem estivesse doente, ou se o dinheiro fosse necessitado por outra qualquer boa razão, então a Companhia faria uma exceção.

Juan García revirou o chapéu devagar, várias vezes, em suas grandes mãos.

—Não recebo o dinheiro, então?

—No próximo dia de pagamento, Juan, ou seja a 20.

Dentro da hora seguinte, vieram dois outros foguistas, que ouviram a explicação e solenemente se foram. Depois, ninguem mais. Juan García, Pete Mendoza e Francisco Gonzalez espalharam a notícia: «Para conseguir o dinheiro, agora, era preciso que a mulher estivesse doente ou o filho necessitasse de remédio.»

No outro dia, a mulher de Juan García estava praticamente agonizante, a mãe de Pete Mendoza certamente não passaria daquela noite, uma verdadeira epidemia estava grassando entre as crianças, e, para variar, havia um pai passando mal. A coisa era singular, mas eu e Larry não tínhamos autoridade para interferir na vida privada dos outros. Enviamos os formulários, com a explicação adicional de «autêntica emergência», e os nossos homens foram pagos adiantadamente. E assim continuaram as coisas por uma semana mais. Recebemos então outro memorando: «Doravante, *somente* haverá pagamentos nos dias 5 e 20 de cada mês, exceto no caso dos empregados que deixem o serviço da Companhia.»

Afixamos o novo aviso no escritório, e outra vez explicamos a todos o que queria dizer. Juan García ouviu e foi-se, para pensar melhor. Confabulou com os outros e no dia seguinte apareceu, dizendo:

—Vou me empregar em outra parte. Posso receber agora?

Não podíamos recusar. Em seguida, Gonzalez, Mendoza, Obregon, Ayala e Ortez, nossos melhores foguistas, todos dificeis de substituir, tambem se foram.

Empregamos outros operários sem experiência, mas poucos dias depois os antigos carvoeiros experimentados voltaram a pedir emprego, e não havia outra cousa a fazer senão aceitá-los. Agora, todos os dias havia duas filas de trabalhadores uns pedindo emprego, e outros deixando o serviço. Os formulários de demissão e de readmissão de Juan García e de outros se sucediam, e o escritório central acabou achando que era demais. Em algumas ocasiões, o mesmo nome aparecia duas vezes na folha de pagamento, quando se demorava a registrar uma demissão. No meio dessa confusão, recebemos mais um memorando: «A partir de agora, todo operário que se demitir só poderá ser readmitido 30 dias depois.» Quando Juan García veio receber a sua próxima demissão, eu lhe mostrei o aviso, como de costume, e advertí-lhe:

—Trinta dias, Juan, é muito tempo.

O caso era grave, e exigia maduras reflexões! Mas finalmente Juan se decidiu a pedir demissão, o mesmo acontecendo com Gonzalez, Mendoza, Ayala, Ortez e Obregon.

Fizemos o possivel para dissuadí-los, sentindo a sua partida, desta vez para sempre. Com solenes apertos de mão, despediram-se. Qual não foi nossa surpresa quando, na manhã seguinte, lá estavam, em linha, Juan e seus companheiros, para se empregar de novo!

—Não pode ser, Juan, disse-lhe eu. Volte daquí a um mês. Eu bem que o avisei.

Juan olhou-me sem pestanejar:

—Deve haver algum engano, *señor*. Eu sou Manuel Hernandez. Trabalho como foguista em Pueblo, Santa Fé, em muitos lugares.

Quem é que podia discutir com um homem o seu próprio nome? Empreguei-o de novo. E empreguei Gonzalez, que jurou chamar-se Carrera, e Ayala, que, com a maior sem-cerimônia, declarou que o seu nome era Smith. Três dias depois, as demissões recomeçaram, e, dentro de uma semana, nossa folha de pagamento parecia uma história da América Latina, cheia de nomes famosos, tais como Obregon, Villa, Batista, Mendoza, Díaz, e até San Martín e Bolívar!

Finalmente, Larry e eu, cansados de ver caras familiares com tantos nomes diferentes, fomos ao superintendente e lhe contamos toda a história. Ele tentou ficar sério, e disse:

—Isso é o diabo!

No dia seguinte, autorizados pelo escritório central, chamamos os foguistas de mais destaque.

—Não temos mais avisos a dar, disse-lhes Larry, com um sorriso afetuoso.

—Quando se empregarem agora, pessoal, escolham os nomes que mais lhes convenham, porque com esses nomes é que vão ficar nos nossos livros.

Eles fitaram a parede, onde não havia nenhum aviso, e depois olharam para nós. Então, pela primeira vez, em nosso longo duelo, vimo-los abrir-se num sorriso: «*Sí, señores!*», disseram então.

A fábula da formiga militar

¶ Alucinado pelas dificuldades burocráticas, o médico-inspetor de uma base aérea da Geórgia sentou-se a escrever o seguinte ofício ao oficial do hospital da zona, encarregado de fornecer artigos médicos:

«Depois de informados telefonicamente, por esse serviço, de que Vs. Ss. não podiam fornecer-nos bissulfureto de carbono para dar combate às formigas, dirigimos um pedido ao Quartel-Mestre do Exército. Fomos por este informados de que o referido preparado só nos podia ser fornecido para dar combate às formigas *dentro* do edifício propriamente dito; tratando-se do extermínio de formigas *fora* do edifício, só o Corpo de Engenheiros nos pode fornecer o referido preparado.

«Ora, torna-se difícil determinar com precisão quais as intenções das formigas que estamos procurando destruir, pois algumas habitam no edifício e vagueiam lá por fora em busca do sustento, enquanto outras habitam no exterior e vêm procurar a comida debaixo da telha. É um problema complicado, o de determinar quais as formigas que vêm de fora (afetas portanto ao Corpo de Engenheiros) e quais as que saem do edifício—afetas que estão, estas, ao Quartel-Mestre do Exército! Algumas das nossas formigas parecem mesmo andar às voltas; outras, ao que se nos afigura, deambulam perfeitamente ao acaso, em trajetórias delirantes. As táticas das formigas são pois das mais confusas, e tudo isto poderia dar em resultado enganos lamentaveis: uma formiga do Quartel-Mestre exterminada pelo veneno dos Engenheiros, ou uma formiga do Corpo de Engenheiros vitimada pelo veneno do Quartel-Mestre, etc.! Coisas estas contrárias à letra dos Regulamentos, e que levariam provavelmente a minuciosas e demoradas investigações, e a compridas cartas de explicação.

«Em vista do exposto, e de se ter verificado que o veneno do Quartel-Mestre deixa uma formiga em tão perfeito estado de óbito como o veneno do Corpo de Engenheiros, e vice-versa, venho por este meio requerer que essa digna repartição obtenha venenos idênticos do Corpo de Engenheiros e do Quartel-Mestre, para fornecimento a este serviço, e os misture convenientemente em partes iguais, de modo a não ser mais possivel saber-se qual dos dois venenos ou dos dois ramos militares é que matou a formiga.»

Fifth Service New

¶ *A singular filosofia de um lider admiravel, e como ele treinou um batalhão de fuzileiros navais que deixou fama*

O CORONEL CARLSON e o seu batalhão Gung Ho

(Condensado da «Liberty») *Por Lucien Hubbard*

A ilha mostrava-se à proa dos dois submarinos, a talvez uns três quartos de milha de distância. O mar estava excepcionalmente bravo e formava-se uma forte corrente ao longo da praia. Ao se abrirem as escotilhas dos submarinos, um surpreendente número de homens se espalhou pelos conveses.

A terra à vista era a ilha de Makin, pertencente aos arquipélagos de Gilbert e Marshall, bem no centro da zona ocupada pelos japoneses. Era então 17 de agosto de 1942.

Durante seis meses, os homens que formavam o 2.° Batalhão de Fuzileiros tinham sido treinados para esse momento. Eram todos voluntários, e na Califórnia, durante três meses, os mais aptos haviam feito exercícios de «comandos» e tinham ainda mais um mês de prática de desembarque em botes pneumáticos. Finalmente, numa ilha do Havaí, estudaram as exatas proporções da ponta de terra que surgia agora, escura, diante deles; e muitas vezes, noite após noite, haviam simulado desembarques na praia e tomado de assalto a «sede do governo», a «estação de rádio» e «pontos fortificados»... Mas agora se viam diante da pura realidade.

Os submarinos guinavam e jogavam muito, por vezes quase desaparecendo, para logo serem empurrados à tona por gigantescos vagalhões. Encharcados até os ossos, varridos muitas vezes do convés escorregadiço, os fuzileiros finalmente passaram para os botes, cujos motores, inundados, se recusavam a funcionar.

Esses motores tinham entretanto dado boas provas durante a travessia. Mas agora tudo falhava! Com efeito, tudo o que havia sido cuidadosamente calculado, o meticuloso plano de assaltarem a ilha por todos os lados, antes que os japoneses tivessem tempo de resistir, parecia impossível de ser levado a cabo. Naquele mar revolto, cuja ressaca for-

Lucien Hubbard é um jornalista que começou a escrever para o cinema mudo, tendo passado de escritor de argumentos a produtor, e, o que é mais surpreendente em Hollywood, manteve essa posição durante vinte anos.

Completou há pouco um filme baseado no ataque à ilha de Makin. Durante a filmagem, Hubbard sentiu-se empolgado pela história e pela personalidade do Coronel Carlson, que tomava parte na produção como conselheiro técnico. «Não admira—observou Hubbard—que esta seja uma produção tecnicamente correta.»

Ao rebentar a guerra, Lucien Hubbard foi mandado à Austrália e à Nova Guiné, como correspondente junto à Aviação Americana.

tíssima arremessava os botes de borracha contra o costado dos submarinos, perdia-se a esperança de alcançar as posições em mira.

Num dado momento, porem, o comandante resolveu abandonar todo o plano anteriormente traçado: «Dê ordem para que todos os outros botes sigam estes,» disse. E acrescentou: «*Gung Ho!* Vamos!»

E assim dizendo, numa palavra, desfazia-se de tudo, menos de uma preciosa qualidade dos fuzileiros: a sua aptidão, fruto do longo e especializado treino, para pensarem e decidirem por si próprios, com agudeza e habilidade, não como autómatos de guerra, e desta forma poderem enfrentar qualquer situação perigosa e dominá-la.

A longa e ondulante procissão de barcos começou a mover-se rumo ao desconhecido, ao vigoroso bater dos remos. Os fuzileiros não desembarcaram, como fora planejado, em diferentes pontos da ilha, protegidos pela escuridão; mas sim numa só praia, quando o dia já vinha rompendo. Desembarcaram sem ser vistos, descarregaram seu equipamento, e instalaram os botes fora do alcance da maré alta, quando o inimigo os descobriu...

Desembarcavam de contra-mão num sítio inesperado, e em hora que não era a pré-estabelecida. Isso não obstante, os destemidos fuzileiros permaneceram quarenta horas na ilha de Makin, não tendo poupado a vida a nenhum dos trezentos japoneses alí estacionados. Destruiram ainda três estações de rádio, um vaso de guerra, um navio-transporte, dois aviões e mil tambores de gasolina de aviação. E tiveram ainda que enfrentar um pesado bombardeio aéreo de aviões inimigos vindos de Jaluit.

Voltando à praia à hora combinada, os fuzileiros encontraram os submarinos à espera, e neles embarcaram, apesar do mar forte que ainda fazia. O assalto custou a vida de 18 homens, e mais 12 foram tragados na luta contra as ondas.

No seu regresso, o batalhão foi recebido pelo Almirante Nimitz, que enalteceu o valor da façanha, tendo condecorado vinte dos homens.

Logo depois do raide contra Makin, o batalhão foi destacado para Guadalcanal, e durante trinta dias consecutivos, de 4 de novembro a 4 de dezembro, manteve-se em ação, à retaguarda das linhas adversárias. Nessa posição, protegiam o flanco oriental do grosso das forças americanas; atacaram muitas vezes os japoneses, de emboscada, e destruiram os depósitos de provisões do inimigo.

Vivendo de pequenas rações de arroz, presunto, chá e passas, esses fuzileiros, completamente isolados dos postos americanos na ilha, conseguiram aniquilar mais de 800 japoneses, com uma perda apenas de 16 homens e 18 feridos.

Finalmente, quando se estavam debilitando por causa desse deficiente regime, receberam ordem do General Vandegrift para regressar ao Acampamento Henderson. E, em vez de fazerem um desvio, cortando através da selva, os fuzileiros preferiram fazer a travessia de armas na mão pela lomba do Monte Austin.

Esses raides, que de fato constituiram temerárias empresas, só poderiam ter sido levados a cabo por um lider de têmpera e um corpo de tropa de real valor. Esse lider era o Tenente-coronel Evans F. Carlson, a quem precisamos primeiro conhecer, para que melhor compreendamos os que lhe obedecem ao comando.

Evans Carlson, filho de um pastor protestante do Connecticut, é um homem ereto, seco, espadaudo, de 47 anos de idade. Seus olhos têm um brilho intenso, e sua voz, suave e profunda, quando em tom natural, mal se pode ouvir. É uma mescla singular de pensador, evangelista e soldado.

Deixou o lar aos 16 anos, para se alistar no exército. A guerra—e suas táticas—empolgavam-no. Estava apto, algum tempo depois, a exercer o posto de oficial, mas teve que esperar até completar 21 anos, afim de receber a patente. Antes de chegar aos 22 anos, mereceu duas promoções, subindo a capitão. Na primeira guerra mundial desempenhou funções de ajudante-general no estado-maior do General Pershing.

Concluida a guerra, o exército pareceu-lhe insípido, sem vida, e então Carlson pediu demissão. Mas, dois anos depois, voltou de novo a alistar-se—e começando de baixo—no corpo de fuzileiros. Ao cabo de um ano, mais ou menos, era promovido, servindo nas Filipinas, em Nicarágua e em diferentes pontos no seu país; por quatro vezes lhe foram confiadas missões na China.

Durante todos esses anos, é que se apurou a filosofia de Carlson—caso mereça ela esse nome—ou seja, a sua teoria das relações humanas aplicada à guerra, que se resume nisto: «Quando, em tempo de paz, empregamos jovens americanos, aproveitamos todas as suas aptidões—seu talento, suas sugestões e iniciativas. Por que então não as usarmos da mesma forma em tempo de guerra?»

Foi entretanto a sua ligação com o Oitavo Exército Chinês—tambem chamado «Exército Vermelho»—que fez com que se cristalizasse o sistema de Carlson que ele próprio batizou de *Gung Ho!* «Gung» significando trabalho, e «Ho», harmonia.

Carlson foi mandado servir com o aludido Oitavo Exército como observador, justamente quando aquele começava sua memoravel resistência ao invasor japonês. Viveu como os chineses vivem, partilhando das suas pequenas rações de arroz, dormindo no chão, e seguindo com eles em suas longas caminhadas, tendo oportunidade de observar suas aulas de doutrinação geral, em que regimentos inteiros aprendiam a ler e escrever, e eram instruidos nos deveres de cidadão e no respeito que devemos todos aos nossos semelhantes.

Viu oficiais e subalternos vivendo juntos, em perfeita igualdade. E mais importante ainda, notou os admiraveis resultados do seu treino. «Vi 600 homens completamente equipados, iniciarem certo dia uma marcha de 930 km., e todos eles foram até o fim,» disse Carlson. «E desde esse dia—concluiu ele—me convencí inteiramente da eficácia do *Gung Ho!*»

De regresso a Hong Kong, os rasgados elogios que fez ao Oitavo Exército, e sua condenação dos japoneses, resultaram em certa censura oficial, o que o levou mais tarde, em 1938, a desligar-se do Corpo de Fuzileiros. Voltando então à terra natal, fez numerosas conferências, nas quais criticou acerbamente a venda de metais pesados e outros materiais de guerra ao futuro inimigo. E em maio de 1940, quando sentiu a iminência da guerra, alistou-se no serviço ativo e recebeu a patente de major da reserva do Corpo de Fuzileiros.

Teve aí a oportunidade que desejava: organizar um batalhão independente, e inculcar em cada um dos

soldados as idéias que nele se tinham transformado em doutrina, no decurso de trinta anos de vida militar.

Tinha que ser uma organização de tropas de assalto. E como a sua missão seria de risco e intrepidez, deveria ser suprida pelos voluntários já prontos no Corpo de Fuzileiros Navais. Havia nessa seção uns 15.000 soldados à escolha, e dentre estes 7.000 se ofereceram voluntariamente para o serviço. Mas, em última análise, apenas uns mil rapazes foram escolhidos, número que foi ainda reduzido em virtude das necessárias eliminações feitas no curso do treino.

Os candidatos passavam por um duplo exame, sendo primeiro, interrogados por um oficial subalterno e depois por Carlson em pessoa. Esses interrogatórios poderiam até chamar-se «confissões», tendo-se estatuido que nada que o candidato aí declarasse poderia ser usado contra ele próprio, e de tudo seria mantido o mais completo sigilo.

Mas, por que se alistavam voluntariamente esses rapazes para empresas que poderiam custar-lhes a vida? Poderiam sem armas nas mãos, matar um inimigo? Teriam coragem de cortar a carótida a um homem? Gostariam de lutar? Quais as suas idéias sobre a guerra? Que pensavam do Corpo de Fuzileiros—e do inimigo?

O princípio do *Gung Ho!* é baseado todo ele no soldado como indivíduo. Carlson explica: «Eu quero saber todos os pormenores de cada um deles—capacidade, inteligência, iniciativa. Ao mesmo tempo, quero convencê-los de que cada um deles representa para mim algo mais do que um simples número numa série.»

Finalmente, concluida a seleção dos homens, prosseguiu-se no treinamento, que obedecia a duas diretivas; uma referente às condições físicas do recruta, habilidade no manejo das armas, exercícios militares e tática de guerra; e outra que Carlson chamava «doutrinação ética».

Instituiu então as reuniões do *Gung Ho!* Expunha brevemente o que no momento mais lhe interessava dizer, passando depois a palavra a qualquer dos rapazes. E qualquer deles tinha o direito de deixar suas idéias fluir, sem interrupção, sobre qualquer assunto, oferecendo sugestões, ou criticando...

«O meu primeiro objeto—disse Carlson—foi abolir as chamadas *distinções sociais* existentes entre oficiais e soldados. Claro que deve haver obediência, mas eu sempre disse aos meus oficiais que eles deviam comandar em virtude da sua habilidade para tal. A patente não significava nada até que tivessem capacidade para justificar o mando...»

«Oficiais e soldados rasos comiam da mesma comida, e dormiam com o mesmo conforto. Destruimos todas as diferenciações que provêm das tarefas executadas por cada um. Estabelecemos assim que um copeiro, um cozinheiro ou um chofer eram tão importantes para o batalhão como um artilheiro. O essencial era o modo como o homem realizava a sua missão ou trabalho, e não a natureza deste, em si.»

Gung Ho era o lema. Qualquer trabalho tinha que ser *Gung Ho*—trabalho em harmonia com o grupo—ou nada valeria. Auxiliar um companheiro numa posição dificil, atirar-se de bom grado a qualquer trabalho que precisasse ser feito sem discutir de quem seria a vez, isso sim era exercer o *Gung Ho*.

Discutiam em grupo todas as fases dos treinos, à medida que estes se desenvolviam; os rapazes examinavam tudo, curiosamente, já acostumados a procurar defeitos para os corrigir. E quando o batalhão entrou em serviço, o mesmo sistema foi seguido.

«Cada homem era informado com exatidão do papel que devia desempenhar no nosso plano,» explicou Carlson. «Se algum julgava ter uma idéia melhor, tinha direito a explicá-la. Se o seu plano agradasse aos demais, sendo melhor, seria logo adotado. Em caso contrário, seria recusado.»

Ao cabo de cada combate, havia nova reunião, em que as suas fases eram discutidas com toda a liberdade. Na primeira reunião, depois da batalha de Makin, tomou a palavra um cabo:

«Eu penso—começou o rapaz—que não foi boa idéia termos de retomar o submarino a uma determinada hora. Se tivéssemos esperado até que o mar abrandasse, acho que algumas vidas teriam sido poupadas.»

«É verdade,» concordou Carlson imediatamente. «Mas havia certo motivo que nos obrigou a isso; jamais nos exporemos de novo a tal perigo.»

Em geral, como afirma Carlson, as observações feitas nessas reuniões são de auto-crítica. Quando um oficial comete um erro durante a ação, ele próprio procura comentá-lo, antes que outros o façam.

Ao deixarem Guadalcanal, os Fuzileiros de Assalto de Carlson esperavam algumas semanas de folga, antes de serem enviados a outros raides. Mas, ao contrário, o Segundo Batalhão foi incorporado com mais três ao Regimento de Assalto dos Fuzileiros Navais, sendo então abandonado o sistema de *Gung Ho*, que tão bons resultados dera até aquele momento.

Nesse ínterim, Carlson, atacado de malária, veio para os Estados Unidos, afim de tratar-se. Voltou depois à ativa, mas desta vez ficou em serviço de quartel-general.

Entretanto, recebe de longe em longe notícias de alguns dos homens do antigo batalhão. Quatro deles escreveram recentemente: «Temos um bonito acampamento, mas os companheiros trocariam isso por um pouco de arroz ordinário e o privilégio de, como Fuzileiros de Assalto, poderem ainda gritar de quando em vez: «*Gung Ho!*»

Jardim de infância dos japoneses

¶ O Alto Comando japonês já em 1932 estava tratando de preparar o espírito da população nipônica para os horrores da guerra. Esse fato pode ser ilustrado pela seguinte história relatada pelo cabo Salvador Cabral: «Vi uma vez, em Xangai, grupos de crianças japonesas que saíam de vários caminhões e eram conduzidas para a frente de combate, guiadas por oficiais inferiores. Pensei de começo que as crianças estavam sendo retiradas para um área de segurança, dentro da Zona Internacional. Mas descobrí mais tarde que estavam sendo levadas em excursão, para verem e tocarem os corpos mutilados e degolados, tanto dos japoneses como dos chineses.»

—*Bolo News*

Não reprima a fantasia

(Excerto de *Streamline Your Mind*)

Por James L. Mursell

O PODER DE imaginação é o segredo e a caraterística essencial de quantos triunfam na vida. Lincoln foi um grande estadista porque teve a concepção nítida do que podia e devia ser a União Americana. São grandes líderes da indústria e do comércio os que, por sua capacidade de imaginação, sabem descobrir possibilidades e oportunidades, conceber novos métodos de organização e maneiras de agir. Newton, Einstein e Darwin deram novos rumos ao pensamento humano porque, com aquilo que tinham no cérebro, souberam criar novo conjunto de idéias.

Ainda em nivel bem mais modesto, veremos que a imaginação é sempre a qualidade indispensavel ao triunfo na vida. Para quem pretende escrever novelas, peças de teatro ou poesia, é ela naturalmente imprescindivel. A aspiração máxima de uma pessoa pode ser apenas inventar uma maneira original de receber e distrair os amigos, e para isso será preciso recorrer à imaginação. O bom agente de publicidade ou chefe de vendas é aquele capaz de descobrir novos métodos e combinações para resolver o mesmo velho problema. O chefe de serviço precioso é o que sabe ver suas funções por novo prisma, e conceber novas soluções e estratégias.

Felizmente o poder de imaginação é uma qualidade que se pode cultivar, e para isso basta seguir o caminho indicado pelo estudo da Psicologia:

1. Para cultivar a imaginação é preciso dedicar-se com zelo crescente a um determinado assunto; *entregar-se de corpo e alma àquilo que mais interessa.* As idéias não nascem do nada, nem surgem por acaso; se ficarmos parados, aguardaremos em vão.

2. Crie-se o hábito do caderno de notas, ou melhor ainda, o fichário, e tenha-se sempre o caderno ou as fichas no bolso; surgindo uma idéia em conversa, durante alguma leitura, no meio de uma meditação, ou mesmo em sonhos, não se deixe de anotá-la imediatamente. Releiam-se as notas pelo menos uma vez por semana, e deixe-se o espírito livre para divagar e cogitar. No meio disso, pode surgir um pensamento realmente novo. E ponha-se tudo por escrito. No fim de um ano, ter-se-á acumulado grande quantidade de material, que parecerá à primeira vista não ter valor algum: não se jogue, porem, nada fora. Nunca se pode saber quando daqueles pensamentos incoerentes virá surgir uma idéia que, como um raio, fundirá aquilo tudo num conjunto inteligivel e util. Sem o sistema das notas, seria impossivel conseguir semelhantes resultados. E tenha-se presente que às vezes basta uma boa idéia para transformar a vida de um homem, multiplicando cem ou mil vezes a sua significação. O hábito de tomar notas tem a vantagem, alem do mais, de treinar-nos a estar à espreita de qualquer noção, pensamento ou concepção original. Talvez o método de que se trata não esteja de acordo com a vossa índole, mas, apresentando a sugestão, pretendo apenas explicar um princípio básico: não adianta ficar à espera de boas idéias,

é preciso acima de tudo sair à cata delas.

3. Procure-se partir de qualquer coisa concreta e definida quando se quiser fazer trabalho de imaginação. Deixando o espírito vagar sem rota, por todo o universo, à procura de idéias, não chegará a fim algum; é mister ser mais prático, e orientar a busca com inteligência. Muitas das grandes composições musicais que ouvimos hoje, começaram com uma frase de duas ou três notas, ou um simples ritmo. O homem de gênio descobre sugestões em toda parte; para ele qualquer coisa pode servir de ponto de partida, e as idéias virão surgindo, umas atrás das outras, ora laboriosamente, ora quase instantaneamente.

Sim, é necessário provocar as idéias, ir desencavá-las nos seus esconderijos; e é nisso que o hábito de tomar notas pode ser de grande utilidade. Escolha primeiro um ponto inicial bem definido; essa idéia pode ser a mais vulgar e parecer sem relação com o problema, mas há que começar por algo.

4. Depois é preciso saber pôr as idéias a prova, «experimentá-las» na imaginação. Considerem-se por exemplo todas as combinações possiveis para uma campanha de vendas ou para a organização de um serviço qualquer; que não nos impressione o fato de algumas delas parecerem tolas e irrealizaveis à primeira vista; às vezes uma idéia aparentemente absurda pode ser adaptada, e vir a ser muito util, mas para isso é preciso que não tenha sido rejeitada logo de começo.

Nesse trabalho de «experimentação» de idéias, o conhecimento e a prática que se têm do assunto, são de primordial valor. Há quem pense que o trabalho da imaginação é criar alguma coisa do nada; no entanto, é do conhecimento adquirido e assimilado que sai o elemento essencial da imaginação criadora. Não se pode pensar bem um assunto sem conhecê-lo suficientemente, e o conhecimento dos fatos é sempre a melhor fonte de novas idéias; dessa perfeita noção das realidades surgem novas maneiras de encarar os problemas, novos rumos e modos de agir. Há uma relação inegavel entre o conhecimento que a pessoa tem de um assunto, e sua capacidade de pensar sobre ele dum modo criador e original.

5. Sempre que se estiver planejando qualquer coisa na imaginação, não se abandone o projeto no meio; continue-se a pensar até chegar a uma conclusão. Mesmo que a idéia de uma esplêndida festa nunca venha a realizar-se, faça-se um plano completo e ponha-se por escrito. O plano poderá ser um total insucesso, mas o simples fato de se ter levado a cabo um plano de organização, só por si já é benéfico.

6. Ao levantarmo-nos da secretária, não deixemos por isso de pensar no trabalho; levemos conosco, não a rotina do trabalho, mas os tópicos e problemas de ordem geral, relacionados com ele. Façamos questão de ter umas horas preciosas para estar só; elas nos darão a oportunidade de nos aperfeiçoarmos e, em vez de sermos escravos da rotina, passaremos a ser homens de espírito criador. Procuremos descobrir de que maneira se poderá tornar o serviço mais eficiente. Saber usar com proveito as horas de folga, é um dos grandes segredos do êxito pela imaginação.

São essas as sugestões que a Psicologia oferece para desenvolver a imaginação em qualquer ramo de atividade, tornando-a um auxiliar valioso.

Seguindo-as, pode-se afeiçoar a fantasia, transformando-a num instrumento flexivel e agil que, sem consumir energia em excesso, possa tornar-se utilíssimo.

A base elétrica da vida

(Condensado do «Harper's Magazine»)

Por George W. Gray

Em vista de que todas as partes do corpo geram eletricidade, máquinas elétricas muito sensiveis ajudam hoje os médicos a descobrir doenças na sua fase inicial.

O PASTOR protestante de importante igreja de um dos estados do oeste da América, apresentou-se certa manhã na Clínica Mayo para submeter-se a exame médico. Apesar de ter apenas 61 anos, começava a sentir certa indolência mental. Uma vez anunciou um hino fora de tempo, depois chegou atrazado a um casamento, e até se esquecia de vez em quando de fazer a barba.

O aspecto do homem era tão sadio, que os médicos duvidavam pudesse ele estar realmente doente. Nem um minucioso exame físico, nem as radiografias da cabeça, mostraram existir motivo algum para preocupações. Então chegou o relatório do eletroencefalógrafo: havia um pequeno desvio das ondas cerebrais, recebidas de uma pequena área por cima da região temporal direita.

Os médicos, sabendo que as células cerebrais, doentes ou contusas, produzem um tipo de eletricidade diferente daquela das células normais, desconfiaram que se tratasse de um tumor cerebral, e fizeram exame mais completo. Decidiram operar: acharam o tumor, e extirparam-no. Quando o doente se restabeleceu, sentiu-se com o vigor que tinha tido sempre. O caso é especialmente notavel, porque foram as ondas cerebrais que forneceram o único traço da oculta enfermidade, indicando até diretamente o local exato da afecção.

Há dez anos o eletroencefalógrafo era apenas uma novidade de laboratório; hoje é parte integrante do instrumental de uma clínica. Em todos os casos suspeitos de tumor, coagulação ou outras lesões cerebrais, é empregado para explorar toda a calota craniana. Tal exame pode fazer-se em poucos minutos, sem ser necessário sequer furar a pele. Basta aplicar os eletródios sobre o crânio, e eles marcarão as palpitações que refletem a atividade das células cerebrais que estão por baixo.

No estado de epilepsia torna-se quase indispensavel o registrador elétrico. O epiléptico, em 85 por cento dos casos, tem um tipo anormal de onda cerebral, que é geralmente caraterístico da sua espécie mórbida. Pela observação das alterações nesse tipo de ondas é possivel prever-se uma convulsão. Usando aquele instrumento, o médico pode seguir as variações que se vão dando no cérebro durante o tratamento, e verificar assim o progresso do doente.

A caraterística reação elétrica do cérebro contra a luz habilita o médico a distinguir a cegueira verdadeira da falsa. Pediram uma vez ao dr. Frederick Lemere, de Seattle, para atestar se um empregado de uma fábrica, que reclamava uma compensação, tinha realmente cegado em consequência de um desastre sofrido na oficina. O homem afirmava que não podia ler nem trabalhar, embora os olhos parecessem normais e as pupilas reagissem contra a luz.

Usando apenas os métodos habituais, era impossivel poder dizer se a vista ficara arruinada. Mas, quando se lhe ligaram os eletródios à cabeça, e apareceram as ondas cerebrais, viu-se que eram as ondas compridas e vagarosas dum cérebro na escuridão. Tratava-se, pois de um caso de cegueira verdadeira. Noutros casos as ondas cerebrais forneceram provas concludentes de fraude.

Não só a atividade do cérebro, mas qualquer estímulo que passa através de um nervo, tem o seu componente elétrico. No globo ocular flutua uma corrente entre a transparente córnea e a retina, que é foto-sensivel. Cada contração muscular, cada movimento dum dedo, o pestanejar duma pálpebra, um arrepio da pele, descarregam tambem eletricidade.

As correntes geradas pelo palpitar do coração podem ser registradas com precisão pelo eletrocardiógrafo. O operador liga um dos eletródios ao pulso do doente, e o outro ao tornozelo, e é curioso ver-se as pulsações elétricas do coração traçando sobre o cilindro da máquina as suas curvas, arestas e cumes dentados. E estas marcas complicadas indicam ao médico se as quatro câmaras da bomba humana trabalham sincronicamente. Se, por exemplo, um dos ventrículos começa a contrair-se antes de ter recebido a sua aspiração completa de sangue, haverá o retrocesso da porção de sangue que não entrou, e essa desordem é conhecida por obstrução do coração. Análises das ondas do coração têm posto a descoberto muitas perturbações incipientes, a tempo de poderem tomar-se medidas terap uticas; sobem a muitos milhares os anos que tem sido possivel acrescentar às vidas humanas, por meio de tais pesquisas.

No Hospital Presbiteriano de Nova York as investigações iniciadas pelo dr. Edmund N. Goodman parecem prometer um método de determinar o cancer do estômago por meio de provas elétricas. A medida da potencialidade elétrica do estômago vazio dá um valor próximo do normal; introduzindo-se leite no estômago, a voltagem eleva-se a um novo valor. Mas, nas pessoas que sofrem de úlcera gástrica, o grau de mudança de voltagem é diferente, como são diferentes as mudanças elétricas nos doentes de cancer do estômago. O cancer na fase inicial dá indicações mais pronunciadas do que o já bastante adiantado. Procede-se neste momento a experiências sistemáticas em vários doentes.

Até há poucos anos não era possivel medir-se a voltagem gerada no corpo humano, porque as cargas elétricas são micro-dimensiveis, e os instrumentos de medição consomem unidades elétricas no próprio processo de as medirem. Depois o dr. H. S. Burr, de Yale, trabalhando com os drs. C. T. Lane e L. F. Nims, construiram um voltímetro altamente sensivel, que pode medir a milionésima parte dum vóltio, sem nada gastar da quantidade que está medindo. Com este aparelho se têm explorado eletricamente centenas de seres vivos—bactérias, salamandras, ratos, cães, macacos e homens. Nos estudos de ratos cancerosos, por exemplo, o voltímetro de Yale tem dado o alarme da existência de tumores, semanas antes que o aumento de volume, endurecimento, ou qualquer outro sintoma pudesse denunciá-lo à vista ou ao tato.

Um ginecologista de Nova York, o dr. Louis Langman, serviu-se do voltímetro de Yale para determinar o tempo da ovulação numa mulher, que queria ter filhos, mas não conseguia conceber.

Apesar do dogma geralmente aceito de que a ovulação têm lugar só no meio do ciclo—no 14º dia depois da menstruação, ou próximo dele—os estudos do dr. Langman, assim como outras observações, mostraram que, em cerca de 75% das mulheres, a regularidade é mais a exceção que a regra. A ovulação pode manifestar-se em qualquer ocasião, até durante o ciclo menstrual. Em três mulheres submetidas a experiências pelo dr. Langman, a fecundação artificial, feita dentro de poucas horas após o voltímetro ter indicado a ovulação, deu o resultado esperado. Após vários anos de esteril matrimônio, as três mulheres conceberam, e deram à luz robustas crianças em partos normais.

Os charlatães têm-se aproveitado das experiências de Yale, e «especialistas eletrônicos» pretendem diagnosticar as doenças pelas vibrações eletrônicas do sangue dos doentes. Em alguns casos até pretendem tratar por «meios eletrônicos». Mas a verdade é que o aparelho de Yale não serve para tratar enfermidades de qualquer natureza. Foi construido para servir como instrumento de pesquisa, e é apenas um aparelho de laboratório extremamente sensivel, próprio para uso em explorações do tipo das aquí referidas.

A ciência ainda não decidiu se a eletricidade é um produto da atividade do coração, dos músculos, dos nervos e do cérebro—ou uma força primária, e a própria vida uma consequência dela. Mas, enquanto físicos e biólogos lutam pela solução do problema, a medicina vai fazendo uso prático das misteriosas propriedades elétricas do corpo humano como meio de diagnóstico.

Um ar de graça

¶ Descendo um dia a pé St. James Street, em Londres, o brilhante Disraeli encontrou-se com Lady Sebright, que passeava no seu *brougham*. Como a elegante senhora o felicitasse pela sua recente elevação ao pariato, Disraeli, com graciosa seriedade e um rasgado cumprimento, replicou: «Ah, que gosto ou mérito posso eu achar nas honras deste mundo, enquanto Sir John Sebright se contar no número dos vivos?...»

Margot Oxford, *More or Less About Myself* (Dutton)

¶ Foi um inglês que, encontrando Mark Twain durante uma viagem na Europa, o deixou boquiaberto com o seguinte cumprimento: «Mr. Clemens, eu dava dez libras só para não ter lido o seu *Huckleberry Finn*!» E como o grande escritor americano, com a surpresa pintada no rosto, esperasse a explicação de tão estranho remoque, o inglês sorriu e acrescentou: «...Só para ter de novo o prazer de o ler pela primeira vez!»

Brander Matthews, *The Tocsin of Revolt* (Scribners)

O bom humor sentou praça

¶ Eu atravessava uma estação de Chicago, perdido numa turma de soldados; avançávamos devagar, porque os nossos amigos e parentes, às centenas, se apinhavam junto dos portões para nos dizer adeus. Um soldadinho escorreito que ia na minha frente exclamou de súbito: «Olá, mamãe, como vai você?» Em resposta, uma mulher bem vestida gritou no mesmo tom: «Olá, meu filhinho!» e deu-lhe logo um vigoroso e sôfrego abraço.

E então ouví-a murmurar-lhe no ouvido, com um olhar longo de nostalgia nas pupilas: «Quem me dera que fosse mesmo!...»

E o soldado, sem deter a marcha, retorquiu:

«Eu então, nem se fala!»

—Morris N. Kertzer

¶ Houve um moço de 23 anos que prestou tão boas provas na Escola de Candidatos a Oficiais de Fort Sill, no Oklahoma, que lhe deram os galões de tenente e o nomearam instrutor na Escola de Artilharia de Campanha. O oficial de patente mais baixa que alí estava tirando o curso era um major. No primeiro dia de aulas, o tenente novato deteve-se à porta alguns momentos, antes de entrar, engolindo em seco. Depois dirigiu-se em rápidas passadas para a cátedra e, chegado alí, disse numa voz clara e forte: «Suponho que haverá no exército americano dez mil oficiais que sabem deste assunto muito mais do que eu.»

Fez pausa e continuou:

«Mas não vejo aquí nenhum deles, hoje, e por isso vou entrar já na matéria e falar à minha vontade.»

A partir desse momento o rapazola ficou sendo o ai-Jesús dos majores, coronéis e brigadeiros que formavam a classe!

—W. D., *Collier's*

¶ O oficial do dia foi dar com a maioria das camas vazias, numa enfermaria do hospital de Marinha da Califórnia, que supostamente devia estar cheio de marujos e fuzileiros vindos da zona de hostilidades do Pacífico, e pediu ao vigilante a explicação do fato.

«Os homens estão habituados a dormir no chão,—disse o outro— de maneira que não podiam dormir bem nos colchões. Estão todos debaixo das camas, meu capitão!»

—Rennie Taylor, no *Tribune* de Mineápolis

¶ O Campo Militar de Holabird, em Baltimore, fica mesmo em frente duma fábrica da General Motors, do lado oposto da estrada. Um dia, à hora do lanche, as escadarias da fábrica estavam guarnecidas de bom número de moças operárias, quando um sargento-aspirante saiu do Campo à frente de uns cem homens. Vinham estrada abaixo—um-dois, um-dois—e quando a primeira linha se aproximava já da escadaria, o sargento virou-se para trás e, com um sorriso, berrou esta ordem:

«Olhar à direita!»

Quando o último soldado da companhia acabava de passar, e todos os homens tinham gozado o risonho espetáculo das moças, veio outra ordem:

«Olhar,—frente!»

E a tropa continuou garbosamente.

—Charles A. Velte

O porco-espinho americano é um bicho bastante original

Vida espinhosa do porco-espinho

(Condensado do «Country Gentleman»)

Por Alan Devoe

O PORCO-ESPINHO é menor que um castor, mas carrega nas costas armamento que chega para matar um leão. De temperamento pacato e com pouca inclinação para brigar, ele «avança» contra o inimigo... de costas. É tão resistente, que prossegue no seu caminho mesmo depois de atingido por várias descargas de chumbo. Mas se lhe dermos uma paulada na ponta do delicado nariz, morrerá imediatamente.

É um mamífero roedor, de corpo roliço e de fisionomia parada; tem uns setenta e cinco centímetros de comprimento e uns quinze de rabo, pesa de sete a doze quilos. Uma verdadeira armadura de espinhos cobre-lhe a cabeça, lombo e o rabo musculoso; quando anda, chocalha com o ruído seco de uma aljava cheia de setas. Os espinhos são tubos ocos, tão pouco presos à pele, que basta tocá-los para que se soltem. São afiados como agulhas e eriçados de pequenas farpas; e por serem de substância córnea, quando dentro da carne quente e úmida da vítima, começam a inchar, as farpas tornam-se cada vez mais salientes e, devido à inclinação especial que estas têm, o espinho vai-se enterrando cada vez mais no corpo da vítima.

O carater original do porco-espinho pode ser em parte atribuído ao fato da natureza o ter dotado de um meio de defesa tão eficaz. Ele não precisa ser astucioso, nem ter pernas velozes; na sua vida de imperturbavel placidez, não corre nunca; marcha bamboleando-se. Se a casca de certa árvore lhe agrada ao paladar, fica-se a roê-la um dia inteiro. Ao perambular tranquilamente pelo mato, vai resmungando sozinho, num monólogo sério e compenetrado, feito de guinchos, roncos e resfolegos; com um olhar indiferente e vazio, contempla o resto do hostil universo do qual se sabe perfeitamente defendido. Se cai dentro de água, seus espinhos, por serem ocos, fazem-no boiar como uma rolha; se despenca de uma árvore, como por vezes lhe acontece, são ainda os espinhos que lhe amaciam a queda. Não é portanto de estranhar que tenha desenvolvido um carater misto de independência e sobrançaria: tem sobradas razões para isto.

Quando um inimigo lhe vem perturbar a serenidade, comporta-se geralmente da seguinte maneira: se for possivel, toma a precaução de esconder a cabeça debaixo de um tronco de árvore e assim proteger o delicado nariz; junta as patas, firma-se bem no chão para resguardar a barriga, que não tem espinhos; eriça os espinhos, o que lhe dobra o tamanho e lhe dá a aparência de enorme almofada de alfinetes, e põe-se a agitar violentamente o rabo de um lado para

outro. O inimigo prudente afastar-se-á imediatamente, desistindo da luta.

Mas se o cão, o lince ou o homem se atreverem a molestá-lo, então—zás!—o rabo musculoso atira talvez vinte estiletes farpados que se enterram no corpo do atacante. Uma rajada é em geral suficiente para afastar até mesmo os ursos. Mas se o inimigo insistir, o porco-espinho então «avança». Tirando o nariz de onde o enfiara, esconde-o bem em baixo do corpo e assim vem avançando, de costas, enquanto o rabo chicoteia furiosamente. Recuando, chega à árvore mais próxima, a qual se põe a subir vagarosamente. Assim que se vê fora de alcance, reassume imediatamente seus modos fleumáticos e, como se nada houvesse acontecido, começa a roer casca de árvore.

Embora os outros animais da floresta procurem geralmente manter-se a distância discreta, é sabido que raposas, lobos, gatos-do-mato, e mesmo leões da montanha e ursos têm sido encontrados traspassados e mortos por seus espinhos.

Ele não pode lançar os espinhos um por um, mas como estão pouco presos à pele, ao abanar violentamente com o rabo, eles se soltam e vão fincar na vítima como setas que fossem atiradas a esmo. Os espinhos assim gastos serão, dentro de alguns meses, substituidos por outros; mas isto pouco o preocupa, pois dez espinhos o livrarão de uma raposa, vinte farão o gato-do-mato sair guinchando de dor, e o nosso amigo porco-espinho possue nada menos de trinta mil setas!

É durante a noite que geralmente se alimenta, fazendo timbre em deslocar-se apenas o estritamente necessário. Passa às vezes um inverno inteiro sem percorrer mais de um hectare, e mesmo nas estações amenas não irá muito mais longe. Costuma instalar-se na forquilha de dois galhos e aí, quase sem se mexer, rói toda a casca ao alcance.

Mas quando lhe dá vontade de comer os brotos verdes dos galhos, é obrigado a um pouco de trabalho. O processo que emprega—e nisto mostra habilidade e certa esperteza—é juntar vários ramos num feixe para que possam sustentar o seu peso; caminha sobre estes tão longe quanto julga prudente, depois, com as patas musculosas, vira os galhos para cima fazendo um arco na sua direção, e põe-se a roer-lhes a casca verde e tenra como quem come milho na espiga.

O porco-espinho tem às vezes o estranho desejo de emitir gritos desesperados e prolongados que lembram muito o berro trepidante de um bebê deitado sobre um alfinete aberto. Quando isto lhe dá na veneta, vai para o alto de uma árvore e, parado e sem expressão, passa talvez uma hora berrando e lançando seu grito de guerra.

Outra caraterística curiosa do porco-espinho é sua mania do sal. Esta exquisita paixão o faz descer no meio da noite do conforto de sua árvore e, roncando, grunhindo, e chocalhando espinhos, ir à procura do acampamento dos lenhadores. Se por acaso encontrar manteiga, come quanta houver; se achar apenas a vasilha de madeira onde estivera a manteiga, devora-a, só por causa do gosto longínquo do sal. Gosta de roer cabos de machado e punhos de remo, pelo sabor de sal que neles deixa o suor. Já tem acontecido a mais de um lenhador acordar no meio da noite com um barulho vindo do barracão onde se guardam os explosivos, e, lá chegando, surpreender o porco-espinho a roer metodicamente os tubos de dinamite.

O naturalista Enos Millis presenciou um dia o encontro de um porco-espinho

e uma maritacaca, mustelídeo muito comum nos Estados Unidos, e que emite um líquido de cheiro sufocante ao ser atacado. Ambos pareciam saber instintivamente o poder da arma um do outro, e por isso hesitavam em começar a luta. A prudência do porco-espinho foi maior que a do outro: veio primeiro uma onda de terrivel mau cheiro e imediatamente ouviu-se a lambada do rabo do porco-espinho. E estava terminada a batalha. O porco-espinho estaria impregnado do mau cheiro por alguns dias, mas o outro não teria muito tempo de vida com aquelas farpas no corpo.

O porco-espinho vence assim com facilidade a maioria dos duelos que trava, durante os dez ou doze anos de sua vida calma e original. Há porem um animal semelhante à doninha, a marta, que consegue às vezes virá-lo de pernas para o ar e mordê-lo fatalmente na barriga desprotegida. Nos Estados Unidos é proibido hoje em dia caçar o porco-espinho. A lei o protege por ser o único animal que um homem sem armas, perdido na floresta, pode facilmente matar à paulada. Uma pancada no nariz é o suficiente, e embora sua carne seja um pouco dura e de gosto forte, é um bom alimento.

Estes animais nunca são vistos em grupo, mas o fato de não terem desaparecido de nossas florestas e continuarem a se multiplicar, é prova de que não são inteiramente solitários. A época do cio é em outubro; em abril nascem os filhotes, geralmente num ninho feito dentro de um tronco oco de árvore. Embora a fêmea tenha apenas setenta e cinco centímetros de comprimento, os filhotes nascem com cerca de vinte e oito, e são maiores que um urso preto recem-nascido. E como o animalzinho já se encontra, ao nascer, coberto de espinhos de mais de um centímetro, os lenhadores refletem com espanto no problema que deve ser o parto de bebê tão incômodo.

É tambem dificil compreender como é possivel a animais tão espinhosos entenderem-se no que respeita à perpetuação da espécie. Dizem os índios do norte dos Estados Unidos que a fêmea se pendura num galho de árvore e que o macho então se aproxima dela cuidadosamente. Mas há outras teorias, e o mais provavel é que o porco-espinho, neste aspecto, não difira de qualquer outro quadrúpede.

Seja qual for a maneira por que procedem, o amor, para ele, tem às vezes consequências «espinhosas», que são como um epílogo apropriado para uma vida já tão original; acontece, com efeito, a fêmea esquecer-se de abaixar suficientemente os espinhos que a revestem, e o macho, preocupado com a complexa tarefa de dar expansão a seus afetos, se deixa traspassar, e morre.

¶ O PRAÇA estava escrevendo uma carta para a mãe, e queixava-se: «Não faz idéia, a comida neste quartel é um autêntico veneno!» E depois de pensar um instante, acrescentou: «E ainda por cima em porções tão pequenas!»

Scott Field, *Broadcaster*

¶ *Meu tipo inesquecivel*

Príncipe, o negrinho do bosque

(Condensado do «American Magazine»)

Por Archibald Rutledge

Ao ser convidado a colaborar nesta seção, Archibald Rutledge respondeu que já havia escrito o artigo, quinze anos antes, para o «American Magazine». Revisto e acrescido de alguns novos detalhes, reproduzimos aqui este comovente tributo a um amigo fiel.

BASEADA em verdadeira afeição, minha amizade por Príncipe Alston prolongou-se por toda a sua vida. Ele era filho de Marta, que foi cozinheira na nossa fazenda durante quarenta anos; e de Will, que por mais tempo ainda fora encarregado de nos trazer lenha e acender o lume no fogão e nas lareiras.

Durante toda minha infância e adolescência, o pretinho Príncipe e eu fomos companheiros inseparaveis em toda espécie de travessuras: caimos juntos do mesmo potro; fomos perseguidos pelo mesmo touro brabo; e quase nos afogamos no mesmo lago quando nosso barco virou. Meu pai ralhava com ambos sem fazer a menor diferença, principalmente no dia em que nos lembramos de amarrar os rabos de dois varrões que comiam da mesma gamela, tendo as ancas muito perto de um buraco da cerca, de propósito para nos tentar.

Fazer peraltices não era, porem, nossa única ocupação. Tínhamos tambem um jardim, plantado e cuidado por nós; tivemos uma série de animais de estimação—filhotes de jacaré, e de raposa, corças, martas e muitos outros. Ajudávamos a campear o gado, e íamos até os pinheirais buscar gravetos para acender o fogo. Costumávamos tambem sair frequentemente para caçar e pescar, mas seria um exagero dizer que províamos a mesa da fazenda com regularidade; era nos metermos no mato com a intenção de caçar, ou nos instalarmos à beira de um rio de anzol em punho, e daquí a pouco descobríamos uma brincadeira qualquer que nos desviava a atenção. Lembro-me, por exemplo, de ter passado uma manhã inteira procurando ver quantas cobras-de-água venenosas podíamos pescar com o anzol. Quando levamos o resultado de nossa pescaria para Marta, sua reação foi, sem dúvida, muito mais interessante do que a pesca.

O negro de fazenda está, em geral, muito mais perto da natureza que qualquer de nós. O conhecimento da vida nas selvas, que fui adquirindo aos poucos graças a muita observação, Príncipe parecia tê-lo de instinto. Surpreendia-me sempre a agudeza de sua vista, no meio do mato. Nas nossas excursões pela floresta, quando meninos, era sempre ele que me avisava quando eu estava para pisar numa cobra; sabia descobrir um lugar no meio da campina onde se achava um veadinho novo; e podia ver, bem no topo de um pinheiro gigante, a

sombra acinzentada que traía a presença de um esquilo assustadiço.

Era tão constante nossa camaradagem, que tanto ia eu à cabana de seus pais quanto ele vinha a minha casa; e à noitinha fazíamos questão de nos acompanharmos, um ao outro, até meio caminho. A estrada ia em parte por dentro do mato, para depois passar ao lado do cemitério onde há mais de cem anos era de uso enterrar os negros da fazenda. O lugar era bonito, os passarinhos cantavam alegremente nas trepadeiras de jasmim amarelo que cresciam sobre os pinheiros e as murtas, mas nós dois tínhamos um medo enorme de passar por alí. Ainda me vejo caminhando pela estrada ao escurecer; para não me separar de meu amigo, ia mais longe do que me aconselhava a razão, e ele, por seu lado, dominava o receio do cemitério para me fazer companhia. Íamos andando de mãos dadas, e ainda me lembro que aquelas duas mãos de criança, uma branca e outra preta, se apertavam com mais força se uma brisa súbita soprava, ou se ouvíamos de repente o pio triste da coruja.

Chegou por fim uma época de nossas vidas em que tivemos que nos separar temporariamente. Eu fui para o colégio e depois para a universidade, enquanto ele continuou na sua mesma vida de liberdade. Quando nos encontramos de novo, já éramos rapazes. Embora eu me tivesse talvez desenvolvido em outros sentidos, fisicamente Príncipe se tornara muito mais forte do que eu. Enquanto eu lutava gentilmente com as sutilezas dos verbos franceses, ele derrubava árvores, guiava parelhas de mulas, trabalhava na escavação de canais, e sob um sol causticante e um calor talvez de uns quarenta e cinco graus, revolvia com o arado campinas recobertas de grama alta. Enterrado até às coxas na lama de pântanos infestados de cobra, passava dias inteiros serrando imensos troncos de cipreste, cantando e gritando com seus companheiros para marcar o ritmo do trabalho. Forte, rijo, independente, Príncipe tornara-se homem muito antes de mim. Ao nos encontrarmos de novo, saudamo-nos com a mesma afeição de sempre, pois tínhamos conservado aquela compreensão mútua, tão rara entre seres humanos.

O conhecimento que Príncipe tinha dos animais era quase sobrenatural. Referia-se a estes como se fossem seres humanos; para ele não havia fronteiras definidas entre as espécies. Encontrei-o um dia, no meio do mato, debaixo de uma chuva gelada, fazendo um abrigo para uma vaca muito velha que com certeza morreria naquela noite. Estabelecia-se entre ele e o animal uma relação precisa, devida em parte à sua firmeza e bondade, e por outro lado à estranha faculdade que tinha de ler-lhe o pensamento. Lembro-me do caso de «Flor», uma cadela de caça que, ao primeiro rasto interessante que farejasse, metia-se pelo mato a dentro, sem prestar a menor atenção às ordens que eu lhe desse. Estava eu um dia caçando com Príncipe, quando vimos a cadela sair correndo pelas pegadas recentes de um veado. Um chamado de Príncipe fê-la estacar a uns trinta metros de distância; já estava muito longe para que ele pudesse castigá-la; seria agora uma questão de força moral e não física.

—Fulô! ele chamou. —Vem cá, bichinha. Tu é a cachorra mais 'bidiente, esperta e bonitinha que eu já vi. Assim que eu gosto; agora vem cá, pra junto de mim. Tu não vai me deixá aquí, no meio do mato, sozinho... Vem cá, Fulô, minha nêga!

Com palavras carinhosas que iam ecoar no fundo da alma da cachorra obstinada, ele conseguia o que força, castigo, e menos sutileza, não haveriam conseguido. A cadela ficou inteiramente dominada pelos tons doces da voz de Príncipe, e aproximando-se passo a passo, um pouco cabisbaixa, acabou por dar uma corrida e ir lamber-lhe as mãos, afetuosamente.

Vi-o um dia convencer uma mula birrenta que resolvera ficar parada no meio da praça de uma aldeia vizinha. Estava atrelada a uma carroça velha, carregada com o peso das compras de sábado; o animal havia decidido que percorrer doze quilômetros de estrada de areia, debaixo do sol quente, era coisa que não lhe apetecia de todo. Estacou no meio da rua entre a agência do correio e a venda principal, de modo que o espetáculo estava provocando grande interesse na povoação. Quando Príncipe e eu lá chegamos, já haviam sido tomadas providências enérgicas, sem o menor resultado. Insultos e berros deixavam o animal indiferente; pancadas violentas e cruéis, eram o mesmo que nada; tinham até acendido uma pequena fogueira debaixo do animal, mas a mula permanecia imovel, com uma irritante expressão de virtude ofendida. Príncipe aproximou-se dela e, passando o braço em volta do pescoço teimoso num gesto de afeição, chegou bem perto do ouvido do animal e murmurou qualquer coisa. Imediatamente a mula saiu da rigidez em que estava, para logo pôr-se a andar alegremente. Perguntei a Príncipe o que havia ele segredado no ouvido do animal, mas ele apenas se riu. A verdade é que as palavras mágicas devem ter sido ditas no exato comprimento de onda da alma torturada e confusa daquele pobre animal.

Durante muitos anos eu andara em vão à cata de um espécime de esquilo preto. Dizendo isto a Príncipe, tive a surpresa de ouví-lo responder:

«Eu sei onde tem um.» Estávamos em meados de março, e o princípio da primavera dava um tom de névoa verde-esmeralda à floresta. Príncipe levou-me ao longo de um pequeno rio em cujas margens cresciam muitas árvores, inclusive o bordo de broto vermelho. Finalmente ele me apontou uma coisa que me parecia apenas um pouco de musgo escuro—lá estava um esquilo preto, preto como ébano.

—Como é que você adivinhou que ele estava aquí? perguntei.

—Ele 'teve aquí no verão passado, e tambem no ano antes quando ainda era novinho. Esquilo preto anda uma légua se fô perciso para comê o broto vremeio daquela arvre.

Não era apenas observando, mas sim por tomar parte na vida dos animais selvagens, que Príncipe conseguia ter um conhecimento profundo das coisas da natureza; e este conhecimento, como tudo que se adquire por experiência própria, tornara-se parte de seu carater e personalidade.

Estava sempre disposto a andar nem que fosse cinco léguas, para comprar um rolo de fumo, um quilo de toucinho ou um saco de farinha; nessas caminhadas, nunca ia pela estrada, mas pelo mato, seguindo a trilha dos animais, que tão bem conhecia. Se bem fosse muito supersticioso, como todos os que levam uma vida primitiva, não tinha medo de andar no escuro; sem saber o nome de uma só estrela, podia guiar-se por elas, e mesmo com o céu encoberto, retinha um extraordinário senso de direção.

Era tão simples e verdadeiro quanto um nascer de sol ou um sulco de arado.

Sua fé era simples e perfeita; quantas vezes ouví-o dizer: «Deus é tão bom que pode fazer tudo.» «Nosso Sinhô só não protege os que não acreditam nele.» «Sinhozinho, nós vai sabê tudo isso quando nós 'tiver no Céu.» Não gostava de me ouvir reclamar do tempo, porque aquilo era a vontade de Deus. Sempre conciente da fragilidade da existência humana, respondia a qualquer pedido que lhe faziam: «Sim sinhô, se Deus quisé.» A fatalidade da morte não o impressionava ou entristecia, sua fé era profunda e inabalavel. Morreu como vivera, fiel à sua crença: «Agora,» disse ele no seu leito de morte, «vou para minha casa no céu.»

Há pessoas que não acreditam em pressentimentos; creio que é simplesmente porque nunca tiveram uma experiência direta. Príncipe tinha grande percepção psíquica. Tendo eu passado as férias de Natal na fazenda, despedira-me de todos e entrara no carro pronto para partir. Nisso, Príncipe aproxima-se da janela do carro: «Sinhozinho,» disse ele, «qué fazê o favô de vim aquí na sala um minuto?»

Conhecendo-o bem, sabia que devia haver um motivo sério para seu pedido, e saí do carro de novo. Ele levou-me até a sala iluminada.

«Sinhozinho,» disse ele com afeição nos seus olhos expressivos. «Eu queria olhá mais uma vez pra sua cara.»

Alguns meses mais tarde morria ele para ser enterrado no velho cemitério por onde costumávamos passar quando crianças. Pressentira que aquela seria a última vez que me veria.

Se a verdadeira grandeza for medida pelo caminho percorrido, e não pelo ponto a que se chega, então posso dizer que até hoje não conhecí homem melhor que Príncipe, meu companheiro de infância. Aprendí, graças a ele, que não há pessoas inferiores no mundo; há pessoas que são vulgares e outras que são nobres. Conhecí milionários vulgares, e conhecí Príncipe que possuia uma alma de aristocrata.

Devo a ele uma melhor compreensão de certos valores profundos da vida. Parece que estou a ouví-lo dizer: «Quando conheço bem uma pessoa, não posso mais ter ódio dela.»

Ainda o ouço às vezes cantando pelos bosques, com uma voz tão melodiosa que faria as delícias dos apreciadores de ópera; sei que seu espírito voga pela floresta, livre e contente. Chegar até o meio da vida conservando o espírito livre, já é uma grande realização. Percorrer as florestas cantando com alegria no coração, tambem não é facil, pois para isto é preciso ser um eleito de Deus.

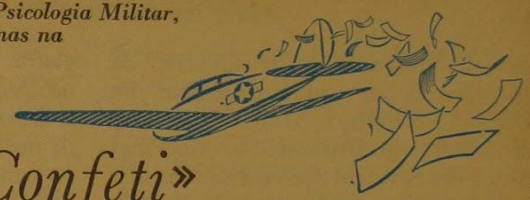
O pigarro dos heróis

¶ Orlin T. Greene, ajudante de farmácia militar, foi citado por bravura em ordem do dia, por se ter oferecido voluntariamente para socorrer um oficial de fuzileiros navais que caira ferido durante as operações nas Ilhas Salomão, e tê-lo salvo «sob o nutrido fogo das metralhadoras japonesas, dando mostras do mais completo desprezo da própria vida e segurança».

Quando interrogado sobre a sua façanha, Greene respondeu: «Oh, eu nem tenho bem certeza se me ofereci... Acho que naquela ocasião puxei o pigarro, e foi por isso...»

AP

¶ *Como funciona a Repartição de Psicologia Militar, que salvou tantas vidas americanas na campanha da Sicília*



Ofensiva de «Confeti»

(Condensado do «American Legion Magazine»)

Por Frederick C. Painton

Uma noite, durante a invasão da Sicília, um artilheiro americano carregou com uma granada a sua peça de campanha, assestada contra uma fortaleza inimiga. O canhão vomitou uma chamarada branca, e o projetil zuniu pela noite dentro. A seguir ouviu-se, distante, uma fraca explosão. O artilheiro, irritado, murmurou:—Diacho de guerra, em que a gente combate com «confeti».

E' que a granada ia cheia de folhas soltas, impressas, nas quais se contava aos italianos que eles estavam nas mãos dos alemães, e que estes acabariam por transformar a sua amada Itália num campo de batalha; que a sua posição era desesperada; que estes panfletos eram «bilhetes de rendição», que lhes asseguravam boa comida e abrigo detrás das linhas aliadas. Onde quer que soldados americanos podiam proteger-se mergulhando nas covas de abrigo, havia sempre quem falasse italiano, e repetisse a mesma mensagem pelos alto-falantes, que faziam ecoar as palavras por montes e vales.

Momentos antes de romper a aurora bombardeiros médios americanos lançaram mais «bilhetes de rendição» na retaguarda das linhas inimigas. Alguns pilotos queixavam-se, aborrecidos, de que teriam prestado muito melhor serviço se, em vez daquelas bombas, tivessem lançado das que são capazes de rebentar todo um quarteirão. Mas, nessa mesma manhã, dezenas de italianos vieram das posições inimigas, e todos eles traziam na mão a folhita branca.

«Bilhete de rendição?» gritou um deles, ansioso. Os americanos acolheram-nos num recinto de arame-farpado, e deram-lhes uma lata de ração «C».

Era a Repartição de Psicologia Militar em ação. Faz parte da Seção de Informação e Censura do Quartel-General das Forças Aliadas. Há um ano era ridicularizada pelos soldados de carreira. Pouco depois da batalha de El-Alamein, o general Montgomery dizia: «Eu por nada deste mundo quero uma instalação de propaganda no meu campo de batalha.» Mas quando os Aliados estavam na Sicília, o próprio Montgomery já quis que se disparassem barragens de granadas com impressos...

Tudo isto começou quando o general Eisenhower planeou a sua invasão da África do Norte. Por esse tempo a América e a Grã-Bretanha dispunham de meia dúzia de organizações, civis e militares, que queriam combater o inimigo na frente inteletual, e cada qual tinha as suas próprias idéias a respeito. Torrentes de palavras vinham da Dire-

ção de Informações de Guerra, da Direção de Serviços Estratégicos, da Direção de Política Militar Britânica, do Ministério Britânico de Informações, e dos Serviços Secretos da Marinha e dos Exércitos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha.

Em outubro de 1942, Eisenhower colocou todo o problema nas mãos do coronel Charles B. Hazeltine, que fora, durante 33 anos, um vigoroso soldado de cavalaria, e mais recentemente comandante de um regimento mecanizado de infantaria. Hazeltine reuniu homens e mulheres das várias organizações de propaganda, para formar a Repartição de Psicologia Militar das Forças Aliadas.

«Não entendo nada de propaganda,» declarou-lhes abertamente, «mas creio na sua força; conheço o exército, e compreendo a organização. Estamos postos à prova até conseguirmos obter resultados. Por isso escrevam as palavras, e eu me encarregarei de as vender ao Exército pelo preço do custo...»

A Repartição de Psicologia Militar dividia-se em três seções: unidades de propaganda de combate, que avançavam com as tropas de primeira linha; unidades de ocupação, que operavam nos territórios recentemente tomados; e unidades da base, que coordenavam o esforço de propaganda do Quartel-General das Forças Aliadas, com os de Londres e de Washington.

Eis um exemplo típico de como operava esta organização: John Whitaker, anteriormente conhecido em todo o país como correspondente de imprensa no exterior, entrou em Palermo à frente de uma unidade militar de propaganda, e imediatamente se apoderou da estação rádio-transmissora e das oficinas tipográficas dos jornais. Em seguida telegrafou à Repartição de Psicologia Militar, pedindo uma unidade de ocupação. Dentro de poucos dias o rádio transmitia notícias imparciais ao povo italiano, enquanto o jornal *Sicilia Libertata* fornecia aos sicilianos as primeiras verdades que eles terão lido nos últimos vinte anos.

Os primeiros tempos da RPM foram dificeis. A organização de Hazeltine acabava de completar-se, quando a campanha da Tunísia se encontrava na fase crítica, de modo que ninguem então prestava atenção à sua propaganda. Tinha que arranjar dinheiro e materiais onde lhe fosse possivel, e assim imprimiu uma quantidade de folhas volantes. Mas os pilotos não queriam levá-las; e as patrulhas de infantaria detestavam a idéia de ir lançá-las para trás das linhas inimigas. Um capitão inglês, chamado O'Neil, descobriu a maneira (aliás já conhecida) de encher uma granada de canhão com folhas impressas, e pôr-lhe pólvora bastante para a fazer rebentar sem queimar o papel. E a artilharia não queria disparar o que se lhes afigurava serem apenas «tiros de pólvora seca».

Mas os oficiais da RPM pacientemente insistiam com os generais, chamando-os à razão. Conseguiram que fossem lançadas mais folhas cada semana, até que finalmente começou a ver-se o resultado. Os italianos entravam a render-se aos centos, trazendo cada um na mão uma delas como salvo-conduto. Ao contar isto, Hazeltine sorria: «Um dia apareceram dois italianos com as suas folhas, dizendo que havia uns sessenta, mas receavam vir por não terem «bilhetes». Mandamos gente nossa buscá-los. Outra vez veio um italiano pedir outro «bilhete», e correu a levá-lo a um irmão que depois veio com ele. Contam-me que, nos

últimos dias de combate, na Tunísia, os árabes tinham um verdadeiro mercado clandestino destas folhas, vendendo-as como «bilhetes de rendição», tanto aos alemães como aos italianos».

Um capitão alemão, feito prisioneiro, diz-se ter declarado aos oficiais do Serviço de Informação: «Esta propaganda é de efeitos desastrosos. Depois de ler uma dessas pequenas *Flugblätter* (folhas volantes), fica-se convencido da verdade, e de que o nosso governo nos mente. Quase fui levado a fazer saltar os miolos. Era quase impossivel impedir que os meus homens as lessem, porque havia delas por toda a parte.»

Só então, como não podia deixar de ser, os generais combatentes deram por isso. Foi um grande dia na vida de Hazeltine, aquele em que o General George S. Patton, comandante do 2.º Corpo, ordenou que tambem fossem lançados panfletos na frente ocupada pelas suas tropas.

Quando a Aviação Militar do Noroeste Africano decidiu bombardear objetivos estratégicos em Roma, o General Spaatz fez lançar alguns milhares de folhas sobre a cidade, para avisar os habitantes. A RPM tambem se serviu do rádio para enfraquecer o desejo de resistência do inimigo, e o poder desta arma invisivel foi demonstrado pouco depois, por uma mudança surpreendente na atitude dos prisioneiros alemães. Os que tinham sido aprisionados na Tunísia estavam ainda cheios das fantasias do dr. Goebels. Um disse: «Agora que o Japão invadiu a Sibéria, a Rússia será liquidada este ano, e para o ano que vem nós bateremos a América e a Inglaterra.» Outro acrescentou: «Tomara que me embarquem para a América. Gostava de ver que tal parece Nova York, agora que os japoneses a arrazaram.» Ainda estavam todos muito arrogantes.

Mas na Sicília os prisioneiros alemães apresentavam-se sombrios e desanimados. Sabiam que a ofensiva alemã na Rússia tinha fracassado. Sabiam que se tinha perdido a Sicília e que o mesmo ia acontecer à Italia. Alguns oficiais admitiram que a Alemanha já não podia ter esperanças de ganhar a guerra. Provinham estes principalmente das reservas do sul da França, que fora bombardeada durante 14 horas por dia... pelo rádio da RPM. Como tantos veículos alemães têm rádio, era impossivel evitar que estas emissões fossem escutadas.

Estas estações de rádio da RPM se transformavam em verdadeira artilharia de sítio, disparando em italiano, alemão e francês. A palavra de ordem era «façam rádio-emissões simples, e digam só a verdade; se os alemães puderem apontar uma só mentira nossa, perderemos todo o valor.»

O rádio «disparava» incessantemente sobre a Itália, e não há duvida que a nossa palavra chegou ao povo italiano. Eisenhower usou o rádio para anunciar aos italianos o armistício com a Itália. Mais tarde a RPM difundia instruções aos italianos sobre a maneira de danificar as comunicações alemãs, instruções que foram cumpridas à risca.

«Nós começamos por tocar ao de leve num assunto de que sabíamos muito pouco,» diz C. D. Jackson, funcionário civil da RPM. «Mas agora há elementos suficientes para demonstrar que uma propaganda honesta é tão destruidora como um bombardeio de avião. E estamos salvando muitas vidas de soldados americanos, porque cada inimigo que se entrega com uma folha das nossas nas mãos, é um homem de menos nas trincheiras, a atirar contra a gente.»

ASSUNTOS de CONVERSA

Registo fonográfico em fios

(Da Fortune)

¶ Depois da guerra, a indústria dos discos fonográficos, que chegou a vender 110 milhões de discos em 1941, terá que sofrer a competição de um novo método de gravação sonora, obtido por meio de ondas magnéticas através de fios ou fitas.

O princípio desse novo sistema de gravação de sons foi descoberto por um físico dinamarquês da geração passada, Valdemar Poulsen. Aperfeiçoada nos laboratórios de pesquisas dos Estados Unidos, a gravação magnética está sendo agora utilizada nas forças armadas. O processo consiste em usar um fio, da espessura de um cabelo, que se move entre os polos de um eletro-magneto, a uma velocidade mais ou menos de oito centímetros por segundo. O eletro-magneto é ligado a um microfone. A corrente alterna induzida no fio magnetiza-o de acordo com a variação das ondas sonoras. Para se ouvir a gravação, o fio magnetizado é passado através de outro magneto, ligado a um amplificador e a um alto-falante. Como o contacto mecânico entre o fio e o magneto se limita a uma área sumamente reduzida, o ruido consequente é insignificante e o fio quase não se gasta. (Podem ser ouvidas gravações de qualquer duração, sem interrupções aborrecidas como acontece com a mudança de discos.) Quando a gravação se torna imprestavel, pode ser eliminada magneticamente, ficando o fio apto para novo uso.

Depois da guerra serão produzidos aparelhos domésticos, que permitirão a gravação de programas radiofônicos. O método poderá tambem ser empregado para gravar conversações telefônicas. No exército dos Estados Unidos, o novo processo de gravação sonora está sendo atualmente usado, entre outras finalidades, para registar as observações dos pilotos em vôos de prova ou de operações regulares.

Ou bebê ou emprego

(Woman's Home Companion)

Por Gretta Palmer

¶ A gravidez é hoje na América o problema capital da higiene industrial. Dos 20 milhões de mulheres que trabalham, quase todas estão em idade de ter filhos, e mais de metade delas são casadas. O resultado é exatamente o que fora de esperar: elevado absenteismo operário, índice crescente de abortos, e sérios prejuizos para a saude em geral.

Uma das grandes empresas que têm fábricas em diversas regiões do país, chegou à conclusão de que, em qualquer momento, se nota a ausência de uma sexta parte das mulheres casadas, ou porque acabam de dar à luz, ou porque estão prestes a fazê-lo, ou porque sofreram um aborto. Essa empresa não é das que desaconselham a maternidade. Há muitas fábricas onde se despede a operária assim que se

descobre que está grávida, de maneira que ela fica diante deste trágico dilema: ou bebê—ou emprego! Resultado, a mulher esconde o seu estado enquanto pode, continuando a trabalhar, ou recorre às práticas abortivas.

O dr. Morris Fishbein calculou que o mal dos abortos tem aumentado entre 20 a 40 por cento durante esta guerra. Vinte e cinco por cento dos casos de gravidez entre as operárias que trabalham em uma das maiores fábricas de material de guerra dos Estados Unidos, terminam em aborto, segundo a opinião do próprio médico da fábrica. Em muitas das cidades onde se encontram as indústrias de guerra, corre já uma locução de gíria para o aborto: «três dias de ausência». Alguns industriais animam as mulheres a dar parte da gravidez com suficiente brevidade, asseguram-lhes cuidados pre-natais, distribuem-lhes trabalhos mais leves, e dão-lhes férias para terem o parto, com a garantia de que o emprego lhes fica reservado. Em outras fábricas despedem as mulheres, sobretudo no receio de demandas judiciais. Imagine-se que uma mulher sofre um acidente que resulta num nati-morto; a que indenização terá direito? Ninguem o sabe.

Mas o problema da gravidez entre as operárias industriais está, enfim, recebendo a atenção de que carecia. Patrões, agentes do serviço social, membros da faculdade, todos o estão estudando, e fazendo esforços para formular uma orientação esclarecida.

Onze filhos na guerra

(Da Collier's)

Por William F. McDermott

¶ É costume, nos Estados Unidos, suspender à janela das residências um pequeno pendão de seda, contando tantas estrelas quantos membros da família se acham nas forças armadas da nação. Mrs. Frances Evans Dyke, de Chicago, tem um com onze estrelas, representando onze de seus filhos, —e consta que o seu recorde nunca foi ultrapassado, em toda a história dos Estados Unidos. Os três filhos mais velhos, gêmeos de 29 anos, estão na aviação do Sul do Pacífico; dois gêmeos de 28 anos, e mais dois gêmeos de 26, são fuzileiros navais; dois gêmeos de 24 anos estão no exército; e, finalmente, os dois mais moços, de 21 e 19 anos, estão, respectivamente, no exército e na marinha. Todos são filhos do seu primeiro casamento com Joseph Evans, já falecido, veterano da guerra mundial passada. Há sete anos ela se casou novamente, com um Dyke, tendo desse segundo matrimônio mais quatro filhos, o último dos quais nasceu no verão de 1943.

«Deve parecer incrivel, ou mesmo terrivel, a muita gente,—diz Mrs. Dyke—ter tantos filhos homens, como eu tenho; mas para mim é uma grande alegria. Gostaria de ter uma filha ou duas, para variar, mas os rapazes me têm feito sempre muito feliz. Realmente, eu me casei muito jovem, mas com franqueza não me arrependo.»

Casou-se aos treze anos com um mineiro de 25 anos, que veio a morrer de um acidente quando ela contava 25; viuva e sem recursos, obteve traba-

lho em um hospital, como servente, conseguindo assim manter a família. Os filhos começaram a ajudar logo que puderam encontrar pequenos empregos, mas quase todos, por insistência da mãe, terminaram o curso secundário.

Todas as noites, a senhora Dyke ora pelos seus onze filhos que estão na guerra. «Não rezo para que não lhes aconteça nada,—diz ela—mas peço a Deus que eles sejam verdadeiros combatentes, soldados ou marinheiros, dignos de ombrear com o que fez o pai na primeira Guerra Mundial.»

Sementes para o «front»

(The New York Times Magazine)

Por Millard C. Faught

¶ Os Estados Unidos já enviaram para as frentes aliadas de alem mar, por via aérea e marítima, uns cincoenta milhões de quilos de legumes e sementes, para produzir mantimentos onde quer que haja maior necessidade deles, muitas vezes logo à retaguarda das linhas de combate.

O método empregado é simples: um avião pode transportar sementes em quantidade suficiente para produzir milhares de toneladas de legumes.

Quanto mais depressa os nazistas vão sendo expulsos da Rússia, tanto mais sementes os russos solicitam. Alem das grandes quantidades de suprimentos feitos aos russos, sob o regime de arrendamento e empréstimo, os civís norte-americanos têm contribuido com mais de três milhões de pequenos sacos de sementes, de todos os gêneros, distribuidos por intermédio da Sociedade de Auxílio de Guerra aos Russos. Foram plantados «Jardins da Vitória» mesmo entre as ruinas de Stalingrado e Leningrado.

O primeiro grande carregamento de sementes, enviado por via marítima, já foi plantado na África do Norte, como complemento dos suprimentos de emergência enviados por via aérea.

Na África Equatorial e Ocidental, milhares de refugiados, de prisioneiros italianos e soldados das guarnições britânicas estão colhendo, no local em que se encontram, grandes quantidades de vegetais produzidos com sementes dos Estados Unidos. Mas é nas Ilhas Britânicas que as sementes norte-americanas vêm prestando os melhores serviços. Os ingleses têm cultivado cerca de quatro milhões de hectares de novas terras—o que constitue um aumento de 66 por cento da área de cultivo. No ano passado, foram enviadas a esses impávidos agricultores (30 por cento dos quais tiveram que passar em claro as noites, na época das colheitas, para defender os campos e celeiros dos incêndios que o inimigo produziu) quinze milhões de quilos de sementes. Em compensação, eles estão agora fornecendo legumes frescos às tropas americanas aquarteladas na Inglaterra.

Os contingentes de tropas norte-americanas, que chegaram à Austrália no outono de 1942, começaram imediatamente o plantio de vastas hortas. Foram plantados, de uma só vez, 66.000 quilos de sementes, enviadas para a Austrália com a maquinaria agrícola necessária. Este ano, os soldados norte-americanos da guarnição da Islândia dispuseram de sementes bastantes para

cultivar Jardins da Vitória, aproveitando os longos dias de sol do verão ártico.

Apesar das enormes exigências de ordem militar e civil nos Estados Unidos, estão sendo armazenados imensos estoques de sementes para o replantio das áreas da Europa atualmente ocupadas, quando chegar o primeiro verão depois da paz.

Antes de 1939, os Estados Unidos eram grandes importadores de sementes da Holanda, da Alemanha, da Polônia e dos paises balcânicos. Mas, dentro do período somente de duas épocas de colheita, os agricultores norte-americanos puderam suprir o Departamento de Distribuição de Alimentos com 35 milhões de quilos de sementes de centenas de espécies diferentes, até os fins do ano passado.

A história do plantio de sementes é profética. Poucos crimes perdurarão mais na memória dos povos conquistados da Europa do que o roubo das pequenas provisões de sementes guardadas pelos camponeses europeus em suas quintas e fazendolas. De Calais a Rostov, eles jamais esquecerão tal crime.

...O *nariz onde não é chamado*

¶ Das oito invenções que o dr. C. M. A. Stine chamou de «marcos miliários do progresso ferroviário», nenhuma foi obra de homens que tivessem por ofício a estrada de ferro.

Morse, que inventou o telégrafo, era um artista. Pullman era construtor de pavimentos em Chicago, e foi com relutância que as estradas de ferro adotaram a sua idéia do carro-dormitório. Eli H. Janney, que tirou patente do primeiro engate automático de vagões, era caixeiro num armazem de secos e molhados. O sistema automático de sinalização é obra de um industrial textil reformado, Thomas S. Hall. Westinghouse era um simples carpinteiro mecânico quando inventou, aos 23 anos, o freio de ar. Foi um médico quem inventou os vestíbulos em fole para passagem de carro para carro, acabando com as plataformas abertas dos trens. O vagão frigorífico foi em grande parte criado pelos exportadores de produtos alimentícios. E a primeira locomotiva elétrica foi projetada por Moses G. Farmer, mestre-escola...

Kettering, chefe do departamento de pesquisas da General Motors, e hoje um dos maiores inventores dos Estados Unidos, afirma com efeito que «homem algum jamais inventa seja o que for no campo em que se sente treinado—porque conhece demasiado os obstáculos respectivos. Só num domínio onde a sua ignorância o leva a crer tudo possivel, é que *alguma coisa é possivel* fazer...» Assim o prega Kettering que, por sinal, ajudou a inventar a «máquina da febre», hoje empregada pelos médicos no tratamento da pneumonia, da paralisia geral e da dansa de S. Guido. Assim, leitor amigo, continue a não meter o nariz onde não é chamado, se o quer: mas na certeza de que, fazendo-o, talvez a humanidade não tenha muito que agradecer-lhe, nem dentro nem fora da sua especialidade....

—*Ladies' Home Journal*

Tio Sam, o homem da roupa velha

(Condensado do «This Week Magazine»)

Por Richard Osk

As roupas de segunda mão, para os árabes, têm praça nos navios, mesmo em tempo de guerra.

MUITOS soldados norte-americanos, caminhando pelas ruas de Casablanca ou de Tunis, ficam consideravelmente surpreendidos, ao encontrarem os naturais vestidos com paletós que lhes recordam os seus próprios trajes velhos, deixados em casa. E é bem possivel que sejam exatamente os seus paletós.

De todos os cantos dos Estados Unidos, chegam diariamente toneladas de roupas velhas à rua Elisabeth, em Manhattan, de onde, sob os auspícios do *Foreign Relief and Rehabilitation*, são enviadas para o exterior. O governo norte-americano considera tão importante o envio de roupas quanto o de suprimentos médicos e alimentícios, e fornece, para esse fim, um precioso espaço nos navios.

Toda roupa usavel, seja surrada ou rota, é comprada a peso. Em seguida, é limpa e separada segundo os diversos pontos de destino. As calças ficam nos Estados Unidos, onde são vendidas para traje de trabalho. O maior volume de exportação consiste em paletós, que os maometanos usam por cima dos seus *dhotis*, túnicas longas de algodão que recordam as antigas camisas de dormir. Os casacos são abrigos próprios para as frias noites africanas, dando alem disso uma nota de elegância. Os casacos ainda intactos e com pouco uso são artigos de luxo, vendidos a um e dois dólares, no Médio Oriente, na Síria, na Palestina, no Iraque, no norte da África e no Egito. Os casacos mais velhos, com os bolsos rotos e as mangas poidas, valem 50 ou 75 centavos. Considera-se geralmente, no negócio de roupas, que um homem paga o salário de uma semana por um traje, e os distantes fregueses da rua Elisabeth ganham de um a três dólares por semana.

Os casacos femininos, depois de ligeiras alterações, são tambem enviados para o estrangeiro, e usados pelos índios e árabes, que nem sabem nem se importam que tais casacos tenham sido feitos para mulheres. Quanto às mulheres do Médio Oriente, elas não compram essas roupas de segunda mão: conservam os seus trajes típicos.

Embora o lucro por peça, seja de alguns centavos somente, o negócio de roupas usadas é enorme. Uma firma da rua Elisabeth emprega 200 pessoas, tendo feito um movimento de um milhão de dólares no ano passado. Os funcionários do *Foreign Relief* declaram que o governo tambem obtem um pequeno lucro no negócio da roupa velha.

●

¶ A cólera é um vento que apaga a luz da razão.

Robert Ingersoll

Pode adquirir-se personalidade?

Pelo dr. Henry C. Link

Diretor do Centro de Assistência Psicológica

A PERSONALIDADE tem sido considerada como «um certo quê», qualquer coisa indefinida que umas pessoas possuem e outras não. Agora, porem, ela se torna tão definida e aquilatavel como a inteligência devidamente cultivada. Descobrimos tambem que, seguindo-se certos métodos, a personalidade, se pode desenvolver da mesma forma que a inteligência.

O já conhecido Q.I., ou «quociente de inteligência», é a expressão da medida de inteligência exigida nas escolas —um teste em que o estudante expõe o que sabe sobre coisas e pessoas. O Q.P. ou «quociente de personalidade», é um novo sistema que determina como o indivíduo *age* em relação a coisas e pessoas. É uma norma de conceitos para pôr o indivíduo em harmonia com o meio em que vive. Por exemplo: os testes de personalidade aquí estudados, mostram que as crianças criadas com mais liberdade e em brincadeiras com outras, tendem a adquirir uma personalidade mais acentuada do que aquelas zelosamente vigiadas, às quais não se permitem misturar com companheiros travessos.

Esses testes mostram ainda que as crianças que tomam parte em jogos de competição tendem a desenvolver melhor personalidade do que aquelas que só de longe em longe se dão a esse passatempo, ou mesmo nunca o fazem. E demonstram ainda que a inteligência de um indivíduo pode apurar-se ao mesmo tempo que sua personalidade se deteriora.

Por personalidade geralmente se entende a influência e o interesse que umas pessoas são capazes de exercer e despertar em outras. Precisamos usar de influência ou despertar interesse para conseguir um emprego, obter aumento de salário, para fazer e conservar amigos. Nos negócios, na política, no amor, em sociedade, tanto a capacidade intelectual como o carater não exercem a máxima preponderância, se não forem completados e coadjuvados por uma dominante personalidade. Essa habilidade de influenciar outras pessoas depende de maneiras e qualidades adquiridas por meio de prática. Um rapaz desajeitado, que à força de persistência aprendeu a jogar tenis regularmente, adquiriu por conseguinte umas tantas qualidades pessoais que lhe permitem exercer influência sobre outros jovens.

Nem tenis, nem a prática de outros esportes e habilidades criam uma brilhante personalidade; mas o aperfeiçoamento de um variado grupo de qualidades ou aptidões, é importante para o efeito. O objeto dos testes de personalidade é justamente determinar quais as qualidades necessárias ao indivíduo, em que grau as possue, ou as está adquirindo.

Há quatro anos que meus associados e eu vimos aperfeiçoando este teste. Ele foi experimentado numa média de dois mil jovens—rapazes e moças—em escolas secundárias, jovens no transcurso da adolescência, quando novas tendências e hábitos, em relação ao sexo oposto, se estão manifestando.

O teste consiste em duzentos itens em forma de questionário, cada um dos quais representando um hábito, ou um grupo de hábitos ou atitudes. As per-

guntas são tão interessantes, que muitas vezes a criança como que se esquece de si mesma, absorta na tarefa de responder ao teste nos 20 minutos estipulados para isso. Essas perguntas versam de preferência assuntos correntes, em vez de opiniões, e as respostas fornecidas pelos examinandos podem ser discutidas com os pais e professores, quando for necessário.

Entre os hábitos considerados como dos mais importantes, estão aqueles que requerem esforço físico. Todos os jogos e esportes que as crianças aprendem a praticar em grupo são de grande valor. O uso completo e cotidiano das energias físicas parece ser um dos fatores básicos no desenvolvimento da personalidade. Assim, as crianças acostumadas a se deitar a horas certas e a adormecer rapidamente, tendem a adquirir melhor personalidade, do que aquelas que vão dormir a horas irregulares e ficam deitadas por longo tempo a pensar sem poder conciliar o sono. Tambem as crianças que lêem em demasia, privando-se dessa forma de exercícios e folguedos com outras crianças, e não demonstram especial tendência ao desenvolvimento de aptidões artísticas, como, por exemplo, a música,—têm provavelmente um baixo quociente de personalidade.

O hábito de relembrar e repetir boas histórias, incentivar apresentações sociais, entreter-se em grupos de amigos, ao invés de restringir-se a um só, mostrar-se cortês com as pessoas, evitar exprimir-se com azedume sobre outrem, ampliar seus círculos de amizades, auxiliar comitês, frequentar clubes escolares, associações de escoteiros, centros musicais, literários, etc., são hábitos que contribuem para um mais alto grau de personalidade.

Uma pessoa pode ter muitas dessas qualidades em relação àquelas do seu próprio sexo, mas não em comparação ao sexo oposto. Isto significa que a sua personalidade é apreciavel num campo de ação restrito a um mesmo sexo. As crianças que aprenderam a dansar, que vão a festas familiares, que vão à escola por vezes acompanhadas por colegas do sexo oposto, que tomam interesse em todas as atividades escolares,—têm uma porcentagem de personalidade mais elevada do que as que agem de maneira inversa. Muitos meninos com essas caraterísticas foram observados entre aqueles que fazem serviços domésticos, ou qualquer outro trabalho que lhes permita ganhar dinheiro, muitas vezes para custear essas mesmas atividades sociais.

As crianças que trabalham e ganham algo para os seus gastos, alcançam nos testes melhores classificações do que as que recebem dinheiro dos pais sem fazerem nenhum esforço. A independência econômica é sem dúvida um dos mais importantes fatores no desenvolvimento da personalidade e da felicidade; daí talvez o fato de as crianças pedintes terem tão baixo nivel de personalidade.

No decorrer dos testes, sejam quais forem as qualidades que as crianças revelem, parece haver sempre um resultado comum, a saber: as crianças que fazem sempre só o que lhes agrada, e como e quando querem, demonstram um baixo «quantum» de personalidade; ao invés, aquelas que fazem o que não lhes apraz, mas realizam essas coisas porque sabem que são necessárias e do seu dever, atingem classificação mais alta. Por exemplo, elas se mostram gentís com pessoas de quem não gostam, auxiliam comitês ainda que aí se sintam constrangidas, esforçam-se competindo em jogos mesmo quando sem grande habilidade para tal, desempenham serviços domésticos mesmo quando estes são contra a sua inclinação, etc., e são essas que revelam maior quantidade de hábitos e aptidões. Em última análise, elas conseguiram divertir-se, ou empregar o tempo entre um maior grupo de pessoas, em comparação com as outras, que apenas fizeram o que lhes apeteceu.

As crianças com baixo quociente de personalidade manifestam estes sintomas: sentem-se sempre cansadas e sem vontade de fazer coisa alguma. Se pouco fazem, ainda menos querem fazer. Costumam dizer: «Eu não posso fazer isto,» ou «eu não sou capaz de fazer tal,» desistindo facilmente de desempenhar uma atividade em que poderiam especializar-se, adquirir prática. Essas crianças tornam-se coléricas quando as coisas não lhes agradam; interrompem comumente a conversação dos outros; criticam, porem não gostam de ser criticadas; são em suma crianças muito mimadas, que tudo encontram sempre à mão, e nunca tiveram o ensejo de iniciativas próprias.

Considerados estes fatos, os evidentes resultados gerais destes testes de personalidade são facilmente compreendidos. Assim é que as personalidades de muitos estudantes da classe 12ª, que tinham portanto mais 5 anos de idade e 5 anos de estudo, não eram mais desenvolvidas do que as dos alunos da classe 8ª. Enquanto as personalidades de alguns se apuraram, as de outros entraram em declínio. Estes últimos adquiriram mais erudição livresca, mas as suas caraterísticas de influenciar outras pessoas diminuiram.

Outros psicólogos que estudaram estes mesmos problemas, encontraram idênticos resultados. Um deles fez um estudo entre 110.000 pessoas que viviam de socorros do governo, afim de encontrar a relação da facilidade de encontrar emprego, com o preparo dos indivíduos. Exceto em alguns ramos e especialidades, não apurou diferença na média de emprego entre as pessoas com alguns anos de instrução secundária e aquelas portadoras de diplomas universitários.

Alguma coisa mais do que simples educação devia prevalecer como importante fator. Testes de personalidade e inteligência, que em outro estudo abarcaram 10.000 adultos, mostraram não haver conexão entre o que está generalizado como inteligência, e a personalidade; ou entre o cabedal de cultura e a personalidade.

No ano passado, um grupo de psicólogos publicou os resultados apurados num exhaustivo estudo dos fatores que se relacionam com o êxito no casamento. Foram distribuidos questionários de teste a 462 casais. A média de personalidade mais alta foi significativamente maior entre os casais felizes, do que a dos casais divorciados ou infelizes no matrimônio.

A compreensão e o cotejo da personalidade constituem um novo e dos mais promissores estudos da psicologia. Ainda que longe de serem perfeitos, os testes ora existentes dão resultados, altamente uniformes, e estes são quase sempre negativos em correlação com os resultados geralmente obtidos dos testes de inteligência.

A solução deste paradoxo—uma inteligência que se desenvolve em face de uma personalidade que retrograda ou estaciona—é dos problemas que mais preocupam o presente sistema de educação. E do seu esclarecimento vem a depender a felicidade de todos nós.

Ele humanizou a penitenciária

Por

Frank J. Taylor

Sob a direção do filho de um antigo guarda de prisão, a Penitenciária de San Quentin, de trágicas tradições, tornou-se um estabelecimento penal modelar.

NUNCA mais recairão meus olhos sobre a paisagem de um jardim, sem que à mente me acorra a lembrança de outro, cuja beleza e aroma adornam um local fora do comum. Esse vasto tapete de flores—cobrindo cerca de dois alqueires de terra—é o que à primeira vista se depara a homens a quem um infeliz destino conduziu através do grande portão de ferro da Penitenciária de San Quentin, situada à margem da grande baía de São Francisco, na Califórnia.

Tive ocasião de ver o jardim daquele famoso estabelecimento penal, quando lá fui visitar o homem que, com superior senso de orientação, firmeza e humanidade, transformou por completo o regime do grande cárcere. Chama-se ele Clinton Duffy, e é hoje o Diretor da Cadeia de San Quentin.

Duffy declara-se «condenado perpétuo», voluntário, a viver na prisão que tão habilmente dirige. Filho de um guarda de penitenciária, nasceu numa casa situada adentro do recinto murado de um presídio. Muitos foram os condenados que, por seu bom comportamento, grangearam o privilégio de prestar serviços na casa e jardim dos pais de Duffy; muitos velaram por ele durante os dias da sua infância, daí brotando o afeto que lhes vota.

Outra companhia que teve durante a meninice foi a pequena Gladys Carpenter, filha do Chefe dos Guardas da cadeia. Dessa amizade de crianças, germinada entre as muralhas de uma prisão, nasceu o amor que mais tarde os levou ao altar, em matrimônio fadado a constante felicidade.

Ao atingir a maioridade, Clint Duffy conseguiu emprego como amanuense na secretaria da prisão. Um dia, em 1935, acorreu um fiel à secretaria avisando ter rebentado grave desordem entre os presos, na residência do diretor. Haviam sido mortos dois dos amotinados; e dois outros foram depois condenados à morte. Cenas destas se tornavam frequentes em San Quentin, cuja vida era assinalada por longo rosário de motins, assassínios, fugas, assaltos e insubordinações. Era a Penitenciária de peor fama em toda a América.

Enquanto desempenhou as funções de amanuense, faltara a Clinton Duffy a autoridade para pôr termo aos terríveis abusos e crueldades—origem dos rancores e do ambiente de ódio que pairavam sobre a Penitenciária. A seu modo de ver, porem, havia remédio para tal estado de coisas. A situação agravara-se após a sangrenta revolta dos presos em 1935; os conflitos entre os cinco mil condenados sucediam-se uns aos outros, as celas de isolamento achavam-se constantemente ocupadas por presos castigados, e os guardas viam-se obrigados a fazer fogo constantemente afim de subjugar os movimentos rebeldes.

Finalmente, quando parecia não haver maneira de remediar o caos reinante na Penitenciária, teve-se que demitir em bloco a respectiva Comissão Administrativa.

Em junho de 1940 foi Duffy convocado à presença da nova Comissão Administrativa. Contando nessa altura 42 anos de idade e sendo pessoa pacata e modesta, calculou ele que chegara a hora de perder o emprego. Em vez disso, porem, ordenaram-lhe que assumisse interinamente, durante trinta dias, a direção do presídio, até que fosse nomeado o Diretor efetivo.

Viu-se ele assim, inesperadamente, guindado à Diretoria interina da mais indisciplinada, difícil, e perigosa das penitenciárias dos Estados Unidos. Mas, embora curto o prazo que em regime de interinidade lhe havia sido proporcionado, convencera-se de que seria o suficiente para dar cabo dos excessos, das torturas inquisitoriais, das brutalidades sem nome que caraterizavam o tratamento até então alí dispensado aos presos.

Conhecia a Penitenciária como a palma das mãos. Sabia quais os guardas que se destacavam pela crueldade e injustiça no tratamento dos sentenciados; sabia dos castigos corporais a estes infligidos, entre outros o do círculo amarelo desenhado junto às celas de isolamento e nos quais os infelizes eram obrigados a permanecer de pé e imoveis, horas a fio, sendo chicoteados a borracha no caso de se mexerem.

Demitiu imediatamente os guardas de reconhecida selvajaria. Em seguida chamou à sua presença todos os demais, e fez-lhes ver, de maneira clara, o que deles exigia na conduta para com os presos. Que cessasse imediatamente toda espécie de maus tratos aos condenados.

O novo diretor interino resolvera, embora a sua administração não durasse mais de 30 dias, que pelo menos durante este prazo a Penitenciária de San Quentin haveria de funcionar sob normas de justiça e humanidade.

A notícia propalou-se de boca em boca por toda a cadeia, provocando sensação. «O jovem Duffy,» comentavam os presos, «é um *bonaru...*» O que, na gíria presidiária, quer dizer «bom tipo».

Duffy acabou com as solitárias. Os números enormes com que cada preso era identificado nas costas do uniforme, foram substituidos por pequenos números do tamanho de monogramas nos bolsos das camisas. E o que a todos mais surpreendeu, foi o fato de que o novo diretor interino passara a transitar livremente entre os presos, desacompanhado de qualquer guarda, acontecimento sem precedentes na história de San Quentin.

E assim se esgotaram os trinta dias. Impressionada com a transformação realizada por Duffy, a Comissão Executiva confiou-lhe a chefia da penitenciária por mais seis meses.

Cada vez mais se acentuava a evidência da profunda remodelação por que passava o presídio. Haviam desaparecido o rancor surdo, as crueldades e os constantes motins, manifestando-se ago-

ra, em seu lugar, um espírito de compreensão, justiça e humanidade para com os presos, até então alí inteiramente desconhecido.

Duffy, o pacato, modesto e sincero missionário, realizara um milagre. E ao seu espírito de correção e bondade logo corresponderam os presos, solicitando espontaneamente, numa petição assinada por nada menos de dois mil e quinhentos, fosse ele efetivado no cargo que tão bem desempenhava.

Antes mesmo de ter expirado a primeira metade do semestre, verificava-se a nomeação para a qual tão empenhadamente o recomendavam aqueles sobre quem se exercia a sua autoridade. A nomeação é por quatro anos. Bastaram os três primeiros, e a mais desconceituada prisão dos Estados Unidos transformou-se em penitenciária modelar. Tive ocasião de ouvir de Duffy a sua filosofia do crime e da punição. «Meu filho tem 21 anos,» disse ele «e jamais foi castigado corporalmente. Desde a mais tenra idade, castigamo-lo quando foi preciso, privando-o somente de seus pequenos prazeres. A regra, tão simples, de recompensar o bem e reprimir o mal, por tal processo, foi a única inovação que introduzí aquí em San Quentin. Acabei com todos os castigos corporais; conseguí a disciplina que existe hoje entre os presos, exclusivamente pelo método de os privar, se procedem mal, de vários privilégios de que gozam quando têm boa conduta. Por exemplo, se algum dos presos comete uma falta, deixará de ter por uns dias, na sua cela, o receptor de rádio que há em todas. Ao mesmo tempo, procuramos demonstrar-lhe o caminho certo, sugerindo-lhe hábitos corretos que deva ele concientemente adotar.»

«Cumpre notar que não administramos San Quentin como se isto fosse uma estância de recreio. Ninguem é amimado aquí; tratamos os presos com firmeza, porem sempre tendo em vista que cada um deles é um indivíduo, e tem os seus problemas, criaturas humanas que são, como nós.»

Acompanhei o diretor numa das suas inspeções gerais. Fomos sós, desacompanhados de qualquer guarda, pondonos em contacto livremente com milhares de homens que a sociedade cá fora classificara como criminosos da peor espécie, mas que, evidentemente, mostravam toda a consideração por Duffy. Este conhecia quase todos pessoalmente, e tratava muitos pelo seu primeiro nome. Dúzias deles se acercaram de nós para lhe falar.

Num grande pátio de recreio achava-se instalado um receptáculo para consultas escritas pelos presos. O diretor dá-lhes resposta a todas, através da rádio-emissora da Penitenciária, uma vez por semana. «Se alguma coisa existe em San Quentin que lhes parece possa ser remediada, sejam francos e digam-me. Entre nós não há segredos,» diz ele aos sentenciados.

Os presos elegem delegados, que se reunem todos os sábados, afim de fazerem qualquer recomendação que julguem necessária. Alem disso, qualquer sentenciado que deseje fazê-lo, pode sempre falar ao diretor, bastando para tal apresentar-se no seu gabinete, onde, inteiramente livre de qualquer vigilância, se entenderá diretamente com ele, sentando-se do lado oposto à sua secretária, e falando-lhe face a face, como o faria qualquer outra pessoa.

Um antigo condenado a quem encontramos no caminho, trazia um sorriso estampado no rosto. Acenando-nos com um bilhete azul, mostrava-nos o seu passe de saida final da prisão. Concluia a pena no dia seguinte, e que alegria lhe ia na alma! Enquanto esteve recluso, aprendera na Oficina de Artes e Ofícios da Penitenciária a soldar por eletricidade. Agora, dirigindo-se a Duffy, dizia-lhe: «Imagine o senhor que em breve estarei ganhando um dolar e quarenta centavos por hora de trabalho!»

Realmente é digna de imaginar-se a sensação de um desherdado da sorte, rebutalho da sociedade, ao ver-se transformado num operário competente e apto a readquirir a sua dignidade.

Todo preso que, ao terminar a pena, sai da Penitenciária, não somente se acha habilitado a exercer uma profissão, mas pode tambem contar com emprego certo. A guerra proporcionou empregos de toda sorte. Mal haviam chegado as primeiras notícias dos ataques dos japoneses a Pearl Harbor, logo os presos manifestaram o seu empenho em prestar qualquer auxílio, empenho que traduziram em notavel produção de muitos artefactos. Por isto, foi pelo governo conferida à penitenciária a nova insígnia por serviços à nação.

Nada menos de mil e duzentos dos presos de San Quentin contribuiram voluntariamente com seu sangue para os hospitais militares; com grande parte do dinheiro que de fora lhes é enviado para cigarros e gastos idênticos, compraram mais de 300.000 dólares em títulos de guerra; durante o verão passado, prepararam oito milhões de folhetos de racionamento para expedição pelo correio, e conquanto cada folheto valesse bem cem dólares no mercado negro, os oito milhões foram expedidos sem o desvio de uma só página de selos.

Devo repetir que o diretor não é um sentimental, e não trata os presos com pieguices. Pelo contrário, determina-lhes a conquista, pelo trabalho, dos privilégios que estabeleceu. A cada novo preso que chega à Penitenciária, faz uma preleção pessoal, explicando-lhe os prós e os contras resultantes da boa ou má conduta na prisão; e descreve-lhe os castigos e recompensas.

Aos recem-chegados, começa por colocar nos trabalhos pesados, na fábrica de juta pertencente à Penitenciária. Daí vai-lhes permitindo o acesso às oficinas-escolas e às oficinas das indústrias para a guerra. A promoção final, e mais elevada, é a que os leva aos serviços de colheitas, reflorestamento ou construções de estradas, em turmas fora da Penitenciária, e em campos sem cordões de guardas. É em trabalhos nestas condições que os presos cumprem o último semestre da pena, antes de serem postos em liberdade condicional. Durante as colheitas do verão passado, a escassez de mão de obra foi tanta, que aos presos de San Quentin se deve o aproveitamento de muitos gêneros agrícolas que doutra forma se teriam completamente perdido. Compreende-se pois o reconhecimento dos lavradores da região ao «pessoal do Duffy».

Para os presos diligentes e bem comportados foi criada a escola noturna de San Quentin. Quando esta se inaugurou, muitos céticos vaticinaram a fuga de presos, sob a suposição de que estes não resistiriam à tentação de saltar a muralha, ao abrigo da escuridão noturna. Pois nada disso ocorreu; e no dia em que lá estive, achavam-se matriculados na escola nada menos de 850 alunos, e outros 450 estudavam nas suas celas afim de se habilitarem à matrícula. A Penitenciária possue uma rádio-emissora própria, cujo programa, intitulado «San Quentin» atrai aos salões de emissão auditórios de 500 pessoas.

Foi já após a minha visita a San Quentin que me contaram um fato impressionante acerca do seu diretor. Este, aparecendo na câmara dos condenados à morte no dia de execuções, avisou os presos alí presentes que o capelão da Penitenciária se achava a caminho trazendo um projetor cinematográfico para que os condenados pudessem gozar a exibição duma fita que lhes agradaria. Os presos ficaram pasmos. Em breve, porem, chegava o capelão com os apetrechos. E alí, na ante-câmara da morte, reunidos, sentados e sem a presença de guardas, com os tristes condenados partilhou o diretor Duffy da calma manifestação do seu espírito humanitário para com aqueles que em breve iriam morrer.

Deste generoso gesto coube a um dos condenados presentes—Warren Cramer—fazer o comentário seguinte a um dos jornais de São Francisco:

«Tenho a certeza de que as almas de muitos dos antecessores do diretor Duffy se alvoroçaram nesta ocasião... e especialmente as daqueles que jamais se afoitaram a aproximar-se dos condenados sem virem rodeados de guardas armados de metralhadoras. Este homem de estatura meã e de palavras doces, comparece em toda parte, só e sem temor, certo de que a sua segurança resulta do afeto e respeito daqueles a quem ele preferiu tratar como entes humanos e não como bestas-feras. Dentro de pouco caber-me-á a vez de morrer, como o determinou a lei, e morrerei pela ordem do diretor Duffy. Não conheço ninguem a cujo mando eu preferisse morrer. Oxalá medrem e prosperem os homens bons como ele.»

E são esses, tambem, os meus votos. Que os homens da compostura moral do diretor Duffy merecem toda a nossa consideração e respeito.

Sim, mas não muito...

¶ Em uma das visitas de Mark Twain à Califórnia, um cidadão do estado, ansioso por provar as maravilhas do clima californiano, estava mostrando ao grande humorista o seu pretensioso jardim.

«Aquí, Mr. Clemens, o sr. vê o cipreste do Alasca crescendo ao lado da ameixeira do Natal. Esta *Acalyphe hispida* veio das Índias Orientais, e esta outra, aquí ao lado, é o dragoeiro das Canárias. Mais adiante, está um *lencadendron argênteo* da África do Sul. Mais alem ainda, o gingo da China. E aquí tem o sr. a rosa-chá inglesa. Como vê, plantas vindas dos mais diversos climas, todas crescem aquí na Califórnia, Mr. Clemens.»

Mark Twain inclinou-se sobre um canteiro, onde uma planta raquítica definhava:

«E', todas elas crescem aquí,» murmurou ele. «Mas algumas parecem contrariadas como o diabo!»

—Donald Culross Peattie

¶ *Os que encaram a morte em combate, sentem que Deus se aproxima e se torna mais íntimo*

No céu não há ateus

(Condensado da «Air Facts»)

Por Frederic Sondern, Jr.

Era o piloto do avião de bombardeio que descrevia seu regresso da missão. No preciso instante em que o avião pousava para a aterragem, produzira-se uma tremenda concussão. Um dos porta-bombas da asa deixara de lançar sua carga sobre o objetivo, e o projetil, que lá ficara despercebido, fora solto pelo choque da aterragem, explodindo na pista; o aparelho incendiara-se como um archote.

«Eu ainda estava consciente,» disse ele, «e tentei escapar-me pela pequena janela junto ao meu lugar. As chamas já me tocavam as costas e as pernas. Conseguí passar metade do corpo, mas a mochila do paraquedas impedia-me a saida. Voltei à cabina, e procurei libertar-me dele. Em vão. Meus dedos estavam entorpecidos. A última coisa de que me recordo é de ter gritado: Deus me ajude! Ao voltar a mim encontrei-me no solo, com o médico a meu lado. Até hoje ainda ninguem soube como conseguí passar pela janela.»

Hesitou um momento e acrescentou: «Evidentemente, a minha opinião é que o Senhor fez mais uma das suas...»

Sua afirmação foi feita com toda a seriedade, e os colegas que o ouviam inclinaram a cabeça em sinal de assentimento. Nenhum manifestou ceticismo. E na verdade os aviadores estão na sua maior parte convencidos de que Deus toma parte importante na solução das suas peores dificuldades.

Outro piloto de bombardeio foi bem explícito ao contar-me sua odisséia. «Quando a metralha anti-aérea nos atingiu», disse ele, «ambos os motores enguiçaram e começamos a descair para o mar. Pus-me a rezar e, até cair na água, não me recordo de mais nada. Eu ficara em más condições. Minha perna desaparecera do joelho para baixo, a água em volta estava tinta de sangue e sabia que a hemorragia me seria fatal dentro de poucos minutos. Nesta altura um objeto tocou meu corpo. Quer creiam quer não, era um pedaço do contraplacado com o pacote de curativo do avião. Arranquei rapidamente o torniquete e, com o auxílio do segundo-piloto, conseguí estancar a hemorragia. Outro avião lançou-nos um barco pneumático, e quatro horas mais tarde éramos recolhidos por uma lancha salva-vidas.

«Se o senhor não acha que isto é mila-

Frederic Sondern, Jr. formou-se em Harvard em 1932, e foi para a Europa como correspondente do Sindicato Jornalístico McClure. Depois de haver relatado durante cinco anos os acontecimentos da Alemanha e da Áustria, foi nomeado redator do Sindicato para os assuntos estrangeiros. Atualmente é redator errante do Reader's Digest, e está na África há cerca de sete meses.

gre, gostaria de saber o nome que lhe dará. Deus interveio no assunto, não há que ver.»

Mas eu conhecia seu estado de espírito. Um dia seguia como passageiro a bordo de um avião médio de bombardeio, sobrecarregado de abastecimentos e com mais três passageiros alem da tripulação, quando uma dúzia de Me-109 se lançou sobre nós. Era demasiado tarde para tentar qualquer coisa. A presa não era dificil. O metralhador do centro da fuselagem fez-me uma careta. «Creio que é o fim,» gritou no meio do ruido dos motores ao colocar as metralhadoras em linha. Mas eu não lhe prestava muita atenção. Tentava recordar como se rezava. Não o fazia há muito tempo—desde criança—mas o esforço era grande e acima de tudo sincero. Pareceu-me então que tambem os lábios do metralhador se moviam.

No último momento qualquer coisa deve ter assustado a esquadrilha alemã. Talvez seu combustivel fosse pouco para a aventura. Mas por essa ou outra razão, o fato é que deram subitamente meia volta e desapareceram. Eu e o metralhador tiramos então cigarros do bolso, e acendemo-los muito intencionalmente. Ele era um moço forte e muito eficiente. Durante algum tempo apenas fumamos. Finalmente perguntei-lhe se tinha rezado. «Por certo,» foi a resposta. E depois de outra fumaça: «A maior parte de nós faz o mesmo.»

O padre de cabelos grisalhos sorriu quando lhe contei a história. «Sim,» disse, «encontrará poucos ateus entre os nossos aviadores. Encarando a morte em combate eles sentem que Deus se aproxima e se torna mais íntimo. Ao chegar das escolas de treino, são frequentemente relutantes em ir à igreja. Parecem dominados pela idéia de que a devoção se não concilia com o heroismo. Mas a maior parte muda bem depressa. Venha amanhã à missa e verá se não tenho razão.»

Na manhã de domingo a igreja era uma rede de camuflagem sobre uma bateria anti-aérea. O altar era uma plataforma tosca, e a única música era o arfar ruidoso dos motores de aviões de caça que aqueciam no campo vizinho. Seria contudo dificil conceber um lugar que o fervor religioso dos devotos melhor consagrasse. Nos rostos duros e bronzeados dos homens, todos de joelhos, havia um ar de sinceridade que até findar a missa se não atenuou por um momento. Não era a cerimônia religiosa obrigatória que a maior parte dos soldados tanto detesta. Era, como o padre o tinha afirmado, um ato muito pessoal.

Mas os «moços» fazem mais do que ir à missa. Transportam suas crenças nos aparelhos, e levam-nas em suas missões. Num B-24, um dos aviões que realizara maior número de missões perigosas sobre a Itália, havia um navegador que antes de ingressar na aviação fora estudante de teologia; sua alcunha, como é de esperar, era o «Pároco». Quanto ao avião tinha tambem formalidades privativas. Ao aproximar-se da zona protegida pela artilharia anti-aérea, o piloto ordenava sempre: «Hora da missa... O.K. Pároco, vamos a isto.» E o Pároco rezava uma pequena oração.

Um dos tripulantes contou-me: «Alguns dos nossos camaradas costumavam troçar a este respeito, mas já verifiquei que deixaram de o fazer.»

Uma noite, no casino dos oficiais de uma esquadrilha de caça, ouví a conversa encaminhar-se para a religião. «Tudo quanto posso afirmar,» disse Scotty, unanimemente considerado o mais audacioso do grupo, «é que Deus

devia estar pensando em mim. Estava metralhando o terreno em vôo baixo, quando uma rajada anti-aérea atingiu o avião. Não conseguí levantar-lhe o nariz para subir; havia qualquer coisa nos comandos. Exclamei então:—Meu Deus, por favor mais esta vez!—Pois bem, creio que na verdade Ele decidiu dar-me mais essa oportunidade. Fosse como fosse logrei escapar, e hoje tenho o pressentimento de que Ele me acompanha. Eis uma idéia que é sempre reconfortante.»

«Sim,» disse outro jovem oficial cuja camisa ostentava duas ordens de fitas. «Se Lhe pedir com convicção, é surpreendente o que Ele fará por você.» O moço não parecia disposto a acrescentar muito mais em público, mas quando o grupo se separou pudemos conversar a sós. «Que quis você dizer com sua afirmação?» perguntei. Ao que ele retrucou: «Eu não gosto muito de falar do caso, mas uma vez que pretende saber, aquí vai a história.» E acomodou-se na cadeira.

«Nunca fui um tipo religioso; nunca tivera desejos de ir à igreja. Minha família aborreceu-se com isso durante certo tempo, mas provavelmente acabou por me considerar um caso perdido.

«Ao chegar aquí, comecei por passar maus pedaços. Assustava-me e desesperava-me com facilidade. Preocupava-me muito com minha mulher.

«Uma vez, ao verificar que realmente o combate ia ser duro, lembrei-me de uma coisa que meu pai me disera:—Meu filho, se você se vir um dia em dificuldades, recorra ao Senhor; Ele lhe ajudará.—Assim fiz, meu caro; e deu resultado. Manobrei melhor meu aparelho e atirei melhor; enfim, fiz tudo melhor—e isto de repente.

«Desde então recorro a Deus. É Ele quem cuida de minha mulher em casa. Agora estou certo disto, e minhas preocupações desapareceram. Foi tambem Ele quem afastou de mim o sentimento de desespero que habitualmente me invadia. Hoje sou cuidadoso, mas já não tenho medo. Ele tomará conta de mim até o fim.»

«E depois da guerra,» perguntei «parece-lhe que esquecerá?»

«Como poderei esquecer,» respondeu-me lentamente. «Ele é hoje e continuará sendo o meu melhor amigo!»

Histórias como estas ouvem-se por toda parte.

«A religião deles não distingue credos,» disse o Padre. «Católicos, judeus e protestantes, indiferentemente, assistem às cerimônias religiosas uns dos outros. Nós próprios pensamos da mesma maneira. E sua mão indicou um dístico colocado sobre a porta da tenda de campanha: «Quando estiveres em dificuldade, pede auxílio ao Senhor. Ele é generoso. Quando não estiveres em dificuldade mantem Seu culto, confia-Lhe tua alma. E quando fizer algo por ti não te esqueças de Lhe agradecer; Ele aprecia isto.»

E é exatamente assim que pensa a maioria dos aviadores.

¶ Não devemos tentar amoldar a vida a nosso jeito: ao contrário, o que devemos é procurar saber o que ela quer de nós, e treinar-nos em satisfazer suas exigências. É essa uma tarefa demorada, e humilde...

Phyllis Bottome, *Survival* (Little, Brown)

Dominando a sífilis com a cura de um dia

Por Paul de Kruif

Revelações sobre os progressos na luta contra o mal venéreo: um ano de experiências em Chicago comprova o êxito da discutida piretoterapia.

EM UM artigo anterior (*), fez-se referência a um novo processo de combate à sífilis, descrevendo-se a maneira de combinar a febre artificial com tratamentos de arsênico e bismuto, afim de eliminar as primeiras manifestações contagiosas da doença. O sistema tinha tambem a vantagem de exigir apenas um dia, em lugar dos dezoito meses requeridos pela antiga terapêutica estritamente química.

A extraordinária revelação foi imediatamente posta em dúvida pelos sifilígrafos e outros representantes da classe médica. Hoje, porem, o tratamento das vinte e quatro horas por meio da febre constitue por assim dizer rotina e prática coroada de êxito em Chicago, ponto dos Estados Unidos onde se está levando a efeito a tentativa mais arrojada para a extinção do mal. A promessa feita em 1942 veio a confirmar-se em 1943 no Centro de Tratamentos Intensivos de Chicago (*Chicago Intensive Treatment Center*).

Embora a sífilis, quando mal medicada, possa durar toda a vida de um indivíduo, geralmente os portadores da doença transmitem-na apenas nos dois anos seguintes ao contágio. Desta constatação resulta portanto que, em suas tentativas para atacar o mal pela raiz, os médicos se devem preocupar apenas com os que apresentam a doença na sua fase primária, contagiosa.

Um estudo meticuloso levado a efeito em Chicago, nos últimos três anos, revelou um aumento de duzentos por cento no número de doentes nesta primeira fase; não porque verdadeiramente a sífilis se estivesse propagando com maior intensidade, mas porque a maior atenção dedicada às pesquisas permitiu descobrir a doença em muito maior extensão. Um funcionário da Saude Pública, Herman N. Bundesen, investigou cuidadosamente o mal em toda a sua gravidade, especialmente sob o aspecto perigoso que ele representava para a saude dos soldados aquartelados na região de Chicago. Em sua opinião, a terapêutica química de dezoito meses era ineficaz, porquanto, de 21.000 pacientes do meio-oeste observados pelo Serviço de Saude Pública dos Estados Unidos, 67 por cento abandonaram o infindavel tratamento ainda na fase contagiosa da doença.

Ao mesmo tempo que o dr. O. D. Wenger, do Serviço de Saude dos Estados Unidos, preconizava um método mais eficiente e rápido para suprimir a enfermidade, pelo tratamento completo em um hospital, fundos de diversas instituições públicas permitiam que o Centro de Tratamentos Intensivos de Chicago abrisse suas portas em novembro de 1942.

Houve então ocasião de ensaiar em numeroso grupo de doentes, na fase primária do mal, a nova terapêutica das vinte e quatro horas de febre em cabina, experimentalmente comprovada em Dayton, Ohio, pelos drs. Simpson, Kendell, e Rose. As experiências consistiram em oito horas de febre e em *pequenas* injeções de bismuto e compostos arsenicais. Em outro grupo não se provocou a febre, ministrando-se somente grandes quantidades de bismuto e arsênico, concentradas num período de sete dias.

As dez cabinas de febre consistem em unidades «hiper-térmicas» concebidas no Instituto Kettering de Pesquisas Médicas, por Charles F. Kettering e Edwin C. Sittler. Os pacientes são colocados nessas cabinas «hiper-térmicas» com a cabeça de fora e o corpo nu rodeado por um ambiente de ar úmido e tépido em circulação, produzido por uma caldeira de água. O aquecimento inicial da máquina a 44 graus C. eleva a temperatura dos doentes a 41 graus; daí por diante a febre é mantida nos mesmos 41 graus por uma temperatura da cabina praticamente inferior à do corpo dos pacientes.

As enfermeiras encarregadas do serviço, tal como as empregadas dos aviões de passageiros, são selecionadas pelo seu treino técnico, boa apresentação e espírito jovial. Contam histórias aos pacientes, tocam rádio, cantam e divertem-nos de todas as maneiras. Mas ao mesmo tempo sua vigilância não cessa: seus dedos tateiam frequentemente as têmporas do doente em busca das respectivas pulsações, e seus olhos não se afastam do mostrador ligado a um termômetro retal, que indica a temperatura do paciente até às frações decimais do grau. Esta temperatura tem que ser constantemente mantida dois graus abaixo dos 42 a 43, que poderiam ser fatais.

Todos os doentes entram voluntariamente para o Centro de Tratamentos Intensivos, mas apesar disto os 200 leitos do hospital têm estado sempre ocupados por doentes de sífilis, blenorragia, e outras moléstias venéreas. O fato é tanto mais notavel, quanto é certo que nos primeiros períodos da sífilis os doentes raramente se sentem enfermos até ao ponto de pensarem na hospitalização. Sua vinda é devida à campanha educacional levada a efeito em Chicago, que lhes demonstrou que sua aparente saude se podia converter mais tarde em eventual loucura ou irremediavel afecção cardíaca. Os médicos enviam tambem alguns doentes, e os gerentes de bares e hotéis incitam as mulheres de conduta duvidosa a procurarem tratamento. Nos estabelecimentos menos prontos em colaborar na campanha coloca-se uma grande taboleta vermelha em que se lê: «SÍFILIS—CONSERVE-SE A DISTÂNCIA.»

No Centro os doentes são recebidos com um carinho a que na sua maioria estão desacostumados. Começam por ser sujeitos a um período de três dias de complexos exames médicos, para se verificar se podem suportar o tratamento intensivo. Radiografam-se-lhes os pulmões para pesquisa de tuberculose, e examina-se-lhes o coração com o eletrocardiógrafo. As belas e simpáticas enfermeiras mostram-lhes as cabinas de febre, e expõem-lhes minuciosamente aquilo por que vão passar.

Todos demonstram sempre grande interesse por seu diagnóstico, pelos complicados instrumentos que o determinam, e pelo tratamento em perspectiva. Durante as horas livres dos três dias do período preparatório passado no Centro, podem jogar pingue-pongue, frequentar uma excelente biblioteca, assistir a exibições de filmes ou a conferências sobre doenças venéreas, ou tomar parte em cerimônias religiosas. Todos, sem exceção, se submetem vo-

*Vd. Seleções, novembro de 1942

luntariamente à nova terapêutica, que suprime sua ameaça para a sociedade, porque, segundo as palavras do Diretor do Serviço de Saude, Thomas Parran, «são tratados como doentes e não como pecadores.»

Não obstante as críticas profissionais com que foi recebida a primeira referência ao método, as experiências intensivas de Chicago demonstraram que a terapêutica química associada à de um dia de febre, constituia um processo seguro e prático de ofensiva geral contra a sífilis. Nos dois meses que se seguiram à abertura do Centro houve evidentemente dificuldades. Entre os primeiros 73 doentes nos quais se provocou a febre, dois morreram. Foi porem possivel determinar as causas da morte, e tomaram-se novas precauções. De então para cá conseguiu-se uma série contínua de 864 casos submetidos ao tratamento de um dia de febre, sem mortes, e inclusive, sem um só exemplo de reação severa.

Por outro lado não é de modo algum menos importante a verificação de que a terapêutica se converteu numa arma poderosíssima contra o perigo do contágio da sífilis primária. Seu efeito imediato é extraordinário. Em um só dia os terriveis espiroquetas desaparecem das feridas e úlceras dos pacientes, e, com eles, as dores que a moléstia pode causar. Os doentes ficam em todo caso em observação por mais três dias. Entretanto as lesões cicatrizam; e com exceção dos poucos casos que apresentam complicações provocadas por outras doenças, todos regressam a seus lares para só voltarem mais tarde aos exames periódicos.

No tratamento padrão de 18 meses de arsênico e bismuto, 85 a 90 por cento dos sifilíticos primários *que o completam* podem considerar-se curados. Tais porcentagens constituem sem dúvida um recorde excelente, exceto sob um aspecto: o do pequeno número de doentes que se mantêm assíduos ao tratamento durante os longos meses necessários à cura completa. Por outro lado, desde que a terapêutica combinada, química e pirética, exige apenas oito horas de tratamento efetivo, o problema da sua conclusão nem sequer se levanta. E seus resultados práticos não são menos animadores: mais de noventa por cento dos doentes tratados, e subsequentemente observados, não apresentaram vestígios de regresso à sífilis infecciosa.

Finalmente, quanto à terapêutica estritamente química de sete dias, a porcentagem de recaidas é igualmente baixa. O tratamento, porem, é suportado com maior dificuldade.

Durante os primeiros dias de existência do Centro, os médicos tentaram estabelecer uma dose mínima de arsênico que proporcionasse resultados favoraveis. Como se esperava, o processo no período experimental falhou em grande número de casos. *Nas tentativas mais recentes conseguiu-se em todo caso que 478 dos 484 pacientes—ou seja uma porcentagem de 98,76—não apresentassem sinais de recaida.* E convem recordar que os médicos, utilizando-se do poder suplementar da febre artificial, ministram aos doentes menos da décima-terceira parte da dose de arsênico exigida pela terapêutica dos dezoito meses.

Os drs. Bundesen e T. J. Bauer, do Serviço de Saude Pública dos Estados Unidos, organizaram uma observação incessante e minuciosa de todos os casos tratados no Centro. Nos primeiros meses imediatos ao tratamento os doentes devem voltar semanalmente ao hospital, para exames clínicos e análises de sangue. Depois exige-se-lhes que compareçam a exames mensais, e, quando deixam de o fazer, o Centro recorda-lhes a obrigação por meio de cartas e telefonemas. Se ainda assim mostram relutância em se apresentar, o hospital envia investigadores encarregados de os localizar e de os trazer em automovel. Acentua-se em todo o caso que pelo menos 70 por cento dos doentes se apresentam com regularidade aos exames de verificação, fato que constitue evidentemente um recorde.

O pequeno número de doentes que apresenta um regresso da sífilis contagiosa recebe novo tratamento. E todos eles preferem a cabina de piretoterapia aos sete dias de *agulhas*, como chamam ao tratamento químico intensivo. Conclue-se, portanto, que o tratamento combinado, químico e pirético, de um dia, é prático para um ataque em massa à sífilis, não só porque seus resultados são positivos, como tambem *porque é aceito pela média dos doentes.*

A nova terapêutica tem destruido a cadeia de propagação da doença em Chicago com uma rapidez até aquí desconhecida. No momento da publicação deste artigo mais de mil doentes sairam das cabinas de febre, e outros quinhentos concluiram o tratamento químico intensivo.

O significado da supressão do carater infeccioso a 1.500 sifilíticos pode ser facilmente avaliado, se se pensar no número de casos novos que podem ser propagados por um só doente contagioso. Constatou-se recentemente que uma moça com sífilis primária tinha infeccionado 32 pessoas. Por isso, é contra essa propagação em massa da doença que o Centro dirige seu tratamento rápido.

Mas não é ainda este o final da história. Vislumbra-se já outra inovação ainda mais esperançosa. O dr. John F. Mahoney, do Serviço de Saude dos Estados Unidos, descobriu que a droga milagrosa de recente produção, a penicilina, é eficaz contra os espiroquetas da sífilis. Combinando sua inofensiva febre artificial com o novo poder da penicilina, os médicos do Centro esperam conseguir uma porcentagem de curas ainda mais elevada.

O tratamento pela penicilina ainda está, porem, na sua fase experimental: apenas se registou o tratamento de quatro casos de sífilis primária, todos com curas aparentes. Alem disso a produção da penicilina ainda é dificil, e sua exigência pelas forças armadas é tão grande, que só talvez dentro de alguns anos ela possa ser usada em grande escala em sifiliterapia.

O Centro de Chicago combate vitoriosamente a sífilis com o método mais prático e mais eficaz de que hoje se pode dispor—o tratamento químico e pirético de 24 horas, de que tanto duvidaram os técnicos mais conservadores.

¶ O CACHORRINHO que vivia com sua dona em um apartamento de Nova York, tinha tão forte o ladrar que foi preciso fazer-lhe uma operação à garganta. Desta resultou uma diminuição de 85 por cento na voz do bicho...

—*The New Yorker*

¶Aquelas armas fantásticas de se que fala, podem muito bem vir a ser em breve uma realidade

A «bazuca» é o torpedo antitanque

(Condensado do «American Mercury»)

Por Harland Manchester

NÃO HÁ muitos meses ainda que tudo quanto se dizia acerca dos extraordinários projeteis de auto-propulsão que, atravessando a estratoesfera, seriam capazes de destruir, com seus explosivos nunca vistos, quarteirões inteiros de cidades, não passava do domínio da fantasia. Hoje, porem, a julgar pelas informações provenientes do estrangeiro, é muito possivel que tal arma já exista. O foguetão militar a que dantes se não ligava importância, por ser rudimentar, tornou a aparecer, e desta vez aperfeiçoado.

Segundo notícias de Estocolmo, os alemães estão instalando, perto de Calais, peças lança-foguetões subterrâneas, capazes de bombardear Londres, a 160 km. de distância, com projeteis de algumas toneladas. Diz-se tambem que estes são munidos de asas e que serão orientados pelo rádio ao seu objetivo. Esta notícia apareceu logo a seguir a um discurso do Primeiro Ministro Churchill, em que ele se referia a uma misteriosa e nova «bomba voadora» empregada pela Luftwaffe contra os barcos aliados. Parece que esta bomba, na verdade, é tambem orientada por meio do rádio, permitindo aos aviões atacar a navegação, de uma distância a que não correm perigo; mas como, muitas vezes, ao errarem o alvo, as bombas caem no mar, não se conhecem os detalhes de sua estrutura.

Durante a campanha da Tunísia, seis tanques avançavam um dia em direção às linhas americanas, quando foi por um triz que um projetil não atingiu um deles, indo logo explodir adiante com tal força, que uma grande árvore foi pelos ares.

O comandante inimigo, oficial com larga experiência, mandou parar a coluna e entregou-se imediatamente. «Quando se começa a fazer fogo sobre os tanques, com peças de 155 mm.,» explicou ele, então, com a calma dum profissional, «não há nada a fazer senão entregarmo-nos.»

Logo a seguir, um soldado americano, sozinho, saiu de um abrigo: apoiado no ombro, trazia um segmento de tubo de metal, com várias excrecências. Era a «bazuca», o novo e fenomenal tubo lança-foguetões, ou melhor, torpedos antitanques, que dum dia para o outro veio fazer uma revolução na arte de destruir máquinas de guerra.

Este caso é uma das muitas informações oficiais acerca dos êxitos quase fantásticos desta nova peça. O General Levin Campbell, Jr., comandante da artilharia, afirma que, «embora simples, a bazuca é uma arma tão poderosa, que qualquer soldado de infantaria, ao fazer uso dela, não virá a ceder um palmo de terreno, com a certeza de que dominará seja que tanque for».

Para que realmente se possa avaliar o

que a nova peça lança-torpedos vale em combate, basta dizer que o pesado canhão de campanha, que o oficial inimigo julgava estar enfrentando, é um monstro que necessita de terreno duro e dum caminhão de sete toneladas para o puxar, duma bem cuidada camuflagem, e dum numeroso grupo de serventes; ao passo que um só homem pode carregar com a bazuca, subir uma colina, disparar um tiro capaz de perfurar uma espessa couraça, e escapar-se antes que o inimigo saiba o que foi que o atingiu. É, na verdade, o tipo do canhão leve, portatil, para um homem só.

Mas destruir tanques não é a única propriedade do tubo lança-torpedos. Ele é tambem muito eficaz contra construções de aço ou paredes espessas. Durante uma recente operação de desembarque, os lanchões com tropas começaram a ser metralhados por um forte que dominava a praia. Então, um soldado sozinho conseguiu passar a vau, saltando em terra com a sua bazuca. Momentos depois, um tiro fulminante atravessava a muralha, fazendo-lhe uma brecha, e a guarnição saía com as mãos no ar...

Esta arma nova é, em si, de uma extrema simplicidade. Compõe-se dum tubo de metal, de paredes finas, de 1,37 m. de comprido e 76 mm. de diâmetro, aberto de ambos os lados, e com pegadores, uma espécie de coronha, uma bateria de lâmpada elétrica, e corrente elétrica para disparar o torpedo-foguetão. A extremidade da retaguarda vai um pouco alem do ombro do artilheiro, o que levou o Major Zeb Hastings a denominá-la «bazuca», pelo que tem de semelhante ao curioso instrumento musical do mesmo nome—*bazooka*. Manejam-na, em geral, dois homens. Um fica atrás, e vai carregando-a com torpedos, enquanto o outro dispara o gatilho que fecha o circuito elétrico e inflama a carga. Quando o projetil sai do cano, o soldado que está segurando a bazuca apenas sofre um leve estremeção.

Assim como acontece com qualquer peça lança-foguetões, o fato de não produzir coice é uma das caraterísticas principais da bazuca. Ao contrário do que sucede com as espingardas e a artilharia, em que toda a carga propulsora explode imediatamente, o projetil altamente explosivo da bazuca consome o seu combustivel gradualmente, à medida que vai sendo impelido na direção do objetivo. O foguetão leva em si toda a força-motriz, e tudo quanto o soldado tem a fazer é lançá-lo. A bazuca pode levar-se através de florestas, pântanos ou outros quaisquer lugares intransitaveis que a artilharia de campanha não possa transpor. Qualquer pessoa pode depressa aprender a manejá-la, o que faz com que os pelotões de reconhecimento e os condutores de caminhões de abastecimento possam levar consigo esta pesada arma de fogo, e utilizá-la a uma curta distância, em qualquer emergência.

Conquanto a bazuca seja a primeira peça lança-foguetões, suficientemente leve para poder ser transportada e utilizada pelo soldado de infantaria, não é, contudo, a primeira arma daquele gênero que aparece na Segunda Guerra Mundial. A Rússia e a Alemanha já há anos vinham fazendo experiências com lança-foguetões militares.

Os russos têm a sua *Katusha*, uma peça de efeitos semelhantes aos da artilharia pesada, mas bastante leve, apesar disso, para poder ser utilizada sobre um caminhão ordinário. Fala-se tambem de outra peça lança-foguetões, russa, que dispara 20 a 30 tiros ao mesmo tempo,

metralhando uma grande área com projeteis capazes de perfurar blindagem—uma autêntica espingarda de caça de colossais dimensões.

Os russos têm empregado foguetões, sem sequer utilizarem tubos para os disparar. Na fase final da batalha de Stalingrado, construiram compridas fileiras de bastidores de madeira, inclinados. Os projeteis de auto-propulsão, de 22,5 kg. lançavam-se tão depressa quanto os homens os podiam colocar nos bastidores, desmoralizando completamente o inimigo.

Há quase dez anos, o major de Seversky tinha previsto já o uso de peças lança-foguetões em aviões de caça, e possivel é que isto venha a ser uma das maiores inovações desta guerra. Afirma-se que foram peças como estas, montadas em aviões de caça, alemães, que causaram pesadas perdas às Fortalezas Voadoras, nos recentes ataques à Alemanha. A perda de 60 bombardeiros—um recorde—no ataque realizado no mês de outubro de 1943 a Schweinfurt, foi em parte devida às peças lança-foguetões.

Já no ano transato, os russos foram dos primeiros a empregar foguetões nos aeroplanos, lançando-os dos seus rebenta-tanques Stormoviks, e com tanta eficácia, que os alemães passaram a chamá-los «Aviões da morte negra» —*Der Schwarze Tod.*

Devido ao efeito destruidor e à exatidão da pontaria, que era feita manobrando o avião direito ao alvo, com as bombas-foguetões fixas na parte inferior das asas, os oficiais alemães informavam, então, que tinham sido atacados por bombardeiros de mergulho. Na verdade, os Stormoviks tinham, quanto à penetração e exatidão, igualado os bombardeiros de picada, sem ter necessidade de efetuar a longa e arriscada descida, que faz destes aviões um ótimo alvo para o fogo anti-aéreo.

As qualidades e efeitos que tornam o foguetão uma arma poderosa são de há muito conhecidos. Já o engenheiro inglês William Congreve o propunha como «arma secreta» para derrotar o invasor continental do seu tempo: Napoleão Bonaparte. Os partidários da supremacia naval riram-se então, mas as «fantasias do sr. Congreve» dentro em pouco provaram o seu valor. Com um alcance pouco mais ou menos de 2.730 metros, foram utilizados a bordo de pequenos barcos, para bombardear Boulogne-sur-mer, e uma força inglesa, desembarcada nas praias do que hoje é a Iugoslávia, com tanto efeito mortífero os usou, que as tropas de Napoleão tiveram que se render, clamando que a nova arma era «tudo, menos uma arma militar».

Quando Francis Scott Key escreveu acerca dos «foguetões de clarão vermelho», queria referir-se aos projeteis-foguetes, usados sem êxito pelos ingleses em 1814 contra o Forte McHenry. O foguetão foi, até meados do século XIX, considerado como uma importante arma naval, até que apareceram as novas peças de carregar pela culatra, de maior alcance e com canos estriados.

Embora as peças lança-foguetões não tivessem participado na primeira Guerra Mundial, contudo, logo após ter ela terminado, criaram-se nos Estados Unidos da América do Norte, Alemanha, Áustria e Rússia, importantes e entusiásticas sociedades para a sua exploração. Alguns dos membros dessas sociedades tentaram levar a efeito experiências com foguetões, como sendo um passo para as comunicações entre os planetas; mas uns foram vítimas dessas

experiências, e outros, o menos que lhes aconteceu foi ficar sem os dedos. Um jovem engenheiro chegou a estabelecer, numa aldeia austríaca, um serviço postal por meio de foguetões, disparando os seus projeteis por cima duma montanha. Quando o combustivel acabava de consumir-se, abria-se então um paraquedas e a mala do correio descia até o solo. Como os filatelistas pagavam por altos preços os selos especiais daquele serviço aéreo, a iniciativa redundou num grande êxito comercial.

Mais do que a ninguem, deve-se a um modesto professor de física de Worcester, Mass., o impulso dado às experiências com o foguetão. Com efeito, o dr. Robert H. Goddard, da Universidade de Clark, conseguiu aperfeiçoar tudo o que, no foguetão, havia de rudimentar, inutil e inexato. Para conseguir vôo uniforme, a grandes alturas, fabricou um estabilizador giroscópico. Pondo de parte a pólvora como combustivel, conseguiu realizar uma mistura de gasolina e oxigênio líquido, tendo aumentado a velocidade do foguete de 330 para 2.475 metros por segundo, bem como a sua eficiência—considerando-o como uma máquina—de dois para aproximadamente 40 por cento, melhor do que a do Diesel, o mais forte motor do mundo.

Depois de trabalhar no mais completo silêncio durante dez anos, o dr. Goddard publicou então o resultado dos seus trabalhos em 1919. Escritos da forma mais discreta e menos dramática, que é própria da ciência, atrairam muito pouco a atenção do público, conquanto ainda tivessem contribuido para os fantásticos conceitos de comunicações interplanetárias de Buck Rogers. Fazendo o foguetão um percurso mais rápido no vácuo do que no ar, poder-se-ia chegar à conclusão de que, vindo-se a obter propulsão suficiente para lançar um foguete que atravessasse a camada de ar que cobre a Terra, acabaria, ultrapassando a força de gravidade desta, por chegar à Lua, a Marte ou qualquer outro ponto.

As investigações a que se tem procedido sobre foguetões de grande altitude, muito têm contribuido para os atuais usos do projetil—possivelmente tambem para usos ainda desconhecidos de amanhã. Há quatro anos, um oficial americano de artilharia, o major J. R. Randolph, previu não só a bazuca, mas causou tambem o espanto dos seus camaradas com as profecias que fez acerca da possibilidade de bombardeios por meio de foguetões.

Devido à falta de atrito nas grandes altitudes, muito dificilmente poderá haver qualquer limite, teoricamente pelo menos, para o possivel alcance de tais peças. Não só o major Randolph como muitos outros têm afirmado que, embora muito dispendiosos, e sujeitos a grande inexatidão da pontaria, bombardeios por meio de foguetes à volta de metade do mundo não seriam de modo algum impossiveis.

O futuro do foguetão, porem, não depende das guerras. Ele não é só um projetil; é tambem um motor muito poderoso e de grande eficiência. Os alemães estão usando motores-foguetões, para levantar bombardeiros Dornier, excessivamente carregados, e o Ministério do Ar da Inglaterra anunciou já que os aviões Catafighter que seguem nos barcos mercantes, empregam a força do foguetão para levantar vôo da coberta. Isto constitue já uma base de experiência para aviões unicamente montados com motores de foguetão. O dr. Goddard tirou a patente de uma

turbina com motor de foguetão, como podendo ser capaz de vir a atingir a velocidade de 1.609 quilômetros por hora, na estratosfera.

As investigações com foguetões estão-se desenvolvendo cada vez mais rapidamente, em todos os campos. É muito possivel que esteja bem próxima a época da hegemonia do foguetão. De todas as maneiras, os leitores dos jornais hão-de ainda muito ouvir falar acerca da «bala de auto-propulsão».

A cor ao serviço do conforto

¶ Quando o famoso professor Piccard deu o seu primeiro pulo à estratosfera, onde a temperatura é de —24 graus C., o termômetro dentro da barquinha do balão subiu a 38 graus C., uma coisa de cozer um cristão em vida. A tinta preta com que fora pintada a pequena arca-de-Noé absorvia os raios do sol, convertendo-os em calor.

Na segunda viagem, o sábio pintou a barquinha de branco; mas como o branco reflete a luz do sol, Piccard bateu os queixos de frio numa temperatura que roçava pelo ponto de congelação...

É pela mesma razão que nos sentimos mais quentes quando o solo está coberto de neve, do que quando o não está, em igualdade de temperatura. A brancura da neve difunde no ar o calor, não o deixando infiltrar-se no solo. Quando nos vestimos de branco, ou de tons pálidos de azul, verde ou amarelo, os raios do sol são refletidos como as cordas de chuva que batem numa vidraça. As caixas de água, as tendas, e todas as habitações estivais, como é de prática geral nos climas quentes, devem ser tambem de cores claras.

Nestes últimos anos tem-se aprendido muito no que respeita ao emprego das côres para o maior conforto e segurança do homem, e até para melhorar as suas condições de saude. O «acondicionamento do humor» tornou-se de moda na decoração e iluminação dos interiores. O azul-verde é agora comum nas salas de operação dos hospitais. Não só repousa a vista do cirurgião, como lhe afina a segurança do canivete. Houve um hospital que aquí há anos mandou pintar de cor todo um andar onde só havia quartos; a aprovação foi geral, e tanto as enfermeiras como os doentes só queriam que os transferissem para aquele andar.

Há no Ilinóis um hospital de alienados mentais que emprega o vermelho para espevitar os doentes atacados de melancolia. É sabido que o azul exerce benéficos efeitos sobre os neuróticos, e é de há muito usado como cor sedativa e hipnogênica. As pessoas deprimidas encontram certo conforto ao entrarem num quarto decorado com cores vistosas e alegres: isso parece levar aos seus espíritos agitados uma espécie de alívio por via sensorial.

Finalmente, tem-se feito uso da luz verde, em salas forradas de espelhos, para fazer sentir aos criminosos inconfessos que a culpa se lhes lê no rosto, e é portanto visivel para todo o mundo...

—Faber Birren, no *Coronet*

APROVEITE A MINHA EXPERIÊNCIA

— 19 —

Não guardes que fazer

(Condensado do «Forbes»)

Por um Pecador Regenerado

Os pecados geralmente reconhecidos são de duas ordens: os de omissão e os de comissão. Entre essas duas categorias há, porem, um grave Pecado Intermediário—o da procrastinação. Talvez não seja bastante negro para nos fechar as portas do Céu, no Alem, mas, depois de meio século de experiência, creio poder atestar que o castigo do pecador é o Inferno em que vive aquí mesmo, no Aquem.

Nascí com o vício da procrastinação, e adiar soluções deixando tudo «para amanhã» foi sempre, desde menino, meu maior defeito. Com o passar dos anos tornou-se este hábito cada vez mais acentuado, vivendo eu por fim num estado de ansiedade crônica: o trabalho nunca estava em dia e tinha sempre a me pesar na conciência milhares de obrigações não cumpridas. Tão séria era esta falta em mim, que certa vez quase me faz perder o emprego. Mas nem assim conseguí emendar-me.

Dizem os psicólogos que aos cincoenta anos de idade é quase impossivel curar-se um mau hábito; só mesmo por milagre. No entanto, conseguí livrar-me por completo do perigoso Pecado Intermediário. Estava eu um dia lendo, sentado na varanda do hotel duma cidade de veraneio, quando comecei a ouvir a conversa de uma família ao meu lado; não havia meio de o pai resolver se haviam de ir velejar naquela tarde ou na manhã seguinte. O vento estava bom, mas talvez melhorasse no dia seguinte; os outros membros da família estavam ansiosos por sair de barco, mas o pai continuava a especular se seria melhor ir naquele dia, ou esperar para o seguinte.

Aquela indecisão já estava a me dar nos nervos, e não podendo mais ler, murmurei irritado: «Perdendo uma tarde bonita a decidir o que vão fazer! Porque não resolver de uma vez?»

Foi neste momento que percebí de súbito que era exatamente assim que eu costumava proceder: não gostava de tomar a resolução de agir. Não era bem deixar isto ou aquilo «para fazer depois»; era não querer convencer-me que aquilo havia de ser feito. Compreendí então que esta era a verdadeira origem da procrastinação.

«Ora,» disse de mim para mim, «se é este o segredo, não será dificil curar-me do mal. Se não quero fazer uma coisa agora, tomarei a resolução de executá-la um pouco mais tarde—*mas*—ficará decidido, agora e já, quando irei pôr-me ao trabalho, e então, aconteça o que acontecer, terei que cumprir a tarefa!»

O processo é tão simples, que até parece ridículo! Mas, de fato, deu certo.

No princípio dava-me certa margem.

«Não faço isto agora, mas às oito da noite.» Chegada a hora fazia timbre em manter minha resolução. Dentro em pouco já acontecia pensar comigo mesmo: «Porque esperar até às oito, se posso livrar-me disto já?» E punha-me logo em ação.

Tendo sido toda minha vida um dos homens mais indecisos do mundo, fico hoje até surpreso quando vejo que estou com todos os meus afazeres em dia, e às vezes até com o programa adiantado. O sossego de não ter mil tarefas por fazer é um alívio tão grande, que até me incute entusiasmo e fico à procura de mais decisões a tomar.

A família que estava sentada na varanda do hotel, afinal de contas não foi velejar naquela tarde de sábado, nem tãopouco no domingo, porque choveu. Mas, graças ao espetáculo da indecisão e tibieza daquele pai, regenerou-se um inveterado aderente do feio Pecado Intermediário.

Marca «se-me-dão»...

Por Doug Welch

—Ora então, seu mano, segundo me têm dito, você é dos tais que se chama de fumador «filante», heim?

—É, sou mesmo. Cigarro é coisa que eu nunca compro.

—E como é que você procede? Chega-se ao parceiro e lhe pede um cigarro?

—Qual nada! Isso só mesmo tabaréu. Eu *filo* eles! Eu uso *pissicologia!* O sujeito puxa do maço de cigarros, 'tá vendo? Eu digo assim pra ele: «Rapaiz, isso me faz lembrar. Acabaram-se agorinha meus cigarros.» O parceiro—quase nunca falha—diz logo: «Homem, fume aquí um dos meus!»

—Mas imagine agora que ele se faz desentendido?

—Bom, se o tipo resiste a essa, eu faço entrar em ação meu pacote para atrair os incautos. Assim que ele acende o cigarro, eu puxo do meu pacote vazio e faço de conta que fico muito espantado de me ver sem cigarros. Sacudo o pacote, meto os dedos a sondar por dentro... E digo no fim: «Esta agora, então não julgava eu que ainda tinha um? Parece que oferecí o último a alguem...»

—E se ainda assim ele não se abre?

—Bem, nesse caso, eu risco um fósforo e acendo o cigarro dele, sempre a olhar muito fito, como se desejasse ter um cigarrinho pra fumar.

—Mas imagine agora que ele é tão duro que resiste a essa?

—Então eu ponho ele numa sinuca! Puxo de um cigarro meu, e deixo cair no chão.

—O que! você quer me dizer que *tem* um cigarro?!

—Claro! Mas basta trazer um cigarro no bolso; pode servir dúzias de vezes. Eu nunca chego a fumar ele. Basta deixar cair no chão, e dizer: «Diabos te carreguem, lá se vai meu último cigarro!» Então é que o tipo me oferece com certeza um cigarro. E eu, assim que ele dá o fora, vou-me ao cigarrinho que deixei cair, e meto-o no bolso...

—Saturday Evening Post

O lavrador que arruina a terra

No seu livro revolucionário, Ed Faulkner chama a atenção de seus conterrâneos sobre o perigo da destruição do solo pelo uso do arado comum

Por Louis Bromfield

Aí está o exemplo de um homem que tendo tido uma idéia inteligente e sensata, firma-se nela até ver sua persistência recompensada, adquirindo fama e mesmo fortuna. É possivel que com sua idéia tenha tambem contribuido para que se transforme a história econômica dos Estados Unidos; e quem sabe se daquí a cincoenta anos, da mesma maneira que se fizeram monumentos a Pasteur como salvador da indústria vinícola na França, não se erguerão monumentos em sua honra nas ricas zonas agrícolas do país?

Encontrei-o, pela primeira vez, vai em quatro anos. «Chamo-me Ed Faulkner,» disse-me ele. «Vim procurá-lo porque sei que está interessado em problemas de agricultura.»

Era um sujeito rijo, de cabeça grisalha, e grande palrador. Tinha nos seus olhos azues, muito límpidos, aquela expressão de iluminado que conheço tão bem, de tanto ouvir pessoas que me trazem planos para salvar o mundo. Ele tinha uma idéia fixa: como reconstituir o solo aravel para ajudar o fazendeiro e impedir que continuem a ser destruidas as terras próprias para a lavoura, já tão escassas nos Estados Unidos.

Falou-me da sua chácara na cidade de Elyria, no estado de Ohio, e do escasso hectare de terras sem valor que havia arrendado para fazer experiências. Trabalhara para o Ministério da Agricultura como agente local, mas fora forçado a pedir demissão por ter idéias demasiado «revolucionárias», na opinião de seus superiores. Agora, quando precisava dinheiro para pagar a renda das terras, vendia apólices de seguro. Seu pai fora fazendeiro na encosta montanhosa do estado de Kentucky, e conseguira fazer com que sua fazenda fosse como um oasis de verdura, no meio das outras propriedades de aspecto triste e definhado. Muitas das teorias de Faulkner foram herdadas diretamente do pai.

Não tardei a ficar sabendo que o que propunha, na verdade, era que se abandonasse o uso do arado de aiveca (o tipo que todo mundo conhece). Este instrumento que revolve todos os anos milhares e milhares de hectares de terra está, segundo meu visitante, enterrando ao mesmo tempo no seu sulco o nosso sistema econômico e a nossa civilização. Era como se alguem propusesse ao mundo industrial que desistisse de usar locomotivas ou altos fornos.

O arado de aiveca foi inventado na Inglaterra, no século dezoito. Até então a lavra da terra era, por assim dizer, apenas uma gradagem superficial. O novo instrumento revolvia o solo até uma profundidade máxima de 25 centímetros, enterrando o que estivesse à superfície, e deixando a terra limpa para ser quebrada e pulverizada para o plantio. Isto trouxe uma verdadeira

revolução à agricultura, e permitiu que se abrissem no resto do mundo vastos territórios para colonização rápida, sendo portanto considerado como uma das grandes forças civilizadoras. Ouvia eu agora este homem condenar tal tipo de arado como coisa destrutiva e má. Não hesitei em classificá-lo como um sujeito meio louco, embora inteligente.

Mas Faulkner, que era um homem de fibra, estava convencido que suas conclusões eram profundamente verdadeiras, e não houve argumento, por mais insistente, que conseguisse abalar-lhe a fé. Durante os dois ou três anos que se seguiram, veio ver-me algumas vezes e contou-me que estava escrevendo um livro. Comecei a verificar que, cada vez que conversava com ele, aprendia algo novo.

Discordávamos quanto à melhor maneira de restaurar e preservar o solo aravel, este solo que ameaça desaparecer, e de onde tiramos nossos principais alimentos, óleos vegetais, produtos sintéticos, grande parte de nossa roupa e forragem para animais. Como a maioria dos agricultores, eu era da opinião que, para aumentar a camada de solo produtivo, era preciso arar bem fundo, enterrando estrume, vegetação e lixo, de maneira a adicionar-lhe matéria orgânica de baixo para cima. Ora, Faulkner sustentava vigorosamente que devíamos deixar estrume, folhagens e lixo apodrecer sobre a terra. Em outras palavras, que devíamos procurar melhorar o solo de cima para baixo, deixando a matéria orgânica acumular gradativamente sobre a terra, *como sempre o fizera a Natureza.*

Trouxe-me um dia o manuscrito de seu livro; achei-o um pouco confuso, e fiz algumas sugestões que em nada lhe esfriaram o entusiasmo.

No verão passado recebí, de uma de nossas editoras universitárias mais modernas e progressistas, um livro chamado «A Loucura do Lavrador» (*Plowman's Folly*) escrito por Edward J. Faulkner. Naquela noite, ao recolher-me, levei-o comigo para ler um pouco antes de dormir; só o larguei ao terminá-lo eram três horas da manhã, já então completamente convertido às idéias de Faulkner, e decidido a usar o menos possivel o arado de aiveca.

Nas semanas que se seguiram, muitas foram as pessoas que passaram noites em claro a ler «A Loucura do Lavrador»; e por toda parte apareceram editoriais e artigos de crítica sobre o livro. Foi até analisado no rádio, e por onde eu andasse, encontrava todo mundo a discutí-lo. Talvez nunca tenha havido um livro sobre assunto de agricultura que tenha provocado tanto debate.

De um dia para o outro, Faulkner o empregadinho público, vendedor de apólices de seguro em Elyria, tinha-se tornado um homem famoso por todo o país. Havia indivíduos que viajavam grandes distâncias para visitá-lo pessoalmente; foi obrigado a tomar uma secretária para poder responder às pilhas de cartas que recebia diariamente. Foi entrevistado pelo rádio, e depois contratado como consultor técnico em assuntos de agricultura por uma das grandes estações emissoras norte-americanas. Era um belo exemplo de persistência recompensada. Ed Faulkner estava convencido de que tinha razão, manteve-se fiel às suas teorias contra todas as opiniões contrárias, e acabou vencendo. É possivel que a influência de suas idéias na nossa agricultura venha a afetar a economia nacional, e até mesmo a sorte de nossa civilização, por muitos séculos vindouros.

Sua mensagem nos chegou num momento em que crescia pelos Estados Unidos a noção de que estávamos aos poucos destruindo nossas terras araveis. Por esta mesma época, e pela primeira vez na história do país, os habitantes das cidades começavam a descobrir que, mesmo nesta terra de abundância e riqueza, podia haver falta de alimento.

A condenação que Faulkner faz do arado de aiveca é em resumo a seguinte: deixa o solo limpo e despido, portanto exposto à erosão pelo vento e pela água e sujeito a maior evaporação pela ação do sol e do vento. Isto não só diminue o rendimento imediato, como acaba por fazer desaparecer a camada produtiva do solo. Há outra desvantagem, secundária, mas tambem importante: o lixo e folhas secas, quando enterrados, levam vários meses para apodrecer; durante este período o solo permanece ácido, e aquela camada em decomposição lenta age como um mata-borrão, impedindo a umidade do subsolo de subir, pela ação de capilaridade, até as raizes das plantas na superfície. Este fato, ligado à ação do sol sobre um terreno limpo de folhas secas e detritos outros, acaba formando uma camada inteiramente ressequida entre a superfície tostada pelo sol, e a camada profunda que absorve toda a umidade.

Por outro lado, diz Faulkner, se usarmos o arado de dentes do tipo cultivador, usado para extirpar gramas e raizes, ou um arado de discos que quebra e afofa a terra sem revolvê-la nem enterrar as plantas velhas, obteremos um preparo do solo que não impedirá a atração capilar da umidade para as raizes das plantas, e deixará tambem certa quantidade de vegetação seca na superfície, que ajudará a conservar a preciosa umidade tão necessária à plantação. Esta vegetação não deixa que as chuvas carreguem na enxurrada com toneladas de terra fertil, fazendo transbordar os cursos de água, como acontece nos terrenos desnudados. E a terra assim recoberta não poderá ser levada pelo vento sob forma de poeira.

Grande parte do que Faulkner escreveu já era do conhecimento de muitos agrônomos. Muitos dos métodos e processos aconselhados por ele já haviam sido postos em prática, principalmente nas grandes planícies do centro dos Estados Unidos que ficaram reduzidas a pó. Na época da grande exploração agrícola do vale do Mississipi, os abusos chegaram ao máximo; as pastagens naturais eram utilizadas até acabar a grama e a terra ficar despida e exposta aos ventos; a palha do trigo era queimada, e a pouca vegetação que sobrasse era enterrada com o arado, deixando a terra desprotegida e sujeita a ser levada pelo vento e pelas águas das chuvas. Esses métodos de cultura foram pouco a pouco reduzindo a produção de cereais, o que finalmente veio a culminar no desastre das grandes tempestades de poeira de 1930, quando milhões de alqueires de terras que haviam sido boas tiveram que ser abandonadas.

As tempestades de poeira foram rápida e eficientemente controladas por nossos agrônomos, aos quais muito devemos. As duas principais providências aconselhadas por eles foram o plantio de imensas fileiras de árvores como quebra-vento e o abandono do arado de aiveca. A palha do trigo deveria ser deixada sobre o solo para ser depois quebrada por meio do arado de discos, e aí ficar protegendo dos ventos e das chuvas o solo das planícies; a cobertura vegetal evitaria a evaporação, e iria aos poucos se transformando no humus.

Mais dia menos dia alguem havia de escrever um livro como «A Loucura do Lavrador». Há muito tempo que vem crescendo a conciência de certos vícios nos nossos métodos de lavoura. Já tenho ouvido mesmo dizer que o fazendeiro americano é o peor lavrador do mundo. Tem sido, em linhas gerais, a sua tradição procurar extrair do solo o máximo e, tendo acabado com uma fazenda na Pensilvânia, por exemplo, muda-se mais para o interior, para o estado de Indiana; arranja terra de graça ou de arrendamento barato, explora-a o mais possivel e, tendo estragado o solo, torna a se mudar mais para o oeste, repetindo o processo.

O fazendeiro norte-americano trabalha em geral no sentido oposto à natureza; os novos princípios da agricultura são, pelo contrário, baseados no trabalho feito em *cooperação* com a natureza, copiando-lhe os processos.

Faulkner conta que o que o fez pensar pela primeira vez nos inconvenientes do arado de aiveca, foi observar as plantas que cresciam junto às cercas, mesmo por ocasião de grandes secas. Nos campos desnudos e torrados pelo sol, as plantas murchavam e morriam; mas junto às cercas, onde a terra não fora lavrada e onde se haviam amontoado folhas velhas e vegetação, o solo estava úmido e fofo, e as plantas viçosas.

Na minha própria fazenda fiz duas plantações de framboesa, a uma distância de uns cem metros uma da outra. Vi umas tornarem-se mofinas e doentias, infestadas de parasitas, enquanto as outras cresciam viçosas e se enchiam de frutos. A plantação doentia fora tratada e capinada com cuidado, a outra recebera apenas, por cima da terra, duas camadas de estrume de estábulo durante o ano; e embora não tivessem estas sido vaporizadas com inseticida, desenvolveram-se sadias e livres de parasitas. A verdade é que as framboeseiras doentias haviam sido tratadas por métodos contrários à natureza, enquanto para os arbustos, agora viçosos, tínhamos imitado os seus processos, e com isto obtido resultados espantosos.

Faulkner criou um problema a ser resolvido pelos fabricantes de maquinaria agrícola, isto é, fornecer um aparelho que substitua a antiga charrua. Nos últimos anos já apareceram no mercado certos tipos de arado de discos e de grades de dente que não revolvem o solo, apenas quebram e esmigalham a terra. Mas nenhum desses aparelhos é bastante eficiente para servir ao preparo de qualquer espécie de solo seja qual for a condição de terreno. Com a vulgarização do novo método, graças ao livro de Faulkner, a procura de aparelhagem adequada ainda será maior. Creio que o arado de aiveca será cada vez menos usado, até talvez desaparecer por completo.

A repercussão que teve a obra de Faulkner vem provar que uma transformação nos métodos de lavoura já era uma necessidade reconhecida. Ouví um famoso economista dizer recentemente em Washington: «A existência de uma civilização nos Estados Unidos se baseia em 23 centímetros em média de solo aravel. Quando esta camada for destruida, desaparecerá tambem toda a civilização.» Não seria a primeira vez a acontecer isto na história. A face da terra está cheia de ruinas de nações e civilizações, que se destruiram por não saberem conservar a riqueza do solo.

Em artigos publicados em diversas revistas norte-americanas, o conhecido romancista Louis Bromfield mostra ser um fazendeiro sensato.

O que um caderno de notas revelou sobre a história de duas mulheres que durante vários anos travaram uma luta implacavel e contínua

Vovó e a «Gaivota»

(Condensado da «Woman's Home Companion»)

Por Louise Dickinson Rich

Vovó e a sra. Wilcox foram morar, quando recem-casadas, em duas casas contíguas, na rua central da pequena cidade onde a vida de ambas se viria a escoar. Não sei qual o motivo que deu início à briga entre as duas, e, trinta anos depois, quando nascí, talvez nem uma nem outra pudesse lembrá-lo. A luta, contudo, prosseguia acesa.

E não creiam que se tratasse de uma surda batalha. Era uma guerra entre mulheres—guerra total, por conseguinte. Toda a cidade sofria as consequências daquilo. A igreja de 300 anos quase veio abaixo quando vovó e a sra. Wilcox se engalfinharam por ocasião da questão da Liga das Damas Auxiliadoras. Vovó saiu vitoriosa, tendo sido eleita presidente da liga, e a sra. Wilcox, num assomo de raiva, afastou-se do grêmio. Coube-lhe a esta, porem, a vitória, na «batalha» da Biblioteca Municipal, quando a sua sobrinha Gertrudes foi nomeada bibliotecária em vez de tia Phyllis. Vovó deixou desde então de ler os livros da biblioteca, que se tinham tornado de uma noite para outra «verdadeiros depósitos de germes». Na «campanha» da escola primária, não puderam chegar a resultado algum, porque o diretor se demitiu, tendo encontrado melhor emprego, antes que a senhora Wilcox obtivesse sua expulsão da escola, ou que vovó lhe houvesse garantido a vitaliciedade no cargo.

Alem destas batalhas decisivas na linha de fogo, havia constantes escaramuças à retaguarda. Durante as nossas visitas a vovó quando crianças, considerávamos parte do divertimento fazer caretas aos netos da senhora Wilcox—meninos impossiveis, quase tão impossiveis quanto nós, como hoje reconheço—que vinham apanhar uvas na cerca, do nosso lado. Nós não lhes ficávamos atrás, dando caça às galinhas dos Wilcox. Certa feita, pusemos até uma cobra dentro de um barril que eles guardavam no jardim. Minha avó protestou, mas sem grande energia. Sentimos que no fundo simpatizava com a idéia, e aquilo nos estimulou a novas travessuras.

Claro é que os netos da senhora Wilcox responderiam no mesmo tom. Pouco tempo depois, vovó encontrou na adega várias maritacacas cujo cheiro repelente se espalhou por toda a casa. Nos dias de lavagem da roupa, quando a punham a secar, era raro que a corda não se partisse misteriosamente—sendo preciso às vezes lavar tudo de novo, pois o incidente se verificava sempre quando havia vento, e as roupas eram arrastadas pela lama, ou cobertas de pó. Talvez a Providência fosse muitas vezes a única responsavel por semelhantes contratempos, mas estes eram sempre atribuidos aos netos da senhora Wilcox.

Vovó não teria podido suportar tantos aborrecimentos, não fosse a «página da vida doméstica» do jornal de Boston

que ela lia diariamente, desde tempos.

Alem das habituais receitas de cozinha, e algumas sugestões preciosas para a limpeza da casa, havia na referida página uma seção de correspondência entre os leitores da folha. Quem tivesse um problema qualquer, escrevia uma carta à redação, assinando-a com um nome imaginário, como por exemplo, «Arbutus», o pseudônimo de vovó. Outras senhoras que houvessem passado pelos mesmos dissabores respondiam dizendo de que maneira tinham resolvido a questão, e assinavam: «Alma irmã», «Xanthippe», ou qualquer coisa semelhante. Muitas vezes, resolvido o problema, a correspondência entre as duas se mantinha através de vários anos; trocavam confidências sobre os filhos ou netos, sobre o que sucedera com as conservas àquele inverno, ou sobre a nova mobília da sala de jantar.

Vovó e uma senhora cujo pseudônimo era «Gaivota» motivaram correspondência assídua durante um quarto de século. Vovó contava a sua missivista coisas que nunca teria contado a ninguem: quando esperava ter outro filho, e averiguou finalmente que se havia enganado; quando tio Steve apareceu com um piolho na cabeça que apanhara no colégio, e ela conseguiu liquidar o caso sem que a história se espalhasse pela cidade envergonhando a família, etc.; contou tudo a «Gaivota», sua velha amiga de sempre.

Estava eu a completar 16 anos, quando a senhora Wilcox morreu. Numa cidade pequena, por maior a inimizade que reine, ao morrer uma pessoa na casa vizinha, é o mais elementar dever social oferecer os préstimos, e procurar ser util no que for possivel. Vovó pôs o seu melhor avental, indicando bem assim ao que vinha, e, atravessando o jardim, lá se foi para a casa dos Wilcox, onde as duas filhas da morta lhe pediram que pusesse em ordem a sala de visitas para os funerais. Alí deu ela com um album esquecido sobre a mesa. Ao folheá-lo, viu que trazia em todas as páginas recortes de jornais cuidadosamente colados em colunas paralelas; eram as cartas por ela dirigidas a «Gaivota», e as que esta, por seu turno, lhe escrevera, por todo aquele tempo.

A maior inimiga de vovó era a sua maior amiga.

Foi aquela a única vez na minha vida em que a vi chorar. Não compreendí bem, no momento, o motivo daquelas lágrimas. Chorava—percebí depois—pelos anos perdidos que lhe era impossivel rehaver. Suspeitei já então do que se tornaria em mim, mais tarde, uma convicção absoluta:

Certas pessoas podem parecer-nos insuportaveis, de tão mesquinhas, egoistas ou pequenas. Mas, se nos afastarmos uns dez passos, examinando-as sob novo ângulo, estas mesmas pessoas nos parecerão afaveis, generosas e sinceras. Tudo depende da maneira por que as tivermos encarado.

¶ O MELHOR uso que podemos fazer da nossa vida, é consumí-la em alguma coisa de mais duradouro do que a própria vida.

William James

¶ *Os feridos da Aviação Americana estão-se refazendo dos ferimentos, e entram novamente em ação*

Da cama para o combate

(Condensado do «Air News») • *Por Albert Q. Maisel*

UM MÉDICO militar que acabava de vir da clínica civil, estava fazendo o seu primeiro turno de inspeção no Hospital da Aviação, em Jefferson Barracks, que tem dois mil leitos. Deteve-se junto a um paciente que se achava imobilizado em um aparelho de gesso, e perguntou-lhe há quanto tempo alí estava.

«Seis semanas,» replicou o enfermo. «Há quarenta e dois dias que eu olho para este teto. Tem vinte e oito fileiras de pregos, com trinta e um pregos em cada uma. Doze rachaduras no sentido norte-sul, e catorze no sentido leste-oeste. Na semana passada apareceu uma aranha, mas deram cabo dela...»

Isso foi há um ano. Atualmente, os 225 hospitais da Aviação Militar não são mais lugares de monótono aborrecimento. Em suas inúmeras enfermarias, os feridos ainda olham para cima, mas não estão mais contando pregos: estão estudando os variados modelos de aviões que balouçam no espaço, pendentes do teto.

Esses modelos, que aliás são feitos pelos próprios convalescentes, como parte do tratamento, são substituidos todos os dias, de modo que cada paciente se familiarize com todos os tipos de aviões, amigos e inimigos.

Nas enfermarias semi-iluminadas, os enfermos se ocupam ativamente em praticar sinalização luminosa, com aparelhos improvisados, feitos de baterias de lanternas elétricas, e papelão de caixas de sorvete.

Muitos hospitais têm, nas mesinhas junto das camas, um aparelho telegráfico. Antigamente os telegrafistas, depois de uma longa estada nos hospitais, perdiam um pouco da sua perícia. Agora, ao terem alta, podem transmitir mensagens com a mesma rapidez, algumas vezes mais depressa ainda.

Em Westover Field, Massachusetts, um mecânico se exercita, movendo a sua cadeira de rodas até o motor de um avião, e desmontando e remontando calmamente um carburador; em Laurenburg-Maxton Field, na Carolina do Norte, aprendizes em vôo sem motor desmontam e remontam os planadores nas próprias enfermarias. Em Jefferson Barracks, há até dificuldade em ver os enfermos, porque estes praticam camuflagem em suas camas, com disfarces que eles mesmos inventam.

Em quase todos os hospitais da Aviação, os pacientes passam o dia ouvindo discos fonográficos—mas não é música de jaze que ficam tão atentamente

O ESCRITOR Albert Q. Maisel interessa-se particularmente por assuntos de medicina. É autor de vários livros, entre os quais *Miracles of Military Medicine*, e está atualmente escrevendo um livro sobre o notavel serviço médico da Marinha no sul do Pacífico, de onde regressou recentemente.

escutando: são cursos de línguas, em discos, que os habilitam a aprender um vocabulário regular em poucas horas, seja de português, japonês ou italiano.

Todas essas atividades, e muitas outras de natureza igualmente incomum—constituem parte de um programa que se intitula pomposamente de «Treino e rehabilitação dos convalescentes da Aviação militar». Esse programa começou a ser executado há cerca de um ano, quando o tenente-coronel médico Howard A. Rusk, recem-chegado do serviço civil, falou com o jovem que se aborrecia no hospital. A princípio, o dr. Rusk pensava apenas em aliviar os enfermos da monotonia da vida que iam levando. Mas, logo que a sua idéia foi posta em prática, coisas surpreendentes ocorreram. Os pacientes convalesciam mais rapidamente do que antes, enquanto as recaidas diminuiam na mesma proporção.

O general David N. W. Grant, cirurgião-chefe da Aviação Militar, ouviu falar no caso, e decidiu observá-lo. Duas semanas depois incumbiu o dr. Rusk de estabelecer o seu sistema em todos os hospitais da Aviação.

No hospital para convalescentes, que ocupa dois grandes hotéis de Miami em frente ao mar, fiz a minha inspeção, vestido como os pacientes, com o pijama e o roupão que todos usam, para não chamar a atenção, e assim percorrer as enfermarias.

Uma das singularidades que imediatamente impressionam qualquer observador é que o treino dos enfermos começa o mais cedo possivel, não deixando margem alguma para que se aborreçam. Os próprios soldados que ainda são recrutas, fazem os cursos básicos do tratamento—primeiros socorros, camuflagem, identificação de aviões, etc. O tempo de permanência no hospital já não é mais perdido: os enfermos recebem certificados, declarando o trabalho que fizeram, e que é inteiramente reconhecido pelas unidades militares a que pertencem. O sistema é proveitoso, não somente para o Exército, mas para o próprio soldado. Antigamente, os recrutas se aborreciam, preocupados com a idéia de que se atrazariam tanto com a sua permanência no hospital que, ao voltar às fileiras, teriam que separar-se dos amigos e camaradas de sua unidade, sendo enviados para outra, onde recomeçariam o treino militar.

Os soldados que já completaram o seu curso de preparação, e mesmo aqueles que já serviram em combate, sempre encontram alguma coisa em que possam exercitar-se: rádio, leitura cartográfica, fotografia, eletricidade, natação.

Recentemente descobriu-se que havia uma dúzia de cozinheiros e padeiros num hospital. Um deles tinha sido chefe de cozinha de um hotel de Nova York. Foi imediatamente organizada uma classe de cozinha, e o ex-cozinheiro chefe começou a ensinar aos camaradas os segredos de sua arte. Dentro de poucos dias, a gente do hospital estava comendo *cannelon de boeuf* em lugar de carne picada, e *pommes de terre Chantilly* em vez de simples batatas cozidas.

Até os analfabetos, que são poucos, aprendem algo. Nos hospitais da Aviação qualquer soldado pode aprender, *em um só dia*, a escrever o nome—e o que isso significa para seu moral, para a conquista do auto-respeito, é facilmente imaginavel.

Recentemente, em um período de seis semanas, 57 soldados convalescentes aprenderam, ou re-aprenderam, a ler e escrever. Ao sair do hospital de Miami estavam aptos a ler as ordens do dia, e puderam escrever para casa. E, o que é mais importante, convenceram-se de que *podiam* aprender; de que não eram tão desprovidos de inteligência como o supunham.

Em Jefferson Barracks, eram dantes necessários 45 dias para que um doente de pneumonia se restabelecesse completamente. Agora bastam 31. Antes do serviço de treino para convalescentes, cerca da terça parte dos que tinham baixa, curados de pneumonia, voltavam para o hospital dentro de algumas semanas, com recaida. Entretanto, no verão deste ano, as recaidas não passaram de três por cento. Essa notavel melhora é atribuida ao duplo programa de restabelecimento físico e mental.

Os soldados que regressam de alem mar, sofrendo de esgotamento nervoso, ou de outros padecimentos que não requerem atenção cirúrgica, são enviados imediatamente para um dos sete centros de restabelecimento; os outros feridos da Aviação vão dos hospitais para esses centros, logo que se torna possivel.

Para eliminar a depressão com que os feridos começam o seu longo caminho de completo restabelecimento físico e moral, as autoridades desses serviços hospitalares concluiram que o melhor método é dizer-lhes por que razão alí se encontram, e o que se espera deles, tão depressa quanto possivel. Tive oportunidade de acompanhar um cirurgião em sua primeira visita a um sargento que apresentava ferimentos de bala, e havia sofrido a amputação de uma perna. Chegara da frente de combate dois dias antes, e se encontrava em estado de grande abatimento moral. Disse-nos que tinha sido ferido sobre Nápoles, em um aparelho B-24, pelo fogo cruzado de dois Messerschmitts. Em seguida, olhando para a perna decepada, sua fisionomia jovem e cheia de vida anuviou-se.

—Eu *era* um chofer de caminhão, disse.

—Então,—respondeu-lhe o doutor—você não podia vir para melhor lugar. Eis aquí o seu programa: primeiramente vamos pô-lo bom. Isso, entretanto, requer mais uma operação. Mas, nesse ínterim, vamos ver que espécie de trabalho você gostará de fazer, quando der baixa do Exército. Começamos o seu treinamento aquí mesmo, na cama. Você terá uma perna nova—atualmente são excelentes as pernas artificiais. E poderá ser novamente chofer de caminhão, se quiser. Mas, com toda certeza, você estará habilitado a conseguir trabalho melhor.

Quando o médico acabou de falar, houve um longo silêncio.

Então, o sargento se abriu:

—Ora, com todos os demônios, porque ninguem me disse isso antes? Não está nada mau. Vamos começar, então!

Ele *devia* ter sido informado disso antes, poupando-se-lhe dias e dias de depressão. De fato, agora, o programa de rehabilitação dos feridos começa na primeira ambulância que os retira da linha de frente.

Tem-se muito cuidado em estabelecer um ambiente de estreita camaradagem entre médicos e aviadores, nos hospitais da Aviação. O médico é tanto um profissional como um amigo do seu paciente, arranjando-lhe uma pequena para dansar, com a mesma facilidade com que lhe prescreve um remédio. Em Coral Gables, o «consultório» predileto é uma bela piscina, que custou um milhão de dólares. Com razão disse um médico: «Eu ajudo os meus homens

somente pela metade; o sol e a natação fazem o resto.»

O primeiro objetivo consiste em restabelecer o soldado, para que possa voltar em boa forma para o combate. Quando tal não pode ser conseguido, o paciente é treinado para outros serviços ativos da Aviação. Pilotos de combate se tornam instrutores de vôo; navegadores e fotógrafos aéreos são aproveitados no Serviço Secreto; o atirador ferido aprende a ensinar, etc. Desse modo, os problemas de reajustamento individual se tornam mínimos, ao tempo em que são mantidas e restauradas capacidades especializadas, extremamente valiosas.

Os soldados que não se tornam aptos a servir novamente nas fileiras, são reeducados para regressar à atividade civil. Foram abandonadas as antigas noções relativas às tarefas próprias para os convalescentes. Os soldados já não fazem cestas, ou coisas semelhantes. Ao contrário, os aviadores manipulam cartões de reconhecimento de aviões, manejam complexos instrumentos de prática de tiro e bombardeio, e todos eles trabalham em oficinas, para desenferrujar os músculos, e familiarizar-se com a técnica de novas atividades.

As autoridades aeronáuticas estão já pensando no futuro, quando o objetivo mais importante será reintegrar os soldados na vida civil. Segundo tal ponto de vista, essa reintegração não se limita a um exame físico e um bilhete de passagem para as cidades onde residiam antes da guerra. Inúmeros professores de artes e ofícios, que desempenhavam várias funções na Aviação, têm sido transferidos, para dirigir o novo programa de instrução profissional.

Assim, desde o seu primeiro dia em um centro de rehabilitação, o soldado começa um regime de treino especial, com o fim de preparar-se para reingressar numa vida util, mantendo-se, com dignidade, quer nos serviços militares, quer na frente doméstica do país.

¶ Quando o popular Al Smith—que começou por vender jornais nas ruas de Nova York, e chegou a dono do *Empire State Building* e candidato à presidência dos Estados Unidos—era governador do estado de Nova York, sucedeu que a famosa penitenciária de Sing-Sing estava sem diretor. A prisão tornara-se pasto do escândalo, e Al Smith necessitava de um pulso-de-ferro para meter aquilo na ordem. Mandou chamar Lewis E. Lawes, e disse-lhe jovialmente:

—Que tal, se você se encarregasse de Sing-Sing?

O outro ficou embasbacado. Conhecia os perigos de Sing-Sing. Era um cargo político, sujeito às caprichosas variações da política. Os diretores entravam e saíam—havia mesmo um que não tinha ficado mais de três semanas! Ora ele tinha uma carreira a considerar... Valeria a pena correr o risco?

E Smith, que o via hesitar, recostou-se para trás na cadeira e sorriu:

—Meu rapaz, disse ele, não o censuro por ter receio. O lugar é para temer! Será preciso um homem *teso* para ir lá e ficar...

Lawes gostou da idéia de tentar uma tarefa que era para um «teso». E aceitou. Foi, ficou—e tornou-se o mais famoso diretor das penitenciárias da época!

—Dale Carnegie, *How to Win Friends and Influence People* (Harper)

Os animais têm coisas de gente...

Arte de amar entre os pinguins segue uma inalteravel etiqueta. Quando o moço se declara à eleita do seu coração, escolhe um seixo, e deposita-o com visivel satisfação e carinho aos pés da amada. Se esta o apanha, é que consente em ser sua noiva. Mas se o rapaz não lhe interessa, não toca na pedra. Então, ele a apanha novamente, e, afastando-se do lugar, a oferece possivelmente a outra. Uma vez, um velho pinguim das regiões sub-antárticas aproximou-se, bamboleando-se, do dr. Robert Murphy, do Museu Americano de História Natural, e colocou solenemente a seus pés a brilhante tampa de uma lata de leite condensado. O naturalista apanhou-a, fez uma profunda reverência ao pinguim, e separaram-se com recíprocas expressões de apreço.

—Roy Chapman Andrews, *This Amazing Planet*

Uma manhã, seguindo eu o meu perdigueiro através de um terreno alagadiço, vi-o precipitar-se atrás de um velho quatí. Este se lançou a um pequeno lago, perseguido ferozmente a nado pelo perdigueiro. Quase a meio caminho o quatí alcançou um tronco submerso. Aí descansou uns segundos; em seguida, virando-se com todo cuidado, enfrentou calmamente o perseguidor. Quando este chegou ao seu alcance, o quatí estendeu com carinho as patinhas pretas e, apoiando-as graciosamente na cabeça do cachorro, mergulhou-a na água, mantendo-a lá firmemente.

A cauda e as patas traseiras do cachorro agitaram-se desesperadamente no ar. Finalmente conseguiu livrar-se e fugir para a praia, engasgado, surpreendido, e terrivelmente encabulado.

—Archibald Rutledge, *Wild Life of the South*

Com um filhote já crescidinho marchando ao lado, uma elefanta puxava um pesado madeiro num estaleiro da Índia. Duas correntes, presas ao pescoço do paquiderme, estavam enganchadas nas extremidades do toro. Numa leve subida, tinha ele de recorrer a toda a sua energia; enquanto se esforçava, inclinado para a frente, o filhote repentinamente desprendeu um dos ganchos do tronco, fazendo com que a mãe caisse de cabeça no chão. O travesso filhote correu incontinenti para os bosques adjacentes, o mais depressa que lhe permitiam as pernas. Erguendo-se rapidamente, a mãe foi-lhe no encalço, de tromba erguida. Alcançou-o, e os trabalhadores do estaleiro puderam ouvir os lamentos que o elefantezinho soltou enquanto a tromba materna o surrava. Finalmente os dois reapareceram, o filhote seguindo cabisbaixo atrás da mãe, agarrado à sua cauda.

—Samuel A. Derieux, *The American Magazine*

UM PEQUENO CHIMPANZÉ do Jardim Zoológico de St. Louis estava perdendo um dos seus dentes de leite. Este estava frouxo, mas parecia doer, e o animal estava receoso de puxá-lo. Os seus camaradas mostravam um interesse infantil pela sua triste situação. Vários deles tentaram extrair o dente, mas não conseguiram segurá-lo bem. Finalmente um guarda deu a um deles uma pinça. Depois de algumas tentativas, o chimpanzé aprendeu a manejá-la e acreditem ou não, conseguiu extrair o dente. Todo o grupo o reprovou, acusando-o de ser o causador do mal-estar do seu companheiro. Lançaram-lhe berros, morderam-no, e até pularam em cima dele! O encarregado a muito custo conseguiu tirar-lhe o dente das mãos.

—*The St. Louis Zoo*

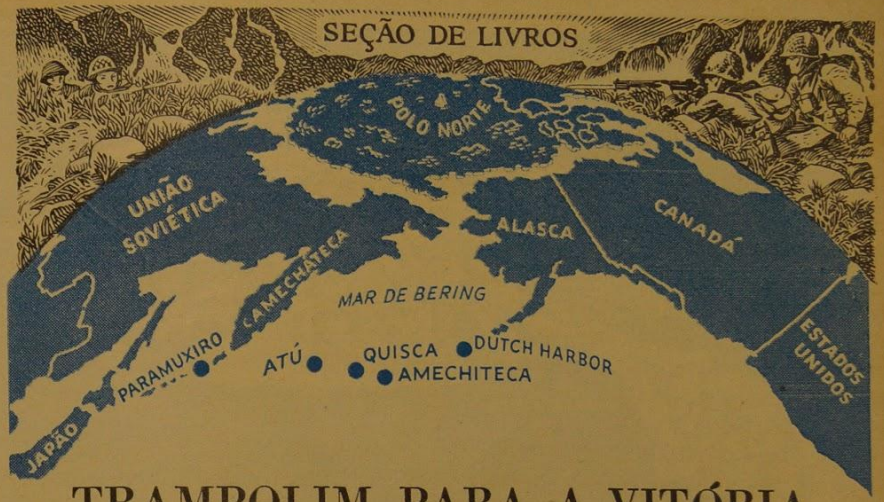
AO ALVORECER de um dia de verão, passeava eu por um campo, quando vi deslizando pelo chão alguma coisa que se parecia com uma grande cobra preta, listrada de branco ao longo das costas: era uma família de *skunks*, que são as maritacacas da América do Norte, a mãe à frente e cinco filhotes em perfeita fila atrás. Mas eu não era o único observador: a menos de cinco passos deles estava agachado um dos meus gatos.

A coluna de maritacacas parecia desconhecer inteiramente a presença do felino. Um momento depois, contudo, quando o gato se moveu levemente em sua direção, a mãe emitiu um som quase imperceptivel—uma ordem de comando. Instantaneamente, todas as outras tomaram posição, e dispararam o seu esguicho com infalivel pontaria. O gato, cego com a certeira e fétida descarga, deu um tremendo pulo no ar e sumiu do local. As maritacacas, como soldados bem treinados, entraram novamente em fila indiana, e retomaram a sua marcha cadenciada.

—Jack Murray, *The Country Home Magazine*

¶ O ANTIGO presidente da Companhia Ferroviária da Pensilvânia, George Roberts, tinha por costume mostrar a seus subordinados que sempre estudava minuciosamente os trabalhos de todos, acrescentando ou eliminando sempre qualquer coisa nos planos e projetos que eles lhe submetiam. Ora, um dos superintendentes de divisão subordinados a Roberts, um tal D. W. Caldwell que mais tarde foi tambem presidente da mesma companhia, tinha conseguido autorização para construir uma estação nova, e estava muito interessado na realização dessa obra. Caldwell arquitetou a estação de acordo com suas idéias pessoais, e para evitar que o chefe introduzisse qualquer modificação essencial, adicionou ao projeto da sala-de-espera uma varanda envidraçada. Roberts examinou atentamente o projeto, e no fim traçou o seguinte despacho: «Tire essa varanda, e o resto está aprovado.» Era exatamente o que Caldwell desejava!

—Chauncey M. Depew, *My Memories of Eighty Years* (Scribners)



TRAMPOLIM PARA A VITÓRIA

A reconquista de Atú

Condensação do livro "Bridge to Victory"
por HOWARD HANDLEMAN

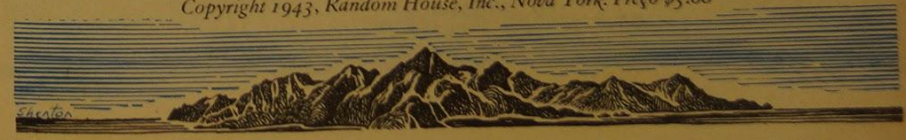
«Trampolim para a Vitória» é a primeira reportagem completa que vem a público sobre a reconquista das ilhas Aleutas. Howard Handleman, na sua qualidade de correspondente do *International News Service*, assistiu a tudo, e tudo narra neste seu livro de um estilo flagrante e vivo: a grande estratégia, os pequenos incidentes, o cenário desolado e afogado em névoas, os ruidos, os odores, e as sensações da batalha.

Mas o que acima de tudo lhe interessa são os seus irmãos de raça, esses rapazes americanos saidos do escritório e da fazenda, da escola ou do balcão, e que de um dia para o outro se viram mergulhados nas campanhas mais estranhas e mais cruéis desta guerra.

Handleman compartilha a curiosidade dos combatentes pelo seu diabólico adversário; vasculha ao lado deles nas «tocas de raposa» do inimigo; contempla os seus mortos e inspeciona o escasso punhado de prisioneiros, procurando sempre compreender o carater dos filhos do Sol Nascente, que umas vezes parecem estóicos, outras caem no desvairo histérico.

Tudo isso se acumula para dar ao leitor desta empolgante narrativa o sentimento de que ele próprio se arrasta penosamente através dessa breve e memoravel campanha.

Copyright 1943, Random House, Inc., Nova York. Preço $3.00



ATÚ

Antes da guerra atual ninguem queria as Aleutas, o nevoento arquipélago ao norte do Pacífico, onde apenas um punhado de americanos, caçadores de peles, se aventuravam a viver entre os novecentos naturais. É que nem os próprios aleutianos gostavam do clima. Infelizmente, no seu avanço sorrateiro em direção ao continente americano, os nipões ocuparam Quisca e Atú, e tornou-se necessário corrê-los dalí, com a ameaça que representavam para o Alasca.

O clima e o terreno se combinaram para tornar as ilhas Aleutas o mais árduo dos campos de batalha que figuram na história dos Estados Unidos. Durante meses, as forças mistas norte-americanas, sob o comando da Marinha mas trabalhando em perfeita coordenação, foram pacientemente edificando uma base após outra, nas várias ilhas do arquipélago, apertando o cerco em torno de Quisca e Atú, preparando-se para travar a batalha preliminar, e ao mesmo tempo varrendo de obstáculos a estrada aérea que os há-de levar ao Japão, para a campanha de mais vastos objetivos e resultados.

O quadro final da cruenta batalha desenrolou-se, sem tréguas de parte a parte, na desolada e nua seção de Atú que acima vemos reproduzida.

TRAMPOLIM PARA A VITÓRIA

No dia 1.º de maio de 1943, juntaram-se em Baía Fria, no Alasca, tantos vasos de guerra como o longínquo país do Norte nunca tinha visto: eram couraçados, destróieres, transportes com os conveses coalhados de soldadesca, que nem um homem se podia baixar para atar as botas; e até um pequeno porta-aviões. Por cima dessa armada, vindos uns das bases terrestres, outros do porta-aviões, roncavam os aeroplanos, circulando vigilantes, às vezes caindo a pique sobre os navios em algum exercício de ataque, que dava aos soldados uma antecipação do calafrio das batalhas...

«Eh, Jesús!» ouví eu dizer a um soldado. «E' mesmo certo que a gente vai atacar a tal ilha!...»

O grosso das forças americanas destinava-se ao desembarque na Baía do Massacre, na costa sul da ilha de Atú; quanto ao lado norte, um só transporte fora aprestado para o desembarque na baía de Holtz. O plano previa que as duas colunas marchariam respectivamente para o norte e para o sul, indo encontrar-se no reduto principal dos japoneses, no braço ocidental da Baía de Holtz, um dia e meio após o desembarque. Como sempre, entre os correspondentes de guerra corriam piadas, faziam-se previsões, e disputavam-se as posições mais vantajosas de observação. Eu apostei que as tropas que iriam pelo norte, num só transporte, chegariam primeiro ao *rendez-vous*...

Comandava estas tropas a major Albert V. Hartl, sujeito atarracado, preciso e metódico no discurso, e que, à primeira vista, não dava a impressão de ser o homem de «fibra» que uma tarefa daquelas reclamava. Nunca o ouvíamos praguejar. Quando se referia aos japoneses, em vez do tão batido lugar-comum de «estes amarelinhos cafajestes», dizia sempre «os nossos irmãozinhos pardos», o que dava uma intensidade e agudeza muito maior aos seus sentimentos a respeito do adversário.

Na vida paisana, este major fora guarda-livros chefe da comissão estadual dos serviços de utilidade pública do Dakota-Norte, e sorria agora com uma pontinha de modéstia ao referir-se ao passado. Mas a maioria dos oficiais, e quase todos os homens, provinham de classes e setores sociais não menos distanciados da arte mavórtica: eram lavradores e advogados, comerciários e estudantes, homens de negócio e operários, mineiros, caixeiros e «cavadores». A América inteira estava alí representada. Tudo quanto jamais se fez nos Estados Unidos, foi obra de homens deste tipo, e de outros parecidos com eles. A guerra começou por juntá-los, e depois—como se ia mostrar na batalha de Atú—lançou-os sem distinção na grande voragem, e todos eles se bateram como se nunca tivessem feito outra coisa na sua vida...

A frota de invasão levou nove dias no mar, desde Baía Fria até Atú. Lá em cima no tombadilho fazia-se ginástica; mas ia tudo tão atravancado com lanchas de desembarque, artilharia

e mais material, que só pequenos grupos de homens se podiam exercitar a um tempo. Era tal a acumulação de objetos e de pessoal, que os homens que queriam ler, tinham que se apoiar às costas do vizinho da frente.

Desde manhã até à noite, os oficiais levavam os soldados em grupos para a sala de comando, onde se estudavam táticas de guerra. O navio parecia um dormitório de universidade americana, em vésperas de finais de futebol... Via-se a um canto um grupo de oficiais inferiores, noutro dez ou doze recrutas, e à mesa, no centro, sentava-se uma roda mais numerosa. Tudo era dito e explicado por igual a milicianos e recrutas, porque a idéia central do exército americano é que o melhor soldado é o soldado mais bem informado.

Até as refeições serviam para familiarizar as tropas com a tarefa que as esperava ao termo daquela viagem. No corredor onde os soldados tinham que passar para receber o rancho, encontrava-se um grande mapa em relevo do nordeste de Atú, que era a parte da ilha onde nós devíamos desembarcar. De dia e de noite, havia sempre soldados estudando aquele mapa, de pé no corredor.

Infelizmente, o relevo estava longe de corresponder à realidade: elevações que, no mapa, davam a impressão de outeiros, vieram depois a revelar-se montanhas com mais de mil metros... Esse, a bem dizer, foi o maior erro de cálculo em toda a expedição.

Nas conferências de oficiais, o major Hartl modificou radicalmente a primeira impressão que dele tínhamos formado: o sujeito conhecia tudo, pensava em tudo, e tratava de tudo com firmeza; parecia um professor dissertando para os seus meninos.

—O que nos espera não é uma facil tarefa. Os nossos irmãozinhos pardos estão na ilha de Atú há onze meses. Acham-se bem fortificados na baía de Holtz, que nós devemos alcançar o mais depressa que nos for possivel. Domínio do mar, nós já o temos assegurado. Pelo menos durante o primeiro dia, teremos tambem o domínio dos ares. Depois disso, ninguem sabe dizer o que será. Os japoneses podem vir até aquí pelo ar, de Paramuxiro, que fica a pouco mais de mil quilômetros de distância.

«Ainda não sabemos se poderemos fazer o desembarque no local que foi escolhido, a Praia Vermelha. E' um pequeno areal semeado de rochas. Diz-nos o reconhecimento aéreo que por alí não há japoneses. Se isso é verdade, a coisa não vai mal. Se eles lá estiverem, vamos ter encrenca.

«Desembarcados que formos na Praia Vermelha, a marinha de guerra fará uma barragem à nossa vanguarda. Devemos contar com uma margem de uns 600 metros entre a nossa linha de avanço e o fogo de barragem.

«É preciso estarmos alerta para qualquer sinal de afrouxamento por parte dos nossos homens, sob o primeiro choque do combate. Se alguns se deixarem ir abaixo, os oficiais têm por dever falar-lhes, animá-los, ou então recambiá-los para os médicos. Nenhum de nós sabe como é que vai reagir debaixo do primeiro banho de metralha...

«Certifiquem-se de que todos os seus homens vão a terra com rações para um dia, meias limpas, roupas brancas lavadas, barbeados e, sendo possivel, com um banho. A sujidade agrava sempre o perigo de infecção. Devem levar o cabelo cortado rente. O cabelo comprido pega-se às feridas da cabeça, e complica o trabalho dos médicos.

«Temos esperança de conseguir para cada pelotão uma tenda de aquecimento, onde os homens se possam ir reconfortar e secar as roupas. Essas tendas não são para dormir, e ninguem as deve ocupar por muito tempo.

«A luta deve estar acabada dentro de poucos dias. Digam aos seus homens que se preparem para esse dia, em que poderão enfim repousar. Aconselhemnos a meter um baralho de cartas no saco, se isso os interessa...»

Nada escapava à atenção do comandante:

«E que não esqueça o papel higiênico! Estou informado de que as instalações higiênicas da ilha deixam bastante a desejar...»

Passado tempo, gozando um breve repouso ao sol efêmero do mar de Bering, o major Hartl, instalado no reparo de uma peça, disse:

«Tenho-lhes falado muito do primeiro choque de combate. Segundo ouço dizer é coisa dura, e há sujeitos que ficam logo feitos um molambo. Diz-me a conciência que eu fiz tudo o que era humanamente possivel para preparar meus homens para esse mau bocado. Acho que se vão conduzir à altura. Agora, o que eu realmente gostaria de saber é se *eu* vou me conduzir à altura...»

NA MANHÃ de 11 de maio, dia marcado para o ataque, foi uma agitação indescritivel. O primeiro almoço foi servido às 4 da madrugada. Os oficiais, que habitualmente iam chegando à câmara do comando quando lhes apetecia, desta vez desceram todos de uma só vez. Poucos tinham dormido durante a noite: toda a gente estava demasiado inquieta para poder dormir a sono solto. A maioria deles tinham-se barbeado, e a companhia parecia até mais asseada, nessa manhã, do que em nenhum outro dia desde o começo da expedição. Tambem alí estavam presentes os oficiais da marinha de guerra; o dia, para eles, ia ser não menos memoravel do que para os do exército: a missão que lhes cumpria era pôr o exército em terra.

O pessoal da cozinha viu-se a braços com aquele dilúvio de gente, e não deu conta do serviço. Os oficiais acabaram por se encaixar junto dos fogões para cozinhar ovos e fazer torradas. Houve risos, e a atmosfera tornou-se descuidosa. Com o cheiro do presunto frito no nariz, e ouvindo estrelar os ovos nas frigideiras, não era facil ninguem deixar-se intimidar pelo pensamento de coisas sérias, que ainda estavam para suceder...

Só o doutor Haverly tinha uma sombra de tristeza na alma. Olhando em volta aquele bando ruidoso e risonho de americanos na força da juventude e da saude, as lágrimas subiram-lhe aos olhos, e murmurou: «Meu Deus, ainda bem que eles não sabem aquilo em que estão metidos! Nós calculamos que nesta operação o número de baixas vai andar em 30 por cento...»

Depois do primeiro almoço os homens ocuparam-se de pequenas coisas, uns para matar tempo, outros para se assegurarem de que nada do que lhes fosse necessário seria esquecido. Passavam em revista o material, afiavam as facas de mato, esfregavam enxúndia nas botas de couro.

Às sete o nevoeiro clareou um pouco: podíamos ver a pouca distância couraçados e destróieres; o mar estava coberto de navios que avançavam a tomar posições. Voltou-nos aquele sentimento de força que nos havia inspirado, no

porto de concentração, a massa dos navios expedicionários. Mas às oito, o nevoeiro estava outra vez cerrado como uma muralha; não podíamos, da popa do navio, avistar a proa.

Às 8.30 o altofalante começou a expedir ordens: a companhia A e os Batedores do Alasca—estes, bons conhecedores das condições de manobra no Ártico—deviam embarcar nos seus batelões. Era a hora! O coronel Frank L. Culin, rijo veterano militar do Arizona, afivelou o capacete de aço; o seu regimento estava alí como reserva, nem sequer o haviam incluido no corpo de desembarque. Mas Culin fora escolhido para chefiar os primeiros homens que poriam o pé em terra, e para dar combate a quaisquer japoneses que porventura se encontrassem na pequena praia.

Um oficial novato desejou «boa sorte» ao coronel. Culin já ia a alguns passos de distância quando parou e, voltando-se para trás, disse: «E' muita bondade de sua parte. Obrigado!» E se na sua face havia uma expressão tensa, a voz traduziu sincera gratidão.

Os soldados foram entrando nos batelões em perfeita ordem. Lá de baixo olhavam para os que ficavam, apoiados na amurada,—os felizes que a sorte reservara para o segundo e o terceiro desembarque. E os homens de cima procuravam evitar esse olhar. Ninguem falava. Nem palavras de adeus, nem votos de boa sorte. Tudo isso fora ultrapassado.

Apinhados nos batelões, os homens mexiam e viravam-se, mudando as granadas de um bolso para outro, para as terem mais à mão. Houve um soldado que tirou da bagagem uma escova de dentes vermelha, e se pôs a limpar com ela o mecanismo de fogo do seu fuzil...

Em breve os dez batelões tinham sumido no nevoeiro, rebocando três barcos a remos, feitos de matéria plástica, nos quais, depois de cortadas as amarras que os prendiam, os Batedores do Alasca deviam avançar até à praia, servindo-se dos remos silenciosos. Era essa a primeira «tática indiana» a ser posta em ação, numa batalha em que iam abundar os truques de peles-vermelhas.

O bombardeamento de barragem pelos couraçados devia ter começado às dez horas, mas por qualquer razão misteriosa não principiou, e esse atrazo pôs-nos nervosos. Da plataforma duma peça de artilharia anti-aérea, quatro marinheiros começaram a entoar em ritmo, como fãs impacientes num desafio de futebol: «Esbodegue essa praia! Esbodegue essa praia!»

O AR MATINAL estava cheio de rumor e agitação. Ouviam-se explosões, mas não eram os couraçados, agora visiveis, que disparavam. Alí estávamos nós, em plena batalha, e sem fazer a menor idéia do que se estava passando.

Inquietava-nos a sorte do coronel Culin e dos seus homens: havia muito tempo que nos tinham deixado, aproando ao desconhecido, e nem uma palavra nos chegara ainda deles. Mas, por fim,

o coronel mandou uma mensagem pelo rádio portatil: a praia estava desimpedida, e os batelões podiam começar a avançar entre as rochas.

Hartl mostrava-se impaciente. Queria apanhar-se depressa em terra e começar o ataque; queria aproveitar a luz do dia para as primeiras operações de combate, de modo que os seus homens se pudessem entrincheirar antes da noite —mas era quase uma da tarde quando recebemos ordem de entrar nas lanchas de desembarque. Foram-nas arriando, e daí a pouco o mar estava negro de lanchas, todas elas atestadas de vidas, armas e suprimentos preciosos. Singrando em linhas sinuosas, as lanchas erguiam grandes vagas que rebentavam contra os outros barcos, cobrindo os homens de espuma. Por fim, alinhadas a um de fundo na esteira de um destróier, como ninhada de pintos atrás da galinha, lá se foram aproximando da praia. Mas o percurso foi longo, e os soldados tinham as pernas hirtas e sofriam caimbras.

Agachado, de costas contra a amurada da lancha em que eu seguia, o sargento Diego Rubiales perguntou aos seus homens se tinham as armas prontas, as granadas à mão, as moxilas de combate bem afiveladas às costas. Este Rubiales, antes de ser militar, fora cultivador de cogumelos na Califórnia, e renunciara à oportunidade que lhe ofereciam de entrar na escola de treino de oficiais, para não perder a de tomar parte na conquista de Atú.

Avistamos a praia através do nevoeiro às 3.05 da tarde; à primeira vista, as grandes massas de neve pelas encostas fizeram-nos pensar em fumaça que subia. As lanchas tornaram a reunir-se num vasto e ruidoso bazar naval. Minutos depois, o bombardeio naval soltou o seu primeiro rugido. A voz dos canhões de 14 polegadas era inconfundivel. Tinham-nos dito que um bombardeamento naval é a coisa mais apavorante da guerra, e, ouvindo agora por cima da cabeça o uivo pesado e úmido dos enormes obuses cortando a névoa, bem o podíamos acreditar...

Por entre o fragor do bombardeio, os soldados puseram-se a gritar: «Manda-os pró inferno! Arrebenta com eles! Foram eles que pediram, raios! Chega neles! Venha mais!...»

O estrondo do bombardeio causou alvoroço entre os gansos bravos das Aleutas, grandes passarões negros e gordos. Vimos passar três deles junto de nós, voando tão depressa como nunca dantes voaram gansos...

Aquí e alem, à medida que nos aproximávamos, víamos flutuar pequenas bandeiras rubro-negras, instaladas em jangadas quadradas de sinalização. Eranos grato vê-las! Estavam a dizer-nos que por alí, antes de nós, haviam passado americanos, que nos esperavam agora na praia. E isso, parece que não, mas cortava um pouco a estranheza do meio.

A praia onde fomos desembarcar, ao norte da base japonesa da baía de Holtz, não teria mais que 90 metros de largura. As lanchas despejavam homens e carga às duas apenas de cada vez, vagarosamente, enquanto as outras pairavam fora, esperando. À beira da água, berrando no megafone, estava o oficial encarregado do desembarque: «Vocês andem aos SS como uma cobra! Como uma cobra!» bradava. «Tem rochas lá adiante, lá adiante!»

Os marujos, curvando-se perigosamente sobre as ondas, da amurada, iam bradando avisos ao timoneiro, quando avistavam baixios. Apesar disso, pouco

antes de vararmos na praia a lancha bateu de raspão num rochedo submerso, que por sorte era chato. A lancha deu um pulo violento, mas a rocha não abriu brecha no fundo de aço.

Descida a prancha na areia molhada da praia, os soldados, carregados com quanta caixa de munição podiam levar, desembarcaram a dois e dois.

Estava terminada a primeira fase da tarefa. Mas o mais difícil ainda estava por vir.

Quem quer que fosse que escolheu esta praia, devia receber uma grande medalha. A pequena bacia arenosa estava apertada num cinto de falésias com bem 240 metros de altura. Era evidente que os nipões nunca supuseram possível um desembarque em semelhante sítio. Se o tivessem pensado, teriam podido defender a posição com meia dúzia de metralhadoras... A escolha, portanto, desta praia, a 6 quilômetros do reduto principal dos japoneses, que ficava para além de um alto platô, foi um fator de importância primordial na vitoriosa campanha de Atú.

Quando nós chegamos em terra, já a nossa marinha e o exército andavam ativamente empenhados no seu trabalho. Havia homens por toda a parte da praia, correndo para aquí e para alí em busca das melhores posições onde cavar abrigos, transportando munições, amontoando caixas de víveres, esforçando-se obstinadamente para rebocar os pesados canhões por sobre o areal e a erva da tundra adiante se estendia. À maneira de camuflagem regional, já a maioria dos soldados levavam tufos dessa erva amarela metidos na rede que lhes envolvia os capacetes.

Outros soldados marinhavam por uma ravina escavada na falésia; e a ascenção era quase toda ela dificílima, de gatinhas sobre a lama viscosa. A certa altura foi possivel amarrar uma corda, para que os soldados, à laia dos alpinistas, pudessem içar-se à força de pulso e apoiando na rocha as solas das botas ferradas. Muitos dos soldados que levavam caixas de munição, ou sinaleiros telegrafistas arrastando penosamente grandes rolos de arame telefônico, escorregavam aquí e alem e rolavam alguns metros falésia abaixo, até poderem deitar a mão a uma saliência da rocha ou a um tufo mais firme de capim. Os soldados americanos provavam pela primeira vez o gosto à campanha das Aleutas—e achavam-no amargo.

No topo do rochedo, até onde a névoa, esbatendo-se, nos permitia alcançar com a vista, desenrolavam-se em cordão pequenos grupos de soldados. Seguindo uma linha telefônica estendida sobre a tundra, caminhamos então por uma terra estranha de barrancos, montes, ravinas, ribeiros e lagos, país de névoas e obscuridade, de mistérios e perigo... O terreno era incerto e traiçoeiro, e até nos trechos mais planos os homens caíam com frequência.

A certa altura alcançamos o major Hartl, que rompera caminho muito cedo e avançava com celeridade; tinha ele planeado tomar posições de ataque à baía de Holtz no dia seguinte. O telegrafista munido do transmissor-receptor de rádio, caminhava ao lado dele.

A notícia do primeiro contacto com o inimigo chegou ao major Hartl pelas seis da tarde. A patrulha da nossa companhia C, que nos ficava muito para trás, no flanco esquerdo, junto ao mar, havia tropeçado com uma pequena patrulha nipônica, e matara um

dos quatro japoneses, ferira outro, pondo em fuga os dois restantes. A esta hora já os japoneses deviam saber que lhes estávamos ao norte.

Mais tarde, enquanto os homens de Hartl repousavam na relva molhada, respirando dificultosamente, ouvia-se fuzilaria esporádica da banda da esquerda, na direção da baía de Holtz. Era apenas um ruido que vinha através do nevoeiro, alguma coisa cuja significação só mais tarde esperávamos vir a saber.

Com efeito: daí a dez minutos, o rádio portatil pôs-se a rouquejar a notícia de que a patrulha da nossa companhia B, que matara um japonês, tinha encurralado o ferido entre umas rochas, e estava agora atirando nele, com todo furor.

Pouco antes das oito, o tenente Barry Sugden, oficial de informações às ordens do major Hartl, chegou correndo, esbaforido e feliz, com uma arma japonesa nas mãos, um objeto exquisito, cor de laranja, com um cano comprido.

O fuzil passou de mão em mão: era uma coisa de aparência pobre, mais parecendo uma velha espingarda americana de tiro aos esquilos, e de baixo calibre, não mais de .25. Os soldados revezaram-se para dar um tirinho com ela, e juntaram-se em círculo tão apertado, que Hartl teve que lhes dar um berro para os fazer dispersar.

Aquele troféu atuou sobre os homens como um tônico: era, afinal, uma «recordação» que justificava certa excitação. Não lhes despertaram menos curiosidade as manchas de sangue do japonês, nas calças do tenente Sugden...

Veio a ordem de Hartl para continuarmos a marcha. Começamos a encontrar aquí e alem lençóis de neve que espalhavam no ar uma claridade espetral, reflectindo a pouca luz do sol que conseguia vencer o nevoeiro. Ecoava pelos vales o rumor da fuzilaria.

A primeira granada japonesa veio ao nosso encontro às 8.28, na altura em que atravessávamos uma ravina atapetada de neve. Os japoneses disparavam às cegas porque não sabiam onde nós estávamos; mas caimos todos bem depressa de cara no chão, e assim ficamos naquela cama de gelo até muito depois que o inimigo havia silenciado.

Ninguem saberia dizer exatamente como é que se sentia após aquele batismo de fogo, mas a maioria dos homens mostravam-se orgulhosos de não haverem ficado tão espavoridos quanto esperavam antes do bombardeio.

Um extenso plaino, orlado à direita por uma elevada serrania, foi escolhido para passarmos a noite; ficava a quilômetro e meio de distância da montanha que separava as forças sob o comando de Hartl da enseada ocidental da baía de Holtz.

Os homens dispersaram rapidamente, e cavaram na terra macia os abrigos oblongos e bem conformados onde deviam passar aquela noite. Mas os sacos-camas não tinham chegado, e o leito deles foi úmido e frio...

Ao amanhecer de quarta-feira, 12 de maio, o nevoeiro ainda envolvia a ilha do Atú, como um grande pacho de tenuíssimo algodão. Tudo em volta de nós era silêncio, mistério, terror. Às cinco, o acampamento despertou e saiu da terra. Com seus dedos engadanhados de frio, os soldados acenderam as latas-fogões e abriram os seus almoços da ração «K»—uma lata de presunto com ovos em picado, sete bolachas, uma saborosa barra de fruta

comprimida, um pacotinho de café concentrado, três torrões de açucar, quatro cigarros, e um pedaço de goma de mascar.

Da baía do Massacre não viera recado algum, mas o major Hartl deu como assente que daquele lado as tropas estariam tambem avançando...

Pelas sete ouviram-se os primeiros tiros do dia: obra, pela certa, de franco-atiradores—meia dúzia de nipões e outros tantos ianques, procurando balear-se uns aos outros. Daí a pouco já os nossos soldados começavam a distinguir entre a voz dos fuzís japoneses, que cantavam com um «ping», e a detonação mais grave das carabinas americanas.

Para a nossa retaguarda, na praia, os 105 americanos disparavam, e os obuses passavam-nos por cima da cabeça rangendo e sibilando no nevoeiro. O eco da artilharia rolava através da serrania, alem.

Do nevoeiro em frente voltava correndo um estafeta: «Padioleiros!» pediu ele, anelante. «Estão sendo precisos lá diante. A companhia A foi apanhada pelo fogo de morteiros e metralhadoras. Já estão dez homens em baixo. A companhia está metida num barranco, mas não pode sair de lá. Os *japs* têm ambas as saidas debaixo de fogo!»

Os padioleiros avançaram, e desapareceram no nevoeiro.

Uma hora depois, regressavam os primeiros, suando sob o peso do ferido que traziam na padiola. Foi consolador para nós saber que este homem tinha probabilidades de escapar. Se ele estivesse ferido de morte, nem mesmo teria sido carregado para a retaguarda: eram as ordens que tinham, estritas. Não havendo nunca padioleiros em número suficiente, os que há não podem perder tempo com feridos incuraveis. Tal é a lei no campo de batalha...

E não são poucos os perigos que corre o padioleiro: para transportar uma padiola é preciso caminhar de tronco direito, senão, não se pode com o peso. E os padioleiros não podem andar curvados nem correr a meter-se num abrigo, cada vez que são visados pelo inimigo.

Às nove horas o nevoeiro levantou de repente, e diante de nós desenrolou-se o planalto em toda a sua extensão. Para as bandas do extremo direito, podia-se ver o barranco onde estava encurralada a companhia A.

Eram 9.10 quando a marinha começou a fazer fogo. As explosões dos seus obuses espalhavam na neve, para alem da companhia A, um vasto borrifo de pólvora negra, arrendado. Começaram os duelos de metralhadoras. Para nós, todo aquele tiroteio só criava confusão. Os aviões navais começaram a aparecer pelo meio dia, metralhando e reduzindo ao silêncio as baterias anti-aéreas dos japoneses.

As forças do major Hartl estavam agora coladas ao terreno do planalto, incapazes de avançar contra o fogo de carabinas e metralhadoras de homens habilmente dissimulados, dificeis de localizar: tarefa penosa, porque era preciso determinar a posição dos japoneses um por um, e aniquilá-los. A nossa melhor arma de destruição desses atiradores ocultos era uma peça antitanque de 37 mm., que não sei como fora possivel arrastar encosta acima. A guarnição da peça com certeza não dormira nada; mas tão depressa era determinada a posição de um ninho de metralhadora japonesa, o canhãozinho entrava em ação, e era uma vez a metralhadora. Aqueles diabos eram capazes de meter uma granada no olho de um mosquito!

Pelo meio da tarde a batalha atingiu o cume da intensidade; a marinha canhoneava de longe, os aviões do exército despejavam bombas, a artilharia pesada fazia uma barragem, e por todos os lados crepitavam a fuzilaria e as metralhadoras, numa formidavel concentração de fogo.

Ao anoitecer o major deu ordem de ataque contra a montanha onde os japoneses se tinham mantido todo o dia, e que nos barrava o caminho da baía de Holtz. Esse ataque desencadeou-se pela encosta da montanha acima, não em massas de homens, mas por indivíduos isolados, agindo em coordenação. Os soldados atacavam em filas de um de fundo, à distância de 20 a 30 metros uns dos outros. O cabeça de fila, avançando isolado em terreno hostil, sobre um veio de neve que corria como uma esteira branca pela encosta acima, ia constantemente alerta, virando a cabeça para a direita e para a esquerda, e detendo-se de onde em onde para varrer do terreno quaisquer vestígios de inimigos.

Os soldados levaram quase uma hora para escalar a montanha: os que cairam pelo caminho—e foram muitos—escorregavam alguns metros no declive, e ficavam-se. Chegaram finalmente à crista do monte, num ponto que formava como que um estribo entre dois picos: lugar sem nome, envolto no terror do desconhecido, e que no dia seguinte os soldados batizariam com o apelido sinistro de «Pico Sangrento». Mas nessa tarde a montanha ainda não tinha nome, era apenas um monstro de pavor e desconhecido.

Foi com um profundo sentimento de alívio que nós vimos os americanos aparecer no topo da cumiada, que todo o dia fora alvo de nossos ataques. Entretanto, esse sentimento não foi de grande duração: porque os japoneses tambem disputavam aquela posição estratégica. Recortando-se no fundo do céu, lá no alto, os homens se batiam à baioneta; ouvia-se estralejar a fuzilaria, e subiam no ar de vez em quando as fumacinhas das granadas de mão. Vistos cá de baixo, os homens pareciam minúsculos fantoches correndo de lado para lado, num tumulto desordenado.

Do outro lado da crista, na baía de Holtz, os japoneses viravam agora contra nós os seus canhões anti-aéreos, que tambem lhes serviam como artilharia de campanha, e regulavam as espoletas das granadas para explodirem a pouca altura sobre os combatentes. A metralha se esparzia sem distinção por sobre americanos e japoneses, e a pavorosa concussão das explosões sacudia e despedaçava por igual uns e outros.

O combate do Pico Sangrento durou precisamente vinte e dois minutos. Os americanos aguentaram firme as posições, e reapareceram nas alturas que dominavam a baía de Holtz. A audaciosa curiosidade dos nossos soldados não será talvez de boa tática militar, mas, quando a gente os vê surgir de uma batalha corpo-a-corpo, tão confiantes que se sentem capazes de erguer-se de pé numa crista, para de cima olhar o inimigo, não pode deixar de sentir cá por dentro a reconfortante certeza de que ninguem vai ser capaz de bater estes moços.

Ao anoitecer foi preciso conduzir para a tenda de pronto socorro, à retaguarda, um oficial que ficara ferido com um estilhaço de granada na mão direita e na ilharga. Deu-nos ele alguns pormenores de interesse sobre a tática do inimigo:

—Os japoneses não se mexem do seu lugar. Colocam o canhão em posição e o deixam ficar alí. Cobrem assim uma linha de fogo: se a gente cai debaixo dela, está frito. Se a gente se conserva a distância, eles não se deslocam para atirar. É por isso que se torna tão difícil dar com eles. Cobrem-se com esse diabo desse capim amarelo, e ficam quietos. A gente nem sequer pode ver as espingardas deles, porque não botam fumaça nem fazem clarão ao dar o tiro...

Este oficial estivera nessa mesma manhã metido no barranco com a companhia A, e disse-nos que muitos dos soldados ainda se encontravam alí, com os pés gelados, tornando-se urgente ir lá buscá-los para os conduzir às nossas linhas.

Era essa a primeira vez que se falava no peor erro da nossa expedição. Os nossos soldados iam equipados com excelentes botas de caça, pretas e pesadas; ora, nas Aleutas, a borracha é a única substância que, mesmo em tempo ordinário, pode proteger os pés humanos contra a perpétua umidade. Aquele dia estivera quente, e a maioria dos homens apresentavam o rosto queimado pelo sol: mas houve dúzias deles que ficaram com os pés congelados dentro das suas lindas botas de couro negro, que, uma vez umedecidas, não havia maneira de secarem. Quando é preciso manter-se imovel, não há nada peor do que ter os pés molhados. É essa a causa do chamado «pé-de-trincheira», responsavel por tantas vítimas que, quando chegaram as listas das baixas, no fim da batalha, havia menos homens feridos pelos tiros e as baionetas, do que postos fora de ação por esse mal.

Aquela segunda noite que passamos na ilha de Atú foi de um frio cortante, demasiado para nos permitir dormir bem ou por muito tempo. Era mais confortavel ficar de pé, batendo as solas em terra e dando palmadas com as mãos, para produzir algum calor, do que apodrecer numa toca do chão, com os queixos a chocalhar de frio.

Os homens movendo-se silenciosamente na escuridão... As sentinelas soltando o «alerta» em voz baixa, ou respondendo «alerta está» num murmúrio. É certo que nos podíamos deslocar de lugar em lugar com mais segurança do que na noite anterior. E aqueles homens que, até a véspera, nunca se tinham visto debaixo de fogo, eram já hoje autênticos veteranos, cujo dedo já não tremia, por certo, no gatilho da arma.

Uma vez por outra, ouvia-se lá para diante a chicotada de um tiro: apenas o bastante para nos fazer lembrar que, apesar do negrume, a guerra brutal continuava...

Nunca o amanhecer nos pareceu tão frio, tão grisalho, tão desolado, como no dia seguinte, 13 de maio. O planalto apareceu de supetão coberto de tropa. Parecia só que uma multidão de mortos se erguia simultaneamente das sepulturas à primeira e pálida fenda que a luz rasgava na treva da noite... Como a água do ribeiro estava demasiado fria para a gente se poder banhar, os soldados coçaram a cabeça, esfregaram com força as mãos no cabelo e na cara. Para a ilha de Atú, esses cuidados de toalete eram mais que suficientes.

Em seguida prepararam o pequeno

almoço nos abrigos de terra, aquecendo as mãos sobre a mesma «lata-fogão» com que faziam o café da manhã.

As barracas de aquecimento, as refeições quentes, os sacos de dormir, tudo isso eram luxos que ainda não tinham chegado ao nosso alcance, o que constituia motivo de apreensões para Hartl. O terreno era muito peor do que lhe tinham dito, não era por culpa dele que os abastecimentos não vinham, e que os japoneses se aproveitavam da natureza do terreno para retardar o nosso avanço. Sem embargo, o comandante sentia-se pessoalmente responsabilizado por um e outro contratempo...

Os soldados é que não pensavam da mesma maneira. Gostavam deste homem robusto e meticuloso, que fora na vida paisana um prudente guarda-livros, e respeitavam-no. Estava alí com eles, debaixo de fogo, comandando, e todos confiavam no seu bom-senso. Agradavalhes a maneira como ele se interessava pelo bem-estar geral, como ele procurava certificar-se de que os abastecimentos eram equitativamente distribuidos, e como acompanhava o tratamento dos feridos.

Os padioleiros trabalharam até de manhã, já trôpegos de fadiga, mas sem deixarem de cumprir a sua dura tarefa: era urgente conduzir os feridos para a retaguarda. O posto da cruz vermelha estava instalado numa ravina, ao abrigo dos tiros isolados dos franco-atiradores, que continuavam a zunir por cima de nossas cabeças. Os nossos dois médicos tinham trabalhado toda a noite, e a manhã veio encontrá-los ainda muito ocupados.

A certa altura, uma vaga de excitação atravessou o posto de socorros: chegavam os soldados, para tomar as armas dos feridos, e saíam correndo. Alguma coisa se estava passando lá para diante...

O major Hartl parecia preocupado— os japoneses, ao romper de manhã, tinham atacado o Pico Sangrento à baioneta, e o combate ainda se estava travando. Os anti-aéreos japoneses recomeçavam a vomitar metralha contra o estribo das montanhas. Do nosso planalto podíamos ver os soldados correndo sobre o perfil dos montes, arremessando granadas de mão, quase aproximando-se do inimigo para com ele travar um corpo-a-corpo.

Parecia tratar-se de um ataque em forma por parte dos japoneses, e Hartl ordenou que todos os não-combatentes regressassem à praia de desembarque. Foi assim que passei toda aquela quinta-feira na Praia Vermelha, só voltando à frente de combate no dia seguinte.

NA TARDE de sexta-feira, 14 de maio, que era o nosso quarto dia passado em Atú, Hartl mandou instalar o seu comando lá no cimo do Pico Sangrento, tão vivamente disputado no dia anterior. A nossa guarda avançada já estava então descendo a encosta do lado japonês, à vista do Vale de Holtz.

Quanto ao resto dos soldados, que ficaram no Pico Sangrento, estavam todos demasiado fatigados para poderem manifestar qualquer entusiasmo. Havia homens que não tinham dormido desde segunda-feira, e que jaziam agora, esborrachados de cansaço, no chão das profundas covas de abrigo que tinham escavado para se protegerem da fuzilaria nipônica.

Para eles, os abrigos eram o lar, visto que o soldado, para onde vai, carrega às costas todas as suas posses. Todas as noites, em cada novo abrigo que se cava, o soldado descarrega o que lhe é

necessário, um saco-cama (se é que o tem), uma coberta de abrigo, rações, cigarros, fósforos... O combatente dorme com a bagagem sempre pronta para deitar mão dela, no caso de ser necessário correr. De tudo, o que fica mais à mão de semear é, evidentemente, o capacete e o fuzil.

A existência em Atú tinha-se tornado a essa altura cada vez menos confortavel. As pequenas coisas começavam a tornar-se molestas ao pessoal: a barba crescia e comichava, especialmente no ponto onde a correia do capacete atritava o queixo. E como poucos homens tinham podido mudar a roupa branca ou as meias, desde a hora do desembarque, a pele dos braços e das pernas, sob as grossas malhas que os cobriam do pescoço às canelas, indispensaveis num clima daqueles, começava a apresentar uma borbulhagem vermelha, irritante como ferroadas de mosquitos.

Quanto à ração «K», que tivera um gosto tão bom no primeiro dia, agora já não se podia aturar. Nenhum soldado era mais capaz de comer uma ração completa. Espalhadas pela tundra, viam-se latas apenas meio vazias, de queijo, ovos, presunto picado. Fatigados, os homens abandonavam todas as peças de equipamento que lhes pareciam desnecessárias. Até sacos-camas, baionetas e munições apareciam espalhadas pelas encostas...

Os dias começavam a correr numa sucessão monótona, interminavel e nua de sentido. Ninguem sabia em que data estava, nem se importava mais de saber. Cada dia que passava vinha apenas juntar um pouco mais de amargor à vida amarga na ilha, deixando a sua marca em cada homem; as pernas um pouco mais fatigadas, a cabeça um pouco mais azoada, as mãos mais hirtas e sujas...

A guerra consome os materiais e gasta os homens: magníficos agasalhos do Alasca, que na terça-feira estavam novos em folha, chegaram ao sábado feitos em tiras, e eram jogados fora. E o mesmo com luvas, botas, calças, sacos-camas. Homens que, na terça-feira, pareciam fortes, juvenís e vibrantes de entusiasmo, no sábado mostravam-se gastos e sombrios.

O Pico Sangrento estava tambem semeado de cadáveres de japoneses, que o frio congelara nas atitudes mais estranhas da agonia.

Numa cova de abrigo estava um japonês, acocorado, com a cara contra um canto; matara-o uma bala que lhe entrara pela nuca depois de lhe atravessar o capacete. Em volta dele, no fundo do abrigo, intactas e prontas a servir, estavam algumas granadas de mão.

Todos os soldados que passavam perto dalí ficavam a contemplar o cadaver, com o assombro pintado nas faces: estranha maneira de morrer, aquela, para um guerreiro—com a cara escondida num canto e uma porção de munições intactas, alí à mão de semear! Mais tarde, quando já eram inúmeros os japoneses mortos, assim nas «tocas de raposa» (como se diz na gíria militar dos norte-americanos), tornou-se manifesto que o japonês se oculta muitas vezes num buraco, quando vê que a derrota é iminente,— como o avestruz que enterra a cabeça na areia, quando vê aproximar-se o perigo.

O coronel Wayne Zimmerman, oficial saido da Academia de West Point, depois de ver durante duas semanas como lutava o inimigo, declarou: «Se um homem consegue chegar-se a 50 metros de um japonês sem ter sido atingido, está O.K. Porque o japonês se

mete pelo chão abaixo quando vê o adversário muito perto, e a esperança dele é que este o não aviste...»

SÁBADO pela manhã (15 de maio) os soldados que se encontravam no estribo do Pico Sangrento podiam perfeitamente ver o seu objetivo, o Vale de Holtz, que se desenrolava pela terra dentro, extenso e chato, a partir do plácido litoral. A praia estava atulhada de material japonês, um flutuador para aviões arruinado, e paióis de abastecimento estourados pelo fogo da nossa artilharia terrestre e naval. Ao largo da praia, na baía, surgia das águas a proa de um cargueiro japonês que havia muito fora posto a pique no próprio fundeadouro, pelos aviões americanos.

Com a sua complicada rede de abrigos ocultos e trincheiras de comunicação a céu aberto, os japoneses haviam-se preparado bem para repelir qualquer tentativa de desembarque frontal na Baía de Holtz, pelo lado do nascente. O que eles não tinham podido prever era que fosse possivel atacá-los pelo noroeste: estavam por isso de todo impreparados. O resultado é que o nosso ataque foi coroado de um rápido êxito. Menos de uma hora após terem as nossas tropas galgado o estribo do Pico e mergulhado encosta abaixo, a notícia correu de que os americanos estavam no Vale de Holtz.

Havia porem um grande número de japoneses que era preciso desalojar dalí, antes de a infantaria poder marchar vale em fora. A luta a distância durou todo aquele dia, com a nossa artilharia e os nossos morteiros batendo as posições japonesas do lado oposto.

O avanço foi penoso. Os soldados avançavam com as armas engatilhadas, num largo desdobramento de pequenas formações. Era mister examinar um por um cada abrigo, trincheira ou toca, e espicaçá-los com as baionetas, sondando o interior. Encontraram-se alguns feridos Japoneses, que os seus camaradas, ao retirar, tinham abandonado nas «tocas de raposa» da planície. Foi preciso liquidá-los. Recusavam render-se, negavam-se a sair dos buracos quando convidados a fazê-lo. O remédio era botar uma granada de mão dentro da toca...

O nevoeiro aliviou pelo fim da tarde, e o sol saiu. E alí, na montanha que se erguia sobranceira entre o braço oriental do vale de Holtz e o Porto Chíchagov, centenares de japoneses trepavam penosamente ao longo de um íngreme trilho em ziguezague, todo atapetado de neve.

Assim, o japonês estava evacuando a sua base principal, sem sequer opor um simulacro de resistência com o grosso das suas forças! Ia batendo em retirada para Chíchagov, com o fim de unir-se às forças menos numerosas que aí estavam aquarteladas.

Calculou-se em quatrocentos o número dos japoneses que iam subindo a montanha; qual fosse, porem, o total dos que conseguiram atingir o cume, nunca se veio a saber ao certo. O capitão Jim Simons virara sobre eles a sua artilharia, e daí a nada podiam-se ver os corpos dos

fugitivos—ou os seus fragmentos—voando pelos ares. O tempo, mais claro, permitiu tambem que os nossos aviões Lightning de combate viessem de Amechíteca. Com os motores quase parados, cairam em cima do inimigo em vôo raso, cuspindo fogo, ferro e morte pelas bocas das pesadas metralhadoras instaladas nas asas. Os americanos que marchavam na vanguarda, a pouco mais de um quilômetro de distância, puderam ouvir os gritos lancinantes que soltavam os japoneses...

No dia seguinte, todo o vale de Holtz estava nas mãos dos americanos, e havíamos ganho a primeira fase da batalha de Atú.

Os japoneses tinham abandonado a baía de Holtz sem se deter a destruir os seus depósitos e paióis de mantimentos, que transbordavam de tudo quanto era preciso para fazer a guerra. Sentindo-se felizes pela primeira vez desde a hora do desembarque, os nossos soldados puseram-se a remexer tudo em busca de recordações. Isso foi-lhes consentido porque, para as operações de combate, bastavam então umas duas dúzias de homens.

Examinando os artigos abandonados pelos japoneses, os nossos soldados ficaram sabendo alguma coisa a respeito do inimigo que vinham combatendo: como ele vivia, o que comia, em que jogos se entretinha, e que gênero de fotografias carregava nos bolsos.

Todos os soldados americanos levam na carteira uma fotografia, pelo menos, da esposa ou da namorada. Os japoneses, ao contrário, só tinham fotos de outros soldados, ou retratos de estrelas de cinema e cortesãs.

A certa altura correu pela praia o boato de que alguem tinha encontrado baton para os lábios, e que portanto havia mulheres japonesas na ilha. Essa crença persistiu até depois de finda a batalha, isto é, até o momento em que os nossos soldados verificaram que a pasta vermelha daquelas caixinhas ovais de metal, que fechavam com um estalo, não era baton, mas tinta, com que o japonês apõe a assinatura, para o que emprega um fino sinete de osso com o seu nome gravado.

Tudo que se encontrava naquele vale pareceu de um estranho interesse: longas cabanas de madeira, com uma janela a cada extremidade, enterradas até o teto e com o telhado coberto de tufos de capim da tundra. Essa camuflagem era tão boa, que muitas vezes, só depois de terem começado a andar em cima de um telhado, é que os soldados compreendiam que não estavam caminhando em terreno firme.

Essas cabanas, muito numerosas, exalavam um cheiro bastante desagradavel. Foi o sargento Emil Polansky, fazendeiro do Kansas, quem observou: «Há muitos anos que crio porcos, mas olhe que nunca os deixei viver em chiqueiros tão imundos como estes!»

A barraca do rádio estava cheia de válvulas que, infelizmente, não serviam nos nossos aparelhos; encontrou-se um telefone de campanha, de alumínio e com bonita aparência, que não funcionava com os nossos fios; havia bolas de beisebol japonês, umas boas, outras más; flautas de bambú que todos tentaram tocar, mas sem resultado; e uns cigarros que deixavam na boca um gosto detestavel. Nas barracas destinadas aos oficiais, foram encontrados cachimbos de ópio, bem como a respectiva munição.

Os soldados americanos não se fizeram rogados para envergar as roupas dos nipões; estavam secas, e era um regalo sentir-se quente dentro delas. Calçavam os mitenes japoneses, envergavam casacos de pele de cabra, sem mangas, meias, sapatos e safões, capacetes de feltro, tudo forrado de pele, e cachenês de lã que comichavam no pescoço. Alguns dos soldados de menor estatura conseguiram até encontrar calças que lhes servissem.

Não houve nada que não experimentassem: o fogão-lata dos japoneses era melhor do que o americano, ou assim lhes pareceu. Jogaram logo fora os seus fogõezinhos, e desenterraram os do inimigo. Após aqueles longos dias de ração «K», as tangerinas japonesas em calda de açucar eram uma delícia sem par; as espingardas, baionetas e espadas japonesas eram disputadas como lembranças. Aqueles homens esqueceram por momentos que a dois passos dalí andava a guerra, para apenas pensarem no dia em que voltariam a suas casas carregados de lembranças japonesas para o pessoal da terra.

Apareceu um soldado pedalando uma bicicleta sobre a areia da praia, rindo e dando brados. Tinha achado uma dúzia delas num armazem, suspensas do teto, e novinhas em folha. Daí a nada andavam os soldados, em turnos, a ver se experimentavam os velocípedes do Sol Nascente.

Entretanto, partes houve daquele material que não puderam ser usadas para distração ou como mascote: os carrinhos de mão com rodas de borracha serviram para transportar ao posto da Cruz Vermelha os soldados americanos atacados de pé-de-trincheira. Eram os esculcas, esfaimados e marcados pelo clima. Alguns deles tinham voltado às nossas linhas a pé, amparados por dois soldados; outros de gatas, sobre os joelhos e com os pés levantados para não tocarem no chão. Contaram-nos o caso de onze homens que tinham passado três dias nas montanhas, com uma só lata de feijão por todo alimento!

Conquanto a baía de Holtz estivesse em nosso poder, a guerra continuava ainda em plena fúria pelos vales e morros que separavam a baía do Massacre de Porto Chíchagov, onde os japoneses tinham esperado que nós atacássemos. Estavam eles entrincheirados numa íngreme colina, à entrada do vale que conduzia à baía de Sarana.

Entre as nossas primeiras linhas e as trincheiras do inimigo, o terreno era quase inteiramente desabrigado; alem disso não havia uma única companhia capaz, só por si, de atacar essa tarefa. Os nossos homens tinham sofrido bastante durante mais de uma semana no vale do Massacre, em dúzias de pequenos combates corpo-a-corpo, dos mais dificeis e mortíferos, e com o tiroteio das metralhadoras japonesas aninhadas por aquelas elevações.

O capitão Harvey Severson, antigo engenheiro civil, mandou diversos subalternos pela tundra, com o fim de arrebanhar entre as diversas companhias o número suficiente de homens para atacar a posição japonesa do morro.

Reunido o número necessário, os homens rastejaram encosta acima, como vermes, procurando proteger-se de caminho em quanta saliência ou abrigo o terreno lhes oferecia. Lá do alto, os japoneses faziam chover os balázios, que nos causaram grande número de baixas. Foi uma tarefa medonha. Os cabos e sargentos viam-se obrigados a correr de um lado para o outro, ao longo das linhas, para arrancar os soldados às covas e abrigos, e forçá-los a avançar.

Até que finalmente, após uma ascenção de inacreditaveis dificuldades, os americanos se viram a distância de poderem arremessar granadas de mão; e aí é que a balança pendeu para o nosso lado, porque as granadas americanas são de mais alta potência explosiva do que as japonesas. Os nossos soldados jogavam-nas para cima, para as «tocas de raposa» dos japoneses, como se estivessem jogando beisebol. E assim se quebrou a defesa do inimigo. Vinte japoneses tentaram bater em retirada, mas os ianques, que tinham levado muita castanha ao subir o morro, estavam decididos a não deixar escapar nem um nipão, e a liquidá-los como ratos, à baioneta.

Foi um recontro selvagem, implacavel, de morte! Os nossos homens se tinham tornado inimigos figadais dos japoneses; sentiam-se cruéis, maldosos, com entranhas de assassinos. Tinham aprendido em pouco tempo que a guerra é preciso ganhá-la, se não se quer perder.

Acabado o combate, os soldados apinharam-se, fascinados, em torno dos cadáveres dos japoneses. Só num abrigo estavam seis ou sete, amontoados, e os nossos agruparam-se a contemplá-los. De repente um dos «cadáveres» desembestou contra eles, de baioneta em riste, disposto a morrer matando... Mas antes de ter podido ferir algum dos nossos soldados caiu, e desta vez morto a valer! De nada lhe serviu o truque heróico.

Na tarde de 20 de maio, os americanos tentaram um golpe ainda mais dificil: para a direita do morro que acabávamos de tomar, e erguendo-se 540 metros acima dele, ficava um pico montanhoso. Suas vertentes, que a neve revestia em muitas partes, caíam quase a pino. No cimo dele estavam encarapitados os japoneses com suas metralhadoras assestadas.

Esse pico, que em nossos mapas aparece com o nome de Pico do Capaz, era preciso tomá-lo de assalto, porque dominava o vale bifurcado que conduzia a Sarana e a Chíchagov, nesse momento os dois redutos inimigos de maior importância.

O tenente Harry Gilbert comandou a primeira carga contra o Pico do Capaz, e foi repelido, morrendo nessa carga ao lado de muitos dos seus homens.

Pela meia-noite deu-se outro ataque, precedido agora de uma barragem de artilharia que iluminou o céu como numa grande festa com fogos de artifício. O troar da artilharia abalava a noite cor de cinza.

A coberto da barragem, quatro unidades empreenderam a escalada da montanha. Uma delas foi imobilizada pelo fogo cerrado das metralhadoras japonesas. As outras três escalaram as encostas por desvios. Por fim, uma hora antes do amanhecer, o tenente Thomas Hindman, que combatia a par dos seus homens, atacou com «um grito rebelde e algumas granadas de mão»... Dois dos sargentos tomaram à sua conta um ninho de metralhadora que nos estava dando que fazer; ambos ficaram mortos, mas o ninho foi reduzido a silêncio e destruido.

Estava escuro, e os homens batiam-se entre os penedos da montanha, esbarrando uns nos outros. Mas o combate só atingiu o rubro do furor quando os nossos encontraram nas tocas de abrigo dos japoneses uma cama-saco, botas, cigarros, rações—tudo vindo das forças americanas! Isso deu-lhes uma espécie de vesânia. Bateram-se à baioneta, granada de mão, pistola, e coronha de fuzil: pouco importava, contanto que aqueles «japs» não fossem gabar-se de ter dormido em camas-sacos dos ianques!

De sorte que os japoneses não foram repelidos do cume da montanha: ficaram todos mortos alí mesmo, batidos até o aniquilamento por tropas americanas resolvidas a não deixar escapar um só adversário. E os nipões, que tanto se orgulham da sua agilidade em jogo de baioneta, e da sua aptidão para a luta corpo-a-corpo, foram radical e magistralmente batidos com as suas próprias armas...

No dia seguinte, as tropas que tinham conquistado aquela cumiada, apesar de prostradas de fadiga, ainda estavam de guarda ao seu posto, que era um verdadeiro cenário wagneriano, com as névoas esfarrapadas deslizando em cima e em baixo, ora encobrindo ora desvendando as agudas arestas das rochas cor de cinza, amontoadas em caótica desordem.

Os soldados agregavam-se em volta de pequenos fogos para requentar o café e aquecer as mãos entanguidas. Em volta deles, os cadáveres dos japoneses esperavam sepultura. Mas havia tambem cadáveres de americanos, com os fuzís cravados ao lado, de coronha para cima, para que não passassem despercebidos às brigadas de enterro.

O tenente Hindmann falou-me do combate da véspera, numa voz a que a fadiga roubara toda exuberância. Nem sequer havia nele uma chispa do sentimento de vitória, ao dizer-me para rematar: «Eu queria que você visse como esses cachorros ganiam e berravam quando nós lhes jogávamos as granadas em cima. Percebia-se perfeitamente que não gostavam nada da brincadeira...»

No sábado, 22 de maio, mandamos uma barragem de artilharia contra o promontório extremo da serra que bifurca os vales de Sarana e Chíchagov. O coronel de artilharia, que estava fazendo ele mesmo o exame do terreno, deu com uma companhia de japoneses que marchavam a céu aberto, a retirar-se da zona. Os soldados que não foram trucidados pelas granadas, tentaram bater em retirada para Porto Chíchagov; mas logo atrás da nossa artilharia estavam concentradas tropas americanas, que os liquidaram a tiro de espingarda.

O avanço lento mas constante de nossas tropas, por sobre as cadeias de serras a ambos os lados do vale de Chíchagov, prosseguiu todo o dia de domingo, sem mais resistência do que, aquí e alem, um contra-ataque espasmódico do inimigo. A baía de Sarana e o seu vale plano ficaram limpos de inimigos, que fugiram em direção às montanhas, para tentar encontrar o caminho de regresso a Chíchagov.

Na terça-feira de manhã, 25 de maio, pelas abas da montanha acima, caminho da serra do Anzol, no lado ocidental do vale de Chíchagov, marchava em longa fila indiana a maior concentração de forças americanas até então realizada para qualquer ataque na ilha. Vistos de longe, do nosso posto de observação junto ao comando, os soldados pareciam marchar sem esforço em cima da neve. Mas a verdade é que cada passo que avançavam na subida das íngremes ladeiras, lhes custava um labor insano.

Reduzida foi a oposição dos japoneses, entrincheirados na serra do Anzol. Estavam concentrados mais adiante, numa serra mais baixa a que demos o nome de Nariz de Búfalo, e até se podiam ver de baixo, do vale, fato esse bem raro na ilha de Atú.

Tomaram parte nesse ataque as tropas de Hartl, que tinham vindo da baía de Holtz para se unirem ao grosso das forças, e estavam cobrindo o flanco esquerdo destas últimas. Hartl era agora tenente-coronel, promovido em campo pelo excelente serviço que fizera ao se apoderar da principal base japonesa na baía de Holtz.

Foi este, agora, o maior avanço na batalha pela posse de Atú. Fez-se algum progresso no primeiro dia, mas os japoneses conseguiram manter-se no Nariz de Búfalo e na maior parte da serra do Anzol.

Na quarta-feira, 26 de maio, assistí a uma demonstração extraordinária de coragem e iniciativa militar. Debaixo de um frio de rachar, nossas tropas receberam ordem de atacar uma parte da serra do Anzol, que estava em mãos do inimigo, numa elevação muito peculiar a que nós chamamos o «Banco». Para presenciar esse ataque, instalei-me com um grupo de oficiais num pico montanhoso mesmo em frente do referido ponto.

Os metralhadores americanos, postados no nosso pico, protegiam o avanço dos seus camaradas com um jorro contínuo de balas traçadoras, que forçavam os japoneses a se manter metidos nos buracos.

As tropas começaram a avançar desde o fundo de uma ravina; nada havia, por assim dizer, que lhes servisse de abrigo ao avanço. Alguns cairam pelo caminho, mas a maioria conseguiu escalar o rochedo que caía quase a pino.

Os últimos 20 a 25 metros que os separavam do topo do Banco eram tão íngremes, que os soldados se viram obrigados a trepar servindo-se dos fuzís como de varas de alpinistas, que cravavam na neve. Até os nossos quase chegarem ao topo da ladeira, os japoneses mantiveram-se calados; então, sem se erguerem dos seus abrigos, desataram a jogar granadas de mão contra os atacantes, que subiam laboriosamente. Estes nada podiam fazer senão deixar-se escorregar alguns metros ladeira abaixo, colocando-se assim fora do alcance dos granadeiros. Ficaram durante alguns minutos de borco na neve, imoveis, e depois recomeçaram a penosa ascenção, polegada a polegada. Mais uma vez as granadas começaram a rolar lá de cima, e de novo eles tiveram que parar.

Foi nisto que, de repente, alguem apareceu de pé no alto do Banco. Do pico onde nos achávamos observando, a cerca de 500 metros de distância, não poderíamos dizer se se tratava de um americano ou de um japonês. Quem quer que fosse, porem, tinha um fuzil, que apontava para baixo; e de súbito tornou-se claro que era um americano. Marchava resolutamente de toca para toca, detinha-se, e disparava a arma para dentro dos abrigos. E quando as granadas japonesas, com o seu fumozinho cinzento e antipático, explodiam à direita e à esquerda dele, o soldado não se desviava do seu percurso. Continuava

simplesmente a espingardear os japoneses encurralados nas suas tocas de raposa, com a vantagem de estar por cima deles, e de poder baleá-los à queima-roupa.

Sempre sozinho, o soldado virou a arma nas mãos, e começou a dar coronhadas com ela num japonês. Como este estava metido na sua toca, o americano tinha de se curvar profundamente cada vez que lhe metia a coronha na cabeça. Andava ainda empenhado na sua tarefa, quando as tropas americanas, que atrás dele subiam a ladeira, surgiram no alto e tomaram posse do terreno. E o solitário herói sentou-se no campo de batalha a repousar: descanso bem ganho!

Simples jornalista que sou, sentia-me desvairado. Alí estava em frente de meus olhos o melhor episódio da campanha, e nem sequer o nome se sabia daquele soldado obscuro que, agindo como todo um exército, tinha quebrado a resistência das posições japonesas que bem podiam ter posto em pane todo o ataque!

Só uma semana depois vim a conhecer os pormenores do caso. O exército individual chamava-se George Mirich, era um simples cabo, e, antes de o ser, geria um posto de gasolina em Klamath Falls, no estado de Óregon. Fora na vida paisana um tipo qualquer, com um emprego qualquer. Mobilizado, sofreu tão severo ataque de anafilaxia, que o retiraram do treino de combate e lhe deram um posto de escriturário de companhia, armado de uma máquina de escrever.

Foi durante a escalada ao Banco que ele soube que seu melhor amigo fora morto logo ao começo da operação. O cabo Mirich disse aos camaradas que só depois de ter chegado lá em cima, e de se ter posto a lançar fogo nas tocas dos japoneses, é que compreendeu bem o que se tinha passado... Foi ferido num braço quando escalava o monte, e mais duas vezes no mesmo braço depois de ter mandado sete japoneses desta para melhor.

Acabado o combate, o coronel Finn agarrou-o, beijou-o em pleno campo, e perguntou o que é que ele queria: «Seu coronel,—disse o Mirich—o senhor não acha que podia me promover a sargento? Agora que eu mostrei que estou farto de ser cabo dactilógrafo?...»

E Mirich foi logo alí promovido a sargento. Pegou as divisas, e tambem vai pegar uma medalha, como não? Os coronéis Culin e Finn se encarregariam disso.

Esse era o tipo de luta que se impunha para limpar de inimigos a montanha que nos separava de Chíchagov. E assim, o ataque americano prosseguiu sem descanso, até que a 28 de maio, sexta-feira, os japoneses foram repelidos para a sua derradeira base em Porto Chíchagov, e os americanos se prepararam para entrar em ação no dia seguinte.

Um americano havia, porem, que não estava satisfeito com a situação, e se sentia mesmo inquieto: era o general Landrum. Havia alguma coisa que não acertava alí. Como medida de precaução, ordenou ao coronel Wolmendorff, de engenharia, que fornecesse munições de reserva aos seus homens, e bem assim granadas de mão.

A ordem pareceu estranha. Os engenheiros andavam então construindo caminhos e carreando suprimentos muito à retaguarda, no vale de Sarana, a mais de três quilômetros da frente. O general, claro está, não tinha a menor

idéia do que os japoneses planejavam fazer: limitava-se por isso a tomar medidas preventivas.

Na manhã de 29, que era sábado, alguma coisa de muito sério, mesmo terrivel, se passou lá para a frente: pela primeira vez desde a hora do desembarque, as forças americanas não estavam senhoras da situação. Cortados os fios telefônicos. As mensagens dos rádios portateis ficando sem resposta... Os boatos fervilhavam à retaguarda, mas ninguem tinha da situação uma imagem exata. Já vinha chegando gente das linhas da frente—soldados fatigados, homens espavoridos.

O que eles contavam eram histórias de aterrar: os japoneses tinham atacado, ao abrigo da noite. Haviam engolfado o vale de Chíchagov, vindo do porto, e cortado até umas centenas de metros do vale do Massacre. Gritavam em vozes agudas, esganiçadas como as de mulheres. Munidos de baionetas armadas em paus, e de espingardas, mataram grande número dos nossos, que dormiam nas suas camas-sacos.

E pouco a pouco, pelos relatos dos homens que haviam escapado à matança; pelos documentos capturados; pelas versões dos apavorados prisioneiros; mas sobretudo pelo aspecto do próprio campo de batalha, foi possivel chegar a uma imagem, assim mesmo sinistra e confrangedora, dos acontecimentos...

Não era pequena a unidade que atacara das bandas de Chíchagov; ao que parece, na sexta-feira à noite, o coronel Yasuyo Yamasaki, comandante das forças japonesas de Atú, convocara uma reunião dos oficiais para expor-lhes o seu plano, que era verdadeiramente de louco. Todos os japoneses, feridos ou não, que estivessem em condições de marchar, deveriam atacar na escuridão da madrugada de sábado. Todo aquele japonês que, por motivo de estar ferido, não pudesse acompanhar o ataque, seria liquidado a tiro de pistola ou com uma dose mortal de morfina.

Iam abandonar a base de Chíchagov, e eliminar todas as possibilidades de retirada. A ilha não oferecia mais nenhum abrigo aos japoneses.

Tudo o que lhes restava de munições foi rigorosamente repartido entre os homens, e o mesmo se fez com os alimentos. Cozeram o arroz, comprimiram-no em bolas, e estas, depois de metidas em sacos de musselina, foram suspensas dos cinturões dos soldados. Alguns dos japoneses levaram tambem consigo um cordão de lulas secas, que tinham a consistência do couro.

Fosse qual fosse o estimulante que lhes ministraram—histeria colectiva ou narcóticos—os japoneses sairam de sua base feitos uma tropa de homens sem esperança, de olhos incendiados pela fatalidade. Tendo flanqueado as nossas guardas avançadas, cairam de surpresa sobre o primeiro acampamento americano, que era reduzido: cem homens adormecidos, contra mil atacantes com o diabo no corpo. As sentinelas nem tempo tiveram de dar o alarme. Os japoneses, com as suas baionetas armadas em paus, corriam através do bivaque, gritando e espetando tudo o que oferecesse a forma humana.

Mais para a retaguarda do campo, os americanos retiraram, reconstituiram uma linha de fogo, e repeliram o inimigo com fuzilaria.

Foi aí que se deram os primeiros suicídios de japoneses. Perante o fogo dos americanos, ao furor epiléptico dos nipões sucedeu o desespero. Dúzias dos japoneses que encontraram na sua

frente a firme resistência dos atiradores americanos, recorreram à morte como única saida para a sua própria derrota e miséria. Serviram-se então das granadas que levavam suspensas dos jalecos. Puxaram os pinos de percussão, segurando as granadas contra o peito até que a explosão os fazia ir pelos ares.

Outros japoneses avançaram até o posto de Cruz Vermelha, onde procederam à matança impiedosa dos feridos, uns incapazes de se defender, outros, em estado de choque, com reações demasiado lentas para lhes permitirem reagir e lutar.

Na escarpa situada no extremo mais afastado do vale de Sarana, os engenheiros a quem o general Landrum tinha mandado armar, estavam prontos e de sobreaviso, graças ao rumor e confusão que reinavam lá para diante. Com as suas armas recebidas de fresco, cortaram o grosso das forças atacantes, mataram dúzias e dúzias de japoneses, e de tal modo lhes abateram o moral, que muitas dezenas deles fizeram explodir suas granadas contra o próprio peito.

Mas esses japoneses não lutavam até a morte: lutavam apenas até estarem feridos ou se verem em sério perigo, coisa que os americanos não podiam compreender. Porque, se um americano vê que tem de morrer, morrerá—mas lutando. Aqueles inimigos preferiam os estilhaços das suas próprias granadas...

Alguns dos japoneses, poucos em todo o caso, fugiram a esconder-se nas serras; outros esgueiraram-se para dentro de buracos onde se deixaram ficar. Correram semanas antes que os houvéssemos caçado todos, uns sós, outros em pequenos grupos de meia dúzia.

Em um edifício hospitalar subterrâneo, foram encontrados os dezoito feridos japoneses que o seu comandante tinha mandado acabar com morfina, antes de dar o ataque final. Estavam em linha, deitados de costas, com as mãos cruzadas no peito. Quanto ao médico que lhes ministrara a poção de misericórdia, estava estendido por terra: tinha-se suicidado com um tiro na cabeça.

Durante alguns dias continuaram os pequenos recontros casuais, mas a batalha terminou na manhã de 29 de maio, em que os japoneses irromperam de Chíchagov, para matar ou morrer.

Bem metade dos que, nessa manhã, sairam de Chíchagov, suicidaram-se com granadas de mão, que lhes desfaziam o peito e a cabeça, deixando-lhes apenas uma espécie de carcassa. Havia braços intactos, presos ainda a corpos de que só restavam ossos desconjuntados. A mão que segurava a granada, a esquerda em geral, aparecia cortada cerce.

E essa morte, verdadeiramente inglória e até repelente, era a derradeira extremidade dos ensinamentos japoneses contrários à rendição.

Tanto morto junto tornava-se uma coisa impessoal, abstrata. Os soldados americanos que tinham trabalho a fazer no campo de batalha, sentavam-se ao lado desses cadáveres para comer, e escavavam junto deles os abrigos onde deviam dormir... Assim tinha de ser—não havia lugar aonde ir, que não estivessem sempre presentes os mortos japoneses espichados ou estraçalhados por todos os cantos daquele vale.

Os soldados americanos ficavam a olhar com uma expressão de assombro para os cadáveres esvaziados e contorcidos daqueles homens, que podiam ter morrido a combater, mas preferiram

suicidar-se. «A gente fica besta!» era o comentário dos ianques.

Muitas dezenas dos japoneses mortos no campo de batalha apresentavam ferimentos que haviam sido tratados e pensados: eram os feridos «ambulantes»—os desgraçados que tinham sido obrigados a abandonar Chíchagov, no sábado pela manhã, a despeito de ferimentos graves.

UMA SEMANA depois de desencadeado o ataque final, dos 2.300 japoneses que houvera na ilha, restavam apenas os catorze feitos prisioneiros pelos americanos, alguns deles tão gravemente feridos, que nem sequer tinham podido suicidar-se. Outros não estavam feridos, mas atoleimados, pobres homens batidos, esfaimados, sem forças para pensar ou resistir.

O primeiro prisioneiro trazido até o Comando era um pequeno soldador civil. Apresentava manchas verdes em volta dos lábios. Porque? Porque tinha andado a comer ervas e musgo, para acalmar as dores da fome... Os nossos soldados se agruparam em volta dele, disputando entre si a oportunidade de lhe oferecer cigarros, que ele aceitava fazendo profundas vênias.

Outro prisioneiro, interrogado por meio de um intérprete, declarou não saber por que razão os japoneses andavam em guerra com os americanos. «Eu gostava de voltar ao Japão, disse ele, mas se lá apareço sou um homem desgraçado. Ficava contente se pudesse trabalhar para os Estados Unidos só pela comida e o vestuário...»

Nenhum dos prisioneiros quis que a respectiva família fosse informada do seu destino. Um deles, com uma perna que tinha de ser amputada, agradeceu ao médico que lha cortou, e em seguida segredou ao intérprete: «Eu gostava de fazer serviço de espião para vocês...»

Aos olhos dos americanos, esses prisioneiros, que abjetamente mendigavam trabalho, pareciam abaixo de toda consideração, homens com o respeito da família, mas sem respeito próprio.

Quanto aos suicídios, seria imprudente procurar qualquer explicação leviana. Japonês não é um inimigo de quem a gente se possa rir, só porque algumas centenas dos seus soldados se suicidaram em Atú.

Que o japonês tambem é rijo. O fanatismo que conduz centenas de japoneses a pôr termo à vida, de preferência a violar a tradição que proibe render-se ao adversário, é apenas um dos aspectos da sua resistência. O lado positivo das qualidades do soldado japonês mostrou-se na dura resistência que ele opôs, antes de derrotado.

QUASE um ano depois de alí terem dado entrada os japoneses, Atú era de novo uma ilha americana. Três meses após, os nipônicos evacuavam à sucapa a ilha de Quisca, agora exposta pelo flanco, e portanto indefensavel.

O Comando de Defesa do Alasca mandou distribuir um cartaz em que se mostram aviões, canhões, soldados, tanques e navios marchando para oeste, por sobre o arquipélago aleutiano, que forma como uma ponte entre a América e a Ásia, separando o Pacífico Norte do Mar de Bering. Esse cartaz mostra uma legenda equivalente a «Trampolim para a Vitória».

Isso são na verdade as ilhas Aleutas: desde que os japoneses perderam Atú e abandonaram Quisca: uma ponte, uma cadeia de ilhas dispostas para levar os combatentes americanos até o coração do próprio império japonês.

Assim é a natureza humana

SE O LEITOR é destas pessoas que sofrem de acanhamento quando frequentam a sociedade, experimente relaxar os músculos e tomar uma atitude descansada, na próxima vez que se achar presente a uma reunião social. É impossivel estar-se à vontade e ao mesmo tempo acanhado. Uma pessoa que numa reunião social consegue mostrar-se serena, calma e aparentemente satisfeita consigo mesma, chega a chamar a atenção, pois a naturalidade é coisa tão rara que se torna até interessante.

—David Harold Fink

*

ELOGIOS devem ser feitos com espontaneidade, e quando a ocasião se oferece; mas não é preciso, por isto, serem ditos imediatamente, como que sem reflexão, pois podem ser tomados como simples amabilidade convencional, e pouco sincera. Ao batermos palmas quando se senta o orador, este aceita o aplauso como um gesto natural de cortesia; mas, se passado algum tempo, formos a ele e mostrarmos que ainda pensamos com proveito no que nos disse, ele se lembrará de nosso comentário elogioso por muito mais tempo que nós de seu discurso.

—Sir Henry Taylor

*

AO QUERER elogiar alguem, comente de preferência sobre detalhes. Desejando cumprimentar um amigo pela casa que tem, evite fazer comentários vagos, e dizer apenas: «Bela residência, esta sua!» Refira-se a qualquer coisa precisa, a vista que se goza de certa janela, por exemplo, ou a disposição confortavel dos moveis. Não diga a uma mulher apenas que seu chapéu «lhe fica bem», comente a cor do mesmo, ou a maneira graciosa como ela o sabe usar.

—Dorothy Walworth

*

A ANTIPATIA é sempre mais facil que a simpatia. Se um dia ofendí alguem, por mais agrados que lhe faça depois, nunca se esquecerá do que lhe dissera antes.

—Dr. Samuel Johnson

*

É PROFUNDAMENTE desagradavel estarmos numa reunião a conversar com alguem que, falando conosco, passeia os olhos pela sala como que à procura de pessoa mais importante a quem dar sua atenção.

—Dorothy Walworth

*

UM HOMEM que, com o passar dos anos, não tenha feito novos amigos, ver-se-á, no fim de algum tempo, muito só. Para conservamos amizades precisamos estar sempre a renová-las.

—Dr. Samuel Johnson

*

SE QUISER fazer de alguem seu inimigo, basta dizer-lhe sem preâmbulos: «O senhor está errado!» É um processo infalivel.

—Henry Link

*

SEJA CAUTELOSO nas discussões em conjunto. Cada um dos presentes só poderá discutir com bom humor sobre questões que não o tocam de perto.

—Dr. Samuel Johnson

Temos feito o possivel . . .
Mas breve faremos melhor!

Não obstante estar limitado pela guerra o fornecimento de muitos artigos que V.S. costumava importar, com prazer temos apoiado o nosso governo no seu programa de partilhar o mais possivel com V.S. as mercadorias que lhe são precisas.

Conquanto, habitualmente, a escassez faça elevar os preços, os regulamentos decretados pelo nosso governo controlam o custo de todos os produtos exportados pelos Estados Unidos. Conformando-nos com isso, os preços das nossas mercadorias já exportadas e por exportar não subiram muito; em realidade, os únicos acréscimos sobre os preços anteriores à guerra, têm sido o resultado do mais alto custo de sua produção em tempo de guerra, e mereceram o beneplácido da Comissão Reguladora de Preços, em Washington.

Faltam-nos palavras para agradecer a V.S. a compreensão e paciência que tem tido no que concerne a essas restrições necessárias causadas pela guerra.

Agora, em meio do caminho da nossa tarefa comum de vencer os inimigos da Liberdade e da Paz, sabemos que nos está assegurada a Vitória. Antecipamos o dia feliz em que o tráfico comercial possa de novo fluir livre e desembaraçado entre nós. Temos a convicção de que esse comércio, mutuamente agradavel e com restrições mínimas, é de extrema importância para promover e preservar a Paz.

OS GERENTES DE EXPORTAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS

A Cooperação
Dará a Vitória às Américas

Faça com que o seu automovel tenha a necessária proteção contra o desgaste ocasionado pelo uso. Seu automovel durará mais e as peças e acessórios a substituir serão mínimos, se V. S. usa o lubrificante VEEDOL e adopta a boa norma de reabastecer-se desse produto cada vez que perfizer 1.600 quilômetros.

O VEEDOL é um dos melhores lubrificantes refinados para motores, e é extraido do melhor petróleo cru existente na Pensilvânia. O VEEDOL é mundialmente famoso por sua qualidade superior, seu rendimento, e sua resistente "película de proteção". Use VEEDOL, se quer que o seu carro dure mais tempo.

ÓLEO PARA MOTORES

VEEDOL

«Para isso é que eu cá estou!»

O MUNDO está atravessando uma terrivel crise alimentar . . . e só agora compreendemos que nunca chegou a haver comida bastante para todos! Por isso, pesa sobre o agricultor uma enorme responsabilidade . . . a de produzir gêneros alimentícios em quantidade cada vez maior.

Mas ao mesmo tempo que a terra tem de ser forçada a produzir até o limite da sua produtividade, é preciso preservar cuidadosamente a sua reserva de riqueza. O lavrador deve deixar a terra mais rica e mais produtiva para as gerações vindouras, pois de outro modo só fará é adiar o dia do ajuste-de-contas com a natureza.

Para alcançar esses dois objetivos, o fazendeiro deve-se confiar à moderna maquinaria agrícola: é a força-motriz desta que o habilitará a realizar o trabalho de muitos homens, e a realizá-lo muito melhor.

Ainda assim, a gigantesca produção que hoje é necessária, representa para o fazendeiro uma tarefa desproporcionada. É o repto supremo! Mas quando o lavrador erguer a luva, será para dizer: «Para isso é que eu cá estou!»

Os lavradores do futuro terão de fazer face a muitos problemas, e a Minneapolis-Moline estará sempre ansiosa por ajudá-los. Após a guerra fabricaremos nova e melhor maquinaria agrícola de muitos tipos, para auxiliar os lavradores de todo o mundo a produzir mais alimentos, fibras, e óleos—a menor custo. Desta maneira alargaremos os benefícios da maior produção agrícola a todos os povos do mundo, e por toda a parte ajudaremos os fazendeiros a conquistar igualmente melhores niveis de vida . . . A moderna Maquinaria Agrícola da Minneapolis-Moline fará tambem uma real contribuição para uma paz mais duradoira, quando for nossa a Vitória!

MINNEAPOLIS-MOLINE POWER IMPLEMENT COMPANY
MINNEAPOLIS 1, MINNESOTA, U. S. A.

O que olho humano nunca vira

Noite após noite, Antony van Leeuwenhoek saía apressado da loja e dirigia-se a sua casa onde ele punha uns especimes minúsculos debaixo do microscópio rudimentar que fizera; o cérebro duma môsca, uma gota de chuva, um cabelo.

E finalmente um dia, eis o descobrimento! Ele viu uns "animaizinhos" fantásticos, milhares dêles na area da ponta dum alfinete. Sem saber descobrira esse inimigo do homem e assim principiou, como que hesitando, a campanha contra os micróbios.

Quasi duzentos anos mais tarde veio Lord Lister cujo trabalho em combater a gangrena nas operações cirúrgicas lhe merecera fama como "o pai da cirurgia antiséptica".

Mais tarde, através do Atlântico, nos Estados Unidos, quando se descobriu um novo antiséptico que não era cáustico nem venenoso recebeu o nome de *Listerine*, em honra de Lord Lister.

Hoje esse antiséptico, Listerine é familiar em todo o mundo. Mais de 60 anos de serviço na luta contra as infeções merece-lhe a citação quasi universal como o "antiséptico sem perigo".

ANTISÉPTICO LISTERINE

Para limpar melhor os dentes, tanto os de traz como os da frente, convem usar a escova que realmente os limpa *todos*—a Escova de Dentes Pro-phy-lac-tic.

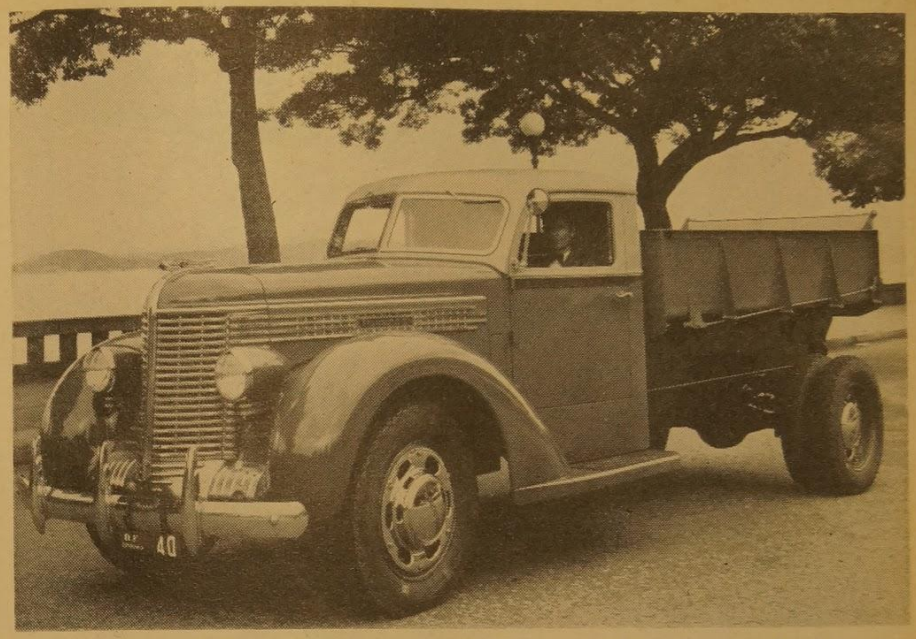
Para obter limpeza efetiva que tire as pequenas manchas que se observam no esmalte dos dentes convem empregar o Creme Dental Listerine de sabor tão agradavel.

OH! QUE BELO ANIVERSÁRIO! Dirá V. S. quando o homem dos seus sonhos tiver descoberto o presente mais apropriado para expressar-lhe amor! Os Relógios Hamilton foram sempre os escolhidos para segredar algo demasiadamente profundo para dizer com palavras . . . E de novo servirão a esse fim—quando a Paz tornar a permitir a fabricação de Relógios Hamilton. Hoje a Hamilton está fabricando exclusivamente cronômetros para a guerra. Hamilton Watch Co., 534 Columbia Ave., Lancaster, Pa., E.U.A.

HAMILTON

ARISTOCRATA DOS RELÓGIOS

O presente que diz mais do que as palavras



O Diamond T é mundialmente famoso em serviço de ônibus e caminhões. Acima: no Rio de Janeiro.

A PREFERÊNCIA PELO DIAMOND T resulta de SATISFACÃO crescente em 33 anos!

ESTENDE-SE a todos os continentes o alto favor em que são tidos os Caminhões e Ônibus Diamond T, por parte dos motoristas conhecedores. Esse favor encontra-se em todas as indústrias, desde a agricultura até a zincogravura, e tanto abrange donos de um só caminhão, como grandes empresas que exploram milhares de carros.

A preferência pelo Diamond T assenta em sólidos valores! A sua superioridade em traçado, em materiais e mão-de-obra, reflete-se no seu rendimento superior, no seu serviço de absoluta confiança, e na sua longa duração sob as mais severas condições de trabalho.

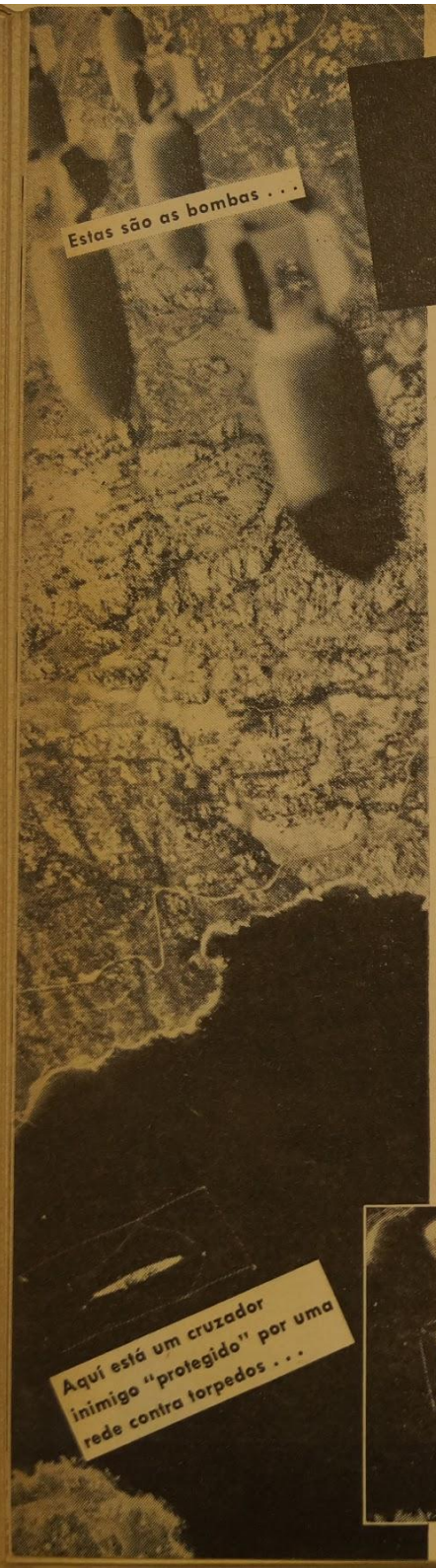
Tal preferência é a melhor verba do nosso Ativo... Pode V.S. esperar sempre da Diamond T melhores Caminhões e Ônibus—mais eficientes, mais econômicos, mais elegantes, mais duradoiros... depois de ganharmos a Guerra!

. . .

Todos os tipos ... todos os tamanhos ... de 1 a 20 toneladas ... Modelos especiais de ônibus a motor Diesel ou a gasolina.

DIAMOND T MOTOR CAR CO.
Fundada em 1905
Chicago, Illinois, E. U. A.

DIAMOND T MOTOR TRUCKS



AO ALVO

Graças a Supremacia KODAK em Óptica

O BOMBARDEIO de precisão a grandes altitudes e a tremenda eficácia da artilharia norte-americana a grandes distâncias, ocuparão um lugar notavel na história desta guerra. A superioridade dos sistemas ópticos utilizados facilita a exatidão da pontaria do bombardeiro aéreo, e da artilharia, obtida por meio de uma série de lentes que localizam e amplificam o alvo, e fixam o alcance para o projetil.

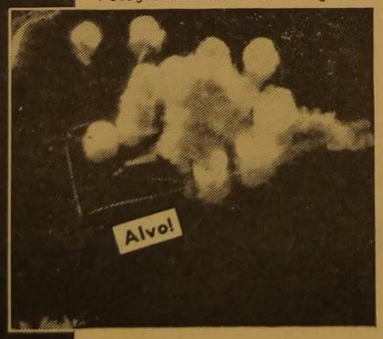
Diz informações dos peritos do Exército dos Estados Unidos na Europa: "Examinamos as miras e periscópios alemães capturados e, elemento por elemento, estamos produzindo melhor material."

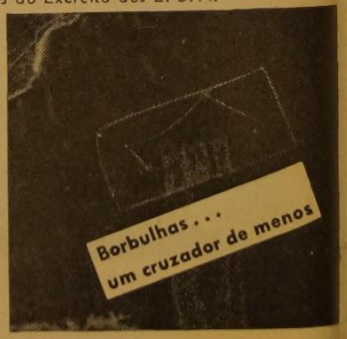
Quase todos os sistemas ópticos das miras e periscópios do Exército e da Marinha americana fabricam-se na Kodak. Alem disso, a Kodak faz 29 dos sistemas ópticos mais complexos utilizados nos telêmetros para controlar a pontaria e o fogo dos canhões de vários calibres, incluindo o famoso altímetro dos canhões anti-aéreos.

E a Kodak, com seu revolucionário vidro óptico que produz objetivas de uma superioridade que ninguem pode sequer igualar em parte alguma do mundo, tambem aperfeiçoou os métodos de produzir estas lentes em quantidades que, até agora, ninguem mais em nenhuma parte conseguiu lograr.

Em vista destes fatos, é razoavel esperar que as Kodaks superiores que V. S. comprará quando vier a paz, conterão as mais perfeitas objetivas do mundo. Eastman Kodak Company, Rochester, N. Y., E. U. A.

Fotografias oficiais das Forças Aéreas do Exército dos E. U. A.





— feitos com o Composto «A Patrôa»!

Faça bolos que desaparecem da mesa e... ficam na lembrança, usando êste maravilhoso composto. Assim evitará o «desastre» dos bolos mirrados, de má aparência e sabor. Experimente-o também para fazer ótimas frituras sêcas e leves, mais digeríveis e saudáveis.

☆ Afim de poupar metal, o Composto «A Patrôa» encontra-se também em caixetas.

COMPOSTO
A Patrôa
PRODUTO DA
Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

DIREITO *a casa, como uma flecha...*

Restabelecida a paz chegará uma era nova de reconstrução do após-guerra. Os conhecimentos acumulados no desenvolvimento de produção de instrumentos de morte serão consagrados ao melhoramento da humanidade.

A Aviação, indústria número 1 da América, continuará a marchar na vanguarda. Do seio das grandes cidades aos vastos horizontes das regiões rurais, o Avião desempenhará um papel primordial na nossa existência. A distância que separa a casa do escritório ou da fábrica, deixará de ser um problema, à medida que o Avião, cada vez mais rápido e eficiente, for encurtando a ida-e-volta cotidiana. De onde quer que se encontre, V.S. poderá ir direito a casa, como uma flecha.

A previsão e a alta engenharia da Jacobs permitirão a esta empresa conservar-se na vanguarda da produção de motores de avião seguros e econômicos — ***motores práticos*** para o proprietário particular, a empresa comercial e as linhas "ramais" de aviação.

Motores **JACOBS** para Aviões

POTTSTOWN, PENNSYLVANIA, E. U. A.

CONSTRUINDO AS ROTAS AÉREAS DE AMANHÃ

Esta cena da construção dum aeródromo militar por um trator carrilhado Allis-Chalmers, é típica da sua habilidade para executar um serviço difícil—habilidade que tem feito com que as bases aéreas apareçam magicamente em todos os lugares estratégicos do mundo, acelerando a Vitória das Nações Unidas. A mesma eficiência construirá os aeródromos de paz.

No grande desenvolvimento da aviação que certamente virá depois da guerra, o papel do trator será de toda importância.

O trator é o utensílio que tornou possível a rápida construção e constante manutenção da vasta rede de aeródromos tão necessária à prossecução da guerra—e que representará um papel importante quando esses aeródromos forem transformados em campos de aterrissagem da aviação comercial que abarcará o mundo inteiro.

Porém, o desenvolvimento dos caminhos aéreos é apenas uma das maneiras importantes em que o trator serve a humanidade. Na agricultura, construção de estradas de rodagem, exploração de minas e aproveitamento de madeiras, êste moderno utilizador de energia contribue, fartamente, para a mais completa utilização dos vastos recursos das Américas.

Allis-Chalmers, um dos principais fabricantes no mundo de tratores industriais e agrícolas, está projetando muitos melhoramentos no seu equipamento, para responder ao desafio das oportunidades do tempo de paz. Consulte o nosso distribuidor de produtos Allis-Chalmers nesse território acerca do uso dêstes modernos tratores dos dias que hão-de vir, quando nossos tratores poderão ser novamente adquiridos pelos compradores.

★ ★

DISTRIBUIDORES NO BRASIL

Sociedade Técnica de Materiaes Ltda.
Caixa Postal 1109, São Paulo

Ayres, Son & Co.
Rua D. Maria Cezar 31-41
Recife, Pernambuco

Companhia de Propaganda,
Administração e Comércio
Rua General Câmara 62
Rio de Janeiro

Correa Ribeiro & Cia.
Caixa Postal 600
São Salvador, Bahia

ALLIS-CHALMERS

Departamento PD-344, Divisão de Tratores,
Milwaukee, E.U.A.
Fabricantes de Maquinária desde 1846

DISTRIBUIDOR EM PORTUGAL
Fassio Limitada
20, Rua Jardim do Regedor,
Lisboa

FABRICANTES DE MAQUINÁRIA DESDE 1846

OS VELHOS AMIGOS INSPIRAM CONFIANÇA

Majestic

Eletrônica
Televisão
Rádio

PODEROSO MONARCA DO ETER

● Em milhões de lares—em todo o mundo—aprendeu-se a ter esperanças de obter grandes coisas de um Majestic—Poderoso Monarca do Eter.

HOJE, sob as exigências da guerra, a Majestic aumentou e intensificou todas as fases das suas operações de fabrico e pesquisas . . . e está-se preparando—com planos de larga visão—para servir as necessidades de um mundo em paz.

AMANHÃ, após o dia da Vitória, os novos Rádios Majestic, criados e temperados no cadinho da guerra, renovarão suas antigas amizades, formarão outras novas, tornarão a merecer sua confiança e preferência.

MAJESTIC RADIO & TELEVISION CORPORATION

2600 WEST 50th ST., CHICAGO 32, ILLINOIS, E. U. A.

Convidamos os comerciantes estabelecidos a escrever-nos

O Convite Universal...
"TOME UMA COCA-COLA!"

Vista da Fortaleza do Morro em Havana

Cuba . . . a Pérola das Antilhas, por cujas terras transitam viajantes, turistas e homens de negócio de todas as Americas. Naturalmente, em ambiente tão cosmopolita ouve-se com frequência o convite universal "Tome uma Coca-Cola!" Alí, como em todas as partes, é a saudação da moda. Porque "Coca-Cola" significa *a pausa que refresca*... símbolo de amizade.

UNIDOS HOJE
UNIDOS SEMPRE

COPYRIGHT 1944 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

O GRUPO P-38

AVIÃO, PILOTO, GUARNIÇÃO DE TERRA — TODOS INDISPENSÁVEIS PARA VENCER O COMBATE!

Todos têm ouvido falar muito dos aviões P-38 e dos pilotos que os manejam. Mas, sob as duras condições da guerra moderna, eles não voariam por muito tempo, sem a terceira parte do grupo: a guarnição de terra. Os homens que conservam os *Lightnings* em ação, são especialistas. Têm sido treinados na fábrica, não somente para reparar aviões, mas para reparar os *Lightning*. Na escola de serviço da Lockheed, começam por desmontá-los e reconstruí-los. Aprendem a fazer reparações de emergência. Sabem como restituir ao ar um avião, e como mantê-lo a voar.

Lockheed foi o primeiro fabricante de aviões a inaugurar uma fábrica-escola de treino para o pessoal das guarnições de terra. Isso mostrou ser uma função de alto valor, pois há hoje espalhados por todo o Mundo para cima de 14.000 homens treinados pela Lockheed, para serviço dos aviões P-38, Venturas, e outros aviões de guerra. Sim, são precisos avião, piloto e guarnição de terra—todos três—para formar um *team* de combate. As reportagens dos jornais estão dizendo, melhor do que nós, que trabalho pericial esses homens andam fazendo.

COM **Lockheed** SEMPRE NA VANGUARDA

LOCKHEED AIRCRAFT CORPORATION, BURBANK, CALIFORNIA, E. U. A.

O International Meia-Lagarta é o irmão-soldado dos Caminhões International que em tempos normais eram os caminhões pesados de maior venda.

Caminhões Que Arremessam A Morte Para Os Ceus

O INTERNATIONAL MEIA-LAGARTA é um caminhão que transporta sua própria estrada. Ele corre por sôbre pântanos, areais, lamaçáis e montanhas . . . carregando homens armados para tomar e manter uma posição, ou arremetendo-se à luta com baterias anti-aéreas de fogo rápido para aniquilar os aviões inimigos.

Estes International Meia-Lagarta que estão se impondo nas frentes de batalha em tôdo o mundo, possúem tremenda fôrça e resistência. Não temem os riscos e rigores da guerra—*não precisam temê-los*, pois sob sua blindagem êles são irmãos dos Caminhões International que eram os *caminhões pesados de maior venda* no mercado quando ainda se fabricava caminhões para uso civil.

Quando for escrita a história desta guerra, os caminhões contribuirão com um dos mais gloriosos capítulos. Eles estão escrevendo uma história de utilidade nas estradas e nas frentes de batalha.

Os caminhões que hoje lhe prestam serviços têm que trabalhar mais durante mais tempo, até o último quilômetro possível, pois não existem caminhões novos para substituí-los. Quer seu caminhão seja da marca INTERNATIONAL quer de qualquer outra—faça o possível para que êle receba assistência mecânica e lubrificação adequadas, e para que as peças gastas sejam logo substituidas. E lembre-se de que os agentes International em sua zona estão aparelhados para ajudá-lo em qualquer fase da manutenção e do reparo de caminhões.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building — Chicago, U. S. A.

Filiais no Brasil:
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — PORTO ALEGRE

INTERNATIONAL HARVESTER

DA FRENTE À RETAGUARDA . . . EM GUADALCANAL

COM todo o seu horror, a guerra moderna é misericordiosa para os feridos da América. O milagre da vida operado pelo plasma . . . o célere e eficiente tratamento á retaguarda das linhas . . . e mais um rápido transporte até os hospitais equipados das bases . . . resulta numa quase inacreditável proporção de curas, até mesmo entre os homens gravemente atingidos e em estado desesperador.

Transporte Rápido! Pode ser efetuado por aviões gigantes de transporte, por ambulâncias ou pelo ligeiríssimo *jeep* . . . ou nas frentes das selvas do Pacífico Sul, por pequenas embarcações de motor fora da borda, que enfiam por rios estreitos, ganhando assim horas de incalculavel valor, na ligação das linhas da frente com a base.

Os Evinrude andam ocupados em inúmeras tarefas dos combatentes das Nações Unidas: propulsionam rápidas embarcações de assalto . . . movem barcaças, batelões, vapores . . . rebocam enormes jangadas de borracha, canoas, pequenas embarcações de todos os tipos. *Depois da Vitória* haverá novos Evinrude para servir ainda melhor as frotas comerciais e de recreio das Américas . . . Evinrudes de tempo de paz dignos das tradições dos seus precursores de combate!

•

EVINRUDE
MOTORES AMOVIVEIS

GRATIS! Escreva pedindo o "Boat and Motor Selector" Evinrude — um mapa que mostra o motor próprio para cada tipo de embarcação, e fornece uteis informações sobre barcos, velocidades, etc. Use o cupom junto.

AS AMERICAS LIVRES E UNIDAS

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING COMPANY
Divisão de Exportação, Waukegan, Illinois, E. U. A.

Senhores:
Gostaria de receber o "Selecionador de Barcos e Motores Evinrude".

Nome: _____

Endereço: _____

E3P

A Água Não É Mais Temida!

A experiência de 78 anos da Socony-Vacuum em problemas de petróleo está ajudando as Nações Unidas . . . e será útil também a V. S.

A GRANDE experiência adquirida pelos fabricantes dos óleos e graxas GARGOYLE no campo do petróleo, permitiu a criação dos seus muitos produtos especiais para fins de guerra. Com efeito, mediante a seleção e modificação das moléculas do petróleo crú, uma série de produtos dos mais variados caraterísticos pôde ser conseguida.

Entre muitos outros, surgiram e estão a serviço das Nações Unidas especialidades para impermeabilização de barracas, capas, etc. . . . para preservar da ferrugem preciosos materiais em trânsito através dos oceanos . . . para o acondicionamento de produtos alimentícios, tornando possível lançar os volumes à água, puxando-os depois para terra, sem o menor inconveniente . . .

. . . para evitar a deterioração de cordas e amarras dos barcos, assim como das redes de "camouflage."

Essa experiência também possibilitou elevar ainda mais a alta qualidade dos óleos e graxas GARGOYLE — que proporcionarão às máquinas de *sua* indústria a *melhor proteção* contra o desgaste, apreciável *redução* de despesas e *maior eficiência de operação*.

GARGOYLE

REDUZA AO MÍNIMO O DESGASTE **Lubrificantes** **PARA TODAS AS INDÚSTRIAS**

Voltará?...

UNIÃO VICTORIA LIBERDADE

Com o pensamento fixo no espôso, esta é a pergunta que faz a si mesma . . . Seu Zenith a mantem ao corrente dos acontecimentos militares . . . e a transporta, por assim dizer, ao campo de batalha . . . junto a êle.

Nas enormes Fábricas Zenith dedicadas totalmente à fabricação de produtos para usos bélicos, milhares de homens e mulheres empregam tôda sua energia, animados por um alto ideal, à fabricação de equipamento radiónico para uso das Fôrças Armadas das Nações Unidas . . . para acelerar a Vitória. Com a valiosa experiência obtida com os trabalhos presentes e os grandes melhoramentos que têm sido feitos, Zenith continuará, depois de lograda a Paz, na vanguarda da indústria . . . Zenith! Primeiro na guerra —Primeiro na Paz.

ZENITH RADIO

LONG DISTANCE

FABRICANTES EXCLUSIVOS DE EQUIPAMENTO RADIÔNICO

PRONTO SOCORRO PARA TANQUES

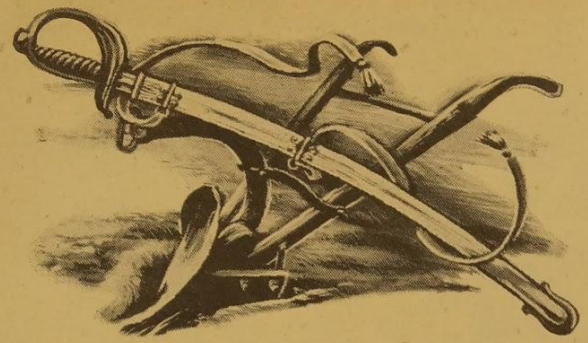
Irrompendo por terrenos acidentados, à velocidade máxima, combatendo são somente o pó e a areia como também o fogo das granadas do inimigo, mesmo os tanques mais reforçados podem necessitar uma vez ou outra de pronto socorro mecânico.

Perigosamente proximos às linhas de batalha, seguem bravas turmas de hábeis técnicos com suas oficinas mecânicas móveis, prontos para fazer consertos de emergência em qualquer tanque com avaria afim de pô-lo novamente em ação, sem perda de tempo. Poucos serviços há que êles não possam fazer no próprio local, pois, o seu equipamento foi escolhido cuidadosamente para prover a versatilidade e precisão máximas.

O tôrno é uma ferramenta essencial na oficina móvel. Sentimo-nos orgulhosos por ser um dos nossos encargos, em tempo de guerra, o fornecimento de Tornos de Precisão South Bend para estas unidades indispensaveis ao nosso exército motorizado.

SOUTH BEND LATHE WORKS

SOUTH BEND 22, INDIANA, E.U.A.
Fabricantes de Tornos Há 37 Anos



Pensamentos sobre espadas... e alfaias

ESTE ANO, de enorme produção para a guerra, está sendo tambem assinalado por importantes projetos para a Paz. A estratégia da destruição de hoje não tem merecido maiores cuidados do que os planos de reconstrução desse futuro em que homens e máquinas poderão livremente contribuir para edificar um mundo no qual valerá a pena viver.

A Eagle-Picher, empresa já veterana de cinco guerras, e com 101 anos de experiência, tem acelerado vastamente a fabricação de produtos de chumbo, de zinco, e de lã mineral para insulação e outros usos industriais e particulares, das firmas que têm estado ao serviço das forças combatentes das Democracias Americanas e seus aliados . . . ao mesmo tempo que vem planejando para o dia em que estejamos capacitados para dedicar as nossas atividades aos trabalhos e construções que estão por vir!

EAGLE PICHER **EAGLE-PICHER**

Chumbo . . . Zinco . . . Isolamento

THE EAGLE-PICHER LEAD COMPANY

Depto. de Exportação: 420 Lexington Ave., Nova York, N.Y. E.U.A.

Escritórios gerais: Cincinnati, Ohio End. tel.: EAGLEPICH

A Westinghouse cria luz para todos...

luz para o aeroporto . . . luz para o vasto andar da fábrica . . . luz para a mulher que tece às noites no seu lar. E, do vapor ou da força hidráulica, o equipamento Westinghouse produz a eletricidade que mais tarde se converte em luz.

Estes dedos ligeiros simbolizam a destreza da Westinghouse...

colocando o filamento em posição . . . dando vida à lâmpada . . . criando a luz. Nos dedos das empregadas da Westinghouse, tais como Nancy Morris, na perícia desses dedos, reside o segredo de alguma coisa que é ao mesmo tempo intangível e real — a qualidade Westinghouse.

A Westinghouse faz brilhar os olhos deste gurí...

a este gurí, e a todos os de sua geração, fizemos uma promessa: que da experiência ganha nestes dias de guerra e destruição, sairão coisas boas e uteis em aparelhos e produtos elétricos e eletrônicos. Quem sabe se êle próprio não contribuirá à criação desses artigos . . . quem sabe se nos não ajudará a conseguir nosso desejo comum, que é: fazer *melhor trabalho* e criar *melhores produtos* para uma vida feliz num mundo melhor. Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York 5, E.U.A. Escritórios e distribuidores por toda a parte. Fábricas em 25 cidades.

WESTINGHOUSE

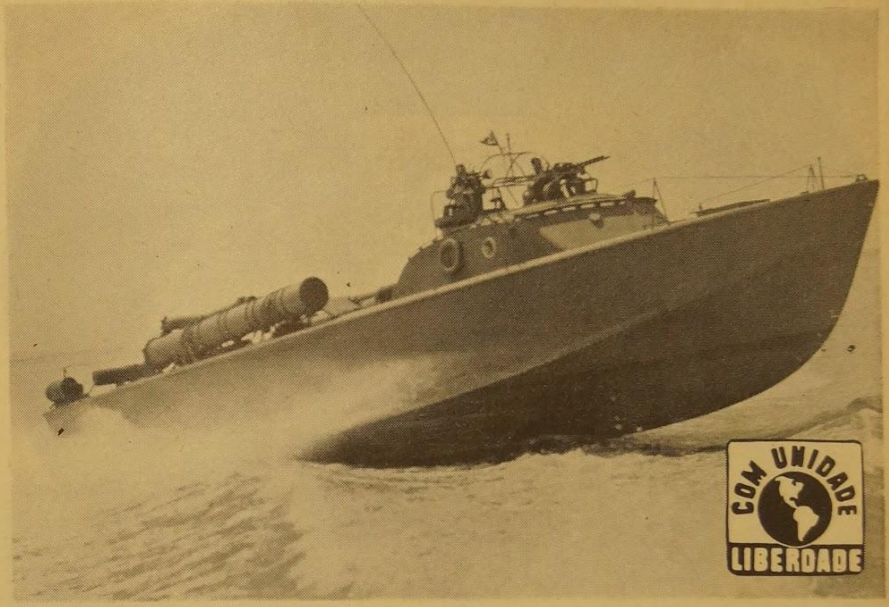
Em qualquer parte do mundo...

onde prevaleça a liberdade de escolher, os que fizeram da arte de perfumar-se um hábito preferem a deliciosa fragrancia de TABU.

Porque TABU, preparado na base de custosas essências naturais — hoje tão difíceis de conseguir — é o perfume que junta à personalidade dos que o usam, a sua propria e inconfundivel personalidade.

PERFUMES Dana

FÁBRICAS EM: NOVA YORK - ARGENTINA - CUBA - COLÔMBIA - COSTA RICA - CHILE - MÉXICO - PERÚ - URUGUAY - VENEZUELA



Mosquito MAS COM FERROADA MORTAL!

PEQUENAS como mosquitos, as Lanchas PT da Higgins dão ferroadas mortais que a história naval vai registrando nos seus anais da guerra. Centenas de milhares de toneladas de navios inimigos afundados e avariados dão testemunho das suas proezas.

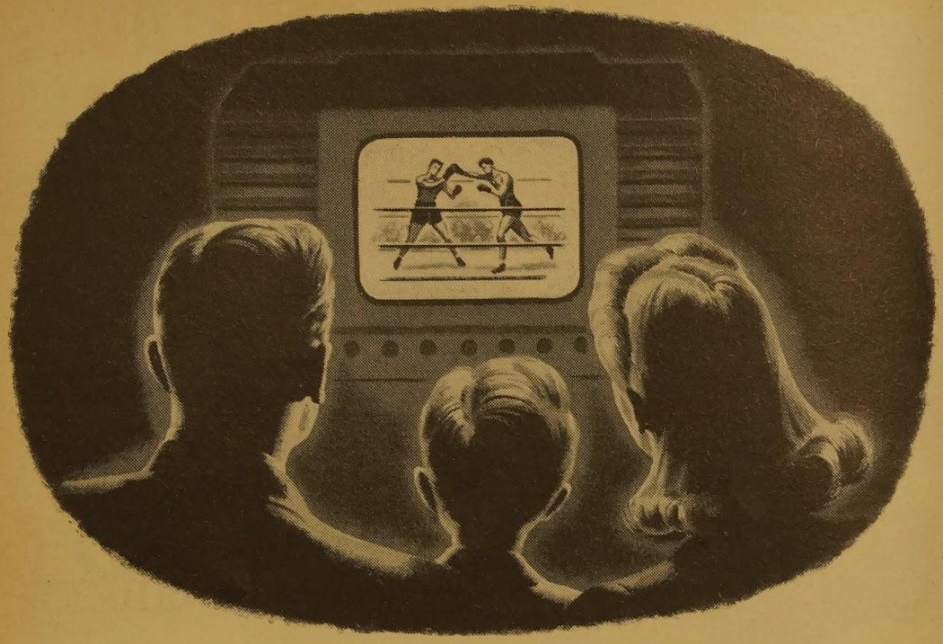
Vezes sem conta esses barcos-mosquitos da Higgins foram citados pelos seus serviços salientes. Suas arriscadas façanhas de ataque, salvamento, e escapada, sob o fogo do inimigo, não seriam possiveis sem a celeridade, a facil manobra, e a construção impecavel dessas lanchas fabricadas para as Nações Unidas.

Todos esses êxitos estrondosos são devidos aos seus esplêndidos detalhes de estrutura, patenteados e de exclusiva propriedade das Indústrias Higgins, Inc. Experimentadas nos laboratórios da guerra, as novas e melhoradas Lanchas Higgins fazem face a todas as provas que se lhes impõem.

Higgins
INDUSTRIES INCORPORATED

NOVA ORLEÃS
Fulcro das Américas

OS MAIORES CONSTRUTORES DE LANCHAS DO MUNDO



HÁ MAIS DE TRÊS ANOS QUE 2.500 PESSOAS
DE FILADÉLFIA ESTÃO GOZANDO AS
EXPERIÊNCIAS DA PHILCO EM

TELEVISÃO NO LAR!

A *televisão aí está* para 2.500 pessoas de Filadélfia! Nos últimos três anos elas viram jogos esportivos, cinema, programas de estúdio, no conforto do próprio lar—através da estação experimental de televisão da Philco!

Desde 1928, os técnicos da Philco têm sido os pioneiros em pesquisas de televisão. Após a guerra, sua longa experiência, e o enorme progresso alcançado por seus empreendimentos bélicos, apressará o dia em que a Philco introduzirá para V.S. a *televisão no seu apogeu!*

Philco International Corporation, 230 Park Avenue, Nova York, N. Y., E. U. A.

PHILCO

OS MAIORES FABRICANTES DE RÁDIOS DO MUNDO

QUATRO TONELADAS DE CHUMACEIRA!

Esta é uma das maiores chumaceiras contra-atrito jamais fabricada. O seu peso exato é de 4.017 quilos. Em serviço numa grande oficina de laminação, essa chumaceira suporta uma carga de três milhões, seiscentos e trinta mil quilos. A despeito do seu grande tamanho, esta Chumaceira Timken é de tanta exatidão como o relógio que V.S. tem no pulso!

O homem que está ao lado desta chumaceira, tem entre os dedos uma das menores Chumaceiras Timken, que pesa apenas algumas gramas.

Eis como V.S. pode ter uma visão da tremenda série de chumaceiras fabricadas aos milhões todos os meses pela Timken Roller Bearing Company, a maior de todas as fábricas de chumaceiras de rolamento cônico; chumaceiras para todos os fins, onde quer que girem eixos e rodas; chumaceiras para siderúrgia, materiais de construção, caminhões, maquinaria de minas, máquinas-ferramentas, aviões, utensílios agrícolas e tratores — —. The Timken Roller Bearing Company, Canton, Ohio, E. U. A.

TIMKEN

TRADE-MARK REG. U. S. PAT. OFF.

TAPERED ROLLER BEARINGS

A visão precária pode causar acidentes

A SUA habilidade de ver clara e nitidamente, é uma de suas maiores salvaguardas contra acidentes. Os objetos de movimentos rápidos não dão tempo aos olhos cansados e de focalização lenta, podendo V.S. ser atingido antes de ver o que está para vir.

A visão defeituosa no seu trabalho pode-lhe ser duplamente perigosa e comprometer seu sucesso futuro. Tanto assim que, a vista precária não só causa acidentes, como também erros. Não arrisque o único par de olhos que V.S. jamais terá.

Desfrute a segurança e os benefícios de uma visão perfeita (penetrante) procurando com regularidade seu oculista. Quando V.S. usa lentes Bausch & Lomb em armações Bausch & Lomb, saiba que seus olhos foram inteiramente beneficiados pela receita do seu oculista que prescreveu o que existe de melhor em óculos.

BAUSCH & LOMB

DO BRASIL, LTD.

Rua Assembléa 104-8 • Rio de Janeiro
Rua D. José de Barros 152-8 • São Paulo

Instituição Científica Norte-Americana Produtora de Vidros Óticos e Instrumentos de Ótica para Fins Científicos Educativos, de Investigação, de Indústrias, e para Correção de Defeitos Visuais.

2 Famosos Aviões de Combate

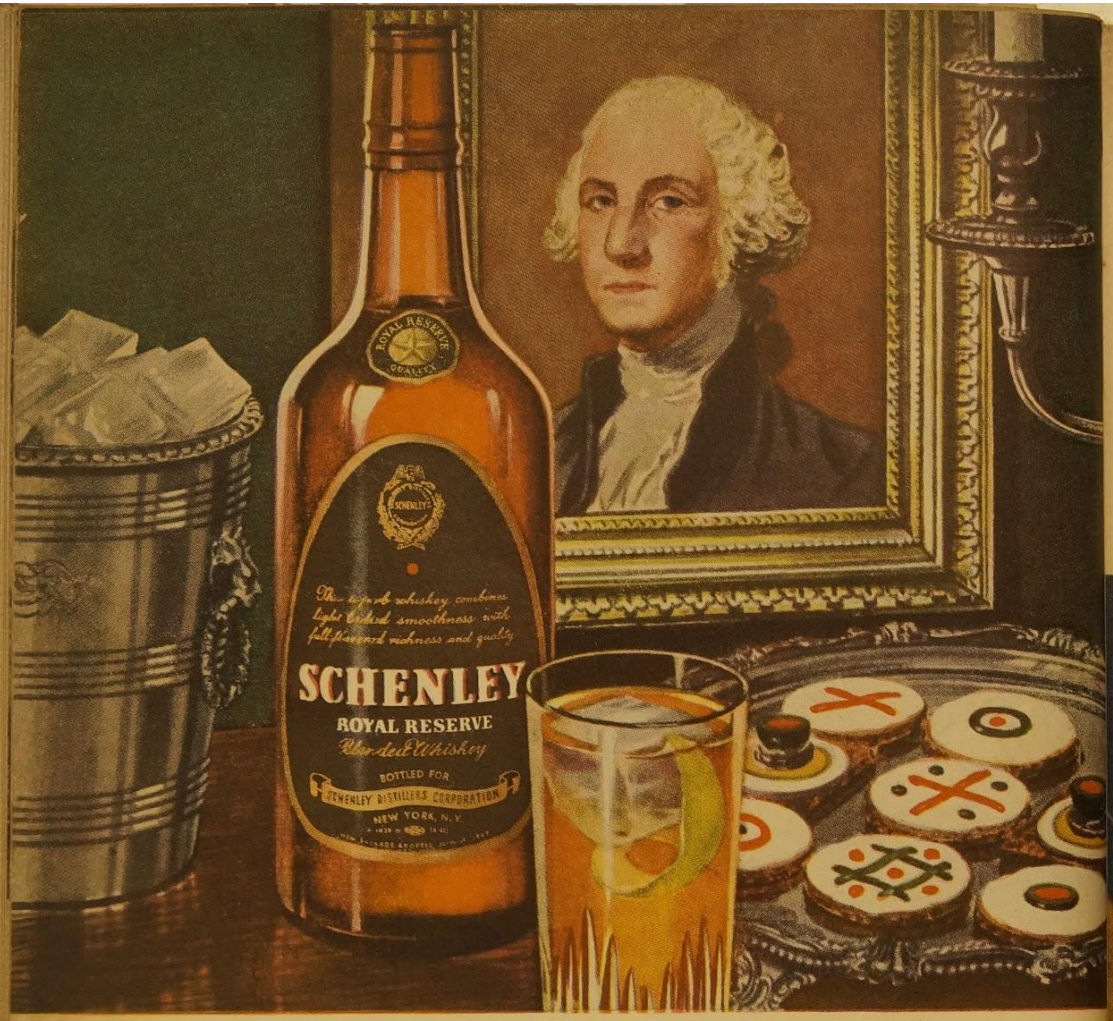
Em 1943 os Estados Unidos puseram em ação três novos aviões de combate — o Vought Corsair F4U da Marinha, o Republic Thunderbolt P-47 do Exército, e o Grumman Hellcat F6F, tambem da Marinha.

O motor Pratt & Whitney de alta pressão é o núcleo de cada uma dessas aeronaves, construidas para o melhor desempenho nas mais elevadas altitudes.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

MOTORES PRATT & WHITNEY • AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICOPTERS SIKORSKY • HÉLICES HAMILTON STANDARD



Prove um "Whiskey Sling" como o fazia George Washington!

Esta é uma das bebidas mistas mais antigas dos Estados Unidos . . . e que bebida límpida, simples e saborosa ela é!

Puro, ressalta a perfeita maturação, o rico aroma, e o sedoso gosto que só o whiskey SCHENLEY Royal Reserve possue.

O SCHENLEY Royal Reserve está endossado por 68 anos de tradição e perícia na destilação. Eis uma das razões por que há mais gente que bebe whiskey americano que qualquer outro.

Convidamo-lo a provar o SCHENLEY Royal Reserve . . . e apreciar o valor de uma consagrada arte americana!

Assim se prepara um "Whiskey Sling" de SCHENLEY Royal Reserve: Ponha num copo uma colherinha de açucar, um cálice de água, e um pedacinho de limão; adicionem-se dois cálices de SCHENLEY Royal Reserve; junte a tudo um pedaço de gelo, agite-se . . . e depois . . . sorva a bebida e . . . sonhe!

E uma revelação!

LIBERDADE NA UNIDADE

SCHENLEY INTERNATIONAL CORPORATION
Empire State Building, New York

O MAIS FINO WHISKEY AMERICANO:

SCHENLEY *Royal Reserve*

HOJE MAIS APPRECIADA QUE NUNCA!

• A Caneta-Tinteiro Parker deve ser tida como um dos seus objetos de maior estimação, pois que hoje escrever é uma tarefa mais importante que nunca. Sobretudo se considerarmos que a guerra restringiu a sua fabricação.

De todas as Canetas-Tinteiro a mais famosa é a Vacumatic, aquí ilustrada. Distingue-se pelo seu exclusivo desenho de anéis em volta do corpo laminado. Dir-se-ia que a sua ponta de osmirídio, suave como o setim, voa sobre o papel.

Sim, a Parker Vacumatic é o meio mais moderno para facilitar a arte de escrever. O Lozango Azul no segurador da caneta significa a nossa garantia vitalícia.

PARKER

LÍDER MUNDIAL NA FABRICAÇÃO DE CANETAS HÁ 55 ANOS

Distribuidores para todo Brasil e Posto Central de Consêrtos: Costa, Portela & Cia., Rua 1° de Março, 9-1°, Rio de Janeiro

MODERNO ATLAS

É pequeno o mundo que o homem da aviação deixa hoje como legado aos nossos filhos,—muito menor que o globo por ele herdado. A geração nova reduzirá ainda mais o pesado fardo do velho Atlas, enquanto os cargueiros do ar avançam céleres para aproximar todas as partes da Terra. Os motores Wright, modernos bandeirantes da Idade do Ar, acionarão os transportes aéreos muito maiores do futuro, nessa redução do globo.

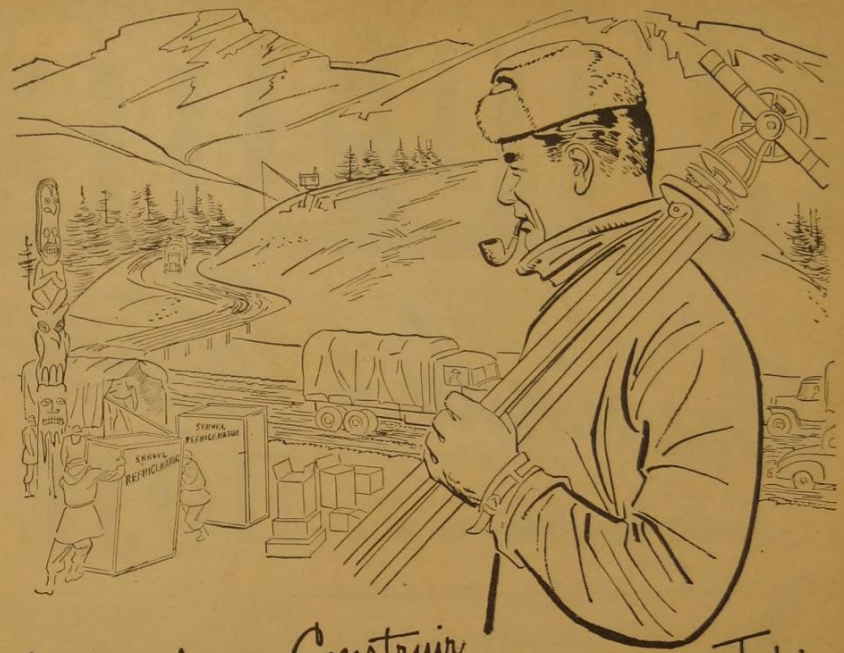
Leves Compactos Possantes

Cyclones e Whirlwinds **WRIGHT** *Aircraft Engines*

FÔRÇA-MOTRIZ PARA A TONELAGEM DO AR

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO

A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind



Ajudando a Construir o Caminho para Tokio

UMA NOVA "SUPER ESTRADA REAL" que parte dos Estados Unidos atravessa as selvas do Canadá e chega ao coração do Alaska. Construida durante mêses de trabalho fatigante, proporciona ás Nações Unidas um caminho seguro e rapido até á porta de trás de Tokio.

Foi necessario empregar milhares de soldados e de paisanos para manejar os bulldozers, os caminhões e as raspadoras que nivelaram esta vasta região do interior do país. E a tarefa dos Refrigeradores Servel consistiu em salvaguardar os alimentos para estes homens e proteger os seus abastecimentos médicos vitais.

Na atualidade, os Refrigeradores Servel estão ao serviço dos amantes da liberdade em todas as regiões do mundo. Como os 2.000.000 de refrigeradores Servel em uso nos lares domesticos das Americas, estes refrigeradores foram escolhidos devido a que funcionam com absoluta segurança em todas as partes.

O fornecimento de refrigeração de confiança, livre de transtornos, é somente uma das coisas importantes com que a Companhia Servel contribui para o esforço belico. Desde 1941 todos os seus meios de fabricação e todo o seu pessoal teem sido concentrados para produzir equipamento de guerra. E esta tarefa continuará até que alcancemos a victoria. Só então Servel voltará aos seus antigos trabalhos de fabricar os refrigeradores melhores do mundo *para todos.*

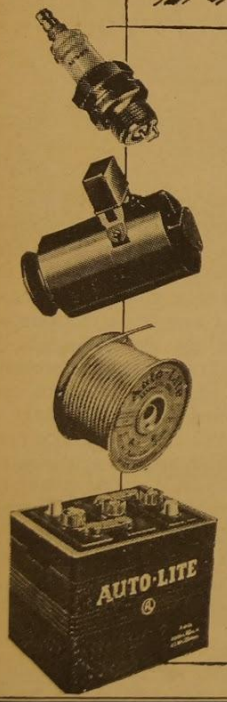
SERVEL, Inc.

Departamento de Exportação
51 East 42nd St., New York 17, N. Y.
E. U. A.

FABRICANTES DAS GELADEIRAS SERVEL A QUEROSENE E A GÁS

AUTO-LITE

Erigindo o Futuro ...HOJE



Cartuchos de aço, "pilotos" de avião automáticos e muito outro material de guerra é o que atuamente se encontra nas linhas de produção de Auto-Lite. Os recursos e a pericia técnica de 26 grandes divisões industriais os 20.000 operarios de ambos os sexos contribuem ao futuro fortalecendo os exercitos da liberdade com vastas quantidades de material de combate.

O engenho de Auto-Lite e as facilidades de produção em grande escala ao seu dispôr poderão ainda ser dedicadas a tarefas diferentes antes de que as Nações Unidas alcancem o fim que se propõem . . . e só então é que as linhas de produção Auto-Lite voltarão a dedicar-se completamente à fabricação de acessorios e aparelhos auxiliares de primeira ordem para automoveis.

Por isso queremos que se lembre do nome "Auto-Lite" da organização que hoje contribui a erigir o futuro!

THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
(*Export Division*)
Chrysler Building, New York 17, N. Y., U. S. A.

VELAS DE AUTOMÓVEIS • ACUMULADORES • FIOS E CABOS
APARELHOS DE ARRANQUE, IGNIÇÃO E ILUMINAÇÃO

Gente de Pulso e VONTADE!

***SEGUNDA PARTE**

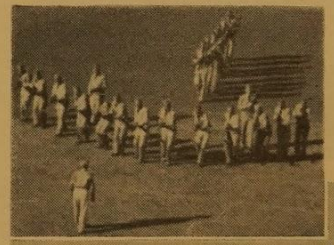
Faz agora um ano que nós contamos pela primeira vez a história dos empregados da Beechcraft. Falamos do seu espírito de sacrifício e da sua extra-contribuição para o esfôrço de guerra. Eis a continuação dessa história.

Os recordes de produção, de que eles tão justamente se orgulhavam há um ano, foram excedidos. Os investimentos voluntários em Títulos de Guerra têm ultrapassado 22% da soma total dos nossos pagamentos. Centenas de empregados da Beechcraft, transbordantes de entusiasmo, energia e lealdade, têm mantido as fileiras da Guarda de Reserva da Beechcraft: podem-se ver alguns deles nestas gravuras da sua Segunda Revista Anual. Estes homens e mulheres praticam exercícios durante o seu tempo livre, de modo a estarem prontos a fazer face a qualquer catástrofe ou emergência que possa produzir-se, quer seja causada por fogo, ou sabotagem, quer devido à vontade de Deus. Eles juraram proteger vidas, material de guerra, e a própria fábrica, no interesse do esforço bélico. Eles vêm de todas as seções da organização Beechcraft, servem gratuitamente, e compram os seus próprios uniformes.

É uma divisa severa, a que essa *gente de pulso e vontade* adotou. Mas a guerra é um negócio severo. E os registros mostram bem o que essa gente quer dizer, quando diz:

"DAR CABO DELES COM PRODUÇÃO"

**A continuar até a Vitória*



Um pelotão da Guarda de Reserva demonstra o uso da formação em cunha, na repressão de multidões

(Em baixo) Guardas da Reserva Feminina mostram a sua proficiência em exercícios semafóricos, um meio util de comunicações de emergência

Beech Aircraft CORPORATION

OS BEECHCRAFT CUMPREM O SEU DEVER — *WICHITA, KANSAS, E.U.A.*

CUSTAM-LHE MAIS DO QUE O SR. PENSA

NENHUMA loja comercial está a salvo desta forma de prejuizo. Há oito maneiras de somar, manuais e mentais, que lhe podem acarretar perdas de dinheiro! . . . O SR. SABE QUAIS SÃO ELAS?

CAIXAS REGISTRADORAS • MÁQUINAS DE CONTABILIDADE

de POLO a POLO — TODOS AMERICANOS! — SEMPRE UNIDOS

RUA CHILE No. 31 • RIO DE JANEIRO

ESCRITÓRIOS FILIAIS

Belém, Pará
Belo Horizonte, Minas Gerais
Campos, Rio de Janeiro
Curitiba, Paraná
Forteleza, Ceará
Porto Alegre, Rio Grande do Sul
Recife, Pernambuco
Santos, São Paulo
São Paulo
São Salvador, Baia

National

THE NATIONAL CASH REGISTER COMPANY

Na história de cinco gerações

HÁ CAPÍTULOS EM QUE ENTRA O "FERMENTO ROYAL"

Sim... festas de noivado e casamento, batizados, aniversários... É a hora dos pratos e quitutes que devem seduzir pelo aspecto e deliciar pelo gôsto... E é por isso que, há cinco gerações, as donas de casa, para sua própria garantia, recorrem, instintivamente, à "Cozinha Royal". O Fermento Royal é um produto sempre uniforme. E não falha. Graças a êle os bolos crescem, tentadores e deliciosos, e os pratos salgados se tornam mais saborosos e tenros. *Acerte como acertava a vovózinha. Aproveite as oportunidades que lhe oferece o produto que, desde 1868, tem sido o segrêdo de pratos que enchem de orgulho uma dona de casa e despertam a admiração dos convidados: Fermento em Pó Royal.

Avenida Pedro II, 250
Rio de Janeiro — Brasil

FERMENTO EM PÓ ROYAL
A CHAVE DE MIL E UM PRATOS DELICIOSOS

**Os livros de receitas "Royal" são usados há 5 gerações.*

na guerra e na paz

Pneumáticos Royal

Artigos domésticos "U.S."

Acumuladores "U.S."

É preciso prover os heroicos defensores da Liberdade com as máquinas mais potentes e efetivas.

O funcionamento de muitas destas máquinas sería impossivel sem certos acessórios de borracha . . . e os Estabelecimentos "U.S." se honram altamente por terem sido eleitos para fabricá-los!

Os portentosos progressos técnicos conseguidos nesta tarefa permitir-nos-ão, uma vez alcançada a Vitória, produzir novos e melhores artigos "U.S." para favorecer o progresso humano e fazer com que a vida seja mais agradavel.

Mais de 60,000 produtos diferentes desde pneumáticos até sapatos . . . desde bolas de gólfo até aeróstatos! . . . Cada um à frente de sua especialidade.

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd.

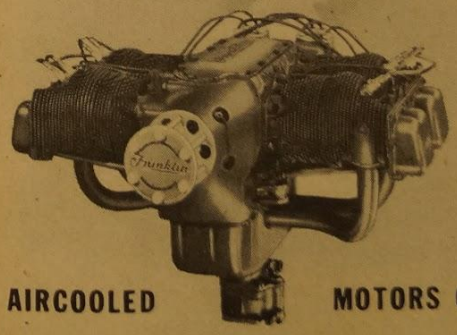
1230 Sixth Avenue, Rockefeller Center, Nova York, E.U.A.

No Canadá: Dominion Rubber Co., Ltd.

UNITED STATES RUBBER COMPANY · US · TRADE MARK

EM TODA a América . . . no Brasil como nos Estados Unidos . . . há um motor de aviação quase sempre preferido no equipamento dos aviões de treino primário. É o Franklin . . . a escolha ditada pela provada reputação deste motor, baseada em suavidade, grau de confiança, funcionamento econômico, e longa duração . . . Qualidades essenciais no primeiro treino de vôo dos alunos pilotos, militares e navais.

Durante a guerra, os recursos da Aircooled Motors Corporation serão por inteiro devotados à produção dos motores para aviões de treino, em Serviço de Treino de Guerra no Brasil e nos Estados Unidos, juntamente com motores mais potentes para missões especiais da Aviação Militar dos Estados Unidos. Mas quando a guerra acabar, uma série mais fina e inteiramente nova de motores Franklin estará pronta para propulsionar os vôos civís da Paz.



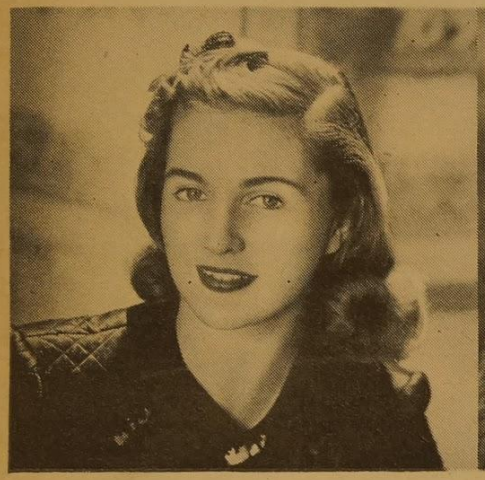
MESBLA S/A

RUA DO PASSEIO 48-54 RIO DE JANEIRO, BRASIL

AIRCOOLED MOTORS CORP. ★ SYRACUSE, N.Y., E.U.A.

A Elite Feminina da América

CONFIA EM POND'S



MISS CYNTHIA McADOO
da sociedade novaiorquina

SRA. MARIA JOSÉ DUPRÉ
da elite social brasileira

A SENHORA MARIA JOSÉ DUPRÉ e a senhorita Cynthia McAdoo . . . vivem muito longe uma da outra . . . porém ambas recorrem aos Cremes Pond's para proteger a beleza da cútis. É que o excelente método Pond's, de 2 cremes, cativa pela eficácia e pela simplicidade:

À noite: aplica-se o suavíssimo Cold Cream Pond's pelo rosto e colo, afim-de remover o pó e a «maquillage». Limpa-se, estendendo, a seguir, nova camada.

Pela manhã—Após rápida limpeza com o Cold Cream Pond's, estende-se levemente o Creme Evanescente Pond's como base para a «maquillage». Os poros se fecham suavemente . . . e a «maquillage» dura horas e horas.

☆

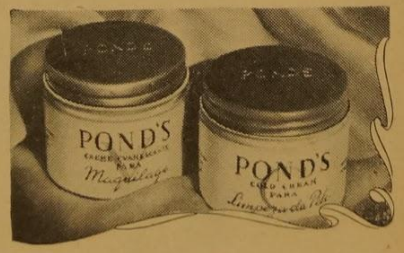
AMOSTRA GRÁTIS—Queira enviar-nos o cupom, acompanhado de Cr. $1.00 para despesas de remessa de uma amostra dos 2 Cremes Pond's.

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL
Avenida do Estado, 5.537 - São Paulo 3-QQQQ-25

Nome.....

Rua.....

Cidade..... *Estado*.....



ÁGUA PARA UM SOLO FERTIL

NO PLANALTO central da Venezuela existem superfícies imensas de um solo tão rico que basta irrigar para torná-lo um dos terrenos mais altamente produtivos da América do Sul.

O Departamento de Irrigação do Governo da Venezuela construiu uma série de canais, cada qual com um comprimento de oito a nove quilômetros, para levar água em abundância aos terrenos secos.

Ilustramos acima um Trator Diesel "Caterpillar" D7, cortando a terra com a larga lâmina do seu *bulldozer*, para dar forma ao leito do canal ao longo de uma encosta.

A cena abaixo apresenta uma Máquina Escarificadora Diesel "Caterpillar" No. 12, operando na construção de uma excelente rodovia que vai ligar a estrada principal a um novo e projetado canal de irrigação.

Nas minas e florestas, nos aeroportos, estradas e fazendas, a energia do equipamento de confiança Diesel "Caterpillar", está ajudando a modelar uma vida melhor para os cidadãos de todos os paises da América.

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILL., E.U.A.

CATERPILLAR DIESEL
MARCA REGISTADA

Tratores de Esteiras • Máquinas Diesel • Maquinaria Para Estradas

O modêlo mais popular de máquinas de escrever dos Estados Unidos tambem possúe muitos amigos no Brasil! . . .

● Estenógrafas e secretárias, pelo Brasil inteiro, preferem a Remington Standard mod. 17. Apreciam sua extraordinária sensibilidade, sua ação suave, sua escrita perfeita, seu toque regulado. É a favorita de toda a datilógrafa, por toda a parte. Não estamos fabricando nossa famosa Remington, no momento.

Nossos operários e nossas fábricas estão se dedicando, inteiramente, à produção de guerra, que requer todo o capricho e precisão que têm tornado famosa, pelo mundo inteiro, a Remington. Depois da guerra, podem estar certos de que as máquinas de escrever Remington aparecerão melhores do que nunca. Neste interim, se V.S. tiver a ventura de poder comprar uma nova Remington mod. 17, compre-a com orgulho e use-a com confiança e ela lhe dará anos e anos de serviço perfeito.

Remington Rand

BUFFALO, N. Y., E.U.A.

Os **MAIORES FABRICANTES DO MUNDO** de máquinas Portateis, Standard e Silenciosas. . . Máquinas de Somar, de Calcular, Contabilidade e máquinas tabuladoras "Powers". . . Sistemas visiveis de Controle "Kardex", Arquivos-cofres, métodos de arquivo e pertences, sistemas de folhas soltas. . . Equipamento de registro fotográfico . . . Fitas para máquinas de escrever ou de somar e papel carbono. . . Pertences para duplicadores. . . e o famoso barbeador elétrico "Foursome". . .

***Representada, no* BRASIL, *pela* S. A. CASA PRATT**

Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Curitíba, Recífe, Porto Alegre, Belo Horizonte, Baía.

OLEO PARA QUE NÃO FALTE LUZ!

Cada gigantesco transformador deste tipo recebe uma carga de alguns milhares de litros de oleo!

A luz elétrica já se incorporou de tal modo à civilização que a maioria da humanidade a considera insensivelmente como um elemento da natureza, assim como o ar, a agua, o sol. Antes dos black-outs da guerra, ninguem mais fazia hipóteses em que entrasse em linha de conta a inexistencia da luz elétrica.

Para a iluminação de uma cidade entram tambem, em ação, os transformadores elétricos. Esses aparelhos, cuja função consiste em transformar a voltagem da corrente elétrica recebida das usinas geradoras de eletricidade, para a voltagem que a rede de iluminação requer, pedem um oleo especial que atue como meio isolante e de refrigeração; para isso há necessidade de um produto especialmente preparado e que corresponda às exigencias, bastante severas, dos transformadores.

A Organização Esso, tendo em vista os requisitos especiais exigidos, criou a aperfeiçoou, em seus laboratorios, os oleos UNIVOLT, recomendados por excelencia para transformadores elétricos.

Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidencia de Minas Gerais, B. Horizonte; Farroupilha de P. Alegre; e Radio Club de Pernambuco, de Recife.

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

e a **ORGANIZAÇÃO ESSO**

Esso

Distribuidoras dos afamados produtos Esso que se encontram sempre sob o oval **ESSO**.

O potencial de fogo de uma "Fortaleza"

Eis uma visão que os pilotos do Eixo aprenderam a temer!

A principal missão da "Fortaleza Voadora"* Boeing é o bombardeamento de precisão a grandes altitudes. Os seus objetivos encontram-se, muitas vezes, profundamente internados em território inimigo, centenas de milhas para alem do raio de ação da escolta de caças. As tripulações das "Fortalezas" devem portanto, ser equipadas de modo a poderem aguentar-se em face de mais renhida oposição por parte do inimigo.

E são-no! Cada "Fortaleza" pode vomitar milhares de projeteis em todas as direções, com mortífera precisão dentro de 800 metros. Uma formação de 18 "Fortalezas" pode estabelecer à sua volta uma cortina de fogo, totalizando mais de 5 *toneladas* de chumbo por minuto!

A juntar à quase inacreditavel precisão do seu bombardeamento, estes aviões ganharam a justa fama de serem nesta guerra "os mais mortíferos destruidores de aviões de caça."

As tripulações das "Fortalezas" têm profundo respeito pela arquitetura aerodinâmica da Boeing e sua integridade de fabrico. Eles têm razões de sobra para saber que se é "fabricado pela Boeing" é com certeza bom.

BOEING

CRIADORES DAS FORTALEZAS VOADORAS • DO STRATOLINER • DOS CLIPERES AMERICANOS

**Os nomes "Fortaleza Voadora" e "Stratoliner" são propriedade registada da Boeing.*

Eis o que um médico sul-americano escreveu acerca das lavadoras mecânicas "EASY"!

«Observei o funcionamento da lavadora mecânica «Easy» e devo dizer que o seu trabalho me deixou atônito.

«Esta máquina contribue para a solução dos mais importantes problemas que afligem todos os lares: a eliminação do perigo de contágio de certas doenças, como a tuberculose, a escarlatina, a febre tifóide etc., que resultam muitas vezes do contacto com a roupa dos doentes ou da lavagem de roupas efetuada em águas sujas ou estagnadas!»

(Damos o nome a pedido)

Com uma lavadora «Easy» V.S. poderá lavar as roupas em sua casa, *à maneira moderna*. Nenhum perigo de contágio, proveniente do vestuário de estranhos. Uma ação suave, como se efetuada à mão, expulsa a sujidade, sem ser necessário esfregar com violência. Limpa a roupa branca sem necessidade de usar lexívias. V. S. pode lavar roupas brancas, camisas, ternos ligeiros, as mais delicadas roupas interiores, cobertores, colchas, fronhas, cortinas, tapetes de trapo, etc. Existem para cima de 2.000.000 de lavadoras «Easy» em uso. Encomende já uma ao seu fornecedor, para depois da guerra!

Easy Washing Machine Corp., Syracuse, N. Y., E. U. A.

SRS. NEGOCIANTES! Vendam as lavadoras e engomadeiras mecânicas «Easy», quando voltar a paz. Peçam nossas condições aos concessionários. Dirigir toda a correspondência ao Depto. RP-3.

EASY A primeira Lavadora da América

pronuncia-se ISY . . . o que significa FACIL

Recursos para a costura elegante

Faça novos franzidos pelo método da Singer—na sua máquina de costura. Temos acessórios para aplicações, enfeites, pregas e babados. Mas lembre-se, temos um estoque reduzido.

Dar-lhe-emos idéias e conselhos sobre os problemas de costura. A Singer oferece-lhe toda a espécie de serviço e ajuda-lhe em trabalhos de corte e feitio, dando-lhe idéias para fazer franjas. Visite-nos.

Rejuvenesça a sua máquina chamando a sua casa o agente da Singer, para que ponha óleo na máquina e faça os necessários ajustamentos, tornando assim mais facil e perfeita a sua costura.

Use só agulhas, óleo e peças Singer legítimas na sua máquina Singer de coser. Procure sempre o "S" vermelho na vitrina da loja, para se certificar de que é o serviço Singer legítimo que vai ordenar.

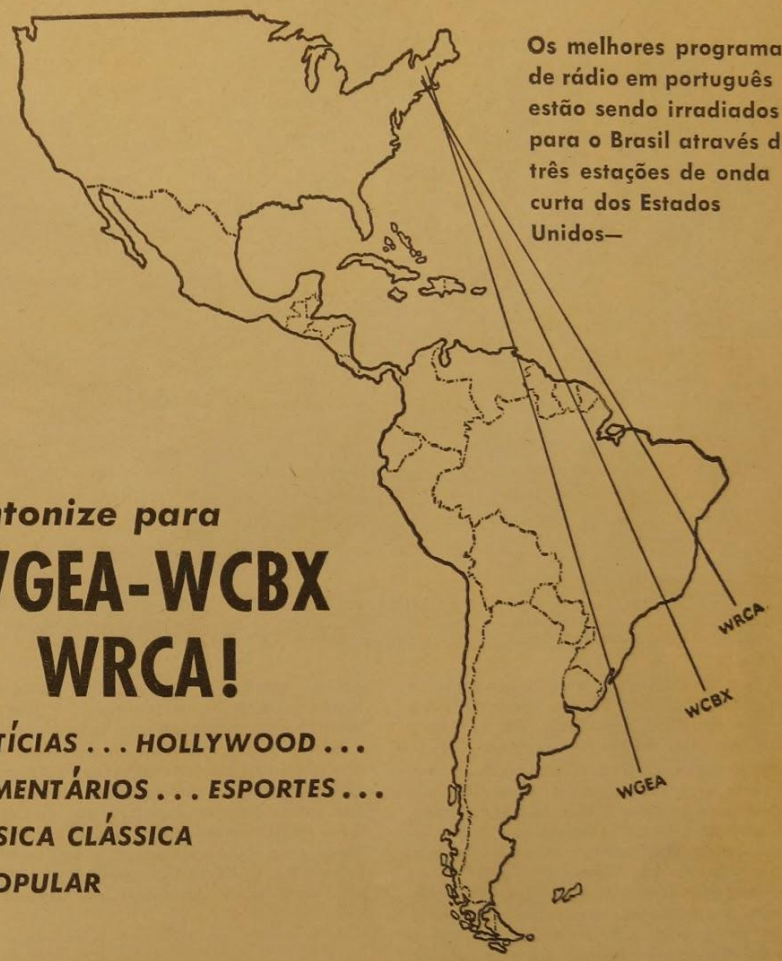
SINGER

SEWING MACHINE COMPANY

Copyright U.S.A., 1940, 1942, by Singer Sewing Machine Co.
All rights reserved for All Countries.
Todos os direitos devidamente protegidos
por tratado internacional.

PROGRAMAS DE ONDA CURTA DOS E. U. A.

PARA O BRASIL ... EM PORTUGUÊS



Os melhores programas de rádio em português estão sendo irradiados para o Brasil através de três estações de onda curta dos Estados Unidos—

Sintonize para

WGEA-WCBX WRCA!

NOTÍCIAS . . . HOLLYWOOD . . .
COMENTÁRIOS . . . ESPORTES . . .
MÚSICA CLÁSSICA
E POPULAR

Habitue-se a ouvir regularmente êsses excelentes programas de onda curta dos Estados Unidos!

Sintonize já esta noite

ESTAÇÕES DE ONDA CURTA DOS E. U. A.

SAUDAÇÃO AOS QUE NÃO FRAQUEJAM

Isto é uma saudação aos atarefados aviões e empregados das linhas aéreas comerciais das Américas. Podemos agradecer-lhes por uma das maiores realizações da guerra atual.

Quando veio a guerra, o fabrico de aviões comerciais e respetivo equipamento foi necessariamente suspenso. Nos Estados Unidos, todas as linhas aéreas tiveram que ceder ao governo aproximadamente metade do equipamento que possuíam. Alem disso, milhares de experimentados profissionais do serviço aéreo, em todo o continente, passaram a executar tarefas de guerra. Construiram por toda a parte do Mundo aeródromos para as Nações Unidas. Ajudaram a treinar pilotos militares e técnicos para operações de transporte.

Entretanto, tirando o melhor rendimento do equipamento que lhes ficou, as linhas aéreas fizeram voar um total de cargas . . . de passageiros, correio e encomendas postais . . . superior ao de todos os tempos. E fizeram-nos voar magnificamente e com toda a segurança!

Sim, as linhas aéreas e os seus empregados têm prestado grandes serviços, a despeito de circunstâncias grandemente desvantajosas. Nós podemos, com justiça, orgulhar-nos deles. E se cada um de nós tiver, tão firmemente como eles, concorrido com a sua cota parta para a frente doméstica, poderemos ir deitar-nos esta noite imbuidos do mesmo justo orgulho.

LYCOMING

MOTORES DE AVIÃO

O motor dos atuais aviões de treinamento
O motor de avião dos futuros amadores

DIVISÃO LYCOMING, THE AVIATION CORPORATION, WILLIAMSPORT, PENNA., E. U. A.

Avco

Fabricantes dos produtos AVCO

UM OBJETO DE ELEGÂNCIA

Sheaffer TRIUNFO, a caneta para toda a vida, é de acabamento distinto e fino, como o dos mais caros objetos de arte. Como um presente ideal, a Sheaffer TRIUNFO é um índice de raro gôsto de escolha. Ela será uma constante companheira e sempre pronta para servir. É util, e será sempre usada com satisfação e orgulho. W. A. Sheaffer Pen Co., Fort Madison, Iowa, U.S.A.

SHEAFFER'S

Representantes Gerais Para o Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa Postal 843—Rio de Janeiro
Representantes Gerais Para Portugal—Messrs. Azevedo & Duarte, Ltda., Rua do Crucifixo 76—Lisboa, Portugal

O grupo Northrop cria

impecilhos para o Eixo

A indústria aeronáutica norte-americana, ocupada na tarefa de criar um poderio aéreo mais formidavel, armazenou vasta experiência no desenho e construção de aviões.

Disso o grupo Northrop é exemplo frizante. Este mesmo grupo iniciou a *primeira estrutura de asa monocoque multicelular*, que ajudou a produzir os velozes e nítidos monoplanos da atualidade. Do grupo Northrop saiu tambem a *primeira fuselagem monocoque toda metálica* dos Estados Unidos, que fez diminuir o atrito do revestimento, tornou as fuselagens mais leves e mais fortes, e alargou o espaço interior . . . os *filetes das asas*, que eliminaram a "resistência interferente" . . . os *elerons fendidos* que ajudam os rápidos aviões de combate a aterrar com segurança a velocidades mínimas.

Até que se alcance a Vitória, toda a perícia do grupo Northrop estará concentrada no desenho e construção de aviões cada vez mais mortíferos. Outras primícias da Northrop aproximam-se!

NORTHROP *Aircraft, Inc.*

NORTHROP FIELD, HAWTHORNE, CALIFORNIA, E. U. A.

MEMBRO DO AIRCRAFT WAR PRODUCTION COUNCIL, INC.

(*Continuação da última capa*)

«A revista preferida de toda gente»

DA ESCÓCIA: «Depois de termos lido o Digest, passamo-lo a dois de nossos parentes, em seguida a uma senhora inválida, e finalmente a um nosso primo que é oficial do exército destacado na Islândia. Só Deus sabe, depois disso, por quantas outras pessoas ele será lido!»

***G. Findlay*, mecânico**

DA ARGENTINA: «Creia que esperamos aquí a chegada de Selecciones com o mesmo anseio com que se espera uma pessoa querida, ou um momento de alegria!»

Victor J. Portas

DA NOVA ZELÂNDIA: «Soldado neo-zelandês em campanha, sempre longe da minha terra, achei no Reader's Digest um grande remédio para a solidão, no Egito, na Grécia, em Creta, na Palestina e na India—em tendas, transportes navais, trincheiras, e até mesmo em abrigos anti-aéreos, quando as bombas choviam. Não posso prescindir do Digest.»

Glynn McGoldrick

DA CHINA: «Sei quanta satisfação lhes dará saber com que avidez os chineses leitores de inglês, e são muitos, devoram qualquer exemplar do Reader's Digest no qual conseguem pôr a mão.»

Prof. William P. Fenn

DO BRASIL: «Considero esta revista de tão extraordinário valor, que a tenho recomendado tambem a todos os meus colegas, estudantes da Academia de Comércio do Rio de Janeiro.»

Rosinha Silva

DA SUIÇA: «Graças a Deus que, a despeito da guerra, ainda aquí me chega o Reader's Digest. Depois de devorar-lhe o conteudo, passo-o a uma família suiça, depois a uma família anglo-holandesa, e depois a outros suiços ainda. E é sempre impacientemente esperada!»

Mme. René Versein

IMPRESSO NOS E. U. A.

«*A revista preferida de toda gente*»

«NA QUALIDADE de sinopse do que se pensa, do que se passa, e do que se julga possivel em todo o mundo,» escreve um inglês diretor de escola aposentado, «o Reader's Digest é perfeito! Não admira, assim, que ele seja a revista preferida de toda gente.»

Atualmente estão-se publicando edições do Reader's Digest em inglês, em português, espanhol, árabe e sueco, e outras edições estão já na forja. A calorosa recepção dispensada ao Reader's Digest pelos homens e mulheres das terras mais distantes e diversas, e de culturas as mais díspares, é bem a prova de que o pensamento humano desconhece fronteiras, e que, seja qual for o idioma, os seres das mais diversas origens podem compartilhar do mesmo interesse em leituras tão proveitosas como agradaveis; e com fazê-lo, virão por certo a conhecer-se e a estimar-se melhor.

Seguem alguns dos comentários de simpatia que, de todo o mundo, constantemente chovem sobre a nossa banca de trabalho:

DO MÉXICO: «Gosto de Selecciones porque, nos temas profundamente humanos de seus artigos, encontrei sempre alguma coisa de nobre, de util ou admiravel, de que se pode tirar proveito; e nunca findei a leitura de qualquer dos seus números, que não sentisse despertar em mim algum formoso sentimento, ou uma idéia interessante e alevantada.»

Otilia Silva

DA ÁFRICA EQUATORIAL FRANCESA: «Apesar de só nos chegar às mãos três e quatro meses após a publicação, o Reader's mantem-nos em contacto com o mundo exterior, de que estamos isolados, e nunca a sua leitura nos sabe a requentado.»

***Eunice Stowell*, missionária**

DA SUÉCIA: «É uma verdadeira universidade em miniatura, com a diferença que, no seu programa, só se incluem temas de atualidade. Sua leitura nos permite ir sem delongas ao âmago do assunto, sem sermos forçados a arrastar-nos através de interminaveis divagações literárias.»

***Elis Lindhem*, professora**

(*Continua no verso*)

EDIÇÃO MUNDIAL DE 10.918.000 EM CINCO IDIOMAS

Cr$ 3,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

Não há motivo para pessimismos . *por Eric A. Johnston* 1
A cirurgia recompõe os desfigurados . . . . . *Hygeia* 6
Dunninger, o Mestre Mentalista . . . . . *Variety* 9
Um golé de água com gosto de derrota
«Pipe Line to Battle» 14
Argúcia dos animais 16
Maravilha do transporte no Irã . . . *Business Week* 20
A carreira ciclônica de Henry Kaiser . . . . *Fortune* 23
Podemos ensinar os meninos a viver 27
Como se combate em um porta-aviões . *W. L. White* 29
Minha filha nasceu aleijada . . . . . *Forum* 35
Mulheres da América ao serviço da vitória
por Eleanor Roosevelt 39
Reuniram-se para proteger o solo . *por Louis Bromfield* 41
Cães de guerra . . . . . *Rotarian* 45
Jornal de um vagabundo no Japão . . *por John Patric* 47
É pena . . . mas está enganado!
por Albert Edward Wiggam 53
Desta massa se faz o guerreiro do ar . . . . *Harper's* 56
Só há um caminho para o futuro . . . *por Ayn Rand* 60
Triptana, a nova supergasolina . *Science News Letter* 63
Vi um Comando chorar . . . . . *Newsweek* 67
Venceram dando tudo à pátria adotiva . . *Progressive* 69
Já não há perigo de enjoar . . *Toronto Star Weekly* 74
De adversário a lider do Império . . . . . *Life* 77
Deixemos de palavras imprecisas . *por D. Thompson* 81
A ilha da Ascenção, alpondra do Atlântico
por John Gunther 83
Venha cá! . . . . . *Baltimore Sunday Sun* 104
Oleodutos de transporte múltiplo . . . . . *Forbes* 118

Seção de Livros
Galinha todos os domingos *Rosemary Taylor* 87
Como fazer amigos . . . *por Dale Carnegie* 105

ABRIL DE 1944

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.

BAÍA: Livraria Souza, Rua do Colégio, 8, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 351, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo V, No. 27 — [*Marca Registrada* / *Reg. U.S. Pat. Off.*] — Abril de 1944

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace

Redator Gerente: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* J. Rodrigues Miguéis

Administração: *Gerente Geral*, A. L. Cole. *Subgerente:* Fred D. Thompson, Jr. *Gerente de Circulação*, Roberto C. Sánchez. *Chefe de Publicidade*, Willard R. Espy *Diretor das edições internacionais*: Barclay Acheson. *Subdiretor*: Marvin McCord Lowes *Diretor de Anúncios*: Josiah B. Thomas

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS: *Reader's Digest* (fundado em 1921): publica-se em inglês em Pleasantville (E.U.A.) e em Londres; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace; tiragem mensal: 9.345.000 exemplares. *Selecciones del Reader's Digest*: edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas; tiragem mensal: 880.000 exemplares. *Det Bästa ur Reader's Digest*: edição em sueco, publicada em Estocolmo; redator: Anders Hedberg; tiragem mensal: 225.000 exemplares; *Al Mukhtar Min Reader's Digest*: edição em árabe, publicada no Cairo; redator: Fuad Sarruf; tiragem mensal: 60.000 exemplares.

TIRAGEM DE TODAS AS EDIÇÕES: 10.918.000 EXEMPLARES

Copyright 1944 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

CMDPaER 1944

ABRIL de 1944

SELEÇÕES do Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO V No. 27

Não há motivo para pessimismos

Por
Eric A. Johnston

Presidente da Câmara de Comércio dos Estados Unidos

Inventar e empreender—eis aí duas diretrizes que oferecem, para o futuro, possibilidades ilimitadas, em que pese à tese derrotista de uma «economia madura»

ASSIM como existem modas em jóias e chapéus, tambem as há no campo das idéias. Neste momento, a moda que prevalece entre os pessimistas é a que se denomina «Maturismo». Importa ela em dizer que os Estados Unidos padecem de uma «economia madura». Nosso sistema de negociar já fez a sua época. Não tem mais razão de ser. É como um fruto «amadurecido no galho», prestes a cair no chão.

Os teoristas que cozinharam o Maturismo argumentam que prosperamos no passado pelas seguintes razões: porque tínhamos uma «fronteira» interior que facilitava a expansão; porque a nossa população crescia rapidamente; e porque a ciência nos trouxe grandes invenções de que resultaram oportunidades quase ilimitadas para os negócios e a indústria. Agora, acrescentam eles, a fronteira desapareceu; o ritmo de crescimento da população vai diminuindo; e não há perspectiva de extraordinárias invenções, como a do trem de ferro e a do automovel, que tanto contribuiram para o nosso surto industrial.

Será que a fronteira desapareceu? Nos nossos primeiros tempos, a Repartição do Recenseamento traçou uma linha de Norte a Sul, e batizou-a com o nome de «Fronteira». Todo o território, para leste da linha, tinha dois ou mais habitantes por milha quadrada, e todo o território a oeste, dois habitantes, ou menos. Mas afinal, no país inteiro havia

mais de dois habitantes por milha quadrada, e a fronteira perdeu, desde então, o seu significado. Foi isso em 1890—há já 54 anos—e, contudo, daí para cá, os Estados Unidos tiveram o mais espantoso período de desenvolvimento que a sua história regista.

O que dava importância à fronteira, era a existência, alem da linha, de vastas zonas de terra barata, e inexplorados recursos naturais. Mas tais zonas de terra barata ainda por lá se encontram, e, do mesmo modo, a maior parte de tais riquezas por explorar. No coração da região que se estende, para alem da velha fronteira, há onze estados, compreendendo uma área de 1.109.000 milhas quadradas.

Esta região é do tamanho, aproximadamente, da Índia, onde vivem 385 milhões de habitantes, ou da Europa Ocidental, onde vivem 265 milhões. Sua população, entretanto, é de apenas 6.400.000.

Sem dúvida, encontram-se alí, em grande quantidade, terras impróprias para a exploração agrícola; mas há tambem outras tantas onde se poderia produzir trigo, milho, madeira, frutas, etc., em proporções suficientes para abastecer todo o país.

Os pessimistas do Maturismo acentuam que o coeficiente de crescimento entrou a caminhar a passo de cágado, não havendo margem, por conseguinte, para qualquer expansão na nossa indústria de construções, e outras. O referido coeficiente vem declinando há 80 anos. Atingiu o seu ponto culminante em 1860, quando o aumento, relativamente à década anterior, foi de 35,6 por cento; baixou gradualmente até 1930, quando o crescimento em dez anos se verificou haver sido de 16,1 por cento. A verdade, todavia, é que, ao longo de todo esse lapso em que a porcentagem de crescimento da população se revelou declinante, *subiram nossa produção industrial e nossa renda per capita.*

De 1880 a 1930, o coeficiente de aumento da população desceu mais de 50 por cento; entretanto, no mesmo período, a nossa renda per capita subiu de 424 a 1.655 dólares, vale dizer—quase 400 por cento. Não é uma imensa população o que importa num país, mas o seu *bem-estar per capita.*

O terceiro argumento dos pregadores do Maturismo é que a ciência perdeu a sua imaginação, não se lobrigando no horizonte nenhuma grande invenção que abra maiores possibilidades à atividade industrial, ou ao emprego. Esse tipo de pessimismo não é novo. Vão já 140 anos, um jovem eclesiástico inglês, chamado Malthus, observou que, sob as condições vigentes àquela época, o desenvolvimento das populações se processava rapidamente, enquanto o da produção de gêneros alimentícios se ia revelando muito lento. Daí deu um salto para a conclusão de que o nosso planeta, superpovoado, seria atingido em breve pela fome. A alarmadora profecia não teve a sanção dos fatos. A produção de alimentos cresceu em marcha mais rápida que a quantidade de gente a que se destinavam.

Análogas previsões, mais ou menos sombrias, quanto ao futuro, têm surgido de tempos em tempos.

Eis aquí algumas amostras:

1839—*Deputado Rankin, do Mississippi*: «Nosso sistema está acabado. Os monopólios enguliram tudo. A oportunidade desapareceu de entre nós.»

1844—*Comissário de Patentes*: «Assistimos ao advento do período em que o progresso humano chega ao fim.»

1875—*Comissário do Interior*: «Os materiais novos e as novas invenções conduziram a nossa sociedade ao seu estágio final, porque, já agora, a criação científica pouco terá a dar-nos.»

1885—*Comissário do Trabalho*: «Os novos processos de manufatura continuarão... mas é impossivel que proporcionem emprego remunerativo às grandes reservas de capital que se têm acumulado.»

Essas desalentadas conjeturas sobre a evolução da ciência são arrogantemente presunçosas, pois só poderá fazê-las quem se repute grande sabedor. Essa noção de que já passou o tempo das grandes invenções, com as quais portanto não deveremos contar, parte de meia dúzia de economistas—ordinariamente amadores—e de alguns causídicos, elevados a postos de governo. Não há um só cientista que lhe dê o seu endosso. Vamos, contudo, examinar o argumento, por muito que ele revele ignorância de tudo o que reza a história, em matéria de invenção.

A invenção e a descoberta científica são inteiramente imprevisiveis. Citemos um exemplo. Quando Edison inventou a lâmpada incandescente, havia na base do filamento um excesso de calor que o queimava, de modo que as lâmpadas duravam pouco. Para obviar ao inconveniente que fazia com que se julgasse o então chamado «efeito de Edison» uma coisa incômoda, pesquisadores em eletricidade entraram a fazer novos estudos, com as respectivas experiências, e aí teve a sua origem toda a indústria eletrônica.

Quando Malthus anunciou que o mundo caminhava para a fome, estava certo de que não havia meio de produzir alimentos nas devidas proporções. Há cerca de meio século, o problema da aquisição de fertilizantes—especialmente nitrogênio—em escala compativel com as necessidades mundiais, tinha-se tornado grave. Um físico norueguês, interessado em estudar o conteudo da coroa solar, fez uma experiência em que pôs um arco elétrico no centro de um campo magnético. Se lhe tivessem perguntado: «Dr. Birkeland, que pensa você que vai acontecer?» a resposta haveria sido: «Correndo bem as coisas, obterei praticamente uma imitação da coroa solar.» Ele provocou a centelha, e eis que um gás se produziu, que o fez fugir da sala.

Apelando Birkeland para um distinto químico, dr. Eyde, este, assim que lhe veio ao olfato o cheiro do gás, abriu numa exclamação: «Louvado seja Deus! Você é um homem feliz. Resolveu o problema do século!» Birkeland, com efeito, retirara do ar ácido nítrico. Sua descoberta conduziu ao processo Birkeland-Eyde para a fixação do nitrogênio, extraido da atmosfera; e daí proveio uma indústria de fertilizantes, apta a abastecer a agricultura com inesgotaveis suprimentos. Tal a réplica da ciência à tese maltusiana.

Tão depressa, porem, sucedem as coisas, aparece um sabe-tudo, a pronunciá-las acabadas. Em 1900 houve quem dissesse «autorizadamente» que a lâmpada elétrica de Edison tinha atingido o seu grau de máxima perfeição, porque não havia mais o que aperfeiçoar no filamento de carbono, e não seria possivel distender o tungestênio, quanto se tornava necessário! Em 1896, considerava-se irrealizavel o vôo em máquinas ou aparelhos mais pesados do que o ar. Isso foi entretanto conseguido, mediante o motor de combustão a gás e ignição elétrica.

A verdade é que a ciência está longe

de ter devassado suas imensas possibilidades. Quando dispúnhamos apenas de um punhado de homens de ciência, em alguns laboratórios mal equipados, produzimos o que é hoje o grande mundo da tecnologia. Agora, com um milhar de laboratórios magnificamente aparelhados, e quinze mil cientistas a trabalhar no fascinante inquérito do desconhecido ilimitavel, é loucura dizer que a ciência e a tecnologia estão maduras, no sentido de não ter mais senão muito pouco a dar.

Se bem que não possamos antever as novas invenções, aí temos contudo os fatos sobre algumas das antigas. No decênio de 1920 a 1930, a nossa prosperidade resultou de três velhas indústrias —a de construções, a de eletricidade e a de automoveis. Coube a vanguarda à primeira, quanto ao montante de capital empregado. Seguiu-se a de eletricidade, uma indústria que tinha surgido cincoenta anos antes. Muitas pessoas supunham que a de automoveis havia já atingido o ponto culminante, mas os seus reais efeitos só se fizeram sentir em princípios daquela década. Tais efeitos foram indiretos, e mudaram sutilmente a nossa própria civilização. Desenvolveram-se subúrbios ao redor das cidades; construiram-se em toda parte novas casas, escolas, prédios para lojas e cinemas. Postos de gasolina e de reparos instalaram-se aos milhares, por todo o território do país. Surgiram vastos sistemas de estradas de rodagem. A indústria da gasolina, e milhares de outras, destinadas a atender às necessidades do mundo do automovel, vieram à tona, e tiveram um desenvolvimento de extraordinárias proporções.

Dizemos sumariamente que o automovel fez isso. Que foi, porem, o que tornou possivel a construção de veículos, assim admiraveis, e a um custo cada vez mais reduzido? O observador popular nunca se lembra de que centenas de invenções em indústrias outras—novos aços, novos métodos de produzir gasolina, ou de baratear a mercadoria pela produção em massa—contribuiram para que tal aconteça.

Em 1920, dizia-se que a indústria do aço tinha chegado à velhice; dera o que tinha a dar. Mas há vinte anos passados, havia quatro ou cinco tipos de aço; hoje há centenas. Quase todas as instalações de produção de aço, existentes ao fim da última guerra, foram desmontadas ou abandonadas, para dar lugar à construção de novas usinas e máquinas envolvendo uma vasta aplicação de novos capitais.

A indústria de gás natural luziu como um meteoro, às vesperas precisamente da grande crise econômica. Porque? Porque um grande laboratório de pesquisas técnicas, descobriu um método de fazer enormes tubos, de 50 centímetros de diâmetro e 18 metros de comprimento, por meio de um processo de soldagem elétrica, e a um preço bastante baixo para tornar praticavel, em condições vantajosas, a canalização de gás a longa distância.

As possibilidades que o futuro ainda reserva às três velhas indústrias a que nos referimos—não haja sobre isso a menor dúvida—continuam a ser ilimitadas. Depois da última guerra, fizeram-se animadoras previsões quanto ao futuro da indústria de casas prefabricadas. Nada, porem, se conseguiu de maior, porque as casas de que se trata exigem materiais de que se não dispunha. Hoje a nova indústria de materiais plásticos, destinada a oferecer tanta contribuição util, os está produzindo.

Quando a presente guerra terminar, veremos um grande mercado para um novo gênero de casa a preços nunca dantes conhecidos.

Ninguem poderá sequer imaginar o que fará o avião. Tanto se tem escrito sobre o caso, que bastará aquí mencioná-lo. Os resultados a esperar daí são, pelo menos, tão grandes como os que foram proporcionados pelo advento do automovel.

Há outro campo que promete muito. A capacidade de compra, no mundo, tem estado em geral situada, de preferência, nos paises frios. Porque? Se o calor é enervante, o frio tambem o é. Mas as instalações de aquecimento são uma defesa contra o frio, ao passo que os paises quentes nunca puderam contar com um meio análogo de defender-se contra o calor. Que sucederá no dia em que pudermos vender aos habitantes de paises quentes uma máquina que lhes proporcione, a preço razoavel, uma temperatura benigna? Não irá esta aumentar-lhes, como por encanto, as energias? Se o fizer, estará melhorado o seu nivel de vida, em benefício comum, deles e nosso.

Tal máquina, já a temos aquí. Está em uso em quase todos os nossos teatros, nos nossos grandes hotéis, e em muitas das nossas casas. Como o automovel nos seus primeiros tempos, é ainda dispendiosa; porem talvez a produção em massa a ponha em breve ao alcance de milhões. Engenheiros competentes acreditam que essa classe de equipamentos vai dar ensejo, só ela, ao maior dos impulsos previsiveis na expansão industrial.

Nada pois autoriza a conclusão de que o nosso sistema econômico esteja a morrer de velhice. O que o pode matar, são as cadeias com que se lhes embaraça o desenvolvimento natural—as restrições de toda natureza, oriundas, muitas vezes, de associações de comércio, ou de uniões trabalhistas, quando não do próprio governo, por alguns dos seus serviços: associações de comércio e combinações cartelistas, que se esforçam por criar condições de monopólio, conservar altas de preços, e diminuir a produção; uniões trabalhistas, que, indo alem do seu papel de assegurar salários e horas de trabalho razoaveis, procuram encarecer a mão de obra, restringindo o rendimento industrial, opondo-se a novos processos ou aparelhagens produtivos, e impondo ou propugnando regras e normas que entorpecem a marcha para um progresso mais rápido; governos—federal, estadual e municipal —que sobrecarregam toda espécie de negócio com desnecessárias exigências, estrangulam atividades empreendedoras, e ficam depois à espera dos que, ainda assim, prosperarem, para cair-lhes em cima, confiscando-lhes os lucros que porventura colherem de um emprego de capital em que arriscaram corajosamente a fortuna.

Numa sociedade complexa, reconheço que incumbe ao governo estabelecer, e fazer cumprir, disposições regulamentadoras. Devemos ter, todavia, a máxima liberdade de empreendimento e o mínimo controle oficial, compativeis com o complicado mecanismo de uma civilização industrial como a dos nossos dias.

Nosso sistema não sofre de escassez de oportunidade, senão de dois outros males—o burocrata e o arrecadador de impostos. Só há uma salvação para o nosso estropiado Gigante: é que o desamarrem! Tirem-lhe as cadeias que o prendem, e deixem-no trabalhar!

A cirurgia recompõe os desfigurados

(Condensado da «Hygeia»)

Por David Brown e Radford Lumsden

Maravilhas modernas, desconhecidas durante a primeira guerra mundial, restituem à vida normal homens estropiados e desfigurados

NA Islândia um major americano foge rastejando da carcassa em chamas de um P-40. A morfina alivia-lhe as dores, e o plasma impede o choque. Mas para ele seria dificil dizer se valera a pena ter salvo a vida. Trazia o nariz horrivelmente carbonizado; a boca queimada e reduzida ao tamanho de uma pequena moeda; não podia fechar os olhos, e os dedos, horrivelmente torcidos, mais pareciam as garras de uma águia.

Catorze meses mais tarde, o mesmo major media energicamente, a passadas, o quarto de um hospital militar. A face já não revelava sinais apreciaveis da tragédia, e, agarrando a própria mão, uma mão fina e de aspecto normal que funcionava perfeitamente, ele dizia: «Com certeza que gosto de apertar mãos; nunca julguei que pudesse voltar a usar a minha!» E acrescentava sorrindo: «Amanhã volto ao serviço ativo; vou pilotar um B-17.»

Este oficial passara por dezesseis operações. O nariz fora reconstituido com cartilagens retiradas das costelas. As terriveis cicatrizes da face tinham sido removidas, e enxertos de outras partes não queimadas do corpo tinham-lhe restituido à boca o aspecto humano. Tecido epidérmico, reduzido à espessura do papel, restaurara-lhe as pálpebras devastadas. E, finalmente, as mãos renovadas, a princípio rígidas e sem movimento, tinham sido restituidas à normalidade pela estimulação elétrica e por exercícios diários.

Centenas de homens têm sido tratados de forma semelhante em cinco hospitais militares especializados. E os casos já coroados de êxito são suficientes para convencer os cirurgiões de que apenas um número muito pequeno de feridos viriam a ficar prejudicados para a vida social ou profissional.

Repetem-se diariamente estes milagres. Um oficial perdera a orelha esquerda num acidente de serviço. O cirurgião soergueu uma porção de pele do couro cabeludo, junto ao ponto onde existira a dita orelha; cortou em seguida um pedaço de cartilagem de uma costela, talhou-a em forma de orelha, e inseriu-a sob a pele levantada do couro cabeludo. Um mês mais tarde ergueu esta última, que já imitava muito bem uma orelha verdadeira, e pô-la na posição conveniente. Depois, com pele retirada do abdome do paciente, revestiu a face posterior da nova orelha, e cobriu a parte do couro cabeludo de onde levantara o primeiro enxerto. Hoje é dificil dizer com qual das duas orelhas o oficial nasceu, tanto mais quanto ouve tão bem por uma como por outra.

A cartilagem assume um papel importante na cirurgia plástica de guerra. Ao contrário da pele, pode ser utilizada em transplantações permanentes de uma pessoa para outra, ou conservada

numa solução antisséptica para utilização futura. Consistente, embora suficientemente flexivel para poder ser moldada, é ideal para a reconstituição de orelhas e narizes, dos contornos ósseos das cavidades oculares, ou para proteger o cérebro nos pontos em que o crânio tenha sido perfurado.

As queimaduras causadas por esta guerra requerem cirurgia plástica com maior frequência do que as da primeira guerra mundial. Os enxertos de pele são acelerados pelo «dermatome Padgett», notavel contribuição recente da cirurgia plástica. O nome do instrumento provem do seu inventor, o dr. Earl Padgett, de Kansas City, e sua função é a de cortar pele viva do abdome, peito ou coxas do paciente anestesiado. A pele é obtida na espessura previamente determinada, com a exatidão de milésimos de polegada.

Um soldado que sofrera queimaduras de terceiro grau nas mãos, num acidente ocorrido no norte de África, tinha sido anteriormente concertista e professor de música. Não precisou, porem, procurar nova profissão. Um enxerto de pele renovou-lhe as mãos, e a prática intensiva com a máquina de escrever restaurou-lhe quase toda a antiga destreza. A esposa do Presidente Roosevelt, ao visitar recentemente o hospital, convidou-o a tocar na Casa Branca.

Os soldados que sofreram ferimentos sérios na face têm por vezes os maxilares gravemente atingidos. Quando assim sucede, os cirurgiões plásticos, colaborando com os dentistas, e socorrendo-se de novas talas de forma engenhosa, estabilizam as partes fraturadas. Em um dos casos, um estilhaço de granada que atravessara a face, abrindo um buraco de cada lado, destruiu um dos olhos, esmagou a parede interna do nariz e fraturou diversos ossos. O nariz foi novamente quebrado e restaurado; a cartilagem retirada das costelas permitiu refazer os contornos da face e do nariz; as pálpebras foram reconstituidas, e a cavidade ocular debruada com pele fresca, de maneira a permitir a inserção de um olho artificial. Ao ver hoje o soldado, ninguem suspeitará da tremenda extensão dos ferimentos que inicialmente lhe desfiguravam horrivelmente a face.

Um dos casos mais dificeis foi, porem, o de um homem gravemente ferido por estilhaços que entraram por um dos lados da face e quase destruiram metade da abóbada palatina. Para reconstituir esta última, os cirurgiões usaram o «pedículo tubular de enxerto de pele». Levantaram uma faixa de pele e gordura do braço do soldado, e coseram seus lados para que formasse um cilindro de tecidos com o aspecto de um rolo. Este rolo ou «pedículo» foi depois forrado com pele suplementar extraida de outras partes do corpo, obtendo-se por esta forma um suprimento de pele forte e saudavel. Em seguida fixou-se solidamente o braço do soldado próximo da boca, e cortou-se uma das pontas do cilindro de carne, que foi imediatamente cosida à parte destruida da abóbada palatina. Quando verificaram que o enxerto se soldara definitivamente ao céu da boca, os médicos cortaram a outra ponta ainda ligada ao braço, pela qual era ele alimentado. Tempos depois o soldado saía do hospital com uma abóbada palatina inteiramente nova.

A técnica do pedículo tubular foi ainda melhorada no caso de outro soldado atingido no pé, e que tivera a parte interna do calcanhar destruida. O caso era dos que normalmente exigiriam amputação, mas conseguiu-se um pedí-

culo tubular do abdome, e, passado algum tempo, o enxerto pegou, e sua extremidade foi cortada. Como é evidente, o pedículo não podia chegar do abdome ao calcanhar; foi necessário enxertá-lo primeiramente na coxa, e separá-lo duas semanas mais tarde do abdome, para o ligar da coxa ao calcanhar. Mais tarde foi por sua vez separado da coxa, e o soldado adquiria assim um calcanhar novo.

Sempre que os ferimentos recebidos em combate exigem amputações, a cirurgia ortopédica vem em socorro dos soldados para lhes proporcionar membros artificiais. A «cinetização» é sem dúvida uma palavra que em breve passará a ser ouvida em relação a este assunto. Sua técnica permite ao cirurgião ligar o poder muscular que fica no coto de um braço a uma mão artificial, dotando-a de grande parte da eficiência e flexibilidade da verdadeira. Os músculos do coto são ligados a alavancas que movimentam o mecanismo da mão artificial e do ante-braço. Centenas de homens submetidos a esta operação podem escrever à máquina, jogar cartas, esculpir, e, de modo geral, executar boa parte das atividades a que se dedicavam com a mão verdadeira.

Os cirurgiões militares tambem fazem todos os esforços possiveis para restituir aos soldados sua aparência normal. Em um caso, por exemplo, um soldado que tivera ambos os olhos arrancados pela explosão de uma mina terrestre, recebeu aquilo a que se chama um «dispositivo prostético», isto é, algo que substitue a natureza em aparência, já que o não pode fazer quanto a funções. O dispositivo consistiu em um par de globos oculares completos, com pálpebras e pestanas, tão semelhantes à realidade, que um dia, quando o soldado se dirigiu ao empregado de uma estação ferroviária indagando a hora de partida de um trem, o empregado entregou-lhe um horário para que ele próprio verificasse.

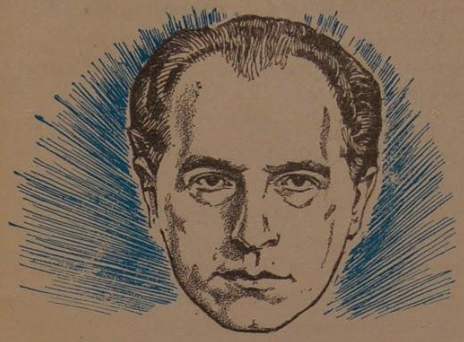
Uma das novas substâncias usadas nos dispositivos prostéticos é um metal raro, o tantálio, que satisfaz perfeitamente as ambições dos médicos quanto a um metal cirúrgico perfeito. Quando embutido no corpo humano, o tantálio não sofre qualquer alteração química. É forte, duro e maleavel, e alem de incorrosivel, não é venenoso e não se deixa absorver. Trabalhado a frio, pode ser reduzido a fios tão delgados como cabelos humanos, que se utilizam na costura de nervos secionados; pode ser convertido em folhas tão delicadas, que é possivel envolver com elas os nervos e tendões com toda a segurança. Finalmente, o tantálio é de grande utilidade na reparação ou cobertura de lesões do crânio, causadas em combate.

Os cirurgiões plásticos do Exército têm em mente um objetivo glorioso: restituir cada homem à vida civil, em condições que lhe permitam retomar, sem inferioridade, o seu lugar na sociedade. E estão mais próximos da vitória do que o simples leigo pode julgar.

¶ A coisa mais desagradavel a respeito da História é que todas as vezes que ela se repete, é por um preço mais elevado.

Pillar

Dunninger, o Mestre Mentalista



«Com prática, qualquer pessoa é capaz de fazer isto,» diz este mestre da maior sensação radiofônica

(Condensado de «Variety»)

Por Earl Sparling

Joseph Dunninger, que se anuncia a si próprio como «o Mestre Mentalista», no seu surpreendente e interessante programa dos domingos à tarde, radiodifundido através da «Rede Azul» do National Broadcasting System, insiste em que a sua habilidade de leitura e transmissão do pensamento não é sobrenatural, «mas que até uma criança de três anos podia tê-la... com trinta de prática».

O programa de Dunninger é dos mais curiosos que as ondas aéreas transmitem. O Mestre Mentalista senta-se a uma carteira, como qualquer homem de negócios—e não pensem que o não é. A uma mesa maior fica um juri formado por três cidadãos, sempre bem conhecidos e dignos da máxima confiança. No auditório estão umas trezentas pessoas, todas ansiosas por saber se aquele homem que alí está no palco é realmente capaz de ler os mais íntimos pensamentos alheios.

Depois das apresentações do costume e de uma prévia explicação, Dunninger mexe-se na sua cadeira e passa uma vista de olhos pelo auditório. Nada há de dramático nisto, a não ser a sua voz ligeiramente shakespeareana.

—Alguma mulher, pergunta ele, com a naturalidade com que perguntaria as horas, —alguma mulher está pensando nas letras *T* e *O*?

Levanta-se uma mulher, alçando a mão.

—O *T* é para Tojo, seu papagaio, e o *C* para Oscar, o peixe do seu aquário.

—É verdade, diz a mulher com voz sumida, tornando a sentar-se, enquanto um sussurro percorre a assistência.

Suspeita-se, naturalmente, que Dunninger está combinado com a senhora do papagaio. Mas ele faz jurar a cada pessoa que não há no caso qualquer espécie de combinações. É lógico supor-se que, se Dunninger estivesse enganando, alguem acabaria por atraiçoá-lo. Dúzias de pessoas se têm levantado na sala, para atestar o acerto com que Dunninger lhes leu o pensamento. Mas ninguem tentou ainda cobrar os dez mil dólares, que ele oferece a quem conseguir provar que entram em cena quaisquer «confidentes», empregados, ou «testas-de-ferro».

Dunninger é sem dúvida alguma um ilusionista exímio. Tem-se referido a si próprio como «o derradeiro mágico de grande nome». Costumava serrar uma mulher em oito pedaços—aperfeiçoamento que ele inventou do método habitual de cortá-la ao meio. Mas, quando queria realmente mostrar alguma coisa mais sensacional, fazia um elefante sumir no ar. Foi íntimo amigo de Harry

Houdini, que lhe deixou em testamento alguns dos seus apetrechos.

Há uns dez anos inquietavam-no os médiuns espíritas, e daí começar a perseguí-los. Prometeu dez mil dólares a qualquer que fosse capaz de produzir um fenômeno espírita, que ele não conseguisse reproduzir ou explicar. Muitos tentaram ganhar o prêmio, mas nenhum o alcançou. Provou que um médium produzia as «pancadas» de comunicação do seu «espírito» fazendo estalar os nós dos dedos dos pés,—coisa que o nosso mágico admitiu não ser absolutamente capaz de fazer.

Recentemente, Dunninger ofereceu os seus poderes mágicos à Marinha dos Estados Unidos. Propunha-se tornar invisíveis os navios de guerra. Parece, porem, que os almirantes não tinham ouvido falar da sua aptidão para fazer desaparecer elefantes vivos, e não se entusiasmaram com a proposta. Por sua vez não a explica Dunninger, alegando tratar-se de um duplo segredo—militar e magístico!

Nas irradiações, mesmo quando se encontra em dificuldades, o prestidigitador é assombroso. —Alguem está pensando na letra *E*, mas é um *E* estranho, diz ele, e mostra-se verdadeiramente intrigado.

Do auditório levanta-se um homem, que diz:

—Eu estou pensando num *S* grego.

—Eu não sei grego,» diz Dunninger, —mas tambem vejo um triângulo.

—Isso está certo.

—E um *T*.

—Tambem é exato.

Talvez fossem as letras gregas distintivas do grêmio de algum Colégio. Dunninger não pergunta; parece-lhe que para grego já basta. E passa a outra vítima.

—Alguem está pensando nas iniciais *M. L.* Levanta-se um homem na nona fila.

—São as iniciais de alguem aquí presente?

—Sim, senhor.

—São as iniciais da senhora à sua direita.

—A minha esquerda.

Dunninger sorrí. —Eu tambem posso enganar-me. A minha direita é a sua esquerda, e o nome da senhora é Levy.

—Sim senhor.

—E o senhor está pensando num número telefônico. Esse número é Trafalgar 7-6796.

—Quase... Trafalgar 7-6797.

Falhou só uma unidade, limitando-se a encolher os ombros. Em todos os seus programas, Dunninger declara não pretender ir alem de 90 por cento da perfeição...

O programa não é financiado por nenhuma firma, o que quer dizer que o trabalho de Dunninger ao microfone rende uma ninharia. Mas ganha três mil dólares por semana em turnês de variedades. Costuma dizer, com a sua modéstia caraterística, que é o mais bem pago dos «mágicos» que dão sessões particulares. Talvez não seja; mas já recebeu por uma só noite 1.500 dólares.

Segundo afirma, qualquer pessoa é capaz de ler o pensamento dos seus semelhantes. A receita é simples: para o transmissor, concentrar-se o mais possivel; para o receptor, imaginar um quadro preto, e mencionar o que alí vê escrito em branco.

Dunninger tem 47 anos, é alto e forte, de cabelo a rarear, e olhos que podem descrever-se como meditabundos e penetrantes. Alem de mágico e telepatista, é tambem hipnotizador. Tem sido chamado por médicos para hipnotizar

doentes especiais, e já desempenhou esse papel pelo menos em três hospitais.

Seu pai veio da Baviera para a América, onde mais tarde se tornou fabricante de tecidos. Já faleceu, e Dunninger, solteiro, vive com a mãe num apartamento no Bronx. Conta que descobriu os seus poderes telepáticos quando frequentava ainda a escola primária. Era muito fraco em aritmética, e geralmente a simples solução de um problema numérico saía-lhe errada. Verificou que, se se limitasse a adivinhar as respostas, o resultado era satisfatório. Desde então, acrescenta ele, começou a espantar os pais anunciando-lhes quem chamava, quando tocava o telefone, ou quem eram as visitas que batiam.

Como sucede com a maior parte dos garotos, tentou fazer sortes de prestidigitação; mas, ao invés da maioria deles, trabalhou com afinco nas suas experiências. Quando chegou aos 16 já era suficientemente perito para conseguir contratos. Embora fosse principalmente prestidigitador, começou logo a adivinhar o pensamento nos seus primeiros espetáculos de variedades. Nesse tempo havia muita gente que lia o pensamento, e os espectadores estavam convencidos de que se usavam «parceiros ensaiados». Em breve se espalhou a sua fama, e pessoas importantes começaram a convidá-lo para ler o pensamento em reuniões particulares.

O Presidente Roosevelt chamou-o duas vezes à Casa Branca. A última ocasião parecia quase tratar-se de um conselho de ministros. Dunninger leu primeiro o pensamento ao Presidente:

—O senhor está pensando: «Quem será o presidente para o próximo período, Hammy Fish ou Huey Long?».

—Exatamente, exclamou Roosevelt, sorrindo.

Dunninger voltou-se para o Secretário do Tesouro Morgenthau, e disse-lhe que ele tinha no bolso uma nota de 5 dólares, indicando o número da série. Morgenthau tirou a nota do bolso, verificou o número, e confirmou:

—É verdade.

Voltou-se então o mágico para o Secretário de Estado (Ministro do Exterior) Hull:

—O senhor está pensando: «Quem me dera poder ler assim o pensamento de minha mulher.»

—É mesmo, disse o Secretário Hull, e o presidente deu uma das suas estrepitosas gargalhadas. A senhora Roosevelt comentou mais tarde, um pouco nervosa: «É tão notavel que, estou certa, muita gente não gostaria de o ter sempre ao pé!»

Parece que assim pensava Coolidge. Convidou-o só uma vez para ir à Casa Branca. Dunninger repetiu palavra por palavra uma carta particular que o Presidente havia escrito naquele dia... e nunca mais tornou a ser convidado.

Bárbara Hutton, a famosa herdeira da fortuna Woolworth, chamou-o um dia para ler o pensamento dela. Disse-lhe então o mágico estar ela a pensar na frase—«Se você tiver dois pães, venda um e compre um lírio.» Só Deus sabe onde é que Bárbara foi buscar semelhante frase! Ainda mais estranho é, porem, como Dunninger a apanhou.

Quis ler tambem o pensamento do Cardeal Pacelli, que é hoje o Papa Pio XII. Tentou-o várias vezes mas sentiu-se confuso. A sua explicação é que esperava que o Cardeal pensasse em inglês, a língua usada na conversação preliminar, mas o prelado começou a pensar em latim! Depois de terem esclarecido este ponto, o Cardeal concordou em pensar num nome anglo-saxão. Dunnin-

ger concentrou-se, e anunciou: «O nome é Johnny,» o que era exato.

Thomas A. Edison, que em várias ocasiões fez experiências com Dunninger, disse: «Nunca presenceei nada que nos ponha tão perplexo, nem que parecesse tão impossivel.» Edison deixou a Dunninger um código, por meio do qual tencionava comunicar-se com ele depois da morte. Mas Dunninger nunca recebeu comunicação alguma. Houdini, Arthur Conan Doyle e Oliver Lodge tambem lhe deixaram códigos. Todos eles já morreram e Dunninger nunca recebeu nenhuma transmissão de pensamento do outro mundo.

Dunninger reserva para os juizes que aparecem no seu programa, e que juram previamente denunciar qualquer fraude que por ventura descubram, as demonstrações mais espetaculares em matéria de leitura do pensamento.

Entre eles figuram personagens como o juiz Edward R. Koch da Corte Suprema de Nova York, Paul Whiteman, o famoso maestro de jaze, Robert E. Merton, professor da Universidade de Colúmbia e outros.

Certa vez pediu Dunninger ao professor Merton, antes da radiodifusão, que fosse com dois outros membros da Faculdade à Biblioteca da Universidade, e escolhessem alí um livro entre os milhares existentes nas estantes, abrindo-o, assinalando um tópico qualquer, e concentrando-se em seguida. Na tarde da irradiação, o professor Merton estava sentado à mesa dos juizes, enquanto os seus dois colegas ficaram na Universidade.

—O livro é uma espécie de tese, começou Dunninger, —cujo nome é *Middletown*. A página é 444.

—Está certo, anunciou o professor Merton, em voz segura.

Depois Dunninger hesitou. Podia notar-se a luta que lhe ia no espírito. —Tudo o que posso perceber, disse ele, —é... tudo o que posso perceber é... devem estar a troçar comigo... tudo o que sou capaz de compreender é «não sabe a resposta».

—Isso em parte é correto, disse o professor Merton.

A passagem que os professores tinham escolhido no tratado clássico era a seguinte: «A mocidade de Middletown não sabia a resposta.» Dunninger explicou mais tarde que, quando apanhou duas vezes a palavra Middletown, julgou estar recebendo a mesma impressão, o título do livro.

Noutro domingo à tarde o Mestre Mentalista entregou a Paul Whiteman uma pedra ou quadro negro, e pediu-lhe que fosse a outra sala, e escrevesse alí a giz uma linha qualquer de uma canção que tivesse tocado com a sua orquestra. Enquanto Paul Whiteman esteve ausente, Dunninger escreveu tambem uma linha de música noutra pedra, e entregou-a a um pianista. Depois informou à assistência que não podia dizer que música tinha escrito, porque a verdade era que nada sabia de música.

Whiteman voltou, e o pianista tocou a linha de Dunninger. Paul Whiteman ficou completamente surpreendido, porque era exatamente o que ele tinha escrito quando saiu. É claro que a pedra em que Whiteman escrevera nunca tinha saido das suas mãos, nem o pianista teria podido vê-la.

Dunninger delicia-se especialmente em fazer as suas experiências com os jornalistas, pela propaganda que daí lhe advem.

Durante o seu programa de 12 de setembro de 1943, fez com que um seu assistente telefonasse a Kenneth McCaleb, redator estrangeiro do *Mirror* de Nova York. Pediu-lhe que se concentrasse em qualquer dos títulos que iam aparecer no jornal de segunda feira, ainda não impresso àquela hora.

McCaleb tinha um monte de provas sobre a carteira. Agarrou na primeira que lhe veio à mão. Dunninger escreveu imediatamente na pedra o título do cabeçalho: «Como o 5º Exército Americano desembarcou com seus canhões vomitando metralha.» E acrescentou: «Acho que este artigo virá na 4ª página.» E assim foi.

Se tudo isto é apenas «uma habilidade», é a melhor que já se viu, desde o tempo em que Houdini costumava fazer-se algemar e encerrar dentro de uma mala, para ser atirado ao rio.

Cine-Jornal da guerra

¶ Em lugar de recusar emprego às mulheres grávidas, a companhia Minneapolis Knitting Works está fazendo anúncios para empregá-las. A companhia, que fabrica roupas para crianças, de tanta procura agora, oferece às futuras mães três meses de emprego, bem como, ao terminar esse período, três camisas, três toucas, três fraldas, três calções e três camisolas de dormir. As mulheres trabalham sentadas, sob a vigilância constante de uma enfermeira.

Business Week

¶ Durante uma excursão de ônibus, um viajante natural de Tulsa, Oklahoma, parou para almoçar em um restaurante e ficou encantado de ler, em uma das paredes, o seguinte aviso: «Reservem os seus lugares agora, para a festa do Dia da Paz.»

W. D., *Collier's*

¶ Alguns restaurantes de São Francisco estão agora oferecendo a seus fregueses «comida para cães»: é a sobra das refeições que os fregueses podem levar para seus animais domésticos, cães e gatos.

CNS

¶ Uma senhora de Albuquerque, que havia posto um anúncio nos jornais, procurando uma empregada para serviços domésticos, ficou encantada ao ver que, logo na tarde seguinte, uma bela jovem se apresentou como candidata ao lugar. Começando a trabalhar imediatamente, a nova empregada lavou os pratos e se retirou cedo para o seu quarto. No dia seguinte, pela manhã, a dona da casa encontrou-a arrumando as malas. «Tenho uma confissão a fazer,» disse ela. «Estou a caminho da Califórnia, e não pude encontrar acomodações para passar a noite em Albuquerque. Então, comprei um jornal da tarde e respondi ao seu anúncio.»

Dorothy Stern

Como um pequeno drama da sede talhou a sorte da batalha de El Almein, e alterou o curso da guerra

Um gole de água com gosto de derrota

(Condensado de «Pipe Line to Battle»)

Pelo Major Peter W. Rainier

TODA A GENTE crê que o avanço do Exército Alemão, através do Norte da África rumando ao Egito, foi detido em El Alamein. Não é verdade. Em 3 de julho de 1942 o General Rommel rompia o nosso centro, e continuava o seu avanço com três divisões Panzer. Antes de acamparem, ao anoitecer, tinham os Alemães percorrido metade dos 80 quilômetros que separam Alamein de Alexandria.

No dia seguinte, um dos mais memoraveis desta guerra, desenrolou-se nos areais do deserto um inesperado drama que teve fantástica apoteose.

Os soldados de Rommel achavam-se à vista das torres de Alexandria, e para atingir aquela meta haviam lutado incessantemente durante dois anos de ferozes combates em tão desoladas regiões. Ei-los, porem, finalmente a prelibar o repouso, víveres e água—especialmente a água para saciar a sede insuportavel. Avançaram, então, resolutos.

Mas, de repente, entrepôs-se a eles e sua presa uma grande nuvem de poeira, causada pelo que restava do nosso exército britânico, uns cincoenta tanques, algumas dezenas de peças de campanha, e caminhões carregados de soldados exhaustos.

Neste setor, a força alemã regulava pela nossa. Os seus mil tanques de combate haviam tambem sido reduzidos a uns 50, e os seus efetivos, como os nossos, não passavam de 5.000 homens. A única disparidade residia na potência de fogo, pois nós não tínhamos nada com que enfrentar os canhões nazistas de 88 milímetros.

Tremenda era a responsabilidade que recaía sobre a galhardia de tão poucos! Tivéssemos fracassado naquela manhã, e a cidade e o porto de Alexandria teriam sido subjugados pelas divisões de Rommel, teríamos perdido toda a África, a Rússia poderia ter sido atacada de flanco pelo Cáucaso, e os tentáculos do Eixo teriam penetrado pela Ásia, a estabelecer contacto com o Japão.

A refrega entre os exércitos em luta não esmoreceu um só momento durante toda aquela manhã de calor ardente no deserto. De lado a lado, achavam-se tão extenuados os combatentes, e tão irritados tinham os olhos sob as pastas de pó amassado no suor, que mal podiam fazer pontaria com as armas. Já desde o começo da batalha, mal se podiam ter de pé as forças que se defrontavam. Tanto que se esgotasse o derradeiro esforço capaz de os manter em ação, um dos exércitos sucumbiria.

O sol quase atingira o zênite, e os nossos homens estavam a ponto de tombar de cansaço, quando os nazistas se renderam. Dez minutos mais de tal luta, e teríamos sido nós talvez quem haveria sucumbido. Devagar, sombriamente, efetuavam os tanques sua retirada da linha de batalha.

Foi então que se deu a coisa inesperada e surpreendente: mil e cem soldados da 90ª Divisão Panzer Ligeira—a elite do famoso *Afrika Korps*—avançaram para nós, tropeçando, através do árido deserto, de mãos levantadas ao alto, em sinal de rendição!

Quando a simples captura de um punhado de soldados da 90ª teria sido motivo de enorme regozijo para qualquer regimento inglês, facil é calcular a impressão causada pela rendição de 1.100 homens, cuja retirada aliás permanecia aberta. Pareceu-nos um verdadeiro milagre.

À medida que os alemães se arrastavam exhaustos para as nossas linhas, começou a desvendar-se o enredo daquele estranho drama do deserto. Entumecidas de sede, rachadas, enegrecidas de sangue coagulado, projetavam-se-lhes as línguas da boca. Como loucos, arrancavam os cantís dos nossos homens, sorvendo sofregamente a água por que ansiavam. Falei mais tarde com alguns dos soldados nazistas e eis o que me contaram:

Quando, na véspera, tinham rompido nossas linhas em El Alamein, já vinham sem água havia 24 horas. Encontraram, porem, no momento, um cano condutor de água com 15 centímetros de diâmetro. Então numa extensão de uns três quilômetros em que o cano estava a descoberto à flor da terra, abriram-lhe a tiro muitos furos, e à medida que a água refrescante jorrava no ar, bem um milhar de homens cairam de joelhos na ânsia de matar a sede—até que de repente, havendo já sorvido alguns goles, verificaram uma realidade terrivel: *a água era salgada!*

Foi uma noite de agonia. Só a perspectiva de poderem matar a sede em Alexandria deu alento àqueles soldados para o combate durante as três horas da manhã seguinte. Mas quando os tanques Alemães bateram em retirada, os peões desistiram da luta e entregaram-se, incapazes de sofrer mais a agonia da sede. Avançaram em bloco para as nossas linhas... e para a água potavel.

Por que motivo teria aquele cano sido abastecido de água salgada? No carater de oficial encarregado do abastecimento de água ao Oitavo Exército durante toda a campanha do deserto, posso dar a resposta. A linha de encanamento era nova, e eu jamais desperdicei água fresca na verificação da vedação de linhas condutoras de água potavel: empreguei sempre água salgada. Houvessem os alemães rompido através de Alamein na véspera do dia em que o fizeram, e teriam encontrado vazio aquele cano condutor. Dois dias mais tarde já o cano estaria transportando água potavel. Assim, os nazís encontraram água salgada e não deram pela presença do sal imediatamente, porque já traziam o paladar embotado pela anestesia da sede, e pelo gosto da água salobra a que estavam habituados.

Tão equilibradas se achavam as forças em combate naquela batalha decisiva do deserto, que, em minha opinião, não houvessem os nazistas sido torturados pela sede e pelo sal, a nossa resistência teria sido vencida, e Alexandria teria caido em seu poder.

De tão pequenos incidentes depende por vezes o curso da História!

ARGÚCIA DOS ANIMAIS

Os cientistas e os naturalistas concordam em afirmar que os chamados animais irracionais não raciocinam como os seres humanos. Não pensam, não formam determinados conceitos, nem são dotados de espírito analítico. No entanto os impulsos subconcientes, os instintos, os sensos aguçados e a vivacidade inata das criaturas irracionais formam o que se poderia chamar um «raciocínio selvagem». A Natureza é sábia, e todos os seres que habitam no seu seio—mesmo a mais humilde das vespas ou das rãs—refletem a sua eterna sabedoria.

Pedí que me citassem alguns exemplos do que chamo «o raciocínio dos irracionais», tendo recebido milhares de respostas, entre as quais as que passo a transcrever. Outras darei, em números futuros.

—Alan Devoe

O recurso de uma vespa

Antes de entrar para o exército fui durante 18 anos professor de zoologia na Universidade de Pittsburgo, dedicando-me a pesquisas demoradas no campo.

Ao meu ver a palavra «instinto» não poderá jamais explicar adequadamente certas ações, como por exemplo aquelas de que fui testemunha entre os próprios insetos.

Achava-me certa feita à margem de um pequeno córrego em Presque Isle, Pensilvânia, durante o verão de 1938, quando dei com os olhos em qualquer coisa que se diria uma cobra descendo ao sabor da corrente em direção a mim. Percebí dentro em pouco que se tratava de uma vespa voando sobre a superfície da água e rebocando, córrego abaixo, uma enorme aranha, tão pesada que de outra maneira não teria podido transportá-la.

E assim fizera sobre um longo percurso, voando duas polegadas acima da água e segurando a aranha por uma das pernas. Em frente ao ponto onde eu me achava, dirigiu-se para a margem, colocando a sua presa junto aos meus pés e arrastando-a depois para um dos buracos cavados na areia a pequena distância dalí.

Quando um pequeno inseto como aquele resolve utilizar um curso de água para transportar uma presa cinco vezes maior do que ele próprio, a um ponto determinado, dá mostras de possuir uma argúcia que seria absurdo qualificarmos de simples «instinto».

—Major Samuel H. Williams

Pássaro-cirurgião

Estava eu pescando, certa feita, num riacho do Connecticut, quando uma galinhola, voando em direção ao ponto em que eu me achava, pousou numa das margens a pequena distância dalí. Como é raro que tais pássaros voem durante o dia, pus-me a observá-lo, um tanto intrigado com aquilo.

Começou por apanhar barro mole do chão, com seu longo bico, e pôs-se a besuntar com ele a perna esquerda. Arrancando depois bocados de relva misturou-os à pasta com que cobrira a perna. Acrescentou depois nova camada de barro, e nova camada de relva, até formar à altura do joelho uma massa espessa. Encolheu-se depois ao pé de um arbusto e alí ficou imovel, como a esperar que o barro endurecesse.

Não posso afirmar seguramente se o pássaro que cacei naquele ponto, algum tempo depois, seria o mesmo. O fato porem é que trazia na perna esquerda uma camada de barro misturado a punhados de relva. Ao remover o barro descobrimos que a perna estava quebrada, e, embora a fratura não se tivesse consolidado, a posição dos ossos era perfeita, como se nada tivesse sofrido.

—Harold Fauth

Manhas de raposa

Viví quando menino numa fazenda do sul do Ohio, onde o nosso melhor divertimento era levar a passeio os cães de caça nas tardes de domingo. Estes farejaram um dia o rasto de uma raposa, e lá se foram no seu encalço, enquanto nós acompanhávamos a cena do cimo de uma colina, de onde dominávamos inteiramente o vale.

Ao pé desta havia um tronco oco atirado no chão. A raposa meteu-se pelo tronco a dentro numa corrida desenfreada. Os cães farejaram a abertura por onde a tinham visto desaparecer e. como bons caçadores, foram seguir-lhe a pista do outro lado por onde concluiram que tivesse escapado.

A raposa fê-los correr numa espécie de círculo voltando em seguida a enfiar-se pelo tronco a dentro. Repetida a manobra várias vezes os cães já estavam com a língua de fora sem que a raposa, ao contrário, desse mostras da menor fadiga.

De repente atinamos com o mistério. Corremos para o tronco e enfiamos pela abertura um pau fino e comprido. A raposa que alí ficara escondida saiu correndo. Eram duas raposas—e não uma! Quando a primeira entrava pelo tronco, a segunda já ia longe com os cães no seu encalço e enquanto estes se esfalfavam na corrida, uma delas descansava dentro do tronco pronta a correr de novo sem maiores esforços.

—W. A. Gearhart

O esquilo e a panqueca

No acampamento em que estivemos no Canadá tínhamos o costume de atrair os animais dos bosques vizinhos com restos de comida. Os esquilos então eram dos nossos mais frequentes visitantes.

Certa manhã deixamos junto de um monte de lenha uns restos de panqueca. Dalí a pouco surgiu um esquilo. Visivelmente encantado com a desco-

berta daquele lauto e inesperado almoço, procurou carregá-la consigo. Mas qual nada! Por mais que empurrasse e puxasse, a panqueca era tão grande, que não houve meio de carregá-la tronco acima.

Mas não perdeu muito tempo em descobrir a solução. Enquanto observávamos os seus movimentos interessados e surpresos, o esquilo roeu o centro da panqueca, fazendo uma abertura pela qual pudesse passar a cabeça. E assim fez com muito jeito, subindo devagar pelo tronco de uma árvore vizinha, com aquela gola gigantesca e original à volta do pescoço!

Katheryn S. Baker

A gratidão de uma maritacaca

Com dois guarda-caças meus colegas, vinha eu certa feita atravessando o bosque numa ronda de patrulha, quando vimos uma maritacaca cuja pata ficara presa numa armadilha colocada à entrada da sua cova. Como a sessão de caça já estivesse encerrada, resolví libertá-la. Com gestos cuidadosos, puxei-a em direção a mim falando-lhe baixinho para que se não assustasse. As maritacacas, como todo mundo sabe, desprendem, quando molestadas, um cheiro horrivel. Tal não sucedeu daquela vez.

Afim de retirar-lhe a pata da armadilha vi-me obrigado a carregá-la até a próxima clareira, e só alí, ajoelhado sobre a mola, conseguí fazer sobre esta a necessária pressão. Devia ter sido terrivelmente doloroso para o pobre bichinho, que se aconchegou a mim, imovel, sem desprender o menor cheiro.

Ao se ver livre, finalmente, sentou-se ao nosso lado alguns segundos esfregando a patinha, afim de restabelecer a circulação. Tentou andar várias vezes voltando a repetir a massagem até se sentir capaz de seguir caminho. Olhou-nos então em silêncio, de um a um, durante alguns segundos, e desapareceu no bosque.

—E. M. Lee

Tragédia na floresta

Tínhamos conseguido dominar o incêndio que se alastrara pela floresta, e regressávamos exhaustos com nossas pás e enxadas descansando nos ombros. Col e eu tínhamos tomado por um atalho aberto pela «queimada», quando demos com um enorme veado. Julgamos que o animal estivesse a caminho da sua toca, mas ele avançou em direção a nós, e, parando a uns poucos passos dalí, pôs-se a resfolegar, batendo as patas no chão.

«Cuidado!» segredou-me Col. «Talvez tenha enlouquecido!»

Mas o veado deu meia volta, caminhou novamente na direção de onde viera, e parou outra vez. Como nos puséssemos a andar, fez um círculo em torno ao ponto onde nos achávamos, convidando-nos a seguí-lo.

Resolvemos ceder. Guiou-nos então até o cimo de um pequeno outeiro, de onde desceu a um vale que lhe ficava ao pé. Estacamos então boquiabertos!

O que tínhamos diante de nós era uma das tragédias da «queimada». Os corpos de duas pequenas corças, vítimas do incêndio, jaziam por terra. A corça mãe, não tendo querido abandoná-las alí, ficara imovel, com o pelo e as pernas terrivelmente queimados, a sofrer a tortura de uma lenta e penosa agonia. Liquidei-a com um golpe de machado.

Col e eu, com lágrimas nos olhos, vimos o veado afastar-se lentamente. Fiel à companheira, compreendera, dir-se-ia, que num momento como aquele só lhe restava pedir o socorro dos homens.

—Donald C. Bowman, sargento

Como é que os outros o vêem?

¶ Não é verdade que v. tem meditado muitas vezes se os outros gostarão da sua pessoa? Pois aquí tem a resposta. Esta série de perguntas, elaborada na base de testes psicológicos, destina-se a lhe dar uma idéia geral da sua popularidade pessoal e da sua aptidão para fazer amizades. Responda *sim* ou *não* a cada pergunta. Procure depois as respostas à página 34.

1. Exprime suas opiniões livre e impensadamente?
2. Considera-se superior a três dos seus melhores amigos?
3. Gosta de comer sozinho?
4. Costuma ler reportagens-crime de sensação?
5. Interessam-lhe os testes deste gênero?
6. Tem o hábito de falar de suas aspirações, desapontamentos e problemas?
7. Pede dinheiro emprestado com frequência?
8. E' partidário do sistema de «cada-um-paga-o-seu»?
9. Quando v. conta alguma coisa que aconteceu, costuma dar todos os pormenores por miudo?
10. Gosta de receber visitas quando receber representa uma despesa?
11. Orgulha-se da sua absoluta franqueza?
12. Quando marca uma entrevista, v. faz esperar os mais?
13. Seja franco: gosta de crianças (alem das suas)?
14. Gosta de pregar partidas?
15. Acha que as pessoas de idade madura que se apaixonam são bobas?
16. Detesta cordialmente mais de sete pessoas?
17. Alimenta despeitos e rancores?
18. Usa com frequência palavras tais como «medonho», «terrivel», «pavoroso» e outras semelhantes?
19. Costuma irritar-se com as telefonistas ou vendedores em geral?
20. Considera não inteligentes e desinteressantes as pessoas que não compartilham suas predileções musicais, literárias, ou esportivas?
21. Falta tantas vezes à sua palavra, quantas a cumpre? (pense bem duas vezes!)
22. Tem por hábito criticar a cada passo, e na cara deles, seus amigos, família, seus empregados?
23. Sente-se deprimido ou desanimado nas situações dificeis ou quando as coisas lhe correm mal?
24. Alegra-se sinceramente com o êxito de seus amigos... quando v. está em maré de pouca sorte?
25. Entrega-se alguma vez a agradaveis exercícios de má-língua?

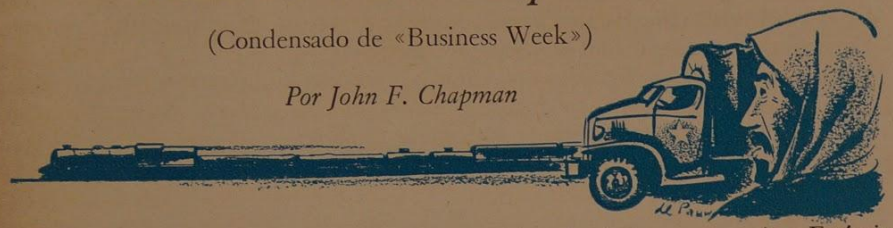
—Eleanor Early, no American Magazine

Homens de negócio americanos, metidos em uniforme caqui, levam provisões à Rússia

Maravilha do transporte no Irã

(Condensado de «Business Week»)

Por John F. Chapman



HÁ ALGUMAS semanas, um caminhão Studebaker, conduzido por um sargento negro do Texas, rolou, de um fumegante porto do Golfo Pérsico, e tomou rumo norte, através do deserto do Irã, em demanda da Rússia. Nada havia que o distinguisse dos outros, uma centena, senão mais, que formavam naquele dia o comboio de automoveis. Entretanto, quando ele se pôs em movimento, por entre nuvens de pó, um general russo e outro americano, trocaram um aperto de mão, e sorriram jubilosos: é que alí se conduzia a milionésima tonelada de provisões que, consoante o «arrendamento e empréstimo», se enviava, pelo Irã, para a maior frente do mundo.

Esse serviço de caminhões, por sobre 1.200 quilômetros de caminhos irregulares e tortuosos, no deserto e na montanha, é uma grande realização, mas constitue apenas parte de um admiravel triunfo técnico. A outra parte do que representa uma das mais vastas e dramáticas empresas de transporte, nesta guerra, é a modernização da única estrada de ferro do Irã, a «maravilha de uma só linha» que liga o Golfo Pérsico ao Mar Cáspio e à Rússia. Antes que os americanos tomassem a si, exatamente há um ano, o problema dos transportes no Irã, só uma quantidade relativamente insignificante de abastecimentos estava atingindo por essa via o Exército Vermelho. Cinco meses depois, o novo serviço de caminhões e a via férrea, logo renovada, davam vasão a 11 vezes o tráfego que se obtivera, no máximo, com a famosa estrada da Birmânia; e hoje o volume é ainda muito maior.

Para que semelhante artéria de aprovisionamento pudesse entrar em ação, tiveram os americanos que converter antigas aldeias de pesca do Golfo Pérsico em portos modernos, onde atracam atualmente, e com plena carga, navios do tipo *Liberty*. Numa região que ainda se acha na idade do camelo, construiram-se linhas de montagem, que são pequenas mas eficientes reproduções das instalações gigantescas de Detroit e San Diego, para o fim de armar caminhões, *jeeps* e aviões, que chegam em peças, acondicionadas em engradados. No serviço de montagem de aeroplanos, trabalham dia e noite, por turmas que se revezam, mil americanos, de modo a manter um fluxo contínuo de aviões de combate, e médios de bombardeio, para os pilotos russos. Caminhões Mack, Studebaker, Dodge, Chevrolet e Ford saem prontos das linhas de montagem, em duas instalações, à razão de um para cada dez minutos. Incumbem-se de montá-los trabalhadores do Irã, treinados e dirigidos pelos americanos.

O Comando do Serviço do Golfo Pérsico é um notavel exemplo de fecunda cooperação entre o Exército e os homens de negócio dos Estados Unidos. O pessoal do quartel general do general Donald H. Connoly é composto de oficiais do exército regular. Mas os coronéis e majores que dirigem a descarga dos navios, superintendem a montagem de caminhões, ou administram as vias de transporte, são civís em uniforme, familiarizados com os serviços de docas e estaleiros.

Quando os técnicos em serviço de caminhões alí chegaram, a situação que se lhes apresentou era simplesmente caótica. Contratantes locais, dispondo, cada um de alguns carros, manobravam todo o negócio da rodovia do Irã—inclusive o transporte de mercadorias para a Rússia—numa base de ajustes individuais. Por outro lado, a estrada através do deser o de areias movediças era pouco mais do que um rasto.

Chamou-se então a postos o pessoal de construção, americano, e foi ele encarregado de preparar uma estrada para trabalho pesado. O deserto pérsico é um vasto areal, onde o nivel da água salobra está apenas a 60 centímetros abaixo da superfície. Ninguem pôde jamais conceber como construir um leito de estrada estavel sobre semelhantes fundações. Os engenheiros ingleses da *Anglo-Iranian Oil Company* resolveram o problema com a fabricação de um novo produto petrolífero que resultou num conglomerante eficaz.

A imediata providência consistiu em organizar um serviço permanente de condutores, de maneira que os caminhões pudessem funcionar, quer de dia quer de noite, em atividade ininterrupta. Dividiu-se o longo percurso em trechos de 240 a 280 quilômetros. Ao fim de cada trecho, há um acampamento de repouso e uma turma de manutenção. O condutor percorre o seu trecho, desce para comer e dormir, e volta em seguida à base, dirigindo um carro vazio, enquanto o em que viera, depois de passar por ligeira inspeção, continua viagem para a frente, com outro condutor, descansado, no volante.

No princípio, eram soldados americanos que dirigiam os caminhões, mas um coronel do Exército dos Estados Unidos organizou logo três escolas de condução de automoveis, para os naturais do lugar. Dava-se, sobre a matéria, o curso em vigor no Exército, e, ao termo de cada período de quatro a seis semanas, saíam mil graduados. Hoje, o Irã está fornecendo quase cincoenta por cento do pessoal que guia os caminhões.

A estrada de ferro do Irã é uma maravilha de engenharia, que o Xá fez construir antes da guerra, em parte como um passatempo real, porem tambem para atrair turistas. Vai direita, através do deserto, a uma formidavel cadeia de montanhas, passando depois por um precário caminho em que há 220 tuneis, atravessa uma garganta a dois mil e tantos metros, para cair precipitadamente abaixo do nivel do mar, no pequeno porto cáspio de Bandar Xá.

Quando porem lá chegaram, em dezembro de 1942, os primeiros técnicos americanos em uniforme caqui, verificaram que o equipamento de carga da Trans-Irânica consistia em algumas pequenas locomotivas Krupp, e uma série de carros de quatro rodas, de freio manual. Havia semanalmente dois trens de passageiros, e estes, ao que se dizia, envelheciam visivelmente durante a viagem. Todo o tráfego era controlado por um único circuito de comunicações telefônicas entre Teerã e o Golfo Pér-

sico, resultando disto longas demoras.

Os americanos telegrafaram para os Estados Unidos, pedindo o equipamento necessário afim de que se cumprisse mensalmente a quota de provisões que em Washington se tomara o compromisso de fazer chegar à Rússia. Nos quatro primeiros meses, o pessoal ferroviário americano, maldizendo de todo coração aqueles «trens de brinquedo», fez conduzir, da melhor maneira, o máximo possivel de carga, através do deserto causticante, e dos tuneis inundados de fumaça. Algumas vezes a neve bloqueava as passagens, e havia que abrir caminho como as circunstâncias permitiam; como quer que fosse, porem, manteve-se o serviço de transporte.

Mas hoje a Trans-Irânica é uma estrada de ferro eficiente, com um expresso diário em cada direção, e um serviço de cargas que atende a mais de metade dos suprimentos à Rússia, pela via do Irã. Cerca de 100 locomotivas Diesel puxam pesados trens sobre as montanhas. Há carros de quatro rodas, com freios automáticos. E instalou-se um serviço completo de telefone e teletipo.

O material rolante é mantido em boas condições por novas oficinas de reparos que funcionam dia e noite, sob a direção de homens que, não há muito ainda, exerciam funções análogas em grandes oficinas de locomotivas nas proximidades de Filadélfia.

O Comando do Serviço do Golfo Pérsico proporciona assistência médica aos milhares de homens que trabalham nos serviços de manutenção, e aos soldados que policiam a linha, por meio de dois trens hospitais, que conduzem para campos de repouso, na montanha, os que caem prostrados pelo calor, às vezes trinta num dia, e para enfermarias apropriadas os que sofrem acidentes em trabalho. Dois carros de carga foram convertidos em gabinetes dentários completamente equipados.

Os iranianos aceitaram do melhor grado a administração estrangeira, em carater temporário, da sua estrada de ferro, e tiveram para isso boas razões. Os Estados Unidos estão pagando pelo uso da via férrea, educando centenas de naturais da terra que vão adquirindo aptidões, inclusive de grau elevado, em serviços de reparos, e outros, e fornecendo um serviço de transporte ferroviário, nunca antes visto no país. A despeito do pesado tráfego para a Rússia, melhorou enormemente o serviço local, transportando-se mais carga do que até então fora possivel.

Tão eficiente se tornou o sistema de transportes por trens e caminhões, através do Irã, que não é raro se empilharem cargas no ponto terminal do seu destino, na Rússia. Os russos aliás reconhecem que, a princípio, não tiveram na merecida conta a capacidade dos americanos para realizar praticamente a entrega de provisões.

¶ A CRIANÇA não é feliz quando nada lhe deixam ignorar — e aí é que se vê para que existem os pais!

Ogden Nash

A carreira ciclônica de Henry Kaiser

(Condensado da «Fortune»)

Um homem que por sua energia e imaginação conquistou popularidade enorme

HENRY J. KAISER, que ainda há quatro anos era um simples empreiteiro pouco menos que desconhecido, é indiscutivelmente o maior homem de negócios da atualidade. Nunca sobre os ombros de ninguem pesou, em tão pouco tempo, a responsabilidade de tantas e novas empresas industriais, como sobre os dele desde 1939. Possue uma fábrica de aço, outra de aviões, e é administrador e o maior acionista duma grande fábrica de magnésio e da maior fábrica de cimento do mundo. A sua habilidade para meter mãos a novos empreendimentos é tão conhecida, que, quando o governo dos Estados Unidos quer instigar algum industrial, basta dizer-lhe que Henry Kaiser «está interessado» no assunto. «Kaiser,» disse alguem, «é um dos grandes recursos naturais de uma nação em guerra.»

O homem que consegue que se façam as coisas, e ao mesmo tempo tenciona fazer coisas ainda maiores no futuro, tem sido sempre um herói aos olhos do povo americano. O público anda agitado pelas promessas de Kaiser de emprego para todos, ou de realizações como automoveis a 400 dólares, helicópteros, e novas estradas de ferro. A sua correspondência particular atinge, não raro, milhares de cartas por dia, muitas delas de simples cidadãos de boa-fé, que se lhe dirigem convencidos de que ele tem consigo a fórmula para a salvação do país.

À semelhança da maior parte dos americanos que exerceram uma influência excepcional sobre o povo, nada há de extraordinário na aparência de Kaiser. Bochechas caidas como um respeitavel cão dinamarquês, não deixa de ter sua pança, e bamboleia-se como um pato, quando caminha. Nos seus momentos de azedume, com a boca fechada, de lábios recolhidos, dá a impressão dum pregador de aldeia conjurando o seu rebanho contra as tentações da carne. Quando, porem, se torna comunicativo, irradia cordialidade. Sem a menor afetação, põe inteiramente à vontade o mais humilde dos seus operários. É um tipo de homem comum, de origem modesta, que se educou a si mesmo.

Nasceu há 61 anos em Canajoharie, um lugarejo do norte do estado de Nova York. Seu pai, que veio da Alemanha, era sapateiro de obra fina. Mas Henry não quis saber de fazer sapatos. Tentando sempre construir coisas, trazia a casa em desordem, com ferramentas e materiais por toda parte. Aos 14 anos empregou-se como moço de recados num armazem de modas em Útica.

Quatro ou cinco anos mais tarde, foi trabalhar para um fotógrafo em Lake Placid. «No fim do primeiro ano,» diz ele, «já tinha sociedade a meias no negócio, e ao fim de três anos era o seu único dono.»

A seguir foi para Daytona Beach, famosa praia da Florida, especializando-se em fazer cartões postais ilustrados com as paisagens locais. Um deles, vista geral da praia de Daytona com umas nuvenzinhas artificiais, ainda hoje se vende profusamente. As fotografias de reclame estimularam a tal ponto o turismo para aquela região, que a Estrada de Ferro da Costa Leste da Florida lhe deu um passe anual.

Henry Kaiser casou-se com uma das suas freguesas de Lake Placid, a srta. Bessie Fosburgh, cujo pai era um abastado comerciante de madeiras. Mas Kaiser, nem se ateve ao dinheiro do sogro, nem esperou por ele. Para «entrar num ramo fundamental de indústria», vendeu o seu estúdio fotográfico, e mudou-se para Spokane, no estado de Washington, onde trabalhou a princípio num armazem de ferragens, e em seguida numa empresa de areia e cascalho, da qual comprou algumas ações, adquirindo outras tantas com o produto das suas comissões de agente de vendas.

Pouco tempo depois, uma casa construtora de Chicago conseguiu um contrato em Spokane. Kaiser visitou logo a companhia, para o fim de fornecer-lhe alguns materiais; e quando dalí saiu, tinha obtido o lugar de construtor e gerente da usina de areia e cascalho da empresa. Por ela foi mandado a Vancouver, para instalar alí outra usina do gênero. Durante a sua estada na Colúmbia Britânica, vislumbrou a oportunidade de estabelecer-se por conta própria como construtor. Conseguiu um empréstimo num banco, comprou carros e misturadores de cimento já usados, e duas parelhas de cavalos de tiro. Assim equipado, entrou, e teve êxito, na concorrência para a construção de uma estrada avaliada em 250 mil dólares, e formou uma companhia que efetivamente construiu 1.500 quilômetros de rodovia no Noroeste.

«O Império Kaiser», segundo uma descrição, «consta de Henry Kaiser, a maior publicidade possivel, e um punhado de jovens dos mais trabalhadores e leais que existem na América, e os quais dão cumprimento a todas as promessas que Henry faz.» Há sempre um «Gene», um «Clay» ou um «Chad», para observar as instruções que Kaiser vai alinhavando, ao passar como um meteoro através das obras e estaleiros. Mas tambem haverá na indústria poucos homens tão novos que ocupem lugares tão importantes. Dois deles já adquiriram sólida reputação! Edgar Kaiser, de 35 anos, e Clay Bedford, de 40 anos. Dividem entre si a responsabilidade das construções navais, dirigindo os trabalhos de uns 187.000 operários.

Kaiser construiu, valendo-se da capacidade administrativa dos seus colaboradores, uma estrutura social, que eles esperam vê-lo organizar algum dia em bases definitivas, se tiver tempo. Entretanto a companhia originária, como um negociante feliz que descobriu petróleo no seu quintal, continua imperturbavel nos seus negócios de areia e saibro, fornecendo talvez uns 50 por cento de todos os materiais de construção de estradas utilizados na área da baía de São Francisco. Só esta empresa ganha o

bastante para que Kaiser possa dizer, como tantas vezes tem dito: «O dinheiro não significa nada para mim.»

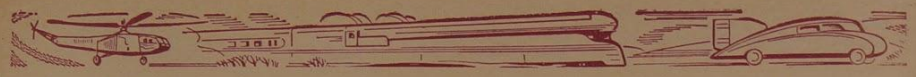
De 1914 a 1930 dedicou-se Kaiser à construção de estradas de rodagem na Costa do Pacífico. Depois uniu-se a cinco outros arrojados empreiteiros, e criou a famosa organização «Seis Companhias», de que se tornou presidente. Em 1939 já tinha desempenhado um papel importante na construção das grandes represas de Boulder, Bonneville e Grand Coulée, e da ponte Oakland-São Francisco. Nesse mesmo ano quebrou o monopólio de cimento da costa do Oeste, construindo em Permanente, na Califórnia, a maior fábrica de cimento do mundo. E aí começa uma nova fase da sua carreira—tornando-se mais um grande industrial interessado em magnésio, aço e construções navais, do que o empreiteiro que era antes.

Embora o quartel-general do Império Kaiser continue a ser em Oakland, na Califórnia, passa ele agora metade do seu tempo no Leste, entre Washington e o Waldorf-Astoria, em Nova York, e nos seus escritórios da Radio-City. Dirige de longe todo o seu mundo; os seus gerentes atravessam constantemente o continente em trens expressos e aviões, e as contas de suas chamadas telefônicas de longa distância fariam empalidecer um magnata de Hollywood. Muitas vezes tem meia dúzia dos seus diretores «ligados em circuito» para uma conferência telefônica: Chad Calhoun em Washington, Edgar Kaiser em Portland, Gene Trefethen em Oakland, Tom Price em Fontana (Califórnia).

A caraterística predominante de Henry Kaiser é a sua tendência para ir aos extremos, para levar as coisas quase a um ponto de exagero. Um dos seus associados diz: «Ele é incansavel—tritura-nos!» Mesmo na sua vida particular, Kaiser não é capaz de descansar, nem de deixar de competir. No Lago Tahoe, onde geralmente passa o verão, os seus barcos são dos mais velozes que cortam aquelas águas. Nada é demasiado insignificante para escapar à sua atenção, nem excessivamente bom para ser deixado em paz. Ainda hoje é ele quem compra a maior parte dos vestidos para a senhora Kaiser, e, se oferecem um jantar, é ele tambem quem organiza o cardápio ou distribue os lugares à mesa. A sua casa de Oakland anda sempre em obras de reconstrução ou de decoração.

Kaiser reage emocionalmente com a mesma intensidade com que trabalha. Um dos seus filhos, explicando uma brochura sentimental que descreve a fábrica de Fontana, disse: «Meu pai gosta de um pouco de coração e de flores na nossa propaganda.» Mas, quando se zanga ou o contrariam, as suas explosões são famosas. Incham-se-lhe as veias do pescoço, o corpo redondo treme todo, e as palavras saem disparadas com uma velocidade incomensuravel. Invectivando, aguilhoando, refutando os argumentos, parece mais que está a desafiar o antagonista para uma luta corpo-a-corpo. Nos últimos anos tem-se visto envolvido em episódios violentos, como seja agarrar pela gola do casaco ou sacudir alguem pelos ombros, uma vez a um general com três estrelas, e outra a um agente de investigação federal. Não é raro, porem, que volte à calma com surpreendente rapidez.

Um dos maiores recursos de Kaiser é



o seu verdadeiro talento militar para assestar uma força terrífica contra um único objetivo, e conquistá-lo, apesar de os obstáculos se afigurarem invenciveis. Esse impulso sem trégua habilita-o a adaptar as suas idéias aos processos cautelosos e complicados da administração pública. Se ele pretende alguma coisa, por pequena que seja, não hesita em virar o governo pelo avesso, para conseguí-la. Inunda positivamente as mesas dos funcionários superiores com telegramas de um metro de comprido, cujo efeito é fazê-los lembrarem-se permanentemente dos numerosos problemas alí ventilados.

Durante os últimos meses, Kaiser tem-se ocupado menos das suas indústrias de guerra, do que dos problemas de após a guerra.

Os seus estaleiros, como estaleiros, são temporários. Está pensando em termos dum mundo maior com a paz, novas indústrias, e a manutenção do emprego no mesmo nivel, ou num nivel aproximado do de tempo de guerra. Que ele pense nas coisas em larga escala, só lhe faz honra. Em vez de preocupar-se com o que há-de fazer—digamos o estaleiro nº 2 de Richmond,—pensa no que fará todo o país. Já delineou uma Divisão de Desenvolvimento e Engenharia, constituida por uns 50 engenheiros e inventores, que, alem do trabalho de guerra, têm que examinar qualquer idéia mais ou menos prática ou viavel que a ele, Kaiser, ocorra. Já formulou mesmo alguns projetos. Indigna-se, por exemplo, quando vê um carro de tonelada e meia transportando um homem que pesa apenas 75 quilos, e espera construir, depois da guerra, um automovel ligeiro. Está construindo agora dois helicópteros de ensaio, e tem em preparo um plano para aperfeiçoar os transportes ferroviários.

Na Grand Coulée e outras obras, Kaiser organizou um seguro de saude—pago adiantadamente—que custava, por operário, 10 cruzeiros por semana; e com o rendimento amortizou o capital empregado. Acha que os médicos devem juntar-se e formar centros hospitalares financiados por banqueiros locais, e sugere para isso que o governo crie uma Agência de Empréstimos Médicos, que naturalmente garanta aos bancos 50 por cento dos riscos.

«Henry acredita que é realmente o salvador do país,» diz um dos seus amigos mais irônicos—mas apressa-se a acrescentar, com profunda seriedade: «E quem sabe se não tem razão?»

Nos últimos doze anos Kaiser só tem tido um cliente, que é o governo. Se poderá competir, em tempo de paz, com outros industriais no mercado, é o que resta verificar. Os seus ajudantes perguntam a si mesmos por quanto tempo continuará ele a colecionar empresas, sem parar de pensar um momento em como afinal se acomodarão juntas. Atualmente, o seu interesse em projetos para depois da guerra se prende à compreensão de que o que importa para os industriais, ao restaurar-se a normalidade, não é um governo generoso, mas sim uma nação próspera, produzindo quase o máximo de que seja capaz.

Se todos os homens de negócios percebessem como ele o grande desafio, e tivessem a coragem de enfrentá-lo, então a iniciativa individual poderia sem dúvida criar um novo mundo excelente.

Podemos ensinar os meninos a viver

— IX —

Tragédia maior do que a minha

QUANDO TINHA os meus dez anos, manifestou-se em mim uma revolta íntima que me levaria por certo a um perigoso complexo de inferioridade. É que não me conformava com a pobreza em que vivíamos, a ponto de maguar meus pais.

Certa ocasião, nas vésperas do natal, papai comprou-me um par de sapatos, de qualidade inferior. Quando cheguei em casa, chorei amarguradamente, pois desejava um de melhor qualidade, como alguns dos meus companheiros e vizinhos, para apresentar-me na festinha da Escola.

Quando me acalmei, mamãe, que tinha procurado convencer-me de que não faria má figura, saiu comigo, levando embrulhado, sem que eu percebesse, o meu par de calçados velhos. Ia cumprir a promessa que fizera a uma amiga de levá-los ao seu filho, mais ou menos da minha idade, pois o pai dele estava desempregado.

Antes que ela me dissesse qualquer coisa, compreendí que a tragédia do menino era bem maior do que a minha.

De volta, carinhosamente, mamãe comentou aquela boa lição que se gravou de maneira indelevel em minha alma e até hoje me serve de estímulo, nos momentos de dificuldade: *A nossa desgraça, se avaliarmos bem, é sempre menor que a do nosso próximo.*

—Benvindo Bastos Neves, S. Paulo

«Pense sempre na nota mais alta»

ANDAVA EU pelos onze anos. Uma moça interessou-se pela minha voz, e convidou-me a estudar com ela, passando eu então a ir a sua casa para os diversos exercícios vocais. Tinha sempre a impressão de que a extensão da minha voz nunca passaria de certo limite. Nas lições, ficava a olhar para o teclado, e quando a escala alcançava o *mi*, eu já não «aguentava». A professora insistia, mas eu confessava a minha incapacidade. Estava a pique de desistir.

Ela então usou de um expediente: nunca mais me deixou olhar para o teclado durante o exercício. Embora o resultado tenha sido animador, não foi satisfatório.

Sem desanimar, ela me disse: «Quando você quiser dar certa nota, pense sempre na superior.» E explicou-me o valor desse método: é que, preocupando-nos em cantar uma nota mais aguda, empregaremos o esforço suficiente para cantar a que queremos, sem prejuizo para nós, dando-nos a convicção de termos atacado o tom verdadeiro, com toda firmeza. E assim conseguí ter êxito nos meus estudos de canto.

Essa lição me tem sido util em muitas ocasiões: há dias, no exercício de minhas funções no Exército, foi-me confiada uma missão que me pareceu alem do meu alcance. Lembrando-me daquele ensinamento, tive mais coragem de enfrentar a tarefa com entusiasmo, e hoje faço-a com facilidade.

—R. Brasileiro, Belo Horizonte

O cãozinho que não estava lá

EU JAMAIS aceitara qualquer responsabilidade de manter meu quarto em ordem, até que um dia, quando tinha treze anos, uma amiga me ofereceu um

lindo cachorrinho da raça «cocker spaniel». Minha mãe não deixou aceitá-lo porque, afirmou, já tinha muito trabalho para poder cuidar dele.

Meu desapontamento foi enorme. Naquela noite, quando fui levantar as cobertas de minha cama, encontrei, espetado no meu travesseiro, um recado escrito com a letra de meu pai, mas assinado «O Cachorrinho». Dizia: «Vim vê-la hoje, mas receei que você não tivesse mais cuidado comigo do que com suas lindas roupas.»

Na manhã seguinte, deixei meu quarto em ordem e um recado escrito a lapis, preso com um alfinete, na porta do guarda-roupa. «Querido Cachorrinho,» dizia, «sinto muito você não ter gostado do meu quarto em desordem. Se quiser voltar hoje, e amanhã, e depois-de-amanhã, pode ser que eu lhe prove que sei ter as coisas arrumadas.»

Eu e o cachorrinho trocamos recados, diariamente, até que meus pais se convenceram de que eu havia formado o hábito de cuidar de minhas roupas e do quarto. Então, um dia, quando eu ia sair para a escola, minha mãe disse, com um olhar de incontida satisfação, que talvez fosse melhor eu passar pelo escritório para dar um beijo no cachorrinho, e dizer-lhe até logo.

—*Ethel Ann Beckstrom, E.U.A.*

Um castigo educativo

Como todos os meninos, eu era curioso e um pouco destruidor. Um dia cometí a travessura de fazer uns buracos em uma das portas de nossa casa, para ficar espiando o que ocorria na rua.

Procurando dar-me um castigo educativo, meu pai fez-me reparar o estrago que causara.

—Vá buscar uns pedaços de pau, e procure cortá-los de modo a se ajustarem nos buracos; depois passe a lixa.

Fiz o trabalho um pouco envergonhado, e, ao terminá-lo, era pouca a vontade que tinha de olhar para a porta azul com aqueles círculos brancos. Meu pai então me disse que eu devia pintá-los da mesma cor da porta, e me deu dinheiro para comprar tinta. A que arranjei não era exatamente da mesma cor, e por isto, a instâncias de meu pai, pintei toda a porta. Desde este momento, surgiu em mim uma espécie de gosto para melhorar e reparar as coisas da nossa casa.

Pintei seis portas e duas janelas, que não ficaram mal, sentí-me orgulhoso de ser pintor, e minha atitude mudou em consequência daquele castigo que terminou em forma agradavel e boa.

—*C. Salazar, México*

¶ O venerando magistrado Oliver Wendell Holmes quando era ainda ministro do Supremo Tribunal de Justiça dos E.U.A., costumava dar todas as tardes um passeio a pé na companhia do Juiz Brandeis. Uma dessas tardes, Holmes, que então tinha 92 anos, deteve-se a admirar, maravilhado, uma mocinha que por eles passou. Chegou mesmo a virar a cabeça para a ver descer a rua! E depois, dirigindo-se ao colega Brandeis, suspirou: «Ah, quanto eu não daria para estar agora no vigor dos meus setenta!»

—Drew Pearson e Robert S. Allen, *The Nine Old Men*

¶ *Testemunha que relata a vida emocionante a bordo de um porta-aviões*

Como se combate em um porta-aviões

Por W. L. White

Autor de «Homens para queimar» e outros grandes êxitos de guerra

O novo porta-aviões vem vindo a deslizar suavemente para o sul, através do oleoso e verde mar dos trópicos, em direção à zona de combate; mas agora a nossa esteira vai descrevendo uma curva atrás de nós, ao metermos a proa ao vento para receber a bordo os aparelhos que vêm pousar pela popa. Os nossos aviões-torpedeiros e os bombardeiros de exploração, com a sua escolta de caças, estão ainda bem abaixo da linha do horizonte, esquadrinhando a área à nossa frente, contra submarinos inimigos. Mas a gasolina dos nossos aviões de proteção, perto do navio, começa a escassear, forçando-os a vir a bordo reabastecer-se.

Já andam eles a pairar em volta de nós como gaivotas cansadas, enquanto aguardam o sinal da bandeira branca. Vou, a correr, até a ré, sobre a imensa superfície de soalho luzente de madeira de abeto, novo em folha, para ver como o oficial de aterragem os guia na dificil manobra.

Agil e vivo como um chicote, vestido com uma camisola cor de laranja, ei-lo que espera a pé firme, para fazer os sinais com as duas bandeiras tambem cor de laranja. A bandeira branca acaba de ser içada na ponte, e os aviões podem agora começar a recolher a bordo.

Esta tarefa exige o maior cuidado, porque um avião pousa a uma velocidade de uns 170 quilômetros por hora. Mas vêm agora contra um vento de 25 nós, com o porta-aviões a navegar no mesmo sentido do aeroplano a outros 25 nós, de modo que a velocidade relativa é de cerca de 50. Apesar de tudo isto, a operação requer a maior precisão.

Estamos ainda a muitos dias de distância da zona de combate, e por isso o perigo é pequeno, por enquanto. Mas suponha-se que recebemos das nossas patrulhas aviso de que se aproxima uma esquadrilha de 15 aviões-torpedeiros do inimigo, a uma distância de vôo de umas 15 milhas apenas. A nossa única proteção seriam aqueles aviões de caça, que voam agora em círculos por cima de nós, com a gasolina já quase esgotada. Seria possivel trazê-los todos a bordo, reabastecê-los, dar-lhes novas munições e fazê-los partir a tempo? Uma demora de 10 segundos na coberta de vôo poderia ser o bastante para permitir a um avião inimigo aproximar-se, e causar a perda de um navio que custou cincoenta milhões de dólares, completamente novo, e com todos os seus aviões.

O primeiro avião, que tem andado a circular a boa distância, aproxima-se da

nossa popa, a pouca altura do mar. Agacho-me no passadiço que sobressai da coberta de vôo sobre a água. Um marinheiro segue o avião com o binóculo. «Baixou as rodas,» anuncia. E a seguir: «Lançou o engate.» Agora até eu posso vê-lo—um gancho pendurado da cauda do avião de caça, que há-de engatar numa corda ligada ao maquinismo destinado a fazer parar o avião. Aliás o avião virar-se-ia na coberta, indo parar sem governo, ao meio dos outros alinhados lá ao fim.

À medida que o avião se vai aproximando, parece tornar-se cada vez maior. O oficial sinaleiro levanta então de repente os dois discos cor de laranja acima da cabeça, formando os lados dum Y—para fazer ver ao piloto que vem alto demais. E vemos logo o avião descair no céu.

Já vem quase sobre as nossas cabeças —uma massa de 6.000 quilos de alumínio e aço, roncando direito a nós a 50 milhas à hora! Agacho-me outra vez abaixo do nivel do soalho, mas o oficial sinaleiro tem que estar alí até o último momento, e só quando a sombra das asas escurece a ré, é que ele dá um sinal com a bandeira que tem na mão, de tal modo que parece que vai cortar a própria garganta. Ordena assim ao piloto que desligue o motor e deixe baixar o avião para a coberta.

Um rugido, a rajada repentina das hélices, e o avião passa zunindo pela coberta de vôo, com o gancho ao alcance dos arames esticados pouco mais de uma polegada acima do nivel do soalho. Falha o primeiro cabo, salta, passa por cima do segundo e do terceiro, até que engata no quarto, que repuxa como um grande V, qual se esticasse com um gancho um elástico bem tenso.

Só então noto ser eu a única pessoa que alí ficou de pé, pasmo a olhar. Todos os outros se puseram a salvo, baixando-se. Até o oficial de manobras saltou para refugiar-se no seu ninho, um cesto de corda entrançada que se balouça sobre o mar.

As vezes os cabos rebentam, e as pontas vêm disparadas como chicotadas de aço, capazes de degolar um homem. Mas o cabo não rebenta, e começam a aparecer cabeças ao nivel da coberta, sob cujo passadiço se tinham refugiado, e o oficial sinaleiro salta de novo para o seu posto, sorrindo para mim e apontando a rede com o polegar.

«Veja como eu já alarguei,» diz ele. «Uma vez, no meu último porta-aviões, o oficial sinaleiro estava dando «via-livre» a um piloto novato. O rapaz, atemorizado, apenas entrou na coberta inclinou uma asa de tal modo, que por poucas polegadas não apanhava o oficial; e este só escapou de ser colhido saltando sem hesitação: mas em vez de cair na rede, caiu no mar. Não correu perigo porque tinha vestido o colete de salvação, que chamamos de *Mae West*, e nós avisamos logo um dos nossos destróieres para o recolher. Em todo caso, ao saltar da coberta dum navio, seria agradavel saber-se que nos espera alguma coisa de mais confortavel e próximo do que aquelas ondas, a 30 metros de distância...

«Baixou o engate,» anuncia o marinheiro do binóculo. E outro avião começa um largo círculo na nossa direção. «Coberta obstruida,» avisa outro marinheiro por trás de nós. Olhamos pela coberta fora, e vemos que o avião anterior ainda está embaraçado no cabo.

«Parece-me que é melhor dar a este o sinal de não aterrar ainda.» E o oficial sinaleiro, levantando as duas bandeirolas cor de laranja acima da cabeça, agitou-as rapidamente para trás e para frente; e o avião passou zumbindo uns 30 metros acima.

«Isto vai custar caro ao primeiro piloto,» disse afinal o oficial sinaleiro. Os pilotos desta esquadrilha têm um jogo entre si: um deles senta-se com um cronômetro na mão, e a cada piloto é concedido certo número de segundos para engatar, parar, dobrar as asas e arrumar o avião na coberta, de modo que o piloto seguinte possa ter «via livre». Por cada segundo a mais que ele estiver engatado ao aparelho, paga uma multa, para a cantina dos oficiais da esquadrilha. Eles sabem que estes poucos segundos a mais lhes serão necessários em combate.

«Muito depende tambem das equipagens de coberta,» disse outro oficial, o tenente Paul Bedwell.

O oficial sinaleiro bateu a cabeça: «As equipagens da coberta têm a tarefa mais dificil do navio,» disse ele. «Imaginem, ter que se fazer todo o trabalho de gatinhas, debaixo das asas de aviões arrumados uns contra os outros, e a maioria com as hélices a trabalhar.»

De repente, na escada que conduzia às salas de prontidão dos pilotos, assomou uma cabeça. Era o capitão-tenente Frank Whittaker, dos aviões de picada, sorrindo para mim: «Está tudo a postos para a nossa saida.»

Abaixo-me, passo sob as asas na coberta de vôo, evitando as hélices, e trepo para o lugar do rádio-artilheiro, logo atrás dele.

O ruido do motor aquecendo vai aumentando até ser um rugido furioso, a coberta escorrega debaixo de nós, sibilando, até desaparecer, e já vamos subindo. Olho para trás, para ver o porta-aviões diminuir com a distância, e vejo outro avião-torpedeiro correndo pela coberta fora, para levantar vôo. O céu parece que anda magestosamente à volta de nós, à medida que vamos subindo em espiral. Agora avisto lá muito em baixo a formação protetora dos nossos destróieres, espalhados na frente do porta-aviões, afocinhando nas ondas, como cães perdigueiros farejando o mato, à frente do caçador.

Nisto ouço vibrar nos meus fones a voz de Whittaker: «Aí está o nosso avião de caça, a bombordo pela popa.» Ergo a cabeça e vejo-o efetivamente tão perto, tão parado, que parece fazer parte do nosso cenário.

O telefone fala de novo: «Vai experimentar esse 50?» pergunta Whittaker ao artilheiro do nicho que fica por cima de mim.

«Estou pronto.»

«Pode atirar algumas balas traçadoras para a frente daquele caça, mas não perto demais. Divirta-se um pouco com ele.»

Passam uns segundos de silêncio, e a seguir ouve-se o martelar dos tiros; vejo as balas luminosas arqueando por cima do «caça», que dá um salto, como um pardal assustado precipitando-se dum fio telefônico. O «caça» desce, passando-nos por baixo.

Ouço o artilheiro rir-se: «Isto deve tê-lo acordado. Agora temos que o vigiar, porque não há dúvida que nos vai perseguir.»

«Vamos perdê-lo de vista,» diz Whittaker. E lança-se num vôo de subida. «Vou entrar numa nuvem.» Em poucos segundos temos as janelas baças de névoa. Esta desfaz-se, e torno a ver o mar e o céu azul.

«Olhe ele alí!» grita o artilheiro, «a bombordo, pela proa, 1500 metros acima—já nos viu—lá vem ele!»

As asas do caça, finas como um cabelo esticado, parecem tornar-se cada vez mais grossas. Agora vejo a saliência da cabina de comando, e o sol refletindo-se no capacete do piloto.

«Cuidado!» torna a gritar o artilheiro.

Sinto o avião dar um forte estremeção debaixo de mim, mas é tarde demais: em frente dos meus olhos estão os canos das metralhadoras do caça, antes de ele picar em frente de nós e desaparecer.

Hoje foi apenas um exercício, e a excitação produzida é impossivel descrevê-la. Mas a prática adquirida nestas manobras pode brevemente ser utilizada contra os japoneses.

O engate de aterragem faz-nos parar com uma sacudidela, que não é maior do que a que se sente num elevador de carga, manobrado com pouca perícia. O calor úmido dos trópicos começa a fazer-se sentir, e eu vou tirar o uniforme no quarto dos pilotos, que é o único lugar do navio onde o ar é condicionado.

Noto uma das muitas mangueiras de incêndio do navio, enrolada na sua prateleira, e inclino-me para observar a sua extravagante agulheta.

«Aposto que nunca viu nenhuma como esta,» diz-me o tenente Joseph J. Bodell Jr., olhando de relance de um dos lugares almofadados. «E' um lança-nevoeiro. Atira um balão de nevoeiro que abranda logo o fogo. Se já a tivéssemos quando a guerra começou, o velho porta-aviões *Wasp* ainda a esta hora andaria a navegar e a combater. Eu sei disso, porque estava a bordo dele quando se incendiou. Tenho estado a pensar nele todo dia.»

«Tambem eu,» disse o tenente Bedwell, que descera da coberta de vôo.

«Nunca me esqueço do último dia a bordo do *Wasp*. Eu estava na coberta ao lado de um caça, quando se produziu um relâmpago enorme, um choque terrivel, e o aparelho de aterragem do avião ao meu lado caiu. Sentei-me na coberta. Não fora atirado ao chão, mas cambaleava como se me tivessem batido na cabeça. O navio inclinou-se todo para estibordo, mas depois conseguiu endireitar-se. Como a fumaça e o fogo começaram a invadir a ponte, o comandante abrandou a marcha e fez parar as máquinas.

«Então recebí ordem para mudar para o lado de estibordo todos os aviões que se achavam na coberta de vôo. Toda a parte da proa parecia estar em fogo. A tripulação começava a reunir-se para a ré da coberta, e a trazer os feridos para cima. Mas as minhas equipagens estavam tão bem treinadas, que continuaram a mudar os aviões de lugar como se se tratasse de uma operação normal.

«Mesmo por baixo de nós, na coberta do hangar, seguiam-se as explosões umas às outras. Era alí que estavam os aviões, todos carregados com bombas de 500 quilos e cargas de profundidade. Os aviões-torpedeiros tambem estavam carregados.»

«Pois era alí que eu estava,» disse Bodell. «Às 2.45 punha em dia, na mesa de escrita, algum serviço que tinha ficado atrazado. Três paioleiros, nus até à cintura, jogavam as cartas no chão, quando se sentiu um choque tremendo. Apagaram-se as luzes e começou a entrar fumaça. Um dos rapazes correu à secretaria da artilharia, e eu vi um cofre de ferro cair-lhe em cima e esmagá-lo.

«Depois rebentou o incêndio, que seguiu a linha de mangueiras de gasolina da coberta, queimando toda a parte superior. Então reconhecí a voz do meu melhor camarada. Apanhado num beliche, a explosão empenou a porta de aço, que não havia esperança de podermos abrir. Cercado de fogo por todos os lados, ouvíamo-lo gritar através das chamas e da fumaça: «Pelo amor de Deus, tirem-me daquí!» Era o meu mais íntimo amigo, e eu nada podia fazer para salvá-lo!...

«Na coberta do hangar achei todos os aviões do lado da proa em fogo, com as bombas a explodir, aço a voar por todos os lados. Enfim, uma coisa horrivel. E a pressão da água era tão fraca, que já nem tinha força para fazer lançar os jactos automáticos.

«Organizei três esquadras de bombeiros para entrarem onde estavam os aviões, e tentar trazê-los para fora. Mas não adiantou muito, porque os jorros de água só serviram para desenvolver as chamas. As explosões dos aviões na coberta do hangar rebentaram as canalizações da gasolina, que se espalhou a ponto de se andar num rio de fogo até os artelhos. Alguns de nós ainda tentávamos extinguir o incêndio; outros saltavam ao mar, apesar de eu me esforçar por conservá-los a trabalhar, visto não termos ainda recebido ordem para abandonar o navio. Ouviram-se então violentas explosões à proa; advinhamos tratar-se dos paióis.»

«Quando nos chegou a notícia de que o Comandante tinha dado ordem de abandonar o barco,» disse Bedwell, «havia já na água cerca de 200 homens: tinham-se visto cercados pelo fogo e foram obrigados a saltar. Outros haviam rasgado em tiras o paraquedas dum piloto, e atando-as umas às outras fizeram uma corda, que amarraram ao corrimão da passadeira. A outra ponta chegava apenas ao nivel da coberta do hangar. Dalí tinham que saltar.

«Nunca hei-de esquecer os centos de sapatos que alí vi: cada um descalçava os seus, e os alinhava ao lado dos outros, cuidadosamente, na coberta de vôo, alguns até atados um ao outro. Para que tanto cuidado, quando afinal, pensando bem, se sabia que nunca mais se encontravam aqueles sapatos? Mas isso prova o que valem o treino e a disciplina.»

«Eu,» disse Bodell, «não me esquecerei nunca do nosso almirante. Quando veio a ordem de abandonar o navio, ele caminhou magestosamente por entre as chamas e instalou-se na rotunda. Estava vestido decentemente, embora sem ostentação, em ceroulas compridas e camisola de lã, chinelos de quarto, um casaco de aviação, capacete e óculos!

«Descí pela rede de carga e saltei para a água. Experimentei então o primeiro sinal de pânico, ao ver que alguns destes rapazes inexperientes, não tendo confiança nos cintos de salvação, em vez de fugirem para longe do navio, se agarravam às suas chapas pela ponta dos dedos—a peor coisa que se pode fazer num caso destes. Um deles gritava na água: tinha uma caimbra e julgava que não tornaria a ver a família. Reboquei-o para uma jangada.

«Os oficiais iam juntando os homens em grupos, e distribuindo os feridos pelas jangadas, de modo que o sangue não atraisse os tubarões. Nesse momento o cruzador *Juneau*, que estava de prevenção, estabeleceu contacto com um submarino e partiu instantaneamente em sua perseguição, lançando uma profusão de cargas de profundidade. E que sensação eu experimentei! Era como se tivesse dentro do estômago um aparelho de bater ovos, girando a uma velocidade vertiginosa!»

«Nadei o mais vigorosamente que me foi possivel, para me afastar do navio,» disse Bedwell. «Só pensava que dum momento para outro se desse a explosão dos paióis dos torpedos. As chamas iam avançando rapidamente, porque se não tinham esvaziado as mangueiras de gasolina depois de abastecer os aviões—o que não se pode dar neste navio.

«Entretanto um destróier recolheu-nos a todos,» disse Bodell, «e, sentados na sua coberta vimos o velho *Wasp* arder. Podíamos distinguir toda a coberta do hangar escancarada. Parecia um cenário infernal.

«Exatamente ao pôr do sol, o Almirante deu ordem ao destróier que lhe lançasse um torpedo. A explosão deu-se a meio do barco, entre as chaminés, e nós assistimos a tudo, sentados na coberta. O navio afundou-se de proa, imediatamente, e apesar disso parecia querer ainda flutuar. Eu fiquei alí olhando até que ele começou a virar-se de quilha para o ar. Depois não pude olhar mais; levantei-me e fui para dentro.

«Mas isto ainda não era tudo. Na manhã seguinte, às 11, as máquinas pararam de repente. Vi a nossa bandeira baixar a meia adriça, e compreendí que estavam a rezar os ofícios fúnebres; dentro de poucos minutos, seriam lançados ao mar os cadáveres, cosidos em serapilheira. Não quis ver isto. Mas, olhando para o outro destróier, vi, ao correr da sua linha de água, a espuma branca que levantavam, ao cair ao mar, cadáveres que dele eram lançados, ao mesmo tempo que os do nosso barco.»

Então, Bodell levantou-se bruscamente e, sem olhar para trás, saiu da sala dos pilotos.

Uma hora depois da refeição nessa noite, enquanto falava com o capitão Bagdanovich, descobrí-o no meio dum grupo, reunido no lado oposto da enorme sala dos oficiais.

«Com licença,» disse eu. «Desejo falar com o Bodell».

«Espere,» disse-me Bagdanovich. «Se eu fosse você não ia lá agora. Aquele grupo é a equipagem do *Wasp*.»

«Eu os conheço quase todos,» insistí. «Não faz mal.»

«Faz sim, senhor,» disse Bagdanovich, com firmeza. «Faz hoje precisamente um ano que aquilo aconteceu. Você compreende. E, na cantina, o grupo do *Wasp* passou a palavra de que esta noite gostariam de estar sós.»

Como é que os outros o vêem?

¶ Aquí tem as respostas corretas (no que concerne a popularidade, está visto) às perguntas da pág. 19. Compare suas próprias respostas com as que seguem, e por cada concordância entre umas e outras, marque-se um ponto. Quanto maior for a concordância, e portanto o número de pontos obtidos, maiores serão suas probabilidades de agradar ao próximo. A classificação mais alta são 25 pontos; mas não se julgue «impopular» se os não atingir! Pode chegar apenas a 17, sem por isso deixar de ser muito «benquisto».

1. Não	6. Sim	11. Não	16. Não	21. Não
2. Não	7. Não	12. Não	17. Não	22. Não
3. Não	8. Não	13. Sim	18. Sim	23. Não
4. Sim	9. Não	14. Não	19. Não	24. Sim
5. Sim	10. Sim	15. Não	20. Não	25. Sim

¶ *Em lugar de ser motivo de inferioridade, o seu defeito físico deu-lhe estímulo para vencer*

Minha filha nasceu aleijada

(Condensado do «Forum»)

Anônimo

ADELINA tinha já quase dois anos, e nós ainda não havíamos descoberto que ela não era uma menina fisicamente normal; aliás parecera, a princípio, de boa saude e inteligente. Quando completou um ano, e não mostrou desejos de andar, não ficamos preocupados; mas como, passados meses, continuasse a não fazer o menor esforço nesse sentido, levei-a a um médico especialista de crianças, que me disse que a minha filha fora provavelmente, no momento de nascer, contundida na cabeça por instrumentos cirúrgicos, resultando daí a condição espasmódica que lhe afetava os membros inferiores. Um cirurgião ortopédico, depois de examinar este diagnóstico, declarou-me francamente que, se bem que as condições espasmódicas cedam muitas vezes ao tratamento e à cirurgia, nunca são completamente curaveis, e assim Adelina jamais poderia restabelecer-se de todo.

O meu primeiro movimento íntimo foi uma feroz determinação em defesa da minha pobre criaturinha: recompensá-la da sua invalidez com um amor exaltado que estava muito próximo da histeria. Quase aborrecí meus outros filhinhos porque eles podiam diminuir o absolutismo da minha devoção. Afortunadamente esse estado de espírito não foi duradouro. Acabei por compreender o que seria um lar, tendo como figura central uma aleijada, à volta de quem toda a vida familiar girasse: o constrangimento dos membros sãos da família devia ser lamentavel, e os efeitos deste constrangimento sobre a doente nada lhe teria de proveitoso.

Com tão sombria imagem no pensamento, resolví que o meu trabalho devia ser, primeiro que tudo, manter um lar normalmente feliz, no qual os meus três filhos sadios tivessem um ambiente amavel, e a minha filha inválida pudesse olhar a vida como uma pessoa fisicamente normal. Eu me esforçaria para que a sua existência fosse tão cheia quanto possivel; teria ela que adaptar-se ao mundo, já que o mundo nunca se adaptaria às suas deficiências.

Pus o caso de Adelina nas mãos de um eminente cirurgião ortopédico, que a operou pela primeira vez aos cinco anos. Durante os onze anos seguintes, os tratamentos deste médico transformaram-na, de criança que só dificilmente podia andar, e a quem—quando crescesse—toda atividade física estaria vedada, numa pessoa andando um pouco defeituosamente é certo, mas que sem o auxílio de aparelhos pode ir sozinha a toda parte, embora não possa dansar nem praticar qualquer esporte ativo.

Essa transformação não se operou de

um dia para o outro: foi o resultado de quatro dolorosas operações, vários gêneros de massagens, tratamentos fisioterápicos, e interminaveis exercícios especiais. Destes exercícios—que deviam ser continuados com firme persistência—os benefícios eram imperceptivelmente lentos. Fixei para isto um horário, nunca permitindo que ninguem interferisse com eles, e durante o decorrer do dia não lhes fazíamos a menor alusão. Meu marido e eu fizemos disto um princípio: jamais discutir em família os tratamentos e operações de Adelina. Nunca fizemos destas operações acontecimentos espetaculares. O resultado foi que a pequena, seus dois irmãos e a irmã, todos tomavam o caso com surpreendente compostura juvenil. Quando Adelina estava no hospital, os outros utilizavam-lhe os brinquedos, mas todo o seu interesse era, não lastimá-la, senão falar da alegria que teriam quando ela voltasse para casa.

A grande dificuldade vinha dos parentes que a mimavam desveladamente. Embora nunca nos tivesse sido prometida uma cura radical, abanavam céptico a cabeça, depois de cada operação, dando-me vontade de os estrangular, e exclamavam: «Mais outra operação!» O seu tom implicava que nós tínhamos feito já outras tentativas cirúrgicas, e que, não podendo a cirurgia fazer milagres, deveríamos abandonar a idéia por completo.

Quando uma criança aleijada pode brincar, não se sente digna de dó, nem perante si própria, nem aos olhos das outras, suas companheiras de folguedos. Muitas e muitas vezes eu me sentí comovida ante o filosófico critério com que os seus amiguinhos esqueciam as limitadas possibilidades físicas de Adelina: havia evidentemente algumas coisas que ela não podia fazer, mas isto não tinha importância, porque podia fazer outras. Assim, quando organizavam os seus jogos, encarregavam-na do que estava ao seu alcance. Se caía—como aconteceu muitas vezes—perguntavalhe: «magoou-se?»—e se ela respondia que não, continuavam a brincar como antes. Eu tinha um completo sortimento de jogos apropriados com que Adelina podia divertir-se, mas não deixei de proporcionar-lhe tambem a sua mesa de tenis, três pares de patins de rodas, e todos os brinquedos e objetos usados pelas crianças normais; e nunca cometí a inconveniência de dizer à pequenada: «Agora não brinquem disso, mas sim de qualquer coisa de que Adelina possa brincar tambem.» Sabendo que ela viria a necessitar de muita coragem física e mental, fiz um trabalho oculto para afastar da pequena o sentimento do medo; para tal, servíme em primeiro lugar dos animais domésticos, gatos e cães. Quando ela fez oito anos, compramos-lhe um cavalinho inglês. Adelina não podia montar muito bem, evidentemente, mas o seu domínio sobre aquele docil animal dava-lhe confiança em si própria. Quando completou doze anos, aprendeu a nadar. Não era uma formidavel nadadora, mas podia desempenhar-se bem dentro da água. E quando chegou aos dezesseis anos aprendeu a guiar automovel.

Formamos muitas vezes a idéia errônea de que uma criança inválida é, por definição, uma santa criança. Mas a criança inválida tem a mesma inteligência que a robusta para conseguir o que quer, a mesma tendência para a vaidade e a mentira, ou outro qualquer defeito. Adelina não era melhor nem peor do que os meus outros filhos. E eu

insistí em ter para com ela as mesmas normas que para com os outros.

Por exemplo: em nossa casa estava assente que cada criança cuidasse dos seus brinquedos. Adelina gostava de desarrumá-los, mas detestava arrumá-los depois. Sabendo que esse trabalho requeria um esforço físico mais dificil para ela do que para os irmãos, muitas vezes gostaria de que eu o fizesse em seu lugar. Nunca porem me deixei vencer por essa errada preocupação sentimental, entendendo que ela devia ter sobre os seus ombros as mesmas responsabilidades que os irmãos. Neste ponto tambem a minha atitude espartana era reprovada. Minha mãe dizia: «Se ela fosse minha filha, eu deixava fazer tudo o que quisesse. Tem muito tempo de sofrer, mais tarde.» Por outras palavras, devíamos deixá-la crescer como «um pequenino demônio mimado», para que, quando fosse uma pessoa indesejavel, julgasse com desgosto que o mundo lhe não dava nada de bom, porque era uma aleijada!

Adelina não pôde ir à escola senão quando tinha perto de dez anos. Até então ensinei-a eu mesma em casa. Porque sabia que muitas portas interessantes deviam ficar-lhe para sempre fechadas, pretendí desenvolver nela interesses espontâneos, e especiais aptidões. Conseguí que tomasse lições de piano, levei-a aos concertos infantís, comprei discos de sinfonias faceis, e um livro para crianças com os argumentos das óperas. O único talento evidenciado por Adelina, foi o do desenho. Desenhava tão bem, que eu tive imediatamente complicações com os parentes. Decretaram eles que Adelina era um gênio, e principiaram então a citar os vários gênios que tiveram físico defeituoso.

Essa atitude era-me extremamente antipática. Eu queria que Adelina desenhasse, unicamente pelo prazer que isso lhe dava. Se mais tarde ela pudesse tirar algum proveito, magnífico! Mas não permitiria de maneira alguma que a família a obrigasse a ser uma artista. Por esta razão a vida familiar tornou-se dificil. Quando Adelina recebeu na escola a sua classificação de elevado cociente intelectual, tive dificuldade em conter as suas duas tias que queriam por força convencer a menina de que, embora fosse aleijada, era no entanto o expoente máximo da nossa família.

Até o fim da adolescência, Adelina não compreendeu a tragédia da sua invalidez. É claro que só se compenetrou disto quando, chegado o momento de passear com rapazes, o não fez. Havia alguns que gostavam bastante de vir trabalhar em problemas de álgebra, ou de jogar cartas com ela, mas levá-la a passear ou fazer-lhe um convite era outra coisa; e a sua falta de relações sociais, comuns entre as outras moças, tinha para ela alguma coisa de um sabor amargo como fel.

Nada havia que eu não fizesse para suavizar este choque. Deveria consentir que sua irmã, tão relacionada, tratasse do caso? Muitas vezes minha filha mais velha, desolada e perplexa, perguntara se devia fazê-lo. Minha resposta fora sempre uma negativa formal. Eu sabia que Adelina iria compreender, e que o seu orgulho ficaria molestado. Só havia uma coisa a fazer: tentar defender Adelina da suscetibilidade provocada nela pelo seu raciocínio. A competição escolar proporcionou-me ensejo de o fazer. A sua única competidora de vulto era uma bonita menina das mais aduladas da vida social da escola. O prazer com que Adelina saboreava as suas vitórias sobre ela, era alarmante! «Porque é

que você fica tão contente de estar mais avançada que Lucille?» perguntei-lhe. Sincera, respondeu o que lhe ia no coração: «Ela pode ser a pequena mais relacionada da escola, e os rapazes podem estar todos loucos por ela, mas eu lhe provo que não pode vencer em tudo.»

Isto era o que eu queria. Tive com ela, então, a longa conversa que há muito desejava ter. Disse-lhe que não devia permitir que sua inteligência fosse a inteligência atrofiada de um corpo atrofiado, e que a sua verdadeira grande vitória seria quando as suas reações perante a vida fossem as de uma pessoa normal. Quando acabei não estava muito certa de ter conseguido o meu objetivo, mas em breve vi que o conseguira. Verifiquei que, depois disto, Adelina nunca mais teve uma atitude maldosa, enquanto não se convenceu de que esta atitude não era provocada pela sua invalidez. No meu íntimo tinha esperança de que Adelina ambicionasse ser independente. Pensava eu que só a independência material lhe poderia dar absoluta confiança em si própria. Mas quando a minha inválida, chegada ao fim do seu segundo ano de universidade, me participou que preferia ir para Nova York estudar arte por seis meses, e depois seguir para París a estudar desenho durante um ano, fiquei estupefacta: aos vinte anos ela pensava que podia viver sem ter perto um braço protetor! Isto era demasiado para o que eu ambicionava. Fechando os ouvidos ao meu instinto maternal e à incredulidade da família, ajudei-a a realizar os seus projetos.

Não tinha ainda passado um mês sobre a partida, já eu sabia pelas suas cartas que a batalha estava ganha. Distante da família, pela primeira vez na sua vida ela tinha amigos e acreditava que estes lhe devotavam amizade por ela mesma. As inibições sociais que antes tinha tido, iam desaparecendo uma a uma. Hei-de lembrar sempre a carta em que, como por acaso, ela escrevia: «Fui esta noite com um rapaz do meu curso ver um filme francês.» Nenhuma outra explicação; queria apenas que eu soubesse isto...

Um ano em París acentuou esta saudavel independência. Tinha interesse por tantas coisas, que lhe não sobrava tempo para pensar nas possibilidades que deviam sempre estar-lhe vedadas. Quando voltou, tinha um ar tão equilibrado e seguro de si, como qualquer outra moça de vinte e dois anos. Completara a sua personalidade.

Hoje, com vinte e sete, tem um intenso trabalho de que gosta, num grande estabelecimento de decoração de interiores. É extremamente habil na direção dos seus negócios e da sua vida particular. Não se casou, mas tem tido propostas, e provavelmente casará. Eu não me sinto culpada de nenhuma falta perante ela, exceto quando me lembro de que não fui bastante inteligente para a fazer feliz naqueles anos do fim da sua adolescência.

Não há muito, estávamos num grupo, e uma pessoa insensata referiu-se com desdem a um «aleijado». Falei a Adelina no desgosto que este incidente me causara; olhou-me surpreendida: «Por minha causa? Porque?! O que se passou é o meu triunfo. Aquele homem falou despreocupadamente e esquecido em absoluto de que eu sou aleijada.» Ela tinha razão. Aquele homem olvidara que Adelina era aleijada! E desta maneira todos se esqueceram o de que ela tão maravilhosamente já não se lembrava.

Mulheres da América ao serviço da vitória

Por
Eleanor Roosevelt

AS MULHERES norte-americanas estão servindo o seu país em diferentes ramos e de várias maneiras, desde o início da guerra. Vêm realizando assim uma soberba tarefa em diversas linhas de frente, e por toda a nação.

Cerca de doze mil das enfermeiras do Exército e da Marinha acham-se atualmente alem-mar, cuidando dos combatentes, enfermos ou feridos. Tive ocasião de estar com algumas delas na Grã Bretanha, em várias ilhas do Pacífico, na Nova Zelândia e na Austrália. O sentimento que me inspiram é de profundo respeito e sincera admiração. São verdadeiros soldados, pela energia de que dão mostras—guardando para si os dissabores. Sentem saudades de casa, são obrigadas a enfrentar os mais duros climas e os perigos da guerra—mas não perdem a alegria. Têm sempre um sorriso nos lábios ao cuidar dos feridos, e estes sorrisos para eles valem mais que todos os remédios.

Guardei viva lembrança de alguns dos acampamentos de enfermeiras que tive ocasião de visitar durante a minha recente viagem ao Pacífico. Os tetos são de palha, ou folhas entrelaçadas de palmeiras—ótimo ninho para ratos e toda sorte de insetos. Em muitos pontos a umidade era tão grande, que nenhuma delas, ao que me parece, terá jamais conseguido vestir uma peça de roupa inteiramente seca. Algumas passaram muitos meses perto da zona de combate, onde era impossivel tomar um banho quente. Acrescentemos a isso os constantes raides aéreos, e faremos boa idéia da energia que lhes é necessária. No entanto nunca ouví dos seus lábios uma queixa sequer.

Muitas das que ficaram entre nós se tornaram enfermeiras de hospitais civís. Devido ao grande número de enfermeiras profissionais espalhadas agora pelos quatro cantos do mundo, pesa-lhes sobre os ombros um duro fardo. Estão assim contribuindo para o esforço de guerra como se estivessem nas linhas de frente. Uma estudante de dezoito anos de idade, que encontrei num trem há um ano atrás, foi para mim um verdadeiro exemplo do espírito de que se acham animadas. Parecia tão jovem que fiquei a imaginar se percebia claramente quanto era penosa a tarefa a que se consagrara. Afirmou-me que não tinha sobre isto a menor dúvida, mas estava decidida a desempenhar seus deveres, tornando-se util à comunidade.

Há ainda o grande número de mulheres que estão servindo nas forças armadas. Os oficiais em comando declaram que muitas vezes desempenharam elas as missões que lhes foram confiadas, com mais eficiência que os próprios homens, muitos dos quais não foram mobilizados, graças a esse concurso feminino.

Até agora as WACS foram as únicas a ser enviadas alem-mar. O fato de que o número de mulheres que se encontram nas zonas de guerra é ainda tão reduzido

parecerá ridículo a muita gente. As restrições impostas às atividades das forças militares femininas não são devidas a nenhuma decisão do Congresso, ou a que as autoridades militares as julguem incapazes de cumprir certas missões. A verdade é que tal condição resulta de um falso cavalheirismo segundo o qual as mulheres devem ser protegidas contra os perigos da guerra, mesmo quando o não desejem. Algumas julgam justo tal ponto de vista, mas creio firmemente que a maior parte de nós prefereria compartilhar de mais perto as experiências por que estão passando os nossos soldados.

Tenho para mim que esta idéia de abrigar as mulheres peca um tanto pela base, pois um dos maiores problemas do após guerra será o da readaptação dos homens e das mulheres que estiveram separados por tão longo tempo. Tal readaptação seria mais facil se ambos tivessem passado pelas mesmas provações, e adquirido a mesma atitude em face à vida.

Alem das que hoje envergam os uniformes das nossas forças armadas, cerca de 2.300.000 mulheres estão agora empregadas em indústrias de guerra; e trabalhando regularmente nas fábricas, 1.900.000. Muitas destas operárias são mulheres casadas que têm que manter a casa, ao mesmo tempo. Cuidar dos filhos, fazer as compras necessárias, cozinhar as refeições da família, fora das horas de trabalho—eis um penoso programa, e é de fato admiravel que consigam cumprí-lo. Os muitos milhares de mulheres que não se estão dedicando a nenhuma tarefa análoga, mas continuam a dirigir as suas casas tranquila e inteligentemente, contribuem tambem para o esforço de guerra, mais e melhor do que imaginam. As mulheres que sabem enfrentar com um sorriso nos lábios as dificuldades determinadas pela guerra, que aprendem a resolver os problemas de racionamento da melhor maneira possivel, que escrevem aos seus maridos, alem-mar, cartas a lhes transmitir novo alento, estão cooperando largamente para que melhor atravessemos estes duros momentos. Se alem das ocupações caseiras estiverem ainda trabalhando em algum serviço voluntário—são dignas realmente do mais sincero apreço.

Haverá, bem o sei, algumas cuja vida é, ainda hoje, a mesma de sempre. Parece-me porem que dificilmente encontrarão companhia. Para a maior parte das mulheres da América, a vida mudou totalmente. Seus pensamentos se concentram no que se está passando na África do Norte, na Itália, no Sudoeste do Pacífico e em inúmeras zonas de guerra, nos quatro cantos do mundo. Só se sentem felizes ao saber que estão concorrendo de algum modo para apressar o fim da guerra, e fazer com que os homens a quem dedicam seu afeto venham a conhecer melhores dias no mundo de amanhã.

Ser bela

¶ Quando eu tinha 16 anos e estava envaidecida, porque me haviam elogiado, meu pai me disse: «O que eles elogiam é a tua *mocidade*. Não há mérito em ter beleza aos 16 anos; mas se fores bela aos 60, então, sim, poderás te orgulhar de tua beleza, que será um reflexo de teu espírito.»

Marie Stopes, *Change of Life in Men and Women* (Putnam)

¶ *Secas, inundações, cidades desertas e fazendas abandonadas—é o que se vê quando as riquezas naturais do solo se vão esgotando*

Reuniram-se para proteger o solo

Por Louis Bromfield

Deu-se em Washington, há quatro anos, um desses acontecimentos que servem para renovar nossa confiança nas democracias—se é que isto ainda é necessário. Um grupo de cidadãos altruistas, alarmados com o desbarato de nossas riquezas naturais, reuniu-se para organizar uma sociedade que denominaram «Os Amigos da Terra».

Esses homens—industriais, médicos, banqueiros, especialistas em reflorestamento, escritores, funcionários do governo, professores e fazendeiros—tomaram a resolução de tornar o povo norte-americano conciente do perigo que o ameaça ao ser destruido o solo produtivo, ao serem derrubadas as matas sem um programa de reflorestamento, enquanto as enchentes levam por água abaixo fazendas e cidades, e as secas vão aos poucos transformando imensas áreas, outrora ferteis, em desertos de poeira. Mais ou menos a quarta parte das boas terras araveis dos Estados Unidos já foram destruidas.

Alarmaram-se eles por saberem de cidades outrora prósperas e ricas, mas hoje prestes a se tornarem cidades-fantasmas, abandonadas que vão sendo, não porque se tenha esgotado a prata ou o ouro das minas vizinhas, mas porque, por ganância, negligência, e insensatez nos seus métodos de cultura, os agricultores da zona destruiram o próprio solo que os enriquecia. Eles sabem tambem que mais de uma grande cidade industrial se acha hoje às voltas com graves problemas de falta de água. Em maio de 1942, em plena emergência de guerra, os altos fornos de Youngstown estiveram quase a fechar devido à escassez de água. Um ano mais tarde estiveram de novo ameaçados de interromper o serviço, desta vez por causa das águas de inundação. Nos dois casos o problema surgira devido à negligência na conservação do solo, das águas e das matas.

A cidade de Des Moines, cuja riqueza se baseia quase exclusivamente na agricultura, poderá vir a ser, dentro de duas ou três gerações, uma cidade-fantasma, se não cessar a destruição que se processa atualmente do solo aravel do estado de Iowa. A lama grossa e pesada que escurece o rio Raccoon na época das grandes chuvas, não é apenas um pouco de terra que está sendo levada pelas águas; são as casas de negócio, os bancos e lojas de Des Moines que estão sendo carregados pela enxurrada.

Ao se reunirem pela primeira vez em Washington, os Amigos da Terra sabiam muito bem que apenas com medidas impostas pelo governo não se chegaria a um resultado satisfatório. Era preciso antes de mais nada fazer compreender a toda a população a gravidade da situação, para que depois, voluntariamente, cooperassem todos nas medidas preventivas e até viessem a clamar por elas. O processo é lento e laborioso, pois é feito à força de educação e persuasão, única maneira aliás de

se obterem resultados numa democracia.

Com este fito educativo é que foi fundada a Sociedade dos Amigos da Terra. A primeira assembléia geral teve lugar na cidade de Columbus, no Ohio. Recebeu-se imediatamente o apoio espontâneo dos clubes femininos, dos centros agrícolas, dos sindicatos trabalhistas, da imprensa, das organizações esportivas e comerciais. Organizou-se uma excursão pelo sul daquele estado—região cujas florestas foram dizimadas e que está hoje estragada pela erosão—para que os sócios vissem com os próprios olhos o resultado de longos anos de desperdício: boas terras de lavoura completamente inutilizadas, uma vegetação mirrada onde houvera florestas viçosas, homens, mulheres e crianças com a inteligência embotada, e a energia completamente esgotada pela destruição.

Muitos foram os que só então começaram a compreender que tanto os impostos elevados que pagavam, como o baixo padrão de vida daquelas populações empobrecidas e sem trabalho, eram a consequência, não de uma depressão econômica temporária, mas de um mal mais profundo, o desperdício constante e insensato das riquezas naturais, do solo, das águas e das florestas.

Juntamente com este espetáculo de desolação e decadência, os sócios que foram nesta excursão ao sul do estado viram tambem o que se podia fazer para combater o mal. Pessoas de todas as categorias e profissões visitaram a propriedade do R. C. Bluebaugh: o que há sete anos eram morros carcomidos pela erosão é hoje uma das fazendas mais prósperas da América. Visitaram tambem as catorze represas para controle de enchentes, na área de Muskingum, que dentro de um ano já representavam para o contribuinte uma economia equivalente a seu custo. Viram a imensa floresta estadual de Mohican, plantada em terras abandonadas, belo parque florestal que dentro de alguns anos terá compensado a despesa que acarretou, e será até fonte de renda pública.

A segunda reunião realizou-se em 1941, na cidade de São Luiz, e seguiu a mesma orientação. Organizou-se por esta ocasião uma visita ao «Império de Calloway», outrora uma das regiões de criação de gado mais ricas da América. Durante a Guerra de 1914, e logo após, tendo o preço do milho chegado a alturas vertiginosas, aquelas ricas pastagens foram destruidas e aradas para se fazerem grandes plantações de milho. Na ganância do lucro imediato, tais foram os métodos de lavoura empregados, que dentro de dez anos a terra não dava mais nada, e hoje a maioria das fazendas da região estão abandonadas.

As reuniões seguintes foram feitas em escala menor e organizadas nos próprios estados com um orador para cada grupo. Os novos membros, espalhados por todo o país, começaram uma campanha ativa para interessar escolas, organizações religiosas, câmaras de comércio, clubes rotários e associações femininas, na idéia de conservação das riquezas naturais.

Muitos dos novos sócios jamais se haviam interessado por assuntos de agricultura. Disse-me um deles: «Passei minha vida inteira a viajar por este país a fora, e o que via do automovel ou da janela do trem eram apenas campos e árvores. Agora aprendí a *ler* a paisagem, e pelo que vejo posso julgar o que o futuro reserva para as pessoas que vivem naquela redondeza. Tenho a impressão que muito se pode fazer neste assunto e estou disposto a ajudar tanto quanto me for possivel.»

Poucas serão as associações nos Estados Unidos que funcionem tão economicamente. O escritório central fica na cidade de Columbus, no estado de Ohio. A Câmara de Comércio do estado interessou-se tanto pela idéia, que forneceu, de graça, salas e funcionários para o serviço de escritório. Os sócios que têm meios, pagam suas próprias despesas e fazem conferências ou servem nas comissões sem receber nada. A revista *A Terra*, orgão da sociedade, tem a sua publicação mantida por contribuições voluntárias.

Todos os sócios devem ser membros ativos da sociedade, isto é, todos devem procurar *trabalhar* pelo programa educativo, finalidade principal da associação. Mesmo com a guerra, a organização continua a se expandir e já conta hoje cinco mil sócios. Pode-se resumir no seguinte o seu lema: «A civilização norte-americana se baseia em vinte centímetros de solo fertil; quando este desaparecer, desaparecerá com ele todo vestígio de civilização.»

O que estes Amigos da Terra procuram divulgar e preconizar são os métodos há muito aconselhados pelo Serviço Federal de Conservação do Solo: arar a terra no sentido das curvas de nivel, empregar culturas de cobertura, fazer plantio por faixas, manter o gado em áreas cercadas, usar o arado de discos, recorrer ao reflorestamento e construir açudes comuns.

Arar no sentido das curvas de nivel é levar o arado paralelamente à encosta do morro—e não descendo e subindo—para que os sulcos, ficando quase horizontais, sirvam para reter as águas pluviais, em vez de se tornarem regos por onde correrá a enxurrada.

Entre as culturas de cobertura, nos Estados Unidos, isto é, que servem principalmente para recobrir o solo e protegê-lo da erosão, durante os meses de inverno, está a do centeio.

O sistema de plantio por faixas é usado nos terrenos de pequena inclinação. Faixas de culturas de retenção, como alfafa e feno, plantadas alternadamente com as outras, servem para impedir que o solo fertil seja levado pelas chuvas.

O arado de discos não revolve a terra à maneira do arado comum de aiveca que, ao enterrar toda a vegetação superficial, deixa o solo desnudo e sujeito à erosão pelo vento e pelas águas; os discos apenas quebram o solo até certa profundidade, e o adubo e vegetação que ficam na superfície, servem como camada protetora.* Creio que o arado de discos foi o fator que mais influiu para fazer cessar as tempestades de poeira da zona semi-árida do centro dos Estados Unidos.

Vejamos que consequências terá a destruição do solo sobre a vida de uma comunidade qualquer; para isto basta indagarmos da história de uma dessas fazendas em ruinas. Ao ser lavrada pela primeira vez, aquela terra era boa. Trabalhada porem apenas com o fito de ganho imediato, sob o sulco da charrua e pela ação do vento e das águas, foi aos poucos perdendo a camada superior de terra fertil. Ao se empobrecer o solo, a produção da fazenda decresceu, e com isto o rendimento. Os filhos deste fazendeiro foram mais para o oeste, à procura de terras melhores, ou então se mudaram para a cidade. Daí a algum tempo a fazenda é arrendada a outros e por fim ninguem mais a quer.

Esta fazenda, que outrora rendia bastante para sustentar oito a vinte

*Vd. Seleções de março de 1944: «O lavrador que arruina a terra».

pessoas, hoje não serve de sustento a ninguem. O seu dono depositava dinheiro no banco, comprava maquinaria agrícola, fogões e muitas outras coisas; ajudava a fornecer gêneros alimentícios para as cidades e, com sua própria prosperidade e abastança, mantinha mais baixo o custo de vida em geral. Hoje aquela fazenda é um peso morto; provavelmente nem paga mais impostos.

Milhares de pessoas vivem ainda em fazendas esgotadas e arruinadas, presos alí por lhes faltar energia para tentar outra coisa. São um encargo para o resto da nação, pois, mais tarde ou mais cedo, o governo será obrigado a lhes vir em auxílio. Milhares de crianças crescem assim sem alimentação adequada, sem escola, nem ambiente sadio para se desenvolver.

Os Amigos da Terra se empenham em difundir tais fatos e dar todas as informações sobre este grande problema dos Estados Unidos por meio de conferências, panfletos, livros, fazendo influir nos políticos para a promulgação de leis de preservação do solo, das águas e florestas, e tambem fornecendo todos os dados sobre os métodos de conservação da terra.

A sociedade procura encorajar a organização de fazendas-modelo dirigidas por particulares. Estas fazendas têm muito mais valor como propaganda do que as instalações do governo—pois com o exemplo da prosperidade de um dos seus, os fazendeiros da vizinhança compreendem muito melhor as vantagens do trato inteligente do solo e da vegetação.

A sociedade tem ainda trabalhado para que, em certos casos, os fazendeiros se reunam afim de executar planos de conjunto para a conservação do solo.

A guerra não diminuiu em nada a atividade dos Amigos da Terra. Creio que nada poderá surgir que destrua esta organização, pois, segundo os princípios democráticos, ela trabalha pelo bem comum, baseando-se num fato econômico comprovado, e de acordo com o interesse de cada cidadão.

Quem me avisa...

¶ O GERENTE de um cinema de São Francisco, confiando no bom-humor do público, anunciou na marquise do cinema o seguinte:

O MESMO TRUQUE DE SEMPRE—DUAS FITAS
UMA EXTRAORDINÁRIA—OUTRA EXTRA-ORDINÁRIA

Time

¶ NA coluna «Oferece-se» de um jornal de Pensilvânia: «Jovem, de 21 anos, deseja empregar-se como ascensorista em um edifício comercial. Nenhuma experiência. Prefere começar em um edifício baixo.»

Fred Sparks, *Parade*

¶ «PRECISA-SE—Rapaz para provar os nossos pastéis, sábados e domingos», reza o letreiro escrito na montra de um restaurante, em Los Angeles. E, por baixo, em letra mais miuda: «E carregar alguns pratos».

AP

Cães de guerra

(Condensado do «Rotarian») *Pelo Capitão Temple Fielding*

UM CACHORRÃO chamado *Chips*, cruzado de *collie* e cão-esquimó, era, nos bons tempos de paz, o companheiro inseparavel das crianças de certa família de Pleasantville, no estado de Nova York. Mas como ele costumava avançar nos estranhos e nas visitas, quando veio a guerra, resolveram dar *Chips* ao Exército. Deu ele entrada no Corpo K-9, cujo nome é um dos poucos toques de fantasia que se contam no exército, e os meninos puseram na porta da casa do cão uma flâmula de serviço, com uma estrela, como fazem as famílias dos mobilizados.

Vieram a saber, alguns meses mais tarde, que *Chips* estava do outro lado do Atlântico — e se tinha tornado herói! Na noite de 10 de julho de 1943 *Chips* desembarcava com seu novo dono, o soldado John R. Rowell, na Sicília. Tinham eles avançado menos de quatrocentos metros em terra, quando, de dentro de uma cabana de camponeses, uma metralhadora começou a atirar. Em três tempos *Chips* estava dentro da cabana. «Ouvimos um barulhão medonho,» contou Rowell, «e vimos sair um homem que se debatia com *Chips*, de dentes ferrados na goela dele. Para que não matasse o homem, ordenei que largasse. Logo atrás daquele, surgiu o outro soldado da guarnição, já com as mãos no ar. Só tive o trabalho de levar os prisioneiros para nossa retaguarda.»

Muitos são os soldados americanos que têm escapado de levar facadas no escuro, graças ao companheiro silencioso e feroz que levam ao seu lado; o extraordinário faro dos cães tem protegido de emboscadas muitos destacamentos militares. É o caso de *Lad*, por exemplo, que fez a campanha da África do Norte com seu treinador. Uma noite escura, *Lad* e o treinador estavam de sentinela num posto avançado, o soldado com a mão pousada sobre o cão. De repente o soldado dá um puxão no barbante que tinha preso ao pulso, e é respondido por outra sentinela, mais atrás, que imediatamente acorda as tropas que dormiam. O destacamento inimigo que se aproximava rastejando, pôde ser assim completamente desbaratado. O cachorro havia farejado o inimigo quando este ainda se achava a uns oitocentos metros de distância, e indicara a direção em que vinham, apontando, parado e hirto, como o fazem os cães de caça.

Nas ilhas do Sudoeste do Pacífico é comum irem os cães à frente das patrulhas de reconhecimento, para farejar atiradores japoneses e soldados de ronda. No meio da mata espessa eles muitas vezes descobrem o inimigo, embora esteja este tão bem camuflado que seria impossivel aos nossos soldados vê-los a tempo de evitar-lhe os tiros. *Jojô*, um *cocker-spaniel*, em plena floresta nas ilhas Salomão, salvou a vida dos tripulantes de um avião, que dormiam, avisando-os da presença de uma patrulha inimiga que se aproximava. *Hey*, cruzado de *Chow* e cão-pastor alemão, e

muito afeito aos combates, estava fazendo serviço de ronda em Guadalcanal quando farejou um atirador japonês que avançava sorrateiramente; deu imediatamente um latido que foi o decreto de morte do inimigo. E foi *Bronco* que encaminhou os soldados da polícia militar a uma praia deserta onde um piloto japonês tentava escapar a nado.

Em cinco grandes centros de treino, o Corpo de Intendência do Exército Americano organizou, durante o ano passado, o adestramento de 40.000 cães cuidadosamente selecionados.* Antes de começar o treino, cada animal é submetido a um teste de aptidão que determina o ramo de serviço para o qual está indicado. Aos cães destinados a serviço de sentinela e ataque—e são oitenta e cinco por cento deles—ensina-se a descobrir a posição e a atacar o soldado inimigo. Cães-mensageiros levam fios de transmissão, e trazem mapas e mensagens da frente para a retaguarda. Cães de reconhecimento são utilizados como sentinelas avançadas e para operações de limpeza, descobrindo soldados inimigos escondidos. Os cães da Cruz Vermelha procuram os feridos para os padioleiros. Os cães de tiro carregam armas e munições por terrenos intransponiveis aos homens. Os de carga levam comida, água, e equipamento aos postos avançados, onde soldados não poderiam ir sem se expor a morte certa.

Todos os animais escolhidos para o curso de «Comando» aprendem a atacar com ferocidade impiedosa qualquer ser humano, exceto seu dono. Mas os que vão ser mensageiros ou servir com a Cruz Vermelha, não recebem este treinamento, pois não têm por missão atacar os soldados. Quando um cão da Cruz Vermelha acha um ferido no campo de batalha, agarra nos dentes o *bringsal*—vareta recoberta de couro que leva pendurada na coleira—e volta à base onde, compreendido o sinal, guia um soldado do corpo médico até onde se encontra o ferido.

Cada canino tem seu dono, que é a única pessoa a lidar com ele, e que o treina e lhe dá de comer. O treinador submete-o primeiro a um exercício básico, ensinando-o a obedecer e a executar ordens dadas com um gesto. Precisa estar tão bem disciplinado, que, pulando ao pescoço de um «inimigo», com os dentes à mostra, ao ouvir o comando «Deita!» imediatamente fecha a boca, e se deita sem mais se mexer.

Com oito semanas de treino básico, estão prontos para seguir para as frentes de guerra, ou então para fazer serviço de vigilância de instalações militares, fábricas de material bélico, e patrulhamento das praias. *Rolf*, um cão *boxer*, em serviço de vigia numa fábrica em Boston, pegou recentemente um intruso que rondava em volta do estabelecimento. Precipitando-se sobre o homem, agarrou-se a ele até chegar o guarda.

Muitos destes bravos animais se têm sacrificado para salvar vidas humanas. Quando isto acontece, o antigo dono recebe a seguinte comunicação:

«É com pesar que comunicamos a morte de *Nappy*, o *airedale* doado por V.S. para ser usado pelas Forças Armadas dos Estados Unidos. Esperamos que o fato de seu bravo cão ter dado a vida pela nossa pátria venha mitigar a tristeza ocasionada pela sua morte.»

(*) O recrutamento de cães para o exército é feito por intermédio de uma empresa, a «Dogs for Defense, Inc.»

¶ Tendo vivido não como turista, mas no seio do povo, o autor oferece-nos um quadro real da vida japonesa, suas forças e fraquezas

Jornal de um vagabundo no Japão

(Condensado do «Why Japan Was Strong») • *Por John Patric*

O Japão é menor do que a Califórnia, e possue muito menos recursos naturais. Assolado periodicamente por tremores de terra, tufões, inundações, incêndios e erupções vulcânicas, seis sétimos do seu território são de solo montanhoso, improdutivo e inhabitavel. E 75 milhões de japoneses possuem escassamente tanta riqueza material, pessoal, como dez milhões de americanos.

Apesar disto, o Japão conseguiu conquistar todo um império.

Fiz uma viagem de exploração errante através do país, quando os japoneses se estavam preparando para Pearl Harbor, e a minha observação direta convenceu-me de que eles acabarão por perder o seu império. Convenceu-me tambem, contudo, de que só poremos o Japão por terra à custa de tremendos sacrifícios.

Desde o «incidente» da Manchúria, em 1931, decidí-me a conhecer o Japão e a observar os japoneses. Não se tratava, concluí, nem de um incidente nem de um acidente: era, sim, a primeira labareda de um incêndio que se havia de alastrar em holocausto total.

A segunda guerra mundial começou efetivamente por volta das 10 da noite de 18 de setembro de 1931, com uma pequena explosão na estrada de ferro do Sul da Manchúria—estrada pertencente aos japoneses—à altura de Mucden. Os estragos causados foram de proporções tão reduzidas, que o expresso de Changchun, ao norte, chegou à estação de Mucden meia hora depois, sem ter sofrido o menor atrazo. Mas o exército japonês qualificou o acidente de ato de sabotagem, e resolveu matar, em represália, várias centenas de soldados chineses que se achavam aquartelados a pequena distância dalí. Ao mesmo tempo, auxiliado por vários milhares de reservistas armados da população civil japonesa, capturou todos os quartéis, campos de aviação e equipamento militar pertencentes aos chineses, ao longo da referida estrada de ferro.

Pela manhã seguinte, tinha o Japão sob seu controle uma área da China correspondente a todo o território da Itália—e que era, alem disso, uma das regiões mais ricas e ferteis da Ásia. Foi talvez a mais rápida e mais facil conquista de que se tem notícia em toda a história.

Que espécie de homens é que levaram isto a cabo?

Desejava intensamente averiguá-lo com meus próprios olhos, mas não dispunha de meios financeiros que me pudessem permitir uma viagem ao Japão. Era eu então caixeiro-viajante, ganhando um magro salário que me permitia estritamente ir vivendo. Li quanto livro

me caiu nas mãos, a respeito do assunto, pondo de parte os guias para turistas, e cheguei pouco a pouco à conclusão de que, embora as viagens em primeira classe fossem de fato dispendiosas, o custo da vida—uma vez lá chegando—seria extremamente baixo para quem procurasse viver como os próprios japoneses, comendo arroz e peixe, viajando em vagões de terceira classe, e dormindo no chão nos albergues do país.

E se eu começasse a adotar desde já os hábitos japoneses? Se passasse a viver nos Estados Unidos como os japoneses pobres vivem no Japão? Não me seria possivel neste caso, pôr de lado a quantia necessária para a viagem, enquanto por outro lado me iria habituando às privações por que teria de passar durante a minha estada por lá? Despedí-me do conforto, de um dia para o outro. Durante três meses, dormí dentro do meu automovel, fiz a barba nos lavatórios públicos, tomei banho nos lagos ou rios, ou à beira de estradas desertas, ou servindo-me da água quente do radiador e de uma esponja. Economizei assim os 135 dólares que teria de pagar pelo quarto de hotel.

As latas grandes de salmão em conserva custavam àquela altura 10 centavos, e um pão preto, oito. Aquilo equivalia, em valor nutritivo, à dieta japonesa de arroz e peixe. Esquentava o salmão no tubo de escape do automovel, comia quanto pudesse enquanto ele estava quente, e com o resto, frio, fazia sanduiches. Outras vezes comprava por cinco centavos uma lata de feijão em conserva que equivalia à soja do Japão. Conseguia desse modo alimentar-me com um dolar e setenta e cinco centavos por semana.

Enquanto isto, continuava a ler tudo o que achava nas livrarias sobre o Oriente. Comprei tambem um manual de conversação que me viria a prestar inestimaveis serviços. É quase inacreditavel o que se pode realizar com 100 palavras japonesas—e a necessária mímica...

Chegou finalmente o dia em que me vi senhor de um bilhete de turista no paquete japonês *Heian Maru*, de partida para Iocoama. Custou-me 195 dólares, a taxa era de 5 dólares, e o passaporte me saiu por 10. Restavam-me 165 dólares, com os quais pretendia viajar durante vários meses através de todo o Japão: e provou-se que era o dobro do dinheiro necessário!

O *Heian Maru* era um navio novo de primeira classe, mas, a despeito disto, cada membro da tripulação ocupava menos da metade do espaço reservado para um marinheiro americano no mais antigo de nossos cargueiros. O japonês comum está acostumado desde a primeira infância a viver em espaços reduzidos, acotovelando-se com os vizinhos. Assim, cada transporte japonês pode carregar um número de soldados duas ou três vezes maior que qualquer navio americano. É tambem devido a isso que o número de perdas é tão grande, ao ser posto a pique um deles.

No curso da travessia marítima, travei relações com Tayama, um engenheiro que voltava ao Japão depois de ter passado muitos anos nos Estados Unidos. Ensinou-me ele a comer com pauzinhos. «Assim é mais facil comer todo o prato que com talheres,» disse-me ele. «Até mesmo sopa não perde gota.»

Pedí-lhe que comprovasse o que acabava de afirmar. A sopa, servida numa leve e dura tijela de madeira, pintada a laca vermelha, era um caldo límpido em que boiavam pedaços de peixe e legumes. Tayama pegou primeiro com os pauzinhos tudo o que houvesse de sólido, e depois bebeu o caldo até a última gota. —'Tá vendo? comentou.

—De acordo. Mas se lhe servirem um caldo grosso, uma espécie de creme?

—Num aceito, respondeu. —Creme agarra lados da tijela.

—Mas é coisa tão pouca, protestei,—que de nada vale.

—Para você, não, replicou.— Os japoneses não jogam comida fora com água suja. O resto que fica na tijela durante um ano pode alimentar uma criança duas semanas.

A carne veio cortada em pedacinhos.

—Na sua terra, disse Tayama, osso, gordura, fica no prato, não serve. No Japão, aproveita-se tudo. Osso, fica na cozinha para sopa, ou serve para a indústria. Tendões partidos, fritos, muito bom. Gordura, tambem se aproveita. Na sua terra, é para cachorro e lixo.»

Em Iocoama observei os estivadores, de tanga, a transportar as cargas para o cais. Homens fortes e musculosos, levantavam pesos tremendos horas a fio. Não se serviam de carroças nem vagonetas. A mão de obra no Japão custa menos que as máquinas...

Imagino agora aqueles estivadores no exército japonês, encarregados das mais duras missões, combatendo nas selvas, executando as mais árduas tarefas, carregando canhões, caixas de munição, tudo quanto há de pesado, e recebendo magras rações. Não é de espantar que a princípio os japoneses tenham podido obter uma série de vitórias sucessivas. Sua deficiência só se manifesta quando obrigados a enfrentar máquinas de guerra, mais numerosas e possantes que as suas.

Pedí a um transeunte que me indicasse um albergue local, uma *yadoya*. Não quis acreditar-me, a princípio. Apontou-me um edifício de proporções respeitaveis naquela mesma rua: o grande *hoteru*.

Sacudí a cabeça: «Não. *Hoteru? I-e-e! Yadoya. Ne-ma. Ichi yen.*» Hotel? Não. Queria um quarto onde pudesse dormir no chão por um iene.

O japonês olhou-me estupefacto, mas levou-me a uma *yadoya*. Como albergue japonês, era dos melhores. Um quarto custava um iene e meio por dia. (O iene—28 centavos ou cinco cruzeiros e meio—tem mais ou menos o poder aquisitivo de um dolar nos Estados Unidos.)

O albergue era típico, quer pela construção, quer pelo aspecto interno. As portas eram de papel estirado em molduras de madeira, e se abriam como portadas, deslizando em trilhos, de modo que cada aposento podia ser transformado, de um momento para o outro, em vários quartos pequenos. Os painéis são construidos em madeira tão fina que deixam passar o menor ruido. Há um constante murmúrio de sons—reflexões trocadas em torno à chicara de chá, no leito de amor, ou discussões em voz baixa.

O mobiliário era restrito. Nem uma só cadeira. Uma mesa de madeira, com 45 cm. de altura, o bastante para quem se sentasse no chão com as pernas cruzadas, e um toucador com um espelho minúsculo que se diria destinado a uma casa de bonecas, era tudo. No Japão—talvez por ser tão populoso—nada é maior que o estritamente necessário. É o país das miniaturas.

Uma longa enxerga, coberta de seda e cheia de algodão, estendia-se a um canto, sobre a esteira que cobria o chão.

Afim de economizar metal, os fogões,

as banheiras e as pias são, geralmente, de madeira. As instalações de aquecimento central são raras, embora faça bastante frio durante o inverno. Os quartos são aquecidos a carvão vegetal, sendo este colocado numa espécie de celha que pode ser transportada de um quarto para o outro, pois tal sistema não requer chaminé nem canos de escapamento.

Nunca encontrei água corrente nos aposentos privados de um só albergue japonês. O sistema de canalização é, portanto, o mais reduzido possivel—o estritamente preciso para atingir a uma só pia de madeira, de forma alongada, que se acha em geral na cozinha, e onde homens e mulheres se enfileiram para as abluções matinais.

A maioria das «privadas», tanto nos albergues como nas casas particulares, não têm canalização, desde que os esgotos são recolhidos e enviados para o campo, afim de adubar a terra.

«Ouví muitas vezes os americanos criticar os japoneses,» disse-me Tayama. «Os turistas dizem que quem estiver no Japão não deve comer legumes crus. Mas é história, porque os jardineiros japoneses não empregam tais adubos nas plantações de cenouras e rabanetes. O fato é que os detritos humanos são um adubo melhor que o esterco de animais. Pensam que os japoneses *gostam* de um trabalho tão sujo e mal cheiroso? É que não há outro jeito. Temos que fazer tudo o que for possivel para fertilizar nossas terras, tão pouco ferteis de natureza.»

A banheiras japonesas são tanques de madeira, com depósitos para aquecer a água sobre carvão vegetal. Por vezes a água é aquecida na cozinha, e transportada dalí para o tanque. Quando cheio, cada tanque tem água bastante para todos, pois que todos se servem da mesma. Enchem primeiro um pequeno balde, e depois que se lavam, entram no tanque, ficando alí alguns minutos a gozar o banho quente.

Não há fechaduras, ferrolhos, trincos, ou molas em nenhuma das portas dos hotéis ou das casas. Os hóspedes não prestam a menor atenção aos outros banhistas. Arthur Rose-Innes, num dos comentários à margem, que tornam seu «Dicionário de Conversação Japonesa» tão interessante, faz a seguinte observação: «Privado. (Há tão pouca coisa privada no Japão, que se torna dificil traduzir tal palavra.)»

O inventário completo de um hotel ou de uma casa japonesa é portanto uma lista reduzida. Tudo extremamente simples, quase tudo inflamavel. Tive ocasião de presenciar vários incêndios no Japão, e, ao remexer depois as cinzas, os únicos objetos de metal que conseguí encontrar mal me enchiam as duas mãos...

Um dos motivos por que as casas são construidas tão imperfeitamente, está no fato de que podem ser reconstruidas em dois tempos. Eles parecem considerar tal sistema como um seguro contra grandes perdas. Se uma cidade japonesa for bombardeada, e todas as casas destruidas, os respectivos habitantes precisam apenas de uns poucos utensílios para readquirir o primitivo conforto: alguns objetos de madeira e porcelana, uma esteira de palha, um pouco de carvão para o braseiro de aquecimento, e meia dúzia de gêneros alimentícios.

Mas a verdade é que tais normas de vida tornaram o sistema econômico do Japão extremamente vulneravel em tempo de guerra. Suas indústrias metálicas se dedicaram inteiramente à

produção de materiais necessários para a guerra, interrompido totalmente o fabrico de materiais de construção. Quando as suas fábricas concentradas num só ponto forem atingidas pelos bombardeios americanos, não poderão ser reconstruidas às pressas como se dá com as casas. Cincoenta bombas lançadas sobre as áreas altamente industrializadas de Osaca, Cobe, Nagoia, Iocoama, ou Sasebo, atingirão a indústria de guerra japonesa numa porcentagem dez vezes maior do que o fariam o mesmo número de bombas lançadas com igual precisão sobre Essen ou Liverpool.

Certa manhã saí a pé da cidade de Nico, tomando por uma estrada aberta campo em fora, à margem de um curso de água que se ia perder entre as colinas distantes. Como de costume fui andando ao acaso sem direção determinada. Queria apenas observar como aquela gente vivia e trabalhava.

As cenas que se desenrolaram ante meus olhos, tive ocasião de vê-las repetidas inúmeras vezes durante toda a minha estada no país. Aquí, uma casa e fazenda com seu teto de palha, onde se vinham entrelaçar as folhas do meloeiro, com seus grandes frutos amadurecendo. Ao lado, uma pequena seara, menor, não raro, que o quintal de uma casa do Kansas, mas preciosa para o fazendeiro por ser toda a terra de que dispunha. Dividida em vários niveis, fora lavrada à enxada, sem o auxílio do arado ou de animais.

No centro do campo uma vara de 2,5 metros de altura, sobre a qual tinham colocado uma casa minúscula feita de gravetos, e recoberta de palha. Dalí partia uma teia de cordões cujas extremidades se vinham atar a alguns tocos de pau dispostos em volta da pequena seara. Pedaços de papel eram pendurados dos cordões.

Uma criança de cinco anos de idade, pequena demais, portanto, para trabalhar, mesmo no Japão, se achava sob o teto daquela espécie de cabana de brinquedo. Mal algum pássaro se aproximasse, agitava ela um dos cordões, assustando-o com o ruido dos papéis, antes que roubasse um só daqueles grãos tão preciosos para toda a família.

Algumas crianças japonesas trabalham desde o raiar da madrugada até o anoitecer, durante o mês de junho, fazendo pequenos sacos de papel usado, que enrolam em torno às maçãs ainda em embrião, afim de protegê-las contra os insetos. Escusado dizer que estas crianças nunca serão capazes de atirar fora a metade de uma maçã mal comida, ou de deixar no fundo da tijela o menor grão de arroz.

Estamos combatendo um inimigo extremamente frugal, resistente e cruel. Os traços de sadismo que revela, são tanto mais surpreendentes por serem os japoneses tão polidos no trato.

Num dia de calor intenso, em Tóquio, assistí a uma cena emocionante. Um cão, magro de fazer dó, com a língua a sair da boca, achava-se atado ao tronco de uma árvore. Centenas de japoneses passavam pelo pobre animal, sem demonstrar o mínimo interesse.

Comprei um pouco de carne, numa venda vizinha, e vim trazê-la ao mísero animal. Tão faminto se achava ele que, ao fincar os dentes na carne, me mordeu a mão ao mesmo tempo. Fiquei a olhar impressionado, e quase tonto de dor, para os meus dedos que sangravam profusamente. Alguns transeuntes reuniram-se ao redor, e puseram-se a rir.

Os que tinham assistido ao incidente, contavam aos outros o que sucedera, e estes se punham, por seu turno, a rir.

Ninguem expressou o menor sinal de simpatia, ou ofereceu sequer auxílio algum. Enrolei, como pude, a mão num lenço, e fui a uma loja vizinha, frequentada por estrangeiros, a pedir que me indicassem um médico. Ao sair, o primeiro transeunte a quem perguntei onde se achava a casa que me fora indicada, inclinou-se atenciosamente, e acompanhou-me à distância de dois quarteirões, afim de que eu não me perdesse no caminho.

Gente exquisita, os japoneses!

Em Nico, vi certa vez um cavalo amarrado a um toco de pau, num terreno baldio, onde passavam centenas de pessoas por hora. O pobre animal estava coberto de feridas, desde a cabeça às patas. Uma nuvem de moscas e insetos de toda sorte atacavam-no incessantemente, e ele mordia-se, a dar coices para todo o lado, tentando em vão livrar-se dos seus tenazes perseguidores. Pela segunda vez, tentei ser util. Tendo procurado em vão o dono do cavalo, andei a ver se encontrava alguem que me indicasse um veterinário. Todos se inclinavam, sorriam, assoviavam polidamente, e seguiam caminho. Percebí claramente que julgavam meu interesse pelo cavalo completamente absurdo.

A insensibilidade dos japoneses para com todo e qualquer sofrimento não se limita aos animais. Os seres humanos são vítimas da mesma indiferença quando eles os consideram inferiores ou fracos. Vi, por exemplo, dois vigias de uma estrada de ferro agarrar um garoto coreano de uns onze anos de idade, que decidira viajar de graça, suspendendo-se ao fundo de um dos vagões. Aproximaram-se dele, cada um por um lado, procurando atingí-lo com umas varas compridas, e de ponta afiada. Era um garoto corajoso e decidido, pois resistiu alguns minutos. Mas os dois guardas começaram a espetar-lhe a vara nas carnes, ferindo-lhe o corpo, as mãos e os pés. Finalmente, o rapaz rendeu-se, já coberto de sangue. Trazia as mãos e os pés terrivelmente feridos, e dava a quem o visse a impressão de que acabava de ser crucificado. Os dois sujeitos acompanharam-no ainda por algum tempo, golpeando-lhe o corpo, e com uma expressão de triunfo na fisionomia.

Afinal de contas, não passava de um mísero coreano.

Antes da guerra os japoneses julgavam os Estados Unidos um país rico, preguiçoso e fraco. Conheciam-nos por alguns prismas. Não lhes faltavam fotografias e desenhos das nossas cidades, e muitos japoneses lá tinham ido como estudantes, consignando as suas impressões em relatórios meticulosos e detalhados. Calcaram sobre documentos desse gênero seus planos da vitória. Neles fundaram toda a sua estratégia.

Mas uma coisa lhes falta, aos japoneses: imaginação. O que eles *julgam* que estão combatendo—e por isso não perdem o ânimo—são os Estados Unidos de ontem. Nunca poderiam imaginar o que sejam os Estados Unidos atuais—a realizarem tão formidaveis milagres de produção—os Estados Unidos em armas, e que nunca transigirão em celebrar paz negociada com o Japão; a América decidida e inabalavel que está edificando a formidavel potência aérea e marítima de que resultará para o Japão o maior desastre da sua história no curso de 26 séculos.

O japão *era* forte. Mas, já agora, somos nós os mais fortes.

É pena . . . mas está enganado!

(Condensado do livro «Sorry, But You're Wrong About It»)

Por Albert Edward Wiggam

Se pensa que—

A prática faz o mestre

Num sentido esta noção é correta: o exercício, de fato, aperfeiçoa; cumpre, porem, notar que a prática aperfeiçoa igualmente os nossos erros, e tão rápida e eficazmente como os nossos triunfos. É por isso que muitos homens que jogam o golfe anos seguidos se tornam peores, em vez de melhores jogadores. Muita gente há que, ao atingir certo grau de proficiência, nunca melhora em qualquer arte, pois continua exercitando-se em erros, até que só nestes logra aperfeiçoar-se.

A maioria dos grandes homens eram de origem humilde

Em geral prefere-se acreditar que a maioria dos grandes vultos proveio das camadas sociais inferiores. Este conceito reforça a crença de que a todos é dado ser grande, bastando para isso tentá-lo. Passemos, porem, as grandes personalidades em revista e verifiquemos sua ascendência. A Grã Bretanha catalogou melhor que nenhum outro país as biografias dos seus homens eminentes. O Dicionário Biográfico Nacional (*Dictionary of National Biography*) contem dados acerca de 30.000 vultos de destaque. Frederick Adams Woods e Alleyne Ireland concluiram recentemente um exame da coleção completa, tendo apurado que 12 por cento dos referidos vultos promanaram das classes operárias e de ofícios manuais, enquanto os restantes 88 por cento tiveram sua ascendência entre a aristocracia terratenente, as profissões liberais e a alta burocracia. Apuraram igualmente que a proporção dos cidadãos ilustres, filhos de famílias humildes, tem diminuido incessantemente durante o último século até que, atualmente, só uns escassos 4 por cento das grandes figuras da Inglaterra podem orgulhar-se de ter provindo das mais modestas!

O vermelho enfurece o touro

O Professor Thomas N. Jenkins, eminente psicólogo de animais e membro da Universidade de Nova York, informa que as inúmeras experiências feitas demonstraram que os animais de categoria superior vêem tudo com as mesmas cores e sombras em que o mundo se nos apresenta à volta do crepúsculo. A faculdade de discriminação das cores só é dada ao homem. O sr. Sidney Franklin, famoso profissional tauromáquico de Brooklyn, disse-me que não é a cor que enfurece os touros, mas sim a agitação da capa. Um pijama cor de rosa, ou uma toalha de mesa, verde, agitadas diante do focinho de um touro, produziriam o mesmo resultado que uma capa vermelha.

Os meninos prodígios morrem cedo

O Professor Lewis M. Terman, da Universidade de Stanford, tem acompanhado a carreira de mil crianças talentosas—algumas delas verdadeiros prodí-

gios—durante dez anos do seu desenvolvimento. Não somente tais crianças são algo mais saudaveis e fortes do que as normais, como nem uma só delas revelou tendência para definhar ou deteriorar-se fisicamente. A criança de oito anos de idade que, sem esforço, pode pensar tão claramente como uma de 16, não é suscetivel, por isso, de hemorragia interna ou de perturbações gástricas. A faculdade de pensar jamais produziu o mínimo dano. Como Emerson o disse, é provavelmente mais facil aos grandes cérebros fazerem coisas grandes, do que aos pequenos cérebros produzirem coisas pequenas. Não receemos pois que, só pelo fato de possuir uma inteligência brilhante, nosso filho venha a morrer cedo.

Primo não deve casar com prima

O Professor E. M. East, da Universidade de Harvard, demonstrou que, dada uma ascendência saudavel, nada indica que os filhos de casais relacionados por tal grau de parentesco sejam suscetiveis de anormalidades mais do que o seriam se seus progenitores não fossem primos entre si. Mesmo no caso de uma criança anormal, não é o casamento dos progenitores, por serem primos, que cria a anormalidade. Por circunscrita que seja, entre famílias, a procriação, nunca os defeitos provêm daí; podem assim reter-se defeitos atávicos, mas não criar-se outros novos. Os Faraós, os Incas, os Ptolomeus, e muitas outras famílias segregadas, têm produzido grandes cerebrações através de casamentos consanguíneos. A família de Bach produziu 28 grandes músicos em cinco gerações, sendo que muitos dos referidos artistas descenderam de progenitores que eram primos.

É mais facil lembrar caras do que nomes

De certo, é-nos mais facil fixar na memória as feições dum indivíduo cujo nome nos esqueceu, porque o rosto do indivíduo está nele estampado... É provavel que o vejamos entre cinco minutos e muitas horas. Se outro tanto fizéssemos com o seu nome, a própria simplicidade dos nomes nos permitiria retê-los na memória ainda mais facilmente que as feições.

A beleza é estúpida

No decurso de um estudo de 1.030 indivíduos notaveis por sua inteligência, na Inglaterra, Havelock Ellis verificou que, na maior parte dos casos, as respectivas biografias acentuavam a sua grande formosura física. Apresentei, a um número de pessoas cultas, os melhores retratos que pude obter das quinze mulheres mais inteligentes que jamais existiram, tendo verificado que oito delas possuiam dotes de beleza acima do vulgar. Em qualquer cidade se pode verificar que a meia dúzia de homens e mulheres mais preeminentes da população são geralmente possuidores de feições acima do vulgar. Este fato provem, em grande parte da seleção natural. Os homens inteligentes e empreendores manifestam sempre tendência para se casarem com mulheres bonitas, resultando daí que a co-existência frequente da beleza acompanhada de cultura segue o processo de evolução natural.

Os grandes estudantes são maus na vida prática

O doutor Hugh A. Smith, da Universidade de Wisconsin, dedicou-se recentemente a um estudo em que, durante dois anos, analisou as biografias de 1.800 doutorandos lançados na vida prática durante 15 a 45 anos, afim de apurar de que maneira se tinham conduzido na vida os estudantes bons, maus e medíocres registados na sua lista. As conclusões a que chegou negam por completo a tese de que os grandes talentos escolares geralmente fracassam na vida prática. Com efeito, é impressionante a concordância entre as excelentes notas escolares e os triunfos obtidos na luta pela vida. Diz-nos o referido professor: «O bom estudante, em regra, triunfou; por outro lado, o que estava em lugar inferior na lista, teve na vida posição equivalente.» O aspecto mais interessante do estudo revelou-se, porem, quando da lista de 1.800 indivíduos se extraiu uma, composta de 98 dos classificados como sendo os «mais eminentes, mais bem sucedidos e de maior merecimento». Outra lista compunha-se de 93 que tinham obtido os mais altos valores. O fato surpreendente foi a revelação de que, dessas duas listas, 87 dos indivíduos que as compunham apareciam em ambas as classificações. Deste e de outros estudos semelhantes se mostra à evidência que o indivíduo altamente classificado nas universidades possue, segundo as estatísticas, maiores probabilidades de triunfo comercial ou profissional do que o estudante medíocre ou pouco lúcido.

¶ Liszt, quando velho, era raro tocar piano. Ouví-o só uma vez, em casa de um amigo comum. Consultado pela dona da casa quanto à melhor maneira de conseguir que o grande pianista e compositor tocasse, o conde de Hatzfeldt, grande amigo de Liszt e, nessa época, embaixador em Londres, tinha respondido: «Ponha o piano no canto mais escuro do salão, e amontoe tudo o que puder em cima dele. Dessa maneira, Liszt não pensará que a senhora o convidou, na esperança de o ouvir tocar; e talvez assim possamos persuadí-lo...»

Esconderam-se todos os papéis de música, cobriu-se o piano com fotografias, vasos de flores, pesados livros... Depois do almoço, o conde de Hatzfeldt começou a conversar com Liszt sobre as melodias de Offenbach—particularmente uma canção que ele tinha improvisado para a imperatriz Eugênia—e de que o conde não se podia lembrar. Se houvesse alí um piano... e o conde de olhar em volta: «Ah, sim, naquele canto! Mas tem tanta coisa em cima, logo se vê que nunca serviu para tocar...» Dirigiu-se para o instrumento, e Liszt perguntou à dona da casa se seria possivel abrí-lo. Hatzfeldt tocou alguns compassos que deixavam bastante a desejar. Corridos instantes Liszt interrompeu: «Não, não, a coisa é um bocado diferente...»

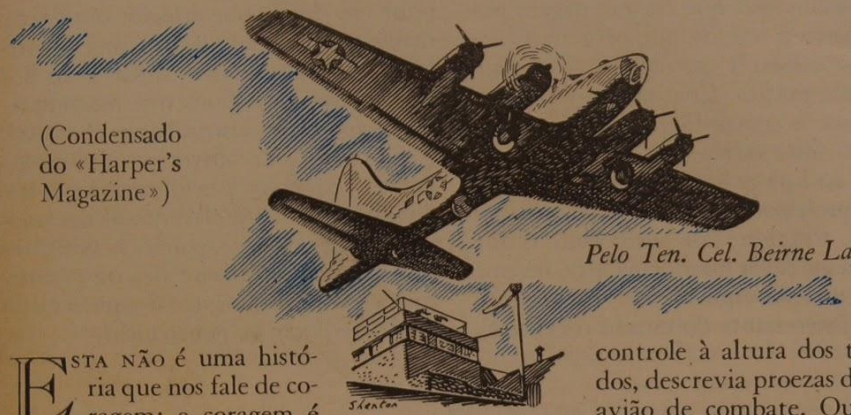
Hatzfeldt se ergueu, Liszt tomou lugar ao piano, tocou duas ou três passagens de canções, e depois, sempre falando com Hatzfeldt, foi pouco a pouco entrando num noturno e numa vigorosa marcha húngara. No fim levantou-se e comentou: «É, não pensava que ainda houvesse tanta execução nestes dedos de velho...»

A sua execução era a de um velho, sim, mas tão magistral como sempre!

—Mary King Waddington, *My First Years as a Frenchwoman* (Scribners)

São homens dessa fibra que se requerem para bombardear a Alemanha

Desta massa se faz o guerreiro do ar



(Condensado do «Harper's Magazine»)

Pelo Ten. Cel. Beirne Lay, Jr.

Esta não é uma história que nos fale de coragem; e coragem é coisa muito corriqueira hoje em dia. E, por assim dizer, uma história de peculiaridades dos pilotos e tripulações das Fortalezas Voadoras, que partem da Inglaterra para arriscadas missões no continente. E o personagem central desta narrativa é um impulsivo, arrojado e jovem comandante de uma esquadrilha aérea, a quem chamarei «Cleve» e que tipifica perfeitamente a mocidade destemida de hoje, bem que com certo exagero.

Já havia visto Cleve, antes de conhecê-lo pessoalmente. Nessa ocasião, andava eu voando ao redor do campo de aterragem, tentando descer, quando fui surpreendido pelo súbito aparecimento de um bombardeiro quadrimotor, que vinha com três das hélices paradas, e, mergulhando contra a torre de controle à altura dos telhados, descrevia proezas de um avião de combate. Quando por fim alcançou o máximo da curva de subida, o piloto pôs então a funcionar, um a um, os três motores que estavam parados, e aterrou com toda naturalidade.

«Que rematado idiota!» pensei comigo. «Se esse exibicionista estivesse às minhas ordens, eu o «licenciava» por um mês!»

Nessa mesma noite tive ocasião de encontrá-lo. Era um rapaz de aparência robusta, rosto quadrangular, com uma expressão de arrogância nos olhos duros. Muito jovem, tinha ares de colegial. Quando se gabou de ter mergulhado sobre a torre de comando com um só motor em marcha, eu procurei esfriar-lhe o entusiasmo, referindo-me a tolas e desnecessárias exibições aéreas, que podem resultar em acidentes perfeitamente evitaveis.

«Eu sabia que podia executar aquela manobra,» disse ele. «Pode-se fazer o diabo com esses bombardeiros. Parece-me monótono voar em linha reta e

O Tenente-Coronel Beirne Lay, Jr. é o autor do livro *I Wanted Wings*. Está agora no serviço ativo, e, como este artigo revela, tem tomado parte em missões de bombardeio da Oitava Força Aérea americana.

sempre à mesma altura, nessas missões de combate. Na próxima vez vou mergulhar sobre a torre com os quatro motores parados. Quer ir comigo?»

Descobrí então que os demais comandantes de esquadrilhas, bem como os comandantes de vôos, pilotos e artilheiros eram quase tão individualistas como Cleve. Emitiam opiniões abertamente, às vezes criticavam os superiores com naturalidade, seguiam as instruções de maneira indiferente, e seriam capazes de passar diante de um general sem fazer continência e de mãos nos bolsos. Se os vissem, os alemães e japoneses os considerariam indisciplinados.

Dois dias após o episódio da torre de controle, fui escalado para ir com Cleve numa missão cujo objetivo era destruir as refinarias de petróleo, de Wesserling, na Alemanha.

Cleve foi primeiro dar uma olhadela cuidadosa às Fortalezas Voadoras. Pilheriou então com os jovens pilotos e artilheiros, examinou cada aparelho com o olhar de perito, fez oportunos comentários, repreendeu vivamente um dos artilheiros por ter deixado a máscara de oxigênio no chão, onde corria o risco de ser pisada; como que transmitiu a cada homem uma centelha da sua exuberante coragem, e por fim deixou o pessoal com a boa-nova: «Teremos bife para o jantar desta noite!» À nossa chegada, a tripulação parecia inquieta e apreensiva; quando a deixamos, estava animosa e confiante.

Na hora exata, troaram os motores e levantamos vôo. Foi aí que Cleve cometeu a falta que julguei imperdoavel. Manteve o aparelho ao nivel do solo quando o mesmo já havia adquirido velocidade para decolar. Então, a 20 metros somente do fim da pista, fez o bombardeiro guinar sobre uma das rodas com grande força, para depois, com uma manobra brusca, fazê-lo subir numa inclinação de 45 graus. Só Deus sabe a pressão que naquele instante recaiu sobre as asas e a cauda do avião. Cleve voltou-se para mim, com um sorriso de desafio. Eu o encarei com raiva. Tive ganas de matá-lo!

No desempenho da missão, como guia dos demais aparelhos, manteve uma perfeita formação. Mas de regresso, quando nos aproximávamos da base, falou-me pelo telefone interno: «Sabe que se pode fazer este bichinho deslizar?»

«Não,» eu não queria saber.

«Então, veja,» continuou Cleve. Aí ele se aproximou do fim da pista, de vento contrário e propositadamente a grande altura, de maneira que seria obrigado a perder altitude afim de aterrar nos limites do campo—e baixou de todo as aletas, inclinou abruptamente a ponta de uma asa e manteve o nariz do avião em linha reta com o leme superior. Então, descemos bruscamente, de lado como caranguejo, na direção da pista. Nesse momento, Cleve inverteu a manobra, endireitou o aparelho a uns 5 metros, e o avião deslizou suavemente sobre o campo! Eu tive que confirmar que aquilo era pilotagem de mestre, mas não eu que me arriscasse a brincar com uma massa de 30 toneladas de metal assim tão próximo do solo, a pouca velocidade, e de aletas fechadas...

«Porque não se alista num esquadrão de combate, que é o seu elemento?» perguntei a Cleve. «É pena que não goste da minha maneira de pilotar,» respondeu-me.

No dia 17 de agosto, pela madrugada, Cleve e sua habitual tripulação deixaram a Inglaterra, em vôo até o centro da Alemanha, e, a despeito da feroz per-

seguição dos caças inimigos, bombardeou as fábricas Messerschmitt em Regensburg, atravessou os Alpes, e já pela tardinha voava sobre o Mediterrâneo à procura de base aliada na África do Norte.

Suando em bica, no meu posto de piloto auxiliar, em um daqueles bombardeiros, eu observava a nossa formação. As Fortalezas Voadoras eram agora em número bem menor do que ao iniciarmos o vôo, e muitas delas mostravam suas «feridas de guerra», feitas pelas balas dos canhões de 20 milímetros, foguetões incendiários, e fogo de metralhadora. O aparelho logo abaixo do nosso, à direita, por exemplo, tinha perdido um bom pedaço da barbatana da cauda, e apresentava grandes rombos de granadas nos estabilizadores horizontais. Um dos motores não funcionava e expelia muita fumaça. Os outros aparelhos aguentavam-se como podiam, tendo apenas três motores em marcha. E dentro desses aviões os estragos não eram menores: havia feridos, que se aliviavam das dores com injeções e tabletes de sulfanilamida; e homens que tinham tombado para sempre, vítimas das balas inimigas. Cada avião tinha a equipagem exhausta de nove horas de vôo em altitudes elevadas, incluindo-se duas horas sob o ataque dos «caças» inimigos.

Até aquele momento, ainda a centenas de milhas das costas africanas, tínhamos conseguido manter em formação a nossa desfalcada esquadrilha. Alguns aparelhos haviam perdido muito combustivel, por causa dos buracos de bala nos tanques.

«Mais uma Fortaleza que se vai!» bradou o artilheiro do centro.

Eu e o piloto vimos então uma das Fortalezas Voadoras despenhar-se para o mar, e, deslizando um pouco, capotar espadanando água. Seguindo-se ao choque percebemos algo amarelo que se destacava dos lados do avião sinistrado: era a tripulação que se afastava dele nos seus botes pneumáticos. Outra Fortaleza despenhou-se minutos depois, e mais outra ainda.

Os aparelhos que restavam da nossa enfraquecida e castigada esquadrilha continuavam voando, depois de alijarem de si munições e tudo o mais, para aliviar o peso.

Ao cruzarmos a costa, houve um memoravel acontecimento. Aqueles aparelhos que por milagre mantinham seus pedaços unidos, podendo ainda voar, com homens gravemente feridos a bordo, ou consumindo os últimos litros de gasolina, puseram-se simultaneamente a romper a formação à vista de um aeródromo localizado adiante—e um a um para lá se dirigiram, abençoado ponto de refúgio!

O oficial de controle de vôo parecia um louco, e, no auge da excitação, pôs-se a queimar desordenadamente foguetes luminosos de todas as cores, ou qualquer coisa em que pudesse pôr as mãos. Mas era inutil essa exibição pirotécnica: os rapazes se atiravam para o campo numa precipitação de salve-se-quem-puder, e bons motivos tinham naturalmente para isso...

Eram mais de seis horas, quando nosso aparelho alcançou o campo que nos fora designado, mais ao sul. Sujos, exhaustos, mais parecendo um bando de espetros do que homens, invadimos as barracas e nos sentamos para a ceia de toucinho com ovos e limonada gelada. Eu olhei para o homem de olhos inflamados, sentado ao meu lado. Era Cleve, o arrogante Cleve, um pouco desapontado, mas não vencido!

«Alguma baixa?» perguntei-lhe.

«Sim; perdí o rádio-telegrafista,» confirmou. «Feriram-me o artilheiro da torreta de cima, e o 2º piloto sofreu queimaduras. Vou retirá-lo destes vôos, quando voltarmos; ele precisa de um longo repouso.»

Tinha guiado a esquadrilha, que era o objetivo favorito dos Messerschmitts-109 e dos F.W., naquela missão a Regensberg. Às vezes, sob o metralhar dos caças inimigos, eu divisava o avião dele; notei que perdia o «segundo elemento», isto é, três dos seis aparelhos da formação. Mas Cleve conservou sempre o seu lugar, nunca se achegando ao avião de comando para proteção. Manteve-se alí, guardando o nosso flanco, agora vulneravel e exposto, enquanto os aviões inimigos não cessavam de dar-lhe descargas. Os alemães atiravam com seus canhões de frente e destruiram o sistema hidráulico do seu aparelho, bem como um dos lemes. O terceiro motor estava em chamas. Eu já não tinha esperanças de que ele chegasse ao objetivo; mas o alcançou, e à hora determinada voltava à base que lhe havia sido designada...

Mais tarde um dos artilheiros de Cleve referiu-se ao pânico que finalmente se havia apoderado da tripulação, quando diversos homens foram mortos, outros feridos, e o aparelho estava quase a desfazer-se em pedaços. Pelo telefone interno eles ouviram o 2º piloto pedir a Cleve para dar ordens de «abandonar o avião!» A equipagem preparou-se para se atirar em paraquedas. Pela segunda vez eles ouviram o 2º piloto insistir para que toda a equipagem abandonasse o aparelho. Cleve, então, voltou-se para ele, e vociferou: «Seu cachorro! Sente-se calado e aguente!»

Aquelas ásperas palavras foram como fogo no rastilho; a tripulação encheu-se de brio e retornou aos postos. O 2º piloto calou e aguentou, mas nunca mais voou, ao deixar o avião na África.

«Nós nunca teríamos alcançado o objetivo, se não fossem aquelas palavras do major,» concluiu o artilheiro.

Quando na manhã seguinte eu passei pelo avião de Cleve, ele e a tripulação reparavam os estragos sofridos no combate. «Amanhã estará de novo em forma,» disse ele.

Tínhamos sido informados de que ia haver um ataque a Bordéus no percurso de regresso à Inglaterra, e que só os aparelhos em boas condições poderiam tomar parte nessa missão, e daí os reparos em que Cleve se empenhava...

Nunca hei de me esquecer do que me disse Cleve, demonstrando-me, melhor do que qualquer tática, planos, ou bom material, porque os bombardeios a grandes altitudes e a plena luz do dia alcançavam tão magníficos resultados, mesmo apesar do fogo das defesas anti-aéreas e da aviação que protegiam o coração da Alemanha.

¶ Perguntaram a Leon Anderson, ex-administrador dos preços do governo americano, que mal faria uma pequenina inflação, ao que ele respondeu: «Uma pequenina inflação é como uma pequenina gravidez: vai sempre aumentando.»

Robert N. Webb

Só há um caminho para o futuro

(Condensado do livro «The Moral Basis of Individualism»)

Por Ayn Rand

NÃO HÁ MAIOR perigo para a humanidade e para a civilização do que a propagação da filosofia totalitária. Sua força não está tanto na dedicação de seus adeptos, quanto na confusão que reina entre seus adversários. Para combater esta ameaça devemos antes de mais nada compreendê-la.

O totalitarismo é uma forma de coletivismo, isto é, a doutrina da sujeição do indivíduo ao grupo—seja este a raça, a classe ou o próprio Estado, não importa. Segundo a doutrina do coletivismo, o homem deve estar ligado à ação e pensamentos coletivos, no interesse do que chamam «o bem comum».

Através de toda a história nunca houve um tirano que conseguisse conquistar o poder, a não ser no «interesse da coletividade». Tudo o que fez Napoleão foi sempre «pelo bem da coletividade» francesa; da mesma maneira o que faz Hitler é «pelo bem da Alemanha». Crimes horrorosos que ninguem teria coragem de praticar para fins pessoais e «egoistas» são perpetrados por «altruistas» que, com a consciência tranquila, justificam sua ação por ser no «interesse da coletividade».

É impossivel a um tirano permanecer por muito tempo no poder unicamente pela força das armas; é preciso ao mesmo tempo que escravize os homens por meios espirituais, e o mais eficaz deles é a concepção coletivista de que a supremacia do Estado sobre o indivíduo constitue «o interesse da coletividade». Tivessem todos os homens a convicção profunda e sagrada de possuirem direitos inviolaveis, dos quais não abdicariam por causa alguma, por homem algum, fosse este um malfeitor ou *um suposto benfeitor*,—e os ditadores seriam impossiveis.

É este o princípio fundamental do individualismo, em oposição ao coletivismo. Sustenta ele ser o homem uma entidade independente com o direito inalienavel de procurar sua própria felicidade, numa coletividade onde todos os homens sejam iguais.

O sistema democrático é baseado no individualismo, e para que a democracia possa sobreviver é preciso compreendermos este princípio e tê-lo sempre em nosso espírito, como pedra de toque, ao procurar resolver problemas de ordem pública e tomar decisões importantes. Precisamos ter um credo claro e positivo, ter uma fé sólida e coerente.

Devemos aprender a rejeitar como errônea e prejudicial a concepção de que a coletividade tenha algo a ganhar com a eliminação dos direitos individuais. A felicidade de todos não pode surgir do sofrimento e sacrifício da maioria. Só é feliz a sociedade composta de indivíduos felizes. É impossivel uma floresta viçosa de árvores apodrecidas.

AYN RAND nasceu na Rússia, em São Petersburgo (hoje Leningrado), em cuja universidade se formou. Dedicou-se à literatura, e em 1931 veio para os Estados Unidos para poder «escrever como bem entendesse». É autora da peça *The Night of January 10th* que permaneceu por três anos nos cartazes da Broadway. Escreveu, entre outros, os livros *We the Living*, *Anthem*, e recentemente, *The Fountainhead* que será brevemente levado à tela.

O poder da sociedade deve ser sempre limitado pelos direitos básicos e inviolaveis do indivíduo.

O direito à liberdade é o que confere a cada homem a capacidade de agir como indivíduo, de ter escolha, iniciativa pessoal, e de possuir bens. Sem o direito à propriedade pessoal é impossivel haver ação independente.

O direito de procurar sua própria felicidade é o que leva cada um a viver como entender, a escolher aquilo que julga ser sua aspiração e felicidade, e a trabalhar para realizá-la. E só ao próprio indivíduo compete julgar do acerto desta escolha; não será dado a outros homens ou grupos determinar e escolher qual deva ser o objeto das aspirações de cada indivíduo.

Esses direitos são prerrogativa privada, pessoal e incondicional, de todo e qualquer indivíduo, que já nasce com eles, sem ser preciso qualquer sanção ou doação. A sociedade deve encarregar-se apenas, como um polícia de trânsito, de regular as relações entre os homens.

Desde o começo da história dois tipos opostos se enfrentam constantemente: o Homem Ativo e o Homem Inerte. O Homem Ativo é o produtor, o criador, o que inventa, o individualista. Antes de mais nada ele precisa de independência—para pensar e produzir. Não necessita nem anseia qualquer poder sobre os outros homens, ele próprio sendo incapaz de trabalhar sob a menor compulsão. Todo trabalho bem feito, desde um bom serviço de pedreiro até a composição de uma sinfonia, é realizado por homens de temperamento ativo. A capacidade de cada um varia, mas o princípio básico é sempre o mesmo: o grau de independência e iniciativa é que determina o valor do trabalhador e sua qualidade como homem.

Palavras de Wendell Willkie:

PARA GANHAR esta guerra o povo norte-americano aceitou, como nunca no seu passado, que se centralizasse o governo, que se regulamentassem suas atividades, e se restringissem suas liberdades individuais.

O totalitarismo tem uma atração sutil e sinistra. Atrai todos aqueles que preferem ser guiados a ter iniciativa própria, os que preferem planos a empreendimentos. Atrai os que acham dificil utilizar a Democracia para que sirva seus próprios interesses econômicos ou políticos.

Ao terminar a guerra é preciso que estas liberdades que perdemos sejam reconquistadas e restauradas, não em parte, mas na sua totalidade; não mais dia menos dia, porem o mais cedo possivel. Se não conseguirmos isto, ficará escrito na história que nesta guerra—como em muitas outras—os vencedores foram os vencidos.

O Homem Inerte pode ser encontrado em todos os niveis da sociedade, tanto nos palacetes como nos cortiços, e o que o distingue do outro é seu horror à independência. É um parasita que prefere deixar-se levar pelos outros, que deseja submeter-se, obedecer, sujeitar-se a regras, e ter quem pense por ele. Aceita de braços abertos a doutrina coletivista que lhe elimina todo dever de pensar ou agir por si próprio.

Quando uma sociedade se baseia exclusivamente nas aspirações do Homem Inerte acaba por eliminar completamente o Homem Ativo; mas uma vez destruido este, o Homem Inerte não tem mais quem se encarregue de pensar e agir por ele. Ao contrário, se a sociedade for organizada de acordo com as necessidades do Homem Ativo, este, com sua energia, arrasta o outro no seu progresso e assim faz crescer e expandir-se a coletividade. Desta maneira é que a humanidade tem progredido.

Há alguns espíritos humanitários que

desejam um estado coletivista porque têm pena do homem incompetente ou Inerte, e, em proveito deste, querem acorrentar o Homem Ativo. Este último, porem, não pode viver debaixo de jugo; ao desaparecer, segue-se automaticamente a destruição do Homem Inerte. Se é por caridade que os humanitários querem o coletivismo, então em nome desta mesma caridade, e sem outras considerações, deviam deixar o Homem Ativo com liberdade de ação, pois estariam assim ajudando o Homem Inerte. Não há, no fim das contas, outra maneira de ajudá-lo.

A história da humanidade é o resultado da luta entre o Homem Inerte e o Ativo, entre a coletividade e o indivíduo. As civilizações que já nos deram os homens mais felizes, os mais altos padrões de vida, e as maiores contribuições ao progresso e à cultura, têm sido aquelas onde era limitado o poder da coletividade—do governo, do Estado, —e onde o indivíduo tinha liberdade de ação. Por exemplo: Roma cresceu e se expandiu graças à concepção da lei baseada nos direitos do cidadão, em oposição ao coletivismo bárbaro dos outros povos daquela época. Mais tarde o êxito da Inglaterra explica-se pela superioridade do seu sistema de governo baseado na Magna Carta, em contraste com paises como a Espanha, coletivista e totalitária. Os Estados Unidos, cujas realizações são sem paralelo na história, chegaram a este grau de desenvolvimento graças a uma Constituição que garante a independência de cada cidadão contra o interesse coletivo.

Enquanto os homens ainda perguntam quais serão as causas do crescimento e decadência das civilizações, cada página da história clama só haver uma força civilizadora: o Homem-Indivíduo, agindo independentemente. O coletivismo é um princípio muito antigo vigente no mundo dos selvagens. A vida do selvagem é regulada em todos os detalhes pelo chefe da tribo. Civilização é justamente a marcha do homem libertando-se do jugo dos outros homens.

Temos hoje uma escolha a fazer: ir para diante ou recuar.

Coletivismo não é «a nova ordem futura», é a ordem de um passado muito negro. Mas existe uma «nova ordem futura» que está nas mãos do Homem Independente—o único a quem devemos todos os «dias de amanhã», quer dizer, todos os progressos, que já foram dados à humanidade viver.

Mercê de Deus...e do freguês

¶ HÁ 22 ANOS que existe no Texas uma loja que vende as mercadorias pelo preço do custo—e consegue, mesmo assim, prosperar. Por cima da entrada lêem-se estas palavras: «Esta Loja Está à Mercê de Deus». Logo um cartaz informa o freguês sobre a filosofia do vendeiro: «Todos os artigos sao vendidos pelo preço do custo, e esta casa não tira lucro absolutamente algum das vendas. Sustenta-se das ofertas voluntárias dos seus clientes. Agradecemos penhorados tudo quanto quiser adicionar ao valor da sua compra.» Ao lado da porta está uma caixa onde se podem lançar as ofertas. Há fregueses que chegam a depositar alí 20 por cento do valor que compram, e ainda assim saem economizando. Outros não dão nada. Pois apesar disso tudo, o logista consegue ir vivendo!

—Frederick A. Schminke

Triptana, a nova supergasolina

Maior potência para os aviões graças ao professor Vladimir Ipatieff, ás das pesquisas sobre o petróleo

(Condensado da «Science News Letter»)

Por John A. Mirt

HÁ ALGUNS anos a *gasolina* mais poderosa do mundo, a triptana, não passava de simples curiosidade de laboratório. Embora já fosse considerada um combustivel de imensa energia, o custo da sua produção atingia o fabuloso preço de 900 dólares por litro.

A aproximação da guerra fez, porem, com que as pesquisas se ativassem, e esse preço foi diminuindo até 10 dólares por litro. Nesta altura, e apesar da cifra ainda ser proibitiva, os estudos quase paralisaram, e durante certo tempo os progressos foram nulos. Um dia, porem, num laboratório de Chicago, um velho que passara noites sem dormir medindo o chão às passadas e meditando sobre suas experiências interminaveis, descobriu o verdadeiro caminho e esclareceu o problema. A partir de então o custo de produção da triptana desceu para 25 centavos por litro, e está destinado a baixar ainda mais pela adoção dos processos de produção em série.

O homem que alcançara esta vitória e dera à triptana o seu valor comercial fora o professor Vladimir Ipatieff, da Northwestern University, homem alto, robusto, de 76 anos, que sabe mais de gasolina e de química petrolífera que qualquer dos seus contemporâneos. A ele se deve em grande parte a gasolina de 100 octanas, sem a qual os aviões de hoje não poderiam combater eficazmente; e a ele se devem igualmente as principais investigações com a butadiena, base de quase toda a borracha sintética.

Mas a triptana é a sua maior conquista. Um avião que encha com ela seus depósitos, pode levantar vôo de uma pista muito menor e, uma vez no espaço, sua velocidade pode ser maior, seu teto mais elevado, sua manejabilidade melhor, e seu raio de ação mais prolongado do que se for alimentado por qualquer outro dos combustiveis até agora utilizados.

Tecnicamente a triptana não é uma gasolina; é outro hidrocarboneto. Os químicos do petróleo asseguram que ela dará aos aviões americanos uma superioridade de 40 a 50 octanas sobre os aviões inimigos.

Este novo combustivel é tão poderoso, que ainda não existe nenhum motor capaz de o utilizar, esgotando as suas possibilidades. Para aproveitar o máximo de qualidades da triptana é necessário fabricar motores de alta compressão, inteiramente diferentes dos atuais.

Mas apesar de todos estes êxitos, do fato da sua história constar dos arquivos das grandes instituições científicas de todo o mundo, e do seu peito ser pequeno para conter todas as condecorações recebidas, o professor Ipatieff é

virtualmente desconhecido do povo dos Estados Unidos, seu país adotivo.

Vladimir Nikolaievich Ipatieff, descendente de famosa família russa, nasceu em Moscou. Destinado inicialmente à carreira das armas, ingressou na Escola Militar do seu país, tendo chegado a atingir o posto de capitão. Todavia, em vez do serviço ativo foi-lhe dada a incumbência de lecionar química aos jovens cadetes, ocupação que lhe deixava tempo livre para se dedicar às pesquisas científicas.

Sua carreira de químico começou com um aparente fracasso, que, afinal, se converteu num êxito notavel. Certa vez, ao tentar fabricar butadiena, obteve uma substância inteiramente diversa, um aldeido (composto intermediário entre um ácido e um alcool). O resultado, segundo o professor Ipatieff, fora provocado pela utilização de um tubo de ferro em vez de um tubo de vidro; o ferro atuara como agente catalítico, isto é, influenciara os resultados da reação sem que fosse por ela afetado. Mas a catálise não era um fenômeno novo, sendo de há muito conhecido dos químicos. Ipatieff, porem, lançou-se ao trabalho, e como ele milhares de cientistas, com extraordinários resultados para a nossa vida cotidiana. Hoje a catálise é um dos instrumentos mais poderosos de que dispõe a química.

Embora o êxito inicial lhe tivesse proporcionado muitas honras, Ipatieff não se contentou com ele. Sua ambição era saber como a catálise se comportaria sob pressão.

A única caldeira de pressão de que nessa altura (1903) podia dispor, era do modelo inventado em 1690. Produzia uma pressão de 50 atmosferas, e era considerada como um aparelho extremamente perigoso.

Sem desanimar, Ipatieff manufaturou um novo aparelho para 500 atmosferas, e empregou-o para revolucionar o processo industrial da hidrogenação, que utiliza o hidrogênio na alteração das substâncias orgânicas. É graças a ele, por exemplo, que o carvão pode ser convertido em gasolina.

Neste campo uma das maiores descobertas verificou-se ao hidrogenar parafinas, até então consideradas como inertes às reações químicas. O resultado destas experiências permitiu mais tarde a produção da gasolina de elevado índice de octana.

Em um jantar de homenagem oferecido pelo *American Institute of Chemists* ao professor Ipatieff, por ocasião do seu 75.° aniversário, o dr. Frank C. Whitmore, deão da Escola de Química do estado da Pensilvânia, assim se manifestou: «O grande triunfo dos modernos motores de combustão interna tem requerido o esforço de milhares de cientistas e mecânicos. Todavia, se fôssemos obrigados a apontar um só homem, ao qual coubesse maior soma de responsabilidade do que qualquer outro pela descoberta da gasolina de elevado teor de octana, uma das nossas mais importantes armas de defesa e ataque, —este homem não seria outro senão Ipatieff.»

No início da sua carreira o professor Ipatieff tinha publicado uma tese na qual estabelecia a constituição do isoprene, considerado o hidrocarboneto base da borracha natural. Em 1928, trabalhando como consultor das Usinas de Azoto da Baviera, criou um processo para transformar o fósforo em ácido fosfórico, descoberta de valor incalculavel para a produção de adubos artificiais.

Ao iniciar-se a primeira guerra mundial foi ele elevado ao posto de general e nomeado diretor da indústria química russa. A revolução não o afastou do cargo, no qual se manteve trabalhando com os recursos mais modestos. Lênine e Trotski não tiveram dúvidas em consultar frequentemente o homem que tantas vezes fora hóspede do Imperador Nicolau. O amor que tinha ao seu trabalho e a sua gratidão pelo apreço que lhe demonstraram as autoridades soviéticas, fizeram com que persistisse nos esforços.

Em 1930 o dr. Egloff, então diretor de pesquisas da *Universal Oil Products Company*, convenceu o eminente sábio russo a vir aos Estados Unidos para organizar em Chicago um laboratório destinado ao estudo dos problemas de catálise da indústria do petróleo. O professor Ipatieff gostou dos Estados Unidos. Quando Stáline lhe pediu que voltasse à Rússia, Ipatieff recusou: «Não volto; estou velho, e quando o tempo está mau e não me sinto bem, quero ter o direito de ficar em casa sem ter que recorrer a uma série de formalidades burocráticas para obter a necessária licença.»

O desagrado de Stáline revelou-se em 1937, durante um jantar oferecido pela *American Chemical Society* em comemoração do seu septuagésimo aniversário. Apesar de a ele terem assistido notabilidades de todos os paises do mundo, uma nação houve que não se fez representar: a Rússia Soviética. Um mês mais tarde era tornada pública a notícia de que Ipatieff fora expulso da Academia de Ciências da Rússia, decretada a sua desnacionalização, e que lhe haviam sido retiradas todas as honras e distinções.

Seu filho, que usa o mesmo nome e é professor de química em Leningrado, acusou-o publicamente de «inimigo do proletariado».

O professor Ipatieff desejara regressar à Rússia e voltar a ver seus filhos. Mas era intransigente em seu amor pela liberdade. Ao ser interrogado durante o processo para a sua naturalização americana, perguntaram-lhe se professava algum credo religioso. Ao que retrucou: «Certamente.» E quando o juiz lhe perguntou «Qual?», sua resposta foi simples: «Que importa, se estamos num país livre.» E o interrogatório não continuou.

Muitos foram os paises que o cumularam de honrarias. A França lhe ofereceu a medalha Lavoisier pelo seu trabalho sobre a alta pressão. A Universidade de Munique concedeu-lhe o doutorado honorário, e a Rússia o prêmio Lênine. Em 1939, elegeram-no para a Academia Nacional de Ciências da América, e no ano seguinte, o mais cobiçado dos prêmios americanos, a medalha Willard Gibbs, foi-lhe entregue por uma comissão de cientistas.

Os atos de generosidade de Ipatieff para com seu país adotivo têm sido numerosos. Ofereceu à Northwestern University 26.000 dólares para um laboratório de pesquisas sobre a alta pressão. Tem distribuido numerosos prêmios individuais a jovens químicos de talento, e criou um fundo de 35.000 dólares para ser utilizado pela *American Chemical Society* na distribuição de prêmios. «Eu gostaria de sentir,» diz o professor Ipatieff, «que contribuí de algum modo para a formação dos jovens químicos americanos.»

Na universidade tornou-se querido pelo fato de exultar com o êxito dos seus discípulos, e se desesperar mais que eles próprios com suas reprovações. Popularizou-o tambem o fato de se

tornar inteiramente incompreensivel quando está exaltado, pois esquece o inglês e passa subitamente a falar russo.

Este homem altivo e de cabelos grisalhos passeia diariamente durante uma hora exata. Seu cavalheirismo de outra época leva-o a bater os calcanhares e a curvar-se até à cintura quando encontra um conhecido. Sua voz é agradavel e ele raramente alteia o tom. Numa reunião de homens de ciência, destinada a comemorar os seus 75 anos de idade, que coincidiam com as bodas de ouro do seu casamento e com o quinquagésimo aniversário da publicação da sua primeira tese, o professor Ipatieff pronunciou somente as seguintes palavras: «Tenho vivido através de muitas guerras e revoluções, e sinto-me feliz por ter conservado a minha paixão pela ciência que escolhí, e por manter a minha robustez física.»

Tal simplicidade é caraterística do homem a quem se devem processos e sistemas que bem se podem considerar como constituindo a maior contribuição individual para a vitória dos aliados na presente contenda.

Gizando a vitória

¶ Recentemente, alguns guerrilheiros Fijis, vestidos em uniforme caqui e com o cabelo cortado rente, segundo o regulamento militar, tomaram parte em uma manobra noturna com as tropas norte-americanas, na ilha de Viti Levo. Nascidos na floresta, esses guerrilheiros de ombros largos são notaveis batedores, pois se movem tão rápida e silenciosamente na densa mataria, que nem mesmo os ouvidos mais sensiveis registram a sua presença: e atacam o inimigo impiedosamente, sem fazer ruido, matando-o à faca ou a coronhadas de rifle. Os instrutores forneceram giz aos guerrilheiros Fijis e lhes disseram que, simulando um ataque noturno ao acampamento das tropas ianques, marcassem com uma cruz todos os objetivos que, em verdadeiro combate, eles poderiam ter destruido.

Era uma noite clara de luar, e os americanos, com sentinelas dobradas em cada posto, ficaram à espera, vigilantes. Entretanto, nada aconteceu e, ao amanhecer, chegaram à conclusão de que os guerrilheiros tinham fracassado na tentativa. Mas, ao clarear o dia, os americanos verificaram, envergonhados, que eles é que tinham fracassado na vigilância. Bem na parte trazeira das calças do sargento, havia uma vasta cruz branca! Nem um só objetivo militar no acampamento havia que não tivesse uma cruz branca. No quarto das munições, onde dois soldados estiveram de vigia toda a noite, a mesa e as cadeiras estavam tambem marcadas. Mas foi o sargento do rancho que sofreu a afronta final: ele se havia levantado, de madrugada, para fazer bolos, e, quando voltou à cozinha e tirou as frigideiras do fogão, viu que cada uma delas tinha por baixo uma cruz branca feita a giz...

Sgto. Merle Miller, *Yank*, Semanário do Exército

Vi um Comando chorar

(Condensado do «Newsweek»)

Por Al Newman

Na neblina matinal que envolvia o rio Mersey, sua proa altiva parecia surgir do outro mundo. A excitação dos prisioneiros de guerra, feridos, que se achavam a bordo era como que uma onda de emoção que, transpondo a distância entre o navio e o cais, vinha apertar-nos o coração.

Neste momento todas as embarcações pardacentas daquele rio cor de cinza puseram-se a saudar o *Atlantis*, apitando alegremente à maneira britânica, reservada para as ocasiões especialmente festivas. O navio já estava agora mais perto do cais, e uma banda de música começou a tocar melodias populares; já se podiam ouvir os homens que, de bordo, acompanhavam em coro o «Tipperary».

Estavam agora bastante perto para que se pudessem ver seus rostos.

Vi um soldado com ambos os olhos tapados, cantando tão alto que o sangue lhe corava toda a face; ele tinha que cantar por dois enquanto o companheiro a seu lado lhe descrevia ao ouvido tudo o que se ia passando.

Vi aleijados que, trepados perigosamente nos barcos salva-vidas, brandiam as muletas no ar.

Vi um Comando chorar.

Estavam de volta à sua terra, de caminho para casa—felicidade que muitas vezes pensaram nunca mais poder ter. Há dois medos que atormentam o soldado na guerra, e nestes não estão incluidos o medo da morte e da dor: um é o medo de ter medo, e o outro é a constante sensação de vazio que dá o temor de nunca mais voltar para casa.

De cartola na cabeça e corrente dourada no pescoço, o prefeito de Liverpool fez um discurso—esplêndido, por sinal. Logo após, as bandas militares tocaram o hino nacional americano em homenagem aos catorze soldados americanos a bordo. No silêncio que se seguiu, um deles gritou do tombadilho: «Quem tirou o campeonato de beisebol?» E um coronel da Aviação, grandão e empertigado, respondeu do cais: «O clube dos *Yankees!*» E depois teve que passar cinco minutos assoando o nariz para esconder a emoção.

Daí a pouco os primeiros doentes de padiola eram levados para terra pelos sargentos do Corpo Médico Inglês, que sabem fazer estas coisas com um perícia e delicadeza milagrosas. Desciam agora uns atrás dos outros, e durante mais de uma hora desembarcaram numa fileira interminavel—os soldados que tinham tido o infortúnio de ser gravemente atingidos em Dunquerque, em Diepe, na Líbia, na Tunísia e na Sicília. Uns vinham de padiola, alguns andando, e outros capengavam. Ordenanças do Corpo de Saude carregavam a pouca bagagem que tinham—caixas de madeira ou de papelão com a marca da Cruz Vermelha. Um dos feridos acenava triunfante com um boné de oficial alemão que havia surripiado de algum lugar.

No centro de um grupo de desem-

Escolhido à sorte, Al Newman, correspondente de guerra do *Newsweek*, foi o único reporter de revista a assistir, em outubro, à chegada à Inglaterra, dos prisioneiros ingleses e americanos trocados por alemães.

barcados, vi um tenente inglês, alto e bonitão, com o nariz aquilino característico dos aristocratas britânicos. À roda dele, como náufragos em volta de um salva-vidas, estavam aglomerados uns trinta cegos. Um deles, velho capitão de navio, com uns setenta e tantos anos, agarrava-se ao rapaz com tal força, que as juntas da mão estavam brancas—cegara-o um fragmento de granada durante uma luta desigual contra um corsário alemão.

O rapaz alto era o quarto marquês de Normanby—ferido e preso em Dunquerque. Fora levado para um acampamento de prisioneiros na Alemanha, onde havia muitos cegos. Em vez de se conformar com a vida de semimorto que é a rotina de uma prisão, o rapaz procurou comunicar-se com uma organização britânica que se dedica à reabilitação dos cegos de guerra. O marquês aprendeu então o *Braille*, para depois poder ensiná-lo aos seus infelizes compatriotas. Furando com um fósforo uma folha de papel, preparava ele próprio os manuscritos com que ia ensinando os outros a ler. Agora o jovem pastor trazia suas ovelhas de volta para casa, e tenho certeza que, se seus ilustres antepassados pudessem vê-lo naquele momento, ficariam cheios de orgulho.

Jamais esquecerei o espetáculo daquele dia, e a expressão de felicidade que vi estampada na fisionomia de homens tão provados pelo infortúnio.

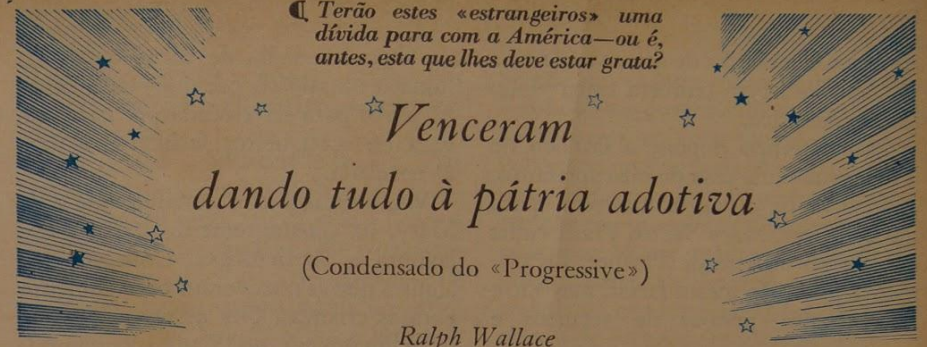
A fração de erro que nos torna humanos

¶ Um amigo meu, que anda sempre percorrendo o país para fazer discursos a organizações comerciais, chegou a estar seriamente preocupado com as razões por que os seus auditórios não riam com mais gosto das anedotas que ele lhes contava. Aconteceu que um dia, querendo citar a Bíblia de memória, esta lhe falhou, e ele teve que recorrer às notas que levava no bolso. Foi uma gargalhada homérica pela sala.

E dessa maneira é que ele descobriu um valioso segredo: que é mais facil conseguir que o público se ria à nossa custa, do que à custa de nossas piadas. Desde então o meu amigo sempre finge que lhe esquece a passagem da Bíblia, e põe-se a consultar freneticamente as notas, com grande gáudio da assistência. Ao seu repertório acrescentou toda uma coleção de gafes aparentes, tais como ligeiras incorreções na citação de poemas famosos, e conta histórias de casos pessoais que o fazem aparecer aos olhos do público como um Calino incuravel.

E agora, sempre que fala, seu discurso é um êxito. Porque toda a gente gosta de uma pessoa que comete erros, ou que sofre de pequenas fraquezas humanas. A perfeição repele a simpatia!

—Fred C. Kelly



¶ *Terão estes «estrangeiros» uma dívida para com a América—ou é, antes, esta que lhes deve estar grata?*

Venceram dando tudo à pátria adotiva

(Condensado do «Progressive»)

Ralph Wallace

Ao visitar recentemente o pessoal da redação do periódico da minha terra, no Kansas, um telegrama trouxe a notícia de que Robert Vratil, simples recruta dos Fuzileiros Navais, acabara de bater todos os recordes de tiro de fuzil, em Camp Matthews, na Califórnia, conseguindo o total de 242 pontos em um máximo possivel de 250. Todos nós conhecíamos Bob, e só nos surpreendia que não tivesse atingido o centro do alvo a cada vez que fizera fogo. Segundo as lições de seu pai, ele não devia sequer falhar um tiro. Referindo-se a isto, sua mãe lamentou: «Deve ser que lhe deram um fuzil ruim.» E nós concordamos.

Havia já vários anos que eu não tinha notícias da imensa e feliz família Vratil. Victor e Mary Vratil haviam criado 17 filhos, cada um dos quais fora ardentemente desejado. Não tinha sido, porem, unicamente o tamanho da família que atraira nossa atenção para os Vratil.

Vic e Mary, educados numa cidade da Bôemia, tiveram que enfrentar todos os problemas em que o Kansas é tão fertil—colheitas desastrosas, tempestades arrasadoras e preços ruinosos—mas a vitória fora sempre sua. E ao pensar neles, sabíamos, mesmo sem o dizer, que havia alguem entre nós procurando dar realidade ao ideal americano.

O pai de Vic, Joseph, era em 1890 um próspero armeiro em Vysoke Myto, na Boêmia, onde vivia com uma família de sapateiros, os Svatos. Vic aprendera a fabricar armas desde pequeno, e por essa altura, auxiliava o pai numa invenção secreta: um poderoso fuzil de ar comprimido. Mas as autoridades austríacas ouviram falar da invenção, e começaram perseguindo Joseph Vratil. Este decidiu, então, emigrar para os Estados Unidos, e dirigiu-se para o Kansas, onde comprou uma fazenda próximo à cidade de Larned.

A gente do Kansas ainda hoje fala do que se passou durante os quatro anos trágicos de 1893 a 1897. Na nossa parte do estado nem um só fazendeiro conseguiu fazer a colheita, e metade dos colonos da região abandonaram suas fazendas arruinadas. Mas os Vratil persistiram. Vic, um moço forte e desembaraçado, foi trabalhando para outros fazendeiros até conseguir juntar o dinheiro suficiente para a primeira prestação de um terreno de 80 hectares.

Um dia, em 1900, ao visitar alguns parentes em Chicago, Vic encontrou uma moça de 18 anos, elegante e de olhos escuros. E apenas pôde dizer: «Mary, Mary Svatos!» Sem que ele o

soubesse, a mocinha de que se recordava em Vysoke Myto tambem tinha vindo para a América.

Pouco tempo depois, a fazenda de Vic possuia uma casa de oito aposentos, e certa noite, ao aproximar-se a época das colheitas, Mary Svatos Vratil vinha habitar no distrito de Pawnee. Os primeiros anos não foram faceis, mas Vic e Mary eram pessoas de recursos e inteligência.

Assim, por exemplo, instalaram um viveiro de peixes na fazenda, maravilha de que toda a região falou. O estado forneceu-lhes peixes para o povoar e dentro em breve os Vratil tinham duas refeições diárias de peixe, o que não era pequena economia. Alem disto, todas as crianças, assim como Vic e Mary, aprenderam a nadar no viveiro. Vic dizia sempre: «Para que os pequenos venham a gostar da lavoura, é necessário que a vida na fazenda seja divertida.» E durante o inverno, a patinagem no viveiro gelado, com bolos quentes no regresso, era mais um divertimento.

Os Vratil procuravam obter da fazenda tudo o que fosse possivel para sua alimentação. Plantaram um pomar e cultivaram uma extensa horta de regadio. Mary colhia anualmente grandes quantidades de fruta e hortaliça. Mas tudo era pouco para o apetite saudavel dos Vratil. Mary mostrou-me um dia o rol dos alimentos *devorados* pela família em uma só semana: 84 patos bravos, uma dúzia de galinhas, quatro dúzias de pães, uma manta de toucinho, duas peças de carne para assar, 40 tortas de fruta, 16 bolos, e 50 quilos de batatas e outros legumes.

Mary e Vic calculavam com o maior cuidado tudo quanto precisavam: dez vacas leiteiras, e 300 galinhas de postura; duas toneladas de carne de porco fumada ou salgada por áno; mais carne de porco para ser trocada por carne de vaca no açougueiro; farinha e açucar às toneladas.

Vic, cujo inglês era melhor que o de Mary, lia constantemente livros sobre lavoura e puericultura. Uma vez leu algures que as nozes eram bom alimento para as crianças. Ora as nogueiras não se aclimatavam no Kansas ocidental; mas Vic não desanimou, e em breve era o primeiro fazendeiro da nossa região a cultivar o amendoim, como substituto das nozes. Tambem lhe não esqueceu a vinha. No nosso estado, tão ferozmente proibicionista, mesmo os vizinhos mais intransigentes curvavam-se perante seu excelente Xerez, ou seu vinho doce da Boêmia. E Vic, amavelmente, oferecia-os a quantos entrassem em sua casa, fossem, ou não, partidários da lei seca. Para os Vratil, o vinho era uma simples questão de protocolo.

Eu era criança quando visitei pela primeira vez a fazenda Vratil. Tinha lá ido com meu pai, e ainda me parece que estou vendo Vic caminhar ao encontro do carro que nos trouxera: um homem alto, digno e bem parecido, com uma barba castanha à Vandyke, e olhos azues perscrutadores. O jardim que rodeava sua casa confortavel era, sem dúvida, o mais belo da região; a pouca distância vicejava uma pequena floresta de sementeira, cujas árvores Vic cultivava pessoalmente, e que mais tarde plantou por toda a propriedade; sobre nossas cabeças, grandes árvores entrelaçavam seus ramos. Mal tínhamos descido do carro, um coatí domesticado tentou subir até meu ombro. Foi, porem, a permissão de Vic para atirar com um dos fuzís que fabricara, que me encheu de felicidade para o resto do dia.

Toda a fazenda, como a pessoa dos Vratil, me pareceu estranha, exótica, maravilhosa.

Os Vratil adoravam animais. Das mulheres de fazendeiros de que me recordo, Mary seria sem dúvida a única a não gritar, se os pequenos lhe entrassem em casa com doze crias de maritacaca e as fossem instalar numa gaiola no pátio. Os corvos dos Vratil, Mike e Ike, tornaram-se famosos em toda a vizinhança. Durante as horas do recreio, a pequenada da escola esbugalhava os olhos ao ver os dois corvos, respondendo aos assobios estridentes dos moços Vratil, baixarem subitamente do céu e pousarem-lhes nos ombros. De outra vez, sentado na cozinha imaculada de Mary, eu próprio me surpreendí ao ver Butch, o único texugo domesticado de que até agora ouví falar, enrolado no seu regaço como um grande gato caseiro de forma estranha. Para Vic, «quem tiver paciência e carinho para domesticar animais bravios, pode aprender o que quiser na vida.»

Mas nem tudo era agradavel na vida desta família de tchecos. A população da nossa comunidade não era nem mais nem menos rude do que a de qualquer outra povoação de fazendeiros. A princípio todos aludiam com desprezo aos Vratil, chamando-lhes os «Bohunks», e isto, evidentemente, magoava-os. Durante os primeiros anos a família devia ter vivido quase sempre isolada. Os fazendeiros vizinhos riam-se quando contavam ter visto os pequenos Vratil, cheios de medo, esconderem-se atrás das árvores, e falarem em boêmio à sua aproximação. Um dos moços Vratil, embora capaz de falar inglês, era tão extraordinariamente tímido, que não conseguiu recitar lições uma só vez durante o seu primeiro ano de escola. Se não me engano, chamava-se Eddie, —o hoje sargento Eddie que combate os japoneses na Nova Guiné. E é possivel que as mulheres da vizinhança tambem tenham rido um pouco, ao contemplarem os desajeitados macacões e saias que Mary costurava para os pequenos durante as horas de repouso dos trabalhos na fazenda. Mas o rendimento de 80 hectares não era grande, e os doze rapazes e cinco moças despedaçavam anualmente perto de 70 macacões e 51 pares de sapatos.

Vic sabia que era preciso ganhar mais dinheiro, e assim o tentou. Mas no mesmo ano em que arrendara mais 150 hectares de terra, ele e a mulher assistiram impotentes, uma noite, da varanda de sua casa, à destruição de toda a seara de trigo por uma bátega de granizo. E só um empréstimo bancário os salvou do desastre nesse inverno.

Em 1927 o granizo voltou e toda a colheita se perdeu de novo, justamente quando Vic, um dos fazendeiros mais progressivos, tinha gasto 4.800 dólares em tratores e máquinas agrícolas para mecanizar sua lavoura. E, ainda de outra vez, foi o fogo que destruiu a colheita de trigo de um ano, arrecadada no celeiro. Mas Vic persistia. «Um fazendeiro nunca deve desistir,» dizia ele confiante.

Como pai, apesar de ser exigente na educação dos filhos, Vic nunca bateu nos rapazes ou nas meninas. Seu método era silencioso, e baseava-se na ação e no exemplo. A pequenada estava dividida em grupos. O primeiro grupo de três pequenos, lavava a louça e fazia as camas; o segundo trabalhava no campo; o terceiro tirava o leite das vacas; e, finalmente, o quarto cuidava das galinhas e da horta. Cada semana os grupos revezavam suas funções. E

quando as brigadas saíam de casa, pela manhã, esfusiantes de energia, o espetáculo era digno de ver!

Quando um dos moços chegava aos oito ou nove anos, Vic levava-o consigo à caça dos coelhos ou das codornas. O pequeno começava por ver o cuidado com que o pai apontava e disparava e, no regresso, assistia à meticulosidade com que limpava e untava o fuzil. Depois, quando supunha que as lições tinham sido assimiladas, Vic apontava para o grande armeiro da casa de jantar. O rapaz escolhia um fuzil... e era mais um Vratil que aprendera a caçar.

Grande parte da vizinhança estava convencida de que apenas a caça e a tocaia tinham salvo os Vratil nos invernos mais duros. E espalhou-se na região a lenda que Vic exigia dos filhos 23 coelhos por cada 25 tiros disparados. Um inverno, Harold, Eddie e Henry, caçando juntos, mataram perto de seis mil coelhos, que renderam 400 dólares.

Mas os rapazes tinham ainda outras maneiras de trazer dinheiro para casa. Uma vez, com os filhos de seu tio Carlos, organizaram um grupo de beisebol apenas com Vratils, e ganharam o campeonato disputado entre três distritos. Como é natural, a proeza rendeu-lhes algum dinheiro.

E assim, com inteligência e fé, os Vratil foram vivendo, e em 1930 Vic conseguira arredondar 300 hectares de terreno.

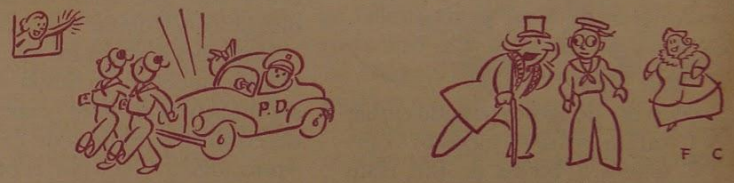
Tanto ele como a mulher procuraram educar os filhos o melhor possivel, e os professores do distrito de Pawnee ainda dizem hoje que os moços Vratil foram os seus alunos mais inteligentes e mais bem educados. Um deles, Frank, teve que suspender os estudos durante três anos, entre a instrução primária e o ginásio, para poupar algum dinheiro, mas nunca deixou de estudar e mais tarde ganhou uma bolsa de estudo para a Universidade do Estado de Kansas, e ainda assim achou tempo para capitanear os times escolares de futebol e beisebol.

Foi justamente durante este período, quando as crianças frequentavam a escola, que a família perdeu sua última aparência estrangeira. O fato tanto podia ter sido causado pelos elogios dos professores à inteligência dos pequenos, como pelo que as outras mães diziam das qualidades culinárias de Mary quando lhe competia a ela fornecer galinha com massa ou salsicha assada para o almoço quente da escola. Fosse como fosse, os Vratil passaram a vir à cidade com maior frequência—os 19 distribuidos em dois carros—e Mary chegou mesmo a ser nomeada para o conselho diretivo da escola, e começou falando nos clubes femininos da cidade, pedindo constantemente desculpa do seu mau inglês, mas fazendo sempre, por singular coincidência, a preleção mais lúcida do dia.

E parecia que os Vratil podiam vencer tudo. Tudo menos a morte. Helena, uma das filhas mais bonitas, morreu em 1935. A partir de então Vic deixou de ser o mesmo. Já ninguem o via na cidade com tanta frequência; sua saude principiou a ressentir-se, e os filhos tinham cada vez mais trabalho na fazenda. No outono de 1939 Vic peorou, e uma noite Mary foi despertada de súbito. A respiração tranquila que durante 35 anos sentira junto a si, parara para sempre.

Após Pearl Harbor os rapazes procuraram Mary um a um para lhe anunciarem que se tinham alistado como voluntários. Vic deixou ao morrer perto de 35.000 dólares em terras, máquinas e edifícios, e mais 4.000 dólares em dinheiro. Não havia, portanto, dificuldades financeiras e, para mais, alguns dos filhos ficariam para trabalhar na fazenda. Mary nem por um só instante pensou em reter os outros. Sua longa experiência na fazenda ensinara-lhe que uma missão é sempre uma missão, e deve ser cumprida. A guerra era justamente uma missão de outra espécie. E, orgulhosamente, sem uma lágrima, despediu-se de sete de seus filhos. Dois dos restantes trabalham em uma fábrica de aviões, e os outros continuam na fazenda.

Os Vratil, que começaram a vida como «estrangeiros», mal vistos e sem dinheiro, fugindo envergonhados ao convívio, pensam, provavelmente, que estão apenas pagando sua dívida à América. Mas eu creio que é a América que está em dívida: em dívida, pela lição que deram como colonos corajosos; em dívida, pelo seu belo exemplo de realização do ideal americano.



Socorro à Marinha

¶ Observando que dois marinheiros franceses se achavam em dificuldades, como que desorientados, em uma esquina, na cidade de Somerville, em Massachusetts, dois polícias ofereceram a sua ajuda. Uma professora francesa tinha convidado os dois marinheiros patrícios para jantar, e eles haviam perdido o convite, não recordando, sequer, o nome dela. Tudo o que sabiam era que a professora morava na rua Walnut. Os polícias coçaram a cabeça, porque a rua Walnut é muito longa. Finalmente, fizeram o seguinte: levaram os marinheiros até o princípio da rua, onde foram desembarcados e postos a caminhar, vagarosamente, adiante do automovel, cuja sereia ia soando sem parar. Toda a gente apareceu às janelas, para ver o que estava acontecendo, e não demorou muito até que uma senhora desconhecida saiu às carreiras de sua casa, e levou em triunfo os marinheiros para dentro.

Grace V. Guinan

¶ Um marinheiro assistiu a uma missa em Nova York. Ao sair da igreja, avistou uma senhora de meia idade, que o contemplava com interesse. Antes, entretanto, que ela chegasse a uma distância em que pudesse ouvir qualquer coisa, apareceu um cavalheiro, tambem idoso, que se aproximou do marinheiro e murmurou-lhe ao ouvido: «Ela vai convidá-lo para um jantar de domingo. Não aceite. Ela fala pelas tripas do Judas.» Realmente, a senhora fez o convite, que o marinheiro recusou (mesmo porque ele já tinha outro). Mais adiante, o idoso senhor aproximou-se novamente do marinheiro: «Essa é a minha contribuição ao esforço de guerra,» disse ele, «prevenir os soldados e marinheiros contra essa mulher.»

The New Yorker

Chegamos afinal a poder viajar de navio ou avião sem o perigo de enjoar

Já não há perigo de enjoar

(Condensado do «Toronto Star Weekly»)

Por Harland Manchester

NUM DIA de agosto passado embarcaram vários médicos canadenses a bordo de um transporte de guerra no porto de Halifax, ansiosos por que lhes sobreviesse a maior tempestade que no Altântico se pudesse desencadear.

O pessoal que estava sendo transportado naquela viagem—marinheiros e aviadores canadenses, e soldados americanos—tinha sido dividido em três grupos. A um terço deles foi ministrada uma cápsula cor de rosa; outro terço tomou uma que se parecia com a do primeiro grupo, sem ser entretanto igual; ao último terço não se ministrou nenhum medicamento.

O vapor foi alcançado por uma tempestade que nada deixou a desejar. Os soldados acorriam aos magotes à amurada, sendo devidamente anotado o número dos atingidos pelo enjôo. Ao desembarcarem em S. João da Terra Nova, achavam-se os médicos convencidos de que tinham descoberto o preventivo contra aquele mal.

O remédio já foi posto a prova por 3.500 homens em viagem marítima. Apenas cinco por cento dos que tomaram a pílula cor de rosa se viram dominados pelo enjôo, enquanto 30 por cento dos que nada tomaram foram obrigados a «deitar carga ao mar».

Daqueles a quem foi ministrada uma cápsula inócua, recheada apenas com algum açucar de leite (experiência para determinar o número de casos de enjôo «psicológico»), 13 por cento enjoaram de fato.

A quem quer que jamais tenha viajado por mar, a notícia da descoberta causará grande satisfação; e para generais que estejam planeando operações de desembarque, o novo medicamento representa um triunfo militar. Não há perturbação mais deprimente e desconcertadora que a do enjôo; o homem atacado pelas convulsões do enjôo desinteressa-se por completo do que lhe possa acontecer. E o que menos o atrai será precipitar-se para uma lancha, desembarcar num areal disparando a arma, e prosseguir no ataque à carga. Têm-se dado casos em que grupos dos famosos Comandos foram obrigados a protelar ataques, devido ao estado de enfraquecimento em que o enjôo os deixara. E a bordo de algumas das barcaças em que, sobre mar picado, se efetuou o desembarque das tropas aliadas na Sicília, as vítimas do enjôo atingiram 75 por cento dos contingentes.

Com uma segunda frente em projeto, e na qual serão empregadas forças com vastos efetivos de soldados nada afeitos ao balanço do mar, e que terão de ser transportadas por via marítima, facil é conceber que o valor da nova pílula canadense possa bem corresponder à eficiência de muitas divisões.

Há mais de dois anos que uns cincoenta médicos e cientistas canadenses, sob a direção do cirurgião militar dr. McCallum, Diretor Geral de Saude da Marinha Canadense, e dos drs. Charles H. Best, colaborador do falecido Sir Frederick Banting nas pesquisas sobre a insulina, e Wilder Penfield, afamado cirurgião especializado em moléstias do cérebro e diretor do Instituto Neurológico de Montreal, vêm conjugando esforços para resolver o problema.

Em primeiro lugar, afim de explorar as causas do mal, foi preciso proceder a experiências em milhares de indivíduos. Tentar, porem, tais experiências em pleno mar não somente seria impraticavel, mas extremamente moroso. O dr. Penfield convocou por isso um jovem colega, o dr. André Cipriani que, antes de formar-se em medicina já fizera estudos de engenharia elétrica. O dr. Cipriani construiu um aparelho que no laboratório passou a denominar-se H.M.C. S. «*Mal de Mer*». O referido aparelho, acionado por um motor, reproduz o jogo de um navio em pleno mar, assim como o famoso «balanço de parafuso».

A bordo do *Mal de Mer* vão ter agora levas regulares de soldados e marinheiros canadenses, a prestar uma das mais valiosas, se bem que mais vexatórias contribuições nos anais da ciência. Verificou-se que o balanço de popa à proa, de per si, basta para causar enjôo dentro de meia hora, nos casos de passageiros predispostos a tal perturbação—como acontece a 40 por cento de todos nós, ainda em mar relativamente brando. Em face de tais resultados, montaram-se balouços simples, controlados mecanicamente. Vendaram-se os olhos aos homens de maneira que o movimento dos companheiros lhes não produzisse impressão.

Respondendo à pergunta óbvia—se os balouços provocam náuseas nos marinheiros, porque motivo a não sentem as crianças?—alegam os médicos que as crianças pequenas possuem maior imunidade que os adultos, e só raramente se balouçam ao máximo durante uma meia hora sem interrupção, sendo que há crianças que enjoam sob a ação do movimento pendular.

Conquanto as pesquisas não tivessem revelado diferenças fisiológicas entre os indivíduos que enjoam e os que não enjoam, apurou-se, todavia, que aqueles que menos se adaptaram ao ambiente, e os indivíduos com fome e os ainda meio embriagados, foram os primeiros a cair, e que os soldados endurecidos pelo treino possuiam maior resistência do que os novos recrutas. O esforço da vista não causa enjôo; os médicos tiraram uma película cinematográfica de cima de um dos balouços, e a projeção das paredes em movimento oscilante nenhum enjôo causou aos indivíduos que lhe eram propensos.

Finalmente conseguiu-se apurar inequivocamente a causa do enjôo. Conforme se suspeitara durante anos, o ouvido interno é a causa da anomalia.

Esta complicada parte do mecanismo auditivo, não somente é o aparelho de repercussão do som, mas tambem um delicado «nivel de líquido» que nos informa quando nos achamos a prumo, e comunica ao cérebro todos os ângulos de desnivel a que sejamos projetados.

Os indivíduos surdos, cujo ouvido interno se ache completamente inutilizado, são imunes ao enjôo. Eis porque se conclue agora que o enjôo causado por balanço provem da irritação contínua dos nervos sensórios auditivos, resultante das violentas e rápidas mudanças de nivel, devidas ao movimento do navio ou aeroplano, e transmitidas ao «nivel de líquido» da cabeça humana. As experiências em rãs e cachorros confirmaram a teoria do ouvido interno.

Concluiu-se, pois, que a cura do enjôo haveria de assentar na insensibilização dos nervos ligados ao «nivel de líquido». Era preciso um sedativo selecionado, cujo efeito temporário não atingisse as restantes funções do corpo humano.

Não é concebivel a «anestesia» de toda uma força de desembarque. Todos os preparados notoriamente dedicados a debelar o enjôo foram ineficazes.

Após a experiência de mais de sessenta preparados, encontraram os médicos dois produtos que, embora de pouco valor se isolados, produziram, combinados, os maiores resultados. Adicionou-se-lhes um terceiro produto químico, e daí resultou a famosa cápsula cor de rosa. A composição química da cápsula permanece, por motivos de ordem militar, um segredo. A cápsula é tomada uma ou duas horas antes do embarque, ou durante mau tempo, e é de igual eficácia na cura de indivíduos que já estejam enjoados. O seu efeito dura por oito horas, podendo repetir-se continuamente dentro do mesmo período, sem reações prejudiciais. Não embota o espírito, nem amolece o corpo.

O novo produto evita ou alivia o enjôo resultante de toda forma de movimentação, seja a bordo de navios, aeroplanos, automoveis, trens ou qualquer outro meio de transporte sujeito a balanço violento.

O preparado foi oficialmente aprovado pela Marinha de Guerra do Canadá, e oferecido para uso nos demais departamentos militares. É duvidoso, porem, que seja acessivel ao público antes de terminada a guerra.

Amor e guerra

¶ O Corpo de Sinaleiros dos Estados Unidos e a Real Força Aérea descobriram um meio de fazer com que os pombos correios carreguem as suas mensagens de guerra mais depressa. O pombo está sempre ansioso para regressar para junto da companheira, ou vice-versa. Assim, para que os pombos voem mais rapidamente ainda, foi introduzido o eterno elemento do ciume, com o clássico triângulo amoroso. Justamente antes de partir para outros postos, os pombos-correios são levados a ver os companheiros, ou companheiras, junto a outros pombos rivais. Calcula-se que o estímulo do ciume aumenta de 25% a velocidade do vôo dos pombos, quando regressam. O recorde de velocidade registrado entre os pombos-correiros da RAF—68,7 milhas por hora—foi conseguido por uma pomba ciumenta.

Drew Pearson e Michael Eldersmith, *Britain*

¶ *Aos 73 anos de idade, Jan Christiaan Smuts mantem-se firme numa posição de singular prestígio e autoridade*

De adversário a lider do Império

Por Noel F. Busch

(Condensado da «Life»)

Jan Christiaan Smuts, primeiro-ministro da União Sul-Africana, e uma das personalidades de maior relevo no esforço de guerra das Nações Unidas, é um velho dinâmico, de setenta e três janeiros, com uma pera branca a destacar-se da face rosada. A casa em que mora, a uns quinze quilômetros de Pretória, capital do país, é um curioso edifício, de folha de Flandres, cercado de uma grama irregular, e em cujo interior abundam dentes de elefante, pequenos objetos, livros, caixas de papelão e pedaços velhos de trilho. Usada, que fora, durante a guerra dos Boers, para alojar oficiais ingleses, comprou-a ele, em segunda mão, por 1.500 dólares (30 mil cruzeiros), em 1906, e removeu-a, por partes, de uma localidade próxima.

O método aliás por que adquiriu a casa é nele caraterístico. Toda sua carreira se resume na congregação de peças esparsas em conjuntos eficientes. Sua preocupação atual, que é a de evitar a desintegração do mundo em geral, e da Comunidade de Nações Britânicas em particular, está em absoluta coerência com os princípios que o têm norteado numa já tão longa vida pública.

Ao irromper a presente guerra, não se achava Smuts no posto de primeiro-ministro. A despeito disso, e do fato de quase metade do eleitorado sul-africano querer a neutralidade em face do conflito, senão mesmo a vitória germânica, soube atuar de maneira a pôr o país, rapidamente, em armas ao lado da Inglaterra. Fê-lo com todo êxito. Quinze por cento da população branca masculina da África do Sul apresentaram-se voluntariamente ao serviço das fileiras, e a população negra, que é de 8 milhões, manifestou-se disposta, de modo surpreendente, a prestar o seu concurso. Os próprios boers, obstinados, ferrenhos, predispostos a ver nesta guerra, como terão visto na passada, uma oportunidade providencial para retomar contra os ingleses a luta pela independência, se têm revelado desta vez muito menos nocivos, no caso.

Foi num famoso discurso, em 1917, que Smuts lançou a expressão «Comunidade de Nações», que viria a converter-se em designação oficial para o Império Britânico; e ele ainda pensa que a Comunidade é o maior benefício próximo a desejar para o mundo, numa Liga de Nações que efetivamente funcione.

Visitando Londres em novembro último, o primeiro-ministro da África do Sul tomou parte numa reunião de representantes da Comunidade Britânica, e conferenciou sobre assuntos

estratégicos com o seu velho amigo Winston Churchill. Teve ocasião de proferir uma eloquente oração na qual procurou acentuar as boas intenções da Comunidade, colaborou nos trabalhos do gabinete de guerra, disse a jornalistas que pensava que a guerra terminaria em 1944, porem as batalhas mais sangrentas ainda estavam por ser travadas, e inspecionou os serviços de aviões de combate e bombardeio, tendo que passar a noite inteira a observar as operações. Longe de fatigá-lo, programas assim pesados só produzem nele o efeito de manter-lhe o bom-humor, ou despertar-lhe novos interesses.

Smuts, que é de ascendência boer, nasceu e foi criado na próspera fazenda de seu pai, em Malmesbury, um lugarejo do Cabo. Passava-lhe tão pouco pela cabeça o que a história lhe reservava, que hesitou em cursar o Colégio Vitória, em Stellenbosch. Escreveu então uma carta ao encarregado dos registos, manifestando receio de que as influências do colégio pudessem corrompê-lo.

Os fatos, porem, desmentiram de modo impressionante os seus temores; porque, assim que passou a frequentar aquele instituto de ensino, viu recair sobre si a melhor e mais perduravel influência que se haveria de fazer sentir no desenvolvimento de sua carreira: Sybella Margaretha Krige, com quem viria a casar-se, e cuja família residia precisamente defronte da casa de pensão que o acolhera. Estimulado por Sybella, venceu a timidez que o impedia de ser, no clube em que se ensaiava a oratória juvenil, o mais destacado elemento; e, quando Cecil Rhodes, então no zênite da sua trajetória de construtor do Império, se dirigiu alí aos estudantes, Smuts foi escolhido para responder-lhe, de improviso. Ao terminar, mereceu esta profecia de Rhodes: «Este moço louro vai longe.»

Efetivamente, foi. Ganhando uma bolsa de estudos na universidade de Cambridge, fez num só os dois anos de estudos do curso jurídico, e, voltando a Cape Town, iniciou-se em política sob a chefia de Rhodes, que tinha naquele momento como objetivo principal a unificação da África do Sul, então composta de Colônia do Cabo, Natal, Estado Livre de Orange, e República do Transval. O Transval era o reduto dos boers, descendentes dos antigos colonos holandeses daquelas regiões.

Algumas semanas depois de haver feito Smuts um brilhante discurso defendendo o programa de Rhodes para unificar pacificamente a África do Sul, verificou-se dramaticamente achar-se implicado Rhodes no episódio conhecido pelo nome de «Jameson Raid» (uma incursão contra Joanesburgo, chefiada por um súdito inglês, o dr. L. S. Jameson), que importava em esforço escandaloso para unificar o país mediante um mal planejado golpe-de-mão. Não vacilou Smuts em denunciar Rhodes, passando a servir nas hostes de Paulo Kruger, o velho e inflexivel presidente da República do Transval.

Quando a Guerra dos Boers fez convergir para a África do Sul a atenção do mundo, Smuts tornou-se famoso como soldado boer, e teve aí o seu primeiro contacto com o jovem Winston Churchill, então simples correspondente de guerra.

O exército boer foi dividido em «Comandos», nome que Churchill, mais tarde, e em parte para atrair as simpatias da África do Sul, tomaria de empréstimo, para as forças anfíbias de assalto na presente guerra. Posto à frente de uma unidade de «Comando», Smuts—cuja única experiência militar se cifrava no que aprendera, como soldado raso, em Stellenbosch, no Corpo de Exercício de Estudantes—alcançou êxitos sensacionais. Com o seu bando de 300 homens, mais ou menos maltrapilhos, percorreu, através do país, uns mil a dois mil quilômetros, atacando destacamentos ingleses, para o fim de tomar-lhes munições, ou cavalos bem nutridos, e colhendo recrutas. Quando a guerra terminou, o efetivo da sua força tinha subido a 3.000, e ele, Smuts, havia ganho, não só 15 quilos de peso, mas um entusiasmo novo para o comando, e—o que mais era—uma posição definitiva como herói nacional.

Formado pelo general boer Luiz Botha o primeiro governo transvaliano, foi Smuts um dos seus membros. Parecia-lhe, como a Botha, que a paz assinada havia sido justa, do que aliás discordava a maioria dos boers. Depois de feita a União, em 1910, governaram os dois a África do Sul durante os dez anos seguintes, ao fim dos quais a direção do país ficou entregue unicamente a Smuts.

Por ocasião da primeira guerra mundial, Smuts, primeiro, distinguiu-se pelo concurso que prestou a Botha na liquidação de um movimento de caráter anti-britânico, que ameaçava cindir a África do Sul. Conduziu depois, habilmente, uma ação de perseguição contra um incômodo exército com que os alemães operavam nas florestas da África Oriental. Isso despertou, sobre ele, favoravel atenção em Londres, onde o governo, que muito precisava dos serviços de estrategistas argutos, decidiu ouví-lo. Smuts foi à Inglaterra, recusou o comando do exército inglês da Palestina, tomou assento no gabinete de guerra, e ajudou a organizar o que veio a ser mais tarde a Real Força Aérea.

Reunida a Conferência da Paz, publicou Smuts um folheto no qual formulava um plano de Liga das Nações. Este folheto caiu sob as vistas de Woodrow Wilson, que procurava reduzir a escrito as suas próprias idéias, na mesma direção. Wilson adotou integralmente as sugestões de Smuts; e este, compreendendo que a Liga, proposta por Wilson, teria, é claro, muito mais prestígio, do que surgindo como produto da sua iniciativa, apressou-se em recolher-se espontaneamente à penumbra. Mas, a par da sua Liga, queria Smuts um generoso tratado, como o da Guerra dos Boers, que tão bons resultados produzira. O desfecho não foi de ordem a corresponder-lhe às intenções. Retornou ele à África do Sul com um profundo desalento.

A política interna sul-africana costuma ser turbulenta. Em 1924, o eleitorado houve por bem substituir Smuts pelo general Hertzog, anti-britânico. Quando a Inglaterra declarou a guerra, em 1939, Hertzog propôs uma moção convidando a África do Sul a defender tão somente a base naval inglesa de Simonstown, como estava obrigada a fazê-lo, nos termos de um convênio. Smuts sugeriu uma emenda: que toda a África do Sul entrasse na guerra. A emenda foi aprovada por pequena maioria. De acordo com o uso constitucional, o governador geral convidou Smuts a organizar um gabinete. Ele assim fez, e meteu o país na guerra.

Em 1914, houve que dominar pela força a oposição boer. Em 1939, Smuts evitou semelhante possibilidade anunciando que quem possuisse rifles, deveria vendê-los ao governo sob pena de pesada multa. Setenta mil espingardas

de caça, de superior qualidade, ficaram assim disponiveis para distribuição pelo minúsculo exército sul-africano.

A conscrição teria enchido as fileiras de elementos antibritânicos. Smuts então recorreu a um método seguro de excluí-los: convidou os voluntários a abrir mão do seu privilégio constitucional de servir unicamente na África do Sul, e só admitiu os que o fizeram. Como os elementos favoraveis à Inglaterra são tão zelosos da sua atitude quanto os que adotam ponto de vista contrário, não tardou a verificar-se um enorme alistamento.

Smuts dividiu o seu tempo entre reger a África do Sul, viajar à Inglaterra para entender-se com os chefes do governo britânico, e cultivar, nas horas de lazer, que não são muitas, a biologia e a botânica, pelas quais tem especial predileção. Há alguns meses, o seu secretário foi encontrá-lo agachado, a um canto do gabinete, observando um grilo. É que percebera neste um estranho timbre que o fazia suspeitar de que pertencia porventura a uma espécie não comum, e despachou-o para indentificação no departamento de Agricultura.

Como botânico, especializa-se em capins. Na árida terra sul-africana, onde o gado se cria sem cercas, a erva boa é comida antes que produza sementes, e assim se vê expelida pela má. Smuts encontrou uma variedade — conhecida hoje pelo nome de *Digitaria Smutsii*— que resiste bem à mordedura, e se espalha profusamente nas proximidades dos leitos de rios. Tem ele num terreno atrás da sua própria residência 50 diferentes tipos de capim, e espera conseguir uma nova espécie que medre sob o sol quente e através dos períodos de seca, tão frequentes naquelas latitudes.

Comparada com as casas da maior parte das figuras de notoriedade mundial, o «Doorkloof» de Smuts é despretensioso, mas cercam-no uns 24 mil metros quadrados de boa terra, e meio milhão de árvores, plantadas por ele próprio para extrair madeira e ornar a paisagem. Quem governa a casa é a senhora Smuts; e seis filhos e doze netos adejam em torno, à semelhança de moscas à volta de um pote de mel. Aos domingos à tarde, há um chá, em que tomam parte a família, realezas refugiadas, diplomatas, políticos, e celebridades itinerantes. O chá é servido pela dona da casa, a uma mesa coberta de oleado, num vestíbulo cercado de tela, e próximo à cozinha.

Como em geral os boers, é Smuts muito seguro de si mesmo para que precise de nutrir pequenas pretensões. Conselheiro íntimo de Churchill, o primeiro-ministro da África do Sul pode ter um grande papel na elaboração da paz. Se assim for, não se estranhe que esta seja uma paz justa e saudavel.

¶ Certo pastor protestante lamentava o transvio de uma ovelha que, antes, frequentara assiduamente os serviços da igreja. Dirigiu-se um dia a casa do paroquiano, e foi encontrá-lo sentado diante de um bom lume em frente da chaminé. Sem dizer palavra, o ministro pegou das tenazes, ergueu do lume um carvão esbraseado, e pô-lo de parte sobre os tijolos da lareira. Depois, em silêncio, os dois homens viram-no perder o brilho, arrefecer e extinguir-se pouco a pouco... No fim, a ovelha tresmalhada murmurou: «Não precisa dizer nada, reverendo; eu lá estarei no próximo domingo!»

—Christian Register

Deixemos de palavras imprecisas

(Condensado de «Ladies' Home Journal»)

Por Dorothy Thompson

Prestaríamos inestimavel concurso ao esclarecimento dos nossos debates, se nos libertássemos, em tempo, de certas palavras odiosas, e de sentido ambíguo. Que entendem uns, por exemplo, por «conservador» ou «reacionário»?

Um reacionário é definido pelo dicionário Webster como aquele que procura desfazer o progresso político.

Alguns dos nossos «liberais» pensam evidentemente que sim, pois insistem em ver progresso no estado-polícia, uma vez que a sua existência se funde praticamente no declarado propósito de favorecer o socialismo. Pôr um homem na cadeia, sem as formalidades devidas, ou executá-lo sem processo; prescrever estritamente o que as universidades podem ou não podem ensinar, ou permitir aos seus alunos que leiam; confinar as atividades políticas dos cidadãos dentro de um só partido autoritário, e cercá-los de espiões—tudo isso é justificado como necessário para a libertação da humanidade. Proibe-se que a tais medidas se dê a qualificação de «reacionárias».

Não é menor a minha ignorância quanto à significação que se atribue à palavra «conservador». Segundo o dicionário, é quem «adere à ordem de coisas existente». Não será que toda a gente admite, em grande parte, a ordem existente de coisas? Não conheço radical americano, ainda dos mais vermelhos, que não queira preservar a ordem de coisas existente, quando ela importa em ter roupas melhores e mais baratas, e mais baratos e mais abundantes os prazeres que amenizam à vida sobre a terra. Sei de pessoas que desejariam mudar a atual ordem econômica, de que divergem por absoluto, porem confiam na educação clássica, e não menos na instrução religiosa.

Não tiraremos resultado algum de anatematizar pontos de vista, pondo-lhes nomes que julgamos feios. De mim confesso que, a julgar pela definição dos dicionários, sou uma perfeita reacionária, no tocante a alguns assuntos. Gostaria, por exemplo, de reformar boa parte da nossa educação, numa espécie de marcha à ré, vendo prestar-se mais atenção, nas escolas, à gramática, à linguagem, à matemática, e ao comportamento. Gostaria tambem de ir para trás no que se refere ao conceito do governo por meio de leis, que não de decretos de agências ou departamentos administrativos; mas gostaria de caminhar para a frente—isto é, para alem das práticas vigentes—encontrando melhor definidos, na legislação respectiva, os usos como os direitos da propriedade.

Sou conservadora em patriotismo, acreditando que o primeiro dever de cada um de nós é o que nos liga ao nosso próprio país. Mas desejo se ponham limites aos direitos das nações.

Sou, tambem, conservadora, no que entende com o papel que toca aos Estados Unidos no mundo de amanhã. Não reclamo, por exemplo, para o Oceano Pacífico, o título de «lago americano». Não penso realmente que o Pacífico seja mais americano do que chinês, russo, inglês, holandês, ou malaio. Não

cesso de pôr em relevo que somos apenas, os norte-americanos, 135 milhões, num mundo no qual se espalham mais de 2 bilhões de povos outros, todos os quais podem fabricar tanques e canhões, e se reunir em coligações, e cuja tendência histórica tem sido manter-se coesos toda vez que qualquer nação dá mostras de exageradas ambições.

Penso, em resumo, que necessitamos de menos *slogans* e ideologias, e de mais senso comum, com uma linguagem devidamente precisa, para exprimí-lo em seu sentido íntimo. Se vamos a viver num mundo mais ou menos razoavel, precisamos de progressistas, conservadores e reacionários, a funcionar, todos eles, sem se chocarem, dentro de dados limites. Um ser humano em seu todo—e o mesmo se deve dar com uma sociedade equilibrada—tem uma mão direita e outra esquerda, um coração e um cérebro, emoções e inteligência, experiência e visão.

A erosão da alma

¶ Cada ser humano nasce dotado de uma reserva de poder de atenção, tanto mais preciosa quanto é limitada. Ora a vida corre hoje de tal forma, que—de não ser o indivíduo singularmente obstinado e arteiro—esse poder mental se pode facilmente dissipar ou convencionalizar sob a pressão de inúmeras exigências concorrentes. A mente humana é continuamente assaltada e distraida dos seus interesses próprios, pelos jornais, as luzes elétricas, o telefone, o rádio, o cinema, o avião e o automovel, a igreja, a escola e o Estado, numa palavra—por mil atrações, interrupções e advertências.

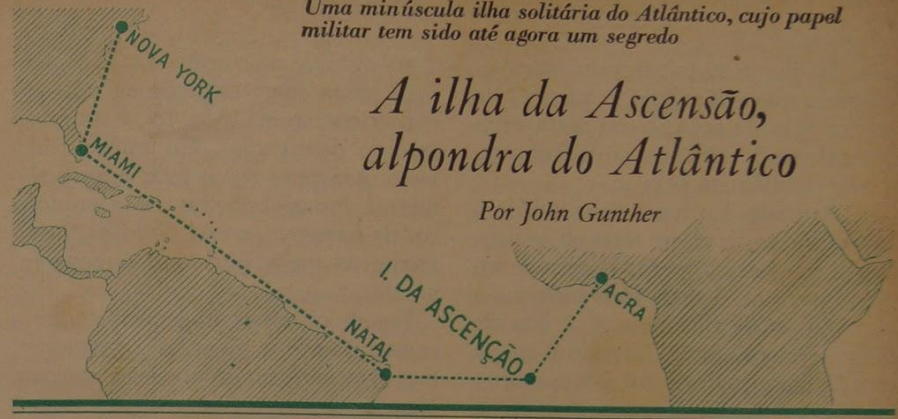
Ouve-se agora falar muito do problema agrário da erosão dos solos: colinas despojadas da camada de terra fertil pela ação das águas e dos ventos, ou grandes pradarias que as tempestades de pó deixam reduzidas ao esqueleto geológico. Mas o problema de «erosão mental» não é nada menos sério! As tempestades de pó da excitação cotidiana e das trivialidades repetidas, podem muito facilmente arrebatar consigo esses ferteis estratos do espírito humano, onde reside a sensibilidade.

—Christopher Morley, *Streamlines*

Não é saber, é aptidão

¶ O que importa verdadeiramente não é o que um homem sabe, mas sim a medida em que o seu processo mental é capaz de se aproximar de uma linha reta; a medida em que ele pode assimilar o pensamento a um músculo rijo e ativo; a medida em que ele é capaz de apanhar a laço uma verdade ou um método. Homem algum devia ser julgado na base daquilo que não sabe; ele só deveria ser julgado pela rapidez e a sensibilidade com que assume e desempenha novos deveres...

—Struthers Burt, *Diary of a Dude Wrangler*



Uma minúscula ilha solitária do Atlântico, cujo papel militar tem sido até agora um segredo

A ilha da Ascensão, alpondra do Atlântico

Por John Gunther

«Um corvo que tentasse pousar aquí, quebraria uma perna." Eis o que consta de um antigo relatório militar sobre a ilha da Ascensão.

Para mim, o aeroporto que escavamos na rocha vulcânica desta ilha desconhecida, um pequeno ponto nascido da lava e perdido na imensidão do Atlântico Sul, é, sem dúvida, uma das demonstrações mais notaveis do espírito empreendedor, da decisão, do engenho e da tenacidade americana. Os aviões que diariamente levantam vôo da ilha, ajudam-nos a ganhar a guerra, e ela é hoje um elemento essencial no sistema de rotas aéreas que ligam Nova York e Miami à África, ao Próximo Oriente, à Rússia, à India e à China.

A censura tinha proibido sistematicamente, até agora, a menor referência a este estranho monte de cinzas. Raramente se lhe fazia alusão, a não ser usando um curioso nome em cifra, que, nem mesmo ele, podia ser publicado. A utilização da ilha da Ascensão e o assombroso trabalho alí feito pelos nossos engenheiros e aviadores, têm sido um dos segredos mais bem guardados desta guerra.

Posso agora, pela primeira vez, erguer uma ponta do véu em que se envolve a ilha.

Foi em setembro que tive a sorte de pousar na ilha da Ascensão, por ocasião do meu regresso da Europa e da África. Não o esquecerei com facilidade. A ilha mede sete milhas de comprimento por cinco de largura, e está situada aproximadamente a meia distância entre a parte mais avançada da costa brasileira e o Golfo da Guiné, ou, para ser mais preciso, a 1.362 milhas de Acra, na Costa do Ouro, e a 1.448 de Natal.

Os vôos sem escala sobre o Atlântico, entre a África e o Brasil, são perfeitamente praticaveis, e têm sido efetuados milhares de vezes. Mas a possibilidade da alternativa triangular, via ilha da Ascensão, dá aos nossos aviões de bombardeio e transporte uma margem cômoda de gasolina, carga comercial e, principalmente, segurança.

A ilha da Ascensão desempenha no Atlântico Sul um papel quase idêntico ao dos Açores na zona central. É um ponto de escala, uma estação conveniente, maravilhosamente situada no meio de um salto transatlântico, longo e perigoso. É um presente de Deus aos aviadores do oceano, um local onde podem pousar. Mas, alem disto, a utiliza-

ção da ilha têm outro valor imenso. Significa que aviões mais pequenos e de menor raio de ação, como certa categoria de aviões de caça, já podem atravessar o Atlântico pelo ar.

A Ascensão é o lugar mais isolado e triste que jamais vi, em terra ou no mar. Antes da guerra, apenas lá tocava um navio por ano. A terra mais próxima, a 800 milhas de distância, é a ilha de Santa Helena, onde Napoleão esteve detido pelos ingleses até à sua morte, em 1821. A não ser isto, nada mais existe do que a imensa vastidão das águas. Os próprios ingleses, ao procurarem um exílio para Napoleão, pensaram primeiro na ilha da Ascensão, mas acabaram por abandonar a idéia: a ilha era *demasiado* desolada.

Foi descoberta em 1501 por um navegador português, no dia da Ascensão, porem conservou-se deshabitada durante mais 300 anos. Os ingleses instalaram lá, mais tarde, uma estação do cabo submarino, e hoje há cerca de 75 súditos britânicos, incluindo sete ou oito mulheres, que vivem neste rochedo varrido pelas vagas e queimado pelo sol. Não há população indígena; a ilha é um dos raros pontos do globo que nunca a teve.

Mas olhemos para a Ascensão de hoje. Toda ela fervilha de atividade. Sua guarnição compreende alguns milhares de soldados americanos. Eles construiram hangares, usinas, quartéis, hospitais, *stands* de tiro, refeitórios, paióis e uma pousada para os passageiros transatlânticos que tenham de passar alí a noite; em suma, tudo quanto é preciso para o funcionamento perfeito de um grande aeroporto. Quanto a divertimentos, possue quatro cinemas ao ar livre e quatro campos de beisebol.

Mas o orgulho da ilha é, sem dúvida, a sua pista de aterragem. Os engenheiros ingleses afirmaram que ela não podia ser construida. Mas foi, e no prazo recorde de 91 dias. Eu nunca tinha visto uma pista como esta. Seus 2.200 metros foram talhados na montanha cor de ferrugem, e está dividida, justamente ao meio, por uma corcova íngreme.

Foram os nossos engenheiros que a construiram e a puseram a funcionar, mas não conseguiram nivelar a corcova. Nem a dinamite nem o TNT foram capazes de destruir suas últimas camadas de rocha vulcânica, avermelhada.

Eram quase 11 e 45 da manhã quando saltamos do nosso C-54, o Douglas de quatro motores que o ATC costuma utilizar nos vôos transatlânticos. Tínhamos gasto exatamente 6 horas e 20 minutos para percorrer as 1.362 milhas desde Acra. A viagem fora uma das melhores e mais suaves que eu tinha feito, mas o piloto, Capitão G. C. Gibbs, achava que havia qualquer coisa irregular em um dos motores. Deste modo, em lugar da habitual parada de meia hora na Ascensão, teríamos de aguardar até o meio da tarde, e ficaríamos com tempo livre para percorrer a ilha, enquanto os mecânicos se pendurassem em volta dos motores.

«A partida é às 3 e meia em ponto,» disse o capitão Gibbs. «Se não levantarmos vôo a essa hora, teremos de ficar aquí durante a noite.» Ele não queria partir com o risco de um regresso provavel à ilha durante a noite; a pista pertencia ao número das que é preciso ver muito bem, antes de aterrar.

Já tem sucedido várias vezes aos pilotos ultrapassarem a ilha sem a verem. O trabalho que têm depois para a procurar é quase idêntico ao de encontrar uma agulha num palheiro. Por essa razão há sempre na Ascensão dois ou três aviões rápidos, prontos para guiar os grandes transportes quando o tempo esteja mau, ou procurar os aviões que não consigam encontrar a ilha.

Visitamos Georgetown, sede da colônia britânica, onde há um «Clube do Exílio», uma prisão (que não tem clientes desde 1925), e um edifício estucado, no qual um letreiro, *Government of St. Helena*, indica que a ilha depende politicamente de sua vizinha mais importante. Serpeamos ao longo dos vales de lava, pulamos de rocha em rocha nos raros campos de capim ferrugento, e contemplamos a chamada Colina Verde, que nem por isso é muito verde. Vimos, depois, as praias cheias de espuma, onde é tão perigoso nadar como em qualquer outro ponto do globo, e a pousada, já concluida e destinada a conter diariamente várias centenas de passageiros dos aviões. Está agradavelmente situada sobre uma escarpa em frente do mar, e o comandante da base, Coronel J. C. Mullinex, que nos servia de guia, disse-nos, referindo-se a ela: «Pelo menos fornecemos uma bonita vista.»

Os habitantes mais notaveis da Ascensão são as andorinhas do mar, do tamanho de patos, e que enchem a ilha aos milhares, ruidosamente instaladas nas rochas. Quando há nuvens baixas e elas cobrem a pista de aterragem, chegam a constituir um perigo para a aviação. Recentemente, uma delas atirou-se contra uma janela de um B-17, entrou pelo avião a dentro, e foi destruir o aparelho de rádio. Sua carne não presta, mas seus ovos se podem comer.

Nosso almoço foi especial. A refeição dos oficiais na Ascensão é como a de um restaurante econômico. Tivemos uma sopa forte, salsichas assadas, quatro legumes diferentes, uma excelente salada com molho de queijo, limonada, um doce, fruta cozida, e café. Tudo quanto se consome na ilha, exceto os ovos, vem de fora. Atualmente há um navio por mês que fornece à Ascensão, não só alimentos, mas tambem roupas, gasolina, equipamento e munições. A ilha não tem água potavel; são os químicos que purificam a água do mar, e a tornam apta a ser bebida.

Junto à extremidade da pista de aterragem, e não muito longe da extensa praia curvilínea, deparei com um objeto que me assombrou: uma árvore, a única de toda a ilha. Estava quase dobrada pelo vento, e sua folhagem era escassa. «Aquilo,» disse o Coronel Mullinex, «é o que chamamos a Alameda dos Coqueiros.» Ao pé dela o mesmo cuidadoso oficial tinha mandado colocar um banco com o dístico: «Banco dos Noivos.»

A guarnição da Ascensão é oficialmente considerada como um «grupo de missão». Os oficiais e soldados usam constantemente capacetes de aço, e estão previstas todas as eventualidades, mesmo um desembarque por submarinos do Eixo. Ao perguntar ingenuamente ao coronel se a praia estava defendida, ele respondeu-me: «Embora os não veja, você está justamente entre dois ninhos de metralhadoras.»

Continuando nosso passeio, dirigimo-nos a um dos hospitais, onde conversei com um grupo de enfermeiros. Ao visitar um dia a ilha, o General Marshall perguntou ao comandante da guarnição se não desejaria ter algumas mulheres do Serviço Auxiliar Feminino do Exército em vez dos enfermeiros masculinos. A resposta não se fez demorar: «Não, a não ser que me mande duas mil.»

O moral é excelente na ilha, apesar de se tratar do posto mais desolado e

inacessivel em que servem tropas americanas. Tomaram-se todas as medidas, desde as mais insignificantes, para manter os soldados alegres e bem dispostos. Assim, por exemplo, as mesas dos postos de comando mais afastados são cobertas de oleado escarlate para dar uma nota alegre. A disciplina tambem não é dificil, pois parece que a maior parte dos homens foi contagiada pelo zelo do coronel Mullinex, seu comandante. Ele disse-me em certa altura: «Este comando é o melhor que um oficial pode ter. Não o trocaria por nenhum outro.»

Ao chegarem as três e um quarto, subimos para o nosso C-54, afivelamos os cintos de segurança, e dispusemo-nos a ouvir o roncar estrepitoso dos motores. Ao anoitecer, jantávamos no Brasil. Tínhamos feito a travessia do Atlântico com toda a segurança e conforto, entre a madrugada e a noite, devido em grande parte à ilha da Ascensão.

E lembrei-me do que me disse em Acra um oficial chinês: «Gostaria de saber se Deus pensou no grande auxílio que ia dar aos aliados, quando deixou cair a ilha naquele ponto.»

Instantâneos de Manhattan

¶ Não há nada mais desagradavel do que, depois de uma corrida louca para apanhar o trem das 5.20, na estação da Pensilvânia, em Nova York, ouvir o condutor dizer, ao ver o nosso bilhete, que tomamos um trem errado. Tal foi o que aconteceu, recentemente, a um amigo nosso. Mas, dessa vez, o epílogo foi engraçado. O condutor, tomando o bilhete do seguinte passageiro, disse-lhe: «O senhor *tambem* tomou o trem errado.» E acrescentou, jovialmente: «Ou, quem sabe se fui eu que me enganei de trem!» A sua jovialidade desapareceu bem depressa, quando verificou pouco depois, que tal era justamente o caso...

—*The New Yorker*

¶ Quando o suprimento de carne, em Nova York, estava em seu mais baixo nivel, uma senhora que morava em um apartamento conseguiu encontrar um rosbife para o seu jantar de domingo. O cheiro do rosbife, ao ser cozinhado, emanando pelos arredores, atraiu um vizinho, que apareceu logo em uma janela em frente. Por um minuto, aspirou famintamente aquele olor apetitoso, e finalmente exclamou com desespero: «Quem quer que esteja cozinhando esse rosbife, pelo amor de Deus feche a janela!»

—*The New Yorker*

¶ Segundo se apurou, houve recentemente em Nova York dezoito casos de cães que comeram as licenças que traziam na coleira. A explicação é simples: antigamente essas licenças eram feitas de borracha, ao passo que agora são feitas de extrato de feijão de soja—coisa que os cães não tardaram em descobrir.

—*The New Yorker*

Galinha todos os domingos

Mamãe, os hóspedes, e nós

(CONDENSAÇÃO DO LIVRO «CHICKEN EVERY SUNDAY»)

ROSEMARY TAYLOR

«Rosemary Taylor descreve-nos com tanta jovialidade e carinho o que era a vida na pensão de sua mãe,—dizia o suplemento literário do *New York Times*—que «Mamãe» ficará lembrada entre os parentes mais notaveis da literatura do nosso tempo.» Mas é de justiça dizer que «Papai», esse sujeito que anda sempre atrás de «negócios da China», e considera as empresas e apreensões da esposa como brincadeira de meninos, quase chega por vezes a dominar todo o cenário da ação. Esta crônica divertida e cordial da vida cotidiana numa pensão do Arizona, onde os clientes eram tratados como pessoas da família e formavam uma espécie de *claque* para os acepipes de Mamãe e as anedotas de Papai, é um livro de que os leitores guardarão viva lembrança.

Copyright 1943, *McGraw-Hill Book Co. Ed., Whittlesey House, Nova York.* Preço $2.75

MUITO TEMPO antes de ter filhos, já mamãe tinha hóspedes. Para ser mais preciso, metera os primeiros em casa, de contrabando, pouco depois do casamento, certo dia em que apanhou papai distraido.

Papai e mamãe se casaram por volta de 1897, e começaram por viver em Phoenix, no Arizona, numa casinhola de tijolo da Segunda Avenida, que haviam construido com as suas parcas economias. Aquilo não era casa, era um cochicholo! Mas que podem economizar uma senhora-mestra, e um escriturário de armazem por grosso, respectivamente com 75 e 100 dólares de ordenado por mês? De todo modo, a casinha tinha a sua saleta, sala de jantar, quarto de dormir, cozinha, e dois terços de uma «sala» de banho—isto é, o espaço estritamente indispensavel a uma banheira e um lavatório. A outra terça parte da higiene e da canalização estava numa barraquinha de madeira ao fundo do quintal...

Tiveram que contentar-se com pouca mobília: sala de jantar em carvalho amarelo, cama e escrevaninha, fogão a querosene, e uma mesa na cozinha; na sala de visitas,—nada. Conservavam descidos os estores das respectivas janelas, e recebiam os visitantes na de jantar.

Calhou um dia, por acaso, papai falar de um caixeiro viajante que aparecera pelo armazem, um tal Stephen Kane. —Parece-me bem bom rapaz, observou. —Vai ficar a morar por aquí, e a trabalhar fora da cidade.

—Onde é que ele está hospedado agora? perguntou mamãe.

—No hotel. Mas é casado e quer ver se acha um quarto numa casa de família.

Essa noite, quando papai chegou em casa, já lá estava o Stephen Kane repimpado no varandim, em mangas de camisa como em sua casa, enquanto a senhora Kane andava numa dobadoura pela cozinha, em preparativos para a ceia. Papai quis dizer qualquer coisa, mas as palavras se lhe embrulharam nas goelas, e a senhora Kane, toda sorrisos de felicidade, se apressou em declarar-lhe que ela e seu marido estavam muito gratos por ele «ter falado à senhora no caso deles»... Tão depressa, porem, papai agarrou a esposa a sós na sala de jantar, sua raiva explodiu:

—Que idéia esta, meter hóspedes em casa! Toda a gente há-de dizer que eu não tenho com que sustentar minha mulher!

—E a você que é que lhe importa o que eles falem? interveio mamãe, pondo água na fervura. —Vamos ter mais 20 dólares por mês, não vamos?

—Mas como foi que você se arranjou? Esse quarto nem tinha moveis...

—Oh, eu lhes dei nosso quarto! explicou mamãe sem perder a linha.

—*Nosso* quarto?!

—Não se amole. Já arranjei uns cacarecos pra nós.

—Acabou-se a nossa comodidade! fez papai, lamentoso. —Estranhos pela casa toda, a aborrecer-nos...

—Deixe, eles não vão se intrometer conosco. Vão ficar trancados no quarto, e comer na cozinha. Você verá que nem a vista lhes põe em cima.

Nesse momento a mulher do Kane entrou, e perguntou a mamãe se esta tinha uma colherinha de mostarda que lhe emprestasse.

—Mas com certeza, respondeu mamãe. —Vá na cozinha e sirva-se à vontade.

—Muito obrigada, disse a hóspede com um sorriso, e saindo. E logo voltou a meter a cabeça pela aberta da porta: —Com franqueza, acho demais que seu marido tenha de dormir no chão por nossa causa. Podíamos bem ter ficado mais uma noite no hotel...

—Oh, isso para ele não é nada! fez mamãe sem se atrever a olhar para a cara que o esposo estava fazendo. Sem dizer palavra, ele levantou-se, encaminhou-se para a sala e abriu a porta: vazia de moveis, só tinha um colchão que mamãe pusera no assoalho, já com lençóis e cobertas, e três engradados de laranja, uns em cima dos outros, para servir de cômoda...

Papai olhava tudo aquilo, mudo de raiva, e mamãe palrava que no dia seguinte, logo pela manhã, iria à baixa comprar uma armação de cama, e uma escrevaninha. «Em suma,—prosseguiu ela, enquanto o marido, ainda sem poder articular palavra, voltava para a cozinha e se sentava à mesa —era uma feia ação, ficarmos com um quarto de que não precisamos, quando os Kanes estavam necessitados. E mais feio ainda era deixar de ganhar esse dinheirinho, que não nos fará mal nenhum, sobretudo quando nem sequer vamos ver os hóspedes.»

Aquí, surgiu outra vez a sra. Kane entre portas, com uma travessa na mão:

—Então não querem nem provar as nossas bolinhas de carne? Estão de comer e chorar por mais, e eu fiz tantas...

Pôs umas quantas no prato de mamãe, e, sem reparar no brusco movimento de protesto de papai, serviu-o tambem.

—Obrigado, disse mamãe. —E agora, quer aceitar um pouquinho de nossa salada?

A senhora Kane ficou entre portas, provando a salada:

—Hum, que boa que está! A senhora vai ter que me dar a receita deste molho. Mas agora deixe-me ir lavar a louça, antes que os senhores precisem da cozinha...

Aí papai explodiu:

—Isto é o negócio mais cacete, mais estúpido, que eu já vi em toda a minha vida! Duas mulheres a cozinhar e a comer em mesas separadas, e a trocarem comidas pra cá e pra lá!... Raios! Se a gente tem que os aturar aquí na nossa casa, o melhor seria então que eles comessem à mesa conosco!

—Tambem acho, concordou mamãe.

De modo que, no dia seguinte, mamãe fez um novo contrato com os hóspedes, pelo qual lhes passaria a cobrar 30 dólares por cabeça, quarto e pensão. E daí a poucos dias papai tinha deixado de resmungar, porque mamãe arrumou a sala da maneira mais confortavel que se podia, e o casal Kane era francamente

boa gente. Outra coisa que ajudou a convencer e a serenar papai, foi aquele dinheirinho, que vinha mesmo a propósito para endireitar o orçamento...

Foi, com efeito, graças a isso—e em parte tambem porque o Stephen Kane estava sempre a ver se o convencia de que o trabalho de escritório, para ele, era um desperdício de excelentes qualidades,—que papai um belo dia se despediu do emprego no armazem de mercearias, e se encarregou da representação do café «Arbuckle» nos estados de Arizona e Novo México.

«Eu não teria feito isto,—dizia papai a mamãe, que protestava num estado de pânico—mas você arranjou essa verba dos hóspedes, e eu tenho certeza que de fome não havemos de morrer. Chegou a hora de andar pra frente...»

Logo desde o começo papai fez bom negócio com aquele café, mas a receita é que não era certa. Meses havia em que as suas comissões subiam muito; outras, porem, baixavam como ribeiro na estiagem. Isto consumia a esposa, que, no seu dizer, sempre gostava de saber «a quantas andava».

Mamãe nascera imediatamente depois da Guerra Civil, e fora criada numa fazenda do Sul, que a guerra deixara em ruinas; tinha o pavor de viver sem «alguma coisa ao canto da gaveta». Sempre que via ao seu alcance uma oportunidade de fazer um pouco de dinheiro, deitava logo mão dela.

Certa vez que papai saira para uma viagem de negócio mais demorada, mamãe ouviu falar de outro casal, os Sawyers, que andava procurando quarto. Eram naturais do Míchigan; a sra. Sawyer tinha tido a infelicidade de perder um filho pequenino, e o desgosto deixara-a tão deprimida, que o marido a havia trazido para Phoenix, a ver se o bom sol e o clima quente a ajudavam a conformar-se.

Mamãe cedeu aos Sawyers o seu quarto de casal, e passou a dormir na sala de jantar, numa cama de armar que arrendou por um dolar à semana. Ora, como para entrar na salinha de banho era preciso atravessar um dos quartos, isso queria dizer que mamãe passaria a ter de utilizar o lavatório da cozinha. Mas, conforme ela disse à Rose Kane, «não sabia de que outra melhor maneira se podiam ganhar 2 dólares ao dia»; entretanto, foi avisando os Sawyers de que aquilo duraria só até que papai regressasse da viagem.

Quando papai chegou em casa, ao ver aquilo, gritou, barafustou e desembestou com tanta violência, que mamãe teve de o arrastar até a cozinha para que os Sawyers não pudessem ouví-lo.

—Você devia ter vergonha de ser assim, ralhou ela. —Aquela pobre mulher perdeu o filhinho, e você a gritar por aquí desta maneira!

—Tenho muita pena dela ter perdido o filho, berrou papai, —mas isso não é razão para que eu passe a usar a pia da louça, e a dormir num cangalho duma cama que me obriga a ficar toda a noite com os pés ao léu!...

—Quem é que lhe disse que você vai dormir com os pés de fora?...

—Você não vê que o diacho da cama é curta demais! Isso é uma cama pra bebê!...

Dizendo-o, papai encaminhou-se para a sala de jantar e atirou-se para cima da cama de armar. Mamãe viu logo que o objeto tinha bem 30 centímetros a menos do que a estatura do marido exigia.

—Eu arranjo isso, prometeu ela. —Vou botar um engradado de laranjas

na cabeceira, com uma almofada em cima. Você vai ver como fica confortavel. E depois, filho, é só por três dias. A semana deles vai acabar já no domingo que vem.

Mas chegou o domingo, e os Sawyers nada de quererem levantar acampamento. O homem suplicou a mamãe que os deixasse ficar só mais uma semana: «Minha mulher está-se sentindo tão melhor! Diz ela que não pode sair daquí, mas é que *não pode* mesmo!...»

Ao cabo da semana seguinte a cena repetiu-se.

«Bem, — resmungou papai — como passo a maior parte do tempo fora de casa, ao menos, enquanto por lá ando, posso dormir e tomar banho à minha vontade!»

Mas papai não era homem que pudesse ficar zangado muito tempo. A pobre sra. Sawyer era tão patética na sua dor de mãe, tão magrinha, uma sombra!... E meu pai aliou-se aos mais nos seus esforços para conseguir que ela comesse melhor, e que se distraisse. E a verdade é que todo aquele dinheirinho, por modesto que fosse, a entrar em casa, não podia deixá-lo indiferente. Tinha agora na caixa econômica um pequeno pé-de-meia, de que mamãe falava com um nó de orgulho na garganta.

Pelo seu lado, papai tambem não queria deixar passar nenhuma oportunidade de ganhar dinheiro. Mas, nisso muito diferente da esposa, só sonhava com a «sorte grande». Não podia perder tempo, dizia muito concho, com negócios «de pinguinhos»...

Foi numa ocasião em que papai andava lá por Tucson, no Arizona, que minha mãe experimentou uma estranha, indefinivel sensação. Ela era muito dada a pressentimentos de um gênero e de outro, e a verdade é que sempre lhe saíam certos. Desta vez a coisa se tornou tão persistente, que mamãe pôs o chapéu na cabeça, e, tirando-se dos seus cuidados, foi ao banco, a informar-se exatamente do saldo de sua conta. Era qualquer coisa como 9 dólares, nem a tanto chegava!...

Sim senhora, informava o caixa, o marido tinha levantado os fundos, ainda não fazia muito tempo. Quase fora de si, mamãe correu a uma cabina telefônica, a praticar uma inaudita perdulariedade: chamar o marido na longa distância!

Papai falou, conciliatório mas vago. Sim, sim, tinha levantado uns dinheiros, como não. Estaria de regresso dentro de uma semana, e então lhe diria tudo, tim-tim por tim-tim...

No dia seguinte mamãe recebeu, num envelope endereçado pela mão dele, um prospecto em que se anunciava o leilão de uns lotes de terreno—com banda de música e distribuição gratuita de limonada! E foi tudo.

Chegou papai em casa uma noite, depois do jantar, com o ar pimpão do gato que comeu o canário da sala, e vem depois com pés de lã, muito meigo e muito docil, mostrar-se à família. Os Kanes e os Sawyers, cheirando a trovoada doméstica que se aproximava, sumiram-se nos respectivos aposentos. Depois de ouvir um áspero sermão sobre aquela sem-vergonhice de levantar o «nosso» dinheiro da caixa sem haver consultado a esposa, papai anunciou com toda a calma que tinha comprado um lote de terreno em volta da universidade de Tucson: cerca de 40 hectares, para ser mais exato. E muito barato, uma pechincha: uns 8 dólares por hectare.

—Oito dólares o hectare! bradou mamãe engasgada, porque isso queria dizer, feitas as contas, que ele gastara o

pé-de-meia inteirinho. —E que é que você pensa fazer com essa terra toda?

—Então você não leu o prospecto que eu lhe mandei?!

—Pois está claro que li, mas não percebo o que é que aquilo quer dizer!

—Quer dizer o que lá está, sem tirar nem pôr. Dividí o terreno em lotes. Arrendei uma grande barraca de circo e uma charanga. Contratei um leiloeiro e uma porção de carruagens. Levei o pessoal até lá, e pus em praça os lotes todos. Até limonada lhes dei de graça...

—Que idéia mais tola! Gastar todo o nosso rico dinheirinho numa loucura dessas! comentou mamãe. E logo, numa transição de pensamento: —E você conseguiu vender alguma coisa?...

—Vendí uns lotes, fez papai, assentindo sem grande entusiasmo. Em seguida levantou-se, puxou para baixo todos os transparentes das janelas, com a lentidão e os cuidados de quem prepara o ambiente para algum golpe dramático, e repetiu:

—E', vendí alguns lotes...

E então, sob o olhar exorbitado de mamãe, ele começou a despejar os bolsos, que foram vomitando sucessivos maços de notas, até que a mesa ficou literalmente forrada de dinheiro! E no fim ainda saiu um saco de lona recheado de moedas de ouro e prata...

—Você quer contar? perguntou ele, fleumático. —Acho que anda por 1.827 dólares. Bem, e que diz agora?

Mamãe estava tão excitada, que nem falar podia. Por fim conseguiu articular quase gaguejando:

—Você é um maridinho como não tem outro!...

POUCOS DIAS depois, *seu* Sawyer veio ter com mamãe, a face toda aberta num sorriso, e declarou que ele e a mulher partiam no dia seguinte para o Míchigan. A esposa mostrava-se tambem radiante, e depois do jantar levou minha mãe para o quarto, onde tiveram uma longa conversa.

—Que diabo de bicho lhes mordeu? perguntava papai a mamãe, quando chegou a hora de se meterem na cama. —Até ontem, aquí d'el-rei que não se podiam ir embora, tinham que ficar aquí; e agora, de repente, deu-lhes a veneta para nos deixarem? A mim cheira-me isto a mistério!

—Não, não tem mistério nenhum, disse mamãe. —O que tem é que a senhora está pra ter um menino. Ela me disse que demoraria aquí até que ficasse grávida, e que, se fosse embora antes disso, sabia que o não poderia ficar. Aí tem você.

—Que idéia mais ridícula! resmungou papai. —Olhe agora se ela não podia conceber lá no Míchigan! Será que esta casa tem feitiço?...

—Talvez tenha... A Rose Kane tambem vai ter um filho.

—Oh, nesse caso...

—E já que falamos nisso, eu tambem, disse mamãe com a maior naturalidade.

—Com seiscentas mil pipas! gritou papai. —Porque é que você não disse isso há mais tempo?

SÓ PARECIA QUE o dinheiro que papai tinha ganho em Tucson lhe estava queimando os bolsos. O dinheiro foi feito para girar, e havia aquelas concessões de terras mineiras perto de Globe, que papai podia adquirir com «duas cantigas». E a fábrica de gelo de Nogales! E mais lotes de terra lá por Tucson!...

Mas mamãe, pelo seu lado, tambem andava com idéias sobre bens de raiz,—

tambem queria que se aplicasse o cobre em coisas palpaveis...

—Temos que ver mas é se compramos aquele pedaço de terreno aí ao lado, teimava ela.

—E para que, santo nome de Deus? retorquia papai, querendo saber.

—Porque se nós não compramos, quem vai comprar é mestre Schmalz!

—Com o diacho! disse papai, intrigado.

Mestre Schmalz era o sapateiro remendão da terra, e tinha onze filhos, o mais velho dos quais com 14 anos.

—O que temos deve chegar, calculo eu, para pagar o terreno e uma casinha de cinco cômodos, continuou a mãe.

—Uma *casa?*

—Por certo. Para que é que serve um lote vazio? Para tirar dalí algum rendimento, é preciso construir uma casa.

E foi assim que eles compraram o terreno, e mamãe traçou o projeto da casa, com planta e tudo, resolvida a servir de empreiteira de si mesma, e a contratar ela própria os operários. Papai opunha-se, protestava. E ela:

—Eu vi com os meus próprios olhos construir esta casa. Não faço mais, agora, do que reproduzí-la com mais um quarto. Você não se lembra das perguntas que eu fazia? Olhe, tenho aquí, no meu livro de receitas de cozinha, todas as especificações da construção...

Puxou do livro e mostrou, ao assombrado marido, as suas «receitas» de cimento e estuque, as proporções de óleos e tintas para a pintura, e quantos pregos devia levar uma telha de revestimento —tudo isto de mistura com as fórmulas culinárias, sobre como fazer bolo só com um ovo, e fabricar macarrões em família...

E, de livro na mão, fez contratos com pedreiros, carpinteiros e estucadores, bombeiros e pintores. Sempre que tinha um minuto livre, ia-se pôr a vigiar o trabalho, a ver como marchavam as coisas. Os cabouqueiros depressa chegaram à conclusão de que não podiam fazer batota com o cimento. Quando lhe parecia que a tinta estava saindo mais grossa do que a medida, lá vinha o livro, e mamãe preparava por suas mãos a lata seguinte... Pôs-se nas suas tamanquinhas para dizer aos operários que andavam a assentar o telhado: «Eu quero que vocês ponham o número preciso de pregos em cada telha de madeira!» E obrigou papai a marinhar no telhado, e a contar os pregos um por um.

Um dia, após uma inspeção que fez às obras, papai entrou numa fúria:

—Dizem os homens que você não quer que façam cozinha alí na casa. Como diabo é que você quer vender uma casa que não tem cozinha?...

—E quem é que lhe disse que eu ia vender a casa? fez mamãe com um bom sorriso. —A gente vai mas é arrendar. Para que serve uma sala de visitas ou uma cozinha, se os rapazes no fim de contas não precisam disso para nada? Mais tarde, se quisermos, podemos mandar fazer uma cozinha. Por agora vamos ter só quartos, e em cada quarto podem dormir dois rapazes. A $7.50 por mês cada um, faz 15 dólares por quarto, e cinco vezes quinze são 75...

—Diga-me cá uma coisa: que *rapazes* são esses com que você está me amolando?

—Ora essa! Cass Casoo e Jerry Blake, do armazem por grosso, e o amigo deles, Walter Hanny; e eles conhecem mais três que tambem hão-de vir para aquí. Já somam seis. E dizem eles que não vai custar nada arranjar os quatro que ficam faltando.

—Minha Nossa Senhora! Você não queria o mestre Schmalz alí com os seus onze demônios, e agora já quer dez pândegos—ao pé da nossa porta!

—Mas os rapazes ficam por fora todo o santo dia...

—Sim, e voltam pra casa *todas* as santas noites! Quem sabe se não vão organizar bebedeiras, trazer mulheres para aí, e não sei que mais...

—Você bem sabe que eu não ia agora meter em nossa casa gente dessa laia. O Cass é um bom rapaz. Ensina na aula de catecismo. E o Jerry não é peor. Você verá que eles trazem os amigos. Não vai ser uma pensão como as outras. Há-de ser uma espécie de clube, sabe?, o *Clube da Segunda Avenida!*

—Pra que diacho é que eu hei-de falar? disse papai num ar queixoso. —Você sempre há-de levar a água ao seu moinho. Casa-de-cômodos! Minha mulher, dona de uma hospedaria!

O Clube da Segunda Avenida foi um êxito logo desde a abertura. Os rapazes gostaram daquela vida de dormitório, e mamãe, paredes meias, dava uma vista de olhos pelas coisas, e discutia os assuntos que requeriam cuidado com Cass Casoo, que foi eleito presidente da «república».

—Olhe aquí, Casoo,—dizia ela—se os seus amigos pensam que vão usar minhas toalhas para lustrar os sapatos, diga a eles que estão muito enganados; eu lhes retiro as toalhas. Em todo o caso, aquí tem estes trapos velhos que são macios e podem servir pra o calçado.

Era um grupo de excelentes rapazes, e mamãe figurava entre eles como uma irmã mais velha, umas vezes convidando-os aos dois e três para comerem conosco, outras, quando preciso, fazendo-os andar na ponta da unha, ouvindo-os de confissão nos seus casos de amor, dizendo-lhes quando deviam cortar o cabelo, e até tratando algum deles se por acaso adoecia.

Vim eu a este mundo, mas nem isso fez diferença, porque, como papai gostava de observar, «se você estivesse trabalhando numa loja, ou fosse modista das que vão na casa do freguês, ter um filho seria caso sério. Mas no negócio em que você está metida não tem perigo. Você é uma espertalhona, é o que é!»

Esta repetição constante, por parte do marido, de quanto ela era esperta e ativa, impacientava mamãe.

—Às vezes chego a pensar que você gosta de me ver trabalhar! dizia ela com um beicinho.

—E é mesmo, porque você gosta dessa vida. Quando você não quiser mais, pode deixar de trabalhar.

—E como é que eu posso deixar de trabalhar, se eu sei que você anda sempre com essas manias de negócios em grande?

—Manias? Não tem mania nenhuma, protestava papai. —São oportunidades, pechinchas que valem ouro em pó! Tolo seria eu—continuava ele, repetindo as próprias palavras da esposa—se as deixasse fugir quando as tenho ao alcance da mão!

O FATO é que o negócio que papai empreendeu a seguir era autêntica prova de loucura: foi comprar em Tucson uma lavanderia mecânica!

Tão depressa se refez do primeiro choque dessa notícia, mamãe caiu-lhe em cima:

—Que é que você sabe desse negócio de lavar roupa?

—Não sei nada, mas o gerente, que é um bamba para o negócio, vai continuar na casa. Em vez de ser o antigo proprietário quem recebe os lucros, passarei eu a recebê-los. E são de respeito —eu mesmo examinei os livros—mais de 300 dólares ao mês!

—E porque é que o dono se quis desfazer de uma coisa tão rendosa?

—Porque ele se quer retirar da atividade. Vai regressar ao Leste, onde vivem os filhos.

—Isto está-me cheirando a encrenca, profetizou mamãe abanando a cabeça.

E tinha razão.

O antigo dono da lavanderia, um tal Stacey, revelou-se, na própria expressão de papai, «um sem-vergonha de alto calibre». Imagine-se que, em vez de voltar para o Leste, «onde tinha os filhos», deixou-se ficar em Tucson... e abriu uma nova lavanderia! E mais: levou consigo o gerente que era um «bamba», os melhores trabalhadores, e a maioria dos bons fregueses.

Papai resmungou, destemperou, mas em pura perda. Não tinha negócio nenhum. Não podia honrar os seus compromissos. «Que hei-de fazer?» dizia.

—Fazer? Nada. No seu lugar eu escapulia,—aconselhou mamãe. —Entregue-lhe a lavanderia. Faça cara alegre aos prejuizos, e que isso lhe sirva de lição!

—Não,—contrariou papai—eu vou aceitar batalha. Vou tratar de arranjar os arames. Olhe, podemos levantar algum dinheiro sobre esta propriedade...

—Nunca! Nunca! cortou mamãe. —Isso é que nunca! Eu não hipoteco estas casas por nada no mundo. São o nosso pão. Eu não quero me ver um dia no meio da rua, com dois bebês nos braços e sem um telhado pra nos cobrir.

(O segundo bebê era o Filipe, que nascera pouco antes de papai ter comprado a lavanderia. O Oliver só chegou alguns anos depois.)

De modo que papai andou para trás e para diante, entre Phoenix e Tucson, a braços com um negócio de que não sabia patavina, em luta com a concorrência do «sem-vergonha» que o metera naquele ninho de dificuldades. E as notícias peoravam de semana para semana. Papai já não podia dormir nem comer.

—Você está deixando que aquele velho cascavel seja a minha ruina! dizia ele, descarregando culpas em cima de mamãe.

—Aquele velho cascavel pode-lhe arruinar a você, mas a mim é que ele não arruina! Estas casas são, e hão-de continuar a ser *minhas*.

Até que um dia mamãe ouviu os passos do marido, que atravessava o quintal assobiando alegremente. Percebeu logo que ele tinha alguma coisa que dizer. Trazia na cara aquela expressão muito conhecida de mamãe... Mas esperou até depois do jantar, à hora em que todos os hóspedes se tinham recolhido aos quartos.

—Pois mamãe,—fez ele saboreando as palavras—acho que agora é que você vai vender estas casinhas.

—Bom, bom... Já discutimos bastante isso!

—Olhe aquí: quanto você acha que empatamos nelas: 4.000 dólares? Imagine agora que as podíamos vender por 7.500?

—Não há quem dê 7.500 por elas, e ainda que houvesse eu não vendia.

—Dez mil... você já aceitaria? Diga.

—Não. E deixe de estar bestando.

—Bestando coisíssima nenhuma. Você vende por 12.000? E' pegar ou largar imediatamente.

—Está claro que vendia por 12.000, olha que novidade! E agora, você acabou com seu joguinho?

—Acabei, disse papai rindo e tirando do bolso alguns papéis.—Bem me parecia que 12.000 haviam de abalar você. Assina aquí, filha.

Era uma dessas transações fantásticas de bens imoveis que se produziam com tanta frequência nos dias prósperos da juventude do Oeste americano. Tinha começado a constar que ia ser construido em Phoenix um grande edifício de abastecimento de águas, e a notícia provocara uma corrida frenética de compradores de terreno, ao local onde, ao que era corrente, se construiria o prédio. E as casas de mamãe ficavam precisamente a meio quarteirão de distância.

Mamãe é que não quis assinar a venda, enquanto não visse na palma da sua mão pelo menos 4 mil dólares para comprar outra casa em Tucson. «E desta vez — acrescentou ela — vai ser uma grande casa, com uma porção de cômodos... para hóspedes!»

Quanto a papai, enfunado pelo dinheiro e movido de sagrada raiva, acabou proprietário de ambas as lavanderias, e correndo com o velho Stacey para fora da cidade.

De fato, durante algum tempo, mamãe realmente acreditou que papai iria agora «assentar». Ele já não falava mais das «pechinchas», e parecia estar todo concentrado em problemas tais como conseguir que a Companhia Pullman desse as roupas a lavar em Tucson, em vez de as deixar em El Paso, e em arrancar cada vez mais roupa suja às lavadeiras do lugar.

Mas de repente, quando tudo parecia tão cor de rosa e sossegado, ei-lo que se retira inesperadamente, e coloca o seu barbeiro, Russ Logan, à frente dos negócios.

—O seu barbeiro?! fez mamãe de boca aberta.

—Pois claro! Você não sabe que ele é um cavador danado? Asseguro-lhe que tudo vai correr o melhor possivel.

E por muito que custe crer, assim sucedeu.

O barbeiro mandou vir do Leste um homem muito competente para contramestre da lavanderia, concentrando-se então todo na sua real capacidade, que era criar relações e amigos, e onde fazia um amigo tinha um freguês certo. Papai passou a receber o seu cheque mensal de presidente da empresa, e nunca mais ninguem o viu pôr pé nas imediações do serviço!

A verdade é que ele era, por temperamento, incapaz de manter-se muito tempo no mesmo lugar. Dizia-me um dia mamãe que ele costumava acender o lume debaixo duma panela, e assim que esta começava a ferver, tirava-lhe o lume de baixo, e ia aquecer outra...

Subdivisões de terras, estâncias de gado, hotéis, teatros, minas, um banco —oh, o desastre que esse banco foi!— poços de petróleo... não havia nada em que papai não se metesse. E cada um desses «negócios da China» nos ia pôr com toda certeza nos píncaros da fortuna,—na «Rua da Abundância», como dizia. Não obstante, voltava sempre a casa gritando que estava à beira da falência, e pedindo a mamãe que poupasse no armazem... E no dia seguinte levantava mais 10.000 dólares emprestados, para enterrar numa mina de ouro.

Em tais condições, será de surpreender que mamãe tivesse de tomar hóspedes?

NUNCA TIVEMOS hóspedes que ficassem o ano inteiro na casa; todos os anos, pelo verão, quando saíam— professores ou turistas, na maior parte dos casos — mamãe repetia: «Agora, quando vier o outono, eu não vou aceitar tanta gente.» Mas vinha o outono, e lá se iam, alugados, a sala de estar, e o quarto a seguir... Depois, chegavam inesperadamente umas pessoas que já tinham morado conosco—e como é que ela teria cara de lhes dizer que não?— ou então alguns amigos, ou parentes de antigos hóspedes. Ou era papai que, nessa altura, estava em apuros de dinheiro. Enfim, daí a pouco, toda a família estava encaixada, uma vez mais, no quartinho do fundo, ou fora, na varanda envidraçada...

Nós próprios éramos de gênio muito dado, e fazíamos os hóspedes sentir-se como em família. Se dávamos uma festa, eles eram convidados. Se precisávamos dos quartos deles para dansar, desfaziam-se as camas, levantavam-se os tapetes. Conseguíamos que eles nos ajudassem a ilustrar cartões para marcar os lugares, a fazer o *glacé* dos doces, a bater a maionese, a enrolar tapetes, a carregar moveis emprestados. Certa vez que a cozinheira nos deixou, os hóspedes arregaçaram as mangas e puseram mãos à louça suja. Pagavam para ter vida doméstica? Pois vida doméstica lhes oferecíamos!

Mamãe era uma dona de casa pavorosa. Nenhum de nós arrumava coisa nenhuma no seu lugar, até que isso se tornasse absolutamente imperativo, e então, era atirá-la a toda pressa para o vão de uma janela ou um armário qualquer. Ainda agora, na casa de mamãe, quem não abrir a porta de um armário com cautela, arrisca-se a que lhe caia em cima da cabeça uma pirâmide de coisas confusas e contundentes.

Mamãe detestava deitar fora fosse o que fosse, na idéia de que sempre poderia vir a ter algum préstimo no futuro, e habitualmente tinha mesmo. Mas que ferro-velho se não amontoava assim! Molduras quebradas, chícaras sem asa, sapatos de tenis com as solas desfeitas, revistas velhas, moveis escangalhados, de tudo havia por lá. Ainda me lembro da metade de um dicionário—um desses de respeitavel tamanho—que durante anos eu me esforcei por lançar ao lixo. Nunca cheguei a saber como é que mamãe se desfez da outra metade, mas o certo é que a metade que se salvara era para ela uma espécie de relíquia, na qual cada um de nós, os meninos, teve a sua ocasião de se sentar à mesa.

Possuíamos de tudo em questão de utensílios domésticos: guardanapos feitos de velhas toalhas de mesa que mamãe tinha conseguido resgatar da lavanderia, talheres do «Quatro e quatrocentos», pratos estalados. Quando um novo hóspede desdobrava metade de um guardanapo, ou pegava de um garfo de ferro, papai dizia invariavelmente do seu canto: «A gente tem aí um bom serviço, mas é bom demais para andar no uso diário!»

Mamãe ajudava do outro lado: «Estou vendo se posso guardar as pratas para Rosemary, (há muitos anos que estou casada, e da prata nem o cheiro...) e o sr. bem sabe o que as lavanderias fazem à roupa!»

Mas lá na cozinha é que não havia desordem nem desleixo. Por muito boa que fosse a cozinheira, mamãe andava sempre a meter o nariz nas caçarolas e tachos, superintendendo em tudo, ou fazendo ela própria a comida.

Não havia prato que chegasse na mesa sem ela primeiro o ter provado, dando-lhe algum retoque que o tornava diferente, estimulante, apetitoso. Cozinhava por instinto, e era dificílimo arrancar-lhe uma receita culinária, porque o seu sistema consistia em botar

uma pitada disto, um grão daquilo, uma colherada daqueloutro, e francamente eu chegava a ter pena das criadas quando elas tentavam seguir as instruções da patroa!

Dizia ela assim: «Bom, esta noite vamos servir um bom doce de pão à velha maneira da Virgínia...»

—E qual é a receita? perguntava a cozinheira.

—Oh, receita! Pra fazer doce de pão não é preciso receita! Pega-se num bocado de farinha de milho...

E se a outra teimava em saber a medida certa, mamãe dizia vagamente:

—Oh, um *bom* bocado de farinha!

E como a cozinheira não se contentasse com frases vagas:

—Bom, assim uma tigela do tamanho da azul, quase cheia.

E para nós vinha comentar:

—Deus do céu, se a gente tem que explicar tudo a estas cozinheiras, o melhor é fazer as coisas por nossas mãos!...

Aos domingos quase sempre havia galinha. O jantar dominical era uma refeição enorme, cujos preparos punham a casa numa barafunda. Mamãe passava o dia em cima do velho fogão, e os hóspedes que não fossem à missa metiam-se na cozinha, e ela encarregava-os de diversas tarefas—quebrar nozes, descascar uvas para a salada, cortar feijão verde em tiras... Mexendo-se mais depressa do que três pessoas juntas, despachava a sua tarefa antes dos outros, e depois tirava-lhes das mãos o que estavam a fazer: «Olhe, você está fazendo essas nozes em pó!» Ou então, «Eu lhe disse fatias, não disse buchas!» Nunca houve ninguem que cortasse o feijão fininho o bastante para satisfazer-lhe as exigências.

Sempre comíamos a mais não poder, mas as tardes de domingo eram demasiado agradaveis para que as desperdiçássemos dormindo em cima do jantar. Papai era co-proprietário de um velho automovel Reo, admiravel peça mecânica que ainda tinha a alavanca das mudanças do lado de fora! Durante a semana o carro só servia em negócio, mas aos domingos nós e os Pryce alternávamos no gozo dele em passeios.

Carregávamos sempre tantos hóspedes quantos o veículo pudesse conter. Por vezes algum dizia:—Mas não seremos nós demais aquí? Talvez os senhores gostassem de ficar sós um bocado...

—Sós?! dizia papai. —Que graça teria isto?

Lembrando-se do seu Clube da Segunda Avenida, em Phoenix, mamãe vinha matutando naquela quantidade de espaço livre nos fundos da casa. Assim, quando papai declarou que era conveniente termos uma garage para o nosso carro a meias, mamãe apressou-se logo em concordar.

Como sempre, ele entregou todos os pormenores e cuidados da construção à esposa, e não deu por coisa nenhuma até que o edifício já ia bem a meio caminho. Um dia entrou em casa com os olhos em fogo, e bradou: «Que é que você está fazendo agora? Aquilo alí é uma casa, não é uma garage!»

—Não, me desculpe, mas metade é uma garage, corrigiu mamãe. —A outra metade consta de dois quartos e banheiro. Já arranjei dois professores primários para ocuparem os dois quartos.

—Professores, hein? chacoteou ele. —E diga-me cá, são simpáticos?

—Oh, bastante simpáticos! disse mamãe tranquilamente. O que ela lhe não disse é que ambos eram sujeitos de meia-idade.

Mamãe tinha lá a sua maneira de fazer contas. A maior parte dos seus cálculos eram feitos nas costas de envelopes usados. Metia-os na gaveta da mesa da cozinha, juntamente com as contas e faturas pagas, e era alí que ela as estudava com sossego e à vontade.

Nas contas com a marca de «pago», tomava notas da situação doméstica em geral. Por exemplo, numa conta do gás e da eletricidade marcava um dia: «Três hóspedes. Sra. Yates passou uma porção de roupa a ferro.» Esta nota explicava o avultado da conta. No mês seguinte a explicação seria provavelmente: «Sr. Bloom teve insônia.» Quando o sr. Bloom não podia dormir durante a noite, levantava-se da cama, fazia paciências, e acendia o aquecedor elétrico para manter os pés quentes.

Mamãe não gostava de ter dinheiro em casa, e andava sempre a escondê-lo em qualquer parte, com o resultado de que, quando dele precisava, se tinha esquecido do esconderijo, e era então um Deus nos acuda naquela família. Uma vez tinha guardado na lata da farinha de bolos 80 dólares da renda de hóspedes,—e a cozinheira, julgando-a vazia, botou a caixa no cisco! Foi o diabo, e papai teve que ir ao depósito municipal do lixo para arrancar as notas a um fim inglório.

Todo o dinheiro de que mamãe dispunha, provinha em geral de fontes secundárias, como foi com o caso das galinhas do sr. Mendoza. Este sr. Mendoza era um vizinho mexicano, cujas galinhas andavam sempre a meter-se no nosso quintal. Semanas e semanas a fio, mamãe andou rogando ao vizinho que pusesse as galinhas a ferros, e o Mendoza sempre a prometer que o faria, mas sempre a deixar de fazê-lo.

Até que uma manhã, quando as galinhas apareceram, mamãe foi à cozinha, esmigalhou um bocado de pão e saiu fora a chamar as penantes: «*Ki-ki-ki-ki*»...Minutos depois todos os galináceos estavam em perfeita segurança, confinados numa capoeira improvisada alí mesmo. Papai protestou:

—Mas você não pode agora ficar com as galinhas do homem! Isto é roubar!

—Essas galinhas andavam me roubando, destruindo meu jardim!

E ficou com as galinhas, alimentando-as com restos da mesa. Mais tarde, quando o bando cresceu, ela começou a vender aos vizinhos os ovos que nos sobejavam: inclusive ao dito sr. Mendoza...

O dinheiro da venda de ovos, de flores, de leite e figos, ficava guardado em envelopes separados. Quando a vaca precisava de alguma nova ração, mamãe ia buscar o dinheiro ao envelope que dizia «vaca». Agradava-lhe pensar que a vaca comprava o seu próprio feno, e os figos e as flores os seus respectivos adubos. Dava-se por vezes o caso de estar a vaca na «pindaiba»; então ela pedia emprestado aos figos, e mamãe metia no envelope destes um papelinho que rezava: «*Devo a V. $3.40.—Vaca.*»

Nossos hóspedes não estavam todos acumulados na frente da casa. Muitos viviam nos fundos—e comiam de graça. Havia sempre uma récua de vagabundos esperando à porta por comida. A culpa era de mamãe, afirmava meu pai. Se ela não lhes desse de comer, eles não estariam sempre alí, como moscas.

—Nem me fale! replicava ela.—Você é exatamente quem está sempre a dar-lhes dinheiro às escondidas. Eu faço-os trabalhar pelo pouco que lhes dou!

E era fato. Ou, pelo menos, não lhes

dava de comer se eles se não oferecessem para fazer qualquer serviço. Muitas vezes nada havia que fazer, mas ela queria ao menos que mostrassem boa vontade. Boa vontade, para mamãe, era uma coisa muito importante!

Era frequente aparecerem por alí as nossas antigas cozinheiras, quando se viam desempregadas; e ficavam por casa até arranjarem onde cair. Dormiam então num catre da varanda traseira, comiam na cozinha, e faziam pequenos trabalhos pela casa, a troco da comida ou da cama.

A razão por que tínhamos tantas ex-cozinheiras era que mamãe nunca pagava ao pessoal o bastante para que elas se demorassem na casa. «Eu faço a cozinha toda, protestava ela. —Só pra limpar a casa e lavar a louça, não se pode agora pagar um grande ordenado!» E era. Mas as cozinheiras, que sabiam do seu ofício e se viam impedidas de cozinhar, sem ser por culpa delas, iam naturalmente procurar emprego onde a sua habilidade fosse devidamente apreciada e paga. Apesar disso, ficavam todas gostando de mamãe, e esta nutria um grande sentimento de responsabilidade em relação a elas. Se adoeciam, cuidava-as como se suas filhas fossem.

Lembro-me, por exemplo, de Della. Era uma mulher escanifrada, batida de trabalhos, queimada, com rugas e três lobinhos pouco atraentes no queixo, mas uma das melhores cozinheiras que jamais tivemos, bastando dizer que mamãe até às vezes a deixava preparar um jantar pelas suas próprias mãos... Dentro e fora, fora e dentro, Della trabalhou para nós alguns anos, e quando não trabalhava lá em casa, estava hospedada nos fundos, enquanto não obtinha outra colocação. Poderia ter sido uma empregada permanente, mas por desgraça tinha um amigo, o Ocky—mais onomasticamente Oscar—que, na opinião de mamãe, era «o mais lazarento e inutil de quantos seres andam por esse mundo sobre duas pernas».

Ocky, segundo nos repetiam, sofria do coração. Se sofria ou não, é que eu não sei; em todo caso, mamãe costumava dizer que há muita gente que sofre do coração, sem por isso deixar de ganhar a sua vida. Era um sujeitinho pequeno, gorducho, de cara lisa, louro e nada feio rapaz, sempre escovadinho, as mãos brancas, o cabelo muito bem cortado. Feliz e tranquilo, não despegava da amiga, e consentia que ela o sustentasse.

Cada vez que Della voltava a trabalhar para nós, mamãe a prevenia:

—Desta vez quero que você saiba que não quero Ocky aquí.

—Ocky arranjou emprego, dizia Della com orgulho. —Até já alugou quarto só pra ele.

—Muito bem. Contanto que não venha aquí.

Mas Ocky perdia inevitavelmente o emprego, se é que jamais o tivera, sentia-se saudoso da sua Della, e de noite procurava insinuar-se na casa. Mamãe sempre o ouvia entrar:

—Lá vem o tal Ocky!

—Que lhe importa a você? Que mal é que ele lhe faz? Porque é que você não o pode aturar? pleiteava papai.

—Fico mesmo danada, dizia ela.—A pobre a trabalhar que se esfalfa, e aquele mandrião alí deitado, à espera que ela lhe vá levar a comida!

E era assim que mamãe e Della se tornavam a separar. Della arranjava outro emprego, perdia-o por causa do amigo, voltava a nossa casa até arranjar nova colocação, enquanto Ocky pairava

sempre na sombra dos fundos, esgueirando-se à noite para dentro de casa, ou esperando do outro lado da rua que lhe levassem alguma coisa. Um dia mamãe perguntou à cozinheira:

—Me diga uma coisa, Della: porque é que você tem tanta dedicação a um homem que não vale o que come?

—A senhora acha que eu sou bonita? redarguiu a mulher.

—Francamente... não, Della.

—'Tá claro que não. Sou feia mesmo. Um cangalho, magra, um pau de virar tripas. Basta eu olhar no espelho para ver logo. Mas Ocky gosta de mim. Quando ele anda por aí, eu até chego a crer que sou a mais nova, a mais bonita, a mais adoravel de todas as mulheres. E é por isso que não largo ele.

Quando mamãe contou isto a meu pai, ele deu uma risada e comentou: «Se Ocky faz esse pobre estafermo sentir-se assim tão feliz, ela até tem o dever de o sustentar! E olhe que ainda é barato por tal preço!»

Quando não havia empregada em casa, tínhamos nós, as crianças, por dever ajudar mamãe na lida doméstica; mas não queria ela que pensássemos que só por isso íamos descer no conceito do mundo. Na sua opinião, frequentemente expressa, não havia nada que uma senhora ou um cavalheiro não pudessem fazer.

Mamãe tinha sempre uma coisa ou outra para vender, e nós adorávamos servir de seus «caixeiros-viajantes», porque ela sempre nos pagava uma comissão.

Tínhamos no quintal, mesmo a uma das esquinas da nossa varanda, uma maravilhosa roseira que, quando se cobria de flores, fazia o assombro de quem passava, e todos paravam para a admirar. Eu ficava espiando na varanda, e quando o pessoal se detinha, saía brandindo uma grande tesoura.

«As rosas custam 25 centavos a dúzia, dizia eu. —Mamãe me deixa ficar com 12 centavos e meio, e os outros 12 centavos e meio vão para o envelope das rosas. Mas como não se pode cortar um centavo ao meio, umas vezes eu recebo 12, outras 13. Desta vez eu vou receber 13 centavos!»

Pouca gente resistia à minha lábia.

Houve uma vez em que estivemos a pique de estragar um empréstimo que papai andava tratando de obter, só porque tentamos vender rosas a quem «não estava comprando». Não sabíamos que aquele senhor de cabelo grisalho, com bigodes de morsa, era o presidente do banco. Para nós, gurizada, ele era apenas mais um freguês, e quando o vimos passar no seu auto corremos para ele a gritar.

«Quer comprar rosas? perguntei eu. —Vinte e cinco centavos uma dúzia.»

Do seu lado, imitando à perfeição os gestos e o tom de voz de papai, o Phillip, ajudou:

«O dinheirinho caía agora que nem canja!...»

E o Oliver, com a sua vozinha esganiçada, repetiu o que papai andava sempre a dizer:

«Papai está rebentado... Temos que vender estas rosinhas, porque papai está rebentado!»

Imagine-se a cara do banqueiro! Quando, essa noite, voltou a casa, papai vinha como uma cobra.

—O Fowler disse-me que, se meus filhos têm que andar pela rua a vender flores, é porque eu devo estar em grandes apertos.

—Todas as crianças gostam de vender coisas, disse mamãe, acalmando os

ânimos. —E se ele não lhe emprestou dinheiro, é um grande favor que nos fez. Você anda pedindo demais! Esta é que é a verdade...

—Oh, ele sempre acabou me emprestando. Mas a princípio não queria. Custou convencer. Mas porque é que meus filhos hão-de andar sempre a vender coisas? Porque é que nós não lhes damos uma mesadinha, como têm outros meninos?

—É muito bom que as crianças se habituem a ganhar seu próprio dinheiro. Você quando era um gurí vendeu muita coisa.

—Mas eu tinha necessidade! A família precisava do dinheiro.

—E se nós não precisamos de dinheiro, então porque é que você anda pedindo emprestado?

Aí, papai ficou de cara à banda!

ASSIM FORAM passando os anos, e com eles os hóspedes às dezenas e centenas, gente a quem nós íamos dar um beijo de adeus no trem, e que voltavam uma e outra, e outra vez para morar conosco, e que nos viam crescer...

Meus irmãos se casaram, e eu fiquei presa à árvore da família. Dois ou três rapazes que eu trouxera «de olho» para meu próprio benefício, tinham-me deixado a ver navios. Mamãe, coitadinha, procurava consolar-me:

—Não eram moços que prestassem pra você. Deixe, quando vier um que lhe sirva, você logo saberá.

Eu não lhe dava crédito, e fui-me resignando a «ficar para tia». Entretanto, Cupido já se instalara num quarto por cima da garage, na pessoa do gordo e velho Mr. Ferry. Disse-me ele um dia:

—Estou esperando um amigo que vem me visitar. Escreve histórias do Oeste, e por isso acha que devia conhecer um bocado isto por aquí. Chama-se John Winchcombe-Taylor, é inglês, e bateu-se na guerra passada. Você vai gostar dele.

Não me entusiasmei nada; já o imaginava gorducho e passado, tal qual Mr. Ferry... E assim, fui apanhada de surpresa por aquele homem louro, delgado, muito jovem de aspecto—35 anos, mas aparentando apenas 25—que Mr. Ferry me apresentou dalí a uma semana. Desprevenida igualmente estava eu para a súbita e ofuscante compreensão que me feriu quase com a violência de um choque físico: «Mas aquí está *ele!* Este é o que...»

Inglês e reservado, levou algum tempo a apreender o significado da situação. De fato, correram três semanas contadas até o dia em que se decidiu a pedir minha mão.

Mamãe ofereceu um chá para anunciar os esponsais, e resolvemos servir refrescos mexicanos, especialmente uns bolinhos deliciosos chamados *pastillas*. Infelizmente as duas velhas mexicanas que se propuseram fazer as *pastillas* para nós, não compreenderam bem a nossa encomenda, e mandaram-nos 60 dúzias de bolos em vez de 16... Foi uma avalanche, um verdadeiro dilúvio de bolos naquela casa!

«Não tem dúvida,—disse mamãe—nós podemos vendê-los aos nossos amigos.» Tenho certeza que mamãe não planeou as coisas daquele jeito, mas o que é certo é que os convidados, quando provaram os bolinhos, começaram aos «ohs» e aos «ahs», e a perguntar onde é que poderiam comprar os mesmos. De maneira que, quando se estava acabando o chá, reparei que os convidados iam saindo com uns cartuchos de papel na mão... E alí estava mamãe à porta, de pé, despedindo-se deles, recebendo felicitações—e vendendo os tais pastéis a dinheiro!...

Meu noivo, bom inglês, estava assombrado e desolado. O que, vender pastéis aos convidados!? Ficou com a impressão de que era a última palavra em mau-gosto—e creio que tinha razão. Pobre John! Até hoje, ainda não conseguiu habituar-se completamente à família da mulher...

E DEPOIS, um dia, foi como se o mundo se acabasse: papai morreu! Fresco e bem disposto um dia, batendo papo no Clube Rotário a respeito da «Tucson de outro tempo»—e no dia seguinte inanimado e frio.

«Mas se estava entendido que eu iria primeiro!...» repetia mamãe, desorientada na sua grande dor.

Com o que papai lhe deixara, porem, e com o seguro de vida dele para pagar todas as dívidas, era facil ver que ela ia agora viver naquela *rua* de que papai levara a falar a vida inteira—a «Rua da Abundância». Decidimos portanto que mamãe deixasse a casa grande, cuja arrumação e limpeza exigiam tanto trabalho, e fosse morar na casinha da garage.

Uma tal sra. Long alugou a casa grande para instalar uma hospedaria, e mamãe ficou sem nada que fazer, de braços cruzados, na cadeira de balanço. Ora, começou a ter crises de doença, passava metade do tempo metida na cama. E foi com pavor que nos apercebemos de que ela ia enfraquecendo, pondo-se *velha*.

A sra. Long tinha idéias modernas: andava de uniforme branco, como uma enfermeira, e servia as refeições numa bandeja, nos quartos dos hóspedes. Mas eles parece que não se sentiam felizes com a sra. Long. Demoravam-se algumas semanas, e depois iam-se embora invariavelmente.

Mamãe procurou ajudá-la: «A senhora devia servir os seus hóspedes na sala de jantar; é preciso procurar a melhor maneira de os entreter, de os distrair um bocado...»

O caso é que a sra. Long se foi atrazando e atrazando no pagamento da renda, e mamãe acabou dizendo com um suspiro de resignação: «Bom, se é preciso tornar a ter hóspedes, não há remédio senão voltar a tê-los!»

—Só este verão, mamãe. Vindo o inverno, a senhora pode tornar a alugar a casa.

Passada uma semana fui dar com ela no meio de carpinteiros e canalizadores. Tinha um ar de culpa.

—Mamãe! Que tapeação é que *você* está fazendo?

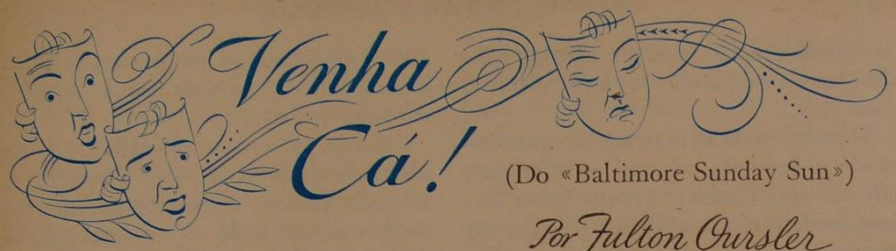
—Bom, minha filha, estou fazendo um quarto de dormir desta sala, e um banheiro daquela despensa; e vou mandar envidraçar toda a varanda, que passará a ser sala de visitas... E tambem vou pôr um tabique para dividir a varanda dos fundos. Dessa maneira, está vendo, posso meter aquí mais oito ou dez pessoas.

—Valha-a Deus, mãe!

—No fim de contas, se eu fico aquí, vou precisar de uma cozinheira; e tomar cozinheira só para nós, então mais vale cozinhar para todos. Você não acha?

—É mesmo, mamãe, disse eu prontamente. E fiquei a vê-la atravessar a sala, toda desembaraçada, para se ir entender com o carpinteiro. Era, sem tirar nem pôr, o seu passo vivo e esperto de outro tempo...

Ora, mamãe remoçou que foi uma beleza!



(Do «Baltimore Sunday Sun»)

Por Fulton Oursler

O GRANDE produtor teatral David Belasco contou-me um dia o seguinte caso que se dera com o gerente de um teatro. O homem se achava em dificuldades, pois a filha de um amigo, a quem ele devia muitos favores, queria um papel numa de suas peças, mas—o que era espantoso—sem ter experiência alguma de teatro.

O gerente propôs-lhe um teste: «Você terá um papel, se for capaz de dizer duas palavras de maneira a me satisfazer completamente. Pensa que pode tentar?»

«Ah, acho que não será dificil,» disse ela com natural interesse. «Quais são as palavras?»

«As duas palavras são: *Venha cá!* Quero que as diga de três maneiras. Ponha-se primeiro no lugar de uma moça de temperamento excitavel que, embora amando seu namorado, acabou de brigar com ele e dizer-lhe que não quer tornar a vê-lo. Ele se encaminha para a porta, cabisbaixo: nisto você repara que, debaixo do casaco, ele leva um revolver. Apavorada com a idéia de que o seu namorado talvez vá suicidar-se, você de repente percebe que ele é tudo na sua vida. E dominada pelo remorso, chama-o, cheia de aflição, dizendo: *Venha cá!*

«Depois você terá que se pôr no papel de mãe de um menino de quatro anos. A mãe acabou de vestí-lo com sua melhor roupa, mandou que se fosse sentar na varanda da frente, e que de lá não saisse. Mas o menino desobedece e vai brincar na rua. Nisto surge um caminhão a toda velocidade, quase atropelando o menino que, caindo no chão, se suja todo de lama. Você ainda está tremendo de susto, e dá graças a Deus de a criança ter escapado; mas ao mesmo tempo está zangada, porque ele, alem de ter sido desobediente, estragou a roupa nova; —tudo isto você tem que dar a entender ao dizer *Venha cá!* para seu filho.

«E por fim você será a mulher de um banqueiro de uma pequena cidade. O banco faliu, e à porta de casa está uma multidão de pessoas arruinadas pela falência, a quererem vingar-se de seu marido; mas este acaba de se suicidar com uma bala no coração, e jaz morto no tapete da sala de visitas... Abrindo a porta de entrada, quero ouvir você dizer ao chefe do numeroso grupo de credores: *Venha cá!*

«Agora veja se sabe dizer estas palavras das três maneiras diferentes,» terminou o homem.

Com os olhos brilhantes a moça encarou o mestre, e respondeu, com toda firmeza:

«Sozinha não serei capaz,» disse ela, «mas sob sua direção será facil. Se quiser mostrar-me como deve ser, não tenho dúvida que poderei imitá-lo, e executar satisfatoriamente o que o senhor quiser me ensinar.»

E a moça conseguiu o papel que queria...

SEÇÃO DE LIVROS

★

Como fazer amigos

CONDENSADO DO LIVRO
«How to Win Friends and Influence People»

Por Dale Carnegie

Diretor do «Carnegie Institute of Effective Speaking and Human Relations» de Nova York, e autor de varios livros.

DURANTE os últimos 24 anos, o Instituto Dale Carnegie preparou mais de 15.000 homens de negócio e das profissões liberais, alguns dos quais famosos na arte da oratória e na técnica de lidar com o público. Seus cursos se revelaram tão uteis para quaisquer atividades comerciais, que organizações como a Westinghouse Electric e Manufacturing Company, a Companhia Editora McGraw-Hill, o Instituto Americano de Engenheiros Elétricos, e a Companhia Telefônica de Nova York, decidiram iniciá-los, nos respectivos escritórios, para os seus membros e funcionários.

«Este livro,» observa o autor, «não foi *escrito* no sentido comum do termo. Formou-se, pouco a pouco, através das diversas experiências dos milhares de adultos que assistem a minhas aulas.» Deste amplo manancial de experiências resultou o tesouro de anedotas e preciosas lições sobre o bom-senso nas relações sociais, que enchem as páginas de «Como fazer amigos».

★

Copyright 1936, Dale Carnegie.
Ed., Simon & Schuster, Inc., 386 Fourth Ave., Nova York

Não vale a pena criticar

EM MAIO DE 1931, quando Crowley —vulgo o «Duas Pistolas»—foi feito prisioneiro, cercado por 150 agentes de polícia armados de metralhadoras ligeiras e gases lacrimogênios, o Comissário Mulrooney declarou que o bandido era dos mais terriveis criminosos que jamais figuraram nos anais de Nova York. E, acrescentou, «mata sem mais nem menos, por dá cá aquela palha.»

Mas que pensaria, de si próprio, Crowley, o «Duas Pistolas»? Ao tempo em que a polícia andava dando buscas no apartamento do criminoso, este escreveu uma curiosa carta endereçada «a quem de direito», na qual dizia, em dado trecho: «Trago escondido, sob o meu capote, um coração cansado, mas bondoso—incapaz de fazer mal a ninguem.»

Pouco antes de escrever aquelas linhas, fizera Crowley uma das suas, numa estrada de Long Island. Parara o carro, onde ia acompanhado por uma moça de seu conhecimento, quando um polícia, aparecendo de repente, lhe pediu a caderneta de chofer.

Sem responder, Crowley sacou da pistola, e matou-o incontinenti.

Preso, por fim, foi condenado à morte na cadeira elétrica. Ao entrar na prisão de Sing Sing não disse: «Eis o castigo dos meus crimes», mas—«Eis a que me vejo condenado, por simples atos de defesa própria.»

Nisto é que está toda a moral da história: Crowley, o «Duas Pistolas», não se considerou jamais culpado de crimes.

Será tal circunstância, extraordinária entre os bandidos? Se assim crêem, vejamos o que diz, a esse respeito, Lawes, diretor de Sing Sing: «É raro o criminoso que se julga realmente cruel. Muitos deles procuram justificar os seus atos, até diante de si mesmos, afirmando que foram presos sem razão justificada.»

Se os próprios miseraveis que se encontram por trás das grades de um cárcere não se julgam culpados—que dizer das pessoas com quem andamos em contacto fora das prisões?

Cá por mim, só depois de muito tempo e muitos erros cometidos, percebí finalmente que em 99 por cento dos casos ninguem se condena a si próprio, por maiores as culpas em que incida, sendo, portanto, inutil criticarmos quem quer que seja. Quando o fazemos, as vítimas colocam-se numa atitude de defensiva, lutando por justificar-se aos nossos olhos.

Alem do mais, a crítica é perigosa, porque, ao ferir o amor próprio dos indivíduos visados, contrariando-lhes a opinião que porventura formem de si mesmos, desperta neles o ressentimento.

Nos meus tempos de jovem, preocupado em causar aos outros uma impressão inesquecivel, escreví, certa feita, a Richard Harding Davis uma carta absurda. Como no momento estivesse a preparar um artigo para uma dada revista, acerca de escritores em geral, perguntei a Davis qual era o seu método

de trabalho. Poucos dias antes, recebera eu uma carta, que trazia, no fim, a anotação: «Ditada sem reler.» Aquilo impressionou-me fortemente. O autor daquelas linhas devia ser personagem da mais alta importância. Ansioso por causar a Richard Harding Davis idêntica impressão, terminei minha epístola, pondo, sob a assinatura, a mesma observação: «Ditada, sem reler.»

Ele nem sequer me respondeu. Contentou-se, ao invés, em devolver-me a carta, juntando-lhe, do próprio punho, este breve e expressivo comentário: «Os seus maus modos só poderão ser excedidos pelos seus próprios maus modos.» Eu merecera, claro está, semelhante lição. Mas, humano que sou, fiquei profundamente ressentido. A tal ponto que, dez anos depois, quando li nos jornais que Richard Harding Davis falecera, só o que me veio à lembrança, confesso agora envergonhado, foi a ofensa que dele recebera.

No nosso trato com as pessoas, devemos ter em vista o fato de que não estamos lidando com seres de uma lógica profunda, e sim com criaturas dominadas por toda a sorte de emoções e convencionalismos, se não por questões de vaidade e amor próprio—motivo pelo qual, se desejarmos inspirar ressentimentos que prevalecerão até a morte, pelos anos em fora, bastará fazermos certas críticas acerbas—por merecidas ou justificadas que estas porventura possam ser.

Benjamin Franklin que, em jovem, revelara uma falta de tato absoluta, tornou-se tão perfeito diplomata, habil na arte de tratar com os homens, que o escolheram para embaixador dos Estados Unidos na França. O segredo era simples: «Não falo mal de ninguem, e digo francamente o que souber de bom de todas as pessoas que conheço.»

Como dizia dr. Johnson: «Deus, ele próprio, meu caro, só pretende julgar os homens no final dos tempos.»

Porque havemos, então, de pretender julgá-los?

Todos nós desejamos ter maior importância do que temos

O PROFESSOR John Dewey, o profundo filósofo da América, teve ocasião de observar que, entre os vários desejos e ambições inerentes à natureza humana, não haverá nenhum maior que o de «ser importante». Pense bem nesta frase: «O desejo de ser importante.» É um anseio voraz e permanente, comum a todos os homens. Nem foi outro o sentimento que levou um empregadinho de venda—Abraão Lincoln—que não dispunha de meios, nem tãopouco de instrução, —a entrar para uma escola de Direito, ou inspirou as esplêndidas novelas que tornariam Dickens famoso. Ao comum dos mortais, esta mesma ambição traz o desejo de seguir as modas, de conduzir carros de luxo, ou referir-se, sempre que possivel, à extraordinaria inteligência dos filhos.

Certas pessoas chegam a servir-se da invalidez para conquistar as atenções e simpatia dos que as cercam, adquirindo uma importância que não tinham. Algumas autoridades puderam observar casos de insanidade mental, determinadamente provocada por indivíduos que buscavam no mundo imaginário da loucura o halo de importância que lhes fora negado pela vida real.

Já que tal sentimento exerce sobre os seres tão profunda atração, é de ver que milagres nos será dado realizar, se reconhecermos, com justiça, o valor das pessoas. Poucos sabem fazê-lo; estes, no entanto, poderão, por esta manei-

Ziegfeld, um dos mais famosos empresários da Broadway, conquistou a sua reputação por «glorificar a beleza da *girl* americana». Repetidas vezes conseguiu transformar alguma obscura criaturinha numa visão de misterioso e sedutor encanto. Conhecendo melhor do que ninguem o valor da confiança em si mesmo, fazia com que as mulheres se convencessem da sua própria beleza com palavras de consideração e galanteio. Elevou o salário das coristas de 35 a 175 dólares por semana. Numa das noites de estréia, ofereceu um lindo ramalhete de rosas a cada uma das moças.

ra, dominar os seus amigos e próximos.

Andrew Carnegie pagava a Charles Schwab o salário nunca visto de um milhão de dólares por ano. Conheceria Schwab, por acaso, melhor do que ninguem, as questões relativas à manufatura do aço? Não seria esse o motivo, pois Schwab confessou-me, certa feita, que vários empregados sob sua direção entendiam mais do que ele da matéria. Merecera o alto prêmio, em grande parte, devido à sua extraordinária habilidade em lidar com as pessoas. Qual era o seu segredo? «A faculdade que possuo de inspirar entusiasmo por um dado trabalho aos homens que me cercam, é o meu melhor recurso; tenho o dom de estimular as suas qualidades principais pela justiça com que as aprecio. Nada haverá de mais desconcertante para a ambição de um homem que as repetidas críticas de seus superiores. Procuro assim, quanto posso, tecer elogios sinceros, evitando, o mais possivel, ditar ou referir alguma falta. Estou por encontrar um ser humano, por mais perfeito ou eficiente que seja em seu posto, que não produza mais, ou se esforce melhor, estimulado por aprovação, do que vendo o seu trabalho criticado, ainda que com justiça.»

Rockefeller deveu, por igual, em boa parte, o seu êxito, à habilidade no lidar com os homens. Quando, por exemplo, um dos seus sócios, Edward T. Bedford, deu à firma um prejuizo de um milhão de dólares em virtude de um mau negócio na América do Sul, John D. Rockefeller poderia tê-lo fulminado com as mais severas críticas; reconheceu, no entanto, que Bedford fizera aquilo inspirado por boas intenções. Como este houvesse salvo, em todo o caso, 60 por cento do capital investido, Rockefeller felicitou-o com estas simples palavras: «Foi muito habil. Nós, os de cima, nem sempre saberíamos sair tão bem de uma enrascada destas.»

Quase todas as pessoas se consideram extremamente importantes. O mesmo dá-se com os paises. Julgamo-nos, por exemplo, superiores aos japoneses. Mas os japoneses, por seu turno, se consideram superiores a nós, e não ocultam sua irritação, ao verem um homem branco dansando com uma japonesa. Consideramo-nos, tambem, mais importantes que os indús, e cada qual, é claro, tem o direito de opinar ou julgar como entende. Mas um milhão de indús recusam-se a tocar nos alimentos sobre os quais haja roçado a sombra de um gentio. E que dizer dos esquimós? Uma raça inferior, ao nosso ver. Se um deles entretanto não trabalha, vive às custas dos outros, e é, em resumo, totalmente inutil, chamam-no, por desprezo, de «homem branco», a maior das ofensas que conhecem.

Cada pessoa que encontramos se julga, de algum modo, superior a qualquer de nós. O melhor meio de agradá-la consistirá, portanto, em convencê-la

de que reconhecemos este fato. No livro *Reunion in Vienna*, lê-se a seguinte confissão: «Nada me será mais necessário do que encontrar estímulo e alimento para o meu amor-próprio.» Poucas vezes, todavia, estimulamos devidamente o amor próprio daqueles que nos cercam.

Não estou, com isto, sugerindo o emprego da lisonja. A mera adulação não leva nunca a resultado algum, sendo falsa, e dos dentes para fora. Mas um sincero elogio, que vem do coração, vai diretamente aos corações.

Deixemos de pensar, exclusivamente, nas nossas próprias realizações e nos nossos próprios desejos. Procuremos reconhecer melhor as qualidades do próximo. Se soubermos elogiá-las sinceramente, o elogiado recordará nossas palavras muitos anos depois, quando nem mais nos lembrarmos daquilo que dissemos.

Emerson consignou num dos seus livros: «Cada homem que encontro é, em alguma coisa, superior a mim. Tenho sempre, portanto, o que aprender com ele.»

O que cada qual deseja

DE QUANDO em vez tentamos persuadir alguem a fazer determinada coisa. Antes de quaisquer palavras, procuremos lembrar-nos de que só existe um meio de obter tal resultado: é conseguirmos que a pessoa em questão *queira* fazer o que desejamos.

Andrew Carnegie era um mestre na arte de influenciar os que o cercavam, servindo-se, para tanto, das inclinações de cada um. Por exemplo: uma sua cunhada preocupava-se muito com os dois filhos que se achavam na universidade de Yale, e esqueciam de escrever, dando notícias aos de casa. Carnegie fez uma aposta de cem dólares em como conseguiria uma resposta dos rapazes, pelo mesmo correio, sem lhes pedir sequer que respondessem. Alguem aceitou a aposta. Escreveu ele então aos dois sobrinhos, mencionando casualmente, no post-scriptum, que remetia, ao mesmo tempo, a cada um, uma nota de cinco dólares. Mas fechou o envelope sem mandar o dinheiro.

Ambos se apressaram em escrever-lhe pelo correio seguinte.

No caso, bem se vê, Carnegie explorou um sentimento que nada tinha de nobre. Mas é possivel, muitas vezes, em dadas situações, explorar os mais altos sentimentos. Lord Northcliffe viu certa feita, num jornal, um retrato seu que não desejava ver publicado. Escreveu de novo uma carta ao redator. Poderia ter dito: «Por favor, não publique então este retrato, pois não é do meu agrado.» Preferiu entretanto socorrer-se do sentimento de respeito que naturalmente temos pelas mães, e, assim, pediu habilmente: «Por favor não publique de novo este retrato. Minha mãe não gosta dele.»

Quando John D. Rockefeller Junior quis impedir que os fotógrafos dos jornais tirassem constantemente instantâneos dos seus filhos, não disse bruscamente: «Não quero que lhes publiquem as fotografias.» Apelou para motivos sentimentais: «Compreendam, rapazes. Vocês tambem têm filhos. Sabem que o excesso de publicidade só pode prejudicar as crianças.»

Charles Schwab foi ter, uma ocasião, com o gerente de uma das suas fábricas de produtos alimentícios, cujos operários não estavam produzindo a quota de trabalho necessária. «Como se explica,» perguntou-lhe, «que um homem tão capaz quanto o senhor não

consiga fazer com que o serviço se efetue normalmente?»

«Não sei,» respondeu-lhe o outro. «Tenho feito o impossivel; procuro estimular o pessoal; falo, zango-me às vezes. Não há jeito. Não consigo fazer com que trabalhem.» Era pelo fim da tarde. A turma de dia acabava de partir, e a da noite estava por chegar.

«Dê-me um pedaço de giz,» disse Schwab, e, voltando-se para um dos empregados, perguntou-lhe: «Quantas fornadas fizeram hoje?»

«Seis.» Sem dizer uma só palavra, Schwab desenhou, no chão, com o giz, um «6» bem visivel, e partiu. Os operários da noite, ao chegarem, viram o número desenhado no chão, e perguntaram o que significava aquilo. Os outros explicaram: «O chefão esteve aquí, e perguntou quantas fornadas tínhamos feito durante o dia. Seis, respondemos. E ele escreveu o número no chão.» Na manhã seguinte, Schwab voltou à fábrica. A turma da noite apagara o «6», pondo um «7» em seu lugar.

Quando os operários que trabalhavam de dia voltaram, viram no chão o «7». Pareceu-lhes um desafio. Então a turma da noite se julgava melhor ou superior à deles? Pois enganavam-se redondamente! Trabalharam como nunca, e de noite, ao partir, desenharam, no chão, um gigantesco «10». Dentro de pouco tempo, estava a fábrica produzindo mais e melhor que as outras.

«A moral da história,» observava Schwab, «é que a melhor maneira de estimular os homens ao trabalho está em despertar neles o espírito de competição. Não se deve aliás fazê-lo despertando-lhes baixos apetites, mas sobretudo o desejo de sobrepujar em competência.»

Em 1915, Woodrow Wilson decidiu enviar ao Velho Mundo um emissário de paz, afim de que este conferenciasse com os líderes da Europa em guerra. William Jennings Bryan, Secretário de Estado, ansiava por ser designado para a referida missão. Via, naquilo, uma oportunidade de tornar-se célebre. Wilson, porem, designou o coronel House, a quem coube o ingrato dever de anunciá-lo a Bryan. Este não ocultou o desapontamento que sofreu. O coronel House narra o episódio no seu diário: «Expliquei-lhe, no entanto, que o Presidente achava impróprio dar à missão carater oficial, e que, se ele partisse, o fato despertaria a atenção do público, abrindo margem a toda sorte de conjeturas.»

A tática é visivel. Alegando House que Bryan não fora designado por estar acima da incumbência, este aceitou do melhor grado a escusa. House, homem experiente, cumpriu uma das regras capitais, no que respeita às relações humanas: fazer sempre com que os outros se adaptem de coração às coisas que lhes sugerimos.

Não discutir

OUTRA OCASIÃO, no curso de um banquete, meu vizinho da direita fez uma citação que atribuia à Biblia. Enganava-se. Afim de demonstrar os meus conhecimentos, resolví corrigí-lo. O homem, porem, insistiu. Qual Shakespeare, qual nada! A frase era da Bíblia. Um velho amigo meu, que se achava à minha esquerda, era profundo conhecedor do grande vate. Decidimos consultá-lo. Ele ouviu com atenção, e, pisando-me o pé, respondeu discretamente, num sorriso: «Engana-se, Dale. Este senhor tem razão: a frase é da Bíblia.»

Ao regressarmos da festa, o meu amigo explicou-me: «Você tinha razão: a frase é de Shakespeare. Mas estávamos alí como convivas, numa reunião festiva. Por que motivo convencer o homem de que ele havia cometido um erro? Acha que deste modo teríamos sido mais amaveis? Que perdeu você em permitir que o pobre do sujeito julgasse ter razão? Ele nada lhe havia perguntado. Para que discutir? Evite sempre discussões.»

Evite sempre discussões. Tirei proveito da lição, pois fora sempre um discutidor incorrigivel. Na minha menicice, nada havia na face da terra que eu não tentasse discutir com meu irmão. No colégio, estudei lógica e dialética, matérias que, depois, vim a ensinar em Nova York. Cheguei, por fim, a convencer-me de que só nos saimos bem das discussões que conseguimos evitar. Em noventa por cento dos casos, ao terminarem tais debates, cada contestador julga, mais firmemente do que nunca, que ele é quem está com a razão. Nada se ganha em discutir. Ainda quando ganhamos, é uma vitória que de pouco vale, pois o oponente, mesmo quando a reconhece, nunca o faz de boa vontade.

William G. McAdoo, Secretário do Tesouro no governo de Woodrow Wilson, declarou certa vez ter aprendido, entre outras coisas, nos seus longos anos de vida política, que «é impossivel combater um ignorante por meio de argumentos». E McAdoo, ainda assim, adotou certas reservas, que eu, por mim, não perfilho. Segundo a minha própria experiência, essa impossibilidade se verifica, não só em relação aos ignorantes, mas a todos os homens, quaisquer que sejam as suas aptidões mentais.

Eis um simples exemplo. Frederick S. Parsons, agente do imposto sobre a renda, estivera discutindo uma hora inteira com um inspetor do fisco. Tratava-se de 9.000 dólares. Parsons afirmava que os 9.000 dólares em questão não deviam ser submetidos à taxa. O inspetor, entretanto, pensava de modo oposto.

«Este,» diz Parsons, «era um sujeito frio, arrogante e teimoso. Quanto mais discutíamos, mais irredutivel se mostrava. Disse-lhe, finalmente:—Parece-me, no fundo, que este caso pouco vale, comparado aos problemas realmente importantes e dificeis que o senhor, muitas vezes, será chamado a resolver. Tenho estudado, atentamente, estas questões de taxas. Mas o pouco que sei, aprendí-o nos livros. O senhor aprendeu pela própria experiência. Quisera eu estar no seu lugar. Aprenderia, assim, muita coisa que ignoro.—Fui sincero, ao dizê-lo. O inspetor empertigou-se na cadeira, e, jogando a cabeça para trás, pôs-se a falar-me sobre o seu trabalho, contando numerosos episódios de fraudes que descobrira. Discorreu assim por largo tempo, e a sua voz se foi tornando cada vez mais branda. Falou-me até nos filhos. Ao despedir-se, disse apenas que ia refletir sobre o caso em questão, e me daria a resposta dentro de alguns dias. Três não haviam decorrido, quando recebí no escritório um chamado seu. Era para me comunicar que a dívida ficara resolvida, exatamente nos termos que eu lhe havia proposto.»

O caso do inspetor exemplifica bem uma das mais comuns fraquezas humanas. Desejava ele exibir sua própria importância: enquanto Parsons discutisse, só poderia fazê-lo clamando em altas vozes a sua autoridade na espécie. Logo porem que o interlocutor mostrou reconhecê-la, começou a recuar, e tendo conseguido finalmente dar ex-

pansão ao seu «ego», mostrou-se inteiramente cordial.

Já desisti de fazer ver às pessoas que elas estão erradas. E os resultados colhidos provam de sobra a eficiência da regra. Poucos homens revelam neste assunto uma lógica simples e segura. Quase todos nos deixamos influenciar por certas idéias preconcebidas. Reconhecemos nossos erros, de nós para conosco. Somos até capazes de admitílos àqueles que revelem certo tato, pois encontramos, na nossa própria franqueza, certo motivo de orgulho. O mesmo não sucede, todavia, quando alguem ousa lançar-nos a acusação em rosto.

Na sua auto-biografia conta Benjamin Franklin de que maneira foi levado a dominar o vício da discussão, tornando-se um dos mais habeis diplomatas da história americana. Um dia—era então um rapazola brigador e atrevido—um colega seu, tomando-o de parte, disse-lhe o que ele precisava ouvir: «Ben, quando alguem lhe contradiz, você responde logo com duas pedras na mão. Nós mesmos, seus amigos, nos sentimos melhor na sua ausência. É que você, julgando saber tudo, já nem permite que se lhe ensine coisa alguma. Ninguem procurará fazê-lo, sabendo de antemão os resultados. Desta forma, você nunca saberá senão o que já sabe—e é muito pouco, meu amigo.»

Benjamin Franklin teve senso bastante para reconhecer que o outro lhe dissera a verdade, e mudou logo de atitude. «Tomei como regra, desde então, nunca contradizer diretamente as opiniões alheias, nem expressar as minhas de modo positivo. Cheguei mesmo a evitar o emprego de quaisquer palavras que traduzissem uma opinião definitiva, como sejam:—certamente, sem dúvida nenhuma, etc., adotando, em lugar, as expressões:—tenho impressão que isto é assim; ou—creio, no momento, que assim seja. Quando uma pessoa proferia na minha presença alguma afirmação, ao meu ver, errônea, negava-me o prazer de desmentí-la bruscamente, mostrando-lhe o absurdo do que acabava de dizer. Ao medir as respostas deste modo, pude notar que às vezes meu interlocutor tinha razão, o mesmo não se dando em outros casos.

«Com o tempo, essa atitude transformou-se num hábito. A tal ponto que nestes últimos 50 anos ninguem ouviu de mim uma expressão dogmática. E a tal hábito, em parte, (bem como a certas qualidades de carater) devo principalmente, ao que se me afigura, a influência que de tão cedo exercí sobre os meus compatriotas, ao propor novas instituições, ou sugerir que se alterassem as velhas, ou nos conselhos públicos em que tomei parte.»

Reconhecer os nossos erros

Ao cometermos uma falta, é dificil, às vezes, reconhecê-lo de pronto. Ferdinand E. Warren, desenhista, serviu-se desta faculdade para reconquistar as boas graças de um exigente diretor artístico. «Mandei-lhe, ultimamente um trabalho que me encomendara com urgência,» contou-me Warren, «e recebí pouco depois um chamado telefônico, pedindo-me que fosse ter imediatamente ao seu escritório. Encontrei-o, como já previra, de sobrolho franzido e antegozando uma oportunidade de criticar o meu trabalho. Perguntou-me irritado, porque deixara escapar tais e tais defeitos. Recorrendo a uma nova estratégia, respondí, simplesmente:—Descuidei-me de fato, não

O falecido crítico teatral Percy Hammond tinha um meio infalivel de causar desagrado, em seus artigos, às pessoas que desejava aborrecer. Escrevia-lhes o nome errado propositadamente. Grafava a palavra a seu modo, pondo um sinal à margem, afim de avisar os tipógrafos de que desejava que o nome fosse impresso conforme o tinha escrito, e de que não pusessem Joseph Wood Krutch onde ele escrevera Joseph *Brooks* Krutch, ou J. Brooks Atkinson em vez de J. *Wooa* Atkinson. Por um motivo que se não explica, as pessoas se mostram gravemente ofendidas quando alguem lhes escreve mal o nome. Deleitava-se ele com a idéia de que toda aquela gente se ofenderia ao ver que Percy Hammond os julgava tão pouco importantes, que nem sequer sabia escrever os seus nomes corretamente.

há desculpa para semelhantes erros. Venho fazendo, há muito tempo, os seus desenhos. Já devia saber, por conseguinte, o que o senhor deseja. Sinto-me até envergonhado.

«O diretor passou então a defender-me.—É, tem razão, em parte, mas afinal os erros não são tão graves quanto diz...

«Interrompí, porem:—Por menores que sejam, respondí, podem sair-lhe caro. Eu devia ter sido mais atento. Vou fazer o desenho novamente.

«—Não! Qual nada! protestou ele. —Nem me passaria pela cabeça dar-lhe um trabalho destes.

«Elogiou-me o desenho assegurando que bastava corrigir um pequeno detalhe—coisa de pouca monta...

«Ao ver-me tão disposto a criticar as minhas próprias faltas, a sua irritação cedeu de todo. Ao despedir-me, deu-me um cheque e encomenda para um novo trabalho.»

A primeira pessoa do singular

As mais doces memórias da minha infância se acham ligadas à figura de um cãozinho de rabo curto e pelo amarelado. Tippy não lera nunca nenhum tratado de psicologia. Nem precisava lê-los. Tinha uma técnica perfeita em conquistar a simpatia das pessoas. Afeiçoava-se por elas, igualmente. Seu interesse por mim era tão verdadeiro e tão sincero, que eu não podia senão corresponder-lhe.

Quer conquistar amigos? Pois siga o exemplo de Tippy. Seja cordial e acolhedor. Esqueça-se de si próprio. Convença-se de que as pessoas não se interessam pelos seus problemas. Só pensam nelas mesmas, pela manhã, de tarde, e depois do jantar. A Companhia Telefônica de Nova York procurou averiguar qual a palavra mais frequentemente empregada nas conversas por telefone.

Era o pronome «Eu». Surgia, este, 3.900 vezes em 500 chamadas. Eu, Eu, Eu, Eu...

Eis o motivo pelo qual podemos em dois meses—revelando interesse pelos outros—travar mais amizades que em dois anos, procurando fazer com que as pessoas se interessem por nós.

Tal era um dos segredos da extraordinária popularidade de Teodoro Roosevelt. Foi ele certa feita visitar o presidente Taft e a senhora, na Casa Branca, sua antiga morada provisória. Achavam-se, porem, ambos, ausentes. Teve então o ex-presidente ensejo de revelar a sua simpatia por pessoas humildes, pois dirigiu-se aos velhos empregados do palácio, chamando-os pelo nome—até as ajudantes de cozinha.

«Vendo uma destas, Alice,» escreve Archie Butt, «perguntou-lhe se ainda

fazia bolinhos de milho. A rapariga respondeu-lhe que ainda os fazia às vezes mas só para os criados, pois não eram do agrado dos patrões.»

«No que mostram mau gosto,» respondeu Roosevelt. «Hei-de dizê-lo ao Presidente, quando estiver com ele.»

«Alice trouxe-lhe num prato um pedaço do bolo. Ele se foi a comê-lo pelo caminho, cumprimentando de passagem os jardineiros e trabalhadores que alí se achavam. Fala-se ainda, até hoje, no episódio, e Ike Hoover comentava, com lágrimas nos olhos: «Foi o dia mais feliz que tivemos em quase dois anos.»

Este mesmo interesse pelas coisas alheias fez com que o dr. Charles W. Eliot, de Harvard, fosse um dos mais populares entre os que tiveram a seu cargo a direção de uma universidade. Certa vez, um calouro, L. R. G. Crandon, foi ter ao gabinete do diretor para tomar 50 dólares emprestados ao «Fundo de Empréstimos dos Estudantes». Entregaram-lhe a quantia. «E a seguir,» cito agora o próprio Crandon, «o diretor Eliot disse: «Queira sentar-se.» E à minha grande surpresa prosseguiu: «Ouví dizer que o senhor prepara as suas próprias refeições, e costuma comê-las no seu quarto. Não acho má a idéia, se os alimentos forem próprios, e em quantidade suficiente. Como estudante, fiz o mesmo. Sabe fazer bolinhos de vitela? Se a carne for tenra e bem cozida, é um dos melhores pratos, pois leva pouca coisa. Eis como eu costumava prepará-los.» Passou depois a descrever de que maneira escolhia a vitela, e cozinhava a carne a fogo lento. Ensinou-me depois como cortá-la, e comê-la já fria.»

Semelhante atitude resultará acaso eficiente no campo dos negócios? Não tenham dúvida que sim. Exemplifico.

Charles R. Walters, de um dos maiores bancos de Nova York, foi incumbido de preparar um relatório confidencial sobre certa companhia. Só conhecia um homem que lhe pudesse dar as informações necessárias—o respectivo presidente. Foi visitá-lo, e, no momento em que chegava à porta do escritório, viu que uma jovem dizia àquele que não pudera trazer-lhe nenhum selo.

«Estou colecionando selos para o meu filho de 12 anos de idade,» explicou-lhe o presidente.

Walters, dizendo-lhe ao que vinha, fez algumas perguntas. As respostas, porem, eram vagas, confusas, imprecisas. A entrevista foi breve e pouco proveitosa.

Que fazer? Lembrou-se Walters de que num departamento do seu banco colecionavam selos procedentes de toda parte do mundo.

«No dia seguinte,» é ele próprio quem conta, «comuniquei-me de novo com o homem, dizendo-lhe que traria alguns selos para o seu filho. Recebeu-me cordial e sorridente. Examinando os selos, comentava:—O George ficará deveras encantado. Este, aquí, parece que é precioso.

«Passamos meia hora falando de selos. Conversamos, depois, mais de uma hora, e, sem que eu lhe pedisse nada, deu-me todas as informações.»

Se quisermos travar relações amistosas, procuremos tornar-nos uteis, o que nos custará tempo, energia, e reflexão.

Saber ouvir

TIVE OCASIÃO de conhecer, recentemente, no curso de um jantar, um reputado botânico. Foi o primeiro botânico que jamais encontrei, e, por isso, durante toda a noite, ouví-o dissertar atentamente sobre batatas, haxixe, Luther Burbank, e estufas. Ao dar a meia-noite, despedí-me e saí. O botânico então, ao que parece, fez-me grandes elogios. «Era eu,» comentou, «um conversador interessante e muito comunicativo.»

Conversador interessante?! Eu mal dissera uma palavra durante todo aquele tempo! Nem teria podido dizer nada, senão mudando o assunto da conversa—pois que em matéria de botânica não sabia, de fato, coisa alguma. Mas tinha feito, pelo menos, isto: ouvira atentamente, interessando-me de fato por tudo o que ele dissera. O cientista sentiu que eu estava interessado, o que, naturalmente, só lhe podia agradar. Ouví-la atentamente, é dos mais agradaveis cumprimentos que podemos fazer a uma pessoa.

É condição fundamental, tanto em palestras de salão, como em entrevistas comerciais. Lembre-se sempre de que o interlocutor está cem vezes mais interessado nos seus próprios problemas, e em si mesmo, do que na pessoa com quem fala, e seus problemas. A dor de dente que o perturba é muito mais importante, para ele, do que a fome na China. Tenha em mente esta idéia, ao iniciar uma palestra. Se quiser conquistar a simpatia das pessoas, aprenda a ser um bom ouvinte. Procure encorajá-las, alem disso, a falar em si mesmas.

A memória dos nomes

PERGUNTEI, uma feita, a Jim Farley, qual o segredo do seu êxito. Respondeu-me, sorrindo:—Não é facil, meu caro!—Ora, vamos! insistí.

Como ele então me perguntasse qual seria, ao meu ver, o seu segredo, respondí-lhe:—Segundo ouví dizer, você sabe de cor o nome de 10.000 pessoas.

—Não. Está mal informado, retrucou-me.—Sei o primeiro nome de 50.000 pessoas!

Por mais estranho que pareça, foi de algum modo graças a isto, que Jim Farley conseguiu levar Franklin D. Roosevelt à Casa Branca. Durante os anos em que viajou para fins comerciais, conseguiu inventar todo um sistema para guardar de cor os nomes próprios. Ao conhecer alguem pela primeira vez, procurava averiguar qual o nome completo da pessoa, o número dos membros da família, a sua profissão e opiniões políticas. Gravava tudo aquilo na memória, e, ao encontrar de novo o indivíduo, podia dar-lhe, afetuosamente, pancadinhas nas costas, pedindo-lhe notícias da mulher e dos filhos, e perguntando se as malvas que plantou no quintal iam crescendo bem. Daí a popularidade que alcançou.

Observara, desde cedo, que os homens, em geral, se interessam mais pelos seus próprios nomes que por todos os outros do universo. Se nos lembrarmos portanto do seu nome, prestamos a cada indivíduo uma atenção sutil e delicada. Ao esquecê-lo ou pronunciá-lo mal, colocamo-nos logo em posição desvantajosa aos seus olhos.

Andrew Carnegie descobriu, aos dez anos de idade, a extraordinária importância que as pessoas costumam dar aos seus próprios nomes. Serviu-se deste fato, uma dada ocasião, para obter que os seus pequenos camaradas lhe prestassem um serviço. Tinha ele, então, uma ninhada de filhotes de coelhos, mas não dispunha no momento dos alimentos com que nutrí-los. Acudiu-lhe uma idéia. Anunciou a todos os meninos da vizinhança que, se lhe trouxessem erva em quantidade suficiente, batizaria os coelhinhos com seus nomes.

A idéia deu ótimos resultados, e Carnegie não se esqueceu jamais daquilo.

Muitos anos depois, ganhou milhões de dólares empregando no mundo dos negócios a mesma psicologia. Uma vez, por exemplo, quis iniciar a venda de trilhos de aço à Companhia de Estrada de Ferro da Pensilvânia, de que era no momento presidente J. Edgar Thompson. Fez erguer uma fábrica de aço em Pitsburgo, e batizou-a: «Usinas J. Edgar Thompson.»

Quando a Companhia da Pensilvânia precisou de trilhos de aço, onde, senão alí, foi Edgar Thompson comprá-los?

Ao tempo em que Carnegie e George Pullman lutavam por conquistar a supremacia dos vagões-leitos, o Rei do Aço lembrou-se novamente da história dos coelhos.

A Companhia Central de Transporte, controlada por Carnegie, entrara em competição com a empresa dirigida por Pullman. Ambos tentavam adquirir o contrato dos vagões-leitos da União da Estrada de Ferro do Pacífico, desafiando-se um ao outro, oferecendo condições mais vantajosas, com o risco de destruir seus próprios interesses na questão. Carnegie e Pullman foram ver em Nova York os diretores da União. Como encontrasse Pullman, uma noite, no hotel St. Nicholas, Carnegie sugeriu-lhe a associação das duas companhias. Descreveu, com palavras eloquentes, os proveitos que ambas retirariam de um trabalho em conjunto, em vez daquela eterna oposição. Pullman ouviu atentamente, sem se decidir, todavia, a aceitar a proposta. Perguntou, afinal: «E que nome daríamos, então, à nova companhia?» Carnegie respondeu-lhe, prontamente: «Companhia de Vagões-Leitos Pullman, é claro.»

O semblante do outro iluminou-se. «Venha ao meu quarto,» convidou. «Discutiremos a questão tranquilamente.» Resultou da palestra a criação de uma famosa indústria.

Os homens, em geral, se orgulham tanto dos seus nomes, que tudo fazem por perpetuá-los. Há duzentos anos passados, os milionários costumavam pagar aos escritores para que estes lhes dedicassem seus livros. Alguns, nos Estados Unidos, contribuiram financeiramente para a expedição do almirante Byrd ao Antártico, sob a condição de que as montanhas de gelo fossem por ele batizadas com seus nomes. Um ricaço casmurro e carrancudo como o velho P. T. Barnum, desapontado por não ter um filho que lhe pudesse herdar o nome, ofereceu 25.000 dólares ao seu neto C. H. Seeley, afim de que este decidisse chamar-se «Barnum» Seeley.

Um dos meios mais simples e eficazes de conquistar a simpatia das pessoas e de satisfazer-lhes o amor-próprio, consiste em recordar seus nomes. No entanto, todos nós nos descuidamos disso. Quase sempre, quando nos apresentam a um estranho, palestramos com ele alguns minutos, e, ao despedirmo-nos, nem sabemos mais seu nome. A maior parte das pessoas esquecem facilmente os nomes pelo simples motivo de que nunca tentaram—por falta de tempo ou por preguiça—concentrar a atenção e repetí-los até que os tenha bem gravados na memória.

Napoleão III gabava-se de recordar os nomes de todas as pessoas que lhe haviam sido apresentadas. Como o teria conseguido? De maneira muito simples. Se por acaso não ouvisse claramente, dirigia-se à pessoa em questão: «Desculpe, mas não ouví bem.» Se se tratava de um nome fora do comum, perguntava: «Como se escreve?»

No curso da palestra, procurava repetí-lo várias vezes, associando-o, no espírito, aos traços, figura, e expressão da pessoa. Se se tratava de uma personalidade, ainda fazia mais. Mal se achava sozinho, escrevia o nome num pedaço de papel, lia e relia várias vezes, concentrando a atenção, até gravá-lo. Associava a memória auditiva à visual.

Tudo isto toma tempo, claro está, mas, como dizia Emerson, «os bons modos são feitos de pequeninos sacrifícios.» Lembre-se de que para um homem não há palavra mais doce nem mais importante do que o seu próprio nome...

Natal do forasteiro

¶ Era na véspera de Natal. A voz do piloto da Aviação Naval podia ser ouvida em todo o minúsculo restaurante: «Acho que teremos que passar o nosso Natal aquí, querida. Espero-te pelo próximo trem.»

O homem do bar, que tinha estado imovel, voltou a limpar o seu balcão, e as conversas interrompidas prosseguiram.

A cena tinha lugar em uma pequena povoação, que mal passava de simples apeadeiro, no norte do Ilinóis. Alí se achava um aviador, na véspera do Natal, visivelmente apreensivo, com o seu presente de Boas-Festas debaixo do braço. Era evidente, pela conversa telefônica ouvida, que tudo o que ele e sua noiva podiam ter, naquele Natal, eram algumas horas, entre dois trens, num lugar estranho, onde nada mais havia alem de um galpão de locomotivas, um restaurante, e uma loja de varejo.

Quando o oficial saiu, para averiguar o horário dos trens, houve no restaurante uma grande excitação.

Na noite de Natal, seriam duas horas de madrugada quando o piloto e a noiva se encontraram na estação, uma terceira pessoa apareceu, um embaraçado representante dos habitantes do lugar, que sorriu e disse: «Ficamos a pensar que gostariam de ter um lugar para festejar o seu Natal.» E em seguida conduziu os recem-casados até uma pequena casa, onde lhes mostrou uma sala. «Sejam benvindos! Boas festas!»

Havia coroas festivas nas janelas e na porta, e no centro da modesta sala se erguia uma árvore de Natal, toda fulgurante de velas acesas e de presentes, estes últimos com a inscrição: «Oferta da vila».

No dia 26 de dezembro, encontrei-me com o piloto, no Hospital da Marinha de Great Lakes, antes da operação a que ele se submeteu, por causa de ferimentos internos sofridos em um acidente pouco antes do Natal—fato que ele não revelara à esposa. No estado delirante produzido pelo anestésico, ele sorria, murmurando: «O melhor lugar... a melhor gente... o melhor Natal que jamais tive...»

O lugarejo em questão era Bureau, no Ilinóis.

—Benjamin C. Jones

Um assunto que não é tão árido como parece!

Oleodutos de transporte múltiplo

(Condensado do «Forbes»)

Por George Kent e Alfred H. Sinks

HÁ SEIS ANOS Sidney S. Smith, engenheiro da Companhia de Petróleo Shell em S. Luiz, recebeu a proposta para uma missão: construir e dirigir a exploração de um novo oleoduto. Smith nada conhecia do assunto, e assim o declarou com toda a franqueza. «Ótimo,» respondeu-lhe o chefe. «Pode ser que você tenha idéias novas. Esperamos que possa iniciar os trabalhos no princípio da próxima semana.»

O resultado desta conversa foi a construção de um encanamento que transporta ao mesmo tempo vários produtos derivados do petróleo. Escoando-se e borbulhando através dele, podem passar, um após outro, sete tipos diferentes de gasolina, querosene e óleo combustivel, e mais uma meia dúzia de produtos. Entre eles não existe separação. Misturam-se um pouco onde quer que se encontram, mas em proporções que não chegam a ser prejudiciais; acresce que os químicos reclamam geralmente esta mistura.

O encanamento começa em Wood River, Ilinóis, sede de uma das maiores refinarias da companhia, atravessa os estados de Ilinóis e Indiana, e termina em Lima, no Ohio, a 560 quilômetros de distância, onde se liga a outros encanamentos que servem a zona leste dos Estados Unidos. Pelo seu interior correm diariamente 25.000 barrís de combustiveis diversos.

A conclusão de tal trabalho era, sem dúvida, suficiente para satisfazer qualquer homem, mas Smith não ficou por aí; em 1939 concluia os planos de um oleoduto desmontavel, com tubulação, uniões e bombas de novo modelo, e apresentava sua idéia ao Exército. Um conduto experimental instalado no estado da Virgínia funcionou com tamanhos resultados, que o Exército lançou imediatamente mãos à obra com toda a energia.

A importância de um trabalho desta natureza é manifesta. Alem de permitir a substituição de um sem número de caminhões-tanques, que exigem combustivel para seu próprio funcionamento, e constituem alvos excelentes para os aviões inimigos, o encanamento desmontavel, de dez a quinze centímetros de diâmetro, é dificilmente observado do espaço, e ainda mais dificilmente alvejado; por outro lado, é facil de reparar quando atingido. Sua construção é feita em seções de 6 metros, suficientemente leves para poderem ser transportadas por um só homem; sua flexibilidade permite-lhe ser arqueado nas curvas apertadas; e, finalmente, pode ser instalado por pessoal sem experiência.

O novo sistema foi experimentado pela primeira vez na Tunísia, sob o fogo do inimigo. Montado à razão de 30 a 50 quilômetros por dia, sua tubulação serpenteava pelo terreno, acompanhando passo a passo o progresso das tropas americanas. O êxito foi tamanho, que um general escreveu a Smith para lhe afirmar a grande importância da sua contribuição para a vitória. Mais tarde, na Sicília, idêntico encanamento flexivel conduzia combustivel dos navios petroleiros aos postos de reabastecimento, imediatamente à retaguarda das primeiras linhas. Ao terminar a campanha, tinha-se estendido ao longo de grande parte da costa, até Messina. Neste momento ninguem sabe onde voltará a prestar serviços, porem há tubulação e bombas preparadas para uns 15.000 quilômetros de encanamento.

Smith, que é um homem de 49 anos, robusto e bem parecido, em cuja face paira sempre um sorriso agradavel, costuma desdenhar da sua obra ao afirmar que «alguem tinha que o fazer». Mas o fato é que esse «alguem» carecia dos seus antecedentes e de uma imaginação igual à sua. Filho de um industrial de petróleo, passou a infância junto aos grandes tanques de combustivel e nos campos petrolíferos. Mais tarde, ao terminar seu curso no Marietta College, dirigiu-se para a região do petróleo do Oklahoma, alcançando seus êxitos iniciais com o gás natural, cuja exploração é a mais complexa de toda a indústria petrolífera.

Antes de concluido o seu conduto Wood River—Lima, apenas se conheciam dois tipos de oleoduto. Um deles não é mais complexo que um encanamento de água: limita-se a aspirar um produto, como o petróleo bruto, de um ponto para outro. O segundo tipo transporta querosene e óleo combustivel através da mesma tubulação, mas o pessoal só sabe qual deles está passando depois de colher as amostras respectivas.

Para estudar melhor a atuação dos diferentes combustiveis à medida que se iam empurrando uns aos outros ao longo dos tubos, Smith instalou um encanamento de vidro em miniatura, no qual reproduziu as condições normais. Descobriu então que os combustiveis, deslizando à velocidade de cerca de um quilômetro e meio por hora, se misturavam dentro em breve, mas que os mesmos líquidos, quando sujeitos a pressão, e forçados a percorrer o encanamento à razão de 4 a 5 quilômetros por hora, não se misturavam de maneira apreciavel.

Mas o aspecto mais surpreendente do seu sistema é sem dúvida a exatidão com que, nas diversas estações terminais, se pode prever a chegada de cada combustivel. É essa a grande vitória de Smith. Apesar dos líquidos exigirem entre três a cinco dias para percorrerem o encanamento, enterrado a um metro e vinte de profundidade, é possivel calcular a posição exata de cada lote por meio de uma bateria de dispositivos que medem a pressão, a temperatura e outros elementos. O operário da estação de chegada, que tem ordens para recolher 5.000 barrís de gasolina de aviação, por exemplo, sabe antecipadamente a hora precisa a que deve começar a colheita, e aquela a que deve terminar.

A exploração do encanamento é dirigida por um despachante que trabalha no *Rockefeller Center*, em Nova York, e que tem ao seu dispor um circuito de teletipo ligado a todas as instalações de bombas e a todas as estações terminais. O teletipo transmite os resultados das leituras de pressão e temperatura, e anuncia as quantidades postas a circular pela estação de origem em Wood River, e aquelas que as estações terminais vão recolhendo. Um gráfico existente no mesmo escritório representa os produtos que vão atravessando o encanamento, por meio de uma fita movel, de cores, em que cada cor simboliza um produto diferente. À medida que o combustivel

avança, a fita vai-se deslocando sobre um desenho em escala do perfil do terreno que o encanamento atravessa. Deste modo se conhece, com a exatidão de minutos, a localização precisa de cada litro dos diferentes combustiveis.

Embora Smith tenha tornado o seu sistema quase 100 por cento automático, as tempestades quebram por vezes as linhas elétricas e paralisam as bombas. Quando assim sucede, como a perda de pressão produziria a mistura dos combustiveis, o despachante envia um S.O.S. às outras instalações de bombas para que aumentem a pressão e remedeiem o acidente.

Atualmente há mais dois oleodutos desta espécie, ambos sob a direção de Smith: um na Nova Inglaterra, e outro de Wood River para Chicago.

Alem das gasolinas e óleos, os encanamentos conduzem gás de butana, essencial para a produção de borracha sintética, e propana, que quase todos conhecemos sob a designação de gás engarrafado. Um e outro são reduzidos ao estado líquido antes de postos a circular pelo encanamento. Smith estuda agora a possibilidade de encanar ácido sulfúrico, amônia e alcool, qualquer deles utilizado em quantidades suficientes para justificar esse sistema de transporte.

Entrevista com o Soldado No. 1 da América

¶ Cerca de sessenta correspondentes de imprensa, norte-americanos e ingleses, todos com uma vasta experiência desta guerra global, estavam no Hotel St. George, em Argel, aguardando o general George Marshall, que lhes ia conceder uma entrevista confidencial.

Abriu-se uma porta, e, no silêncio que se seguiu, o general Marshall entrou na sala, olhou em torno com um olhar calmo, a face impassivel. «Para não perdermos tempo,» disse ele, «cada um dos senhores vai me dizer o que deseja saber.» Voltou-se para o jornalista mais próximo, que lhe apresentou uma penetrante questão. O general simplesmente inclinou a cabeça e passou ao seguinte jornalista—e assim foi, percorrendo toda a sala, até que todos os sessenta correspondentes lhe fizeram as perguntas mais variadas—desde as de estratégia geral às de detalhes da guerra em uma dúzia de frentes.

O general Marshall olhou para o espaço, com um olhar vago, durante talvez uns trinta segundos. E então começou. Falou durante cerca de quarenta minutos. Foi uma narrativa brilhante, bem integrada, feita sem esforço, abrangendo toda a guerra. E nessa narrativa, tão clara e precisa como se fosse o capítulo de um livro, todas as perguntas feitas pelos jornalistas foram completamente respondidas.

Mas o que assombrou a todos foi o seguinte: toda vez que ele tocava em um determinado assunto, voltava-se para o correspondente que havia feito a pergunta relacionada com tal assunto!

Ouví, mais tarde, muitos comentários dos demais jornalistas. Alguns diziam que tinham entrevistado o maior espírito militar da história. Outros se maravilhavam com a capacidade enciclopédica que o general possuia para recordar detalhes. Mas todos nós dizíamos o mesmo: «Foi esta a mais notavel entrevista a que assistí em minha vida.»

Frederick C. Painton

O que sucede quando se dispara uma peça de 75 na estratosfera?

Tal é a mais importante pergunta hoje feita na Aviação Militar. E para responder aos aviadores, peritos em balística, e artilheiros, a York está agora construindo uma estrato-câmara de célula dupla, que incluirá um alvo situado apenas a 6,71 m. de distância (a mais curta do mundo) respaldado por uma parede de cimento armado que encerra vinte toneladas de areia. Montado na câmara de operação, um canhão de 75 mm., com o cano metido na câmara de concussão, que fica do outro lado, os artilheiros aéreos poderão assim estudar pela primeira vez o fogo de artilharia sob condições estratosféricas.

Como a estrato-câmara reproduz uma ascenção de 12 minutos a uma altitude superior a 15,000 metros, a temperatura é reduzida de 21°C. acima de zero a 56° abaixo de zero, e a pressão de ar reduz-se de 14, 7 libras a 1,68 libras por polegada quadrada. Desse modo, muito em breve os aviadores dos Estados Unidos saberão o que sucede aos mecanismos de fogo, aos canos dos canhões e, à munição, quando submetidos a uma súbita queda de temperatura de 77°C. ... se a bala ganha velocidade e alcance quando encontra menos ar no seu caminho... e qual o efeito sobre o canhão e a guarnição, pelo aumento da concussão.

E, como sempre, o que se aprender agora no estrato-câmara, encontrará inesperados corolários nas artes da paz vindoura.

York refrigeration air conditioning

York Corporation, York, Penna., E.U.A.

YORK REFRIGERAÇÃO E AR ACONDICIONADO PARA A GUERRA

Centro de Refrigeração Mecânica desde 1885

REPRESENTANTES NO BRASIL: BYINGTON & CO. SEDE PRINCIPAL NO RIO DE JANEIRO

BREVE!... DUAS GRANDES ESTRELAS NUM ESTRANHO ROMANCE!

Rosalind RUSSELL Brian AHERNE

na Obra de

IRVING CUMMINGS

AMOR A PERCENTAGEM

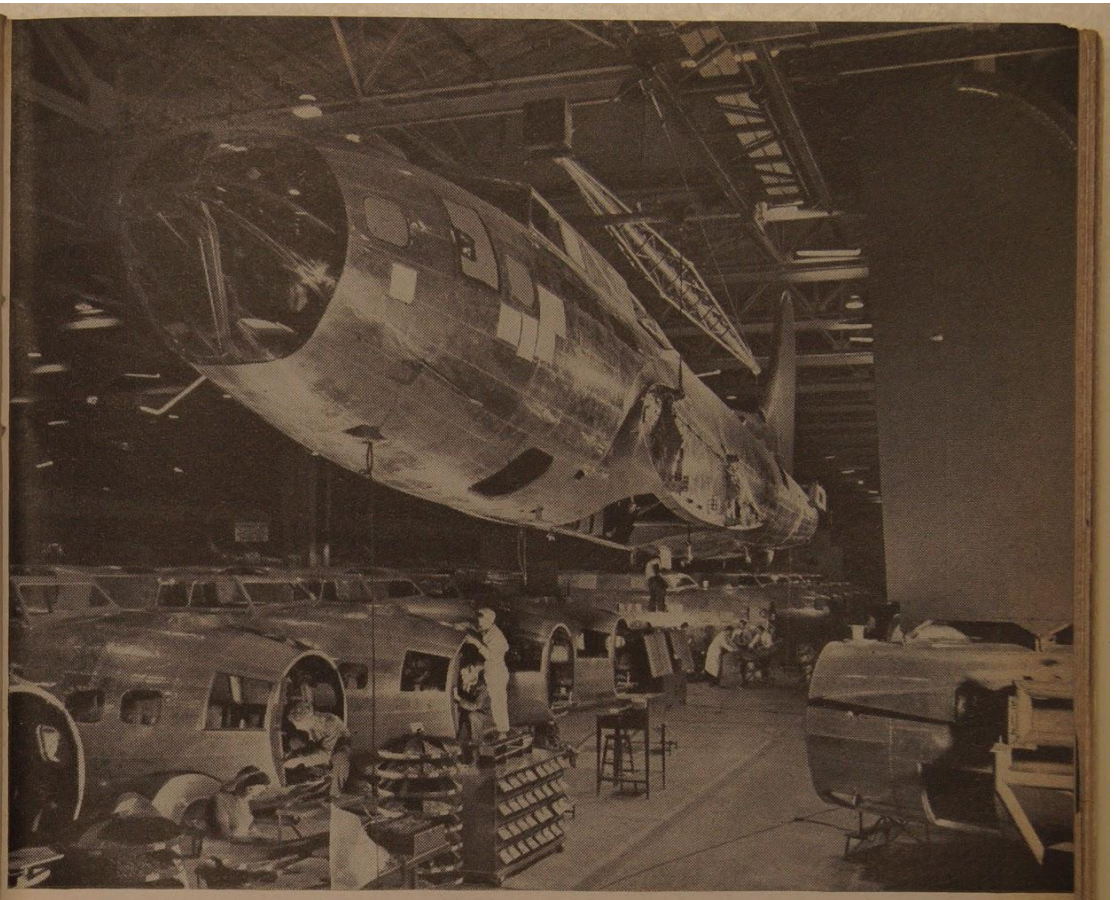
(WHAT A WOMAN!)

com

WILLARD PARKER

Argumento de Therese Lewis e Barry Trivers

UM FILME COLUMBIA



Vôo sem asas

• Suave e tranquilamente a fuselagem da Fortaleza Voadora Boeing desliza sobre as filas de fuselagens parcialmente completadas, até à linha final de montagem. Depois de assentada em posição pela grua, são-lhe adicionadas as asas, superfícies de cauda e trem de aterragem, e o grande bombardeiro estará pronto para voar.

Esta cena simboliza um *desenvolvimento novo* na engenharia de produção.

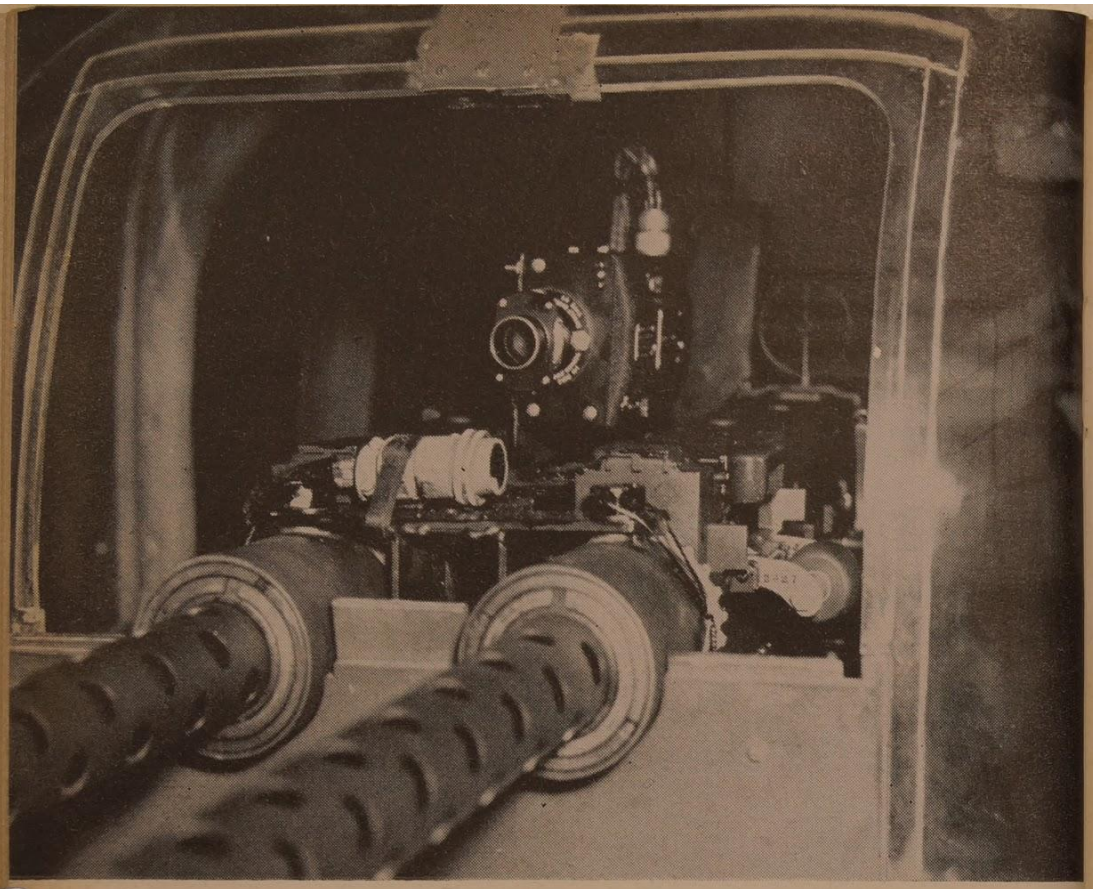
O sistema Boeing acentua a produção a curto-fluxo e de linha múltipla. Torna possível o máximo aproveitamento do espaço da fábrica. Permite flexibilidade no traçado—essencial para as rápidas mudanças das exigências de guerra. *E despacha os aviões mais depressa!*

Os engenheiros de produção da Boeing provaram que, completando cada seção do avião em separado, e juntando as seções somente na fase final da montagem, se poupa espaço e tempo.

Estas inovações básicas em desenho, engenharia e fabrico, dão à Boeing um lugar relevante na eficiência e economia de produção. Verdadeiro agora, isto será igualmente verdadeiro em relação aos produtos de tempo de paz. . . . Se é "Fabricado pela Boeing" não pode deixar de ser bom.

Criadores das Fortalezas Voadoras • do Novo Super-Bombardeiro B-29
do Stratoliner • dos Clíperes Transoceânicos

BOEING



Registrando pontos fracos do inimigo... com uma lente!

MONTADA por cima do par de metralhadoras de cauda, esta máquina fotográfica especial registra automaticamente todos os tiros que danificam e destroem os aviões inimigos. Tais fotografias reconstituem vividamente as técnicas dos "ases" de caça—ensinam aos novos aviadores aquilo que as palavras, somente, não podem dizer.

Milhares de lentes Bausch & Lomb são necessárias para prover estes negativos incisivos e claros, de um completo detalhe de revelação. Esta é uma das razões por que as lentes Bausch & Lomb são tão escassas para usos civís—porque só tendo prioridades atribuidas a trabalhos essenciais à guerra, se pode obter novo equipamento. Depois da Vitória, as novas técnicas de trabalho e descobertas ópticas, agora devotadas aos serviços de guerra, estarão à vossa disposição para aplicações de tempo de paz—em melhores lentes fotográficas e outros instrumentos óptico-científicos da Bausch & Lomb.

BAUSCH & LOMB

DO BRASIL, LTD.

Rua Assembléa 104-8 • Rio de Janeiro
Rua D. José de Barros 152-8 • São Paulo

Instituição Científica Norte-Americana Produtora de Vidros Ópticos e Instrumentos de Óptica para Fins Científicos Educativos, de Investigação, de Indústrias, e para Correção de Defeitos Visuais.

Tarefa Rude

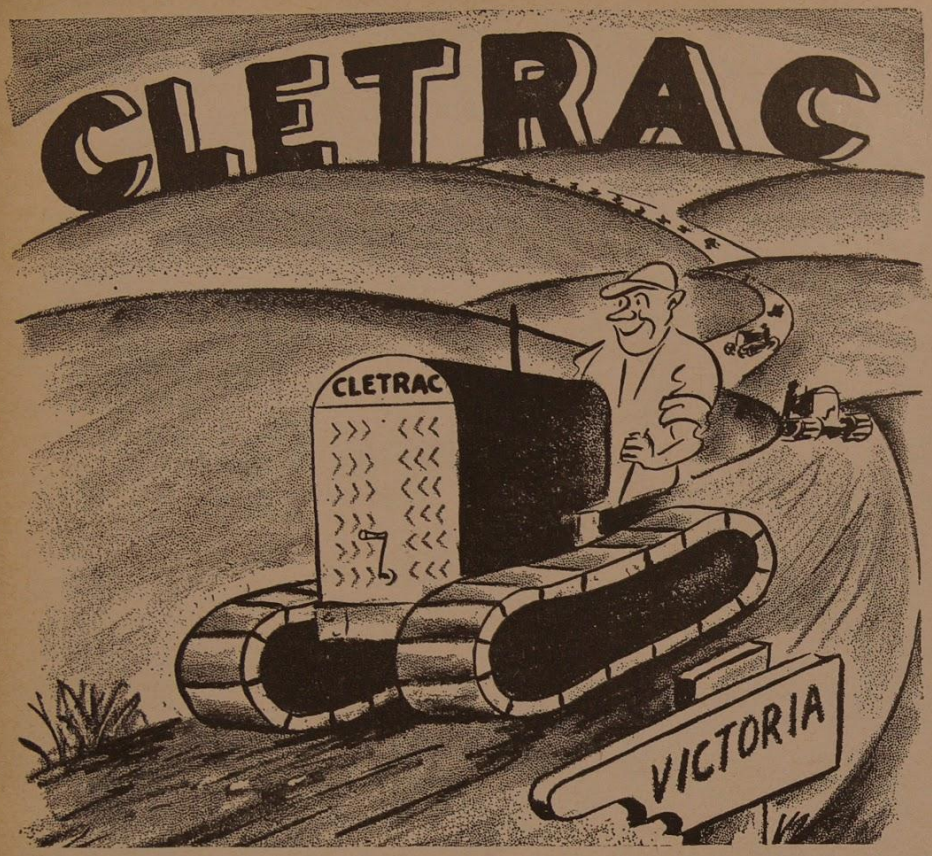
Por sobre a vasta ondulação de montes e vales, estes bombardeiros de treino Beechcraft AT-11 estão cumprindo uma missão. Suas tripulações andam se preparando para uma rude tarefa — a de manobrar bombardeiros ainda maiores por sobre os objetivos situados em território do Eixo. Do seu treino depende, em grande parte, a perfeição com que eles cumprem... e, a julgar pelos resultados da luta, os aviadores americanos são superiormente treinados. Na maioria dos casos, bombardeiros, pilotos e navegadores aperfeiçoam as suas aptidões em aparelhos Beechcraft. ... E o desempenho destes Beechcrafts, na voragem de material do treino militar, reafirma a reputação que ganharam os seus protótipos civís no serviço anterior à guerra, entre Aklavik e a Pequena América — reputação de eficiência e capacidade em qualquer tarefa que lhes fosse distribuida, por muito rude que ela fosse.

Beech Aircraft

CORPORATION

OS BEECHCRAFTS CUMPREM O SEU DEVER

WICHITA, KANSAS, E. U. A.



SEGUE ROLANDO

É a firmeza . . . a confiança . . . a vontade de vencer injectadas em cada eixo, bomba e engrenagem de um Cletrac de Esteira, que fazem dele uma fonte vital de força-motriz. Os que conhecem o Cletrac sabem que, de princípio a fim, pode-se *contar* sempre com ele.

Mantenha o seu Cletrac em perfeito funcionamento, para que a Paz chegue com maior brevidade. Tenha sempre em mente dar-lhe cuidadosa atenção durante este tempo de guerra—e depois. Mandando fazer inspeções regulares, lubrificação metódica, e o rápido reparo de pequenos desarranjos, trocando idéias com o seu fornecedor dos Cletrac . . . tudo isso redundará em benefícios ainda maiores.

The Cleveland Tractor Company, Divisao de Exportacao: 19300 Euclid Avenue, Cleveland, Ohio, E. U. A.

E aí está

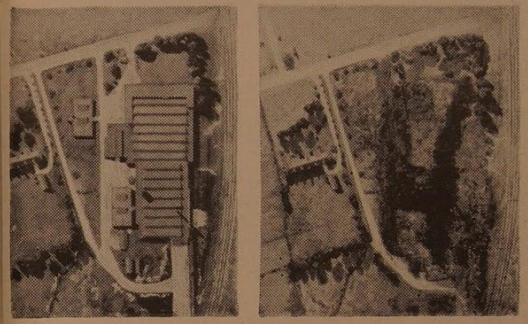
PORQUE LHE TEM FALTADO O FILME KODAK!

O Filme Kodak, que doutro modo teria sido seu, teve que ser destinado para necessidades muito urgentes . . . para treino de soldados e marinheiros; para diagnosticar e proteger a saude dos recrutas, e de milhões de combatentes; para aumentar a produção e eficiência dos armamentos . . . e para muitas outras coisas, que têm ajudado a acelerar o fim da guerra.

O montante de filme Kodak de que se tem podido dispor para uso civil, vem sendo distribuido tão equitativamente quanto as circunstâncias o permitem, não somente por todos os paises das Américas, mas tambem pelos distribuidores Kodak desses paises.

Logo que a situação o permitir, o seu vendedor Kodak terá prazer em suprir de modo vantajoso todos os seus requisitos fotográficos. Eastman Kodak Company, Rochester, N. Y., E.U.A.

***ABAIXO*—A película infravermelha Kodak desfaz as aparências da camuflagem inimiga.**



***À ESQUERDA (ABAIXO)*—A Kodak está produzindo lentes aéreas de qualidade superior, obtidas dum novo vidro. *AO CENTRO*—As Películas Kodak de Ensino estão ministrando a milhões de recrutas o "como se faz." *À DIREITA*—A Cine-Kodak está ajudando a obter o mais completo registro de guerra que jamais se conseguiu.**

***À ESQUERDA (ABAIXO)*—As películas Kodak de raios X ajudam a manter em boas condições os nossos rapazes. *AO CENTRO*—O Microfilme Kodak Recordak ajuda a realizar reparação rápida. *À DIREITA*—As Kodaks são "armas táticas" em todas as nossas frentes.**

(FOTO DA MARINHA DOS E.U.A.) (FOTO DO CORPO DE SINALEIROS E.U.A.)

DE Anchieta AOS NOSSOS DIAS

CONTA-SE que Anchieta, o grande catequizador, estando um dia na praia, começou a escrever, na areia, um de seus sempre belos poemas. As estrofes se sucediam, e o santo homem foi então avançando mar a dentro, escrevendo-as, enquanto um grupo de indios, estarrecido, via que o mar recuava aos passos de Anchieta.

Esse poema foi, quasi todo, perdido. O mar, horas depois, o apagava... Tivesse, porém, Anchieta usado a tinta para fixar seus sentimentos, ou a criação de Gutemberg, e até hoje nós poderiamos ler esse poema lendario. Embora naquele tempo já se usassem tintas com regularidade, nunca tiveram uma aplicação tão generalizada quanto hoje.

O consumo de tintas de impressão quer para fins comerciais, quer para as modernas rotativas, tem aumentado de maneira consideravel. Como essas tintas contêm gomas e resinas, há necessidade do emprego de diluentes para favorecer a sua aplicação. Entram, assim, em ação os produtos de petroleo criados pela Organização Esso sob a denominação de "Solventes para artes gráficas", destacando-se entre eles os "Stemcosol", "Solvent Naphta" e "Varsol".

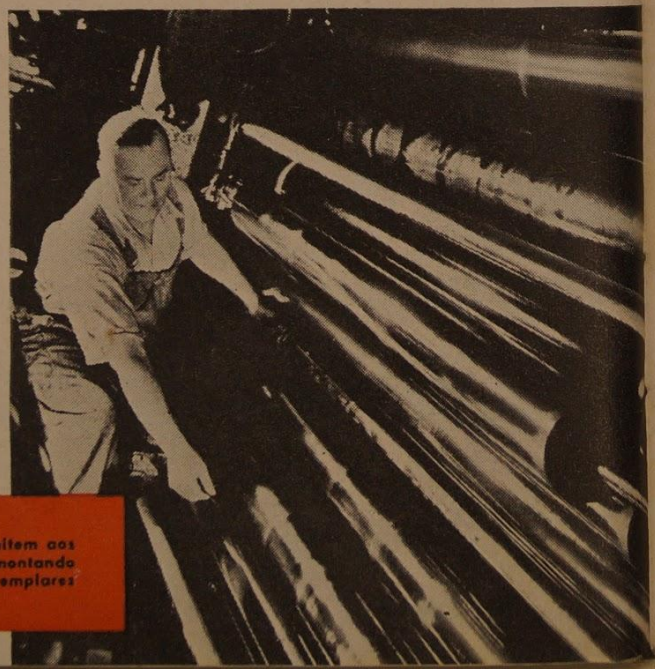
• • •

Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas radios: Nacional, do Rio (980 kcls.); Record, de São Paulo (1000 kcls.), Inconfidência de Minas Gerais, de Belo Horizonte (880 kcls.); Farroupilha, de Porto Alegre (600 kcls.) e Radio Clube de Pernambuco, de Recife (720 e 6015 kcls.)

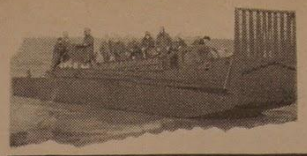
STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

Esso — **a ORGANIZAÇÃO ESSO**

Distribuidoras dos afamados produtos Esso que se encontram sempre sob o oval ESSO.



Uma das modernas rotativas, que permitem aos jornais terem assombrosa circulação, montando as vezes a dois a três milhões de exemplares diarios.



Os Barcos da Higgins Chamados

A Espinha Dorsal Das Invasões

Súmula de um artigo de GORDON WALKER, correspondente de guerra do "Christian Science Monitor" acreditado junto às Forças Navais dos Estados Unidos, no Sul do Pacífico.

GUADALCANAL—Um dos mais importantes elementos navais, na zona de guerra do Sul do Pacífico, é representado pelos pequenos barcos da Higgins, essas onipresentes lanchas de madeira, que foram designadas, originalmente, para debaixo de fogo, desepejar tropas e material, nas testas de ponte estabelecidas nas praias, mas que tambem foram lançadas no desempenho de um ainda mais importante papel, ao longo do litoral de meia dúzia de bases, por aquí situadas.

Deveriam ser chamadas a "viatura de todo o serviço" da Marinha—O "jeep" naval—pois vieram a tornar-se tão indispensaveis dentro da área dos portos, como o é, em terra, esse motorizado "corta-lama" do Exército. Sendo as facilidades de manuseio de carga, nestas ilhas tropicais, tão limitadas, essas lanchas são as docas e guindastes, barcaças de carga e descarga, barcos de passagem, embarcações salva-vidas e de patrulha —tudo amalgamado numa estrutura de madeira de fundo chato, propulsionada por um motor Diesel.

Não são todas do mesmo tipo. Há-as em forma de escaler ligeiro para transporte de pessoal e que tambem são próprias para o reboque de pequenas cargas, e existem outras de maior porte que podem transportar cerca de 40 homens, e material portatil. Um terceiro tipo é designado para o transporte de veículos militares—"jeeps"—enquanto outro, conhecido pelo nome de barcaça para tanques, é destinado ao transporte dessa espécie de material, bem como de pessoal e equipamento de combate, incluindo artilharia de campanha.

São todas construidas, quer pela Higgins Shipbuilding Corporation, de Nova Orleãs, Luisiana, quer sob patentes da Higgins, em estaleiros como Chris Craft e Electric Boat. A sua classe é considerada superior, em eficiência, à das lanchas de desembarque japonesas.

Não é demasiado dizer-se que Guadalcanal nunca teria sido ganho sem elas e, certamente, estar-se-ia lutando com um problema quase insoluvel de abastecimentos, não fora a existência dessa esquadrilha de pequenas embarcações, que atualmente alí opera.

Retmpresso sob permissão do "Christian Science Monitor"

Higgins
INDUSTRIES INCORPORATED

NOVA ORLEANS
O fulcro das Américas
Os maiores fabricantes de lanchas do mundo

TODOS POR UM — UM POR TODOS

Transpondo o Espiritu Santo *hoje*

Ligando toda a América Latina *amanhã*

—PRODUTOS ROEBLING

Para os residentes da Bolívia, este "ferry boat" aéreo que atravessa o Espiritu Santo representa uma grande conveniência e economia de tempo. Agora os autos e os passageiros atravessam com facilidade e rapidez sobre cabos de aço estirados.

O traço caraterístico e realmente importante desta ponte é, entretanto, a grande inovação técnica que a Roebling lhe introduziu. Os funiculares sempre deslizaram em cabos bambos—descendo com a curva até o ponto mais baixo, e subindo com a ascendente, do lado oposto. A nova técnica Roebling mantem o cabo esticado—provê um percurso para o carro em linha reta, horizontal—o que representa uma economia de 70% em força-motriz.

Amanhã, ao triunfar a Democracia, muitas obras semelhantes serão provavelmente empreendidas no seu país. Com a experiência dos engenheiros da Roebling e dos produtos Roebling, tais como Cordas de Arame, Cabos e Arames Elétricos, Materiais de Rede de Arame . . . gostaríamos de iniciá-las sem delongas . . .

Mas a sua encomenda particular poderia incluir os mesmos materiais que se requerem agora para suprir equipamento indispensavel à frente de combate. Trabalhemos pois unidos . . . defendendo o nosso hemisfério hoje, e concebendo planos para o brilhante futuro que juntos alcançaremos amanhã.

JOHN A. ROEBLING'S SONS COMPANY
Divisão de Exportação
19 Rector Street, Nova York, E. U. A.
End. Tel.: "Roebling", Nova York

AGENTES NA AMERICA LATINA: ***Argentina***—Leopoldo Sol & Cia., Reconquista 558, Buenos Aires. ***Bolivia***—International Machinery Co., Ororu. ***Chile***—International Machinery Co., Escritórios em Santiago, Valparaiso, Antofagasta. ***Cuba***—Machin & Wall Co., Muralla 68, Havana. ***México***—Maquinaria Industrial y Agrícola, S. A., Guadalajara, Jalisco. ***Perú***—International Machinery Co., Lima. ***Puerto Rico***—Roberto Colon Machinery Mfg. Co., Calle Comércio 17-19, San Juan.

ROEBLING Quer cooperar na expansão futura do Brasil

Naturalmente a sua caneta é uma Parker

Onde quer que se reunem pessoas de destaque, a posse de uma brilhante caneta-tinteiro Parker é um indício de autêntica distinção.

Entre as mais famosas canetas do mundo inteiro encontra-se a Parker Vacumatic. V. S. poderá diferençá-la pelo desenho exclusivo de anéis do seu belo corpo reluzente. Seu enorme e bem visivel depósito de tinta é *alem do mais* uma conveniência. A suavidade de sua pena facilita de tal modo a escrita a ponto que V. S. não faz idéia!

Veja na sua loja favorita a formosa e elegante Parker Vacumatic que apresentamos em cinco cores suntuosas. O Lozango Azul no segurador significa a nossa garantia vitalícia.

• Unicos distribuidores para todo Brasil e Posto Central de Consêrtos: Costa, Portela & Cia., Rua 1 de Março 9-1°, Rio de Janeiro.

A RCA APRESENTA

O Que Há De Mais Novo

Ann Sheridan, a encantadora estrela da Warner Bros.

Novas estrelas e novas cenas animadas são registadas no celuloide em todo o Mundo, por meio do equipamento de registo de som Photophone RCA—usado nos principais estúdios, onde os melhores filmes são feitos: Hollywood, Argentina, Austrália, Brasil, Chile, Inglaterra, India, México, Rússia, Espanha e Turquia.

A "cabeça do som" RCA, orgão principal do equipamento de som Photophone RCA, que fielmente reproduz as vozes das vossas estrelas favoritas nos teatros da vossa predileção.

Trabalhando por música. Usando o equipamento de reprodução de som RCA, muitas companhias dedicadas ao fabrico de material de guerra para as Nações Unidas, chegaram à conclusão que a música amplificada acelera a produção e levanta o moral dos operários.

O Cérebro Mágico do Rádio é a Válvula Eletrônica inserta no seu receptor. Na sua estruturação intervêm os mesmos trabalhos excepcionais de pesquisa e experiência de produção que aperfeiçoaram o registo e reprodução de som RCA e outros notaveis melhoramentos da RCA.

RCA **RADIO CORPORATION OF AMERICA**

Divisão RCA Victor, Camden, N. J., E. U. A.
RCA Victor Radio, S. A., Caixa Postal 2726, Rio de Janeiro, Brasil

O SINAL DE SERVIÇO DE AVIAÇÃO

LOCKHEED SERVICE

O emblema de serviço da Lockheed representa uma multidão de uteis operações, vitais para a aviação em tempo de guerra. Nas fábricas nacionais, este emblema serve para marcar os grandes hangares de serviço, onde os aviões de guerra são modificados ou revistos para uso em combate

Na Irlanda, drapeja sobre enormes bases de reparação, aonde milhares de bombardeiros e caças Aliados são inspecionados, reparados e mandados novamente para a ação. Em Inglaterra, identifica numerosas bases de reparação adicionais, bem como seis unidades moveis de reparação—oficinas sobre rodas que funcionam como lançadeiras entre remotos campos de aviação. Onde quer que os aviões das Nações Unidas voem—e são conservados a voar—o emblema de serviço da Lockheed simboliza proficiência e mão-de-obra cuidada. Serve tambem de traço indicativo de que duas escolas de treino, que funcionam sob a orientação da empresa, instruem as guarnições de terra do Exército e da Marinha.

14.000 homens aprenderam a manutenção e serviço de montagem de aviões, tais como ensinados pela Lockheed Hoje, o seu conhecimento está ajudando a ganhar a guerra em todas as frentes de batalha, pois esses homens estão mantendo aptos para combate, não só os aviões Lockheed, como tambem 32 outros tipos de aviões.

COM **Lockheed** SEMPRE NA VANGUARDA

LOCKHEED AIRCRAFT CORPORATION, BURBANK, CALIFORNIA, E. U. A.

Prove um "Whiskey Sling" como o fazia George Washington!

Esta é uma das bebidas mistas mais antigas dos Estados Unidos . . . e que bebida límpida, simples e saborosa ela é!

Puro, ressalta a perfeita maturação, o rico aroma, e o sedoso gosto que só o whiskey SCHENLEY Royal Reserve possue.

O SCHENLEY Royal Reserve está endossado por 68 anos de tradição e perícia na destilação. Eis uma das razões por que há mais gente que bebe whiskey americano que qualquer outro.

Convidamo-lo a provar o SCHENLEY Royal Reserve . . . e apreciar o valor de uma consagrada arte americana!

Assim se prepara um "Whiskey Sling" de SCHENLEY Royal Reserve: Ponha num copo uma colherinha de açucar, um cálice de água, e um pedacinho de limão; adicionem-se dois cálices de SCHENLEY Royal Reserve; junte a tudo um pedaço de gelo, agite-se . . . e depois . . . sorva a bebida e . . . sonhe!

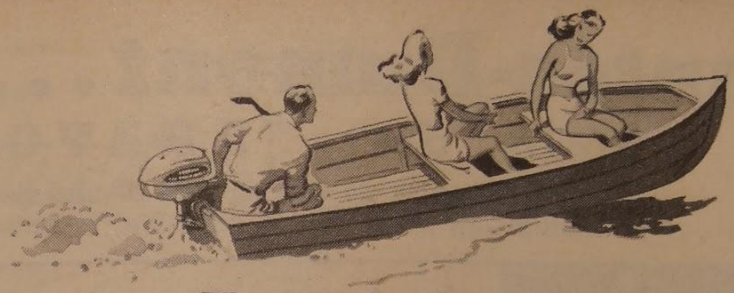
É uma revelação!

LIBERDADE NA UNIDADE

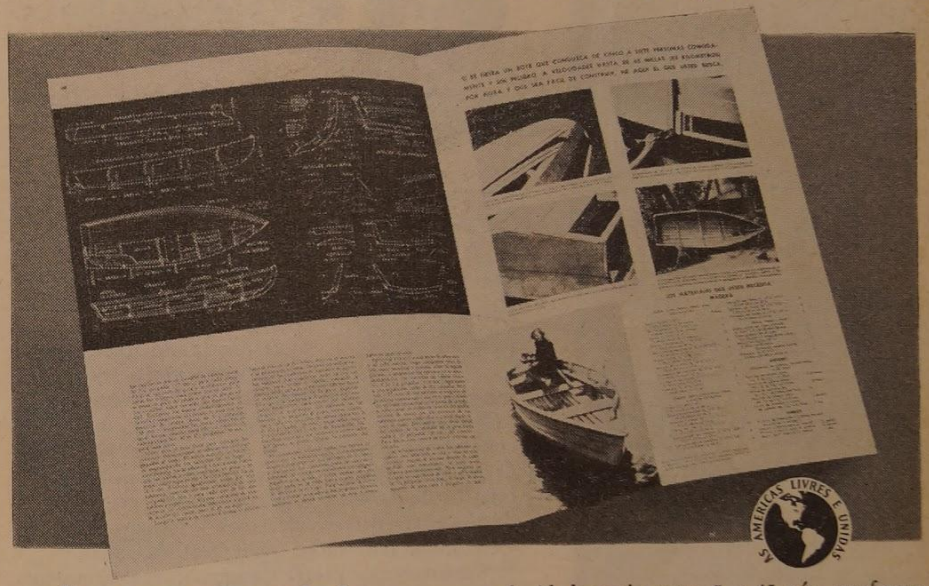
SCHENLEY INTERNATIONAL CORPORATION
Empire State Building, New York

O MAIS FINO WHISKEY AMERICANO:

SCHENLEY Royal Reserve



Motores Fora-da-Borda Johnson



Peça este plano de barco

GRATIS! Se V.S. está interessado em embarcações e motores, convidamo-lo à solicitar os nossos planos detalhados de construção do lindo barco acima ilustrado. É um esquife de 4,30 metros, com o fundo em forma de V, boas caraterísticas de navegabilidade, e adaptavel a quaisquer águas. Quando equipado com o motor fora-da-borda "Sea-Horse", a sua velocidade varia entre 5 e 45 nós, conforme o tipo de motor usado.

Os motores Johnson Sea-Horse acionam pequenas e médias embarcações, tanto comerciais como de recreio, nas águas de todo o mundo. As suas esplêndidas qualidades tornam-nos favoritos dos marítimos de toda a parte... Com o restabelecimento da paz, estes magníficos motores marítimos portateis virão a estar novamente disponiveis para uso civil. Fabricados por

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING CO.
Divisão de Exportação, Waukegan, Illinois, E.U.A.

JOHNSON "SEA-HORSES"

Senhores: É fineza enviar-me gratuitamente um exemplar do plano para o barco supra. (J4P)

Nome_____

Endereço_____

Santos-Dumont....

teria dito "BRAVO!"

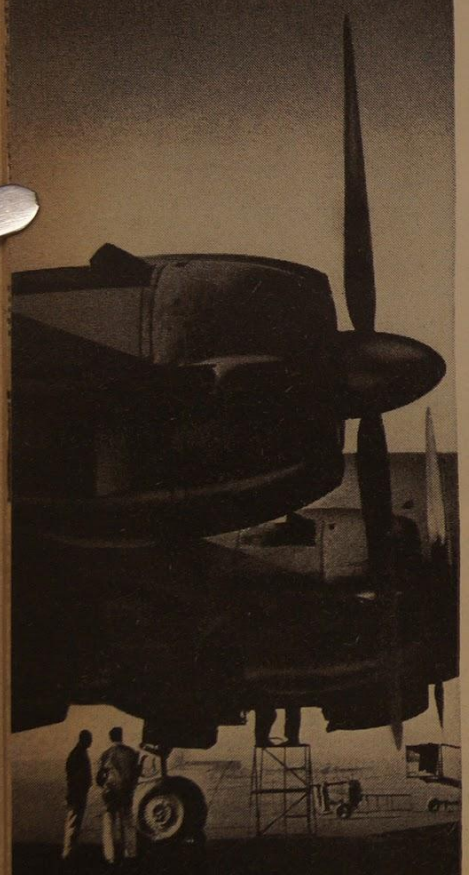
Os atuais gigantes do ar—produto da sua visão—prometem um mundo mais acessivel e amistoso

Alberto Santos-Dumont, insigne brasileiro, o primeiro a voar em motor a gasolina, (vôo de dirigível em 1898) e o primeiro a demonstrar em público o vôo dum aparelho mais pesado que o ar (França, 1906).

SANTOS-DUMONT, os Irmãos Wright, Glenn Curtiss, foram os primeiros entre os muitos pioneiros que abriram caminho aos modernos superaviões... aeronaves que hoje ligam as Américas — e amanhã ligarão o mundo — tornando as nações vizinhas.

O moderno avião seria ainda uma visão sem o seu sangue vital—a eletricidade. Westinghouse, fabricante de tudo o que é elétrico, ajudou a concretizar as visões e planos dos pioneiros. O avião de hoje é a mais intricada e obediente criação do homem e é controlado por maravilhosos dispositivos elétricos—muitos deles inventados e fabricados pela Westinghouse.*

Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, New York 5, New York, U.S.A.



Eis o "Constellation" Lockheed, o maior, mais veloz e mais poderoso avião de transporte terrestre da América. Leva 60 passageiros. Viaja a uns 10.000 metros, altitude onde o tempo é sempre suave.

*** APETRECHOS WESTINGHOUSE PARA AVIAÇÃO**

Geradores e Motores; Iluminação para Aeroportos; Interruptores; Reguladores Constantes de Corrente; Equipamento de Distribuição; Válvulas Eletrônicas; Aquecedores; Instrumentos; Lâmpadas; Acessórios "Micarta"; Mecanismos de Arranque; Transmissores e Receptores de Rádio; Acumuladores "Rectox"; Aparelhos de Refrigeração; Relais; Faróis; Quadros de Distribuição; Comutadores; Transformadores; Indicadores de Vibração; Equipamento de Soldadura; etc., etc.

Westinghouse

ESCRITÓRIOS E DISTRIBUIDORES EM TODO O MUNDO ... FÁBRICAS EM 25 CIDADES

Westinghouse — Empresa Criadora e de Confiança

É ADMIRAVEL COMO O

Michel

REALÇA A FORMOSURA. NÃO É VERDADE?

Observe o efeito mágico e caricioso do Baton Michel, que tem a contextura do creme . . . A cada aplicação traz mais beleza, mais mimo! Sentirá o coração palpitar com a formosura enaltecida por Michel, quando usa Baton . . . Pó de Arroz . . . Rouge . . . e Lapis para os olhos.

8 TONS SEDUTORES DE BATON

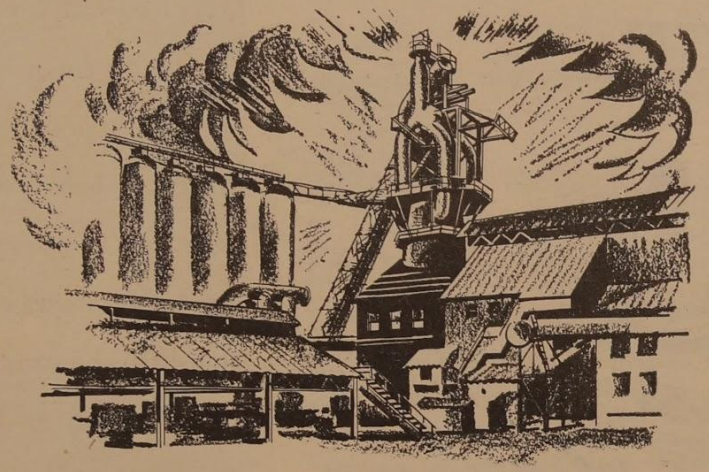
AMARANTH • CHERRY • BLONDE • SCARLET
AMAPOLA • RASPBERRY • VIVID • CYCLAMEN

Insista pelo autêntico Michel. Não se conforme com uma imitação quando possa adquirir o Michel legítimo. Verifique o nome "Michel" no seu Baton, Rouge, Pó de Arroz e Lapis para os olhos. É a marca de qualidade, sinônimo de beleza.

Michel

BATON PARA OS LÁBIOS • PÓ DE ARROZ
ROUGE • LAPIS PARA OS OLHOS

BERÇO DO AÇO



Por entre o estrondo infernal dos 84 altos-fornos da UNITED STATES STEEL—que é o maior produtor de aço do mundo inteiro—estão sempre nascendo aços especiais para as imperiosas necessidades do tempo presente. Quando tiver acabado a guerra, os aços U•S•S (marca registrada) estarão mais uma vez disponíveis, prontos a servir V.S. na fabricação de utensílios de paz. O "label" U•S•S reaparecerá nos produtos como emblema dos aços de qualidade—do material que não tem outro que se lhe compare em utilidade e economia.

UNITED STATES STEEL EXPORT CO.

30 CHURCH STREET, NOVA YORK, E. U. A.

FORNECEMOS AO MUNDO

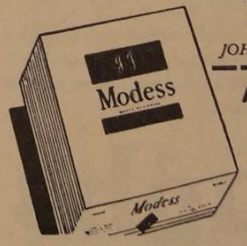
Quantas cousas podem acontecer em 72 horas de Sua Vida?

...não permita que métodos antiquados a mantenham escravizada!

QUANTAS COUSAS podem acontecer em 72 horas da vida de uma mulher! Pense na sua mocidade e não permita que métodos antiquados a mantenham escravizada.

Passe a usar Modess — a toalha higiênica moderna, feita para a mulher moderna. Fabricada com um material mais absorvente que o algodão, Modess possúe, ainda, o lado externo protegido por uma camada impermeável, o que constitúe — segurança absoluta. Para sua tranquilidade, use Modess. É encontrada em qualquer farmácia e em tôdas as lojas de artigos femininos.

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL



AMOSTRA GRATIS:

Envie-nos Cr.$1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho «O que a Mulher Moderna Deve Saber». Caixa Postal, 2838 - São Paulo

4-HHHH-25

Nome .....

Rua .....

Cidade .....

Estado .....

Passando as Munições . . .
através de 16.000 quilômetros

Visores de Bombardeio Norden

Anos de experiência no fabrico de instrumentos de precisão permitem que a Burroughs produza e distribua o famoso visor de bombardeio Norden—um dos mais importantes e precisos instrumentos usados na guerra moderna.

Novas máquinas de calcular e de contabilidade têm, tamben, sido produzidas pela Burroughs, para serviço das forças armadas, dos governos e empresas de guerra das Nações Unidas.

Nesta guerra de distâncias e movimento, as munições devem ser transportadas rapidamente e para longe.

Que espécie de munições? Que quantidade? Para onde vão? Quando chegarão? As respostas a estas preguntas devem ser escritas em números.

Números que fluem através de arsenais, fábricas de material de guerra, linhas de transporte e abastecimento, e repartições do governo.

Números que devem ser exatos e obtidos rapidamente, porque estimativas e êrros podem custar vidas.

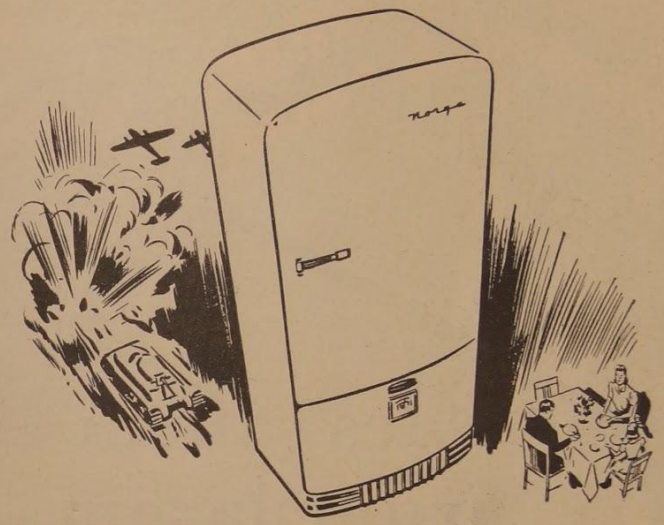
É absolutamente lógico que milhares das máquinas que fornecem estes números sejam Burroughs, pois esta marca tem predominado desde muito, toda vez que se requerem velocidade e exatidão de números.

* * * *

Há representantes da Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante da Burroughs no Brasil é a Campanhia Burroughs do Brasil, Inc., com séde à rua da Alfandega 81 A-1º, Rio de Janeiro.

Burroughs

MÁQUINAS DE SOMAR, CALCULAR, FATURAR, DE CONTABILIDADE, ESTATÍSTICA, E CAIXAS REGISTRADORAS



VÍVERES E LIBERDADE . . .

● A guerra tem dado ímpeto a nossos estudos concernentes aos víveres porque, como todas as tácticas e todas as armas modernas, não há nada hoje que substitua os víveres . . . e hoje, como outrora, "os exércitos avançam sobre o estômago", na frase de Napoleão.

Como não se fabricarão mais Refrigeradoras Norge Rollator até que acabe a guerra, recomendamos aos possuidores das refrigeradoras de nossa marca que lhes dêem todo o cuidado necessário. Com inspeções regulares e atenção pronta aos pequenos desarranjos que possam advir, a Refrigeradora Norge prestará serviço eficiente e perfeito durante anos.

Visite o distribuidor Norge da sua localidade para obter indicações e serviços dignos de confiança. Ele terá muito prazer em pôr à sua disposição a perícia que há tantos anos tem tido a serviço da Norge.

DIVISÃO NORGE DA BORG-WARNER, DETROIT, MICHIGAN, E. U. A.

NORGE

UTENSILIOS PARA USOS DOMESTICOS
REFRIGERAÇÃO
COMERCIAL

★ UMA INDÚSTRIA DA BORG-WARNER ★

AS AMÉRICAS UNIDAS UNIDAS VENCERÃO!

Tomar após as refeições ao deitar, uma ou duas colherinhas

Leite de Magnésia de Phillips

Êles sabem o que fazem...

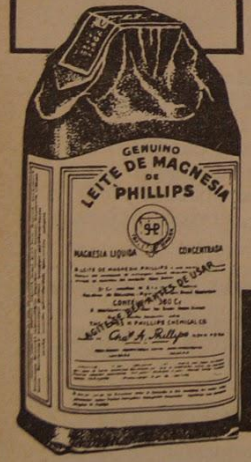
Há quasi um século, o LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS foi colocado à disposição da classe médica e, desde então, tem-lhe sido um eficiente auxiliar.

O LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS goza da confiança de milhares de médicos que o recomendam como poderoso antiácido nos casos de hiperacidez e como laxante suave, capaz de combater a prisão de ventre, sem forçar o organismo!

Ao sentir qualquer indisposição gástrica, consulte seu médico e ouça seus conselhos. Por experiência, êle sabe que o LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS é o remédio que lhe convém e que pode ser tomado com toda confiança, mesmo pelas pessoas de organismo mais delicado.

Ação tríplice

1. **NEUTRALIZA** a hiperacidez.
2. **LIMPA** os intestinos.
3. **REGULARIZA** a digestão.



● *Também sob a forma de comprimidos. Fáceis de se tomar—fáceis de se levar!*

LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

ANTIÁCIDO E LAXANTE IDEAL

3 Razões para a Vitória

Três dos principais aviões de combate do mundo são o Vought Corsair F4U da Marinha, o North American Mustang P51-B do Exército, e o Grumman Hellcat F6F, tambem da Marinha.

São todos três equipados com as hélices de confiança Hamilton Standard Hydromatic.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

MOTORES PRATT & WHITNEY • AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICÓPTEROS SIKORSKY • HÉLICES HAMILTON STANDARD

NOVA IDEIA OUSADA NUMA CANETA DE TINTA PERMANENTE

A Nova Eversharp "*QUINTA AVENIDA*" . . . É Uma Caneta de Qualidade Diferente!

Olhai dentro desse circulo! O que está dentro desse importante circulo mudará completamente as vossas ideias com respeito a canetas de tinta permanente!

A PONTA • Notae a modernistica ponta coberta. Ela abriga o aparo . . . protege os vossos dedos . . . dá à escrita um sentir absolutamente novo.

O APARO • O novo aparo super-suave descobre-se por debaixo da cobertura . . . tão suave que acelera a vossa escrita . . . elimina o cansaço dos dedos.

A ALIMENTAÇÃO • Por detraz do aparo está a nova e aperfeiçoada Alimentação Mágica que evita derrame—no avião, a grande altitude—assim como no solo.

**ESCREVE SÊCO* • A nova caneta Eversharp «Quinta Avenida» *escreve sêco* com tinta que seca rapidamente... escreve perfeitamente com *qualquer* tinta.

EVERSHARP, INC., CHICAGO, E. U. A.

*Escreve seco**

O Serviço de Concertos nas Canetas e Lapiseiras Eversharp — identificadas pela dupla marca ✓✓ no gancho segurador—é garantido—não por anos—não por vida—mas GARANTIDO PARA SEMPRE

Oferecei **EVERSHARP** *e oferecereis a melhor!*

UMA COLISÃO ELETRÔNICA PRODUZ UMA LUZ MELHOR

Reator

Arrancador

Suportes

No interior de uma lâmpada fluorescente G-E Mazda, eletrons ativados por uma descarga elétrica chocam-se contra os átomos da atmosfera gasosa encerrada na lâmpada, produzindo uma luz nova... suave, fresca e abundante... benigna para a vista.

Graças aos aperfeiçoamentos de suas lâmpadas fluorescentes e de seus acessórios, a General Electric alcançou um novo nivel de rendimento na produção da luz.

Hoje fornecemos sòmente pedidos para instalações relacionadas com a produção essencial, e para manter as existentes. Depois da guerra, V. S. poderá desfrutar em seu lar os benefícios hoje prestados pela iluminação fluorescente em fábricas, escritórios e lojas.

LÂMPADAS FLUORESCENTES G-E MAZDA e *acessórios* G-E

GENERAL ELECTRIC

FC4:1

Os produtos da General Electric dos E.U.A. vendem-se em todo o mundo por intermedio dos representantes da International General Electric Company, Inc.

Sinal de outra dor de cabeça para o Eixo..

PARA apressar a completa destruição do Eixo, a indústria aeronáutica dos E.U.A. assumiu um trabalho titânico de produção —muito alem do que poderia ser feito por qualquer outra nação da Terra. A indústria vem cumprindo essa tarefa de modo empolgante . . . criando continuamente um poder aéreo cada vez maior e mais vasto . . . marchando dia e noite para diante, em direção a um poderio aéreo nunca dantes sonhado!

O grupo Northrop, constituido por desenhistas e construtores de aviões, contribue para esta tarefa arrazadora. Para esse fim eles contribuem não só com a perícia na produção, mas tambem com uma avançada concepção em desenho aerodinâmico.

* * *

Os mortíferos aviões traçados e em produção pelo grupo Northrop far-se-ão ouvir nos céus de batalha. E enquanto eles fazem-se ouvir, o grupo Northrop estará em atividade—criando e experimentando aviões ainda mais mortíferos que estão por vir.

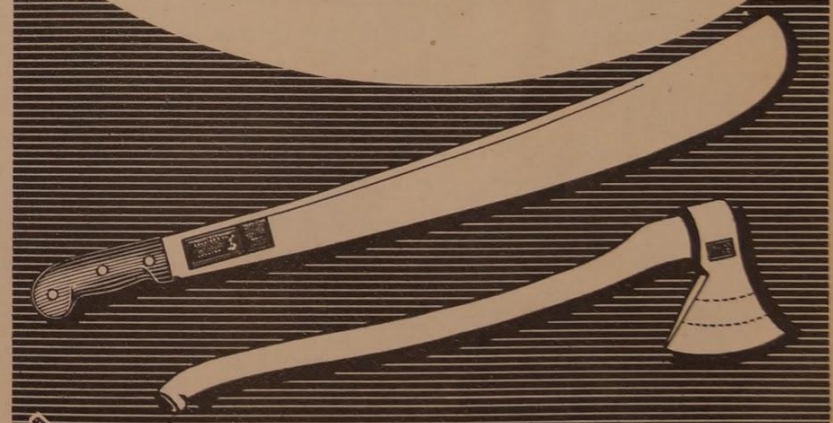
NORTHROP *Aircraft, Inc.*

NORTHROP FIELD, HAWTHORNE, CALIFORNIA, E. U. A.

MEMBRO DO AIRCRAFT WAR PRODUCTION COUNCIL, INC.

Gosto de ouvir o claro timbre deum aço superior

VOCÊ não pode ver o interior de uma peça de aço. Tem que confiar na reputação do fabricante . . . e aguardar o desempenho firme e digno de confiança, que uma ferramenta verdadeiramente superior pode proporcionar. É este o teste que tem edificado a aceitação das ferramentas Collins por todo o Mundo. O rijo aço americano fornece esta grande diferença. Devido à produção de guerra os aços de hoje são mais resistentes e melhores, e a qualidade Collins, é *mais elevada do que nunca.*



LEGITIMUS

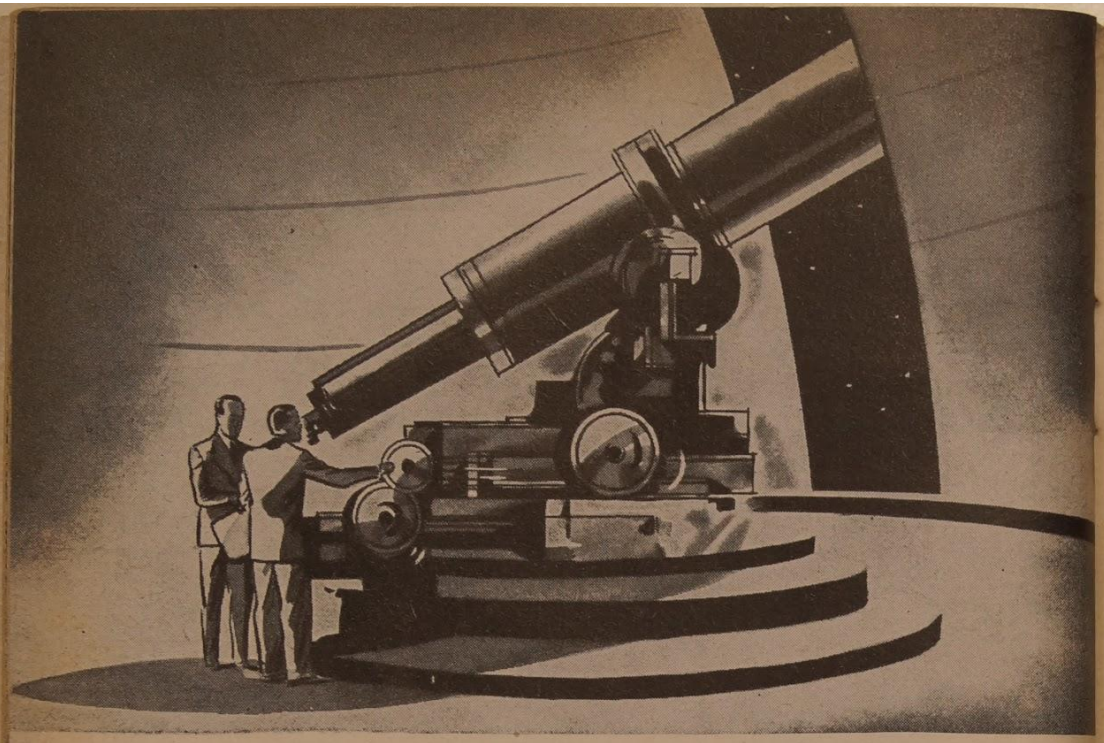
AÇÕES UNIDAS para AMÉRICAS LIVRES

COLLINS

"SEU AMIGO DE CEM ANOS"

THE COLLINS COMPANY Collinsville, Conn., E.U.A.

NOTA PARA OS IMPORTADORES: Aperfeiçoamentos recentes no nosso fabrico e atuais condições de embarque permitem-nos o fornecimento de maior número de ferramentas Collins do que foi possivel nos últimos meses. Conquanto não possamos prometer uma imediata execução em todos os casos, continuaremos a empregar o nosso melhor esforço para atender aos pedidos que nos vêm sendo dirigidos.



Sem Limite!

DAS cinzas desta guerra deve sair um mundo com uma capacidade ilimitada para satisfazer às necessidades da humanidade.

Graças aos métodos de produção em série, aperfeiçoados durante esta guerra, surgirão novos processos, materiais e produtos numa quantidade nunca vista . . . melhores automoveis, aviões mais rápidos, casas mais confortaveis.

Enquanto as imensas fábricas Ford produzem exclusivamente instrumentos de guerra, nossos cientistas e engenheiros preparam os planos para um mundo melhor—um mundo de paz e abundância.

FORD MOTOR COMPANY

Ford

A Corona Voa Nos Clippers

NA câmara de navegação dos Clippers da Pan-American—como por toda a parte do mundo, sempre que se exige ao mesmo tempo resistência, leveza e bom trabalho—V. S. irá encontrar as Máquinas de Escrever Corona Portateis. Tão certo e seguro como o vôo destes Clippers gigantes, o tempo está-se aproximando em que poderemos de novo fornecer Máquinas de Escrever, tanto Portateis como de Escritório, aos nossos estimados amigos e fregueses dos paises fora dos Estados Unidos.

Máquinas de Escrever

SMITH-CORONA

L C SMITH & CORONA TYPEWRITERS INC.,
SYRACUSE (1), NOVA YORK, E.U.A.

. . . Nos edifícios do futuro

Elevadores de Carga e Passageiros

MONTGOMERY

Nos NOVOS EDIFÍCIOS que hoje estão sendo projetados, virão a utilizar-se novas técnicas e novos materiais. E naqueles em que forem necessários elevadores de carga, ou de passageiros, será preciso resolver tambem novos problemas... Pode V.S. confiar na Montgomery para a solução de tais problemas. O nome da «Montgomery» poderá ser-lhe conhecido ou desconhecido... Em todo caso, há perto de 50 anos que os Elevadores Montgomery vêm prestando serviço de inteira confiança em milhares de edifícios que se erguem por toda a parte nos Estados Unidos. Aqueles que os têm utilizado aprenderam por experiência que os Elevadores Montgomery prestam invariavelmente serviços de alta qualidade. Tomando como exemplo típico um ano de vendas, verifica-se que 72% de todos os Elevadores Montgomery nesse ano instalados, o foram por encomenda de clientes satisfeitos com o uso anterior dos nossos elevadores. Se V.S. está projetando a construção de um edifício, ou a remodelação de um prédio antigo, sugerimos-lhe que se informe do Serviço de Projetos de Elevadores Montgomery. Pormenores a pedido.

SORTIMENTO COMPLETO DE ELEVADORES... A Montgomery fabrica um sortimento completo de elevadores de passageiros e de carga, elevadores de copa, e todo o equipamento especial para transportes na vertical.

MONTGOMERY

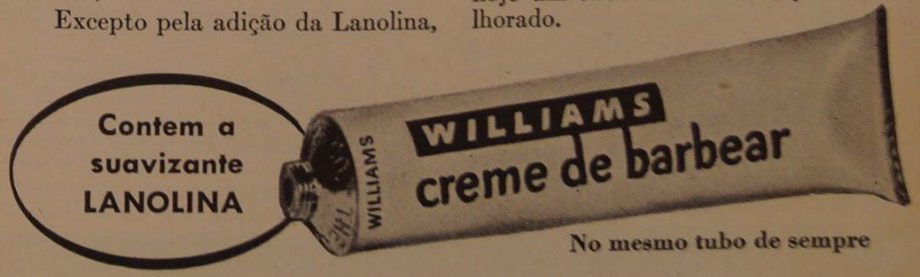
ELEVATOR COMPANY

DEPARTAMENTO DE EXPORTAÇÃO, MOLINE, ILLINOIS, E. U. A.

A LANOLINA assemelha-se deveras ao óleo natural da pele. Conhecida de há muito em medicina, os médicos prescrevem-na com frequência para amaciar a pele e tratar a irritação. A suavizante Lanolina entra agora na composição do Creme de Barbear Williams, para ajudar V. a sentir-se bem quando escanhoa a barba. Esse creme deixará sua cutis macia, suave e fresca.

Excepto pela adição da Lanolina, este creme é o mesmo fino Williams, em toda a parte digno da confiança dos homens, para fazer a barba com perfeição.

Sua cor é alva, e na sua fabricação só entra os mais finos e delicados ingredientes. Agora, com a suavizante Lanolina, está ainda melhor que dantes—pois oferece um novo e mais alto bem estar ao barbear-se. Compre hoje um tubo do Williams, já melhorado.



No mesmo tubo de sempre

Entre os contribuidores anteriores para o "Foro do Futuro" da Pan American encontrou-se o Arcebispo de Canterbury da Inglaterra. Apresentamos aquí uma declaração dos fundamentos necessários para uma paz duradoura, segundo o critério do Reverendíssimo Dom Samuel A. Stritch, Arcebispo de Chicago.

"Lutamos... pela Emancipação Social da Família"

... um programa post-bélico de 5 pontos organizado pelo ARCEBISPO STRITCH, Presidente do Comité de Bispos no PLANO DE PAZ DO PAPA

Existe uma ordem mundial planeada por Deus—uma família de nações, na qual a lei moral imutavel, inscrita na razão humana, é o vínculo de união e de caridade—a garantia da paz. O Eixo procura violar esta ordem mundial e levanta o seu próprio plano, o qual tem em mira povos servos sob a dominação de uma só nação, e mesmo dentro dessa nação oferece apenas a escravidão para os seus cidadãos.

Este plano do Eixo é um ataque direto e violento contra a nossa cultura cristã. Contra o mesmo cumpre-nos lutar para conservarmos o nosso patrimônio social e político. Pode haver diferenças entre os sistemas políticos da família das nações, mas em todos deve haver a garantia de liberdades e direitos humanos inerentes, e neles devem enquadrar-se os esforços honrados e sinceros visando uma paz mundial perduravel e justa.

Quando falamos de problemas do pós-guerra, não devemos esquecer que temos de estudar e ponderar estes problemas sobre a base da nossa cultura. Não desejamos que o nosso patrimônio social e político seja substituido, e pedimos apenas às outras nações que, nos seus sistemas políticos, reconheçam os direitos humanos fundamentais e a solidariedade humana nas relações internacionais; que aceitem as limitações da autoridade civil que a lei moral impõe. Nunca devemos esquecer, nem por um momento, que uma paz mundial justa e duradoura deve aceitar, como seu proêmio, a ética cristã.

Os pontos seguintes dão em linhas sumárias o esboço do mundo em que a nossa cultura poderá desenvolver-se e florescer:

1 *Toda nação histórica* deve ser reconhecida como pessoa jurídica, com os direitos inerentes de soberania e de independência. A paz deverá garantir estes direitos a cada nação, grande ou pequena, forte ou fraca. Não deve haver exploração dos fracos pelos fortes, e os povos que ainda não atingiram a idade adulta na família das nações, deverão ser protegidos e os seus recursos salvaguardados em proveito deles mesmos. As noções que imperaram numa época passada no que diz respeito às colônias deverão ser postas de lado, e as nações deverão assumir o dever de tutela honrada e de fideicomisso desinteressado sobre os povos que estejam ainda sem plena personalidade nacional. E' importante que, quando nos advier a vitória, a justiça e não a vingança dite a nossa atitude para com os vencidos, e onde a justiça falhar, deverá guiar-nos a caridade preclara.

2 *Um dos postulados de paz duradoura* é o resgate das nações da carga insuportavel dos grandes armamentos que absorvem os recursos econômicos nacionais, até o ponto de fazerem impossivel a justiça social. Quando uma nação se vê forçada a despender metade do crédito nacional em armamentos, há pouca esperança de ela poder organizar uma economia nacional sã e benéfica. No programa de desarmamento razoavel deverá levar-se em conta que a propaganda e a intriga ideológicas foram fatores primordiais nas causas que levaram à tragédia mundial imperante.

3 *E' necessaria a cooperação internacional* para a preservação da paz mundial, e mediante tratados deverá erguer-se uma associação de nações que faça do pacto de paz um instrumento orgânico e pragmático, interpretando-o com esse intuito e introduzindo-lhe as modificações que forem sendo impostas por novas condições. Nesta associação de nações não haverá limitações à soberania nacional, salvo as que resultarem dos tratados internacionais.

4 *A necessidade de uma nação* nunca justifica o assassínio ou roubo de outra nação. As nações, entretanto, experimentam necessidades reais, as quais só podem ser satisfeitas em cooperação internacional. Os a quem couber a tarefa de restituir e conservar a paz, deverão buscar com diligência as necessidades de cada nação, avaliá-las cuidadosamente, e esforçar-se seriamente por satisfazê-las. A propósito disto é preciso ter presente que as minorias têm direitos, e que estes direitos devem ser respeitados.

5 *Só a religião pode dar vida,* autoridade e força obrigatória à lei humana e aos pactos internacionais. O código moral da lei natural deverá ser a base da lei internacional, e a religião em toda a parte deverá gozar de liberdade que lhe permita dar atenção às necessidades mais altas do homem e ser o baluarte da justiça e da caridade sociais. O materialismo, em todas as suas manifestações, não condiz com a nossa cultura nem com o resguardo das nossas liberdades fundamentais.

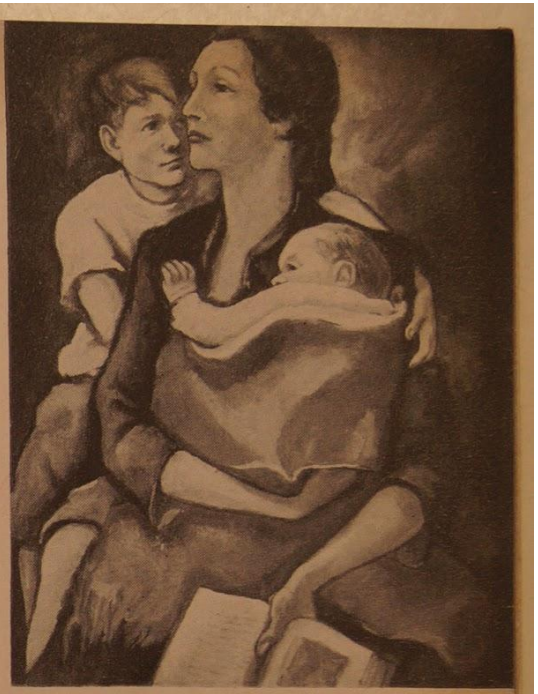
Nunca por um momento devemos perder de vista a circunstância de lutarmos por uma vitória que purifique e robore a nossa cultura . . . E essa cultura é uma sociedade de família. Nela estão arraigados os direitos, a dignidade e a santidade da família. O que se passou nos nossos tempos para enfraquecer a estabilidade da família, para suprí-la com fiscalizações do Estado, opõe-se a uma benéfica ordem mundial cristã.

O expedicionário da paz, na sua empresa de defender os direitos e a dignidade humanos, deve tambem abranger nos seus alvos a emancipação social da família.

(Assinado)

† Samuel A. Stritch

ARCEBISPO DE CHICAGO



"Só a religião pode dar vida e força obrigatória aos pactos internacionais."

NO mundo do futuro—mundo que, como pondera o Arcebispo Stritch, deverá ser resgatado "da carga insuportavel dos grandes armamentos"—o transporte aéreo civil há-de alcançar o seu auge.

Os preços das passagens serão mais baixos, as velocidades dos aeroplanos serão maiores. Em geral o americano com a sua família poderá visitar a Terra Santa (apenas 24 horas desde Nova York, incluindo paragens, no Clipper) em férias de duas semanas. Muito da cultura, da ciência e dos bens do mundo será distribuido por aeroplanos transoceânicos de passageiros e de carga.

Naturalmente, todas as facilidades atuais da Pan American, incluindo os dados cientificos fornecidos por mais de 230 milhões de milhas de vôo transoceânico, são aproveitadas pelos serviços do Governo e das forças armadas dos Estados Unidos.

Asas da Democracia

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

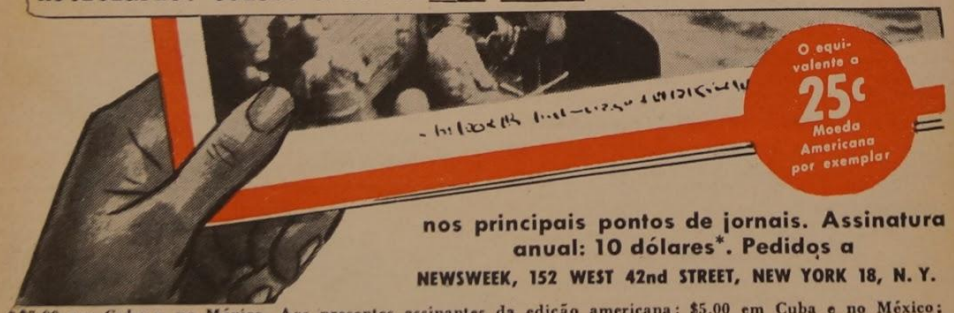
A empresa dos Clippers

VENDE-SE AGORA EM TODA A AMÉRICA LATINA

PAN AMERICA Newsweek BY AIR

THE MAGAZINE OF NEWS SIGNIFICANCE

V. já pode receber na sua própria cidade — ainda úmido de tinta — este indispensavel semanário ilustrado, o magazine noticioso! Esta edição especial pan-americana, redigida num inglês claro e acessível, chega todas as semanas por avião. Leia as suas colaborações exclusivas . . . suas rigorosas PREVISOES DE NOTICIARIO . . . OPINIOES de autoridades mundiais em negócios, finança, guerra e política . . . sua INTERPRETAÇÃO DE NOTICIAS . . . E AINDA a única SEÇÃO ESPECIAL DE NOTICIÁRIO PAN-AMERICANO de qualquer magazine noticioso . . . Ao todo, 25 seções diversas de noticiário. Comece a lê-lo hoje mesmo!



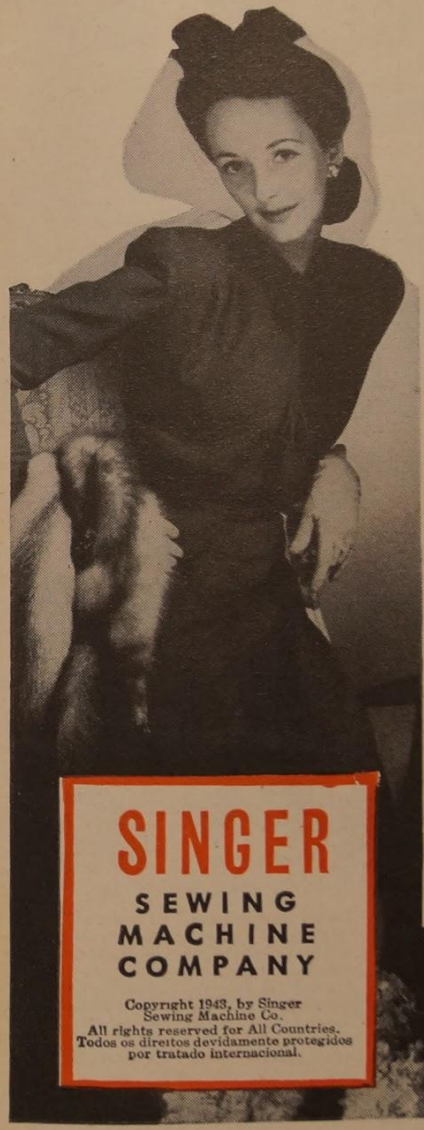
O equivalente a 25c Moeda Americana por exemplar

nos principais pontos de jornais. Assinatura anual: 10 dólares*. Pedidos a

NEWSWEEK, 152 WEST 42nd STREET, NEW YORK 18, N. Y.

*$7.00 em Cuba e no México. Aos presentes assinantes da edição americana: $5.00 em Cuba e no México; $7.00 em outras localidades.

Para a senhora, que tem uma Singer



Se tem uma Singer antiga que ainda funciona bem, agradeça a sua estrela e cuide bem dela!

Mas se sua Singer precisa de reparos, não se meta a fazê-los, chame-nos. As máquinas, hoje em dia, são muito preciosas para serem estragadas por mecânicos amadores. Um mecânico da Singer lhe renovará a máquina, por pequeno preço.

Se realmente precisa de uma máquina nova, compre-a já. A quantidade de máquinas novas é limitada por causa da guerra, mas a Singer ainda tem um pequeno número de boas máquinas dos últimos tipos.

PROCURE A CASA SINGER PARA:

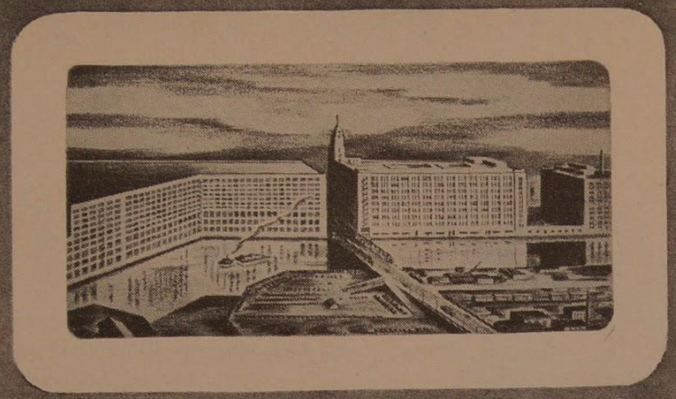
Conselhos sobre costura, corte, brochuras sobre bordados à máquina, etc.

Agulhas Singer, óleo peças e acessórios. (A reserva de certos artigos é pequena. Se sabe que vai precisar, compre já.)

Procure o "S" vermelho na vitrine da Casa Singer. É a garantia de serviço e material Singer legítimos.

SINGER
SEWING MACHINE COMPANY

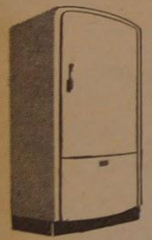
Copyright 1943, by Singer Sewing Machine Co.
All rights reserved for All Countries.
Todos os direitos devidamente protegidos por tratado internacional.



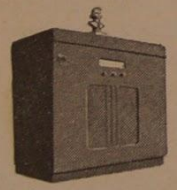
Wards enorme centro fornecedor

A MONTGOMERY WARD é mundialmente famosa e digna de confiança como uma vasta fonte central para fornecer os artigos indispensaveis ao lar e à fazenda. Por sua qualidade, preços de concorrência, bom fabrico e grande produção, os produtos Ward são reputados e gozam a preferência de todo o mundo.

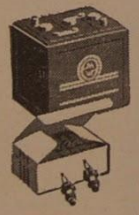
Aos comerciantes interessados na importação e distribuição dos artigos abaixo reproduzidos, alem de maquinaria, tintas, texteis, modas e outras mercadorias de facil venda, roga-se que peçam informações minuciosas.



Refrigeradoras Elétricas Ward—Nas refrigeradoras Ward de após-guerra serão incorporados os últimos aperfeiçoamentos, quer em construção, quer em utilidade.



Rádio-receptores Airline Ward—Com o seu laboratório de pesquisas e seus planos em projeto, a Ward assegura uma notavel seleção de rádios de magnifico funcionamento.



Acumuladores Ward—Sortimento completo . . . Velas de alumagem Ward de qualidade suprema. Facilitam o arranque, dão maior energia, e consomem menos gasolina.

Trator Avery e Utensílios—O trator Avery, de construção resistente para dois arados em fileira, permite trabalhar maior área de terreno com mais eficácia e facilidade.

Tratores Ward para Hortas (com alfaia)—Economia máxima pelos métodos mecânicos no cultivo da terra. Completo sortimento de utensílios para toda espécie de tarefas.

MONTGOMERY WARD

DIVISÃO FABRIL DE EXPORTAÇÃO, CHICAGO, E. U. A.

JUSTIÇA CONTRA VINGANÇA

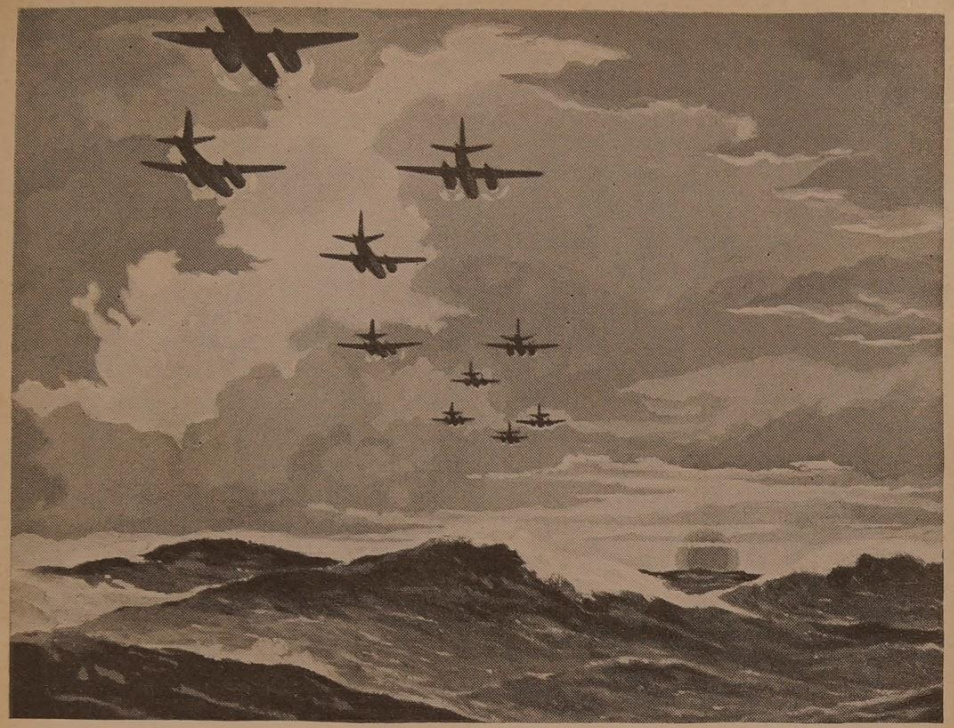
QUANDO um homem comete um assassínio e é julgado, condenado e executado, não se trata de vingança; a punição pode ser severa, mas é justa.

A punição, para ser justa, deve guardar relação com a enormidade do crime perpetrado. Guardemos em mente esta idéia para depois da Vitória, e consagremos todos os nossos pensamentos e esforços à Justiça—justiça para com todas as nações e todos os povos a quem as potências do Eixo, em desrespeito aos direitos morais, civís e internacionais, e escarnecendo das normas que tornam dignas as relações humanas, infligiram sofrimentos sem conta, ultrajes deshumanos e ignominiosos.

A verdadeira justiça consistirá, após a guerra, em fazer produzir novamente as terras devastadas, em reconstruir os edifícios arrazados, em refazer os lares, em devolver o bem-estar de indivíduos e famílias, e em dispensar assistência constante aos paisanos e aos militares incapacitados pela guerra.

Porem a justiça exige mais: exige que se castigue com rigor a quantos tenham tomado parte nos planos deliberados de destruir uma civilização pela qual estamos combatendo. Exige igualmente que se imponha as potências do Eixo aquela contribuição em trabalho humano e gastos monetários necessários para fazer justiça a todos os que sofreram danos e agravos dos seus direitos, por ação dessas potências.

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION



O grande avião de bombardeio e combate B-26, fabricado pela Glenn L. Martin Company para as Forças Aéreas dos Estados Unidos da América e da Grã Bretanha.

CHAMAM-LHE O MARTIN *Marauder* —UM FURACÃO FEITO PELO HOMEM!

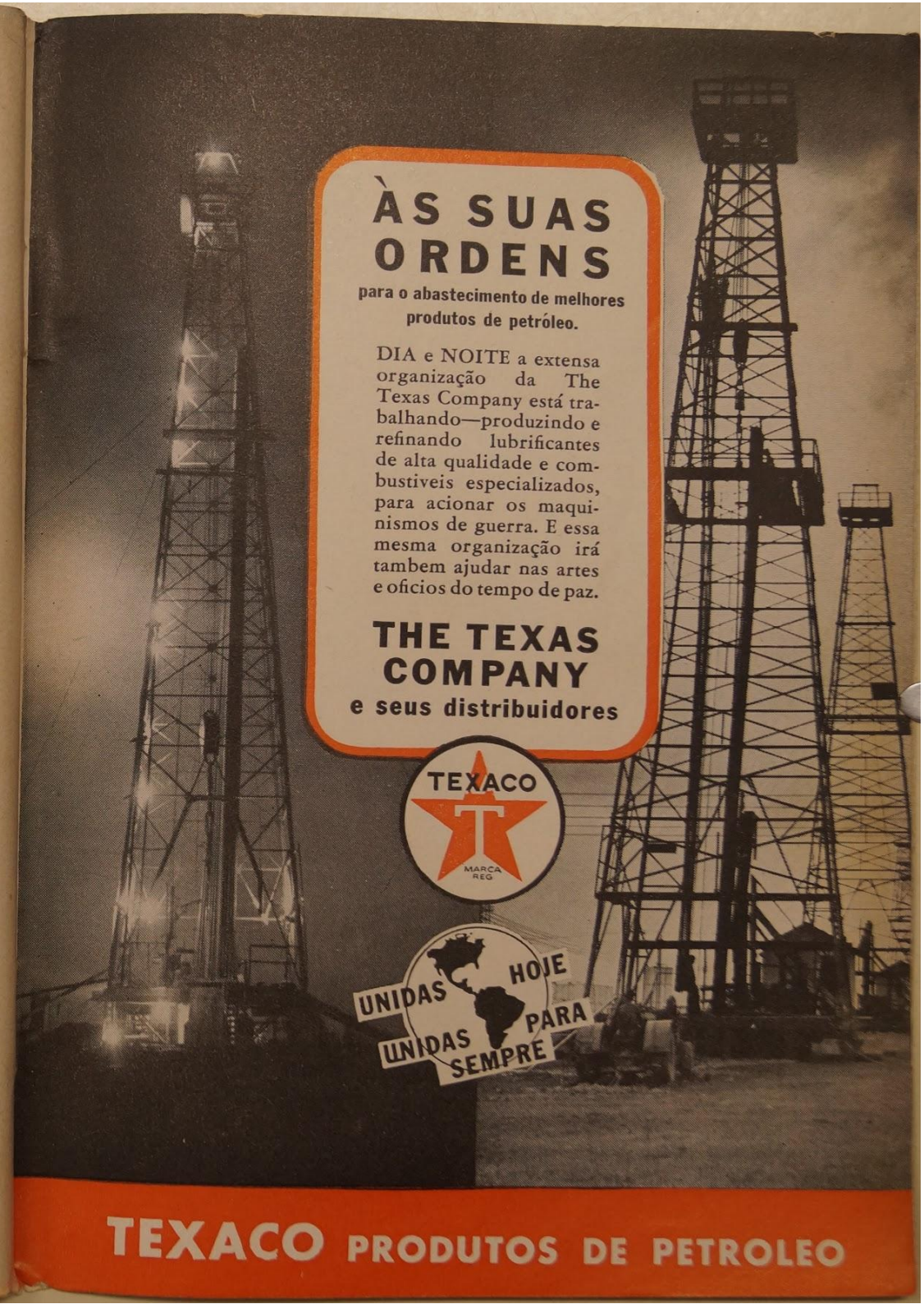
Há dois anos, no dia seguinte ao ataque a Pearl Harbor, um grupo de aviões B-26 do Exército tomou rumo oeste, com destino à Austrália. Quando a ofensiva japonesa a ingiu a Nova Guiné, estes B-26 entraram em ação. Em dois meses, eles cavaram a ruina de navios, bases e instalações japonesas com um extra dividendo de 97 aviões Zero, abatidos à custa de 6 "Marauders." Resultado: os fanáticos japoneses pararam estarrecidos.

"Não há avião como o B-26"

Do cimo das nuvens ao topo das árvores . . . como bombardeiros médios, bombardeiros-torpedeiros ou caças de grande raio de ação . . . desde o Alasca à Nova Guiné e ao Mediterrâneo . . . os "Marauders" estão dando conta de tudo que aparece. O General Arnold, Chefe da Aviação Militar, chamou-lhes "grandes bombardeiros" . . . o Departamento de Informações de Guerra dos Estados Unidos apelida-os de "os mais eficientes aviões do mundo na sua categoria" . . . Mas tributo talvez o mais significante, vem dos homens que neles voam. Um ás dos "Marauders," veterano do Sudoeste do Pacífico, disse simplesmente: "Não há avião como o B-26. Ele não pode ser batido em desenho, sensibilidade e manobra."

Considerando a origem, nenhum louvor mais elevado poderá ser prestado ao avião Martin "Marauder."

THE GLENN L. MARTIN COMPANY
BALTIMORE, MD., E. U. A.



FÁBRICAS EM: NOVA YORK - ARGENTINA - CUBA - COLÔMBIA - COSTA RICA - CHILE - MÉXICO - PERÚ - URUGUAY - VENEZUELA

Grandes caminhões de guerra Studebaker rolam por onde marcharam as legiões de outrora

Ainda ontem, milhões de descuidosos rapazes Americanos estavam aprendendo, nas suas aulas, os fabulosos feitos de Alexandre, Júlio Cesar e Genghis Khan.

Hoje, legiões desses moços estão fazendo história por suas mãos, e tomando lições práticas de geografia—quase paredes-meias com muitos dos históricos campos de batalha, acerca dos quais lhes falaram na escola.

Esses nossos rapazes acham que esta guerra é diferente de qualquer outra que se tenha feito no passado—em parte devido à velocidade com que agora é possivel deslocar homens e abastecimentos.

Na Rússia, no Próximo Oriente, nas Ilhas Britânicas, no Alasca e na India, muito do trabalho de transporte pesado das Nações Unidas está sendo feito por dezenas e dezenas de milhares de grandes caminhões Studebaker, de múltipla rodagem. De fato, a Studebaker é hoje um dos maiores produtores do mundo inteiro em questão de camionagem pesada de guerra.

Hoje, a produção de guerra é a única preocupação da Studebaker. Mas, quando o último tiro for disparado e a vitória estiver assegurada, as fábricas de auto-viaturas da Studebaker retomarão novamente o seu papel, como produtoras de caminhões e automoveis americanos, da melhor qualidade para uso civil.

THE STUDEBAKER EXPORT CORPORATION
South Bend, Indiana, E. U. A.
End. Tel.: "STUDEBAKER"

Um Pouco de Terra-de-Siena — Um Pouco de Azul . . .

Na pintura de grande classe há mais do que competência técnica, composição e materiais. Há qualquer coisa de indefinível que pertence sòmente ao artista—essa perícia, qualidade ou habilidade, que marca o trabalho que êle faz e que veio a chamar-se o "saber como".

Um destes artistas—grande pintor de assuntos marítimos do século passado—foi uma vez interrogado acêrca do modo como conseguia pintar tão maravilhosos efeitos de nevoeiro. A sua resposta tornou-se clássica: "Sòmente (disse êle) um pouco de terra-de-Siena—e um pouco de azul."

Em qualquer ramo das artes, ofícios, comércio ou indústria, há uma habilidade comparável à do artista. Na fabricação dos modernos trens ligeiros, aerodinâmicos, de aço inoxidável, essa distinção pertence à Budd: pois, tal como o pintor, a Budd mistura com destreza e segurança todos os ingredientes, conhecimento, perícia e materiais—que, tomados em conjunto, formam a obra-prima.

As grandes fábricas e a proficiência de Budd estão hoje consagradas às exigências da guerra. Amanhã, reverterão em favor das necessidades do tempo de paz—a construção de equipamento de estradas de ferro para toda a América, do Norte e do Sul, e, por seu intermédio, o ensêjo de maior confôrto e segurança em viajar, para milhões de pessoas.

EDWARD G. BUDD MANUFACTURING COMPANY — **Budd**

Especialistas em Equipamento de Transporte—terra, mar e ar.

A arte de ser mulher...

EDUCADA, fina, impondo-se como valor artístico e intelectual, a Eva moderna não se descuida da arte de ser mulher... para que tanto contribuem os Cremes Pond's. Eis o que diz a senhorita Mercês da Silva Telles, figura das mais cativantes da nossa sociedade, e exímia pianista: «Confesso-me entusiasmada com os resultados que obtive com o método Pond's.»

E veja como é simples êste método:

1. **Aplique Cold Cream Pond's** no rosto e no colo. Retire-o em seguida. Para amaciar a cútis, aplique mais uma camada.

2. **Antes de fazer a «maquillage»** use o Creme Evanescente Pond's que, além de proteger a cútis contra o sol e o vento, conserva o pó-de-arroz horas seguidas.

Siga o exemplo das mais lindas mulheres de todo o mundo—comece hoje a usar os Cremes Pond's!

A SENHORITA MERCÊS DA SILVA TELLES

AMOSTRA GRATIS: **- Queiram enviar-nos o coupon acompanhado de Cr. $1,00 para as despesas de remessa de uma amostra gratis dos 2 Cremes Pond's.**

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL
Avenida do Estado, 5.537 - São Paulo

3-RRRR-25

Nome .....

Rua .....

Cidade ..... *Estado* .....

O passageiro extra do motor Cyclone

O critério geralmente adotado para avaliar os motores de avião é a sua fôrça propulsora por unidade de pêso. A potência de decolagem, tamanho, durabilidade, segurança, e altitude são elementos de grande importância, mas, em igualdade de condições, não há substituto para o elemento "menos pêso." Nos aviões acionados por motores "Cyclone 9," a economia de pêso conseguida corresponde a um passageiro extra para cada motor.

Isto foi o resultado dos aperfeiçoamentos técnicos de Wright em engenharia. Por exemplo, o Amortecedor Dinâmico aumentou de 9 kg. o pêso do motor, mas permitiu-lhe um aumento inicial de 100 cavalos-vapor, abrindo assim o caminho para que se conseguisse o elevado índice atual de potência por unidade de pêso. Triplicando a sua superfície de resfriamento, o cilindro Cyclone produz agora 150 cavalos-vapor no mesmo deslocamento cúbico que, em 1933, somente permitia o desenvolvimento de 83 cavalos-vapor.

Assim, os engenheiros da Wright têm conseguido obter mais e mais potência com menor dispêndio de material, de modo que atualmente o motor Cyclone 9 é 13,5% mais leve do que qualquer outro motor da mesma categoria de fôrça. Esses 13,5% significam uns 80 kg. de vantagem—ou seja um passageiro mais por motor—um desconto de pêso que representa mais lucro para a exploração comercial.

* * *

O Wright Cyclone paga sua passagem

Cyclones e Whirlwinds · Leves · Compactos · Possantes **WRIGHT** *Aircraft Engines*

FÔRÇA-MOTRIZ PARA A TONELAGEM DO AR

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO

A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind

Continuação da última capa

A universidade em miniatura

O Reader's Digest é uma universidade em miniatura para toda a gente, desde o vaqueiro escarranchado na sua sela, ao intelectual no silêncio da sua biblioteca; do operário da usina ao diretor da respectiva empresa; do estudante ginasial ao maior educador do mundo; e da pequena preparatoriana até a sua bisavó.

Recolho no Reader's Digest narrativas de grande ensinamento humanitário e de reforma social; biografias de líderes de hoje, cuja alongada sombra irá projetar-se na história de amanhã; artigos sobre descobrimentos científicos; histórias do triunfo da virtude sobre o crime; da solução das discórdias industriais, e da ineficiência do mundo dos negócios; e de firmes progressos realizados, a despeito das sinistras forças de destruição que nos assediam.

Cada vez que leio o Digest—e escusado será dizer que leio todos os seus números da primeira à última palavra,—sinto que fiz algum progresso na compreensão e apreciação dos meus semelhantes humanos.

«Universidade em miniatura»? E porque não? Aí, com telegráfica brevidade, se registram os eventos mais significativos do dia que passa. Acontecimentos que, de outra arte, haveriam escapado à nossa atenção, desdobram-se em quase profética estatura às proporções de sua histórica influência. Enchem, por fim, as páginas do Reader's Digest os episódios dos tempos atormentados que vamos vivendo, e as histórias íntimas de personalidades empenhadas em projetos intemporais de progresso. A gente o lê, e sempre encontra nele que aprender.

E—se tanto não bastasse—pode sempre o leitor recorrer à fonte para pedir-lhe mais.

IMPRESSO NOS E. U. A.

A universidade em miniatura

Por Walter Dill Scott
Presidente da Northwestern University

Nesta civilização complexa em que vivemos, a especialização vem progressivamente estreitando os limites da atividade individual, e bem assim reduzindo o horizonte dos interesses culturais. O químico que só sabe da sua química; o mercador que só conhece da sua fazenda; o professor, da sua metodologia; o engenheiro, da sua técnica—podem, cada qual no seu domínio respectivo, realizar obras notaveis: mas, de não existir entre eles um laço de entendimento mútuo, formarão no conjunto uma ordem social tão debil quanto é dividida.

Só quando todos compreendem, baseando-se na experiência própria, que o esforço individual de cada um é apenas parte de um todo simétrico, é que o caminho fica aberto ao progresso duradouro.

Os estudantes adquirem nas escolas superiores vasto cabedal de conhecimentos, necessários como contrapartida da especialização. Mas como é que esses vastos conhecimentos se podem manter, acabados que foram os dias da universidade, à medida que alguem se vai mais e mais enterrando no domínio da sua especial atividade?

Cursos de extensão universitária, clubes, livros, revistas, jornais, rádio-emissões educativas, tudo isso ajuda: mas, por muito valiosos que sejam tais instrumentos de universalização da cultura, todos eles sofrem de inevitaveis limitações de tempo e de lugar. O agente, mais versado e variado de que eu tenha conhecimento, para uma rápida, compreensiva e segura formação cultural no que respeita à vasta gama de assuntos abrangidos pela vida moderna—e, ao mesmo tempo, um instrumento que está sempre disponivel para uma hora ou um momento de estímulo intelectual—é o Reader's Digest.

Continua no verso

EDIÇÃO MUNDIAL DE 10.918.000 EM CINCO IDIOMAS

Cr$ 3,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

A missão decorreu normalmente . . . . . *Atlantic* 1
Não se morre de gripe . . . . *por Lois Mattox Miller* 6
Um coração debaixo do uniforme . *por Donald C. Peattie* 9
A vitória custa os olhos da cara! . *por Donald M. Nelson* 13
A educação começa em casa . . *School and Society* 15
Japonismo contra Cristianismo . . . . . *Collier's* 18
Cegou para alumiar os mareantes . *Science News Letter* 21
Guerra de luva branca 25
A diasona desafia a peste branca . . . . *Your Life* 30
Retalhos do drama cotidiano . . . *por Philip Wylie* 34
Primeiro soldado dos Estados Unidos . *T. M. Johnson* 37
A inflação arrastará a China ao abismo? . *New Republic* 42
Sentinelas da selva . . . . . *Field & Stream* 45
Quinze segundos só de vida . . . . . *Air News* 48
Paladina dos direitos da mulher . *por O. K. Armstrong* 51
No tempo em que «Berta» falou . . . *por Fred Kelly* 55
A revolução do arroz . . . . . *Washington Post* 58
Assistência à infância 61
Heroina de mócassins . . . *«Westward the Women»* 65
Enfermeiras que voam às frentes de combate *por Alfred Toombs* 69
Confissões de uma cleptomaníaca 71
Alô, flor! . . . . . *St. Louis Post-Dispatch* 75
Melhor gado pela fecundação artificial . . . *Kiwanis* 79
Fuzileiro de alma e coração . . . . *American Legion* 81
Menú de amanhã . . . . . *Fortune* 85
«Prezados senhores: parece incrivel» . . *This Week* 87
Podemos ensinar os meninos a viver 90
Boas-novas para más dentaduras . *por J. D. Ratcliff* 92
Transporte misto . . . . . *«Arrival and Departure»* 116
Seção de Livros — Por trás da muralha de aço *por Arvid Fredborg* 95

MAIO DE 1944

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.
AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.
BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.
ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.
GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.
MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.
MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.
MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.
PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.
PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.
PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 351, Recife.
PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.
RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.
RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.
RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.
SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.
SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.
SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.
TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo V, No. 28 — *Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.* — Maio de 1944

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace
Redator Gerente: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* J. Rodrigues Miguéis
Administração: *Gerente Geral*, A. L. Cole. *Subgerente:* Fred D. Thompson, Jr.
Gerente de Circulação, Roberto C. Sánchez. *Chefe de Publicidade*, Willard R. Espy
Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson. *Subdiretor:* Marvin McCord Lowes
Diretor de Anúncios: Josiah B. Thomas

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*Reader's Digest* (fundado em 1921): publica-se em inglês em Pleasantville (E.U.A.) e em Londres: diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace; tiragem mensal: 9.345.000 exemplares. *Selecciones del Reader's Digest:* edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas; tiragem mensal: 880.000 exemplares. *Det Bästa ur Reader's Digest:* edição em sueco, publicada em Estocolmo; redator: Anders Hedberg; tiragem mensal: 225.000 exemplares; *Al Mukhtar Min Reader's Digest:* edição em árabe, publicada no Cairo; redator: Fuad Sarruf; tiragem mensal: 60.000 exemplares.

TIRAGEM DE TODAS AS EDIÇÕES: 10.918.000 EXEMPLARES

Copyright 1944 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1876. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A

MAIO de 1944

SELEÇÕES do Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO V — No. 28

A missão decorreu normalmente

(Condensado do «Atlantic Monthly»)

Pelo Comandante de Grupo Guy P. Gibson, da R.A.F.

O que foram os preparativos e o treino para a destruição da represa de Mohne, e a operação em si mesma: fala o comandante da expedição

ERA BASTANTE cedo quando me acordaram e me deram o recado. Como nesse dia eu devia começar a gozar a minha licença, não pude reprimir-me, e respondí em termos irritados. Mas quando nos dizem: «Apresente-se imediatamente ao comandante,» temos que ir mesmo. Dentro de poucos minutos estava vestido, e pus-me a caminho.

—Bons dias, Gibson, sente-se—disse-me o Marechal da Aviação logo que entrei no seu gabinete. —Eu sei que você já fez 173 incursões, e tem agora direito a umas férias e a algum descanso; mas eu desejava que você fizesse ainda um raide.

E começou a expor o caso, de modo que ao acabar já eu estava de pé e ansioso por meter mãos à obra...

Disse-me ter eu que organizar uma nova esquadrilha, com pessoal escolhido entre as melhores tripulações do Comando de Bombardeiros. Íamos tentar uma empresa que, caso tivesse bom êxito, causaria à Alemanha, numa só noite, o golpe mais sensacional desta guerra: o bombardeamento da grande represa de Mohne, no coração do Ruhr.

Escolhí a minha esquadrilha, forma-

AOS QUARENTA e quatro anos, o Comandante Gibson é um dos aviadores ingleses que receberam maior número de condecorações. Tendo entrado para a RAF aos 18 anos, o seu primeiro vôo de bombardeio foi sobre o Canal de Kiel, no dia seguinte à declaração de guerra. Já compriu 174 missões sobre território inimigo, inclusive cinco bombardeios de Berlim, e foi-lhe concedida a *Victory Cross* pelos seus feitos como chefe da esquadrilha que bombardeou as represas alemães.

da de umas 25 tripulações, ou seja 175 homens ao todo, que eu conhecia um por um e sabia serem do melhor. Quando nos reunimos na base, disse-lhes: «Encontramo-nos aquí para levar a cabo uma missão especial; trata-se de um raide à Alemanha, que será de tremendos resultados. Não posso dizer-lhes ainda qual é o nosso objetivo, mas aviso-os de que terão de praticar, dia e noite, vôos a baixas altitudes, até serem capazes de fazê-lo a olhos fechados.

«Não é preciso dizer-lhes que se vai falar muito de nós, porque não é coisa corrente reunir numa só esquadrilha um grupo de ases como este. Quando, à noite, vocês entrarem num bar, nunca se refiram ao assunto. Quando os outros rapazes perguntarem que fazem vocês agora, não digam uma palavra.» Depois passei o comando para Dingy Young, americano, meu lugar-tenente, e disse-lhe que começasse com o treino de vôo a baixas altitudes.

Foram tomadas medidas de segurança de grande alcance e eficácia. Todos os nossos telefones passaram a ser controlados, distribuiram-se sentinelas pela vizinhança, fizèram-se frequentes conferências sobre segurança aos membros do grupo, e até se arranjaram umas férias de três meses para a criada que servia no bar.

Depois fui a Londres visitar o homem que concorreu tanto para o bom êxito desta operação como todas as tripulações reunidas. Trata-se de pessoa de inestimavel valor, que trabalha por trás da cortina e de quem pouco se pode dizer até terminarem as hostilidades. Encontramo-nos num pequeno gabinete escuro; e alí, estendendo um desenho na minha frente, deu-me ele uma lição sobre a técnica de destruir represas. «Você pode julgar que eu não passo dum velho tonto,» disse-me, «mas ouça primeiro tudo quanto sei a respeito da represa Mohne. É um objetivo militar que tenho estudado incessantemente desde o começo da guerra. Esta represa, —e aquí ele tirou da gaveta umas fotografias—mede 777 metros de comprimento, 45 de espessura, e tem tanto de altura quanto de espessura. Se você pensar que nós, aquí em Londres, nos consideramos ao abrigo duma bomba explosiva ordinária quando nos protege uma parede de cimento armado grossa de 90 cm., então pode fazer uma idéia do que quero dizer quando falo de rebentar uma muralha com 46 m. de espessura.

«Temos efetuado experiências sobre os efeitos de explosivos em paredes tais, durante, algum tempo,» prosseguiu, enquanto me mostrava as fotos duma represa apenas com 1,80 m. de comprimento, que tinha sido fendida por uma carga de explosivo. «A nossa próxima experiência vai ser numa de 60 metros, que construimos exatamente como a de Mohne. O lago está cheio de água, e vamos verificar alí as teorias que vimos formulando com os modelos menores.»

Isto vai ser divertido, pensei eu.

Poucos dias depois, o homem telefonou-me, anunciando que a experiência tivera pleno êxito. «Agora,—disse-me ele—temos que experimentar o mesmo numa represa de tamanho grande, para que fiquemos seguros de que achamos o que desejávamos.»

Tivemos notícia de que certo concelho municipal das Midlands acabara de construir uma nova represa, para abastecimento de água à região, e obtivemos licença para demolir a antiga. Durante sucessivas e frias manhãs de inverno, voei sobre essa represa, lançando os meus projeteis; e todas as vezes que o fiz, vía sempre lá em baixo, de pé

e só à beira do lago, de ombros encolhidos e mãos nos bolsos do sobretudo, o meu cientista, esperando. As nossas experiências falharam umas atrás das outras. Parece-me ter sempre diante dos olhos aquela figura pequena e hirta, sozinha, naquelas alturas. A sua atitude traduzia um estado de tensão, e havia uma expectativa terrivel em tudo o que nos cercava.

Por muitos dias aquele homem observou e eu voei. Até que, certa manhã de abril, lancei uma bomba que deu o resultado desejado. O homem lá em baixo dansou, agitou os braços, atirou o chapéu no ar, porque era aquele um momento de felicidade para ele. Começaram então as chamadas telefônicas urgentes, muitas coisas escritas em cifra, contínuos correndo de um lado para outro, fábricas recebendo ordens de prioridade para que homens e mulheres trabalhassem dia e noite, a produzir o material que tínhamos que levar para a Alemanha, e lançar no Lago Mohne.

Regressei à minha esquadrilha. Já os rapazes tinham adquirido grande proficiência no vôo a baixas altitudes, de modo que nos foi possivel dedicar-nos ao estudo da forma especial de ataque às muralhas da represa.

Voamos constantemente, noites e dias seguidos, sobre os lagos da Escócia, das Midlands, e do País de Gales. Tínhamos que lançar os projeteis com extrema precisão, a distâncias muito pequenas do alvo indicado. Alem disso, era indispensavel voar a grande velocidade, sob pena de o êxito da operação tornar-se demasiado precário, porque, voando a tão baixa altitude, nos expúnhamos excessivamente ao fogo antiaéreo.

Um dos nossos problemas mais dificeis era o de ter que voar *exatamente* a 13,50 m. acima do nivel da água. Sobre uma superfície calma é muito dificil poder julgar a altura com precisão. Mas, no fim de contas, a dificuldade foi resolvida de maneira muito simples. O método —que é um segredo, claro está—dava apenas uma diferença de poucas polegadas.

Depois de dois meses de treino contínuo, representando um mínimo de 150 horas de vôo para cada homem, considerei minha esquadrilha pronta para executar a operação.

Durante todo esse tempo, nosso serviço de reconhecimento aéreo sobre a Alemanha vigiava a represa de Mohne como o gato espreita o rato, notando a densidade das defesas e o nivel da água no lago. Pode atacar-se melhor uma represa quando esta contem grande quantidade de água, que exercerá maior pressão contra a parede. A 16 de maio a água tinha atingido o nivel conveniente para o ataque. Estava bom tempo, havia lua cheia, e achávamo-nos finalmente em forma para o grande raide.

Os rapazes entraram na Sala de Instruções, depois de terem esperado dois meses e meio sem saber o que iam atacar. Várias vezes tinham tentado adivinhar; nunca porem, acertaram. Eram um pouco rudes, e talvez aparentassem mais idade do que realmente tinham. Mas eram ases magnificamente treinados, e cada um sabia bem do seu ofício. Deixei que o meu cientista lhes dissesse o que havia a fazer.

Com a sua amavel maneira, repetiu-lhes o que me tinha dito dois meses e meio antes, contou-lhes o princípio sobre que íamos atuar, prevenindo-os de que a empresa não seria facil; e todos compreenderam o que ele queria dizer.

Naturalmente, tiveram que fazer-se muitos preparativos especiais, como

adaptar certas munições às nossas armas, pôr chapas blindadas nos aviões, etc. E como a execução de todas estas providências tinha sido preparada antecipadamente, tudo corria agora com precisão cronométrica.

Esperando a partida, todos estavam um pouco nervosos, fumando muito e falando pouco. Eu disse a Hoppy, que estava comigo havia ano e meio, e tomara parte em 40 incursões com a minha esquadrilha: «Hoppy, é esta noite. Amanhã apanhamos uma carraspana!» Mal sabia eu que o via pela última vez!

Depois desfilamos debaixo de forma em frente da torre de controle, e voamos em direção à Alemanha. Não tardou em aparecer-nos, achatada no horizonte, a costa holandesa, funesta e mal intencionada, uma extensão enorme, plana, sombria, donde disparavam fogo anti-aéreo em todas as direções. Mas há maneira de passar através de uma barragem, e nós sabíamo-las todas. Como navios que tateiam o caminho em plena zona minada, assim nós fomos ladeando as defesas, avançando sempre para a Alemanha.

Voávamos tão baixo que, mais de uma vez, tive que puxar até atrás a alavanca de comando, para passar por cima de um cabo de alta-tensão ou de alguma árvore mais alta. Mas nem todos conseguimos escapar. Um dos nossos bombardeiros embateu no mar, pulou como uma bola, perdeu dois dos motores, e regressou só com os outros dois. Dois outros aviões foram atingidos pelo fogo anti-aéreo, e tive que mandá-los retroceder para a base.

A jornada não foi isenta de agitação. Todo o vale do Ruhr sabia que estávamos a caminho, e não gostou da idéia. Éramos o único grupo aéreo operando nessa noite, e lá em baixo, nos seus fundos esconderijos, os alemães espiavam o nosso curso e planeavam as defesas à medida que íamos avançando. Ao atravessarmos o Reno, barcaças armadas de canhões de tiro rápido começaram a disparar contra nós.

Éramos constantemente focados pelos projetores, mas voávamos tão baixo —pode isto até parecer mentira—que muitas vezes conseguimos evitá-los, escondendo-nos atrás das árvores. Um dos pilotos à minha direita, porem, foi deslumbrado por um dos holofotes: o seu aparelho empinou-se como um cavalo espantado, mergulhou e rebentou em chamas.

Abrimos caminho à força até atingirmos Hamm, e, passada a colina, avistamos a represa de Mohne... À luz da madrugada parecia-nos agachada, maciça, invencível. De um edifício cuja construção fazia lembrar um navio de guerra, disparavam-nos constantemente fogo anti-aéreo, a todo o seu comprimento. Os seus fachos de luz verde, amarela e vermelha refletiam-se na superfície calma das escuras águas, fazendo a coisa parecer muito mais do que realmente era.

Dirigí-me ao esquadrão: «Bem, pessoal. Comecem a atacar quando eu lhes disser. Eu vou primeiro.»

Ao aproximar-me para atacar, passando por cima dos altos abetos, Spam, meu bombardeiro australiano, disse-me assustado:

—O senhor vai bater contra essas árvores.

—Não faz mal, Spam. Estou só a calcular a altura.

Os artilheiros alemães viram-nos vir. Eu já me tenho visto em fogo muito peor; mas agora voávamos bem baixo, e tudo nos parecia sinistro e vagamente

enervante. O meu avião era tão pequeno e a represa tão grande e sólida, e demais a mais tão cheia de fúria, que impressionava.

Afloramos a superfície do lago, com o meu atirador sempre disparando contra as defesas. As granadas de baixo uivavam à volta de nós, mas por qualquer razão não nos acertavam. Spam dizia: «Mais para a esquerda... um pouco mais para a esquerda...firme...firme...bombas lançadas!»

Quando descrevemos o círculo, vi que não havíamos rebentado a represa. Mas a explosão das minas tinha agitado tanto a superfície do lago, que só parecia um temporal a açoitar as suas águas. Tive que esperar que a superfície serenasse de novo, o que levou bastante tempo. Então voltei a falar: «Atenção, M Mãe. Atenção M Mãe. Pode atacar agora. Boa sorte!»

Hoppy começou o seu ataque. Vi-o aproximar-se, lançar as suas bombas e ser derrubado por um tiro. Minutos depois desce o nº 3 para atacar, o que fez sem incidente. Foi quando reparei que a parede da represa se tinha movido, e adquirí a certeza de que, se conseguíssemos continuar a empurrá-la acabaríamos por deitá-la abaixo. Depois avançaram sucessivamente o 4º, o 5º e o 6º, despejando as suas bombas onde devia ser, enquanto eu voava para trás e para diante, vigiando tudo.* O meu artilheiro da retaguarda disparava continuamente contra as defesas, tentando distrair o fogo anti-aéreo concentrado sobre os camaradas que voejavam atacando com vigor.

Havia uma hora que estávamos sobre a represa. Durante todo este tempo estive em comunicação com o meu aeródromo, com o meu comandante-chefe, e com o cientista. Contaram-me que este se conservou sentado na Sala de Operações, com a cabeça entre as mãos, escutando as minhas descrições, à medida que os aviões iam atacando, um por um, sem conseguirem derrocar a represa.

Mas eu sabia que o arcabouço ia cedendo; e então, repentinamente, ao cairem no lugar preciso as nossas derradeiras minas, uma alvíssima coluna de água se elevou no ar, até mais de 300 metros de altura, e a muralha da represa desmoronou-se!

Não havia dúvida alguma. Através de uma brecha de mais de 90 metros de largura, precipitava-se a água pelo vale do Ruhr. Era um espetáculo como nenhum homem tornará a ver. Lá em baixo no vale desfilavam os automoveis pelas estradas fora, fugindo à frente daquela grande onda que os perseguia. Vi a corrente álcançá-los um por um, e então a cor dos seus faróis debaixo da água ia mudando de azul claro para verde, e de verde para roxo carregado, até que por fim se não via nada mais senão a massa líquida. A inundação avançava, levando de roldão viadutos, estradas de ferro, pontes, tudo quanto encontrava no caminho, qual um novo dilúvio.

Eu sentia-me distante e algo quimérico, sentado lá na tépida cabina do meu Lancaster, observando aquela força estupenda que havíamos desencadeado; e então sentí-me contente, porque sabia que era alí o coração da Alemanha industrial, o lugar donde fora lançada tanta destruição e sofrimento sobre o mundo.

---

*Nota da redação.—O autor é um oficial tão modesto como destemido. Os relatórios oficiais dizem que ele voou continuamente sobre a represa para desviar dos outros membros da esquadrilha o fogo das defesas, tendo sido o último a partir. Por tais ações, que excediam muito os seus deveres, foi condecorado com a *Victory Cross*.

Agora que as sulfas deram cabo da pneumonia, não há mais que temer a gripe epidêmica ou influenza

Não se morre de gripe

Por Lois Mattox Miller

NO QUARTO ANO da primeira guerra mundial, a gripe varreu o mundo. Uma, entre cada grupo de cinco pessoas, pagou-lhe tributo. O número de mortos subiu a 21 milhões. Ninguem sabia o que aquilo era, de onde tinha vindo, e porque.

Agora, e tambem no quarto ano da segunda guerra mundial, outro surto epidêmico da mesma natureza se tem manifestado na Inglaterra e nos Estados Unidos, com efeitos, entretanto, incomparavelmente mais benignos. Será possivel, no entanto, que o mal, de momento para outro, se converta no irmão gêmeo, e igualmente mortífero, do monstro de 1918? Ou, no intervalo de 25 anos decorrido entre as duas guerras, se terão descoberto novas armas para devidamente combatê-lo? Que aprendemos num quarto de século de pacientes e bem orientadas pesquisas?

Não ignoram hoje os cientistas que a influenza representa, não uma doença, mas um grupo de doenças. Dois dos seus tipos—A e B—têm sido isolados e identificados. Os demais continuam a zombar da perspicácia dos investigadores.

Está provado, contudo, que a moléstia é determinada por um virus, e descobriram-se, para debelá-la, uma vacina e um soro, nenhum dos quais, todavia, existe disponivel em quantidade bastante para que dê ao problema solução prática, do ponto de vista das necessidades do público em geral.

As pesquisas, por outro lado, desautorizaram, por completo, a crença, ou antes, a superstição de que a influenza é doença mortal. *Nunca houve um só caso de morte que ficasse medicamente demonstrado ter sido produzido por influenza.*

A mortalidade de 1918, resultou em geral de pneumonia, ou outras enfermidades secundárias, que abatiam os organismos já em estado de depauperação por motivo da influenza, não sendo esta, portanto, propriamente, a determinante da morte. De então para cá, as sulfas, e mais recentemente a penicilina, tornaram a pneumonia só raramente fatal; e uma vez que o problema da pneumonia perdeu assim, em proporções tão notaveis, a sua gravidade, passa a influenza a constituir meramente um incômodo de saude, mais ou menos desagradavel, que não é nem pode ser motivo de terror.

É curioso que vão persistindo, a respeito da influenza, algumas concepções inadvertidas ou errôneas. Ainda agora, por exemplo, em dezembro último, fez-se ver ao povo que uma epidemia benigna tinha a vantagem de imunizar as vítimas contra um surto violento que viesse porventura a declarar-se mais tarde. Ora a verdade, ao que têm concluido os cientistas, é que não há gradações de intensidade entre um e outro tipos de influenza. Atingidos por um deles, não o seremos pelo mesmo dentro de seis meses; mas podemos restabelecer-nos de um, e rapidamente contrair o outro.

O conceito de que a influenza se declara de 25 em 25 anos—o que importaria em anunciar, para o momento presente, nova incursão do mal por todo o mundo—não tem qualquer fundamento, na opinião dos sabedores do assunto. A enfermidade nada tem de cíclica. Tãopouco é companheira inevitavel das guerras.

Não há cura para a influenza. *Tratamento não há que debele nenhuma doença determinada por virus.* Paliativos como a aspirina reduzem, é certo, a febre, e tornam ordinariamente mais suportavel o incômodo; não lhe abreviam porem a duração, de uma hora sequer. Ficaremos bons no mesmo prazo, sem tomar nenhum remédio, o que não exclue a conveniência de recorrer ao médico, seja para amenizar o sofrimento, seja para estar de vigilância quanto à possibilidade de manifestações pneumônicas.

A irrupção da influenza é tão imprevisivel nestes dias como o foi em 1918. Trata-se de uma doença endêmica, isto é, há dela sempre, em qualquer tempo, alguns casos. No decurso do último decênio, houve surtos epidêmicos a intervalos mais ou menos de dois anos.

Para o paciente—e até mesmo sob o ponto de vista clínico—todos os gêneros de influenza são idênticos. Há em todos a mesma febre alta, as mesmas dores nos músculos. Durará o distúrbio, em si mesmo, no máximo uma semana. A menos que submeta a exame de laboratório pequena quantidade de muco retirado da garganta, nenhum médico será apto a dizer-nos qual a forma de influenza de que fomos acometidos.

A duração de uma epidemia de influenza depende, em absoluto, das condições da comunidade atingida. Caindo, por exemplo, sobre grupos onde se vive em íntimo contacto—é o caso precisamente, dos acampamentos militares—a onda invasora propaga-se com grande rapidez, e, por via de regra, se mantem por cerca de três semanas. Numa comunidade geral, o prazo será, em média, de três meses.

As medidas de precaução tomadas contra a influenza têm-se revelado ineficazes. Sem que se saiba porque, atinge a moléstia duramente alguns, e poupa de todo outros. Muita gente se acha repleta de virus de influenza, sem que chegue a percebê-lo. Poderemos evitar com todo cuidado os doentes, e, no entanto, entrar em contacto com portadores do virus, vale dizer da doença.

Por outro lado, o fato de nos expormos não implica necessariamente a contração do mal. Nem sempre é permitido aos cientistas infeccionar voluntários para fins de experiência. Eis aí uma circunstância que não deixa de ser confortadora para os que tenham em casa doentes de influenza. A incubação, o período de perigo, dura de 12 a 48 horas, e se, decorridos três dias de contacto com o paciente, não se contraiu a moléstia, então, mui provavelmente nada mais haverá que temer.

As vacinas A e B, recentemente descobertas, têm-se mostrado eficazes apenas na proporção de 50 por cento, isto é, só 50 por cento daqueles que delas se utilizam têm recolhido proveito. Como quer que seja, porem, tais vacinas não estão a presente disponiveis para distribuição em massa. Afim de tirar do seu uso o máximo benefício, seria mister se fizesse a vacinação em grande escala antes do surto epidêmico—e não há meio de saber quando o surto irromperá. Assim, sob o ponto de vista sanitário, a vacinação coletiva não se reveste de carater prático.

Bem mais consagrado pelo êxito é o

método de imunização pelo soro, registado, pela primeira vez, por um grupo de cientistas russos em 1940. Faz-se a vaporização no nariz e na garganta, uma vez por semana, de uma solução do soro. O tratamento é agradavel, e produz efeitos benéficos em 90 por cento dos casos. Recolhe-se o soro da corrente sanguínea de coelhos ou cavalos, vacinados com o virus da influenza humana. Por alguma razão desconhecida, estes animais, alem de serem imunes à influenza, fornecem, em tal hipótese, o elemento que, transmitido do seu fluxo sanguíneo ao organismo do homem, o protege contra o mal.

Infelizmente, quer em dinheiro, quer propriamente em trabalho, o soro é ainda mais dispendioso que as vacinas. Sob condições de guerra, é impossivel produzí-lo em grandes quantidades; mas, terminado o conflito, é de esperar que o problema encontre solução. Não há motivo para que o soro animal não seja algum dia a arma decisiva contra as epidemias de influenza.

De qualquer modo, a vaporização de soro tem desde já, em caso de emergência, aplicação utilíssima. Um perito em assuntos de influenza, o dr. Frank L. Horsfall, Jr., do Instituto Rockefeller, escreveu, num livro recentemente publicado sob o título *Virus Diseases*, que ela oferece a possibilidade de «proteger eficazmente pessoal julgado essencial, se assim se tornar necessário». Os russos imunizaram, de uma vez, 1.800 estudantes. Numa base de emergência, para grupos essenciais—digamos todos os médicos e enfermeiras numa comunidade atingida por um surto do mal, ou uma guarnição de couraçado—encontra-se o produto pronto para uso a qualquer momento.

Até que o soro, senão algum sucedâneo por enquanto desconhecido, se torne de uso tão simples, e, ao mesmo tempo, de produção tão barata como a vacina contra a varíola, as epidemias de influenza naturalmente continuarão, suscitando em seu caminho estatísticas exageradas e predições alarmantes. Entrementes, prosseguem os cientistas nas pesquisas com que se esforçam por penetrar os segredos que há tanto os desafia. Há, contudo, uma pergunta, para a qual nunca tiveram um vislumbre sequer de resposta: onde se esconde a influenza no intervalo de duas epidemias?

Historieta

¶ Dois marinheiros, viajando em um bonde, numa cidade da Califórnia, decidiram demonstrar que os tempos do cavalheirismo não se acabaram. De bom humor, foram de banco em banco, perguntando aos ocupantes masculinos se eles cederiam seus lugares a senhoras que porventura tomassem o bonde. Os passageiros, um tanto perplexos, naturalmente responderam na afirmativa. Assim, quando uma mulher tomava o bonde comumente fechado na América) os marinheiros lhe diziam: «Por aquí, minha senhora! Temos um lugar para a senhora aquí, junto da janela.» Ao completar-se a lotação do bonde, não havia um só homem sentado.

Milwaukee Journal

Um coração debaixo do uniforme

O Capitão Max Nootbaar era um bom polícia, mas, sobretudo, um esplêndido ser humano

Por
Donald Culross Peattie

QUANDO O VI pela primeira vez—o mais garboso agente de polícia em que jamais pus os olhos—a sua figura respeitavel de representante da lei dominava assustadoramente o grupo de crianças em patins de roda, de que eu fazia parte. Pesava 145 quilos, e os trazia bem distribuidos num corpo musculoso de jogador de boxe. Tinha um bigode louro que lhe dava um aspecto de estrangeiro, e dois olhos que se diriam recortados de um pedaço de mar—simples, ingênuos e profundos.

Trememos da cabeça aos pés, pois a todos os meninos da nossa idade os agentes de polícia inspiravam um pavor que nada tinha de anormal. O menor de nós todos, o pequeno Herbie, desvencilhou-se dos seus patins reconhecendo o pai com um gritinho de alegria. Viu-se então carregado por dois braços possantes que o levaram até em casa. Pela primeira vez os agentes da lei adquiriram aos nossos olhos um quê de protetor e paternal.

Herbie e Artur, seu irmão mais velho, cresceram consideravelmente na nossa estima desde que o carro da polícia passou a ir buscá-los à saida da escola. Julgamos, e eles tambem, que o pai mandava o carro com o simples fito de fazê-los gozar o passeio. Não suspeitávamos sequer que os gangsteres de Chicago tinham ameaçado o bom do Max Nootbaar, no nosso tranquilo bairro, de bombardear-lhe a casa e raptar-lhe os filhos.

O posto policial do capitão Nootbaar se achava situado no mais perigoso ponto da cidade mais perigosa do mundo—o famoso Primeiro Distrito de Chicago. Ficava a cinco ou seis quarteirões do bairro suspeito; ao sul o chamado Cinto Preto—ninho de gangsteres e criminosos de toda a sorte—e, ao norte, o bairro chinês. Tal era a zona de que o capitão Nootbaar se achava encarregado. Mas, se houvesse alguma coisa de maior vulto noutro ponto da cidade, era logo transferido para alí, afim de resolver o caso. Em toda parte, dos mais desertos subúrbios à «zona sul», formigante de operários das fábricas de aço, o «holandês grandalhão» era temido e respeitado.

Nós, crianças de um bairro sossegado, ignorávamos totalmente a existência daquele mundo de terror e violência. Minnie Nootbaar, sempre tranquila, não deixava que os filhos se inquietassem quando o pai desaparecia por duas ou três semanas. Só depois de homens feitos, quando Max Nootbaar já se tinha tornado uma figura quase lendária, viemos a saber que os crimes, as

greves e os assaltos de Chicago eram o motivo daquelas longas ausências.

As histórias que o capitão nos contava nada tinham que ver em geral com polícia e ladrões. Falava-nos, em vez disto, da sua infância em Hamburgo, onde nascera, embora filho de pais holandeses. Fugira afim de não ser recrutado para o odioso exército alemão, e, mal chegou aos Estados Unidos, alistou-se no exército americano. O regimento de que fazia parte foi enviado para o ocidente, afim de lutar contra os índios, «ao que eu julgava», dizia-nos rindo. Mas viu-se metido em vez disto numa companhia de irlandeses, e foi forçado a lutar com todos eles, antes que o considerassem como um igual. Era ainda, ao tempo em que nos contava estas coisas, bom jogador de boxe, perito em luta livre, e ótimo atirador. Nadava maravilhosamente, e, numa noite de tempestade, nossa vizinha telefonou, contando que Nootbaar salvara 17 pessoas que iam morrendo afogadas no Lago Míchigan.

A certa altura regressou ao Velho Mundo, afim de estudar os métodos da polícia européia. Suas opiniões a respeito dos criminosos eram extremamente avançadas para aquele tempo. Acreditava firmemente que os crimes são apenas consequências de distúrbios morais ou mentais, e que os doentes devem ser, não punidos, mas tratados.

Tão profunda compreensão dos problemas psicológicos era coisa rara na polícia daqueles tempos. Certa feita, uma das prisioneiras do cárcere que tinha a seu cargo enforcou-se com um lenço. Averiguou-se que ela costumava dar dinheiro a um palhaço de circo, de nome Conway. Prenderam-no, mas não conseguiram arrancar-lhe confissão alguma. O homem persistia em declarar-se inocente. O capitão Nootbaar «interrogou-o como se estivesse a conversar com o mais fino cavalheiro», contou-me um dos agentes que trabalhavam sob a sua direção. Ordenou depois que lhe dessem boa comida, roupas confortaveis, e que o pusessem isolado numa cela. Ninguem devia dirigir uma palavra ao prisioneiro. Poucos dias depois Conway viria a confessar o crime. O capitão observou, referindo-se ao caso: «Deixem um homem sozinho com seus próprios pensamentos. Se for culpado, terminará por confessar.»

Os métodos de Max Nootbaar se baseavam em uma fé implícita na conciência humana. Embora fosse o mais bondoso e o mais jovial dos homens, sem o menor traço, em toda a sua pessoa, do carrancudo moralista, acreditava firmemente na existência do bem e do mal, e no fato de que todos nós temos a faculdade de distinguir um do outro. Por isso que vivia segundo as inspirações da sua conciência, não se deixava abater pelas forças de corrupção contra as quais combatia.

E a luta começara cedo, mal fora designado para aquele presídio do bairro do crime. Àquele tempo o tráfico do vício era tolerado oficialmente. Não ele porem que o tolerasse. Pediu, mas em vão, que o transferissem para outro distrito, e por uma madrugada de fevereiro de 1912 decidiu «varrer» o bairro por sua própria conta. Foi de bordel em bordel, pondo as mulheres e as donas das «pensões» e seus visitantes na rua coberta de neve, e trancando as portas. Por volta da meia noite, o «holandês grandalhão» tinha fechado o bairro do vício de Chicago numa só ronda! Ao voltar ao posto, os telefones tilintavam sem parar, e vozes irritadas o informavam de que desta vez fora transferido.

Dois anos depois, mudada a situação, Nootbaar, regressando ao velho presídio, pôde enfim dar uma limpa em regra naquela esterqueira humana.

Achava-me eu empregado na redação de um jornal de Chicago quando me chegou a notícia de que um magnata do tráfico do vício, que não se conformara com a perda de um negócio tão proveitoso, procurou Nootbaar na esperança de suborná-lo com grossa quantia. O que recebeu do holandês foi um ponta-pé que o lançou rolando escada abaixo até a porta. Quando fui informar-me a respeito do fato na prefeitura, um político de carater duvidoso—largamente conhecido como tal—abanou a cabeça, observando num suspiro: «O capitão Nootbaar é um polícia que não tem a menor dose de bom-humor.»

Resolví interrogar diretamente nosso velho amigo. Já trazia o bigode quase branco, mas os olhos eram os mesmos de sempre, de um azul cristalino. «Não há como conciliar o bem e o mal. Quem tentar fazê-lo, não poderá dormir tranquilamente,» declarou-me num tom seguro e calmo.

Embora nunca transigisse no que a conciência lhe ditava, sabia conciliar elementos em luta com extraordinária habilidade. Foi de fato o que fez durante a grande greve das fábricas de aço. Os operários pretendiam desfilar numa parada monstro em sinal de protesto. Até aí, tudo ia bem. Decidiram, porem, avançar até às portas da fábrica. Uma vez lá, eram capazes de forçar a entrada, e destruir o que lhes caisse nas mãos. Por trás das grades, os guardas da companhia estariam esperando os manifestantes de armas na mão.

«É claro que podem fazer a parada,» declarou aos grevistas.

Elbert H. Gary, diretor da grande companhia United States Steel, telefonou-lhe, indignado:

«Então achou melhor ficar com eles, hein, seu traidor?» «Se eles acham que andando resolvem a questão, é melhor que andem,» respondeu Nootbaar enfurecido. «Digo-lhe mais, vou marchar eu mesmo à frente da parada.»

E assim fez. A movimentação grevista começou por volta das cinco horas num dia quente de agosto, a vários quilômetros de distância das portas da fábrica. Organizou as coisas de tal maneira que uma meia duzia de caminhões cortavam a parada, dividindo os homens em vários grupos, cada qual cercado por bom número de agentes da polícia. Ao chegarem às portas da fábrica, os homens já estavam tão esfalfados que não queriam outra coisa senão dar descanso aos pés. Debandaram a toda a pressa, voltando às suas casas.

Desta vez, Elbert Gary telefonou a Nootbaar, afim de oferecer-lhe uma alta posição no corpo de polícia das fábricas.

«Obrigado,» respondeu-lhe o capitão, «mas posso ser mais util aquí onde estou.»

Mesmo depois de já fechado o bairro do vício, Nootbaar continuava em grande luta com o chamado «Cinto Negro»—o bairro dos pretos—que vivia em constante agitação. Quando se viu forçado a fechar um grupo de cabarés frequentado aparentemente por brancos, mas na verdade pontos de reunião de elementos duvidosos do bairro negro, estes se encarregaram de espalhar que o capitão andava estimulando preconceitos raciais. O proprietário dos cabarés—que chamaremos Jones—desafiou Nootbaar, contratando capangas que o protegessem contra qualquer

ameaça de prisão. O capitão foi em pessoa ao apartamento de Jones, e prendeu-o, ele próprio, pondo os capangas fora de combate.

Os politiqueiros da Prefeitura, desejosos, antes de mais nada, de conquistar os votos dos negros, conseguiram libertar o preso, e este moveu uma ação contra Nootbaar, pedindo 50.000 dólares. O capitão viu-se forçado a defender-se na corte,—sem advogado de defesa—contra o famoso advogado Clarence Darrow. E o fato é que ganhou a causa. «Você errou a carreira,» disse-lhe Darrow à saida, ao despedir-se dele.

Felizmente Nootbaar se achava presente quando um dos inimigos de Jones —um branco—atacou-o certa feita, de pistola em punho. Rápido como um relâmpago, o holandês conseguiu imobilizá-lo de encontro à parede. Desde então, Jones se tornou um de seus mais ferventes admiradores, e divulgou por toda a sua gente o juizo que formava a seu respeito.

Foi bom que a polícia de Chicago contasse entre os seus agentes com um homem que era tão respeitado pelos brancos quanto pelos negros. Em julho de 1919, uma onda de calor assolara tão intensamente a cidade, que milhares de pessoas decidiram dormir nas praias vizinhas. Alí tiveram início várias rixas entre brancos e pretos. Dentro em pouco, declarou-se em Chicago um tremendo levante de brancos contra pretos—fenômeno pelo qual é em parte responsavel todo e qualquer americano que traga no coração uma gota de preconceito racial.

O governador telegrafou a Nootbaar: «Quer que lhe enviemos tropa de choque?» «Não,» respondeu-lhe o capitão por telegrama, tendo horror como tinha a recorrer à violência armada. «O caso será resolvido pela polícia.»

Nunca ninguem lhe ouviu o relato dos fatos. Colhí-o porem de outros.

Nootbaar e um pequeno grupo de agentes da polícia se achavam junto à escada do trem elevado, à altura da rua 35, enfrentando uma multidão de manifestantes de ânimo extremamente exaltado. Brancos e pretos atiravam uns contra os outros, das janelas e portas das casas vizinhas; uma chuva de balas sibilou por sobre a cabeça de Nootbaar. Este nem sequer sacou da pistola. Pelo contrário, pulou sobre a capota do carro da polícia, e, abrindo os braços, gritou: «Irmãos!»

O gesto fora tão inesperado e surpreendente, que o tumulto cessou durante alguns instantes. E o capitão dirigiu-se ao povo. Falou-lhes simples, mas sensatamente. Ordenou depois que conduzissem o carro devagar rua acima —a mesma rua cujo tráfico alguns segundos antes se achava totalmente interrompido pela guerra de duas raças. Sua voz dominava o tumulto, pedindo aos homens que regressassem às suas casas. «Irmãos!» gritava-lhes. «Irmãos!» E à sua passagem o tiroteio cessava, a exaltação cedia. Verdadeiro milagre—e milagre cristão.

Por isso é que o capitão Nootbaar ficou sendo aos meus olhos o mais extraordinário dos tipos que já me foi dado encontrar.

❡A história da Liberdade é a história das limitações ao poder dos governos.
Woodrow Wilson

A vitória custa os olhos da cara!

Excertos de um artigo de Donald M. Nelson

A GUERRA tem demonstrado aos aliados que as necessidades de suprimentos vão aumentando quanto mais depressa os exércitos avançam. A campanha da Sicília serviu para apontar claramente a tremenda destruição causada. Não porque o inimigo tivesse capturado material nosso, nem sequer usado; não porque nos tivesse bombardeado tremendamente, determinando-nos enormes danos; mas porque se tornou patente que mesmo o vencedor consome equipamento em uma proporção colossal. Sei de uma divisão que gastou *todos* os seus canhões naquele mês. Uma das nossas mais importantes armas é o canhão de 105 mm. É tão bom como qualquer outro canhão de campanha, no mundo inteiro, e tem uma duração suficiente. Pode dar 7.500 disparos, até que o cano esteja tão gasto que não ofereça mais precisão, e até que o mecanismo de coice tambem esteja imprestavel. Pois bem, na campanha da Sicília, em 30 dias, consumimos *centenas* desses canhões de 105 mm. Alguns oficiais alemães, capturados na Sicília, indagaram, com curiosidade profissional, a respeito do nosso «tiroteio mágico». Eles nunca puderam imaginar que pudesse haver tão intenso fogo de artilharia; mas não havia nenhuma magia no caso: eram simplesmente os nossos artilheiros, soberbamente treinados que esgotavam, sem poupar, os canhões.

Naturalmente, não se pode dizer quantos canhões, desse ou daquele tipo, empregamos na Sicília, mas posso assegurar que perdemos ou esgotamos—na maioria dos casos *esgotamos*—mais da terça parte dos nossos canhões de 75 mm., quase 50 por cento dos canhões de 57 mm., e mais da metade dos canhões de certo tipo de artilharia montada. E não há dúvida que a campanha na Itália está consumindo equipamentos bélicos na mesma escala colossal—ou talvez numa ainda maior. O equipamento dos soldados tambem se consome terrivelmente nas batalhas. Um simples exemplo: um par de sapatos, num campo de treino, dura três meses; na Sicília muitos soldados gastaram um par de sapatos em três dias! Uniformes, que, nos acampamentos de instrução, duram dez meses, na Tunísia e, mais tarde, na Sicília, não resistiram alem de uma semana. Nas florestas tropicais da Birmânia e nas ilhas do Pacífico, os artigos de couro ou de tecido algumas vezes estão completamente inutilizados num período de 72 horas. Nosso exército possue os mais resistentes caminhões que podemos construir, mas só resistem a alguns meses de serviço, nos lamaçais da Rússia ou do Alasca, nos trópicos, ou na áspera estrada que atravessa o Iraque e o Irã, por onde são levados suprimentos para a Rússia.

Recentemente, duas de nossas divisões, que têm estado empenhadas em combater dentro de florestas, tiveram que ser inteiramente reequipadas. O novo equipamento incluia, entre milhares de outros itens, 1.471 veículos e 592 *trailers*.

A situação na Rússia constitue um exemplo da intensidade de trabalho, cada vez mais árduo, que a vitória requer. Os russos têm recapturado áreas tão vastas, que um dos seus problemas mais dificeis é o do transporte nessas

áreas reconquistadas. As campanhas que a Rússia ainda tem que vencer no futuro exigem um número consideravelmente elevado de caminhões, e, se em 1943 os russos somente necessitaram de algumas locomotivas nossas, em 1944 provavelmente necessitarão de centenas delas, para consolidar a vitória nas áreas retomadas, usando todas as linhas ferroviárias aí existentes.

A rapidez da ofensiva aliada tambem cria novas e peculiares exigências para a produção. Por exemplo, ninguem poderia prever a enorme quantidade de equipamento de rádio que seria necessária, o que somente aprendemos com a amarga lição das batalhas. É incrivel, mas é fato que, em 1944, os Estados Unidos gastarão mais em material de rádio—o que implica um dispêndio proporcional em salários—do que se gastou na construção do Canal de Panamá!

É verdade que nesta guerra, como em nenhuma outra, e neste país, como em nenhum outro, o trabalhador está ganhando as batalhas e salvando a vida de milhares de homens nos campos de batalha. Porque é o aço que salva a vida desses soldados. É o peso do metal lançado contra o inimigo que diminue as baixas em nossas tropas, que esmaga os nossos adversários, pulverizando sua resistência e eliminando a possibilidade de contra-atacar.

Não é nenhum segredo o fato de que a estratégia dos nossos generais consiste em aproveitar—até o máximo possivel—a vantagem de estar à sua disposição a maior potência produtora do mundo, lançando-a em cheio contra o inimigo. Em outras palavras, essa estratégia consiste em usar com prodigalidade equipamentos e munições—e o trabalho que representam—e economizar, por outro lado, vidas de soldados americanos.

Foi assim que começou...

¶ Em 1904, ao tirar certa garrafa de uma prateleira do seu laboratório, Benedictus, homem-de-ciência francês, deixou-a cair no chão: a garrafa estalou em mil pedaços, mas, com grande espanto do sábio, em vez de se estilhaçar, manteve intacta a sua forma. Benedictus sabia que tinha guardado uma solução de colódio naquela garrafa. Por qualquer motivo o solvente tinha-se evaporado, deixando uma película de nitrato de celulosa agarrada ao vidro. Poucos dias depois, leu ele nos jornais a notícia de um acidente de automovel, em que uma senhora ficara gravemente ferida com estilhaços de vidro. Os dois eventos se combinaram imediatamente no espírito científico de Benedictus, dando isso em resultado a invenção de vidro laminado, *duplex*, ou de segurança.

—Byron C. Foy, no *Scientific American*

A verdadeira educação começa em casa

(Condensado da «School & Society»)

Por Charles F. Kettering

Cabe aos pais de algum modo decidir os destinos do mundo de amanhã —a maior tarefa de todos os tempos

«O dia de amanhã há-de ser lindo,» cantarolava um garoto esperando o ônibus da escola, quando passei por ele, há algumas horas. Se o dia de amanhã for lindo, é que nós milhões de outras pessoas fizemos com que assim seja. Ao terminar a guerra, teremos em nossas mãos a maior tarefa de todos os tempos: a reconstrução de nossas pátrias. Cumpre-nos lançar mais fortes alicerces, para sustentar com vigor o sistema de vida que prezamos.

Lincoln Steffens costumava dizer aos jovens que nada na vida fora realizado ainda com perfeição; que o mundo estava cheio de coisas a serem refeitas e aperfeiçoadas. Essa frase há-de confirmar-se em sua plenitude no futuro.

Os adultos temos conciência de que adquirimos apenas leve camada de conhecimento e realização. As invenções de amanhã farão com que as nossas pareçam tão elementares quanto a da mola de pressão. Mas, para que os nossos filhos possam aperfeiçoar os conhecimentos que lhes legamos, é preciso que já partam de melhor ponto, e avancem rumo ao futuro sem os receios que nos tolhiam, e as cegueiras a que devemos tantos tropeços. O mundo há-de abrir caminho aos moços que já se iniciam sabendo qual o objetivo que pretendem.

O maior serviço que podemos prestar aos nossos filhos—nós que lhes vamos deixar nas mãos tanto trabalho mal acabado—é fazer com que lhes não falte uma só oportunidade de desenvolver plenamente as três qualidades essenciais aos pioneiros e aos criadores: compreensão, imaginação e coragem. Graças à primeira, hão de ver as coisas como elas realmente são. A segunda os fará sonhar com o que ainda possa vir a ser, e a terceira lhes dará a energia necessária para dar realidade a estes sonhos.

Afim de ver as coisas como realmente são, é mister que a criança se habitue, antes de mais nada, a refletir. Se o não fizer desde a infância, nunca o fará. Apesar disto, muitos pais insistem em incluir na educação dos filhos certos preconceitos e regras de conduta tão antiquados quanto as mobílias que lhes

Charles F. Kettering, chefe dos laboratórios de pesquisas da General Motors, é dos que provavelmente mais têm feito por levar avante a tradição americana de espírito inventivo. Nascido numa fábrica perto de Londonville, Ohio, em 1876, evidenciou sua notavel capacidade ainda no colégio ao instalar, sem prévia experiência, uma extensão telefônica na cidade. Apelida-se a si próprio um «cientista de ferramenta», mas atrás da ferramenta há uma grande imaginação e a formal recusa a confessar-se impotente em face à impossibilidade aparente ou teórica de qualquer tarefa. Durante os últimos quarenta anos, introduziu a eletricidade nas caixas registadoras, o sistema iluminante Delco nas casas de fazenda, o arranque automático nos automoveis, o gás de etilo nos auto-transportes (dando em resultado o moderno motor de alta compressão para autos e aviões), e os motores Diesel nos trens aerodinâmicos e submarinos de largo raio de ação. No Instituto Kettering de Pesquisa Médica, inspirou e ajudou a realizar a máquina hipertérmica de termoterapia.

guarnecem, não raro, a casa. Encher o cérebro de uma criança de pensamentos preconcebidos, não é maneira de induzí-la a pensar por si própria.

Toda criança tem naturalmente um espírito curioso. Os pais devem alimentar esta insaciavel curiosidade pelo desconhecido; os incidentes cotidianos determinam verdadeiras expedições de exploração entre os mistérios que nos são familiares. Há que animá-las a descobrir a causa e o efeito de tudo o que lhes acontece. Ora é a roda de um patim que caiu, ora um bolo que secou no forno, ou uma peça da bicicleta que se quebrou. Qual teria sido o motivo? Como impedir que tais acidentes se repitam? Os meninos e meninas que, através de perguntas feitas aos outros, e a si próprios, obtêm a resposta, e descobrem a razão de semelhantes fatos, adquirem assim um hábito infinitamente mais precioso que todos os patins, todos os bolos e todas as bicicletas do mundo.

E—o que mais é—devemos permitir que as crianças realizem todo e qualquer trabalho de criação ao seu modo, e não ao nosso. Já beirando os 70, tornou-se-me evidente que a mesma coisa pode ser feita por várias maneiras, sendo umas tão boas quanto as outras. O cachorro se coça com as pernas traseiras, o porco prefere fazê-lo esfregando-se de encontro a um tronco ou qualquer ponto de apoio—e ambos matam a coceira. Se uma criança insistir em afirmar que os bolos de areia são mais sólidos quando feitos com água quente que com água fria, pelo amor de Deus, deixem-na esquentar a água, e descobrir assim por si próprio se tinha ou não razão.

Nossos filhos já se habituaram, como nós, a apertar botões, ou abrir torneiras, para acender a luz, ou fazer correr água. Procuremos contudo persuadí-los de que ainda há muita coisa com que não podemos contar. Ao contemplarem a terra, o mar e o céu, todos os elementos da natureza lhes parecem maravilhosos. É preciso portanto torná-los concientes de que poucos destes elementos se acham sob o nosso completo controle.

Os rios podem inundar as terras, os ventos sopram às vezes demais, o sol aquece demasiado certas regiões do mundo, enquanto outras há insuficientemente aquecidas—o que faz com que milhões de seres humanos passem fome, percam suas casas, e morram.

Ao despertarmos a atenção de uma criança para o fato de que há tanta coisa por fazer, ou mal feita, tantos problemas a resolver, tantas descobertas a realizar, tantas sinfonias que ainda não foram escritas, devemos levá-la a compreender que no mundo de amanhã *lhe* não faltarão oportunidades para efetuar tais coisas, ou outras de igual importância. Acrescentemos, porem, que o direito de exercer tão elevadas tarefas, e contribuir para o aperfeiçoamento do mundo, só pode ser adquirido através de grandes esforços e longa preparação.

Os homens que venceram na vida à custa de seus próprios esforços, e de uma luta contínua, procuram geralmente torná-la mais facil para seus filhos, privando-os assim da árdua disciplina e da incansavel energia que se lhes revelou tão eficaz. Lembram-me sempre a história do colecionador de borboletas que, aflito, certa feita, por ver como lhes era dificil emergir do casulo, o abriu com seus próprios dedos num gesto de bondade mal refletida, afim de poupar ao pobre inseto tão grande esforço. A borboleta em questão nunca pôde voar.

Toda vez que uma criança vence uma dificuldade por si própria, as «asas» se lhe tornam mais fortes. Sempre que toma uma decisão e consegue cumprí-la sem hesitações nem desânimo, adquire maior confiança em si própria.

Há duas espécies de coragem. Uma é a explosão espontânea dos instintos levados a enfrentar uma súbita emergência; outra é a que resiste constante, e firmemente, a despeito de vários e repetidos fracassos. É o que os jogadores de boxe costumam chamar a «luta de coração»,—a energia que os faz erguer-se, e atacar o inimigo novamente, cada vez que este os põe por terra. Todos os pioneiros precisam desta forma de coragem, e é mister que ela não falte aos nossos filhos, ao mergulharem no futuro.

Costumamos fazê-los admirar os grandes inventos da humanidade—o rádio, o telefone, e os remédios que salvam milhões de vidas—sem lhes dizer, entretanto, a que longos e penosos trabalhos se devem tais descobertas. Poucas vezes nos damos ao trabalho de explicar-lhes que todos os progressos realizados na aviação, nos sistemas de comunicação, na engenharia, ou na medicina, foram obtidos depois de várias tentativas fracassadas. Façamos ver que raríssimas vezes foi possivel chegar-se a resultado satisfatório à primeira tentativa. Os fracassos repetidos são os marcos lançados no caminho de toda e qualquer realização. Só não fracassamos na última tentativa—a de que saimos vitoriosos.

Mesmo depois do êxito, ainda resta um caminho a percorrer e não raro o mais árduo. Westinghouse conseguiu completar o seu freio pneumático antes dos 30 anos de idade, mas só muito depois, já passada a mocidade, viu seu invento reconhecido como uma das grandes descobertas do tempo. É impossivel avaliarmos o número de invenções que hão de ter permanecido desconhecidas, pelo fato de os seus autores não haverem tido a energia necessária para impor-lhes o valor ao mundo.

As crianças devem compenetrar-se desde cedo de que o momento em que um destes homens, através de incessantes esforços e longas meditações, descobre como aperfeiçoar um aeroplano, a construção das casas, ou certos aparelhos cirúrgicos, é aquele em que começam os seus dissabores. A partir de então precisam realmente de ânimo incansavel.

Há outro ensinamento ainda, indispensavel aos nossos filhos. Meninos e meninas, têm eles nas mãos inestimavel tesouro: o tempo. A natureza pede-nos oito horas para o descanso, e a alimentação, as escolas e o trabalho nos tomam outro tanto. As oito restantes, porem, nos pertencem. Podemos delas dispor como bem nos aprouver. Gastamo-las, porem, demasiado em coisas futeis.

Os destinos da humanidade foram profundamente influenciados por homens e mulheres que souberam empregar de maneira mais util o tempo de que dispunham. Anton van Leeuwenhoek, um holandês analfabeto, vivia da humilde tarefa de limpar a casa da prefeitura da cidade de Delft. Nas horas livres, porem, entretinha-se em talhar as pequenas lentes que abriram os horizontes de um mundo terrivel e maravilhoso—o mundo misterioso dos micróbios, realizando assim o que veio a ser talvez a maior descoberta de toda a história da medicina. Os irmãos Wright ganhavam uma ninharia consertando bicicletas, mas empregavam o tempo que lhes restava num verdadeiro sonho alado que os levou aos resultados que sabemos. Se as crianças não aprenderem desde cedo a dedicar parte das suas energias à construção do futuro, e a utilizar praticamente as horas de descanso, não hão de figurar jamais entre os pioneiros.

O japonês combate a religião cristã com a mesma ferocidade com que luta contra o soldado americano

Japonismo contra Cristianismo

(Condensado do «Collier's»)

Robert Bellaire

ANTES DA GUERRA, achava-me eu uma noite em Xangai, numa luxuosa casa de gueixas em companhia do coronel Nishihara, por aquele tempo o porta-voz do exército japonês junto à imprensa. Nishihara já havia ingerido tanto saqué, que, ao mencionar o nome sagrado de Hirohito, emocionado, rompia em soluços. E, enquanto comíamos peixe cru, ele procurava convencer-me: —Você devia converter-se ao xintoismo e crer no imperador, dizia.

—Ora, coronel, respondí eu. —O senhor é cristão; seus sentimentos a respeito do imperador não podem ser os mesmos do resto dos japoneses—ou será que estou enganado?

Percebí que o tinha ofendido profundamente. —Se me declaro oficialmente cristão, é por um só e único motivo: para servir o imperador! exclamou ele, fitando-me com olhos injetados. —O Exército Imperial ordenou-me que frequentasse a escola de uma missão cristã para aprender o inglês, pois é assim que muitos oficiais se preparam para fazer traduções de assuntos militares para o exército.

Outros militares, segundo me disse Nishihara, declaravam-se cristãos para poder estudar altas matemáticas, ciências, história universal—assuntos considerados indispensaveis para a formação de forças armadas destinadas à conquista do mundo. As missões não exigiam que os estudantes fossem cristãos, mas os chefes militares faziam com que os jovens oficiais se registassem como tais, pois receavam que, sem uma lista impressionante de «conversões», os missionários não conseguissem, na América, a verba necessária para manutenção das universidades.

«Agora não precisamos mais das missões para o nosso ensino superior,» continuou Nishihara, «pois as nossas universidades e hospitais já melhoraram muito. Atualmente o Exército só vê no Cristianismo uma utilidade: os missionários trazem dos Estados Unidos grandes somas de dinheiro para as missões, e nós precisamos deste crédito exterior para comprar matérias-primas que precisamos de vocês.»

Perguntei-lhe então se o homem do povo no Japão não sentia alguma gratidão pelo trabalho humanitário dos missionários cristãos no seu país.

«Gratidão?» e o coronel sorriu. «Um japonês que se respeita detesta ter que aceitar favores de um estrangeiro. Nós somos uma raça superior. Um dia o Japão há-de dominar o mundo, e o Cristianismo será completamente eliminado!»

Algumas horas antes havia eu transmitido à United Press a notícia do bombardeio de uma missão cristã no interior da China—o vigésimo raide desta natureza em menos de um ano. Todos os edifícios da missão tinham

bandeiras americanas claramente visiveis. O comunicado que nos entregara Nishihara aquela tarde dizia apenas: «Nossos aviões bombardearam com êxito um importante objetivo na província de Honan.»

Hoje em dia já se tornou evidente que a guerra em que o Japão se empenha é tanto contra o cristianismo quanto contra os Estados Unidos. A doutrina cristã não admite o conceito japonês de superioridade racial, e nega a «divindade» do imperador; alem do mais, o cristianismo clama por certas reformas sociais que tenderiam a tirar a massa do povo japonês do sistema de servidão feudal em que vive, e é uma religião de esperança que incute o desejo de liberdade em milhões de orientais que os japoneses pretendem manter em escravidão pelos tempos fora. «Os chineses nunca poderão ser dominados enquanto os cristãos continuarem a pregar sua doutrina de fé e esperança,» disse-me um dia Jan Tsuchiya, chefe da propaganda japonesa na China. «Precisamos acabar com essa bobagem.»

O plano de ação dos japoneses contra o Cristianismo de há muito se tornou claro: todas as missões cristãs da China Livre devem ser arrazadas. Nos últimos seis anos, mais de oitocentas incursões de bombardeiros deixaram em ruinas centenas de missões, igrejas, escolas e hospitais. Os japoneses querem matar os missionários ou obrigá-los a fugir, aterrorizados. Poucos são os que fogem, mas milhares têm sido mortos ou mutilados na campanha mais sanguinária e feroz jamais desencadeada contra os cristãos.

Antes do ataque a Pearl Harbor, cada vez que os japoneses bombardeavam uma missão, os diplomatas estrangeiros apresentavam ao governo um «enérgico protesto», e cada qual era respondido com «expressões de profundo pesar» e a explicação de que o bombardeio se dera por engano. Por fim, os diplomatas americanos, exasperados, entregaram ao governo do Japão um mapa onde estava marcado o local exato de cada uma das missões americanas na China, com o resultado de que nos dois meses seguintes os bombardeios se tornaram ainda mais frequentes. Os japoneses, porem, insistiam na mesma história, e cada bombardeio era atribuido a «um lamentavel equívoco». Jan Tsuchiya confessou-me mais tarde que aqueles mapas haviam sido «muito uteis para orientar nossos pilotos».

Nas Filipinas e em outras zonas ocupadas, os missionários que não morreram, foram quase todos presos e submetidos a suplícios demasiado obcenos para que se prestem a ser descritos. As suas paróquias estão agora a cargo de «missionários cristãos» japoneses que se acham sob as ordens do Departamento Religioso do Exército; o número desses «missionários» é hoje quinze vezes maior que o dos padres ordenados no Japão nestes últimos trinta anos! Muitos deles são padres xintoistas, especialmente treinados para se fazerem passar por cristãos, e assim praticarem a sabotagem do Cristianismo, a pretexto de servi-lo. Não insistem eles em que os nativos convertidos abandonem a fé cristã; tratam apenas de persuadí-los a não se iludirem com as «falsidades» ensinadas pelos bárbaros do Ocidente.

A versão que os japoneses dão do Cristianismo é a seguinte: Cristo, um oriental, nascido no Japão, era realmente um grande profeta, visto que recebera ensinamentos do deus-imperador. Fora ao Ocidente pregar aos bárbaros, mas estes não quiseram dar-

lhe ouvidos, e crucificaram-no, para depois deturpar sua doutrina. Tendo ressurgido dentre os mortos, reapareceu no Japão, onde morreu de novo, e foi enterrado. A sabedoria que adquirira dos deuses-imperadores de seu tempo, é a mesma divina sabedoria que possue hoje o Imperador Hirohito.

Os japoneses têm levado de graça centenas de cristãos chineses e filipinos em peregrinação ao Japão, para visitar o túmulo do Profeta Cristo. (Para este fim construiram uma espécie de sepulcro.) Ao mesmo tempo, procuram convencer o peregrino de que a parte mais importante da visita é a rara oportunidade que lhes é dada de chegar até em frente do Palácio Imperial de Tóquio, e lá render homenagem ao deus-imperador. E assim voltam os romeiros para suas terras com a noção muito clara de que Cristo está morto, mas o deus-imperador está vivo, e é o herdeiro legítimo de Seu reino na terra.

Peregrinos da Terra-Santa

¶ O SOLDADO que esteja de licença no Centro Recreativo do Levante, que é o campo de repouso do exército americano da Palestina, pode fazer, cobrindo todas as despesas com a módica quantia de 14 dólares, uma excursão de três dias pela Terra Santa, que em tempos de paz e de turismo paisano lhe custaria nada menos de 500 dólares.

Essas excursões são criteriosamente organizadas, bastando dizer que o soldado pode até, se assim o desejar, ser batizado nas águas do sagrado Jordão! A viagem de um só dia custa 2 dólares, e leva-o a Jerusalem, a Belem, ao Horto das Oliveiras. A excursão de três dias cobre não só esses piedosos lugares, mas tambem Nazaré, o lago de Tibérias, o Mar Morto e Jericó.

É quase impossivel descrever a profunda impressão que essa jornada deixa no espírito do soldado. Nem o sórdido mercantilismo dos naturais—há vendilhões que por alí oferecem coroas de espinhos a 25 centavos cada uma!—pode deter o surto de profunda reverência das almas.

É uma impressão realmente inapagavel, a do soldado que entra em certo jardim, às portas de Jerusalem, e alí, de pé e respeitosamente descoberto entre o rosmaninho de cheiro, as ipoméias e as velhas oliveiras retorcidas, ouve o guia murmurar: «Aquí é Getsemane, onde Jesús Nosso Senhor sofreu a sua hora de agonia... Foi nessa rocha aí, ao que se crê, que Ele ajoelhou a orar. Sua mãe, Virgem Maria, estava alí de pé—quase no mesmo ponto onde você está agora, seu cabo...» E o cabo dá um pulo para trás, como se sentisse uma presença invisível!

Quase lhes parece incrivel, aos bons dos soldados, que sejam aqueles os lugares de que ouviram falar desde a infância, sob os santos nomes do Novo Testamento.

Gordon Gaskill, *The American Magazine*

¶ *Inventor de faróis destinados a iluminar o progresso humano, ele próprio, no entanto, viveu nas trevas*

Cegou para alumiar os mareantes

(Condensado da «Science News Letter»)

Por Erik Wästberg

O COMANDANTE de navio que sonda o rumo em canais perigosos, o aviador que prossegue sua rota comercial durante a noite, e o soldador que maneja o maçarico chamejante, devem a segurança que desfrutam a Gustaf Dalén, de quem, sem dúvida, nunca ouviram falar.

Dalén, um rústico sueco cuja paixão pela mecânica o colocou na companhia imortal dos conquistadores do Prêmio Nobel, foi um dos maiores inventores do mundo, as suas invenções principais tendo tido for fim salvar vidas.

Thomas Edison, ao ouvir falar do seu dispositivo mais engenhoso, a válvula solar, que acende automaticamente a luz dos faróis ao anoitecer, e a apaga, tambem automaticamente, ao nascer do sol, afirmou: «Não pode dar resultado.» E o Departamento Alemão de Patentes não foi menos peremptório: «Impossivel.»

Contudo a coisa mostrou-se possivel e deu resultado. Os seus faróis automáticos iluminam hoje os litorais e portos do mundo inteiro. Só o Serviço de Farolagem dos Estados Unidos utiliza mais de cinco mil, e as rotas aéreas e campos de aviação têm ao seu serviço muitos outros milhares. Dalén, porem, foi ainda mais longe em seus trabalhos no assunto: inventou o modo de engarrafar com segurança o explosivo gás de acetileno, essencial tambem para a soldadura.

Mas, por sinistra ironia do destino, o homem cujas luzes ponteiam os oceanos, estava condenado a não poder vê-las. Justamente quando o reconhecimento mundial e a riqueza começavam a se lhe aproximar, uma explosão ocorrida no curso de novas experiências inutilizou-lhe os olhos. Todavia, não se deteve; apesar de cego durante os últimos 25 anos da sua vida, continuou a trabalhar sem desânimo.

Gustaf Dalén nasceu em 1869 em uma fazenda da Suécia. Desde moço detestou a lida cotidiana do campo, e sua primeira invenção consistiu em uma debulhadora acionada por velha roda de fiar, com a qual descascava no inverno o estoque de feijão seco.

Inventou, a seguir, um fantástico «prolongador do sono». Dalén, que abominou toda a vida levantar-se cedo, e persistia em dormir nove horas por

ERIK WÄSTBERG, um dos mais conhecidos jornalistas suecos, desde que se tornou diretor do vespertino conservador *Nya Dagligt Allehanda*, em 1942, transformou-o num grande êxito jornalístico. Publicou vários livros, entre os quais uma biografia de Dalén.

noite, ligou um relógio velho a um carretel, de modo a fazê-lo girar a uma hora determinada. O carretel inflamava um fósforo que, mediante um mecanismo complexo de fios e alavancas, acendia por sua vez uma lâmpada de óleo, sobre a qual pendia uma cafeteira. Quinze minutos depois, o relógio punha em movimento um martelo que batia sobre uma chapa de ferro... e Gustaf acordava em um quarto iluminado, e com seu café já preparado.

Ainda na mocidade, concebeu ele um ensaiador de leite, que levou a Estocolmo à presença de De Laval, o famoso inventor da desnatadeira. «Que coincidência extraordinária!» disse este; e mostrou ao moço os planos de aparelho quase idêntico, para o qual já pedira registo de patente. Dalén reclamou imediatamente um emprego nos laboratórios do cientista, porem De Laval respondeu-lhe que era cedo. «Primeiro trate de se instruir,» disse ele.

Mas os irmãos mais velhos de Gustaf tinham já a vida encaminhada fora do lar; assim, era com ele que contavam para manter a fazenda. E, embora com relutância, não teve outro jeito senão ficar em casa.

Tempos depois apaixonou-se por uma bonita mocinha de quinze anos, que, ao ouví-lo falar em casamento, lhe respondeu que não seria jamais esposa de um lavrador. Sua ambição, desde aí, pela carreira de engenheiro, tornou-se ainda maior. Ao completar 23 anos, abandonou a fazenda, e ingressou em uma escola técnica. Depois, ao terminar o curso com distinção, partiu para a Suiça, onde frequentou cursos de aperfeiçoamento.

Após cinco anos de estudos intensivos, estava em condições de entrar para as usinas de De Laval. Casou-se com a moça que o esperara fielmente, e foi habitar um apartamento de Estocolmo, convertido rapidamente em laboratório, onde passava seus momentos livres em experiências infindaveis.

Durante muitos anos, a Suécia gastara demasiadamente com os numerosos faróis exigidos pelo seu litoral tão recortado. Em cada um deles, impunha-se que houvesse uma habitação para o faroleiro e a família, um cais acostavel para o desembarque de abastecimentos, e recursos de instrução para as crianças.

Ao findar o século passado, o governo havia posto em funcionamento um farol que exigia a atenção do pessoal apenas uma vez de dez em dez dias. Mas Dalén considerou que ainda era muito e continuou trabalhando na solução do problema. Em 1905, seu dispositivo estava concluido, e pronto a ser experimentado. Ligando o invento ao encanamento do gás, aproximou ele um fósforo do orifício de saida, e esperou, cheio de ansiedade. O primeiro relâmpago surgiu bruscamente com um ligeiro estalido, imediatamente seguido de outros, a intervalos regulares, tal como planejara. Tinha inventado o farol automático de luz intermitente. O modelo inicial ficara tão perfeito, que até hoje apenas se lhe introduziram alterações insignificantes.

Os faroleiros já não se faziam necessários, e, como a luz do farol não era contínua, economizava-se 90 por cento no consumo do acetileno. Tal fato fez com que os recipientes do gás durassem mais dez vezes do que anteriormente e, deste modo, um simples navio podia encarregar-se de numerosos faróis, reabastecendo-os apenas uma vez em vários meses. Foi então possivel instalar faróis em paragens perigosas, que só podiam ser alcançadas de longe em longe.

Apesar do êxito imediato do sistema o inventor não estava satisfeito. O novo farol ainda malbaratava muito gás, visto que cintilava noite e dia. E daí veio o recurso da válvula solar, em que Edison e o Departamento Alemão de Patentes não quiseram acreditar.

Dalén limitara-se a utilizar a mesma lei da natureza que todos adotamos ao vestir roupa branca no verão: o princípio de que o calor é refletido por uma superfície branca ou altamente polida, e absorvido por uma superfície negra ou despolida. Sua válvula continha três varetas metálicas muito polidas, e uma vareta negra. Durante o dia, a vareta negra absorvia mais calor do que as outras e a dilatação desigual, assim provocada, acionava uma alavanca que tapava o orifício por onde o gás entrava no farol, extinguindo a luz. Ao escurecer, as quatro varetas mantinham o mesmo tamanho, e a entrada do gás voltava a abrir-se automaticamente.

A partir de então, os faróis podiam trabalhar durante um ano sem assistência. Isso, porem, não bastava para o sábio. O acetileno era altamente explosivo, e já tinha causado, com frequência, acidentes mortais. Dedicaram-se então, ele e os assistentes, a novas experiências, até conseguirem encontrar uma substância porosa cujos ingredientes principais eram amianto e terra siliciosa. O gás saturava esta espécie de esponja e distribuia-se igualmente pelas paredes do cilindro em partículas tão pequenas que a explosão era impossivel. E assim, o acetileno passou a utilizar-se com segurança nas soldaduras.

Em 1912 via ele suas invenções consagradas em todo o mundo. Obtivera o contrato para a iluminação do Canal de Panamá, do que tanto se orgulhava, e podia desfrutar, com a esposa e os filhos, todos os confortos da vida. Foi nessa altura, quando tinha acabado de transferir residência para uma bela vivenda, com vista sobre o porto de Estocolmo, que recebeu a visita de dois engenheiros americanos, desejosos de com ele discutir problemas de segurança.

Os americanos pretendiam saber como se comportariam os acumuladores de acetileno em caso de incêndio. Dalén assegurou-lhes que não havia perigo: «Os dispositivos de segurança são perfeitos.» E para tirar a prova mandou acender uma fogueira sobre uns penhascos, e suspendeu sobre ela os cilindros cheios de gás. A princípio os dispositivos de segurança funcionaram perfeitamente, mas na quinta experiência os assistentes verificaram que a pressão do gás estava diminuindo. (O fato, como mais tarde constataram, era devido a deficiências em uma válvula.) Dalén e dois assistentes esperaram meia hora, e aproximaram-se da fogueira quase extinta. Quando estavam junto dela, um dos cilindros de aço explodiu com um fragor que se fez ouvir a vários quilômetros de distância.

Milagrosamente, os dois assistentes escaparam apenas com ferimentos leves, mas Dalén estava coberto de chamas, e tinha um dos olhos quase arrancado da órbita. Para socorrê-lo, foi necessário extinguir primeiro, com as mãos nuas, as chamas que o cobriam, e as primeiras

palavras que pronunciou foram para perguntar se os demais haviam ficado feridos. Quando soube que os ferimentos dos companheiros não tinham maior importância, murmurou: «Ainda bem. É justo que eu sofra mais do que eles, visto que sou eu o responsavel.»

Os médicos do hospital pensaram que ele morreria. Mas o seu físico saudavel de camponês, e o seu desejo indomavel de viver, acabaram por levar a melhor. A visão, todavia, desaparecera para sempre. Seu irmão Albin, que se tornara o mais famoso oftalmologista da Suécia, tentou em vão salvar-lhe um dos olhos, cujo nervo óptico ficara intacto. Quando, em 1912, a Real Academia de Ciências da Suécia outorgou a Dalén o Prêmio Nobel de Física, a honra entristeceu-o: «Que esperam eles de mim, se não posso fazer mais nada?» Mas sua antiga decisão acabou por voltar; e resolveu gozar novamente a vida, e continuar seus trabalhos como presidente da companhia de acetileno AGA (Aktiebolaget Gas Accumulator), mundialmente conhecida. Seus assistentes verificaram, com profunda surpresa, que, ao lhe descreverem desenhos de máquinas, ele se mostrava capaz de descobrir imediatamente qualquer inconveniente que necessitasse correção.

Veio tambem a ser um dos estadistas mais respeitados do seu país, e foi consultado pelo governo sueco sobre muitos problemas. Em breve, sua presença nas funções oficiais passou a ser familiar; e tornou-se companheiro alegre e jovial, em quem apenas os óculos escuros recordavam a cegueira.

Sob a sua direção, a AGA começou lançando novos produtos no mercado. Os faróis e balizas de luz intermitente AGA, já indispensaveis às estradas de ferro e às rodovias, tambem contribuiram muito para a praticabilidade dos vôos noturnos.

Ainda inventou o fogão AGA, que mantem, durante 24 horas, calor suficiente para cozinhar com menos de quatro quilos de carvão. Atualmente a Guarda Costeira dos Estados Unidos está comprando toda a produção de fogões da fábrica americana da AGA, para instalação nas suas estações remotas.

Em 1936, o presidente da AGA, então com sessenta e sete anos, convocou um conselho de administração. «O meu médico», disse ele, «informou-me de que tenho um cancer incuravel. Continuarei trabalhando enquanto for possivel.» E iniciou a discussão do assunto imediato.

A 9 de dezembro de 1937, falecia Gustaf Dalén na sua vivenda alcandorada sobre o porto. E os navios suecos e estrangeiros que passaram o canal, nesse dia sombrio de dezembro, diminuiram a velocidade, e arriaram suas bandeiras a meia adriça, em sinal de luto pela morte do homem que iluminara e dera segurança a suas rotas.

¶ As moças que trabalham no estaleiro de Albina, no Estado de Óregon, iniciaram uma organização cujo lema é—«Quem não trabalha não namora.» As jovens dessa organização fazem o juramento de não sair para passear com operários que não provem ter trabalhado toda a semana anterior, exceto por motivo amplamente justificado. Essa curiosa organização, que se tem espalhado rapidamente em todo o país, contando já com 417 filiais, tem feito com que os operários, especialmente entre os mais jovens, faltem muito menos agora ao trabalho do que antes. *Collier's*

¶Por mais dura e encarniçada que seja a guerra, o espírito cavalheiresco sempre se mostra

Guerra de luva branca

I

Descobriu a América

Condensado do «American Mercury» ★ *Por William Bradford Huie*

DURANTE o ataque americano à ilha de Atú, o dr. Cass Stimson e os seus médicos-assistentes a bordo dum navio de aprovisionamentos, desembarcaram para ajudar a tratar os feridos. Enquanto as lanchas marcadas com a cruz vermelha cruzavam entre a praia e o vapor, o médico e McCroskey, seu anestesista, esforçavam-se por conseguir ter a mesa de operações sempre desembaraçada. Na coberta, onde jaziam os soldados feridos, esperando estoicamente a sua vez, o ajudante do farmacêutico Kovitz e o marinheiro Yeargin iam aplicando o plasma, a morfina e as admiraveis sulfas. Depois da luta desesperada em Chichagov, as luzes grandes da sala de operações estiveram acesas toda a noite.

Foi quando, tão aterrador como a explosão dum torpedo, chegou Ito. Logo que os padioleiros o colocaram na coberta, entre os nossos feridos, um arrepio de surpresa e de ressentimento percorreu todo o navio. Ito não era um irmão de armas: era simplesmente o Inimigo! Um desprezivel inimigo de dentes protuberantes, que odiava a América e os americanos. Alem disso, a sua imundície era indescritivel, exalava um cheiro asfixiante, peor que o de ratos podres. Do cimo da sua plataforma um artilheiro berrou: «Porque é que vocês não atiram pela borda fora esse velhaco, antes que ele sufoque a gente?» Um minúsculo soldado de infantaria, com a ilharga aberta por um golpe de baioneta, ergueu-se sobre o cotovelo: «Dêem-me o meu facão de trincheira,» gritou, «que eu quero operar esse sem vergonha!»

Tapando-se o nariz e olhando para a cara de Ito, facil era ver-se que ele tinha um medo terrivel, mas não queria mostrá-lo. Antes de ter sido feito prisioneiro, ele e um seu companheiro gastaram até a última as suas munições, e ambos apoiaram contra o estômago a derradeira granada que lhes restava, tendo-lhe puxado o arame de segurança. A granada do outro japonês rebentou, arrancando-lhe os intestinos e despedaçando a perna de Ito, mas a deste não explodiu. Durante dias alí permaneceu, deitado no seu próprio sangue e excrementos; e agora a perna era uma massa esverdeada, ensanguentada, enlameada, com gangrena gasosa.

Foi encontrado pelos nossos soldados, ainda agarrado à granada que não explodira.

Ito sabia com certeza por que razão os enormes americanos o não tinham morto a baioneta: é que o teriam trazido para uma «máquina de tortura especial», segundo explicou a um intérprete. Iam cortar-lhe as orelhas, arrancar-lhe os dentes, e depois retalhá-lo num milhão de pedaços! E para alí jaz na coberta, louco de dor, mas determinado a mostrar a esses bárbaros americanos como um japonês sabe morrer...

Que se pode fazer com uma pessoa assim? Teria Kovitz porventura o direito de injetar-lhe nas veias o sangue voluntariamente oferecido por um americano para salvar a vida de outro americano? Devia o doutor arriscar-se, expondo-se ao contágio da gangrena gasosa, tão infecciosa? Não era antes o nosso papel exterminar os japoneses, que salvá-los? Duas noites atrás tinham eles irrompido através das nossas linhas e massacrado vários de nossos homens desarmados, do corpo sanitário. Não deveríamos nós atirar fora aquele corpo mal-cheiroso?

Mas quando o dr. Stimson viu Ito, hesitou apenas para perguntar:

—Algum dos nossos homens está à espera da sala de operações?

—Toda a nossa gente já foi tratada, doutor, respondeu Kovitz.

—Então tragam-no para dentro, ordenou o médico.

Despiram-lhe o sujo uniforme; tiraram-se-lhe as ligaduras. Depois lavaram-no com água e sabão, e soluções antissépticas. A seguir, deram-se-lhe uma transfusão de sangue e uma injeção anestésica na espinha. E começou o cirurgião a amputar-lhe a perna gangrenada. Até aquele momento, Ito havia permanecido taciturno e desdenhoso. Mas quando o médico entrou a operá-lo, os seus olhos oblíquos começaram a mover-se como se quisessem interrogar. A anestesia espinhal deixara-lhe a mente ativa, conciente. Era evidente a sua luta interior. Antes, ele estava seguro de que os americanos o torturariam; agora, tentava resistir à idéia de que tudo quanto lhe tinham assegurado era mentira. Tremiam-lhe os lábios, o suor corria-lhe pela cara, e ele parecia esforçar-se por achar uma palavra, até que enfim a conseguiu: «A-mer-RIIK-a! A-mer-RIIK-a!»

Lutando para convencer-se a si mesmo de uma descoberta incrivel, as lágrimas rebentavam-lhe dos olhos, arreganhava os dentes e sacudia a cabeça violentamente.

A operação durou mais de uma hora. O médico trabalhara com todo o cuidado, parando de vez em quando para que McCroskey lhe molhasse a máscara com uma solução capaz de atenuar-lhe a náusea causada pelo fétido. Fez a Ito a amputação mais perfeita de que rezam os livros—o tipo que deixa no ponto de seção um rebordo de carne, de modo que se lhe possa aplicar comodamente uma perna artificial.

Quando lhe desamarraram as mãos, Ito agarrou-se ao braço do operador, soluçando, e tornou a gritar: «A-mer-RIIK-a!» Depois dobrou as mãos debaixo do queixo, e tentou fazer uma reverência várias vezes. O médico parecia muito cansado, sorriu, e disse: «Podem levá-lo, rapazes. E deitem essa perna ao mar.» Yeargin pegou na perna, e atirou-a pela borda fora. Depois debruçou-se na amurada, e vomitou para o mar.

Quando trouxeram Ito da sala de operações, ouviram-se murmúrios dos nossos feridos e de alguns soldados.

—O Doutor devia mas era ter-lhe cortado a cabeça!

—Aposto que os nossos camaradas de Corregedor receberam um tratamento infernal!

Mas a murmuração não era contra o médico, porque, quando ele apareceu, todos os homens que estavam na coberta tomaram a posição de sentido; estavam orgulhosos do que ele acabava de fazer. Ito foi tratado exatamente como os nossos soldados. Ao quarto dia já tentava fazer amizade com todos a bordo, acenando com a cabeça e mostrando constantemente os dentes a todo o mundo. A quantidade de paus de chocolate, de amendoim e de cigarros que tinha recebido era enorme. Mas, quando lhe deram umas laranjas então é que as suas reverências não tiveram fim!

Ao ter que deixar o navio, sofreu grande desilusão. Só deu por isso quando se preparavam para desembarcá-lo. Pôs-se a gritar pelo médico, e quando este chegou junto da sua padiola, abraçou-se-lhe às pernas, soluçando que queria ir com ele para a A-mer-RIIK-a. E o médico acalmou-o e mandou-o para o seu destino—uma prisão na base.

Mais tarde fui sentar-me no camarote do cirurgião, e falamos no caso.

—Se eu tivesse surpreendido Ito naquela cova, parece-me que o teria atravessado a baioneta. Você compreende que ele poderia ter mais granadas. Mas o homem que o encontrou não o matou, talvez por saber que às vezes merece a pena correr riscos, pelas valiosas informações que os prisioneiros podem fornecer. A verdade é que, quando ele chegou a bordo, era um ser humano que sofria, e um prisioneiro de guerra ao mesmo tempo, com certos direitos que nós respeitamos, e a quem o Serviço Médico da Marinha não podia deixar de dar o melhor que nós tínhamos.

—A operação que fez a Ito foi executada com tanto cuidado como teria tido se estivesse operando um americano? perguntei eu.

—Com certeza, respondeu ele.— O esforço do médico, quando se trata de salvar a vida de um doente, não admite graus. Eu não teria podido trabalhar com mais cuidado, tratando-se do capitão, do que o fiz com o japonês.»

—E tem alguma esperança de que Ito possa reconhecer isso? perguntei ainda.

Ele hesitou em responder logo. Mas depois disse devagar:

—Sim, se tivermos uma compreensão nítida do fato. A nossa primeira consideração ao tratar Ito foi de ordem militar. Um soldado arriscou a vida para o fazer prisioneiro, e eu e os meus ajudantes corremos o risco de uma infecção para o salvar. Fizemos isto, em primeiro lugar, porque Ito poderá ter valor militar. Depois, como o corpo mal cheiroso de Ito ia ficar a bordo, tínhamos que cortar parte dele e limpar o resto. Fizemo-lo tanto por nós como por Ito. A nossa última consideração foi humanitária, e atrevo-me a dizer que os esforços de Ito para mostrar a sua gratidão, são um sinal que dá esperanças.

—Eu creio que deveríamos proceder da mesma maneira com o povo japonês. Deveríamos exterminar a porção mais contaminada. Depois, porque temos que viver no mesmo mundo com eles, devemos ajudá-los a restaurar a saude física e mental. Devemos mostrar quanto somos humanitários, e esperar que os demais japoneses sintam a mesma reação que Ito provou.

II

A mercê acima de tudo

Pelo Major Peter W. Rainier ★ Do 8º Exército Britânico

A BATALHA de Tobruque, como todo mundo recorda, foi um perfeito vai-vem na campanha de África, em que ora os ingleses ora os alemães tomavam a cidade. O episódio seguinte foi-me contado por um capitão, que dirigia uma unidade hospitalar inglesa:

Quando as tropas de Rommel, num ataque repentino, tomaram Tobruque, esta unidade hospitalar continuou a dispensar os seus serviços com toda a calma, tratando mesmo os feridos que os padioleiros nazistas iam trazendo, fossem alemães ou ingleses. Pouco depois fez-se silêncio, quando um vulto apareceu. Era o próprio general Rommel. Parou um momento a olhar para as filas de macas, depois dirigiu-se a um soldado alemão ferido, a quem fez uma pergunta rápida e escutou atentamente a resposta. A seguir, passou a interrogar outros feridos, seus compatriotas. Finalmente disse, fazendo um aceno ao capitão inglês: «Os meus homens dizem-me que estão recebendo exatamente o mesmo tratamento que os feridos ingleses. Tambem me contam que o sr. começa a ter falta de medicamentos, mas que apesar disso eles recebem uma parte equitativa do que o sr. ainda tem disponivel. Eu vou mandar-lhe os remédios. Continue como tem feito até agora. Ninguem o incomodará.» E saiu.

Os remédios prometidos chegaram dentro em pouco, e a unidade hospitalar pôde assim empregá-los eficazmente, salvando muitas vidas, tanto de ingleses como de alemães. E, como o general tinha prometido, ninguem perturbou a rotina do hospital.

Poucos dias depois deu-se outra mudança repentina nas fortunas da guerra: as forças de Rommel bateram em retirada, mas deixaram o hospital intacto. Nem a derrota nem a vitória interromperam a obra de mercê que ele vinha praticando.

III

Viveram para lembrar-se

Por Arvid Fredborg, jornalista sueco ★ Por trás da muralha de aço (Viking)

POR OCASIÃO da derrota nazista na África do Norte, um dos médicos militares alemães disse-me que o último navio alemão a sair da Tunísia fora um navio-hospital. Um destróier inglês alcançou-o no alto mar e fê-lo retroceder para Bizerta, que se achava já em poder das tropas aliadas. À sua

chegada foi minuciosamente inspecionado, e, tendo-se encontrado tudo em ordem, o comandante inglês apresentou desculpas, e disse que o navio (que tinha a bordo uns 2.000 feridos, e tambem os mais altos oficiais do serviço de saude alemão), podia largar imediatamente. A razão dessa busca tão completa foi que, antes disso, dois navios-hospitais italianos tinham transportado gasolina, e foram por isso afundados. Antes da partida do navio-hospital alemão, os médicos ingleses foram a bordo, e distribuiram whisky, cigarros («o primeiro fumo decente que os alemães tiveram em muitas semanas,» no dizer do meu informante) e chocolate. Como naquela altura as provisões cirúrgicas se achavam bastante esgotadas, os ingleses pensaram muitos feridos, e puseram à disposição dos médicos alemães grande quantidade de material. E quando o vapor partiu, foi escoltado até à costa da Itália pelo mesmo destróier que o tinha apresado.

Tudo isto se passou de modo tão espontâneo, sossegado e cordial, e sobretudo tão sem dar na vista, que tanto a tripulação como os passageiros se sentiram abismados. Poucos dias depois, disse-me o mesmo informante, este incidente era o assunto de todas as conversas entre as tropas alemãs na Itália. Os feridos, ao serem desembarcados em Nápoles, exclamavam: «Se são assim os que julgamos serem os nossos *inimigos*, então não vale a pena combater por mais tempo.»

Como um americano interpreta um acordo de paz com o Japão

O TENENTE CORONEL William J. Verveck que chefiou a primeira patrulha a desembarcar em Amechíteca, nas ilhas Aleutas, é oficial do serviço secreto, belo rapaz, robusto e alto, que aprendeu a falar japonês em Tóquio quando criança.

«Parece-me que o que se vai dar, relativamente a esta guerra, é o seguinte,» observou certa feita: «Daquí a cerca de um ano, os japoneses, inteirados de tudo, porão abaixo o governo de Tojo, pedindo um acordo de paz. E acho que devemos assiná-lo. Conviví com os japoneses, devo ter portanto certa consideração para com eles. Afinal de contas, são asiáticos, e quase todo o território que conquistaram é tambem asiático. Continuaremos portanto muito felizes, cá do nosso lado, e eles, por lá, plantando flores e criando peixinhos dourados.

«Seis meses depois, já ninguem se lembrará mais de nada, e nós então arrazaremos tudo aquilo de surpresa, tal como eles fizeram em Pearl Harbor.»

Howard Handleman, *Bridge to Victory* (Random House)

A cura experimental mais promissora na história da tuberculose

A diasona desafia a peste branca

(Condensado da «Your Life»)

Ralph Wallace

A TUBERCULOSE, um dos peores flagelos da humanidade, mata anualmente uma infinidade de vítimas, e condena outras tantas a meses ou anos de doença. Não puderam até hoje os médicos prescrever, contra a moléstia, qualquer tratamento específico, alem de repouso e ar puro, quando não, algumas vezes, a inutilização de um dos pulmões, para dar à natureza um máximo de probabilidade na luta.

Uma droga conhecida pelo nome de diasona, da benemérita família das sulfas, abre agora a esperança de um passo à frente na luta contra o mortífero e insidioso inimigo. Em cobaias, por exemplo, a tuberculose é invariavelmente fatal no espaço de menos de um ano. Entretanto, depois de sete meses de cuidadosas investigações na Clínica Mayo, chegou-se a espantoso resultado: mortalidade de animais não tratados, 71 por cento; mortalidade de animais tratados pela diasona, 14 por cento.

Nas experiências iniciais com um grupo de quase 100 pacientes humanos, 75 apresentaram melhoras com apenas 4 meses desta quimioterapia, e bom número de doentes, para os quais haviam sido ineficazes outros tratamentos do sanatório, dele tiveram alta. Mais expressivo ainda: os médicos têm visto desaparecer lesões em pacientes que continuaram a trabalhar sem qualquer tratamento a não ser o de três cápsulas de diasona por dia.

Uma prova de grandes proporções está no momento em marcha. Num grupo de sanatórios devidamente selecionados, através dos Estados Unidos, cerca de mil pacientes vão tomando diasona, sob estrito controle científico.

Como acontece durante todas as guerras, a incidência da tuberculose tem aumentado, nos tristes dias que correm, de modo assustador. O número de óbitos subiu de 10 por cento na Inglaterra, e o mesmo, senão mais, na Alemanha. As autoridades sanitárias se mostram preocupadas com a gravidade do caso. Já, nos Estados Unidos, 110.000 leitos de hospital se acham a esta hora ocupados por vítimas da peste branca.

A gênese da diasona liga-se a uma das figuras mais notaveis nos domínios da química na América, um grisalho cientista nascido na Rússia, dr. George W. Raiziss, diretor da seção de pesquisas dos Laboratórios Abbott, em Filadélfia. Por ocasião da primeira grande guerra conseguiu ele, em seis meses de investigações ininterruptas, e assinaladas por brilhante êxito, produzir, pela síntese, o Salvarsan, de que só os alemães possuiam até então o segredo, guardado a rigor. Mais tarde, descobriu o Metaphen, um dos antissépticos mercuriais de maior voga atualmente.

Quando, há uma dúzia de anos, os cientistas apareceram com as primeiras sulfamidas, lançou-se Raiziss a longa série de experiências de laboratório, em

busca de derivados de maior potência. Em 1938, leu que cientistas ingleses haviam sintetizado um novo composto, a que davam o nome de «sulfodiaminodifenil», e que era mais eficaz do que a sulfanilamida contra certas infecções bacterianas, sendo, entretanto, altamente tóxico. Como quer que fosse, porem, havia alí os indícios de forte ação terapêutica. Experiências, no hospital Johns Hopkins, revelaram que o «sulfodiaminodifenil» *podia* na verdade ter sobre a tuberculose certo efeito repressivo.

Não ignorava Raiziss que inúmeras substâncias muito anunciadas, como fossem anilinas, óleo de «chaulmoogra» (árvore das Índias Orientais), sais de cobre e de ouro, cálcio, tuberculina, tinham acenado com promessas de curar a tuberculose, para terminar em malogro. Prosseguiu, não obstante, nos seus esforços por encontrar um derivado de baixa toxicidade. Em 1939, depois de descobrir e pôr de parte dezenas de sulfonas, chegou a uma substância que denominou *diasona*. Quase simultaneamente o mesmo produto químico era sintetizado por H. Bauer e S. M. Rosenthal, do Serviço de Saude Pública dos Estados Unidos.

As primeiras experiências de Raiziss e seus assistentes, sobre o bacilo da tuberculose, mostraram-se auspiciosas. Em 1942, o dr. William Feldman, da Clínica Mayo, entrou a interessar-se pelo assunto, e empreendeu uma prova, em grande escala, com cobaias.

Inoculou Feldman a tuberculose em 28 animais sadios, e depois dividiu-os em dois grupos de 14, um dos quais ficou sem tratamento, enquanto ao outro se aplicava diasona em três doses diárias.

A maior parte dos do segundo grupo, isto é, dos tratados a diasona, começou a melhorar, e, o que é tambem importante, sem que o medicamento lhes causasse maior inconveniente. Terminada a experiência ao fim de 228 dias, doze entre os catorze animais que tomaram diasona permaneciam ainda vivos, ao passo que, dos outros catorze, só quatro sobreviviam. Mas havia ainda a notar que os pulmões de 65 por cento dos tratados a diasona não apresentavam lesão alguma.

Não escapou a Raiziss que a sua nova droga poderia negar fogo, completamente, no organismo humano, ou provocar-lhe reações laterais perigosas. Cumpria, pois, ensaiá-la com extrema precaução, sob rigorosa vigilância de especialistas experientes. Raiziss escolheu, para a experiência, um dos mais modernos hospitais para tuberculosos dos Estados Unidos: o Sanatório de Lake County, em Waukegan, Ilinóis.

A diasona foi usada pela primeira vez, em Waukegan, na primavera de 1943. No decurso de seis meses, ministraram-na, por 60 dias ou mais, a 78 pacientes em três estados ou fases de tuberculose pulmonar—incipiente, moderadamente adiantada, e já em franco desenvolvimento. Durante o período de tratamento, recebiam todos, em adição, os cuidados usuais no sanatório.

As melhoras—compreendendo desaparecimento das lesões, ausência de bactérias no escarro, diminuição de tosse e expectoração, e alívio no estado geral—verificaram-se em todos os casos incipientes, em 90 por cento dos moderadamente adiantados, e em 76 por cento dos mais graves. Em 80 por cento dos casos de tuberculose óssea, uma das mais terriveis manifestações da peste branca, análogos resultados se obtiveram. E nenhum dos usuais efeitos tóxicos das sulfas se fazia sentir de modo assusta-

dor, o que era igualmente importante.

Tive ocasião recentemente de examinar com o dr. Charles K. Petter, diretor do Sanatório de Lake County, diversos casos impressionantes de aplicação da diasona. Um engenheiro civil de 45 anos fora admitido ao hospital em 1942. A tuberculose tinha-lhe minado o robusto organismo, fazendo-o perder 20 quilos de peso, a arder em febre, e exhaurir-se em espasmos de tosse. Os raios X haviam revelado larga cavidade no pulmão direito, e recentes infiltrações no esquerdo. Três meses de estrito repouso no leito, e um parcial pneumotorax, para dar algum descanso aos tecidos enfermos, só produziram insignificantes melhoras.

Em março, começou a tomar o paciente cápsulas de diasona. Em vez de permanecer rigorosamente no leito, conforme sempre exigido pelo tratamento ortodoxo, foi animado a fazer ligeiros exercícios. Era uma prova arriscada. Sem embargo, a diasona veio fazendo sentir de modo decisivo os seus efeitos. Dentro de noventa dias, o engenheiro recuperara 15 dos quilos perdidos, o exame de laboratório dava resultado negativo, e a cavidade e as infiltrações estavam curadas tão completamente que ele pôde deixar o sanatório. Hoje está de volta à atividade, visivelmente restabelecido.

Uma moça de 23 anos apresentava extensa lesão na base de um dos pulmões (tais lesões são em geral de tratamento mais lento), e o outro tambem lesado. Com seis meses de diasona, voltava ao trabalho, curada. Uma mãe de família, depois de arrastar-se dois anos sem encontrar meio ou modo de libertar-se da tuberculose, foi ter ao Sanatório de County Lake. Deu alí entrada com 39 graus de febre, uma lesão no pulmão esquerdo, e derrame na cavidade pleural. Em março começou a ter tratada por meio da diasona; em novembro tinha alta. Estava curada.

Há ainda o caso do contabilista que, tuberculoso em grau adiantado do pulmão esquerdo, recusara hospitalização; mas usando diariamente, e enquanto trabalhava, a diasona, viu desaparecer a cavidade que acabara por formar-se, e hoje se apura pelos raios X que está de todo curado.

Não é, porem, que as coisas se passem sempre assim. O dr. Petter insiste em acentuar que a diasona não cura todas as vítimas de tuberculose, não havendo mesmo, até agora, prova positiva de que semelhantes casos de rápido restabelecimento não resultem de circunstâncias, inclusive de ordem química, peculiares aos respectivos pacientes. Não se ocultam, por outro lado, os malogros da diasona. Em três casos do período inicial da doença, a medicação não produziu efeito algum, e os pacientes morreram; em 42 dos em grau moderadamente adiantado, cerca de dez por cento peoraram ou permaneceram sem alteração; e em 21 dos mais graves, cinco deles não melhoraram, ou o seu estado continuou a agravar-se.

O processo por que a diasona realiza a sua cura é um mistério fisiológico. As experiências indicam que, à semelhança de outros derivados no grupo das sulfamidas, a nova droga não ataca diretamente as bactérias, mas lhes evita a reprodução, ajudando portanto os corpúsculos brancos a dar batalha ao invasor. Do mesmo modo, seus efeitos secundários se revestem do mesmo carater dos das outras sulfamidas: dor de cabeça, perturbações gástricas, palpitação, distúrbios ocasionais da visão, e cianose ou azulamento da pele. Em

nenhum caso, porem, houve fígado ou rins afetados. E só quatro pacientes manifestaram tal intolerância pela diasona, que houve de suspender o tratamento.

Em compensação, todavia, pelos incômodos físicos, aliás de menor importância, provocados pelo medicamento, o exame de laboratório, quanto a dois terços dos tratados durante 60 dias, deu resultado negativo, e 59 entre os 78 pacientes apresentaram, ao ser submetidos a exame de raios X, indiscutiveis melhoras. Trata-se, pois, indubitavelmente, de notavel realização. Considera o dr. Petter que 72 dos 78 doentes, tratados pela diasona, teriam sido forçados a suportar qualquer tipo de inutilização de um dos pulmões, não fora o auxílio da maravilhosa droga. Entretanto, de fato, apenas três sofreram essa operação, depois de entrar em uso da nova sulfa.

Tudo não obstante, as autoridades médicas avisam—e acertadamente—que a diasona, por enquanto, deve ser considerada unicamente uma droga experimental. *Que seja o mais promissor composto de que há notícia na história da tuberculose, não resta dúvida.* É possivel, contudo, que, aplicada a maiores grupos de pacientes, produza efeitos secundários perigosos, ou se mostre muito menos eficaz do que a presente experiência indica.

Céticos, em face de tantos «tratamentos» da tuberculose que acabaram por nada curar, os médicos se mostram precavidos contra qualquer excesso de entusiasmo, até que a eficácia da diasona fique demonstrada, alem de qualquer discussão, pela única prova científica verdadeiramente convincente: uma longa experiência em grande escala.

Não haverá diasona disponivel para o público, ou para os médicos em clínica privada, ou mesmo para a maioria dos hospitais, antes de 1945. *Todo o suprimento é distribuido por* 20 *sanatórios de tuberculosos, nos quais se vai pondo a prova o novo medicamento.*

«Com malícia para alguns...»

¶ Um marinheiro, estacionado em um distante posto dos Estados Unidos, era conhecido pela lealdade que votava à sua noiva. Mas um dia recebeu uma carta em que ela, sem dizer *água vai*, anunciava o casamento com um paisano ao mesmo tempo pedindo que devolvesse o retrato dela.

O marinheiro ficou tão sentido com o desengano, que seus companheiros decidiram vingar o pobre camarada. Imediatamente reuniram todas as fotografias de pequenas e de artistas sedutoras que puderam encontrar, com a contribuição de todos os marinheiros da base. A coleção de beldades, metida em um vasto cesto, foi enviada à traidora «pequena», com a seguinte nota: «Veja, por favor, qual é a sua fotografia, e devolva-me as restantes. Sinto muito confessá-lo, mas não me recordo qual dessas é a sua.»

—Shirley Loomis

Retalhos do drama cotidiano

—VII—

Por Philip Wylie

Autor de «Generations of Vipers» e numerosas obras de ficção

Muito antes da famosa Lei Volstead, que, após a Grande Guerra, instituiu nos Estados Unidos o regime da Proibição, já existiam *bootleggers*. Estes não eram propriamente bandidos, porem homens espertos e de pouca consciência. A opção local, que outra coisa não era senão uma forma de proibição em pequena escala, abriu caminho ao comércio ilícito a que se dedicavam. Conseguiam carregar o seu contrabando para as tavernas conhecidas então na gíria popular pelo nome de «porcos cegos» ou «tigres cegos».

Corria o ano de 1913. Na cidade em que vivíamos, o mais forte contrabandista era «O Belo», que chamaremos aquí de Harry Blain. Seu principal antagonista era meu pai, ministro protestante daquele presbitério. Tratava-se de uma cidade universitária que possuía algumas indústrias de somenos importância, sendo a cerveja e os licores extremamente procurados. Harry Blain, astuto e habil como poucos, tornou-se tão importante, e adquiriu tanta influência na política local, que os mais virtuosos dos seus conterrâneos não ousavam atacá-lo, até que meu pai entrasse em cena.

Era meu pai um homem rude, de voz tonitruante, que combatia o mal a peito descoberto, onde quer que o encontrasse. As tavernas do «Belo Harry» constituiam portanto terreno propício para as suas campanhas. O novo ministro não tardou a combatê-las abertamente, organizando várias rondas, e tudo fazendo por obter o fechamento daquelas salas.

Harry acabou por se aborrecer com aquilo. Lá um dia, dois dos seus capangas foram procurar meu pai, afim de sugerir-lhe que não tentasse levar a coisa por diante. Não empregaram as frases clássicas da gíria atual como «levar uma esfrega,» ou «dar um passeio». Disseram-lhe simplesmente que dariam cabo dele—e davam mesmo.

Meu pai, como tantos outros homens de fé profunda, para os quais a religião é um símbolo ardente e vivo, não tinha a menor dose de covardia física. Não era apênas corajoso, pois, a bem dizer, estava acima daquilo a que chamamos coragem. Os soldados que o viram combater depois, na Primeira Guerra Mundial, disseram-me que parecia ignorar as bombas e a metralha, tal como ignorara as ameaças do «Belo Harry». Quando tinha uma tarefa a executar, só pensava em cumprí-la. Tal atitude não terá nenhum efeito sobre as bombas e as balas, mas os homens se deixam sempre influenciar por ela. Os capangas

de Harry partiram finalmente inquietos e indecisos, sem saber ao certo o que fizessem.

Meu pai, pondo a ameaça de lado, como o fez com as que se lhe seguiram, procurou localizar outras tavernas. Tentou tambem chamar ao bom caminho o «Belo Harry». Com a profunda experiência de que era já senhor nestes assuntos, não recorreu ao Evangelho—mencionou apenas os deveres de todo bom cidadão, a que ele vinha faltando. O resultado foi nulo. Harry não tinha religião, nem espírito cívico. Sua única virtude era uma intensa adoração pela esposa, linda mulher aliás.

Num dia de primavera, Harry Blain deixou a cidade, afim de comprar nova carga de bebidas que ele próprio traria consigo. Durante a sua ausência, houve a tremenda inundação de 1913.

As águas começaram a subir por volta da meia noite, e foram enchendo as ruas. Tudo porem tão silenciosamente, que muito houve quem já acordasse com a cama a flutuar. Algumas pessoas foram sendo assim erguidas até de encontro ao teto, e morreram afogadas; outras conseguiram escapar pelas janelas; outras ainda correram a refugiar-se numa pequena elevação não distante dalí, prevenindo com seus gritos os que ainda dormiam.

De nosso bairro, numa parte mais elevada da cidade, e que não foi atingida, os homens partiram para a região inundada, com botas de borracha e impermeaveis, levando cordas e lanternas. Meu pai achava-se entre eles.

Ao aproximar-se viu que patrulhas de socorro tiravam às pressas a mobília das casas que seriam atingidas dentro em pouco; as mulheres procuravam cobertores para as crianças que choravam de pavor e frio nas suas camisolas de dormir, com os pézinhos descalços. As luzes se tinham apagado nas ruas—a eletricidade e o gás já não funcionavam. Os faróis dos automoveis mal conseguiam lançar uma réstea de luz através da chuva cortante.

Por sobre as águas enfurecidas do rio, flutuavam tetos de casa e celeiros reduzidos a frangalhos. Cavalos passavam nadando, enquanto o gado mugia desesperadamente, as galinhas cacarejavam, e os porcos grunhiam, desaparecendo na enxurrada. E havia gente tambem, no meio de tudo aquilo: vozes humanas cortavam o tumulto. Entre cada duas casas, a água jorrava com tal ímpeto, que se diria a represa de uma usina hidro-elétrica. Era impossivel lançar um barco naquela corrente. Espalhou-se que a ponte da estrada de ferro viera abaixo matando umas quarenta pessoas.

Contra tudo aquilo meu pai era capaz de lutar, como lutava contra o mal. Tinha o espírito extremamente engenhoso, e o ânimo de um chefe. Escolheu às pressas um punhado de homens bravos e resistentes, os quais, sob sua direção, improvisaram quanta medida de salvação as circunstâncias iam permitindo.

Conseguiram abrir caminho em meio às ruinas do que fora uma rua sossegada, lançando-se do segundo andar de uma casa para o primeiro da outra, passando dalí a uma terceira, e indo afinal, de teto em teto, com as cordas ligadas de cada chaminé à chaminé seguinte. O campeão de natação da cidade procurava atravessar em diagonal o redemoinho que se formava entre cada duas casas. Quando não conseguia fazê-lo, puxavam-no de volta, para que pudesse tentá-lo novamente. Efetuada a travessia, toda a patrulha era rebocada

até o próximo ponto. A escuridão era completa; os tetos escorregadios; as casas tinham sido abaladas nos alicerces por vários e repetidos golpes; o vento soprava com violência. Em meio a tudo, meu pai lançava ordens e instruções com a sua voz possante e firme.

Enquanto isto, homens, mulheres e crianças iam sendo transportados para a parte abrigada da cidade, graças às bóias improvisadas pela patrulha de salvamento. Esta percorreu assim onze casas. A décima primeira era a última delas, já à margem do rio, que rugia colérico e tumultuoso. Meu pai nunca soube ao certo quantas pessoas conseguiram salvar mas pouco depois todas as onze casas foram levadas pelo rio. As que não haviam sido atingidas, como a nossa, onde a água não subira alem do porão, abrigaram centenas de pessoas salvas.

O «Belo Harry», regressando no dia seguinte, sofreu tremendo golpe: a correnteza levara-lhe a casa.

Foi procurar meu pai. Disseram-lhe que este havia organizado a patrulha de socorro, mas não foi vê-lo porque lhe restasse a menor esperança. O rio levara para sempre a linda esposa que ele tanto amava, o seu único afeto. A dor que lhe rasgava a alma, e não sei que vago respeito talvez por uma forma de coragem que lhe era de todo desconhecida, levaram-no a procurá-lo.

Quando o «Belo Harry» bateu à porta, nós, meninos, corremos a abrí-la. Logo na saleta de entrada, deu ele com meu pai que atiçava o fogo na lareira.

«Preciso falar com o senhor!» disse, num tom brusco. «Perdí minha mulher na inundação!»

Meu pai ergueu-se devagar, e, fixando aquele que o ameaçara de morte, disse-lhe simplesmente: «A sua casa foi a última aonde conseguimos chegar. Pouco depois, era levada pela correnteza. Encontramos sua esposa, e eu próprio a carreguei numa das bóias. Ela estava doente, e, como não encontramos um só leito no hospital, trouxe-a aquí para casa. Está lá em cima, e vai indo muito bem.»

Desde aquele dia até a morte, Harry Blain tornou-se grande amigo de meu pai. Abandonou o contrabando de bebidas, e até ajudou a varrê-lo totalmente da cidade. Seu próprio candidato para prefeito foi um modelo de civismo. A partir de então, várias cabeças se voltavam no serviço religioso dos domingos para olhar Harry e sua bela esposa, a caminho de um dos primeiros bancos.

Alguns membros da paróquia consideravam o salvamento da mulher de Harry e a sua conversão um milagre dos céus. «Não há nada de milagroso nisso tudo,» dizia meu pai. «Harry foi sempre um homem inteligente.»

Não sei se foi milagre ou não. O fato é que na noite da inundação graças à insistência de meu pai é que a patrulha de socorro chegou à última casa sinistrada—aquela justamente em que morava seu maior inimigo.

¶ Uma pequena apareceu, no escritório onde trabalhava, com dois galões de prata pregados sobre o peito do sueter, e um companheiro de trabalho logo comentou: «Então, de namoro com um capitão, heim?» «Não,» disse ela, «com dois tenentes.»

—*The New Yorker*

Primeiro soldado dos Estados Unidos

Por Thomas M. Johnson

O general George Catlett Marshall é atualmente o soldado de patente e posto mais elevados nos Estados Unidos. Tem sido preponderante o papel que vem desempenhando nesta guerra, e é de esperar que de futuro venha a ser ainda mais.

O exército americano, a que o general pertence há quarenta e dois anos, já o conhece bem, e vê nele um dos maiores líderes militares que os Estados Unidos jamais produziram. Mas no resto do mundo, e mesmo no seu país, pouco se sabe a seu respeito, tal a obstinação com que evita qualquer propaganda em seu favor. Devido ao cargo que ocupa, é sempre visto na atitude solene e fria de uma máquina de pensar.

«Nada de ajudantes de ordens, guardas de honra, bandas de música, nem jornalistas,» são as instruções que habitualmente precedem o general onde quer que vá. Um fotógrafo de jornal lamentava um dia: «Mas ele é uma figura tão desenxabida!» A verdade, porem, é que George Marshall tem inconfundivel personalidade. Acessivel, simpático, alegre, trata qualquer pessoa com a maior naturalidade, sem pose; é sociavel, e gosta de frequentar os amigos, se bem que hoje em dia de pouco tempo disponha para isso. Não é daqueles que dão socos na mesa e berram ordens, e, em conferência, conserva-se calmo e senhor de si; o que o não impede, às vezes, de perder a paciência e estourar, como autêntico soldado.

A primeira vez que encontrei George Marshall, estava ele furioso. Foi isto durante a outra guerra. Alguns dos canhões da artilharia francesa davam tiros muito curtos, de modo que as granadas explodiam quase em cima das tropas americanas. Ao falar Marshall com o oficial responsavel, posso assegurar que não usou de meias palavras.

Foi nomeado Chefe do Estado Maior a 1 de setembro de 1939, dia em que começou a guerra na Europa. Desde então ficou a seu cargo o recrutamento, treino e equipamento do exército dos Estados Unidos; a ele cabe planejar onde, como, e com que armas se deve combater; em linhas gerais, tambem dirige as próprias campanhas, pois são designados por ele os comandantes das Forças de Terra, do Ar, e da Reserva, assim como os comandantes nos teatros de operações. Como oficial mais antigo do Estado Maior Anglo-Americano—composto de representantes de destaque da marinha, exército e aviação,

tanto americanos como ingleses—tem elaborado os planos de estratégia mundial, e se torna dia a dia a personalidade dominante dos respectivos conselhos. Marshall reconhece ser a unidade de vistas entre os aliados de importância primordial para o prosseguimento da guerra, e é ele, em grande parte, o responsavel pela perfeita cooperação existente entre as forças britânicas e americanas nos teatros de operações. Consta que nem o Presidente Roosevelt, nem o Primeiro Ministro Churchill jamais contrariaram suas decisões militares.

O general consegue dar conta de todos os seus pesados encargos com a maior calma e eficiência. Ao que diz um de seus auxiliares mais íntimos, «nunca atingiu o limite de sua capacidade.»

Suas qualidades excepcionais foram reconhecidas desde cedo por seus superiores. Ainda era um jovem tenente, quando o general J. Franklin Bell assegurou publicamente que os planos de campanha de Marshall, elaborados durante umas manobras nas Filipinas, eram trabalho de um dos maiores talentos militares dos Estados Unidos, desde Stonewall Jackson. Por ocasião da Primeira Guerra Mundial, já era sabido nos círculos militares que Marshall iria longe. «O maior organizador do Exército,» foi o qualificativo que lhe deram, depois de ter ele feito concentrar na frente um milhão de homens para as maiores batalhas da Força Expedicionária Americana, as operações de Saint-Mihiel e do Mosa-e-Argona, num movimento efetuado ao todo em três semanas, sempre durante a noite, sem que os alemães dessem por coisa alguma, como admitiu o próprio general von Gallwitz nas suas memórias. Essa experiência foi-lhe preciosa, ao ter de efetuar com urgência vastos movimentos de tropas, logo depois do ataque a Pearl Harbor.

Uma qualidade que muito contribue para lhe dar esta capacidade extraordinária de planejar e organizar de acordo com as facilidades de transporte e material disponivel, é a sua já lendária memória. Ao querer explicar a um oficial subalterno a solução de certo problema, pode citar incidentes passados em 1918, da seguinte maneira: «Na manhã do dia 3 de março, o capitão Smith se achava com 200 homens do 1.º batalhão do 9.º Corpo de Infantaria, numa elevação de terreno que ficava a uns 3,5 km. de Moissy...» e continua.

Graças a sua excepcional memória é capaz de submeter-se durante três horas seguidas ao interrogatório de uma comissão do Congresso e, sem consultar auxiliares nem mesmo notas, cita, sem hesitar, algarismos, datas e dados.

Contou-nos o jornalista Fred Painton o caso extraordinário do general Marshall durante sua primeira entrevista coletiva com a imprensa na África do Norte.* E se o general está sempre fazendo destas coisas não é certamente para se mostrar, pois detesta qualquer espécie de exibicionismo. Para ele, ter boa memória é apenas maneira mais rápida e eficiente de trabalhar. O general não tem vaidade nem falsa modéstia sobre suas proezas mnemônicas, e está sempre pronto a esclarecer que se trata de memória visual, e não auditiva: ele *vê* na sua frente a página de números impressa, ou a cena na elevação de terreno perto de Moissy.

É tão poderosa essa sua faculdade de ver mentalmente, que antes de começar a ditar uma carta já a tem inteira na cabeça. Foi assim que redigiu o seu relatório de setembro do ano passado, sobre o progresso da guerra—relatório

*Vd. Seleções de abril de 1944, pág. 120.

que jornalistas e comentadores de rádio elogiaram, não só pela maneira franca e clara como o assunto era apresentado, mas tambem pelas qualidades de estilo. Compôs de cabeça, sem escrever uma só palavra, aquele documento de trinta mil palavras; e só depois ditou-o.

Mas é caraterístico do espírito extraordinário deste homem ter ele sempre em mente que os exércitos sob sua chefia não são apenas números e estatísticas num pedaço de papel, nem peças num taboleiro de xadrez, mas sim compatriotas seus, homens e rapazes americanos. Seus dons de organizador, seu espírito analítico, sua experiência da guerra anterior, tudo emprega para obter vitórias para seu país, sacrificando o menor número possivel de soldados.

A atitude de George Marshall em relação ao Congresso dos Estados Unidos é calma, razoavel e franca. Os generais, diz ele, ganham as batalhas, mas é o povo quem vence a guerra; os representantes do povo têm, portanto, o direito de saber o que faz o seu exército. Quando as críticas do Congresso têm justificativa, ele diz francamente: «Eles nos dão sarna para nos coçar.»

Mas em geral consegue dos deputados e senadores tudo o que quer. «Quando Marshall diz precisar de um exército maior, é porque precisa mesmo,» concordam os congressistas. «Pode confiar-se nele.» Em Washington, cidade por excelência das intrigas e maledicências, há poucas pessoas contra quem se tenha falado tão pouco; ninguem consegue alheiar-se mais das brigas.

Com mais de metro e oitenta de altura, erecto e queimado de sol, Marshall é lépido e agil, apesar de seus oitenta quilos; e aparenta dez anos menos que os seus sessenta e três. Seu pai, fora oficial no exército da União durante a guerra civil de 1865, e Marshall não se recorda jamais de ter pensado em dedicar-se a outra profissão a não ser a militar. Nasceu em Uniontown, na Pensilvânia, e cursou o Instituto Militar da Virgínia, onde um «nortista» só podia sentir-se isolado e tolhido no meio de tantos «sulistas», —e de fato foi logo posto no pelotão dos desajeitados. Mas, ao terminar o curso, já era ele o capitão dos cadetes. Da escola entrou imediatamente para o exército.

Tinha no início da Primeira Guerra Mundial o posto de capitão, mas ao terminá-la era coronel, ajudante de ordens do general Pershing, e seu companheiro predileto. No entanto, a primeira vez que se encontraram seria impossivel prever que haviam de entender-se tão bem. Pershing acabava de criticar severamente a maneira por que as tropas americanas na França haviam executado as últimas manobras. Com uma ousadia que espantou os oficiais superiores presentes, o simples capitão Marshall levantou-se para sustentar com firmeza que era impossivel com um aviso de vinte e quatro horas ter as tropas em condições de empreender manobras tão complexas, sendo indispensavel dar-lhes duas semanas para se prepararem. O general, surpreso, fitou-o por um momento, para depois exclamar: «O capitão tem toda razão!»

Marshall tomou parte na elaboração dos planos para a primeira ofensiva americana, em Cantigny. Sabendo que algo devia acontecer naquela frente, corrí para lá. Encontrei Marshall numa trincheira. «Muito bem,» disse-me ele, «vou dar-lhe uma explicação.» E alí mesmo descreveu-me o projetado ataque. Fui tomando minhas notas à medida que ele falava e, terminada a luta, pude mandá-las sem alterar uma só pa-

lavra para o jornal que representava, pois era uma descrição exata e completa do que acontecera—ditada previamente.

Depois do armistício, Marshall reverteu ao posto de major. Homens de negócio que haviam ouvido falar nas suas qualidades excepcionais como organizador, ofereceram-lhe um cargo de vinte mil dólares por ano. Mas ele recusou a oferta porque Pershing lhe havia dito: «Meu dever agora é achar um meio de evitar que se repitam neste país os mesmos erros trágicos que nos custaram tantas vidas. Preciso de você para me ajudar.» Pershing foi nomeado Chefe do Estado Maior e Marshall seu ajudante-de-ordens.

O primeiro resultado concreto do trabalho dos dois foi obter do Congresso a lei chamada da Defesa Nacional que autorizava a existência de um exército de 450.000 homens. O Congresso aprovou a lei—mas esqueceu-se de dar a verba necessária à sua execução. Marshall e outros militares assistiram a manobra política sacrificar o exército que tinham em 1918.

Em 1939 o presidente Roosevelt nomeou Marshall Chefe do Estado Maior, se bem que houvesse no exército trinta e quatro generais mais graduados. Com paciente resignação aceitou a ingrata tarefa de comandar um exército de 174.000 soldados mal equipados e pouco treinados, um exército que, por falta de verba, só no papel constituia uma força armada. Pôs-se logo a falar em público, a escrever, a pedir a cooperação da imprensa, do rádio, do cinema para que o resto da nação pudesse compreender o perigo de ter um exército que «não estava preparado para a guerra, nem mesmo para a defesa». Jurara que os americanos não lutariam sem treino, como em 1917. «Um crime,» dizia.

De seu gabinete começaram a emanar ordens que pouco a pouco foram criando um exército forte e competente, graças ao programa de treinamento mais prático e rigoroso que já se vira na história militar do país. Como detesta dar ordens complicadas, e trabalhar com comissões e sub-comissões, simplificou a organização do exército, dividindo-o em três partes de igual importância: as Forças de Terra, as Forças de Reserva, e a Força Aérea. Se bem que ele próprio tenha feito sua carreira como oficial de infantaria, isto não impediu que desde cedo reconhecesse a importância da aviação, e procurasse expandir a Força Aérea.

O general está convencido de que é possivel ter-se um exército eficiente e ao mesmo tempo democrático. «Isto aqui não é uma ditadura,» diz aos seus oficiais, insistindo em que dêem sempre a razão de ser das coisas.

Ao fazer uma visita aos feridos de um hospital, percebeu, pelas perguntas que faziam, que estes não haviam compreendido a batalha em que tinham tomado parte. O general mandou redigir um folheto com a explicação pormenorizada do desenvolvimento da batalha, a razão de ser para a disposição das tropas, e a descrição do papel que tivera cada unidade durante o combate. O trabalho foi distribuido entre os feridos, e a todos os soldados da divisão.

Mesmo, porem, debaixo do peso de tão grandes e graves responsabilidades, os olhos azues do general se conservam límpidos e calmos, e começam a surgir-lhe na cabeça os primeiros cabelos brancos; aguenta, sem fraquejar, um programa de longas horas de trabalho, que deixaria qualquer outro exhausto.

Para ele a coisa mais importante deste mundo é não perder tempo. Sua mesa de trabalho nunca está atravancada de papéis e coisas inuteis: tem um bloco para notas, um par de óculos de aro de aço, e uma bandeja de madeira para os papéis. O auxiliar que não souber apresentar de maneira sucinta os assuntos a tratar, não se demorará muito ao seu serviço. O general percorre com os olhos os resumos dos relatórios, e toma decisões imediatas, anotando rapidamente um «Sim», ou «Não», «Faça-se» ou «Não se faça», rubricado com as iniciais G.C.M.

A sua tarefa mais dificil é determinar quem deve preencher certos cargos de responsabilidade, e ter certeza de ser esta a melhor escolha. Sabe, todavia, aprender com a experiência, e ainda se lembra de que, durante a principal ofensiva das forças americanas na outra guerra—o ataque do Mosa-e-Argona—os melhores comandantes, aqueles aos quais se deveu a vitória, haviam sido escolhidos para os postos de comando depois de muitas tentativas. Um dos fitos das grandes manobras de que o general faz tanta questão no seu programa de treinamento, é a oportunidade que oferecem para se revelarem os oficiais com qualidades de comando, e dar-lhes a experiência necessária em dirigir grandes movimentos de tropa. A maior parte dos generais escolhidos por Marshall têm estado à altura; os que fracassaram já foram afastados.

Os oficiais competentes podem sempre contar com ele e, quando por fadiga ou doença precisam de descanso, é Marshall o primeiro a compreender e tomar providências para que sejam transferidos de posto, ou gozem uma licença. Já lhe aconteceu promover um oficial de tenente-coronel a general de brigada, por ter este provado estar com a razão, e ele, Marshall, errado. Oferece boas oportunidades, e facilita a promoção de oficiais de quem não gosta pessoalmente, assim como não hesita em despedir o incapaz.

Tem o dom de saber descansar quando quer. Tendo feito uma análise do vício da preocupação, conseguiu libertar-se completamente deste hábito nocivo. Uma vez tomada a decisão, o assunto para ele está liquidado. Fora das horas em que trabalha no seu gabinete, é impossivel a qualquer pessoa comunicar-se com ele, a não ser em caso de grande emergência. E é graças a esse sistema que logra conservar as energias.

Em Fort Myer, na Virgínia, vi em casa do general Marshall uma lembrança que revela outro lado de seu carater: era uma fotografia de soldados americanos ajoelhados rezando numa igreja da França em 1918. Foi a sua profunda fé religiosa que o fez fazer este comentário sobre o êxito do desembarque das forças aliadas na África: «A proteção de Deus estava conosco.»

As qualidades excepcionais do general Marshall têm sido comparadas às de muitos outros grandes cabos de guerra. «É um homem de extraordinária estatura, tanto de carater como de espírito,» disse Winston Churchill. As poucas pessoas que o criticam queixam-se de que não é bastante severo com os subalternos, e é por demais cauteloso nas decisões. Mas deve-se observar a fisionomia deste homem de queixo voluntarioso e nariz agressivo: é possivel que se demore a tomar uma resolução para ter certeza de que está seguindo o caminho certo. Uma vez porem este escolhido, ninguem mais o detem.

No mundo oficial de Washington, corre uma expressão quando há alguma crise de ordem militar: «Confiemos em Deus e no General Marshall!»

A carestia da vida em Chunquim assume proporções assustadoras

A inflação arrastará a China ao abismo?

(Condensado da «New Republic»)

Por Eric Sevareid

DESDE A TREMENDA inflação de 1923 na Alemanha, não se sabe de outra que tenha assumido proporções tão alarmantes como a que existe atualmente na China.

Faz algumas semanas, estava eu numa das nossas principais bases aéreas da China, a observar a aterrissagem de aviões procedentes da Índia: bombardeiros, caças, e mais alem, noutro lado do campo, transportes que ostentavam o emblema chinês dos Aero-Transportes Nacionais. Desses aviões estavam sendo descarregadas pesadas caixas, que eram logo cuidadosamente empilhadas em caminhões alí estacionados. Sabia eu aquelas caixas conterem as injeções intravenosas que o corpo debilitado da economia chinesa requeria—notas de banco estampadas nos Estados Unidos.

Essas notas—nenhuma delas de valor inferior a 10 dólares chineses, pois quase nada se compra por menos dessa importância na China—são na sua maioria impressas pela American Bank Note Co., de Nova York. Toneladas desse papel-moeda são enviadas por via marítima à Índia, e de lá transportadas até a China por aviões.

A grande questão, para o governo de Chunquim, é encontrar a maneira de acelerar as emissões de papel, de maneira a poder acompanhar a alta dos preços, os quais aumentam à razão de 10% ao mês. É tão grande a quantidade de moeda circulante, que o governo não se atreve a publicar dados exatos a seu respeito. Um perito oficial de finanças me confessou que há um ano a situação tinha passado do ponto em que o desastre parecia inevitavel. Mas a economia da China não está ainda ameaçada de colapso—pelo menos imediato.

O generalíssimo Chiang Kai-xeque admite que «há ainda muito que fazer» até ser posto em execução o seu programa de controle dos preços. Essa declaração fica porem um pouco aquem da realidade, visto como, em algumas províncias, a alta de preços é geral, tendo-se estes multiplicado por 250 desde 1937, ou sejam 25.000 por cento!

O câmbio oficial é de 20 dólares chineses por um dolar americano, sendo que ao corpo diplomático e aos jornalistas se concede a taxa excepcional de 30. No mercado negro, o ágio chega a ser de 80 a 90 por dolar.

O poder aquisitivo de um dolar americano, à razão de 20 por 1, reduz-se a 5 centavos. Com isso compram-se 250 gramas de amendoim, meio maço de cigarros ordinários, seis folhas de papel de escrever, ou paga-se uma passagem de ônibus que dá direito a pequeno percurso. Um par de sapatos custa 60 dólares americanos, e o preço de um impermeavel em segunda mão é de 200 dólares. Um almoço em um restaurante de Chunquim, para quatro pessoas, custou-me 50 dólares americanos!

Ainda que os portos e estradas de

ferro estejam sob controle japonês e a China não importe mercadorias estrangeiras, as suas lojas estão repletas de objetos de luxo, havendo abundância de artigos de confeitaria e de toucador, vinhos, licores, isqueiros, enfim tudo quanto se deseje, uma vez que não se olhe a preços. Essas mercadorias, porem, provêm em grande parte do intercâmbio ilegal com Xangai, Hong Kong e até mesmo com Tóquio. O comércio chamado «ilegal» é enorme entre a China e os territórios ocupados pelo inimigo, e milhares de chineses e japoneses estão a enriquecer com esse tráfico.

Pondo entretanto em prática enérgicas medidas, o governo tem conseguido manter o preço do arroz—base da alimentação do povo—a resguardo da alta, e dessa forma vai impedindo que a fome dizime milhões de criaturas. Mesmo assim, em Chunquim, de março a setembro do ano passado, o preço do arroz triplicou, passando de 500 a 1.500 dólares chineses um *picul*—medida que equivale a 50 quilos, mais ou menos.

Professores públicos, soldados e funcionários do governo, que percebem salário fixo, são os mais atingidos pela inflação, que os reduz à extrema pobreza e a uma inevitavel deficiência alimentar. Estes são os únicos grupos de salário fixo no China, e, como sucede em outros paises, os que mais sofrem com as inflações. Grande parte desses serventuários públicos teriam já sido dizimados, se o governo os não auxiliasse, comprando grandes partidas de arroz que são revendidas a essa gente por preço razoavel.

A inflação, entretanto, beneficia determinados grupos. Em Chunquim é dificil agora conseguir-se um carregador de riquexás; esse homem está ganhando uma média de 2.000 dólares chineses por mês, realmente muito mais do que o que percebe um trabalhador experimentado. Daí se verem *coolies* semi-nus viajando em ônibus, cuja tarifa é de 15 dólares chineses por pessoa.

Recentes estudos levados a termo pela Universidade de Nanquim, que funciona presentemente em Chengtú, mostram-nos que os grandes proprietários e foreiros estão em condições mui prósperas, como as em que se achavam antes da guerra, senão até melhores. Porem o agricultor modesto, dono de pequenas terras, teve baixa de 10 por cento nas suas rendas. As pessoas que os economistas da Universidade classificam de «jornaleiros ambulantes», gozam hoje de um aumento de salário de cerca de 70 por cento. As famílias desses trabalhadores têm em média sua renda multiplicada por 38, ao passo que o custo da vida foi multiplicado por 22. Mas no mesmo período a renda dos negociantes e lojistas caiu na proporção de 12 per cento.

Os Estados Unidos concederam à China, no ano passado, um crédito de 500 milhões de dólares, o qual não foi usado, porque praticamente não existe no momento intercâmbio comercial entre os dois paises. Como último recurso, entretanto, para «revitalizar» a periclitante economia da China, serão para lá mandados 200 milhões de dólares (por conta dos 500 milhões) em forma de ouro em barra; a remessa desse ouro será feita por via aérea, em oitenta ou cem carregamentos, numa ocasião em que todo o espaço possivel deve ser destinado ao transporte de armamentos.

O que o governo da China pretendia fazer com esse ouro, não estava ainda decidido quando deixei Chunquim. Possivelmente se emitará papel-moeda sobre esse lastro-ouro, ou será ele posto a

venda, no mercado livre, ao preço de 10.000 dólares chineses por uma onça, o que dará lucro magnífico, pois o governo paga apenas 700 dólares por onça. Posto a venda, o ouro será naturalmente comprado por mercadores chineses que fizeram fortuna com a guerra, e que dessa forma poderão consolidar sua fortuna. Em tal caso, parte desse ouro irá ter aos territórios ocupados pelos japoneses, o que significa claramente que irá cair em mãos do ambicioso inimigo.

A inflação na China é indubitavelmente tremenda, mas acredita o governo que essa situação se aguentará ainda por uns dois anos, antes que haja um colapso. A economia da China, para cujo volume concorre a produção agrícola com 85 por cento, dá em tempos normais para a sua própria manutenção.

As populações rurais manter-se-ão sem alteração, ainda que, não podendo usar dinheiro em suas transações, tenham que recorrer ao sistema de troca, o que importará até certo ponto em falta de confiança no governo.

Em chegando esse momento, o governo de Chiang Kai-xeque será submetido a uma prova definitiva. O país então voltará à antiga condição de pequenos estados autônomos, sujeitos a guerrilhas entre seus régulos militares, o que tornará a tarefa dos aliados, no momento da derrota final dos japoneses, muito mais dificil.

Resta-nos agora uma pergunta. Sofrerá a economia da China o colapso que tanto se teme? Ninguem a esse respeito pode adiantar nada. A situação é na verdade de expectativa. O dr. H. H. Kung, Ministro da Fazenda da China, expressou-se desta fórma: «Estamos na situação de um homem que ao cair de um arranha-céu, tem, antes de tocar o solo, uma derradeira esperança, e diz: —Parece que ainda há salvação; esperemos!»

Amabilidades ferinas

¶ Marlene Dietrich foi ver as cenas iniciais de uma nova película que estava fazendo, e não ficou satisfeita. O *cameraman* dessa nova fita era o mesmo que tinha fotografado uma antiga e favorita fita de Marlene, «O jardim de Alá», e, assim, ambos foram ao salão de projeções para rever «O jardim de Alá». Ao terminar a exibição, a estrela disse: «Eu estava deslumbrante, nessa fita; por que razão não se consegue o mesmo com a outra, de agora?»

«Miss Dietrich», observou o *cameraman*, é que eu agora tenho oito anos mais do que tinha então...»

Leonard Lyon

¶ O lendário T. E. Lawrence da Arábia, estava certa manhã parado à entrada de seu hotel, no Cairo. Era no verão e fazia um calor escaldante. Uma mulher, ansiosa de ser vista em companhia dele, aproximou-se: «Imagine só, Coronel Lawrence,» exclamou ela, abanando-se vigorosamente, «noventa e dois hoje!»

«Sim?» replicou Lawrence. «Pois, meus parabens, Madame, e muitas felicidades pelo dia de hoje!»

E. E. Edgar

Sentinelas da selva

(Condensado de «Field & Stream»)

Por Archibald Rutledge

Oculto sob os densos ramos de um cedro, que caíam recurvos, quase a tocar o chão, pude observar uma vez duas corças já grandes que pastavam num campo vizinho. Fascinou-me a princípio a aristocrática elegância dos seus movimentos. Dentro de alguns segundos, porem, curiosa peculiaridade despertou-me a atenção: comiam alternadamente. Enquanto uma tomava entre os dentes um bocado de relva, mastigando-o tranquila e lentamente, a outra, cabeça erguida, percorrendo com os olhos a extensa planície, e farejando o ar com seu olfato aguçado, mantinha-se de guarda contra qualquer inimigo. Enquanto alí estive a observá-las, nem uma nem outra se descuidaram um só instante daquela recíproca e ativa vigilância.

De outra feita, um preto que me servia de capataz guiou-me em silêncio até ao pé de uma clareira aberta na floresta. Dois veados dormiam estendidos no chão, ambos sobre o lado direito, de modo que as suas costas se tocavam. Protegiam-se assim mutuamente contra qualquer perigo.

Muitos animais selvagens, especialmente os que viajam em bando, defendem-se, fazendo com que um dos membros do grupo desempenhe o papel de sentinela. Só uma vez tive ocasião de ver um grupo de veados reunidos sem que nenhum parecesse encarregado de velar pelos outros. Mas era que cinco deles estavam comendo as folhas de um pé de mirtilo de ramos muito altos. Tinham portanto que levantar a cabeça, dominando por conseguinte a região que os cercava e dispensando qualquer guarda.

O búfalo que percorria as grandes planícies centrais da América do Norte, teve sempre sentinelas, o mesmo acontecendo agora com os gados bravos, as cabras montezas, os carneiros das serras, as corças, os alces e antílopes cornudos.

As aves e os animais que servem de sentinela lançam aos seus companheiros verdadeiros sinais de alarme. O veado bufa, a coruja acrescenta ao seu pio uma nota mais alta, o esquilo cinzento lança gritos agudos e irritados, sinais todos bem conhecidos.

Os perús bravos enviam sempre uma «patrulha de reconhecimento», que examina cuidadosamente a região que os rodeia, enquanto os outros membros do bando passeiam e comem tranquilamente. Vi uma vez um soberbo espécime das referidas aves fazendo guarda enquanto outro limpava as penas na areia, sacudindo-as, e deitando-se depois de lado, a gozar o calor do sol, com as pernas estendidas, numa posição um tanto cômica. Dentro em pouco, porem, levantou-se pressuroso, ergueu o peito majestosamente, e, depois de sacudir o pó que lhe ficara preso às penas, assumiu o posto do companheiro que lhe servira de sentinela, indo este por seu turno estirar-se na areia, certo de que o outro manteria vigilância sobre ele como por sua vez o fizera.

Tive ocasião de interrogar sobre estas

sentinelas o explorador africano Carl Akeley. No Continente Negro, não é o homem o único inimigo dos animais, motivo pelo qual devem estes manter-se em constante sobreaviso. Akeley contou-me que as manadas de búfalos da África se fazem sempre preceder de patrulhas de reconhecimento; que um ou dois elefantes mantêm atenta guarda sobre os outros; que o cudú, antílope africano, coloca vigias nas mais altas colinas, de onde é possivel dominar toda a região circunvizinha. Contou-me ainda que as famílias de gorilas se acham invariavelmente sob a proteção de um ou dois de seus membros, cuja missão é lançar o sinal de alarme em caso de perigo.

Na África, certos pequenos pássaros da família das garças passam a maior parte do tempo nas costas dos rinocerontes, alimentando-se da vermina que se aninha no pelo destes enormes animais, sendo por eles tolerados, não só porque os libertam dos parasitas, mas porque os avisam da aproximação de outro animal ou de caçadores.

Quando os veados percorrem os bosques, o mais velho do bando protege-os pela retaguarda. Há muito quem pense que assim faz, afim de não enfrentar o perigo, como os que o precedem. Creio, porem, que traz gravada na memória a lembrança dos tempos em que o maior perigo—os ataques das manadas de lobos—surgia sempre pela retaguarda. Deixa-se portanto preceder pelos outros, afim de protegê-los melhor.

Por vezes, uma destas sentinelas selvagens fracassa na missão que lhe foi confiada. Os gansos voam sempre em forma de V, e o que se acha no vértice do V, não só estabelece a rapidez e a altura do vôo, mas dirige o bando e tem a seu cargo protegê-lo evitando qualquer perigo. Um dia, um bando de gansos migratórios, formando um grande V, cortou os céus sobre o ponto em que nos achávamos. Vi o chefe do grupo baixar o vôo de alguns metros, quando passavam sobre uma fazenda vizinha. O fazendeiro correu logo a atirar sobre os pássaros. Estes se puseram a grasnar em altas vozes, formando verdadeiro clamor, como que a protestar contra o chefe do bando, inteiramente desacreditado, sendo este substituido por outro, sem maior demora.

Os guias índios do Canadá contaram-me que os castores costumam colocar uma sentinela a postos, especialmente quando se acham ocupados em derrubar as árvores. Certos roedores, como os esquilos e marmotas, empregam tambem seus vigias. Tive mais de uma vez ocasião de observá-los ocultando-me a certa distância. Vi por exemplo uma marmota sair devagar da sua toca, olhando em volta com seus olhinhos vivos, de olhar fino e aguçado. Deu então um gritinho afim de avisar os companheiros de que podiam seguí-la, e estes assim fizeram, começando a roer tranquilamente o que por alí encontraram; um deles, porem, colocou-se num ponto mais elevado, velando pelos outros. Como se mantivesse imovel, os outros continuaram tranquilos, mas, se tivesse dado comigo, o «sentinela» se mostraria alarmado, e, ao seu primeiro gritinho, todos correriam para as tocas.

Um dia, numa região completamente deserta, como ouvisse um ruido misterioso num matagal vizinho, sentei-me em silêncio afim de ver do que se tratava. Dentro em pouco, enorme javalí surgia na clareira do pinhal. Parou inquieto, atento ao menor sinal de perigo, lançando, após alguns segundos, curto grunhido. Incontinenti, nove porquinhos surgiram em fila, seguindo-lhe os passos. O javalí como que dera pela minha presença, mas não sabia ao certo em que ponto eu me encontrava.

Os nove porquinhos—coisa que muito me divertiu—começaram a imitar a atitude cautelosa do javalí, e, quando este levantou o rabo para o alto em linha reta, levantaram tambem os seus tocos de rabo, que de tão pequenos mal se viam. Percebendo por fim onde eu me achava, o javalí lançou novo grunhido de alarme, e lá se foi em busca de abrigo seguro, seguido naturalmente pelos filhotes.

Corria porem de modo a que estes pudessem seguí-lo, conciente de que o menor atrazo talvez representasse a morte, mas fiel à missão que lhe cabia de sentinela da selva.

Narizes para dar e vender

¶ O dr. James Stotter, que é um dos cirurgiões «plásticos» mais conhecidos dos Estados Unidos, inaugurou em Nova York uma instituição de fins não-lucrativos, intitulada *Centro dos Doadores de Enxertos*, cujo negócio tem por objeto... a carne humana. É na realidade uma espécie de «câmara de compensação» dos ilustres esculápios que por aí andam a endireitar narizes e a refazer fealdades e belezas.

Basta o médico ligar para o Centro e dizer: «Desejo um retalho de cartilagem de 15mm, sangue do tipo 4.» O Centro chama logo um «doador» com as necessárias caraterísticas, e remete-o para o consultório do médico interessado.

São já centenares as pessoas que têm escrito ao Centro, oferecendo «qualquer porção do corpo»—por uma atraente soma do vil papel. O que alí se pede com mais frequência, é um pedaço de cartilagem, e não um nariz inteiro ou uma orelha. O «doador» pode oferecer a cartilagem de cinco diferentes lugares do corpo: do nariz, das orelhas, ou das duas costelas falsas; mas não pode repetir a oferta, porque, ainda que pese dizê-lo, cartilagem é coisa que só cresce uma vez na vida! O pedaço desejado tem em média 12 a 13 milímetros de comprimento por 8 a 9 de largura; o enxerto de maiores dimensões que já se empregou, media 5 cm. por 13 mm.

Os «doadores» recebem entre 100 e 500 dólares—de 2 a 10 mil cruzeiros!—por esses pedacinhos arrancados (sem dor) ao seu «eu» físico.

O tipo mais comum das operações é o que interessa a narizes achatados, a narizes de cavalete, a queixos encolhidos, ou orelhas esparramadas. O Centro, claro está, se esforça por compensar mutuamente doadores e pacientes: tal moça nariguda, por exemplo, renunciara de bom grado ao seu excesso de cartilagem, a favor de algum galã a quem Otelo enciumado achatou as ventas com um murro...

Helen Hull, *Successful Living*; e *Grafting Donors Bureau*

Quinze segundos só de vida . . .

(Condensado do «Air News»)

Por Francis Vivian Drake

Esta é a aventura de um piloto americano de avião de combate, que deliberadamente se submeteu a uma das mais perigosas experiências que a história da aviação regista—proeza equivalente à de um homem que se sentasse num barril de pólvora e acendesse a respectiva mecha. Os pilotos americanos em todas as frentes têm verdadeira admiração pelo Coronel Cass Hough, natural de Plymouth, no Míchigan. Graças a ele, têm-se poupado centenas de vidas de aviadores, como lhe cabe grande parte do reconhecimento pela destruição de enorme quantidade de aviões inimigos, com o hoje famoso Lightning P-38.

Quando esse caça bi-motor americano, de dupla fuselagem, chegou à Inglaterra, os ingleses, depois de o terem submetido a provas, chegaram à conclusão de que o aparelho não estava em condições de enfrentar a Luftwaffe. Em uma batalha simulada contra os famosos Spitfires, levada a efeito a pedido de Hough, os pilotos da RAF circularam o avião de Hough e, se a batalha tivesse sido real, os Spitfires teriam sem dificuldade abatido o Lightning. Hough porem não se deixou vencer por esses primeiros reveses, pois tinha a certeza de que o caça americano era realmente um avião de combate de primeira classe. Auxiliado por adestrados mecânicos, atirou-se pois de corpo e alma à tarefa de aperfeiçoar o aparelho; e tendo posto em prática quantas sugestões surgiam, reapareceu no campo de prova para segundo teste.

Desta vez, os resultados obtidos foram bem diferentes; os ingleses tiveram que conceder ao avião americano a supremacia antes demonstrada pelos Spitfires. A seguir, os pilotos da RAF experimentaram, contra o caça americano remodelado, aviões germânicos capturados—Focke-Wulfs e Messerschmitts—e novamente o Lightning sobrepujou a todos esses rivais. A fé que o Cel. Hough tinha no aparelho havia sido afinal justificada, e novo e sensacional avião de combate poderia galgar o espaço para enfrentar a Luftwaffe.

Estava o avião americano a impor-se, dessa forma, à admiração de todos, quando sobreveio um imprevisto de lamentaveis consequências. Um piloto experimentado subira num dos novos Lightnings à altitude de 10.000 m. de onde descia num mergulho vertical, quando, querendo suster a descida, as asas do avião se despedaçaram.

Poucas horas haviam decorrido sobre esse fatal acidente, e já outro piloto americano tentava igual proeza, a 11.300 m. de altitude. Mergulhando a uma velocidade sem precedentes, ele tãopouco logrou suster a descida, embora tivesse posto em prática todos os recursos conhecidos. Então, num último e desesperado esforço para se salvar, agarrou a alavanca de emergência, que abre e fecha a cobertura da nacele, a

qual foi bruscamente arrancada pela pressão do vento. Violenta sucção de ar levantou o piloto do assento, quebrando-lhe as duas pernas de encontro às correias do cinto de segurança; depois, arrancou-o do aparelho, como se fora uma palha ao vento, e finalmente arremessou-o no ar sibilante, à incrivel velocidade de 1.130 km. por hora.

Com extraordinária presença de espírito, o jovem piloto esperou que a velocidade se moderasse, antes de abrir o paraquedas. Evitou assim que este, ao abrir-se de súbito, fosse irremediavelmente rasgado, e desse modo fez uma descida normal, como quem saltasse de alguns metros de altura, embora, é verdade, com as duas coxas fraturadas! E lá se foi esse «burlador da morte», dar contas ao Cel. Hough da sua aterradora experiência.

Hough voltou ao Quartel-General e começou a pensar. O Lightning seria sem dúvida uma arma de guerra de extraordinária potência, se lhe fosse feito um aperfeiçoamento que lhe permitisse aguentar os mergulhos verticais, manobra indispensavel nos combates aéreos. Após dias e noites de incansaveis pesquisas, achava ele uma possivel solução: deveria frear o aparelho, quando em vôo de mergulho, manobrando os elementos horizontais da cauda, o que permitiria levantar e baixar o nariz do avião, e pô-lo em vôo direto. Essa poderia ser mesmo a solução.

Na manhã seguinte, Hough levantou vôo com o seu próprio avião a uma altura de 13.000 m., onde o ar rarefeito estava a 51° C. abaixo de zero. «Doíam-me atrozmente as pernas e os braços, —disse Hough—de sorte que me pus a cruzar o espaço por uns 15 minutos, mas creio que o que eu fazia era esperar coragem para o mergulho.»

Hough tinha determinado despenhar-se no seu Lightning de sete toneladas, com os dois motores Allison de 1.200 rotações a toda a força, caindo desses 13.000 m. em vôo vertical. Hoje os aviadores americanos, em todo o mundo, reconhecem que devem à persistência e audácia de Hough os magníficos resultados que obtêm com o Lightning, destruindo Zeros e Messerschmitts, na proporção de 5 a 1.

Tendo lançado um último olhar em torno, Hough «picou». Durante os primeiros 1.500 m. tudo correu normalmente; a velocidade ia aumentando... Em dado momento, «tudo se desencadeou—disse ele—e eu tive a sensação de estar pendurado no espaço.»

Hough tinha já atingido tal velocidade, que até os planos de direção da cauda vibravam como se estivessem num estranho vácuo. O velocímetro, tendo chegado ao seu limite de 800 km. por hora, *entrou a fazer uma segunda volta*; o ponteiro do altímetro, que dá uma volta completa em 300 m., girava agora como se fosse uma roda. Aos 10.500 m. de altura, o motor começou a ter acessos de velocidade que produzem tamanhos solavancos, que o piloto tinha a sensação de ser arremessado contra uma parede de cimento armado. Hough puxou a alavanca de controle, mas não ergueu o nariz do avião.

A seguir, começou a fechar a válvula do acelerador. Mas esse recurso quase teve fatal consequência, pois o aparelho principiou a desenvolver um *loop* para cima, o que, sob aquela tensão e a tal velocidade, significava irremediavel desastre. Em rápida manobra, o piloto acelerou os motores, e o Lightning, cindiu o espaço como o raio!

Hough tinha mergulhado agora 4.000 m., no espaço de tempo que levaria

para cruzar a pé uma rua, e a terra parecia vir ao seu encontro numa tremenda velocidade. Os solavancos dos motores eram agora tão violentos, que o piloto mal podia manter a mão nos controles. O avião estava aí cortando o espaço a uma velocidade de 1.290 km. por hora, mais rápido, portanto, que a velocidade do som; o aviador voava com uma rapidez *jamais atingida por nenhum ser vivo*. Os ouvidos doíam-lhe muito; restavam-lhe apenas 22 segundos!

«Só aí comecei a ter medo,» confessou Hough. «Todos os recursos de salvação de que podia socorrer-me tinham falhado. Se a minha sorte era aterrar em paraquedas, chegara o momento.»

Mas Hough se havia submetido a essa audaciosa experiência, e estava disposto a alcançar o objetivo; tinha por conseguinte que ir para diante. Abandonando os controles, deu volta à roda dos lemes de direção e esperou para ver o efeito que essa manobra produzia. A 7.500 m., a velocidade estava ainda incontrolavel. Ao precipitar-se a menos de 6.000 m.—restavam-lhe uns 15 segundos para se salvar!

Foi então que o aparelho deu o primeiro sinal de que podia ser manobrado. Uma fração de segundo havia decorrido, quando aquelas 7 toneladas de metal, que riscavam o azul como um bólide, deram o primeiro indício, muito sutil, de que iam sujeitar-se ao governo do piloto. E a 4.500 m.—ou 12 segundos para tocar a terra—o avião começou a sair da vertical. «Foi uma sensação de alívio,» confessou Hough.

Mas o aparelho, aquecido pela fricção, tinha ainda que sofrer grande pressão de ar naquela manobra de nivelamento de vôo. Um simples movimento indevido, e as asas se despedaçariam. Nenhum aparelho havia até então suportado galhardamente essa prova.

Movendo-se a custo nessa cabina louca de velocidade e silvos de ar, Hough começou a afrouxar os controles dos lemes da cauda à medida que o nariz do avião se erguia suavemente. À velocidade de 1.130 km. por hora, como por milagre, todos os controles entraram a funcionar. Havia agora uma única dúvida em Hough: «E as asas?»—aguentariam o repuxo de passar do mergulho ao vôo normal, dando tempo a que o piloto recobrasse os sentidos?

Quando afinal Hough veio a si, o avião estava 1.500 m. mais alto e continuava subindo quase verticalmente. Olhando em torno, viu que tudo estava em ordem. A sua fé vencera!

«A gasolina estava-se acabando,» observou Hough. «Dirigí-me ao campo e tratei de aterrar.» Mas tremia muito.

A heróica aventura e as suas conclusões científicas tinham feito afinal do Lightning P-38 uma arma superior, como se provou logo depois, quando dez pilotos americanos, pilotando Lightnings que já dispunham dos aperfeiçoamentos de Hough, se precipitaram num mergulho cego sobre 25 Messerschmitts, e derribaram 16, sem perda.

Quanto ao homem cuja paciência e suprema coragem deram causa a centenas de vitórias, do Mar da Mancha à Nova Guiné, uma ordem do dia da Força Aérea dizia: «O Cel. Hough realizou o maior mergulho e à mais alta velocidade na história da aviação, tendo deliberadamente penetrado regiões desconhecidas do ar... A coragem, competência e devoção ao dever manifestadas por este oficial, representam alta honra para si e para as Forças Armadas.»

Com esta citação, o Cel. Hough foi tambem condecorado com a Cruz de Aviação, pelos relevantes serviços.

Paladina dos direitos da mulher

(Condensado do «Christian Science Monitor»)

Por O. K. Armstrong

Esta revista vem apresentando aos seus leitores perfís de homens e mulheres que dedicaram a vida a causas humanitárias e sociais, contribuindo assim para o progresso da nação.

Eis a comovente história de uma grande mulher que combateu 58 anos pelos direitos do «sexo fraco», e saiu vitoriosa da batalha.

EM 1854, UM GRUPO de homens e mulheres de semblante severo se achavam reunidos num dos mais velhos anfiteatros públicos de Chicago, afim de ouvir uma jovem desconhecida que pretendia dissertar sobre assunto inteiramente novo: «A Emancipação das Mulheres.» A oradora tomou a palavra com ar sereno e digno: «Minhas senhoras e meus senhores, chamo-me Susan B. Anthony, e venho interceder por que as pessoas de meu sexo possam gozar de maior liberdade.»

Um homem interrompeu-a da platéia: «Quererão as mulheres andar de calças?» Uma gargalhada geral reboou pela sala. Outro ainda lhe gritou: «Porque não arranja um marido?» atirando um tomate que atingiu a oradora em cheio. Foi o primeiro sinal. Uma chuva de legumes e ovos podres abateu sobre a pobre moça, sozinha e sem defesa.

Susan Anthony, sacudindo com os dedos a imundície que lhe cobrira o rosto e o vestido, retomou o fio das palavras assim interrompidas, sem a menor demonstração de revolta ou receio. Conjurou-os a ouví-la com voz calma e segura. Fez-se o silêncio em torno. Muitos se retiraram antes do fim, indo um pequeno grupo procurá-la ao terminar a sessão.

«Foi uma boa sessão,» diria depois Susan Anthony às suas companheiras de trabalho. «A luz se irá fazendo aos poucos.» Não se mostrou em nada surpresa com o fato de lhe terem atirado em cima ovos e tomates. Tal acidente já se repetira mais de uma vez durante os seis anos em que viera lutando pela emancipação das mulheres. Em toda parte, jornalistas, políticos e ministros cobriram-na de ridículo, não lhe poupando inclusive insultos.

Estava ela ensinando em Hardscrabble (Nova York) no ano de 1848, quando ouviu falar num *meeting* cujo objetivo era conquistar direitos civís e políticos para as mulheres. Elizabeth Cady Stanton e Lucretia Mott eram as chefes do movimento. Aquilo soou aos ouvidos de Susan como um grito de apelo. Desde então dedicou a vida inteira à referida cruzada, que levou por diante no decurso de cincoenta e oito longos anos, numa das mais persistentes campanhas pessoais que já foram lançadas pela causa do progresso social. Todos os presidentes dos Estados Unidos da América, durante aquele lapso de tempo—de Lincoln a Theodore Roose-

velt—tiveram ocasião de vê-la e apertar-lhe a mão. Espírito dinâmico, foi a mulher que falou em maior número de assembléias.

Ao tempo em que iniciou a campanha, as leis tornavam o homem, literalmente, amo e senhor de toda a família. Possuia tudo o que a esta pertencesse, inclusive as roupas e o dinheiro da mulher. As mães não podiam ser tutoras dos filhos. O marido podia, por meio de testamento, deixar a esposa sem um centavo. Verdadeiros tabús impediam as mulheres de tomar parte em negócios de interesse público, ou de usar da palavra em reuniões de tal carater. Fechavam-lhes as portas de qualquer profissão, a não ser as da música e do ensino. Em matéria de educação, só lhes eram permitidos estudos elementares.

O amor à liberdade gravara-se profundamente no coração de Susan, por ser ela filha de Quakers. Estes outorgavam às mães, dentro de casa pelo menos, os mesmos direitos que aos pais. Nascera ela em Adams, no Massachusetts, em 1820. Seu pai, Daniel Anthony, era considerado um radical entre os Quakers, por isso que estimulava as filhas a cantar enquanto teciam, e permitiu-lhes até que aprendessem a dansar. «Faça só o que sua cabeça mandar,» disse ele certa feita a Susan—conselho que muito influiu no seu carater.

Depois de conhecer a sra. Stanton, Susan Anthony abandonou o ensino, dedicando todo o tempo a escrever artigos e organizar assembléias. «Voto para as mulheres,» fora o grito de batalha da senhora Stanton. Susan, porem, fez ver às suas companheiras de luta que o direito de votar era apenas um dos aspectos da emancipação geral.

Anunciou audaciosamente um programa completo e radical: As mulheres tinham todos os deveres do cidadão: obedecer às leis e pagar impostos. Deviam ter portanto iguais direitos.

Bateu de porta em porta, afim de despertar novos interesses, e conquistar novas simpatias para a campanha. Frequentemente, porem, as próprias mulheres diziam: «Felizmente tenho um marido que olha por mim.»

Em 1853 Susan levou à Assembléia do Estado de Nova York a primeira petição a favor dos direitos da mulher, a ser jamais apresentada a uma assembléia legislativa. Um senador irritado qualificou-a de ameaça à sociedade, declarando que as mulheres não possuiam a inteligência necessária para compreender questões cívicas. James Gordon Bennett lançou das colunas do *Herald* de Nova York uma forte dose de vitríolo sobre as que apelidava de «criaturas híbridas, vestidas de mulher.»

Nem assim perdendo a coragem, Susan viajava constantemente, falando a toda a sorte de auditórios, muitos das quais terminavam reduzindo-a ao silêncio. Em 1854, aquele «furacão vestido de crinolina» visitou 54 dos 60 distritos do estado de Nova York, organizando clubes pro-direitos da mulher, e tomou a palavra em 20 outros estados. Assim descreve a campanha numa de suas cartas: «Falamos em celeiros e cabanas abandonadas, à luz de velas e lanternas, mas há quem venha ouvir-nos de 30 quilômetros em redor.»

Susan trazia os cabelos louros e ondulados repartidos ao meio, e os seus lábios, de um desenho enérgico, abriam-se frequentemente num sorriso amavel. Vestia-se elegantemente. Seu rosto oval parecia iluminar-se quando tomava a palavra, e a flama da mensagem que trazia faiscava irrequieta nos seus olhos castanhos. Muitos dos que a vinham

ouvir, dispostos a vaiá-la, deixavam-se conquistar pela magia de sua voz.

Os pedidos de casamento lhe chegavam às duzias. Muitos dos pretendentes aliás andavam simplesmente à cata de publicidade. Susan, embora desejasse constituir família e formar um lar, colocava a campanha acima de tudo. Durante certo inverno, um solteirão rico de Búfalo pôs-lhe à disposição, por várias semanas, seus serviços e um trenó. Lá um dia, como não conseguisse arrancar-lhe a promessa de casamento, abandonou-a em plena estrada, sob a neve.

Em 1857, Susan Anthony e a sra. Stanton compareceram perante a Assembléia de Nova York. Tinham sido informadas de que a questão dos direitos das mulheres fora debatida a fundo num longo relatório. Chegaram por isso animadas da maior confiança, levando longas e profusas petições. Mas os legisladores leram apenas um relatório burlesco e brutal, declarando que as mulheres já tinham todos os direitos a que faziam jus: «Pois que lhes era permitido escolher o lado da cama em que preferissem dormir, comer o que houvesse de melhor no prato, e que, devido às saias tão amplas, ocupavam mais lugar numa sala que qualquer homem.» Susan ouviu com as faces rubras uma tremenda gargalhada ecoar pelo recinto.

Muitos dos seus amigos procuraram dissuadí-la de levar por diante uma luta sem esperanças. Organizou em resposta uma nova reunião, na qual proferiu estas palavras: «Onde houver razão, há sempre esperança.» Três anos depois voltava a sentar-se na galeria da Assembléia de Nova York. Desta vez, porem, a lei que permitia às mulheres casadas dirigir os seus bens foi aceita. Era a sua primeira vitória legislativa.

Susan organizou então o seu primeiro grande comício na cidade de Nova York. Precisava coletar uma soma importante destinada a cobrir as despesas da campanha. Não lhe faltou publicidade—a maior parte constituida por ataques—e a sala estava repleta. Ao começar, porem, o comício, um grupo de desordeiros pôs-se a vaiar os oradores. Vários homens que se achavam presentes procuraram reduzí-los ao silêncio. De troca de palavras, passaram a luta aberta, senhoras desmaiaram, e a sala quase ficou vazia.

No dia seguinte, Susan viu-se sem ter como pagar nem a conta do hotel. Vestiu-se com todo o apuro—como costumava fazer quando perdia o ânimo—e sentou-se a ler a Bíblia. De repente, bateram à porta. Era Wendell Phillips.

«Um amigo acaba de entregar-me 1.500 dólares para a sua campanha. Entregará proximamente mais 3.500!»

Depois da Guerra Civil, quando os pretos alforriados receberam a cidadania e o direito de votar, Susan procurou em vão obter os mesmos direitos para as mulheres. O senador Sumner, do Massachusetts, pôs a coisa clara: «Sabemos como os pretos vão votar, mas nas mulheres não fazemos fé!»

Susan escreveu às suas colaboradoras uma carta típica: «Parece que não há nada a fazer senão insistir.»

E insistiram. Depois de organizar a Associação Nacional do Sufrágio Feminino, apresentou Susan petições para uma Emenda Constitucional de Sufrágio Feminino às mesas de todos os Congressos reunidos até o fim da sua vida.

Um acontecimento sensacional viria surpreendê-la em 1869: a assembléia legislativa do Território de Wyoming garantira às mulheres o direito do voto. Susan tomara uma vez a palavra em Cheyenne—capital do Wyoming—e al-

guns dos legisladores, impressionados pelo seu eloquente apelo, decidiram aprovar os direitos da mulher; outros votaram por votar, certos de que o governador nem daria atenção a semelhante absurdo. Este, entretanto, assinou o decreto, felicitando os legisladores por terem feito com que Wyoming fosse o primeiro território do mundo a reconhecer o voto feminino.

Susan Anthony não hesitava em recorrer aos métodos mais espetaculosos em benefício da campanha. No dia da eleição, em 1872, apresentou-se num colégio eleitoral, e tentou votar. Foi presa incontinenti, e, consoante imaginara, a notícia do incidente causou verdadeira sensação. Ao ser multada em 100 dólares, declarou altivamente: «Nunca pagarei um só centavo de uma multa que considero injusta.» Evitando conferir-lhe a auréola de martir, o juiz preferia exonerá-la de culpa.

Pouco a pouco, a corrente foi-se tornando favoravel a Susan Anthony, e as reformas propostas no seu programa foram sendo adotadas de uma a uma. A invenção da máquina de escrever contribuiu para que as mulheres fossem aceitas nos escritórios e indústrias.

A educação em comum, que fora taxada de imoralidade quando Susan começara a pregar os seus benefícios, foi sendo aos poucos adotada nas escolas e ginásios, em lugar dos «colégios femininos». Os direitos de propriedade começaram a ser garantidos às mulheres, e, em 1887, o estado de Kansas concedeu-lhes o direito de voto nas eleições municipais, e pouco depois, o Colorado, o Utah e o Idaho, pleno sufrágio.

Os cabelos de Susan Anthony já tinham àquela altura embranquecido totalmente, mas conservava ela o porte erecto, e ao tomar a palavra, vibrava-lhe na voz a eloquência de sempre. Organizou-se um grande banquete em Washington, comemorando a passagem dos seus 70 anos. Susan chegou com uma hora de atrazo: «Estive conferenciando com os congressistas,» disse, entre os aplausos dos admiradores.

Por volta de 1900 tinha já percorrido, no curso da campanha, todos os estados e territórios da União, bem como vários paises estrangeiros. Na Inglaterra falara a vastos auditórios, e fora convidada a tomar chá com a rainha Vitória. Em 1904, tomou parte no primeiro Conselho Internacional Feminino, em Berlim—verdadeira heroina entre as mulheres do mundo inteiro alí reunidas. Apressou-se depois em regressar aos Estados Unidos, onde persuadiu Theodore Roosevelt a aprovar definitivamente o sufrágio feminino. Durante a última convenção em que tomou parte em 1906, na cidade de Baltimore, o público ovacionou delirantemente a grande lider de 86 anos de idade.

Susan Anthony morreu serenamente no curso daquele ano. Mas a campanha que iniciara prosseguiu. Dez anos depois, a Guerra Mundial pôs em vigência os seus preceitos, quando as mulheres substituiram os homens nos escritórios, nas lojas, e em vários outros ramos de trabalho. Em 1920, a Emenda do Sufrágio Feminino foi introduzida na Constituição dos Estados Unidos. O programa de Susan Anthony vai sendo aos poucos cumprido à risca em todo o país. Em 1943, vários estados aprovaram novas leis garantindo às mulheres todos os direitos de cidadão, e abrindo-lhes acesso ao juri.

Se a grande emancipadora ainda estivesse viva, não veria talvez sem surpresa como os seus sonhos, um por um, se foram transformando em realidade.

No tempo em que «Berta» falou

(Condensado do «Esquire»)

Por Fred C. Kelly

QUASE ao findar a Primeira Guerra Mundial, París assistiu a um verdadeiro milagre da ciência, a um acontecimento que toda gente—inclusive os melhores cientistas—julgou ser impossivel. No dia 23 de março de 1918, um bombardeio de misteriosa procedência fez-se sentir no coração da cidade. Acreditar que provinha das linhas alemãs, a 112 km. de distância, parecia quase tão fantástico como pretender que viesse da lua. Todavia, o inacreditavel depressa foi aceito como realidade. Era o grande canhão «Berta».

Tão espantosa como este bombardeio foi a rapidez com que os franceses descobriram a exata origem do ataque. Passadas três horas sobre a primeira explosão, o Quartel General Francês sabia já aproximadamente a situação dos canhões (eram sete, sobre três plataformas) e durante trinta horas a artilharia francesa retribuiu o ataque com tal precisão, que a posição do canhão número um, que fizera a primeira descarga, teve de ser abandonada.

Quando se deu a primeira explosão, nas proximidades do Cais do Sena, não foi atingido ninguem, mas 20 minutos mais tarde, a dois quilômetros e meio de distância, perto de uma movimentada porta do Metrô, uma segunda explosão matou oito pessoas e feriu três outras.

Envolvida em nuvens de desencontradas versões, a notícia desta desgraça depressa se espalhou por toda a cidade. A opinião mais comum era que as bombas provinham de um novo tipo de aeroplano, capaz de voar tão alto que se tornava impossivel descobrí-lo. Outros acreditavam que espiões alemães teriam capturado as posições da artilharia e faziam fogo de dentro das próprias linhas francesas.

As explosões, a intervalos de 15 minutos, continuaram durante todo o dia, enquanto os aeroplanos do Serviço de Defesa de París exploravam no espaço os vôos inimigos; logo porem, os peritos militares rejeitaram a idéia do ataque aéreo, em virtude de ter-se verificado que os projeteis atingiam os edifícios, sempre do lado Nordeste. Estava confirmada assim a primeira hipótese dos grandes canhões. Uma granada que atravessara sem explodir a parede dum edifício, perfurou tambem o sobrado; estes dois orifícios forneceram não só a direção exata donde vinham os projeteis, mas tambem o ângulo da sua descida.

Os matemáticos podiam agora determinar o curso do projetil, e fixar aproximadamente o seu ponto de partida. Com estes dados ficava claramente indicado um pequeno canto do setor alemão, perto da cidade de Laon, distante de París 115 quilômetros. Alem disto, instrumentos localizadores de som confirmavam a indicação.

Depois os investigadores voltaram-se para os seus mapas; tinham sido feitas recentemente fotografias aéreas particularmente felizes da área de Laon. Os franceses sabiam que o grande canhão que procuravam só poderia ser transportado por estrada de ferro, e as foto-

grafias mostravam nitidamente um curto desvio ou ramal, saindo da estrada de ferro para um ponto arborizado, perto do local que os cálculos mais ou menos indicavam.

Os franceses estavam portanto no bom caminho: duas peças de artilharia pesada, montadas sobre plataformas ferroviárias, foram colocadas em Vailly, e dalí começaram fazendo fogo sobre o ponto onde devia estar o grande canhão alemão. Embora o não atingissem, um obús francês acertou numa árvore perto, matando um oficial e ferindo 6 artilheiros da guarnição do canhão número um.

Se um espião francês tivesse podido penetrar o cerrado arvoredo daquela área, teria visto um canhão gigantesco, de altura suficiente para tocar o alto de um edifício de dez andares. Montado sobre uma grande estrutura de aço de 7,5 m. de altura, aquele diabólico invento, e mais dois outros, montados na floresta sob o maior sigílo, eram o produto de dois anos de trabalho.

Em princípios de 1916 o dr. von Eberhardt, um dos maiores físicos alemães, tinha convencido Rausenberger, um dos diretores da Krupp, de que seria possivel construir um canhão capaz de lançar um projetil de 20 m. a 100 km. de distância. E os sete canhões construidos ultimamente tinham um alcance de 128 km.! Apesar do seu peso de centenas de toneladas, cada canhão era feito com a precisão de um relógio.

Quase com o mesmo carinho com que tinham executado os planos, devotaram-se os alemães a ocultar os seus canhões. Principiaram por escolher a floresta de St. Cobain, que era um denso e propício bosque. O local de cada um dos canhões era acessivel por estradas de ferro, mas, para iludir os observadores aéreos, montaram-se trilhos ferroviários tão visiveis quanto possivel, em direção diferente. Eram estes os trilhos que os mapas fotográficos franceses mostravam, e possivelmente a causa do insucesso da pontaria dos artilheiros franceses. Os trilhos da estrada de ferro agora usada estavam cuidadosamente dissimulados. Apenas algumas das mais altas árvores da vereda tinham sido cortadas, e outras atadas umas às outras, no topo, com arames. Pequenas árvores e rebentos foram postos entre os dormentes, e quanto aos trilhos de aço, estavam cobertos de erva e gravetos. Cada «posição» estava vedada por uma rede metálica revestida de pano verde.

Para disparar um canhão de tão monstruosas proporções, não eram suficientes os cálculos ordinários da artilharia de sítio, tendo sido consultados vários astrônomos: visto que o obús deveria permanecer no ar durante três minutos, era necessário corrigir o tiro tendo em conta a rotação da Terra, dado que durante esse lapso o alvo se deslocaria para leste. Havia ainda a considerar, em relação à exata distância do alvo, a curva do globo. Era mister calcular depois a densidade e temperatura do ar, a direção e velocidade do vento, e até entrar em linha de conta com a temperatura da pólvora. Devido à deterioração provocada pelo calor e pelo uso, depois de 50 ou 60 descargas, cada canhão teve que voltar à Krupp para ser recalibrado.

As granadas de 120 quilos eram expelidas sob uma pressão de quase 500.000 quilos, à velocidade de 1.500 metros por segundo. À medida que subia na atmosfera rarefeita, onde a resistência do ar é menor, ia perdendo velocidade em virtude da força da gravidade, até que, a cerca de 38 km. de altitude acima da terra, já viajava a menos de 800 m. por segundo. Depois, no percurso de descida, readquiria crescente velocidade, até atingir a mais densa atmosfera próxima da terra, e voltava de novo a afrouxar.

Quando o canhão número um fez as primeiras descargas sobre París, os seus inventores e o próprio Guilherme II assistiram como espectadores. Se o Kaiser tivesse chegado um ou dois dias mais tarde, para a inauguração do canhão número três, o curso da história talvez se tivesse modificado, porque o canhão rebentou, matando 15 homens.

Os alemães esperavam que estes canhões representassem grande papel no resultado final da guerra. E assim podia ter sido na verdade. Mas, a meio do verão, o avanço dos Aliados, com o reforço dos americanos, obrigou os alemães a fugirem para tão longe... que o alcance dos grandes canhões já não chegava para atingir París.

Àparte 256 vidas perdidas e 620 feridos, os prejuizos materiais causados pelos grandes canhões foram menores que a soma de 14 milhões de dólares do seu custo. Os alemães tinham avaliado mal a psicologia gaulesa. O bombardeio de París não fez mais do que despertar no povo francês um grande desejo de continuar a combater, tal como sucedeu mais tarde em Madrí e depois Londres.

E que foi feito dos grandes canhões? Os alemães conseguiram levá-los consigo, na grande retirada. Nenhum oficial ou soldado aliado conseguiu pôr-lhes a vista, tendo sido apenas capturado um dos vagões-plataforma. O Tratado de Versalhes previu que os alemães devessem abrir as portas dos seus arquivos de guerra à inspeção pelo Serviço de Informação. Mas antes de assinado o Tratado, os grandes canhões foram todos fundidos nas oficinas da Krupp, tendo sido aprovada de afogadilho uma lei especial alemã em que era considerado crime de alta-traição qualquer indiscreção sobre o assunto.

Só em 1925, graças à espionagem, as informações pormenorizadas sobre os grandes canhões sairam do domínio alemão. Os informes finalmente obtidos —incluindo cálculos, diários dos respetivos membros das guarnições, planos e fotografias—eram razoavelmente completos.

Um só ponto importante continuou oculto: a fórmula da pólvora usada para resistir às pressões mais elevadas podendo assim desenvolver uma força explosiva maior do que a pólvora em uso atualmente. Esta fórmula química, que não foi encontrada então, é hoje um segredo que os centros militares dos diferentes paises gostariam de conhecer.

¶ A taverna *Oasis*, situada na parte alta da Broadway, em Nova York, tem uma dessas típicas vitrolas automáticas, em que se toca uma música por um niquel. Um dos números incluidos no aparelho intitula-se: «Cinco minutos de silêncio por um niquel.» Esse número dá um lucro enorme à casa.

—George Jean Nathan, no *Cosmopolitan*

¶ Promessas de melhoramento do gênero alimentício de que vive um bilhão de habitantes da Terra

A revolução do arroz

(Condensado do «Washington Post»)

Por George Kent

EXISTE NO TEXAS um escalavrado barracão de armazenagem, dentro do qual dois homens de iniciativa estão pondo em prática uma idéia que, de vingar, virá trazer maior vigor e melhor saude a vasto setor da população do orbe. Estão esses dois homens produzindo um tipo de arroz branco que é, ao mesmo tempo, alimento completo, contendo até 80 por cento das vitaminas e minerais do cereal amadurecido no campo. Deram eles ao produto o nome de «arroz convertido». A sua cor natural é creme, mas quando cozido é de uma alvura de neve.

O arroz comum é, no decurso das operações de beneficiamento, despojado de boa parte dos elementos nutritivos que contem, e quando chega às mãos do consumidor é quase exclusivamente uma massa de hidratos de carbono. As pessoas que o comem, sem o misturarem com carne ou verduras, sofrem de uma espécie de fadiga crônica, e estão alem disso sujeitos ao flagelo do beriberi e da pelagra, doenças de carência que o novo arroz veio prevenir.

Cerca de metade da população da Terra—que conta 2 bilhões de habitantes—vive quase exclusivamente de arroz; e este cereal, agora melhorado, poderá vir a representar para toda essa gente, quando a guerra tiver terminado, incalculavel benefício não só no ponto de vista da saude, mas tambem no da duração da vida.

Dois homens deram o impulso inicial a esta revolução do arroz, e chamam-se eles Gordon Harwell e Eric Huzenlaub. A fábrica que eles hoje possuem em Houston está produzindo diariamente perto de 100 toneladas de «arroz convertido»—e todo ele se destina ao Exército Norte-Americano. Não tardará que nova usina venha duplicar essa produção. Quatro outras ainda, sob a gerência de diferentes interesses, começarão em breve a laborar no Arkansas, na Luiziana e no Texas.

Harwell, que foi em tempos corretor de gêneros alimentícios em Houston, grande mercado arrozeiro, ficou certo dia altamente surpreendido com algo que leu a respeito das deficiências nutritivas do arroz branco. Teve uma como intuição de que seria possivel preservar de algum modo as qualidades naturais do cereal, submetendo-o a um processo culinário especial. Começou assim a cozer quantidades de arroz numa panela de pressão.

Quando, ao cabo de muitas tentativas, lhe pareceu ter encontrado a pista que buscava, chegou-lhe aos ouvidos a notícia dos trabalhos que estava realizando um químico da nutrição, o inglês Huzenlaub, que havia dez anos labutava por alcançar idêntico objetivo, e acabara por dar com o necessário processo industrial. E Harwell escreveu ao inglês.

Quando a carta lhe chegou às mãos,

na Inglaterra, Huzenlaub era um homem vencido pelo desânimo. Tivera ele o sonho de montar grandes usinas na Índia e em outros paises consumidores de arroz, mas a guerra, que entretanto rebentou, viera desfazer-lho. A carta de Harwell causou-lhe mínima impressão: o que eram, com efeito, os menos de três quilos de arroz por ano e habitante da América, comparados aos 160 quilos da capitação anual da Índia!

Harwell escreveu vinte cartas, mandou cabogramas e deu telefonemas. O inglês acabou mesmo por ir aos Estados Unidos, embora não exclusiva nem sequer primariamente para ver Harwell; passou semanas visitando os grandes beneficiadores de arroz. Mas ninguem parecia estar interessado no seu processo. Desapontado, decidiu regressar à Inglaterra por avião. Harwell, porem, esperava-o no aeroporto para a despedida—que não chegou a verificar-se, porque o destino, fertil nestes pequenos incidentes que por vezes alteram o curso da existência dos homens, fez com que Huzenlaub escorregasse e deslocasse uma clavícula na queda! Foi imediatamente transportado a um hospital e, menos de uma semana passada, quando o inglês recebeu alta do médico, já tinha feito um contrato com Harwell.

Foi isto lá pelos fins de 1942. Harwell conseguiu persuadir a Comissão de Produção de Guerra a conceder-lhe algumas indispensaveis prioridades de material. Foi encontrar num depósito de ferro-velho em Dallas um tanque de alta pressão; em Galveston, uma caldeira. Levantou do banco as economias que lá tinha, e pediu emprestado a quantos amigos se dispuseram a abrir-lhe a bolsa. Arrendou um velho barracão, instalou a maquinaria, e começou a produzir arroz «convertido».

Quando, não há muito, estive de visita à usina de Houston, encontrei alí dezenas e dezenas de trabalhadores carregando vagões ferroviários com o novo tipo de arroz. Ao mesmo tempo, metidos no seu cubículo-escritório, Gordon Harwell e Eric Huzenlaub trabalhavam nos seus projetos de futura expansão.

Para bem compreender esta revolução do arroz, é indispensavel conhecer algo dos métodos de beneficiamento. O arroz inteiro apresenta uma casca exterior, bastante solta, e três películas internas mais agarradas. Estas quatro camadas encerram os diversos fatores do complexo vitamina B, bem como certas substâncias minerais. Ora sucede que os moageiros, para satisfazer a procura geral de um artigo de imaculada brancura, ao «beneficiarem» o arroz, despem-no daquelas quatro peles, deixando-o nu, polido e macio como pérolas—mas, ao mesmo tempo, reduzido quase exclusivamente ao amido. Na fase final da usinagem, o arroz é tratado com pó de talco e glucose para ficar lustroso. Quando chega na cozinha, a dona de casa a primeira coisa que faz é pô-lo no coador e lavá-lo muito bem lavado debaixo da água corrente, limpando-o assim de todo o talco, e tambem de qualquer vestígio de vitamina B que por milagre nele pudesse ter ficado.

Na aplicação do processo Huzenlaub, o arroz, sem ser descascado nem polido, limpa-se e coloca-se num tanque de vácuo, onde se lhe extrai todo o ar que contenha. No vazio assim estabelecido faz-se entrar água quente sob elevadíssima pressão; as vitaminas B, soluveis na água, são assim compelidas a fixar-se no centro dos grãos, onde o vapor de água, que em seguida se lhes aplica, as empareda. Depois, quando o

arroz seca, vai ao beneficiamento, onde as máquinas lhe tiram a casca e as peles, deixando apenas o grão, rijo, cor de creme, espécie de caroço cujos elementos nutritivos não mais podem ser arrastados nas águas de lavagem.

O arroz convertido, como se mostra dos exhaustivos ensaios a que o exército americano o submeteu, pode-se conservar durante anos sem se deteriorar, seja em que clima ou estação for. Os gorgulhos, que causam prejuizos anuais de vários milhões de dólares aos industriais arrozeiros, não podem «meter o dente» nesses carocinhos duros e polidos como vidro. Ao fim de 20 a 30 minutos de estarem ao lume, os grãos apresentam-se perfeitamente soltos, o que é muito do agrado dos consumidores, e assim se mantêm mesmo depois de passarem uma noite na refrigeradora.

O dr. M. C. Kik, químico da Universidade de Arkansas, afirmou no *Rice Journal* que o arroz convertido continha duas a três vezes mais vitamina B do que o branco e polido. O Coronel Roland A. Isker, chefe de pesquisas do Corpo de Abastecimentos do Exército, declarou que o novo arroz era um dos progressos científicos mais importantes que devemos à Segunda Guerra Mundial. O dr. R. R. Williams, do Conselho Nacional de Pesquisas, acha que a conversão do arroz é «o processo mais viavel para o melhoramento do valor nutritivo deste cereal», e exprimiu a opinião de que o processo poderia muito bem vir revolucionar os métodos de beneficiamento no mundo inteiro.

Os realizadores do arroz convertido entendem que o método de conversão poderá ser aplicado praticamente a todos os cereais. Por meio dele, Huzenlaub produziu um trigo de vitaminas integrais, e tem feito experiências com cevada e milho esmagado. Estas últimas são muito importantes, pois a falta de vitaminas nos produtos do milho redunda na maior parte das doenças chamadas de carência (ou avitaminoses) que se registam entre a gente pobre das regiões onde o milho é a base da alimentação geral. Outro aspecto do processo é que as vitaminas e os minerais que não estão naturalmente presentes no arroz, no trigo ou em outros cereais, podem ser «injetadas» nesses artigos.

Há bem cerca de 5.000 anos que o homem vinha comendo arroz, sem que este cereal tivesse sido objeto de qualquer melhoramento consideravel, se excetuarmos a seleção de variedades para produção mais abundante. O arroz convertido pode bem vir a ser uma fonte de nova vitalidade para os povos consumidores de arroz, não só da Ásia como da América; e essa vitalidade por sua vez contribuirá consideravelmente para o bem-estar e a riqueza da humanidade.

¶ A MAIS valiosa carta da Escola Internacional por Correspondência é a seguinte, enviada por um preso da Penitenciária Federal de Atlanta: «Desejo recomeçar os estudos logo que volte a liberdade. Durante o meu julgamento, um dos meus trabalhos foi apresentado como prova. O juiz e os espectadores foram unânimes em declarar que nunca viram melhor exemplar de trabalhos em cobre, no Estado de Tennessee. Tudo o que sei devo ao curso de arte aplicada da Escola Internacional por Correspondência.»

—Waldo C. Wright

Assistência à infância

I—Segundo o modelo nazista

(Condensado da «New Republic»)

Por Bruce Bliven

Composto sobre elementos contidos num telegrama para o New York Times

FAZ FRIO em Amsterdã; sopra, do Mar do Norte, insistente brisa de outubro. E não é só lá fora. Escasso como anda o combustivel, faz frio tambem no interior das casas, de altas cumieiras.

A escassez não é só de combustivel: estende-se aos meios de alimentação. O gado gordo de Holstein já seguiu para a Alemanha. Para a Alemanha vai tudo, desde os grandes queijos redondos, com a sua casca escarlate, até o excelente pão e as compridas e pálidas salchichas.

No dia em que estas linhas são escritas, como o sol se vai incumbindo de aquecer um pouco o exterior, algumas crianças vieram para a rua, metidas nas suas roupinhas cheias de remendos. Vê-se-lhes bem no semblante que se acham mal nutridas. Procuram descobrir algum lugar onde o sol esteja mais quente, e aí se conservam quietas, sem a alacridade que a fome e o frio baniram.

Nisto, ouvem-se os acordes de uma banda marcial. São soldados das Tropas de Assalto que vêm desfilando, banda de música à frente, seguidas de um caminhão de registo de som, com um microfone instalado numa longa haste.

Os soldados marcham lentamente. Dão tempo assim a que se vá formando uma cauda de crianças. Uma banda de música, principalmente para a criançada, é sempre uma banda de música.

A um dado momento, já a cauda se apresentando suficientemente numerosa, os homens da tropa nazista fazem alto; e um deles, o chefe, entra a falar às crianças no mais perfeito holandês. Trata-se provavelmente de um daqueles, não poucos, alemães que, durante o período de privações que se seguiu na Alemanha à última guerra, vieram ainda crianças encontrar na Holanda a hospitalidade que os salvou.

«Meninos,» grita ele, «olhem! Vamos dar chocolate a vocês! Doces! Bombons!» E retira, de um saco de papel, uma barra de chocolate.

As crianças naturalmente afluem para mais perto. Não vêem chocolate há já muitos meses.

«Vocês só têm é que chegar para a frente», prossegue o indivíduo, «e apanhar o chocolate, enquanto os soldados cantam e marcham. Mas vocês têm que rir. Se não rirem, não apanham chocolate. Venham agora, que os soldados estão cantando.»

O grosso da pequenada, mais sensivel aos doces que ao medo, se deixa vencer, o que é compreensivel, pelo desejo ardentíssimo de entrar na posse das gulodices, assim surgidas, como por encanto, após tão longa e lamentada ausência. Os soldados apresentam às crianças chocolates, doces e bombons. Os pequenos avançam, a princípio vacilantes, mas depois avidamente. Os soldados, porem, levantam as mãos, segurando as gulo-

seimas acima do seu alcance, e ordenam-lhes: «Riam! Gritem! Pulem, até alcançar os sacos!»

É então que um locutor, do interior do carro, descreve tranquilamente o que se passa, misturada a sua voz com a música da banda, à qual se juntam, avolumando a onda, o canto dos soldados e o ruido dos seus passos, e o riso da meninada:

«As crianças, neste momento, cercam, em revoada, os soldados das Tropas de Assalto, pendurando-se nos seus braços, saltando e palrando entre eles. É bela de ver, esta demonstração da harmonia que vai reinando entre o povo holandês e as ditas tropas!»

Pule de contente, Jan! Salte de alegria, Wilhelmina! E, quando ganharem o chocolate, agarrem-no e vão roê-lo em algum canto, pobres, pequeninos animais, famintos e assustados, a que estão vocês reduzidos sob a munificência da Raça Eleita.

Vocês, afinal de contas, ainda devem dar graças a Deus. Os soldados não os perseguem, e até lhes é permitido levar o chocolate para comer. Na Grécia foi diferente: eles distribuiram pão ao povo, diante dos aparelhos fotográficos; uma vez, porem, tirada a fita, arrancavam às mãos dos esfomeados o que lhes haviam dado, para matar-lhes a fome, e saíam, sem mais aquela, a representar a mesma farsa noutro ponto da cidade.

Ria, Pieter! Ria, Katrina! Tratem de rir para ganhar o chocolate. Ao riso, angustiado e contrafeito, que lhes sai da garganta, casam-se ecos, mais próprios de sentir do que de ouvir, e que emanam lugubremente dos campos de tortura da Noruega, dos cemitérios superlotados de Atenas, das cinzas enegrecidas de Varsóvia, dos montões de ruinas de Roterdã, dos túmulos, que só eles ficaram de Lídice. São ecos que, aparentemente imperceptiveis, mil anos não hão de bastar para fazer com que cessem de repercutir, clamando por vingança e maldição.

II—Segundo o modelo suiço

(Condensado de «This Week», do New York Herald Tribune)

Por Charlotte Muret

Na estação da estrada de ferro de Genebra, duas longas filas de crianças, magras, esfarrapadas, estão postadas, em expectativa. Nas suas faces emaciadas, nos seus gestos de nervosismo, como que revive o terror das noites de bombardeio que sofreram. Mas os seus olhos rebrilham, e sorrisos, embora tímidos, lhes desabrocham nas faces, quando se abre, de súbito, a porta do bufete da estação, e, em mesas cobertas de toalhas alvas, surgem pilhas e pilhas de alimentos de todas as qualidades—alimentação boa, real, dada de coração, e honestamente. Estas crianças são parte dos 40.000 jovens refugiados de guerra que a Suiça convida anualmente para refazer-se ao calor da sua hospitalidade, ampla e generosa.

De três em três meses, um contingente de 10.000 crianças, oriundas da França, da Holanda, da Bélgica, da Grécia, da Iugoslávia, vêm viver com famílias suiças, ou em hospedarias especialmente preparadas para recebê-las. Durante os três meses de estada, refortalecem-se para resistir às privações que certo as esperam quando regressarem às suas próprias casas. Concede-se assim a milhares, cada ano, nova esperança de vida.

Desde a queda da França, os suiços têm vindo, mais e mais, em socorro das crianças. O seu primeiro passo consistiu em patrocinar cantinas de leite em cidades francesas e campos de concentração,—plano que continua a executar-se. Apurou-se, todavia, que o melhor modo de beneficiá-las seria precisamente fazê-las vir à Suiça, onde desfrutariam uma vida normal, em lugares apraziveis. Primeiramente, as crianças vinham apenas da França, mas depois, gradualmente, aquelas outras nações foram sendo contempladas. O serviço se realiza sob os auspícios da Cruz Vermelha Suiça, e são médicos suiços que vão fazer, em cada país, a seleção das crianças.

Devem elas satisfazer a certas condições: ter de seis a doze anos; não sofrer de moléstia contagiosa; e achar-se bastante fortes para que três meses de cuidados lhes sejam suficientes a um revigoramento efetivo. Pode isso parecer impiedoso, mas seria insensato empregar, em proveito de crianças irremediavelmente perdidas, um socorro já escasso para as que, por meio dele, poderão recobrar o vigor físico. Outra consideração muito importante, ou que muito se tem em vista, é a de que, na escolha das crianças, dentro, é claro, das normas acima, se prefiram as que forem, com efeito, mais abandonadas ou mais desprovidas de recursos. Quase todas as socorridas são crianças cujos pais morreram ou se acham prisioneiros, e que a guerra lançou ao desamparo.

Muitos dos pequenos refugiados chegam a Genebra sem outra coisa senão os farrapos que os cobrem; os da Iugoslávia e da Grécia precisam muitas vezes ser providos inteiramente de roupa. Os mais pequeninos permanecem, de pé, na plataforma da estação ferroviária, inquietos e apreensivos. Tendo aprendido em dura escola, não dão maior incômodo a ninguem.

Não se poupa nenhum esforço para proporcionar-lhes, na Suiça, uma permanência feliz. Há tambem o máximo cuidado na escolha das famílias que as recebem.

As subscrições para esta obra se disseminam o mais largamente possivel. Pede-se a cada criança do país que entre com um centavo por semana. Lugares há onde os alunos de determinada escola tomam a si as despesas com a manutenção de uma criança.

Merecem destaque, entre as contribuições, as que são prestadas em roupa. No dia da coleta, de Zurique, encheram-se caminhões; à tarde, o armazem da Cruz Vermelha dava antes a impressão de vasta casa comercial, com peças de vestuário de todo gênero expostas ao público. Mas havia tambem muitos brinquedos em caixas de vidro, e que eram, na maior parte, não artigos de refugo, mas objetos da estima de crianças suiças, que deles abnegadamente desistiam, em favor dos pequenos infelizes socorridos.

O grande problema é a alimentação.

Desde 1939, a Suiça está no regime de rigoroso racionamento de gêneros alimentícios, e não se dirá que a crise tenda a atenuar-se. Há escassez de ovos, carne, cereais, queijo, manteiga, leite, e até mesmo de frutas e legumes. Para alimentar as crianças estrangeiras, é mister contribuir-se com cartas de ração. «Não temos sobras, é certo,» reconhece a Cruz Vermelha, «mas, se cada um de nós oferece alguma coisa—uma carta de farinha este mês, uma de aveia ou de arroz no mês imediato, uma de ovos, no seguinte—dar-se-á solução ao caso.» E o caso se tem, de fato, resolvido, graças àqueles que se não recusam a repartir com os mais necessitados o pão de que dispõem para cada dia.

Não se pode duvidar do bem que representa, para as crianças, o trimestre que passam na Suiça. Não é só fisicamente que se evidencia a melhora. Uma criança colhida num albergue de Dunquerque, ou nas ruas de Atenas, onde se morre de fome, volta da Suiça com a impressão de que nem tudo é maldade e vicissitude no mundo, e isso lhe dá um raio de esperança que vale como a promessa de vida melhor, algum dia.

Infelizmente há um limite para o que pode fazer um país de pouco mais de 4 milhões de habitantes. A Cruz Vermelha espera elevar o número de refugiados a 15.000 por trimestre, mas a prudência das autoridades a impedirá de fazê-lo, a menos que apareçam, no exterior, novas fontes de suprimento de gêneros alimentícios. Seria indispensavel, para isto, que a Cruz Vermelha Suiça comprasse um navio a algum país neutro, para o fim de utilizá-lo no transporte de alimentos, destinados, já se vê, expressamente às crianças. É o que ela espera realizar.

Salvar crianças, é essencial para o futuro, não somente da Europa, mas do mundo. Terminada a guerra, devem restar franceses, gregos, tchecos, noruegueses, iugoslavos, holandeses, belgas, em quantidade bastante para ajudar a refazer a civilização que a Alemanha destruiu. À medida que aumenta, de ano para ano, o rol das vítimas da repressão e da fome, as crianças se tornam mais e mais a esperança de todos estes povos.

Só a Suiça, ainda livre, se bem que precariamente, no coração da Europa, se acha, com efeito, em condições de procurar salvá-las. As crianças, desde que transpõem a fronteira, ficam sob a guarda dos suiços, e a nenhuma potência estrangeira é dado tirar benefício do que seja a elas destinado. Por outro lado, desde que são recrutadas, poucas de cada vez, em muitas comunidades de diferentes paises, é quase impossivel, para os alemães, reduzir nestes distritos as respectivas rações, como dizem que têm feito nos casos em que há socorro alimentar do estrangeiro.

«Para cada homem que fira a humanidade, devem ser encontrados dois que a auxiliem e a curem,» dizem os suiços.

Tal é a filosofia praticada, nesta era de egoismos nacionais, por uma das mais pequenas democracias do mundo.

¶ Em uma ilha do sul do Pacífico, um fuzileiro naval dos Estados Unidos pregou sobre a sua palhoça e toca de abrigo um letreiro que rezava: «Mrs. Roosevelt dormiu aqui.»

Capt. Joseph H. Mulqueen

¶ *A «squaw» índia que guiou os brancos às grandes reservas de riqueza do Noroeste Americano*

Heroina de mócassins

(Adaptado de «Westward the Women»)

Por Nancy Wilson Ross

Poucas pessoas saberão talvez que, se o vasto Noroeste-Pacífico faz hoje parte dos Estados Unidos, isso se deve à ajuda que uma pequena e tímida mulher índia prestou à memoravel expedição de Lewis e Clark, sem a qual toda a riquíssima terra a oeste das Montanhas Rochosas poderia ter caido nas mãos dos ingleses, vindos do Canadá.

É mesmo duvidoso que, sem o auxílio de Sacajawea—pois assim se chamava a heroina pele-vermelha que guiou a expedição através de imensos territórios desconhecidos—Lewis e Clark houvessem jamais alcançado o êxito que veio coroar o seu ambicioso empreendimento.*

Em 1804, dois magros e altos virginianos, o capitão Meriwether Lewis e o tenente William Clark, estavam acampados no baixo Missurí, em cumprimento de ordens recebidas do grande presidente Jefferson, o qual, num gesto de vasto alcance histórico, lhes mandara atravessassem e reivindicassem em nome da República dos Estados Unidos, e para ela, todo o território chamado do Noroeste.

Em frente dos dois homens e dos seus subordinados desenrolavam-se em desmedido anfiteatro as terras acidentadas e povoadas de tribos índias hostís, do país ainda mal explorado e em que era aventuroso penetrar. Constituiam a turma vinte e nove escolhidos «corredores dos bosques», todos eles homens curtidos pela vida de aventuras, e prontos para o que desse e viesse; e ainda um negro chamado York, criado de Clark. A expedição encontrara pelo caminho um mestiço de nome Charbonneau, que era intérprete e possuia duas mulheres, ambas elas índias: Otter Woman e Sacajawea. Deu trabalho convencer o mestiço a acompanhar a expedição, pois ele teimava lhe ser indispensavel, pelo menos, levar uma das duas mulheres. Lewis e Clark precisavam de Charbonneau, e punha-se-lhes agora o dilema da escolha de qual das duas boas *squaws* eles haviam de carregar consigo.

Ora, ambas as mulheres pertenciam à tribo dos índios Shoshones, e os rostos-pálidos bem sabiam que, ao atingir o longínquo Noroeste, se veriam na necessidade de entrar em contacto e negociações com os Shoshones, pois a tribo dispunha de cavalos que seriam com certeza indispensaveis aos expedicionários para poderem atravessar a Divisória Continental.

Dentre as duas mulheres, qual, porem, lhes seria mais prestante? Pareceu-lhes Sacajawea, alem de tímida, mais facil de tratar e levar. Acrescia tambem que Otter Woman tinha um bebê ainda

*Vide Seleções, setembro de 1943, p. 72.

na idade de gatinhar. Em vista disto, os chefes decidiram levar Sacajawea.

A escolha, conforme os fatos vieram demonstrar, foi de grande alcance e muito feliz. Nenhum daqueles homens com certeza imaginou que a jovem índia que seguia na canoa da frente viria a gozar de eterna fama, nem que cem anos mais tarde o eminente historiador James Truslow Adams, eleitor do *Hall of Fame*—ou Galeria de Glórias Nacionais—viria a escolhê-la como sendo uma das seis mulheres mais importantes da história da América do Norte.

No entanto, ainda mal tinha começado a parte mais penosa da extensa jornada, quando Sacajawea praticou uma proeza que lhe valeu o respeito e a gratidão de Lewis e Clark. Foi o caso que, no dia em que a expedição alcançou o curso superior do Missurí, Charbonneau ia como sempre de timoneiro da primeira canoa, que era um tronco de árvore talhado e escavado em forma de embarcação, à maneira dos índios, e com uma vela arvorada; nessa canoa ia tambem Sacajawea, já então carregando um bebê que lhe nascera pelo caminho. Iam alí acondicionados, igualmente, os instrumentos, mapas, remédios, e outros suprimentos essenciais à expedição. Lewis e Clark tinham concordado em que um deles devia ir sempre naquele bote; mas, nessa manhã, ambos os chefes haviam desembarcado em terra para caçar, enquanto o cortejo das canoas continuava a subir vagarosamente o rio.

Súbito um pé de vento se ergueu, fazendo tombar de lado a canoa da frente. Por sobre o rio ergueram-se gritos de alarme e susto... Charbonneau, com a cabeça perdida, pôs-se a rezar e a soluçar, enquanto a mulher, mais calma, viu que as preciosas reservas da expedição já iam deslizando borda fora, para a torrente impetuosa do Missurí. Então, com a presteza e agilidade de um animal da selva, ela pulou para a frente e arrebatou a preciosa carga às espumas da corrente. Foi, assim, a frieza de ânimo da índia que restituiu a serenidade aos homens tomados de terror. Reanimados, meteram mãos à obra, e daí a poucos minutos a canoa equilibrava-se de novo sobre as águas.

Nessa noite Clark registava com palavras de gratidão, no seu jornal de viagem, que Sacajawea salvara «quase todos os artigos indispensaveis ao êxito da empresa em que ora vamos empenhados, já com 3.500 quilômetros vencidos».

Conforme a viagem prosseguia, de dia para dia se tornavam mais evidentes as qualidades de Sacajawea, os seus múltiplos recursos, e a sua utilidade. Ela sabia servir-se dos rudes utensílios da floresta—agulhas talhadas em delgados ossos de aves, linha de coser feita de fibras vegetais ou couro—para consertar as roupas esfarrapadas dos expedicionários. Mais adiante, como as roupas e calçados dos homens ficassem completamente inutilizados, ela fez-lhes novos artigos de vestuário, talhados em couro de veado. E quando as cólicas e a disenteria começaram a flagelar a expedição, Sacajawea ensinou como encontrar os alimentos da selva com que os homens pudessem completar suas monótonas rações de acampamento, que constavam tão só de peixe salgado, carne seca e pão. A índia conhecia a maneira de extrair as deliciosas alcachofras bravas que os ratos da floresta armazenam nas suas tocas de hibernação. Ela mesma arrancava as raizes de cenouras bravas e de funcho, e ensinava os homens a cozinhar sopas tão nutritivas como saborosas.

A expedição aproximava-se enfim do seu teste supremo—o primeiro encontro com a tribo dos Shoshones, os índios com cujo auxílio os chefes do grupo contavam para poder atravessar a grande barreira das Montanhas Reluzentes, e atingir a vasta bacia do rio Colúmbia. Lewis e Clark possuiam apenas um mapa muito rudimentar daquela zona do país, talhado em couro de alce.

Desde a infância que Sacajawea não via o seu país natal: apesar disso, reconheceu imediatamente as veredas através das montanhas, que, aos olhos dos leigos e estrangeiros, eram apenas cumieiras e lombas inabordaveis e hostís. Possuia a índia um senso sutil da orientação, e não tardou muito que Lewis e Clark se submetessem sem qualquer objeção às indicações que dava.

Certo dia, que havia de ficar lembrado, os expedicionários viram aproximar-se um bando de Shoshones a cavalo; detiveram-se e esperaram, num estado de tensão que é facil de imaginar. E foi com grande espanto que Lewis e Clark viram Sacajawea correr de súbito para diante, lançar a sua manta sobre os ombros do chefe Shoshone, e romper a chorar de alegria: é que o chefe, Cameahwait, era o seu próprio irmão!

Esse encontro de puro acaso foi tambem uma sorte incomparavel. Cameahwait sentiu-se orgulhoso de ter uma irmã que era tratada com tanto respeito pelos «chefes brancos», e não o escondeu. E esse orgulho virou gratidão quando ela o presenteou com um fardo de maravilhosos gêneros alimentícios, inteiramente desconhecidos na região, e que os expedicionários tinham reservado como presente para os Shoshones. Sabiam os rostos-pálidos que aqueles índios viviam num estado de fome permanente—tanto assim que muitas vezes devoravam, crua e sangrando, a sua caça. Nunca haviam provado açucar, nem abóbora, nem feijão, nem sequer milho, que agora, pela primeira vez, se mostravam ante seus olhos dilatados de assombro.

Cameahwait estava sinceramente impressionado, e não só prometeu ajudar Lewis e Clark, como convenceu sua gente a adiar a caçada anual ao búfalo, para que assim pudessem guiar a expedição para alem da Grande Divisória.

Por seu lado, Lewis e Clark, servindo-se de Sacajawea como intérprete, prometeram aos Shoshones que o Grande Pai branco, o Presidente Thomas Jefferson, lhes facilitaria os meios de irem caçar mais longe, para o sul, sem o perigo de serem molestados pelas outras tribos. Os brancos ensinariam tambem os índios a cultivar o milho, a abóbora e o feijão, e assim, a viver na fartura e no conforto! Estabelecer-se-iam entrepostos para a troca de produtos, e os índios seriam armados de fuzís para poderem caçar com mais proveito.

Sem embargo de tudo isso, uma gota de veneno se infiltrara entre os índios: alguns membros da tribo receavam que, por terem de guiar os brancos, perderiam a estação da caça ao búfalo. Nessa ordem de idéias combinaram entre si levar os brancos ao dédalo de serras, e abandoná-los alí, em pleno desconhecido. Sacajawea descobriu a conjura e denunciou-a a Lewis e a Clark. Os dois chefes decidiram organizar diversões, tais como danças e descantes; distribuiram muito fumo de cachimbo, e presentes de medalhas e chapéus emplumados aos membros mais veneraveis da tribo, renovando os compromissos de boa-vontade. Esta política persuadiu os Shoshones dissidentes a respeitar a palavra dada, e a expedição continuou

enfim o seu caminho, cortando através da mais perigosa barreira de toda a longa viagem.

Desde esse momento, os rostos-pálidos não mais consideraram Sacajawea como uma humilde *squaw*—o termo algum tanto depreciativo dado a todas as índias. Passou a ser «Janey», uma amiga digna de toda a confiança. Por seu lado, à maneira que a expedição ia encontrando tribos hostís umas após outras, «Janey» ia tambem pregando o evangelho da «confiança nos brancos». A sua oratória eloquente vencia todos os obstáculos da ezplicavel reserva dos naturais.

Conhecedora dos simples usos da sua gente, ela demonstrou aos brancos de que modo deviam usar a música e a dança para conquistar a simpatia das tribos que encontravam pelo caminho. Cruzatte, rabequista que vinha na expedição, arranhava no seu instrumento as velhas melodias familiares, e York, o criado preto, punha-se a sapatear desajeitadamente e a trocar as pernas, com grande gáudio dos índios, que nunca na sua vida tinham visto uma cara daquela cor. Os índios dançavam tambem, batendo surdamente o chão com os pés calçados de mócassins.

Vencida essa estapa, a mais dificil da viagem, Sacajawea não pediu muito como prêmio dos seus dois anos e meio de canseiras e lealdade: apenas a «indulgência» de lhe permitirem acompanhar os homens brancos até se avistar a «Grande Água»—o oceano Pacífico. O seu pedido foi logo deferido por Lewis e o Chefe «Cabeça de Fogo», que era o nome que ela dera a Clark. A admiração de Sacajawea, ao ver a imensidade do mar, só foi excedida pelo seu assombro diante da carcassa de uma baleia que dera à costa nos areais do Pacífico.

Anos mais tarde, quando ela descrevia o seu achado a centenas de índios do interior, medindo a passos, entre o «poste de tortura» e a cabana de peles curtidas, o imenso tamanho da baleia, os seus conterrâneos riam a mais não poder, divertidíssimos com a «grande mentira» da boa mulher.

Sacajawea, a índia amiga dos brancos, viveu até os cem anos de idade. Muitas vezes atravessou o país do Oeste nas primitivas mala-postas, munida de salvo-conduto, e por toda parte onde fosse, espalhava sempre entre os índios a semente da boa-vontade em relação aos brancos.

Parece ter passado os últimos anos da sua vida ao serviço voluntário da nação americana e do seu próprio povo. Quando, com a marcha da civilização para o Oeste, a caça, fonte única de alimentos para o índio, se foi tornando rara, ela chegou mesmo a tentar convencer as tribos índias do norte a aprender agricultura e a adotar a maneira de viver dos brancos, em lugar de se extinguirem no protesto vão.

E desde que morreu, sua fama tem crescido sem cessar, e os historiadores concordam em que, houvesse falhado a expedição Lewis e Clark, os ingleses teriam podido alcançar a costa do noroeste antes dos americanos, e estabelecer a prioridade das suas pretensões sobre esse vasto território e a sua imensa reserva de riquezas.

Nas colinas que se erguem sobranceiras à cidade de Portland avulta hoje a majestosa estátua de bronze erigida à memória de Sacajawea, cuja coragem e tato diplomático conquistaram para a América as grandes minas, florestas, e terras agrícolas desses estados que são incomparaveis de beleza e vigor: Montana, Idaho, Washington e Oregon.

Enfermeiras que voam às frentes de combate

(Condensado do «Woman's Home Companion»)

Por Alfred Toombs

HAVIA APENAS algumas horas que começara a invasão da Sicília, quando surgiu no céu azul do Mediterrâneo um grande avião de transporte. Daí a pouco aterrou e saltaram dele tropas de reforço para os exércitos aliados. Viera tambem uma moça em trajes de vôo, e com o gorro de aviador sobre os cabelos anelados.

Um soldado do corpo médico veio correndo em direção a ela. «Senhorita, temos dezoito casos de padiola,» disse ele, gritando para se fazer ouvir acima do troar do fogo de artilharia.

A moça pôs-se a ler as fichas alfinetadas à roupa de cada doente, e a cada um dizia uma palavra de conforto que os fazia esboçar um fraco sorriso. Fazendo o transporte dos feridos para o avião, os robustos padioleiros obedeciam a suas ordens precisas: «Ferida abdominal,» dizia lendo a ficha do primeiro. «Ponha-o no centro para que fique perto de mim.»

Daí a dez minutos o avião estava de novo no ar, e a enfermeira, de um em um, foi examinando os doentes e tomando providências. A um deu uma dose de morfina, e de outro acolchoou com algodão o aparelho de gesso, para protegê-lo da vibração do motor. Iam acompanhados por uma escolta de aviões de caça—pois o avião-ambulância não levava a marca da Cruz Vermelha. Os aviões que fazem a remoção dos feridos, quando se dirigem para a frente de guerra, transportam soldados e munições, e portanto, pelos acordos internacionais, podem ser atacados. As enfermeiras do ar correm, pois, todos os riscos de vôo em zona de guerra.

Algumas horas mais tarde, os soldados que haviam sido transportados neste avião repousavam debaixo de lençóis, a centenas de quilômetros do campo de batalha, num imenso hospital americano na Argélia; e cada um deles se lembrava com gratidão da moça de cabelos anelados que cuidara deles até sairem da zona de perigo.

Nas mais distantes frentes de guerra, inúmeras são as enfermeiras do ar que diariamente arriscam as vidas no cumprimento do dever, ajudando assim a levar a bom termo um dos progressos mais sensacionais da medicina de guerra —o transporte de feridos por avião. As enfermeiras vão até um ponto na zona de frente onde, depois de um primeiro tratamento, os feridos se acham reunidos. Durante algumas horas críticas, até chegarem ao hospital de base, as vidas desses homens podem depender exclusivamente da sua competência.

Contam-se histórias tocantes da benéfica influência que têm essas enfermeiras no moral dos soldados americanos. Em março de 1943, em Guadalcanal, apareceu um dia um avião de transporte em plena aurora tropical. O sargento

que foi abrir a porta do avião arregalou os olhos e exclamou: «Meu Deus do Céu! Tem uma mulher a bordo!»

Era a enfermeira Mae Olson que logo pulou em terra—a primeira mulher a pôr os pés em Guadalcanal desde que começara a luta. A notícia se espalhou rapidamente; soldados sujos e barbados vieram correndo de todos os lados, e os feridos punham-se a sorrir assim que a viam. A enfermeira Olson só permaneceu uma hora em Guadalcanal, mas aquilo foi o suficiente para que o lugar tomasse um aspecto diferente. Alguns dias mais tarde, voltando lá noutro avião-ambulância, encontrou tudo mudado: os soldados estavam agora limpos, barbeados e sorridentes; todos com inveja dos feridos.

O que os soldados pensam das enfermeiras do ar pode ser caraterizado pelo que me disse um deles num hospital de Washington. Ficou com os olhos cheios de água ao se lembrar de sua remoção de um campo de batalha da África.

«Eu estava um bocado acabrunhado por causa disto,» disse-me ele apontando para o lugar da perna que perdera. «Doía-me que era um inferno, e eu estava bem preocupado. Fui carregado para dentro do avião, e lá dei com a enfermeira. Era uma morena bonitinha—nunca cheguei a saber o seu nome—mas foi só pôr os olhos nela, e já não estava mais sentindo dor. Eu sei que ela me deu tambem uma injeção de morfina, mas garanto que o que me tirou a dor mais depressa foi a presença dela.»

É provavelmente por saberem de muitos casos como este, que as moças se sujeitam ao treino severo que é necessário para terem direito ao orgulhoso título de Enfermeiras do Ar. Em um só mês, na Nova Guiné, sete mil soldados feridos ou doentes foram removidos de avião para a retaguarda. A viagem, que durava apenas uma hora pelo ar, levaria três semanas em dorso de animal—se chegassem até o fim. Durante a campanha do Norte da África, 18 mil homens foram evacuados pelo ar, sem uma perda na viagem.

As enfermeiras do ar recebem instrução especializada. Sabem que para certos feridos é perigoso viajar a grande altitude; e que a dosagem de alguns remédios deve ser aumentada durante a permanência no ar. Ao passo que a de outros deve ser reduzida. Aprendem a lidar com doenças estranhas que só podem ser contraidas na África, no Oriente ou nas regiões árticas.

Ensinam-lhes tambem como devem agir quando se acham nas frentes de guerra. Durante o período de treino fazem acampamentos ao ar livre, onde os instrutores procuram simular as condições de uma zona de combate. Quando vão em missões à «linha de frente», são visadas por atiradores escondidos, que têm um prazer malicioso em atingir com balas de papel as costas das que se expõem aos seus tiros...

A rapidez e eficiência do transporte de feridos pelo ar tem uma importância tanto militar quanto humanitária. Os feridos e doentes são um estorvo para as forças combatentes, pois os veículos da Cruz Vermelha congestionam as estradas que ligam a frente à retaguarda. A remoção de 500 feridos do campo de batalha exige o emprego de muitas ambulâncias ou o uso de dois trens-hospitais. Ora, em 48 horas, 21 aviões podem transportar 500 homens a uma distância de 6.000 quilômetros. Graças a este novo meio de transporte, os feridos não precisam mais pensar com temor na penosa viagem de ambulância, aos trambolhões pelas estradas.

Confissões de uma cleptomaníaca

(Condensado do «Atlantic Monthly»)

Anônimo

1 DE NOVEMBRO — Sofro de cleptomania e as lojas são o meu campo de ação. Sou velha delinquente neste particular, e bem merecia que assim me chamassem. Não posso resistir à fascinação da posse sem pagamento. À noite, de joelhos, faço as minhas preces, e no dia seguinte poderei achar-me diante de um balcão, à espera do momento azado. Já resolví parar com isto quando chegar a 25 dólares.

2 *de novembro*—Hoje vim muito alegre para casa por ter-me apossado de coisas no valor de 10 dólares. Foi o meu melhor dia. Eu precisava, realmente, de alguns destes objetos—mas que farei com este anel barato? Tenho muitos outros de valor. E a redinha para cabelo à marcel? Não uso esse penteado.

Geralmente, tenho subtraido pequenas coisas, que posso ocultar na palma da mão ou cobrir com o lenço ou a bolsa. Hoje atreví-me a furtar uma camisola de dormir, e admirei-me do receio que tive há dois meses, ao empalmar um pacotinho de agulhas. É tão facil!

A campainha toca. Devo pular o capítulo sobre hábitos em minhas aulas de psicologia. Cheguei agora da escola e escondí, envergonhada, os objetos que eu fitava com tanto prazer há apenas uma hora. Foi um terrivel esforço a aula em que tratei dos hábitos e do seu efeito sobre o carater. Eu tremia ao pensar no meu duplo complexo. Até quando ouvirei das minhas alunas que tenho um ar de madona?

4 *de novembro*—Fui alem do meu limite de 25 dólares, e agora tenho de fixar outro—50 dólares. Faço lançamentos de tudo que furto, com os preços, no que chamo ironicamente a minha «lista de coletas».

9 *de novembro*—Há uma semana que não me afasto do ambiente escolar. Venho lutando contra a tentação, mas hoje me sinto fraca demais para continuar a resistir. Não tenho nenhuma boa desculpa para ir à cidade, e contudo sei que vou, ainda que esteja deveras enjoada deste negócio de desperdiçar tempo junto aos balcões, praticar furtos que deverão ficar em segredo, e acumular coisas que já possuo em excesso. Acho que perdí toda a energia; não sei mais reagir.

11 *de novembro*—Vi hoje outra coisa facil de tirar: discos de vitrola, de que já tenho grande coleção. (Em meus pensamentos digo sempre «tirar» e não «roubar»). A colheita de hoje faz-me passar dos 50 dólares. Isto quer dizer, naturalmente, que terei de fixar um limite maior.

Dia de Graças—As lojas estão fechadas hoje, e com isso me alegro, pois temo os meus dias de folga. Quando estou ocupada, esqueço-me das lojas e da sua atração. Fiquei em casa quase duas semanas, devido aos exames e ao preparo de um trabalho a ser apresentado numa reunião de professores estaduais.

30 *de novembro*—Descí hoje à cidade, com o objetivo do costume, e à noite sentí-me doente, doente a ponto de ter de chamar um médico. Este atribuiu o mal ao meu trabalho exhaustivo da escola, mas eu é que sei. É a excitação das minhas idas à cidade. O mau costume está se apossando de mim de maneira assustadora. Em qualquer loja que entre, tenho que subtrair alguma coisa. Quando não o posso fazer, sinto-me deprimida.

3 *de dezembro*—Tive de ir à cidade hoje, mas estava com medo de ir só. Pedí a uma das professoras para acompanhar-me, pois nunca tiro nada quando estou em companhia de outra pessoa. Mas hoje, enquanto a minha colega olhava o mostruário de pós de arroz, cobrí com a luva uma caixinha de ruge e apanhei-a sem que me observassem. Não sei porque faço tais coisas, que só poderão arruinar-me. Com o meu ordenado de 2.500 dólares anuais posso viver folgadamente e sem me preocupar do futuro. A descoberta destes furtozinhos reles seria a deshonra da escola, e a minha tambem. Contudo, à maneira dos ladrões bem sucedidos, quase não me importo de correr riscos. Eu mesma me chamo de lobo solitário, super-ladra, e apesar disso sinto o maior desprezo por qualquer outra pessoa que roube.

5 *de dezembro*—O que eu temia aconteceu por fim, mas em circunstâncias muito peores do que havia imaginado. Hoje, numa grande loja, assaltou-me a obsessão de apossar-me de uma echarpe de seda que alí vira anteriormente, embora já possuisse duas semelhantes. Cheguei-me ao balcão. Os caixeiros estavam atarefados. Outra freguesa examinava os artigos comigo. Coloquei a minha pasta de papéis sobre a echarpe e toquei, a esmo, em alguns objetos; depois, apanhando a echarpe e as minhas coisas, dirigí-me para a porta, seguida da outra cliente. Já ia deixando a loja quando alguem me pôs a mão no ombro, dizendo: «Desculpe, senhora, mas não tirou alguma coisa?» Era a suposta cliente, na realidade inspetora da loja. Agarrando-me fortemente pelo braço, apesar dos meus protestos de inocência, fez-me subir para um escritório, onde se achava sentado um senhor idoso, de ar imponente. Quando comecei a afirmar que estava sendo acusada falsamente, ele interrompeu-me, dizendo: «Pare com essas mentiras.» A inspetora revistou-me, examinou a minha bolsa e a pasta, e naturalmente encontrou toda a minha presa desta tarde. Afirmei que havia comprado os artigos. «Então mostre-me a nota de compra,» zombou o homem.

A princípio, recusei dar o meu nome e endereço, por causa da escola, mas ele ameaçou-me com uma noite de prisão e com a ação da polícia, que me obrigaria a falar. Isso me fez abrir a boca. «Uma mulher de educação!» exclamou ele. Na bolsa encontraram o meu livro de cheques. «Dinheiro no banco, e fazendo estas coisas!» disse o homem. A esta altura já ele tinha preenchido um cartão impresso, que me passou para assinar. Nesse cartão estava escrito que eu confessava o furto dos artigos mencionados, e que não tinha recebido qualquer promessa de isenção de responsabilidade. Foi um momento terrivel, mas assinei. Durante todo esse tempo permanecí num estado de ignorância aterradora quanto ao que pretendiam fazer de mim, e por isso me sentí bem aliviada quando o homem me disse: «Vamos fazê-la pagar estas coisas.» Paguei com

satisfação, embora não desejasse nenhum daqueles objetos a ponto de pensar em comprá-los.

Saí tonta dalí, sem me voltar para ninguem, de medo dos olhares que certamente estavam cravados em mim. Foi como se me tivessem vergastado. Meu bom nome alí ficava, num cartão, —e porque? Por aquelas coisas que o gerente me obrigava a levar comigo. Na sua insistência talvez houvesse um motivo psicológico, porque, ao chegar em casa, atirei tudo aquilo num canto escuro e nunca mais pus os olhos em semelhantes objetos. Nada de me comprazer em contemplá-los.

Sinto-me ainda debilitada pela excitação. Meu coração dá saltos e os meus nervos vibram como se fossem açoitados. Esta noite terei de tomar mais luminal para poder dormir. Ultimamente, tenho tomado grandes doses—muito maiores que a prescrita pelo médico, que não fez nenhum efeito.

E ocorre-me agora procurar outro médico, um médico que me forneça atestado de que o luminal, em altas doses, poderia explicar os meus atos desta tarde.

6 *de dezembro*—Encontrei o médico que procurava, um senhor já velhote, que me forneceu a declaração desejada, cobrando-me bem pela sua opinião. Supôs tratar-se do meu primeiro delito. Sem quase poder conter-me, levei a declaração ao gerente da loja, que me pareceu impressionado. O médico havia tambem prescrito um remédio para os meus nervos abalados, e, na farmácia, enquanto aviavam a receita, empolguei do balcão um vidro de perfume e um cartão com moldura, no qual se lia uma máxima. Minha recente provação afetou-me pouco.

7 *de dezembro*—Tenho de conseguir dinheiro suficiente para contrabalançar o que paguei ao médico. Já me compensei de quase um dolar hoje em lenços que tirei, e que vou mandar à minha lavadeira como presente de Natal, pois não são do meu gosto. Quase não durmo, porem, pensando no cartão que me fizeram assinar.

15 *de dezembro*—Preciso rehaver o cartão. De noite desperto e começo a dizer, repetidamente, que roubei de caso deliberado. E estou curiosa de saber quais as pessoas que tambem tiveram de assinar um cartão como aquele, e lá figuram a meu lado no arquivo da loja. Devo pedir a demissão do meu cargo, alegando mau estado de saude, mas quero recuperar o cartão. Há uma semana que nada furto.

17 *de dezembro*—Passei a noite ensaiando o que devo dizer na loja. Hoje de manhã, antes da aula, pus o vestido que melhor me fica, esmerei-me na maquilhagem, e seguí para a cidade, afim de solicitar o cartão. O homem estava admiravelmente acolhedor, tendo-me dito que nada explicasse, pois era evidente que eu me achava doente naquele dia. E que não fosse tola de demitir-me, visto como ninguem sabia do fato. Rasgou o cartão em pedaços à minha vista, dizendo-me que o esquecesse, como ele o havia esquecido. Apanhei os fragmentos e coloquei-os no bolso. Quando me levantei, ele me amparou para que não caisse, tão fraca me sentia. Chegando em casa, caí de joelhos e agradecí a Deus por ter feito um homem assim tão bom.

24 *de dezembro*—A última vez que escreví sentia-me muito feliz e estava con-

fiante de haver-me curado da paixão pelo furto. Mas em vão! Não posso parar. Continuo a apossar-me de coisas, mas é certo que me conservo afastada das grandes lojas.

Hoje, quando comprava discos numa nova casa de música, apanhei vários outros, reuní-os, cobrindo-os depois com o embrulho contendo os que tinha comprado. Os caixeiros estavam ocupados, e eu me encaminhei para a porta. Na passagem um homem, possivelmente o proprietário, perguntou-me se «tinha conseguido tudo o que queria». A observação era trivial, mas um pouco ambígua. Sorrí que sim e me retirei, nervosa.

8 *de janeiro*—Depois das férias de Natal, tomei a resolução de conservar-me afastada das lojas até que tivesse dominado o mau costume. Mas hoje tive de ir à cidade a pedido do professor de música, que está enfermo. No estabelecimento de música comprei alguns discos, mas não pude resistir à velha tentação. Ao voltar-me para sair, o caixeiro disse: «A senhora vai levando discos demais.» Fiz ar de surpresa e larguei no balcão os que excediam da compra. Mas não logrei o homem, porque ele acrescentou: «Tenho-a estado observando, observei-a mesmo da outra vez.» Percebí logo que era a pessoa que me abordara ao sair, na outra ocasião, e me afastei apressadamente, com o rosto afogueado.

10 *de janeiro*—Passaram-se já dois dias, e não tive notícias da loja. Parece que decidiram relevar ambas as faltas. Não vi nada a respeito nos jornais da manhã, conquanto duas mulheres, que subtrairam menos coisas do que eu, tenham sido presas e julgadas sob a acusação de furtos. Sentí arrepios ao ler isto. Não tenho apetite. Meu rosto abatido reflete a preocupação que me causa esta incerteza. Apareceram hoje no edifício da escola alguns sujeitos de botões dourados. Quase morrí de susto, mas depois vi que eram inspetores de incêndios.

Começo a ter esperança de que estou salva. Fiz promessa de dar uma boa soma à igreja, se Deus me socorresse neste transe.

11 *de janeiro*—Não pude suportar a incerteza. Mandei à casa de música uma carta assinada «conciência», com o dinheiro correspondente aos objetos tirados. Mandarei cartas tambem às outras lojas. E aquí está para que serviu a minha «lista de coletas». Creio que poderei dormir esta noite.

12 *de janeiro*—Rasguei a lista de coletas. O temor pela minha reputação é maior que o desejo de furtar. Sei que nunca mais tentarei fazer isso novamente. Não sou supersticiosa, mas receio ser apanhada pela terceira vez. Compenetrei-me dos meus delitos através do medo das consequências para a minha saude e para a minha vida profissional. Sei que não se pode vencer pelo erro.

ACABO de ler as linhas acima. Parece-me que são palavras de outra pessoa, não minhas, seguramente. Sinto-me bem nestes dias. Não mais as noites agitadas de vigília. Nenhum novo impulso de posse. O vidro de luminal está intacto.

Há um ano que fiz a minha promessa a Deus. Mas eu bem quisera esquecer, por um dia que fosse, o fogo da vergonha que ainda arde em meu coração. Fui ladra. É um castigo peor que o inferno.

Sozinho, David Berger fez uma campanha para auxiliar os jovens de sua cidade

Alô, Flor!

(Condensado do «St. Louis Post-Dispatch»)

Por Webb Waldron

PASSANDO de automovel em companhia de David Berger por uma das ruas mais congestionadas de São Luiz, tive a surpresa de ver um inspetor de tráfego cumprimentar meu companheiro: «Alô, flor!» disse ele com largo sorriso. Fiquei sabendo que todo o mundo o trata assim—as moças ascensoristas, os jornalistas, os juizes, bem como as senhoras da alta sociedade.

David Berger é um homem de pequena estatura, corpulento, com olhos muito pretos. Ganha a vida como fabricante de camisas, mas sua verdadeira ocupação é auxiliar os jovens que se acham em situação dificil, e assim evitar que se metam no mau caminho. Todo o mundo em São Luiz sabe o que tem feito neste sentido.

Ao entrarmos na sala de Jimmy Mitchell, chefe de polícia, este saudou logo Berger com um «Alô, flor!» e só depois é que se dirigiu a mim.

«Quer saber o que pensamos deste homem?» perguntou-me. «Pois então ouça esta: Aquí há dias, pelas três da madrugada, dois policiais encontraram um garoto de oito anos pedindo esmola num bar da cidade. Telefonaram ao pai do menino:—Não posso ir lá agora,—disse ele—mas vocês segurem o garoto aí, que eu passo amanhã antes do meio dia para buscá-lo.

«Telefonaram então à mãe, que vivia separada do marido. A mulher deu um estrilo:—Não tenho nada que ver com esta criança! O pai é que é responsavel por ele!—E desligou.

«Agora vejam vocês—um garoto de oito anos, às três horas da manhã num lugar mal-frequentado—e nem o pai nem a mãe a quererem incomodar-se com ele. Não se pode pôr uma criança desta idade num reformatório. Que fazer?

«Pois bem, quando temos um caso destes só nos resta recorrer ao Berger. Este homem é uma salvação e...(aquí o chefe de polícia hesitou um momento, com receio de parecer pomposo) uma inspiração para todos nós nesta cidade. No dia seguinte ele havia arranjado um casal para tomar conta do menino, e hoje são loucos por este.»

Numa manhã fria, há vinte e três anos, Berger parara para comprar o jornal; nisto reparou que o menino jornaleiro estava com o calçado roto e os dedos à mostra. «Venha comigo, menino. Vamos comprar uns sapatos.» Entraram numa sapataria e, enquanto o caixeiro procurava um par que servisse, Berger de repente exclamou: «Tive uma idéia! Você calça o mesmo número que eu, experimente estes sapatos!» E tirando dos pés uns sapatos novos que lhe estavam a torturar os pés, entregou-os ao garoto. «Estão ótimos,» disse Eddie. «Então, meu amigo, você veja se os amacia para mim,» respondeu-lhe

Berger. Daí por diante Eddie ficou encarregado de «amansar» todos os sapatos novos de Berger—e nunca mais deixou de andar bem calçado.

Um dia Eddie, pálido e assustado, apareceu no escritório de Berger. «Seu Berger, meu irmão Steve foi preso! O senhor podia fazer qualquer coisa por ele?»

Tendo perdido o emprego, Steve se metera com um amigo que sabia uma «maneira facil» de ganhar uns cobres. O que ele tinha que fazer era levar uma carta a um estabelecimento de vendas por grosso; lá, receber um embrulho para ser entregue a um sujeito que lhe daria três dolares pelo serviço. Mas quando Steve entregou a carta ao negociante, este pediu que esperasse um instante, e daí a pouco apareceu um polícia que o levou para a delegacia. A carta, que fora escrita no papel de correspondência de uma loja de varejo conhecida, pedia que entregassem ao mensageiro certa mercadoria. Ora, o negociante já havia sido enganado uma vez desta maneira, e, antes de entregar a encomenda, resolveu telefonar à firma que fizera o pedido. E Steve pagara o pato.

«Quando falei com Steve,» disse Berger, «vi logo que o garoto estava dizendo a verdade. É uma coisa que se pode perceber pela expressão do olhar do pequeno.»

Quando o caso de Steve foi chamado a julgamento, Berger pediu que dessem liberdade condicional ao rapaz, garantindo que este ficaria sob sua responsabilidade. «Mas quem é o senhor?» perguntou o juiz. «Sou um fabricante de camisas,» respondeu-lhe Berger, «mas sou tambem advogado. Depois de interrogar longamente este menino cheguei à conclusão de que fora agente inocente de um bando de escroques. Se este tribunal quiser dar-lhe a liberdade condicional, eu me encarrego de ver que fique no bom caminho.»

A atitude decidida e franca de Berger e o ar sério de Steve impressionaram bem o juiz. «Está certo,» disse este, «veja lá o que pode fazer com este menino.»

Berger arranjou emprego para Steve, deu-lhe livros para ler, foram juntos assistir a partidas de beisebol—interessava-se por ele como amigo. Steve nunca mais lhe deu trabalho.

Algumas semanas mais tarde uma mulher veio procurar Berger para pedir auxílio. Seu filho fora preso em companhia de um bando de vadios, quando estes tentavam assaltar um posto de gasolina. Tendo conversado com o rapaz, Berger percebeu que este tambem estava inocente. Os companheiros haviam dito: «Venha conosco que vai ser divertido.» Ele não sabia que o divertimento planejado era assaltar o posto de gasolina.

Quando o promotor público reclamou pena de prisão para os réus Berger pediu a palavra. «Os outros já estiveram presos antes, e não há muito o que dizer por eles; mas o caso deste garoto é diferente. Deixem-no a meu cargo.»

«Se está convencido disto,» disse o juiz, «que fique com ele. A responsabilidade será sua.»

O garoto voltou para o colégio, e duas vezes por mês ia procurar Berger para lhe dar notícias. «Um ótimo rapaz,» comenta Berger; «nunca mais se meteu em encrencas.»

Um caso ia trazendo outro, à medida que se espalhava pela cidade de São Luiz a fama de Berger. Nos últimos vinte e três anos, Berger, já salvou da prisão centenas de meninos e—sendo as prisões o que são—talvez os tenha salvo de uma vida de crime. Ele nos diz que, de todos os meninos que procurou auxiliar, só três faltaram à promessa.

É dificil saber se este resultado extraordinário é devido à sua perspicácia ao lidar com os meninos, ou se à sua simpatia pessoal; o mais provavel é que sejam as duas coisas juntas. Ele é dessas pessoas a quem todo o mundo quer bem. «Como é que a gente pode deixar de cumprir a promessa feita a um sujeito daqueles?» dizia um rapazola. «É como se eu estivesse querendo fazer uma ursada a meu próprio irmão.»

«Às vezes,» comenta Berger, «vejo-me em apuros.» E refere a história de um garoto sem pai, cuja mãe era uma mulher de costumes duvidosos. O garoto fora apanhado furtando cigarros para vendê-los. Soube-se que desde muito pequeno já roubava. Berger conseguiu liberdade condicional para o garoto, sob sua responsabilidade. Arranjou-lhe emprego numa fábrica de sapatos, na seção de embarque de mercadoria.

«Que ótima oportunidade para um ladrão!» comentou um amigo de Berger. «Não sei como poderá resistir à tentação, se está habituado desde pequeno a roubar.»

Berger explicou a situação claramente ao menino fazendo ver que ele tinha agora seu próprio futuro nas mãos. «Nunca recebí uma só queixa,» disse mais tarde. «Foi feito vendedor da firma, e mais tarde chefe da seção de vendas. Casou-se, tem família, e no ano passado já estava ganhando a soma respeitavel de trinta mil dólares por ano.»

O pai de Berger emigrou de Viena para a América, há sessenta anos. Começando a vida como vendedor ambulante, conseguiu pouco a pouco acumular um pecúlio com o qual entrou para sócio de uma fábrica de camisas, que mais tarde ficou sob seu controle. Foi ele o fundador, em São Luiz, de uma organização para auxílio aos judeus pobres.

A sua ambição era estudar advocacia e andava cursando a Faculdade de Direito da Universidade de Harvard, quando a Primeira Guerra Mundial chamou-o às fileiras. Ao sair do exército já era tenente. Terminou o curso de direito, formou-se, e tentava carreira em São Luiz como advogado, quando seu irmão mais velho resolveu mudar-se para Nova York. Abandonou então a advocacia para ficar com a direção da fábrica.

Perguntei-lhe como achava tempo para fazer tanta coisa pelos meninos, e ele me respondeu: «Eu não bebo nem gosto de jogar cartas; não faço parte de clube algum, e nem ao menos sou casado. Precisava arranjar qualquer coisa que me distraisse do negócio das camisas.»

Acha ele que uma das maiores causas de crime e mau procedimento entre os jovens é falta de vida de família. A guerra, tirando as mães dos lares para trabalhar nas fábricas, produz as mesmas condições perigosas que se vêem num lar desfeito por alcoolismo, criminalidade, ou qualquer outra causa. Alarmado com a situação, o departamento de polícia da cidade de São Luiz resolveu, alguns meses atrás, organizar uma seção destinada à prevenção da delinquência de menores. Em cada distrito policial há um homem e uma mulher (não usam uniforme) para se ocuparem dos jovens. À testa desta seção está o sargento Tom Moran, homem dedicado e de vistas largas.

«Nosso fito,» diz Moran, «é impedir que estes meninos tenham jamais que enfrentar os tribunais. Quando um garoto se mete em alguma encrenca, procuramos nos entender pessoalmente com ele, entrar em contacto com os pais, e ver se ajeitamos a situação sem recorrer a medidas extremas.»

Dos mil casos que, nos primeiros três meses, passaram pelas mãos da seção de menores, pelo menos dois terços puderam ser resolvidos fora dos tribunais. A seção de menores se encarrega de organizar, por toda a cidade, times de beisebol e futebol em terrenos baldios, que são alugados por um dolar ao ano para este fim. Os próprios colégios, depois das horas de aula, são utilizados como sede dos clubes. Berger ajuda-os a angariar fundos para a compra de apetrechos de esporte. «Prefiro ter que pedir 25 dólares emprestados a dez pessoas, a aceitar 250 de uma só,» diz ele. «Quanto maior for o número de pessoas a dar dinheiro, maior será o interesse despertado pela obra a que nos dedicamos.»

No ano passado Berger começou uma campanha para difundir o seguinte lema: «O polícia é seu amigo. Quando estiver em perigo ou dificuldade *procure* o polícia, *não fuja* dele.»

O departamento diz que a campanha já está produzindo resultados os mais animadores.

Emília, que tinha catorze anos, morava com o irmão mais moço e a mãe, que era copeira da noite num restaurante da cidade. O pai abandonara a família sete anos antes. Emília tinha sido vista, ultimamente, em lugares mal frequentados, na companhia de soldados. Um dia desses ela foi procurar o oficial encarregado da seção de menores; ouvira dizer que eles eram muito bons para os meninos que recorriam a eles. «Precisava que alguem me ajudasse,» disse ela. «Acho que estou indo de mal a peor.» O policial ouviu a história de Emília com toda simpatia, falou com a mãe da menina, e por fim arranjou um lugar para ela numa casa para meninas.

«Imagine só», disse-me o policial, «uma menina indo por sua própria iniciativa procurar a polícia para lhe pedir auxílio! Isto não poderia ter acontecido há alguns anos.»

«Estes polícias da seção de menores são extraordinários,» diz Berger. «E a obra que estão fazendo merece todo nosso apoio.»

Na verdade, estão apenas seguindo o exemplo do Berger.

Pela boca o peixe morre

¶ Durante a minha recente excursão por alem-mar, o Cardeal MacRory convidou todos os bispos da Irlanda do Norte para que viessem visitar-me. Para o nosso jantar, o Cardeal havia conseguido um grande peixe, o qual me lembrava outro que eu vira, empalhado, no escritório de um amigo, nos Estados Unidos. Quando os jornalistas começaram a me fazer perguntas que nenhum ser humano seria capaz de responder satisfatoriamente, indiquei-lhes o peixe sobre o prato, recordando-lhes, então, aquele peixe empalhado e a sua significativa inscrição: «Se eu tivesse ficado com a boca fechada, não estaria hoje aquí».

—Arcebispo Francis J. Spellman no *Collier's*

¶ *«É mais facil transportar um tubo de ensaio que uma vaca»*

Melhor gado pela fecundação artificial

(Condensado do «Kiwanis Magazine»)

Por Louis Bromfield

Uma das maneiras mais eficazes de garantir uma alimentação suficiente para os bilhões de habitantes da Terra será melhorar a qualidade de raça dos animais de talho e produção; ora, a maneira mais facil de chegar a tal resultado consiste no processo da fecundação artificial.

Uma vaca de boa raça pode, durante um ano, dar uma quantidade de leite igual à que dariam três vacas comuns; consome, no entanto, pouco mais alimento do que uma destas. Seus novilhos poderão ser vendidos no mercado muitos meses mais cedo que os de raça inferior, e suas novilhas serão melhores leiteiras. Acredita-se que, por meio da fecundação artificial com o semen de touros cuidadosamente selecionados, seria possivel aumentar de um terço a proporção de gordura (manteiga) no leite das vacas-leiteiras, sem acréscimo no consumo de forragem.

A fecundação artificial permite acelerar grandemente a propagação das boas raças. É preciso lembrar que são raros os touros com a peculiaridade de transmitir às fêmeas suas descendentes a caraterística do alto rendimento de leite, e estes custam geralmente um preço exorbitante. Por meio da fecundação natural um dos ditos reprodutores pode, no curso de sua vida adulta, dar origem a centenas de vacas, com a referida caraterística; pelo processo artificial, entretanto, produzirá milhares, pois uma só dose de semen pode ser utilizada para fertilizar pelo menos uma dúzia de vacas—bom exemplo de como ao homem é dado usar em seu próprio proveito aquilo que a natureza por assim dizer desperdiça.

E em vista de o touro nunca estar em contacto direto com as vacas, a procriação artificial ainda tem a vantagem de impedir a propagação de moléstias contagiosas, que muitas vezes chegam a destruir uma criação inteira.

No último ano, mais de cem mil novilhas, provenientes de fecundação artificial, nasceram nos estados de Wisconsin, Minnesota e Nova York. Dentro de vinte anos, a maioria das vacas de reprodução dos Estados Unidos jamais verão os touros que as fecundarem.

Uma novilha leva três anos para se tornar vaca-leiteira, e o criador que fertiliza suas vacas com o semen de bom touro não se arrisca a prejuizo. Graças ao método de fecundação artificial, poderá ele utilizar touros de raça superior aos que teria à disposição na redondeza.

Já em 1937, o semen de um touro notavel de Maryland foi despachado para a Argentina, de avião, numa caixa refrigerada. Em 1939, tambem por via aérea, foi transportado o semen de um touro da feira mundial de São Francisco para a de Nova York, afim de aí processar-se uma fecundação artificial. Em

muitas zonas onde há grande criação de gado leiteiro, os criadores mantêm uma manada de touros num estábulo central; lá os especialistas recolhem o semen em tubos de ensaio e, de automovel, saem pela redondeza a fazer a fertilização.

É possivel manter por vários dias a atividade da célula reprodutora, conservando-a numa mistura de gema de ovo e um preparado fosfatado. Um bezerro nascido recentemente em Nova York fora gerado por semen extraido dez dias antes de feita a fecundação.

Há quem pense haver menos probabilidade de prenhez quando é ela artificialmente promovida. Mas os especialistas sustentam que isso provem da falta de perícia e cuidado por parte da pessoa encarregada da operação, nada provando contra o processo. Com a devida habilidade, a proporção de fêmeas fecundadas é mais ou menos a mesma que por meios naturais.

A prática da fecundação artificial está-se difundindo rapidamente, e em breve começaremos a observar os resultados econômicos deste novo método a refletirem-se no padrão da vida das zonas rurais. Em certas regiões já hoje é comum ver o veterinário encarregado do serviço de fertilização, ou seu assistente, metido numa capa branca, a percorrer as fazendas de criação.

A fecundação artificial é usada mais comumente para o gado leiteiro, se bem que tambem venha sendo aplicada em outros animais. Na Rússia, 45.000 ovelhas, espalhadas por várias zonas pastoris, são fecundadas anualmente.

O novo processo, melhorando a qualidade do gado e da criação em geral, poderá vir a ter enormes consequências futuras, alterando completamente o regime econômico e social de diversos paises do mundo. Tive ocasião de ver aldeias na Índia onde se processara uma revolução econômica em cinco ou seis anos, devido à simples aquisição de alguns animais de boa raça para a reprodução, o que permitia aos criadores vender melhor leite, manteiga, galinhas e ovos, a preços nunca antes atingidos. Num raio de uns trinta quilômetros daquelas aldeias, as condições de vida da população haviam melhorado consideravelmente. Trinta quilômetros são a distância média que podem percorrer a pé os animais que se pretende fazer fecundar; ora, com o novo processo artificial de colheita, armazenagem e distribuição do semen, será de centenas de quilômetros a área a ser beneficiada com a importação de melhores raças.

Os rebanhos da Europa, que estão sendo tragicamente destruidos, poderão ser, depois da guerra, prontamente restaurados, graças ao novo método. Segundo informações, das organizações clandestinas, já foi morto o melhor gado de reprodução que lá existia. O transporte dos Estados Unidos, por via aérea, do semen de animais de boa raça, poderá vir a ter parte preponderante na rehabilitação econômica da Europa.

Os membros da «Dairy Herd Improvement Association and Agricultural Extension» (Associação para o Melhoramento do Gado Leiteiro e Fomento Agrícola) acham que será possivel, no futuro, exportar por via aérea, para os paises mais distantes, o semen de reprodutores de qualidades provadas. Esse serviço já vai sendo minuciosamente planejado por cientistas dos paises interessados, que trabalham junto ao Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. A ciência da fecundação artificial virá pois melhorar as condições de vida de muitos povos pobres e mal nutridos.

O tio da barba branca que se está tornando lendário entre os Fuzileiros Navais—e com boa razão

Fuzileiro de alma e coração

(Condensado do «American Legion Magazine»)

Por Don Wharton

PERGUNTEM a qualquer fuzileiro naval americano quem é o camarada da corporação mais conhecido em terra e no mar, e em dez casos contra um ele responderá: «É o Lou Diamond.» Efetivamente, desde Quantico a Guadalcanal, o fuzileiro de quem mais se fala nesta guerra é Old Lou, o «Vozeirão».

Não espanta nada que ele esteja virando lenda: com efeito, este velho de barba branca, com uma voz profunda de touro e uma pança de elefante, que bebe cerveja às caixas, faz continência aos oficiais só quando lhe dá na gana, e dizima os japoneses com o seu fogo de morteiros de uma quase infalivel pontaria; o homem que, depois de o terem evacuado de avião, de Guadalcanal, por estar seriamente doente, pulou da cama e andou de ilha em ilha por todo o Pacífico Sul à procura da sua unidade de combate—não podia deixar de impressionar a imaginação dos Fuzileiros, já de si inclinados a certo exagero no tocante a heroismo. O mais curioso, no caso, porem, é que a lenda é quase inteiramente fiel à verdade... O sargento de artilharia Lou Diamond é um fato inegavel, e não apenas novo personagem novelesco a erguer-se de entre os coqueirais do Pacífico Sul.

A questão das patentes não vale um caracol para o nosso herói. Um dia, um segundo-tenente decidiu dar participação contra Lou, por não ter ele feito a continência. «E porque é que você quer que ele faça a continência?» retorquiu o comandante do batalhão. «Então você não sabe que o Lou não sauda ninguem de coronel para baixo?...»

Chegou o dia em que o Lou ia ser citado oficialmente pelo tenente-general Vandegrift (que é hoje o comandante-chefe dos Fuzileiros), e o resto do Quinto Regimento estava alí perfilado, em sentido, em uniforme de parada. Não o Lou, que se apresentou em uniforme de serviço. Olhando o general a direito nos olhos, disse-lhe: «General, eu desembarquei aquí em *dungarees*. Acho que estão muito bem para eu receber a minha citação assim vestido, não?»

Temperamento exuberante, o Lou em tudo que faz põe o seu máximo de energia. Dizem que fuma três maços de cigarros por dia, e os queima todos até que a pontinha lhe cauteriza o lábio. Aos 50 anos de idade, assim conta a lenda, jogou de *pitcher* num desafio de beisebol que foi um triunfo para os Fuzileiros, e nunca mais tornou a calçar a manápula do beisebol! Há muitos anos que é excelente no jogo de *cribbage* e no *pinochle*; mais do que isso, é um verdadeiro campeão, ganhando cerveja às

caixas... «E depois de ganhar—remata um dos seus homens—bebia religiosamente uma caixa de cerveja inteirinha!» De manhã cedo já ele estava a pé, no arruamento das barracas dos Fuzileiros, pronto a arrancar os seus homens ao calor das cobertas: de relógio numa das mãos, garrafa de cerveja na outra, apito na boca—esperando a primeira nota do toque de alvorada.

Diamond assentou praça em 1917, combateu nas fileiras do Sexto de Fuzileiros desde Chateau-Thierry até o Argona, marchou sobre o Reno, e em 1919 desembarcava em Hoboken, de regresso à América. Muito mais velho do que os seus camaradas, participou em quatro batalhas de grandes proporções, sem permitir que a idade lhe servisse de obstáculo.

Em 1925 partiu para a China, e mais tarde fez manobras por toda a região das Antilhas. As histórias da sua assombrosa precisão com o morteiro, sua especialidade, correram entre o pessoal do Corpo de Fuzileiros. Durante não sei que manobras, os homens de Lou apontaram a uma velha casa, que estava a 1.900 jardas de distância, e todos os fuzileiros hão-de jurar que os projeteis entraram direitinhos pela chaminé abaixo!

Foi este mesmo Lou Diamond quem, em 1942, recebeu a notícia de que a sua tropa estava prestes a partir para além-mar, deixando-o a ele ficar para trás, porque era velho! (Se é velho ou não, só ele é que sabe; nos livros do serviço está registada uma data de nascimento —30 de maio de 1890: mas dizem os amigos que ele a foi buscar à lage de uma sepultura!) O nosso sargento empreendeu imediatamente uma ofensiva individual para convencer este mundo e o outro de que ele era indispensavel aos fuzileiros. Assim, e para comprovar em atos a sua robustez física, começou a correr em acelerado, em vez de marchar simplesmente em volta do acampamento, rugindo ordens numa voz ainda mais tonitruante do que era habitualmente a sua—e esta já lhe valera o apelido de «Vozeirão»... Conseguiu que um médico naval, seu conhecido velho, o declarasse «em condições para serviço ativo seja onde for». E, falando para o comandante do seu batalhão, usou de outro argumento, este de carater paternal: «Sem mim, que vai ser dos probres rapazes?...»

Vinte e dois anos e um dia, precisamente, após o seu regresso à América, no fim da Primeira Guerra Mundial, o sargento Lou Diamond baixava nas ilhas Solomão. E nessa mesma tarde mimoseava os japoneses com a primeira de uma série de barragens de morteiros que iriam atrair sobre ele os encômios do general em comando. Os fuzileiros estavam imobilizados no alto de uma cumiada, quando o pelotão de morteiros de Diamond recebeu ordem de escavacar os japoneses. A zona do objetivo, a pouco mais de 2.000 metros de distância e abrigada por íngremes escarpas, era estreita e estava limitada de dois lados pelas nossas próprias tropas. Diamond foi obrigado a fazer fogo sem observadores, e as guarnições dos seus morteiros tiveram que trabalhar sob o tiroteio dos atiradores especiais japoneses; mas ainda assim ele realizou uma tão exata concentração de fogo nas posições japonesas, que mereceu do general Vandegrift estas palavras elogiosas: «Foi um fator decisivo na repulsão do ataque japonês.»

Quando os batedores do coronel Edson se viram durante alguns dias parados à margem do rio Matanicau, o comandante apelou para Diamond e os seus morteiros. As pernas do sargento estavam perras, nessa altura, e foi preciso carregá-lo num caminhão. De pé ao lado das suas baterias de morteiros, vociferando e barafustando, Lou desencadeou o que, na opinião de testemunhas visuais, foi a maior e mais infernal concentração de fogo de morteiros em toda a história dos fuzileiros navais... Certo observador, postado nas linhas avançadas, diz que todas as vezes que pegava o telefone para falar para a bateria, podia ouvir o vozeirão do sargento cobrindo o fragor dos disparos.

Quando algum dos morteiros se encravava—e em tal caso o projetil fica a rabiar dentro do cano—todos dispersavam como coelhos, menos o Lou, que se punha a ver se convencia o morteiro a portar-se bem. Dirigia-se para ele como o domador para a sua foca, tirava-lhe carinhosamente o cano, inclinava-o com uma das mãos para apanhar o obús com a outra, antes que ele pudesse cair em terra e explodir.

Nessa noite, enquanto dormia uma parte dos seus pelotões, Lou não teve repouso: andou na ronda a noite inteira, a ver se tudo corria em ordem. Na manhã seguinte recebeu dos batedores do Edson esta mensagem: «Foi o tiro melhor que temos visto!»

Diamond tornou-se tão famoso em Guadalcanal, que sempre que ouviam disparar um morteiro os fuzileiros comentavam: «Lá vai o Old Lou!» Chegou um dia em que os seus rapazes se viram numa séria enrascada: os destróieres japoneses começaram a aproximar-se de terra e a atirar sem que ninguem os molestasse. Na idéia de dar ânimo à sua gente, Lou resolveu fazer um tiro contra um destróier que passava a grande velocidade. O tiro errou o alvo por uns 1.200 metros,—mas a força da lenda era tal, que um fuzileiro, que é ao mesmo tempo correspondente de guerra, escreveu: «Quase ia afundando um destróier japonês. Pôs-se a dar tiros uns atrás dos outros, e estava quase no alcance preciso quando o comandante japonês bateu em retirada.»

Que a lenda não nos impeça, porem, de considerar o grande valor real de Lou: soube treinar seus homens como cumpria, insuflou-lhes grande orgulho na sua corporação, e conseguiu deles o máximo que podiam dar. O comandante, major Charles A. Rigaud, para onde quer que vá, leva sempre consigo o retrato de Lou. Quando foi da visita do almirante Halsey a Guadalcanal, Lou foi o especialista escolhido para demonstrar o funcionamento das metralhadoras dotadas de certa inovação. Na presença de milhares de fuzileiros, disse-lhe o general Vandegrift: «Você tem ensinado mais fuzileiros a atirar, do que nenhum outro instrutor meu conhecido.»

A citação oficial de Lou atribue-lhe a glória de haver mantido o moral não só da sua companhia, mas de todo o batalhão. E, segundo a confissão de um fuzileiro que serviu e foi ferido sob o seu comando, «Lou é o mesmo homem, sem tirar nem pôr, seja debaixo de fogo ou na cervejaria! E é um verdadeiro sistema de alarme contra ataques aéreos: assim que os aviões inimigos se aproximavam, logo se ouvia por toda parte o vozeirão a bradar—«Lá vêm eles! Lá vêm eles!» Depois, chegados os aviões, sentava-se debaixo de um coqueiro a ver chover as bombas...»

Uma vez em que um atirador especial insistia em perseguir-nos, Lou encaminhou-se para um espaço desoberto, lobrigou o atirador, apontou-o com o

dedo e berrou: «Lixem-me esse gajo!» E—conta o fuzileiro, sorrindo—«ficou danado como cobra porque nós não baleamos o japonês logo ao primeiro tiro!»

Sobre ser tudo isso, Lou era tambem um consumado caçador de «bóia». Fazia muitos reconhecimentos por sua conta e risco, em território inimigo, e encontrava armazens de doce de fruta, arroz, carne em conserva, e coisas que tais. Regressou certo dia de uma dessas excursões, carregando algumas sacas de farinha e duas enormes latas de conserva de pêssego, que fora buscar à retaguarda das linhas japonesas. «E alí mesmo, no campo de batalha, comemos tortas de pêssego,» diz o major Rigaud. «Ninguem na ilha comeu tão bem nesse dia quanto nós!» Quando aparecia um soldado com um suprimento de saqué (vinho japonês), Lou imaginou nova maneira de racionar a bebida: cada qual bebia metendo a garrafa à boca, até que Lou achasse que bastava, e lhe batesse uma palmada no ombro.

Ao fim de dois meses em Guadalcanal, o nosso homem caira de 99 quilos de peso para 73! Tinha duas costelas amolgadas, malária, e desarranjos renais. Quando ficava deitado custava-lhe levantar-se, porque o reumatismo lhe enferrujara os membros. Mesmo assim, fez esforços para evitar que o fizessem sair da ilha, e dizia sempre ao comandante da companhia: «Vai ver que amanhã de manhã acordo curado!»

Quando finalmente os médicos o mandaram embora, Lou não teve remédio senão ir, e de lágrimas nos olhos. Passou num *jeep*, a caminho do Campo Henderson, e todo o pessoal dos Fuzileiros alinhou ao longo da entrada para o ver passar. «Podia-se ouvir zumbir uma mosca quando o *jeep* desapareceu!» foi o comentário de alguem que lá estava.

Mas ainda aí não se acaba a história de Old Lou: tão depressa o avião o alijou nas Novas Hébridas, já ele tinha iniciado uma campanha para ser reintegrado na sua unidade. Turbulento a mais não poder, dizia a toda a gente, no hospital de marinha onde o recolheram, que a única razão por que adoecera em Guadalcanal era que a cerveja se tinha acabado na ilha. Quando certa manhã lhe apareceu pela frente um capelão armado de paciência, um maço de revistas, bombons e cigarros, Lou disparou-lhe: «E cervejinha, traz?...» O capelão respondeu que não... E o «vozeirão» ribombou: «Pois então trate de me tirar daquí pra fora. Nós ainda não estamos fritos!»

Transferiram-no para um hospital da Nova Zelândia, onde ele, não se sabe como, se arranjou para conseguir embarcar num navio de abastecimento que seguia para a Nova Caledônia. Lá chegado, descobriu um amigo—e onde é que Lou os não tem?—que o penhorou muito recambiando-o para Guadalcanal... Mas ai! a sua gente tinha saido de lá, e Lou teve que andar de porto em porto, de navio em navio, a brincadeira de 1.500 milhas até a Austrália, onde foi forçado a seguir caminho conforme pôde terra adentro. O velho da barba branca fez a pé os dois últimos quilômetros, apresentou-se ao major Rigaud, e daí a poucas horas já tinha verificado que os seus rapazes não estavam recebendo a ração de cerveja que lhes era devida.

Tempos depois, era mandado para um hospital naval no sul da Califórnia, para convalescer. Era ainda o mesmo Old Lou, correndo por toda parte e vociferando, como se fosse ele o dono

daquilo tudo. Um dia as «estrelas» de Hollywood desceram ao hospital para alegrar os feridos que alí estavam, e um moço fuzileiro, fora de si de alegria, correu ao catre do Lou, deu-lhe um safanão e gritou: «Acorde, seu Lou! estão aí as estrelas do cinema!» «Pois que as leve o diabo!» rugiu ele, e virou-se na cama para dormir.

Deram-lhe finalmente alta do hospital, e Lou foi remetido para Parris Island como instrutor de recrutas. Começou logo a correr ova série de anedotas típicas de Diamond: Old Lou passava carões nos recrutas que lhe faziam continência; Old Lou dera berros a um capelão que tivera a ousadia de lhe criticar as profanidades linguísticas; e Old Lou, convocado ao quartel-general dos fuzileiros, saudara o general-chefe com estas palavras: «E então, seu Fulano, que é que tem pra me dizer desta vez?...»

Não há dúvida—como diz um fuzileiro—que o nosso Old Lou Diamond vai ficar para a História!...

¶ *A indústria dos alimentos congelados projeta tornar os melhores acepipes acessiveis a toda a gente*

Menú de Amanhã

(Condensado da «Fortune»)

Os INDUSTRIAIS fabricantes de aparelhos para congelação a domicílio afirmam que os alimentos devidamente cozinhados que se congelam para mais tarde se degelarem e requentarem, têm precisamente, depois desta série de operações, o mesmo paladar que teriam ao acabarem de ser preparados. Quanto aos bolos, pastéis, folhados e pães, diz-se que se tornam de verdade ainda mais macios e apetitosos.

A Divisão *Deepfreeze* da Motor Products Corporation já empreendeu a distribuição a domicílio, em Chicago, de batatas fritas, sopas, galinha *à la king*, e outros pratos, tudo cozinhado por um dos restaurantes mais famosos da cidade, e devidamente congelado em seguida. A companhia já prevê o desenvolvimento de novo e completo sistema de distribuição de alimentos, com grandes quantidades e extensa variedade de gêneros cozinhados e congelados em estações centrais, e distribuidos a domicílio.

Fala-se mesmo de acordos com famosos restaurantes, como o *Antoine's* de Nova Orleãs, para a produção de certas especialidades. As conhecidas empresas distribuidoras «Montgomery Ward» e «Sears, Roebuck» estão, segundo se diz, negociando com as grandes cadeias nacionais de mercearias, para conseguirem estabelecer uma combinação de serviços: as referidas distribuidoras ven-

deriam armários congeladores para casas de família, e as «cadeias» venderiam os alimentos congelados.

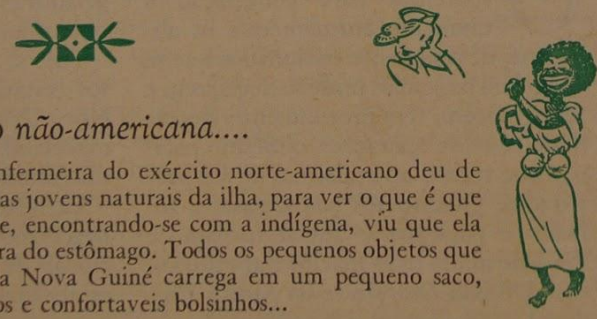
A «Cooperative Grange League Federation Exchange, Inc.,» já experimentou com muito êxito congelar o pão acabado de cozer; outras cooperativas de produção agrícola desejam instalar usinas de congelação, para darem entrada no mercado dos produtos alimentícios pré-congelados. Clifford E. Clinton, que explora uma fulgurante cadeia de «cafeterias» na Baixa Califórnia, planeja cozinhar a comida em grandes cozinhas centrais, congelá-la, e por fim distribuí-la por uma cadeia nacional de restaurantes, eliminando desse modo o desperdício, e mantendo a perfeita uniformidade dos produtos.

A Western Regional Research Laboratory, de Albany (Califórnia), está procedendo ao aproveitamento dos frutos que até agora eram rejeitados por não obedecerem aos padrões de forma e tamanho, e fabricando com eles uma espécie de purê de congelação rápida, que tem a aparência e o paladar do sorvete de creme. Eis aí a promessa de novo gênero de confeitaria, ao mesmo tempo delicado e rico de vitaminas.

O termo da presente guerra vai deixar-nos entre mãos bom número de navios frigoríficos; já está elaborado um plano com o fim de os aproveitar, para trazerem ao mercado americano gêneros alimentícios tais, que nem o nosso vocabulário gastronômico possue ainda palavras com que denominá-los!

Desta maneira, aos queijos, azeites, nozes, *pâtés de foie gras* e outras delicadezas que hoje importamos, poderemos vir a acrescentar, nas prateleiras da copa nacional, artigos exóticos tais como o *rijstafel* (leia «reistáfel») em cuja confecção entram dúzias de estranhos ingredientes; delicados frutos tropicais que até hoje não fora possivel exportar, e que era imperativo consumir imediatamente após serem colhidos na árvore ou no arbusto; peixes cujos complicados nomes são conhecidos tão somente de ictiologistas; carnes, animais de caça, galináceos, e até refeições inteiras vindas do estrangeiro, pré-cozinhadas e rapidamente congeladas, e tudo pronto a ser servido, bastando provocar a descongelação e aquecer.

O custo de produção desses artigos no estrangeiro, é tão reduzido, que se torna possivel e lucrativo trazê-los ao mercado dos Estados Unidos, devidamente congelados pelo processo rápido, mesmo apesar das elevadas tarifas aduaneiras deste país.



Invenção não-americana....

¶ Na Nova Guiné, uma enfermeira do exército norte-americano deu de presente um *soutien* a uma das jovens naturais da ilha, para ver o que é que ela fazia com ele. Mais tarde, encontrando-se com a indígena, viu que ela tinha posto o *soutien* na altura do estômago. Todos os pequenos objetos que geralmente uma elegante da Nova Guiné carrega em um pequeno saco, estavam agora em dois novos e confortaveis bolsinhos...

Sgto Charles D. Pearson, *Collier's*

¶ Hollywood gasta rios de dinheiro para que os pormenores de suas fitas pareçam autênticos, mas, de vez em quando, ainda sai «gato»...

«Prezados senhores: parece incrivel...»

(Condensado do «This Week Magazine»)

Por Gretta Palmer

Dentre as dezenas de milhares de americanos que vão ao cinema todas as semanas, há especialistas em tudo neste mundo, desde astrônomos até peritos em armaduras do século XII. Se um deles percebe um lapso numa fita qualquer, escreve imediatamente uma carta sarcástica ao estúdio e—o que ainda é peor—manda uma cópia da mesma para o jornal local. Ora, não é bom negócio para os produtores de cinema criarem fama de ignorantes, de modo que se vêem obrigados a manter um corpo de especialistas e estudiosos para garantir estarem os menores detalhes das fitas a prova de vaia. Mas assim mesmo a luta continua sem trégua.

Para a fita *This is the Army* a companhia Warner Brothers pediu auxílio técnico ao Ministério da Guerra; mas foi só chegar à Broadway, e um escoteiro zeloso escrevia ao estúdio chamando atenção para a águia americana, do quadro final: estava com a cabeça voltada para a *esquerda*, e o Manual do Escoteiro diz que assim está errado.

Um horticultor do estado de Washington escreveu a Cecil B. de Mille perguntando como era possivel George Bancroft estar comendo uma maçã, tipo «Jonathan», numa cena que se passa cinco anos antes de se haverem produzido tais maçãs.

A Paramount deixou-se pegar em flagrante ao usar um termômetro moderno num filme sobre o século dezoito: depois deste incidente, o estúdio fez questão de adquirir instrumentos médicos de todas as épocas desde 1600.

Para melhor garantir a autenticidade de suas fitas, os estúdios possuem bibliotecas com mais de vinte mil volumes, e fichários de milhares de fotografias de tudo quanto existe neste mundo, desde tipos de couve a retratos de reis. Os estúdios estão constantemente trocando entre si dados e informações; e acha-se sempre ao dispor de todos eles a ótima coleção de menús franceses, programas de teatro, bilhetes de estrada de ferro e exemplares de jornais, que lhes foi oferecida por Charles Boyer. Na biblioteca deste artista, depois de buscas infrutíferas por toda parte, a «20th Century-Fox» conseguiu saber a ordem das assinaturas apostas ao famoso Tratado de Versalhes.

Um dos livros mais preciosos para os pesquisadores é a coleção completa de catálogos ilustrados da firma Sears, Roebuck.* Tambem valiosíssimos são os guias de estrada de ferro de todos os paises. Graças a estes últimos, a RKO pôde apurar, em menos de um quarto de hora, quanto tempo era preciso para ir de París a Elkhovo, na Bulgária,

*Antiga e famosa firma distribuidora dos Estados Unidos, que vende desde roupas e miudezas até charruas e mobílias de casa, expedindo tudo pelo correio.

pequena cidade consideravelmente desconhecida...

Cecil B. de Mille gastou meses a procurar um exemplar de bilhete de passagem marítima de Nova Orleãs para a Europa, por volta de 1800. (O primeiro de tais bilhetes foi impresso em 1835, mas só se veio a saber disto depois de consultar o Museu Britânico.)

Os encarregados do departamento de pesquisas precisam ter, não só muita cultura, mas grande conhecimento da vida. Ao apresentar embaixadores em banquetes e reuniões, nas fitas, é preciso que se respeitem as minúcias do protocolo, e conhecer a etiqueta dos diversos paises na maneira de servir a mesa; é necessário igualmente muito cuidado para não ofender religiões nem nacionalidades.

Os estúdios dispõem de vastas coleções de autênticas antiguidades: automoveis e telefones antiquados, máquinas de escrever obsoletas ou com teclado para línguas estrangeiras. Um deles se orgulha de possuir completa coleção de vassouras, desde as primeiras, feitas de um feixe de varas, até às mais modernas. A coleção de placas de automovel, de todos os estados da União e dos paises estrangeiros, tem que ser renovada cada ano.

Shakespeare, no *Júlio Cesar*, menciona um relógio que bate as horas, e Miguel-Angelo não hesitou em pintar um umbigo no seu Adão; mas se esses grandes homens puderam tomar tais liberdades, é porque não tinham o público dos cinemas a espreitar-lhes todo e qualquer descuido ou anacronismo. Houve várias dezenas de espectadores que, com excesso de zelo, escreveram cartas reclamando contra o fato de Andrew Jackson, presidente dos Estados Unidos no primeiro quartel do século dezenove, usar a expressão «O. K.» na fita *The Buccaneer*; mas o estúdio tinha provas de que aquela expressão houvera sido usada pelo ex-presidente. Quinze pessoas que assistiram à passagem da fita *Northwest Mounted Police* escreveram assegurando que, em 1880, já era possivel fazer compras a prestações.

Para a reconstituição de períodos históricos não há coisa mais valiosa que as pinturas da época. Os pintores antigos eram escrupulosamente fotográficos, e às vezes é mais facil saber como era uma rua de Amsterdã no século dezessete, do que descobrir como era o uniforme de um bombeiro de incêndio há quinze anos. Para reproduzir um cachimbo de barro do século dezessete —usado para tirar-se uma única baforada na fita *Frenchman's Creek*—o fabricante de cachimbos do estúdio recorreu a uma água-forte de 1668.

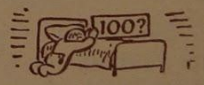
As fitas sobre assuntos históricos de data recente são as mais perigosas, pois qualquer contemporâneo que assista ao espetáculo não hesitará em fazer pouco dos produtores do filme. Para o filme *Woodrow Wilson* a Fox teve que reproduzir um jogo de futebol em Princeton, no ano de 1909, com uniformes, bandeiras, programas e músicas ao gosto da época. E isto foi relativamente facil, em comparação com outros problemas, como por exemplo: de que maneira é redigido o telegrama que avisa ter a pessoa que o recebe sido escolhida para ganhar o Prêmio Nobel? Para isto foi necessário pedir informações a Estocolmo. Qual era a arrumação interna do carro especial de estrada de ferro usado pelo presidente Wilson? A companhia Pullman não podia dar pormenores a não ser com autorização da Polícia Secreta, que se recusa a sair do silêncio.

Para a fita *Adventures of Mark Twain*, dirigida por Jesse Lasky, a seção de pesquisas arranjou quinhentas fotografias do escritor, em vários períodos de sua vida. Conseguiram apresentar uma batelada de genuinas rãs, e reproduzir uma máquina tipográfica antiga, com o peso de duas toneladas, a qual, para ser reproduzida, teve que ser arrancada de seu lugar no Smithsonian Institute, e transportada para uma oficina.

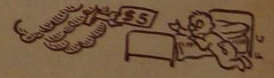
Ao filmar *Men With Wings*—a história dos irmãos Wright—o corpo de especialistas da Paramount teve que verificar se, no dia 17 de dezembro de 1903, existia em Kitty Hawk, que fica na Carolina do Norte, uma estação meteorológica; provado que havia, o estúdio queria que lhe fornecessem descrição completa da mesma, inclusive a cor. O Departamento Nacional de Meteorologia tinha documentação mostrando haver alguma aparelhagem em Kitty Hawk naquela época, mas sem menção de edifício. Um lugarejo de 250 habitantes não tinha nem ao menos uma câmara de comércio que pudesse dar mais pormenores. Como último recurso, o estúdio mandou alguem a Kitty Hawk para interrogar os habitantes mais antigos do lugar; e foi assim que se acabou descobrindo que o barracão da estação meteorológica, demolido em 1904, tinha sido cor de chocolate.

Os filmes em que figuram animais dão sempre muito trabalho. *The Yearling* exigiu que se organizasse uma produção em série de leitões, bezerros e potros, para que houvesse sempre alguns na idade apropriada para os incidentes do filme; quarenta mil pés de milho foram plantados em potes, para que, de um dia para o outro, pudessem ser enterrados nos campos, e assim reproduzir o aspecto da estação do ano desejada.

Hollywood gasta rios de dinheiro para garantir a autenticidade de seus filmes, mas já se resignou a jamais atingir a perfeição. Os diretores sabem que, mesmo levando dois anos na produção de uma fita, e despendendo nela três milhões de dólares, em consultas a técnicos e bibliotecas, não se passará um mês, depois da mesma ser exibida nos cinemas, sem que um implacavel especialista em falcoaria, ou em estilo de natação na Etiópia, escreva uma carta de protesto que invariavelmente abre assim: «Prezados senhores: Parece incrivel....»



Impostos sobre a fé...



¶ Os funcionários do Departamento do Imposto sobre a Renda, em Washington, têm-se divertido imensamente com a história de um menino que precisava muito de 100 dólares e decidiu rezar para obtê-los. Depois de orar durante várias semanas, sem resultado, resolveu escrever uma carta a Deus—e os empregados do Correio, não sabendo como se livrar do caso, despacharam a carta para a Casa Branca, onde foi entregue ao Presidente, o qual, com o seu costumeiro sorriso de bonhomia, mandou que se remetessem 5 dólares ao suplicante. O menino, radiante com o sucesso de suas preces, pelo menos em parte, escreveu logo outra carta de agradecimento a Deus, mas acrescentou o seguinte P.S.: «Notei que a sua carta me foi transmitida através de Washington, mas aqueles burocratas, como de costume, descontaram 95%.»

Jerry Kluttz, *Washington Post*

Podemos ensinar os meninos a viver

—X—

Tenha medo de ter medo

Um dia, quando criança, fui com meu pai, a passeio, no campo. Em certo lugar, tínhamos de atravessar uma ponte original, formada por duas tábuas sem ligação entre si, solidamente presas às margens, porem sem nenhum apoio lateral, e de uns oitenta centímetros de largura.

Recuei amedrontado, afirmando que alí não passaria. Meu pai olhou-me nos olhos, depois abaixou-se, apanhou um galho quebrado, e com ele traçou duas linhas quase paralelas numa determinada extensão, tendo, na sua largura máxima, trinta centímetros. Terminado isto, disse-me:

—Você será capaz de andar entre estas linhas sem pisá-las?

Não tive dúvidas em demonstrar que o era sem dificuldade.

Ele, então falou-me severamente: —Você pode passar, sem hesitação, nesta senda estreita e receia atravessar uma ponte três vezes mais larga. Acaso precisou de suportes para andar agora? Vamos; siga em minha frente, sem temor, ou lhe deixarei aquí e irei dizer a sua mãe que temos um filho poltrão.

Veio-me uma energia inesperada. Em sua frente atravessei a ponte, a passo firme. Após fazê-lo, meu pai pôs-me a mão no ombro e, gravemente, solenemente, declarou: meu filho, só existe uma coisa terrivel, na vida, uma coisa angustiosa que põe a alma cheia de horror, paralisa o corpo, e nos transforma numa sombra. Esta coisa é o medo. Tenha medo de ter medo, meu filho, e tudo lhe sorrirá.

Humberto de Almeida Costa, Uauá, Baía

A liberdade

Quando criança, tinha o péssimo costume de pegar passarinhos, prendê-los em gaiolas, e judiar das pobres avezitas.

Apesar dos conselhos de mamãe, aparecia eu, sempre, com um passarinho em casa. Certo dia, cheguei com um belo pintassilgo.

Mamãe contrariou-se.

—Menino, já te disse que isso não se faz, falou-me severamente.

—Ora mamãe, que mal faz? Eu dou água, comida, tudo...

—Mas roubas-lhe a liberdade, atalhou mamãe.

—Liberdade! porque é que ele vai querer liberdade se tem tudo aquí?

Mamãe pegou-me pelo braço.

—Onde é que a senhora me leva? perguntei assustado.

—Vou prender-te num quarto, uma semana, duas semanas, um mês, dois...

—Não! Não!

—Mas eu dou-te água, comida, tudo...

—Não quero, assim não posso passear, não posso brincar...

—Não queres. Sim, falta-te uma coisa. E o que falta é justamente o que negas a esta ave: liberdade!

Duas lágrimas escorreram-me pela face. Olhei para o pássaro, o pobrezinho tremia em minhas mãos. Automaticamente abrí as mãos e ele, radiante, galgou o espaço.

Compreendí esta lição, e nunca mais prendí um animal que fosse. Não nos basta a comida, a água... mas sim a liberdade e o direito de viver.

José Barros Neto, Campinas, S. Paulo

O terreno baldio

Meu irmão era muito vadio. Já cansado de procurar de todo jeito corrigí-lo, papai um dia ordenou-lhe que, sob pena de perder o almoço, fosse a um terreno baldio próximo a nossa casa e tomasse nota do que por lá havia. De regresso, meu irmão anotara: «Pregos, papéis, latas, vidros, arames, botões, garrafas, etc.»

—Para que servem estas coisas? perguntou meu pai.

—Para nada, respondeu o mano.

—E nos outros terrenos do bairro, que é que existe?

—Casas e jardins.

—E porque é que se acumularam estas coisas inuteis nesse terreno? insistiu papai.

—Porque está vazio, explicou meu irmão.

Ao que retrucou papai:

—Não se aproveitando para nada, converteu-se em depósito de lixo. Sua vida até hoje tem sido igual a esse terreno. Você não a aproveita para nada, e ela está se enchendo de coisas inuteis. Uma vida ociosa, como um terreno baldio, recolhe tudo o que é ruim. No homem trabalhador não há lugar para os vícios, maldades e diabruras de qualquer sorte.

Meu irmão compreendeu muito bem a lição, e tornou-se desde então rapaz trabalhador, aproveitando muito bem o seu tempo.

Héctor O. Ferraro, Argentina

«É só desenhar um cachorrinho!»

Como dever para o dia seguinte eu tinha que desenhar um lance de escada. Terminando o desenho, ia fechar o tinteiro quando deixei cair um pingo de tinta no papel, fazendo um borrão. Já era tarde, e comecei a chorar.

Meu pai, carinhoso, veio saber o que havia, e olhando para o desenho me disse: «Não fique tão triste, minha filha. Você não vê que este borrão é tal e qual a mancha preta que tem no pelo um cachorrinho fox-terrier? Agora é só você desenhar o cachorro em volta da mancha, e está tudo arranjado. Não desanime tão facilmente, pois muitas vezes um pouco de persistência e imaginação nos permite tirar proveito até do infortúnio. Lembre-se que raramente as desgraças são tão grandes quanto nos parecem à primeira vista.»

Consolada, desenhei o cachorrinho em volta do borrão de tinta, e tive a surpresa, no dia seguinte, de ver o meu desenho considerado o melhor da classe. «Vocês vejam o que se pode fazer com um pouco de imaginação,» disse a professora. «Não acham que este cachorrinho veio dar muito mais graça ao desenho da escada?»

Quando as coisas não me correm bem e o futuro me parece negro, ouço ainda nos meus ouvidos as palavras animadoras de meu pai: «Com um pouco de persistência e imaginação pode-se tirar proveito até do infortúnio.»

Susan Cooper, E.U.A.

¶ Um rapaz, que se ofereceu para ser indicador de lugares em um cinema, foi logo aceito e posto a trabalhar. Hora e meia mais tarde, apresentou-se à gerência do cinema, para tirar o uniforme que lhe haviam dado, dizendo que renunciava ao emprego. «Mas, porque?» perguntou-lhe o gerente. «O ordenado não é bom?» «Muito bom,» replicou o rapaz. «Mas eu já vi a fita.»

—*This Week*

Boas-novas para más dentaduras

Por J. D. Ratcliff

A CÁRIE dentária é o mais comum de todos os males humanos. Uma pílula que a evitasse, seria das maiores realizações de que se poderia desvanecer o mundo científico. Há entretanto sinais evidentes de que semelhante conquista está bem mais próxima da realidade do que em geral se supõe.

Há milhares de anos que a causa da cárie dos dentes tem confundido os observadores. Um imperador chinês, pelas alturas, que já vão bem longe, de 2.700 antes de Cristo, atribuiu-a a vermes. Depois, com o correr do tempo, foram sendo denunciados, como responsaveis pelo fenômeno, ora bactérias, ora ácidos da boca, ora o princípio da hereditariedade. As investigações mais recentes indicam que se trata, em grande parte, de uma questão de regime alimentar.

O dr. H. Trendley Dean, do Serviço de Saude Pública dos Estados Unidos, teve ocasião de perceber o relevante papel desempenhado no caso pelo fluor, elemento da crosta terrestre. Submeteu a observação duas localidades do Ilinóis: Quincy e Galesburg. A água de beber de Quincy continha apenas traços de fluoretos, e a cárie dentária, alí, manifestava-se três vezes mais do que em Galesburg, onde grandes quantidades de fluoretos eram encontradas na água. Estudos análogos, feitos em outras cidades, confirmaram a investigação.

Uma segunda peça na importante cadeia de pesquisas teve, há pouco mais de um ano, divulgação pública. O dr. George W. Heard, dentista no condado de Deaf Smith, no Texas, notou a ausência quase completa de cárie dentária na sua comunidade. Um grupo de pesquisadores, investigando as razões da feliz anormalidade, concluiu ser ela devida à presença de fluoretos na água que se bebia, e à superabundância de cálcio e fósforo nos alimentos em uso na referida região.

Combinadas as duas séries de experiências, impressionante conclusão ficou estabelecida: *a cárie podia ser considerada uma doença de carência*. A insuficiência de vitaminas D e C conduz, respectivamente, a raquitismo e escorbuto; possivelmente, a cárie dentária é, do mesmo modo, expressão de um estado de fome, no organismo, quanto a alimentos específicos—sobretudo fluoretos e certos minerais. Assim, pelo menos, raciocinou o dr. S. G. Harootian, chefe dos serviços odontológicos do hospital estadual de Worcester, Massachusetts.

Conhecia o dr. Harootian uma experiência que abonava tal teoria, e fez ver que haveria meio de remediar a deficiência. Um pesquisador extraira dentes de vários cães, e em seguida medira seu conteudo de fluoreto. Depois, aditara aos alimentos dos cães fluoretos em grande quantidade. Alguns meses decorridos, extraindo novos dentes, verificou, ao analisá-los, que a dose de fluoreto neles contida aumentara notavelmente. Dúvida, pois, não havia que os dentes dos cães eram capazes de absorver materiais necessários à respectiva solidez. Isto daria margem à questão: Dar-se-ia o mesmo com os dentes da criatura humana?

O dr. Harootian pôs-se em busca de uma substância comestivel, própria para fornecer cálcio, fósforo e fluoretos, que, ao que estava parecendo, impediam de fato a cárie. Encontrou afinal um produto, rico dos três elementos—ossos de bovinos, reduzidos a farinha.

Passou então a fazer a sua experiência. Dos 2.400 pacientes do hospital destacou nove, que se tinham mostrado até alí excessivamente chegados à cárie dentária, a ponto de já terem padecido numa soma de casos que atingiam a média de 54 para cada.

Acondicionando a farinha de ossos em cápsulas do tamanho usual, de cerca de 300 miligramas, ministrou-as durante nove meses, à razão de três por dia, ao referido grupo, sem qualquer outra modificação em regime alimentar ou hábitos de vida.

Ao fim de cada mês, examinava o dr. Harootian os dentes dos seus nove pacientes em tratamento e observação; e o que verificou foi o seguinte: o processo de cárie não mais se desenvolveu, e, no curso dos nove meses, só uma nova cavidade havia aparecido! Mais ainda. Nos primeiros dias da experiência, tinha Harootian dilatado a cavidade do dente de um dos pacientes, mas, em vez de enchê-la, deixou-a aberta. Por ocasião de cada exame mensal, encontrava a cavidade cheia de partículas de alimentos, o que normalmente seria uma condição favoravel ao desenvolvimento da cárie. Sem embargo, e mantido o dente em tal estado durante os nove meses, nenhuma nova cárie se manifestou.

O dr. Harootian submeteu ao *Journal of the American Dental Association* um relatório preliminar, aliás muito cauteloso, sobre as auspiciosas investigações:

«Os dados são registados, antes de mais nada, na esperança de que outros investigadores possam deliberar-se a repetir o trabalho e dar-lhe expansão. Se um aumento significativo na resistência à cárie dentária puder ser assegurado por um expediente tão simples qual seja o de aditar à alimentação um pouco de farinha de ossos, cumpre que de tão grande benefício tire proveito, o mais depressa possivel, a população em geral.»

Os efeitos de tal apelo não se fizeram demorar. Dúzias de grupos outros meteram mãos à obra. As novas experiências se acham ainda em curso.

O dr. Harootian, por seu turno, ampliou o seu campo de pesquisas, com um grupo experimental constituido desta vez de 115 pacientes. Vai já por um semestre, submete-os a exames regulares, para o fim de determinar-lhes a proporção de cárie. Passará agora a aplicar-lhes, durante igual período, o tratamento pela farinha de ossos. Se os resultados forem positivos, com grande decréscimo na quantidade de cárie, disporemos afinal de uma arma com que combater a causa de um bom quinhão entre as misérias humanas. A resposta a questão de tanta monta, deve conhecê-la o dr. Harootian antes do fim deste ano de 1944.

A farinha de ossos de boi estará com facilidade ao alcance de toda a gente. Milhares de toneladas de tais ossos são moidos anualmente nos matadouros, para fazer adubos; bastará submetê-los a uma moagem mais fina, e ter-se-á a farinha. Vender-se-á o produto, como as vitaminas, nas farmácias, podendo tambem ser usado para enriquecer os cereais, os bombons ou o pão.

O dr. Harootian adverte os sofredores impacientes de que não devem empregar, por conta própria, o recurso, antes que se chegue ao desfecho das experiências em andamento. *Haveria perigo em fazê-lo*. O fluor presente na

farinha de ossos é tão altamente tóxico que constitue justamente um dos principais ingredientes de diversos venenos contra ratos. Os pesquisadores dominam a sua toxicidade, misturando com os ossos de animais velhos, nos quais há muito fluor, os de jovens animais, nos quais, ao contrário, há pouco. Ao leigo, não seria dado controlá-lo.

Os resultados finais das investigações do dr. Harootian serão trazidos à publicidade logo que se tornem disponiveis.

Com os dois pés dentro do céu

¶ A ILHA de Rennell, conhecida como a *Shangri-Lá* dos pobres, é habitada por gente de pele clara, que emigrou, há seculos, do grupo de Samoa para o oeste. Antes da guerra, eles tiveram poucos contactos com os brancos, mas, quando foi estabelecido um posto dos Fuzileiros Navais na ilha de Rennell, o acontecimento foi recebido com grande alegria. O chefe dos indígenas tomou a peito fazer com que os recem-vindos tivessem o maior conforto possivel. Mandou construir uma cabana especial para cada fuzileiro, à sombra das belas palmeiras da ilha, e designou uma das naturais para tomar conta da cabana de cada um, lavar-lhe a roupa e cozinhar.

Mas, como em todo paraiso, nem todos aí se conduziam celestialmente. Porque, algumas semanas mais tarde, os tripulantes de um navio que foi levar suprimentos à ilha, ouviram um tenente que chamava à ordem um dos seus homens: «Outra falta como esta, O'Brien,» disse o tenente, ameaçador, «e eu *o mando de volta para os Estados Unidos!*»

Newsweek

¶ DEPOIS de muitos meses de serviço nos mares do Sul, os soldados norte-americanos adquirem um aspecto muito parecido ao dos naturais—queimados de sol, vestidos unicamente com calções, e de alpercatas nos pés.

Um dia, ouvindo dizer que estava para chegar um navio de suprimentos, que conduzia enfermeiras da Marinha, um jovem oficial meteu-se no mato, de onde voltou com vinte colares de contas. Quando o navio ancorou na baía, ele tomou de uma canoa e remou até junto do costado; e, mostrando os colares com o braço erguido, apregoou em mau inglês: «Bonitas contas, boas contas, pedras indígenas, só 5 dólares!»

Os marinheiros e as enfermeiras iam comprando os colares, de bom humor, atirando o dinheiro do convés. Ao se afastar, levando 100 dólares no bolso, o suposto indígena levou as mãos à boca, em concha, e gritou em bom inglês de bairro: «Algum de vocês é de Brooklyn?»

Eda S. Johnstone, *Coronet*

Reportagem sobre o estado interno da Alemanha em 1943

SEÇÃO DE LIVROS

POR TRÁS DA MURALHA DE AÇO

Condensação do livro *Behind the Steel Wall*

Por ARVID FREDBORG

ex-correspondente sueco em Berlim

«Behind the Steel Wall» foi a primeira reportagem a chegar aos Estados Unidos, relativamente aos acontecimentos que tiveram lugar na Alemanha Nazista desde a retirada dos representantes da imprensa norte-americana, em dezembro de 1941.

O autor, excelente jornalista sueco, representava em Berlim o diário *Svenska Dagbladet*, de Estocolmo, e alí se conservou desde 1941 até há poucos meses, quando, vexado pela intoleravel impertinência com que as autoridades do Reich constantemente interferiam na sua atividade jornalística, resolveu regressar à Suécia, para escrever livremente a respeito do que tinha visto e ouvido, no decurso da crise ascendente na Alemanha.

«Behind the Steel Wall» vai ser com certeza um dos livros de 1944 mais discutidos na América.

Copyright 1943. Ed., The Viking Press, Nova York. Preço $3.00

POR TRÁS DA MURALHA DE AÇO

PARA VIVER e aguentar-se nas condições que vigoram no Terceiro Reich, o jornalista neutro tem pelo menos que conhecer e praticar os segredos do equilibrista na corda bamba. Inibe-o a mais estrita das censuras, para não falar de outras restrições; é perseguido por agentes da secreta, seu telefone está sempre ligado para a polícia, e andam permanentemente agentes a rondar-lhe a casa...

Em Berlim qualquer telefone pode funcionar como ditagrafo, mesmo quando o auscultador esteja suspenso. Conhecedores do fato, os jornalistas estrangeiros costumam desligar a tomada do fone, ou cobrir este com um pesado abafador de pano, como se faz aos bules de chá. Nem assim, porem, têm certeza de ficar à vontade, pois pode encontrar-se no quarto um microfone, disfarçado no cano da chaminé, na suspensão da lâmpada do teto, ou mesmo numa simples tomada de corrente da parede.

É preciso, numa palavra, estar sempre de pé atrás. Veja-se por exemplo o seguinte caso: certo correspondente estrangeiro deu-se um belo dia à perigosa e divertida fantasia de escrever um artigo, tal como gostaria de o ver impresso. Cheio de bom-humor, leu o artigo a um camarada da máxima confiança. Pois, no dia seguinte, era convocado à presença de um funcionário alemão, e submetido a rigoroso interrogatório sobre as suas atividades da véspera.

Respondeu o jornalista que, depois de tomar uns copos, se tinha divertido a seu modo, sem fazer mal a ninguem. O funcionário carregou num botão, abriu-se a porta, e entrou um homem com um fonógrafo nos braços. Após curta pausa, um disco girou... e o perplexo correspondente ouviu a sua própria voz lendo o artigo que escrevera para rir!

O desembarque aliado no Norte de Africa

NUNCA PODEREI esquecer o assombro, a desmedida estupefação, com que a capital do Reich recebeu, a 8 de novembro, a notícia do desembarque dos Aliados no Norte de África. E o espanto não foi menor nos ministérios do Estado do que entre diplomatas e jornalistas. Era por essa época opinião corrente na Alemanha que a campanha submarina vinha causando tais e tão grandes perdas à navegação aliada, que toda e qualquer operação de desembarque se tornaria impossivel. Em discurso recentemente pronunciado, perguntara o Fuehrer sarcasticamente «o que é que os idiotas dos Aliados pensavam que tinham pela frente»... E a resposta alí estava! Daí a surpresa geral.

Tornava-se evidente que o ataque e desembarque colhera Roma e Berlim positivamente a cochilar sobre hipotéticos louros. Não era menos evidente que o fato de os submarinos se revelarem impotentes para deter o gigantesco comboio naval anglo-americano,

constituia o maior fiasco da campanha.

Tanto o Ministério da Propaganda do dr. Goebbels, como o Ministério das Relações Exteriores, entraram num estado que roçava pela desorientação. Os telefones retiniam sem cessar por todos os lados, entravam e saíam correndo os mensageiros, o salão de conferências transbordava de jornalistas e funcionários. O dr. Schmidt, chefe do gabinete de imprensa das Relações Exteriores, perdeu, ao dirigir-nos a palavra, aquilo que era a sua grande «linha» habitual. Exprimindo-se com grande excitação, declarou-nos que a Wilhelmstrasse encarava os acontecimentos com «suprema e gélida calma», e que os condutores da Alemanha iam decerto atuar com decisão e rapidez. Mas o que o congestivo funcionário por certo não conseguiu ocultar, foi a sua raiva impotente, causada pelo fato de que ingleses e americanos haviam flanqueado com êxito a «Muralha Atlântica», erigida pelos alemães à custa de tanto labor e sacrifício.

O desembarque no Norte de África acelerou um processo político iniciado algum tempo antes: a atitude dos estados neutros em relação à Alemanha estava sofrendo mudanças bem acentuadas. Já desde as primeiras fases da guerra que muita gente nesses paises se achava convencida de que a Alemanha acabaria por perder a grande cartada. Mais, e mais importante do que isso: as simpatias da esmagadora maioria estavam ao lado dos Aliados. Agora que ingleses e americanos se revelavam capazes de alguma coisa mais do que simplesmente fazer face ao Reich, a confiança geral dos neutros na vitória das Nações Unidas crescia a olhos vistos. O resultado foi que, automaticamente, passaram os neutrais a adotar para com a Alemanha uma atitude muito mais enérgica.

A mudança tornou-se patente na Espanha, em Portugal e na Turquia. Pelas alturas do fim do outono de 1942, os espanhóis começaram lenta mas seguramente a desvencilhar-se dos seus compromissos com Berlim. «Passamos da situação de não-beligerantes à de neutros,» afirmavam nossos colegas espanhóis. Portugal voltou a dar mostras de alta consideração pela Inglaterra. Ouvimos em Berlim queixas contra a *Agence d'Anatolie*, serviço telegráfico oficial da Turquia, que, segundo se afirmava, passara para o lado dos Aliados na sua maneira de cobrir o noticiário. Tambem o rádio turco assumira novo tom, favoravel agora aos Aliados...

Por outro lado, a desgraça dos italianos, que diretamente vinham sofrendo da ação aliada na África do Norte, tambem assustou os parceiros com que a Alemanha ainda contava no Sueste europeu. A invasão abalou em toda a linha a confiança na invencibilidade da Alemanha, e minou seriamente todo o sistema de alianças do Eixo. A chama da resistência nas nações ocupadas, por sua vez, recebeu uma lufada animadora.

Alguma coisa mais, todavia, há que adicionar ao quadro: a situação dos exércitos germânicos na Rússia se ia tornando desesperada. A 26 de janeiro de 1943, um dos porta-vozes do exército, Major Sommerfeldt, declarou-nos que os alemães de Stalingrado já se batiam sem esperança de poder escapar ao cerco. Poucos dias depois ficamos sabendo que a tragédia findara, e que nove generais (nove apenas, segundo os comunicados alemães; porem mais de vinte, no dizer dos russos) e 90.000 homens tinham ficado prisioneiros do inimigo. Só alí, a totalidade das perdas ou baixas do Eixo estava calculada em mais de 300.000 homens. Mas a perda

de materiais era ainda um motivo de maior preocupação para o Estado Maior alemão. De 19 de novembro até a queda da cidade, dizia-se que os alemães haviam perdido no Este cerca de 120.000 caminhões, 7.000 tanques, e 5.000 aviões.

As vitórias dos russos, conjugadas com a bem-sucedida invasão da África pelos Aliados, arrastaram a Alemanha a uma crise moral. Tornava-se agora evidente, aos olhos de grande número de alemães, que os seus chefes, cuja proficiência técnica fora até alí inconteste, se estavam já revelando inferiores aos adversários. Apesar de todo o seu «farol», Hitler fora colhido de surpresa, e a sua liderança havia conduzido a máquina de guerra dos alemães à crítica situação do beco sem saida. Efetivamente, como os acontecimentos viriam a provar mais tarde, o prestígio de Hitler como cabo de guerra nunca mais se restabeleceria depois da catástrofe de Stalingrado.

Na frente interna

Foi pelos começos de 1943 que os alemães dotados de bom-senso começaram a compreender que, como nação, estavam completamente abandonados. As esperanças de vitória se tinham quase de todo evolado; e o medo da derrota e das suas consequências não seria por certo o motor mais apropriado para manter em marcha acelerada a máquina de guerra. Até mesmo pessoas desprovidas das chamadas informações de «fonte segura» começavam a pensar no que haviam de fazer no caso de um colapso final. Muitos inquiriram das possibilidades de mandar as respectivas famílias para algum recanto mais calmo do país, a viver com parentes.

Começavam já a notar-se os sinais exteriores da pura e simples exhaustão física; os resultados de uma alimentação empobrecida e ministrada por contagotas, iam-se tornando patentes. Ouviam-se nos centros de negócios referências aos operários que caíam sem sentidos, agarrados às suas máquinas; vinha o médico da fábrica examiná-los, e a conclusão era invariavelmente a mesma: carência de alimentação adequada e de repouso...

Pelos meados de janeiro de 1943, o dr. Goebbels lançou nova campanha, destinada a ofuscar os irrecusaveis efeitos da invasão do Norte de África, e as derrotas sofridas na Rússia; mas a desconfiança na propaganda alemã em geral, e no sr. Goebbels em especial, havia-se intensificado progressivamente, sobretudo entre os soldados. O Ministro da Propaganda apelava agora para a mobilização total dos recursos nacionais da Alemanha. A despeito de quanto sucedera, argumentava o cavalheiro, o povo alemão ainda permanecia por assim dizer com um pé nos tempos de paz. «Toda a gente que observa a caça às frivolidades e bugigangas nas lojas, pelo Natal, e as longas bichas em frente das bilheterias das casas de espetáculo, sabe que aquilo é verdade. Ora, esta guerra põe em jogo a nossa própria vida. Não podemos ganhá-la em frações, meia vitória, ou mesmo três quartos de vitória! A guerra é total, e a vitória só pode ser total, ou não será vitória.»

Os paisanos alemães não poderiam continuar procedendo como se tivessem o privilégio de consagrar o seu tempo livre aos esportes, ao rádio, à bebida, ao teatro e ao cinema; a nova mobilização destinava-se a pôr termo a toda e qualquer atividade suntuária. Fechados todos os estabelecimentos

comerciais que não fossem de importância capital, poupar-se-iam mão de obra, gás, luz e matérias primas.

Por trás desses objetivos anunciados, podia-se descortinar outro propósito: era preciso manter o público alemão tão ocupado adentro fronteiras, que nem tempo tivesse para pensar nas derrotas sofridas na frente russa e na África.

Não tardou muito que o fechamento das lojas se tornasse um fato. Alguns dos mais conhecidos restaurantes de luxo de Berlim cerraram as portas—de roldão com a maioria das lojas de antiguidades, joalherias, perfumarias e armazens de moveis.

Nos bastidores, deram-se, é claro, violentas cenas de rivalidade entre donos de restaurantes. (A proibição do luxo fora naturalmente concebida para o povo em geral, mas não para os grandes...) Dizia-se à boca pequena que Goebbels arranjara as coisas de modo que os «cidadãos indignados» apedrejassem alguns restaurantes de luxo, de que eram proprietários certos indivíduos de influência no Partido Nazista, servindo-lhe assim as demonstrações públicas de pretexto para dar cabo do negócio aos mesmos camaradas. Paralelamente correu o boato de que Herr Goering, após uma luta encarniçada, conseguira ainda salvar um desses restaurantes para serviço da sua clientela de oficiais.

O encerramento de todos esses estabelecimentos causou maior indignação do que a princípio se tinha esperado. A medida, com efeito, prejudicava muito os interesses da classe média. A convicção geral era que tudo aquilo se fizera, não tanto para intensificar o esforço de guerra, mas para que os patrões do Partido se pudessem apropriar de uma larga parte dos suprimentos ainda disponiveis—com fins de uso exclusivo e pessoal.

Raide a Berlim

Foi em fins de fevereiro de 1943 que os ingleses começaram a redobrar os seus ataques aéreos. Várias cidades da Alemanha ocidental foram devastadas, entre elas Essen. Veio depois, a 1 de março, a vez de Berlim. A nutrida força atacante não encontrou pela frente a barragem de defesa anti-aérea que se esperava, e despejou à vontade, sobre a capital do Reich, enorme número de bombas demolidoras e incendiárias. O vento, que soprava forte nesse dia, espalhou as labaredas com furiosa rapidez. Quando, passado o alarme, os berlinenses sairam dos seus abrigos, foi para verificar que o horizonte estava abrasado dos incêndios que ardiam praticamente em todos os bairros da grande cidade.

Esse raide de 1 de março foi o mais duro dos golpes que a capital até então recebera; a depressão dos ânimos foi profunda durante os dias seguintes, muito embora Goebbels se tivesse esforçado por dominar o espírito derrotista que alastrava. Grande número de berlinenses receberam prêmios pela sua exemplar conduta durante o raide, e os jornais transbordavam de hinos de louvor aos «bravos cidadãos». Goebbels chegou mesmo a aparecer, de capacete de aço, na Breitenbach Platz, para distribuir barras de chocolate pela meninada!

Foi isso, bem entendido, logo depois do raide: porque, naqueles dias que se seguiram, nem o dr. Goebbels nem qualquer outro lider nazí ousou mostrar a cara em público. É que tinham sido muitos os berlinenses a revelar de

indisfarçavel maneira o seu descontentamento pelo sucedido. Os burocratas nazistas tinham sido acolhidos pela multidão, em vários pontos de Berlim, aos gritos de «Obrigados ao nosso lider!», e só num quarteirão haviam sido presas trinta pessoas por motivo de «comentários subversivos».

No ínterim, a situação de Rommel em África vinha causando a mais funda ansiedade. Quanto mais séria se punha a posição, maiores se iam tornando os esforços de Goebbels para apoucar as vitórias dos Aliados. Mesmo depois de terminada em desastre a campanha tunisiana, a imprensa alemã declarava que as potências do Eixo haviam sofrido apenas um ligeiro «arranhão»; que a resistência na África tinha diferido a invasão aliada por muitos meses «decisivos», o que, inversamente, dera tempo ao Eixo para reorganizar e robustecer a sua frente sul.

A essa manobra tenaz de propaganda, porem, o povo alemão não reagiu segundo a expectativa das altas esferas: os resultados da campanha da Tunísia foram interpretados como uma autêntica derrota, e não um simples «revés». Nada restava, praticamente, do que eram outrora os orgulhosos exércitos do Eixo na Tunísia! As perdas no mar, durante a campanha, tinham sido igualmente consideraveis. O número de aviões postos abaixo pelos Aliados—chegou-se a dar o caso de serem 99 em um só dia—era nada menos que aterrador. E a derrota era tanto maior, quanto é certo que as unidades aniquiladas ou capturadas se contavam entre as melhores de que a Alemanha dispunha. O lendário *Afrika Korps* de Rommel passara ao estado de simples memória. A divisão Hermann Goering sofrera tremendas baixas.

Até os otimistas inveterados começaram a pôr em dúvida o êxito da guerra. E os próprios chistes que circulavam eram agora de um humor lúgubre, sinistro: «Vá gozando a guerra, que a paz vai ser medonha»—e outros do mesmo estilo... Contava-se a anedota daquele homem que a explosão de uma bomba expulsara de casa, e que deu volta a todos os alfaiates de Berlim em busca de um terno novo. Não conseguindo achá-lo em parte alguma, desabafou por fim neste brado: «E tudo isto por causa de um *único* homem!» Conduzido incontinenti à presença do juiz, perguntou este quem era o tal *único* homem. Resposta: «Churchill, claro está! A quem julgava Vossa Excelência que eu me referia?...» Outra anedota corrente era a do otimista e do pessimista. Dizia aquele: «É uma coisa terrivel—mas vamos perder esta guerra.» Réplica do pessimista: «Sim, sim, mas *quando?!*»

Não houve nada de que o sr. Goebbels não lançasse mão para deter esta maré de derrotismo. É bem verdade que não teve êxito por aí alem, mas no curso dos seus esforços descobriu nova técnica para levar o público a esquecer o que se estava passando nos campos de batalha: consistia a técnica em matar uma má notícia...com outra ainda peor!

Havia muito tempo que nos vinham dizendo que as rações alimentares seriam mais uma vez reduzidas na Alemanha; mas essa medida restritiva fora adiada o mais possivel. Tratava-se de uma decisão particularmente dificil de tomar, em vista de um discurso feito por Goering em 1942, e de que toda a gente se lembrava perfeitamente no Reich. Nesse discurso, o lider prometera positivamente que as rações, que acabavam justamente de ser aumentadas, permaneceriam ao mesmo nivel, e talvez fosse até possivel aumentá-las mais. Ora, a 10 de maio anunciou-se, sem mais nem menos, que durante o período de racionamento seguinte as rações de carne sofreriam um corte superior a 85 gramas por semana. As discussões rebentaram, veementes. A cólera e o ressentimento gerais subiram de ponto... e a memória do desastre da Tunísia se apagou!

À maneira que se agravava o problema da alimentação, muitas vezes perguntei a mim mesmo como é que as donas de casa podiam conseguir, raspando aquí e alí, comida suficiente para calar a boca à família! Eram forçadas a ficar numa cauda muitas horas, todos os dias, para comprar nem que fosse um simples molho de rabanetes. Podia-se conseguir peixe uma vez por mês, mas sob a condição de andar de olho bem aberto pelos mercados. Habitualmente, só se encontravam três variedades de vegetais nos mercados, e o abastecimento era por vezes tão miseravel, que nem por eles valia a pena esperar.

O crime recrudesceu. Roubavam-se cartas de racionamento, e os autores do furto eram com frequência operários meio esfaimados, que não teriam sequer hesitado diante do assassínio, para obter alguns escassos cupons de pão... Nestas condições, o mercado negro assumiu, como não podia deixar de ser, tremendas proporções, e a sua atividade trepidante era só mais um sinal do afrouxamento generalizado do moral da nação. Antes de eu ter saido de Berlim, podia-se obter fosse o que fosse no mercado negro, com tanto que se tivesse com que pagar os preços fantásticos que se pediam. Na primavera de 1943 o café custava 300 marcos, e mais, o quilo, a manteiga 120 marcos, e os cigarros, qualquer coisa entre 50 *pfennigs* e 1 marco cada um! Disse-me um conhecido que, viajando no subterrâneo, um sujeito se aproximara dele, lhe arrancara dos dedos o cigarro que ele fumava, e, metendo-lhe uma nota de 1 marco na mão, correra para a saida, murmurando: «Desculpe, mas eu não posso mais resistir a um cigarro!»

Durante o primeiro semestre de 1943, a desintegração do moral foi tão vasta, que raros alemães se mantiveram no respeito da lei. Cada qual tinha a sua nodoazinha na conciência, quer porque houvesse feito um pequeno negócio escuso nalguma loja, quer por ter comprado a preços de mercado negro. E o dinheiro pouco valor tinha, uma vez que quase nada havia para com ele comprar. A gente já não perguntava: «Preciso eu disto ou daquilo?» mas antes, simplesmente: «Que é que há para comprar?»

Um dos problemas que se tornavam mais dificeis em Berlim, era o da habitação. Já em anos recentes se viera verificando praticamente impossivel alugar um apartamento. Até mesmo no outono de 1941, quando eu andava procurando casa e julgava ter achado uma, foi-me dito que, afinal de contas, me não seria possivel tomá-la de aluguel. Porque? Estavam cinco ou seis almirantes e generais à espera dela... Todavia, a partir da primavera de 43, o problema se agravou muitíssimo, devido às devastações cada vez maiores provocadas pelos bombardeamentos aéreos.

A guerra aérea

Muitos dos forasteiros que visitaram Berlim em 1941 e 1942, esperavam ir encontrar a cidade em ruinas. Na realidade, por essa altura, só

procurando minuciosamente se poderiam ter descoberto vestígios dos raides aéreos. A guerra devastara com efeito Berlim, mas a capital do Reich é uma grande cidade, e os efeitos do bombardeamento eram quase insignificantes no centro. Alem disso, as brigadas de reparação trabalhavam com incrivel rapidez. Dentro de poucas semanas estavam desvanecidos todos os traços de escombros deixados por algum raide intenso.

Durante os primeiros anos da guerra, as autoridades berlinenses não se pouparam a esforços para disfarçar os danos causados pelas bombas. Dinheiro, mão-de-obra e materiais, eram prodigamente dispensados para esse efeito. Do ponto de vista da propaganda, seria importante demonstrar que os raides britânicos não passavam de picadas de alfinete. Quando se verificava impossivel proceder a reparos, escondia-se a propriedade danificada sob imensos tapumes, todos forrados de cartazes a anunciar que o edifício estava a cargo de um empreiteiro. Os estrangeiros que cruzavam por Berlim não poucas vezes se maravilhavam de ver tão animada a construção civil.

Isso era então; porque depois, a aparência material de Berlim sofreu radicais alterações, sendo hoje a de uma cidade que a guerra devastou.

Com o mês de maio, começaram as visitas noturnas quase cotidianas dos Mosquitos ingleses, que tinham como propósito principal esgotar os nervos da população de Berlim. E é de justiça dizer que o conseguiram plenamente. Houve ocasiões em que os ingleses, muito embora despejando apenas algumas bombas, pairavam sobre a cidade por tanto tempo, que toda a gente se via forçada a passar horas e horas nos abrigos, perdendo assim outras tantas de sono reparador. Nestas condições, mesmo quando as fábricas não são diretamente atingidas, a produção cai de nivel, devido ao progressivo esgotamento físico e mental dos operários. Muitos berlinenses criaram o hábito de se não despirem até cerca das duas da manhã, enquanto outros experimentam o sistema de recolher-se por volta das oito da noite, na esperança de poderem gozar umas cinco horas de sono antes de soar o sinistro alarme.

Por agosto de 1943, os danos do bombardeio de Berlim estavam distribuidos com bastante uniformidade. Unter den Linden, a famosa avenida central, fora severamente atingida; mas o bairro da Wilhelmstrasse quase não mostrava uma arranhadura. O Ministério das Comunicações, na Wilhelmplatz, ficou com o andar superior completamente destruido, e o Ministério do Ar, obra de Goering, foi atingido por uma bem dirigida mina aérea, que arruinou 27 das suas repartições.

Todo o sul e o oeste de Berlim estão, à data em que escrevo, reduzidos a montões de escombros, sobretudo o bairro de Wilmersdorf. Estranha é a sensação de quem percorra esses bairros de automovel, à noite, vendo a lua brilhar através das janelas vazias de casas sem telhado, enquanto nas ruas não se ouve o mais leve rumor de vida... As silhuetas de pesadelo dessas ruinas, erguidas para o céu, fazem pensar num cenário irreal de teatro, e custa à gente crer que seja aquilo Berlim—a devastação e o deserto no coração de uma capital européia.

Até a data em que deixei Berlim, o maior êxito de todos os bombardeios fora, por si só, a dinamitação das represas do Mohne e Eder, em maio de 43.

Não é exagero afirmar que esses bombardeios se devem contar entre os golpes mais severos que até hoje fizeram gemer a Alemanha. Morreram afogadas inúmeras pessoas, e os serviços de impostos e de censo de regiões inteiras ficaram desorganizados, porque a inundação resultante da destruição dos diques arrastou consigo os registos paroquiais, os arquivos da polícia, e outros documentos de igual importância administrativa. Quanto aos resultados militares do raide, deve incluir-se neles a interrupção do abastecimento de energia elétrica, e o abaixamento do nivel das águas em numerosos canais essenciais às comunicações interiores. Em consequência disso, as barcaças tiveram que passar a meter menos carga, e tornou-se impossivel respeitar os horários de navegação. Dado que as represas fossem agora reparadas, levariam muito tempo a encher de novo até o nivel normal.

Ainda do ponto de vista militar, o bombardeamento dessas represas e da região industrial da Alemanha ocidental, tem sido de muito maior alcance e repercussão do que os raides a Berlim. Mas estes tiveram pelo seu lado inegável efeito psicológico. É que, por meio deles, não era só atingida a capital do Reich, mas tambem o símbolo do Nacional-Socialismo.

O intermezo austríaco

Foi por esse tempo, aproximadamente, que eu fiz uma visita à Áustria, onde me esperava a surpresa de encontrar o prestígio da Alemanha em via de decomposição, apesar de ter sido aquele país o berço natal de Hitler.

Chocou-me logo de começo verificar que desaparecera a tradicional hospitalidade vienense, até que um amigo me aconselhou um dia a fazer-me passar sempre como sueco; de outro modo, devido ao sotaque do norte com que eu falava o alemão, seria tomado por prussiano—e tratado correspondentemente.

Não levei muito tempo para certificar-me de que ele tinha razão. Um dia, no restaurante onde estava habituado a comer, e onde, até então, sempre fora tratado com frieza, para não dizer peor, desdobrei um velho exemplar do meu jornal, o *Svenska Dagbladet*. O chefe dos garçons veio logo para mim, lançou ao jornal um demorado olhar, e disse: «Então o senhor doutor é sueco?... Se eu tivesse sabido mais cedo, o teria tratado de maneira muito diferente!»

Em outros restaurantes tive ocasião de verificar que aquela sua atitude era típica. Mas foi só depois de ter assistido a um pequeno incidente, que a seguir refiro, que comecei a compreender as razões do caso. Tinha eu resolvido certo dia ir almoçar num dos restaurantes mais na moda. O único assento que pude encontrar ficava a uma mesa na qual um oficial prussiano acabava de servir-se da «entrada». Nisto, o alemão chamou o *maître-d'hotel*, e disse-lhe em voz alta que lhe tinham servido apenas 50 gramas de carne, embora ele tivesse feito entrega ao garçon de pontos de ração bastantes para 100 gramas. O *maître-d'hotel* correu logo a investigar, e voltou pouco depois a informar respeitosamente o prussiano de que este estava laborando em erro. O oficial desatou a dar murros na nossa mesa, fazendo saltar as louças e os talheres; e num paroxismo de furor berrou que havia de lhes ensinar o que é que os prussianos entendiam por *ordem;* que aquela molesa austríaca, aquela *Schlamperei* ainda lhes havia de custar caro! Aos brados de «gente safada» e «havemos de meter-lhes a ordem na cabeça à

força», as pessoas que estavam sentadas por alí agarravam-se às bordas das mesas para dominarem o impulso de reagir violentamente.

Mais tarde o *maître-d'hotel* veio pedir-me desculpa pelo desagradavel incidente. «Bem sabe como eles são,» acrescentou com ar resignado. «É por isso que toda a gente lhes quer tanto bem!»

Aconteceu-me estar em Viena, quando se anunciou que os grandes armazens iam ser fechados dentro em pouco, isso ao tempo em que as reservas das lojas mais pequenas se estavam esgotando rapidamente. Austríacos e estrangeiros adquiriram tudo quanto encontraram disponivel; e aos alemães que queriam comprar, respondia-se que tudo estava já vendido... Os lojistas quase nem se preocupavam em manter as aparências, fingiam só saber entender o dialeto vienense, faziam vista grossa aos fregueses alemães, ou expunham-lhes sobre o balcão alguma mercadoria de péssima qualidade, declarando com a maior sencerimônia que aquilo que alí estava era coisa «extra-fina, *fabricada em Berlim...*»

Viena é uma lava a escaldar de sentimentos anti-hitlerianos. Parecem ter esquecido, os austríacos, que muitos deles saudaram com entusiasmo a entrada triunfal desses mesmos alemães, a 13 de março de 1938. Nestes últimos cinco a seis anos, os austríacos de todas as classes travaram conhecimento com alemães de todas as classes—e o resultado foi um fracasso geral das esperanças germânicas de criar e manter uma grande unidade imperial.

Regressei dessa viagem com a forte convicção de que o Terceiro Reich, se havia conquistado Viena, fora tão só para perdê-la...

Inimigos populares—aliados impopulares

A CONSIDERAÇÃO votada pelo povo alemão aos seus inimigos, no decurso desta guerra, tem sido muito mais respeitosa do que a sua simpatia por aqueles mesmos que são seus aliados.

Os Nazistas consideram a Inglaterra como o inimigo primacial; nos seus sentimentos em relação ao Império está implícito certo elemento pessoal de violência, espécie de sentimento de inferioridade, e a convicção, aliás impotente, de que a Inglaterra há-de ganhar sempre a «derradeira batalha». A esse obscuro sentimento veio misturar-se uma admiração curiosa pela maneira como os ingleses mantiveram elevado o seu moral, durante os dias tenebrosos do *blitz* aéreo. «No fim de contas (era a desculpa que davam os alemães) os ingleses são um povo germânico, são nossos primos!»

Os dirigentes da Alemanha têm feito sistematicamente quanto podem para contrabalançar tais sentimentos. Na verdade, nem as próprias campanhas anti-semíticas igualam em violência a propaganda contra os ingleses. Nunca se perde a mais insignificante oportunidade de acentuar os três «atributos» britânicos: baixeza, debilidade e covardia...

Os correspondentes estrangeiros em Berlim nunca poderão esquecer a entrevista que um dia Rommel lhes deu, na presença do próprio Goebbels. Nessa entrevista o famoso marechal-de-campo afirmou com germânico *aplomb* que os ingleses eram uns covardes, e combatiam sem galhardia. «Nós já os derrotamos!» acrescentou Rommel, e afirmou que os alemães iam conquistar com certeza o Egito. A cerimônia realizou-se

poucas semanas antes do fulminante contra-ataque de Montgomery em El-Alamein, e todo o respeito que os jornalistas estrangeiros podiam ter consagrado ao marechal-de-campo foi anulado por essa absurda entrevista.

Uma semana depois, um tal capitão von der Heydte, portador da cruz-de-ferro e combatente da campanha de Creta, fazia uma conferência sobre as experiências das tropas paraquedistas. Chegado diretamente do avião que acabava de aterrar, não podia ele ter recebido quaisquer instruções superiores. E, na presença de um rubicundo funcionário do Ministério das Relações Exteriores e do corpo de jornalistas estrangeiros deleitados—aquele guerreiro mal informado rendeu caloroso preito de admiração ao adversário! «Os *Tommies* (disse) são o inimigo mais bravo e o mais resistente que nós, alemães, até agora achamos pela frente.»

Durante semanas não se falou noutra coisa que não fosse aquela gafe magnífica!

A respeito dos Estados Unidos os alemães dão mostras de excessiva sensibilidade. Manifestam na maioria dos casos uma espécie de cordialidade instintiva para com a América, talvez sobretudo porque milhões de alemães emigraram no passado para o Novo Mundo; mas, ao mesmo tempo, recordando o papel dos Estados Unidos na primeira guerra mundial, e o seu poderio material, não podem evitar um misto de despeito e admiração.

Tambem neste capítulo a propaganda nazista tem sistematicamente procurado «corrigir» a opinião pública alemã. Começou por tentar meter a ridículo a força dos Estados Unidos; os altos funcionários referiam-se com ironia à «mania dos algarismos» do americano, e declaravam que o «sistema da liberdade» dera em completo fiasco, e que a produção da indústria americana de armamentos estava muito abaixo dos níveis de produção proclamados pelo presidente Roosevelt.

Um dia, porem, o Ministério das Relações Exteriores recebeu um rude choque: nada menos que o ex-encarregado de negócios em Washington, o então Ministro do Reich em Estocolmo, Herr Thomsen, fez uma palestra para os representantes da imprensa estrangeira. Com grande espanto de todos os presentes, as idéias por Thomsen expressas sobre os Estados Unidos refutaram ponto por ponto as opiniões diariamente emitidas pela Wilhelmstrasse!

O diretor da Repartição de Imprensa perguntou a Thomsen se o povo americano se estaria apercebendo da «má-fé» do presidente Roosevelt... Ao que o diplomata redarguiu, com esmagadora franqueza, que o presidente dos Estados Unidos tinha a nação inteira atrás de si. «O povo americano (acentuou) vai lutar até o extremo!» Vendo todos os desesperados esforços que fazia para socorrer a sua linha de propaganda inutilizados pela sinceridade de Thomsen, Schmidt até tinha as veias da testa entumescidas. Mas o limite só foi atingido quando Thomsen, em sóbrias palavras, pôs os nazistas de sobreaviso contra a subestimação geral do armamento americano. Aquí o dr. Schmidt ficou fora de si. Não sei o que eu teria dado para assistir, invisivel, ao interessantíssimo encontro que, depois da palestra, teve lugar entre os dois cavalheiros!...

A atitude do Reich em relação ao seu terceiro grande inimigo, a União Soviética, é infinitamente mais complexa.

Assim, afirma-se que, do ponto de vista da política interna, não há qualquer diferença entre a orientação nazista e a soviética: a concentração total do poder é tão caraterística de Berlim como de Moscou...

Mas o que leva a raiva dos alemães ao rubro-branco, são «os métodos vis de que os russos lançam mão» para fazer a guerra. Todos os soldados alemães com quem tive ocasião de falar reagiram com expressões de horror (e de terror) a qualquer referência da minha parte à União Soviética. Na opinião deles, o sistema russo construia formidaveis edifícios públicos, fabricava enormes quantidades do mais moderno material de guerra, mas ao mesmo tempo deixava que a maior parte da população vivesse num estado de miséria indescritivel. A fria e severa persistência dessa política soviética horrorizava o soldado alemão, e fazia-lhe realmente sentir e crer que andava lutando a favor de um mundo melhor, contra a «barbárie oriental».

A certa altura os serviços da propaganda nazista tentaram especular com esse sentimento, aliás generalizado, organizando no *Lustgarten* uma exposição a que puseram o nome de «Paraiso Soviético». Era uma coleção «absolutamente autêntica» de casas de habitação —verdadeiras cloacas, horrendas, cheias de trapo velho!—trazidas, segundo se fazia constar, de Minsk, na Rússia Branca. Milhares de pessoas visitavam diariamente a exposição. Mas o fedor era de entontecer, e muito visitante saiu tão depressa como entrou... Sem dúvida, algumas pessoas se deixaram impressionar por essa espécie de propaganda direta, pelo «fato», mas após o encerramento da exposição começou a correr em Berlim a seguinte pilhéria:

«Então porque é que eles fecharam o Paraiso Soviético?» Resposta: «Ora, porque havia de ser! O pessoal de Norte-Berlim reclamou a restituição de suas posses!»

ESTRANHOS, na verdade, são os sentimentos que a Alemanha nutre por seus aliados. Conquanto nenhum alemão ouse negar que a campanha japonesa na Ásia aliviou consideravelmente na Europa a pressão sobre o Reich, os japoneses são alvo da antipatia geral, ao passo que os chineses, por estranho que isso pareça, gozam de muita popularidade. Isso se deve, em parte, ao fato de os alemães ainda não terem esquecido que os japoneses se bateram contra eles na outra guerra. Pensa-se tambem que o Kaiser Guilherme, depois de tudo, não andava muito enganado quando preveniu a Europa contra o «perigo amarelo»...

Foi interessante observar as reações, em Berlim, às grandes vitórias japonesas da primavera de 1942. De começo, os alemães se entusiasmaram e aplaudiram com vigor. Mas, à medida que prosseguiam as conquistas dos japoneses, e quando por fim cairam em mãos deles as Índias Neerlandesas, foi grande a depressão que pesou nos círculos políticos.

Houve até líderes preeminentes do Nazismo que deixaram escapar comentários deste gênero: «São os povos germânicos que estão tendo que pagar pelo avanço das raças amarelas!»

Este sentimento anti-japonês tem persistido. Os meios dirigentes da Alemanha sempre se mostraram contrariados pela recusa dos japoneses em aceitar fazer a guerra de acordo com a estratégia alemã, e, particularmente, pela sua obstinação em não declararem guerra à União Soviética. O Eixo Berlim-Tóquio é pura e simplesmente um «casamento de conveniência», no qual nenhuma das partes interessadas alimenta o mais leve escrúpulo em sacrificar o parceiro, se tal for necessário.

Peores ainda eram as relações da Alemanha com a sua antiga aliada, a Itália. A capitulação da Itália, a 3 de setembro de 1943, acarretou consigo, pelo menos, uma abençoada vantagem para a Alemanha oficial: podiam finalmente expressar os sentimentos que nutriam a respeito da sua ex-aliada! O «heróico» povo italiano, que até pouco antes vinha sendo posto nos píncaros da lua, transformou-se de súbito em nação de traidores, demasiado vis para merecerem a chefia de um «gigante» como o senhor Mussolini...

Mas a defecção da Itália nem por isso deve ter deixado de produzir uma impressão esmagadora no público alemão. Vindo em conjunção com a ofensiva da Rússia, a ação aliada na Itália abre perspectivas de extrema seriedade para o Terceiro Reich. Já não é só o fato de que as zonas da Alemanha sul, até há pouco razoavelmente salvaguardadas, passaram a ficar diretamente expostas aos esmagadores ataques aéreos dos Aliados; é tambem o perigo de uma porta aberta à invasão pelas forças das democracias. Desde a rendição da Itália que a data «1918» começou a exercer sobre o povo alemão efeito hipnótico de dia para dia mais acentuado...

Conquanto, porem, a população da Alemanha esteja, no seu conjunto, sofrendo de excesso de trabalho e de esgotamento nervoso, não seria prudente subestimar as suas energias atuais. O Terceiro Reich ainda possue reservas praticamente intactas, incluindo por exemplo as «novas armas» de que tanto se tem falado. Seria erro imperdoavel supor que isso é simples propaganda, e a prudência ancoselha-nos a contar com a possibilidade de que os alemães disponham de meios técnicos que ainda venham a resultar em truinfos para o Fuehrer. Tem-se feito referência, por exemplo, a peças de artilharia de um alcance verdadeiramente sem precedentes.

É perfeitamente possivel, já hoje, que os alemães tenham podido realizar um canhão lança-foguetões capaz de um alcance de 220 quilômetros. Uma peça desse tipo terá provavelmente baixo rigor de pontaria, o que, em todo caso, não constitue grande problema quando se pensa que o seu projetil pode ter as dimensões de uma pequena casa! Se os alemães dispõem de tal canhão, estariam em condições de destruir grandes zonas de Londres, e de danificar seriamente a Inglaterra, ao abrigo de bem defendidas posições de artilharia no continente. Por outro lado, não há razão para crer que esta, ou outra qualquer arma secreta de alta potência, não encontrasse por parte dos Aliados resposta condigna, em novas armas da mesma espécie, ou que isso de qualquer modo diminuisse a determinação com que os ingleses esperam levar a guerra a uma conclusão vitoriosa.

Os patrões do nazismo

A OPOSIÇÃO ao Partido Nazista foi-se espalhando com surpreendente celeridade por toda a Alemanha; sem embargo de que mantem a nação sujeita por uma gargantilha de ferro, o partido não cairá, todavia, com a mesma facilidade com que cairam, ao som mágico da trombeta, as muralhas de Jericó... A Gestapo, ou polícia secreta, é a garantia do completo domínio da população pelo Partido. Só ela, conta 500.000 homens, pelo menos; e tem preparado, até os

mínimos detalhes, todas as defesas contra uma possivel revolução interna. Ninhos de metralhadora disfarçados em pavilhões de pedra, ou de abrigos contra bombardeio destinados ao pessoal, foram já instalados nas estações de estrada de ferro e nas encruzilhadas de tráfego das grandes cidades. Soldados das Tropas de Assalto (SS), armados com carabinas automáticas, ocupam as casas de esquina com importância estratégica.

A Gestapo, na sua incessante caça aos inimigos do partido, emprega processos que deixam a perder de vista os métodos inquisitoriais de outras eras. Mantem-se de caso pensado uma atmosfera de terror. Só se fazem prisões a altas horas da noite, ou pela madrugada; os homens encarregados da captura, propositalmente taciturnos e carrancudos, não oferecem qualquer explicação aos presos nem às famílias, e a uns e outros se procura dar a impressão de que o destino imediato do sinistro cortejo—é a forca.

Naqueles casos em que o terror só por si mostra ser ineficaz, a Gestapo não hesita em incitar e provocar à rebelião. Quando os chefes da polícia alemã ouvem dizer que andam fermentos de revolta em qualquer recanto do país, é frequente mandarem logo um agitador para organizar uma conjura. E, uma vez «chocada» convenientemente a «bernarda», lá vem a Gestapo de escantilhão para prender os ingênuos que se deixaram levar no engodo dos provocadores.

Se a execução em massa se torna oportuna, a tarefa recai habitualmente nos SS, ou Guardas Negros, assim chamados pela cor das camisas que envergam. As brigadas negras têm servido sobretudo na «limpeza» de judeus, tarefa na qual se conduziram sempre com o máximo da brutalidade, muito embora esta pareça nada, quando comparada com o que os mesmos soldados das SS têm praticado no Este europeu, em matéria de repressão e terror. Talvez nunca venha a ser possivel apurar exatamente quantas vidas de judeus, poloneses e russos pesam (se é que *pesam!*) sobre a conciência desses soldados enfurecidos que formam os exércitos do nazismo.

Os homens das SS são escrupulosamente selecionados para a formação das brigadas de execução no Este europeu. Recrutam-se antes de tudo entre os elementos mais brutais da população, e vão sendo gradualmente treinados para se tornarem ainda mais duros e mais implacaveis. De começo, a prática pode simplesmente consistir em arrancar judeu de casa para varrer as ruas e limpar os montões de neve. São em seguida designados para constituir os pelotões de execução de indivíduos isolados; e só depois desse treino progressivo eles estão em condições de entrar a matar gente em massa, tal como tem sido feito nas frentes de leste.

Apesar de todo esse treino, muitos homens têm recusado tomar parte nas execuções em massa, sendo recambiados para a Alemanha, sob sérias ameaças de represália na pessoa deles ou de suas famílias, no caso de darem «com a língua nos dentes». Outros sofreram de ataques de loucura, e foram recolhidos a manicômios. Vezes repetidas têm sido chamados médicos para tratar soldados que voltam de licença à Alemanha, sofrendo de ataques severos de angústia ou de insônia persistente. A história é sempre a mesma: «Não posso mais aturar aquilo... Não vejo senão sangue nos meus sonhos...»

Os LÍDERES do Partido consideram a Alemanha, e até mesmo a Europa, como seu feudo próprio. Têm feito uso inescrupuloso do seu poder para fins de lucro pessoal, e muitas vezes chegam a não estabelecer distinção entre os bens públicos e os bens próprios. No que respeita, então, aos homens que ocupam as mais altas posições, esses limites foram completamente obliterados. Os homens de maior influência do partido têm amontoado fortunas pelos meios mais deshonestos. A sua corrupção e os abusos de poder que praticam despertaram sempre a cólera e a repulsa do povo.

É dificil julgar da exata força da oposição ao nazismo, dentro da Alemanha. A grande massa popular é, de sentimento, anti-nazista: quer ver-se livre do partido, e que a deixem em paz. Mas só uma minoria do povo sabe o que desejaria ver no lugar de Hitler.

A propaganda contra o governo, feita «à boca pequena», parece estar sistematicamente organizada em certos lugares. São sem conta as vezes que algum segredo pouco cheiroso se espalha por toda uma cidade em poucas horas, e as vidas privadas dos «patrões» do partido fornecem inesgotavel alimento à propaganda da oposição.

Muitos dos acontecimentos que, nesta mesma hora, se estão desenrolando na Alemanha, deixariam boquiabertos os leitores estrangeiros. Calcula-se, por exemplo, que mais de 150.000 pessoas passaram a viver, na clandestinidade, uma existência fora da lei. Alguns são judeus, mas na maioria trata-se de anti-nazistas, que o são por motivos alheios à questão de «raça». Recolhidos por amigos ou parentes, vivem num estado de permanente tensão, como animais que a cada instante receassem cair nas garras da matilha—a Gestapo. Muitos deles estão hoje beneficiando do caos administrativo causado pelos bombardeios aéreos e a resultante evacuação de cidades.

Os SACERDOTES, assim católicos como protestantes, têm dado provas de grande coragem e tenacidade na sua luta pela liberdade de conciência. Vêm cooperando entre si na resistência à opressão nazista, e dessa maneira ajudando a derrubar muitas das barreiras que dantes separavam as diversas seitas religiosas. Os padres romanos vão pregar às igrejas luteranas, e os pastores protestantes que foram expulsos das suas paróquias têm encontrado apoio e socorro nos fundos da Igreja Católica.

É sem dúvida alguma a firme organização da Igreja Católica que, até agora, tem salvo o que resta da cultura alemã e da liberdade espiritual dos alemães. E é tambem o catolicismo que vem respigando a maior vantagem do renascimento religioso que é notório em toda a Alemanha, nestes últimos anos. Deve-se isso principalmente à corajosa e desassombrada atitude de muitos dos chefes da Igreja. Assim, por exemplo, por toda a Alemanha têm circulado de mão em mão cópias dos sermões anti-nazistas do conde von Galen, bispo de Munster, e a catedral desta diocese ficava a transbordar de assistentes sempre que o bispo pregava. A Gestapo não ousou intrometer-se. Durante o período em que a prisão de von Galen pareceu iminente, os camponeses vinham todas as manhãs à cidade, nas suas carrocinhas, e batiam à porta da residência episcopal, pedindo que o bispo se mostrasse ao povo, para desse modo se certificarem de que ele não tinha ido para um campo de concentração.

Inúmeras são as lendas que correm a respeito deste homem. A mais conhecida é talvez a seguinte: um chefe nazista entrou certo domingo na igreja, e pôs-se a bradar que aqueles que não estavam contribuindo para a luta de vida ou de morte da Alemanha, com a sua própria carne e o seu sangue, ou a carne e o sangue de seus filhos, não tinham o direito de falar. Ao que o bispo retorquiu sem hesitação: «Proibo seja a quem for de nesta igreja criticar a pessoa do Fuehrer!»

Histórias como esta e outras se contam não só de von Galen, mas de muitos outros sacerdotes.

O fato de o Partido Nacional-Socialista, apesar de toda a sua corrupção e impopularidade, ter mantido até hoje a nação sob o seu jugo inflexivel, deve-se à solidariedade do corpo de líderes nazís, que se conservam unidos apesar de todos os conflitos que internamente os dividem. Esta frente comum contra toda e qualquer oposição, é ditada por uma comunidade de interesses e por uma fé de fanáticos na idéia Nacional-Socialista, suprema e primordialmente incarnada em Adolfo Hitler.

Mas, para alem dessa fachada de unidade, oculta-se um ninho de interesses pessoais em conflito, que o próprio Hitler parece ter estimulado para se manter no seu lugar de árbitro supremo.

As inconstâncias da fortuna nunca se fazem esperar muito para os marechais da política nazista. Por exemplo, nos começos de 1943, Goebbels se tornou o homem-da-hora, só para recair passados poucos meses na relativa obscuridade da sua posição anterior. Depois foi Goering que desapareceu do seu alto poleiro: na primavera passada corria que ele estava numa espécie de semi-exílio em Gratz. Em agosto, qualquer coisa de misterioso sucedeu, que de novo o trouxe para o primeiro plano. A explicação do caso deve ser, muito simplesmente, que havia alguma coisa que era preciso fazer, e Goering era o homem indicado para executá-la.

Por estranho que pareça, foi este homem, cuja brutalidade excede a de qualquer outro dos líderes nazistas, quem acabou por simbolizar o lado «humano» do regime. O seu interesse em medalhas e uniformes, na espetaculosidade infantil e na boa comida, são coisas em que os alemães reconheceram caraterísticas nacionais, e por isso fizeram dele uma figura popular e favorita. Nestes últimos tempos, contudo, a popularidade do ventripotente Goering se foi desvanecendo, pois, em face das duras necessidades da hora, já ninguem pode olhar com tolerância para o fraco do luxo que o domina. As anedotas e rumores sobre a sua concepção muito elástica do que é «teu» e do que é «meu», vêm correndo em volume crescente. Conta-se por exemplo que, durante uma recepção, um convidado contemplava com admiração um formoso candelabro; um general que passava junto dele murmurou: «Tenha cautela, não vá Goering dar por isso...»

Heinrich Himmler, o atual ministro do Interior, lider nacional dos SS e chefe da Polícia Alemã, é talvez, de todos os chefes do Nazismo, aquele que o grande público conhece menos. Não obstante, a idéia que em geral se tem dele está bem simbolizada no apelido *der Himmler*—na Idade Média o homem que «içava» gente, quer dizer, o carrasco... Há provas irrefutaveis de que Himmler é um sujeito possuido por uma sede demoníaca de poder. Com energia e determinação, foi edificando uma organização tão completa, que lhe é possivel por meio dela trazer debaixo de olho toda e qualquer pessoa, por muito alto que esteja colocada. Nos seus arquivos secretos, encontra-se tudo quanto seja necessário saber sobre as «escorregadelas» de Goering ou de Goebbels. Até as ações do próprio Fuehrer estão sob a alçada das suas investigações!

Quase inteiramente desconhecido fora da Alemanha, e a despeito disso um dos magnatas mais possantes do regime, é Martin Bormann. Os correspondentes estrangeiros em Berlim sabem de há muito que ele era, se não de direito, pelo menos de fato, o sucessor de Rudolf Hess no cargo de «delegado do Fuehrer»: assim figura já hoje nos jornais do mundo. E é, como Hess, o diretor da Chancelaria do Partido. Numa palavra, é ele a mão-direita de Hitler em tudo que diga respeito aos negócios internos.

Uma das responsabilidades que lhe incumbem, são os assuntos eclesiásticos. É por via das ordens dele diretamente promanadas que padres e pastores têm sido presos, que muitos edifícios do culto têm sido encerrados, e que a religião é de há tempos tratada com tal severidade, que diríeis por vezes ser o Cristianismo um inimigo mais odiado do que o próprio Bolchevismo!

Joachim von Ribbentrop, ministro das Relações Exteriores do Reich, é mais um exemplo dos muitos indivíduos, dotados de grande energia mas completamente desprovidos de escrúpulos morais, que o regime nazista trouxe à tona da história. Tendo começado por ser um modesto vendedor de champanha—daí o seu apelido: Joachim «Extra-Seco»—Ribbentrop foi adotado por um parente, e dessa maneira pôde adicionar ao nome o cobiçado «von» aristocrático.

Há muitos alemães que o consideram ainda mais responsavel do que o próprio Adolfo Hitler pela política de agressão da Alemanha, e esse modo de ver, tantas vezes expresso, deve ter sólidas razões; com efeito, repete-se frequentemente que, se Ribbentrop não houvesse insistido em que a Inglaterra acabaria por ceder, e não tivesse aconselhado Hitler a forçar a solução do conflito germano-polonês, talvez não tivesse começado em 1939 a segunda guerra mundial.

Mas de todos os líderes o mais impopular é sem contestação o dr. Robert Ley, chefe da Frente do Trabalho. Este homem, que é um dos raros amigos pessoais de Hitler, possue um ventre respeitavel, uma dupla papeira, e roscas de gordura no cachaço; fala com uma voz áspera e asmática, e a típica fanfarrada nazista. Constitue um espetáculo digno de ver-se, nas cerimônias oficiais, especialmente nas sessões do Reichstag, o modo como ele se precipita, aos tropeções e com uma expressão de ansiedade, ao encontro das personalidades de categoria superior à sua, para as saudar, lançando de revés uma mirada inquieta aos fotógrafos dos jornais. Nem mesmo o marechal-de-campo Keitel, a quem chamam «La Keitel»—tão disposto ele está sempre a se prostituir diante de quem quer que esteja em cima —nem mesmo esse homem corrupto sabe ocultar o seu nojo, ao ver aproximar-se o pequeno e roliço ditador do Trabalho.

A sua moralidade pessoal é tão baixa, que muitos nazistas moderados se têm esforçado por excluí-lo da vida pública, por saberem que ele será sempre um centro de corrupção no seio do partido.

Mas, embora as suas bebedeiras e a sua indignidade sejam conhecidas até dos garotos das ruas de Berlim, não há qualquer esperança de o ver pelas costas, enquanto durar a proteção que lhe dispensa o Reichsfuehrer Adolfo Hitler em pessoa.

QUEM OBSERVA Hitler durante qualquer das cerimônias públicas a que está presente, fica impressionado pela inconsistência manifesta da sua natureza. O seu porte é rígido, sem gravidade nem naturalidade. Quando desce da tribuna, parece mais um mercador de feira que decidiu posar de grande homem, do que o chefe idolatrado de um povo.

Começa sempre a falar em voz muito forte, repetindo de costume a consabida e já fastidiosa história da sua ascensão de simples soldado a lider do Reich Alemão. Vai depois aquecendo progressivamente, e de repente a gente vê diante de si um homem bastante mudado, verdadeiro feixe de nervos num estado de agitação apaixonada. As palavras caem-lhe da boca como marteladas, e, olhando em roda, o espectador nota que o auditório inteiro lhe bebe religiosamente as expressões, de boca aberta e olhos esbugalhados... É quase preciso a gente beliscar-se ou picar-se com um alfinete, para se não deixar levar por aquela hipnose coletiva. Depois, repentinamente, o encanto desfaz-se, e o que vemos é apenas aquele homenzinho de botas lustrosas e melena caida, que está lá em cima a ver se se convence, e nos convence, da sua grandeza.

Quando considerada superficialmente, a sua política exterior parece-nos impregnada de cínico realismo; mas a verdade é que as paixões e a atitude pessoal do Fuehrer têm com frequência desempenhado um papel dominante. Não é segredo para ninguem, em Berlim, que qualquer assunto urgente pode chegar a esperar dias e semanas, sem andamento, porque os conselheiros não ousam levar um caso penoso ou dificil ao conhecimento do Fuehrer, até que este tenha dado sinais de uma disposição de espírito excepcionalmente boa. A política da Alemanha tem sido muitas vezes inspirada pelo seu rancor pessoal, e essa espécie de irracionalidade é sem dúvida a caraterística mais aterradora do regime.

Na qualidade de comandante militar, ninguem pode negar que Adolfo possue uma aptidão pouco comum para traçar planos grandiosos. Cultiva, porem, a paixão dos pormenores, e esta sua feição mental tem por vezes causado tremenda irritação entre os militares. Chega a chamar o chefe de estado-maior trinta vezes durante a mesma manhã, para que ele lhe explique a significação de operações que só deviam interessar aos comandantes de campo. Hitler tem tambem causado demoras na aprovação de algum tipo novo de arma, pelo fato de pretender verificar pessoalmente todas as minúcias.

Verem-se comandados por um chefe supremo tão cioso do seu poder, e apesar disso tão falho de educação militar, deve ser das provas mais duras para o estado-maior alemão. Contam-se muitos episódios da interferência de Hitler em assuntos militares. É ele de uma indiferença desmedida em questão de formalidades regulamentares, e diz-se que tem chegado a dar ordens a batalhões e a companhias, passando por cima dos respectivos comandantes. Esta atitude está bem caraterizada numa anedota que se atribue ao general von Bock. Perguntava-lhe o famoso maestro Furtwängler por que razão é que ele, von Bock, fora retirado do comando que exercera. Resposta do general: «Meu caro Furtwängler, se o Fuehrer soubesse tocar, ainda que fosse gaita de beiços, você nunca mais poderia dirigir uma orquestra em público...»

A ambição de ser, ao mesmo tempo, grande homem de estado e cabo-de-guerra—o maior de todos—está porem, feliz ou infelizmente, muito acima das qualidades pessoais e da preparação do Fuehrer. A sua intervenção pessoal na guerra tem redundado sempre em desastre, e a explicação do fato encontra-se talvez na divisa que ele sempre se esforçou por seguir: «Tornar possivel o impossivel.» Nos domínios da política, esse princípio produziu, não resta dúvida, resultados brilhantes. Contra o parecer expresso dos seus generais, Hitler ordenou a remilitarização da Renânia, ocupou a Áustria, «resolveu» a seu modo a questão tcheca; e esses triunfos políticos deram-lhe a ilusão de que o seu senso estratégico seria tambem infalivel.

Foi essa política de realização de impossiveis que ele procurou seguir com a invasão da Rússia. Mas escaparam ao seu raciocínio fatores militares tais como reservas, transportes, o clima, e sobretudo as disposições combativas e patrióticas do povo russo. Tendo calculado erroneamente esses fatores, a sua autoridade estratégica enterrou-se nas estepes da Rússia como nos areais do Norte de África.

Nestes dois últimos anos, porem, Hitler tem mudado. Em primeiro lugar envelheceu. Nos seus olhos paira uma expressão mais tensa e desvairada. Dá a impressão de um homem que vê a areia da ampulheta se ir esvaindo, e se julga impotente para detê-la.

Quanto à saude do Fuehrer, só os mais íntimos, os iniciados, conhecem a sua real condição. Tem sofrido colapsos de tempos a tempos, e não esteve sempre, ininterruptamente, à frente do governo. Por vezes durante semanas e meses, o controle político e militar passou para outras mãos—o político, habitualmente, para as de Himmler e Bormann; e o militar, para as do Alto Comando.

Atualmente Hitler vive no mais completo isolamento, e só vê raras e contadas pessoas. Ao que se afigura, os líderes militares alemães conseguiram finalmente ter mão-forte na direção política da guerra, e o Fuehrer tem sido mais e mais relegado para as sombras do fundo.

À medida que as batalhas do presente forem passando à história, poderá esta proceder ao juizo da carreira deste homem estranho. Já hoje se torna claro que a guerra nos vem arrastando às mais radicais transformações dos tempos modernos. Quando os acontecimentos atuais pertencerem bem ao domínio do passado, talvez tenhamos que considerar Hitler como um instrumento do destino, completamente diferente desse outro destino que ele para si sonhara, nas alturas do seu ninho de águia de Berchtesgaden... Devido ao seu regime de tirania e agressão, o amor da liberdade, ideal estremecido, voltou a inflamar o mundo de lés a lés. Cidadãos de paises onde a liberdade era considerada como coisa banal e assegurada, por ser tão familiar, passaram a compreender com a sua carne e o seu sangue a realidade da ameaça que pesava sobre essa liberdade.

Talvez a história venha a reconhecer um dia que esse renascimento do amor da liberdade foi a verdadeira e única missão de Hitler sobre a terra...

A fase final da guerra

DÚVIDA NÃO resta, porem, de que Adolfo Hitler e os seus comparsas ficarão na História como niilistas acabados, para usar a expressão de Rauschning. Os nazistas tentaram remodelar todo o fundamento da vida nacional da Alemanha, que antes do acesso de Hitler ao poder, era, numa palavra, o Evangelho. É certo que, pessoalmente, muitos alemães votavam completa indiferença à religião; mas esses mesmos estavam marcadamente influenciados pelos preceitos comuns a todas as nações cultas do mundo cristão.

Hitler intentou dar aos alemães uma nova religião. Mantinha-se a juventude alemã a distância das igrejas, e oferecia-se-lhe novo objeto de crença. Em muitas partes do país a fé em Hitler chegou mesmo a tomar as proporções de verdadeiro culto, mas isso era ainda apenas um movimento de superfície. Aquilo com que a juventude alemã vinha sendo inoculada era, antes, um decálogo de sangue, poder e germanismo. Tudo o que dissesse respeito a outras nações, era vedado ao seu conhecimento.

Ora é precisamente nessa atitude da mocidade alemã que reside um dos maiores perigos, não só para a Europa, mas para o mundo inteiro. Aquilo que Hitler semeou outros virão a colher, e talvez seja necessário esperar a passagem de algumas gerações, antes que as sementes do Nazismo possam ser de todo expurgadas.

Paralelamente à criação da nova «religião», corre o aniquilamento sistemático do antigo sistema judiciário. Para quem vem de fora, torna-se realmente dificil abarcar a significação do novo sistema de a-legalidade instituido pelo nazismo.

A Alemanha está hoje em condições quase comparaveis às do *Interregnum* de 1254-73, de triste lembrança na sua história. Cidadãos inocentes e virtuosos podem ser, e são na verdade, encarcerados e imediatamente executados sem julgamento nem formalidade de qualquer espécie. Nem sequer se observam as regras mais elementares de respeito pelo preso, que pode ser liquidado em sua própria casa. Como compreender semelhante estado de coisas, quando a gente se lembra que este povo foi considerado um dos mais cultos e civilizados do mundo?

Na vida oficial, como na existência privada, florescem brutalidade, servilismo, mentira e corrupção; a deslealdade e a denúncia vieram tomar o lugar das aspirações à verdade e à honra.

Milhões de alemães têm reagido intimamente contra estas manifestações da política hitleriana, tal como outros povos europeus—mas poucos terão ousado ir até o protesto verbal. Falta de coragem moral? Assim deve ser talvez. Mas levantar a voz numa nação jugulada por um regime do tipo nazista, é uma coisa cujas consequências os que estão de fora só muito remotamente podem conceber. Qualquer sinal de oposição equivale a arriscar não só a própria cabeça, mas as vidas até de parentes e amigos.

Os alemães estão hoje vivendo numa situação que é de apavorar. Há dez anos que estão acorrentados ao regime nazista, sujeitos à sua sistemática ação adormentadora, e à segregação relativamente ao mundo exterior. Os mais inteligentes dentre eles compreendem perfeitamente que a vitória da Alemanha hitlerista resultaria num insuportavel colete-de-força para os alemães, do mesmo modo que para outras nações. E isso é qualquer coisa que eles não ousam desejar de todo o coração. Mas a idéia de que quem não tiver no Fuehrer uma confiança de fanático, é um traidor à pátria, tem-lhes sido mil vezes martelada na cabeça; alem disso, aqueles que já puderam assistir à crise de 1918, sabem o que é ver-se desarmado e entregue nas mãos do inimigo, e imaginam que uma nova derrota seria agora mil vezes peor.

O povo alemão começa a sentir que, sob as cinzas e ruinas da Europa, arde um fogo de ódio, e que contra ele se volve a ameaça de todos os povos europeus—aqueles mesmos que o nazismo pretendia integrar na Alemanha, e que, afinal, só conseguiu unificar *contra* ela... Sentem tambem a pressão dos povos eslavos, que se adensa, e a ameaça latente de milhões de trabalhadores estrangeiros, que vivem na Alemanha sob o regime do trabalho forçado.

Ainda não se sabe, porem, o que nos trará a fase final deste conflito. As privações e a miséria da guerra e da ocupação estabeleceram a confusão entre os povos, e a revolta é uma possibilidade, se a situação militar vier a tornar-se desesperada. Os trabalhadores estrangeiros que estão na Alemanha podem sublevar-se numa espécie de nova insurreição espartaquista, em escala como a história nunca viu. E o ódio acumulado nos paises ocupados está só esperando o momento de explodir...

Apesar de tudo isso, muitos alemães pensam dever levar a corrida até o fim. E que outro caminho lhes resta aberto, senão o da luta? Os Aliados, de fato, não deram ao povo alemão qualquer alternativa para a rendição incondicional. É dificil levar um povo a aceitar semelhante solução, antes de produzida a catástrofe militar. *Na realidade, os inimigos da Alemanha estão forçando os alemães a unir-se sob o estandarte da suástica.* «Vitória ou Bolchevismo» eis o estribilho do dr. Goebbels. É outra maneira de dizer que não há mais escolha para a nação alemã. Em todo caso, uma coisa os Nazistas sabem sem sombra sequer de dúvida: é que a batalha, o *Kampf*, que Hitler lhes prometeu e serviu, representa para eles, questão de vida ou de morte!

Alfinetadas nos nazistas

¶ UM comediante popular norueguês, vestindo uniforme germânico, marchou até o centro do palco, encarou a assistência, e ergueu o braço à moda nazista. Alguns oficiais alemães que se achavam presentes imediatamente se perfilaram, chocando os calcanhares, e responderam à saudação nazista. Então, ainda com o braço levantado, o cômico declarou, com um sorriso: «Foi a esta altura que o meu cão conseguiu saltar, ontem.»

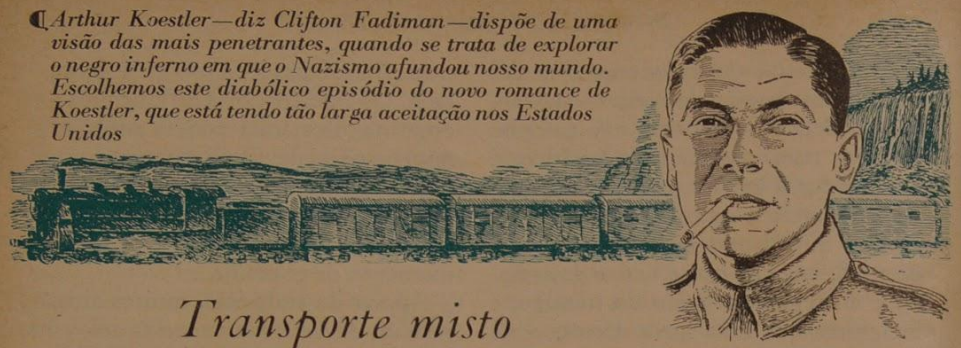
Nat Schmulowitz, *The Nazi Joke Courts*

¶ UM campônio francês, ocupado no plantio da primavera, foi interrompido por um par de nazistas que atravessavam arrogantemente pelo campo. «Continue a semear,» escarneceram os alemães, «será para nós o que você colher!»

«Tomara!» replicou o camponês. «Estou semeando o cânhamo, para fazer cordas!»

Joachim Joesten, *The Nation*

Arthur Koestler—diz Clifton Fadiman—dispõe de uma visão das mais penetrantes, quando se trata de explorar o negro inferno em que o Nazismo afundou nosso mundo. Escolhemos este diabólico episódio do novo romance de Koestler, que está tendo tão larga aceitação nos Estados Unidos



Transporte misto

(Condensado do romance «Arrival and Departure»)

Por Arthur Koestler

Autor de «Dialogue with Death», «Darkness at Noon», etc.

— As notícias que o senhor lê nos jornais, a respeito de atrocidades, são nada em comparação com a realidade, disse o moço aconchegando melhor a almofada da cama. —Um dente cariado em sua boca dói mais do que mil mortes numa terra estranha... Só quem viu as coisas com os seus próprios olhos pode saber o que isto significa!

—Eu sei, disse o médico.

—Não sabe, não! O doutor nunca soube o que era viajar num «transporte misto».

—O que é isso de transporte misto?

—Bom, é uma coisa que hoje se pode encontrar por toda a Europa ocupada. Imagine o senhor dez a vinte vagões de gado, fechados, trancados pelo lado de fora, com uma locomotiva de tipo antigo puxando. Pouca gente os vê, porque estes trens partem e chegam sempre de noite. Mas eu viajei num deles...

Aí, o moço fez uma pausa e recostou-se na almofada:

—Passava da meia noite quando abriram a porta de minha cela para me dizer: «Venha daí.» Na penumbra do corredor vi longa fila de companheiros de prisão, todos com as mãos atadas atrás das costas e uma comprida corda enfiada nos anéis formados pelos braços. Saimos. Passado o portão de grades carregaram-nos a todos para dentro de um caminhão, e levaram-nos à estação da estrada de ferro. Nenhum de nós sabia qual era o seu destino.

O trem já nos estava esperando, com os seus dezessete vagões de gado, trancados por fora, com uma aparência de morte e abandono. À frente, a locomotiva resfolegava e cuspia faulhas no escuro da noite. Os guardas fizeram-nos alinhar na plataforma, e puseram-se a correr em volta de nós com os seus archotes elétricos, lendo o rol dos presos em voz alta, e berrando instruções.

Enquanto isto, ouví a voz de alguem que gritava num dos últimos vagões. Viemos a saber depois que os sete carros da retaguarda estavam carregados de judeus. Era um grito longo, articulado e lamentoso, que fazia pensar na voz do muezim clamando do alto do seu minarete. Eu não compreendí a significação das palavras que diziam, mas alguem mo explicou:

Que faremos nós quando o Messias chegar?

E logo um trovão de vozes respondia numa estranha melopéia, lá de dentro dos carros:

Quando o Messias chegar nós rejubilaremos!

Um dos chefes da guarda gritou: «Façam-lhes calar a boca, com seiscentos diabos!» E alguns guardas pularam através dos trilhos e puseram-se a martelar com os cassetetes nas portas dos vagões. Como isto não bastasse, um dos soldados enfiou o cano da pistola pela grade do ventilador, e disparou-a para dentro do carro! Durante um segundo reinou o silêncio dentro do carro, depois ouviram-se gritos. E não tardou que o cântico recomeçasse, ainda mais sentido e veemente...

Finalmente amontoaram-nos dentro de um dos carros, o terceiro a contar da locomotiva, e fecharam sobre nós as portas de correr. Daí a pedaço o trem arrancava.

Como já lhe disse, os sete últimos carros iam apinhados de judeus; dois carregamentos de judeus «uteis» que iam trabalhar à força na escavação de fortificações, e cinco carregamentos de judeus «inuteis», os velhos e os enfermos, que iam sendo levados para a morte. Vinham depois dois carros cheios de prisioneiros políticos, entre os quais eu me contava; dois carros com mulheres, todas jovens, que iam a caminho dos bordéis militares—um para oficiais, outro para graduados inferiores e soldados —e seis carros de gente para trabalhar nas fábricas e nos campos de concentração. É por esta razão que tinham dado ao trem o nome de «Transporte Misto».

Uma hora depois, pouco mais ou menos, o trem parou em uma estação, e os carros que conduziam os trabalhadores foram desatrelados. Em outra estação deixáramos os judeus «uteis», mas foram-nos adicionados dois carregamentos de ciganos que, segundo eles próprios candidamente declararam, iam ser esterilizados numa cidade qualquer. Tudo isto nós ficamos sabendo só de ouvir os berros e as vozes de comando nas estações onde nos detínhamos. Com exceção das mulheres que estavam a caminho dos bordéis, nenhum de nós recebeu comida ou bebida de nenhuma espécie.

Antes do amanhecer, o resfolegar da locomotiva tornou-se arquejante e ansioso, deixando-nos por isso perceber que íamos trepando para as montanhas, em direção à fronteira. A certa altura paramos. Devíamos achar-nos a razoavel altitude, a ajuizar pelo frio que fazia, e o ar tinha um cheiro diferente—quer dizer, o fétido do nosso vagão de gado tinha por assim dizer mudado de natureza. Ouvimos desengatar a locomotiva, que momentos depois passava soprando vapor nos trilhos laterais, a caminho da retaguarda, até que desapareceu.

Quando o dia amanheceu completamente, compreendemos que nos tinham deixado num desvio da linha, não longe de uma pedreira abandonada. Talvez o senhor conheça essa zona das nossas montanhas—tudo são rochas fragmentadas, cré e cascalho, e o lugar parece morto e solitário como uma cratera da lua... A luz do dia foi crescendo, e avistamos então dois caminhões.

Pareciam exatamente desses grandes caminhões usados nas mudanças de moveis, alí abandonados, ao que parecia sem razão, à beira da estrada que leva ao cimo da pedreira. Já antes disso nos tinham chegado zunzuns a respeito desses caminhões, mas nada sabíamos ao certo sobre o que se ia passar agora. Por baixo da carroceria saíam os tubos de escape, sem nada de particular que chamasse as nossas atenções.

Ficamos horas naquele desvio da es-

trada, sem que nada acontecesse. O sol subiu no céu, as rochas e o cascalho começaram a aquecer, e o ar que pairava por cima dos trilhos começou a mostrar a tremulina dos dias de grande calor. O pivete no nosso carro foi-se tornando insuportavel. Ouvíamos por cima da cabeça um rumor que parecia de bicadas e de unhas arranhando, e não tardamos a perceber o que era aquilo: um bando de grandes pássaros haviam-se instalado nos tetos dos nossos vagões; atraira-os provavelmente o cheiro nauseabundo do nosso trem... Pelos respiradouros do carro podíamos vê-los voejando em círculos entre as rochas. Nunca eu vira pássaros daqueles na minha vida: tinham a cabeça calva, e o pescoço comprido e engelhado como certa raça de galinhas.

Os nossos guardas, depois de terem assestado uma metralhadora, assim que o dia aqueceu desceram até o fundo da pedreira. Tinham levado consigo os cestos da merenda, como se fossem a um piquenique, e deviam estar agora tranquilamente acampados nalguma sombra, longe da nossa vista e do nosso cheiro. Foram passando assim as horas, e em volta de nós só havia o calor, o mau cheiro, e aqueles pássaros de sinistro agouro.

Por volta do meio-dia, as mulheres que estavam em um dos carros começaram a gritar. A princípio eram apenas uma ou duas vozes, mas daí a nada o carro inteiro gritava, e os pássaros levantaram vôo do nosso telhado. Já eu tinha ouvido gritar homens ao serem espancados ou torturados, mas a coisa desta vez soava de modo muito diferente. Aqueles uivos pareciam entrar pelo cérebro da gente dentro, dando-nos calafrios e fazendo-nos tremer com desejo de gritar tambem. Pouco depois, os guardas que estavam na pedreira chegaram correndo e disparando tiros de pistola para o ar. Não ousando abrir a porta corrediça do vagão, resolveram trazer uma mangueira do tender, e foram esguichando água fria em cima das mulheres, até que as forçaram a calar-se.

Viemos a saber depois que uma das pobres mulheres que iam naquele carro, por sinal uma enfermeira que estivera na guerra e fora condecorada, tinha conseguido dissimular nas roupas uma navalha de barba. Ora, algumas daquelas moças antes queriam morrer do que ir parar aos bordéis; mas como não sabiam como acabar com a vida, a enfermeira ofereceu-se para lhes abrir as veias. Já tinha golpeado os pulsos a algumas delas, que estavam sentadas em linha a um canto do vagão, esperando a morte e esvaindo-se em sangue. Aconteceu porem que outras se assustaram com a idéia de que seriam castigadas se não denunciassem o que se estava passando, e decidiram arrebatar a navalha das mãos da enfermeira. O grupo de suicidas defendeu-a, e desenrolou-se então um sururú em que uma das moças, sentindo-se esfaqueada na cara, desatou a gritar; as outras, sem tardar, fizeram-lhe companhia, berrando, pulando, e dando com a cabeça contra as paredes do carro...

Depois de aquietadas, os guardas tiraram do carro aquelas que tinham tentado matar-se, e aplicaram-lhes pensos. Depois puseram-se a correr para cá e para lá ao longo do trem, detendo-se para espreitar pelos respiradouros e gritando para dentro que, se houvesse algum morto e ninguem desse parte imediatamente, seriam todos punidos com a maior severidade.

Quando chegaram ao carro dos ciganos, os guardas pararam, e começaram a rir e a chamar uns pelos outros para que viessem apreciar o que se ia passando entre os condenados à esterilização.

Cerca de uma hora depois, um auto de tipo esporte veio subindo a estrada e parou atrás dos caminhões; apearam-se dele dois oficiais para passarem em revista os guardas, que se tinham alinhado rapidamente, como numa parada. Em seguida os soldados formaram alas desde os caminhões até os últimos carros do trem, onde estavam os judeus «inuteis». Dois dos soldados treparam para os assentos dos choferes, e puseram os motores em marcha. Dos nossos vagões nós olhávamos a cena: de começo, os tubos de descarga sopraram uma fumaça azul-acinzentada, e, à medida que os motores esquentaram, o jacto que expeliam foi perdendo a cor, até se tornar invisivel. Mas, pela agitação do ar, podia-se ver que os gases da combustação continuavam a ser expelidos.

Abriram-se de par em par as portas do último caminhão, e os judeus «inuteis» começaram a marchar dois-a-dois ao longo das alas, e a subir para os dois caminhões. Estes não estavam inteiramente abertos na parte de trás como os caminhões de mudanças enquanto carregam ou descarregam. Tinham somente uma pequena porta à retaguarda, onde estava encostada uma escadinha de madeira, para que os judeus, alguns dos quais muito velhos, pudessem marinhar.

Havia entre eles bom número de casais de velhos, que caminhavam a par, de braço dado, por entre a dupla fila de soldados; por vezes o marido se inclinava galantemente para a esposa, como um noivo à saida do templo. Apresentavam-se vestidos com toda a decência, e mesmo certo apuro, que nos causou admiração: como tinham eles podido manter-se naquele estado, encafuados nos imundos vagões de gado? A maioria dos anciãos levaram chapéus pretos, de feltro, ou as típicas calotes de seda preta, que com certeza haviam passado muito tempo a alisar com o cotovelo da manga... Alguns deles caminhavam por entre os soldados entoando em altas vozes as suas orações, e batendo no peito com os punhos cerrados, como fazem nas suas sinagogas; mas não com humildade—antes irados e orgulhosos, como argumentando de si para consigo; e nunca olhavam para os guardas que os ladeavam.

Assim que os dois caminhões ficaram cheios, fecharam-lhes as portas. Reparamos que estas eram muito grossas, e de uma estrutura complicada, como as de um cofre, evidentemente para se tornarem absolutamente herméticas. Uma vez trancadas, um dos oficiais fez sinal aos choferes, que, dos seus assentos, estavam olhando para trás, à espera de ordens. Os motores começaram logo a funcionar a toda a força, mas os caminhões não se mexeram do lugar. Olhando para os tubos de escape, vimos a fumaça azul pálida jorrar. Depois, o oficial olhou o seu relógio e fez novo sinal aos condutores... Os motores voltaram a rugir ao máximo de força, mas os caminhões continuaram imoveis—e o jacto de gases da combustão desapareceu dos tubos de escape.

Os soldados sentaram-se na ribanceira, ao lado do trem, enrolando cigarros. O oficial ficou de pé entre os dois caminhões, de olhos no relógio que tinha na mão. No calor do dia, o único ruido que se ouvia agora era o ruflar apressado dos motores dos dois caminhões imoveis. Durou isto alguns minutos, e nada lá fora parecia mudar nem mover-se. Apenas o sol, e os trilhos reluzentes, e

o céu, e as pedras. Então um dos homens do nosso carro disse que lhe cheirava a gás, e começou a vomitar; outros mais se sentiram tambem enjoados, de maneira que partilhamos conforme pudemos os nossos últimos cigarros, e todos fumamos.

Ao fim talvez de 20 minutos, o oficial meteu o relógio no bolso, e pôs-se a espreitar pelo que, suponho eu, devia ser um ralo, primeiro para dentro de um caminhão, e depois do outro. E tornou a fazer um sinal. O roncar acelerado dos motores caiu para o ruido normal, e os caminhões começaram a rolar pelo estreito carreiro abaixo, aos tombos e solavancos. Os pássaros levantaram vôo e seguiram-nos, descrevendo círculos no ar, bem alto, e não tardou que uns e outros desaparecessem do nosso estreito campo de visão.

Meia-hora depois os caminhões regressavam, ferralhando estrada fora e erguendo uma pesada nuvem de poeira branca. Vinham vazios, e os tubos de escape faziam o alegre pafe-pafe de todo e qualquer caminhão normal e em boas condições. Deram uma volta, e foram postar-se exatamente no lugar onde antes os tínhamos visto. Abriram-se as pequenas portas da retaguarda, foram de novo instalados os escadotes, os soldados voltaram a formar em ala dupla— e outro cortejo de judeus «inuteis» se encaminhou para o fim...

Este sinistro cerimonial durou toda a tarde e boa parte da noite. Quando escureceu, os guardas que formavam as alas, para iluminarem a cena, empunharam uns archotes fumegantes. Os judeus que restavam no trem tinham recomeçado a cantar, enquanto esperavam seu turno. Coisa bem estranha, essas melodias dos judeus: umas, que são alegres, parecem tristes; outras, sendo tristes, soam quase como descantes de júbilo...

São numerosas as notícias de imprensa que têm corroborado a dramática autenticidade deste episódio, afirmando a existência dos «transportes mistos». No *Times* de Nova York, de 18 de dezembro de 1943, lia-se a certa altura duma reportagem sobre o julgamento de oficiais nazistas na corte marcial de Kharkov: «Despertou geral interesse a minuciosa descrição do *dushegubki*, máquina que os alemães usam para asfixiar, e que se assemelha muito a um caminhão de mudança. A retaguarda da carroceria é hermeticamente fechada, tendo apenas uma portinhola. O carro comporta 60 a 70 pessoas. As paredes são forradas de aço, e o soalho apresenta uns orifícios por onde dão entrada os gases asfixiantes da combustão do motor.»

Mas a que eles pareciam preferir era a que nós tínhamos ouvido quando embarcávamos no trem. Abertas agora as portas dos vagões onde eles vinham, podíamos ouví-los perfeitamente. À passagem dos judeus por entre as alas, a luz incerta e vermelha dos archotes projetava sombras disformes que pareciam bailar sobre as rochas. Quando um judeu chegava ao cimo do escadote, antes de entrar no caminhão, voltava-se para trás, erguia os braços aos céus, e bradava, dirigindo-se aos vivos que esperavam a sua vez:

Que havemos de beber quando o Messias chegar?

E os outros entoavam em resposta:

Vinho do Monte Carmo beberemos,
Comendo a carne de Behemoth.
Moisés, nosso Rabí, há-de ler-nos a Lei,
Quando o Messias chegar nós rejubilaremos!

Depois da meia-noite os cinco carros que tinham vindo carregados de judeus

«inuteis» estavam completamente vazios, e todo canto cessara. Os dois oficiais do exército sairam no seu auto de esporte, com as luzes dos faróis jogando de rocha em rocha. A nossa locomotiva regressou daí a pouco, lá de baixo do vale, e arrancamos.

Durante aquela mesma noite foi desengatada a carruagem dos ciganos, e o mesmo aconteceu às duas outras que conduziam as futuras prostitutas. Pela manhã, eu e dez outros presos fomos transferidos para um compartimento sem janela de um trem ordinário de passageiros.

Ao meio-dia chegamos à cidade de onde tínhamos largado 36 horas antes, e fomos reconduzidos ao nosso cárcere. Ao que parece, alguem tinha cometido um erro qualquer na elaboração das listas, e fora só por engano que eu e os meus companheiros seguíramos naquele transporte...

Quando me vi sozinho na minha antiga cela, sentí-me tão feliz, que até o ferrolho da porta beijei!

Pois bem, doutor, esse foi apenas um dos muitos «transportes mistos» que hoje cruzam a Europa central. Trens sem horário, todas as noites eles rolam em várias direções—dez a vinte vagões de gado, trancados, bem guardados, e rebocados por uma velha locomotiva que cospe faulhas para o céu da noite...

Porque não o fazemos tambem?

¶ Os cidadãos da Nova Zelândia são os únicos do mundo que podem estar tranquilamente em suas casas a ouvir as discussões legislativas da Câmara. É que elas, com exceção das informações militares de tempo de guerra, lhes são transmitidas pelo rádio, diretamente daquela Casa do Congresso, em Wellington. Esse sistema, único em todo o mundo, foi estabelecido em 1936 pelo falecido Primeiro Ministro Michael Joseph Savage, chefe do primeiro governo trabalhista da Nova Zelândia.

Todo o país ouve as transmissões do Parlamento. Os lavradores pelejam com as suas mulheres, para decidir onde é que o rádio deve ser colocado,—na cozinha, no celeiro ou no estábulo. E, embora essas irradiações tenham perdido há muito a sua novidade, provavelmente 50% dos rádios do Domínio estão ligados para se ouvirem os debates importantes.

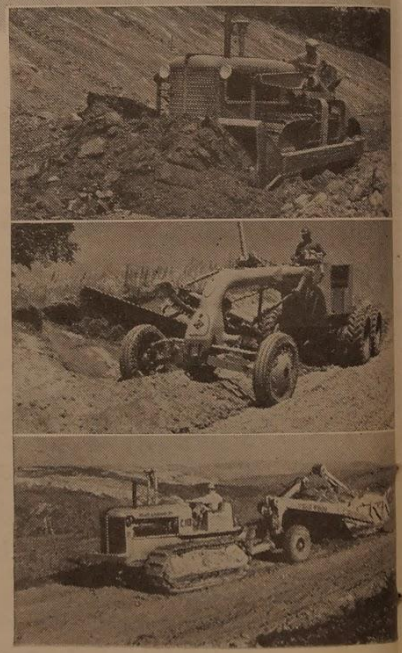
Os derrotistas, alarmados com a possibilidade de que as transmissões serviriam para encorajar a demagogia parlamentar, sob a forma radiofônica, tiveram a prova de que se equivocavam ao serem feitas as eleições gerais, depois de um período legislativo inteiramente transmitido pelo rádio. Alguns dos mais fracos oradores da Câmara foram triunfalmente reeleitos—prova bastante de que os neo-zelandeses se podem educar sem se iludir.

Time

TRAÇANDO CAMINHOS NOVOS

Está iminente um novo passo à frente para a realização do vindouro programa de expansão das auto-estradas. Os tecnicos especialisados divisam planos que vão alem do desenvolvimento das mais importantes auto-estradas nacionais e internacionais. Eles consideram igualmente necessárias redes de modernas estradas secundárias por todo o continente americano — estradas ligando cidades aos aeródromos; estradas locais assegurando, em todas as épocas do ano, o livre trânsito entre as fazendas e as cidades; novas estradas canalizando os frutos da civilização até regiões anteriormente isoladas.

A maquinaria redutora de preços é a chave-mestra do êxito deste projeto ambicioso e inspirador. Máquinas novas ou de caraterísticas melhoradas, deslocarão as terras mais depressa, cortando no custo de abertura de novas estradas, e conservarão baixa a despesa de conservação das existentes, tanto principais como secundárias. São estes os resultados com que os tratores e mais equipamento de construção e manutenção de estradas da Allis-Chalmers conquistaram uma reputação invejável.



Para auxiliar na abertura das estradas futuras, a Allis-Chalmers fornecerá eficiente maquinaria de remoção de terras — tratores de esteiras e niveladores motorizados, acionados pelos econômicos motores Diesel de 2 ciclos; e ainda, grande variedade de equipamento auxiliar para muitos usos, incluindo bulldozers, scrapers, destocadores, escarificadores e rolos "pé de cabra."

ALLIS-CHALMERS

Departamento PD-544, Seção de Tratores, Milwaukee, E. U. A.

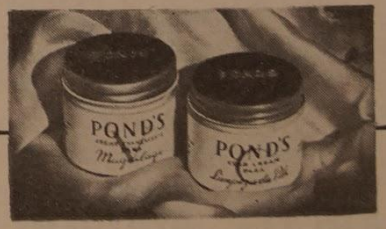
★ FABRICANTES DE MAQUINARIA DESDE 1846

A SENHORITA MARIA STELLA ALVES DE LIMA RODRIGUES

Fala a Aristocracia Feminina...

O MÉTODO POND'S de Dois Cremes conquista, dia a dia, novas entusiastas.

Eis o que diz a Srta. Maria Stella Alves de Lima Rodrigues, ornamento da mais fina sociedade brasileira: «Devo o frescor e o aveludado de minha cútis ao uso diário dos Dois Cremes Pond's».



E para tornar a pele encantadora, basta êste simples cuidado:

1-Aplique Cold Cream Pond's no rosto e no colo. Retire-o em seguida. Para amaciar a cútis, aplique mais uma camada.

2-Antes de fazer a "maquillage", use o Creme Evanescente Pond's, que protege a cútis contra o sol e o vento e conserva o pó-de-arroz horas seguidas.

Siga o exemplo das mais lindas mulheres. Use os Cremes Pond's!

AMOSTRA GRATIS: - Queira enviar-nos o coupon acompanhado de Cr. $ 1,00 para despesas de remessa de uma amostra dos Dois Cremes Pond's.

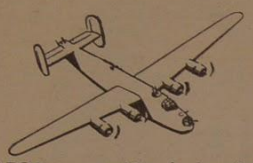
JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL — Avenida do Estado, 5.537 - São Paulo
3-SSSS-25

Nome.....

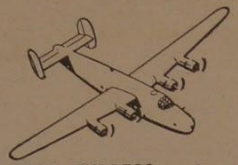
Rua.....

Cidade..... *Estado*.....

De "Jeeps" Voadores a Leviatãs do Ar

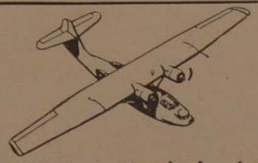


LIBERATOR . . . avião de bombardeio de 4 motores



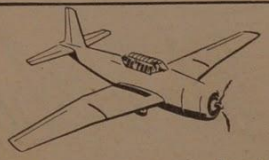
LIBERATOR EXPRESS . . . transporte

CORONADO . . . avião de bombardeio patrulha



CATALINA . . . avião de bombardeio patrulha

VALIANT . . . avião de treino básico



VENGEANCE . . . avião de bombardeio de picada

RELIANT . . . avião de treino de navegação aérea

SENTINEL . . . "JEEP" Voador

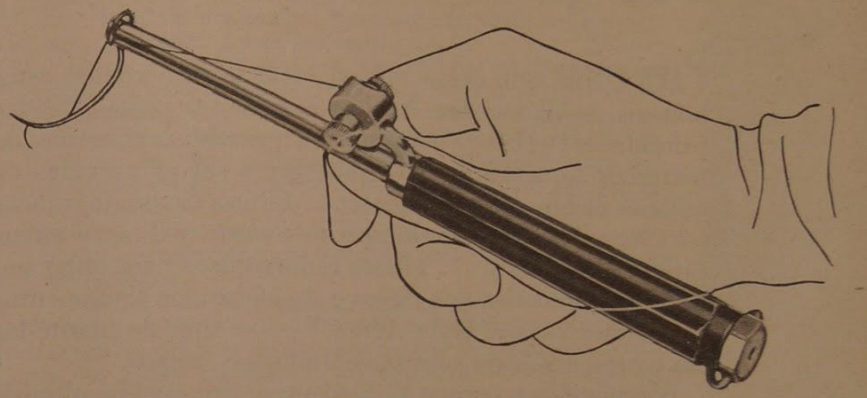
QUANDO A VITÓRIA tenha sido ganha pelas Nações Unidas, a Consolidated Vultee Aircraft Corporation achar-se-á em condições de fornecer o equivalente dêstes aviões de post-guerra, as "baratinhas aéreas" de propriedade particular e enormes aviões trans-oceânicos de carga-e-passageiros.

CONSOLIDATED VULTEE AIRCRAFT

San Diego, Calif.	Fort Worth, Texas	Wayne, Mich.	Nashville, Tenn.
Vultee Field, Calif.	New Orleans, La.	Dearborn, Mich.	Elizabeth City, N. C.
Tucson, Ariz.	Louisville, Ky.	Allentown, Pa.	Miami, Fla.

Membros do Conselho de Produção de Aviões Bélicos

Novo instrumento benéfico para a humanidade



Instrumento Cirúrgico Singer para Suturas

ASSIM como os remédios constituem para o médico uma arma de ataque às doenças, de igual modo são os instrumentos cirúrgicos os meios de que se serve o cirurgião para exercer sua perícia e conhecimentos científicos.

A Singer Sewing Machine Company orgulha-se de ter aperfeiçoado um instrumento cirúrgico para suturas, com a ajuda do qual o cirurgião acha-se capacitado para tratar os seus pacientes, nos casos de necessidade, com eficácia ainda maior que dantes. Produto do engenho e da pesquisa laboriosa da Singer, trata-se pois de contribuição muito importante no campo da moderna cirurgia. Oferecemo-lo aos ilustres especialistas em cirurgia, como uma modesta expressão de profundo respeito que nutrimos por tão valiosos servidores da humanidade.

SINGER SEWING MACHINE COMPANY

Copyright U.S.A. 1944, by Singer Sewing Machine Co. All rights reserved for All Countries.
Todos os direitos devidamente protegidos por tratado internacional.

Estes homens tiveram que ter prioridade . . .

PARA LUTAR por nosso mútuo ideal de Liberdade, estes homens, soldados das Nações Unidas, tiveram que ter prioridade. Por isso se consumiram quantidades enormes de materiais fotográficos para proteger e salvar as vidas de milhões de homens como estes . . . Filmes cinematográficos para abreviar o seu treinamento e ensinar-lhes as novas táticas de combate . . . Filmes radiográficos para obter um melhor diagnóstico das lesões e do efeito dos armamentos . . . Filmes para a Mala Aérea V···— afim de mantê-los em correspondência com suas famílias e amigos.

Isso justifica o porque V. S. não tem conseguido adquirir todas as películas nem as Câmaras Kodak que desejava (ocorre isso tambem nos Estados Unidos). Mas a sua cooperação e reconhecimento dessa prioridade ajudou esses homens a pôr-se em condições de enfrentar com êxito uma situação que podia ter sido perigosa para todos. Assim sendo, queremos expressar-lhe a nossa profunda gratidão, ao mesmo tempo que lhe damos a boa notícia de que, salvo raras exceções, já estamos fornecendo quantidades crescentes de Películas Kodak aos nossos distribuidores.

EASTMAN KODAK COMPANY, Rochester, N. Y., E. U. A.

Força-Motriz Triunfante
Para os Velozes Barcos de Assalto

Denominam-se "barcos de assalto"... esses pequenos furacões que golpeiam com vigor e velocidade. Podem flutuar em águas pouco profundas. Podem zigueza-guear, virar de repente, disparar como vespas en-furecidas. E até podem despejar reforços numa praia com a rapidez do relâmpago!

E os motores para os barcos de assalto... esses motores bem nutridos de força e resistência... da sua construção foi incumbida a Evinrude. Anos de ex-periência na construção de esplêndidos Evinrudes de regata, os mais poderosos barcos de motor externo, satisfizeram todos os requisitos de velocidade, robustez e "vontade combativa". Das linhas de produção vão saindo esses dinâmicos motores de "assalto"... an-siosos para dar energia e impelir essas frotas de Barcos de Assalto!

Fornecendo a máxima rapidez a esses barcos de ataque... acionando barcaças e batelões repletos de carga... capazes de impelir barcos de pequeno calado e de todos os tipos... os motores Evinrude estão prestando serviços em inúmeras frentes! Agora a nossa tarefa exclusiva é construir para a Vitória... mas com a paz, haverá novos e magníficos Evinrudes que virão outra vez proporcionar-lhe dias felizes sobre as superfícies das águas.

EVINRUDE
MOTORES AMOVIVEIS

GRATIS! Se está interessado em barcos a motor, enviar-lhe-emos com prazer o plano de um pequeno barco; para isto basta que nos mande o coupon abaixo, devidamente preenchido.

AS AMERICAS LIVRES E UNIDAS

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING COMPANY
Divisão de Exportação — Waukegan, Illinois, E. U. A.

Nome_____

Endereço_____

_____ ESP_____

V. S. GANHARÁ MAIS DINHEIRO...

SE CONSEGUIR ELIMINAR PERDAS COMO ESTA!

Quer V.S. nos permitir mostrar-lhe como consegui-lo? Qual a diminuição do lucro liquido anual proveniente de cada freguês que V.S. perde? Nenhum negocio está isento desta importante fonte de prejuizos. Cinco são os principais fatores que os ocasionam. Conhece-os V.S.?

CAIXAS REGISTRADORAS • MÁQUINAS DE CONTABILIDADE

de POLO a POLO
TODOS AMERICANOS!
SEMPRE UNIDOS

RUA CHILE No. 31 • RIO DE JANEIRO

ESCRITÓRIOS FILIAIS

Belém, Pará
Belo Horizonte, Minas Gerais
Campos, Rio de Janeiro
Curitiba, Paraná
Forteleza, Ceará
Porto Alegre, Rio Grande do Sul
Recife, Pernambuco
Santos, São Paulo
São Paulo
São Salvador, Baía

National

THE NATIONAL CASH REGISTER COMPANY

Um novo século de oportunidades

São inevitaveis as mudanças por que há-de passar o nosso modo de viver depois da guerra. Entretanto, quaisquer que sejam essas mudanças, nós, da Companhia Eagle-Picher, cremos bem que será indispensavel que todos tenham uma compreensão perfeita dos produtos e das possibilidades de pesquisa na indústria.

Não nos estamos gabando, portanto, ao dizer que a Eagle-Picher—que entra agora no seu segundo século de existência—desempenhará papel de grande importância no após-guerra, sendo, como é, uma das maiores produtoras mundiais de chumbo, zinco e material de isolamento. Fundada em 1843, a Eagle-Picher tem hoje minas, usinas, fundições e fábricas em dez estados da União Americana, bem como no México. A Eagle-Picher manufatura 2.000 produtos, de cerca de 200 espécies diversas, produtos esses já adotados por grande número de indústrias.

Estamos às suas ordens; se V.S. achar que lhe poderemos ser uteis, agora ou no futuro, com a nossa experiencia e as instalações de que dispomos para pesquisas, não hesite em consultar-nos.

EAGLE EP PICHER

EAGLE-PICHER

Chumbo - Zinco - Isolamentos

THE EAGLE-PICHER LEAD COMPANY

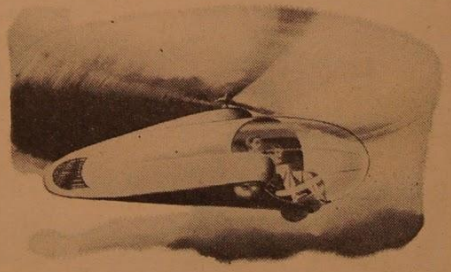
Depto. de Exportação: 420 Lexington Ave., Nova York, E. U. A.
Escritórios gerais: Cincinnati, Ohio *Endereço telegráfico:* EAGLEPICH

Franklin
MOTORES

HOJE—para os HELICÓPTEROS MILITARES
Após a guerra—para o seu HELICÓPTERO DE RECREIO

OS motores Franklin foram os escolhidos pela Aviação Militar dos Estados Unidos para acionar os helicópteros modelo Sikorsky que a Nash-Kelvinator vai construir. A escolha dos Franklin para esse fim é perfeitamente lógica—porque há quase 4 anos que a Aircooled Motors vem fazendo motores experimentais Franklin para helicópteros—isto é, há mais tempo do que outro qualquer fabricante de motores! Era Franklin o motor da aeronave Sikorsky que, em 1941, bateu o recorde mundial de duração de vôo em helicóptero. Franklin era tambem o motor do Piasecki PV-2, que foi o último helicóptero a voar em público. Outros motores Franklin estão dando a potência necessária a diversos helicópteros experimentais, a respeito dos quais o mundo não tardará a ter notícias.

Quando a guerra tiver acabado, a Franklin terá um recorde incomparavel de produção *real* de motores de helicóptero. No ínterim, os engenheiros de Franklin continuarão a trabalhar sem descanso para elevar os atuais motores de helicóptero a niveis ainda mais altos de rendimento. Conte com a Franklin para acionar o *seu* helicóptero de após a guerra!



AIRCOOLED MOTORS CORP.*SYRACUSE, N.Y., E.U.A.

Franklin

UMA FESTA DE ALEGRIA RUTILANTE!

A RCA APRESENTA

O Que Há De Mais Novo

Excedendo em astúcia o inimigo. Pela razão de que o rádio vulgar "retransmite" sinais a 100 milhas ou mais, denunciando ao inimigo a sua posição, a RCA aperfeiçoou o receptor AR-88 (agora usado pelos exércitos e marinhas das Nações Unidas) de modo a que ele produzisse pouca ou nenhuma irradiação. Quando a Paz vier, a mesma perícia aplicada a este receptor, e a muitas outras obras da RCA, no campo das comunicações, será usada no sentido de facultar melhores rádios para o lar e para a indústria.

O segredo do vidro invisivel. Um revestimento especial da RCA para o vidro, permite que mais luz o atravesse, em vez de ser refletida. Empregado já em lentes de projetor, instrumentos aeronáuticos e outros produtos tanto de guerra como de paz, a sua utilidade prática, para depois da guerra, é ilimitada.

O que há de novo em música . . . está sempre nos discos Victor! Há mais de 40 anos que os famosos artistas da Victor, como Rose Bampton (acima), Toscanini, Menuhin, Brailowsky . . . e muitos outros, têm proporcionado prazer a milhões de amantes da música.

RCA **RADIO CORPORATION OF AMERICA**

Divisão RCA Victor, Camden, N. J., E. U. A.
RCA Victor Radio, S. A., Caixa Postal 2726, Rio de Janeiro, Brasil

Este copo graduado contem um pouco mais dum quarto de litro de gasolina. Misturado com cêrca de 2120 litros de ar e injetada num motor Cyclone-9, êste copo de combustível, ao contribuir com a sua cota parte para a potência total, produzirá 1 cavalo-vapor por hora.

Nenhum outro tipo de motor a gasolina produzirá tanto trabalho com esta quantidade de combustível; qualquer automóvel exigiria cêrca de 20% mais de gasolina para produzir um cavalo-vapor por hora. Em termos de engenharia, o consumo de cruzeiro do Cyclone faz-se à média de 186 gramas de combustível por cavalo-vapor e por hora. Os Cyclones têm participado em extensos vôos, à potência de cruzeiro, sob a média de 177 gramas por cavalo-vapor hora—e até menos, sob cuidadoso contrôle—mas 186 gramas representa a média para milhões de horas de funcionamento normal.

Num vôo de 10 horas em avião quadrimotor, a diferença em consumo, aparentemente insignificante, entre a reduzida média de 186 gramas dos Cyclones-9 e a média normal de 204 gramas, pode atingir à economia de 606 litros. O combustível economizado com os Cyclones representa quase 450 quilos de extra-carga ou cinco passageiros adicionais. Num ano, esta diferença, pode significar a economia de 190.000 litros, num avião quadrimotor—combustível de custo aproximadamente igual ao de um motor.

★ ★ ★

Os Motores Wright Cyclone pagam o seu transporte

Cyclones e Whirlwinds · Leves · Compactos · Possantes **WRIGHT** *Aircraft Engines*

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO
A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind

NUNCA FOI TÃO PRECIOSA COMO HOJE!

• A arte de escrever tem agora muito maior significação. Assim acontece também com a posse de uma bela Caneta-tinteiro Parker Vacumatic, fabricada com rigorosa precisão.

Observe esta Parker Vacumatic. É mundialmente famosa. Póde ser identificada pelo desenho exclusivo de seu corpo, todo de aneis translúcidos e negros. Os homens de negócios em constante atividade sabem avaliar a utilidade do seu enorme depósito de tinta, sempre visível. A sua ponta de suave osmirídio, ao deslizar sôbre o papel, traz a quem escreve uma sensação nova de facilidade.

Cada Parker se distingue pela sua beleza e acabamento. Peça hoje uma demonstração desta famosa caneta, à escolha em cinco cores atraentes. O Lozango Azul no segurador representa a nossa garantia vitalícia.

PARKER

LÍDER MUNDIAL NA FABRICAÇÃO DE CANETAS HÁ 55 ANOS

★

Distribuidores para todo Brasil e Posto Central de Consêrtos: Costa, Portela & Cia., Rua 1º de Março 9-1º, Rio de Janeiro

Expresso transcontinental de luxo, de seis motores.

Helicóptero: decolagem e aterrissagem verticais.

"Argo" dos ares, para vôo estratosférico.

Cargueiro dos ares, aza voadora para serviço de carga.

Transatlântico aéreo; Nova York –Londres; partidas a cada hora.

Serviço local: avião para uso particular.

OS APARELHOS DO RÁDIO GENERAL ELECTRIC FIRMAM-LHES O VÔO

Depois da guerra, luxuosos aeroplanos de passageiros e possantes aviões de carga prestarão serviço regular de um a outro continente. Milhares de pessoas possuirão o seu avião particular. Mas, qualquer que venha a ser o tipo e o tamanho dos aviões de após guerra, os aparelhos de rádio General Electric guiarão e protegerão o seu vôo.

A General Electric fabrica transmissores e receptores de rádio para a aviação a prova das mais bruscas variações de altitude, temperatura e umidade. Uma hora depois de estar voando sob o calor sufocante do deserto, talvez tenham de elevar-se a 12.000 metros de altura a uma atmosfera rarefeita, cuja temperatura é de vinte graus, ou mais, abaixo de zero.

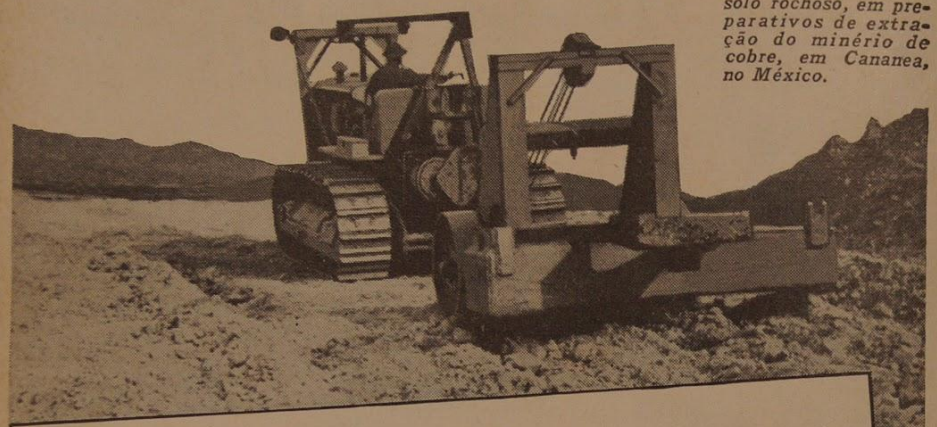
A superioridade dos aparelhos de rádio General Electric devese à vasta experiência na construção de material elétrico e nos trabalhos do pessoal científico e técnico desta companhia. Todas essas facilidades farão do futuro aparelho General Electric, um rádio ainda melhor.

GENERAL ELECTRIC

EL-6-43DP

RÁDIO • Eletrônica • TELEVISÃO

DESCOBRINDO A RIQUEZA DO SOLO



Um Trator Diesel "Caterpillar" D8 enterra a sua possante perfuradora dentro do solo rochoso, em preparativos de extração do minério de cobre, em Cananea, no México.

UMA nova e grande mina de cobre está sendo explorada em Cananea, nas montanhas de Sonora, no México. Mas antes de se poder alcançar o minério, é preciso remover uns 7.000.000 de metros cúbicos de terra. Essa ingente tarefa está sendo rápida e eficientemente executada por um grupo de Tratores Diesel "Caterpillar" e Máquinas Escarificadoras.

Os Tratores Diesel "Caterpillar" possuem sobeja energia e suficiente tração para enterrar gigantescas perfuradoras, cujos dentes de aço conseguem penetrar o terreno através das rochas. Feito isso, essas mesmas possantes máquinas carregam a terra e o cascalho com seus *bull-dozers*, removendo o supérfluo das jazidas de minério, para que o metal avermelhado, possa ser vantajosamente extraido.

Onde quer que haja necessidade de remover com rapidez grandes massas de terra, os Diesel "Caterpillar" são os escolhidos para essa tarefa. São econômicos, simples de operar, e pode-se dizer que queimam quase qualquer óleo combustivel, sem ser preciso ajustamento.

Até o fim da guerra, quase toda a produção de novos "Caterpillar" é destinada às forças de combate Aliadas. Porem, os Diesel "Caterpillar" que estarão disponiveis quando vier a Paz, merecem ser ansiosamente esperados.

Caterpillar Tractor Co., Peoria, Ill., E. U. A.

CATERPILLAR DIESEL

MARCA REGISTADA

TRATORES DE ESTEIRAS • MÁQUINAS DIESEL • MAQUINARIA PARA ESTRADAS

A Promessa do Porvir

MESMO em tempo de guerra pode haver uma grande promessa para o porvir.

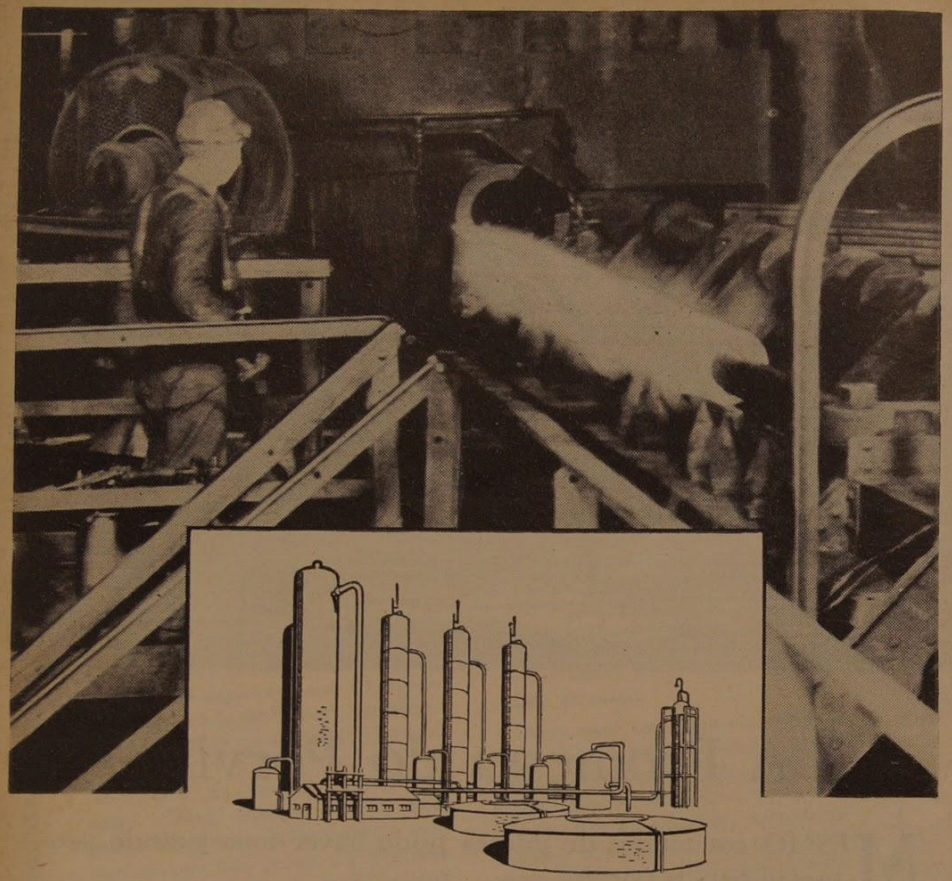
Sobretudo, a guerra dá um ímpeto irreprimivel ao progresso técnico.

Nas fábricas Ford os aperfeiçoamentos técnicos realizados na produção de material de guerra para as Nações Unidas serão mais tarde postos ao serviço da humanidade.

E assim, seguindo o estrago e a ruina que a guerra nos traz, surgirá depois uma indústria mais produtiva e mais util, enriquecida com novos descobrimentos, novos materiais, novos processos, que fornecerão melhores oportunidades para proporcionar uma vida mais agradavel sob todos os pontos de vista.

FORD MOTOR COMPANY

Ford



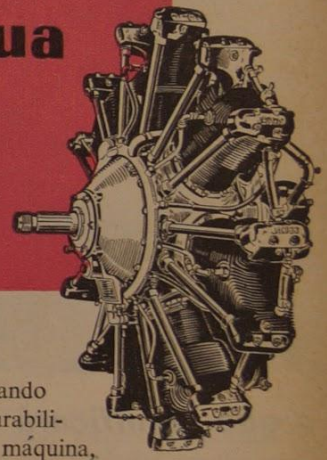
Mantendo-se ao par da PRODUÇÃO MÁXIMA

Os tubos de aço de liga especial U·S·S são traçados para uso com o que há de mais avançado em matéria de maquinaria e tecnologia. Mesmo sob extremos de calor e alta pressão, os tubos de aço de liga U·S·S, de longa vida, resistem à corrosão e asseguram uma operação contínua mais prolongada, com menos desperdícios—tudo o que contribue para uma mais elevada quota de produção. Sujeito às limitações da guerra, a UNITED STATES STEEL EXPORT COMPANY está pronta a fornecer à indústria em todo o mundo os mais aperfeiçoados tubos de aço de liga que se têm ideado através de cincoenta anos de experiência técnica.

UNITED STATES STEEL EXPORT CO.
30 CHURCH STREET, NOVA YORK, E. U. A.

FORNECEMOS AO MUNDO

Foi necessário uma guerra para demonstrar a sua resistência



Aviões bi-motores de treinamento, quando impulsionados pelos Jacobs, têm maior durabilidade e funcionam por mais tempo à toda máquina, do que os motores de aviões de combate. Apesar dos desgastes adicionais e danos causados por pilotos aprendizes, devido à frequência de decolagens e provas de pista, assim como às condições variaveis dos aeródromos, o período prescrito para reparos gerais dos motores Jacobs, foi progressivamente ampliado de 350 para 1.050 horas—equivalentes a 285.000 quilômetros de percurso—com grande economia em tempo de vôo e em sua conservação . . . o que constitue um excelente índice do que este motor pode proporcionar, em tempo de paz, aos aviadores particulares e ao transporte comercial . . .

Adquira um Jacobs e assim terá o que existe de melhor! Aguardamos seu pedido de informações . . . Jacobs Aircraft Engine Co., Pottstown, Pennsylvania, E. U. A.

JACOBS · Pottstown, Pa., EUA

"Dêem-nos um estabilizador de canhão para que nossos tanques disparem quando avançam"

Foi este o pedido dos exércitos aliados, e a Westinghouse construiu um dispositivo giroscópico — que faz aumentar de 500 por cento a precisão dos canhões de tanques, enquanto esses invenciveis gigantes vão rugindo sobre os mais ásperos campos de batalha. A Westinghouse dedica incansavelmente seu engenho para dar aos combatentes das Nações Unidas armas incomparaveis que rivalizem com o valor dos combatentes. O estímulo e o engenho subiram a novos páramos — como o simboliza o giro-estabilizador dos canhões de tanques.

E o que significará isto para o nosso mundo de paz?

Os pesquisadores e técnicos da Westinghouse têm aperfeiçoado muitos novos usos da Eletrônica, descobriram novos e melhores materiais plásticos, e contribuiram para criar-se metais mais leves e resistentes — para fazer face às exigências da guerra.

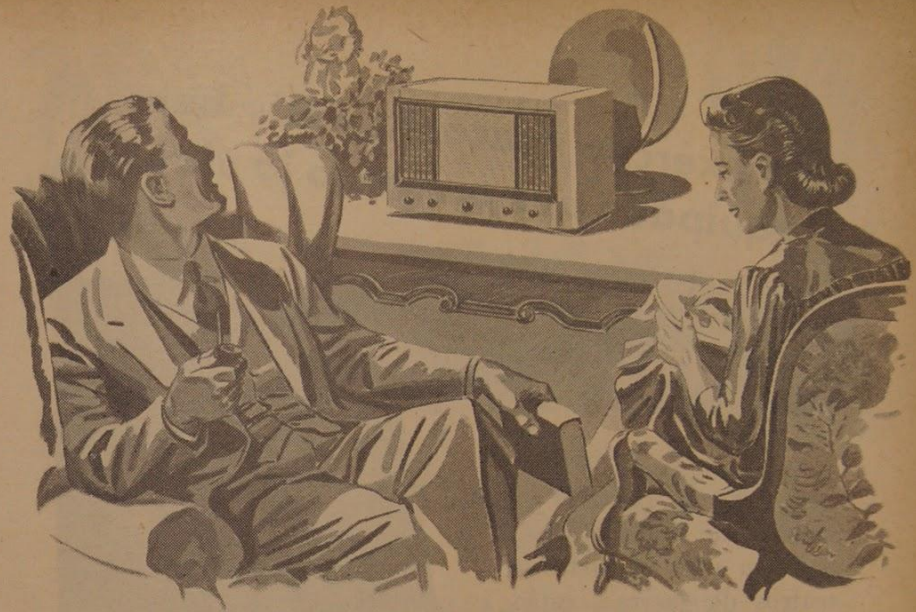
As fábricas Westinghouse, expandidas para a guerra, estabelecerão melhores normas de vida para o tempo de paz: aparelhos de rádio e de televisão mais perfeitos, refrigeradoras, fogões elétricos, ventiladores, ferros de engomar, tudo isso ainda mais aperfeiçoado, e uma infinidade de outros utensílios elétricos para o lar.

Pode contar que o seu distribuidor da Westinghouse será o PRIMEIRO, depois da guerra, a apresentar-lhe o equipamento mais prático e de confiança, com o fim de trazer-lhe maior conforto, prazer e segurança. Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York 5, E. U. A.

Westinghouse—Empresa Criadora e de Confiança

Westinghouse

ESCRITÓRIOS E DISTRIBUIDORES EM TODO O MUNDO ... FÁBRICAS EM 25 CIDADES

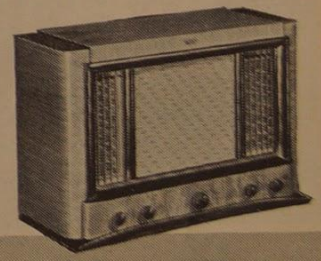


Alegre-se de ter comprado um

PHILCO

V.S., como milhões de outras pessoas, sem dúvida escolheu o rádio Philco por causa do seu tom esplendoroso, seu emocionante alcance, e superior execução. Talvez não tenha se preocupado muito com as caraterísticas da robusta segurança e técnica estupenda, que sempre caraterizaram o famoso Philco.

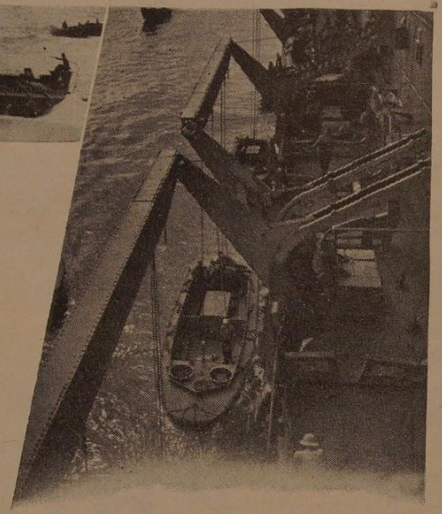
Hoje, porem, V.S. pode considerar-se feliz por ter um Philco que encerra todas essas qualidades . . . feliz porque a Philco sempre consagrou a mais meticulosa atenção à qualidade—tanto material como estrutural—porque o Philco tem as qualidades que lhe asseguram o mais completo prazer em matéria de entretenimento em rádio . . . e por muito tempo ainda !



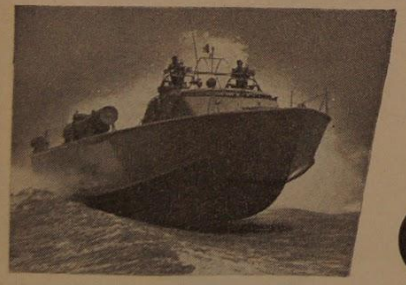
PHILCO INTERNATIONAL CORPORATION

230 PARK AVENUE, NOVA YORK, E. U. A.

O exército atacante mais bem equipado que o mundo já viu . .



As lanchas Higgins e as lanchas de tipo Higgins... hoje em ação em todos os teatros de guerra... estão ajudando a cumprir a promessa feita pelo Presidente ao povo americano... o melhor equipamento possivel para o Exército, a Marinha e o Corpo de Fuzileiros Navais.



ARMY E NAVY

Higgins

INDUSTRIES INCORPORATED

Unamos Nossas Forças

NOVA ORLEÃS

Fulcro das Américas

Os Maiores Fabricantes de Lanchas do Mundo

O Irresistível Anseio de Viajar

Através dos tempos de que há memória escrita, a natureza humana pouco ou nada se tem alterado. Profundamente enraizado na essência do homem, existiu sempre o desejo de ver o que está "do outro lado da montanha": o anseio de procurar novas e mais verdes pastagens. E o mesmo sucede nos nossos dias.

Mas, como nos tempos passados os meios de transporte eram exclusivamente o pé, quer do homem, quer do animal, ou o mar, só os mais aventureiros ou oprimidos se expunham às contingências e desconfôrtos de viajar.

Hoje em dia, o desejo de viajar é mais forte do que nunca, mas os meios de o conseguir são infinitamente mais convidativos. Os trens velozes partem e chegam a horas fixas. Luxuosos interiores, condicionamento de temperatura, facilidades de mesa e de cama..., tudo se conjuga para tornar a viagem agradável. Numa questão de horas o viajante transpõe continentes, que os seus antepassados necessitavam muitos meses para atravessar.

Na fabricação do equipamento de estradas de ferro para passageiros, a Budd tem assumido o mais moderno ponto de vista; pois, nos trens ligeiros, aerodinâmicos, de aço inoxidável, para passageiros, que ela produz, são introduzidos todos os requisitos de segurança, velocidade, beleza e economia que representam o que há de melhor em qualquer parte do mundo. Tudo isto será posto à disposição, ainda em maior escala, de ambas as Américas, quando Budd puder pôr de parte as ferramentas de produção de guerra.

EDWARD G. BUDD MANUFACTURING COMPANY — Budd

Especialistas em Equipamento de Transporte—por terra, ar e mar

nas PESQUISAS CIENTÍFICAS sobre a BORRACHA

Os mesmos laboratórios da "U. S." que desenvolveram novas fórmulas e processos revolucionários—entre êles a famôso "Tempered Rubber"—estão, hoje em dia, e com mais intensidade que nunca, descobrindo novos e extraordinários processos e aplicações para a borracha.

Produzem borracha "condutora" de eletricidade—a que antes se usava sómente como isoladora; borracha que, ao ser perfurada por bala, se "solda" automaticamente; borracha de flutuação dupla da de cortiça, e muitissimos outros descobrimentos—hoje segrêdos de guerra—que assombrarão o mundo!

Quando voltar a paz, os laboratórios "U. S." continuarão na sua tarefa de achar novos materiais e melhores métodos. Esta é a sua missão—missão que cumprem e continuarão cumprindo, a-fim de satisfazer essa ânsia humana de melhorar, de subir... de aperfeiçoar-se!

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd.

1230 Sixth Avenue, Nova York, E. U. de A. • *No Canadá:* Dominion Rubber Co., Ltd.

Mais de 60.000 produtos diferentes, dêsde pneumáticos até sapatos . . . dêsde bólas de gôlfo até aerostátos! . . . Cada um à frente de sua especialidade.

Pneumáticos "U. S." • Sapatos Keds • Acumuladores "U. S." • Acessórios mecanicos "U. S."

O EXÉRCITO TEM "OLHOS" AZUES...

Os aviões fotográficos Lockheed Lightning P-38 são os "olhos" do Exército Norte-Americano. Quando voam a 9.000 metros de altitude, a camuflagem, fundindo-os com o céu, torna-os invisiveis. Entretanto, quando as objectivas das suas cinco poderosas câmaras fotográficas se voltam para baixo, só o horizonte limita seu campo de visão—vasto tapete desenrolado, rico de pormenores essenciais para o êxito das operações militares.

Para fotografar essa informação, o Exército tem escolhido os seus aviões mais velozes, e os pilotos mais hábeis. E os resultados são bons, porque tudo depende, no caso, da perícia do vôo, das manobras arteiras, do longo raio de acção, e da velocidade para poder retirar.

É possivel assim "cartografar" em menos de 3 horas grandes fatias de território com 51.000 quilômetros quadrados—e continentes inteiros em pouco mais de uma semana. Hoje em dia, as operações militares são planeadas, executadas e ganhas, na base de reconhecimentos minuciosos realizados e trazidos às bases pelos Lightnings, aviões de confiança.

COM *Lockheed* SEMPRE NA VANGUARDA

LOCKHEED AIRCRAFT CORPORATION, BURBANK, CALIFÓRNIA, E. U. A.

Já era famoso em 1815, quando pela primeira vez os ianques desembarcaram na Argélia

O whiskey americano tem sido usado para celebrar todas as vitórias na história da América—pois o whiskey americano é mais antigo que os Estados Unidos.

E agora o whiskey americano é preferido em todo o mundo para festejar as vitórias das Nações Unidas. Hoje bebe-se mais whiskey americano que qualquer outro.

Há várias gerações que o SCHENLEY Royal Reserve vêm sendo reconhecido como o mais fino dos whiskeys.

Para apreciar o seu insuperavel aroma, delicioso sabor e riquíssima suavidade, tome-o à americana — num "Old Fashioned" — a bebida tradicional.

Eis a receita desse famoso coquetel: **1**: sobre meio-torrão de açúcar ponha duas gotas de Bitter Angostura e 6 gotas de água; **2**: Dissolva o açúcar; **3**: Adicione dois cálices de SCHENLEY Royal Reserve; **4**: Adorne com uma *fatia* de laranja, outra de limão, e uma cereja; **5**: Encha o copo com pedaços de gelo, mexa um pouco e sirva.

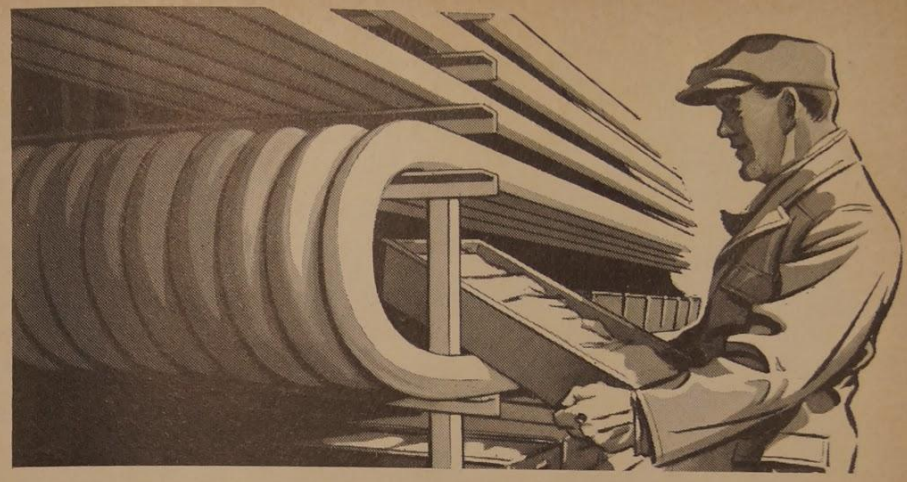
É uma revelação!

LIBERDADE NA UNIDADE

SCHENLEY INTERNATIONAL CORPORATION
Empire State Building, New York

O WHISKEY MAIS FINO DA AMERICA

SCHENLEY Royal Reserve



CONTROLES DE REFRIGERAÇÃO

Para processamento, armazenagem e congelação de víveres

A MINNEAPOLIS-HONEYWELL e a sua subsidiária, a Brown Instrument Company, fabricam uma série completa de instrumentos para controle automático de refrigeração, processamento e armazenagem de gêneros alimentícios, e para as indústrias de congelação de víveres. Esses controles são disponiveis em ambos os tipos, de compressão e de temperatura, numa grande variedade de escalas. Há mais de meio século que a Minneapolis-Honeywell é reconhecida como a principal fabricante de controles automáticos de temperatura, e hoje, por toda a parte do mundo; os seus produtos regulam sistemas comerciais e domésticos de aquecimento, esfriamento e acondicionamento de ar, de todos os tipos, assim como de processos industriais. Os instrumentos da Brown para registro, indicação e controle são tambem universalmente conhecidos. O nosso distribuidor na zona que lhe fica mais próxima terá muito prazer em ajudá-lo a resolver qualquer problema pertinente a controle.

MINNEAPOLIS-HONEYWELL REGULATOR CO.

Depto. de Exportação, 4422 Wayne Avenue, Philadelphia, Pennsylvania.

COM UNIDADE LIBERDADE

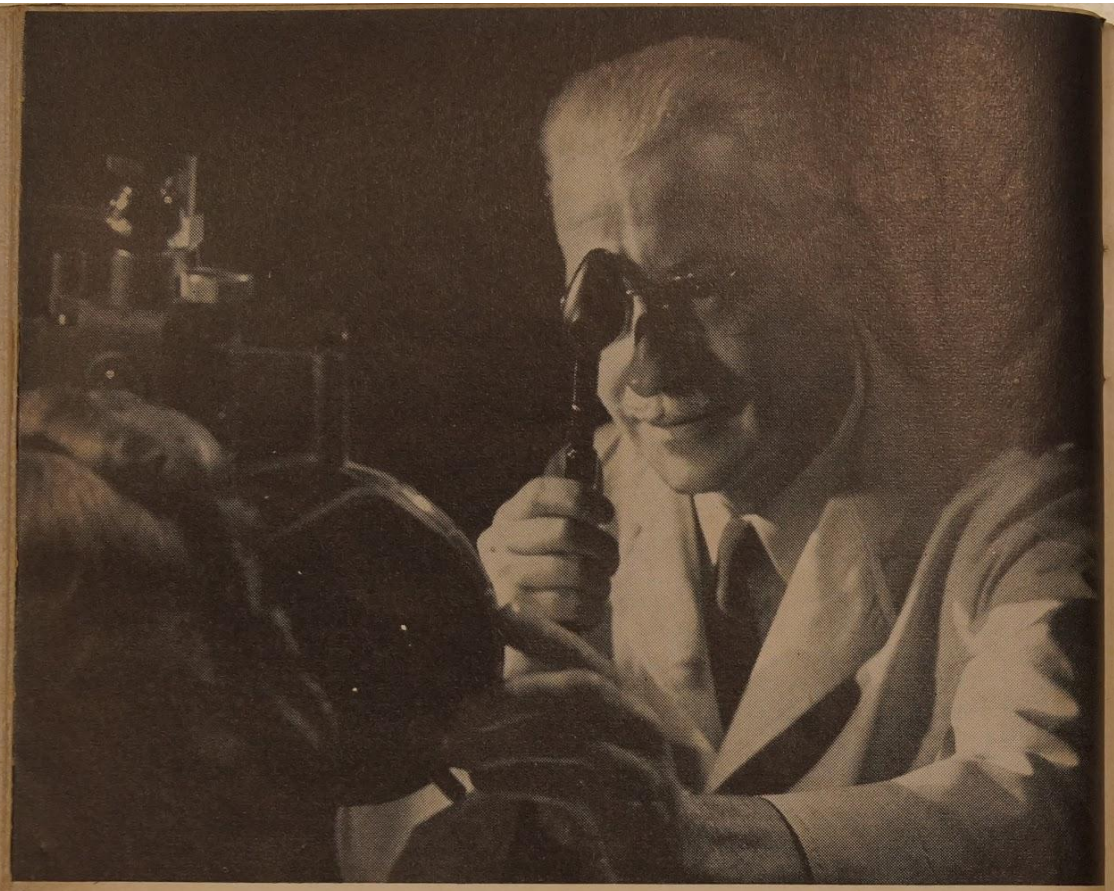
DISTRIBUIDORES

Argentina e Uruguai: E. C. Knight e Hijo, Buenos Aires—Brasil: Oscar Taves and Company, Rio de Janeiro—Colômbia: P. Portá, Bogotá—Perú: Custer and Thommen, S.A., Lima—Chile: Thermic Ltda., Santiago—Panamá: The Electric Service Co., Panamá—México: Armando Vaquie, Cidade do México—Cuba: William P. Bryant, Havana—Porto Rico: Sucessores de Abarca, San Juan—Trinidad: Industrial Agencies Ltd., San Fernando.

CONTROLES AUTOMÁTICOS

MINNEAPOLIS **Honeywell**

INSTRUMENTOS DA **BROWN** PARA AS INDÚSTRIAS



Êste Homem é Importante para sua Família

ÊSTE homem é o guardião de um tesouro inapreciável—seus olhos e os de sua família.

O refracionista sabe avaliar que enorme trambolho é para V.S. a falta de visão; sabe também que V.S. nem sempre está ao par dos defeitos que podem existir na vista. Êle dedica sua vida ao estudo da visáo humana e do aperfeiçoamento da técnica rigorosamente científica para a correção da vista—afim de que nenhum de seus entes queridos sinta os maléficos efeitos desta falta.

Sentimos orgulho de nossa ligação com tais homens . . . orgulho do privilégio que desfrutamos em fornecer-lhes instrumentos de precisão para o exame e diagnóstico dos olhos, bem como lentes e armações que os habilitem a contribuir para tornar mais viva e descansada sua vista e a de sua família.

BAUSCH & LOMB
DO BRASIL, LTD.

Rua Assembléa 104-8 • Rio de Janeiro
Rua D. José de Barros 152-8 • São Paulo

Instituição Científica Norte-Americana Produtora de Vidros Óticos e Instrumentos de Ótica para Fins Científicos Educativos, de Investigação, de Indústrias, e para Correção de Defeitos Visuais.

Brilhe com esta receita de Pâté SWIFT!

CANAPÉS

1 lata de Pâté de Foie SWIFT
1/2 chícara de maionése
1 ovo cozido
Azeitonas
1 chícara de vagens aferventadas em água e sal
6 fatias de pão de centeio

Unte as fatias com Pâté de Foie e enfeite-as com maionése, colocando no centro uma rodela de ovo e uma azeitona. Acompanhe com as vagens frias e temperadas com Óleo «A Patrôa» e vinagre.

REALMENTE não há quem não se entusiasme ante os lindos e apetecíveis pratos que se fazem com o Pâté de Foie, Pâté de Carne, Pâté de Presunto e Pâté de Galinha. Experimente serví-los hoje, e nos agradecerá a sugestão!...

☆ **PÂTÉ DE FOIE**
☆ **PÂTÉ DE CARNE**
☆ **PÂTÉ DE PRESUNTO**
☆ **PÂTÉ DE GALINHA**

PRODUTOS DA

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SECULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

EXPRESSO-TERREMOTO!

INTERNATIONAL

DIA a dia o mundo recebe novas provas da superioridade da fôrça aérea das Nações Unidas. Os aviões estão espalhando pelas frentes de batalha e nos centros industriais do inimigo os seus terremotos fabricados pelo homem. A fôrça aérea está abrindo o caminho para a Vitória.

E' um espetáculo empolgante observar como os grandes bombardeiros sobem aos céus e desaparecem roncando no horizonte. Quando estão no ar, êles estão por sua conta; em terra, porém, têm que ser atendidos por incessante perícia e vigilância.

Nossa ilustração mostra um dos muitos caminhões International que estão ajudando a acelerar a produção de Fortalezas Voadoras. Eles estão a serviço do possante sistema de produção da Boeing, e transportam vastas tonelagens de peças e matérias primas. Mais tarde, quando os grandes bombardeiros estiverem prontos para deixar a fábrica, lá estarão também caminhões International transportando em carros-tanques o combustível com que serão abastecidos para seguirem seu caminho.

Em tôda a América, os International de antes da guerra —os *caminhões pesados de mator venda no mercado* quando ainda se fabricavam caminhões para uso civil— continuam nos seus serviços normais, atendendo às necessidades de transporte de cada cidade e de cada indústria. Faça com que os seus caminhões *continuem trabalhando*. Dê-lhes assistência mecânica adequada regularmente. Em caso de desarranjos, não adie os reparos—valha-se da habilidade e da experiência que lhe oferecem os Agentes International.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building **Chicago, U. S. A.**

Filiais no Brasil:
RIO DE JANEIRO **SÃO PAULO** **PORTO ALEGRE**

INTERNATIONAL HARVESTER

Lugar Incerto, a Este de Suez...

Sr. A. F. Scharer
Gerente de Exportação,
Servel, Inc., Nova York

CREIO QUE V. S. SE interessará pela seguinte carta de um nosso ex-empregado, atualmente combatendo pelas Nações Unidas.

"Eu e alguns soldados ingleses fomos aquartelados num país desolado, a este de Suez. Os habitantes daquí nunca tinham visto gente branca. A sua indumentária compreende facas recurvas e outros instrumentos de aspecto desagradavel.

"Armamos as nossas tendas neste lugar de excessivo calor, areia, moscas, e águas tépidas. Passados alguns dias um grupo de americanos veio acampar perto do lugar onde estávamos. Imagine a nossa surpresa quando nos ofereceram *gelo e bebidas geladas!*

"Isso despertou-nos a natural curiosidade. Sorriram—e mostraram-nos então uma tenda na qual havia duas refrigeradoras Servel acionadas a querosene. Sim, os americanos dispunham de gelo à vontade. Pode V. S. conjeturar sobre o que significa isto, aquí, onde a média de temperatura anda bem acima de 38° C.!"

* * * *

Essas duas refrigeradoras—assim como outras que estão nas muitas frentes de combate das Nações Unidas—são irmãs de mais de 2.000.000 de outras Refrigeradoras Servel que se encontram nos lares de todos os paises da América.

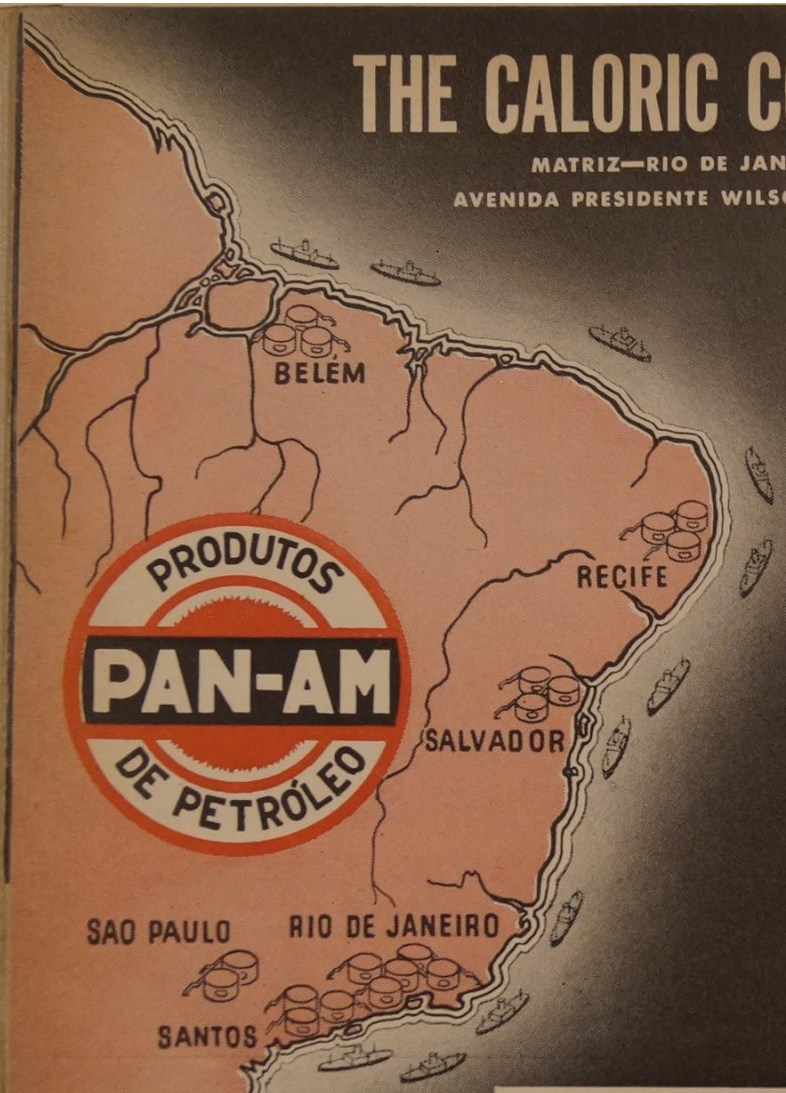
SERVEL, Inc.

Departamento de Exportação
51 East 42nd St., New York 17, N.Y.
E.U.A.

FABRICANTES DAS GELADEIRAS SERVEL A QUEROSENE E A GÁS

THE CALORIC COMPANY

MATRIZ—RIO DE JANEIRO
AVENIDA PRESIDENTE WILSON NO. 118



Fornecedora há longos anos de oleo combustivel e oleo Diesel às principais linhas brasileiras de navegação, com entregas rápidas feitas por meio de encanamentos e chatas-tanque. THE CALORIC COMPANY está colaborando com as marinhas de guerra das Nações Unidas, e estará em condições para prestar seus serviços à navegação mundial no após-guerra.

DEPÓSITOS:
RIO · SÃO PAULO · SANTOS · SALVADOR · RECIFE · BELÉM

REPRESENTANTES NAS PRINCIPAIS CIDADES DO PAÍS

De como os Martin Marauders ganharam por 90 contra 6, na Nova Guiné

Durante os negros dias de 1942, um grupo de Martin Marauders foi despachado a toda a velocidade para a Austrália em perigo. Estes mortíferos bombardeiros médios arrazaram as instalações japonesas, destruiram os seus aeródromos, afundaram os seus navios, e metralharam as suas tropas em terra. Quando os fanáticos japoneses, finalmente, foram obrigados a parar, veio a saber-se que os Marauders tinham derrubado, em combate aéreo, 90 Zeros contra a perda de 6 Martins somente.

Qual é o segredo do sucesso dos Marauders?

Como foram os Marauders capazes de marcar tão esmagadora vitória? A resposta é **potência**... terrivel potência de bombardeio para demolir completamente os seus objetivos num rápido e devastador ataque... e potência de fogo intensíssimo de todos os ângulos, para destroçar os aviões inimigos de intercepção que procurem barrar-lhes o caminho. Com tão pesada carga de bombas e armamento, deslocando-se à velocidade-de-foguetão, o Martin Marauder não é avião para ser conduzido por medricas... mas, nas mãos dos melhores pilotos da América, é a coisa mais «dura de roer» e a mais devastadora que por esse mundo anda sobre asas.

THE GLENN L. MARTIN CO., BALTIMORE - 3, MARYLAND, E. U. A.

AVIÕES
Martin
Construtores de Aviões de segurança desde 1909

ARRISCAM A VIDA PARA OBTER NOTÍCIAS

Esmagados debaixo do tacão de ferro da dominação sem freios, as pobres vítimas procuram alívio à sua miséria, sintonizando seus aparelhos de rádio clandestinos às ondas proíbidas, na esperança de obter notícias animadoras—que lhes indiquem o fim de sua escravidão.

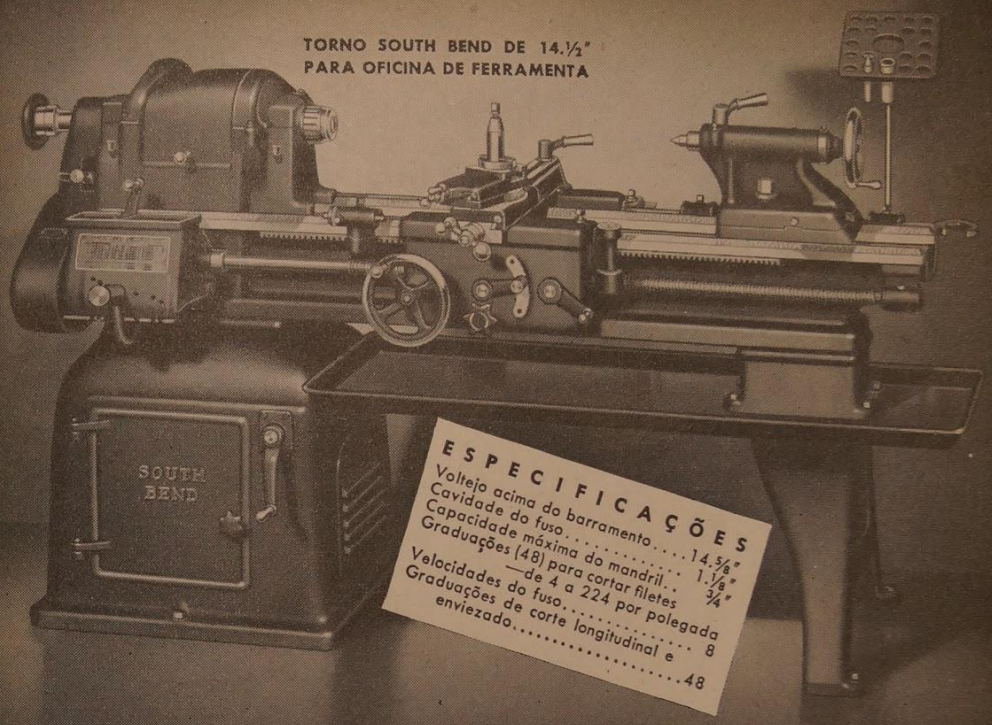
O rádio de hoje tem-se tornado indispensável à humanidade. Muitos milhões escutam os acontecimentos históricos de um mundo em evolução—o nascer e o pôr do sol de nações—a vitória e a derrota—a fome e a abundância—e outros acontecimentos que afetam diretamente tôda a humanidade.

Os Rádios Zenith—em condições atomosféricas favoráveis e desfavoráveis—levam as notícias do mundo a seus possuidores em todos os cantos do globo.

FABRICANTES DE EQUIPAMENTO RADIÔNICO, EXCLUSIVAMENTE

ZENITH RADIO

TORNO SOUTH BEND DE 14.½"
PARA OFICINA DE FERRAMENTA



TORNOS SOUTH BEND

para trabalhos de precisão

"MANUAL DO TORNEIRO"

Um livro de 128 páginas, de 13 cms. x 20 cms., sôbre a conservação e o funcionamento de tornos mecânicos. Preço: Cr. $3,00 em selos do Correio. Queira indicar o idioma desejado: Português, Espanhol, Inglês ou Francês. Escreva claramente o seu nome e endereço.

A perfeição de mão-de-obra combinada com a excelência estrutural dos Tornos South Bend para Oficina de Ferramentas, torna-os altamente eficientes para trabalhos que exigem o máximo de precisão.

A sua exatidão, velocidade e potência estavel asseguram os mais finos acabamentos. Sua vasta série de avanços do carro, velocidades para o corte de roscas, e velocidades do fuso, alem de facil operação, ajudam a simplificar os trabalhos que requerem o maior cuidado e acerto.

Os tornos South Bend são fabricados em cinco tamanhos: 9", 10", 13", 14.½" e 16" de diâmetro torneável, tanto no tipo de Caixa de Engrenagens de Mudança Rápida como de Oficina de Ferramenteiro. Os Tornos Revólver South Bend, fabricam-se em volteios de 9" e 10". Catálogo a pedido.

SOUTH BEND LATHE WORKS

SOUTH BEND 22, INDIANA, E. U. A. • *Fabricantes de Tornos Há 37 Anos*

A NOTA JUSTA

PERFUME

TABU

ETERNO E MISTERIOSO
CANTO AO AMOR
COMO UM NOTURNO
DE CHOPIN

Dana

FABRICAS EM: NOVA YORK - ARGENTINA CUBA - COLÔMBIA - COSTA RICA - CHILE - MÉXICO - PERÚ - URUGUAY - VENEZUELA

Nenhuma vida se transformará tanto, na Idade do Ar, quanto a dos fazendeiros...

Até agora, ele não teve outra alternativa senão a de ficar preso à terra em que trabalha. É verdade que as maravilhas do cinema, do radio, das revistas e jornais trouxeram o mundo para mais perto dele.

Mas de agora em diante, gozará de melhores oportunidades para participar das atividades dos outros homens.

Ele, sua mulher e seus filhos estarão mais perto do mar, das festas, dos teatros e museus ... dos centros alegres e das bibliotecas ... e apenas um pouco mais longe desses lugares do que a maioria dos habitantes da cidade.

As suas melhores colheitas chegarão aos mercados em perfeito estado ... e o seu nobre e profundo sentimento americano estará mais próximo de todos nós.

E isto será bom. Não há em todo o mundo melhores vizinhos do que os fazendeiros.

LYCOMING

MOTORES DE AVIÃO

O motor dos atuais aviões de treinamento ...
O motor de avião dos futuros amadores

DIVISÃO LYCOMING, THE AVIATION CORPORATION, WILLIAMSPORT, PENNA., E. U. A.

AVCO

Fabricantes dos produtos AVCO

Mantendo Em Forma Os Mancais Dos Navios

Outro exemplo de quanto vale a experiência "Gargoyle" para o esfôrço de guerra — e para V. S.!

ÊSTE desenho mostra um mancal de navio, trabalhando sob a proteção eficiente de lubrificantes especiais "Gargoyle."

Mesmo quando reduzidos a camadas microscópicas e atacados pelo calor e pela água, êsses óleos formam películas resistentíssimas. Verdadeiras barreiras contra o desgaste, evitando paradas forçadas em alto-mar, ou longas paralisações para reparo nos portos.

Protegendo os mancais de centenas de navios das Nações Unidas, os Lubrificantes Gargoyle ajudam a ENTREGAR AS MERCADORIAS. Êles podem também auxiliar V. S. a PRODUZIR MERCADORIAS, ou a transportá-las com maior eficiência e economia, por terra, mar ou ar. Isto porque a Socony-Vacuum Oil Company, Inc., New York, possue a maior experiência do mundo em lubrificação — 78 anos produzindo lubrificantes especiais para cada tipo de máquina.

GARGOYLE

EM TÔDAS AS INDUSTRIAS **Lubrificantes** REDUZEM AO MÍNIMO O DESGASTE

Como se mostra que as Chumaceiras Timken são Ultra-Precisas

Os calibradores, engenheiros e maquinistas da Timken Roller Bearing Company, quando falam de um milésimo de polegada, parece que estão falando de uma montanha; centésimos-milésimos de polegada são um lugar-comum nas suas conversas; nem admira, quando pensamos que eles inventaram instrumentos capazes de medir um *milionésimo* de polegada!

Assim por exemplo, a precisão e rigor da máquina acima representada excedem a imaginação do comum dos mortais. Ela é capaz de medir a conicidade de superfícies até menos de um segundo de arco, o que equivale a $^{5}/_{16}$ avos de polegada entre os extremos de duas linhas que se prolongam numa extensão de 1.600 metros! Emprega-se esta máquina muitas vezes por dia para ensaiar calibradores de cônicos, usados no fabrico das Chumaceiras Timken.

Esta máquina medidora de ângulos é tão somente uma das muitas razões por que o serviço prestado pelas Chumaceiras Timken nunca pôde ser ultrapassado por quaisquer outras — quer sejam usadas em fábricas de aço, usinas, minas, fazendas, ou material de transporte.

TIMKEN

TRADE-MARK REG. U. S. PAT. OFF.

TAPERED ROLLER BEARINGS

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON, OHIO, E. U. A.

Uma das maiores vitórias da guerra

Nesta, a mais destrutiva de todas as guerras . . . a perda de vidas nas forças armadas das Nações Unidas foi reduzida à mais baixa percentagem de toda a história militar.

A batalha vitoriosa contra as baixas da guerra está sendo vencida pelas milagrosas sulfas e outros medicamentos modernos . . . pelo uso geral do plasma sanguíneo . . . por habil cirurgia e por aperfeiçoados métodos de hospitalização.

Um aliado importante de todos estes "salva-vidas" é o Condicionamento de Ar e Refrigeração Carrier.

Nas maiores empresas farmacêuticas das Américas, o material Carrier mantem a temperatura e umidade próprias para os processos fabrís, a embalagem e a armazenagem.

Na elaboração e armazenagem do plasma sanguíneo, a Refrigeração Carrier desempenha um papel importante.

Hoje, a produção da Carrier consiste exclusivamente em material util ao esforço de guerra, e para propósitos civis essenciais ao bem-estar público. Se V.S. tem um problema que exige material novo ou a manutenção de seu equipamento atual, que se destine à produção bélica ou a um fim civil essencial, o distribuidor da Carrier terá satisfação em prestar-lhe todo o auxílio possivel.

CARRIER CORPORATION
Divisão Internacional
SYRACUSE, NEW YORK, E. U. A.

DISTRIBUIDORES DA CARRIER NO BRAZIL
ARMCO INDUSTRIAL E COMERCIAL S. A.
Rua Alfandega, 107, Rio de Janeiro
Rua Marconi, 124, São Paulo
Rua Voluntarios da Patria, 916, Porto Alegre

Carrier
Condicionamento de Ar e Refrigeração

Na história de cinco gerações

HÁ CAPÍTULOS EM QUE ENTRA O "FERMENTO ROYAL"

Sim... festas de noivado e casamento, batizados, aniversários... É a hora dos pratos e quitutes que devem seduzir pelo aspecto e deliciar pelo gôsto... E é por isso que, há cinco gerações, as donas de casa, para sua própria garantia, recorrem, instintivamente, à "Cozinha Royal". O Fermento Royal é um produto sempre uniforme. E não falha. Graças a êle os bolos crescem, tentadores e deliciosos, e os pratos salgados se tornam mais saborosos e tenros. *Acerte como acertava a vovózinha. Aproveite as oportunidades que lhe oferece o produto que, desde 1868, tem sido o segrêdo de pratos que enchem de orgulho uma dona de casa e despertam a admiração dos convidados: Fermento em Pó Royal.

Avenida Pedro II, 250
Rio de Janeiro — Brasil

**Os livros de receitas "Royal" são usados há 5 gerações.*

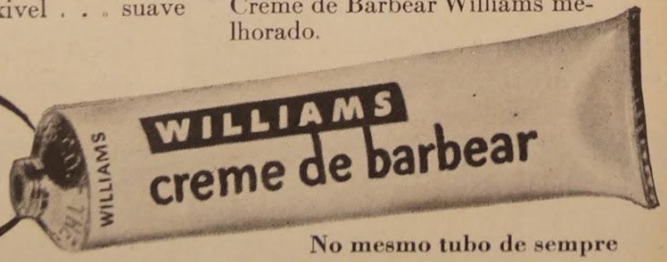
FERMENTO EM PÓ ROYAL
A CHAVE DE MIL E UM PRATOS DELICIOSOS

ASSEMELHANDO-SE muito ao óleo natural da pele humana, a Lanolina vem sendo há muito tempo prescrita por médicos para revigorar e suavizar as irritações da pele. Agora a Lanolina foi acrescentada ao Creme de Barbear Williams. Ela ajuda-o a raspar bem a barba, sem deixar aquela sensação de pele esticada, dolorida. Ela deixa a sua face mais branda e flexivel . . . suave e fresca.

A adição da cariciosa Lanolina torna o Creme de Barbear Williams ainda melhor que dantes. Branco, puro, fabricado somente com os mais finos ingredientes, o rico e espesso creme Williams amolece completamente a mais rija barba,—faz com que V. S. possa escanhoar-se à vontade.

Adquira hoje mesmo um tubo do Creme de Barbear Williams melhorado.

Contem a suavizante LANOLINA



No mesmo tubo de sempre

A venda somente por intermédio dos concessionários • 383 Fifth Avenue, Nova York, E. U. A.

Majestic

Electrônica
Televisão
Rádio

PODEROSO MONARCA DO ETER
Será o LIDER em rádio no após-guerra

● Dizer-se que a Majestic assumirá a liderança em rádio após a guerra é mais do que uma predição—é uma promessa. Os competentes engenheiros, técnicos e peritos em produção da Majestic já traçaram os planos do rádio do futuro.

Tudo o que aprendemos nos nossos laboratórios, ao produzí-los . . . todo o conhecimento e perícia que adquirimos na fabricação de milhares de instrumentos para servir as Forças Armadas das Nações Unidas . . . se refletirão nos rádios Majestic do após-guerra, cujo desígnio é proporcionar a V. S. o que há de mais novo em funcionamento e aparência.

MAJESTIC RADIO & TELEVISION CORPORATION

2600 West 50th St., Chicago 32, Illinois, E. U. A.

Convidamos aos Srs. negociantes e distribuidores a nos solicitarem informações hoje mesmo.

Nos aviões Northrop da paz . . . *V. S. viajará*

maior distância a preço mais baixo que nunca!

As pesquisas e aperfeiçoamentos do tempo de guerra, nos E. U. A., virão revolucionar os aviões comerciais de após-guerra.

V.S. vai admirar o novo desenho e funcionamento das aeronaves Northrop . . . capazes de voar de Nova York a Londres em 10 horas . . . de São Francisco a Xangai em 24!

Esses aviões sulcarão a calmaria das mais altas camadas atmosféricas . . . para evitar as tempestades . . . V.S. viajará célere, em agradavel conforto, a coberto das mudanças de pressão, de frio e de calor.

E todas essas vantagens por pouco dinheiro. As empresas de transportes aéreos vaticinam que até mesmo as pessoas de posses moderadas poderão viajar em aviões a um custo que fica ao seu alcance.

São fatos que se vislumbram para o dia de amanhã. Mas até que alcancemos a paz, o esforço e o talento do pessoal da Northrop e dos demais fabricantes americanos de aeronaves, se concentrarão em fabricar somente aviões de guerra . . . qual deles mais mortífero.

NORTHROP *Aircraft, Inc.*

NORTHROP FIELD, HAWTHORNE, CALIFORNIA, U. S. A.
MEMBER AIRCRAFT WAR PRODUCTION COUNCIL, INC.

Dignos de contemplação...
Orgulho de seu dono

O elegante jogo das canetas e lapiseiras Sheaffer—completando-se em combinação ideal, faz um presente de satisfação duradoura para ser possuido com orgulho no decorrer dos anos de seu serviço fiél. É símbolo permanente do seu esmerado gôsto. A famósa caneta *"Lifetime"*—garantida pela vida do primeiro possuidor—é um presente sem par, proporcionando crescente satisfação no decorrer dos anos. W. A. Sheaffer Pen Co., Fort Madison, Iowa, U.S.A.

Tinteiro com Depósito de Borda

O tinteiro com Depósito de Borda conserva os dedos limpos, evitando mergulha-los no depósito inferior. Sómente SKRIP possue Depósito de Borda. Nenhum outro tinteiro possue êste depósito especial. SKRIP é a tinta moderna.

SHEAFFER'S

Representantes Gerais Para o Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa Postal 843—Rio de Janeiro
Representantes Gerais Para Portugal—Messrs. Azevedo & Duarte, Ltda., Rua do Crucifixo 76—Lisboa, Portugal

O Convite Universal... "TOME UMA COCA-COLA!"

Vendedores de Flores em Caracas

Na Venezuela, como em qualquer parte, o único igual da "Coca-Cola"... é a própria "Coca-Cola". Graças ao seu sabor peculiar e à sensação de frescura que proporciona, a "Coca-Cola" goza de popularidade universal. Eis porque se ouve constantemente: "Tome uma Coca-Cola!"

UNIDOS HOJE
UNIDOS SEMPRE

COPYRIGHT 1944 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

ALTITUDE DO *Corsair*

Com o seu motor de 2.000 H.P., de super-compressão, o Vought Corsair da Marinha dos E.U.A. manobra a altitudes extremamente elevadas. Dessa dominante posição, os pilotos dos aviões Corsair estão malhando no inimigo com mortíferos resultados.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

MOTORES PRATT & WHITNEY • AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICÓPTEROS SIKORSKY • HÉLICES HAMILTON STANDARD

Continuação da última capa

Ativo o espírito, livre o pensamento

Nas trevas do mundo totalitário de hoje, há milhões de pessoas cujo espírito está prisioneiro, tão seguramente como o estavam os seus corpos. Mas entre os povos livres uma grande vitória consiste em que os assuntos estimulantes podem ser trazidos à luz da publicidade—os prós e contras sendo apresentados pela imprensa, o rádio, a cinematografia, perante o tribunal da opinião pública. Gente de todo o mundo, que está lendo o *Reader's Digest* nas suas próprias línguas, diz-nos quão puro prazer lhes advem da sua leitura, como ela lhes estimula o espírito com idéias refrescantes e proveitosas, e lhes ajuda a manter livre o pensamento:

«Quando tínhamos que levar muitas horas no porão durante o *Blitz*, eu costumava ler o *Digest* em voz alta para minha família, e discutir os seus artigos enquanto os nazistas voavam sobre as nossas cabeças. Somos-lhe gratos por tantas horas de prazer e estímulo intelectual.»

—SRA. F. R. BRUNING, Londres

«Aquí na Suécia fomos objeto de tal bombardeio de propaganda que nos tornamos incrédulos quanto a tudo o que ouvimos. Agora mesmo acabei de ler o conteudo dos dez primeiros números de *Det Bästa* (edição sueca), e tudo o que posso dizer é que jamais encontrei uma apresentação mais imparcial dos problemas presentes. Há neles pontos de vista que me irritam, outros que me trazem a confirmação de certas teorias que sempre sustentei, mas nunca fui capaz de provar.»

—SVEN HANSEN, caixeiro, Estocolmo

«Os egípcios sempre gostaram do estímulo mental das discussões nos cafés. Adoramos as insinuações sutís. Nossa língua é rica em nuances de sentido estranhas às línguas ocidentais. Agrada-nos o *Al Mukhtar* (edição árabe) porque nos fornece novas idéias para nossas discussões, e dá nova luz a problemas seculares.»

—HASSEN ABOU SHERIF, alfaiate, Cairo

IMPRESSO NOS E. U. A.

Ativo o espírito, livre o pensamento

Royal Arch Gunnison estava em Manila, exercendo funções de correspondente da revista *Collier's* e comentarista do *Mutual Broadcasting System*, quando foi feito prisioneiro pelos japoneses, que o detiveram durante quase dois anos—primeiro num campo de concentração nas Filipinas, depois em Xangai. Regressou aos Estados Unidos a bordo do *Gripsholm*, graças a uma troca de prisioneiros, assim relatando suas impressões.

«No campo de concentração a gente deita-se e levanta-se a horas regulamentares; só pode passear em determinado setor adentro do arame farpado; e comparece a chamadas periódicas, debaixo de forma. O japonês exige que o prisioneiro lhe faça vênias constantemente, e regula até os mínimos pormenores a existência diária dos enclausurados. Mas uma coisa ele não consegue: é intervir em nossos pensamentos! E isto o enche de raiva.

Para preservar certa liberdade de pensamento no campo de prisioneiros, era-nos preciso manter quanto possivel a vitalidade física, a despeito da malnutrição, e combater a corrosiva monotonia da nossa existência. Organizávamos saraus de amadores, sessões de dança, esportes leves. De vez em quando lá vinha uma coisa que nos reanimava—um pacote da Cruz Vermelha, que tanto podia conter fruta fresca como vitaminas em comprimidos.

O passadio mental ainda era peor, porque os japoneses estavam mais ansiosos por nos debilitar mentalmente do que fisicamente. A leitura era a nossa única proteção contra a anemia intelectual e espiritual; mas os livros escasseavam, e não nos era consentido ler qualquer obra em que se mencionasse a história posterior a 1918.

Graças a Deus, porem, encontramos duas formas de alívio para o nosso aborrecimento: um velho Almanaque do *World*, todo esfrangalhado, e alguns exemplares do *Reader's Digest*, quase tão velhos como aquele, que não nos fora dificil encaixar no nosso limitado espaço de bagagem. Os Digest provocaram discussões, suscitaram perguntas, fizeram-nos sorrir de bom-humor. Quanto ao *World Almanac*, esse abasteceu-nos de informação e documentação estatística.

O horizonte de arame farpado, nesses campos, é muito limitado. Estou certo de que os que comigo regressaram a bordo do *Gripsholm* hão-de convir em que o Digest nos ajudou a conservar o espírito ativo—e, o que é mais, manteve livre o nosso pensamento.»

Continua no verso

EDIÇÃO MUNDIAL DE 10.918.000 EM CINCO IDIOMAS

Cr$ 3,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

A última batalha do *Borie* . . . . . *Life* 1
Toma asas a Colômbia . . . . *Pan American* 7
Não viva pela metade . . . . *por Bruce Barton* 10
Prussianismo... eis o inimigo *por Eric Bramley-Moore* 13
Podemos ensinar os meninos a viver 18
Plasma para todos . . . . . *Survey Graphic* 20
Mágica em Massava . . . . . *Liberty* 23
Como viver alem dos seus recursos . *por H. T. Rich* 29
O adeus no campo de batalha . . *World-Telegram* 33
Não conseguimos converter Ah Wong *Mademoiselle* 35
Poderão mostrar o rosto de novo . . *por F.C. Painton* 40
Campeonato de mentiras 43
Navio de tropas . . . . . *Herald Tribune* 45
A religião russa volta das catacumbas . . . *Time* 49
Eles bombardearam Berlim na América . *Air Facts* 52
Anúncios perfumados . . . . . *World-Telegram* 55
Grã Bretanha invadida pelos ianques . . *Fortune* 57
Cubra a segunda milha . . *por Harry E. Fosdick* 61
Ver para aprender . . . *Better Homes & Gardens* 63
Astucioso coiote! . . . . . *Nature* 67
Carta da linha de fogo *pelo Major Parker C. Hardin* 70
Retalhos do drama cotidiano 74
A peor via férrea do mundo . *Saturday Evening Post* 77
O mistério de John L. Lewis . . *Common Sense* 81
De paraquedas no meio dos canibais *por Eric Sevareid* 85

[Seção de Livros] «Escute aquí, soldado Hargrove» . . . . . *por Marion Hargrove* 97
Índice 114

JUNHO DE 1944

CMDPHAB
1946

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.
AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.
BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.
ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.
GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.
MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.
MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.
MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89. Belem.
PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.
PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.
PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 351, Recife.
PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.
RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.
RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.
RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.
SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.
SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.
SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.
TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo V, No. 29 — [*Marca Registrada* / *Reg. U.S. Pat. Off.*] — Junho de 1944

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace
Redator Gerente: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* J. Rodrigues Miguéis
Administração: *Gerente Geral,* A. L. Cole. *Subgerente:* Fred D. Thompson, Jr.
Gerente de Circulação, Roberto C. Sánchez. *Chefe de Publicidade,* Willard R. Espy
Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson. *Subdiretor:* Marvin McCord Lowes
Diretor de Anúncios: Josiah B. Thomas

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*Reader's Digest* (fundado em 1921): publica-se em inglês em Pleasantville (E.U.A.) e em Londres; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace; tiragem mensal: 9.345.000 exemplares. *Selecciones del Reader's Digest:* edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas; tiragem mensal: 880.000 exemplares. *Det Bästa ur Reader's Digest;* edição em sueco, publicada em Estocolmo; redator: Anders Hedberg; tiragem mensal: 225.000 exemplares; *Al Mukhtar Min Reader's Digest:* edição em árabe, publicada no Cairo; redator: Fuad Sarruf; tiragem mensal: 60.000 exemplares.

TIRAGEM DE TODAS AS EDIÇÕES: 10.918.000 EXEMPLARES

Copyright 1944 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1876. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

JUNHO de 1944

SELEÇÕES do Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO V — No. 29

A última batalha do BORIE

(Condensado da «Life») — *Por John Hersey*

Uma luta «corpo-a-corpo» entre um destróier dos Estados Unidos e um submarino alemão, na qual o inimigo é derribado e arrastado até se afundar

POR UMA tempestuosa e escura noite de outubro, o nosso destróier *Borie* avançava laboriosamente, a 17 nós, pelo Atlântico. Acabara de meter no fundo um submarino, e andava procurando outro.

Uma espécie de choque elétrico fez estremecer a ponte sem luzes do *Borie*, ao mesmo tempo que uma voz anunciava ter-se feito contacto com uma embarcação não identificada. Assim teve começo um dos desafios mais extraordinários entre dois navios, de que há memória nos anais dos combates marítimos.

Quando o jovem comandante do *Borie*, tenente Hutchins, de 30 anos apenas, ouviu anunciar o contacto, baixou a cabeça e o braço num gesto caraterístico—como um homem que, de cacete em punho, se prepara para agredir o adversário, e gritou: «Velocidade máxima!» Os destróieres são barcos muito rasos. Assim, quando o *Borie* atingiu 27 nós, a água negra saltava até os pontos mais altos do navio. Era tão violento o embate das vagas, que quatro das vigias sobre a ponte, isto é, a 9 metros acima do nivel da água, foram despedaçadas. Dentro em pouco, o navio perdeu contacto de superfície com o seu objetivo, e o tenente Hutchins mandou pôr a funcionar o detector de submarinos. Então o contacto

se restabeleceu quase imediatamente. Logo que se acharam diretamente sobre o alvo, o tenente Hutchins deu ordem de se lançarem algumas cargas de profundidade, e um facho flutuante, para marcar o ponto de ataque. Como as cargas foram lançadas com muita precisão, o submarino não teve outro jeito senão vir à superficie.

O primeiro homem que o avistou, esquecendo o seu vocabulário naval, gritou: «Lá está ele, mesmo à direita do facho.» Efetivamente aparecia a uns 400 metros, enorme e quase branco. O tenente Hutchins ordenou que se lhe assestasse o holofote. O primeiro tiro falhou, e logo todas as peças do *Borie* abriram fogo, enquanto este marchava direito ao submarino, virando de modo que, ao abordá-lo, se encontrariam paralelos. Pode dizer-se que o duelo era unilateral, porque, à terceira descarga do *Borie*, a peça grande do convés do inimigo foi pelos ares parar ao mar. O comandante do submarino, vendo-se assim desarmado, virou de bordo, e apontou os tubos lança-torpedos contra o destróier; mas o torpedo não acertou. Então o tenente Hutchins, com uma habilidosa manobra, tornou a pôr o seu destróier paralelo ao submarino, e durante os minutos que se seguiram, foi este martelado sem cessar pela artilharia. O circuito elétrico do percussor do canhão no castelo da proa cessou de funcionar, e o capitão artilheiro Kenneth Reynolds disparou-o uma vez, puxando a corda, que se partiu. Então decidiu fazer disparar a agulha de percussão com a mão. Mas não pôde fugir a tempo com o braço, de modo a evitar o coice de recuo de 25 polegadas, e foi violentamente atingido no antebraço e no pulso, que incharam três vezes mais do que a grossura normal. Durante todo este tempo, os vagalhões iam rebentando continuamente sobre o canhão, e por duas vezes homens da guarnição foram salvos no momento em que eram arrastados pela borda fora.

O destróier conseguiu alcançar o alemão, e lançou-se direito a ele. Era o momento de abalroá-lo, e os tripulantes do *Borie* tinham sonhado muitas vezes que iam rasgar os costados dum submarino. Três dias antes o tenente Hutchins desenhara por brincadeira, numa das vigias da sala de navegação, três circunferências concêntricas com duas linhas cruzadas no meio, a que chamava a mira de abalroamento do *Borie*. Por isso o comandante, levantando o braço e baixando a cabeça, gritou ao homem do leme:

—Agora, Aikenhead, endireite o navio, e aponte bem.

Aikenhead manobrou a roda, e disse calmamente:

—Pronto, meu tenente. Está dentro do ponto de mira.

O alemão continuava a sua rota como se não desse pelo perigo. Parecia que ia dar-se um embate impetuoso, e os homens a bordo do destróier prepararam-se para o prazer e para o choque. Mas o alemão desviou-se de repente para a esquerda, a toda força, e uma onda enorme levantou o *Borie*. O contacto foi uma desilusão, porque não houve choque nem barulho esmagador. A onda levantara o *Borie* pela proa, e pousou-o

---

John Hersey nasceu na China de pais missionários, e foi educado nas Universidades de Yale (Estados Unidos) e Cambridge (Inglaterra). Apesar de não ter ainda 30 anos, há mais de 6 que é correspondente de *Time* e *Life*, e, desde que começou a guerra, as suas vívidas descrições das frentes de combate mereceram-lhe alta reputação. O seu primeiro romance «A Bell for Adano» baseia-se numa aventura pessoal com o exército americano que invadiu a Itália.

delicadamente no convés do submarino, logo à frente da torre de entrada. Os dois navios ficaram assim enganchados, com a proa dum sobre a do outro, em abraço mortal, formando um ângulo em V.

À desilusão do choque sucedeu o entusiasmo, quando os homens do destróier perceberam que tinham o alemão nas mãos. O tenente Hutchins gritou: «Fogo, fogo, abrir fogo.» E o pessoal da ponte abraçava-se, exclamando: «Apanhamos aquele sem-vergonha, apanhamos aquele sem-vergonha!»

Os holofotes inundaram de luz a torre de comando, e todas as peças utilizaveis abriram fogo a dez metros de distância. Os alemães mostravam coragem louca, continuando a sair pela torre para dirigir-se às suas peças. Era um espetáculo horrivel. Um foi atingido no peito por um projetil de 20 m/m, em cheio, e a cabeça e os ombros voaram-lhe para um lado e o resto do corpo para outro. Outro ficou de pé, sem cabeça, durante uns segundos.

A situação provocou reações diversas entre os homens. O apontador Carl Banks, geralmente acanhado e amavel, achando-se sem ter que fazer, pois a distância fora reduzida a zero, limitava-se a gritar: «Matem esses desalmados. Matem eles!» O chefe de peça, Richard W. Wenz, não perdeu tempo a procurar a chave do depósito de pequenas armas, arrombando-o a soco, para distribuir espingardas pela equipagem. Na sala das cartas, o oficial executivo, tenente Philip Brown, completou cuidadosamente o plano do ataque. Depois, no meio daquela confusão, apresentou-se ao comandante: «Eu guardei o plano, comandante. Para que serve traçar a carta deste combate, se temos aquí mesmo debaixo dos pés todos os fatos essenciais.» E, a seguir, esperou tranquilamente que um alemão aparecesse na coberta. Então, empunhando o seu fuzil-metralhadora, fez a pontaria como um professor indicaria o quadro negro com o ponteiro, e foi tiro e queda.

Da cozinha, a uns 5 metros apenas da torre do submarino, o foguista de 1ª classe, David Southwick, tirou da bainha uma faca de 15 centímetros, e atirou-a a um alemão que corria para uma peça acertando-lhe no estômago, e fazendo-o cair pela borda fora. O chefe-timoneiro Walter Kurz apanhou um cartucho vazio de 4 polegadas, esperou que um alemão assomasse ao alçapão da torre, e jogou-lhe o projetil com tal força que o homem foi parar ao mar. O marinheiro de 2ª classe, Edward Malaney, não podendo conseguir outra arma, disparou a sua pistola de sinais Very, cujos fachos não matariam, mas queimavam desesperadamente.

Algumas das metralhadoras não deviam ter sido utilizadas porque havia couraças protetoras contra estilhaços, entre elas e o submarino. A equipagem, com risco da própria vida, fez fogo através das couraças, rompendo-as, de modo que ficaram com espaços abertos pelos quais se podia atirar com eficácia. O cozinheiro dos oficiais, rapaz de cor, chamado Christopher Columbus Shepard, primeiro carregador do canhão Nº 4, resolveu que as munições lhe não chegavam com a velocidade que ele desejava, correu às arrecadações do convés da popa, agarrou numa granada pesada, meteu-a na culatra da peça, sentou-se no lugar do apontador, que tinha ficado cego, disparou, desceu, foi buscar outra, e assim manteve o seu canhão a disparar continuadamente. Esta luta à queima-roupa durou uns dez minutos.

Tinham sido mortos pelo menos 35

alemães, sem que entre a tripulação do *Borie* tivesse havido uma única perda de vida. Mas, das entranhas do navio, vinha a notícia de que a sala das máquinas estava inundada. Não foram os alemães, mas o tempo, o causador de tal avaria. Ondas enormes tinham feito chocar os cascos um contra o outro. O submarino, construido para aguentar enormes pressões debaixo da água, podia sobreviver mais facilmente ao roçar dos costados, do que o destróier, cujas chapas tinham apenas a espessura de 3/16 de polegada.

Na sala de máquinas da proa a água foi subindo até chegar ao peito dos homens. Como as máquinas eram impermeaveis ao vapor de dentro, assim tambem o eram para a água de fora, de modo que continuaram a funcionar. À medida que o barco ia mergulhando e rolando, a água ia arrancando tudo dos seus lugares, e dentro em pouco os homens eram empurrados à volta da sala, de mistura com chapas do chão, grelhas, e outros destroços. O maquinista-chefe, tenente Morrison Brown, deu ordem para que se retirassem todos, ficando só ele, para fazer o que fosse possivel.

E o incrivel embate continuava. O submarino avançou para a frente e para a esquerda, procurando dar a popa ao destróier, para poder mandar-lhe mais uns torpedos. O *Borie* voltou-se tambem para a esquerda. Então, o submarino começou a descrever círculos apertados e o *Borie* fez o mesmo. Mas o primeiro necessitava de menos espaço para virar do que o segundo; e o tenente Hutchins não sabia quantas vezes os dois navios andariam a dar voltas, antes que ele pudesse imaginar um estratagema para romper o empate. Apagou as luzes, na esperança de que o submarino tentasse desaparecer, e assim aconteceu. O tenente Hutchins tornou a projetar o holofote sobre ele, e surpreendeu-o a uns 400 metros, cortando para nordeste. Deu então uma ordem que ajudou a ganhar a luta: mandou regular as cargas de profundidade, de modo que explodissem quase à superfície.

Apesar do primeiro abalroamento ter falhado, a idéia fixa de todos a bordo do *Borie* era ainda a de meter no fundo o submarino, arrombando-lhe o costado. O tenente Hutchins ordenou que se fizesse rumo para uma colisão. Mas desta vez o submarino, em lugar de fugir, virou na direção do *Borie;* o seu comandante tinha tambem resolvido abalroar o destróier, que, com seu casco tão tênue, não levaria por certo a melhor no choque.

Num relâmpago de gênio de combate, o tenente Hutchins deu ordem ao timoneiro para virar o leme todo à esquerda, fez parar as máquinas de estibordo, e mandou a de bombordo recuar a toda a força. Isto fez com que o navio apenas escorregasse pela água, com a proa balouçando, virada para o submarino que se aproximava. No momento preciso, deu ordem ao oficial encarregado dos explosivos de profundidade, Guarda-marinha Lawrence Quinn: «Pronto, Larry, largue a bateria de estibordo.»

Três objetos redondos descreveram uma curva no ar, e foram cair perto do submarino—dois dum lado e um do outro. O submarino saltou fora da água, e veio parar junto ao *Borie*. Os homens do convés disseram que bastaria a espessura de outra camada de tinta em qualquer dos barcos para que estes se tivessem tocado...

Em todo caso o submarino conseguiu começar a vir de novo à superfície. Era

como um bom touro espanhol que se recusava a admitir estivesse moribundo. Deslizou em volta da popa do *Borie*, e disparou de lado. Então, de repente, toda a torre do submarino com os seus ocupantes foi precipitada no mar por um tiro de artilharia, disparado pelo capitão Kenneth Reynolds. A água invadiu o submarino que levantou a proa e mergulhou, acabando por uma explosão horrivel. O encarniçado combate havia durado nada menos que uma hora e quatro minutos.

O *Borie* tambem sofrera avarias sérias. Só uma das máquinas funcionava; o navio continuava a fazer água na proa, e os geradores elétricos deixaram de produzir corrente. Embora o tenente Hutchins empregasse todos os esforços para chegar ao local combinado, afim de reunir-se aos outros destróieres da patrulha, pela madrugada, era impossivel conseguí-lo. Num esforço desesperado para tornar o navio mais leve, foi decidido lançar ao mar tudo quanto fosse possivel: as duas âncoras e respectivas correntes, munições, metralhadoras, torpedos, cargas de profundidade, o holofote e uma quantidade de outras coisas menores, então consideradas inuteis.

O tempo amanheceu enevoado, e os aviões da escolta dos destróieres iriam ter dificuldade em descobrir o *Borie*. O gerador a gasolina do rádio consumira já todo o seu combustivel, de modo que o aparelho não podia transmitir. Os oficiais sentaram-se na cabina, sem saber o que fazer. Se o navio pudesse ao menos lançar alguns sinais pelo rádio, haveria muito mais probabilidades de ser achado. Alguem começou a acender o cigarro com um acendedor automático, e isto lembrou ao tenente Robert H. Lord que ele tinha visto, sobre a escrevaninha de outro oficial, um frasco de líquido de isqueiro. Passou-se a palavra pelo navio para que todos os que tivessem gasolina de isqueiro a mandassem para a cabina do rádio. Conseguiu-se assim fazer funcionar o gerador, o bastante para transmitir a seguinte mensagem de alarme: «Posso navegar mais duas horas. Começo a afundar.» Outra pessoa lembrou-se do alcool da enfermaria, que, misturado com querosene, alimentou o gerador o suficiente para transmitir continuamente três pontos-traço, a letra V da vitória, o que permitiu a um avião seguir a indicação e finalmente descobrir o *Borie*.

Quando, por volta do meio dia, apareceu um navio de socorro, o tenente Hutchins pediu que lhe dessem umas horas para tentar salvar o que restava do seu barco, se fosse possivel. Mas como as coisas iam de mal a peor, decidiu-se a abandonar a esperança.

Voltando, ao escurecer, o navio de socorro, o mar havia embravecido tanto que se tornou impossivel fazer uma abordagem, e não havia tempo para transferir os homens por bóias de salvação nos cabos de vai-vem. Restava como único recurso lançarem-se imediatamente à água frigidíssima e agarrarem-se às jangadas.

A água estava apenas a 12 graus Fahrenheit acima da congelação, e 27 homens, incluindo os tenentes Brown e Lord, que tinham saido incólumes do terrivel combate travado poucas horas antes, perderam a vida antes de conseguirem alcançar o navio que viera socorrê-los.

Depois de todo o pessoal ter abandonado o navio, o tenente Hutchins, munido duma lâmpada de bolso, percorreu, só e desolado, os compartimentos desertos do barco—o seu primeiro co-

mando. Por toda parte reinava escuridão e silêncio, e ninguem ficara a bordo. Por isso o capitão saiu para o convés e, com a bandeira de combate do *Borie* debaixo do braço, deixou-se escorregar pela borda até à água.

Momentos mais tarde, noutra ponte de comando que não era a sua, viu o seu navio levantar a proa, como num protesto, e desaparecer aos poucos no mar profundo. Não lhe era possivel reprimir a tristeza.

A extraordinária carreira de Selznick

¶ Um dia, surgiu nos escritórios da Universal, grande companhia produtora de cinema, um jovem desembaraçado, que se chamava Lewis J. Selznick. Na portaria, perguntaram-lhe:

—O sr. deseja falar com o sr. Laemmle? Ou com o sr. Powers?

—Qualquer deles serve, respondeu o rapaz.

—Espera aí, moço, replicou o porteiro, rindo—qualquer um não pode ser, porque eles estão brigados, e nem falam um com o outro.

Selznick ficou, então, sabendo que os dois «chefões» andavam a porfiar pela direção da companhia. Daí a alguns dias, voltou ao escritório, armado desta vez com uma maleta cheia de jóias falsas, que procurou vender; desfez-se de algumas, fez alguns amigos, e conseguiu um empreguinho atoa na companhia.

Andando pelo estúdio, Selznick descobriu que um dos grandes gabinetes, que devia ser ocupado pelo Gerente Geral, estava vazio, devido à controvérsia em curso entre os dois candidatos à gerência. E eis que, daí a poucos dias, os empregados paravam, estupefactos e curiosos, diante da porta desse mesmo gabinete, onde estava escrito, em letras douradas: Lewis J. Selznick, Gerente Geral.

Não tardou que a notícia se espalhasse por todo o estúdio. Daí a pouco, surge, furioso, o sr. Laemmle, que pergunta a Selznick:

—Quem foi que lhe deu ordens para se instalar aquí?

—O sr. terá que perguntar ao sr. Powers, foi a resposta calmíssima.

Dentro de meia hora, aparecia Powers, tambem furioso:—Eu queria que me explicassem o que é que anda acontecendo por aquí, bradou ele.

—É só o sr. perguntar ao sr. Laemmle... replicou Selznick.

E assim continuou a luta entre os dois chefes. E enquanto Laemmle e Powers, obstinadamente, recusavam-se a se entender um com o outro, Selznick, «Gerente Geral», dava ordens, pedia relatórios aos subordinados, escrevia várias cartas aos nomes mais em evidência na indústria cinematográfica... tudo em papel de carta timbrado com seu nome, e com o título que dera a si próprio. Quanto a salário, não se preocupou. Afinal, Laemmle venceu a controvérsia, e passou a controlar o estúdio. A primeira coisa que fez foi demitir o «Gerente Geral», certo de que este fora admitido pelo seu rival.

Entretanto, já então, o nome de Lewis J. Selznick se tornara conhecido pelos maiorais da indústria, e não teve a menor dificuldade em arranjar boa colocação. Assim começou sua brilhante carreira no cinema.

—Do livro *They Sold Themselves*, de Stephenson e Keely. (Hillman-Curly, eds.)

Toma asas a Colômbia

(Condensado de «The Pan American») *Por Frank J. Taylor*

Um país da América Latina dá-nos idéia do que virá a ser, depois da guerra, o transporte por via aérea

Os colombianos, que em dez anos passaram do transporte por carro de boi para o avião, estão hoje mais convencidos das vantagens da aviação de que qualquer outro país do mundo. Novas e importantes linhas aéreas serviram para revolucionar toda a economia interna do país, abrindo ao progresso as baixadas tropicais do litoral, vales fertilíssimos e riquíssimos planaltos, outrora inacessiveis. Os oito milhões de habitantes que formam a população da Colômbia, depois de terem vivido por vários séculos separados uns dos outros por montanhas quase intransponiveis, acham-se hoje unidos como um só povo. A Colômbia nos mostra o que virá a ser o mundo depois desta guerra, quando o progresso da aviação abrir caminho facil para paises até hoje isolados por obstáculos naturais.

Há quatro anos passados, a «Avianca», companhia de aviação colombiana, possuia apenas uns vinte aeroportos. Agora, suas linhas se estendem por doze mil quilômetros, fazendo serviço regular entre oitenta e duas cidades, com dezenas de outras linhas especiais. Brevemente terá dobrado o número de suas linhas. Exemplo típico é Otú, centro de mineração que ficava a três dias de viagem, a trem e dorso de animal, da cidade mais próxima; atualmente, o avião da manhã faz a viagem em duas horas e meia.

As linhas da Avianca que servem a região do sudeste, vastas campinas de criação de gado, representam uma iniciativa ousada, sem paralelo na história das fronteiras. O fazendeiro que quer tomar o avião, ou mandar encomendas, estende um pano branco na extremidade de um campo de aterragem. Se quer ir para o leste, coloca o pano na ponta leste do campo, se para o oeste, será do outro lado. O piloto da Avianca, passando por alí, vê o pano, e se está indo no rumo desejado, aterra. O primeiro a descer do avião é o agente da companhia que vende a passagem, os selos, e pesa as encomendas, enquanto o co-piloto inspeciona o avião e o piloto vende jornais. E os fazendeiros que só costumavam receber notícias velhas, trazidas por lentos tropeiros, lêem agora os jornais da cidade no mesmo dia em que são impressos.

Ao sul destas campinas ficam as florestas do alto Orinoco. Nesta zona os pilotos da Avianca são obrigados a descer em pequenos campos de aterragem cortados em plena mata ou então im-

provisados sobre bancos de areia no meio do rio. Recebem aí borracha, quinina e outras matérias primas, que levam para os portos fluviais onde são embarcados em navios cargueiros, chegando finalmente aos entrepostos comerciais nas Antilhas. Outros aviões fazem o transporte de metais, peixes, flores e maquinaria, de um ponto ao outro, dentro do próprio país.

A maneira por que os colombianos e americanos tomaram conta da companhia de aviação Scadta, controlada por alemães, foi das manobras mais interessantes deste gênero. Semanas antes, começaram a aparecer por toda parte jovens «turistas» americanos que, discretamente, se puseram a viajar pelas linhas aéreas da Scadta, sempre com o nariz grudado na janela. Uma tarde, foram entregues pequenos envelopes a todos os pilotos e funcionários da companhia, no momento em que saíam dos aeroportos e escritórios. Em cada envelope havia um bilhete do governo colombiano agradecendo o serviço prestado pelos alemães ao iniciar as linhas aéreas e um cheque com a quantia equivalente a um mês de salário para cada ano de serviço na companhia. Na manhã seguinte, os jovens «turistas» apareceram envergando uniforme da Pan American Airways e calmamente tomaram conta da companhia que continuou a funcionar sem interrupção. Os pilotos alemães, todos oficiais da reserva militar germânica, foram convidados a deixar o país. Graças a essa manobra, pôde ser rapidamente eliminada uma séria ameaça ao Canal do Panamá e, ao mesmo tempo, os colombianos conseguiam seu sonho dourado de ter uma companhia nacional de aviação.

Na atual organização, 40 por cento das ações da companhia pertencem ao governo colombiano, 20 por cento a particulares, e 40 à Pan American Airways. A direção da companhia está nas mãos de colombianos com Martin del Corral, engenheiro instruido nos Estados Unidos, à testa da empresa. Os aviadores e técnicos americanos vão sendo pouco a pouco substituidos por colombianos, à medida que são estes devidamente treinados. O pessoal administrativo e de oficinas é todo colombiano.

A Avianca não é subsidiada pelo governo e no entanto tem dado dividendos regularmente, mesmo durante o período em que foi preciso substituir os aparelhos alemães por aviões americanos Douglas, Lockheed e Boeing. Os hidroaviões alemães ainda são usados ao longo do rio Madalena—vasto campo de aterragem de mil quilômetros de extensão—e os tri-motores Ford fazem o transporte da borracha. Depois da guerra os colombianos pensam poder usar o helicóptero para servir às povoações que ficam no alto das montanhas ou no meio da mata fechada. Fazem planos para transportar por via aérea, em seis horas, a carne do gado das planícies, que leva sessenta horas a pé para chegar aos matadouros da cidade. Será possivel exportar para as outras nações, quase toda noite, as orquídeas que crescem nas florestas nativas e lá custam apenas dez centavos a dúzia, assim como abacaxí fresco, maçãs e outras especialidades que não suportam a longa viagem por mar. Esperam ainda trazer de volta produtos estrangeiros, e tambem turistas, que acharão nos Andes, até então inacessiveis, os mesmos prazeres dos Alpes com um clima de eterno verão. Nada dá melhor idéia da transformação por que atravessa o país do que o exemplo que me deu um colombiano:

«Quando a avó de minha mulher subiu pela primeira vez o Madalena para vir a Bogotá, viajou numa barcaça coberta de sapé e a viagem levou três meses. Minha sogra já fez a viagem de barca a vapor, movida a rodas, e a travessia durou três semanas. A viagem que minha mulher fez recentemente de Barranquilha a Bogotá, levou apenas três horas.»

Tantas vezes vai o pote à fonte...

Excerto da *Look*—Roberto St. John

¶ Em 1939, a Rumânia estava tão corrompida que se podia comprar qualquer pessoa na vida pública. Alguns de nós, correspondentes de imprensa, chegamos a ter empregados do Palácio a soldo—funcionários que, depois de uma visita do Embaixador alemão, nos forneciam cópias estenografadas das conversações que ele havia tido com o Rei Carol. Devemos ter isso como entendido, para que a minha história, que é verdadeira, pareça realmente verossimil.

O principal personagem dela foi um indivíduo vivo e esquivo como o azougue, conhecido em todos os Balcãs pelo nome de Dominick, o Levantino. Seu negócio era a venda de segredos políticos e militares—segredos romenos para a Bulgária, segredos búlgaros para a Turquia, segredos turcos para a Grécia.

Dominick era seguro de si mesmo, e arrogante. Certo dia, chegou ao ponto de propor a um agente da polícia secreta rumena uma vista de olhos em seu *dossier*, pelo que pagaria a soma de 400 dólares. O agente aceitou, e, certa noite, às 11 horas, Dominick e o referido agente se encontraram na sala reservada de uma estalagem. Dominick passou o dinheiro ao agente, em seguida começando a ver o *dossier*. À medida que ia virando as páginas, um sorriso de satisfação se alargava em sua face. Não se surpreendeu em encontrar transcrições de suas conversações pelo telefone, nem mesmo informações de seus movimentos, com todos os detalhes. Mas sua satisfação se desvaneceu, quando começou a encontrar provas de que tinha sido traido pelas pessoas em que confiava. Em uma folha do *dossier* descobriu, novamente recomposta, uma carta que havia escrito e que supunha ter destruido inteiramente. Ao chegar à última página, seus dedos tremiam.

Então empalideceu subitamente, levantando-se de salto da cadeira. Mas o agente da polícia abriu uma porta, dando entrada a vários soldados que o agarraram.

O *dossier* estava ainda aberto sobre a mesa. Na última página fora escrito: «5 de novembro de 1939. Hoje, Dominick, o Levantino, propôs pagar 400 dólares ao agente Vasile Milanescu, para inspecionar o seu *dossier*. O arranjo será levado a efeito. Então, a punição que merece pelos seus muitos crimes de alta traição contra a Rumânia lhe será imposta.»

Dominick foi executado.

¶ Muita gente poderia sentir-se bem melhor do que se sente na realidade, e desse modo aumentar sua alegria de viver.

Não viva pela metade

(Condensado de «Your Life»)

Por Bruce Barton

SAUDE PERFEITA não é uma dádiva que a natureza nos concede ilimitadamente, mas antes um prêmio, por assim dizer, que não raro perdemos com facilidade, principalmente quando avançamos em anos. Muita gente, porem, de meia-idade (e digamos: muita gente nova tambem) acabou reconhecendo que, com um pouco de perseverança na prática de uns tantos hábitos de saude, pode de novo recuperar a energia e o prazer de viver.

Meu velho amigo Bill Brown, instrutor de cultura física, costumava afirmar: «Não é o peso que carregamos que nos cansa; é o modo como o carregamos.» Com essas palavras, queria ele dizer que um vício de postura cansa inutilmente o corpo, desperdiçando-lhe as energias. Observemos a posição de um homem de meia idade: ombros caidos, peito para dentro, estômago saliente—todo o peso do corpo descarregado sobre os calcanhares. Nos meios médicos, esse tipo é chamado «Gorila». Não é, pois, de admirar que se fatigue facilmente e se sinta como que sobrecarregado. Seus pulmões recebem assim apenas um terço do oxigênio exigido pelo corpo; sua espinha dorsal reentrante desloca completamente os intestinos, perturbando por isso a digestão e as eliminações.

Bill aconselhava às pessoas de meia idade vergar os ombros para trás e virar para a frente as palmas das mãos (pendentes ao longo do corpo). Depois, aspirar profundamente, como quem se está deliciando com agradavel perfume. Estes exercícios dilatam o peito e armazenam reservas de oxigênio. Para conservar o torax em posição, dizia Bill, é bom imaginar que duas mãos possantes nos sustentam o diafragma. Este exercício é muito praticado pelos militares e lhes desenvolve admiravelmente os músculos abdominais. Em seguida, ao invés de descarregar o peso do corpo sobre os calcanhares, mantendo os pés para fora como um pinguim, conservem-se os pés paralelos um ao outro, e distribua-se o peso igualmente sobre ambos. Esta é a postura correta; descansa os nervos e os músculos porque a estrutura óssea do corpo sustenta o peso que lhe cabe. Duas semanas de persistência nesta posição trouxeram resultados magníficos a pessoas cujas indisposições desafiavam remédios e diagnósticos.

A grande maioria das pessoas, não só mantêm postura viciada, mas tambem se alimentam erradamente. Comer às pressas tornou-se já uma calamidade; comemos com a rapidez de um esquilo, e disso resultam graves perturbações gástricas. Pelo fato de que o tempo

dedicado às refeições é cada vez mais curto, a saude está cada vez mais exposta aos tormentos da má digestão, e o bicarbonato de sódio não pode sanar os danos causados pelos alimentos malmastigados, ingeridos às pressas.

Considerando a vida sedentária do homem da cidade, é de admirar ainda que ele viva relativamente bem. Passamos 23 horas por dia enclausurados portas a dentro, raramente expondo nossa pele ao sol, à chuva ou ao vento, e nem sempre exercitamos os músculos convenientemente, numa proporção, digamos, de uma décima parte. Afim de compensar a inércia dos nossos pulmões, fígado, pele e aparelho digestivo, abusamos então dos laxantes, tônicos e estimulantes. Esses meros paliativos podem ser evitados desde que a pessoa dedique uma hora aos exercícios ou trabalho ao ar livre.

Certo advogado, meu amigo, cavalheiro de meia idade e de vida sedentária, constuma armar-se de uma tesoura de jardim e sai fazendo a podagem de arbustos e sebes dos vizinhos. Não faz isso por excentricidade, mas por considerar saudavel utilizar pernas e braços dessa maneira. Esse moderado exercício lhe predispõe bem o espírito, dando-lhe sensação de bem-estar e fazendo dele um exemplo desse truismo que nos garante que as enfermidades não encontram guarida em um corpo fisicamente defendido pela alegria da vida.

Para falar francamente, não sou apologista dos exercícios de ginástica, embora me tenham dito que muitos almirantes, quase na idade de reforma, se mantêm em boas condições físicas por esse meio. Quanto a mim, vou e volto a pé do meu escritório todos os dias, e faço exercícios de respiração e distensão dos músculos pela manhã e à noite. Estes exercícios dilatam os pulmões e avigoram o diafragma, que, depois do coração, é o músculo mais importante do corpo humano.

Muita gente é de opinião que, ao aposentar-se, tem consequentemente que se retirar tambem da vida; isso é como um suicídio lento. Henry C. Link, conhecido psicólogo, foi certa vez procurado por um homem, já afastado dos negócios, e que, com apenas 60 anos, dizia sentir-se «imprestavel como um colchão velho». Submetendo-se a exame médico, nenhum desarranjo orgânico foi nele encontrado. O exame psicológico, porem, mostrou que o cérebro do paciente estava tão desinteressado e vazio de idéias, que bem poderia ser comparado a um quarto sem mobília. Link formulou o seu diagnóstico como «um caso grave de vácuo espiritual», o qual se traduzia em dores que se irradiavam dos ouvidos aos tornozelos. A receita consistiu em grandes *doses* de leitura, meditação espiritual, diversões e atividades sociais. Quando o cérebro se acha ocupado com pensamentos sãos e uteis, e há interesse nas atividades da vida, a ronda das moléstias bate em retirada...

As estatísticas de seguros de vida e as notas dos obituários são índices dolorosos do quanto a tensão da vida moderna custa às populações hoje em dia. A pressão arterial mortalmente alta, os desarranjos cardíacos e as moléstias do aparelho circulatório, vitimaram no ano passado mais indivíduos do que os canhões e os choferes descuidados. Muita gente que não põe um nadinha a

mais de pressão no pneu de seu automovel, sobrecarrega o coração e artérias de pressão excessiva. Os pequenos vasos sanguíneos que alimentam o cérebro, se entumecem, e finalmente se rompem, em virtude dessa crescente pressão, dando como consequência a apoplexia, que por si só faz centenas de milhares de vítimas por ano.

Todo mundo trabalha dobradamente nos tempos atuais, mas o bom senso nos demonstra que devemos submeter-nos a regulares períodos de repouso durante o dia—cinco minutos entre as reuniões, dez minutos antes do almoço, meia hora antes do jantar. Até mesmo uma metralhadora precisa de períodos de arrefecimento e repouso. Um amigo meu, sujeito muito ocupado, tinha para si um sistema muito util: quando havia muitas pessoas a atender, costumava suspender o expediente, dizendo sem cerimônia: «Agora tenho um compromisso anterior comigo mesmo.»

Aplicando esse método, afrouxando a gravata e os sapatos, a pessoa deve estirar os pés sobre uma cadeira e esquecer-se do mundo por algums instantes. É realmente admiravel o resultado desses momentos de repouso.

Para quase todos os homens, nada há que substitua as sete ou oito horas de sono por noite. Sempre condenei os «retardatários» que habitualmente se recolhem às 2 da madrugada, e após curto descanso se admiram ou espantam de não poder levantar-se às 7 e meia, com a costumada sensação de bem-estar. Essa gente precisa tomar juizo. E há ainda aqueles «sofredores de insônias» que, tendo bebido chícaras e chícaras de café ou fumado em demasia, levam para a cama todas as preocupações do mundo—e ainda se queixam de não poder conciliar o sono!

> Com saude, tudo é fonte de prazer; sem ela, nada causa alegria. Por conseguinte, é loucura sacrificar a saude a favor de outra espécie de felicidade, qualquer que ela seja; fortuna, progresso, sabedoria, ou fama, sem falar nos meros prazeres sensuais.
>
> —Schopenhauer

Entretanto, pessoas há, de bem melhores hábitos de vida, que não conseguem dormir. Para tais casos, os entendidos oferecem solução prática. O melhor é que não se envolvam em agitadas discussões ou em intrincados problemas mentais antes de se recolherem para dormir. O principal é não sobrecarregar o cérebro de sangue, e para isso, não bastam alguns momentos de repouso numa poltrona. Um passeio a pé, de uns 15 minutos antes de recolher, distribue o sangue pelas pernas. Eis aquí uma fórmula segura: o dr. Walter Álvarez, da famosa Clínica Mayo, disse-me uma vez que um escalda-pés suave, de uns 10 minutos, é a melhor maneira de derivar uns 50 por cento do sangue do cérebro para baixo.

Ter saude não quer dizer simplesmente «não estar doente». Muitas pessoas, totalmente isentas de moléstias orgânicas, levam a vida nas sombras de fadiga crônica, e gozam apenas de *metade da saude* que deviam ter. No entanto, um pouco de disciplina pessoal seria o bastante para lhes dar bom influxo de energia e boa disposição,—numa palavra, aquela maravilhosa sensação de bem-estar e alegria de vida, que é natural nos indivíduos sadios.

Passam Hitlers e passam Kaisers, mas o Alto Estado Maior Junker pretende sobreviver a tudo...

Prussianismo... eis o inimigo

Por Eric Bramley-Moore

(Segundo narrativa a Francis Sill Wickware)

De quando em quando, surgem boatos no sentido de que Hitler está com os dias contados, visto que o exército alemão se acha pronto a pô-lo abaixo, assumindo o governo do Reich.

Tais boatos, por via de regra, são bem recebidos pelos americanos; porque em geral se acredita, nos Estados Unidos, que Hitler e os seus nazistas são os únicos dirigentes da Alemanha nos dias que correm, e, pois, os responsaveis pela guerra. Eliminemo-los, diz-se, e estará realizado o nosso principal objetivo no presente conflito.

Nada estará, porem, mais longe da verdade. As Nações Unidas incidirão em erro trágico, se se contentarem com o colapso de Hitler e seus asseclas. Hitler é apenas o símbolo da agressão germânica. Atrás dele, porem, está *a substância*—o Estado Maior General, apoiado, a sua vez, nos Junkers prussianos. Os kaisers, os ditadores, os próprios presidentes de República, poderão subir e descer; os Junkers, entretanto, e o Estado Maior General continuam em atividade. A guerra, para eles, é em si mesma um fim, e a paz representa apenas o fôlego que se toma para preparar a nova guerra.

Os astutos, inflexiveis cavalheiros, que se encontram presentemente nos postos de comando da máquina militar alemã, estão fartos de saber que já perderam esta Segunda Guerra Mundial. Trata-se porem de gente preparada para perder guerras de tempos em tempos. São homens de infinita paciência, que não têm nenhuma dúvida em esperar décadas, ou mesmo gerações, pelo momento de agredir de novo. Quando, na Primeira Guerra Mundial, se tornou evidente aos olhos do Estado Maior Alemão que a derrota vinha próxima, não houve dificuldade em fazer recair sobre o Kaiser todo o «crime da guerra», e, chegado o momento oportuno, o puseram fora do trono. Não será de estranhar que, desta vez, procurem fa-

Eric Bramley-Moore é o pseudônimo de um homem de negócios americano que passou na Alemanha boa parte de sua mocidade, e foi mandado a Berlim em 1929 como representante de importante estabelecimento bancário dos Estados Unidos. Os alemães, supondo erradamente que ele, à semelhança de outros agentes financeiros americanos então no Reich, tinha ido fazer-lhes empréstimos, facilitaram-lhe o acesso aos mais fechados círculos políticos e militares. Permanecendo na Alemanha até às vésperas da declaração da guerra, em 1939, teve oportunidade incomparavel de observar bem de perto a estrutura e as maquinações daquela obscura, se bem que todo-poderosa, organização, que é o Estado Maior do exército alemão.

zer com o Fuehrer o que fizeram com o Kaiser. Se as Nações Unidas forem levadas a crer que basta a queda de Hitler para que a Alemanha caia, os Junkers e o Estado Maior encontrarão ótima saida para mais uma vez escapar à responsabilidade e punição, e emergir, mais adiante, com o mesmo e grande potencial agressivo com que não cessam de tramar a luta pela escravização do mundo.

Há perigo, e muito sério, de que possa tal acontecer. Tem-se atribuido, pelo menos, à máquina oficial de Washington, a intenção de aceitar conversa com qualquer elemento responsavel que se disponha a pôr abaixo os nazistas—seja mesmo com os Junkers prussianos. A punição se restringiria, em tais termos, aos instrumentos do Estado Maior, negociando-se a paz com o elemento, julgado «respeitavel», *que fomentou, em um século, cinco tremendas guerras de agressão, e já, provavelmente, desde agora, vai começando a lançar seus planos de longo alcance para a Terceira Guerra Mundial!*

Nada existe, nos Estados Unidos, que se possa comparar, ainda que remotamente, a esse todo-poderoso Estado Maior germânico. Excedendo, de muito, os limites da esfera normal de ação de uma organização militar, funciona como uma espécie de rede gigantesca, exercendo efetivamente o centralizado controle de todos os recursos do país, de todas as suas atividades políticas, senão de todo o pensamento alemão. Estende praticamente o seu domínio sobre os serviços públicos civís e o corpo diplomático. Tendo sob as suas vistas tudo o que diz respeito a carvão, ferro, e indústria pesada, controla portanto o conjunto da enconomia germânica. E todas essas atribuições, multiformes e complexas, visam por certo um só e único propósito—a organização da guerra.

Durante o tempo em que estive em missão bancária na Alemanha, entrei muitas vezes em negociações para libertar fundos pertencentes a companhias americanas. Dirigí-me porventura aos chefes de indústrias, ou aos bancos? Absolutamente não. Fui à Seção Econômica do Estado Maior Alemão. Em cada firma comercial importante havia um Diretor da Defesa Econômica, responsavel, não perante a empresa que o remunerava, mas perante o Estado Maior. Não tinham os negócios nenhuma independência; seus mínimos movimentos dependiam de aprovação do exército. As invenções, por exemplo, pertencentes a dada companhia, seriam postas imediatamente à disposição das demais, se assim entendesse o Estado Maior.

É este mais do que um supremo orgão de planos militares. É uma lenda, uma tradição, e um estado de espírito. Sua espinha dorsal é representada por um grupo de cerca de 20.000 famílias Junkers prussianas, que têm fornecido oficiais ao exército desde o tempo de Frederico, o Grande. Através de toda a história, os aristocratas militares Junkers —os «vons», como von Bismarck, von Hindenburg, von Seeckt, von Mannstein, von Rundstedt, von Falkenhorst, von Arnim, von Richthofen—têm tido uma nítida, invariavel política: apossar-se do Estado e governar.

O nome «Junker» é derivado do alemão «Jungherr», que quer dizer «jovem cavalheiro», ou «jovem nobre». Os primeiros Junkers foram Cavaleiros da Ordem Teutônica que voltaram de uma cruzada à Terra Santa em princípios do século XIII, e conquistando as tribos eslavas no que hoje constitue a Prússia Oriental, se apossaram das suas terras. No decurso do século XV, a eles se reuniram, em grande número, barões alemães afeitos à pilhagem.

Dividida a região em grandes estados, reduzidos ao cativeiro os naturais do lugar, estabeleceu-se um feudalismo que alí tem sobrevivido até os nossos dias. Hoje, 2 milhões de hectares, aproximadamente, dos estados da Prússia Oriental são bens de morgadio, isto é, não podem ser vendidos, hipotecados, ou divididos, nem passar a mãos que não sejam as do herdeiro masculino mais próximo, em linha direta. O solo é pobre, só se prestando, numa grande parte, à silvicultura. Os Junkers, não obstante, obrigam os rendeiros a cultivar, por velhos métodos, arroz e centeio, e têm sempre compelido o resto da Alemanha a cobrir as diferenças por meio de um subsídio.

Curt Riess, autor dos livros *Underground Europe* e *Self-betrayal: Glory and Doom of German Generals*, dá um sumário fiel da mentalidade Junker: «Eles não se consideram súditos do Estado. Julgam-se muito mais importantes do que este. Não se sentem servidores do povo. Consideram que o povo existe para dar soldados a um exército, que a eles, os Junkers, incumbe comandar. A paz, no seu mundo, é olhada como um entreato; a guerra, sim, é o estado normal dos negócios.» Os Junkers nunca perderam o seu pendor para o «baronato da roubalheira»; usaram sempre do que tinham em mãos como ponto de partida para agredir os vizinhos. A primeira unidade política de certa importância, de que dispuseram—o Brandenburgo—serviu-lhes como base para conquistar toda a Prússia. Depois, Frederico, o Grande, usou da Prússia para dominar a Silésia. Sucessivas conquistas resultaram em dilatação de território, até que a Prússia se considerou com suficientes recursos para desencadear a guerra franco-prussiana, de 1870–1871. A presa, desta vez, foi a Alsácia-Lorena, mais o controle de toda a costa marítima germânica, e dos ricos depósitos de carvão e ferro que, passando a constituir a fonte fundamental de sua riqueza, habilitaram a Alemanha a sustentar uma guerra pela dominação de toda a Europa. Assim, em menos de cem anos, os Junkers, por obra e graça do exército prussiano, transformaram suas primitivas províncias, pobres e atrasadas, numa das nações mais formidaveis que o mundo já conheceu. Não é pois de admirar que julguem eles a guerra «o estado normal dos negócios».

Em troca da participação nos conflitos armados, exigiram e obtiveram isenção de impostos; inalienabilidade perpétua, em morgadio, de suas propriedades; completa jurisdição sobre os camponeses, que ficaram adscritos ao solo; e leis eleitorais especiais que lhes assegurem permanência no predomínio político. É bem de ver que tais privilégios, não os alcançaram os Junkers senão à custa do sangue dos alemães, em seu todo. Mas os Junkers se fizeram sinônimo do exército, e aos alemães se ensinou, através de gerações, que o exército está sempre com a razão.

Toda vez que se viram os Junkers em perigo de ruina, contaram com os fundos públicos, para livrar-se da crise. Em 1931, por exemplo, o governo Brüning pôs em prática uma medida de auxílio especial à Prússia. Em 1932, a administração prussiana foi objeto de escândalo. O Reichstag encontrou provas de incorreção na gerência dos públicos negócios, e o general Kurt von Schleicher, Junker ele próprio, porem

ao tempo Chanceler da Alemanha, ameaçou publicar os respectivos documentos. Indignados, dirigiram-se os Junkers ao seu idoso conterrâneo, Presidente von Hindenburg, pedindo-lhe substituir o trânsfuga Junker von Schleicher por Hitler. Von Hindenburg havia recebido, como dádiva do Reich, sua propriedade ancestral de Neudeck, Prússia Oriental, livre de impostos e inalienavel. Qualificando von Schleicher de «bolchevista agrário», fez o debil aceno de cabeça que pôs Hitler no poder.

A Primeira Guerra Mundial nada tinha mudado na Alemanha, em que pese ao que se lê no artigo 160 do Tratado de Versalhes: «O Estado Maior General Alemão e todas as organizações do mesmo gênero serão dissolvidas, não podendo reconstituir-se sob qualquer forma.» O Estado Maior contornou facilmente o obstáculo. Deu-se apenas que os seus oficiais entraram a trabalhar, metidos em uniformes simples, senão mesmo à paisana. Seus preciosos arquivos, e com eles milhares de mapas, foram cuidadosamente sonegados. E a preparação começou, mais apaixonada do que nunca, para a guerra que viria a seu tempo.

Não tardou que o impassivel Hans von Seeckt metesse mãos à obra de reconstrução do exército. Limitado este a 100.000 homens, por disposição do Tratado, foi convertido em escola de treinamento para os oficiais da nova guerra, os quais então trataram de criar nova máquina militar, com armas novas e novas idéias. Estabeleceu-se vasta organização subterrânea, conhecida pelo nome de «Exército Negro», e dirigida por von Bock, para o fim de criar embaraços à comissão Aliada de controle, obter e armazenar munições, gastar fundos secretos onde fosse mais util fazê-lo, e guiar e desenvolver a espionagem.

O Estado Maior velou devidamente pelos antigos oficiais do «dissolvido» exército da guerra mundial. Visitando, logo nos primeiros anos após a guerra, várias indústrias germânicas, tive ensejo de encontrar grande número de antigos oficiais do exército e comandantes de submarino, empregados como guardas, chefes de brigadas contra incêndio nas fábricas, e assim por diante.

Finalmente, von Seeckt fez um arranjo secreto, segundo o qual unidades do exército iriam fazer o seu treino na União Soviética. Fundou-se nas proximidades de Moscou uma escola de aviação; artilharia e tanques eram postos a prova em campos especiais. A Comissão de Controle não prestou atenção ao fato da repentina popularidade da Rússia como «lugar de férias» para os generais alemães. A necessidade de um Hitler, ou coisa equivalente, foi-se impondo ao Estado Maior, logo ao começo do jogo. Boa parte do povo alemão mostrava-se desoladoramente pacifista. Entretanto, ao chegar o momento do armamento em grande escala, um genuino apoio popular deveria tornar-se indispensavel.

O nazismo era apenas um entre as várias dúzias de grupos ultranacionalistas que o Estado Maior cultivou no decurso do decênio 1920-1930. Muito se tem falado numa suposta «rivalidade» entre o nazismo e o exército. Mas o que há entre eles é efetivamente uma aliança. Hitler, nascido na Áustria, iniciou sua carreira na Alemanha como espião a soldo do exército, cuja supremacia desde logo se habituou a reconhecer. Num discurso pronunciado em Nuremberg, em 1935, assim se pronunciou:

«Os líderes vêm e passam, mas a Alemanha continuará. O exército deve preservar o poder conquistado pelo país, e velar sobre ele.»

Sem o apoio do Estado Maior, nunca Hitler teria subido à chefia do III Reich. Do mesmo modo, só poderá ser deposto quando o Estado Maior assim quiser. Que não estamos longe do dia em que tal se verifique, parece não restar dúvida. Não se acredite, porem, que isso represente a vitória para as Nações Unidas. Só haverá efetivamente a vitória, quando o último vestígio do Estado Maior Alemão houver sido extirpado.

Trata-se, não esqueçamos, de elementos que não compreendem outra coisa senão a guerra, sendo pois de todo inutil procurar chamá-los à razão. Nossos ideais e ambições são tão repugnantes para eles quanto os deles para nós. Prodígio não haverá de educação capaz de modificar a força glacial, não de anos, mas de séculos de tradição predatória, inerente ao carater dos Junkers prussianos. Enquanto lhes restar nas mãos um pedaço de ferro, farão com este uma arma.

Não devemos esquecer, por outro lado, que a política do Estado Maior é a de salvar-se, em qualquer caso. Desde 1937, vem ele desenvolvendo propaganda no sentido de atrair certas simpatias ao exército alemão, divorciando-o, quanto possivel, do nazismo, lançando exclusivamente sobre Hitler a responsabilidade pelo «crime da guerra», e assim preparando com antecedência o terreno para alguma outra paz negociada, que não destrua o arcabouço da Alemanha prussiana, ou o carater prussiano da Alemanha.

Forçoso é reconhecer que essa tática, até certo ponto, não tem sido de todo infrutífera. Condenamos os nazistas; não tanto, porem, o exército alemão. É interessante observar que, em todas as nossas peças de teatro, filmes, artigos ou narrativas publicados em revistas, e livros dados a lume a respeito da Alemanha, ou dos paises por ela ocupados, o que aparece, dominando a cena, como figura sinistra, é o homem da Gestapo, ou o *gauleiter* local, enquanto os oficiais do exército alemão são descritos como indivíduos de maneiras gentís e suaves, que não ocultam mesmo o desagrado que os nazistas lhes inspiram.

A menos que tenhamos olhos para ver o que se acha por trás de toda esta propaganda, e saibamos distinguir entre o símbolo e a substância da atual agressão germânica, o Estado Maior Alemão terá preparado, dentro de 20 a 30 anos, uma Terceira Guerra Mundial.

¶ Os oficiais norte-americanos do Corpo de Transportes, na Pérsia, ainda têm muito que aprender quanto ao modo de tratar os trabalhadores locais. Certo tenente pensou que tinha tido uma grande idéia, ao fornecer carrinhos de mão aos trabalhadores iranianos que andavam carregando cimento em cestas, à cabeça. «Agora,» disse o tenente a um seu superior, «o senhor vai ver como o trabalho rende.» No primeiro dia, os iranianos manejaram os carrinhos de mão, delicadamente, de um lado para outro; mas, no segundo dia, retiraram as rodas dos carrinhos e começaram a levá-los à cabeça, cheios de cimento.

Oswald Garrison Villard, *The American Mercury*

Podemos ensinar os meninos a viver

—XI—

O peixinho vermelho

CLARINHA, minha irmã mais nova, era excessivamente gulosa; o seu dedinho andava sempre metido nas compoteiras de doce, não obstante, algumas vezes, ficar desconfiada quando topava uma tijela de vaselina derretida julgando encontrar creme, ou uma pedrinha de sal na esperança de ser açucar. Uma vez ia levando à boca uma porção de arsênico que papai preparara para matar baratas. Foi um horror nesse dia; mamãe, alarmada, deu-lhe conselhos, e à tarde levou-a ao pequeno lago no fundo do parque, onde nadavam inúmeros peixes pequeninos e vermelhos. Mamãe ia preparada para pescar; lá chegando, enfiou uma minhoca no anzol, lançou-o na água, e esperou.

Clarinha, sentada ao seu lado, acompanhava tudo com olhos admirados. Os peixinhos foram-se aproximando; alguns olhavam, outros chegavam perto, enfim, um mais audacioso, num rápido movimento abriu a boca e zás... lá ficou preso na ponta do anzol.

Clarinha deu um grito:—Mamãezinha, o pobrezinho morreu!

—Por ser guloso! Os outros desconfiaram e passaram adiante; este não quis seguir os conselhos que, com certeza, recebeu de seus pais, e vendo na ponta do anzol o que julgou ser um bom petisco, fez o que ias fazendo hoje pela manhã. Por um triz não morreste.

Clarinha não esqueceu a lição e sempre que a gulodice lhe queria pregar alguma peça, refletia, lembrando-se da pequena vítima do lago.

Adozinda Holanda, Fortaleza

O motorzinho elétrico

CONTAVA EU cerca de 16 anos, quando me entrou na cabeça a idéia de querer estudar várias coisas ao mesmo tempo, de modo que só teria 3 horas disponiveis para preparar os meus trabalhos. Parentes e amigos diziam-me que não fizesse tal coisa, pois que eu não suportaria. A ambição de saber tudo antes do tempo fez com que não desse atenção aos conselhos sábios dos mais velhos.

Foi então que, na hora do almoço, papai me perguntou se estava resolvido a fazer os estudos como havia dito, e, a uma resposta afirmativa de minha parte, calou-se.

Terminado que foi o almoço, chamou-me ao seu escritório, onde havia um pequeno motor elétrico. Voltou-se então para mim e disse: «ligue este motor!»

Feito isto, mandou-me acender a luz e ligar o rádio. «Veja você,—disse-me ele,—que este motor aguenta perfeitamente a carga.» Em seguida foi ligando vários aparelhos que consumiam energia, até o ponto em que a potência do motor baixou tanto, que não fornecia força suficiente.

—Está vendo, falou meu pai,—acontecerá o mesmo com você. Estude primeiro duas ou três coisas e depois, então, se lance ao estudo de outra, pois do contrário, você não aprenderá quase nada e ficará somente com um verniz de cada assunto. Guardei o conselho e hoje, sou perito em seis atividades, que ponho em prática sem a indecisão dos leigos.

Elber Almeida, Aracajú

Trate os outros como deseja ser tratado

TINHA EU meus sete anos, e quase todos os dias voltava do colégio chorosa. Minha vovozinha, olhando-me por cima dos óculos, dizia-me:

—Não será sua a culpa das brigas? Se for boazinha, todo o mundo gostará de você.

Uma tarde levou-me ao quintal, e fez-me chegar à boca do poço, dizendo:

—Chegue para perto. Que é que você está vendo lá em baixo?

—Uma menina, respondí.—Uma menina bonita entre flores.

Junto ao poço havia um pé de flamboiã, e suas flores, ao refletirem-se no fundo, rodeavam totalmente minha imagem.

—Agora,—continuou minha avozinha,—ria para a menina e diga-lhe: «sejamos amigas».

O eco repetiu-me as palavras.

—Está vendo? disse ela.—Falou-lhe como amiga. Você tratou-a bem, ela lhe fez o mesmo.

Depois de merendar, ela levou-me de novo para junto do poço, e puxou conversa comigo:

—Está vendo a mesma menina? Agora mostre-se zangada, e diga-lhe: «você é presunçosa e feia».

A menina do poço olhou-me aborrecida, e o eco devolveu-me incontinenti a afronta.

Pegando na mão da avozinha, implorei-lhe:

—Vamos embora... Não quero mais ver esta menina bruta e má.

—Veja bem, minha filhinha,—retrucou-me ela,—a menina que você acaba de ver é tal como você quer que seja. Quando você se mostrou amavel, ela tambem foi, e se tornou impertinente quando você ficou do mesmo modo. Assim é que acontece com toda a gente.

Nunca mais esquecí a lição, procurando desde então tratar todos com doçura e carinho, para ser desta maneira tambem tratada.

Ricarda Martínez de Escoffié, México

As duas maneiras de ver

QUANDO TINHA meus doze anos, passeava preocupada pela rua, num sábado, e aconteceu-me passar pela casa de minha professora de inglês. Estava no jardim tratando das plantas e, vendo-me, chamou-me e perguntou porque eu andava tão desanimada ultimamente. Contei-lhe ter tido uma grande decepção, que provavelmente iria estragar o resto de minha vida.

Ela olhou-me atentamente e depois convidou-me para entrar na sua cozinha; enchendo meia chícara de água, perguntou-me:

—Diga-me, esta chícara está meio cheia ou meio vazia?

—Está... tanto uma coisa quanto a outra, respondí devagar sem prever aonde ela chegaria.

—É isto mesmo. Tanto se pode dizer que está cheia como vazia, disse-me ela. —Da mesma maneira nunca podemos saber se nossa vida está meio cheia ou meio vazia. Todos nós temos nosso quinhão de tristezas e de alegrias; mas a nossa vida só é feliz ou infeliz pela maneira por que encaramos as coisas—se estamos sempre a nos lamentar por que a chícara está meio vazia, ou se, pelo contrário, nos alegramos porque está meio cheia.

E até hoje, quando sofro a tentação de queixar-me da sorte, lembro-me de que existem duas maneiras de encarar as coisas e vejo haver sempre alegrias a compensar as tristezas.

Carolyn H. Moses, E.U.A.

Vejamos o que fez um grupo de pessoas, para que possa haver

Plasma para todos

(Condensado do «Survey Graphic»)

Por Paul de Kruif

NO ANO passado, um operário ferido gravemente num desastre de automovel, perto de Detroit, nos Estados Unidos, foi conduzido para um hospital. Seu estado reclamava imediata aplicação de plasma, mas o hospital, seguindo a rotina em uso, perguntou primeiramente quem se responsibilizaria pelas despesas, tendo o operário dado o nome do prefeito e de um banqueiro de sua cidade natal. Procurados ambos pelo telefone, não foram encontrados, e durante esse lapso de tempo o ferido, entrando em estado de choque, morreu.

Essa tragédia comoveu profundamente o dr. C. C. Young, Diretor dos Laboratórios do Departamento de Saude do estado de Míchigan. O custo elevado do plasma tinha criado a triste situação de se deixar morrer uma criatura, enquanto se procedia a investigações a respeito de sua situação financeira. Uma unidade de plasma com cerca de 250cc. é obtida comercialmente por 600 cruzeiros, sendo às vezes necessárias oito e mais unidades para salvar uma única vida. E é impossivel aplicar o plasma por preço menor, pois é preciso *comprar* o sangue aos doadores.

O dr. Young observou tambem que o colapso chamado choque é o causador da maioria dos casos fatais, não só entre milhares de feridos civís, mas igualmente em seguida a melindrosas operações cirúrgicas que pareciam ter sido coroadas de êxito; assim tambem muitas vítimas de queimaduras graves perdem a vida, bem como gestantes em partos dificeis, devido a hemorragia, grave problema com que luta o cirurgião.

As maiores autoridades em medicina concordam em que o misterioso e terrivel estado de choque é devido à diminuição do volume da parte fluida do sangue, que se denomina plasma. Para onde vai o plasma? A hemorragia interna provem dos vasos capilares que ligam as artérias às veias. O plasma começa a escorrer em torno dos tecidos, o coração não tem sangue suficiente, e o sistema circulatório se enfraquece pela falta do oxigênio que o sangue contem normalmente. Uma vez, porem, que o plasma é introduzido no sistema circulatório pela transfusão, verdadeiros milagres podem ser conseguidos, salvando-se da morte inúmeras vidas.

Alguns cirurgiões declaram que o uso do plasma como preventivo, antes de ocorrer o estado de choque, abrirá horizontes até agora inacessiveis. Muitas

operações graves, no cérebro e no torax, têm sido consideradas impossiveis em virtude do perigo de choque. O plasma aplicado antes da operação pode ativar a força circulatória do sangue, dando assim a oportunidade de ser salvo o doente.

Graças à campanha em prol do aumento dos doadores de sangue, feita pela Cruz Vermelha Norte-Americana, o milagroso plasma está salvando milhares de feridos nos campos de batalha. O dr. Young imaginou possivel obtê-lo mais prontamente para os civís tambem. Os Laboratórios do Estado de Míchigan distribuem aos médicos todos os anos, gratuitamente, mais de dois milhões de doses de soro, vacinas e outros produtos biológicos, para serem aplicados na preservação da vida dos cidadãos do estado. Porque tambem o plasma não poderia ser fornecido gratuitamente? Seria possivel conseguir sangue em estado fluido, para com ele salvar grande número de vidas?

Lembrou-se então de recorrer a uma enorme fonte ainda inexplorada. Na campanha de sangue para os homens em luta na guerra, feita pela Cruz Vermelha Americana, toda a quota com que deveria concorrer o estado de Míchigan foi conseguida numa área de 40 milhas em torno de Detroit. Desejariam as seções rurais da Cruz Vermelha em outros pontos do estado organizar uma campanha destinada à doação gratis de sangue, e assim ir ao encontro das necessidades da população civil do estado?

A Cruz Vermelha Nacional deu à idéia vigoroso apoio e a Sociedade Médica do estado aprovou o programa. Uma pequena verba destinada à preparação do sangue foi posta à disposição dos Laboratórios do Estado, e logo apareceram muitas pessoas dispostas a colaborar. A Cruz Vermelha localizou e registou os doadores, estabeleceu postos de sangria em escolas e igrejas, e forneceu pessoal voluntário — enfermeiras, ajudantes, serviços de cantina para os doadores, e transporte motorizado para todos os que dele precisassem.

Os médicos e enfermeiras do respectivo serviço do Departamento de Saude visitaram cidade por cidade. Em cada lugar organizaram sem dificuldade um método especial para conseguir a produção em massa de sangue, podendo ser sangradas ao mesmo tempo quatro pessoas. E assim, cada semana, 250 pessoas doavam sangue. Diariamente o sangue, refrigerado, era remetido aos laboratórios de Lansing, onde tinha lugar o serviço de análise de sífilis, para cada espécime, remoção das células vermelhas, filtragem do plasma e isolamento de todo e qualquer micróbio perigoso. O plasma era em seguida engarrafado.

Em cada cidade fornecedora de sangue foi estabelecido um posto, com um crédito correspondente ao total de plasma doado, menos 10% destinados ao Departamento de Defesa Passiva para possiveis aplicações em casos de urgência, provenientes de acidentes.

O plasma pertencente a cada cidade foi armazenado em seus hospitais, pronto para ser aplicado *inteiramente gratis em todos aqueles que a juizo dos médicos dele necessitassem*.

A campanha teve um êxito que foi alem de toda a expectativa. Industriais, organizações operárias e cívicas, cidadãos ricos e pobres, e até os próprios médicos disputavam a oportunidade para doar sangue. Em pouco tempo o Laboratório do Estado não podia manipular senão apenas uma fração do que o povo desejava dar. No outono passado os postos de sangria estavam fornecendo 12.000

unidades anualmente, tendo sido calculado que seriam necessárias 50.000 unidades por ano, para salvar todas as vidas que corressem perigo, dentro do estado de Míchigan. Afim de assegurar plasma para todos, foi construido novo laboratório com maior aparelhagem e maior número de empregados. Os promotores da campanha apelaram para o Governador Harry F. Kelly, e sua ação enérgica entrou para a história da saude pública, tal a maneira como ele considera a vida humana, quando se tornam necessárias medidas financeiras como no caso do plasma. «Serão precisas 258.000 dólares no primeiro ano, e cerca de 214.000 nos anos subsequentes, para ter todo o plasma necessário aos cidadãos de Míchigan. O dr. Young avalia que o plasma fornecido gratuitamente salvará no mínimo mil vidas por ano. Dispenderei 258 dólares por pessoa para esse fim.»

O plano de obtenção do plasma foi inteiramente aprovado pelo diretor do orçamento do Estado e pelo comitê de ambas as casas legislativas Quando este artigo for lido, o programa de plasma para todos estará em plena atividade Nenhuma parturiente, nenhum recem-nascido, nenhum operário ou motorista gravemente ferido, nenhum homem, mulher ou criança morrerá por ser o plasma muito caro, ou devido à sua escassez.

Os demais estados da União Americana, bem como todos os paises, têm vasto reservatório de saude proveniente do sangue não vertido e que cada cidadão terá satisfação em doar, quando ficar geralmente compreendida a significação desta campanha de «medicina cooperativa».

Franqueza franca

¶ Certo cavalheiro, que, devido à carência de transportes, havia adquirido em Washington o costume de tomar taxis em companhia de estranhos, entrou com outro num taxi de Boston, tendo ouvido o dito senhor dar ao chofer uma direção que lhe convinha. Recostando-se confortavelmente no assento, tratou de se apresentar ao companheiro de viagem. «O meu nome é Jennings,» disse ele, com amavel sorriso.

«Pois o meu,» disse-lhe o senhor de Boston, «não é.»

—*Globe* de Boston

¶ Um jovem capitão de Departamento de Serviços Estratégicos, que tinha, entre outras funções, a tarefa de entrevistar os recrutas destinados a missões especiais, estava atendendo ao caso de um soldado que, segundo rezavam os seus papéis, possuia conhecimentos excepcionais de linguística, inclusive a particularidade de ler, escrever e falar perfeitamente o grego e o latim. «O senhor sabe grego clássico ou contemporâneo?» perguntou-lhe o capitão. «Clássico,» respondeu o recruta; «aprendí grego e latim em um seminário.» «E que é que o senhor gostaria de fazer?» sugeriu o capitão «Dar o fora do exército,» replicou o recruta.

—*The New Yorker*

¶ *No meio de um calor sufocante, com poucas ferramentas e um grupo heterogêneo de operários, o Capitão Edward Ellsberg e um punhado de americanos levaram a efeito uma façanha sem precedentes em matéria de reconstrução naval, auxiliando assim os ingleses a manter sua posição no Mediterrâneo.*

Mágica em Massava

(Condensado de «Liberty»)

Por Harland Manchester

Massava é um pedaço do inferno na Eritréia, no litoral do Mar Vermelho. Já houve quem dissesse estar alí o peor clima do mundo: uma fusão diabólica de calor intoleravel, 90% de umidade e violentas tempestades de areia. Os indivíduos de raça branca, que lá habitam, trabalham apenas algumas horas pela madrugada e outras ao crepúsculo, permanecendo o resto do dia à sombra, ofegantes de calor, com um copo na mão. Quanto aos negros, esqueléticos, mal nutridos, movem-se vagarosamente, quais figuras num filme em câmara lenta.

Na primavera de 1942, esse local nada mais era que um montão de destroços. Os italianos, expulsos pelos britânicos de sua base naval em Massava, onde abundam excelentes portos e ancoradouros, gabavam-se de não ter deixado atrás de si coisa alguma que pudesse ser util aos que viessem depois deles.

Haviam afundado o dique seco, obra de consideraveis proporções, com 180 metros de comprimento, instalado a um quilômetro da praia, onde o mar tem 15 metros de profundidade; provocaram o afundamento de outro dique menor, e o mesmo destino coubera a vinte e seis navios do Eixo, muitos dos quais de bom tamanho.

Não contentes com isso, dirigiram-se a todos os ótimos estabelecimentos fornecedores de peças e acessórios navais e, munidos de pesados malhos, destruiram tudo o que lá encontraram em matéria de máquinas e ferramentas. Mais tarde, tanto os franceses livres como os ingleses levaram dalí tudo o que fosse portatil, de maneira que, na ocasião a que nos referimos, não havia em Massava sequer uma chave de parafusos ou um martelo.

Entretanto, a posse de Massava era de extrema importância para os aliados. Rommel já batia, por assim dizer, às portas do Cairo, e bombardeava tão intensamente a base naval de Alexandria, que esta se tornava inutil. Enquanto isso, os navios ingleses estavam com seu raio de ação limitado, no Mediterrâneo oriental. Com sua velocidade reduzida à metade pelo acúmulo de moluscos no casco durante dois anos, esses barcos tinham que navegar em situação precária, sendo que o posto de reparos navais mais próximo se achava

em Durban, na África do Sul, a mais de 4.000 milhas de distância.

Por outro lado, apenas 900 milhas separavam Massava do Cairo; assim, caso fosse possivel reparar os navios naquele porto, poder-se-ia talvez alterar grandemente o curso dos acontecimentos. Os ingleses, contudo, confessaram francamente que não dispunham nem de homens nem de material para essa tarefa, e, nessas circunstâncias, apelaram para os Estados Unidos.

Tal a situação naquele dia de março, em 1942, quando o Capitão Edward Ellsberg, da Reserva Naval americana, desembarcou do seu avião, incumbido, que estava, pelo Departamento da Marinha, de recompor a base de Massava. Após inspecionar cuidadosamente o lugar, organizou um plano de ação. A 9 de maio chegaram cinco mergulhadores e sete mecânicos, primeiros componentes do grupo de americanos destacado para a importantíssima obra, grupo esse, aliás, que jamais excedeu de 140 homens. *Em julho, já estava sendo utilizado o dique!*

Foi preciso esforço; foi preciso improvisar e inventar, usando o que havia à mão, e trabalhando sob um sol tão quente, que ninguem podia tocar nas ferramentas sem calçar luvas; foi necessário, alem disso, lutar contra a morosidade daquele grupo heterogêneo de operários, alguns dos quais eram prisioneiros italianos, e, outros, negros naturais do lugar. E assim conseguiram esses poucos americanos reconstruir uma base naval e reaparelhar 80 navios, a tempo de ser lançada a grande ofensiva contra Rommel, iniciada em novembro daquele mesmo ano.

Hoje, os britânicos não hesitam em declarar que de fato estavam, então, em situação desesperada, e já se pode contar a história do milagre de Massava, realizado a custa de muito engenho, força de vontade e coragem.

Quando o capitão Ellsberg vestiu sua roupa de mergulhador e submergiu para inspecionar o dique afundado, verificou que o mesmo estava dividido em oito compartimentos estanques, sete dos quais haviam sido destruidos por bombas, vendo-se no fundo enormes buracos. As paredes laterais, ocas, e com uma espessura de cerca de quatro metros, se achavam intactas.

—Isto mais parece um gigantesco sino de mergulhador, observou Ellsberg ao companheiro, Bill Reed, que era o mestre de obras. —É inutil tentar remendar estes buracos. Vamos fazer com que as paredes laterais fiquem herméticas, insuflamos ar comprimido aí, e o dique há-de vir à tona.

Entretanto, que fazer com o oitavo compartimento? Porque seria que os italianos o deixaram intacto? Era provavel que contivesse uma bomba ainda por explodir, e, nesse caso, tornava-se possivel que, iniciado o trabalho, a vibração resultante viesse a provocar a explosão retardada.

O capitão Ellsberg, em companhia de outro mergulhador, Jesse Enos, desceu ao oitavo compartimento e, de fato, lá encontrou uma bomba de 100 quilos. Com infinita cautela, envolveram-na numa corda, trouxeram-na muito vagarosamente à superfície, e ordenaram que fosse levada até a praia. Feito isso, alguns dos ingleses, peritos em explosivos, carregaram-na até uns dez quilômetros de distância e a fizeram deflagrar. Massava tremeu como se tivesse havido um terremoto, e os moradores locais correram em pânico para as ruas.

Tendo-se afastado a ameaça representada pela bomba, deu-se início ao

trabalho de salvamento do dique. Os mergulhadores taparam todas as aberturas de maneira a fechá-las hermeticamente. A temperatura da água era de 35 graus centígrados! Aludindo a esse fato, conta o capitão Ellsberg: «Sentindo o calor da água, julguei logo que os mergulhadores poderiam perfeitamente dispensar a roupa de baixo grossa, que sempre usam em mergulhos profundos. Entretanto, por mais incrivel que pareça, foi preciso usar roupa de lã, justamente por estar quente demais... A gente suava abundantemente, e o macacão de mergulhador, com seu pano grosso e o forro de borracha, irritava terrivelmente a pele.»

Não tardou que os trabalhadores aparecessem com erupções cutâneas, devidas ao calor. Para os mergulhadores era muito peor, porque as erupções infeccionavam. Se bem que, durante todo o curso dos trabalhos, não tivesse havido um só caso de insolação ou de moléstias tropicais (e isso por causa da disciplina rigorosa, da proibição absoluta quanto a bebidas alcoólicas e do magnífico sistema de exames médicos), as erupções de pele mantiveram de cama, no hospital, uma média de 25 por cento dos trabalhadores.

Sempre se dissera que nenhum europeu conseguiria trabalhar mais de quatro ou cinco horas por dia em Massava. Quanto a isso, ouçamos o capitão Ellsberg: «Nós não podíamos ter esse luxo; a base tinha que estar em condições de ser utilizada naquele verão, pois do contrário não serviria de nada. Assim passamos a trabalhar 10 horas por dia, e muitas vezes 12. Todos emagrecemos entre dez a quinze quilos, mas o pessoal era forte e aguentou bem.»

Içar à tona um casco afundado, por meio de ar comprimido, é operação delicada e perigosa, mas Ellsberg, que já fizera uso dessa mesma técnica com o submarino americano S51, em 1925, é um verdadeiro mestre no assunto. Os mergulhadores começaram por tornar o tosco dique absolutamente hermético, e, em seguida, colocando «mangueiras» de ar em todos os compartimentos, fizeram funcionar os compressores. Era essencial que a pressão se mantivesse no mesmo nivel nos oito compartimentos, afim de que o dique não capotasse; por outro lado, se a pressão se elevasse demasiado, poderia romper uma parede, perdendo-se assim todo o trabalho já iniciado.

«O dique parecia uma gaita de foles,» foi o comentário de Ellsberg. «E nós o que fazíamos era tocar uma música na gaita...» Tendo os compressores começado a funcionar, não se podia mais largar a tarefa, de maneira que os homens tiveram que permanecer em seus postos 24 horas por dia. Alguns aproveitavam momentos de menos intensidade para tirar um cochilo. Era frequente observarem-se escapes de ar, e toda vez que surgiam as bolhas reveladoras desses escapes, os mergulhadores desciam, a qualquer hora do dia ou da noite, para impedir que continuassem.

O compartimento traseiro, que nada sofrera com as bombas, subiu primeiro, e destapou-se o buraco no compartimento adjacente. Feito isso, seria possivel remendar esse buraco definitivamente à tona da água, o que daria ao dique flutuação suficiente para se passar ao compartimento seguinte, destapando-se o outro buraco, e assim por diante. Desse modo foi feito o trabalho, de popa a proa, com chapas metálicas quentíssimas, às vezes a cerca de 75° centígrados. Se fosse deixada ao sol alguma ferramenta, era preciso apanhá-la

com mãos enluvadas e mergulhá-la na água do mar, antes de usá-la de novo. Os homens bebiam cerca de quatro litros de água por dia, tomando um comprimido de sal de quatro em quatro goles mais ou menos. Quando tinham secas as roupas, viam-se, nelas, pequenas faixas de sal...

Os peritos britânicos haviam feito cálculos segundo os quais seria necessário utilizar centenas de mergulhadores durante um ano para remendar os estragos causados pelas bombas no dique, e para que este secasse por completo. Aparentemente, esses cálculos estavam certos: entretanto, graças a prodígios de imaginação criadora, perícia consumada e trabalho incessante, a tarefa «impossível» foi executada por 13 homens *no espaço de nove dias!*

O outro dique seco, embora de menor tamanho, deu mais trabalho e sérios aborrecimentos. Depois de estar flutuando o lado de estibordo, verificou-se que havia uma solução de continuidade, por onde entrava a água. Um ferreiro, Armstrong, ofereceu-se voluntariamente para mergulhar e tapar o buraco. Desceu, acompanhado de um soldador americano de origem sueca, chamado Larson, e de um rapaz inglês, Jones. De repente, tendo os compressores parado de funcionar, em menos de um minuto o dique afundou a uma profundidade de 3 metros e 60. Salvaram-se rapidamente todos os operários, menos os tres que haviam mergulhado anteriormente.

Ellsberg então mergulhou, pulando do próprio casco do dique, e penetrou pela escotilha no compartimento inundado. Tateando, bateu com as mãos em qualquer coisa macia: puxou, e voltou à superfície. Trazia consigo Armstrong, que perdera os sentidos. Mergulhou novamente, trazendo, desta vez, Larson; e, da terceira vez, conseguiu salvar Jones.

Larson e Jones voltaram a si sem dificuldade. Quanto a Armstrong, apesar de o terem tentado durante dez horas, não o puderam salvar. Foi aliás o único homem que se perdeu em Massava.

Em terra, os postos de reparos navais pareciam uma fábrica após intenso bombardeio. Haviam sido encomendadas, dos Estados Unidos, várias máquinas e ferramentas manuais, mas sua chegada dependia, não só do tempo necessário para fabricá-las, mas igualmente dos submarinos do Eixo, à espreita em todos os pontos do oceano. Prometeram-lhe tambem que enviariam mecânicos. Ellsberg, porem, convenceu-se de que não era possivel esperar, nem homens nem ferramentas. Conta ele: «Ouví dizer que havia uns serrotes na localidade, e fiz uma viagem duns 150 quilômetros para ir buscá-los. Outros trataram de ver o que seria possivel obter alí mesmo, e conseguiram encontrar uns motores elétricos e máquinas, numa mina de ouro abandonada na montanha. Toda vez que aparecia um navio no porto, implorávamos à tripulação que nos desse ao menos um formão ou uma chave de parafuso...»

Os italianos não foram tão espertos como pensavam, pois se esqueceram de destruir todas as peças de todos os motores elétricos. Assim, aproveitando partes intactas de um lado e de outro, os companheiros de Ellsberg lograram recuperar cerca de 25% da usina elétrica primitiva. Da mesma forma, puseram a funcionar alguns tornos. Isso feito, e utilizando-se de métodos de fundição um tanto rudimentares, fabricaram peças para substituir as que haviam sido destroçadas; com tal sistema, dentro de dois meses estavam já funcionando quase todas as máquinas na oficina, na carpintaria e na pequena usina de aço. Quando chegaram, afinal, as ferramentas da América, não eram mais necessárias, e foram enviadas para outro local.

Ellsberg recorreu aos campos de concentração na Eritréia, e lá encontrou cerca de 100 mecânicos italianos dispostos a cooperar. Dentro em pouco trabalhava-se intensamente na oficina improvisada, com um capataz americano em cada departamento.

À medida que as tarefas se iam multiplicando, iam sendo recrutados operários egípcios, indús, abissínios, somalís, chineses, malteses, noruegueses, e sul-africanos.

Nos primeiros dias de junho, o rebocador *Intent*, de reduzido tamanho, chegou a Massava, após uma viagem de 60 dias, cobrindo 12.000 milhas, tendo partido de Port Arthur, no Texas, e dobrado o Cabo da Boa Esperança. Ellsberg incumbiu o capitão do *Intent*, Edison Brown, bem como a tripulação de 16 homens, de trazer à tona o *Liebenfels*, cargueiro alemão de 8.000 toneladas, que fora afundado com enormes buracos em dois porões da proa.

A tarefa foi dada por terminada a 4 de julho, dia da Independência Americana, e, à guisa de comemoração, os rapazes amarraram uma bandeira dos Estados Unidos sobre a velha e esfarrapada suástica do barco alemão, que foi então rebocado, em triunfo, até o porto. Ellsberg e seus companheiros instalaram em seguida o *Liebenfels* no dique seco, deram-lhe chapas novas para o casco, feitas nas oficinas restauradas, e dentro em pouco já estava o navio como novo, desde a casa das máquinas até a torre de comando. E o *Liebenfels*, que hoje transporta material de guerra sob a bandeira inglesa, foi apenas o primeiro entre muitos barcos igualmente salvos.

Já agora Massava era francamente utilizada como base naval. Em julho, isto é, cerca de dois meses a partir do dia em que o capitão Ellsberg chegara, o almirante Harwood, comandante da frota inglesa no Mediterrâneo, apresentou-lhe novo problema. Um cruzador britânico voltara de uma batalha com uma grande cavidade na proa. O dique-seco de Massava era cerca de 30 metros mais curto do que o cruzador, o que estimulou Ellsberg a pôr a prova outra idéia original. Desde que o buraco estava na popa, porque não içar apenas essa parte da embarcação, para os reparos indispensaveis?

«Está bem,» disse Harwood com certa relutância. «Mas, pelo amor de Deus, Ellsberg, tenha cuidado com esse cruzador, que ele representa uma quarta parte de toda a minha esquadra!» Imagine-se que Harwood havia estado a «tapear» desde muito a marinha italiana, com quatro cruzadores apenas, dos quais um já bastante avariado!

O cruzador entrou lentamente no porto de Massava, trazendo a bordo um grupo de operários de Alexandria. Os americanos levantaram a popa do navio, e os mecânicos ingleses trabalharam dia e noite para tapar o buraco. Maior dificuldade foi encontrada quando se tratou de colocar as duas últimas chapas de aço, pois, devido ao feitio da popa, tinham que ser curvas, e as oficinas de Massava não dispunham de aparelhamento para tarefa desse gênero.

«Bem, o que há a fazer é aquecer as chapas com o maçarico de acetileno, e depois curvá-las com os malhos,» sugeriu Ellsberg. Para os mecânicos recem-chegados de Alexandria, tal sugestão se afigurava de impossivel realização. Ells-

berg chamou então dois fortes ferreiros, e explicou-lhes a situação. Eles cuspiram nas mãos, pegaram de rijo no trabalho, e dentro de três horas já haviam colocado a última chapa... Harwood recebeu seu cruzador de volta, prontinho, em doze dias. Mais tarde, outros dois cruzadores britânicos foram reparados nas oficinas improvisadas em Massava.

Terminada sua tarefa em Massava, o capitão Ellsberg apresentou-se ao general Eisenhower na Argélia. Aí, prosseguiu no seu trabalho de salvamento de navios e, após curto período num hospital, voltou aos Estados Unidos.

Alguns jornais afirmaram que a maré da guerra virou no Mediterrâneo graças ao seu trabalho. Ellsberg caçoa de tais «exageros». Entretanto, a Marinha Americana reconhece o valor desse homem, a quem acaba de condecorar com a medalha da Legião do Mérito.

Guerra com botas de sete léguas

¶ Os pais de um rapaz de 19 anos de idade, chamado Hoyt, estão convencidos de que esta guerra caminha muitíssimo depressa.

Não há muito, haviam recebido uma carta de seu filho, soldado do Corpo Médico, dizendo que se achava estacionado em um hospital da Califórnia. Menos de três semanas depois, em outra carta, dizia ele que havia sido ferido, tinha morto um *Jap*, e estava no mesmo hospital, muito orgulhoso das suas medalhas—«Defesa Nacional-Sul do Pacífico», e «Coração Roxo». Era inacreditavel! Os pais de Hoyt decidiram sondar a história, e souberam o seguinte:

Logo depois do rapaz ter enviado a primeira carta, o Comandante do Hospital recebeu um pedido urgente para enviar soldados, cuja missão seria transportar feridos da linha de frente, e pediu voluntários. Apresentaram-se cem soldados, entre os quais o jovem Hoyt. Dentro de uma hora, eles foram levados a um aeroporto. Na tarde seguinte, voando em um Liberator, chegavam a um aeródromo, nas vizinhanças de Honolulú. No terceiro dia estavam na Nova Guiné, e no quarto carregavam feridos em macas, nas trilhas da floresta.

No dia imediato, Hoyt e outro camarada iam transportando um soldado gravemente ferido, quando foram surpreendidos por uma saraivada de balas. O camarada de Hoyt, que ia na parte dianteira da maca, caiu. O soldado ferido foi morto. Hoyt ficou ferido nas costas, mas teve a presença de espírito de se fingir morto, ao mesmo tempo que retirava, da sacola do soldado morto, uma granada. «Esse *Jap* de tocaia vem aquí para nos espetar a sua baioneta,» pensou ele.

Estava certo. O japonês apareceu entre os arbustos, de baioneta em punho. Era a primeira vez que Hoyt usava uma granada. Soltou-lhe o pino, voltou-se rapidamente e lançou-a. A granada caiu aos pés do japonês, mandando-o para o inferno. Em seguida, Hoyt tomou seis tabletes de sulfa e perdeu os sentidos.

Ao voltar a si, os médicos estavam extraindo a bala de suas costas. Transferiram-no para um navio veloz, e daí para o avião-hospital. Quatro dias mais tarde, ele se achava novamente no hospital, onde estivera antes estacionado. Hoyt perguntou aos enfermeiros em que dia estavam. Fazia exatamente 18 dias que o Comandante do Hospital tinha pedido voluntários para a linha de frente.

—Frank J. Taylor, no *Saturday Evening Post*

¶ Vive-se luxuosamente com pequena renda, se se eliminarem coisas não essenciais

Como viver alem dos seus recursos

(Condensado do «Baltimore Sunday Sun»)

Por H. Thompson Rich

DURANTE ANOS minha mulher e eu temos vivido com uma renda anual de 3.000 dólares, como se, na realidade, tivéssemos 10.000—sem contudo nos endividarmos.

Não, não temos assaltado bancos. Tambem não temos quaisquer parentes ricos que nos ajudem. Aprendemos simplesmente que, eliminando uma porção de coisas que realmente não têm importância, e concentrando-nos em algumas poucas que a têm, podemos obter com o nosso dinheiro uma quantidade surpreendente de coisas. Encontramos, em resumo, o modo de viver alem de nossos meios. E a nossa fórmula aplica-se a qualquer pessoa, quer seja a sua renda de 1.200 dólares anuais, quer de dez vezes mais.

As viagens, por exemplo, constituem geralmente um luxo dispendioso. Não, porem, como as fazemos. Há tempos fomos à Europa com 1.600 dólares, ficamos lá seis meses—e voltamos com 200.

Naturalmente não viajamos no *Queen Mary*. Fomos de cargueiro. Cada passagem nos custou 75 dólares, e a viagem foi a melhor que jamais fizemos. Havia somente uma dúzia de passageiros a bordo, e éramos senhores absolutos do navio—tanto da ponte de comando e da casa das máquinas, como do convés. A comida tambem era boa. Tinha de ser, pois comíamos com os oficiais, e eles eram exigentes. E, como se não bastasse, os representantes das várias nacionalidades alí presentes nos cumularam com enorme quantidade de opiniões políticas e debates interessantes sobre assuntos internacionais.

As duas semanas que passamos em Antuérpia foram igualmente alegres e pouco dispendiosas, e visitamos a Bélgica antes de entrar em França.

Depois, París! Vivíamos num espaçoso apartamento à margem esquerda do Sena, comprávamos nossos mantimentos, cozinhávamos nossa comida, fazíamos nossas camas, e divertimo-nos à grande. Ficamos alí três meses, como bons turistas e tambem bons boêmios. Vimos o Louvre, o Trocadero, Notre Dame, bebemos coquetéis no Bar Americano de Harry, sentamo-nos nos cafés do bulevar, festejamos a véspera do Natal num *bistro* de Montmartre—enfim, fizemos inúmeras coisas extravagantes sobre que tínhamos lido e de que ouvíramos falar.

Porem, nesse meio tempo, chegara o terrivel inverno de París. Partimos, então para a Riviera, ainda de posse de 800 dólares.

Numa pequena aldeia de pescadores entre Cannes e Nice, tomamos um quarto banhado de sol numa pensão limpa e perto da praia, onde por cerca de 10 dólares por semana tínhamos três excelentes refeições diárias. Mas nem sempre as aproveitávamos devido aos nossos passeios nas vizinhanças. Nice na época de Carnaval, com a sua indústria

de perfumes, de Grasse, as muralhas antigas de Cannes, Mônaco e, naturalmente, o Cassino de Monte Carlo—todas estas e muitas outras coisas maravilhosas vimos, quase de graça, naquela primavera encantadora.

Às vezes pensamos que podíamos ainda viver alí, se uns negócios urgentes de família nos não tivessem trazido à força para casa. De volta aos Estados Unidos, de posse dos inacreditaveis 200 dólares que sobraram de nossa importância inicial de 1.600 dólares, chegamos à conclusão que viajar no estrangeiro tinha sido mais barato do que ficar em casa. Contudo poder-se-iam ter gasto dezenas de milhares de dólares, sem haver experimentado um prazer tão genuino.

Do mesmo modo temos realizado excursões à Florida, às Antilhas e à Califórnia, sempre com pequenos gastos, e isso unicamente porque aprendemos a tirar o máximo proveito do nosso dinheiro, tendo em vista as coisas que realmente desejamos.

Mas as viagens, afinal, constituem apenas um divertimento ocasional na rotina de nossa existência. E a vida, a nosso ver, requer antes de tudo um teto decente por cima de nossas cabeças. Temos sorte neste ponto. Uma vez, por exemplo, conseguimos alugar uma fazenda de 80.000 metros quadrados pelo preço mensal de 50 dólares. Isto é, alugamos uma vivenda com seis salas, pertencente à propriedade. A casa do proprietário estava vazia.

Durante todo o verão e outono fomos senhores daquela magnífica fazenda. Os banhos de sol que tomamos naqueles prados! Os morangos silvestres que colhemos nas encostas do morro! Os passeios que demos pelas florestas! Poder-se-á dizer que foi pura sorte, mas de um modo geral pensamos que, quando chegar novamente o tempo de procurar outra casa nessas condições, a encontraremos. Confiamos no nosso sistema.

Durante os últimos anos temos vivido na cidade de Nova York. Ninguem dirá que pagamos 40 dólares por mês pelo nosso apartamento. «Um apartamento atraente,» poder-se-ia dizer. «Fora do comum.»

Bem, se ele é atraente, foi porque assim o fizemos. Reconhecemos suas extraordinárias possibilidades antes de alugá-lo—possue salas em planos diferentes ligados por pequenos lances de escadas. Mobília? Sim, é bonita, mas vocês ficariam surpreendidos se soubessem o que se pode hoje em dia obter nos leilões por uma bagatela.

A alimentação constitue outro problema. Minha mulher é boa cozinheira, mas não pode transformar um bife duro em *filet mignon*. Alem disso não gostamos de bifes duros, seja qual for o processo por que tenham passado! Comemos então pouca carne, e abusamos dos legumes.

Para a aquisição destes últimos, a experiência ensinou-nos que as melhores verduras se encontram nas barracas do mercado. Minha mulher vai quase diariamente ao mercado mais próximo em busca de luxuriantes brócolos, preciosos abacates, tímidos cogumelos, bem como dos nossos amigos despretensiosos—batatas, tomates, feijão e cenouras. É um negócio em que se não pode dizer «pago amanhã». Não é possivel encomendar coisas por telefone a uma barraca de mercado. Mas é gozado fazer as compras assim, e trazê-las para casa. Eu próprio já o tenho feito.

As roupas constituem outro item que pode conduzir a grandes despesas. Não, porem, conosco. Tenho comprado mais

de uma vez bons ternos por 25 dólares que custam 50 em outras lojas. Minha mulher traja bem, gastando a quarta parte do que o fazem a maioria de suas amigas. E, dado o fato de nosso filho gastar roupas caras com a mesma rapidez que as baratas, equipamo-lo com as roupas mais resistentes que encontramos, geralmente ternos de brim.

Há ainda, o capítulo divertimentos. O que conseguimos poupar noutras verbas, gastamos nessa. Mas o melhor de nossa atenção é para os fins de semana. Nos últimos anos raramente temos ficado em Nova York num sábado ou domingo. Metemo-nos no nosso espaçoso carro, e rumamos para o campo.

Nosso carro, quando novo, custa 2.000 dólares, mas compramo-lo por 200. Concordo em que não é uma belezinha, porem sempre nos levou onde quisemos ir, e nos trouxe de volta sãos e salvos—e isto vale bem mais do que ficar em Nova York até poder comprar um carro novo.

Mais de uma vez saimos sem destino; sabíamos somente que não voltaríamos àquela noite. Viajávamos ao longo de uma das rodovias principais até encontrarmos alguma estrada lateral, que nos prendesse a atenção. Entrávamos por ela, e, enveredando por novos caminhos, chegávamos finalmente a um hotelzinho campestre ou fazenda, onde por um dolar aproximadamente encontrávamos um bom quarto com camas confortaveis e uma comida tão farta que só por si valia a aventura.

Aquele sim, é que foi um tempo delicioso! De fato, pensávamos então que nessas excursões nos divertíamos mais do que em qualquer outro passatempo.

Foi aí que surgiu o iate—e de então para cá alteramos todas as nossas idéias a respeito de divertimentos.

Foi em março de 1936 que descobrimos o «Prelúdio»—um barco de 10 metros de comprimento, munido de um motor de 85 HP. Não interessa saber o que o dono exigia pela embarcação, mas sim que concordou finalmente em no-la vender por 600 dólares. Deve haver algum gato, pensamos nós. Mandamos um perito examiná-la. Ele não encontrou falha alguma, e já vamos em nossa quarta temporada com o «Prelúdio», sem lhe descobrir qualquer defeito.

Diga-se a verdade: o barco tem 20 anos de idade. É tambem certo que não possue linhas modernas, e quando o adquirimos seu aspecto deixava muito a desejar. Mas é de construção sólida e resistente, e o seu comportamento bate de longe a aparência quando se trata de enfrentar mar grosso; ademais nós o pintamos, e hoje sua superestrutura branca e conveses verdes brilham ao sol, enquanto sua cabina pintada de creme e verniz, e com alegres cortinas nas vigias, é fresca e confortavel.

Leva-nos onde quer que um iate novo em folha de um milionário nos levaria. Mas não é esse o único motivo por que o «Prelúdio» nos proporciona tanto prazer. Ele nos abriu um mundo novo, uma maneira de viver mais sossegada e menos excitante. Temos passado muitos dos nossos mais felizes fins de semana em portos calmos, a poucas milhas talvez de distância de casa.

Se queremos nadar, é só pular na água. Se queremos tomar banho de sol, é só nos deitarmos na coberta. Se queremos pescar, é só jogar uma linha no mar. Se queremos ir para terra, entramos simplesmente no pequeno bote, e remamos. E a nossa pequena cozinha de bordo é suficiente para satisfazer todas as exigências de três grandes apetites.

Tudo muito bom, mas dispendioso—

pensará provavelmente o leitor. Na realidade, porem, o iate não nos custa mais do que aqueles fins de semana de vagabundagem com o carro. No ano passado usamos 1.350 litros de gasolina, viajamos 1.000 milhas e gastamos 50 dólares. As despesas com óleo e os extraordinários elevam-se, talvez, a 5 dólares por estação. Consertos? São mínimos, e eu mesmo me encarrego da maior parte do trabalho. Incluindo as mensalidades do «Yacht Club», as despesas decorrentes da retirada do barco da água durante o inverno, e as de pô-lo novamente em condições de navegabilidade na primavera, o gasto total anual não ultrapassa 300 dólares—bom emprego de capital para 6 meses passados no mar, especialmente se contamos os juros em saude e felicidade.

Seja como for, conseguimos permitir-nos esse luxo, como tudo que realmente desejamos fazer, eliminando uma porção de coisas que nos não parecem tão importantes. Pois a arte de viver, segundo nosso modo de pensar, está em fazer as poucas coisas que mais queremos—e o resto não importa. Nem mesmo um milionário pode ter tudo o que a sua fantasia lhe inspira.

Afrouxando os laços

¶ Uma mulher de Wisconsin deseja divorciar-se de seu marido, oficial da Marinha aposentado, porque ele a quer obrigar a dormir em uma rede. Declarou ela à corte que, em 23 anos de casamento, caiu 16 vezes no chão, e que agora já está ficando velha.

—Fred Sparks, no *Parade*

¶ Em Chicago, uma mulher obteve divórcio, sob a alegação de que seu marido, que é louco por histórias policiais, quase todas as noites obrigava-a a ficar estendida no chão, fazendo as vezes de «cadaver», enquanto ele procurava «reconstituir» o crime da história.

—*Time*

¶ Uma mulher do Míchigan divorciou-se porque seu marido deu um saxofone a cada um dos cinco filhos que tinha de um primeiro matrimônio.

—William LaVarre, *Consolidated News Features*

¶ Certa esposa queria recuperar a liberdade porque o marido, todos os dias, ao sair de casa para o escritório, marcava-lhe as solas dos sapatos com giz, para saber se ela se ausentava de casa, durante o dia.

—*Newsweek*

¶ No Oklahoma, uma senhora obteve divórcio porque, todas as vezes que tinham uma disputa, seu marido passava pela frente da casa, em um automovel equipado com alto-falante, que proclamava: «Sra. Smith, esta noite não estarei em casa! Sem apelação!»

—T. D. Kemp, Jr., no *Observer* de Charlotte (N.C.)

O adeus no campo de batalha

(Condensado do «New York World-Telegram»)

Por Ernie Pyle

(Redigido na linha de frente, na Itália)

No curso desta guerra já tive ocasião de conhecer vários oficiais que souberam conquistar o respeito e a estima dos homens confiados ao seu comando. Não conhecí, porem, jamais, nenhum que fosse tão querido quanto o capitão Henry T. Waskow, de Belton, estado do Texas.

O capitão Waskow era comandante de uma companhia na 36ª Divisão do exército americano. Embora muito jovem—pois tinha apenas vinte e poucos anos—dava tal impressão de sinceridade, e era tão ameno no trato, que os soldados sentiam prazer em obedecer-lhe as ordens.

«Depois de meu pai, é a pessoa que mais estimo e respeito,» disse-me um sargento.

«Ele sempre tomou conta de todos nós,» acrescentou um soldado, «e procurou nos proteger o mais possivel em todas as circunstâncias.»

Achava-me eu ao pé de um estreito caminho na noite em que trouxeram, já sem vida, o capitão Waskow. Fazia lua cheia, e via-se nitidamente bom pedaço da íngreme vereda. Desde o cair da tarde, vinham trazendo os mortos, amarrados ao dorso de mulas. Deitados de bruços sobre as rústicas selas de madeira, com a cabeça a cair do lado esquerdo, as pernas rígidas balançavam no ar do lado oposto, acompanhando o andar dos animais.

Não sei qual foi o primeiro a chegar ao ponto em que nos achávamos. Na presença dos mortos, sentimo-nos sempre tão pequenos que qualquer pergunta parece inutil e absurda. Retiraram-no da mula, e, durante um segundo, à meia luz do luar, dir-se-ia um ferido, amparado pelos companheiros. Deitaram-no depois junto a um muro que se erguia à margem da estrada.

Sentamo-nos então, a falar em voz baixa, aguardando os que estavam por vir. Alguns minutos depois um soldado veio informar-nos de que outros acabavam de chegar. Encaminhamo-nos para o local de chegada. Lá se achavam quatro mulas ao pé dos soldados que as tinham conduzido montanha abaixo.

«Aquí está o capitão Waskow,» foi logo dizendo um deles.

Dois homens desapertaram a correia que amarrava o corpo, e puseram-no ao lado do que chegara primeiro, junto ao muro de pedra. O mesmo fizeram depois com os demais. Já cinco mortos alí se achavam, deitados em fila, um ao lado do outro. Não é costume cobrir os cadáveres nas zonas de combate. Ficam assim como estavam, até que os venham buscar.

As mulas foram levadas para uma gruta vizinha que lhes servia de abrigo. Os soldados, entretanto, não se decidiam a partir. Pouco a pouco, vi que se

iam aproximando do corpo do capitão Waskow. Não queriam apenas, ao que me parece, vê-lo uma vez ainda. Tive a impressão de que tentavam expressar-lhe, ainda que vagamente, o que lhes ia na alma.

Um soldado aproximou-se, e, depois de lançar-lhe breve olhar, disse em voz alta: «Ah miseraveis!»

Foi tudo o que pôde dizer.

Um segundo murmurou: «Vão para o diabo!» E, depois de olhá-lo alguns instantes, afastou-se bruscamente.

Seguiu-se-lhes um terceiro. Um oficial, se me não engano. Era dificil distinguí-los, tendo em vista sobretudo que todos traziam os uniformes sujos e rasgados, e a mesma expressão decidida e severa nos rostos sombrios. Olhou-o alguns instantes face a face, e disse-lhe, como quem fala a um vivo:

«Sinto muito, amigo.»

Um soldado ainda inclinou-se a meio sobre o corpo, murmurando com ternura:

«Capitão, nem sei dizer o que sinto.»

O primeiro então voltou, sentou-se ao lado do chefe morto, e tomando-lhe uma das mãos nas suas, alí ficou cinco minutos a contemplar-lhe o rosto, sem dizer uma palavra.

Finalmente, endireitou-lhe a gola da camisa, cobrindo cuidadosamente a ferida com um pedaço rasgado do uniforme. Depois, erguendo-se, afastou-se, sozinho, à luz da lua.

Recrutas & Cia.

¶ COMPLETAMENTE exhausto, depois de uma marcha de 45 quilômetros, um soldado entrou em uma barbearia e, esparramando-se em uma cadeira, pediu ao barbeiro que lhe fizesse a barba. O *fígaro* observou-lhe que, assim como estava, quase deitado na cadeira, não era possivel barbeá-lo. «Muito bem,» respondeu o soldado, sem se mexer, «então corte-me o cabelo.»

—*The Range Finder*, Camp Callan, Califórnia

¶ RECRUTA:—Você me culparia de uma coisa que eu não fiz?
Sargento: Decerto que não.
Recruta:—Pois eu não me levantei, ao toque de alvorada.

—*The Communiqué*, Camp Livingston, Louiziana

¶ PEQUENA:—Beije-me mais uma vez assim, e eu serei sua para toda a vida.
Soldado:—Obrigado pelo aviso.

—*The Bealiner*, Camp Beale, Califórnia

¶ —DIVIRTA-SE na festa, minha filha, e porte-se bem.
—Veja o que quer, minha mãe; uma coisa ou outra.

—*Hi-Life*, Hendricks Field, Florida

Não conseguimos converter Ah Wong

(Condensado de «Mademoiselle»)

Por P. L. Travers

TINHA eu dez anos quando o vi pela primeira vez em nossos canaviais dos trópicos da Austrália.

Acabávamos de perder nossa cozinheira chinesa, o que naquelas regiões distantes constitue sério problema. Aproximava-se o tempo da colheita da cana, e nenhum dos homens empregados na plantação podia, naquele momento, ser chamado a outras tarefas. Foi então que Ah Wong nos entrou pela casa, vindo de não sei onde.

Era magro, velho e enrugado; andava, porem, com passinhos rápidos e leves, como se estivesse a correr. Tinha longa trança preta a cair-lhe nas costas. Verdadeiro chinês dos tempos idos, pareceu-nos um personagem de contos de fada.

«Filiz-Natá,» disse-nos logo, num cumprimento amavel, muito embora o Natal já andasse longe. «Eu, Ah Wong. Eu senta aquí, cozinha.»

A família inteira ficou a olhá-lo estupefacta, como se tudo aquilo não passasse de uma simples miragem. Mas o chinês entrou pela cozinha, amarrou um avental na cintura, e pôs-se logo a preparar ovos mexidos.

Dentro de uma semana, tornara-se o eixo da casa. Dir-se-ia que todos nós girávamos em torno dele. E Ah Wong não se contentava com a cozinha: corria de um lado para o outro, espanando, fazendo as camas, e encerando o chão. Os moveis e objetos foram arrumados em nova disposição, de acordo com o seu gosto, e a ordem que ele pôs naquela casa, onde a desordem havia sempre imperado, foi verdadeiro milagre.

«Senhora deixa chapéu no chão. Eu pensa chapéu ruim—joga fora,» dizia num tom enérgico, botando o chapéu na caixa. Mamãe se esforçava o mais possivel por ter o quarto arrumado, para não contrariá-lo.

Se o bebê se punha a chorar, Ah Wong era sempre o primeiro a chegar ao berço. «Vamos, vamos!» dizia. «Bebêzinho, pequeno mau!» Punha-se a proferir depois toda uma série de ameaças, numa voz tão suave e meiga que a criança não tardava a reatar o sono interrompido.

Era sempre ele quem reconhecia os primeiros sintomas de paludismo na estação das chuvas. Se algum de nós sentia o mais leve tremor percorrer-lhe o corpo, trazia logo o frasco de quinino, pronto a derramar uma colherada pela boca da vítima. Quando alguem se recusava a tomar a amarga beberagem, os olhos do chinês lançavam faiscas:

«Morte vem. Morte ruim. Fica sozinho—escuridão—debaixo da terra. Ah Wong triste. Dói aquí,» e, ao dizê-lo, batia de encontro ao peito sobre o coração, com ar tão trágico que acabávamos por fazer o que ele pedia.

Orgulhava-se muito de nós, e sobretudo das meninas. Chamava-nos a mim e minha irmã—Patrãozinho, Patroazinha—assegurando a mamãe, de vez em quando, que seríamos vendidos no mercado por muito bom preço, quando chegasse a ocasião.

Ah Wong nunca nos disse como tinha vindo parar em nossa casa. Aliás, não nos importava sabê-lo. Apareceu-nos quando precisávamos dele. Devia ter vivido nas regiões aborígenes da Austrália, pois falava inglês com a intonação cantante daquelas tribos. A qualquer pergunta, porem, respondia invariavelmente: «Eu vem da China. Bom, lá. Bom terra.» E ficava nisto.

Tudo o que possuia era um aparelho de chá, um serviço de chícaras verde claro, tão pequenas e frageis que se diriam de brinquedo. Convidou-nos um dia para visitar-lhe a casa, situada no ponto onde moravam os empregados da plantação. Tremendo de impaciência e curiosidade, batemos-lhe à porta à hora que nos indicou. Ah Wong nos recebeu numa saleta muito bem arrumada, onde se espalhava um perfume delicioso que a princípio nos pareceu de folhas de pinheiro.

Abrindo então um pequeno aparador, pôs-se a tirar dalí as delicadas chícaras de chá que foi colocando no chão cuidadosamente. «Chícalas chinês,» explicou orgulhoso. «Agola vamos bebê chá como na China.» Inclinou-se profundamente, e foi entregando uma chícara a cada um de nós.

Havia naquela sala uma paz indescritivel. Talvez tal sensação fosse causada pela nudez em torno, pelos gestos cerimoniosos de Ah Wong, ou pelo aroma que embalsamava o ambiente. Procuramos absorvê-lo respirando a plenos pulmões e saboreando o chá de gole em gole. A um canto da sala, uma cortina de contas atraiu-nos o olhar. Diante dela, num velho frasco de geléia, três grãos de incenso queimavam lentamente. Sentimo-nos tomados de curiosidade irresistivel.

«O que é que tem por trás daquela cortina?» perguntou alguem de repente.

As pálpebras de Ah Wong desceram-lhe sobre os olhos, e o rosto se tornou sem expressão como uma porta fechada. Súbito, acudiu-nos uma idéia. Era um ídolo chinês, o que ele assim ocultava. Percebemos então que Ah Wong não era cristão.

Como a um sinal convencionado, levantamo-nos e saimos, agradecendo-lhe a gentileza. O alvoroço causado entre nós pelo convite de Ah Wong não foi em nada comparavel àquele que sentimos com a brusca revelação contida no seu silêncio, em tal momento. Uma oportunidade nos surgia, como poucas pessoas terão tido.

Decidimos converter Ah Wong.

Favorecia o nosso plano o fato de que muito lhe agradava ouvir-nos ler em voz alta. Sua história preferida, até então, fora um conto que ouvira muitas vezes. Deliciava-se com o trecho em que uma gibóia estrangulava um burro. De semelhantes narrativas à leitura da Bíblia, a diferença era tão grande, que resolvemos lá chegar aos poucos. Averiguamos, porem, e não sem grande surpresa, que o chinês se revelava não menos encantado com a nova literatura, chegando a decorar várias passagens dos Livros Sagrados.

«Ele muito bom, muito forte, Senhor,» comentava, à medida que lhe íamos lendo os textos evangélicos. Aquilo encheu-nos de esperança. Resolvemos acrescentar ao programa alguns hinos sacros. O êxito foi completo.

Dentro em pouco a voz de Ah Wong dominava as nossas, quando ele se punha a cantar desentoadamente:

Quelemos Deus que é o nosso le—i
Quelemos Deus que é o nos—so pai!

Cantava-o na cozinha, preparando o jantar, e durante o dia inteiro.

Finalmente, demos o curso por terminado. Só restava levá-lo à igreja e batizá-lo. Mas aí a coisa mudou de aspecto. Não mostrava o nosso discípulo o mínimo interesse em ser «blatizado».

«Eu bom chinês nome—Ah Wong. Igleja—não qué. Blatizado—não qué.»

Procuramos pintar com cores atrativas as belezas da Igreja. Ouviria o orgão, e cantaríamos juntos os hinos sacros. Falamos-lhe do vigário que havia de ajudá-lo a ir para o céu. Ah Wong, porem, sacudia a cabeça. Não queria, nem ir à Igreja, nem para o céu. Preferia ir para a China, ou ficar na plantação.

Num último esforço, procuramos convencê-lo, dizendo que veria o «patrão grande» que ele tanto admirava—com uma túnica de seda branca e uma faixa vermelha na cintura, passando o saco da coleta. Ah Wong, acrescentamos, poderia contribuir como nós, pondo algumas moedas no saco.

Idéia desastrosa.

O chinês desandou: «Pensa eu tolo? Patlão toma dinheilo? Eu acledita? Patlão bom. Patlão lico. Não toma dinheilo Ah Wong. Ah Wong coitado, poble. Dinheilo não tem!»

Mas lá isso tinha. Todos os meses ajuntava o novo cheque aos que já viera guardando numa gaveta da cozinha. Volta e meia, meu pai o aconselhava a trocar os cheques, recebendo o dinheiro.

«Eu gualda,» repetia.

Todas as nossas esperanças iam por água abaixo. Ao perceber que os novos livros e os hinos tinham por fito encaminhá-lo à Igreja, e não eram, como julgava, um simples divertimento, decidiu pô-los de lado. Desconfiou até da história da gibóia que estrangulava o burro.

Ficamos profundamente desapontados com o fracasso de tantas tentativas. Pareceu-nos entretanto que não era de todo por nossa culpa. Compreendíamos vagamente que a resistência de Ah Wong provinha em grande parte do misterioso símbolo, oculto atrás da cortina de contas, junto ao vaso de incenso. A partir de então ainda passamos a estimá-lo mais, embora com certa tristeza, pela decepção que nos causara.

Um ano depois, mais ou menos, despedimo-nos de Ah Wong. «O patrão» morrera de repente, e íamos para o sul com minha mãe, rumo a uma nova vida, sem plantações nem cozinheiros chineses.

Ah Wong acompanhou-nos à pequena estação de onde partimos, e alí ficou até que o trem saisse. Conservamo-nos silenciosos durante algum tempo. É dificil romper o silêncio quando há tanta coisa a dizer. Ah Wong tirou do bolso uma papoula de pano.

«Patloa esqueceu papoula chapéu,» explicou. «Eu acha papoula, tlaz. Um dia chapéu velmelho volta cabeça patloa.»

Os lábios de minha mãe tremeram levemente, ao despedir-se dele. Quando o apito do trem se fez ouvir, disse-nos num tom brusco: «Adeus. Clianças todas boas—sim? Muito boas.»

«Não se esqueça de trocar os cheques, Ah Wong!» ainda gritamos, a acenar-lhe da janela do trem. Ele sorriu e abanou a cabeça:

«Eu gualda,» repetiu, quando o trem já ia saindo.

Por um feliz acaso, tornei, porem, a revê-lo.

Alguns anos depois, passei a trabalhar na redação de conhecido jornal australiano. Um dia, o diretor enviou-me as seguintes instruções. «O navio *Santa Lúcia*, vindo de Lima, vai tocar em todos os portos da costa oriental da Austrália. Entreviste o terceiro oficial, Alexis Bronowsky, e prepare uma reportagem sobre o cargueiro.»

Encontrei o *Santa Lúcia* no cais, batido pelos ventos, com as velas enegrecidas, enroladas a meio. O terceiro oficial era um sujeito simpático e acolhedor. Levou-me de escada em escada até o porão do navio. Alí parou alguns segundos, antes de abrir uma porta:

—Vai achar isto aquí muito escuro, preveniu-me. —É que os velhos não gostam de muita luz.

—Que velhos? perguntei.

—Os emigrantes. Querem morrer na China. Para isso economizaram todo o dinheiro que conseguiram ganhar.

Ao dizê-lo, foi abrindo a porta. Em meio à escuridão que nos cercava, sentí forte cheiro de habitação mal arejada, de envolta com vago perfume de incenso. Meus olhos foram distinguindo pouco a pouco as camas superpostas que se enfileiravam dos dois lados da porta. Em cada qual delas, passivo e inerte, cochilava um velho chinês. De quando em vez algum entreabia os olhos, e olhava-nos alguns segundos, sem o menor sinal de curiosidade. As longas tranças cinzentas pendiam aquí e alí do travesseiro, enquanto as mãos e os pés enrugados de muitos deles passavam as bordas do leito, em busca de um pouco de ar fresco. A iminência da morte transparecia em tudo aquilo, sem causar, todavia, a menor sensação de horror.

O terceiro oficial tocou-me o braço: «Venha,» murmurou guiando-me de volta para a porta.

Foi então que uma vozinha fraca murmurou: —Patlãozinho Gande!

Aquela frase familiar surgiu do fundo do passado, e, com o cheiro de incenso que se vinha misturar ao daquela pobre gente alí reunida, trouxe-me a viva evocação da saleta em que Ah Wong nos recebera para o chá.

—Onde está você, Ah Wong, perguntei. E foi então que dei com os olhos nele.

Achava-se numa das camas de baixo, e a trança lhe descia por sobre o travesseiro, indo tocar o chão. Parecia naturalmente ainda mais fragil que outrora. Era uma imagem reduzida do Ah Wong que tínhamos conhecido, mas o mesmo de sempre. Sorriu ao ver-me, e tomei entre as minhas as suas mãos amarelas e enrugadas. Ficamos novamente silenciosos, porque havia muito a dizer.

—Você trocou os cheques, Wong? perguntei-lhe por fim.

Ele ergueu-se a meio, e abanou a cabeça, afirmativamente.

—Tomou dinheilo Patlãozinho gande. Eu gualda dinheilo todo tempo. Dinheilo compla passagem navio—e Ah Wong volta China.

Deitando-se novamente, fechou os olhos, fatigado. Aquela fugaz tentativa de contacto com a vida representara para ele excessivo esforço.

—Conta Patlôa Glande Ah Wong esquece nunca. Ah Wong muito feliz plantação.

—Está certo. Eu digo a ela. Adeus Ah Wong!

—Adeus Patlãozinho—boas—crianças—sempre, murmurou ele, voltando a cabeça para o outro lado.

Acompanhei o terceiro oficial, tropeçando na escada, porque levava lágrimas nos olhos e o coração a transbordar de saudades do passado. Mas, já no trem que me trazia de volta, não sei que indizivel serenidade me inundou a alma. Sentí a vida em mim mais intensa e profunda, por ter voltado o pensamento para a morte. E eu sabia que Ah Wong sentira a mesma coisa. Como todos os moços, enganara-me ao julgar que a vida e a morte são dois rios que se afastam um do outro. Compreendí naquele instante que a corrente é uma só, invisivel e eterna. A mesma força que lançava a vida em minhas veias fazia com que Ah Wong voltasse para a China.

Uma lição objetiva de boas maneiras

¶ O DR. LEOPOLD STOKOWSKI, ex-regente da Orquestra Sinfônica de Filadélfia, provocou, certa vez, ao mesmo tempo, a raiva e o sorriso divertido de muitos amantes da boa música, com uma lição de educação aos seus admiradores de Filadélfia, muitos dos quais tinham o péssimo costume de chegar atrasados aos concertos, entrando na sala ruidosmente, tossindo, pigarreando, e incomodando tanto a platéia quanto os músicos.

O último concerto da temporada estava marcado para ter início à hora do costume; entretanto, os portadores de bilhete que se esforçaram por ser pontuais, chegando até mesmo antes da hora, ficaram surpreendidos ao notar que evidentemente não se haviam feito nem sequer os primeiros preparativos para o início do concerto: só se viam uns 2 ou 3 funcionários do teatro nos seus postos, o palco ainda estava de luzes apagadas e sem instrumentos musicais, e só depois de passada a hora estipulada para o concerto é que surgiu um empregado lá dos bastidores, trazendo as primeiras cadeiras para os músicos.

Às 9 horas, dois deles chegaram, sentaram-se no palco e puseram-se a tocar as primeiras notas da primeira peça do programa; a pequenos intervalos iam aparecendo os outros executantes, os quais tambem se instalavam, e começavam a tocar. Cada homem que aparecia no palco vinha acompanhado de toda sorte de ruidos: arrastava os pés, tropeçava, tossia... e só daí a uma meia hora foi que toda a orquestra se achava em seu lugar no palco, pronta para tocar na maneira do costume.

A segunda parte do concerto foi executada normalmente, mas com o último número deu-se a repetição exata do que sucedera com o primeiro: os músicos foram interrompendo a peça, arrumando seus instrumentos, e saindo do palco no meio do maior barulho possivel. Afinal, ficou Stokowski sozinho no palco, à espera da reação de uma platéia enfurecida. Mas, muito embora a indignação fosse geral, não havia um só lugar vago no primeiro concerto da temporada seguinte, e os ouvintes, na platéia, nos balcões e na galeria, não só se mostraram extraordinariamente pontuais à chegada, como tambem muitíssimo hesitantes em ir-se embora, após terminado o concerto...

Robert Barlow, na *Post-Gazette* de Filadélfia

Nova esperança para os mutilados de guerra

Poderão mostrar o rosto de novo

(Condensado do «American Legion Magazine»)

Por Frederick C. Painton

AS MUTILAÇÕES foram sempre o maior terror dos soldados em todas as guerras. Durante os dez meses que passei na linha de frente ouví centenas deles declararem: «Quero voltar inteirinho—senão prefiro não voltar.»

No entanto, dois por cento dos ferimentos de guerra são faciais, e alguns causam deformações tão terriveis que é mister recorrer à cirurgia plástica e aos enxertos cutâneos. Os cirurgiões têm realizado nesse sentido verdadeiros milagres, mas apesar disto há centenas de casos em que a cirurgia plástica se revela impotente. Alguns veteranos da última guerra tiveram o rosto deformado de modo tão horripilante que não ousaram mais aparecer entre os seus semelhantes. Puseram máscaras de linho, saindo às vezes, quando muito, durante a noite.

Aquí na África do Norte, tive agora ocasião de conhecer, na Universidade de Argel, um homem que é uma nova esperança para estes mutilados. É o capitão Carl Dame Clarke do Exército Americano. A sua extraordinária carreira começou há dez anos nos Estados Unidos, na Universidade de Maryland, onde era professor assistente de arte aplicada à medicina. Seu trabalho consistia em reproduzir partes do corpo humano em borracha e materiais outros, afim de facilitar aos estudantes de medicina o estudo da anatomia. Cursara a Escola de Belas Artes de Yale e a Escola de Medicina da Universidade de Johns Hopkins, possuindo portanto em arte e medicina um conjunto de conhecimentos que lhe permitiam comunicar aos seus trabalhos realismo impressionante.

Certa noite, estava Clarke trabalhando no seu estúdio, quando um amigo que perdera um braço alí penetrou, e pôs-se a observá-lo atentamente. O recem-vindo era homem extremamente sensivel, para o qual os olhares de compaixão dos transeuntes representavam verdadeiro martírio. De repente, exclamou: «Ah, se você pudesse me fazer um braço novo!»

Clarke concordou incontinenti em lançar-se à experiência. Começou por tentativas com diferentes tipos de borracha. Dentro de uma semana, entregava ao amigo um braço de borracha a que não faltavam, nem os poros e a cor da pele, nem a flexibilidade dos músculos.

Desde então, tornou-se especialista em prótese, isto é, na arte de substituir membros mutilados, e está agora reproduzindo várias partes do rosto para os feridos de guerra, imitando tão bem a cor e a consistência da carne humana que só se percebe a diferença observando muito de perto.

Caso típico é o de um soldado inglês que teve o nariz arrancado por uma bala. Clarke fez-lhe um nariz de borracha natural, de cerca de três milímetros de espessura, pondo por dentro borracha esponjosa, afim de dar-lhe corpo. Depois de conseguida a cor exata, fixou-o ao rosto do rapaz com um

líquido adesivo composto de alcool, eter e goma de almácega. A mistura assim obtida é tão eficiente, que o nariz, uma vez fixado, não pode ser arrancado de modo algum. A única maneira de removê-lo, será tirando-o às camadas, como quem descasca uma laranja. O paciente vê-se portanto livre do receio de que o membro ou orgão reposto possa deslocar-se acidentalmente. Clarke cobriu a linha de junção com creme e pó de arroz, fazendo ainda com que o rapaz usasse um par de óculos cujos aros ajudavam a encobrí-la. Levou-o então a um grupo de 20 oficiais britânicos, convidando-os a examiná-lo. Nenhum percebeu que o nariz era postiço.

Forneceu Clarke ao soldado três narizes, com uma leve diferença de cor, pois a pele sempre escurece um pouco no verão, sendo mais clara durante o inverno.

«O paciente,» disse-me Clarke, «deu logo mostras de grande alívio moral. Até então a idéia de regressar à sua terra causava-lhe verdadeiro horror. Não podia admitir que a família e amigos o vissem assim desfigurado. Dalí por diante, porem, já não pensava senão no regresso. Tal é o grande valor psicológico da prótese.

«Claro está que não se trata de cura,» acrescentou. «A prótese não pode de modo algum tomar o lugar da carne e do sangue. É um simples substituto capaz de enganar a toda a gente, se o trabalho e os cosméticos empregados forem de fato de primeira ordem.

A aplicação da prótese é realmente valiosa por três motivos. Primeiro, permite ao paciente aparecer em público, enquanto a cirurgia plástica procura corrigir-lhe a mutilação de modo definitivo—fato esse de grande importância, porquanto às vezes os cirurgiões se vêem forçados a submetê-lo a numerosas operações no curso de vários anos. Sem o auxílio da prótese temporária, o indivíduo se veria obrigado a manter-se isolado durante o longo período. Graças a ela, entretanto, pode até trabalhar e viver normalmente.

Em segundo lugar, a prótese é a única solução para certas mutilações ante as quais a cirurgia plástica se revela impotente; assim, nos casos de amputação, ou quando, destruido o osso básico, o cirurgião não tem onde construir os novos tecidos. Aliás, creio que em alguns casos—como, por exemplo, no da perda de orelhas—a prótese é mais indicada que a cirurgia plástica.»

Clarke citou o caso de um negro que, antes da guerra, perdera quase toda a orelha direita. Era um verdadeiro patriota e, depois de Pearl Harbor, tão receoso se achava de que não pudesse ser mobilizado devido àquele defeito, que foi procurá-lo. Em dois dias, Clarke substituiu a orelha mutilada por outra postiça. Levou-o depois à presença de três oficiais do corpo médico militar.

«Há qualquer coisa de anormal neste homem. Qual é o diagnóstico dos senhores?» perguntou aos três medicos. Durante o exame, os oficiais tocaram a orelha, mas a textura da borracha era tão semelhante à da carne, que não perceberam coisa alguma. Outro oficial aproximou-se a tomar parte no exame. «A única anormalidade, ao meu ver,» concluiu, «é que há uma diferença de cor entre uma orelha e outra.» Clarke ficou estupefacto, pois nem ele nem os outros oficias podiam perceber diferença alguma. Finalmente, uma idéia lhe ocorreu: «O senhor sofre de daltonismo?» perguntou-lhe. O outro admitiu que sim.

Ao narrar-me o caso, Clarke acres-

centou, sorrindo: «Não há orelha que engane um daltônico.» Comentou ainda: «A cirurgia plástica leva muito tempo para fazer uma orelha, ao passo que por meio da prótese é possivel terminá-la em poucas horas e dura vários anos.»

Possue ele nos seus arquivos fotografias de rostos terrivelmente deformados que se tornaram, por meio da prótese, perfeitamente apresentaveis. Vi, por exemplo, o retrato de um homem cujo nariz havia sido arrancado, bem como os dentes do maxilar superior, e um dos lábios. Na fotografia seguinte, aparecia o mesmo homem depois da prótese. O trabalho era tão perfeito que nem a própria câmera pudera revelar o ponto de demarcação.

O capitão Clarke é de opinião que a prótese devia ser empregada mais frequentemente para mãos artificiais. «Estamos ainda fornecendo aos nossos feridos desta guerra mãos de madeira cobertas com luvas de couro. Estas,» acrescentou, «causam repulsa, e não podem enganar ninguem. Sou capaz de fazer uma nova mão para um dos nossos veteranos no curso de um dia de trabalho. Um dos assistentes coloca a mão num composto químico que adere a esta como uma luva, mergulhando-a depois em água gelada, o que faz com que o líquido endureça formando verdadeiro molde. Este é recoberto por uma camada de borracha a que não faltarão, nem os poros, nem as impressões digitais. Coloco por dentro uma cera microcristalina, que dá à mão consistência e flexibilidade. O paciente pode mover os dedos como deseje. Como pode tambem servir-se de navalha para fazer a barba, e carregar toda sorte de objetos leves.»

«Veja, por exemplo, esta fotografia. Poderá por acaso distinguir a mão artificial da verdadeira?» Não conseguí distinguí-la de modo algum. Um relógio de pulso cobria a linha de junção, e um esmalte especial colocado sobre as unhas dava naturalidade e vida às extremidades dos dedos. «As mãos costumam durar cerca de dois ou três anos, mas é possivel substituí-las num dia graças ao molde de gesso que é conservado em meus arquivos,» acrescentou ainda, concluindo com toda convicção: «As mãos de madeira deviam ser definitivamente abolidas.»

O chefe do corpo técnico de Clarke é o sargento Maurice Manson, de Nova York, conhecido especialista em maquilhagem. Clarke, porem, afirma que qualquer pessoa com habilidade nos dedos, e que possua o sentido das cores, pode aprender a prática da prótese no curso de um ano. Teve ele já numerosos alunos, e publicou dois livros em que descreve a sua técnica nas menores minúcias.

«Mesmo em tempos de paz,» declara Clarke, «a prótese é extremamente util, porquanto pode prestar grande auxílio às pessoas mutiladas por acidentes, pelo cancer, ou por deformações congênitas. Graças a ela, poderão esses indivíduos levar uma vida util e feliz.»

Com o seu corpo de técnicos e assistentes, o capitão Clarke está trabalhando agora sete dias por semana, da madrugada ao anoitecer, para os soldados americanos, ingleses e franceses.

«A minha única contribuição pessoal para a prótese,» declarou, «é o fato de que fui eu o primeiro a empregar borracha natural para tal fim, imitações mais naturais e duradouras.»

Graças porem, à sua habilidade, milhares dos feridos desta guerra ousarão afrontar a luz do dia.

CAMPEONATO DE MENTIRAS

As seguintes histórias foram escolhidas por Otis C. Hulett, presidente do «Clube dos Mentirosos» de Burlington, Wisconsin, nos Estados Unidos, como sendo as melhores petas apresentadas ao Clube, em sua 14ª competição anual, aberta aos candidatos de todo o país.

¶Ensinei uma mula de sela tão bem que o animal obedecia perfeitamente a todas as minhas ordens. Um dia, montado nessa mula, estava caçando um coelho. Para escapar à perseguição, o coelho precipitou-se por um despenhadeiro de 300 metros de altura, no que foi seguido, sem hesitação, pela mula. Pensei que soara minha hora derradeira, mas, recordando que havia adestrado a mula de modo absolutamente completo, fiquei firme na sela, até quase chegar ao fundo do precipício, e então gritei: «Êiii!» A mula, obediente como sempre, instantaneamente estacou no ar, cerca de um metro acima do solo, e eu calmamente desmontei.

¶Três soldados de uma unidade de nossas tropas, durante as manobras do verão passado, camuflados de «árvores», passaram um dia inteiro em um campo razo, na esperança de apanhar o «inimigo» de surpresa. Tão perfeita foi a camuflagem que um deles foi atacado por um pica-pau, e outro descobriu que alguem tinha gravado em sua bota dois corações entrelaçados, com os nomes «Tom» e «Mary». Quanto ao terceiro soldado, foi posto abaixo por um lenhador e é, atualmente, poste telefônico na Estrada Canadá-Alasca.

¶Os nevoeiros aquí não são comuns, mas muito densos. Recentemente, estava eu ripando o telhado de um velho moinho, quando começou a se formar um desses espessos nevoeiros. Meus companheiros interromperam o serviço, declarando que não podiam siquer ver os pregos, que pregavam, mas eu decidí terminar a parte que me tocava. Quando finalmente terminei o trabalho e fui observar o que tinha feito, verifiquei haver pregado mais de 50 ripas no nevoeiro, fora do telhado!

¶No outono passado, caçando nas margens de um rio, vi um pato selvagem que nadava num remanso. Apontei e puxei o gatilho da espingarda, porem o pato, mais que depressa, mergulhou, e eu perdí o tiro. Atirei de novo, acontecendo o mesmo. Então, encostando a espingarda a uma árvore, sentei-me num tronco, enchí o cachimbo e tratei de estudar a situação.

Ao soltar a minha primeira baforada de fumaça, o pato mergulhou de novo. Pensando que a fumaça provinha da espingarda, como da outra vez, mergulhou para fugir à bala. Então, tive uma idéia: continuei a fumar sem parar, até o desgraçado se afogar!

¶Num dia de inverno do ano passado, de mais de 10 graus abaixo de zero, trabalhava como lenhador, e, ao chegar à orla da mata, estava tão enregelado que comecei a cortar as árvores com toda a velocidade, para me aquecer um pouco. Mas o meu machado ficou tão quente que perdia o fio. Então, tomando de outro machado, fiz um buraco no

gelo de um riacho próximo, e aí deixava um machado a esfriar, enquanto trabalhava com o outro. Ao meio dia, entretanto, tive que interromper o serviço, porque a essa hora a água do riacho estava tão quente que não esfriava os machados. Alem disso, já se estava tornando perigoso ficar na floresta— porque até as árvores tambem já estavam pegando fogo.

¶O solo deste Estado é o mais fertil do mundo. Vejam, por exemplo, o que acontece em nosso sítio. O terreno é tão fecundo que se a gente joga um grão de milho às galinhas, elas tem que apanhá-lo no ar, senão, o que colhem é uma espiga!

¶Certa manhã, numa viagem de navio, no Atlântico, todos a bordo estávamos alinhados sobre o convés, ao longo da amurada, observando um submarino que se tinha aproximado e lançara um torpedo contra o navio. Em nossa ansiedade, agarramos fortemente a amurada. Ao aproximar-se o torpedo, velozmente, nosso terror foi tão grande que ficamos com as mãos rigidamente paralisadas, agarradas à amurada. Quando o torpedo estava prestes a atingir o navio, instintivamente recuamos, como para escapar à inevitavel explosão. Esse movimento nos salvou: porque, assim fazendo, levantamos o navio, acima do nivel do mar!

¶Meu avô possuia o mais velho relógio de parede do país. É mesmo: o relógio era tão velho, que a sombra do pêndulo tinha feito um buraco na madeira interna da caixa.

Retirada em ordem

¶A RETIRADA em massa de mais de 16.000 soldados doentes e feridos, por avião, da área da Tunísia para os hospitais das bases aliadas, foi efetuada em perfeita ordem, com uma única exceção.

Um oficial do Corpo Médico estava dirigindo a transferência de feridos e doentes, das ambulâncias para os aviões, quando observou um soldado negro, envolto em um cobertor, de pé junto a uma maca vazia.

«Quem lhe deu ordem para se levantar?» inquiriu o oficial, rudemente. «Deite-se nesta maca, e depressa!»

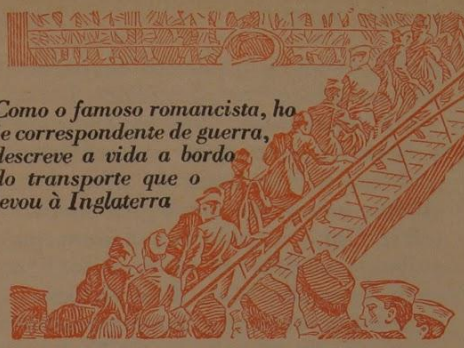
O soldado tentou protestar, mas o oficial o interrompeu.

«Deite-se, ou será julgado por uma corte-marcial!»

O soldado obedeceu, sendo, a seguir, metido num avião, que o transportou para um hospital situado a quase 1000 quilômetros de distância. Lá chegando, perguntaram-lhe o que tinha.

«Não tenho nada, não,» explicou o soldado. «Minha companhia estava estacionada junto do campo de aviação, e estavam despiolhando a nossa roupa. Então, enquanto esperava pelo meu uniforme, saí para ver o que havia por alí.»

—Tte. Cel. Karl A. Detzer, NEA



Como o famoso romancista, hoje correspondente de guerra, descreve a vida a bordo do transporte que o levou à Inglaterra

Navio de tropas

(Condensado do «New York Herald Tribune»)

Por John Steinbeck

Autor de «Vinhas da Ira», «Noite sem Lua», etc.

ENCOSTADO AO CAIS, o navio-transporte tem a imponência e a altura de um arranha-céu. Para enxergar o primeiro convés, é preciso torcer o pescoço, levando a cabeça para trás. É um barco anônimo, e assim permanecerá até o fim da guerra. Seu destino só de bem poucos é sabido, e o itinerário ainda o é menos; deve ser quase intoleravel o sentimento de responsabilidade que pesa sobre os que comandam este navio, pois, se acaso perderem sua inestimavel carga, jamais poderão dormir em paz.

Os soldados, aos milhares, estão sentados no cais, sobre a reduzida bagagem. Pouco se fala; ninguem canta. E à medida que o crepúsculo vai descendo e a escuridão domina a cena, é impossivel distinguir esses homens uns dos outros. Para chegar até o ponto de embarque, alguns viajaram o dia inteiro, outros, até, muitos dias. Trazem os capacetes abaixados sobre os olhos e as orelhas, e isso lhes dá o aspecto de cogumelos num canteiro.

Abrem-se quatro portalós, e os homens, cansados, levantam-se lentamente e se dirigem em ordem unida para bordo, arrastando os pés na prancha de entrada.

No momento de embarcar, os soldados passam por uma inspeção tripla, afim de que não vá alguem por engano. Cada qual já sabe o lugar que lhe é destinado. Uma metade dormirá nos tombadilhos e a outra nas cabinas. Na noite seguinte, trocam-se os lugares, e assim por diante, até o dia da chegada. Durante a travessia não tirarão as roupas. Isto não é viagem de turismo.

Nos tombadilhos, à luz azulada do blacaute, os homens deitam-se e pegam logo no sono. Muitos dormem sem tirar sequer os capacetes, e nem mesmo largam os fuzís.

Era meia-noite quando embarcou o último homem. A bordo, os altofalantes gritam ordens. As pranchas são retiradas, e lá do fundo do navio vem subindo leve ruido, como que de respiração. Já se romperam os laços entre aquela gente e a sua terra natal, muito embora o cais já esteja a menos de cem passos de distância.

Soltam-se as amarras. O imenso navio move-se de popa para o rio, e as suas duas extremidades quase tocam as margens. Mas os minúsculos rebocadores estão esperando, e, aos puxões e com movimentos rápidos, vão levando o barco na direção certa, acompanhando-o, como filhotes de gigantesco animal, até a entrada da barra. A cidade, em parcial obscurecimento, vai-se afastando, e só é vista pelos homens da Po-

lícia Militar, que fazem a ronda dos tombadilhos, entre os soldados adormecidos.

Os rebocadores terminaram sua tarefa, e o navio, deslizando ao lado da cidade, dirige-se para a treva do alto mar. Nos tombadilhos, como nos corredores e beliches, milhares de soldados já caíram em sono profundo. Alguns oficiais, e os homens da Polícia Militar, velam esse sono enorme, sono multiplicado, sono de milhares. Dos homens emana o odor caraterístico de um exército: o cheiro de lã e o cheiro amargo do cansaço, o cheiro de couro, e do óleo dos fuzís. Espichados no chão e nos leitos, os soldados descansam, e sua respiração tem um ritmo perfeitamente audivel.

Os que dormem estão perdendo um espetáculo tremendo, como aliás se perdem, quase sempre, as últimas coisas. Sua pátria, a pátria que, como soldados, vão defender, está sumindo aos poucos dentro da noite nevoenta, e eles a dormir. Aqueles recantos, que lhes encherão os pensamentos durante tantos meses, já não estão ao seu alcance, e eles não os viram desaparecer. Seria o momento de maior emoção, o momento insubstituivel: mas eles estavam cansados demais. Dormem como as crianças que fizeram força para ficar acordadas e ver Papai Noel, mas o sono as enganou.

A madrugada vem pesada, e começa a cair uma chuvinha fina. O navio nada mais é que um vulto cinzento e vago, deslizando dentro dum nevoeiro cinzento, dissolvendo-se nele. Estamos com os laços rompidos, agora. Podemos ouvir, mas não nos é dado falar: durante a viagem ninguem terá notícias nossas, a menos que nos ataquem. No mar enevoado que nos espera, rondam submarinos; e, dentre os homens que temos a bordo, a maioria nunca viu sequer o mar, e, mesmo sem submarinos, o mar é impressionante e amedrontador.

No tombadilho, dois rapazes, que nasceram e se criaram na montanha, acordam cedo e ficam de olhos bem abertos, admirados com aquele mar incrivel. Um deles observa: «Dizem que a água é salgada até no fundo.» E o outro responde: «Ora, deixe de besteira, menino. Você sabe que é impossivel ter tanto sal assim neste mundo. Basta raciocinar um pouco.»

Há um problema dificílimo: dar de comer àquela gente toda, em espaço tão exíguo. São duas refeições por dia, com intervalo de 10 horas. Às 7 começam a se formar as filas para o café, as quais se prolongam até às 10. Para o jantar, estabelece-se a fila às 5 e termina às 10. No primeiro dia, esse sistema ainda não deu bom resultado: houve certo atropelamento e alguma irritação. Às 10 da manhã, um soldado triste, da divisão de Guerra Química, queixa-se a um Polícia Militar: «Vê se dá um jeito d'eu dar o fora desta fila. Já tomei café três vezes, não 'tou mais com fome. Toda vez que eu saio duma fila, me empurram pra outra.»

O pessoal começa a se mostrar irrequieto, mas não há espaço para se movimentar. Não se pode fazer exercício de espécie alguma: há pés demais por toda parte. Quem quiser mexer-se tem que pisar nos outros. Num navio às escuras, à noite, a gente precisa engatinhar e apalpar muitos quilômetros de pés, para chegar aonde quer ir. Ao recordar uma viagem num transporte desses, o que mais nos vem à mente são, sem dúviva, pés.

O vento vai esfriando, e os soldados procuram proteger-se, improvisando abrigos feitos com metades de barracas de lona. Alguns constroem «cabanas» entre a amurada e os montantes, enquanto outros, juntando barracas, fabricaram verdadeiras cavernas à prova de vento, entre os barcos salva-vidas.

O navio está fortemente armado. Canhões são vistos de qualquer posição. Assim os homens não se esquecem da presença constante do perigo, ataque e talvez destruição; esse fato nunca está muito longe de nossos pensamentos, por mais indiferentes que possamos parecer. O submarino pode estar em qualquer lugar, e é sempre iminente a grande explosão que mandará o navio para o fundo do oceano.

Metade do nosso espírito escuta e espera a cada instante, e os pequenos ruidos noturnos são ampliados pela imaginação. Debaixo de tão forte tensão, o cérebro humano reage de maneira curiosa: fabrica suas apreensões, dá-lhes um aspecto de realidade, e passa a repetí-las como se de fato foram reais. Um navio-transporte é naturalmente um ninho de boatos, que se espalham de proa a popa com incrivel velocidade. E os boatos são sempre os mesmos. Aquí vão alguns deles, para que possam mais tarde ser reconhecidos e indentificados como tais, parte, que são, do folclore dum navio-transporte:

1. Hoje de manhã fomos avistados por um submarino, que avisou os outros, e agora há um cardume deles pronto a nos atacar.

2. Esta manhã um submarino veio à tona pertinho de nós. Todos os nossos canhões foram assestados. Mas depois verificou-se ser aliado.

3. Houve «barulho grosso» entre os oficiais, não sei bem o que foi. (É claro que esse boato só é espalhado entre os soldados rasos...) Ninguem sabe o que aconteceu, mas alguns oficiais foram presos e vão ser julgados em corte marcial. (Imaginação estimulada pelo desejo, provavelmente.)

4. A proa do navio está avariada, e foi remendada às pressas. Não há perigo, a não ser que a gente encontre mau tempo por aí, porque com mar grosso o navio não aguenta.

5. Ontem à noite o rádio alemão anunciou que nosso navio foi ao fundo. As nossas famílias e amigos, que sabem mais ou menos quando foi que partimos, devem estar morrendo de aflição, e nós aquí sem poder mandar notícias tranquilizadoras, porque é proibido enviar mensagens de bordo.

6. Há uma epidemia qualquer a bordo. Os oficiais estão jogando cadáveres ao mar, na escuridão da noite.

À medida que os dias se vão sucedendo, cresce entre os homens a inquietação e a impaciência, e nem os jogos de cartas ou de dados conseguem prender-lhes a atenção; alem disso, os lucros do jogo se concentraram todos nas mãos de uns poucos mais ambiciosos... Mas afinal, certa manhã, vemos as primeiras gaivotas, e sabemos que nos aproximamos de terra. O soldados se accumulam junto à amurada, e gritam «Terra!» ao verem a menor mancha no horizonte, em geral nuvens baixas. Muitos começam a conversar num estranho dialeto, certos de que assim é o sotaque inglês, e é engraçadíssimo ouví-los. O navio balança fortemente, e não navega mais em linha reta, porque estamos em águas perigosas.

Do horizonte enevoado surgem *Spitfires*, que passam a descrever círculos sobre o navio, como se fossem abelhas enfurecidas: voam tão baixo que ouvimos o feroz silvo de suas asas. À tarde avistamos terra, finalmente, através do nevoeiro; e à medida que nos aproximamos, vamos distinguindo casas nítidas e limpas, e o primeiro panorama de um país em ordem. Os soldados contemplam a cena cheios da maior admiração. Para muitos é o primeiro pedaço de solo estrangeiro que vêem na vida, e cada qual enxerga alí alguma semelhança com o torrão natal, ou com algum local

conhecido: a uns, lembra-lhes a Califórnia em dia de chuva—para outros é a Nova Inglaterra.

O nosso transporte entra num porto cheio de navios, onde ancoramos. Fora uma travessia perfeita: nenhuma perturbação, nada de doença, nenhum encontro com o inimigo.

Nesse momento, sucede coisa espantosa: surge no cais uma banda de músicos escoceses, com suas roupas e instrumentos tradicionais, executando brilhante marcha militar. Os sons vibrantes rasgam o ar. É a música mais militar, mais máscula do mundo. Quando os executantes se aproximam, os soldados rompem em aclamações entusiásticas. O metal daquela música tão clara entra-lhes no coração, e eles se sentem, não sei como, honrados.

Do convés, já se vêem casas sem teto, casas queimadas, e as numerosas pilhas de ruinas e destroços, cicatrizes da tremenda guerra aérea.

E os soldados, carregando suas barracas, mochilas e fuzís, descem vagarosamente a íngreme escada, e desembarcam num pais novo.

Um fantasma no Museu Britânico

¶ Certa vez, quando o dr. Hawkins era reitor da paróquia de Woodchester, na Inglaterra, os coveiros da paróquia, ao abrir novas covas, desenterraram alguns pedaços de pedra que eram, indubitavelmente, restos de algum mosaico romano; sabedor desse fato, o dr. Hawkins não teve dúvida de que uma busca mais cuidadosa revelaria estar enterrado naquela região um bom trecho de calçada, ainda do tempo dos romanos. Com grande desejo de exumar aquela preciosidade, viu-se, entretanto, diante de um problema: os habitantes da paróquia iriam certamente opôr-se a que alguem mexesse nos ossos dos seus parentes, enterrados naquele cemitério...

Achou, entretanto, uma solução simples, se bem que um tanto ousada. Trouxe de longe alguns operários, a quem prometeu boa paga, exigindo deles sigilo absoluto, e, dando-lhes de comer e de beber, escondeu-os, durante o dia, no sotão de sua própria casa. À noite, fê-los descer do esconderijo e os levou até o cemitério, mostrando-lhes o lugar onde deviam começar a cavar. Enquanto os homens punham mãos à obra, o reitor, para afugentar quaisquer intrusos, vestiu-se com um grande lençol branco, e fingiu de fantasma, em pé no muro do cemitério... Pois foi assim que se exumou o belíssimo mosaico de Orfeu e as Feras, um bom pedaço do qual se encontra atualmente no Museu Britânico.

Laurence Housman, *The Unexpected Years*

¶ No Museu Histórico de Missurí, na cidade de São Luiz, Estados Unidos, acha-se uma coleção dedicada ao culto de Mark Twain, o famoso escritor norte-americano. Entre os vários documentos pertencentes a essa coletânea, encontra-se um envelope endereçado à esposa do escritor (cujo verdadeiro nome era Samuel L. Clemens), onde se vê a seguinte anotação: «Aberto por engano para ver o que estava dentro.—S.L.C.»

American Legion Monthly

¶ *«Deus senta-se a um canto . . . e espera»*

A religião russa volta das catacumbas

(Condensado da «Time»)

O governo soviético, ao restaurar oficialmente a Igreja Ortodoxa Russa, lançou uma ponte sobre o abismo que nestes últimos 25 anos se vinha alargando cada vez mais entre os crentes e os ateus de toda a Rússia. Deve-se em grande parte tal medida ao Metropolitano Sergei, de Moscou, novamente confirmado Patriarca da Igreja.

Sendo ele embora um dos teólogos mais doutos do país, não tem em nada o aspecto de homem capaz de exercer qualquer influência histórica. É velho—76 anos—barbado, rechonchudo, baixo como Stáline, quase completamente surdo, e vítima de violenta contração nervosa que lhe contorce incessantemente a parte esquerda do rosto. Seus olhos castanhos e afaveis se fixam, por vezes, num olhar agudo e penetrante, por trás dos óculos de vidro grosso.

O veneravel patriarca não é mero fantoche que as mãos habeis do governo tenham feito surgir de repente aos olhos da Rússia. Filho de um padre, Sergei (Ivan Nikolaevich Stragorodsky) nasceu perto de Nizhni Nobgorog, em 1867. Foi missionário no Japão, indo lá ter via Estados Unidos. Foi reitor de uma das quatro academias teológicas da Rússia, Bispo da Finlândia, e prelado de grande destaque na corte do último czar.

Sergei vem das catacumbas, por assim dizer. Durante 25 anos, foi enterrado vivo pela revolução bolchevista, cumprindo três sentenças em prisões políticas. A Igreja sofreu sob o bolchevismo o que este sofrera sob o czar: foi reduzida a uma existência subterrânea.

Sua longa ascenção das catacumbas à restauração legal foi obra, em grande parte, de Sergei—da sua fé cristã, singela e simples, da sua compreensão da grande força básica da Igreja (as massas religiosas) e da insistência com que sempre afirmou que a paz com os bolchevistas era de todo ponto indispensavel.

A princípio, o ódio revolucionário dirigiu-se contra a Igreja, por se ter esta unido durante tanto tempo ao governo dos czares, tornando-se solidária com todos os seus pecados políticos e sociais. Os bolchevistas fecharam os templos, liquidaram 673 dos monastérios e conventos, confiscaram vasos sacros, vestes sacerdotais, imagens santas, propriedades religiosas, e um tesouro no valor de um bilhão e meio de dólares; prenderam milhares de bispos, padres, monges e fiéis.

Tais perseguições, porem, não conseguiram destruir a fé, profundamente enraizada, dos milhões de crentes russos, místicos por natureza. Aqueles que hospedassem padres, ou frequentassem serviços religiosos, arriscavam-se a perder seus cartões de racionamento e seus empregos, ou a desaparecer, de repente, nas prisões e no exílio.

Nem podiam reunir-se para os exercícios do culto, a não ser quando uns 20 fiéis ousavam registar-se num departamento local do governo, obtendo permissão para orar em comum. Todavia, reuniam-se com frequência, burlando constante e perigosamente a lei.

O Governo Soviético decidiu então reforçar sua luta política contra a Igreja com uma campanha educacional. Formou-se a Liga dos Ateus Militantes, constituida por mais de 5.500.000 membros, a qual não só publicava revistas de propaganda, mas organizava paradas anti-religiosas, com estandartes metendo a ridículo certos dogmas da Igreja, como o da Imaculada Conceição. Muitos russos, porem, se revoltaram contra tais exibições, e como estas, por outro lado, causassem mau efeito no estrangeiro, terminaram por ser suspensas. Os debates públicos entre os Ateus Militantes e os padres foram tambem cancelados, visto que estes defendiam com grande eficiência a causa religiosa. A principal campanha dos Ateus consistia em educar à maneira pagã a nova geração. Seus gritos de guerra eram: «uma célula ateista em cada escola,» ou «não se aceitam professores religiosos.» Conseguiram alistar assim cerca de dois milhões de crianças, mas o número das que não foram atingidas pelo movimento era muito maior.

Finalmente, em 1937, o Governo Soviético resolveu organizar uma estatística, afim de averiguar quais os resultados da campanha. Submeteu ao público uma pergunta relativa à fé religiosa. Ao que parece, as estatísticas revelaram que, um terço da população de cada cidade russa e dois terços dos camponeses eram ainda cristãos. Stáline, o realista número I da Rússia, reconheceu, como Lênine, que «os fatos são teimosos», e, em 1943, pareceu-lhe tambem que a restauração da Igreja Ortodoxa Russa equivalia, por assim dizer, à ocupação religiosa dos paises balcânicos, unindo os povos eslavos europeus do Danúbio e dos Balcãs num só continente religioso eslavo cuja metrópole seria Moscou.

O êxito não mudou em coisa alguma o patriarca Sergei, no seu íntimo. Vive ele agora na antiga embaixada alemã, no centro de Moscou. Seu gabinete de trabalho, no andar térreo, é um misto da antiga e da moderna Rússia. As paredes se acham cobertas por antigos Ícones e os mais recentes mapas da guerra.

Sofrendo embora do coração, permanece fiel aos hábitos ascéticos dos monges russos. Levanta-se às sete horas da manhã, e reza até as nove—só, no seu quarto do segundo andar, ou numa pequena capela. Às nove, toma o pequeno almoço, chá apenas, e lê os jornais. Mergulha então no estudo da Bíblia em hebraico. Das dez às duas, recebe quem quer que seja que o procure. Depois de breve passeio pelo jardim, senta-se à mesa do jantar, constituido por um prato de cogumelos ou peixe. Durante os bombardeios, recusou-se a descer ao abrigo anti-aéreo, ficando a ler na sala: «Na minha idade, declarou, um resfriado é muito mais sério que uma bomba.»

Não se podem prever as futuras ações do governo Soviético, mas tudo indica que a recente restauração da Igreja se tornará permanente. Foi permitida ultimamente a abertura de um seminário, e a Bíblia está sendo impressa, pela primeira vez, desde a revolução. Quanto à Liga dos Ateistas Militantes, foi dispersa.

O Patriarca Sergei tinha que vencer fatalmente. Os governos mudam e se sucedem, mas a religião é uma força eterna entre os homens, independente de regimes políticos.

Enquanto houver uma imagem sagrada no quarto de um só russo, o Patriarca Sergei vencerá. A mensagem de Natal, que ele próprio redigiu no dialeto dos camponeses, poderia ser compreendida muito alem das fronteiras do país, nas próprias trevas das nações totalitárias: «Deus senta-se a um canto—e espera.»

Silêncio de ouro

¶ Esta é a história de uma menina norueguesa, tal como me foi contada pelo pai, tenente Eric Peterson, da Aviação da Noruega:

«Guerda tinha somente 8 anos, quando os alemães invadiram a Noruega. Sua mãe foi morta por eles. Eu, logo depois, partí, para editar um jornal clandestino, em outra cidade. O trabalho era por demais perigoso, para que pudesse ter Guerda comigo, de modo que a deixei com meu amigo Knut. Dois anos mais tarde, fui apanhado pela Gestapo e condenado à morte. Quando Knut contou a Guerda o que havia ocorrido, ela simplesmente mordeu o lábio e perguntou se me podia ver. Obtida a permissão, veio à prisão onde me encontrava.

No momento em que o guarda abria a porta da minha cela, para me conduzir à sala dos visitantes, fui chamado pelo chefe da Guarda. Deu-me então ordem para que fosse à sala dos visitantes, deixando-me sozinho. Quase no fim do corredor, vi dois visitantes. que iam saindo e, com a maior naturalidade possivel, seguí com eles. Os guardas me supuseram tambem outro visitante, pois ainda me achava em trajes civís.

Chegamos à ante-sala, onde Guerda estava, sentada em um alto banco, hirta, bem em frente. Por um momento, perdí todas as esperanças de fuga. Ela era muito criança e estava demasiado aflita por me ver, para poder compreender que *não devia reconhecer-me*.

Inclinou-se então para a frente, ansiosa, começando a sorrir. Fitei-lhe os olhos com firmeza, franzindo as sobrancelhas ligeiramente. Ela abriu os olhos, espantada, e eu estava certo de que ia falar. Mas, não. Levou a mão à boca, como que para impedir que as palavras saissem, e eu seguí caminhando.

Guerda permaneceu na sala de visitantes durante mais três horas. Os guardas descobriram a minha fuga uma hora depois, mas não lhe disseram nada. Durante todo o tempo, ela ia aos guardas de vez em quando, pedindo para me ver. E finalmente, quando lhe disseram que os visitantes tinham que se retirar, continuou a representar o seu papel, chorando amargamente.

Ao voltar para casa, Guerda disse unicamente a Knut que os guardas não lhe haviam deixado visitar-me. Foi interrogada três vezes pela Gestapo, mas sem nenhum resultado.

Knut suspeitou que algo se havia passado, sabendo logo depois que eu havia fugido. Já era tempo para que ele tambem saisse da Noruega, e conseguiu escapar para a Inglaterra, levando Guerda consigo. Somente quando ambos estavam completamente a salvo, foi que ela lhe relatou o ocorrido. «Foi mais facil,» explicou ela, «fingir que não sabia de nada».

—Helen Adams Frame, no *This Week*

Eles bombardearam Berlim na América

(Condensado da «Air Facts») *Por Albert Q. Maisel*

HÁ DEZOITO MESES, uma equipagem de aviadores do exército americano, que nem sequer tinha completado o seu treino, entrou para a fuselagem ligada dum avião de bombardeio, elevou-se a 9.000 metros e tomou o rumo de Berlim.

Logo ao romper da manhã, estavam sobre a capital da Alemanha. O bombardeador calculou os desvios, a velocidade e a direção do vento, regulou o aparelho de pontaria para a deriva, temperatura e altitude, e carregou no botão. As bombas voaram para o seu minúsculo objetivo, enquanto a tripulação vigiava, ansiosa, os relâmpagos das explosões que lhes anunciavam os resultados; em seguida, buscaram maior altitude. E a equipagem inexperiente—que depois deste treino já não era tão novata—trouxe o avião são e salvo à base.

A verdade, porem, é que este grupo nunca saiu de Binghamton, no estado de Nova York; que a fuselagem do seu avião não tinha asas nem motores, e não passava mesmo duma construção em forma de silo. O céu era um teto em abóbada, e a paisagem da Alemanha uma projeção luminosa no chão.

Trata-se do primeiro Aparelho Treinador de Navegação Aérea de Link. Hoje existem centenas deles, nos quais milhares de tripulações da aviação recebem prática de missões de bombardeio, que parecem reais até o mínimo detalhe.

O aparelho é um conjunto de máquinas em que se adestra toda uma tripulação ao mesmo tempo, e é a mais recente duma série de meios e dispositivos de treinamento que se devem a Edwin A. Link Júnior. Algumas das suas características tinham primeiro sido imaginadas pelos ingleses, há cerca de quatro anos. A Royal Air Force necessitava de um aparelho treinador de coordenação entre as tripulações, mas a sua construção parecia esbarrar com dificuldades insoluveis. Confiou então o caso a Link, dizendo-lhe com franqueza que ninguem realmente esperava pudesse dalí sair grande coisa, mas que experimentasse, se quisesse.

Tanto que regressou aos Estados Unidos começou Link imediatamente a trabalhar com seus engenheiros. Construiram perto de Binghamton uma estrutura com a forma dum barril, da altura de uns doze metros. Dentro, montaram sobre uma torre a fuselagem dum avião de bombardeio. Em cima construiram uma imagem da abóbada celeste; e em baixo instalaram projetores e telas. Por toda a construção havia um labirinto de coisas elétricas, como variacs, teletorques, solenóides, e engrenagens, válvulas e motores. Em baixo era a sala de controle do instrutor, onde este podia reproduzir quaisquer condições de vôo, favoraveis ou adversas, para os alunos.

A equipagem de praticantes mais adiantados — piloto, navegador, radiotelefonista e bombardeador — entra na fuselagem por uma escada em forma de caracol. O instrutor dá volta a um comutador, e a sala fica às escuras. Os homens que se encontram na fuselagem ouvem, com fones nos ouvidos, o instrutor explicando a missão: devem chegar à cidade B exatamente ao romper

do dia, bombardear a fábrica X e regressar à base.

O piloto toca em vários botões, cabos e manivelas, destinados a fazer um avião elevar-se do terreno. Logo que o altímetro marca 3.000 metros, começam a aparecer as estrelas, a príncipio um pouco baças, e depois mais brilhantes, à medida que as nuvens vão desaparecendo. O navegador orienta o rumo pelas estrelas.

O instrutor regula o movimento das estrelas conforme o tempo vai passando, e o avião muda de altitude e de latitude, precisamente como acontece no céu. Podem dispor-se de centenas de milhares de quilômetros quadrados de projeções de terreno nosso e do inimigo, a altitudes variando entre 1.000 e 10.000 metros. O resultado é que muitas vezes, quando os aviões de bombardeio voam numa missão verdadeira, o terreno é-lhes tão familiar como aquele em volta do campo em que foram treinados.

Os desenhistas do aparelho previram todos os fatores possiveis de vôo. As luzes que representam as estrelas aparecem um pouco foscas nos primeiros 20 minutos, depois de haver-se começado o vôo, para compensar a crescente adaptação da equipagem à escuridão. O oficial de controle pode eliminar todas as estrelas, exceto as maiores, para imitar nuvens ou cerração. A máquina fará a fuselagem mergulhar e virar automaticamente, e o piloto terá que manobrar os diversos controles, como faria num avião.

O instrutor de controle poderá fazer surgir um vento de través para tornar mais dificil o bombardeio, ou um vento de proa ou de popa para alterar a velocidade do aeroplano, bem como simular uma acumulação de gelo. Os efeitos parecem tão reais que algumas vezes, quando o piloto escorrega de asa, se eleva ou mergulha, estômagos menos treinados sentirão a agitação própria de um vôo real.

Ao aproximar-se a luz do dia, o instrutor põe a funcionar o projetor do terreno, e a tela aparece iluminada. A princípio só se vêem nuvens, como acontece ao nascer do sol. Então, por meio de aberturas nas nuvens, a tripulação começa a avistar terra. O navegador confere os seus cálculos com o movimento do terreno, logo que reconhece um ponto de referência—uma estrada ou uma via férrea—faz rumo direto ao seu objetivo, passando a guiar-se pelo mapa. O bombardeador vê o seu alvo como este lhe apareceria se se achasse voando sobre território inimigo. Transmite ordens ao piloto, este endireita o avião para o bombardeio, e o bombardeador carrega no botão. Em 50 a 70 segundos vê um raio de luz brilhar no terreno lá em baixo. E, cumprida a missão, a equipagem regressa à base.

Agora voam por cálculo, até se encontrarem cercados de nuvens. Ao atingirem o seu próprio território, o navegador pede ao radiofonista a direção. O instrutor de controle, fazendo funcionar um aparelho, emite sinais de direção pelo rádio. Pode-se ainda fingir estações de rádio em cinco pontos diferentes. Servindo-se de um ou mais, a equipagem pode traçar a sua rota, como faria se tivesse sido apanhada em meio a denso nevoeiro ou blacaute. Finalmente o piloto faz a sua aterrissagem no campo de aviação.

Devem ter empregado nisto de duas a quatro horas, e a fatigada tripulação desce à sala de controle, onde lhe é mostrada uma carta em papel quadriculado em que aparece marcado cada movimento executado pelo seu aeroplano.

Quando às vezes uma equipagem de novatos olha para a carta, exclama: «A máquina deve estar errada; nós não podíamos ter feito todos estes giros tão extravagantes.» O instrutor revê a carta com eles, e cada um compara os seus cálculos com os que a máquina registou. Geralmente, passada a primeira surpresa, os homens acabam por estimar o aparelho, e confiar nele, porque lhes indica cada um dos seus erros.

Cada aparelho destes custa 50.000 dólares. Mas o custo das centenas deles atualmente em uso é incalculavelmente menor do que o preço—em vidas e em dinheiro—se o treino ainda se fizesse, como de começo, em verdadeiros aviões e em vôos autênticos. Com o método atual reduz-se a 35 por cento o tempo de vôo necessário para treinar um principiante, e devido a isto já existem tripulações de bombardeadores para todos os aviões que vão saindo das fábricas num jacto contínuo, o que não seria possivel não fora este notavel aparelho de treino.

Alta roubalheira...

(Fatos verídicos, colhidos da imprensa americana)

¶ Perto de Stuebenville, no estado de Ohio, os ladrões furtaram dois quilômetros de trilhos de estrada de ferro: arrancaram-nos do leito da via férrea, cortaram-nos em pequenos pedaços, e os venderam como ferro velho.

Do *Sun* de Baltimore

¶ O sr. Fitzgerald construiu um prédio de 158 apartamentos em Chicago. Antes do edifício ficar pronto, entraram gatunos e levaram 158 banheiras. . . .

Do *Herald Tribune*, de Nova York

¶ Em Miami, uma companhia fabricante de máquinas queixou-se à polícia de que lhe haviam furtado um compressor de asfalto, que pesava 10 toneladas.

Do *Sun*, de Baltimore

¶ Numa pequena cidade do interior do estado de Nova York, o sr. James Hallinan apresentou à polícia uma queixa por lhe terem furtado um monumento de granito, de 800 quilos.

Do *Sun*, de Baltimore

¶ De uma igreja na cidade de Concord, no Massachusetts, um sujeito furtou chapas finas de ouro no valor de dez mil cruzeiros. Havia-se apresentado à congregação religiosa, oferecendo-se para consertar a torre da igreja, e, uma vez lá em cima, trocou o folheado de ouro verdadeiro por uma pintura barata que imitava o precioso metal.

Do *Times* de Nova York

¶ Em París, certa noite, os ladrões furtaram uma casa inteira: levaram a mobília, as portas, as janelas e os tijolos, deixando apenas os alicerces. . . .

Do *Sun*, de Baltimore

(Condensado do «New York World-Telegram»)

Por Westbrook Pegler

Tenho lido ultimamente alguns anúncios de perfumes nos jornais e nas revistas «granfinas» para senhoras, e gostaria que alguem os interpretasse para mim, porque, se têm a significação que neles vejo, espero sinceramente que me tenha enganado. Parece-me, francamente, que esses anunciantes estão tentando provocar agitações e ameaçar a reputação de algumas das nossas senhoras; e fiquem sabendo, senhores, que nós americanos não «topamos» coisas desse gênero.

Por exemplo, vejamos: «Um perfume que tem feitiço e doce perigo, e se torna como que mais sedutor e tempestuoso à medida que a noite vai passando. A verde profundidade deste perfume contem a mágica de substâncias raras, importadas e cuidadosamente tratadas em nossos laboratórios, até atingirem essa fragrância sutil e aderente, cheia de dramática elegância...»

A impressão que se tem é a de que há por aí uma porção de mulheres soltas, à espera de um perfume desses com o qual possam seduzir os rapazes a ponto de os tornarem positivamente irresponsaveis.

Vejamos outro: «FUGA. Abre-se de repente, imperiosamente, uma fechadura... Vemos um panorama de céu imenso e livre, um perfume novo que desafia todas as prisões. Este perfume é para aquela que espera a hora mágica de prazer sem inibições».

Bem, não há dúvida que está escrito com certo encanto, mas que história é essa de «hora mágica de prazer»? Será que a pobre moça se banha com essa loção de barbearia, e depois se sente bêbeda, estonteada?

E, meu Deus, os nomes que eles dão a esses perfumes! «Perigo», «Ameaça», «Rendição», «Indiscreção»... «Posse», «L'Ardente Nuit», «Meu Pecado», «Mergulho», «Cobra», «Risqué», «Tabú»; «Chichi, o perfume que murmura:—Sou tua»; «Fragrância de Feitiço», o perfume «que acelera o pulso e ergue o coração». Há outro «que exprime o doce mistério do amor, e absorve a essência do romance»; segue-se uma série de aromas «para a beleza dela», aromas que «a fazem mais bela e mais tentadora», refletindo as mudanças sutís do seu coração...

Deus me livre de estar a falar do amor com desprezo, pois o amor é um sentimento muito gostoso. Mas quando um perfumista oferece algo para inflamar o coração duma moça, afim de que ela, por sua vez, passe a incendiar corações masculinos, é um perigo. Pode até acontecer (atenção, senhores perfumistas!) que o tal aroma venha a causar verdadeira conflagração nos «night clubs», e assistiríamos então ao espetáculo dos garçons, bem como fregueses ilustres, inteiramente descontrolados, saltando sobre as mesas atrás da tal senhora per-

fumada, até que alguem tenha a presença de espírito de abrir uma janela para deixar entrar ar fresco.

O mundo já está muito complicado, e não há necessidade alguma de se oferecerem, às senhoras e senhoritas inocentes e desprevenidas, misturas perfumadas com as quais elas fiquem à espera da hora mágica de prazer sem inibições. Luta livre nos «night clubs», moças fugindo de casa, a polícia aflita à cata de amantes ciumentos brandindo punhais? Vocês querem saber o que seria melhor, na minha opinião? Já que está tão dificil conseguir boa comida, nestes dias de racionamento, creio que seria excelente idéia se se conseguisse uma essência de carne assada ou a fragrância irresistivel de ovos com presunto...

Deixo aquí esta sugestão para os perfumistas: dêem aos seus químicos instruções para a manufatura imediata de um aroma desse gênero, sadio, forte, e realmente util.

Notas históricas

¶ Em setembro de 1777, Patrick Ferguson, comandante do Corpo de Carabineiros de Sua Majestade Britânica, e o melhor atirador do seu exército, acha-se oculto com um grupo de soldados junto de um bosque, nas vizinhanças de Brandywine Creek, na Pensilvânia.

Subitamente, a uma distância de uns 100 metros, apareceram dois oficiais inimigos, montados. Um deles tinha o uniforme de hussardo; o outro, que montava um grande cavalo baio, usava um uniforme azul e um chapéu de bicos, notavelmente largo. Estavam facilmente ao alcance de tiro, e Ferguson, já com o dedo no gatilho, fez sinal aos seus soldados para que atirassem. Imediatamente, porem, deu ordem contrária, sentindo que não podia atacar pelas costas dois homens indefesos.

Os oficiais inimigos continuaram o seu caminho, de modo que, pouco depois, o que tinha o grande chapéu de bicos se aproximou ainda mais. Ferguson chamou-o. O cavalheiro voltou-se e olhou para Ferguson, mas calmamente prosseguiu em sua marcha. Mas uma vez o comandante inglês pôs o dedo no gatilho, mas se deteve. Não podia atirar contra o inimigo, assim, a sangue-frio. Um momento mais tarde, os oficiais inimigos desapareciam.

No dia seguinte, Ferguson estava conversando com um grupo de oficiais, quando um médico militar, que acabava de atender a alguns feridos inimigos, se aproximou. «Acabamos de saber pelos prisioneiros,» disse ele, «que o seu comandante estava nestes arredores, ontem, somente acompanhado por um oficial francês com uniforme de hussardo. O general anda sempre num cavalo baio, e usa um grande chapéu de bicos.»

Ferguson encarou o informante, compreendendo imediatamente. O homem, cuja vida ele havia poupado, era George Washington.

—Adaptado de Adam Ferguson, *Biographical Sketch of Col. Patrick Ferguson*

Grã Bretanha invadida pelos ianques

(Condensado da «Fortune»)

Por Charles J. V. Murphy

(de Londres—por via telegráfica)

Winston Churchill comparou as relações anglo-americanas a um largo Mississipi de propósitos comuns e não menos comuns destinos, cujas águas deslizam irresistivelmente rumo a «terras mais amplas e melhores dias». Há todavia forças obscuras que podem perturbar o curso de tão poderosa corrente. Avulta entre estas—num e noutro país—a tentação de imiscuir-se um nos negócios do outro. A tal respeito, o mesmo Churchill observou não há muito—em tom de leve ironia—que se os norte-americanos não se tivessem declarado independentes da Grã Bretanha, o povo britânico, por esta altura, já se estaria proclamando independente dos Estados Unidos.

Desde que os Estados Unidos se tornaram o mais rico parceiro e uma das maiores potências armadas do mundo, perderam certos privilégios do passado, como seja o direito, por exemplo, de puxar o rabo ao Leão Britânico —divertimento, aliás, que as primeiras gerações de americanos julgavam necessário às relações internacionais. Sabia-se de antemão que aquilo nem chegava a importuná-lo. Já agora, porem, como grande potência armada, os Estados Unidos têm que pagar o tributo de proceder de maneira a que os levem a sério.

Os americanos, que reprovavam aos ingleses o fato de que estes não pareciam dar maior atenção às suas opiniões, protestam agora por se terem eles tornado «excessivamente sensiveis». Tornaram-se, de fato—e por motivos óbvios. Num recente Livro Branco, afim de desmentir a impressão tão generalizada na América do Norte de que nenhuma compensação vinham tendo os americanos pelos serviços do Arrendamento e Empréstimo, os ingleses enumeraram as suas contribuições físicas e materiais sob o chamado Auxílio Mútuo. Isso alem da parte que vêm tendo nos combates, e do sangue derramado pelos seus soldados—no que, embora o não proclamem em altas vozes, qualquer comparação só poderá efetivamente enaltecê-los. Há tambem que pesar na balança outro fator que lhes tem custado incalculaveis esforços—a paciência com que vêm lidando com os métodos dos americanos.

Estes se habituaram desde há muito a considerar os ingleses presumidos, carrancudos, incuravelmente insulares, e decidadamente indiferentes aos interesses alheios. Não hoje, porem, que isso lhes valha de muito. A Inglaterra, com um excesso de população, e profundamente abalada pela guerra, está sendo literalmente invadida pelos americanos. No inverno passado, eram milhares; já agora a «invasão», como os próprios ingleses o qualificam, vai subindo a centenas de milhares.

O simples incômodo material de fornecer acomodação aos «invasores» torna-se, depois de algum tempo, extremamente irritante. Os britânicos entregaram portos inteiros à Marinha Americana. Esvaziaram aldeias, afim de dar lugar aos soldados dos Estados Unidos. Até campos e terras, lavradas com carinho através de gerações, foram abertos às patrulhas de tanques ameri-

canos, que precisam de espaço para exercícios e manobras. «Estou começando a compreender o que não terá sofrido o índio americano,» comentava um inglês recentemente.

Os trens, cinemas, tavernas, taxis e hotéis—especialmente em Londres—andam a transbordar de americanos. Nas salas de jantar do Claridge e do Savoy, as insígnias dos oficiais americanos podem ser vistas tão frequentemente,—e os ingleses são tão raros—quanto no Carlton, de Washington, fato este que lamentam, humoristicamente, em canções populares.

Há, por falar nisto, um problema extremamente delicado, e de grande importância para a amizade anglo-americana: a quantidade de dinheiro de bolso que o mais rico dos parceiros exibe a seu dispor. Segundo informam numerosos viajantes em toda parte do mundo, tem causado surpresa a maneira por que os americansos gastam a rodo. Mas, na Inglaterra, com suas pesadas taxas e seu severo racionamento, a prodigalidade americana cria um problema social que afeta o orgulho britânico. O soldo básico de um soldado britânico é de 15 dólares por mês, ao passo que o soldado raso americano ganha 60 dólares (incluida a quota de alem mar). Uma vez paga a sua contribuição para o Tesouro Britânico, é para ele um privilégio poder oferecer de quando em vez a um grupo de amigos um copo de cerveja, o que pouco ou nada representa para um soldado americano, amigo de bebidas. É levado portanto a sentir-se em situação inferior nas suas próprias tavernas. O mesmo se repete relativamente a um chefe de esquadrilha da Real Força Aérea, que ganha cerca de 175 dólares por mês, quando um major americano recebe 400. Para o primeiro, um jantar de duas pessoas num bom hotel representa uma despesa consideravel. Que dizer dos jantares que custam 5 dólares e 50, e a que se acrescenta ainda uma garrafa de 8 dólares de algum duvidoso vinho francês? É facil imaginar o que uma diferença tão marcante representa, especialmente no que diz respeito às «pequenas».

Um jornalista, do *Daily Mail* de Londres, fez recentemente um apelo aos americanos, pedindo-lhes que não pagassem aos choferes de taxi dez xelins por uma corrida de dois xelins, que não dessem aos barbeiros dez xelins por um corte de cabelo que custa dois, nem pagassem, num bar, cinco xelins por uma bebida do valor de meia coroa, ou meia coroa ao engraxate que lhes cobra apenas seis centavos. «Você está fazendo, camarada, com que me seja dificil até cortar o cabelo. E que nos bares nunca sejamos servidos primeiro.»

O redator-chefe de conhecido jornal de Londres comentava que na sua vizinhança era quase impossivel conservar uma cozinheira ou uma criada. Os oficiais americanos, que moram em grupo, costumam oferecer-lhes o dobro do salário. O mesmo se está dando relativamente aos aluguéis.

Os canadenses que recebem um soldo médio, entre o americano e o britânico, conseguiram limitar o poder aquisitivo dos seus soldados na Grã Bretanha, retendo parte do pagamento que lhes será entregue ao regressarem. Os americanos, porem, não sofreram restrição alguma, embora as autoridades afirmem que, deduzida a pensão de família, os bonus de guerra, etc., cada qual deles está gastando, em média, apenas 30 por cento do soldo.

Em alguns casos, talvez. Mas há o grande número daqueles que tornarão

os americanos conhecidos na Inglaterra como terriveis esbanjadores. Cada hotel tem um caso a contar sobre jovens aviadores que chegam, de licença, com 200 ou 250 libras, e queimam tudo em duas ou três noites. Há, claro está, circunstâncias atenuantes. São excessos praticados por homens cujo trabalho é duro, e que se sentem, como bons americanos, com o direito de aproveitar o mais possivel as horas de descanso. Chegam de postos isolados sem conforto algum. Londres, para eles, é a París da Segunda Guerra Mundial. Os londrinos, que estão a par disso, procuram conformar-se, mas, no fundo, desejariam muito que os americanos fossem menos exuberantes.

Ao discutirmos a questão da diferença de soldos, declarou-me alto oficial americano que seria criminoso prejudicar os soldados americanos, com o simples fito de impedir que os ingleses se sintam melindrados. Segundo me fez ver, tal medida só poderia provocar novos problemas, tornando ainda maior a diferença de salários entre o exército e o operariado dos Estados Unidos. Não há duvida, mas, por outro lado, a situação atual não atrai para os americanos grandes simpatias no estrangeiro.

Há outros hábitos e atitudes americanas que confundem, e por vezes irritam os ingleses. Estes se sentem, por exemplo, ofendidos com o desprezo dos primeiros pela cerveja, pelos bondes e ônibus, que lhes parecem brinquedos de criança, e pelas torneiras que, ora não funcionam, ora o fazem com uma violência que os deixa estupefactos. Os ingleses não compreendem tão pouco por que motivo os soldados americanos gostam de andar por Picadilly, de mãos no bolso, assoviando quando alguma pequena passa por eles. Têm o mais profundo respeito pelos pilotos americanos, cujos aparelhos desfilam sobre a cidade em soberbas formações, mas a opinião geral é que os soldados não se apresentam bem, e são um tanto «indisciplinados».

Há na Grã Bretanha milhões de condutores de taxis, fazendeiros e membros da Guarda Metropolitana que se mostram surpresos e um pouco decepcionados com o fato de que um soldado americano ostenta uma pequena fita no peito, por ter simplesmente pisado em solo britânico, ou por se achar nas forças armadas antes de Pearl Harbor. Eles, que, só agora, começaram a condecorar os seus próprios veteranos das grandes campanhas da África, e da Batalha da Inglaterra, não podem deixar de sentir-se estupefactos quando um jovem combatente americano, que traz sobre o uniforme toda uma fila de fitas, lhes declara que ainda não viu o inimigo de perto, nem recebeu ainda seu batismo de fogo. Corre agora uma história em Londres sobre dois americanos que foram assistir a uma exibição da película «Vitória no Deserto». Um desmaiou, e foi carregado para fora da sala, o outro, ao deixar o teatro, foi visto colocando no uniforme do primeiro uma fita de campanha.

Constantes esforços estão sendo empregados para fazer com que ingleses e americanos se compreendam melhor. Há clubes onde lhes é possivel reunir-se para comer e dansar, onde organizam jogos em que trocam perguntas sobre os mais variados assuntos, e reuniões particulares em que pequenos grupos de agentes comerciais e mecânicos americanos trocam idéias e opiniões com seus colegas britânicos. As universidades de Oxford e Cambridge organizaram cursos abreviados para os americanos em

licença. Os dois exércitos, por outro lado, estão permutando pequenos grupos de soldados para treinamento militar, na esperança naturalmente de que venham dessa maneira a entender-se mais depressa.

Tais medidas estão dando em muitos casos ótimos resultados. Mas as relações anglo-americanas não dependem só disso, nem dos frequentes encontros em que o ministro Churchill e o presidente Roosevelt decidem problemas de alta estratégia. É preciso não esquecer que o americano tem meias de seda e baton para atrair as simpatias das moças britânicas, e os seus bolsos andam cheios de laranjas e bombons, numa ilha sitiada onde ainda os mais ricos não possuem semelhantes tesouros.

A questão não é portanto, segundo costumam afirmar, que os ingleses e os americanos são diferentes. O que devemos considerar é que as peculiaridades do povo britânico, a sua insistência obstinada em manter os costumes tradicionais da nação, a sua maneira afetada e o seu orgulho irritante, não chegam a explicar nem em parte os motivos que fazem com que as relações anglo-americanas sejam o que são.

Pontos de vista

¶ Com a popularização da fotografia, muita coisa perdeu por completo o seu encanto. Quando pensamos numa cena histórica, como por exemplo a travessia de George Washington pelo rio Delaware, lembramo-nos sempre, involuntariamente, do quadro em que o pintor Lutz imortalizou o episódio. Se essa mesma cena tivesse sido gravada por uma câmara fotográfica, nossa impressão do acontecimento seria provavelmente muito diversa. E hoje em dia há sempre uma objetiva a focalizar as ocorrências mais ou menos importantes—haja vista o concurso anual da «Leica», no qual vemos por exemplo o ex-presidente Hoover fotografado ao tirar uma soneca bem pouco fotogênica, ou a imagem de Franklin Roosevelt comendo um «cachorro quente». Quando tais documentos passarem à posteridade, nada haverá neles do heróico e do grandioso que nos revelam, hoje, as cenas de um passado anterior à indiscreta máquina fotográfica.

The Nation

¶ O homem se sente infinitamente superior às criaturas que, na escala zoológica, ficam apenas um passo abaixo dele; no entanto, não há ser humano que não olhe os pássaros com olhos cheios de admiração. Eles nos encantam a todos. À nossa semelhança, têm a faculdade de exprimir, pela voz, o que sentem; namoram e fazem seu ninho, defendem-se dos elementos, e estão constantemente em luta com duas poderosas forças opostas: o amor ao lar e o apaixonado desejo de conhecer lugares distantes. Somente com os pássaros compartilhamos tantas emoções.

Donald Culross Peattie, *Singing in the Wilderness*, (Putnam, ed.)

Cubra a segunda milha

(Condensado de um famoso sermão)

Por Harry Emerson Fosdick

Uma das coisas mais importantes que todo homem tem a considerar, é como há de fazer face às obrigações do mundo—qual será sua atitude, qual seu estado de espírito, ao enfrentar as injunções indeclinaveis da vida.

Jesús disse que só há um caminho direito, e este consiste em fazer sempre mais do que se é obrigado a fazer. Declarou-o, dramaticamente: «Todo aquele que for compelido a andar uma milha, ande duas.»

O auditório, que o escutou, deve ter-se sentido perplexo, pois o quadro que se lhe apresentava, em termos tão concretos, nada tinha de agradavel, parecendo antes odioso. Um soldado romano, sob as leis militares vigentes, podia obrigar um judeu a conduzir-lhe a carga até uma milha de distância—serviço deprimente. Ouvir, portanto, daquele novo rabino, que o judeu, forçado a fazê-lo, deveria dispor-se de bom grado a marchar, com a carga às costas, não uma, senão duas milhas, eis o que certamente colidiu com o modo de ver ou de sentir judaico, como colidiria por igual com o de qualquer outro povo. Tratava-se, dir-se-ia, de uma rendição, injustificavel, gratuita, dos direitos legítimos do homem. Vamos, porem, examinar mais de perto. As palavras de Jesús, ou constituem franco disparate, ou se elevam à plenitude do próprio senso divino.

Nós, tambem, quando labutamos na estrada que nos coube, topamos, de milha em milha, com um mensageiro—ora é o corpo, ora os negócios, ora a vida social—que nos compele a cumprir as nossas obrigações.

A primeira obrigação elementar, de ordem material, é a de ganhar o pão. Há duas maneiras de dar-lhe cumprimento. Pode o homem aceitá-la de má vontade, limitando-se a fazer o estritamente preciso, percorrendo, a lastimar-se, não mais que uma escassa milha. São milhares os que assim procedem, de olho no relógio. Mas pode tambem ter o homem outra linha de conduta, que consistirá em bendizer a necessidade do trabalho, reconhecer o que há de nobre e honroso em toda tarefa honesta, e nesse estado de espírito entrar na segunda milha, convertendo o dever em distinção, com a qual se sinta dignificado. O trabalho, assim recebido, perde a carranca da imposição compulsória, e começa a sorrir. O homem que assim trabalha, vê no trabalho o seu maior alimento, lamenta que as horas do dia se reduzam a 24, sonha com um céu onde mais se trabalhe e melhor, sem jamais sentir fadiga. Para tal homem, perdeu de todo o trabalho a expressão de cativeiro.

O caminho mais seguro para tirar à necessidade ou ao dever o carater de escravidão, é habituar-se de boa mente a fazer, sempre que seja possivel, mais do que é reclamado. A primeira milha, por si só, não é mais que faina ingrata.

A glória vem sempre com a segunda.

De qualquer modo, em maior ou menor grau, vivemos todos sob coação. Dessa ou daquela maneira, as circunstâncias externas, ou as oriundas de nós mesmos, da pobreza e restrição dos nossos recursos, restringem-nos, muitas vezes, o campo de atividades, só nos permitindo tê-las, minguadas e obscuras.

Preza-se a história em registar os nomes de homens de boa têmpera, que venceram as maldades do destino com o que poderemos chamar o seu espírito de segunda milha—homens como aquele velho grego que, escolhido, por gracejo, para ser o varredor de ruas da sua localidade, preencheu de tal modo o ofício, que este passou a ser, em toda a Grécia, não um encargo depreciativo, mas, em vez disso, uma honra; homens como o cego Huber, que se tornou o grande cientista, ou Fawcett, tambem cego, que veio a ser diretor geral dos correios da Inglaterra; homens como Cervantes, que utilizou os dias vazios do cárcere, começando a escrever o *Dom Quixote*, ou Bunyan, que deu celebridade, com o *Pilgrim's Progress*, à Cadeia de Bedford.

Há, porem, do mesmo espírito, muitas expressões mais humildes, tal o caso, por exemplo, da mulher que, caindo ainda moça em invalidez, escrevia sobre o assunto a uma de suas amigas: «A princípio, o que me ocorria, era levar esta situação do melhor modo possivel; mas agora o que tenho em vista é fazer, apesar dela, o máximo que possa.» Essa gente de boa vontade faz-nos companhia atravessando, por entre vicissitudes, a primeira milha compulsória; em seguida, porem, convertem as vicissitudes em flores, com a segunda milha da consagração.

Em nossa vida doméstica, há certas obrigações imprescritiveis, e algumas donas de casa fazem tão só e unicamente aquilo que não possam deixar de fazer. Funcionam no estado de ânimo em que o contribuinte paga impostos. Nada de excesso ou de transbordamento de afetividade espontânea; nada de carinhos ou de extremos, porventura voluntários. Os membros da família guardam a letra da lei, e esperam que daí resulte um lar.

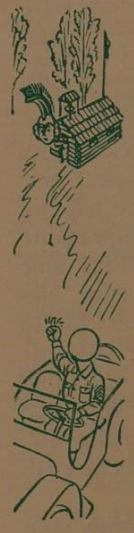
Entretanto, são as afabilidades desnecessárias, os presentes inesperados, os cuidados não pedidos, as surpresas da afeição, alem e acima do que se torne obrigado por força de circunstâncias—é toda essa superabundância que faz realmente um lar. Nem outra é a origem da diferença que existe entre progênie e filhos; entre uma mãe e uma simples dona de casa; entre um chefe de família, considerado apenas pelo aspecto de homem que ganha o pão, e propriamente um pai. E, sem dúvida, a coroa, no sentido do que há de mais belo, nas relações humanas, é o lar «de duas milhas», onde sempre «a taça transborda».

Assim, o grande princípio de Jesús divide a conduta humana em duas partes, a compulsória e a voluntária, isto é, o que fazemos porque somos obrigados a fazê-lo, e o que praticamos, a mais, de motu-próprio, espontaneamente; a primeira milha e a segunda. O que a doutrina proclama é que, só quando o voluntário sobrepuja e satura o necessário, a vida pode cessar de ser escravidão, atingindo o seu pleno sentido de dignidade e valor.

A lista dos grandes heróis espirituais do mundo não inclue, aliás, um só homem que tivesse ficado na primeira; todos eles, de um modo ou de outro, percorreram com todo o ardor a segunda milha.

Novo método didático, adotado no exército, causa surpresa nos centros educativos americanos

Ver para aprender



(Condensado de «Better Homes & Gardens»)

Por Walter Adams

FERNANDEZ era um tímido e franzino rapaz, de origem mexicana, vindo de uma das grandes fazendas de criação de carneiros da zona sudoeste dos Estados Unidos. Quando o exército americano o recrutou, mandando-o para o necessário treino militar em Fort Riley, ele se sentiu muito contristado, pois não podia escrever à sua gente, e se recebesse carta de casa, não a saberia ler.

Imediatamente Fernandez, que era um dos quatro milhões de analfabetos que ainda existem nos Estados Unidos, ao chegar a Fort Riley foi enviado com outros companheiros iletrados para o curso de treinamento especial do exército.

Seis semanas mais tarde, já estava ele assinando o nome nas folhas de pagamento, e isto o pôs tão contente que puxava os companheiros pelo braço e os levava para que vissem a sua assinatura no papel, exclamando maravilhado: «Vejam! Vejam! eu já sei assinar o meu nome!» Ao cabo de treze semanas de treino regulamentar—do qual a instrução primária era parte integrante—Fernandez, já agora alfabetizado, podia ler jornais e escrever cartas à sua gente.

Esse revolucionário método de ensino já está adotado pelas Forças Armadas norte-americanas e tudo leva a crer que, ao terminar a guerra, venha a ser usado nas escolas primárias.

Normalmente, dois ou até mesmo quatro anos são necessários ao aprendizado de francês ou de espanhol; hoje, entretanto, o exército ensina o essencial de uma língua em um período de tempo que varia de 8 a 12 horas. Essa aprendizagem começa muitas vezes quando os recrutas embarcam com as tropas de invasão e prossegue durante a viagem, de maneira que, ao desembarcarem, os soldados estão aptos a manter ligeiras conversações com a gente do lugar e conseguirem assim informações de utilidade militar.

O japonês era considerado uma das línguas mais dificeis e calculava-se que eram necessários de três a quatro anos para aprendê-la; agora, porem, a Escola Naval de Boulder, no estado de Colorado, estabeleceu o prazo de três meses para que uma pessoa possa conversar em japonês.

Suponhamos que as escolas públicas sigam este novo método ora adotado pelas Forças Armadas: um fonógrafo e

discos são os artigos escolares essenciais. Os alunos aprenderão ouvindo—como fazem as crianças—e depois esforçando-se por falar como os naturais do país cujo idioma se estuda, e não como falaria uma professorinha espevitada, esganiçando-se toda para imitar o sotaque do nativo. Com o auxílio de um manual de leitura, o estudante pode comparar a lição escrita com a que o instrutor vai enunciando e assim se familiariza com as duas formas do idioma.

Após 15 ou 20 minutos de estudo, com o auxílio de discos, o professor faz algumas perguntas aos estudantes a respeito do assunto tratado, sendo que tais perguntas, a começar da primeira lição, são feitas na língua que se estuda. No decurso de 8 a 15 horas de ensino o aluno aprende as palavras mais correntes e muitas frases idiomáticas, sem as traduzir mentalmente—mas pensando já de início na própria língua que está estudando.

Esta técnica da aprendizagem de línguas é um dos vários sistemas e modos seguidos pelo exército americano para ministrar conhecimentos, da maneira mais rápida, em todos os ramos. Os estudantes, como num «jardim da infância», usam quadros-negros, caricaturas humorísticas, desenhos animados e cinema; em suma, tudo que se coadune com essa nova modalidade de ensino e que desperte interesse nos alunos, dos quais, aliás, é exigido bastante esforço.

A aplicação destes novos métodos pedagógicos tem causado grande entusiasmo aos educadores, muitos dos quais, militares e civís, têm ajudado na elaboração desses princípios.

Sidney James French, coordenador da Escola de Preparatórios de Aviadores Navais dos Estados Unidos, diz: «Esta nova forma de ensino veio demonstrar que o método educativo das universidades americanas, de antes da guerra, não passava de uma maneira de morosamente desperdiçar quatro valiosos anos da vida de um jovem estudante.» Tambem, o dr. Samuel N. Stevens, presidente do Grinnell College, uma das universidades cedidas ao exército que adotaram o dito sistema, assim se expressou: «Os novos métodos, agora descobertos e postos em prática, permitem ensinar a estudantes de talento, em apenas um mês, o mais importante em matemática, história e física, que em tempo muito mais dilatado, eles adquiririam em cursos ginasiais. Muito breve, em um semestre de estudos de preparatórios universitários, um aluno inteligente poderá apresentar o mesmo grau de instrução, que, normalmente, lhe teria requerido quatro anos de estudos em escolas secundárias.»

De todos os veículos de ensino, o cinema é o mais eficiente. Os psicólogos afirmam que devemos aos olhos 90% do que aprendemos, e apenas 5% aos ouvidos. Os marinheiros agora aprendem muito mais, sobre o controle de fogo, assunto muito complexo, em 15 minutos de projeção cinematográfica, do que antes em preleções de duas horas a fio. Um coronel do exército afirma que no seu regimento o uso do filme didático reduziu de 40% o prazo de treino militar, comparado com o que era em 1917. No exército americano já se tacha o sistema de aulas por preleções como a mais ronceira forma de ensino.

Suponhamos que nos seja dado visitar uma escola do futuro, onde o uso do filme didático já se tenha tornado obrigatório. O professor induziu um dos alunos a afirmar que, «se Churchill tivesse ido a Munique, não teria havido a

necessidade de uma guerra,» e basta isso para que os alunos comecem a lançar especulações a respeito das «provaveis» causas do conflito. É evidente o valor do filme que trate de tal assunto, para base do estudo e discussão. Realmente, apreciar um filme sem interesse definido—é quase inutil. Os filmes têm a duração de uns dez minutos de projeção, metragem essa que de fato não produz cansaço.

Com efeito, ao se iniciar a projeção do filme, logo se desdobram aos olhos dos estudantes todos os pormenores do assunto em discussão, e eles vêem a resposta às questões numa longa história que não começou em Munique, mas em 1931, na Manchúria, ou talvez em época mais remota. Por meio de um contínuo perpassar de personalidades, e fatos,—tais como desemprego coletivo, levas de famintos, greves, queima de livros, arengas oratórias, revoluções, exércitos em marcha, intrigas diplomáticas, assassinatos,—observa-se como os espíritos vão sendo cruelmente iludidos a ponto de fazerem o jogo do seu próprio inimigo. Depois, com o auxílio de mapas animados, acompanha-se o curso de um plano engendrado para a conquista do mundo. E isso, note-se, não é um ardil de propaganda enganadora, ou uma mistificação histórica ao modelo Hollywood. E' um trecho de história real, como os que foram registados pelos mais exatos historiadores. E' uma grande tragédia, palpitante de vida, que pelo filme se adapta ao ensino dos fatos históricos.

Logo que termina a projeção, o professor deve dar aos estudantes um questionário de uns 50 itens, para os induzir a pensar e despertar-lhe o interesse para estudos mais completos.

Daquí a 15 anos, os livros históricos tratarão impessoalmente das perdas de guerra, mencionando, por exemplo, que «as baixas americanas em Kwajalein foram bem poucas». Entretanto, se os alunos *virem com os olhos* os feridos ao desembarcarem dos navios-hospitais, uns andando, outros sendo carregados em padiolas, tragicamente calmos, esses não serão fatos «impessoais», e nem os estudos sociais que a eles se refiram...

Com os filmes didáticos as escolas se dotam de educadores de magna importância, autoridades pedagógicas que o orçamento escolar jamais comportaria. Por esse meio, podem-se ensinar noções de biologia a alunos do curso primário, matéria que ordinariamente só é ministrada a estudantes muito mais adiantados, aqueles que já dispõem de vocabulário bastante amplo para entender o assunto. O fundo dos oceanos será trazido ante os nossos olhos, para que estudemos as esponjas e moluscos. Por meio de filmes especiais apreciamos e podemos estudar esse admiravel fenômeno do crescimento das plantas, e com o auxílio dos desenhos animados podemos por assim dizer «visitar» o interior de um motor Diesel em movimento ou acompanhar as funções do corpo humano e a luta feroz levada a efeito pelos glóbulos brancos do sangue para vencer os micróbios invasores.

Os filmes educativos do exército americano são tão reais que, passando um deles numa aula onde eu estava, dois dos rapazes presentes, ao verem as cenas de socorro aos feridos, cairam no chão desmaiados.

Ao modernizar assim o seu sistema de ensino, as forças armadas não só reduziram o tempo especificado como abandonaram a antiga prática educativa, aliás de resultados duvidosos, de se atirarem estudantes a granel dentro da engrena-

gem das escolas, sem levar em conta suas tendências e aptidões.

Mediante uma série de mais de duzentos testes de aptidão, selecionaram-se, entre 11 milhões, os rapazes das melhores classificações, os quais foram enviados a universidades, com o curso pago; outros foram mandados a instituições técnicas e ainda outros seguiram para escolas de treino preparatório de oficial. E aqueles como Fernandez, o jovem analfabeto de que acima tratamos, seguiram para o curso de treino especial do exército.

Provavelmente será aventada a objeção de que a finalidade do exército é *treinar homens*, e não educá-los, visto como às escolas cabe a missão de ensinar os rapazes a pensar, disciplinando-lhes a mente. É certo. Mas quando o método de exposição de uma matéria a torna de mais difícil compreensão, não resulta disso nenhum valor de disciplina mental. O aluno só aprende mesmo a pensar por si, quando bem compreende o assunto e suas relações com outras coisas da vida real.

O resultado desse treino será sem dúvida muito importante. Possivelmente, fará que médicos, psicólogos e fisiologistas possam fazer o diagnóstico da capacidade e das aptidões das crianças, e assim as futuras escolas não teimarão em fazer engenheiros de pessoas fadadas às artes. Ao contrário, elas irão estimular o interesse daqueles mais ávidos de aprender, e simplificando e tornando mais rápido o estudo, acabarão por anular o velho sistema de ensino, que tanto tempo desperdiça detendo o estudante diante de coisas que lhe não interessam.

Uma coisa é certa: o sistema antigo de ensino não preenche suas funções, não é eficaz. É preciso melhorá-lo, desta ou de outra maneira.

Oficiais do mesmo ofício

¶ Um padre, um cientista e um advogado se achavam numa jangada, ao sabor dos ventos, em águas tropicais, já com terra à vista. Mas o vento amainou, quando estavam a pouca distância de uma praia. O advogado, dos três náufragos o único a saber nadar, ofereceu-se para alcançar a terra a nado, levando consigo uma corda para puxar a jangada. O padre ajoelhou-se, rezando para que o advogado chegasse a salvo em terra. Qual não foi o horror de seus companheiros, ao verem que logo apareceu um tubarão, quase à tona da água, dirigindo-se para o advogado! Mas ao horror sucedeu a surpresa, pois o tubarão simplesmente passou por baixo do nadador e reapareceu adiante dele, sem molestá-lo. Logo depois, surgiu outro tubarão, ainda maior, o qual tambem se dirigiu para o advogado, mas não lhe fez dano algum.

Quando este chegou à praia, disse o padre ao cientista: «Está vendo, senhor incrédulo, o poder das orações?»

«Poder das orações, qual nada!» replicou o cientista. «Aquilo foi somente cortesia profissional!»

—Alex F. Osborn

¶ *Todo o mundo concorda em declará-lo esperto como um demônio*

Astucioso coiote!

(Condensado de «Nature Magazine»)

Por Lewis Nordyke

Nenhum animal deste continente tem sido tão perseguido como o coiote ou lobo das planícies norte-americanas. Todas as invenções e ardís conhecidos têm sido usados—com a ajuda de autoridades locais, estaduais ou federais—para tentar o seu extermínio. Matam-se nos Estados Unidos mais de 50.000 por ano; e, apesar disso, este pequeno lobo vai-se aguentando. Hoje existem mais de dois milhões que, dos seus covís originais das planícies e montes do Oeste, se têm espalhado por outras zonas.

O coiote podia retirar-se para as partes deshabitadas de enormes fazendas ou terrenos incultos, e levar vida relativamente sossegada. Mas com isso não se conforma, preferindo viver entre os seus inimigos, desafiá-los com as suas espertezas, e saciar-se nos alimentos que eles produzem.

Um funcionário, encarregado de preparar armadilhas, tendo encontrado desarmadas todas as suas três dúzias de ratoeiras e a isca comida, fez o seguinte comentário: «O coiote é a mais astuciosa de todas as "calamidades" que existem.» Quando um dos refúgios preferidos, no estado do Texas, se transformou num campo de provas para os bombardeiros, o coiote abandonou-o provisoriamente. Dentro em breve voltou, para averiguar o que se passava. Como as coisas lhe não parecessem más de todo, resolveu ficar. Agora habita em cavernas no campo de tiro, sem prestar atenção a bombardeiros nem a bombas, que oferecem a vantagem de os livrar de cães ou de caçadores impertinentes.

O coiote é um animal cinzento-amarelado, fazendo lembrar um pequeno cão pastor alemão. Raramente pesa mais de 15 quilos, e corre com uma velocidade enorme, de 60 km. por hora, ao que se verificou seguindo-o com um automovel. Os cientistas descrevem-no como um membro inferior da família dos lobos, mas a sua habilidade é tal que consegue prosperar em regiões onde o lobo feroz deixou de existir.

A imortal «Raposa Reynard» das histórias infantís nunca pregou peça tão sagaz como a de Tippy, coiote criado por uma família do Texas. Tippy, quando livre, adorava aves de criação novas, e, depois de preso, passou a caçar frangos. A família prendeu-o com uma cadeia a uma esquina da casa, e dava-lhe restos para comer. Tippy os espalhava imediatamente por uma área ao alcance da cadeia, e escondia-se à esquina. Quando as galinhas apareciam, atraídas pelo pitéu, ele banqueteava-se com criação fresca...

Raramente se vê um coiote gordo. Por muito que coma, conserva sempre a «linha» bastante para poder correr ou lutar, como lhe é indispensavel. E é um lutador rápido como um relâmpago, atravessando com as presas a carne do

adversário. Mas só luta quando não pode evitá-lo, preferindo sempre recorrer aos artifícios da manha.

Um fazendeiro, passeando a pé ou a cavalo, perto da sua propriedade, se não levar espingarda avistará na certa coiotes ao alcance de tiro. Se vem entretanto armado, nem um lhe aparece à vista. Dizem os caçadores do Serviço de Animais Selvagens dos Estados Unidos que o faro do coiote é tão apurado que lhes denuncia até a espingarda. Mas o conhecido naturalista Stewart Edward White não é desta opinião, julgando tratar-se de uma espécie de sentido telepático, que o homem ainda ignora.

O coiote é extremamente habilidoso em apanhar a sua presa, servindo-se do esforço de outro animal. Assim, ao avistar um texugo que escava o buraco onde se esconde um animal menor, procura, sem fazer-se suspeitar, aproximar-se dele, e de repente apodera-se do roedor que o laborioso texugo teve o trabalho de trazer à superfície. Outras vezes vigia as aves de rapina, e roubalhes a caça ou a comida que conseguiram. Mas sabe exatamente até onde pode ir, sem se arriscar demasiado. Dizem os caçadores experimentados nunca terem ouvido dizer que um coiote tivesse roubado a caça de uma onça.

Os coiotes rebuscam pelas rodovias, porque sabem que os viajantes deitam fora restos de comida, e os automoveis matam muitos roedores. Preferiria de certo galinhas ou cordeiros; mas contenta-se com os alimentos produzidos pelo homem, e até come muitos em que o homem nunca tocaria, como cobras, lagartos e insetos. E, sempre que lhe é possivel, come fruta por sobremesa.

Vernon Bailey, naturalista veterano do Serviço de Animais Selvagens, falando do que continham os estômagos de 450 coiotes apanhados no estado de Óregon, verificou que 177 tinham comido coelhos bravos de todas as qualidades, e 137 ingeriram vários outros roedores. A sua conclusão é de que «os coiotes podem ter uma utilidade—evitar o excesso de coelhos, esquilos, ratos e outros roedores».

O coiote vive num covil escavado numa colina, ou debaixo de uma rocha saliente, ou sob um tronco de árvore. Na maior parte dos casos há duas tocas, uma para a mãe e para a cria, e outra para o pai. Investigadores dos Serviços de Animais Selvagens crêem que os coiotes se acasalam pelo menos durante um ano, e talvez por toda a vida, porque se têm visto os mesmos animais vivendo juntos durante longos períodos. E há combates terriveis quando um coiote «solteiro» tenta intervir indebitamente na vida da família alheia...

A maneira de fazer a corte a uma coiote solteira importa em uma luta feroz entre os vários pretendentes. Passado pouco tempo a fêmea se une com um dos animais, e os outros retiram-se. Nem sempre é escolhido o vencedor; muitas vezes é preferido o que recebeu dos outros maior número de mordeduras.

A coiote procria uma vez por ano, dando à luz ninhadas de quatro a dez filhotes. Na família do coiote há rigorosa disciplina, e a primeira coisa que os filhotes aprendem é que o perigo está sempre iminente. Em caso algum ultrapassarão certos limites em volta da toca. Naturalistas observadores atestam a seguinte cena: o pai vem trotando ao longe em direção ao covil; os filhotes enxergam-no e atropelam-se, caindo uns sobre os outros, para correrem ao seu encontro; mas, seja qual for a distância a que o pai se acha, param num ponto determinado, a uns 50 metros da toca.

Os filhotes mamam duas semanas; depois o pai leva-os consigo, um de cada vez, para ensiná-los a caçar. Começam por apanhar insetos grandes, como gafanhotos, depois ratazanas e coelhos. Deixa-os lutar com os outros e às vezes ensina-lhes como se deve atacar.

Os pais protegem as suas crias até quase um ano de idade, quando os consideram emancipados. Um observador dos Serviços de Animais Selvagens notou uma vez que os pais coiotes fazem rolar na areia os filhotes, feito o que não voltavam para o velho covil, escavando outro, não muito distante do primeiro. Parando alí para observar a velha toca, verificou que estava completamente invadida pelas pulgas.

O macho passará quase ao alcance dos dentes de cães uivantes, só para conseguir desviá-los do seu covil; e mais de uma vez matilhas de cães têm sido ludibriadas pelos ardís coordenados dum par de coiotes. Retrocedem, cruzam as próprias pegadas, interrompem os seus rastos nos regatos, de modo que mesmo os cães de caça bem treinados acabam por perder-se, farejando em volta do mesmo ponto, enquanto o coiote se põe a salvo. Chega a parecer às vezes que isto não passa de jogo audacioso com que os coiotes se divertem.

Nas vastas planícies livres do Oeste são os galgos treinados os maiores inimigos dos coiotes, porque podem dar conta deles logo que os avistam. Mas o coiote aprendeu tambem os seus disfarces. D. M. Bentley, que durante vários anos tem caçado coiotes com galgos, nas planícies do Texas, viu-os no inverno passado rolando nas ervas até ficarem com o pelo todo sujo. Sempre que havia uma caçada, fugiam para o capim, e este seu disfarce enganou muitas vezes os galgos, que não caçam pelo faro. Conhecem-se casos de coiotes que saltaram para automoveis e carros abertos, afim de escapar à perseguição de cães de caça. Pode ter-se a certeza de que, para cada novo ataque, ele é sempre capaz de inventar defesa original.

Os coiotes comunicam-se uns com os outros por meio de uivos de grande alcance—que aos homens poderão parecer um grito de triunfo, um apelo ao companheiro ou companheira, ou um aviso de perigo iminente. Esses animais têm mesmo um sistema de mensagens que são transmitidas de um a outro na floresta, e nenhum homem foi ainda capaz de decifrar-lhes o significado.

Ação retardada

¶ O almirante Andrew Cunningham estava a bordo de seu navio-capitânia, em um porto do Mediterrâneo, quando um cruzador de sua flotilha fez uma terrivel manobra de ancoragem. O capitão do cruzador, receando a mensagem que esperava receber do comandante-chefe, sentiu-se aliviado, senão surpreendido, ao receber a dita mensagem. Consistia de uma só palavra: «Bom.»

Quinze minutos mais tarde, o capitão do cruzador, que estava tomando banho, recebeu uma comunicação suplementar: «À mensagem anterior, acrescente, por favor, a palavra «Deus!»

—*Globe* de Boston

Carta da linha de fogo

Pelo Major-médico Parker C. Hardin

O MAJOR PARKER C. HARDIN, um cirurgião da Carolina do Norte, acha-se em serviço ativo no exército norte-americano desde abril de 1941. Como cirurgião chefe do primeiro hospital de evacuação a chegar à Austrália, iniciou alí as suas atividades em abril de 1942. A seguir, organizou e dirigiu pequeno hospital cirúrgico ambulante, que foi transportado, primeiro, por via fluvial, seguindo depois, ao longo da costa da Nova Guiné, até a região de Buna, num pequeno vapor costeiro que levava 50 toneladas de munições. A mil metros da costa, o vapor e os navios que o cercavam foram atacados por aviões japoneses, incendiados e postos a pique. O pessoal do hospital nadou em direção à terra, entre balas e bombas, perdendo todo o equipamento que trazia e sofrendo alem disso, por certo, numerosas perdas.

Com instrumentos cirúrgicos improvisados, entraram a trabalhar nas selvas, sendo o primeiro hospital a operar em plena zona de combate na batalha de Buna. Durante 45 dias, socorreram os feridos sob constante fogo de metralha, a uns dois quilômetors e oitocentos metros da linha de frente. Servindo assim durante toda a campanha de Buna-Sanananda, prestaram socorros a 34 por cento dos feridos.

O major Hardin foi condecorado duas vezes por atos de bravura.

O que abaixo se vai ler é uma carta que escreveu a um de seus amigos:

Caro John:

Começo afinal a escrever a carta que lhe devo há tanto tempo, afim de agradecer as que você, tão generosamente, me vem mandando. A correspondência é o que melhor mantem o ânimo dos soldados alem mar.

Os dias idos da clínica civil e dos tempos de paz parecem-me já bem distantes. Acho-me no exército em serviço ativo há 29 meses. Quando alguem é levado a percorrer tão longínquas regiões, deve ao menos voltar melhor e mais experiente. Melhor, não sei se estou; mais experiente, o estou, sem dúvida! Sei que a guerra é um verdadeiro inferno. Que os homens em paragens tão remotas anseiam ardentemente pelo regresso ao seu torrão natal, e pela fortuna de rever os que lá deixaram. Sei que todos os homens em armas —sejam eles soldados rasos ou altos oficiais—têm o pensamento voltado para a mesma coisa: a pátria e os entes queridos que lá ficaram. Todos sonham os mesmos sonhos. Sei que todos queremos sobretudo terminar a tarefa que nos foi confiada, ganhar a guerra totalmente, retornar por fim ao que deixamos, para viver e deixar viver, a partir de então, uma vida tranquila e

serena. Tal é a minha filosofia. Será certamente o que se está passando no coração de todos os soldados em toda parte do mundo.

Já conheço bem os japoneses. Tratei-os mais de uma vez, como prisioneiros, miseraveis animaizinhos, sujos e famintos, no meu hospital da linha de frente, e vi-os mortos às centenas, reduzidos a infame carcassa. Conheço o espírito fanático de que se acham animados, a decisão de lutar até à morte, e a idolatria pelo imperador—traços tão peculiares à sua natureza. São os nossos peores inimigos. Estamos, todos, convencidos disto. Já ganharam muito do que decidiram ganhar. Com eles, não pode haver meio caminho na derrota. Temos que exterminar agora, e para sempre, o seu espírito militarista; do contrário acabaremos dominados por eles, e o sistema de vida e a liberdade, que tanto prezamos, deixarão de existir. Desculpe-me o sermão. Às vezes perguntamos a nós mesmos se todos os que aí deixamos se acham bem inteirados de que por estas bandas é uma guerra de extermínio a que vamos travando com os nipões. Há-de durar muito tempo, mas não duvide um só instante de que alcançaremos a vitória.

Desde que o vi pela última vez, tive ocasião de contemplar as maravilhas de metade do mundo: terras estranhas, povos singulares, ilhas que até então se me afiguravam românticas. (Deus me perdoe, mas juro-lhe que não quero mais ver um só coqueiro até à morte.) Nadei nas lagunas das ilhas misteriosas, cheias de cor e sol, dos mares do Sul; mergulhei junto a bancos de coral de uma beleza indescritivel; palestrei com os nativos; há navios que se tornaram para mim velhos amigos; voei sobre os soberbos picos das montanhas da Austrália e da Nova Guiné; combatí, trabalhei, rezei, e viví, profunda e intensamente. Passei por longos e monótonos meses de treinamento militar, afim de compreender o que representa ser soldado, e aprender a comandá-los. Vi homens que morreram bravamente com um sorriso nos lábios quase rígidos, e sem sombra de medo nos olhos, cuja luz se ia aos poucos apagando. Conhecí heróis e homens medíocres, bons e máus soldados. Cheguei afinal à compreensão de que há grandes doçuras na vida, mas vale a pena morrer por uma causa justa.

Fomos bombardeados tantas vezes, que até perdí a conta. Vi aparelhos japoneses mergulhar sobre mim lançando bombas. Um navio em que eu me encontrava foi posto a pique, e tive que nadar cerca de mil metros rumo à costa enquanto, em torno, balas e metralha matavam e feriam os que se achavam sob as minhas ordens. Não sei por que milagre conseguí salvar-me. Fui professor de natação, mas àquele dia quase morro afogado ao largo da Nova Guiné. Perdí a fala de pavor, mais de uma vez. Mergulhei os dedos na terra—na terra amiga e boa—dentro e fora dos fossos que nos serviam de trincheiras, enquanto as bombas explodiam em volta, e os soldados caíam feridos no meu próprio hospital.

Até agora, Deus tem sido clemente para comigo, preservando-me a vida. Não sei por que motivo. O que sei é que de nós nenhum há de ser o mesmo depois disso; que a guerra torna os homens mais humanos e melhores—por mais estranho que pareça—faz com que encontrem Deus e a verdadeira fé,

mostrando ainda que todos os homens se parecem muito, no íntimo, no recesso do seu coração. Nunca julguei que houvesse no mundo tanta gente desprendida e incapaz de egoismo, como pude observá-lo depois de tomar parte durante 62 dias na batalha de Buna.

Tive ocasião de ver os soberbos australianos, «os ratos de Tobruque», atacar, cantando e rindo, os amarelos, e morrer bravamente. Vivi nas selvas traiçoeiras; dormí no chão, perseguido e torturado por miríades de mosquitos. Vi árvores exóticas e estranhas, vinhas que abraçam os troncos e sobem a entralaçar-se pelos ramos, aranhas gigantescas, pássaros exquisitos, escorpiões, e uma formidavel tromba de água ao largo das costas da Nova Guiné.

Sentí-me prestes a desfalecer, coberto de suor, depois de longas caminhadas através das selvas com soldados doentes e feridos. Remei em pequenos botes carregados de macas, rio abaixo, sob a luz da lua, até desembocarmos no mar, onde os feridos eram transportados para embarcações maiores sob a constante ameaça de sermos surpreendidos pelos japoneses cujas posições se estendiam ao longo da costa. A luz dos holofotes, que iluminavam de repente as selvas, encheu-me de terror. Vi mais de um homem enlouquecer em meio dos combates. Conheço o cheiro terrivel que se desprende dos cadáveres em campo de batalha. Vi nossos companheiros estendidos em fila na Nova Guiné, imoveis e pálidos. Enterrei os mortos. Sei quanto valem as palavras reconfortantes dos bravos capelães nos momentos de terror, em plena refrega. Tremí, por vezes, a tal ponto que os joelhos se dobravam sob mim. Conheço bem o medo—sentí-lhe as garras frias a apertar-me a garganta. Viví momentos de pânico quando fomos atacados por bombardeiros, horas a fio, ao luar, numa véspera de Natal, e momentos de paz quando no dia seguinte pude comer tranquilamente as magras rações do meu jantar de Natal, sentado na areia, a relembrar os meus e a casa que deixei. Descobrí tambem que a maior parte dos homens são bravos, e a coragem nos é dada para fazer face ao que quer que seja, arcando com as mais terriveis provações.

Admirei a grandeza dos formidaveis couraçados a combater em pleno oceano. Tive ocasião de contemplar, extasiado, a grandiosa beleza dos poentes sobre as montanhas nuas, e os dedos róseos da alvorada afagando a crista das ondas, ou tocando de leve os cumes das montanhas. Sentei-me só, mais de uma vez, no píncaro de uma colina, gozando a calma do entardecer, enquanto ouvia hora após hora o troar dos nossos canhões, cujas balas sibilavam muitos metros acima de mim, satisfeito e feliz por saber que a cada disparo estariam matando os odiosos demônios amarelos. Conhecí de perto a doçura cristã dos nativos de Papua, musculosos e robustos, a sorrir e cantar enquanto transportavam os nossos feridos em percursos tão longos que se diria uma tarefa sobrehumana. Trabalhei entre dezenas de feridos, homens ensanguentados, exhaustos, agonizantes, vendo-me forçado a decidir qual socorrer primeiro; deixando que alguns morressem afim de que outros, mais felizes, pudessem combater de novo. Assistí numerosas vezes ao

milagre das vidas que se salvam pelo plasma sanguíneo que vocês aí na América vêm doando, voluntariamente, à Cruz Vermelha Americana.

Conhecí a alegria das batalhas—a satisfação íntima que um homem sente quando se vê pela primeira vez sob o fogo da metralha e verifica atônito que é capaz de enfrentá-lo. A compreensão mútua e silenciosa, a união espiritual e a fraternidade que nasce misteriosamente entre os que combateram lado a lado; nos combates em que todos os homens são iguais ou se dividem apenas em dois tipos: os bravos, verdadeiros combatentes, e os medrosos—os fracos. Conhecí triunfos e vitórias—decepções e derrotas. Sei que o soldado americano é forte, alegre e simples, e se acha firmemente decidido a levar a cabo a tarefa que lhe foi confiada.

Sei, porem, sobretudo que a melhor coisa no mundo é o afeto de uma esposa, e não há força que sustenha o ânimo de um soldado como a lembrança da família que deixou.

Até que nos vejamos novamente,

PARKER

Para ser lido pelos rapazes de 20 anos

No *American Magazine*, o sr. Louis Dublin, perito em estatística da Companhia de Seguros de Vida *Metropolitan*, lê o futuro de um jovem de 20 anos, segundo a lei das probabilidades:

—É provavel que você viva até os 69 anos. De cem anos para cá, a média de duração da vida humana aumentou de 20 anos, e continuará avançando um pouco mais. Das crianças nascidas este ano, 75 por cento estarão vivas aos 50, e 25 por cento aos 78.

Sua namorada, que tem 20 anos agora, viverá três anos mais que você, de acordo com a lei das probabilidades aplicada à vida média de uma mulher.

Há 9 probabilidades em 10 de você se casar, e dentro dos próximos cinco anos. No entanto, é possivel que não se case com a moça de quem gosta hoje, pois, enquanto o homem médio se casa aos 25, a mulher contrai matrimônio aos 22. Sua garota tem só 20 anos, e pode ser que se veja tentada a casar-se antes que você possa, ou queira, arcar com as responsabilidades do matrimônio. Os homens casam-se muito mais frequentemente com mulheres mais moças que eles, do que com as mais velhas, ou da mesma idade.

Quanto aos filhos, você terá duas vezes menos do que a média dos pais da geração anterior; isto é, terá provavelmente três, visto que seu pai e seus tios tiveram, com toda certeza, seis.

Lembre-se de que os solteiros morrem mais depressa que os casados. O ambiente do lar é mais sadio. Se você se casar aos 25, com uma moça de 22, e alcançarem plena felicidade conjugal, há três probabilidades em quatro, de chegarem a celebrar suas bodas de prata.

Retalhos do drama cotidiano

—VIII—

Por Louise Dickinson Rich

Elizabete e eu ouvimos o som dos martelos antes de vermos a casa. Os carpinteiros trabalhavam no telhado, que brilhava ao sol com tons dourados da madeira nova, entre as flores róseas de uma trepadeira selvagem. Um homem e uma mulher se achavam sentados numa pilha de tábuas sob uma macieira, a poucos metros do lugar onde si erguia a construção. Quando o carro apontou na entrada do terreno, a mulher levantou-se e veio ao nosso encontro, alta e magra, metida numa saia de tecido escocês com um sueter de lã.

A mãe de Elizabete pedira-nos encarecidamente que fôssemos ver os Andrews. «Hão-de sentir-se tão sozinhos com esta mudança para o campo! Pelo menos é o que me parece, embora ela diga que compraram a fazenda para se afastarem de tudo.» As explicações da mãe de Elizabete eram sempre um tanto vagas: «Fará bem a eles ver um rosto amigo. É verdade que ele é cego, mas enfim... Um caso muito triste, não há duvida. Perdeu a vista em criança. Ela o conheceu na Inglaterra, quando andou pela Europa, há uns 15 anos. Para ela foi uma sorte, porque todos achavam que nunca encontraria casamento. É ótima pessoa, mas tão sem graça!»

Sem graça, era de fato a expressão indicada para definir Nancy Andrews. As mulheres feias têm não raro certo encanto que as torna muitas vezes atraentes. Nancy, porem, nada tinha que atraisse: rosto largo e quadrado, olhos mortos, cabelo liso e fino, de uma cor apagada, faltava-lhe, por outro lado, certo desembaraço nos gestos e no porte. Falou-nos torcendo os botões do sueter, com um sorriso nervoso a tremer-lhe nos lábios.

«Ah, sim,» disse ela, quando Elizabete se apresentou; «você é filha de Betsy Flint. Venham por favor, quero que conheçam o Andy.»

Não me será dificil descrever, pelo menos em parte, o modo por que Nancy se transformou ao chegar junto ao cego. A voz monótona e sem vida adquiriu nova expressão ao se lhe dirigir, tornando-se maviosa e aveludada. Disse-lhe como estávamos vestidas, a cor dos nossos olhos e cabelos, bem como a impressão que dávamos à primeira vista, sem o menor embaraço. Tomara firmemente nas mãos o braço do esposo, com doce sorriso nos lábios. Tudo isso, porem, dará apenas vaga idéia da impressão que tivemos. Nancy se transformara, de momento para outro, numa nova mulher—calma, serena e forte, que nos pôs à vontade, incontinenti.

Elizabete e eu sentamo-nos na relva a palestrar com o sr. Andrews, enquanto ela entrara na casa afim de preparar o chá. «Não acham o lugar encantador?» perguntou-nos o cego. «Nancy já lhes contou que ontem de tarde vimos um veado e dois veadinhos saindo daquele bosque? Eu tambem vejo pelos olhos dela. Talvez até veja melhor do que veria com meus próprios olhos, porque Nancy tem mais imaginação do que eu. Neste caso, por exemplo, eu teria visto apenas três veados à entrada do bosque. Ela no entanto descreveu-me a surpresa e o desgosto que eles sentiram ao descobrir que dois animais estranhos, de dois pés, se tinham apoderado do recanto que supunham pertencer-lhes.»

Pouco depois Nancy voltava trazendo uma bandeja que colocou sobre a mesa, ao lado do marido. Este pôs as mãos sobre as bordas da bandeja, e serviu-se em seguida, ele próprio, como qualquer de nós. Fiquei a imaginar como lhe era possivel fazê-lo, mas, quando Elizabete ergueu a vasilha de leite, notei que havia um pequeno círculo talhado na bandeja, e, como ela, sem notar, tivesse colocado a vasilha noutro ponto, depois de servir-se, Nancy pô-la de novo sobre o círculo. Dalí a alguns segundos, ele estendeu a mão, e serviu-se do leite, sem hesitar um instante.

A casa inteira fora construida com particularidades análogas, como posteriormente observamos. Tinha um ar de acolhedora intimidade, mas não havia um só objeto fora do lugar—nada que pudesse causar a um cego a menor confusão.

Fomos visitar os Andrews várias vezes durante aquele verão, o que não deixava de ser estranho, sendo eles, como eram, tão mais velhos do que nós. Mas havia naquela casa uma atmosfera de paz e luminosa serenidade, quase indescritivel.

Num dia de setembro, encontramos Nancy Andrews à nossa espera, no caminho que levava à casa. Estava só. Olhou-nos, com os seus olhos sem cor, e súbito pôs-se a chorar. «Preciso pedir a vocês...» soluçou. «Por favor, não me levem a mal. Suas visitas nos causam tanto prazer. Nem imaginam quanto! Mas preciso pedir a vocês que não voltem mais.»

Esperamos que ela se acalmasse um pouco. Contou-nos então o que se passava.

Havia um ano, Andy começara a recobrar a vista. «Os médicos dizem que é um verdadeiro milagre,» explicou. «Não sabem a que atribuir.» Tinham-lhe aconselhado a que o levasse para um lugar tranquilo onde ele pudesse sofrer aquela tremenda emoção —a de ver novamente, depois de tantos anos—num ambiente calmo e sossegado. Por isso é que tinham comprado a fazenda.

«Não poderia haver nada, como bem imaginam, que eu desejasse mais!» E, ao dizê-lo, transfigurou-se por alguns segundos. Pouco depois, entretanto, uma nuvem cobriu-lhe o rosto. «A questão é que Andy com certeza imagina que eu sou... que eu sou linda.» Cobrindo o rosto com as mãos acrescentou: «Não posso suportar a idéia de que ele me vai comparar com vocês. É por isso que eu peço que não voltem, até que ele se habitue a me ver. Não falta muito. Ele já está podendo distinguir os contornos gerais de tudo o que o cerca. Não sabe que aspecto as mulheres têm; era tão pequeno quando perdeu a vista, que não se lembra de nada. Vocês duas são tão bonitas...»

Elizabete protestou: «Não diga isso, Nancy. Com um bom «permanente», e aprendendo a pintar-se bem... Podemos até ajudá-la, se quiser.»

Nancy Andrews respondeu com simplicidade mas num tom firme: «Meu bem, não procure me convencer. Não há nada que me possa transformar numa mulher bonita.»

Não vimos os Andrews durante todo o inverno. Falávamos neles, de vez em quando, tentando imaginar o que se teria passado. «É claro que Andy vai ficar desapontado. Ela é tão feinha!»

Na primavera, qual não foi nossa surpresa ao recebermos um cartão de Nancy convidando-nos para uma festa, «afim de celebrar o fato de haver Andy recuperado a vista». «Peço-lhes, portanto,» acrescentava, «que venham muito elegantes e mais lindas do que nunca.» Que teria sucedido?

Não havia muita gente na festa, porque os Andrews eram novos naquela região, e tinham poucas relações, mas quase todas as mulheres estavam muito bem postas, alegres e radiantes nos seus vestidos primaverís. Nancy não recorrera, nem ao «permanente» que lhe tínhamos aconselhado, nem aos artifícios da pintura. Seu vestido marron tornava-lhe a pele ainda mais macilenta, o cabelo ainda mais sem vida, e o corpo, como que parecia ainda mais magro.

Elizabete e eu sentamo-nos ao lado de Andy, dirigindo-lhe toda a série de perguntas que ocorre fazer a um cego quando este recobra a vista. Imaginava as cores tal como elas são? Que impressão lhe tinham causado as nuvens no céu e os pássaros em vôo? Como Nancy atravessasse a sala naquele momento, ele voltou-se para nós, e observou com a sua voz tão tipicamente britânica: «Querem saber uma coisa. Acho que tive uma sorte fantástica. Como é que um cego, por mero instinto, é capaz de descobrir uma mulher tão linda quanto a minha?»

Ficamos a olhá-lo estupefactas, sem encontrar o que dizer. Felizmente, ele trazia os olhos gravados em Nancy, do outro lado da sala, com tal expressão de encanto no rosto, que nosso espanto lhe passou despercebido. De repente, porem, vimos o que ele via—não o rosto quadrado e sem graça, nem os olhos e os cabelos sem vida, mas a doçura incomparavel, a meiguice, a bondade e a dedicação que ele conhecera tão bem durante quinze longos anos, antes de distinguir os traços da esposa. Para ele o seu perfil era a incarnação de tudo aquilo—não havia portanto uma só mulher no mundo que lhe pudesse parecer tão bela.

Elizabete e eu trocamos um olhar, e observamos depois as mulheres que nos cercavam. E, por comparação, todas elas nos pareceram, de súbito, feias e sem graça...

Lembranças vivas

¶ Beverley Nichols, conhecido escritor e humorista inglês, tem viajado muito pelo mundo, e, de cada vez que volta à Inglaterra, em vez de encher as malas com bugigangas inuteis colhidas em lugares exóticos, prefere trazer plantas, sementes ou mudas, de todos os paises que visita, afim de plantá-las em seu jardim. Dessa maneira, enriqueceu seus canteiros com açafrão dos Alpes suiços, perpétuas da França, centáureas da Prússia, ciclamen das colinas de Roma, urze branca da Grécia, trepadeiras da Tunísia, anênomas de um vale na Sicília, briônias da Austrália, hera de Long Island em Nova York—todas essas plantas enfeitam agora, lindamente, o seu jardim, como lembranças vivas de suas viagens.

—Beatrice Plumb, no *Christian Herald*

¶ **Os engenheiros militares dos Estados Unidos que a construiram, lançaram um desafio: «Agora queremos ver quem consegue manter um serviço de trens por esta estrada!»**

A peor via férrea do mundo

(Condensado do «Saturday Evening Post»)

Por Bertram B. Fowler

A estrada de ferro que liga os campos de treino do exército americano de Cailborne e Polk, no estado de Luiziana, foi construida propositadamente para provocar desastres. Foi o Batalhão 711, com a assistência de engenheiros militares, que a construiu para servir de campo de experiência para as tropas especializadas em estradas de ferro, e cuja função é desembarcar logo atrás das tropas de invasão, tomar conta das vias férreas, e pô-las em funcionamento ainda no curso da luta. Na referida estrada os engenheiros procuraram reproduzir todos os riscos e perigos que se podem esperar em semelhantes condições.

A linha atravessa os pântanos da Luiziana, passando os trilhos por sobre atoleiros sem fundo e lamaçais de barro escorregadio. Em alguns lugares foi possivel empilhar troncos de árvore, e fazer o leito da estrada sobre estes. Se uma das máquinas com que se fazia a estrada acontecia ficar atolada na lama, chegando a ser impossivel retirá-la, era deixada alí mesmo, sendo logo utilizada como ponto de apoio. O traçado da estrada lembra os movimentos de uma cobra em contorções. Há uma curva em certo ponto para a qual os rapazes chamam a atenção dos visitantes porque, dizem eles, é a única em ângulo reto que existe numa estrada de ferro. Parece que foi feita com a intenção de verificar se um trem pode virar esquinas.

O Batalhão 711 teve por algum tempo que se encarregar de manter o serviço diário de trens da estrada até que, com grande alívio para todos, foram transferidos para o Irã. Muitas unidades espalhadas hoje pelas frentes de guerra dos cinco continentes, receberam seu treino técnico nesta estrada. Atualmente é o Batalhão 725 que está incumbido de fazer o percurso diário da mesma. Este batalhão é composto de soldados e oficiais recrutados entre homens com experiência em estrada de ferro, desde empregados das pequenas estradas de cidade de veraneio, até os técnicos das grandes vias férreas transcontinentais, e se julgavam, portanto, gente experiente no assunto. Mas o capitão exprimiu bem a opinião geral ao dizer-me mais tarde: «Estou aquí há seis meses, e ainda tenho a impressão de que isto é apenas um pesadelo.»

Como material rodante para esta estrada superrealista de uma só linha, o batalhão recebeu sete locomotivas tipo 1902, vários carros de luxo que fizeram um dia a alegria e orgulho de nossos avós, e uma coleção de vagões de carga,

de quatro rodas, com grande aversão às curvas. A única peça moderna e eficiente era o carro de socorro, que certamente teria muito que fazer.

Num ponto, porem, as autoridades se mostraram generosas, pois autorizaram o batalhão a ter todo o arame que quisesse. E, a força de muito arame, os engenheiros conseguiram remendar e ajeitar as velhas chaleiras, e pô-las de novo em funcionamento.

A obrigação do batalhão ferroviário era fazer uma vez por dia a viagem de ida e volta de Claiborne a Polk—percurso total de uns 160 quilômetros. O trem número 71, apelidado pelo pessoal «O Besouro Verde», foi escalado para esta viagem diária. Mas de fato havia sempre dois trens na linha, o «Besouro» e o trem de socorro que o acompanhava a uma distância prudente.

A turma que fez a primeira viagem de Claiborne a Polk aprovisionou-se como se fosse para uma grande expedição: levavam sanduiches, frutas, cigarros e latas de conserva. Despediram-se dos companheiros sem saber quando se veriam de novo. E não era para menos, já que o «Besouro» não podia passar da velocidade vertiginosa de três quilômetros e meio por hora.

Estabeleceu-se logo de início grande camaradagem entre o «Besouro Verde» e o carro de socorro. Se o «Besouro» descarrilhava, o socorro vinha em seu auxílio, e um por um, repunha os carros no trilho. Às vezes, porem, durante estas manobras, o carro-guindaste perdia o equilíbrio, e saltava dos trilhos. Era então o «Besouro» que tinha que dar marcha a ré afim de ajudar a repor o socorro na linha. Durante certa viagem, o «Besouro» descarrilhou cinco vezes e o carro-socorro três; cincoenta horas gastaram-se desta feita, ida e volta.

De vez em quando via-se na estrada um espetáculo que faria grande inveja aos índios norte-americanos. Depois de doze ou quinze horas de penosa viagem, quando o pessoal do trem já havia perdido todo o contacto com as estações, então a locomotiva se punha a lançar golfadas de fumaça preta. Chamavam a isto «comunicação por sinais de fumaça» à moda dos índios. Um dos homens ficava de vigia no teto do trem à espera do mesmo sinal por parte de algum trem que tivesse sido mandado à procura deles. E era graças aos sinais de fumaça que se evitava o choque no meio da estrada.

Durante uma viagem, num dia de muita chuva, o guarda-freios pegou no sono, lá no seu carro de vigia, no fim do trem. Quando acordou, de repente, ficou estatelado, a esfregar os olhos sem querer acreditar no que via. Olhando pela porta de trás, tinha diante de si um lamaçal imenso, sem o menor vestígio de trilhos ou leito de estrada. Foi correndo até a locomotiva, e berrou para o maquinista: «Que negócio é este? Você saiu da estrada, e entrou pelo brejo?»

O maquinista pensou que o sujeito estivesse maluco, pois via na sua frente os trilhos que se estendiam, meio frouxos e desconchavados, mas ainda assim lá estavam eles. Só depois é que começou a compreender que, com a chuvarada, o leito da estrada ficara encharcado, e o peso da locomotiva e dos dois vagões era o suficiente para afundar os trilhos no atoleiro. Neste caso, só havia uma coisa a fazer—continuar sempre para a frente, contando com a sorte, pois, se parassem um instante, o trem inteiro ficaria enterrado no charco.

Noutra ocasião, este mesmo maquinista viu uma ferramenta cair na lama, perto da estrada; diante de seus próprios olhos espantadíssimos, afundou e desapareceu largando duas bolhas de ar.

Outro maquinista até hoje ainda não se restabeleceu do choque que teve um dia, ao olhar para trás, e ver os trilhos que ondulavam de um lado para o outro, como se fossem cobras. Na lama barrenta e escorregadia, o movimento do trem se transmitia aos trilhos que se punham a dansar em ritmo. De repente, um solavanco fê-lo olhar do novo para a frente. A «Maria Pipoca», sua locomotiva, saltara dos trilhos, e lá ia pulando sobre os dormentes. Cincoenta dormentes foram assim moidos, antes que ele pudesse fazer parar a máquina, que, com um suspiro cansado, se deixou enterrar na lama, até os eixos.

Pouco depois veio o carro de socorro, e o trabalho,que fizeram neste dia,devia constar dos anais da história ferroviária. Enquanto o guindaste do socorro suspendia um carro, o leito da estrada era reconstruido por baixo. Reposto este nos trilhos, içava-se o seguinte. Finalmente chegou a vez da velha «Maria Pipoca». Terminado o serviço, tinham reconstruido perto de cem metros de estrada.

Foi preciso algum tempo para convencer a fauna da redondeza—vacas, porcos e carneiros—de que a estrada realmente existia. A turma era muitas vezes obrigada a descer dos trens para enxotar os animais da linha. Certa ocasião, um touro avançou a chifradas contra uma «Maria Fumaça», que estremeceu, mas aguentou firme.

Houve, porem, uma locomotiva que espalhou o pavor por toda a linha. Mais escalavrada e enferrujada de que qualquer outra, era uma vergonha até para aquela estrada. Afim de disfarçar-lhe a feiura, os rapazes procuraram arranjar um pouco de tinta para pintá-la. Descobrindo uma lata aquí, outra acolá, puseram-se a dar expansão às suas aspirações artísticas.

Terminado o trabalho, via-se uma caldeira que tinha todas as tonalidades de azul, desde o celeste ao marinho, em listas e rodas. A chaminé era coisa nunca vista. Mas era a frente da máquina que atraía mais atenção, pois fora pintada de tinta de alumínio luminosa desde o limpa-trilho até a chaminé.

O pessoal ficou entusiasmado com a obra de arte e rivalizavam uns com os outros para ver quem achava o melhor apelido. Alguns propunham «Ovo de Páscoa», outros preferiam «A Sarapintada». Mas a maravilha não precisava de nome para fazer sucesso. A primeira vez que saiu era noite, e fazia um lindo luar; a frente pintada de alumínio brilhava como se fosse aparição do outro mundo. Um rebanho ao ver aquilo saiu disparado para os brejos distantes, berrando de terror. Trabalhadores que estavam na estrada fazendo consertos há umas doze horas e já caindo de cansaço, ao ver surgir o «fenômeno» pularam todos para longe, crentes de que estavam vendo um trem fantasma.

No meio de todos estes acontecimentos assustadores e enervantes, os rapazes nunca se esqueciam de que eram, antes de mais nada, técnicos em estradas de ferro, e em pouco tempo os novatos se faziam especialistas competentes. Tinham que estar à altura do desafio lançado pelos engenheiros construtores da estrada. Pouco a pouco, daquele caos propositado, ia saindo certa ordem. Aquí retiravam os trilhos e reconstruiam o leito, alí colocavam mais dormentes e lastro, e aos poucos a estrada ia tomando aspecto de verdadeira via férrea, permitindo aos trens atingir a velocidade máxima de oito quilômetros por hora.

Em vez de terem descarrilhamentos de hora em hora, surgia agora apenas um por dia. O percurso de Claiborne a Polk, 160 quilômetros de ida e volta, podia ser feito em doze, em vez de vinte e quatro horas. Hoje em dia o «Besouro Verde» pode ser visto arfando a 22 quilômetros por hora, com seu longo penacho branco de fumaça, bem alto, como se fosse a pluma de um campeão.

O pessoal do Batalhão 725 acompanha atentamente as notícias de invasão, interessados em saber quais serão as estradas de ferro que terão de reparar. Para eles nada há impossivel, e por mais desmanteladas que estejam as estradas, em três tempos saberão repô-las em funcionamento.

Então foi assim que começou!

¶ O primeiro jardim de infância do mundo foi criado na Alemanha, em 1837, por Friedrich Froebel, sujeito de meia idade, alto e magro, que trazia consigo uma triste lembrança da infância, passada sob os cuidados de uma madrasta. Através de sucessivas ocupações, preocupava-se constantemente com a idéia de tornar mais felizes as vidas das crianças. Só aos cincoenta e cinco anos, entretanto, teve ele oportunidade de abrir uma escola em Blankenburgo. Deu ao estabelecimento o título complexo de «Instituto Vocacional para Crianças Pequenas»; porem três anos mais tarde, teve uma inspiração e, contentíssimo, inventou novo nome, muito mais agradavel: *Kindergarten* (que, traduzido literalmente, significa *jardim das crianças.*)

Chamavam-lhe «o velho grisalho», censuravam-no por não frequentar a igreja, e não podiam compreender que ele passasse o tempo todo a brincar com as crianças ao sol, «para educá-las». Froebel era tambem a favor dos banhos frios, e levava as crianças pelos bosques, sem chapéus ou capuzes (o que, na época, era positivamente revolucionário), enquanto lhes recitava trechos de poesias de Goethe ou Schiller. Afinal, após tolerar, durante 14 anos, «essa liberdade perigosa», o governo alemão fechou todos os jardins de infância, criados à imagem do de Froebel; e este morreu um ano depois.

Nesse ínterim, uma ex-aluna de Froebel, a sra. Carl Schurz, residente nos Estados Unidos, despertou o interesse de Elizabeth Peabody, em Boston, por esse novo gênero de educação para crianças. Assim foi que, em 1860, a sra. Peabody inaugurou o primeiro jardim de infância da América; daí a dez anos, foi à Alemanha e de lá trouxe a sra. Emma Marwedel, a qual, ao chegar, organizou em Washington uma escola de aperfeiçoamento para futuras professoras de jardim de infância. Mais tarde, a mesma sra. Marwedel abriu um *kindergarten* em Los Angeles, e aí sua primeira aluna foi uma futura escritora, Kate Douglas Wiggin. Já a essa época, o movimento a favor do novo tipo de escola recebia os aplausos de educadores eminentes, como o presidente da Universidade de Harvard. Hoje em dia, os jardins de infância dos Estados Unidos aninham cerca de 600.000 gárrulos alunos entre quatro e cinco anos de idade.

—Do *Newsweek*

O mistério de John L. Lewis

(Condensado de «Common Sense»)

Por Victor Riesel e Paul Sann

«O MEU NOME é John L. Lewis.» Foi como se apresentou uma vez o lider dos mineiros a uma junta de investigação do governo dos Estados Unidos. Antes dele outro John, de sobrenome Sullivan, campeão mundial de boxe, entre os peso-pesados, costumava acrescentar: «e sou capaz de derrotar seja quem for.» Mas John L. Lewis não perde tempo com tão inuteis vaidades. Está convencido de que isto é implícito no seu caso.

Tem o maior desdem pela crítica que dele façam, como o demonstra a sua atitude perante um inquérito à opinião pública, há pouco publicado pela revista *Fortune*. O quesito proposto era o seguinte: «Haverá nos Estados Unidos pessoas cuja influência poderá vir a ser prejudicial ao país no futuro, a não ser que esta se comece a reprimir?» E 70,6 por cento dos que estão convencidos da existência de tais indivíduos optaram pelo nome de John L. Lewis. E *Fortune* concluiu com certo pessimismo:

«Talvez grande parte do público pense dele o mesmo que de Hitler.»

Lewis, reclinado em macia poltrona forrada de couro, em frente de enorme chaminé, no seu escritório do edifício da União dos Mineiros, em Washington, encolheu os ombros ao referirmo-nos a isto. Disse-nos que se não importava com a opinião alheia, fora da órbita da União dos Mineiros. Isto durante a quarta greve do carvão, em plena guerra, quando era geral o clamor contra ele. E, ao lhe ser observado que os jornais de toda parte o estavam denunciando como fascista, que os soldados expedicionários americanos diziam ser ele um traidor, Lewis não se mostrou menos despreocupado. Sorriu e perguntou: «Então é fascismo conseguir dois dólares diários para os mineiros?»

John L. Lewis, que alia a uma perfeita segurança de si mesmo uma têmpera fortalecida pela vida, não se arredou das suas exigências. Que leve o demônio o público; tinha a seu lado os mineiros. E assim tem sido sempre, desde que assumiu a direção, ao pôr-se à frente da greve do carvão em 1919.

Naquele novembro, os abastecimentos de carvão nos Estados Unidos eram tão pequenos que os proprietários das fábricas deram o alarme de que iam ser forçados a despedir os seus operários em massa. Os repórteres, numa gélida manhã, vieram entrevistar Lewis, para se informarem se estaria disposto a submeter-se a tais pressões e ordenar a suspensão da greve. Imaginaram que ele estaria rodeado de ajudantes, todos ocupados em traçar os seus planos estratégi-

VICTOR RIESEL e Paul Sann fazem ambos parte da redação do *Post*, de Nova York. Riesel é redator responsavel pelos assuntos trabalhistas e tem tambem a seu cargo uma coluna de notícias e comentários sobre o operariado. Sann é co-redator da seção urbana e especializa-se nos problemas de habitações e assistência social.

cos. Mas encontraram-no só, lendo tranquilamente a *Ilíada* de Homero.

A mesma serenidade inalteravel caraterizou-o na recente crise. Os altos fornos das fábricas de aço iam-se apagando e o público começava a achar-se exposto a um inverno inclemente, porque as greves tinham privado a produção de carvão de uns 40 milhões de toneladas. Mas John L. Lewis conversou conosco sobre a Bíblia e Shakespeare. E porque não, se ele tinha os mineiros consigo?

Contou-nos então algumas das regalias que lhes obtivera. A sua união tinha lutado durante muito tempo pela obtenção das oito horas de trabalho, por uma escala progressiva de salários, pela regulamentação oficial da indústria. Com a verba da união, conseguiu-se organizar o Congresso de Organização Industrial, que transformou um vago movimento de 3 milhões de operários em poderosa força de 12 milhões (se todos se pusessem de acordo). Planeou pessoalmente a organização das indústrias do aço e do automovel, que tinham sido sempre, tradicionalmente, em favor do mercado livre da mão-de-obra. Que medo podia ele ter?

Durante os últimos 24 anos Lewis tem vencido todas as greves por ele convocadas. Jamais consentiu numa baixa de salário, nem permitiu que reclamação importante não vingasse.

Pouca gente nos Estados Unidos seria capaz de excavar carvão sem a sua aprovação. John L. Lewis menciona com certo orgulho o fato de que a 1.º de novembro—a última das greves de 1943—530.000 operários suspenderam o trabalho sem terem recebido comunicação alguma das direções central ou distritais da União dos Mineiros. Tinha-se-lhes dito em julho que cessassem o trabalho a primeiro de novembro, se por essa ocasião um contrato não tivesse sido assinado. Não foi mister relembrar-lhes.

Esta disciplina não significa nenhuma devoção pessoal por Lewis. Reflete apenas a devoção dos trabalhadores pela união, a sua confiança inabalavel na ação coletiva, confiança baseada nos duros esforços que têm dispendido para melhorar a sua situação. Os operários o seguem porque ele incarna a união.

Diz Lewis que os homens acreditam nele porque nunca lhes faltou a uma promessa, e sabem que nunca os atraiçoará. Os seus próprios inimigos concordam que ele tem cumprido sempre a palavra. Quando disse ao Governo que daria ordem aos homens para voltarem ao trabalho em data determinada, fê-lo. Quando prometeu aos industriais que haveria paz nas zonas carboníferas, houve paz. Quando prometeu cooperar com os comunistas—seus adversários tradicionais—na época da organização da C.I.O. (Congresso de Organização Industrial), enfileirou-se ao seu lado.

Ao ser Lewis eleito em 1920, ganhavam então os mineiros 18 dólares por semana; agora perfazem perto de 55. Deixaram de ser alvo das agressões de «capangas» contratados pelas companhias mineiras, ou de regedores de aldeias carvoeiras. Com aperfeiçoadas medidas de segurança para os mineiros, os acidentes mortais diminuiram.

Lewis conservou a união ativa durante a crise de 1929, quando o desemprego reduziu o número de sócios de 300.000 a 115.000. Apadrinhou a legislação que transformou em lei nacional os contratos coletivos e,—quando Lewis arriscou os últimos 75.000 dólares da União dos Mineiros, num esforço titânico para angariar sócios—preparava o terreno para conseguir elevar a 515.000 o número de inscritos.

Aqueles que vêem com receio o poder de Lewis acusam-no muitas vezes de ser uma ameaça. Mas ele transforma tais ataques em seu próprio favor. É uma ameaça, não é assim? Quando entra numa sala para negociar um contrato, desempenha o seu papel com todo o ardor. Ele mesmo alimenta a crença no seu atrevimento sem limites e na sua ambição insaciavel, de que o revestem os seus difamadores. Junte-se a isto o seu terrivel aspecto, a sua cabeleira grisalha, as suas famosas sobrancelhas carregadas, a segurança com que cita uma esmagadora passagem da Bíblia ou um pensamento de Shakespeare, o seu perfeito sentido dramático—e ter-se-à John L. Lewis não só como o caricaturista o apresenta, mas tambem como o vêem os seus antagonistas.

Em março de 1943, Lewis entrou majestosamente na Conferência sobre Salários, no Hotel Biltmore, em Nova York, e as suas primeiras palavras foram: «Os trabalhadores das minas de carvão americanas estão passando fome.» Continuou neste tom, juntando ao seu estribilho da «códea de pão» na mesa dos mineiros, um ataque contra o governo de Roosevelt. «Quando as crianças dos mineiros gritam por pão, não é com normas legais que se lhes mata a fome. Quando a doença lhes bate à porta, não é dissertando sobre a inflação que se podem curar.»

O argumento da «códea de pão» poderá às vezes parecer ridículo, por ser invocado por homem irrepreensivelmente bem vestido, com pança de pessoa saciada, gozando o seu charuto de Havana. Poderá parecer mesmo insincero na boca de um dirigente do proletariado que recebe o salário anual de 25.000 dólares e outros 25.000 para despesas. («Os mineiros», diz Lewis, «pagam-me para viver bem e comer bem. Eu era capaz de viver bem, fosse qual fosse a profissão que escolhesse.») E falar de cabanas de pobres mineiros, um homem que ocupa uma das mais lindas casas de estilo colonial perto de Washington, parece absurdo.

Mas, antes da casa de estilo colonial, muito, muito antes, foi num casebre desmoronado, em Lucas, no Estado de Iowa, num bairro mineiro, que nascera John Llewellyn Lewis em 1880. E antes da sua limusine com chofer, havia o carro do carvão, aberto em cima, do qual John, então meninote, furtava carvão para aquecer a família. Os pais de John vinham de famílias pobres de mineiros do país de Gales.

Lewis frequentou a escola ginasial de Des Moines no seu estado natal, até ir trabalhar para uma mina, com pá e picareta. A família Lewis, com cinco filhos, necessitava tão desesperadamente de dinheiro, que a sra. Lewis se viu forçada a trabalhar ao lado do marido. Lewis viu o pai morrer aos poucos, pelos anos fora, naquele poço de carvão de Iowa. Foi quando ele, deixando a casa paterna, começou a trabalhar de estado em estado. Em Ilinóis passou a tomar parte ativa na união mineira.

Em 1909 os mineiros do Ilinóis escolheram-no para deputado estadual. Depressa se impôs à câmara, fazendo aprovar várias leis de proteção aos mineiros, incluindo um decreto de compensação aos trabalhadores. O seu prestígio foi assim crescendo continuamente, até que em 1916 foi eleito dirigente interino do Congresso Nacional da União.

A engrenagem imediatamente criada por Lewis valeu-lhe a vice-presidência da União em 1917, e, quando o presidente caiu doente, Lewis tomou as rédeas para dirigir a greve de 1919.

Conseguiu aumento de salários de 27 por cento, o maior na história da União. E no ano seguinte foi eleito presidente por estrondosa votação.

Apesar da opulência progressiva durante os seus anos de governo da União, Lewis nunca se esqueceu de que tinha arrancado carvão durante onze horas por dia a $1,60; de que tinha ajudado a transportar os corpos esmagados e torcidos de 400 mineiros mortos no grande desmoronamento de 1905; de que vira ameaçado o sustento de sua família quando o pai foi inscrito na lista negra, por pertencer à união.

Isto conduz-nos ao lado menos conhecido da vida de John L. Lewis—a parte que nela exerceu Myrta Edith Bell, a bondosa professora aposentada, com quem ele se casou em 1907. Poucas pessoas sabem da devoção infinita, quase infantil que Lewis professava por ela, nem da prodigiosa influência que esta senhora, filha de um médico do interior, exerceu sobre ele.

Quando Lewis a conheceu em Lucas, era então um mineiro de 1.80 m. de altura, rude e sem objetivos, cuja vaidade consistia em se gabar de poder deitar abaixo uma mula com um soco. Myrta Bell desviou-o das histórias baratas, e o guiou tão bem que ele se tornou um autodidata formidavel, podendo hoje dizer que «leu milhares de livros, tudo o que existe que mereça a pena ser lido, biografias, os clássicos, etc.»

Ela animou-o no seu interesse pelos problemas do trabalho e da política, e treinou-o para falar em público. E sob o seu bom conselho ele progrediu a olhos vistos. Uma oportunidade se ofereceu a Lewis de se candidatar a deputado federal, mas ele não se apresentou. «A senhora Lewis não mostrou nenhum interesse,» foi a sua explicação aos repórteres. Doutra vez foi-lhe oferecido fabuloso ordenado para ser o czar da indústria do carvão. «A senhora Lewis não mostrou o mínimo interesse.» O Presidente Coolidge ofereceu-lhe a pasta do Trabalho. «A senhora Lewis não mostrou o mínimo interesse.»

Lewis desapareceu quase completamente da vida pública em 1924, devido à doença fatal de sua esposa.

Este é o John L. Lewis afetuoso e sensivel. Aquele que o público conhece é um Lewis implacavel, pertinaz e incansavel que se senta diante do Presidente da Nação ou do presidente do conselho de administração da maior companhia americana, a United States Steel, e negocia com eles de maneira tão imperiosa, a ponto de proclamar que o seu poder é, pelo menos, tão grande como o deles. Nunca vem à presença dos poderosos—de chapéu na mão. Ele não pede: exige.

Ao dispor de 500 mil dólares dos fundos da União dos Mineiros, para ajudar a reeleger o Presidente Roosevelt em 1936, fê-lo porque um Roosevelt favoravel podia fazer algum bem à causa dos mineiros. Não se interessava pelo programa mais vasto de economia liberal ou pela sua filosofia social. Nem foram motivos superiores que o induziram a empregar 7.250.000 dólares da União dos Mineiros para ajudar o C.I.O. a organizar os operários não especializados americanos das indústrias de produção em massa. Fê-lo na firme convicção de que a sorte do operariado está em constituir-se numa organização que possa manejar tremendo poder.

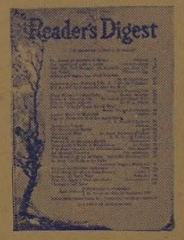
Esta habilidade para executar movimentos arrojados e cheios de imaginação, fez de Lewis o maior estrategista do trabalho—e aquele a quem o país mais teme como força de agitação.

Um intercâmbio mundial de idéias e de cultura

Como demonstra o mapa que se vê adiante, *Seleções do Reader's Digest* é agora publicada em cinco línguas e lida em todos os continentes.

Os milhares de cartas que recebemos comprovam que os homens e as mulheres de todas as nações são unidos por esperanças e pensamentos idênticos, e pelos mesmos receios e as mesmas preocupações. Tais cartas evidenciam que um artigo tanto pode vir da China ou do México, dos Estados Unidos ou da Zululândia: não importa. Se for um documento vivo e humano, traz interesse muito acima das linhas de fronteira, e fala diretamente aos ouvidos de todos.

Devido ao caloroso entusiasmo com que *Seleções* e *Selecciones* foram recebidas na América Latina os editores se sentiram estimulados a publicar a revista em outras línguas, como a primeira publicação realmente internacional. Os leitores de *Seleções* terão interesse em ler as declarações de outros leitores de todo o mundo. Todos dizem, a seu modo próprio, quanto vale para eles o intercâmbio mundial de idéias e de cultura que a revista lhes proporciona.



The Reader's Digest. Impresso em inglês nos Estados Unidos, Canadá, Egito, China e Austrália.

●De Clara A. Nutting, médica americana em Tientsin, China:

«Os senhores estão certamente contribuindo para crescente boa-vontade e amizade entre as nações. Se chegasse a um número cada vez maior de pessoas o conhecimento das belas coisas realizadas por tanta gente em todos os paises (coisas essas que sempre encontramos no *Reader's Digest*) teríamos aí um fator da maior importância para a cooperação construtiva entre as nações, e para um real entendimento entre os povos tão diferentemente situados na terra, e com tão diversos costumes.»

●De Jorge Luis Calvete, Buenos Aires, Argentina:

«Através das páginas de *Selecciones*, trasladamo-nos a todas as partes do globo, conhecemos desoladas regiões, interessamo-nos por assuntos de transcendência científica, e, enfim, sentimos as vibrações de todos os acontecimentos mundiais, e não só americanos, que possam ter alguma relação com a nossa América ou com a Humanidade em geral.»

Selecciones del Reader's Digest. Impressa em espanhol e distribuida por todos os paises hispano-americanos.

●De Tomás de la Cruz Jr., Havana, Cuba:

«Creio ter descoberto o segredo do êxito de *Selecciones*. Soube recolher, em síntese admiravel, todas as palpitações do mundo em que vivemos. E bem imagino o homem que chega em casa, instalando-se numa poltrona, para saborear o prazer encerrado nesta pequena enciclopédia.»

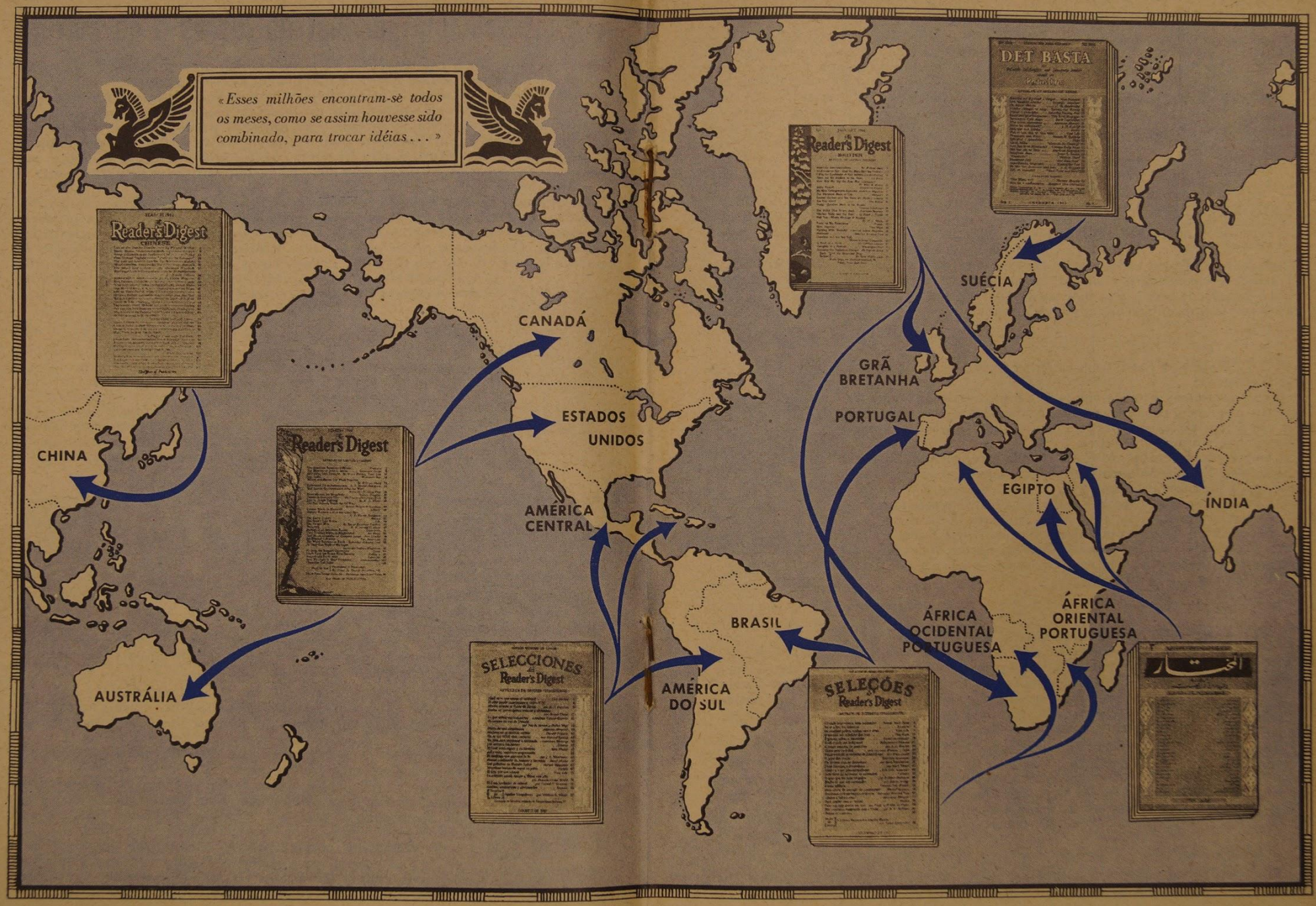
Al Mukhtar min Reader's Digest. Impressa em árabe no Cairo. Distribuida no mundo árabe.

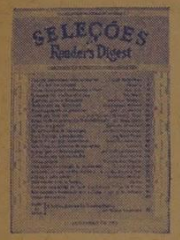
●De Abbas Mahmud el Abhad, biógrafo, crítico e poeta egípcio:

«É esplêndido sintoma que os leitores de língua árabe possam agora participar deste lauto banquete mundial de boa leitura. Que os milhões de leitores pelo mundo em fora participem deste tipo de leitura já é, em si, um elo mental a uní-los. Esses milhões encontram-se todos os meses, como se assim houvesse sido combinado, para debater e trocar idéias e opiniões. Dou as boas-vindas a *Al Mukhtar min Reader's Digest* como mensageiro de cultura às terras árabes, como um vínculo de amizade entre os povos, e uma luz que dissipa os preconceitos.»

●De Emil Zaidan, redator-chefe de revistas no Oriente Médio:

«Não tenho dúvidas de que *Al Mukhtar*, que atrai o público de tantas nações, abrirá largo caminho de interesse, contribuindo para aumentar a circulação de outras boas revistas e bons livros.»


«Esses milhões encontram-sè todos os meses, como se assim houvesse sido combinado, para trocar idéias . . . »
Reader's Digest
CHINESE
Reader's Digest
Reader's Digest
DET BÄSTA
CANADÁ
ESTADOS UNIDOS
CHINA
AMÉRICA CENTRAL
AUSTRÁLIA
SELECCIONES Reader's Digest
BRASIL
AMÉRICA DO SUL
SELEÇÕES Reader's Digest
SUÉCIA
GRÃ BRETANHA
PORTUGAL
EGIPTO
ÍNDIA
ÁFRICA OCIDENTAL PORTUGUESA
ÁFRICA ORIENTAL PORTUGUESA
المختار



Seleções do Reader's Digest. Impressa em português. Distribuida no Brasil, em Portugal, bem como algumas das colônias Portuguesas da Ásia e da África.

• Pela Professora Lucia Magalhães, na Hora da Juventude, Rádio Nacional, Rio de Janeiro:

«Coligindo aquilo que as revistas de todo o mundo apresentam de mais relevante, buscando os assuntos que empolgam no momento, *Seleções* tem ainda o bom critério de orientar a sua escolha dentro da moralidade ampla e sadia, dentro de um espírito ao mesmo tempo instrutivo e agradavel, e sobretudo de se especializar em assuntos construtivos.

E a juventude brasileira, que se prepara para a vida durante estes anos tormentosos da humanidade, que trabalha e cresce para substituir uma geração sacrificada, precisa formar sua mentalidade com leituras dessa ordem.»

• De José Vieitas Jnr., São Paulo, Brasil:

«Agora, pela primeira vez, o público brasileiro pode ler, num livreto bem impresso, de preço ínfimo, artigos muito bem escritos de autores e correspondentes de fama mundial.»

• Pelo dr. James Ferraz Alvim, diretor da *Revista de Neurologia e Psiquiatria*, São Paulo:

«As Seleções constituem veículo de disseminação da ciência, da cultura, do conhecimento, orientados para o bem individual, familiar, social. E' por isto que sou leitor assíduo desta revista, e recomendo-a como boa leitura.»

• De J. W. Robertson Scott, famoso escritor inglês, editor da revista *The Countryman:*

«Sempre, em toda a minha vida, tive a firme convicção de que as misérias do mundo, tais como a guerra e o pesadelo dos armamentos, são, em grande parte, causadas pelo fato de que as nações e as raças pouco conhecem umas das outras.

A ignorância entre os povos é, em elevado grau, devida à barreira dos idiomas. É, pois, indispensavel que nos familiarizemos cada vez mais com a literatura de outros povos.

O êxito do *Reader's Digest* na Grã-Bretanha tem sido para mim motivo de particular satisfação, pois, assim, milhares de patrícios meus (especialmente os jovens) ficam sabendo o que fazem e pensam os cidadãos de outros paises. Para meu gosto, todos os exemplares deveriam ser amplamente circulados de mão em mão, até cair-lhes a capa . . . e mesmo depois.»

Edição Britânica do Reader's Digest. Impressa em Londres. Distribuida na Inglaterra, África do Sul, India e outras possessões britânicas.

Det Bästa ur Reader's Digest. Impressa em sueco, em Estocolmo. Distribuida na Suécia.

• De Anders Oerne, Diretor dos Correios da Suécia:

«Que magnífica fonte de novas e vigorosas idéias! O *Reader's Digest*, com suas publicações internacionais, desempenha papel de não pequena importância ao divulgar tais idéias pelo mundo. É de grande alcance para nós, suecos, isolados como estamos atualmente, poder ler uma revista como *Det Bästa ur Reader's Digest*, que nos mantem em contacto direto com o que se faz e pensa pelo mundo a fora.»

• De Svedberg, agraciado com o Prêmio Nobel na Suécia:

«*Det Bästa* é um sumário de sentimentos e ocorrências, um espelho que reflete o mundo. Para um povo tão pequeno como nós, aquí na Suécia, *Det Bästa* abre uma janela e deixa entrar a brisa de nova primavera, ajudando-nos assim a perceber como as nações livres do mundo conseguem manter bem alto as suas flâmulas.»

De paraquedas no meio dos canibais

Por Eric Sevareid

De um avião de transporte americano que voava sobre a Birmânia, 20 passageiros viram-se obrigados a saltar, que outro meio não tinham de salvar-se. Aquí se descreve, pela primeira vez, a extraordinária aventura que viveram, em seguida, entre selvagens.

ERA O DIA 2 de agosto de 1943, e fazia uma clara manhã, quando, metidos em paraquedas, saltamos os vinte na selva que é confluência entre a Índia, a China e a Birmânia. Ao escrever estas linhas, tenho diante de mim, para refrescar-me a memória, o diário que rabisquei durante o mês que passamos no meio de selvagens —dos que guardam como lembrança a cabeça do inimigo—bem como as instruções que nos mandavam diariamente do ar os aviões que nos encontraram, e algumas roupas que, ao que me parece, terei que lançar ao fogo.

Quando levantamos vôo às oito horas daquela manhã, estava o nosso avião com a lotação completa. Eu não conhecia nenhum dos passageiros, exceto os dois em cuja companhia viajava: John Davies, segundo secretário da embaixada americana em Chunquim, e o capitão Duncan Lee. Vira tambem, por ocasião da partida, William Stanton, do serviço de Guerra Econômica. Os três haviam passado alguns anos na China.

Cada um, à medida que embarcava, ia ensaiando o seu paraquedas, por entre as tétricas pilhérias do costume sobre o que fazer com ele, se não funcionasse devidamente, e eu comecei, de logo, a tomar notas para um artigo que prometera escrever.

Uma hora depois—lembro-me de que então atravessávamos uma escuma de nevoeiro—o cabo Stanley Waterbury pulou por sobre a bagagem, e, num tom de agitação, aliás prazenteiro, gritou ao meu ouvido que estávamos viajando com um só motor, visto que se achava fora de ação, completamente, o da esquerda. Prosseguí nas minhas notas.

As 9 e 15, um dos homens da guarnição abriu a porta, e bradou: «Ponham fora toda a bagagem dos passageiros!» Minha impressão foi de susto, mas, em seguida, de aborrecimento, para não dizer de raiva. Tinha eu levado semanas a reunir o meu equipamento, e substituí-lo importaria em grande perda de tempo. O sargento Ned Miller ajoelhou-se à porta, e, sem mais considerações, foi lançando fora as valises e sacos de soldado, que desapareciam com um silvo. Os minutos corriam céleres. Podíamos vislumbrar, em ambos os lados, picos de cumeada, e em baixo, através de um arrendado de nuvens, o verde caraterístico da selva.

Súbito os membros da tripulação en-

ERIC SEVAREID diplomou-se pela Universidade de Minesota, nos Estados Unidos, em 1936, seguindo logo para Europa, afim de estudar economia e ciência política. Lá foi ficando a escrever artigos sobre os acontecimentos que se desenrolavam. Ocupou vários cargos sucessivos; de reporter passou a redator do *Herald* de París, depois a redator da United Press tambem na capital francesa, e, por fim, locutor do Columbia Broadcasting System, por cujo microfone irradiava notícias da Europa. Quando os alemães ocuparam a França, transferiu-se para Londres, de onde escreveu reportagens sobre os terriveis bombardeios de 1940. Voltou, enfim, aos Estados Unidos para dirigir o escritório da Columbia em Washington. No verão e outono de 1943, visitou a China e a Índia, na qualidade de correspondente de guerra. De regresso ao seu país, passou a irradiar de Nova York.

traram a colocar seus paraquedas. Não me era estranho, já se vê, o que aquilo queria dizer; mas custava-me acreditar que fosse verdade, até pela simples razão de que não podia admitir que uma coisa de tal natureza pudesse jamais acontecer comigo... Davies, que mostrou mais presença de espírito do que qualquer de nós outros, correu a perguntar onde estávamos. Dado o estado de alarme que já reinava, não obteria resposta.

O mais jovem de dois coronéis chineses, puxando-me pela manga do casaco, instalou-se no paraquedas, que pareceu a princípio não se ajustar convenientemente. Mas eu vi que estava direito, e gritei-lhe: «Está bem, está bem.» Ele acenou com a cabeça.

Havia aglomeração no caminho de saida. É que, à hora decisiva, todos hesitavam em dar o salto. John Davies, os dentes arreganhados, lançou-se no ar, e eu murmurei: «Adeus, John.» Confesso que não esperava tornar a vê-lo outra vez. Alguns outros fizeram o mesmo. Como que ainda vejo Bill Stanton, a gritar, com um sotaque de voz britânico: «Saiam do caminho, por Deus, se é que não vão saltar.» E, pondo para o lado dois homens, precipitou-se da altura.

Nisto, vi surgir diretamente abaixo do avião, a não mais que uns 60 metros, o que devia ser uma colina, coberta de verdura. Aproveitei, e saltei, como os demais passageiros; foi a primeira vez que o fiz na minha vida.

O avião, por esse tempo, tinha começado a virar, tomando tal posição que saí de cabeça para baixo. Fechei os olhos. O vento soprava, rijo. Dir-se-ia que eu sabia o que estava fazendo. Esperei um longo segundo, antes de puxar a argola com ambas as mãos. Vi-me então arremessado, já agora de pé, num terrivel solavanco, e disse alto, e não sem grande surpresa: «Meu Deus, estou salvo!»

O solavanco fez-me abrir os olhos. Tive, de pronto, uma visão de conjunto: o vale, em toda a sua extensão; um lugarejo, a cerca de quatro quilômetros; um rio, e, quase em linha direta abaixo de mim, uma grande fogueira, a lançar da montanha para o alto tremendas línguas de fogo de cor alaranjada. Dei com a vista em três outros paraquedas, um dos quais ia exatamente em direção às chamas. Pedí a Deus que me livrasse de ir cair na fogueira, tanto mais quanto eu tambem, pelo rumo em que flutuava, corria o mesmo risco.

A seguir, e de repente, encontrei-me a rolar através de um matagal espesso. Era a chegada em terra. Vi que não

tinha ferimento algum. Todo o episódio do paraquedas não havia durado, no meu caso, mais do que uns vinte segundos.

LUTEI desesperadamente para desembaraçar-me do aparelho. Por entre a vegetação incrivelmente densa, nada me era dado ver para lá de uns três metros. Sentia-me todo molhado, e fui logo recebendo as primeiras ferroadas dos insetos da mata. Tomado de vago pavor, deixei por alí o paraquedas, e saí rompendo o matagal a caminho da fogueira, tentando fazer-me anunciar por gritos, quando me não vinha irresistivel a vontade de vomitar. Foram os peores momentos que jamais viví.

Não fazia a menor idéia do lugar em que caíramos, nem dos respectivos naturais, não podendo, portanto, saber se eram estes amigos ou hostís. Alimento, nenhum; roupa, tão só a que trazia no corpo; arma, um canivete. A certa altura, já o sangue proveniente de mordeduras de sanguessugas começava a correr-me pelas pernas. Impressões e pensamentos, mais ou menos histéricos, invadiam-me o espírito. Como viver? Com que? Como possivel desvencilhar-me sozinho de tal situação? Lembrei-me, porem, de um rapaz da minha terra, que tinha passado 40 dias nas matas da Nova Guiné. Se ele pôde, eu poderia. Não; eu sabia que não poderia.

Ouví, um dado momento, gritos indistintos, como que sumidos, e acalmei-me. Era confortador verificar que não morreria só. Pensei na minha mulher e nos meus gêmeos, e uma onda de funda saudade entrou-me pela alma. A cair e levantar-me repetidamente, calculei o total das minhas economias e seguros, e quantos anos ele bastaria para preservar minha família da necessidade e da pobreza. Ia embebido em tais cogitações, quando dei com os sargentos Miller e Francis Signor, que traziam ambos a aparência de calmos e bem compostos.

Dirigindo-nos, os três, para o local onde caira o avião, e se produzira a fogueira, encontramos no caminho o sargento Walter Oswalt, encarregado do rádio, que permanecera no seu posto o mais que foi possivel, expedindo comunicados sobre a nossa posição, para efeitos de socorro. Vinha segurando um dos tornozelos que se achava quebrado. «Com os diabos,» disse ele, «logo eu, o homem maior do avião, é que saio ferido!» Pesava quase 100 quilos. Amarrei-lhe no tornozelo um pedaço de seda de paraquedas. Surgiu em seguida, arrastando-se, o piloto, oficial aviador Harry Neveu. Tinha uma costela partida. Miller seguiu à frente, cortando o mato com uma grande faca, e procuramos ajudar Oswalt a ir caminhando conosco.

O que ainda restava do avião, eram apenas destroços fumegantes. A explosão tinha limpado uma área, em derredor, de uns dois mil metros quadrados. Não encontramos, porem, vestígio de carne humana. Um pequeno pássaro da mata pulava sobre a relva, impossibilitado de voar, porque metade das asas o fogo lhe havia levado. Matei-o com um pau, para pôr-lhe termo ao sofrimento.

Ficamos alí sentados cerca de uma hora, sem saber o que fazer. Senão quando, nos veio aos ouvidos o ruido de um avião. Parecia impossivel que nos tivessem encontrado tão rapidamente. Graças, entretanto, a Oswalt, assim aconteceu. O avião orientou-se pelo sinal precisamente do fumo que subia dos destroços. Agitamos freneticamente

os paraquedas, e gritamos. O aparelho evoluia para diante e para trás, e Neveu então observou: «Eles vão despejar provisões, e querem naturalmente que estejamos numa área descoberta.»

Deixando Signor com Oswalt, subimos penosamente pela encosta, ainda aí por entre o matagal, até que demos com um caminho estreito, e por ele nos dirigimos, a toda pressa, para o lugarejo, que era o povoado local. Quando chegamos a uma clareira, o avião baixou, e, conforme Neveu previra, lançou do ar, para terra, dois volumes. Apanhamos o primeiro, o qual continha dois fuzís Springfield, rações enlatadas, um grande cantil de água, cigarros, fósforos, compridas facas próprias para o mato, e cobertores. Pela cor amarela do outro, compreendemos que se tratava de equipamento de rádio. Mas seu paraquedas não se tinha aberto, e assim não nos foi facil encontrá-lo.

Enquanto nos detínhamos à procura, ouvimos gritos estranhos, que vinham da direção do caminho estreito. Corrí a juntar-me a Neveu, que tinha uma pistola, e aguardamos, intranquilos. Eram nativos da região que se aproximavam de nós, homens, todos eles, musculosos, trazendo facas e chuços, tatuados nos braços e no queixo, e tendo por vestuário apenas uma tanga e um largo cinto de couro, com uma bainha de faca. Segurei com firmeza meu canivete, e pus-me de sobreaviso, dizendo baixinho a Neveu que não fizesse menção de usar da pistola, nem revelasse hostilidade ou medo. Algum instinto que me terá naturalmente provindo da leitura de novelas, mais ou menos baratas, a que serviram de assunto os índios americanos, levou-me a erguer, sem mais aquela, a mão, e perguntar-lhes: «Que há!»—como se eles acaso me entendessem.

Os homens fincaram no chão as lanças, e, com um sorriso, nos ofereceram uma espécie de cozimento de milho e gramíneas outras, e cerveja de arroz. A beberagem cheirava a comida para porcos. Fizemos por ingerí-la, e eles se puseram de cócoras em roda, a examinar com os dedos o pano da nossa roupa. Harry tinha uma folha de papel, contendo algumas indicações de emergência para os que caissem, em paraquedas, naquelas colinas. Nada, porem, constava sobre a tribo em cujo seio fôramos parar.

Por meio de sinais, pedí-lhes que procurassem, e eles rapidamente o encontraram, o volume que continha o equipamento de rádio. O aparelho de transmissão estava quebrado, mas o receptor vinha perfeito. Havia tambem longas tiras de pano branco, destinadas a ser empregadas como painéis de sinal, e acompanhadas de um código para o respectivo uso; e—o que foi para nós ainda melhor—esta mensagem dactilografada:

«Permaneçam no local onde caiu o avião, até que a turma de salvamento aí chegue. Não há perigo de ação inimiga, na zona. Dêem alguns sinais de vida, para o avião que os procure, acendendo uma fogueira, ou desfraldando pedaços de paraquedas. Novas provisões chegarão pelo ar amanhã.»

Alguns momentos depois, o que ainda me restava de inquietação desaparecia de todo, quando um nativo, que

chegava, a correr, do rumo oposto ao de onde tínhamos vindo, me entregou uma nota, escrita a lapis, de John e Duncan: «Reuna-se ao resto do grupo na aldeia P. O portador o levará até lá.» John tinha saltado do avião algum tempo antes de nós outros, e caira evidentemente uns tantos quilômetros adiante.

A esta altura, foram aparecendo vários outros companheiros, entre os quais, a coxear, com um tornozelo torcido, o tenente Roland Lee. Nativos, a gritar, mas em tom cadenciado, carregavam o sargento Oswalt numa liteira que se improvisara com duas blusas de campo e varas de bambú. Oswalt desfalecera no caminho.

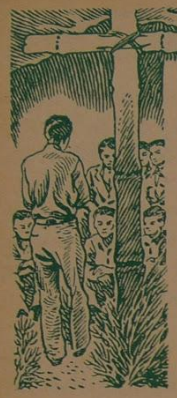
Escreví estas linhas a John: «Onze homens aquí. Dois com as pernas em más condições. As provisões estão sendo lançadas aquí, e é para aquí que virá a turma de salvamento, que não deverá tardar. Venha pois reunir-se a nós. Estaremos na aldeia que fica a cerca de dois quilômetros ao sul do ponto onde o nosso avião caiu.» Dei, como recompensa, ao mensageiro, o paraquedas do equipamento de rádio, e ele partiu como um raio.

O trabalho de congregar todo o pessoal na aldeia, dalí a dois quilômetros, prolongou-se até certa hora adiantada da tarde. Já lá se achavam Stanton, o coronel Wang, o soldado William Schrandt, e um ou dois outros. Schrandt veio ao nosso encontro, limpando os lábios, e a dizer-nos, em voz alta, que não perdêssemos tempo, pois a galinha e os ovos estavam excelentes. Oswalt foi conduzido para o *basha* central, espécie de salão público, acompanhado por centenas de habitantes da terra, semi-nús. Ouvimos logo depois o ruido anunciador de avião que se aproximava, e, com efeito, dentro de alguns momentos, estávamos quase todos a recolher os volumes, contendo, em regra, munições de boca, despejados do alto, e a impedir que os nativos dalí saissem levando o pano dos paraquedas, porque tudo era motivo para que brigassem, uns com os outros, e com tudo, exceto facas.

O avião tornou a vir, despejando mais três fardos, e abrindo-se outros tantos paraquedas. Mas, com grande surpresa minha, os fardos, desta vez, tinham pernas, e convertiam-se em homens. Vi que flutuavam rumo à encosta, e corrí cegamente a recebê-los—e digo cegamente, porque de fato, pela primeira vez, no decurso de toda a catástrofe, tive os olhos turvados pelas lágrimas.

Dirigí-me, sôfrego, ao primeiro dos recem-vindos, que foi calmamente desenrolando dos joelhos ataduras de proteção. Ele sorriu, estendeu-me a mão, e disse: «Sou o coronel Flickinger, médico. Vimos, pelo painel do sinal, que vocês estavam precisando de socorro médico.»

Parecia-me inacreditavel que aqueles homens, por sua livre e espontânea vontade, tivessem vindo participar, em pessoa, das nossas vicissitudes. A comoção prendia-me a garganta, não me deixando fazer outra coisa senão piscar agitadamente os olhos. Altruismo no denodo—eis o que eu via no ato do tenente coronel Don Flickinger e seus dois ajudantes, sargento Richard Passey e cabo William Mackenzie. Flickinger, um detentor da Cruz por Serviços Distintos em Vôo, não tinha recebido qualquer ordem de saltar em nosso auxílio; e os dois oficiais inferiores nunca haviam descido em paraquedas.



No basha, àquela noite, à luz de tochas, o coronel Flickinger tratou o tornozelo quebrado de Oswalt, pondo nele uma tala de bambú. Alguns dos principais entre os nativos acocoraram-se ao redor do lume, comendo carne fresca de cabra, enquanto centenas de olhos curiosos não se fatigavam de espiar pelas frestas da estrutura, igualmente de bambú.

Um velho, de tez enrugada, que se achava agachado atrás de mim, com um bebê amarrado às costas, e que não parava de chorar, apontou para um abcesso que a criança apresentava um pouco abaixo do ouvido, e em seguida para o médico, abrindo a mão onde trazia um ovo, com que lhe remuneraria os serviços. O coronel, uma vez pensado o ferimento de Oswalt, deu ao velho um remédio, explicando-lhe, por gestos, como tratar o pequeno. Aquilo foi o ponto de partida para um serviço diário de assistência médica, que Flickinger entrou a manter, em favor dos nativos.

Tivera eu um dia cheio. Deitara-me, na minha úmida esteira de bambú, e escutava o bater da chuva. Por volta de meia-noite, ouví gritos, do lado de fora, e, olhando através das frestas, vi que se aproximavam algumas pessoas, à luz de archotes. Dois guerreiros, do tipo dos que já tivera ocasião de ver naquele mesmo dia, rebentaram no *basha*. «Acho que é o dr. Sevareid, não?» disse alguem, em voz forte, animada. Era John, que vinha com Duncan e três outros dos nossos companheiros, o coronel Kwoh e os sargentos Evan Wilder e Joseph Gigure. Fizemos as nossas contas. Toda a «carga» do avião estava agora presente, com exceção do piloto adjunto, tenente Charles Felix, e do cabo Lemmon.

Contou-nos John que os cinco homens do seu grupo haviam descido perto da aldeia P...., no outro lado da serra. O chefe local da tribo foi ao encontro deles, com os seus guerreiros. John é perito em arte diplomática, de modo que lhes deu a perceber que os conhecia como gente boa. O chefe gostou dos seus modos, e então John o meteu no paraquedas aberto, e o velho saiu aos pulos, com a mochila a bater-lhe nos quadrís.

Trouxeram em seguida os nativos uma pequena cabra que balia, mas tambem uma grande faca. Dizia John que, por um momento, ficou sem saber ao certo qual seria a cabeça a rolar, se a sua, se a da cabra. O chefe escolheu o sargento Wilder para servir de carniceiro no cerimonial. Wilder fechou os olhos, e decepou a cabeça da pobre vítima imbele, cujo corpo, em ato contínuo, foi pendurado alí perto, para que todos bebessem um pouco de sangue quente. Por fortuna, nenhum dos nossos homens vomitou.

John tirou o seu relógio do pulso, e amarrou-o solenemente no do chefe. Teve assim facilidades para enviar-me o bilhete a que me referí, e, quando recebeu minha resposta, deu início, com os companheiros, à dura marcha, longa de catorze quilômetros, debaixo de fortes chuvas. O jovem coronel Kwoh, que tinha tomado parte na retirada da Birmânia, sofria, não pouco, de um pé torcido, mas, quando os outros iam fraquejando, ou se mostravam propensos ao sono, os estimulava a prosseguir.

No dia seguinte, o avião despejou mais uma dúzia de fardos, e uma nota escrita a máquina: «O agente político inglês está conosco, e procura identificar a posição onde vocês se encontram. A turma de salvamento partirá, logo que saibamos onde se acham vocês. É importante que aí permaneçam até que cheguemos. O agente acredita que há elementos entre os nativos da zona que podem ser perigosos, cumprindo, pois, ter o caso na devida atenção, para proceder com segurança. Precisamos talvez de uma semana, para levar tudo a cabo. Digam o de que necessitam.» A nota vinha assinada pelo major St. Clair McKelway, oficial do serviço de informações, antes da guerra conhecido articulista.

Os volumes, jogados do avião, tinham caido sobre o milharal do povoado, esmagando alguns pés de milho, e atribuimos a isso o fato de pedir-nos um dos chefes que nos removêssemos para um sítio a quase um quilômetro dalí. O coronel Flickinger não viu com bons olhos a coisa, imaginando que eles podiam querer afastar-nos da aldeia, para, com maior facilidade, liquidar-nos, a todos; não nos revelou, todavia, no momento, os seus receios.

Enquanto mudávamos de acampamento, chegou até nós um peão, e nos fez sinais indicando que um homem jazia na mata. Bateu com a mão no joelho várias vezes. Interpretamos: «É Lemmon ou Felix; um ou outro lá está, com uma perna quebrada.» Partimos, sem demora, com uma maca, Passey, Mackenzie, o sargento Glen Kittleson e eu. Quando os nativos desviaram o passo, rumando para os destroços do avião, compreendí que o que iríamos encontrar não seria alguem com vida.

Com efeito, haviam achado, em baixo dos destroços, o corpo de Charles Felix, o piloto adjunto. Tinha uma perna cortada à altura do joelho, e era óbvio que morrera instantaneamente, ao cair em terra o aparelho. Cumprira inteiramente o seu dever, mantendo no ar o avião, até que nos afastássemos de território inimigo. Mackenzie e Passey enterraram-no, dando-lhe por mortalha um paraquedas. Fincaram no seu túmulo uma cruz, e os nativos, silenciosos, puseram-se a escutar, enquanto Mackenzie, com lágrimas nos olhos, lia em voz alta o Salmo 23 e a Oração do Senhor.

Quando voltamos, já outros tantos nativos haviam preparado, para o nosso novo pouso, vários *bashas* de bambú, com cobertura de palha. Resolvemos ter à mão, enquanto dormíamos, as carabinas leves automáticas, que recebêramos com as provisões, e mesmo com elas montar guarda à noite, embora evitando exibí-las ameaçadoramente aos nativos.

Coube naturalmente ao coronel dirigir o acampamento, distribuindo o serviço. As relações com o pessoal da terra ficaram a cargo de John. Duncan ficou encarregado das provisões, tocando a cozinha a Gigure, e a Stanton os painéis de sinais. Eu era o guarda da lenha e, a despeito do meu protesto, fui feito tambem capelão.

No primeiro domingo que se seguiu, fiz erguer num outeiro, acima do acampamento, grande cruz de madeira, e celebrei um serviço, aliás breve, dedicado à memória de Felix. Havia anos que não tinha estado numa igreja, de modo que a conciência me dizia: «Você não tem o direito de fazer isto.» Mas o coronel o ordenara, e, quando posterior-

mente ele me disse que as minhas leituras da Bíblia estavam confortando, principalmente os mais moços, sentí-me intimamente mais tranquilo.

Decorridos alguns dias, Sangbah, espécie de representante nativo dos ingleses naquela região, chegou de sua aldeia, que distava dalí alguns quilômetros. Ele compreendia alguma coisa de inglês, era simples, inteligente, simpático, e nós apelávamos para os seus bons ofícios sempre que surgia qualquer dúvida nos nossos negócios de trocas, que em geral se processavam entre pano e latas de folha, do nosso lado, e lenha, galinhas e ovos, do lado dos nativos. Adquirimos tambem, pelo mesmo método, algumas facas e chuços, e dentro em breve notávamos que os nativos introduziam nos lóbulos das orelhas, a título de ornamento, tiras de pano ensan uentadas e chaves de abrir lata.

Chefes locais vinham de longe, em marcha de muitos dias, para ver os fantásticos homens brancos que tinham caido do céu. A maior parte deles nunca tinha visto uma pessoa de raça branca. Dávamos-lhes presentes, e lhes permitíamos que ficassem, de cócoras, silenciosos, a sorrir, em volta à nossa fogueira. Eles gostavam de sal, mas detestavam açucar ou bombons. Se acaso os levavam à boca, punham-nos fora, cuspindo.

Gradualmente, fomos conhecendo mais de perto a gente com que lidávamos. Havia indolentes e trabalhadores, egoistas e prestimosos. Mas eram todos honestos. Nunca sofremos um furto, quando a verdade é que, se eles quisessem, nos teriam deixado sem nada. Muitos tinham belos olhos, e fisionomias que se diriam distintas num próprio meio civilizado. Acabamos tomando por alguns verdadeira afeição.

As mulheres não podiam aproximar-se do nosso acampamento. Isso lhes era vedado. Ocasionalmente as encontrávamos nos campos de milho. Algumas, bem bonitas. Em geral, muito limpas, com pernas e seios bem feitos, mas os tornozelos um tanto grossos. Usavam apenas curtas saias de pano escuro.

Quatro dias eram passados sobre a nossa descida, quando vieram dizer-nos, ou antes, indicar-nos, visto que se falava por sinais, que um dos nossos companheiros vinha sendo transportado. Só poderia ser o cabo Lemmon. Partimos ao seu encontro com uma maca, e em pouco o avistamos a cambalear, com os braços apoiados sobre os ombros de dois musculosos selvagens. Lemmon tinha descido, não mais que uns cinco a seis quilômetros alem. Imaginou ter caido em terra japonesa, e assim, sempre que via nativos, se escondia. Os insetos cairam-lhe em cima, impiedosamente. Não podendo acender os fósforos, porque estes se achavam umedecidos, mascava os cigarros, em busca de estimulante. À noite, procurava cobrir-se com folhas de banana, que nada protegiam contra a chuva.

Afinal, desistiu daquilo, e foi ter, engatinhando, a uma choupana isolada. Quando os nativos da aldeia P... o encontraram, já se achava ele em condições de nem mais poder amedrontar-se. Nem razão, para tal, haveria, pois aqueles o trataram com a devida humanidade. Bateram-lhe no ombro, aqueceram-no, trouxeram-no até nós. Tinha Lemmon os pés em mau estado; nada, porem, de grave.

Sempre que o permitiam as condições atmosféricas, o avião retornava, tivesse ou não alguma coisa a trazer-nos, mas para mostrar aos nativos que não estávamos abandonados. Vôos tão ousados como aqueles, nunca tinha eu visto. Os pilotos desciam, por entre o nevoeiro que sempre envolvia os picos do nosso estreito vale, até pairar a apenas 15 metros, e daí despejar os fardos, para nós, e sacos de sal, para os nativos.

Uma tarde, ouvimos gritos; era um bando, centenas de nativos, que vinham do alto da serra, trazendo, arrastado, um novilho. Ia este ser morto em nossa honra. Chegados à entrada do nosso acampamento, um chefe de clã deitou uma comprida falação, e cravou um chuço no peito do animal, amarrando-lhe em seguida, com talos de videira, uma das patas, num caibro fincado no chão. Após outro longo discurso, fez-se compreender ao coronel que lhe cumpria amarrar num segundo caibro outra pata, o que ele cumpriu de maneira a dar aos manifestantes boa impressão. Um discurso, naquelas alturas, pareceria impróprio. O coronel, então, reuniu o nosso grupo, e entoamos uma canção popular, que os nativos escutaram com toda gravidade. Eis-nos assim proclamados, oficialmente, amigos.

À espera de que chegasse a turma de salvamento, vimos escoarem-se lentamente duas semanas. Dormíamos em leito perfumado, já que do ar nos tinham remetido, por alguma estranha razão, verdadeiro carregamento de chá. Mas, logo que adormecíamos, as pulgas banqueteavam-se. Antes de nos recolhermos, passávamos, não raro, boas horas à volta da fogueira, a entreter-nos em conversa sobre assuntos agradaveis, entoando, aquí e alí, quanta canção nos acudia à mente. Flocos de neblina esbranquiçada recortavam-se no escuro da serrania como geleiras em movimento, e uma vez, pela meia noite, fomos empolgados pela vista de um perfeito arco-iris ao luar.

Certa vez, após um dia normal, pela tardinha chegaram os nossos salvadores. Eram Philip Adams, agente político britânico, o tenente Andrew La Bont e o sargento John DeChain, do Corpo de Transmissões de Sinais, do exército dos Estados Unidos. Vinham de um posto avançado inglês, e traziam cinco dias de marcha.

Adams ficou, para nós, inesquecivel. Um rapagão de 29 anos, do Sussex, louro, cabelo anelado, trajava calções azues, sapatos baixos, uma blusa de polo, tambem azul, e uma comprida piteira pendia-lhe dos lábios. Falando com voz suave, e num legítimo sotaque de Oxford, fazia-se acompanhar de guardas selvagens e dezenas de *coolies*, trabalhadores do campo daquelas regiões, e munira-se, entre outras coisas, de bom tabuleiro de xadrez, com as respectivas peças, e bombons de hortelã pimenta. Como bom inglês, vinha «seco» por tomar o seu chá. Era ele o «sahib de M», a quem Sangbah tantas vezes se referira em termos reverentes como o verdadeiro rei daquelas selvas.

Soubemos então, por Adams, que nos encontrávamos no meio de gente perigosa, cuja conduta para com os estranhos era sempre dificil prever. Houvesse um dos nossos ofendido um dos nativos, é muito possivel, acrescentou ele,

que nos tivessem cortado, a todos, a cabeça. Os precedentes daquela aldeia não eram nada tranquilizadores. Quatro anos antes, Adams reagira contra ela, com um pelotão de soldados, e, após uma luta, a incendiara, voltando um ano depois, quando ficaram restabelecidas as relações de boa vizinhança entre os seus naturais e o território de administração britânica.

A aldeia P..., situada no outro lado da serra, estava fora do dito território, e ninguem exercia sobre ela, e assim sobre os seus guerreiros, qualquer autoridade. Vínhamos agora a saber que um nativo, amigo dos ingleses, tinha corrido até M... afim de avisar a Adams que certo grupo de jovens exaltados de P... era de opinião que nos cortassem, um por um, em pedaços. Daí os grandes presentes que foram despejados do avião, e o duplo tempo que empregara Adams na marcha ao nosso encontro. Tinha ele mandado adiante, para proteger-nos, 30 nativos armados, os quais se achavam ocultos nos pontos que davam acesso ao nosso acampamento, sem que jamais o houvéssemos notado, ou tivéssemos tido, a respeito, a mínima notícia. Os 30 tinham por chefe Tang-Bang, irmão mais velho de Sangbah, e temido geralmente com o mais perigoso matador daquelas latitudes. Arrolava a seu crédito, ou descrédito, 17 cabeças.

O fato é que gostamos de Tang-Bang. Extraordinariamente vigoroso, usava uma pele de leopardo, e grossos ornamentos de marfim. Não andava propriamente; quando se deslocava, era aos pulos, que mais parecia uma pantera. Ria a todo momento, e sentia prazer especial em mostrar-nos a sua besta, que armava com os pés, expedindo uma seta envenenada que ia ter, com a maior precisão, a um alvo situado à distância de 75 metros.

Começamos a preparar-nos para a árdua caminhada de duas semanas através de mata e serra. Mais duas toneladas de sal em pedra foram despejadas do ar, e distribuidas por Adams entre os chefes. Os aviões trouxeram-nos mesmo alguns chapéus de sol que nos pareceram grotescos, mas se tornaram extremamente uteis. Não houve minúcia, por ínfima que fosse, de que não tivessem cogitado, para melhor ajudar-nos, as tripulações aéreas. Uma tarde, permaneceram cerca de uma hora, a tomar, por meio de sinais, as medidas exatas dos sapatos que deveriam enviar para cada um de nós.

Dada, entretanto, a presença dos guardas armados de Adams, a entrar, de alguma forma, em colisão com os nossos amigos da aldeia, a atmosfera foi-se transformando de confiante em hostil. Uma noite, dois dos guardas fizeram mão baixa numas latas do cabo Waterbury. Como questão de princípio, indiscutivelmente era grave. O imperturbavel Adams pôs em forma todo o grupo. Aquilo não podia ficar de todo impune, nem sobretudo reproduzir-se. Recolheu calmamente todas as facas, e anunciou que não seriam restituidas, enquanto os dois malfeitores não fossem descobertos. O certo é que o foram, dentro de uma hora. Todos receberam as suas facas, exceto os dois, que ainda sofreram o castigo de conduzir cargas, como *coolies*, nos dois primeiros dias da marcha.

Na véspera da nossa partida, à noite, um nativo aproximou-se timidamente do coronel Flickinger, que tratara uma infecção no couro cabeludo, de que padecera o seu bebê. Depositou aos pés do coronel o que possuia de melhor, uma linda besta de madeira vermelha polida, com ornatos de marfim.

A 18 de agosto—era dia de chuva e cerração—mobilizamo-nos para partir. Foi então precisamente que estivemos mais a pique de acabar em desastre. É que deixávamos uma pilha de pano, cordas de seda, latas de folha e gêneros alimentícios, e os *coolies*, que iam carregar as nossas cargas, se enfureceram ao considerar que os nativos da aldeia se apossariam de tudo aquilo, que era mais justo pertencesse a eles, em prêmio do seu trabalho. Aglomeraram-se em pequenos grupos, em atitude ameaçadora, e estabeleceu-se algazarra. Depois, um deles sacou da faca, e passou a pular acima e abaixo, exortando os demais à reação. Tivesse esta começo, e resultaria, sem dúvida, em motim e morticínio, pois a luta, naquelas circunstâncias, tenderia naturalmente a generalizar-se.

Adams interveio incontinenti, sem outra arma que a sua piteira. Agarrando, à direita e à esquerda pelos cabelos, os matadores amotinados, sem sequer voltar a encará-los, não deixava transparecer na fisionomia o menor indício de medo. Eu faço restrições, em muitos pontos, às classes dirigentes inglesas; não, porem, no que diga respeito a coragem física. Adams é um caso típico da raça, nem dela encontrei jamais, no particular de que se trata, melhor representante. Tivesse ele mostrado o mais vago receio, não se houvesse portado, como se portou, na emergência, com o mais absoluto destemor, e tudo estaria perdido. É essa a minha impressão. Mas os *coolies* foram reprimidos, e a mobilização continuou. Oito nativos tomaram a si a condução de Oswalt, numa liteira de bambú, a cantar, em cadência, enquanto caminhavam. Com 60 guardas, munidos de arma de fogo, 26 homens brancos, e mais de 100 carregadores, conduzindo carga, estendia-se a nossa coluna por mais de três quilômetros ao longo do caminho acidentado e tortuoso da mata.

Eram tudo subidas e descidas. Os nativos estabelecem suas aldeias em pontos elevados, para melhor proteger-se contra ataques de surpresa, e os caminhos correspondem às posições topográficas dos vários núcleos de população. Alguns de nós bebemos água de mais, e ficamos adoentados. Uns, como eu, se queixavam em voz alta, para melhor suportar os variados incômodos; outros preferiam sofrê-los num silêncio mal humorado. Uma tarde, o piloto, Neveu, chegou a desfalecer. De modo geral, entretanto, mantivemo-nos em boa forma, tratados, que éramos, cada noite, pelo coronel Flickinger, esquecido de que se achava, ele próprio, às bordas da exhaustão. Quando algum parecia em termos de não mais poder dar um passo, aí estava Davies para, com um brado pilhérico, restabelecer-lhe o ânimo. Nos momentos mais angustiosos, o modo chistoso como ele parodiava o canto dos nativos, ao mesmo tempo divertia-os e nos desanuviava o espírito.

Já havia anoitecido, no segundo dia de viagem, quando chegamos à aldeia onde morava Sangbah. Estivera ele doente, com febre, vários dias. Sentamo-nos no chão esteirado do seu limpo e

bem posto *basha*, e bebemos *zu*, a cerveja de arroz, que a sua mulher, uma bela morena, nos serviu, enquanto o coronel lhe dizia quão gratos nos achávamos. Sangbah mostrou-se triste por não poder acompanhar-nos na marcha, como tanto desejara. Depois, levantando-se com dificuldade, tirou da parede uma pequena escultura, em latão, de um rosto humano. Era aquilo um bem precioso, até porque exprimia para o dono a honra de haver algum dia arrancado a cabeça a alguem. Ele o ofereceu ao coronel, com vago sorriso de melancolia; e os dois se comoveram quase às lágrimas.

Depois, tivemos que ir ao *basha* de Tang-Bang, que ficava paredes meias, e tornar a beber *zu*, tambem servido pela mulher, que logo se notava pertencer ao tipo desenvolto, ornada vistosamente de contas de toda espécie, e de braceletes de latão. Desmanchou-se em artes e gestos para impressionar os visitantes. Dormimos, àquela noite, na aldeia, e não fomos poupados pelas pulgas. Acolhemo-nos em seguida ao acampamento que Adams nos havia preparado, ao vir ao nosso encontro.

Uma tarde, quando estávamos acampados num alto de montanha, o avião despejou uma quantidade de sacos de sal em pedra, que cairam sobre o nosso *basha*, escangalhando-o. Reclamamos vivamente, e o segundo piloto, Jones, nos respondeu, pelo rádio: «Não se importem. Amanhã usaremos uma alça de lança-bombas.» Mas acrescentou, consolando-nos: «Dentro de um ou dois dias, mandaremos galinha assada e sorvete. Seriamente; não vão pensar que é pilhéria.» Dito e feito. Veio tambem cerveja, genuinamente americana! Alguns dos rapazes arregalaram os olhos, antes de entornar o seu copo.

A medida que os dias passavam, o caminho tornava-se mais largo, a cerveja de arroz mais gostosa, e os nativos menores e mais fracos. A civilização aproximava-se aos poucos, e já podíamos descortinar as planícies da Índia, através das abertas das montanhas. Até que, certa manhã, demos com a vista numa linha de *jeeps* americanos, e tivemos que enfrentar uma bateria de fotógrafos. Destacaram-me para falar ao microfone. Não houve senão fazê-lo, e devo dizer que, em toda a nossa odisséia, foi o que mais exhausto me deixou.

Tínhamos feito, a pé, em dez dias, mais de 220 quilômetros, através de caminhos incrivelmente ásperos, o que era motivo de surpresa e, ao mesmo tempo, de agrado, para o indômito Adams. O acidente, de que fôramos vítimas, havia redundado em semanas de trabalho para centenas de homens, oficiais inclusive, e o salvamento custara alguns milhares de dólares. Mas eis-nos enfim escapos, e com vida.

É com afeição que nos lembramos da hospitalidade dos selvagens que habitam as serras e matas a que nos levou o destino em circunstâncias tão críticas. Eles poderiam ter seguido o seu processo normal, matando-nos, um por um. Entretanto, muito ao invés, nos ajudaram a viver. O que pensavam efetivamente de nós, não posso imaginar; mas creio que a impressão que lhes deixamos será de muito proveito para outros americanos que se vejam algum dia na contingência de saltar, como nós, naquelas selvas, para escapar à catástrofe.

Uma noite, no caminho, um dos guardas nativos disse a Schrandt: «Índia, alí.» Apontou para oeste. «China, alí.» Apontou para o norte. «América, alí.» E apontou para o alto.

«Escute Aquí, Soldado Hargrove»

Condensação do livro *See Here, Private Hargrove*

Por MARION HARGROVE

«ESCUTE AQUÍ, SOLDADO HARGROVE,» escreve o capitão Eric Knight, autor de *This Above All* (A Verdade Acima de Tudo), «você não tem estilo de espécie alguma, e sua sintaxe é horrivel... É por isso que o seu livro tem tanta graça e tanta vida, sendo mesmo a melhor obra até agora escrita sobre a vida da mocidade americana em serviço no Exército. Pais e mães que tenham filhos nas fileiras— leiam este livro, e sentir-se-ão tranquilos». Já disseram tambem outros críticos que «este é o melhor documento, até agora publicado, sobre a vida dos soldados americanos na presente guerra».

Marion Hargrove, que, mau grado as palavras de Eric Knight, tem certamente estilo, é um rapaz de 24 anos, que entrou para o Exército após uma vida civil que se poderia chamar turbulenta, tal a diversidade das ocupações a que se dedicou: de garçon, passou a trabalhar numa agência de publicidade, tornando-se depois porteiro de cinema, e em seguida fez parte da redação do jornal *News*, da cidade de Charlotte, na Carolina do Norte. No Exército classificaram-no a princípio, erroneamente, como cozinheiro, mas agora Hargrove (já promovido a cabo), deixou de representar uma ameaça para o estômago dos seus camaradas, tendo sido transferido como dactilógrafo.

Diz ele que o Sargento, ao saber dessa transferência, murmurou com ar beatífico: «O Senhor nos dá, e o Senhor nos tira! Bendito seja Deus!»

Copyright 1942, Henry Holt & Co., 257 East 33 Street, Nova York.

INTRODUÇÃO—POR MAXWELL ANDERSON

Quando estive de visita ao Forte Bragg na última primavera, deparei com um agrupamento que, a distância, me deu idéia de um assalto à mão armada em plena luz do dia. Ao centro estava um soldado alto e bem parecido, assediado por um grupo de camaradas que lhe tiravam dinheiro das mãos, ao mesmo tempo que gritavam animadamente.

—Que é que está havendo aí? perguntei.

—Responda, moço, disse um sargento atlético, o qual tambem embolsava, com ar satisfeito, parte dos «lucros».

—Bem, cavalheiro,—respondeu a vítima, que tinha aliás forte sotaque sulista,—estes rapazes são os meus acionistas, e estão dividindo o meu soldo entre si. Senhores,—continuou, dirigindo-se aos companheiros—não se terão esquecido da minha mesada para cigarros?

—Você passa sem cigarros este mês, Hargrove,—retrucou um dos outros, acrescentando em seguida, para mim:—Nós temos um bom interesse financeiro neste sujeito. Donde é que o senhor vem?

—De Nova York, respondí.

—O sr. conhece algum editor por lá? indagou um rapagão com tipo de irlandês, enquanto olhava para os colegas. —Talvez nós pudéssemos fazer um contrato...

—Como? perguntei.

—Bem. Este «cara» passa a vida escrevendo, e tudo que ele escreve passa para as nossas mãos, como penhor de empréstimos. O sr. quer ver?

—Porque não? foi minha resposta.— Mas como foi que este sulista veio parar às mãos de agiotas como vocês?

—Ah! É porque está apaixonado..., explicaram-me. —Três vezes por ano ele hipoteca o produto de seu trabalho, e vende até a alma, para conseguir dinheiro afim de ir ver a pequena. E ela, a ingrata, não quer saber de casamento ainda. Ora, o pobre desgraçado, se não vê a garota, fica incapaz de escrever. E se não escrever, perdemos toda a esperança de restituição do nosso rico dinheiro... Como o sr. vê, estamos enterrados...

Nesse momento, Hargrove interrompeu:

—Não quero que o sr. pense que este negocinho só tem vantagens unilaterais. O sr. compreende: os meus amigos me dão o suficiente para que eu possa comprar os pequenos nadas que considero essenciais ao sustento do meu espírito. Apesar de serem tão gananciosos em questões de dinheiro, não me querem privar inteiramente dos cigarros, refrescos ou leitura. Aliás, pode-se dizer mesmo que eu sou o soldado mais bem tratado aquí no Exército... O sr. sabe—é como diz a Bíblia: «Onde está o teu tesouro, aí está o teu coração». E quanto mais endividado eu estiver, maior será o cuidado deles pelo meu bem-estar...

Foi interrompido pela chegada do sargento Sher. Trazia este o manuscrito, que adiante se lerá.

Sou convocado

Na velha companhia, onde a princípio tentaram, em vão, ensinar-me a cozinhar, o primeiro sargento Goldsmith há-de soltar uma exclamação de imenso espanto se souber que eu, o soldado-raso Hargrove, me dispús a escrever conselhos aos futuros conscritos.

— Nossa Senhora! — exclamará ele. —Vejam vocês logo quem é que se mete a dar conselhos! Meu Deus!

Meu caro sargento Goldsmith: alguem já disse que os que sabem, fazem; os que não sabem, ensinam... Pois aquí está, sargento, a modesta contribuição que presto ao Exército e à posteridade.

Se eu fosse realmente transmitir, aos rapazes que vão servir no Exército, um pouco de minha experiência, resumiria tudo no seguinte: «faça uma farra estrondosa em sua última semana de vida civil; não preste atenção aos avisos que lhe quiserem soprar aos ouvidos. Não forme uma idéia prematura do que será a vida militar: entre para o Exército com o espírito desprevenido.»

Duas semanas após a incorporação, o novo emprego lhe parecerá insuportavel: depois de ser mandado daquí para alí, de ter sido submetido, em constrangedora nudez, a complicadíssimo exame médico, passará a considerar a vida privada e o individualismo como saudosas preciosidades, deixadas para trás, numa sociedade verdadeiramente paradisíaca.

Você terá vontade de matar pelo menos um sargento e dois cabos... Será vacinado contra todas as doenças possiveis e imaginaveis, aprenderá a fazer ordem unida, manejar o fuzil, e usar a máscara contra gases; ficará conhecendo as peculiaridades dos veículos de guerra e as complexidades da etiqueta militar. Carregará víveres, carvão, lixo e cinzas. Desencaixotará fuzís cobertos de graxa espessa, tendo depois que limpar cuidadosamente toda essa mesma graxa. Terá que acender fornalhas, encerar soalhos e dar um brilho perfeito às vidraças. E o peor é que tudo que lhe for ensinado lhe dará a impressão de ser de uma inutilidade absurda.

Mas toda essa «perseguição» é prevista e proposital: faz parte da dificil tarefa de transformar um civil em soldado.

Seu primeiro sentimento não será de tristeza e de pena de si mesmo—será de raiva. Ficará simplesmente furioso! Mas, acredite ou não, acabará por se sentir bem: cheio de coragem e de energia, terá a sensação de ter encontrado a si próprio. E à medida que forem chegando novos recrutas, v. os contemplará com o olhar paternal do veterano de um mês em presença de calouros.

Como conselho prático, não há nada melhor que a regra de ouro do Exército: «Olhos abertos e boca fechada.»

Ao lidar com cabos e sargentos, lembre-se sempre disto: conquiste-lhes pri-

meiro a amizade, e deixe as brincadeiras para depois. (Aliás, se se trata do sargento-ajudante, talvez seja mais acertado nunca passar à fase das brincadeiras.)

O que é mais importante lembrar é o seguinte: seja correto em suas atitudes, faça o seu serviço, respeite os superiores, evite atritos com os outros soldados, tenha sempre limpos a sua pessoa e o seu equipamento; enfim—porte-se bem. Procedendo desse modo, nunca terá dissabores no Exército.

Se quiser saber o que sucede quando não se seguem à risca as simples regras que sugiro acima, veja o que aconteceu ao soldado Hargrove, do Exército dos Estados Unidos.

NAQUELA MANHÃ de julho de 1941, a estação dos ônibus apresentava um aspecto patético: mães chorosas e namoradas tristes, cheias do mais nobre sentimento de compaixão, afluiram ao bota-fora dos seus entes queridos, com exclamações repassadas de melancolia e saudade. Horrivel! Afinal tomamos o ônibus, e partimos para o Forte Bragg.

Muitas horas depois, já no dormitório, surgiu no limiar da porta a cabeça de um soldado, que soprou com força um assovio, gritando em seguida: «Nove horas! Apaguem as luzes, e não façam mais barulho: hora de dormir!»

—Afinal de contas, foi um dia bem cheio! observei ao meu colega Melvin Piel, caido na cama ao lado, com um acesso de gripe.

—Ora se foi! concordou.—Que dia! Que vida! Estou *pregado* e até sangrando. Exame para classificação, exame de dactilografia, exame médico...

—Esse negócio de exame médico é engraçado, comentou outro recruta. —Antes de começar, a gente tem medo de ser aprovado. Mas durante o exame, o medo é de não passar!

—É, eu tambem reparei nisso, retruquei. —Não é que a vida militar me atraia, mas francamente, hoje de manhã, quando eles estavam me examinando, pensei que uma reprovação seria o tipo da coisa inoportuna.

—Olhem pra mim! disse Piel. —Imaginem o orgulho que não sentirá o pessoal lá em Atlanta. Eu, Melvin Piel, sou um perfeito espécime do gênero humano!

Estava nisso a nossa palestra, quando entrou um soldado:

—Se vocês, seus isso-assim-assim, não fecharem essas bocas disso-assim-assado, e não quiserem dormir logo, eu volto aquí, e mando vocês todos escovarem esse chão com escova de dentes. Bons sonhos!

Então—que remédio!—fechamos os olhos, e dormimos.

De manhã fizemos o juramento à bandeira. Mais tarde um dos rapazes me contou que, quando o irmão dele foi convocado, havia na companhia um velho sargento que estava tendo um trabalho louco para manter os homens em silêncio antes da solenidade do juramento. «Senhores, — implorava ele — por favor, fiquem quietos!» Durante o juramento propriamente dito, mantiveram-se disciplinados e em silêncio, mas logo que terminou a cerimônia reiniciaram a algazarra. Então o velho militar, não se contendo, virou-se para os soldados com um sorriso cheio de doçura, e rosnou: «Já sois soldados do Exército dos Estados Unidos.» (pausa). «E agora, calem a boca, seus bandidos!»

NA PRIMEIRA MANHÃ em que comparecemos no Centro de Recepção dos Recrutas, indicaram-nos um edifício

com aspecto de armazem, perto da estrada de ferro. Aí tomaram-nos as medidas para as fardas; pescoço, cintura, cabeça, pés...

Notei com espanto que o funcionário ordenou, em alta voz, ao sapateiro, que me fornecesse um par de sapatos número 44.

—Um momento, interrompí. —Eu calço 41.

—Desculpe, meu caro,—foi a resposta, em tom ligeiramente cansado—você *calçava* 41. Agora é 44—isto aquí é sapato pra andar de fato.

Íamos seguindo ao longo de um balcão comprido, de onde apanhávamos a farda, mochilas, capas, cantís e peças de barracas. Daí passamos a uma sala maior, onde recebemos a nova indumentária, que passamos imediatamente a vestir.

Eu estava parado alí, aguardando o que desse e viesse, quando subitamente um dos empregados se aproximou por trás de mim, e me colocou às costas qualquer objeto pesadíssimo que me ia levando ao chão.

—Fique firme, seu moço, ordenou ele. —Estou amarrando o seu equipamento completo de campanha, e é bom ir-se acostumando com este negócio. Agora vá até aquela rampa e suba, para eu ver se o calçado está bom. Vamos logo, depressa!

Lançando o olhar na direção da rampa, verifiquei tratar-se de um declive quase perpendicular, que levava a uma plataforma estreita. Retruquei com firmeza que, com aquelas botas e o monstruoso equipamento às costas, não seria capaz nem de chegar até a base da rampa. Como única resposta, ele olhou para mim de maneira bastànte significativa; e lá fui eu sem pestanejar, firmemente decidido a escalar a subida, custasse o que custasse.

Daquí, onde vamos?

ERA UMA linda manhã. Desde a alvorada até o meio-dia, estivemos desfrutando as maravilhas da Natureza, enquanto completávamos nossa marcha de 40 quilômetros nos arredores da caserna.

Depois do almoço, ouvimos um assovio infernal, e Melvin Piel explicou que íamos ser destacados para nossos postos permanentes. O sargento foi chamando os nomes na primeira lista; eram camaradas que seguiriam para a Virgínia. —Isso não é nada, declarou Piel. —Nós somos os próximos, e vamos é para a Califórnia.

De fato, quando o sargento gritou os nomes da segunda lista, os nossos lá estavam. Fomos conduzidos por um cabo pela pista em fora. Quanto a mim, já sentia as folhas das palmeiras californianas a me afagarem docemente o rosto...

—Pra onde é que vamos, senhor cabo? perguntei ansiosamente.

—Apanhar as latas de lixo, respondeu.

Atrás do Pavilhão Número 17, deparamos com três dessas latas, das quais emanava forte odor. Mais adiante havia outras. Lá estava tambem um soldado, com cara alegre, sob cujas ordens iríamos trabalhar; disse-nos ele: —Vocês vão limpar essas latas tão bem, que elas ficarão parecendo espelhos: quero ver minha cara refletida no alumínio.

—Que mau gosto! murmurou Johnny Lisk. Mas, como não havia outro remédio, limpamo-las e as polimos, deixando-as realmente em excelente estado.

—Agora é preciso pintá-las, explicou o soldado.

E assim passamos toda a tarde, sob um sol escaldante, pintando latas de

lixo. Depois, seguimos para o núcleo onde estava o comando da companhia, e lá fomos pintar outras. Ao terminarmos, já era, sem dúvida alguma, a hora do jantar.

E o nosso patrão improvisado, soldadinho metido a veterano, suspirou exhausto.

—Entrem aí no caminhão, ordenou. Quando chegamos em frente ao nosso pavilhão, desceu, e de novo nos dirigiu a palavra: —O chofer do caminhão ficaria imensamente grato se vocês quisessem ajudá-lo a lavar o carro.

E lá fomos nós... A caminho, olhamos desconsolados para o refeitório, que se sumia à medida que o veículo avançava quatro, seis, oito quilômetros... Lavamos o caminhão. Quando finalmente voltamos ao refeitório, estávamos realmente cansados demais para ter fome. Mas, assim mesmo, comemos.

—Há uma coisa que me consola, observou Lisk. —O dia de amanhã não poderá ser peor do que o de hoje...

Nesse momento apareceu Fred McPhail, dizendo: —Boas notícias, amigos. Amanhã não vai haver ordem unida.

Suspiramos com indescritivel alívio.

—Pois é, continuou McPhail. —Vamos ficar livres de marchas o dia todo; o pavilhão inteiro foi destacado para o rancho.

AFINAL DE CONTAS, o tal serviço de rancho foi bem simples. Basta a gente se levantar uma hora mais cedo, servir a comida, e manter o refeitório em bom estado de limpeza.

Depois de servirmos o café, um cabo pôs-me uma vassoura na mão esquerda e um espanador na direita. Dois de nós fomos escolhidos para limpar o pavilhão dos cozinheiros. Para causar boa impressão ao cabo, terminamos sem demora o nosso serviço; com isso, entretanto, cometemos, segundo ficamos sabendo mais tarde, gravíssimo erro de tática e uma infração do código de conduta dos recrutas. Realmente, quanto mais cedo a gente terminar um serviço, tanto mais depressa começará outro...

Fui promovido para a seção de polimento da bateria de cozinha. «Bom,— comentei—pelo menos agora posso descansar as costas, que sofreram um bocado com essa história de lavar chão.»

Assim que me ouviu falar em «lavagem», o sargento responsavel pelo refeitório me entregou um pano de chão. Queria com certeza que os ladrilhos ficassem tão brilhantes, que neles pudesse ver depois a própria cara refletida. Depois do almoço, deu-lhe na veneta mandar-me dar brilho aos ladrilhos da varandinha traseira.

Em todo o caso, melhoramos bem o aspecto do refeitório do Centro de Recepção. Entretanto, o tal serviço de rancho parece trabalho de mulher — nunca fica inteiramente acabado. Conrad Wilson, um dos nossos amigos, resolveu marcar um dos caldeirões para ver quantas vezes lavaríamos o mesmo: no fim, a peça marcada havia passado 22 vezes por nossas mãos!

Anunciei então solenemente que jamais tornaria a pôr os olhos em cozinha.

E eis que, na manhã seguinte, classificaram-me como cozinheiro «semi-perito»! Meus colegas nesse serviço haviam tido, na vida civil, as profissões mais diversas: entre eles havia funcionários do Correio, vendedores de máquinas agrícolas, maquinistas, rebitadores, pedreiros, e um ferreiro.

Frequentamos uma escola, armados de livros de receitas, manuais e cadernos para fazer os exercícios... Cada um tem

que dar contas de seus progressos ao sargento do rancho, responsavel por uma das nossas 64 cozinhas.

O sargento do rancho, segundo a lenda que corre nos círculos militares, é um cozinheiro a quem assaram os miolos. Isso aliás não se aplica em absoluto ao sargento da nossa companhia, pois esse é um sujeito extremamente sensivel, que chora lágrimas de dor dentro da panela de batatas, toda vez que alguem o aborrece ou ofende.

Todos nós, que atualmente estudamos para cozinheiro, teremos o direito de aspirar a ser sargentos do rancho. Se alcançarmos esse posto, poderemos ficar sentados nas frígidas salas de jantar, gritando ordens aos cozinheiros, que a sua vez as transmitirão aos novos estudantes, e estes aos soldados encarregados do serviço da cozinha naquele dia. Mas não pensem que esta vida é boa, como lhes poderia parecer: o sargento do rancho é responsavel pelas encomendas de mantimentos, tendo que fazer inventários de todas as rações, preparar os menús, verificar se a comida está sendo bem cozinhada, e, enfim, fiscalizar o trabalho dos cozinheiros, dos estudantes e dos soldados que alí se achem em serviço. E, alem disso tudo, ainda é obrigado a ouvir todas as reclamações contra a alimentação.

Mas afinal hei-de aprender, ao menos, alguma coisa. Já sei arrumar camas, varrer chão, lavar ladrilhos, limpar vidraças e até costurar. Quando me casar, serei uma esposa exemplar!

Homens e armas

AO CHEGAR a hora de regressar a casa, então provavelmente já serei o melhor soldado do Forte Bragg. Pelo menos, recebo mais atenções, individualmente, do que qualquer outro.

Há poucos dias, de manhã, ensinaram-nos a manejar o fuzil. Foi com espanto que aprendí que há certo e determinado método de carregá-lo, colocá-lo a um ombro, depois ao outro, apresentá-lo à revista, e repô-lo no chão.

Mas cada vez que eu a segurava, a arma escorregava, e ia finalmente cair com força sobre o meu pé. Afinal o sargento deu ordem de *alto*, e, com mal disfarçada impaciência, passou a explicar-me certas coisas que eu evidentemente não havia compreendido bem.

Apesar disso, ainda fiz certa confusão: por exemplo, ao chegarmos ao fim dum exercício de ordem unida, meu fuzil estava no ombro esquerdo, quando os outros tinham os seus no direito; alem disso, eu em geral terminava os exercícios antes dos outros, o que provocou ao sargento um comentário: «Sabe, menino-prodígio, você conseguiu fazer o serviço mais depressa do que qualquer pessoa do Ministério da Guerra!»

Dito isso, chamou o cabo, e este me conduziu docemente para um determinado ponto atrás do pavilhão, onde começou a dizer, com voz pausada e clara:

—Isto aquí é um objeto que nós chamamos fuzil. F-U-Z-I-L. Serve para dar

tiros. Os homens primitivos, ao que tudo indica, não tinham fuzís. Hoje porem,—continuou—a civilização já aperfeiçoou de tal forma as armas de fogo que...

E assim foi, fazendo verdadeira preleção sobre o assunto; em seguida começamos toda a aprendizagem desde o início, manual em punho, até que, passados 45 minutos, o pobre cabo já suava.

—E agora, soldado Hargrove, tem alguma pergunta a fazer ainda?

—Tenho sim senhor, respondí. —Que é que me adianta ter fuzil? Eu vou ser cozinheiro!

O cabo enxugou a testa: —Bem, soldado Hargrove, — disse, tocando-me afetuosamente no ombro—em primeiro lugar, você poderá descascar batatas com a baioneta. E depois, há o seguinte: você, como soldado, meu filho, não deu lá muito certo; e se na cozinha for a mesma coisa, o fuzil há-de prestar serviço, depois do café, do almoço e do jantar, para você se proteger contra os reclamantes...

À HORA da revista, eu era o segundo da primeira fila.

«Escute aquí, soldado Hargrove,—explicara o sargento previamente.—Procure fazer ao menos isto direito. Procure lembrar-se de certas regrazinhas muito simples: quando o oficial de revista chegar em frente ao soldado à sua esquerda, apresente a arma. Se ele pegar o seu fuzil, não fique segurando na arma, senão ela bate na sua barriga, e é uma dor que dura uma quinzena inteira. Quando ele acabar de examinar o fuzil e o atirar para você, não vá deixar que a baioneta lhe bata no queixo. Uma vez de posse da arma, feche o ferrolho e dispare o gatilho. E tomara v. se esquecer disso!»

Quatro segundos depois de termos apresentado as armas à revista, uma mosca pousou-me na testa. O bichinho do inferno caminhou pacificamente de um lado ao outro de minha cabeça, e depois repetiu a excursão. Parou um instante para limpar os sapatos, e começou a andar lentamente, batendo os pés. E o meu nariz começou a coçar: era um mosquito que acabava de fazer uma aterragem de três pontos. Lancei ao sargento um olhar que dizia, claramente: «Isto não pode continuar assim por muito tempo. Daquí a pouco vai ter estouro!» E o olhar com que ele me respondeu retrucava, em palavras enfaticamente grifadas: «Se você mexer uma pálpebra que seja, eu te quebro a cara!»

De repente, quando eu menos esperava, o oficial que fazia a revista pegou o fuzil do meu colega Grafenstein, que estava ao meu lado. Fiquei absolutamente paralisado pela rapidez de movimentos com que Grafenstein entregou a arma, e o oficial a examinou. O sargento fazia-me caretas furiosas, lançando os olhos significativamente para o ferrolho do meu fuzil. Menos de um segundo antes do oficial pedir minha arma, conseguí abrir o ferrolho.

O oficial chegou, olhou minha cara e suspirou. Com uma ternura infinita, retirou delicadamente a arma de minhas mãos, examinou-a e devolveu-ma como se estivesse entregando um par de halteres pesados a uma velha de 80 anos. Com outro suspiro, dirigiu-se ao rapaz à minha direita, cujo fuzil segurou de maneira a dar a impressão de que o soldado seria capaz de se desmantelar e cair desmaiado ao soltar a arma.

Ao receber de novo o fuzil, o soldado fechou o ferrolho e disparou o gatilho. «É agora!» murmurei para mim mesmo, tendo aliás usado palavras um pouco mais fortes. Olhei receoso para o fuzil.

Um pouco adiante, ouví o disparo de outro gatilho, e a seguir outro e mais outro. Minha única esperança, era evidente, seria uma possibilidade remota: eu teria que disparar o meu gatilho ao mesmo tempo que algum outro soldado disparasse o dele, de modo que o estalo não chamasse a atenção.

Chegou um momento que julguei ser oportuno. Apertei o dedo ao gatilho. Reinava profundo silêncio, de maneira que o estalo foi ouvido em todos os cantos do quartel...

Ora... Afinal de contas a cozinha não é tão ruim, depois que a gente se acostuma.

Apresentar... armas!

DAQUÍ a muitos anos, quando alguma de minhas sobrinhas, de olhar angélico, trepar nos meus joelhos e me perguntar: «O que foi que você fez na grande guerra?» hei-de dar-lhe umas boas palmadas. E começarei por dizer-lhe: «Durante a guerra, filhinha, o seu tio ficou muito doente. No primeiro dia que o seu tio passou no Exército, inocularam-lhe os germes da varíola; ainda com a agulha da injeção enfiada no músculo, teve o outro braço picado por uma seringa contendo febre tifóide em dose cavalar; e, mal esse virus do inferno se havia instalado no seu organismo, surge um homem mau com injeções de pneumonia...»

No dia da segunda vacina contra tifo, eu havia sido designado para levantar sacos de batatas no armazem. Mas após a injeção fiquei passando tão mal, que o sargento teve pena de mim, e mandou-me lavar panelas.

Daí a dias deram-me a terceira e última vacina de tifo. Nessa ocasião, minha tarefa era justamente lavar panelas; então, o sargento do rancho apiedou-se, e mandou-me levantar sacos de batatas no armazem.

Entretanto, tifo não é nada em comparação com o soro anti-tetânico. Enquanto dois enfermeiros agarram a vítima, e a seguram no chão, vem um terceiro, carregando uma agulha hipodérmica que mais parece bomba de ar para encher Zeppelin. Quando a última gota penetra o organismo, o paciente levanta-se, dizendo: «É... Não foi tão ruim assim!» Em seguida dá dois passos, e cai para trás desmaiado.

Desse soro eu devia tomar três doses, com intervalos de três semanas; mas como eles tivessem deixado passar 4 semanas entre a segunda e a terceira dose, tivemos que começar tudo de novo! Depois de ter levado 5 injeções, descobriram que a minha ficha médica havia desaparecido, e foi preciso injetar as três doses novamente.

Já então, meu corpo continha mais tétano do que sangue. Mas fui corajoso —tomei mais duas injeções na terceira série.

Depois anunciaram-nos que era necessário vacinar-nos contra febre amarela. Mas acontece que o soro contra essa febre não deve ser misturado com qualquer outra vacina, de sorte que a minha oitava injeção contra tétano teria que ser adiada! Será possivel viver-se com dez injeções de tétano nas vísceras?

Desesperado, entreguei-me à misericórdia do oficial médico: —O dr. me desculpe, expliquei. —Mas o dr. disse que serão dez injeções?

E contei toda a minha tragédia.

—Ah, mas isto é um absurdo!—comentou ele. —É um absurdo darem-se

tantas vacinas contra tétano a um soldado. Bastam três—essa vacina é carísima! O sr. pode ir, soldado Hargrove.

O castigo

Ouví a voz do sargento, nítida e clara, quando passei pela sua porta; entrei, pois, com alguma dor na consciência.

—Você foi para o rancho hoje de novo, não foi?

—Fui sim senhor.

—Ah, meu Deus, eu às vezes fico até desanimado, comentou ele. —Me esforço tanto pra você fazer alguma coisa util, e não adianta nada. Toda vez que passo pela cozinha vejo você lá, esfregando a pia. Quantas vezes você fez o rancho esta semana?

—Três só, seu sargento, respondí, evitando os seus olhos.

—Como é triste a vida dum pobre sargento, observou. —Porque foi que mandaram você pra lá hoje?

—Foi tudo culpa do cabo, seu sargento, respondí, não sem verificar cuidadosamente, com um rápido olhar, se o cabo estaria presente, por acaso, para se defender. —Só porque eu virei à direita quando devia ser à esquerda, e depois me esquecí da proibição e fumei na formatura... só umas coisinhas assim à toa.

—Ah, só? retrucou o sargento. —E alem disso, veja: você fez a meia-volta com muita moleza; marchou olhando para os pés; não acertou um passo nem uma vez a manhã toda; e ainda respondeu malcriadamente ao instrutor de ginástica três vezes! Porque é que você não faz um esforço pra ser bonzinho, e aprender a marchar?

—Não é de propósito, seu sargento, expliquei.

Ele enxugou a testa, fatigado: —Sabe o que foi que o sargento instrutor me disse hoje?

—Não senhor.

—Pois ele me disse que quando o comandante da companhia mandou chamar você ontem, você se encostou à mesa dele, e não parou de mexer os pés. E durante a conversa fez continência quatro vezes, batendo ao mesmo tempo os calcanhares à maneira européia, com uma curvatura de cabeça. E quando o capitão disse que você podia ir embora, você disse: «Obrigado, *seu sargento*», e esqueceu-se de fazer continência.

—Pois é. Eu só me lembrei quando já estava de volta no dormitório, expliquei. —Por isso voltei e fiz a continência.

—O que? Você voltou...? Ah, esta é o cúmulo! gemeu o sargento. Enterrou a cabeça nas mãos, e sacudiu-a lentamente em profundo estado de desespero.

—O sr. queria mais alguma coisa? arrisquei, em voz baixa.

—Não. Chega por hoje, Hargrove, respondeu, ao mesmo tempo que enxugava grossas gotas de suor que lhe cobriam a testa.

—Obrigado, *seu* sargento, disse eu. Fiz a continência, batí os calcanhares, e voltei-me para sair.

—Hargrove,—disse a voz fatigada,—não se faz continência a oficial inferior... Está bom; deixe, Hargrove. Vá dormir.

Os gêmeos calouros

Maury Sher e eu conhecemo-nos bem no início do treinamento. Atrairam-me sua inteligência inata, personalidade agradavel, o senso de humor, os excelentes cigarros e os bolinhos que lhe mandavam de casa. Alem disso, conhecia vários dos estratagemas indispensaveis aos calouros, que quiserem

evitar todos os serviços mais pesados.

Certa vez estávamos os dois sentados nos degraus externos do alojamento, tentando escapar ao serviço de limpeza que estava sendo feito naquele momento, quando percebemos a aproximação ameaçadora do sargento.

—Não adianta escapulir pra dentro, Hargrove, aconselhou-me Sher. —Ele já nos viu. Fique aí mesmo, com um ar cansado, como se já tivesse trabalhado bastante.

Já havíamos aprendido que o Exército usa métodos especiais de armadilha, afim de conseguir voluntários para determinados trabalhos. Um exemplo típico é o do sargento que uma tarde apareceu no salão de descanso, chamando o «soldado Smith»; sendo esse um nome tão comum, quatro se apresentaram imediatamente, e receberam ordens de sair a catar tocos de cigarros no chão.

Outra coisa: não se deve jamais responder afirmativamente a uma pergunta como esta: «Há alguem aquí que saiba dirigir carro?» pois da última vez que nos fizeram essa indagação, três deram resposta afirmativa, e tiveram que passar horas a fio empurrando pesadíssimos carrinhos de mão, para o transporte de cavaletes de fuzil...

Naquele dia, pois, Maury e eu não estávamos dispostos a cair em logro. Assumimos, sem perda de tempo, a mais perfeita expressão de fadiga; o sargento, que vinha apressado, derrapou antes de parar junto aos degraus onde estávamos sentados. Levando a mão ao bolso traseiro da calça, daí tirou um caderninho preto e apontou-nos o dedo.

—Seus malandros!—bradou. —Malandros! Ontem de manhã tive um trabalho louco para ver se a companhia apresentava bom aspecto para a hora da revista. Chega o oficial, e encontra dois pares de sapatos sujos soltos no chão. Soldado Hargrove e Excelentíssimo Senhor Soldado Sher! Apresentem-se ao cabo Farmer em uniforme de faxina.

Assim fizemos, e o cabo passou os olhos por uma lista de fainas, dizendo em seguida: —Vocês dois vão ser designados para o serviço de cantina.

—Esse negócio de cantina é bom, ou não presta?—perguntei.

—Mais ou menos, respondeu Maury. —A gente tem que apanhar tudo quanto for papel e toco de cigarro na cantina, de manhã bem cedinho. Depois a gente volta umas duas ou três vezes por dia pra verificar a limpeza.

—Nos intervalos, procure chamar atenção sobre si o menos possivel, explicou Sher. —É só isso... Quer ter a bondade de apanhar aquele papel de bombom alí adiante? Estou com dor nas costas.

Depois de fazermos uma limpeza em regra no chão, fomo-nos sentar à sombra, contemplando uma companhia a fazer ginástica.

—Aquela rapaziada está melhorando, Mr. Sher, observei.

—Pois é... É o resultado do esforço,

—concordou Maury. —Você não acha que há qualquer coisa de comovente nesses guapos rapazes, em perfeita ordem unida?

E enquanto lá nos deixamos ficar, comovidos com o espetáculo, surgiu outro cabo para nos perturbar o sossego; queria que fôssemos apanhar carvão.

—Ora, que pena! Bem que gostaríamos de ajudá-lo a carregar carvão, meu caro amigo,—disse Maury,—mas o caso é que, no momento, estamos incumbidos de tomar conta da limpeza da cantina. Entretanto, se precisar de nós outra vez, não faça cerimônia.

O cabo olhou-nos espantado, e perguntou: —Mas então vocês estão de castigo, fazendo a faxina?

—Não é preciso usar palavras tão vulgares, retrucou Sher. —Com sua licença, creio que já é hora de irmos ver se há tocos de cigarros na cantina. Vamos, Mister Hargrove?

—Vamos, Mr. Sher. E muito bom-dia, senhor cabo!

Vitaminas de Cavalaria

O SARGENTO-AJUDANTE deliberou que chegara o momento oportuno para tonificar os canteiros de grama e de flores ao redor do quartel. Assim, fomos três—McGlauflin, Roff e eu—no caminhão, em direção às cavalariças.

Há um cuidado extremo, devo dizer, por parte dos responsaveis, para que os depósitos de adubos sejam bem conservados e distribuidos. O campo fica coberto, a perder de vista, com montículos cúbicos, ocultos sob uma camada de palha.

Ficamos os três de pé, no cume de uma colina, enchendo o caminhão com a preciosa carga, ao mesmo tempo que fazíamos comentários sobre a pureza revigorante da atmosfera, e ouvíamos a conversa de outros rapazes que, a pequena distância, tambem trabalhavam. Alguns lamentavam a aparente inutilidade daquele serviço; outros amaldiçoavam, com amargura, o melhor amigo do homem: o cavalo. Mais adiante, dois soldados, que trabalhavam com uma única picareta, faziam comparações sobre a beleza da música de Liszt e de Tchaikowsky, dando cabal demonstração de que nada pode deter a arte.

Fizemos, ao todo, três viagens até as cavalariças, e afinal conseguíramos dar maior vigor e riqueza à terra em volta do alojamento do ordenança, do refeitório e de quatro pavilhões da Companhia A. Acabando, tomamos longo e confortavel banho, e vestimo-nos para o jantar, que seria mais cedo.

À porta do refeitório fomos recebidos pelo sargento do rancho, o qual, farejando, delicadamente, o ar à nossa volta, fechou cuidadosamente a porta diante de nós, dizendo: «Sumam-se!»

Voltamos, pois, à caserna, e, sentados, escondemo-nos o mais possivel.

—Vocês não estão sentindo um cheiro exquisito? perguntou Sher, aliás com a maior impolidez. Todo o mundo estava sentindo um cheiro estranho, e não era propriamente *Chanel* Número Cinco... Em vista disso, McGlauflin, Roff e eu levantamo-nos altivamente e, com dignidade, retiramo-nos; era evidente que a sociedade nos repudiava. Entretanto, virá um dia a primavera—e então a grama há-de crescer, fresca e verdejante, ao redor da Companhia A.

O Serviço de Sentinela

«UMA DAS tarefas de maior importância e responsabilidade na vida de um soldado,—disse-nos o sargento Taylor,—é o serviço da guarda.»

Uma vez por mês, o soldado designado para sentinela fica «de serviço» duas horas, descansando outras duas, alternadamente, durante o espaço de 24 horas, incumbido-lhe, em cada período de duas horas de trabalho, «percorrer o seu posto com passo militar», protegendo o sossego e a segurança de uma parte desse posto. É responsavel apenas perante um cabo da guarda, um sargento da guarda, um oficial de dia, e o seu oficial comandante.

O sargento contou-nos a história de um recruta, que fazia pela primeira vez o serviço de guarda; quando Taylor entrou pelo portão, a sentinela bradou-lhe «Alto!», interrogou-o, e em seguida deixou-o passar. Mal havia ele, porem, caminhado alguns passos, quando o recruta novamente gritou: «Alto!»; o sargento naturalmente voltou, e pediu, com toda a delicadeza, que o soldado lhe explicasse porque fizera isso. —Bem, —respondeu a sentinela,—eu tenho ordens de gritar «Alto» três vezes, e depois atirar. O sr. já ouviu dois «Altos».

Quando a sentinela do Posto 7, digamos, faz algum prisioneiro, ou «se vê diante de um caso sobre o qual as instruções sejam omissas», deve bradar: «Cabo da guarda! Posto Sete!», o que equivale a pedir ao cabo que venha sem demora. A sentinela do Posto 6, ouvindo o brado do seu colega, transmite-o ao do número 5, e assim por diante.

A esse propósito, conta-se o caso de um oficial de dia que arguia um «calouro» no serviço de sentinela. —Suponhamos,—sugeriu o oficial,—suponhamos que você gritasse «Alto» três vezes, e eu não parasse. Que faria você?

A sentinela pareceu desconcertada, mas acabou respondendo: —Bem, eu chamava o cabo da guarda...

O oficial, achando graça, e antegozando o resto, prosseguiu. —Ah! E para que é que você chamaria o cabo?

Dessa feita a resposta não se fez esperar; veio pronta e decidida: —Para carregar o cadaver do senhor, *seu* tenente!

Outra vez, uma sentinela, que prometia bastante, foi interrogada pelo sargento.

—O que é que v. faria se visse um navio de guerra entrando pelo acampamento?

O guarda refletiu com energia, mas escusado é dizer que não conseguiu encontrar resposta alguma dentro das especificações oficiais, que sabia de cor. Mas não tardou que se fizesse luz, subitamente, em seu espírito. —Bem, eu mandava um torpedo para afundar o navio.

O sargento soltou uma exclamação. —Ah, é? E onde é que v. ia arranjar o torpedo?

E o soldado respondeu-lhe, com um sorriso luminoso: —No mesmo lugar em que o sr. foi buscar o tal navio...

Decididamente, os heróis já nascem feitos...

A arte de resmungar

«QUANDO um soldado acha jeito de resmungar ou reclamar,—comentou o cabo Henry Ussery, em um grupo de rapazes, com ar solene—fica todo feliz, feito leitão quentando sol... Aliás, o próprio Exército reconhece que é bom resmungar de vez em quando, para desabafar as emoções. Quando vocês vieram para cá, eram inteiramente ignorantes nesse assunto de reclamações... Mas já se vão convencendo de que resmungar é uma arte, da mesma maneira que procurar evitar serviço...»

Nesse momento, mostrei aos outros uma carta que estava sendo distribuida pelo quartel, e que era de fato um mo-

delo clássico da arte de resmungar entre soldados. Ei-la:

«Meu caro e infeliz amigo paisano: Estou entusiasmado com a vida militar. Dormimos todas as manhãs até às 6 horas, pelo menos. Assim, temos tempo de sobra para escovar os dentes, lavar o rosto, vestir e arrumar as camas, até às 6:10. Às 6:15 temos que estar de pé, do lado de fora do alojamento, tremendo de frio, enquanto o corneteiro, que é um (aquí uma palavra cortada pela censura), toca a alvorada. Já bem enregelados, cambaleamos na escuridão até encontrar o refeitório. Aí tomamos nossa primeira refeição, que consiste num líquido anônimo, acompanhado de pão preto ou branco, à escolha. Voltamos ao alojamento muito bem alimentados. Até às 7:30 deixamo-nos ficar por alí sentados, e pouco fazemos alem de lavar as instalações sanitárias e as janelas, limpar o assoalho, e apanhar todos os paus de fósforos e tocos de cigarros que possamos encontrar dentro de um raio de 600 metros em volta da caserna. Daí a pouco chega o sargento, que nos manda sair para o ar livre e o sol quente; fazemos então uns números simples de ginástica, como por exemplo tocar com as mãos os dedos dos pés, estando estes bem levantados.

«Às 8 vamos buscar nossos equipamentos leves para passear pelas colinas. O equipamento leve inclue o fuzil, a baioneta, o cantil, marmita, caneca, aparelho de barbear, barraca individual, capa de chuva, cinto de munição, estojo de primeiros socorros, extintor de incêndio, espeques para barraca e o respectivo mastro, corda, machadinha, pá pequena, e outros objetos de menos importância. Com meu equipamento leve às costas, peso cerca de 110 quilos, sendo que antes de entrar para o exército meu peso regulava em 70—por aí se vê como é facil engordar nas fileiras.

«Ao meio-dia, os que ainda têm forças vão manquejando até a enfermaria, onde os doentes se dividem em duas categorias: (1), os que sofrem de *pé de atleta*, e (2) os atacados de resfriados. Para o pé de atleta, espalham-nos iodo entre os dedos dos pés; e para os resfriados, pintam-nos a garganta com iodo. Quem não tiver nem pé de atleta nem resfriado, é mandado, preso, para a casa da guarda, acusado de fingir de oficial.

«Bem, amigo, não posso continuar escrevendo, pois já ouví a chamada para o almoço, e não quero ficar em atraso, porque, você compreende, hoje vamos comer canjica. Canjica outra vez—que bom!

P.S.—Definição de canjica: Naftalina frita na manteiga.»

Contando histórias

Quando conseguí uma licença, fui até Charlotte, e aí a primeira pessoa que procurei foi Ward Beecher Threatt, jornalista que trabalha na redação do *News*, daquela cidade.

—Então, Hargrove,—perguntou ele, —como vai o Exército? Tenho estado ansioso pelas suas primeiras impressões.

—Bem, no conjunto..., tentei dizer.

—Ah! Nada como o Exército! foi ele dizendo. —Nem por um milhão de dólares eu trocaria o período que passei no quartel. Você já tem graduação?

—Bem..., (tentei de novo.)

—Pois eu quando estava no Exército, só tive uma série de altos e baixos. Cheguei a sargento três vezes, e três vezes me botaram pra fora, «a bem do serviço público»...

—Interessante foi a nossa viagem para o Forte, iniciei.

—Ah! Nós, no trem, começamos a jogar,—disse Threatt—e afinal eu tive que telegrafar pra casa, pedindo dinheiro... Vocês já receberam o soldo?

—Vamos receber... procurei falar, mas Ward interrompeu de novo.

—No dia em que nós chegamos a Brest, fizemos uma «sociedade» uns vinte rapazes—pra comprar um maço de cigarros... Por falar nisso, que tal é a *bóia* no Forte Bragg?

—Eu acho que...

—Lá na França nós trocávamos a água por vinho, mas era dificil dizer o peor. Você gosta da farda?

—Bom, eu...

—Ah! As fardas de hoje não se comparam com as nossas, antigas. Imagine que, em pleno verão, nós tínhamos que usar roupa de lã, colarinhos altos à maneira russa, perneiras de enrolar...

Olhei para o relógio: —Bem, Ward, —disse eu, desanimado,—gostei muito de ter tido essa oportunidade de te contar minha vida no Exército, mas preciso ir indo. Tenho que...

—Está bem, ora essa!—interrompeu aquele homem de letras. —O prazer foi todo meu. É interessantíssimo o que v. me conta. Eu seria capaz de o ouvir horas inteiras!

A hora decisiva

A notícia do ataque japonês a Pearl Harbor causou assombro aos homens do Forte Bragg. Foi estupefaciente. A maioria deles estavam há pouco no Exército, tendo tido menos de um mês de treinamento; e à fúria que a princípio sentiram com a notícia, seguiu-se a ansiedade, o medo de serem enviados à frente de batalha dentro de uma semana, ainda sem a menor experiência, e com instrução insuficiente.

Seu primeiro impulso foi o de se comunicarem com as respectivas famílias, amigos e namoradas. Correram todos a procurar papel de carta e a telefonar.

Mas nesse momento surgiu, na sala de descanso, o major Herston M. Cooper, antigo criminalista e professor de Birmingham, e agora oficial de infantaria, magro e com cara de poucos amigos; no entanto, possuia notavel talento oratório, e sabia formar em torno de si um ambiente de camaradagem. Entrando, aproximou-se do microfone.

—Lá vem coisa, comentou um cabo, com tristeza na voz.—Esse homem vem nos trazer más notícias.

O major pigarreou, contemplando a rapaziada que se reunia em redor dele; e começou a falar: «Sei muito bem que esta é a sala de descanso de vocês, e eu, como oficial do Estado Maior, não devo importuná-los neste recinto. Mas antes de ser oficial fui tambem conscrito, e fartei-me de fazer muito serviço aborrecido de rancho.»

Fez uma pausa, e prosseguiu: «Todo o nosso treinamento aquí tem um objetivo apenas: proteger o que chamamos «a maneira de viver dos americanos». Eu tenho minhas idéias sobre essa «maneira de viver»; nada mais é que o velho espírito americano, o espírito do «vá-pro-inferno», o espírito que aquí se encontra melhor do que em qualquer outro lugar.

«Nós todos—vocês e eu tambem—ao sermos convocados, trouxemos para o Exército os nossos lares. E ainda pensamos menos na guerra do que em voltar para casa, voltar às namoradas, às esposas e aos empregos antigos.

«Pois bem. Agora já sabemos a quantas andamos, e não se trata mais de pensar se vamos ter vida militar por muito tempo, ou apenas como uma espécie de período de férias. Já não há mais dúvi-

das. Sabemos que só nos cabe agora uma tarefa, só temos um emprego, e não há tempo de pensar no escritório ou na fábrica que deixamos atrás.

«Tratem de esquecer as preocupações. Tomem uma cerveja, se quiserem; briguem entre si, desabafem bastante, ou então vão dormir, que quando acordarem não haverá mais problemas. Amanhã escrevam para os seus, em palavras tranquilizadoras. É um dever que têm para com as suas famílias.

«Tenham confiança no futuro; vão receber seu treinamento fundamental, e quando chegar o momento de seguirem para a frente, estarão preparados.

«Creio que é só, amigos».

Dito isso, voltou-se como para deixar a sala, mas tornou ao microfone, e acrescentou: «Esta noite às oito horas haverá o espetáculo semanal de variedades. Estejam a postos.»

Toda vez que leio nas revistas certos artigos sobre o «moral» dos soldados, não posso deixar de sentir certo desânimo e irritação. Só se fala, alí, nos pobre rapazes convocados que, tendo renunciado a tudo para ir preparar-se para a luta, têm que passar todo o tempo de folga encostados pelos cantos, por falta de que fazer, pois ninguem se lembra de proporcionar-lhes algum divertimento. É preciso dizer a esses jornalistas que «moral» não é divertimento.

«Moral» é o sentimento que nos possue quando o batalhão marcha em parada ao redor da caserna; nessas ocasiões, todos fazem questão de ser de fato soldados. Antes e depois da salva à bandeira, ou quando a banda passa, tocando uma marcha empolgante, à passagem do pavilhão nacional,—não se ouve o menor ruido. E quando a minha companhia marcha, em revista, em frente ao Coronel, sinto e estou convencido de que ela é superior a todas, a que revela a melhor apresentação e garbo.

«Moral» é aquela emoção que se apodera de nós quando, sentados na mais completa escuridão, junto à barraca, no acampamento, vemos o holofote do Forte rasgar o céu em todas as direções. É tambem a sensação profunda de contemplar a amplidão da planície e do vale, e ver a longuíssima fileira de caminhões do Exército trafegando lentamente pela estrada.

Isso é que é «moral»: é apenas uma questão de orgulho e brio.

A despedida

Agora o movimento de recrutas, que chegam e partem do Centro de Circunscrição, é cada vez mais intenso. Ou talvez a verdade seja que, nestes dias, reparamos melhor nessas coisas, pois a guerra mudou o aspecto de tais recrutas, que se apresentam agora mais compenetrados e sérios. Esta manhã veio novo grupo: as fardas novas assentavam-lhes mal, e eles se sentiam observados, e por isso acanhados e hesitantes. Estavam incertos quanto ao futuro, e bem pouco à vontade; não haviam tido tempo de curar-se dos primeiros receios, e não lhes fora dado formar uma idéia precisa do que seria a vida militar. Antes e acima de tudo, perguntavam a si mesmos com certo ar de apreensão: «Como será este novo ambiente em que acabamos de entrar?»

A banda do Centro, dirigida pelo pequeno e murcho sargento Knowles, compareceu devidamente, para dar calorosas boas-vindas aos novos rapazes, incutindo-lhes a compreensão de que eram seres humanos e não cabeças de gado embarcadas em consignação... Primeiro tocaram as velhas e conhecidas

marchas militares, que, por antigas, não perderam o seu brilho e vigor; depois deram-nos a ouvir uma interpretação algo duvidosa de uma canção popular, gesto simpático que valia por um piscar de olhos aos recrutas, como a dizer-lhes: «Pois é, isto aquí não é tão mau assim; considerem-se em sua casa!»

E, embora ainda se sentissem desanimados e roidos de incertezas, a maneira pela qual foram recebidos muito contribuiu certamente para os tranquilizar.

Hoje, depois do almoço, ouvimos o marchar de muitos soldados, que se aproximavam do Quartel-General, vindos do sul; era uma companhia que se preparava para partir. Quando se acercaram do pavilhão principal, obedecendo a uma ordem de comando, começaram a contar os passos em voz alta, «Um-dois, um-dois», duzentas vozes em uníssono, vibrantes e ritmadas.

Mochilas pesadas às costas, marchavam em perfeita ordem unida. Fileiras sólidas, marcha viril e confiante. As fardas já não tinham aquele aspecto improvisado de desalinho, e os quepes, embora colocados um tanto à esportiva, estavam corretos, assim como as gravatas, enfiadas entre os botões.

Se a sua chegada correspondeu, por assim dizer, à maré baixa, a partida era como a enchente; os homens que, há apenas algumas semanas, vinham tímidos e assustados, eram agora autênticos soldados. O cabo, figura temivel a princípio, não passava de um sujeito com ambições a sargento... Quanto ao centro de preparação e treinamento, que de início lhes parecia imenso e desalentador, já não era mais que uma sala de exercícios, boazinha, sem dúvida... para os próximos recrutas. Para eles, já soldados, aquilo parecia pequeno demais.

A banda comparece tambem à estação de estrada de ferro para o bota-fora entusiástico. Na plataforma já se acha o general-comandante, com a sua ordenança; esse oficial não é mais o «bicho papão» amedrontador dos primeiros dias; é apenas o general-comandante, excelente soldado e bom homem, que tivera a gentileza de vir à estação.

A banda começa a tocar, lentamente, uma canção que todos adoram.

Ao ouví-la, podemos ver-lhes os rostos entristecidos e os olhos, cobertos agora por uma leve nuvem de melancolia, de uma melancolia corajosa, acompanhada de um encolher de ombros. Dos lares e das famílias, que até alguns meses atrás eram para eles o que há de mais precioso, têm ainda, sem dúvida, uma funda saudade; mas agora, que são soldados e vão para a guerra, é preciso abafar as saudades... O trem começa a mover-se vagarosamente. E um velho sargento, instrutor desses rapazes, com cujos pais lutou há vinte e cinco anos, permanece de pé na plataforma, e contempla a rapaziada com um olhar firme e cheio de orgulho. E exclama:

—Fogo neles, meninada! Fogo neles! Não tenham pena!

SELEÇÕES

do

Reader's Digest

Índice por Autores, Títulos e Matérias

Tomo V — Janeiro a Junho de 1944 — Números 24 a 29

A

Adams, Walter
Ver para aprender ..... *junho* 63
Adeus no campo de batalha, O .... *junho* 33
ÁFRICA
Mais homens para queimar .... *janeiro* 1
ÁFRICA DO SUL
De adversário a lider do Império .. *abril* 77
Afrouxando os laços ..... *junho* 32
Agora ele pertence à posteridade .. *janeiro* 95
AGRICULTURA
O lavrador que arruina a terra. .. *março* 85
A revolução do arroz ..... *maio* 58
Reuniram-se para proteger o solo. *abril* 41
ALEMANHA
A maior falcatrua da História . *fevereiro* 72
A missão decorreu normalmente .. *maio* 1
Assistência à infância ..... *maio* 61
Não basta acabar com os nazistas. *janeiro* 25
Por trás da muralha de aço ..... *maio* 95
Prussianismo... eis o inimigo .... *junho* 13
Transporte misto ..... *maio* 116
ALIMENTAÇÃO
Menú de amanhã ..... *maio* 85
Pela fermentação à carne sintética ..... *janeiro* 89
Alô, flor!..... *maio* 75
Anderson, Sherwood
Como se me revelou meu pai . *fevereiro* 19
ANIMAIS
Argúcia dos animais ..... *abril* 16
Astucioso coiote! ..... *junho* 67
Cães de guerra ..... *abril* 45
Divertimentos na floresta .... *fevereiro* 63
A hecatombe dos búfalos ..... *fevereiro* 45
Irmãos Castores, engenheiros e arquitetos ..... *janeiro* 79
Os animais têm coisas de gente ... *março* 95
ANIMAIS (*cont.*)
Sentinelas da selva ..... *maio* 45
Sindbá, o cachorro marinheiro . *janeiro* 32
Vida espinhosa do porco-espinho. *março* 48
ANTHONY, SUSAN B.
Paladina dos direitos da mulher ... *maio* 51
Anúncios perfumados ..... *junho* 55
Aproveite a minha experiência .... *março* 83
ARÁBIA
Rei da Arábia pelo seu próprio esforço ..... *janeiro* 59
ARGENTINA
Como o povo fez grande o jornal que lhe é fiel ..... *janeiro* 8
Argúcia dos animais ..... *abril* 16
Armstrong, O. K.
Paladina dos direitos da mulher ... *maio* 51
ARTE DE VIVER
Aproveite a minha experiência ... *março* 83
Como fazer amigos ..... *abril* 105
Como viver alem dos seus recursos ..... *junho* 29
Cubra a segunda milha ..... *junho* 61
Minha filha nasceu aleijada ..... *abril* 35
Não há motivo para pessimismos. *abril* 1
Não reprima a fantasia ..... *março* 42
Não viva pela metade ..... *junho* 10
Pode adquirir-se personalidade? .. *março* 63
Podemos ensinar os meninos a viver ..... *janeiro* 20
Podemos ensinar os meninos a viver ..... *março* 15
Podemos ensinar os meninos a viver ..... *abril* 27
Podemos ensinar os meninos a viver ..... *maio* 90
Podemos ensinar os meninos a viver ..... *junho* 18

ARTE DE VIVER (*cont.*)
Quem foi afinal que salvou? .. *fevereiro* 79
Retalhos do drama cotidiano ..... *maio* 34
Seus males não serão imaginários? ..... *janeiro* 6
Um Coração debaixo do uniforme . *maio* 9
Vovó e a «Gaivota» ..... *março* 89
Astucioso coiote! ..... *junho* 67
ARTRITE
Não se deixe acovardar pela artrite ..... *fevereiro* 33
Assim é a natureza humana ..... *março* 121
Assistência à infância ..... *maio* 61
Assuntos de conversa ..... *janeiro* 113
Assuntos de conversa ..... *fevereiro* 86
Assuntos de conversa ..... *março* 58
AVIAÇÃO
O que faz o médico de aviadores *fevereiro* 58
Toma asas a Colômbia ..... *junho* 7
Aviadores que lutam desarmados . *fevereiro* 49

B

Balmer, Edwin
Retalhos do drama cotidiano .... *janeiro* 70
Barlow, Robert
Uma lição objetiva de boas maneiras ..... *junho* 39
Barrett, William E.
Señor Pagador ..... *março* 34
Barton, Bruce
Não viva pela metade ..... *junho* 10
Base elétrica da vida, A ..... *março* 44
Bellaire, Robert
Japonismo contra Cristianismo .... *maio* 18
BIOGRAFIA
A carreíra ciclônica de Henry Kaiser ..... *abril* 23
Agora ele pertence à posteridade ..... *janeiro* 95
Cegou para alumiar os mareantes .. *maio* 21
De adversário a lider do Império .. *abril* 77
Dunninger, o mestre mentalista ... *abril* 9
Eisenhower fez o milagre do comando único ..... *fevereiro* 37
Ele humanizou a penitenciária ... *março* 66
Entrevista com o Soldado No. 1 da América ..... *abril* 120
Herdeiro presuntivo de Churchill ..... *fevereiro* 65
Jimmy Yen, Mestre da China . *fevereiro* 1
Mistério de John L. Lewis, O .... *junho* 81
Paladina dos direitos da mulher ... *maio* 51
Primeiro soldado dos Estados Unidos ..... *maio* 37
Rei da Arábia pelo seu próprio esforço ..... *janeiro* 59
BIOGRAFIA (*cont.*)
Triptana, a nova supergasolina .... *abril* 63
BIRMÂNIA
Incursão temerária na Birmânia. *janeiro* 35
Birren, Faber
A cor ao serviço do conforto ..... *maço* 82
Bliven, Bruce
Assistência à infância ..... *maio* 61
O portentoso salvamento do Normandie ..... *janeiro* 13
Boas-novas para más dentaduras .... *maio* 92
Bom humor sentou praça, O ..... *março* 47
Bramley-Moore, Eric
Prussianismo... eis o inimigo .... *junho* 13
Brentano, Lowell
Quadros a óleo para todos ..... *janeiro* 22
Bromfield, Louis
O lavrador que arruina a terra ... *março* 85
Melhor gado pela fecundação artificial ..... *maio* 79
Reuniram-se para proteger o solo. *abril* 41
Brown, David
A Cirurgia recompõe os des-figurados ..... *abril* 6
Busch, Noel F.
De adversário a lider do Império .. *abril* 77
Herdeiro presuntivo de Churchill ..... *fevereiro* 65
Rei da Arábia pelo seu próprio esforço ..... *janeiro* 59
«Bazuca» é o torpedo antitanque, A. *março* 78

C

Cães de guerra ..... *abril* 45
Canção que veio do Céu, A ..... *fevereiro* 10
Carnegie, Dale
Como fazer amigos ..... *abril* 105
Carta da linha de fogo ..... *junho* 70
Carreira ciclônica de Henry J. Kaiser, A ..... *abril* 23
Cavalinho de nada, Um ..... *março* 29
Cegou para alumiar os mareantes ... *maio* 21
Cerf, Bennett
Pelo preço do custo ..... *fevereiro* 26
Chapman, John F.
Maravilha do transporte no Irã ... *abril* 20
Chase, Stuart
O ensino pelo exemplo produz melhores operários ..... *janeiro* 91
CHINA
A inflação arrastará a China ao abismo? ..... *maio* 42
Jimmy Yen, Mestre da China . *fevereiro* 1
CIÊNCIA
Furacão em uma caixa ..... *fevereiro* 82

CIÊNCIA (*cont.*)
Não adianta mais mentir ..... *fevereiro* 23
Triptana, a nova supergasolina .... *abril* 63
Cincoenta anos sem uma só greve.. *fevereiro* 76
CINEMATOGRAFIA
A extraordinária carreira de Selznick ..... *junho* 6
«Prezados senhores: parece incrivel...» ..... *maio* 87
Cirurgia recompõe os desfigurados, A.. *abril* 6
Clark, Blake
Só há um método de emagrecer *fevereiro* 89
Coisas graves—em forma sorridente ..... *janeiro* 50
COLÔMBIA
Toma asas a Colômbia ..... *junho* 7
Combate dos altofalantes, O .... *fevereiro* 8
Como fazer amigos ..... *abril* 105
Como o povo fez grande o jornal que lhe é fiel ..... *janeiro* 8
Como se combate em um porta-aviões ..... *abril* 29
Como se curam hoje as neuroses de guerra ..... *janeiro* 72
Como se me revelou meu pai .... *fevereiro* 19
Como viver alem dos seus recursos.. *junho* 29
Confissões de uma cleptomaníaca .... *maio* 71
Coração debaixo do uniforme, Um.. *maio* 9
Cor ao serviço do conforto, A ..... *março* 82
Coronel Carlson e o seu batalhão Gung Ho, O ..... *março* 37
Cubra a segunda milha ..... *junho* 61
Cunningham, Bill
Irmãos Castores, engenheiros e arquitetos ..... *janeiro* 79

D

Da cama para o combate ..... *março* 91
DALÉN, GUSTAF
Cegou para alumiar os mareantes.. *maio* 21
De adversário a lider do Império ..... *abril* 77
Deixemos de palavras imprecisas .... *abril* 81
De paraquedas no meio dos canibais *junho* 85
Desta massa se faz o guerreiro do ar.. *abril* 56
DETECTIVE
No encalço dos desaparecidos .... *janeiro* 17
Devoe, Alan
Vida espinhosa do porco-espinho.. *março* 48
Diasona desafia a peste branca, A ... *maio* 30
Divertimentos na floresta ..... *fevereiro* 63
DIVÓRCIO
Afrouxando os laços ..... *junho* 32
Hoje não me divorciaria ..... *março* 22
Do fundo de uma trincheira ..... *março* 20
Dominando a sífilis com a cura de um dia ..... *março* 74
Drake, Francis Vivian
Quinze segundos só de vida ..... *maio* 48
Dunninger, o mestre mentalista ..... *abril* 9

E

EDEN, ANTHONY
Herdeiro presuntivo de Churchill ..... *fevereiro* 65
EDUCAÇÃO
A prece ergueu um lar para crianças ..... *janeiro* 85
A verdadeira educação começa em casa ..... *maio* 15
Então foi assim que começou .... *junho* 80
Jimmy Yen, Mestre da China .. *fevereiro* 1
Podemos ensinar os meninos a viver ..... *janeiro* 20
Podemos ensinar os meninos a viver ..... *fevereiro* 31
Podemos ensinar os meninos a viver ..... *março* 15
Podemos ensinar os meninos a viver ..... *abril* 27
Podemos ensinar os meninos a viver ..... *maio* 90
Ver para aprender ..... *junho* 63
Extraordinária carreira de Selznick, A ..... *junho* 6
EGITO
O Felá do Egito está virando mecânico ..... *janeiro* 47
Eisenhower fez o milagre do comando único ..... *fevereiro* 37
Electrons cantantes ..... *fevereiro* 48
Ele humanizou a penitenciária ..... *março* 66
Eles bombardearam Berlim na América ..... *junho* 52
EMAGRECIMENTO
Só há um método de emagrecer ..... *fevereiro* 89
Enfermeiras que voam às frentes de combate ..... *maio* 69
ENJÔO
Já não há perigo de enjoar ..... *abril* 74
É pena . . . mas está enganado! ..... *abril* 53
Epístola aos ingleses ..... *janeiro* 52
Ensino pelo exemplo produz melhores operários, O ..... *janeiro* 91
Entrevista com o Soldado No. 1 da América ..... *abril* 120
«Escute aquí, soldado Hargrove».. *junho* 97

F

Farrar, Larston D.
No centro da excentricidade ... *janeiro* 58

Felá do Egito está virando mecânico, O ..... *janeiro* 47
Ferguson, Adam
Notas históricas ..... *junho* 56
Fielding, Captain Temple
Cães de guerra ..... *abril* 45
Fisher, Dorothy Canfield
Retalhos do drama cotidiano.. *fevereiro* 69
Flagrantes de vida americana ..... *janeiro* 77
Foi assim que começou ..... *maio* 14
Fosdick, Harry Emerson
Cubra a segunda milha ..... *junho* 61
Foster, Freling
Talvez não saiba que ..... *janeiro* 41
Fowler, Bertram B.
A peor via férrea do mundo .... *junho* 77
Foy, Byron C.
Foi assim que começou ..... *maio* 14
FRANÇA
Sob as trevas de París ..... *fevereiro* 93
Frazer, Joseph W.
Assuntos de conversa ..... *fevereiro* 86
Fredborg, Arvid
Por trás da muralha de aço ..... *maio* 95
Furacão em uma caixa ..... *fevereiro* 82
Fuzileiro de alma e coração ..... *maio* 81

G

Galinha todos os domingos ..... *abril* 87
Gaskill, Gordon
Peregrinos da Terra-Santa ..... *maio* 20
Gibson, Guy P.
A missão decorreu normalmente .. *maio* 1
Gole de água com gosto de derrota, Um ..... *abril* 14
GRÃ BRETANHA
Grã Bretanha invadida pelos ianques ..... *junho* 57
Gray, George W.
A base elétrica da vida ..... *março* 44
GUERRA
A peor via férrea do mundo .... *junho* 77
A maior falcatrua da história ..... *fevereiro* 72
A cirurgia recompõe os desfigurados ..... *abril* 6
A última batalha do *Borie* ..... *junho* 1
Assistência à infância ..... *maio* 61
Aviadores que lutam desarmados ..... *fevereiro* 49
A «bazuca» é o torpedo antitanque ..... *março* 78
Cães de guerra ..... *abril* 45
Carta da linha de fogo ..... *junho* 70
GUERRA (*cont.*)
Coisas graves—em forma sorridente ..... *janeiro* 50
Combate dos altofalantes, O .. *fevereiro* 8
Como se combate em um porta-aviões ..... *abril* 29
Como se curam hoje os neuroses de guerra ..... *janeiro* 72
O Coronel Carlson e o seu batalhão Gung Ho ..... *março* 37
Da cama para o combate ..... *março* 91
De paraquedas no meio dos canibais ..... *junho* 85
Desta massa se faz o guerreiro do ar ..... *abril* 56
Do fundo de uma trincheira ..... *março* 20
Eisenhower fez o milagre do comando único ..... *fevereiro* 37
Eles bombardearam Berlim na América ..... *junho* 52
Enfermeiras que voam às frentes de combate ..... *maio* 69
Entrevista com o Soldado No. 1 da América ..... *abril* 120
«Escute aquí, soldado Hargrove» *junho* 97
Fuzileiro de alma e coração ..... *maio* 81
Gole de água com gosto de derrota ..... *abril* 14
Grã Bretanha invadida pelos ianques ..... *junho* 57
Guerra de luva branca ..... *maio* 25
A Ilha da Ascensão, alpondra do Atlântico ..... *abril* 83
Incursão temerária na Birmânia ..... *janeiro* 35
A inflação arrastará a China ao abismo? ..... *maio* 42
Inventos para o conforto do soldado ..... *janeiro* 42
Japonismo contra Cristianismo .... *maio* 18
Mágica em Massava ..... *junho* 23
Mais homens para queimar ..... *janeiro* 1
Maravilha do transporte no Irã ... *abril* 20
Matar, eis o seu oficio ..... *fevereiro* 27
Missão decorreu normalmente, A .. *maio* 1
Mulheres da América ao serviço da vitória ..... *abril* 39
Navio de tropas ..... *junho* 45
No céu não há ateus ..... *março* 71
No tempo em que «Berta» falou .. *maio* 55
O adeus no campo de batalha .... *junho* 33
Ofensiva de «Confeti» ..... *março* 55
O que faz o médico de aviadores ..... *fevereiro* 58
Pied Piper de Vaagsö ..... *janeiro* 65
Poderão mostrar o rosto de novo *junho* 40

GUERRA (*cont.*)
Por trás da muralha de aço.....*maio* 95
Primeiro ensaio de socorro mundial.....*fevereiro* 15
Primeiro soldado dos Estados Unidos.....*maio* 37
Prussianismo... eis o inimigo.....*junho* 13
Quem foi afinal que salvou?...*fevereiro* 79
Quinze segundos só de vida.....*maio* 48
Sob as trevas de París.....*fevereiro* 93
Tio Sam, o homem da roupa velha.....*março* 62
Trampolim para a vitória.....*março* 97
Transporte misto.....*maio* 116
A vitória custa os olhos da cara!...*maio* 13
Vi um Comando chorar.....*abril* 67
Guerra de luva branca.....*maio* 25
Gunther, John
A Ilha da Ascensão, alpondra do Atlântico.....*abril* 83

H

Handleman, Howard
Trampolim para a vitória.....*março* 97
Hard, William
O verdadeiro internacionalismo..*março* 1
Hardin, Major Parker C.
Carta da linha de fogo.....*junho* 7
Hargrove, Marion
«Escute aquí, soldado Hargrove».*junho* 97
Harkins, Philip
Olho por olho—para que os cegos vejam.....*março* 17
Hecatombe dos búfalos, A.....*fevereiro* 45
Herdeiro presuntivo de Churchill.....*fevereiro* 65
Heroina de mócassins.....*maio* 65
Hipnotismo atinge a maioridade, O.....*janeiro* 28
Hersey, John
Última batalha do *Borie*, A.....*junho* 1
HISTÓRIA
No tempo em que «Berta» falou..*maio* 55
O terremoto de Messina em 1908.....*março* 25
Precursora dos trens aerodinâmicos.....*fevereiro* 53
Tantas vezes vai o pote à fonte..*junho* 9
Hoje não me divorciaria.....*março* 22
Hubbard, Lucien
O Coronel Carlson e o seu batalhão Gung Ho.....*março* 37
Huie, William Bradford
Guerra de luva branca.....*maio* 25
Hull, Helen
Narizes para dar e vender.....*maio* 47
HUMOR
Anúncios perfumados.....*junho* 55
«Escute aquí, soldado Hargrove».*junho* 97
Voz das ruas.....*fevereiro* 13
Hynde, Alan
Pied Piper de Vaagsö.....*janeiro* 65

I

IBN-SAUD
Rei da Arábia pelo seu próprio esforço.....*janeiro* 59
Ilha da Ascensão, alpondra do Atlântico, A.....*abril* 83
Incursão temerária na Birmânia, Uma.....*janeiro* 35
INDÚSTRIA
Cincoenta anos sem uma só greve.....*fevereiro* 76
Inflação arrastará a China ao abismo? A.....*maio* 42
INGLATERRA
Herdeiro presuntivo de Churchill.....*fevereiro* 65
Lá vem o Rei!.....*janeiro* 82
INVENÇÃO
Cegou para alumiar os mareantes..*maio* 21
Foi assim que começou.....*maio* 14
Inventos para o conforto do soldado.....*janeiro* 42
IPATIEFF, VLADMIR
Triptana, a nova supergasolina...*abril* 63
Irmãos Castores, engenheiros e arquitetos.....*janeiro* 79
ITÁLIA
O terremoto de Messina em 1908.....*março* 25

J

Já não há perigo de enjoar.....*abril* 74
JAPÃO
Japonismo contra Cristianismo...*maio* 18
Jornal de um vagabundo no Japão.*abril* 47
Já passaram os melhores anos de sua vida?.....*fevereiro* 55
Japonismo contra Cristianismo.....*maio* 18
Jimmy Yen, Mestre da China ...*fevereiro* 1
Johnson, Thomas M.
Primeiro soldado dos Estados Unidos.....*maio* 37
Johnston, Eric A.
Epístola aos ingleses.....*janeiro* 52
Não há motivo para pessimismos..*abril* 1
Jornal de um vagabundo no Japão...*abril* 47
JORNALISMO
Como o povo fez grande o jornal que lhe é fiel.....*janeiro* 8

K

KAISER, HENRY
A carreira ciclônica de Henry Kaiser.....*abril* 23
Kelly, Fred C.
No tempo em que «Berta» falou..*maio* 55
Kent, George
A revolução do arroz.....*maio* 58
Como o povo fez grande o jornal que lhe é fiel.....*janeiro* 8
Do fundo de uma trincheira.....*março* 20
Oleodutos de transporte múltiplo.*abril* 118
Kettering, Charles
A verdadeira educação começa em casa.....*maio* 15
Koestler, Arthur
Transporte misto.....*maio* 116
Kruif, Paul de
Dominando a sífilis com a cura de um dia.....*março* 74
Não se deixe acovardar pela artrite.....*fevereiro* 33
Plasma para todos.....*junho* 20

L

LA PRENSA
Como o povo fez grande o jornal que lhe é fiel.....*janeiro* 8
Lá vem o Rei!.....*janeiro* 82
Lavrador que arruina a terra, O...*março* 85
Lay, Jr, Lt. Col. Beirne
Desta massa se faz o guerreiro do ar.....*abril* 56
Lição objetiva de boas maneiras, Uma.....*junho* 39
LINCOLN
Agora ele pertence à posteridade.*janeiro* 95
Link, Dr. Henry C.
Pode adquirir-se personalidade...*março* 63
Liszt.....*abril* 55
Loomis, Frederic
Um cavalinho de nada.....*março* 29
Lumsden, Robert
A cirurgia recompõe os desfigurados.....*abril* 6
Lydgate, William A.
No encalço dos desaparecidos...*janeiro* 17

Mc

McDermott, William F.
Precursora dos trens aerodinâmicos.....*fevereiro* 53
McEvoy, J. P.
Jimmy Yen, Mestre da China..*fevereiro* 1

M

Mágica em Massava.....*junho* 23
Maior falcatrua da História, A...*fevereiro* 72
Maisel, Albert Q.
Da cama para o combate.....*março* 91
Eles bombardearam Berlim na América.....*junho* 52
Mais homems para queimar.....*janeiro* 1
Manchester, Harland
A «bazuca» é o torpedo antitanque.....*março* 78
Inventos para o conforto do soldado.....*janeiro* 42
Já não há perigo de enjoar.....*abril* 74
Mágica em Massava.....*junho* 23
Maravilha do transporte no Irã.....*abril* 20
Mark Twain à luz da lua.....*fevereiro* 43
MARSHALL, GEN. GEORGE CATLETT
Entrevista com o Soldado No. 1 da América.....*abril* 120
Primeiro soldado dos Estados Unidos.....*maio* 37
Matar, eis o seu ofício.....*fevereiro* 27
MEDICINA
A base elétrica da vida.....*março* 44
A cirurgia recompõe os desfigurados.....*abril* 6
Como se curam hoje as neuroses de guerra.....*janeiro* 72
Da cama para o combate.....*março* 91
Diasona desafia a peste branca, A.*maio* 30
Dominando a sífilis com a cura de um dia.....*março* 74
Já não há perigo de enjoar.....*abril* 74
Não se deixe acovardar pela artrite.....*fevereiro* 33
Não se morre de gripe.....*maio* 6
Narizes para dar e vender.....*maio* 47
O hipnotismo atinge a maioridade .....*janeiro* 28
Olho por olho—para que os cegos vejam.....*março* 17
O que faz o médico de aviadores.....*fevereiro* 58
Plasma para todos.....*junho* 20
Poderão mostrar o rosto de novo.*junho* 40
Seus males não serão imaginários?.....*janeiro* 6
Só há um método de emagrecer.....*fevereiro* 89
Melhor gado pela fecundação artificial.....*maio* 79
MENTIR
Não adianta mais mentir.....*fevereiro* 23
Menú de amanhã.....*maio* 85

MÉXICO
Nasce um vulcão no Continente Americano ... janeiro 66
Señor Pagador ... março 34
Miller, Lois Mattox
O hipnotismo atinge a maioridade ... janeiro 28
Não se morre de gripe ... maio 6
Nasce um vulcão no Continente Americano ... janeiro 66
Minha filha nasceu aleijada ... abril 35
Mirt, John A.
Triptana, a nova supergasolina ... abril 63
Missão decorreu normalmente, A ... maio 1
Mistério de John L. Lewis, O ... junho 81
MULHER
Enfermeiras que voam às frentes de combate ... maio 69
Paladina dos direitos da mulher ... maio 51
Mulheres da América ao serviço da vitória ... abril 39
Muret, Charlotte
Assistência à infância ... maio 61
Murphy, Charles J. V.
Grã Bretanha invadida pelos ianques ... junho 57
Murphy, T. E.
A prece ergueu um lar para crianças ... janeiro 85
Mursell, James E.
Não reprima a fantasia ... março 42
MÚSICA
Uma lição objetiva de boas maneiras ... junho 39

N

Não adianta mais mentir ... fevereiro 23
Não basta acabar com os nazistas! ... janeiro 25
Não conseguimos converter Ah Wong ... junho 33
Não há motivo para pessimismos ... abril 1
Não reprima a fantasia ... março 42
Não se deixe acovardar pela artrite ... fevereiro 33
Não se morre de gripe ... maio 6
Não viva pela metade ... junho 10
Narizes para dar e vender ... maio 47
Nasce um vulcão no Continente Americano ... janeiro 66
Navio de tropas ... junho 45
Nelson, Donald M.
A vitória custa os olhos da cara! ... maio 13
Newman, Al
Vi um Comando chorar ... abril 67
No centro da excentricidade ... janeiro 58
No céu não há ateus ... março 71
No encalço dos desaparecidos ... janeiro 17
Nordyke, Lewis
Astucioso coiote! ... junho 67
NORMANDIE
O portentoso salvamento do Normandie ... janeiro 13
NORUEGA
Pied Piper de Vaagsö ... janeiro 65
Notas históricas ... junho 56
No tempo em que «Berta» falou ... maio 55

O

ODONTOLOGIA
Boas-novas para más dentaduras ... maio 92
Ofensiva de «Confeti» ... março 55
Oleodutos de transporte múltiplo ... abril 118
Olho por olho—para que os cegos vejam ... março 17
OPERARIADO
Cincoenta anos sem uma só greve ... fevereiro 76
Os animais têm coisas de gente ... março 95
Osk, Richard
Tio Sam, o homem da roupa velha ... março 62
Oursler, Fulton
Venha cá! ... abril 104

P

Painton, Frederick C.
Como se curam hoje as neuroses de guerra ... janeiro 72
Eisenhower fez o milagre do comando único ... fevereiro 37
Entrevista com o Soldado No. 1 da América ... abril 120
Ofensiva de «Confeti» ... março 55
Poderão mostrar o rosto de novo ... junho 40
Paladina dos direitos da mulher ... maio 51
Palmer, George
O combate dos altofalantes ... fevereiro 8
Mais homens para queimar ... janeiro 1
Palmer, Gretta
«Prezados senhores: parece incrível...» ... maio 87
Palmer, Wayne Francis
O terremoto de Messina em 1908 ... março 25
Patric, John
Jornal de um vagabundo no Japão ... abril 47
Pauli, Hertha
A Canção que veio do Céu ... fevereiro 10
PAZ
Deixemos de palavras imprecisas ... abril 81
Epístola aos ingleses ... janeiro 52

PAZ (*cont.*)
Não basta acabar com os nazistas! ... janeiro 25
Não há motivo para pessimismos ... abril 1
Primeiro ensaio de socorro mundial ... fevereiro 15
Só há um caminho para o futuro ... abril 60
O verdadeiro internacionalismo ... março 1
Peattie, Donald Culross
A hecatombe dos búfalos ... fevereiro 45
Um coração debaixo do uniforme ... maio 9
PECUÁRIA
Melhor gado pela fecundação artificial ... maio 79
Pegler, Westbrook
Anúncios perfumados ... junho 56
Pela fermentação à carne sintética ... janeiro 89
Pelo preço do custo ... fevereiro 26
Pendray, Edward G.
Electrons cantantes ... fevereiro 48
PENITENCIÁRIA
Ele humanizou a penitenciária ... março 66
Peor via férrea do mundo, A ... junho 77
Peregrinos da Terra-Santa ... maio 20
Pied Piper de Vaagsö ... janeiro 65
PINTURA
Quadros a óleo para todos ... janeiro 22
Plasma para todos ... junho 20
Pode adquirir-se personalidade? ... março 63
Podemos ensinar os meninos a viver ... janeiro 20
Podemos ensinar os meninos a viver ... fevereiro 31
Podemos ensinar os meninos a viver ... março 15
Podemos ensinar os meninos a viver ... abril 27
Podemos ensinar os meninos a viver ... maio 90
Podemos ensinar os meninos a viver ... junho 18
Poderão mostrar o rosto de novo ... junho 40
Prussianismo... eis o inimigo ... junho 13
POLÍTICA
Deixemos de palavras imprecisas ... abril 81
Só há um caminho para o futuro ... abril 60
O verdadeiro internacionalismo ... março 1
Porque não o fazemos tambem? ... maio 121
Portentoso salvamento do Normandie, O ... janeiro 13
Por trás da muralha de aço ... maio 95
Prece ergueu um lar para crianças, A ... janeiro 85
Precursora dos trens aerodinâmicos ... fevereiro 53
«Prezados senhores: parece incrível...» ... maio 87
Primeiro ensaio de socorro mundial ... fevereiro 15
Primeiro soldado dos Estados Unidos ... maio 37
Príncipe, o negrinho do bosque ... março 51
Pringle, Henry F.
Não adianta mais mentir ... fevereiro 23
PROTEÇÃO SOCIAL
Alô, flor! ... maio 75
PSICOLOGIA
Confissões de uma cleptomaníaca ... maio 71
Pyle, Ernie
Adeus no campo de batalha, O ... junho 33

Q

Quadros a óleo para todos ... janeiro 22
Que faz o médico de aviadores, O ... fevereiro 58
Quem foi afinal que salvou? ... fevereiro 79
Quinze segundos só de vida ... maio 48

R

Rainier, Major Peter W.
Um gole de água com gosto de derrota ... abril 14
Rand, Ayn
Só há um caminho para o futuro ... abril 60
Ratcliff, J. D.
Boas-novas para más dentaduras ... maio 92
Furacão em uma caixa ... fevereiro 82
Rei da Arábia pelo seu próprio esforço ... janeiro 59
RELIGIÃO
A religião russa volta das catacumbas ... junho 49
No céu não há ateus ... março 71
Retalhos do drama cotidiano ... janeiro 70
Retalhos do drama cotidiano ... fevereiro 69
Retalhos do drama cotidiano ... junho 74
Retalhos do drama cotidiano ... maio 34
Reuniram-se para proteger o solo ... abril 41
Revolução do arroz, A ... maio 58
Rich, H. T.
Como viver alem dos seus recursos ... junho 29
Rich, Louise Dickinson
Vovó e a «Gaivota» ... março 89
Riesel, Victor
Mistério de John L. Lewis, O ... junho 81
Rolo, Charles J.
Incursão temerária na Birmânia ... janeiro 35
Lá vem o Rei! ... janeiro 82
Roosevelt, Eleanor
Mulheres da América ao serviço da vitória ... abril 39

Ross, Nancy Wilson
Heroina de mócassins.....*maio* 65
RUMÂNIA
Tantas vezes vai o pote à fonte..*junho* 9
Runbeck, Margaret Lee
Quem foi afinal que salvou?..*fevereiro* 79
RÚSSIA
Religião russa volta das catacumbas, A.....*junho* 49
Rutledge, Archibald
Divertimentos na floresta.....*fevereiro* 63
Príncipe, o negrinho do bosque..*março* 51
Sentinelas da selva.....*maio* 45

S

Sandburg, Carl
Agora ele pertence à posteridade.....*janeiro* 95
Sann, Paul
Mistério de John L. Lewis, O...*junho* 81
SELZNICK, LEWIS J.
A extraordinária carreira de Selznick.....*junho* 6
Señor Pagador.....*março* 34
Sentinelas da selva.....*maio* 45
Seus males não serão imaginários?..*janeiro* 6
Sevareid, Eric
A inflação arrastará a China ao abismo?.....*maio* 42
De paraquedas no meio dos canibais.....*junho* 85
Shiber, Etta
Sob as trevas de París.....*fevereiro* 93
Sindbá, o cachorro marinheiro.....*janeiro* 32
Sinks, Alfred H.
Oleodutos de transporte múltiplo.....*abril* 118
Smith, Kingsbury
Primeiro ensaio de socorro mundial.....*fevereiro* 15
SMUTS, JAN CHRISTIAAN
De adversário a lider do Império..*abril* 77
Sob as trevas de París.....*fevereiro* 93
Só há um caminho para o futuro.....*abril* 60
Só há um método de emagrecer..*fevereiro* 89
Sondern, Jr., Frederic
O combate dos altofalantes.....*fevereiro* 8
O felá do Egito está virando mecânico.....*janeiro* 47
Mais homens para queimar.....*janeiro* 1
Matar, eis o seu ofício.....*fevereiro* 27
No céu não há ateus.....*março* 71
O que faz o médico de aviadores.....*fevereiro* 58
Sparling, Earl
Dunninger, o mestre mentalista..*março* 9
Steinbeck, John
Navio de tropas.....*junho* 45
Stenbuck, Jack
Cincoenta anos sem uma só greve.....*fevereiro* 76
St. John, Robert
Tantas vezes vai o pote à fonte..*junho* 9
STOKOWSKI, LEOPOLD
Uma lição objetiva de boas maneiras.....*junho* 39
SUIÇA
Assistência à infância
Segundo o modelo suiço.....*maio* 62

T

Talvez não saiba que.....*janeiro* 41
Tantas vezes vai o pote à fonte....*junho* 9
Taylor, Frank J.
Ele humanizou a penitenciária...*março* 66
Toma asas a Colômbia.....*junho* 7
Taylor, Henry J.
Não basta acabar com os nazistas!.....*janeiro* 25
Taylor, Rosemary
Galinha todos os domingos.....*abril* 87
Terremoto de Messina em 1908, O..*março* 25
Thompson, Dorothy
Deixemos de palavras imprecisas..*abril* 81
Tio Sam, o homem da roupa velha..*março* 62
Toombs, Alfred
Enfermeiras que voam às frentes de combate.....*maio* 69
TRABALHO
Cincoenta anos sem uma só greve.....*fevereiro* 76
O ensino pelo exemplo produz melhores operários.....*janeiro* 91
O mistério de John L. Lewis.....*junho* 81
Trampolim para a vitória.....*março* 97
TRANSPORTE
A peor via férrea do mundo....*junho* 77
Maravilha do transporte no Irã...*abril* 20
Oleodutos de transporte múltiplo..*abril* 118
Precursora dos trens aero-dinâmicos.....*fevereiro* 53
Transporte misto.....*maio* 116
Travers, P. L.
Não conseguimos converter Ah Wong.....*junho* 35
Triptana, a nova supergasolina.....*abril* 63
Twain, Mark
Mark Twain à luz da lua.....*fevereiro* 43

U

Última batalha do *Borie*, A.....*junho* 1

V

Van De Water, Frederic F.
Flagrantes da vida americana...*janeiro* 77
Vansittart, Robert Gilbert
A maior falcatrua da História..*fevereiro* 72
Venceram dando tudo à patria adotiva.....*abril* 69
Venha cá!.....*abril* 104
Verdadeira educação começa em casa, A.....*maio* 15
Verdadeiro internacionalismo, O...*março* 1
Ver para aprender.....*junho* 63
Vida espinhosa do porco-espinho...*março* 48
Vitória custa os olhos da cara, A.....*maio* 13
Vi um Comando chorar.....*abril* 67
Vovó e a «Gaivota».....*março* 89
Voz das ruas.....*fevereiro* 13
VULCÃO
Nasce um vulcão no Continente Americano.....*janeiro* 66

W

Waddington, Mary King
Liszt.....*abril* 55
Waldron, Webb
Alô, flor!.....*maio* 75
Wallace, Ralph
A diasona desafia a peste branca...*maio* 30
Venceram dando tudo à patria adotiva.....*abril* 69
WASHINGTON, GEORGE
Notas históricas.....*junho* 56
Wästberg, Erik
Cegou para alumiar os mareantes..*maio* 12
Wharton, Don
Fuzileiro de alma e coração.....*maio* 81
White, W. L.
Aviadores que lutam desarmados.....*fevereiro* 49
Como se combate em um porta-aviões.....*abril* 29
Wiggam, Albert Edward
É pena . . . mas está enganado!...*abril* 53
Wilcox, Richard
Sindbá, o cachorro marinheiro...*janeiro* 32
Wylie, Philip
Retalhos do drama cotidiano.....*maio* 34

«*É o que mais me distrai...*»

¶ CERTA VEZ, o presidente de uma conhecida universidade americana fora a uma cidade, para ele desconhecida, afim de fazer uma conferência. Terminada a reunião, e quando ainda faltavam algumas horas para a chegada do trem que o levaria de volta, ficou sozinho com um velho bedel, que lhe disse: «Se não se importa de ficar numa casinha muito modesta, eu gostaria de convidar o sr. para esperar lá onde eu moro. Talvez o sr. quisesse ver minhas fotografias...» O velho falava com voz cheia de ansiedade. Sem pretexto algum para recusar, o visitante aceitou o convite, julgando, porem, que teria de aguentar uma série interminável de fotografias horriveis, num album possivelmente vermelho, e uns momentos bastante aborrecidos.

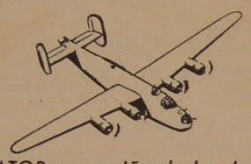
Entretanto, o bedel o surpreendeu. Esse velho servidor, que ganhava a vida a varrer e espanar, apresentou-lhe—não um album cacete, de retratos inexpressivos de diversos parentes—mas uma belíssima coleção de fotografias de árvores. Eram realmente excepcionais; feitas com capricho, e muita perícia. Um salgueiro batido pela tempestade; um vetusto carvalho, banhado na luz mágica do pôr do sol; um pinheiro solitário à beira duma estrada; e assim outras árvores de grande majestade e beleza.

—Essas fotografias foram todas tiradas pelo senhor? exclamou, admirado, o visitante.

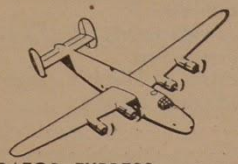
—Foram, sim senhor; é o que mais me distrai...

—R. E. O'Bolger, no *Rotarian*

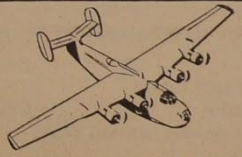
De "Jeeps" Voadores a Leviatãs do Ar



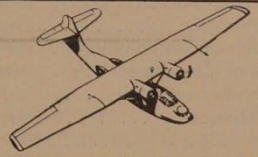
LIBERATOR . . . avião de bombardeio de 4 motores



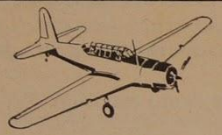
LIBERATOR EXPRESS . . . transporte



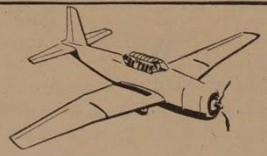
CORONADO . . . avião de bombardeio patrulha



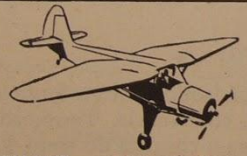
CATALINA . . . avião de bombardeio patrulha



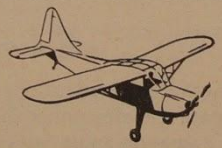
VALIANT . . . avião de treino básico



VENGEANCE . . . avião de bombardeio de picada



RELIANT . . . avião de treino de navegação aérea



SENTINEL . . . "JEEP" Voador

QUANDO A VITÓRIA tenha sido ganha pelas Nações Unidas, a Consolidated Vultee Aircraft Corporation achar-se-á em condições de fornecer o equivalente dêstes aviões de post-guerra, as "baratinhas aéreas" de propriedade particular e enormes aviões trans-oceânicos de carga-e-passageiros.

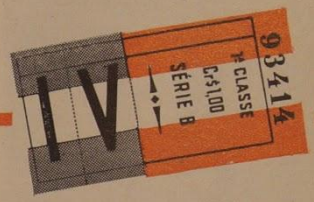
CONSOLIDATED VULTEE AIRCRAFT

San Diego, Calif.
Vultee Field, Calif.
Tucson, Ariz.
Fort Worth, Texas
New Orleans, La.
Louisville, Ky.
Wayne, Mich.
Dearborn, Mich.
Allentown, Pa.
Nashville, Tenn.
Elizabeth City, N. C.
Miami, Fla.

Membros do Conselho de Produção de Aviões Bélicos

Por Alguns Centavos

UM SERVIÇO QUE CUSTA MILHÕES DE CRUZEIROS



Não é apenas o bilhete da passagem que o Sr. recebe quando paga alguns centavos no "guichet" da Estrada de Ferro. Uma ampla serie de serviços lhe é proporcionada, sem que o Sr. disso se aperceba.

A segurança e o conforto tambem estão compreendidos nessa passagem. Com rigorosa periodicidade, os técnicos encarregados do funcionamento e conservação da ferrovia promovem inspeções das máquinas, dos carros, dos trilhos, chaves, mecanismos de sinalização, tudo que concorre para a *sua viagem*—e que é simbolizado pela passagem que o Sr. traz no bolso.

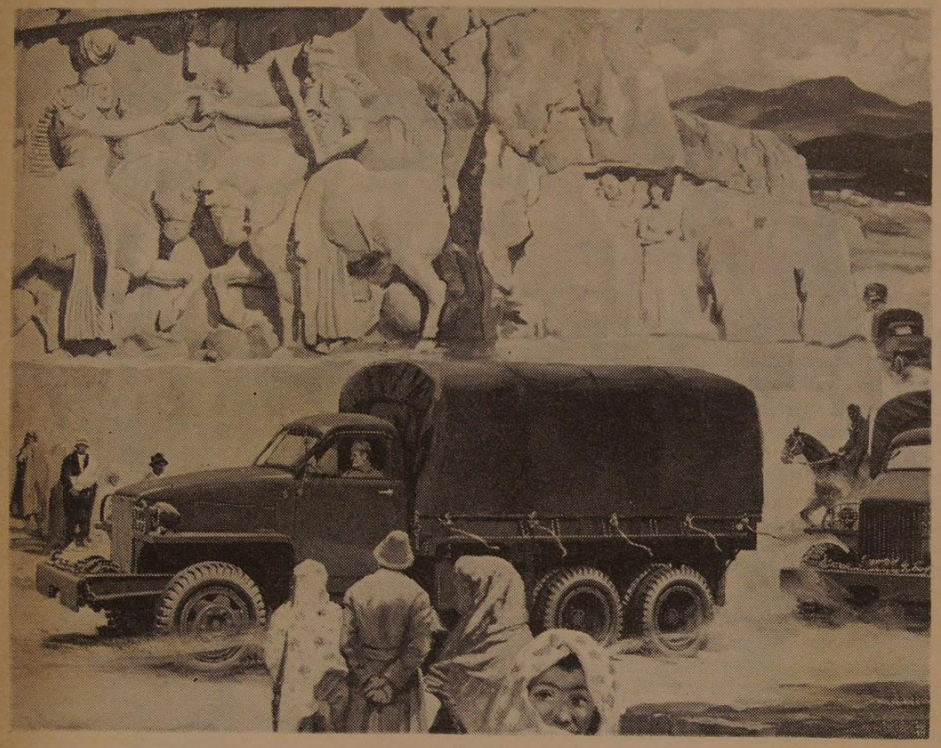
A parte mais importante desses serviços que mantêm o material *pronto para servi-lo* é desempenhada pela lubrificação. Esse trabalho é dirigido por engenheiros e técnicos que exigem produtos da melhor qualidade, como o Standard Locomotive Valve Oil, para lubrificação de cilindros e válvulas de distribuição das locomotivas—um dos produtos da famosa serie de lubrificantes para Estradas de Ferro, da Organização Esso. Esses lubrificantes atendem a preocupação primordial dos técnicos das ferrovias do país: a de oferecer viagens confortaveis e seguras.

Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidencia de M. Gerais, B. Horizonte; Farroupilha, de P. Alegre; e Radio Clube de Pernambuco, de Recife.

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL
E A ORGANIZAÇÃO ESSO

ESSO

Distribuidoras dos afamados produtos Esso que se encontram sempre sob o oval Esso.



Os caminhões militares Studebaker, à semelhança dos nossos soldados, estão vendo o mundo . . .

OS combatentes americanos têm coberto uma boa parte do planeta, nas suas viagens entre os continentes. Entretanto, talvez não haja um só ponto em que hajam desembarcado, e onde não houvesse, a dar-lhes as boas-vindas, o seu já velho conhecido:—um caminhão Studebaker.

Os soldados vêem longas filas de caminhões militares Studebaker, grandes veículos de transmissão múltipla, rodando pelas antigas cidades persas, no Irã. Vêem-nos em pleno serviço de transportes pesados na India, no Alasca, nas ilhas britânicas, enfim—em quase todas as regiões em que lutam os aliados.

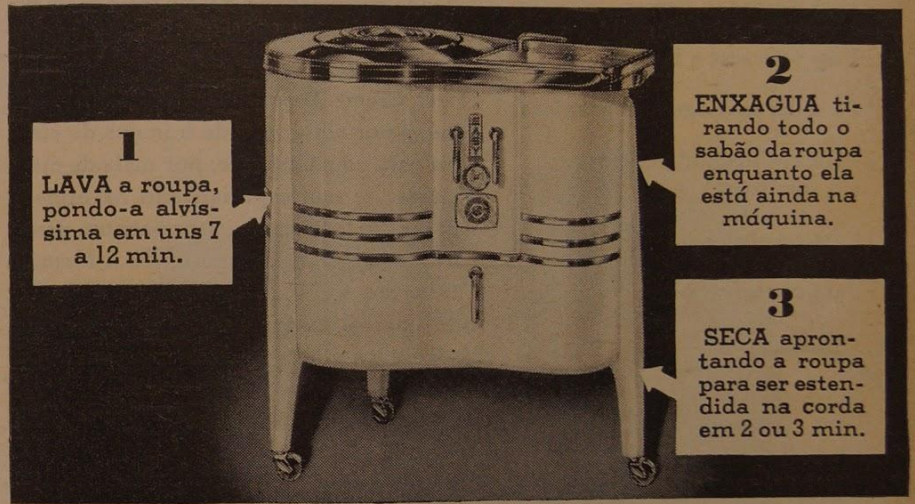
Um dos maiores elogios jamais feitos à alta qualidade técnica do Studebaker reside no fato de que a fábrica Studebaker é atualmente uma das maiores produtoras mundiais de grandes caminhões militares. E é igualmente significativo que dezenas de milhares desses poderosos Studebakers já foram distinguidos pelas "fitas de serviço"—muitos deles nos longos caminhos da frente russa, nos comboios que vão abastecer o invencivel exército soviético.

A Studebaker está tambem produzindo material de guerra de outros gêneros, inclusive, e cada vez mais, os poderosos motores Wright Cyclone, que dão força às famosas Fortalezas Voadoras Boeing para os seus inúmeros vôos de bombardeio.

THE STUDEBAKER EXPORT CORPORATION
South Bend, Indiana, E. U. A.
Endereço telegráfico: STUDEBAKER

Tão facil e quase tão rápido

como contar até 3!



A roupa semanal de toda uma família lavada em 59 minutos! Lava um tanque cheio de roupa, enquanto o outro tanque vai revolvendo o seu conteudo até deixá-la quase enxuta! A Máquina de Lavar proporciona o mais moderno sistema sanitário. *Evita o perigo de contaminação com a roupa de estranhos!* Lava por método higiênico tudo quanto for roupa branca, ternos brancos, roupa fina interior, cobertores, lençóis, fronhas, etc. Não é preciso esfregar! Os botões não se quebram! Há mais de 2.000.000 em uso. Peça ao seu vendedor para reservar-lhe uma Lavadora Easy.

Easy Washing Machine Corp., Syracuse, Nova York, E. U. A.

Srs. COMERCIANTES! Após a guerra, venda as Máquinas de Lavar e de Engomar marca Easy. Escrevam ao nosso Depto. RP6 solicitando a concessão.

EASY **A Lavadora mais conhecida dos E. U. A.**

pronuncia-se ISY . . . o que significa FACIL

Porque

deve escovar os dentes

1. Marque esta lista:

- ☐ Para limpar os dentes
- ☐ Para refrescar a boca
- ☐ Para dar massagem às gengivas
- ☐ Para abrilhantar os dentes e o sorriso
- ☐ Para combater o mau halito
- ☐ Para conservar o gôsto agradavel

Escova de Dentes Pro-phy-lac-tic. A escova com a protuberância de pelos cientificamente planeada que attinge e limpa *toda* a dentadura—mesmo os molares de trás.

Antiséptico Listerine. Tem estado auxiliando a combater a infeção há mais de sessenta anos. É mortal para tantos micróbios—inofensivo para os tecidos. Listerine é o antiséptico *seguro.*

2. Agora leia isto:

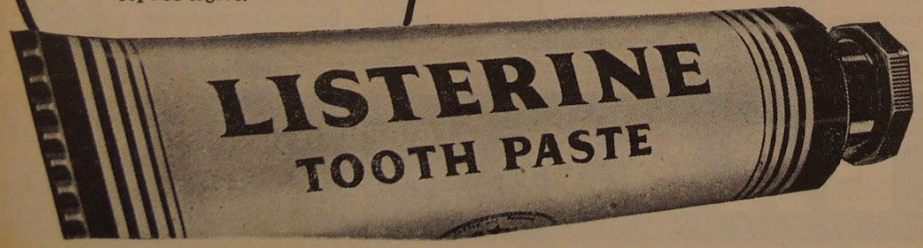
Ainda que marque uma, ou duas ou todas as razões indicadas na lista, *considere bem o seguinte:*

O Creme Dental Listerine foi descoberto por um grupo de homens de ciencia para uma Casa que, por mais de meio século, se tem especializado na higiene bucal. Todos os requisitos para um dentifricio foram considerados—e a formula Listerine foi planeada para apresentar todas estas vantagens rapidamente, com segurança e superlativamente bem.

Experimente o Creme Dental Listerine e veja por si mesmo se não consegue o que deseja que um dentifricio faça. E ainda mais.

CREME DENTAL

LISTERINE



VOLTA-SE A FABRICAR NOVAS MÁQUINAS DE ESCREVER!

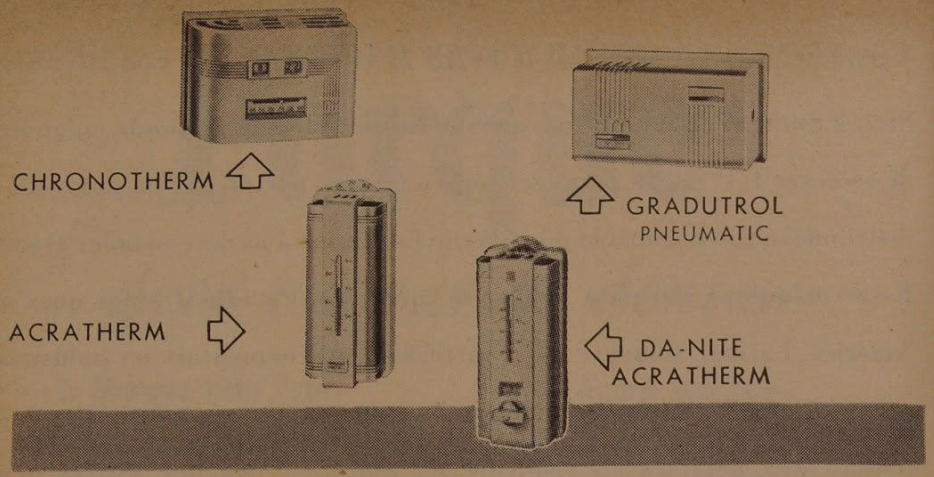
Sim, a Smith-Corona está novamente fabricando suas famosas máquinas de escrever L C Smith para escritório e Corona portáteis. Sua produção e distribuição sob o controle do governo limitar-se-á as necessidades atuais. Essas máquinas são para vender-se, quer nos Estados Unidos quer na América Latina, somente as repartições governamentais ou indústrias essenciais. Se V. S. precisa de máquinas de escrever e é essencial que as tenha, peça detalhes ao vendedor da Smith-Corona que estiver mais próximo ou consulte-nos por escrito.

SMITH-CORONA

Máquinas de escrever

AS AMERICAS UNIDAS ★ UNIDAS VENCERÃO ★

L C SMITH & CORONA TYPEWRITERS INC SYRACUSE 1 NOVA YORK



SÍMBOLOS DO CONFORTO MODERNO

CONTROLE AUTOMÁTICO DE TEMPERATURA

Os instrumentos que se vêem na gravura acima são o que há de mais moderno em matéria de controle automático de temperatura em casas de moradia, apartamentos, e edifícios comerciais e de escritórios. Por exemplo, o Chronotherm, após ter sido regulado para o grau de temperatura desejada durante o dia, e para um grau mais baixo à noite, afim de economizar combustivel, não precisa mais ser regulado durante toda a estação. O Acratherm mantem a temperatura desejada o dia inteiro, necessitando, no entanto, de ser regulado manualmente, para economia de combustivel à noite.

O Da-Nite Acratherm pode ser regulado para economizar combustivel à noite, voltando à temperatura desejada, durante o dia, automaticamente, no momento que se escolher. O Gradutrol controla as temperaturas por um sistema pneumático, bastante apreciado nos grandes edifícios.

Citamos apenas quatro dos muitos controles M-H de temperatura, que, após a guerra, poderão ser obtidos na América do Sul pelos proprietários, construtores e concessionários de serviços de aquecimento. Minneapolis-Honeywell Regulator Company, Departamento de Exportação, 4422 Wayne Avenue, Philadelphia, Pa., E. U. A.

DISTRIBUIDORES

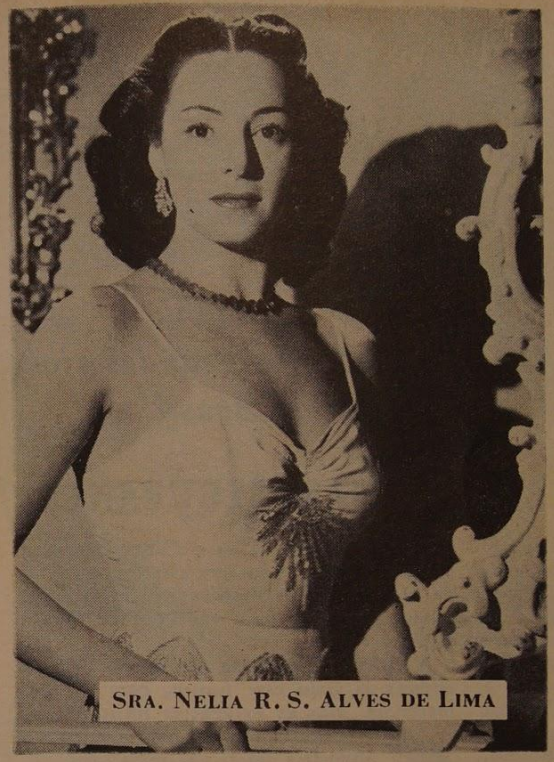
COM UNIDADE LIBERDADE

Argentina e Uruguai: E. C. Knight e Hijo, Buenos Aires—Brasil: Oscar Taves and Company, Rio de Janeiro—Colômbia: P. Porta, Bogotá—Perú: Custer and Thommen, S.A., Lima—Chile: Thermic Ltda., Santiago—Panamá: The Electric Service Co., Panamá—México: Armando Vaquie, Cidade do México—Cuba: William P. Bryant, Havana—Porto Rico: Sucessores de Abarca, San Juan—Trinidad: Industrial Agencies Ltd., San Fernando.

★ ★ ★ CONTROLES AUTOMÁTICOS ★ ★ ★

MINNEAPOLIS **Honeywell**

INSTRUMENTOS DA **BROWN** PARA AS INDÚSTRIAS



SRA. NELIA R. S. ALVES DE LIMA

SENHORAS da mais fina sociedade de todo o mundo — que podem escolher qualquer tratamento para a cútis, sem considerar preço — elegeram o método dos 2 Cremes Pond's. Eis o valioso testemunho da Sra. Nelia R. S. Alves de Lima, da melhor sociedade brasileira: «O método Pond's de 2 cremes é a garantia da beleza e do aveludado de minha cútis». Siga, também, êste método:

1. *Aplique Cold Cream Pond's no rosto e no colo. Retire-o em seguida. Para amaciar a cútis, aplique mais uma camada.*
2. *Antes de fazer a «maquillage», use o Creme Evanescente Pond's, que protege a cútis contra o sol e o vento, e conserva o pó-de-arroz horas seguidas.*

Esteja entre as mulheres mais lindas do mundo: use o método Pond's dos 2 Cremes.

Mulheres que podem escolher elegeram os Cremes Pond's!

AMOSTRA GRATIS: — Queira enviar-nos o coupon, acompanhado de Cr. $ 1,00 para despezas de remessa de uma amostra dos 2 Cremes Pond's.

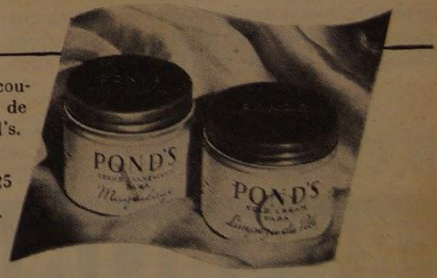
JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL
Caixa Postal 2838 — São Paulo 3-TTTT-25

Nome.....

Rua.....

Cidade.....

Estado.....



J. W. T.

OS MATERIAIS ROEBLING CRIAM SEGURANÇA!

A famosa Ponte de Golden Gate representa uma grande economia de tempo e distância para os habitantes da Califórnia. Os ônibus e os autos, que dantes se apinhavam a bordo dos *ferryboats,* ou faziam grandes desvios em terra, atravessam hoje a baía a grande altura, sem "engarrafamento" e sem perderem velocidade. E esta ponte reforçou a segurança de todos os norte-americanos, por ser um elo essencial na cadeia das defesas costeiras do Pacífico.

No seu Brasil, quando tivermos ganho a guerra, novas grandes pontes servirão para transportar o sempre crescente volume do trânsito comercial e turístico, que se desenvolverá com o incessante progresso do Brasil. O sr. desfrutará também de novos confortos, conveniências e segurança—e os laços comerciais serão mais sólidos que nunca entre as nações da América Latina.

A Roebling anseia por ajudar a construir esse futuro—tal como ajudou a construir a Ponte de Golden Gate e outras grandes obras nos Estados Unidos—com Cabo de Aço "Blue Center" Roebling, Fios e Cabos Roebling para condução de energia elétrica, material de eletricidade e iluminação; e Rede de Arame Roebling para vedações de toda a espécie.

A Roebling gostaria de ajudar V.S. a edificar já hoje esse futuro, com os seus materiais. Mas as exigências militares das Nações Unidas absorvem quanto a indústria americana pode produzir.

A encomenda de V.S. é talvez muito modesta: mas essa mesma quantidade pode ser indispensavel a uma operação no deserto africano, que talvez abrevia a guerra de alguns meses.

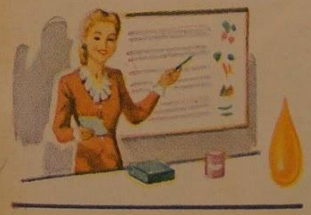
Continuemos apesar disso a marchar unidos—em defesa do Novo Mundo de hoje, e na expectativa do glorioso dia de amanhã.

JOHN A. ROEBLING'S SONS COMPANY
Divisão de Exportação
19 Rector Street, Nova York, E. U. A.
End. Tel.: "Roebling", Nova York

AGENTES NA AMERICA LATINA: *Argentina*—Leopoldo Sol & Cia., Reconquista 558, Buenos Aires. *Bolivia*—International Machinery Co., Ororu. *Chile*—International Machinery Co., Escritórios em Santiago, Valparaiso, Antofagasta. *Cuba*—Machin & Wall Co., Muralla 68, Havana. *México*—Maquinaria Industrial y Agrícola, S. A., Guadalajara, Jalisco. *Perú*—International Machinery Co., Lima. *Puerto Rico*—Roberto Colon Machinery Mfg. Co., Calle Comércio 17-19, San Juan.

ROEBLING Quer cooperar na expansão futura do Brasil

Extraia até a última gota nutritiva de seus alimentos



As frutas constituem um alimento indispensàvel para a saude, graças as vitaminas e outros elementos que contêm. Contudo, as frutas, a carne ou as verduras, por si sós, não constituem uma alimentação suficiente. Uma dieta bem equilibrada consiste em uma acertada combinação de alimentos dotados de todas as propriedades nutritivas necessárias para a saude.

Mas não basta escolher bem os componentes de uma comida. Nem todos os alimentos são ingeridos em seu estado natural, mas precisam ser conservados e cozinhados. Estes fatores são importantes, pois muitas das propriedades nutritivas dos alimentos podem perderem-se por causa da preparação ou conservação inapropriadas.

O nosso Instituto de Economia Doméstica fornecerá a V. S. informações científicas que habilitarão V. S. a tirar todo o proveito de seus alimentos. Dirija-se ao Instituto de Economia Doméstica da International General Electric Co., Inc., Schenectady, N. Y., E. U. A.

GENERAL ELECTRIC

A Serviço da Campanha Panamericana de Nutrição

General Electric S.A. — Argentina, Brasil, México, Uruguay; *International General Electric S.A.* — Colombia, Venezuela; *International General Electric Co. of Porto Rico* — Puerto Rico; *General Electric Cubana S.A.* — Cuba; *International Machinery Co.* — Chile, Perú, Bolivia; *Grace y Cia S.A.* — Ecuador.

NC4:1

Agora podemos contar . . .

O MAIS NOVO avião de combate do Exército dos Estados Unidos é o Northrop P-61, apelidado "Viuva Preta."

Há muitos meses que os desenhistas e artífices da fábrica Northrop vinham trabalhando neste novo e formidavel aeroplano.

Com sua grande velocidade e potente armamento o "Viuva Preta" é um exemplar caterístico da Northrop por sua maneabilidade e facil vôo.

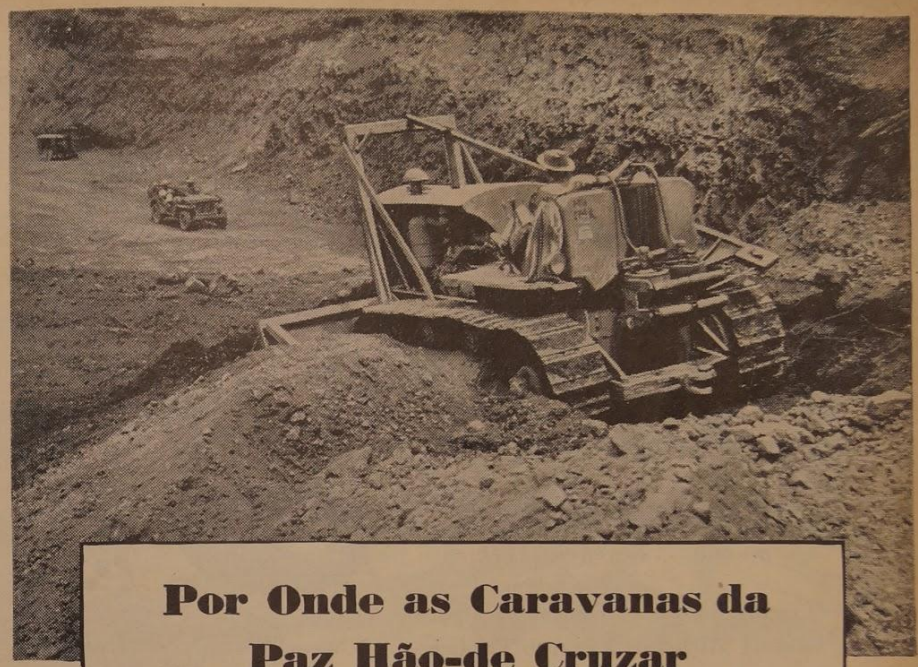
Não tardará que V. S. tenha notícias das façanhas do "Viuva Preta" nas frentes de combate.

NORTHROP

Aircraft, Inc.

Desenhistas e construtores do P-61 . . . O "Viuva Preta" de combate noturno

NORTHROP AIRCRAFT, INC. • NORTHROP FIELD, HAWTHORNE, CALIFORNIA, U.S.A. • MEMBER AIRCRAFT WAR PRODUCTION COUNCIL, INC.



Por Onde as Caravanas da Paz Hão-de Cruzar

CADA vez que se forja mais um elo da grande cadeia da Rodovia Pan-Americana, mais se consolidam a união e a amizade entre as Américas. Em breve, caravanas de paz, de cooperação e de prosperidade cruzarão por essa rota—do norte ao sul do Continente—em procissão sem fim. Hoje, nas montanhas rochosas da Costa Rica, os tratores Diesel "Caterpillar", equipados com desbastadores *bulldozer*, trabalham sem cessar—desbravando, nivelando e dando forma a um belo trecho dessa grandiosa estrada, numa extensão de 113 quilômetros.

Em outros grandes projetos de engenharia, são tambem os tratores Diesel "Caterpillar" que realizam os mais árduos trabalhos. Mesmo agora, quando o seu equipamento já ultrapassou de muito o seu limite máximo de durabilidade, os tratores "Caterpillar" continuam a funcionar com segurança e economia, dias, meses e anos a fio. Os operadores inexperientes, os combustíveis inadequados, os climas tórridos, ou as temperaturas abaixo de zero, jamais constituiram impecilho ao desempenho dos tratores "Caterpillar".

Nos dias de hoje, quando há tão pouco equipamento novo disponível, os tratores Diesel "Caterpillar" merecem todos os cuidados possíveis. Solicitem aos vendedores de equipamento "Caterpillar" que inspecionem regularmente os seus tratores —assim conseguindo prolongar a sua duração e evitando gastos dispendiosos de reparo.

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILL., E. U. A.

CATERPILLAR DIESEL

MARCA REGISTADA

TRATORES DE ESTEIRAS • MÁQUINAS DIESEL • MAQUINARIA PARA ESTRADAS

O BATON
POR EXCELÊNCIA
MO MUNDO INTEIRO

Michel

BATON DE ENCANTO TRÍPLICE

Aformoseia . . . Beneficia . . . Dura

O resultado que se obtem com a fórmula Michel de Encanto Tríplice é verdadeiramente surpreendente. Michel oferece as cores mais formosas para realçar o encanto dos seus lábios; uma base de creme que os suaviza admiravelmente; qualidade exclusiva que mantem a superfície perfeita durante muitas horas. É maravilhoso o efeito do Baton Michel nos lábios de uma mulher— cada aplicação põe em destaque a sua formosura.

8
Tons Sedutores

AMARANTH · CHERRY
AMAPOLA · RASPBERRY
BLONDE · VIVID
SCARLET · CYCLAMEN

Insista pelo autêntico Michel. Não se conforme com uma imitação quando possa adquirir o Michel legítimo. Verifique o nome "Michel" no seu Baton, Rouge, Pó de Arroz e Lapis para os olhos. É a marca de qualidade, sinônimo de beleza.

Um Belo Horizonte

PROCURAI entrever o longínquo dia de amanhã . . . sentireis palpitar o vosso coração com uma certa inveja da juventude de hoje, que vai desfrutar dos vindouros benefícios!

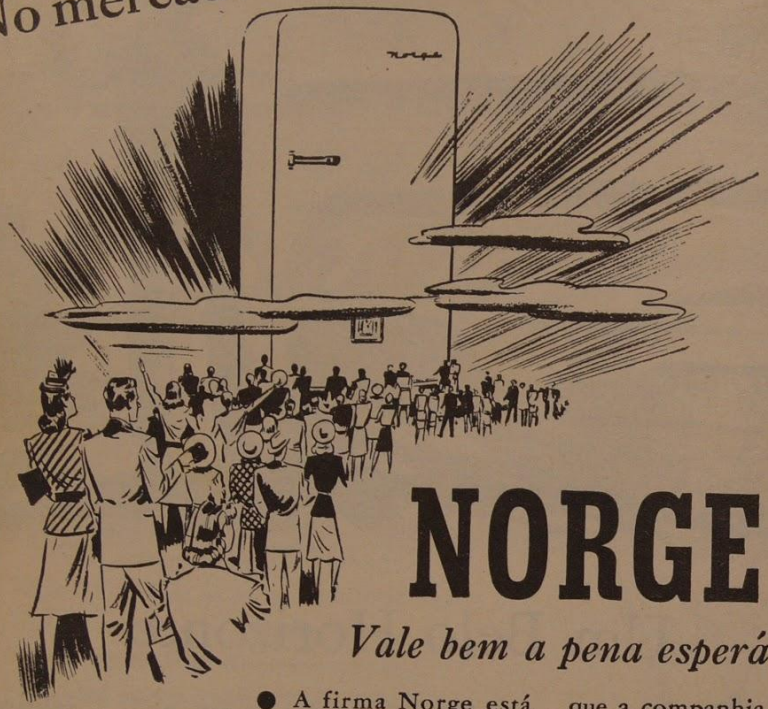
Os homens de ciência e os técnicos a serviço da Companhia Ford, que agora se dedicam ao aperfeiçoamento dos apetrechos de guerra, criaram muitos processos simples e econômicos de produção, que no dia de amanhã proporcionarão melhores máquinas, instrumentos e utensílios que os fabricados outrora.

Quando chegar a paz, a maquinaria que está servindo para suprir as Nações Unidas em tempo de guerra, se converterá num instrumento criador do Bem a serviço da humanidade.

FORD MOTOR COMPANY

Ford

Ausentes hoje...
No mercado amanhã



NORGE

Vale bem a pena esperá-las!

● A firma Norge está atualmente contribuindo para o nosso triunfo nesta guerra, a isso dedicando todos os seus recursos e suas habilitações. . . Durante a guerra, todo mercado sofre a carência do sortimento de Refrigeradoras Norge Rollator, Máquinas de Lavar Ro-ta-tor, e Fogões a Electricidade ou a Gás Norge.

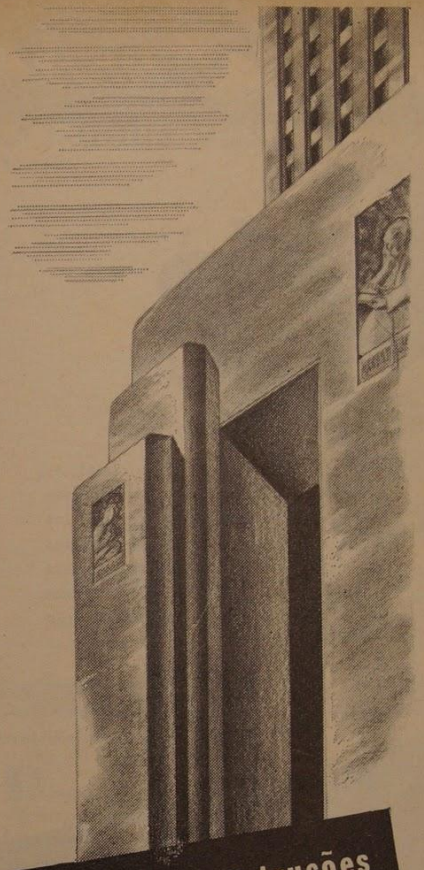
V. S. pode estar certo de que a companhia Norge voltará novamente às suas atividades normais no prazo o mais curto possivel, logo que a Vitória tenha sido alcançada e a Paz torne a reinar no mundo. Todos os conhecimentos adquiridos pela Norge na produção de guerra serão aplicados a criação de novos aparelhos para o lar, que constituirão milagres de economia e eficiência.

Visite o distribuidor Norge da sua localidade para obter indicações e serviços dignos de confiança. Ele terá muito prazer em pôr à sua disposição a perícia que há tantos anos tem tido a serviço da Norge.

DIVISÃO NORGE DA BORG-WARNER, DETROIT, MICHIGAN, E. U. A.

NORGE UTENSILIOS PARA USOS DOMESTICOS
REFRIGERAÇÃO COMERCIAL

★ UMA INDUSTRIA DA BORG-WARNER ★



Para futuras construções
Elevadores para
passageiros e cargas
MONTGOMERY

NA construção dos novos edifícios que ora se projetam, serão utilizados novos materiais e novas técnicas. E toda vez que for necessário instalar elevadores de carga ou de passageiros, surgirão novos problemas. Se V.S. precisar de auxílio na solução desses problemas, pode contar com a Montgomery. A marca "MONTGOMERY" talvez lhe seja desconhecida... no entanto, durante quase 50 anos, os Elevadores Montgomery têm prestado excelente serviço em milhares de edifícios nos Estados Unidos. Os que deles fazem uso já aprenderam, por experiência, que os Elevadores Montgomery sempre demonstram um funcionamento de primeira ordem. Em um ano, típico entre muitos, 72% dos elevadores Montgomery instalados destinaram-se a clientes antigos, que confiavam nessa marca, pois a conheciam de outras vezes. Se V. S. pretende iniciar alguma construção, estamos ao seu dispor para resolver quaisquer problemas relativos à instalação de elevadores.

UMA SÉRIE COMPLETA DE ELEVADORES

....A Montgomery fabrica uma série completa de elevadores de carga, passageiros e serviço, e oferece todo o equipamento necessário ao transporte vertical.

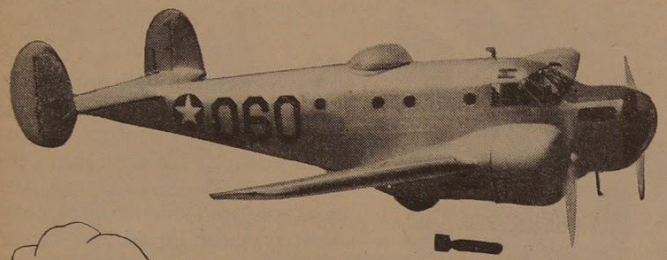
montgomery Elevator company

Depto. de Exportação

MOLINE, ILLINOIS, E.U.A.

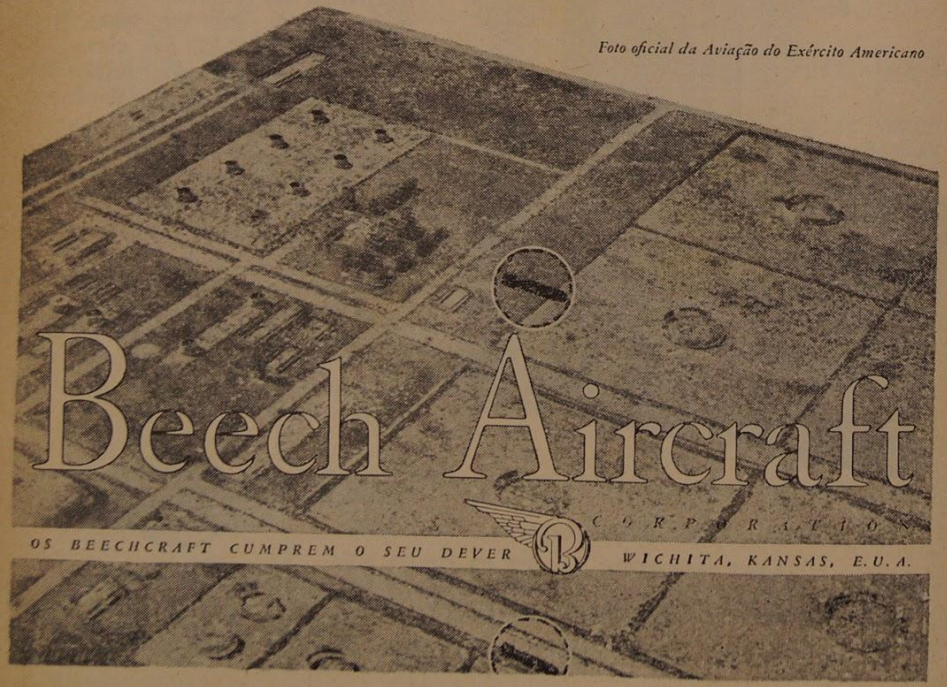
Beechcrafts at work

No. 9 DE
UMA SÉRIE



O leitor já viu voar uma sala de aula? Pois bem, aquí tem uma. Trata-se de um bombardeiro de treino Beechcraft AT-11 em ação. A réplica de uma refinaria de petróleo serve de alvo para suas bombas. Os discípulos que constituem sua tripulação desprendem as bombas diretamente sobre "os alvos." ★ Em inúmeras missões de treino de bombardeio, como essas, as tripulações dos bombardeiros americanos aprendem suas lições, que são prenúncios de desastre para as refinarias e outras muitas espécies de instalações de guerra vitais do Eixo. Os Beechcrafts são suas aulas em vôo. ★ É esse o tipo de instrução que torna os americanos os mais bem treinados aviadores do mundo.

Foto oficial da Aviação do Exército Americano

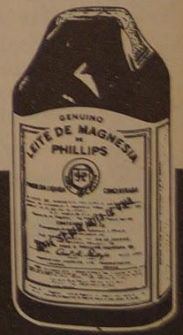


Diante de um bom jantar, um bom vinho, um bom charuto . . . a vida tem outro encanto! Mas . . . os excessos trazem, geralmente, más consequências: azia, indigestão, pêso no estômago . . .

Siga o conselho de seu médico: tome o LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS que, com sua ação tríplice, *neutraliza* a hiperacidez, *auxilia* a digestão e *limpa* suavemente os intestinos. O LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS é a garantia do seu bem-estar!

Não vegete apenas! Goze sua vida . . . não perca o prazer de um bom jantar, mas depois, quando surgirem as dificuldades . . . ajude seu estômago com o LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS—o antiácido e laxante que os médicos mais recomendam!

Encontrado também em comprimidos fáceis de levar—Fáceis de tomar.



LEITE DE MAGNÉSIA PHILLIPS
BOM PARA TODA A FAMÍLIA

CLETRAC

Simboliza ROBUSTEZ E ENERGIA

● As tarefas da guerra impõem responsabilidades mais pesadas aos Cletrac, em ação nas frentes da produção, do transporte, e de batalha . . . Robustez e energia inexhaurivel são duas das qualidades com que o Cletrac enfrenta estes dias dificultosos.

Sempre na dianteira, os Tractores de Esteira Cletrac pisam com firmeza no íngreme caminho da Vitória. Quer nos campos a produzir mantimentos, quer a construir estradas para transportá-los, Cletrac cumpre com zelo as supertarefas desta guerra.

A contribuição de V.S. para a Paz pode limitar-se a manter a sua maquinaria em condições de ajudar a ganhar a guerra. E' bom ter sempre em mente que os pequenos consertos e reparos devem ser feitos sem delongas!

THE CLEVELAND TRACTOR COMPANY

Divisão de Exportação: 19300 Euclid Ave., Cleveland, Ohio, E. U. A.

Cletrac
Crawler Tractors

TERRA À VISTA!

Numa câmara de aço herméticamente fechada, construida no laboratório aéromédico do campo de aviação da Wright, os médicos do Exército americano se lançam na água em botes de borracha, e ficam a flutuar, suportando o equivalente dos violentos temporais de neve do Artico, do sol escaldante dos trópicos, ou das chuvas torrenciais.

A refrigeração e o acondicionamento de ar nesta sala de tempo, fornecidos pela York, põem ao alcance desses cientistas temperaturas que vão de 40° C. abaixo de zero a 65° C. acima, e uma umidade que vai de 10% até o ponto de saturação. Esse ar frio e quente, de parceria com o "sol" ultra-violeta, com imensos insufladores que fazem inundar a câmara de água salgada ou cobrí-la de areia que sobe à altura dos joelhos, fornecem os meios de reproduzir as condições de tempo em qualquer parte do globo.

Como resultado das pesquisas feitas nessa câmara do tempo, esses indagadores do Exército observam no seu campo os meios efetivos de proteção científica contra as queimaduras do sol e da ventania, a congelação, as chagas originadas pela água do mar, e outras moléstias causadas aos que ficam expostos à intempérie, que tantas vidas têm ceifado a soldados, marinheiros e aviadores nesta guerra global.

York Corporation,
York, Penna., E. U. A.

york
refrigeration
air conditioning

YORK REFRIGERAÇÃO E AR ACONDICIONADO

Centro de Refrigeração Mecânica desde 1885

REPRESENTANTES NO BRASIL: BYINGTON & CO. SEDE PRINCIPAL NO RIO DE JANEIRO

Por que perder

em cada ano

36 Dias de Juventude?

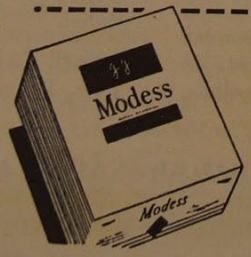
*...desfrute **todos** os dias do mês sem receios e preocupações!*

POR QUE PERDER todos os anos 36 dias felizes, quando a mocidade é tão bela e a vida tão curta!

A mulher moderna, que está ao par dessas verdades, vive despreocupadamente todos os dias do ano porque adota MODESS — o método moderno e científico. Os absorventes MODESS — higiênicos e confortáveis — proporcionam completa proteção em certos dias do mês.

MODESS é flexível, macio — não irrita. Mais absorvente que o algodão, é exteriormente protegido por uma camada impermeável. Porisso é recomendado pelos médicos, e pelas senhoras que o experimentaram. Nas farmácias e nas lojas de artigos femininos, peça simplesmente MODESS!

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL



AMOSTRA GRATIS: Envie-nos Cr. $ 1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho «O que a Mulher Moderna Deve Saber». Caixa Postal 2838, São Paulo.

4 - GGGG - 25

Nome .....

Rua .....

Cidade .....

Estado .....

J.W.T

Gosta de elogios?

— Sirva Presunto SWIFT!

EIS um petisco que todos recebem com agrado! Porque é leve, delicioso e nutritivo. Dê mais encanto à sua hospitalidade — e receba elogios, servindo sempre esta verdadeira carícia para o paladar: Presunto Swift — ótimo para sanduiches e para enriquecer o sabor de outros pratos!

PRESUNTO COZIDO
(Em lata) Médio, grande, e de 1 K. para pequenas famílias.
(Embrulhado) vários tamanhos

PRESUNTO DEFUMADO
(Embrulhado)

PALETA DEFUMADA
(Embrulhada)

PRODUTOS DA

Swift do Brasil

Experimente também êstes produtos SWIFT:—

Salsichas • Pâtés • Perú • Linguas • Presuntada • Bacon • Carne de Porco • Corned Beef • Carne Cozida • Extrato de Carne • Tuco (para massas) • Galantina • Banha

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

O MUNDO ESTÁ ANSIOSO POR NOTÍCIAS

Das florestas virgens e exalantes equatoriais às vastas regiões frígidas do ártico, o mundo inteiro escuta ansioso as últimas notícias da guerra mundial.

Nunca na história da humanidade foi possível estar em contacto tão estreito com os acontecimentos na terra, no mar e no ar, como o é hoje . . . graças ao rádio . . . e especialmente ao Zenith.

UNIÃO VICTORIA LIBERDADE

Os aparelhos de rádio Zenith estão mantendo sua reputação invejável nos quatro cantos do mundo, devido à sua fidelidade e pureza de som, pois, êles são à prova de variações climatológicas . . . e são feitos para longa duração.

Zenith tem sido, é e continuará sendo o lider da indústria radiônica.

ZENITH *LONG DISTANCE* RADIO

FABRICANTES DE EQUIPAMENTO RADIÔNICO EXCLUSIVAMENTE

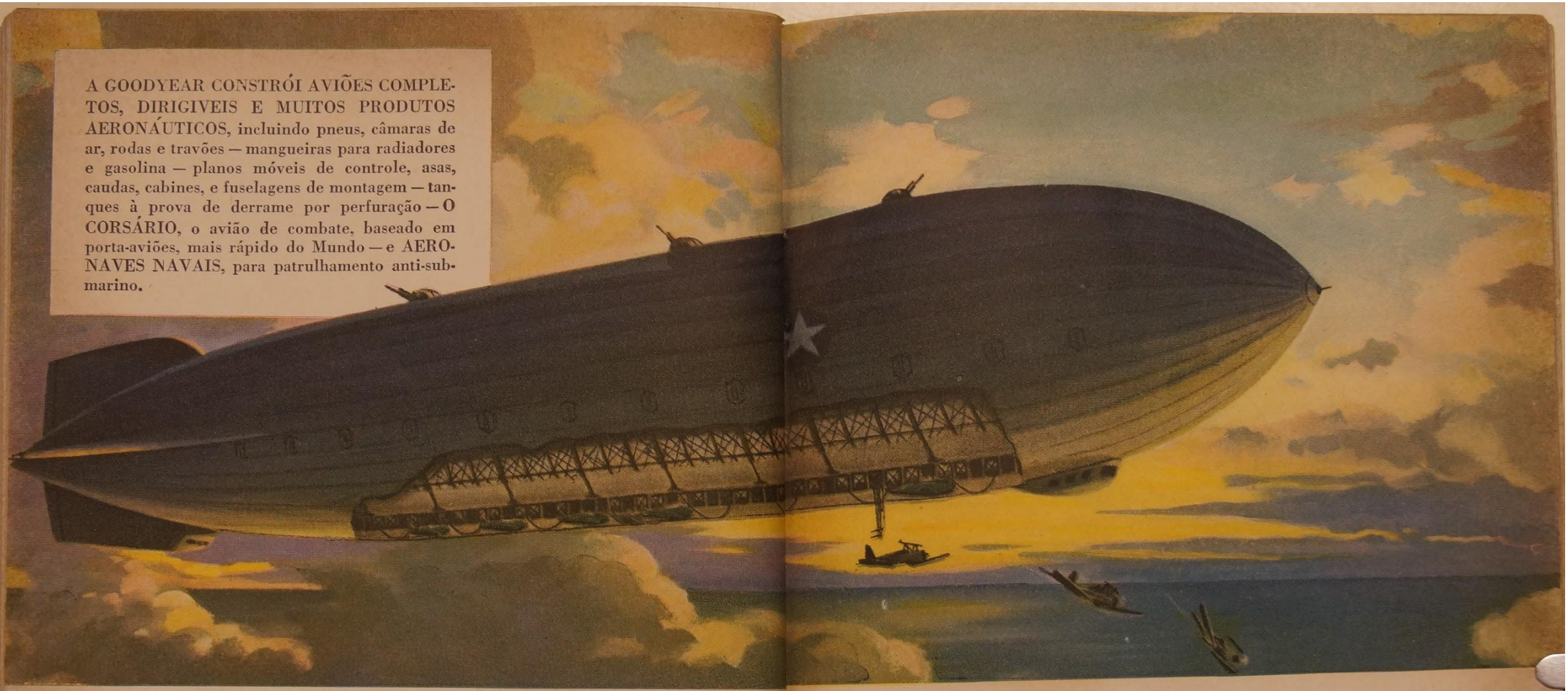
Naturalmente a sua caneta é uma Parker

Em todos os ramos de atividades as pessoas de destaque dão imenso valor às belas Canetas-tinteiro Parker que possúem e que ostentam com orgulho, tal a sua beleza. Note como o desenho exclusivo, em aneis translúcidos e negros, dá a esta Parker um cunho de personalidade!

Seu enorme e visível depósito de tinta é também outra particularidade valiosíssima. Sua ponta, suave como o setim, desliza tão fácilmente que dá a impressão de voar sôbre o papel.

A fama desse distinto instrumento caligráfico está hoje propalada pelo mundo inteiro. A Parker Vacumatic encontra-se à venda em cinco cores atraentes. O Lozango Azul no segurador significa a nossa garantia vitalícia.

•Unicos distribuidores para todo Brasil e Posto Central de Consêrtos: Costa, Portela & Cia. Rua 1 de Março 9-1º, Rio de Janeiro.



A GOODYEAR CONSTRÓI AVIÕES COMPLETOS, DIRIGIVEIS E MUITOS PRODUTOS AERONÁUTICOS, incluindo pneus, câmaras de ar, rodas e travões — mangueiras para radiadores e gasolina — planos móveis de controle, asas, caudas, cabines, e fuselagens de montagem — tanques à prova de derrame por perfuração — O CORSÁRIO, o avião de combate, baseado em porta-aviões, mais rápido do Mundo — e AERONAVES NAVAIS, para patrulhamento anti-submarino.

Os porta-aviões de amanhã poderão VOAR?

Não se aventurará demasiado no reino da fantasia quem sugerir que os porta-aviões do futuro poderão ser dirigiveis gigantes.

A aeronave tem várias vantagens para tal espécie de serviço: Não requer escolta de cruzeiro; a sua velocidade máxima de 75 nós ou mais, permite-lhe um raio de ação muito maior do que qualquer navio flutuante.

Até que ponto é que, esta espécie de aeronave será vulneravel aos projeteis incendiários dos aviões inimigos? Menos do que possa pensar-se: Pode ser insuflada com gás não inflamavel (hélio), eliminando-se desse modo o perigo de incêndio ou explosão; os seus motores serão alimentados por tanques à prova de derrame por perfuração; e pode ser protegida, da popa à proa, por meio de redutos couraçados, armados com metralhadoras pesadas e canhões de serviço aéreo. Ao considerar-se a possibilidade de porta-aviões aéreos, não é de mais recordar que menos de duas centenas de grandes dirigiveis têm sido construidos em toda a História do Mundo; mas os homens têm aprendido bastante acerca do seu manuseamento e operação. Nos últimos anos, as *aeronaves construidas e acionadas pela Goodyear* voaram mais de *quatro milhões de milhas*, em todas as condições de tempo — sem a mais ligeira beliscadura para um só dos 400.000 passageiros que transportaram. Talvez que isto seja um prenúncio das coisas que hão-de vir!

GOODYEAR

Os produtos da Goodyear são manufaturados nos seguintes paises: Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Irlanda, Inglaterra, Índia, México, Perú, Africa do Sul, Suécia e Estados Unidos da América. Filiais e distribuidores por todo o Mundo.

Já era famoso em 1815, quando pela primeira vez os ianques desembarcaram na Argélia

O whiskey americano tem sido usado para celebrar todas as vitórias na história da América— pois o whiskey americano é mais antigo que os Estados Unidos.

E agora o whiskey americano é preferido em todo o mundo para festejar as vitórias das Nações Unidas. Hoje bebe-se mais whiskey americano que qualquer outro.

Há várias gerações que o SCHENLEY Royal Reserve vêm sendo reconhecido como o mais fino dos whiskeys.

Para apreciar o seu insuperavel aroma, delicioso sabor e riquíssima suavidade, tome-o à americana — num "Old Fashioned" — a bebida tradicional.

Eis a receita desse famoso coquetel: **1:** sobre meio-torrão de açúcar ponha duas gotas de Bitter Angostura e 6 gotas de água; **2:** Dissolva o açúcar; **3:** Adicione dois cálices de SCHENLEY Royal Reserve; **4:** Adorne com uma *fatia* de laranja, outra de limão, e uma cereja; **5:** Encha o copo com pedaços de gelo, mexa um pouco e sirva.

É uma revelação!

LIBERDADE NA UNIDADE

SCHENLEY INTERNATIONAL CORPORATION
Empire State Building, New York

O WHISKEY MAIS FINO DA AMÉRICA

SCHENLEY Royal Reserve

"Como é que elas podem regressar!"

Muitas tripulações das Fortalezas tem visto aviões voltando a "manquejar" com três dos seus quatro motores calados, asas e caudas crivadas, ou com buracos de granada de tamanho de selhas de lavar. *Como conseguem elas fazê-lo?*

1. As asas das Fortalezas são construidas com sólidas longarinas de tipo-enfeixado. Esta estrutura contribue para confinar os estragos causados pelos projeteis de artilharia, de modo a não afetar basicamente a resistência da asa.

2. Os engenheiros da Boeing têm insistido sempre nos sistemas de comando de ação múltipla.

3. De um modo geral, todos os mecanismos funcionam a eletricidade. A danificação de um circuito não afeta os outros.

4. A "barbatana dorsal," criação da Boeing, dá à Fortaleza Voadora estabilidade reforçada.

5. Mas uma das mais importantes razões pelas quais as Fortalezas "regressam," é a confiança, baseada na experiência, que faz com que muitas tripulações das Fortalezas permaneçam dentro do seu avião, sabendo que de qualquer modo ele os *conduzirá* sãos e salvos até à base.

A integridade da Boeing nas pesquisas, desenho, engenharia e fabrico, farão novamente parte dos produtos do tempo de paz, quando a guerra for ganha. A verdade de hoje será a verdade de amanhã . . . se é "Construido pela Boeing" destina-se a ser bom.

Criadores da Fortaleza Voadora • A Nova Superfortaleza B-29 do Stratoliner — dos Cliperes Transoceânicos

BOEING

Trabalho Metódico

TRABALHO preparado com inteligência e concienciosamente executado—eis aí uma sadia fórmula para um programa de após-guerra.

Nosso primeiro dever é providenciar afim de que haja empregos, bem remunerados, para os rapazes que hoje lutam nas forças armadas, e mais tarde voltarão à vida civil, bem como para todos os outros cidadãos capazes de trabalhar.

Ao alcançarmos a vitória, a melhor maneira de resolver nosso problema de empregos e evitar a economia dirigida serão, primeiro, a procura de produtos de paz, fornecidos temporariamente pelo trabalho metódico da iniciativa privada, e, depois, o comércio exterior baseado em tratados recíprocos de comércio.

Há quatro pedras angulares sobre as quais precisamos construir nossa estrutura de após guerra: religião, instrução, transporte e comunicações.

A religião sempre foi a força dirigente, e há-de continuar. As relações humanas devem sempre basear-se na norma sábia: "Não faças aos outros o que não queres que te façam."

A ciência é indispensavel ao progresso, e será necessário que se estenda o mais possivel a educação científica. Nossas instituições educacionais devem ter verbas suficientes afim de que lhes seja dado manter, com melhor remuneração, bons administradores e bom corpo docente.

O transporte e as comunicações devem ser estudados de acordo com as necessidades de cada um dos nossos paises.

Cabe a nós, indivíduos, *pensar* construtivamente e *trabalhar* com proveito afim de elaborarmos planos sensatos e progressistas para o futuro, evitando sempre substituir o bom-senso pelas panacéias, e procurando proteger os livres empreendimentos e direitos dos indivíduos.

Nada há que seja capaz de substituir o trabalho metódico.

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION

Tem Problemas de Costura?

PODEMOS AJUDAR-LHE!

● **Deseja alterar roupas usadas ou fazer novas?** A Singer está em condições de dar-lhe indicações que sempre lhe economizarão muito tempo e trabalho, e ao mesmo tempo lhe permitirão fazer vestidos de um acabamento perfeito e elegante. Solicite nossos livros que tratam da costura e do bordado.

● **Sua máquina precisa algum conserto?** Neste caso, visite a loja Singer mais próxima, onde encontrará peças sobressalentes, agulhas, acessórios, e óleo. O sortimento desses artigos é limitado.

● **Aviso importante!** Se possue alguma máquina Singer, cuide dela. Faça-a inspecionar e ajustar com regularidade, e assim ela durará muito mais. O custo que isso representa é bem módico. Visite um representante da Singer sem demora.

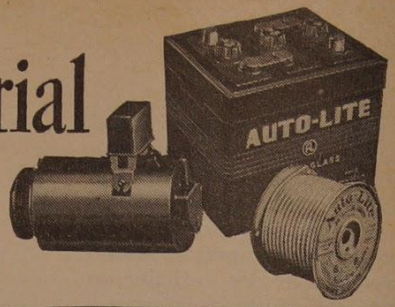
● **Procure a letra "S" vermelha** na vitrina da loja, e dessa maneira terá a segurança de obter produtos e serviços Singer legítimos.

SINGER

SEWING MACHINE COMPANY

Copyright U.S.A. 1944, da Singer Sewing Machine Co. Todos os direitos reservados em todos os paises.

Entre o Material de Guerra



AUTO-LITE

Se pudesse observar as linhas de produção das 26 grandes divisões industriais de Auto-Lite, veria "pilotos automáticos", alimentadores de fusil Oerlikon, armas de fogo para cartuchos de aço, projetis, dispositivos para disparar metralhadoras e muito outro material de guerra.

Mas tambem veria velas de ignição, acumuladores, fios e cabos, aparelhos para arranque, iluminação e ignição de automoveis. Tambem esses artigos familiares de tempo de paz tomam uma parte importante em continuar a marcha à vitoria.

Em tempo de guerra ou em tempo de paz, o conhecimento a a experiencia adquiridos em 32 anos de existencia da nossa industria têm grangeado aos artigos Auto-Lite uma reputação nunca ultrapassada em construção superior e funcionamento seguro.

THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
(Export Division)
Chrysler Building, New York 17, N. Y., E. U. A.

VELAS DE AUTOMÓVEIS · ACUMULADORES · FIOS E CABOS
APARELHOS DE ARRANQUE, IGNIÇÃO E ILUMINAÇÃO

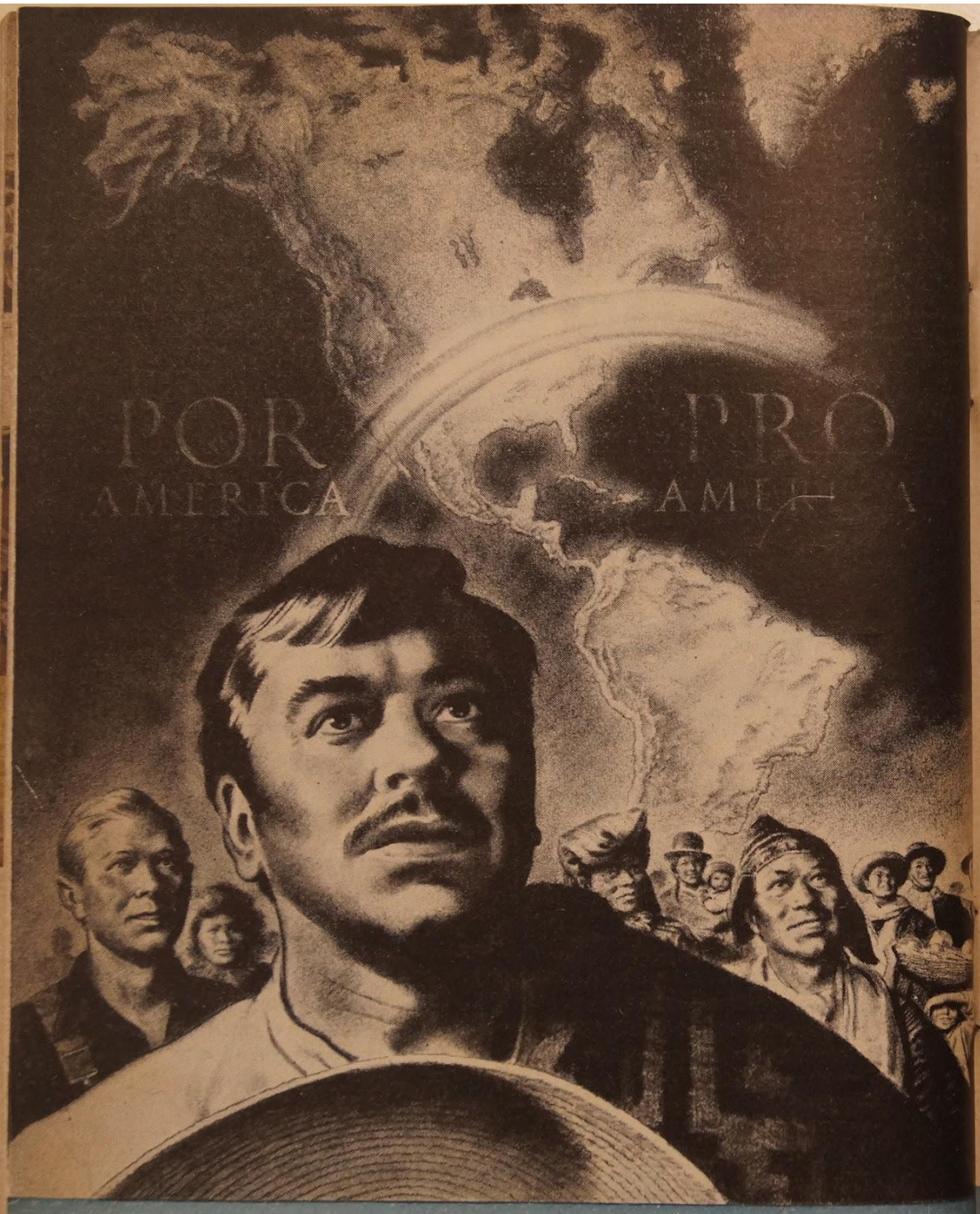
Seu Carro Hoje É Rei!

A VITÓRIA CONSUMIRÁ TODO O NOVO AÇO QUE ANTES SE DESTINAVA AOS AUTOMOVEIS — O SEU VELHO CARRO TEM QUE DURAR ATÉ FINDAR A GUERRA—POR ISSO, CUIDE BEM DELE!

Façamos votos para que não esteja longe o dia em que V. S. possa adquirir um novo automovel; entretanto, conserve o que tem agora até que chegue esse dia, cuidando dele como um dos seus haveres mais apreciados. Insista no uso do VEEDOL. É um meio certo de fazer diminuir a fricção e o desgaste, assim como auxilia a gasolina a alcançar maior quilometragem. Cuide do seu carro como se este tivesse que durar sempre, e assim tirará dele o máximo proveito até que se fabriquem novos.

ÓLEO PARA MOTORES

VEEDOL



PAN AMERICAN
A empresa dos Clippers

DECLARAÇÕES aos povos das Américas

por Ezequiel Padilla

Ministro das Relações Exteriores do México

HÁ vinte e cinco anos, a vitória alcançada pelos Aliados fazia-nos crer que a paz duraria séculos. Entretanto, bastou apenas uma geração para que se desencadeasse outra guerra . . .

Desta vez a humanidade terá que olhar para as Américas, onde se demonstrou, no Rio de Janeiro, que *é possivel* organizar uma sociedade entre as nações, sobre uma base pacífica e democrática.

Portanto, entre as esperanças que a humanidade acalenta no sentido de uma paz duradoura, a mais consistente, a mais positiva, é a que se constitue pelos recursos materiais, a inteligência metódica e a doutrina social representada pela união dos povos da América.

Entre os "recursos materiais" com que poderão contar os povos das 21 Repúblicas americanas depois da guerra, está o Sistema dos Clippers . . . Hoje, devido à guerra, vemo-nos forçados a pedir aos nossos clientes que aceitem, com indulgência, as demoras e outros obstáculos inevitaveis. Quando vier a paz, haverá novos Clippers, maiores e mais velozes. A América Latina terá então um serviço aéreo digno da confiança que tem demonstrado no transporte pelo ar.

Asas da Democracia

WORLD AIRWAYS

Companhias Associadas na América Latina: Panagra, Panair do Brasil S.A.; Aerovias Nacionales de Colombia, S.A.; Cia. Mexicana de Aviación, S.A.; Cia. Nacional Cubana de Aviación; Urabá, Medellín & Central Airways; Lloyd Aéreo Boliviano.

Quando um exército está em marcha

Quando um exército se põe em marcha, entra em ação um volume formidavel de cálculos, tão pacientes como rigorosos:

É preciso calcular as forças militares. . . . Quantos soldados, quais as proporções entre as forças aéreas, blindadas, a artilharia, a infantaria, etc.?

É preciso calcular a manutenção e os aprovisionamentos. . . . Quantos sapatos, navios, caminhões e destruidores de tanques? Quais as quantidades de drogas, roupas, munições, aviões e centenas de milhares de outros artigos?

É preciso calcular com rapidez e precisão, para evitar demoras e faltas que poderiam resultar na perda desnecessária de muitas vidas.

Por toda a parte onde é indispensavel fazer cálculos relacionados com a guerra, iremos encontrar milhares de máquinas Burroughs em ação, acelerando e simplificando as tarefas, contribuindo para o rigor das operações. Na guerra como na paz, as máquinas Burroughs bem merecem pelos serviços que prestam.

* * * *

Há representantes da Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante da Burroughs no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., com séde à rua da Alfandega, 81 A-1º, Rio de Janeiro.

Visores de Bombardeio Norden

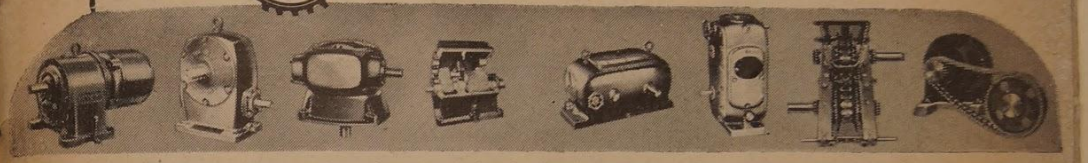
Anos de experiência no fabrico de instrumentos de precisão permitem que a Burroughs produza e distribua o famoso visor de bombardeio Norden—um dos mais importantes e precisos instrumentos usados na guerra moderna.

Novas máquinas de calcular e de contabilidade têm, tambem, sido produzidas pela Burroughs, para serviço das forças armadas, dos governos e empresas de guerra das Nações Unidas.

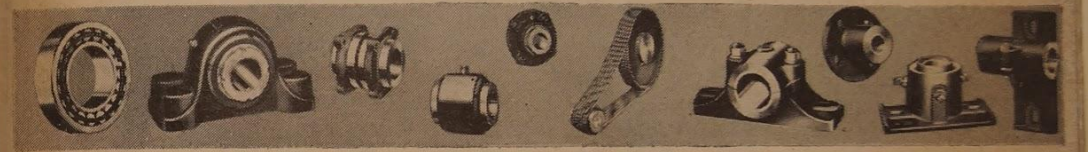
Burroughs

MAQUINAS DE SOMAR, CALCULAR, FATURAR, DE CONTABILIDADE, ESTATÍSTICA, E CAIXAS REGISTRADORAS

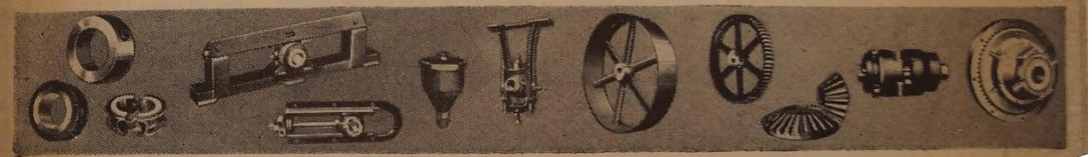
SERVIÇO COMPLETO
de Transmissão de Força
LINK-BELT



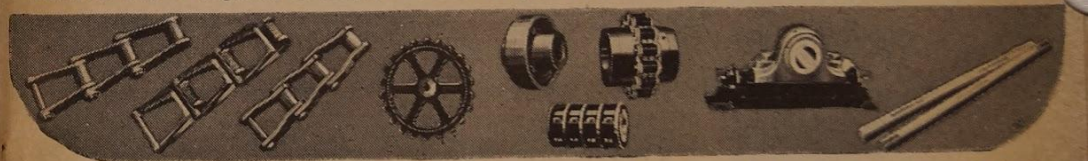
Redutores de velocidade • Reguladores variaveis de velocidade • Transmissão por corrente silenciosa



Chumaceiras de esferas ou rolos • Transmissão por corrente de rolos • Chumaceiras revestidas de babbitt



Anéis de eixo • Suportes corrediços • Caixas de graxa • Pendurais • Polias • Engrenagens • Embreiagens



Cadeias • Roda dentadas • Acoplamentos • Placas de fundação • Transmissão de eixo

● Os diferentes tipos de máquinas de transmissão de força que aquí se vêem foram *desenhados e fabricados* pela Link-Belt, para funcionar com a máxima eficiência e a maior durabilidade. Essa responsabilidade garante um alto padrão . . . E as recomendações imparciais garantem as aplicações corretas. Permita V.S. que a Link-Belt o ajude a executar os seus projetos para maior eficiência na transmissão de energia em sua fábrica. Escreva-nos diretamente, ou por intermédio de um dos nossos representantes cuja lista se encontra abaixo.

LINK-BELT COMPANY

Engenheiros—Fabricantes—Exportadores—Estabelecidos em 1875
233 Broadway, Nova York (7), N.Y., E. U. A. Endereço telegráfico: "LINKBELT"

9467

FABRICANTES DAS MAIS COMPLETAS MÁQUINAS PARA TRANSMISSÃO DE FORÇA LINK-BELT

Representantes:

Cia. Importadora de Máquinas, Rua Visconde Inhauma, 65- 3º., Rio de Janeiro
Lion & Cia. Ltda., Rua Brigadeiro Tobias 475, São Paulo

Hoje...

a Philco dedica todas as suas vastas facilidades de pesquisa e de manufatura a produzir os artigos mais essenciais para a guerra, no ramo da Electrônica e seus derivados.

★ ★ ★

Amanhã...

os aperfeiçoamentos oriundos das pesquisas de guerra pela Philco serão traduzidos em novos e sensacionais empreendimentos em televisão, rádio, refrigeração e ar acondicionado, que lhe serão levados sob o famoso nome da Philco.

PHILCO

OS MAIORES FABRICANTES DE RÁDIOS DO MUNDO

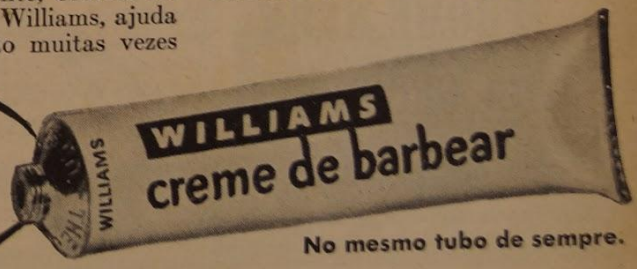
PHILCO INTERNATIONAL CORPORATION
230 Park Avenue, Nova York, E. U. A.

SEU FARMACÊUTICO lhe dirá que a Lanolina se assemelha à secreção oleosa natural da pele humana. Os médicos a receitam com muita frequência para suavizar a epiderme e aliviar irritações cutâneas.

Agora, cada vez que Você se barbeia com o Creme Williams, desfruta o efeito confortante da Lanolina. Este ingrediente, contido no Creme de Barbear Williams, ajuda a evitar a irritação muitas vezes produzida quando se escanhoa o rosto, deixa na face uma sensação mais suave . . . de barba mais bem feita.

O Creme de Barbear Williams é suave para a pele. Sua espuma espêssa e farta embebe a barba, tornando-a fácil de fazer. E agora com a confortante Lanolina, é ainda melhor. Experimente-o hoje mesmo.

Contém a confortante LANOLINA



No mesmo tubo de sempre.

OS DEZ MELHORES FILMES MUSICAIS E ROMÂNTICOS DO ANO COMBINADOS NUM SÓ!

Rita
HAYWORTH
GENE KELLY
EM
MODELOS
EM TECHNICOLOR

Música de
JEROME KERN
Letra de
IRA GERSHWIN
e
AS MODELOS
15 DAS GAROTAS MAIS BELAS DA AMÉRICA

com
LEE BOWMAN
PHIL SILVERS
JINX FALKENBURG
Entrecho de VIRGINIA VAN UPP
Direção de CHARLES VIDOR
UM FILME COLUMBIA

Ainda se vê "ESTE PAÍS DE MARAVILHAS"
no mundo inteiro!

Após Pearl Harbor, cessou o movimento de viagens turísticas dentro dos Estados Unidos; e a companhia de ônibus Greyhound cedeu seus veículos, que ficaram servindo apenas ao esforço de guerra. Entretanto, há milhões de pessoas—nas forças armadas, bem como nas nações vizinhas e aliadas—que ainda vêem esta terra fabulosa e fascinante que são os Estados Unidos, através do filme «Este país de maravilhas», em tecnicolor, apresentado pela Greyhound. (Só na América do Sul, a película foi vista por mais de um milhão de espectadores). Este filme é apenas um derivativo para os milhões de pessoas que, hoje, desejando viajar, não o podem fazer. Após a Vitória, porem, podem todos contar com a Greyhound para um turismo cada vez melhor, num nivel mais alto de luxo e conforto, pelas estradas de rodagem dos Estados Unidos e do Canadá.

GREYHOUND

Eficiência...

o problema essencial

Na agricultura, na indústria, na mineração, no transporte, na construção e nas instalações domésticas, o essencial é sempre a eficiência.

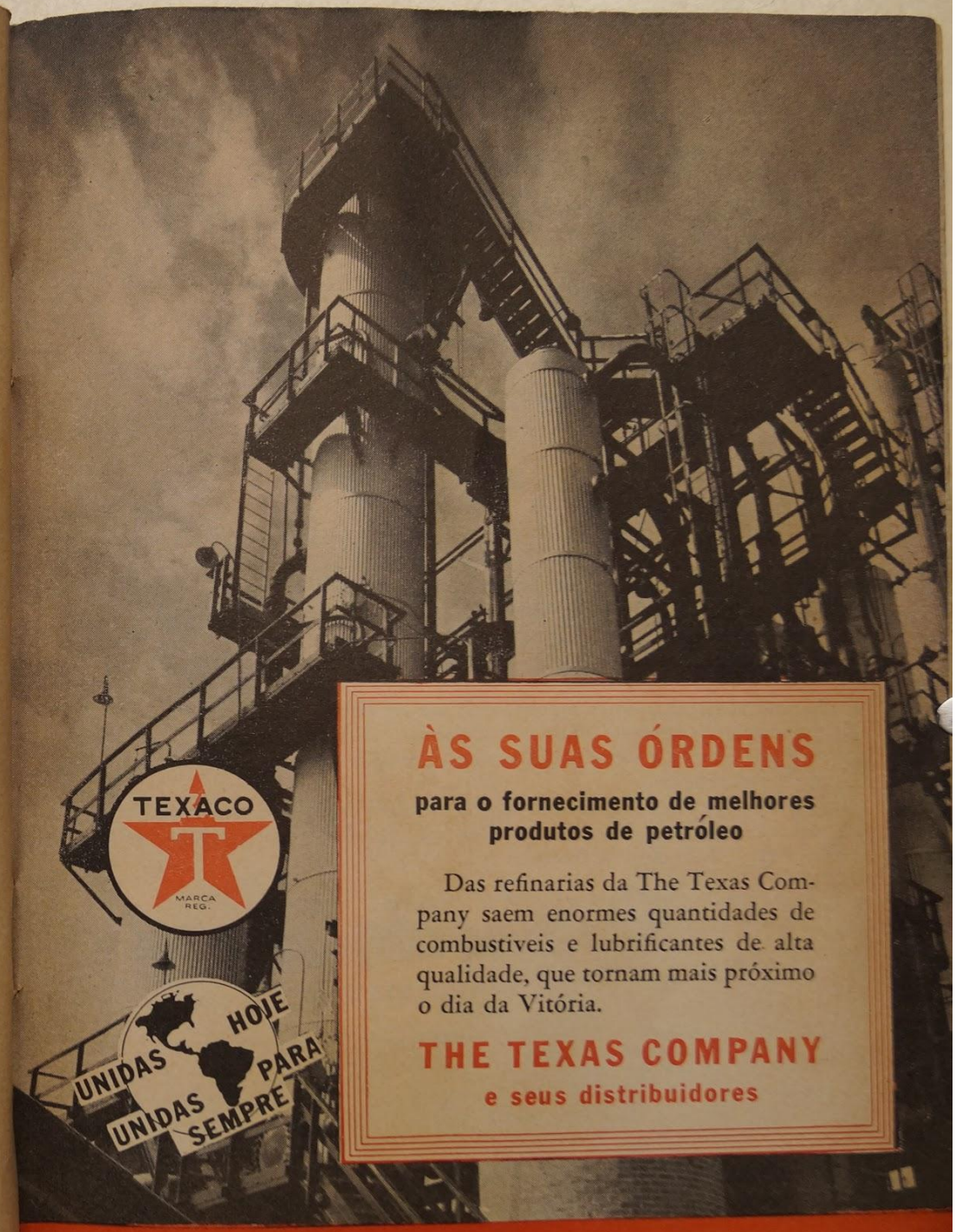
Onde quer que girem rodas e eixos, em toda espécie de máquinas, milhões de Chumaceiras Cônicas Timken demonstram diariamente sua esplêndida eficiência em termos de velocidade, precisão e durabilidade.

Faça questão de Chumaceiras Timken nas máquinas que fabricar ou que comprar. Terá assim resolvido o grande problema da eficiência. The Timken Roller Bearing Company, Canton, Ohio, E.U.A.

TIMKEN

TAPERED ROLLER BEARINGS

Fabricantes de Chumaceiras Cônicas Timken, Ligas de Aço Timken, Canos Inteiricos Timken e Brocas Timken.



ÀS SUAS ÓRDENS

para o fornecimento de melhores produtos de petróleo

Das refinarias da The Texas Company saem enormes quantidades de combustiveis e lubrificantes de alta qualidade, que tornam mais próximo o dia da Vitória.

THE TEXAS COMPANY

e seus distribuidores

TEXACO PRODUTOS DE PETRÓLEO

A única calculadora IMPRESSORA:

SOMA, SUBTRÁE, MULTIPLICA E DIVIDE AUTOMATICAMENTE

● Agora mesmo a Remington Rand está produzindo materiais de guerra para as Nações Unidas. Assim o senhor não poderá comprar a nossa Calculadora Impressora Automática. Mas nós estamos traçando planos para os dias quando entre a América do Norte e o Brasil os utensílios de paz possam trafegar livremente através o oceano. E nós desejamos que o senhor conheça esta extraordinária máquina de escritório do futuro.

Ela é literalmente a única máquina de sua espécie até hoje construida. Divide automaticamente, multiplica eletricamente, multiplica fatores constantes, subtráe e soma—e em cada operação imprime sôbre a fita um registro completo.

Em uma compacta e portátil unidade, uma completa máquina de calcular. A única calculadora que assegura contrôle positivo sôbre todos os seus trabalhos de cálculos.

Remington Rand

BUFFALO, N. Y., E.U.A.

Os **MAIORES FABRICANTES DO MUNDO** de máquinas Portateis, Standard e Silenciosas . . . Máquinas de Somar, de Calcular, Contabilidade e máquinas tabuladoras "Powers" . . . Sistemas visiveis de Controle "Kardex", Arquivos-cofres, métodos de arquivo e pertences, sistemas de folhas soltas . . . . Equipamento de registro fotográfico . . . Fitas para máquinas de escrever ou de somar e papel carbono . . . Pertences para duplicadores . . . e o famoso barbeador elétrico "Foursome" . . .

Representada, no **BRASIL,** *pela* **S. A. CASA PRATT**

Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Curitiba, Recife, Porto Alegre, Belo Horizonte, Baia.

Skymaster

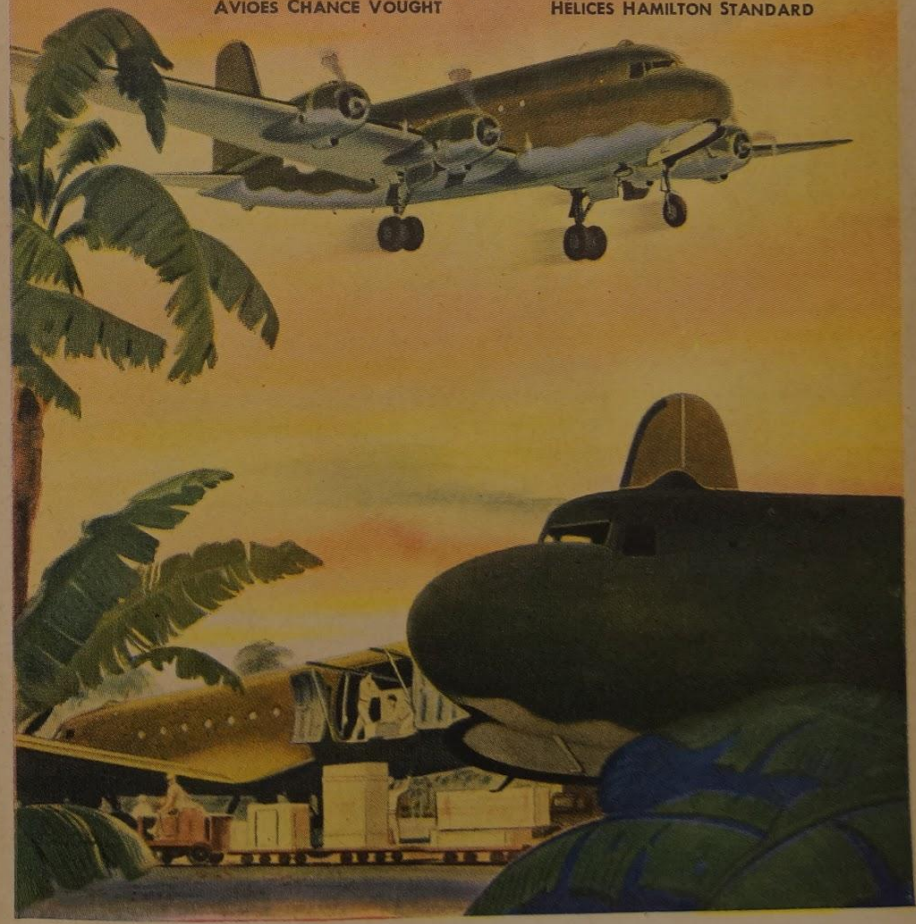
CARGUEIRO DE VÔO

O Douglas C-54 Skymaster, que vem transportando carregamentos essenciais e tropas do Comando de Viação Aérea do Exército dos Estados Unidos, estabeleceu um invejavel recorde como um dos mais eficientes cargueiros aéreos jamais construido. ● Sua força-motriz de 5.400 cavalos é desenvolvida por quatro motores Pratt & Whitney esfriados por ar, os quais fazem girar hélices de segurança Hamilton Standard Hydromatic.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

MOTORES PRATT & WHITNEY — HELICÓPTEROS SIKORSKY
AVIÕES CHANCE VOUGHT — HÉLICES HAMILTON STANDARD



ALIMENTAÇÃO MÁGICA

Faz com que a vossa caneta Eversharp escreva perfeitamente — Tanto a grande altitude como ao nível da terra!

Só as canetas Eversharp possuem Alimentação Mágica. Eis a razão porque a vossa caneta Eversharp não derrama ou goteja — tanto no ar como no sólo.

A Alimentação Mágica faz com que esta caneta escreva mais palavras — até à última gôta de tinta. Escreve mais *ràpidamente* e faz um trabalho mais limpo!

A nova e levíssima Lapiseira de Repetição Eversharp possue o afamado Botão Mágico. Basta preme-lo com o dêdo polegar e — Presto! — tendes uma nova ponta instantaneamente — rápido como uma metralhadora!

Reparai nas lindas capas de estilo moderno a duas côres — cilindros de côr sólida e harmoniosa — e ganchos de segurança para algibeiras fundas de fardamentos militares.

Examine êste lindo jôgo Eversharp Skyliner na vossa loja.

EVERSHARP, INC., CHICAGO, E. U. A.

O Serviço de Consêrtos nas Canetas e Lapiseiras Eversharp — identificadas pela dupla marca ✓✓ no gancho segurador — é garantido — não por anos — não por vida — mas GARANTIDO PARA SEMPRE

Ofereceí **EVERSHARP** *e oferecereis a melhor!*

Continuação da última capa

As 12 seleções favoritas de 1943

Novembro: *A MAGIA AMARELA DA PENICILINA.* O assombroso medicamento novo que proporciona cura rápida nos casos de pneumonia, septicemia e outras graves doenças.

Dezembro: *CARLOS FINLAY, O ESQUECIDO PASTEUR DAS AMÉRICAS.* Biografia do modesto médico cubano cujo trabalho de vinte anos redimiu o mundo do flagelo da febre amarela.

Se bem que esses artigos tivessem sido os favoritos de quase todos, cada leitor teve suas preferências adicionais que não alcançaram o primeiro plano, ao serem contados todos os votos. O prazer com que os leitores apreciam a variedade de artigos em cada número de Seleções é claramente expresso em grande número de cartas como a que se segue, escrita pelo sr. Eudoro Sánchez, da Argentina:

> «Às vezes discordo das conclusões de algum artigo de Selecciones; jamais, porem, acabo a leitura de um número sem a sensação de ter recebido um estímulo para as minhas próprias reflexões. E o que constantemente me surpreende é que muitas vezes os artigos que menos me atrairam antes da leitura, se revelam afinal os mais interessantes de toda a revista.»

A escolha acima demonstra, sobretudo, que os leitores gostam, antes de mais nada, de algo substancioso e concreto. Todos os artigos falavam de assuntos de grande atrativo para as pessoas que se interessam com o que ocorre pelo mundo. A lista prova, tambem, que, enquanto os leitores apreciam, de modo especial, os artigos sobre coisas que lhes são familiares (note-se que dos 12 preferidos, 4 se referiam a episódios ocorridos na América Latina), têm, igualmente, um interesse cosmopolita, visto que os 12 escolhidos aludiam a 10 paises diferentes em todos os cantos de terra.

A cordial acolhida dada a Seleções por milhares de pessoas serve de excelente estímulo aos editores para produzirem, com o auxílio dos leitores, uma revista que ofereça a maior concentração possivel de leitura agradavel e proveitosa, tirada de fontes do mundo inteiro.

IMPRESSO NOS E. U. A.

As 12 seleções favoritas de 1943

DESDE o início de sua publicação, Seleções tem perguntado aos seus leitores o que mais apreciam na revista, afim de que esta se possa tornar cada vez mais interessante e util para um número sempre crescente de pessoas. Examinando detidamente as respostas, verifica-se que cada artigo é o preferido de um leitor, sendo que, por outro lado, alguns são os favoritos de quase todos. Dos 331 artigos publicados em 1943, eis aqueles que mais agradaram, em cada número:

Janeiro: *SABOTAGEM! A GUERRA SECRETA.* Como os nazistas arquitetaram, nos Estados Unidos, um plano de destruição sem igual na história.

Fevereiro: *AUTOBIOGRAFIA DE HENRY M. STANLEY.* Vida fantástica de um jornalista cujas proezas na África rivalizam com as dos grandes descobridores.

Março: *A TRAGÉDIA DO BAEPENDÍ.* Descrição apaixonante de uma das espetaculares tragédias marítimas que levaram o Brasil à guerra.

Abril: *TERIA O MÉDICO O DIREITO DE MATAR?* Caso dramático de uma artista cuja vida foi salva por um médico inimigo da eutanásia.

Maio: *WINSTON CHURCHILL.* Curiosos contrastes que apresenta a biografia do supremo lider de guerra do Império Britânico.

Junho: *GIGANTES DO AR EM DUELO.* Um reporter, com o dom de estar sempre nos lugares onde as coisas acontecem, dá seu testemunho emocionante de uma batalha aérea.

Julho: *BOLÍVAR, O LIBERTADOR.* História do grande guerreiro e estadista, que foi um dos plasmadores da conciência americana.

Agosto: *MISSÃO SECRETA AO NORTE DE ÁFRICA.* Como foi combinada a invasão que determinou o domínio completo do continente africano e do Mediterrâneo.

Setembro: *RECEITA: UM PAR DE SAPATOS.* Sapateiros, feitos homens de estado, resolvem o agudo problema da opilação em Costa Rica.

Outubro: *REFENS.* Emocionante romance de vinte mártires tchecoslovacos que deram a vida resistindo contra a tirania e a ideologia dos nazistas.

Continua no verso

EDIÇÃO MUNDIAL DE 10.918.000 EM CINCO IDIOMAS

Cr$ 3,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

Pasteur venceu preconceitos e bacilos . *por P. de Kruif* 1
A verdade acerca de Pearl Harbor . *por Edwin Muller* 9
Conheci um homem feliz . . . . *por Louis Bromfield* 13
Novos pratos para a nossa mesa . *Saturday Eve. Post* 15
Trinta e quatro homens e eu . . . . . *Atlantic* 18
Trabalham juntos os bons vizinhos . *Pan American* 23
Damas e cavalheiros liliputianos . . . . . *Variety* 26
Tedder tem a chave da invasão . . . . . *Life* 29
Flagrantes da vida americana 33
«Aperfeiçoamos qualquer coisa» . *Scientific American* 35
Mulheres na Conferência da Paz . *Eleanor Roosevelt* 39
Thomas Paine, o alfaiate inglês que revolucionou a América . . . . . *New Leader* 41
Ofensiva relâmpago pelo rádio . . . *Saturday Night* 48
Um lar no Novo Mundo . . . . . *Tomorrow* 51
Hollywood sonda o gosto do freguês *Sales Management* 55
A maior explosão da História . . *American Mercury* 58
Bombardeios que se ensaiam na Florida *American Legion* 61
Podemos ensinar os meninos a viver 65
São diferentes os americanos? . . *«The American»* 67
Pacifista do reino animal . . . . . *Southwest Review* 74
Os franceses tambem gostam do *jeep* . *por A. Maurois* 77
Retalhos do drama cotidiano . . *por MacNair Kahler* 79
Cinco que burlaram a morte . . . . *True Magazine* 82
Um cãozinho para Bibí . . . . *«Time for Each Other»* 85
Cola que gruda tudo . . . . . *Science News Letter* 89
Para que a Alemanha viva em paz *por R. E. McConnell* 92

Seção de Livros — Que ruja o furacão! . . *Rose Wilder Lane* 95

JULHO DE 1944

SELEÇÕES *está à venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a satisfazer qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.
AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.
BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia. Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.
ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.
GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.
MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.
MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.
MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.
PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.
PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.
PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 351, Recife.
PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.
RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.
RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.
RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.
SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.
SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.
SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.
TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Roi Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa
Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo VI, No. 30 — [*Marca Registrada Reg. U. S. Pat. Off.*] — Julho de 1944

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace
Redator Gerente: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* Armando de Sá Pires
Administração: *Gerente Geral*, A. L. Cole. *Subgerente:* Fred D. Thompson, Jr.
Gerente de Circulação, Roberto C. Sánchez. *Chefe de Publicidade*, Willard R. Espy
Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson. *Subdiretor:* Marvin McCord Lowes
Diretor de Anúncios: Josiah B. Thomas

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*Reader's Digest* (fundado em 1921): publica-se em inglês em Pleasantville (E.U.A.) e em Londres; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace; tiragem mensal: 9.345.000 exemplares. *Selecciones del Reader's Digest:* edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas; tiragem mensal: 880.000 exemplares. *Det Bästa ur Reader's Digest:* edição em sueco, publicada em Estocolmo; redator: Anders Hedberg; tiragem mensal: 225.000 exemplares; *Al Mukhtar Min Reader's Digest:* edição em árabe, publicada no Cairo; redator: Fuad Sarruf; tiragem mensal: 60.000 exemplares.

TIRAGEM DE TODAS AS EDIÇÕES: 10.918.000 EXEMPLARES

Copyright 1944 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os países signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Exemplar depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1876. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

JULHO de 1944

SELEÇÕES do Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO VI — No. 30

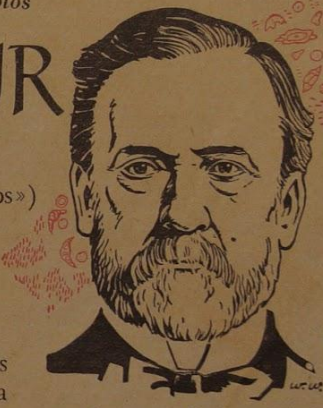
¶ *A história imortal de um pioneiro na guerra do homem contra os micróbios*

PASTEUR

Venceu Preconceitos e Bacilos

(Adaptado de «Caçadores de Micróbios»)

Por Paul de Kruif



ATRAVÉS de todos os séculos da história da humanidade, a morte de milhões de pessoas era causada por micróbios, imperceptiveis à vista, e de cuja real existência nem sequer se suspeitava. Súbito, há cerca de um século, estes que eram os mais mortíferos dos nossos inimigos começaram a perder o seu poder ofensivo; e o resultado foi que a vida humana se tornou o duplo, em duração, nas três últimas gerações.

Somos todos demasiadamente propensos a admitir que semelhante vitória, verdadeiramente formidavel, não precisou de combate, para que fosse alcançada, e assim a esquecer que um homem, Louis Pasteur, foi o grande combatente a quem não faltou bravura para dar e ganhar a batalha, a despeito da hostilidade, e até das próprias risotas de um mundo incrédulo.

Este francês, pequeno na estatura, de nariz arrebitado, e semiparalítico, tinha em si, como por milagre, —num organismo franzino, mas de inexhauriveis energias—por assim dizer vários tipos de homem, afora o simples caçador de micróbios.

Pasteur arrancou os terriveis assassinos da treva em que se ocultavam, surpreendendo-os ou exibindo-os, por experiências fantásticas, nas ruas de Paris e nos campos de França; foi um João Batista, concitando o mundo a arrepender-se das suas ilusões pecamino-

sas; foi um lutador, pronto sempre a surgir de lança em riste contra as misérias da morte e do sofrimento humano.

Filho de um curtidor de peles e couros, e bisneto de um servo, não manifestou Louis Pasteur, nos primeiros vinte anos de sua existência, indício algum do que viria a ser. Distinguia-se apenas como um jovem trabalhador, esforçado. Empregava as horas de lazer pintando quadros, aspectos do rio que serpeava pelo curtume do pai, em Arbois, no leste da França. Em 1842—contava então vinte anos—recebeu o diploma do Colégio Real, em Besançon, com a nota «sofrivel» em química.

Foi somente um ano mais tarde que o interesse pelas investigações químicas, em que iria expandir-se o seu gênio, lhe foi despertado pelas preleções de J. B. Dumas, na Sorbona, em París. Um dia, ao sair da sala onde pontificava o grande Dumas, revelou nestas palavras o êxtase de que se achava possuido: «Que ciência é a química!» É que já então se dispunha a ser, tambem ele, um grande químico; para muitas deficiências e vicissitudes do mundo, na química, e só na química, estaria a salvação. Deixara, é certo, a pintura. Mas era ainda o artista, quando entrou a reunir frascos e filas de tubos, com fluidos coloridos, lançando-se de corpo e alma, independente quanto aos preconceitos, à faina em que lhe estavam reservados tantos dissabores e glórias.

Desde cedo, mostrou-se sensivel ao sofrimento dos seus semelhantes. Tinha ainda nove anos quando se afastou, a chorar, de uma turba que bloqueava, na Arbois da sua infância, a porta de uma oficina de ferreiro. Acima dos murmúrios nervosos dos circunstantes, ferira-lhe os ouvidos o ruido caterístico do ferro em braza a queimar a carne de um lavrador que havia sido mordido por um lobo hidrófobo. O remédio, cruel e inutil, não salvou o pobre homem de morrer por entre as torturas do mal que o acometera, mas dir-se-ia inoculou em Pasteur um ódio particular à hidrofobia.

Este ódio retemperou-o contra o escárneo do mundo médico, quando ele, um simples químico, formulou a teoria, tida então como absurda, de que os micróbios constituiam a mais grave ameaça contra o homem. Por aqueles meados do século XIX, em que surgia Pasteur com as suas inovações, os micróbios nada mais eram que brinquedos microscópicos animados, com que se entretinham, em horas vagas, entomologistas amadores. Pasteur assombrou o mundo científico, provando que a fermentação do vinho era produzida por micróbios; e abalou o mundo médico, atribuindo a esses seres desprezados, como se nada valessem, maior número de vítimas do que porventura o resultante de todas as guerras da história.

Afirmou, sem vacilações, e para maior espanto da ciência oficial, que era do ar que os micróbios vinham atacar as suas vítimas. Havia, é claro, uma fagueira esperança, um mundo de consequências, uteis ao gênero humano, em semelhante mensagem. Mas os professores responderam com a tese de que os micróbrios podem gerar-se espontaneamente, de maneira que os planos de Pasteur, no sentido de preservar do seu ataque o leite ou os homens, eram pura fantasia.

O que se seguiu foi uma campanha, já de experiências científicas, já de apaixonados debates, nem sempre comedidos na linguagem, que impressionou toda a França. Pasteur fervia

caldos em frascos, fechava-os a todo contacto com o ar, e demonstrava que, em tais condições, nenhum micróbio se poderia gerar no líquido esteril ao qual não chegava a ação da atmosfera. Replicavam os professores que os micróbios devem ter *ar*, para que se gerem do nada. Pasteur retrucava, furiosamente, que o que contamina é o pó do ar, e não o ar em si mesmo.

Procurou então demonstrá-lo, de modo a não deixar dúvidas, e conseguiu confundir os seus opositores com uma pequena prova fulminante que ficou sendo um marco decisivo na história humana. Derramou o caldo em frascos, e procedeu à esterilização por efervescência. Nada de micróbios. Depois, adaptou a longos tubos os gargalos dos frascos, mas de maneira que somente o ar tivesse livre acesso ao líquido esteril, ficando, porem, o pó, retido nos tubos. Não se produziu micróbio algum em nenhum dos frascos.

Como, pois, geração espontânea? Pura parlapatice. E Pasteur não poupava os oponentes. Atacava de frente, em público, acentuando-lhes a ignorância, os pregoeiros da geração espontânea. Numa brilhante reunião, a que concorreram, ávidos, os meios científicos de París, exibiu os frascos imunes à vida microbiana. «A doutrina da geração espontânea,» bradou perante o auditório, «jamais se restabelecerá do golpe mortal que acaba de receber com esta simples experiência!»

Sofistas que, ainda assim, continuavam a sorrir, procurando meter a ridículo as reivindicações do pesquisador, sentiram-se atordoados ao receber este, de Londres, palavras de entusiasmo do famoso cirurgião Joseph Lister. «Permita-me», escrevia a Pasteur o grande homem, «permita-me agradecer-lhe a demonstração, que me deu, com as suas brilhantes pesquisas, de que é verdadeira a teoria microbiana.» Referia Lister como, pela primeira vez nos registos humanos, os pacientes podiam ser operados em plena segurança, graças à antissepsia que os guardava dos micróbios. Em muitos hospitais, até então estes germes respondiam pela morte de oitenta por cento dos submetidos a intervenções cirúrgicas.

Posto que lhe fosse lícito viver tranquilamente, ocupando, com relevo, uma cadeira de professor, sentia-se Pasteur inquieto, como se tivesse a conciência de que havia alguma coisa a transformar no mundo, e a ele cabia, no caso, uma responsabilidade especial, sendo entretanto muito escasso o tempo de que em realidade disporia para dela desobrigar-se. Daí a ansiedade insatisfeita que lhe sacrificou o bom humor, e o fez o homem mais ocupado da França.

Chega até a causar estranheza que lhe houvesse sobrado tempo para pensar em casar-se. «Nada há em mim, reconheço, que possa atrair uma jovem,» escreveu à sua pretendida. Ela, entretanto, viu-lhe claramente a marca do gênio, e tornou-se uma das esposas mais abnegadas da história. «Amava-o,» assim se expressou um amigo, «até ao ponto de compreender-lhe a obra.» Muitas noites, enquanto o marido se exasperava, e queimava os dedos no laboratório, Madame Pasteur ia pôr os filhos a dormir, e em seguida o esperava, para, sentada numa cadeira comum, escrever as páginas científicas que ele passava a ditar-lhe.

Pasteur foi um pioneiro na aplicação direta da ciência, assim vulgarizada, à solução dos problemas que preocupavam o povo. Era, por exemplo, diretor de estudos científicos na Escola Normal

de París, quando soube que os vinhateiros da França estavam a perder grandes somas, porque os vinhos fermentavam misteriosamente. Assim, a indústria vinícola se achava em franco perigo. A uma urgente solicitação dos interessados, foi ele pessoalmente, a toda pressa, estudar o fenômeno. Tinha desde logo por certo que algum elemento microscópico estava a atacar os vinhos. Sem dúvida que assim era! Viu, sob as lentes, que interessantes micróbios, agrupados ou dispostos como fios de contas, enxameavam nos vinhos.

Procurando atinar com algum meio de resolver o caso, descobriu que, aquecido o vinho, exatamente depois que tivesse acabado de fermentar, e ainda que tal se fizesse suavemente, e sem atingir o ponto de ebulição, os micróbios seriam mortos, e o vinho não ficaria corrompido. Essa pequena manobra, consistente em esterilizar parcialmente um fluido à temperatura de 59 a 66 graus centígrados, foi mais tarde aplicada ao leite, e se tornou conhecida pelo nome de pastorização.

Mergulhando com uma tenacidade feroz na exploração do mundo dos micróbios, ei-lo vítima, em dado momento, de uma hemorragia cerebral, que esteve quase a arrebatar-lhe a vida, aos 45 anos. Mas, ao saber que as obras do novo laboratório, que para ele se construia em París, haviam sido suspensas porque se esperava a sua morte, ficou indignado, e dispôs-se, mais que nunca, a viver. Partiu, logo que pôde, a manquejar, para entrar em atividade nas novas instalações. Desde então hemiplégico, nem por isso arrefeceu no seu propósito de demonstrar que «está no poder dos homens fazer desaparecer da face da terra as enfermidades devidas a parasitas».

Tinha ele que ter em vista ser apenas o *sr.* Pasteur. Não formado em medicina, reuniu-se a dois jovens médicos, Charles Chamberland e Emile Roux, os quais, ambos, se tornaram seus discípulos fanáticos. Estabeleceu assim o sistema, hoje comum, de colaboração de médicos e químicos, em luta aberta com a morte, e a vencer, mais e mais, o sofrimento.

Não manifestava, entretanto, nenhum complexo de inferioridade, em presença de doutores ou autoridades em ciências médicas. Interrompeu, certa vez, uma sessão da Academia de Medicina de París, onde um especialista em partos estava a explicar a tragédia da febre puerperal em longas palavras latinas. (Em alguns hospitais parisienses, a doença ia matando, na proporção de uma para cada grupo de dezenove parturientes.) Pasteur não se conteve que não bradasse: «O que está realmente determinando as mortes é o fato de os médicos conduzirem germes, de mulheres doentes para as sadias!»

E, a seguir, o pequeno missionário da luta contra o micróbio enfrentou o parteiro: «O senhor diz que eu não acharei o micróbio? Pois saiba que já o encontrei, doutor. Eis como ele se apresenta.» Traçou então, a giz, uma cadeia de círculos, mostrando aos médicos qual o real assassino, hoje muito conhecido pelo nome, que recebeu, de estreptococo.

Os médicos podiam ter razão em acolher com um sorriso a pretensão de dominar os micróbios; mas Pasteur perseverava, na intuição por assim dizer, de que meios haveria de preservar-nos do ataque dos insidiosos agressores. Por que razão, depois que se restabelecem de uma doença microbiana, tanto homens como animais ficam muitas vezes

imunes em relação à mesma enfermidade? «Devemos aprender a imunizar,» insistia Pasteur. Não descansaram, ele e os dois discípulos. Três anos de experiências de toda sorte, sempre sem resultado, conduziram ao feliz acidente que lhes ensinou a transformar os germes, de assassinos, em guardas e protetores de suas possiveis vítimas.

Uma cultura de micróbios de septicemia hemorrágica permanecera, por longo tempo, esquecida na mesa do laboratório. Ocorreu-lhes, a Pasteur e seus colaboradores, inoculá-los num par de galinhas. Ambas adoeceram, mas rapidamente se curaram. Posteriormente, doses maciças, e seguramente fatais, dos mesmos micróbios, foram injetadas num grupo de aves, entre as quais, e só acidentalmente, figuraram as duas referidas.

Como tinha Deus trabalhado? Morreram, sem demora, todas as aves, exceto as duas que se mostraram imunes ao golpe que, normalmente, não fora a inoculação anterior, sem dúvida as teria condenado. Pasteur sentiu-se verdadeiramente extasiado. «Está tudo resolvido,» disse aos discípulos. «O que temos agora a fazer é deixar micróbios novos e virulentos desenvolver-se um pouco mais em seus frascos.» É que o empolgara, no caso, uma visão das vacinas, que poderiam, mui provavelmente, aplicar-se tambem ao homem, para salvar-lhe a vida.

Contava Pasteur, já agora, 58 anos; mas o êxito, assim obtido, abriu caminho aos seis anos, quiçá mais operosos e fecundos, que lhe coube viver. Por volta de 1881, descobria um meio de dominar os terriveis micróbios do carbúnculo. Com Roux e Chamberland, enfraqueceu bacilos de carbúnculo, de modo que alguns matavam cobaias, sem força, entretanto, para matar coelhos, e outros, matando ratos, eram fracos demais, todavia, para produzir quaisquer efeitos em cobaias. Injetaram-se então os mais fracos, e a seguir os mais fortes, em carneiros; e estes, adoecendo ligeiramente, não tardaram a restabelecer-se, nas melhores condições de saude.

Anunciou Pasteur sua nova descoberta com um entusiasmo que ofendeu os médicos veterinários. Um destes, de nome Rossignol, organizou um conluio para o fim de destruir numa experiência pública as afirmações do químico. Pasteur aceitou, pressurosamente, o repto. Uma vez que o laboratório lhe revelara um fato, estava pronto a arriscar-se, se daí resultasse algum proveito no sentido de acelerar a aplicação das suas conclusões ao bem da humanidade. Quando Roux e Chamberland souberam que o mestre não vacilara em prontificar-se à prova, não puderam ocultar o seu temor. Invertia-se alí, por um momento, a ordem natural das coisas: os mais jovens eram os que se mostravam mais prudentes, enquanto o sexagenário destemeroso desafiava os riscos. «O que se passou com 14 carneiros no nosso laboratório, passar-se-á com os 50 no campo de Melun,» replicava Pasteur, senhor de si, aos receios dos amigos.

Perante grande assistência de lavradores, cientistas, personalidades, vacinaram-se 24 carneiros, um bode, e várias vacas. Nenhum morreu. Igual número de animais foi destacado para a experiência, sem receber vacina. Finalmente, injetaram-se em uns e outros, vacinados e não vacinados, bilhões de germes mortíferos. Dois dias depois, reuniram-se no local sábios, autoridades, e médicos, sobretudo veterinários, muitos deles prelibando o fiasco que previam. De Blowitz, afamado correspon-

dente do *Times*, de Londres, chefiava a turma de jornalistas. Pasteur e seu pessoal se apresentaram no campo, e os que traziam um sorriso, para celebrar o fracasso, tiveram que recolhê-lo, quando os juizes anunciaram, perplexos:

«Nenhum dos animais vacinados teve sequer uma ligeira febre. Dos não vacinados, morreram todos, exceto dois, que estavam a morrer.»

A essa voz, os próprios céticos romperam em aplausos. A influência produzida nos espíritos pela evidência da demonstração não podia ter sido maior. O dr. Biot, um dos seus mais acerbos adversários, dizia agora a Pasteur: «Vacine-me. Não terei dúvida em submeter-me, em seguida, à inoculação do virus. Devemos todos estar convencidos de sua maravilhosa descoberta!»

Sem embargo, a maior luta de Pasteur havia de ser a última. Foi a que lhe coube dar, com relação àquela enfermidade, absolutamente fatal, que tanto o impressionara, aos nove anos de idade: a hidrofobia. Batido de doença e de trabalho, e sendo já, indisputavelmente, um ponto culminante em seu país, nem por isso o que lhe sorriu foi a idéia de descansar à sombra dos louros. Sua obra de pioneiro tinha inspirado o aparecimento, por toda parte, de pesquisadores, votados ardentemente à busca, à descoberta de micróbios, produtores de morte. Sua vacina contra o carbúnculo prognosticava os preventivos que defenderiam milhões de criaturas humanas contra a febre tifóide, a cólera, a peste bubônica. Sua teoria dos germes tinha já tornado possivel aos cirurgiões salvar grande número de vidas. Seu processo de pastorização, aplicado ao leite, importaria na condenação da tuberculose óssea e outras pragas microbianas. Mas, para a sua alma torturada, era como se nada de maior tivesse ele ainda feito.

Começou então a adaptar pequenos tubos de vidro à boca aberta de cães, atacados de raiva, e devidamente laçados. Não se arreceava de lidar com aqueles animais, uma de cujas dentadas implicaria na mais horrivel das mortes.

Pasteur, Chamberland e Roux não conseguiam encontrar o micróbio da hidrofobia. Não podiam mesmo transmitir, de animal a animal, a doença. Acudiu, porem, ao mestre, uma das suas intuições mais esplêndidas. O virus ataca o sistema nervoso. Porque não injetá-lo diretamente no cérebro de um animal sadio? Para tanto, seria preciso abrir um orifício na cabeça de um cachorro, e Pasteur se opôs a isso, considerando que um cirurgião poderia incumbir-se de fazer a operação, indolor. Roux porem desobedeceu, e fez na ausência do chefe a injeção que tanto esclareceu o caminho da grande descoberta. Menos de duas semanas decorridas, morria o cão de raiva.

Estava assim conhecida a natureza da morte. Onde, todavia, o preventivo? Não havia registo, na história, de uma só criatura humana que jamais se houvesse salvo de tão desgraçada enfermidade. Tal era o inexoravel inimigo com que lutava Pasteur. Depois, entretanto, de dois anos de obstinada porfia, ei-lo, mais uma vez, triunfante: tirando de um coelho hidrófobo um pedaço da medula, deixou-o pendurado, a secar, dentro de um frasco, durante 14 dias, tornando-o assim tão fraco que não mataria um cachorro; em seguida, injetou no mesmo cachorro doses mortíferas, postas a secar por 13, 12, 11 e 10 dias, e assim por diante, até que afinal o cão pudesse tolerar o virus da raiva com um só dia de secagem.

Estaria o cão imune ao virus da raiva? Se Pasteur falhasse agora, pesquisador apaixonado que era, parecer-lhe-ia que toda a sua obra se reduzia a nada. Corria o ano de 1884, e, na data aniversária do seu casamento, que a ele, Pasteur, fora escusado dizê-lo, passou despercebida, a esposa escrevia à filha: «Seu pai anda absorvido nas suas cogitações, fala pouco, quase não dorme, levanta-se ao alvorecer; em uma palavra, continua na vida que eu principiei a ter com ele, completam-se hoje 35 anos.»

Senão quando a comissão médica, que Pasteur havia pedido verificasse a sua experiência, fez esta declaração, que logo repercutiu no mundo inteiro: «Uma vez que um cão seja imunizado mediante doses gradualmente mais virulentas de tecido medular de coelhos mortos de raiva, nada na terra terá mais a força de transmitir-lhe a doença.» Então, da França como do estrangeiro, começaram a chegar telegramas e cartas, entre as quais uma mensagem de congratulações do imperador do Brasil, D. Pedro II, e apelos de médicos, e não menos de pais e mães desesperados, a ver filhos a morrer, mordidos de cães hidrófobos.

Como que, desta vez, Pasteur vergou ao peso da imensa responsabilidade. O caso não era como o do carbúnculo, no qual, se a vacina fosse um pouco forte, o mais que poderia acontecer seria a perda de alguns carneiros. Agora se achava em jogo a vida humana, e frequentemente de crianças. Nunca de fato um caçador de micróbios se terá visto em transe mais dificil.

Um dia, desesperada, a sra. Meister, da Alsácia, confiou sua sorte a Pasteur. Entrou, a chorar, no seu laboratório, trazendo consigo um filho de nove anos, Joseph, que havia sido mordido em 14 lugares, dois dias antes, por um cão danado. «Salve meu filho, sr. Pasteur,» rogou a mãe aflita. Dois grandes médicos de París declararam então ao sábio que tomariam com ele a responsabilidade do caso.

> «Feliz aquele que leva em si um deus, um ideal de beleza, que lhe serve de guia: ideal de arte, ideal de ciência, ideal da pátria, ideal das virtudes evangélicas! Eis aí as fontes vivas dos grandes pensamentos e das grandes ações. Em todas se reflete, iluminando-as, a luz do infinito».
>
> —*Palavras de Pasteur no seu discurso de posse na Academia Francesa, e que estão gravadas no seu sepulcro.*

O pequeno Joseph Meister recebeu 14 injeções, sem qualquer vestígio de perigo, e regressou para casa, sem qualquer vestígio de raiva.

Toda a gente que, no mundo, se viu, direta ou indiretamente, atingida pela pavorosa doença, já agora dominada, entrou a clamar pelo socorro do homem-milagre da Rue d'Ulm, de París. De Smolensk, na Rússia, vieram 19 mujiques, mordidos, duas semanas antes, por um lobo hidrófobo. Estranhas figuras, gorros de pele à cabeça, diziam, num tom de angústia, mas ao mesmo tempo de esperança: «Pasteur — Pasteur», a única palavra francesa que conheciam. A população parisiense vibrou de misericórdia pelos pobres camponeses. «Sem dúvida, morrerão,» era o que se murmurava no comentário das ruas.

Depois, um grito de orgulho por Pasteur subiu de París e toda a França; e o mundo entoou ao sábio um hino de gratidão. A vacina havia salvo todos, exceto três dos condenados. O Czar

mandou a Pasteur a cruz de diamante de Santa Ana, e um donativo de 100 mil francos para dar início à construção da casa dos caçadores de micróbios, que hoje passou à história sob o nome de Instituto Pasteur. De todo o mundo, veio dinheiro aos milhões, para obra tão benemérita.

Quando a tragédia da guerra, que hoje nos assola, houver passado, não se esqueçam os jovens médicos e cientistas do testamento que nos deixou Pasteur, ao receber, na Sorbona, em 1892, a medalha que lhe foi oferecida, no dia em que completava 70 anos. Lord Lister lá se achava, ao lado de homens ilustres de muitas nações, e estudantes enchiam as galerias. Houve uma grande emoção quando o velho pesquisador, coxeando de um lado, surgiu pelo braço do Presidente da República. A voz do impávido caçador de micróbios já não pôde fazer-se ouvir; mas seu filho leu as palavras que representam o seu legado.

«Nunca vos deixeis contaminar por um ceticismo estéril, nem desanimar pela tristeza de certas horas sombrias que passam sobre as nações. Procurai viver na paz serena dos laboratórios e dos livros. Dizei, antes de tudo, a vós mesmos: Que fiz pela minha instrução? E como progredí? Que tenho feito pelo meu país? Até que venha o tempo em que possais desfrutar a imensa felicidade de considerar que concorrestes, dessa ou daquela maneira, para o progresso e o bem da humanidade.»

Era a mocidade de hoje que Pasteur exortava nesses termos.

Comecem a economizar agora, para 1948

¶ A Pan American Airways exibiu, no Museu de Arte Moderna de Nova York, uma tabela com os preços provaveis para as viagens de avião em 1948. A tabela, baseada no cálculo de que os aviões percorrerão largos trajetos circulares, a 250 milhas por hora, oferece promissoras perspectivas para os que fazem excursões em férias:

De Nova York para os seguintes pontos:	*Horas de vôo*	*Preço de viagem, ida e volta*
Bermuda	2.40	37,26 dólares
Cidade do México	8.12	110,70 "
Londres	12.48	186,30 "
París	15.00	202,50 "
Rio de Janeiro	19.00	256,50 "
Moscou	19.21	259,20 "
Honolulú	20.12	272,70 "
Bombaim	32.00	432,00 "
Sidnei, Austrália	42.00	567,00 "
Hong-Kong	44.00	594,00 "

¶ *O plano utilizado pelos japoneses no traiçoeiro ataque a Pearl Harbor foi concebido pelos estrategistas americanos*

A Verdade Acerca de PEARL HARBOR

Por Edwin Muller

Embora todos saibam que o ataque japonês a Pearl Harbor seguiu um plano magistralmente concebido e minuciosamente executado, poucas pessoas estranhas à Marinha têm conhecimento de que *esse plano não foi concebido em Tóquio*. Foi antes criado em Washington, pela Diretoria de Planos da Marinha dos Estados Unidos.

A história vem de janeiro de 1932, quando a esquadra americana reuniu quase 200 navios nas águas da Califórnia constituindo, possivelmente, a concentração naval mais poderosa realizada até à data, para executar manobras cujo tema consistia em experimentar as defesas de Pearl Harbor. Enquanto uma parte da esquadra «atacaria», a outra, em conjunto com a guarnição militar, tomaria a seu cargo a defesa.

A esquadra atacante revolucionou a estratégia naval ao enviar através do Pacífico oriental dois porta-aviões, o *Saratoga* e o *Lexington*, escoltados somente por quatro contra-torpedeiros, deixando à retaguarda os orgulhosos couraçados e cruzadores. O próprio Almirante H. E. Yarnell, em vez de seguir a bordo de um couraçado, achava-se no *Saratoga*, comandando uma força naval inteiramente nova, denominada «grupo-tarefa». O Almirante Yarnell era oficial dedicado aos assuntos da aviação, que, contra o costume vigente na marinha da época, realizara muitos vôos com as suas esquadrilhas. Desta vez ele não fazia mais do que aplicar a nova estratégia do ataque com porta-aviões a um objetivo que já conhecia do espaço.

A defesa de Pearl Harbor, planejada principalmente para arrostar um ataque naval, estava confiada a uma esquadra que protegia as imediações da Ilha, a uma flotilha de submarinos surta no porto, a uma divisão completa de tropas terrestres, e a uma formidavel concentração de artilharia de costa, que podia ser deslocada rapidamente de um ponto para outro, graças a meticuloso sistema de defesa anti-aérea que dispunha de baterias de artilharia e de 100 aviões de caça e de bombardeio.

Tal como esperava, o Almirante Yarnell deparou com mau tempo a 24 horas de Oaú, o que diminuia as probabilidades de ser avistado pela esquadra defensora. Dois porta-aviões e quatro contra-torpedeiros constituem força muito pequena em pleno oceano, sobretudo quando os defensores aguardam uma grande esquadra invasora. E de fato ninguem os viu.

Ao anoitecer de sabado, 6 de fevereiro, os navios estavam numa posição que lhes permitia atingir Oaú pela madrugada, forçando a velocidade. O Almirante Yarnell conjeturou que num

domingo de madrugada as forças encarregadas da defesa estariam um pouco menos alerta do que o normal.

Quando caiu a noite, o grupo-tarefa, navegando sem luzes e com o rádio silencioso, lançou-se para a frente, através de chuva torrencial, nuvens baixas, e um vento cada vez mais violento. Era sem dúvida o tempo ideal para escapar à observação; mas seria possivel conseguir que os aviões levantassem vôo em tais condições? Os contra-torpedeiros submergiam suas amuradas nas vagas alterosas, e os grandes porta-aviões balouçavam fortemente.

Yarnell conteve seus aviões até menos de meia hora antes do alvorecer, a uma distância de 60 milhas de Oaú. Nesse momento, em plena escuridão, 152 aviões decolaram milagrosamente dos navios que apareciam e desapareciam entre as vagas.

Este primeiro ataque aéreo contra Pearl Harbor veio do nordeste, tal como nove anos mais tarde viria o segundo, o mortífero ataque japonês. Durante a maior parte do inverno, os ventos dominantes sopram constantemente do nordeste contra os montes Culau, que se elevam a quase 1.000 metros, cobrindo-os de umidade. Tal situação parece criada expressamente para favorecer os atacantes, pois os aviões inimigos podem aproximar-se a coberto da densa muralha de nuvens carregadas de água, e surgir sobre Pearl Harbor sem que os aviões defensores tenham tempo para levantar vôo e procurar interceptá-los.

Foi justamente isto que sucedeu no domingo 7 de fevereiro de 1932. Ao surgirem das nuvens, os aviões de bombardeio, de caça, e de mergulho, e os aviões torpedeiros do *Saratoga* e do *Lexington*, encontraram a maior base naval do mundo jazendo inteiramente à sua mercê. Cada grupo recebera uma missão determinada. Os caças «destruiram» os aviões pousados com o fogo simulado de suas metralhadoras. Nenhum avião da defesa levantou vôo durante o ataque. Ao mesmo tempo, os outros grupos lançaram suas bombas teóricas sobre as instalações militares, ou «afundaram» todos os navios que hipoteticamente se encontravam no porto.

A força atacante conquistara o domínio completo do espaço. Se toda a esquadra americana estivesse no porto e os aviadores do Almirante Yarnell transportassem bombas reais, teriam podido afundar ou danificar os navios um a um.

Após o «ataque», os oficiais comandantes efetuaram a «crítica» das manobras entre as ruinas teóricas da base naval. A discussão que aí se iniciou estendeu-se, porem, a todos os círculos navais. Para muitos estrategistas era evidente que o êxito do ataque viria a transformar os conceitos navais existentes.

Outros, porem, tinham opinião contrária, e houve quem depreciasse os fatos, atribuindo-os em grande parte ao elemento surpresa. É certo que, como fora previsto, os defensores estavam menos vigilantes nessa manhã de domingo; mas considerou-se provavel que, embora estivessem vigilantes, não teriam sido capazes de enfrentar o ataque com eficiência.

Alguns oficiais de patente elevada tornaram-se totalmente radicais, e pretendiam rever todas as bases sobre que assentava a organização da marinha. Sua idéia revolucionária consistia em organizá-la tomando por base a arma aérea, e utilizando o couraçado e outros navios de superfície como elementos de

apoio, em vez do critério tradicional de considerar o couraçado como base, e a aviação como apoio. Infelizmente, porem, seus pontos de vista não foram aceitos. Pelo menos não o foram *em Washington*.

A marinha de guerra americana sabe hoje que o estudo crítico realizado em Pearl Harbor não foi o único que se fez acerca das manobras. Pouco depois, realizou-se outro, mas desta vez em Tóquio.

Quando os aviões americanos se aproximaram para o ataque simulado, a eficiente organização de espionagem japonesa de Oaú tinha observadores em todos os pontos altos da Ilha, cada um dos quais munido de bons pretextos que justificavam sua presença no local. Havia vigias nas matas densas que circundam o porto, e, a bordo de pequenos «sampans» mono-motores, observadores «pescavam» ao largo da costa. Posteriormente, em Honolulú, apareciam escutas onde quer que se reunissem elementos da armada norte-americana.

As informações assim obtidas, depois de estudadas intensamente em Tóquio, formaram a base de uma série de manobras secretas. Sabe-se hoje que os peritos navais japoneses, como aliás alguns dos almirantes americanos, chegaram à conclusão de que a aviação é a arma primordial da marinha moderna, e que o poder ofensivo de uma esquadra se deve organizar tomando como fulcro os seus elementos aéreos, de preferência aos navios de superfície. E foi deste modo que os japoneses reorganizaram a sua esquadra, depois de terem aprendido, à custa das manobras americanas, aquilo que os chefes da armada americana se recusaram, infelizmente, a compreender.

O japoneses, porem, ainda foram mais longe; compreenderam que tinham sido presenteados com um plano brilhante, e sobretudo realizavel, para destruir, ou pôr fora do combate, a maior parte da esquadra americana. E assim o demonstrarem ao pô-lo em prática em 7 de dezembro de 1941.

Em 8 de dezembro, ao ler os detalhes do ataque japonês, alguns oficiais que tinham pilotado em 1932 os aviões do *Lexington* e do *Saratoga*, concordavam com amargura: «Não há dúvida... isto, e mais isto, e mais aquilo... justamente como fizemos há nove anos.»

Sob certos aspectos o problema dos japoneses em 7 de dezembro era mais dificil que o das manobras. Teoricamente a defesa era mais forte. Tinham-se feito grandes progressos no aperfeiçoamento e expansão dos dispositivos detectores dos aviões inimigos. Mas, devido à falta de vigilância, os aviões japoneses realizaram uma surpresa completa ao romper através da muralha de nuvens dos montes Culau.

Sob outros aspectos, porem, o problema fora facilitado. Os aviões defensores estavam amontoados nos aeródromos para conveniência dos atacantes, e foram metralhados sem dificuldade. Alem disto, quase todos os couraçados da esquadra do Pacífico se achavam ancorados no porto.

O número de aviões utilizado pelos japoneses foi idêntico ao empregado pelo Almirante Yarnell, e as perdas sofridas foram pouco mais ou menos as mesmas que as perdas teóricas registadas nas manobras. A mesma identidade se verificou quanto ao êxito do ataque.

A tragédia de Pearl Harbor despedaçou os planos da época. Com efeito, ao passo que os principais couraçados americanos se achavam em Pearl Har-

bor em 7 de dezembro, nem um só dos porta-aviões lá estava. Disto resultou que, por uma questão de necessidade, o porta-aviões veio a substituir o couraçado como navio capital. O grupo-tarefa de porta-aviões converteu-se, pois, em arma naval principal, que, aliás, começamos a usar, quase imediatamente, com mais perícia do que os japoneses, no Mar dos Corais, em Midway, Guadalcanal, Rabaul, nas Ilhas Marshall, e em Truque.

E, já agora, de passagem, pode acrescentar-se que os quatro porta-aviões afundados pelas forças americanas, ao largo da Ilha Midway, parecem ter sido os mesmos que realizaram o ataque a Pearl Harbor.

Engenho militar...

¶ Uma unidade do exército norte-americano andava curiosa com o seguinte fato: no porto para onde foram destacados, toda vez que vinha à superfície certo e determinado submarino, via-se no cais, junto à embarcação, um *jeep*. Quando o submarino submergia, o *jeep* sumia.

Indagando daquí e dalí, tiveram afinal a explicação, que lhes foi fornecida por sorridentes marinheiros: a tripulação do submarino queria transportar-se em terra quando a embarcação ancorasse. Por isso, desmontavam por completo um *jeep*, colocavam a bordo todas as peças desse agil veículo, e, quando aportassem, nada mais simples do que montar o carro de novo, para poderem passear à vontade em terra firme...

Do *Time*

¶ Acampados no terreno duma vasta fazenda pertencente a um marajá da Índia, alguns soldados americanos fizeram camaradagem com um dos elefantes que por alí viviam. E agora, toda vez que os rapazes lhe apresentam um balde de água, o animal dá-lhes um banho de chuveiro com a tromba...

Fred Sparks, na *Parade*

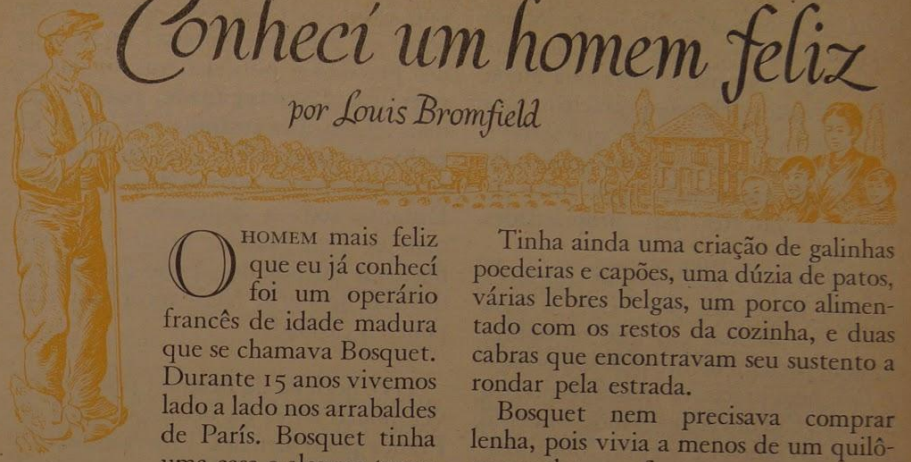
¶ Certo sargento, encontrando um poço abandonado perto do acampamento em que se achava, na região sudoeste dos Estados Unidos, arranjou uma cesta de arame e lançou-a ao fundo do dito poço, espalhando entre os camaradas o boato de que se tratava de velha cisterna dos índios, e que quem tivesse um grande desejo ainda não realizado, poderia jogar ao poço um niquel, e a aspiração se transformaria em realidade. A história se difundiu rapidamente, e não tardou que os recrutas começassem a atirar moedas de cinco e dez centavos dentro da funda cavidade. No fim de cada semana, lá ia o sargento, escondido, pescava a cesta de arame, e embolsava as moedas... Ao ser transferido, para outro acampamento, «vendeu» o poço a um colega, e desde essa época o «milagre» vem passando de mão em mão...

Bob Arthur, na *Parade*

¶ *Mantinha a independência pela fidelidade à terra*

Conheci um homem feliz

por Louis Bromfield



O homem mais feliz que eu já conhecí foi um operário francês de idade madura que se chamava Bosquet. Durante 15 anos vivemos lado a lado nos arrabaldes de París. Bosquet tinha uma casa e alguma terra; eu, uma fazendola.

Habil operário, ganhava ele entretanto cerca de metade do que percebe um operário americano. Ia e voltava do trabalho, numa cidade industrial da vizinhança, em um calhambeque de oito anos, que não se cansava de consertar. Nada teria podido persuadí-lo a viver nas casas de cômodos dos subúrbios de París, ou mesmo nas habitações modelo que acabavam de construir. A seu ver, aquilo era para os preguiçosos. Queria um canto que lhe pertencesse. Queria «ter os pés na terra».

Naquele terreno, cultivava quase todos os alimentos necessários ao seu sustento e ao dos seus. Tinha as mais variadas espécies de legumes—até alcachofras, embora tomassem muito espaço. Gostava de alcachofras, e queria comê-las quando bem lhe aprouvesse, sem gastar o dinheiro que tanto lhe custava ganhar. Cultivava alem disso peras, ameixas, marmelos e maçãs, a maior parte em árvores anãs que davam fartas produções. As alas eram bordadas de pés de morango, e havia um grande canteiro de espargos.

Tinha ainda uma criação de galinhas poedeiras e capões, uma dúzia de patos, várias lebres belgas, um porco alimentado com os restos da cozinha, e duas cabras que encontravam seu sustento a rondar pela estrada.

Bosquet nem precisava comprar lenha, pois vivia a menos de um quilômetro de uma floresta pertencente ao Estado, e há na França uma lei dos tempos feudais, segundo a qual toda a madeira encontrada no chão de uma mata pertence aos cidadãos. Três vezes por ano, acompanhado pela mulher e pelos três filhos, fazia um piquenique no campo, onde ficava o dia inteiro, voltando ao anoitecer com o carro cheio de lenha. As crianças se divertiam observando os javalís e as corças, trepando nas árvores, e ñadando.

Bosquet construira ao fundo do jardim uma cabana de verão, coberta de trepadeiras, e extremamente ornamentada. Nas longas noites estivais, alí ficava, com um grupo de amigos, bebendo vinho e discutindo política até altas horas, ou cantando em coro ao som de velha harmônica.

Houve na França duas crises financeiras bastante longas, uma das quais arruinou grande parte da classe média. O fato de ficar sem emprego não causou a Bosquet maiores contratempos, visto que conseguira adquirir a relativa segurança com que um ser humano é capaz de contar. A terra lhe fornecia o necessário para comer à farta, e, graças à

lenha da floresta, a família nunca sofrera os rigores do frio. Era senhor e dono de tudo o que possuia, e guardava ainda alguns francos debaixo do colchão. Durante todo o tempo em que esteve desempregado, ganhava um dinheirinho aquí e alí, executando toda sorte de pequenos biscates nas propriedades vizinhas.

Bosquet não conhecia as refeições escassas, reduzidas, por vezes, a uma sopa, nem as filas em que os pobres esperam pacientemente pelo seu pedaço de pão, nem precisava nunca recorrer à caridade. Era um cidadão independente de posição estavel e segura. Mantinha-se a si e aos seus, sem precisar do auxílio de ninguem.

Haverá quem julgue ser ele uma exceção sem maior importância—o que é porem inteiramente falso. Na França, Bosquet não era uma exeção—era uma regra. O seu tipo se tornou sumamente importante para a economia do país justamente pelo fato de existirem muitos outros semelhantes a ele. A Associação de Operários Jardineiros, de que fazia parte, contava cerca de 9 milhões de membros, e havia um número incalculavel de camponeses, de pequenos comerciantes e caixeiros, na mesma posição de segurança. Durante os anos da Grande Depressão, vi, na América do Norte, pessoas da mesma categoria a vender maçãs pela rua, e, não raro, cerca de 5.000 desempregados fazendo fila em frente às organizações onde distribuiam pão. Quanto aos milhões de operários mantidos pelo governo em obras de utilidade pública, eram alvo dos gracejos e pilhérias que os outros membros da comunidade, porventura mais felizes, lhes costumavam lançar ao rosto. Ao passar a França, contudo, por crise semelhante, não se deu o mesmo. Durante toda a depressão, nunca vi mais de cem homens aguardando em fila a sua medida de pão no distrito industrial de París. Nem recorriam tão-pouco à caridade.

Tive notícias de Bosquet pela última vez pouco antes da ocupação total da França pelos alemães. Estava morando na mesma casa, e trabalhava na mesma fábrica. Tinha ainda o que comer. O que possuia era tão pouco que os nazistas nem fizeram caso do seu pequeno jardim. Mas a verdade é que, multiplicada por milhões, a segurança de Bosquet nada tem de insignificante. Quando os alemães partirem, estará pronto—não a viver da caridade alheia—mas a trabalhar com os seus compatriotas.

Nestes 75 anos, a França foi três vezes invadida em guerras de agressão. Refez-se duas vezes, para tornar-se novamente uma potência mundial. E há-de refazer-se pela terceira vez. Parece-me que assim foi, e assim há-de ser, devido em grande parte a Bosquet e aos milhões de operários, camponeses, funcionários e comerciantes, que souberam preservar sua segurança individual, sua dignidade humana, e a confiança em si mesmos.

¶ O papel da educação moderna consiste em desenvolver a memória, em detrimento da imaginação.

—Owen Johnson

Não lhe apetece um pouco de casca de ovo em pó, um comprimido de espinafres ou alfafa *en casserole*?

NOVOS PRATOS PARA A NOSSA MESA

(Condensado do «Saturday Evening Post») *Por George Poindexter*

Pode-se dizer que todos os dias, na América, novos produtos alimentícios vão sendo descobertos e em formas as mais imprevistas. Assim, pois, não é de admirar que numa mangedoura ou num monte de feno se descubram novas fontes de elementos que podem ser usados na alimentação humana.

Cascas de ovos e certas qualidades de peixes, que antes eram usados apenas como adubos agrícolas, estão sendo agora meticulosamente estudados, com visos a outras aplicações.

Vejamos, por exemplo, um peixe—o sábalo—que nunca foi um favorito nas mesas, porque, embora de sabor parecido ao do salmão, tem ainda mais espinhas do que a savelha. Pois bem: no ano passado, os investigadores dietéticos descobriram que as espinhas do sábalo podiam ser dissolvidas, uma vez que o peixo fosse cozido, enlatado, e recozido sob alta pressão. Como resultado disso, o sábalo—rebatizado agora como «arenque prateado»—tornou-se um dos artigos apreciados entre os comestiveis de guerra, com que os Estados Unidos têm suprido as despensas da Grã-Bretanha. Depois da guerra, talvez esse peixe em conserva seja posto no mercado americano à razão de uns 30 centavos por quilo.

Outro produto originado pela guerra é uma deliciosa mistura de banana seca com polpa de côco, a qual pode ser comida tal como vem, nas suas caixinhas, ou preparada de outras formas para sobremesa. Comumente, a banana seca é um tanto pegajosa e torna-se muito pastosa quando cozida.

Deve-se a John Forkner um processo no qual a banana é usada integral, isto é, incluindo tambem a casca, que já se verificou conter os mesmos elementos nutritivos da fruta. A banana é deshidratada no lugar da produção, e nesse estado é enviada a uma fábrica na Califórnia, onde é pulverizada e misturada com polpa de côco e açucar, sendo depois moldada em tabletes de côr de chocolate, de sabor muito agradavel.

Uma firma está manufaturando um composto de cereais e carne, comprimido em barras cada uma das quais contem o correspondente a uma refeição completa. Os especialistas, que nas fábricas do governo americano estudam alimentos concentrados, estão agora procurando reduzir vegetais e frutas a pó, sendo este feito do suco, e das fibras, que por si sós possuem pouco valor nutritivo. Por esse processo, um cesto de espinafres pode reduzir-se a um comprimido de tamanho diminuto, conservando porem todos os elementos nutritivos da planta.

Deve-se a Matt Stacom o êxito desse processo. Ele nem sonhava em coisas alimentícias quando lhe coube inventar um aparelho para determinar qual a madeira que mais se prestaria para fazer o estacame de trapiches. Para realizar

essa escolha, teve de extrair resina e seiva de muitas madeiras, que foram quimicamente examinadas. Certa quantidade de seiva, que havia sido engarrafada, ficou por acaso esquecida num canto. Semanas mais tarde, descobriu ele com surpresa que o conteudo não havia fermentado, nem a rolha saltara, embora ao líquido não tivesse sido adicionado nenhum preparado para conservá-lo. Repetiu a mesma experiência com a cana de açucar, a alfafa e a laranja e verificou não ter havido fermentação.

Stacom concluiu então que a intensa pressão usada para extrair os sucos devia ter desintegrado a estrutura de suas células, provindo daí algumas das substâncias preservativas, que, como se sabe, as plantas contêm. A ser verídica essa teoria, ele teria talvez fixado outros fatores. Mandou então fazer a análise química dos sucos de alfafa e laranja, afim de lhes determinar a porcentagem de vitamina C, e encontrou que os mesmos retinham frescos todos os seus elementos. A seguir, deshidratou esses produtos, reduzindo-os a pó, e ainda assim as vitaminas permaneceram integrais e o sabor excelente.

Estes novos processos terão provavelmente amplas aplicações. A alfafa, por exemplo, pode vir a ter lugar de importância nas nossas mesas, pois contem mais vitamina C do que a laranja, sendo naturalmente muitíssimo mais barata. As canas do milho poderão substituir com vantagem a própria espiga, e as ramas de ervilha, graças ao seu valor nutritivo, podem figurar como legume favorito.

Outro método que torna aproveitaveis para a alimentação humana, certos alimentos antes destinados aos animais, foi aperfeiçoado por Fred Mullins, da Califórnia, e consiste numa mistura de peixe moido, que por muitos anos ele usou para alimentar raposas e martas de criação. O aspecto dessa mistura, que aproveita o peixe inteiro, inclusive as vísceras, era tão apetitoso, que Mullins comeu um pouco a título de experiência. É sabido que a sardinha, como as ostras, é um dos poucos peixes que se alimentam de algas e plantas marinhas, e pode ser consumido sem exclusão de nenhuma de suas partes.

Recentes análises demonstraram que a sardinha, quando moida integralmente, retem mais vitaminas e sais minerais do que o peixe comum enlatado, visto como grande parte das vitaminas está concentrada nas vísceras. Outrossim, a proporção de riboflavina—vitamina que não é muito abundante—era duas vezes superior na sardinha do que na carne, e a porcentagem de proteina era tambem bastante elevada. Este produto, que se assemelha a outras pastas de peixe já existentes no mercado, é entretanto menos condimentado.

Entram agora na manufatura de novos produtos alimentícios cerca de 100 milhões de libras de peixes antes considerados como refugo, tais como: a lota, o barbo e a merlã, que eram atirados fora por não terem valor comercial.

A guerra, porem, veio criar com eles um novo produto. Cortada a cabeça, retiradas as vísceras e a cauda, o peixe é cozido, moido e hermeticamente enlatado, para ser servido frito em fatias, reduzido a pasta para sanduiches, ou feito em bolinhos. Sendo agora um dos artigos de provisão de boca que os Estados Unidos enviam aos seus exércitos e aos paises aliados, será provavelmente uma conserva a mais, para ser vendida a varejo depois da guerra.

Quando a escassez da folha de Flandres forçou uma das fábricas da Nova Inglaterra a reduzir a produção de feijão enlatado, foram feitas experiências para deshidratar o feijão em conserva. O feijão preparado dessa forma pode ser cozido e posto na mesa em 15 minutos, e os resultados dessa prática foram tão satisfatórios, que o exército americano absorveu toda a produção.

Em dias vindouros, o feijão em conserva e deshidratado será talvez um artigo de reserva nas despensas americanas.

Há tambem nova proteina, de gosto semelhante à levedura, que é produto utilizado na fabricação de alcool industrial. Essa proteina, com o amido, é separada do trigo triturado, sendo o amido posto a fermentar para a fabricação de alcool. A proteina que, como já se disse, tem gosto de levedura, parece-se com o queijo de coalho e pode com vantagem ser adicionada aos pratos de baixa porcentagem de proteina, torrada e moida em forma de farinha, ou então ser utilizada no preparo de cereais alimentícios.

Nova máquina permite agora pulverizar as cascas de ovos, que são boa fonte do cálcio que mesmo antes da guerra era deficiente na nossa alimentação—e o pó resultante pode ser misturado à farinha de ovo, sem que sua presença seja notada, desde que a mistura seja feita antes do ovo secar.

Outra novidade: o pó do café já usado contem tanta proteina e óleo quanto a carne de vaca e uma porcentagem de hidratos de carbono igual à do feijão verde. Desta forma, não será para admirar que qualquer dia destes se esteja guardando o pó de café usado, da mesma maneira que hoje se guardam para a guerra os restos de gordura...

Um óleo alimentício poderá ser extraido da palha de arroz, que hoje é usada apenas como forragem; outro tanto se dá com as sementes de uva restantes da fabricação de vinho.

De maiores possibilidades, porem, é o óleo que se extrai das sementes de cabaça, óleo que tem sabor semelhante ao azeite de oliva. As cabaças podem ser produzidas em grande escala nas Américas Central e do Sul, sendo o óleo vendido ao preço dos azeites de cozinha.

Graças a tais inovações e interessantes descobertas no ramo dos produtos alimentícios, pode-se dizer que as nossas mesas serão futuramente supridas com maior abundância. Já está próximo o dia em que cada pessoa terá sua quota diária de calorias, vitaminas e sais minerais numa variedade de pratos de exquisitos sabores...

¶ O dr. Fred August, professor de criminologia da Universidade de Kansas City, nos Estados Unidos, apresentou recentemente, aos seus alunos, uma série de 75 fotografias de vários indivíduos, e pediu-lhe que separassem os tipos criminosos dos não-criminosos. Cincoenta por cento dos estudantes separaram, como a de um criminoso, a fotografia do sr. Edgar Hoover, chefe do Bureau Federal de Investigações (Polícia Secreta), de Washington.

—Do *Sun* de Baltimore

De um dos mais extraordinários livros de aventura jamais publicados por uma escritora: «Standing Room Only» (Dodd Mead & Company, editores).

Por Elizabeth Fowler

(Condensado do «Atlantic Monthly»)

SEPARAMO-NOS, certa noite, do comboio, poucos dias depois da passagem por Serra Leoa. Eu levara o tricô para o convés, entretendo-me com a costura em plena escuridão. Embora a noite fosse fresca, o ar pesava sobre nós como uma mortalha. Não se ouvia um só ruido, a não ser o ronco surdo dos motores e o marulho das águas, que nem víamos sequer à medida que as singrávamos.

Meus olhos repousavam no negrume da noite, quando um súbito clarão iluminou tudo em torno com uma clareza impressionante. O ruido ensurdecedor da explosão chegou-me aos ouvidos quando eu me achava estendida sobre o chão do convés.

A voz do capitão cortou a confusão de meus pensamentos como a lâmina de uma navalha: «Desta vez acertaram.» E a seguir: «Todos ao mar!»

Desci pela escada abaixo agarrando-me ao corrimão, rumo ao camarote. Todas as luzes se tinham apagado. Apanhei o salva-vidas pendurado no ferrolho da porta, procurando depois a bolsa que deixara sempre à mão com os objetos de maior necessidade. Lá estava, ao lado do impermeavel cuidadosamente dobrado. Tudo ia andando até alí com a precisão de um relogio. Depois foi só seguir as instruções. Saí, dobrei à esquerda, passei pelas braçolas, tornei a dobrar à direita, à altura da escotilha, e seguí em frente mais dez passos. Agora, era subir catorze degraus até o barco salvavidas número I. Mas não vi nenhum barco. O que havia em lugar dele era um tremendo vazio.

Vultos negros se agitavam em meio a nuvens de fumaça, e o cheiro acre dos gases de torpedo se espalhava por toda parte.

—Alguem terá uma luz? ouví gritarem de repente.

—Eu tenho, respondí, gritando tambem, e remexendo na bolsa à procura da minha lanterna de mão.

—Assim, sim, menina! disse uma voz, enquanto me tomavam das mãos a lâmpada.

—Venha logo! bradaram.

Avançamos em direção a bombordo. Inclinando-nos sobre a balaustrada, vimos um bote logo abaixo, carregado de gente. Todos tinham o rosto voltado para cima.

—É sua vez—desça! A ordem tomou-me de surpresa. Tiraram-me das mãos a bolsa já meio vazia, e lançaram-na ao barco. Procurando vencer o medo, escorreguei por alí abaixo agarrando-me à rede de desembarque.

Mal cheguei ao bote, o segundo piloto cortou as amarras, e afastamo-nos lentamente sobre o mar agitado.

—Estou vendo um homem no convés, gritou um dos tripulantes.

À luz da lanterna que iluminava o navio, vimos um vulto inclinado na amurada.

—É o capitão, disse alguem, reconhecendo-lhe a silhueta.

O capitão mergulhou. Poucos minutos depois, estava ao meu lado, encharcado, e com o uniforme a reluzir como a pele de uma foca. —Nunca pensei que me salvasse desta, disse ele, arfando ainda.

Foi então que o segundo torpedo explodiu. O navio partiu-se em dois. A proa e a popa se ergueram a prumo, uma em face da outra, como dois dansarinos a executar algum passo complicado—afundando depois ao mesmo tempo. As águas se juntaram num redemoinho de espumas, e, dentro em pouco, fortes labaredas lambiam o óleo que boiava à superfície.

O capitão fez a chamada, da popa da embarcação. Íamos gritando os nossos nomes, sucessivamente, enquanto os oficiais contavam. Trinta e cinco criaturas num barco de 26 pés, davam a impressão de sardinhas em lata! Trinta e quatro homens e eu.

O capitão resolveu lançar ferro por aquela noite—e aguardar os acontecimentos. Foi o que fizemos flutuando ao sabor das ondas, como uma casca de noz. Em trinta e dois, dos nossos trinta e cinco, manifestou-se o enjôo. Procurei resistir o mais possivel, mas tive que me dar por vencida, enjoando tambem a noite inteira.

Eu trajava um vestido de linho, e trazia os pés descalços. O casaco de lã vermelha, que mal acabara de tricotar, era a minha única proteção contra o frio. Pensava com saudades, ao puxar as mangas curtas por sobre os cotovelos, no impermeavel que ficara no convés.

Li certa feita, não me lembro onde, que havia sido o próprio Satanaz quem traçara as disposições dos barcos salvavidas. Àquela noite, pude averiguar o motivo de semelhante suspeita. Os bancos eram tão altos que tínhamos os pés pendurados no espaço. Não teríamos podido apoiá-los de encontro à extremidade oposta—ainda que houvesse espaço—por ser o barco largo demais. Fiquei com os músculos das coxas doloridos, tal o esforço que fazia por equilibrar-me naquela tábua estreita e escorregadia.

Mal começou a clarear, vimos em que estado de imundície nos encontrávamos. Estávamos todos cobertos de espessa camada de óleo cujo amarelo-esverdeado era tão repugnante quanto o cheiro que dele se desprendia. Durante aquelas primeiras horas de claridade, evitamos olhar-nos uns para os outros. Alí ficamos sentados—à espera do que estivesse por vir. O barco balançava fortemente, a puxar pela âncora, dando arrancões, de vez em quando, como um cão policial que tentasse livrar-se da corrente. Os homens resmungavam entre si: «Que é que a gente está esperando?»

Ao surgir o sol no horizonte, um deles perguntou-me, mostrando um vestido azul marinho e branco de algodão listado, cujo aspecto me era muito familiar:

—Olhe d. Elizabeth, dá licença que a gente use isto?

Era um de meus vestidos. Não sei por que milagre fora jogado no bote, juntamente com a minha bolsa.

—Claro! respondí, perguntando de mim para comigo o que pretendiam fazer com aquilo. Explicaram-me afinal que o cozinheiro de bordo, um preto,

estava debaixo do chuveiro, ao verificar-se a explosão... Não perdeu tempo em vestir-se.

Quando conseguiu meter-se no vestido, depois de muita luta, caimos na gargalhada. Era um sujeito muito alto e corpulento; com os braços musculosos a rebentar das mangas curtas, e um pescoço de touro emergindo gigantesco do decote em ponta—era de fato uma figura grotesca.

Finalmente, o capitão resolveu levantar vela. O vento atirou-se de encontro a esta, enchendo-lhe o bojo, e o barco se pôs em marcha.

Às dez horas da manhã e às cinco da tarde, recebíamos diariamente, cada qual, um pedacinho de chocolate—de cerca de dois centímetros quadrados—dois biscoitos, e, finalmente, o principal—cerca de 50 gramas de água, cuidadosamente medidos.

Por maior que fosse a sede, era um esforço para mim levar aos lábios aquela caneca de metal rachada e cheia de manchas. A água tépida e rançosa sabia sempre mal. O mais dificil era não ver os fios de cabelo e os fiapos de penugem que vinham muitas vezes boiando à tona...

Depois de quatro dias, um avião surgiu à vista. O capitão ordenou que içassem ao mastro a bandeirola de sinais. Era uma bandeira de pano grosso, amarelo vivo—por terem averiguado que esta cor é mais visivel sobre o mar que qualquer outra. Mas estava em péssimo estado, reduzida a alguns frangalhos que a brisa agitava molemente.

Desapontados, vimos o avião atravessar o espaço, e desaparecer no horizonte. Uma atmosfera de agitação reinava a bordo. As brigas começaram a rebentar como abcessos inflamados. O espaço reduzido de que dispúnhamos não permitia grandes desabafos, e o capitão, com toda a autoridade que lhe cabia, sentara-se à popa, afastado demais para que pudesse manter entre nós a mais elementar disciplina.

Comecei a perceber que uma vaga de ciumes começara a formar-se em torno de mim. Era totalmente absurdo, no estado em que eu me achava—coberta de óleo, desgrenhada, com o cabelo a cair-me sobre os olhos como um punhado de sargaços, endurecido pelo óleo e pela água do mar. Procurei esquecer-me de que alguem tinha até vomitado sobre eles na primeira noite. Por baixo e à volta das unhas, uma camada negra cobria-me a pele; os pés se achavam no mesmo estado, embora um tanto melhor porque às vezes ficavam mergulhados na água que enchia o bojo do barco. Estavam aliás bastante inchados.

Na noite da véspera, porem, um dos homens me beijara. Só de pensar naquilo, eu ficava indignada. Mas de que valia reagir ou protestar? Eu receava demasiado provocar novas brigas.

Os dias interminaveis se foram sucedendo. Mergulhávamos às vezes num meio estado comatoso, provocado pela apatia e pela sede, despertando, de quando em vez, para observar os incidentes que se passavam em torno, ou receber nossas rações. Uma ocasião, ao anoitecer, vimos com certa indiferença uma réstea de luz atravessar o horizonte, e desaparecer de novo, com regularidade inexplicavel.

Não conseguíamos porem afastar os olhos dalí um só instante. Ninguem ousava interpretar a origem daquele movimento ritmado de ascenção e declínio. Ao cair a noite, a pálida réstea de luz transformou-se numa barra de ouro que procurava em vão cortar nossa

morna apatia. Ora, seja lá o que for! Já vimos, mas pouco importa. Que nos deixem em paz—estamos muito bem assim. Talvez seja um farol—mas que temos nós com isto.

À manhã seguinte, uma linha escura, como traçada a lapis, se estendia no horizonte. Tínhamos terra à vista—era Barbados. A ração de água que recebemos às 10 horas, como sempre, pareceu-nos muito mais importante que qualquer perspectiva longínqua.

O dia arrastou-se monótono, mas começamos a contemplar a terra com vago interesse. Já distinguíamos as casas, os muros de pedra, as árvores, e as ondas a baterem de encontro à praia.

Uma borrasca assaltou-nos ao cair da tarde. Acocoramo-nos nos bancos, a proteger-nos contra a violência das ondas, durante a noite inteira, esquecidos até da promessa de terra.

Mal alvoreceu, ouvimos ao longe um ronco. Este aumentou rapidamente, tornando-se quase ensurdecedor. Um navio se aproximava ao nosso encontro. Tomada de vertigem, fechei os olhos. Depois de só termos ouvido, durante dez noites, o ruido das vagas e do vento, o barulho era terrivel.

Quando abrí novamente os olhos, o motor do torpedeiro que já se achava ao lado do barco, com suas metralhadoras assestadas sobre nós, lançava apenas um vago murmúrio.

Um oficial da marinha britânica, de pele rosada, num impecavel uniforme branco, saudou-nos afavelmente. Ouví alguem dizer: «Deixem que a mulher desembarque primeiro.»

Eu nem queria mexer-me. Era tão mais facil deixar-me estar alí, sentada! Mas estavam esperando por mim. Com mil cuidados, como se eu fosse de vidro, deixei-me escorregar para o bojo do barco, e arrastei-me até o talabardão. Alí fiquei de pé, durante alguns segundos. Meus joelhos não pareciam ter ligação alguma com o resto do corpo. Os tornozelos dobravam como se fossem de manteiga. Quanto aos pés—nem me pertenciam. Fiquei a examinar imovel o comprimento da escada de cordas. Seis degraus ao todo.

«Vamos!» disse-me alguem, não sem certa impaciência.

Teria sido mais facil para uma foca subir aquela escada. Um braço estendeu-se lá de cima, para ajudar-me.

—Acha que pode subir?

—Posso, respondí, tão firmemente quanto possivel. Eu nem sabia que a minha voz se tinha tornado tão rouca. Foi como o grasnar de uma rã, a contrastar rispidamente com o tom aveludado da pergunta.

—Que tal uma chícara de chá? perguntou-me o oficial quando chegamos finalmente à cabina da embarcação. —E um cigarro? Esteja à vontade. E deixou-me sozinha.

Sim—eu estava finalmente só! A camada de sujo que me recobria era tão espessa que mal podia mover-me. Sentei-me à beira da cama, agarrando-me fortemente às bordas de madeira. Fixei atônita as duas torneiras com as palavras *Fria* e *Quente*. Mal podia conceber o que aquilo significava.

Passei a mão pelo rosto. A pele estava seca e dura, como se fosse de couro. Arrastei-me até o espelho, certa de que teria o aspecto de uma ameixa passada. E nisto, pelo menos, não me enganava. O branco dos olhos, afundados nas órbitas, era só o que havia de limpo em toda a minha pessoa.

Pouco depois, chegamos ao porto, e desembarcamos. Uma mulher me disse: —Vou trazer uma bebida quente.

Procurei imaginar que gosto teria uma bebida quente—mas não conseguí lembrá-lo. Agarrei-me à muralha do cais que balouçava assustadoramente sob os meus pés. Sentia muito frio, e o meu único interesse na vida, a minha única ambição, era um banho quente.

Outra mulher estendeu-me uma caixinha de pó de arroz. Sorrí imaginando o efeito daquilo sobre a minha pele, no estado em que esta se achava. Ofereceu-me tambem um baton. Sacudí a cabeça. Tinha os lábios inchados e partidos.

—Seu aspecto, aliás, não está tão mau assim, mentiu consoladoramente.

Quando cheguei por fim à casa da sra. Herbert, o banheiro estava à altura dos meus melhores sonhos—tudo limpo, e com o brilho de uma promessa, a banheira verde já cheia até as bordas. A sra. Herbert amparou-me quando tentei entrar no banho.

Mas a água estava fria, e tirei depressa o pé como um gato escaldado.

Minha protetora enrolou-me numa toalha, e saiu. Fiquei alí apoiada sobre a borda da banheira, e deixei-me finalmente escorregar sentando-me no chão. Nunca ousara esperar que ela voltasse tão depressa. Trazia uma chaleira, e vinha acompanhada por uma sorridente empregada com uma bacia de água fumegante. Viraram tudo aquilo na banheira. Agora a água estava tépida, como era de esperar.

A vida no barco não era tão complicada assim, pensei desanimada. O banho desapontou-me, mas àquela altura eu já tinha recobrado o ânimo, graças à carinhosa amabilidade de minha amiga, e o banho deixara de ser a única razão da minha existência.

De qualquer modo, tomei três,—um depois do outro. Fiz questão tambem de lavar a cabeça. Da segunda vez, a água saiu tão preta quanto da primeira. Depois do terceiro banho, comecei a sentir-me mais limpa e tão exhausta que já não fazia questão de tanta limpeza.

Quando saí finalmente, a sra. Herbert sugeriu gentilmente: «Depois de tantos banhos, é melhor que descanse um pouco.»

Sentí-me tonta de prazer quando me levaram através do corredor até um quarto escuro, onde uma cama que acabava de ser feita acolheu-me convidativa. Enfiei-me entre os lençóis, cheia de gratidão, mergulhando na treva que me cercava. Não esperei que fosse estranhar tanto o chão, mas não estava mal alí, embora me agarrasse fortemente às beiras da cama, na forma de costume—segundo o hábito adquirido por todos nós naqueles últimos dez dias.

¶ Certo ator, aliás bem conhecido, era notório pela ironia cáustica de suas frases. Em uma discussão com a mulher, esta, lá pelas tantas, entregou-se a uma crise de pranto, queixando-se:

—É assim que v. me trata, não é? Ingrato! E eu te dei os sete melhores anos de minha vida!

—Puxa! respondeu o marido. —Aqueles foram os *melhores*?

—Percy Waxman

¶ *As Bolsas Interamericanas para Técnicos—expressão concreta da política da Boa Vizinhança*

Trabalham juntos os bons vizinhos

(Condensado do «Pan American»)

Por Deena Clark

Quando Henri Bonnefil, do Haití, detentor de uma Bolsa Interamericana para Técnicos, chegou à usina de Chicago onde devia estudar praticamente a organização dos telefones automáticos, verificou que o estabelecimento havia sido requisitado pelo Corpo de Transmissões do Exército Norte Americano, e transformado em escola militar e fábrica de material de guerra. Sem desanimar, Bonnefil pediu matrícula na escola.

O coronel encarregado tratou de fazer-lhe ver que «a marcha do programa não poderia ser atrasada para favorecer retardatários!»

Entretanto, devido aos seus cinco anos de prática como chefe da rede automática de Aux Cayes, Bonnefil foi admitido. No fim do curso de dez semanas, era classificado em primeiro lugar entre sessenta alunos, e o Exército nomeou-o instrutor.

Bonnefil é exemplo típico, entre duzentos jovens latino-americanos que conseguiram Bolsas Interamericanas para Técnicos. A execução deste programa foi iniciada há dois anos, por sugestão da indústria americana, pelo Coordenador de Assuntos Interamericanos, como expressão concreta da Política da Boa Vizinhança. Os bolsistas não vêm apenas para estudar, mas para trabalhar lado a lado com os norte-americanos, e adquirir práticas técnicas que eles próprios poderão introduzir em seus respectivos paises. No momento, há bolsistas trabalhando em mais de sessenta especialidades diferentes na indústria, na agricultura e nas ciências. A sua estada varia entre um e dois anos, e o ordenado é de 150 dólares por mês, em média (ou sejam, Cr$3.000).

Os candidatos são escolhidos a dedo em cada uma das repúblicas latino-americanas por uma comissão composta de um homem de negócios norte-americano, um residente idôneo e de projeção no meio, e um técnico. A concorrência é dura. No Equador, por exemplo, mais de 400 se apresentaram no dia em que as bolsas foram anunciadas. O programa é dirigido por Elliott S. Hanson, um dos diretores da U. S. Steel Corporation, que foi especialmente cedido para esse fim ao Coordenador dos Assuntos Interamericanos. Através do «National Foreign Trade Council» pediu-se a colaboração de 397 companhias e 92% concordaram em receber um latino-americano para praticar em suas fábricas.

Os rapazes trabalham em projetos que sejam de grande utilidade, e que tenham aplicação em seus respectivos paises. Assim, por exemplo, o problema do combustivel no Uruguai fez com que Guillermo Wirth se candidatasse a uma das bolsas. Não há gasolina no seu país, e os seus patrícios têm procurado re-

solver esse problema com querosene, carvão, e até com dissolventes orgânicos Entretanto, há no país produtos agrícolas de onde se poderia extrair alcool combustivel, mas o que falta são técnicos especializados. Wirth está aprendendo a converter certas plantas, como o milho e o arroz, em alcool, na usina Joseph Seagram, em Louisville, estado de Kentucky.

O Paraguai tem 4.000.000 de cabeças de gado e grande quantidade de quebracho, árvore rica em tanino, que é substância muito usada na indústria dos curtumes. Um jovem químico de nome Meliton Bueno veio aprender os processos de aproveitamento dessas matérias primas na fabricação do couro.

Ao chegar a este país, os rapazes passam umas seis semanas em Washington, a título de orientação. É um período de ajustamento à vida americana e de treino do inglês, para a melhoria do vocabulário técnico de cada um.

Como já foi dito, o trabalho é escolhido de acordo com os problemas que os bolsistas vão ter que considerar em seus paises. Miguel Balbuena, empregado de uma companhia telefônica do Perú, foi mandado ao Texas porque esse estado apresenta os mesmos problemas de grandes distâncias, montanhas e desertos. Arturo Falla foi para a Florida estudar a propagação de plantas tropicais, porque na Guatemala, seu país de origem, as frutas cítricas dão em condições semelhantes às desse estado.

Esses rapazes destroem todas as lendas sobre a «indolência» dos latino-americanos. Carlos Oneto, peruano, pediu para trabalhar em tudo que se relacionasse com a borracha, principalmente em consertos de pneus, e não houve serviço, por mais duro, que o cansasse. Ao chegar às usinas Goodyear em Akron, mandaram-no para o «Goodyear Squadron», uma das tarefas mais árduas da fábrica. O pessoal deste grupo, destinado a ocupar cargos de contra-mestres, passa por todas as seções, ao mesmo tempo que recebe instrução profissional na «Goodyear Industrial University» ou «Escola de Superhomens», como lhe chamam os operários. Os requisitos são tais que, dos 56 que haviam entrado em julho, só restavam 14 em março, e Oneto era um deles. O aproveitamento e a simpatia do rapaz grangearam-lhe a estima geral, a tal ponto que os chefes da Goodyear mandaram pedir mais 20 moços para praticar na fábrica.

Ignacio Guerra, da República Dominicana, trabalhou dias inteiros nas diversas seções da Companhia de Frigoríficos Cudahy, em Omaha. Assistia à compra do gado, e acompanhava-o ao matadouro, aos refrigeradores, e depois aos mercados. Das 7 às 10 da noite, compilava notas acerca das instruções recebidas e, de livro em punho, conferia as técnicas da fábrica. Graças à sua aplicação constante e à supressão de todas as sestas e feriados, conseguiu aprender, em dez meses, mais do que o que muitos rapazes levariam dois anos para aprender, segundo a opinião dos diretores da companhia. De volta ao seu país, foi nomeado superintendente dos Frigoríficos Municipais.

Todos os bolsistas puseram de lado 10% do salário para a compra de títulos de guerra. Muitos deles estão trabalhando horas extraordinárias na produção de material de guerra. Um jovem mecânico do Equador, que está a fazer estudos de química aplicada à agricultura, consertou uma máquina valiosa para o fabrico de paraquedas, que havia sido abandonado como imprestavel; e o rapaz executou o trabalho nas horas vagas, e sem pedir remuneração alguma. José Ciscar, da Venezuela, orgulha-se do seu distintivo «E» (Eficiência) do Exército e Marinha, conferido por serviços prestados na seção das máquinas da importante fábrica Baldwin Locomotive Works.

Graças ao trabalho aquí realizado, diversos bolsistas receberam auxílio financeiro para iniciar a vida por conta própria, de volta aos seus paises. Outros já têm empregos em vista.

Estes rapazes são ideais como embaixadores de boa-vontade da América Latina. Dão palestras sobre viagens em almoços de clubes comerciais, do Rotary, de ginásios, e o seu entusiasmo é contagioso. Os norte-americanos gostam deles, e não demorou muito que Pedro, Artur e José se transformassem em «Pete», «Art» e «Joe».

Através destes contactos estamos aprendendo a respeitar os nossos companheiros latino-americanos como bons trabalhadores que são, e vamos compreendendo cada vez melhor que os nossos problemas comuns só se podem resolver por entendimento mútuo, e com a cooperação de todos. Estamos aprendendo a ser não apenas americanos, mas *inter*-americanos.

Franqueza e Bom Senso

¶ Há um advogado criminalista nos Estados Unidos, o sr. Samuel Leibowitz, que é famoso pelos seus métodos de interrogação de testemunhas, e pela importância que dá à mais absoluta franqueza perante o juri. Não faz muito tempo, defendia ele um réu acusado de homicídio, e quando o seu constituinte sentou-se para ser interrogado no Tribunal do Juri, o dr. Leibowitz perguntou-lhe:

—Qual é sua profissão?

—Bate-carteiras, respondeu o réu.

—E se os senhores jurados o absolverem, que profissão adotará daquí por diante?

—Bate-carteiras, foi a resposta.

—Pois bem, esse réu foi absolvido, disse-nos Leibowitz mais tarde. —Aliás foi uma absolvição justa, pois não havia provas suficientes para condená-lo. Mas se ele não tivesse respondido com a maior franqueza às minhas perguntas, o promotor acabaria obtendo dele a mesma resposta, depois de muito interrogatório. E nesse caso o juri não aceitaria o testemunho do réu, e nós poderíamos até perder a causa.

—William McElligott, no *World-Telegram* de Nova York

¶ A propósito de certo indivíduo, disse, uma vez, o sr. W. S. Gilbert: «Ninguem pode ter dele uma opinião mais alta que a minha; e eu, pessoalmente, acho que ele é um sujeitinho muito atoa.»

—*London Opinion*

Damas e Cavalheiros Liliputianos

(Condensado de «Variety»)

Robert W. Marks

PAULO DEL RIO é um rapaz de vinte e quatro anos com o aspecto de um homem de tamanho normal, visto pelo lado contrário de um binóculo. Tem 58 centímetros de altura e pesa 10 quilos. É um anão, fenômeno biológico cuja frequência é de um caso em cada milhão de crianças nascidas nos Estados Unidos. Há atualmente na Europa e na América mais ou menos dois mil destes homens minúsculos, alguns chegando a ganhar de cem a cento e cincoenta dólares por semana para trabalhar em circos e teatros de variedades.

Mas há duas espécies de anões, os perfeitos e os desproporcionados; e aqueles que são apenas homens em miniatura não gostam de ser confundidos com os outros cuja pequenez é devida a uma deformação. O anão «liliputiano» é perfeitamente proporcionado, ao passo que o outro tipo tem em geral a cabeça e o tronco de tamanho normal, e braços e pernas que não cresceram. Acredita-se que o tamanho diminuto dos liliputianos é devido a mau funcionamento da glândula pituitária. Ao nascer, têm eles o comprimento de uma criança normal.

Os anões são constantemente tomados por crianças, o que muito os aborrece. A conhecida cronista, Elsa Maxwell, viajando de trem, teve um dia a triste idéia de oferecer bombons, a um anão, e beliscar-lhe as bochechas. O rapaz indignado fez-lhe ver que era operário de uma fábrica de aviões. «E qual é o seu serviço?» perguntou a jornalista curiosa.

O homenzinho empertigou-se, e, do alto de seus 90 centímetros, respondeu-lhe: «Sou soldador, e graças ao meu tamanho posso me meter em lugares estreitos onde os grandalhões não podem entrar. E este trabalho não é brincadeira de criança, minha senhora.» Tão pouco era de criança o salário que recebia, pois, como veio a saber a referida senhora, o soldador liliputiano recebia noventa dólares por semana.

Certa vez uma moça, vendo um anão aos trancos num ônibus superlotado, pô-lo maternalmente ao colo, afagando-lhe o rosto. Mas gritou, assustadíssima, quando o rapaz, sem se fazer de rogado, devolveu-lhe a carícia...

Os anões detestam ser tratados com considerações especiais. Gostam de dansar com pessoas de tamanho normal, e comer com a mesma louça e talher que os outros. Muitos até guiam seus próprios automoveis, e para isto mandam colocar almofadas especiais sobre o assento, e extensões nos pedais e freios. Têm geralmente em suas casas moveis de tamanho comum, e, quando exibem aposentos mobiliados com objetos em miniatura, é só para atrair o público. Na Pensilvânia, há uma anã francesa que faz bom dinheiro mostrando aos visitantes sua casa com moveis de boneca; na verdade, ela vive na outra ala da casa, onde os moveis são de tamanho comum, em companhia do marido, homem de estatura normal.

A vida amorosa dos anões não é nada tranquila, pois, alem de terem os mesmos instintos, problemas e ciumes que qualquer outro indivíduo, arcam ainda com a complicação adicional de preferirem casar-se com pessoas de tamanho normal. Mais ou menos quarenta por cento dos que se casam, escolhem «gente grande».

As crianças resultantes destas uniões são por via de regra normais. Ainda não se viu um só caso de anão ter filho anão. É verdade que as mulheres anãs correm grande risco no ato do parto, e é geralmente necessário recorrer à cesariana. Há, no entanto, uma anã americana, a senhora Judith Skinner, que, com menos de noventa centímetros de altura, já teve catorze filhos.

Os liliputianos costumam beber e comer tanto quanto as pessoas normais, ou talvez até em maior quantidade. O menú de uma refeição de hotel nunca lhes parece bastante, e é muito comum beberem demais. Algumas autoridades médicas acreditam ser isto devido ao fato de terem um metabolismo extraordinariamente acelerado—o que tambem seria razão para a sua aparente imunidade a moléstias infecciosas. Por algum motivo desconhecido, nunca se viu tão pouco um anão que ficasse calvo.

A maioria dos anões liliputianos crescem vários centímetros quando passam dos trinta anos, e já aconteceu a mais de um deles crescer tanto que deixam de ser anões; para trabalhar em circos devem ter menos de um metro e trinta. Caso extraordinário foi o de Eddie Wilmot, de Mineápolis, que, aos dezoito anos, era a figura principal de um grupo de atores pigmeus. Depois de uma doença grave, começou a crescer de novo, e hoje, com vinte e oito anos, tem mais de um metro e oitenta.

Alem da vocação para o teatro, os anões tambem mostram talento para outras atividades. André Retouchoff é um pintor paisagista de grande valor. Willie Rolle, o conhecido mágico, já escreveu vários livros científicos. Karl Florian, anão vienense, é exímio violinista, e tambem maestro. Michael Davies, o famoso chefe dos abrigos antiaéreos de Londres, tem um metro e dez de altura, e é oculista de profissão.

O mais querido de todos os anões foi Charles Sherwood Stratton, conhecido como «Tom Thumb», isto é, Pequeno Polegar. Seu pai, um puritano intolerante, considerou o nascimento do filho um castigo do céu, e mantinha o pobre coitado trancado em casa, até que o famoso empresário de circos, P. T. Barnum, o descobriu, e lhe deu uma oportunidade de libertar-se. O espírito e graça do Tom encantaram as platéias do mundo inteiro. A própria Rainha Vitória gostava de conversar com ele, fazendo-o sentar-se ao seu lado num banquinho de pé.

A célebre Companhia Singer de atores anões foi organizada por um pai que queria distrair sua filha doente. A filha de um milionário austríaco, o Barão Leopoldo von Singer, fora atacada de paralisia infantil, e, para entretê-la durante as longas horas que passava presa na cama, o pai lia para ela, em voz alta, as Viagens de Guliver. «A coisa que eu mais desejava neste mundo,» dizia ela, «era ver um liliputiano.»

O barão teve então a idéia de contratar dois anões para que ficassem passeando pelo jardim. A baronesa, que fora artista de teatro, ensinou-lhes a representar pequenas cenas. Mais tarde, Singer organizou a primeira companhia teatral composta exclusivamente de anões, e, dentro em breve, pai, mãe e filha estavam à testa de uma empresa de fama mundial.

O barão von Singer tinha verdadeira afeição pelos anões, pagava-lhes bons ordenados, e procurava protegê-los deste mundo de gigantes. Em Viena organizou uma pequena aldeia de anões, com lojas, correio, prefeitura, e até uma força de polícia de pigmeus. Quando arrebentou a primeira guerra mundial, a companhia foi para Londres, e de lá seguiu para os Estados Unidos, onde realizou uma turnê por todos os estados. Até hoje os anões são reconhecidos ao barão von Singer, por tê-los apresentado ao mundo como gente de talento, e não apenas como monstruosidades a ser exibidas nas feiras.

Da autobiografia de Rudyard Kipling

NUNCA fui dessas pessoas extremamente suscetiveis a influências telepáticas e sobrenaturais; entretanto, certa feita, fiquei convencido de que me aproximava bastante de tão tortuoso atalho. Tive, uma noite, o seguinte sonho: tendo posto a melhor das minhas roupas, a qual raramente uso, estava eu numa fila, com outros cavalheiros, tambem caprichosamente bem vestidos, num vasto recinto cujo soalho era feito de lages de pedra, mal ajustadas e grosseiras. Do outro lado, achava-se outra fila de pessoas, e, por trás delas, tinha-se a impressão de que se acotovelava denso grupo. À minha esquerda realizava-se uma espécie de rito que me despertou a curiosidade; no entanto, só podia vê-lo se me dispusesse a perder meu lugar na fila. Terminado o ritual, dispersaram-se ambas as filas, aproximando-se uma da outra, e o espaçoso recinto encheu-se de gente. Nesse momento chegou por trás de mim um homem que, segurando-me o braço, disse:— «Preciso falar com o senhor.»

Fora sem dúvida um sonho muito claro e nítido, tanto assim que não o esquecí mais.

Pois bem. Um mês e meio depois disso, estive presente, na qualidade de membro de uma comissão, a uma cerimônia na Abadia de Westminster, em Londres, onde o Príncipe de Gales iria inaugurar uma placa em homenagem aos mortos da Grande Guerra. Todos vestidos de preto, formamos duas filas na nave da abadia. Eu nada podia ver, pois minha vista era impedida pelo cavalheiro à minha esquerda. Súbito, reparei pela primeira vez o chão de lages, e disse aos meus botões: «Foi aquí que eu estive!» Por fim, desfizemos as filas, e nos aproximamos uns dos outros, reunindo-se todos no centro da nave; daí a pouco sou abordado por um sujeito que, tomando-me o braço, diz-me: «Com licença, preciso falar com o senhor.»

Como, e porque, me fora dado lançar uma olhadela prévia ao filme de minha vida?

Something of Myself, Doubleday, Doran, ed.

Tedder tem a chave da invasão

(Condensado da «Life»)

Por Noel F. Busch

Um perfil desse marechal inglês, brilhante, mas pouco conhecido estrategista do ar, que é o braço direito do general Eisenhower

O MARECHAL-CHEFE do Ar, Sir Arthur William Tedder, o colaborador mais graduado do general Eisenhower, por isso que segundo, em comando, da invasão da Europa, tem sido descrito como dando a impressão de um homem fatigado. A atitude, um tanto irônica, que se lhe nota, parece estranha aos que esperam, dos marechais do ar, de preferência, modos ou posturas de severidade e dureza. Os seus passatempos prediletos são o desenho, o piano, a leitura de poesia. Nas conferências de estado-maior, senta-se, com a perna por sobre o braço da cadeira, a fumar o seu cachimbo, com um ar de quem não liga maior importância a tudo aquilo; e, quando tem alguma coisa a dizer, o que raramente acontece, o faz muitas vezes numa voz baixa em que se percebem tons de suave e risonho sarcasmo.

Por ocasião das conferências do Médio Oriente, os correspondentes de jornais mostravam-se espantados ao ver, à retaguarda da solene procissão de luzidos automoveis que conduziam ao local das reuniões as altas personalidades que nelas tomavam parte, um mísero *jeep* que ele próprio, Tedder, guiava, e que se diria, ao vê-lo rodar, um pequeno reboque. Isso aliás tornou-se habitual, para o chefe britânico. Tendo adquirido um *jeep*, há cerca de um ano, em Alger, adotou-o daí por diante como meio de condução, servindo-lhe, já se vê, de condutor.

Tedder é amavel, sem formalidades. Visitou, num dia de calor, um campo da RAF no Médio Oriente, em mangas de camisa, e sem chapéu. Mas trazia uma gravata regulamentar da Força Aérea. Um dos homens do aeródromo, não o reconhecendo, perguntou-lhe porque usava aquela gravata. «Ah,» respondeu Tedder, «eu sou um camarada lá do estado-maior, e você sabe como o chefe é cheio de histórias.»

Embora seja, talvez, o comandante do Ar que até hoje obteve, na guerra, êxitos de maior repercussão, é ainda Tedder relativamente pouco conhecido pelo público em geral. Entretanto, sua influência, na história dos próximos meses, pode ser tão grande quanto o foi nestes últimos quatro anos.

Suas contribuições para a guerra conquistaram-lhe o relevo, a posição singular que hoje desfruta, no seu grande setor de atividade. Ajudou a escolher e aperfeiçoar o tipo de avião que habilitou os ingleses a ganhar a Batalha de Inglaterra. Planeou e dirigiu a vitória, no ar, contra a *Luftwaffe*, no Egito, que tornou possivel mudar, na batalha de

Alamein, o curso, a sorte da guerra. Foi tambem o dirigente das batalhas aéreas que contribuiram largamente para a tomada da Tunísia e a invasão da Sicília e da Itália.

Outro serviço, de que se fez credor, foi o com que concorreu para a coordenação dos esforços americanos e ingleses, quando o general Louis Brereton chegou para assumir a direção da Nona Força Aérea dos Estados Unidos. Tedder e o ardoroso, hiper-enérgico Brereton entenderam-se de pronto, é provavel que, antes de tudo, por efeito de certo espanto recíproco, que sentiram em presença um do outro. Passaram a tratar-se por «Dinâmico Louis» e «Chefe». Tedder considera que os americanos e os ingleses são irremediavelmente dissemelhantes em maneiras de ver ou de sentir, e falam mesmo línguas diferentes. Melhor será que se assente, é o seu ponto de vista, a cooperação em tais bases, do que admitindo como certa uma similaridade que não existe. Aliás tem adquirido consideraveis reservas da jíria americana. Ainda recentemente, deixou boquiaberto um almirante inglês, de gestos impecaveis, quando, ao levantar-se para deixar uma conferência, empregou uma expressão que àquele se afigurou um tanto imprópria, se é que bem a compreendeu.

O modo como o quinquagenário marechal do Ar resolve problemas de organização, assim o descreve, a traço rápido, um general americano: «Eu vou a ele com alguma dificuldade a dirimir, e conversamos a respeito. Finalmente concordamos que essa ou aquela coisa está errada. Tedder diz:—Eu procurarei consertar isto.—Sai da sala, e daí a uns dez minutos está de volta.—Bem,—diz agora,—o caso já está resolvido.—E efetivamente está.»

O pai de Tedder era um funcionário do serviço de arrecadação de impostos, que vivia em Devonshire. Depois de estudos na universidade de Cambridge, o atual marechal de aviação entrou para o serviço colonial. Quando rebentou a guerra de 1914, estava ele a servir no regimento de Dorsetshire, mas uma ferida na perna tornou-o impróprio para a infantaria. «Se não posso marchar,» disse então, «hei-de voar.»

Passou os dois anos seguintes no Corpo Aéreo Real, a princípio como piloto de bombardeiro, e depois como comandante de um grupo de reconhecimento. Foi uma vez posto abaixo, e citado três vezes em ordens do dia. Impressionou sobretudo os seus superiores pela capacidade de organizador. Ao fim das hostilidades, ocupava um posto administrativo no Cairo.

Percebendo que a Real Força Aérea, de instituição recente, haveria necessariamente de crescer, decidiu dedicar-se de todo ao seu desenvolvimento. Com efeito, nos vinte anos que se seguiram, formulou, nos vários postos que lhe tocou exercer no Ministério do Ar, desde instrutor de vôo a diretor dos serviços de treinamento, teorias sobre como conduzir no ar, nos novos tempos, as operações de guerra.

É Tedder de opinião que os alemães deixam muito a desejar na guerra aérea: habeis como técnicos e pilotos, faltalhes entretanto imaginação para responder às possibilidades do novo elemento, a que só se pode adaptar gente mais livre, ou menos arregimentada. Ao prepararem uma força aérea para a presente guerra, os alemães concentraram seus esforços sobre tipos de aviões que pudessem ser mais uteis contra objetivos em terra; mas a Tedder, pareceu-lhe que, embora a força aérea alemã pudesse funcionar eficazmente na Europa, onde nenhuma nação dispunha de elementos comparaveis, uma forte aviação, que se lhe opusesse, acabaria por derrotá-la.

Em 1938, quando o investiram no cargo de diretor de pesquisas e aperfeiçoamentos da RAF, surgiu a questão de saber se devia a Inglaterra copiar a força aérea alemã, ou construir um tipo diferente. Tedder induziu os seus colegas a adotar o seu ponto de vista pela segunda hipótese, e assim, no momento próprio, surgiram, com inegavel êxito, os Spitfires. Eram estes auxiliados pelo radar, para cujo desenvolvimento contribuiu tambem Tedder de modo preponderante.

Nomeado comandante da RAF no Médio Oriente, procurou Tedder evidenciar que a força aérea devia cooperar com as de terra por meio, principalmente, da destruição da aviação inimiga, só depois acompanhando os tanques, a artilharia e os serviços de transporte. Imaginou novas táticas, e, com um ano de antecedência sobre a batalha do Alamein, desencadeou contra a *Luftwaffe* uma ousada ofensiva. As vitórias que obteve, desorganizando, primeiro, a *Luftwaffe*, e, em seguida, as longas linhas de abastecimentos de Rommel, contribuiram, mais que qualquer outro fator isolado, para que o desfecho do Alamein fosse perfeitamente previsivel.

Seguindo os mesmos princípios, a força aérea de Tedder expulsou a *Luftwaffe* da Tunísia, muito antes que a luta em terra tivesse começo. O cerco aéreo posteriormente evitou que 150 mil soldados do Eixo se escapassem por mar para a Sicília. Ficou assim mais desembaraçado o caminho para a invasão da Itália, que foi, por seu turno, como um ensaio geral para a nova tarefa que Tedder tem no momento em mãos.

Na conferência de Casablanca, o Marechal do Ar acentuou que, apertado o nó em torno dos alemães na África do Norte, era da maior conveniência que as forças aéreas americanas e inglesas passassem a atuar conjuntamente, como uma só unidade, o que mereceu a aprovação de Churchill e Eisenhower, que o escolheram para chefe das aviações conjugadas. O comando aéreo do Mediterrâneo, uma das áreas mais vastas que, na presente ou em qualquer outra guerra, ainda se viram sob um só comandante, abrange o Mediterrâneo, toda a África, largos trechos dos oceanos Índico e Atlântico, e a maior parte da Europa meridional. Tedder colocou oficiais ingleses e americanos em niveis alternados de comando, o que deu bom resultado. Hoje é ele, não somente o substituto de Eisenhower, em caso de acidente ou moléstia, mas tambem o principal dos seus colaboradores. Das decisões que tomar, no que tange a potência aérea, pode resultar, em grande parte, o êxito ou o fracasso da invasão.

Sir Arthur e Lady Tedder moram perto de Londres. O título de Cavaleiro (Grã Cruz) da Ordem do Banho não lhe adveio, ao marechal, de herança; foi-lhe conferido em 1942, «por serviços distintos». A primeira mulher de Tedder morreu, há cerca de um ano, num desastre de avião, e seu filho mais velho perdeu a vida em combate, num raide de bombardeio sobre a Alemanha, em 1941.

O surto extraordinário que teve, nestes últimos dois anos, a carreira de Sir Arthur, seria talvez de ordem a incutir-lhe fundada compenetração da sua importância, ou dos seus méritos. Entre-

tanto, ao que parece, produziu efeito oposto. Detestando falar em público, só o faz rarissimamente. Mas gosta de sentar-se, de vez em quando, no meio dos pilotos, para uma palestra em família. Faz o mesmo com os jornalistas, correspondentes de guerra, antes colhendo que dando informações.

Por baixo das teorias que propugna em guerra do ar, jaz, no espírito de Tedder, um desprezo filosófico pela guerra em geral. Como bom administrador, sua teoria fundamental sobre o ar é que este oferece ao homem uma última e excelente possibilidade de coordenar o mundo num só todo, a um tempo saudavel e logicamente dirigido. Isso, ele o espera, pode resultar de acertada cooperação internacional em linhas pacíficas, não sendo ou devendo ser a cooperação militar senão sobretudo um meio para atingir tal fim.

Servindo aos que trabalham

¶ Afim de manter seus operários satisfeitos, evitando que deixem os empregos, muitas fábricas de aviões, no oeste dos Estados Unidos, oferecem-lhes atualmente variados serviços gratuitos, inclusive tratamento pré-natal às gestantes, e até enterros!

Em algumas firmas, há empregados especialmente designados para fazer compras no mercado para os operários, e na maioria das fábricas foram instaladas lojas muito bem supridas, onde se pode comprar, por assim dizer, tudo: aspirina, roupas, mobílias, acesórios para automoveis... e tudo com 10% de abatimento sobre os preços comuns de varejo. Muitas companhias ajudam seus operários até no que se refira a consertos em relógios, rádios e sapatos, e na lavagem de roupa...

Na fábrica tambem podem ser pagas as contas de gás, luz e hidrômetro, e há, igualmente, funcionários encarregados de tomar nomes e endereços dos operários por ocasião das eleições. E se a Inspetoria de Tráfego multa alguem, a companhia se incumbe de tratar do caso em seus detalhes. Em quase todas as firmas, instalaram-se postos para reserva e venda de passagens de trem e ônibus, entradas de teatro; e escritórios cuja função consiste em tratar de pequenos assuntos legais para os operários, tais como o preenchimento de formulários para o pagamento de impostos, carteiras de chofer, cartões de racionamento...

A Companhia North-American oferece aos operários, gratis, espetáculos de variedades, e lutas, e até concertos. A Consolidated mantem mesmo um auditório com uma ou duas orquestras de dansa e de outros gêneros musicais. A Cia. Ryan organiza, para os empregados e suas respectivas famílias, exibições gratuitas de filmes ainda não passados nos cinemas do país. A Douglas oferece os préstimos de um padre para casamentos, batizados e enterros. Há tambem um departamento jurídico, cujo serviço é gratuito.

A Cia. Lockheed, e outras, mantêm um grupo de enfermeiras cuja função é visitar os operários doentes, em suas casas. Quem falta três dias ao trabalho recebe a visita de uma enfermeira, que lhe dá, de graça, cigarros, balas, e revistas, e lhe pede encarecidamente que volte à fábrica o mais depressa possivel...

Jim Marshall, no *Collier's*

Flagrantes da vida Americana

Nunca me esquecí do ascensorista negro daquele hotel de Birmingham, no Alabama, que anunciava, como de costume, as paradas:

«Décimo andar,» «terceiro andar,» «sétimo andar.»

Mas, no andar térreo, ele abria a porta do elevador, anunciando, com grande orgulho: «Birmingham!»

—Cap. William E. Hudson

Minha avó, pioneira do Iowa, era dotada de um carater enérgico, andando sempre às pressas. Quando éramos crianças, íamos passar as férias do verão em sua fazenda; e, na hora de tomar o café, pela manhã, ela nos dizia: «Já estamos na segunda-feira; amanhã será terça, e, depois de amanhã, quarta—metade da semana passada, e nada feito ainda! Andem, apressem-se e já para o campo!»

—Harvey Haeberle

Um casal das serras do norte da Pensilvânia apareceu na Prefeitura do Município, para obter uma licença de casamento. O funcionário encarregado das mesmas conhecia tão bem os habitantes das serras, que a sua primeira pergunta foi:—Estão certos de que não são parentes?

—Ora essa, replicou o noivo, somos parentes, sim; ela é minha prima.

—Então, disse o funcionário sinto muito, mas há uma lei neste estado que proibe o casamento entre parentes próximos; de modo que não lhes posso dar a licença.

Houve breve silêncio. Então, o serrano exclamou:—Quer dizer o senhor que devemos casar com estranhos?

—Doris Hayden

Todos os domingos à tarde, um automovel, cheio de negrotes, parava no posto de gasolina de um meu amigo, para comprar dois litros do combustivel. Invariavelmente pediam que a gasolina fosse posta em duas latas, cada uma de um litro, em lugar de usarem o tanque do próprio automovel.

Um dia, meu amigo, não resistindo mais à curiosidade, perguntou aos fregueses a razão de tal singularidade. O preto que guiava o carro respondeu:

«Uai, meu sinhô, nóis põe um litro de gais nu tanqui, antis de saí da cidadi, i vamu inté u carru pará. Intão, nóis sábi que é tempu de vortá pra casa, i enchemu u tanqui c'uoutru litro. Inté agora nunca ficamu parado na istrada!»

—Constance Martin

Eu e um amigo tínhamos estado a pesquisar petróleo a noroeste de Yauma, no Arizona, região áspera e desolada. Íamos com o nosso carro, certa tarde, por uma estrada deserta, quando inesperadamente demos com um posto de gasolina—uma bomba de gasolina junto de uma cabana batida pelo sol.

O proprietário apareceu e, sem mais palavra, vendeu-nos a essência. O homem era velho, com a pele curtida e a face inexpressiva como uma parede, em que o único sinal de vida eram os

olhos que piscavam. Observei um letreiro semi-apagado com a palavra «Cerveja», e indaguei. Sim, o homem tinha cerveja. Entramos na choça e nos sentamos em um bar que não tinha mais de metro e meio de comprimento. Pondo um avental limpo, o homem nos serviu em silêncio. Cada um de nós tomou duas cervejas, e, levantando-nos para partir, perguntamos quanto era a despesa.

«Nem um niquel, senhor,» foi a surpreendente resposta. Nos lábios ressequidos do homem apareceu breve sorriso: «Há dois meses que eu não tenho um freguês.» —Gilbert Wright

O DONO de um grande rancho, no Texas, tendo chegado à conclusão de que seus vaqueiros e inquilinos eram demasiado ignorantes, construiu uma pequena escola que pôs a cargo de uma professora jovem e recem-diplomada.

No dia de inauguração das aulas, os alunos, cujas idades variavam entre 6 e 20 anos, encheram a classe. Um deles era um rapagão alto, de chapéu largo e esporas; e enquanto a professora travava conhecimento com os outros, perguntando-lhes os nomes e o que porventura tinham estudado antes, esse filho dos campos e dos espaços abertos, sentado confortavelmente em uma das carteiras, balançava as pernas no espaço, tilintando as esporas, e tratando de disfarçar o tédio que o invadia. Finalmente chegou a sua vez. Depois de lhe perguntar o nome, a professora indagou se ele sabia ler. O jovem e tosco vaqueiro, assombrado e confuso, esbugalhou os olhos. «Se eu sei ler?» exclamou ele. «Como diabo é que eu posso saber, se estou aquí somente há uma hora?»

—Kenneth C. Kauffman

A TRUPE de uma Companhia de Comédias, que fazia uma turnê pelo país, estava chegando ao teatro de uma cidade do sul. Junto da entrada dos fundos, um grupo de crioulinhos se havia juntado, para ver os artistas, que descarregavam a bagagem. O mais velho do grupo, um negrinho de uns 9 anos, tomando coragem, dirigiu-se a um dos atores:

—Meu sinhô, us minínu de cô tambeim pódi vê u espetaculu?

—Naturalmente, respondeu o ator, —se quiserem pagar o preço.

—Mais nóis num temu ninhum dinheru, meu sinhô.

—Ora, não será necessário dinheiro! Nós trazemos conosco um crocodilo, que só come crioulinhos tenros. Se um de vocês fosse pequeno bastante, para que pudesse ser engulido pelo crocodilo, nós deixaríamos o resto de vocês entrar de graça. Mas,—acrescentou o ator dando uma olhadela pelo grupo—vocês são todos muito grandes.

Depois de um momento de silêncio, o mesmo negrinho disse, esperançado: —Eu tenhu um irmãozinhu.

—Pois então, apareça com ele.

Pouco depois, o negrinho surgiu junto de uma janela aberta, onde o ator se achava. —Meu sinhô! Tá êli aquí! Ao seu lado estava um minúsculo negrinho, de olhos espantados. —Eli num é grandi, é?

—Não, respondeu o ator, muito sério. E perguntou ao crioulinho: —Você quer ser comida de crocodilo, para que seu irmão e os outros possam ter entrada no circo?

O negrinho enguliu em seco, aflito, mas conseguiu dizer:—Sim, sinhô! Então, acrescentou, implorando:—Mais pur favô, meu sinhô, possu vê o espetaclu, antes de sê comidu? —Rex Beach

¶ Interessantíssimos problemas são resolvidos por esta singular empresa de pesquisas

"Aperfeiçoamos qualquer coisa"

(Condensado do «Scientific American»)

Por Francis Sill Wickware

HÁ ALGUM tempo, o gerente duma fábrica de canetas-tinteiro, ao desembarcar depois de uma viagem de avião, viu que o colete estava todo manchado de tinta extravazada de uma caneta que tinha no bolso. Esforçara-se por fazer propaganda de seu produto como sendo «a caneta ideal» e agora via que estava longe disso. Como impedir que aquilo acontecesse?

Aparentemente nada havia a fazer. Nas grandes altitudes, a baixa da pressão atmosférica faz que todas as canetas-tinteiro extravazem.

«É sabido tambem», pensou consigo o fabricante, «que todas as canetas-tinteiro funcionam segundo um único princípio tradicional. Talvez seja possivel mudá-lo.» Dirigiu-se então a uma companhia especializada em pesquisas, a «Armour Research Foundation» de Chicago. «Estamos aptos a tudo fabricar, a aperfeiçoar seja o que for, e, até certo ponto, tambem a inventar o que for preciso,» declara o original diretor da companhia, Harold Vagtborg, que conta apenas trinta e oito anos de idade.

Para resolver o caso da caneta que vazava tinta, Vagtborg e seus colegas empreenderam estudo completo do problema, apresentando ao final uma caneta de desenho completamente novo com dois reservatórios de tinta. Em altitude normal a tinta ficava no reservatório principal. Nas grandes altitudes, transbordava da mesma maneira, mas passava apenas de um reservatório para o outro. Este aperfeiçoamento por si só (e ainda havia outros) foi o suficiente para aumentar as vendas de tal maneira que, em alguns meses, os 7.800 dólares pagos pela pesquisa estavam inteiramente cobertos.

Em sete anos, a Fundação Armour, que parecia constituir apenas uma boa idéia, passou a ser das organizações mais importantes deste gênero. A «idéia» inicial era oferecer serviços de pesquisas ao alcance de pequenos fabricantes. Das cem mil fábricas existentes nos Estados Unidos somente duas mil têm laboratórios próprios de pesquisas.

Para resolver os problemas que lhe apresentam, a Fundação Armour recorre à experiência e conhecimentos de um corpo de mais de duzentos técnicos e especialistas. Um químico, quando consultado sobre uma questão de engenharia, pode ter justamente o ponto de vista diferente que levará à descoberta da solução; da mesma maneira um engenheiro pode resolver de maneira original um problema de química. O trabalho é todo baseado em conhecimentos de conjunto, para pesquisas em conjunto.

Os preços que a Armour cobra por seus serviços vão desde cinco dólares, por uma questão facil, até cem mil por um trabalho que exija vários anos de

pesquisa. Os clientes ficam às vezes tão entusiasmados com o resultado que contribuem voluntariamente com dinheiro ou equipamento para a Fundação. Uma companhia fornecedora de equipamento para fundição deu trinta mil dólares para a empresa usar «em seu próprio benefício»; uma fábrica de aço fez-lhe presente de um forno de indução no valor de vinte mil dólares. Ao todo, sob forma de doações, a Fundação já recebeu equipamento no valor de quinhentos mil dólares.

Muitos dos laboratórios da Fundação são pequenas fábricas em miniatura. Possuem um moinho de trigo completo, uma fábrica de doces e balas, um calcinador para a fabricação de cimento, um pequeno laminador rotativo para a fabricação de aço, equipamento eletrônico, uma máquina para testes de resistência e choque, capaz de produzir os mais fortes embates, e laboratórios completos para fotografia.

Dentro de certos limites pode-se dizer que a Armour se encarrega de resolver qualquer problema. Numa câmara térmica onde se pode reproduzir à vontade qualquer condição atmosférica, fazem-se, para o exército, experiências com equipamento destinado ao uso na estratosfera à temperatura de 55 graus centígrados e com um vento de mais de trezentos quilômetros por hora. Noutra ocasião, foi mister reproduzir, em pleno inverno, o clima e condições atmosféricas do sul do Pacífico, afim de se fazerem testes de tambores de gasolina para a aviação. Várias pesquisas originais foram realizadas por eles ao estudarem a ação dos lubrificantes sob fortíssimas pressões hidráulicas.

O trabalho mais sensacional apresentado pela Fundação Armour ultimamente foi sobre um novo processo de gravação de som, isto é, a gravação em fio, processo este que foi aperfeiçoado por um físico da companhia, Marvin Camras, rapaz de vinte e seis anos de idade. Um dia Camras resolveu saber se não haveria processo melhor para a gravação de som do que o convencional de imprimir as vibrações em discos. Sabia que um cientista dinamarquês, Valdemar Poulsen, havia conseguido gravar sons por meio de impressões magnéticas registradas num fio grosso ou fita de metal. Mas o resultado não era muito satisfatório. Para aperfeiçoar o processo, Camras fez passar um fio muito fino entre dois imãs. As ondas de som, transformadas em impulsos elétricos, eram transmitidas aos enrolamentos dos imãs. O fio, ao passar entre os imãs, recebia impressões magnéticas que correspondiam às vibrações do som que se queria gravar. Para reproduzir o som bastava repassar o fio por entre os polos magnéticos, tendo os imãs ligados a um alto-falante através de um amplificador.

O resultado é um novo método de gravação de som que talvez venha a tornar antiquados todos os fonográfos existentes. Por este método é possivel gravarem-se oito horas de som contínuo numa bobina de doze centímetros de diâmetro e cinco de altura.

A gravação em fio é de grande utilidade do ponto de vista militar. É usada nas estações centrais de rádio para gravar constantemente as irradiações do estrangeiro. Na frente de guerra é hoje possivel registrar rodos os sons de uma batalha. Nos aviões, ligado a um microfone, o aparelho serve como diário automático de navegação e—protegido numa caixa de asbesto—pode ser lido mesmo depois de um desastre em que se incendeie o avião. Toda a produção

destes equipamentos para gravação vai hoje diretamente para o exército dos Estados Unidos.

Quando vier a paz, será vastíssimo o uso deste tipo de gravação. O aparelho de gravar, todo ele, não é maior que um rádio portatil. Será possivel, graças a este novo processo, gravar sem interrupção sinfonias e óperas, assim como sessões de tribunal e de assembléias.

As pesquisas da Fundação Armour têm afetadó a vida de milhares de pessoas com os aperfeiçoamentos que trazem para as coisas corriqueiras. A companhia que fabrica os Comptômetros pediu que se estudasse uma maneira de aumentar o conforto e eficiência daqueles que trabalham nos escritórios com suas máquinas; o maior defeito era serem elas muito barulhentas. O ruido produzido por um grupo incomodava todos em volta, trazendo cansaço mais rápido e diminuindo a eficiência geral. Sob a direção do dr. H. A. Leedy, a Fundação Armour conseguiu eliminar 94 por cento do barulho das máquinas de calcular, aconselhando várias modificações na sua fabricação.

De grande importância futura para motoristas e proprietários de casas é um novo combustivel—mistura de óleo e carvão—que foi descoberto ao ser estudado um modo de utilizar o pó de carvão, cujo desperdício foi sempre um grande problema nas zonas de mineração de carvão. A Fundação descobriu que poeira muito fina de carvão, em suspensão em óleo de qualidade inferior, formava excelente combustivel para aquecimento das casas, e, feitas certas modificações no sistema de alimentação de combustivel, podia tambem servir para motores de automoveis. Este novo comburente não irá substituir por certo a gasolina, mas se a falta desta se tornar mais crítica, poderá ser um sucedâneo.

Uma das funções importantes da Fundação é manter um Registro Nacional de Produtos Químicos Raros, idéia que lhes veio após uma tarefa urgente que tiveram de executar em 1942. Para realizar determinada pesquisa havia necessidade de certa quantidade de um composto raro designado pelo nome de «1, 1 dicloro 1 nitro etana». Nenhuma companhia de produtos químicos o possuia, e a Armour levou um mês a procurar. Afinal, a diretoria da Fundação convenceu-se de que era necessária a criação de um centro nacional para produtos químicos raros. A Armour não dispõe dos produtos em estoque, mas tem um fichário com os nomes de uns seis mil, e todas as indicações de como obtê-los. Até hoje já recebeu mais de dois mil e quinhentos pedidos de informações—muitas vezes de paises estrangeiros—tendo-lhe sido possivel responder satisfatoriamente em setenta e cinco por cento dos casos, dentro de apenas algumas horas.

Hoje em dia a Fundação Armour dedica-se exclusivamente ao esforço de guerra. Muitas maravilhas de técnica não podem ainda ser divulgadas por serem segredo militar. O dr. Vagtborg faz, no entanto, certas predições para o futuro, e uma delas é que haverá à venda cozinhas radio-térmicas. Uma companhia já aperfeiçoou um «automático» para vender cachorro-quente e sanduiches. O freguês coloca um niquel na máquina e daí a pouco surge-lhe à frente o petisco, produzido pela rádio-culinária.

Na escolha de pessoal para a companhia a Armour tem uma diretriz: «Procurar aqueles que têm o futuro pela frente, e não os que já fizeram nome.» O resultado é terem reunido

um grupo de «meninos prodígios». O assistente do diretor tem trinta e três anos, o dr. Francis Godwin; parece um primeiro-anista de escola, se bem que seja um engenheiro químico de fama mundial. Há vários outros na direção da companhia com pouco mais de trinta anos.

Todos os verões o diretor convida os membros mais graduados da companhia para passar umas férias nas florestas do norte dos Estados Unidos. E lá, isolados do resto do mundo, elaboram em conjunto as diretrizes da companhia e dedicam quatro horas por dia para o estudo intensivo de certos problemas. O resto do tempo passam fazendo pescarias. «Pescar é coisa muito importante,» comenta Vagtborg. «Permite aos membros da diretoria que se conheçam melhor e assim melhor colaborem entre si.»

As irresistíveis voluntárias

¶ Em Londres, uma WAC (Serviço Auxiliar Feminino do exército norte-americano), carregada de embrulhos, passou por um major, fazendo-lhe uma continência bem pouco militar. O oficial, para brincar com ela, chamou-lhe a atenção. E a moça, sem perder um segundo, atirou os embrulhos sobre os braços do major, deu um passo atrás, fez a continência regulamentar, tornou a colher os embrulhos e sumiu na multidão...

De *Stars and Stripes*

¶ Uma recruta, lá no interior dos Estados Unidos, recebeu ordem de embarcar num caminhão, já super-lotado de moças do serviço auxiliar. Protestou, então, junto ao sargento que dirigia as operações: «Ora, seu sargento, tenha dó... Este caminhão já está lotado!» O militar, homem de muita ação e poucas palavras, replicou: «Se cabem 18 rapazes no caminhão, tem de caber 18 moças,» ao que a jovem observou: «Ah, mas o caso é que os homens são largos *nos ombros!*»

De *Time*

¶ Este caso passou-se na cidade de Des Moines, onde havia um grupo de WACS em período de instrução sob a orientação dum velho sargento, inimigo das mulheres, e principalmente das mulheres fardadas; nunca perdia uma oportunidade de forçá-las a seguir rigorosamente os regulamentos.

Cada uma das moças tem licença para pregar, à cabeceira da cama, um único retrato. Certo dia, quando eu inspecionava os alojamentos, em companhia do sargento, verificamos que todas as moças tinham o retrato dele preso à cabeceira. Vendo isso, encabulou visivelmente, mas aguentou firme.

Ao voltarmos ao nosso pavilhão, perguntou, acanhado: «Seu coronel, o senhor acha que elas me estimam mesmo tanto assim?» Respondí solenemente que sim, que se tratava, evidentemente, de um caso de amor coletivo. Diante disso, o sargento pediu transferência para outra companhia. Não podia com as mulheres...

Do coronel Frank U. McCoskrie, no *American Magazine*

Mulheres na Conferência da Paz

Por Eleanor Roosevelt

Não temos por enquanto diante de nós nenhuma conferência de paz, mas, quando e se a tivermos, estou certa de que as mulheres se farão representar, não só na delegação dos Estados Unidos, mas nas de várias outras nações. Os interesses das mulheres que estão lutando nesta guerra, ao lado dos homens, não podem ser ignorados em quaisquer decisões sobre o futuro.

Através dos anos, as guerras têm sido feitas pelos homens; é apenas justo sugerir que as mulheres colaborem na construção de uma paz duradoura. São elas, na verdade, devido às suas próprias funções naturais, grandes conservadoras da vida que os homens arriscam tão facilmente. Estes vão renunciando aos poucos, não sem certa relutância, às antigas prerrogativas, graças às quais costumavam decidir, sem a assistência feminina, as grandes questões de interesse público.

A rainha Elizabete, a sra. Winston Churchill, Lady Reading e muitas outras mulheres da Grã Bretanha se prepararam durante o conflito para fazer face aos problemas do mundo de após guerra. A rainha Guilhermina e a Princesa Juliana estão fazendo o mesmo. Madame Molotoff e todas as mulheres da Rússia têm colaborado estreitamente com as forças armadas do seu país. Madame Chiang Kai-xeque acompanha de perto as atividades do esposo. Em todas as nações em luta, há mulheres prontas a analisar os problemas de após guerra em termos de alcance e sentido mundial.

Em cada conferência de nações a ter lugar futuramente, as mulheres deveriam figurar nas várias delegações que delas façam parte, qualquer que seja o assunto a discutir—não só afim de que a sua contribuição nos negócios públicos seja oficialmente reconhecida, mas como uma verdadeira medida de educação cívica.

Se elas não se acharem presentes, ao lado dos homens, e participando dos trabalhos, muitas decisões serão tomadas na ignorância de certos fatores—e que, sem o apoio da maioria das mulheres, em todas as nações, não se poderão pôr em prática.

Nas associações femininas, as notícias se espalham com a maior rapidez. Estas organizações contribuiriam, portanto, largamente, para a divulgação dos fatos, se algumas de suas sócias tomassem lugar ao lado dos homens nos futuros conselhos.

Foi para mim causa de orgulho ver o nosso país enviar várias mulheres à Conferência da Alimentação e, não só na delegação, mas entre os observadores que nos representaram na Conferência de Rehabilitação e Auxílio de Guerra das Nações Unidas. Estas mulheres, especializadas em certos assuntos, chamaram a atenção sobre vários que de outro modo teriam passado despercebidos. Espero firmemente que

o número de representantes femininas se vá tornando maior em cada nova conferência.

Todas as nações são governadas, antes de tudo, pelo seu próprio interesse, e as mulheres a esse respeito não divergem dos homens. Estes julgam, porem, frequentemente, que o nosso interesse está em conquistar maior poder por meio da força ou do comérico. Não será natural que as mulheres julguem melhor, para o mesmo fim, que tentemos abrir ao mundo melhores horizontes? Tal concepção não resulta de que as mulheres sejam menos egoistas. É que elas dão maior valor à vida humana que à conquista do poder. Procuram sempre estabelecer um entendimento qualquer em casos nos quais os homens querem dominar.

Haverá quem diga que a minha tese não pode ser comprovada—com o que estou de pleno acordo. Mas no passado, onde quer que as mulheres hajam tomado parte nos conselhos dos poderosos, há diversos exemplos da mais alta expressão. A rainha Elizabete, e a rainha Vitória exerceram bons governos. O mesmo se repete atualmente com a rainha Guilhermina.

Lembro-me do tempo em que as mulheres começaram a surgir como fator ativo na política nacional. Dizia-se então: «As mulheres não se devem meter em política.» Os homens tiravam o casaco, fumavam charutos enormes, punham os pés em cima da mesa, e bebiam, e as senhoras, ao que eles diziam, se sentiriam ofendidas com tudo o que ocorria nas reuniões políticas. (Ofendidas ou não, as mulheres, ao que parece, resistiram muito bem.)

Talvez não tenham realizado ainda tudo o que lhes teria sido possivel realizar no terreno da política; há, porem, muito mais legislação social que ao tempo em que elas não dispunham de voto.

Ao surgir qualquer questão que desperte o interesse feminino em todo o país, os homens se vêem forçados a reconhecer que elas de fato se tornaram fator importante de influência na política nacional.

Não estou apenas pleiteando a presença das mulheres na conferência da paz, mas em todos os conselhos em que os problemas de após-guerra venham a ser discutidos. Precisamos vê-las em maior número entre os membros das Assembléias Legislativas dos Estados; nos nossos governos estaduais; no Congresso; nos postos de alta responsabilidade. Não para que se oponham aos homens, mas para que colaborem com elas na construção do novo mundo que temos que enfrentar, queiramos ou não. Nele é que hão-de viver os homens e as mulheres. É justo que o construam untos.

¶ A REVISTA *Stars and Stripes* cita uma frase que é, sem dúvida alguma, o comentário de mais bom-senso que já se fez contra os inveterados otimistas, que contam com uma guerra curta: «Está tudo acabado. Só faltam as batalhas...»

De *This Week*

THOMAS PAINE

o alfaiate inglês que revolucionou a América

(Condensado do «New Leader») *Por Max Eastman*

NÃO HÁ GRANDE homem na história americana que tivesse mais a dizer aos seus compatriotas, em dias como os que correm, do que Tom Paine (Thomas Paine); e nenhum o diria melhor. Nada se conhece, nos registos da persuasão humana, que exceda ao que logrou realizar o obscuro emigrante inglês, fazedor de espartilhos, que desembarcou em Filadélfia certo dia do mês de novembro de 1774, desamparado, anônimo, sozinho, e, dentro de ano e meio, tinha feito mais do que ninguem para conduzir as 13 colônias americanas a uma impávida declaração de independência, da Grã Bretanha e seu rei, senão de todos os reis.

Como disse uma voz contemporânea, aliás bem avisada, «Paine contribuiu tanto com a sua pena quanto Washington com a sua espada» para a fundação desta república. Previu-lhe todo o esplendor, onze anos antes que ela se houvesse formado, e nas próprias horas mais sombrias e mais desesperadas para os exércitos de cujo êxito dependeria a sua formação. Replicando ao general inglês vitorioso, Lorde Howe, que tinha expedido uma proclamação assegurando clemência aos americanos derrotados, se desistissem da luta, exclamou: «Os Estados Unidos hão-de ressoar tão pomposamente na história como o Reino da Grã Bretanha.»

O que mais o habilitava a fazer tal profecia era a perfeita noção, que já adquirira, das vantagens da forma democrática sobre os regimes fundados na vontade de um só homem. Ao propugnar a independência, pusera no mesmo nivel, julgando-as igualmente intoleraveis, as ditaduras e as autocracias. Parecia-lhe que seria praticamente possivel a organização na América, «de modo calmo e seguro,» de um governo apropriado a homens responsaveis e sensatos. Compreendendo a significação de que se revestiria o fato, e prevendo o vigor e proporções da nova república em perspectiva, teve esta frase que, ao tempo, foi talvez tomada como alarde, e hoje se tornou tão natural: «A causa da América é, em grande parte, a de todo o gênero humano.»

Posto que fosse o mais amavel dos homens, morreu Paine em amarga solidão, quase de todo ao abandono. Para dizer a verdade, na sua inteira tristeza: morreu em estado de infâmia. Ainda um século depois, o presidente Teodoro Roosevelt a ele se referia, numa entrevista à imprensa, considerando-o um «ateuzinho sujo», e se recusava a retratar-se quando alguem lhe fez lembrar que Paine andava sempre bem trajado, tinha cerca de um metro e oitenta de altura, e acreditava em Deus.

Tom Paine era o que pode chamar-se um homem esclarecido; e assim se fez, porque votou os seus dias à preocupação obstinada de compreender, cada vez mais. «Raras vezes terei passado, cinco minutos que sejam», disse-o uma feita ele próprio, «sem haver aprendido alguma coisa.» Nestas expressivas palavras encontrar-se-á provavelmente o segredo do seu carater, e do prodígio que realizou ao passar a viver numa terra onde sentiu ser livre.

Nasceu em Thetford, pequena localidade de mercado, a uns 150 quilômetros de Londres. Deixando, aos 13 anos, a escola, iniciou-se no ofício de fazer espartilhos, armados com barbatanas de baleia. Era o negócio do pai. Farto daquilo, empregou-se no serviço de arrecadação de impostos, avaliando, para fins de taxação, reservas ou provisões particulares de bebidas alcoólicas. Quatro anos decorridos, tentou debalde ordenar-se na Igreja de Inglaterra. Foi algum tempo vendedor de fumo, e serviu tambem de mestre-escola. Depois, voltou aos impostos. Os companheiros de repartição incumbiram-no de ir a Londres pleitear, em nome da classe, perante o parlamento, a redução de horas de trabalho e o aumento de vencimentos. Fê-lo com tanta eloquência que foi demitido novamente do emprego. Mudou-se então para uma água-furtada em Londres, e entrou a adotar, já aos 37 anos, a profissão de escritor.

Tudo isso habitualmente é capitulado de fracasso. Paine, porem, possivelmente, não deixava de ter o seu plano: viver, como fosse podendo, sem deshonra, enquanto estudava e aprendia tudo o que pudesse interessar a um espírito criador.

Volveu-se principalmente para a ciência, atraido, que se sentia, pelo mundo das invenções. Via-se, mais dia menos dia, um inventor. Mas amava, não menos, o debate. Alem de retemperar-se no curso daqueles anos aparentemente inuteis, teve ocasião, quando em Londres, de aproximar-se de homens como Oliver Goldsmith e Benjamin Franklin. Este percebeu-lhe o gênio, e aconselhou-o a emigrar para as colônias americanas, onde mais amena era a vida.

Foi assim que em 1774 chegou a Filadélfia aquele «fracassado», muito lido, com uma variada experiência, e cheio de opiniões a pôr a prova. Muitos meses não eram passados, e estava já a escrever para um novo jornal da terra, o *Pennsylvania Magazine*, de que em breve se fez redator-chefe.

Todas as causas por que, desde então, se batem os radicais, encontraram nele um patrono. Denunciou a guerra, meteu a ridículo o duelo, arguiu de anacronismos os títulos e os reis, condenou a crueldade para com os animais, pregou a liberdade dos negros, antecipando-se de um mês à primeira sociedade abolicionista, fez ver a necessidade da federação internacional, advogou as pensões de velhice, leis racionais de divórcio, e os direitos das mulheres. Acreditava com Jefferson no indivíduo independente, e horrorizava-o o crescimento mórbido do estado.

A vida nas colônias foi evoluindo no sentido de uma verdadeira efervescência. Os líderes da opinião mostravam-se indignados com as políticas coloniais, a um tempo duras e estúpidas, do reinado de George III. Quatro meses apenas depois da chegada de Paine, ocorria o choque, em Lexington, entre as forças armadas coloniais e as regulares inglesas, choque esse que veio deflagrar a Revolução Americana.

Mantinha-se contudo o preconceito da lealdade para com a mãe pátria. Se, em Londres, Franklin assegurava aos ingleses que nenhum americano, «estivesse bêbedo ou não,» jamais havia manifestado pendores ou desejos separatistas, Jefferson «procurava com muito interesse uma reconciliação com a Grã Bretanha.»

Tom Paine, entretanto, conhecia bem a Inglaterra, e não demorou a conhecer, por algum efeito mágico de parentesco ou de sangue, o espírito americano. Bastaram-lhe, pois, alguns meses, a respirar a nova atmosfera, para que estivesse em condições, não só de descortinar, mas de gravar no coração dos homens a imagem que haveria de empolgá-los, a visão de uma América *republicana*, independente e livre:

> O advento de um novo mundo está à vista, e uma raça de homens, que igualam talvez, em número, o total dos que a Europa contem, caminha para receber, dentro de poucos meses, seu quinhão de liberdade. Não mais olhemos, portanto, uns para os outros, com dúvidas ou suspeitas; estendamos, uns aos outros, a mão leal da amizade, e unamo-nos traçando uma linha que sepulte de fato no olvido todas as nossas antigas dissenções. Esqueçamos os nomes dos partidos que nos tenham separado, para que só vejamos, todos, em cada um de nós, um bom cidadão, um companheiro franco e resoluto, e um defensor impertérrito dos *direitos do gênero humano e dos livres e independentes estados da América*.

Ao panfleto, que em si trazia muito da energia criadora de que resultou a nação, deu Paine o título de *Common Sense* (*Senso Comum*). Veio a lume anonimamente em Filadélfia a 10 de janeiro de 1776. Desde que os governos em geral, argumentava ele, são uma deploravel necessidade, cujo único objetivo é o de garantir aos indivíduos «liberdade e segurança»; e desde que o governo colonial do rei George não garante nem uma nem outra, «estamos a pagar o nosso dinheiro por nada. Há alguma coisa de absurdo em admitir um continente a ser governado permanentemente por uma ilha. Estar sempre a percorrer três ou quatro mil milhas com uma petição ou coisa que o valha, esperando quatro ou cinco meses por uma resposta, a qual, uma vez obtida, exige mais cinco ou seis para que produza os seus efeitos, eis o que afinal não passará de infantilidade e disparate. Houve uma época em que isso era próprio, e há uma época própria para pôr termo a isso.»

Tudo no panfleto ressumbrava amor à liberdade, lógica honesta, e cordialidade entre os homens, espécie de senso comum de ordem moral, que elevava certo número de duras verdades práticas à categoria ou aos domínios de grande literatura.

«Quanto a religião,» dizia, «sustento ser dever indeclinavel de todos os governos proteger todos os credos em matéria de conciência, e não sei de outro papel que possa ter, na hipótese, o governo.»

Venderam-se, do seu opúsculo, nada menos de 500 mil exemplares. A população do país era, então, de 2 milhões e 500 mil habitantes. Por conseguinte, um exemplar para cada cinco pessoas— o que corresponderia, se aplicado à população atual, a 26 milhões de exemplares! Os direitos autorais, Paine oportunamente ofereceu-os ao Congresso Continental. Não era dinheiro o que ele queria fazer. Mas uma revolução.

Oficiais liam *Common Sense* aos seus soldados; professores, aos seus discípulos;

chefes eclesiásticos, às suas congregações. George Washington apressou-se em perfilhar os «sãos e irrespondiveis argumentos», diante dos quais não houve mulher de colono, sem distinção de condições sociais, que não viesse tomar a sua parte no movimento geral de entusiasmo cívico. «Nunca antes, nem depois,» diz W. E. Woodward em sua elucidativa biografia, «teve um livro, de qualquer gênero, influência tão profunda sobre negócios humanos.»

Seis meses depois de aparecido o *Common Sense*, estava assinada a Declaração de Independência, e Paine, de armas nas mãos, apoiava, no exército, por atos, o que pregara em palavras. Durante a desoladora retirada das esfarrapadas forças coloniais, após a perda de Nova York, escreveu, numa pele de tambor, nas imediações de um acampamento em Nova Jersey, o primeiro dos 13 documentos que, sob o título geral de *Crisis*, reacenderam a flama da Revolução periclitante, onde quer que tendeu a esmorecer.

> «Há momentos que põem a prova a alma dos homens. Os soldados de verão e os patriotas de bom tempo, estes, na crise, se retrairão do serviço de seu país.»

Teve Paine tambem ensejo de servir à grande causa, na sua hora mais negra, com um ato que o distinguiu no terreno diplomático. A suas próprias expensas, e com risco da própria vida, pois um rebelde da sua notoriedade não teria muito a esperar, se fosse capturado pelos ingleses, foi a París negociar um empréstimo. Entendeu-se tão bem com o Rei de França, que trouxe, alem do dinheiro, um navio carregado de provisões, de que Washington necessitava para a campanha contra Cornwallis.

Quando regressou, estava paupérrimo, e, alem disso, era famoso demais, para que se lhe desse algum emprego. Notabilizara-se como insuflador do povo, e agora, o que cumpria, era acalmá-lo. Quando Washington, coroado pela vitória em Yorktown, veio receber em Filadélfia as congratulações do Congresso, vivia Paine alí perto, num quarto de aluguel, sem recursos com que comprar um par de sapatos. Escreveu uma carta ao General pedindo-lhe auxílio, e passou então a receber, por um fundo secreto de guerra, 800 dólares por ano, para continuar a combater, mas unicamente com a pena.

Terminada a guerra, em 1783, cessou o pagamento do subsídio. Em 1784, o Congresso mandou pagar-lhe 3 mil dólares, menos do que lhe custara a ida à França; a Assembléia de Pensilvânia fez-lhe um donativo de 500 dólares; e Nova York presenteou-o com uma casa e uma granja, em Nova Rochelle, confiscada a um realista, e que ele preferiu arrendar, indo viver numa pequena morada em Bordentown, Nova Jersey, feliz enfim de poder dedicar-se às suas invenções.

Imaginou então novo tipo de ponte suspensa. Mas o mais que pôde conseguir foi que a Assembléia de Pensilvânia nomeasse uma comissão para examinar o assunto. Franklin sugeriu-lhe que fosse tentar a sorte junto à Academia de Ciências da França.

Durante três anos, esteve Paine acima e abaixo, entre París e Londres. Os liberais, em ambos os paises, estavam então nas altas posições; era Washington o seu herói; e homens do poder prestaram a Paine seus testemunhos de admiração. Já se sentiam, todavia, os pródromos da Revolução Francesa, que punham a Inglaterra de atalaia. Paine

estaria, é claro, integralmente, com a republicanização da França. Quando a Bastilha caiu, em 1789, ele foi a París, afim de alí receber, das mãos de Lafayette, as chaves de que seria portador para o General Washington.

Voltando à Inglaterra, viu desabar, inesperadamente, como uma chuva de fogo, sobre os seus sagrados princípios, as *Reflexões sobre a Revolução Francesa*, de Edmund Burke. Este, brilhante orador da conciliação com as Colônias, não lhe era desconhecido. Não lho era, porem, tãopouco, o movimento que inflamava a França. Esquecendo a ponte, que já então fizera construir na própria Inglaterra, em Sunderland, e se ia mantendo muito bem; e pondo de parte novo tipo de grua, uma vela sem fumaça e um motor a pólvora, que tambem lhe iam saindo do espírito inventivo, não se conteve que não viesse dizer o que pensava de Edmund Burke, e a opinião que formava a respeito dos reis e dos lordes, e dos verdadeiros fins para que se instituia, ou devia existir o governo.

Referindo-se aos louvores que Burke derramara sobre a constituição britânica, e os direitos por ela assegurados a uma privilegiada minoria, escreveu:

> A farsa da monarquia e da aristocracia, em todos os paises, acompanha a da cavalaria, e Burke prepara-se para os respectivos funerais. Deixemo-las seguir em paz para o túmulo onde repousam tantas outras loucuras, e os que as choram, serão consolados... Quando se puder dizer, em qualquer país do mundo: meus pobres são felizes; não há entre eles ignorância ou penúria; minhas cadeias estão vazias de presos, minhas ruas, de mendigos; os velhos não se acham na miséria, não se sente exagero nos impostos; o mundo racional é meu amigo, porque eu tambem sou amigo da sua felicidade; quando tais coisas puderem ser ditas, e os fatos o confirmarem, então pode o país vangloriar-se da constituição e do governo que lhas houverem proporcionado.

Foi o seu segundo livro. Intitulado *Os Direitos do Homem*, e escrito, como o primeiro, com uma rapidez febril, tinha toda a eloquente lucidez do primeiro, e levantou, como este, grande onda de opinião. Eis Paine, outra vez, com um livro que dominava em tiragem; e ei-lo, de novo, um clássico.

Não tardou que o governo britânico tratasse de eliminar o «Paineismo». Visando-o diretamente, foi expedida uma proclamação contra escritos sediciosos. Supresso o livro, foram processados os seus editores, e eram deportados os que o liam, tendo sido um homem condenado a 14 anos de banimento, por aconselhar o povo a lê-lo. Uma biografia difamante foi posta em circulação, para desacreditar o escritor, e, quando este aparecia em público, apupavam-no e vaiavam-no.

Paine fugiu para a França. Em Calais, foi recebido com uma salva de canhão, e durante dois dias todo o povo comemorou a chegada de um grande cidadão francês. Com efeito, um dos primeiros atos da Revolução tinha sido a outorga a Thomas Paine da cidadania francesa. Elegeram-no agora deputado, membro da Convenção Nacional. Deu ele entrada na tumultuosa assembléia por entre as aclamações ensurdecedoras com que se festejava a abolição da realeza na França. Era aquele o primeiro dia do «Ano Um da República».

Não sei, na história, de cena mais impressionante, e afinal, com o curso do tempo, mais significativa, que a que se passou na Convenção, quando aquele notório rebelado, autor e arqui-agitador

do republicanismo americano, flagelo da nobreza, recem-vindo, proscrito, de Londres, onde atacara de frente o trono da Inglaterra, se ergueu para defender, contra as iras dominantes, a vida do rei deposto. Nunca fizera um discurso, e não falava correntemente francês. Limitou-se a assomar à tribuna, e aí permaneceu—esguio, silencioso, imperturbavel, com aquela chama nos olhos, jamais esquecida pelos que tiveram alguma vez ensejo de fitá-lo—enquanto as palavras, que escrevera, eram lidas, em tradução, por outro deputado:

> Minha linguagem foi sempre, em todas as circunstâncias, de liberdade aliada à humanidade; e nada conheço que mais possa exaltar uma nação do que a união desses dois princípios...

Marat levantou-se, bradando aos deputados perplexos: «Afirmo que isto não é a opinião de Thomas Paine. Trata-se de uma falsa tradução!»

«Li o original, e a tradução está correta,» respondeu Garran, o deputado que procedia à leitura.

Seguiram-se momentos de tumulto, mas Paine manteve-se calmo até o fim do discurso.

O veemente protesto de Marat importava num tributo ao prestígio de Paine. Mas estava em marcha o Terror, e Paine, por seu pecado de inadvertida clemência, era em breve encarcerado.

O ministro americano, Morris, um realista reacionário, e desde muito inimigo inveterado de Paine, recusou-se a intervir em seu favor. Há mesmo provas de que conspirou para que ele fosse executado. Robespierre, desorientado por Morris quanto à atitude de Washington, condenou o acusado à guilhotina, «em nome dos interesses, assim da França como dos Estados Unidos!» Paine depois descreveu como se salvou por milagre. A porta de sua cela abria para fora, e estava aberta quando os executores a marcaram com um sinal, indicando os que dela sairiam, para os devidos efeitos. Mas aconteceu que, ao voltarem, à busca dos que seriam ou deveriam ser suas vítimas, a porta se achava fechada, ficando assim a marca para o lado de dentro. O Terror caminhou rápido. Depressa—incrivelmente depressa—chegou ao seu próprio chefe, Robespierre.

Paine, ao tempo, jazia em sua cela, em estado de inconciência, a arder em febre, a morte a rondar-lhe em torno. Morris, porem, foi substituido por um democrata, o futuro Presidente James Monroe, e este logo promoveu a libertação de Tom Paine, acolhendo-o em sua casa, onde o enfermo contou com o carinho e os cuidados do casal Monroe, para restituir-se à vida.

Em 1802, regressava ele à América. Contava agora 65 anos, e não tinha mais a saude, a vitalidade de outros tempos. Foi recebido com estrepitoso debate, a que servia de centro, na imprensa, nas tribunas públicas, no púlpito. Metade era aplauso, outra metade, verrina.

Quando Jefferson era presidente, esteve Paine algum tempo como seu hóspede na Casa Branca. Mas sentiu que a sua presença não era conveniente, sob o ponto de vista político. Despediu-se então do amigo que nunca lhe faltara, e recolheu-se a Nova Rochelle, onde, se o receberam como herói algumas pessoas, em minguado número, o que sobretudo o aguardava era uma torrente de agressão, em todos os termos e tons.

O ataque, organizado, tomou as proporções de empresa pública, no curso dos sete anos que ainda lhe coube viver.

A intransigência, a irredutibilidade, com que ele não recuava das suas declarações, mantendo-se fiel aos seus princípios, não era de ordem a ajudá-lo a livrar-se dos seus perseguidores. Assim, nos últimos anos, o que dele sabia o público era que se tratava de um bobo, um embusteiro, um devasso, um explorador de mulheres e crianças, um blasfemador de Deus; no espírito, um perverso; no corpo, uma sujidade, que não havia água que lavasse. O caso é sem nenhum paralelo na história da calúnia.

Ao Fundador da Independência Americana, foi negado, em Nova Rochelle, o direito de votar, a pretexto de que não era cidadão do país. Recusaram-lhe mesmo a sepultura num cemitério *quaker*. Acompanharam-no ao túmulo, aberto na própria granja que Nova York lhe dera, sua amiga e governante, madame Bonneville, os filhos desta, dois negros, e um *quaker* de nome Willet Hicks. Mais ninguem. O filho numa das extremidades da sepultura, e ela na outra, madame Bonneville pronunciou a oração fúnebre:

«Ah, mister Paine! Meu filho quí está como um testemunho da gratidão dos Estados Unidos, e eu pela França!»

. . . *E os franceses experimentaram a batata*

¶ Os alemães ensinaram ao dr. Antoine Auguste Parmentier o incomparavel valor nutritivo das batatas quando, durante a Guerra dos Sete Anos, caiu ele prisioneiro em Hamburgo. Ao voltar à França, onde reiniciou sua atividade de médico e químico, ficou desolado quando soube da terrivel escassez de cereais em 1760, escrevendo então um livro a respeito das batatas e do proveito que delas poderiam tirar os fazendeiros e os consumidores das cidades. Sua obra foi ridicularizada, mas afinal ele conseguiu interessar Luiz XVI nos seus projetos. Enviou ao monarca certa quantidade de pés de batata; inesperadamente, o rei passou a usar uma flor de batata na lapela, enquanto Maria Antonieta apareceu num baile com uma coroa das mesmas flores na cabeça. . . .

Sob os auspícios do Rei, Parmentier obteve um lote de terreno perto de París, afim de plantar algumas batatas, a titulo de experiência. Luiz XVI chegou ao extremo de mandar uma guarnição militar para proteger a plantação. Ao ver tais manobras, o povo se convenceu de que haveria de surgir algo de sensacional daquele lote, pois se havia até soldados a tomar conta! O resultado foi que os parisienses passaram a furtar batatas à noite; comeram-nas, gostaram, e plantaram outras por conta própria, caindo assim na inocente armadilha que Parmentier lhes armara. Até hoje florescem pés de batata junto ao seu túmulo.

Donald Culross Peattie, *Cargoes and Harvests* (Appleton-Century, ed.)

¶ *Para os movimentos clandestinos na Europa, a BBC é a voz da libertação que se aproxima*

OFENSIVA RELÂMPAGO PELO RÁDIO

(Condensado da «Saturday Night»)

Por William D. Bayles

RELATÓRIOS e informações, do interior da Europa, indicam que a Inglaterra vai organizando um auditório secreto de rádio, cada vez mais numeroso—estimado atualmente em mais de 200 milhões de ouvintes—no mundo crepuscular que se distende para o outro lado do Canal da Mancha. A voz da Grã Bretanha faz-se ouvir por todo o continente, em 44 horas diárias de irradiação, através de várias transmissoras, em 24 línguas, e em 26 diferentes comprimentos de onda. Na sede, em Londres, da British Broadcasting Corporation, construida de maneira a poder zombar das bombas, mais de 600 pessoas mantêm contínuo o serviço de preparo da munição para a ofensiva do eter. Colaboram, inclusive, nos trabalhos, reis e rainhas, chefes de doze governos exilados, generais e diplomatas.

Este «rádio-blitz» é auxiliado por ousado serviço de informações que funciona, por assim dizer, nas barbas da Gestapo. Sabe-se, por exemplo, exatamente, como as irradiações são recebidas pelos que as escutam nos paises sob ocupação nazista.

Observadores técnicos, em toda parte da Europa, trazem Londres bem a par da perfeição, maior ou menor, com que a irradiação se faz ouvir, e do efeito produzido nos ouvintes. Aparelhos de rádio, dos modelos usados no continente, são mandados para a Inglaterra afim de ser estudados, e instruções no sentido de dar-lhes maior alcance, mediante simples alterações, dalí se irradiam, para conhecimento e orientação dos que deles se servem. Aos alemães, por exemplo, se diz como proceder para neutralizar as manobras do dr. Goebbels, e receber claramente as irradiações de Londres.

Para levar de vencida tais atividades, os nazistas instituiram um departamento especial de Defesa contra o Rádio, que se acha a cargo de especialistas. Reconhecendo que a pena de morte não bastaria para dissuadir os europeus de ouvir Londres, apelaram para o recurso da interferência em grande escala. As ondas por sobre a Europa foram carregadas de toda espécie de sons e ruidos, desde o chilrear de pássaros ou as notas de orgãos ou harmônios, até a algazarra de vozes confusas, o bater de martelos em bigornas, apitos de vapor, serras a cortar madeira, ou telegrafia Morse a alto diapasão, de maneira a formar, tudo junto, tremenda barafunda.

Os ingleses replicaram com transmissoras adicionais, emitindo o mesmo programa em doze comprimentos de onda. Os alemães, por sua vez, reforçaram o seu serviço de perturbação, acrescentando às grandes estações respectivas milhares de outras pequenas de 100 vátios, cada uma delas com capacidade para cobrir um raio de três a quatro quilômetros. Há em Berlim um encarregado do controle geral do serviço, o

qual escolhe os programas que devem ser perturbados, e expede instruções ou ordens aos seus subordinados regionais. Estes, então, as transmitem às pequenas estações, ordinariamente situadas nas sedes locais da Gestapo. Quando o programa, julgado inconveniente, entra a ser irradiado, os ditos controladores regionais, que são aliás as únicas pessoas a quem se permite oficialmente a audição de semelhantes irradiações, verificam se as mesmas se acham suficientemente interrompidas, recorrendo, se necessário, a novos centros de perturbação. Como quer que seja, o que se apura é que os nazistas, nos seus esforços frenéticos para impedir que se ouça a voz da Inglaterra, estão hoje gastando mais tempo, equipamento e dinheiro em embaraçar as emissões britânicas que em pôr em prática ou desenvolver as suas próprias irradiações.

Ao selecionar os locutores que devem falar para a Europa, os técnicos ingleses ensaiam as vozes de modo muito prático. Irradiam, juntamente com elas, discos de perturbação, e observam o resultado. Meses de experiência revelaram que a voz ideal, na hipótese, é a que se mantem um pouco alta, e monótona. A em que os locutores americanos costumam fazer a irradiação de notícias não seria aconselhavel.

Boa parte do serviço britânico de informações, a colher por toda a Europa, afim de servir de base à organização dos seus programas de radiodifusão, consiste em verificar precisamente qual o tipo de irradiação preferido em que cada país, ou que a cada país melhor convem: porque o povo que arrosta a pena de morte, para ouvir a voz de Londres, deve ter, é claro, o direito de escolher os seus programas. Sobre um ponto, ao que parece, estão todos de acordo, em toda a Europa: nada de «rádio para divertir». «Nós, na Europa,» declarou, a propósito, um dos membros da reação secreta polonesa, «estamos em meio de uma luta infernal contra os nazistas. Não nos dêem palestras ou dramas sobre as belezas da liberdade. O que queremos são fatos que nos ponham ao corrente de como a guerra vai indo.»

Assim, do que se transmite aos ouvintes europeus, 75 por cento são representados por informações puras e simples, em suma, fatos concretos, ficando reservados 25 por cento a comentários, dos quais se encarregam, com frequência, líderes nacionais. Em contraste com o estilo bombástico das irradiações do dr. Goebbels, que introduz uns dois minutos de notícias em um quarto de hora de palanfrório, a voz de Londres é calma, e vai direta aos fatos, tendendo, por via de regra, antes para a discreção que para o exagero.

Uma preocupação fundamental, para os homens da BBC, é a proteção dos seus ouvintes. Há, por exemplo, que avisá-los, quando a Gestapo interpõe uma nota de interrupção particular na onda inglesa, para habilitar os seus agentes a verificar, do lado de fora, se o aparelho de rádio de certa casa está sintonizado para a irradiação britânica. Tem-se tambem o máximo cuidado em não trair os ouvintes por efeito de mudança no volume das vozes, ou sons demasiadamente altos, como sejam os de fanfarras ou instrumentos análogos.

Ao que diz o lider socialista francês André Philip, que conseguiu elevar a 50 mil exemplares a tiragem dos seus avulsos de informações clandestinas, o movimento «subterrâneo» na França deve, em grande parte, sua existência, ao estímulo recebido das irradiações de

Londres. Centenas de publicações, do mesmo gênero, que circulam por toda a Europa, utilizam o noticiário que a BBC transmite regularmente a receptores ocultos. Os editores, sem meios de comunicações locais, são informados do que se passa em outros pontos do seu próprio país, e prevenidos contra informantes suspeitos.

A propaganda de Londres obedece a um pensamento central, ou tem, politicamente, um objetivo definido: a exposição do ponto de vista inglês. Enquanto a Alemanha e a Rússia Soviética apresentam muitas vezes irradiações simuladas, que figuram como partindo de «estações livres» de país inimigo, Londres faz questão de que se saiba ser a Inglaterra quem fala pela voz da BBC.

O interesse e boa vontade dos europeus em adotar a orientação de Londres tem excedido a expectativa. Quando os tchecos foram aconselhados pela BBC a boicotar a imprensa sob controle nazista, a circulação respectiva baixou incontinenti; pilhas de jornais não vendidos enchiam as estações ferroviárias. A campanha no sentido de retardar a produção nas fábricas de guerra—«Assoe o nariz, o mais que puder; espirre frequentemente; vá, a miudo, às instalações sanitárias, e demore por lá o mais possivel»—produziu tais efeitos por todo o continente, que não tardou a reação nazista, ameaçando de séria punição os «irresponsaveis que se apresentassem com diarréias e resfriados da BBC.»

Nos próprios círculos oficiais alemães, a voz de Londres conta com um prestígio que deve incomodar profundamente os propagandistas nazistas. Um comandante de submarino alemão, tenente Fenn, declarou recentemente que o seu submarino e dois outros foram atacados pelos aviões da RAF; e, tendo um daqueles dois cessado fogo, e tentado mergulhar, os aviões puderam melhor atacar, e assim, dos três só se salvou o seu. A imprensa divulgou a narrativa, e o tenente recebeu congratulações pelo modo como se havia salvo, com o seu navio. Mas em seguida veio a BBC, com outra versão do episódio: o submarino que cessara fogo, e mergulhara, havia sido precisamente o de Fenn. Este foi submetido à corte marcial, sem que nenhuma autoridade germânica houvesse julgado estranho que, entre a palavra de Londres e a de um oficial alemão, se desse crédito àquela.

Bem poderá a Inglaterra manter na Europa o seu imenso auditório, ainda depois da guerra. Tendo construido, em pleno caos continental, uma espécie de «rádio-império», cada dia mais vigoroso, está hoje radicada em milhões de corações através das terras flageladas pela ocupação nazista.

O problema dos dois relógios

¶ Embora eu esteja certo de que meu relógio está adiantado 5 minutos, ele está, na realidade, com 10 minutos de atraso. Por outro lado, o relógio do meu amigo está, realmente, adiantado cinco minutos, se bem que ele julgue ter um atraso de dez minutos. Ambos temos que tomar um trem que parte às quatro horas. Qual de nós chegará primeiro à estação? *Sem usar lapis e papel, faça esse cálculo mentalmente, e depois veja a solução na página 60.*

—Angus Reid

Um lar no Novo Mundo

(Condensado de «Tomorrow»)

Por T. E. Murphy

Numa rua sossegada de Hartford, em Connecticut, no norte dos Estados Unidos, vive uma família cuja história é simples, mas tocante, por ser vivo exemplo do triunfo do espírito humano sobre as vicissitudes da miséria e a tremenda barreira dos preconceitos sociais.

A história teve início, já lá vão trinta anos, quando um jovem casal chegou aos Estados Unidos afim de estabelecer-se no país, «americanizando-se». Trabalharam sem trégua e sem descanso para sustentar os filhos—nove ao todo—vestí-los e educá-los.

O mais velho destes, George, está prestes a formar-se em química orgânica no Instituto de Tecnologia de Massachusetts. As duas filhas primogênitas, Margaret e Gladys, são ambas enfermeiras registradas. A primeira casou-se com um próspero negociante de Chicago, proprietário de uma loja, a segunda faz parte do corpo de enfermeiras do Hospital de Hartford onde é geralmente estimada. Kenneth, de dezoito anos, ingressou na Força Aérea do Exército americano. Harold, de dezessete, está seguindo à custa de seu trabalho o curso preliminar da Escola de Medicina da Universidade de Chicago, e Alice tem a seu cargo tarefa importante numa fábrica de guerra. May auxilia o pai nos seus trabalhos, enquanto os dois mais moços, que ainda estão no colégio, pretendem seguir o jornalismo.

Chamam-se, os pais destes nove americanos, Goon Mah e Wong Shee.

Há trinta anos passados, Goon Mah, então com 22, achava-se, ao lado da sua esposa, uma linda moça de 19 anos, no convés do *Mongólia*, ao chegar este ao largo da Califórnia. As colinas de São Francisco se desenhavam no horizonte em meio à bruma da manhã. Wong Shee apertou mais de encontro ao peito o bebê de alguns meses que trazia nos braços. Visto assim de longe, aquele país desconhecido parecia ainda maior e mais estranho. Goon Mah, porem, nascera na América, tendo voltado à China para casar-se. «É um país muito agradavel,» assegurou à mulher, como a tranquilizá-la. «É a terra da liberdade, e nossos filhos poderão seguir a carreira que escolherem.»

Goon Mah tinha a certeza de que a sua esposa não tardaria a adaptar-se àquele novo mundo. Escolhera-a entre todas as lindas moças que encontrara, porque vira os seus olhos brilharem de alegria ao contar-lhe que na América havia escolas para todas as crianças—meninas e meninos. Wong Shee nunca fora à escola—nessa ocasião, só os meninos tinham esse privilégio na China—mas ansiava ardentemente pela educação e pela liberdade que lhe haviam sido negadas. Uma velha aldeã tentara dar conselhos a Goon Mah: «Ela se recusara, ainda criança, a trazer atados os pés, e sempre achara verdadeiro absurdo que as mulheres só pudessem começar a comer depois que os homens terminassem as suas refeições.» Isso ainda mais concorreu para que Goon Mah se decidisse a pedí-la em casamen-

to. Dentro de um ano, partiram para a América.

Goon Mah empregou-se como criado em São Francisco. O horário era penoso, e o salário pequeno. Para a sua jovem esposa, a vida, nos primeiros tempos, foi dificil tambem. Certa feita, saira a passeio trajando uma túnica estampada, e um par de calças pretas. Duas americanas interpelaram-na na rua, alegando que, já que ela não vivia na China, não se devia vestir à moda chinesa. Wong Shee mostrou-se muito aflita com o incidente. «Tive que sair naquele mesmo dia,» contou-me Goon Mah, «e comprar um vestido americano para ela.» Desde então, nunca mais se vestiu à chinesa. Fez algumas economias afim de comprar uma máquina de costura, e, durante vinte anos, ela própria coseu os seus vestidos e os de suas filhas.

Algum tempo depois, Goon Mah decidiu mudar-se para Salem, no estado de Massachusetts, onde se empregou num restaurante. Tomaram então um apartamento de dois quartos. Margaret, a filha mais velha, entrou para a escola, e a mãe, em casa, costumava contar às crianças que o seu avô fora um homem erudito, patriarca da aldeia, tendo elas, portanto, a obrigação de seguir-lhe o exemplo.

Pobres embora, como eram, conseguiram pôr de lado algum dinheiro, surgindo finalmente o grande dia em que Goon Mah se tornou proprietário de um restaurante em Boston, batizando-o pomposamente: «Liberdade».

Fiéis a um velho costume, nenhuma chinesa que se desse respeito era capaz de aparecer sozinha nas ruas do bairro chinês de Boston. A senhora Goon Mah, porem, chamava aquilo «rabugices», e nunca se fazia acompanhar ao sair para as compras. Volta e meia, procurava influir no espírito de suas amigas chinesas. Por que razão esperar que os maridos se levantassem da mesa, para comer? Que tal, se, em vez de ficarem fechadas nos seus apartamentos mal arejados, fossem dar uma volta no parque? Conseguiu finalmente persuadir pequeno grupo a acompanhá-la ao parque municipal de Boston. Sentaram-se na relva, desconfiadas a princípio, e depois mais a gosto. Gostaram tanto do passeio que, dentro de poucos dias, se arriscaram a ir a outro parque, muito mais distante. Era verdadeira revolução, e um triunfo indiscutivel para a mulher de Goon Mah.

Mas, sob outros aspectos, a vida em Boston não sorria aos Mahs. As crianças eram perseguidas nas ruas por garotos vadios que se punham a acompanhá-las, dando-lhes apelidos grotescos, e lançando-lhes toda sorte de impropérios. No restaurante, por outro lado, corriam as coisas de mal a peor. E, quando apareceu na mesma rua, bem defronte, outro restaurante chinês muito maior, Goon Mah viu-se obrigado a abandonar o campo. Foi verdadeira tragédia. «Agora,» disse-me ele, «já sabemos que na América nenhum fracasso é definitivo —há sempre como recomeçar. Àquela altura, porem, não sabíamos disto.»

Deixando a família em Boston, conseguiu empregar-se em Hartford. Vários meses se passaram antes que lhe fosse possivel enviar à mulher e aos filhos a quantia necessária para que partissem ao seu encontro. As crianças se mostraram encantadas com a nova moradia, embora a mesma não passasse de uma horrivel casa de cômodos. Ficava em frente a um posto de polícia, e os guardas dentro em pouco se tornaram grandes amigos dos pequenos chineses

que andavam sempre muito limpos, e lhes serviam às vezes de mensageiros.

Numa véspera de Natal, ouviram os Mahs, com surpresa, alguem bater à porta. Era um garboso Papai Noel, cercado de vários agentes de polícia. Trazia uma árvore de Natal, artigos decorativos, e um presente para cada um dos membros da família. «Foi muito gentil da parte deles. Muito mesmo,» comentou Goon Mah.

Em Hartford, os pequenos já não tiveram que enfrentar preconceitos de raça, e se fizeram distinguir na escola. Um dos professores chegou mesmo a dizer: «Se houver um dos Mahs na classe, haverá pelo menos um aluno que respeita o professor, procura ouví-lo atentamente, e tira assim proveito de cada aula.»

«Foi bom que tivéssemos fracassado em Boston,» acrescentou Goon Mah. «Naquela cidade, vivendo como vivíamos no bairro chinês, as crianças teriam ficado muito mais tolhidas, habituando-se a fazer parte de uma colônia.»

Com o tempo, foram prosperando, e tornou-se ele proprietário de um armazem de gêneros alimentícios. Ao terminar o curso ginasial, Margaret matriculou-se numa escola de enfermeiras, e George obteve uma bolsa de estudos na Universidade de Oberlin. Goon Mah e Wong Shee não cabiam em si de contentes: «Os pequenos pareciam bem encaminhados.»

Foi quando novo golpe os atingiu. O banco em que Goon Mah pusera tudo o que possuia, abriu falência. «Desta vez, em todo caso, o desastre não era tão terrivel,» acrescentava, com orgulho, Goon, «porque eu podia tomar dinheiro a crédito em qualquer banco de Hartford. Todos acreditavam na minha palavra.»

Wong Shee, porem, veio em socorro do esposo. Durante todos aqueles anos, guardara prudentemente a soma que o pai lhe dera por ocasião do casamento. Foi lançando mão de tal reserva que Goon Mah recomeçou a vida.

Hoje, possue pequeno restaurante na rua Mulberry, em Hartford. Uma senhora chinesa, de belos traços, toma conta da caixa, enquanto uma jovem recebe os fregueses, falando inglês correntemente, sem nenhum sotaque estrangeiro. Por volta de 3 e meia da tarde, dois meninos chegam da escola, gárrulos e famintos. Todos conversam e riem muito, pois os Mahs se alegram facilmente, como acontece com os que trabalham pelo pão de cada dia, e vivem uma vida simples, mas util.

Em 1942, depois de viverem quase trinta anos em casas de comôdos, pondo de lado algum dinheiro, os Mahs compraram uma casa de oito peças, modesta, mas alegre e confortavel.

Sem que deixem de orgulhar-se da sua origem chinesa, orgulham-se contudo, mais ainda, da sua nacionalidade americana. Foi talvez por isso que, ao procurarem alguem capaz de representar, eficazmente, o americanismo em Hartford na campanha dos empréstimos de guerra, as autoridades não escolheram um membro de uma das velhas famílias americanas. Preferiram escolher Gladys Mah, que pediu umas horas de licença no departamento cirúrgico do hospital em que trabalha, para fazer ver aos americanos como é necessário que todos contribuam para o êxito dos referidos empréstimos.

Achava-me eu com os Goon Mahs, quando estes se reuniram em torno ao rádio, para ouvir as palavras de Gladys. A sua voz chegou-nos aos ouvidos, clara, sonora e intensa ao mesmo tempo. «Os

Estados Unidos, para mim e para os meus, representam muita coisa. Encontramos aquí liberdade, justiça, e a instrução e o saber, acessiveis a todos.»

Goon Mah sorriu à esposa com aquele mesmo sorriso que lhe surgira nos lábios trinta anos antes, ao se desenharem no horizonte as colinas de São Francisco: «Vê,» murmurou, no tom cantante que até hoje conserva: «Eu bem lhe disse que os Estados Unidos eram boa terra.»

Humor do Rádio

(Selecionadas por Earl Sparling)

CHARLIE MCCARTHY disse para uma garota:
«Deixe que eu tire uma fotografia da senhora, Miss Evans. Depois nós vamos para a câmara escura, e vai ter uma *revelação...*»

NBC

—Exijo uma explicação e quero a verdade!
—Escolha. As duas coisas é impossivel.

—Charlie McCarthy, *NBC*

UM fuzileiro naval chegou perto de Zasu Pitts e disse-lhe. «Alô, beleza!» ao que a atriz respondeu, sorrindo: «Já sei porque é que você está dizendo isso. É porque eu passei seis horas num salão de beleza.» E o fuzileiro replicou: «Não. Foi porque eu passei seis meses nas ilhas Salomão...»

NBC

EU ando por uma idade muito aborrecida. Sou bastante moço ainda para sorrir à Hedy Lamarr, mas velho demais para que ela retribua o sorriso...

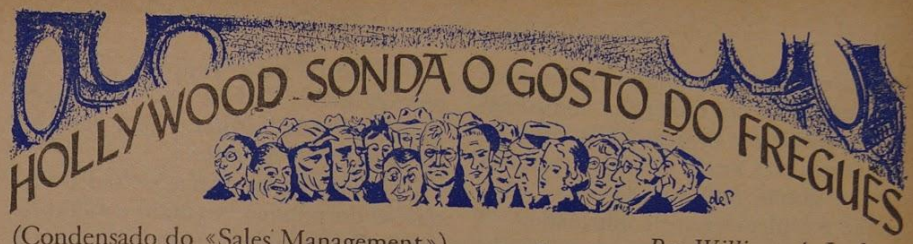
—Fred Allen no *CBS*

—O BLOOMBERG, meu vizinho, deve estar muito rico. Ele economiza 500 dólares por dia.
—Quinhentos por dia! Como é isso?
—Bem, ele toma o trem pr'o emprego todos os dias. No carro tem um cartaz que diz: «Não cuspa no chão: Multa de 500 dólares.» E Bloomberg então não cospe...

NBC

—ESTE serviço de tricô que eu estou fazendo é em benefício dos soldados.
—Ah! É um suéter para um deles?
—Não. Uma roupa de banho pra mim.

Annabella e Milton Berle, *CBS*



(Condensado do «Sales Management») • *Por William A. Lydgate*

Como os estúdios sabem, antes da filmagem, se uma fita vai ser um sucesso ou um fracasso

O DONO do cinema «Roxy», de Nova York, costumava dizer: «O público, depois de ver uma fita, é que sabe o que quer.» Mas várias companhias cinematográficas, entre as quais a RKO, a Columbia e a 20th Century Fox, já dispenderam mais de meio milhão de dólares, para sondar as preferências do público *antes* das fitas serem produzidas, antes mesmo, em alguns casos, de serem adquiridas as histórias a ser filmadas.

A empresa a cargo dessa investigação —a «Audience Research, Inc.», dirigida pelo dr. George Gallup—mantem, em mais de uma centena de cidades norte-americanas, desde as grandes metrópoles como Nova York até as simples vilas como Waukee, que só tem 473 habitantes, agentes locais encarregados de sondar a opinião pública. Esses agentes entrevistam centenas de pessoas, a quem apresentam um resumo das histórias a ser filmadas, perguntando-lhes se gostam, e porque. Os resultados dessas entrevistas representam, realmente, de modo geral, a opinião dos frequentadores de cinemas em todo o país.

Os fãs cinematográficos, através da referida organização, já opinaram sobre mais de mil histórias destinadas à tela, rejeitando mais da metade delas, como indignas de servirem para películas da classe «A». As suas predições relativas aos resultados de bilheteria são sempre confirmadas, com grande aproximação. Os êxitos obtidos pelas fitas *Na Noite do Passado*, *A Morte Dirige o Espetáculo*, *Atrás do Sol Nascente*, *Rosa de Esperança*, e tantas outras, foram antecipados com notavel precisão. Por outro lado, algumas películas, de sucesso relativamente diminuto, como *Eles Sabiam o que Queriam*, foram produzidas a despeito das advertências feitas pela companhia investigadora, advertências que depois se confirmaram.

Bom exemplo do auxílio que essas investigações prestam aos produtores de Hollywood é o caso da fita *Aventureiro de Sorte*, da RKO, com Cary Grant no papel principal. Tratava-se, segundo o original, de um imigrante grego, tipo interessante de jogador, que, ajudando um grupo de senhoras de sociedade a promover uma festa de caridade, desaparece depois com os fundos obtidos. O inquérito revelou que, na opinião dos fãs, a história tinha dois defeitos: representar-se o jogador por um grego, e ser o herói da fita um ladrão que furta numa festa de caridade. Os diretores do estúdio decidiram, assim, fazer as mudanças necessárias: o jogador passou a ser um grego-americano e o roubo passou a ser feito pelos rivais do jogador o qual, como autêntico herói, tenta impedir o furto, sendo

ferido e, afinal, redimido. Com essas mudanças, as investigações indicaram que *Aventureiro de Sorte* teria êxito de bilheteria três vezes maior do que, em média, obtem uma fita da classe «A», o que foi plenamente confirmado.

Os resultados das investigações são resumidos pela companhia num «índice de interesse do público». As fitas da classe «A» têm, em média, como índice, o número 100. Ficou estabelecido que, quando uma película tem um índice 100, segundo o voto da opinião popular previamente auscultada, produzirá uma receita bruta de um milhão de dólares, aproximadamente. Se o índice é de 125, a receita será mais ou menos de dois milhões de dólares, e assim por diante. Por exemplo, *O Demônio do Congo* teve um índice de 121 e *Idílio em dó-ré-mi* de 129; e ambas produziram vários milhões de dólares na bilheteria.

Os inquéritos não somente auxiliam a julgar o valor da história em vista, como no caso de *Aventureiro de Sorte*, mas revelam até que ponto os artistas que deverão tomar parte na filmagem podem despertar o interesse do público pela fita. As histórias podem ser postas a prova, com ou sem os artistas escolhidos para interpretá-las. Quando uma fita da classe «A», com o seu elenco conhecido, revela um índice abaixo da média, os diretores de Hollywood sabem que devem alterar o seu enredo, os intérpretes, ou ambos.

O enredo é geralmente apresentado ao público de forma sucinta. Todavia, com essa descrição reduzida, a empresa de pesquisa pode perfeitamente avaliar o interesse que a fita provocará, porque, em média, as pessoas somente conhecem alguns aspectos gerais da história que vão ver na tela. Segundo parece, os fãs subconcientemente adotam o mesmo ponto de vista expresso certa vez por um diretor de Hollywood, ao dizer: «Quando uma história é boa, pode ser contada em três frases.»

Não há grandes variações nas preferências do público, segundo a sua diferenciação geográfica, nem entre os fãs das áreas agrícolas ou das grandes cidades. As maiores discrepâncias se observam entre as pessoas de idades ou sexos diferentes. As jovens querem ver comédias musicais ou histórias românticas. Os homens, velhos ou moços, preferem as aventuras, as histórias de lances movimentados, e as comédias. As senhoras gostam dos dramas emocionais de amor e casamento.

É curioso observar como os artistas de cinema têm muito mais admiradores do seu próprio sexo. Ficou apurado, em uma investigação, da «Audience Research, Inc.», que 78% das estrelas são mais populares, nos Estados Unidos pelo menos, entre as mulheres do que entre os homens. Somente sete atrizes, na época do inquérito, podiam vangloriar-se de alcançar maiores resultados de bilheteria entre o público masculino: Hedy Lamarr, Betty Grable, Dorothy Lamour, Paulette Goddard, Ann Sheridan, Ann Sothern e Lana Turner. Do mesmo modo, os 13 ídolos cinematográficos preferidos pelos fãs masculinos foram todos homens. O fato pode ser explicado, segundo a companhia investigadora, pela teoria de que o espectador tem a tendência a identificar-se com os personagens das fitas, dependendo o seu interesse, naturalmente, da maior ou menor facilidade com que pode colocar-se na situação desses personagens.

Essa teoria da identificação aplica-se tanto aos papéis que os artistas interpretam, quanto aos próprios artistas.

As mulheres, por exemplo, gostaram mais de Rosalind Russell no papel de Ruth, na fita *Solteiras às Soltas*, do que no papel de Tony Carter, a jovem aviadora da fita *Nuvens da Eternidade*. E isso porque elas facilmente podiam identificar-se com a ambiciosa moça que procura trabalho numa grande cidade, e não com a excepcional aviadora. De fato, as fãs se têm sempre revelado pouco interessadas pelas fitas que tomam a aviação como tema principal, e as histórias que elas mais apreciam são as que mais se assemelham às suas experiências pessoais. Os homens, por sua vez, se interessam pelas histórias que descrevem, não somente assuntos familiares, mas as vidas que eles *desejariam* ter, tais como os dramas espetaculares, que lhes revelam novas experiências, e lhes incendeiam a imaginação. Mostram-se mais indiferentes do que as mulheres, quanto ao aspecto emocional das histórias de cinema, querendo, principalmente, saber o que de fato ocorre, o desenrolar dos acontecimentos, e não o que se possa sentir, vendo uma fita.

Algumas vezes, uma película cinematográfica aparece com elementos tais que agradam aos fãs, dos grupos mais diversos, de todas as idades e de ambos os sexos. Uma dessas películas, que recebeu um alto *índice de interesse* na classificação prévia, foi *Casablanca*, com Humphrey Bogart e Ingrid Bergman nos papéis principais. Tratava-se de uma história em que se conjugavam uma ação movimentada, para homens e jovens, um enredo amoroso, para as moças, e um drama emotivo, para os velhos. Os resultados das investigações indicavam que essa fita produziria lucros excepcionais de bilheteria, pelo fato de combinar tantos fatores de interesse, e realmente produziu um lucro quatro vezes superior ao que rendem, em média geral, as fitas que se consideram da sua classe.

A «Audience Research Inc.», entretanto, não põe em dúvida que o valor intrínseco de um filme não pode ser reduzido a uma simples fórmula. O talento criador pode transformar uma história, admitida como pouco interessante, em motivo de um grande êxito. Por exemplo, o índice de interesse relativo à fita *Como era verde o meu vale*, com Walter Pidgeon, não previu o grande efeito de bilheteria que teve, porque não puderam ser apresentados no inquérito os fatores desse triunfo, tais como a direção, a atuação dos artistas, os diálogos, a fotografia, e a atmosfera geral da história, todos de fato magníficos.

Com o fim de eliminar essa deficiência, a companhia tem levado a efeito uma experiência com pequenas platéias de 30 ou 40 pessoas, em um cinema de Nova York, empregando máquinas elétricas para registrar as reações dos expectadores. Cada pessoa, nessa experiência, tem diante de si um aparelho provido de um mostrador, que o observador move para a esquerda ou para a direita, caso goste ou não das diferentes cenas da película. Os movimentos desse mostrador são registrados pela máquina, e transformados depois em um gráfico, que revela excelentemente os altos e baixos do interesse produzido pela fita. Essas provas se realizam antes dos filmes serem distribuidos para a exibição em público, de modo que o produtor pode filmar novamente as cenas que não pareçam satisfatórias. Dessa maneira, fica estabelecido mais um fator certamente importante de probabilidade.

A maior explosão da História

(Condensado do «American Mercury»)

Por Edmund Gilligan

NA MANHÃ de 6 de dezembro de 1917, a vida, no porto marítimo de Halifax, Nova Escócia, prosseguiu serenamente durante 17 minutos depois de aparecer, a bordo do navio de munições *Mont Blanc*, uma tênue chama azul.

Eram nove horas, e o trabalho havia começado nos escritórios, armazens e fábricas, todo o mundo ocupado com as pesadas tarefas impostas pela guerra. No porto, os cargueiros estavam sendo atracados ao cais, cruzadores e transportes movimentavam-se no ancoradouro, marinheiros encarregavam-se dos embarques de material de guerra.

Repentinamente, no meio da confusão de navios, apareceu um bote salvavidas, tripulado por marinheiros franceses, remando furiosamente para a margem norte da praia. Um segundo bote apareceu, tambem cheio de homens, todos olhando para trás em desespero, a acompanhar, tomados de angústia, aquela tênue chama azul no *Mont Blanc*. Quando o primeiro bote tocou em terra, os marujos saltaram cheios de horror, gritando preces e pragas.

À medida que os marinheiros corriam pelas ruas, sua advertência passava de boca em boca. Algumas pessoas aderiram à aflição dos recem-vindos; outras se apressaram em ir até a beira da água para fazer perguntas aos que vinham pulando de outros botes.

—Está pegando fogo! gritou um canadense. —O *Mont Blanc*. O *Imo* chocou-se com ele. Tem munições a bordo! E tratou de correr.

Neste ínterim, o *H.M.S. Highflyer*, cruzador britânico ancorado nas proximidades, baixou uma de suas embarcações. E, enquanto as chamas apareciam e desapareciam outra vez, o bote atracou num dos lados do *Mont Blanc*. Observadores na praia viram oficiais e marinheiros saltar para o convés, e investir contra o fogo.

Passaram-se dezessete minutos. Uma luz amarelada, não mais grossa que os mastros do *Mont Blanc*, projetou-se para cima vinda do convés, varando o ar até cerca de dois quilômetros. Por um instante, deu a impressão de uma tromba de água. Depois a extremidade superior da chama espalhou-se, e todo o pilar de fogo transformou-se em enorme nuvem cor de púrpura.

Quatro mil toneladas de TNT tinham explodido—a maior explosão jamais ouvida. O *Mont Blanc* desapareceu. Um pedaço da sua âncora, pesando meia tonelada, caiu a uma distância de quase uma légua, depois de ter voado entre camadas de fogo. Chapas arrancadas dos seus porões caíam numa chuva incessante sobre os navios e casas. Imensa torrente, branca e borbulhante, subia do local onde se achava o navio. Gaivotas que voavam muito acima daquele redemoinho ardente, foram transformadas em punhados de carne e penas.

A morte, então, avançou, bramindo

sobre a água. Navios saltavam, libertando-se das amarras, e eram jogados de um lado para outro pelas ondas impetuosas. Oito marinheiros foram cuspidos contra a torre de um cruzador. O capitão do *Imo* e 30 dos seus tripulantes viram-se arremessados no tombadilho pela força da concussão. Apenas os marinheiros que se encontravam no tombadilho inferior, escaparam do enorme globo de gás flamejante que era soprado para a terra. Uma grande pedra subiu do fundo do mar, rodopiou nos ares, e matou 64 estivadores no cais.

Na praia sul do porto de Halifax, fica a aldeia de Richmond, num corredor formado por colinas. A pressão imensa varreu este corredor. Duzentos meninos de escola tiveram apenas tempo para tentar levantar-se de suas carteiras, antes que as paredes da casa lhes caissem em cima. Só três sobreviveram. Os fiéis que se achavam na igreja de São José, olhos voltados para o alto em orações, morreram de igual maneira. Fábricas e ruas inteiras de casas tremeram e ruiram; árvores foram arrancadas do solo, e voaram como se fossem folhas. Pessoas houve que, atiradas contra as paredes e postes telegráficos, tiveram morte horrivel.

Declararam-se incêndios em mil lugares, reunindo-se uns aos outros em imensa fogueira, de onde se exalava o odor caraterístico de carne humana queimada. Deste inferno saíam a correr, tropeçando, cegos e mutilados; cães e gatos; cavalos a galopar desenfreadamente.

Os efeitos da explosão fizeram-se sentir na própria cidade de Halifax, quebrando janelas, rachando paredes, e produzindo uma chuva de vidro. Todos os que puderam, correram para a rua. Viram as chamas e a fumaça, e ouviram os lamentos dos moribundos. Correu a notícia de que um navio alemão estava bombardeando a cidade. Depois, vieram os boatos de um raide aéreo, e muitas pessoas juravam ter visto aviões no céu. O povo, tomado de pânico, corria para o descampado. Cinco mil pessoas se reuniram no parque local.

Em seguida, foi a invasão proveniente do porto. Precedida pelos gritos de dor, uma horda de homens e mulheres esgueirava-se às apalpadelas, como um bando de loucos, pelas ruas da cidade. Escorria-lhes sangue dos rostos. Crianças, feridas e ensanguentadas, guiavam os pais, que haviam perdido a vista. Uma mulher carregava o corpo decapitado do filhinho. Dezenas caíam para morrer.

A cessação das explosões fez Halifax voltar à calma. Mensageiros foram mandados pelas estradas de rodagem e de ferro para contar ao resto do mundo o ocorrido. As pessoas que tomavam café na ilha Prince Edward, 125 milhas distante, viram dansar os pratos, e navios que navegavam a enorme distância sentiram a explosão.

O trabalho de socorro prosseguia, enquanto os bombeiros, auxiliados por voluntários, iniciavam a grande tarefa de exterminar as chamas. Os mortos eram colocados nas calçadas, empilhados como lenha. Quando os carros se retiraram do incêndio e da fumaça, cheios dos cadáveres semi-nus das operárias, das crianças e dos marinheiros atirados no porto pelos tremendos vagalhões causados pela expansão do ar, a lista de mortos se elevava a mais de dois mil. Os feridos eram mais de vinte mil. De cerca de quinhentas pessoas, não se teve qualquer notícia.

A noite desceu sobre a cidade, iluminada apenas pelas tochas e lanternas.

Os cirurgiões operavam à luz pálida das lamparinas. A noite inteira os carros conduzindo mortos rodavam naquela zona cheia de fumaça, e paravam nas escolas e outros edifícios públicos que serviam de necrotérios.

Mas não parou aí a série de infortúnios. Sobre a cidade já tão duramente atingida, caiu a peor tempestade registada na sua história. Ventos gelados quase imobilizavam os trabalhadores do serviço de socorro, e a pneumonia apressou a morte dos feridos.

Já agora, mobilizava-se o mundo todo, num extraordinário esforço para prestar assistência. Trens especiais partiram de Nova York com suprimentos médicos, víveres e facultativos. Todos os estados da Nova Inglaterra, a Nordeste dos Estados Unidos, fizeram idênticas contribuições. Um navio foi carregado em Boston, e o número de doadores foi tamanho que se chamou a reserva da polícia para manter a ordem. O Governo Canadense tambem despachou suprimentos e operários. Infelizmente, porem, todo esse pessoal chegou apenas a tempo de abrir grandes covas.

Qual foi a origem da explosão? Eis a versão geralmente aceita:

Quando o *Mont Blanc* entrou na barra, aquela manhã, vindo de Nova York, ia saindo o *Imo*, grande navio norueguês de cerais. Vários outros navios movimentavam-se no canal, e, na confusão dos sinais, o *Imo* encaminhou-se diretamente para o navio de munições. Quando os dois se chocaram, a proa do *Imo* entrou no *Mont Blanc*, e daí resultou que virasse um tambor de benzol. Algumas pessoas afirmam que do choque do aço contra aço saiu uma fagulha; outros insistem que os franceses tinham fogo aceso no castelo de proa. De qualquer maneira a chama fatal apareceu.

A questão que se seguiu foi levada ao mais alto tribunal do Império Britânico, o Conselho Privado, que opinou pela culpa de ambos os navios. Alguns homens licenciados foram suspensos; oficiais perderam seus postos. E encerrou-se o processo.

Mas os oficiais e marinheiros do *Highflyer* ofereceram um exemplo de bravura que será sempre lembrado na história. Viram o que tinha acontecido, e não ignoravam qual a carga do *Mont Blanc*. Entretanto, três oficiais e vinte marinheiros foram até lá para lutar contra as chamas. Ninguem sabe quão perto eles estiveram da vitória. Mas a sorte lhes foi adversa e dissolveram-se naquele mundo de gás.

Solução do problema dos relógios

(Vide página 50)

¶ Meu amigo chega primeiro, e eu perco o trem. Farei o possivel por chegar um pouco antes das 4 e 5 pelo meu relógio; mas 4 e 5 pelo meu relógio são, na realidade, 4 e 15, pelo horário do trem. Meu amigo tentará chegar um pouquinho antes das 3 e 50 pelo seu relógio; mas 3 e 50 pelo seu relógio correspondem a 3 e 45, na realidade.

Bombardeios que se ensaiam na Florida

(Condensado do «American Legion Magazine») *Por Francis Vivian Drake*

O primeiro relato acerca de um centro tático secreto, onde as forças aéreas resolvem problemas vitais de combate

Os vôos de bombardeio penetram profundamente a Alemanha. Poderosas Fortalezas Voadoras e Liberators, com suas tripulações em regime de respiração artificial, voam a uma altura superior a 7 quilômetros, sob um docel de tênues rastos de vapor dos Thunderbolts e Lightnings da escolta. O alvo está quase à vista: fábricas que os nazistas têm que salvar, se acaso pretendem acumular armas suficientes para resistir à futura invasão aliada.

Subitamente, a Luftwaffe surge no céu, à frente dos aviões, e ataca a formação de bombardeio com aviões de caça arrebanhados por toda a Europa. A aviação alemã emprega atualmente um estratagema novo, uma surpresa complicada. A primeira vaga dos aviões de caça alemães ataca a escolta dos aviões de bombardeio; a segunda mergulha sobre estes, e ataca-os de cima e de frente; ao mesmo tempo, a terceira, a dos aviões foguetes, aproxima-se como uma coluna de infantaria. No último instante, estes aviões afastam-se para os lados, deslisando em curvas suaves, e lançam uma barragem de projeteis-foguetes contra os aviões de bombardeio.

Essa manobra é mais do que simples inovação; constitue expediente rápido e mortífero. Ao darem por terminada a destruição das fábricas nazistas, as nossas esquadrilhas tinham perdido 60 aviões pesados de bombardeio e 600 homens treinados; e isto porque a sua formação não estava adaptada à nova técnica do ataque.

Como é evidente, há que estudar uma defesa para as futuras missões de bombardeio. Não são, porem, as tripulações de combate que de tal se encarregam; elas sofrem tanto durante as batalhas, que não seria justo submetê-las a vôos de treinamento nas horas de folga. Por isso, ao cair da noite, dois pilotos das Fortalezas voam sobre o Atlântico, a caminho do AAFTAC (Centro de Tática da Aviação do Exército), na Florida.

Neste local extraordinário encontra-se reunido um grupo de habeis combatentes do espaço, cuja função é superar o inimigo em idéias, intuição, concepção de manobra e espírito combativo, qualquer que seja o ponto do globo em que ele surja. As suas ordens encontra-se uma força aérea equipada com todos os recursos da guerra no ar.

Seja qual for o ponto em que o problema se apresente, não é necessário muito tempo para que os peritos do AAFTAC, auxiliados pelas testemunhas trazidas do local da cena em avião, comecem procurando a solução. O método, que se adotou para inutilizar a tática alemã, demonstra a importância vital que o AAFTAC tem para os teatros aliados de operações.

Vinte e quatro horas depois da Luftwaffe ter posto em prática a sua surpresa, dois pilotos das Fortalezas pousavam na Florida e descreviam, com toda a minúcia, os detalhes do combate da véspera sobre a Alemanha. Nessa mesma noite, elaboraram-se as ordens de combate, e, na manhã seguinte, os grupos de bombardeio do AAFTAC recebiam uma cópia exata das últimas instruções dadas 48 horas antes aos seus camaradas na Inglaterra. Ao longo da rota planejada, exercitou-se um grupo de esquadrilhas de caça nos diversos detalhes do novo método de ataque da Luftwaffe.

Os aviões de bombardeio levantam vôo. Os caças «inimigos» atacam-nos. Reproduzem-se as formações de vôo e as diferentes táticas utilizadas por ambos os lados no combate real. Entretanto, os aparelhos cinematográficos da aviação vão registando todos os movimentos, e o comandante do Centro Tático observa as diversas fases, à medida que estas se desenvolvem.

As discussões começam logo que a batalha simulada terminou. O problema é atacado por todos os lados, algumas vezes nas salas de projeção, mas outras, mais frequentes, nas camadas diáfanas do espaço, onde os aviões de bombardeio se deslocam pacientemente, em formações sucessivas, na atitude estranha de grandes monstros, que na guerra aérea significa vitória ou derrota.

A tarefa é rápida e perigosa. Quando os Thunderbolts e Mustangs se «atiram» aos grupos de bombardeio, suas velocidades combinadas excedem 1.000 quilômetros à hora. Em certos casos, as esquadrilhas de caça precipitam-se do alto sobre os aviões de bombardeio, descrevendo uma trajetória vertical em que cada avião de caça tem que se «enfiar» entre as pontas das asas das Fortalezas voando lado a lado.

Finalmente a resposta surge. Concebem-se novas formações que sufocam cada avião de caça inimigo numa calota de «fogo» das foto-metralhadoras. Telegrafa-se a solução para a Inglaterra, e aí se verifica e reverifica, antes de submetê-la à dura experiência do combate. Amanhã, a surpresa desagradavel será para a Luftwaffe.

Tudo isto carateriza os métodos utilizados pelo AAFTAC na solução dos problemas emanados dos diferentes teatros de operações.

A grande distância do Centro, na zona longínqua dos seus grandes polígonos de bombardeio, os engenheiros constroem reproduções dos ninhos de metralhadoras e casamatas japonesas de Tarawa, que impuseram aos Fuzileiros Navais as baixas mais pesadas da guerra. Os técnicos repetem, uma a uma, as fases da heróica investida, tentando descobrir o meio de reduzir as perdas no próximo ataque. Dia após dia, os aviões de bombardeio, médios, pesados e de mergulho, martelam sem cessar os alvos indestrutiveis com várias combinações de altos explosivos e substâncias incendiárias. Os bombardeiros desses aviões e os oficiais das forças terrestres vieram diretamente do Pacífico para a AAFTAC; são eles que põem em cena este inferno como preparativo de desembarques vitoriosos noutras ilhas.

E não se diga que o sistema não provou brilhantemente. Ao passo que o nosso primeiro desembarque nas Ilhas Gilbert custou 4.000 baixas, no total das operações nas Marshall não houve mais que 286 mortos e 1.148 feridos.

O AAFTAC forneceu as praias em que se ensaiaram os desembarques da Sicília, e foi perto dessas mesmas praias

que Eglin Field estudou as técnicas do bombardeio que custaram ao Japão a grande derrota do Mar de Bismarck, na qual perdeu 22 navios, 55 aviões e 15.000 homens, apenas com o sacrifício de três aviões aliados.

Quando o Alto Comando de Washington decidiu ser necessário destruir importante fábrica alemã de alumínio, os grupos de bombardeio do AAFTAC conceberam a técnica adequada. As fábricas americanas de alumínio, algumas situadas a mais de 1.500 quilômetros do AAFTAC, serviram de alvo aos «ataques» em grande escala das Fortalezas e dos Liberators, munidos de dispositivos engenhosos que registavam exatamente os locais em que deviam cair as poderosas bombas.

Depois de cada missão, funcionários da fábrica de alumínio «esmagada» sugeriam métodos para se obter uma destruição ainda mais completa. Depois, uma vez conseguido e aperfeiçoado o efeito máximo, os bombardeadores mais habeis foram transportados de avião para Inglaterra. Um mês depois, a maior fábrica de alumínio da Europa deixara de existir.

O AAFTAC, com seus campos de vôo auxiliares, cobre uma área quase igual à da Sicília. Alem da função de análise dos problemas de combate, ela funciona como centro experimental para as inovações da aviação. Durante o seu estágio no Centro Tático, a torrente de tripulações que se utilizam nas experiências faz parte da Força Aérea de Demonstração. Os comandantes de todos os grupos de combate dos Estados Unidos enviam seus homens mais habeis para o AAFTAC, afim de receberem o último aperfeiçoamento, antes de seguirem para as linhas de frente. As novidades mais recentes do tiro aéreo, os últimos progressos dos visores de bombardeio, e as técnicas mais completas dos vôos de bombardeio, tudo isto se ensaia e experimenta com engenhoso realismo. Milhares de moços adquirem agora, somente à custa de trabalho árduo, a mesma prática que ainda há um ano se conquistava exclusivamente em plena batalha, com sacrifício de vidas preciosas.

O pessoal que constitue as tripulações da Força Aérea de Demonstração executa missões de vôo a grande distância sobre o Mar das Antilhas indo por vezes até ao México e à América do Sul. Noutras ocasiões, pousam numa faixa de aterragem talhada na selva, abastecem-se com combustivel dos barrís de aço, dormem nos próprios aviões, e alçam vôo na manhã seguinte, tal como fariam no sul do Pacífico. Nas bases da sede, vivem em barracas camufladas e em covas-abrigos dispersas pelos bosques da Florida, e invisiveis do espaço.

Seus comandantes não são muito formalistas. O moço, que desenha um diagrama perante a tripulação atenta de um avião de bombardeio, não tem gravata, sua camisa está aberta no pescoço, e parece que se esqueceu de se barbear pela manhã. Só sabemos que possue no seu ativo longa lista de Zeros abatidos, navios de guerra destruidos, e missões de combate executadas, porque o vimos no posto de comando ostentando três ordens de fitas sobrepujadas pela Medalha de Honra do Congresso.

O principal campo de aviões de bombardeio do AAFTAC fica a cerca de 30 quilômetros da localidade mais próxima, o que desanima os visitantes. Parte-se do princípio de que os que vagueiam pela estrada são japoneses ou alemães, e as sentinelas adotam o sistema de disparar primeiro, e explicar depois...

Os campos de vôo dos aviões de bombardeio e de caça do Centro são sujeitos a «ataques» constantes dos grupos de bombardeio de todo o sudoeste dos Estados Unidos. Não se trata evidentemente de estabelecimento para repouso, e alguem ouviu um veterano recemchegado da Oitava Força Aérea declarar que desejava voltar para a frente de combate, afim de gozar um pouco de descanso.

Como o trabalho do AAFTAC é extremamente prático, com resultados evidentes, sua influência já está atingindo os altos postos de comando.

Por tudo isto, parece não haver dúvida de que no fim da guerra, enquanto muitos estabelecimentos militares serão dissolvidos, o AAFTAC não sofrerá o mesmo destino. Converter-se-á provavelmente na futura Escola Superior de Guerra dos Estados Unidos.

As pequenas ironias cotidianas

¶ Na Universidade de Prínceton, um instrutor dava aulas a um grupo de futuros oficiais dos Fuzileiros Navais norte-americanos. Certo dia anunciou-lhes que iriam fazer uma sabatina escrita, da maior importância, tanto assim que os que fossem reprovados seriam provavelmente eliminados da Escola de Treino, e enviados imediatamente a uma das mais perigosas frentes de batalha. Ouvindo isso, quatro dos alunos pularam de suas cadeiras e apresentaram seus papéis em branco...

W. D., no *Collier's*

¶ O dr. C. L. Spencer estava em Washington, de partida para um estado do sul, onde iria fazer uma conferência. Chegando ao aeroporto, disseram-lhe que sentiam muito, mas teria que ceder seu lugar no avião a um oficial do exército que tinha prioridade. Diante do inevitavel, Spencer mandou cancelar a conferência, seguiu para Boston (onde mora), e depois veio a saber que o referido oficial, a quem dera seu lugar no avião, fora ao sul justamente para ouvir a tal conferência...

—*Time*

¶ No verão passado, o gerente de grande companhia em Nova York, desejando estimular a energia e a rapidez no trabalho dos funcionários da firma, mandou pregar pelos escritórios vários cartazes que diziam, simplesmente: Não deixe para amanhã o que puder fazer hoje. Sabedor do fato, um reporter foi visitá-lo, indagando dos resultados dessa iniciativa: «Qual foi a reação dos seus funcionários?» E o gerente, profundamente acabrunhado, sacudiu lentamente a cabeça, respondendo que nem queria falar mais no caso. «Imagine o sr. que o caixa deu um desfalque de 4.000 dólares; o primeiro contador fugiu com a melhor datilógrafa da companhia; tres moças pediram aumento de ordenado; os operários da fábrica fizeram greve, e um dos contínuos entrou para a Marinha!» Não deixe para amanhã...

Sid Ascher, na revista *Caravan*

Podemos ensinar os meninos a viver

— XII —

Contorne os obstáculos

Em criança eu tinha a preocupação de não desanimar ante as dificuldades que se me apresentavam. Mas queria vencê-las fosse como fosse, a ferro e a fogo. Como nem sempre os meus métodos violentos tivessem êxito, mergulhava em pranto.

Debalde, por diversas vezes vovôzinho me procurara aconselhar, mostrando-me o erro. Um dia, estávamos sentados à margem de um pequeno rio, e ele voltou à carga:

«Repara, minha filha, este riacho. O seu ideal é correr, até onde possa descansar suas águas. Mas seu curso nem sempre é tranquilo. Não são poucos os obstáculos que encontra: pedras, elevações de terreno, troncos e galhos de árvores. Mas ele não se detem, nem se atira cegamente contra as barreiras; ao contrário, procura primeiramente ver se as subjuga; não sendo possivel, contorna-as e segue sua jornada com a mesma serenidade. É assim que você deve proceder tambem, para vencer na vida.»

Calaram-me no espírito as boas palavras de vovô. Ainda hoje me valho com êxito da sua lição, nos momentos difíceis.

—Juacy Aparecida Trindade Dupas, São Paulo.

O balde de água

Quando meninote, era muito inconstante e preguiçoso. Faltava-me persistência, inclusive para o estudo.

Um dia meu avô chamou-me, e, mostrando-me no soalho enorme vasilha cheia de água, colocou na mesma uma pera, muito lisa, que ficou a flutuar. Disse-me então: «Procure apanhá-la com os dentes, sem o auxílio das mãos.»

Atirei-me à tarefa, que me pareceu no início até divertida. Mas aos poucos fui cansando, e acabei por desistir sem lograr o objetivo. Meu avô, porem, incitava-me a tentar novo esforço. E, ao cabo de algum tempo, conseguí pegar a fruta, entregando-lha não sem certo orgulho.

Vai ele e me diz com a sua simplicidade: «Você viu como é agradavel a sensação que teve ao vencer? Se quiser ter impressões iguais, na vida, precisa persistir sempre!»

A lição impressionou-me profundamente, e hoje toda vez que me sinto inclinado ao desânimo, lembro-me daquela experiência, e atiro-me para a frente com redobrados esforços.

—Jorge A. Bacila, Paraná

Música ou lavanderia?

Quando Margarita de Villamonte ficou viuva, era muito pobre e tinha uma filha. Teve pois que trabalhar duramente para sustentar-se e a pequena.

Ao chegar Flora à idade de estudar música, a mãe redobrou de esforços para custear-lhe as despesas. Mas logo notou que a menina se aborrecia e cansava com os exercícios, e só a força de rogos e ameaças a fazia estudar.

Já desanimada, a mãe um dia imaginou um plano:

—Você está cansada do estudo de música, minha filha. Então deixe o piano. Venha cá me ajudar a lavar esta tina de roupa. De hoje em diante você

será lavadeira. Não te obrigarei mais a estudar música.

Trabalharam a tarde toda. De noite Flora estava com as mãozinhas arroxeadas devido à água e ao sabão.

Quando terminaram a ceia, a menina, quase em prantos, disse à mãe:

—Mamãe, eu quero estudar muito piano; nunca mais me canso de estudar as lições.

—Está bom, querida. Se estuda até chegar a ser professora, não te pedirei que seja lavadeira; sua mamãe se esforçará por você e você se esforçará para dominar a música.

Hoje Flora é uma grande musicista.

—Elvira R. de Tabuenca, Argentina.

Não há palavras mágicas

FUI, EM PEQUENA, uma menina muito estabanada. Num só dia conseguira quebrar a tesoura de mamãe, arrancar os cabelos de minha boneca ao trepar numa árvore com ela ao colo, e finalmente quebrara um prato valioso ajudando a enxugar a louça. Depois de cada um desses desastres, corria para mamãe e dizia depressa: «Desculpa, mamãe,» crente de que, pronunciando esta senha mágica, teria completa absolvição.

No dia seguinte aconteceu-me derramar café na toalha da mesa. «Desculpa, mamãe,» disse eu logo. Mas mamãe, tomando uma toalha, enrolou-ma na cabeça como um turbante; entregou-me a vareta de vidro do secador de toalhas e me disse:

—Você agora é um mágico com uma varinha de condão. Diga as palavras mágicas: «Desculpa, mamãe,» dez vezes sobre aquela mancha de café.

Eu repetí as palavras, enquanto o resto da família se ria de mim às escondidas. Ao terminar, perguntou minha mãe muito séria: —E a mancha? Desapareceu?

—Não, disse eu quase chorando. —E não podia desaparecer mesmo que eu dissesse mil vezes «Desculpa».

—Então é porque não é uma palavra mágica, e é isto mesmo que eu queria que você ficasse sabendo. Um «Desculpa» não pode fazer desaparecer uma mancha que *dois segundos de atenção teriam evitado.*

E minha mãe não precisou mais repreender-me por meu estouvamento. Quando às vezes começava a querer esquecer a lição, encontrava, à noite, o turbante e a varinha de condão sobre meu travesseiro.

—Ruth K. Forinash, Estados Unidos

¶ Os amigos que mais nos estimulam são aqueles que discordam de nós. Devemos sempre acatar-lhes as idéias, e ponderá-las bem—não para que nos convertam, mas afim de que, à luz das certezas alheias, nos seja dado buscar, com maior proveito, a base de nossas próprias convicções. Temos uma tendência para elevar à categoria de crenças uma mistura desordenada de tradições, e é necessário submetê-las periodicamente a novos exames, sob o estímulo do ceticismo de nossos semelhantes, para melhor separarmos o joio do trigo.

—Cornelia James Cannon, no *Atlantic Monthly*

¶ *Estudo dos singulares traços e aspirações nacionais, por cuja preservação lutam hoje os americanos*

São diferentes os americanos?

(Condensado de «The American: The Making of a New Man»)

Por James Truslow Adams

TENHO andado à procura de uma resposta à pergunta: «Que é um americano? Porque é ele diferente dos homens de qualquer outra nação?» Porque o americano é diferente. Como o qualificou o observador francês Crèvecoeur, ele é «um homem novo».

Mais do que isso, está-se tornando um fator cada vez mais importante para o futuro da humanidade. Com que se parece o americano e o que pode fazer, são, pois, problemas de importância atual para todos.

A primeira coisa a notar sobre o americano é ser uma combinação de elementos heterogêneos. Há quase 135 milhões deles e, excetuada talvez a Índia, temos aquí, sob um só governo, maior número de agrupamentos de raças e línguas diferentes que em qualquer outro lugar. Em 1930, perto de um terço da população estadunidense nascera no estrangeiro ou era de pais estrangeiros. Mesmo entre as mais velhas famílias americanas são constantes as uniões matrimoniais com estrangeiros de recente naturalização. E o que mais é: um americano, no verdadeiro sentido da palavra, pode não contar mais de uma dezena de anos de América. Assim é que somos bem mesclados, e mistas, por conseguinte, são também as nossas caraterísticas.

Há, porem, em linhas gerais, alguns traços predominantes do americano. É, por exemplo, tradicionalmente presunçoso e cheio de si. Sabe ser independente como ninguem mais no mundo, e indiferente às convenções e distinções sociais. Essa atitude remonta aos dias da formação dos Estados Unidos. Em Washington, segundo uma crônica antiga, «os embaixadores estrangeiros vêem-se seriamente apoquentados com o problema da criadagem. Não há americano que concorde em vestir libré, e nem há motivo para que um americano o

★ ★

JAMES TRUSLOW ADAMS—ex-corretor da Bolsa de Nova York, e, durante a Primeira Grande Guerra, oficial do serviço de informações, designado para servir junto à Conferência da Paz,—tornou-se depois um dos mais distintos historiadores contemporâneos da América. Nas suas obras *The Epic of America* (A Epopéia Americana) e *The March of Democracy*, revelou com grande brilho os ideais que construiram o seu país. De seu último livro, *The American*, diz Gerald W. Johnson, no *Herald Tribune* de Nova York: «Não conheço outra obra que apresente em tão poucas páginas uma narração tão lúcida das principais forças que modelaram a vida do povo dos Estados Unidos.»

faça. São forçados a tomar domésticos estrangeiros, que por sua vez deixam o serviço tão cedo possam arranjar qualquer emprego que não requeira libré.»

Os livros do século XVIII deixam entrever muitos desses traços em embrião, que denotam o crescimento de uma democracia: aversão à autoridade, desejo de vencer na vida, e vencer a seu próprio modo, e acima de tudo de dispor de sua pessoa conforme entender, com o mínimo possivel de interferência alheia.

No período de sua formação, os americanos não teriam tido muito que fazer com planos, burocratas ou arregimentações. Uns eram ambiciosos, outros indolentes, mas cada qual encontrara um mundo em que era livre de ser o que escolhera, ou o que a fortuna o fizera. Ao lado dos destemidos e dos heróis, a fronteira tambem criava desherdados e vagabundos, mas toda a América criou homens que queriam viver ao seu belo prazer, e o único governo que desejavam, se é que desejavam um governo, era o que lhes desse liberdade para isso ou colaborasse nesse sentido. Qualquer governo que lhes atasse as mãos, ou lhes limitasse as oportunidades, estava condenado.

Esse espírito está bem resumido na observação de um homem da Nova Inglaterra a alguem que se gabava de muito civismo, e contava como trabalhara para conseguir na sua aldeia regulamentos que forçassem os indivíduos a fazer isto ou aquilo, passando a constituir uma comunidade modelo. Ao que respondeu o outro: «Pelo que vejo, você deve ter perdido um tempo infernal a meter o nariz onde não era chamado.»

A grande maioria dos colonizadores que para aquí vieram pertenciam às classes pobres e às camadas mais baixas da classe média. Temperados pelos rigores da vida no Novo Mundo, e ao mesmo tempo tendo de contar consigo mesmos, longe da Europa onde cada um «conhecia seu lugar», foram perdendo toda consideração pelo estado social. Assim é que um burguês da Virgínia, sem estar embriagado, era bastante capaz de chamar cara a cara a Lord Baltimore de mentiroso, e ameaçá-lo de pancada; e, mais tarde, P. T. Barnum, ao lado de Tom Thumb, conversava com a Rainha Vitória no Palácio de Buckingham com a mesma naturalidade com que falaria com uma senhora de sua cidade natal. Tais atitudes são bem caraterísticas de todo americano.

O PASSADO pouco significa para o americano, acostumado a tirar do presente o maior partido possivel, sem nunca perder de vista, entretanto, o futuro. Funda, é verdade, inúmeras sociedades históricas e prega placas comemorativas pelos muros de suas aldeias. Não deixa, contudo, de se desfazer de moveis, prédios e tudo o mais, a qualquer momento, se lhe parece ter encontrado algo melhor e mais novo.

O americano é antes de tudo o homem que ama as coisas mecânicas e as novidades. Adora as invenções que poupam trabalho; que, se por um lado lhe economizam esforço ou à sua mulher, por outro o fazem trabalhar muito mais para ganhar o dinheiro que as comprará. Quer que seu automovel e tudo mais na sua casa e escritório seja do «melhor» e do mais moderno.

Isso se pode atribuir, ao que me parece, à influência da fronteira. Na América, há três séculos que vêm nascendo constantemente comunidades e lares novos em folha, que se podem dar ao luxo de adquirir o que há de mais moderno sem pensar em aproveitar coisas velhas. Resulta daí haver sempre modelos do que há de mais aperfeiçoado, para os outros admirarem e invejarem. Por volta de 1890, um tio meu que voltava da recem-fundada cidadezinha de Cheyenne não poupou escárneos a Nova York que era iluminada a gás, e tinha bondes de burro, enquanto Cheyenne já possuia bonde e luz elétricos. Por aquele tempo, a pequenina Cheyenne podia rir-se da grande Nova York, que acabaria por imitá-la.

Uma das circunstâncias caraterísticas dos Estados Unidos, e fundamental na moldagem do povo americano, é que não houve uma só fronteira a demarcar, mas uma série delas em contínua expansão, cuja influência vinha repercutir sobre os núcleos coloniais antigos. Nisto a nossa história é diferente, pelo menos em proporção, da de qualquer outro povo. Isto explica Babbitt com o seu amor às coisas mecânicas, a senhora Babbitt com o seu aspirador de poeira e outras máquinas para facilitar o trabalho doméstico, com todos os efeitos daí decorrentes para a mulher, e tambem explica o grande desenvolvimento industrial dos Estados Unidos.

NA AMÉRICA do Norte, a mulher elevou-se a uma eminência quase incrivel. É o bezerro de ouro desta terra. Não há outro país onde a mulher faça o que quer como nos Estados Unidos. O homem tem papel secundário no lar, na vida social, e até mesmo, em grande parte, na vida cultural. A princípio o homem americano colocou a mulher num pedestal em virtude da simples lei da oferta e da procura. Através de toda a nossa história, em um núcleo após outro, de fronteira em fronteira, desde Jamestown até a Califórnia, era frequente haver muito poucas mulheres em relação ao número de homens. Daí a grande competição de que eram objeto as mulheres, e o alto valor que se lhes dava. Era de ver quem mais se esmerava em cortejá-las.

Se a mulher se manteve no seu pedestal, e foi mesmo colocada ainda mais alto, isso se deve ao fato dela ter secundado o homem e enfrentado com ele os perigos e provações da vida de pioneiros. Sua fama começou por ocasião das lutas com os índios em Jamestown, quando um grupo de mulheres desarmadas defendeu seus lares contra os selvagens. Hoje, é longa e nobre a lista das pioneiras que desde então se destacaram pela bravura.

Há, porem, outras formas de coragem alem da que é necessária para repelir índios ou enfrentar tragédias como a do lago Donner ou do Vale da Morte. Para a maioria, é o exhaustivo trabalho doméstico; é ter filhos e criá-los nas condições mais dificeis; é desfazer o velho lar para começar um novo lá onde as matas têm de ser derrubadas e a terra virgem desbastada, antes mesmo de se recomeçar a vida; e é a solidão absoluta das florestas e das planícies imensas.

Ainda não se contou a história da solidão americana e de sua influência multilateral sobre os americanos. Um de seus efeitos é a satisfação com que se acolhe um estranho, satisfação essa incompreensivel para os povos das antigas comunidades do Velho Mundo. A chegada de um forasteiro não era uma

intromissão desagradavel num círculo fechado. Era um acontecimento que talvez viesse quebrar um silêncio de semanas, e que alegrava a todos. A hospitalidade americana, que de tão calorosa chega a confundir os estrangeiros, é filha desta solidão.

Vem daí ser talvez o americano a pessoa mais sociavel do mundo. Gosta de conversar com estranhos, e não receia que uma conversa de acaso, num trem ou vapor, venha tornar-se mais tarde uma obrigação social. Tende a ser expansivo na conversa, não hesitando em falar de si mesmo, de seus negócios e de seu país—que considera o melhor do mundo. Gosta de pilhérias e provavelmente preferirá as suas às do interlocutor. Seus gracejos baseiam-se antes no exagero que nas reticências dos ingleses. Bom exemplo disso temos na história do matuto que disse ter visto duas marmotas atiradas ao ar, a uma altura de 7 m., por uma tempestade de areia, «cavando desesperadamente para voltar ao solo.»

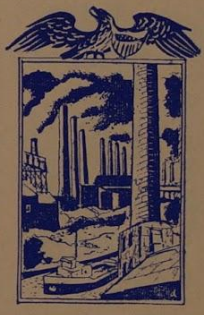
Suas piadas refletem o seu amor à grandeza. O velho conceito do «maior e melhor» ainda o domina fortemente. Orgulha-se das dimensões das frutas nacionais, das barragens que construiu, de ter as maiores estações ferroviárias do mundo, e de seus arranha-céus. Ao mesmo tempo, ainda o encantam as tradições rústicas; e a cidade pequena, com suas reuniões na varanda, sua comunicabilidade e suas maneiras simples, talvez ainda seja a coisa mais característica dos Estados Unidos.

DIZ-SE que o americano não se interessa pela arte. Contudo, boa parte das obras de arte do Velho Mundo está hoje resguardada na América, em museus e coleções particulares, e assim preservada para o futuro, e o americano sem aptidão artística está igualando o que há de melhor no mundo em literatura, pintura e escultura, e superando a todos em arquitetura. A ciência dos americanos tem fama de ser apenas prática, e, no entanto, os seus laboratórios de pesquisas, construidos em geral pelas «sociedades anônimas sem alma», estão na vanguarda, e, por uma estranha contradição, os americanos levam a palma na ciência menos prática de todas—a astronomia.

A atitude do americano para com o dinheiro é diferente da de quase todos os outros povos. Suas oportunidades nesse terreno eram outrora tão grandes, as riquezas naturais do país tão vastas que o americano passou a ter do dinheiro um conceito inteiramente novo. Ganhá-lo é quase uma distração, e, depois de ganho, por ter sido tão facil, não é uma coisa para juntar, mas sim para ser gasta ou dada. Tem conciência de não ser um cauira; sabe dos milhões que Carnegie deu às Ilhas Britânicas, sabe que os americanos reconstruiram a biblioteca de Louvain destruida pelos alemães, que os Rockefeller deram dezenas de milhões a muitos paises, que contribuiram para a construção da universidade de Londres, puseram novo teto no palácio de Versalhes, e despejaram dezenas de milhões por outras nações em auxílios de toda sorte em tempos de paz.

Esta prodigalidade é típica, e se estende a outros domínios. Sabe, por exemplo, que enormes são os desperdícios na administração pública, e frequente o suborno; mas tem muito que fazer, e acredita que, ao fim de contas, dará tudo certo, de um ou de outro modo. Afinal, ele mesmo sempre foi desperdiçado, quer com suas terras e florestas, quer no lar.

Um dos traços predominantes do americano é a facilidade com que tenta a sorte. Se confia demais em que Deus protege os crianças, os bêbedos e os americanos, os acontecimentos têm repetidas vezes confirmado essa crença. Em 1848, por exemplo, o México cedeu aos Estados Unidos, em troca de uma pequena soma, não só o Texas, mas tambem extensa região que abrange a Califórnia. Oito dias antes de assinarmos o tratado, e sem que o governo americano o soubesse, descobriu-se ouro na Califórnia. Seguiu-se a isso uma das corridas mais espantosas da história. Homens de todas as classes e profissões, do clero e da nobreza, marinheiros e homens de negócios, lavradores e operários, foram para a Califórnia tentar a sorte. Ao fim de um ano havia alí 92.000 pessoas, e por volta de 1860 a população subira a 380.000. As condições eram fantásticas. Em menos de quatro anos, depois de sua constituição, a *Pacific Mail Company* carregou nos seus barcos, de São Francisco para Nova York, perto de 122 milhões de dólares em ouro. Dentro da Califórnia, os preços não tinham a menor importância. Um baralho de cartas custava 5 dólares, um jornal um dólar. Os trabalhadores ganhavam de 20 a 30 dólares por dia, e os garimpeiros afortunados podiam tirar de 100 a 1.000 dólares num dia, com sua batéia.



Muitos dos que foram à costa não encontraram ouro, ou encontraram muito pouco, mas a «sorte» continuava a tentá-los, e havia muita, muita pressa. Grandes correrias, todo o mundo jogando para ganhar milhões, agitação intensa, dispêndio de energias sem conta, e a exaltação de quem constrói um império. Esse era o ar que se respirava na América. Nada de «seguros sociais», pois o que se buscava era a aventura, a liberdade, uma oportunidade de enriquecer da noite para o dia. Foi esta uma das influências preponderantes na formação do carater americano.

Nos paises velhos, onde as oportunidades são limitadas, quando um homem ganha um pouco mais, hesita em tentar a sorte, porque, se fracassar, jamais pode reaprumar-se. Nessas condições, o insucesso traz consigo um estigma. Na América, pode dizer-se que tal estigma não existe. Tropeça-se, tenta-se outra coisa, e muita vez se recomeça a vida em ramo inteiramente diverso.

Faz parte do populário americano esta história que sei verdadeira. Um homem de destaque de uma cidade do oeste mandara chamar um bombeiro, que chegou tão embriagado que a senhora queixou-se dele ao patrão, e o homem foi despedido. Foi então para as montanhas, onde encontrou ouro. Voltou, depois de dez anos, sóbrio e milionário, e a mesma senhora que o enxotara de casa abriu com ele a contradansa da moda. Semelhante coisa só aconteceria nos Estados Unidos.

Com isto vem à balha outro traço do americano—sua surpreendente *versatilidade*. Poucos são os americanos bem sucedidos que não tentaram muitas coisas diferentes. Para muitos, a experiência começa na escola, e o que as

moças e rapazes americanos fazem para custear os próprios estudos abrangem quase toda a escala de ocupações possiveis, e nenhuma delas tem outra influência sobre a posição social de quem a exerce, senão o de o elevar no conceito público. Ao contrário, na Inglaterra, durante a crise da década de 1920, os que se dedicavam ao serviço social encontraram as maiores dificuldades para conseguir que os desempregados mudassem de residência ou de profissão. Para a maioria dos americanos, tal atitude é simplesmente inconcebivel.

É ESPANTOSO ver-se quanto do império americano, se se lhe quiser dar este nome, foi adquirido por barganhas e compra. Nunca se viu algo igual na história. Compramos a Napoleão, por quinze milhões de dólares, boa parte do médio-oeste, do Mississippi às Montanhas Rochosas (o antigo território de Luiziana). Pagamos à Espanha cinco milhões para assegurar o nosso direito às «Floridas». Guerreamos com o México, mas pagamos a este país quinze milhões por boa porção do oeste, inclusive a Califórnia. Demos-lhe ainda dez milhões em virtude das negociações de Gadsden, em troca do melhor caminho entre o Texas e a Califórnia. Pelejamos com a Espanha, mas libertamos Cuba, e demos vinte milhões à primeira em troca de Porto Rico, Guão e as Filipinas. Por fim, demos vinte e cinco milhões à Colômbia pela Zona do Canal. Há algum outro império que tenha sido adquirido assim? Eis aquí mais um aspecto dos americanos, e muito revelador.

Por compra ou pelas armas, o americano estendeu o seu país através do continente, mas é um adversário acérrimo da expansão ultramarina. Podem chamá-lo de imperialista na conquista do seu território continental. Entretanto, ao parar de súbito diante do oceano, de um lado como do outro, mostra-se anti-imperialista.

Não gosta de guerra, mas está sempre pronto para lutar quando é necessário. Depois da guerra, entretanto, acha dificil odiar os inimigos.

A largura dos oceanos e a opulência da América muito fizeram por criar essa atitude. O americano custa a entender os problemas europeus. Olha sempre com certo desdem para as novas levas de imigrantes, que apelida com nomes pejorativos; mas depois de estabelecido o contato vive com eles em harmonia, e não compreende a sua falta de entendimento recíproco em suas próprias terras. «Minorias raciais,» ora vejam! «Não temos nós no nosso país as minorias mais numerosas do mundo? E no entanto não vivemos a nos agredir mutuamente!» Isso o faz pensar que os estrangeiros nos outros paises devem ser desmiolados, ou então carregar forte dose de pecado original.

O americano sempre foi um tanto isolacionista, em questões políticas como militares. Quer ver-se livre de compromissos internacionais, assim como deseja continuar livre para mudar de profissão na sua terra. Entretanto, embora isolacionista em certo sentido, talvez não haja ninguem mais internacionalista. Seu interesse e seus atos de beneficência se estendem aos quatro cantos do globo, como os de nenhum outro povo. Está sempre disposto a financiar explorações arqueológicas, na Mesopotâmia como no Arizona, a auxiliar um hospital em Pequim como em São Luiz. Sempre que tem oportunidade, viaja em grupos a outras terras e quer realizar negócios por toda parte. É provavel, entretanto, que faça tudo às pressas e com a convicção de que tudo é melhor nos Estados Unidos.

Adora a Liberdade. Veio da Europa para desfrutá-la, e deslocou-se de uma fronteira a outra para reconquistá-la, toda vez que a julgou ameaçada. Sempre desejou ser senhor de seu nariz. Desde o começo quis o mínimo de governo possivel, e sempre detestou que o governo lhe dissesse o que fazer. Concilia-se, entretanto, com maior intervenção governamental sempre que dela possa tirar alguma coisa, e pode então pedir uma tarifa, bonus para os veteranos, auxílio aos lavradores e outros. Tudo isso é embaralhado, impensado e americano...

OS AMERICANOS ainda são jovens. O que possam vir a ser, o que farão mais tarde, não se pode prever. Como quer que se mostrem, o seu número, suas habilidades, engenho e recursos pesarão grandemente na balança do mundo de amanhã. O mais importante, porem, para as gerações que sucederão à crise presente, serão os sonhos dos americanos.

Atualmente não há em parte alguma maior concentração de riquczas e de poder que na América, há três séculos um continente quase vazio. É obra dos sonhos—sonhos de fortuna, sonhos de recompensa, sonhos de igualdade, sonhos de liberdade. Quem sabe se afinal os sonhos não têm um poder desconhecido, e o mais belo sonho que a humanidade já sonhou para sua vida cotidiana foi o *sonho americano*, que trouxe de todas as nações do mundo milhões de criaturas para as nossas plagas.

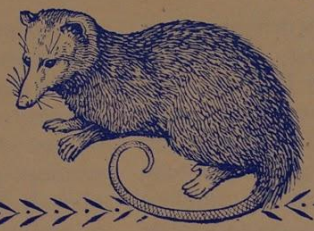
Em conjunto, o americano tem sido, fundamentalmente, o homem do povo, que entreviu, no Novo Mundo, um mundo verdadeiramente *novo* em que se poderá libertar das algemas do Velho Mundo e erguer em toda a sua estatura de homem. Cada um o sonhou a sua maneira, mas, para todos, ele tem sempre significado algo novo e maravilhoso, que requeria coragem, sacrifícios, uma ruptura com o conhecido e o familiar, e a disposição a pôr em jogo tudo o que tinha antigamente para tentar alcançar uma vida melhor.

O americano deixou para trás quase todo o passado. Nem mesmo no presente ele tem vivido muito. Olha sempre para as alturas e para o futuro. «Há ouro lá naquelas montanhas,» murmura. E recomeça sobranceiro a sua infindavel ascenção.

¶ PORQUE será que Deus nos deu memória bastante para nos lembrarmos, até as menores minúcias, de um caso que nos sucedeu, e no entanto, não nos é dado recordar quantas vezes contamos o mesmo caso à mesma pessoa?

—*La Rochefoucauld*

Pacifista do reino animal



(Condensado da «Southwest Review»)

Por Lewis Nordyke

SEGUNDO os zoologistas, o opossum dos Estados Unidos, ou sariguê, é o mais estúpido e o menos agressivo de todos os animais. A verdade, porem, é que ele continua a vagar pelas florestas, propagando-se, e aumentando constantemente em quantidade.

Animal americano por excelência, é o nosso único sobrevivente dos antigos marsupiais cujas fêmeas tinham uma bolsa no ventre para abrigar os filhos. Os crânios fossilizados descobertos em Montana provaram que ele já existia durante a época dos dinosauros cretáceos—monstros ferozes que não se puderam adaptar às transformações sofridas pela terra no curso dos tempos.

Quando o sol declina, e as trevas e o silêncio se estendem novamente sobre os bosques da parte oriental das Américas,—do Canadá à Argentina,—o sariguê começa a movimentar-se no seu ninho de folhas instalado na cavidade de algum tronco. Entreabrindo a boca numa careta inexpressiva, passa o longo focinho pela abertura da fenda, a contemplar o mundo com seus olhos pequenos e brilhantes. Sai por fim, rastejando sobre as pernas tão curtas que o ventre quase toca o chão; o tronco é levemente arqueado, e o rabo comprido e liso enrosca-se nos ramos. Ei-lo já preparado para a sua ronda noturna ao longo dos riachos e das margens dos lagos, pronto a atacar em busca de alimento as criações de galinha que porventura encontre.

Tem de algum modo o aspecto de um leitão lanzudo, e o tamanho de um gato. O pelo é de um cinzento grisalho, e não cobre as orelhas estreitas e pequenas. Seu peso máximo é de cerca de quatro quilos.

Gozou, recem-nascido, o calor da bolsa de pele em que a mãe o trazia junto ao ventre—bolsa de quatro polegadas de comprimento que recobre de um lado ao outro o abdome das fêmeas. Até completar um mês de idade, era tudo o que conhecia do mundo. Como porem foi ter àquela bolsa—eis um dos mais estranhos fenômenos do mundo animal.

O período de gestação do sariguê é de 14 a 17 dias, mais curto, portanto, que o de qualquer outro mamífero. Ao nascer, é uma coisa informe de cor rosada, medindo menos de uma polegada de comprimento. Só traz já desenvolvidos os maxilares e as patas dianteiras, não tendo nem olhos sequer. Com o auxílio da mãe, o mísero verme se deixa escorregar para dentro da bolsa protetora. Mesmo, alí, porem, nem sempre lhe é possivel sobreviver, pois há na bolsa apenas 13 tetas, e a ninhada é por vezes de 16 filhotes. Ao desgraçado que não encontra alimento, só lhe resta morrer.

Não se podem revezar uns aos outros, porque, uma vez extraida certa quantidade de leite, a teta incha de tal modo na boca do bichinho que este não consegue sugá-la.

A amamentação prossegue durante um mês na escuridão da bolsa, até que uma noite o filhote percebe que pode abandonar a teta. É agora do tamanho de um rato, e traz o corpo coberto por leve penugem. Trepando então até as bordas da bolsa, descobre que já pode ver. Aventura-se dentro em pouco a rastejar por sobre a mãe.

Ao partir esta para a sua ronda noturna, os filhotes lhe trepam nas costas, agarrando-se ao rabo que ela recurva sobre o dorso, para lhes dar assim um ponto de apoio.

Algum tempo depois, ei-la pronta a encher de novo a bolsa. Em clima ameno, chega a produzir três ninhadas por ano. Ao surgir a segunda, a primeira ainda se encontra na redondeza, muitas vezes no próprio ninho onde permanece uns dois meses mais, desaparecendo a seguir. Os filhotes nunca chegam a conhecer o pai, pois há grande promiscuidade entre os sariguês, e o macho não se responsabiliza pelos filhos depois da procriação.

Na sua marcha vagarosa, o opossum enfrenta por vezes sérios perigos. É perseguido por águias, falcões e gatos selvagens, bem como pelos homens e os cães. Todos os outros animais foram dotados pela natureza de vários meios de defesa—dentes aguçados, garras, rapidez, vivacidade, chifres, espinhos, carapaças, secreções que ofendem o olfato, e grunhidos selvagens—menos o sariguê que não possue nenhuma destas armas. Sua única defesa, alem de trepar nas árvores, é fingir-se morto.

Atacado por uma matilha de cães de caça, enrosca-se na mais completa imobilidade, com os dentes à mostra, afim de proteger o ponto vulneravel da garganta. Os cães sacodem-no repetidas vezes—mas o bicho não reage, caindo no chão quando o soltam como se estivesse sem vida. Depois de farejá-lo alguns segundos, os cães acabam por abandoná-lo. Muito tempo depois, o opossum ferido levanta-se, e afasta-se. É o único animal capaz de fingir-se morto quando se vê nas garras do inimigo. Algumas vezes perde a vida na experiência.

Os maiores naturalistas professam a opinião de que este método de defesa própria não é adotado voluntariamente. Julgam antes que a iminência do perigo lhes causa tão profundo abalo ao sistema nervoso, que o medo determina uma paralisia temporária. Será talvez assim, mas o fato é que muitos caçadores foram gravemente feridos por sariguês que julgavam mortos, e «ressuscitaram» de repente.

Deu-se por exemplo o caso de um opossum que se deixou morder e sacudir com toda a violência por um cão. O dono deste, um rapazola, julgou tambem que ele estivesse morto, mas quando lhe passou o pé descalço pela boca, foi mordido a ponto de sangrar.

Parece que este animal não se dá bem nos climas frios ou nas planícies abertas. Come toda a sorte de alimentos—frutos, legumes, grãos, raizes tenras, pássaros, ovos, roedores, insetos, peixes e rãs. Sabe como chegar às capoeiras onde encontra sempre bom repasto. É tão estúpido, porem, que se põe a comer a sua presa alí mesmo, embora as outras galinhas dêem o alarme.

O opossum foi batizado assim nos Estados Unidos pelos índios da Virgínia, onde os colonizadores o descobriram, tornando-se a caça favorita de toda

aquela região. Certos cães de caça são especialmente treinados para tal fim.

Há garotos que se encarregam de colocar alçapões para os opossuns, afim de vender as suas peles por vários preços—de 10 centavos a um dolar. Estas ocupam parte importante na venda anual de peles para abrigos. No sul dos Estados Unidos, especialmente entre certas populações, a carne de opossum cozida é prato favorito. Apesar disso, «o rei dos pacifistas» continua a arrastar-se vagaroso através dos bosques e ao longo das margens dos rios. Ao que tudo indica, a sua raça há-de sobreviver por muitos séculos ainda.

Belo exemplo

Por Helen Hayes • *This Week Magazine*

¶ Muita gente há-de ter lido, nos jornais, a notícia do magnífico triunfo de Beatrice Lillie, a grande atriz inglesa, num teatro de Manchester, em abril de 1942. O que os jornais não contaram, porem, foi o heroismo desse triunfo.

Nos bastidores da *Opera House* de Manchester, todo o elenco se aprontava para a estréia; certa excitação, ânimo bastante bom, e, é claro, o habitual nervosismo. Beatrice Lillie já dava os toques finais à sua toalete, quando chega para ela um telegrama. Podia ser que se tratasse duma mensagem de parabens, coisa, enfim, sem grande importância; entretanto, creio que ela sabia, mesmo antes de abrí-lo, o que lhe ia dizer o telegrama. Foi um duro golpe, se bem que já esperado: o filho dela, Robert, marinheiro da armada inglesa, de 21 anos, havia desaparecido, e podia considerar-se perdido, após um ataque de aviões japoneses contra o navio em que ele servia, no Oceano Índico.

A notícia espalhou-se rapidamente pelo elenco. Aglomerados em cantos do corredor, atores e atrizes, acabrunhados e receosos, esperavam, sem saber o que fazer. Sabiam perfeitamente que Beatrice Lillie adorava o filho, e que, portanto, o telegrama despedaçara o coração da grande comediante, a qual deveria, dentro de alguns minutos, surgir no palco, onde sua arte faria que a platéia risse, risse... e se esquecesse da guerra.

Sabiam que, desta vez, o espetáculo não devia ser realizado; que era preciso adiar a estréia.

Não sei que pensamentos terão tumultuado no espírito de Beatrice, que se sentara e ainda tinha na mão o telegrama. Certamente, porem, não achou que fosse hora de desertar. Animada pelo sentimento instintivo de coleguismo e levada pela humildade da grande alma que era—lembrou-se dos outros: lembrou-se das mães, namoradas, esposas que receberiam tambem um telegrama assim, uma mensagem que era um desafio à coragem e ao altruismo. Lembrou-se tambem dos colegas do teatro, que tinham igualmente suas crises e seus problemas.

Daí a alguns minutos, a empregada de Beatrice saiu do camarim, dirigiu-se ao quadro de avisos, e lá pregou a seguinte nota:

«Meus bons amigos: sei bem o que vocês sentem neste momento, e não é preciso falarmos nisso. Vamos para o palco, vamos entusiasmar Manchester!»

Os franceses tambem gostam do «jeep»

(Condensado da «Life»)

Por André Maurois

Acabo agora mesmo de ver as primeiras divisões francesas da África do Norte que foram completamente equipadas com armas americanas. Um só regimento de destruidores de tanques tem tanta potência de fogo como uma divisão inteira do exército francês em 1940. O orgulho daqueles homens, só visto! Os canhões gigantescos formavam longa fila entre as oliveiras, e os soldados contemplavam-nas com manifesto orgulho, direi até, com uma espécie de paixão. Quanto aos oficiais, sobretudo os jovens, andam tão encantados, que nem sabem falar de outra coisa. Perguntei a um deles se os seus homens tinham tido alguma dificuldade com o novo material que lhes fora fornecido:

—Dificuldades? Nenhuma. É tudo tão bem feito, que em poucos dias se aprende o manejo. O material americano é tão facil de usar!...

O coronel do regimento levou-me a ver vasta formação de tanques que ocupava um campo. Três homens trabalhavam em cada uma das máquinas.

—Olhe para eles, disse-me o coronel. —E isto é a hora de descanso. Tinham direito a não fazer nada agora. Mas vão achando sempre qualquer coisa que precisa ser limpa, ou engraxada. Há aí soldado que até dorme no seu tanque! Olhe aquí, artilheiro, que tal acha você esse canhão?

—É admiravel, coronel!

Gostaria eu que os operários da América vissem com seus próprios olhos a diferença que há entre o «moral» de um regimento que foi equipado com material americano, e o de um regimento que ainda não recebeu seu equipamento novo. Esse contraste é realmente impressionante, quase inacreditavel. Os soldados que nada receberam ainda, andam cheios de dúvidas e inquietações quanto ao futuro. Os homens, ao contrário, que já receberam seus tanques, seus Dodges, seus *jeeps*, só têm um desejo: verem-se no bom combate, fazendo uso de tudo aquilo, para correr os alemães da França para fora. A ansiedade por se apanharem de novo no campo de batalha é tal, que já tenho visto homens recusarem uma licença, só por terem receio de que os seus camaradas partam para a guerra deixando-os ficar atrás!

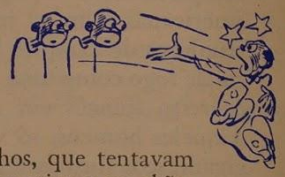
Mas entre tudo, foi o *jeep* que se tornou o «ai-Jesús» do Exército Francês. «Com uma máquina destas—dizia um soldado ao seu coronel—se o senhor me mandasse subir por uma vidraça acima, eu acho que era capaz!»

Franceses e americanos não chegaram a criar, em 1917, uma intimidade comparavel à que hoje os une. Durante uma de minhas visitas, perguntei a um soldado: «Que é que você pensa dos americanos?» A resposta veio incontinenti:

—Em primeiro lugar são bons camaradas, têm espírito esportivo, e são generosos, uns verdadeiros mãos abertas. Que mais é que eu admiro neles?... A rapidez com que conseguem fazer as coisas, e a sua disciplina. Se resolvem construir uma piscina de natação, dois

dias depois a coisa está feita. Campos de aviação e pistas parecem obra de magia, quando os americanos se metem a construí-los. Lavar as roupas, alargar uma estrada—para tudo eles têm máquinas que podem substituir centenas de homens! Quanto à disciplina, acho que ainda é a maior força deles. E severa, mas na maior parte dos casos voluntária e coletiva.

Nunca, com efeito, três aliados trabalharam juntos com maior harmonia do que os ingleses, os americanos e os franceses no Norte de Africa!



Presença de espírito

¶ Um velho caboclo pôs-se a contemplar os seus dois filhos, que tentavam amansar uma mula. Mal os rapazes montavam, o animal os atirava ao chão. Afinal, o pai não aguentou mais, e disse: —Traz esse bicho pra cá! Ocês num sabe nem montar em burro! Vem cá, que eu mostro!

Aproximou-se e montou sem dificuldade. Quando o animal começou a agitar-se dando coices a torto e a direito, ele entrou de conversa com o burro: —Agora não é menino que tá trepado n'ocê não, mula. Agora é o véio; vamo ver se fica quietinha.

Mas a mula, que não estava para essa «conversa mole», deu nesse instante um tremendo solavanco, atirando o caboclo a uns dois metros de distância. Ele levantou-se, virou para os rapazes, e observou: —Viu como é que se faiz? Quando a gente vê que a bichinha vai jogar a gente no chão, pula pra fora mais que depressa!

—J. W. Cunningham

¶ *Em Guadalcanal, no refeitório do alojamento dos soldados americanos, surgiu um dia, preso à parede, e assinado pelo chefe de uma tribo da Polinésia, um aviso nos seguintes termos:*

Pede-se encarecidamente aos soldados americanos que se abstenham de usar palavras feias, principalmente quando os nativos os estiverem auxiliando no desembarque de material e na construção de alojamentos. Os missionários americanos, que passaram muitos anos entre nós, nos ensinaram os nomes feios que devíamos evitar. Agora, porem, os americanos usam, diariamente, esses nomes, e inutilizam-se assim os heróicos esforços dos referidos missionários, pelo mau exemplo dado aos nativos.

J. Norman Lodge, no *American Legion Magazine*

Retalhos do drama cotidiano

IX

Por Hugh MacNair Kahler

Em 1919, dois médicos do norte dos Estados Unidos vieram ter à pequena aldeia do sul onde eu costumava passar o inverno. A maior parte dos visitantes vinham gozar alí o ar puro da montanha jogando golfe e tenis ao calor do sol. Os dois médicos, porem, tinham vindo para morrer em paz.

Um deles, quando o vi pela primeira vez, parecia quase morto. Seu nome conquistou grande reputação, por se ter ele tornado um dos maiores psiquiatras do nosso tempo. Dar-lhe-ei aquí, porem, o nome de Edward Porter. Estava tuberculoso.

Quando fui visitá-lo, já se dava por perdido. Sua esposa contou-me que recusava qualquer auxílio médico, não comia quase nada e nem sequer permitia que ela o levasse numa cadeira de rodas tomar um pouco de sol na varanda da casa. Encontrei-o num pequeno quarto de janelas fechadas onde a fumaça dos cigarros tornava o ar irrespiravel. Disse-me que ele já fizera o diagnóstico do seu próprio caso, e, sabendo-se perdido, procurava apressar o fim deliberadamente.

Falei-lhe então no outro médico. Estava tambem gravemente enfermo, talvez às portas da morte, num bangalô vizinho. Lawrence Gray, como lhe chamaremos nestas linhas—pois não quero divulgar seu verdadeiro nome—fora um jovem cirurgião de futuro brilhante, até que misterioso foco de infecção provocou a artrite que lhe entrevaria os membros. Quando o trouxeram para o sul, a moléstia já se desenvolvera a tal ponto, que só podia mover os dedos da mão esquerda.

Mal lhe falei em Gray, o semblante de Porter transformou-se. Disse-me que na prática da psiquiatria lidara várias vezes com casos graves de artrite em que a atitude mental do paciente contribuira de algum modo para a enfermidade. Em mais de um caso, tinha conseguido obter grandes melhoras.

«Quem sente uma dor ao dobrar o braço, evita até dobrar o pulso. O pulso acaba entrevado. Para maior segurança, o paciente acaba por nem mover os dedos, e com estes, dentro em pouco, acontece a mesma coisa. Se continuasse, entretanto, movendo todas as articulações ainda não atingidas, e procurasse fazer outro tanto com aquelas em que a dor se manifesta, conseguiria, pelo menos, retardar a marcha da moléstia. Alguns de meus pacientes conseguiram, pouco a pouco, servir-se de articulações que julgavam paralisadas para sempre, pela simples resolução de suportar a dor. Se eu pudesse, iria ver este tal Gray.»

«Talvez a enfermeira consiga trazê-lo aquí numa cadeira de rodas,» respondí. «Que tal se eu contasse a ele o que o senhor me disse?»

«Se fizer isto, ele não virá,» protestou Porter. «Com certeza já ouviu falar no assunto. Diga-lhe apenas que há aquí outro inválido, gravemente enfermo, e ansioso por encontrar quem

não se importe em lhe fazer companhia.»

Repetí a Gray estas mesmas palavras, falando-lhe das janelas fechadas, dos cigarros, e de todos os meios pelos quais o dr. Porter procurava tornar a morte ainda mais próxima. Gray mostrou-se tão duvidoso da incurabilidade do seu colega quanto este da sua.

«E' possivel que Porter tenha razão,» comentou, «mas aposto como não tem. Todos os médicos se metem a fazer o diagnóstico de suas próprias enfermidades, e todos os enfermos são naturalmente pessimistas. Vi mais de um bom médico renunciar a qualquer tratamento, e morrer por causa disto. Se não conhecessem tão bem o mal de que sofriam, teriam levado a luta por diante, saindo vencedores. Tenho a impressão de que não é outro o caso de Porter. Se eu pudesse...»

Deixou a frase interrompida. Ocorreu-me, de repente, que durante as nossas palestras anteriores, eu nunca o vira sorrir como sorrira então.

«Vou pedir à enfermeira que me leve até lá amanhã na cadeira de rodas. Ela não me parece bastante forte para me carregar pela escada acima; será preciso, portanto, que Porter nos espere na varanda. É um bom pretexto aliás para que ele respire o ar puro da montanha, e tome um pouco de sol. Enquanto isto,» acrescentou, num tom prazenteiro, «ele nem se lembrará dos seus próprios sintomas observando os meus.»

Ao passar, de automovel, na manhã seguinte, vi Porter numa cadeira de lona, a um canto da varanda, e Gray na sua cadeira de rodas, ao pé dos degraus que à mesma dão acesso. Quando voltei do golfe ainda lá estavam.

A próxima vez em que estive com Porter, disse-me ele, com nova expressão de vida no semblante e na voz, que não se tinha enganado a respeito de Gray. Quis apostar comigo como o jovem cirurgião deixaria a sua cadeira de rodas antes que eu regressasse para o norte, ao chegar a primavera.

Gray, por seu turno, se orgulhava de ter feito com que Porter concordasse em descer à varanda, o que, segundo me afirmou, passaria a fazer regularmente. Acrescentou ainda que Porter não tardaria a apresentar melhoras.

Viram-se os dois todos os dias durante aquele inverno.

Quando voltei para o sul no começo do outono, Gray ainda estava muito entrevado, mas já podia arrastar-se com o auxílio de um par de muletas. Contou-me que Porter tivera uma recaida durante o verão, recusando-se a ver qualquer médico, a não ser ele. Como fosse raro encontrar quem o carregasse até o quarto do doente, na cadeira de rodas, Gray, apesar das dores que o torturavam, recorrera ao emprego das muletas. Foi bom que o tivesse feito, pois duas ou três vezes Porter precisou de socorro médico com a maior urgência.

«Pelo menos era o que ele imaginava,» disse-me o jovem cirurgião piscando o olho maliciosamente. «Não era tão urgente assim... Como eu lhe disse, o nosso amigo sempre teve a possibilidade de salvar-se. A questão é querer—e está querendo. Neste momento, anda tão ocupado em praticar a psiquiatria sobre a minha pessoa, que nem tempo tem para morrer...»

De fato, Porter não trazia mais no rosto a máscara da morte, quando fui visitá-lo. Encontrei-o na varanda, lendo um trabalho sobre artrite. Riu-se ao contar-me que fingira a recaida para obrigar Lawrence Gray a servir-se das muletas. «Se eu durar outro inverno, ele deixará de lado para sempre aquela cadeira de rodas,» acrescentou, com certa malícia.

Porter «durou» aquele inverno, e 18 mais. Por volta do terceiro, Gray melhorara a tal ponto que acabou por casar-se com a enfermeira. Ao nascer-lhes o primeiro filho, Porter voltara a exercer a clínica da sua especialidade, tornando-se o maior psiquiatra daquele estado do sul. Ele e Gray (que não pôde voltar à cirurgia) tornaram-se diretores das principais associações de caridade do lugar. Ao falecerem ambos—com uma diferença de poucos meses—perdeu a comunidade dois dos seus melhores e mais queridos cidadãos.

Ambos, em palestra comigo, se orgulhavam de ter contribuido para que o outro vivesse aqueles 19 anos de uma vida tão util. E em público ou em conversas particulares, cada qual atribuia ao outro a sua cura.

Nenhum dos dois porem—nem mesmo Porter, apesar de psiquiatra—percebeu jamais que, no esforço por curar o outro, se tinha curado a si próprio.

Deve ter havido engano!

¶ Certo dia inaugurou-se, em Pitsburgo, nos Estados Unidos, o novíssimo edifício dos correios, prédio suntuoso, que custara alguns milhões de dólares. O público compareceu para servir-se das novas instalações, mas não tardou que surgisse uma reclamação geral: não havia caixas de coleta de cartas! Aflito, o agente do Correio procurou os engenheiros que haviam construido o prédio, e estes, terrivelmente encabulados, confessaram que se tinham esquecido desse importantíssimo detalhe...

—Do *Herald Tribune*, de Nova York

¶ Na cidade de Newburyport, no Massachusetts, um banco, proprietário de uma casa, contratou um engenheiro para renová-la do teto ao chão, e, terminado o serviço, pagou o preço combinado: 500 dólares, ou sejam, uns dez mil cruzeiros. Pois bem: logo descobriram que a casa recentemente renovada não lhes pertencia; a deles ficava cincoenta metros adiante...

—Do *World-Telegram*, de Nova York

¶ Num estúdio cinematográfico na Inglaterra, o trabalho era frequentemente perturbado pela ruidosa passagem de aviões bem por cima. Para remediar a situação, os altos funcionários do estúdio decidiram mandar pintar, no telhado, em grandes letras, o seguinte: «ESTÚDIO CINEMATOGRÁFICO—SILÊNCIO POR FAVOR». Mal sabiam eles o erro que haviam cometido! Os pilotos passaram a voar ainda mais baixo, para poderem ler o que estava escrito naquele telhado.

—Do *Herald Tribune*, de Nova York

¶ Em 1907, a Casa da Moeda dos Estados Unidos cunhou vários niqueis com a insígnia da águia americana; por engano, porem, as águias saíram mais gordas na cintura e, sendo impossivel fazer pilhas com moedas desse feitio, toda a cunhagem teve que ser retirada da circulação.

¶ *Não tinham probabilidade alguma de salvar-se, mas a sorte os salvou, apesar disso*

Cinco que burlaram a morte

(Condensado de «True Magazine»)

Por Ira Wolfert

Conhecido correspondente de guerra

NA GUERRA, os homens escapam às vezes da morte quase certa pelos meios mais fantásticos. Alguns atribuem a sua salvação a uma força divina que os assiste no vale da morte. A maioria, porem, costuma dizer simplesmente: «Não era ainda a minha vez.» Como quer que seja, refiro aquí cinco casos em que a vida triunfou contra a morte, quando todas as probabilidades se achavam ao lado desta. Tomei parte pessoalmente em alguns de tais acidentes, e os outros me foram narrados diretamente pelos próprios que os sofreram.

EM JUNHO de 1943, quando o Corsair, em que se achava, foi atingido por um Zero japonês, o capitão Jim Percy, dos fuzileiros navais americanos, recorreu ao paraquedas, que, entretanto não se abriu. O capitão Percy juntou os pés, contraindo os músculos de maneira que o corpo se tornasse rígido, e pulou sobre as águas do Pacífico de uma altura de 600 metros, caindo no mar de pé. O ferimento mais sério que recebeu foi uma fratura da bacia!

Durante a descida enchera de ar a sua jaqueta salva-vida. «Se não tivesse feito isso,» disse-me o médico, «talvez nem a fratura houvesse sofrido.»

NO CURSO de uma das batalhas travados ao largo de Guadalcanal, Edward Bykowski, farmacêutico de bordo, estava trabalhando na enfermaria do *Vincennes*. O cruzador foi atingido várias vezes, e os estilhaços das bombas cortavam o ar em todas as direções, sem que Bykowski sofresse um simples arranhão.

Ao ser dada a ordem de abandonar o navio, dirigiu-se ele para um dos escaleres. Alí chegando, porem, verificou que a ninguem ocorrera trazer uma dose de morfina para os feridos. Desceu de novo em busca do precioso medicamento. Quando se achava no convés de baixo, o navio foi atingido em cheio por novo torpedo. Ao voltar a si, Bykowski viu que tinha a perna fraturada em quatro pontos: pedaços de ossos perfuravam-lhe a pele.

Conseguiu arrastar-se pelas duas escadas acima, até ao convés superior, firmando-se apenas nos braços. O *Vincennes* continuava a ser atacado pelos japoneses. Bykowski percebeu que o navio já começava a virar.

Mas quando a inclinação o jogou de encontro à amurada que já se achava ao nivel da água, um último torpedo feriu o cruzador. A explosão fez com que Bykowski fosse lançado pelo espaço a uma altura de 75 metros, com a perna

fraturada, em meio a uma chuva de estilhaços e fragmentos de toda a sorte. Caiu junto a um dos botes salva-vidas para onde foi carregado pelos marinheiros. A explosão salvara-lhe a vida.

DURANTE um duelo que durou 44 minutos, com um bombardeiro japonês de 4 motores, estávamos os 3 na parte anterior de uma Fortaleza Voadora, espaço tão exíguo que não caberia, alí, nem um piano. Os japoneses atingiram aquele ponto do avião com cerca de 70 balas incendiárias e explosivas, fazendo explodir parte do aparelho, e incendiando outro lado. Apesar disso, conseguimos salvar-nos todos os três.

Não tínhamos onde ocultar-nos. Ficamos alí de pé enquanto as balas sibilavam em torno, e sobre nós. A certa altura, o tenente Robert Spitzer e eu estávamos tão juntos um do outro que os nossos joelhos se tocavam, e havia apenas dois centímetros de distância entre os nossos rostos. Pois uma bala passou por esse espaço!

Noutro momento, caí de cócoras, ao descermos bruscamente em vôo de picada. Quando tentei pôr-me de pé, tive a sensação de que alguem estava colocando um fósforo aceso junto à minha sobrancelha esquerda. Recuei a cabeça, e sentí então a mesma coisa de encontro ao peito. Averiguei depois que duas balas tinham raspado por mim. A primeira, obrigando-me a recuar, fizera com que eu me livrasse da segunda.

Spitzer, que vestia calções curtos, foi queimado nas pernas em cinco pontos por balas que rasparam por ele sem chegar a ferir-lhe a pele.

NA NOVA GÉORGIA, o capitão James Tripp, australiano, veio ter certa vez ao acampamento onde nos achávamos, à procura de um cigarro. «Os meus ficaram em péssimo estado,» explicou, tomando-nos um maço. Uma bala atravessara a caixa reduzindo os cigarros a uma massa informe.

O pelotão que Tripp comandava, segundo nos contou, fora atacado na tarde da véspera. Depois de duro combate, viu-se ele sozinho na escuridão, em plena selva. Tomou por um atalho, procurando dirigir-se para um de nossos acampamentos antes que a noite caisse, quando um japonês pulou do ponto em que se achava oculto visando-o a tiros de espingarda. Tripp sentiu o choque da bala de encontro ao peito, e depois teve a impressão de que uma língua de fogo lhe lambera o tronco em sentido diagonal. A bala resvalara sobre a caixa de metal que continha os cigarros. Tripp liquidou o japonês, e apressou-se em seguir caminho.

Quando estava à procura de um dos acampamentos americanos, tropeçou num corpo. Ia dizendo: «Desculpe, amigo,» quando o ferido resmungou qualquer coisa em japonês. Tripp percebeu então que se achava num acampamento inimigo. Pareceu-lhe que a única possibilidade que lhe restava de salvar-se era prosseguir tranquilamente, certo de que os japoneses nunca suspeitariam que um soldado aliado fosse capaz de tal loucura.

O estratagema deu bom resultado. Ouviu ainda várias vezes resmungarem-lhe qualquer coisa em japonês. Duas outras vezes notou que lhe estavam dando ordens, ao que retrucou murmurando alguma palavra ininteligivel que, na confusão, pudesse ser tomada por japonês.

Quando conseguiu por fim afastar-se um pouco do acampamento, ocultou-se

por detrás de uma árvore. De madrugada averiguou que tivera por companheiro durante toda a noite um soldado japonês. Este, felizmente, dormia a sono solto; erro de tática graças ao qual o capitão Tripp conseguiu salvar-se.

Em Guadalcanal, achava-me uma ocasião a pequena distância de um pelotão de 50 fuzileiros navais que cercava um camarada ferido, quando uma bateria de morteiros japoneses conseguiu lançar três bombas, bem em meio ao grupo.

Ouví o ruido terrivel da explosão, e fechei os olhos. Nem ousava reabrí-los.

Quando voltei a olhar em torno, vi três rolos de fumaça a levantar-se das crateras abertas pelas bombas. Vários corpos jaziam imoveis aquí e alí, como se tivessem sido atirados no espaço. Depois, pouco a pouco, os soldados todos se foram erguendo, um depois do outro. Logicamente, deviam estar todos mortos, mas, dos 50, apenas um ferido—tendo tido a ponta do nariz arrancada.

Os fuzileiros nunca puderam explicar como aquilo sucedera. «É que não era a nossa vez,» foi tudo o que puderam dizer, a guisa de explicação.

Cine-Jornal *de Guerra*

¶ No departamento naval da Associação Cristã de Moços em Norfolk, no estado de Virgínia, Estados Unidos, um rapaz, de nome Oscar Gustafson, resolveu amarrar um velocímetro ao tornozelo de uma bailarina, Frances Zip, que dansava com soldados e marinheiros. Ao cabo de duas horas, foi olhar o velocímetro e verificou que a moça cobrira cerca de 27 quilômetros no salão de baile!

Meyer Berger, no *Times* de Nova York

¶ Em um ônibus super-lotado, no estado de Mississippi, uma moça, cansada de ficar em pé, sentou-se no chão. Imediatamente um cavalheiro, comodamente sentado alí junto, ofereceu-lhe—não o seu lugar, porem um lenço para que ela não sujasse o vestido...

Billie B. Collins

¶ Na cidade de Macon, estado de Geórgia, um sujeito, já desesperado por não encontrar casa para morar, pois a cidade está repleta nesta época de guerra, decidiu mobilizar os seus conhecidos, que lá residiam, e, assim, não tardou que conseguisse uma casa. O seu estratagema consistiu em escrever carta idêntica a 20 pessoas diferentes, dizendo com simplicidade: «Se não encontrar casa até setembro, vou morar com você.»

AP

¶ Na África do Norte, um membro da Polícia Militar admoestou uma WAC por não ter feito continência a um grupo de segundos-tenentes. E ela respondeu, vibrante:

—O senhor teria feito continência, se eles o tivessem chamado de «engraçadinho»?

Walter Winchell

¶ *«O amor afugenta o temor»—diz um provérbio*

Um cãozinho para Bibí

(Condensado do romance «Time for Each Other»)

Por Margaret Lee Runbeck

Eu passava de carro, quando o vi pela primeira vez, sentado quietinho ao lado do volante, no automovel do meu novo vizinho.

«Hum!» pensei. «Que bom seria!» Minha filhinha teria um cachorrinho para brincar com ela; na verdade, uma criança sempre precisa de um cãozinho...

Mal porem entrei em casa, a cozinheira, com o avental todo sungado, surgiu à porta da cozinha, exclamando assustada: «Nosso Senhor! O bicho tem dois metros de altura; mastigou a barra do meu vestido e quase me comeu o braço; mas eu fugí correndo!» E dizendo isto, Lilliam deixou-se cair ofegante na cadeira da cozinha.

—Talvez o pobre quisesse apenas mostrar que gosta de você, disse eu, sem muita convicção. E atravessei a rua para ir vê-lo.

Ouvindo meus passos, o enorme Golias veio ao meu encontro, e eu, sem a minha funda, como um Daví desprevenido, disfarcei o meu inveterado receio pelos cães e pus-me a festejá-lo, batendo-lhe nas costas:

«Beleza! Beleza!» fui repetindo mecanicamente. O animal entretanto aceitava as minhas palavras como carícias, e erguendo-se sobre as patas traseiras, com o focinho bem junto do meu rosto, pôs-se a me olhar. Era sem dúvida o maior cão que eu já havia visto. Tinha grandes orelhas caidas, seus olhos circundados de vermelho brilhavam muito e as presas eram de pelo menos dois centímetros de comprimento.

O novo vizinho, jovem e simpático, veio correndo em meu auxílio e repreendeu o animal, que muito a contragosto voltou a pôr as patas no chão.

—Vejo que a senhora gosta de cães, disse Mr. Marshall; —este é ainda muito novinho por isso fica assim todo assanhado, logo à primeira vista; precisa de algum treino para aprender a comportar-se.

Mr. Marshall pegou o animal pela coleira e pusemo-nos então a conversar sobre a nossa cidadezinha e nossas famílias.

—Eu tenho uma filhinha, disse-lhe.

—Esplêndido! exclamou. —Ela vai gostar de *Pointsettia*.

—Ah!... tem uma filhinha tambem? perguntei.

Ele riu-se com desenvoltura.—Não! *Pointsettia* é este bichinho aquí. Os pais eram um «pointer» e o outro «setter» —e daí a combinação *Pointsettia*, o nome que mais lhe assenta... E Mr. Marshall parecia tão contente com a sua explicação, que eu própria me contagiei da sua alegria.

—Deixe sua filhinha vir brincar com *Pointsettia;* ele gosta de crianças, adiantou o vizinho.

Eu quis redarguir com certa nota irônica, porem achei mais oportuno calar-me, e despedindo-me fui para casa.

Comecei então a preparar o espírito de Bibí, dizendo-lhe que os cães não percebem que são uns bichos muito grandes e por isso gostam de pular sobre as pessoas, para fazer-lhes festas. A minha explicação não deu porem grandes resultados. Bibí encontrou certa vez o animal no caminho, e durante meia hora eu estive a acalmar os seus soluços; e julgando pela maneira como o seu coraçãozinho batia, eu podia avaliar o susto que ela sofrera...

Era preciso alguma coisa que a fizesse perder o medo do animal, e, assim pensando, telefonei aos Marshalls dizendo-lhes que desejávamos ir ver *Pointsettia*.

—Não há quem não goste de *Pointsettia*, afirmou Mr. Marshall todo orgulhoso. —O essencial é conhecê-lo e fazer amizade com ele. E como que adivinhando uma pergunta que só em pensamento eu lhe fizera, continuou:—Não precisa ter medo; ele nunca mordeu ninguem. O que assusta é o tamanho...

—Está vendo? disse eu a Bibí. —Mr. Marshall afirmou que ele não morde.

—É, mas assim mesmo... disse a menina e calou-se, porque não é facil explicar o medo.

O casal nos levou até à casinha branca de *Pointsettia*. O cão sacudia a corrente, fitando-nos com alegria; então eu lhe atirei um osso. Mas isso não foi muito acertado, pois a rapidez com que ele o triturou só serviu para aumentar o nosso temor.

E do recôndito do meu cérebro veio um pensamento. —Se aquele osso, mastigado tão facilmente, era um pedaço tão grosso, imagine-se um fragil pulso de criança. Disfarçadamente olhei para Bibí; a menina instintivamente escondera os bracinhos atrás das costas.

De volta à nossa casa, falei a Bibí: —Viu? Você não precisa mais ter medo. Ela não respondeu.

—Nós podemos ficar em casa agora no verão, disse a cozinheira, —mas Bibí é que não vai passar perto daquele cachorrão, quando começarem as aulas de novo. Ela tem mesmo que deixar de ir à escola, não há remédio...

O outono porem ainda estava longe, e, nesse ínterim, apareceria um meio de resolver o caso de *Pointsettia*. Afinal, o pobre animal não tinha nenhuma culpa de que lhe tivéssemos um incrivel temor. O essencial era aprendermos a gostar de cães. Daí seria facil lidar com os demais.

—Olhe, Bibí, tenho um segredo para você... Vou-lhe comprar um cãozinho, um cachorrinho lindo só para você.

—De brinquedo? sugeriu ela com certa energia...

—Não, filhinha, disse eu. —Vai ser um cãozinho de verdade, com as orelhas cobertas de pelo muito crespo, e sempre alegre, pronto para brincar...

—*Pointsettia* tambem é alegre, observou Bibí.

—É certo, mas ele não é nosso, e o que eu vou comprar será seu só e de mais ninguem.

Que bom, um bichinho que pertencesse a ela! Dias e dias levamos a pensar nele e lhe escolhemos o nome de *Frosti*. Seria um bonito cão *spaniel*, vindo ao mundo com a missão especial de ser o amiguinho inseparavel de uma criança.

—Só eu é que vou dar de comer a ele, continuou Bibí. —Todo dia eu brinco um pouco com ele antes de ir pra escola; depois ele vai comigo até o ônibus

e fica sentadinho na rua a manhã inteira, me esperando.

Entregue a tais pensamentos, sua alegria foi imensa. Bibí até esquecera o motivo por que tanto desejava um cachorro para acompanhá-la todos os dias. Já não era por medo, mas sim por amor... Sim, porque «o amor afugenta o temor», diz um provérbio.

Frosti chegou afinal. Era da cor de mel alourado; seus olhos lembravam duas uvas douradas, enquanto as orelhas eram peludas e macias e, caidas dos lados, lhe emolduravam a cara. Uma lindeza de animalzinho que a gente adorava desde o primeiro momento. Ao vê-lo, Bibí abriu a boquinha extasiada, e de tanta emoção, mal podia falar.

—Ah, que engraçadinho! E é só meu, não é, mamãe?

Mas, nesse instante, sucedeu algo realmente desagradavel. *Frosti* olhou para a menina como se não a visse, ao passo que ao me fitar, parou, levantou uma das patinhas dianteiras e pôs-se a sacudir a cauda. Depois, passando indiferente ao lado de Bibí, dirigiu-se a mim com a patinha estendida e a me olhar como se eu fosse a dona com quem sempre havia sonhado.

Fitei-o com certa severidade, porem isso não o desorientou; o cachorrinho simpatisara comigo desde o começo, não havia dúvida.

—Ele não está ainda acostumado com crianças, disse a Bibí, consolando-a—e com certeza eu me pareço com a mulher que cuidava dele...

Mas a menina, pondo uma carinha triste e desapontada, dificilmente continha as lágrimas.

Durante muitos dias Bibí não fez outra coisa senão andar atrás de *Frosti*; o cachorrinho, porem, não lhe prestava nenhuma atenção. Deixava que ela lhe desse a comida e portava-se muito bem, mas a menina não passava para ele de uma criadinha no seu mister de servir...

Quando Bibí o chamava pelo nome, o animal voltava a cabeça como que para atendê-la, mas a seguir retornava aos seus folguedos. Portava-se como um cachorrinho bem ensinado, que era muito docil com a criança, mas sem procurar acamaradar-se com ela.

Isto naturalmente foi para Bibí uma triste experiência, pois o cãozinho jamais retribuia com igual intensidade a afeição que ela lhe dedicava. Mas *Frosti* era tão mimoso e galante que Bibí o adorava de todo o coração, embora ele não lhe correspondesse.

Por muito tempo, a menina procurou desculpá-lo: —Ele é um diabinho travesso, dizia a menina enfaticamente—ele quer fingir que não sabe quem é a dona...

Uma noite, porem, a menina não pôde mais esconder o que sentia. Sua mãozinha macia segurava a minha, e eu pude então sentir que ela preferia estar segurando a patinha de *Frosti*.

—Sabe o que eu gostava, mamãe? perguntou-me a menina. —Eu queria que *Frosti* latisse uma vez só, para provar que reconhece que eu sou a dona dele.

Mas ele não fez nem isso...

CERTA MANHÃ, entretanto, eu olhava através da janela para um recanto fronteiro, onde o sol se filtrava por entre as árvores, e onde *Frosti*, brincando, como que buscava agarrar algo invisivel. Volteava sobre as patinhas traseiras, a sacudir as orelhas e rosnando alegremente consigo mesmo; parecia um pequeno fauno num bailado singular...

Nesse momento apareceu *Pointsettia* e quis tomar parte no brinquedo, mas

Frosti imediatamente parou com as suas piruetas. *Pointsettia* foi então sentar-se humildemente a um canto...

Naquele momento, desviando os olhos dos «bailados» de *Frosti*, comecei a observar *Pointsettia* sentado alí, como uma escultura de prata, e não pude deixar de dizer comigo: «De fato, é um magnífico animal—e eu ainda não o tinha notado...»

Esta cena repetiu-se durante vários dias, muito cedo, quando os demais de casa ainda estavam dormindo. E certa vez, surpresa, eu vi uma pequena e frágil figurinha, envolta no seu roupão cor de rosa, surgir dentre as árvores, parar justamente onde *Pointsettia* se achava e alí ficar numa atitude de humilde adoração.

Era Bibí, ansiosa por que *Frosti* a visse; mas o cãozinho, ignorando a sua presença, continuou a brincar sozinho, ora saltando, ora ladrando, sempre perseguindo uma presa invisivel atrás dos tufos de folhagem, e assim que os dois espectadores quiseram tomar parte no seu entretenimento, o «egoista» ficou parado.

Com o coração magoado pela indiferença do seu cãozinho, a menina esqueceu-se então de que temia *Pointsettia*, sentando-se ao lado dele; e os dois «desprezados»—um, o Golias vigoroso, e o outro, uma terna criança, —olharam-se e compreenderam-se.

Então *Pointsettia*, cansando-se de ter as patas encolhidas, esticou-as, e arrastando-se sobre a folhagem espinhenta de um pinheiro, aproximou-se da menina e com timidez deitou a cabeça no seu colo...

Por um momento eu pensei que a criança iria erguer-se assustada e correr para casa gritando; o que vi, porem, foi uma mãozinha afagar a cabeça de *Pointsettia* e depois beijá-la, dizendo: —Não fique zangado com *Frosti*... ele não está acostumado com você tambem...

Pointsettia gostou daquela pequenina mão acariciante, e desde esse dia, os dois «rejeitados»—a menina e o cão—fizeram-se bons amiguinhos...

E quando chegou o outono, Bibí teve como companheiro, para acompanhá-la à escola todos os dias, e esperá-la de volta, aquele esplêndido animal—*Pointsettia*—que era o orgulho da vizinhança.

Bibí tinha afinal um cachorro para estimar de fato como companheiro—mas não era o pequeno e indiferente *Frosti*...

¶ Edmund Gosse achava-se certa vez num ônibus super-lotado, em Londres, com um amigo, W. M. Rossetti. Guiado por uma súbita inspiração, disse ao companheiro, em voz bem alta: «Disseram-me que você é anarquista.» «Não», respondeu o outro, tambem em voz alta, «sou ateu. Minha filha é que é anarquista.» Indignados, muitos dos passageiros saltaram imediatamente do ônibus, e os dois amigos sentaram-se muito confortavelmente...

—Harry Emerson Fosdick, no livro *The Secret of Victorious Living* (Harper, ed.)

¶ *Eis como se inventou uma nova cola, sonho de fabricantes e construtores*

(Condensado do «Science News Letter»)

Por Harland Manchester

Desde que o homem começou a inventar coisas, ansiava por conseguir uma cola que servisse para unir de maneira indissoluvel toda espécie de material, e que fosse mais forte que rebites, parafusos ou pinos. Sonhavam os construtores com um grude que pudesse unir entre si as diversas partes de uma casa, de um avião ou de um automovel, com economia sem precedentes de tempo, trabalho e material. Ora, o sr. S. Gordon Saunders, da Chrysler Corporation, parece ter descoberto um produto que poderá afinal preencher tão desejada finalidade.

Quando o visitei no seu laboratório, Saunders, que é um sujeito bonachão de seus quarenta anos, disse-me que tinha uma goma que me queria mostrar. Apareceu-me com uma lata cheia de uma substância que parecia cola comum, espalhou uma camada daquilo sobre duas chapas de aço e, grudando-as bem, colocou-as por alguns minutos numa prensa eletricamente aquecida. Chamou depois um mecânico musculoso, que veio com uma talhadeira e um martelo para tentar separar as duas peças metálicas. O operário martelou com tanta força que o suor lhe corria pela testa; todo o seu esforço porem foi sem resultado.

Em seguida Saunders fez uma demonstração com duas tiras de alumínio sobrepostas, que haviam sido ligadas com sua cola, deixando livres as extremidades. Colocaram-se as tiras numa máquina de esticar e Saunders virou uma manivela. Um ponteiro indicador começou a girar lentamente, mostrando o número de quilos equivalentes à força aplicada. Só com uma tração superior a uma tonelada e meia é que as duas peças se separaram lentamente.

Esta cola sensacional não é apenas uma curiosidade de laboratório. Tem a excepcional qualidade de permitir ligar não somente metal com metal, como tambem colar, de maneira permanente e sólida, o metal à madeira ou ao material plástico, ao vidro e aos materiais isolantes, à borracha e à maioria dos produtos sintéticos. Com o nome de *Cycleweld*, está sendo utilizada desde há um ano em cincoenta fábricas de produtos de guerra, permitindo-lhes realizar grande economia em horas de trabalho e em material. Graças a esta cola mágica, milhares de rebites puderam ser eliminados da construção dos aviões.

Sua grande resistência à vibração torna-a valiosíssima na indústria aeronáutica. Vi alhetas serem coladas em dezoito minutos nas asas metálicas dos aviões de caça P-40, eliminando assim quatro horas de trabalho de rebitagem e re-

duzindo de um terço o seu custo total. Antes eram necessários 1.200 rebites para prender os suportes das alhetas; hoje em dia bastam 300 rebites, e um pouco desta super-cola aplicada com pistola, sendo o conjunto secado numa prensa aquecida.

«Veja este estabilizador,» mostrou-me o sr. Saunders. «Alguns meses atrás eram necessários 5.500 rebites para sua montagem; hoje usamos apenas 30 e o resto é colado por meio do *Cycleweld*. A asa fica tão forte quanto antes, e até talvez um pouco mais.» E o processo de colagem é dez vezes mais barato do que a rebitagem.

O *Cycleweld* é uma resina sintética da mesma categoria dos compostos químicos de que são feitos os cinzeiros plásticos, aparelhos telefônicos e o *nariz* dos aviões de bombardeio. Os detalhes de sua composição são naturalmente secretos.

Saunders é químico industrial formado pela Universidade de Kansas, tendo entrado para a Chrysler Corporation como especialista em tintas e resinas sintéticas. Um dia alguem lhe fez esta pergunta: «O que é que faz a tinta aderir ao metal?» Isto levou Saunders a pensar na tremenda força que seria necessária para *desgrudar* um centímetro quadrado de tinta do corpo metálico de um automovel.

«Seria interessante saber porque a tinta adere tão bem,» pensou ele, «e depois poder-se-ia usar este conhecimento para inventar uma cola melhor.»

No outono de 1942, foi realizada uma demonstração da super-cola na presença de duzentos representantes da indústria aeronáutica. Os fabricantes de aviões ficaram impressionados com o resultado e dentro em pouco o próprio Departamento de Material para a Força Aérea do Exército Americano em Wright Field, assim como o Departamento de Aeronáutica da Marinha em Filadélfia, estavam aprovando o uso de cola nos aviões de guerra.

Esta nova cola, que parece estar revolucionando a construção de aviões de metal, tem, na fabricação dos de madeira laminada, um futuro de perspectivas ilimitadas. Saunders já prevê a construção de um avião de combate que, utilizando muito maior quantidade de madeira laminada, seria três vezes mais leve, custaria quatro vezes menos e poderia ser fabricado num terço do tempo que exige a construção de um de metal.

Como o *Cycleweld* serve para colar toda espécie de material, pode-se calcular que venha a ser enorme a sua utilização na construção de casas e fabricação de mobílias—leves, resistentes e baratas. Já se usa na indústria de casas desmontaveis um soalho de ferro corrugado recoberto de uma camada fina de madeira laminada. Tendo mais ou menos a mesma espessura que um soalho comum, apresenta a vantagem de ser muito mais leve, mais resistente, e ser tão rígido que só requer a metade do número de suportes ao ser instalado.

Outro exemplo das possibilidades deste grude é um bloco que Saunders tem para demonstração, feito de várias camadas de madeira laminada que foram soldadas com *Cycleweld* por meio de ondas rádio-térmicas. Alternando-se em cada camada o sentido das fibras da madeira, pode-se obter uma viga ou suporte para construção tão resistente quanto se fosse de ferro.

A primeira utilização industrial do *Cycleweld*, depois de sair dos laboratórios, consistiu em colar material isolante no teto de aço dos automoveis, mas é provavel que mais tarde venha a ser usado em escala muito maior na indústria automobilística. E talvez venha até a modificar completamente a aparência dos carros futuros, permitindo reduzir a espessura dos suportes nos quatro cantos e simplificar outros detalhes da estrutura, de modo a tornar o carro mais leve, mais resistente e de linhas mais aerodinâmicas.

Teremos enfim um automovel com teto de material plástico transparente, o que antes era impraticavel porque a vibração quebrava as juntas que prendiam a cobertura aos suportes. O processo de colagem com o *Cycleweld* permite colocar-se pequena camada de borracha entre o material plástico e o metal. «E isto é só o começo,» afirma Saunders. «Quando descobrirmos uma cola que possa unir seja o que for, não haverá limites no que realizaremos.»

Momentos embaraçosos

¶ Em um dos abafados verões novaiorquinos, Bob Davis despachou a mulher para veranear no campo, e permaneceu na cidade, pois tinha muito trabalho a liquidar. Certa noite, trazendo para casa uma pasta cheia de papéis para estudar, e certo de que estava só, despiu-se por completo, ficando apenas com um par de chinelos, pois o calor era bárbaro. Sobre a mesa da sala de jantar havia um lustre de lâmpadas, com abajur, e, sabendo ser essa a melhor luz para a leitura, Bob instalou uma cadeirinha curta em cima da mesa e lá se refestelou. Excusado é dizer que a luz lhe batia em cheio no corpo.

Distraido que era, esqueceu-se de que fazia anos naquele dia, mas sua esposa lembrava-se perfeitamente da data, e, para que fosse comemorada, dera a alguns amigos duplicatas da chave do apartamento, e estes, munindo-se de champanhe e frios, entraram, pé ante pé, pelo vestíbulo, precipitando-se repentinamente pela sala de jantar a dentro. Que surpresa!

Alice M. Williamson, em *The Inky Way* (Chapman & Hall, editores)

¶ Ethel Merman, famosa atriz da Broadway, almoçava um dia num restaurante ao ar livre, no Central Park de Nova York. Levara seu cachorrinho *dachshund*, tipo salsicha, ao qual chamava Hansel. O animal, faminto, chorava a pedir comida, mas a dona comia apenas legumes, e ele só se interessava por coisa de mais sustância. Daí a pouco, porem, o homem que ocupava a mesa ao lado levantou-se e desapareceu, deixando no prato uma costeleta de carneiro intacta. Incapaz de resistir à tentação, Ethel, mais que depressa, passou a mão na costeleta e deu-a ao Hansel, que nem cabia em si de contentamento. Mal terminava a lauta refeição canina, porem, eis que surge novamente o outro comensal, que saira apenas para atender a uma chamada no telefone!

Do *Everywoman's Magazine*

¶ Racionar o petróleo e o azoto dos alemães, para que não possam iniciar nova guerra de conquista

Para que a Alemanha viva em paz

Por R. E. McConnell

PODEMOS impedir a Alemanha derrotada de rearmar-se e iniciar uma Terceira Guerra Mundial, se restringirmos drasticamente o suprimento de duas das matérias primas que se tornaram essenciais à guerra moderna—o petróleo e o azoto ou nitrogênio. Uma vez impossibilitada de fabricar petróleo sintético, e extrair azoto do ar, já não lhe será possivel perturbar a paz da humanidade.

Depois da primeira guerra mundial, os aliados tentaram desarmar a Alemanha reduzindo a potência do seu exército, tomando-lhe a frota, os canhões, os tanques, os aviões, e proibindo-a de construir outros. Apesar disso, 20 anos depois, ela quase chegou a conquistar todas as nações que a tinham «desarmado».

Desta vez, teremos de agir melhor e de maneira diferente. Os alemães são um povo essencialmente industrial, capaz de reconstruir suas fábricas bombardeadas, e que estará fabricando dentro em pouco automoveis, instrumentos, tratores, navios mercantes, e todos os produtos dos quais uma grande usina moderna pode passar facilmente ao fabrico de materiais de guerra.

Não haverá que recear a renascença da indústria de guerra alemã—se não permitirmos que a Alemanha volte a produzir nitrogênio e petróleo. Sem estas duas matérias básicas, os aviões que porventura venha a fabricar em segredo não poderão levantar vôo, e os canhões se tornarão perfeitamente inofensivos. Os alemães não poderiam, por outro lado, produzir petróleo e nitrogênio em quantidade suficiente, conservando a produção secreta. Ambas as matérias requerem fábricas químicas extremamente complicadas e de tais dimensões que seria impossivel ocultá-las a qualquer Comissão Aliada de Armistício.

Quanto à produção natural das matérias primas essenciais na guerra, os nossos inimigos são na verdade muito mais pobres que as Nações Unidas.

Evidentemente, a primeira destas matérias brutas é o petróleo. A guerra moderna requer rios de petróleo. Os alemães nunca teriam iniciado o conflito mundial em 1939, se não tivessem vasto estoque de produtos de petróleo e a certeza de que não tardariam a conquistar quantidades maiores. Produzindo, como produz, quantidade mínima de petróleo natural, viu-se a Alemanha forçada a fabricar gasolina sintética extraindo-a do carvão. Esta é porem de qualidade inferior, e custa-lhe quatro vezes mais do que custa aos Aliados a gasolina produzida com petróleo natural, exigindo, alem disso, fábricas gigantescas e extremamente complexas.

As fábricas alemãs foram construidas para um só fim: a guerra. Seria inconcebivel que os aliados as deixassem de pé depois do armistício. Devem ser destruidas de maneira a não lhes ser possivel reconstruí-las.

Para o povo alemão, tais medidas só

podem ser benéficas, uma vez que continuemos a vender-lhes certos produtos de petróleo em quantidade suficiente ao consumo normal dos tempos de paz, e a preços razoaveis. Do ponto de vista econômico, a Alemanha não poderá manter a produção da gasolina sintética senão com forte subsídio do governo, ou tarifas exorbitantes sobre o petróleo e a gasolina importada. A eliminação de tais bonus contribuiria para elevar o nivel de vida, e é desejavel que a Alemanha se torne próspera e saudavel para que a Europa e o mundo se mantenham saudaveis e prósperos — contanto que permaneça uma Alemanha pacífica.

Se pudermos controlar o suprimento de petróleo da Alemanha, teremos mais de meio caminho andado no sentido de impedir que ela venha a perturbar de novo a paz universal. Com uma nação tão rebelde, porem, toda precaução é pouca. Será mister portanto que controlemos tambem algumas das outras matérias que lhe faltam, e sem as quais nenhum país pode entrar em guerra. Já sugeriram, por exemplo, restringir a sua importação de metais necessários ao fabrico de vários tipos de aço empregados nos armamentos modernos. Estas e muitas outras sugestões devem ser cuidadosamente examinadas e discutidas.

Na minha opinião, contudo, qualquer projeto, que tenha por objetivo cortar as garras à fera, deve incluir, em segundo lugar, alem das restrições ao petróleo, um controle drástico do abastecimento de nitrogênio que, numa ou noutra forma química—como sejam nitro-celulose, algodão pólvora, ou TNT —é a base de quase todos os explosivos modernos.

Antes de 1914, a única fonte de azoto do mundo eram os depósitos naturais que existiam em grande quantidade no Chile. Mas em 1914, os técnicos alemães inventaram um processo graças ao qual se tornaria possivel extrair as grandes reservas de nitrogênio contidas na atmosfera terrestre. A Alemanha não teria entrado em guerra em 1914 se não possuisse o segredo deste novo processo.

Toda a capacidade de produção do Chile não forneceria nem metade do nitrogênio empregado pela Alemanha na Segunda Guerra Mundial. Devemos por conseguinte aniquilar qualquer revivescência da ambição militar alemã durante os próximos anos de paz, desarticulando as suas usinas de fixação do nitrogênio, e transportando-as para as regiões da Europa que se achem fora do seu alcance.

Em tempos de paz, entretanto, o nitrogênio assim obtido é empregado universalmente como adubo e em vários outros processos químicos. A Alemanha precisa de adubos para a sua agricultura mais que qualquer outro país. O controle que acabo de sugerir provocará portanto constantes atritos, prejudi-

R. E. McConnell é, por profissão, engenheiro de minas. Figuram entre as suas realizações a organização, para a Marinha, de uma fábrica para extrair nitrogênio da atmosfera, na Primeira Guerra Mundial, certos aperfeiçoamentos do rádio, bem como a exploração das minas de cobre da Rodésia, de Chipre e da parte ocidental dos Estados Unidos, e de dois dos mais profundos poços de petróleo e gasolina do mundo, na Luiziana. Reorganizou recentemente para o governo americano a General Aniline & Film Corporation—importante companhia subsidiária da congênere alemã.

A sugestão por ele apresentada neste artigo lembra uma proposta submetida, em 1918, aos membros da conferência da paz em Versalhes. Desprezada, então, está sendo agora seriamente discutida pelos técnicos.

cando consideravelmente o nivel de nutrição dos alemães, a não ser que as Nações Unidas estejam prontas a vender-lhes nitrogênio fixo na quantidade necessária para o consumo civil e a preços razoaveis.

Não estou propondo aquí a restrição do petróleo sintético e da produção de nitrogênio da Alemanha como um sucedâneo para todos os complicados acordos internacionais que devem ser efetuados uma vez ganha a guerra. Parece-me, porem, que o controle em questão deve ser parte integral de qualquer programa de ação destinado a evitar futuras guerras.

Bem sei, por outro lado, que é de fato árdua tarefa, criar uma máquina administrativa para manter estes controles eficazes, quando as nações vitoriosas estiverem absorvidas pelos seus problemas domésticos, e a guerra se houver tornado desagradavel lembrança que pensemos poder esquecer. As possibilidades de êxito serão contudo maiores se reduzirmos as restrições a umas poucas matérias primas de importância vital, sem as quais a guerra alemã só poderia ser travada nos sonhos de algum oficial prussiano.

Há um ponto sobre o qual devemos insistir: afim de estabelecer a administração destes controles será necessário prolongar o período do armistício por vários anos. Quanto mais longo o armistício, mais seguros os controles e mais duradoura a paz.

Tais controles devem ser executados com flexibilidade e firmeza ao mesmo tempo. As descobertas científicas se vêm sucedendo atualmente com tanta rapidez que é possivel, embora não provavel, que descubramos novas fontes de energia ou nova base química para explosivos, tornando-se, neste caso, inteiramente obsoleto o controle, que acabo de surgerir, do petróleo e do nitrogênio. Mas ainda lá não chegamos. Enquanto isso, eis aí uma sugestão concreta e simples e mais realizavel que muitas das medidas que vêm sendo propostas para que tornemos a Alemanha, de todas as maneiras, incapaz de iniciar nova guerra.

A «verdade» nazista

¶ Logo após o afundamento do *Scharnhorst*, o jornal *Estrela Rubra*, de Moscou, publicou uma anedota, em cuja gravura se via um marinheiro acabrunhado, afogando-se nas ondas revoltas. E, a um lado, Goebbels, ministro de propaganda do Reich, berrava a um microfone: «Podemos orgulhar-nos de grande vitória. A frota submarina alemã foi aumentada de 26.000 toneladas.» Do *Time*

Na zona sul de Nova York, durante uma forte tempestade de vento, ouviram-se gritos de «Hitler! Hitler! Hitler!» Muita gente saiu à rua para ver o que estava acontecendo, e o que se viu foi um vendedor de frutas, bradando o sobrenome do «Adolfinho». Um guarda civil perguntou-lhe: «Que negócio é esse de chamar Hitler?» E o outro replicou: «Seu guarda, se eu gritasse, «Olha a fruta boa!» num dia de tempestade, quem é que saía de casa para comprar?» *NBC*

«Que ruja o furacão» apareceu primeiro no «Saturday Evening Post», 1932. Copyright 1933, Rose Wilder Lane, e editado por Longmans, Green & Co., 55 Fifth Avenue, Nova York.

CONDENSAÇÃO DO LIVRO DE

· ROSE WILDER LANE ·

Let the Hurricane Roar

Este livro conta a história dos pioneiros que se aventuraram, em épocas idas, pelas planícies norte-americanas, dando exemplos de fé e coragem, de que os seus descendentes se orgulham. Da autora, Rose Wilder Lane, já se disse que pertence àquele pequeno grupo de escritores que, das profundas raizes da vida americana, trouxeram à luz uma obra de valor eterno.

Quando apareceu este romance, foi entusiasticamente aplaudido, tanto pelos críticos como pelo público. Fizeram-se logo a seguir oito edições, e o êxito cresceu de tal modo que mais dez, pelo menos, surgiram, no espaço de 10 anos.

QUE RUJA O FURACÃO!

QUANDO AINDA eram crianças, a brincar juntos, disseram um ao outro, com simplicidade, que, quando fosse ele rapaz e ela moça, haviam de casar-se, e, de fato, ao chegarem à mocidade, assim fizeram.

Para Caroline, é, até hoje, um milagre que ela, tão tímida e acanhada, e sem traços de beleza, tenha atraido um homem como o seu Charles, alegre e corajoso, caçador destemido, exímio dansarino, violinista e lutador.

Quando se casaram, não havia terra que prestasse nas cercanias. Mais para oeste, entretanto, os campos eram ferteis e ainda não cultivados, e, por outro lado, era a planície, sem o obstáculo das florestas. Decidiram, pois, partir para o oeste.

Charles era o mais velho de sete irmãos, e seu pai sempre fora homem generoso. Charles deveria trabalhar para ele até atingir a maioridade, mas, dois anos antes disso, deu-lhe o pai um presente valiosíssimo: emancipou-o por completo, doando-lhe a parelha e a carroça a que o rapaz apenas teria direito quando chegasse aos vinte e um anos.

Quanto a Caroline, recebeu, em dádiva, dos pais, dois cobertores, dois travesseiros de pena de ganso, uma caçarola, uma frigideira e uma panela. Tambem ganhou presunto, um queijo, açucar, e um volume dos poemas de Tennyson, em linda encadernação verde e dourada, com gravuras. Já anteriormente possuia as colchas de retalhos que ela própria fizera. Assim, partiram os dois bem providos...

Desse período, guardam muitas recordações, e não sabem dizer propriamente quais as que lhes são mais gratas: se as dos longos dias de viagem por estradas desconhecidas, se as das noites ao pé da fogueira, quando Charles tocava seu violino, e os cavalos pastavam, e, na noite enluarada ou salpicada de estrelas, o ar era doce e suave. Charles cantava de pé o seu hino favorito, e aos acentos de sua voz, vibrante e máscula, as palavras de fé ecoavam pela vasta floresta virgem:

Que ruja o furacão!
Não tarda a amainar!
Havemos de vencê-lo, para desembarcar em breve
Na praia feliz de Canaã!

Mais tarde, Caroline preparava a fogueira para que não se apagasse durante a noite, enquanto Charles tratava de amarrar os cavalos; e iam em seguida dormir na grande carroça.

Todos os dias, Charles caçava, e quando precisavam de farinha, chá ou açucar, acampavam perto de algum povoado, onde ele oferecia seus serviços em troca de mantimentos.

Já ia adiantado o verão, quando chegaram à planície ocidental. Charles conseguiu emprego na estrada de ferro, dizendo que era cedo para procurarem instalar-se em terreno próprio. Enquanto isso, ficariam morando no acampamento, perto da estrada, pois Caroline ia ser mãe, e Charles queria juntar um pouco de dinheiro.

Aí moravam os homens que trabalhavam na construção da estrada de

ferro do oeste, e o seu acampamento era minúsculo na planície imensa. Tinham erigido um barracão-dormitório, uma cozinha e pequeno armazem. A cozinha era dirigida por duas mulheres, uma tal Mrs. Baker e sua irmã, desleixadas e rudes, cuja companhia não agradava a Caroline. Em vista disso, Charles construiu para ela uma choça de barro, utilizando, à guisa de telhado, a capota de lona da carroça. Para amortecer o calor do sol, cobriram de palha as paredes e o teto. A choça, muito limpinha, ficou pronta em dois dias.

A Charles incumbia levar suprimentos a outro acampamento, a uns 30 quilômetros para oeste, e, assim, ficava ausente de casa duas noites por semana. Os lobos rondavam, a ponto de ouvirem-se, embora de longe, os seus uivos. No armazem, à noite, reinava confusão e barulho, pois os homens lá se reuniam para beber e jogar. Entretanto, Charles dera a Caroline uma pistola, e ela se sentia segura, se bem que muito só.

Chegou setembro, com os ventos frios do outono; o dia inteiro, os pássaros passavam a cantar, suas asas riscando o céu cinzento, em demanda das amenas temperaturas do sul. Começavam a levantar-se os acampamentos, pois os trabalhos seriam interrompidos até o ano próximo. Charles ganhara dinheiro suficiente para as provisões de inverno, alem de ferramentas e sementes, já que encontrara afinal um bom lote de terreno onde se instalar.

Quando chegou contando a Caroline a grande novidade, seus olhos azues brilhavam de contentamento e animação. No pedaço de terra, em que iriam residir e trabalhar, havia um barracão subterrâneo, e grande parte do solo já recebera o inicial tratamento para o plantio. Tudo isso fora feito pelo residente anterior, o qual decidira abandonar tudo, e voltar para leste, alegando que não aguentava a solidão do lugar, nos longos meses de inverno.

Charles perguntou:—Será que você tambem não vai sentir esse isolamento, Caroline? Nós vamos ficar a dezenas de quilômetros de qualquer ser humano...

—Mas você terá que viajar muito?

—Não, eu vou ficar sempre lá, mas, assim mesmo...

—Com você lá, não há perigo de eu me sentir isolada.

À noite fez-se Charles de viagem, rumo ao Registro de Imoveis, para o fim de garantir-se na posse do seu terreno. Se bem que ainda tivesse apenas vinte anos, era chefe de família, cabendo-lhe assim o direito de registrar a terra. Daí a três dias, à hora do crepúsculo, Caroline ouviu-o que cantava, de regresso para casa em sua carroça. Trazia consigo os papéis, e estava radiante: daí a cinco anos, o terreno seria seu, por usucapião.

CHEGOU por fim a seu termo o trabalho nos acampamentos. Em carroças, a cavalo, a pé, voltavam os homens para leste, em busca de terrenos cultivados. Enquanto isso, Caroline e Charles arrumavam suas coisas, preparando-se para partir na direção oposta.

A sra. Baker irritou-se ao saber dos planos do jovem casal. Mãos firmemente postas nas cadeiras, virou-se, enérgica, para Charles:

—Mas você quer matar sua mulher, homem? Levar ela por aí nesse estado!

Charles assustou-se com isso. Nunca supusera que o parto pudesse pôr em perigo a vida de Caroline, e prontifi-

cou-se imediatamente a desistir dos seus planos, afim de levá-la para a companhia dos pais. Caroline, porem, pensava no terreno; sabia que, na ausência do marido, poderiam surgir espertalhões que por lá se instalassem, e recebessem Charles a bala, quando ele voltasse na primavera. Era comum sucederem coisas assim. Com sua voz mansa, disse, muito cortês: «Adeus, Mrs. Baker. Está na hora da gente ir embora.»

Charles, relutantemente, iniciou a viagem, mas pensava ainda em retroceder. Caroline, de propósito, omitiu qualquer referência aos espertalhões que pudessem tomar o terreno, e disse apenas, serenamente:—Ter filhos é coisa facil e natural. Tanto faz nosso filho nascer lá como em qualquer outro lugar.

Viajaram o dia todo sem encontrar vivalma. Apenas uma vez avistaram, à distância, um homem a cavalo; um índio, talvez, ou um refugiado da justiça, desses que se escondem pelo oeste.

O dia inteiro, o horizonte se manteve no mesmo círculo inalterado, e o mato dansava com o vento. À tarde, passaram por um choupo solitário que servia de ponto de referência naquelas paragens, e Charles desviou-se do caminho para procurar sementes.

E à tardinha, já quase ao anoitecer, circundaram um terreno pantanoso, e os cavalos pararam.

—É aquí! gritou Charles.

Caroline não ocultou o seu espanto, ao dar com um pequeno arroio, ao fim de um declive do terreno. Charles soltou uma gargalhada. É que nada havia dito sobre o riacho, para proporcionar a Caroline uma surpresa. Ela, que não sabia da existência de água corrente naquela nesga de campo onde ia fixar-se, teve uma grande sensação de alívio ao ver que não seria necessário cavar um poço.

—Até já achei um nome para esse riacho: vai se chamar Arroio da Ameixeira, disse Charles, mostrando dois pezinhos de ameixa brava à beira do regato. —E estão vivas; vão dar flor.

Estava ansioso por mostrar a Caroline o barracão subterrâneo, que lhes ficava sob os pés, onde a relva era macia e a grama escondia a parte superior da pequena chaminé do fogão. Para chegar à porta, era preciso descer por um caminho sinuoso, na margem íngreme do riacho.

Abriram a porta, e viram uma sala em que caberiam perfeitamente todos os suprimentos. O chão era de barro bem batido, duro e liso; o teto, e parte das paredes, cobertos de lona. Alem do fogão, a mobília consistia em uma cama de madeira, uma mesa e um banco. Tudo isso Charles comprara ao antigo morador. O sol entrava pela porta, através da qual se avistava a outra margem do regato, e, alem, a planície sem fim. Havia, tambem, uma janelinha, que não passava de um buraco coberto com papel oleado; bastaria para dar entrada um pouco de sol no inverno.

Nada poderia haver mais abrigado no inverno, ou fresco no verão. E todo esse aconchego, todo esse conforto—o barracão tão bem feito, o solo rico, e limpo de árvores para as plantações, e até o pequeno pântano que daria feno para os cavalos e para queimar no fogão—tudo isso era deles! Desde que alí residissem e cultivassem a terra, entrariam, daí a cinco anos, na posse definitiva.

TUDO FOI correndo à maravilha até o dia em que chegaram, enregelando e bramindo, as tempestades de vento e neve. Os cavalos estavam bem, no celeiro, onde havia feno e aveia, bastante para durar até a primavera. Charles cortara o mato que crescia no pântano, e o empilhara em feixes ao lado do celeiro.

O vento uivava, e a neve cobria com o seu lençol toda a terra. Nos dias de sol, Charles saía com sua espingarda, e voltava trazendo carne e peles. Caroline, enquanto isso, arrumava a «casa», assava pão, lavava e passava roupa, e cozinhava. Nos dias em que a ventania feroz vinha gritando lá do noroeste, Charles só podia ir do barracão ao celeiro, e vice-versa. Prendera uma corda grossa ligando um ponto ao outro, para que se não perdesse quando a tempestade o cegava.

Com dois caixotes, fez um berço. Alisou bem a madeira, e gravou, na cabeceira, dois passarinhos e um ninho. A lanterna brilhava alegremente, e do fogão vinha delicioso calor, de par com o cheiro gostoso da comida. Charles tirou da caixa o seu violino, e pôs-se a tocar e cantar, marcando com os pés o ritmo da música.

Em fevereiro, tudo era neve por aqueles ermos. Caroline, prestes a dar à luz, sentia-se pesada, e lenta de movimentos. E, embora o tempo estivesse bom para caçar, Charles saía pouco, para não deixá-la sózinha. Não havia nem hostilidade nem mercê naquele silêncio imenso—quilômetros e quilômetros de neve, onde se não via um só vestígio de vida humana,—silêncio quebrado apenas pelo rugir da ventania, e pelas passadas de animais selvagens.

Caroline procurava lembrar-se de tudo o que sabia sobre o parto; eram, porem, muito escassos os seus conhecimentos, a respeito. Sentia, em tal emergência, muita falta de sua mãe, mas não queria que Charles o percebesse.

Um dia, depois do almoço, manifestaram-se as primeiras dores anunciantes da sua maternidade. Ela já havia amassado o pão, e aproximava-o mais do fogo, para que crescesse mais depressa. Com o rosto já alterado pelo sofrimento, fazia por escondê-lo do marido, e assim pôde levar a cabo o seu trabalho ao fogão, sem que ele o impedisse. Bem sabia que iria sofrer muito, mas não queria gemer, para não atormentá-lo.

Sobreveio uma noite interminavel. Ela, estendida na cama, procurava sorrir para Charles até onde as forças lhe permitiam. Como que o medo era peor que a dor. Desesperada, apegava-se, em busca de apoio, à presença do marido, mas nem este a podia ajudar. De repente, viu tudo turvo. Ouvia gritos; sabia que lhe vinham da garganta, mas não era capaz de contê-los. Debatia-se na dor, na dor insuportavel, indescritivel. Sentia que ia desmaiar, cair...

A criança nasceu na manhã do segundo dia. Precisamente quando completava 17 anos, recebia Caroline esse presente do céu. Era um menino, e recebeu o nome de Charles John: um garoto gorducho e sadio, que quase não chorava. Caroline lavava-lhe as roupinhas todos os dias, e banhava-o na água aquecida ao fogão. Com a pequena criatura nos braços, sangue do seu sangue, a quem ia nutrindo com o seu leite, as lágrimas agora eram um transbordamento de felicidade e alegria.

COM A PRIMAVERA, a neve desfez-se como por encanto; da noite para o dia, a planície cobriu-se de flores silvestres. A porta ficava aberta o dia inteiro, e Caroline ia com o filho ao encontro de

Charles, que preparava a terra, tão exuberante de promessas, tão aparentemente fecunda.

Naquele mesmo ano, iam ser colocados os trilhos da estrada de ferro a uns 20 quilômetros dalí. Algumas famílias se haviam instalado em acampamentos perto da aldeia, e já no próximo ano correria o primeiro trem. Por toda parte, os terrenos estavam sendo ocupados. Caroline e Charles se alegravam ao considerar que, tendo sido os primeiros, haviam obtido o melhor local entre todos. Seria deles a primeira colheita de trigo. Que alegria imensa só em pensar!

Certa manhã de maio, quando o trigal estava bem verde, e Charles se ocupava da plantação de batatas, veio vindo, pela planície, uma carroça coberta, puxada por bois. À noite, Charles mostrou à mulher uma fogueira a uns mil metros de distância, e na manhã seguinte já se via gente a construir um barracão.

—Vamos ter vizinhos,—disse ele, satisfeito. No outro dia dirigiu-se aos recem-vindos para cumprimentá-los. Voltou, porem, decepcionado, pois se tratava de suecos que mal falavam inglês.

Daí a algumas semanas, à hora do almoço, o sr. Svenson veio vê-los. Era um homenzarrão, de roupa suja, mãos calejadas e uma larga cara triste. Trazia os olhos azues marejados de lágrimas. Apontou para a vasta planície, e quis dizer qualquer coisa, mas o que apenas se ouvia foi um ruido que lembrava o silvo do vento. Levantou dois dedos, dando a entender que se referia a si mesmo e a sua mulher, tão sós naquelas alturas. Com ar lamentoso, estendeu os braços, suplicamente, para Caroline. Ela compreendeu: o que torturava o pobre homem era o isolamento terrivel em que se encontrava a esposa.

À tarde, Caroline pôs seu melhor vestido e um capuz, e, com o filhinho nos braços, dirigiu-se, através da planície, para a cabana dos recem-chegados. Um cobertor fazia de porta, e Caroline, afastando discretamente a «cortina», chamou, timidamente: «Mrs. Svenson?»

Apareceu-lhe uma moça muito loura, tão jovem quanto a visitante. Visivelmente satisfeita, levou Caroline pela mão, e fê-la sentar-se na única «cadeira» de que dispunha—um banco da carroça. Mrs. Svenson revelava seu contentamento por meio de sorrisos e de palavras incompreensiveis. Correu a fazer café, e Caroline notou que nem fogão tinham.

A coberta de lona da carroça estava dobrada no chão, e sobre ela se via um colchão de penas, muito bem arrumado, com travesseiros. A um canto, uns barrís, e grandes baús coloridos. Mrs. Svenson, abrindo um dos baús, tirou dele duas chícaras e dois pires, e foi buscar o café.

—Chícara, disse Caroline, apontando. E Mrs. Svenson replicou:—Chícara! rindo com entusiasmo e mostrando os dentes muito claros e fortes.

—Pires, ensinou Caroline.

—Pires, repetiu a outra, encantada, e pôs-se a apontar outros objetos. Parecia um jogo... —Bebê, repetiu Mrs. Svenson várias vezes, segurando Charles John nos braços. O garoto ria gostosamente, e batia com os pés.

Quando Caroline já se ia embora, Mrs. Svenson levou-a para ver duas colméias de abelhas. Caroline ensinou-lhe palavras novas: «abelhas» e «mel» —e voltou para casa cheia de novidades para contar a Charles.

Daí por diante, as duas se encontravam umas duas vezes por semana, ora no barracão de uma, ora na cabana da outra. Caroline tinha a impressão de que dentro em breve teriam, em torno de si, uma aldeia inteira, pois já tinham vizinhos a apenas um quilômetro!

A safra foi excelente: alem do trigo, haveria batatas, nabos, e cenouras para o próximo inverno, e o dinheiro suficiente para novos suprimentos. No ano seguinte, se tudo corresse bem, haviam de comprar uma vaca. E quando Charles tivesse garantida sua posse do terreno, construiriam uma casa de madeira.

Plantaram as sementes de choupo em fila dupla ao redor do lote que haviam escolhido para a construção da futura morada. E todos os dias, depois de terminar seu trabalho doméstico, Caroline carregava dúzias de baldes de água, para regar as plantinhas. Quando estas crescessem, teriam uma cerca viva magnífica, para proteger a casa da ventania.

Certa manhã, no fim de junho, Charles chamou-a, muito excitado, para mostrar-lhe uma coisa. Ela o seguiu, curiosa, e de repente parou, atônita: os verdes trigais já se erguiam a um metro de altura!

—Veja, Caroline, e Charles não cabia em si. —Com o preço do trigo atualmente, e com a quantidade que vamos colher, isso aí vale uns dois mil dólares!

Ela não sabia o que dizer: tanto dinheiro era inconcebivel. Disse apenas, ainda sob o efeito daquela revelação: —Nós até podíamos comprar a vaca...

—Vaca? bradou Charles. —Que nada, vai ser uma manada inteira! Vamos cercar o terreno, construir a casa, e eu compro um vestido de seda pra você. E vamos comprar um carro com parelha e tudo! Dizendo isso, abraçou-a, suspendeu-a nos braços e dansou de alegria. —Estamos ricos, Caroline. Ricos!

Todas as tardes iam ver o trigo. O período das geadas passara e o trigal não precisava mais de chuva. No espaço limitado pelos choupos, Charles começou a cavar o porão da nova casa. Caroline nascera numa cabana de madeira, mas Charles ainda se lembrava das casas pintadas de branco, lá para as bandas do leste; pois a deles havia de ser assim.

Charles começou a achar que o terreno não era bastante. Queria registrar as árvores tambem. —Caroline, nós estamos crescendo junto com a melhor terra do mundo!

—Mas a lei exige que a gente plante cem árvores, para cultivar durante cinco anos, objetou ela. —Você teria que trabalhar até adoecer.

Ele riu-se, cheio de amor pela companheira. —Mas, filha, nós vamos ter dinheiro e podemos ter empregados!

Era madrugada ainda, quando ele partiu na carroça, em direção ao povoado, onde havia um escritório de registro de terras; esperava estar de volta à noite.

Desde esse dia, as pequenas tarefas cotidianas, os momentos presentes, eram para ela muito menos reais do que o futuro magnífico com que, já agora, ambos contavam. Na casa nova haviam de ter uma cisterna, com uma boa bomba, e ela não precisaria mais carregar água em baldes. O menino teria roupinhas de flanela enfeitadas de fita. O chão seria de madeira, tão facil de varrer e limpar...

Ao pôr do sol, entregou-se fielmente à tarefa de regar os choupos. Erguendo-se para descansar as costas fatigadas, ficou a contemplar a excavação feita pelo marido para os alicerces da futura

casa. Imaginou as paredes brancas, e a cerca viva, e, mais alem, os trigais sem fim, ricos e ferteis. A casa deles. Para o menino, seria o único lar: ele cresceria alí, alí atingiria a mocidade, naquela mesma casa branca; trabalharia no trigo e nos grandes barracões, e percorreria a cavalo toda a planície. Não se lembraria da pobre choça subterrânea onde nascera.

Já estava escuro quando ela ouviu que chegava a carroça, e, munida de uma lanterna, foi ao encontro do marido. Viu que ele trazia muita lenha, alguns embrulhos e, a reboque da carroça, uma segadeira mecanica.

Charles saltou agilmente da carroça, e abraçou-a com força.—Adivinhe o que eu trouxe pra você.

—Ora, Charles... Mas escute: você comprou a crédito?

—Porque não? Nós agora temos crédito, menina. Você precisava ouvir aquele pessoal, lá no povoado, falando do nosso trigo! Eu registrei uma quarta parte do terreno, do outro lado do córrego. E esse é o melhor lote desta região! Quando tudo estiver plantado de trigo... meu Deus, você então pensou que eu ia trazer uma carroça vazia? Nós precisávamos da segadeira e da lenha, não é verdade?

Jamais houvera um jantar como o daquela noite. Charles trouxera ótima carne, doces, passas, e até meio quilo de manteiga e um quilo de açucar. Comprara um chocalho para o bebê, e um parzinho de botas grande demais para o garoto. Por fim, abriu um embrulho e de lá tirou, com ar de triunfo, alguns metros de excelente seda marron. Caroline nem acreditava no que via. Passou a mão pela fazenda, cheia de incrédulo respeito. —O seu cabelo ainda é mais sedoso, disse Charles, tentando conter o júbilo que lhe ia na alma. Afinal, não se conteve, e gritou: —Ah, graças a Deus eu vou poder cuidar de você e do garoto!

Depois do jantar, foram sentar-se junto à porta para contemplar o céu estrelado. Descansavam os dois, sentindo a esplêndida segurança que lhes dava o trigo. —Semana que vem, eu vou cortar o trigo, anunciou Charles.

No dia seguinte, Caroline estava pondo a mesa para o almoço, quando de repente ouviu gritos de mulher.

—Fique aquí, disse-lhe Charles, pegando a arma e saindo. Caroline, para não deixar o menino sozinho, não foi atrás do marido.

Era Mrs. Svenson que se aproximava, correndo, e Charles apressou-se ao seu encontro. Ofegante e apavorada, ela mal pôde gritar-lhe uma palavra qualquer, procurando avisá-lo de alguma coisa, e voltou-se apontando para cima. Do lado de noroeste vinha crescendo uma nuvem imensa, impressionante. Mrs. Svenson voltou, a correr, para a sua cabana, já agora em prantos.

Caroline ouviu um ruido como de pingos de chuva, mas só conseguia enxergar o trigo, que se diria movido por suave brisa. Charles parecia petrificado, e afinal gritou: «Minha—Nossa—Senhora!»

Eram gafanhotos que se aproximavam, caindo às centenas sobre o campo. E eram tantos que chegavam a formar, de fato, uma nuvem!

Charles veio a correr, dizendo à mulher que enchesse os baldes de água, e ensopasse os cobertores, pois ia tentar salvar o trigo com fogo.

Antes que os gafanhotos tivessem acabado de cair da altura, já Charles dera três voltas, com a carroça, em torno do trigal. Pusera fogo na grama, e

isolara o trigo, fazendo três grandes sulcos na terra. Felizmente, não havia vento.

A Caroline incumbia seguir o fogo ao longo daquela faixa de terra arada, para impedir que as chamas pulassem para o trigo. Charles tomara a si a tarefa mais dificil: controlava o fogo na grama, evitando assim que o mesmo se propagasse excessivamente. Ao cheiro da fumaça, juntava-se agora o odor acre e oleoso dos gafanhotos queimados.

A impressão que os dominava era de que aquela luta desesperada não havia de acabar. Mas acabou. Caroline sentou-se no chão, a estremecer, comovida.

Charles aproximou-se, correndo. Estava negro de fumo; o fogo lhe devorara sobrancelhas e os cabelos do braço. Quanto ao trigo, lá estava ainda, verde-dourado, belíssimo, apesar dos gafanhotos continuarem a zumbir, voando sobre o trigal.

—É melhor você entrar, e descansar um pouco, disse ele. —Eu vou ver se consigo manter a fumaça bem grossa, para espantar esses bichos.

Caroline voltou, lentamente, pisando em gafanhotos, o que lhe provocava uma sensação de náusea; e trazia-os muitos consigo—no cabelo, na saia, nas mangas do vestido. Procurava não lhes ouvir o zumbido irritante.

Automaticamente, foi cuidar do bebê. À hora do costume, deu de comer e beber aos cavalos, e preparou o jantar. Charles fazia feixes de grama, e empilhava-as na terra chamuscada, junto ao trigo. Ateou-lhes fogo, e logo subiu ao ar espessa fumaça.

Caroline guardou a comida no fogão por longo tempo. Afinal, Charles voltou: estava, porem, cansado e preocupado demais para que pudesse comer.

Foram os dois novamente ver o trigo. À luz das estrelas, trouxeram mais grama para a fogueira, afim de impedir que a fumaça cessasse.

A aurora, como era natural, surgiu escura, cinzenta, por isso que enfumaçada. E quando vieram os primeiros raios do sol, ouviu-se um ruido que parecia subir de toda a planície: eram milhares de minúsculas mandíbulas mastigando, triturando... E o trigal estremeceu. Os altos e esbeltos pés de trigo tremularam; um aquí, outro acolá, moviam-se como se estivessem em luta, e por fim caíam, torcidos, uns sobre os outros.

Charles deu um grito rouco, e precipitou-se para o trigal. Pôs-se a arrancar as preciosas hastes freneticamente. Tinha que cortar alguns pés, e os empilhar, pondo-lhes fogo, na esperança de salvar os outros. Fê-lo com a sensação de estar a rasgar a sua própria carne.

No meio da fumarada, gritou:—Caroline, volte para casa, e fique lá. Não quero você aquí; o menino precisa de você. E dos olhos, vermelhos, injetados, as lágrimas lhe corriam pelo rosto negro de fumaça.

De hora em hora, Caroline ia levar-lhe um copo de água. Trouxe comida tambem, mas Charles não se dispunha a parar para comer.

—Se ao menos nós conseguíssemos salvar um pouco para semente! disse, por fim. —Eu posso pedir prazo para pagar as dívidas, se houver colheita.

No dia seguinte, já não mais se viam na planície as hastes erectas de trigo dourado. Jazia tudo no chão, como se houvera sido posto abaixo por alguma

imensa segadeira; mas, ainda assim, se notava como que um constante tremor no trigo caido. Caroline foi buscar água ao regato, e fez uma pausa para ver em que estado haviam ficado as suas ameixeiras. Não restava uma folha sequer!

Charles finalmente entrou em casa, de olhos em braza, e com a cara imunda. —Aí está, meu bem; perdemos o nosso trigo. Não sobrou nada. E, dizendo-o, caiu prostrado no banco.

Ela procurou animá-lo. —Não faz mal; nós passamos sem o trigo até agora, podemos aguentar mais um pouco. Sentou-se junto, e Charles a abraçou. Caroline sentiu que ele soluçava, com a cabeça encostada no seu ombro. Quando nascera o bebê, tambem ela tinha sentido essa necessidade imprescindivel de amparo e de consolo que o marido agora revelava.

—Ah, Caroline, eu fui um louco. Estou devendo uns 200 dólares, e não temos nem farinha nem semente pro inverno.

—Não se importe, não. Você há-de dar um jeito. E melhor ir dormir um pouco. Depois, você fica mais animado.

E ele dormiu profundamente, exhausto que se achava. Ao acordar na manhã seguinte, tinha o rosto enrugado e os olhos entumescidos. Foi cuidar de algumas pequenas tarefas cotidianas, tomou café, e em seguida, a conselho da mulher, entregou-se de novo ao sono, enquanto esta o velava, sentada, em silêncio.

De repente, percebeu ela um ruido, como de algo que arranhava e estalava. Pôs-se de pé, e, olhando para o chão de terra batida, viu uma linha negra que avançava, entrando pelo barracão. Era uma enorme fila de gafanhotos; centenas, milhares de cabecinhas duras, triangulares, olhinhos que brilhavam, e pequenos maxilares triturantes, penetrando pelo umbral da porta. Erguendo o pequeno, envolveu-o no avental, e cobriu-o com os braços.

—Charles! gritou. —Venha matar estes bichos.

Pela porta aberta, olhou para fora, e teve a impressão de que toda a terra se movia, a arrastar-se lentamente. A margem do regato, a planície, tudo brilhava, rastejando. Correu à porta, e fechou-a, esmagando, cheia de nojo, uma porção de gafanhotos.

Charles acordara, e viera em seu auxílio. Arrancou das paredes e do teto quantos gafanhotos foi encontrando, triturou-os com os pés, e os varreu do chão.

E nisso continuaram durante toda a noite e todo o dia seguinte. Charles apenas saía para cuidar dos cavalos. —Ainda bem que eles estão seguros. Com a parelha, eu posso conseguir emprego. Volto para a estrada de ferro por algum tempo. Quem foi que disse que nós desanimamos? Vamos dar um jeito nisto.

—Isso mesmo, Charles. Nós sempre demos um jeito.

Entretanto ela sabia o que significava para ele voltar a trabalhar na estrada. Durante um ano, fora proprietário, e se sentira independente.

Nessa tarde, os gafanhotos começaram a desaparecer, tão misteriosamente como haviam surgido. A nuvem foi-se sumindo no horizonte.

Na planície, não restava um pé de trigo. A brisa vespertina levantou um pouco de pó. A única coisa que os gafanhotos deixaram intacta foram as pilhas de feno do ano anterior.

Na manhã imediata, Charles saiu bem cedinho, em direção ao acampamento da estrada, dalí a uns 30 quilômetros. —Se o capataz me der emprego hoje mesmo, eu fico lá, disse ele a Caroline. —Se aparecer alguem vindo nesta direção, mandarei um recado. Mas não se preocupe se eu não vier amanhã. Svenson cuida de vocês.

Abraçou-a, e, tomando assento na carroça, partiu.

Foi só na noite seguinte, quando Charles não apareceu, que Caroline percebeu melhor a ansiedade que a dominava. Procurou convencer-se de que sempre tivera certeza de que ele conseguiria emprego. Poderiam, pois, pagar as dívidas, e comprar suprimentos e semente para o inverno e para o próximo ano. Tratou então de persuadir a si mesma de que a perda do trigo não tinha alcance tão definitivo; afinal de contas, nem chegaram a colher todo o grão, e tanto a casa quanto os outros sonhos só haviam em suma existido nos devaneios da imaginação. Nada daquilo fora de fato real.

—Charles está empregado, e no ano que vem vamos comprar uma vaca, e Charles John vai tomar muito leite.

Na quinta noite, Charles voltou. Caroline estava a amamentar o bebê, quando ouviu a carroça parando perto do celeiro.

À luz da lanterna pôde observar como estava ele empoeirado, e quanto viajara—longos quilômetros sem fim, com poeira e calor, sozinho, aniquilado.

—Você deve estar exhausto. Eu ajudo a arrumar os cavalos. Sua voz era para ele uma carícia.

—Não conseguí emprego. Não há emprego nenhum por aí.

Beijou-a rapidamente, e voltou para soltar os tirantes da carroça.

Quando entrou de novo em casa, esperavam-no um chá quente, e as batatas na panela. Seus olhos haviam adquirido nova expressão de dureza, e Caroline surpreendeu-se a pensar: «E ele só tem vinte anos!»

—Estão mandando embora uma porção de homens nos acampamentos, disse Charles, e ela reparou que ele apertava com força os braços queimados de sol. —Já acabaram o serviço de construção. Todo o mundo está procurando trabalho, e o povoado está se esvaziando. Eu vi homens pedindo esmola nos acampamentos—homens com mulher e filhos!

Ela se dominou, e respondeu:—Mas a nossa situação não é tão ruim assim. Tem feno que chegue pros cavalos, e nós temos muita batata; alem disso você pode caçar no inverno.

Ele deu um murro na mesa. —Nem caçar eu posso! Não tenho pólvora nem munição, e o crédito se esgotou. Desta vez não há jeito mesmo. Nós temos que desistir do terreno, e dar o fora... se pudermos. Talvez eu consiga emprego pras bandas do leste.

Caroline sabia que seria um erro abandonarem o terreno, e sugeriu: —Porque é que você não vai para o leste apenas durante o verão? Enquanto isso, se ficarmos com o terreno, podemos obter prazo para pagar as dívidas.

—Você pensa que nós podemos fazer uma viagem dessas, e estar de volta dentro de cinco meses? Temos que andar devagar por causa do garoto, e precisamos de dinheiro para viver. E depois, basta a gente dar as costas, que alguem toma conta disto aquí. Um terreno tão bom... a terra já arada...

Ele nem pensara na possibilidade de ir sem ela. —Ninguem toma conta do terreno, comigo aquí, —disse Caroline.

Charles então compreendeu, e encarou-a. —Mas meu bem, você então seria capaz de...

—Pra mim tanto faz você trabalhar na estrada, ou lá no leste; a falta que eu sinto é a mesma. (Esforçou-se para que a voz não tremesse.) Eu fico bem aquí. Os Svensons me fazem companhia.

De noite, sem poder conciliar o sono, conversaram muito sobre esses projetos, enquanto o menino dormia docemente, na mesma cama, entre eles. Ela convenceu-o de que seria muito simples; a única diferença era o local do trabalho—em vez de ficar na estrada, ele iria para o leste...Nada mais.

Aproveitaram, o mais que puderam, a companhia um do outro, nos poucos dias que restaram, antes de Charles partir. Caroline ajudou-o a plantar as batatas e os nabos, e ele abriu um poço, afim de que ela não precisasse carregar água do córrego. Uma noite, foram à casa dos Svensons, para ele se despedir, e voltaram lentamente à luz do luar, com o bebê adormecido nos braços do pai.

Na manhã seguinte, pondo a lenha na carroça, Charles foi ao povoado, e trocou a madeira por alguns suprimentos, em quantidade suficiente para Caroline e o garoto até o outono, quando ele estaria de volta. Trouxe, então para casa, farinha, sal, melado, querosene, carne seca, e um quilo de chá. Fora obrigado a deixar os cavalos como garantia da dívida, mas estava ainda satisfeito. Haveria de viajar depressa, e mediria sua velocidade pela dos trens de ferro... Diziam que as colheitas estavam boas para o lado do leste, e ele provavelmente conseguiria trabalho na safra. Voltaria no outono com bastante dinheiro, e traria de novo os cavalos. Passaria o inverno com a família, e depois viria outra primavera, outro ano, outra colheita...

E nesse estado de espírito, partiu Charles. Ao chegar à curva da estrada, acenou com a mão, e Caroline, erguendo o filho, sacudiu-lhe a mãozinha, em saudação ao pai que se afastava; e ficou a olhar para a estrada, até deixar de ouvir o rodar da carroça. Charles se fora. Eis a dura realidade.

Restavam-lhe, a ela, três novelos de lã, e as pequenas agulhas de tricô. Depois de terminar todas as tarefas no barracão—depois de lavar, escovar, consertar, polir, quando nada mais havia a fazer, pôs-se a tecer, e depois desfez o que já ficara pronto, para recomeçar o trabalho.

Esperava sempre, ansiosa, que aparecesse alguem pela planície. E quando se dava o fato, lá ia ela correndo, e chamando o desconhecido, ora um sujeito mal-encarado, com duas pistolas à cintura, ora um moço de bons modos, e perguntava:

—O senhor vai ao povoado? Se voltar por este caminho, quer perguntar se tem alguma carta pra mim no correio?

—Ué, sim senhora. Com muito gosto. Era o que todos diziam... mas nunca voltavam.

Entretanto Caroline estava certa de que devia haver carta para ela no correio, a não ser que—a não ser que tivesse acontecido alguma coisa de anormal a Charles. Os homens que iam ao povoado levavam dois dias, de carro de boi ou a pé, na viagem de ida e volta. Mr. Svenson ofereceu-se para ir. Mas naquele mesmo dia surgiu o tal sujeito mal-encarado, trazendo uma carta, procedente do estado de Iowa.

«Minha querida: Escrevo para lhe comunicar que estou muito bem e espero que vocês tambem estejam. Como vão você e o bichinho? Estou empregado no Moinho Roslyn, a 30 dólares por mês, alem de casa e comida. O patrão me trata muito bem. Escreva dando notícias. Espero estar em casa em outubro. Bem, por hoje é só. Muitos beijos para você e o filhinho,

Do marido que te adora»

Caroline gastou o papel, de lê-lo...

Mr. Svenson foi a pé até o povoado, para pôr no correio a sua resposta à carta de Charles. Caroline, em agradecimento, resolveu ceder-lhe um pouco do feno, de que os vizinhos precisavam para os bois. Até porque havia bastante, do que sobrara do ano anterior.

Svenson trabalhou uma semana inteira no feno—cortando, raspando, empilhando. A mulher vinha com ele todas as manhãs, e sempre trazia parte do almoço, que os três comiam juntos, na sombra fresca do barracão. Teria sido uma semana muito agradavel, não fora o pessimismo de Svenson. Caroline irritou-se quando ele começou a criticar sua terra adotiva, o oeste americano.

—Isto aquí é muito bom, Mr. Svenson. Tambem, o sr. não podia esperar que lhe fossem dar comida de colher!

Mr. Svenson apontou com a faca para o panorama que se avistava através da porta. A planície se perdia no calor daquele verão; nem se podia ver o horizonte. E observou então, amargurado: «Diabo de lugar. Não dá comida pra ninguem!»

Caroline calou-se. Por cortesia, não disse o que lhe estava na ponta da língua: «Um país dá tudo aos homens que trabalham. O senhor parece é preguiçoso.» Conteve-se, e ponderou: «Esse calor é por causa da falta de árvores. Onde há árvores, é preciso cortá-las, queimá-las e arrancar os troncos. Aquí no oeste, a gente planta as árvores que quiser. Quando estiverem crescidas, vai fazer muito menos calor. E a terra é ótima!»

Em setembro, Caroline começou a contar os dias. Faltavam só oito semanas para que Charles chegasse.

Certa manhã, Mr. Svenson aproximou-se do barracão, e ficou de pé no limiar da porta. Ergueu as mãos calejadas, e deixou-as cair, desanimado, dizendo: «Nós vamos embora.»

Com que então, eles iam desistir... iam voltar para o leste!

Mr. Svenson mal conseguia falar, de tão emocionado estava. Vinham-lhe lágrimas aos olhos, e Caroline se lembrou do dia em que o homenzarrão lhe viera dizer que a mulher se sentia muito só. «Abelha pequena...abelha grande matou.» As abelhas estavam, de fato, liquidando os filhotes, pois sabiam, por seu maravilhoso instinto, que não seria possivel alimentá-los durante o inverno. Os gafanhotos haviam liquidado as plantas, e as abelhas não encontravam flores para tirar mel. Mr. Svenson chorava pelas abelhinhas, e as lágrimas lhe desciam até a barba. Tomado de paixão, afirmou que não ficaria naquele lugar onde nem uma abelha podia viver.

Caroline sentiu certo alarme. Todo o verão, animara-a a esperança de que a região em breve estaria povoada, pois já havia vizinhos a mil metros de sua «casa». Pôs o chapéu, e foi ter com a mulher de Svenson.

Tinha esta um irmão que morava no estado de Minesota; iriam para lá, morar com ele. Ao menos, passariam o inverno numa região onde havia campos cultivados e cercados. Haviam de divertir-se com os mexericos, as anedotas, os pequenos sinos dos trenós que levavam rapazes e moças para os bailes. A senhora Svenson falava de tudo isso, e se apressava em arrumar suas coisas para ir-se embora.

Só uma vez, e aliás sem querer, os

seus olhos confessaram a verdade; ela bem sabia que o marido havia desanimado, quando, no leste, nunca passaria de empregado, vivendo sob as ordens de um patrão. Mas sorriu, e prometeu: «Nós voltamos! Tem muita terra, não é? Nós voltamos.»

É... Charles, por exemplo, teria sua terra daí a quatro anos. Charles jamais desistiria, a não ser por motivos muito mais poderosos que os alegados por Svenson.

Mr. Svenson acomodou no carro de boi as batatas, os nabos e a parte do feno que lhe cabia, e foi ao povoado, trocá-los pelos suprimentos de que precisariam na viagem. Quando voltou, trouxe para Caroline uma carta. Ela rasgou o envelope, impaciente. Veio-lhe às mãos, antes de mais nada, algum dinheiro— duas notas. Tão excitada estava, que mal pôde ler a carta:

«Minha querida: Pego da pena para lhe dizer que não se aflija. Tive um acidente, mas estou passando bem. Caroline, eu não vou poder chegar em casa em outubro. Quebrei a perna em dois lugares, mas o médico diz que está colando depressa. Não vou ficar aleijado. Recebí sua ótima carta, querida, e fiquei satisfeito de saber que você e o gorducho estão passando bem. Caroline, é melhor você ir morar com os Svensons. Não sei quando vou poder viajar, e o inverno vai ser duro aí. Não vai ter muita caça; é tempo dos lobos, e os fugitivos da justiça com certeza vão procurar essas terras novas. Svenson cuida de você. Peça a ele para construir uma cabana para você junto da dele. Estou mandando o dinheiro que pude juntar para você comprar mantimentos. Eu vou logo que puder. Não fique aflita por minha causa. Roslyn não está me cobrando nem um tostão pela comida enquanto eu fico no hospital, e ele vai pagar o médico. Caroline, minha querida, não sinta tanta falta de mim como eu sinto de você. Nunca mais vou me separar de você na minha vida. Escreva para mim.

Do marido que te adora»

Mr. Svenson olhava para Caroline, como a esperar que ela lhe dissesse alguma coisa. Ele e a mulher estavam prontos para seguir, e não queriam perder tempo, pois desejavam chegar a Minesota antes das neves começarem a cair.

—Ele não vem mais. Teve um acidente.

Até mesmo estas palavras não bastaram para afastar a névoa que lhe envolvia o espírito. Caroline contemplava as duas notas, de dez dólares cada uma. Duas vezes dez, vinte...

Agora, a responsabilidade cabia a ela. —Preciso levar o menino pra morar no povoado, disse.

Os svensons desviaram-se do seu caminho, para levar Caroline ao povoado; davam-lhe assim dois dos dias preciosos com que contavam para a longa viagem até Minesota. Durante dois dias, os bois consumiam forragem, e eles nem teriam sequer iniciado a viagem. Tanta bondade, Caroline não podia recusar; não quis, porem, aceitar qualquer outro auxílio, alem deste, e dispôs-se a procurar onde residir no povoado.

Resolveram ir primeiro ao armazem. Caroline respirou fundo, e arrumou a roupinha do bebê. Quando ela e Mrs. Svenson entraram, o dono do armazem, Mr. Henderson, varria o chão. —Bom dia, disse ele, —Que é que vai ser hoje?

Foi-lhe explicado o caso todo; ela queria ficar no povoado até Charles voltar. —Talvez eu pudesse trabalhar, mas Charles me mandou dinheiro...

Mr. Henderson coçou a barba. —Bem, pra dizer a verdade, há poucas mulheres por aquí agora. Depois dos gafanhotos, quase todos os homens levaram as famílias embora. Nós estamos meio apertados aquí em casa, mas deixe eu perguntar à patroa. Abriu a porta que dava para a parte traseira da casa, e chamou a esposa. —Tem duas moças aquí pra falar com você.

Mrs. Henderson estava tomando café. Era um criaturinha gárrula e nervosa. —Bom, é lógico que você não pode ficar lá no barracão sozinha, principalmente agora que vem o inverno por aí! Eu gostava muito que você morasse aquí conosco, minha filha— Deus Nosso Senhor bem sabe que um pouquinho de dinheiro de pensão nunca é demais...mas o caso é que nós só temos um quarto para seis pessoas, e alem disso a professora dorme uns tempos na casa de cada um dos moradores, e quando chegar a nossa vez, só mesmo na cozinha é que vai ter lugar pra ela dormir... Mas veja, menina: tem Mrs. Decker; ela é mulher do dono do botequim, mas é uma senhora muito boa, muito religiosa. Na casa dela é um quarto só, mas é grande, e não mora mais ninguem alem dela e do marido. E tem Mrs. Insull tambem, mulher do que vai ser agente da estação. Eu não sei se ela aceita pensionista, mas não custa você perguntar...

Mrs. Decker era uma senhora magra, muito pálida, de olhos negros e vivos. De pé no limiar, encarou Caroline, medindo-a da cabeça aos pés; demorou o olhar no bebê e na aliança de casamento.

—E o seu marido, porque é que não está aquí pra cuidar de você?

—Ele foi para o leste pra trabalhar, e vai voltar assim que puder.

—Você acha que pode pagar 4 dólares por semana?

Caroline ficou estupefacta. Abriu muito os olhos, e fitou Mrs. Decker.

—Bem, se você não pode pagar...Da minha casa não sai ninguem, nem um cachorro, se não tiver pra onde ir.

Caroline, altiva, respondeu: —Eu não pensava em pagar tudo isso, mas vou pensar. Passar bem.

Era incrivel, tão longe do que lhe parecia ser real, que ela estivesse andando aquí no povoado, sem ter onde morar.

Mrs. Insull morava no sobrado do prédio da estação, o único edifício de dois andares que havia no povoado. Caroline armou-se de coragem e subiu as escadas. Mrs. Insull abriu a porta; era dia de limpeza da casa, e ela não estava «para muita amolação». Trazia na cabeça uma toalha, e na mão um espanador.

—Bom dia. Eu estou procurando serviço, disse Caroline.

—Bem, serviço é o que não falta aquí! Mas se você acha que eu tenho dinheiro para pagar empregada, está muito enganada! Se meu marido tivesse um pouco mais, não vê que a gente vinha morar neste fim de mundo!

—Se eu pudesse só trabalhar em troca de comida...

—Você é desse grupo de trabalhadores da estrada, não é? Pois aceite meu conselho, e vá com eles para as bandas do leste. Isto aquí não presta pra nada. Nós temos três filhos já crescidinhos, e o dinheiro não sobra nem pra dar comida a um gato. Você tenha paciência, mas... E dizendo isso, fechou a porta.

Mrs. Svenson estava aflitíssima, perguntando a Caroline o que é que iriam fazer.

—Eu vou pra casa, respondeu Caroline. Charles arrumara um lar para eles,

e lá ela havia de ficar, mesmo que tivesse de sofrer frio e solidão, e se defender contra os lobos e os fugitivos da justiça. Ela havia de estar lá pra quando Charles voltasse.

Nesse momento, saiu do armazem um rapaz, carregado de embrulhos; com um esforço ingente, conseguiu tocar o chapéu, para cumprimentá-la. —Bom dia, dona. Recebeu a carta afinal? Era o jovem amavel que lhe aparecera certo dia na planície, há muito tempo, e a quem ela pedira que procurasse carta no Correio.

—Bom dia. Recebí, sim, obrigada.

—Eu perguntei no correio, mas me disseram que o Pete já tinha levado.

—Escute: esses cavalos são seus? Caroline indagou.

—São, sim senhora! respondeu o moço, evidentemente orgulhoso de sua parelha.

—Bem. Você sabe onde eu moro. Quer me levar lá, por um dolar?

—Levo, sim, dona!

Mr. Svenson resolveu intervir com sua autoridade de homem, dizendo que estava responsavel perante Charles pela segurança de Caroline. Levá-la-iam para Minesota. Ela, porem, nem queria ouvir falar nessa longa viagem para o desconhecido; obcecava-a, agora, a idéia única de voltar para casa.

Agindo com prudência, comprou mantimentos que durassem todo o inverno. Agradeceu aos Svensons de todo o coração. Sabia que nunca mais os veria, e, emocionada, beijou Mrs. Svenson da mesma forma que beijara suas irmãs ao deixá-las para sempre, quando se casou com Charles.

E ei-la viajando pela planície novamente, levada pela parelha negra e veloz. Tudo aquilo—os cavalos, as crinas esvoaçando ao vento, o ar frio que lhe batia no rosto, e aquele rapaz desconhecido ao seu lado—tudo não passava da última fantasia daquele dia fantástico.

O rapaz levou-a até em casa, descarregou os suprimentos que ela comprara, e foi buscar água ao poço. Caroline exprimiu-lhe sua gratidão, e lhe pagou o dolar prometido.

—Não gosto lá muito da idéia de deixar a senhora aquí sozinha, mas tambem o tempo está bom, e por enquanto não é perigoso, não. Quando é que o seu marido volta?

—Não sei bem ainda.

—A senhora tem arma? Sabe atirar?

—Tenho sim, obrigada.

—Com certeza não vai precisar não, mas é que seguro morreu de velho... Domingo que vem eu mais a minha pequena (que é a professora), vamos passear por aquí, se o tempo ajudar. Até outro dia, dona.

E partiu.

Antes de chegar o fim da semana, Caroline escreveu a Charles uma longa carta. Não queria afligí-lo com a notícia da partida dos Svensons. Disse-lhe que o amava; que o garoto já tinha um dente e que resolvera dividir o feno com Mr. Svenson. Contou-lhe que o dinheiro mandado fora até demais, que tanto ela quanto o menino estavam muito bem de saude, e não lhes faltava nada. Mr. e Mrs. Svenson eram a bondade em pessoa, e parecia que tudo iria normalmente no inverno. E com sua letra caprichada, graciosa, continuou:

«Estamos passando por um período triste agora, mas não convem pensar nisso, pois o futuro vai ser muito bom. Morar num país ainda por se fazer nunca foi lá muito facil, mas pense que diferença entre nós e os nossos avós: agora temos conforto e grandes coisas modernas, como querosene, fogões, e até estrada de ferro e correio bem rápido. Tenho confiança que, como os nossos pais, nós possamos viver para ver uma época mais próspera do que houve até hoje, e depois havemos de lembrar com satisfação que as lutas e as dificuldades não foram em vão.»

Esta carta, cuidadosamente dobrada, selada e endereçada, nunca sequer chegou ao correio. Ficou o inverno todo entre as páginas do livro de reza, pois o tempo mudou subitamente, e o jovem par de namorados não saiu a passeio no domingo. A manhã de sábado estava linda como um dia de maio; mas já à tarde surgiu do noroeste uma nuvem negra, ameaçadora, com uma orla de névoa clara. De repente, começou a tempestade de neve, que caiu como uma sólida parede branca. Descia a neve forte e grossa, e o vento uivava e gemia.

Assim foi por três dias e três noites; quando Caroline abriu a porta, a neve a impediu de ver para alem do celeiro. Quanto à temperatura, ela nem podia imaginar até onde descera. Ao ver a nuvem, no primeiro dia, iniciou imediatamente os preparativos para impedir que o frio penetrasse no barracão: em todos os cantinhos e espaços vagos, colocou feno, o qual, bem torcido, dá uma chama breve e muito quente. Não tardou que suas mãos ficassem feridas pelo feno, mas continuou torcendo, e assim pôde aquecer o seu «lar».

Muitas vezes, para economizar querosene, ela se deixava ficar no escuro, vendo apenas a debil fresta de luz do fogão; e, nessa triste penumbra, assaltavam-na vagos e monstruosos terrores.

Se o menino adoecesse? Se sucedesse alguma coisa a Charles, e ele não pudesse voltar mais? Se ela saisse, e fosse atacada por um lobo, que aconteceria à criança, sozinha no barracão?

Na manhã do quarto dia, Caroline acordou em meio de um silêncio profundo. O ar gélido queimava-lhe as narinas, e no cobertor havia uma fita de geada, provinda de seu hálito gelado. Na escuridão, via apenas a janela, que não passava duma mancha cinzenta. Acendeu a lanterna, e depois o fogão. Quis abrir a porta, e precisou empregar todas as suas forças para fazê-lo; a grossa madeira do batente cedeu afinal, e caiu a espessa camada de neve que lá estava depositada. E era tão viva e forte a luz do sol, que a obrigou a fechar os olhos.

O céu imenso estava limpo e azul, e a planície, coberta de neve, refratava o brilho frio do sol. Não havia o menor som, nem o mais leve sinal de vida. O mundo parecia resumir-se naquele ar, naquele sol, naquela neve—um mundo nem vivo nem morto, e terrivel, por ser alheio à vida e à morte.

Respirou fundo, e, munida de uma pá, tratou de abrir, na neve, um caminho por onde pudesse passar sem dificuldade, para ir ao terreiro.

AS TEMPESTADES de neve foram de tal intensidade em outubro, que seria de prever um inverno excepcionalmente rigoroso. Caroline, na impossibilidade de adivinhar quando viria nova borrasca, preocupava-se, acima de tudo, com o suprimento de combustivel. Os grandes feixes de feno, empilhados junto do celeiro, estavam envoltos em espessa capa de neve; descobriu-os, e os trouxe, um por um, para dentro do barracão. Ao deitar fora a água em que lavara as mãos, percebeu que as gotas

produziam um fino tinido, ao cair no chão gelado. A água se congelava ao contacto com o ar! Assustada, foi ao espelho, e verificou que tinha as orelhas e o nariz azues de frio. Foi preciso esfregá-los com a própria neve, para degelá-los, o que lhe causou uma dor agudíssima.

A partir de novembro, as tempestades foram-se tornando mais frequentes. Nos dias em que era obrigada a ficar dentro de casa torcia pequenos feixes de feno, e acendia a lanterna enquanto fazia a limpeza do barracão, cozinhava e lavava roupa. Passava horas a brincar com o bebê, que, já mais crescidinho agora, divertia-se com as chamas do fogão, e batia as mãos de contente. Já era capaz de ficar sentado sozinho, sem auxílio, e engatinhava. E assim viveram os dois, mãe e filho, dias e meses, naquele barracão onde o frio cortante e os ventos uivantes não os podiam alcançar.

Um dia começou uma tempestade que durou uma semana inteira. Caroline acumulara, no barracão, feno que chegasse para aquecê-los durante três dias, e nunca supôs que precisasse mais, de cada vez. No terceiro dia, embora economizando o feno, ainda não se sentia alarmada. No quarto dia, porem, já foi obrigada a queimar um caixote, e no quinto ateou fogo a outro. Restavam ainda a mesa e o banco, mas ela deixara o machado no celeiro.

E quando acabou o fogo, não havia mais luz alguma, e era impossivel, mesmo, distinguir entre o dia e a noite. Deitada debaixo dos cobertores com o menino, conseguia manter um pouco de calor, no aconchego mesmo dos seus dois corpos. Teve que desistir de queimar a mesa ou o banco, pois não seria capaz de quebrá-los sem o machado; o berço seria mais facil, mas Caroline hesitava em queimá-lo.

No sétimo dia, porem, resolveu-se a usar o berço, e, quebrando-o, foi deitando a madeira ao fogo com muita economia. Com a cabeceira, caprichosamente executada por Charles, fez o chá e cozinhou batatas. Amassou uma batata com um pouquinho de água quente, e deu esse purê ao garoto, às colheradas. Em seguida, deitaram-se os dois sob as cobertas da cama.

Despertou-a ligeira mudança no uivar do vento. Sem saber se era dia ou noite, abriu, com esforço, a porta, e viu que o vento, soprando do norte, levava para longe os flocos de neve; terminara a tempestade.

De manhã, no brilho deslumbrante da neve ao sol, avistou, do outro lado do arroio, um rebanho de bois e vacas. Apertados uns contra os outros, as cabeças na direção sul, os animais, parados, suportavam, com paciência, o frio intensíssimo. E subitamente Caroline teve medo de que o gado percebesse a existência do feno perto do celeiro. Não estava visivel, é verdade, graças à margem íngreme do riacho, mas se os animais se aproximassem e o vissem, adeus combustivel!

Vestiu o casaco e apanhou a pistola. Bem sabia que não bastariam a pá e a picareta para proteger o feno, e tinha medo, alem disso, de algum estouro da boiada. A única coisa que lhe parecia viavel era assustar o gado a tiros, e, se isso falhasse, refugiar-se no celeiro. Nem queria pensar em perder o combustivel.

O gado não se mexia. Estariam mortos? Não; era visivel o hálito branco que expiravam. Lentamente, enterrando-se na neve, às vezes, até os joelhos, desceu a margem, e chegou ao arroio. Aproximou-se dos animais—

dez, cinco, dois metros... Nem ergueram as cabeças. Caroline viu então que, sobre os olhos e as têmporas dos pobres bichos, se acumulava o gelo. Nem enxergar podiam, pois o próprio calor de seu hálito os cegara.

Tomada de aflição e pena pelos animais, caminhou até o primeiro boi, e limpou-lhe os olhos. O bicho bufou de terror, deu um pulo para a frente, e depois voltou para junto dos outros, soltando um longo gemido.

Caroline percebeu instantaneamente o que lhe cabia fazer: pensou no menino, que vivia das forças que ainda lhe restavam, a ela. Decidindo-se a agir, aproximou-se de um bezerro, encostou-lhe a pistola à testa, fechou os olhos, e apertou o gatilho. Ao abrir os olhos, viu o bezerro no chão, morto, um fiozinho de sangue a gotejar-lhe da ferida. Talvez tivesse sido até melhor para ele, morrer assim.

E de repente, como tomada de uma inspiração, lembrou-se de levar uma das vacas... Porque não? Os animais pareciam mesmo destinados a morrer alí, de frio e de fome. E ela teria uma vaca! Leite para o menino—e a surpresa que Charles teria, ao voltar! Desajeitada, com suas botas e chales, procurou uma vitela de bom aspecto... Encontrou uma novilha quase gorda, muito nova ainda, e essa foi a escolhida.

Lentamente, pois os seus pés se enterravam na neve a cada passo, foi ao celeiro buscar uma corda. E, já quase ao pôr do sol, conseguiu retirar do rebanho a pobre vitela, cega ainda, e tímida, medrosa de deixar a relativa segurança do rebanho. Caroline, porem, lutou desesperadamente, e afinal conseguiu trazer a novilha para o celeiro. Deu-lhe feno, e limpou-lhe os olhos gelados.

Com a corda e o machado, voltou ao rebanho, e cortou, do bezerro morto, a melhor carne, amarrando juntos os suculentos pedaços. Então, trêmula de cansaço, limpou os olhos de todos os animais, e eles, debilitados, quase mortos de fadiga e frio, foram-se afastando vagarosamente pela planície. Caroline lhes dera uma oportunidade de escaparem e continuarem a viver; sentia que, assim, merecia a sua vaca...

Ao jantar comeram, mãe e filho, carne ensopada, e o barracão se encheu do aroma gratíssimo. O feno, na mangedoura do celeiro, era mais que suficiente para a novilha. Caroline não cabia em si de contentamento e gratidão, por tantas dádivas. Deixara do lado de fora dois bons pedaços de carne, para refrigerar, conservando-se.

Quando voltou ao celeiro no dia seguinte, a vitela bufou e afocinhou, de olhos esbugalhados, enquanto Caroline lhe trazia mais feno e dois baldes cheios de neve; aproximando-se do animal, falou-lhe em voz doce e suave, e sentia que o amansaria sem dificuldade.

Fechou a porta do celeiro, e teve uma sensação de orgulho pelo que era seu, e lhe cabia proteger. Já virava a esquina, quando, impelida por qualquer misterioso instinto, parou, e voltou-se. Na outra esquina estava um lobo magríssimo, de ancas a tremer, e pelo hirsuto. O lábio arregaçado deixava ver a forte presa, enquanto o animal lambia, voraz, com a rubra língua, o próprio focinho pontudo. Levantou uma pata. Caroline manteve-se imovel. Então, rápido, o lobo virou, e sumiu-se na neve.

Caroline voltou, a passos firmes, para o barracão; sabia que, se começasse a correr, seria tomada de surdo pânico. Entretanto, chegando ao estreito caminho que levava ao arroio, pôs-se a correr, com medo de que o lobo a ata-

casse de cima. Ela nunca poderia dizer quanto tempo levou entre a beira da planície e o abrigo do barracão. Daí a pouco, ouviu um longo uivo próximo, e acima do barracão, logo a seguir, outro, que parecia vir do arroio gelado.

À noite, percebeu um rosnar e mastigar caraterístico junto à porta. Os lobos haviam encontrado a carne que ela alí deixara. De lanterna acesa, ficou a noite inteira acordada, vigiando a janela. Esta era estreita demais para o corpo de um lobo; mas, se visse uma pata ou um focinho, atirava. Tendo trazido o machado para o barracão, decidiu que não sairia mais, e faria combustivel de pedaços da mesa e do banco. Em todo caso, gastando o feno com parcimônia, conseguiu que durasse dois dias, e, no terceiro, vislumbrou, pela luz à janela, que o sol já brilhava de novo.

Pouco a pouco, de pistola em punho, foi forçando a porta, até abrí-la. Não era possivel passar o resto do inverno sem combustivel; tinha que enfrentar os riscos.

No entanto, não encontrou nem vestígio dos lobos, e, ao chegar ao celeiro, verificou que a novilha estava intacta. Depois desse dia, nunca mais deixou o barracão sem levar consigo a pistola.

Mas o fato de ter visto e ouvido os lobos tão de perto fazia-a lembrar-se dos avisos de Charles. Cuidado, dissera ele, cuidado com os lobos e os bandidos que procuram esconder-se por essas paragens. E, ao acender o fogo, ocorreu-lhe que a fumaça da chaminé devia ser visivel a longa distância, dando mostra cabal de que o barracão era habitado.

À medida que foi avançando o inverno, ela ia perdendo a noção dos dias; assim, chegou fevereiro sem que disso se apercebesse. E, ao passo que os dias, embora gélidos, continuavam claros e límpidos, à noite já se sentia a ameaça de novas tempestades. Havia bastante feno, e os pratos do jantar já tinham sido lavados; e Caroline preparava-se para dormir, penteando o cabelo à luz do fogo mortiço.

Reparou no silvo incessante do vento: aqueles uivos e gritos faziam-na imaginar diabólicos fantasmas cavalgando pela planície. Súbito, despertada por outro barulho, olhou para cima, e viu que se curvava e partia uma das juntas da chaminé do fogão; logo depois, ouviu um grito de homem. Apavorada, percebeu que havia um homem sobre o barracão; no escuro, tropeçara na chaminé. A hora e as circunstâncias indicavam que não podia tratar-se de homem honesto, ou viandante perdido na planície, pois, com a tempestade que se preparava, ninguem, a menos que tivesse más intenções, haveria de aventurar-se por tão longe. Só podia ser um dos tais fugitivos da justiça, buscando abrigo antes que caisse a borrasca.

Tendo batido no lado leste da chaminé, era claro que se dirigia para o riacho. Poucos passos mais, e cairia rampa abaixo na funda camada de neve; provavelmente jazeria lá, soterrado pela primeira nevada. E na primavera, quando começasse o degelo, encontrariam seus ossos... «Calma, calma!» disse para si mesma. «Não se importe com ele. Não o deixe entrar. Pense no menino.»

Encostando, então, a boca junto à chaminé, gritou: «Fique deitado! Vá rastejando com cuidado! Há uma rampa íngreme à sua frente! Vá seguindo à direita, que encontra uma corda! Está me ouvindo?»

O homem respondeu com um grito rouco e quase inaudivel, devido à forte

ventania. «Procure um caminho à esquerda!» aconselhou Caroline novamente. «Desça por aí!»

Não o ouviu gritar outra vez. Pegando a pistola, retirou a tranca da porta e protegeu-se atrás da mesa, esperando...

De repente o vento, de uma rajada, abriu a porta às escâncaras. Junto com a neve, entrou o homem. Numa capa de peles, capuz, protetores de orelha, era apenas um homem alto, sem qualquer caraterística; do rosto, só se via um pouco dos olhos e das sobrancelhas brancas de neve. Ela não o reconheceu logo, e, alarmada, gritou. E Charles, aproximando-se, abraçou-a afetuosamente.

—Mas... como é que você conseguiu chegar até aquí? foi só o que acudiu a Caroline perguntar, pois ainda estava meio tonta com a surpresa. Nem podia ainda acreditar que fosse de fato o marido.

—Meu Deus, assim eu faço você morrer de frio... É melhor fechar esta porta, disse o recem-vindo. E já agora, ouvindo-lhe a voz, e estas palavras, tão dele, desatou ela a chorar.

—V-v-v-ocê já jantou?

—Que jantar, qual nada! bradou Charles, e sua voz cantava de alegria.

Mais tarde, pôs-se a fazer pirraça bem-humorada com Caroline: —Mas porque esse espanto todo, meu Deus? Eu não disse que vinha assim que pudesse? Depois, repreendeu-a seriamente: —Ah, menina, você não imagina a aflição por que eu passei quando soube, no povoado, que os Svensons tinham ido embora, e que você estava aquí sozinha. Não perdí um instante. Vim a toda...

No povoado, disseram-lhe que ele não conseguiria vencer a tempestade, mas estava convencido de que seria capaz de fazê-lo. Já estava quase às portas de casa quando a neve começou a cair abundantemente. —Eu estava certo de que estava indo para o norte. Mas quando batí na chaminé, fiquei desorientado. Primeiro, não sabia que era a chaminé; e depois não conseguí mais encontrar o lugar onde tinha tropeçado. E estava nessa história de procurar, quando ouví sua voz, querida, me chamando cá de baixo...

Abraçou-a; mas havia tanto que dizer, que perguntar...

—Tenho 40 dólares, anunciou, contente. —Roslyn é um sujeito corretíssimo. Eu não esperava sair com dinheiro nenhum, mas...

—E a sua perna, meu bem? Perguntou ela com certa apreensão.

—Bem, tenho que ter um pouco de cuidado; você repare que está sentada no outro joelho... Mas a perna aguentou bem a caminhada, e na primavera nós até já esqueceremos que eu tive o acidente.

—E você veio a pé, querido!

—Que é que você queria que eu fizesse, sabendo que você estava aquí sozinha?

O que eles dissessem ou não dissessem não tinha, realmente, a menor importância, afinal de contas. E se a tempestade gritava lá fora, não importa! Estavam juntos. Que rugisse o furacão!

Um garoto que quis ser soldado

Pelo sargento C. A. Grey

OS SARGENTOS de recrutamento da infantaria de Marinha não costumam ser muito dados a sentimentalismos, mas às vezes há situações tão angustiosas, que até o coração endurecido de um veterano dos campos de batalha se comove.

Um caso destes se deu um dia, ao me aparecer um rapaz magrelo do interior da Florida, que se pôs em pé em frente a minha mesa. Queria entrar para o Corpo de Fuzileiros Navais Americanos.

—Que idade tem? perguntei.

—Dezessete anos.

—Tem o consentimento de seus pais?

—De certo! disse o moço com um sorriso triste.—Estavam fartos um do outro, separaram-se e disseram pra eu largar de casa e sentar praça . . . Tive que andar um bom pedaço pra me vir alistar aquí com vocês!

—É a primeira vez que você tenta se alistar?

—Eu fui primero na Marinha, disse ele, mas eles não me aceitaro lá por causa que eu pesava cinco quilos de menos.

—É pena, rapaz, disse eu, procurando não ser muito ríspido. —Nossas exigências são rigorosas. Veja se engorda os cinco quilos, e venha me procurar.

Os olhos do rapaz, porem, brilhavam de esperança e, torcendo o boné velho que trazia na mão, balançava o corpo de um pé para o outro.

—Perdão, seu sargento, disse ele, —mas eu já dei um jeito no meu peso, acho que... que desta vez eu passo.

—Então o caso é outro, disse eu. —O médico já fechou o expediente por hoje, mas você volte amanhã, e nós te faremos um exame de saude completo—peso e tudo.

Mas aí o rapaz se pôs de novo a torcer o boné, e o sorriso que me fez tinha uma mistura comovente de esperança e desespero.

—Sim, seu sargento, disse ele meio engasgado, —mas é que eu não sei se... se amanhã...

—Se amanhã o que? perguntei meio impaciente. —Se você está com o peso normal hoje, estará tambem amanhã.

O rapaz virou as costas e se encaminhou para a porta; chegando lá parou um momento, e foi sem se virar que finalmente murmurou:

—Eu acho que agora... agora não tem mais jeito mesmo. (Ele falava tão baixo que eu mal podia ouví-lo.) —Não sei como é que eu vou podê comê de novo cinco quilo de banana, amanhã de manhã!

¶ ENCHENDO um questionário a respeito da urgência de se construirem casas para a Defesa Civil, uma velha senhora, de 76 anos, chegou à pergunta: «Estado conjugal?», e, com mão firme, escreveu: «Excelente.»

—Alice W. Heggland

O segredo da bôa cerveja

A fabricação de bôa cerveja é um trabalho especialisado que exige o conhecimento perfeito das materias primas e a regulação exata das temperaturas necessarias ao processo de manufatura.

As principaes cervejarias da América Latina, como as dos Estados Unidos da América do Norte, confiam aos sistemas Carrier de ar condicionado e refrigeração a importantissima tarefa de manter as temperaturas e umidades necessarias. A Cervecería Hatuey em Cuba, a Compañía Cervecera de Porto Rico em Mayagüez, P. R. e a Cervecería de Caracas, Venezuela, são tres exemplos de cervejarias típicas e famosas pela excelente qualidade da sua cerveja, produzida com o auxilio de equipamento Carrier.

Todavia si V. S. necessita uma instalação de refrigeração ou de ar condicionada para usos militares ou essenciaes ao bem estar publico, o representante da Carrier estará ao seu dispôr para o auxiliar em obter o equipamento necessario.

CARRIER CORPORATION

Divisão Internacional

Syracuse, Nova York, E. U. A.

DISTRIBUIDORES DA CARRIER NO BRAZIL

ARMCO INDUSTRIAL E COMERCIAL S. A.

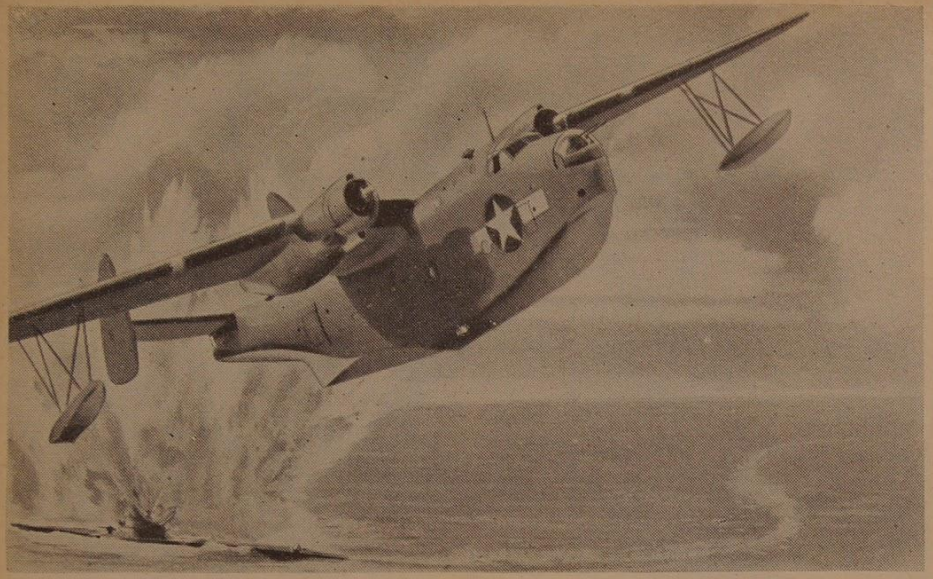
Rua Alfandega, 107, Rio de Janeiro

Rua Marconi, 124, São Paulo

Rua Voluntarios da Patria, 916, Porto Alegre

Carrier

Condicionamento de Ar e Refrigeração



O Martin Mariner

É Um Veneno Para Os Submarinos!

Os Transportes Do Porvir

O Departamento da Marinha prefere guardar silêncio sobre o afundamento de submarinos. Mas quando V.S. lê que os comboios vão passando frequentemente através do bloqueio inimigo, fica assim sabendo que os Martin Mariner estão cumprindo suas tarefas. Desde a Islândia ao Rio de Janeiro essas enormes belonaves voadoras estão vigiando as vias de comunicação marítima, prontas, a qualquer sinal, a despejarem uma tempestade de tiros e bombas de profundidade sobre esses criminosos ocultos nas profundidades do mar.

A fabricação dos Mariners foi uma aprendizagem para a Martin construir o avião Mars de 75 toneladas, o maior transporte aéreo do mundo. O Mars, primeiro dos 21 gigantescos aviões transoceânicos, voou recentemente de Washington a Natal, sem escalas. Agora esse gigante aéreo está fazendo a travessia do Pacífico com horários regulares. O Mars, e os gigantescos "hotéis de trânsito" de 250 toneladas, projetados pela Martin, são os aviões de hoje e do próximo futuro.

THE GLENN L. MARTIN COMPANY
BALTIMORE-3, MARYLAND, E. U. A.

AVIÕES **Martin**

Construtores de Aviões de segurança desde 1909

Dentre os muitos distúrbios que afetam o corpo humano poucos relativamente podem ser diagnosticados tão precisamente quanto as aberrações visuais. Por isto é grande a nossa dívida à ciência da ótica, pois o sentido da visão é mais precioso do que todos os outros combinados. Dado que os olhos não rejuvenescem, V. S. faz bem procurando salvaguardar a sua visão insubstituivel. Estabeleça pois como norma um exame anual da vista das pessoas de sua família.

BAUSCH & LOMB

DO BRASIL, LTD.

Rua Assembléa 104-8 • Rio de Janeiro
Rua D. José de Barros 152-8 • São Paulo

Filial de Bausch & Lomb Optical Company, Rochester, Nova York, E. U. A. Fabricantes de vidros óticos e de uma completa série de instrumentos óticos para instrução e pesquisa, usos militares e industriais, e para correção e conservação visuais.

Muitos dos navios das Armadas do Brasil e outras Nações Americanas são propulsionados e controlados pelo equipamento Westinghouse.

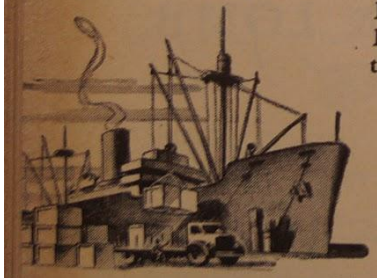
ENERGIA...

para as Armadas das Américas

Os brilhantes triunfos das unidades navais das Nações Unidas, devem-se em grande parte à energia segura e de ação imediata, de que estão providas — e muita dessa energia é fornecida pelas turbinas Westinghouse.

Há 36 anos a Westinghouse vem desenhando e construindo mecanismos de propulsão e turbinas para todos os tipos de navios mercantes e de guerra. ★ As exigências da guerra ocasionaram que as facilidades de produção da Westinghouse fossem grandemente expandidas e inspiraram a criação de nova aparelhagem, a qual será totalmente utilizada na solução dos problemas de transporte marítimo de tempo de paz.

O equipamento Westinghouse para uso marítimo inclue: Turbinas de Propulsão, Mecanismos de Transmissão, Grupos Turbo-Geradores, Insufladores, Quadros de Distribuição, Motores e Reguladores, Transformadores, Rádios, Instrumentos de Medida, Geradores, Material de Iluminação e muita outra aparelhagem. Westinghouse Electric International Company, 40 Wall St., Nova York 5, E.U.A.



Westinghouse

ESCRITÓRIOS E DISTRIBUIDORES EM TODO O MUNDO ... FÁBRICAS EM 25 CIDADES

—Empresa Criadora e de Confiança

Tão Leve e no Entanto Tão Resistente

A pena vem passando por uma evolução natural, através das idades, chegando a este triunfo admirável de desenho e de material. Tem força para suportar, em vôo, muitas vezes o seu próprio peso; elasticidade para amortecer a ação do vento e a resistência do ar; e uma finura de linhas que constitue ao mesmo tempo função e arte.

O que a Natureza conseguiu, no curso dos séculos, o homem busca alcançar, impetuosamente, com a força do pensamento. Entretanto, todas as pesquisas, invenções e experiências levam-no sempre, infalívelmente, a muitos dos princípios da Natureza. Aprende que a leveza não é incompatível com a força; que a força elástica é mais resistente que a rigidez, e que as formas aerodinâmicas, são fatores de velocidade e de economia de força.

Tudo isso está demonstrado pelos famosos Trens de Passageiros, de Aço Inoxidável, construidos pela Edward G. Budd Manufacturing Co. A Budd constroi com maior leveza, sem perder a segurança e a força. E os carros Budd rodam maciamente nos trilhos, enquanto seus interiores são de grande luxo. O equipamento Budd é econômico, não só para operar como para conservar.

No grande desenvolvimento dos meios de transporte, que certamente virá após a guerra, os trens construidos pela Budd darão, a milhões de passageiros, novo conforto e nova comodidade.

EDWARD G. BUDD MANUFACTURING COMPANY, E. U. A. **Budd**

Especialistas em Equipamento de Transporte — terra, mar e ar.

belo sorriso...

{ À SIMPLES VISTA }

Naturalmente se sente orgulhosa da brancura dos seus dentes quando se sorri—Mas a parte posterior, de molares, que só o dentista vê? Tambem êstes são importantes.

É por isso que a Escova de Dentes Pro-phy-lac-tic tem uma longa protuberância de pelos na extremidade. Assim alcança e limpa *toda* a dentadura—molares a dentes—perfeitamente. As suas muitas cerdas escalonadas introduzem-se entre os dentes—nos pequenos interstícios onde, geralmente, se origina a carie que tantos incómodos causa. Além do que, porque as cerdas reteem a sua elasticidade e duram mais—tornam a Escova Pro-phy-lac-tic a escova de dentes mais economica assim como a mais eficiente.

Compre hoje mesmo a sua Escova de Dentes Pro-phy-lac-tic.

ESCOVA DE DENTES

Pro-phy-lac-tic

Antiséptico Listerine.
Há mais de 60 anos—combate a infeção—Use-o como gargarejo contra resfriados e irritações da garganta—como primeira cura contra pequenos cortes e contusões.

Creme Dental Listerine.
Confie em Listerine como sendo o dentifrício que dá brilho aos dentes—deixa um sabor fresco e limpo na boca.

NA LOCKHEED ELES APRENDEM A LIDAR COM OS LOCKHEEDS

Esse *eles* refere-se ao pessoal de pista do Exército e da Marinha dos Estados Unidos—os mecânicos de aviões mais bem treinados que existem para o serviço aéreo.

Depois de um treino de três a seis meses nas escolas do Exército ou da Marinha, esses homens vêm para as escolas da Lockheed completar um mês de rigoroso curso de aperfeiçoamento. Nessas escolas da Lockheed, eles aprendem todos os recursos necessários para manter os Lockheed em excepcionais condições de vôo e combate.

Os mecânicos do Exército estudam o Lightning P-38 de combate; os da Marinha, o bombardeiro Ventura PV-1. Seus diagramas e modelos, seções transversais dos motores, e toda a instalação elétrica e de rádio, servem como se fossem livros de texto.

Tais homens *conhecem* bem o Lockheed—e em todas as frentes, os Lockheeds estão cumprindo suas tarefas graças à perícia do pessoal americano de pista.

COM **Lockheed** SEMPRE NA VANGUARDA

LOCKHEED AIRCRAFT CORPORATION, BURBANK, CALIFORNIA, E. U. A.

Nos banquetes suntuosos

COMO NOS LARES MAIS MODESTOS - 75 ANOS DE SATISFAÇÃO!

"Teve extraordinario brilhantismo o banquete oferecido pelo Governo ao nosso patricio, o aeronauta Santos Dumont, realizado hontem no gabinete do Sr. Dr. Lauro Muller, ministro da Viação".

(*GAZETA DE NOTICIAS, 16-9-1903 noticiando o banquete oferecido a Santos Dumont recém-chegado da Europa*).

A clássica hospitalidade brasileira sempre teve, como uma de suas manifestações mais típicas, a apresentação de mesas fartas e pratos saborosos. E há muitos decênios já, que a "Cozinha Royal" está a serviço dêsse nobre espirito de hospitalidade, oferecendo, tanto às donas de casa como aos chefes encarregados de banquetes e festas, a oportunidade de criar pratos tentadores e de incomparável sabor. O Fermento Royal está, há muito, incorporado à tradição culinária brasileira. Com êle os bolos crescem fôfos e delicados, os salgados ficam mais tenros e deliciosos. E as receitas Royal são hoje famosas, no Brasil como em todo o mundo, pela confiança que inspiram, pelo entusiasmo que despertam!

Recorra sempre à "Cozinha Royal" para receber fidàlgamente os seus hóspedes!

Fermento em Pó **ROYAL**

A CHAVE DE MIL E UM PRATOS DELICIOSOS

OS TORNOS "SOUTH BEND"

AJUDAM OS TORNEIROS A PRODUZIR MAIS—

Afim de dar às nossas forças combatentes mais e melhores armas, os hábeis operários industriais devem ter o máximo poder produtivo de máquinas-ferramentas rápidas e precisas.

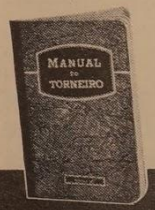
Os tornos South Bend satisfazem plenamente êsse requisito.

A sua rigidez e grande série de velocidades da árvore permitem mais elevadas velocidades de córte. A sua precisão torna possivel tornear, furar e acabar com tal esmero que as sucessivas operações de retificação podem, não raro, ser eliminadas.

Os tornos South Bend "Mecânico" e "Oficina de Ferramenteiro" são fabricados em 5 tamanhos—de 9" a 16" de diâmetro torneável. Os tornos "Revolver" são fabricados em 2 tamanhos—9" e 10" de diâmetro torneável. Peçam catálogos.

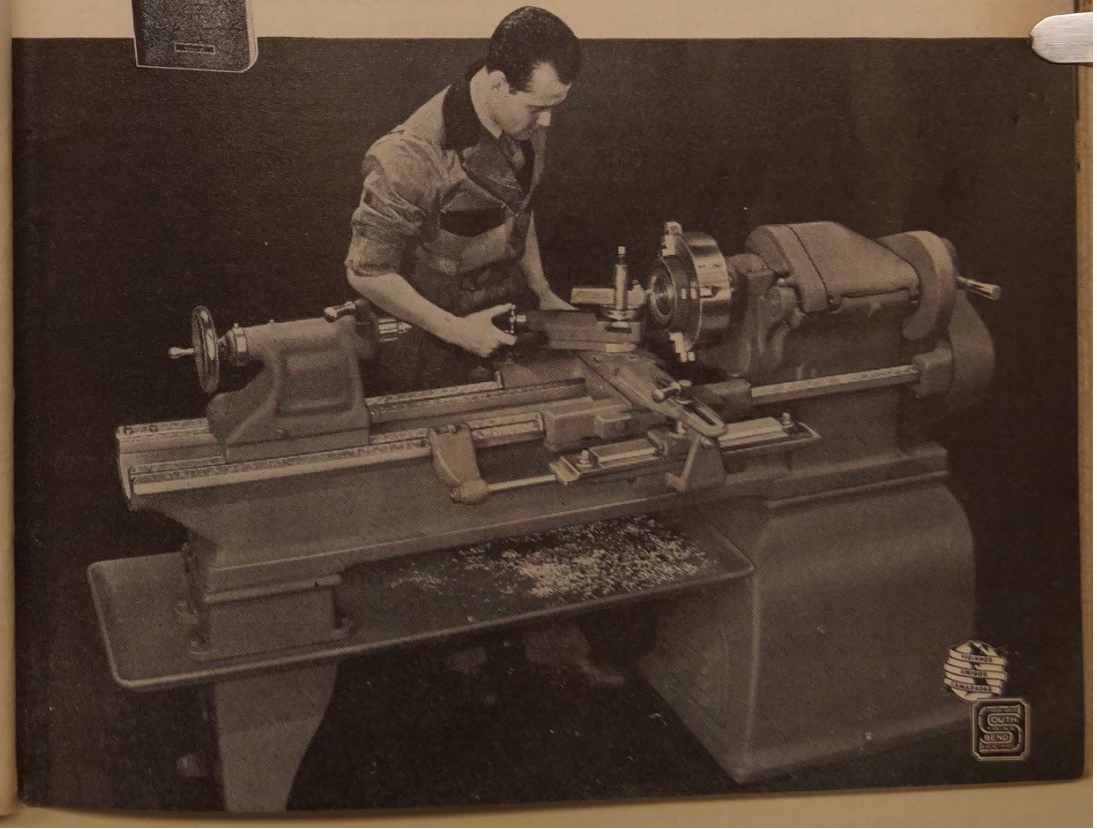
MANUAL DO TORNEIRO
Um livro de 128 páginas, de 13 cms. por 20 cms., sobre o manejo e cuidado dos tornos mecânicos. Preço Cr. $3,00 por exemplar.

Para um só exemplar aceitam-se em pagamento sêlos do correio. Especifique o idioma desejado: Português, Espanhol, Inglês ou Francês.



SOUTH BEND LATHE WORKS

SOUTH BEND 22, INDIANA, U.S.A. • *Fabricantes de Tornos ha 37 Anos*



Ferimentos de Paz... e de Guerra!

Nos ferimentos caseiros, os médicos e as donas de casa têm o cuidado de fazer curativos com gazes e algodões da mais absoluta pureza antisséptica. Na guerra, as circunstancias exigem que esses cuidados sejam redobrados. A Organização Esso se orgulha da sua contribuição na confecção de gazes e algodões para essa finalidade. O *Millcot DX* é o oleo lubrificante aplicavel às máquinas texteis destinadas à produção de gazes e algodões sob as mais absolutas condições de higiene — um oleo que contribue para a sua segurança na paz e na guerra.

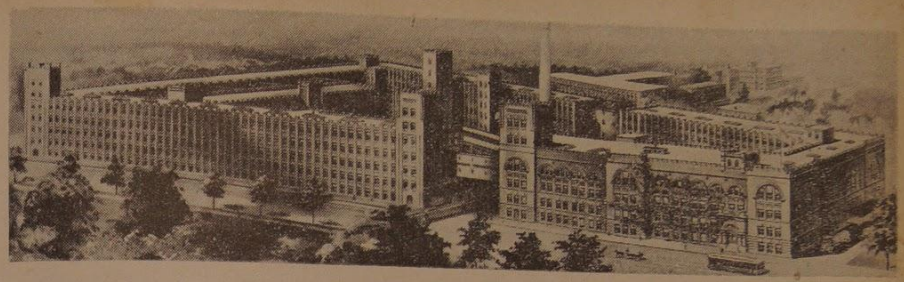
Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidencia de M. Gerais, B. Horizonte; Farroupilha, de P. Alegre; e Radio Clube de Pernambuco, de Recife.

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

É A ORGANIZAÇÃO ESSO

Esso

Distribuidoras dos afamados produtos Esso que se encontram sempre sob o oval ESSO



MAIOR PRODUÇÃO ... PARA UMA MOTOCICLETA SUPERIOR

Na imensa fábrica Indian, em Springfield, estado de Massachusetts, os primeiros e principais fabricantes de motocicletas dos Estados Unidos ajustaram sua produção para corresponder às exigências sem precedentes dos dias de hoje. E embora se entregue às Forças Armadas todo o imenso volume de produção atual, a Indian prepara-se, ao mesmo tempo, para o período de após-guerra, quando, ao que se prevê, haverá grande procura desse sistema de transporte.

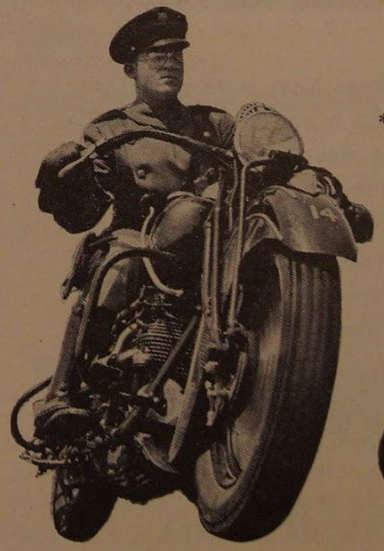
Isso se aplica, muito especialmente, aos países da América do Sul, cujos modernos e aperfeiçoados métodos de transporte — melhores estradas — contribuirão para que seja utilizado, em escala crescente, o transporte automotor. E as motocicletas estão-se tornando cada vez mais valiosas para os negócios, oferecendo um meio agradavel e econômico de aproveitar os grandes espaços.

E é por isso que, hoje, os conhecimentos obtidos nas pesquisas para a guerra estão sendo aproveitados para a fabricação dos grandes modelos, que aliás já estão sendo enviados para a América do Sul.*

Pois a Indian tem sempre sido a "primeira" a apresentar grande parte dos maiores aperfeiçoamentos na indústria das motocicletas. Por isso, hoje, procure as caraterísticas da *Motocicleta Numero UM da América.*

INDIAN MOTOCYCLE COMPANY

DEPT. RD, SPRINGFIELD, MASSACHUSETTS, E. U. A.



**Podem fazer-se embarques imediatos mediante encomenda aprovada pela Foreign Economics Commission.*

Indian

MOTORCYCLES

Um Convite da CASA INTERNACIONAL..

Quando V. S. vier a Nova Orleãs, o lar da Companhia de Navegação Delta, visite a Casa Internacional, que funciona com o fim de dar bom acolhimento aos hóspedes de outras terras que visitam o nosso país. Aquí V. S. encontrará homens e mulheres que falam a sua língua e que terão imenso prazer em lhe fornecer toda sorte de informação e auxílio que um visitante deve receber de uma cidade hospitaleira. O povo de Nova Orleãs pede-lhe que faça dessa casa seu ponto de convivência enquanto estiver na cidade.

Delta Line

NOVA ORLEÃS

DESFRALDANDO AS BANDEIRAS DAS AMÉRICAS

"Veja lá... Contemple aquele BLACK WIDOW!"*

Esse guarda noturno mortífero... vai a caça do inimigo pelos céus tenebrosos. *É o Northrop P-61, avião de combate noturno. O "Black Widow". O maior e mais possante caça que até hoje se construiu.*

Projetado pelo grupo Northrop em cooperação com o Exército dos Estados Unidos, o "Black Widow" é o primeiro avião cientificamente aperfeiçoado para combate noturno. À sua grande velocidade ele reune caraterísticas vantajosas de vôo. Sua potência habilita-o a derruir qualquer máquina voadora.

Nos combates que se travarão nos meses futuros, o leitor terá novas informações sobre esta novíssima arma norte-americana—o caça noturno P-61 —o "Black Widow".

*"O nome desse avião Northrop é derivado de uma mortífera aranha preta".

NORTHROP Desenhistas e fabricantes do CAÇA NOTURNO P-61 "Black Widow"

NORTHROP AIRCRAFT, INC., NORTHROP FIELD, HAWTHORNE, CALIFORNIA, U.S.A. • MEMBER AIRCRAFT WAR PRODUCTION COUNCIL, INC.

O Convite Universal...
"TOME UMA COCA-COLA!"

CENA DE INVERNO

Preço – Cr. $1.00

A sêde não conhece estações nem respeita fronteiras. Assim como os entusiástas de muitos países consideram o Chile um centro ideal para os esportes de inverno, também o mundo tem na "Coca-Cola" a melhor resposta para a sêde. Eis porque se ouve frequentemente o convite universal—"Tome uma Coca-Cola!"

UNIDAS HOJE
UNIDAS SEMPRE

COPYRIGHT 1944 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

BAUXITA

MAIS PRECIOSA QUE O OURO

• A bauxita, o minério básico na fabricação do tão essencial alumínio, tornou-se agora um metal quase "precioso". Por isso os mercados clamam ansiosamente pela produção total de todas as minas . . . e ainda querem mais! As Guianas são afortunadas em possuirem algumas das mais importantes jazidas de bauxita da América, uma das quais está situada nas minas Billiton, no rio Surinam. A fotografia supra, tirada alí, mostra os Tratores Diesel "Caterpillar" equipados com *bulldozers*, removendo muitas toneladas de terra que ocultam esse valioso minério.

Onde quer que seja árdua a tarefa . . . num trabalho de mineração, desaterro, desobstrução, nivelação ou agricultura . . . os Diesel "Caterpillar" são comumente os indicados. Hoje mesmo, quando muitos equipamentos dessa marca estão prestando serviços que excedem o seu tempo de duração normal, eles ainda atuam eficiente e economicamente. Apesar dos operadores inexperientes, dos combustiveis inferiores, do excessivo calor ou frio, esses aparelhos já considerados antiquados nunca param de funcionar.

Naturalmente, os proprietários precavidos cuidam todo o seu equipamento "Caterpillar" . . . apelando para visitas e inspeções regulares dos vendedores de "Caterpillar" . . . com o fim de manterem essas máquinas em condições de trabalho ininterrupto até que novos Diesel "Caterpillar" venham a estar disponiveis.

Esse dia será de grande alegria para os povos da América!

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILL., E.U.A.

CATERPILLAR DIESEL
MARCA REGISTADA

TRATORES DE ESTEIRAS • MÁQUINAS DIESEL • MAQUINARIA PARA ESTRADAS

Vital...para os que têm lutado pela Liberdade

FILME radiográfico, para melhor diagnosticar as lesões e a eficiência dos armamentos . . . Filme para o Correio Aéreo V···—, afim de manter correspondência com as famílias e amigos . . . Filme cinematográfico, para abreviar o treinamento e ensinar as novas táticas de combate . . . Assim, e de muitos outros modos, se consumiram enormes quantidades de materiais fotográficos para proteger e salvar as vidas dos que vêm combatendo por nossos ideais comuns de Liberdade.

Eis a razão por que V. S. não tem podido adquirir todo o filme e Câmaras Kodak que desejava (o que ocorre tambem nos Estados Unidos). Mas a sua paciência e cooperação em reconhecer as dificuldades causadas pela guerra ajudaram a enfrentar com êxito o que podia ter sido uma situação perigosa para todos. Por isso, expressamos-lhe o nosso profundo agradecimento dando-lhe a boa nova de que, salvo raras excepções, já estamos fornecendo quantidades crescentes de Filmes Kodak aos distribuidores.

EASTMAN KODAK COMPANY, Rochester, N. Y., E. U. A.

A proxima escala . . . Leningrado!

DE algumas coisas estamos certos. Nos céus haverá uma nova fronteira após a guerra. Rotas aéreas cruzarão os ares como teias de aranha ligando as capitais da América Latina a Nova York, e cidades que ostentam nomes impressionantes como Leningrado e Hong Kong. Londres e París serão aeroportos de escala nessa Grande Cadeia de Rotas Aéreas.

Estamos certos tambem do seguinte: Num mundo alterado e que se transforma haverá constante necessidade de habilidade técnica, espírito empreendedor, e produtos industriais.

A Eagle-Picher, no mundo uma das principais produtoras de chumbo, zinco, e lã mineral para insulação, está preparada para fazer a sua contribuição. Com mais de 100 anos de experiência em mineração e indústria, iniciamos o nosso segundo centenário com sólida estrutura financeira, grandes reservas de minérios, fábricas modernizadas e maiores facilidades de pesquisas.

Não hesite em consultar-nos, agora ou mais tarde.

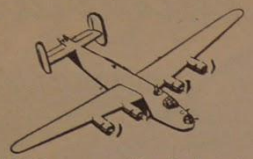
THE
EAGLE-PICHER LEAD COMPANY
Depto. de Exportação:
420 Lexington Ave., Nova York 17, E.U.A.
Escritórios gerais:
Cincinnati 1, Ohio—End. tel.: EAGLEPICH

EAGLE PICHER

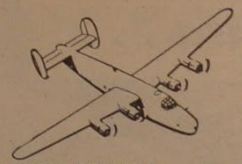
EAGLE-PICHER

Chumbo - Zinco - Isolamentos

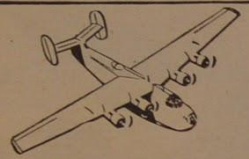
De "Jeeps" Voadores a Leviatãs do Ar



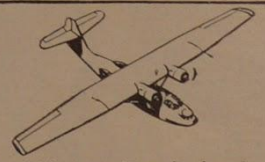
LIBERATOR . . . avião de bombardeio de 4 motores



LIBERATOR EXPRESS . . . transporte

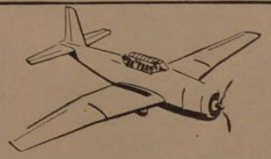


CORONADO . . . avião de bombardeio patrulha



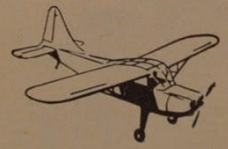
CATALINA . . . avião de bombardeio patrulha

VALIANT . . . avião de treino básico



VENGEANCE . . . avião de bombardeio de picada

RELIANT . . . avião de treino de navegação aérea



SENTINEL . . . "JEEP" Voador

QUANDO A VITÓRIA tenha sido ganha pelas Nações Unidas, a Consolidated Vultee Aircraft Corporation achar-se-á em condições de fornecer o equivalente dêstes aviões de post-guerra, as "baratinhas aéreas" de propriedade particular e enormes aviões trans-oceânicos de carga-e-passageiros.

CONSOLIDATED VULTEE AIRCRAFT

San Diego, Calif.
Vultee Field, Calif.
Tucson, Ariz.
Fort Worth, Texas
New Orleans, La.
Louisville, Ky.
Wayne, Mich.
Dearborn, Mich.
Allentown, Pa.
Nashville, Tenn.
Elizabeth City, N. C.
Miami, Fla.

Membros do Conselho de Produção de Aviões Bélicos

Quem é que não gostaria de calçar estes sapatinhos?

AESSES pezinhos que dão seus primeiros passos na jornada do futuro...dir-lhe-emos: "Tome cuidado que há impecilhos no caminho", ou "Siga para diante com toda a confiança"!

Posto que vislumbramos quase todo o nosso caminho, quer dizer, melhores maneiras de fazer as coisas, melhor compreensão dos problemas de nossos vizinhos, maior apreço pelos frutos da liberdade—nós, os que vivemos no Hemisfério Ocidental, podemos dizer aos nossos filhinhos: "Nos paises da América dá-se estímulo à ambição; todo cidadão tem oportunidades para desenvolver ao máximo a sua habilidade e talento."

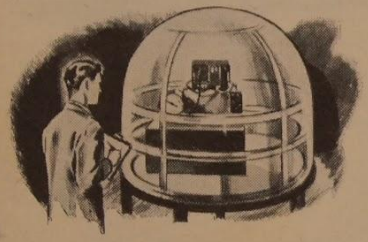
O futuro encerra uma era de maior comodidade, de maior prazer e de maior segurança, graças às lições aprendidas durante a guerra. Porem, produzir meios de transporte mais aperfeiçoados a um custo mais baixo, não se compara com a ingente tarefa de edificar um mundo melhor. E por isso que a Companhia Ford está contribuindo com a sua cota-parte para assegurar um porvir melhor e mais alegre que aguarda a todos os povos livres . . . de maneira que possamos dizer a quem use esses sapatinhos: "Feliz época para vir ao mundo!"

FORD MOTOR COMPANY

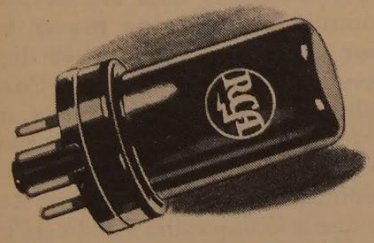
Ford

A RCA APRESENTA

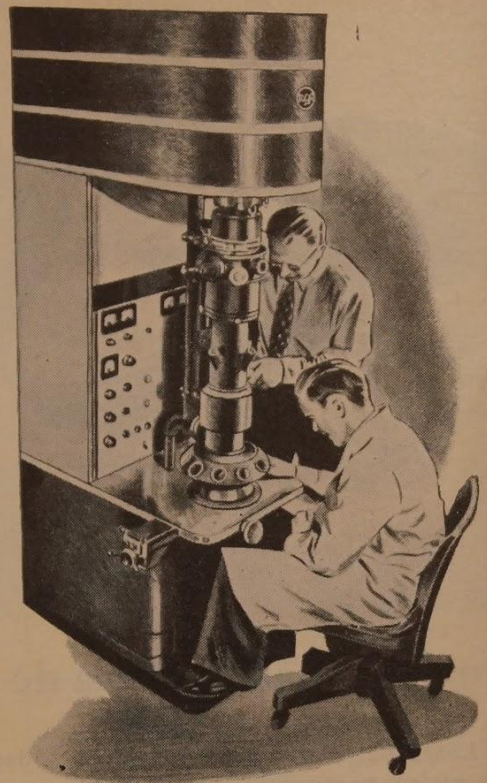
O Que Há De Mais Novo



Quase treze mil metros acima do nivel do mar! Para o estudo do rádio na aviação, a diferentes altitudes, a RCA aperfeiçoou esta Câmara Altimétrica, que reproduz pressões atmosféricas correspondentes a altitudes que chegam a 12.875 metros.



A válvula do rádio-receptor no seu lar é produto da mesma perícia técnica que a RCA vem consagrando à televisão e à rádio na aviação.



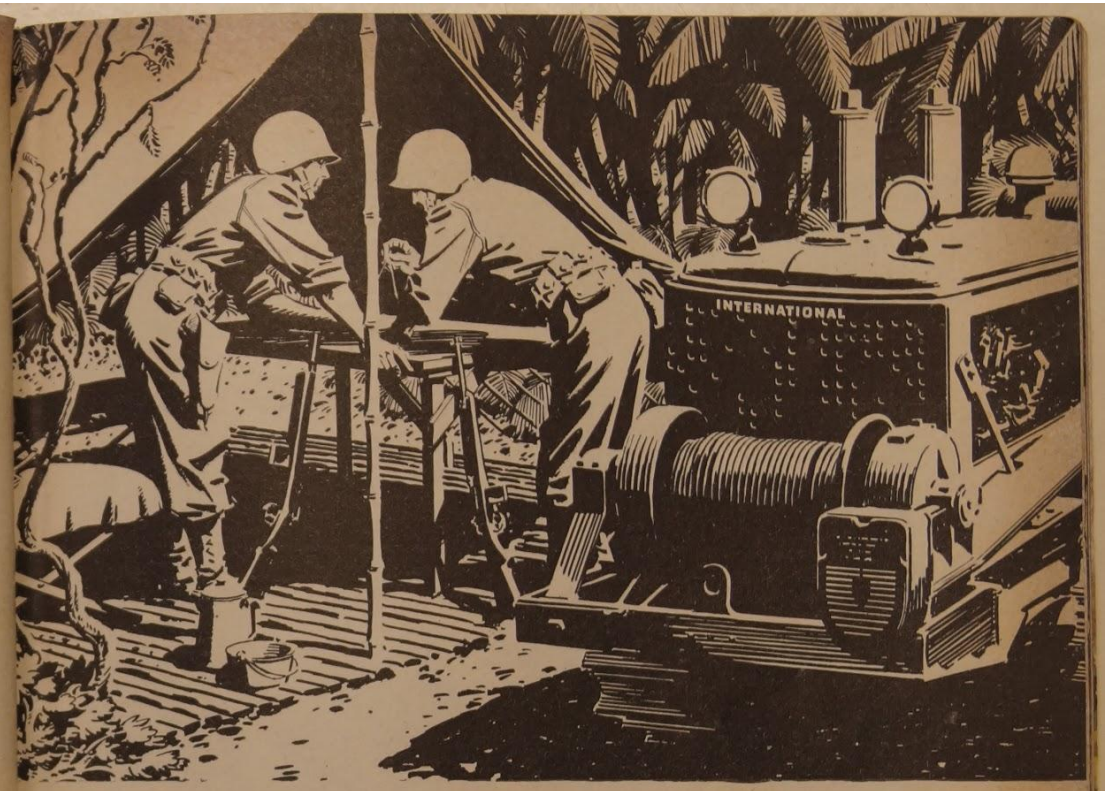
Explorando o mundo invisivel! O Microscópio Eletrônico RCA, 50 vezes mais poderoso do que o melhor dos microscópios ópticos, amplia a imagem dos objetos 100.000 vezes, ou mais . . . promete resultados incalculaveis na luta contra as doenças. Embora a presente esteja ao serviço das exigências da guerra das Nações Unidas, a RCA aspira a criar melhores produtos para um mundo melhor . . . quando soar a hora da Paz!

Ouçam todas as noites o "Correspondente Estrangeiro RCA" — que diz o que há de novo em notícias. Verifique no seu jornal as horas de irradiação e as estações.

RADIO CORPORATION OF AMERICA

RCA Victor Division, Camden, N. J., E.U.A.

RCA Victor Radio, S. A., Caixa Postal 2726, Rio de Janeiro, Brasil



Escritório de Engenharia em Estilo de Guerra

Estão em moda hoje em dia os "escritórios" onde os engenheiros estão prontos a trocar seus utensílios de desenho pelas armas num abrir e fechar de olhos. Os batalhões de engenharia seguem logo atrás das tropas de assalto. O inimigo pode interromper o seu trabalho, mas não poderá impedir que êle seja feito.

Quando a infantaria se retira, a turma de construção entra em ação. A artilharia pode estar ainda crepitando na colina próxima, mas quando chega a ordem "Tenham uma pista de aterragem pronta pela madrugada", ela tem de estar pronta!

Os **TracTracTores International** estão acostumados a serviço rápido sob condições quasi impossíveis. A potência, a resistência e a economia que estabeleceram sua reputação em tempos de paz, tornaram-nos aptos a enfrentar os serviços de construção em combate que hoje se lhes apresentam. As fôrças armadas o testemunham. Elas viram os TracTracTores International trabalhar em campos de pouso pontilhados de crateras de bombas com 20 m. de largura e 6 m. de profundidade. Viram-nos romper pela floresta a dentro e virtualmente rasgar uma nova pista de aterragem no coração da mata.

Os TracTracTores International eram bons antes da guerra. Agora, estão sendo experimentados de novo em "campos de prova" nas frentes de combate, mais acidentados do que quaisquer outros jamais inventados pelos engenheiros. Quando chegar a ocasião de retornarem aos trabalhos civís, os TracTracTores estarão melhores do que nunca.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY

Harvester Building — Chicago, E. U. A.

Filiais no Brasil:

Rio de Janeiro — São Paulo — Porto Alegre

INTERNATIONAL HARVESTER

Prova pela Tortura

Outro exemplo de quanto vale a experiencia "Gargoyle" para o esfôrço de guerra—e para V. S.!

AQUÍ está focalizada a zona dos anéis de um grande motor Diesel, de novo modêlo, construido para os trabalhos de guerra.

O calor, como dentro de altos-fornos, atinge a mais de 2.200° C... E as pressões se elevam a 7.000 quilos por centímetro quadrado!

Repare no ponto onde o pistão está cortado. O óleo pode carbonizar-se atraz daqueles anéis, prendendo-os, e causando a ruína do motor!

Nunca satisfeitos, os produtores dos Lubrificantes Gargoyle crearam um novo óleo especial para motores Diesel, que conserva absolutamente limpos os pistões e anéis. Com êle, o desgaste é apenas microscópico, mesmo após um trabalho contínuo sob aquelas terríficas condições. Há 78 anos vimos produzindo óleos como êste, pois dispomos de um vastíssimo cabedal de conhecimentos sobre a operação e conservação de tôda a espécie de máquinas —a maior experiência mundial em Lubrificação.

GARGOYLE

EM TÔDAS AS INDUSTRIAS **Lubrificantes** REDUZEM AO MÍNIMO O DESGASTE

Os grandes transportes alados

Há atualmente centenas dos famosos aviões Douglas DC-3, sobrevoando, todos os dias, seis continentes e cinco oceanos, no rápido transporte de passageiros, correspondência e carga. Os horários dificeis e os longos trajetos tornam-se possiveis devido à tradicional confiança que impõem os motores Pratt & Whitney e as hélices Hamilton Standard, usados em tais transatlânticos aéreos.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

East Hartford, Connecticut, E. U. A.

MOTORES PRATT & WHITNEY • AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICÓPTEROS SIKORSKY • HÉLICES HAMILTON STANDARD

TÃO BELA...

TÃO OBEDIENTE...

FAMOSA EM

TODO MUNDO!...

CRIADA dentro dos famosos e tradicionais padrões Parker de beleza e precisão, a elegante Parker Vacumatic dá novo encanto ao prazer de escrever.

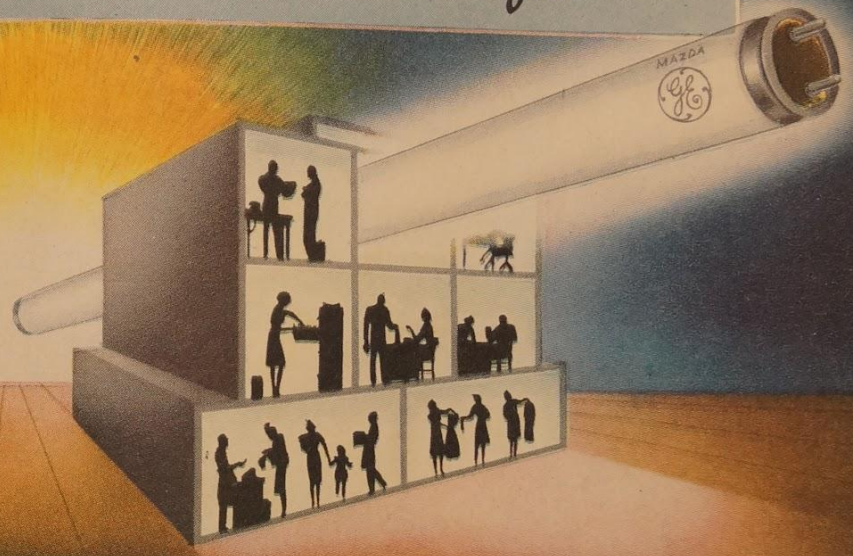
A ponta de osmirídio é macia como setim e desliza suavemente sôbre o papel, como impelida por um passe de mágica. O esguío corpo, no seu desenho exclusivo de anéis alternados, contribue grandemente para torná-la eficiente, fácil e agradável de usar. Através dos anéis translúcidos pode-se ver perfeitamente a grande reserva de tinta. Pode verificar-se, a qualquer momento, se a caneta está cheia...

Peça hoje ao seu fornecedor que lhe mostre as canetas Parker Vacumatic. São fabricadas em 5 côres atraentes, a escolher. O Lozango Azul, no segurador, representa a nossa garantia por tôda a vida.

• Únicos distribuidores para todo Brasil e Posto Central de Consêrtos: COSTA, PORTELA & CIA. Rua 1º de Março, 9—1º andar., Rio de Janeiro.

Parker

A ILUMINAÇÃO FLUORESCENTE G-E
leva a luz do dia ao interior dos edifícios



Para defender-se das intempéries o homem buscou o refúgio das cavernas. Primeiro usou a luz das tochas. Com o tempo, creou as lâmpadas de azeite, o candeeiro, o gas e a lâmpada incandescente, antes de atingir a ultra-moderna luz fluorescente G-E Mazda—a luz que mais se aproxima da luz do dia.

A luz fluorescente é clara e abundante, mas tão suave e difusa que quasi não dá sombras. Bem instalada, diminue o esforço e o cansaço dos olhos.

No Laboratório de Luminotécnica da General Electric, sob a direção do Dr. Matthew Luckiesh, famoso cientista da Ciência da Visão, técnicos especialistas estudam os efeitos da luz na visão humana, na busca de melhores meios de utilizar a luz, em benefício de tão importante causa para humanidade.

Depois da guerra, a G. E. oferecerá a V.S. o melhor em iluminação fluorescente.

FC4i3

LÂMPADAS FLUORESCENTES G-E MAZDA e *acessórios G-E*

GENERAL ELECTRIC

Os produtos da General Electric dos E.U.A. vendem-se em todo o mundo por intermedio dos representantes da International General Electric Company, Inc.

Já era famoso em 1815, quando pela primeira vez os ianques desembarcaram na Argélia

O whiskey americano tem sido usado para celebrar todas as vitórias na história da América—pois o whiskey americano é mais antigo que os Estados Unidos.

E agora o whiskey americano é preferido em todo o mundo para festejar as vitórias das Nações Unidas. Hoje bebe-se mais whiskey americano que qualquer outro.

Há várias gerações que o SCHENLEY Royal Reserve vêm sendo reconhecido como o mais fino dos whiskeys.

Para apreciar o seu insuperavel aroma, delicioso sabor e riquíssima suavidade, tome-o à americana — num "Old Fashioned" — a bebida tradicional.

Eis a receita desse famoso coquetel: **1**: sobre meio-torrão de açúcar ponha duas gotas de Bitter Angostura e 6 gotas de água; **2**: Dissolva o açúcar; **3**: Adicione dois cálices de SCHENLEY Royal Reserve; **4**: Adorne com uma *fatia* de laranja, outra de limão, e uma cereja; **5**: Encha o copo com pedaços de gelo, mexa um pouco e sirva.

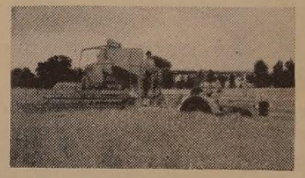
É uma revelação!

LIBERDADE NA UNIDADE

SCHENLEY INTERNATIONAL CORPORATION
Empire State Building, New York

O WHISKEY MAIS FINO DA AMERICA

SCHENLEY Royal Reserve



TAREFA NOTURNA

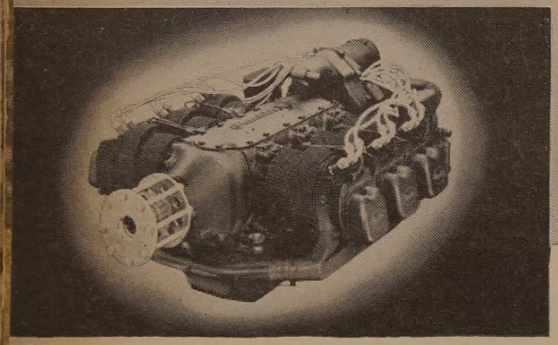
O fazendeiro em todo o mundo tem um dia bem longo de trabalho... E à noite prossegue, tambem, agora que estamos em guerra. Precisa passar várias horas extraordinárias no campo, para compensar a escassez de auxiliares e de máquinas, pois só assim poderá alcançar a meta que se impôs: mais alimento para a Vitória. Por isso, em muitas estações do ano, a tranquilidade e o sossego, que outrora desciam sobre a fazenda ao cair da noite, são hoje rompidos pelo ruido dos tratores em funcionamento, e a escuridão é cortada em vários pontos pelos fachos luminosos aos pares, enquanto o fazendeiro continua na mais importante das tarefas que jamais teve de executar.

Desses tratores, que nunca param, trabalhando dia e noite, dando em um ano o serviço que levaria normalmente vários anos,—muitos trazem a marca Minneapolis-Moline. Pois a Minneapolis-Moline foi a primeira fábrica a montar faróis nos tratores, tornando assim praticavel o trabalho noturno. Esse aperfeiçoamento, demonstrando larga visão, surgiu quando os engenheiros da Minneapolis-Moline compreenderam que, para um trator constituir lucrativo emprego de dinheiro, é necessário que funcione determinado número de horas por ano. Esforçando-se por aumentar a utilidade de seus aparelhos, a Minneapolis-Moline foi tambem a primeira a prover os tratores de uma cabine fechada, permanente, afim de que pudessem trabalhar em quaisquer condições atmosféricas.

Aí estão apenas dois dos modernos melhoramentos que permitiram às máquinas Minneapolis-Moline contribuir ainda mais para a produção de alimentos na crise dos nossos dias.

MINNEAPOLIS-MOLINE
POWER EQUIPMENT COMPANY
MINNEAPOLIS 1, MINNESOTA, U.S.A.

FORÇA PARA O VÔO



HOJE o Hemisfério Ocidental — o mundo inteiro, aliás—está entrando na Idade do Vôo. No período que se seguirá à guerra, o sr. terá provavelmente o desejo de possuir um avião para seu próprio uso. Quando o fizer, lembre-se do seguinte: a segurança, rapidez e economia de operação de um aparelho dependem sempre do motor que lhe dá propulsão. Lembre-se tambem de que a marca "Franklin" significa hoje, como já significava há quase meio século, o que há de melhor em matéria de motores refrigerados a ar.

Foi por isso que o Governo Brasileiro escolheu os motores Franklin para acionar os seus aviões de treinamento. E tambem por isso é que o Exército dos Estados Unidos preferiu os motores Franklin para acionar os seus novos e admiraveis helicópteros.

Para o *seu* avião, depois da guerra, faça questão de um motor Franklin!

AIRCOOLED MOTORS CORPORATION ★ SYRACUSE, N. Y., E. U. A.

Franklin
EXCELENTES MOTORES DE AVIAÇAO

RUA DO PASSEIO 48-54 MESBLA S/A RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidores exclusivos dos motores Franklin no Brasil

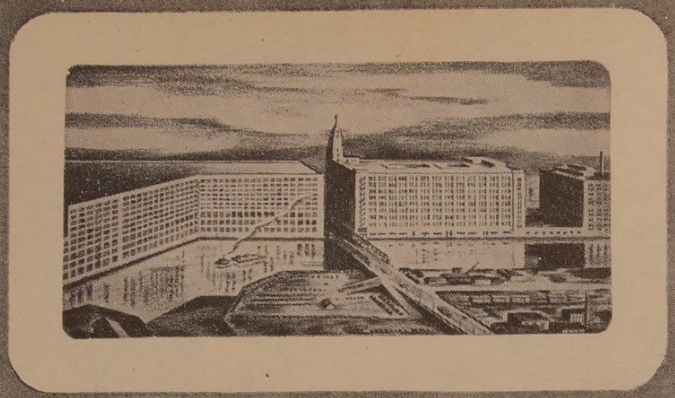
NINGUEM ESCAPARÁ AO CASTIGO

(NONE SHALL ESCAPE)

com **MARSHA HUNT · ALEXANDER KNOX · HENRY TRAVERS · ERIK ROLF**

Argumento de Lester Cole • Dirigida por Andre de Toth • Produzida por Samuel Bischoff

UM FILME COLUMBIA

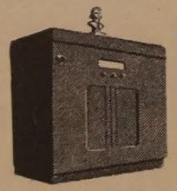


Wards enorme centro fornecedor

A MONTGOMERY WARD é mundialmente famosa e digna de confiança como uma vasta fonte central para fornecer os artigos indispensaveis ao lar e à fazenda. Por sua qualidade, preços de concorrência, bom fabrico e grande produção, os produtos Ward são reputados e gozam a preferência de todo o mundo.

Aos comerciantes interessados na importação e distribuição dos artigos abaixo reproduzidos, alem de maquinaria, tintas, texteis, modas e outras mercadorias de facil venda, roga-se que peçam informações minuciosas.

Refrigeradoras Elétricas Ward—Nas refrigeradoras Ward de após-guerra serão incorporados os últimos aperfeiçoamentos, quer em construção, quer em utilidade.



Rádio-receptores Airline Ward—Com o seu laboratório de pesquisas e seus planos em projeto, a Ward assegura uma notavel seleção de rádios de magnífico funcionamento.

Acumuladores Ward—Sortimento completo . . . Velas de alumagem Ward de qualidade suprema. Facilitam o arranque, dão maior energia, e consomem menos gasolina.

Trator Avery e Utensílios—O trator Avery, de construção resistente para dois arados em fileira, permite trabalhar maior área de terreno com mais eficácia e facilidade.

Tratores Ward para Hortas (com alfaia)—Economia máxima pelos métodos mecânicos no cultivo da terra. Completo sortimento de utensílios para toda espécie de tarefas.

MONTGOMERY WARD

DIVISÃO FABRIL DE EXPORTAÇÃO, CHICAGO, E. U. A.

A arte de ser mulher...

EDUCADA, fina, impondo-se como valor artístico e intelectual, a Eva moderna não se descuida da arte de ser mulher... para que tanto contribuem os Cremes Pond's. Eis o que diz a senhorita Mercês da Silva Telles, figura das mais cativantes da nossa sociedade, e exímia pianista: «Confesso-me entusiasmada com os resultados que obtive com o método Pond's.»

E veja como é simples êste método:

1. Aplique Cold Cream Pond's no rosto e no colo. Retire-o em seguida. Para amaciar a cútis, aplique mais uma camada.

2. Antes de fazer a «maquillage» use o Creme Evanescente Pond's que, além de proteger a cútis contra o sol e o vento, conserva o pó-de-arroz horas seguidas.

Siga o exemplo das mais lindas mulheres de todo o mundo—comece hoje a usar os Cremes Pond's!

A SENHORITA MERCÊS DA SILVA TELLES

AMOSTRA GRATIS: **- Queiram enviar-nos o coupon acompanhado de Cr. $1,00 para as despesas de remessa de uma amostra gratis dos 2 Cremes Pond's.**

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL
Avenida do Estado, 5.537 - São Paulo

3-RRRR-25

Nome .....

Rua .....

Cidade ..... *Estado* .....

40 MISSÕES DE BOMBARDEIO SOBRE A EUROPA

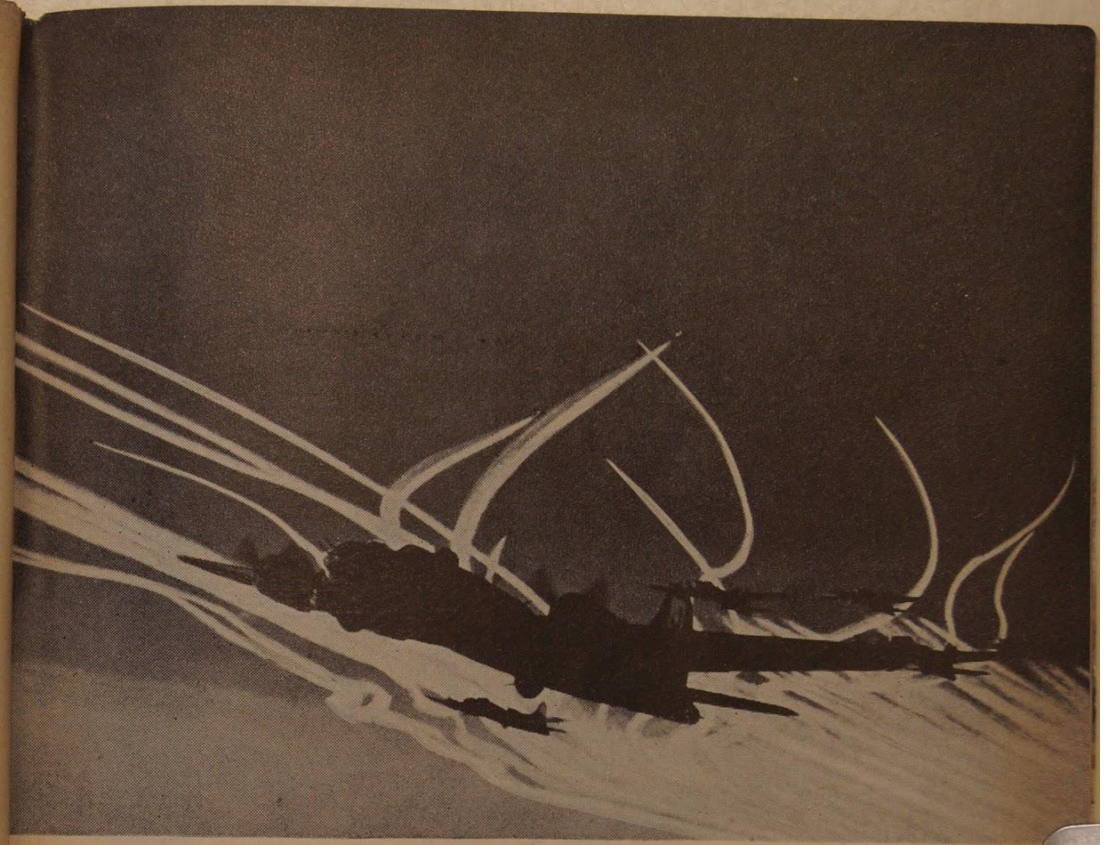
sem sequer um desarranjo mecânico

Eis o notavel recorde de serviço da mundialmente famosa Fortaleza Voadora "Hell's Angels." Não pequena parte de crédito pertence ao pessoal de pista que prestaram seus serviços ao avião, mas as Chumaceiras Cônicas de Rolamento Timken foram igualmente um fator preponderante para o seu maravilhoso funcionamento.

Cada Fortaleza Voadora americana (Bombardeiro B-17) contem 162 Chumaceiras Timken, alem de outras peças essenciais fabricadas com Aço Timken; elas fazem com que as Fortalezas voem onde quer que as Forças Aéreas Americanas estejam combatendo.

A experiência ganha durante a guerra com o uso das Chumaceiras Timken será de valor inestimavel aos fabricantes de máquinas de toda espécie, para que possam fazer face à concorrência do tempo de paz, pois as Chumaceiras Timken não só *melhoram* o funcionamento das máquinas como tambem fazem com que estas sejam *mais vendidas*. The Timken Roller Bearing Co. Canton 6, Ohio, E.U.A.

TIMKEN
TRADE-MARK REG. U. S. PAT. OFF.
TAPERED ROLLER BEARINGS



Serpentes do Céu

Aquelas figuras brancas, sinuosas, não são cobras. São traços de vapor condensado na mais elevada camada aérea sobre o território inimigo.

Os traços retos emanam dos motores das Fortalezas Voadoras Boeing pela retaguarda. Os outros—os que ziguezagueiam para cima—são dos aviões de combate aliados garantindo-lhes proteção para que possa funcionar o fogo mortífero dos seus canhões de calibre 50.

Os aviadores alemães, na ânsia de impedir que os bombardeiros avancem, têm usado de todas as manobras de combate aéreo. Porem jamais eles conseguiram até hoje fazer as guarnições das Fortalezas desistirem do seu alvo.

O desenvolvimento do bombardeio de precisão vespertino é uma epopéia da bravura e eficiência desses homens—artilheiros, radiotelegrafistas, navegadores, bombardeadores e pilotos; da lealdade das guarnições de pista; do incansavel trabalho dos estrategistas; e das próprias Fortalezas Voadoras, projetadas e fabricadas pela Boeing para arcar com a árdua tarefa da guerra aérea.

Quando alcançarmos a Vitória, a capacidade em pesquisa, desenho engenharia e manufatura da Boeing aplicar-se-á novamente aos produtos de paz. Qualquer deles será uma garantia de que . . . "se está fabricado pela Boeing" está fadado a ser bom.

Criadores das Fortalezas Voadoras • Do Novo Super-Bombardeiro B-29 do Stratoliner • dos Clíperes Transoceânicos

BOEING

Contribuindo para Vencer a "Batalha da Borracha"

A DOIS mil quilômetros acima da embocadura do Rio Amazonas—no inferno verde das selvas brasileiras—trava-se atualmente uma dura batalha contra as forças da natureza.

Aquí, às margens do imenso rio, há milhões de seringueiras selvagens. E a essas selvas, cheias de insetos perigosos e animais ferozes, chegou um pequeno exército de operários apanhadores de borracha para o esforço de guerra das Nações Unidas.

Afim de salvaguardar a boa saúde desses "soldados da borracha," instalaram-se Refrigeradores Servel. De avião e de trem, navio e canoa, os refrigeradores foram transportados até os postos mais longínquos do interior, para que se conservem, a baixa temperatura, alimentos e remédios de vital importância.

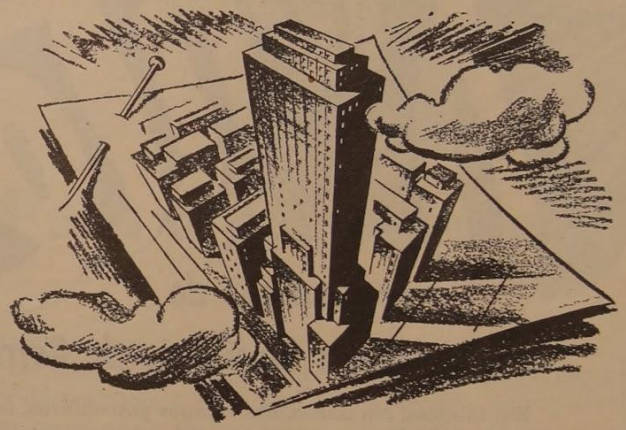
Tambem em outras frentes, os Refrigeradores Servel prestam excelente serviço nas batalhas das Nações Unidas: na Itália, na China, no Pacífico. Foram escolhidos, como o haviam sido, no tempo de paz, 2.000.000 de Refrigeradores Servel nos lares das Américas, porque funcionam com perfeição em qualquer lugar.

SERVEL, Inc.

Departamento de Exportação
51 East 42nd St., New York 17, N.Y.
E.U.A.

FABRICANTES DAS GELADEIRAS SERVEL A QUEROSENE E A GAS

Pequeno como um Alfinete
Grande como um Arranha-céu



Erigir um arranha-céu colosso ou modelar um minúsculo alfinete—tais, em tempo de paz, são as tarefas da UNITED STATES STEEL. Atualmente, toda a vasta produção, pesquisa e perícia da United States Steel Export Company—há mais de 40 anos famosa em todo o mundo pelos seus artigos—fornecerá aços U·S·S de primeira qualidade, melhorados pela guerra, para usos domésticos e industriais em todo o mundo.

UNITED STATES STEEL EXPORT CO.
30 CHURCH STREET, NOVA YORK 8, E. U. A.

FORNECEMOS AO MUNDO

na Produção de
Acessórios Mecânicos de Borracha

Pneumáticos Royal

Artigos domésticos "U.S."

Acessórios mecânicos "U.S."

Em fábricas, em minas, nos campos petrolíferos, nas centrais açucareiras, em sistemas de comunicações e transportes... há máquinas, motores e instalações cujo funcionamento sería impossivel sem acessórios de borracha ... acessórios que a "U.S." fabrica.

Desde os empanques—tão essenciais, a-pesar de não se verem—até as correias condutoras em minas, as complicadíssimas mangueiras para petróleo ou ácidos, ou os cordões ou cabos elétricos—em toda a parte está presente a obra da "U.S."... porque se reconhece ser de qualidade realmente excepcional.

Muito mais excepcional é o que fazemos hoje para os exércitos das Nações Unidas! E com a extraordinária experiência adquirida, poderemos servir ainda melhor o progresso humano, quando a Vitória nos encaminhe a uma longa e próspera éra de Paz.

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd.

FABRICANTES DOS PNEUMÁTICOS ROYAL

1230 Sixth Avenue, Rockefeller Center, Nova York 20, E. U. A.

No Canadá: Dominion Rubber Co., Ltd.

A CIÊNCIA AO SEU SERVIÇO

Para o pequeno piloto

Projetado e fabricado para o aviador que dantes ganhava o pão com o suor do seu rosto, e que tinha de manter o seu motor em boa forma sem a ajuda de mecânicos nem de assistentes de pista—o Jacobs é um motor robusto, de estrutura simples, sem arrebiques desnecessários, e tôdas as suas peças são de fácil acesso.

Instalado agora nos bimotores de treino avançado das Nações Unidas, para acostumar os alunos-pilotos à condução de aparelhos polimotores, o Jacobs faz mais decolagens e perfaz mais horas de vôo a plena velocidade, do que os próprios motores que andam nas lides da guerra. Pois apesar disso, êle chega a agüentar 1050 horas de vôo sem carecer de revisão geral—o equivalente a 285.000 quilômetros de percurso—isto é, *três vezes* mais do que dêle exigiam as especificações de fabrico, ou queriam as melhores expectativas dos que iam utilizá-lo.

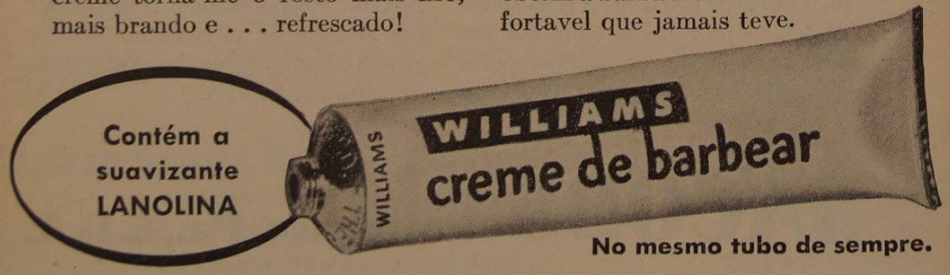
BASTARÁ só atentar no seu récorde, para que, após a guerra, o Jacobs atraia o interesse dos aviadores particulares, das empresas de transporte e linhas de passageiros—que desejarem funcionamento econômico, despesas mínimas de manutenção, e baixos preços. Respondemos com prazer aos pedidos de informação. Jacobs Aircraft Engine Company, Pottstown, Pensilvânia, E. U. A.

JACOBS • **Pottstown, Pa., E. U. A.**

HÁ ANOS QUE A Lanolina é prescrita pelos médicos no tratamento de irritações da pele. Por assemelhar-se ao óleo natural da pele, a Lanolina tem fama por sua qualidade reconfortante e curativa. Agora V. S. pode gozar a ação suavizante da Lanolina toda vez que faz a barba com o Williams. Esse creme torna-lhe o rosto mais liso, mais brando e . . . refrescado!

Por sua absoluta pureza e alvura, fabricado com os mais puros ingredientes—o Creme Williams é por sua natureza agradavel à pele. Sua espessa e abundante espuma faz abrandar a barba mais dura, facilitando fazer a barba.

Experimente o Williams melhorado com Lanolina. Observe se não obtem a barba mais bem feita e confortavel que jamais teve.



TRATOR MILITAR M-4
Esta poderosa arma carrega a artilharia até os campos de batalha, a velocidades nunca vistas, e ainda transporta munição e guarnição.

REALIZAÇÕES — Na Guerra como na Paz

Tem sido para nós um privilégio poder contribuir, de diversas maneiras, para a vitória das Nações Unidas; e entre essas contribuições podemos citar o projeto e construção do trator militar M-4, a pedido do Exército dos Estados Unidos, e em cooperação com o seu Departamento de Artilharia.

A perícia técnica e os recursos que nos permitiram ir ao encontro das mínimas exigências do Exército, completando esta tarefa em tempo "record", refletem-se no funcionamento perfeito que é caraterístico dos tratores de esteira Allis-Chalmers, Diesel de dois ciclos, que operam sem interrupção onde quer que se estejam construindo novas estradas. Essa capacidade de funcionamento sem falhas nota-se, também, em milhares de nossos tratores utilizados na agricultura, bem como em nossas máquinas de colher e outras de agricultura, empregadas agora na importante tarefa de produzir alimento em muitas partes do mundo.

Na construção de máquinas para a guerra, aprendemos muitas coisas que nos serão úteis na construção de máquinas ainda melhores, nos dias de paz. Novos métodos de fabricação, novos processos e novas ligas metálicas darão em resultado novos tratores e equipamento Allis-Chalmers que hão-de vencer mais uma vez em funcionamento e durabilidade.

ALLIS-CHALMERS

Departamento PD-744, Divisão de Tratores, Milwaukee 1, E. U. A.

REPRESENTANTES NO BRASIL

Sociedade Técnica de Materiaes Ltda., Caixa Postal 1109, São Paulo
Ayres, Son & Co., Rua D. Maria Cezar 31-41, Recife, Pernambuco
Correa Ribeiro & Cia., Caixa Postal 600, São Salvador, Bahia
Companhia de Propaganda, Administração e Comércio, Rua General Câmara 62, Rio de Janiero

REPRESENTANTE EM PORTUGAL

Fassio Limitada, 20, Rua Jardim do Regedor, Lisboa

FABRICANTES DE MAQUINARIA DESDE 1846

Água pura, límpida, para a sua cidade!

A água é uma das coisas mais importantes que V.S. usa. Que *qualidade* de água há na sua cidade? É límpida e brilhante? Ela pode possuir essas qualidades! Centenas de cidades modernas gozam de boa água suprida pela aparelhagem Permutit. Essa aparelhagem é facil de instalar e econômica a sua manutenção. Ela remove dos reservatórios municipais o sujo, cor, ferro, mau gosto e cheiro, germes vivos e outras impurezas da água.

Peça informes à The Permutit Company, Depto. RD2, 330 West 42nd Street, Nova York, 18, N. Y.

Marca Registrada

PERMUTIT

CENTRO MUNDIAL DE ACONDICIONAMENTO DE ÁGUA

V. S. *Tem* PROTEÇÃO?

Como freguesa de uma casa comercial, a Senhora, levando na mão esse pedacinho de papel, está tão protegida quanto o comerciante. Nenhuma casa comercial está livre dos aborrecimentos que este comprovante "NCR" evita. É por isso que tantos comerciantes prósperos o usam, por ser este

O MAIOR PROTETOR CONTRA PERDAS QUE EXISTE!

Sabe como pode proteger seus interesses? Peça informações ao agente das Máquinas Registradoras "National".

National

CAIXAS REGISTRADORAS
MÁQUINAS DE CONTABILIDADE

THE NATIONAL CASH REGISTER COMPANY

RUA CHILE No. 31 • RIO DE JANEIRO

ESCRITÓRIOS FILIAIS

Belém, Pará
Belo Horizonte, Minas Gerais
Campos, Rio de Janeiro
Curitiba, Paraná
Fortaleza, Ceará
Porto Alegre, Rio Grande do Sul
Recife, Pernambuco
Santos, São Paulo
São Paulo
São Salvador, Baia

A meninada adora este ALIMENTO! Isso lhes dá a ENERGIA ADICIONAL necessária

OS MÉDICOS afirmam que as crianças precisam de energia adicional... principalmente de manhã cedo, depois de 12 horas de jejum.

Energia* suficiente para andar de bicicleta uns 22 km.

Então se lhes deve dar uma boa tijela de KELLOGG's Corn Flakes, alimento sadio e saboroso. Estes flocos dourados de milho torrado atraem todas as crianças . . . e até os marmanjos!

É tão facil serví-los. Da caixa forrada de papel encerado, para conservá-los tostados como quando saem do forno, derrame-os dentro da tijela. O conteudo de cada caixa pode dar várias porções, para toda a sua família.

KELLOGG's é o cereal já pronto para comer que mais se vende no mundo. Porque? Por ser delicioso e tentador; por estar sempre fresco e torradinho como ao sair do forno; por ser econômico; por não dar trabalho. Eis a razão!

Uma tijela de KELLOGG'S CORN FLAKES com leite e açucar

fornece a uma criança de 10 anos energia* suficiente para

Correr uns 6 km.

Andar de bicicleta uns 22 km.

Jogar bola-ao-cesto 36 minutos

(*derivada da alimentação)

Um motor superalimentado de avião não é invenção misteriosa; é simplesmente uma bomba de ar. Pela compressão de maior quantidade de ar dentro dum cilindro, este habilita-se a queimar mais combustivel em cada curso de explosão, o que, por seu turno, representa um rendimento mais elevado. Quer ao nivel do mar ou em altitude, quer acionado por turbinas ou engrenagens, o único fito da superalimentação é aumentar a potência em cavalos-vapor do motor.

Não obstante ser preciso força-motriz para encher de ar o motor pelo sistema de superalimentação, o resultado obtido em cavalos de força é um juro muito superior ao que se investe. A elevada altitude de vôo é inatingivel sem que o ar rarefeito seja primeiramente comprimido, enquanto na decolagem de um avião com o Cyclone 9, os 100 cavalos de força despendidos para acionar a superalimentação recompensa o motor com uns 500 cavalos no eixo da manivela.

Um motor superalimentado fornece ar de maior densidade para a combustão, permitindo aumentar a sua potência.

Cyclones e Whirlwinds · Leves · Compactos · Possantes **WRIGHT** *Aircraft Engines*

FÔRÇA MOTRIZ PARA A TONELAGEM DO AR

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO

A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind

A VITÓRIA começou com uma pequena lancha

Lá pelos riachos da Luiziana os Aliados encontraram a solução para a guerra anfíbia—o pequeno barco de assalto com sua proa em forma de colher, tem demonstrado ser o elo vitorioso entre as forças de terra e de mar. Com esta lancha Higgins de desembarque teve início uma longa relação de vitoriosas cabeças de ponte Aliadas, e com esta mesma lancha começou outra longa relação de empreendimentos construtivos da Higgins. Das mesmas bancas de desenho e linhas de produção que fabricaram o *Eureka*, criaram-se os valentes barcos-mosquitos, ageis lanchas blindadas de apoio, resistentes tanques e caminhões de transporte, fortes rebocadores, escaleres e cargueiros—até que—hoje em todo o mundo o equipamento anfíbio patenteado pela Higgins, seus desenhos de cascos, recursos mecânicos e invenções técnicas encontram-se onde quer que as forças de combate Aliadas vão avançando.

Higgins
INDUSTRIES INCORPORATED
NOVA ORLEANS

O FULCRO DAS AMÉRICAS

OS MAIORES FABRICANTES DE LANCHAS DO MUNDO

Continuação da última capa

Uma ponte a unir os povos livres

onde caira o tenente Watson, que desmaiara e só fora encontrado horas depois, na gélida água do córrego.

«Nós demos de comer aos americanos e depois carregamos todos para lugar seguro, para que eles pudessem bombardear Tóquio de novo,» disse-me o ancião. «Depois vieram os invasores nanicos... Mataram meus três filhos e minha mulher, Ang-sing; incendiaram minha escola e me queimaram todos os livros, e afogaram meus netos no poço.» Faiscavam-lhe os olhos de fúria. «E de noite, quando eles estavam embriagados, saí do poço e matei todos com as minhas mãos; um para cada membro da minha família que esses açougueiros tinham destruido.»

Sentou-se numa asa do avião. «Isto aquí,» disse-me, passando as mãos pelas grandes letras que identificavam o aparelho como sendo americano, «isto aquí é um símbolo, uma ponte que une os nossos dois povos livres, e um emblema de esperança para todos os povos do mundo.»

Nesse instante flutuou no ar, soprada pelo vento crepuscular, uma folha de papel, e eu a apanhei. Foi com emoção que a reconheci, pois aí estava, sem dúvida, outro símbolo... era a capa do Reader's Digest de abril de 1942. A revista fora trazida, a bordo de um porta-aviões americano, até a China, via Tóquio, naquela noite inesquecivel de 18 de abril de 1942. Li, então, o índice: «Papai Litvinoff», «Vulgo, Andy Hardy», «Monstros de aço no deserto», «Alfafa e Ômega». Aí estava, então, o segredo da «memória» do meu amigo, o velho professor de Ivang.

Sorriu. «Pois é,» disse, «o sr. agora me desmascarou... Este mesmo avião que plantou em Tóquio a semente da morte, espalhou em Ivang a semente dos conhecimentos.»

Voltando aos Estados Unidos, trouxe comigo essa capa do Reader's Digest. A revista, porem, ainda está na China, escondida na cabana de bambú do venerando professor, e a sua mensagem de compreensão e esperança vai sendo disseminada cada vez mais longe, pelo povo das solitárias colinas.

IMPRESSO NOS E. U. A.

Uma ponte a unir os povos livres

Pelo Reverendo Charles Meeus

Padre belga que, tendo ensinado na China nestes últimos sete anos, se naturalizou cidadão chinês

No outono de 1942, fiz uma viagem até Ivang, pequena aldeia isolada nas montanhas do Quiangsí Setentrional, na China. Um amigo meu, Wang Poo-fang, barbeiro por profissão, convidou-me, muito gentilmente, para ocupar sua novíssima cadeira, feita de um assento de bombardeiro. E, à medida que ia sendo cortado o meu cabelo, fiquei a ouvir a conversa de alguns habitantes do lugar, que alí se reuniam, e percebí que essa gente, que nunca houvera transposto os limites daquelas montanhas, mantinha uma prosa incessante sobre os assuntos mais surpreendentemente cosmopolitas.

Um deles falava em Litvinoff, o diplomata soviético; outro tecia comentários em torno da vida num uma fazenda nos Estados Unidos; um terceiro já se referia aos combates de tanques no deserto; outro, ainda, contava aos companheiros as últimas do cinema, personificado, no momento, por Mickey Rooney, cujo nome era pronunciado «Míxi Luni».

Não pude deixar de exprimir meu espanto ao ouvir tais coisas, reveladoras de um conhecimento do mundo exterior muito acima do que eu poderia esperar naquela aldeia; diante de minha admiração, o professor de inglês da localidade, velho de 80 anos e com imponentes barbas brancas, confessou que tudo havia sido «decorado, sabidinho de memória», e deu uma risadinha alegre. «Mas se o sr. quiser me acompanhar, vamos ao Pico do Fenix, que lá eu lhe mostro o tapete mágico dos americanos.»

Fomos. Levou-me por um atalho tortuoso, que serpenteava entre os altos rochedos cobertos de pinheiros e fetos, abrindo-se de vez em quando aos nossos pés profundas gargantas, cortadas, aquí e alí, por alvíssimas cascatas. De repente, o velho professor apontou, exclamando: «Lá está!» Vi então, sobre um travesseiro de verde folhagem, resplendentes ao rubro sol do poente, as asas prateadas do bombardeiro. E lá estava tambem o pinheiro em que ficara dependurado o sargento Scott, preso ao paraquedas até o amanhecer... e, mais adiante, o riacho

Continua no verso

AGOSTO de 1944

Cr$ 3,00

Seleções do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

Como foi posto a pique o *Scharnhorst*
Saturday Evening Post 1
Seu coração está em suas mãos . . . . . *Hygeia* 6
Podemos ensinar os meninos a viver 9
A França que não se rende. . . . . *Tricolor* 11
As cooperativas do Padre Andrews . *Survey Graphic* 17
Eis o porto mais ativo do mundo . *Washington Post* 19
Doença e remédio pela imaginação 23
Nem tudo é guerra nas Salomão . . . . . *Redbook* 25
Já não é facil afundar um navio-tanque
Nautical Gazette 28
Flagrantes da vida americana 31
Cuidado com Schacht! . . . . . *Barron's* 33
Tenho 50 anos... e a vida não me pesa *American Mag.* 37
Armas de fogo líquido . *American Legion Magazine* 40
Paladino da moderna obstetrícia . *por Paul de Kruif* 43
«Rei dos Reis»—filme imortal . . *Christian Herald* 49
«Nunca tive o preparo que elas têm» . *Baltimore Sun* 51
O que se passa na Palestina . *por Frederick C. Painton* 55
Boa notícia! Vamos ficar livres dos insetos
por Alfred H. Sinks 62
«Daquí não desço!» . . . . *por Frances Eisenberg* 65
A política exterior de Cordell Hull . *Kingsbury Smith* 69
Pousada para aves migratórias *Saturday Evening Post* 76
Samaritanos nas horas vagas . . . . . *Rotarian* 80
Meus cinco companheiros de mesa . *American Mag.* 81
Espiões de alto bordo . . . . . *American Mercury* 84
É um prazer trabalhar com esse patrão . *Inter-Amer.* 112

Seção de Livros — Pioneiros! Pioneiros!
por Hilary St. George Saunders 89

EDIÇÃO MUNDIAL DE 10.918.000 EM CINCO IDIOMAS

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil
FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.
AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.
BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.
ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.
GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.
MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.
MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.
MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.
PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.
PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.
PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 351, Recife.
PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.
RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.
RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.
RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.
SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.
SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.
SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.
TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa
Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo VI, No. 31 — [*Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.*] — Agosto de 1944

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc.,
em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace
Redator Gerente: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* Armando de Sá Pires
Administração: *Gerente Geral*, A. L. Cole. *Subgerente:* Fred D. Thompson, Jr.
Gerente de Circulação, Roberto C. Sánchez. *Chefe de Publicidade*, Willard R. Espy
Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson, *Subdiretor:* Marvin McCord Lowes
Diretor de Anúncios: Josiah B. Thomas

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*Reader's Digest* (fundado em 1921): publica-se em inglês em Pleasantville (E.U.A.) e em Londres; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace; tiragem mensal: 9.345.000 exemplares. *Selecciones del Reader's Digest:* edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas; tiragem mensal: 880.000 exemplares. *Det Bästa ur Reader's Digest;* edição em sueco, publicada em Estocolmo; redator: Anders Hedberg; tiragem mensal: 225.000 exemplares; *Al Mukhtar Min Reader's Digest:* edição em árabe, publicada no Cairo; redator: Fuad Sarruf; tiragem mensal: 60.000 exemplares.

TIRAGEM DE TODAS AS EDIÇÕES: 10.918.000 EXEMPLARES

Copyright 1944 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1876. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

SELEÇÕES do Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO VI No. 31

Como foi posto a pique o SCHARNHORST

O mais impressionante duelo entre peritos navais nesta guerra

(Condensado do «Saturday Evening Post») *Por C. S. Forester*

É POSSIVEL que os nazistas soubessem da presença daquele comboio, dobrando a extremidade setentrional da Noruega a caminho de Murmansque. Mas tambem é possivel que o *Scharnhorst* tivesse sido enviado, sob a proteção da noite ártica, apenas na esperança de deparar com uma vítima qualquer. Fosse como fosse, o fato é que ele largou do seu fiorde norueguês levando içada no tope a flâmula do Contra-Almirante Bey.

Este cruzador de batalha, de 26.000 toneladas, possuía todos os requisitos para o ataque. Construido para uma velocidade de 29 nós, era mais rápido que qualquer couraçado britânico; seus nove canhões de 280 mm. eram mais poderosos que os dos cruzadores ingleses; e seu imenso armamento secundário parecia assegurar que, uma vez a contas com um comboio, ele afundaria navios mais depressa do que uma raposa mata galinhas em capoeira.

O navio alemão deixara o ancoradouro na tarde do Dia de Natal e estabelecera contacto com o comboio, justamente no momento oportuno, quando as águas sombrias do Mar do Norte começavam a ser iluminadas pela luz tênue da aurora. Na sua frente encontrava-se mais de meio

C. S. FORESTER, um dos maiores escritores de assuntos marítimos, nasceu no Cairo e foi educado em Londres. Estudou medicina, mas abandonou a carreira para se dedicar à literatura. Publicou até agora mais de vinte novelas históricas e contos marítimos. Alem disto, serviu como correspondente estrangeiro do *Times* de Londres e escreveu numerosos artigos para revistas. Este relato empolgante da destruição do *Scharnhorst* foi reconstituido por ele, segundo os documentos do Almirantado.

milhão de toneladas de navios, aos quais ele podia infligir, no curto espaço de uma hora, prejuizos que toda a frota submarina não causaria em menos de seis meses.

O comboio britânico navegava em direção ao leste, a cerca de 150 milhas ao largo do Cabo Norte, no meio de um círculo de corvetas e contra-torpedeiros, navios de pequena tonelagem, que o protegiam contra ataques submarinos. Para proteção contra navios de superfície o Almirante Burnett dispunha de três cruzadores: o *Belfast*, o *Norfolk* e o *Sheffield*. Sua esquadrilha pairava a sueste do comboio, justamente o lado por onde chegou o Almirante Bey.

O *Scharnhorst* e a escolta britânica avistaram-se à distância de seis milhas. A bordo dos navios ingleses, como a bordo de todos os navios das Nações Unidas, o olho que não dorme, o olho que pode ver através da escuridão, da noite ártica, e do nevoeiro ou das tempestades de neve, velava pela sua segurança. Dera o primeiro alarme, e anunciava agora a localização exata e o rumo seguido pelo intruso, um inimigo quase certo. Os canhões assestaram-se de acordo com suas indicações, e os oficiais artilheiros aguardavam o momento de abrir fogo. Obedecendo às ordens do comodoro, o comboio fez meia volta, e o *Norfolk*, o *Sheffield* e o *Belfast* lançaram-se audaciosamente para a frente, ao encontro do inimigo.

O *Scharnhorst* podia disparar com uma só bordada um peso superior ao dos projeteis disparados em conjunto pelos três cruzadores. Por outro lado, o cruzador leve que conseguisse sobreviver ao formidavel impacto de um dos seus projeteis de 280 mm. se podia considerar muito feliz; ao passo que a blindagem que lhe protegia os orgãos essenciais tornava ineficazes as granadas dos cruzadores, a menos que fossem disparadas a curta distância. Do ponto de vista das probabilidades tudo concorria, pois, para tornar desigual o combate iminente. Contudo os três cruzadores precipitaram-se contra o *Scharnhorst*.

À luz mortiça dessa manhã ártica, pois o sol não apareceria acima do horizonte durante todo o dia, podia ver-se a vaga de espuma branca levantada pela proa do navio nazista, embora a massa cinzenta de suas obras mortas se conservasse invisivel.

De súbito um dos canhões ingleses disparou. Uma granada iluminativa, descrevendo uma graciosa trajetória de luz branca, rebentou sobre o cruzador de batalha, e iluminou brilhantemente o mar no raio de uma milha. Então enquanto a luz se mantinha no espaço, suspensa do paraquedas, os canhões britânicos abriram fogo.

Os projeteis seguiram sibilando na sua missão, e, no preciso instante em que deviam atingir o alvo, o oficial observador do tiro do *Norfolk* viu, com seu binóculo, sair uma chama verde-brilhante do casco negro do *Scharnhorst*. Ora, se os outros cruzadores tinham apenas canhões de 150 mm., o *Norfolk* estava armado com canhões de 200 mm. Havia, portanto, uma possibilidade de que o *Scharnhorst* tivesse sido atingido.

O navio alemão, porem, fez rapidamente meia volta e a salva seguinte errou o alvo. Depois, saiu do círculo iluminado, e perdeu-se na meia escuridão. O Almirante Bey morreu quando se afundou o seu barco. Assim, jamais se conhecerão os motivos que o levaram a afastar-se naquele momento. Mas não é provavel que um homem possa atingir o posto de Almirante na armada alemã se pertencer à categoria dos que fogem ao perigo. É possivel que ele estivesse agindo de acordo com um plano traçado muito antes. O que o

interessava era o comboio. Sabia onde se achavam suas defesas principais, e não lhe era dificil calcular, com certa exatidão, a posição dos navios mercantes. Podia afastar-se em círculo, refugiar-se na escuridão, e executar novo ataque.

A bordo do *Belfast* o Admirante Burnett tinha que prever aquilo que Bey iria fazer em seguida: onde e quando voltaria a atacar o comboio. No espaço de uma hora, um couraçado de 30 nós podia descrever um círculo em volta de todo o comboio e, surgindo de qualquer lado, afundar muitos navios mercantes em dez minutos. Não havia, pois, margem para erros de cálculo da parte de Burnett, de pé na ponte de comando do *Belfast*, acanhada e exposta ao tempo, com a pròa do cruzador varrida pela água que levantava ao cortar as vagas a toda a velocidade.

Às 12 e 30, três horas depois da sua primeira aparição pelo sueste, o *Scharnhorst* voltou a surgir do nordeste. Burnett e os cruzadores já estavam, porem, no seu caminho. Da parte de Burnett, isto foi um feito extraordinário. O que Bey pensou da inesperada aparição dos invenciveis cruzadores, que, segundo todas as probabilidades, deviam estar ainda a vinte milhas de distância, pode depreender-se de suas ações. Houve uma brusca série de salvas. Um projetil rebentou na popa do *Norfolk*, e Bey mudou mais uma vez de rumo, e dirigiu-se para o seu abrigo.

Ele não duvidava que sua presença tinha sido comunicada três horas antes, em radiogramas urgentes, ao Almirantado Britânico e ao grosso da esquadra inglesa. Tambem não podia duvidar que os ingleses fariam o impossivel para mandar navios e aviões no encalço de uma unidade tão valiosa como o *Scharnhorst*.

Mas a verdade é que o perigo era ainda maior do que ele supunha. A cerca de 150 milhas a sudoeste do ponto em que se encontrava, e navegando a toda a velocidade para lhe cortar a retirada, encontrava-se uma força que podia reduzir a sucata o seu navio. Era o *Duque de York* com seu cruzador de proteção, o *Jamaica*, e uma cortina de quatro contra-torpedeiros. No tope do mastro adejava a cruz de S. Jorge de um Almirante—nem mais nem menos que Sir Bruce Fraser, comandante da Home Fleet.

Com exceção de um pequeno número de iniciados, ninguem sabe quantas vezes a esquadra inglesa preparara idêntica armadilha; quantas vezes uma força de couraçados seguira esforçadamente a caminho da Rússia numa rota paralela, embora afastada da dos comboios, na esperança de interceptar qualquer força nazista enviada da Noruega. Esta era a primeira vez em que a paciência e a resolução iam ser recompensadas.

O *Duque de York* achava-se a cerca de 200 milhas quando recebeu a primeira comunicação de Burnett. O inimigo possuía uma vantagem de diversos nós na velocidade. Fraser tinha que ter a certeza de que lhe era possivel interpor-se entre o *Scharnhorst* e a sua base; a simples perseguição estava condenada de antemão a fracassar. Rumou, pois, para o centro estratégico: o ponto mais próximo na linha reta que unia a última posição conhecida do *Scharnhorst* à base alemã.

Quando chegaram as outras informações de Burnett, depois da segunda aparição do *Scharnhorst*, Fraser soube de novo a posição exata do inimigo. Ainda estava a 150 milhas.

Burnett teve então uma oportunidade para se distinguir mais uma vez. O navio nazista, depois de ter atingido o *Norfolk*, dirigira-se para o sul protegido pela quase escuridão. Burnett lançou seus navios no encalço. Era extremamente impor-

tante manter Fraser a par do rumo seguido pelo navio alemão. Para isto Burnett tinha que conservar o contacto com o *Scharnhorst*, embora a empresa pertencesse ao número das que são mais faceis de pedir do que de conseguir. Com efeito, os canhões alemães de 280 eram capazes de atingir e destroçar um alvo perdido no horizonte, e bastava uma simples salva, acertando em cheio, para meter a pique qualquer dos cruzadores de Burnett.

Durante toda essa tarde enervante Fraser não fez nada que traisse sua presença. O mais tênue sinal de rádio denunciaria ao *Scharnhorst* a existência de outra força britânica mais ao sul. Mas de súbito, às 4 e 30, todas as dúvidas se dissiparam. O *Duque de York* quebrou o silêncio do seu rádio para transmitir uma ordem de Fraser para Burnett: «Ilumine o inimigo com granadas luminosas». Soube-se então que Fraser estava muito próximo. Seus oficiais navegadores tinham realizado um trabalho brilhantíssimo. Contando as rotações da hélice uma a uma, entrando em linha de conta com a corrente e com o vento, deduzindo a posição do *Scharnhorst*, pelas informações de Burnett, eles tinham cercado sua vítima com toda a precisão.

A escuridão era quase completa. O *Scharnhorst* estava a bombordo de Fraser, do lado da proa, e o *Belfast* a oito milhas à popa do navio nazista. Um relâmpago de luz branca saiu de um dos canhões do *Belfast*, esbatendo-se contra o céu escuro. A granada rebentou a grande altura, e transformou-se bruscamente num imenso clarão branco.

O *Scharnhorst* lá estava, justamente no centro do fulgor luminoso. E os vigias, observadores e oficiais de tiro da força naval de Fraser viram suas obras mortas destacar-se claramente contra o horizonte. Cinco canhões de 350 mm. dispararam ao mesmo tempo com um estampido formidavel, lançando três toneladas e meia de aço e explosivo contra o alvo. Durante uns vinte segundos os projeteis sibilaram através do espaço, e um dos contra-torpedeiros da escolta do *Duque de York*, que se encontrava exatamente sob a trajetória, sentiu-os passar como um furacão.

Cairam levantando colunas de água de 60 metros, e seu alcance fora tão bem calculado que a primeira salva foi considerada como *enquadrante*. A segunda, meio minuto depois, registou um impacto. Bey guinou bruscamente para bombordo, tentando ao acaso refugiar-se na escuridão, mais para o oriente. O *Duque de York* seguiu-lhe no encalço, e o *Scharnhorst* foi atingido várias vezes, sem que no entanto a sua velocidade tivesse sido prejudicada. Antes das seis e meia estava fora de alcance, danificado e a arder, mas momentaneamente a salvo do *Duque de York*.

Sua segurança fora, todavia, de curta duração. Quase em seguida à ordem de cessar fogo a bordo do *Duque de York*, novos clarões de artilharia iluminaram o horizonte a grande distância. O *Scharnhorst* defendia-se agora de outros inimigos. Os quatro torpedeiros da escolta do *Duque de York*, graças à sua velocidade superior, tinham-no apanhado, e estavam a atacá-lo. O navio alemão tinha dois inimigos de cada lado: a estibordo o *Savage* e o *Saumarez*, e a bombordo o *Scorpion* e o *Stord*, este último da marinha norueguesa. Tinham-se aproximado nessa posição, justamente a tempo de impedir a fuga de Bey.

O *Scharnhorst* abriu fogo com toda a artilharia secundária. Como espetáculo, sua defesa era emocionante. Todo ele era um imenso esplendor de chamas cor de laranja dos canhões, e da parte central irradiavam feixes incontaveis de luz das

granadas traçadoras. Mas os contra-torpedeiros, cortando as vagas a 40 nós, eram dificeis de deter. Alem disso, o *Scharnhorst* tinha sido atingido com dureza, e sofrera, quase certamente, avarias na artilharia e no sistema de transmissões. Seu tiro era singularmente ineficaz. Os contra-torpedeiros continuaram o ataque, levando-o ao limite máximo. Não lançaram seus torpedos a 9.000 metros, nem aos 5.500, que é a distância mais curta a que um contra-torpedeiro se pode aproximar de um navio de linha bem defendido. Foram corajosamente até aos 1.800 metros e ainda menos disto. Lançaram então os torpedos, e afastaram-se a toda a velocidade do navio já condenado.

Vários torpedos atingiram o alvo, mas o *Scharnhorst* sobreviveu a este golpes submarinos, e manteve a sua tremenda densidade de tiro, relativamente mal dirigido, mas em todo o caso impressionante. A crise pusera mais uma vez em destaque uma vantagem que a armada alemã sempre possuiu. Como poder naval mais fraco, ela não tinha necessidade de subordinar os planos dos seus navios à capacidade para permanecerem longo tempo no mar; o que se requeria deles eram os atributos indispensaveis para poderem efetuar ataques rápidos e bruscos. Como consequência disto, a habitabilidade nunca foi considerada requisito essencial. Podiam permanecer nos portos com a tripulação dormindo em terra nos quartéis, e, portanto, sua compartimentação obedecia a um plano impossivel de adotar na armada britânica ou na americana.

O *Scharnhorst*, apesar de tudo, perdera velocidade; o *Duque de York* tinha-o outra vez ao seu alcance e os canhões de 350 mm. começaram a desmantelá-lo. O cruzador de proteção do *Duque de York*, o *Jamaica*, aproximou-se quase à queima-roupa, e, ao mesmo tempo, chegavam ao local os três cruzadores de Burnett e quatro destróieres, da escolta do comboio. Nada mais nada menos que oito destróieres, quatro cruzadores e um couraçado giravam a toda a velocidade em volta do *Scharnhorst*. Era o momento próprio para o chefe assumir novamente o comando. Em vista da urgência, o sinal do comandante-chefe foi dado em linguagem inglesa corrente, não havendo tempo para códigos: «Abandonar a zona do alvo, exceto os navios com torpedos e um destróier com holofotes.»

Apenas dois navios ficaram no local. Um destróier assestou seus holofotes sobre o monte de destroços—imensos pincéis de luz branca que penetravam as trevas—e o *Jamaica* aproximou-se para o golpe de misericórdia. Descreveu uma curva e a salva de torpedos partiu do seu convés. Quando atingiram o alvo houve uma explosão tremenda. Viu-se então o *Scharnhorst* pela última vez ao dissipar-se a fumaça. Adernara, e as chamas dos incêndios nos seus paióis ainda se erguiam do costado. Em seguida, novamente envolto em fumaça, afundou-se, enquanto os cruzadores britânicos se aproximavam tentando recolher os sobreviventes. Os documentos do Almirantado contêm o comentário de um marinheiro inglês que penetrou nessa fumaça, mas é melhor não o repetir aquí. Mais de 1.000 homens tinham sido carbonizados pelas chamas.

É dificil criticar a tática ou estratégia dos nazistas. Entretanto é inegavel que o *Scharnhorst* se fez ao mar e foi destruido. Nos meses vindouros, quando um marinheiro nazista receber ordem para sair com o seu barco, o destino do *Graf Spee*, do *Bismarck* e do *Scharnhorst* estará presente na sua memória. Partirá, mas com uma relutância que não contribuirá para lhe aumentar a eficiência.

Seu coração está em suas mãos

Condensado de «Hygeia»

Pelo dr. Peter J. Steincrohn

Especialista em doenças do coração; Membro do American College of Physicians e da American Medical Association. Autor da obra: «Heart Disease Is Curable»

As moléstias do coração constituem o mais perigoso inimigo do homem. Dão cabo de maior número de vidas do que o cancer, a tuberculose, a pneumonia, ou qualquer outra doença. Entretanto, podem ser desarmadas e algemadas, se os que forem por elas atingidos fizerem o que lhes cumpre.

Suponhamos que um cidadão qualquer quebre a perna. O médico lhe dirá: «Seis semanas na cama.» O doente sorrí, pede à família que trate de muní-lo dos cigarros favoritos, bombons e revistas, e aproveita a ocasião para ler alguns bons livros com os quais vinha desejando entrar em conhecimento. É que ele sabe que, uma vez que lhe dê o tempo necessário, a perna se curará, ficando tão boa e forte como antes. E, ainda que não seja tanto assim, todo o seu desejo é concorrer para que venha a sê-lo o mais possivel.

Imaginemos, porem, que o que acontece ao nosso amigo, não é a fratura de uma perna, mas uma trombose da coronária. Sente ele uma dor no peito por algumas horas ou dias, mas em seguida a dor passa, e ei-lo a supor-se inteiramente bem. Todavia, um eletrocardiograma revela que o músculo do seu coração se acha tão atingido, e carente de cuidados, quanto estava o osso de sua perna.

Diz-lhe então o médico: «Você deve ficar de cama pelo menos seis semanas. Se não fizer isso, peora; ao passo que, ajudado o coração, forma-se uma boa cicatriz, e, refeito o músculo, você pode voltar à atividade.»

Ele olha para o médico com expressão de que não lhe dá grande crédito; ou o julga exagerado. Assim, não repousa suficientemente, e é provavel que não tarde muito lhe vejamos o nome figurando na lista do obituário.

Um homem, no entanto, como o que aí figuramos, poderia perfeitamente ser salvo, depois de um ataque cardíaco, se tivesse a felicidade de, ao mesmo tempo, fraturar a perna; porque tomaria, em tal caso, o necessário repouso, proporcionando ao coração o meio de restaurar-se. Não basta isso, porem. O tratamento adequado do coração não depende inteiramente do que façamos naquelas primeiras semanas subsequentes ao ataque, senão da vida, isto é, do regime de vida, que nos disponhamos a levar daí por diante.

As moléstias do coração são curaveis—como o são a diabete e a tuberculose—*uma vez que o paciente coopere* para a cura.

O diabético, mantendo a sua dieta, e tomando a sua insulina, e o tuberculoso, observando o regime que lhe é apropriado, vivem, salvo complicações.

Do mesmo modo, poderão ter vida normalmente longa os que sofram do coração. Sem dúvida, há muita gente que não chega a compreendê-lo. A verdade,

entretanto, é que muitos cardíacos, aos quais não poucas vezes ocorreu, enchendo-os de apreensões, a idéia da morte próxima, têm vivido 20, 30 ou 40 anos mais do que imaginaram possivel.

O conhecimento, pelo paciente, do que o médico tem em vista, com as medidas que toma ou aconselha, ajuda não raro a evitar doenças e sofrimentos. Aprenda-se, portanto, alguma coisa acerca do coração.

Pesando pouco mais de um quarto de quilo, o orgão cardíaco é uma espécie de bomba em miniatura que expele, não obstante, a cada contração, cerca de 180 gramas de sangue. Um coração médio terá, no curso da vida, nunca menos de 3 bilhões de pulsações, e provavelmente um bilhão a mais, para as horas de esforço ou agitação.

O coração está mais perto de ser um incansavel motor automático que qualquer peça de maquinaria. Qualquer outro dos nossos orgãos poderá suportar uma pausa. Fique uns dias sem comer, feche os olhos dez minutos, ou suspenda por dez segundos a respiração: encontrará em seguida o estômago, os olhos, os pulmões, como os deixou. Mas, se o coração parar durante dez segundos, nunca mais voltará a bater, a não ser por efeito de milagre.

Nem todo distúrbio do coração se reveste de gravidade. De cada quatro pessoas que se dirigem ao consultório do médico, queixando-se de mal cardíaco, três apresentam o coração normal. Uma dorzinha no lado esquerdo do peito («é bem aquí em cima do coração»); a perda recente de um parente ou amigo («eu o vi ainda ontem, e ele estava com ótimo aspecto!»); o desejo de garantir-se («há por aí, doutor, muita doença do coração»)—são apenas algumas das coisas que fazem gente sadia tornar-se apreensiva.

Entretanto, muitos outros, que se acham efetivamente doentes do coração, evitam submeter-se a exame médico. Este o recusa porque tem receio de «receber más notícias». Aquele se apegará a outros pretextos: «É que mudei de hábitos de vida,» ou «não passa de indigestão.» Contudo, a «indigestão aguda», de que se falava em outros tempos, era muitas vezes um mal cardíaco.

Há muitas espécies de moléstia do coração: congênita, reumática, sifilítica, arteriosclerótica, bacteriana, e ainda outras. A medicina dispõe, para cada uma, de drogas apropriadas, só havendo, porem, para todas, um tratamento básico. Chamemos-lhe Regime de Vida. Sem ele, quase todos os demais resultarão inuteis.

Eis aquí uma fórmula simples que, tanto para os que gozem de boa saude, como para os que sofram do coração, amenizará o caminho que leva à longevidade:

Primeiro. Procure o seu médico, para um exame geral, se sentir qualquer destes sintomas: tosse crônica, escarro de sangue, desmaios, acessos asmáticos, inchação nos tornozelos, pressão de gases, cansaço, perturbações digestivas, palpitações, pulso rápido, dispnéia, dor no peito, estado vertiginoso, ou incapacidade para deitar-se horizontalmente na cama.

Segundo. Ouça apenas o que lhe disser o médico. Nada de pedir ou aceitar conselhos específicos de amigos bem intencionados, mas inaptos, ou de livros, jornais, ou revistas.

Terceiro. Se sofre de fato de uma anomalia cardíaca, tenha bastante repouso, repouso, e mais repouso. É a prescrição por excelência para todo e qualquer coração fatigado.

Vezes sem conta, tenho visto doentes tomarem, com rigor, os seus remédios, medindo-os gota a gota, mas descuidar-se

no que diz respeito à necessidade de repouso, imperiosa no caso. Aprenda a sentar-se sempre que possivel, em vez de ficar de pé; a deitar-se, em vez de sentar-se; a andar, em vez de correr; a tomar aversão por subir escadas; a reprimir excitações e excessos. Aprenda tudo isto, *e persista no que aprendeu*: estará lançada a fundação para o tratamento, com êxito, da sua doença cardíaca, qualquer que seja o seu tipo.

Em nenhuma outra moléstia é tão verdadeiro o conceito de que mais há de viver quem mais souber repousar.

A natureza humana é assim mesmo...

¶ Um negociante americano, já idoso, resolveu retirar-se dos negócios e instalar-se definitivamente num sítio que possuía, e, aí chegando, ficou desolado ao observar como eram antiquados os métodos agrícolas empregados por seus vizinhos, e como estava mal tratada a terra e desmilinguido o gado. Sugeriu, então, aos vizinhos que adotassem sistema mais moderno, afim de conseguirem resultados melhores; eles, porem, não se dispunham a modificar seus métodos de uma hora para outra. Afinal, um dos capatazes do negociante, que lá nascera e se criara, conhecendo bem toda aquela gente, propôs ao patrão que mandasse construir uma cerca bem alta para marcar os limites do sítio, recolhendo-se a este sem tentar mais aproximar-se dos vizinhos. Pois o estratagema deu resultado: os fazendeiros da vizinhança, diante do «fruto proibido», passaram a pular a cerca à noite, para espiar os métodos revolucionários trazidos da cidade, e tambem obter cruzamento com o gado forasteiro... Assim beneficiou-se grandemente toda a gente das redondezas, e o mais interessante foi que cada fazendeiro estava convencido de que a idéia fora dele, e que os magníficos resultados deviam ser atribuidos apenas ao seu enraizado individualismo e iniciativa.

Burges Johnson, na *North American Review*

¶ Jogava-se basquetebol num dos fortes do exército americano; um dos times era de oficiais, o outro da soldadesca. Já quase ao fim do jogo, este foi-se tornando, como sempre acontece, cada vez mais violento. Afinal o juiz, que era soldado-raso, apitou com toda a força dos seus pulmões, dirigiu-se a um dos jogadores e lhe bradou:

—Mais uma jogada dessas, e você será expulso do campo... meu capitão!

This Week

¶ Estavam sendo pintadas, a óleo, as paredes do serviço de rádio da Marinha Norte-Americana em Washington. Haviam sido colocados, pelas paredes, grandes cartazes que anunciavam a todos: «TINTA FRESCA». Ora, não há quem, ao ver dizeres destes, não vá ver com seus próprios olhos e sentir com seus próprios dedos... Conhecedores dessa velha mania, os pintores puseram um quadradinho de tinta a um canto de cada cartaz, e escreveram aí: «Experimente aquí se quiser.»

H. H. Fuhrmann

Podemos ensinar os meninos a viver

—XIII—

Diferença não quer dizer superioridade

Depois da primeira série ginasial, como todos os anos, fui passar as férias num engenho.

Naquele ano, porem, com o adiantamento na idade e nos estudos, estava muito cheio de mim, fazendo, a todo passo, sobressair a minha «superioridade» sobre os meninos da fazenda.

Vendo isto, meu pai mandou-me um dia fazer um trabalho, dentre os reservados aos meninos. Naturalmente escolhí um que me parecia o mais facil, não exigindo prática nem coragem.

Fui ajudar o menino da bagaceira. Eu tinha que encher com bagaço de cana um couro cru inteiro, que era então arrastado para a bagaceira por um cavalo guiado por meu companheiro. O suor me corria em bicas, e o trabalho ia devagar. Então o homem da moenda começou a reclamar e o meu companheiro finalmente pediu-me que o deixasse sozinho, porque eu estava atrapalhando. «Você não tem jeito para isto!» foi a sua explicação.

Voltei para casa exhausto e com a conciência de não ter feito nada. Compreendí porem, e guardei a lição. Desde então sei que há diferenças entre os homens, mas que isto não significa superioridade absoluta para nenhum. Em uma ou outra aptidão ou capacidade, cada homem pode ser superior.

—F. J. Sampaio, Bahia

Espere um momento . . .

Quando criança era muito chorão, rebentando em lágrimas ante qualquer restrição aos meus desejos ou vontades, fossem quais fossem.

Papai então chamou-me um dia e disse-me: «Cada vez que você for chorar, escreva num papel a causa; passados alguns dias leia, e se achar que ainda vai ficar aborrecido, venha a mim, conte-me o caso que eu farei justiça.»

Muitas vezes, ao pôr o preto no branco, via que não tinha qualquer motivo para aborrecimento, outras achava-os banais, decorridas algumas horas. Essa brincadeira desenvolveu em mim o senso de reflexão e justiça, aumentando muito o meu espírito de tolerância.

—J. Mora Jr., São Paulo

A camisa do boneco

Um dia minha avózinha queixou-se da desaparição de umas gulodices. Eu disse que o ladrão tinha sido Carlitos, um de meus irmãos.

—Você tem certeza? perguntou.

—Tenho sim. Foi Oscarzinho que me contou.

—Minha filha! exclamou avózinha. —Vou lhe dar um conselho: «Não creia senão no que veja, e do que você vir, creia somente na metade.» Vou lhe mostrar porque.

Entrou então num quarto, trazendo um boneco.

—Veja como ele está bem vestido! disse ela. —Vá dizendo o que mais lhe chama a atenção.

—Tem uma bonita roupa, uma camisa linda, respondí ao observar os punhos, o peitilho e o colarinho impecaveis.

Assim que terminei de falar, minha avó tirou o paletó do boneco. Rebentei na risada, quando vi que da impecavel camisa só restavam punhos, peitilho e colarinho.

Já se passaram alguns anos. Mas sempre que sou levada por certa irreflexão, tão comum nos seres humanos, que faz julgar fatos ou pessoas pelas aparências, vem-me à lembrança a impecavel camisa daquele boneco.

—Luisa Guzmán, Argentina

Os letreiros

CANSADA de estar a repetir constantemente as mesmas frases, um dia, à mesa de jantar, minha mãe tira de baixo da mesa um letreiro com as palavras: «Passe o pão, faz favor.»

Noutra noite estava eu me preparando para morder um vasto pedaço de pão quando me surge pela frente o letreiro: «Parta o pão antes de comê-lo.» Outros letreiros apareciam conforme a ocasião: «Não peça para repetir antes de seu pai acabar o primeiro prato.» E o eterno: «Tire os cotovelos da mesa.»

Um dia, um conviva que chegara de surpresa encontrou na sua frente o letreiro «Não fale com a boca cheia». O incidente acabou com o sistema dos letreiros. Mas as lições de boas maneiras aprendidas assim nos ficaram para sempre vívidas na memória.

—Ellen R. Goldberg, Estados Unidos

Rádio-Enigmas do mês

AS PERGUNTAS, que abaixo se vêem, foram adaptadas para os nossos leitores dentre as mais interessantes, no gênero, que surgem nos programas do rádio americano. Cada resposta correta vale 10 pontos. Quem conseguir 70 ou mais, pode considerar-se bem sabido; 60 já é excepcional; 50, acima da média. Respostas à página 114.

1. Se uma pessoa está de pé num trem em movimento, e este para repentinamente, qual é a tendência do passageiro: cair para a frente ou para trás?
2. Das sete pessoas, cujos apelidos damos abaixo, indentifique cinco: (1) O Chanceler de Ferro; (2) O Libertador; (3) O Patriarca; (4) A Divina Sara; (5) O Duque de Ferro; (6) A Redentora; (7) O Pequeno Cabo.
3. É verdade que o leite talha quando há trovoada?
4. Se um recem-nascido pesa quatro quilos no primeiro dia de vida, qual dos seguintes pesos é normal, para a mesma criança no seu primeiro aniversário: 8, 12 ou 16 quilos?
5. Porque é que o cupim voa em direção à chama de uma vela?
6. Quantos filhos tem o presidente Roosevelt?
7. A água escorre pelo boeiro mais depressa se a pessoa ficar dentro ou fora da banheira?
8. Porque é que, num bule de chá, o bico fica mais abaixo, e numa cafeteira, mais acima?
9. Se um dormente é uma travessa em que assentam trilhos, que é um mordente?
10. Cite cinco paises do Hemisfério Ocidental cujos nomes começam com C.

¶ Reportagem de primeira mão sobre o fabuloso *Souterrain* da França —por um de seus importantes líderes

A França que não se rende

(Condensado da «Tricolor») *Por André Girard* em entrevista a George Kent

QUANDO AS tropas de invasão inglesas e americanas derribarem os primeiros baluartes de Hitler na França, o exército alemão de ocupação será simultaneamente atacado por um formidavel conjunto de forças clandestinas. Silenciosa, agindo às ocultas, neste momento, essa organização é formada de mais de um milhão de patriotas prontos para entrar em ação.

Conheço os «Clandestinos» por experiência própria—começou Girard a sua narrativa—pois fui um dos seus organizadores, logo após o armistício de 1940. Esse exército clandestino não é, como em geral se pensa, formado de alguns sabotadores, pistoleiros e agitadores operando ao acaso. É constituido por soldados dos mais habeis e destemidos, escolhidos dentre os *poilus* e oficiais do desmembrado exército francês, assim como por civís organizados em grupos de assalto, sinaleiros, serviço secreto de informes e engenheiros.

Estende-se por todo o país, e inclue homens de todas as classes sociais e agrupamentos políticos.

A organização teve início quando milhares de civís e ex-soldados se atropelavam pelas estradas que levam ao sul da França, fugindo ao avanço das legiões germânicas. As famílias fragmentavam-se; os jornais estavam cheios de anúncios, à procura do paradeiro de pessoas perdidas: «Urgente! Se alguem viu o meu irmão Charles Pittigny, que viajava pela estrada de Chartres, favor informar à caixa número ——».

Os chefes da organização respondiam a tais avisos mais ou menos nestes termos: «Sabemos que você está acabrunhado e longe do lar; mas a guerra continua; ajude a França! Transmita este aviso aos seus amigos. Faça-se um elo na corrente que libertará a Pátria!»

A idéia espalhou-se, aumentou de volume. Os organizadores aliciaram amigos, expondo-lhes os planos e advertindo-os dos perigos a que estavam sujeitos, ao mesmo tempo que pediam a cada um instruir outro amigo que fosse de confiança.

Obtiveram então auxílio de altas patentes militares. Teoricamente os alemães tinham-se apossado de todo o material bélico de que dispunha o exército

ANDRÉ GIRARD durante quase dois anos dirigiu o *Radio Patrie*, uma estação difusora secreta na França. Mais tarde serviu como oficial de ligação entre a organização dos clandestinos e o estado-maior das forças aliadas.

francês; entretanto, toneladas de munições foram transportadas e armazenadas em postos secretos. Alguns milhões de francos da reserva nacional foram confiscados e guardados ocultamente; também se apoderaram de discos contendo importantes conversações telefônicas mantidas entre altas personagens germânicas e seus adeptos franceses. Essas provas ficaram arquivadas para formar parte da acusação contra os nazistas no dia da vitória.

Nas províncias da França, foram construidas fortificações que denominaram «Praças de Armas». Todos os caminhos e boqueirões estão protegidos por trincheiras, metralhadoras e artilharia, e o terreno é de tal modo acidentado, que um único homem munido de uma metralhadora, pode fazer frente a um poderoso inimigo. Essa é a França que jamais foi conquistada.

Uma das tarefas mais dificeis era reprimir os atos de vingança contra nazistas sem importância ou influência. Por exemplo, uma moça de distinta família, cujo noivo havia sido assassinado pelos nazistas, atraiu seis soldados germânicos um por um ao seu apartamento, e apunhalou-os. Um homem, cuja filhinha de oito anos morrera durante uma fuga para evitar o inimigo, saía sistematicamente todas as noites para matar um nazí e conseguiu exterminar quinze deles, antes de ser capturado e executado. Certo agricultor matou e enterrou nos campos de morangos da sua propriedade, oito alemães que havia estrangulado porque estes lhe mataram a filha. Dessa forma, centenas de alemães foram mortos, mas também centenas de franceses executados em represália.

A organização clandestina reprovava severamente tais atos de vingança pessoal, pois iriam fatalmente prejudicar a execução de outros atos mais eficazes, contra objetivos militares.

«Isto é elementar como uma operação de aritmética,» disse um coronel pertencente ao estado-maior. «Se os alemães fuzilarem um ou mais franceses, em represália a cada alemão que liquidarmos, sairemos perdendo. Não aguentaremos o rebate. Precisamos, pois, agir com a máxima prudência.»

No começo, os chefes do movimento agiam nos trens subterrâneos, e executavam o seu serviço nos carros, enquanto os trens iam e vinham. Os alemães porem descobriram o ardil, e eles tiveram que mudar de sede. Assim trocava-se constantemente o centro de ação, conservados entretanto os fichários em minúsculas tiras de papel. Cada ficha consignava o nome do recruta, seu emprego, suas relações, se possuía ou não uma bicicleta, quantas pessoas poderia alojar e alimentar, e o que estaria mais apto a fazer: sabotagem, transporte, ou missões de ataque. Esses arquivos eram mantidos por guarda-livros que faziam esses trabalhos em tarefas noturnas, depois do seu expediente diário em bancos ou companhias.

Havia um arquivo para cada municipalidade na França. Num registro estavam anotados todos os tuneis de estrada de ferro, lugares onde os trens diminuiam de velocidade, fábricas, garages e estaleiros. Os prelos clandestinos, que a princípio lançavam publicações mimeografadas, em seguida convertidas em jornais de quatro páginas, se achavam escondidos em mansardas e adegas, e muito concorreram para cristalizar a opinião pública e distribuir notícias. Hoje existem cerca de 40 periódicos, com uma circulação de uns 500.000 exemplares.

Agentes da organização foram enviados

por todo o país, para auscultar o pensamento do público e combater a propaganda alemã que pretendia aliciar novas levas de trabalhadores. Os milhares que se alistaram precisavam ser treinados e para isso eram procurados pelos instrutores, os quais, antigos advogados, professores e militares, viajavam à noite afim de evitar a vigilância inimiga.

Apenas duas pessoas eram exercitadas de cada vez. Os instrutores ensinavam aos alunos como fazer uso de bombas incendiárias, como colocar dinamite nos trilhos para descarrilar um trem, e como sabotar as fábricas que trabalhavam para os alemães. Ensinavam tambem como praticar o garrote (maneira de estrangular uma pessoa, antes que ela possa gritar), como usar silenciadores nas pistolas, e montar e manejar um rifle automático.

Para experimentar a coragem de um recruta, os instrutores fazem-no levar uma metralhadora embrulhada como um pacote comum, a uma cidade distante alguns quilômetros. Isto exige que o portador vá à estação ferroviária, despache o volume no carro de bagagem, tudo isso sob os olhos dos policiais. Os recrutas são ainda adestrados em cortar linhas telefônicas, ou colocar explosivos nos trilhos de estrada de ferro. Os instrutores classificam o noviço apto para o desempenho de outros trabalhos, após a sua aprovação nestes testes preliminares de coragem.

O exército do movimento clandestino é uma organização diferente das demais. Aí a autoridade decorre da aptidão de cada qual. Antigos generais recebem ordens de ex-tenentes. Há vinte unidades regionais sob o comando de um oficial, cujo quartel muda de local semanalmente. Um agente especial vai às localidades circunvizinhas, e arranja algumas casas onde os chefes possam hospedar-se com segurança. Embora os alemães tivessem decretado que seriam executados aqueles que oferecessem refúgio a qualquer agente, os moradores dessas casas raramente negavam prestar algum auxílio.

As tropas de assalto, denominadas *Corps Francs*, e equivalentes aos *Rangers* americanos e aos *Comandos*, são apelidadas de «gorilas» porque, após levarem a efeito suas arriscadas missões, se escondem e deixam crescer a barba, economizando sabão e lâminas. Trata-se de homens fortes, destemidos, tendo quase todos menos de 40 anos.

Por outro lado o corpo de sabotadores é formado por homens maduros, mulheres, e jovens. Suas tarefas são igualmente arriscadas, pois são condenados à morte quando apanhados. No desempenho dessas missões, astúcia e inteligência são coisas mais importantes do que a força.

Cada sortida é meticulosamente planejada e examinada nos seus mínimos detalhes. Sabe-se, por exemplo, de um pequeno depósito de munições de que movimento necessita. Realiza-se cuidadoso estudo, afim de se saber quantos guardas estão encarregados da sua vigilância, seus hábitos, os moradores dos edifícios adjacentes, e os meios de acesso ao referido depósito.

Supondo-se que há oito alemães de vigia, o oficial comandante escolhe, para subjugá-los, dezesseis homens do *Corps Francs*. Para o transporte das munições, despacham dois caminhões e cincoenta homens, e outros quatro são destacados para fazer explodir o depósito. O tempo estipulado é de dez minutos para os «gorilas», quarenta para os choferes, e outros dez minutos para o grupo encarregado da demolição.

Aproveitando uma noite escura, os membros do *Corps Francs* invadem o de-

pósito de munições. Ouve-se então, de súbito, o som seco das armas providas de silenciadores, e logo após um baque e estertores abafados. Está terminada a primeira parte da proeza, e os «gorilas» partem sem deixar nenhum vestígio; os choferes então encostam os caminhões nas portas do depósito, e fazem o carregamento das munições. Mais tarde, outros quatro homens, para isso destacados, penetram no edifício e o incendeiam. O ruido dos caminhões que se afastam perde-se na distância, enquanto desaparece o último agente.

Às vezes três meses são necessários para planejar uma demolição como a da *Radio-Paris*, a mais poderosa das difusoras de França. Procurou-se saber em Londres a quantidade de explosivo que seria precisa, e para calculá-la exatamente os ingleses construiram um modelo daquela estação em tamanho natural, fazendo-a em seguida saltar pelos ares. Quatro agentes foram indicados para essa tarefa, e tiveram de ensaiar a façanha centenas de vezes, sob a direção do instrutor. No dia determinado, disfarçando-se cautelosamente junto às paredes do edifício, colocaram as bombas e fugiram. Vinte minutos mais tarde, deu-se a tremenda explosão e os quatro sabotadores jamais foram descobertos.

Outro exemplo de plano bem executado verificou-se logo após a invasão da África pelas tropas americanas. Acreditava-se que o sul da França seria invadido de maneira que, para impedir que as tropas do Eixo que se encontravam na Itália cruzassem a fronteira francesa, era necessário bloquear a estrada de ferro que liga os dois paises. Um grupo de agentes foi encarregado de colocar dinamite em um dos tuneis, o que causou o descarrilamento de um trem, interrompendo o tráfego na estrada por muitos dias. Outro grupo dinamitou um morro, fazendo rolar uma avalanche de terra sobre uma ponte da estrada de ferro, enquanto o último grupo, matando os guardas de outra ponte, a fazia voar pelos ares.

Quando os nazistas começaram a mandar, da França para a Alemanha, trens carregados de provisões de boca, os químicos da organização preparavam fórmulas com que os agentes, penetrando os vagões na estação de París, envenenavam esses carregamentos. Assim, centenas de alemães morreram de envenenamento. Os nazistas resolveram então servir-se de outros centros ferroviários da França, mas em cada nova localidade eram mantidos espias, muitas vezes os próprios empregados da estrada, e dessa forma os alimentos continuaram a ser envenenados.

Os laboratórios secretos, onde esses venenos eram preparados, manipulavam tambem um pó de esmeril, produtor de atrito, para o desgaste das máquinas nas fábricas. Os alemães, como medida de segurança, espalharam os centros de produção. Uma fábrica, por exemplo, construía o chassís de um caminhão, outra o motor, e assim por diante. A produção corria bem em todas essas fábricas, exceto em uma, onde um agente do movimento destruía peças importantes, como por exemplo, os rolamentos, pondo-lhes o esmeril destrutivo. O caminhão saía da fabricação em série, perfeito. De fato, poderia viajar sem novidade durante uns cem quilômetros, quando de súbito parava com um desarranjo misterioso. Num período de dez meses, noventa por cento dos caminhões, produzidos nessa grande fábrica, manifestaram esse inexplicavel defeito.

Iguais incidentes ocorriam nas fábricas de aviões, estaleiros, e outras importantes instalações industriais da França. Sabemos mesmo da existência dum estaleiro do qual ainda não saiu um só navio perfeito.

Os alemães têm perseguido os membros da organização diretamente, por meio de prisões, assassínios, torturas; e, indiretamente, por meio de certos truques. Um dos estratagemas mais repelentes consiste em, quando apanham um membro da organização, o espancarem até deixá-lo semi-morto, sangrando, atirado à rua, na esperança de que outro venha socorrer o companheiro, e assim possam descobrir uma pista. Realmente é doloroso deixar um camarada sofrendo, sem ir socorrê-lo, mas infelizmente não há outro remédio.

Outras vezes, os alemães costumavam empregar mulheres como espiãs, por acreditarem que no amor se centraliza o maior interesse dos franceses. Pequenas alemãs, bonitas, falando francês perfeitamente, tinham a missão de visitar cafés e restaurantes, ou passear pelos bulevares, com o fim de conquistar companheiros, dos quais com habilidade pudessem obter informações valiosas para os nazistas. Essas «aves de chamariz», porem, nada descobriam, pois muito cedo foram identificadas. E, alem disso, num surpreendente número de casos, essas moças se apaixonavam de fato pelos franceses, tornando-se assim nulas como espiãs, senão contraprodutivas. Acresce que estas alemãs tinham que se sujeitar a certas posturas municipais que regulam a prostituição, e em vista disso os nazistas tiveram que abandonar o método.

A deficiência alimentar está debilitando sobremodo o povo francês; uma fratura óssea toma muito tempo para se consolidar, e um simples corte cicatriza com grande demora. Os dentes tornam-se escuros e tortos, e caem com facilidade. Uma das artimanhas dos nazistas, quando prendem um indivíduo, é examinar-lhe a boca. Se os dentes são fortes e alvos, deduzem que o prisioneiro é recem-chegado do estrangeiro, tratando-se provavelmente de um espião. Recentemente, um dos membros do movimento, estando de visita a Londres, foi a um dentista para que lhe arranjasse os dentes de modo a não causarem suspeita aos nazistas quando regressasse à França.

Enquanto isso, o agrupamento já engendrou um ótimo sistema para facilitar a viagem de seus agentes. As pessoas que viajam em bicicleta são em geral menos suspeitas do que as que transitam a pé; e é certo que uma moça de bela aparência, na maior parte das vezes, vence, onde um homem falha. Certo agente conseguiu viajar com frequência através da França servindo-se do carro de uns *gendarmes* amigos da causa. O truque era simples: os policiais punham-lhe algemas, e as patrulhas alemãs, julgando que o «prisioneiro» ia sendo recambiado para a cadeia, não davam grande importância ao caso.

Cada patriota que cruza as estradas, entre a França e a Alemanha, traz sempre alguma informação util: uma estação ferroviária onde uma pessoa pode pernoitar sem inconvenientes, certa casa de alemães hospitaleiros, uma granja onde se pode conseguir comida, e assim por diante. Muitos agentes conseguiram atravessar a Alemanha, e ir ter à Rússia, servindo-se de informações como aquelas. Prisioneiros americanos e ingleses, que escapam da Alemanha e alcançam a França, usando essas indicações, são rapidamente encaminhados para a Espanha, de onde em avião ou navios se transferem para Inglaterra.

Um membro da organização engajou-se deliberadamente num contingente de trabalhadores forçados, recrutados na França pelos alemães, com o fito de descobrir onde estava instalada certa fábrica de submarinos. Uma vez na Alemanha, conseguiu escapar da leva e, passando toda a sorte de privações, perambulou pelo interior do país por mais de um mês, até descobrir o local da fábrica, que construia os submarinos nas suas dependências subterrâneas. Estudou bem o local, fixando na memória os seus indícios, tendo ao cabo de mil peripécias voltado à França. Mais tarde os bombardeiros aliados atiravam bombas no objetivo indicado, paralisando a fábrica por muito tempo.

O MOVIMENTO francês tem o seu pessoal pronto para aderir à invasão planejada pelos aliados. Nesse dia, as comunicações alemãs serão cortadas, os centros de operações destruidos e retardada de todo modo a remessa de reforços.

Centenas de homens e mulheres têm sido instruidos na arte de cortar linhas telefônicas, colocar dinamite nos trilhos ferroviários, ou operar uma bateria detonadora, que faz explodir uma mina de antemão plantada junto de trincheiras alemãs... Nas vizinhanças dos aeroportos e garages, humildes empregados se lançarão ao desempenho de seus deveres patrióticos, procurando por todos os meios destruir a resistência alemã e evitar que os nazistas mantenham o domínio do ar. A perigosa tarefa de bloquear as comunicações ferroviárias, impedindo assim o transporte de reforços inimigos, será levada a efeito pelos *Corps Francs* e sabotadores.

Essas tarefas serão levadas a seu termo, seja qual for o custo de vidas, porque os «soldados clandestinos» da França esperam com impaciência o dia em que possam tomar parte no aniquilamento total do inimigo.

Perfeita compreensão

¶ A RÁDIO DE BERLIM, não ocultando sua irritação, revelou ter captado uma conversação radiofônica entre aviadores americanos e artilheiros da força anti-aérea da Suiça, durante um vôo realizado pelos americanos em céus do pequeno país neutro. Passou-se assim o diálogo:

Suiço: Cuidado, vocês estão voando sobre a Suiça.
Piloto: Eu sei.
Suiço: Se não voltarem, nós atiramos.

Daí a alguns minutos, os artilheiros suiços abriram fogo.

Piloto: Seus tiros não alcançam a altura em que nós estamos.
Suiço: Nós sabemos.

U. P.

¶ *Um vigário que ajuda os negros de São Luiz a resolver seus problemas econômicos, assim como espirituais*

As cooperativas do Padre Andrews

(Condensado do «Survey Graphic»)

Por Alberta Williams

EM PLENO mês de janeiro, num dia de inverno rigoroso, tive ocasião de observar uma fila que esperava para comprar carvão numa das agências da Cooperativa de Compradores de Carvão. Eram todos pretos; um garoto de uns catorze anos empurrava um carrinho de criança, duas meninas puxavam um caixote com rodas. A maioria dos que esperavam na fila teriam que carregar o saco de carvão nos braços, mas isto não parecia preocupá-los e estavam bem satisfeitos de poderem comprar carvão a um preço a seu alcance.

Estas cooperativas de carvão, com agências por todos os bairros negros de São Luiz, representam apenas uma das realizações do Padre Andrews desde que este, há dois anos, foi feito reitor da conhecida paróquia de Santa Isabel. O Padre George Andrews é um jesuita de uns trinta e oito anos de idade que, tendo sido professor de sociologia na Escola Regis da Universidade de Marquette, considera sua paróquia um esplêndido campo de experiências para pôr em prática as teorias católicas modernas sobre os problemas sociais, principalmente em relação à questão de raças. Graças a ele a Igreja de Santa Isabel não é apenas a paróquia de umas mil famílias de negros, mas sim um amparo para toda a população de cor de São Luiz, isto é, perto de cento e dez mil pessoas.

«Naturalmente,» disse-me o padre, homem alto e sorridente, «meu fito principal é sempre salvar as almas, mas é dificil interessar alguem no seu bem-estar espiritual enquanto materialmente tudo lhe falta.»

Logo depois de ser nomeado pároco da Igreja de Santa Isabel, veio a saber da dificuldade que tinham seus paroquianos em achar carvão barato para aquecimento. Ao distribuir presentes de Natal, verificou que em muitas casas as crianças ficavam na cama durante os dias frios por não terem carvão para aquecer os quartos. Vivendo amontoados num só quarto de casa de cômodos, não tinham espaço onde guardar carvão. A solução do problema seria, portanto, baixar o preço do carvão a varejo para esta gente. Lembrou-se então o padre de que seria possivel reunir os compradores numa cooperativa que, adquirindo o carvão em grosso, poderia revendê-lo aos sócios por preço razoavel.

Apresentou este plano ao prefeito e aos vereadores da cidade. E dentro de uma semana inaugurava-se a cooperativa num terreno baldio alugado pela municipalidade a um dolar por ano. Há hoje em

São Luiz quinze centros de distribuição, todos dirigidos pelos negros. O carvão é vendido aos sócios por quinze centavos o cesto; pela mesma quantidade pagavam eles antes 45 a 60 centavos, o que é, sem nenhuma dúvida, uma diferença bastante apreciavel.

No princípio do ano passado Padre Andrews deu início a outro projeto. Tornara-se muito dificil naquela época obter carne nos açougues, e o preço das galinhas, que ainda não fora estabilizado pelo governo, subia de maneira vertiginosa. Depois de estudar os métodos e custo, Padre Andrews organizou uma cooperativa para criar galinhas. Todas as semanas a empresa comprava aos incubadores 800 ou 1.000 pintinhos de dois dias. Os pintos passam um terço de suas vidas na casa paroquial em três andares de prateleiras instaladas para este fim. Vão depois para uma garage desocupada e, por fim, quando já estão quase em ponto de corte, são transportados para um edifício no centro do bairro onde a cooperativa mantem seus escritórios de venda.

Durante a primavera e o verão passados, mais de vinte e cinco mil galinhas foram vendidas, ao todo, pela cooperativa. Enquanto nos açougues a galinha estava custando um dolar e vinte (ou sejam Cr $24,00) o quilo, nas cooperativas os sócios pagavam apenas 36 centavos pela mesma quantidade (cerca de Cr $7,00).

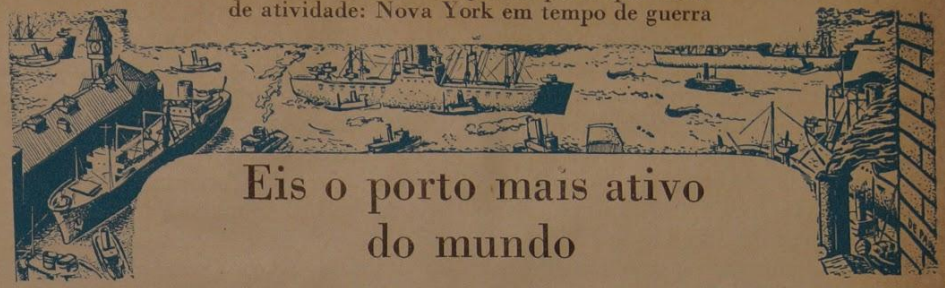
Logo depois dos conflitos raciais de Detroit, o Padre Andrews e alguns negros e brancos dotados de espírito cívico resolveram formar em São Luiz uma comissão para promover melhor compreensão e tolerância entre as raças. O prefeito Aloys Kaufmann deu logo todo apoio à comissão, que foi oficialmente reconhecida com o nome de Comissão de Relações Raciais de São Luiz. Graças a ela, Padre Andrews está conseguindo chamar a atenção do público para um plano que vem expondo a quem queira ouví-lo. Segundo o referido plano, os terrenos baldios do bairro negro da cidade deviam ser transformados em jardins e parques de recreio. Durante os quentíssimos verões de São Luiz, os residentes destes bairros são obrigados a ficar dentro de casa, metidos em quartos minúsculos e superlotados, ou então ficam andando atoa pelas ruas onde, por falta de que fazer, metem-se em discussões que acabam inevitavelmente por degenerar em violentas brigas.

Padre Andrews propunha que se limpassem alguns lotes baldios, plantando-se grama e instalando-se balanços e outros jogos para as crianças, e bancos para os adultos. Este programa pouco dispendioso já está em andamento. Os pequenos parques, alem de embelezarem a cidade, servirão para aliviar o mau-humor e tensão de espírito nos dias sufocantes de verão.

Na sua sala de trabalho na Igreja de Santa Isabel, Padre Andrews recebe quem quer que lhe queira falar; e muitos negros de outras crenças religiosas vão lá aconselhar-se com ele sobre problemas de ordem material, moral ou social, encontrando o conforto de que carecem.

No 81º aniversário da emancipação dos negros Padre Andrews foi oficialmente elogiado pelo seu trabalho para as boas relações inter-raciais. Fui testemunha de uma prova menos formal, mas ainda mais convincente, de seu esforço neste sentido, ao passar com ele de automovel pelo bairro negro. Por toda parte os garotos que o viam passar saudavam-no com gritos alegres dizendo-lhe adeus até perdê-lo de vista. O padre já se identificou inteiramente com os seus paroquianos.

Nos bastidores de um grande porto que vibra de atividade: Nova York em tempo de guerra



Eis o porto mais ativo do mundo

(Condensado do «Washington Post») • *Por Don Wharton*

RARAS PESSOAS poderão ter idéia das formidaveis tarefas que o porto de Nova York está realizando pela calada, para satisfazer as pesadas exigências que a guerra lhe veio impor. As entradas e saidas de vapores excedem tudo quanto a história regista em relação a este ou qualquer outro porto, desde que existe a navegação. Dos ancoradouros de Nova York levantam ferro cerca de 60 por cento de todos os navios norte-americanos que cruzam os mares, e uma enorme maioria da tonelagem que sai dos Estados Unidos a caminho das frentes de guerra contra a Alemanha.

A Capitania do Porto é dirigida pelo Comodoro Frederick J. Reinicke—o «Vermelho», ex-campeão de futebol e boxe da Academia Naval de Anápolis, grandalhão de 1,85 m. de estatura, que já durante a Primeira Guerra Mundial comandou um destróier. Quando, em 1939, o Comodoro Reinicke veio para Nova York, o escritório da Capitania do Porto ocupava apenas uma sala. Desde essa data, o diretor ergueu e pôs a funcionar a vasta organização de 1.100 funcionários que atualmente maneja o maior serviço de tráfego marítimo no mundo inteiro.

Esta organização inspeciona todos os navios que dão entrada no porto; entrevista todos os capitães para obter dados referentes aos respectivos navios; decide quais os vapores que devem fazer parte dos comboios, e quais os que podem fazer-se ao mar só por si. Despacha comboios navais como se despacham trens de estrada-de-ferro—tantos por semana para o Reino Unido, para o Norte da África, ou para qualquer outro ponto do mundo. E apesar de todo esse movimento de guerra, nem uma explosão, nem uma séria colisão se verificou até hoje no porto de Nova York... E em mais de dois anos de hostilidades, só a cinco comboios aconteceu ficarem retidos mais de 24 horas.

Na seção do Movimento do Porto, onde se espia atentamente cada navio, cada amarradouro e ancoradouro, encontra-se, desenrolada na parede, uma tão vasta planta do porto, que, para desenhar à mesma escala um mapa do Oceano Pacífico, não chegariam três quilômetros de papel.

Pelos escritórios podem-se ver, tambem nas paredes, símbolos representativos da posição de cada um dos comboios que cruzam o Atlântico; outros símbolos marcam a situação dos submarinos alemães, utilizando-se cores diversas para indicar as respectivas posições no dia corrente, na véspera, e na ante-véspera. De maneira a iludir a perseguição dos submarinos, e tambem para evitar desastrosas colisões entre os vapores, torna-se muitas vezes necessário alterar a rota

dos comboios. De mais de dez mil navios que no ano passado foram expedidos de Nova York, apenas 59 foram metidos a pique por ação do inimigo. E até hoje, nem um só dos transportes de tropas, que por centenas têm saido de Nova York, foi afundado ou danificado antes de atingir o porto de destino. Desde julho a novembro, inclusive, do ano passado, os comboios saidos do porto de Nova York não sofreram a perda de um só navio.

O maior dos comboios navais, até agora despachado deste porto, contava 80 navios e dirigia-se ao Norte da África: todos os barcos chegaram ao destino. Outro, quase tão grande como esse, e destinado à Inglaterra, chegou alí tendo perdido apenas uma unidade. A maior das perdas sofridas até hoje foi a de 12 barcos, num grupo de 60, pelos meados de 1943.

A organização cuidadosa e correta de um comboio naval reduz as probabilidades de ataque e perdas. Numa das salas da Capitania do Porto existe uma simples mesa de carvalho amarelo, sobre a qual já foram planejados mais de mil. É alí que os navios, até então entidades independentes, são arrebanhados em grupos que se deslocam por entre as mais ferozes alcatéias de submarinos, e através dos nevoeiros e das tempestades mais mortíferas do mundo. De pé junto da mesa vêem-se três jovens oficiais de Marinha, que constantemente corrigem as posições de dúzias e dúzias de pequenas fichas de couro. Cada uma dessas fichas representa um navio do comboio que está em via de organização—desta vez uma vasta expedição com destino ao Reino Unido. É a hora decisiva, de vida ou morte, para milhares de homens e para enormes quantidades de material de guerra de toda espécie. Mas, à medida que arrumam e deslocam de um lado para outro as fichas sobre a mesa, como se fizessem um grande jogo de paciência—este navio deve ir em posição mais segura, aquele no flanco mais exposto, e assim por diante—nem um sinal de impaciência ou excitação transparece nas faces dos três homens.

A velocidade de marcha dos navios varia de 10 a 17 nós, e o seu deslocamento de 1.500 a 16.000 toneladas. Alguns transportam aviões, outros levam carga diversa, outros ainda gasolina de alto grau de octana, ou perigosos explosivos. Há alí capitães que já contam no seu ativo mais de trinta ou quarenta travessias do oceano, em comboios; seus navios têm pois mais probabilidades de formar à cabeça da coluna: é o prêmio da experiência... Outros barcos vão dispostos nos flancos do grupo. E uma vez que nem todos os navios se destinam ao mesmo porto, a formação tem de ser organizada de tal forma que parte dos navios possam sair dela sem forçar o comboio todo a afrouxar a marcha. Os barcos-petroleiros, por exemplo, devem ir arrumados de sorte que os navios de escolta possam acostá-los de vez em quando, para se reabastecerem de combustivel. E todo o comboio, no seu conjunto, deve ser disposto segundo um esquema que ofereça ao inimigo o mínimo possivel de vulnerabilidade.

Outro gabinete está-se enchendo agora de comandantes de navios; metade deles apresentam-se à paisana, os outros em uniformes da marinha mercante inglesa ou americana. Todos têm caras de lobos-do-mar, queimados pelos ventos e os sóis do oceano. Recebem à entrada o seu grande envelope de papel manila, e vão sentar-se voltados para um grande quadro-negro, no qual foi traçado o diagrama do comboio em organização. Cada um dos comandantes tira do seu envelope um cartão no qual se vê a posição do respectivo barco, e compara então o cartão com o diagrama do quadro-negro. Em seguida folheia a tabela horária que lhe foi entregue, especialmente elaborada para o seu navio, e onde encontra marcado o minuto exato em que deve levantar ferro, atravessar a barra do porto, e alcançar o canal que está semeado de minas submarinas.

O Comandante Clark, oficial encarregado de organizar os comboios e as rotas, levanta-se então, e começa a ditar as instruções de navegação: «Meus senhores, nesta conferência vamos tratar de navios capazes de fazer dez nós.» Passa então a fazer perguntas: Poderão todos os navios perfazer essa velocidade? Quantos dos presentes nunca navegaram em comboio? Há algum que nunca tenha saido do porto de Nova York? Vêm depois, ponto por ponto, indicações sobre a maneira de sair do porto; quais os sinais que cada navio deve arvorar; em que ponto desembarcarão os práticos de barra; como passar da marcha em coluna para a formação de comboio, etc.

O Comandante Clark discorre tambem sobre o conteudo do envelope selado que foi entregue a cada capitão, dando instruções sobre a rota a seguir, dados estes que são secretos e não podem ser examinados senão depois de desembarcados os práticos. As instruções prefiguram todas as emergências suscetiveis de se verificar no alto-mar. Mostram as posições do comboio durante os dois primeiros dias após a saida de Nova York; dizem o que fazer em caso de desgarramento, e a maneira de corrigir o curso e retomar a posição; quando romper o silêncio do rádio, e como dar relatórios pelo mesmo.

É agora a vez do comodoro do comboio dar as suas instruções aos capitães: é um inglês seco de carnes, face vermelha, com pesados óculos de aros pretos, e um bigodinho branco. Lembra aos comandantes que, no mar, adiantar-se ao comboio é tão perigoso quanto deixar-se desgarrar dele; discute o advento de casos imprevistos, o emprego das sirenes de nevoeiro, os sinais da presença de submarinos, e uma dúzia de outros tópicos de importância.

Levanta-se depois o chefe dos navios de escolta, que é um oficial ainda na força da juventude. Faz referência apenas a dois pontos, mas estes ele trata com suma concisão: «Mantenham-se unidos—diz ele.—Nós não podemos destacar barcos de escolta para recolher os desgarrados. Conservem as luzes apagadas; eu só dou um aviso para que as apaguem: meu segundo sinal é um tiro contra a lâmpada acesa...»

É na manhã seguinte, às 7 e 10, que o comboio deve sair a barra do porto. Pelas 3 e 30 da madrugada o oficial de serviço inicia a sua observação final do estado do tempo. Estando a visibilidade abaixo de 1.000 metros ou o vento a mais de 40 nós, ele telefona ao Comandante Clark pedindo-lhe uma decisão sobre se a partida terá de ser adiada.

Às vezes parece até que os casos imprevistos surgem de propósito durante a noite. Um transatlântico manda um rádio dizendo que vai entrar no porto antes da hora marcada; e o oficial de serviço tem que decidir se há-de adiar ou antecipar a partida. Ou então é um cargueiro que pede auxílio a 250 milhas de Nova York, e às 2 e 30 vem o capitão de um rebocador pedir que lhe dêem instruções de rota para poder ir em socorro do barco sinistrado. Acontece tambem que de bordo de um navio-petroleiro telefonam a comunicar que se inutilizou uma bucha, e não há maneira de se encontrar outra para a substituir... O ofi-

cial de serviço desata a transmitir mensagens para os outros navios que estão no porto, telefona para Norfolk e Filadélfia, consegue encontrar uma bucha em certo armazem de Lynn, no Massachusetts, ordena que o transportem de caminhão até Boston, aluga um avião especial, e manda uma caminhonete ao aeroporto de Floyd Bennett, onde a desejada peça acabou enfim de chegar! Sucedeu um dia que um navio inglês, com tripulação de antilhanos, se recusou a sair sem levar a bordo uma cabra leiteira—e os serviços da Capitania do Porto gastaram uma tarde toda, e metade da noite, para dar com uma cabra em condições de poder viajar!

Mas esta noite o tempo está-se portando à altura, não surgiu caso algum de emergência, e meio milhão de toneladas de preciosa carga rompem caminho em direção aos perigos do mar. O capitão de corveta John B. Welton, mestre do porto, que passou quarenta e três anos no mar, mete-se no seu rebocador e, através da treva, aproa ao largo. Com o holofote, o rebocador procura e fixa o navio que deve sair a barra em primeiro lugar; daí a pouco está lançado o cabo, e a faina começa. O navio vai carregado de explosivos—a estes navios chamam os marujos de «quentes»... Depois o rebocador dirige-se para os cargueiros e tanques, que estão com a linha de flutuação abaixo da água, tal a carga de caminhões, *jeeps*, aviões e lanchas de desembarque que levam empilhada no tombadilho. A maioria deles não querem ajuda, mas Welton alí está, para o caso de precisarem dele, e sua voz de estentor ruge através do megafone: «Mestre, está pronto a largar em tempo?»

«Pronto!»

«Iça a bandeira de comboio!»

Walton vai marcando no seu rol todos os navios que partem, que vão descendo o porto dentro da madrugada. A seção de informações da Capitania do Porto acompanha a marcha pelo rádio. Regista a hora exata da passagem de cada barco em frente ao farol Ambrose. Por fim o comodoro dos comboios recebe, com um suspiro de alívio, a derradeira mensagem: «Navios todos fora. Último a sair a barra: 1103.»

...E depois disto tudo, quando a noite volta, a alguns quarteirões apenas de distância dos escritórios da Capitania do Porto, nos teatros da Broadway, nos luxuosos cabarés da Rua 52, nas ruas e no Times Square pejado de gente, nós ainda ouvimos muita gente murmurar entre si com um sorriso de tranquilidade: «Nova York está muito longe da guerra...»

Ferimentos de guerra...

UM SOLDADO, bem robusto, submetia-se a um exame de sangue, às mãosde jovem e inexperiente enfermeira, a qual lhe picou o braço pelo menos uma meia dúzia de vezes antes de encontrar a veia. Afinal terminou a «operação», mas o soldado não deu mostras de querer ir-se embora.

—Bem, o que é que você está esperando agora? perguntou, impaciente, a enfermeira.

—A medalha de condecoração por ferimentos... replicou o rapaz.

Jack Goodman

Doença e remédio pela imaginação

Através de vários jornais de medicina, pediu-se aos médicos americanos que enviassem exemplos de quaisquer incidentes de interesse humano observados na prática da sua profissão. Os que aquí transcrevemos foram escolhidos entre centenas de respostas. Outros serão publicados depois.

OS SEYMOURS estavam casados, havia apenas dois anos, quando se manifestou na senhora Seymour, no pescoço, a estender-se pela face, nada menos que um sarcoma—tumor maligno que destrói rapidamente as células. Não lhe dissemos a verdade, mas vimos nos seus olhos que ela sabia que ia morrer.

O marido—que lhe dedicava o mais profundo afeto—não sabia o que inventasse para amenizar-lhe os breves dias que lhe restavam de vida. Uma noite, chegou em casa com duas passagens para uma viagem à Europa na primavera, dalí a alguns meses. Os alegres prospectos da agência de turismo, com fotografias convidativas ilustrando pormenores do cruzeiro e os mais lindos aspectos do Mediterrâneo, foram espalhados na cama da enferma.

Daí por diante, todos os dias, ele falava-lhe na maravilhosa viagem que iam realizar. Traçavam juntos toda a sorte de projetos, discutindo sobre o que mais lhes interessaria ver. Pouco a pouco, nova luz iluminou os olhos da doente, à medida que os seus negros pressentimentos iam cedendo lugar a tão risonhos planos. Costureiras e modistas vinham mostrar-lhe novos modelos, e não tardou que se formasse no quarto uma pilha de vestidos, chapéus, e acessórios de toda natureza. A moléstia ficou esquecida no meio daquele sonho encantador de uma segunda lua de mel. Quando a pobre morreu, por fim, pouco antes da primavera, a parte do rosto que não fora atingida pelo mal tinha a expressão animada da luminosa beleza que anteriormente possuía.

Nunca fui testemunha de maior prova de amor que a daquele rapaz. O domínio de si próprio, quase sobrehumano, de que deu mostras, foi para mim uma lição de psicologia aplicada, superior a quantas recebí na escola de medicina. Ensinou-me que de nada valem vagas promessas; a persuasão só pode ser exercida através do tangivel que, só ele, é capaz de inspirar realmente esperança e coragem.

O PEQUENO BOBBY, aos cinco anos de idade, ainda não falava. Era uma criança normal sob todos os aspectos, mas parecia divertir-se em passar por mudo.

«Deixem Bobby conosco uma semana,» sugeriu o médico, «e vamos ver o que é possivel fazer.»

A criança foi levada para um hospital onde lhe disseram que teria água quando quisesse, mas só lhe dariam comida se pedisse. Bobby contentou-se em sorrir. Estava já habituado a semelhantes ameaças, mas terminavam por ceder, tornando-o assim cada vez mais mimado.

Durante o primeiro dia, gostou tanto da nova morada, que não se importou muito com o jejum. Já no segundo mostrou-se um tanto irrequieto, especialmente ao ver passarem as bandejas que levavam apetitosos almoços para os outros doentes. Na manhã do terceiro dia, entregou os pontos. Mal a enfermeira abriu a porta, ele gritou de longe: «Tragam logo essa comida!»

MUITAS PESSOAS sofrem de doenças cuja base é puramente nervosa, agravadas pela imaginação excessivamente desenvolvida que em geral possuem. Em tais hipóteses, a sugestão se impõe.

Tal o caso de um sacerdote, cliente meu. Veio ver-me um dia no consultório. Apertando a garganta com os dedos, escreveu num pedaço de papel: «Perdí a voz; quero ver se posso ficar bom.» O exame demonstrou que a temperatura e o pulso estavam perfeitamente normais. Não havia o menor indício de resfriado, ou qualquer outro distúrbio.

Convencido de que perdera realmente a voz, estava certo, no entanto, de que eu era capaz de curá-lo. Decidí servir-me da confiança que depositava em mim.

Avisei-o de que talvez fosse doer um pouco, e fiz toda a sorte de complicados preparativos para uma «operação», arrumando ao seu lado diversos instrumentos de impressionante aspecto. Pedí-lhe então que abrisse a boca, e nela coloquei um aparelho extremamente incômodo. Fui depois apanhando sucessivamente os vários instrumentos com gestos precisos e rápidos. Toquei-lhe as amígdalas e o céu da boca, fazendo-o por fim quase vomitar. Um suor frio lhe cobrira o rosto. Tirei finalmente o aparelho, declarando: «Veja agora se já pode falar.» Ele agradeceu-me com a voz perfeitamente normal, e os olhos cheios de lágrimas.

Criando uma impressão ainda mais forte que aquela sob a qual se achava o homem, fiz com que ele recuperasse a voz.

DEPOIS de uma operação abdominal, certo doente foi acometido de soluços que duraram vários dias. O médico recorreu a todos os medicamentos empregados em tais casos, sem êxito algum.

Lembrou-se então de que o paciente era extremamente avaro, e receitou um preparado desconhecido. Depois de tomar a primeira dose, entre dois soluços, o doente perguntou-lhe qual era a base do medicamento. «Almiscar,» respondeu-lhe o médico. «Almiscar! Mas doutor, não é com isso que se fabricam perfumes? Deve ser caríssimo!» «Lá isso é. Cada dose custa cerca de trinta dólares.»

Os soluços pararam instantaneamente.

O FATO de que andava sempre ocupada com uma série interminavel de doenças imaginárias impedia que uma de minhas clientes — pessoa de recursos — aproveitasse a vida de algum modo mais util, ou gozasse a fortuna que possuía. Vivia constantemente às voltas com novos tratamentos e novos médicos, sem que nada produzisse bons resultados.

Achando-se certa feita em París, em viagem de recreio, foi consultar um famoso professor de medicina, descrevendo-lhe os vários sintomas de que sofria. Depois de examiná-la cuidadosamente, deu-lhe um endereço, dizendo que lá fosse ter na semana seguinte.

Chegando alí no dia indicado, a referida senhora averiguou, não sem grande surpresa, que se tratava de um sanatório onde o ilustre professor operava os indigentes. Sem uma palavra de explicação, pediu-lhe este que ela o acompanhasse pelas várias salas do hospital. Foram de enfermaria em enfermaria, passando pelos doentes em estado mais grave, muitos às portas da morte. Eram homens, mulheres e crianças, vítimas das mais terriveis moléstias, e alguns horrivelmente deformados. Antes mesmo que chegassem ao fim da visita, uma expressão de remorso e de vergonha se estampara no rosto da ricaça. Ao deixar o hospital, deixou tambem, definitivamente, o demasiado interesse que vinha dedicando até então a sua própria pessoa.

O contacto com as tribos indígenas dos Mares do Sul proporciona aos soldados americanos alguns momentos divertidos

Nem tudo é guerra nas Salomão

Por Ira Wolfert

(Condensado do «Redbook»)

AS TRIBOS indígenas do Arquipélago Salomão têm aspecto feroz. Alguns dos homens costumam trazer um osso atravessado nas narinas, e todos—homens e mulheres—cobrem a pele negra com uma renda azul. Os soldados americanos acham certa atração nas mulheres que pintam as faces de vermelho e branco, com um traço verde debaixo dos olhos, mas a tinta azul parece causar-lhes repulsa.

Um dia, em plena selva, dei de rosto com o meu primeiro selvagem, um camarada musculoso, com uma lança na mão.

—Alô! disse-lhe eu.

—Alô, respondeu-me, num tom grave.

Larguei o gatilho da espingarda. Nada havia de ameaçador naquele índio; olhava-me em silêncio, com um ar de ansiosa expectativa, como uma criança esperando que outra a convide para brincar.

Acabamos por almoçar juntos. Ele mastigou cautelosamente parte das minhas rações, e eu tirei de uma panela, na sua sala de estar, uns bocados de forma estranha. Eram de cor azul clara, com uns traços mais escuros, e fiquei a imaginar se não seria assim que preparavam as misteriosas tatuagens. Os soldados gostam muito dos indígenas, e costumam contar histórias impressionantes, e nem sempre verídicas, sobre os instintos canibais dos mesmos. Não querem com isso insultá-los. Procuram antes, ao fazê-lo, exaltar-lhes a coragem.

Averiguei finalmente que os bocados que tanto me intrigaram eram apenas certa qualidade de inhame.

Esta espécie de inhame tem a consistência da batata doce, mas o gosto não é de batata doce, nem de coisa alguma. Ao prová-lo, tem-se a impressão de não ter levado nada à boca. Vi frequentemente grupos de soldados que, ao experimentar pela primeira vez este leguminoso *non sequitur*, ficam a olhar um para o outro, a ver se descobrem quem lhes roubou o petisco de que trazem a boca cheia.

Esta mesma impressão de «coisa nenhuma» é causada, de início, pelas casas dos índios. Não têm paredes, e são construidas tão perto umas das outras que, ao agitar-se no sono um de seus habitantes, é capaz de fazer com que o vizinho caia da cama. No entanto, de manhã, ao despertarem, aqueles homens e mulheres, que passaram a noite roncando uns nos ouvidos dos outros, cumprimentam-se com a mais absoluta reserva, como se tivessem dormido entre paredes separadas.

O visitante deve bater, antes de entrar. Não há porta, porem, onde bater, nem quem entra tem lá muito onde entrar. Bate-se, ainda assim, numa das

O autor é correspondente de guerra do *Times* de Nova York, tendo recebido o Prêmio Pulitzer. É autor do livro «Battle of the Solomons.»

vigas que sustentam a teto, e o dono da casa responde gentilmente: «Tá-bom, tá-bom, amigo, pode entrá depressa.» Os soldados entram tirando o capacete, e sem saber ao certo se são eles que terão endoidecido.

Afim de fechar a casa—que, como dissemos, não tem paredes nem portas—os indígenas penduram da borda do teto uma cabaça de côco seco a que lançaram feitiço. Quem passar sob a cabaça, na ausência do dono, será vítima de má sorte. Ao rebentar a guerra em Guadalcanal, a maioria dos indígenas colocaram as cabaças no lugar indicado, e retiraram-se para o interior, afim de ocultar-se nas brenhas. Ao regressarem, cerca de oito meses depois, muitos deles averiguaram que suas casas tinham explodido com cabaças e tudo—fenômeno que os feiticeiros não conseguiram explicar até hoje.

As mulheres vestem apenas uma saia curta feita de fibras, mas a primeira olhadela a uma beldade dos Mares do Sul é o bastante para desiludir nossos soldados a seu respeito. O aspecto é de tal ordem, que todos passam a simpatizar com os esforços dos missionários por vestí-las.

A pequena ilha de Savo se encontra na encruzilhada onde, entre maio e dezembro de 1942, duas grandes forças navais procuraram exterminar-se uma a outra, e mais de 100 navios foram postos a pique. Johnston-Sura, chefe das tribos de Savo, usa agora como almofada no seu trono um salva-vidas de um navio japonês, e em lugar da coroa o boné de lã azul de um marinheiro do cruzador *Northampton*. É sempre quem sai ganhando.

Um relatório oficial de Savo assim descreve a guerra: «Mericanos forte; muito forte. Quebra joponês, navio joponês, como nós quebra côco. Tubarão come joponês,—joponês chora.»

Uma vez fui pescar com Fundi, um nativo, grande apreciador de toda a sorte de esportes. Trouxe ele na canoa seis das suas esposas. Não houve tumultos nem discussões a respeito da isca, como se dá em geral com as mulheres em pescarias semelhantes, e nenhuma delas teve a linha embaraçada nos cabelos, nem o anzol preso às roupas. Isto por três motivos: primeiro, empregamos granadas de mão em vez de anzóis; segundo; as mulheres tinham muito pouco cabelo; e, terceiro: ainda tinham menos roupas.

Enquanto elas remavam, Fundi e eu deixamo-nos estar de braços cruzados num silêncio cheio de dignidade. De vez em quando, elas se punham a cantar, afim de entreter-nos. As vozes agudas e chorosas nada tinham de desagradavel. As canções eram tristes como o murmúrio do vento ao passar pela relva.

Quando demos com um enxame de peixes, Fundi atirou uma granada de mão, e cruzou novamente os braços. As mulheres mergulharam, recolhendo os peixes. Mal Fundi decidiu que era o bastante, elas remaram de volta. Fundi e eu descansamos então de todo aquele esforço, enquanto elas limpavam os peixes e os cozinhavam. Comemos os dois primeiro, chegando depois a vez das mulheres. Estas repreenderam-no por estar comendo demais.

Uma das coisas que mais surpreendem os nossos soldados é a maneira por que as mulheres indígenas repreendem seus companheiros, com a mesma severidade, e às vezes por motivos tão futeis quanto as nossas esposas. Os homens, em tais circunstâncias, tomam a mesma atitude que nós. Quando a repreensão é justa, procuram mudar de assunto. Quando não, mostram-se indignados.

As mulheres se encarregam de quase todo o trabalho. Quando os homens se sentem dispostos, ajudam-nas a juntar

ovos, a cozinhar, e a embalar carinhosamente o pequeno numa corda que suspendem dos ombros a tiracolo. O fato de que o trabalho é considerado o papel da mulher, não lhe dá, a esta, nenhum complexo de inferioridade. Ela mantem os seus direitos, e exerce-os, não raro com certa aspereza, saindo-lhe as palavras da boca, como aparas de madeira sob os golpes de um machado.

Não há meses nem semanas em Savo, como assim não há horas nem minutos no espaço de cada dia—nada, a não ser uma vaga medida geral chamada «daquí-a-pouco». O tempo é uma invenção de que os nativos ainda não tiveram notícia. Quando nossos engenheiros e batalhões precisam deles para algum serviço, e querem marcar um encontro, dizem-lhes: «daquí-a-pouco», e ficam esperando.

Os índios ouviram muitas vezes os soldados mencionarem os vários dias da semana. Refletiram sobre o mistério mas, ao que tudo indica, só puderam chegar a um resultado extremamente confuso. Quando partí de Savo, regressando a Guadalcanal, Lombu-Lomba acompanhou-me até o navio. Disse-me que nos encontraríamos novamente «Quinterça» num grande *kai-kai* (festa indígena) que seria celebrada em Guadalcanal.

Andei a ver se atinava com o significado da palavra «Quinterça» e como não chegasse a conclusão recorrí ao capitão Neilson, que conhecia o Arquipélago Salomão desde que alí fora ter há trinta anos passados, comandando o famoso iate *Snark* de Jack London. «Quinterça», disse-me ele, «pode ser terça ou quinta-feira, mas pode tambem ser domingo, segunda ou quarta. Não creio que seja sexta, e tenho a certeza de que não é sábado. Seja lá o que for, pouco importa. Será simplesmente o dia em que ele tiver vontade de se abalar para viajar.»

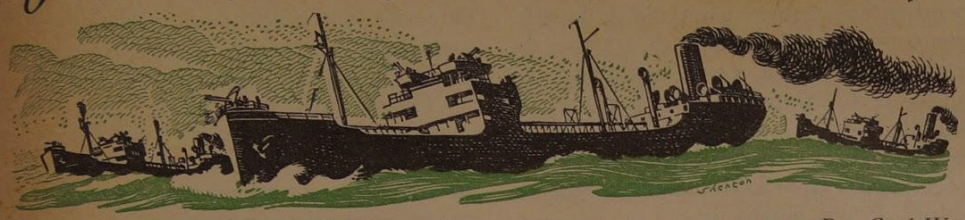
O *kai-kai* é uma festa que consiste principalmente em comer carne assada. Para que o seu êxito seja completo, a cooperação dos japoneses é, ao que dizem, indispensavel. Há bom número de vacas em Guadalcanal, veteranas da guerra, e já experientes em matéria de bombardeio, que andam a pastar por alí lugubremente. Ninguem recebe qualquer pagamento pelas vacas vítimas dos japoneses, ou pelo menos assim o quer a crença popular. Quem quiser lançar um *kai-kai* deve aguardar, portanto, o primeiro bombardeio japonês. Graças a uma corda muito longa, dirige então a vaca em direção ao ponto visado pelas bombas.

Quando uma vaca é atingida por uma bomba, os pedaços de carne se espalham em todas as direções sobre uma vasta área. As leis locais estipulam que o pedaço de carne que venha a aterrar na trincheira de um soldado, durante um raide aéreo, passa a ser propriedade do referido soldado, mas há sempre espertalhões decididos a apanhar o que encontrem e, nestes casos, quanto maior o número de homens num pelotão, dispostos a fazer a ronda, melhor a caça.

Depois do *kai-kai*, os índios são levados ao cinema, o que muito apreciam. Ficam de olhos arregalados quando qualquer coisa os embaraça—quando vêem, por exemplo, um homem andando ao lado de uma moça—e, quando o galã beija a heroina, afastam timidamente a vista e põem-se a olhar de soslaio.

Os soldados que se encontram no Sul do Pacífico são colecionadores infatigaveis de toda a espécie de lembranças. Alguns deles, como tive ocasião de observar, estão até procurando descobrir algum meio de trazer consigo um ou dois índios quando regressarem aos Estados Unidos. Estes seriam decerto ótimos criados... se trouxessem consigo as esposas.

Já não é facil afundar um navio-tanque



(Condensado da «Nautical Gazette») *Por Carl Wall*

O PETROLEIRO cinzento, a flutuar no oceano, era um alvo facil. No espaço de poucos segundos três torpedos fenderam-lhe os flancos de aço.

A menos de cem metros de distância o submarino veio à tona. O comandante queria examinar a avaria. O navio já estava começando a perder o equilíbrio. Sempre a mesma coisa. Geralmente um só torpedo dava para afundar um petroleiro. Este havia recebido três. Os marinheiros ingleses ouviram a ordem do comandante nazista, gritando à sua tripulação que submergisse.

Entretanto, este nosso petroleiro não estava perdido. Havia no seu casco buracos enormes através dos quais um caminhão poderia passar, mas apesar disso ele conseguiu navegar sozinho 1.100 milhas através do Atlântico até um porto norte-americano.

Parece ironia, mas o fator básico que permitiu a milagrosa escapada do petroleiro foi a própria força que impeliu os torpedos ao seu alvo, isto é, ar comprimido, o qual, preso num tubo conhecido por «Nelson Airline», deu ao petroleiro, dantes tão vulneravel a ponto de ser chamado a «pata choca» da batalha do Atlântico, uma defesa contra os ataques submarinos.

Esse tubo de ar, que hoje faz parte do equipamento de muitos petroleiros britânicos e americanos, foi inventado por um engenheiro inglês, William Lynn Nelson, que tinha vinte anos de serviço nas máquinas dos petroleiros. Tive ocasião de conversar recentemente com Nelson em Londres. É um homem de 53 anos, de estatura mediana, rosto vermelho, olhos miudos e vivos, e de uma energia infatigavel.

«Antes de mais nada,» disse ele com toda a naturalidade, «quero esclarecer que não se trata de uma invenção, mas apenas de uma adaptação, pois sou apenas um mecânico.»

Dito isso, colocou um modelo de petroleiro sobre a escrevaninha. Um petroleiro não passa de meia dúzia de tanques de petróleo soldados uns aos outros longitudinalmente. Quando os seus compartimentos estanques estão cheios de óleo, ele se firma na água. O que o faz flutuar é certa quantidade de ar e óleo que se deixa nesses compartimentos, e mais o que se encontra nas outras partes do navio. Quando atingido por um torpedo, a água, penetrando pelos buracos do casco, desloca o ar; o barco perde o equilíbrio e vira de cabeça para baixo. Era assim que muitos petroleiros iam ao fundo.

Quando começaram os ataques violentos dos submarinos, Nelson pôs-se a pensar no problema. Um belo dia foi chamado como perito engenheiro para um trabalho de salvamento. Um petroleiro havia esbarrado numa mina magnética e encalhara num banco de areia estando já meio submerso. Da coberta de dois rebocadores ao lado erguia-se o ruido caraterístico dos compressores de ar.

Ao ouvir esse ruido, Nelson percebeu que encontrara uma solução. Se se descobrisse um meio de encher de ar o compartimento furado de um petroleiro e de manter suficientemente a pressão, seria possivel esgotar a água do navio e erguer uma barreira de ar comprimido contra o mar.

Nelson tomou o primeiro trem para Londres e foi para o seu escritório. Sentado em frente ao cavalete onde estava pregada a planta do seu petroleiro, desenhou na casa das máquinas um compressor de ar igual aos que se usam na construção de estradas para fazer funcionar brocas pneumáticas. Os próprios motores Diesel do petroleiro poderiam fornecer energia a este compressor. Como os motores poderiam estar avariados, ele instalou na ponte, do lado da proa, um compressor sobressalente movido por um motor pequeno de 4 cilindros. Em seguida, passou pela ponte um tubo de metal destinado a conduzir o ar de qualquer dos dois compressores. Ao longo deste tubo de ar, soldou uma série de chaves às quais se poderia facilmente adaptar uma mangueira flexivel. Na parte superior de cada um dos tanques de óleo, soldou uma chave semelhante.

No caso de um torpedo atingir o navio, a tripulação poderia ligar depressa a mangueira ao tubo de ar e ao compartimento avariado, e o compressor de ar ergueria uma barreira protetora contra o oceano.

O petroleiro de Nelson já tinha certa proteção contra os torpedos, mas restavam outros perigos. O fogo, por exemplo. Num navio torpedeado, as linhas de sucção que alimentam as mangueiras são frequentemente danificadas.

Quem sabe se esses mesmos compressores não poderiam ser usados para transmitir energia a bombas pneumáticas portateis? E Nelson acrescentou instruções para que se fornecessem aos homens bombas leves movidas a ar comprimido e que pudessem ser levadas nas costas por qualquer marinheiro. Atirando-se a mangueira da bomba ao mar, ela poderia sugar meia tonelada de água por minuto e lançá-la sobre as chamas.

Há certos incêndios de petróleo que só se extinguem com substâncias químicas, de modo que Nelson proveu as bombas de torneiras alternadas para despejar, sobre o fogo, espuma de «pirene» ou de outro produto semelhante.

O tubo de ar, inventado por Nelson, exigiu sete meses de estudos meticulosos para ficar pronto.

Em agosto de 1942 os jornais narraram a odisséia incrivel do petroleiro *Ohio*, o qual, apesar de torpedeado e bombardeado, conseguiu alcançar Malta com o seu precioso carregamento de combustivel. Outros relatórios foram publicados de fatos tão fantásticos como esse. Um petroleiro foi torpedeado pela proa. A gasolina escorreu dos tanques em tal quantidade que o submarino, flutuando a pequena distância, não se atreveu a bombardear o navio devido à fumaça. No entanto, assim que os tanques foram submetidos à pressão do ar, o navio conseguiu equilibrar-se e alcançar lentamente o porto.

O pessoal dos petroleiros começou a usar o tubo de ar para fins que nem o próprio Nelson havia previsto. Uma vez, o leme de um petroleiro torpedeado deixou de funcionar por falta de energia. O engenheiro-chefe resolveu a situação ligando os tubos de vapor do leme ao tubo de ar. A tripulação desse mesmo barco aproveitou os compressores para despejar

combustivel no fogão e preparar refeições quentes.

Uma instalação completa do aparelho pode ser feita em 48 horas, por um preço módico, na grande maioria dos petroleiros. Segundo os peritos, o salvamento de um único barco compensa largamente o custo da instalação de um tubo de ar em todos os petroleiros da frota inglesa, sem contar as vidas humanas.

Longe de tirar patente, Nelson pôs o seu aparelho à disposição das Nações Unidas. A sua única recompensa financeira foram 200 dólares (ou cerca de 4.000 cruzeiros) que a Sociedade Real de Artes lhe deu. Esse prêmio, ele ofereceu-o ao Serviço de Caridade da Marinha Mercante.

«Não sou um sentimental,» disse-me ele, «mas passei 20 anos no mar, a bordo de navios petroleiros, e tenho uma admiração sem limites pelas tripulações desses barcos. Se conseguí salvar uma só dessas vidas, dou-me por amplamente recompensado.»

De volta do escritório de Nelson, lembrei-me de que ele havia estado trabalhando nesse projeto quando a guerra-relâmpago ia no auge. Perguntei ao ascensorista se se lembrava.

«Ele ficou aquí mesmo no prédio, noite e dia,» respondeu o homem. «Dormia num catre e só ia para casa aos sábados, e sempre levava os preciosos desenhos debaixo do braço. Nos peores momentos do bombardeio, com as traves da casa caindo por todos os lados, e bombas explodindo na nossa porta, ele nunca largou o trabalho. O «seu» Nelson é um homem que sabe ficar firme quando está trabalhando, isso não há dúvida.»

Mais tarde contaram-me outra coisa: que entre a tripulação de um petroleiro que havia sido torpedeado na sua primeira viagem, encontrava-se um dos filhos de Nelson.

Disciplina militar

¶ Há muito tempo que as tropas britânicas iniciaram manobras intensivas, preparando-se para a invasão da Europa setentrional. Alguns desses exercícios revestem-se de aspecto tão realista, que toda a gente, exceto pequeno grupo de altas patentes, chega a julgar tratar-se, de fato, da invasão. A propósito disso, conta-se que, em manobra recente dessa natureza, um general inglês, com sua guarnição, estava em nervosa prontidão, à espera da «hora H». Andavam, aflitos, de um lado a outro, numa pequena colina perto do posto de comando. Afinal, surge no céu um planador, transportando soldados, e eis que do aparelho desce um pombo-correio.

Através de fortes binóculos, o general seguiu minuciosamente os movimentos da ave, a qual acabou por pousar num pombal não muito distante. Vendo isso, um imponente coronel correu a buscar a mensagem que certamente traria o pombo, voltou, apressado, e entregou-a ao general. Este abriu o papelucho com mãos trêmulas, leu-o, disse uma ou duas palavras que é melhor não repetirmos, e atirou-o ao chão, visivelmente encabulado, vermelho até a raiz dos cabelos. Não resistindo à curiosidade, um jovem tenente deixou que o general se afastasse, abaixou-se e apanhou do chão a mensagem. Dizia ela: «Fui enviado à terra por ter sujado minha gaiola.»

Al Newman, no *Newsweek*

FLAGRANTES DA VIDA AMERICANA

Do sul dos Estados Unidos veio para o norte, trabalhar numa obra essencial à defesa da nação, um velho preto, alto, de movimentos lentos, que sofria pela primeira vez o rigor de um inverno na Pensilvânia. Contemplando, através da janela da fábrica, a paisagem coberta de neve, numa manhã sombria, virou-se para o mestre de obras, nascido e criado na Pensilvânia, e lhe disse:

—É, patrão; eu é que vou ficar satisfeito quando acabar esse serviço e eu puder voltar pro sul de novo...

—Isso é assim mesmo, respondeu o outro. Pra aguentar isto, a gente tem que estar acostumado desde garotinho.

Ouvindo isso, o velho abriu os olhos, espantadíssimo, e perguntou: —Como é, patrão? Quer dizer que vive gente aquí mesmo quando não há guerra?

—*Morse Walker*

Numa circunscrição de recrutamento, um funcionário explicava certos pormenores financeiros a um convocado, rapaz meio bronco, oriundo lá das montanhas da Carolina do Norte.

—O governo vai cuidar de sua família na sua ausência. Vá me dizendo quantos filhos tem, e eu lhe digo quanto dinheiro sua senhora vai receber.

—Bom. Vamo ver, disse o rapaz, com sua voz arrastada. —Tem Annie Mae, de sete anos; Joe Boy, seis anos; Laurie, cinco anos; Lettie, quatro anos; John Tom, três anos; e a mais moça Cora Bell, tem dois anos.

—Bem, então sua família vai receber 180 dólares por mês, anunciou o funcionário, depois de fazer seus cálculos. —Oitenta dólares para sua mulher e o primogênito, e vinte dólares para cada uma das outras crianças.

Exclamou então o convocado: —Puxa, seu moço! Imagine o sr. que há dois anos que minha mulher anda tendo umas aulas de limitação de natalidade. Quer dizer que com essas aulas ela conseguiu foi perder 40 dólares por mês, durante esses dois anos!

—*Kin McNeil*

Numa cidadezinha do interior dos Estados Unidos, comemora-se a data da Independência Americana com uma espécie de carnaval, de 3 a 5 de julho, todos os anos. É uma festa colorida e alegre, famosa nas redondezas, de onde vem muita gente tomar parte nas comemorações. Certa vez lá estava um dos mais assíduos, sujeito notório pelas farras a que se entregava durante a festa. Quando alguem lhe perguntou em que hotel estava hospedado, mostrou-se francamente espantado, e exclamou: —Hotel?!! Mas, meu amigo, eu só vou ficar 3 dias!

—*Mrs. M. C. Henrich*

Um caipira do nordeste dos Estados Unidos, recem-chegado do interior, estava numa loja da cidade e viu um caixeiro abrir uma caixa contendo coloridíssimos pijamas de homem.

—Que troço é esse? perguntou.

—Pijamas.

—Pijamas? ecoou o caipira. —Pra que que serve?

—Pra usar de noite, naturalmente, explicou o caixeiro. —O sr. quer um par?

—Sai daí, moço. De noite eu nunca saio. Vou logo pra cama!

—*Royal Brown*

UM FAZENDEIRO entrou numa casa de ferragens da cidade, e pediu para ver um machado. Após examinar, cuidadosamente, meia dúzia deles, acabou por escolher um, e perguntou o preço.

—Um dolar e cincoenta...

Ouvindo isso, o fazendeiro tirou do bolso uma página arrancada a um catálogo de preços de loja, para encomendas postais, e apontou, dizendo. —Olha aquí um machado igualzinho, por $1.33.

O caixeiro examinou bem o desenho, matutou um pouco, e afinal disse: —Bem, se eles vendem por esse preço, eu tambem vendo.

—Então eu levo o machado, concordou o fazendeiro.

O caixeiro apanhou o objeto, pesou-o numa balança atrás do balcão, e começou a escrever a nota de venda: $1.33 mais 15 centavos, perfazendo um total de $1.48.

—Pera aí, moço. Que negócio é esse? protestou o fazendeiro. —Que quinze centavos são esses aí?

—É pros selos do correio. Se o senhor comprasse o machado dessa casa do catálogo, tinha de encomendar pelo correio e pagar os selos, alem de esperar três dias para receber a compra, não é isso?

Coçando a cabeça, o fazendeiro teve de concordar que era. Tirou o dinheiro do bolso e pagou. O caixeiro então embrulhou o machado bem embrulhado, e calmamente colocou-o de novo na prateleira.

—Ué, cadê meu machado?

Mal disfarçando um sorriso, o caixeiro respondeu:

—O sr. volta daquí a três dias, que eu lhe dou.

—Ben Shatzman

NUM verão, há poucos anos, alugamos um pequeno sítio no campo, e depois de lá instalados, verificamos que não tínhamos meios de nos desfazer do lixo. Fui então indagar dum vizinho, velho morador na localidade, qual era o sistema que ele adotava para esse fim.

Brilharam-lhe os olhos ao responder: —Sabe o que eu faço? Aproveito a inocência dos outros...

Assim dizendo, colocou o lixo da cozinha numa caixa de sapatos, embrulhou-a e atou grosso barbante ao redor. Levou então o embrulho para a rodovia, a certa distância de sua casa, colocou-o bem no meio da estrada, e me pediu que o acompanhasse, escondendo-nos os dois atrás de uns arbustos.

Daí a pouco surgiu um automovel cujo motorista, vendo aquele embrulho tão bem feitinho e largado no meio do caminho, não resistiu à tentação, parou o carro, deu marcha a ré, apanhou às pressas a caixa de lixo, e levou-a, muito satisfeito.

—Esse daí é turista, explicou-me meu vizinho. —Com gente das redondezas eu não faço isso, porque eles já sabem do truque; mas quando vejo que é de fora, o truque não falha...

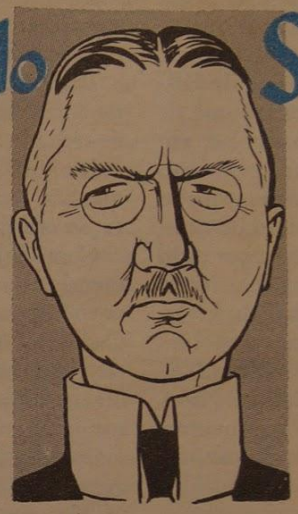
—Frederick Nebe

¶ QUANDO os homens fracassam, o que lhes faltou não foi inteligência: foi paixão.

Struthers Burt, em *They Could Not Sleep*, (Scribners, ed.)

¶ A arma secreta da Alemanha para ganhar a paz

Cuidado com Schacht!



Por Max Immanuel

(Condensado de «Barron's»)

O ALEMÃO com que se deve ter muito cuidado quando terminar a guerra é um alto e vivo homem de finanças, e figurante de tratos e negociações políticas, que acode ao nome de Hjalmar Schacht. A Hitler e ao Alto Comando, não darão guarida os Aliados. Schacht, entretanto, poderá ser aceito, conquanto não haja alemão de quem se dava mais desconfiar.

A Alemanha, desde agora, já vai preparando febrilmente a ofensiva política e econômica que deverá ter início assim que a guerra termine. Tratar-se-á de um vigoroso esforço para reter o que subtraiu da Europa conquistada, fugir a penalidades, angariar dinheiro para a reconstrução, em suma, obter, dessa ou daquela maneira, as condições essenciais ao preparo de uma terceira guerra. Não haja nenhuma dúvida de que a semelhantes atividades estará o dr. Schacht intimamente ligado.

As estações de rádio alemãs têm dado a entender, nestes últimos tempos, que Schacht não está bem visto pelos nazistas. É assim que se começa a pôr em prática o plano: assinada a paz, vê-lo-emos surgir com a aparência de um homem que, malquisto pelos nazistas por se ter oposto a eles, poderá responder pelo encargo de reconstruir a Alemanha em linhas de todo modo democráticas...

Eu sei como Schacht manobra, e o que pensa de fato, no íntimo. Com ele estive em contacto durante dez anos, quando ele ocupava a presidência do Reichsbank. Víamo-nos, um ao outro, diariamente. Quantas vezes lhe ouví estas palavras, que tinham nos seus lábios o carater de uma prédica favorita: «Ponha de parte o seu idealismo. Enriqueça; procure, em seguida, conquistar força política—e não deixe que coisa alguma se anteponha em seu caminho.»

Schacht constitue uma armadilha que, se conseguir iludir os que nela cairem, levará afinal pelos ares os sonhos de após-guerra. Uma das circunstâncias que o tornam mais perigoso é a de que conhece muito bem os Estados Unidos, gozando de boa reputação mesmo entre os americanos. O pai trouxe-o, pequenino, para a América do Norte, e, assim, passou ele em Nova York boa parte da infância.

Aos doze anos, voltou para a Alemanha com a família, mas continuou a visitar, com relativa frequência, os Estados Uni-

QUANDO HITLER subiu ao poder em 1933, o dr. Max Immanuel demitiu-se do cargo que ocupava no principal banco alemão, o Reichsbank, e tornou-se consultor econômico de companhias americanas que se dispunham a empregar capitais na Alemanha. Avisou-as de que a guerra se achava em preparativos, e preveniu-as contra bom número de negócios alemães, evitando-lhes assim a perda de grandes somas. Trabalha agora na elaboração de uma biografia de Schacht.

dos, falando correntemente inglês, sem ter esquecido as peculiaridades da linguagem coloquial americana. Em 1931-1932, percorreu o país, como emissário de Hitler, que então se encontrava a pique de empolgar o poder na Alemanha, e, em conferências que realizou nas principais cidades, disse aos seus ouvintes que o *Fuehrer* era um crente convicto do capitalismo, um liberal, e, em tudo e por tudo —excelente pessoa. A amigos em Nova York, declarou: «Está subindo na Alemanha um homem que é maior que Napoleão, e tão grande como Cristo.» Numa conferência no Town Hall de Nova York, anunciou o advento do governo mais pacífico, ou mais amigo da paz, de que haveria notícia na história da Alemanha.

Dotado de qualidades de sedução pessoal verdadeiramente extraordinárias, e, dir-se-ia, um gênio de argúcia, fez inúmeros amigos, sobretudo nos círculos financeiros e dos grandes negócios, muitos dos quais, é com pesar que o digo, ainda o honram com a sua confiança

Têm-se repetido ultimamente suas idas à Suiça. (O fato de que se move livremente, nas atuais circunstâncias, é prova de suas boas relações com o nacional-socialismo.) Em Basiléia, não há muito ainda, esteve em palestra com importante figura dos meios bancários americanos; e agentes seus têm tido outras conversas em Lisboa, Madrí e Buenos Aires.

Tambem é sabido que, recentemente, sugeriu Schacht fosse a indústria germânica entregue, depois da guerra, a uma comissão de industriais ingleses, americanos e alemães, sendo em troca permitido à Alemanha escolher o seu próprio governo, e conservar seu parque industrial.

Recebida com frieza a proposta, surgiu Schacht com outra, segundo sei por telegramas particulares, de fonte segura, em Londres: afrouxar-se-á a resistência alemã a oeste, de maneira a permitir que os exércitos ingleses e americanos cheguem a Berlim antes dos russos. Tanto mais é de acreditar em tais informações, quanto é verdade que os russos, que não têm ilusões quanto a Schacht, é bem possivel que não tivessem tambem nenhuma hesitação em liquidá-lo.

Como quer que seja, porem, a real ofensiva da paz é a que deverá desenvolver-se depois de cessadas as hostilidades Os líderes nazistas, por essa ocasião, estarão ocultos ou presos, e os generais desarmados. Será então que o meu velho amigo Schacht, arrancando da lapela as suásticas, e a transbordar de cordialidade, meterá mãos à tarefa de evitar que os Aliados tirem da sua vitória os devidos proveitos.

Depois da inflação germânica, seguinte à última guerra, banqueiros de toda parte, com uma fé ilimitada na capacidade e nos recursos do povo alemão, se manifestaram pressurosos em fornecer-lhe dinheiro. Entraram assim no Reich somas formidaveis, em operações para as quais contribuiam pequenos prestamistas, dos Estados Unidos, da Inglaterra, da América Latina. Foi com todo este dinheiro— do qual muito pouco voltou aos bolsos dos seus donos—que os alemães construiram esplêndidas estradas, e as mais belas instalações industriais da Europa.

Sabe-se o que em seguida se passou. Schacht recusou-se formalmente a pagar os juros dos títulos dos empréstimos externos, forçando-lhes a baixa, para o fim de adquirí-los a preços ínfimos. Não descansou, por outro lado, enquanto não destruiu os planos Dawes e Young para o pagamento, pela Alemanha, das reparações de guerra. Daí resultou a moratória Hoover, suspendendo o pagamento, que nunca mais se restabeleceu, das ditas reparações. Passou Schacht a lutar por que a moratória se estendesse aos empréstimos privados, quando era evidente que o Reich estava em condições de pagá-los. Com êxito ainda aí, ficou aberto o caminho para a ascensão de Hitler, e consequentemente, a nova guerra.

Quase todas estas operações, realizou-as ele no seu posto de presidente do Reichsbank, sob o regime republicano da Constituição de Weimar. Deixou, porem, aquela presidência, logo que teve por certa a subida de Hitler ao poder. Desencadeou então uma série de ataques brutais contra os seus antigos companheiros de atividade e trabalho. Com a chegada dos nazistas, os homens da República tiveram que pôr-se em fuga, ou foram presos, ou mortos. Estes homens tinham sido amigos de Schacht; haviam-lhe dado a mão, ajudando-o em horas dificeis. Não ele, porem, que lhes prestasse agora a menor das atenções. Passou tranquilamente para o outro lado, juntando-se aos que subiam no meio de tanto estrépito.

Tendo Hitler, como tinha, necessidade de uma figura de proa, de alguem que fosse bem recebido pelos círculos financeiros e dos altos negócios, não teve dúvida em fazer de Schacht o ditador econômico do III Reich. Schacht então emprestou aos jovens desordeiros de camisa marron, da *Bierstube* de Munique, uma aura de respeitabilidade que se tornou muito util ao estabelecimento do novo governo.

Contando hoje 67 anos, é ele um tipo esquisito, senão um tanto ridículo. Alto, de quase um metro e noventa, orelhas de Clark Gable e cabelo cortado à moda militar, usa roupas frouxas e mal tratadas, e, invariavelmente, um colarinho branco lustroso de celulóide, de cerca de 10 centímetros de altura. Este colarinho é como de sua marca registada. Gustav Stresemann, antigo ministro das Relações Exteriores, costumava dizer que era a única coisa limpa que se via em Schacht...

Nas suas relações pessoais, as maneiras de Schacht variam com a situação da pessoa com quem esteja tratando. Para os seus subordinados, é áspero e implacavel, e chega a ser muitas vezes, para os seus opositores, intoleravelmente grosseiro. Diante entretanto daqueles, dos quais dependa ou precise, será capaz de tornar-se verdadeiramente encantador. No filme *Missão a Moscou*, aparece como um sujeito atencioso e correto que não pouparia esforços para deixar à vontade o seu interlocutor.

Em meados de 1939, esteve ele em visita à França e à Inglaterra, e, não só advertiu as duas chancelarias da iminência do conflito, senão mesmo murmurou, é claro que «na mais estrita confidência», os pormenores e particularidades da máquina militar nazista. Era a contribuição que prestava à guerra de nervos que Hitler esperava ser bastante para conservar os dois paises em atitude discreta, e sobretudo pacífica.

O paradoxo da carreira de Schacht é que, embora muita gente não ignore a sua propensão para trair, e a facilidade com que o faz, nem por isto deixou ele de manter-se no exercício de altas posições. O marechal Goering definiu bem as coisas quando o descreveu como sendo «malquisto, não desejado, *indispensavel*». Alvo de ódios e desconfianças dentro do partido nazista, particularmente detestado por Goebbels e Himmler, nunca foi eleito membro efetivo do nacional socialismo, se bem que Hitler afinal lhe desse a condição de honorário. Na intimidade Schacht alude ao seu distintivo nazista, chamando-o de comenda salva-vidas.

Começou Schacht como empregado

modesto de um banco de Berlim. Mas subiu com tal rapidez que, já no princípio da primeira guerra mundial, era nomeado assistente do governador civil da Bélgica ocupada. Deu bom desempenho ao cargo, até que seus chefes descobriram que, surgindo certos negócios destinados a ser divididos igualmente entre todos os bancos alemães, ele os encaminhava unicamente aos seus antigos patrões.

Mais tarde, valeu-se Schacht da sua posição de chefe do Reichsbank, para acumular boa fortuna, jogando secretamente em negócios de bolsa na Suiça. Constituiu-se, ao mesmo tempo, corretor secreto de várias empresas fabrís, usando em seguida de sua influência para que as agências do governo lhes comprassem os produtos.

A história das manipulações econômicas de Schacht, que tornaram possivel a renascença da máquina militar alemã, é complexa demais para ser exposta por miudo. Registe-se, em todo caso, que foi Schacht quem centralizou as exportações, e desenvolveu o sistema de permutas de mercadorias pelo qual pôde a Alemanha obter petróleo e minerais indispensaveis à guerra, em troca de baratos brinquedos e máquinas fotográficas.

Inventou tambem os marcos de compensação, e outros truques monetários. Um país que era pago em tais moedas, só poderia empregá-las na Alemanha, ou em mercadorias alemãs, visto que não tinham valor algum em qualquer outra parte.

Fez Schacht, certa vez, «uma investigação de pilhagem» dos estados balcânicos, levantando uma lista de tudo o que poderia ser usurpado, em produção e recursos financeiros. O relatório causou espanto aos próprios endurecidos nazistas, que lhe observaram não se ter alí deixado sequer uma tonelada de provisões para atender às necessidades das populações locais. «Ah, meu Deus, mas será forçoso que eles comam?» exclamou Schacht.

Pelas alturas de 1937, o exército alemão era uma nefasta realidade, e os alicerces de Schacht estavam consolidados. Recolheu-se ele então, ostensivamente, a criar porcos na penumbra e no retiro da sua propriedade rural.

Todas as fontes de informação, dignas de confiança, concordam em que, finda a guerra, seja quem for que vá governar a Alemanha, encontrará Schacht no seu cotovelo, ou a pender-lhe do pescoço.

Assim como ele conseguiu adoçar os efeitos da derrota, depois da última guerra, e em seguida tornou possivel a ascensão de Hitler, assim tambem, acredita, há de encontrar meio e modo de reproduzir a manobra. Desordenadamente ambicioso, e confiante, sem limites, em si mesmo, é certo que estará vendo, no fim da presente guerra, uma nova oportunidade de servir ao desejo, que o atormenta, de ainda vir a ser o superhomem, o todo-poderoso do Reich.

¶ Um apologista das conciliações perguntou certa feita a Georges Clemenceau se o ódio, que este nutria pelos alemães, era fundado no conhecimento que tinha dos mesmos. —O sr. já foi à Alemanha? perguntou.

E «o Tigre» respondeu:

—Não, *monsieur*, nunca fui à Alemanha. Mas os alemães já vieram à França duas vezes em minha vida.

Beverley Baxter, *Men, Martyrs and Mountebanks* (Hutchinson, editor)

Tenho 50 anos... e a vida não me pesa

(Condensado do «American Magazine»)

Por Dorothy Canfield

O leitor conhece porventura o caso daquela garotinha, que certa vez perguntou em casa se «a gente não se sente esquisita quando cresce»? Pois esse caso me ocorre à memória todas as vezes que alguem me pergunta como eu me sinto, agora que entrei para o rol das pessoas de meia-idade. A resposta é muito simples. Na realidade, chega-se aos cincoenta anos e não se sente diferença alguma.

Naturalmente, eu não sou nenhuma exceção às leis da natureza, que fazem de uma mulher aos cincoenta anos uma criatura bem diferente do que era aos vinte... Assinalemos logo a grande diferença que tem servido de tema a tanto poema impregnado de sentimentalismo: a inexoravel perda da maciez da pele, do esplendor e viço da mocidade. Entretanto pergunto: por que essas perdas me impressionaram tão pouco?

A conflagração mundial de 1914-18 me deu, nesse sentido, uma lição proveitosa. Por esse tempo eu me achava na França, prestando socorros aos flagelados da guerra, e embora estivéssemos fazendo tudo ao nosso alcance para minorar seus sofrimentos, já estávamos extenuadas e ansiávamos por auxiliares. Essas auxiliares, para serem valiosas, tinham antes que ser enérgicas, perseverantes e humanitárias. Bem cedo, tivemos que recusar jovens de olhos brilhantes e cabelos luzidios, mas, não raro, frívolas e irresponsaveis, que se alistavam pelo prazer da nova aventura. Naturalmente no nosso mister não lhes poderíamos oferecer aquela qualquer coisa de excitante, sem o que não lhes seria facil aturar um trabalho longo e penoso. Será justificavel a desconfiança de que falhariam na emergência? Aparentemente, pelo menos, não poderiam preencher essas posições, pois que não tinham o sentido da responsabilidade, que, muitas vezes, inexistente na juventude, é dom natural da idade adulta.

Lembrando-me da simpatia que eu tinha, nesse tabalho de guerra, pelas mulheres de meia-idade, de trato afavel, das quais podíamos depender para qualquer serviço, embora exhaustivo, eu agora não me sinto triste pensando que a humanidade já não precisa de mim... Algum poeta jovem que me lesse ficaria, talvez, revoltado diante da minha resignação... Não nos esqueçamos, porem, de que 99,5 por cento da boa poesia lírica foram escritos por jovens, que improvisavam brilhantes variações em torno de um tema para eles desconhecido...

Sinceramente: é agradavel passar da juventude para a maturidade. Uma das caraterísticas inegaveis da natureza humana é, sem dúvida, o prazer das coisas que trazem em si alguma novidade. Quando eu era moça—e lá se vão uns bons trinta anos!—passei por todas as deliciosas e naturais emoções da juventude. Como tantas da minha idade, adorava abrir as grandes caixas de flores

enviadas por algum admirador; gostava de saborear sorvetes de nozes, e estou certa de que ninguem sentia o coração pulsar mais fortemente do que eu, ao dansar com um guapo cadete. E, como nos tempos em que eu era convidada para dansar uma vez por semana, durante a temporada social da escola militar, poderia ainda hoje, que já sou de meia-idade, aceitar igual convite, com o mesmo entusiasmo de uma criança que é convidada para brincar.

Ainda agora eu me divirto jogando tenis, fazendo passeios a cavalo, patinando e praticando alpinismo, e se já não me dedico a esses esportes com o mesmo calor com que o fazia aos vinte, é simplesmente porque não os necessito tanto. Aos vinte anos, eu era como qualquer outra moça dessa idade—lamentavelmente indecisa, a maior parte das vezes incerta sobre a necessidade de existir; e, como sempre sucede com a juventude, ansiosa por provar a mim mesma o meu valor, e fazê-lo como a mocidade geralmente faz: vencendo alguem em alguma empresa.

Eis um dos prazeres da meia-idade, que, para a maioria das pessoas, passam inteiramente despercebidos: essa agradavel sensação da criatura libertar-se daquele temor que a juventude tem, de ser vencida em alguma coisa. Esta transição, diga-se de passagem, não é fruto de nenhuma magnanimidade pessoal, mas deve-se ao fato de que as pessoas de mais idade, e otimistas, encontram boa justificativa para a existência na oportunidade de desempenhar algum cargo ou missão, que o mundo lhes oferece, e para o que elas parecem ter a devida competência.

Um velho tio meu, quando seu gato se aboletava na sua cadeira favorita, costumava ir sentar-se em outro lugar e lá deixar o bichano dormindo tranquilamente. E quando nós o criticávamos por isso, ele respondia filosoficamente: «Um gato tem tão poucos prazeres na vida, comparados com os meus, que me parece justo deixá-lo em paz.» Eu tenho esse mesmo sentimento pelo garoto que, nos torneios de patinação, sempre me vence; gosto de observar como ele saboreia sua vitória sobre alguem. No entanto, há tantos outros modos de sentir prazer, que ele na verdade ignora! Assim é que eu posso gozar, conciente e desinteressadamente, certos aspectos físicos do esporte, como, por exemplo, a elegância dos movimentos, a vertigem da velocidade, o vento assobiando nos meus ouvidos, e, mais alem da paisagem, a contemplação das árvores engalanadas de flocos de neve. Eu me deleito com essas coisas, mais do que o garoto, ou mesmo mais do que quando eu era moça, pois nesse tempo meu único objetivo era tambem vencer os meus competidores.

Recapitulando os fatos, eu não quero na verdade convencer ninguem de que, aquí, no meu recanto junto ao lago, eu me divirto mais do que o jovem citado. Naturalmente ele se está divertindo agora com as emoções violentas do esporte, emoções que mais tarde com os anos se arrefecerão... Bem comparado, seu inebriamento físico não é tão intenso quanto o de um grupo de crianças sorridentes, que estão alí deslizando à beira do lago. Isso explica, pois, que seja qual for a nossa idade, há sempre na vida um ângulo que nos desperta um vivo interesse.

Valho-me da patinação, é claro, como um símbolo, para demonstrar como a vida é encarada em diferentes idades. Em relação ao que acima expús, eu posso dizer que, sendo a mais idosa das pessoas do grupo, sou a única a observar que *todos* se estão divertindo. O jovem que me vem servindo de exemplo pode parecer uma pura maravilha para a criançada que o segue com os olhos, incluindo aquelas que não estão patinando; ele entretanto nem sequer lhes presta atenção, pois se lembra que quando era da sua idade já sabia patinar. Mas é bem real a pena que ele sente do «bobalhão» que está patinando com uma pequena e tem de guiá-la. E indubitavelmente se penaliza muito com aquela mulher de cabelos brancos, que, conseguindo dar umas voltinhas sobre o gelo, tem a ilusão de que está patinando. De outro passo, para os jovens que patinam romanticamente de mãos dadas com suas prediletas, esses rapazes que se divertem alí, sem companheiros, jogando *hockey*, estão gastando seu tempo inutilmente. Mas, pensam ainda, observando as pessoas idosas que patinam, que deve ser horrivel chegar-se à velhice, e viver já tão longe do amor...

O erro, como vemos, está em que os jovens não olham o futuro, com confiança. Têm medo de o fazer. Estão tão inebriados com o presente, que o que não podem obter nessa fase da vida lhes parece para sempre perdido.

Será verdade, como se costuma dizer, que a mocidade é a quadra mais feliz da vida, porque nela se vive de ilusões e esperanças, ao passo que a velhice vive de recordações? Nada disso! A diferença está em que as esperanças podem variar, percorrendo toda a gama de emoções, quando as recordações já são fatos acontecidos, de cuja evidência não podemos fugir. Mas quem disse que a velhice não tem tambem suas esperanças, quando, não importa quais sejam a idade e as nossas aflições, podemos ainda merecer esse ambicionado presente da caixa de surpresa de Pandora? Do berço à sepultura todos dizem sempre a mesma coisa: «Errei, mas aprendí. De agora em diante, tudo que tentar será bem feito.»

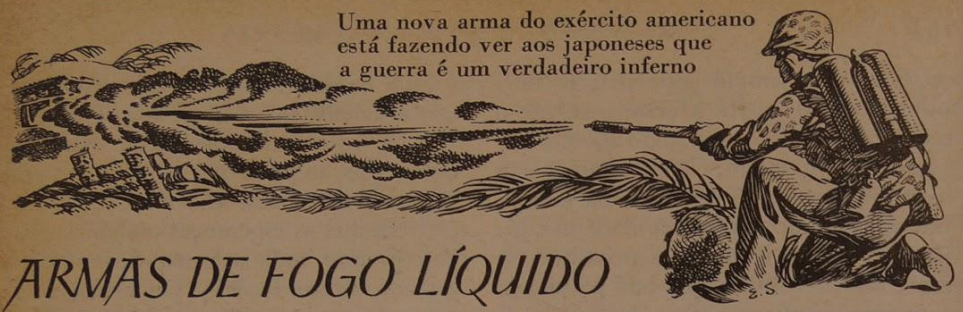
Tendo chegado a uma idade que me parecia tão desoladora aos vinte, como me parece agora o alcançar os oitenta, e, percebendo que os meus hábitos e desejos se adaptaram a cada uma das fases da minha vida, estou certa de que, seguindo o compasso dos anos vindouros, eu me sentirei a cômodo dentro deles, sem me chocar com os acontecimentos que o destino me reserve.

Mundo de pernas para o ar

¶ O CABINEIRO do elevador de um grande edifício de apartamentos em Nova York anunciou um dia aos inquilinos que ia deixar o emprego, explicando: —O senhorio me trata do mesmo jeito que trata os senhores.

¶ UMA DONA de casa enviou à lavanderia a sua melhor toalha de mesa de cor, e dois dos respectivos guardanapos. Quando voltaram, estavam tristemente desbotados. Furiosa, foi à lavanderia, e aí entrou na fila de reclamantes. Ao chegar sua vez, explicou o caso à empregada encarregada das reclamações, e esta lhe informou, com toda a seriedade do mundo: —Bem, madame, se a senhora trouxer os outros guardanapos, nós podemos mandar desbotá-los pra ficar iguais aos dois primeiros...

Marcia Winn, no *Tribune* de Chicago



Uma nova arma do exército americano está fazendo ver aos japoneses que a guerra é um verdadeiro inferno

ARMAS DE FOGO LÍQUIDO

(Condensado do «American Legion Magazine»)

Por Holman Harvey

OS ESTADOS UNIDOS possuem uma nova arma de fogo cujo projetil pode fazer a volta de uma esquina. Aperfeiçoada pelo exército, e posta a prova pelos fuzileiros navais durante as suas operações de desembarque, tornar-se-ia famosa nas praias ensanguentadas da Nova Geórgia, em Bougainville, em Tarava, no Cabo Gloucester, e nas ilhotas do arquipélago Marshall. É uma arma terrivel. Trata-se do M1-A1, o novo lança-chamas dos Estados Unidos.

Acabei justamente de falar com dois fotógrafos combatentes do corpo de fuzileiros, que figuraram na primeira onda de assalto da invasão de Tarava, e viram os japoneses, sob a ação do M1-A1, fugir apavorados dos fortes e trincheiras, alguns dos quais semi-enterrados no solo, e quase inatingiveis. Em numerosos pontos, foi a única arma capaz de efetivamente expulsá-los. Tudo o mais fracassara—granadas navais de 16 polegadas, bombas, e até dinamite.

Os soldados descreveram-me o assalto a um destes fortes, depois que várias cargas de explosivo tinham sido lançadas contra ele, sem resultado algum.

Dois fuzileiros avançaram rastejando cautelosamente em direção ao forte, que era pouco elevado, procurando ocultar-se o mais possivel. Um deles carregava um longo fuzil de estranho aspecto, cujo torto cano se achava ligado por três tubos flexiveis a três cilindros de metal que trazia presos às costas. Ia seguido de perto pelo outro, que lhe servia de assistente, pronto a manejar as válvulas do cilindro, por não se acharem estas ao seu alcance, ou a tomar-lhe o fuzil num caso de emergência.

À medida que avançavam, engatinhando aqui, rastejando acolá, os demais fuzileiros procuravam distrair a atenção do inimigo abrindo fogo diretamente sobre as pequenas aberturas do fortim.

Os dois outros, enquanto isto, atingiram por fim o ponto, cuidadosamente escolhido, que lhes fora indicado de antemão. Ficava a pequena distância do muro, mas não demasiado perto, muito para cá de uma das canhoneiras, e fora do alcance do fogo japonês. Podiam agora ajoelhar-se, e até ficar de pé, sem correr grande perigo.

Colocaram o fuzil em posição abrindo logo as válvulas. Imediatamente saiu-lhe da boca uma chama alongada em forma de vareta, a qual, com terrivel velocidade, foi lançar-se de encontro à face interna da canhoneira e como uma bola de bilhar, passou para dentro do forte. O M1-A1 fazia a volta da esquina; quase em ângulo reto.

Dentro de alguns segundos, estava tudo acabado. A enfrentar outra explosão

como aquela, alguns dos japoneses, no forte, preferiram fazer saltar os miolos. Outros correram para fora, com os uniformes incendiados, e os cartuchos a explodir das cartucheiras como fogos de estalo. Os poucos a sair armados receberam ainda um pequeno esguicho do fuzil. Ficaram reduzidos a cinzas como um inseto que se atira de encontro a uma chama.

O M1-A1 é uma arma de duplo efeito. Sendo o primeiro fuzil lança-chamas do mundo, capaz de lançar um combustivel sólido, atingindo e incendiando o objetivo com uma violência tremenda, pode prestar-se tambem ao lançamento de combustivel líquido, como fazia o M1, seu predecessor. Os resultados obtidos pela aplicação dos dois combustiveis são inteiramente diversos, podendo estes ser utilizados para fins específicos. O combustivel líquido sai da boca do fuzil em volumosas ondas de chama e fumaça. Depois de percorrida uma distância de uns 15 ou 18 metros, o combustivel, largamente difuso e misturado com o ar, estará consumido, e a chama se apaga.

O combustivel espesso, entretanto, forma uma espécie de corrente sólida, com o aspecto de uma vareta. A trajetória que descreve é como a de uma bala traçadora. A superfície da corrente que se ateia ao sair da boca do fuzil é como ferro em brasa. O mesmo não se dá com a parte interna do combustivel, que se vai consumindo pouco a pouco, à medida que a corrente ígnea avança em direção ao alvo. Dentro do seu alcance, um núcleo de combustivel, espesso e pegajoso, ainda não queimado, mas já em ignição, atinge o objetivo com grande força, e, dispersando-se, adere como cola ao que quer que toque, queimando até consumir-se, o que leva por vezes vários minutos. Pode ser lançado com espantosa precisão, por passagens estreitas, apesar do fuzil não ter alças de mira, e funcionar apoiado sobre os quadrís.

Para abrigos, trincheiras e ninhos de metralhadora, o combustivel líquido, com sua chama difusa e fumarenta, ainda é o preferido. Salta por sobre os parapeitos, descendo em rolos de fumaça, e espalhando-se em todas as direções, com viva intensidade. Pode ser lançado através de portas, janelas, ou canhoneiras de certas dimensões. Serve ainda para encobrir aos olhos do inimigo os pelotões de assalto que costumam seguir de perto.

O combustivel líquido oferece, todavia, alguns inconvenientes—seu alcance é relativamente curto, o que obriga o artilheiro a aproximar-se muito do adversário, antes de abrir fogo; a chama dura pouco, e é dificil controlar-lhe a exatidão, quaisquer que sejam as condições do vento. Alem disso, a chama e a fumaça são visiveis a muitos quilômetros de distância, quer de noite quer de dia, e atraem o fogo inimigo.

Para o ataque a fortins, e fortificações outras, os fuzileiros navais dão preferência ao M1-A1 carregado de combustivel denso. Dizem que é muito mais seguro, devido ao seu alcance quatro vezes maior, ao fato de que é muito menos visivel, e à sua maior resistência ao vento.

O combustivel do M1-A1 é transportado em dois recipientes firmemente amarrados às costas do atirador, e entre os quais há um cilindro de ar comprimido. Este, expelido gradualmente, através de um regulador automático, projeta o combustivel do fuzil com grande violência.

Na boca do fuzil, há um combustor que recebe hidrogênio de um quarto cilindro, muito menor, preso ao lado inferior do cano. O hidrogênio é inflamado eletricamente e atua como chama-piloto, ou de guia.

Os depósitos de combustivel não podem ser reenchidos, quando em ação, pois se trata de operação demasiadamente perigosa. São carregados em áreas à retaguarda, onde podem ser tomadas medidas de precaução. Ao esgotar-se a carga de combustivel de um lança-chamas—e esta não dura muito—vem outro substituí-lo. Fazem fogo, geralmente, numa série de disparos de dois segundos.

O atirador abre fogo apertando o gatilho que se encontra na parte de cima, mais ou menos no meio do cano. Serve-se para isto da mão esquerda, segurando a coronha com a direita, mais ou menos à altura da coxa. O cano é levemente arqueado para baixo, afim de facilitar a mira.

Os atiradores que manejam os lança-chamas são cuidadosamente escolhidos. Precisam de um treinamento técnico especial para servir-se de uma arma tão complexa. Devem ser, alem disso, homens robustos que possam transportar, sem esforço, um equipamento que pesa cerca de 30 quilos. É mister ainda que possuam a audácia dos Comandos, pois a tarefa que lhes cabe é uma das mais perigosas da guerra.

Os cilindros, às costas de um soldado, dão-lhe à silhueta um aspecto já familiar ao inimigo, que tudo fará por detê-lo. Ao aproximar-se lentamente do objetivo, corre graves perigos. Os fuzís inimigos podem ser silenciados pelo fogo dos companheiros que o acompanham de longe, mas há sempre como atirar granadas de mão através de uma canhoneira, mesmo sob uma chuva de balas.

Os alemães introduziram um lança-chamas na primeira guerra mundial e os aliados não tardaram a contar com outro. Nada, todavia, de maior, daí resultou e poucas vezes utilizaram em combate a referida arma. O seu alcance máximo era de 15 metros, o que não a tornava preciosa na guerra de trincheiras daquele tempo.

As novas trincheiras de um só homem adotadas pelos nazistas constituem já outro problema, sendo o MI-AI talvez a solução ideal, e o melhor meio de reduzir-lhes a eficiência com um mínimo de custo. Os alemães empregaram lança-chamas no espetacular assalto à fortaleza belga de Eben-Emaell,* onde os respectivos atiradores, carregados do combustivel, entraram pelas canhoneiras ocultos por granadas de fumaça.

Mas o atual lança-chamas dos Estados Unidos é muito superior aos que foram empregados contra o exército americano pelos alemães e os japoneses.

*Vd. «Como caiu a inexpugnavel fortaleza belga», Seleções, outubro de 1942.

Lógica de barril de chope...

JUNTO ao balcão, o homem acabou de beber seu segundo copo de cerveja e virou-se para o gerente do bar. —Quantos barrís de chope vocês vendem aquí por semana?

—Trinta e cinco, respondeu, vaidoso, o gerente.

—Pois bem. Eu sei de um sistema para você vender setenta.

Interessado, o gerente perguntou como era isso possivel.

—Simples: basta encher bem os copos...

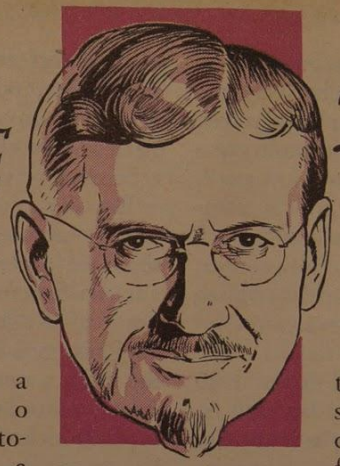
Oscar Schisgall

«Não deveria existir mortalidade no parto,» declarou este fanático pioneiro da obstetrícia moderna

DE LEE

Paladino da moderna obstetrícia

Por Paul de Kruif



ATÉ DEZ anos atrás a maternidade era o mais perigoso de todos os misteres. Hoje, a poderosa ciência da segura obstetrícia está fazendo baixar de 50 por cento o número de mortes provenientes de parto, reduzindo, ao mesmo tempo, o total de crianças que nascem mortas, ou morrem pouco depois do nascimento.

Durante mais de meio século, boa parte daquela ciência, embora já existisse, não era posta devidamente em prática. Foi Joseph B. De Lee, mais que qualquer outro homem, quem despertou o espírito dos médicos americanos para a noção ou a *convicção* militante de que não havia motivo para que as parturientes continuassem a pagar semelhante tributo pelo ato natural de dar à luz.

De Lee não somente reconheceu os erros fatais em que ele próprio incidira, mas insistiu em pô-los bem a nu. Através de duas gerações, disse em voz alta, para que todos ouvissem, que sua e dos seus colegas era a responsabilidade pela morte, anualmente, nos Estados Unidos, de 25 mil mães, e mais de 150 mil bebês. Este judeu alto, grisalho, de olhos negros penetrantes, como que encarnou a consciência dos parteiros americanos.

Era um homem estranho. Retraido, senão impenetravel, para sua própria família, havia entretanto nele uma ilimitada simpatia humana que se concentrava sobre as mães quando chamadas ao sacrifício do parto. Só para elas se abria em expansões de acolhimento. As parturientes adoravam-no, vendo nele um homem afavel, humano, carinhoso, e até alegre.

No decurso da sua carreira, ganhou De Lee muito dinheiro, assistindo no trabalho do parto senhoras ilustres de três continentes. Levava, porem, a mais modesta das vidas, de modo a poder gastar no que era a sua única paixão—inocular no ânimo dos jovens médicos o amor da indagação ou do saber, e a determinação obstinada de dar combate à morte.

Veio de origens humildes. Mas o pai, mercador ambulante, e os dez irmãos e irmãs, dir-se-ia tiveram a intuição de que aquele seria o membro da família a quem estava reservado algum lugar na história. Encaminharam-no para a Escola de Medicina de Chicago. Já aí começou a distinguir-se pelo rigor com que tomava a sério as obrigações, os estudos, avesso a pândegas e vadiagens.

Antes mesmo de formar-se, em 1891, sentiu-se tomado de indignação contra o incrivel escândalo da febre puerperal, que então matava, por ano, nos Estados Unidos, 10 mil parturientes. Seu professor, W. W. Jaggard, esclareceu em aula que a morte, em tais casos, vinha

sempre do exterior, como produto de uma infecção, que teria, é claro, alguma causa, ou pela qual havia um responsavel. Parecia a De Lee um despropósito que tudo aquilo lhe fosse apenas *dito*, isto é, apenas exposto por *palavras*. Os estudantes recebiam o grau de doutor em medicina, e iriam depois, na clínica, assistir parturientes, sem nunca ter visto um parto. Como seria possivel armá-los de antemão para essa luta?

Como interno no hospital do condado de Cook, teve De Lee o seu batismo no fogo da febre puerperal, que ia lavrando, como epidemia, através das enfermarias da suja e superlotada Maternidade. Por aqueles dias, os «melhores» médicos não aceitavam, para acompanhar, casos de parto, e muitos dos que se dispunham a assistir parturientes eram ignorantes e desatentos. Porque, perguntava De Lee, encarar o parto com tal desprezo médico, quando a verdade é que mata mais do que o cancer?

À procura de resposta para as interrogativas que o alarmavam, empreendeu uma viagem a Viena; e alí teve ocasião de inteirar-se de que o meio prático de prevenir a febre puerperal havia sido encontrado, quarenta anos antes, por um húngaro de gênio, Ignaz Semmelweis, o qual verificara não ter sido senão ele mesmo quem levara a infecção, das salas de autópsia para as parturientes. Provou então que uma medida tão simples, como fosse a de limpar completamente as mãos, por meio de antissépticos, bastaria para evitar que as mesmas se convertessem em veículo de morte.

Escusado será dizer que De Lee, de regresso a Chicago, veio disposto à luta. Aí havia hospitais bem equipados, com o aparelhamento moderno para combate ao micróbio, inclusive luvas de borracha para preservar da infecção. As parturientes, entretanto, em condições de falta de higiene, por assim dizer, medievais, continuavam a dar à luz, entregues a parteiras ou charlatães, como se Pasteur e Semmelweis nunca tivessem vivido.

Em 1897, aos vinte e oito anos, foi De Lee nomeado professor da depreciada seção de obstetrícia do estabelecimento em que fizera os seus estudos médicos, e que era, já agora, a Escola de Medicina da Universidade Northwestern. Coube-lhe assim a oportunidade de, em vez de *falar* aos estudantes em parto, ou dar-lhes explicações em figuras de madeira, levá-los, em pessoa, às trincheiras, na própria linha de frente do combate, onde maior se apresentava o perigo, nos hospitais, e casas dos bairros mais abandonados, e de gente de menos recursos.

O seu orçamento de ensino era zero. Ele fez entre os estudantes uma coleta de três dólares e meio, e pagou esta quantia a uma parturiente que veio a ser a primeira mulher em Chicago a permitir que os estudantes de medicina acompanhassem praticamente um parto. Angariando aquí e alí pequenos donativos, De Lee mandou limpar de baratas e percevejos quatro salas de uma sórdida casa de aluguel da rua Maxwell, e criou uma clínica obstétrica, de que era ele mesmo todo o pessoal, pespegando-lhe um letreiro: Dispensário para Parturientes de Chicago.

A vizinhança nem sabia ao certo o que tal nome significava. Teve ele então que pregar na parede um boletim ou coisa que o valha, explicando que aquilo era um lugar onde as mulheres que estivessem para dar à luz poderiam ir receber assistência médica gratuita. Nenhuma, porem, lá foi. Aquela história de um médico a oferecer os seus serviços de graça, parecia tapeação...

Saiu então De Lee a descobrir quais eram as mulheres, no bairro, que esperavam ter criança; e invadia as casas das mais pobres, convencendo-as da importância dos cuidados prévios, no caso. Depois, com o auxílio de estudantes, que iam praticando, assistia-as no parto.

Tinham agora os alunos ocasião de ver como são simples, «normais», noventa por cento dos partos; e como, por outro lado, pode uma parturiente, quando menos se imagina, estar às bordas da morte.

Do seu mestre fanático, aprenderam os jovens médicos a apreciar a dignidade científica da obstetrícia, ciência orfã, desprezada pelos doutores. De Lee os eletrizava pela segurança imperturbavel com que enfrentava tais crises. Mostrava-lhes como a limpeza, nas devidas condições, poderia zombar da febre puerperal; como era possivel controlar as forças terriveis da contração uterina, evitando que delas resultassem bebês estropiados; impressionava-os com o drama das vidas salvas quando ameaçadas por convulsões eclâmpticas, ou súbitas hemorragias.

Ensinava-lhes tambem os perigosos indícios que um médico de família devia conhecer, de maneira a poder apelar para o concurso de um especialista, antes que fosse tarde.

A habilidade e a abnegação daquele jovem médico parteiro não tardaram a ganhar notoriedade por todos os recantos de Chicago. Carregando a sua famosa maleta preta, circulava De Lee, sem receio, inclusive pelos bairros tradicionais do crime, e, nas casas miseraveis onde ia levar o seu socorro a mães desprotegidas, a atmosfera que o cercava era de adoração.

Para as despesas com instrumentos, curativos, drogas, exercendo, como exerceu, nos seus primeiros tempos, uma clínica de modo geral não remunerada, vivia sempre De Lee a precisar de dinheiro. Tornou-se o maior pedinte de Chicago. Mas depois começou a mostrar às senhoras abastadas que, tambem elas, se poderiam salvar de infecções, hemorragias, ou eclampsia; e maridos agradecidos entraram a pagar-lhe honorários, cada dia mais vultosos, e em seguida a fazer-lhe donativos, quando informados de que a sua renda, o médico a empregava na compra de material para desenvolver seu dispensário, consagrado ao serviço das mães pobres. Dentro em breve, não havia em Chicago nenhuma obra de filantropia que estivesse mais em voga.

Nas reuniões médicas, salientava De Lee a espantosa baixa de mortalidade que se vinha passando a observar entre parturientes que davam à luz em casas sem higiene, o que punha de mau humor muitos dos seus colegas que, embora às vezes louvando-lhe as intenções generosas, não deixavam de alegar, um tanto ironicamente, que a Natureza nunca pretendera que todas as mães fossem salvas. Isso o enchia de indignação.

Os hospitais de policlínica—como eram os daquele tempo—mereceram-lhe vivos ataques. Narrou como, num destes hospitais, aliás famoso, perdeu duas parturientes e um bebê, vítimas de infecção. Acusava-se a si mesmo de ter sido o matador. Porque? Porque tivera a insensatez de pensar que um hospital geral, mal administrado, era lugar seguro para um parto.

Explicou, em termos claros, como os micróbios, das salas de medicina geral e cirurgia, iam ter às de maternidade. Pus e líquidos infectados pingavam no chão, e o pó em que, ao secar, se convertiam, levava os micróbios mortíferos, pelos canais de ventilação, até as enfermarias onde a eles se achavam expostas as parturientes. Só havia um meio seguro de combater a febre puerperal: era afastar as maternidades dos hospitais gerais, os quais não passavam, disse, muitas vezes,

de verdadeiros reservatórios de infecção.

Os extremos a que levava as regras de limpeza não conheciam limites. Exigia, em casa, das criadas, que usassem máscaras e luvas de borracha, ainda quando tinham a preparar o mais simples alimentos. Nos hospitais, ele mesmo esterilizava as luvas e gaze que tivesse de usar. Certa vez, antes de se submeter, ele próprio, a uma operação, ofendeu um famoso hospital, comprando uma cama e um colchão em folha e, como depois, já na convalescença, lhe aparecesse uma bolhazinha no rosto, observou, triunfante: «Vejam; eu me devia ter operado em casa.»

Em resumo, consistiu nisto a sua ciência revolucionária, ou a sua revolução na obstetrícia: se os bebês têm que vir ao mundo em hospitais, então os respectivos edifícios devem ser exclusivamente para maternidade. Objetava-se que os hospitais especiais seriam demasiadamente dispendiosos. «Nada,» retrucava De Lee com energia, «nada se compara, em valor, à vida humana!»

Seu ardor no combate à morte contaminou alguns bons cidadãos de Chicago, e estes lhe deram um pouco de dinheiro para fundar uma maternidade, inteiramente isolada, num velho prédio de três andares. De Lee, ele próprio, ajudava a carregar as parturientes, escadas acima, para as salas de parto. Os resultados, em vidas salvas, foram tão extraordinários, que acabaram por impor-se, e daquela modesta instituição resultava, em 1929, o Hospital de Parturientes de Chicago, de reputação mundial, e do custo de quase 2 milhões de dólares (quarenta milhões de cruzeiros).

A febre puerperal ainda matava, nos Estados Unidos, na proporção de uma, para cada grupo de 400 parturientes. Mas, nas três sucessivas Maternidades de De Lee, mais de 25 mil mulheres deram à luz, *só tendo morrido uma em virtude de infecção alí colhida.*

No auge da sua fama, tinha ele 60 anos; a classe médica, seus próprios adversários, conquanto detestando-o, o certo é que o respeitavam, e tratavam de pôr em prática, nos hospitais gerais, a sua técnica de reação contra a morte.

Todavia, o grande amor de De Lee não era o novo e opulento hospital, na sua elegância gótica, mas de preferência o modesto, o velho dispensário, com que se lançara à campanha, da humildade da rua Maxwell. Dalí haviam partido 6 mil discípulos seus, que, através dos Estados Unidos, estariam a pelejar o mesmo bom combate que o empolgara. Parecia entretanto agora que aquela instituição, a que tanto se ligava a sua obra, ou antes, a sua vida, se achava condenada.

É que a grande crise econômica, que avassalava o país, se fizera sentir na receita dos dois institutos de assistência médica, e o respectivo conselho de administração decidiu fechar o dispensário. De Lee protestou com veemência, declarando que, se um dos dois teria que ser fechado, então fechassem o hospital. Não era o brilho das instalações que fazia a segura obstetrícia; era o conhecimento profundo, era, em uma palavra, a conciência, que os jovens médicos adquirem, assistindo as mães, em suas casas, do começo ao fim das fase crítica.

Mas o conselho administrativo mostrou-se intransigente. De Lee não se conformou; dispôs-se, aos 62 anos, a recomeçar a vida. Tirou dinheiro do seu próprio bolso e salvou a modesta casa da rua Maxwell que passou a ter o nome de Centro de Maternidade de Chicago.

Já lhe não era possivel bater, com a sua maleta, as ruas dos bairros pobres, com a mesma atividade de outros dias.

Chamou a postos dois jovens parteiros, drs. Harry Benaron e Beatrice E. Tucker, sem que lhes oferecesse, em pagamento, um centavo, mas apenas trabalho e fadiga. Disse-lhes: «É aquí que vocês vão aprender obstetrícia de verdade.»

Tucker e Benaron, correndo em auxílio das parturientes que davam à luz naqueles meios sórdidos, de vida miseravel, e portanto em condições da mais extrema penúria, entraram a dar uma luta que se tornou, pouco a pouco, de repercussão nacional. Em 12 anos, tinham eles transmitido a fé, para o combate, a cerca de 5 mil estudantes de medicina, médicos e enfermeiras que haviam socorrido, em Chicago, mais de 30 mil parturientes.

O caso de uma preta, completamente desamparada, pois o próprio marido a abandonara quando ela já prestes a dar à luz, pode bem servir de exemplo, para que melhor se tenha idéia do que foi aquela cruzada. Quando a turma de socorro do Centro chegou à mansarda onde vivia a pobre mulher, encontrou-a ameaçada de convulsões, a cabeça a doer, a pressão arterial subindo. Chamaram, pelo telefone, o dr. Benaron. Ele acudiu imediatamente: e, com o auxílio de estudantes e enfermeiras, metido no seu uniforme imaculadamente branco, tratou de estabelecer, no inferno de sujeira que a mulher chamava a sua casa, uma ilha de limpeza absoluta para as suas mãos, e instrumentos, como igualmente para a paciente.

Em seguida, rapidamente, sobre uma tosca mesa de cozinha, o bebê foi tirado a fórcipe, abrindo no choro clássico, que provocou o riso aos circunstantes. Mas eis que, quando menos se esperava, sobreveio hemorragia. Durante 15 minutos que pareceram dias, Benaron e seus ajudantes multiplicaram-se em esforços, até dominar a crise. Em breve a recemnascida agitava os bracinhos a chorar, assistida por um estudante, e a mãe, aparentemente salva, tornava à sua cama, sem lençol, para acolher-se ao abrigo de um esfarrapado cobertor.

Na cozinha, a turma de socorro ocupava-se alegremente em arrumar os instrumentos, para ir-se embora. É quando, porem, Benaron, vindo do quarto, pede que vão, a toda pressa, ao Centro, e tragam o estojo de emergência para hemorragia. Não era de fato nada; apenas uma pequena mancha de sangue no curativo. Como quer que fosse, Benaron insistiu: «Não percam tempo.»

Daí a pouco, e de novo na mesa da cozinha, a paciente era inspecionada, chegando-se à conclusão de que nada havia de importante. «Vocês hão de dizer que eu sou como uma velha rabugenta,» observou Benaron aos seus auxiliares fatigados. «Mas, se nós a tivéssemos deixado naquelas condições, eu não poderia dormir. O sangue combate a infecção. Para impedir ou combater uma febre, a parturiente necessita de cada gota de sangue, não podendo, pois, perdê-lo.»

De acordo com o ritual estabelecido por De Lee, voltaram todos ao quarto, afim de despedir-se da parturiente e desejar-lhe boa sorte. Estava abatida e ainda muito cansada, e, com o braço estendido, tocava o bebê que agora dormia ao seu lado. Benaron aproximou-se e sorriu para ela, que disse apenas: «Até logo, doutor,» sem palavras de agradecimento. Sua gratidão, porem, lá estava bem clara, brilhando em seus olhos castanhos.

Era a De Lee que ela agradecia. O piedoso interesse que ele sentia pelas mães e bebês fora irradiado, por misteriosa telepatia, a todos aqueles jovens obste-

tras, solícitos e amigos à cabeceira das parturientes.

Exigentes a tal ponto, ainda para salvar a mais humilde das vidas, compreende-se que os jovens parteiros do Centro de Maternidade de Chicago tenham apenas perdido, em consequência de febre puerperal, sete das 30 mil mães que tomaram aos seus cuidados. Certa ocasião, divulgou-se o extraordinário registo de que, entre 12.106 mães sucessivamente socorridas, nem uma só morreu de infecção, enquanto, no país, em conjunto, a febre puerperal ainda era responsavel pela morte de cerca de uma em cada grupo de 500 parturientes.

Tucker e Benaron não participam absolutamente do regozijo médico pelo fato de só morrerem atualmente nos Estados Unidos, por ano, em consequência de parto, 6.500 mães, contra perto de 15 mil, que era o total nas alturas de 1930, quando eles iniciaram a sua obra no Centro. Parece-lhes, ao contrário, injustificavel, o que ainda hoje acontece. Lamentam haver perdido, nos seus 12 anos de luta, vinte e nove parturientes. É verdade que, se alguns dos casos de morte por infecção ocorreram antes do aparecimento das mágicas sulfas, outros, devidos a hemorragia, se deram, antes do uso do plasma. «Vejam, pois,» comentam eles, «os registos de Le Lee. Considerem o que ele fez, sem dispor de tais armas. Quando pensamos no que se poderia ter feito, e entretanto não se fez, é dificil deixar de concluir que nenhuma destas mães deveria ter morrido.»

Esse estado de conciência outra coisa não reflete senão o apostolado de De Lee. É que os seus discípulos e sucessores não esquecem o que dele ouviram, já nos seus últimos dias, que vieram a concluir-se em 1942: «Nos meus 45 anos de trabalho, cometí quase todos os erros que é possivel cometer em obstetrícia. Eu sustento que o parto deve ser uma função *normal*, por conseguinte sem mortalidade, nem dano de qualquer ordem à mulher ou à criança.»

De Lee, hoje morto, vive entretanto ainda na conciência de milhares de médicos; e é como se ainda o víssemos em plena atividade na instituição, pobre, e para os pobres, que fundou, e que marca o passo da nação na sua luta sem tréguas, e cada vez mais coroada de êxito, contra a mortalidade materna.

A crise de empregadas

¶ Certa ocasião reuniram-se num hotel várias personalidades do cinema, afim de iniciarem uma campanha para a venda de bonus de guerra. Aglomerava-se como sempre, no saguão do hotel, uma multidão de caçadores de autógrafos. Nenhum conseguiu subir aos apartamentos das estrelas, a não ser uma moça, que foi levada às pressas a esses apartamentos, voltando depois para exibir, triunfante, autógrafos de Greer Garson, Mickey Rooney, Judy Garland, e outros. —Como é que você conseguiu? perguntaram-lhe. —Ora, foi «sopa»! respondeu a mocinha. —Mandei perguntar se precisavam de empregada...

Leonard Lyons

A película de De Mille, verdadeira obra-prima religiosa, foi vista por 600.000.000 de pessoas e agora, 17 anos depois, obteve ainda grande êxito

"Rei dos Reis" *filme imortal*

(Condensado do «Christian Herald»)

Por Gretta Palmer

A película cinematográfica vista, este ano, no domingo de Páscoa, pelo maior número de pessoas, foi provavelmente um velho filme silencioso de há dezessete anos sobre a vida de Cristo —o *Rei dos Reis*.

É ainda exibido cerca de 1.500 vezes por ano nos Estados Unidos, e centenas de cópias em rolos de 16 milímetros são empregadas pelos missionários através do mundo inteiro.

Desde 1927, não houve uma só semana em que o *Rei dos Reis* não tivesse sido exibido nalgum ponto do mundo. Foi visto ao todo por 600.000.000 de espectadores. Nenhuma outra película alcançou jamais nem metade disto.

O *Rei dos Reis* bateu um recorde desde o início. Para a sua produção, em 1927, o diretor Cecil B. De Mille fez construir o maior palco que já se viu em Hollywood. O orçamento de dois milhões e quatrocentos mil dólares, e o elenco de 6.000 pessoas, foram tambem sem precedentes.

O próprio De Mille escreveu o enredo tirado dos quatro Evangelhos e dos Apócrifos. Trouxeram da Terra Santa os espinhos da coroa a ser usada por H. B. Warner que representou o papel de Cristo. Começavam o trabalho, cada dia, com uma oração. Foi proibido fumar, e os principais atores comprometeram-se, em documento assinado, a não frequentar cabarés nem festas durante a produção do filme. Warner ia do estúdio ao camarim, onde lhe serviam as refeições, com um véu sobre o rosto.

Na noite de estréia, em 1927, no Grauman's Chinese Theater, as entradas foram vendidas por 11 dólares—duzentos e vinte cruzeiros—sendo o filme exibido alí durante seis meses seguidos, o que representava novo recorde.

Devido a uma lei inglesa que proibe a representação de Cristo nos cinemas e teatros, a película correu o risco de ser proibida na Inglaterra. Os agentes de De Mille apresentaram-na porem em sessão especial a seis bispos da Igreja inglesa e ao Conselho do Condado de Londres, e todos concordaram em que fosse exibida. Posteriormente as legendas foram traduzidas em 27 línguas, inclusive chinês, turco, árabe e hindustani—o que tambem não se repetiu até hoje.

Nas montanhas do sul, os Irmãos da Ordem Paulista exibiram o *Rei dos Reis* diante de platéias que nunca tinham visto nenhum outro filme. Há três missionários na Índia que de três em três anos pedem novos rolos. Um deles declarou tê-los já feito passar diante de 125.000 pessoas. O dono de um cinema de Bombaim pediu recentemente permissão para sincronizar a película com música indú. Diversos missionários levaram os rolos em canoas pelo Ganges acima e através do Congo. O ano passado, o *Rei dos Reis* foi exibido aos soldados americanos nas ilhas Aleutas, na África do Norte, no Irã, na Nova Guiné,

em 62 centros militares dos Estados Unidos, e num campo de concentração japonês.

Ao ser levada a película pela primeira vez na cidade de Nova York, em 1927, o conhecido jornalista Alexander Woollcott, hoje falecido, fez o seguinte comentário: «Tenho a impressão de que o *Rei dos Reis* dará a volta do globo, e de que, em 1947, as multidões ainda correrão a vê-lo». E não se enganou, de fato, ao que tudo indica.

Cenas de rua

¶ NUMA RUA de Los Angeles, a multidão era densa, quase impenetravel. De súbito, um rapaz, evidentemente apressado, talvez já atrasado para o serviço, passa correndo perto de mim, a ziguezaguear por entre os transeuntes, evitando um choque. Nesse momento o povaréu todo, que andava na calçada, parou, como se houvesse aparecido algum obstáculo intransponivel: tratava-se de uma senhora gordíssima, que calmamente parara no meio da calçada para amarrar o laço do sapato.

Pois o tal rapaz apressado não teve dúvidas. Aproximou-se do obeso «obstáculo», e, descansando as mãos nas cadeiras da criatura, «pulou carniça» sobre ela, e sumiu na multidão do outro lado...

Bernice E. Hagen

¶ NO TERRIVEL aperto do trem subterrâneo de Nova York, à hora de maior movimento, uma fragil mocinha conseguiu afinal acomodar-se, entre os passageiros que ficam em pé na parte traseira dos carros. Apesar das circunstâncias, não perdeu o bom humor, e, em dado momento, encostando a boca ao ouvido do passageiro que estava ao seu lado, disse-lhe, sarcástica:

—Minha costela estará incomodando o seu cotovelo?

B. Jacobs

¶ AO MEIO-DIA, hora em que a rua 42 de Nova York está, como sempre, repleta de gente, andava eu sozinha, quando senti que se afrouxava perigosamente o elástico de minha calça. Daí a pouco essa peça íntima foi-me escorregando para baixo, até descansar calmamente em meus pés. Horrorizada, olhei para cima e dei de cara com um simpático capitão da Força Aérea, que sorriu, divertido com o caso. Entretanto, procedeu como um cavalheiro. Sem perda de um minuto, correu ao meio-fio e, agitando os braços, apontou para o céu, gritando; «Olha alí! Olha alí!» Todo o mundo, é excusado dizer, correu a verificar de que se tratava; um ataque aéreo, talvez... Enquanto isso, pude abaixar-me sem chamar atenção, apanhar o indiscreto objeto, metê-lo às pressas dentro do casaco, e desaparecer na multidão. E ainda pude observar que o capitão, todo sorridente, afastava-se para outro lado.

Anônimo

«Nunca tive o preparo que elas têm»

(Condensado do «Baltimore Sunday Sun»)

Por Dorothy Walworth

CORNWALL — velha cidade das margens do rio Hudson, situada ao pé da montanha de Storm King—foi o berço desta história que teve início há cincoenta anos, e não terminou ainda. Quando lá estive, durante o inverno passado, ouví-a dos mais velhos, que se orgulham de trazê-la gravada na lembrança. «Ela tinha um coração de ouro,» repetiam todos com ênfase. «Quanto a ele...»

NA MANHÃ de setembro em que a história começou, os 70 alunos da escola primária e do liceu de Cornwall se achavam reunidos na sala de aulas, destinada a acomodar apenas 20 alunos, à espera da nova professora que chegara do norte—uma solteirona de mais de 30 anos, chamada Frances Irene Hungerford.

Steve Pigott, um dos alunos do liceu, era um rapazola de 17 anos, alto e magro, dedicado aos estudos, embora o pai não visse em tudo aquilo utilidade alguma. Costumava dizer-lhe, abanando a cabeça: «Você já tem idade bastante, meu filho, para deixar de lado estas bobagens.» Patrick Pigott era um imigrante irlandês, fazendeiro por profissão, e totalmente analfabeto.

Embora todos o tratassem bem, Steve percebia que não deixava de existir entre ele e os outros certa distância. Estava a cursar o seu segundo ano no liceu, e provavelmente o último. Quando os colegas discutiam sobre as carreiras que tencionavam seguir, mantinha-se em silêncio.

O que mais os surpreendeu, a princípio, foi a estatura da sta. Hungerford. Era tão pequena que, se Steve levantasse o braço em posição horizontal à altura do ombro, ela podia passar por baixo, de cabeça erguida. Andava, porem, muito espigada, e os seus olhos azues, de olhar sereno e firme, davam a impressão de que as peores ventanias não conseguiriam abalá-la um centímetro que fosse. A voz, de baixo timbre, era tranquila e aveludada, e o sorriso lançava luz em torno como uma lâmpada acesa.

Um dos primeiros gestos da sta. Hungerford foi escrever no quadro negro estas palavras da Bíblia: «Vede o homem que é diligente em seus negócios. Será exaltado perante os Reis.» A classe inteira levou a história em pilhéria: «Como se alguem, em Cornwall, pudesse aparecer diante de um rei!»

Ao cabo de uma semana, conquistara ela a estima e o respeito de todos os discípulos. Os mais maldosos se deixavam desarmar a um sorriso seu.

Todas as manhãs, os alunos do liceu e os da escola primária se reuniam na sala, para cantar em coro. Como Steve e a sta. Hungerford tivessem boa voz, os cânti-

cos dentro em pouco se foram transformando em verdadeiros duetos, entoados pelos dois, com o acompanhamento de dezenas de vozes apagadas.

Logo depois, as classes começavam. Não havendo cadeiras para todos, a sta. Hungerford cedia a sua a algum aluno ficando de pé o dia inteiro. Ensinava todas as matérias: francês, alemão, álgebra, história, inglês, etc. Dava sempre aos discípulos a impressão de estar aprendendo ao mesmo tempo que eles. «Digam-me alguma coisa sobre a Batalha do Lago Erie, estou ansiosa por saber o que aconteceu.»

Foi ela que fundou os clubes literários de Whittier e Hawthorne, onde os meninos e meninas discutiam sobre escritores e poetas, e tomavam sorvete ao terminar cada sessão. A sta. Hungerford, ao serem servidos os biscoitos, falava-lhes às vezes sobre detalhes de etiqueta. Dizia, por exemplo: «Vejamos, Stephen Pigott, se você fosse convidado para um jantar de cerimônia, o que diria logo de entrada à dona da casa?»

Todos admiravam a nova professora. «É de uma grande dedicação,» costumavam dizer quando a viam rua abaixo, ou rua acima, da pensão para a escola, de manhã cedo, e ao cair da noite, sempre de saia e blusa, com um chapéu de palha dura, e vários livros debaixo do braço. Ia à igreja duas vezes nos domingos, e acompanhava as orações em comum das quartas-feiras. Mas nunca falava em assuntos religiosos. A sua religião era vivida.

Ninguem sabe até hoje por que sortilégio a sta. Hungerford conseguia inspirar aos seus alunos tão altos sentimentos. Persuadia-os de que o mundo em que viviam era um mundo maravilhoso onde os milagres abundavam, e de que todos eles tinham muita sorte, pois eram capazes de grandes coisas. «Nunca nos tivemos em tão alto conceito como então,» disseram-me alguns dos seus antigos discípulos. E o fato é que dos bancos daquela classe sairam homens e mulheres que adquiriram posições de alto relevo em vários pontos do país.

A sta. Hungerford não poupava esforços por ajudar a todos, mas foi Steve, sobretudo, quem lhe deu mais trabalho. Não se cansava de estimular no seu jovem discípulo o amor pela leitura. «Os livros,» dizia-lhes «são portas abertas sobre todos os horizontes.» Steve começou a imaginar que uma daquelas portas talvez lhe desse entrada a uma nova existência. Numa tarde de primavera, foi lida durante a aula «A Visão de Launfal».

«Uma visão é um sonho,» disse-lhe à noite a sta. Hungerford, terminadas as aulas, quando ele estava apagando do quadro negro os últimos traços de giz. «Meu sonho é passar a vida inteira às voltas com discípulos e livros. Qual é o seu, Stephen?»

O rapazola confessou-lhe então o que nunca dissera a pessoa alguma: «Quero ser... engenheiro naval.» Esperava que ela desatasse a rir, mas, com os olhos brilhando, a professora respondeu tranquilamente: «Você *pode* ser engenheiro. A questão é querer—e querer firmemente.»

Conseguiu, pouco a pouco, inculcar-lhe confiança em si próprio. Quando finalmente, a seu conselho, Steve disse ao pai que desejava ingressar na Universidade, Patrick Pigott declarou que nunca ouvira falar em loucura semelhante. Mas a sta. Hungerford era tenaz. Ao chegar o outono, Steve entrou para a Universidade de Colúmbia, afim de seguir o curso de engenheiro mecânico.

Ganhava o necessário para seu sustento, trabalhando numa estação de bondes, cantando aos domingos no coro de uma igreja, e executando toda sorte de pequenos trabalhos. Estudava quando podia. Ao sentir-se por vezes tomado de desânimo, e prestes a renunciar aos estudos, ia até Cornwall, onde a professora lhe dava verdadeiras injeções de coragem.

Stephen Pigott tornou-se presidente da classe no primeiro ano universitário; era redator de uma publicação da escola de engenharia, e no clube da universidade fazia-se distinguir por sua voz. Foi eleito membro de uma associação de estudo do grego. Ao formar-se em 1903, recebeu da sua antiga mestra um telegrama com estas simples palavras: «Bem eu lhe dizia.»

Em 1908, foi Steve à Escócia, afim de auxiliar os trabalhos da instalação de uma turbina Curtiss para a Casa John Brown e Cia. Limitada, a grande firma de construção de navios que construiu o *Mauritânia* e o *Lusitânia*. Pretendia ficar lá apenas quatro meses, mas a companhia contratou-o por mais tempo.

Em 1938, tornou-se diretor gerente da organização. Desenhara projetos para o mecanismo de mais de 300 navios britânicos: cruzadores, submarinos, o *Hood*, o *Duque de York* e o *Queen Mary*.

Durante aqueles 30 anos, Steve e a sta. Hungerford continuaram a corresponder-se quase semanalmente.

Regressou finalmente à América, por alguns dias, a bordo do *Queen Mary*, durante a sua primeira travessia. A Universidade de Colúmbia elegeu-o membro honorário, e a Sociedade Americana de Engenheiros Mecânicos concedeu-lhe uma medalha.

Ao chegar a Cornwall, foi recebido triunfalmente pela cidade inteira, e pronunciou um discurso no novo edifício do liceu. Todos esperavam que ele fosse falar sobre o seu trabalho, ou sobre as suas impressões do estrangeiro. Falou, porem, da sta. Hungerford:

«Poucos homens tiveram a benção de uma amizade como a que ela me dedicou por quase meio século. Guardo no coração as palavras que dela ouví a cada passo da minha carreira.»

A antiga professora do liceu de Cornwall estava então ensinando numa cidade do norte, perto do Lago Ontário. Quando Steve lhe telefonou, afim de anunciar que iria visitá-la, foi informado de que ela se achava seriamente enferma, e não podia recebê-lo. Partiu portanto sem vê-la.

Steve—atualmente Sir Stephen Pigott—recebeu a ordem de cavaleiro em 1939. Foi por esse tempo que desenhou o projeto para as máquinas do *Queen Elizabeth*.

A sta. Hungerford, que tem agora 85 anos de idade, vive na cidade em que nasceu, ao norte dos Estados Unidos, tendo alí exercido o ensino até os 80 anos.

A biblioteca municipal daquela cidade foi a ela dedicada com as seguintes palavras: «À professora Frances Irene Hungerford, em homenagem à grandeza do seu carater, à sua dedicação ao trabalho, e à impressão inesquecivel que dela conservam quantos a conheceram.»

Eis a história tal como me foi contada em Cornwall. Fiquei a conjeturar por que motivo a sta. Hungerford causara tão forte impressão a toda aquela gente, que ninguem pudera esquecê-la. Resolví por isso visitá-la, há algumas semanas.

Veio ao meu encontro, correndo quase, leve como uma pluma. Traz os cabelos brancos, mas os olhos azues guardaram o brilho de sempre. Embora me tivessem prevenido, nunca imaginei que ela fosse tão pequena, e que irradiasse tanta alegria.

A casa onde vive é como a dona—pequena, alegre, e um brinco de limpeza. Mostrou-me todos os aposentos, andando

rapidamente, e com o passo firme de uma jovem. Na sala de estar, com suas estantes cheias de livros, falou-me sobre Sir Stephen. Conservava recortes de jornais com retratos seus, cartões de Natal, e todas as cartas de uma correspondência que durava 50 anos.

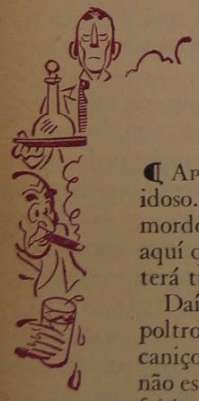
Por mais que eu tentasse, porem, não conseguí fazer com que a sta. Hungerford me falasse em si própria. Só queria falar nos seus antigos alunos, chamando-os, a todos, pelo nome. Tomamos chá numa mesa antiga que pertencera aos seus antepassados. Ela disse-me então que Sir Stephen prometera vir vê-la, mal terminasse a guerra, acrescentando ainda na sua última carta: «Espere por mim.»

«E espero não morrer antes de vê-lo,» murmurou a antiga mestra comovida.

«Ora,» protestei, «a senhora está tão forte! Há-de viver muito tempo.»

«Bem sei,» respondeu-me com voz grave. «Uma eternidade! Mas durante algum tempo perderei o contacto com vocês todos.»

Ao chegar o carro que me vinha buscar, fomos juntas até a estrada, ela apoiando a mão sobre o meu braço. Foi naquele momento que me falou pela primeira vez no seu próprio trabalho: «Confesso-lhe que me sinto envergonhada diante das professoras atuais, tão cultas e eficientes. Nunca tive o preparo que elas têm.» E, depois de uma pausa, apertando-me o braço levemente: «Tudo o que eu tinha, era coração.»



Tudo isto—mas o céu tambem, não!

¶ Após uma vida plena de atividade, morreu, em paz, um sujeito já um tanto idoso. Morrendo, foi levado para um mundo diferente, onde um solene mordomo lhe mostrava um quarto suntuoso em rico palácio, explicando: «É aquí que o sr. vai morar. Qualquer coisa que deseje, basta apertar este botão, e terá tudo, as mínimas coisas que lhe apetecerem.»

Daí a um mês mais ou menos, estava o nosso herói sentado numa esplêndida poltrona, tendo ao lado charutos, garrafas de whisky, espingardas para caçar, caniços para pescar, rádio, e tudo mais que um homem pudesse cobiçar. Mas não estava satisfeito. Tocando a campainha, surgiu novamente o mordomo, que foi interpelado:

—Venha cá, rapaz. Eu quero alguma coisa para fazer. Quero TRABALHO.

—Sinto muito, dr., mas trabalho é a única coisa que não há por aquí.

—O que? Se eu não posso trabalhar aquí, nesse caso prefiro ir para o inferno!

—Mas, dr., onde é que o sr. pensa que está?... respondeu o mordomo.

Alex F. Osborn

Qual é a realidade, através das paixões e da política, na controvérsia que se abriu em torno de manter aberta aos judeus a sua terra de origem?

O QUE SE PASSA NA PALESTINA

Por Frederick C. Painton

A amarga, complexa e interminavel contenda entre os judeus e os árabes na Palestina volta a repercutir, com veemência, na imprensa de todo o mundo.

O Reader's Digest incumbiu Frederick C. Painton, seu correspondente no Oriente Próximo, de procurar investigar os fatos no que concerne a uma situação que a política e as paixões tornaram tão obscura. Voltando a visitar a Palestina, Painton entrevistou, pessoalmente, líderes de ambas as fações, ouviu observadores imparciais, inspecionou as cidades, as fábricas, os campos, as fazendas.

Aquí temos o seu relatório. «É tão honesto e objetivo quanto esteve em minhas forças escrevê-lo,» disse ele. Destinava-se apenas a servir, por assim dizer, particularmente, à direção da revista, habilitando-a a melhor julgar artigos que surgissem sobre o assunto. Parece-nos, entretanto, de tal modo informativo, e importante, que merece divulgação.

O POMO de discórdia, no problema judeu-árabe na Palestina, é, como se sabe, a imigração. Os judeus desejam imigração judia irrestrita, até um total de 4 milhões. Os árabes declaram que não poderão mais admitir qualquer imigração judia, concordando, todavia, em não criar obstáculos aos 550 mil judeus, que tantos são os que na Palestina existem presentemente.

O Livro Branco inglês, atualmente em vigor, prescreve o seguinte: (1) a estabilização da população da Palestina na proporção de um terço de judeus e dois terços de árabes; (2) a restrição da venda de terras aos judeus a certas áreas especificadas; (3) nenhuma imigração judia depois de março de 1944, excluidos da restrição cerca de 33 mil, ainda por chegar; (4) dentro de 10 anos o governo britânico reexaminará a questão palestina, com o objetivo de outorgar a autonomia local.

Os árabes, pelo menos no momento, apoiam, de bom grado, o Livro Branco. Os judeus, ao contrário, a ele se opõem vigorosa, senão violentamente, mas, em virtude da guerra, ficou estabelecida uma espécie de armistício, o qual, exceto pelos extremistas, tem sido razoavelmente observado.

Os árabes olham em torno, e vêem a autonomia já vigorando no Líbano, no Iraque, na Transjordânia, e na Arábia Saudí. Os árabes palestinos quereriam tambem ser autônomos, mas não vêem como obtê-lo. Por agora, temem os judeus. Isto, por duas razões: primeiro, porque os judeus são mais articulados, e contam com vastos recursos e uma imprensa mundial; segundo, porque os judeus têm recebido, por contrabando, em proporções possivelmente espantosas, armas, e não só rifles, mas metralhadoras e obuses, alem de se estarem tornando, ao que me informaram, peritos na fabricação de granadas. Os árabes, entretanto, são desorganizados, não têm quem fale por eles, e dispõem de pouco armamento.

Disseram-me que, se viesse a declarar-se um choque, os judeus, não obstante inferiores em número, estariam em condições de recorrer às armas contra os árabes, e provavelmente vencer. Eis porque apelam os árabes para a proteção dos ingleses. Os judeus deram início a uma campanha nos Estados Unidos, com o fim de persuadir o governo americano a usar de influência ou pressão para conseguir da Inglaterra o abandono ou a rescisão da cláusula restritiva ou suspensiva da entrada de imigrantes.

Os ingleses acreditam que têm sido fiéis à letra da Declaração Balfour, que se limitou a dizer que o governo de Sua Majestade via com simpatia o estabelecimento, na Palestina, de um lar para os judeus. *Há* um lar, dizem eles, e a Inglaterra está exonerada das suas obrigações.

Os árabes, considerando o último decênio, e os passos que deram em civilização, desejam que continue o atual estado de coisas (Livro Branco), a menos que a mudança consista em admitir a Palestina a um estado panarábico, incluindo o Iraque, a Síria, a Transjordânia, e assim por diante.

Os judeus dizem que jamais darão o seu assentimento à autonomia da Palestina. Com 1.200.000 árabes contra 550.000 judeus, declara Harry Beilin, da Agência Judaica, «estaremos de novo convertidos, como em qualquer outra parte, numa minoria racial, e os verdadeiros fins para os quais nos foi permitida a volta à Palestina serão completamente frustrados.» Os judeus aceitariam, acrescenta Beilin, a transformação da Palestina em colônia judia da Coroa Britânica —com os judeus em maioria, já se vê.

QUAIS vêm a ser, em sua essência, os fatos, relativamente aos judeus?

Os judeus têm derramado milhões de dólares na Palestina. A Nova Jerusalem é uma cidade moderna. Tel Aviv, com o influxo que recebeu dos refugiados, é atualmente uma cidade de 200 mil habitantes. Muitas indústrias, tais como a de corte de diamantes por judeus holandeses de Amsterdã, e a da manufatura de importantes produtos farmacêuticos, têm sido introduzidas pelos recem-vindos. As condições sanitárias da Palestina melhoraram consideravelmente; o tracoma, por exemplo, já não é mais um flagelo. O Hospital Hadassá, com 250 leitos, é um estabelecimento do valor de 1 milhão de dólares, que dispõe de médicos e cirurgiões de reputação mundial, todos eles judeus refugiados.

Vastas terras da Palestina têm sido adaptadas pelos judeus a prósperas lavouras. Os *kvutzot*, ou organizações coletivas, têm conseguido lavrar, utilizando-os para a produção, ainda os solos mais ingratos. Nos pantanais do norte, onde a malária grassou durante séculos, drenam as terras, destroem os mosquitos, e, do que eram até então os charcos, vão surgindo plantações.

Um destes centros de atividade, que visitei no vale do Jordão, realizava algo de verdadeiramente admiravel. A terra, naquelas alturas, é salina, na proporção de 17 por cento, e terrivelmente sáfara. Alguns jovens judeus, oriundos de famílias importantes, e que foram alí trabalhar em indústria de potassa, estabeleceram-se nas imediações. Do Jordão, traziam eles água, por tubos, e, encharcando a terra, faziam sair o sal. Repetiram a operação 80 vezes num período de oito meses, e o fato é que já colheram, na parte mais elevada do terreno, tomates em quantidade muito maior do que a produzida ao mesmo tempo em outros locais dos arredores.

Sob uma organização plenamente comunal, os homens trabalham a terra, a produzir potassa, num gênero de serviço incrivelmente áspero. A temperatura, no verão, chega a subir a 70 graus centígrados. Mas eles não desanimam de maneira alguma.

Tanta coragem e fortaleza de ânimo só me inspirava admiração; mas o simples bom senso me dizia que, se aquele trabalho fosse pago com as remunerações normais, cada um daqueles tomates viria a custar talvez uns sessenta centavos (12 cruzeiros). De qualquer modo, por aí se vê como é de fato uma obsessão, para muitos judeus, o desejo de possuir e cultivar a terra, no próprio país de que se originaram, o que equivale a dizer na sua própria pátria.

Visitei igualmente uma fazenda coletiva, não muito longe de Jerusalem, onde já estivera aliás em 1932. Mas aquilo então era apenas um núcleo de pequenas habitações e lavouras, extremamente modestas. Hoje há novos edifícios; uma floresta de pinheiros, plantada nas colinas, se ostenta alta e verde, e atenua a falta de água. A fazenda, finalmente, já se mantem por si mesma, e de quarenta pessoas, que anteriormente abrigava, passou a mais de trezentas.

Os aspectos psicológicos são dignos de nota. Harry Beilin observou: «Aquí, não sinto complexos de inferioridade. Tenho alguma coisa que me pertence, e ao meu povo, e ando de cabeça erguida. Aquí, nunca vi escrito: «Clientela restrita,» ou «Proibida a entrada a judeus e cães.» Aquí, temos nossos cantos nacionais, nossa dansa nacional, e o hebraico é uma língua viva.»

Os judeus levantaram o padrão de vida na Palestina. Um trabalhador, sem habilitações especiais, ganha atualmente por dia 40 piastras (32 cruzeiros); e os que têm propriamente um ofício, como estucadores ou pedreiros, chegam a perceber uma diária de cerca de 80 cruzeiros. Atraidos por tais salários, cerca de 500 mil árabes, nestes últimos doze anos, se encaminharam para a Palestina. No Egito, um trabalhador comum ganha, em média, por dia, 10 piastras, isto é, 8 cruzeiros.

VEJAMOS agora o caso do ponto de vista dos árabes.

Um dos argumentos iniciais dos judeus, para o estabelecimento do lar judaico, foi o de que, chegando à Palestina, iriam para o campo, tornando-se rurais, em vez de urbanos. Todavia, segundo as suas próprias estatísticas, apenas 113 mil, por conseguinte 23 por cento dos 550 mil que lá se instalaram, estão de fato no campo; os 77 por cento restantes vivem nas cidades.

Os judeus declararam em 1923 que a Palestina judaica disporia afinal de recursos para a sua própria manutenção. Duas décadas decorreram, e não passa ela ainda de uma imensa aventura filantrópica, entrando somente, segundo os ingleses, com 40 por cento, e, segundo os judeus, com 60 por cento do que realmente custa a sua manutenção. Só os Estados Unidos, ao que consta de documentos oficiais, mandam anualmente para a Palestina 5.500.000 dólares (110 milhões de cruzeiros), dos quais 500.000 (10 milhões de cruzeiros) são doações de cristãos.

Ao clamor que se levanta no sentido de serem admitidos mais judeus, os árabes respondem que o país não poderá sustentar os 4 milhões de imigrantes que os judeus desejam que lá entrem. De acordo com algarismos autorizados, a Palestina tem poucas terras de lavoura produtivas, ou potencialmente produtivas. Não se conta hoje, na Palestina, com o bastante para comer; todo o tempo que lá estive,

passei fome, embora tivesse dinheiro para comprar o de que necessitava.

A população, no momento, é de 144,5 pessoas por milha quadrada, e se for elevada a 5.500.000 habitantes, pela adição de 4 milhões de judeus, ter-se-á uma densidade demográfica superior, digamos, à da Bélgica, uma das nações, como é sabido, mais industrializadas do mundo.*

Quando se fala sobre tal assunto aos judeus, ou a respeito da incapacidade que a Palestina tem mostrado para manter-se com os seus próprios elementos, não opõem eles contestação aos fatos, mas alegam que o rumo, agora, não deve ser para a terra, senão para a industrialização. Citam então o desenvolvimento de exportações como as de diamantes e produtos farmacêuticos, a empresa petrolífera Shemen, de Haifa, e o vulto que vão tomando os negócios de potassa. Seria a Palestina, em todo caso, um pequeno estado judaico altamente industrializado, no centro de um mundo árabe inteiramente hostil, a boicotar-lhe os produtos. (Henriqueta Szold, fundadora da Hadassá—organização de mulheres judias nos Estados Unidos, destinada principalmente à manutenção de escolas e hospitais na Palestina—tem dito muitas vezes que o erro fatal dos judeus, desde os primórdios do movimento sionista, foi não haver compreendido os árabes, e deles feito amigos.)

Despertou-me grande interesse a exposição, não há muito ainda, em Tel Aviv, de produtos industriais da Palestina. Impressionava, sem dúvida, o número de artigos exibidos, mas muitas daquelas manufaturas de aço, ferro, e outras, só encontram compradores graças à largueza e irrestrição do comércio de tempo de guerra. Vinda a paz, não poderão competir com a produção inglesa e americana.

Por outro lado, há a acentuar que a Agência Judaica receia que, terminada a guerra, os refugiados experientes na técnica de muitos destes produtos regressem aos seus paises. Os judeus tchecos vinham sendo absorvidos, até que explodiu a guerra, pela sua Tchecoslováquia, onde não sofriam barreiras ou perseguições de qualquer ordem. De muitos deles ouví que se consideram tchecos, não judeus, e anseiam por voltar ao seu recanto europeu. O cortador de diamante holandês não tem outra coisa em mente senão o regresso à Holanda. Por estranho que pareça, dezenas de judeus alemães aguardam apenas a ocasião oportuna de retornar à Alemanha. Essa incapacidade ou indisposição para criar raizes por alí, aplica-se, por igual, a judeus americanos: dos 5.500, que existem na Palestina, pouco mais de 100 abriram mão dos seus passaportes de cidadãos dos Estados Unidos. Os judeus fixados na Palestina estão bem a par de tais fatos, e não ocultam mesmo os seus temores. É essa uma das razões por que os extremistas agem agora. Muitos judeus dos de maior destaque disseram-me que receavam perder, com o fim da guerra, seu principal argumento, considerada a possibilidade de já então não haver mais imigrantes.

Os recentes atos de violência cometidos na Palestina pelos extremistas judeus não contam com a aprovação dos líderes sionistas, que antes os deploram. Durante a minha estada em Jerusalem, ouví nove explosões de bomba, não longe do meu hotel. Os escritórios de imigração do Mandato da Palestina em Haifa e Tel Aviv voaram pelos ares, e dois polícias locais foram assassinados.

Há três grupos extremistas, organizações militares, é bem de ver que ilegais. Têm atitudes fascistas, usam uniformes fascistas, e atuam precisamente como tropas de assalto. Há tambem hordas ou bandos de elementos de desordem. Argumentam que, assim como os árabes, reagindo, com todo estrépito, em 1936, levaram o governo britânico a procurar acomodar os ânimos por meio do Livro Branco, é pelo método da reação violenta que os judeus hão de obter que se restabeleça a imigração.

Citam os árabes os seguintes fatos: possuem eles a maior parte das terras, inclusive 95 por cento das plantações de oliveira; 215 mil cabeças de gado, e 225 mil carneiros, contra 28 mil e 20 mil, pertencentes, respectivamente, aos judeus; e todos os porcos e camelos existentes no país—o que mostra que se acham radicados à terra, destruindo a alegação que os qualifica de nômades.

Na Transjordânia, comenta-se ironicamente que «tirar os árabes da Palestina, para entregá-la aos judeus, é comparavel a pedir à gente do Kansas que trate de retirar-se, afim de que os que alí cheguem possam comodamente instalar-se». Os árabes, estabelecidos no país há centenas de anos, lutarão até a morte para nele permanecer. E agora, ao que parece, não lhes faltará o apoio dos estados árabes vizinhos (aí estão, como testemunho, os ardentes protestos formulados, perante o Departamento de Estado dos Estados Unidos, pelo Egito, o Irã, e o resto, quando alguem apresentou no Congresso americano uma indicação no sentido de apoiar o pedido sionista para que se excluisse do Livro Branco a cláusula relativa à imigração.)

Quando se acusam os árabes de não haver realizado progressos, enquanto se lhes indicam os vários melhoramentos que já deve aos judeus a Palestina, eles respondem: os judeus têm uma bolsa sem fundo. Nós outros não temos nada, a não ser o que tiramos da boca e do coração do nosso povo.

Meu informante (um funcionário do governo árabe, cujo nome não posso declinar) disse-me: «Não dispomos de recursos financeiros vindos de fora. Assim, temos que fazer as coisas por nós mesmos, com as nossas próprias forças; precisamos, portanto, de tempo. Os que dizem que nos temos mantido estáticos através de séculos esquecem que, quando vivíamos sob o regime turco, tudo era feito pelos opressores para deprimir-nos, e não para ajudar-nos.»

Então, afim de provar-me que os árabes procuram progredir, e têm realmente avançado nos últimos vinte e cinco anos em que vivem sob o Mandato, deu-me alguns algarismos. A cidade árabe de Nablus, por exemplo, cresceu de modo a ter atualmente 40 mil habitantes. Entre 1919 e 1942, alí surgiram mais de mil novas casas, 427 lojas, um hotel, dois moinhos modernos, e uma fábrica de papel, e outra, de fósforos. Cerca de 65 mil crianças árabes frequentam na Palestina escolas públicas, havendo ainda 35 mil em escolas particulares ou cristãs. À medida que, cada ano, maior número de crianças tinham que ser educadas, se aumentava, correspondentemente, o quadro de professores. Acrescentou que igualmente se desenvolve entre os árabes

*O dr. Walter C. Lowdermilk, subdiretor do Serviço de Conservação do Solo dos Estados Unidos, e que passou 15 meses realizando um estudo intensivo dos problemas de água e solo no Oriente Próximo, foi convidado a opinar sobre este relatório. Ele discorda de que a Palestina se encontre já superpovoada. Considera-a uma das regiões mais produtivas da terra, a qual, com irrigação e desenvolvimento de energia hidráulica, poderia suportar uma população adicional de 4 milhões, sem deslocar um só árabe. Acha-se atualmente em estudos um projeto para usar, em serviços de irrigação, as águas do Jordão, e compensar as perdas consequentes no Mar Morto trazendo água do Mediterrâneo—que, na sua queda de 450 metros, importaria em fonte de energia de imensas proporções.

a assistência social, mediante donativos para orfanatos, hospitais, escolas de comércio.

Os judeus, por seu turno, alegam que os progressos entre os árabes derivam do Mandato Britânico, do influxo que recebem do dinheiro judeu, e do estímulo com que o ciume dos judeus lhes tem incitado o nacionalismo. Os árabes desfrutam, no momento, uma grande prosperidade na Palestina. Mas, retirem-se dalí os milhões de dólares que chegam invisivelmente, cada ano, por obra e graça da filantropia judia, e o padrão de vida cairá ao nivel anterior, que é o que está nos recursos do país, e aliás não diferente do que se verifica, mais ou menos, em todo o mundo árabe. Continuariam, em tal hipótese, a progredir, os árabes? Ou a ascensão gradual que vão realizando nos domínios da cultura pararia automaticamente?

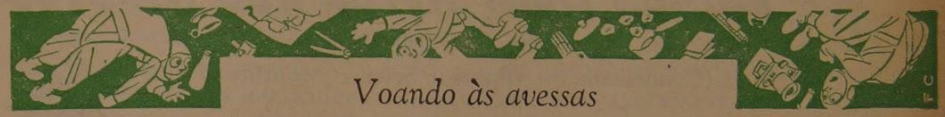
Conclusões: Há muitas estatísticas em abono do que acima fica dito, mas não vejo propriamente utilidade em incluí-las neste relatório, pois apenas ampliariam, sem melhorar, na sua substância, a exposição dos fatos. Remeto-as, em separado. Por mais que se formulem os argumentos concreta e honestamente, nunca deixarão de suscitar apaixonados protestos. Os sionistas nutrem uma crença espiritual fanática numa Palestina maior para os judeus; mas os árabes apanham no chão um punhado de terra; e dizem que esta—que é sua—lhes não será arrebatada sem luta. Observadores e repórteres vêem com simpatia ambas as fações, e se sentem confusos quanto a um meio de resolver o caso.

Do ponto de vista imediato, não há solução para o problema. Os árabes, sem dúvida, se sublevarão, se a cláusula imigratória for rescindida. Mas, observada a cláusula, os grupos extremistas, por seu lado, tentarão o recurso à violência, até onde esta venha em auxílio da solução que desejam. Os sionistas jamais concordarão com a autonomia da Palestina, enquanto forem uma minoria. Se se mantiver o *status quo*, à sombra do Livro Branco, os árabes ficarão quietos; mas os sionistas dirão ao mundo que a Declaração Balfour não produziu seus efeitos, e o problema judeu permanece, nem mais nem menos, o que sempre foi.

A idéia da divisão não dará resultado, e eis porque: inicialmente a Palestina fazia parte de um vasto domínio turco que era a Síria. Depois de 1919, foi este dividido em Transjordânia, Síria, Palestina, etc. Mas o todo constituia uma unidade econômica, tal como, por exemplo, a Áustria-Hungria. E quando se separou a Áustria da Hungria, que era a cesta de pão, a Austria morreu. Assim tambem, só pelo dinheiro exterior, poderia manter-se a Palestina, pois à Síria e à Transjordânia é que toca entrar com os alimentos que permitem ao conjunto responder pela própria subsistência. Um minúsculo estado judeu, cercado por ódios e barreiras alfandegárias, tenderia naturalmente a perecer.

A decisão americana de intervir nos negócios de petróleo do Médio Oriente, construindo uma canalização a partir da Arábia Saudí, figura tambem, e com grande importância, na cena. A canalização se estenderá por centenas de quilômetros através de território árabe, e o seu funcionamento necessariamente dependerá da boa vontade dos árabes, para que não façam saltar alguma estação de bombas. Resulta—e isso mesmo ouví de judeus—que os Estados Unidos, na sua política externa, evitarão contrariar ou ofender os chefes árabes como Ibn Saud. Assim, o problema árabe-judeu, tanto quanto se pode prever, continuará na mesma até o fim da guerra.

E, quando vier a paz, se não erro nas minhas previsões, a questão palestina morrerá à falta de judeus que se disponham a deixar a sua própria terra para instalar-se de novo nas estéreis colinas da Judéia.



Voando às avessas

¶ Dos anais da RAF constam casos realmente estranhos, descrições do que sucede a bordo de um avião em «ação evasiva» ou sob a influência de extraordinárias correntes que movimentam o ar acima dos campos de batalha. «Ação evasiva» é o sistema de vôo empregado pelos pilotos para escapar à observação do inimigo. Tais narrativas já se vêm transformando em legendárias histórias à maneira de Júlio Verne, contadas por homens que se sentiram livres da força de gravidade, por mais incrivel que isso possa parecer. Certa vez um rádio-telegrafista, a bordo de um grande avião, viu com grande espanto duas garrafas de leite que flutuavam dentro do aparelho como se estivessem suspensas por algum fio invisivel. Dando um pulo para agarrá-las, viu-se preso a elas, e suspenso do chão, com os pés a balançar no ar! Outro rapaz foi erguido lentamente até o teto do avião, e lá ficou. De outra feita, a pesada máquina fotográfica de bordo *voou* da proa até a torre do artilheiro, e foi-lhe bater às costas...

Voar desse jeito não é propriamente agradavel; entretanto, não se compara ao efeito das correntes que se encontram dentro das nuvens de tempestade. Um «Sunderland» australiano, quadri-motor, sobrevoava a Baía de Biscaia quando penetrou numa nuvem cúmulo-nimbus. Muitos aviões já o haviam feito anteriormente, mas poucos saíam ilesos de tais nuvens, pois as violentas correntes atmosféricas das cúmulo-nimbus são capazes de partir o avião em pedaços. O «Sunderland», de 25 toneladas, mergulhou assustadoramente. Os pilotos lutavam para estabilizar a aeronave, mas esta girava como um «Spitfire» que tivesse enlouquecido... E as coisas foram de mal a peor quando o comandante resolveu aumentar a velocidade.

O cozinheiro, que fazia café, foi depositado serenamente no teto, numa posição sedentária perfeitamente natural... O navegador e os seus instrumentos deixaram, ao mesmo tempo, e subitamente, a mesa de navegação, e foram parar tambem no teto. O comandante percebeu que sua cabeça tocava o teto, e, embora ainda segurasse os controles, e se achasse em posição de quem está calmamente sentado, havia uma grande distância entre ele e sua cadeira. Afinal o avião se estabilizou, e a tripulação caiu pelos cantos nas posições mais grotescas.

Quando, por fim, puderam examinar o estado em que ficara o aparelho, verificaram o seguinte: na torre de popa, um oficial batera com a cabeça num dado aparelho, quebrando-lhe o suporte, coisa que, em condições normais, só se pode fazer com um martelo. Romperam-se, alem disso, as capas dos paraquedas. Os pequenos armários foram abertos violentamente, e o seu conteudo espalhado por todos os cantos. As camas desmontaveis foram parar dentro dos armários. Quanto aos suprimentos de boca, sumiram quase todos; descobriu-se, afinal, que a comida fora misteriosamente alojar-se por baixo das tábuas do soalho! Entretanto, mistério dos mistérios, uma chícara de chá, cheia até a metade, foi encontrada absolutamente intacta, sem que tivesse derramado uma gota sequer. *AP*

BOA NOTÍCIA!

Vamos ficar livres dos insetos

(Condensado do «Popular Science Monthly»)

Por Alfred H. Sinks

Até que enfim a ciência conseguiu forjar a arma que nos trará a vitória decisiva sobre os insetos nocivos. Graças a esta descoberta poderemos daquí por diante combater com muito mais êxito várias moléstias infecciosas. Um caso de tuberculose em cada cinco, assim como muita disenteria, enterite, e febre tifóide são transmitidos pelas moscas comuns. Vencer os insetos não significa termos eliminado estas doenças, mas é certo que o perigo da propagação será muito menor.

Não há dúvida tambem de que se conseguirmos destruir ou afastar os insetos que nos perseguem, nossa vida será muito mais agradavel. Chegado o verão não nos será mais preciso fazer esforços inuteis com vaporizadores e inseticidas, óleos de citronela, e usar o papel de cola que só servia para enfear a casa e não evitava as moscas. Acabaremos, talvez, por não saber mais coçar-nos...

Para o combate aos insetos inimigos do homem, três novos métodos foram aperfeiçoados ultimamente:

Primeiro: O DDT, poderoso inseticida cujo nome completo é «Dicloro-difenil-tricloroetana». O DDT pode ser fabricado em grandes quantidades e por pequeno preço. Em forma de talco é espalhado sobre a roupa interna, nas mangas das camisas e nas pernas das calças, assim evitando os piolhos e, até certo ponto, os carrapatos. Usado em forma de vaporização torna as paredes das casas extremamente tóxicas às moscas, e o efeito de uma aplicação pode prolongar-se por três meses!

No entanto este produto extraordinário não é nocivo ao homem ou aos animais domésticos.*

Segundo: Uma nova composição química para ser usada ao ar livre e afastar os insetos. Este novo produto—combinação de três substâncias usadas antes—é três vezes mais eficaz do que a citronela, sendo, no entanto, quase inodoro.

Terceiro: Um método novo e diferente de se aplicarem os inseticidas conhecidos, tornando-os muito mais eficazes.

Em 1935, aos trinta anos de idade, o químico norte-americano Lyle D. Goodhue começou a trabalhar no laboratório do Departamento de Entomologia em Beltsville, no estado de Maryland. Teve um dia uma idéia vaga de que tomou nota no seu caderno já repleto de observações: «Porque não usar um gás como o freon—que se liquefaz com poucos quilos de pressão e ferve a 29 graus abaixo de zero—como dissolvente e propulsor para os inseticidas?» E assim nasceu o novo «aerosol».

* O DDT foi sintetizado pela primeira vez há setenta anos atrás, por um químico alemão que não imaginou a utilidade extraordinária que poderia vir a ter sua descoberta. A firma suiça Geigy, sem saber o valor do que tinha nas suas mãos, se limitou em 1939 a tirar patente do referido produto como simples exterminador de traças.

No aerosol, partículas microscópicas de uma substância se acham em suspensão no ar ou num gás qualquer. Com as bombas comuns os inseticidas são borrifados em gotas pesadas de óleo que se depositam rapidamente nas paredes, no chão e sobre os moveis. Com o aerosol é possivel vaporizar a substância tóxica em forma tão diminuta que as pequenas partículas pairam no ar como fumaça ou neblina (permanecendo assim umas cinco horas) e se vão, aos poucos, entranhando em todos os recantos e frestas.

O piretrin, de todos os inseticidas o mais mortífero para os mosquitos, quando aplicado com o aerosol, torna-se muitíssimo mais eficaz do que ao ser usado nas suspensões oleosas das bombas comuns. Cinco miligramas—uma simples gotícula—destroem em um minuto todos os mosquitos num espaço de cerca de 32 metros cúbicos.

Goodhue começou a fazer experiências com o aerosol em janeiro de 1941. Em outubro do mesmo ano, folheando seu caderno de notas, encontrou aquele comentário sobre o gás freon.

O freon é um composto orgânico sintético que vem sendo usado já há alguns anos como gás refrigerante. Sob pressão, dentro da máquina de uma geladeira elétrica, é inodoro e insípido. Se por acaso escapa e penetra no ar ambiente, torna-se instantaneamente um gás inofensivo, nem venenoso nem inflamavel. O piretrin tambem se dissolve perfeitamente no freon. Abrindo-se a válvula do cilindro metálico onde se acha o gás sob pressão, este se expande, e difunde no ar, sob a forma de fina neblina, as moléculas da substância tóxica aos mosquitos. O freon tem bastante força de expansão para expelir até a última gota da solução. Não há, pois, desperdício.

Há outros inseticidas que tambem podem ser dissolvidos no freon e o dr. Goodhue está fazendo experiências com o notavel exterminador de pragas, o DDT. Durante todo o verão passado, o imenso restaurante onde comem os empregados do laboratório de Beltsville manteve-se inteiramente livre de insetos graças às vaporizações de DDT. Costumam os vizinhos trazer seus cachorros e gatos de estimação para que o dr. Goodhue lhes extermine as pulgas e é raro terem que fazer segunda aplicação pois qualquer objeto, uma vez impregnado de DDT, se torna venenoso para os insetos durante muitos meses. Disseminado sobre a tela de arame das portas e janelas impede a passagem dos bichos e insetos que antes conseguiam penetrar pelos orifícios da mesma.

O aerosol será de grande utilidade para os criadores de gado e para muitas indústrias. Meia dúzia de fumigações serão suficientes para tornar um estábulo completamente livre de insetos e pragas durante toda uma estação. Uma grande fábrica de Filadélfia acabou com todos os insetos que infestavam seus edifícios, com vinte minutos de fumigação de aerosol.

A «paradiclorobenzina», o produto mais eficaz contra as traças que atacam as roupas e tecidos, tambem se dissolve bem no freon. Por enquanto todo o aerosol que se fabrica é destinado às forças armadas, mas é certo que no momento em que se tornar acessivel, haverá grande procura do produto para eliminar as traças.

Misturado com nicotina, o aerosol já foi usado com êxito pelos especialistas do Ministério da Agricultura nos Estados Unidos, contra as pragas de jardim.

Os fabricantes estão procurando criar um receptáculo que seja econômico e satisfatório. Como o freon precisa ser mantido sob pressão, o cilindro metálico não pode deixar de ser um pouco pesado e nunca chegará a ser tão barato quanto a bomba de inseticida comum. O próprio gás freon já é mais caro que as soluções oleosas usuais, mas a sua grande eficácia—assim como a potência maior de novos inseticidas como o DDT—o tornam econômico na prática.

Ainda há muita pesquisa a ser feita nestes assuntos. A maioria dos inseticidas são muito específicos. O DDT, por exemplo, que é tão tóxico para as moscas e uma série de outros insetos, não tem, no entanto, o menor efeito sobre as aranhas. Os inseticidas a serem usados nos jardins precisam ser tóxicos para as pragas e não fazerem mal aos insetos uteis como as abelhas. Para fazer experiências com novas substâncias, o Departamento de Entomologia dos Estados Unidos mantem uma espécie de jardim zoológico onde são criados milhões de insetos de toda espécie.

Na luta para libertar o homem dos perigos e aborrecimentos causados pelos insetos, as realizações deste último ano representam um progresso maior que o desta última metade de século. Espera-se que as dos anos próximos sejam ainda mais surpreendentes.

As últimas...

¶ Há pouco tempo apareceu curioso requerimento no Tribunal Superior da cidade de Yuma, no Arizona. Um residente de Los Angeles requeria que fornecessem uma cópia autenticada de sua certidão de casamento, em 1939, «com uma senhora cujo nome já esquecí».

Bob T. Orr, em *Your Life*

¶ Na cidade de Coeur d'Alene, no estado de Idaho, Estados Unidos, o xerife Johnson recebeu uma chamada urgente às 6 da manhã, e correu ao local que lhe haviam indicado pelo telefone, isto é, uma estreita estrada rural. Lá chegando verificou que se tratava duma «greve» entre dois motoristas. Parados há 12 horas na estrada, em frente um do outro, nenhum se dispunha a recuar, para que o outro prosseguisse...

Do *Time*

¶ Joan Crawford tem um relógio novo, cujos ponteiros não se movem. Estão parados na hora exata em que ela conheceu seu marido atual...

Do *American Horologist*

¶ Certo habitante de Hollywood acaba de casar-se pela sétima vez. E, para grande irritação da esposa atual, mandou colocar, na sala de jantar, bustos das seis primeiras mulheres...

Fred Sparks, em *Parade*

¶ *A estranha história do pequeno Joe parece desmentir os preceitos da psicologia moderna*

«DAQUÍ NÃO DESÇO»

(Condensado do livro de contos «There's One In Every Family»)

Por Frances Eisenberg

Desde que nasceu, meu irmão Joe tinha dois defeitos. Era tímido e cabeçudo. Se alguem tentasse, por acaso, vencer-lhe a timidez, tornava-se cabeçudo. Foi o que se deu, uma vez, quando tinha quatro anos, e estava fazendo o papel de borboleta no teatro da escola durante uma das representações dos domingos. A professora tentou diversas vezes empurrá-lo para o palco, e abrir-lhe as asas, mas ele deitou-se no chão decidido a não levantar-se, por mais que as outras borboletas lhe pisassem em cima, ao passar por alí.

Minha mãe fez o possivel para modificá-lo, mas ao completar Joe seis anos, ela acabou desistindo. Sua única esperança era que ele mudasse com a idade; por isso pediu à professora que não tentasse mais vencer a timidez do pequeno, devido à maneira por que ele reagia. Desde então, deixaram-no em paz.

Um dia, em junho, logo depois do começo das férias, recebemos um telegrama anunciando que uma tia de meu pai estava à morte, e pedindo que fôssemos vê-la o mais depressa possivel. Mamãe nos disse que não podia deixar de ir, e pediria a Sara Blevins que tomasse conta de nós.

—Quem é essa? perguntei.

—É a sobrinha da sra. White que mora aquí na nossa rua, respondeu. —Ela toma conta de crianças para ganhar o necessário para as despesas de entrada na universidade.

Sara Blevins era uma moça alta e magra que usava óculos. Disse que tomaria a si o encargo com muito prazer. —Seguí vários cursos sobre a educação das crianças, acrescentou, esticando um pouco os lábios como se fosse sorrir. —Que idade têm seus filhos?

—Helena tem nove e Joe seis, respondeu-lhe minha mãe. —Por favor, seja muito prudente com este. É bonzinho, contanto que ninguem procure atrair a atenção sobre ele.

Sara Blevins mostrou-se muito interessada. —Acabei justamente de tomar uns cursos sobre os problemas de conduta. Vou tentar fazer com que o seu filho consiga adaptar-se melhor à vida.

Minha mãe pareceu-me um pouco preocupada com aquilo, mas tinha que partir incontinenti.

Joe estava brincando no quintal com uns cascalhos e uns gravetos quando viu Sara Blevins pela primeira vez. Olhou-a alguns segundos, e continuou a brincar. A moça encaminhou-se para ele, e estendeu-lhe a mão. —Como vai você, Joe?

Joe começou a ficar nervoso, e virou a cabeça para o outro lado, de maneira a não poder vê-la. Sara finalmente abaixou a mão, e pôs-se a olhar de perto os gravetos e as pedras.

—Ah, é uma casa! exclamou. —Joe está construindo uma casa muito bonita. Com certeza é para alguma fadinha, não é?

Joe escondeu a cabeça com o braço, e correu a ocultar-se por detrás de um

arbusto. Só deixara à vista uma ponta da camisa.

—Ele é muito acanhado, expliquei.

—Mas é um erro estimular a timidez dele. É preciso forçá-lo a ser mais expansivo.

—Então ainda fica peor, fiz-lhe ver.

—Não! É só questão de jeito. Dizendo isto, começou a fazer de conta que não sabia onde Joe estava. —Eu vi um menino aquí ainda há pouco. Onde estará ele? Será que virou borboleta?

Joe, ouvindo aquilo, procurou meter-se pelo mato, mas, como este era cheio de plantas de espinho, não conseguiu avançar. Sara Blevins ficou parada um minuto, e disse-me depois: —Por enquanto vou deixá-lo à vontade. Você tome conta de tudo enquanto eu vou fazer as compras para o almoço. Trago um pouco de aipo, pois tenho a impressão de que seu irmãozinho precisa de comer alimentos ferruginosos.

Não tardou Sara a voltar do armazem, e algum tempo depois chamou-nos para o almoço. Tinha feito costeletas de carneiro com cenouras e aipo, mas nenhuma sobremesa. Durante toda a refeição, falou com Joe. Fazia-lhe toda a sorte de perguntas, como, por exemplo, se gostava de gatinhos. Joe estava com tanta fome que resolvera não se esconder na hora do almoço, mas, depois de levar o garfo à boca, punha a cabeça debaixo da mesa, para mastigar sem que ela o visse. Mal acabamos de almoçar, ligou o rádio para o programa infantil patrocinado por uma fábrica de biscoitos.

A história que estava sendo narrada tinha chegado à altura em que o mágico da corte do rei Zuzague fechara os gêmeos numa masmorra cujo teto ia baixando pouco a pouco afim de esmigalhá-los. Era muito impressionante. Ouvia-se o ruido do teto, cedendo cada vez mais, e a gargalhada do rei era de arrepiar os cabelos. Foi quando Sara entrou como um raio, exclamando:—Meu Deus! e desligou o rádio. —Não é de espantar que seu irmão tenha o complexo que tem!

Joe ficou a olhá-la boquiaberto.

—Bom, vamos ver quem conta uma história, disse ela. Eu gostaria muito que Joe contasse alguma história sobre um coelhinho branco. Você tambem gostaria, não é, Helena?

—Gostaria, sim senhora, respondí. A questão é que ele não conta mesmo...

Sara olhou-me indignada.—Conta sim. Eu tenho certeza de que ele conta.

Joe, enquanto isso, escorregou da cadeira, e correu pela escada acima.

—Foi-se esconder no banheiro, expliquei. —É o que ele faz quando quer fugir de moça. Ele diz que é o único lugar onde moça não pode entrar.

Na manhã seguinte, Joe foi brincar no quintal. Estava pondo as bolas de gude no gramado, uma depois da outra, quando Sara lhe veio ao encontro, com uns papéis na mão.

—Bom dia! disse ela. —Posso brincar com você?

Pôs os papéis no chão, e disse. —É um jogo com figuras. Vê esta menininha? Ela está brincando com um arco, mas o arco não pode rodar, porque falta alguma coisa. Você quer desenhar com o lapis vermelho o que é que está faltando?

Joe começou a sacudir a cabeça procurando afastar-se. Sara insistia, com o lapis na mão. A certa altura, ele saiu a correr em direção ao mato. Ela o acompanhou. Louco de raiva, sem ter mais onde esconder-se, o pequeno correu de novo em direção à varanda, e de repente pôs-se a trepar pela grade de vigas que sustinha a trepadeira. Subiu até ao telhado da varanda, e lá ficou sentado a olhá-la de longe.

A moça enrubesceu, e vi que estava furiosa. Mas disse-me rindo:—Você viu como Joe trepou até ao telhado? Está brincando de esquilo.

—É... parece, respondí.

—Como será que esquilo desce do telhado? Será que você sabe, Joe?

Joe foi sentar-se então por trás da chaminé, onde só víamos dele as pernas.

—Que tal a gente ir buscar a escada de pedreiro? sugerí.

—Nada disso, protestou Sara. Daquí a pouco o esquilo vai descer sozinho pra procurar nozes.

E entrou em casa para preparar o almoço.

—Joe, disse eu então. —Porque é que você não desce daí?

Joe saiu de trás da chaminé, e perguntou:—Quando é que ela vai embora?

—Eu acho que só na quarta-feira que vem, respondí.

—Pois então eu desço na quarta-feira.

Pouco depois, um grupo de crianças parou na calçada em frente. —O que é que você está fazendo, Helena? perguntaram.

—Nada, respondí—Só estou esperando que Joe desça do telhado.

Elas entraram no jardim, indagando, surpresas:—E o que é que ele está fazendo no telhado?

—Nada. Está sentado. Ele diz que vai ficar sentado lá em cima até quarta-feira que vem.

Naquele mesmo instante, um automovel com dois homens subiu a rua em marcha lenta. Quando nos viram, um deles, o mais gordo, pôs a cabeça para fora, e perguntou:—Ô garotos, vocês querem ver o seu retrato no suplemento infantil do jornal?

—Queremos, sim senhor, respondeu um coro de vozes.

Eles desceram do carro, e vimos que o mais magro tinha uma máquina fotográfica. Uma das crianças perguntou: —O senhor não quer que Joe saia tambem na fotografia? Ele está alí no telhado.

O gordo, olhando para Joe, respondeu: —É claro. Venha, rapaz, desça daí.

—Se for preciso descer, ele não sai na fotografia, repliquei.—Vai ficar sentado lá em cima até quarta-feira que vem.

O sujeito riu-se:—Esta é boa! Gato de telhado, hein? Pois se é assim vamos tirar o retrato de Joe sozinho.

Juntamo-nos em frente à varanda, apontando para o telhado, e o fotógrafo bateu a chapa tão depressa que Joe nem teve tempo de esconder o rosto. Perguntaram-nos depois nossas idades, nomes e em que classe estávamos, e lá se foram no automovel.

Joe ficou no telhado o dia inteiro. À hora do jantar, perguntei a Sara o que ela pretendia fazer.

—Diga a ele que o jantar está na mesa, respondeu. —Mas não lhe peça que desça. É preciso que ele decida por si próprio.

Dei o recado, mas ele disse que não queria jantar nenhum.

—Você vai dormir aí em cima? perguntei.

—Vou, respondeu-me com uma voz a um tempo amedrontada e decidida. —Daquí não desço!

Sara disse apenas:—Está bem, e jantamos. Na hora de dormir, fui até a janela do quarto de mamãe. Era noite de lua, e, dalí, eu podia ver Joe sentado junto à chaminé.

Concluí que não havia perigo de que ele caisse, pois o telhado era largo e plano. Mas não deixava de ser duro, e ele devia estar com muita fome. Peguei em dois travesseiros, dois cobertores, e joguei-os lá em cima. Depois, fui até a cozinha, nas pontas dos pés, trazendo uma caixa de biscoitos e um pouco de manteiga que fiz

descer por um cordão. Ele arrumou os travesseiros e os cobertores, e pouco depois dormia a sono solto.

Na manhã seguinte Joe ainda estava no telhado.

Por volta das dez horas, quando o movimento se tornou maior na rua, os carros passavam devagar em frente à nossa casa, e os seus ocupantes apontavam para o telhado. Finalmente, alguem perguntou-me:—É aquí que mora o garoto cujo retrato saiu publicado no jornal? O tal que decidiu ficar sentado no telhado da casa?

Fui comprar o jornal. Lá estávamos todos nós no suplemento infantil. A legenda da fotografia dizia o seguinte: « O pequeno Joe Marsden, de seis anos de idade, entrou em greve, declarando que ficará sentado no telhado da casa até quarta-feira que vem.»

Corrí a mostrar o jornal a Sara:— Puseram o retrato de Joe no jornal, e olhe só quanta gente está juntando aí em frente!

Ela empalideceu. —Isto é o cúmulo!

Acompanhei-a ao jardim. Por aquela altura, havia uma fila de automoveis parados ao longo da rua. O sujeito gordo do jornal gritou de um deles: —Aguente firme, rapaz! Não deixe que ninguem o obrigue a descer!

Foi então que se passou com Joe qualquer coisa de estranho. Súbito, em vez de ocultar-se como de costume, pôs-se a pular no teto, gritando para Sara a plenos pulmões: —Isto aquí é minha casa. Me deixe em paz. Vai embora sua velha rabugenta!

O gordo aplaudiu. —Isso é que é homem! Muito bem!

Logo depois deste episódio, meus pais chegaram de volta. A nossa tia, afinal das contas, não estava assim tão mal, e eles puderam voltar mais cedo do que esperavam. Ao descerem do taxi, minha mãe, vendo toda aquela gente, começou a ficar assustada. —O que é que aconteceu? O que foi, meu Deus!

—Olhe, mamãe, olhe, papai, gritei de longe. — É Joe que está lá no telhado há quase dois dias.

Sara correu então ao encontro deles, começando a explicar muito depressa o que se passara.

—E ele chamou Sara de velha rabugenta, acrescentei; nunca foi tão cabeçudo como desta vez, mas o fato é que deixou de ser tímido. Nem se escondeu de ninguem!

Minha mãe, porem, não partilhou de meu entusiasmo. Ficou parada alí mesmo, com um ar de indescritivel desalento. Papai resmungou qualquer coisa num tom de profunda indignação, e avançou em direção à varanda. Chegando ao pé da trepadeira, gritou em tom firme: — Joe, você passou das medidas. A vontade que eu tenho é de subir aí, e te dar umas palmadas como nunca te dei.

Àquela voz, Joe desceu. Aliás Sara Blevins já estava de partida. Tão nervosa, disse ela, que nem sabia o que fizesse.

Apesar, porem, do espetáculo que dera, Joe não se corrigiu da teimosia, pois pouco tempo depois, ao ser de novo convidado para tomar parte numa representação do colégio, disse que não iria, e não foi mesmo.

¶ *Prece de uma garotinha*: Bom Deus: fazei que as pessoas más sejam boas, e as boas sejam simpáticas.

Harry Emerson Fosdick, em *Twelve Tests of Character* (Harper, editor)

¶ *Objeto recentemente de fortes debates, a política externa dos Estados Unidos é analisada neste artigo com o auxílio de informações de primeira mão*

A política exterior de CORDELL HULL

Por Kingsbury Smith

Correspondente do «International News Service» em Washington

O DEPARTAMENTO DE ESTADO (Ministério das Relações Exteriores), sob o governo Roosevelt, constituiu-se realmente assunto de violenta controvérsia pública. Os acusadores alegam que a organização do Secretário de Estado Cordell Hull falhou tragicamente no comando dos negócios externos americanos. Mas, na opinião dos defensores, o Departamento de Estado é apenas vítima de um grupo alvoroçado de publicistas no entender dos quais o Tio Sam deve reformar o mundo.

Ao historiador imparcial do futuro, cumpre dar, sobre a matéria, a palavra definitiva, quando o tempo tiver acalmado a agitação que por enquanto se opõe a uma visão necessariamente clara da cena mundial nestes anos excepcionalmente perturbados. Por agora, somente na base dos resultados correntes, é lícito formar algum juizo em relação ao caso.

KINGSBURY SMITH, antigo chefe do escritório do «International News Service» em Londres, é, há vários anos, em Washington, correspondente do referido serviço, especializado em informações do Ministério de Relações Exteriores dos Estados Unidos. Fez jus a dois prêmios—o «George R. Holmes Memorial» e o do «National Headliners Club»—por obra de reportagem considerada notavel.

A discussão tem sobretudo girado em torno destes pontos: política na Europa, antes da guerra; relações com o Japão; atitudes ou políticas, para com os franceses, a Espanha e a América Latina; e planos para o após-guerra.

Tem-se acusado o Departamento de Estado de pouco haver feito para evitar o conflito que acabou rebentando na Europa. Entretanto, a primeira empresa de vulto a que Hull se consagrou, ao tomar posse do cargo de Secretário de Estado em 1933, foi precisamente o lançamento de um grande programa de comércio internacional, destinado a reprimir a guerra econômica, de que já então se sentiam, entre as nações do mundo, os deploraveis efeitos. Um advogado, toda a vida, do comércio livre, entrou Cordell Hull a pregar, com um fervor de missionário, a doutrina, o evangelho, de igual oportunidade comercial para todos. Reiteradamente advertiu que, se as nações continuassem a erguer, umas contra as outras, barreiras alfandegárias, a guerra se tornaria inevitavel. Quando Adolfo Hitler se recusou a cooperar nesse sentido, os Estados Unidos denunciaram o seu acordo comercial com a Alemanha num dos primeiros passos decisivos para o rompimento com o nazismo.

O Departamento de Estado viu-se tambem atacado por haver deixado de aplicar sanções econômicas contra a Itália quando Mussolini invadiu a Etiópia em 1935. O ponto de vista que Hull então adotou foi o de que o povo americano não desejava envolver-se nas complicações européias. Adotando uma política de estrita neutralidade, o Departamento de Estado patrocinou o movimento tendente a suprimir o fornecimento de armas, quer à Etiópia, quer à Itália. A mesma política de abstenção praticou-se no tocante à guerra civil na Espanha.

Se tal atitude foi acertada, ou não, é discutivel. A tentativa de domínio do mundo pelo Eixo poderia, é bem verdade, ter morrido no nascedouro, se os paises que mais tarde se transformaram nas Nações Unidas se tivessem em tempo congregado para opor embargos à agressão. Qual, porem, teria sido a atitude do povo e do Congresso, nos Estados Unidos, se o Departamento de Estado houvesse empenhado o país numa política de desafio à Alemanha e à Itália, na Espanha, em 1936? Não esqueçamos que o Presidente Roosevelt e o Secretário Hull foram acusados de manipuladores de guerra, só por terem avisado a nação do perigo das ditaduras.

Se Hull incidiu em erro ao evitar envolver-se nas questões em conexão com a guerra civil espanhola, forçoso é reconhecer que o fez com a maioria do povo americano. A grande ilusão da época era que, circunscrevendo-nos aos nossos próprios assuntos, poderíamos conservar-nos distanciados da guerra. Ora, a função do Departamento de Estado, na direção dos negócios estrangeiros, consiste em representar a opinião, a vontade do povo americano, e foi esse de fato o dever que Hull procurou cumprir.

Outro artigo do libelo contra o Departamento de Estado acusa-o de não ter assumido a atitude que lhe cumpria contra o famoso pacto de Munique, de 1938, segundo o qual a França e a Inglaterra abriram mão da Tchecoslováquia, com o fim de ganhar tempo para rearmar-se em condições de fazer frente à Alemanha. Mas quem éramos nós para dizer a uma Inglaterra e a uma França, notoriamente despreparadas, que deviam arrostar os perigos da guerra, naquele tempo, com a Alemanha nazista, armada, como é sabido, até os dentes? Poderia porventura o Departamento de Estado dar então quaisquer garantias de que os Estados Unidos se disporiam a entrar na guerra, para deter o hitlerismo? Não somente o povo americano se opunha a ser arrastado a tomar parte em guerras que lhe pareciam estranhas aos seus próprios interesses, mas acontece tambem que o exército dos Estados Unidos era, por aquela ocasião, deploravelmente diminuto, e mal equipado.

Acusa-se ainda o Departamento de Estado de não ter visto aproximar-se a guerra, quando já era evidente que esta viria a explodir. A realidade, porem, é que o Departamento de Estado fora, desde muito, avisado, pelos nossos agentes diplomáticos no estrangeiro, do perigo de um conflito de grandes proporções, assim na Europa como no Oriente. Em 1932, nove anos antes de Pearl Harbor, o embaixador americano em Tóquio, Joseph C. Grew, informava que a máquina militar japonesa «foi construida para a guerra; para esta se sente preparada, e ardentemente a deseja.»

Em 1933, George S. Messersmith, então consul dos Estados Unidos em Berlim, escrevia que os homens que, no momento, respondiam na Alemanha pelas responsabilidades do governo, eram

«psicopatas», e a nação era conduzida em direções que «outra coisa não poderiam criar senão de fato situações perigosas para a paz do mundo». E Grew, em Tóquio, advertiu novamente que «a atitude do Japão nada tinha de blefe. De preferência a render-se à pressão moral, ou qualquer outra, vinda do Ocidente, os militares e o povo estavam inteiramente preparados para recorrer às armas».

Ao contrário do que em geral se tem acreditado, estes sinais de perigo não foram ocultados ao conhecimento do povo americano. E assim que, por exemplo, num discurso pronunciado em Washington a 5 de maio de 1934, Cordell Hull observou que se vinha desenvolvendo, no estrangeiro, um espírito militar, que poderia facilmente conduzir à guerra; e «seria, a um só tempo, erro e crime, para os povos civilizados, não tomar na devida conta, desde já, esses perigosos pendores». Um mês depois, dizia em Williamsburg, Virgínia, o Secretário de Estado, que havia justa razão para «as mais graves apreensões».

Nos primeiros meses de 1935, Messersmith, que passara de consul em Berlim a ministro na Áustria, predizia em seus relatórios ao Departamento de Estado que Hitler tentaria eventualmente apossar-se da Ucrânia russa, sendo muito provavel que existisse um entendimento, senão mesmo uma aliança, entre a Alemanha e o Japão. Antes que o mundo soubesse dos arranjos Berlim-Tóquio, Hull e os seus colaboradores suspeitavam da sua existência, e agiam em consequência. Interrogado certa ocasião, a título reservado, numa audiência à imprensa, sobre se havia entendimentos secretos entre o Japão, a Alemanha e a Itália, respondeu Cordell Hull: «Nada posso afirmar, com segurança; mas o certo é que, quando puxo o rabo de um, os outros dois sempre se põem a ganir!».

Declarada a guerra na Europa, não se cansou Hull de acentuar os perigos que dela decorriam para os Estados Unidos. Em agosto de 1940, declarou que incorreríamos no mais perigoso dos erros, «se estivéssemos a presumir que a avalanche de conquista não poderia atingir, em nenhuma circunstância, qualquer parte essencial do nosso hemisfério»; e, oito meses mais tarde, apelava para o povo americano, concitando-o a meter ombros à «hercúlea tarefa de equipar esta nação até o máximo que se tornasse preciso para a sua própria defesa». Sua ulterior advertência ao nosso próprio governo, e ao embaixador da Inglaterra, de que o Japão «poderia atacar de repente, e com todos os elementos de surpresa», é já agora de conhecimento geral.

Comentando recentemente a pouca atenção que em tempo se prestou a semelhantes avisos, assim se exprimiu o Secretário de Estado: «Só posso explicar o fenômeno pelo fato de que, então, muita gente se encontrava sinceramente convicta de que nenhum perigo sério de guerras externas efetivamente ameaçava, ou podia vir a ameaçar, o nosso país, de modo que o que a nação tinha a fazer, para manter-se fora do conflito, era ficar nos seus limites domésticos, e preocupar-se unicamente com os seus próprios negócios.»

É forçoso, todavia, reconhecer que, em conjunto, o Departamento de Estado, desde 1940, acreditava que a guerra entre os Estados Unidos e as potências do Eixo era uma questão de tempo. O principal objetivo da sua política passou a ser o de ir enchendo o período julgado necessário para que o país se preparasse, e o povo reconhecesse a efetividade do perigo. O fornecimento de gasolina e ferro velho

ao Japão, que deu motivo a tão severas críticas, não obedeceu a outros propósitos. Grew prevenira o governo de que os militaristas japoneses desencadeariam a luta, se impuséssemos embargos a tais exportações. E os fatos lhe deram razão.

A política seguida pelo Departamento de Estado, para com o governo de Vichy, em seguida ao colapso da França, sofreu terriveis ataques. No entanto, o que hoje se apura é que esta política constituiu uma das realizações mais acertadas, pelo êxito de que se coroou, da diplomacia americana no presente conflito mundial.

Qual era a situação, quando a França capitulou? Só a Inglaterra permanecia de pé no caminho do controle ou do domínio germânico no Mediterrâneo e no Atlântico. Dominados, um momento, pelo pânico, e temendo que os franceses entregassem a sua frota à Alemanha, os ingleses atacaram a esquadra francesa em Oran, o que despertou entre os franceses a maior indignação. Cumpria-nos evitar, a todo o transe, que a marinha da França, e as suas bases aéreas e navais caissem em poder do Reich.

Tudo o que tínhamos, na ocasião, a oferecer a uma França confusa e derrotada, era a fé, a confiança na nossa amizade tradicional. Foi então que se resolveu despachar para Vichy, como nosso embaixador, o almirante Leahy, com a missão de persuadir o marechal Pétain a recusar firmemente a entrega aos alemães de tão preciosos elementos. Que se chegou ao que se desejava, parece fora de dúvida. Houvesse Leahy fracassado, e Hitler, senhor das comunicações entre o Atlântico Sul e o hemisfério ocidental, teria, inclusive, impossibilitado o desembarque, na África do Norte, das forças americanas, que alí contudo desceram em novembro de 1942.

No decurso de toda aquela fase, tão delicada e crítica, tremenda pressão se exercia sobre o Departamento de Estado para que rompesse relações com o regime Pétain. O general Charles de Gaulle pleiteava o reconhecimento da sua organização de Franceses Combatentes como governo provisório da França. Não era possível ao Departamento de Estado reconhecer, ao mesmo tempo, dois governos franceses. O Primeiro Ministro Winston Churchill pediu-nos instantemente que prosseguíssemos na nossa política. Assim fizemos.

Tornou-se crença geral que somente da nossa parte havia oposição ao reconhecimento diplomático do regime de Gaulle. O fato, entretanto, é que o governo britânico tomara secretamente, antes de Washington, posição nesse sentido. Eis aquí na sua íntegra o texto, não publicado até agora, da comunicação dirigida pela chancelaria de Londres ao general de Gaulle, em novembro de 1940, e assinada por Anthony Eden:

> «O Governo de Sua Majestade está disposto a considerar o Comitê Nacional dos Franceses Livres como representando tais franceses, onde quer que eles existam, que se associem a esse movimento em apoio da causa aliada, e pois a tratar com o Comitê sobre todas as questões que envolvam a sua colaboração com o movimento dos Franceses Livres, e com os territórios ultramarinos que a estes se subordinem. Ao fazer a presente comunicação, cumpre-me deixar claro que se não deverá atribuir ao Governo de Sua Majestade a manifestação de quaisquer pontos de vista quanto às várias questões jurídicas e constitucionais, conexas com o caso. Em particular, conquanto fosse agradavel ao Governo de Sua Majestade manter a sua representação junto aos Franceses Livres, não lhe é possivel acreditar um representante diplomático junto a vós, ou receber um representante diplomático por vós acreditado, desde que isso implicaria o vosso reconhecimento como estado soberano.»

A despeito de ser tão clara a atitude da Inglaterra, tem-se feito recair sobre o Departamento de Estado a responsabilidade principal, senão exclusiva, pelo não reconhecimento de de Gaulle.

Quando Churchill esteve em Washington, em maio do ano passado, toda a questão das relações anglo-americanas com os Franceses Combatentes foi minuciosamente debatida. Em seguida ao regresso, a Londres, do Primeiro Ministro, foi alí fornecido aos jornais um memorandum bem explicativo da posição a que se atinha, na espécie, o governo britânico. Este documento, elaborado, já se vê, sob as instruções do próprio Churchill, acusava sem rebuços de Gaulle de estar animado, ao que transparecia, de tendências ditatoriais; de tentar expor a Inglaterra contra os Estados Unidos; de deixar, por onde passava, um traço de anglofobia; de criar dificuldades aos ingleses na Síria, e procurar fomentar o nacionalismo francês em detrimento da boa vontade para com as nações aliadas. A imprensa inglesa recebeu instruções no sentido de não permitir que os Franceses Combatentes solapassem as boas relações anglo-americanas. Uma vez assim advertido, de Gaulle se tornou gradualmente melhor disposto à cooperação, e, em consequência, as relações com ele têm melhorado consideravelmente.

Pergunta-se, contudo, ainda agora, por que motivo o Departamento de Estado tem insistido em não reconhecer o general de Gaulle e os seus Franceses Livres como governo provisório da França. Em parte, será devido àqueles pendores ditatoriais, mencionados no memorandum britânico, e em parte porque a sua organização, de acordo com informações oficiais de agentes diplomáticos americanos, tem usado algumas vezes os métodos da Gestapo para impor sua vontade a outros franceses. Pormenores de tais atividades, incluindo «suicídios» e tratamentos brutais, chocariam certamente o povo americano, se viessem à publicidade, o que aliás o Departamento de Estado tem procurado evitar. Ao contrário do que se insinua, sobretudo em certos círculos, Washington não deseja desembaraçar-se de de Gaulle, cujo nome é um símbolo, na França, da resistência à Alemanha.

Se o povo francês quer aceitar o general de Gaulle como seu lider após a guerra, só a ele incumbe dizê-lo na ocasião oportuna. O que não deseja, porem, o Departamento de Estado, é que os franceses responsabilizem os Estados Unidos por lhes terem imposto um governo, quando este, ao que pensa, deve resultar da livre escolha do povo.

As censuras ao Departamento de Estado, no que entende com a sua política para com a Espanha de Franco, têm sido particularmente violentas. Alega-se que elementos reacionários, pro-fascistas, do Departamento de Estado, se esforçam por sustentar, pelo «apaziguamento», o fascismo cambaleante de Madrí.

É exato que o Departamento de Estado não tem procurado compelir a Espanha a entrar na guerra ao nosso lado. Não será menos verdade que temos estendido à ditadura espanhola o nosso auxílio econômico. Mas porque? A política seguida pelo Departamento de Estado é fundada em diretrizes de carater militar, estipulados pelos estados maiores americano e inglês, e devidamente aprovadas pelo Presidente Roosevelt e pelo Primeiro Ministro Churchill. Segundo o alto comando, o que convem é que a Espanha se mantenha alheia ao conflito; de modo

que incumbe ao Departamento de Estado, não só conservar a Espanha fora do conflito, mas evitar que auxilie, por qualquer forma indireta, a Alemanha nazista. O primeiro objetivo tem sido até hoje alcançado; e, quanto ao segundo, está em bom caminho de realização.

Se houvéssemos tentado a deposição do regime Franco, patrocinando o estabelecimento na Espanha de um governo republicano pro-Aliados, Hitler, sem dúvida, invadiria o país. Os chefes de estado maior, ingleses e americanos, não julgam de bom aviso tal diversão de operações militares na Península Ibérica.

Nosso propósito, quando mantemos com a Espanha relações comerciais, tem sido o de preservar praticamente, alí, um senso de confiança nos Estados Unidos e na Inglaterra. O grosso do comércio espanhol é hoje feito com americanos e ingleses, e não, como anteriormente, com a Alemanha e outras nações do continente europeu. Se os espanhóis se vissem privados do comércio inglês e americano, não lhes restaria outro jeito senão voltar à Alemanha. Nada temos dado à Espanha que seja acaso gratuito. A exclusividade nas compras habilita-nos a impedir que lá se muna a Alemanha de matérias primas vitais à guerra.

Alguns resultados concretos da chamada política de apaziguamento do Departamento de Estado, para com a Espanha, podem ser postos em foco, se bem que certas importantes concessões, obtidas de Franco, devam ainda manter-se em reserva, por motivos de segurança. Um exemplo, todavia, de definido auxílio militar, vamos aquí revelá-lo pela primeira vez. Quando a batalha da Tunísia entrou a desenvolver-se, o governo espanhol cooperou com os Estados Unidos na transferência para a África do Norte de cerca de 20 mil franceses em idade militar, que tinham fugido da França para a Espanha. De acordo com a lei espanhola, estes franceses eram considerados como tendo entrado ilegalmente na Espanha, e, como tais, sujeitos a internamento. Entretanto, em lugar de internálos, o governo de Madrí os entregou às autoridades americanas, e a maioria deles reuniu-se às forças combatentes.

Sob a pressão anglo-americana, Franco demitiu de ministro das relações exteriores o seu próprio cunhado Serrano Suñer, lider, na Espanha, da fação pro-Eixo; e foi à insistência nossa que fez voltar ao país a chamada Divisão Azul Espanhola de «voluntários», em combate contra a Rússia, ao lado dos alemães. Graças a um embargo americano sobre a exportação de petróleo para a Espanha, reduziu Franco a um mínimo a exportação, para a Alemanha, de volframita, importante elemento, como se sabe, na fabricação de aço de superior qualidade. Fez tambem Franco entrega aos Aliados de meia dúzia de navios italianos internados em portos espanhóis, como é igualmente certo que fez sair de Tanger, no Marrocos espanhol, os representantes diplomáticos alemães, que alí tinham um velho centro de espionagem nazista. Não foi, escusado é dizê-lo, qualquer sentimento de simpatia pela Inglaterra ou pelos Estados Unidos, que induziu o Generalíssimo à prática de tais atos, senão a pressão, sobre ele, da política anglo-americana. Assim, os supostos «apaziguadores» do Departamento de Estado apresentam um registo das suas atividades que é bem digno de nota.

Passemos agora a examinar a política do Departamento de Estado na América Latina. O senador Hugo Butler divulgou que os créditos, compromissos e despesas do governo americano na América Latina, a partir de 1941, sobem a um total de

6 bilhões de dólares. Orgãos oficiais, porem, declaram que o referido total é de 1.462.822.000 dólares, dos quais mais de 1.000.000.000 empregados em compra de navios e materiais de guerra estratégicos. Pondo de parte a questão das exatas somas despendidas, quais são, em verdade, os fatos, no seu conjunto?

Antes da irrupção da guerra, as linhas aéreas alemãs e italianas cobriam, como é sabido, o continente sul-americano, tendo, em geral, os serviços, treinamento germânico. No Brasil, na Argentina e no Chile, há vastas populações alemãs e italianas. A América do Sul constituia, portanto, bom terreno para o estabelecimento de uma «segunda frente» contra os Estados Unidos.

Impunha-se contar com o concurso das repúblicas latino-americanas, e limpar de agentes nazistas o sul do continente. O senador Kenneth McKellar, citando informação que recebeu do Departamento de Estado, referiu, não há muito ainda, ao Senado americano, que há alguns anos passados «o Japão esperava desembarcar na costa ocidental, e os italianos e os alemães na costa oriental da América do Sul». Acrescentou que o não haviam feito, e seguramente o não fariam. Porque? Porque o governo americano conseguira reunir, contra o inimigo, o apoio da América Latina, chegando mesmo a obter a concessão de bases, militares, aéreas e navais, de importância vital, na maioria dos paises latino-americanos.

Sem dúvida, têm-se cometido alguns erros, na América Latina, e casos de extravagância e desperdício poderão ser citados. Mas os resultados diplomáticos, em conjunto, são altamente satisfatórios.

No que diz respeito aos planos do Departamento de Estado para uma nova ordem mundial, depois da guerra, alega-se que o Departamento vai falhando em obter a observância das quatro liberdades. Registemos a propósito que o principal objetivo de Hull não é a imediata perfeição nos negócios mundiais, mas a estabilidade da paz, através da cooperação internacional.

Hull compreende que a União Soviética é uma das grandes potências cuja cooperação é essencial à preservação da paz no mundo. A questão preliminar, que sobrelevava em importância, quanto à conferência de Moscou, era a de saber se a Rússia Soviética se disporia a cooperar, ou Stáline prosseguiria, a seu modo, na revolução mundial contra o capitalismo. Hull obteve de Stáline a promessa de cooperação, e a aceitação, pela Rússia, a Grã Bretanha e a China, de princípios americanos que, uma vez fielmente aplicados, poderiam servir de alicerce à melhor ordem mundial.

O velho e avisado estadista que ora dirige o Departamento de Estado poderá não viver para assistir à plena e fiel aplicação, neste mundo, dos princípios que vem propugnando, mas há que reconhecer que ele tem aberto rumos, para a política externa americana, a que renderão os pósteros o devido tributo.

O êxito consiste em conseguir o que se deseja; e a felicidade, em desejar o que se conseguiu.

Anônimo

¶ *Cem mil patos e gansos a transportar textos bíblicos a distantes regiões*

Pousada para aves migratórias

(Condensado do «Saturday Evening Post») *Por John Burton Tigrett*

JUSTO MONTERO, um pequeno caçador indígena, estava remando certa ocasião, não há muito, no rio Madalena, da Colômbia, num pequeno bote que ele próprio construira, quando cinco patos selvagens alçaram vôo perto do ponto em que se achava. Tomando da espingarda, Montero conseguiu alvejar um dos pássaros que lhe caiu quase aos pés. Trazia atada a uma das pernas uma placa prateada, com a seguinte inscrição em inglês. «Escreva a Jack Miner, Kingsville, Ontário, Canadá. Consideremo-nos uns aos outros. Heb. 10:24.»

Como não compreendia inglês, Montero apressou-se em consultar sobre o caso um advogado de Barranquilha. Este explicou-lhe que a placa fora colocada por um homem que vivia a cerca de 6.000 quilômetros daí, e se dedicava ao mesmo tempo a estudos sobre pássaros migratórios e à divulgação de textos bíblicos.

«Venha,» disse o advogado, «vamos escrever a este tal Jack Miner.»

Foi aquela carta uma das 30.000 recebidas por este desde 1909, quando traçou pela primeira vez o seu nome e endereço numa lâmina de metal, atando-a à perna de uma pata preta que chamava Katie. Em 1910, Katie foi morta por um caçador perto de Anderson, na Carolina do Sul, e Miner desde então se tornou conhecido como o pioneiro de tais experiências na América do Norte.

Hoje, aos 78 anos de idade, Jack Miner será, provavelmente, quem melhor conhece no mundo inteiro tudo o que diz respeito às aves migratórias. Na sua modesta residência, perto de Kingsville, viu aos poucos a lista de seus alados visitantes passar de um único pato perdido a 50.000 por ano. Em troca do alimento e dos cuidados que lhes dispensou, adquiriu um conhecimento tão profundo de seus hábitos e peculiaridades que conseguiu tornar-se conferencista de renome, autor de vários livros, e um dos homens mais conhecidos de todo o Canadá. O ano passado, o Rei George conferiu-lhe a Ordem do Império Britânico, devido aos seus tão especiais trabalhos.

Miner, nascido de pais pobres, que tiveram dez filhos, começou a vida como caçador vendendo aves selvagens «aos ricaços da outra margem do rio», em Detroit. À medida, porem, que se foi tornando mais habil na arte de atrair os gansos e patos ao alcance do fuzil, interessou-lhe observar o modo de viver daquelas aves de uma estação a outra, em que direção voavam, qual o intervalo entre cada cruzamento, e quanto tempo viviam. Até hoje, quando já quase 100.000 pássaros lhe passaram pelas mãos, sente ainda por eles o mais vivo interesse.

De pé antes que raie a madrugada, Miner e um de seus três filhos vão ter à armadilha onde as aves são apreendidas para a colocação da placa. Esta armadilha se estende através de um pequeno lago

da propriedade, e é constituida por tubos de encanamento recobertos de arame. Foi feita principalmente para os gansos, pois os patos pouco a pouco foram sendo orientados para outro ponto do terreno. As duas extremidades são flexiveis, podendo ser erguidas ou abaixadas. O truque consiste em abaixá-las quando o maior número de aves se acha sob a tela de arame à procura de alimento.

Quando Miner construiu a armadilha, costumava atrair os pássaros com toda a sorte de engodos. Agora, porem, é tão grande o número de gansos que se aglomeram no lago, que nem é mais preciso atraí-los. Entretanto é necessária uma grande persistência para colocar todas as manhãs cerca de 300 gansos, a grasnar e debater-se, nos sacos onde os levam para a colocação das placas.

«Essa é a melhor parte do trabalho,» comenta Jack Miner. «Minha mulher e eu vamos ao porão onde cortamos as lâminas de alumínio, inscrevendo nelas os versículos da Bíblia.» Estes variam diariamente de acordo com a estação, ficando assim indicada a data exata da passagem das aves.

Uma vez prontas as lâminas de alumínio, examinam cuidadosamente os pássaros afim de ver se trazem algum ferimento, ou se já são portadores de alguma outra placa. Mais de 20 por cento dos «hóspedes» de Miner são antigos visitantes. De que maneira um ganso, ao voar de uma extremidade a outra dos Estados Unidos, é capaz de vir ter todos os anos àquele pequeno lago, eis um mistério que o próprio Jack Miner ainda não conseguiu decifrar.

—Só posso dizer-lhe que a expressão inglesa «é tolo como um ganso» não passa de uma bobagem. Cá por mim, ainda não encontrei um ser humano que me parecesse tão inteligente.

Quando as aves já trazem a mesma placa há seis anos, é esta substituida por uma nova, sistema graças ao qual Jack Miner pode calcular mais ou menos a idade de cada uma delas. O mais velho dos patos foi morto por um caçador em West Virginia, aos 23 anos de idade, e o mais velho dos gansos canadenses morreu aos 29, o que representa uma idade extremamente avançada.

Depois da colocação da placa, o que é feito geralmente no jardim afim de que os numerosos visitantes possam assistir à operação, a sra. Miner inicia a leitura da correspondência diária. São pilhas de cartas que chegam de toda parte: um médico de South Dakota, um comerciante em peles do Labrador, um fazendeiro do Tennessee—todos acusando a recepção da placa, e pedindo as mais várias informações sobre os gansos ou patos que possuem. Um dos filhos do casal, Manly, responde pessoalmente a cada carta.

Graças às 30.000 placas que lhe voltaram às mãos, e aos longos anos de estudo, Jack Miner pôde reproduzir com relativa exatidão a rota a ser seguida pelas aves migratórias. Possue um grande mapa da América do Norte onde marcou todos os pontos em que sucedeu ter sido morto um dos pássaros que lhe passaram pelas mãos, conforme as informações recebidas a respeito. Estas marcas indicam claramente duas linhas aéreas sobre o Atlântico que são seguidas pelas aves todo ano.

«Os gansos são mais seguros que os patos,» informou-me. «Voam daquí diretamente até a Carolina do Norte ou a Luiziana através do Ilinóis. A direção que escolhem depende em grande parte dos companheiros que encontram. Tenho tido famílias que voltam regularmente durante quatro ou cinco anos, de passagem para a Luiziana. Mas lá um dia «dona ganso» trava amizade com uma das aves

da Carolina do Norte e acaba por partir naquela direção levando consigo o «marido» e a filharada. Mas seja qual for o objetivo, procuram sempre agir de acordo com o tempo, seguindo um vento favoravel que lhes facilite a viagem. Nunca vi um ganso lançar-se num vôo migratório, contra o vento. Voam a cerca de 80 km. por hora, e dão mostras de grande resistência. Há famílias que vão daquí à ilha de Baffin, cobrindo um percurso de quase 3.000 quilômetros sem parar uma só vez.»

Quando lhe perguntei como era possivel saber se param ou não em caminho, o filho, Manly, respondeu: «Tivemos milhares de placas devolvidas da região da Baía de Hudson, mas dalí a Kingsville só seis nos chegaram às mãos. Segundo as cartas que as acompanhavam, as aves foram alvejadas em pleno vôo.»

Embora o pequeno lago já mal possa conter agora os seus visitantes alados, tempo houve em que a hospedagem de Miner não era assim tão procurada. Os patos vinham ter alí há vários anos, quando ele decidiu, em 1904, atrair alguns gansos. Colocou na armadilha sete gansos domesticados, e anunciou à vizinhança que os gansos selvagens não tardariam a chegar. Seu prognóstico porem não se realizava. Esperou quatro longos anos. Ao que disse o seu velho amigo, dr. Sloan, «os vizinhos de Jack já nem lhe falavam. Quando o viam passar, grasnavam!» Mas lá um dia, em abril de 1908, dois gansos selvagens do Canadá vieram visitá-lo, como para responder àquelas críticas. Ele deu-lhes alimento, e, três semanas depois, as aves seguiram viagem. Regressaram no ano seguinte trazendo consigo 15 companheiros. Um ano depois chegaram mais de 400 e, desde então, o número aumentou constantemente.

Já agora, graças ao auxílio do governo canadense e de amigos que se interessam pelo seu trabalho, Jack Miner dedicou seu santuário à plantação de milho para as aves. Uma tarde, como estivéssemos os dois observando as aves a beliscar os grãos, perguntei-lhe quais eram os seus favoritos: os patos ou os gansos?»

«Gosto de ambos,» respondeu-me, «mas os patos são como os rapazes estroinas de Nova York—só querem gozar a vida. Os machos mal começam a fazer a corte a uma das fêmeas, já estão com os olhos na outra. Os gansos já não são assim —especialmente os do Canadá. Têm uma atitude muito digna, e aceitam o peso das suas responsabilidades. Só entram em luta quando é totalmente indispensavel, mas nestas ocasiões são de grande violência. Nunca houve melhor chefe de família que um ganso canadense. Só tem uma companheira durante toda a vida, e afim de protegê-la, bem como aos filhos, é capaz de lutar até a morte.

«Um dos melhores tipos que já conhecí foi um destes gansos do Canadá. Uns meninos daquí da vizinhança estavam por aí caçando quando deram com uma família de cinco gansos. Mataram três, o quarto teve a asa partida, e o quinto fugiu. Conseguí que me entregassem o da asa quebrada. Cozí-lhe as artérias, amputando parte da asa. Ao levá-lo para o jardim, notei que outro ganso voava em círculo à roda da casa, grasnando como se estivesse com o coração em pedaços. Ao chegar o «paciente» junto ao lago onde havia talvez uns mil gansos fazendo um ruido infernal, ele ergueu a cabeça para o alto, e grasnou baixinho uma só vez. O outro, interrompendo os círculos, desceu incontinenti, vindo pousar ao seu lado. Desde então, não o deixou sozinho um só instante. Nunca mais alçou vôo, renunciando voluntariamente a todas as liberdades do espaço aberto, para viver ao lado do companheiro cativo. Passamos a chamá-los de Daví e Jônatas.»

As operações que Jack Miner tem efetuado em numerosas aves, reduzindo fraturas ósseas, foram tão felizes, que ele dirige agora verdadeiro hospital de pássaros. Servindo-se de uma tábua de engomar como mesa de operação, coloca talas em pernas quebradas, conserta asas partidas, e remove balas. Tem geralmente a seus cuidados de 40 a 50 pacientes em tratamento ou convalescença. As aves parecem estar a par da existência do «hospital». Quase todas as manhãs, durante a estação migratória, encontra ele três ou quatro gansos feridos procurando entrar na parte do jardim reservada aos «doentes». É uma prova evidente de que os gansos podem falar uns com os outros, lá na sua linguagem, pois muitos destes «candidatos» ao hospital nunca tinham estado alí anteriormente.

Recentemente, um dos amigos de Miner feriu um ganso, e acompanhou-o de longe, a ver que direção tomava, até a porta do «hospital», sobre um percurso de 8 quilômetros. Por duas vezes alguns gansos lá vieram ter, fora de estação, em busca de tratamento. Um deles, ferido no peito por um tiro, caiu do alto quase na varanda do fundo da casa. Não pudera chegar a tempo.

Ao andar por alí, com os bolsos cheios de grãos de milho para as aves, Miner vê realizado um dos maiores sonhos de toda a sua vida. Sua maior esperança é que o santuário de Kingsville seja doado ao Estado, afim de que continue a ser, depois da sua morte, o grande abrigo internacional das aves.

O Ministério do Interior dos Estados Unidos estabeleceu, recentemente, uma cadeia de refúgios semelhantes ao de Miner, do Canadá ao Golfo do México. «Os refúgios representam uma proteção muito superior a todos os sistemas geralmente empregados para as aves de caça. Teremos, ao que é provavel, vasto suprimento de caça neste continente, por muitos e muitos anos.»

Coisas do Texas

¶ O Texas é um estado imenso. Muitas vezes procurei descrever, em poucas palavras, o tamanho de suas planícies e colinas, mas nunca o conseguí fazer tão bem quanto um texano alto e espadaudo que se voltou para mim e disse: «Moça: a senhora sobe aquí num morrinho destes do Texas e vê em linha reta até daquí a dois dias...»

Rosalind Allan Cash

¶ Na agência do Correio em San Antonio, no Texas, vêem-se três aberturas para se depositarem cartas. Uma está marcada «Local», outra «Texas» e a terceira: «Outros estados e paises estrangeiros».

Capitão George Stout, na *Life*

Samaritanos nas horas vagas

(Condensado do «Rotarian») • *Por T. E. Murphy*

ALGUNS MESES atrás, uma senhora de idade sentiu-se subitamente mal durante a missa, e, sem perda de tempo, alguem chamou uma ambulância. Ao chegar esta, daí a poucos minutos, saltou do veículo um cavalheiro mais gordo que magro, dos seus cincoenta anos, que passou a agir com energia. Auxiliado pelo chofer da ambulância, pôs a enferma sobre uma maca, e, quando assim fazia, um dos fiéis, que a tudo assistia, virou-se para o companheiro e observou: «Esse sujeito aí da ambulância não é o Fred Grave, vice-presidente do banco First National? Que será que ele anda fazendo numa ambulância?»

O espanto se justificava porquanto de fato era o banqueiro que desempenhava aquelas funções. Muitos homens de negócio ofereceram agora os seus préstimos como enfermeiros em vários hospitais dos Estados Unidos. No episódio narrado acima, passou-se a cena em New Haven, Estado de Connecticut, onde um grupo de pessoas de projeção na cidade tomaram a si várias tarefas no maior hospital local.

Há um ano um dos diretores do Hospital de New Haven, sr. James Hamilton, declarou à diretoria que se via forçado a fechar um dos pavilhões da instituição, por falta de enfermeiros e serventes. Sucede que New Haven está situada bem no centro de uma larga região cheia de fábricas de munições, escoando-se para esses estabelecimentos toda a mão-de-obra das redondezas. Tornou-se impossivel conseguirem-se enfermeiros e serventes para o hospital.

Diante dessa situação, o referido sr. Grave, vice-presidente de importante casa bancária, tomou a iniciativa de reunir em torno de si alguns dos cidadãos eminentes da cidade, concitando-os a vir em auxílio do hospital, o que todos imediatamente se prontificaram a fazer, oferecendo-se para trabalhar alí em suas horas vagas.

Em consequência disso, qualquer observador em visita ao Hospital de New Haven poderá ver um banqueiro limpando o chão, algum advogado esvaziando um vaso sanitário, ou um professor da famosa universidade de Yale (alí situada) fazendo a barba de um doente... Não há tarefa, por mais humilde ou árdua, a que esses voluntários não se atirem com toda a boa-vontade. Dão banho aos doentes, tomam-lhes a temperatura e o pulso, auscultam-nos, servem suas refeições, recolhem material para análises de laboratório, preparam os pacientes para operações, varrem o chão—enfim, são 48 tarefas diferentes, que vão desde a arrumação de camas até a lavagem de cabeça dos internados.

Antes de serem admitidos, os novos voluntários prestam um compromisso mais ou menos nestes termos: «Prometo dignificar meu serviço com dedicação e boa-vontade e estou plenamente conciente de que, no tratamento dos enfermos e na proteção da saude, não há atos servís nem inglórios.»

OS ARTIGOS DE SELEÇÕES DÃO A VOLTA AO MUNDO

através das edições em português, inglês, espanhol, sueco e árabe

OS LEITORES desta revista fazem parte de uma crescente organização internacional, cujos membros estão unidos por laços ao mesmo tempo intangiveis e fortes —a apreciação mútua da boa leitura e uma curiosidade construtiva em relação ao complexo mundo em que vivem. Dez milhões de exemplares das edições internacionais levam agora os artigos de SELEÇÕES a mais de trinta milhões de leitores em 60 paises diferentes.

Formou-se assim um vasto intercâmbio de idéias e de conhecimentos entre os componentes dessa grande comunhão de leitores, que vivem não só em pontos opostos do globo terrestre, mas tambem em diversíssimos climas intelectuais, políticos e econômicos. Por intermédio desta revista, a primeira realmente internacional, os cidadãos de Londres, Estocolmo, Alexandria, Rio de Janeiro e Washington estão adquirindo mútuos conhecimentos sobre suas terras, e aproximando-se assim, cada vez mais, uns dos outros.

A história de Santos Dumont, o Pai da Aviação, publicada em SELEÇÕES em dezembro de 1942, já foi traduzida em quatro línguas estrangeiras e lida por pessoas que habitam todos os cantos da terra. A história do enorme alcance desse artigo de SELEÇÕES está claramente ilustrada nesta página e nas três que se seguem. É apenas um dos exemplos que mostram como um artigo de SELEÇÕES passa rapidamente a fazer parte dos conhecimentos comuns a pessoas de muitas nações e diversas raças.

DESDE o primeiro dia em que foi posta em circulação, SELEÇÕES tem tido a mais calorosa acolhida por parte do povo brasileiro. E' lida por brasileiros de todas as profissões e de todos os pontos do país, os quais gostam de ler artigos informativos sobre o povo, a história e a cultura de outras terras.

O sr. José Olympio, que dirige uma das mais importantes casas editoras do Brasil, expressou-se nos seguintes termos: «Uma revista como SELEÇÕES, cuja tiragem se aproxima de 300.000 exemplares, tal o interesse que conseguiu despertar em todas as classes, vem prestar excelente serviço às letras e aos editores. Porque está criando novos leitores, despertando curiosidades novas, abrindo novos horizontes ao interesse do leitor comum, SELEÇÕES é um veículo de divulgação que tem diante de si uma obra das mais construtivas, do ponto de vista cultural».

. . . os artigos de Seleções dão a volta ao mundo

«Santos Dumont, o Pai da Aviação» aparece este mês no *Det Bästa*, edição sueca de Seleções. A publicação desse artigo em idioma sueco acrescentará mais meio milhão de leitores àqueles que já se entusiasmaram com a biografia do grande brasileiro.

Pode dizer-se que, desde o início da guerra, a Suécia está privada de contactos com o mundo exterior. Em consequência disso, os suecos compreendem, melhor que ninguem, o valor de um intercâmbio livre de idéias e conhecimentos.

A edição sueca de Seleções ajudou o povo sueco a reiniciar seu contacto com o mundo democrático. August Lindberg, presidente da Federação Trabalhista Sueca, assim se exprime sobre o motivo da popularidade de *Det Bästa* entre os trabalhadores: «Os operários da Suécia voltam os olhos para o mundo em torno de si. Trabalham e esperam pelo dia em que possa haver entendimento perfeito entre os povos. Entendimento depende, porem, de conhecimento mútuo. E justamente porque *Det Bästa* contribue para esse conhecimento, foi calorosa e entusiasticamente recebido pelo grande público ledor. Seus artigos abrem novos horizontes ao espírito do leitor e contribuem, assim, para a sagrada e imperiosa causa da fraternidade universal.»

O parente mais próximo de Seleções é *Selecciones*, edição em idioma espanhol. Entre os artigos que os seus leitores mais apreciaram no ano passado, figuram alguns que se referiam aos seus vizinhos do Brasil. A história de Santos Dumont, por exemplo, foi lida com tanto interesse pelos leitores de *Selecciones* como pelos de Seleções.

Das revistas que se publicam em língua espanhola, *Selecciones* é a de maior venda e mais ampla circulação.

Carlos Saladrigas y Zayas, eminente homem público de Cuba, declarou: «O fato de ter *Selecciones* alcançado a categoria de uma publicação continental, que se encontra em todos os lares da América Latina, emprestalhe um carater de grande cátedra, que estende sua influência constante sobre a inteligência e a alma dos nossos povos. Não creio que pudesse haver veículo mais adequado para fomentar o entendimento recíproco e a unidade moral e material das Américas, ligadas hoje pelos interesses e ideais comuns da guerra, e sempre pelos laços eternos de uma vizinhança cada vez mais fraterna e de uma cultura cada vez mais desenvolvida.»

É em Londres, já tantas vezes ferida pela guerra, que se publica a edição inglesa de Seleções, a qual é distribuida por todo o império britânico. Como consequência da publicação continuada desta revista internacional, o povo britânico tem podido seguir de perto a opinião mundial contemporânea, e acompanhar o progresso que seus aliados vêm realizando na conduta da guerra. Onde quer que se venda, é, dentre as revistas de preço equivalente, a mais lida. Seus leitores nas ilhas britânicas, na Índia, na África do Sul e na Austrália concordam em que o artigo sobre Santos Dumont foi um dos mais interessantes do mês.

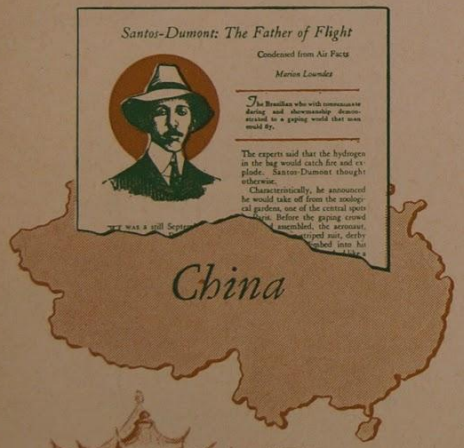
Na Inglaterra, como na América Latina, a revista é lida por pessoas de todas as idades e todas as profissões. Transcrevemos um trecho de uma carta recebida de Miss E. Davies, diretora de uma escola perto de Londres. «Estamos aquí numa verdadeira Casa Internacional—40 crianças, de todas as nacionalidades. O Digest nos chega todos os meses como um verdadeiro e querido amigo. Seus interessantíssimos artigos constituem para nós um estímulo, ajudando-nos a melhor compreender a vida e a intrincada situação do mundo em que vivemos.»

A vida de Santos Dumont aparece este mês em árabe, em *Al Mukhtar min Reader's Digest*, editado no Cairo e lido por meio milhão de pessoas no oriente médio. No número atual, tais leitores têm notícia de uma fábrica de alpercatas em Buenos Aires, do afundamento do *Scharnhorst*, e das dificeis circunstâncias que cercam o transporte aéreo de abastecimentos da Índia à Birmânia. Milhares de leitores já têm feito comentários em torno da contribuição dada por *Al Mukhtar* ao renascimento do mundo árabe. Faris el Khuri, presidente do Parlamento Sírio, telegrafou de Damasco, dizendo o seguinte: «Como árabe e crente na democracia, dou as boas-vindas a *Al Mukhtar*. Seus artigos acentuam a importância das realizações individuais e glorificam os homens e mulheres que, apesar de todos os obstáculos, caminharam para a frente e alcançaram sua meta. São os mais belos exemplos para nossa juventude. Nota-se em suas páginas ó desprezo por aqueles que, tendo medo da independência, se tornam simples peças de imensa máquina. O espírito árabe que ora ressurge, alcançando sua independência, precisa das lições a serem colhidas na história das realizações humanas.»

Na América do Norte, a revista-matriz informa seus leitores, todos os meses, das realizações dos seus vizinhos do sul. Os leitores americanos demonstram um interesse cada vez maior por assuntos da América Latina, e seus editores procuram constantemente tópicos dentro desse vasto campo. Daí resultou que, nos dois anos a partir do primeiro número de Seleções, apareceram no Reader's Digest duas vezes mais artigos sobre a América Latina do que haviam surgido nos três anos anteriores.

A própria Seleções é, na América do Norte tambem, instrumento de cultura e educação. Há milhares de estudantes, em ginásios e universidades, que usam a revista para aprender a língua portuguesa.

Dorothy Thompson, conhecida jornalista americana, assim se exprimiu a respeito: «Muitas das desgraças do mundo poderiam ser evitadas se os cidadãos de um país tivessem a oportunidade de conversar livremente, e muitas vezes, com os cidadãos de outras terras. Por isso, foi com entusiasmo que recebí a notícia de que o Reader's Digest se publica atualmente em outros idiomas.»



O tenente Likung Hsiao, do exército chinês, escreveu a Seleções nos seguintes termos:

«O fato de se publicar Seleções em outras línguas e outros paises constituirá certamente esplêndida contribuição para a aproximação cada vez mais estreita entre os povos livres... Invejo os brasileiros, norte-americanos e ingleses, que têm facil acesso a este tesouro de idéias. Na China há pelo menos 150 milhões de alfabetizados. Espero ansiosamente o dia em que a revista possa chegar às mãos de todos esses meus patrícios, em quantidade ilimitada.»

Todos os meses são enviadas duas matrizes do Digest, de avião, através do Oceano Atlântico, da África, da Arábia e da Índia, até Chunquim onde, numa caverna nos subúrbios da capital chinesa, tantas vezes bombardeada, imprimem-se mensalmente 5.000 exemplares da revista, pelo método mais primitivo de litografia. O papel, feito de arroz, fibras de bambú e casca de amoreira, é fabricado a mão, pelo mesmo processo inventado na China há dois mil anos. Cada exemplar custa três dólares. Vende-se rapidamente toda a pequena edição, e, para milhares de chineses, o Digest é o único meio de romper o bloqueio japonês de idéias.

Meus cinco companheiros de mesa

(Condensado do «American Magazine»)

Por Bruce Barton

É uma idéia interessante: o leitor e eu vamos dar um jantar hoje à noite, e os nossos convidados serão cinco, escolhidos entre todos os homens de cuja existência se tenha tido notícia através dos tempos.

Quem convidaremos? Napoleão? Nos dicionários biográficos, é de fato quem ocupa maior espaço, e, se o leitor insistir em convidá-lo, não hei-de contrariar-lhe a vontade. Mas previno-o desde já que ele estragará o jantar. Lembre-se de que Bonaparte foi um tremendo fracasso. A ambição e o egoismo destruiram-lhe todas as capacidades. Terá talvez uma conversa interessante, mas é incapaz de ser sincero; deve ser um homem de maneiras rudes e provavelmente um cacete de marca.

Que tal se convidássemos Cesar ou Alexandre? Creso, que possuía tanto dinheiro? Ou Carlos Magno, que tinha tanto poder? Todos eles levaram vidas tumultuosas, e morreram pela violência, ou profundamente desiludidos. Não queremos à mesa um punhado de velhos amargos, mas homens que hajam vencido na vida, bons companheiros, gente rica. Se o leitor permitir que eu faça a lista, sugerirei cinco.

Cronologicamente, e talvez tambem pelo interesse que desperta, o primeiro é o velho Sócrates. Era rico em bom senso! Indo de um a outro com suas perguntas incisivas, e fazendo estourar aquí e alí os balões de ar dos preconceitos, forçava os homens a refletir, onde quer que estivesse. E ainda o faz até hoje. «Se me condenarem à morte,» disse ele aos seus juizes, «não hão-de encontrar facilmente outro homem como eu, que—se me permitirem empregar uma figura de retórica tão jocosa—sou uma espécie de moscardo que os deuses deram como prenda ao Estado; quanto ao Estado, é como um cavalo vagaroso no mover-se, devido às suas próprias proporções, e que por isso mesmo precisa que o estimulem, e lhe tragam mais vida.» Sócrates certamente traria maior vida à nossa festa.

Mas se, por qualquer motivo, ele não pudesse aceder ao convite, muito daria eu por ver e ouvir um de seus mais curiosos compatriotas—refiro-me a Diógenes. Era o mais rico dos homens que jamais existiram, pois não queria coisa alguma.

«Poderei ser-lhe util em alguma coisa?» perguntou-lhe Alexandre o Grande, de pé à entrada da barrica de madeira em que o filósofo vivia. «Pois não,» respondeu este bruscamente. «Saia daí que está cobrindo a luz do sol.»

Lembrarei a seguir Samuel Johnson, por ter sido o melhor conversador do mundo. Não é contudo como tal que desejaria ser lembrado. Escreveu muitos livros, monótonos e longos, que lhe custaram penosos esforços, na esperança de que o tornassem imortal. Já ninguem

lhe lê os livros, mas as suas palestras viverão para sempre. Boswell as reproduziu com tal fidelidade, que quase vemos a figura desengraçada do dr. Johnson, e temos a impressão de ouvir-lhe a voz, nas suas várias intonações. Falava de tudo, sempre num tom positivo, sem hesitações nem dúvidas. Quando acaso—o que se dava raramente—o fluxo de palavras se interrompia por alguns segundos, Boswell sabia sempre como fazê-lo jorrar de novo.

O pai de Boswell julgava que o filho tinha desperdiçado a vida às voltas com a biografia de um escritor que não possuia um tostão; ele próprio se queixava de quando em quando porque o dr. Johnson entrava às vezes pela noite naquelas interminaveis palestras, e o fazia beber vinho do porto em quantidade demasiada. O sr. Dempster, porem, sobre o qual nada sei a não ser esta frase luminosa, reprovou-o vivamente nos seguintes termos: «É melhor ficar paralítico aos dezoito anos, que fugir à companhia de um homem como aquele.»

Não hesitemos portanto em convidar Samuel Johnson, cuja palestra é uma fortuna inestimavel.

Cá por mim, gostaria tambem de ter conosco Samuel Pepys. Ninguem poderá dizer que ele jamais tenha sido grande, mas é fato indiscutivel que, sob certo aspecto, era o mais rico dos homens que jamais existiram: na curiosidade ilimitada e insaciavel que o caraterizava. Interessava-se por tudo, e tudo despertava nele o mais vivo entusiasmo. Um casamento ou a execução de um criminoso condenado à forca; uma nova canção que ele experimentava na sua flauta; uma reunião do Parlamento, uma roupa nova, o modo por que arrumara seus livros, o cheiro apetitoso de uma boa refeição—não eram, para ele, simples ocorrências do cotidiano, mas verdadeiras aventuras.

Causam-me pena aqueles que lêem o diário de Pepys sem descobrir um novo encanto nos pequenos acontecimentos de todos os dias. Deixou-nos, entretanto, mais que um simples registo de frívolos detalhes. Há poucos trechos em literatura por acaso mais belos que esta frase final do seu diário, quando se viu forçado a abandoná-lo, já quase às portas da cegueira: «Entrego-me a esta sina como se eu próprio me visse a caminho do túmulo,» escrevia, «e, para suportá-la, com todos os males e vicissitudes que a cegueira acarreta, o bom Deus me prepare.»

Havia traços de heroismo em Samuel Pepys; mas não é como herói que o convidamos. Se o queremos entre nós é que veria em tudo muita coisa curiosa e interessante que nos escapa aos olhos, chamando-nos a atenção sobre elas.

Sugiro, para o quarto convidado, o nome de Montaigne que, este, era rico, no conhecimento de si próprio. Ao ler pela primeira vez os ensaios de Montaigne, exclamou Emerson: «Tive a impressão de que eu mesmo escrevera aquele livro numa vida anterior, tanto me falou à alma, reproduzindo meus próprios pensamentos e experiências.»

Nunca houve um escritor que usasse de maior franqueza do que Montaigne: não tinha, alem do mais, a menor ilusão sobre si mesmo. Segundo observou, todos os homens no curso da vida mereceram ser enforçados umas cinco ou seis vezes, confessando a seguir que tal era tambem o seu caso. «Podem narrar a meu respeito cinco ou seis histórias tão ridículas quanto as que poderão ser contadas de todos os homens.» E de uma sinceridade realmente tocante; suceda-lhe o que suceder, é incapaz de mentir ou deturpar o assunto; vê e conta a verdade.

Ao reler-lhe as palavras, tão vivas e tão novas, depois de tantos anos, descobrimos novos mundos dentro de nós mesmos. Conhecendo-se tão bem a si próprio, e revelando abertamente o que assim conhecia, Montaigne, de algum modo, nos revela a nós mesmos—prestando-nos assim um serviço realmente incomparavel.

Gostaria por fim de ter conosco Abraão Lincoln—rico em paciência e fé. Surgem todos os anos novos livros a seu respeito, e o número destes excederá dentro em pouco o dos que foram publicados sobre Bonaparte. Cada um desses estudos focaliza um ou outro aspecto do seu carater. Em todos, porem, o que mais se destaca é a paciência inalteravel com que sabia esperar sem desalento e sem fadiga, e a fé que não perdia um só instante o vigor, e o animava do poder superior de sorrir.

Talvez a lista do leitor para esta ceia de homens ricos não traga os mesmos nomes; creio contudo que num ponto estaremos de acordo—os que só foram ricos em dinheiro não nos interessam de modo algum. Os cinco aquí citados possuíam o mundo—não era o mundo que os possuía.

Estes homens se apoderaram das experiências de todas as pessoas com quem entraram em contacto, das que colheram nos livros, nas palestras, nos pensamentos e entre os amigos. Da sua companhia, sairemos mais ricos. Sim—mais ricos em vida, que é a única riqueza verdadeira e perduravel.

O que não se deve fazer antes de chegar o médico

¶ O fato de muita gente tomar purgantes sem órdem do médico tem sido a causa direta de grande número de mortes por apendicite. Nunca se deve tomar um purgante quando se sentem dores abdominais que podem ser sintoma de apendicite: o uso irrestrito desses remédios tem ocasionado mais mortes por apendicite do que todos os outros fatores juntos. Em 25 anos de prática, nunca vi sequer um caso em que o apêndice estivesse perfurado sem que o doente tivesse recorrido a qualquer purgativo. Estou cada vez mais convencido de que rutura do apêndice só se dá se for provocada. Por outro lado, conheço inúmeros casos que provam a surpreendente resistência do apêndice à inflamação, sobrevindo a cura completa, desde que o tratamento seja bem feito. Mesmo que a operação cirúrgica não se tivesse realizado imediatamente, nunca perdi um doente que não tivesse tomado purgante. É claro, naturalmente, que a primeira coisa a fazer, em todos os casos, é levar o doente para um hospital, onde possa ficar sob observação cuidadosa.

Dr. J. Russell Verbrycke Jr., do Garfield Memorial Hospital em Washington

¶ Como o Ministério da Fazenda dos Estados Unidos conseguiu pôr termo ao mais atrevido trabalho de espionagem jamais tentado contra os Estados Unidos.

ESPIÕES *de alto bordo*

(Condensado do «American Mercury»)

Por Francis Rufus Bellamy

NA MANHÃ de 17 de junho de 1941, Wilbur Keegan, o espírito dirigente da União Germano-Americana e do seu orgão de propaganda nazista *The Free American*, chegou ao seu escritório em Nova York, e verificou que o esperavam duas notícias altamente surpreendentes.

A primeira consistia numa carta do seu banco, comunicando-lhe que, por ordem do Ministério da Fazenda, a conta corrente de *The Free American* tinha sido posta sob sequestro. A segunda era uma cópia da Ordem Presidencial, proibindo *The Free American* de fazer qualquer espécie de transação sem fornecer previamente ao Ministério da Fazenda informação detalhada de todas as suas atividades.

Keegan pegou no telefone, e recebeu mais notícias desagradaveis. Todas as fontes de dinheiro nazista—a própria União, a Liga de Vocação Germano-Americana, a Comissão Americana de Auxílio Alemão e dúzias de outras organizações menores—tinham sido igualmente manietadas.

«Com que direito eles fazem isso?» bradava o chefe da União. «Nós somos cidadãos americanos, e estamos sendo perseguidos por uma verdadeira Gestapo!»

Mas o Ministério da Fazenda dos Estados Unidos chamava essa «perseguição» de «Inspeção dos Fundos Estrangeiros». A criação desta maquinaria, levada a efeito muito antes de Pearl Harbor, foi um dos mais acertados atos de guerra. Bastam as suas funções domésticas, evitando ações subversivas do inimigo, para mais do que justificar a despesa de cerca de três milhões de dólares anuais que consta das suas folhas de pagamentos.

Na Primeira Grande Guerra, os esforços subversivos dos agentes da Alemanha nos Estados Unidos tiveram grande êxito, culminando na terrivel explosão de Black Tom. Desta vez, porem, quase não tem havido sabotagem, e a espionagem não tem dado grande resultado. O motivo é que a Inspeção de Fundos Estrangeiros tomou conta do dinheiro dos agentes inimigos, prendendo os principais pagadores, e estancando a entrada de recursos de procedência suspeita. Os grupos de espionagem não podem trabalhar sem dinheiro: e as medidas tomadas pelo Ministério da Fazenda foram tão eficazes que, quando alguns sabotadores foram trazidos por um submarino e desembarcaram em Long Island, logo ao princípio da guerra, tiveram que trazer consigo o seu tesouro—177.000 dólares em notas de 50.

A campanha do Ministério da Fazenda contra os agentes do inimigo começou a desenvolver-se em 1940. Em seguida à invasão da Europa Ocidental por Hitler, vários bancos americanos entraram a receber dos paises ocupados ordens telegráficas para transferirem os valores e dinheiros depositados nos Estados Unidos. Washington suspeitou de que tais instruções tivessem sido expedidas sob coação, e por isso o Ministério da Fazenda proibiu todas as transações daquela natureza, exceto as devidamente autorizadas. E tais licenças só eram concedidas quando o governo estava de posse de todos os elementos de informação.

Apesar disso, em 1941, a atividade subversiva do Eixo assumiu proporções alarmantes, e tornaram-se necessárias medidas mais radicais. A solução encontrada foi a Ordem Presidencial de 14 de junho, segundo a qual nenhum cidadão ou firma européia nos Estados Unidos podia fazer qualquer transação sem a necessária permissão do Ministério da Fazenda. Como medida de prudência, todos os japoneses—e, para sua própria proteção, os chineses tambem—foram incluidos. A referida ordem abrangia igualmente todas e quaisquer firmas americanas que tivessem credores naqueles paises, ou que pudessem estar sujeitas a qualquer controle ou influência estrangeira.

Tornou-se obrigatório que todos se comunicassem com o Ministério da Fazenda antes de qualquer operação, sob pena de prisão ou multa de 10.000 dólares. Nos regulamentos achava-se estipulado que qualquer cidadão americano, de quem se suspeitasse que trabalhava como agente do inimigo, ficaria sujeito às exigências daquela Ordem até poder provar a sua inocência. E por este parágrafo é que foi atingido Wilbur Keegan e o orgão nazista *The Free American*.

Agora todos os suspeitos, impossibilitados de usarem os seus depósitos bancários, tinham que recorrer ao Ministério da Fazenda, mesmo para poderem comer! Tinham que relatar todos os fatos que lhes diziam respeito, sem saber quanto deles já era conhecido, e se fizessem alguma declaração falsa eram imediatamente apanhados. Porque o Ministério da Fazenda já sabia bastante; tinha as suas próprias fontes de informação, como o Serviço Secreto, os Guarda-Costas, o Serviço da Fiscalização de Impostos, as Alfândegas, os bancos da Reserva Federal, e os 15.000 bancos comerciais sob a direção dessa Reserva. Alem disso dispunha da cooperação do Serviço de Informação Secreta do Exército, do Ministério da Justiça, incluindo o FBI (Departamento Federal de Investigações), a censura britânica e todas as Embaixadas e consulados americanos.

Em 14 de junho, ao anoitecer, começou a precipitar-se na Inspeção de Fundos Estrangeiros em Washington uma torrente de requerimentos para licenças, declarações de informações e de propriedade. Cancelaram-se todas as transferências de valores de propriedade de estrangeiros. Assim se atingia um ativo de sete bilhões de dólares. Em todo caso, afim de proteger os que evidentemente se achavam inocentes, foram concedidas mais de 400.000 licenças temporárias.

A maior mosca apanhada nesta teia de aranha foi a General Aniline and Film, companhia química americana com fábricas em Nova Jersey e em Nova York, com um ativo de 66.000.000 de dólares. Tinha várias companhias subsidiárias americanas, principalmente a Agfa-Ansco de Binghamton, estado de Nova York. Os diretores da Aniline, todos cidadãos americanos, insistiam em que era completamente livre de influência estrangeira. Apesar disso estava na lista de firmas suspeitas desde 11 de junho de 1940,

quando um banco de Nova York pediu autorização para entregar, a um novo comprador na Suiça, grande parte das ações da General Aniline, de que esse banco era depositário para uma firma holandesa.

O requerimento afirmava que a venda tivera lugar em setembro do ano anterior. E, como desde então a Holanda tinha sido invadida, o Ministério da Fazenda fez algumas perguntas à General Aniline: Qual fora a causa da desusada demora em transferir as ações? Quem eram os donos da companhia holandesa? Quem era o comprador suiço?

As perguntas pareceram muito simples à General Aniline, que respondeu facilmente: as cartas anteriores a respeito da venda tinham-se extraviado. Sobre a companhia holandesa nada se sabia. E as leis bancárias suiças se opunham a que eles obtivessem qualquer informação sobre o comprador suiço.

Entretanto, uma investigação feita pelo banco tinha mostrado que este recebera as suas instruções, não pelo correio, mas numa nota pessoal entregue por um advogado, agente de propriedade industrial de Nova York, um dr. Duisberg, que a recebera duma firma bancária suiça. Averiguou-se depois que o dr. Duisberg era filho de um dos mais conhecidos químicos do grande truste alemão I. G. Farben. E o presidente da General Aniline, embora cidadão americano, era irmão do *Geheimrat* Herman Schmitz, presidente da I. G. Farben!

Outra investigação provou que, apesar da pretendida venda das ações, a General Aniline tinha continuado a pagar dividendos ao anterior proprietário holandês. Alem disso, relatórios de Wall Street mencionavam que, ao ser fundada a General Aniline, a I. G. Farben, por meio dum banco suiço, tinha sido um dos compradores das suas ações estrangeiras.

A ação do Ministério da Fazenda, suspendendo a transferência das ações, causou enorme exaltação entre os diretores da General Aniline. E, segundo parece, era tal a importância dada a uma solução imediata, que alguns funcionários superiores da companhia, com os seus advogados, correram a Washington. O comprador suiço pediu a intervenção do Ministro da Suiça, que agiu sem-delongas. Aparentemente, o seu governo mandara-lhe uma declaração segundo a qual o comprador suiço era claramente controlado pela Suiça. Mas o Ministério da Fazenda continuou a adiar.

Na noite de 11 de dezembro de 1941, quatro dias depois de Pearl Harbor, um grupo escolhido de empregados do Ministério tomou lugar num avião de Washington para Nova York. Centenas de empregados da Inspeção de Fundos Estrangeiros partiram naquela mesma noite em missões idênticas por todos os Estados Unidos. O encargo confiado àquele grupo especial foi o de tomar conta da General Aniline como um provavel Inimigo No. 1.

Meses de investigação revelaram informações surpreendentes. Notícias secretas da Suiça indicavam que os diretores da firma suiça, que tinham comprado as ações, eram testas-de-ferro dos nazistas; que os dirigentes da General Aniline o sabiam, e que eles próprios eram agentes dos alemães. De Londres os ingleses informavam, e o Comissário das Índias holandesas confirmava, que a I. G. Farben era um instrumento nazista desde 1936; que tinha estabelecido um império de produtos químicos disfarçado, por todo o mundo, adquirindo o controle de companhias aparentemente independentes em outros paises; e que estas companhias subsidiárias estavam sendo pouco a pouco

preparadas para exercer a espionagem.

Os funcionários do Ministério examinaram, nos escritórios da General Aniline, em Nova York, os contratos da companhia com os seus empregados: todos estipulavam férias na Alemanha. Centenas de cidadãos alemães estavam empregados nas fábricas da firma. Dúzias de empregados de menor categoria tinham sido admitidos mediante recomendação de agências nazistas de Nova York e de Berlim. O contra-mestre da fábrica de Nova Jersey era o *Gauleiter* da seção oriental da Germano-Americana. Em todas as companhias subsidiárias havia técnicos e químicos alemães, absolutamente indispensaveis, segundo juravam os diretores.

O que causava preocupação ainda maior era o fato de que os documentos mostravam que as encomendas confiadas à firma incluíam trabalhos confidenciais nos arsenais de marinha e nos campos de aviação. Uma das operações da firma consistia em fazer reproduções e filmes de projetos, e isto fornecia informações secretas suficientes afim de que um inimigo pudesse planejar outra catástrofe igual à de Pearl Harbor.

Nessa mesma semana outra força de agentes do Ministério da Fazenda apreendeu e fechou a Companhia Chemnyco. Os seus arquivos revelaram a existência duma Comissão de I. G. Farben para Informações Políticas e Econômicas, associada com o governo nazista e tendo Berlim como sede. Mostravam tambem os *dossiers* que para aquela mesma sede têm sido enviadas, desde há alguns anos, informações completas sobre estabelecimentos industriais, invenções, produção e matérias primas dos Estados Unidos. Relatórios semanais, baseados não só em observações pessoais mas tambem em extratos de jornais técnicos e em serviços de informações, representando um custo anual de 240.000 dólares, eram regularmente expedidos para a Alemanha.

Devido à destruição de parte dos arquivos, não foi possivel aos agentes do Ministério da Fazenda reconstruir o plano completo, mas obtiveram-se provas suficientes para mostrar o vasto alcance da rede de espionagem que se tinha conseguido interromper. Nos escritórios havia ainda mapas de estradas de ferro, de rodovias, de indústrias mineiras, de zonas de petróleo e canalizações, de rotas de navios petroleiros, de cabos de alta-tensão elétrica, cartas topográficas das costas e baías americanas, e um mapa das «Ilhas da Índia Ocidental e entradas do Canal do Panamá».

A Companhia Chemnyco tinha mais de 3.000 patentes sobre vários processos químicos da I. G. Farben, contando-se entre os fregueses americanos que as usavam, centenas das nossas mais importantes fábricas. Devido às relações que daí resultavam a Chemnyco tinha conseguido entrada, nas mais destacadas indústrias dos Estados Unidos, a funcionários nazistas, químicos e outros, que observaram desde o alumínio e a borracha até a gasolina e a aviação. Ainda quando a Luftwaffe estava esmagando a Polônia, Cláudio Dornier, filho do célebre desenhista de aviões da Alemanha, tivera dessa maneira acesso às importantes fábricas de aeroplanos da Costa do Pacífico.

Entre os documentos apreendidos pelo Ministério à Chemnyco, figura o diário de um seu antigo procurador, em que se encontram notas íntimas de discussões na Alemanha, propondo a formação duma companhia como a General Aniline na América, da qual se deveriam comprar 10.000.000 de dólares de ações para o controle pela I. G. Farben por intermédio de uma firma suiça. Alem disso,

D. A. Schmitz, presidente da General Aniline até que o Ministério da Fazenda começara a sua investigação, fora, antes presidente da Chemnyco!

Durante anos o controle das ações da General Aniline estivera nas mãos da I. G. Farben, por meio de testas-de-ferro holandeses e suiços, os quais tentaram, em 1940, ludibriar o congelamento dos seus valores holandeses, fingindo uma venda com data anterior feita pelo testa-de-ferro holandês ao suiço. Assim poderia alegar-se que tais valores pertenciam à Suiça, país neutro, e as 1.500.000 ações da General Aniline seriam vendidas de novo a funcionários alemães de confiança nos Estados Unidos. A I. G. Farben seria assim provida de dinheiro americano e a General Aniline apareceria aos olhos de todos como uma companhia incontestavelmente americana, mas perfeitamente organizada para ser um império de espionagem e de sabotagem.

Seguiu-se outro fato favoravel. Um antigo secretário de confiança da General Aniline confessou que esta era, em toda a extensão da palavra, uma subsidiária total da I. G. Farben, e incluía todas as outras subsidiárias. A transferência das ações constituira a fase menos importante da conspiração. Não só os relatórios semanais para a Alemanha tinham sido parte da espionagem da General Aniline desde 1936, mas tambem tais relatórios continuavam a ser remetidos para Berlim por vias indiretas.

Tais informações abrangiam películas cinematográficas de equipamento militar secreto dos Estados Unidos, planos, microfilmes e dados sobre desenhos e produção dos novos navios de guerra americanos. A Agfa-Ansco, que era uma das subsidiárias, vendia películas cinematográficas comprometendo-se a revelá-las. Contavam-se entre os seus clientes o Exército, a Armada e os Fuzileiros Navais. Estes entregavam-lhe as suas películas para revelar, antes da censura oficial, e a Agfa podia facilmente enviar cópias a Berlim.

Alem disso, graças ao seu processo patenteado *Ozalid*, para a reprodução de projetos e desenhos, tinha entrada em mais de 3.500 fábricas e nos centros de Aviação Naval dos Estados Unidos, onde estavam em uso as máquinas *Ozalid*, a cargo dos agentes da General Aniline. Devido ao processo *Ozaphane*, ainda desta companhia, para a impressão de microfilmes, tinham acesso às películas da Intendência e da Marinha, mostrando os últimos aperfeiçoamentos. A história completa do mais moderno couraçado americano encontrou-se numa película de 35 mm, pronta para ser enviada imediatamente. É o que se chama espionagem de luxo!

Os arquivos da Inspeção de Fundos Estrangeiros estão atulhados com dúzias de casos tão incriveis como este que aquí apontamos.

Desde junho de 1941 o Ministério da Fazenda vem investigando 3.700 firmas e milhares de indivíduos. Mais de 400 firmas, incluindo a General Aniline, foram colocadas nas mãos do Administrador da Propriedade Estrangeira, para serem dirigidas pelo Governo; 2.100 outras acham-se sob a vigilância direta do Ministério, não por serem inimigas—conseguiram provar que o não eram—mas porque são no todo ou em parte propriedade de estrangeiros neutros ou pessoas vivendo em paises ocupados, e poderiam ter sido usadas para sabotagem ou espionagem.

Hoje, a atividade secreta do inimigo já caiu muitíssimo, resultado de que, sem a mínima dúvida, bem se pode orgulhar o Ministério da Fazenda.

SEÇÃO DE LIVROS

Pioneiros! Pioneiros!

CONDENSAÇÃO DO LIVRO

PIONEERS! O PIONEERS

Por

Hilary St. George Saunders

HILARY ST. GEORGE SAUNDERS foi escolhido, pelo Ministério de Informações da Grã-Bretanha, para escrever seis livros oficiais sobre a guerra. Cumpriu sua missão, sendo que as obras que escreveu (*The Battle of Britain*, *Bomber Command*, etc.) tiveram êxito acima de todas as expectativas, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos, onde a última delas, *Combined Operations*, em maio do ano passado foi escolhida como o Livro do Mês.

Terminada a série, o escritor, pela primeira vez, veio aos Estados Unidos, cujo panorama lhe inspirou admiração e entusiasmo.

No livro que em seguida resumimos, aparecem os Estados Unidos em tempo de guerra, tal como foram vistos por um inglês a quem não passaram despercebidos o espírito de cooperação e as fraquezas, bem como o extraordinário vigor do país. O título dado à obra foi extraido de um verso de Walt Whitman, o grande poeta americano.

Macmillan Co., editora,
60 Fifth Avenue, Nova York

Pioneiros! Pioneiros!

JÁ ERAM QUASE onze horas da noite quando desembarquei do navio que me trouxera, e me vi numa espécie de enorme barracão, muito mal iluminado. Onde estavam as famosas luzes de Nova York?

Observei, pois, ao carregador que levava minhas duas malas: —Eu pensei que Nova York tivesse muito mais luz.

—É o blacaute, replicou ele, com certo orgulho. —Só de experiência... acrescentou, e pareceu-me que havia em sua voz uma ligeira decepção.

Para mim, os blacautes pouco significavam, após quatro anos em Londres; sentí-me, porem, aliviado quando se acenderam as luzes e apareceu um taxi.

—Pra onde é que vamos? perguntou-me o chofer, que logo acrescentou:—O sr. é inglês?

Respondí que sim, e fiquei a olhar as luzes e um enorme edifício, de vago feitio, dez vezes maior do que qualquer coisa do gênero que eu jamais vira na Europa.

—Bem, prosseguiu o chofer,—o sr. com certeza não vai querer gastar muito dinheiro; eu levo o sr. pra um hotel que não cobra mais de uns cinco dólares por dia. Será que ainda é demais? E, ao dizê-lo, passou uma vista de olhos pelo único terno respeitavel que ainda me restava, e que eu me decidira a vestir como uma espécie de tributo à América.

Achei razoavel, e continuamos nossa palestra sobre vários assuntos; ele me contou várias coisas de sua vida doméstica, que me pareceu feliz e harmoniosa, e, por outro lado, perguntou-me qual era meu meio de vida. Quando eu disse que era escritor, pediu-me um de meus livros, do qual depois lhe enviei um exemplar.

Foi-me recitando os nomes das ruas deslumbrantes de luz por que íamos passando, e logo percebí que o homem, à semelhança de São Paulo, se orgulhava da grande cidade onde morava. Experimentamos dois hotéis, e só ao chegarmos ao terceiro foi que o chofer se considerou satisfeito, convencido de que aquele me servia. —Aquí o sr. vai ficar bem instalado. Paguei-lhe; não quis aceitar gorjeta alguma. Com um aperto de mãos, despedimo-nos cordialmente. Eis aí o meu primeiro amigo nos Estados Unidos.

NA MANHÃ seguinte, logo que acordei, resolví pegar no telefone e pedir que me mandassem um jornal. A telefonista pôs-me em comunicação com o chefe do pessoal de portaria e mensageiros, funcionário realmente formidavel em todos os hotéis americanos,—indivíduo de uma espécie que muitas vezes encontrei em minhas viagens pelo país. Trata-se de um pássaro de brilhante plumagem, cujas cores variam conforme o clima e o *habitat*. Vi tais chefes de «boys» em azul e dourado, marron e verde, cinzento e prateado, preto e vermelho... E esse general, de coruscante farda, comanda um pequeno exército, o qual, agora que o país está em guerra e convoca tantos homens ao serviço da pátria, se divide em duas categorias distintas: crianças e anciãos.

Pois enquanto me deixei ficar na cama, à espera de meu jornal, ouço que batiam energicamente à porta. Percebendo que aquilo se repetia, resolví afinal levantar-me, e ver de que se tratava. É interessante que os empregados de hotéis, nos Estados Unidos, nunca entram, sem bater, nos quartos dos hóspedes. Temos que abrir a porta para eles. Foi o que fiz. No limiar, deparei com um «boy» que devia ter pelo menos setenta primaveras. Em suas mãos vi algo que me pareceu uma edição aumentada do presente catálogo de telefones de Londres. Nada mais era que o exemplar de um jornal—o *Herald Tribune*—composto com papel tão abundante, que seria suficiente para um mês inteiro de edições de um dos jornais de Londres, tais como atualmente se publicam. Enquanto me vestia, fui lendo pequenos trechos do periódico, e pude então averiguar que o mais interessante de tudo são os artigos assinados pelos chamados «colunistas», e publicados diariamente.

Até certo ponto (pelo menos assim me pareceu), esses «colunistas», bem como os autores de comentários irradiados, preenchem uma das funções exercidas, na Inglaterra, pelos membros do Parlamento, isto é, a que consiste em dirigir perguntas ao Governo em relação a diversos assuntos de interesse geral. No Congresso norte-americano, não há uma «sessão de perguntas», simplesmente porque faltam, no Executivo do país, os Ministros de Estado, diretamente responsaveis perante o Parlamento. Na ausência desse sistema, as perguntas são feitas pelos jornalistas especializados, quer durante as famosas entrevistas coletivas do Presidente, quer nas colunas dos seus jornais, ou através do rádio.

E é justamente porque existe essa função de «fazer perguntas», de «pedir satisfações», que é vedado aos homens públicos nos Estados Unidos menosprezar a imprensa. Os jornalistas especializados já elevaram à categoria de verdadeira arte a curiosidade caraterística dos americanos, e, assim, lhes fazem perguntas sobre quaisquer assuntos, e é preciso estar bem aparelhado para respondê-las. Os «colunistas» estão muitas vezes a par de certas coisas que pouca gente sabe, e não duvido de que sejam tão bem informados quanto os Ministros do gabinete inglês. Os que conhecí me deram a impressão de grande probidade.

Quanto aos comentadores radiofônicos, têm um hábito, aliás bastante incômodo, de fazer, ao entrevistado, algumas perguntas à queima-roupa, diante do microfone. Se gostam das respostas recebidas, revelam desde logo, pela expressão do rosto, o seu agrado: e, satisfeitos, erguem as mãos, e sacodem o braço de cima a baixo... Se, por outro lado, o interlocutor não responde satisfatoriamente, a cara de decepção do comentador é evidente, e ele passa a outra pergunta.

É preciso não esquecer outro pormenor, que é o peor de todos. Antes mesmo de se iniciar o sacrifício daquela entrevista ao microfone, ouve-se a voz rápida e viva do locutor, anunciando aos milhões de ouvintes que o programa lhes é oferecido sob os auspícios do dentifrício tal, ou de um laxativo qualquer, ou então, vergonha das vergonhas! de um remédio para o suor das axilas... Nunca me acostumarei a esses programas comerciais.

Interlúdio em Washington

PASSEI vários dias em Washington, estranha cidade construida, por não sei que motivo, sobre terreno pantanoso. Já

ouví quem a descrevesse chamando-lhe «cidade concienciosamente bela». Julgo malévolo tal conceito. A beleza da metrópole é «proposital», pois Washington foi edificada de acordo com plantas cuidadosamente elaboradas. Deu-me uma impressão de gélida grandiosidade. Os americanos adoram o espaço. Se, como no caso de Nova York, é impossivel construir espaçosamente, expandem-se na vertical; porem se, como em Washington, e, principalmente, em Los Angeles, há muita largueza, fazem desta o melhor uso possivel, sem se preocupar com as distâncias.

Indo ao Capitólio, que é a sede do Congresso, lá fiquei uma hora, sentado na Galeria dos Espectadores (Strangers' Gallery), a testemunhar um debate da Câmara dos Deputados. Pude então observar até que ponto chega a sem-cerimônia dos americanos: os senhores deputados, que lá se viam nesse dia, estavam refestelados em confortaveis poltronas. Sete deles fumavam e liam jornais! Parecia que se achavam num clube, escondendo-se atrás do jornal para se proteger contra as investidas de algum «cacete»—o qual, no caso, era o ilustre deputado que, no momento, ocupava a tribuna.

Este falava, ao microfone, com intensa convicção, enquanto, à sua frente, um indivíduo enérgico tomava notas taquigráficas de todas as palavras num caderno. Por todos os cantos viam-se contínuos, em mangas de camisa—meninos ainda pequenos,—correndo de um lado a outro a levar recados. Do lado oposto ao ponto em que me achava, distinguí, de longe, a deputada Clare Luce, cujo lindo perfil se debruçava sobre uma pequena pilha de documentos. O presidente da Câmara, sr. Samuel Rayburn, solene em sua tribuna, mas usando um terno comum, brincava com um peso para papéis. Comparado com a Câmara dos Comuns em Londres, aquele ambiente se me afigurou tão destituido de formalidades, que até dava a impressão de ser tudo deliberado e proposital.

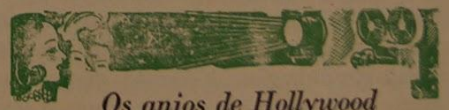
A caminho de Los Angeles

Na viagem aérea para Los Angeles, Chicago é uma das paradas principais, e antes de aí chegarmos fomos surpreendidos, em vôo, por forte tempestade. É verdade que o incômodo de uma viagem aos pulos e saltos foi bastante atenuado pela encantadora beleza da aero-moça de bordo. Vendo aquele pobre inglês, enjoado demais para tentar comer o delicioso jantar que havia preparado para os americanos de estômagos mais resistentes, ofereceu-me suco de laranja e uma boa prosa. Restava-me ainda alguma inteligência, pelo menos o suficiente para perceber que tudo aquilo fazia parte das funções que lhe eram atribuidas. Entretanto, desempenhou-se tão bem que, em certos momentos, cheguei a pensar que talvez o seu interesse por mim fosse um pouco mais longe do que o mero cumprimento do dever de acudir aos passageiros ameaçados de enjôo. Sim, poderia tratar-se de algum maior favor especial que me quisessem dispensar os deuses... Não tardou porem que eu reparasse que ela usava anel de noivado, e tive que elogiá-la, com os meus botões, pela competência com que me iludira.

Ao chegarmos ao aeroporto de Chicago, todos os passageiros, à exceção dos militares e de mim, foram levados para um hotel, aparentemente às custas da Companhia. Sucede que eu tinha prioridade da qual, de bom grado, teria desistido, pois estava exhausto, e desejava, acima de tudo, tomar um bom banho, e cair numa cama confortavel. Mas foi inutil; por mais que oferecesse minha prioridade, não a quiseram aceitar... Já estava tudo preparado: apesar do mau tempo, sairia um avião, naquela mesma noite, para Salt Lake City, e nele havia lugar reservado para mim.

O deserto, que sobrevoamos no dia seguinte, pareceu-me terrivel em sua desolação, e calma e serena beleza. Nunca me fora dado antes voar, durante várias horas, sobre terras tão vastas e deshabitadas, e portanto tão indiferentes ao homem. Lá de baixo, o ermo contemplava aquele deslumbrante peixe prateado que navegava no espaço a 400 km. por hora, e julguei ver, naquela terra árida, uma expressão de desapaixonado desdem pela raça humana...

Se, ao sobrevoar o deserto, nada sentí a não ser essa relutante impressão de horror, foi bem diferente a minha sensação quando passamos, daí a pouco, sobre zonas cultivadas, porque enjoei... Havia 14 horas que eu estava no avião,—longa viagem, interrompida apenas, de vez em quando, por curtas paradas. E foi só devido ao meu próprio esforço e aos consoladores sorrisos de outra aero-moça, que conseguí aguentar-me até o fim. Cheguei, finalmente, a Los Angeles, e, se bem que tivesse a boca cheia de saliva, pude, como disse um companheiro, «guardar minha comida no estômago...»



Os anjos de Hollywood

Tanto em Los Angeles como no subúrbio de Hollywood, receberam-me com hospitalidade verdadeiramente «principesca», como diria uma de minhas velhas tias. A cidade propriamente dita é estranha no seu desalinho: tudo me dava a impressão de inacabado... Havia quarteirões inteiros ainda vagos, ou cheios demais, ou então cobertos de imensos cartazes anunciando Coca-Cola, Pepsi-Cola, ou algum outro produto, desses que se diriam indispensaveis à felicidade humana... À medida que eu passava, num carro veloz, por esses anúncios, recebia os sorrisos pintados, fixos nos rostos imaculados de crianças ou moças, ampliadas cincoenta vezes em relação ao seu tamanho natural. Em geral comiam bananas com algum dos cereais do pequeno almoço (de-li-cio-sa-men-te nutritivo, etc....), ou então empunhavam, com ar triunfante, algum tubo de dentifrício, ou uma latinha de salmão. Não importa, porem, o que anunciavam; para mim, eram um símbolo da paixão de Los Angeles por tudo o que seja grande. Meu anfitrião explicou-me que a rua principal da cidade, com cerca de 80 km. de comprimento, o que me foi facil acreditar, depois de chegarmos ao trigésimo... E tudo mais obedecia a essa escala.

A forma humana, os corpos e os rostos, jamais, na história da Humanidade—a não ser talvez nas ruas de Atenas, quando Praxiteles se achava no auge de sua atividade—atingiram a perfeição que se nota em Hollywood. A beleza, imaculada em traços e em forma, é abundante como as flores de maio, e as lindas mulheres são, por assim dizer, «a três por dois»... Para um europeu a aparência física das mulheres americanas é uma das surpresas mais deliciosas (quase diria «inebriantes») do Novo Mundo. Qualquer que seja sua idade ou a classe social a que pertençam, a beleza, nelas, dá a impressão de instintiva. E a quintessência dessas maravilhas encontra-se, sem dúvi-

da, em Hollywood. Não é de admirar, porque, afinal de contas, Hollywood não costuma regatear o preço que paga à beleza.

Há em Hollywood um grupo de atores e atrizes ingleses que têm empenhado seus melhores esforços no sentido de trazer ao cinema uma imagem correta da vida britânica. Infelizmente, tais tentativas falham, muitas vezes, devido aos chamados «peritos»,—estranho grupo de indivíduos mantidos permanentemente pelos grandes estúdios. Muitos desses peritos, note-se, têm bom conhecimento da vida e da cena inglesa; o peor, porem, é que tal conhecimento parou em 1937, ou por aí, pois dessa data em diante não foram mais à Inglaterra. Continuam então a fazer filmes cheios de automoveis Rolls-Royce e suntuosos palácios, com criadagem e tudo, e um luxo que surpreenderia até a um Trollope.

Se os «peritos» a que me refiro tivessem viajado pela Grã Bretanha nos últimos quatro anos, a famosa Mrs. Miniver (do filme «Rosa de Esperança») apareceria na tela com vestidos mais modestos, e certamente viveria em outro estilo; e os «comandos» teriam os rostos pintados de preto.

Das muitas pessoas que conhecí em Hollywood, algumas se destacam nitidamente em minha memória. A primeira é Walt Disney, a quem me vejo forçado a aplicar uma palavra já gasta pelo uso: um gênio. Um gênio que está transformando o filme cinematográfico em alguma coisa de rico e estranho, uma arte composta de movimento, cor e som, e cujas possibilidades, a meu ver, são ilimitadas. Não vejo mesmo razão para duvidar de que Walt Disney poderá fazer, na tela, o que Shakespeare conseguiu no palco. Ambos podem, à vontade, elevar e transportar o espírito humano até aquelas terras nunca exploradas, longínquas terras de fadas, onde «...se avistam, ao longe, chifres cintilantes, e surgem rebanhos dourados...»

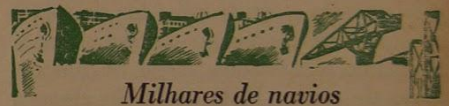
Os representantes que conhecí, do outro mundo cinematográfico, se bem que muito diferentes de Disney, não são menos notaveis. São homens de negócios, na mais pura acepção da palavra, homens que ambicionam simplesmente a fortuna; aliás nunca pude compreender por que motivo essa ambição parece descabida e absurda. Ninguem se insurge contra os que fizeram fortuna, explorando o teatro. Porque então acusar Louis Mayer, Sam Goldwyn, Ben Goetz e Cecil B. De Mille, e tantos outros, só porque a tela lhes proporciona bons lucros? São, todos eles, absolutamente francos a esse respeito, e não eu que lhes negue razão. «Dinheiro é a última das minhas preocupações,» disse-me Goetz, que continuou, depois, com um piscar de olhos, «...isto é, a última, antes de fechar os olhos para dormir!»

Mesmo em tempo de guerra, o dolar é, para o americano, um símbolo de progresso individual, e não apenas um meio para atingir um fim. Por conseguinte, não hesita em gastar, pois considera o seu patrimônio material como prova evidente e visivel de sua prosperidade, que deve ser compartilhada por todos. Gosta que o visitante lhe admire a casa e a mobília, o automovel, e as instalações do clube. Sua notória e generosa hospitalidade prossegue inalterada, a despeito dos pesadíssimos impostos de guerra, do custo crescente da vida, e do grande receio de inflação. Vivendo dessa maneira, o americano espera que o estrangeiro que o visita lhe possa seguir sempre o exemplo; e aí é que está a dificuldade...

Os funcionários do governo inglês, em serviço nos Estados Unidos, não podem corresponder a tais gastos, pois o Tesouro Britânico, esse Cerbero com olhos de Argus, lhes monta guarda ao orçamento, pondo-lhes entraves às liberalidades. O Tesouro dá, a cada cidadão, apenas a quantia justa, de acordo com a opinião dele, Tesouro, e nem um niquel mais; entretanto, a idéia que essa Repartição faz do que é necessário e justo fica muito aquem da concepção americana. Daí resulta uma situação constrangedora para os funcionários ingleses, nos Estados Unidos. Sejam eles permanentes ou temporários, ganham o suficiente para viver, é certo; mas o que recebem não dá, em absoluto, para que retribuam, na altura, a hospitalidade local.

Quanto ao assunto de fazer filmes, Ben Goetz foi absolutamente franco. É certo que o cinema deveria contribuir para educar o povo, mas é maldade e insensatez querer empurrar educação em grandes doses... Que mal há em meter um pouco de amor, numa história bem escrita, que dele poderia prescindir? O amor, nos filmes, é necessário, não só para os que estão amando, senão tambem para os outros. Todos gostam desse gênero, e falar em platonismo é uma asneira muito grande.

A indústria cinematográfica de Hollywood está atravessando, no momento, uma de suas muitas crises periódicas. Tem sido rudemente atacada pela imprensa, por viver num mundo aparte, num reino de fantasia e sonho. Por exemplo: porque não produzem mais filmes sérios sobre a guerra? Entretanto, quanto a mim, preferiria que Hollywood prosseguisse em seu caminho, como o vem fazendo até agora. Não só para os operários de fábricas, mas igualmente para os combatentes, os divertimentos são tão necessários quanto o alimento ou a munição. Basta ir até um dos destacamentos mais longínquos, ou a uma das bases aéreas mais isoladas, onde vive grande quantidade de moços em condições quase monásticas; lá se verá o efeito que os filmes exercem sobre a rapaziada. E o que mais desejam são as comédias e as farsas, imagens de uma sociedade o mais diferente possivel daquilo que estão vivendo. É só mesmo por meio da tela que lhes é dado fugir, mentalmente, por algum tempo, da sua horrivel monotonia; e tais fugas são, às vezes, essenciais.



Milhares de navios

Deixei Los Angeles em linda tarde de maio, e, no trajeto até o aeroporto, coube-me admirar a estrada, típica, aliás, do notavel sistema de comunicações rodoviárias nos Estados Unidos. No que se refere às estradas, os americanos se assemelham aos romanos. Constroem-nas com o melhor material que exista, e seu objetivo é sempre transportar os seres humanos de um ponto a outro no menor espaço de tempo possivel. A rodovia norte-americana é das tais coisas que é preciso ver para crer, ao contrário de muitas estradas da Europa, que é preciso, primeiro, crer, para depois ter coragem de ver... Perto de Hollywood, há por exemplo um vale estreito, que constitue uma das principais passagens através da montanha. Os primeiros colonizadores fizeram aí uma estrada que seguia as sinuosidades do vale. Com o advento do automovel, porem, os engenheiros decidiram elevar de alguns metros o nivel do terreno, afim de que fosse possivel construir duas rodovias largas—o que é, seja dito, um sistema comumente adotado

nos Estados Unidos; tirar terra às montanhas, para encher os vales.

Ao cair da noite, cheguei a São Francisco. Enquanto o avião descrevia largos círculos sobre a cidade, antes de aterrar, pus-me a observar pela janela, e vi o que, a princípio, me pareceu uma vasta mancha de fumaça, obscurecendo a paisagem. Que seria? Outro incêndio, como aquele que destruira a cidade em 1906, após o terremoto? Não tardei entretanto a perceber que se tratava de nevoeiro, espessa camada de névoa vinda do Pacífico, e que, muitas vezes, cobre por completo uma dada zona da cidade, deixando o resto claro e nítido sob a luz do sol ou da lua. Esse fenômeno natural dá a S. Francisco a aparência irreal de um cenário de palco. Vista assim de cima, a cidade parece tênue e evanescente, como que um misto de sonho e mágica. Podia muito bem ser a capital da Terra dos Cucos, de Aristófanes, ou do País de Lyonesse.

Perguntei a mim mesmo se seria possivel que alguem trabalhasse naquela cidade. No dia seguinte, tive a resposta. Já perto de anoitecer, estava eu em pé, numa pequena plataforma de madeira. Diante de mim, alinhavam-se vários trabalhadores, homens e mulheres, em macacões sujos e fortes. Atrás deles, viam-se os enormes vultos dos navios em construção; estavam ainda por acabar, mas não demoraria muito até que ficassem prontos. Embora a noite já se aproximasse, era a hora de almoço dos operários, pois aquele grupo pertencia ao «turno médio» entre o diurno e o noturno, das enormes docas Kaiser, em Oakland, na Califórnia.

Eu começara a falar, quando súbito fui tomado de um sentimento de pânico. Tive medo de não ser capaz de dizer àquela gente aquilo precisamente que alí estavam para ouvir, naquela breve hora de refeição, isto é, como ia indo a guerra, e de que modo se alcançaria a vitória. Era o que eu lhes devia explicar.

Não sei se o consegui. O que preciso deixar aquí registado é a seriedade, a compostura, o espírito de decisão que notei naqueles homens. Ah, se os inimigos acaso pudessem vê-los naquele instante... Não fizeram o menor ruido; e, quando o microfone enguliu minha última palavra, acudiram, na mesma atitude, à voz do apito que os chamava novamente às suas fainas.

Para os americanos, a julgar pelo que se vê, construir navios «é sopa». Não se trata de um processo sacrossanto, produto de longa tradição passada de pai a filho durante muitas gerações de construtores navais. Nada disso: nos Estados Unidos, a construção de navios nada mais é que um meio importantíssimo de alcançar a vitória, e foi apenas questão de aplicar a esse campo o talento criador de que resultou a produção em massa dos automoveis, em tempo de paz. Se soldar é mais rápido que rebitar, soldem-se as chapas. Se uma parte qualquer da embarcação—digamos o alojamento dos oficiais—resulta grande demais para caber facilmente no casco, dá-se solução muito simples ao problema: corta-se o que está «sobrando», por meio da tocha de acetileno, e depois se torna a soldar. Grande parte do navio é construida de cabeça para baixo, de maneira a facilitar a tarefa dos operários. Destes, muito poucos entendem os complicados desenhos de uma planta de arquiteto, e por isso fazem-se, do navio, modelos de material plástico. Qualquer operário pode, então, examinar o interior do barco através do casco transparente do modelo, e estará, assim, a par do feitio e da importância da peça em que está trabalhando, e da posição ou função que a ela cabe no conjunto.

Nunca se interrompe o trabalho nos estaleiros. Afim de que não haja no serviço soluções de continuidade, os operários devem alojar-se o mais perto que for possivel do local das obras. Para que isso se tornasse praticavel, construiu Kaiser verdadeira cidade ao lado do estaleiro: um grande agrupamento de casas de madeira, pequenas e muito asseadas, em ruas largas e limpas, bem arborizadas, onde as crianças podem brincar à vontade. E note-se que todo o terreno junto ao estaleiro era, em grande parte, pantanoso; Kaiser, porem, não se deixou intimidar por isso. Existia até, ao lado, uma grande colina, sáfara. Digo «existia», propositadamente, porque imediatamente se puseram a trabalhar as pás mecânicas, e, com a terra da colina, se aterrou pouco a pouco o pântano, elevando-se assim o respectivo nivel de cerca de metro e meio!

Conversei com muita gente em São Francisco: operários de estaleiro, marinheiros, soldados, jornalistas, homens de negócio. Todos, com raríssimas exceções, me deram a curiosa impressão de estar a pedir desculpas—algo que, devo dizer, chegou a comover-me. Desculpas, sim, pois estavam tão longe da guerra na Europa, e sofrendo tão pouco dos terriveis incômodos daí decorrentes: blacautes, racionamento rigoroso de alimentos, serviço de defesa passiva constante, e tudo o mais. Consideravam, sinceramente, que não vinham dando suficiente contribuição para ganhar a guerra, visto que não tinham sofrido ainda suficientemente. Foi isso, creio, o que mais me impressionou alí, como, em geral, no *Far West*: o constrangimento em que se sente o povo pelo fato de estar a viver uma vida de ordem e conforto, quando percebia claramente que, para chegar ao Japão, é preciso passar pela Alemanha... Tal atitude foi-me extremamente animadora, mesmo porque, a julgar pelo que me diziam, ia preparado para encontrar exatamente o oposto.

Esse desejo de participar do sofrimento alheio nasce de uma bela qualidade, primordial entre os americanos—a mesma qualidade que deles fez os maiores pioneiros do mundo, e que é mais forte que outras influências que os assaltam diariamente, tais como a da cadeia de jornais do velho Hearst, poderosíssima naquelas paragens radiantes de sol. Hearst—«o velho da montanha»—vive numa atmosfera de pálido esplendor num vale da Califórnia, em contacto com o mundo exterior por uma estrada de ferro particular; desse recanto, continua a soprar a corneta do Isolacionismo, com um vigor que a própria idade não conseguiu abater.

Embora a sequência das notas se tenha alterado, a música, no fundo, é a mesma que se fez ouvir na guerra passada, na Conferência da Paz, e através da existência, curta e malograda, da Liga das Nações. A velha melodia principal continua: «América primeiro, sempre e acima de tudo»; e as novas variações, tecidas sobre o mesmo tema, referem-se à «absurda estratégia» desta guerra, ao fato de que os americanos estão perdendo tempo na Europa, quando deveriam concentrar toda a sua força, desde já, contra o Japão. Uma vez dominado o Japão, caberia aos Estados Unidos retirarem-se comodamente para dentro das suas fronteiras; daí, inexpugnavel, após a derrota e a queda do seu único inimigo real, ficariam a contemplar o resto do mundo, em luta com as forças de destruição, por esse mesmo mundo desencadeadas. Ninguem descobriu ainda que títulos

possue esse sr. Hearst para estar a discutir questões de estratégia; sua voz, porem, reboa, tão alto que fora insensato menosprezar-lhe os efeitos, ou considerá-la inexistente.

Entretanto, falta ao sr. Hearst a isenção de ânimo precisa para que conquiste a opinião de seus concidadãos, aliás esclarecidos, de modo muito eficaz, pelos comentadores radiofônicos de Los Angeles e São Francisco. Estes homens, é preciso que se diga, estão-se desempenhando lindamente de uma tarefa util e saudavel, pois, alem de sempre justos, e bem informados, se têm revelado, no caso, infatigaveis batalhadores. O rádio representa, nos Estados Unidos, um papel bem mais importante que na Inglaterra. As chamadas «redes», que operam em forte concorrência umas com as outras, oferecem aos seus ouvintes, não só bons programas recreativos, mas tambem boa dose de instrução, e nesse campo o comentador do rádio pode concorrer, como de fato concorre, com o jornalista, no sentido de dirigir a opinião pública.

Chicago

Deixei São Francisco como lá chegara, isto é, ao cair da noite. Quando o avião ia subindo, pus-me a apreciar a miríade de lâmpadas acesas, e, alem, a remota mancha de luz que, há meia hora apenas, constituía a claridade deslumbrante das imediações do «Golden Gate»—Portão de Ouro. Daí a catorze horas, achava-me mergulhado na estridente grandiosidade de Chicago.

Segundo o horário, devíamos chegar a Chicago às 3 e 44 da tarde. E exatamente a essa hora (não às 3 e 43 ou 3 e 45...) o avião parou em frente ao edifício do aeroporto, após uma viagem que durara toda a noite e a manhã inteira, com diversas paradas no trajeto. Uma destas foi em Denver, no estado de Colorado, onde encontramos o aeroporto inundado pela luz da alvorada. Tive uma sensação de vastidão, aumentada talvez pelo ar fresco e leve, e imaginei estar de pé no terraço de um grande arranha-céu, cuja balaustrada era formada pelas Montanhas Rochosas, com o cume coberto de neve.

Em Chicago não tive nenhuma impressão que àquela se assemelhasse; é uma cidade fria e molhada, em que o ar, continuamente impregnado de umidade, adere aos grandes prédios à beira do lago, e vai impregnar os horriveis «slums»—tristes bairros de gente miseravel—atrás de majestosos edifícios; o único passageiro alívio é trazido pela brisa que, vinda do lago, purifica e refresca o ambiente durante uma hora ou pouco mais. No verão, pelo menos, o clima de Chicago é péssimo; a temperatura e a umidade confirmaram aí a minha opinião, segundo a qual grande parte dos americanos vivem, no verão, em pleno clima tropical, embora isso lhes passe despercebido, ou prefiram não cogitar do assunto.

O americano transpira alegremente, mas o europeu sofre. Este, para sentir um mínimo de conforto, sob tais temperaturas, precisa mudar de camisa umas três ou quatro vezes por dia, e é facil de imaginar o que isso significa para uma pessoa que, como eu, não podia carregar mais de 25 quilos de bagagem, pois viajava sempre de avião! Quanto à questão de lavagem de roupa, o problema é sério, e, no calor terrivel desse estio, assumia às vezes as proporções de verdadeiro pesadelo. A convocação, pelo exército ou pela marinha, atingiu, é claro, todas as classes e profissões, nos Estados Unidos; nenhuma, porem, parece ter

corrido a defender a pátria com tanto ardor, como a dos empregados de lavanderias e tinturarias!

Em Chicago conhecí muitos homens e mulheres que repeliam admitir a possibilidade de que, antes do fim da guerra, o Exército de seu país houvesse de sofrer pesadíssimas baixas. Uma das razões pelas quais os cidadãos de Chicago não parecem sentir a premência da guerra estará provavelmente no fato de se acharem dela tão distantes. É preciso um esforço de imaginação muito intenso, para ter diante dos olhos a área devastada junto à Catedral de São Paulo em Londres, ou as ruinas de Plymouth, quando se tem pela frente a majestade ostensiva (e quase diria «desaforada»...) dos arranha-céus de Chicago.

Chicago, mais do que qualquer outro lugar que eu tenha visitado, é uma cidade de contrastes. As largas avenidas, belamente arborizadas, e a alta e vasta linha de prédios, ao longo da margem do lago, estendem-se apenas por uma distância bem curta. O resto são quilômetros quadrados de bairros miseraveis, de aspecto tão triste quanto o East End em Londres, a Villette de París, ou o Moabit de Berlim. Não é de admirar que, do subúrbio de Cícero, tenham saido tantos gangsteres. Quanto a mim, confesso que cometeria, de bom grado, um grande crime, a troco de libertar-me daquele indescritivel ambiente.

Os esplendores e as misérias da arquitetura de Chicago refletem-se no espírito e na índole de seus cidadãos. Em nenhum outro lugar dos Estados Unidos ouví elogios tão irrestritos, ou censuras de tal acrimônia, ao Presidente Roosevelt; em parte alguma, tive ocasião de escutar discussões tão vivas sobre a guerra, ou por outro lado, maior apatia a esse respeito; e nunca antes haviam formulado, em minha presença, acusações tão graves, e, ao mesmo tempo, louvores tão soberbos, à Inglaterra.

Comparecí num jantar onde fiquei conhecendo diversos membros da redação do jornal *Chicago Tribune*, de propriedade do Coronel McCormick. Este cavalheiro, infelizmente, não se achava presente. Muito desejaria conhecer o homem que chegou a sugerir que a Inglaterra se tornasse o quadragésimonono estado da União Americana, pois só dessa maneira poderia o meu país ser bem governado, e seus cidadãos sentirem-se calmos e seguros... (Isso na mesma cidade de onde saiu, recentemente, um tal Big Bill Thompson, cuja maior aspiração era «arrebentar o nariz do rei George VII».) O coronel é bastante franco em suas acusações à Grã Bretanha no que concerne à administração da Índia, como à África do Sul, e, em geral, às colônias da Coroa. Mas, Coronel, o senhor não nasceu num país em que o estrangeiro nota, a cada passo, a diferença de tratamento que se dispensa aos cidadãos de pele mais escura e cabelo mais ondulado? É um fenômeno social que não poderá passar despercebido a ninguem. Alem disso, o Coronel reside numa cidade onde esses americanos, nascidos livres e equiparados a todos os outros, são forçados, pela sua cor, a morar em certos e determinados bairros, sob pena de se verem expostos a toda sorte de humilhações.

Durante o jantar, os camaradas do Coronel McCormick palestraram, livre e animadamente, sobre vários assuntos sem importância. Evitamos, propositadamente, quaisquer tópicos que pudessem provocar discussão; fizemos questão de guardar a cortesia, e até mesmo a cordialidade. Só uma vez, em um caso apenas, deixaram escapar alguma coisa

reveladora do que lhes ia no espírito; quando se falava de um restaurante de Chicago, onde se servia comida alemã, um deles voltou-se para mim, dizendo: «O sr. gostaria de ir lá, se é que ainda pode suportar qualquer coisa que lembre a Alemanha...» As palavras, em si, pouco significavam; o tom, porem, em que foram ditas, valia por uma revelação. Era como se tivesse dito: «Vocês, europeus, são uns idiotas; porque é que ainda brigam com um povo tão civilizado, tão extraordinário como o alemão?»

Em Chicago, visitei, certa manhã, um grande matadouro, onde se preparava a carne a ser exportada, e o que vi me convenceu, de uma vez por todas, da imensa dívida que temos a pagar aos Estados Unidos, pela carne enlatada que de lá vem para reforçar, consideravelmente, as rações de nossos soldados, bem como da população civil. Foi um espetáculo sangrento e muito impressionante. Vi os porcos, presos, como Íxion, a uma roda de onde passavam a uma cadeia movel; aí, gritando, e de cabeça para baixo, eram mortos com uma facada na garganta, vítimas da sentença coletiva que condenou toda a tribo cuja carne será comida. Corre da ferida um veio de sangue que é captado e guardado em reservatórios, para depois ser tratado e transformado em adubo. Já mortos, os porcos são levados a um recinto pequeno e quentíssimo, e aí mergulhados num poço de resina fervente, donde saem inteiramente cobertos de uma camada negra. A pele, assim, seca num instante, e então surgem uns indivíduos com luvas de couro, os quais despem os cadáveres de sua roupagem natural, deixando-os pálidos e desnudos, à espera do processo seguinte, que é o de «limpeza» das vísceras, noutro compartimento anexo. Os corpos negros, descascados num segundo, pelas mãos indiferentes de operários peritos... eis aí um espetáculo que jamais esquecerei.

Pouco vi das indústrias bélicas de Chicago. Nessa ocasião, quem as visitava era um amigo meu, o coronel MacAlpine, que dirigira o Comando No. 6 na África do Norte—comando esse composto de forças inglesas e norte-americanas. É um homem alto e imponente, que usava o saiote da Guarda Negra escocesa, e, sobretudo, excelente orador. Certa vez foi ele a uma fábrica de aço, cujos 12.000 operários haviam, uma hora antes, iniciado uma greve. MacAlpine, porem, nada sabia do fato, e fez a sua palestra perante bom número de grevistas. Falou sobre os Comandos em ação na África, e, ao terminar, foi vivamente aplaudido pelos operários, que voltaram sem hesitar, imediatamente, ao trabalho. Quando me relataram esse episódio, não me surpreendí: eu mesmo já percebera que, quando os operários ou operárias americanos ouviam contar como estavam sendo utilizadas as armas e munições por eles manufaturados, redobravam de esforços.

Passei uma noite inesquecivel em Chicago, com dois rapazes que eram ativos líderes trabalhistas. Conhecemo-nos às 8 e 30; daí a uma hora, já nos tratávamos pelos primeiros nomes, e, quando nos separamos, a alvorada branqueava a fumarenta cidade. Apesar de muito jovens, esses dois moços tinham dez anos de luta pelas uniões trabalhistas nos Estados Unidos. Haviam trabalhado numa série de fábricas, onde tentavam persuadir seus camaradas a crer na eficácia das uniões. Muitas vezes se viram agredidos pelos próprios operários, e outras tantas pelos capatazes. Tiveram ocasião de passar fome e as peores privações.

Entretanto, nunca vi dois homens tão corajosos em presença dos golpes do destino. De cabeça erguida, combativos, apaixonados, eram verdadeiros individualistas, a pregar por uma causa sagrada. Talvez seja, todavia, esse individualismo dominante que, inerente como é ao carater americano, dificulta grandemente a criação e o viço das uniões trabalhistas. A maioria dos americanos que conhecí preferia ater-se sempre a uma frase caraterística: «Cada qual por si»—doutrina que simboliza, para eles, a mola real da vida americana, que se não pode negar, e negá-la seria perecer.

Os dois jovens trabalhistas ofereceram-se para me mostrar a cidade, e fizeram-no como o fariam a um membro das forças armadas que só tivesse horas de licença. Iniciamos nossas voltas por uma importante avenida, iluminada brilhantemente de princípio a fim. Anúncios em gás «neon» coloriam cada esquina, e as vitrinas eram deslumbrantes de vida e luz. Jamais vira nada que se comparasse, nem mesmo no Piccadilly dos dias de paz, ou em París, «a cidade-luz».

Chegamos daí a pouco a um dos teatros chamados «burlescos». As paredes exteriores estavam cobertas de fotografias multicores das artistas,—bonitas e «agressivas». A casa estava cheia, principalmente de rapazes fardados.

Aproximei-me da vendedora de cigarros, e, ao pedir um maço de *Chesterfields*, deixei escapar o meu sotaque inglês. A simpática «vendeuse» pôs-se, então, a fazer-me perguntas sobre a vida noturna em Londres, durante a guerra, e eu, vendo tal interesse, contei-lhe que certo dia, passando por Piccadilly no blacaute, ouvira cair a bomba que matou vários pares que dansavam despreocupadamente num cabaré da rua Coventry. Quando terminei, ela prendeu a respiração durante um segundo, apertou minha mão comovidamente, e continuou, serena, a apregoar seus cigarros...

Ouví então o comentário de um fuzileiro naval norte-americano, que anunciava a aparição, no palco, de uma tal Miss Blank, criatura «muito boa», de Cincinnati. A orquestra saudou-a com um número tocado muito alto, e que era repetido cada vez que chegava uma nova artista à cena. Talvez seja esse o motivo musical do *strip-tease*, dansa americana em que a bailarina tira, no palco, várias peças de roupa, até reduzir sua indumentária a um mínimo...

Batíamos palmas, quando a cortina do fundo do palco se mexeu, e uma jovem, ondulante, aproximou-se do microfone, e começou a cantar. «Ondulante» talvez não seja a palavra ideal, mas qualquer coisa que se lhe assemelhe... A atitude dessas moças tinha qualquer coisa de dignidade, de uma dignidade mecânica, que, segundo creio, não deve ser nada facil de adquirir, requerendo, provavelmente, longa prática. Despiam-se com graça e entusiasmo, numa atitude alegre, como se dissessem: «Pode ser que isto seja pecado; mas vocês, que estão olhando, não são nenhuns santinhos...»

Aí ficamos cerca de meia hora, e meus companheiros então sugeriram que, já que eu vira as artistas brancas de Chicago, devia tambem assistir a um espetáculo de negros. Assim, dirigimo-nos a um cabaré inundado de luz, de onde vinham, altissonantes, os compassos do «swing». Sentamo-nos a uma mesa junto à orquestra, cujos músicos, em número de 35, suspiravam, e até zurravam pelos instrumentos adentro. Do público, nove décimos eram pretos, e se entregavam, alegremente, à dansa que se chama *jitterbug*. Para se fazer uma idéia do que seja essa dansa, é preciso vê-la exe-

cutada por negros, sob o estímulo de uma orquestra, tambem de negros; dá a impressão de uma dansa ritual, muito primitiva, das tribos da Costa do Ouro ou do Congo. Os rostos dos dansarinos brilhavam. Os olhos e bocas se fixavam num sorriso tão parado, que não podia deixar de fazer parte da execução. Era uma mistura de movimentos rápidos, mecânicos, num recinto quentíssimo e apertado, onde a música, em vagas sucessivas, nunca cessava.

Concentrei minha atenção sobre um casal que se destacava, a um canto da sala. O rapaz era um forte negro, vestido com um desses ternos adotados pelos pretos americanos: casaco longuíssimo, muito frouxo no corpo, chegando quase aos joelhos. A moça usava simplesmente um curto vestido de seda vermelha, sem mangas. Quando neles reparei, seguravam-se a alguma distância um do outro, enquanto os pés eram atirados para trás, para frente, e às vezes para os lados, com uma precisão absolutamente harmônica, e uma velocidade tão grande, que estonteava. De repente, por qualquer motivo, que me não foi dado perceber, separaram-se, e passaram a encarar-se um ao outro, braços erguidos. E, em obediência a qualquer sinal oculto, atiraram-se novamente nos braços um do outro, como se fossem dois átomos em louca disparada pelo espaço. O rapaz segurou a moça pela mão, puxou-a para perto de si com um gesto que lhe poderia ter deslocado o braço, e fê-la rodar em torno dele. Daí a um segundo, estavam unidos num apertado abraço.

Durante todo esse tempo, a orquestra gemia e soluçava no canto. Não havia regente; entretanto, nunca ouví ritmo e harmonia tão perfeitos. De vez em quando, um dos músicos, ora o trombone, ora o saxofone, ficava de pé, de um pulo, e, olhos rolando nas órbitas, lançava ao ar uma frase ou duas de canto, improvisadas, e nitidamente audiveis acima daquele volume compacto de som incessante. Chego mesmo a acreditar que, em dado momento, cada um dos componentes da banda tocava uma melodia diferente; no entanto, o conjunto era harmonioso e eufônico.

Tive a impressão de que aquela música exercia qualquer efeito hipnótico sobre os que a ouviam. Eu próprio, apesar do meu corpo e da minha idade madura, tenho certeza de que, se continuasse alí mais alguns minutos, teria pulado para o meio da sala, puxando alguma parceira que me ensinasse os complicadíssimos passos daquela dansa rústica. O que me trouxe de volta à realidade foi a voz de um jovem aviador sentado à mesa ao meu lado, o qual, com fogo nos olhos, abraçou a companheira, e disse-lhe: «Arrume os beiços, minha nêga; vou aterrissar.» E beijou-a ardentemente...

Detroit

Fui, certa noite, visitar a imensa fábrica de Henry Ford em Willow Run, perto de Detroit, e a cerca de 8.000 quilômetros da base aérea alemã mais próxima, o que torna o blacaute desnecessário. E eis aí uma das principais razões pelas quais a produção americana de material bélico pode atingir tão gigantescas proporções; sem a restrição do blacaute, o trabalho continua à noite com a mesma intensidade que de dia, com o mesmo ritmo inalterado.

Perguntaram-me se eu queria um carro elétrico para ir acompanhando, sentado, o trabalho ao longo das linhas de montagem, mas disseram-me, ao mesmo tempo, que, a pé, veria a coisa com mais pormenores. Resolví recusar o carro, mas, ao terminar a visita, estava em mísero estado de cansaço. «Meu Deus! Esta linha vai até o fim do mundo?» exclamei, vendo passar, diante dos olhos, a série aparentemente interminavel de imensos aviões de bombardeio. «Não senhor,» replicou um operário, que falava com forte sotaque tcheco, «vai até o fim do inimigo!»

De fato, diante do que vi em Willow Run, estou certo de que não se acha muito longe este fim, e assim continuei a acreditar, durante toda a visita às instalações de Detroit, onde se fabricam tanques, *jeeps* e motores de toda espécie. Aí verifiquei, melhor que em qualquer outro lugar, a extraordinária habilidade que têm os americanos para resolver complexos problemas de organização industrial, e de treinamento do operariado não-especializado. Vi mulheres, na sua maioria jovens, que trabalhavam, nas linhas de montagem, com a maior segurança e perícia, juntando peças complexas de motores aéreos, sendo que talvez nenhuma delas, seis meses atrás, tivesse a menor noção de tal serviço. E, sem embargo, o seu serviço diário, uma vez concluido, passava por exame mais rigoroso, registando-se um número insignificante de faltas ou defeitos a corrigir.

Toda a indústria automobilística está convertida em aparelhagem de produção bélica. Essa conversão foi efetuada, suponho, em meio de grande falatório e discussão, mas é assim mesmo que os americanos funcionam, e isso, longe de diminuir-lhes a eficiência, a aumenta notavelmente. Levei tempo até que pudesse compreender esse fato; mas, ao fim de minha viagem, estou absolutamente convencido de que é rigorosamente verdadeiro. Os americanos nunca procuram diminuir seus empreendimentos. Se julgam ter feito um bom serviço, são os primeiros a dizê-lo, e os ouvintes aplaudem, se estão de acordo. Não há falsa modéstia, não há essa timidez que ainda se observa na Inglaterra, nos próprios dias que correm. Os autênticos americanos preocupam-se sobretudo com a verdade, e, ao reconhecê-la, proclamam-na, desassombrada e calorosamente.

Miscelânea do centro

Na viagem de São Francisco a Chicago, voei durante toda uma manhã sobre uma vasta planície, inteiramente coberta de campos cultivados. Era a grande cinta agrícola dos Estados Unidos—quilômetros e quilômetros de fartura bem arrumada—habitada pelos fazendeiros da região central, sobre cujo isolacionismo e estreito egoismo muito eu ouvira falar em Londres e Nova York.

Quis aproximar-me dessa figura quase legendária. Como seria esse tipo: caladão e carrancudo, ou, o que seria peor, apenas sorridente e enigmático? Foi, pois, com grande prazer que passei uma dada manhã numa fazenda perto de Des Moines. Ladeando a casa, limpa, e bem construida, viam-se os imensos campos, muito mais amplos que os da Grã Bretanha; em alguns deles crescia, viçosa, a alfafa, ou o feijão de soja, cujos pés, erectos, se diria que marchavam pela terra negra e fertil.

O fazendeiro, Mr. Morris, e sua esposa, tinham ambos 70 anos de idade, e cuidavam da fazenda, com o auxílio do filho de 30 anos e da nora. Os outros filhos tinham ido para a guerra.

Durante três horas, ouví o que me

diziam pai e filho. E ao ouví-los falar da fertilidade daquele solo, novo e fresco, lembrei-me do que me dissera, de semelhante, o inquilino de meu sítio na Inglaterra, registrado no Século XV, e distante apenas uns poucos quilômetros de Piltdown, onde se encontrou a caveira de um homem neolítico. O cultivo do solo e a criação de gado são ocupações velhas de muitos séculos, quando nem se sonhava em construir navios e aeroplanos...

Ouví, com muito interesse, o que me dizia o filho do fazendeiro sobre agricultura científica. O rapaz era diplomado em agronomia pela Universidade Estadual de Iowa, e de fato entendia do assunto, enquanto o pai, segundo suas próprias palavras, «vinha cuidando da fazenda há duas gerações.» A esposa, encantadora matrona, era dessas pessoas que têm jeito e gosto especial para plantar, e cuidava, com muito carinho, da bela trepadeira que crescia junto à porta. Colheu para mim algumas flores, enquanto o velho e o moço continuavam a falar de agronomia. Lembro-me da última frase do fazendeiro: «Bem filho, se é para acabar a guerra mais depressa...»

Ouvindo isso, nem pude falar... A palavra «guerra» nos lábios daquele belo ancião era como uma blasfêmia proferida por um sacerdote. Era tão facil, naquele ambiente, refletir sobre a inutil loucura da guerra! E eu tantas vezes amaldiçoei o destino, pelo fato de ter nascido num período da história em que me coubera tomar parte em duas guerras futeis, e de ter trazido ao mundo filhos que terão de ir pela vida a remover os destroços acumulados pelos seus pais e avós em todos os cantos da terra. Todos esses pensamentos vieram-me de novo à mente, quando vi aquela gente de idade, boa e sensata, aceitando a situação com tal serenidade. Talvez o bom do velho tivesse percebido o que me ia na alma, pois voltou-se para mim, e observou, com a maior simplicidade: «Um bom céu, uma boa chuva a uma terra boa—se todos tivessem isso, não haveria descontentamentos...»

Ao sair da fazenda, levava comigo a impressão de ter estado a palestrar com personagens do Velho Testamento, impressão essa aliás ainda fortalecida mais tarde, nesse mesmo dia, quando tive ocasião de falar com outro casal de fazendeiros, pais do cabo Koons, que foi o primeiro soldado do exército americano a matar um alemão nesta guerra. Orgulhavam-se do filho, mas era maior ainda o seu orgulho por ainda lhes ser dado iniciar seu trabalho diário às 5 da manhã, mantendo a fazenda em ordem para quando o rapaz voltasse ao lar.

O velho casal Koons pareceu-me absurdamente deslocado no suntuoso vestíbulo do hotel em que me esperavam. Tinham vindo de Swea, que, ao que me dizia o fazendeiro, era «uma cidade bem pequena» (700 habitantes...) e o interesse por ver-me estava ligado ao fato de ter eu conversado com o filho logo em seguida ao seu primeiro encontro com o inimigo.

Sentamo-nos os três, um tanto embaraçados, junto a uma mesa na sala de jantar, e o nosso constrangimento aumentou com a presença de um fotógrafo, que surgiu de máquina em punho. Afinal, trouxeram-nos presunto com ovos, o que nos pôs mais à vontade. Fiz qualquer observação banal, a propósito da delícia que era, para mim, aquela refeição, pois, na Inglaterra, era impossivel obter presunto e ovos, a não ser em pó. A Senhora Koons admirou-se, e disse: «Pois eu colho três baldes de ovos todos os dias, e ainda cuido das vacas. Não vou com essa história de máquinas para tirar leite...»

Era uma bela mulher, de porte sobranceiro, que dera ao marido seis filhos, entre os quais o «Zip», isto é, Franklin Koons. Não tardou que nos puséssemos a falar das façanhas do rapaz em Diepe. Zip, que na ocasião era cabo, já foi promovido a sargento, tendo sido condecorado pelo próprio Lord Mountbatten, em prêmio da bravura que mostrou no referido encontro. Haviam tirado uma fotografia da cerimônia que me foi mostrada pelo pai. Mas, queriam saber, —que foi exatamente o que Zip fez? A mãe formulou a pergunta, e o velho, ao ouví-la, comentou, num murmúrio, que Zip nunca dizia nada nas cartas...

Expliquei-lhes, pois, o episódio da batalha, o melhor que pude, e por fim, tomando-me de entusiasmo, desenhei um mapa da costa francesa sobre a imaculada toalha da mesa. A pobre senhora ficou horrorizada com o meu gesto: imagine-se sujar desse jeito uma toalha tão branquinha! Mas estava muito curiosa por ouvir contar as proezas do filho. Atendendo a um seu pedido, passei a desenhar outro mapa, desta vez numa folha de papel, enquanto lhes narrava a história: Zip recebera ordens de atirar contra os homens de uma bateria alemã; escondera-se, para isso, no estábulo de uma fazenda, e fez fogo através de um buraco na manjedoura. Empreguei os possiveis esforços para lhes pôr diante dos olhos a cena, tal como o próprio rapaz ma descrevera naquela noite de agosto, no cais de um porto meridional inglês, enquanto, em torno de nós, iam e vinham os comandos, com rostos pintados de preto.

O casal Koons ouviu-me com grande atenção, e em profundo silêncio. Quando terminei, a senhora nada disse, e o velho fez-me apenas uma pergunta: «Os cavalos já tinham sido tirados do estábulo quando Zip entrou lá para atirar?» Respondí que não sabia, e ele, após um minuto de reflexão, acrescentou: «Com certeza já, porque foi uma hora depois do sol nascer»...

Ao fim do almoço, estávamos todos conversando animadamente sobre o negrume do solo do estado de Iowa, sobre a educação das crianças, sobre a situação alimentar na Inglaterra, em comparação com a dos Estados Unidos... Em relação à guerra, o sr. Koons tinha opinião bem definida. «O mundo,» disse-me ele antes de nos separarmos, «está ficando muito velho pra toda essa besteira de guerra. Esta vez tem que ser a última, e o meu filho, com os outros da geração dele, é que hão-de acabar com tudo isso. Nós aquí já aprendemos o que é a paz, mas com certeza ela nunca há-de durar muito tempo se vocês na Europa tambem não aprenderem...» De todo coração, pedí a Deus fervorosamente que o futuro lhe desse razão.

Ora, talvez isso não passasse de isolacionismo; mas, diga-se o que se disser, não se há de julgar mal as pessoas como os casais Morris e Koons, e portanto toda a população rural do Centro-Oeste americano. A meu ver, se essa gente parece sofrer de egoismo e estreiteza de vistas, é simplesmente porque reduz a vida ao que nela há de essencial. Para eles não existem complexos problemas psicológicos, nem as chamadas sutilezas da civilização. Encaram a existência como costumam encará-la os que cuidam da terra, isto é, como uma luta constante contra a seca, o frio, o vento, a chuva, os insetos daninhos e outros inimigos mobilizados pela natureza contra a fertilidade do solo. O combate, porem, de homens contra homens, é coisa que não podem conceber. «É uma estupidez incrivel!» E, no en-

tanto, enviaram seus filhos, às dezenas de milhares, para batalhar contra japoneses e alemães, na hora grave e angustiada que a pátria atravessa.

Os pais e avós desses fazendeiros deixaram a Europa pela simples razão de que lá se guerreava por dá cá aquela palha; e agora eles consideram que, reduzida a Europa de novo a exhausta passividade, precisa ser criado um mundo novo. Como se chegará a esse resultado, não saberiam dizer. Se, porem, os responsaveis pelos destinos das Nações Unidas falharem na paz, após terem vencido na guerra, os fazendeiros do Centro-Oeste, estou certo, hão-de tornar-se isolacionistas, sim; e a um grau muito mais elevado do que jamais poderão ter sonhado os senhores coronéis McCormicks. Enquanto isso, estão colaborando; estão na guerra, de fato, e têm, pelo que pude ver, a intenção firme de levar a tarefa até o fim.

Saudação a Mr. Higgins

Tomei o trem de São Luiz, com destino a Nova Orleãs, quando faltava apenas um minuto para a partida. Em matéria de estações de estrada de ferro, os arquitetos americanos não se contentaram com meias-medidas: essas estruturas são verdadeiros símbolos de progresso e majestade. As de Nova York são vastas e, em parte, subterrâneas; e, em outras cidades, notadamente Chicago e Detroit, nota-se quase a mesma coisa. Em todas vê-se imensa quantidade de bilheterias, balcões para venda de jornais e cigarros, charutos, bombons e amendoim; por todos os cantos trafegam os pequenos troles elétricos, levando sempre a bagagem dos outros (nunca a nossa!), e os viajantes se acumulam em número assombroso. Em todas as estações há imensos cartazes exortando aquele povo apressado a comprar bonus de guerra, e em nenhuma se notam indicações precisas quanto à plataforma em que devemos tomar o nosso trem.

A estação de São Luiz não constituía exceção a essa regra. Não só havia uma quantidade inacreditavel de passageiros, mas tambem se estabeleciam interminaveis filas para a compra de passagens. Afinal, sofrendo com o calor de não sei quantos graus, conseguí chegar ao trem e à minha «cabine especial»; e daí a alguns minutos via, ao lado do carro, as águas turvas e amareladas do rio Mississipi. Era a primeira vez que me via numa dessas cabines de trens americanos, a que dão o nome de «roomettes». Até então, viajara de avião ou nos chamados «camarotes», de extraordinário luxo. Nunca me acostumaria a esses «camarotes», até por causa dos nomes românticos que lhes dá a companhia; nomes tais que me lembram sempre uma de minhas respeitaveis tias, numa casa de campo, servindo o chá das cinco... e me pareceria sempre uma espécie de sacrilégio despir-me em tais lugares.

Numa cabine especial, à hora de dormir, o passageiro agarra dois fortes ganchos, e puxa para a frente a parte traseira da poltrona de modo que esta se transforma em cama, deixando, até a porta, uma distância de uns dez centímetros no máximo. Para um homem de minha corpulência, dez centímetros positivamente não dão para nada. Desesperado, pus-me a apertar todos os botões que encontrava... Acendí uma luz azul, sem querer, e a esta se seguiu uma verdadeira constelação de lâmpadas, até então ocultas, à medida que meus dedos frenéticos iam calcando comutadores. Salvei-

me, afinal, quando premí, sem o saber, uma campainha, a qual provocou a aproximação, em meu socorro, do guarda. Depois desses minutos de autêntico pânico, prefiro mil vezes a complicada façanha de despir-me num leito superior de carro comum...

Muito antes do trem chegar a Nova Orleãs, na manhã seguinte, já me achava de pé, a olhar a paisagem pela janela. Às colinas verdejantes liga-se uma grande planície de terra avermelhada, cortada por inúmeros riachos e cursos de água. As árvores, que se viam, em quantidade, eram estranhas, selvagens, retorcidas, e subiam de charcos; e as parasitas que lhes desciam dos galhos, semelhantes a fios de barba, davam-lhes o aspecto esquisito de um grupo de velhos acompanhando um enterro. Essas cabeludas parasitas medram de todos os ramos, e dão como que um toque de tristeza contra o azul do céu, em contraste com aquela paisagem de lindas cores e preguiçosa serenidade.

Sempre julguei que a precipitação e a correria fossem caraterísticas do povo que habita a parte norte dos Estados Unidos. Pode ser que assim seja, mas não notei grande diferença ao chegar em Nova Orleãs, o que, aliás, pode ser devido ao formidavel Mr. Higgins. Este enviara à estação, para receber-me, um emissário, que me levou, sem perda de um minuto, ao Hotel St. Charles, e, enquanto eu me sentava na cama, repousando, me induziu a dar uma entrevista a três senhoras jornalistas; em seguida, permitiu-me a calma de dez minutos para o meu café da manhã, já bem atrasado. Iniciou-se assim um programa exhaustivo, sem um segundo a desperdiçar, e em que me arrebataram todos os movimentos e todo o fôlego, até a hora do jantar.

Próximo a um pequeno rio, a alguma distância da cidade, Andrew Jackson Higgins constrói lanchas-torpedeiras e barcaças de invasão. Essas embarcações, aí fabricadas, já têm servido em expedições contra a costa norueguesa, bem como nas ilhas Salomão. Acho dificil descrever esse homem sem dúvida notavel—a figura mais impressionante que me foi dado conhecer nos Estados Unidos. De pé, junto à mesa de trabalho, olhou-me em silêncio, sem pestanejar. Considerava, evidentemente, coisa supérflua as meras frases amaveis e convencionais que a gente usa ao ser apresentado a alguem. Para chegar a uma descrição aproximada, só posso recorrer a uma expressão já velha pelo uso: «o homem irradiava energia».

—Então foi o sr. que construiu algumas das barcaças utilizadas pelos Comandos em Diepe, arrisquei, para quebrar o silêncio.

—Justamente, respondeu. —E vou-lhe mostrar como é que construimos essas lanchas. Primeiro, eu gostaria que o sr. falasse aos operários; diga a eles, por favor, como é que as lanchas por eles construidas aquí na fábrica estão sendo empregadas na guerra.

Daí a dez minutos, achava-me de pé numa espécie de tablado, a uns 15 metros acima dos ageis barcos que iam tomando forma, a olhos vistos, sob as mãos de centenas de operários, brancos e pretos, muitos dos quais nus da cintura para cima. Ao meu lado estava um jovem oficial americano, recem-chegado de Guadalcanal. Em frases curtas e desarticuladas, foi-me contando episódios sobre a vida e a morte naquela ilha de triste memória. Fora agraciado com uma alta condecoração por sua bravura. E o que esse rapaz me contou, é impossivel registrar aquí. Não tenho coragem para tanto; nenhum editor publicaria meu livro, e censor algum permitiria que este

se imprimisse. Mas tive uma imagem bem viva, embora rápida, do que é a luta que se trava atualmente pelo Pacífico contra os japoneses...

Não tardou que os operários, de ambos os sexos, se reunissem para ouvir-me, muito atentos, naquele recinto inundado da luz do sol. Eu sabia que havia outros, milhares deles, que, ao lado do trabalho já quase acabado, faziam uma pausa curta para almoçar, e ouvir-me através dum alto-falante.

Narrei-lhes as histórias de Diepe e de St. Nazaire. Escutaram sem a menor interrupção ou ruido, deixando escapar apenas, de vez em quando, um suspiro semelhante ao que já havia percebido entre os meus ouvintes de Oakland. Uma hora depois, alguns deles procuraram Mr. Higgins para oferecer uma hora de trabalho extra, todos os dias, até o fim das hostilidades, sugerindo que o dinheiro que lhes tivesse de pagar por isto fosse empregado em alguma causa relacionada com a guerra. Eis aí: homens e mulheres que, após ouvirem contar como eram utilizadas as lanchas construidas por suas mãos, se decidiam a multiplicar seus esforços. É verdade que, daí a uma semana, segundo me contaram mais tarde, as uniões trabalhistas intervieram no sentido de impedir que continuasse aquele trabalho fora do horário. E assim o gesto espontâneo, que tanto dignifica os operários, deixou de produzir os seus efeitos, devido ao sistema vigente nos Estados Unidos para regular as relações entre capital e trabalho, sistema esse, em minha opinião, sensivelmente inferior ao inglês.

Quanto mais eu via Andrew Jackson Higgins, mais curioso me parecia esse homem. Não é de meias palavras; diz o que pensa de qualquer pessoa. Sem ter nascido em Nova Orleãs (é oriundo, suponho, do estado de Nebrasca), conseguiu galvanizar aquela preguiçosa faixa do sul dos Estados Unidos, impregnando-a de uma tremenda energia. É bem possivel que essa circunstância lhe não tenha grangeado muitas simpatias, mas o fato é que os sulistas, naquela zona, estão trabalhando como nunca o fizeram desde a guerra de Secessão.

Naquela mesma noite, estive outra vez com Higgins, na casa onde reside. Fazia muito calor; estavam abertas todas as portas e janelas, e ele se achava instalado numa cadeira da sala de jantar em mangas de camisa, com a esposa e alguns convidados; e todos entraram a palestrar comigo, revelando, ainda uma vez, aquela encantadora graça de atitudes que é realmente caraterística da sociedade americana. Após um dia terrivel de trabalho, Mr. Higgins já repousara, e agora estava pronto para nos contar histórias. Tem aliás um jeito extraordinário para contá-las, dando vida e calor a cada personagem, e imitando, com perfeição, os diferentes sotaques e atitudes. Foi realmente surpreendente vê-lo assim, tanto mais quanto passara ele 14 horas trabalhando ativamente, e daí a umas seis reiniciaria, com todo o entusiasmo, sua exhaustiva rotina.

Levantei-me cedo, na manhã seguinte, e passei mais três horas na companhia de Higgins, que se mostrava tão vigoroso e ativo quanto na véspera. Examinamos desenhos e plantas de vários modelos, alguns dos quais trarão em breve tempo sérios embaraços ao inimigo, particularmente aos japoneses. Conheci, nos Estados Unidos, muitos homens de negócio e alguns grandes industriais. Todos eram enérgicos; quase todos tinham visão larga; e alguns possuíam, mesmo, gênio. Higgins tinha, fora de qualquer dúvida, essas três qualidades.

Voando para casa

O GRANDE avião de bombardeio, que me levaria até Londres, rugia, veloz, em direção leste, atravessando o ar que ainda se mostrava suavemente luminoso, embora o sol já se tivesse posto havia bastante tempo. Deitei-me sobre um colchão, estendido no chão do aparelho, entre um professor de agricultura e um general, o qual me ofereceu um bom pedaço de seu cobertor de paina de seda. Fiquei-lhe muito grato, pois, à altitude em que voávamos, o frio era de tal modo intenso, que não me bastavam o capacete, o macacão de vôo, e as botas, forrados, todos, respectivamente, de feltro, peles e lã. A máscara de oxigênio me aderia umidamente à boca e ao nariz, mas a respiração era facil e descansada. Pela janela pude ver uma lenta procissão de estrelas. Já deixara a América para trás; aproximava-me dos penates. Tinha muito em que meditar, e agora se me oferecia a primeira oportunidade para refletir, sem ser interrompido.

Enrolando-me o melhor que pude no cobertor, pensei primeiro na pergunta que me fariam, infalivelmente, os meus amigos, quando tornasse a vê-los. Que tais os americanos? Bem, para um inglês, o americano é, de fato, um estrangeiro. Menos de 50 por cento da população dos Estados Unidos tem, segundo creio, sangue britânico. O fato de falarem nossa língua (ou, pelo menos, uma adaptação desta, um tanto colorida e fogosa) não quer dizer que a usem para exprimir nossa opinião sobre a vida. Pelo contrário. Os americanos, parece-me, no conjunto, levam uma vida mais larga, de horizontes mais amplos. A mim deram a impressão de transbordantes de exuberância, notando-se em todos uma tendência para «marchar ao som das flautas de junho», como diz o poeta, em vez de ter o seu ritmo condicionado pelo melancólico alaude de novembro.

São tambem profundamente curiosos, e essa curiosidade nasce de sua imensa alegria de viver. É em parte devido a esse espírito que o americano, em média, nunca admite a possibilidade de fracassar na vida. Se não alcança o êxito desejado na região onde nasceu e se criou, vai tentar a sorte noutro ponto de seu enorme país. De Mineápolis salta a Chicago, daí a São Francisco, São Luiz, Detroit, e assim por diante, não importa onde, pois está convencido, intimamente, de que o seu dia chegará algures, e, munido de tão arraigada convicção, está bem equipado para alcançar o seu objetivo. À curiosidade liga-se muito de perto o espírito que impele os pioneiros em busca de grandes destinos.

E, com tudo isso, os americanos possuem, ainda, um forte sentido de autocrítica. Dizem e escrevem, a respeito uns dos outros, certas coisas que, na Inglaterra, dariam trabalho incessante aos tribunais encarregados de ações por calúnia ou injúria. Apenas, nos Estados Unidos, as leis reguladoras do assunto não se comparam, em rigidez, com as nossas. Foi precisamente essa caraterística nacional dos americanos que levou seus jornalistas a publicar terriveis críticas com referência aos primeiros revezes militares sofridos pela Inglaterra—críticas essas que tanta amargura causaram entre nós. Entretanto, mal os Estados Unidos haviam entrado na guerra, e já os mesmos jornalistas escreviam coisas análogas relativamente a Pearl Harbor. Gostam de dar, quando vêem razão para tanto, mas não se importam de apanhar, se reconhecem que mereceram...

Voltei dos Estados Unidos com uma convicção muito profunda: as relações entre esse país e a Grã Bretanha são da mais alta importância para a paz e a prosperidade do mundo. E que podemos fazer nós, cidadãos, afim de tornar mais sólida a mútua compreensão entre os nossos povos?

Antes de mais nada, é preciso acabar com o sentimentalismo dos ingleses em relação aos Estados Unidos, e vice-versa. Que a nossa compreensão mútua se firme numa base, sã e séria, de realismo e franqueza. Os melhores amigos da Inglaterra que conhecí nos Estados Unidos foram também os mais francos, e a recíproca deve ser verdadeira. Palavras duras, entre amigos, não quebram osso—e até podem evitar as fraturas... É claro que se não trata de criticar asperamente, a qualquer pretexto; o que é necessário é que tenhamos, uns dos outros, a opinião mais honesta possivel, e a exprimamos com honestidade.

Alem disso, urge esclarecer, sempre, em todas as ocasiões, que os britânicos estão ao lado dos Estados Unidos, tanto na guerra como na paz. A promessa, feita por Churchill, de continuar a luta contra o Japão, depois de vencida a Alemanha, teve entre os americanos profunda repercussão.

Viajando sobre o Atlântico num avião construido nos Estados Unidos, e de volta duma longa viagem em que me foi dado ver toda sorte de material de guerra, produzido diariamente nas suas fábricas, eu, como inglês, não podia deixar de perceber o imenso alcance de um entendimento duradouro entre os nossos dois paises. Pensaria da mesma forma um americano que porventura voasse em direção oposta? É provavel que sim. Mas importa que nos lembremos de que os Estados Unidos só entraram nesta guerra, quando atacados, sem provocação.

Os Estados Unidos são, enfaticamente, um país novo, e seus cidadãos, gente nova. Sentem que lhes pertencem o presente e o futuro; quanto ao passado, é deixá-lo—não tem mais importância. Naqueles dias longínquos, em que viveram as gerações imediatamente anteriores à atual, a vida era uma série de duras provações e triste miséria, perseguição e até fome, e os antepassados desta nova geração teriam que continuar sofrendo tudo isso, se permanecessem no velho continente, cruel e estragado pelas guerras e pelos boatos de novas guerras. Quando conseguiram, afinal, livrar-se desse jugo, e chegar à promissora América, decidiram voltar as costas, de uma vez por todas, à vida que antes levavam, vida essa que, para seus filhos e netos, nada mais representa que uma espécie de pesadelo vago e melancólico.

Pois não foi justamente para criar uma existência melhor que os pioneiros lutaram com tanta bravura? E, com seu suor e seu sangue, não foram eles que construiram, no espaço de 200 anos, um país extraordinariamente rico, de que todos os seus cidadãos têm o pleno direito de orgulhar-se? A resposta é uma forte afirmativa; e, ao fazer tal afirmativa, o americano médio rejeita, conciente ou inconcientemente, o Velho Mundo, e nem se quer lembrar de sua existência.

Essa atitude mental é inevitavel num povo, muitos de cujos antepassados, em busca daquilo que atualmente se define como as Quatro Liberdades, vieram encontrá-las alem-mar. Infelizmente, porem, é impossivel esquecer que existe a Europa... E duas vezes, numa única geração, cairam americanos nos campos de batalha, justamente porque a Europa ainda existe.

A Europa é, em consequência, uma fonte de irritação para muitos deles, e convenhamos em que é facílimo compreender-lhes o ponto de vista. Afinal de contas, há qualquer coisa de exasperante nisso de ser forçado a intervir, à custa de tremendos sacrifícios, nos negócios de um continente abandonado, há anos, por avós e bisavós, que de lá sairam exatamente para escapar ao flagelo das incertezas e confusão reinantes. Seria conveniente que nos lembrássemos bem de tais circunstâncias, antes de invetivarmos a atitude dos isolacionistas americanos.

Aí está um lado da questão. O outro é, do nosso ponto de vista, bem mais animador. Em primeiro lugar, mesmo a um observador superficial como eu, não podia passar despercebido o fato de que os americanos se preocupam muito com as relações entre o seu país e os demais. Isso é plenamente demonstrado por várias manifestações insofismaveis, como por exemplo os resultados das estatísticas do sistema Gallup, e a venda fenomenal que teve o último livro de Wendell Willkie, *Um Mundo Só*. Pelo que pude observar, os americanos já se vão acostumando à idéia de cooperar com os outros povos, não por idealismo, mas, simplesmente, porque é uma política de resultados práticos.

Talvez sejam decisivas, quanto aos planos de após-guerra, as opiniões políticas trazidas pelos soldados que voltam ao lar. Estive com um número consideravel de militares dos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Grã Bretanha, e acredito que todos estão convencidos da necessidade de transformar-se a Carta do Atlântico em alguma coisa concreta e definida—um sistema de vida, em suma, que permita aos jovens casarem-se, com a certeza de que seus filhos crescerão num mundo pacífico.

Querem todos construir um mundo em que a iniciativa individual floresça sem embargos. Ao que observei, desejam viver e trabalhar com o auxílio do Estado, não, porem, sob o seu controle. Pelo menos, é essa a impressão com que vim dos Estados Unidos.

Os preguiçosos inveterados

¶ Tínhamos em casa um desses homens pau-pra-toda-obra, que um dia veio ajudar-nos a fazer umas pinturas pela casa. Observando-o algum tempo, vi que ele pintava apenas com a mão esquerda, em pinceladas incrivelmente lentas. Perguntei-lhe então: «Você pinta sempre com a mão esquerda?»

«Uái, não senhora!» foi a resposta, em voz arrastada. «Mas é que *hoje* eu 'tou segurando o chapéu co'a direita!»

Jeanette Summerton

¶ Encostados numa árvore, à margem dum córrego, dois rapazelhos sonolentos seguravam suas varas de pescar. Depois de muito tempo nessa letargia, um deles cutucou o companheiro, e, num bocejo, disse-lhe: «Tem peixe morden'o sua isca aí.»

O outro abriu preguiçosamente o olho, suspirou tristemente, e observou: «É mesmo... Eu logo vi que a gente não devia ter escolhido este córrego!»

Do World Herald, de Omaha

Boas relações entre empregador e empregados— e seus ótimos resultados na Argentina

É um prazer trabalhar com esse patrão

(Condensado do «Inter-American») • *Por Frank J. Taylor*

Ao procurar emprego na Fábrica Argentina de Alpercatas, de Buenos Aires, Carmen Lopez, uma jovem de faces rosadas, teve várias surpresas. «Quem a recomenda?» perguntou logo a mocinha do escritório central. Carmen, desapontada, gaguejou que não conhecia «ninguem importante». «Não é preciso,» respondeu a outra. «Só queremos saber qual dos operários pode recomendá-la para o emprego.»

Os olhos de Carmen brilharam. Ah, sim, ela tinha vários amigos que trabalhavam nas oficinas: Maria Fernandez, Felícia Gomez e Juan Martinez. «Já chega,» interrompeu a outra. «Vamos pedir informações sobre você a seus conhecidos e depois lhe daremos uma resposta. Ninguem entra para o serviço desta fábrica sem ser recomendado por um dos empregados.»

O método de contratar o pessoal foi apenas a primeira das surpresas de Carmen na «Fábrica Argentina de Alpargatas, S.A.» Esta companhia é das mais modernas do continente em matéria de relações entre patrões e empregados. Foi fundada nos fins do século passado pelo escocês Robert Fraser para a fabricação de sandálias de sola de corda que os argentinos chamam de «alpargatas». O filho de Fraser, que o pessoal trata por «Don Alberto», ao tomar a direção da companhia, resolveu provar que operários satisfeitos trabalham mais e melhor.

A vida dos novos empregados muitas vezes se transforma ao entrarem para a fábrica, com resultados encorajadores. Quando Carmen Lopez se apresentou para tomar seu emprego foi logo informada de que, se quisesse, poderia ser submetida a um exame médico gratuito no ambulatório da companhia. Isto para ela era novidade pois, no bairro operário superpovoado onde morava, ninguem ia ao médico a não ser que estivesse muito mal. No ambulatório, entretanto, lá estavam médicos e enfermeiras examinando moças que se achavam em perfeita saude, para que assim se conservassem. Disseram a Carmen que, se algum dia se sentisse doente, fosse lá e teria tratamento de graça, e os remédios seriam cobrados apenas ao preço do custo. Do outro lado do edifício havia outro ambulatório para os homens. No centro ficava uma sala com aparelhagem completa de raios X.

Tendo verificado que ela estava muito bem de saude, os médicos enviaram-na para a seção dentária. Lá o dentista-chefe e três senhoras, tambem formadas em odontologia, auxiliados por enfermeiras, faziam obturações, outro serviço gratuito oferecido aos empregados da fábrica. Do outro lado do corredor havia uma série de banheiros ladrilhados de verde. Na entrada, a encarregada entregava toalhas felpudas e sabão—tudo de graça. No bairro onde Carmen morava poucas eram as casas com água quente corrente, e chuveiro era grande luxo.

Os empregados da fábrica se dividem em turmas correspondentes à seção de fabricação de sapatos, chinelos, sandálias,

barracas, cordas e os outros cincoenta produtos fabricados pela firma. Se Carmen estiver trabalhando na equipe que fabrica sapatos e sua turma consiga produzir a sua quota em sete horas em vez de oito, vão todos para casa uma hora mais cedo. Os chefes de turma não precisam estar a verificar que todo o mundo faça seu trabalho, pois os próprios operários fiscalizam os colegas chamando a atenção dos preguiçosos e ajudando aqueles que se atrasam.

Carmen veio a saber que a fábrica mantinha escolas que ela poderia frequentar depois do trabalho sem nada ter que pagar. Poderia escolher qualquer dos vários cursos oferecidos pela escola e se preparar para serviços mais especializados, como manejo de máquinas complexas, serviços de escritório, de contabilidade, de superintendência. Todas as moças que trabalham no escritório começaram como operárias nas oficinas. Da mesma maneira tambem os chefes de turma saem dessas fileiras.

A escola de música tem uma esplêndida banda com setenta figurantes inclusive balizas, que são o orgulho do pessoal da fábrica. A banda toca muitas vezes no restaurante dos empregados, que comporta mil pessoas. Depois da hora de trabalho, o restaurante é transformado em teatro onde os empregados assistem a fitas de cinema ou a representações de pequenas comédias organizadas e levadas a cena por seus colegas.

A véspera do Ano Bom é ocasião de grandes festejos na fábrica—é a Festa das «Alpargatas»—e neste dia os empregados têm permissão para percorrer todas as seções da fábrica e ver como trabalham seus companheiros. O chão, as paredes, as máquinas, fica tudo limpo como um brinco. As máquinas, alem do mais, são enfeitadas de serpentinas, flores e bandeiras. Em cada seção uma das máquinas mantem-se em funcionamento e uma turma escalada para isto mostra aos outros como se faz o serviço. Dos 8.600 empregados, aqueles que não estão de serviço vêm todos vestidos nas suas roupas domingueiras, as moças com penteados caprichados, feitos no salão de beleza da própria fábrica.

A companhia, alem de pagar salários um pouco mais altos do que a média e dar uma gratificação de fim de ano, oferece tambem empréstimos para aqueles que estejam em dificuldades financeiras ou para os que desejem construir suas próprias casas; os empregados têm direito a duas semanas de férias todo ano e a aposentadoria. Uma loja da companhia vende-lhes artigos de primeira necessidade a preço de custo; nas oficinas, sempre que o barulho das máquinas permita, há música; enfermeiras visitantes vão à casa dos empregados que faltam ao trabalho por doença. Como campanha para diminuir os acidentes de trabalho, penduram cartazes com fotografias ampliadas de todos os acidentes ocorridos na fábrica. Os operários descuidados são caricaturados, geralmente por um de seus próprios companheiros. O resultado é uma proporção mínima de acidentes.

«Don Alberto» e seus dois filhos, que fazem parte da administração da fábrica, pedem aos empregados que tragam suas reclamações e sugestões diretamente a eles, ou então que as comuniquem por meio de notas depositadas nas inúmeras caixas de sugestões espalhadas pela fábrica. Pelas idéias aceitas, os empregados que as apresentaram recebem gratificações.

A administração tem por hábito discutir com o pessoal seus problemas de produção. No ano passado, por exemplo, o exército fez uma encomenda de grande

número de barracas para serem entregues dentro de quatro meses. Os outros fabricantes não quiseram comprometer-se a fazer a entrega em tão curto prazo. Os Fraser reuniram o pessoal encarregado da fabricação de objetos de lona, explicaram as circunstâncias e perguntaram: «Vocês acham que podem fazer esta quantidade de lona em quatro meses?» Os operários responderam em coro que sim. Organizaram três turmas que se revesavam noite e dia e última barraca foi entregue dois dias antes de terminar o prazo.

Este otimismo e eficiência são a recompensa que recebe «Don Alberto» pela maneira de tratar seus empregados.

Respostas ao «Rádio-Enigmas do mês»

(*Vide página 10*)

1. Para a frente. Quando o trem para, o corpo do passageiro tende a continuar o movimento em que ia o veículo antes da parada.

2. (1) Bismarck; (2) Simon Bolívar; (3) José Bonifácio de Andrada e Silva; (4) Sara Bernhardt; (5) O Duque de Wellington; (6) Princesa Isabel, do Brasil; (7) Napoleão Bonaparte.

3. Não é verdade. O que sucede é que o tempo quente e úmido, que favorece as tempestades de trovoada, tambem facilita o crescimento de bactérias que faz com que talhe o leite. A tempestade propriamente dita é inteiramente inocente no caso.

4. Para essa criança, ao fazer um ano, o peso normal é 12 quilos, isto é, três vezes o que pesava ao nascer.

5. Porque não o pode evitar. Havendo luz forte a um lado do cupim, a metade do seu cérebro desse lado e os nervos que controlam os músculos da asa tambem desse lado acham-se sob a influência direta da chama. Assim, os movimentos da asa nesse lado se enfraquecem e o cupim dirige-se à chama, incapaz de coibir esse movimento.

6. Cinco: James, Elliott, Franklin Delano Junior, John e Anna Eleanor.

7. A água escorrerá mais depressa se a pessoa ficar no banheiro, porque o corpo aumenta a pressão da água.

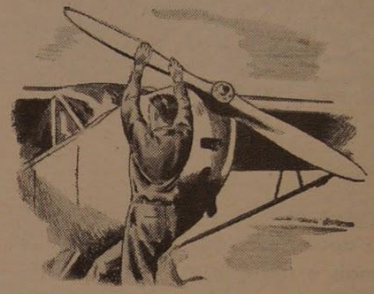
8. As folhas do chá sobem, enquanto o pó do café permanece no fundo do bule. E os bicos são colocados de maneira que saia do bule a menor quantidade possivel de folhinhas ou de pó.

9. Mordente é um ornamento musical, constituido por três sons: o da nota principal, o da nota imediatamente acima e o da nota principal repetida, executadas com rapidez.

10. Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba.

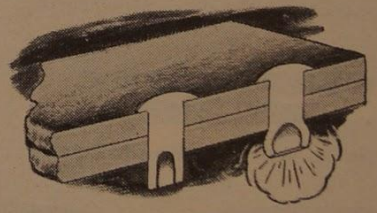
A RCA APRESENTA

O Que Há De Mais Novo



Hélices produzidas pelo calor do rádio! Os métodos anteriores, muito lentos, de secagem e ensamblagem das hélices de madeira laminada, são agora substituidos pelo sistema instantâneo das ondas radiônicas de frequência RCA!

O Olho Mágico da Televisão! O "Iconoscópio" é uma invenção da RCA que torna possivel a Televisão Eletrônica. Por meio de centenas de milhares de células fotoelétricas, esse instrumento "recolhe" as imagens — transmitindo-as pelo eter em ondas de rádio. Enquanto toda a produção atual da RCA está sendo encaminhada para as Nações Unidas, a experiência ganha na guerra promete ainda melhores produtos para o leitor quando vier a Paz!



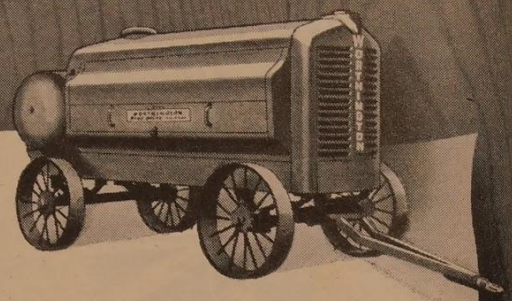
Rebites "Detonantes"! Rebites com cargas explosivas nas extremidades, fazem-se agora explodir por meio da energia de frequências radiônicas. Este novo método da RCA pode acelerar e simplificar enormemente as construções industriais.

Seu receptor de rádio é um produto da mesma perícia técnica que se aplica à televisão RCA e a outros melhoramentos da RCA. Ouçam todas as noites ao "Correspondente Estrangeiro RCA" — que diz o que há de novo em notícias. Verifique pelo jornal as horas de irradiações e as estações.

RCA RADIO CORPORATION OF AMERICA

DIVISÃO RCA VICTOR, CAMDEN, N. J., E. U. A.

Sempre a primeira.. *em Rádio.. Televisão.. Válvulas.. Fonógrafos.. Discos.. Eletrônica*



Transporte...
Primeira Fase No Programa da WORTHINGTON

A Worthington Pump and Machinery Corporation elaborou um programa para a reconstrução e desenvolvimento industrial, consistindo essencialmente de 3 fases e que vai sendo executado à medida que as máquinas se tornam acessiveis ao público.

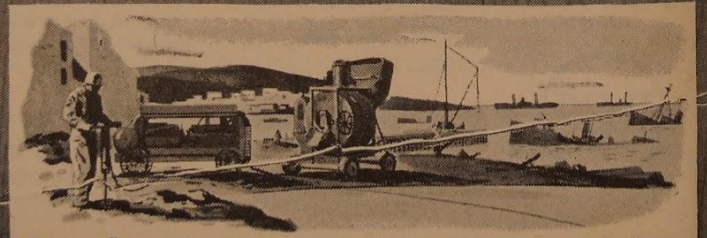
Transporte, Serviços de Óbras Publicas e Produção (tanto industrial quanto agrícola) constituem os três lados do "Triângulo de Progresso" da Worthington.

No transporte, as máquinas de construção da Worthington—como sejam compressores portateis, perfuratrizes de rocha, ferramentas pneumáticas, betoneiras e inúmeras outras—muito contribuem para o acabamento e a reconstrução de portos e docas, estradas de ferro, rodovias, canais e aeroportos.

Abre-se assim a porta para a entrada do equipamento Worthington nos serviços públicos... abastecimento de água canalização de esgotos, força elétrica e gás... alem das máquinas que auxiliam o desenvolvimento industrial e agrícola das nações. Worthington Pump and Machinery Corporation, Harrison, New Jersey, U. S. A.

WORTHINGTON

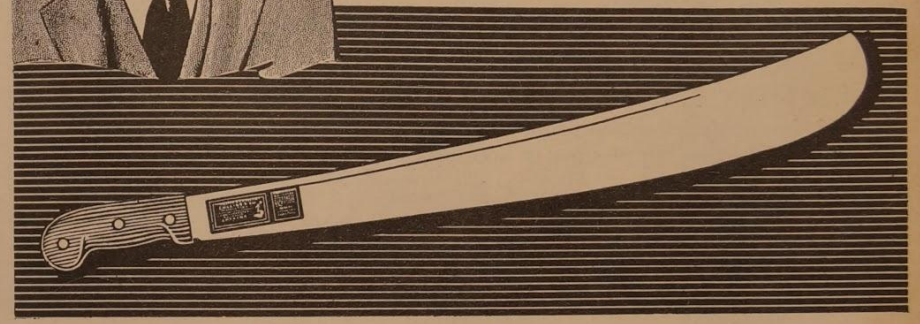
Símbolo de Valor no Mundo Inteiro

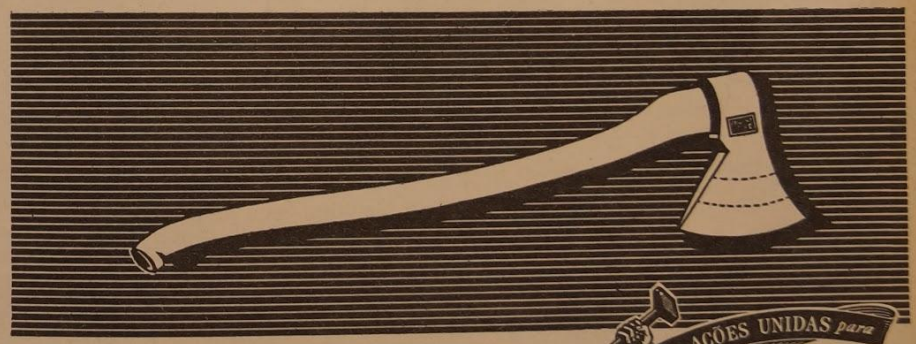


Reconstrução de portos e docas abre o caminho para o comércio normal e facilita a comunicações—as máquinas Worthington para constuções aceleram este serviço.

Collins é a preferida dos homens que conhecem o aco

HÁ MUITA ferramenta que parece boa quando está na loja—mas é ao fim de uma hora de trabalho que se conhece o que ela vale. O bom trabalhador sabe que vale a pena comprar um artigo Collins autêntico. O rijo aço americano faz uma grande diferença! O fabrico de guerra permitiu desenvolver aços de qualidade muito superior, e a qualidade Collins é hoje *muito melhor* do que dantes. Sólida robustez, soberbo equilíbrio e segurança de golpe, fazem da Collins o melhor que o Sr. pode comprar com o seu dinheiro.





COLLINS

"SEU AMIGO DE CEM ANNOS"

THE COLLINS COMPANY, Collinsville, Conn., E.U.A.

AVISO AOS IMPORTADORES

O melhoramento recente nas nossas condições de fabrico e embarque habilita-nos a fornecer maior quantidade de ferramentas Collins do que nestes últimos meses. Conquanto não possamos prometer a satisfação imediata de todas as encomendas, continuaremos a fazer todo o possivel para honrar os nossos pesados compromissos.

Amor versus Ódio

HÁ MAIS DE 100 ANOS, Charles Caleb Colton, filósofo inglês, disse: "Muitas pessoas sabem o que odeiam; poucas sabem o que amam."

Não percamos tempo com o que odiamos, mas devotemos nosso tempo e habilidade às coisas que amamos, *principalmente a justiça*. Nossos corações estão cheios de amor e apreço pelos que compõem as nossas forças armadas e pelos ideais que os movem a combater, e estamos decididos a dar-lhes a devida consideração quando eles voltem à atividade civil.

Devemos tambem trabalhar para que seja feita justiça aos homens, mulheres e crianças em todo o mundo, que estão sofrendo as consequências desta guerra provocada pela ação agressiva dos líderes das potências do Eixo e de todos aqueles que os apoiaram.

Este amor pela *justiça* fortifica a nossa decisão não só de aumentar nossos esforços bélicos, mas, após a Vitória, de fazer com que as potências do Eixo se responsabilizem por suas ações e paguem as devidas indenizações. Essas potências devem compreender que a nenhuma nação ou povo será permitido no futuro desencadear no mundo tão terrivel catástrofe, de inenarraveis sofrimentos como os que estamos agora vendo em torno de nós.

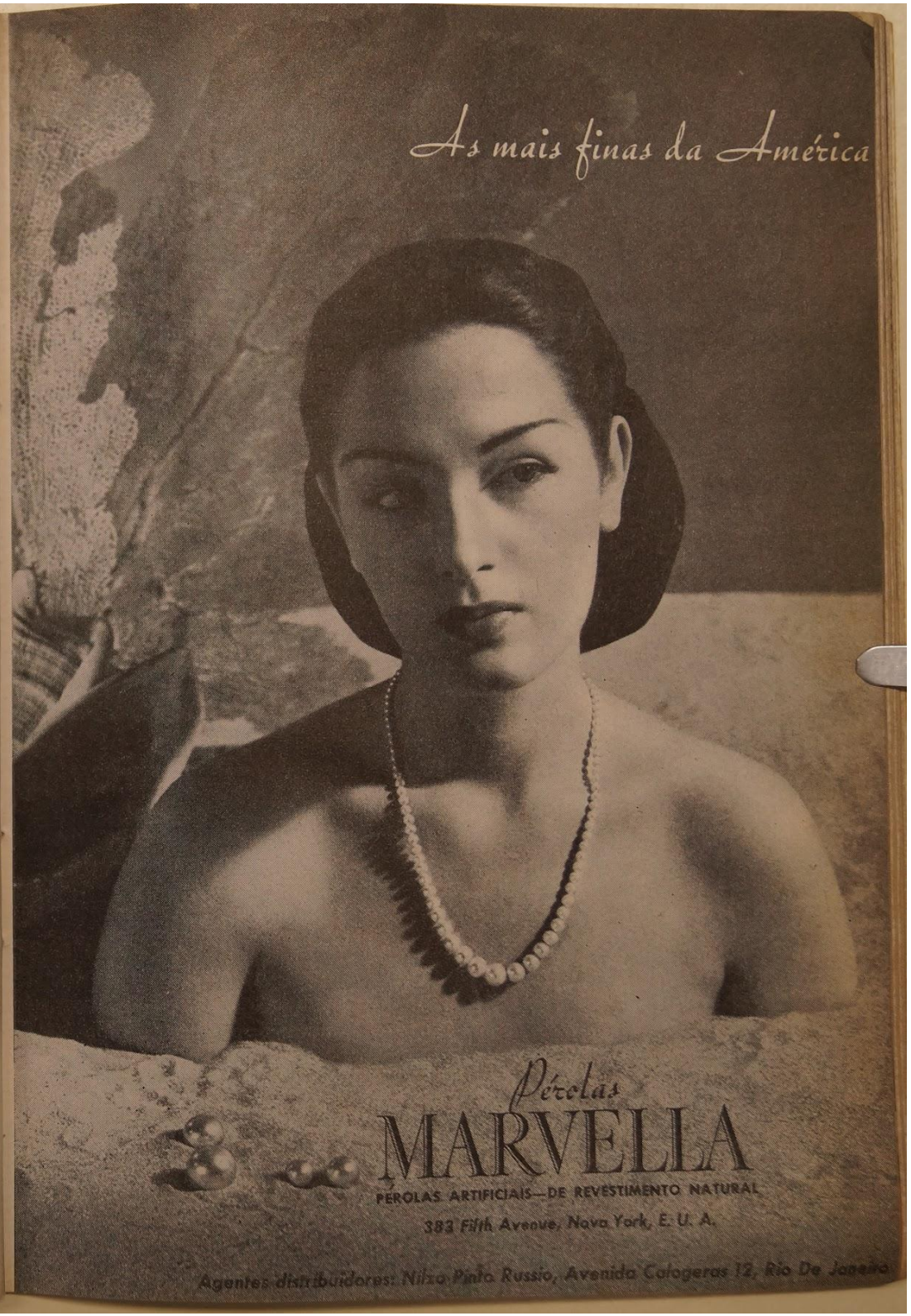
Devemos lidar com as nações do Eixo num plano de *justiça* tanto moral como econômica; elas devem restaurar, quanto for possivel, o que destruiram, e essa reconstrução levará muito tempo. Essa é a única maneira pela qual o Eixo poderá restabelecer a sua posição no consórcio das nações.

Isso não será um ato de vingança nem de ódio, mas de pura *justiça*.

No final ajuste de contas com o Eixo, devemos ter em mente os homens que jamais voltarão aos pátrios lares, as perdas sofridas por famílias, amigos e nações, e não devemos esquecer que tardará muito até que os governos possam pagar, com juros, dos impostos gravados ao povo, o dinheiro que esta guerra terá custado.

Enquanto nos esforçarmos para a restauração de um mundo destroçado pela guerra, guiemo-nos pelos sentimentos, de *justiça*.

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION



Alô, amigos

Os clíperes da Pan American trouxeram novos amigos, novos conhecimentos, novos negócios para TODAS AS AMÉRICAS

"Alô, amigos!" É assim que os amigos se cumprimentam quando chega um clíper da Pan American—após algumas horas ou poucos dias de viagem dos Estados Unidos—à cidade do México, Rio de Janeiro, ou Buenos Aires.

Da mesma forma—em Miami, Nova Orleãs ou Los Angeles—os amigos do norte cumprimentam os do sul com um cordial "hello."

Os clíperes levam amizade, cultura e negócios. E, o que é mais importante, levam tudo isso *na ida e na volta*, tanto para o sul como para o norte! Os clíperes da Pan American demonstram o que é possivel conseguir, para bem de *todos*, pela cooperação entre as nações.

Entretanto, o que já se fez é apenas uma pequena amostra do que será realizado para todas as Américas no dia de amanhã, com os novos e mais rápidos clíperes de após-guerra.

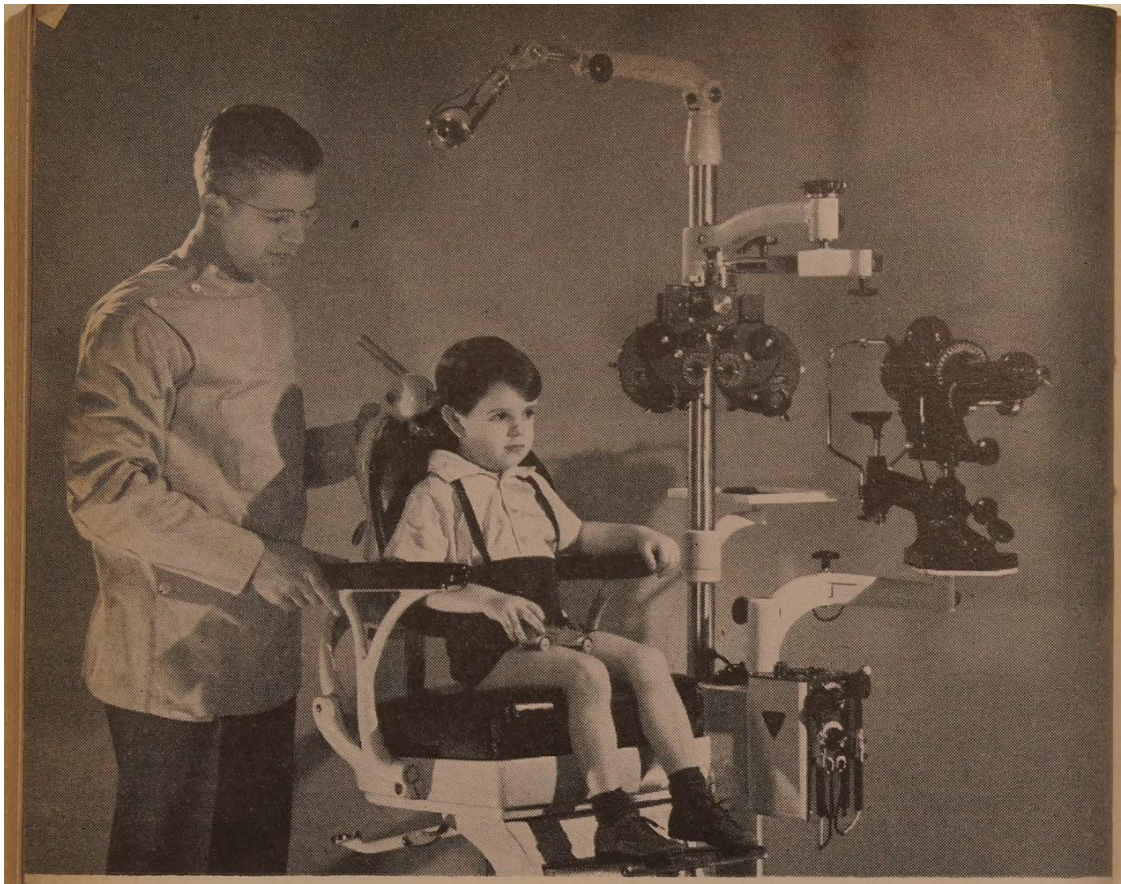
Asas da Democracia

PAN AMERICAN

A empresa dos Clippers

WORLD AIRWAYS

Companhias Associadas na America Latina: Panagra, Panair do Brasil S.A.; Aerovias Nacionales de Colombia S.A. Cia. Mexicana de Aviación, S.A.; Cia. Nacional Cubana de Aviacion, Uraba, Medellin & Central Airways; Lloyd Aéreo Boliviano.



Que importância têm seus olhos?

OS olhos do menino são demasiado vitais para esperar até que ele tenha de frequentar a escola e saber se são bons. Por isso, sua visão está sendo agora examinada. Se é normal, então ele voltará para novo exame no ano próximo. Mas se seus olhos, como os de muitas crianças, são imperfeitos, podem ser corrigidos com óculos apropriados, para capacitá-lo a gozar de uma nova visão. Não descuide dos olhos da criança. Não demore em visitar seu médico-oculista, e *certifique-se* do estado verdadeiro da visão do seu filhinho.

Bausch & Lomb fabrica óculos especiais para crianças—modelados com aros resistentes, fortes, e lentes de precisão para faces pequenas.

BAUSCH & LOMB
DO BRASIL, LTD.

Rua da Assembléia 104-8 • Rio de Janeiro
Rua D. José de Barros 152-8 • São Paulo

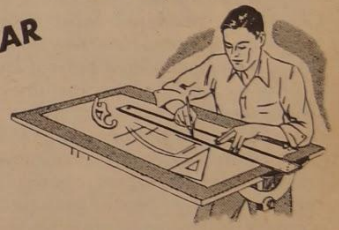
Filial de Bausch & Lomb Optical Co., Rochester, N.Y., E.U.A.—Fabricantes de vidro óptico e de uma linha completa de instrumentos de óptica para usos militares, educacionais, pesquisas, indústria correção e conservação da vista.

UM NOME EM QUE SE PODE CONFIAR

Majestic

ELETRÔNICA
TELEVISÃO
RÁDIO

PODEROSO MONARCA DO AR



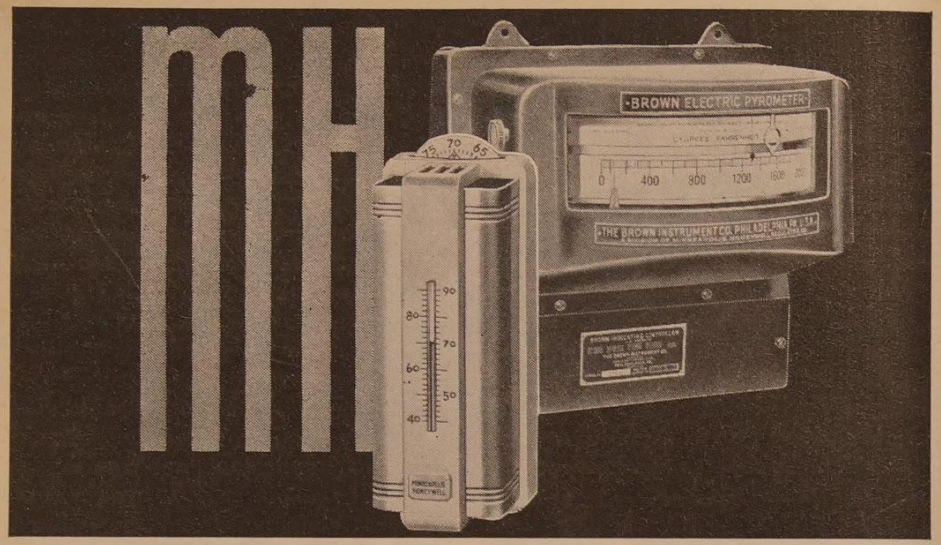
NA guerra como na paz, Majestic é um nome que inspira merecida confiança em todo o mundo. No que se refira a idéias . . . desenho . . . engenharia . . . produção, Majestic tem comprovado talento e habilidade para servir.

Embora as Nações Unidas precisem, atualmente, de 100% da produção, a Majestic continúa fazendo projetos para o futuro, numa diretriz certa e firme. Podem todos confiar em que os sonhos hoje sonhados pela Majestic tornar-se-ão, amanhã, realidades tangiveis e práticas, de imenso valor para o consumidor de após-guerra.

No mundo melhor e mais seguro que se seguirá à Vitória, V. S. poderá julgar, por si mesmo, do maior valor destes rádios, que têm o consagrado nome de MAJESTIC.

MAJESTIC RADIO & TELEVISION CORPORATION
2600 WEST 50th STREET, CHICAGO 32, ILLINOIS, E. U. A.

AMERICAS UNIDAS



Treino Gratuito com Instrumentos Industriais . . .

A Minneapolis-Honeywell Regulator Company, principal fabricante de controles de temperatura nos Estados Unidos, e a sua afiliada, a Brown Instrument Company, estabeleceram um curso de treino técnico na sua fábrica de Filadélfia. O curso inclue a aplicação, operação e manutenção de instrumentos industriais e de controle, tais como pirômetros, termômetros e medidores de corrente, alem de outros instrumentos de controle e registro eletrônico.

Convidamos os proprietários de estabelecimentos industriais da América Latina a enviar seus engenheiros e técnicos para praticarem neste curso abreviado de instrumentação industrial. O curso requer de duas a doze semanas, dependendo dos tipos de instrumentos a serem estudados e as espécies de instrumentos escolhidos.

Não se cobram honorários pelo curso de treinamento. O diretor da escola terá o maior prazer em auxiliar os estudantes a obterem suas acomodações.

Para mais detalhes escreva à—The Brown Instrument Company, Philadelphia 44, E.U.A.

DISTRIBUIDORES

COM UNIDADE LIBERDADE

Argentina e Uruguai: E. C. Knight e Hijo, Buenos Aires—Brasil: Oscar Taves and Company, Rio de Janeiro—Colômbia: P. Porta, Bogotá—Perú: Custer and Thommen, S.A., Lima—Chile: Thermic Ltda., Santiago—Panamá: The Electric Service Co., Panamá—México: Armando Vaquie, Cidade do México—Cuba: William P. Bryant, Havana—Porto Rico: Sucessores de Abarca, San Juan—Trinidad: Industrial Agencies Ltd., San Fernando.

CONTROLES AUTOMÁTICOS

MINNEAPOLIS **Honeywell**

INSTRUMENTOS DA **BROWN** PARA AS INDÚSTRIAS

ÀS SUAS ORDENS

para o abastecimento de melhores produtos de petróleo

Nos laboratorios de pesquisas da Texaco se estão elaborando e experimentando os super-combustiveis do futuro. Hoje a maior parte destas investigações dedicam-se a uma grande causa . . . ganhar a guerra. Amanhã, êstes novos conhecimentos . . . esta constante pesquisa . . . lhe assegurarão o abastecimento de melhores produtos de petróleo.

THE TEXAS COMPANY
e seus distribuidores

TEXACO MARCA REG.

TEXACO PRODUTOS DE PETROLEO

Um guerreiro com 76 quilos de peso e 8 toneladas e meia de equipagem

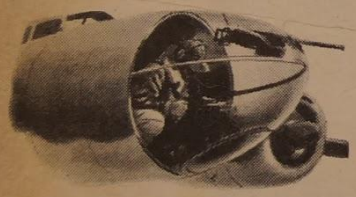
Cerca de 7.000 quilos de equipagem para cada soldado americano são transportados, para torná-lo melhor e mais seguro combatente.

A bordo vai toda a sua indumentária, cujo desígnio especial é executar as tarefas que ele tem em mira; suas armas; medicamentos para preservar-lhe a saude e poupar-lhe a vida; víveres para mantê-lo e nutrí-lo sob quaisquer condições; equipamento para abrigá-lo e preservá-lo no campo de batalha. Enfim, nada lhe falta para aumentar sua possibilidade de êxito nos combates.

Multiplique essas toneladas do mais variado equipamento por milhões de soldados para poder conceber o enorme trabalho de fornecimento que isso envolve, com seu tremendo volume de contas aritméticas indispensaveis. A necessária rapidez e exatidão nestas e noutras tarefas similares, vitais em tempo de guerra, estão sendo providas por milhares de máquinas Burroughs para somar, calcular, e de contabilidade, que prestam serviços nas indústrias de guerra, repartições de governo e forças armadas.

* * * *

Há representantes da Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante da Burroughs no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., com séde à rua da Alfandega 81A-1º, Rio de Janeiro.



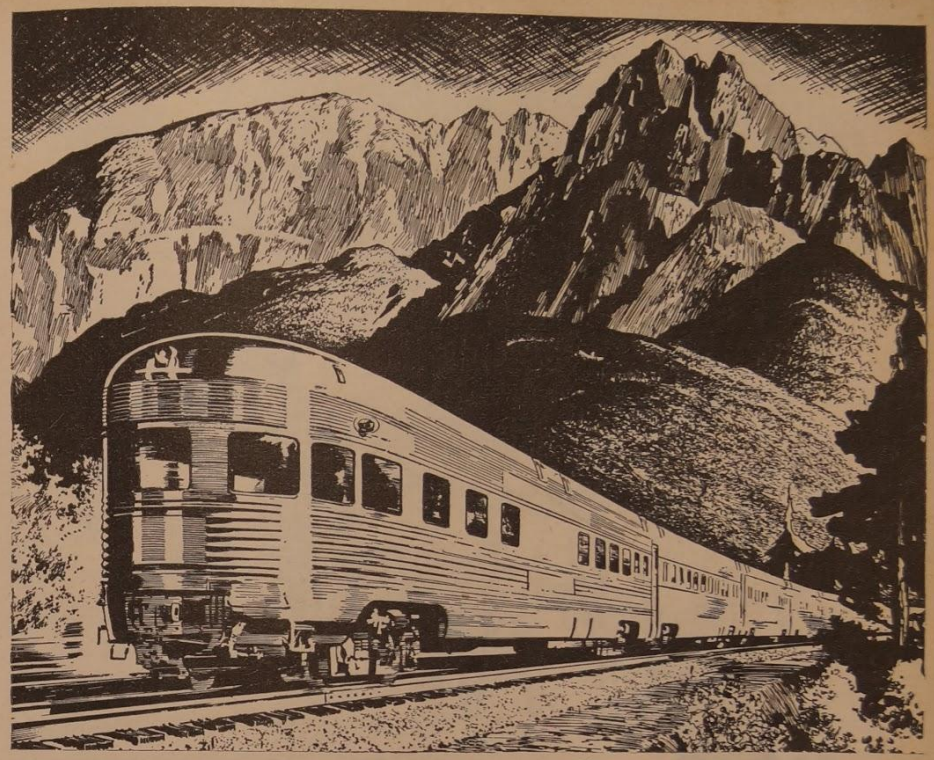
Visores de Bombardeio Norden

Anos de experiência no fabrico de instrumentos de precisão permitem que a Burroughs produza e distribua o famoso visor de bombardeio Norden — um dos mais importantes e precisos instrumentos usados na guerra moderna.

Novas máquinas de calcular e de contabilidade têm, tamben, sido produzidas pela Burroughs, para serviço das forças armadas, dos governos e empresas de guerra das Nações Unidas.

Burroughs

MÁQUINAS DE SOMAR, CALCULAR, FATURAR, DE CONTABILIDADE, ESTATÍSTICA, E CAIXAS REGISTRADORAS



CONTEMPLANDO O FUTURO

Sem dúvida, o transporte de passageiros terá formidável ímpeto ao terminar a guerra. E isso será devido não só ao desejo de viajar, conhecer novas regiões, como também à expansão cada vez maior do comércio internacional. Haverá mais navios e mais aviões; entretanto, do ponto de vista de cada país, nada sobrepujará a importância da estrada de ferro.

Isso é verdadeiro porque a maioria das pessoas terá que depender do trem de ferro para se transportar de um ponto a outro. As vias-férreas ligam cidade a cidade, estado a estado, contribuindo muito para a maior coesão dentro de cada país.

Prevendo o que certamente sucederá, as companhias ferroviárias, cujos diretores têm larga visão para o futuro, já estão traçando planos para transportar um número sempre crescente de passageiros. Fazem-se projetos para a construção de material mais novo, mais digno de confiança e de maior conforto, seguindo horários mais rápidos. E interessam-se, acima de tudo, para as Américas, em construir os trens modernos, de aço inoxidável, e pouco peso, fabricados por esta Companhia e, comprovadamente, os veículos mais eficientes e populares em todo o mundo.

EDWARD G. BUDD MANUFACTURING COMPANY, E. U. A. Budd

HOJE... *um trabalho de guerra*
AMANHÃ . . . *um convite*

Até que a Vitória das Nações Unidas esteja assegurada, milhares de onibus azuis e brancos da Greyhound estarão ocupados transportando os trabalhadores da indústria de guerra—permitindo milhares de militares e civís dirigirem-se para os campos de treinamento, para as fábricas de material de guerra, estaleiros, portos e para outras viagens essenciais.

Mas quando retornarmos à paz, Greyhound voltará à maravilhosa missão de realizar as viagens de turismo através de mais de 70,000 milhas de belíssimas estradas—penetrando o interior dos Estados Unidos mais do que qualquer outro sistema de transporte. E' este o convite prévio que lhe fazemos para ver as maravilhas naturais e da obra do homem deste fascinante país—para admirar tudo isto, o melhor é utilizar os ônibus da Greyhound. Para informações escreva à

GREYHOUND INFORMATION CENTER, DEPT. R8
1505 N. B. C. Building • Cleveland 14, Ohio, U. S. A.

GREYHOUND

SHEAFFER'S

PRESENTES DE BOM GÔSTO...
RECEBIDOS
COM GRATIDÃO

Quando se oferece uma caneta Sheaffer, combinada com a lapiseira, esse gesto atencioso será sempre lembrado. Entre todos os presentes finos—Sheaffer possue incomparaveis qualidades de beleza, proporcionando serviço duradouro. A caneta Sheaffer "Lifetime" —garantida pela vida do primeiro que a usa—fará o seu presente ainda mais apreciado no decorrer do tempo. Dê o melhor—dê Sheaffer. W. A. Sheaffer Pen Co., Fort Madison, Iowa, U.S.A.

Tinteiro com Depósito de Borda

O tinteiro com Depósito de Borda conserva os dedos limpos, evitando mergulha-los no depósito inferior. Sómente SKRIP possue Depósito de Borda. Nenhum outro tinteiro possue êste depósito especial. SKRIP é a tinta moderna.

Representantes Gerais Para o Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa Postal 843—Rio de Janeiro
Representantes Gerais Para Portugal—Messrs. Azevedo & Duarte, Ltda., Rua do Crucifixo 76—Lisboa, Portugal

Fôrça-motriz de bolso

Para que colocar num tanque um motor resfriado a ar? Porque não há motor que encerre tanta força-motriz num espaço tão pequeno. Tanques e porta-canhões entram na batalha montados sobre rodas de esteira, mas a sua semelhança a aeronaves está em que eles requerem um motor compacto, leve, e possante. Outros de igual potência são volumosos, criam um círculo vicioso, pois que precisam maior capacidade de blindagem, o que faz aumentar seu peso, e requer, portanto, mais força-motriz para manter a sua velocidade.

Motor experimentado desde há anos em operações de transportes, aviões particulares e de treino, O Wright Whirlwind tornou-se logicamente o escolhido para acionar tanques médios e porta-canhões para o Exército. O peso do motor representa apenas 1% das 30 toneladas do tanque M-4, encerrando no seu diâmetro de 114 centímetros 400 cavalos-vapor, e até mais.

Alistado nas divisões mecanizadas americanas, o Whirlwind foi designado para as frentes de combate, com todos os demais tanques médios e porta-canhões pesados. Sem ser um competidor do Cyclone que aciona as grandes tonelagens aéreas, não obstante o Whirlwind tem se comportado bem dentro da tradição dos motores Wright, no que concerne a leveza, força-motriz compacta, e adaptabiliade a muitos propósitos.

★ ★ ★

Os motores Wright compensam o seu custo.

Cyclones e Whirlwinds · Leves · Compactos · Possantes

WRIGHT

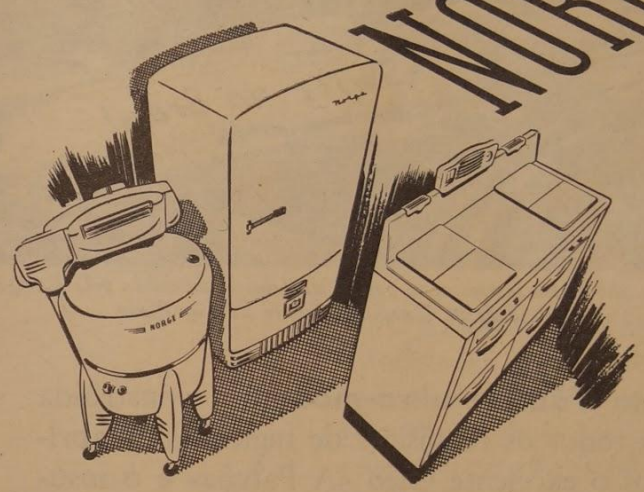
FORÇA MOTRIZ PARA A TONELAGEM DO AR

Aircraft Engines

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO

A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind

Cuide bem da sua NORGE



● Até que se acabe a guerra, V. S. não pode contar com sua nova refrigeradora Norge. Por isso, se tem a sorte de possuir uma Refrigeradora Rollator . . . uma Máquina de Lavar Ro-Ta-tor . . . um Fogão Norge Eléctrico ou a Gás . . . um Aparelho de Calefação Norge . . . uma Refrigeradora Comercial Norge . . . deve conservá-los com o maior cuidado. Sabemos que assim fará, para que ele lhe preste bons serviços durante a guerra—e muito alem dela.

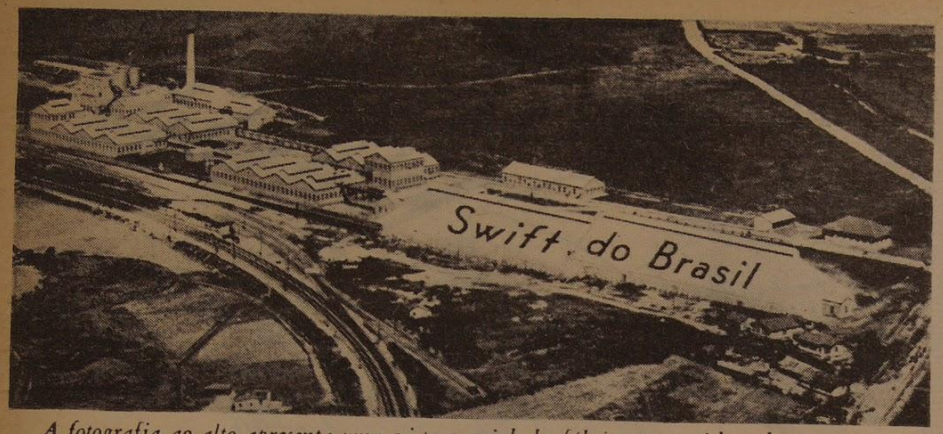
Entre fabricar o melhor que existe em aparelhos domésticos, e fabricar em série ininterrupta peças de precisão para aviões, canhões antiaéreos, armas militares e navais, não há tanta diferença como pode parecer em princípio. Em ambos os casos a marca Norge tem a honra de representar serviço econômico e seguro. Por isso, a Flâmula "E" por excelência técnica, que esta empresa mereceu por serviços ao Exército e à Marinha, veio justificar o cumprimento das enormes encomendas que continua recebendo do Governo Norte-Americano.

Quando vier a Paz, esforçar-nos-emos de novo para suprir-lhe os melhores e mais perfeitos utensilios domésticos. Então terá V.S. ao seu dispor produtos Norge melhores, mais econômicos e mais satisfatórios do que nunca esperou. Poderá adquirí-los e desfrutá-los sob a Paz futura.

DIVISÃO NORGE DA BORG-WARNER, DETROIT, MICH., E. U. A.

NORGE UTENSILIOS PARA USOS DOMESTICOS REFRIGERAÇÃO COMERCIAL

★ UMA INDÚSTRIA DE BORG-WARNER ★



A fotografia ao alto apresenta uma vista parcial da fábrica construida pela Companhia Swift na cidade de Campinas, Estado de São Paulo.

☆ ☆ ☆

Nesta Fábrica ultra-moderna, construida com todos os requisitos de higiene, são fabricados o excelente Óleo «A Patrôa» e o insuperável Composto «A Patrôa».

Para saladas saborosas e frituras perfeitas, use sòmente

ÓLEO «A PATRÔA»

Ótimo, também, para temperar legumes e cozidos

Para confecção de bolos leves e delicados, pães e pastelaria, use sempre o

COMPOSTO «A PATRÔA»

É, também, excelente para tôdas as frituras

PRODUTOS DA

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

TODAS AS DAMAS PRECISAM CUIDAR DOS SEUS LÁBIOS

Michel

BATON DE ENCANTO TRÍPLICE

Aformoseia . . . Beneficia . . . Dura

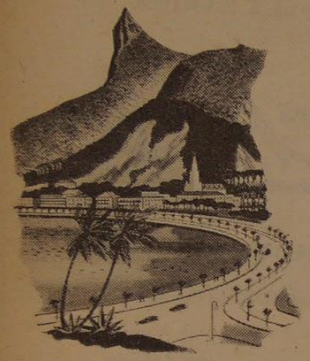
Michel faz com que os seus lábios revelem todo o seu admiravel encanto, desde a sua toalete matinal até pela noite dentro, e depois . . . Ajuda-lhe a conservar esse efeito sedutor através dos anos . . . e a conquistar os corações com sua formosura. Michel deixa nos seus lábios uma suavidade aveludada, frescura radiante, por tanto tempo quanto se poderia desejar. Por isso, Michel é único entre os preparados destinados a realçar a beleza, pois dá muito mais resultado do que poderia esperar-se de qualquer Baton.

8 TONS SEDUTORES

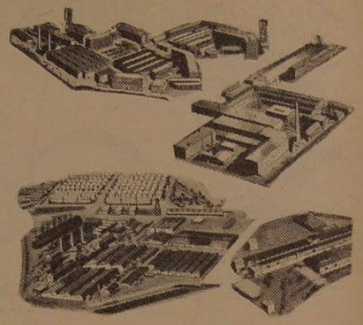
AMAPOLA · RASPBERRY · VIVID · AMARANTH
SCARLET · CHERRY · BLONDE · CYCLAMEN

Insista pelo autêntico Michel. Não se conforme com uma imitação quando possa adquirir o Michel legítimo. Verifique o nome "Michel" no seu Baton, Rouge, Pó de Arroz e Lapis para os olhos. É a marca de qualidade, sinônimo de beleza.

"PERTINHO" DO RIO!



ROEBLING
TRADEMARK



As vastas possibilidades dos nossos produtos de Arame

De nossas fábricas em Trenton, Nova Jersey, Estados Unidos, até a linda capital do Brasil, são quase dez mil quilômetros. Entretanto, graças ao milagre das comunicações modernas, podemos conversar com os brasileiros como se fôssemos de fato seus vizinhos. E, após a Vitória, os aperfeiçoamentos que surgirão nos transportes mundiais aproximarão Trenton ainda mais das fazendas, florestas e fábricas do Brasil.

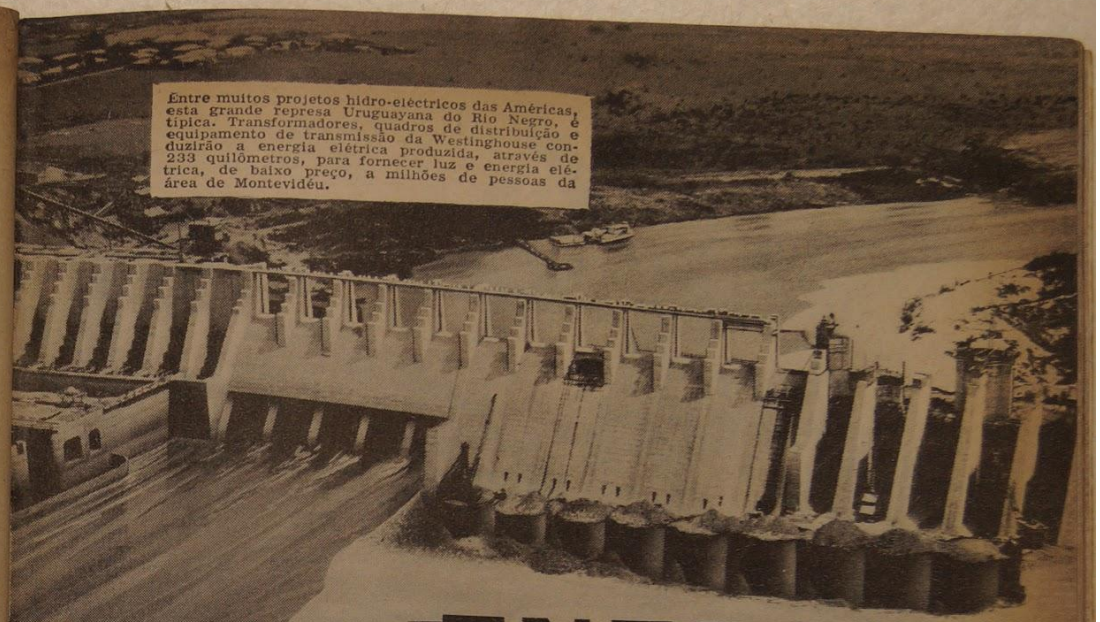
Lamentamos apenas que os que ora nos lêem não possam vir até cá, atravessando a distância que nos separa, afim de verem com seus próprios olhos a produção de fios e cabos que estarão às suas ordens. Os Fornos Roebling, com peito aberto, onde se fabrica o aço especial para cabos. O imenso equipamento de torcedura e fechamento, capaz de produzir um Cabo de Arame Roebling de 5 polegadas de diâmetro, se assim for preciso. Nosso equipamento para a fabricação de fios e cabos elétricos, e redes; fios moldados, redondos, ou chatos, e fitas de aço. E os milhares de operários especializados, que fazem funcionar tão bem todas as nossas instalações.

Quando voltar a paz e se abolirem as restrições à navegação, poderemos corresponder às encomendas de nossos fregueses, melhor e mais rapidamente, se eles conhecerem nossos produtos e nossa capacidade de satisfazer às exigências do mercado. Sugerimos, pois, que nos escreva hoje mesmo, pedindo a informação que mais desejar obter a esse respeito.

JOHN A. ROEBLING'S SONS COMPANY
Divisão de Exportação
19 Rector Street, Nova York, E. U. A.
End. Tel.: "Roebling", Nova York

AGENTES NA AMÉRICA LATINA: *Argentina*—Leoooldo Sol & Cia., Reconquista 558, Buenos Aires. *Bolívia*—International Machinery Co., Ororu. *Chile*—International Machinery Co., Escritórios em Santiago, Valparaiso, Antofagasta. *Cuba*—Machine & Wall Co., Muralla 68, Havana. *México*—Maquinaria Industrial y Agrícola, S. A., Guadalajara, Jalisco. *Perú*—International Machinery Co., Lima. *Puerto Rico*—Roberto Colon Machinery Mfg. Co., Calle Comércio 17-19, San Juan.

ROEBLING Quer cooperar na expansão futura do Brasil

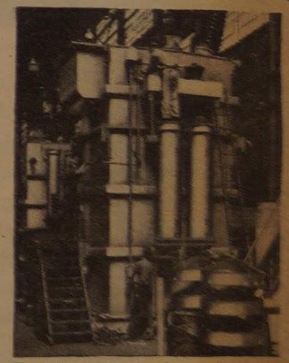


Entre muitos projetos hidro-eléctricos das Américas, esta grande represa Uruguayana do Rio Negro, é típica. Transformadores, quadros de distribuição e equipamento de transmissão da Westinghouse conduzirão a energia elétrica produzida, através de 233 quilômetros, para fornecer luz e energia elétrica, de baixo preço, a milhões de pessoas da área de Montevidéu.

ENERGIA
para os lares e as indústrias das Américas

O desenvolvimento dos recursos naturais latentes das Nações Americanas está tomando forma definitiva. Os rios estão sendo apetrechados para fornecerem energia elétrica abundante e barata para os lares e indústrias.

Com um passado de 58 anos como um dos primeiros fabricantes de material elétrico de todo o Mundo, Westinghouse está desempenhando uma importante parte neste desenvolvimento . . . emprestando assistência técnica, fornecendo equipamento básico e acrescentando a sua experiência à perícia e empreendimento das Juntas Executivas que nos seus respectivos países estão, agora pondo em prática os planos, para uma maior independência econômica, através da utilização de recursos naturais.



Em 1886 a Westinghouse desenvolveu o primeiro transformador, que veio tornar possível todo o sistema de corrente alternada. Observe o típico transformador Westinghouse dos nossos dias—um gigante de 96 toneladas incorporando meio século de desenvolvimento no sentido da perfeição.

. . . e que significação terá tudo isto para o nosso Mundo, em tempo de paz?

Um contentamento universal de uma melhor maneira de viver será possível com um amplo fornecimento de energia elétrica a baixo preço. A aplicação das lições da guerra no campo da ciência eletrônica, criação de novos materiais plásticos e metais ligeiros, trar-nos-á televisão, melhor rádio, mais eficientes refrigeradoras, fogões elétricos, ventiladores, ferros de engomar e muitos outros utensílios do lar.

Dirija-se ao seu vendedor da Westinghouse para a aquisição do PRIMEIRO, do mais prático, do mais seguro equipamento para aumentar o vosso conforto, prazer e segurança dos tempos de após-guerra. Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York 5, E.U.A.

Westinghouse — *Empresa Criadora e de Confiança*

ESCRITÓRIOS E DISTRIBUIDORES EM TODO O MUNDO — FÁBRICAS EM 25 CIDADES

Fim da Linha—
Adaptar para Quisca

Para um P-38, a vida começa no fim—no fim da linha de produção!

Se o Exército diz: «Adaptar para Quisca» —o P-38 voa para um Centro de Modificação Lockheed, onde então se inicia a «invernação». São-lhe adicionados propana de primeira, para fazer o motor arrancar rapidamente; isolamento para os canos; aquecimento na cabina do piloto para o seu conforto.

Adaptar para Munda

Se o Exército diz: «Adaptar para Munda» ou qualquer lugar nos trópicos, o P-38 é submetido a outras modificações: armamentos diferentes, ou especial equipamento de rádio, podem tornar-se indispensaveis. Mas seja como for, ou onde quer que voem os Lightnings, as modificações propícias asseguram perfeito funcionamento.

Pronto para Voar

É por isso que quando um Lightning P-38 chega a uma frente de batalha, está pronto para entrar em combate ao menor sinal! A confiança e a resistência são construidos em cada hástea, parafuso, peça—e até as adaptações são obra da técnica da Lockheed. É outro exemplo de *Lockheed em Ação na Vanguarda.*

COM **Lockheed** SEMPRE NA VANGUARDA

LOCKHEED AIRCRAFT CORPORATION, BURBANK, CALIFORNIA, E. U. A.

USE ESTA RECEITA PARA SEUS DENTES

CREME DENTAL
LISTERINE

❶ COMO USÁ-LA

Pelo menos duas vezes ao dia, limpe os dentes com o Creme Dental Listerine, fazendo que os pelos da escova ajudem a limpar o esmalte com um movimento rotativo de cima para baixo.

A "Receita para os seus Dentes" é a mistura scientifica de mais de 14 ingredientes selecionados e equilibrados para haver uma excelente acção detergente sem estragar o precioso esmalte dos dentes.

❷ O QUE É DE ESPERAR

Acção *detergente sensacional* produzida dentro de tantos dos diminutos interstícios existentes nos dentes—auxilia a realçar verdadeiramente o brilho natural da dentadura.

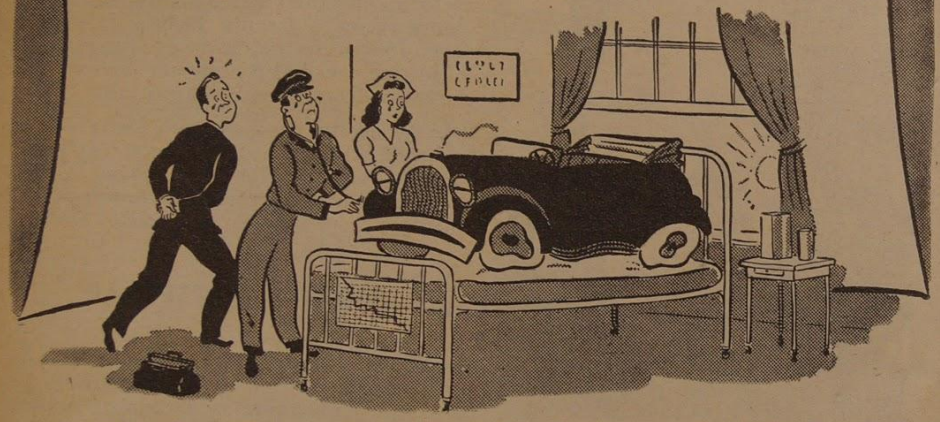
Gôsto estimulante que dá à boca sensação de frescura tão agradavel . . . a de limpeza.

Economia, tambem—tão pouca é a quantidade de Creme Dental Listerine necessaria para obter êstes resultados.

Escova de Dentes Prophy-lac-tic. A sua protuberância longa de pelos firmes e duradoiros fazem—na sumamente satisfatoria para limpar *toda* a dentadura—tanto os molares como os dentes.

Anti-séptico Listerine. O antiséptico *Seguro*—para gargarejos contra resfriados e irritações da garganta—para a primeira cura contra infeção em casos de pequenos cortes e contusões.

Rx VELE PELA SAUDE DO SEU CARRO!



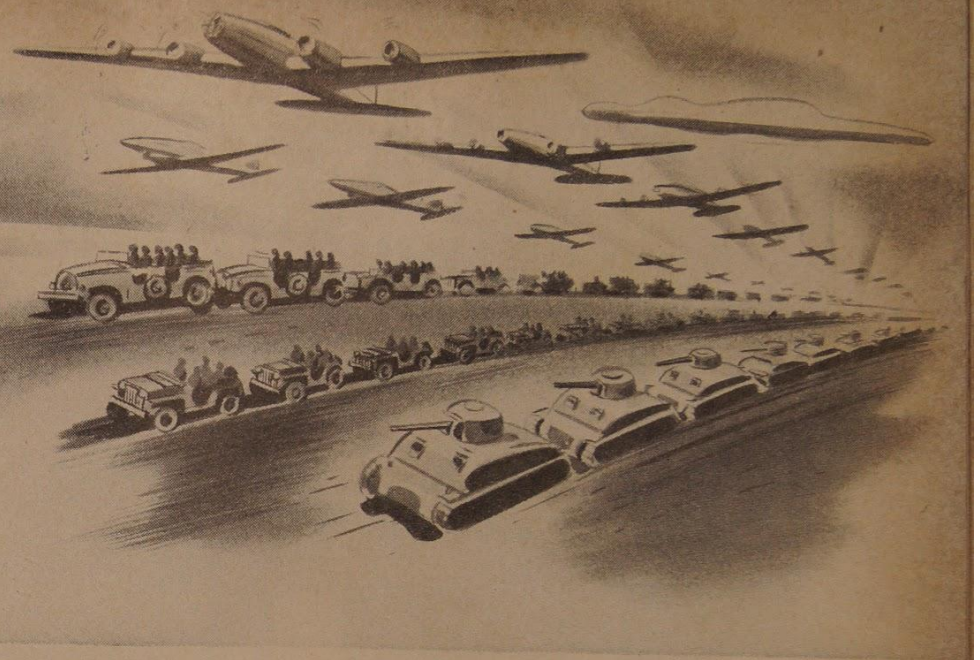
Desde que o seu automóvel não pode substituir-se até que chegue o dia da Vitória, há que tratá-lo com luva de pelica

Não há, porém, melhor forma de manter o motor em bom estado, e obter maior rendimento, do que empregar VEEDOL, o lubrificante por excelência para motores, pela sua alta qualidade. Os técnicos em automobilismo sabem, por experiência própria, que não há sucedâneo para VEEDOL. Sabem que VEEDOL forma uma película protetora contra o desgaste natural, e diminue a fricção do motor. Empregando VEEDOL, economiza-se nas reparações e no custo de funcionamento.

Para o automóvel em uso, não há melhor tônico que VEEDOL.

ÓLEO PARA MOTORES

VEEDOL



Milhões de peças iguais

OS métodos de produção em massa permitem fabricar milhões de peças idênticas, de tal precisão que podem ser interpermutadas entre si. Esta técnica tornou possivel a Ford fabricar em um mês a quantidade de armamentos que, anteriormente, requeria um ano.

Henry Ford foi o criador, com sua própria indústria, deste sistema de produção em massa, fazendo possivel a aquisição de bons automoveis a baixo preço.

Algum dia, após o restabelecimento da paz, a capacidade de produção que a guerra incrementou, poderá dedicar-se à fabricação de produtos mais belos e de maior valia para beneficiar a humanidade.

FORD MOTOR COMPANY

Ford

O "HIGHBALL" já era popular quando teve lugar a primeira Conferência Panamericana, em 1889

Foi um momento transcendental na história americana . . . e Washington fez uma saudação com a bebida predileta do país: o refrescante "highball."

À medida que se celebraram sucessivas conferências panamericanas, foi aumentando a popularidade desta bebida de whiskey, facil de preparar. Feita com Schenley Royal Reserve lhe revelará uma nova emoção em matéria de sabor.

Os whiskies norte-americanos são os de maior venda no mundo, e um das principais razões dessa preferência é o Schenley Royal Reserve. De há muito sabem os entendidos, que o Schenley Royal Reserve, suave e lentamente envelhecido, é *o mais fino* dos whiskies norte-americanos.

Convidamos a V.S. a verificar por si mesmo—num "highball" — o soberbo aroma e gosto do Schenley Royal Reserve. Apoiam-no a tradição de gerações inteiras de experientes distiladores. O "highball" faz-se assim: 1. Ponha num copo um cálice e meio de Schenley Royal Reserve. 2. Adicione gelo, se prefere bebidas geladas. 3. Encha o copo com soda. 4. Coloque na bebida uma fatia de limão ou laranja, e sirva-a.

Sintonize o programa semanal "Instantâneos Sinfônicos Schenley," constituido de música e teatro, que se irradia através de poderosas estações de 4 cidades do Brasil.

O MAIS FINO WHISKEY AMERICANO . . .

SCHENLEY Royal Reserve

COM UNIDADE LIBERDADE

Schenley International Corporation, Empire State Building, Nova York

Haverá suprimento completo do whiskey Schenley Royal Reserve nessa praça logo que a situação o permita.

OLHE DENTRO DO CÍRCULO

A Nova EVERSHARP

Quinta Avenida

UMA CANETA DE TIPO DIFERENTE!

AUTO-SECANTE*

O que está dentro do círculo modificará suas idéias sôbre canetas!

A PONTA

Note a modernística ponta. Esta ponta abriga o aparo . . . protege os dedos . . . e dá à escrita um sentir inteiramente novo.

O APARO

Debaixo da ponta nota-se o novo aparo superfino . . . tão suave que acelera a escrita . . . evitando consaço dos dedos.

A ALIMENTAÇÃO

Atrás do aparo está a nova e aperfeiçoada ALIMENTAÇÃO MÁGICA que evita derrames—tanto ao nível do mar —como a grandes altitudes.

AUTO-SECANTE*

Esta caneta usa tinta que séca à medida que se escreve ... não necessita mata-borrão . . . ainda, escreve perfeitamente com *qualquer* tinta.

GARANTIDO PARA SEMPRE

O serviço de consêrtos das Canetas e Lapiseiras de Repetição Eversharp—identificadas pela dupla marca ✓✓ no gancho—é garantido —não por anos—não por vida—mas Garantido para Sempre.

EVERSHARP, INC., CHICAGO, E.U.A.N.

Dê EVERSHARP e dará a melhor!

FM ... o radio do futuro

Em um futuro próximo a estática, os ruídos e a interferência serão coisas do passado na história da rádio-transmissão. FM (frequência modulada) virá substituir todas essas desvantagens por um fundo de silêncio aveludado. O tom será enriquecido com todas as harmonias que dão côr e vida à música e que a rádio-difusão ordinária é incapaz de transmitir. No aperfeiçoamento desse novo milagre da ciência, os cientistas e técnicos da General Electric mantiveram-se sempre à vanguarda. Os magníficos receptores de FM General Electric que serão fabricados depois da guerra serão o instrumento musical mais fino que jamais se conheceu.

Sempre a

GENERAL ELECTRIC

a Vanguarda da Eletrônica

INTERNATIONAL GENERAL ELECTRIC COMPANY, INC.

EN 4-87

Foto Oficial do Exército dos E. U. A.

Acima de tudo

O pessoal da Beechcraft está exercendo o maior esforço para apressar o dia da Vitória. Na Beechcraft a produção de guerra é primordial.

Beechcrafts para Treino de Bombardeio, Beechcrafts para Treino de Navegação, Beechcrafts para Treino de Transição, Beechcrafts para Foto-Cartografia, Bi-Motores e Mono-Motores Beechcraft para Transporte de Tropas—os milhares de pessoas que trabalham na Beechcraft estão produzindo para as nossas Forças Armadas, sem que haja impecilhos na sua determinação de "dar cabo deles com produção" ou na remessa dos aviões que vão saindo das linhas de produção.

Beech Aircraft

CORPORATION

OS BEECHCRAFT CUMPREM O SEU DEVER

WICHITA, KANSAS, E. U. A.

Este delicioso alimento dá aos meninos *ENERGIA** de sobra . . . Um pequeno almoço saboroso

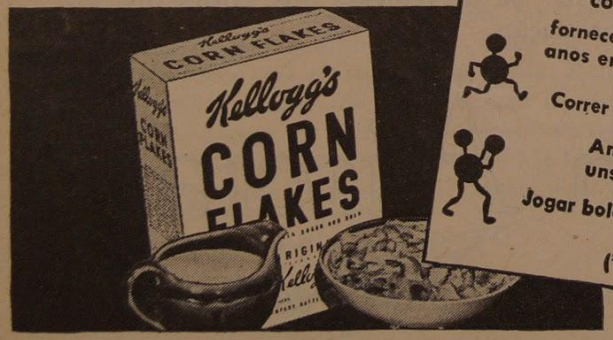
Para toda a família, um delicioso alimento que dá energia

Quando o pequeno almoço inclue o delicioso Kellogg's Corn Flakes, todos os rostos se iluminam com sorrisos. A todos encanta este saboroso cereal. Ainda mais—Kellogg's fornece a energia* adicional que as crianças precisam diariamente.

Com sua constante atividade, as crianças consomem muita energia. Faça com que comam Kellogg's de manhã, depois de terem passado umas 12 horas sem alimentar-se. Dar-lhes-á energia e os protegerá contra o excessivo cansaço.

Kellogg's é acondicionado em caixa forrada de papel encerado, que o conserva sempre torradinho como ao sair do forno. Compre hoje mesmo uma caixa.

KELLOGG'S Corn Flakes é o cereal, pronto para comer, de maior venda no mundo.



Uma tijela de
KELLOGG'S CORN FLAKES
com leite e açucar
fornece a uma criança de 10 anos energia* suficiente para

Correr uns 6 km.

Andar de bicicleta uns 22 km.

Jogar bola-ao-cesto 36 minutos

(*derivada da alimentação)

A pureza da água possibilita-o a viver melhor!

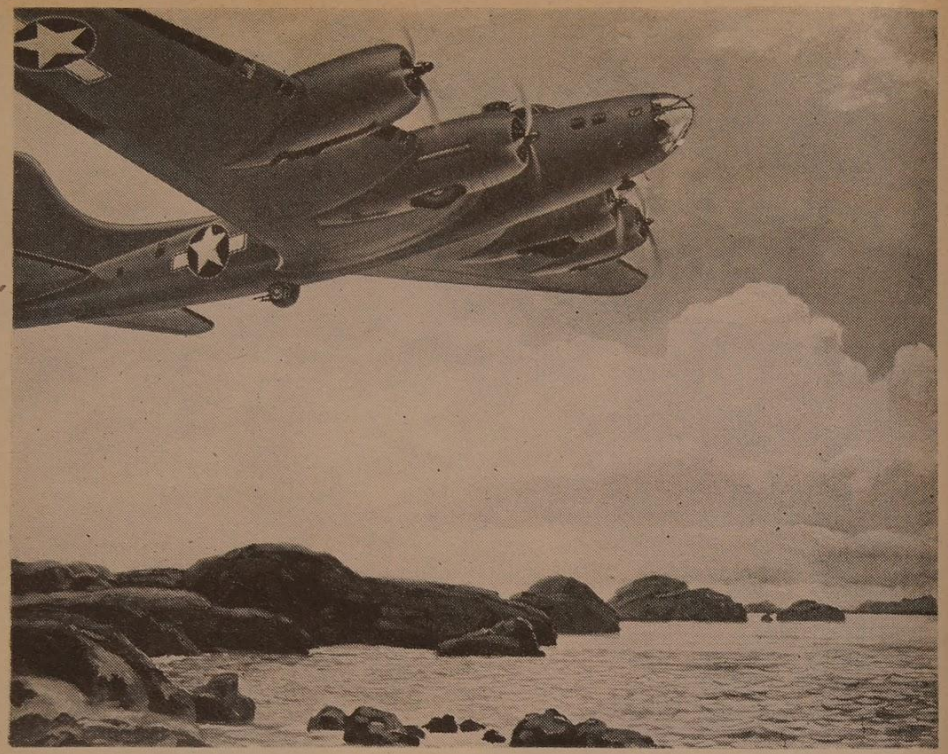
OS micróbios das doenças transmitidos pela água causam a morte de milhares de criancinhas. Esses ceifadores de vidas podem ser desalojados da água pelo sistema Permutit*. Centenas de cidades modernas, higiênicas, empregam o equipamento Permutit para purificar e dar limpidez à água dos seus reservatórios. Essas instalações são de custo módico e de facil operação.

Escreva solicitando informações completas à The Permutit Company, Depto. RD2, 330 West 42nd Street, Nova York, 18, Nova York, E. U. A.

*Marca Registrada

PERMUTIT

CENTRO MUNDIAL DE ACONDICIONAMENTO DE ÁGUA



Subindo a 8 km. de altitude per meio de motores construidos por artífices da Studebaker

O mundo inteiro tem conhecimento do recorde de guerra da poderosa Fortaleza Voadora Boeing. Esse bombardeiro devastador é dotado de tremendo raio de ação, graças aos motores Wright Cyclone de superalimentação, e grande número deles vêm sendo construidos pelos famosos artífices das fábricas Studebaker. Hoje os trabalhadores da Studebaker estão em conjunto fabricando dezenas de milhares de grandes caminhões militares com transmissão múltipla, alem dos motores para as Fortalezas Voadoras e outros artefactos bélicos destinados às frentes de batalha dos Aliados. Eles continuarão nessa tarefa até que a Vitória lhes permita dedicar sua perícia à fabricação de novos, mais aperfeiçoados e maravilhosos automoveis e caminhões Studebaker para os melhores dias que virão depois.

THE STUDEBAKER EXPORT CORPORATION
SOUTH BEND, INDIANA, E. U. A.
Cables: STUDEBAKER

STUDEBAKER *CONSTROÍ MOTORES WRIGHT CYCLONES PARA AS FORTALEZAS VOADORAS BOEING*

Depois da guerra...

... ou quando for novamente autorizada a produção normal ... prosseguiremos na fabricação desses quatro modelos de máquinas de escrever portateis, assim como dos modelos para escritório, afim de atender urgentemente aos pedidos acumulados, dos nossos fregueses daquí e do estrangeiro.

AS AMERICAS UNIDAS VENCERÃO

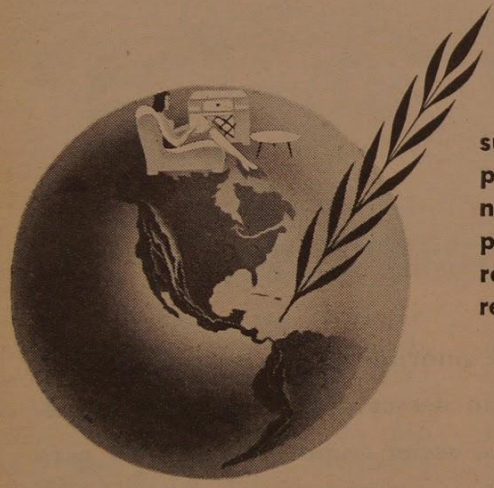
SMITH-CORONA

Máquinas de escrever

L C SMITH & CORONA TYPEWRITERS INC SYRACUSE 1 NOVA YORK

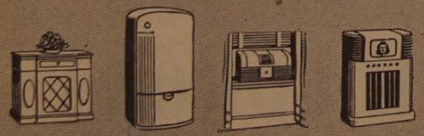
Hoje...

Os homens e mulheres da Philco estão aplicando aos milagres eletrônicos da guerra moderna o conhecimento e perícia que adquiriram fabricando mais de 17 milhões de rádios e refrigeradoras.



Amanhã...

sua pesquisa de guerra proporcionará, sob o famoso nome Philco, novos prazeres para V. S. e seu lar... em rádio, fonografia, televisão, refrigeração e ar acondicionado.



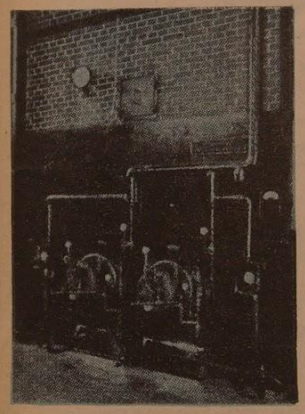
PHILCO

O RADIO QUE MAIS SE VENDE NO MUNDO

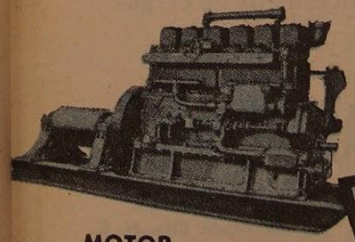
PHILCO INTERNATIONAL CORPORATION, 230 Park Avenue, Nova York, E.U.A.

THE CALORIC COMPANY

MATRIZ—RIO DE JANEIRO
AVENIDA PRESIDENTE WILSON Nº 118



CALDEIRA



MOTOR ESTACIONARIO

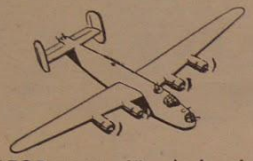
Fornecedora de oleo combustivel para caldeiras, fornos e outros fins industriais e de Oleo Diesel para motores estacionarios, tratores, caminhões e ônibus.

O nosso Departamento Técnico atende a qualquer consulta sobre a aplicação de Oleo Combustivel e Oleo Diesel em suas instalações.

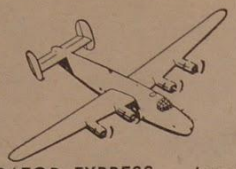
DEPÓSITOS:
Rio — São Paulo — Santos
Salvador — Recife — Belém
Representantes nas principais cidades do país.

PRODUTOS **PAN-AM** DE PETRÓLEO

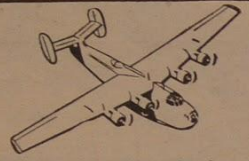
De "Jeeps" Voadores a Leviatãs do Ar



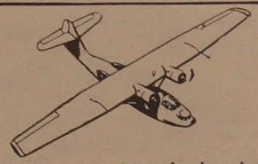
LIBERATOR . . . avião de bombardeio de 4 motores



LIBERATOR EXPRESS . . . transporte



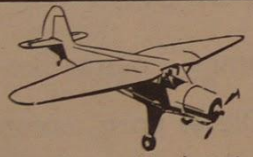
CORONADO . . . avião de bombardeio patrulha



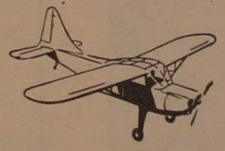
CATALINA . . . avião de bombardeio patrulha

VALIANT . . . avião de treino básico

VENGEANCE . . . avião de bombardeio de picada



RELIANT . . . avião de treino de navegação aérea



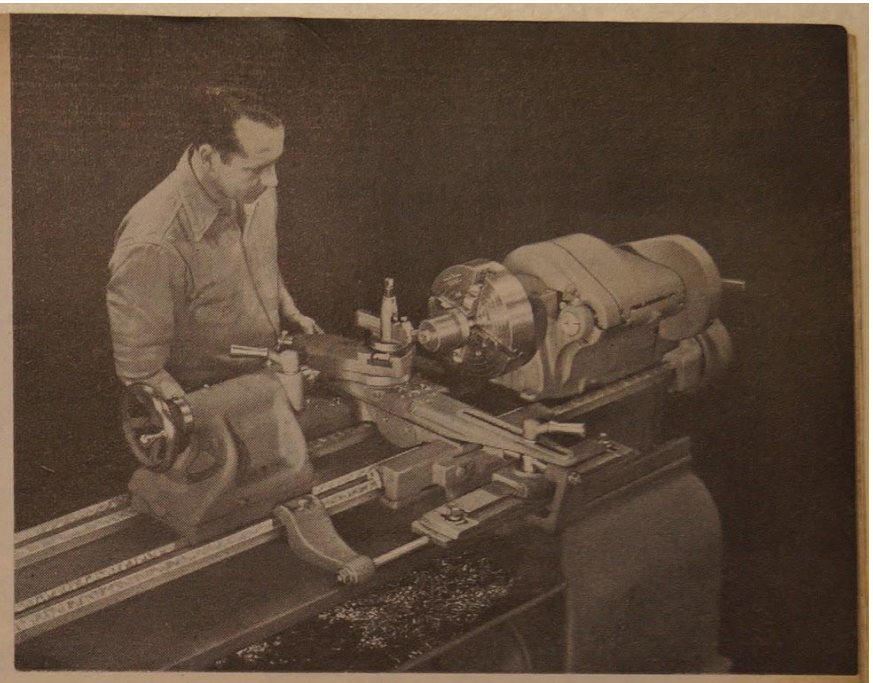
SENTINEL . . . "JEEP" Voador

QUANDO A VITÓRIA tenha sido ganha pelas Nações Unidas, a Consolidated Vultee Aircraft Corporation achar-se-á em condições de fornecer o equivalente destes aviões de post-guerra, as "baratinhas aéreas" de propriedade particular e enormes aviões trans-oceânicos de carga-e-passageiros.

CONSOLIDATED VULTEE AIRCRAFT

San Diego, Calif.
Vultee Field, Calif.
Tucson, Ariz.
Fort Worth, Texas
New Orleans, La.
Louisville, Ky.
Wayne, Mich.
Dearborn, Mich.
Allentown, Pa.
Nashville, Tenn.
Elizabeth City, N. C.
Miami, Fla.

Membros do Conselho de Produção de Aviões Bélicos



Precisão –
A QUALIDADE QUE DISTINGUE OS TORNOS SOUTH BEND

É pela própria alta precisão que os tornos South Bend são mais bem conhecidos. A sua fiel precisão fê-los ser os primeiros tornos escolhidos para o trabalho mais exato em centenas de fábricas indispensaveis à produção de material bélico. As operações de tornear, furar e acabar são quasi sempre desempenhadas com tal exatidão que desnecessárias se tornam as subsequentes operações de afiar ou espelhar.

Na produção bélica, tal como em qualquer outro trabalho de torneamento de metais, o equipamento deve poder manter as tolerâncias exigidas, dando um máximo de produção. Indague sobre as possibilidades dos tornos South Bend afim de dirigir os seus trabalhos de precisão com a maior eficiência. Com eles ser-lhe-á mais facil manter tolerâncias de precisão na oficina e no desenrolar da produção. Peça-nos o catálogo que descreve esses tornos, de 9″ a 16″ de diâmetro torneavel. Especifique o idioma desejado: Português, Espanhol ou Inglês.

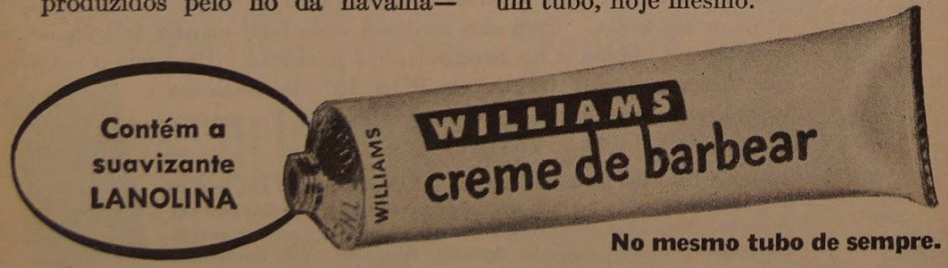
MANUAL DO TORNEIRO—Um livro de 128 páginas, de 13 cms. por 20 cms., sobre o manejo e cuidado dos tornos mecânicos. Preço Cr.$3,00 por exemplar. Para um só exemplar aceitam-se em pagamento selos do correio. Especifique o idioma desejado: Espanhol, Português, Inglês ou Francês.

SOUTH BEND LATHE WORKS

SOUTH BEND 22, INDIANA, E.U.A. • *Fabricantes de Tornos há 37 anos*

LANOLINA assemelha-se muito à natural secreção oleosa da epiderme e é freqüentemente receitada pelos médicos para peles irritadas. Agora, adicionou-se Lanolina ao Creme de Barbear Williams, afim de permitir que se escanhoe com o máximo confôrto. Atenua a irritação e o ardor produzidos pelo fio da navalha—deixa a epiderme fresca e macia.

Williams é, há muito, famoso por sua espuma rica e espessa. De um branco puríssimo, é feito sòmente de ingredientes suaves, da mais fina qualidade—por isso é benéfico à epiderme. Agora, a adição de Lanolina faz Williams ainda melhor. Adquira um tubo, hoje mesmo.



No mesmo tubo de sempre.

Fácil como...

A ...alivia as dôres.

B ...baixa a febre.

C ...corta os resfriados.

Acha difícil livrar-se de uma dôr de cabeça, gripe ou resfriado? Pois nada há mais fácil! MELHORAL, o moderno analgésico, que venceu plenamente na América Latina, é a solução simples e segura para êste problema.

MELHORAL é fabricado segundo os processos mais modernos e com os mais puros ingredientes. Sua embalagem, em CLARAPEL hermèticamente fechado, é inviolável. Isento de qualquer contaminação, MELHORAL constitue uma proteção para sua saúde. MELHORAL é de ação rápida!

● *MELHORAL vem hermèticamente fechado em CLARAPEL.*

AS AMÉRICAS UNIDAS UNIDAS VENCERÃO!

Melhoral

CONTRA DÔRES E RESFRIADOS

A REFRIGERADORA que vai onde é chamada

Nossas tropas avançam para novas posições... e os abastecimentos têm que seguir adiante. Gigantescos caminhões refrigeradores de 10 toneladas levam carne fresca e outros víveres aos combatentes fatigados, esfomeados! Tornou-se possivel fabricar essas refrigeradoras rolantes com uma unidade de refrigeração compacta acionada a gasolina, ideada nos laboratórios da York Corporation para ser usado pela Intendência do Exército dos Estados Unidos. Elas podem manter uma constante temperatura mínima de 12° C. abaixo de zero... mesmo nos clímas tropicais onde o mercúrio pode subir a 49° C. Cada unidade é em si completa e funciona automaticamente. As exigências de refrigeração e ar acondicionado ocasionadas pela guerra afetarão profundamente a distribuição de víveres em tempo de paz. Hoje a York e as principais fábricas de caminhões vislumbram fileiras de céleres veículos refrigeradores percorrendo em todas as direções as rodovias da América do Norte e do Sul, transportando os sadios e viçosos mantimentos que permitem aos nossos paises crescerem com maior vigor.—York Corporation, York, Pa., E. U. A.

york refrigeration air conditioning

YORK REFRIGERAÇÃO E AR ACONDICIONADO

Centro de Refrigeração Mecânica desde 1885

REPRESENTANTES NO BRASIL: BYINGTON & CO. SEDE PRINCIPAL NO RIO DE JANEIRO

É UM PRAZER COSER COM UMA SINGER!

Gosta de vestir-se elegantemente? A Singer poderá ajudá-la a fazer vestidos que lhe assentem melhor; e a conseguir o fino acabamento que é indispensavel a um bom costume. Nossas lojas estão prontas a indicar-lhe os melhores métodos de costura, de remodelar vestidos e fazer bordados. Solicite nossos folhetos!

Tem a sorte de possuir uma Singer? Cuide bem dela! Faça que nossos mecânicos a examinem periodicamente, conservando-a em perfeito estado, a preços módicos. Peça-o hoje ao representante da Singer!

E quanto aos acessórios? Precisa de agulhas, óleo, peças avulsas? Esse material é atualmente limitado; providencie, pois, o mais depressa possivel!

Que significa o "S" vermelho? Essa letra constitue para V. S. a garantia de acessórios e serviço *genuinamente* Singer. Procure o "S" vermelho!

SINGER

SEWING MACHINE COMPANY

Copyright U.S.A. 1944, da Singer Sewing Machine Co. Todos os direitos reservados em todos os paises.

A juventude é uma só...

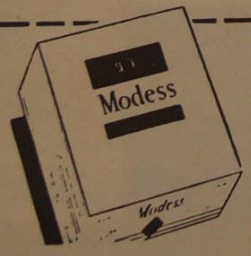
...saiba aproveitá-la!

Modess garante sua liberdade em dias outrora perdidos!

SE VOCÊ SOMASSE os dias perdidos todos os meses nas suas fases críticas de mulher, veria quão preciosos momentos eliminou do ciclo de sua vida . . . Saiba aproveitar sua juventude.

Procure conhecer os absorventes MODESS, confortáveis e higiênicos, que lhe proporcionam tranquilidade absoluta.

Feito de material mais absorvente que o algodão, MODESS tem, ainda, a parte externa protegida por uma camada impermeável. Por isso lhe proporciona a melhor proteção. Peça MODESS em qualquer farmácia ou loja de artigos femininos.



JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL

AMOSTRA GRATIS: Envie-nos Cr.$ 1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho «O que a Mulher Moderna Deve Saber». — Caixa Postal, 2838 — São Paulo.

4-1111-25

Nome .....

Rua .....

Cidade .....

Estado .....

UNIÃO VICTORIA LIBERDADE

RADIO

O INSTRUTOR MODERNO

Famílias frequentemente ficam surpreendidas com os conhecimentos que suas crianças têm dos acontecimentos mundiais, de geografia, história, arte e música. Não há razão para surpresa, porque o rádio traz toda esta informação diretamente ao lar, e logicamente as crianças obtêm conhecimentos que anteriormente eram próprios somente de pessoas educadas de idade muito mais avançada. O futuro do mundo depende do carater e dos ideais das crianças de hoje.

Os aparelhos de rádio ZENITH estão espalhados por todos os cantos do globo, e milhões de possuidores apreciam sua excelente execução, mesmo depois de muitos anos de serviço contínuo.

Depois da guerra, quando V. S. desejar adquirir outro ZENITH, encontrará os novos modelos tão resistentes como antes, com a mesma fidelidade de tom, porem com novos melhoramentos radiônicos, resultado da nossa experiência durante a guerra.

ZENITH—OS MAIORES FABRICANTES NO MUNDO DE APARELHOS RADIÔNICOS, EXCLUSIVAMENTE

OS CAMINHÕES DIAMOND T percorrem nova rodovia... a caminho da Vitória!

AS rodovias comerciais (assim como os atalhos) de quase o mundo inteiro, são velhas histórias para os caminhões Diamond T. Em mais de 60 paises, em todos os recantos do globo, seu bom funcionamento conquistou para eles a preferência, em comparação com todos os demais por sua capacidade para "serviço pesado".

Dizem-nos que os "caminhões de combate" que hoje estamos fabricando, têm igualmente dado provas de sua valiosa atuação sob árduas condições de batalha, nas frentes do mundo inteiro. Sabemos que esses caminhões Diamond T de combate estão agora saindo das linhas de produção da fábrica Diamond T em volume maior do que a fabricação normal de caminhões pesados de toda essa indústria, em tempo de paz.

Da experiência ganha nesta guerra, novos melhoramentos e têcnicas serão desenvolvidos para assegurar, no futuro, a fabricação de caminhões comerciais Diamond T mais primorosos e eficientes do que no passado.

Todos os tipos... todos os tamanhos, de uma a dez toneladas... Modelos especiais de ônibus a gasolina ou óleo Diesel

DIAMOND T MOTOR CAR CO.
Estabelecida em 1905
Chicago, Illinois, E.U.A.

DIAMOND T MOTOR TRUCKS

Os maiores transportes bi-motores do mundo—os Curtiss Commandos—estão cobrindo as rotas aéreas do globo—hoje transportando enormes carregamentos de materiais de guerra—amanhã, enormes cargas comerciais num intercâmbio amistoso.

Como a maioria dos aviões americanos de transporte e de carga, os Commandos são acionados por motores de confiança Pratt & Whitney.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION
EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

MOTORES PRATT & WHITNEY · AVIÕES CHANCE VOUGHT · HELICÓPTEROS SIKORSKY · HÉLICES HAMILTON STANDARD

O Convite Universal...
"TOME UMA COCA-COLA!"

Vista da Catedral de Bogotá

Até sob os muros da Catedral de Bogotá se tornou popular o momento de repouso com uma "Coca-Cola" bem gelada. Em qualquer ponto e em todas as ocasiões, a "Coca-Cola" bem gelada se converte na *pausa que refresca* ... e os bons amigos se saudam com o convite cordial: "Tome uma Coca-Cola!"

Preço - Cr. $1.00

UNIDAS HOJE
UNIDAS SEMPRE

COPYRIGHT 1944 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

Contribuições dos leitores

SELEÇÕES pagará cinco dólares por toda anedota, historieta ou nota curiosa informativa (do gênero das que se encontram às páginas 8, 22, 30, 32, 48, 50, e 111 deste número) que os leitores enviem e *seja aproveitada pela revista.*

Podem ser mandadas colaborações sobre qualquer tema, devendo, porem, cada uma restringir-se ao máximo de trezentas palavras. Quanto ao conteudo, pode ser realmente muito variado: notas referentes a brasileiros e portugueses ilustres, ou sobre um episódio pouco conhecido da história do Brasil ou de Portugal; algum fato curioso ou instrutivo, ou ambas as coisas. Daremos preferência às pequenas narrativas anedóticas e vivas. É indispensavel que as colaborações, qualquer que seja o seu tema, pertençam à categoria das que chamam a atenção dos leitores e se gravam na memória, correndo logo de boca em boca, sem perder nada de sua novidade e interesse.

As colaborações podem ser originais ou extraidas de livros, jornais, revistas, programas de rádio, ou outra fonte qualquer. No caso de não serem originais, é essencial que, sendo extraidas de livro, se indiquem claramente o autor, título e página da obra; se se trata de jornal ou revista, deve ser mandado o recorte com data do número de onde foi tirado; tratando-se de programa de rádio, indiquem-se sempre o nome da estação, o programa e a data.

Não se acusará recebimento das colaborações, nem serão estas devolvidas aos remetentes; a revista não poderá, tão pouco, manter correspondência sobre o assunto.

Seleções reserva-se o direito de modificar, no todo ou em parte, a redação das colaborações que se publiquem. No caso de duas que tratem do mesmo assunto, dar-se-á preferência à que for recebida primeiro.

As colaborações devem ser endereçadas nos seguintes termos: Seleções do Reader's Digest. Seção de Avulsos.—230 Park Avenue, New York, U.S.A.

IMPRESSO NOS E. U. A.

Nova Forma de Solidão

Por J. B. Priestley
(Famoso escritor inglês)

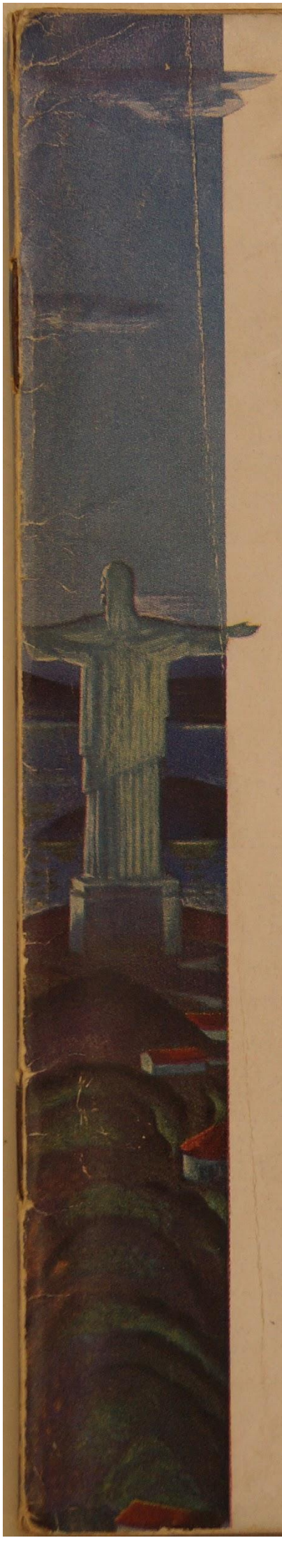
UMA COISA está realmente errada em nosso mundo moderno: a de que muita gente leva vidas solitárias. Em verdade, vivendo em grandes ou pequenas cidades, estamos sempre a nos mover no meio de multidões. Mas o peor é que podemos estar desesperadamente solitários numa multidão. Para que tenham nítida noção de que estão vivendo uma vida plena, o de que mais necessitam homens e mulheres é sentir uma relação definida entre eles próprios e a coletividade.

Em nossa nova vida urbana, muitos não podem mais sentir isto. Os jovens casais, com seus apartamentos primorosamente preparados e providos de todos os inventos da comodidade, à primeira vista dão a impressão de que vivem uma vida mais rica e mais completa do que conheceram os seus avós. Eles dispõem de mais ócios. Os automoveis os levam a toda parte. O rádio proporciona-lhes passatempos a domicílio. Os cinemas se encontram em cada esquina. Infelizmente, porem, nada disto pode restabelecer aquele senso perdido de fazer parte de uma coletividade. Hoje em dia o povo não *pertence* realmente ao lugar em que vive, tal como sucedia com os avós. Não encontra nele a quantidade de divertimento, do divertimento—o que é significativo—que não custe dinheiro.

Resulta que, apesar das suas viagens e diversões, encontram menos satisfação na vida. Sabem que lhes falta alguma coisa e confiam somente que, com mais dinheiro, essa coisa não mais lhes faltará.

Felizmente, ainda temos conosco a palavra impressa. Os mais sensatos dentre todos esses novos habitantes de cidades, que as circunstâncias secionaram de um direto senso da coletividade, são os leitores. A palavra escrita os faz participantes dos problemas e triunfos da coletividade em todas as formas, desde os da cidade local até os da própria raça humana. A perda em um lado foi compensada pelo benefício no outro, uma informação mais larga.

A tarefa de manter o nivel de informação cumpre aos melhores periódicos, dentre os quais o meu velho amigo, Reader's Digest, ocupa por certo um posto bem elevado. Os seus leitores jamais se sentirão desesperadamente sós. Nada pode evitar-lhes que passeiem, em boa companhia, pelos paises encantados do espírito.



SETEMBRO de 1944

Seleções do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

Balanço da Política de Boa Vizinhança . . . *Columbia* 1
Goze a vida—hoje mesmo! . . . *por W. Béran Wolfe* 5
Vida árdua num grande bombardeiro . . . *Air Facts* 7
Para ser um psicólogo de salão *Ladies' Home Journal* 11
A Grécia chegará a ver a vitória? . . . *Baltimore Sun* 12
Às voltas com o avião de jacto . . . . . *Collier's* 15
Argúcia dos animais 18
Vejamos agora a tragédia de Versalhes . . . . . *Life* 21
Cresce de valor o pó de serra . . *Science News Letter* 30
Retalhos do drama cotidiano . . *por Kathleen Norris* 33
Destinatário desconhecido . . . . . *Story Magazine* 35
Pelo preço do custo . . . . . *Saturday Review* 42
A segunda campanha de Nápoles: contra o piolho
por Frederick C. Painton 43
«O Titanic não afunda» . . . . . *Harper's* 45
Estado Maior de inventores . . . . . *Time* 50
«Crianças perante o tribunal» . . . . . *Kiwanis* 53
Um aviador que não se deu por vencido . . . *Esquire* 57
Aladino do alumínio . . . . . *Kiwanis* 61
Flagrantes da vida americana 65
Amicuque, a lontra marinha . . . . . *Frontiers* 67
Os soldados voltam a Adano . . . . *por John Hersey* 70
O médico que tornou o oeste habitavel
Prairie Schooner 73
Sim, a vida de hoje é melhor . . . *Washington Post* 77
Um oleoduto preocupa o mundo . . *por André Visson* 79
A outra face de Helen Keller . . . *por Nella Braddy* 83
Há alguma nuvem na sua paz conjugal?
Good Housekeeping 87
Guerra abaixo de zero . . . . . *Collier's* 89
Sua voz exprime sua personalidade . . . . . *Rotarian* 98

[Seção de Livros] Casei-me com a aventura . *por Osa Johnson* 101

← A Baía de Guanabara e o Cristo do Corcovado

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil
FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.
AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.
BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.
ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.
GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.
MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.
MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.
MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.
PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.
PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.
PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 351, Recife.
PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.
RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.
RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.
RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.
SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.
SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.
SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.
TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa
Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo VI, No. 32 — *Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.* — Setembro de 1944

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace
Redator Gerente: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* Armando de Sá Pires
Administração: *Gerente Geral*, A. L. Cole. *Subgerente:* Fred D. Thompson, Jr.
Gerente de Circulação, Roberto C. Sánchez. *Chefe de Publicidade*, Willard R. Espy
Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson, *Subdiretor:* Marvin McCord Lowes
Diretor de Anúncios: Josiah B. Thomas

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*Reader's Digest* (fundado em 1921): publica-se em inglês em Pleasantville (E.U.A.) e em Londres; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace; tiragem mensal: 9.345.000 exemplares. *Selecciones del Reader's Digest:* edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas; tiragem mensal: 880.000 exemplares. *Det Bästa ur Reader's Digest;* edição em sueco, publicada em Estocolmo; redator: Anders Hedberg; tiragem mensal: 225.000 exemplares; *Al Mukhtar Min Reader's Digest:* edição em árabe, publicada no Cairo; redator: Fuad Sarruf; tiragem mensal: 60.000 exemplares.

TIRAGEM DE TODAS AS EDIÇÕES: 10.918.000 EXEMPLARES

Copyright 1944 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1876. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

CMDPD-UA
130

SETEMBRO de 1944

SELEÇÕES do Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO VI — No. 32

¶ *A distinção entre auxiliar e intrometer-se*

Balanço da Política de Boa Vizinhança

(Condensado de «Columbia»)

Por Richard Pattee

O QUE há de mais impressionante na política de Boa Vizinhança dos Estados Unidos é o fato de que ela existe. Uma completa reviravolta, em política exterior, sobretudo envolvendo a confissão de pecados cometidos, é coisa de que raramente se terá ouvido falar, a menos que seja produto de alguma revolução, ou do esforço de um novo governo para repúdio dos atos do seu predecessor.

RICHARD PATTEE, ex-subchefe da Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado (Ministério das Relações Exteriores) dos Estados Unidos, e professor de História Ibero-Americana na Universidade Católica da América, encontra-se no momento em desempenho de uma comissão especial da Conferência Católica Nacional de Bem Público, para o fim de promover mais íntimas relações e compreensão mais profunda entre os povos das Américas. Está atualmente no México.

No caso, porem, da política de Boa Vizinhança, foi resultado da reflexão de que a lisura e o respeito devem pagar maiores dividendos do que a força, a má vontade, a violência e a pressão.

Não há interesse em repetir a longa história, nada lisonjeira, dos tratos e relações dos Estados Unidos com as repúblicas latino-americanas. A terminologia, no caso, é muito conhecida: *Destino Manifesto*, *Diplomacia do Dolar*, *Colosso do Norte*, *Imperialismo Ianque*. Entre os capítulos mais expressivos, podem ser lembrados o incidente do canal do Panamá, a campanha contra Sandino em Nicarágua, a ocupação militar do Haití durante 15 anos, o bombardeio de Vera Cruz e a expedição Pershing ao México. E' possivel que aos norte-americanos passe mais ou menos despercebido; mas a verdade é que, em menor escala, a

política que vínhamos seguindo, para com os pequenos paises da América Central e das Antilhas, não era muito diversa da de que acusamos a Alemanha, em relação aos seus vizinhos mais fracos. Há, portanto, que inscrever a crédito da Boa Vizinhança a eliminação desse cancer nas relações entre os povos do Hemisfério Ocidental.

Foi durante a presidência Hoover que o governo dos Estados Unidos entrou a modificar fundamentalmente os seus métodos, de referência às outras vinte repúblicas do nosso continente. A comissão especial, então mandada ao Haití, abriu, com um primeiro passo, o novo rumo que iriam tomar as coisas. Das suas investigações resultaram, desde logo, as medidas preliminares para que dalí se retirassem os fuzileiros navais. Foi o começo do fim da longa e opressiva ocupação militar do Haití e da Nicarágua. Igual sorte viria a ter, pelas mesmas razões de princípio, o controle fiscal da República Dominicana. Os Estados Unidos, em suma, procuravam apagar os estigmas da dominação indébita que todos os seus governos, dessa ou daquela maneira, tinham sido tentados a exercer, senão propriamente no hemisfério, pelo menos em algumas das suas regiões.

Em 1933, na Conferência de Montevidéu, deram os Estados Unidos um enorme passo adiante, sustentando, publicamente, com a não-intervenção, a igualdade dos estados, sem quaisquer restrições decorrentes do seu tamanho ou importância. Essa atitude, indiscutivelmente, marcou o início de nova era nas relações interamericanas. Queria ela dizer, não só que os Estados Unidos evitariam intervir nos negócios internos de outros paises, mas, ao mesmo tempo, que a ameaça de intervenção militar, por motivos que a América Latina jamais admitiu como bons e válidos, ficava de todo afastada. Nenhum país latino-americano poderia julgar-se seguro, diante de exemplos como o do Haití, submetido por longo tempo ao domínio de uma força americana, imposta por si mesma, vale dizer arbitrária.

Quanto ao aspecto econômico da política de Boa Vizinhança, o conceito fundamental a ter em mente é o seguinte: em contraste com o que ocorria nos dias faceis de antes da guerra, presentemente é o governo, e não os particulares ou as empresas privadas, quem determina o modo ou a natureza da colaboração econômica. Anteriormente, quando a inversão de capital no estrangeiro, inclusive sob a forma de empréstimos externos, a particulares ou governos, corria, quase exclusivamente, a cargo dos respectivos interessados, a intervenção oficial só se manifestava, de ordinário, quando algum prestamista, ou coisa que o valha, norte-americano, se sentia prejudicado em determinado país, e apelava para o socorro da autoridade pública. Mas, a partir de 1930, as agências financeiras do governo tomaram a preponderância no que concerne à concessão de empréstimos, ou ao apoio a estruturas econômicas e sistemas monetários combalidos. O processo, em conjunto, de auxílio econômico tem sido enormemente acelerado.

O sistema de acordos comerciais, iniciado com Cuba em 1934, estendeu-se ao grosso das repúblicas latino-americanas. O Banco Interamericano, criado em 1940, pôs em prática um vasto programa de injeção de fundos nas correntes sanguíneas, não raro anêmicas, da América Latina. A Comissão de Fomento Interamericano foi muito alem, e procurou explorar as potencialidades latino-americanas, em termos de expansão para o futuro. Aquí temos, talvez, o mais original e interessante dos pontos de partida para o desenvolvimento, em boa lógica, dos negócios em questão: planejar, de modo ativo, a natureza das relações econômicas que devem existir entre os Estados Unidos e as outras repúblicas americanas, e exercer ativo esforço para determinar praticamente o que o desenvolvimento econômico de tantas áreas inexploradas, através do continente, pode realmente representar.

A despeito do fato de que muito se tem feito em aumento de produção, sobretudo em certos ramos, e encorajamento às indústrias da América Latina, há sempre a ser considerado o perigo de que essa bem intencionada política, se levada longe demais, conduza a uma definida situação dominante dos Estados Unidos diante de uma série de paises cuja ordem econômica será pouco melhor que a de colônias.

As exigências da guerra tornam naturalmente indispensavel, para os Estados Unidos, fazer umas tantas coisas que, em tempos normais, não fariam, ou podiam deixar de fazer. O esquecimento dessa circunstância constitue uma das fraquezas na argumentação do senador Hugh Butler, quando qualifica de absurdas as despesas feitas na América Latina, pintando os Estados Unidos como esbanjadores ineptos. Se formos a examinar, armados de espírito crítico, todo centavo empregado numa conjuntura da gravidade da em que atualmente nos achamos, a guerra não será ganha em tempo razoavel. Que será, porem, depois? Poderão os Estados Unidos retornar a uma máquina econômica de maior normalidade, e deixar cair, sem mais nem menos, entregues à sua sorte, os paises latino-americanos, que têm sido, e vão sendo, engrenados a uma nova ordem de coisas?

Outro perigo real toma a forma da exportação, não só de capital e assistência técnica, mas de idéias sociais. Muito se tem falado em aumento de salários, e elevação geral do nivel de vida, para as populações disseminadas na América Latina. Não há dúvida que este nivel é demasiadamente baixo, e a distância entre as massas e as elites demasiadamente grande. Dar-se-á, porem, que os Estados Unidos, como governo, tenham o direito de mudar o padrão de vida do camponês boliviano, do lavrador do Haití, ou do gaucho argentino?

A organização social da América Latina é extremamente delicada. Não custará muito subvertê-la. Nem por isto a questão é simples. Dela brotam alguns problemas da maior importância. Perguntemos, antes de tudo: será necessariamente desejavel admitir como certo que o chamado padrão de vida norte-americano deve ser aplicado ou estendido a todos, e em toda parte?

Figuremos um país como o Haití, de aparência primitiva, e completamente agrário. A pequena república das Antilhas tem três milhões de cidadãos, de ascendência africana, quase todos camponeses, ligados profundamente ao solo. Durante um século, recusaram eles ao homem branco o direito de cidadania, ou de possuir terras. Permanecem hoje num estado inteiramente precapitalista, com o seu sistema agrário tão em ordem que o camponês tem retido seu pequeno pedaço de terra. Pode ser que eu diga uma heresia; estou entretanto convencido de que o sistema haitiano, se bem que se reduza à agricultura, com sobras muito pequenas, é fundamentalmente melhor, e mais conducente à felicidade humana, do que o regime econômico de grandes empresas açucareiras da vizinha ilha de Porto Rico.

O ponto mais perigoso, no conjunto

das relações interamericanas, é provavelmente este: no afã, porventura mal guiado, de refazer a benefício comum os povos latino-americanos, poderemos cometer erros verdadeiramente imperdoaveis de julgamento e de ação, entremetendo-nos no mecanismo da sua vida econômica e social. Se se andar com moderação, é indiscutivel que os paises em causa poderão ser ajudados a compor uma vida mais completa e mais harmoniosa. Mas se entrar em cena, explosivamente, o reformismo, que parece tão inato na maioria da gente norte-americana, serão muito de temer desastrosos resultados.

Atribuindo-nos a nós mesmos, como povo, a missão de melhorar a vida do mundo inteiro, incorremos em confusão, procurando exportar o que está, e o que não está no desejo ou na necessidade de outros povos. Cumpre que nos inteiremos de que há muito, no mundo, quem não queira ou não precise mudar o seu modo de vida, quem não esteja ansiando pelas nossas geladeiras, rádios, navalhas elétricas, e pequenos aparelhos de toda qualidade. Viver, e deixar viver, será talvez uma excelente política no trato com os outros povos, nesses domínios que intimamente se prendem aos seus métodos de vida.

Muitos latino-americanos se têm mostrado irritados com o inexplicavel interesse com que os Estados Unidos vêm cogitando do caso. Sob esse aspecto, não têm sido poucas as críticas ao volume das somas despendidas. Para o homem da América Latina, isso como que tresanda aos métodos de alta pressão, tão dos hábitos norte-americanos. A quantidade de cidadãos dos Estados Unidos, em qualquer das capitais latino-americanas, começa a dar a impressão de que tem sido exportado pessoal em suficientes proporções para uma ação de controle nos respectivos paises.

Sim; muitos latino-americanos andam a perguntar a si mesmos se toda essa nova e exagerada atenção, para com as repúblicas irmãs, não será unicamente uma repetição, em novos moldes, da mesma velha e tradicional política, em uma palavra, da força. Não lhes escapa, à maioria deles, que é sempre desconcertante, para uma nação fraca e pequena, sentir sobre si a sombra de uma grande potência mundial. Ninguem, salvo uma pequena minoria, sonharia em preferir que esta potência viesse a ser a Alemanha ou a União Soviética. Mas a questão não pode deixar de surgir: Quererão os Estados Unidos continuar a estender a mão amiga, promovendo uma ação geral de entendimento cooperativo, com o ânimo de ajudar a formação de um forte e coeso bloco latino-americano, capaz de defender eficazmente sua integridade econômica, independência política e maneira de viver,—ou pretendem voltar à idéia de uma esfera de influência, desejando, em tal caso, no fundo a desunião e a fraqueza da América Latina, para assim tê-la mais aberta à penetração econômica dos seus próprios interesses?

É ao povo norte-americano que incumbe determinar o carater definitivo das relações internacionais de que nos ocupamos. Só será de desejar que a serenidade, o bom senso, a compreensão humana destes últimos dez anos continuem realmente a predominar de modo ininterrupto.

¶ Antes do casamento, os olhos devem estar bem abertos; depois do casamento, semi-cerrados.

Benjamin Franklin

Goze a vida—hoje mesmo!

(Condensado do livro «How to Be Happy Though Human»)

Pelo dr. W. Béran Wolfe

Uma vez, aconselhei um homem de negócios—muito bem sucedido e profundamente egoista, que nunca achava tempo, em meio às suas ocupações diárias, para se interessar pelos problemas alheios—a ir à estação de estrada de ferro Grand Central, em Nova York, procurando alí alguem a quem pudesse prestar auxílio. Com uma complacência um tanto desdenhosa, ele prontificou-se a atender-me.

Uma pobre mulher de uma região rural viera a Nova York, para encontrar-se com a filha. Perdera, porem, o papel em que esta escrevera o endereço, e, sentada a um canto, pusera-se a chorar perdidamente. O nosso capitalista conseguiu encontrar o referido endereço no livro de telefones, pôs a senhora, com as suas valises, num taxi, e acompanhou-a até a porta, numa rua modesta do bairro do Bronx. No caminho, ainda comprou umas rosas para a pobre mulher, que, encostando a cabeça ao seu ombro, chorou de gratidão. Deixou-a em casa da filha com um sorriso nos lábios, e correu a telefonar-me.

«Deus seja louvado, doutor, sinto afinal que sou um ser humano!» Não cabia em si de alegria, ao contar-me a história. A partir de então, tornou-se um dos diretores de um clube para meninos em Nova York, e membro de várias organizações de socorro público.

Que é a felicidade? É uma qualidade, um atributo da vida bem vivida. Há nela qualquer coisa de evanescente. Se quisermos compreender realmente o que vem a ser a felicidade, não devemos procurá-la, como se fosse algum tesouro que só podemos alcançar escalando o arco-iris, mas entre aqueles cuja vida é cheia e rica porque sabem vivê-la. Ao observarmos um homem realmente feliz vê-lo-emos constantemente ocupado construindo um bote, escrevendo uma sinfonia, educando os filhos, ou cultivando as flores do seu jardim. Não anda em busca da felicidade como quem procura um botão que rolou debaixo da cama. Averiguou, simplesmente, que é de fato feliz durante as 24 horas de um dia cheio de afazeres.

Afim de encontrar a felicidade, devemos procurá-la fora de nós mesmos. Quem vive só para si, corre sempre o risco de ver-se dominado por um tédio mortal, devido à constante repetição de seus próprios interesses e pontos de vista. Psicologicamente, pouco importa que nos interessemos pelo estado sanitário de uma cidade, que abracemos uma campanha destinada a suprimir o uso ilícito de narcóticos, ou que tomemos parte na direção de um clube de crianças. A questão é escolhermos um movimento qualquer que tenha por fito contribuir para a felicidade humana, e a ele nos filiarmos. Quem não souber esquecer o seu próprio «eu», afim de servir os interesses do próximo, não compreendeu ainda o que a vida significa.

Há em todos os seres humanos certa dose de energia suplementar que as ocupações diárias não absorvem de todo. E é o que há de melhor nos homens. Ninguem pode ser feliz se não tiver canalizado sua energia criadora. As pessoas sensatas têm por isso grande variedade de ocupações e

passatempos—esportes que praticam no campo ou na cidade, no verão ou no inverno, jogos sociais e outros com que se podem entreter sozinhas nas horas de lazer. Quem tiver uma distração favorita, nunca se sente enfadado por muito tempo.

Aprenda a viver melhor. Experimente agora mesmo. Compre uma nova gravura para seu quarto, tome um novo curso. Os resultados da precaução excessiva e do apego exagerado à segurança são o tédio e a presunção. É melhor ter corrido riscos na vida e cometido erros, que ter o espírito e o corpo petrificados dentro do horizonte limitado do escritório, da leitura do jornal, e das quatro paredes de sua casa. Só os mortos conhecem a segurança completa.

O espírito não declina como o corpo com o correr dos anos. Muitos dos homens e mulheres mais felizes do mundo são os que têm 60, 70 ou 80 anos, e trabalharam corajosamente na idade madura, mantendo ao mesmo tempo o mais vivo interesse pelas atividades culturais, h que lhes permitiu aproveitar melhor as voras de repouso. É na mocidade que deoemos aprender a arte de envelhecer. Quem quiser viver bem na velhice, deve saber apreciar os bons livros, a música, a dansa, e as outras artes, mas sobretudo a da sociabilidade.

Quem é mestre na arte de viver, anda sempre aprendendo, pois há sempre o que aprender. Não se pode atravessar a vida com os ensinamentos recebidos na escola. A própria vida nos ensina muita coisa, mas não cessemos de adquirir novos conhecimentos, sem trégua e sem descanso. Interromper, mesmo que seja por um momento, o desenvolvimento da cultura, é aproximarmo-nos da morte mental.

A vida nunca foi tão digna de ser vivida e tão fascinante quanto nos nossos tempos. Os jornais e as revistas de toda parte são verdadeiros depósitos de estímulo e encorajamento. Nunca existiram tantas causas de tão alta importância a clamar por uma cooperação social eficiente e profunda.

Dificilmente encontraremos uma só esfera das atividades humanas, seja no comércio, na medicina, em política ou filosofia, onde não haja lugar para novos líderes. Pertence à humanidade pôr a civilização em marcha. E quem quer que perceba claramente qual o papel que lhe cabe, alcançará mais facilmente a felicidade.

Tato e boas maneiras

¶ Há pouco tempo meus pais deram um jantar, para o qual foram convidados, entre outras pessoas, um rabino e um padre católico. Ao sentarem-se todos à mesa, houve um daqueles terriveis momentos de embaraço, por todos percebido: a quem caberia fazer a oração antes de se iniciar o jantar? Todos, francamente encabulados, contemplavam os seus respectivos pratos, sem saber que direção tomar; minha mãe e meu pai procuravam, debalde, alguma palavra que pusesse cabo à constrangedora situação. Entretanto, quando estava no auge o embaraço geral, o padre salvou belamente a situação, dizendo: «Peço permissão para dizer uma velha reza judaica.»

Todos inclinaram-se, e ele fez a oração, *em hebraico!*

—Paul Marcus

¶ *Em que inferno se batem as tripulações dos bombardeiros pesados*

Vida árdua num grande bombardeiro

(Condensado da «Air Facts»)

Por Francis Vivian Drake

A LINHA de batalha das grandes altitudes atmosféricas é talvez a menos conhecida das frentes da guerra atual. Efetivamente, qualquer pessoa que já tenha experimentado um frio muito intenso, pode fazer idéia do que seja a frente russa; o cinema dá-nos uma vez por outra a rápida visão do que é a guerra para os tripulantes dum submarino ou dum tanque em combate; porem, só participando de verdade numa missão de bombardeio é que uma pessoa poderia aprender ao vivo o que são as condições da luta a 7.500 metros de altitude. Frio, peor que o da Rússia; espaço, tão acanhado como no interior de um tanque; e o problema do oxigênio, tão premente como no seio dum submarino!

Deixemos de parte por agora os perigos inerentes à própria guerra, e detenhamonos somente nos riscos naturais que implica voar a tamanha altitude. Tenham-se presentes apenas, para termo de comparação, as pavorosas dificuldades enfrentadas pelos homens que ousaram escalar o Monte Everest, único empreendimento humano a mais de 8.000 metros de altitude... A tripulação dum bombardeiro começa por ser atirada, a vertiginosa velocidade, do nivel do mar a uma altura de 7.000 metros. Quando se trata, por exemplo, de realizar uma incursão profunda em território alemão, os combatentes andam no ar entre oito e dez horas, das quais nem um só instante deixa de ser denso de perigos e fadigas inenarraveis. Cumpre-lhes lutar para salvar a própria pele; terão de sofrer talvez ferimentos de maior ou menor gravidade sem a necessária e imediata assistência de médico; e ao mesmo tempo devem controlar com perícia consumada alguns dos mecanismos mais velozes e complicados que o homem até agora inventou.

Desde o metralhador da cauda ao piloto, todos os tripulantes dum bombardeiro cumprem tarefas de alta precisão e rapidez, que é preciso executar vencendo ao mesmo tempo o impecilho de roupas incrivelmente volumosas, que se tornam indispensaveis naqueles frios de, às vezes, 50° centígrados abaixo de zero... O aviador começa por envergar o que há de mais grosso e pesado em roupas interiores, camisolão e ceroulas que o cingem do pescoço aos tornozelos; em cima disso enfia as roupas habituais da aviação. Segue-se um volumoso e embaraçoso uniforme de inverno, todo de couro e forrado de peles de carneiro. Já nesta altura, como é facil conceber, os movimentos do indivíduo têm um não sei quê de paquidérmico; pois bem, ainda falta mais alguma coisa: vem o colete blindado, o salva-vidas amarelo que chamam de «Mae West», e por cima disso tudo, os arreios do paraquedas! Ainda leva na cabeça o capacete de aço e um barrete de agasalho; e, nas mãos, grossas luvas de aquecimento elétrico...

Acabou-se a lista da indumentária propriamente dita; mas outros artigos se

seguem agora, já não de vestuário, mas de aparelhamento técnico: sem oxigênio, um homem perderia os sentidos dentro de 30 segundos; venha pois a máscara de oxigênio, que o nosso aviador enfia pelo pescoço abaixo. (Lá mais para diante, o aperto da máscara na face será de endoidecer!) Temos depois o capacete de inter-comunicações, e o microfone ao pescoço—aquele aparafusado às orelhas, o segundo firmemente apertado e afivelado em volta do pomo de Adão.

A preocupação maior é agora a decolagem. O piloto é amarrado ao assento—mais uma inibição dos movimentos!—e o seu dever consiste em lançar, pelos ares fora, umas 30 toneladas de aço e alumínio, com uma carga de gasolina inflamavel, e tremendos explosivos. Desde o instante em que ele abre as válvulas, à entrada da pista de decolagem, a tensão dos homens sobe de ponto. O avião rola, mas a velocidade atinge 160 e até 190 quilômetros à hora, antes que as asas, sobrecarregadas, possam erguer do solo a pesada massa do bombardeiro. O mais ligeiro desvio pode estourar um pneu, fazer derrapar o aparelho, e transformá-lo, com a sua tripulação e os explosivos, num montão de sucata retorcida e fumegante.

A ansiedade é tal, que quase não deixa respirar aqueles homens. Mas, que alívio!—o avião não derrapou, e a missão está em marcha.

É este o momento de aplicar a máscara de oxigênio com o mais absoluto rigor, tão bem apertada que a peça que adere à face, apesar de ser feita de borracha macia, se enterra na pele e paralisa a circulação nas bochechas. Chegou tambem a altura de o piloto abrir o seu rádio-receptor, ao volume necessário para que as vozes se sobreponham às interferências da estática e do inimigo. O ruido que lhe vai nos ouvidos é de ensurdecer, mas impõe-se que ele não perca uma só palavra das instruções que lhe são dirigidas enquanto conduz o aparelho por ares e ventos.

Começa depois para ele o esforço extenuante de manter os olhos fitos na Fortaleza que voa uns 30 metros acima e para a esquerda, manobrando ao mesmo tempo, só com uma das mãos, o rijo volante de direção, e manipulando com a outra as quatro válvulas do gás e as alavancas que controlam a hélice; tem ainda que mover os enormes pedais dos lemes, vencendo a resistência de pesadas molas—tudo isto para se manter na formação, enquanto a esquadrilha se projeta para diante à velocidade de 90 metros por segundo, ondulando para cima e para baixo no ar agitado! Os artilheiros e metralhadores começam a «explorar» metodicamente os céus, nas suas torrinhas automáticas, em busca dos caças inimigos que, dum momento para o outro, poderão iniciar o ataque à esquadrilha; e o navegador, suando, começa o seu interminavel rosário de operações de cálculo e verificações.

À segunda ou terceira hora de vôo, o piloto já tem os braços, as pernas e as costas cortados de dores, e toda a tripulação sente um entorpecimento ou caimbras nos membros. O microfone ao pescoço repuxa e escoria os pequenos arranhões que deixou na cara uma barba feita às pressas, ao romper da aurora. O «Mae West» arrepanha o pescoço por detrás. Acima de 6.000 metros os grãos de carbono acumulados nos fones produzem um guincho contínuo que se parece com o barulho duma broca de perfuração, e tem sobre os nervos um efeito em tudo semelhante ao de uma unha riscando a cal duma parede. E agora é o frio, que já começa a infiltrar-se através da pesada

indumentária! E a máscara de oxigênio, beliscando a cara que nem a mão dum demônio malfazejo! O que um homem deseja inconcientemente, nesses momentos, é arrancá-la da cara, ou pelo menos afrouxar-lhe o aperto. Mas a conciência manda conservá-la no seu lugar. Nesta Fortaleza, como em todas as outras que voam por cima, por baixo e dos lados, os homens começam a experimentar a tensão de espírito peculiar das grandes altitudes.

Durante a quinta hora de vôo, é muito provavel que a Luftwaffe dê para surgir dos ares, a alguns milhares de pés acima dos bombardeiros, pronta a vir por aí abaixo uivando em formação. Mas lá vêm os nossos Thunderbolts ou Mustangs, voando em conserva com os bombardeiros, e, aos olhos das tripulações destes últimos, as formas negras e pesadas dos seus protetores excedem em beleza a mais atraente das moças cujos retratos, nos quatro cantos do mundo, consolam e alegram as vistas do combatente ianque... A palavra de ordem do ataque vem agora—excitada mas sem medo—na mensagem urgente da torrinha superior, anunciando a aproximação de caças. Após o primeiro aperto instantâneo na boca do estômago, todos os homens esperam, tensos, que as metralhadoras da torrinha superior dêem o ladrido anunciador da batalha que começa.

De então em diante, os acontecimentos se sucedem tão rápidos, que pouco é o tempo que resta para se ter medo. Os balázios zunem e retinem em chuveiro pela fuselagem, com o estardalhaço duma fábrica de caldeiras. O atirador do centro direito já apanhou um tiro, e o co-piloto recebe ordem de se levantar para correr a prestar-lhe os primeiros socorros. Naqueles minutos que se seguem, não tardarão nada a apresentar-se algumas das dificuldades inerentes à guerra deste gênero.

Uma delas, e talvez a mais irritante para os combatentes, é o acanhamento do espaço em que têm de se mover. A única comparação que a vida civil nos pode oferecer para a situação, é a do sujeito gorducho que, envergando um pesado sobretudo de inverno e segurando nos braços dois pacotes, se esforça desesperadamente por fazer ligação na estreiteza duma cabine telefônica. O co-piloto começa por se desembaraçar do cinto de segurança, da ligação do aquecimento, do fio do rádio, e do seu tubo de oxigênio, e acaba por se desenrascar da mochila-assento do paraquedas. Se o avião for gravemente atingido naqueles próximos dez minutos, e os homens tiverem que saltar, o co-piloto será com certeza o único a não poder pular no espaço... Põe então em ligação uma garrafa portatil de oxigênio, deixa-se escorregar do assento abaixo, e encaminha-se com dificuldade para a retaguarda do aparelho.

Parece que cada prega ou ruga do seu vestuário se sente atraida pelos inúmeros fechos, alavancas e outros dispositivos que povoam o interior do aparelho, tantas vezes ele se sente retido no caminho por esses obstáculos. Ao passar pela estrutura da torrinha superior, que penetra profundamente no seio do avião, ele mal tem espaço para se esgueirar, se ela não está funcionando; mas se o atirador está fazendo pontarias pelos ares, ele corre o risco de ser apanhado e ficar seriamente ferido. A estreita passagem do depósito das bombas, por exemplo, é ladeada de agudos gonzos e outras complicações mecânicas; mais de um membro de tripulação tem sido colhido assim, sofrendo sérios cortes e contusões quando o seu aparelho está envolvido em operações violentas de combate.

O atirador do centro lá está desmaiado no seu posto. A ventania deslocada pelo avião zune agudamente, entrando pela seteira do canhão, a 50° abaixo de zero. É preciso arrancar o ferido do seu posto, aplicar-lhe um torniquete e uma compressa, ministrar-lhe sulfa em pó e uma injeção hipodérmica... Não são coisas que uma pessoa tente sequer fazer com umas luvas que mais parecem de boxe! O co-piloto, portanto, descalça as luvas. Mas assim mesmo é muito provavel que lhe advenham complicações: o bafo daquele ventinho é mais frio que uma câmara de congelação instantânea de alimentos, e idêntico ao desta o seu efeito sobre a carne nua... Poucos minutos de exposição àquele frio podem vir a representar seis meses na cama dum hospital, com as mãos metidas noutras luvas, que tambem parecem de boxe mas são apenas asséptica, na esperança de salvar os dedos congelados. Mas alí no avião há que escolher entre a morte do artilheiro ou a perda de alguns dedos—e o co-piloto não hesita. Feito o curativo provisório, a grande questão é agora como regressar ao seu posto na carlinga, através daqueles obstáculos todos que apresenta o avião. A garrafa de oxigênio está quase esgotada, e ele parece que começa a sentir-se mais fraco do que seria de esperar num robusto rapaz da sua idade.

As Fortalezas já começam a convergir sobre a zona de bombardeio. As baterias anti-aéreas e os grupos de caças alemães estão atingindo o limite máximo da resistência. O ar até parece mexer, vivo, com tanta explosão. Ter mão nas rédeas dum bombardeiro, através de uma ação ao mesmo tempo violenta e esquiva, é coisa que exige toda a força de que sejam capazes os pulsos de um piloto. Para os tripulantes, cada segundo que passa, excruciante, parece longo como um século! Mas chega enfim o momento de despejar a carga, e ouve-se o grito de soltar as bombas.

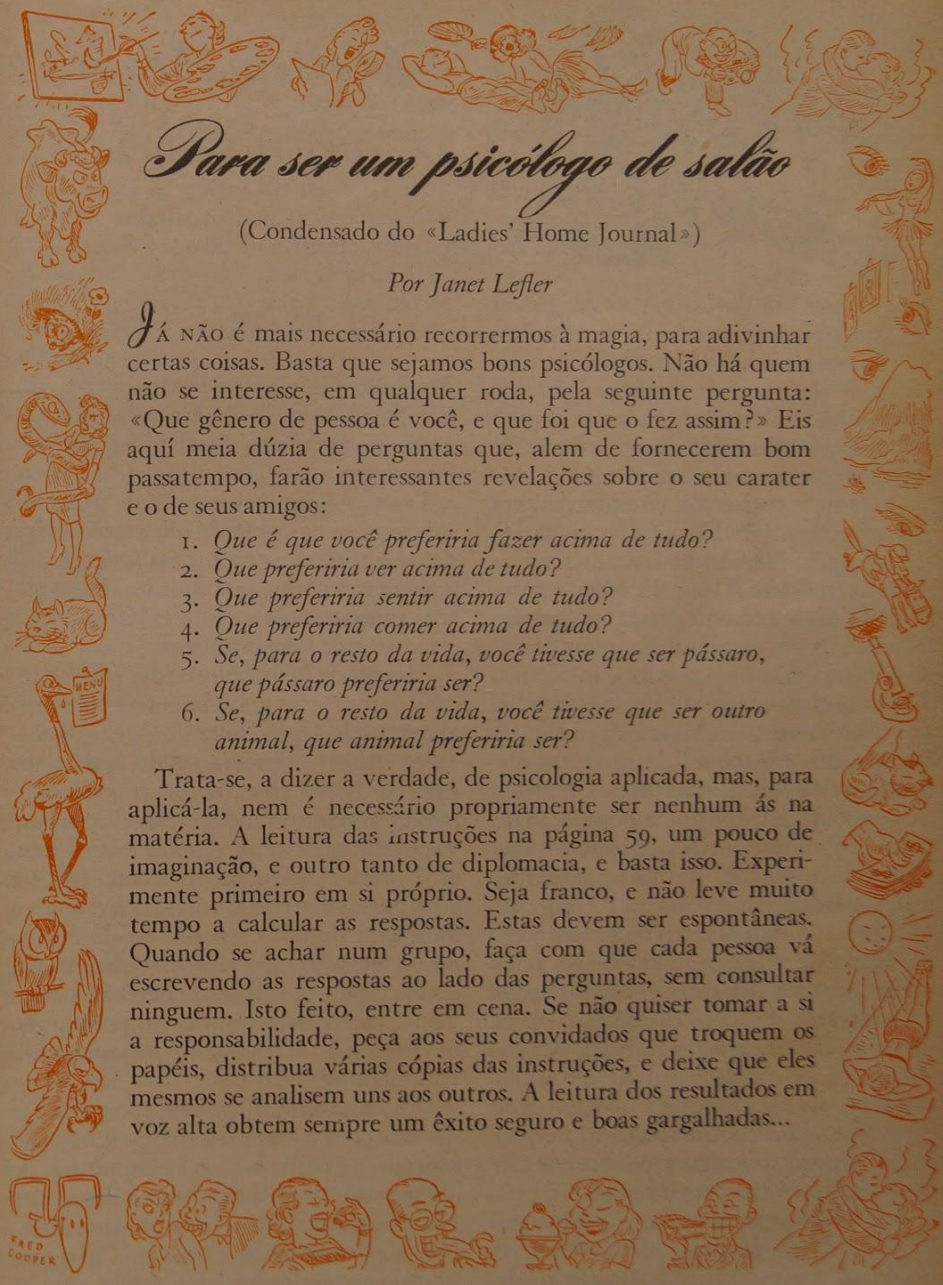
O bombardeiro dá meia-volta, caminho de regresso—para de novo atravessar os mesmos passos de perigo devastador, até o momento abençoado em que poderá baixar através da Mancha, já então sob a proteção dos Spitfires.

A despeito de tão fantásticas dificuldades e trabalhos, até hoje nem uma só formação de bombardeiros pesados norte-americanos foi repelida do seu objetivo por ação do inimigo. Os bravos que tripulam as Fortalezas Voadoras e os Liberators são homens capazes de «topar qualquer parada».

A arte da oratória

Certo sacristão, indo limpar o púlpito depois da última missa do domingo, lançou os olhos para o sermão escrito do padre, que fora deixado alí. Viu então que, na margem esquerda do papel, havia anotações rabiscadas, assim: «Fazer pausa aquí»; «Enxugar a testa»; «Gesticular com a mão»; «Olhar para cima». Já quase no fim da oração, havia um longo parágrafo, ao lado do qual o padre escrevera: «Este argumento é fraco. Preciso gritar como o demônio.»

—Alex F. Osborn



Para ser um psicólogo de salão

(Condensado do «Ladies' Home Journal»)

Por Janet Lefler

Já não é mais necessário recorrermos à magia, para adivinhar certas coisas. Basta que sejamos bons psicólogos. Não há quem não se interesse, em qualquer roda, pela seguinte pergunta: «Que gênero de pessoa é você, e que foi que o fez assim?» Eis aquí meia dúzia de perguntas que, alem de fornecerem bom passatempo, farão interessantes revelações sobre o seu carater e o de seus amigos:

1. *Que é que você preferiria fazer acima de tudo?*
2. *Que preferiria ver acima de tudo?*
3. *Que preferiria sentir acima de tudo?*
4. *Que preferiria comer acima de tudo?*
5. *Se, para o resto da vida, você tivesse que ser pássaro, que pássaro preferiria ser?*
6. *Se, para o resto da vida, você tivesse que ser outro animal, que animal preferiria ser?*

Trata-se, a dizer a verdade, de psicologia aplicada, mas, para aplicá-la, nem é necessário propriamente ser nenhum ás na matéria. A leitura das instruções na página 59, um pouco de imaginação, e outro tanto de diplomacia, e basta isso. Experimente primeiro em si próprio. Seja franco, e não leve muito tempo a calcular as respostas. Estas devem ser espontâneas. Quando se achar num grupo, faça com que cada pessoa vá escrevendo as respostas ao lado das perguntas, sem consultar ninguem. Isto feito, entre em cena. Se não quiser tomar a si a responsabilidade, peça aos seus convidados que troquem os papéis, distribua várias cópias das instruções, e deixe que eles mesmos se analisem uns aos outros. A leitura dos resultados em voz alta obtem sempre um êxito seguro e boas gargalhadas...

Há poucos exemplos na História de uma nação que haja sofrido tanto

A Grécia chegará a ver a vitória?

(Condensado do «Baltimore Sunday Sun»)

Por Jean M. Walser

A TRAGÉDIA da Grécia nesta guerra não teve paralelo em nenhuma outra nação, muito embora ande o mundo tão cheio de tragédias, não raro as mais horripilantes. A bem dizer, poucas vezes na História terá um povo sofrido a tal ponto as torturas da fome.

Quando as tropas alemãs entraram em Atenas, em abril de 1941, o comando nazista, profundamente irritado com a corajosa resistência que lhes foi oposta pelo pequeno exército grego, já tão desarvorado embora, anunciou, num decreto público: «Os ricos se tornarão pobres, e os pobres morrerão de fome.» Seguiu-se incontinenti a pilhagem de todos os suprimentos e estoques de produtos alimentícios do país. Em seis meses, mais de 1.000.000 de pessoas, numa população de 7.200.000, morreram de inanição. Muitas outras sucumbiram de várias enfermidades resultantes da fome. A mortalidade infantil atingiu terriveis proporções. No início de 1942, segundo fontes fidedignas, em cada dez recem-nascidos dados à luz no mês de fevereiro, só um sobreviveu à primeira semana de vida. A proporção de mortalidade em Atenas subiu aos terriveis algarismos de 200 por dia, em comparação com o obituário normal de 40. Nunca país algum passou por tão dura prova em tão pouco tempo.

Não fossem as provisões, ainda que limitadas, de gêneros alimentícios e remédios, enviados pela Comissão de Auxílio à Grécia, em navios suecos, dos Estados Unidos e do Canadá, a nação grega já teria, por assim dizer, deixado de existir.

Esses navios transportam alimento suficiente para fornecer uma ração diária de *uma tijela de sopa e cinco fatias de pão* a 3.000.000 de gregos famintos. Eis o que tem constituido a sua alimentação básica durante três longos anos!

Mesmo os mais favorecidos—as crianças e as mulheres grávidas—recebem uma alimentação que lhes fornece apenas 1.100 calorias por dia sendo que 2.500 calorias diárias constituem, reconhecidamente, o mínimo indispensavel à preservação da saude. Em Atenas e no Piréu, as de três a seis meses recebem três rações por dia, sendo o total equivalente a meia lata de leite em pó. As de 6 a 24 meses recebem uma ração de leite em pó, e duas de mingau ralo. As desta idade em diante recebem mingau e um pouquinho de feijão. É o estritamente necessário para mantê-las em vida.

Um relatório suiço traça o seguinte quadro gráfico das crianças famintas que esperam em fila à porta dos postos de alimentação: «Entram em silêncio, e muito quietas. Quase todas vestem farrapos, e nenhuma usa calçados. Carregam pratos quebrados ou latas velhas para as

suas rações de sopa. Não correm, nem empurram as que se acham na frente. Uma amparando a outra, caminham lentamente para o lugar indicado, e alí ficam de pé à espera, olhando para a parede com um olhar fixo e parado. Depois da ação de graças, esvaziam silenciosamente os pratos, lambendo-os até a última gota. Afastam-se então novamente em fila, e no mais completo silêncio, afim de dar lugar às outras. Não há quadro de desolação comparavel ao que assim apresentam as crianças de Atenas.»

As despesas de transporte foram pagas a princípio pela Comissão de Auxílio à Grécia e pelo Governo grego; atualmente porem, sob a lei de Empréstimo e Arrendamento, a maior parte das despesas são custeadas pelo Governo Americano. Este contribue, alem disso, com os legumes deshidratados e o leite. O Canadá vem fornecendo, gratuitamente, farinha de trigo, e a Cruz Vermelha Americana e Canadense se têm encarregado do suprimento de remédios.

É dificil imaginar a emoção com que o povo acolhe estes navios, que representam para eles a própria vida. Os gregos retiram as cargas com uma ansiedade indescritivel. Mal transportada para fora a farinha, que vem no porão do navio a granel, é grande o número dos que percorrem o cais com vassouras e escovas, para apanhar os grãos que hajam caido no caminho, até com os próprios dedos.

Os governos dos Estados Unidos e da Grã Bretanha estão seguramente informados de que nenhuma parte destes suprimentos veio a ser tomada pelo inimigo. A distribuição dos socorros de guerra tem sido cuidadosamente organizada por uma Comissão Coligada neutra, sob os auspícios da Cruz Vermelha Internacional, composta de 15 membros suiços e 15 suecos. Cerca de 600 comitês voluntários locais distribuem os gêneros pelos vários postos centrais, através de todo o país. Cada pessoa que trabalha nestes comitês é severamente investigada, e só são escolhidas aquelas cuja reputação seja irrepreensivel na comunidade a que pertençam. Há entre elas grande número de padres. A comissão tem 500 inspetores que visitam todas as comunidades onde há postos de auxílio de guerra, fiscalizando o serviço.

Como os alemães se apoderaram de todos os veículos gregos, vários caminhões americanos foram enviados para a Grécia, afim de transportar os gêneros alimentícios para os vários depósitos centrais. Daí, o transporte é feito pelos métodos mais primitivos; as cargas são transportadas em carroças puxadas a burros, ou carregadas aos ombros, atravessando assim penosamente os caminhos abertos nas montanhas abruptas.

Outra dificuldade provem da falta de material onde cozinhar os alimentos, e panelas são improvisadas com as latas dos legumes deshidratados e do leite.

Nos postos de Atenas, para crianças de tenra idade, o serviço é efetuado por voluntárias, que, na sua maioria, têm que andar mais de uma hora, a pé, para chegar aos postos. No verão, o serviço começa às 6 horas da manhã, porque não há como conservar o leite frio durante as horas de calor, e, uma vez abertas as latas, o leite deve ser servido sem demora. As voluntárias voltam para casa, onde o que as espera é uma refeição deficiente.

Logo após a chegada das primeiras cargas de socorro, a proporção de mortalidade em Atenas desceu de 243 a 97, por mil. Os sobreviventes de três anos de má nutrição ficaram, porem, seriamente enfraquecidos, e o número de mortes por doença se está de novo elevando. Calcula-se que uma vasta maioria de crian-

ças de menos de 12 anos está sofrendo de raquitismo e anemia. Avalia-se em 2.500.000 o número de pessoas atingidas pela malária. A proporção de vítimas de tuberculose é tambem tremenda.

Alem disso, o povo inteiro anda mais ou menos em farrapos. A metade da população não tem capotes nem sapatos. O vice-presidente da Suprema Corte de Atenas usa uma roupa feita com o único cobertor que lhe restava.

A Grécia está atravessando o seu quarto ano de martírio. Acaba de anunciar-se que as cargas de abastecimento vão ser por fim aumentadas, mas, se a nação não estiver livre dentro em breve, tornar-se-á necessário redobrarmos de esforços, afim de que sobrevivam os que ainda restam.

Fala o inimigo

Numa estação ferroviária na Suécia, aproximou-se de mim um viajante alemão pálido e macilento, e me perguntou: —*Sprechen Sie Deutsch?* (Fala alemão?)

—*Ja. Ich bin aber Amerikaner* (Falo, mas sou americano), respondí.

E ele prosseguiu: —Bobagem nós não nos falarmos num país neutro, *nicht wahr?* (não é verdade?). Eu sou de Hamburgo. Dizendo isso, torceu a boca nervosamente.

Bem, reportagem é sempre reportagem... Fomos andando juntos até um hotel, e, no bar, pedimos chopes. Tentei puxar conversa em torno de Hamburgo várias vezes, e afinal ele disse: —Em primeiro lugar, eu sou um bom patriota, um bom alemão; e alem disso, eu não ficaria livre nem dez minutos ao regressar à Alemanha, se soubessem que andei falando dos bombardeios de Hamburgo ou dos sentimentos do povo contra a guerra...

Relanceou o olhar por sobre os ombros, e em seguida perguntou-me como iam as coisas pelos Estados Unidos. —Eu antigamente ouvia as irradiações de lá, mas agora é perigoso demais. Quando ainda morava em minha casa, podia escutar paises estrangeiros, mas depois veio o ataque aéreo de 27 de julho... Da minha casa não sobrou nada e nós tivemos que nos mudar para um apartamento de um quarto só.

Dei-lhe informações sobre a produção de aviões nos Estados Unidos, sobre o exército, e a relativa fartura que se notava pelo país. O alemão fitou-me com olhos graves.

—Parece até mentira ver todos estes edifícios intactos, disse daí a pouco. —O sr. precisava ver Berlim e Hamburgo. Mas a minha fábrica ainda está funcionando quase normalmente. Os bombardeios tiveram dois efeitos imediatos. Primeiro, o povo está se voltando para a esquerda, está ficando comunista. Um homem que perde tudo vira comunista... E depois, todos perceberam de repente que é preciso lutar. A guerra tornou-se nacional, guerra do povo.

—Diga uma coisa, acrescentou ele após uns minutos de silêncio, —nós... quero dizer... a gente por aí tem muito ódio aos alemães? Respondí-lhe que sim, que eram, por assim dizer, universalmente detestados. —*Ja*, eu tinha medo que fosse assim mesmo. Mas eles acabam esquecendo o ódio...

—Precisamos vencer, disse, subitamente, quase num murmúrio. —É indispensavel vencer. E, ao dizê-lo, bateu na mesa, para dar maior ênfase às suas palavras. Não se via propriamente animosidade naquele rosto pálido: percebia-se apenas uma decisão cega e desesperada. Esmurrou a mesa violentamente, e repetiu, quase gritando: —Nós *precisamos* vencer!

Das outras mesas, várias pessoas olharam para nós, curiosas. O alemão dominou-se e falou: —Desculpe, eu estou falando alto demais. Eu volto já. E saiu, caminhando com dignidade, em direção ao lavatório.

Esperei quase duas horas, mas ele não voltou.

John Scott, na revista *Time*

Eis o que as autoridades militares nos permitem saber acerca do avião de propulsão por jacto, —o avião do futuro

Às voltas com o avião de jacto

(Condensado do «Collier's») · *Robert DeVore*

Não há dúvida que era coisa extravagante ver Jack Woolams, chefe dos pilotos de ensaio da fábrica de aviões Bell, envergar um pesado traje de vôo forrado a lã, próprio para o inverno, com o calor do deserto da Califórnia, que nesse dia de julho do ano passado atingia 46 graus. Ainda pareceu mais estranho, porem, vê-lo subir depois para um avião monoplace sem hélices.

Contudo, passados minutos, Woolams podia afirmar duas coisas: que nunca sentira tanto frio na sua vida, e que ultrapassara, no avião sem hélices, a altura máxima de combate da maioria dos aviões militares americanos.

Woolams era o primeiro americano a ensaiar em altitude o novo caça misterioso: o avião de propulsão por jacto. Embora se tenham ocultado muitas particularidades do funcionamento desse avião, é possivel fazer com segurança duas previsões baseadas nos fatos que puderam ser revelados. Em primeiro lugar, o avião, sem necessidade de grandes modificações, deve ter uma velocidade horária de pelo menos 150 quilômetros mais do que os aviões de hélice; em segundo lugar, as adaptações dos princípios a que obedece produzirão um dia aviões que cortarão o espaço a velocidades com que nem sequer se sonhou até agora, a velocidades teóricas que atingirão 2.000 quilômetros por hora, e a altitudes muito superiores à do próprio avião de Woolams.

O aparelho em que subiu nesse dia, e a que o pessoal pusera o nome de «Esguicho», era acionado por dois motores planejados segundo um princípio de propulsão análogo ao que provoca a subida dos foguetes.

Os gases, expandindo-se à temperatura da chama de um maçarico, e precipitando-se, como um furacão, através de um apertado tubo de escapamento, impelem o avião para a frente a uma velocidade que varia na razão direta da força com que se efetua a sua expansão para a retaguarda. Nem mais nem menos do que a aplicação de uma lei elementar da física: «A toda ação corresponde uma reação igual e em sentido contrário».

Woolams ficara sabendo que o «Esguicho» voaria onde o ar é tênue, descreveria curvas apertadas, e manobraria com uma facilidade que alguns aviões de combate não conseguiam igualar em altitudes muito inferiores. E, mais importante que tudo isto, o «Esguicho» realizou suas provas como um avião militar, transportando um peso idêntico ao de um equipamento completo de metralhadoras e munição.

As grandes altitudes são o habitat natural dos motores de propulsão por jacto. Até uma altura máxima determinada, quanto mais alto o avião voar tanto maior será a sua velocidade; e, quanto maior a velocidade, maior será o rendimento dos motores para velocidades ainda maiores.

Abstraindo da falta das hélices, o avião de jacto parece-se com qualquer dos aviões militares mais conhecidos. Seus

motores estão instalados nas asas, próximo da fuselagem, e de cada lado desta. O tubo de escapamento da cauda sai do bordo de fuga da asa.

O avião de jacto é, porem, um «brinquedo» de guerra. Em tempo de paz ninguem desejaria o motor de jacto no estado de desenvolvimento em que ainda se encontra. Até 700 km. por hora e a altitudes inferiores a 10 quilômetros, ele queima muitas vezes mais combustivel do que os motores vulgares. Todavia, acima dos 10 quilômetros e a velocidades superiores a 700 km. à hora, seus resultados são melhores. Mas na guerra a economia é coisa de somenos importância. O que se pretendia era encontrar um avião que voasse mais alto e mais depressa.

É provavel que, um dia, o avião de jacto venha a ser tão econômico, do ponto de vista pecuniário, como os aviões vulgares. Os ingleses já deram a conhecer ao mundo que o seu avião de jacto queima querosene, um combustivel barato. E a verdade é que eles podem voar com quase todos os combustiveis. O carvão em pó, por exemplo, podia utilizar-se, caso se descobrisse a maneira de o transportar em quantidade suficiente.

Até há pouco tempo a meta a atingir na construção dos motores de avião era a de um cavalo vapor por 450 gramas de peso. Ora, os motores de jacto, a velocidades um pouco inferiores às dos caças normais, devem atingir o equivalente a quatro cavalos por 450 gramas. E a proporção será ainda mais favoravel a velocidades superiores.

Um motor de jacto, depois de instalado, deve aumentar menos de 450 quilos ao peso da aeronave. Um motor normal, capaz de desenvolver a mesma potência, pesaria perto de 1.400 quilos. Nenhum piloto precisa que lhe expliquem o que a leveza significa para os aviões de caça; será dificil encontrar um que não tenha jogado fora de seu avião peças ou acessórios, só para torná-lo mais leve e aumentar-lhe a maneabilidade que estabelece a diferença entre viver e morrer.

Enquanto um motor de jacto se pode construir apenas com duas peças moveis, um motor vulgar a gasolina necessita de milhares de peças. Isto significa não só aumento de peso como maior desgaste e reparações mais frequentes. Menos peças representam menor número de mecanismos de controle e de indicadores e, portanto, um painel de instrumentos tão simples como o de um automovel, comparado com o painel de controle de um avião vulgar. Dois generais americanos tripularam o avião de jacto. Tanto um como outro tinham passado muito tempo sem pilotar qualquer espécie de avião; pois bastaram poucos minutos de instrução para que pudessem dirigir o «Esguicho».

O avião de jacto voa como um planador, sem o estrépito e a vibração dos motores comuns e das hélices. Seus tubos de escapamento produzem apenas um som cavo e abafado, que só se ouve em terra quando o avião passa diretamente na vertical. O «Esguicho» é, portanto, capaz de metralhar e bombardear um inimigo que não percebe sua aproximação.

O motor de jacto, reduzido às suas peças mais simples, assemelha-se a um grande cilindro com uma das extremidades afuselada formando um bocal. Na extremidade maior acha-se um compressor de ar, e mais para a retaguarda, próximo do bocal, existe uma turbina. Tanto esta como o compressor estão fixados no mesmo eixo. À medida que o eixo vai girando, o compressor arrasta o ar, comprime-o até várias vezes a sua pressão ao nivel do mar, e injeta-o nas câmaras de combustão onde se mistura com o combustivel, e se inflama. O resultado é um violento sopro do gás ao expandir-se. Uma parte da energia produzida pelo sopro serve para fazer girar a turbina que aciona o compressor; a outra parte escapa-se ruidosamente através do bocal, originando o impulso.

O motor de jacto tem que arrancar de modo muito semelhante ao motor de um automovel, e o combustivel necessita de ignição. Mas não é necessário esperar que o motor aqueça, e o avião alça vôo poucos segundos depois do arranque. A velocidade regula-se pelo volume de admissão do combustivel, mediante uma válvula de estrangulamento.

O comandante de grupo da Real Força Aérea, Capitão Frank Whittle, começou a trabalhar no motor de jacto em 1933. Em maio de 1941 os ingleses efetuavam com êxito o primeiro vôo em avião de jacto e em setembro desse ano a General Electric Company recebia um dos motores deste avião. Em menos de seis meses seus engenheiros tinham concluido, prontos para experiências de vôo, vários modelos aperfeiçoados. O primeiro «Esguicho» voou exatamente um ano após a fábrica de aviões Bell ter sido encarregada de construí-lo. Segundo a jíria dos aviadores, é um avião que «levantou vôo da prancheta de desenho», isto é, um avião que quase não foi ensaiado antes de voar. Imagine-se, em face ao que se sabe atualmente, o que não será possivel conseguir dentro de alguns anos!

Diz o redator da revista «Aviation», um dos mais autorizados orgãos da especialidade:

O avião de caça Bell, acionado a turbina de jacto, constitue a inovação mais radical no que se refere a motores de aviação. O motor de jacto, porem, não revolucionará a aeronáutica de um dia para o outro; ainda há muitos problemas a resolver.

À medida que a velocidade dos aviões se aproxima da do som, digamos, dos 1.100 quilômetros por hora, um fenômeno, denominado compressibilidade do ar, provoca ondas de choque que tendem a destruir o poder de sustentação das asas, quebrando o deslocamento uniforme do ar. É certo que se fizeram alguns progressos no sentido de avançar a velocidade a que isto se produz, mas ainda são necessários muitos outros, antes que se possa tirar o máximo rendimento dos grupos moto-propulsores por turbina de jacto, que atingem sua eficiência máxima a velocidades *superiores* à do som.

Outro problema é o de encontrar metais que suportem as temperaturas elevadíssimas a que uma turbina de gasolina deve funcionar para dar bons resultados.

O avião Bell, apesar de figurar na frente do cortejo, não é mais do que um dos muitos aviões de jacto experimentais. O elemento essencial nestes motores é o compressor que produz o jacto. Este compressor não precisa ser acionado por uma turbina a gasolina; pode ser impulsionado por um motor de aviação vulgar. (Era esta justamente a combinação que existia no primeiro avião de jacto: o aparelho concebido por Secondo Campini, que voou perto de Milão em agosto de 1940.) Por outro lado, a turbina a gasolina pode utilizar-se para acionar uma hélice que, a velocidades inferiores a 700 km. por hora, fornece um impulso superior ao do jacto.

Ainda é cedo para profetizar qual será a forma do avião estratosférico definitivo, capaz de voar a 1.100 km. por hora. Mas o caça Bell demonstrou que os motores de reação são práticos e que podem ainda vir a ser o tipo básico para os aviões de grande altitude e elevada velocidade.

—Leslie E. Neville

ARGÚCIA DOS ANIMAIS

—II—

Selecionadas por Alan Devoe

TENDO vivido muitos anos em contacto com a fauna americana, estou convencido de que, embora os animais não «pensem» como os homens, «têm uma sensação» intuitiva e nítida das circunstâncias em que se acham, e reagem de acordo com isso. Como disse John Burroughs: «Eles sabem sem perceber como vieram a saber.»

Para citar um exemplo: no verão passado, num dia de sol de rachar, saira da casca uma ninhada de filhotes de um pássaro que fizera seu ninho perto de minha velha ponte. Observando-os atentamente, pude presenciar um fato curioso. Vi a fêmea ir várias vezes até o riacho e, tendo encharcado bem as penas, voltar para o ninho, e sacudir-se respingando água fresca sobre os filhotes. Não há dúvida de que procurava refrescá-los com um banho de chuveiro.

Tive ocasião de dar, no número de Seleções de abril último, vários exemplos de sabedoria dos animais selvagens. Aquí vão mais alguns exemplos dos que têm sido oferecidos pelos leitores.

A maritacaca e o ovo

A MÃE-MARITACACA (a maritacaca é um animal muito famoso na América do Norte) morrera num acidente, e os quatro filhotes perambulavam por nosso gramado, abandonados e tristonhos, numa noite de luar. Com seus olhos brilhantes e rabo peludo, eram tão engraçadinhos que resolvemos arriscar-nos a trazê-los para dentro de casa (a maritacaca, quando se sente em perigo, exala um mau cheiro tremendo). Mas na verdade nada havia a recear, pois eram muito dados, e mostraram ter bons modos.

Um dia, para fazer uma experiência, dei a um deles um ovo para comer. O animalzinho farejou o ovo, e logo concluiu que havia alí dentro qualquer coisa muito apetitosa. Mas como havia ele de chegar ao belo petisco escondido dentro da casca? Foi rolando o ovo até chegar perto de uma parede, agarrou-o firmemente com as patas dianteiras e depois, abaixando a cabeça quase até o chão, afastou bem as patas traseiras e—exatamente como se faz no jogo de futebol americano—por entre as patas de trás, jogou o ovo com toda a força para ir bater contra a parede. O ovo quebrou-se com um «plop», e a pequena maritacaca correu a banquetear-se.

Mais tarde tentamos dar tambem ovos aos outros irmãos, e, um por um, procederam exatamente da mesma maneira.

Doris Chapman King

SER-LHE-Á possivel relatar, em forma breve, algum caso interessante de argúcia dos animais? Seleções pagará quinze dólares por cada um dos casos que aceite para publicação. Os originais devem ser enviados ao endereço abaixo indicado. Não será acusado recebimento, nem se devolverão os originais que não forem aceitos.

Remeta sua colaboração para:

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST
(Para o Concurso «Argúcia dos Animais»)
230 Park Avenue
New York 17, New York, U. S. A.

O urso sabido

NO MEU ACAMPAMENTO, nas montanhas do Adirondaque, comecei a notar um dia que as provisões desapareciam da despensa—especialmente toucinho. Pensando poder dar uma lição ao animal que estaria a roubar-me, preparei uma armação complicada, feita de barbantes, de maneira que o toucinho ficasse pendurado bem em cima da fogueira do acampamento. Agora, pensava comigo mesmo, se acharia o petisco fora do seu alcance.

Mas qual nada; assim mesmo roubaram-me o toucinho. Resolví então colocar outro pedaço no mesmo lugar, e passar a noite à espreita. Na terceira noite, o ladrão apareceu, e pude então admirar sua habilidade e esperteza.

Do meio do mato, surgiu muito cautelosamente um urso ainda novo; podia ter uns dois anos de idade. Ao entrar na clareira, olhou desconfiado para todos os lados, e se encaminhou devagarinho até uma árvore franzina que se pôs a subir. À medida que trepava na árvore, esta dobrava com seu peso em direção oposta à fogueira; então, com muitas contorsões e escorregadelas, o urso foi lentamente mudando de posição, até conseguir que o galho ficasse bem perto do cobiçado pitéu. Devagar, ia chegando cada vez mais junto... mais um pouco... mais um pouquinho... e com um gesto rápido de pata o ladrão agarrou o toucinho, arrebentando o barbante, e se deixou escorregar pesadamente até o chão. Não deixara no acampamento o menor rasto comprometedor; nada alem de uma pequena árvore que se agitava violentamente à beira da clareira, e que, daí a pouco, estaria parada e reta como as outras.

Lewis H. Gillies

A pesca dos pelicanos

NOS LAGOS que ficam ao sul do estado de Oregon, vi, mais de uma vez, bandos de cincoenta ou mais pelicanos se juntarem para cercar e pegar os peixes de que se alimentam. No meio do lago, a certa distância da praia, os pelicanos se alinham em semi-círculo. Lentamente, e sempre na mesma posição, vão nadando em direção à praia. Ao mesmo tempo, com as pontas das asas, batem as águas com um movimento que a princípio é lento e compassado, mas pouco a pouco vão acelerando até que, no momento propício, se põem a agitar a água furiosamente. Assim que as duas extremidades do semi-círculo atingem a margem do lago, cerram fileiras e, com as asas quase a tocar umas nas outras, formam verdadeira rede de pesca.

Os peixes, presos entre a margem e a roda de pelicanos, nadam desesperadamente de um lado para o outro, na água pouco funda. Finalmente, para fugir das asas barulhentas, procuram escapar mergulhando por baixo dos pelicanos. Mas estes, contando com isto, têm os enormes bicos dentro da água, prontos para receber a presa que, ao querer escapulir-se, se mete, ao contrário, na goela do inimigo.

Raymond W. Cooper

A mãe-alce

ESTAVA UM DIA sentado perto da fogueira, no meu acampamento na Colúmbia Britânica, quando vi aproximar-se por uma trilha conhecida uma alce-fêmea e seu filhote. O filho vinha na frente, e, vendo a fogueira, parou imediatamente. A mãe levantou a cabeça, e farejou o ar, mas o vento estava a meu favor. Andou um pouco mais para diante, e de novo cheirou o ambiente, pois estava em dúvida. Enquanto ela hesitava, o filhote correu para sua frente, e, fincando as patas no chão, pôs-se a empurrá-la com toda força. Lentamente, a velha fêmea foi virando, cedendo à obstinada insistência do filho.

O espetáculo era curioso, e procurei observar o animal atentamente: a cabeça, crina e ombros eram cinzentos, e a anca quase preta. Aí, então, notei alguma coisa... e ainda bem que o filho estava com ela, e era um animalzinho dotado da inteligência instintiva das selvas: os olhos da velha alce estavam recobertos de uma névoa branca. Ela era completamente cega.

Richard Landry

À margem da guerra

¶ OS MOTORES de aviação da marca Nash-Kelvinator são enviados, aos postos avançados das forças americanas, em grandes caixotes, de forte estrutura e espessamente forrados, tendo cerca de três metros de comprimento por dois de largura. Há pouco tempo, a referida companhia recebeu, do norte da África, uma carta que dizia o seguinte: «Achei interessante comunicar-lhes que, graças à excelente construção das caixas em que VV.SS. enviam seus motores de avião, há atualmente na Tunísia bom número de excelentes instalações sanitárias ao ar livre, que rivalizam com as melhores do gênero, nos Estados Unidos.»

—Millard C. Faught

¶ ESTA historieta é contada por um oficial da marinha americana, recém-chegado de uma ilha do Pacífico Sul. Diz ele que certo dia um garotinho nativo trouxe para um dos marinheiros boa quantidade de cocos, e, em paga, ganhou um pacotinho de chícletes. O marinheiro desembrulhou o pacotinho, fez vários gestos complicadíssimos afim de que o menino compreendesse de que é que se tratava, e, para ensiná-lo a usar aquilo, pôs um pedaço na boca e começou a mascar valentemente.

Durante toda essa manobra, o garoto o contemplava pacientemente e, terminada a demonstração, resmungou:

—Já sei. É chíclete.

—Phil Drotning

¶ *Um veterano da conferência de 1919 analisa os erros da última paz, com o intuito de aplicar à próxima as respectivas lições*

Vejamos agora a tragédia de Versalhes

(Condensado da «Life») *Por William C. Bullitt*

EM 1917, William C. Bullitt começou a trabalhar no Departamento de Estado (Ministério das Relações Exteriores) nos Estados Unidos. Havia cinco anos que deixara a Universidade de Yale, e tinha servido como reporter e correspondente, no estrangeiro, do jornal *Public Ledger*, de Filadélfia. Em 1919, foi à Conferência da Paz, servindo sob as ordens do coronel House como chefe da seção de informações correntes. Observou os chefes em serviço, tomando nota das rixas, das transigências e acomodações, das oportunidades perdidas. No curso da conferência, chefiou uma missão especial à União Soviética, e de 1933 a 1936 exerceu, como primeiro embaixador, a representação diplomática dos Estados Unidos em Moscou. Foi em seguida, de 1936 até a invasão nazista, embaixador na França.

O TRATADO de Versalhes, com que se pôs termo à última guerra, estabeleceu, em vez de paz, um armistício incômodo. Será que poderemos aprender, nos erros dos que fizeram o referido pacto, alguma coisa que nos ajude a firmar, ao fim do atual conflito, uma paz efetiva e perduravel?

Sou aliás dos que pensam que a Conferência de París bem poderia ter feito uma paz em tais condições. As circunstâncias então vigentes no mundo eram extraordinariamente favoraveis. A Alemanha, a Áustria-Hungria e a Rússia se encontravam vencidas e impotentes. Quanto ao Japão e à Itália, não passavam de potências de segunda ordem. Nas mãos dos Estados Unidos, da Grã Bretanha e da França—todos eles democracias—se havia, pois, concentrado uma força incontrastavel. E os seus líderes—Woodrow Wilson, Lloyd George e Clemenceau—parecia que tinham poder para remodelar o mundo em forma correspondente, mais ou menos, às aspirações de justiça, paz e liberdade, que, por via de regra, animam em toda parte os espíritos equilibrados.

Porque, todavia, fracassaram?

Clemenceau era um velho, magnífico lutador, cuja impavidez levara a França, das incertezas e vicissitudes de uma hora sombria, para o esplendor da vitória. Inteligente, firme, intenso no amor e no ódio, dominava-o, antes de tudo, a preocupação apaixonada de garantir a França contra possiveis ataques da Alemanha. Sabia que a França tinha escapado milagrosamente, sendo precisos os combinados esforços da Inglaterra, da Rússia, da Itália, dos Estados Unidos, e de vários outros aliados de menores recursos, para ajudá-la a vencer. Parecia-lhe duvidoso que semelhante constelação de apoios voltasse a constituir-se, em outra oportunidade. Perseguia-o, por outro lado, a lembrança do fato terrivel de que a vitória tinha custado aos franceses 6.161.000 vítimas, quando os respectivos algarismos, para todo o Império Britânico, desciam a 3.190.000, reduzindo-se para os Estados Unidos, a 350.000. Queria isso

dizer que a França empobrecera, em chefes como em soldados, pelo menos por uma geração.

Clemenceau não acreditava que a sugerida Liga das Nações viesse a mudar o coração dos homens. Não ocultou assim seu ceticismo quanto às supostas virtudes de tal organização, até o dia em que o Coronel House—o mais íntimo amigo de Woodrow Wilson—lhe observou que o pacto da Liga poderia importar na obrigação, para os Estados Unidos, de acudir imediatamente em auxílio da França, caso a Alemanha a atacasse. O «Tigre» tornou-se então advogado de uma Liga ainda mais forte que as que Wilson e Lloyd George tinham em vista. Combateu, dia após dia, pelo estabelecimento de uma força de polícia internacional que garantisse o princípio da obrigatoriedade da paz.

> *A* desproporção entre as desavenças das nações e os sofrimentos que custam os conflitos, as lutas armadas em que elas desnaturam; os pobres e estereis prêmios que são a paga do sublime esforço dos campos de batalha; os triunfos efêmeros da guerra; as reconstruções, longas e lentas; os tremendos, terriveis perigos, tão duramente corridos; a ruina a que se escapou por um nada, por um triz, por um fio de cabelo, pelo acidente de um acidente—tudo isso deve fazer que a prevenção de outra guerra seja a dominante preocupação do gênero humano.
>
> —Winston Churchill, 1929—*transcrito pelo sr. Bullitt como epígrafe para este artigo.*

O Primeiro Ministro Lloyd George, arguto, encantador, propenso a tirar partido das vaidades e fraquezas dos seus opositores, era um habil advogado a serviço de um grande constituinte—a Grã Bretanha. Quatro séculos de invariavel política inglesa traçavam o curso que ele teria a seguir. Esta política, chamada de «equilíbrio de poder», baseava-se na convicção de que, sempre que qualquer potência isolada predominasse na Europa, a Inglaterra não seria suficientemente forte para resistir-lhe a um ataque. Tanto vale dizer que a Grã Bretanha não queria, depois da vitória, nem que o seu principal aliado ficasse forte demais, nem que o seu inimigo vencido se enfraquecesse demasiadamente, pois não seria impossivel que, lá para diante, precisasse de ter no segundo um aliado contra o primeiro.

Outra política subsidiária marcava a diretriz de Lloyd George—a de acrescentar ao Império Britânico pedaços de território em toda parte. As colônias alemãs na África, as ilhas alemãs no Pacífico, as possessões turcas (Síria, Líbano, Palestina, Transjordânia, Iraque e Arábia) acenavam com imensos despojos.

A idéia da Liga das Nações oferecia possibilidades ao Primeiro Ministro britânico para levar de alguma forma a bom termo ambas as políticas. As anexações, puras e simples, seriam mal recebidas pela opinião mundial; entretanto, um «mandato» da Liga não levantaria clamor, e importava em obter um controle quase equivalente. Mais ainda: a Liga poderia vir a ser util mecanismo para mobilizar as nações mais fracas contra as mais fortes da Europa, e trazer à Grã Bretanha, em caso de guerra, o apoio imediato dos Estados Unidos. Os ingleses, portanto, entraram a ver com bons olhos a idéia de um organismo como o que se projetava; não desejavam, porem, uma Liga forte, com um exército, como preconizavam os franceses. Não se dispunham tão pouco a tomar o compromisso, em termos inequívocos, de ir à guerra no caso de agressão a qualquer dos membros da Liga. Preferiam guardar a liberdade de fazer vista grossa às agressões que julgassem de menor vulto—nem foi aliás outra coisa o que mais tarde se deu nos casos da Manchúria e da Abissínia—que não comprometessem de nenhum modo a segurança do Império, ou de que não pudesse resultar a preponderância, na Europa, de determinada potência.

Woodrow Wilson

TORNAR a França segura, com todas as garantias, era o que empolgava Clemenceau. Preservar o equilíbrio de poder, e dilatar o Império Britânico agregando-lhe novos territórios, era a tarefa a que se votava Lloyd George. Estabelecer para sempre a paz na terra, era o sonho de Wilson.

Nestes dias de ódio, luta e morte, a ninguem será lícito zombar do que se chamou a utopia do então presidente dos Estados Unidos. O mundo está hoje a sofrer, não porque o seu plano fosse errado, mas tão somente porque ele não soube como levá-lo a efeito.

Wilson, como todos os homens, tinha as suas deficiências. Aprendera a cunhar frases para mover o coração humano, e adquirira tal fé nas palavras, que chegava algumas vezes a considerá-las como fatos. Descuidava-se, não raro, de preparar o terreno para os apelos que se dispunha a lançar, e a cujos termos atribuía a virtude de elevar a altos planos o espírito dos homens de estado a quem se dirigiam, induzindo-os a fazer uma paz justa e duravel.

Sua primeira grande oportunidade para desembaraçar-se do obstáculo que adiante lhe haviam de criar os tratados secretos, e obter o compromisso dos Aliados no sentido de uma paz de reconciliação, verificou-se pouco depois da entrada dos Estados Unidos na guerra, quando Balfour, ministro do Exterior da Inglaterra, veio a Washington. O ensejo era o mais propício que se poderia imaginar, pois Balfour se viu obrigado a confessar a Wilson que a situação dos Aliados era desesperada, estando eles a depender totalmente do concurso financeiro, como de tropas e de munições, inclusive de boca, dos Estados Unidos.

Wilson não se valeu da ocasião. Decidiu não pedir se eliminassem os tratados secretos. Não procurou mesmo conhecê-los.

Um deles era o existente entre a Inglaterra e o Japão, de acordo com cujas cláusulas o Império Britânico se apossou posteriormente das ilhas alemãs no Pacífico, ao sul do Equador, e o Japão das que ficam ao norte, para a captura das quais estão hoje dando a vida fuzileiros navais, soldados, marinheiros e aviadores norte-americanos.

Muitas outras oportunidades se apresentaram durante os 17 meses que se seguiram. Os Aliados continuaram na dependência dos Estados Unidos até o colapso do exército germânico em outubro de 1918. A qualquer tempo, no curso daquele período, podia Wilson ter utilizado o seu poder, para dar à paz o carater que lhe parecesse convir. Nada tentou, porem, nesse sentido. Exprimiu os objetivos de guerra americanos no seu discurso dos Catorze Pontos, e em muitas outras eloquentes alocuções. Só tratou, entretanto, de conquistar, para os seus modos de ver, o apoio dos Aliados, depois do colapso germânico.

Negligenciou, do mesmo modo, quanto às precauções elementares para assegurar

a aprovação, pelo Senado, do tratado de paz. Apelou para a eleição, em novembro de 1918, de um Congresso democrático, mas o eleitorado sufragou, quer para a Câmara, quer para o Senado, uma maioria republicana. Numeroso grupo de republicanos, entre os quais o antigo Presidente Taft e Elihu Root, ex-Secretário de Estado, era favoravel a uma Liga que tornasse a paz compulsória. Tais elementos, seus adversários, fizeram saber a Wilson que, se este incluisse, na delegação à Conferência da Paz, dois republicanos de relevo, não pouparíam esforços para obter do Senado a aprovação do tratado que se viesse a firmar. Wilson não tomou conhecimento da oferta que lhe foi feita.

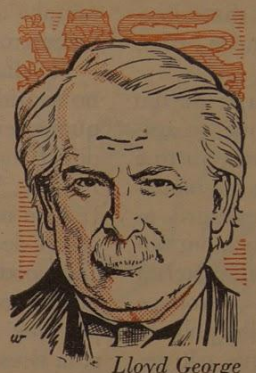
Com os tratados secretos pela frente, e deixando atrás uma maioria republicana com a qual não se entendera, partiu Woodrow Wilson para a Europa a 4 de dezembro de 1918 a bordo do *George Washington*. Ia supremamente confiante nos meios de que disporia para dar ao mundo a paz que havia prometido. Os ruidosos aplausos que o saudaram à sua chegada a París, a Londres, à Itália—onde os camponeses acendiam velas diante do seu retrato—confirmaram-lhe a confiança na força de suas palavras e dos sentimentos que inspiravam a sua grande missão. Aliás, até onde um homem possa sê-lo, ele era, de fato, no momento, como que o lider moral da humanidade. Tinha no seu íntimo a certeza de que os povos europeus se levantariam para seguí-lo, ainda contra os seus próprios governos.

Não se havia combinado nenhum programa para a Conferência. Clemenceau tinha sugerido que se redigissem primeiro os termos da paz, assentando-se em seguida o pacto da Liga das Nações. Wilson insistiu em que o pacto ficasse estabelecido antes que os termos da paz fossem dados a debate, e assim se procedeu. Seu ponto de vista, no caso, era que, uma vez que a segurança antecedesse a paz, lhe seria mais facil persuadir os representantes dos governos reunidos em París a tomar suas decisões subordinando-as a um espírito verdadeiramente cristão.

Nem Lloyd George, nem Clemenceau, tomaram assento, pessoalmente, como membros da comissão a quem se incumbiu de elaborar o projeto de pacto da Liga. Mas Wilson, não só figurou naquela comissão, mas colaborou nos seus trabalhos entusiástica e excelentemente. Pouco tempo lhe restava para dar a devida atenção aos problemas econômicos, territoriais e militares a ser solvidos pela conferência. Senão quando, a 24 de janeiro, surgiu, no Conselho dos Dez, a questão dos mandatos. Os ingleses apresentaram uma resolução declarando: «Em nenhuma circunstância deverá qualquer das colônias ser restituida à Alemanha». O incidente se revestia da máxima importância, visto que, envolvendo por um lado o destino de massas de povo, trazia, por outro, à baila a questão de saber se à Alemanha seria, ou não, oferecida uma paz de genuina reconciliação, do tipo da que constava das promessas de Wilson.

Tinha ele expresso, muitas vezes, sua oposição às anexações, e isso se achava implícito no texto do quinto dos Catorze Pontos, que a Inglaterra e os demais Aliados haviam plenamente consagrado como a base para a paz. Entretanto, a proposta de Lloyd George, condenando a Alemanha a perder todas as suas colônias, acabou por merecer o seu assentimento. É que conseguiram convencê-lo de que de fato a Alemanha não merecia ter quaisquer colônias. Foi aquele o primeiro passo, entre muitos que tornaram dificil, para qualquer alemão, encarar o Tratado de Versalhes como expressão sincera da teoria dos Catorze Pontos, que

porventura confirmasse a oferta de uma paz verdadeiramente conciliatória.



Lloyd George

No dia anterior ao de seu regresso aos Estados Unidos, a 14 de fevereiro de 1919, leu Wilson à sessão plenária da conferência o pacto da Liga das Nações. Estava muito fatigado. Mas sentia-se feliz. «Povos que tinham suspeitas, uns dos outros, podem agora viver como camaradas e amigos, fazendo parte de uma só família. Afastaram-se os miasmas da desconfiança e da intriga.» Assim dizia, e assim acreditava.

Antes de partir, deu instruções ao coronel House para a colaboração a prestar aos líderes aliados quanto às cláusulas do tratado atinentes a assuntos militares, territoriais, de reparações, e econômicos. House meteu mãos à obra cheio de esperanças. Quando, porem, tomou conhecimento do que os Aliados pretendiam, apressou-se em dar conta a Wilson da sua decepção: «Agora está evidente que a paz não será a que eu esperava, ou a que deveria resultar da convulsão por que passou o mundo.»

Wilson voltou à França a 14 de março. Ia disposto à luta. House inteirou-o de que o estabelecimento da Liga não reduzira, em nada, as exigências dos governos aliados, as quais, no seu modo de ver, deviam ser aceitas prontamente. Seguir o conselho de House, seria abrir mão da fé na sua própria missão. A isso, recusou-se Woodrow Wilson.

No mesmo dia da sua chegada a París, avistou-se com Lloyd George e Clemenceau. Estava determinado a não transigir. Mas deu início à batalha com uma extraordinária concessão. «Num momento de entusiasmo,» concordou em firmar um tratado assegurando que os Estados Unidos pegariam imediatamente em armas ao lado da França, se esta fosse atacada pela Alemanha. Fê-lo em nome do princípio, a que desde o começo se ativera, de pôr a segurança antes da paz, e tambem para libertar-se da alegação da França de que não se acharia segura, se o exército francês não ocupasse, de modo permanente, a margem ocidental do Reno.

Quase todos os americanos, em serviço na Conferência de París, tinham como certo que o Senado dos Estados Unidos jamais aprovaria semelhante tratado de aliança, e, portanto, que Clemenceau se deixara levar por uma promessa que nunca seria cumprida. Mas Clemenceau aceitou a ilusória garantia: o que não impediu que, a 27 de março, aparecesse propondo a ocupação, por 30 anos, da Renânia, e a anexação do Sarre. No dia seguinte, Wilson, sem esconder a sua irritação, replicou que os franceses estavam a levantar questões territoriais que nada tinham a ver com os objetivos da guerra, tanto assim que, até o armistício, ninguem os ouvira falar em tal anexação.

Clemenceau revidou, colérico: «Vossa Excelência está procurando destruir a França.»

«É falso, e Vossa Excelência não ignora que o é!» respondeu Wilson.

Clemenceau foi adiante declarando que, se não se desse o Sarre à França, ele não poria a sua firma no tratado de paz.

Wilson insistiu: «Então, a França, se não obtiver o que deseja, se recusará a colaborar conosco. Quererá Vossa Excelência que eu me vá embora?»

«Não; eu é que irei;» e, dizendo-o, Clemenceau foi-se retirando, a passo lento, da sala.

Ficou Wilson entre as pontas de um terrivel dilema. Sentia bem que, se assinasse um tratado que não fosse «justo e direito», estaria lançando, ele mesmo, as sementes de novas guerras, e trairia as esperanças do mundo. Mas sabia, por outra parte, que, se levasse a conferência a um fracasso, precipitaria, na Europa e nos Estados Unidos, uma batalha política de proporções épicas, e em que não seriam muitos os que o acompanhariam. Em desespero, procurou debalde a influência tão grande que teve sobre os Aliados, antes do colapso alemão, e lamentou, já tarde, que a não tivesse usado em tempo próprio.

A 3 de abril, sobreveio-lhe uma crise, física e nervosa. «Foi acometido de violentos paroxismos de tosse, tão fortes e frequentes, que lhe dificultavam a respiração, com a agravante de uma febre, de quase 40 graus. Seu estado parecia de ordem a inspirar sérios cuidados.»

Mas os trabalhos da conferência tinham prosseguido; e, dois dias depois, Lloyd George, Clemenceau, o Primeiro Ministro da Itália, Orlando, e o coronel House reuniram-se no gabinete do enfermo, a cujo quarto ia o último, a cada momento, informá-lo do progresso das negociações.

A questão das reparações estava em discussão. Tinha Wilson já ordenado que os técnicos americanos desistissem do alvitre de fazer-se constar do tratado a soma exata a ser paga pela Alemanha vencida. Ele estava, porem, na ilusão de que contaria com Lloyd George para que as reparações ficassem limitadas ao que pudesse a Alemanha pagar dentro de 30 anos. Daí o horror com que soube, pelo coronel House, que Lloyd George se opunha a qualquer limitação, em tempo como em quantia.

No dia imediato, dava Wilson ordens no sentido de suspender imediatamente quaisquer adiantamentos de dinheiro, dos Estados Unidos, à Inglaterra e à França. Acreditando que ainda se encontravam os Aliados em dificuldades financeiras, deduziu que retinha nas mãos uma arma poderosa, e resolveu dela usar, num último recurso. Mandou, ao mesmo tempo, que o *George Washington* voltasse para Brest, de modo que lhe fosse permitido fazer-se de regresso para a América, logo que se rendesse à evidência da impossibilidade de uma paz como a que buscava para o mundo.

Quando Clemenceau perguntou ao almirante Grayson, médico e amigo íntimo de Wilson: «Ele está blefando, não acha?», respondeu-lhe Grayson com inteira sinceridade: «Não há no seu corpo um átomo de blefe.»

Mas quaisquer remanescentes ou vestígios de inclinação para a luta, que pudessem ter subsistido no ânimo de Wilson, extinguiram-se em presença de dois telegramas. O primeiro, de Joseph P. Tumulty, seu secretário na Casa Branca, dizia: «A ordem para que o *George Washington* venha para Brest foi vista daquí como um ato de arrogância e impaciência. Uma retirada, neste momento, seria uma deserção.» O segundo, do ministro do Tesouro, observava que os arranjos financeiros, já realizados, cobriam as necessidades da Inglaterra até 1.º de julho, e completamente as da França. A arma financeira, com que Wilson contava, lhe tinha escapado das mãos, sem que ele houvesse prestado maior atenção ao fato, e, diante de tais circunstâncias, só lhe restou transigir na questão das reparações.

Daí por diante, Wilson excluiu todos os americanos das reuniões dos Quatro. Lloyd George e Clemenceau tinham alí consultores. Wilson, nenhum. Sozinho, concordou ele com a transformação dos Catorze Pontos no Tratado de Versalhes. Aquietou-lhe a forte conciência a compenetração em que ficou de que a Liga das Nações se tornaria em tempo bastante vigorosa para que pudesse modificar os excessos ou injustiças do tratado. Dizia então repetidamente aos amigos: «Nunca teria feito aquilo, se não estivesse seguro de que a Liga das Nações promoverá oportunamente a revisão que se impõe.»

Georges Clemenceau

O Tratado de Versalhes foi entregue aos alemães a 7 de maio. De acordo com o que nele se dispunha, a Alemanha perdia, entre outras coisas:

A Alsácia-Lorena, que era entregue à França.

O Vale do Sarre, que ficaria sob o controle de uma comissão internacional, até que, decorridos 15 anos, se assentasse, mediante plebiscito, a sua situação definitiva.

O Schleswig setentrional, que seria dinamarquês.

A metade sul da Alta Silésia, grande parte das áreas de Posen e Bromberg e um corredor até o mar—separando do resto da Alemanha a Prússia oriental—que caberiam à Polônia.

A cidade de Danzig, a ser administrada pela Liga.

Todas as suas colônias.

Todos os navios da marinha mercante germânica que passassem de 1.600 toneladas, e metade dos que deslocassem de 1.000 a 1.600—transferidos, sobretudo à Inglaterra, mercê de um dispositivo que mandava substituir, tonelada por tonelada, o que tinham os Aliados perdido, em embarcações, durante a guerra.

A marinha de guerra alemã, a render-se, e limitada, dalí por diante, a 6 pequenos couraçados, seis cruzadores ligeiros, 12 destróieres, e 12 torpedeiros.

Todo o material da aviação, do exército e da marinha, que seria destruido, com a proibição absoluta de estabelecer forças aéreas, militares ou navais.

A IMPRESSÃO produzida pelo Tratado de Versalhes foi de rancorosa severidade. Não era ele entretanto de modo algum tão severo quanto poderia ter sido. Não se destruiu, ou cortou em pedaços a Alemanha. Retiraram-lhe, é certo, a força. Não a deixaram, porem, para sempre impotente.

Por outro lado, contudo, era evidente que se não tratava de uma paz de reconciliação que viesse a dar porventura ao estado democrático germânico, a surgir da catástrofe, uma base real para a luta com que lograsse extirpar, só assim sobrevivendo, o militarismo prussiano. Havia, ao contrário, dentro do tratado, muito de que se valessem, para fazer a sua propaganda, os especialistas do ódio, da marca de Hitler.

As cláusulas mais atrozes eram as tocantes a reparações. Dir-se-ia que condenavam toda a raça alemã, por um futuro indefinido, a trabalhar para os Aliados. E de fato se mostraram de tal modo impraticaveis que, arrastando a Alemanha ao caos econômico, tiveram que ser revistas—e no fim os alemães se limitaram a pagar o que receberam, em dinheiro, da bolsa

particular de crédulos prestamistas americanos.

A Rússia, dilacerada pela guerra civil, foi o grande ausente da Conferência de París. A 14 de março de 1919, propôs o governo soviético, às potências Aliadas e Associadas, que se convocasse uma conferência para discutir a paz na base de que todos os governos *de fato*, que se tinham estabelecido no território do antigo império russo e da Finlândia, deveriam permanecer em pleno e inteiro controle das regiões que ocuparam. O governo soviético tinha apenas em mãos, àquele tempo, parte relativamente pequena do que hoje constitue a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). A sugestão de Lênine implicava a oferta, pela Rússia, da renúncia pelo menos temporária à Sibéria, aos Urais, ao Cáucaso, à Finlândia, aos estados bálticos, e à maior parte da Ucrânia. Concordava ainda Lênine em reconhecer a validade das dívidas do regime czarista.

Wilson estava doente demais, e excessivamente conturbado por suas dificuldades, para que desse ao proposto a necessária atenção. Imensas, entretanto, as consequências que disso resultaram. Nem será exagero dizer que a sua decisão de não modificar, para com a Rússia, o seu estado de espírito, pode acabar por ser considerada a de maior importância que ele tomou em París.

O Japão adquiriu, pelo Tratado de Versalhes, o controle da província chinesa de Xantum. Wilson, com a conciência a doer diante deste artigo do tratado, não tinha podido dormir na noite anterior, meditando sobre o caso. Sabia que não deixariam de acusá-lo de violar os seus próprios princípios. O governo chinês recusou-se a assinar o tratado, e os que a este se opunham no senado americano usaram mais tarde do fato como argumento dos mais eficazes contra a sua aprovação.

A 28 de junho de 1919, o Tratado de Versalhes foi assinado. Wilson consagrou-o, declarando: «Aquí se põe termo, de uma vez por todas, a uma velha ordem intoleravel; aquí há base para profundo júbilo, segurança universal e confiante esperança.» É que ele, côncio de culpa, se refugiava na crença de que a Liga das Nações, constituindo-se um Parlamento do Homem, alteraria o que de imperfeito houvesse no tratado.

A maioria republicana no Senado, opondo-se a alguns dos termos do pacto da Liga, insistiu em que se lhe aditassem as respectivas reservas. Wilson, porem, não as aceitaria. Assim, quando o Tratado de Versalhes, com as reservas a que aludimos, foi submetido ao Senado em novembro de 1919, Wilson pediu aos senadores democratas que se opusessem à sua aprovação nos referidos termos, isto é, com tais restrições, e assim o tratado deixou de ser aprovado, por 55 votos contra 39.

Nunca mais os Estados Unidos viriam a ratificá-lo. A aliança com a França, que Clemenceau aceitara em troca da ocupação da margem oeste do Reno, nem foi sequer submetida a voto.

Clemenceau não logrou obter a segurança da França, nem Wilson uma paz duradoura; e Lloyd George, embora tivesse alcançado brilhante êxito superficial desde quando preservou o equilíbrio de poder, e acrescentou ao Império alguns despojos, a verdade é que, no fundo, fracassou igualmente, pois o maior interesse da Grã Bretanha era a paz, e, vinte anos depois do seu triunfo, ei-la de novo na guerra, que esteve, em dado momento, a pique de destruí-la.

Na tragédia de Versalhes, não houve vencedor. Todo o gênero humano alí perdeu.

DAQUELE triste episódio de boas intenções, que somente conduziram a uma nova guerra mundial, podem ser talvez tiradas algumas conclusões:

1. Ao fim de cada grande guerra, sobrevem um período em que o mundo pode ser moldado pelos líderes das potências vitoriosas numa forma melhor ou peor. Essa oportunidade, todavia, passa rapidamente, e o mundo então se congela no novo molde que lhe foi impresso pelos ajustes que selaram o termo das operações militares. Se estes ajustes são sábios, poderá o mundo gozar uma era de paz. Se o não são, o mundo, em breve, estará de novo em guerra.

2. A marcha para uma paz bem avisada, sob os pontos de vista político, econômico, moral e militar, deve ser iniciada muito antes da derrota do inimigo. Os termos de paz inconvenientes ou impróprios devem ser evitados em tempo, mediante acordos feitos enquanto os nossos amigos ou aliados estão de nós dependendo para sua própria preservação. Em outras palavras: cumpre-nos utilizar-nos da nossa influência enquanto a temos. Foi o que Wilson deixou de fazer.

3. A organização da paz é um problema mais dificil que a da guerra. Precisamos saber o que queremos, assentar os meios de alcançá-lo, e agir em tempo. Um pessoal para a organização da paz, trabalhando em contacto íntimo com o Presidente, não é menos necessário do que um estado maior para a organização da guerra.

Vittorio Orlando

4. Segundo a Constituição dos Estados Unidos, o Senado tem poderes, em coordenação com o Presidente, no que toca a tratados internacionais. Portanto, uma comunhão de pensamento, intenção e vontade se torna essencial, afim de que o Presidente não negocie tratados que venham depois a merecer o veto do Senado.

5. Não nos é dado, como uma nação, renunciar a fazer parte do mundo. Não podemos escapar às consequências de inadvertidos ajustes europeus ou asiáticos, que resultem, cedo ou tarde, em novas guerras, nas quais, queiramos ou não, seremos envolvidos.

6. A paz na Europa, onde se acham concentrados 350 milhões, precisamente da gente mais bem dotada da terra, é o problema central da paz do mundo. Tal problema é tão dificil que às vezes nos sentimos inclinados a abandonar a esperança de que a Alemanha algum dia possa ser incorporada numa sociedade submissa aos deveres prescritos ou impostos pelo direito internacional, de que a Europa seja passivel de organizar-se numa federação, harmônica e pacífica, de estados democráticos.

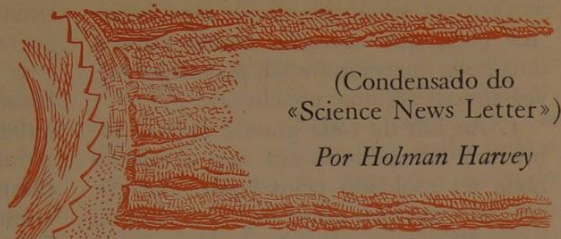
Nas horas de tédio ou cansaço, somos tentados a lavar as mãos de tantas dificuldades. Não podemos, porem, fazê-lo. Pôncio Pilatos o fez, e o mundo o não perdoou.

¶ UM SARGENTO, berrando para o soldado raso: «Um dia de folga? Você quer um dia de folga? Escute aquí, menino. Você pensa que é ser humano, ou o que é?»

—Da *Opinion*, de Londres

¶ Graças a um refugiado alemão os Estados Unidos acabam de descobrir na serragem de madeira um tesouro escondido

Cresce de valor o pó de serra



(Condensado do «Science News Letter»)

Por Holman Harvey

NÃO HÁ muito tempo, os responsaveis pela produção de guerra dos Aliados estavam quebrando a cabeça com um problema de solução realmente dificil.

Para fabricar, em quantidade suficiente, pólvora sem fumaça e borracha, era necessária uma grande proporção de alcool. A produção de alcool, por sua vez, requeria cereal em abundância, e a reserva mundial de cereais estava baixa, pois já havia sido utilizada em muitas emergências. Nos Estados Unidos, por exemplo, todo o trigo, milho, cevada e centeio, plantados numa área de 25 milhões de hectares, seria absorvido por completo pelas destilarias unicamente para a fabricação de alcool.

Mas agora já não é preciso que os coordenadores da produção se preocupem com o caso, pois se livraram das dificuldades, graças aos químicos norte-americanos, auxiliados por um negociante alemão anti-nazista, que conseguira sair da Alemanha trazendo consigo conhecimentos muito uteis. Hoje em dia, os Aliados podem obter todo o alcool de que precisam, extraindo-o do pó de serra, de que há suprimento ilimitado.

O acontecimento, que atraiu para esta matéria de refugo a atenção de todo o país, verificou-se em julho do ano passado, na presença de vários químicos de renome, reunidos numa pequena fábrica em Marquette, no estado de Míchigan. Tinham sido convidados para assistir a uma demonstração organizada pelo dr. J. Alfred Hall, Bioquímico Chefe do Serviço Florestal dos Estados Unidos, a pedido da Comissão de Arbitragem em Assuntos Químicos—tribunal supremo do govêrno em matérias referentes à química de guerra. Na presença destes observadores, 250 quilos de pó de serra, moida até adquirir a consistência de farinha, foram convertidos em 125 quilos de açucar. Obtido o açucar, foi então simples rotina distilar daí cerca de 50 litros de alcool «de cereal» a 95%.

Se transpusermos estes algarismos para toneladas, teremos uma tonelada de pó de serra convertida em meia tonelada de açucar, produzindo uns 200 litros de alcool de etila. (Este alcool, embora extraido da madeira, não é venenoso como o alcool de metila, conhecido em geral como «alcool de madeira», cuja utilidade é relativamente restrita.)

Depois daquela demonstração sensacional, a pequena fábrica de Marquette pôs-se a funcionar noite e dia, durante três meses. Amostras de pó de serra das principais zonas produtoras de madeira dos Estados Unidos foram apresentadas, para ser submetidas a testes e experiências. Chegou-se à conclusão de que 75% das florestas norte-americanas produziam 200

ou 240 litros de alcool para cada tonelada de serragem. As madeiras duras, das árvores de folhas largas, rendiam apenas 120 ou 160 litros de alcool para cada tonelada de serragem, e não seriam portanto usadas para o fim que se tinha em vista.

Não era aliás nenhuma novidade o fato de demonstrar-se que a madeira pode ser transformada em açucar, quando tratada com uma solução fraca de ácido sulfúrico. Esse método já fora posto em prática durante a Primeira Guerra Mundial, quando houvera tambem falta de alcool, e o produto se tornara muito caro. Mas o que ficou demonstrado com a experiência de Marquette é que, pelo processo alemão, era possivel obter duas vezes mais açucar, por menor preço, com equipamento mais simples, e em menos tempo que por qualquer dos processos empregados pelos americanos, os quais, até então, não eram considerados comercialmente vantajosos.

Foi devido a uma série extraordinária de circunstâncias que se chegou a fazer aquela demonstração. Numa tarde de novembro, em 1942, um negociante alemão de nome Erwin M. Schaefer procurou o dr. Hall na repartição do Serviço Florestal em Washington, e contou-lhe uma história curiosa.

Antes de 1930, Heinrich Scholler, químico alemão, inventara um processo para a conversão rápida e econômica do pó de serra. Para pô-lo em prática, uma grande firma de produtos químicos, a Chemische Werke Tornesch, montou uma fábrica de açucar de madeira em Tornesch, perto de Hamburgo. A fábrica fora propriedade de Schaefer até 1938, quando os nazistas dela se apossaram, e, denunciado por Scholler, nazista fanático, foi Schaefer internado num campo de concentração.

Posto mais tarde em liberdade, tratou imediatamente de sair da Alemanha, trazendo consigo, ao atravessar a fronteira, apenas os 250 dólares que o governo nazista permitia aos viajantes retirar do país—ele que fora senhor de consideravel fortuna.

Chegou aos Estados Unidos em 1941, decidido a pôr seus conhecimentos de produção de açucar de madeira a serviço desta nação. Durante mais de um ano, tentou em vão fazer-se ouvir. Tinha contra si o fato de ser cidadão de país inimigo, falando mal o inglês, de modo que só encontrou incredulidade e indiferença, senão desconfiança, até o dia em que teve a oportunidade de conversar com o dr. Hall.

Estando os Estados Unidos, já agora, em guerra com a Alemanha, o governo tinha em sua custódia, juntamente com outras patentes alemãs, as doze de Scholler. O dr. Hall, tendo podido obtê-las, pôs-se a estudar detalhadamente o processo. Apresentou mais tarde o caso ao julgamento da Comissão de Arbitragem em Assuntos Químicos, que por fim ordenou se fizessem as experiências em Marquette.

Os químicos americanos procuraram estudar um meio de melhorar o processo germânico, e conseguiram reduzir de um terço o tempo necessário para a operação.

Para o prosseguimento da guerra, em 1944, os Estados Unidos terão necessidade de dois bilhões e meio de litros de alcool de etila—o que vem a ser cinco vezes mais que o consumo normal. Enormes quantidades serão utilizadas para a fabricação de borracha sintética, explosivos, medicamentos e material para hospitais, produtos plásticos, e tecidos sintéticos. Dezenas de milhões de litros vão para a Inglaterra e para a Rússia.

Para satisfazer a estas necessidades

prementes, a produção atual não basta; ficarão faltando uns 200 milhões de litros. Enquanto isto, as serrarias produzirão este ano trinta milhões de toneladas de serragem. Utilizando apenas 13 milhões de toneladas, será possivel fabricar todo o alcool necessário em 1944 para a produção militar e civil.

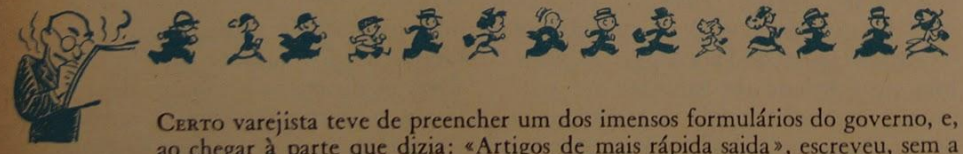
O Serviço Florestal já aprovou a escolha de local para trinta fábricas, com uma capacidade total de 600 milhões de litros. As trinta fábricas custarão aproximadamente uns 90 milhões de dólares. Numa base razoavel de amortização (dez a quinze anos), o alcool fabricado poderá ser vendido a 80 centavos ou um dolar por litro.

A maior parte do alcool oferecido ao mercado nos Estados Unidos, antes da guerra, era destilado de um melado de açucar importado das Antilhas, e o litro saía ao preço de 70 centavos a 1 dolar. A campanha submarina eliminou essa fonte de matéria prima, e obrigou os americanos a fazer alcool de cereal. Agora, cessada a ameaça do submarino, continua a escassez visto que os paises produtores de açucar estão utilizando o produto para a fabricação de seu próprio alcool, rum e genebra.

Da extração de açucar do pó de serra, proveio um sub-produto de grande importância. Retirado o açucar de uma tonelada do pó, obtêm-se 250 quilos de um resíduo, uma substância de cor castanha, chamada lenhose, que na árvore viva é o agente que liga entre si as células vegetais. A lenhose é um produto rico em resinas naturais, e já tem sido usada como matéria prima para vários produtos plásticos. Comprimida em pequenos tijolos, queima, produzindo calor equivalente à mesma quantidade de antracite de boa qualidade, tendo a vantagem de não deixar cinza. Já foi empregada em experiências como «extensor» na fabricação de borracha, para a fertilização do solo, e na fabricação de material de construção. Os interessados na indústria madeireira montaram um laboratório em Washington, afim de fazer pesquisas e descobrir outras utilizações para esse sub-produto.

A Finlândia, que é recoberta de densas florestas, usa pó de serra para fabricar celulóide, seda artificial, verniz, vidro inquebravel, filme para fotografia, e inúmeros outros produtos. O processo alemão, aperfeiçoado pelos americanos, promete abrir novas perspectivas para a indústria norte-americana de após-guerra.

Perguntarão, talvez, os leitores: será que, no futuro, teremos açucar para uso diário, feito de madeira? Não. Parece, pelo menos, que a resposta ainda é negativa. Esse açucar tem três quartos da doçura do outro, e é de fato nutritivo, mas, se tiver que ser cristalizado e refinado, não poderá concorrer, no preço, com o de cana ou de beterraba.



CERTO varejista teve de preencher um dos imensos formulários do governo, e, ao chegar à parte que dizia: «Artigos de mais rápida saida», escreveu, sem a menor hesitação: «Meus empregados.»

—*Judy's*

Retalhos do drama cotidiano

—X—

Por Kathleen Norris

ESTA HISTÓRIA começou há muito tempo, quando eu andava pelos catorze anos. Minha mãe e eu tínhamos levado os pequenos a passar as férias à beira-mar.

Certa manhã, encontramos na praia uma formosa senhora com dois meninos. Um deles, Ned, era um garoto sossegado de dez anos de idade, que alí estava convalescendo de longa enfermidade. Passava a maior parte do tempo ao lado da mãe, que lhe lia em voz alta, horas inteiras.

Tony, um pouco mais moço que Ned, era uma criança encantadora. Tinha a graciosa vivacidade de um leãozinho, uma cabeleira loura e ondulada, e os olhos de um azul profundo e cristalino. Corria, saltava e mergulhava melhor que todos os outros meninos. Os passantes paravam a conversar com ele, ou lhe davam brinquedos.

Um dia, meu irmão menor anunciou-nos que Tony era filho adotivo. Como trocássemos olhares surpresos, vi no rostinho de Tony, queimado de sol, uma expressão de contentamento íntimo.

—É verdade, não é mamãe? perguntou orgulhoso. —Mamãe e papai queriam outro filho. Foram a uma casa grande onde havia uma porção de garotinhos, e disseram: «Queremos este.» Era eu!

—Fomos a muitas *casas grandes*, disse a sra. Webster com um sorriso sereno. —Vimos afinal um bebê que era de fato irresistivel.

—Mas eles não quiseram que vocês levassem o bebê no mesmo dia, acrescentou Tony, repetindo, evidentemente, uma história que lhe era familiar. —E na volta pra casa, vocês ficaram dizendo: «Tomara que ele venha conosco. Tomara!»

—Foi assim mesmo; disse a sra. Webster,—e depois de algumas semanas o bebê era nosso.

Tony estendeu a mão a Ned: «Vamos embora!» sugeriu, e as crianças correram para o mar como um bando de gaivotas.

—É dificil crer, disse minha mãe,—que alguem tenha podido abandonar uma criança como esta. E depois de uma pausa acrescentou: —Interessante é que ele não se aborrece de ser filho adotivo...

—Pelo contrário, respondeu a sra. Webster. —Tony ficou radiante ao saber que nós o tínhamos escolhido. Ele mesmo disse: «Vocês ganharam o Ned sem escolher; mas eu fui *escolhido!*» Nós tínhamos medo de dizer a ele a verdade, mas agora ele próprio se encarrega de contá-la aos outros, porque acha que isso lhe dá certa importância...

—Deve ter sido dificil explicar, disse ainda minha mãe.

—Aliás, não fomos nós quem contou a ele, respondeu a sra. Webster. —Meu marido era engenheiro do exército, motivo pelo qual viajávamos muito. Todo o mundo pensava que Tony e Ned eram ambos nossos filhos. Há cerca de seis meses, porem, depois da morte de meu marido, encontrei uma amiga que já não via há muitos anos. Ela desmanchou-se em elogios ao ver as crianças, perguntando de repente: «Qual deles é o adotado, Mary?»

«Empurrei-lhe o pé de leve, e ela mu-

dou de assunto, mas os pequenos já tinham ouvido. Mal a deixamos, me crivaram de perguntas. Vi-me obrigada a dizer a verdade, contando a coisa da maneira mais romântica possivel—e o resultado é o que viram.

—Tony me parece imperturbavel... observei.

—Pois é... disse a mãe sorrindo. —Ele conseguiu até, nem sei como, evitar que Ned sentisse a menor inveja por saber que ele é mais forte, embora muito mais moço.

—Ned é o *filhinho de mamãe*, comentou minha mãe que tinha um, inteiramente daquela marca, entre os seus quatro filhos.

—É, mas já foi muito vivo, respondeu-lhe a nossa amiga—e muito agarrado ao pai. Aliás ele adoeceu justamente em virtude do abalo sofrido por ocasião da morte do pai.

Na véspera da partida dos Webster, a sra. Webster, minha mãe, e eu nos achávamos na praia, as três sozinhas. Minha mãe confessou-lhe que nunca vira exemplo algum de afeição tão profunda, de verdadeira idolatria como a que lhe dedicava o pequeno Ned.

—A senhora me dá uma prova de que os meus esforços foram bem sucedidos, respondeu-lhe a outra.

Ante a expressão de surpresa que se estampou no rosto de minha mãe, prosseguiu: —A senhora é tambem uma mãe tão dedicada, que vou dizer-lhe a verdade. Tony é que é meu verdadeiro filho. Foi Ned que nós adotamos.

Aquilo nos deixou a ambas realmente boquiabertas.

—Se Ned soubesse a verdade, teria morrido de desgosto, disse a sra. Webster. —Fui realmente forçada a fazer o que fiz. Para ele, isto representava tudo —o orgulho, a sensação de segurança, a própria vida, enfim; ao passo que Tony é uma criança forte e sã, que nada é capaz de abalar.

Isto, como já disse, passou-se há muito tempo. No último verão, um rapaz alto, de cabelos grisalhos, envergando um uniforme de capitão da marinha, almoçava numa mesa ao lado da minha, num hotel de São Francisco. Fiquei a observar-lhe durante algum tempo o belo rosto, de expressão inteligente e viva. Dirigí-me afinal a ele, perguntando: «O senhor não é Anthony Webster?»

Era ele mesmo. Lembrava-se tambem daquele verão à beira-mar. Algum tempo depois, quando nos veio visitar na nossa estância, a mim e ao meu marido, falou-me sobre a carreira breve, mas brilhante, de Ned, como químico, e da sua morte, aos 28 anos de idade.

—Mamãe e o laboratório eram tudo para Ned, acrescentou. Ela o levou para o estado de Novo México, afim de cuidar-lhe da saude, mas não pôde fazer com que ele deixasse o trabalho. Meia hora antes de morrer, ainda se achava no laboratório, às voltas com suas pesquisas. Morreu-lhe porem nos braços.

—E quando foi que ela disse a verdade a você, Tony?

—Então você sabia?

—Sabia, sim. Ela nos contou, a minha mãe e a mim, mas nós guardamos segredo.

Houve um longo silêncio, e ele disse afinal, com os olhos cheios de água:

—Eu achava impossivel gostar mais de mamãe do que já gostava. Mas nunca pensei que ela fosse capaz de tanto. Eu que já tinha um filho, naquela ocasião, pude avaliar bem quanto deve ter custado a ela, durante tantos anos, ceder o lugar do seu próprio filho, para não partir o coração do filho adotivo.

Nos sete anos de publicação que já contamos—dizem os diretores da revista *Story*—nenhuma das nossas novelas provocou tão vivo interesse quanto «Destinatário Desconhecido».

DESTINATÁRIO DESCONHECIDO

(Condensado da «Story»)

Por Kressmann Taylor

Galerias Schulse-Eisenstein
São Francisco, Califórnia
12 de novembro de 1932

Martin Schulse,
Schloss Rantzenburg
Munique, Alemanha

Meu caro Martin:

Ei-lo de regresso à pátria! Como eu invejo você! Desde meus dias de escola que não tornei a ver a *Unter den Linden*, mas apesar disso Berlim continua a exercer sobre mim sua forte atração—com a lembrança das discussões, da música, da camaradagem despreocupada. E então agora, que o velho espírito Junker, a arrogância e o militarismo prussiano se acabaram para sempre! Você regressa a uma Alemanha renovada segundo o espírito democrático.

Dou-lhe toda a razão: devia regressar mesmo. Você nunca se americanizou, a despeito do êxito que aquí teve, e agora que os negócios marcham bem, era natural que Elsa e você levassem os meninos para ser educados à maneira dos nossos pais.

Os negócios continuam em mar de rosas. A sra. Levine acabou comprando o pequeno Picasso ao preço que nós tínhamos marcado, o que é para mim motivo de orgulho. Quanto à velha Fleshman, continua nas melhores intenções de comprar aquela horrorosa Madona que nós conhecemos tão bem...

Recebemos ontem uma carta deliciosa de Grisela. Diz que não tarda nada que eu me sinta orgulhoso da irmã que Deus me deu: acabam de lhe confiar o primeiro papel numa nova peça, e as críticas são excelentes. Isto em Viena! Pobre pequena, nem tudo na vida tem sido rosas para ela, mas nunca se queixa. Pergunta por você nos termos mais amistosos. Naquela idade, o ressentimento nunca dura muito! Claro, nenhum de vocês foi culpado; essas coisas são como as tempestades de estio: rebentam com violência, mas duram pouco. E embora não seja facil esquecer, de tudo isso resta apenas uma suave melancolia, naturalmente sem a menor sombra de despeito em qualquer dos lados.

Ainda não mandei dizer a Grisela que você está na Europa. Tenho certeza de que ela terá prazer em saber que nem todos os bons e velhos amigos se encontram longe!

Com as melhores lembranças para Elsa e os meninos,

seu
Max

Schloss Rantzenburg
Munique, Alemanha
10 de dezembro de 1932

Max Eisenstein
Galerias Schulse-Eisenstein
São Francisco, Califórnia, E.U.A.

MAX AMIGO:

Cheque e contas chegaram com toda a prontidão e em boa ordem, pelo que muito obrigado. Aquí estamos instalados em Munique—mas no meio de que turbilhão! Arranjamos uma casa magnífica, verdadeira pechincha! Trinta cômodos, uns 5 hectares de parque... só vendo com os seus olhos! Mas ao mesmo tempo é muito dificil avaliar até que ponto esta nossa triste terra empobreceu. A família de Elsa está convencida de que somos milionários, e na verdade a nossa renda americana nos faz parecer ricos. Infelizmente, os preços da boa comida andam pelas nuvens, e é grande a agitação política, mesmo agora, sob a liberal presidência de von Hindenburg,—excelente velho que eu muito admiro.

Você me fala de Grisela. Adoravel criatura, o êxito dela me enche de alegria. Compartilho do júbilo que você manifesta, embora ainda neste instante não deixe de lamentar que ela tenha de seguir lutando sozinha. Conquanto você não interviesse durante as tempestades que entre nós houve, bem sabe que não nos foi nada facil chegar a uma decisão. Eu conservo por Grisela uma ternura tal, que nem mesmo o seu casamento com outro homem poderia alterá-la.

Rogo-lhe insista com ela para se pôr em contacto conosco. Elsa acolherá sua irmã com a mesma cordialidade com que receberia você! Felicite-a.

Martin

São Francisco
21 de janeiro de 1933

MEU CARO MARTIN:

Tive muito prazer em mandar seu endereço a Grisela. Que grande alegria será quando ela vir vocês todos! Tambem eu aí estarei em espírito ao lado de vocês.

As telas que você mandou para a Galeria são excelentes e realmente baratas! Não tarda nada que estejam todas vendidas, e com um lucro de entontecer. E saiba que a horrenda Madona já se foi! Pois é, comprou-a a boa sra. Fleshman. Só você pode imaginar como eu exultei quando vi aquele monstrengo (a Madona, é claro!) pela porta fora.

E quem é um tal de Adolfo Hitler, que, segundo todos os sinais, parece estar a caminho do poder na Alemanha? O que tenho lido a respeito não me agrada nada!

Muita saudade do
Max

Munique
25 de março de 1933

MEU VELHO MAX:

Com certeza já aí chegaram notícias dos grandes acontecimentos que se vêm desenrolando na Alemanha. Para lhe falar com toda a franqueza, Max, eu sinto que Hitler será de muitos modos util à Alemanha, mas não estou bem certo ainda. O homem é como um choque elétrico, forte como só um grande iluminado ou um fanático o pode ser. Às vezes chego a perguntar a mim mesmo: Estará ele no seu juizo perfeito? As suas tropas—os «camisas pardas»—são a nata da ralé... Põem tudo a saque, e já iniciaram uma inquietante perseguição aos judeus. Talvez, porem, isto apenas represente um pormenor sem importância, a espuma

que se forma à superfície da caldeira onde ferve um grande movimento. Porque eu devo dizer-lhe, meu amigo: a Alemanha entrou num verdadeiro ressurgimento. Por toda parte e em toda a gente se sente o despertar. O desespero dos dias passados foi esquecido, abandonado como um paletó que já não tem préstimo. O *Chefe* surgiu enfim! Em todo caso, a prudência continua a perguntar-me em segredo: um chefe para levar-nos—*aonde?*

Como é natural, não exprimo semelhantes dúvidas em público. Sou agora funcionário do governo, e um dos construtores do novo regime. Por isso exulto, e exulto em voz bem alta.

De política basta por hoje. Quanto a nós, estamos encantados com a casa nova, e temos dado muitas recepções. Esta noite, entre outros convidados para um jantar de 28 talheres, contamos com o Prefeito da cidade. É possivel que nos estejamos excedendo um pouco, mas não acha você que é muito perdoavel?

Entretanto, os nossos corações estão sempre com você, alem Atlântico, e quando erguemos os copos é sempre para beber à saude do «Tio Max»!

Com afetuosas lembranças do seu
Martin

São Francisco
18 de maio de 1933

CARO MARTIN:

As notícias que todos os dias chegam da nossa terra, descrevendo as mais cruéis perseguições aos judeus, deixam-me aflito e desolado— e é para você que eu me volto a pedir a luz, pois sei que de você só a verdade nos pode vir. Tudo isso poderá ser apenas, como você diz, a espuma de brutalidade que sobrenada a Revolução. Mas para nós, judeus, é quase inacreditavel que, num estado moderno e civilizado, tenhamos de ver ressurgir o velho espetro já conhecido da perseguição e do martírio. Escreva-nos, bom amigo, e veja se nos tranquiliza.

A peça de Grisela despede-se em junho, após uma carreira triunfal. Ela tem já uma bela proposta de Berlim, para o outono, mas eu lhe escreví pedindo que esperasse até ver se a onda anti-semita diminue um pouco.

Desculpe esta carta tão cheia de preocupação. Não terei, porem, descanso enquanto você não me tranquilizar. Sempre seu

Max

Deutsch-Voelkische Bank und
Handelsgesellschaft, Munique
9 de julho de 1933

CARO MAX:

Como vê, estou-lhe escrevendo em papel timbrado do meu banco. Torna-se isto necessário em vista dum pedido que tenho a fazer-lhe, e do meu desejo de evitar a censura, que acabam de decretar, e é muito rigorosa. Teremos por agora que interromper a nossa correspondência. Tendo você necessidade de me enviar qualquer recado, é favor incluí-lo no saque bancário, em vez de o dirigir para minha casa.

Quanto às severas medidas que tanto o preocupam, eu mesmo de começo não gostei delas, mas acabei compreendendo sua penosa necessidade. A raça de Israel torna-se um ponto nevrálgico para qualquer nação que lhe abra as portas. Nunca eu odiei o judeu individualmente—você, que de há muito conto entre os meus amigos, bem o sabe; mas, com absoluta franqueza, estimo você, não de certo

por causa da sua raça, mas *a despeito* dela.

Todo este problema dos judeus, porem, é apenas incidental. Alguma coisa de maior está-se passando. Se eu lhe pudesse mostrar, se eu lhe pudesse fazer ver o que é o ressurgir desta nossa Alemanha, sob a direção do nosso Bom Chefe! Durante 14 anos curvamos a cabeça, pobres e humilhados, resignados à idéia da derrota. Mas hoje somos um povo livre. Estamos limpando nosso sangue dos seus elementos impuros, erguendo-nos fortes, e levantando galhardamente a cabeça entre os povos da terra.

Mas estou certo, infelizmente, de que você não pode ver quanto isto tudo é necessário à Alemanha. Você não pode compreender que seja indispensavel sofrerem uns poucos, para que se salvem milhões! Acima de tudo você permanecerá judeu, e chorará as tribulações do Povo de Israel. Tal é o carater semita. Vocês se lamentam, mas nunca têm a coragem de reagir de armas na mão. É por isso que não cessam de sofrer...

Lamento, meu Max, que nossa correspondência acabe nestes termos.

Talvez um dia possamos reatá-la em terreno de melhor compreensão mútua.

Seu como sempre
Martin Schulse

São Francisco
5 de setembro de 1933

CARO MARTIN:

Inclusos, o seu saque e as contas do mês. É necessário que eu lhe participe o seguinte: Grisela está em Berlim. Verdadeira temeridade! Mas a pobre esperou tanto tempo pelo triunfo, que os meus temores hoje só a fazem rir. Deve aparecer no König Theater.

Você é funcionário da situação. Em nome da nossa velha amizade, rogo-lhe que olhe por minha irmã. Vá a Berlim, se puder, e veja se a vida dela corre algum perigo.

Quanto à sua nova atitude, não discuto. Mas peço me compreenda: eu nunca esperei que você pegasse em armas para defender a minha gente, só porque é minha gente, mas porque você era um homem (ou assim me pareceu) que presava a Justiça.

Confio à sua guarda a minha ousada Grisela. A pobre pequena nem faz idéia dos riscos em que está incorrendo. Não voltarei a escrever-lhe. Adeus, meu bom amigo.

Max

São Francisco
5 de novembro de 1933

MARTIN:

Volto a escrever porque a tal me vejo forçado. Ando cheio de negros pressentimentos. Escreví a Grisela, para Berlim, e ela me respondeu laconicamente que os ensaios estavam correndo com grande entusiasmo, e que a peça devia estrear-se em breve. Minha segunda carta me foi devolvida com este carimbo: *Adressat Unbekannt*—destinatário desconhecido!... Que aterradora escuridão nestas simples palavras! Como pode ela ser «desconhecida»?! Isto é com certeza o sinal de que Grisela se encontra em sérias dificuldades. Eles sabem o que lhe aconteceu, essas cartas carimbadas o estão dizendo; mas eu é que não estou autorizado a sabê-lo. Isto mesmo me declaram essas duas sinistras palavras—*Adressat Unbekannt*...

Martin, será preciso que eu lhe peça que a procure? Não tente escrever-me. Eu sei que nem preciso lhe pedir que a ajude: basta dizer-lhe que ela está em perigo!

Entrego-a às suas mãos, pois daquí nada posso fazer.

Max

São Francisco
23 de novembro de 1933

MARTIN:

Torno a escrever-lhe, mas agora em verdadeiro estado de desespero. Há dois meses que o silêncio se fechou sobre Grisela, e só agora começamos a receber notícias vagas, de apavorar. Ela apareceu durante uma semana no procênio do König Theater. Uma noite foi vaiada da platéia como *judia*. Cabeçuda como é, respondeu ao pé da letra: declarou que era judia, e *com muito orgulho*.

Então, alguem da platéia correu ao palco para prendê-la; mas Grisela conseguiu escapar, e foi-se refugiar em casa duma família israelita. Passados alguns dias, tendo-se disfarçado o melhor que pôde, deixou Berlim e foi para o Sul, na esperança de voltar a Viena. Não se atreveu a tomar o trem. Ao separar-se dos que a tinham acolhido, declarou apenas que estaria salva se pudesse chegar a ver «certos amigos» em Munique. A minha esperança é que ela se tenha refugiado junto de vocês, pois a Viena sabemos nós que *nunca* chegou. Queira Deus que você possa tranquilizar-nos!

Max

Deutsch-Voelkische Bank und
Handelsgesellschaft, Munique
9 de dezembro de 1933

CARO MAX:

HEIL HITLER! Lamento muito, porem só tenho más novas: sua irmã faleceu.

Infelizmente, como você mesmo disse, ela era uma cabeça no ar. Ainda não faz uma semana, chegou aquí em casa, com um bando de Guardas de Assalto quase nos calcanhares. Por acaso fui eu até que abrí a porta. De começo pareceu-me uma velha—depois reconhecí a fisionomia, logo vejo os Guardas de Assalto que haviam já transposto os portões do parque! Como podia eu metê-la em casa? Era arriscar um contra milhares!

Quereria ela que eu me sujeitasse a ser preso por dar guarida a judeu, e a perder tudo quanto penosamente tenho acumulado aquí?

«Grisela,—disse-lhe eu—você vai dar cabo de nós todos. Fuja, desapareça nos fundos do parque!» Ela olhou para mim, sorriu (sempre a conhecí cheia de coragem) e fez a sua escolha:

«Eu não vim aquí para lhe causar dificuldades, Martin,» disse ela. E correu a esconder-se entre as árvores. Mas devia vir cansada. Não correu com suficiente rapidez, e os guardas a pegaram. Que podia eu fazer! Entrei em casa, e daí a minutos ela parava de gritar. Na manhã seguinte mandei sepultar o corpo. Pobre Grisela! Foi uma loucura ela vir-se meter na Alemanha.

Acompanho você na sua dor, Max, mas, como vê, eu não podia ajudá-la.

Devo rogar-lhe agora que não me volte a escrever. Não sei dizer quando eles começarão a abrir as cartas dirigidas ao banco, mas pode ser breve. Já não é grande recomendação para mim, que uma judia tenha tentado refugiar-se em minha casa, e não me será tolerada mais nenhuma ligação desse gênero.

Uma Nova Alemanha está sendo forjada aquí. Em breve mostraremos ao mundo grandes coisas, sob a direção do nosso Glorioso Chefe.

Martin

CABOGRAMA

MARTIN SCHULSE MUNIQUE
2 JANEIRO 1934
SUAS CONDIÇÕES EXPOSIÇÃO PRIMEIRO DE MAIO ACEITAS. PREPARE-SE PARTIR MOSCOU SE MERCADO ABRE INESPERADAMENTE. INSTRUÇÕES FINANCEIRAS REMETIDAS SEU NOVO ENDEREÇO.

EISENSTEIN

São Francisco
3 de janeiro de 1934

Martin Schulse
Schloss Rantzenburg
Munique, Alemanha

CARO AMIGO MARTIN:

Não esqueça o natalício de vovó, que completa 64 anos no dia 8. Os subscritores americanos estão dispostos a fornecer mil pincéis para a Liga dos Jovens Pintores da Alemanha, de que você é diretor. Mandelberg aderiu, e dá todo o seu apoio à Liga. Você deve mandar 11 reproduções de Picasso, 20x90, às filiais da Galeria, no dia 25, mas não antes. Devem predominar os vermelhos e os azues. Por esta transação asseguramos a você 8.000 dólares.

As nossas orações o acompanham diariamente, caro irmão.

Eisenstein

São Francisco
17 de janeiro de 1934

CARO IRMÃO MARTIN!

Temos boas notícias a dar-lhe: os Fleischmann adiantaram mais 10.000 dólares. Esta quantia preencherá por um mês a quota da sua Liga dos Jovens Pintores, mas não deixe de nos avisar se as condições melhorarem. As miniaturas suiças estão tendo muita voga. Esteja de olho bem aberto para o mercado, e vá-se preparando para ir a Zurique depois do Primeiro de Maio.

Tio Salomão terá grande alegria em vê-lo, e eu sei que você pode confiar absolutamente no bom-senso dele.

Acompanhamos com toda esperança os seus novos esforços, desejando-lhe todo o êxito.

Eisenstein

Munique
12 de fevereiro de 1934

MAX, MEU VELHO AMIGO:

Santo Deus, você saberá o que está fazendo?! Vou ver se mando esta carta às escondidas, em mão de um americano de confiança. Escrevo-lhe este apelo num estado de aflição que você nem pode imaginar! Esse cabograma louco! Essas cartas que você vem mandando! Fui chamado pelas autoridades para dar explicações a respeito, e fornecer a «chave da cifra». Qual cifra?! Como pode você, amigo de tantos anos, fazer isto comigo?

Os resultados da sua loucura já se mostram terriveis: acabo de ser intimado a renunciar a meu emprego.

Sim, eu sei muito bem porque você está agindo assim—mas então você não percebe que eu nada podia ter feito? Que é que eu podia fazer, me diga! Nem sequer me atreví a tentar um gesto, não por mim—peço me acredite—mas por causa de Elsa e dos pequenos. Pense no que será a sorte deles, se eu tambem for levado, e eles ficarem sem saber se eu estou vivo ou morto!

Saberá você o que é ser metido num campo de concentração? Suplico-lhe que deixe de me escrever. É a minha vida que está em perigo, Max—*a minha vida!*

Maxel, meu velho, eu estimei sempre você como verdadeiro irmão. Meu Deus, será que você não tem piedade? Suplico-lhe fervorosamente que não me escreva mais! Nunca mais! Pare, enquanto é tempo de eu me salvar. Rogo-lho do fundo do coração, sempre cheio do mesmo velho afeto por você.

Martin

São Francisco
3 de março de 1934

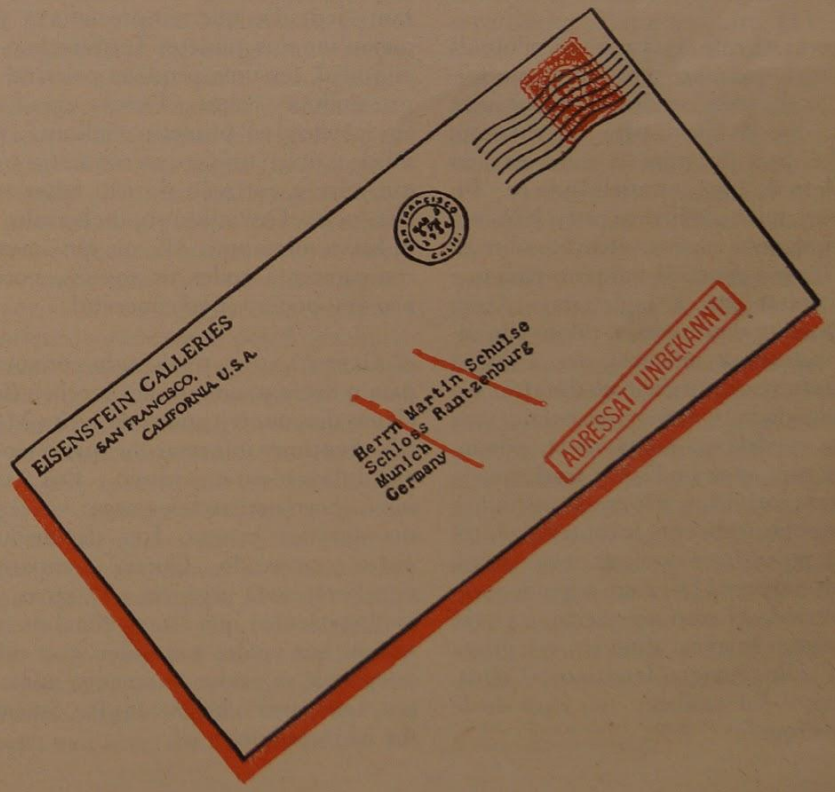
CARÍSSIMO MARTIN!

Pelo fim desta semana deve chegar à nossa filial de Berlim uma remessa de 1.500 pincéis para os seus pintores. Isto lhes dará tempo de se exercitarem antes da grande inauguração solene. Os clientes americanos ajudarão com todos os artigos necessários.

O jovem Blum saiu daquí na sexta-feira passada, com as especificações dos Picassos. Ele deixará as telas em Hamburgo e Leipzig, indo depois colocar-se à sua disposição. Deixamos todos os pormenores finais do plano ao seu critério, mas sugerimos que, para o completo êxito da exposição, a data desta seja o mais possivel abreviada.

Que Deus de Moisés esteja sempre a seu lado!

Eisenstein



Pelo preço do custo

Excertos da seção de Bennett Cerf na «Saturday Review of Literature»

¶ Uma funcionária do governo americano, novata no emprego, e um tanto ingênua, atendeu ao telefone, e ouviu que lhe perguntavam: «O coronel Harrington está?» Sem saber do destino desse militar, indagou do seu chefe, que lhe respondeu: «O coronel Harrington foi para o Reino Unido.» Diante disso, a funcionária não hesitou. Voltando ao telefone, deu a seguinte e inesperada resposta: «Sinto muito, mas o coronel Harrington morreu.»

¶ Conta-se que certa vez um piloto da RAF teve que fazer uma aterragem forçada na Bélgica, sendo salvo por uma freira, que o levou para o convento; deu-lhe, para disfarçar-se, um vestuário completo de irmã, aconselhando-o: «Fique bem quieto. Não diga nada. Não faça nada que possa chamar atenção sobre si. Mais tarde a gente dá um jeito para que possa voltar para a Inglaterra.» Assim foi. Durante dois meses, o piloto não dirigiu palavra a ninguem, fez a barba umas oito vezes por dia para disfarçar sua masculinidade, e tornou-se, enfim, uma «freira modelo»... Certa noite, porem, viu na copa uma lindíssima irmã, que lá se achava sozinha, e, não mais resistindo a um impulso realmente incontrolavel, tomou-a repentinamente em seus braços. Mas ah, surpresa! Daí a um segundo recebeu formidavel soco no queixo, e ouviu as seguintes palavras, ditas em voz grossa e com típico sotaque londrino: «Calma, seu moço! Eu tambem 'tou aquí desde Dunquerque!»

¶ Outra de Bernard Shaw: a Associação dos Artistas Teatrais de Nova York recebeu, há dias, um telegrama do grande dramaturgo, nos seguintes termos: «não concordo em absoluto; inutil insistir». Mas o caso é que ninguem, na Associação, pediu nada a Shaw, desde 1940!

¶ Um conhecido maestro foi convidado para reger a Orquestra Sinfônica de Cleveland e, nos ensaios, verificou, bastante irritado, que sempre faltava pelo menos um dos músicos. Terminado o ensaio final, fez uma pequena palestra, expressando-se assim: «Desejo agradecer, em público, ao primeiro violinista, pois foi ele o único músico, na orquestra toda, que teve a correção de não faltar nem uma vez.» Ouvindo isso, o elogiado, cabisbaixo, observou: «É, eu quis mesmo comparecer a todos os ensaios, porque não vou poder vir ao concerto!»

¶ Certo rapaz, tendo sido convocado para o exército americano, recebeu daí a alguns dias um telegrama da Junta Médica: «Sentimos informar-lhe que o senhor está tuberculoso e cardíaco.» Daí a uma hora, chegou outro telegrama: «Telegrama anterior errado. Era destinado a outro convocado. Queira comparecer este Forte toda urgência.» O rapaz, aliviado por saber que estava afinal de contas em boa saude, respondeu com outro telegrama, dizendo: «Lamento informar seu telegrama chegou tarde. Suicidei-me há meia hora.»

¶ Graças às lições aprendidas na epidemia de fins do ano passado, o tifo não flagelará novamente a Europa, depois da guerra

A SEGUNDA CAMPANHA DE NÁPOLES - contra o piolho

Por Frederick C. Painton

Em outubro de 1943, a cidade de Nápoles estava na iminência de um flagelo. Sua população normal, de 800 mil habitantes, tinha aumentado para mais de um milhão. Os alemães, antes de se retirarem, haviam queimado o carvão armazenado para o inverno, dinamitado os reservatórios e as usinas elétricas. Não havia aquecimento, nem luz, nem água. Milhares de pessoas se comprimiam nos abrigos anti-aéreos, sendo que a maior parte tinha piolhos, contaminando os demais. Nunca houve situação mais favoravel à irrupção do tifo exantemático—esse flagelo das guerras.

Nascido na imundície, transmitindo-se de uma criatura a outra por intermédio dos piolhos contaminados, o tifo se desenvolve onde quer que não haja aquecimento, sabão ou higiene. Uma vez que se manifeste, no inverno—pois é, geralmente, uma epidemia das épocas frias,—não se conhece método algum capaz de neutralizar a sua disseminação. Somente acaba, por vezes, com o calor da primavera.

Naquele funesto mês de outubro de 1943, 25 casos de tifo foram levados ao hospital de Nápoles. Parecia um número diminuto; mas tambem os incêndios começam com uma fagulha, e o tifo se alastra como o fogo. Nos fins de dezembro, já havia 40 casos por dia, e, em janeiro, 60. O incêndio se alastrava, e os coveiros não tinham mãos a medir. Passavam pela cidade, sem cessar, os rústicos caixões funerários e algumas vítimas da epidemia morriam em plena rua.

Segundo se podia deduzir dos flagelos observados antes, em toda a história, a epidemia devia causar pelo menos 250 mil vítimas em Nápoles, antes de poder ser dominada. Mas, nesse ínterim, foram enviadas ordens urgentes ao General Leon Fox, Diretor da Comissão Americana contra o Tifo, no Cairo. O General Fox é um dinâmico médico do Exército Americano, que há 25 anos combate a morte, da Libéria à China, da Groenlândia às Caraibas. Sem perda de um instante, tomou um avião para Nápoles.

«Era uma vasta epidemia,» conta ele, «e eu sabia que tal flagelo nunca pôde ser controlado antes de causar grande mortandade. Poder-se-ia esperar que, em fevereiro, os casos de tifo em Nápoles chegassem, em média, a 500 por dia, e ordinariamente não podíamos ter esperança de controlar a epidemia antes de março ou abril.» Com que elementos contava Fox, para lutar contra a epidemia? Sabia-se de uma coisa: o soldado norte-americano, vacinado, raramente contraía a moléstia, e, quando a contraía, era de forma branda. Mas era impossivel vacinar todos os habitantes de Nápoles. Fox porem contava com um novo e assombroso inseticida, o DDT, abreviação de dicloro-difenil-tricloroetana.*

*Vd. "Boa notícia! Vamos ficar livres dos insetos", Seleções, agosto de 1944.

Até então, as autoridades sanitárias, quando procuravam controlar as epidemias de tifo, empregavam o calor para matar os piolhos e as lêndeas—calor seco ou de vapor. Mas esse método não oferecia possibilidade de prevenção imediata. O DDT, entretanto, tem um poder extraordinário: pulverizando-se uma pessoa com esse inseticida, não só morrem os piolhos, mas tambem as roupas e o próprio corpo dessa pessoa ficam imunes, durante semanas, contra os insetos, mesmo quando as roupas são lavadas. Desse modo, pelo menos teoricamente, era possivel livrar dos piolhos toda a população de Nápoles. A primeira coisa que fez o General Fox, com a ajuda dos seus assistentes, foi registrar todos os casos de tifo. Disso se encarregou o major John C. Snyder, à testa de um conjunto de oito grupos de médicos. Em seguida, o major Charles Wheeler, comandando um conjunto semelhante, tratou de desinfetar todas as pessoas e todas as habitações dos edifícios onde se registraram casos de tifo, inclusive os abrigos anti-aéreos, em que 40.000 napolitanos estavam residindo. Finalmente, um grupo da Fundação Rockefeller procedeu a uma desinfeção em massa.

«Estabelecemos 43 postos de desinfeção,» diz o general Fox, «e inspecionamos todo o mundo. Os napolitanos gostaram tanto que chegavam a brigar, para serem borrifados, e fomos obrigados a chamar tropas, para manter a ordem. Os membros da Fundação Rockefeller fizeram excelente trabalho, e, durante o mês de janeiro, borrifamos com o inseticida um milhão e trezentas mil pessoas, ou seja, praticamente, toda a população de Nápoles. Mesmo assim, os focos de infecção continuavam a aparecer: refugiados iugoslavos, que atravessavam o Adriático, soldados que vinham das linhas de frente, e italianos imundos e exhaustos que escapavam aos alemães. Tínhamos que agir com todos eles, e, para advertí-los dessa necessidade, usamos os jornais, o rádio, e cartazes. O Cardeal Ascali de Nápoles deu-nos o seu poderoso auxílio, e, assim, pudemos desinfetar todas as pessoas que entravam na cidade, ou que saíam dela.»

O general Fox, que é um grande adepto dos quadros estatísticos, viu a curva da epidemia subir assustadoramente, em todo o mês de janeiro, e pensava que continuaria a subir até março ou abril; mas, com grande satisfação sua, a curva começou a descer tão rapidamente como havia subido, e, em meados de fevereiro, estava dominada a epidemia em Nápoles.

«Pela primeira vez na história,» diz o general Fox, «uma epidemia de tifo exantemático foi dominada em pleno inverno; e, mais importante do que a rapidez com que dominamos o flagelo, foi o próprio fato de o termos dominado, o que tem tremenda significação. No futuro, com o DDT, poderemos combater com eficiência a propagação dos piolhos—isto é, poderemos dominar o tifo. De maneira nenhuma, depois desta guerra, esta doença constituirá o flagelo que foi para os povos exhaustos da Europa, após a guerra passada. Foi essa a lição que aprendemos com a vitória obtida na Segunda Batalha de Nápoles.»

¶ Uma «sargenta» das WACS, força auxiliar do exército americano, disse ao seu pelotão: «Quero uma voluntária para um serviço bastante perigoso: o coronel está precisando duma secretária».

—Do *Colliers*

«O Titanic não afunda»

(Condensado do «Harper's Magazine»)

Por Hanson W. Baldwin

O TITANIC, da «White Star», o maior transatlântico do mundo, partiu de Southampton, na sua primeira viagem a Nova York, a 10 de abril de 1912. Não havia, ao que se afirmava, navio mais seguro. Tinha fundos duplos, e o casco era dividido em 16 compartimentos estanques, o que o tornava, ao que se cria, insubmergivel. Fora construido com tais condições de segurança que era considerado um gigantesco barco salva-vidas. Fez-se ao largo com 2.201 pessoas a bordo.

Várias figuras de destaque—homens e mulheres—ocupavam os luxuosos apartamentos da primeira classe. Entre outros, o coronel John Jacob Astor e sua jovem esposa; o pintor Francis D. Millet; H. B. Harris, empresário teatral; o sr. e a sra. Isidor Straus, e J. Bruce Ismay, diretor gerente da companhia «White Star». Em baixo, na terceira classe, havia 706 imigrantes, a caminho da Terra Prometida.

A meio caminho das águas do Atlântico, o domingo amanheceu sereno e lindo. Realizou-se na sala de festas um serviço religioso. Às 9 horas da manhã, o telégrafo sem fio recebia a seguinte mensagem do vapor *Caronia:*

> «Capitão, *Titanic* — Navios direção oeste informam aparacimento várias massas de gelo entre 42 graus norte e 49 a 51 oeste. Saudações—Barr.»

Mais tarde, o telegrafista Bride, com os receptores do aparelho Marconi aos ouvidos, estava fazendo contas; não se deteve afim de responder ao navio *Californian*, que se achava a pouca distância, procurando comunicar-se com o *Titanic*. Transmitiam de lá nova mensagem sobre três *icebergs*. Bride nem se deu ao trabalho de registá-la. Por volta de uma e meia, terceira mensagem atravessava os ares. Era o *Baltic*, prevenindo que havia blocos de gelo na sua esteira. Bride fez chegar a mensagem à plataforma do comando. O capitão E. C. Smith, que comandava o *Titanic*, estava a passear no convés. Mostrou-a, sem comentários, ao sr. Ismay, diretor gerente da «White Star», que se achava na ocasião a seu lado. Este pôs a mensagem no bolso, depois de lê-la, falou a umas duas senhoras sobre os *icebergs*, e recomeçou o passeio. Mais tarde, por volta das 7 e 15 da noite, o capitão pediu-lhe que devolvesse o radiograma, pois desejava colocá-lo na sala dos mapas, afim de que os oficiais fossem informados do fato.

O jantar, naquele dia, foi muito alegre. Fazia frio no convés, mas a noite era calma e linda. Depois, alguns passageiros da segunda classe se reuniram no salão para cantar em coro. Eram quase dez horas, quando entoaram um hino religioso que assim dizia:

> Escutai-nos as vozes suplicantes
> Protegei do perigo os navegantes

Na ponte de comando, o segundo oficial Lightoller foi substituido às dez horas pelo primeiro oficial Murdoch. Cinco avisos, pelo menos, sobre o aparecimento de blocos de gelo, tinham chegado pelo sem fio. Preveniram os vigias que se mantivessem alertas. Os oficiais esperavam chegar à zona do gelo das 8 e 30 em diante. O navio avançava pelas trevas a dentro a 22 nós, sem diminuir de veloci-

dade. No cesto da gávea, o vigia Fleet e Leigh, seu companheiro, tinham os olhos fixos no mar tranquilo e calmo em meio à escuridão, sob a luz vacilante das estrelas.

No posto do telégrafo sem fio, onde Phillips, o primeiro radiotelegrafista, substituira Bride, novos sinais se faziam ouvir, vindos do *Californian*.

Californian: «Olá, colega, encalhamos aquí. Estamos cercados de gelo.»

Titanic: «Espere, não interrompa. Estou em comunicação com o Cabo Race, e vocês acabam atrapalhando os sinais.»

Poucos minutos depois, pelas 11 e 40, a massa enorme, gigantesca, de uma alvura opaca, surgia das trevas, bem no caminho do *Titanic*. Durante alguns segundos, Fleet não pôde crer nos seus próprios olhos. Era entretanto a realidade. Horrorizado, telefonou para a ponte de comando:

«*Iceberg* à proa!»

O primeiro sinal de alarme soou na casa de máquinas. Perigo! Os ponteiros do indicador giraram até ao sinal: «Pare!» e a seguir: «Recuar a todo vapor!»

Houve um leve choque, como se alguma coisa tivesse raspado pelo navio. Pedaços de gelo cairam no convés da proa. Pouco a pouco, o *Titanic* parou. O capitão Smith saiu correndo da cabine. «Que foi? Fomos de encontro a alguma coisa?»

Murdoch responde: «Um *iceberg*, capitão. Fechei as portas dos compartimentos estanques.»

Algumas luzes se acenderam nas cabinas da primeira e da segunda classe. Vários passageiros, tontos de sono, puseram-se a espiar pelas vigias. Alguns perguntavam, sem maior interesse, aos empregados de bordo: «Porque foi que nós paramos?»

«Não sei, mas não há-de ser nada.»

Na sala de fumar, um grupo de jogadores ainda se achava reunido em torno à mesa de poquer. Sentiram o pequeno choque provocado pela colisão, e viram uma montanha de gelo de cerca de 24 metros de altura deslizar a pouca distância das janelas da sala. Certos, porem, de que o *Titanic* era *insubmergivel*, nem se deram ao trabalho de chegar ao convés.

Em baixo, porem, no porão e nas caldeiras, já sabiam que o *Titanic* fora mortalmente ferido. Os seis compartimentos à frente do nº 4 estavam abertos ao mar; em dez segundos, o *iceberg* fizera um rombo de 90 metros na quilha.

O convés, os corredores e as salas estavam agora cheios de gente. Homens, mulheres e crianças perguntavam o que sucedera; ordens foram dadas para que se preparassem os barcos salva-vidas; a água subia aos poucos nos alojamentos dos foguistas que vinham ter ao convés, nús da cintura para cima. Os passageiros, porem, —a maioria pelo menos—ainda não sabiam que o *Titanic* se estava afundando. O choque fora tão leve que alguns nem tinham acordado. O *Titanic* era *insubmergivel;* por outro lado, a noite era tão linda e calma que a ninguem ocorria a possibilidade de um naufrágio.

Na cabine do rádio, uma faisca azul tremulava incessantemente pedindo por socorro.

A água já começara a inundar o bojo do navio: às 12 e 20, entrou pelo dormitório dos marinheiros, através de um tabique que acabara de ruir. As mangueiras das bombas se cruzavam na casa de máquinas, numa vã tentativa de resistir ao mar. O nivel da água ia subindo incessantemente.

Os escaleres foram sendo arriados devagar, porque os marujos encarregados de fazê-lo tardaram a chegar aos seus postos. Não se tinha feito a chamada geral, e

muitos dos membros da tripulação nem sabiam quais os escaleres para que se achavam designados.

Às 12 e 30 da noite, a ordem passou de boca em boca: «As mulheres e as crianças devem tomar lugar nos barcos.» Os encarregados dos escaleres acordavam os últimos passageiros nas cabines de baixo. Puseram-se em ação os salva-vidas, e alguns homens sorriam daquele excesso de precaução: «O *Titanic* não afunda»...

Enquanto isto, o *Mt. Temple*, atendendo aos pedidos de socorro, vem ao encontro do *Titanic*, e o *Carpathia*, com uma dose dobrada nas caldeiras, envia um radiograma: «Vindo a todo vapor.» A natureza do aviso enviado pelo *Titanic* era de molde a fazer com que muitos navios mudassem de rota, menos o *Californian*, cujo radiotelegrafista acabara de deixar o seu posto, para recolher-se à cama.

As 12 e 45, Murdoch, com uma expressão trágica nos olhos, mas sereno e calmo, dá ordens para que façam descer o escaler nº 7. As mulheres protestam: não querem saber de passeios de barco num mar quase gelado como aquele: o *Titanic* não afunda! Os homens procuram persuadí-las, explicando que se trata apenas de uma medida de precaução. «As senhoras estarão de volta antes do café da manhã.» Há certa confusão. Os passageiros se dirigem devagar para o convés, onde se encontram os escaleres. Na terceira classe, os imigrantes comentam o fato com grande excitação.

Subitamente, um assovio cortou o espaço e brilhou nas trevas um traço luminoso. Um foguete explodiu, e um paraquedas de estrelas prateadas iluminou o mar gelado. «Meu Deus! Foguetes!» A orquestra de bordo toca músicas alegres. O nº 6 é lançado ao mar. Há apenas 28 pessoas num barco onde há lugar para 65.

Uma hora da madrugada. Pouco a pouco, a água vai subindo de nivel; a proa já começa a mergulhar no mar. As cordas rangem nos poleames, e os escaleres vão sendo arreados desajeitadamente. Entre o borborinho das vozes no convés, ouvem-se ainda os sons da orquestra.

O «barco especial dos milionários» acaba de deixar o navio. Com lotação para 40 pessoas, leva apenas a bordo Sir Cosmo, Lady Duff Gordon, e outras dez personagens importantes. À popa, os imigrantes apavorados se acotovelam a caminho dos escaleres. Um oficial levanta o punho cerrado, alguem dispara no ar três tiros. O pânico é reprimido. Quatro chineses se arrastam até um barco, ocultando-se no fundo deste, sem que ninguem os veja.

Os foguetes atiram, rumo às estrelas, seu efêmero resplendor. Os barcos já vão agora saindo mais carregados, pois os passageiros compreenderam que o *Titanic* está indo a pique. As mulheres soluçam. Os barcos que sairam com a metade da lotação recebem ordem de voltar, para tomar novos passageiros—mas a ordem nunca chega a ser cumprida. O navio vai afundando aos poucos, e a orquestra continua a tocar.

1 e 30 da madrugada. Ao baixarem outro escaler, o oficial em comando vê-se obrigado a abrir fogo para impedir a invasão dos que se encontram no convés de baixo. Uma mulher quer embarcar com o cachorro, um vasto cão dinamarquês. Como se recusam a aceitá-lo, volta para bordo, disposta a morrer com ele. O pintor Millet, «que trouxera durante toda a viagem um leve sorriso nos lábios,» já não sorrí mais; traz agora os lábios cerrados, mas acena adeus aos que partem, e leva agasalhos para as senhoras.

Benjamin Guggenheim, no seu *smok-*

ing impecavel, observa, sorrindo: «Estamos todos vestidos com esmero, e prontos a afundar como verdadeiros *gentlemen.*» O major Butt ajuda as senhoras a embarcarem, e despede-se de todas. A sra. Straus já se achava com um pé no barco. De repente voltou, e, dirigindo-se ao marido, declarou-lhe: «Passamos muitos anos juntos, e quero ir para onde você for.» O coronel Astor, depois de instalar no bote a sua jovem esposa, voltou para o convés, e, batendo um cigarro, disse tranquilamente: «Adeus, meu bem. Havemos de nos encontrar mais tarde.»

1 e 45. A proa já mergulhou de todo, e a popa se levanta para o alto, em direção ao céu, onde as estrelas continuam cintilando. Lá em baixo, nas caldeiras, os bombeiros cobertos de suor mantêm as fornalhas acesas, para que os holofotes não se apaguem, e a faisca azulada continue a lançar seu grito de socorro. Os foguistas separam e vão lançando as pás de carvão, com a água a lhes lamber os tornozelos. As válvulas de segurança estalam de repente; os foguistas recuam em direção à popa, e as portas dos compartimentos estanques se fecham por trás deles. Há cerca de 660 pessoas nos escaleres, e 1.500 ainda a bordo do *Titanic*, que vai aos poucos submergindo.

Nos alojamentos dos oficiais, os marinheiros trabalham freneticamente, cumprindo as ordens que lhes foram dadas. No posto do telégrafo sem fio, Bride amarra um salva-vidas à cintura de Phillips que, inclinado sobre o aparelho, continua a transmitir os pedidos de socorro. Um foguista, coberto de carvão, e quase louco de pavor, entra na cabine, sem que ninguem o veja, e procura arrancar o salva-vidas de Phillips. Bride se atira sobre ele, terminando por derrubá-lo. A orquestra continua a tocar. Já não é mais um *ragtime*, porem um hino religioso:

Virgem Maria, defendei-nos
Na hora da morte, protegei-nos...

Alguns homens repetem o estribilho, enquanto outros se ajoelham no convés, cujo declive é cada vez mais pronunciado. Várias pessoas se atiram no mar, apesar de gelado como está. Ouvem-se os gritos de uma mulher: «Me salvem! Socorro!» Alguem lhe responde: «Minha senhora, procure salvar sua alma. Só Deus poderá salvá-la, agora.» A água já subiu até a ponte de comando, onde se encontra o chefe do *Titanic*.

2 e 17 da manhã. O *Virginian* ouve um pedido vago e confuso de socorro e, de repente, mais nada. A faisca azul apagou-se para sempre e, com ela, todas as luzes do navio.

2 e 18. Passageiros e tripulantes correm pelo convés em plena escuridão; atiram-se no espaço, e são tragados pelas ondas, que lambem todo o navio. A popa agora se levanta como a cauda de uma gigantesca baleia. A chaminé da proa desmorona, e mergulha no mar. A pesada massa de aço atinge em cheio vários náufragos que se tinham atirado na água gelada, nadando desesperadamente. O *Titanic* se inclina quase a prumo para o mergulho final. Afunda, a princípio devagar, e depois depressa, depressa, cada vez mais depressa.

2 e 20. O maior navio do mundo foi a pique. Das águas tranquilas, onde os escaleres flutuam em plena treva, sobe um longo lamento, e a alva esteira de espumas se estende, qual soberba e impressionante mortalha.

Os botes se tinham afastado bastante para que o redemoinho provocado pelo afundamento do navio não pudesse atingí-los. Apenas alguns escaleres se achavam lotados; aqueles que só continham metade do número de passageiros indicado, poucos esforços puderam fazer, em

sua maioria, para tomar a bordo os náufragos, pois os oficiais receavam que, voltando a socorrer os outros, arriscassem a vida dos que já se achavam a salvo. Em alguns barcos os homens e mulheres, tomados de pânico, impediam com golpes de remos que os náufragos subissem para bordo. Uma mulher deu um murro num pobre homem já meio morto que procurava com grande esforço alçar-se para dentro do bote. Duas outras ajudaram-no, porem, e procuraram estacar o sangue que lhe corria do rosto ferido.

Eram 2 e 40 quando o *Carpathia* avistou a luz verde do barco n.° 2, e 4 e 10 quando lhe foi possivel socorrer os primeiros náufragos, sendo então informados de que o *Titanic* submergira. Não se ouviam mais os gritos e lamentos de ainda há pouco. Algum tempo depois, o radiotelegrafista do *Californian*, que se achava à vista do *Titanic* quando este submergira, repondo nos ouvidos o aparelho receptor, foi informado do desastre.

Àquela altura, justamente, os sobreviventes do *Titanic* viram por fim, ao longe, majestoso e alvo, o formidavel *iceberg* a flutuar no mar azul, tinto de leve pelas cores da alvorada.

Quinta-feira à noite, quando o *Carpathia* aportou em Nova York, 30.000 pessoas enchiam as ruas; ambulâncias e macas se enfileiravam no cais; médicos e enfermeiros aguardavam as vítimas, a cuja espera tambem se viam pessoas das famílias dos 711 sobreviventes, e dos que tinham sido dados por desaparecidos, numa vã esperança de encontrá-los ainda, sãos e salvos.

A multidão viu em silêncio a primeira vítima—uma mulher—descer cambaleando a escada de bordo. Um murmúrio correu entre a assistência, crescendo de volume e silenciando novamente.

A investigação feita pela Associação Comercial Britânica chegou a conclusões revoltantes. Os escaleres do *Titanic* tinham lotação para 1.178 pessoas, apenas, isto é, um terço da sua capacidade. Seus 16 escaleres e quatro botes de borracha tinham salvo apenas 711 náufragos, e 400 pessoas perderam a vida inutilmente. Sobre o *Californian* tambem pesava terrivel condenação. Vira os foguetes do *Titanic* mas não tinha recebido os avisos telegráficos, porque o radiotelegrafista adormecera.

«Ao avistar os foguetes,» informa o relatório «o *Californian* podia ter avançado através do gelo, sem correr maior risco, indo em socorro do *Titanic*. Se assim tivesse feito, teria salvo muitas das vidas que se perderam, e talvez mesmo todas.»

A arte de ser breve

¶ Victor Hugo entregara seu novo livro ao editor, e, na noite seguinte ao primeiro dia da publicação, não resistiu à tentação de indagar como andava o movimento de venda da obra. Enviou pois um cartão-postal ao editor, com um ponto de interrogação apenas.

E o interpelado respondeu na mesma moeda, com outro cartão em que se via, simplesmente: «!»

W. Orton Tewson, em *An Attic Salt-Shaker*

Estado Maior de inventores

À hora do perigo, Tio Sam entrou em ação com o seu exército de cientistas, nada menos de 6 mil, que estão contribuindo eficazmente para ganhar a guerra.

(Condensado do «Time»)

Do meio para o fim de 1942, os técnicos aliados receberam inquietadoras notícias sobre a crescente eficácia da campanha submarina alemã. Novas invenções e táticas germânicas estavam aumentando, mais e mais, o poder destrutivo dos submarinos. Os cientistas dos Estados Unidos puseram, por seu turno, em atividade o seu gênio inventivo, mas não podiam prever quando chegariam a resultado, ou quando se veriam os seus esforços traduzidos em fatos. No inverno que se seguiu, o alto comando aliado atravessou talvez o peor período da guerra, esperando uma campanha submarina que virtualmente cortaria as comunicações marítimas entre a América e a Europa.

Que os cientistas americanos acabaram ganhando a partida, é hoje fora de dúvida. Nos últimos dez dias de março de 1943, os afundamentos de navios aliados por submarinos baixaram dramaticamente de dois terços. Ao fim daquele ano, Adolfo Hitler reconhecia publicamente que «uma só invenção técnica dos nossos inimigos» havia detido os seus submarinos. Realmente, não se tratava de uma determinada invenção, mas de uma combinação de novas técnicas, devida a um exército de cientistas anônimos.

O general deste exército secreto é um arguto físico, de grande imaginação, o dr. Vannevar Bush, que dirigia, em tempo de paz, o vasto império científico da Instituição Carnegie. Como presidente do Comitê Reunido de Novas Armas e Equipamentos do Exército e da Marinha, é o primeiro civil que toma assento nos mais altos conselhos de guerra. A Repartição de Pesquisas e Aperfeiçoamentos Científicos, por ele chefiada, é efetivamente um quinto ramo do estado maior militar. Aí, trabalhando com os próprios laboratórios do Exército e da Marinha, acha-se mobilizada toda a pesquisa científica militar de que é capaz a nação americana.

O exército de Bush compõe-se de 6 mil dos mais autorizados cientistas dos Estados Unidos. Dedicam-se eles a definidos serviços, em cerca de 300 universidades e laboratórios industriais, recebendo seus salários normais de investigadores de laboratório. Não fazem jus a mais nada, nem mesmo a medalhas condecorativas. Seu trabalho é rodeado de fantástico segredo. Quando se reunem em grupos para trocar impressões, o local é vigiado, para evitar que possa alguem ouví-los. O serviço relativo a projetos supersecretos é realizado em lugarejos isolados, onde a entrada e a saida dependem de permissão especial. Para proteção complementar, confia-se usualmente a cada cientista apenas uma parte de problema, nunca um problema em seu todo.

Até hoje, a OSRD, que é a repartição de que se trata, tem promovido mais de

2 mil investigações, das quais se completaram 564, e produzido mais de 200 inovações técnicas. O único vestígio oficial do que se vai fazendo é o que se acha nos títulos das 18 divisões em que a repartição se distribue, como sejam as de radar, guerra à sub-superfície, rádio, novas armas de arremesso, projeteis especiais (provavelmente foguetes), controle de tiro. A maior de suas investigações é o radar,* a imediata em importância é a de guerra à sub-superfície.

O radar pode ser usado para descobrir ou pressentir a presença de objetos à superfície, ou acima desta, digamos um navio ou um avião, a 130 milhas de distância. Mas, para fazer o mesmo em relação a submarinos, há que recorrer, não ao radar, senão a ondas sonoras. As ondas sonoras comuns irradiam em todas as direções, como as pequenas ondas concêntricas provocadas por uma pedra que se joga num poço. No caso, porem, precisava-se de um raio de som que seguisse em linha reta, e recuasse na mesma direção quando encontrasse algum objeto. Tal problema foi, até certo ponto, resolvido durante a primeira guerra mundial por um físico francês, Paul Langevin, com o verdadeiro alcance de alta frequência de impulsos inaudiveis: os supersônicos. Mas só agora, com a segunda guerra, o detector supersônico veio a converter-se num instrumento digno de confiança. Diferentemente do conhecido detector de som que denuncia a aproximação de um submarino pelo ruido dos seus parafusos, o detector supersônico serve-se apenas de um raio de som, e seu eco, tal como o radar.

A OSRD já produziu uma quantidade de invenções mais prosaicas, porem de importância igualmente vital. A produção semanal dos seus cientistas, e dos cientistas aliados, é realmente espantosa. Numa semana, por exemplo, apresentaram: uma nova bomba explosiva de óleo e magnésio, pesando cerca de 200 quilos, que não pode ser extinta; um aparelho eletrônico cujo papel é regular a pressão do ar nos compressores dos aviões; dois novos tipos de carros blindados, muito resistentes, que transportam canhões e tanques, uma nova massa para cobrir fendas nas asas dos aeroplanos, diminuindo a resistência do vento, e poupando em consequência 180 cavalos de energia.

Os seguintes inventos americanos, inspirados pela guerra, são uma prova evidente do papel importante que a ciência vem desempenhando em relação a esta; torpedos auto-motores que podem percorrer cinco milhas, a 50 m.p.h.; vários métodos de fabricar macacões de aviadores, roupas e colchões a prova de fogo; aparelhos que tornam possivel montar um canhão de 75 mm. num aeroplano; torres de canhão para aviões operadas a motor, e miras automáticas; foguetes (e seu parente próximo—o avião de propulsão por jacto) que são empregados como arma leve (a bazuca por exemplo), em canhões anti-aéreos e outros, bem como para o ataque a aviões pesados, quando estes se acham em terra; matérias fosforescentes que permitem aos soldados e aviadores ver claramente durante a noite; vários métodos de desenvolver a produção da penicilina.

Tais são as maravilhas criadas pelos cientistas americanos, que estão conseguindo realizar em poucos meses o que exigiria normalmente cinco anos de pesquisas. O melhor exemplo da maneira por que trabalha o grupo do dr. Bush, será talvez o seu famoso caminhão anfíbio, o «Pato». O problema era o seguinte: fabricar um caminhão de 2 toneladas e

*Vide «A arma secreta que salvou a Inglaterra», Seleções, setembro de 1943.

meia de peso, que pudesse andar em terra e sobre as águas, e tomasse parte ativa nas operações de captura de cabeças de ponte. Era uma tarefa em que muitos fracassaram. Na maioria das tentativas, colocaram um caminhão comum sobre pontões, o que não deu resultado. O OSRD confiou a parte mais dificil do projeto, não a um fabricante de tanques, mas a uma firma especializada no fabrico de iates, Sparkman & Stephens. Foi esta encarregada de apresentar uma espécie de casco, com compartimentos estanques; o chassí e o motor ficaram a cargo da *General Motors*. Dois meses depois, o grupo da OSRD completara a produção do «Pato», o qual tem prestado serviços inestimaveis nas operações de desembarque no Pacífico. Transporta de 35 a 50 homens, atravessa as ondas mais encrespadas, e desce e sobe facilmente às bordas das crateras abertas pelas bombas.

Grande parte do que vem sendo realizado pela OSRD deve-se ao seu chefe Vannevar Bush, extremamente capaz e de uma grande modéstia. Magro e um tanto ríspido, Bush, que tem agora 54 anos, começou a interessar-se pela ciência devido a uma verdadeira mania que tinha de consertar tudo o que lhe caisse nas mãos. De uma curiosidade insaciavel, e dono de prodigiosa memória, tem feito notaveis contribuições para o progresso da eletricidade aplicada, e da eletrônica.

Depois de formar-se em engenharia, trabalhou para a Marinha na Primeira Guerra Mundial, em pesquisas sobre aparelhos anti-submarinos. Mais tarde ensinou engenharia elétrica no Instituto Tecnológico de Massachusetts, onde inventou um «cérebro mecânico», capaz de fazer os mais complicados cálculos de matemática. Os matemáticos consideram esta máquina um dos mais importantes inventos da moderna tecnologia de laboratório.

A OSRD foi uma idéia de Bush, nascida antes da guerra. Alarmado com o fato de que os Estados Unidos se achavam tão mal preparados em matéria de tecnologia militar, reuniu ele, em 1940, um grupo de cientistas de destaque, lançando um plano para a organização das pesquisas científicas do país em caso de guerra. O Presidente Roosevelt aprovou o projeto incontinenti. Mais tarde, outros cientistas e militares se lhes reuniram, formando-se assim um verdadeiro comando científico americano.

As pesquisas científicas, quando dão resultado, compensam geralmente os esforços que exigem, pelo renome profissional e pelo prestígio que delas resultam. Bush, porem, mobilizou os melhores cientistas da nação, sem nada lhes oferecer em troca, a não ser o anonimato, e o cumprimento de um dever patriótico. É duvidoso que algum deles venha jamais a ser reconhecido pelo público como o autor das suas descobertas.

Vannevar Bush considera-se como um homem essencialmente amigo da paz, que está cumprindo uma missão desagradavel, mas necessária. Recusa-se a discutir as futuras possibilidades dos inventos da OSRD em tempos de paz. A seu ver, o principal papel da OSRD é abreviar a guerra. Uma vez terminada esta, parece-lhe porem indicado que uma organização nos moldes da OSRD continue a existir.

¶ Uma vez fizeram a Chesterton a já famosa pergunta: «Se o sr. fosse condenado a passar a vida numa ilha deserta, que livro escolheria para levar consigo?» Ao que o grande escritor inglês respondeu, sem hesitar: «O *Manual do Fabricante de Navios*, por Thomas».

Maisie Ward, *Gilbert Keith Chesterton* (Sheed and Ward, editores)

¶ *Ajudado por dois mil cidadãos, um juiz arranca muitos adolescentes à perdição*

«Crianças perante o tribunal»

(Condensado do «Kiwanis Magazine»)

Por Karl Detzer

Perante o jovem juiz Hatfield estava sentada, um tanto irrequieta, uma moça de 15 anos, de olhar inexpressivo. A seu lado via-se a chefe da Casa de Detenção do concelho de Berrien. O juiz, recostado muito naturalmente em sua cadeira, estudava alguns papéis. A sala, de aparência modesta, continha várias estantes cheias de livros usados; a um canto havia um busto de Lincoln, e por toda parte, fotografias de homens e cachorros. Fora, uma interminavel fila de caminhões dirigia-se ruidosamente para Chicago, pois a cidade de S. José no Míchigan (população de 8.500 habitantes), onde se passa esta história, está situada à margem de um lago, e é o centro da maior região frutífera do meio-oeste.

Tudo parecia muito natural—e no entanto o Tribunal estava em plena sessão. O juiz estudava um relatório policial.

«Esta moça frequenta espeluncas,» dizia o relatório. «Passa as noites com rapazes. O tio e os professores alegam que é indisciplinada.»

«Volte amanhã,» ordenou o juiz Hatfield. Após a partida das duas mulheres, dirigiu-se ele de automovel a Blankville, cidade natal da jovem. Alí visitou um pregador, um quitandeiro, o dono de uma garage e um médico de aldeia, todos vizinhos de Mary, a delinquente.

De cada um indagou da vida da moça. Todos sabiam bastante, e o que sabiam, narraram. Não forneceram testemunhos que pudessem ser aceitos por um tribunal, nem dados científicos coligidos nas notas de pesquisadores de crimes. Apenas fatos e opiniões de quatro simples cidadãos vizinhos de Mary, e de seu tio Jake, em cuja casa ela vivia.

«Jake é um patife,» disse o quitandeiro. «Faz a menina trabalhar como uma escrava. Espanca-a.» «Chega a passar privações,» acrescentou o dono da garage. «Deixa que ela ande esfarrapada. E' um homem mesquinho e preguiçoso.» O pregador disse que Mary não frequentava a escola dominical, nem tomava parte em qualquer atividade religiosa.

«A casa de Jake é uma pocilga,» resmungou o médico. «E no entanto, ele provem de boa família. A irmã é uma senhora decente, professora numa escola perto de Watervliet. Não percebo porque ela não ficou com Mary quando os pais da pequena morreram.»

No dia seguinte Jake e a irmã sentavam-se no Tribunal, e ouviam o plano do juiz Hatfield. A senhora ficaria com Mary, e oferecer-lhe-ia uma vida nova em novo ambiente.

«Arranje-lhe amigos de sua idade,» aconselhou o juiz. «Leve-a à igreja e ao cinema. Ajude-a em seu trabalho escolar. Dê-lhe um bonito vestido.»

Isto foi há seis meses. Mary vai-se dando bem no seu novo lar, graças à idéia do juiz Hatfield de que um bom vizinho vale por muitos arquivos de casos «científicos».

Mais de dois mil destes vizinhos do distrito de Berrien servem no tribunal de Hatfield como simples colaboradores amistosos, sem qualquer remuneração. Estes voluntários representam todos os credos e grupos raciais, e falam várias línguas. O juiz Hatfield escolhe-os cuidadosamente, ou entre suas vastas relações, ou entre os chefes dos grupos religiosos, educacionais ou comunais. Devem ser pessoas decentes, firmes, sensatas, de bom coração, e justas. O jovem magistrado nunca escolhe apressadamente um conselheiro.

O orçamento da comarca permite-lhe pagar somente um investigador para trabalhar naquela comunidade de cem mil pessoas. Assim, há seis anos que depende da opinião e conselho de simples cidadãos.

«Com bom senso e ajuda comum, aplica-se muito boa lei,» argumenta ele, e a Corte Suprema do Estado confirmou esta opinião em todos os quinze casos de recurso de suas decisões.

Malcolm Hatfield, magro, veemente, de voz doce, ardentes olhos cinzentos, e um perfil de astro cinematográfico, parece mais moço do que aparentam seus 38 anos. Seu pai era fabricante de arreios na aldeia de Hoosier, e possuia pouca saude por ter combatido na Guerra Hispano-Americana. A família, doente e pobre, mudou-se do Indiana para o Colorado, depois para o Míchigan, e acabou regressando ao Indiana.

Pode ser que seja a recordação dessas migrações que leva Hatfield a remover imediatamente crianças rebeldes de lares onde não há estabilidade, e a fixá-las em casas de famílias de profundas raizes.

Com 8 anos de idade, Hatfield ganhava 50 centavos por um dia de trabalho de 10 horas, nas plantações de cebolas. Ele próprio custeou seus estudos. Aos 16 anos alistou-se no exército para combater na Primeira Grande Guerra, e foi sumariamente afastado quando os oficiais descobriram que havia falsificado sua certidão de idade. Um ano mais tarde tornou a alistar-se. Depois da guerra, trabalhava à noite em depósitos de carvão, e de dia frequentava a Universidade de Notre Dame.

Tendo completado um curso de jornalismo, desistiu, não obstante, de fazer vida de imprensa. Enquanto estudava para defender tese, obteve emprego de professor na escola primária de Niles, Míchigan, a pouca distância de suas classes.

Naquele ano de 1933, todo o Estado de Míchigan ouviu falar dele porque, numa reunião de professores estaduais, afirmou exaltadamente: «Se as crianças filam as aulas, é porque não gostam de vocês, professores, e elas não antipatizariam com vocês se não tivessem boa razão para isso.»

Depois desse desabafo, o governador nomeou-o para o Conselho Estadual de Estudos de Delinquência.

No Míchigan, os tribunais de infância são presididos por juizes de direito da comarca. Os políticos, não conseguindo encontrar um advogado desejoso de candidatar-se contra o popular juiz que vinha exercendo o cargo, lançaram mão do jovem professor. Para gozo dos passadistas, Hatfield construiu sua própria «máquina eleitoral» entre os clubes de pais e professores, associações de auxílio feminino, grupos religiosos—e ganhou folgado. Desde então já por duas vezes os eleitores voltaram a elegê-lo para o cargo, pelo partido democrático, num distrito de esmagadora maioria republicana.

No ano passado o juiz chegou à conclusão de que a maioria das crianças que lhe eram levadas ao Tribunal provinham de famílias que viviam da assistência

pública. Os pais recebiam 200 cruzeiros por mês para comida, e mais 40 por cada filho. Então sua esposa e ele esvaziaram o guarda-comida, e fizeram a experiência de viver com quantia idêntica ao auxílio percebido por aquelas famílias.

«Papas de milho, batatas e aveia!» diz ele. «Todos os dias! Chega-se a um ponto que não se aguenta mais. Não há quem, metido em tal situação, não peça esmola, roube, ou faça qualquer loucura, por um bom bife ou um copo de laranjada. Aguentamos aquele regime durante duas semanas. Agora, quando uma criança de família que vive de socorros é trazida à minha presença e acusada de furto, penso sempre primeiro naquelas duas semanas, antes de tomar uma decisão.»

Hatfield não pretende que seu método de tratar delinquentes juvenís seja o único, nem sequer o melhor.

«Um corpo de peritos volantes, seções de pesquisas bem montadas, e clínicas psiquiátricas diárias, são coisas esplêndidas, se pudéssemos tê-las,» diz ele. «Mas lembrem-se que, de 3.000 distritos dos Estados Unidos, não mais de 200 as podem possuir. O resto tem de se arranjar o melhor que puder, apenas com o cérebro que Deus lhes deu.»

Hatfield faz conferências em grupos educacionais, clubes religiosos, e corpos de educação cívica, mas sempre remuneradas. A maior parte da renda assim auferida é gasta em pôr em prática as suas recomendações—entradas de cinema, anuidades de clubes recreativos juvenís, excursões de verão, uniformes de escoteiros.

Certa vez, ele comprou um porco.

Eis como se deu o caso. Um professor telefonou-lhe dizendo: «O sr. precisa dar um jeito em Ralph P—. Foge da escola, odeia os professores, é um péssimo elemento.»

«Vou ver o que posso fazer,» prometeu o juiz. Descobriu que, quando Ralph gazeava aulas, tomava infalivelmente o caminho do campo. Mandou então chamar o rapaz, e propôs-lhe fazerem uma caminhada juntos.

«Ralph ficava entusiasmado sempre que passávamos por um rebanho ou uma parelha de cavalos,» explicou o juiz. Mas os porcos eram a sua paixão. O resto foi facil. Seu pai, homem sem recursos, concordou em se mudar para o campo.

No dia seguinte à mudança da família, chegou o porco. Isto se passou há dois anos. No outono passado, o rapaz ganhou um prêmio numa exposição rural com seu bem tratado porco; possue vários porquinhos que serão futuros campeões, é sócio de um clube, obtem boas notas na escola, nunca mais faltou, e economiza dinheiro para comprar uma fazenda.

Outro caso foi o de um rapaz preto, de 17 anos, maltrapilho, sub-nutrido, de rosto fechado, que enfrentou o tribunal para responder pelo terceiro furto que cometia em dois anos.

«Porque é que você continua roubando, Charley?» perguntou bondosamente o juiz Hatfield.

«É a única maneira, que eu saiba, de alcançar qualquer coisa,» respondeu o rapaz. O juiz olhou para a ficha do paciente. Charley tinha razão. Dentro do seu mundo miseravel, roubar era provavelmente a única coisa que sabia. Gentileza, amor próprio, decência, estavam fora da sua compreensão.

Hatfield telefonou à esposa pedindo que lhe trouxesse imediatamente uma muda completa de roupa.

«Que sorte usarmos o mesmo tamanho,» observou o juiz. «Tenho um emprego em vista para você, e quero que se apresente o melhor possivel.»

Um dos bons vizinhos de Hatfield empregou Charley. Isto foi há três anos.

Charley ainda tem o mesmo emprego, está terminando seu curso ginasial, e pretende entrar na Universidade Estadual no próximo ano, para estudar medicina.

Tais resultados não se obtêm frequentemente sem sacrifício por parte da esposa e dos amigos de Hatfield. Um dia, no inverno passado, uma agência de auxílio solicitou ao juiz a remoção de seis crianças de junto de seus pais que não podiam ou não queriam proporcionar-lhes um lar. O pai, desempregado, sem teto, sem qualquer peça de mobiliário, sem alimentos e sem um centavo, havia perdido já toda esperança.

O juiz encontrou uma pequena casa pelo aluguel mensal de 100 cruzeiros. Alugou um caminhão, e mandou-o ir às casas dos seus amigos para colher toda espécie de roupas, moveis e comida que pudessem ceder. E disse à mulher: «Vai chegar aí um homem para buscar a mesa da cozinha e algumas cadeiras—e um colchão tambem.»

«Mas o que faremos nós sem essas coisas?» perguntou ela.

«Nós nos arranjaremos,» respondeu calmamente. «Deus tem sido bom para conosco, e bem podemos dar a outros parte do que Ele nos deu.»

Todas as semanas o caridoso juiz espalha suas idéias entre milhões de leitores dos jornais da província e periódicos religiosos. A sua coluna «Crianças perante o tribunal» é distribuida gratuitamente a qualquer editor que por ela se interesse, e tantos são os pedidos, que isso lhe custa milhares de cruzeiros por ano em despesas de cópia e remessa postal.

Nessa coluna ele trata, em palavras simples, dos «Lares tradicionais», da «Linguagem vulgar», da «Vagabundagem», de «O mal das armas como brinquedos», da responsabilidade dos pais, da escola e da igreja, na educação da juventude.

Não são só as crianças que vivem no distrito de Berrien que tiram proveito dos métodos de Hatfield. No outono passado um amigo de Detroit, a 250 quilômetros de distância, telefonou-lhe a respeito de uma moça que vivia em meios pobres, e estava enveredando por mau caminho.

«Ponha-a no próximo ônibus,» ordenou Hatfield. «Estaremos à sua espera.» Desligou o fone, e, virando-se para a mulher, disse: «Vamos ter hóspedes por 15 dias.» E desta sorte uma jovem do estado vizinho «não se perdeu».

E assim o juiz de Berrien vai salvando rapazes e moças. Seus instrumentos são bondade, esperança, compreensão, senso prático. Seus auxiliares, dois mil bons vizinhos.

¶ Quando Hitler discursa perante um dos grande auditórios de Berlim, sua voz pode ser ouvida nos Estados Unidos antes de o ser no próprio auditório, porque, enquanto a voz se transmite à velocidade de 270 metros por segundo, as ondas curtas têm a velocidade de 300.000 quilômetros por segundo.

Silas Bent, na *Review of Reviews*

¶ *Tocado pela asa da Morte, salvou-o a vontade de viver e lutar*

Um aviador que não se deu por vencido

(Condensado do «Esquire»)

Por Paul Gallico

As modalidades do heroismo são tantas quantos os heróis. No caso de Sam Logan, que a seguir narramos, o heroismo consistiu em que, metido numa camisa de onze varas, o nosso amigo soube manter o sangue-frio e usar os nervos de aço que Deus lhe dera.

Sam nasceu no Kansas, tem 22 anos, e é capitão aviador do Corpo de Fuzileiros. Em junho do ano passado, andando a pilotar um caça Vought Corsair, foi mandado com uma esquadrilha a interceptar uns cincoenta Zeros e bombardeiros japoneses que se dirigiam ao ataque de Bougainville. Era essa a sua segunda missão de combate: na primeira tinha conseguido pôr abaixo um Zero; desta vez, porem, foi ele o abatido.

Andavam envolvidos em duelos a grande altura, uns 6.000 metros, quando de repente Logan sentiu que o seu Corsair vibrava de maneira bem inquietante. Olhando para trás, verificou que o fogo do inimigo lhe fizera em tiras os planos da cauda do aparelho. Não havia remédio senão abandonar o posto de pilotagem e o nosso piloto içou-se logo para fora, pulou no espaço e puxou a corda do paraquedas. A seda desdobrou-se por cima, e Sam começou a balouçar caminho de terra, através de um céu sulcado em todos os sentidos pelos aviões uivantes, e trespassado de assobios de balas.

Foi só então que a verdadeira aventura começou. O Zero que lhe tinha esbandalhado o caça veio picando direito a ele, com um grunhido de mau agouro e sarcasmo, e as metralhadoras cuspindo fogo. Sam, conforme pôde, manipulou as guias do paraquedas, conseguindo assim produzir um movimento de balanço que o tornava menos exposto às balas do inimigo, do que se descesse pairando como um alvo inanimado. O japonês, com efeito, errou o alvo. Mas não desistiu, e voltou logo a subir, preparando-se para segunda arremetida.

Oscilando no ar, Sam conservava perfeita lucidez de pensamento. Podia ver e ajuizar de tudo—a velocidade, a aptidão aeronáutica do atacante, o círculo faiscante da hélice que de novo avançava para ele—e até, fato relativamente animador, que o nipão já não vinha disparando. O inimigo, que alívio, esgotara as munições! Mas se assim era, porque diabo é que ele tornava agora ao ataque?

O Zero picava em direção a ele com um rugido atroador, e Sam compreendeu... Com os dedos enclavinhados nas guias do paraquedas, esperou, computando distâncias, segundos—o fio que retinha preso à vida! O furacão aproximou-se vertiginoso, e à sua passagem Sam encolheu vivamente as pernas: Santo Deus, quase podia ter-lhe tocado na fuselagem! E as pás da hélice, que o deviam ter decepado com a fulminante rapidez da acha dum carrasco, nem sequer o roçaram.

O Zero pulou como uma faisca e entrou numa curva ascendente, para outra carga

de morte, e Sam pôs-se a manobrar as cordas do paraquedas, tentando forçá-lo a descer mais depressa. O Zero veio de novo em cima dele, rugindo, brandindo a hélice num molinete de morte: um choque violento, uma dor lancinante... Quando olhou para baixo, Sam viu que perdera o pé direito, cortado cerce. Das veias e artérias o seu sangue precioso, e a vida com ele, jorrava ininterruptamente no espaço...

O Zero, insistente, volveu para o seu quarto passe de morte. Mas encontrou pela frente um homem que ainda lutava: Sam perdera um pé, mas conservava a coragem e a lucidez. Tornou a encolher as pernas—e o Zero errou mais uma vez o golpe. Foi então que das alturas, como um pássaro vingador, arremeteu um P-40 do Exército Americano, disparando por quantas bocas de fogo tinha, e o Zero bateu em retirada. Agora em paz, Sam foi flutuando para baixo, para o que, noutras condições, teria sido o fim de tudo. Qualquer homem a quem a hélice dum avião cortasse o pé assim em pleno ar, teria perdido conciência por via do choque, do susto, ou da perda de sangue; ao chegar em baixo, desmaiado, teria perecido de hemorragia ou afogado. Mas não foi o que se deu neste caso. Quem ia alí era um moço cheio de raiva, de espírito combativo, desejoso de viver e esperar outra ocasião de se entender com o inimigo. Aquilo era mais do que simples instinto de conservação. E nem sinais de susto sentia. Fora-se-lhe um pé—mas ainda tinha a cabeça no lugar.

Pousou enfim nas águas azues, tingindo-as em volta com o rubro do seu sangue. Mas nem isso mesmo o assustou. Tinham-lhe ensinado certas coisas que era preciso fazer em tais condições, e isso mesmo ele fez. Desembaraçado das cordas do paraquedas, fez girar a válvula do seu bote de borracha; o tubo assobiou alegremente, e o flutuador, inchado como um balão, boiou nas ondas. O piloto ficou um momento agarrado ao bote, apelando para todas as forças, e finalmente, num impulso de energia, marinhou para cima do salva-vidas.

Pela canela decepada, no jacto rítmico das artérias abertas, a vida de Sam continuava a golfar sinistramente para o mar. O combate lá em cima esmorecera, afastara-se para longe, e ele ficou só, entregue ao sol e às ondas. Procurou então o estojo de primeiros socorros. Manobrando com toda a cautela para não virar o flutuador de borracha, preparou um torniquete e aplicou-o à perna, um pouco acima do joelho, apertando o melhor que pôde. O jorro do sangue cessou, e o ferido sorriu de satisfação. Logo, tendo achado os comprimidos de sulfa e de morfina no estojo, tragou-os. Em seguida deitou-se de costas à espera do que desse e viesse...

Em que é que um moço daquela idade havia de pensar em semelhantes circunstâncias? Na salvação? Na mãe? Na casa, longe?... Nada disso... Sam estava mas era pensando num tal Major Alexandre de Seversky, que tambem perdera uma perna em combate aéreo, quando durante a outra guerra servia na Aviação Imperial Russa, e que, a despeito de ser um mutilado, fizera carreira e se tornara um dos aviadores mais célebres do mundo... Nesse caso ele, Sam, tambem poderia, se usasse um pé artificial, voltar ao ar e à luta! Porque não? Ah, deixassem-no só agarrar a jeito outro daqueles Zeros japoneses!...

Lá no alto, em pleno azul, apareceu voando em círculos um avião que parecia procurar alguma coisa. Amigo? Inimigo? Tambem para isso Sam soube encontrar a resposta: com o espelhinho de metal do seu estojo de primeiros socorros, pôs-se a

fazer sinais de reconhecimento. O avião baixou: tinha flutuadores, e ostentava a estrela branca da Aviação Militar Americana. Roçou nas ondas, aproximou-se, e uma hora depois Sam repousava num hospital militar de base. A esta hora, já deve ter o seu pé artificial, e é mesmo possivel que já tenha tentado, com certa incerteza e timidez, manobrar de novo os pedais de governo e a barra de comando de outro aparelho de combate...

...Eis aí a história de um moço que viveu para regressar ao bom combate—porque soube lutar para viver!

Para ser um psicólogo de salão

(*Vide pág. 11*)

Que é que você preferiria fazer acima de tudo?

Se a resposta for segura e bem definida, é sinal de que você sabe o que quer, e pensa com clareza. Se for um tanto vaga, como por exemplo «viajar», isso dá a entender que a indecisão é um dos traços do seu carater, que se deixa influenciar facilmente pelas opiniões alheias.

Eis algumas respostas típicas, e o que elas indicam:

Jogar golfe—tipo claramente definido, amigo da precisão, capaz de interessar-se por pequenos detalhes.

Dansar, nadar, voar—agrada-lhe muito a harmonia e a tranquilidade. Inimigo de discórdias, quer a «paz a todo preço».

Pintar, escrever, tocar piano—inclinação artística, em geral não acompanhada de faculdades criadoras, a não ser que outras respostas venham a desmentí-lo.

Dormir, descansar, ou conservar-se inativo—complexo de inferioridade, descontentamento, desejo de escapar a toda e qualquer responsabilidade.

Assistir à representação de uma boa peça—espírito alerta, faculdade de discernimento; precisa frequentemente de um derivativo para o esforço mental, grande capacidade de direção.

Que preferiria ver acima de tudo?

Lugares ou coisas determinadas indicam o ânimo decidido de quem sabe o que quer. Belas paisagens, ou paises distantes—natureza afavel, dada a divagações.

«Pessoas queridas»; «Meu marido»—tipo feminino, extremamente afetuoso, e de grande delicadeza.

Lugares determinados, como a Suiça, os Andes, Honolulú—mentalidade independente, com traços caraterísticos que encontram algum interesse especial nos lugares escolhidos.

Crepúsculos—atração pelas cores, habilidade artística, espiritualidade.

Mulheres bonitas—interesse masculino pelo sexo oposto, menino que ainda sonha com caçadas...

Que preferiria sentir acima de tudo?

Os que interpretam *sentir* como *emoção*, são tipos mais emotivos que aqueles para os quais o termo sentir sugere sensações físicas.

Sentir-me bem, sentir-me feliz—tipo um tanto emotivo, tímido e moderado, personalidade pouco marcada.

Segurança, tranquilidade—atitude de quem já passou por muita coisa, mas ainda não entregou os pontos.

O contacto de fazendas aveludadas, de ga-

tinhos peludos, ou da pele de um bebê—tipo feminino. Aprecia boas roupas, é delicadamente sensual, e tem pendor para gostar do sexo oposto.

Água, ar livre, a sensação da chuva a cair sobre o rosto—carater simples, sincero e honesto. Em resumo, «o sal da terra», sem afetação alguma.

Êxito—tipo concentrado em si mesmo, e senhor de grande energia.

Que preferiria comer acima de tudo?

A preferência pelos alimentos crus, ou preparados com simplicidade, é índice de uma natureza despida de afetação e desinteressada. Os que preferem os pratos complicados, são geralmente preguiçosos, dão menos do que recebem, e se sentem infelizes quando o supérfluo lhes falta.

Frutas—amigos da natureza.

Bifes, carne mal assada—indivíduos dotados de senso comum, práticos, honestos, mas um tanto bruscos.

Caviar, lagosta, espargos com maionese—pessoas muito mimadas, que querem ser tratadas por todos com a maior atenção. Grandes apreciadoras da vida boa e facil.

Sorvete, balas, e bombons—a eterna criança que gosta de ambientes alegres, da vida social, e de festas.

Saladas—expressão de bom gosto e discernimento. Exigentes na escolha de trajes, de moveis e de amigos, mas ótimos companheiros quando se dão ao trabalho.

Se você tivesse que ser pássaro para o resto da vida, que pássaro preferiria ser?

As pessoas que escolhem pássaros de gaiola sofrem de um complexo de inferioridade, e gostam que os outros se ocupem delas; são um tanto preguiçosas. A preferência por pássaros selvagens indica ambição e gosto de êxito individual.

Pássaros de penas multicores, pavão, etc.—tendência a chamar atenção sobre si, e a vestir-se com apuro; vaidade; grande inclinação para o sexo oposto.

Andorinha, pintarroxo, colibrí—exigência; incapacidade para concentrar a atenção sobre coisa alguma, pendor para a intriga.

Pássaro azul, cardeal—gosto marcado pelas roupas de cores vivas; admiração pelas artes, e afabilidade de natureza.

Coruja—Bom senso, reflexão, espírito analítico.

Rouxinol—timidez, capacidade de grandes emoções, e geralmente acentuada fidelidade.

Se você tivesse que ser animal para o resto da vida, que animal preferiria ser?

Os animais domésticos são um índice de «bom marido ou boa esposa»; indivíduos sinceros, de boa índole, sem muita imaginação. Os animais selvagens indicam desejo de conquista e aventura, certa falta de escrúpulos, capacidade de enfrentar e vencer provações e vicissitudes, instintos protetores e virís.

Cavalo—bons amigos, leais e prestimosos. Quando se trata de cavalos de corrida, são ambiciosos, enérgicos, e bons chefes, dotados de grande imaginação. Cavalos de parada, indicam uma tendência ao exibicionismo, mas com certa delicadeza e timidez.

Cão—gênero doméstico, que requer afeto e proteção. Quando indicarem uma determinada raça, as suas caraterísticas correspondem de ordinário a diferentes traços de carater.

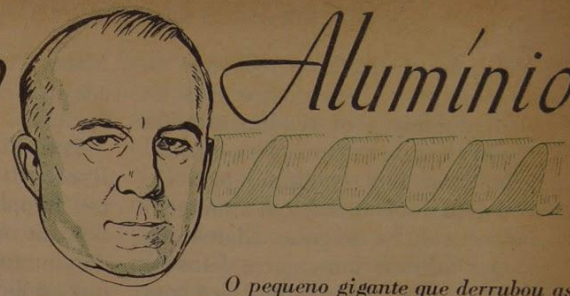
Animais selvagens—Pessoas resolutas. São bons chefes de família, ou de organização, fadados ao êxito, e capazes de crueldade.

Gato—todas as caraterísticas do tipo marcadamente feminino. Deixam-se influenciar facilmente pela lisonja, e revelam certa falta de sinceridade.

Vaca—pessoas plácidas, bondosas, que vivem sempre a depender de alguem, e são destituidas de imaginação.

CERTO deputado federal nos Estados Unidos, de tendências francamente reacionárias, percebeu certo dia, horrorizado, que a sua nova secretária, enganando-se ao traduzir as notas taquigráficas, enviara várias cartas endereçadas a «Meu camarada», em vez de «Meu caro amigo»... —Do *Newsweek*

Aladino do Alumínio



(Condensado do «Kiwanis Magazine»)

Por Edwin Diehl e Vernon Pope

O pequeno gigante que derrubou as muralhas de um fechado domínio

MUITO TEMPO antes de estalar a presente guerra, a Alemanha já havia começado a incrementar sua produção de alumínio, e em 1939, esse país e a Itália tinham conjuntamente uma produção três vezes maior do que a dos Estados Unidos.

Uma das poucas pessoas que pareciam apreensivas com a situação era R. S. Reynolds, eminente industrial americano, que fabricava alumínio em folha para acondicionamentos e outras utilidades comerciais. Mr. Reynolds previa que, se rebentasse a guerra, seria um conflito em grande parte aéreo—o que, em outras palavras, significava que haveria grande carência de metais leves. Começou então batalhando para que os Estados Unidos acelerassem a produção de alumínio. Naquela ocasião, entretanto, nem os industriais, nem os elementos administrativos de Washington o levaram a sério. Havia enormes reservas de alumínio, para qualquer emergência, afirmavam fleugmaticamente.

Quando se deu a queda da França, as outras nações que estavam contra Hitler, não só se viram privadas do alumínio já em estoque, como tambem perderam suas fábricas produtoras.

Reynolds decidiu-se então a produzir alumínio em larga escala. Durante cincoenta anos, a indústria desse metal tinha sido um privilégio da Aluminum Company of America. Nesse ínterim, os industriais Henry Ford e J. B. Duke pensaram em produzir tambem esse metal, e assim competir com a única companhia produtora, porem não levaram a termo esse propósito.

Banqueiros e industriais advertiram então a Reynolds do perigo de um fracasso nesse ramo de negócio; ele, porem, teimou em levar avante o seu intento. Não deu importância à advertência, e hoje suas fábricas estão produzindo mais alumínio do que os Estados Unidos, a Inglaterra e a França produziam, conjuntamente, em 1939. Na verdade, a Reynolds Metals Company produz atualmente um quinto ou talvez 25% do alumínio dos Estados Unidos.

Quem é porem esse homem extraordinário, que se atreveu a derrubar o temido monopólio do alumínio?

Richard Samuel Reynolds nasceu há 62 anos em Bristol, estado de Tennessee. Cursou a Universidade da Virgínia, vindo depois a formar-se em Direito na Universidade de Colúmbia, em Nova York.

Iniciou-se mais tarde no negócio de fumo que mantinha um seu tio, R. J. Reynolds, e teve aí a oportunidade de estabelecer o primeiro contacto com um monopólio. A história da luta entre Reynolds e Duke, que então detinha o monopólio do fumo, é um dos grandes acontecimentos nos fastos das indústrias americanas.

Reynolds começou a trabalhar aos vin-

te e dois anos de idade, percebendo 50 dólares por mês, e, em quatro anos de trabalho, duplicava os rendimentos do tio, tendo descoberto uma lata especial para conservar fresco o fumo para cachimbo, a qual substituía com vantagens a popular sacolinha de pano. Mais tarde começou a fabricar um cigarro feito de uma mistura especial de fumo fraco com fumo forte de Kentucky, o que deu como resultado um cigarro realmente agradavel. O público manifestou logo sua preferência, e as vendas se avolumaram tremendamente. Seu tio ofereceu-lhe então um lugar como vice-presidente da companhia, com o salário de 100 mil dólares por ano, porem Reynolds não aceitou, pois já era pai de família, com quatro filhos, e desejava estabelecer-se por conta própria. Na guerra passada, ei-lo a fabricar cartuchos baratos e eficientes para projeteis e pólvora.

Foi em 1919 que encetou novo negócio, começando a fabricar folhas finas de chumbo, e mais tarde passou a empregar o alumínio. Essas folhas de alumínio, tambem conhecidas como «papel de prata», eram muito usadas no comércio, para empacotamentos, envólucros para caixas de cigarros, bombons, confeitos, etc. Tal foi o crescer do negócio, que Reynolds estabeleceu uma série de fábricas.

Quando, em 1940, se decidiu a entrar no comércio do alumínio, foi a Washington, irrompeu pela sala de expediente de Jesse Jones, chefe da Divisão de Financiamento e Reconstrução, exibiu todas as garantias e títulos que possuía, apresentando um relatório da produção das suas 28 fábricas, e mediante esses valores e dados, levantou um empréstimo de 40 milhões de dólares. A Aluminum Company of America (Alcoa) controlava então todas as minas de bauxita (o minério com que se faz alumínio) e a Reynolds Metal Company teve nesse ínterim que adquirir minas próprias no estado de Arcansas.

Pouco tempo depois, o Presidente Roosevelt clamava pela fabricação de 50 mil aeroplanos, o que exigiria o emprego de mais ou menos 400 milhões de quilos de alumínio, e a Alcoa, que mantinha o monopólio do metal, só podia produzir anualmente metade da quantidade requerida. Os poderes administrativos, em Washington, começaram então a se manifestar. Onde iria o país conseguir tal quantidade de alumínio?—era a pergunta.

Os engenheiros de Reynolds entraram em ação, e em seis meses tinham transformado em enorme fábrica o que antes era apenas um campo de algodão e pinheiros, perto de Sheffield, no estado de Alabama. A bauxita entrava em bruto por um dos lados da fábrica e pelo outro já ia saindo o alumínio pronto, em lâminas e barras manufaturadas. Era a primeira vez no mundo que uma única fábrica se encarregava de todo esse complicado processo.

Quando Reynolds teve notícia do desastre de Pearl Harbor, comunicou-se imediatamente pelo telefone com um dos departamentos de requisições do exército, estabelecido em Wright Field, em Dayton, estado de Ohio, e disse ao oficial encarregado:—Remeteremos mais meio milhão de lâminas de alumínio até janeiro de 1942.

—Como? perguntou o oficial. —É a pequena fábrica Reynolds que fala? Impossivel!

—Não se engane! exclamou ele.—Aquí é a *grande* Companhia Reynolds!

Duas semanas depois, Reynolds voltava a Washington e explicava. Tinha construido uma fábrica em seis meses e poderia construir outra em menos tempo. Os poderes administrativos protestaram. Ninguem seria capaz de levantar fábricas em tão pouco tempo. «Mas nós não necessitamos de meros edifícios,» afirmou Reynolds, «e sim, de alumínio.» «Os homens poderão trabalhar em simples barracas, se for preciso,» concluiu. E ele sabia a cartada que estava jogando...

E há alguns meses, quem tivesse oportunidade de visitar a vasta fábrica No. 8, que Reynolds tem em Louisville, veria alí as enormes máquinas de compressão moldeando tubos, barras e chapas de alumínio, embora montadas sobre chão de terra batida. Em outro recanto, o visitante veria um enorme barracão de lona, cobrindo uma parte da fábrica que ainda não estava pronta. Mas, a despeito disso, o precioso metal estava sendo preparado em tarefas contínuas de 24 horas por dia.

Reynolds possue hoje quarenta fábricas distribuidas por 14 estados americanos, com um total de 30 mil operários, e cujo valor sobe a 80 milhões de dólares. Essa companhia não produz agora só o alumínio, como tambem seu já conhecido «papel de prata», que é usado para empacotar muitas coisas, a partir de metralhadoras, até as rações para o exército e as Bíblias que vão nos barcos salvavidas. A maior parte das munições fabricadas nos Estados Unidos vai ter aos seus portos de destino em embrulhos e pacotes feitos com o papel especial da Companhia Reynolds...

Reynolds é um homenzinho de pequena estatura, enérgico e empreendedor. Está sempre numa azáfama. Levanta-se às 5 da manhã e já põe mãos à obra... Quando não está metido num trem, está de telefone ao ouvido, e é sabido que ele contrata muitos de seus auxiliares falando-lhes pelo telefone. Mantem três secretárias sempre ocupadas, mas não com o fim de afugentar aqueles que desejam falar com Reynolds, visto que este tem sempre grande interesse em receber pessoas e com elas estudar ou discutir novas idéias.

Compara o seu sistema de trabalho ao de «descascar batatas» e diz que o campeão dos descascadores é o homem que limpa uma batata de cada vez... Este sistema de realizar cada coisa a seu tempo talvez explique o segredo desse industrial, de manter seus negócios em constante progresso.

Reynolds é ainda um entusiasta da juventude, e daí o fato de manter um grupo de chefes e diretores, muitos dos quais de menos de 30 anos. Tambem gosta de contratar sempre os mais competentes numa classe. Para ter a certeza de que estava fazendo bom uso do dinheiro que obtivera do governo por empréstimo, chamou quinze empregados daquela repartição federal para o seu serviço, e quando necessitou de um árbitro e ajustador das desavenças de operários e chefes nas suas indústrias, contratou para isso um dos chefes da união local de operários.

Antes de empregar esse homem, Reynolds consultou William Green, chefe da Federação Americana de Trabalhadores, que se mostrou surpreso com a proposta: «Mas, o senhor deseja levar um dos meus homens para a sua organização?» perguntou-lhe.

Reynolds deu com a cabeça afirmativamente e pôs-se a olhar para os pulsos, dizendo: «De onde o senhor está sentado bem pode ver que tenho cabelo nos pulsos, e de onde eu estou, posso assegurar-lhe que não enxergo nada disso. Aí está uma resposta à sua pergunta. Eu preciso de um homem que possa me auxiliar a ver o que não vejo sozinho.» E arrematou, com o seu costumado bom humor: «Durante 28 anos de vida industrial,

nunca tive greves em minhas fábricas e não as quero ter neste momento.»

Os filhos de Reynolds desempenham hoje importantes cargos na Companhia, mas para isso tiveram que começar de baixo, como simples operários. O fato de serem filhos do dono, não lhes deu nenhum privilégio. Dois dos rapazes tiveram mesmo de se iniciar nas fornalhas, fundindo e reduzindo metais...

R. S. Reynolds, Jr., o mais velho dos filhos do industrial, tem 35 anos de idade, e é vice-presidente e tesoureiro da Companhia, sendo ainda presidente da Reynolds Corporation, a qual administra e opera duas fábricas mantidas pela marinha americana e que emprega mais de oito mil operários. Como é o mais conservador e reservado da família, foi bem escolhido para lidar com a contabilidade da empresa.

J. Louis Reynolds, de 32 anos, é tambem vice-presidente e encarregado da divisão de lâminas de alumínio. Nessa atividade, desenvolveu a exportação de alumínio, tendo aumentado o seu volume de vendas de 25 mil para 7 milhões de dólares por ano; e fez isso quando contava apenas 24 anos de idade!

Billy, o terceiro dos Reynolds, de 30 anos de idade, é o mais alto da família, com 1 m. 72. David, o caçula, de 28 anos, tambem é vice-presidente, como Billy, que exerce ainda a função de gerente geral da divisão de peças e acessórios da Companhia. O velho Reynolds introduziu nas suas fábricas o sistema de entrar o minério de bauxita por um lado e sair o metal pronto pelo outro, tendo cabido a Billy aperfeiçoar este sistema na fabricação de peças para aviões.

Este novo processo começou quando Billy e David se preocupavam pelo fato de que, na fabricação de aeroplanos, uns 30% das lâminas de metal se desperdiçam em retalhos inuteis quando se recortam as asas e a cauda dos aparelhos. São necessários muitos meses e se usam centenas de vagões de carga, para juntar e transportar os retalhos de metal que se acumulam numa fábrica de peças e seções de aviões, material esse que volta à fundição, afim de ser refundido e laminado de novo. Na divisão a cargo de Billy Reynolds, as sobras de metal são novamente derretidas no mesmo dia. Ele e David estão produzindo 70 mil peças diferentes, desde arrebites e arruelas até seções de asas, e as largas lâminas para as fuselagens, que se destinam a dezesseis fabricantes de aviões.

Reynolds não tem nenhuma dúvida sobre o futuro do alumínio. Com o intento de manter depois da guerra todos os seus empregados e recolocar os 6 mil que estão alistados no exército, contratou recentemente Keen Johnson, antigo presidente de Kentucky, para dirigir o departamento de planos de rehabilitação no período de após-guerra.

Reynolds acredita que nada há que temer sobre os imensos estoques de alumínio, que, naturalmente, sobejarão da guerra. Recentemente, Jesse Jones, preocupado com o assunto, fez-lhe esta pergunta: «Que iremos fazer com 1 bilhão e meio de quilos de alumínio logo que acabe a guerra?»

Reynolds respondeu: «Essa quantidade equivale apenas a 1 milhão e meio de toneladas. Isso não é nada comparado com os 100 milhões de toneladas que o país está produzindo. Grande parte desse alumínio poderá ser vendido para galvanoplastizar o aço, processo no qual se usam 600 gramas de alumínio para cada 50 quilos de aço—e assim será absorvido o excesso.»

Reynolds acredita ainda que as estradas de ferro e a indústria do automovel consumirão grandíssima quantidade de alumínio. O aço sempre teve melhor aceitação, em consequência do seu preço e resistência, mas desde que a guerra baixou o preço do alumínio de 40 para 30 centavos o quilo, aquela situação do aço logo se modifica. E com os novos amálgamas e ligas de alumínio, alguns trabalhados nas próprias fábricas de Reynolds, e que já indicam 20 por cento de mais resistência e flexibilidade, surgem amplas e inéditas possibilidades de uso para o metal, depois da guerra.

Reynolds comenta: «Recentemente eu e um diretor de estrada de ferro calculamos que a sua companhia podia economizar cem milhões de dólares por ano se usasse vagões de alumínio, os quais, por serem mais leves, permitiriam aumentar de dez vagões a composição de cada trem. E com a substituição de apenas um tipo dos carros de aço por vagões de alumínio, já aí seria absorvida toda a produção anual das nossas fábricas.»

Planeja ainda revolucionar a indústria de tecidos. Os seus pesquisadores já descobriram que meio quilo de alumínio, depois de passar por vários processos, pode dar um fio do comprimento de 11.000 metros. Misturado com fio de algodão, podem-se com ele fazer chapéus, tecidos metálicos, roupas de banho, etc., por um preço muito razoavel. Com o alumínio quase tudo é possivel—desde telhas e revestimentos para casas até joias baratas e ornamentos, segundo diz o Aladino do alumínio.

Reynolds orgulha-se do fato de que, ao irromper da guerra, ele estava preparado, como estará quando vier a paz. Acredita com todas as veras que o aumento de produção é a solução de muitos dos chamados problemas industriais. «A superprodução está ganhando a guerra,» costuma afirmar; «e a superprodução, resultando da livre iniciativa privada—não dos monopólios, —nos ajudará, com toda a certeza, a ganhar a paz.»

Flagrantes da vida americana

UM ÍNDIO apareceu, certo dia, no banco de meu pai para fazer um empréstimo.

—Quero 200 dólares.

—Que garantia pode oferecer?

—Tenho 200 cavalos.

Tal garantia era mais do que suficiente, e o empréstimo foi concedido. Pouco tempo depois, o índio apareceu novamente no banco, com 2.200 dólares em dinheiro, pagou o que devia e meteu o resto do dinheiro no bolso, dispondo-se a sair.

—Porque não deixa o seu dinheiro no banco para nós tomarmos conta? sugeriu meu pai.

O índio, olhando meu pai firmemente, replicou, meio sarcástico: — O senhor quantos cavalos tem?

—Margie Shannon

UMA SENHORA, pequena e nervosa, entrou em um ônibus da Sexta Avenida, em Nova York, e sentou-se junto do motorista. Este, segundo parecia, estava atrasado em seu horário, porque ia tratando de passar os veículos, a todo custo,

e, cada vez que o ônibus tirava uma «tangente» em outro carro, no aperto do tráfego, a pobre senhora lançava uma exclamação de horror que não podia reprimir. Finalmente, visivelmente incomodado, o chofer virou-se para a passageira e lhe disse, com a melhor das intenções: —Escute aquí, dona. Se a senhora não aguenta, não olhe!

—Sra. Maurice H. Cormack

UMA VEZ, viajava de automovel com um amigo, por uma longa e deserta estrada. De repente, qual não foi o meu espanto, quando ele, pondo a cabeça fora da janela do automovel, gritou, sem que houvesse ninguem alí: «Dez e três quartos!»

Naturalmente, pedí-lhe uma explicação.—Está vendo, disse ele—aquela cruz solitária, à beira do algodoal? Alí está enterrado um lavrador, que sempre perguntava aos viajantes o último preço do algodão. Tão conhecido se tornou o costume do lavrador que seus companheiros lhe disseram, de brincadeira, que o haviam de enterrar junto da estrada, para que os viajantes pudessem sempre mantê-lo informado no outro mundo sobre os preços do algodão. O fato é que o lavrador se impressionou com a brincadeira, e deixou instruções em seu testamento, para que fosse enterrado aí neste lugar afim de que pudesse continuar com o velho hábito.

—C. T. Hunter

UM MÉDICO no Tennessee foi chamado para examinar a esposa de um montanhês, velho e surdo.

—Sua esposa está grávida, disse-lhe o doutor.

O montanhês, com a concha da mão atrás da orelha, perguntou:—O que? O doutor, levantando a voz, repetiu:—Sua mulher está grávida! E o montanhês, novamente:—O que?

Finalmente, o médico gritou: — Sua mulher vai ter um bebê!

O velho caminhou até a beirada da varanda, deu uma cusparada, e replicou: —Não me admiro. Ela bem que teve oportunidade.

—Dolce Ogden

NO LADO ocidental do Lago de Okeechobee, na Florida, há uma região onde se cria muito gado, encontrando-se aí, como no oeste norte-americano, os típicos *cowboys* regionais.

Passando por lá certa vez, de automovel, vi, muito adiante, na estrada, dois *cowboys* que cambaleavam, como se viessem de uma boa farra. Um deles aguentava o outro, com visivel dificuldade. Vendo que meu carro se aproximava, meteram-se, mal e mal, na erva alta que margeava a estrada. Ao passar por eles, vi seus cavalos amarrados a uma árvore, parecendo-me os moços perfeitamente sóbrios e normais. Um pouco mais adiante, olhei para trás. Lá estavam os dois, mais uma vez, no meio da estrada. E, mais uma vez, um sustentava o outro, procurando dar-lhe uma aula de patinação!

—Frank Wadsworth, Jr.

UM MARINHEIRO, com ar nostálgico, estava sentado em um bar de San Diego, na Califórnia. Disse-me que era da Pensilvânia, e, quando lhe perguntei se gostava da Califórnia, replicou: «Não sei bem. O pessoal aquí é muito amavel e a comida é gostosa; mas o clima é muito artificial.»

—Thora Eigenmann

A sereia de que falavam os antigos marujos não seria apenas uma lontra marinha a brincar?

Amicuque a lontra marinha

(Condensado de «Frontiers»)

Por Alan Devoe

PELAS COSTAS escarpadas do Alasca vive um mamífero anfíbio de pelo macio a que os esquimós dão o nome de amicuque. É a lontra dos mares do norte, um dos mais raros e atraentes animais do mundo.

Pertence a um ramo marítimo da família dos texugos, lontras e martas, e o seu aspecto lembra uma foca peluda. Mede cerca de metro e meio de comprimento e pesa de 25 a 30 quilos. Tem um focinho curioso, parecido com o rosto humano, bigodes muito elegantes, e uma simpática expressão de afabilidade. A pele, variando entre castanho escuro e um preto luzidio, com uma camada protetora de pelos prateados na superfície, envolve-lhe o corpo em ondas macias. As patas dianteiras, que constam de cinco dedos, são leves e ageis, e as traseiras, unidas por membranas, permitem que ele faça verdadeiras proezas na água, com o auxílio da vigorosa cauda. O amicuque vive quase que só na água. Uma vez ou outra sai para tomar um banho de sol nas rochas. Com as mãos cruzadas no peito, fica boiando placidamente sobre as ondas, cochilando ou olhando para o céu com olhos mansos. Às vezes agarra umas algas que passam, faz uma bola, e começa a brincar, atirando-a para cima, cada vez mais alto, até que ela se perca. Então cruza de novo as patas no peito, fecha os olhos, e continua a boiar sonhadoramente. É divertido vê-lo erguer-se na água, levantar uma das patas para proteger os olhos contra a luz intensa, e lançar um olhar solene em volta. Este seu costume pode muito bem ter dado origem às lendas sobre as sereias.

As lontras marinhas não brigam entre si como as focas; ao contrário, são unidas por forte sentimento de solidariedade. Quando se encontram em seus domínios aquáticos, enrolam-se em sargaços para que não suceda afastarem-se umas das outras durante o sono. Entretêm-se com jogos de toda espécie, e o entusiasmo cresce em dias de tempestade: apostam corridas e saltos como os marsuinos, ou organizam concursos acrobáticos, viram cambalhota, rolam de lado cada vez mais depressa até se perderem na distância, vertiginosamente. É frequente ver-se uma lontra agarrar um sargaço e atirá-lo a uma companheira que, por sua vez, o atira a uma terceira, até que o grupo todo tome parte no brinquedo.

Geralmente o bando tem um sítio especial para comer, em água rasa, e daí saem para explorar a redondeza num diâmetro de 100 quilômetros. A lontra alimenta-se principalmente de mariscos, ouriços-do-mar, caranguejos e algas. Raramente come peixe. Como os seus bocados prediletos só se encontram no fundo do mar, mergulha muito bem. Cruzando os braços no peito, ensaia o pulo, dá um impulso poderoso com as patas traseiras que são como barbatanas, e desce, às vezes, 70 metros a prumo.

Pode ficar até seis minutos debaixo da água. Quando vem à tona com um par de mariscos, bóia de costas, e bate um contra o outro até que eles se partam. Se só achou um marisco, traz tambem uma pedra de bom tamanho para abrir a concha. Uma vez preparado o jantar, flutua novamente de costas, espalha os pedacinhos de comida no peito, e começa a mastigar a gosto. Depois do jantar, lava concienciosamente as patas, e esfrega o focinho com água do mar.

O amicuque não tem estação especial para se acasalar. É monogâmico, e trata a companheira com grande ternura: faz-lhe carícias apaixonadas com as patas dianteiras, e aperta-lhe o liso corpo nos braços. Os dois animais esfregam o nariz um no outro, e beijam-se repetidas vezes...

O filhote nasce bem desenvolvido, de olhos abertos, e com todos os trinta e dois dentes. Porem mama durante um ano, e requer todo o cuidado, porque, embora nascido junto à maré, não sabe nadar. A mãe bóia de costas abraçada ao filho, enquanto este mama ou dorme naquele berço improvisado. Ela atira o pequeno ao ar, diverte-o com pedaços de algas ou conchas, acalenta-o, cobre-o de beijos. Durante o sono, os seus braços não se despregam do corpo do filho.

Enquanto a lontrinha não aprende a se alimentar, a mãe dá apenas uns mergulhos rápidos. Não tem ela remédio senão deixar o filhote boiando à superfície, onde só pode ficar alguns minutos, sob pena de morrer afogado. Assim, quando a mãe volta à tona, ele quase sempre dá um gritinho de alívio. Se ela percebe um perigo qualquer em volta, mergulha o filho para abafar-lhe o grito. Ele aprende a nadar por meio de imersões cada vez mais prolongadas. Para desmamá-lo, ela põe-lhe na boca pedacinhos de alga, ou outros bocados macios.

O único inimigo sério da lontra marinha tem sido o homem. Este a perseguiu de tal maneira, que ela se tornou um dos animais mais escassos do mundo. Hoje em dia, é preciso ter-se muita sorte para se conseguir ver o amicuque de longe, ainda que seja nas ilhas em que é mais encontradiço. Todo o comércio de lontra marinha é atualmente proibido; mas em 1911, quando ainda era legal, uma única pele valia 1.990 dólares. O pelo é tão espesso que os dedos de um homem raramente conseguem sentir a pele do animal, e um capote de lontra é mesmo mais pesado que o manto de arminho de um rei.

Os esquimós sempre caçaram lontras desde tempos imemoriais, mas moderadamente e com pequeno prejuizo para os numerosos bandos. Entretanto, em 1741, quando o navio de Vitus Bering naufragou nas costas da ilha Bering, os homens da tripulação levaram 700 peles de lontra marinha para Camecháteca, e a mais selvagem caça na história do comércio de peles começou. Contrataram-se nativos das Aleutas para fisgar a presa. Dezenas de navios zarparam de Boston, do México, e de muitos outros pontos, especialmente para esse fim. A matança atingiu tais proporções que por volta de 1840 as lontras marinhas estavam quase extintas. Um ou outro museu americano possue um espécime empalhado, ou às vezes um esqueleto desse animal.

Há nove anos, a Comissão de Caça do Alasca encontrou algumas lontras marinhas numa das baías das ilhas Aleutas, e agora, sob a proteção vigilante das autoridades, elas estão aumentando devagarinho, principalmente depois que a fiscalização americana acabou com o contrabando japonês.

A Rússia estabeleceu uma estação experimental numa ilha a oeste das Aleutas e biólogos soviéticos estão estudando a melhor maneira de criar esses animais no cativeiro. Parece que depois de tão longa perseguição, o amicuque vai ser restaurado.

O gênio brincalhão da lontra marinha foi uma das causas da sua desgraça nas mãos dos caçadores de pele. Os bandos subiam às rochas ensolaradas, e todas começavam a fazer toalete com o maior cuidado: lavavam o focinho, cofiavam os bigodes, alisavam o pelo. Quando o caçador se aproximava, uma ou outra lontra corria para o mar bamboleando-se toda. Apesar das patas traseiras, elas podem correr quase tão depressa como o homem. Mas a maioria delas, apenas surpreendidas e mesmo interessadas, ficavam no mesmo lugar. Algumas até vinham ao encontro do caçador para saudá-lo, farejando-o, à maneira dos cachorrinhos novos. Quando o caçador dava uma cacetada numa das lontras, ela caía no chão, e cobria os olhos com as patas, num gesto de dolorida surpresa, e alí ficava até que o caçador acabasse de matá-la. O amicuque não percebeu que aquilo era o começo de uma perseguição a ferro e fogo. Pensou que não passasse de uma brincadeira qualquer.

Servindo aos que trabalham

¶ Sucedendo muitas vezes que as suas operárias, depois de iniciarem o trabalho diário, se lembravam de haver esquecido aceso o fogão ou aberta alguma torneira, a Fábrica de Aviões Grumman criou um serviço especial para tratar de tais assuntos, correndo às casas de operários para desligar uma tomada de corrente, consertar torneiras enguiçadas, e executar outras pequenas tarefas, inteiramente gratuitas.

Da revista *Forbes*

¶ O Serviço de Assistência organizado pela Fábrica Sperry, em Long Island, perto de Nova York, fez que diminuissem consideravelmente as faltas ao trabalho por parte das operárias da firma. Desde o início de suas atividades, em março de 1943, tal Serviço tem auxiliado as moças em tudo que se possa imaginar: tomam conta de seus bebês, ou, se for esse o caso, chegam mesmo a telefonar para os namorados, que muitas vezes são soldados ou marinheiros com poucos dias de licença e um período bem limitado para ficar com a garota.

As nove funcionárias do serviço percorrem, diariamente, a fábrica, ouvindo às operárias os seus pequenos problemas. Em um caso, por exemplo, uma das moças contou que almoçara apenas um prato de ervilhas em lata, por não ter tido tempo de ir ao mercado, e, sabendo disso, o Serviço resolveu visitar todos os mercados e armazens da localidade propondo aos seus gerentes um sistema, que tem dado excelentes resultados: trata-se de permanecer aberto à noite, cada dia da semana, um dos estabelecimentos, de maneira que sempre haja onde comprar mantimentos, após terminados os trabalhos da fábrica. A uma operária, cuja casa foi destruida por incêndio, o Serviço tratou imediatamente de auxiliar, encontrando-lhe no mesmo dia um novo lar e até substituindo alguns objetos consumidos pelo fogo. Não há problema a que não se atirem resolutamente esses magníficos auxiliares dos operários.

Hildegarde Dolson, no *This Week Magazine*

Os soldados voltam a Adano

(Condensado de um capítulo do livro «A Bell for Adano»)

Por John Hersey

NAQUELA MANHÃ, em que os prisioneiros foram postos em liberdade, o sol da Itália resplandescia mais do que nunca e a vila de Adano tinha um ar de festa. Era sem dúvida um esplêndido dia para uma caminhada de regresso ao lar.

Os prisioneiros vinham em grupo, pela Via Humberto I. Usavam ainda suas fardas, sujas por haverem dormido no chão, e muitos deles estavam com a barba e o cabelo clamando por tesoura...

De caminho, pararam na padaria do velho Zapulla, e quando alcançaram a praça, quase todos tinham um bom naco de pão branco nas mãos. À medida que andavam, iam cantando e gritando: «Estamos de volta! Estamos de volta!»

JOHN HERSEY criou para si uma categoria à parte, quando o seu romance, *A Bell for Adano*, foi escolhido, como um dos livros de indispensavel leitura, pelo Conselho de Seleção dos Livros de Guerra nos Estados Unidos. Só há 5 livros «indispensaveis» na lista do Conselho—e dois deles são da lavra do nosso autor. Hersey nasceu na China, sendo filho de um missionário protestante americano. Como correspondente das revistas *Time* e *Life*, suas impressões colhidas em Guadalcanal serviram de base ao livro *Into the Valley*, grande êxito de livraria. No ano passado, tendo ido com as forças americanas da invasão da África, Hersey colheu alí material para o segundo livro, *A Bell for Adano*, em que a realidade e a ficção se confundem.

Não marchavam nem vinham em forma. Já haviam tido oportunidade para tanto quando eram passados em revista, ou quando iam aos combates para matar ou morrer. Agora eram somente um bando de rapazes, encantados de voltar para casa—e uns riam, enquanto outros choravam de emoção.

Seus olhos estavam abertos, em verdadeiro êxtase, como os das crianças que admiram algo. Notaram logo que as pomposas exortações de Mussolini tinham sido borradas das paredes, que as ruas estavam limpas, e que o pão que comiam sabia a manjar dos deuses... E apenas tinham entrado na via principal quando ouviram uma mulher cantando.

Ninguem sabia de antemão que os prisioneiros estavam de volta, mas a notícia se antecipou à chegada deles, como certas rajadas de vento prenunciam chuva.

As mulheres moradoras dos bairros mais retirados ouviram o álacre alvoroço e instintivamente concluiram que os soldados estavam de regresso. Em vez de ir encontrá-los, na rua, correram a espalhar a boa nova pela vizinhança: «Nossa Senhora! os rapazes de Adano estão de volta!» Então, aquelas que tinham espalhado a notícia e as outras que as acompanharam, se reuniram em frente ao Palazzo e ficaram à espera da chegada.

A guerra foi terrivel para os homens, mas não o foi menos para as mulheres, e as de Adano muito tinham sofrido. Muitíssimos dias se passaram sem que

algumas recebessem cartas, e mais ainda se inquietavam quando sabiam que outras famílias tinham tido novas dos seus. Esses dias foram amargos! Muitos dos homens tinham deixado filhinhos pequenos que mal sabiam balbuciar—«Papai...» «Mamãe, onde está papaizinho?...»

As mulheres, que agora se aglomeravam em frente ao Palazzo, tinham vivido atormentadas, pensando nos maridos e filhos, que poderiam estar feridos ou mortos; e as que tinham tido zangas com os seus antes de partirem, esqueciam esses arrufos e teimosias, e somente buscavam agora suas recordações mais ternas—a gargalhada dele, jogando alegremente a cabeça para trás, o cheiro do seu cigarro predileto, e o jeito com que ele despejava o vinho nos copos. Agora, de pé, aquelas criaturas se apinhavam na praça, entre nervosas e alegres, as mãos na garganta, ou prendendo distraidamente mechas de cabelo que voavam.

Os homens, entrando pela rua principal, viram-nas alí paradas. Não correram ansiosos para encontrá-las, porque a felicidade inesperada tolhe os movimentos bruscos; antes caminharam para elas vagarosamente.

Quando estavam apenas a uns 400 metros de distância, a multidão feminina começou a mover-se para a frente, hesitante a princípio, como que despregando os pés da calçada e logo após dirigindo-se para a frente, espichando os pescoços em todas as direções, flexando olhares, para então de braços abertos correrem ao encontro dos prisioneiros, bradando palavras ininteligiveis.

Os homens não correram ao encontro delas; mas esperaram comovidos. Ambos os lados partilhavam de igual felicidade, mas eles sabiam que suas mulheres lá estavam, ao passo que muitas daquelas mulheres não sabiam se os seus maridos se encontravam alí ou não. Esta era a pequena e grande diferença, e eis por que elas corriam...

Entre elas, havia muitas que sabiam que seus maridos ou filhos tinham morrido, mas estavam alí reunidas às outras, para compartilharem da felicidade daquelas que iam encontrar os seus.

Observando a multidão, eu pude reconhecer Angela que, faceira, vestira o seu lindo vestido azul, e cujos cabelos brilhavam ao sol... Ela começou caminhando para a frente com as outras, ansiosa por saber se o seu Giorgio estaria de volta. Seus belos olhos inquietos investigaram a multidão masculina, e, acotovelando aquí e acolá, ela forçou um lugar de onde pudesse ver melhor.

A passos rápidos, veio caminhando o major Joppolo, do exército norte-americano, que se dirigia ao grupo de homens. Quando os prisioneiros o viram, correram em sua direção, aos gritos de «Americano! Americano!»; abraçaram-no e até o beijaram, demonstrando efusivamente o seu grande afeto.

Quanta loucura na guerra! Esses homens, que durante meses e meses receberam treinamento especializado e tiveram ordens para cometer o peor dos crimes—homicídio—abraçavam agora, cordialmente, justamente um representante de um dos povos que antes eles combatiam, com ordem de matar...

As mulheres continuaram a se aproximar: muitas tinham já reconhecido os seus, e os chamavam pelos nomes, com vozes comovidas. Finalmente, quando estavam a uns cinco metros de distância, os homens puseram-se a correr e então as duas multidões se confundiram. Esse momento foi inolvidavel! Os casais que se encontraram abraçavam-se jubilantes, e alguns riam e outros choravam; aqueles

gritavam e estes trocavam frases ternas, beijando-se.

Algumas das mulheres, que já sabiam que seus maridos estavam mortos, abraçavam os primeiros homens que encontravam.

Pus-me então a observar aquelas que não encontraram os seus. Iam e vinham cada vez mais nervosas, abordando os pares, murmurando o nome daqueles que procuravam, olhando duas ou três vezes o mesmo rosto masculino, na esperança de encontrá-los. Os rostos dessas criaturas desiludidas iam-se tornando cada vez mais pálidos; de súbito elas se punham a chorar. Não gritavam, choravam silenciosamente, grossas lágrimas descendo ininterruptas pelas faces penalizadas e entristecidas.

Angela não precisou procurar de casal em casal para certificar-se se o seu Giorgio estava lá. Um rapaz deixou sua mulher e aproximou-se dela. Abaixou a cabeça em silêncio. «Que foi que aconteceu?» perguntou-lhe a moça aflita. O jovem apenas respondeu: «Eu te conto mais tarde!» E beijou as faces de Angela. Compreendendo o gesto, ela começou a chorar silenciosamente, o rosto imerso no côncavo das mãos.

A multidão não se desfez imediatamente. Os homens por muito tempo ficaram alí, de pé, a contar suas aventuras... Velhos pais abraçaram seus filhos pela primeira vez. Apenas uns quantos homens se retiraram logo com suas mulheres. Vadios e curiosos, que por alí estavam, misturaram-se com a turba. Casais se reuniram com outros, formando quartetos que se alargaram em grupos alegres e palradores. Apenas, tristes e chorosas, foram para casa sozinhas as mulheres que para sempre tinham perdido seus entes queridos.

A franqueza das mamães...

¶ O TENENTE-CORONEL James Roosevelt, filho do presidente dos Estados Unidos, foi entrevistado há pouco tempo pelos repórteres, e negou-se a dar informações precisas quanto às suas aventuras no Pacífico, por não querer divulgar segredos militares. Um tanto decepcionados com tal discreção, os repórteres observaram-lhe que a sra. Roosevelt sempre lhes falava com a maior franqueza sobre todos os assuntos. «Não duvido nada,» replicou James, «mas o caso é que mamãe não pode ser submetida a corte marcial...» —*Do Times* de Nova York

¶ WILLIAM J. BRYAN foi um dos mais brilhantes oradores dos Estados Unidos, e, por ocasião de um dos seus primeiros discursos, convidou sua mãe para ouví-lo. Nesse dia, sua eloquência atingiu o auge, e, terminando, perguntou:

—Como é, mamãe, que tal você achou?

—Bem, William, respondeu ela serenamente,—eu acho que V. não aproveitou bem todas as oportunidades que teve.

—Como assim?

—Você perdeu várias oportunidades de ficar calado...

—Do *Christian Science Monitor*

¶ *O dr. John Sappington, que os seus contemporâneos chamaram de charlatão, varreu a malária da bacia do Mississipi*

O médico que tornou o oeste habitavel

(Condensado do «Prairie Schooner»)

Por Alden E. Calkins e Webb Waldron

QUANDO, em 1803, Thomas Jefferson comprou aos franceses o Território da Luiziana, que abrangia todo o centro dos Estados Unidos atuais, do Golfo do México ao Canadá, uma das apaixonadas acusações que lhe fizeram foi a de ele ter adquirido «um pântano absolutamente inhabitavel». E esta acusação poderia ter sido em grande parte fundamentada, se não fosse o dr. John Sappington, «médico de roça» dos tempos da fronteira, o qual teve maior influência talvez no destino nacional dos Estados Unidos do que qualquer outro médico norte-americano.

O dr. William Gorgas venceu a malária e a febre amarela no Panamá, tornando assim possivel o canal; teve como prêmio a fama universal, e ao morrer foi depositado num túmulo monumental do cemitério de Arlington, perto de Washington. Por seu lado, o homem que, numa luta heróica e só à força do seu próprio pulso, expulsou a malária do Vale do Mississipi, abrindo caminho ao estabelecimento de doze estados, nos quais hoje vivem uns trinta milhões de americanos, teve por única recompensa a obscuridade, e os seus ossos foram depositados no cemitério de uma esquecida aldeola do Missuri.

Alto, seco de carnes, de nariz aquilino e olhar penetrante, dotado de notavel semelhança com o seu grande amigo Andrew Jackson, —durante mais de 30 anos John Sappington bateu a cavalo os longos trilhos da «fronteira», por onde a nação se desdobrava e crescia. Cavalgava com um par de pistolas à cintura, carregando em dois pesados alforges os remédios e os instrumentos cirúrgicos. Levava tambem consigo uma longa faca embainhada, em cuja ponta media e servia as doses de «casca peruana», e mais tarde o seu extrato, a quinina.

Era adorado pela gente pobre a quem tratava, e odiado pelos colegas, cujo tratamento da maleita—«vomitórios, purgas e sangrias»—ele abominava, denunciando-o asperamente como homicida. E quando os tradicionalistas o detiveram a poucos passos do seu objetivo, que era a cura da doença, ele recorreu a um audacioso estratagema que levou a classe médica a estigmatizá-lo como charlatão. Ao cabo de contas entregou a vitória em mãos dos seus rivais, que lhe aproveitaram os resultados, sem que por isso deixassem de caluniar o homem que os alcançara.

John Sappington nasceu no Maryland em 1776, e criou-se na zona da fronteira, que era então o Tennessee; provinha duma família de médicos, e que ainda hoje o é, pois em cinco gerações quase todos os Sappington têm sido clínicos. Foi seu pai que o educou, bem como aos irmãos, segundo era hábito nesses tempos. John casou-se com Jane Breathitt, filha do

Governador do Kentucky, e começou logo a clinicar numa cidadezinha perto de Nashville. Lia insaciavelmente todos os livros de medicina que lhe caíam nas mãos, muito em especial os que se referissem à praga que então assolava a zona da fronteira: o paludismo. A certa altura encontrou num folheto a descrição duma casca medicinal proveniente do Perú, e a controvérsia que a seu respeito então causava grande ruido entre os homens da profissão. John conseguiu adquirir certa quantidade dessa casca, aplicou-a aos seus doentes, e obteve resultados satisfatórios.

Já no Tennessee a malária era um caso sério: mas as notícias quase lendárias que chegavam das terras baixas do Mississipi, do Ohio, do Missuri e do Arcansas, eram de pôr os cabelos em pé: de junho a outubro, que era a «estação dos miasmas», chegava a acontecer que metade da população se encontrasse de cama, prostrada pelas febres. Descoroçoados, muitos colonos abandonavam suas ferteis terras para regressarem na maior miséria ao Leste, de onde haviam partido cheios de esperança. A corrente migratória para o Oeste estava sofrendo assim um retrocesso, provocado pela terrivel moléstia.

O resultado da doença não era tanto, nem tantas vezes, a morte, como as febres recurrentes, os «tremores» e a debilidade geral, naqueles meses precisamente em que a energia era mais necessária para tratar das colheitas, ou abrir na cerrada floresta as clareiras para instalação de novas famílias.

A medicina tradicional prescrevia um tratamento que era quase peor que a própria doença: um impiedoso regime de eméticos, purgantes e sangrias, com o fim de expulsar do corpo o veneno da febre. Esse tratamento muitas vezes matava o doente, ou, se o não matava, deixava-o tão enfraquecido, que anulava ou diminuía a sua resistência a outras enfermidades.

Nos tempos de Sappington, a malária (nome que à letra quer dizer «ar mau») era atribuida a miasmas, vapores insalubres que se evolavam das terras baixas, alagadas, de águas estagnantes. Nem o nosso médico, nem qualquer outra pessoa suspeitava sequer ainda que o autêntico «vilão» do drama fosse um mosquito, o Anófeles, que se acoitava nos inúmeros terrenos pantanosos existentes ao longo dos grandes rios acima apontados.

John Sappington queria saber alguma coisa mais a respeito da malária. Em 1814, com 38 anos de idade, disse adeus à família, e cavalgou 1.130 quilômetros através dos Apalaches, para ir estudar na Escola de Medicina da Universidade de Pensilvânia, em Filadélfia. Durante um ano escutou atentamente as conferências dos mestres: mas a mais famosa faculdade americana desse tempo nada mais tinha que oferecer, para cura das febres, do que o desastroso tratamento que então se praticava na fronteira.

Acresce que a Universidade era fortemente avessa ao remédio preferido de Sappington, a tal casca do Perú, o que em parte se compreende pelo motivo seguinte: era costume moer a casca, produzindo-se um pó que o doente ingeria, e que com frequência lhe causava distúrbios gástricos. Alem disso, a proporção de quinina essencial variava de remessa para remessa, de tal maneira que se tornava dificil fazer a respectiva dosagem com uniformidade. Tambem se acreditava então cegamente que a casca se não devia ministrar durante os acessos de febre, por se supor que ela provocava a elevação da temperatura. Tais conceitos eram, aos olhos de Sappington, pura e

simples perversidade. A quinina era um remédio para a febre! Para que, então, esperar que a febre passasse, e que o pobre paciente estivesse quase às portas da morte, para só então lhe ministrar a dose medicinal?

E o médico da roça cavalgou de novo, caminho do Tennessee, onde, por alguns anos mais, continuou clinicando. A consciência, porem, não o deixava em paz: queria ir ver pelos próprios olhos essa terra de febres e arrepios que se desdobrava para lá do Mississipi. Decidiu-se por fim e, tendo atravessado para o Missuri, ele, a esposa e os filhos (que não tardariam a atingir a bonita soma de nove) estabeleceram seus lares junto do Missuri, não longe de Arrow Rock, que em breve se tornaria ponto de parada obrigatória no trilho de Santa Fé. Agora sim, que estava no coração da terra das febres! Era uma tarefa que lhe parecia destinada por encomenda, e atirou-se a ela como um leão.

No ano seguinte—1820—Sappington leu que dois franceses, Pelletier e Caventou, tinham conseguido extrair quinina da casca peruana. Deste modo se tornava agora possivel ministrar o remédio, em doses de invariavel potência e mais faceis de medir. Quanto tempo levaria, pensou, para que lhe fosse dado obter uma dose? Esperou três anos cheio de impaciência, até que um dia ouviu dizer que um farmacêutico de Filadélfia instalara o primeiro laboratório para fabricação de quinina nos Estados Unidos. Escreveu, implorando ansiosamente um suprimento, que só meses mais tarde lhe chegava às mãos, sob a forma dum pequeno pacote do precioso pó.

Sappington começou por fazer experiências quanto à dosagem, e chegou à conclusão de que a quantidade mais eficaz no controle das febres era 1 grão de duas em duas horas, ou sejam 12 grãos por dia, o que se aproxima bastante das doses empregadas pelos médicos da atualidade.

Como o filho mais velho partisse a certa altura para o Leste, com o fim de frequentar uma escola, o doutor recomendou-lhe que não regressasse a casa sem lhe trazer boa quantidade de quinina, uns 300 gramas, ao cabo do ano escolar. Mas, devido a algum inexplicavel engano, quando voltou a férias, o moço trazia consigo 45 quilos de quinina, quer dizer, quase toda a reserva então existente...

Em vez de se enfurecer com semelhante prodigalidade, Sappington resolveu empregar o enorme suprimento para alargar o raio da sua campanha anti-malárica. Infelizmente, à medida que ia levando o seu método de tratamento a distritos mais afastados, aumentava em volta dele a oposição dos médicos, para os quais o tratamento tradicional era quase uma espécie de feitiço, e que começaram a espalhar ser a quinina perniciosa para a saude. O horroroso gosto do remédio, por seu lado, tambem não era de molde a ajudar a campanha do pioneiro.

Enfrentado por tamanha oposição, o resoluto esculápio recorreu então a um estratagema: meteu-se em casa, em Arrow Rock, a preparar umas Pílulas Contra Febres, como lhes chamou, sem porem mencionar os ingredientes que entravam na composição das mesmas. Cada pílula continha 1 grão de quinina muito bem disfarçada em alcaçuz, mirra, e óleo de sassafrás.

Passava-se isto em 1832. Lançou então as pílulas no mercado, como uma descoberta nova, anunciando-as audaciosamente com o estrépito com que se reclamam os remédios patenteados. A oposição forçara-o assim a assumir o papel de propagandista barato da medicina.

«Charlatão!» sussurravam os seus inimigos. Mas as pílulas de Sappington deram autêntico resultado, e a venda propagou-se de modo assombroso.

Daí a pouco tempo toda a família Sappington, incluindo os escravos, passava os dias e as noites a fazer pílulas. O médico lançou em campo uma brigada de vinte e cinco caixeiros viajantes, instando com eles para que tomassem três pílulas por dia como *preventivo* contra a malária, idéia esta inteiramente nova. Nem um só desses cavaleiros andantes da quinina contraiu as febres, muito embora passassem todo o seu tempo jornadeando nas áreas onde as febres grassavam com mais intensidade.

No telhado da taverna de Arrow Rock existia uma velha sineta rachada, que em tempos servira para dar o alarme, em casos de ataque dos peles-vermelhas. Quando viu que o seu plano de prevenção da malária começava a produzir resultados, Sappington sugeriu: «Por que razão a sineta não há de dar todas as noites uma badalada, para lembrar a esse pessoal que é a hora de tomar a pílula?» A idéia pegou... e daí a pouco, por aquelas cidadezinhas da fronteira, os sinos tangiam ao entardecer, à maneira de lembrete para que o povo tomasse a sua Pílula Contra a Febre, do dr. Sappington.

Nos dez anos seguintes o médico vendeu para cima de um milhão de caixas de pílulas nos estados do Oeste e no Sul, e na então República do Texas. Nos carros de toldo que nessa época partiam em caravanas do Missuri, caminho do Óregon e de Santa Fé, um dos artigos mais importantes da carga eram sempre as pílulas contra a febre.

Foi só em 1844 que Sappington resolveu abrir mão do seu «segredo». Num livrinho intitulado *Teoria e Tratamento das Febres*, revelou tudo quanto conhecia a respeito da malária e da maneira de a curar com a quinina. Aconselhava honestamente os seus leitores a comprarem quinina, e a fazerem em suas casas as pílulas para consumo próprio e de toda a família.

O autor, que então tinha 68 anos e atingira o ápice da sua carreira de batalhador, não pôde resistir ao desejo de atirar uma última frechada aos seus colegas, até então amarrados de mãos e pés pela tradição. Dedicou a obra ao povo dos Estados Unidos e «àquele setor da classe médica que for capaz de se despir dos *preconceitos da educação*». Que tremendo furor não desencadeou a acerada ironia!

A brochura vendia-se, com prejuizo, a 25 centavos o exemplar. Foi uma ruina para o negócio das pílulas, mas Sappington repetia de bom humor: «Já ganhei bastante dinheiro!»

Viveu 80 anos, e pode-se dizer que fez clínica até o ano da sua morte. Nunca viajou de carruagem: ou o deixavam ir a cavalo, ou não ia a parte alguma. Até o fim de seus dias foi ignorado ou repudiado pelos homens da profissão, muito embora a classe médica tivesse acabado por adotar a quinina como específico contra as febres.

Antes de falecer, o bom velho dispôs de metade do seu dinheiro para criar a Bolsa Escolar Sappington, com o fim generoso de ajudar a educação de moços capazes e pobres. Essa bolsa, que foi talvez a primeira do seu gênero a Oeste do Mississipi, ainda hoje funciona, e até à data já dela sairam 205.000 dólares para auxiliar estudantes desprotegidos pela fortuna a concluirem o seu curso.

Uma superstição atormentou porem toda a vida o bom do dr. Sappington: o pavor de ser sepultado debaixo da terra! Quando morreu, em 1856, seu corpo foi depositado num caixão de chumbo que ele mandara fazer segundo o seu próprio desenho, e que durante alguns anos guardara debaixo da cama... Assente num pedestal de pedra, um pouco acima do chão, no pequeno cemitério de Arrow Rock, o caixão foi mutilado anos depois pelos soldados da Guerra Civil, que lhe arrancavam pedaços de chumbo para com eles fundirem balas. Mas ainda hoje é possivel ler numa das suas faces esta modesta inscrição: «Aquí jaz como um guerreiro que enfim repousa.»

¶ *Temo-nos tornado menos pretensiosos e mais humanos! Eis uma demonstração convincente.*

Sim, a vida de hoje é melhor

(Condensado do *Post* de Washington)

Por Malvina Lindsay

À MEDIDA que nos formos devotando a planos e cálculos para depois da guerra, mais ouviremos falar nos «simples», «verdadeiramente democráticos» Estados Unidos de outros tempos.

Mas será que realmente os Estados Unidos de ontem foram mais livres ou mais democráticos? No que toca, pelo menos, à vida social dos indivíduos, há que reconhecer que *não*. O pendor social dos norte-americanos, através de gerações, tem sido invariavelmente no sentido de maior simplicidade e maior liberdade pessoal.

Vejamos, por exemplo, o que se passa em alimentação e vestuário. Seria, por acaso, o grande jantar, com as suas exigências culinárias, pratos complexos e pesadas sobremesas, uma instituição mais democrática, mais simples, mais modesta, do que as atuais refeições, organizadas no sentido de se servirem vitaminas e calorias precisas para a boa higiene alimentar? É ou não exato, por outro lado, que as mulheres passaram a usar, depois da última guerra, trajes de muito maior simplicidade, e menos pretensiosos, que os em que se exibiam até então?

Olhemos para os retratos dos próprios «pais da pátria», fundadores do país, com os seus punhos, calções e cabeleiras, e perguntemos se o pequeno lavrador daquela época ostentava tais requintes. A distinção entre as classes, inclusive no tocante ao modo por que os homens se vestiam, persistiu até pleno século XIX. Foi só depois da produção em massa, a partir, mais ou menos, de 1920, que a caixeirinha de loja e a senhora bem vestida vieram de alguma forma a confundir-se na maneira por que se apresentam.

A vida de família, por seu turno, tornou-se mais democrática. Mulheres, maridos e filhos acabaram por compor um modo de viver, menos constrangido e mais lógico. O pai, de cara fechada, nomeado por si mesmo o Jeová da casa, só existe hoje como um tipo que aparece nas peças de teatro, para provocar as gargalhadas. As esposas se elevaram da posição secundária, para não dizer subalterna, em que antigamente viviam, a um papel mais ativo, e mais autônomo, na direção dos lares. Os filhos têm uma voz quanto aos seus próprios destinos; não se lhes diz, sem mais explicações, o que devem fazer ou vir a ser.

Muitos autocratas do passado têm desaparecido—desde o professor de palmatória até a matrona que, a um olhar, fazia e desfazia reputações, o chefete de aldeia a quem todos, na localidade, eram obrigados a prestar homenagens, ou as velhas que andavam impondo suas convenções draconianas.

São dignos, tambem, de registo, o grande progresso realizado no campo trabalhista, o movimento de justiça, embora lento, para com os negros, e a marcha, sempre ascendente, das mulheres—para o voto, para os cargos de representação política, para as atividades econômicas. As próprias chamadas «grandes senhoras» trocaram a vida de fausto, ou dos círculos restritos, pela de ação prática efetiva, a serviço dos seus semelhantes. Haverá ainda, sem dúvida, distinções sociais, ou de classe; são, porem, muito menos rígidas do que foram em dias idos.

Gradual e inevitavelmente, o processo de nivelamento continua. Os empregados domésticos tratam de elevar-se à categoria de uma situação profissional. Homens e mulheres, de certa qualidade, e já em idade menos própria para trabalhos mecânicos, abrem mão de preconceitos, e envergam o uniforme das oficinas ou fábricas, porque vêem diante de si melhores pagamentos e mais promissoras oportunidades.

Os técnicos de laboratório ocupam-se atualmente em descobrir novos meios de permitir às massas as comodidades e os lazeres que só eram ou são concedidos a poucos. Produção aumentada, com o conforto à disposição do indivíduo comum—não é isso mais democrático que haver apenas salas de banho romanas nos palácios da Quinta Avenida, e um só automovel na cidade, para gozo do rico banqueiro?

Isto é que é espírito!

¶ Art Chen é um rapaz americano, de pais chineses, atualmente combatendo na Força Aérea Chinesa. Em vôo, recentemente, foi atacado por três caças japoneses, abatendo um, cuja munição acabara. Chen avançou então, deliberadamente, contra o segundo, abateu-o com o impacto do seu próprio avião, e, nesse momento, lançou-se ao ar, de paraquedas, tendo chegado à terra, são e salvo, bem junto dos destroços do aparelho. Verificou que ainda havia uma metralhadora intacta, retirou-a dos escombros, caminhou com ela umas duas léguas até a base aérea, e aí se apresentou ao General Chennault, a quem mostrou a arma, dizendo simplesmente: —Meu general, o sr. me dá outro avião para esta metralhadora?

Robert B. Hotz, *With General Chennault* (Coward-McCann, editores)

¶ *O conflito entre a livre iniciativa privada e a política exterior americana—através da controvérsia sobre o projetado oleoduto da Arábia Saudí*

Um oleoduto preocupa o mundo

Por André Visson

«Os aliados flutuam para a vitória num mar de petróleo,» dizia Lord Curzon, ao fim da Primeira Guerra Mundial. Oitenta por cento daquele petróleo foram fornecidos pelos Estados Unidos. Na atual guerra, as companhias americanas de petróleo estão contribuindo com quantidades muito mais volumosas. O petróleo é o ingrediente indispensavel da vitória na guerra moderna. Não há, portanto, estranhar que a questão das reservas de petróleo para os fins de defesa no futuro constitua desde já um ponto de controvérsia.

Eis aí o que de fato se acha atrás da contenda sobre a projetada canalização dos campos petrolíferos da Arábia Saudí e do Golfo Pérsico ao Mediterrâneo, numa extensão de mais de 2 mil quilômetros e estimadas as despesas em cerca de 150 milhões de dólares. O ministro do Interior dos Estados Unidos, Ickes, propõe que se dê início imediatamente às obras, e que seja o governo americano quem se incumba de pô-las em prática.

André Visson é um jornalista internacional; seus escritos têm sido largamente publicados nos Estados Unidos e na Europa. Escreve semanalmente para o *Herald Tribune*, de Nova York, o *Post*, de Washington, e outros jornais, sobre «Os Problemas Domésticos das Nações Unidas», e representa em Washington diversos jornais europeus. Recentemente, publicou o livro *The Coming Struggle for Peace*. Viveu alguns anos no Oriente Próximo e nos Balcãs, e, como especialista regional, organizou, no serviço de Informações de Guerra dos Estados Unidos, o departamento relativo à Europa Oriental.

O fato, em si, de saber se realmente a canalização será, de qualquer modo, construida, suscita dúvidas internacionais, potencialmente explosivas, e envolve, no seu conjunto, a futura política externa dos Estados Unidos. Mas, assentada que seja a construção, e sabido, como é, que o sr. Ickes pretende tomá-la a seu cargo, surge um problema doméstico—governo versus iniciativa privada — não menos fundamental. Assim, a canalização a que aludimos é o mais importante caso de após-guerra que se tem apresentado, em forma prática, aos norte-americanos—e, a julgar pelos comentários que se têm publicado a respeito—o menos compreendido.

O campo petrolífero da Arábia Saudí é um dos mais ricos que ainda se descobriram. Está situado dentro de uma zona de influência britânica; mas o rei da Arábia, Ibn Saud, desejando evitar, de alguma forma, o domínio completo dos ingleses, fê-lo objeto de uma concessão a uma companhia americana, que dele pode dispor na sua totalidade, e ainda por 50 anos.

A companhia americana deseja desenvolver a exploração do campo em nome do objetivo que é o normal nos negócios, e se cifra, em última análise, em ganhar dinheiro. Ibn Saud estimula a companhia, interessado em ver o ouro correr, já que lhe assiste o direito a 23 centavos por barril (o correspondente, mais ou menos, a 163 litros), contribuição muito oportuna para o seu tesouro, tão lesado

pela atual suspensão das peregrinações muçulmanas a Meca, das quais lhe resultavam anualmente cerca de 6 milhões de dólares.

O Exército e a Marinha dos Estados Unidos, e, ao que tudo deixa ver, o próprio Presidente da República, encarando a questão pelo prisma da futura segurança do país, consideram, por seu turno, que se impõe a exploração, em larga escala, do campo. O Exército e a Marinha têm uma opção, por cincoenta anos, sobre um bilhão de barrís do petróleo dalí extraido, com uma redução de 25 por cento sobre o preço corrente no mercado, ao tempo da entrega. Não é isso, todavia, o que mais importa no caso. Pode bem acontecer que nunca venha a Marinha a utilizar-se de um barril do petróleo árabe.

A grande estratégia, na hipótese, consistirá em suprir os mercados europeus de tal petróleo a um preço tão barato que não valha mais a pena a exportação de petróleo do Hemisfério Ocidental, através do Atlântico. As reservas do Hemisfério Ocidental tiveram que responder pelos suprimentos em duas grandes guerras, e a drenagem tem sido espantosa. É dificil imaginar um meio mais eficaz de conservar, daquí para diante, os campos petrolíferos das Américas, do que esse de torná-los economicamente inadequados para continuar a ser a fonte onde venham de fora abastecer-se.

A política inglesa de grande alcance tem sido precisamente a de reter o petróleo do Império Britânico, e ir usando o de outras procedências, ou, numa palavra, o americano. Nem foram poucas as vezes em que semelhante política ficou expressamente declarada na Câmara dos Comuns. Os ingleses, por intermédio da Companhia de Petróleo do Iraque, têm uma canalização, do Iraque ao Mediterrâneo, através da qual o petróleo do Médio Oriente poderá chegar, a baixo preço, aos mercados europeus. Mas a sua política tem sido a de regular a circulação, de maneira a manter os preços num nivel consentâneo com a continuação da importação em navios-tanques, pelo Atlântico, de petróleo americano. Em tempo de paz, a Europa estava empregando petróleo das Américas à razão de 530 mil barrís por dia.

Para alcançar os mercados europeus, o petróleo de exploração americana, da Arábia Saudí e dos vizinhos campos de Barem, deve ir em navios-tanques pelo Canal de Suez, que se acha, como é sabido, sob controle britânico. As taxas de passagem, alí, para o petróleo, são elevadas—15 a 20 centavos por barril.

O plano de construir uma nova canalização através da península arábica implica, por conseguinte, de modo insofismavel, uma ação em sentido contrário à política britânica de guardar o petróleo do Império, usando de preferência o do continente americano.

Daí, necessariamente, a controvérsia, que não é de pequena monta. Como os ingleses receberão o projeto? Por enquanto, sua atitude não se tornou muito clara. O próprio governo, em Londres, está dividido sobre o caso, sendo que Churchill e outros entendem que se deve estimular a participação americana nos campos de petróleo do Médio Oriente, o que pensam teria a vantagem de interessar, de modo mais direto, os Estados Unidos, na manutenção da estabilidade naquelas regiões.

E as companhias petrolíferas americanas, como se portarão na matéria? Algumas delas—a Standard Oil, de Nova Jersey, e a Socony-Vacuum, para citar apenas estas duas—têm enormes interesses na exportação, para a Europa, de petróleo do Hemisfério Ocidental. Os campos petrolíferos de Barem e Arábia Saudí estão em poder da Companhia de Petróleo Árabe-Americana, que pertence, por sua vez, às companhias Texas e Standard Oil da Califórnia. Não é dificil, de tais circunstâncias, deduzir as possiveis consequências.

Os fatos que conduziram à sensacional declaração do Ministro Ickes, de haver feito um acordo provisório com a Companhia Árabe-Americana, não deixam de ser empolgantes e, ao mesmo tempo, instrutivos.

O controle britânico dos campos petrolíferos do Médio Oriente tem sido exercido sob a forma de um rígido cartel, com quotas restritas, áreas de mercado limitadas, e assim por diante, inclusive a estipulação de que nenhum membro do cartel poderia fazer novas obras ou perfurações de poços, sem o consentimento dos demais — o que, seja dito, raras vezes houve que pôr em prática.

A Gulf Company, companhia americana, tinha a concessão da Ilha Barem; entretanto, presa, por efeito de cartel, à Companhia Anglo-Irânica, não podia desenvolver a exploração, nem interessar esta última em tal desenvolvimento. Vendeu então a concessão Barem à Standard Oil da Califórnia, por 50 mil dólares.

Foi um dos maiores negócios de todos os tempos. Em vez de juntar-se ao cartel, e aceitar-lhe as restrições, a Standard Oil da Califórnia ficou fora dos acordos, e voltou-se para os mercados do Oriente, vendendo metade dos seus interesses à Companhia Texas, já afeita aos ditos mercados. Dispondo agora da rica produção da Barem, as duas companhias reunidas entraram a competir com a Anglo-Irânica, e na Índia com a Shell, tambem inglesa.

O ministro Ickes tem mostrado certo alvoroço desde o instante em que percebeu a imensa fortuna que representa o campo da Arábia Saudí. Primeiro tentou, por intermédio da sua *Petroleum Reserves Corporation*, comprar logo toda a concessão. No entanto, a organização da Standard e da Texas, fundidas, recusou-se a vender, apesar da pressão exercida. O ministro propôs então que o governo construisse uma refinaria, encarregando-se de

toda a refinação. Não conseguiu isso tãopouco. Todas essas providências, porem, foram tomadas debaixo de um silêncio e de um sigilo absolutos e isso talvez tenha constituido o erro mais grave já cometido pelos «homens do petróleo».

Há dois anos, a Cal-Tex (como ficou sendo chamada a organização) resolveu construir um oleoduto e aliás os seus engenheiros, desde essa ocasião, vêm-se ocupando de traçar os projetos. Os dirigentes da organização convenceram-se, recentemente, de que seria possivel conseguir prioridade para o material necessário um tanto mais cedo do que haviam suposto anteriormente, e assim apresentaram, ao Exército e à Marinha, a proposta de opção de um bilhão de barrís. Essa manobra tinha, alem do mais, o objetivo de submeter todo o caso à apreciação do Ministério das Relações Exteriores, ao Presidente da República e ao Quartel General, afim de sondá-los quanto à sua reação; se poriam obstáculos à marcha das negociações, ou se dariam a necessária ajuda no sentido de obter tratados diplomáticos que facilitassem a passagem da canalização por territórios não sujeitos à jurisdição de Ibn Saud.

Não menos importante que as repercussões internacionais, é o alarme produzido entre as companhias de petróleo, e muitas outras dos Estados Unidos, ante a perspectiva da entrada do governo em tão importante ramo de negócio. Os adversários do projeto não vêem com bons olhos o acordo provisório que faz da canalização propriedade pública, mesmo depois que a companhia houver pago a totalidade do seu custo, durante um período de 25 anos! Tãopouco lhes agradam as cláusulas que dão, com efeito, a Ickes e seus sucessores o direito de dizer como deve ser usada a canalização.

O controle governamental, transparente no primeiro rascunho de acordo, põe em sobressalto os fiéis aos cânones da livre iniciativa privada. Estabelece-se, entre outras coisas, que o governo «determinará o plano mais exequivel para o funcionamento dos serviços, e terá destes a superintendência». É o controle!

O oleoduto da Arábia Saudí promete constituir a proteção mais poderosa possivel para as reservas petrolíferas dos Estados Unidos. Deve portanto ser construido. Entretanto, estudando-se imparcialmente o assunto, verifica-se não haver nenhuma razão de peso que justifique a sua construção pelo governo, em vez de pelas companhias particulares.

A guerra tem demonstrado que dificilmente uma indústria pode escapar de ser considerada de importância, maior ou menor, para a defesa nacional; e, se o governo entra agora na indústria de petróleo, qual será o próximo negócio a ser por ele invadido?

Cena novaiorquina

¶ Houve um tempo em que eu costumava atravessar o saguão do hotel Waldorf-Astoria, em Nova York, todas as manhãs, a caminho do escritório. Certa vez, ia à minha frente um senhor de aspecto imponente, de uns 75 anos de idade pelo menos, e ostentando indiscutiveis sinais de opulência, inclusive uma bengala com cabo de ouro. De repente, parou no topo da escada que leva à Park Avenue, contemplou a balaustrada de bronze, e, não podendo mais resistir à tentação, sentou-se no corrimão e deixou-se calmamente escorregar até em baixo. Chegando ao nivel da rua, ergueu-se com toda a dignidade, e saiu em direção ao seu banco, ou bancos...

—L. H. R., no *Times* de Nova York

A outra face de Helen Keller

(Condensado de «Anne Sullivan Macy: The Story Behind Helen Keller»)

Por Nella Braddy

Quase todos se lembram de que a jovem Annie Sullivan foi para o estado de Alabama, há muitos anos, e alí formou o espírito de uma criança que era cega, surda e muda. A incansavel dedicação de que deu mostras, durante os 46 anos que alí passou, não é, porem, tão divulgada. Muito há quem tenha desejado conhecer melhor a história da sua vida. Mas Anne Sullivan Macy declarava que Helen Keller era toda a biografia que teria a narrar. Já é tempo todavia de falarmos na «Professora»—como sempre lhe chamou a sua ilustre aluna.

Devido à sordidez e à miséria do meio em que nascera em Feeding Hills, no estado de Massachusetts, Annie foi atingida, desde a mais terna idade, por uma grave inflamação dos olhos, e as primeiras palavras que se lembra de ter ouvido foram as seguintes: «Seria tão bonitinha se não fossem os olhos!» Não eram porem seus olhos o que mais inquietava a mãe. Annie era extremamente rebelde, como é natural que o seja uma criança cercada de misérias e desgraças. Lembra-se bem de algumas das suas traquinices. Certa vez, num assomo de raiva, empurrou a irmãzinha pequena para fora do berço, abrindo-lhe uma brecha na cabeça. Numa tarde de inverno um dos vizinhos veio vê-los, trazendo consigo uma garotinha que calçava sapatos brancos e luvas da mesma cor. Annie ficou louca pelas luvas brancas, mas o vizinho lhe trouxera de presente umas luvas vermelhas. «Não quero estas,» gritou logo, atirando-as ao fogo.

Ao morrer-lhes a mãe, ninguem quis adotar, nem Annie, meio cega, nem seu irmão pequeno, Jimmie, que nascera com uma tuberculose óssea. O único jeito, portanto, era enviá-los para a Casa de Caridade de Tewksbury. O dormitório onde ficaram estava cheio de velhas inválidas, doentes, e moribundas. «Muito do que me ficou na lembrança sobre Tewksbury,» contaria Annie Sullivan, «é indecente, cruel e tenebroso, à luz de uma experiência adulta, mas era tudo o que eu conhecia da vida.» Foi então que Jimmie morreu. «Sentei-me entre a minha cama e a sua cama vazia, desejando ardentemente que a morte tambem me levasse. Creio que poucas crianças terão jamais ficado tão completamente sós quanto eu fiquei. Sentí-me como se eu fosse a única pessoa realmente viva no mundo inteiro.»

As duas operações que sofreu em Tewksbury não lhe trouxeram, ao que parece, melhora alguma à vista. Foi levada finalmente para o hospital de indigentes em Boston. Ao sair das mãos dos médicos, trazia os olhos tão nublados, que foi classificada como cega nos registros públicos.

As velhas da Casa de Caridade tinham dito a Annie que a mais famosa escola

para crianças cegas, onde estas aprendiam a ler e a escrever, ficava a uns doze quilômetros dalí. «Quero ir para essa escola,» suplicou, e foi afinal levada para o Instituto Perkins, sem um só vestido, um casaco, um chapéu, ou sequer uma escova de dentes. Aquela noite, pela primeira vez na vida, dormiu com uma camisa de dormir. Tinha então catorze anos de idade; Helen Keller teria apenas uns três meses.

Os professores do Instituto Perkins lutaram com dificuldade por encontrar a ocupação que lhe convinha. Tecer esteiras era a fase inicial, imposta a todos os alunos pelo regulamento. Mas ela não conseguia tecer, e amaldiçoava as esteiras. Procuraram despertar-lhe o interesse por outros trabalhos, mas o insucesso foi o mesmo. Inquieta, rebelde, lutava de classe em classe, sem aceitar a autoridade dos mestres. «Meu espírito era um ponto de interrogação, meu coração um desapontamento,» explicaria anos depois. No verão seguinte, um jovem médico interessou-se pelo caso de Annie, e, depois de duas operações, com um intervalo de 12 meses, a cortina de trevas que lhe cobrira os olhos acabou por erguer-se. Delirante de entusiasmo com suas novas capacidades, lançou-se à leitura de livros e jornais, que chegava a roubar aos professores. Em 1886, diplomou-se no Instituto Perkins, pronunciando a oração de despedida da sua classe de oito alunos.

Neste ínterim, em Tuscumbia, no estado de Alabama, uma grave enfermidade deixara Helen Keller, aos 19 meses, cega, surda e muda, de modo irremediavel. De dia em dia, a mãe da pequenina enferma viu-a ir mergulhando na sombra, tentando em vão, como ela própria, manter os poucos meios que ainda lhe restavam de comunicar-se com os demais. Vivia a mísera criaturinha pegada às saias da mãe, ávida, inquieta, infatigavel. «Você devia interná-la,» aconselhava o tio de Helen, «é um caso evidente de debilidade mental.» Já a tia, porem, protestava, afirmando: «Esta pequena tem mais cabeça que todos os Kellers, a questão é encontrar-se um meio de atingir-lhe o espírito.» A sra. Keller nunca deixou de crer que fosse possivel fazê-lo. Lera nas *Notas sobre a América*, de Dickens, o relato da sua visita ao Instituto Perkins, 40 anos antes, e acreditava firmemente que haveria algum modo de instruir a criança. Seu marido averiguou, por fim, que o Instituto Perkins ainda existia, e escreveu ao diretor consultando-o sobre o caso. Assim foi que, em março de 1887, Annie Sullivan chegou a Tuscumbia.

Seu projeto era agir com lentidão, conquistando, antes de mais nada, a afeição de Helen. Averiguou, desde o segundo dia, que esta sempre fizera o que bem lhe aprouvesse, e estava decidida a prosseguir nesse rumo. Às vezes, era impossivel pentear-lhe o cabelo por vários dias: e tornava-se preciso recorrer à força para abotoar-lhe os sapatos, ou lavar-lhe o rosto. Annie percebeu logo que o seu maior problema era exercer algum controle sobre Helen, sem contudo abater-lhe o ânimo. Fora impossivel fazê-lo enquanto esta convivesse com a família, pois nenhum dos seus membros podia suportar que a criança sofresse o menor castigo. A sra. Keller consentiu finalmente que a professora e aluna fossem morar num pequeno anexo perto da casa, onde portanto a família pudesse visitá-las diariamente. A experiência começou mal. Helen, sentindo a falta dos seus, não queria saber de Annie. O pai, olhando certa feita pela janela, às dez horas da manhã, viu-a sentada no chão, metida ainda na camisa de dormir, uma viva incarnação do desespero e da tenacidade. Com lágrimas nos olhos, confessou à mulher: «Estou com muita vontade de mandar a tal professora de volta para Boston.» Mas acabaram por dissuadí-lo.

Duas semanas depois, pôde Annie escrever: «Tenho o coração transbordante de alegria. A pequena selvagem aprendeu finalmente sua primeira lição de obediência, e o jugo não parece pesar-lhe. A agradavel tarefa que me cabe é a de orientar-lhe o espírito, formando a inteligência que já começa a palpitar na sua cabecinha infantil.» Por meio do contacto com diversos objetos, e movimentos executados com os dedos na mão de Helen, foi conseguindo que esta começasse a soletrar. «Um dia,» conta Annie, «levei-a até ao local onde se encontram as bombas de irrigação. Fiz com que ela segurasse a caneca sob a bica, e, à medida que a água fria ia caindo aos borbotões, soletrei-lhe várias vezes, pelo meio indicado, a palavra — água. No caminho de volta, a menina dava mostras de uma grande excitação, ao perceber que ia aprendendo os nomes de cada objeto que tocava. Em poucas horas, enriqueceu de trinta novas palavras o seu vocabulário.» Se foi aquele um dia memoravel para Helen, não o teria sido menos para a mestra, pois, àquela mesma noite, pela primeira vez, e de sua livre vontade, a «pequena selvagem» meteu-se-lhe na cama, beijando-a carinhosamente. A solidão que cercava Annie, desde a morte de Jimmie, deixara agora de existir. «Pensei que meu coração fosse estourar de alegria,» comentava mais tarde, ao citar o episódio.

Três meses depois da sua chegada a Tuscumbia, escreveu Annie o seguinte comentário: «Sei que Helen tem qualidades realmente extraordinárias, e creio que me será possivel formá-las e desenvolvê-las. Não é uma criança vulgar, e o interesse dedicado à sua educação deve ser tambem, por conseguinte, acima do comum; há que evitar, contudo, transformá-la em prodígio, o que procurarei fazer quanto possivel.» A gratidão que os Kellers sentiam por Annie, procuraram manifestá-la ao chegar o Natal, quando a expressão inteligente que já agora se estampava no rosto da criança lhes recordou vivamente os tristonhos Natais dos quatro anos precedentes.

«Agradeço a Deus todos os dias a graça que nos fez, ao enviá-la ao nosso encontro,» exclamou comovida a sra. Keller; quanto ao capitão Keller, apertou-lhe a mão, sem poder sequer falar.

Quando Annie se sentia incapaz de resolver um dado problema, dirigia-se à pessoa que lhe parecesse melhor preparada para resolvê-lo—onde quer que esta se achasse. Ao tratar, por exemplo, do problema da voz de Helen, levou-a à sta. Sara Fuller, da Escola Horace Mann para mudos, em Boston. Ao cabo de 11 lições, pôde a pequena dizer, fazendo embora uma pausa entre as palavras: «—Não—sou—mais—muda.» Durante quarenta anos, Annie e Helen trabalharam infatigavelmente na questão da voz, e, se a primeira tivesse podido dedicar todo o tempo a ensinar a segunda a falar, os resultados teriam sido provavelmente mais satisfatórios. Ambas, porem, compreenderam que é mais importante ter qualquer coisa a dizer, do que saber dizê-lo na mais linda das vozes.

Annie não permitiu jamais que a compaixão viesse a intervir no que o bom senso lhe ditava. Exigia de Helen o que teria exigido de uma menina qualquer, capaz de ver e ouvir. A dizer a verdade, ainda exigia mais, pois a sua aluna levava naturalmente o dobro do tempo para preparar as lições. A isso é que Helen deve o fato de se ter colocado no mesmo

nivel que os que vêem e ouvem—o maior motivo de orgulho de toda a sua vida. Nunca Annie lhe fez sentir o quanto a aluna dependia dela. Mark Twain, porem, escreveu certa feita a Helen as seguintes palavras: «A senhora é uma criatura admiravel—a senhora e a sua outra metade—isto é, a sta. Sullivan, pois foi mister que as duas se juntassem para formar um ser tão completo e perfeito.»

Quando Annie resolveu casar-se com John Macy, em 1905, hesitou de tal modo, que o noivo lhe sugeriu imprimir nos cartões de participação do casamento: «Sujeito a mudança sem aviso prévio»... Havia, para ela, contra o consórcio, a consideração de que Helen estava em primeiro lugar—era como sua filha; era sua própria vida. Resolveram a situação indo os três morar na mesma casa—propriedade comum—o casal Macy e a discípula querida. A não ser durante breves ausências, Annie separou-se de Helen apenas duas vezes em 46 anos. Em 1916, quando a sra. Macy adoeceu em Porto Rico, escrevia-lhe Helen: «Sinto-me tão só e incapaz! Há trinta anos passados você, tão moça ainda, tolhida pelos anos de cegueira e pela falta de experiência, veio abrir-me as portas da vida, dando entrada à alegria, à esperança, à instrução e às doçuras do afeto e da amizade.»

Em 1930, Walter Pitkin fez uma lista dos americanos vivos que, na sua opinião, eram os que mais tinham realizado. O nome de Helen Keller figurava no primeiro grupo, de que só quatro faziam parte. A sra. Macy e outros 10 eram mencionados no segundo grupo, mas Pitkin sugeria: «Há que estudar o caso, e ver se esta mulher extraordinária não merece figurar no primeiro grupo.»

A Universidade de Temple convidou Helen e a sra. Macy a receberem o grau de doutor em Humanidades em 1931. A primeira aceitou, mas Annie respondeu, agradecendo: «De acordo com a minha conciência, não posso receber o grau, pois não considero a minha educação à altura de tal honra.» Insistiram repetidas vezes, mas ela se manteve inflexivel. No auditório da Universidade de Temple, depois dos oradores que prestaram homenagem a Helen Keller, o dr. A. Edward Newton tomou a palavra, pedindo aos presentes que se erguessem, caso julgassem indicado conferir o grau à sra. Macy, se necessário, à força. Só uma pessoa permaneceu sentada—Anne Sullivan Macy. Ao regressar um ano depois, afim de receber o grau, os jornalistas cercaram Helen. Só um deles dirigiu-se a Annie, e esta lhe disse, orgulhosa: «Até na minha coroação, é Helen a rainha.»

Aos 70 anos, a sra. Macy já mal podia ver; a antiga chama, porem, iluminava-lhe a alma com a mesma intensidade. Por esse tempo, seus amigos custaram a persuadí-la de que não seria indicado, nem razoavel, que tomasse a si o encargo de outra aluna, quando ela quis acolher em sua casa uma criança abandonada, surda e cega. Preferia ainda às águas mansas e morosas as impetuosas correntes de uma vida mais rica. Permanecia ancorada a dois rochedos de fé: um é a crença na criatura humana, que as decepções, ainda que numerosas, não puderam destruir-lhe; outro é Helen Keller.

Teria Annie Sullivan chegado a resultados ainda mais brilhantes, se tivesse empregado o seu talento em atividades outras? Não lhe pareceu assim. Se Helen Keller soubesse apenas fazer vassouras, Annie Sullivan ter-se-ia concentrado no fabrico de vassouras. Talvez não tivesse ficado com ela durante 46 anos; de uma coisa, porem, podemos estar certos—só a deixaria quando a tivesse ensinado a fazer as melhores vassouras do mundo.

Perguntas íntimas à mulher por uma senhora que encontrou a felicidade no casamento

Há alguma nuvem na sua paz conjugal?

(Condensado de «Good Housekeeping»)

Por Helen Van Pelt Wilson

LÁ VEM um dia na vida dos casados, em que um dos cônjuges se pergunta, cheio de dúvidas: «Que fim levaram os belos sonhos que eu tinha?» As mulheres, com especialidade, são mais suscetiveis de se afligir com os primeiros sinais de arrefecimento romântico, pondo-se logo a pensar, preocupadas: «Existe mesmo certa frieza entre nós...» ou então: «Será que ele já não gosta de mim como antes?»

Se a leitora acha que a sua felicidade conjugal corre algum perigo ou está caindo num estado de monotonia, será melhor que examine sua própria atitude no lar antes de condenar a conduta de seu marido.

1. *Considera seu marido como «causa ganha» e esquecida?* Dá a devida atenção à sua conversa, ou costuma interrompê-lo para o contradizer com o seu tostãozinho de idéias contrárias? Procura partilhar de seus triunfos, ou tem por hábito menosprezar os êxitos por ele alcançados? Lembra-se de que é ele quem sustenta o seu lar?

2. *Procura evitar que ele a tenha na conta de «causa ganha» e esquecida?* Antes de se casarem, se bem se lembra, vocês conversavam sobre assuntos que nada tinham que ver com o conserto da pia, o choramingar das crianças ou a carestia da vida... Se você, perdendo aquele interesse geral, se converteu numa monótona «dona de casa», seu marido tem razão em a tomar como tal. Antes de ele ser «seu», você não se lhe apresentava com indiferente desmazelo. Ainda é importante manter a sua feminilidade e atração. Lembre-se de que a certidão de casamento não lhe dá o direito de ser desmazelada.

3. *Estimula seu marido a manter as mesmas maneiras delicadas do tempo do noivado?* Certa senhora casada costuma queixar-se: «Jorge, em casa, nunca mexe uma cadeira. Senta-se e me deixa levar o movel de uma parte para outra.» A verdade, porem, é que essa senhora é muito agil. Jorge é naturalmente moroso. Ele descobriu, nos primeiros anos de casados, que nunca alcançava a cadeira antes da mulher. Com o correr do tempo, já nem fazia a tentativa, que sempre resultava inutil. As mulheres que demonstram ser decididas e fortes não devem querer ser tratadas como seres frageis. As esposas competentes, porem que aparentam certa fragilidade, são geralmente tratadas com mais delicadeza.

4. *Quais as suas maneiras em casa?* Poucas pessoas usam com os seus familiares as mesmas cortesias que dispensam aos estranhos. Muitas senhoras realmente afaveis no trato social, esquecem, no lar, essa delicadeza, reservando aos seus maridos apenas palavras bruscas e irritadiças.

5. *Vive frequentemente a queixar-se?* Uma ladainha de pequenos males acaba por minar a paciência dos maridos, que em geral dão pouca atenção às mulheres que vivem sempre a repetir queixas e

lamúrias. Portanto, quando uma esposa se acha realmente doente, deve tratar de curar-se e evitar lamentações. É sua obrigação consultar o médico e mencionar-lhe todos os sintomas, pois só ele, por força da profissão, é pago para ouvir queixas...

6. *Tem-se esforçado de fato por compreender seu marido?* Concede os devidos descontos à sua generosidade talvez exagerada? A independência da família pode exigir as mais severas medidas de economia, sem que isso venha, entretanto, interferir com certas gentilezas que o marido, às vezes, é obrigado a fazer fora de casa. Em suma, qual tem sido a sua atitude para com o seu marido nesse assunto? Considera-se superior a ele, atura-o com paciência, ou o vê sempre com real estima?

7. *Tem procurado descobrir meios inteligentes de se sobrepor a certas dificuldades?* Todas as pessoas casadas devem aprender a relevar mutuamente certas faltas. Uma senhora que, depois de vinte anos de casada, se sente perfeitamente feliz, costuma dizer: «Pelo menos uma vez, antes de morrer, eu quero ter o direito de me mostrar irascivel ao me levantar. Mas isso vai dar em catástrofe, porque o meu marido é mais feroz do que um selvagem antes do café da manhã. Só mesmo uma atitude amistosa e completo silêncio, da minha parte, têm evitado os bate-bocas triviais que deixam um marido irritado por todo o dia.»

8. *Costuma discutir e puxar brigas?* Se bem que a felicidade conjugal tenha geralmente por base importantes fatores, pode ser minada aos poucos, por constantes mal entendidos. A mulher que anda descobrindo sempre motivos futeis para desavenças acaba por se tornar rabugenta e intoleravel. Não o recrimine a torto e a direito. A paciência, a docilidade e um pouco de senso de humor e alegria ajudam a esquecer as pequenas desavenças e anulam as zangas. Evitem-se as discussões sobre dinheiro, causa constante de brigas interminaveis entre os casais mais unidos.

9. *Ajuda a manter em público a reputação de seu marido e faz, na intimidade, críticas generosas e construtivas?* Realmente requer, por parte da esposa, boa dose de força de vontade para se conter e deixar que o marido, em conversa com outros, exagere em público a descrição de certos acontecimentos de que ela tambem foi testemunha. Mas a mulher que em público procura furar os balõezinhos de amor-próprio e basófias do marido, corre certo perigo, porque a opinião que ele tem de si mesmo é muito importante para o seu sucesso na vida, vitória de que tambem ela tem de participar.

Apenas a crítica íntima e construtiva é justificavel. Não é justo que uma esposa se ponha a repreender o marido entre amigos, por ele se exceder um pouco nas suas bravatas. Mas, quando o marido transforma todas as conversas em discussões acrimoniosas e introduz, em suas relações sociais, repetidos pontos de vista ligados aos negócios, então é oportuno, para o seu próprio bem, que a mulher lhe aponte esse defeito. Ele dirá que a esposa exagera, mas essa forma de benevolente admoestação é geralmente aceita.

10. *Finalmente terá perdido o seu «tato diplomático»?* É realmente dificil para uma esposa reprimir o seu próprio temperamento e tratar certas situações com suavidade; mas os resultados dessa prática são sempre compensadores. Um pouco de lisonja e bom humor são como lubrificantes para os atritos domésticos. A esposa que mantem alta a sua jovialidade e baixo o tom de sua voz, pode dominar, em geral, qualquer situação.

Famoso aviador narra o que foi a luta pela posse da Groenlândia, chave da vitória na batalha decisiva da Europa

GUERRA ABAIXO DE ZERO

(Condensado do «Collier's»)

Por Bernt Balchen e Corey Ford

Esta é a história da guerra na Groenlândia. Guerra secreta e solitária, por certo, travada na meia obscuridade que paira ao norte do Círculo Polar Ártico. Os heróis dessa guerra foram os homens que voluntariamente se alistaram para trabalhar com as brigadas de pista da Aviação Militar e Naval, à temperatura de 54° abaixo de zero, e que passaram invernos inteiros em distantes estações meteorológicas que a neve cobria a 6 metros de altura.

Sendo da frígida Groenlândia, ao norte do Atlântico, que sopram os ventos e derivam as correntes marítimas que originam as perturbações e temporais na zona das Ilhas Britânicas e na própria Europa, essa guerra foi essencialmente meteorológica. A Groenlândia detem cada dia o segredo do tempo que no dia seguinte vai fazer na Europa, e todos os bombardeios que os Aliados empreendem contra a Alemanha dependem de previsões feitas no Ártico, com bastante antecipação. O horário—que digo eu, o próprio êxito!—da invasão aliada da Europa pode depender inteiramente do fato de sermos nós, e não os nazistas, que estamos hoje na posse da Groenlândia.

Essa grande ilha obscura tem para nós ainda outro interesse vital: é que a rota aérea mais curta dos Estados Unidos para a Europa atravessa a sua extremidade sul. A Groenlândia é um ponto de parada lógica, forçada, no transporte de aviões para a Inglaterra.

Pelo menos desta vez fomos nós os primeiros a chegar! No verão de 1941, meses antes de Pearl Harbor, saiu dos Estados Unidos, sob o meu comando, uma expedição com ordem de estabelecer uma base aérea na costa ocidental da Groenlândia, que viria a ser a mais setentrional das bases aéreas deste continente e do mundo.

Os meus homens eram todos voluntários, gente escolhida dentre as forças regulares da Aviação Militar Americana.

Bernt Balchen, um dos ases mundiais da aviação, é tambem indiscutivel autoridade no tocante à vida nas regiões polares. Durante dois anos, foi piloto da expedição antártica Wilkins; dirigiu o avião de Byrd sobre o Polo Sul; esteve à testa de várias expedições de salvamento no Ártico; no Canadá, fez o transporte aéreo de minério de ouro; acabou instalando-se na Europa, como gerente da Linha Aérea Norueguesa. Quando os nazistas invadiram a Noruega, voltou Balchen ao serviço ativo, a princípio com a RAF e mais tarde como coronel da Força Aérea do exército norte-americano.

Oriundos muitos deles do Alabama, do Texas ou do Tennessee, nunca na sua vida tinham visto neve. Cada *iceberg* que nos aparecia pela frente era motivo de assombros e comentários: «Isso é o maior pedaço de gelo que eu já vi, fora dum refresco!»

O próprio tamanho da Groenlândia foi um espanto para muitos deles: ainda recordo que um dos meus leais rapazes, voluntário de Brooklyn, apostou um mês de soldo em como a ilha não seria mais extensa que Long Island, às portas de Nova York... Na realidade, a Groenlândia tem quase a largura dos Estados Unidos! Apresenta a forma duma taça pouco profunda: ao longo de toda a costa desenrola-se uma cadeia de altas montanhas que se vão progressivamente abaixando para o interior; aquí, como depositado na imensa bacia limitada pelas serras, se estende vasto lençol de gelo, uma crosta que reveste toda a superfície da ilha, com exceção da estreita faixa ao longo do litoral.

A Groenlândia é ainda hoje uma colônia da Dinamarca, administrada a distância pela legação dinamarquesa em Washington, a qual, como se sabe, não acata as ordens do governo de Copenhague. Foi a legação que nos autorizou a instalar bases e aeroportos na ilha, que não conta mais de 20.000 habitantes, a maioria dos quais vivem na costa sudoeste.

Os problemas que oferecia a construção de bases aéreas, em país virtualmente deshabitado, eram formidaveis. Num raio de 160 quilômetros a contar do ponto onde íamos estabelecer-nos, não existia sequer um aldeamento de esquimós, e todo o equipamento bem como os suprimentos indispensaveis à vida só podiam vir-nos dos Estados Unidos. Tivéramos de levar tudo conosco—incluindo palitos. Alem dos tratores, e dragas, o nosso navio levava uma verdadeira livraria, toda uma coleção de jogos e quebra-cabeças, artigos de futebol, luvas de boxe... e até uma dúzia de árvores de Natal artificiais! Eu sabia bem o que 24 horas de escuridão podem fazer de um homem...

Navegamos ao longo de um estreito fiorde, terra adentro, a lançamos ferro numa baía pouco funda. Olhei em silêncio os baixos lamacentos, a praia de cascalho, as lúgubres encostas desarborizadas: aquele lugar desolado e triste iria ser por dois anos o nosso lar!

Trabalhamos todo o outono para construir um acampamento e aprontar um aeródromo na gelada vastidão, e pela altura de dezembro tínhamos uma pista em condições de receber e acomodar o primeiro avião.

Não creio que os meus homens tivessem sentido em toda a sua extensão o que era o nosso isolamento naquele lugar, até o momento em que o último navio largou de regresso aos Estados Unidos: não veríamos outro até voltar o estio. E de repente se viram sós, meia dúzia de pontos escuros perdidos na imensidade gelada... Foi então que, pela primeira vez, eles «ouviram» o silêncio. Vinha baixando o negrume do inverno, e de dia para dia o mercúrio caía um pouco mais abaixo. Os homens esforçaram-se por dominar o pavor que ameaçava apoderar-se deles; era impossivel que o tempo arrefecesse ainda mais—não, se a temperatura continuasse a cair, ninguem resistiria! E o termômetro implacavel, indiferente, continuou baixando todas as manhãs mais um nadinha, as sombras se alongaram, o silêncio se tornou mais apertado em volta, como o nó de uma corda no pescoço...

Essa friagem silenciosa e intensa produz um estranho sentimento de inquietude: sai a gente da barraca, pela manhã, e o grosso casaco forrado de borracha fica duro como uma tábua, gela antes de a gente ter tempo de fechar a porta. Sente-se a cara como que mirrar numa questão de segundos, como se a tivesse bafejado uma chama. Uma nódoa branca na testa prenuncia uma semana de agonias; uma inspiração profunda contrai-nos os pulmões. Um pouquinho de neve que se insinua pelo cano de uma bota pode resultar na amputação de dois dedos, talvez até na perda do pé...

Expedí apenas uma ordem em matéria de apresentação pessoal: estão proibidas as barbas. Fazer a barba todos os dias poderá parecer um luxo ocioso, nas solidões do Ártico; mas a verdade é que descongelar toda uma coleção de barbaças se pode tornar uma operação muito mais penosa ainda.

Até o próprio paladar dos homens parecia ter-se alterado. Então não é que eles comiam com sofreguidão alimentos de cuja existência nem sequer até alí tinham sonhado?—Fígados e ovas de bacalhau, carne de foca e de rena, e lebre do Ártico. Aprenderam a cozinhar o peixe à maneira do Norte, cortando-o em postas e fervendo-o em água do mar. Mas davam-se bem com a dieta, e em média ganharam quase dez quilos durante o primeiro ano.

O inverno vinha agora implacavelmente em cima de nós. O sol, pelo meio-dia, era apenas um clarão avermelhado, e o perigo da depressão moral crescia com as trevas. O exercício físico era a única reação possivel a tais condições: se um homem se fatiga bastante, não terá dificuldade em dormir. Organizamos, pois, cursos de esquís. Por vezes os meus homens abriam um ringue na neve, e organizavam estranhas sessões de boxe, durante as quais os pugilistas se debatiam e pulavam grotescamente dentro de suas pesadas botas e uniformes de inverno. Quando os temporais nos empurravam para dentro de casa, improvisavam-se quadros de revista na sala da cantina. As piadas eram sediças, desafinada a música; mas às vezes eu desejaria que certos sujeitos, que ficaram no aconchego da Pátria, se encontrassem de repente naquele grupo apinhado à roda do piano, vozes erguidas em estrondosa harmonia para abafar o contínuo batucar da neve seca no telhado, e o incessante uivar do vento. Problemas tais como greves, ou impostos, ou cem gramas a mais de manteiga, ou mesmo as próximas eleições, talvez parecessem um pouco menos importantes, se os confrontássemos com a escuridão, a solidão e o frio polar...

Na primavera, com a melhora do tempo, foi aumentando o número dos bombardeiros que passavam, roncando, por cima de nossas cabeças, a caminho das frentes de guerra. Os bombardeiros médios e os aparelhos de combate desciam no nosso campo, para se utilizar de nossos serviços: o que nos mantinha atarefados dia e noite.

Todo esse verão não saiu da idéia a possibilidade de um ataque inimigo. Os aviões alemães de grande raio haviam andado a patrulhar a Groenlândia, e mais de uma vez tinham voado diretamente sobre a nossa base.

Começamos a suspeitar que os alemães se tinham já instalado num ponto ainda incerto da costa oriental da ilha. Com efeito, sucedeu um dia que um grupo americano, formado por dois aviões B-17 e quatro P-38, vendo-se perdido num espesso nevoeiro, pediu em cifra informações sobre o estado do tempo na região de um dos nossos aeródromos auxiliares. Recebeu a resposta—igualmente em cifra—dizendo que esse campo estava sulcado e fendido, sob o gelo, e com a visibilidade

a zero, mas que outro campo, mais para o norte, achava-se em condições de recebê-lo. Aproaram ao norte, mas o mau tempo agravou-se, e viram-se afinal forçados a aterrar desastrosamente na crosta de gelo.

Confrontamos mais tarde os nossos próprios boletins meteorológicos com as mensagens recebidas por aqueles pilotos, e concluimos que as informações relativas aos dois aeródromos auxiliares tinham sido propositalmente falsificadas. Os aviões haviam sido encaminhados para o desastre por meio de incorretas indicações de tempo, evidentemente expedidas por um rádio secreto dos alemães.

DE TODAS AS ARMAS do Ártico, a mais traiçoeira é a bruma. Ela funde num esplendor uniforme a neve branca, o céu e o gelo. Não se vê o horizonte, e naquela infinda brancura de leite perde-se o sentido do equilíbrio; se o piloto endireita o aparelho com demasiada rapidez, sente-se oscilar e rebolar para trás, porque é impossivel dizer quando é que se encontra na posição vertical. O piloto não pode avaliar a que distância se encontra do solo; arrisca-se a tentar fazer uma aterragem quando se encontra ainda a 15 metros de altura, ou a «picar» a toda a velocidade para ir embater e espedaçar-se no gelo do chão.

Essa bruma apavorante foi a causa do acidente sofrido no dia 8 de novembro de 1942 pelo tenente A. L. Monteverde, da Califórnia, que pilotava uma Fortaleza Voadora. A esse desastre seguiu-se uma das mais demoradas e exhaustivas operações de salvamento que regista a história do extremo Norte. Nenhum dos homens que nela tomaram parte se podia considerar um explorador polar de experiência; eram todos eles típicos moços americanos, que nunca na sua vida tinham visto o Ártico. Poucos meses atrás eram estudantes, ou moços de balcão, ou caixas de banco em pequenas cidades e vilas,—aquilo que nas pequenas cidades se chama «o filho da vizinha alí do lado». Mas apesar disso deram mostras de grande fortaleza de ânimo.

O Ártico atingiu o aparelho de Monteverde com fulminante rapidez. Dum instante para o outro, o avião, que vinha voando baixo sob o teto de nuvens, pareceu deter-se em pleno ar; tocando o terreno, deslizou 200 metros sobre a «barriga», e parou com um ranger infernal, a fuselagem partida em duas.

A neve seca tamborilava incessante, com um crepitar suspeito, contra os flancos metálicos do aparelho; pelo espírito de Monteverde, que estava meio atordoado, passou a idéia de que a Fortaleza se incendiara, e o aviador pulou fora da carlinga. Um dos membros da tripulação, o sargento Spina, jazia por terra com um braço partido. Outro, Berst, fora cuspido através da janela de vidro plástico da proa, e tinha a face seriamente retalhada. E todos os outros estavam contusos e arranhados.

A toda a pressa, Monteverde e o seu navegador, o tenente O'Hara, transportaram Spina para o interior da metade traseira do avião. Na pressa, o tenente O'Hara deixou entrar um pouco de neve para dentro das botas, mas não perdeu tempo a retirá-la,—descuido que lhe viria a custar bem caro. Os restantes homens da tripulação salvaram quantas rações e cobertores encontraram espalhados pela neve; calafetaram conforme puderam o rombo da fuselagem, com um pedaço de lona alcatroada, e puseram-se a esperar que o tempo mudasse...

Mas quando o temporal se acabou, três dias depois, tornou-se evidente a situação desesperada em que aqueles homens se encontravam: completamente cercados

por fendas profundas na geleira, nenhum avião poderia aterrar perto deles; era até duvidoso que alguem pudesse aproximar-se deles andando a pé.

Em desespero de causa, O'Hara e o ten. Spencer, co-piloto, decidiram meter-se a caminho através da neve, na esperança de alcançar a costa. Tinham andado curta distância quando O'Hara, que ia na frente, ouviu Spencer murmurar: «Esta neve não me parece lá muito...» A frase abruptamente cortada fez O'Hara voltar-se para trás: no lugar onde estivera Spencer havia apenas um buraco ameaçador...

O'Hara dirigiu-se rastejando cautelosamente até à beira do sorvedouro aberto na neve, e olhou para dentro: durante instantes não viu senão o opressivo negrume; mas, à medida que os seus olhos se adaptavam à escuridão que reinava lá em baixo, pôde avistar de um lado e outro as muralhas de gelo azul-verde, sem uma ruga... A dezenas de metros de profundidade estava um bloco de gelo solto, entalado de través na estreita garganta da fenda... Por milagre, esse bloco detivera Spencer na queda ao abismo! O co-piloto jazia sobre o ventre, naquele poleiro precariamente equilibrado, olhando para baixo, para o nada.

O'Hara pôs-se a gritar por socorro, e a tripulação do aparelho acudiu correndo. Então, com as cordas de suspensão de um paraquedas, teceram um cabo, deixaram-no descer até alcançar o companheiro, e muito devagar—porque o bloco de gelo oscilava e escorregava ameaçadoramente cada vez que ele se mexia—Spencer passou um laço em volta da cintura. E assim, pouco a pouco, foi sendo içado até à superfície. Não se fizeram mais tentativas de exploração da crosta de gelo...

Quando regressaram ao avião, pela primeira vez O'Hara reparou e disse aos outros que perdera toda a sensibilidade das pernas. Um rápido exame confirmou os peores receios: tinha ambos os pés gelados!

Desde o acidente os tripulantes vinham trabalhando sem cessar na reparação do rádio, arrombado na queda. O cabo Howarth conseguiu degelá-lo com a luz de sinalização, e foi possivel mandar

Este mapa mostra a mais nova e mais curta rota aérea que liga os Estados Unidos à Europa, indicando porque a Groenlândia se tornou um elo de vital importância na cadeia da vitória.

finalmente uma mensagem, com a indicação aproximada da posição em que se encontravam. O receptor não funcionava, não havendo assim maneira de dizer se a mensagem fora captada: nada havia a fazer senão esperar.

A 24 de novembro, conseguimos enfim localizar a Fortaleza numa zona inacessível, a cerca de 60 quilômetros da Baía de Comanché. Lançamos suprimentos do ar: mas o vento, que estava fresco, colheu os paraquedas, e, antes que os homens bloqueados pudessem alcançá-los, vimo-los deslizar para fora do seu alcance, e para alem das profundas fendas do gelo! Só lhes foi possivel apanhar os suprimentos que lançamos do ar em queda livre.

Demos-lhes então instruções para que não saissem do seu lugar, e transmitimos a sua posição ao navio guarda-costas *Northland*, que se fez a todo o vapor para a Baía de Comanche. Entretanto, o ten. Max Demarest e o sargento Tetley sairam da nossa estação meteorológica auxiliar de Comanche, com um par de trenós a motor e dois jogos de cães. Tiveram que andar aos ziguezagues pela beira das fendas, indo à frente Demarest para tentear o terreno, enquanto Tetley vinha trazendo os trenós um por cada vez.

Um aparelho Grumman anfíbio, pilotado pelo ten. Pritchard, decolou e conseguiu aterrar com êxito sobre os flutuadores, num vale coberto de neve, perto do B-17. Voando por cima do Grumman, lançamos botas de neve e cordas ao ten. Pritchard, que a 28 de novembro conseguiu finalmente estabelecer contacto com a tripulação bloqueada. Mas como nem O'Hara nem Spina pudessem fazer a pé a jornada de regresso, decidiu-se pedir assistência médica; Pritchard escolheu dois outros homens que não estavam impossibilitados de andar, e levou-os de avião para a Baía de Comanche.

Nessa noite, já tarde, Demarest e Tetley conseguiram atingir com os seus trenós a beira da área de fendas onde jazia o B-17, e venceram o resto da distância a pé, alumiando o caminho com lâmpadas elétricas. Foram encontrar a tripulação em bom estado de ânimo. Parecia-lhes que já se tinham acabado as duras provas. Demarest colocou novo penso no braço partido de Spina, cuidou dos outros membros da tripulação que estavam sofrendo de queimaduras do frio, e só então sairam para ir buscar os trenós para junto do avião.

Acenando ansiosamente aos seus salvadores, que já venciam a última etapa do percurso, os homens da tripulação viram Demarest dar meia volta ao trenó para que este ficasse na direção devida; sem que nada o permitisse prever, a crosta gelada cedeu, foi-se abaixo, e o trenó arrastou consigo na queda o condutor... Muito em baixo, no fundo do abismo, a tripulação consternada pôde ainda lobrigar a retaguarda do trenó espedaçado: mas de Demarest nem sinal!

O tenente Pritchard reapareceu essa mesma tarde no seu Grumman, quando o mau tempo voltava a apertar; tomou a bordo mais dois membros da tripulação do B-17, e partiu. O nevoeiro apanhou-o no caminho: perdido na cegueira da bruma, o Grumman embateu na encosta de uma montanha, e os três homens morreram.

Monteverde e os outros tripulantes receberam a notícia em atônito silêncio. E o temporal caiu de novo sobre eles, aprisionando-os alí por mais sete dias. Quando a tempestade amainou, o capitão Turner, do Comando de Transportes Aéreos, sobrevoou o local do desastre num B-17, despejando lá de cima víveres e artigos medicinais.

A 7 de dezembro, os pés de O'Hara apresentavam-se em tão mau estado, que se decidiu tentar a saida dele no trenó motorizado de Tetley. Metido na sua cama-saco, O'Hara foi confortavelmente instalado sobre o trenó; o tenente Spencer seguiu na vanguarda, com as botas de neve calçadas para explorar as fendas que houvesse pelo caminho; e o soldado Wedel, do corpo auxiliar de engenharia, seguia atrás, a pé.

A uns três quilômetros do lugar do acidente, detiveram-se a fazer um reparo qualquer no trenó, e Wedel avançou até ficar ao lado do carro, para falar com O'Hara. De repente ouviu-se um brado, as mãos enluvadas de Wedel procuraram convulsivamente agarrar-se à cama-saco —mas logo deslizaram sem força, e desapareceram... Tetley pôs em marcha o trenó, e arrastou-o num abrir e fechar de olhos para longe do buraco que se rasgara na crosta de neve esboroada. Espreitaram para o fundo da fenda em que Wedel tinha desaparecido, mas nem traço de vida perceberam lá em baixo.

Pouco depois o trenó começou a dar-lhes dificuldades; o óleo de lubrificação congelou, e rebentou um dos tubos de alimentação; o motor cessou de funcionar, e o carro parou definitivamente. Nessa noite a neve, arrastada pelo vento, empilhou-se a grande altura contra a tenda que os homens ergueram, e quando veio a manhã o trenó estava completamente soterrado. Instalaram O'Hara o melhor que puderam, e agacharam-se no fundo da sua toca, esperando. Semanas e semanas decorreram; as tempestades de inverno baldavam todos os esforços de socorro; não obstante, o capitão Turner ia de vez em quando lançar víveres pelo ar aos nossos camaradas.

Nos começos de fevereiro os contínuos vendavais abateram um pouco, e eu consegui aterrar na crosta de gelo, perto do pequeno acampamento do trenó a motor, «patinando» sobre a carlinga do meu Catalina naval. O'Hara tinha perdido uns 50 quilos de peso; mas os outros dois homens, graças aos víveres fornecidos pelo capitão Turner, haviam conseguido ganhar bem 10 quilos cada um!

Nem mesmo depois de os termos instalado a bordo do PBY se podiam considerar vencidas todas as nossas dificuldades. Aceleramos os motores, mas o avião ficou como se tivesse raizes no chão. Naquele frio intenso, o casco de metal do aparelho tinha-se soldado rijamente ao gelo do terreno! Pusemos um par de homens a cada flutuador, e ordenamos a mais dois que corressem de extremo a extremo sobre as asas do avião, de modo a dar-lhe um balanço lateral: e assim conseguimos, fazendo estalar o gelo, libertar o aparelho do seu alvéolo, e pô-lo a funcionar. Mas tão depressa paramos para recolher a bordo a tripulação, a carlinga tornou a soldar-se ao gelo!

Liberto de novo o avião, pusemo-nos então a fazê-lo deslizar lentamente, em largo círculo, sobre o gelo. Um a um, à medida que por eles íamos passando, os homens iam dando um pulo para agarrar o escadote metálico suspenso da portinhola da torrinha de canhão de bombordo. A tripulação, de dentro, pegava os homens à medida que eles chegavam, e içava-os sem cerimônia para a carlinga. Uma vez descrito o círculo completo, sem parar, o avião ganhou velocidade e conseguimos decolar, chegando sãos e salvos à base.

Levou-nos mais um mês, de avião e com trenós puxados a cães, para arrancar ao gelo os três homens que estavam prisioneiros do B-17 sinistrado. Quatro meses e meio bem amargos tinham eles passado, isolados na crosta de gelo da Groenlândia!

Quando chegamos à Estação Meteorológica de Beach Head, o coronel Wimsatt, comandante da Base da Groenlândia, estava-nos esperando com uma mensagem urgente: o inimigo tinha-se estabelecido na costa oriental, na Ilha Sabina, e um grupo de alemães tinha atacado e tomado Eskimonaes, que é um posto isolado da Patrulha Groenlandesa em Trenós. Recebemos ordem de levantar vôo imediatamente para ir bombardeá-los...

A Patrulha em Trenós era composta de caçadores de peles, dinamarqueses e noruegueses, contratados pelo Exército dos Estados Unidos para organizar o patrulhamento regular da costa oriental da Groenlândia.

Em março, um grupo de alemães comandados por um tal tenente Ritter tinham encontrado três membros da Patrulha em Trenós. O condutor do trenó da vanguarda, Eli Knudsen, não ouvindo a voz de alto que lhe deram os alemães, foi logo morto a tiro. Os outros dois foram feitos prisioneiros e levados para a Ilha Sabina.

Uma vez na ilha, o tenente Ritter tomou uma curiosa decisão. Um dos prisioneiros dinamarqueses viu-se com grande surpresa posto em liberdade, e com licença para regressar a casa. Servindo-se do outro prisioneiro como guia, Ritter pôs-se em campo para investigar o que havia de positivo sobre uma possivel estação meteorológica na Baía de Mackenzie. Mas tão depressa se viu só com o alemão, e longe de testemunhas, o possante dinamarquês o desarmou, e fê-lo por sua vez prisioneiro... Juntos, puseram-se então a caminho para vencer o fabuloso percurso de 560 quilômetros que os levaria à Baía de Scoresby, ao sul, onde estava o comando da Patrulha em Trenós. Viveram juntos durante um mês, comendo lado a lado as refeições, partilhando de noite a mesma cama-saco. Quando chegaram à Baía de Scoresby, o condutor de trenós entregou o prisioneiro às autoridades competentes.

No ínterim, íamos fazendo grandes preparativos para desalojar o inimigo. Foi decidido que atacaríamos pela Islândia. Largamos uma noite, às 11 horas, na estranha meia-luz prateada da noite ártica de primavera, para ir bombardear Eskimonaes. Pela altura em que atingimos o objetivo, cerca das três da manhã, o sol brilhava como se fosse meio-dia! Despejamos a carga de bombas, metralhamos os pequenos edifícios e a estação de rádio, e deixamos tudo aquilo a arder.

Quando recebemos dos Estados Unidos alguns Liberators com capacidade para longo raio de vôo, foi a vez da Ilha Sabina, isto é, o primeiro bombardeio das instalações alemãs deste lado do Atlântico. Como voávamos sobre o alvo a 1.500 metros de altura, pudemos atingir os dois edifícios principais: estação de rádio e paiol. Ao largo da costa lobrigamos um transporte alemão, imobilizado no gelo: traineira de 300 toneladas com os mastros e a chaminé cortados pela base, para chamar a menor atenção possivel. O casco do barco estava habilmente camuflado sob a neve amontoada de propósito.

A despeito do canhoneio anti-aéreo, bombardeamos e metralhamos os edifícios, e despejamos mais de 1.300 rajadas de tiro em cima do barco de suprimento. Quando voltamos mais tarde para observar os resultados, a estação alemã tinha sido abandonada. Os edifícios estavam desmantelados, e o barco aprisionado no gelo da baía tinha evidentemente pegado fogo, devido ao nosso bombardeio; em volta dele, à medida que ardera, a neve fora-se derretendo, e via-se agora apenas o círculo negro, aberto no gelo, através do qual o casco carbonizado se afundara. No entulho dos edifícios encontraram os nossos homens uma porção de pistolas Luger, peças de canhões de 20 mm., e diversos instrumentos de observação, inutilizados. Ao pé de uma ribanceira estavam vários paraquedas vermelhos, para dois homens, com uniformes alemães completos. Havia peças de vestuário próprio para o frio ártico, caixas de metal com víveres, entre eles a deliciosa manteiga dinamarquesa. Era evidente que os nazís vinham abastecendo regularmente, pelo ar, aquela base. Na manhã seguinte uma de nossas patrulhas deu inesperadamente com um alemão solitário, que estava agachado nas rochas. Tinha ao lado dele, numa espécie de abrigo, boa quantidade de granadas de mão, mas rendeu-se logo sem opor qualquer resistência. Envergava o uniforme que pertencera a Eli Knudsen, o condutor de trenó que, como acima já disse, fora morto pelos alemães.

Poucas semanas depois conversei com o tenente Ritter, nosso prisioneiro. Antigo comandante dum baleeiro alemão, professor e autor de livros sobre o Ártico, dera entrada na Marinha de Guerra Alemã em 1942, e fora colocado à cabeça de uma expedição à Groenlândia, com a missão de instalar alí uma estação meteorológica, destinada a fornecer previsões de longo alcance à Luftwaffe, e tambem a orientar os submarinos alemães nos seus ataques pelo Atlântico norte. Alem disso, segundo Ritter confessou, a Groenlândia estava sendo regularmente utilizada na irradiação de previsões de tempo para os navios mercantes alemães, auxiliando-os a escapar ao bloqueio das esquadras aliadas, e a transportar suprimentos entre a Noruega e o Japão. Ritter tinha desembarcado alí em agosto de 1942, e a sua estação vinha funcionando havia quase um ano, a remeter boletins duas vezes por dia para o alto comando naval de Berlim.

Conquanto nunca tivéssemos chegado a saber o que fora feito dos alemães que haviam fugido de Sabina, após o nosso raide, pode-se presumir que eles se encaminharam para o Norte, ao longo da costa, para algum ponto previamente combinado, onde foram recolhidos a bordo de hidroaviões alemães vindos da Noruega. O patrulhamento constante da costa não revelou mais sinais de instalações inimigas.

Lógica duvidosa

¶ Num restaurante de Washington, ouvimos esta pequena frase filosófica: «Eu me casei com ela porque nossos defeitos são tão parecidos!»

Evelyn L. Nelson

¶ O gerente de uma companhia, conversando com um candidato a emprego, observou-lhe: «O ordenado que o sr. pede é muito alto, visto que lhe falta experiência para este trabalho.»

«Bem, mas o caso é que quando a gente não tem experiência, o trabalho é muito mais árduo!»

Do jornal *Guide*, de Willow Grove, Pennsylvania

¶ Não é o que dizemos, mas a maneira por que o dizemos, que causa uma impressão definitiva

Sua voz exprime sua personalidade

(Condensado do «Rotarian»)

Por Hughes Mearns

Conheço um escritor, realmente de talento, que é sempre mal servido pelos garçons em todos os restaurantes. Cada vez que o fato se repete, fica desconcertado, sem saber a que o atribua. É que, embora suas palavras sejam corretas, o tom em que as pronuncia, no simples ato de encomendar um jantar, é tão altivo e ríspido que chega a ser insultuoso. Parece lembrar ao criado: «Veja o que você é, e quem eu sou. Vamos com isto, seu idiota!»

Persuasivo, como sabe sê-lo, ao empregar a palavra escrita, desconhece totalmente esta outra arte—a da linguagem falada.

Vinte anos de estudo sobre os problemas das relações humanas levaram-me à conclusão de que um dos principais motivos devido aos quais certas pessoas não conseguem facilmente associar-se às outras é o fato, aparentemente desconhecido, de que muitas vezes a mensagem, transmitida pelo tom da voz, desmente ou contradiz a que as próprias palavras pretendem registrar. Frequentemente, o que causa ressentimento é o tom em que nos expressamos, e não o significado real das palavras. «Não era isso o que eu queria dizer,» protestamos, e nos sentimos melindrados por não nos terem compreendido bem.

Um dos casos mais comuns é o das frases polidas que, pronunciadas em certo tom, deixam transparecer enfado ou tédio. É assim quando uma moça diz, por exemplo, sem sinceridade alguma: «*Adorei* sua festa, meu bem!» ou então: «Você foi tão gentil em nos convidar para conhecer sua amiga. Ela é um encanto! Foi uma noite agradabilíssima, não foi, Carlos?»

Outros exemplos de tons de voz que podem causar atritos nas relações sociais são o da voz queixosa de quem esteve enfermo, conservada através da convalescença, e até depois do restabelecimento, às vezes para sempre; a vozinha infantil que se torna tão ridícula na idade madura; a voz resignada que sugere uma paciência infinita, e aflige mais as crianças que uma severa reprimenda. Acrescentemos ainda os vários tons de voz usados nas tarefas cotidianas, que levam para a mesa do jantar os afazeres da casa, ou o ambiente do escritório.

Só ao compreendermos bem a importância e o valor do tom que damos às palavras, ser-nos-á possivel corrigir tais defeitos. Procure, por exemplo, interpretar o que lhe dizem, segundo o verdadeiro significado que se oculta por detrás das palavras, conforme o tom em que estas forem pronunciadas. Um simples «Como vai?» transforma-se em «Simpatizo muito com você», ou «Vá para o diabo que o carregue!». «Vai ausentar-se por muito tempo?» sugere às vezes «Tomara que não volte nunca mais!» «Vamos ver se nos encontramos mais a miudo» pode muito bem querer dizer «Nunca mais, se possivel».

Uma vez reconhecida a existência desta dupla linguagem, tão frequentemente usada, há que estudarmos os tons de voz indicados para cada ocasião. Não é qualquer coisa que se possa fazer de um momento para outro, como um dado gesto, ou que se possa aplicar subitamente, como um pouco de ruge. Os verdadeiros sentimentos que nos animam são algo de mais profundo. Precisamos usar de certa energia para trazê-los à superfície, e recorrermos ao que há em nós de mais sincero para transmití-lo às palavras que empregamos comumente. Contudo, já que nos é tão importante mantermos boas relações com as pessoas a quem queremos, vale a pena fazer o esforço.

A melhor maneira de expressar sinceridade, ao pronunciarmos certas frases convencionais, é baixarmos de leve o tom da voz, falando ao mesmo tempo mais lentamente. Deixemos de lado os elogios, de uma vez por todas, quando estes não concordarem com nossos próprios sentimentos. Felizmente, a maior parte das comunicações que trocamos uns com os outros, podem ser transmitidas num tom indiferente que não sugere segundos sentidos nem insinuações veladas. É o caso, por exemplo, quando perguntamos a um desconhecido: «Por onde passa o ônibus?»—num tom de voz mediano e inofensivo. Portanto, quando alguem pergunta, em casa: «Onde está a chave de parafuso?»—ninguem deve responder no tom de quem se desculpa por ignorá-lo, ou de quem gostaria de descobrir o que o outro pretende fazer com o referido instrumento, ou de quem se mostra aborrecido com a pergunta. A resposta, neste caso, deve ser apenas uma simples declaração, imparcial e desinteressada.

Não há nada como o emprego deliberado deste tom de voz simples e calmo para diminuir a tensão nervosa que às vezes nos domina em meio às atividades cotidianas, e logo se revela no modo por que falamos. Em certos casos, transmitimos inconcientemente pelo tom da voz o aborrecimento que nos causou uma palestra anterior, desconcertando e surpreendendo os amigos que nos cercam. A voz tranquila e serena, empregada propositadamente, vencerá nossa tensão nervosa, e a daqueles com quem tratamos. Uma resposta nesse tom produzirá um efeito verdadeiramente milagroso, quando alguem levantar a voz, dando mostras de grande exaltação.

O segundo passo é praticar um tom de voz como se estivéssemos falando com estranhos. Frequentemente, para um convidado, ou quem quer que bata à porta, tornamos nossa voz mais agradavel que para os de casa, na conversa comum. Imaginemos um marido, uma esposa e um filho, fazendo de conta que se encontram pela primeira vez. A mãe, por exemplo, procurará imaginar por alguns segundos que o seu filho é um menino cujos pais se mudaram recentemente para aquela vizinhança. O tom severo, que tantas vezes se torna habitual, desaparecerá instantaneamente; cada nova palavra passa a ser portadora de afavel cordialidade. É uma experiência que nunca falha; só vendo de que modo a criança reage, obedecendo de bom grado, em vez de opor ao que lhe dizem uma surda resistência. O marido, depois de tantos anos, ouve outra vez a voz amiga que revela tão grande interesse por tudo o que lhe diz respeito, a voz risonha e afavel cujo tom abole todas as preocupações do passado e do futuro, refletindo apenas as doçuras do presente.

Aqueles que melhor se entendem com os operários, os criados, e as crianças, são os que evitam a intonação medida da conciência da superioridade. Podemos

encontrar exemplo animador em Hervey White, filantropo muito conhecido nos Estados Unidos, que conseguiu prestar auxílio a muita gente, embora não disponha de dinheiro algum. Durante 30 anos, na colônia que instalou nas montanhas de Woodstock, no estado de Nova York, facultou a numerosos artistas, escritores e músicos a possibilidade de exercerem, com o máximo proveito, suas atividades criadoras.

Quando perguntei a Hervey White o segredo do seu grande êxito, e de que maneira conseguira ele obter que os operários abrissem estradas, derrubassem pedreiras, e edificassem na floresta o teatro da colônia, respondeu-me simplesmente: «Todos os que trabalham para mim me fazem um grande favor—e por isso me mostro sempre extremamente grato. Alem disso, considero cada qual destes homens como um técnico, capaz de executar à perfeição muita coisa que eu sou incapaz de fazer.» O tom em que lhes falava refletia, portanto, o sincero respeito que a habilidade dos trabalhadores lhe inspirava.

Essa intonação respeitosa de quem reconhece que outro está mais senhor de um dado assunto, pode ser empregada de maneira proveitosa nas nossas conversas diárias com muita gente.

A linguagem dos sons já existia milhões de anos antes que os homens inventassem o emprego das palavras. Ainda nos podemos comunicar uns com os outros através das barreiras dos vários idiomas. Ouví mais de uma vez homens de raça branca dirigirem-se aos índios em inglês, e estes lhes responderem no seu idioma, com o mesmo tom cordial. Uns compreendem a boa vontade dos outros, embora não entendam o sentido das palavras. Várias pessoas que trabalham em obras sociais disseram-me que, ao acolher-se um imigrante, basta um sorriso, um gesto e algumas frases pronunciadas num tom amavel de boas vindas, para afastar apreensões e inspirar confiança, embora o outro não conheça a língua em que lhe falam.

O uso conciente da linguagem do tom é extremamente proveitoso a todos os contactos sociais. Observe portanto as intonações da sua voz, uma das mais antigas heranças do homem. Procure familiarizar-se com esta linguagem misteriosa que proclama ao mundo o que julgamos muitas vezes conservar em segredo. Modifique as suas conversas. Adquira uma nova voz. Procure convencer-se desta grande verdade—sempre que não conseguimos expressar nossos verdadeiros sentimentos, perdemos qualquer coisa de infinitamente precioso.

Plano de após-guerra

AGORA, que a vida já se tornou infinitamente mais calma em Guadalcanal, os homens que a guarnecem têm tempo e folga bastante para pensar na vida e nos objetivos da guerra. Alguns deles me disseram, animados da mais profunda convicção, que o que mais desejariam para o após guerra seria que, ao ser assinada a paz, os japoneses fossem obrigados a se mudar para Guadalcanal, e forçados a viver lá...

—Ira Wolfert, no *American Mercury*

CASEI-ME COM A AVENTURA

Condensação do livro «I Married Adventure» por

OSA JOHNSON

ESTE LIVRO, de autoria da viuva de Martin Johnson, é a biografia despretensiosa e sincera desse homem aventuroso, que se tornou célebre por suas fotografias de índios e animais selvagens. É a história de um casal de jovens—ela, filha de um guarda-freios de estrada de ferro; ele, fotógrafo ambulante—armados ambos de ambição, audácia e confiança no futuro; juntos, viajaram pelo mundo, e encontraram, por fim, algo de mais duradouro que a glória e a fama.

Copyright 1940, Osa Johnson. Ed., J. B. Lippincott Co., E. Washington Square, Filadélfia, Pensilvânia
Publicado em português pela Livraria José Olympio Editora, Rua do Ouvidor 110, Rio de Janeiro

CASEI-ME COM A AVENTURA

Era uma linda tarde de sábado, em abril de 1910. Eu tinha 16 anos, e frequentava ao tempo uma escola secundária do Kansas; com um grupo de outras meninas, fui nesse dia a um espetáculo de variedades no teatro de Chanute. Do programa constava uma palestra, por um rapaz da vizinha cidade de Independence, sobre «Uma viagem aos mares do sul em companhia de Jack London»; nós, porem, fomos ao teatro principalmente para ouvir uma de nossas colegas, que ia cantar qualquer coisa, ao mesmo tempo que se projetavam numa tela algumas imagens coloridas.

Quando Gail terminou sua canção, o mestre de cerimônias apresentou à platéia «o sr. Martin Johnson, intrépido e corajoso viajante de Independence»; e nesse momento surgiu no palco um rapaz alto, magro e um tanto desajeitado; piscou, passou o dedo pelo colarinho, e iniciou a palestra. Pouco tardou que começasse a falar em canibais, e seguiu-se logo a exibição de um filme onde se viam índios tão medonhos, que fechei os olhos para não os ver. Horrorizada, anunciei, num murmúrio, às minhas amigas, que não aguentava mais ficar alí, e decidimos sair todas juntas.

Entretanto, daí a dois anos partia eu, em companhia desse mesmo jovem explorador, em uma expedição aos mares do sul, para filmar outros canibais...

Foi um namoro rápido: Gail, a cantora, me apresentou a Martin Johnson; dois domingos consecutivos foi-me ele visitar à nossa casa em Chanute, e um dia, tendo Gail adoecido, Martin pediu-me que o ajudasse, cantando no programa de variedades de um dos dois modestos cinemas de que era empresário, em Independence.

Passei a noite em casa da família dele, e no dia seguinte, no trem de volta a Chanute, ele me pediu em casamento, e propôs que fôssemos logo procurar o padre... Concordei, e naquela mesma noite, em Independence, já éramos marido e mulher. No entanto, segundo a lei do Kansas, eu ainda era menor de idade, e por isso, daí a cinco dias, decidimos revalidar nosso casamento em Missuri, para impedir que meu pai pudesse requerer a anulação.

Para enfrentar minha família era preciso coragem... Afinal voltamos, e de fato o encontro não foi dos mais agradaveis; meu pai, guarda-freios da Estrada de Ferro de Santa-Fé, era bem mais pequeno do que Martin, mas apesar disso cerrou os punhos, empalideceu assustadoramente, e depois corou de raiva.

—Você fique sabendo, — disse ele a Martin, em voz de trovão—você fique sabendo que eu nunca na minha vida tive tanta vontade de dar uma surra em alguem, está ouvindo?

—Estou sim senhor, e aliás o sr. tem toda a razão, sr. Leighty... Mas o caso é que...

—Nada de conversa, «seu» Martin:

agora minha filha é sua mulher, e vamos ver se você é capaz de tomar conta dela!

Os seis meses que se seguiram foram para mim uma lua-de-mel perfeita. Certo dia, porem, quando falei em comprarmos uma casinha, Martin negou-se, alegando que não era do seu desejo criar raiz em parte alguma: iríamos viajar, correr mundo.

Compreendí então que meu marido tinha sangue de cigano... Não completara ainda vinte anos quando se empregou a bordo de um cargueiro que o levou até Liverpool, e daí passou a vários paises da Europa, onde ganhou a vida trabalhando em diversos serviços de biscate. Em 1908 tomou de novo contacto com o mar, fazendo parte, então, da tripulação do *Snark*, o famoso navio de Jack London; e foi nessa viagem de ano e meio, que, vendo pela primeira vez os aborígenes dos Mares do Sul, teve a idéia de voltar algum dia para fazer um filme completo e minucioso da vida desses selvagens. Seu entusiasmo contagiou-me, e resolvemos partir o mais depressa possivel, muito embora meu pai tivesse perguntado a Martin se era assim que ele pretendia tomar conta de mim, levando-me para terras pagãs, infestadas de perigosos canibais...

Afim de conseguirmos dinheiro para a expedição, vendemos os presentes de casamento e a mobília, e, armados com os filmes e as fotografias trazidas por Martin da viagem no *Snark*, partimos em turnê pelos Estados Unidos e pelo Canadá, para fazer conferências. Era comum termos o dinheiro estritamente suficiente para as passagens de trem de um lugar a outro. Entretanto, Martin conseguiu um contrato com o teatro chamado *Orpheum Vaudeville Circuit*, que arrendou de parceria com Will Rogers e Chic Sale, e assim chegamos a obter os 4.000 dólares de que precisávamos para a viagem aos Mares do Sul.

O equipamento que levávamos nessa primeira aventura era o que pode haver de escasso: uma máquina cinematográfica de manivela, dois aparelhos fotográficos, uma carabina «30-30», duas pistolas automáticas, e algumas centenas de metros de filme. Não nos sobrara dinheiro para mais nada.

Os primeiros meses da viagem foram cheios de decepções e de ansiedade; fizemos todo o percurso das ilhas Salomão, a bordo de baleeiras, lugres e navios mercantes, e nessa região encontramos vários nativos negros, alguns dos quais, ao que se dizia, eram antropófagos. Eu os achava mais feios e ameaçadores que o demônio, mas Martin esperava ver outros ainda peores, afirmando que aqueles já eram domesticados. A ele interessavam apenas as tribos que a civilização ainda não tivesse conseguido dominar.

Resolveu finalmente procurá-los em Malecula, a segunda ilha, em tamanho, do arquipélago das Novas Hébridas, onde não se fazia «patrulhamento»; se havia no mundo lugar onde se pudessem ver homens em estado absolutamente selvagem e primitivo, esse lugar era sem dúvida Malecula.

Compramos passagens num pequeno navio que ia partir de Sidnei. Todos os que, a bordo, tomaram conhecimento do nosso projeto, procuraram dissuadir-nos; o próprio capitão do navio chegou a dizer a Martin:

—Veja bem, rapaz; eu não quero alarmar a sua senhora, mas esses índios de Malecula são traiçoeiros e gostam de carne humana... Todo o mundo sabe disso.

Martin sorriu com uma satisfação que há meses não sentia.

Aconselhou-nos tambem um passageiro, cujo ofício consistia em procurar na-

tivos para trabalharem em diversos serviços: «Eu não ia naquela ilha nem que me pagassem, a não ser que fosse uma canhoneira atrás de mim... Há uns 40.000 índios lá—e a tribo mais forte, os tais *Grandes Números*, tem um chefe chamado Nagapate, que é um horror!»

O capitão recusou-se terminantemente a aportar em Malecula; o contratador de índios então sugeriu que o melhor que tínhamos a fazer era desembarcar em Vau, uma ilha menor, a dois quilômetros da outra. «Está lá uma missão religiosa duns franceses,—explicou—e há um barco-patrulha inglês que faz a volta da ilha de vez em quando; mas aí mesmo, em Vau, há uns 400 selvagens, e me disseram que eles ainda gostam de comer gente...»

Deixamos pois o navio em Vau, pois sabíamos que de lá seria possivel conseguir transporte para Malecula. Fomos recebidos por um dos missionários, o padre Prin, que se mostrou muito cordial e amavel, se bem que um tanto desconfiado... Esse bondoso sacerdote, que se dedicara ao trabalho naquela ilha, sozinho, durante quase 30 anos, contou-nos histórias da crueldade dos nativos de Vau. Quanto a Malecula... Lançou a Martin um olhar em que vi sua reprovação. E o peor foi que, nesse instante, percebí em Martin certa preocupação a meu respeito. Sempre eu, a atrapalhar tudo!

À tardinha ouvimos a distância os «bubús» (espécie de tambores dos nativos). O padre Prin levou-nos à janela de sua cabana, e apontou-nos numa clareira um grupo de pretos, cujas caras eram tão horriveis, que nem de longe pareciam de seres humanos.

—Que é aquilo que eles têm no nariz? perguntei, em voz baixa e um tanto alarmada.

—Osso, respondeu o padre.—Um osso humano...

Martin afastou-me da janela, e disse:

—Escute, meu bem, é melhor você não ir até Malecula; é muito arriscado. Aquí, com o padre Prin, não haverá perigo algum.

Essas palavras me irritaram de tal forma, que perdí o medo e exclamei:

—Se você for, eu vou, está ouvindo? Foi para isso que vim até aquí.

O BOM DO PADRE pôs à nossa disposição uma baleeira de 9 metros, com uma tripulação composta de cinco rapazes de confiança, da própria ilha de Vau. Na manhã seguinte, munidos de nossas máquinas fotográficas, içamos as minúsculas velas da embarcação, e partimos para Malecula.

Desembarcamos na baía de Tenemarú, numa praia deserta, estreita faixa de areia amarela e brilhante, entre o mar e a espessa vegetação que lhe corria paralela. Os rapazes trouxeram para terra a nossa bagagem, mas Martin preferiu carregar, ele próprio, a preciosa máquina de filmar.

Súbito, surge dentre os arbustos um selvagem. Vinha só: era preto como carvão, tinha o cabelo oleoso e a barba densa, trazia um osso atravessado no nariz, e quanto a indumentária, usava apenas uma tanga—simples trapo—tecida de alguma fibra vegetal. Dirigiu-se a nós, e numa algaravia gutural, pôs-se a falar, usando, para meu imenso espanto, palavras inglesas!

—Meu Deus! Chefe! bradava. —Barriga minha mexe muito, dói!

E apertava com grande aflição o estômago...

Olhei para Martin e ele para mim; estávamos realmente atônitos. Viéramos a Malecula esperando encontrar canibais sem mercê, e eis que nos aparece logo de entrada um pobre negro com dor de barriga! Não nos pudemos furtar a uma boa gargalhada. Tirei da maleta uns comprimidos de cáscara, e Martin tentou explicar ao homem que devia tomar o remédio pela manhã, e de novo ao pôr do sol. O negro o ouviu com toda a atenção, pôs os comprimidos na boca, e os enguliu todos de uma vez...

Nesse ínterim haviam surgido da mata vários outros aborígenes, cada qual mais feio, mas evidentemente inofensivos. Aproximaram-se e examinaram, sem grande interesse, a máquina de cinema: Martin então instalou-a, e preparou-se para focalizá-los. Vi que ele poupava bem o filme.

Enquanto isso, os selvagens tagarelavam animadamente. Martin, que entendia um pouco daquela estranha linguagem, explicou:

—Eles estão dizendo que o chefe está na mata. Ah, se nós pudéssemos filmá-lo! Só isso valeria a viagem.

—Eu levo um pouco da bagagem e vou indo na frente, retruquei: e fui-me preparando para partir, carregando fumo e um embrulho de pano.

—Espere aí, Osa. É muito arriscado para você. Eu vou sozinho amanhã.

Eu, porem, continuei andando, e ele acrescentou: —Está bem; então, espere!

Seguimos, pois, juntos, com três dos nativos que nos acompanhavam, e logo mergulhamos na mata densa, tropeçando no atalho escuro, traiçoeiro, lamacento e coberto de trepadeiras úmidas. A princípio sentíamos o bafo pesado e quente que subia do pântano; mas daí a pouco começamos a subir por um declive bastante íngreme, coberto de matagal e cana dura. Devemos ter alcançado uns 300 metros de altura; estava tão cansada, que a respiração me doía como uma faca no peito. De repente chegamos a uma clareira e avistamos, lá em baixo, a praia de onde viéramos e o nosso barquinho, que àquela distância era apenas um pontinho à beira-mar.

Nesse momento ouvimos um arrastar de pés e nos voltamos para ver de que se tratava. Atrás de nós estava um grupo de nativos armados. Vi no rosto de Martin que ele estava alerta, desperto para o que desse e viesse.

—Não dê a menor mostra de medo, disse-me calmamente. —Deixe os embrulhos no chão, e vá descendo devagar pelo atalho; eu vou ver se desvio a atenção deles com a máquina de cinema.

Ia seguir essas instruções, quando deparei com uns cem selvagens tambem armados, que me cortavam por completo a retirada; ouvimos as batidas surdas e rítmicas dos bu-bús, que vinham de algum ponto no interior da mata. Nossos três auxiliares estavam transfigurados de terror.

Foi então que surgiu, à margem da mata, uma figura tão horrenda que chegava a ter grandiosidade. Vestia-se exatamente como os outros: uma tanga de reduzidas dimensões—e tinha um osso atravessado no nariz. Este era, porem, certamente diferente dos demais; tinha todo o ar de quem sente plena confiança em sua própria força. E que força! Em tudo se fazia notar: na estatura, nos ombros enormes, na linha do maxilar, e nos olhos, via-se-lhe inegavel inteligência, vontade dominadora e perspicácia. Percebí que só podia ser o chefe Nagapate, de quem já nos haviam falado.

Olhar fixo à frente, aproximou-se de nós com todo vagar; e verifiquei, bastante admirada, que Martin estava filmando a entrada solene do chefe.

—Não se esqueça, meu bem,—ia ele dizendo com voz mansa e baixa,—não vá mostrar medo... sorria... abra os embrulhos.

Fiz um esforço inaudito, e creio que conseguí sorrir de modo razoavel. Nagapate caminhava justamente na minha direção.

—Bom dia, sr. Nagapate! arrisquei, apresentando-lhe ao mesmo tempo o fumo. O homenzarrão mal olhou o que eu lhe oferecia.

—Veja se ele gosta dos panos, sugeriu Martin. —Se nós conquistarmos o chefe, não haverá mais perigo.

Nas mãos de Nagapate pude ver quatro anéis, um dos quais de sinete, com algo que só podia ser um timbre de brasão. Sentí um tremor frio: aqueles anéis deviam ter sido tirados dos dedos de outras vítimas—antes ou depois de mortas?

—Veja que algodão bonito! exclamei bem alto, mostrando o corte de pano vermelho. Nagapate aproximou-se, mas, em vez de tomar o algodão, segurou o meu braço com uma mão que parecia ser de couro seco.

Apavorada, ouví a voz calma de Martin:

—Não tenha medo, Osa. Ele está é curioso.

Acho que foi a brancura de minha pele que despertou a admiração do enorme negro, pois começou a friccioná-la com o dedo, como se a quisesse descascar... Vendo que nada adiantava, colheu um graveto áspero, e esfregou meu braço; vendo que a pele se tornava rósea, mostrou-se bastante espantado. Tirou meu chapéu e, admirado dos meus cabelos louros, afastou-os para olhar o couro cabeludo, e depois puxou com força uma mexa. Fez-me rodar, e, empurrando minha cabeça ligeiramente para a frente, examinou-me cuidadosamente a nuca...

Meu marido, que estivera filmando a cena, interpôs-se agora entre Nagapate e eu, forçou um sorriso, e apertou cordialmente a mão do chefe; mas aparentemente o czar negro desconhecia esse gesto, pois fez uma careta.

Sem tirar os olhos dos de Nagapate, Martin disse-me, com ar inexpressivo, que descesse o atalho com os três acompanhantes, e que ele iria atrás, daí a pouco.

O chefe, porem, não se deixou iludir; assim que eu me fui dirigindo para o ponto inicial da vereda, agarrou o meu braço e me apertou a mão, da mesma maneira que Martin fizera com a dele. Sentí um alívio imenso, julgando que se tratasse duma despedida amigavel, e, rindo alegremente, retribuí com calor aquele cumprimento. Mas, quando quís retirar a mão, Nagapate apertou-a mais ainda, e pôs-se a beliscar meu corpo. Abafando um grito, lancei olhos angustiados para onde Martin se achava; no seu rosto lívido, vi um bravo sorriso de estátua...

Súbito, o chefe me soltou. Grunhiu uma ordem qualquer, e os seus vassalos sumiram-se na mata. Parecia-nos haver ganho a batalha. Martin então deu ordens aos carregadores para que pusessem aos ombros tudo o que nos pertencia, e corremos para o atalho; mas nossa liberdade durou pouco, pois logo tornaram a surgir os selvagens atrás de nós. Aquilo se assemelhava a uma brincadeira de picula. Martin gritou-me que não me esquecesse do revolver, mas eu me sentí repentinamente fraca e sem resistência, e percebí vagamente, numa espécie de pesadelo, que estava sendo arrastada para trás, em direção à mata. Não tive dúvida: gritei à vontade. De repente me soltaram, cessou o toque dos tambores, e os selvagens voltaram todos a olhar para a baía. Procurei descobrir o que fora que lhes chamara tão subitamente a atenção, e percebí que vinha chegando um barco-patrulha inglês.

Martin livrou-se das mãos que o seguravam, e colocou-se em frente a Nagapate, bradando: «Navio de Guerra! Navio de guerra!», indicando, por gestos, que o navio vinha em nosso socorro. Nagapate, meio incrédulo, fechou a cara, e retirou-se, com seus homens, para a mata.

Até estarmos bem longe das vistas do chefe, andamos normalmente; depois, precipitamo-nos pelo declive abaixo. Sabíamos bem que, se o barco-patrulha se afastasse da baía antes de havermos alcançado nossa baleeira, certamente seríamos agarrados de novo. O capim alto fustigava-nos o rosto. Várias vezes caimos, e tivemos que nos erguer a custo, para prosseguir na corrida.

Quando afinal conseguimos chegar a uma clareira, vimos que o barco-patrulha já demandava, lentamente, a saida da barra! Ao mesmo tempo recomeçou o ruido dos tambores, sinal, sem dúvida, de que íamos ser caçados novamente. Entre a praia e o ponto a que chegáramos, havia ainda um bom trecho de matagal duro e denso. Continuamos a correr loucamente pela vereda escorregadia e traiçoeira, nossa energia reforçada pelo terror, até que, afinal, a mata foi-se tornando mais escassa, e nos vimos na praia.

Os carregadores arrastaram-nos até a baleeira no momento preciso em que os homens de Nagapate surgiam na faixa de areia. Caí quase desmaiada no fundo do barco, e, quando pude afinal levantar a cabeça, vi que já estávamos a salvo, no mar, a boa distância de Malecula.

Em Vau tivemos a satisfação de verificar que nada havia sido perdido: intactos estavam os embrulhos, a máquina de filmar, e os filmes.

Aquele dia terrivel teve suas compensações: Martin conseguira filmar justamente as cenas que desejávamos obter, e que seriam as melhores do nosso documentário da vida primitiva dessa gente. Meses mais tarde, todas as platéias do mundo civilizado tremiam de horror ao surgir na tela a careta medonha de Nagapate. A série de conferências que fizemos, ilustradas com esse filme, foram tão bem acolhidas, que Martin deliberou voltar a Malecula afim de gravar ainda mais minuciosamente as atividades da tribo dos «Grandes Números».

Nessa segunda viagem, porem, já desembarcamos em Vau com equipamento bem melhor: levávamos sessenta e cinco malas grandes e caixotes, e alugamos três escunas, com tripulações armadas, antes de nos aventurarmos até a baía de Tenemarú. «Desta vez o chefe vai ver o que é bom...» foi o comentário de Martin.

Logo ao desembarcarmos, vieram à praia uns quinze nativos, tendo à frente Nagapate em pessoa. Por mais estranho que pareça, já agora ele não era, para mim, mais que uma personalidade de cinema, e assim não me alarmei. Martin e eu corremos a apertar-lhe a mão; o chefe dos aborígenes mostrou-se ligeiramente surpreendido, mas, vendo que lhe não guardávamos rancor algum, tornou-se quase alegre; levou a mão ao peito com entusiasmo, e apontou para nossas escunas. Achando que ele queria ir a bordo, convidei-o, e lá se foi Nagapate com dois dos seus homens. Ficamos bastante admirados ante esse gesto, porque evidentemente, assim fazendo, se entregava ele inteiramente em nossas mãos.

A bordo, demos-lhes biscoitos e salmão, que aceitaram com indiferença. Aliás, notamos neles certa atitude de fleugma estudada, confirmada depois pelo ar de quase completo desinteresse com que Nagapate recebeu os presentes que lhe oferecemos: fumo, panos de algodão, facas e uma cartola...

Na noite seguinte, após atrairmos grande número de nativos até a praia com a nossa exibição de dádivas, projetamos para eles o filme que havíamos tirado na viagem anterior. No momento em que a luz do projetor rasgou a escuridão, ouvimos dos nossos amigos um grunhido de desconfiança. Fui buscar Nagapate, peguei-o pelo braço, e o trouxe até perto do aparelho, sentando-me no chão e indicando-lhe que fizesse o mesmo. Todos então nos imitaram, numa tagarelice incessante.

Assim que a cara de Nagapate apareceu na tela, houve uma exclamação geral. «Nagapate—Nagapate—Nagapate!» gritavam todos. Martin acendeu as lâmpadas de rádio para filmar no escuro, e pude então ver que ele estava contentíssimo de poder registrar na película aquela cena única do espanto e do medo dos selvagens em sua primeira sessão de cinema.

Quase todos os espectadores na nossa platéia «representavam» no filme, e toda vez que surgia um novo «ator», bradavam todos o seu nome e desatavam a rir. De repente, porem, a gritaria diminuiu, cedendo lugar a um murmúrio de temor; passara na tela a imagem de um nativo que morrera pouco depois de nossa partida, e os seus companheiros foram dominados por surdo pavor. Viam naquilo um passe de mágica: Martin ressuscitara o amigo morto!

Depois desse incidente, percebemos uma mudança radical na atitude da tribo em relação a nós; não mais sentíamos neles o impulso traiçoeiro; ao contrário, rodeavam-nos tímida e respeitosamente. Entretanto, pareciam esperar algo—e afinal compreendemos que desejavam fumo, à guisa de remuneração por haverem consentido em assistir ao filme.

Tendo-nos convidado Nagapate para visitar sua aldeia, fomos, acompanhados por três homens brancos e vinte e seis nativos de confiança, todos armados; ficamos uma semana na «corte», e nesse período Martin fez muitos filmes da vida tribal. Passamos os meses seguintes em cruzeiro pelas costas de Malecula e das ilhas vizinhas. Encontramos muitos costumes primitivos de grande interesse, como por exemplo uma «casa das cabeças», onde ficavam penduradas, em cestas, várias cabeças humanas, preparadas por processo especial, bem como caveiras. Vimos tambem uma mocinha que gritava, louca de dor, por ter sido submetida a bárbaro castigo: colocaram atrás do seu joelho uma pedra quente, e em seguida dobraram-lhe a perna para trás, a ponto de aleijar a menina! E isso foi feito para puní-la, por ter tentado fugir várias vezes, depois de haver sido comprada, por vinte leitões, pelo homem que a queria desposar. Outro espetáculo horrivel que nos foi dado presenciar, foi o de uma fogueira onde se tostavam restos de um corpo humano.

Esses oito meses passados entre selvagens antropófagos, de uma imundície indescritivel, serviram para acentuar, tanto em mim quanto em Martin, a saudade pungente de nossa terra, da nossa gente, e de coisas simples como água quente e sabão...

Entretanto, depois de voltarmos aos Estados Unidos e passarmos aí alguns meses, exibindo com grande êxito nosso segundo filme de Malecula («Os Canibais dos Mares do Sul»), partimos novamente, desta vez para Bornéu, afim de fotografar alí os «caçadores de cabeças». Nessa viagem gastamos cerca de 15 quilômetros de filme, e Martin achou que o deveríamos apresentar sob a forma de um estudo sério da vida de Bornéu, tanto do elemento humano, como da fauna.

Quando foi exibido o filme nos Estados Unidos, convidaram-nos para sócios do *Explorers' Club*, e o grande naturalista, hoje falecido, Carl Akeley, nessa ocasião diretor do Museu de História Natural, deu-nos uma sugestão que iria servir de diretriz para todo o nosso trabalho futuro. Disse-nos o ilustre cientista: «Você, Martin, tem a seu cargo uma missão de importância bem mais relevante do que a minha...»

Como não tivéssemos compreendido aonde Akeley queria chegar, ele prosseguiu: «Dediquei minha vida a perpetuar no bronze as espécies de animais selvagens que vão desaparecendo, e procurei tambem trazer o maior número possivel de espécimes para este Museu. E você, com os seus filmes, está fazendo a mesma coisa, com a vantagem de que todo o mundo poderá ver e aprender aquilo que até agora só uma pequena minoria podia aproveitar.»

Tivemos ainda várias conversas com Akeley, durante as quais foi adquirindo forma concreta um projeto de documentação cinematográfica da vida dos animais selvagens em seu habitat natural. O nosso bom amigo convenceu-nos de que o melhor lugar em que poderíamos desempenhar-nos dessa tarefa seria a África Oriental Inglesa.

E ASSIM, depois de vários meses levados em preparativos e na compra de equipamento, embarcamos para Mombaça, tórrido porto marítimo na África Oriental Inglesa. Daí enviamos, por estrada de ferro, nossas oitenta e cinco malas, caixotes e engradados para Nairobí, que seria nosso quartel-general. Lá entramos em contacto com o sr. Blaney Percival, que, tendo passado vinte anos como guarda-caça da região, conhecia todos os animais, bem como os seus hábitos e os locais onde mais facilmente podiam ser encontrados. Sua generosidade foi sem limite, tendo-nos concedido boa parte do seu tempo e transmitido muitas das suas preciosíssimas informações. Falou-nos inclusive na existência de uma remota cratera que não constava dos mapas, e onde haveria certamente abundância de fauna selvagem.

Martin não pôde ocultar o seu contentamento.

—Mas meu Deus! exclamou. —Vamos embora, então! Que é que nós estamos esperando?

Blaney sorriu:

—Ouça, rapaz. Eu o aconselho a começar por pequenas expedições experimentais, antes de se aventurar nesta. Vai ser preciso fazer uma preparação muito cuidadosa. Essa região, que ainda não consta de mapa algum, é lá perto da fronteira da Abissínia, a uns 1.000 km. de distância, —não será facil e, alem disso, não é coisa para moças...

Senti que ia explodir de irritação:

—Ah, é assim, não é? Temos outra vez a mesma história?

No entanto, acabamos por aceitar o sensato conselho do nosso amigo, e iniciamos nossa empresa com uma série de excursões de experiência, antes de partirmos para a longa viagem em direção ao Norte, através do deserto de Caisute e penetrando nas terras desconhecidas ao longo da fronteira abexim. Nossas bagagens e provisões seguiram em carros de bois até Merú (um percurso de cerca de 400 km.), e depois passaram a ser transportadas nas costas de uma centena de carregadores nativos. Setenta deles, conseguimos contratá-los nas montanhas perto de Merú—eram todos guerreiros de porte atlético, com o corpo pintado de azul e vermelho, cores bélicas, e a cabeça coberta por belíssimos cocares de penas

de avestruz, caraterísticos da tribo. Fiquei bastante admirada e—porque não dizê-lo?—um pouco nervosa, quando vi, pela primeira vez, a imensa tropa reunida ao redor da fogueira do nosso acampamento.

Metendo mãos à obra, passamos uma noite e um dia atravessando um rio de lava seca; os resíduos vulcânicos, finos como lâminas e aguçados como cacos de vidro, cortavam nossas botas pesadas, transformando-as em míseros trapos, e dilaceravam os pés descalços dos carregadores. O calor do sol era sufocante, e o ar parecia queimar-nos a pele. Doiam-me os olhos, e eu sentia como que tambores latejando em minha cabeça. Os pobres negros, indiferentes às ordens de Martin, haviam-se esquecido de encher os cantís, e não tardou que fossem deixando cair os fardos. Foi então que Martin se viu obrigado a dar a ordem que mais lhe custou: chicotear os nativos, se tanto fosse preciso.

Antes de ser atingido o fim da penosa jornada, muitos haviam quase enloquecido, com a sede e dor dos pés feridos. Felizmente, porem, chegaram todos vivos.

Terminada a travessia, descansamos uma semana num pequeno vale, enquanto parte dos homens recuperavam energias, e outros iam buscar os fardos abandonados pelo caminho. Prosseguimos depois, penetrando na zona dos rinocerontes, e vimos tantos deles, que afinal eu já estava aborrecida de fotografá-los. Um dia, porem, deparamos com um belíssimo espécime, em esplêndida atitude, contra ótimo fundo de paisagem, e em um momento de perfeita luminosidade. Martin ajustou a objetiva e entregou-me a máquina: fiquei à espera de um sinal dele, para começar a filmagem.

—Continue tirando o filme, aconteça o que acontecer, murmurou. Imprudente, temerário, acercou-se então do animal, que o não vira aproximar-se. Nesse instante surgiu outro rinoceronte de detrás dum rochedo que o ocultara, e os dois monstros avançaram.

Martin tinha boas pernas, mas apesar disso parecia impossivel que pudesse escapar; os animais perseguiam-no, a pouca distância, quando ele passou em frente à objetiva da máquina. Salvou-o um pulo rápido para o lado, iludindo os rinocerontes que continuaram em disparada, na mesma direção inicial. Eu tremia de tal maneira, que sentia baterem-me os joelhos um contra o outro.

—Garanto que ninguem no mundo já tirou uma cena tão perfeita de rinocerontes em plena caçada! exclamou Martin entusiasmado.

Mas percebí então que lhe estava reservada triste decepção: eu faltara à confiança que ele depositara em mim, pois, no momento psicológico, aflita que estava, me esquecera de rodar a máquina.

—Está bem, —respondeu-me—mas da próxima vez procure pensar menos em mim, e prestar mais atenção à filmagem.

À beira do deserto de Caisute ficamos conhecendo Boculi, um velho negro, murcho e seco, de olhos lacrimejantes e queixo torcido, que pareceu surgir como por encanto, manifestando o desejo de juntar-se à nossa caravana. Tinha um curioso ar de dignidade, uma como certeza de que iria ser mais util a nós do que nós a ele... Aceitamo-lo imediatamente como um dos nossos. Os nativos chamavam-lhe «Irmãozinho dos Elefantes», e de fato a impressão que dava era de ter conhecimentos realmente superiores sobre os paquidermes.

O estranho velhinho tornou-se companheiro inseparavel de Martin; quando este lhe pediu informações sobre a cratera desconhecida, que ficava do outro lado do deserto, não deu o menor sinal de haver compreendido. Entretanto, mostrou que toda aquela região lhe era familiar, conduzindo-nos com um mínimo de dificuldade através daqueles ermos. Durou vários dias a viagem, e fomos sempre guiados pelo velho cicerone, numa região de solo incrivelmente áspero e acidentado. Ao fim de um dia de escalada constante, chegamos ao cume de um alto rochedo, de onde divisamos um dos lagos mais lindos que já me foi dado ver; tinha mais de um quilômetro de comprimento e uns 500 metros de largura, e ficava no centro de um vulcão extinto. Era marginado por uma praia de lava dura, faixa larga de uns 30 metros, que ia terminar nos flancos de colinas de 60 metros de altura, cobertas de cerrada floresta. À margem do lago cresciam, confusamente, trepadeiras aquáticas e enormes lírios azues; nos arredores brincavam patos bravos, grous e garças selvagens, e, mergulhados até os joelhos na água límpida, refrescavam-se, pachorrentamente, tantos animais que nem tínhamos possibilidades de os contar.

—Martin, isto aquí é um paraiso! exclamei, e ele fez com a cabeça um sinal de assentimento. Demos, pois, ao lago o nome de *Paraiso*.

Armamos nosso acampamento num rochedo de onde víamos a tranquila cena lacustre, e podíamos ouvir, de todas as direções, o formidavel rugido dos elefantes, que, rompendo o enorme silêncio, nos faziam estremecer sob nossos frageis tetos de lona. Chegávamos até a perceber o ruido das árvores, quebrando-se sob o peso dos paquidermes, que derrubavam os troncos para alcançar as folhas frescas da copa.

Ao tomarmos nossa primeira refeição, na manhã seguinte, já o meu marido falava com entusiasmo em fazermos um filme sobre a *vida de família* dos elefantes. «Isto aquí é a casa deles; e nós somos hóspedes...»

Ficamos três meses nas proximidades do Lago Paraiso. Nas cercanias, em plena selva, descobrimos as trilhas dos elefantes, que cruzavam a floresta virgem como se andassem nas ruas de uma cidade. Explorando-as, verificamos que iam dar sempre ao lago, às pastagens, ao deserto, à planície e a poços de água, sendo que o tráfego dos animais diminuía ou aumentava de intensidade, conforme as estações do ano; no tempo chuvoso e frio, buscavam o deserto ou a planície, e quando fazia sol e tudo se ressecava, voltavam às árvores e à frescura do lago.

Ao prepararmos de novo a caravana para o regresso a Nairobí, esgotava-se já o nosso dinheiro e material fotográfico, e achávamo-nos realmente cansados. Martin, porem, concebera um plano que despertou em mim, ao mesmo tempo, animação e ansiedade: voltaríamos um dia àquele recanto, para passar pelo menos quatro anos perto do Lago Paraíso, com dinheiro e suprimentos abundantes, inclusive os últimos tipos de máquinas de cinema e o melhor que houvesse em matéria de filmes, para documentar a *vida privada* dos habitantes daquelas paragens. Quando chegamos, mais uma vez, aos Estados Unidos, dirigimo-nos a Róchester, no estado de Nova York, afim de solicitar ao sr. George Eastman, da Companhia Kodak, apoio para o nosso ousado projeto.

Não soubemos apresentar nossas idéias com a habilidade suficiente; e depois duma palestra que durou cinco minutos, fomos levados, cortêsmente, até a porta...

Tomamos, pois, o trem para voltar a Nova York, e durante a primeira parte do trajeto pouco falamos; mas quando se

aproximava a estação de Albany, decidí subitamente desembarcar. Martin seguiu-me sem compreender, e, já na plataforma, perguntou irritado:

—Que idéia foi essa de descer aquí? Nós não conhecemos ninguem em Albany.

—Nós vamos é voltar a Róchester para conversar com o Eastman de novo, respondí. —Nem tivemos tempo de expor direito o nosso plano. Ele foi logo recusando, sem ficar sabendo ao certo do que é que se tratava.

—Ele vai pensar que estamos malucos, objetou Martin. —Você vai ver que nem vamos poder entrar!

De qualquer maneira fomos, e, ao contrário do que Martin previra, o sr. Eastman recebeu-nos mais uma vez; ao entrarmos no seu escritório, percebí que meu marido perdera o nervosismo inicial, recobrando a calma perfeita que lhe valera diante de rinocerontes e leões enraivecidos.

—Não tenho muito jeito para falar de certas coisas que têm muita importância para mim, foi logo dizendo. —Quando conversei com o senhor há pouco, não queria propôr-lhe negócio para ganhar dinheiro: desejava apenas interessá-lo no meu plano de fazer um filme sobre a vida dos animais nos arredores do Lago Paraiso...

Eastman fez ligeiro sinal afirmativo com a cabeça.

—Nós sabemos muito bem, —disse eu, entrando com o meu joguinho—que desse assunto de negócios o senhor entende muito mais do que nós, e não precisa de sugestões.

Pareceu-me então que ele fazia um esforço para não sorrir.

—Compreendo, disse. —Vocês querem dizer que se eu os ajudar não posso contar com lucros fabulosos...

Martin comfirmou.

—Bem, eu prometo que o sr. receberá seu dinheiro com juros nominais... É claro que para uma expedição dessas, de quatro anos, vai ser preciso muito dinheiro. Só poderemos contar que nos ajude uma pessoa que se interesse mais pela idéia em si do que pelos lucros.

—Devo dizer que aprecio essa franqueza, respondeu o sr. Eastman, erguendo-se e dirigindo-se à janela. Depois, virando-se de repente, acrescentou:—Eu gosto de gente sonhadora, com energia suficiente para procurar realizar os sonhos. Está direito: eu lhe dou 10.000 dólares para você empregar nesse seu projeto, e se quiser pode usar o meu nome para angariar mais dinheiro.

Quando voltamos à estação para tomar nosso trem para Nova York, estava chovendo. Mas que chuva gostosa era aquela, pensei, e que mundo maravilhoso!

O GENEROSO apoio de George Eastman e o prestígio desse nome valeram-nos novos auxílios de vulto, e assim, quando em abril de 1924 voltamos de novo a admirar a extraordinária beleza do Lago Paraiso, levávamos conosco tudo o de que pudéssemos precisar. Tínhamos seis automoveis, quatro caminhonetes, cinco carroças, e contratáramos 235 negros; aliás, para dizer a verdade, o próprio peso e o volume de nossa bagagem iam-nos prejudicando em vez de ajudar-nos. Na viagem de mil quilômetros, de Nairobí ao lago, os nossos veículos atolavam-se continuamente, e nós, suarentos e praguejantes, tivemos mesmo que lutar para conseguir alcançar nossa meta.

Duas horas após nossa chegada, começou a cair a famosa chuva que já temíamos. Nunca eu teria acreditado que um aguaceiro pudesse atingir tais proporções: nossas barracas não aguentaram o dilúvio, e os carregadores, coitados, sem abrigo de espécie alguma, passaram um mau bocado. Apesar da chuva, iniciamos logo a construção de nossas instalações de carater permanente, as quais incluíam um laboratório e câmara-escura para Martin. Fizemo-los de madeira e cobrimo-los, na parte exterior, com um estuque feito duma espécie de adobe cru, mistura de esterco e argila; nosso «telhado» era de sapé.

Com o tempo, fomos erguendo «pavilhões para hóspedes» e cabanas para os nossos empregados. Tudo o que possuíamos—barracões, jardins, automoveis, carroças, galinhas, jumentos, vacas e camelos—ficou depois vedado por uma cerca de espinheiro com quatro metros de altura. Constituíamos assim uma aldeiazinha de aspecto bem imponente...

Na minha hortazinha plantei, e vi crescer, ótimos feijões, ervilhas, milho doce, batatas, melancias. Agradaram-me, porem, ainda mais as preciosidades que encontrei, vicejando naturalmente, na floresta: espinafre e espargos bravos, café, cogumelos, frutas diversas, e até mel escuro, excelente. Tudo isso na selva africana!

Durante toda a nossa longa estada no Paraiso, só as estações do ano nos indicavam a passagem do tempo, e só a elas condicionávamos nosso trabalho. Em tempo de chuva, quando a água era abundante, tanto no deserto quanto na planície, lá estávamos nós a fotografar gazelas, antílopes, girafas, zebras e javalís africanos. Em época mais seca saíamos à procura de poços e bosques, onde nos fosse dado surpreender e filmar os búfalos, rinocerontes e elefantes.

Nosso pequeno guia, Boculi, o do queixo defeituoso, conhecia os paquidermes melhor que qualquer outro nativo. A princípio, não se nos afigurava muito conveniente o sistema por ele adotado, pois parecia que passava todo o tempo a arrastar os pés pelos arredores, murmurando de si para si, numa semi-sonolência. Mas pouco a pouco foi nascendo em nós uma confiança quase exagerada nesse selvagem; eu o vi «farejando» caça com a segurança de um perdigueiro; só pelo ângulo em que se encontrasse um único pé de grama machucado no chão, era capaz de dizer há quanto tempo os elefantes haviam passado por alí, pisando as plantas. A observação é curiosa: pelo que pudemos entender, toda vez que a grama é pisada e achatada, só voltará à posição erecta dentro de, talvez, três horas, sendo que cada ângulo já vai indicando, quase com precisão, o tempo decorrido desde o momento em que a planta suportou o peso do animal.

Só de examinar um galho torcido, o prodigioso velhote podia precisar, com uma diferença de cinco minutos, a passagem de um grupo de animais, e a direção que haviam seguido. Quando sucedia falharem os seus métodos, e ele se via incapaz de encontrar sinais da passagem de elefantes, costumava encolher filosoficamente os ombros, dizendo uma das três frases seguintes: «*Xauri ako*» (situação causada pelo homem branco)... «*Xauri 'mungu*» (situação causada por Deus)... «*Xauri 'mwua*» (situação causada pela chuva)...

E sempre que, por uma ou outra de tais razões, Boculi decidia ser prudente regressarmos, acatávamos-lhe a decisão sem pestanejar.

A reverência de Boculi perante os elefantes foi-se tornando mais compreensível para nós, à medida que íamos entrando em contacto mais frequente com esses animais. São realmente admiraveis os paquidermes: cheios de dignidade, são con-

servadores, inteligentes, e vivem sua vida respeitando o direito das outras criaturas de viver tambem a sua. Entre si próprios lutam mui raramente, sendo forte o seu instinto de lealdade racial, e intenso o seu amor filial.

Se Martin e eu gostávamos de todos os filhotes de animais, os dos elefantes eram para nós simplesmente irresistiveis. Certa vez assistimos a uma cena com efeito encantadora: um elefantezinho ia sendo levado, talvez pela primeira vez, até o poço; fazia muito calor, e o filhotinho, arrastando-se atrás da mãe, chorava e protestava com amargura. Finalmente «madame» perdeu a paciência, tomou-o firmemente pelas orelhas, e o segurou com força ao chão, esguichando-lhe água sobre o corpo. Quando o bebê se levantou, ainda queixoso e berrando o seu protesto, largamente aberta a boca cor de rosa, percebeu de repente que já se sentia refrescado, e até bem satisfeito... E, num gesto semelhante ao de uma criancinha que segurasse a mão da mamãe, prendeu com a tromba a cauda da mamãe-elefante, ficando a observá-la com ar complacente enquanto ela bebia.

Certo dia, na floresta, fomos encontrar um grupo de quatro fêmeas ensinando aos filhos a arte de rugir. Cada uma levantava a tromba, e soltava um formidavel rugido, e em seguida o filhote tentava fazer o mesmo, porem com resultados bem mais modestos: saía-lhe apenas um guincho fino, como de um apito de latão. Afinal não pudemos conter o riso diante do desapontamento das mães e da humilhação dos filhotes; e, alarmados com a nossa gargalhada, professoras e alunos interromperam bruscamente a aula.

Apesar de ter durado vários anos o nosso contacto quase diário com os elefantes, só matamos um, quando as circunstâncias a isso nos obrigaram. Foi numa ocasião em que resolvemos filmar uma pequena manada que se agrupara numa clareira, os filhotes a brincar em volta dos maiores.

Em geral distribuíamos nossas funções de modo que, enquanto Martin cuidava da máquina, eu me encarregava de despertar a atenção do grupo para que pudéssemos fotografar os animais em movimento: dessa vez, porem, pouco espaço havia para nos refugiarmos no caso de um ataque dos gigantes da floresta, e, em vista disso, Martin insistiu em que trocássemos os papéis, incumbindo-se ele da parte que em geral me cabia. Caminhou para a frente vagarosamente, em direção à manada. De repente, o maior deles percebeu a presença de Martin, e, assustando-se, abriu as vastas orelhas, erguendo a tromba, e começou a avançar.

Martin correu. Não era a primeira vez que nos sucedia isso, mas sempre conseguíamos afastar o animal, gritando-lhe e agitando os braços. Mas agora esse método não surtiu o efeito desejado; Martin desviou-se, curvou-se, fez uma brusca virada, mas em todos esses movimentos o animal o seguia com velocidade assustadora. Imitando o chefe, o resto da manada entrou tambem a perseguir o meu marido; eu, em obediência ao nosso acordo, não parei de filmar, mas pus-me igualmente a dar gritos. Ainda naqueles momentos terriveis, não me esqueci de que aquela cena seria uma parte magnífica de nosso filme; mas urgia que eu tomasse alguma providência mais séria, porque, a menos que o primeiro elefante fosse abatido, a manada toda acabaria por esmagar a sua vítima. Peguei da carabina, e atirei. Não me lembro de ter feito pontaria, mas vi o animal tropeçar e afinal cair, enquanto os outros, apavorados, deram meia-volta e desapareceram no fundo da mata.

Fechamos afinal nossa casa no Lago Paraiso, e regressamos aos Estados Unidos para distribuir nossos filmes: mal terminada, porem, essa tarefa, embarcamos novamente para a África, desta vez à cata de leões.

Leões! Passamos um ano na região a que Carl Akeley deu o nome de «gruta dos leões», isto é, uma área de 500 milhas quadradas no território de Tanganica. Lá havia leões por todo canto: trabalhávamos perto deles, e às refeições, à noite, a toda hora, ouvíamos os seus rugidos nos arredores. Tivemos-lhes medo, algumas vezes, e não sem razão, mas não tardou que chegássemos a gostar deles.

O leão é, por via de regra, um animal pacífico; dorme muito, passa horas flanando, e brinca como se fosse um gato doméstico. Vive muito a sua própria vida, sem se importar com a dos outros, é afetuoso com a leoa e os filhos, e leva realmente a sério os seus deveres de chefe de família. Enquanto é ainda jovem, costuma vagar pela floresta com outros machos de sua idade, divertindo-se a grande, antes de se instalar definitivamente na vida, constituindo família. Quando envelhece, e a idade já o impede de se dedicar com eficiência aos parentes e amigos, é abandonado, e muitas vezes, nessa situação, torna-se um grande velhaco.

O leão mata para comer. A não ser para satisfazer a fome, raramente toca em outro ser vivo, salvo em defesa própria ou quando se assusta. Atacado ou ferido, nunca recua—luta sempre até o fim, até não haver a menor faisca de vida em seu corpo esplêndido. Pesando entre 200 e 250 quilos, é capaz de subjugar, em rápidos botes, qualquer outro animal da planície. Com um simples golpe das imensas garras ou um forte fechar de mandíbulas, traz quase fatalmente a morte ao inimigo.

Outra caraterística interessante desses animais é a estranha indiferença que demonstram em presença de veículos, mesmo de automoveis abertos, cheios de passageiros. Contando com isso, resolvemos, uma tarde, ir fotografar um grupo de 14 leões que brincavam jovialmente uns com os outros. Nisso ficaram durante horas, interrompendo, quando cansados, para cochilar um pouco, em decúbito dorsal, pernas para o ar, roncando como «gente grande»... É dificil imaginar-se uma reunião mais pacífica e inocente.

Terminada a filmagem, pisei no arranque para sairmos; mal, porem, o nosso carro entrou em movimento, eis que um dos machos mais jovens e mais fortes resolve desafiar-nos. Estava evidentemente bastante excitado, e dispôs-se a seguir-nos. A prudência aconselhava que parássemos, porque o leão, como aliás tambem o tigre e outros felinos, quase nunca resiste à tentação de acompanhar qualquer coisa que se mova à sua frente. Estacamos, pois, e Martin apontou a carabina à cabeça do animal. Este, um tanto ou quanto intrigado por nos ver parar, e sem dúvida decepcionado por lhe termos estragado a brincadeira, postou-se junto a um dos pneumáticos, farejou-o, e mordeu-o de leve. Fez uma careta ao sentir o gosto da borracha, e passou então a rosnar e a lamber o pneu, como se fosse um cachorrinho às voltas com uma bola.

Atraidos por esse espetáculo, os outros leões foram-se aproximando e deixaram-se ficar preguiçosamente, assistindo à cena com interesse.

Vi certa ansiedade no olhar de meu marido. «Se ele furar esse pneu, nós estaremos em maus lençóis,» disse cautelosamente. «E quando a borracha estourar, o bichinho vair ficar nervoso...»

Afim de desviar a atenção do animal, pisei no acelerador; a fumaça, que se desprendeu, fê-lo assustar-se e espirrar, e eu, aproveitando a situação, metí o carro com velocidade pela planície a fora.

Para documentar a vida do leão de maneira mais perfeita e com bons filmes, decidimos fotografar-lhe os hábitos noturnos assim como os diurnos. Instalávamos, para isso, quatro projetores de luz elétrica em postes de dois metros de altura, e colocávamos máquinas automáticas de cinema, sobre plataformas, em frente de cada lâmpada. As máquinas podiam ser postas em funcionamento a distância por um longo fio, tambem ligado à eletricidade.

Tínhamos agora diante de nós uma tarefa que não era nada agradavel: matar uma zebra para servir de isca. Repugnava-nos em extremo abater um desses lindos animais felizes e ruidosos, e por isso, quando a tanto éramos obrigados, preferíamos sempre procurar uma que já fosse velha e quase inválida. Levávamos depois a isca para um ponto determinado na clareira, a cerca de 5 metros das máquinas de filmar, e sentados no automovel a uma distância discreta, aguardávamos os acontecimentos, tendo à mão uma arma e os fios que iam dar diretamente às máquinas.

Chegavam sempre, em primeiro lugar, as hienas, atraidas pela isca. Às vezes bastava uma pedrada para assustá-las mas, quando vinham aos grupos, éramos obrigados a atirar.

Esperávamos assim, numa noite ameaçadora, de densas trevas e frio intenso, quando ouvimos um ruido na escuridão, como se, muito próximo de nós, estivesse um animal a mastigar, a engulir e rosnar mansamente. Martin acendeu a pequena lanterna elétrica, e a luz nos revelou, alí mesmo à nossa frente, um enorme leão, —o rei mesmo, talvez, de todos os animais de Tanganica. Erguendo lentamente a majestosa cabeça, encarou sem medo a luz forte, com um olhar cheio de desdenhosa indiferença. De sua boca pendia um pedaço sangrento de carne de zebra, mas nem por isso parecia menor a sua imponência de monarca.

Meu marido preparou-se para fazer funcionar os projetores e as máquinas. O leão deixou cair a carne, e, soltando um rugido, voltou ao festim; juntaram-se logo a ele outros companheiros, constituindo todos um belo grupo, que se transformaria com toda certeza em magnífica cena fotográfica.

«Ah, que beleza!» murmurou Martin, enquanto comprimia o botão mágico. Nada, porem, se seguiu a esse gesto. Silêncio e escuridão continuaram. Comprimiu novamente, e nada!—nem o menor sinal de ter havido o desejado contacto elétrico. Desesperado, puxou os fios, soltando-os do comutador, e os juntou diretamente, ainda sem qualquer resultado.

«Bem, —disse—neste caso só há uma coisa a fazer: tenho que ir lá para consertar isso!»

Antes que eu o pudesse impedir, saltou do carro; agarrei-o pelo colarinho, chamando-lhe louco, já quase em lágrimas. Como única resposta, pediu-me que lhe passasse a pistola.

Procurei então fazer com que os leões se afastassem, lançando-lhes diretamente a luz dos holofotes do carro, ao mesmo tempo que gritava e fazia soar a buzina. Os animais retiraram-se até uma distância de uns 20 metros e, nesse intervalo, que durou poucos minutos mas me pareceu eterno, Martin consertou as ligações dos fios, e voltou ao automovel.

Nessa altura eu já estava a pique de desmaiar, e, embora Martin não parasse um momento, percebí que tremia.

O rei dos leões, saturado com a carne de zebra, resolveu aproximar-se das máquinas cinematográficas, para investigar de que se tratava. Chegou a morder uma delas de leve.

«Larga essa máquina!» exclamou Martin, inteiramente fora de si. O animal olhou-nos friamente, e começou a meter os dentes na plataforma onde ela estava assentada, provocando o desmoronamento de toda a pequena estrutura lentamente construida.

Martin saiu novamente do carro, e pôs-se a jogar-lhe pedras; nesse momento, um dos leões menores resolveu tomar parte na brincadeira, puxando os fios até conseguir soltar alguns.

Lá ficamos nós sentados, a atirar pedras, gritando e dando tiros para o ar, mas os animais só desistiram quando já haviam caido à terra todos os fios, pilhas, máquinas e postes. Então, e só então, é que se retiraram, abanando orgulhosamente as belas caudas. Estava mesmo escrito que não haveria filmagem aquela noite...

Foi talvez devido a incidentes como esse que passamos a considerar os imensos bichos como animaizinhos de estimação, e nos tornamos, até, um pouco imprudentes. Certo dia, em que fazia muito calor, andávamos a pé, levando conosco a máquina de cinema e os nativos com as armas, quando deparamos subitamente com um leão adormecido, a menos de 20 metros de onde estávamos. Num instante o animal acordou, levantou-se, e, orelhas em pé, cauda chicoteando, arreganhou os dentes de um modo que não me agradou.

—Não gosto nada da cara dele, Martin! observei, e pedí logo ao nativo que me passasse a arma.

—Ora... Ele está só um pouquinho irritado, retrucou meu marido, preparando-se para filmar.

Nesse momento o leão, rosnando, pôs-se a andar vagarosamente em nossa direção, com largos movimentos da cauda; sob o luzidio pelo amarelo, os músculos fortíssimos das espáduas ondeavam. Em posição para o bote, tenso e firme, olhou-nos com uma expressão em que nos pareceu ver tremendo ódio, —e saltou.

Martin continuou a rodar, mecanicamente, a manivela da máquina.

E o animal se acercava de nós aos pulos, a juba esvoaçante e as presas à mostra. Nem sei como pude atirar: sentia-me atordoada, sem saber bem o que estava fazendo. A bala, porem, alcançou-o, e ele, atingido ainda no ar, veio cair a quatro metros do tripé da máquina.

Nessa região do Tanganica tivemos, realmente, contacto com um número bem consideravel de leões, e assim nos foi dado descobrir, entre eles, protótipos equivalentes aos humanos: vimos o palhaço e o pária, o arrogante e o trágico, o nobre e o ditador... e até mesmo o Don Juan. De todos trouxemos a imagem fotográfica, obtida na completa liberdade do seu habitat.

Muitas das nossas aventuras tiveram qualquer coisa de excitante; outras não passaram de enfadonhas excursões, não nos tendo faltado, tambem, duros momentos de provação. A nós importava apenas, no entanto, a soma total de resultados, e foi grande o nosso prazer em poder mostrar depois, a milhões de pessoas, que esse animal realmente nobre nada tem da fera traiçoeira e cruel que todos nele vêem.

Depois de completar nosso estudo da vida dos leões, Martin e eu ainda fizemos várias outras expedições. Em 1929 passamos vários meses no Congo Belga, terra de pigmeus e gorilas, e não só fotografamos uns e outros, mas tambem

conseguimos trazer de volta, vivos, dois desses imensos macacos.

Três anos mais tarde, isto é, já em 1932, aprendemos ambos a pilotar aviões pequenos, e, a bordo de dois belos anfíbios Sikorsky, sobrevoamos a floresta africana numa extensão de 30.000 quilômetros mais ou menos, felizmente sem que nada de desagradavel sucedesse. Voar, e o sentimento de liberdade que o vôo dá, nunca deixaram de ser, para nós, motivo de admiração: em baixo, as montanhas, a selva e a planície, formavam vasto e esplêndido panorama; podíamos observar enormes grupos de elefantes em plena migração, bandos de garças brancas, girafas e outros animais sem conta; vê-los e filmá-los era obra de um instante. O aeroplano levava-nos a lugares que sem ele seriam inacessiveis, lugares onde o homem branco jamais pusera o pé, habitados por tribos inteiramente desconhecidas e remotas.

Até a Bornéu fizemos outra expedição, levando, desta vez, um avião apenas; nessa terra de rios, densas florestas e índios caçadores de cabeças, demoramo-nos catorze meses. O filme que daí trouxemos foi considerado, pelos críticos, como o melhor dentre todos os que Martin já apresentara, e ao saber disso o contentamento de meu marido atingiu o auge: satisfeita, que estava, sua ambição de explorador, faltara-lhe até alí realizar o seu sonho de artista.

Quando fomos contratados para uma excursão de conferências através dos Estados Unidos, pela qual nos iriam pagar 87.000 dólares (quase 1.800.000 cruzeiros), Martin disse-me: «Você quer saber de uma coisa? Eu acho que nós dois somos as pessoas mais felizes do mundo!»

Em Salt Lake City demos uma conferência, ilustrada com aquele filme de Bornéu, perante um grupo de 9.000 crianças, reunidas no Mormon Tabernacle; a petizada nos ouviu com a maior atenção e interesse e, quando as luzes se acenderam, aplaudiram-nos de pé. Tomando-me pela mão, Martin veio comigo até o centro do palco, e, juntos, fizemos uma pequena vênia. Era grande a sua alegria.

No taxi, a caminho do hotel, comentava ele:

—Quem foi que disse que a gente não pode ter tudo o que quer? Asneiras! Nós temos tudo... Depois das viagens esplêndidas pela África e em Bornéu, ainda temos a satisfação de voltar e, exibindo os filmes, gozar de novo todos aqueles momentos...

—Pois é, —respondí—mas você nunca contou a ninguem as dificuldades que sofreu na floresta. As horas que passou, banhado em suor, revelando os filmes, consertando máquinas e aparelhos de som enferrujados... E a decepção de ver 6.000 metros de filme estragados pelo mofo... filme que significava meses de trabalho!

Ouvindo-me, refletiu um pouco, e depois sorriu:

—Ora, mas até isso foi divertido...

NA MANHÃ seguinte devíamos tomar o avião que nos levaria até Burbank, na Califórnia, e, já no aeroporto, pusemo-nos a conversar sobre a possibilidade de comprarmos uma casa. Martin sentia, de fato, que, apesar de tudo, me fazia falta um lar, e esse pensamento sempre fora para ele motivo de preocupação. Foi com ar pensativo que falou, então:

—Será que é muito dificil a gente adotar uns filhos?

Eu não esperava mais nada... Entusiasmada com a idéia, que não era nova para mim, respondí-lhe sem hesitar:

—Ah, eu não sabia que você já tinha pensado nisso. Já sei o que é preciso. Quanto à casa, nós bem que podíamos ter um sitiozinho no campo, hein? Com espaço para os bichos...

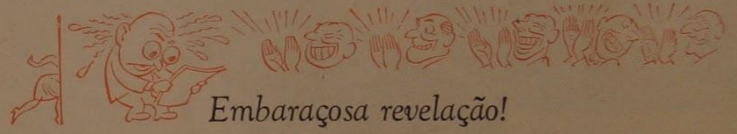
—Claro! E as crianças vão gostar de brincar com a bicharada...

Era hora de embarcar.

—Que idéia boa tivemos! observou Martin, com cara alegre. Os motores roncaram, e o avião foi tomando velocidade na pista. Martin olhou para mim, e sorriu. Ah! Nunca me esquecerei desse sorriso!

TÍTULO duma notícia publicada nos jornais de Los Angeles, Califórnia, a 13 de janeiro, 1937:

MARTIN JOHNSON MORRE NUM DESASTRE DE AVIAÇÃO. *Entre os onze sobreviventes, a esposa do conhecido explorador é quem está mais gravemente ferida.*



Embaraçosa revelação!

¶ EM FILADÉLFIA, durante uma reunião de industriais, um dos oradores lia o seu discurso, de antemão preparado e escrito. Lá pelas tantas, já ao fim do discurso, chegou à peroração, que dizia o seguinte:

«O industrial americano está cansado. Já trabalhou muito tempo, com vigor e aplicação, pelo esforço de guerra, como já trabalhara no período que precedeu ao conflito atual. Está cansadíssimo, física e mentalmente exhausto. Mas o cansaço maior é o da dactilógrafa que teve de escrever esta asneirada toda!»

Tendo dito isso, seguiu-se uma pausa longa e cheia de tensão nervosa, após o que os ouvintes, não se contendo, puseram-se a rir e aplaudir vigorosamente. E o orador, estupefacto, plantara os olhos no que acabara de ler, balbuciando depois:

—Mas, que diabo! Isso não fui eu quem escreveu!

—Do *Business Week*

¶ CERTO caipira, lá do interior dos Estados Unidos, ao alistar-se no exército, teve de apresentar um documento qualquer afim de provar que era casado e tinha filhos dependentes. Trouxe então uma carta da esposa, nos seguintes termos.

«Ao ezército dos Estados Unidos:

«Meu marido pidiu pra eu iscrever uma carta dizendo que ele sustenta a famía. Ele não sabe lê, por isso não diga nada a ele. Mas levem ele por favor. Ele não presta para mim. Desde que nós casou a oito anos, ele não fez nada sinão brigar e beber limonada, e agora eu é que tenho de sustentar us sete fio.

«Tarvez ele sirva pra carregar fuzir. Ele gosta de bichos e come muito bem. Podem levar ele, eu não importo. Eu até gosto, porque assim sobra comida e uma cama para os mininos. Pesso não dizer nada a ele não, mas leve ele bem pra longe por favor.»

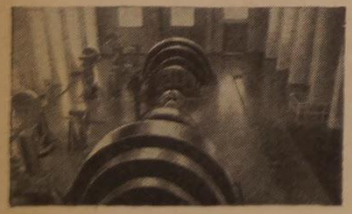
—Do *Sun* de Chicago

O Exército levou-o...

Montanhas *de* Força

Fortes correntes, canalizadas em concreto e aço, precipitam-se para dentro da usina hidro-elétrica de Los Quilos, no Chile—à medida que as "montanhas de força" do Chile vão sendo usadas cada vez mais dentro do esplêndido programa de industrialização do país.

Consegue-se em Los Quilos essa força por meio de dois geradores Westinghouse, de 10.000 kva., sendo transmitida numa distância de 90 quilômetros para servir à Sociedad Fábrica de Cemento "El Melón". Há um acordo afim de que qualquer excesso de energia possa ser aproveitado para a rede Valparaiso-Santiago da Cia. Chilena de Eletricidade.



Acesas as luzes, ronronam os motores e as máquinas vibram num crescendo de poder que desperta . . . porque, através das colinas e dos vales de todos os cantos das Américas, corre uma NOVA FORÇA.

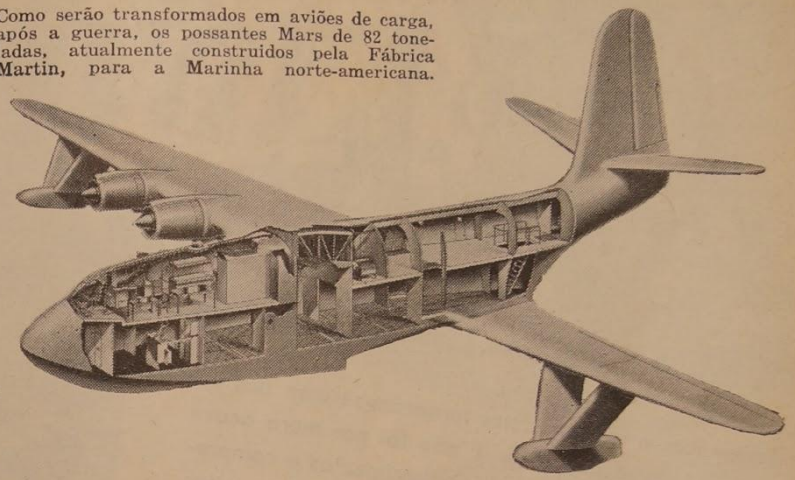
No desenvolvimento da indústria, a primeira consideração é a FORÇA. Energia elétrica de preço baixo é um dos maiores recursos de que dispõem os técnicos de cada país afim de prepará-lo para a prosperidade.

Nesse campo, a Westinghouse vem de há muito contribuindo com seus vastos recursos técnicos, fornecendo grandes quantidades de equipamento básico. Já tomou parte em centenas de instalações para a produção de força, ajudando a pô-las em funcionamento, instalações essas que têm demonstrado sua eficiência em grande número de indústrias, levando, ao mesmo tempo, eletricidade abundante e barata aos lares, acendendo luzes e fazendo funcionar os motores que trazem conforto, prazer e segurança às casas modernas. Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York 5, E. U. A.

Westinghouse — *Empresa Criadora e de Confiança*

ESCRITÓRIOS E DISTRIBUIDORES EM TODO O MUNDO . . . FÁBRICAS EM 25 CIDADES

Como serão transformados em aviões de carga, após a guerra, os possantes Mars de 82 toneladas, atualmente construidos pela Fábrica Martin, para a Marinha norte-americana.



O Novo Mars, da Companhia Martin, Reduz o Custo da Tonelada-Por-Milha!

Graças ao avião Mars, de 82 toneladas, obra da fábrica Martin, já se pode dizer, em verdade, que a manutenção dum avião-cargueiro é tão barata quanto a de um trem, em alguns casos. Sendo o avião mais eficiente que existe, o Mars, já demonstrou ser possivel manter-se a menos de Cr$3,00 por tonelada-milha, segundo afirma o sr. Glenn L. Martin, presidente e fundador da companhia do mesmo nome.

Alem disso, declara o sr. Martin, a manutenção dos vinte novos transportes Mars de 82 toneladas, ora em construção para a Marinha americana, custará 10 centavos americanos (Cr$2,00) por tonelada-milha, com 80% de lotação de carga; e já se prevê a redução desse custo a 7 centavos.

E mais importante ainda é o fato de que atualmente as remessas por via férrea, de gêneros alimentícios congelados, custam cerca de 16 centavos (Cr$3,20) por tonelada-milha, num trajeto de 1.000 milhas; ao passo que os transportes Mars, que dispensam a aparelhagem de refrigeração mecânica devido à altura em que voam (uns 8.000 metros) e por conseguinte à temperatura de zero graus, podem ser mantidos a custo muitíssimo mais baixo. Esse, note-se, é apenas um dentre os muitos campos abertos pelo Mars à aviação. Para que seus produtos alcancem o mundo de amanhã, remeta-os a bordo dum Mars Martin!

THE GLENN L. MARTIN COMPANY
Baltimore 3, Md., E. U. A.

AVIÕES **Martin**

Construtores de Aviões de segurança desde 1909

A IMPORTÂNCIA DO BOM EQUIPAMENTO

As aves domésticas e seus produtos tornaram-se uma das indústrias mais prósperas do Brasil. E não foi por mero acaso que isso se deu. Foi o resultado de conhecimentos e compreensão, acumulados através de anos de pacientes pesquisas científicas, levadas a cabo por homens que dedicaram suas vidas ao desenvolvimento dessa importantíssima fonte de produtos alimentícios e de renda para a Nação.

Ao lado daqueles que se ocupam de outros departamentos da agricultura, os homens especializados em aves domésticas precisam de bom equipamento. Na América do Norte, onde essa indústria tem-se expandido enormemente devido às exigências da guerra, os modernos tratores e ferramentas agrícolas encontram-se em tôdas as fazendas de criação que se prezam bem equipadas. Eis a razão: elevam-se sempre os lucros quando se adota a produção mecanizada de alimentos para as aves. Alem disso, o trator, que presta tantos serviços diversos, é utilizado para triturar e transportar o alimento e as capoeiras, e exercer muitas outras funções uteis.

Os tratores e instrumentos agrícolas Allis-Chalmers são fabricados em todos os tamanhos e tipos, para servir a grande variedade de usos agrícolas. Os maiores criadores dão à Allis-Chalmers a sua preferência. Com muito prazer, enviaremos qualquer informação a quem a solicitar.

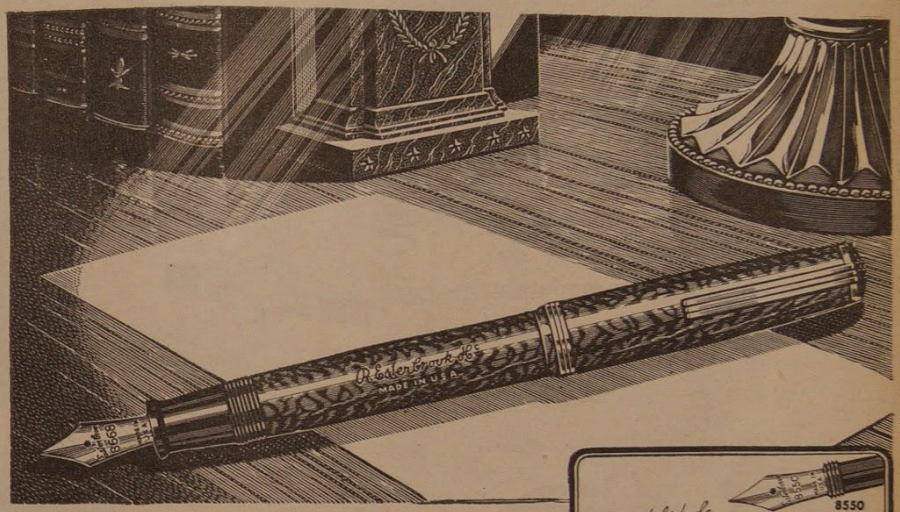
ALLIS-CHALMERS

DEPTO. PD-944, SEÇÃO DE TRATORES, MILWAUKEE 1, E. U. A.

FABRICANTES DE MAQUINARIA DESDE 1846

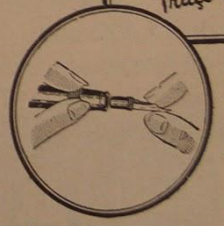
NOVAS CARACTERÍSTICAS . . . NOVAS CÔRES . . . NOVAS PENAS

NA NOVA Esterbrook



Uma Caneta-Tinteiro de Qualidade por Preço Modico

● Esterbrook obteve completo sucesso ao proporcionar uma caneta-tinteiro de luxo por um preço ao alcance de qualquer bolso. A nova e linda Esterbrook, de uma eficiência sem-par, é o resultado de 86 anos de experiência na fabricação de canetas-tinteiro finas. Nenhuma outra marca oferece penas de Paládio de 12 quilates, fáceis de trocar e com pontas de diferentes tipos; e nenhuma possui o seu equilíbrio científico e as suas lindas côres. Desfrute a macieza e a suavidade do escrever da Nova Esterbrook.

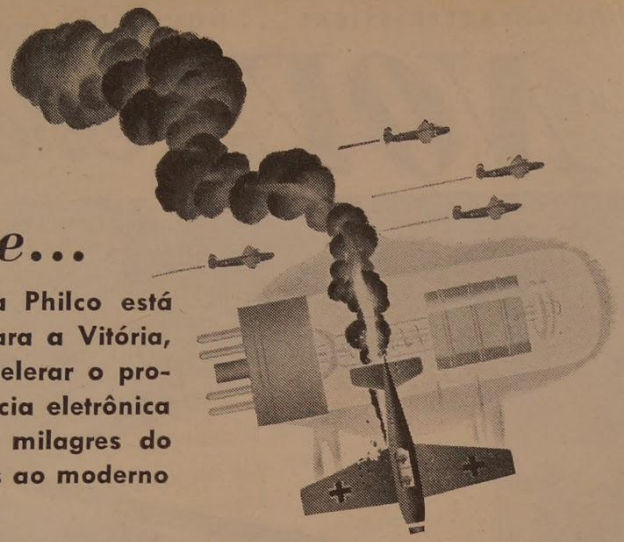


PENAS TROCÁVEIS

V.S. mesmo pode trocar a pena

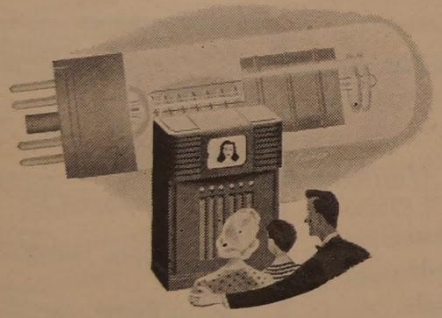
Esterbrook

CAMDEN, NEW JERSEY, E. U. A.



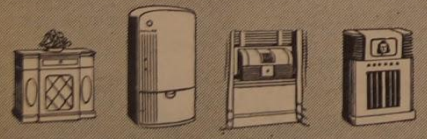
Hoje...

A pesquisa da Philco está trabalhando para a Vitória, ajudando a acelerar o progresso da ciência eletrônica por meio dos milagres do rádio aplicados ao moderno combate aéreo.



Amanhã...

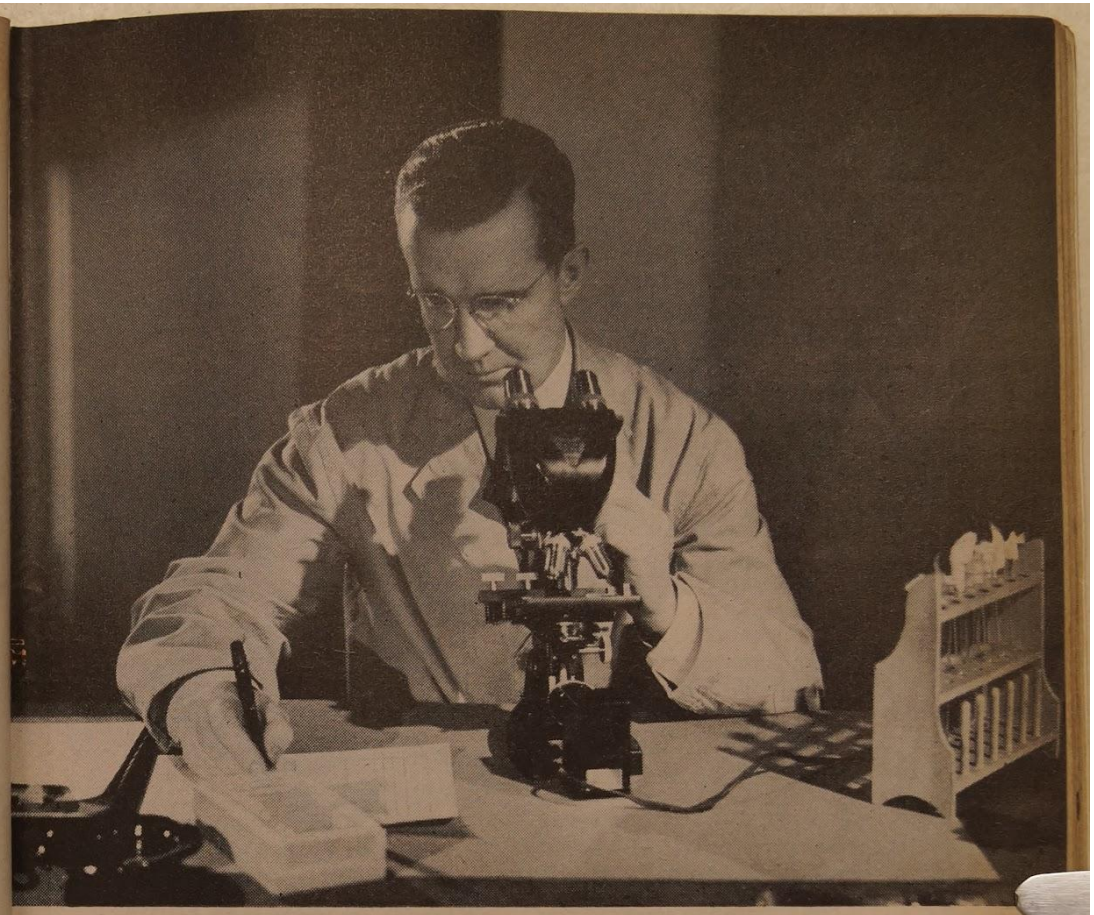
Maior conforto para o tempo de paz, nascido da pesquisa da guerra... televisão, ótimos rádios, fonógrafos e refrigeradores... aparecerão sob o famoso nome Philco.



PHILCO

O RADIO QUE MAIS SE VENDE NO MUNDO

PHILCO INTERNATIONAL CORPORATION, 230 Park Avenue, Nova York, E.U.A.



Os Bifocais São Confortaveis

NO decorrer dos últimos anos muitas pessoas que vinham usando dois pares de óculos, aprenderam a gozar a felicidade e o conforto dos novos bifocais.

O segmento para leitura é praticamente invisível mesmo colocado no ponto exato para ler facilmente. A área da lente para distância é grande, permitindo um amplo campo visual. Com óculos bifocais modernos, V.S. vê bem permanentemente—e tem o prazer de livrar-se da fadiga e do esfôrço.

Bausch & Lomb fabrica lentes bifocais modernas da melhor qualidade. Procure o seu oculista para resolver o seu próprio problema.

BAUSCH & LOMB

ROCHESTER, N.Y. • RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO • BUENOS AIRES

Fabricantes de vidro ótico e de uma linha completa de instrumentos de ótica para usos militares, educacionais, pesquisas, indústria, correção e conservação da vista.

Nas guloseimas de seu filho ou na alimentação dos heroicos filhos das Américas...

Antes . . . quando eram crianças . . . e o mundo era um mundo de paz . . . uma das suas alegrias era a de saborear um bom sorvete. *Hoje* estão no "front". . . a guerra exige deles tenacidade, arrojo, saude. A sua alimentação precisa ser sadia. A Organização Esso tambem se orgulha de ter contribuido para aquela alegria dos tempos de paz e para esta necessidade dos tempos de guerra: as máquinas frigoríficas hoje em dia conservam alimentos para a guerra, sob a proteção de lubrificantes como o oleo Fresso 45. Graças ao seu baixo ponto de congelação, Fresso 45 foi util na paz . . . é util na guerra . . . e será tambem util no mundo de amanhã.

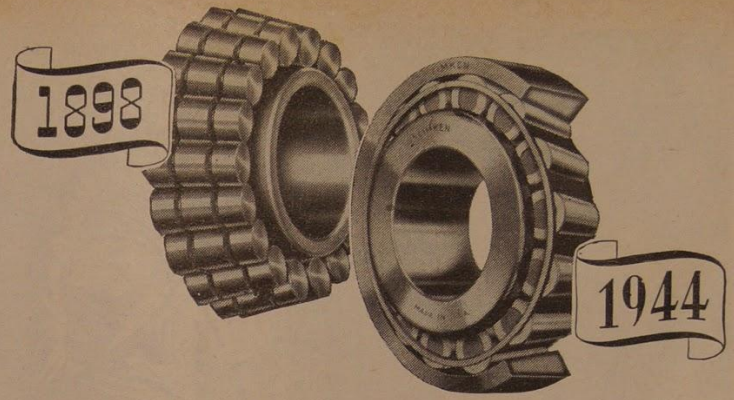
★ *Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidencia de M. Gerais, de Belo Horizonte; Farroupilha, de P. Alegre; e Radio Clube de Pernambuco, de Recife.*

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

E A ORGANIZAÇÃO ESSO

ESSO

Distribuidoras dos afamados produtos Esso que se encontram sempre sob o oval ESSO



PERGUNTAS SOBRE AS CHUMACEIRAS TIMKEN PARA USO DOS FABRICANTES DE MAQUINARIA

O QUE É A CHUMACEIRA TIMKEN? A Chumaceira Timken é a chumaceira cônica de rolamento original. Começou a ser usada nos Estados Unidos em 1898, nos veículos de tração animal. É hoje a chumaceira anti-fricção predominante—não só nos automoveis, mas tambem em outros meios de transporte e indústrias de toda espécie.

PORQUE É PREFERIVEL A CHUMACEIRA DE ROLAMENTO NA MAIORIA DOS CASOS? Por que as chumaceiras de rolamento podem servir como apoio a cargas mais pesadas que outros tipos de chumaceiras, por causa do nivel de contacto dos rolos e canais adutores.

PORQUE A CHUMACEIRA CÔNICA DE ROLAMENTO É A FORMA MAIS EFICIENTE DA CHUMACEIRA DE ROLAMENTO? Por que a chumaceira cônica de rolamento pode suportar não só cargas radiais (de cima para baixo), mas tambem cargas oblíquas (movimento lateral) e todas as variações de ambas.

HÁ OUTRAS MARCAS DE CHUMACEIRAS CÔNICAS DE ROLAMENTO? Sim; todos os produtos de fama estão sujeitos a imitação quando terminado o prazo de patente industrial, e não se excetua desta lei a Chumaceira Cônica de Rolamento Timken.

PORQUE A CHUMACEIRA TIMKEN É SUPERIOR ÀS OUTRAS CHUMACEIRAS CÔNICAS DE ROLAMENTO? Por que (1) ela tem a seu favor mais de 45 anos ininterruptos de melhoramentos e refinamentos experimentais técnicos; (2) é fabricada com o mais fino material jamais conseguido para Chumaceiras de anti-fricção—a liga de Aço Timken, e (3) é fabricada pela maior companhia no mundo dedicada à produção de chumaceiras cônicas de rolamento.

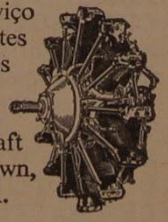
COMO PODE ESTAR CERTO DE ADQUIRIR AS GENUINAS CHUMACEIRAS TIMKEN? Observando a marca da fábrica "TIMKEN" carimbada no rolo e no cone de cada chumaceira cônica que o sr. compra para equipamento novo ou substituição. Desse modo o sr. pode estar seguro de obter a mais perfeita ação em rolamento, duração e segurança.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E. U. A.

O Mundo que esperava azas . .

Continente de dilatadas distâncias . . . largos rios que desafiavam os construtores de pontes; serras e selvas onde a construção de estradas era difícil; mataria impenetravel . . . A América do Sul vislumbra hoje a era de expansão que lhe assegurará um maravilhoso porvir . . . com transportes aéreos que galgam distâncias, sobrevoam montanhas, descartam a geografia, e abrem novas rotas aéreas a regiões virgens que prometem riquezas fabulosas e uma vida mais folgada.

Os novos precursores aéreos do Sul darão as boas-vindas aos motores Jacobs, desenvolvidos pelos pilotos do Norte . . . construidos para pilotos que vivem de seus próprios recursos. De estrutura simples, com peças duraveis e acessiveis, o motor Jacobs foi projetado à luz da experiência e aperfeiçoado mediante a observação de seu funcionamento. Estes motores se destacam por sua segurança, seu funcionamento infalivel, sua economia de manutenção . . . Instalados nos aviões de treino de dois motores usados hoje pelas Forças Aéreas Aliadas, os motores Jacobs efetuam mais decolagens e voam por mais tempo a toda velocidade que os grandes motores dos aviões de guerra . . . prestam mais de mil horas de serviço entre reparos . . . tudo isto representa um record notavel tanto em durabilidade de serviço como em economia. Estes motores estão prontos para a concurrência dos dias de paz. Escreva-nos... Jacobs Aircraft Engine Co., Pottstown, Pennsylvania, E. U. A.



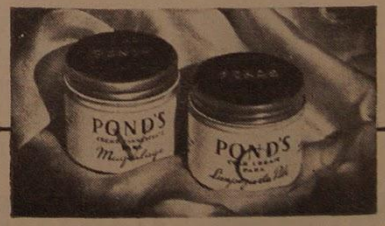
JACOBS · Pottstown, Pa., E. U. A.

A Senhorita Maria Stella Alves de Lima Rodrigues

Fala a Aristocracia Feminina...

O MÉTODO POND'S de Dois Cremes conquista, dia a dia, novas entusiastas.

Eis o que diz a Srta. Maria Stella Alves de Lima Rodrigues, ornamento da mais fina sociedade brasileira: «Devo o frescor e o aveludado de minha cútis ao uso diário dos Dois Cremes Pond's».



E para tornar a pele encantadora, basta êste simples cuidado:

1-Aplique Cold Cream Pond's no rosto e no colo. Retire-o em seguida. Para amaciar a cútis, aplique mais uma camada.

2-Antes de fazer a "maquillage", use o Creme Evanescente Pond's, que protege a cútis contra o sol e o vento e conserva o pó-de-arroz horas seguidas.

Siga o exemplo das mais lindas mulheres. Use os Cremes Pond's!

AMOSTRA GRATIS: - Queira enviar-nos o coupon acompanhado de Cr. $ 1,00 para despesas de remessa de uma amostra dos Dois Cremes Pond's.

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL — Avenida do Estado, 5.537 - São Paulo
3-SSSS-25

Nome.....

Rua.....

Cidade..... *Estado*.....

DOS CAMPOS DE OURO
Para nutrir um mundo faminto

A Minneapolis-Moline orgulha-se de ter dado uma contribuição de valor ao progresso dos métodos e máquinas de colheita.

Os milhares de MM HARVESTORS atualmente em uso trarão sua ajuda à campanha da alimentação para a vitória. E os HARVESTORS que a companhia fabrica este ano tambem contribuirão para melhorar as colheitas locais em 1944 e em muitos anos futuros.

Os fazendeiros merecem muito bom crédito por se terem prontificado a aceitar novos métodos e máquinas novas.

Mas a Minneapolis-Moline está tambem fabricando todos os tratores e máquinas agrícolas que o governo permite, dentro dos limites impostos pela escassez de certos materiais. Os VÍVERES CONTRIBUEM PARA A VITÓRIA . . . Cuide de suas máquinas agrícolas pensando na pátria.

MINNEAPOLIS-MOLINE
POWER IMPLEMENT COMPANY
MINNEAPOLIS 1, MINNESOTA, U. S. A.

Jamais houve uma caneta como esta Parker "51"!

● Tão moderna . . . tão diferente é esta Parker "51" que, postas em confronto, todas as outras canetas parecem antiquadas e fora de moda.

Tome-a entre os dedos. "Notavel!" Tão bem equilibrada . . . brilhante . . . aerodinâmica. Sua ponta original de modelo "torpedo" principia a escrever sem a menor hesitação—obedece ao mais leve movimento dos dedos.

Acrescente-se a isto outra qualidade maravilhosa—*escreve a sêco*. Isso porque é a única em que se pode usar a nova tinta "51"; *seca à medida que se escreve* . . . dispensa o mataborrão. Não obstante, a Parker "51" pode ser também usada com *qualquer* tinta.

Côres: Preto, Azul Cedro, Cinzento Pombo, Pardo Cordovan. O Lozango Azul no segurador representa garantia por toda a vida.

Únicos distribuidores para todo Brasil e Posto Central de Consêrtos: COSTA, PORTELA & CIA. Rua 1º de Março, 9-1º andar., Rio de Janeiro

PARKER "51"

Escreve a sêco com tinta líquida!

Goodyear orgulha-se de ser uma das construtoras do "Corsair" da Marinha dos E. U.

A GOODYEAR FABRICA AVIÕES COMPLETOS, DIRIGÍVEIS, E MUITOS PRODUCTOS AERONÁUTICOS, incluindo pneumáticos, câmaras de ar, rodas, travões—radiadores e mangueiras — superfícies de comando, asas, caudas cabines e fuselagens —depósitos de gasolina à prova de tiro — O "CORSAIR," o aviãocaça mais veloz do mundo — e dirigíveis para PATRULHAR SUBMARINOS.

GOODYEAR

Os produtos da Goodyear são manufaturados nos seguintes paises: Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Irlanda, Inglaterra, Índia, México, Perú, Africa do Sul, Suécia e Estados Unidos da América. Filiais e distribuidores por todo o Mundo.

O Convite Universal...
"TOME UMA COCA-COLA!"

O Famoso Canal de Panamá

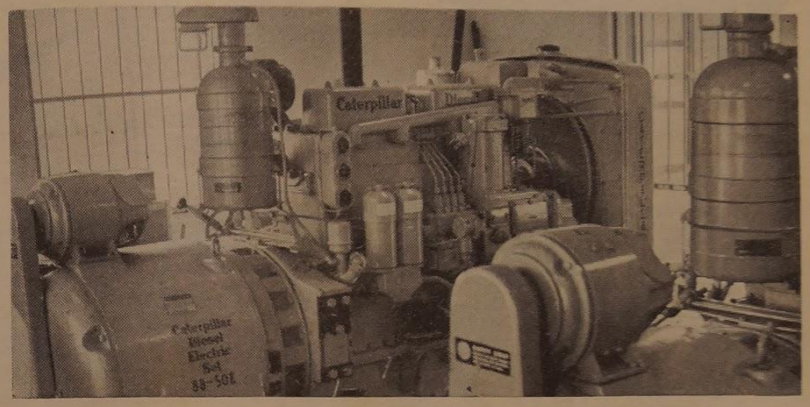
Preço - Cr. $1,00

Na República vizinha—istmo que liga os Continentes, com um canal que liga os oceanos—os bons amigos fazem o convite cordial: "Tome uma Coca-Cola!" É o refrêsco preferido nas Américas.

UNIDAS HOJE
UNIDAS SEMPRE

COPYRIGHT 1944 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

Eis porque as Aerovias da Pan American dependem da Energia Elétrica Diesel "Caterpillar"



Dois aparelhos elétricos Diesel "Caterpillar" 88-50E operando no aeródromo da Aérovia Pan American em Manágua, Nicarágua.

Nos seus aeródromos da América Latina, a Rede Mundial Pan American tem recorrido consideravelmente aos Geradores Elétricos Diesel "Caterpillar". Nos aeródromos situados longe dos cabos transmissores de energia elétrica, eles fornecem toda a corrente para luz e rádio. Em outras localidades, estão de reserva para servirem quando falhem as centrais elétricas.

Os Eletro-geradores Diesel "Caterpillar" são fabricados e regulados para funcionar à carga máxima durante longos períodos de tempo. São tão simples e de tanta confiança, que podem ser manobrados por indivíduos sem treino especial, e funcionam em qualquer clima e a qualquer altitude.

O sistema de combustão do Diesel "Caterpillar" queima quase todos os tipos de combustivel disponivel, e tem funcionado a contento empregando óleo de caroço de algodão e óleo crú purificado. Seu consumo é diminuto; sem defeitos de fabricação, e fadado por isso a durar muito, todo Diesel "Caterpillar" presta serviços a um custo mínimo. Quando se requerem ajustes e consertos, a inigualavel organização de distribuidores "Caterpillar" está pronta a prestar auxílios rápidos e eficientes.

Hoje, a maior parte dos produtos "Caterpillar" estão sendo requisitados para as frentes de combate. As unidades disponiveis para usos civís têm que ser distribuidas para tarefas essenciais de produção de guerra. Não obstante, os novos Diesel "Caterpillar" destinados a serví-lo quando vier a paz, serão de tal ordem, que vale a pena esperar por eles.

•

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILL., E. U. A.

CATERPILLAR DIESEL
MARCA REGISTADA

TRATORES DE ESTEIRAS • MÁQUINAS DIESEL • MAQUINARIA PARA ESTRADAS

Pelo alto

Toda a Europa conquistada é uma praça forte nazista. Paredes massiças e fortificações possantes servem-lhe de defesa,—quase tão inexpugnavel quanto foi possivel a Hitler realizar.

Mas por cima não há paredes. *É pelo alto* que os bombardeiros Aliados têm infligido os mais rudes golpes à máquina de guerra da Alemanha.

A expressão "pelo alto" tem agora uma nova significação para as guarnições das Fortalezas Voadoras Boeing. Nos dias em que os nevoeiros cerrados toldavam o espaço, a Europa estava a salvo dos bombardeios de precisão. Hoje os novos inventos para navegação capacitam os bombardeadores das Fortalezas a acertarem nos alvos, mesmo através da densa cobertura das nuvens. O primeiro raide das Fortalezas sobre Berlim foi executado sob tais condições.

As guarnições das Fortalezas sabem como é possivel essa precisão. Ela é devida à coragem, perícia, treinamento, e à estabilidade de vôo e firmeza do bombardeio pelas Fortalezas.

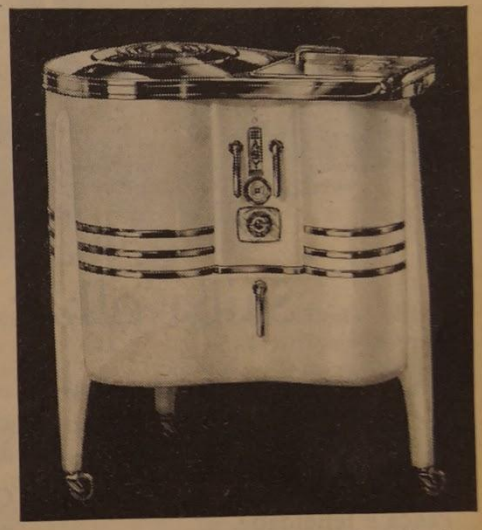
Algum dia a técnica e fabricação da Boeing serão dedicadas novamente aos produtos de paz. E o leitor pode ter a máxima confiança em qualquer desses produtos. . . . Se é "fabricado pela Boeing" está fadado a ser bom.

Criadores das Fortalezas Voadoras • Da Nova Superfortaleza B-29 do Stratoliner • dos Clíperes Transoceânicos

BOEING

Acaba com o sujo sem acabar com os botões!

MÉTODO NOVO E HIGIÊNICO PARA LAVAR ROUPA



Os métodos geralmente empregados para lavar roupas consistem muitas vezes em esfregar e friccionar o sujo, *mas é comum estragar-se tambem o tecido.* E tais métodos não são sempre higiênicos! Mas com as Lavadoras Easy, a roupa é lavada com delicadeza, sem o tratamento áspero e grosseiro de esfregamento, que acaba sempre por rasgar a fazenda. Alem disso, toda a lavagem da roupa é feita em casa, *sem o perigo da contaminação, muitas vezes perigosa, de roupa alheia.*

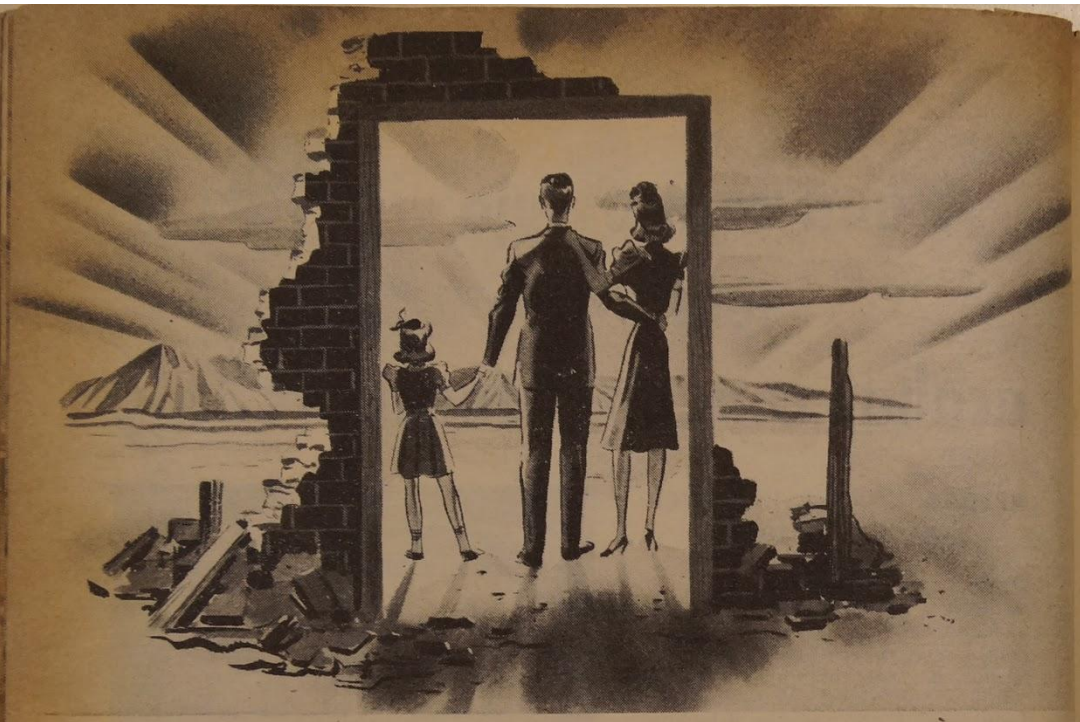
O sistema inteiramente novo, de dois compartimentos, significa economia constante. Enquanto um dos compartimentos lava a roupa, o outro a enxágua e a prepara para secar ou passar a ferro. Nada de rugas a serem desfeitas com o ferro! Nada de botões quebrados ou perdidos!

Ternos de linho, camisas, toalhas e guardanapos de mesa, roupas finas de baixo —*tudo que seja lavavel* pode ser beneficiado por este novo método higiênico. Há atualmente em uso 2.000.000 de máquinas Easy. Reserve uma por intermédio do representante. Easy Washing Machine Corp., Syracuse, N. Y., E. U. A.

NEGOCIANTES! Procurem vender Lavadoras e Passadeiras Easy após a guerra. Para informações referentes a concessões, é favor endereçar seus pedidos ao *Department RP-9.*

EASY A Lavadora mais conhecida dos E. U. A.

pronuncia-se ISI . . . o que significa FACIL



Saiba olhar o porvir!

Os homens e as nações que saibam olhar para o porvir hão-de ver surgir, dentre as ruinas desta guerra, uma aurora de esperança e felicidade.

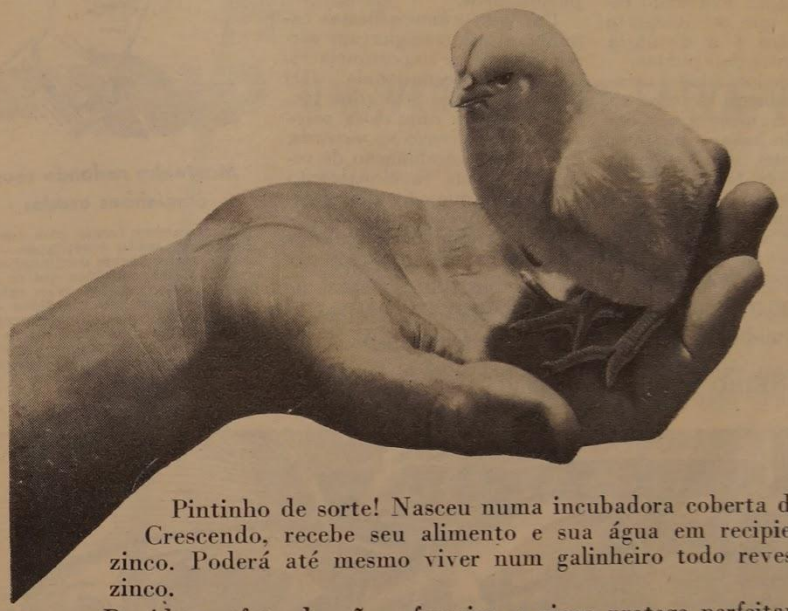
A constante exigência de maior produção destes tempos de guerra fez com que se realizassem, em poucos meses, portentosos adiantamentos técnicos, para os quais teriam sido necessários anos. Os engenheiros da Ford estão se preocupando para que estes adiantamentos sejam aplicaveis, no futuro, para beneficiar à humanidade.

Quando volvermos aos hábitos regulares do tempo de paz, os conhecimentos e experiência adquiridos agora, de parceria com a gigantesca máquina produtora desenvolvida pelas Nações Unidas, tornará possivel dotar a todos os povos do mundo de tudo o que precisem para fazer a vida muito melhor do que se poderia ambicionar no melhor dos sonhos.

FORD MOTOR COMPANY

Ford

O futuro deste bichinho está assegurado pelo zinco!



Pintinho de sorte! Nasceu numa incubadora coberta de zinco. Crescendo, recebe seu alimento e sua água em recipientes de zinco. Poderá até mesmo viver num galinheiro todo revestido de zinco.

Devido ao fato de *não enferrujar*, o zinco protege perfeitamente o ferro e o aço contra a corrosão atmosférica. Aliás não é só essa vantagem que recomenda o zinco para tantos usos domésticos e industriais.

Por exemplo: o zinco é essencial nas ligas de bronze para projeteis e cartuchos de munição; é necessário para o revestimento de muitas partes do equipamento militar. E é importantíssimo na fabricação de munição, material para pintura, artefactos de borracha, cerâmica, texteis, tintas para tipografia.

A Eagle-Picher é uma das principais fabricantes e distribuidoras, no mundo inteiro, de inúmeros produtos de zinco e chumbo, e de lã mineral para isolamento. Após 100 anos de experiência industrial, de manufatura e de mineração, começamos nosso segundo século de vida com uma sólida estrutura financeira, fábricas modernizadas, pesquisas intensificadas, e muita facilidade para colocação de produtos no mercado.

EAGLE-PICHER Chumbo . . . Zinco . . . Isolamento

EAGLE EP PICHER

THE EAGLE-PICHER LEAD COMPANY
Depto. de Exportação: 420 Lexington Ave., Nova York 17, E.U.A.
Escritórios gerais: Cincinnati (1), Ohio, E.U.A.
Endereço telegráfico: EAGLEPICH

ELE GUIA UMA "ARMA"

EIS aquí um combatente... o homem que guia o caminhão. Ele permanece no volante desde a madrugada até a noite. Mais quilômetros. Mais horas. Mais tonelagem. Provando todos os dias que o transporte por caminhões é a distância mais curta entre dois pontos.

Milhares de localidades estariam praticamente isoladas se não fosse o transporte por caminhões. Não haveria nenhum meio de remeter os produtos locais, nem de receber os de fora. Hoje, cada caminhão é, tambem, uma arma, na dificil luta de conservar a economia civil em equilíbrio.

Os caminhões que estão prestando serviços a V. S. têm, pelo menos, dois anos de uso. Provavelmente seis. Mas estão funcionando, a despeito da falta de peças sobressalentes, gasolina e pneumáticos.

Um bom número destes caminhões que transportam carregamentos de importância vital são "Internationals". Os serviços por eles prestados, tornaram-nos *os caminhões pesados de maior venda no mercado.* E a mesma combinação de resistência, bom funcionamento e economia que os tornou líderes nos tempos de paz, conserva-os na mesma posição nestes dias de guerra.

. . .

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY

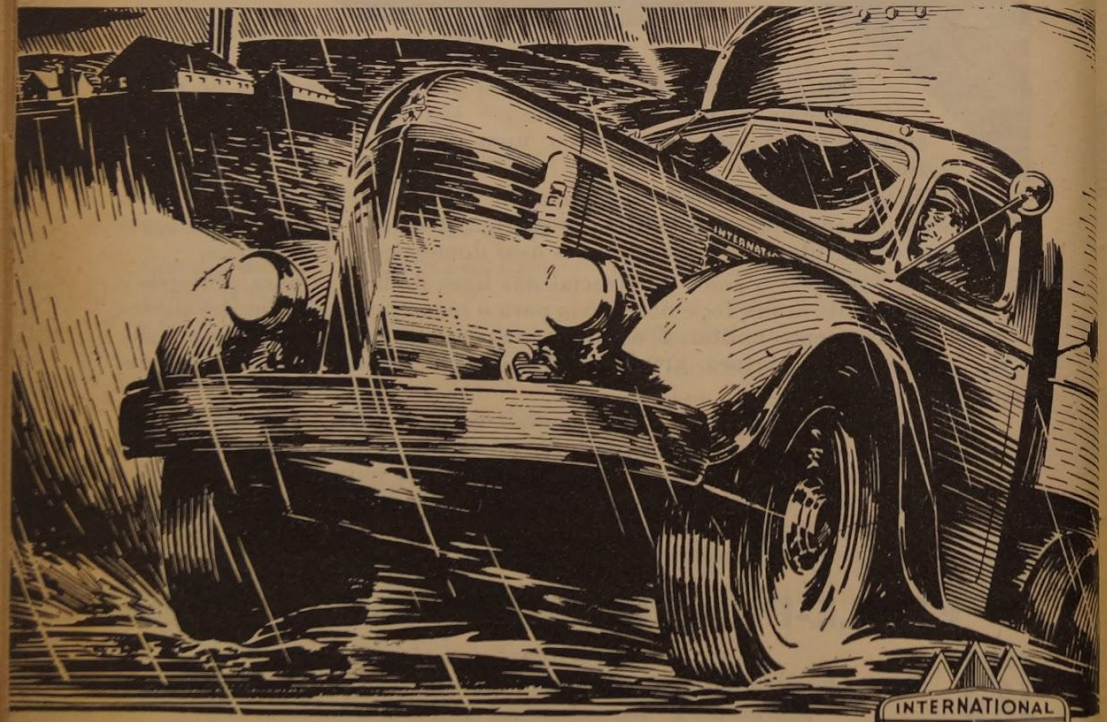
Harvester Building • • Chicago, U. S. A.

Filiais no Brasil:

RIO DE JANEIRO SÃO PAULO PORTO ALEGRE

Mantenha rodando seus caminhões usados

É uma enorme tarefa, essa que os caminhões estão executando—tarefa que eles devem continuar executando. Isto significa que os caminhões de V. S. devem ser cuidados, precisam ser mantidos em ótimas condições de funcionamento. Qualquer que seja a marca ou modelo de seu caminhão, permita que o representante da International o ajude a conservá-lo em funcionamento.



INTERNATIONAL HARVESTER

RÁDIO UM VERDADEIRO SALVA-VIDAS

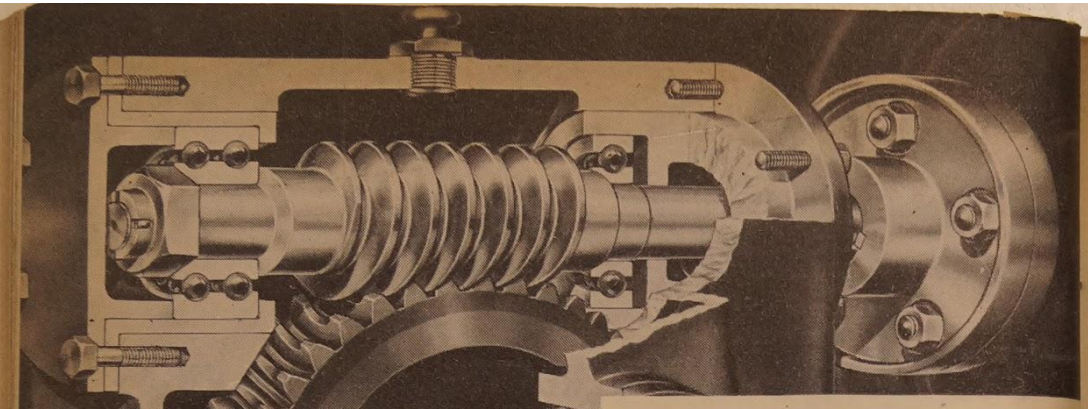
Nos recifes de coral de uma ilha no Sul do Pacífico assenta um avião-fortaleza desmantelado. A tripulação corajosa olha o mar e o céu procurando auxílio, porem sem sucesso. Novamente voltam para o rádio desmantelado—seu único meio de comunicação com o mundo—sua única esperança. Com cuidado extremoso montam e ajustam as peças desbaratadas, ligam os fios arrebentados—e por fim o aparelho funciona. Seu S. O. S. é recebido por um vapor amigo que vai em socorro. Mais um salvamento milagroso devido ao rádio.

A ZENITH hoje dedica todas as suas enormes facilidades de produção à fabricação de aparelhos radiônicos para as fôrças armadas—amanhã, porem, o líder da indústria continuará oferecendo ao público receptores de excelência sem igual.

UNIÃO VITÓRIA LIBERDADE

ZENITH *LONG DISTANCE* RADIO

OS MAIORES FABRICANTES NO MUNDO DE APARELHOS RADIÔNICOS, EXCLUSIVAMENTE



O Óleo Sobe Para Executar Um Trabalho Rude—

E com ele sobe a eficiência da máquina

Outro exemplo de problemas de lubrificação resolvidos graças à experiência da organização Gargoyle

CONHECE V.S. a engrenagem que aparece nesta ilustração? Então terá reconhecido o interior de uma engrenagem "sem-fim." Entretanto, talvez V. S. não saiba que a lubrificação desse util mecanismo foi um problema dos mais dificeis de solucionar.

A película de óleo, nas engrenagens "sem-fim," é submetida a pressões elevadíssimas, sob ação de compressão e deslizamento, que tendem a desalojá-la completamente, causando fricção metálica e rápido desgaste.

A Socony-Vacuum Oil Company, Inc. — pioneira na indústria do petróleo — produz um óleo que resiste àquelas ações e reduz ao mínimo o atrito, dando longa vida às engrenagens. Este óleo especial é apenas um dos produtos originados de nossa experiência de 78 anos em lubrificação. Nossas constantes pesquisas foram muito ampliadas para o esforço de guerra. Depois da Vitória, continuaremos ao seu serviço para apresentar novos e importantes benefícios à sua indústria, que assegurarão uma produção contínua com baixo custo de manutenção.

GARGOYLE

EM TODAS AS INDÚSTRIAS Lubrificantes REDUZEM AO MÍNIMO O DESGASTE

CARGA A GRANDES DISTÂNCIAS...

Hoje há muita carga preciosíssima que precisa ser transportada através de enormes distâncias no menor período de tempo possivel. Tal serviço, de vital importância, é desempenhado pelos aviões de transporte de cargo, que realizam quase milagres pelas estradas aéreas no mundo inteiro.

A grande maioria desses cargueiros do ar são providos de motores Pratt & Whitney, sempre dignos de confiança, os quais dão movimento a hélices Hamilton Standard.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

East Hartford, Connecticut, E. U. A.

MOTORES PRATT & WHITNEY · AVIÕES CHANCE VOUGHT · HELICÓPTEROS SIKORSKY · HÉLICES HAMILTON STANDARD

COMO SE ALIMENTA A SENHORA

para ser bela e saudável?

Não é na elegância de seu vestido novo, nem no artifício dos cosméticos raros, Senhora, que se encontra o segredo de seu encanto, mas sim na sua beleza natural, na frescura de sua cutis de veludo, na esbelteza de sua figura, na viveza de seus olhos . . . Porque a verdadeira formosura irradia de um corpo sadio e cheio de vitalidade. Por isso, é sumamente importante dar a devida atenção ao regime alimentício, escolhendo e combinando os alimentos, de modo que se obtenha deles a proporção necessária de vitaminas, minerais e demais elementos nutritivos e saudáveis.

O Instituto de Economia Doméstica da General Electric preparou vários folhetos sôbre nutrição e economia doméstica, os quais podem ser obtidos gratis, bastando sòmente pedí-los à International General Electric Co., Inc., em Schenectady 5, N. Y., U. S. A.

GENERAL ELECTRIC

A Serviço da Campanha Pan-Americana de Nutrição

General Electric S. A.—Brasil

NC4:4

O "HIGHBALL" já era popular quando teve lugar a primeira Conferência Panamericana, em 1889

Foi um momento transcendental na história americana . . . e Washington fez uma saudação com a bebida predileta do país: o refrescante "highball."

À medida que se celebraram sucessivas conferências panamericanas, foi aumentando a popularidade desta bebida de whiskey, facil de preparar. Feita com Schenley Royal Reserve lhe revelará uma nova emoção em matéria de sabor.

Os whiskies norte-americanos são os de maior venda no mundo, e um das principais razões dessa preferência é o Schenley Royal Reserve. De há muito sabem os entendidos, que o Schenley Royal Reserve, suave e lentamente envelhecido, é *o mais fino* dos whiskies norte-americanos.

Convidamos a V.S. a verificar por si mesmo—num "highball" — o soberbo aroma e gosto do Schenley Royal Reserve. Apoiam-no a tradição de gerações inteiras de experientes distiladores. O "highball" faz-se assim: **1.** Ponha num copo um cálice e meio de Schenley Royal Reserve. **2.** Adicione gelo, se prefere bebidas geladas. **3.** Encha o copo com soda. **4.** Coloque na bebida uma fatia de limão ou laranja, e sirva-a.

Sintonize o programa semanal "Instantâneos Sinfônicos Schenley," constituido de música e teatro, que se irradia através de poderosas estações de 4 cidades do Brasil.

O MAIS FINO WHISKEY AMERICANO . . .

SCHENLEY *Royal Reserve*

COM UNIDADE LIBERDADE

Schenley International Corporation, Empire State Building, Nova York

Haverá suprimento completo do whiskey Schenley Royal Reserve nessa praça logo que a situação o permita.

Não Por Anos Não Por Vida Mas Para Sempre

Garantido Para Sempre

O Serviço de Consertos nas Canetas e Lapiseiras Eversharp—identificadas pela dupla marca ✓✓ no gancho segurador—é garantido—não por anos—não por vida—mas GARANTIDO PARA SEMPRE.

O Jôgo EVERSHARP "PRESENTATION". *Admirável Combinação de Ouro e Plástica Moderna*

V. Sa. ficará encantado com a suave beleza deste Jôgo de Caneta e Lapiseira de Repetição de estilo moderno.

A metade superior da Caneta e da Lapiseira é encastoada com ouro de 14 quilates—sôbre uma base de prata esterlina. O corpo de plástica brilhante é fornecido em côres Dubonnet, Castanha, Verde, Azul ou Preta.

A Alimentação Mágica evita derrames ou gotejos—a grandes altitudes—ou ao nível do mar. Esta caneta escreve mais palavras—e mais suavemente. E quando o Botão Mágico da Lapiseira de Repetição Eversharp é premido, dispara uma nova ponta—quando é necessária—com a rapidez de uma metralhadora.

Para casamentos — aniversários natalícios — para aqueles que estão no serviço militar—nada pode ultrapassar o presente de uma Eversharp!

EVERSHARP, INC., CHICAGO, E.U.A.N.

Dê **EVERSHARP** *e dará a melhor!*

Um mundo de gozos inéditos ficou aberto aos entusiastas dos esportes náuticos, ao aperfeiçoarem-se estes esplêndidos motores de popa. Graças a estes motores marítimos, portateis, qualquer casco de tamanho pequeno ou médio pode ser instantaneamente convertido num barco a motor—com o fim de ampliar os horizontes do amador, e para acrescentar novos e emocionantes prazeres aos passeios de barco.

Vá planejando desde já a aquisição de um motor Johnson *Sea-Horse*, quando estes estiverem de novo disponiveis, após a guerra.

JOHNSON "SEA-HORSES"

GRATIS!

Completa descrição e plano detalhado para construir um veloz esquife de 4 metros de comprimento. Envio gratuito a pedido.

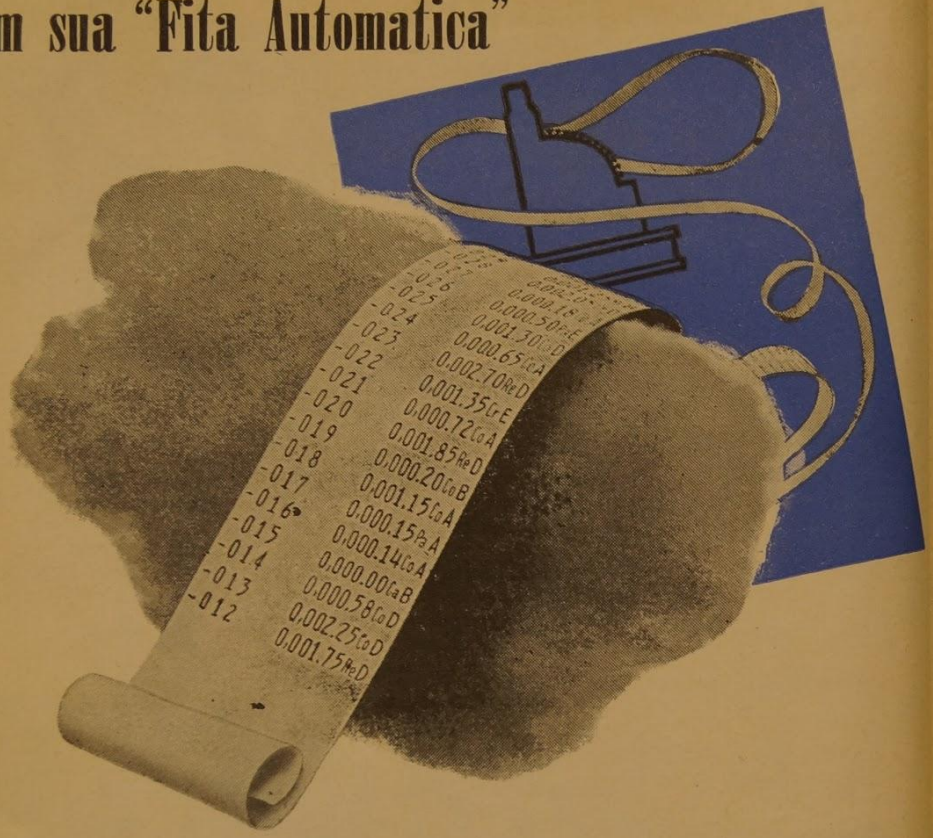
OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING CO.
Divisão de Exportação, Waukegan, Illinois, E. U. A.

Senhores: Sirvam-se enviar-me gratuitamente um exemplar do plano para um barco. (J9P)

Nome_____

Endereço_____

Aumente SEUS lucros com sua "Fita Automatica"



• A escassez de informacoes e a major das causas de fracasso. Por isso as maiores Bolsas do Mundo usam a "fita telegrafica automatica". . . para obter INFORMACOES . . . e RAPIDAMENTE. Para V. S., como negociante varejista, aquela fita telegrafica e a Fita de Detalhe Automatica de sua Registradora "National". Conhece V. S. TODAS as maneiras de usa-la para economizar dinheiro e AUMENTAR OS LUCROS? Se ainda nao, OBTENHA AS INFORMACOES . . .

CHAME A CAIXAS REGISTRADORAS NATIONAL S/A

RUA CHILE No. 31 • RIO DE JANEIRO

CAIXAS REGISTRADORAS
MAQUINAS DE CONTABILIDADE

Representante exclusiva no Brasil de

THE NATIONAL CASH REGISTER COMPANY

de POLO a POLO
TODOS AMERICANOS!
SEMPRE UNIDOS

National

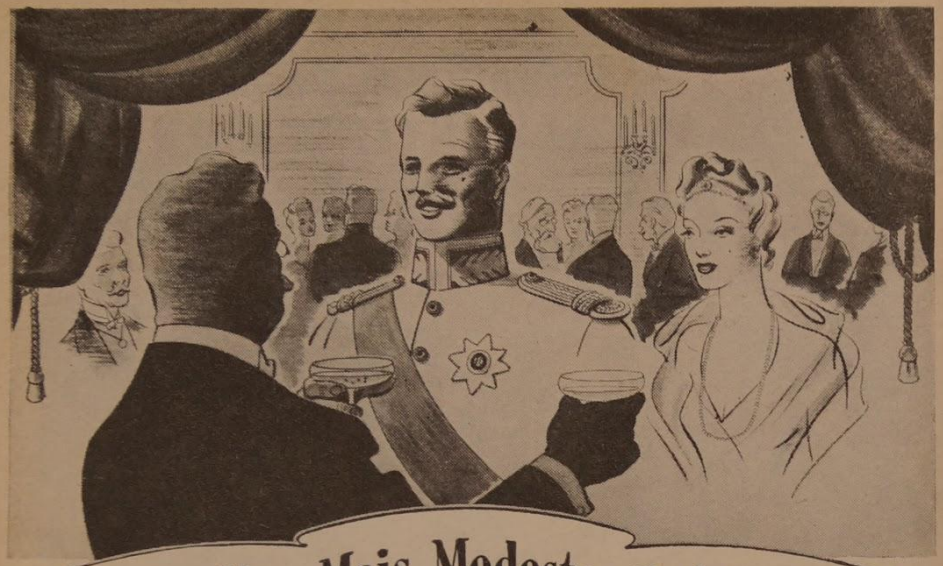
Um Convite da CASA INTERNACIONAL..

Quando V. S. vier a Nova Orleãs, o lar da Companhia de Navegação Delta, visite a Casa Internacional, que funciona com o fim de dar bom acolhimento aos hóspedes de outras terras que visitam o nosso país. Aquí V. S. encontrará homens e mulheres que falam a sua língua e que terão imenso prazer em lhe fornecer toda sorte de informação e auxílio que um visitante deve receber de uma cidade hospitaleira. O povo de Nova Orleãs pede-lhe que faça dessa casa seu ponto de convivência enquanto estiver na cidade.

Delta Line

NOVA ORLEÃS

DESFRALDANDO AS BANDEIRAS DAS AMÉRICAS



...ou Nas Mais Modestas Refeições

— CONFIE NA "COZINHA ROYAL"!

"Conforme estava annunciado, realizou-se hontem, ás 8 horas da noite, o banquete que o presidente da República offereceu no palácio do Cattete, ao rei e á rainha da Bélgica"

(Correio da Manhã de 21 de Setembro de 1920)

Quer para receber hóspedes de cerimônia, quer nas mais modestas refeições, a bôa dona de casa se congratula por poder recorrer à "Cozinha Royal", que há 75 anos tão valiosa tem sido. Porque a "Cozinha Royal" não é apenas o Fermento Royal, universalmente conhecido. É toda uma arte de bem servir e bem receber, através de pratos deliciosos, salgados ou dôces. Utilize sempre a "Cozinha Royal", preciosa num jantar de cerimônia, útil em qualquer refeição. Para isto, tenha sempre à mão o seu livro de receitas e o Fermento em Pó Royal.

Fermento em Pó **ROYAL**

A CHAVE DE MIL E UM PRATOS DELICIOSOS

"OLHO DE ÁGUIA, MÃO DE DAMA, CORAÇÃO DE LEÃO"—

Segundo Lord Moynihan, ilustre cirurgião inglês, são esses os requisitos indispensaveis a um verdadeiro cirugião.

Tendo em suas mãos uma vida humana, é preciso que ele traga à mesa de operação—não apenas essas grandes qualidades pessoais—mas tambem os melhores instrumentos que a ciência moderna pode oferecer.

O INSTRUMENTO SINGER DE *Sutura* CIRÚRGICA

constitue novo passo a frente na direção dessa meta . . . tornando o cirugião capaz de atingir os mais altos padrões de eficiência operatória, com consideração ainda maior pelo conforto e segurança do enfermo.

A Singer se ufana por ter podido dar sua contribuição, criando e aperfeiçoando este instrumento—criação essa tão digna da profissão a que serve, como do nome que a distingue.

Copyright U. S. A. 1944, de Singer Sewing Machine Co. Todos os direitos reservados em todos os países.

SINGER

SINGER SEWING MACHINE COMPANY, NOVA YORK, N. Y., E. U. A.

Uma Nova Arma — O "BLACK WIDOW"*

O NORTHROP P-61 "Black Widow" é um novo avião bélico que demonstrará a sua eficiência na atual ofensiva geral para a Vitória.

Como avião de combate de primeira fila do Exército, o Northrop "Black Widow" está todo equipado para a ação noturna . . . patrulhar as pistas e cabeças de pontes recentemente conquistadas . . . fazer incursões aos campos inimigos e transtornar-lhes os planos ofensivos e defensivos . . . e destroçar-lhes os aviões.

O P-61 "Black Widow", produto do conhecimento e perícia da Northrop, é o maior, o mais potente caça da atualidade. Ele tem grande raio de ação, enorme velocidade, rápida ascenção, e carrega muito armamento.

Esta nova arma foi projetada com a colaboração do Comando da Força Aérea do Exército Norte-americano, pelo grupo Northrop. Nos meses vindouros conhecereis mais detalhes deste novo aeroplano, o mortífero "Black Widow"—o P-61.

*"O nome desse avião Northrop é derivado de uma mortífera aranha preta".

NORTHROP

Desenhistas e fabricantes do

CAÇA NOTURNO P-61 "Black Widow"

NORTHROP AIRCRAFT, INC., NORTHROP FIELD, HAWTHORNE, CALIFORNIA, U. S. A. • MEMBER AIRCRAFT WAR PRODUCTION COUNCIL, INC.

CIDADES SEM FRONTEIRAS

Todas as históricas cidades antigas eram resguardadas por muralhas. Tróia, Jericó, Jerusalem, Cartago, Siracusa, Babilônia—seus portões fechavam-se ao pôr do sol, e suas muralhas ficavam sendo patrulhadas por archeiros. Mesmo París e Viena, e outras grandes cidades da Europa, foram em outros tempos circundadas completamente por barreiras de cantaria.

Que diferentes são as nossas modernas cidades, estendendo seus graciosos subúrbios através de pitorescos e espaçosos campos; seu amplo espaço para os que vão ao trabalho, sua capacidade de crescimento—cidades e campos ligados por meios de transportes modernos, rápidos e confortáveis.

Um dos melhoramentos mais promissores ideado pela Budd para o transporte de passageiros é o trem suburbano, não só leve como também resistente, fabricado de aço inoxidável. Movido por electricidade, rápido, flexível, êsse trem dará novo ímpeto à expansão das cidades, novas conveniências e confôrto aos que viajam por estradas de ferro. As cidades servidas por trens como êsses serão verdadeiras CIDADES SEM FRONTEIRAS.

EDWARD G. BUDD MANUFACTURING COMPANY, E. U. A. Budd

Ajudando a Conseguir Quinino para os que Combatem nas Selvas

HOJE, nas altas montanhas vulcânicas dos Andes, trabalha ativamente um exército de trabalhadores e de cientistas, colhendo a casca da árvore chamada cinchona para o fabrico do quinino, do qual há premente necessidade afim de que os combatentes, atualmente nas selvas do Pacífico, possam dominar a malária.

Para alcançar a região montanhosa onde se colhe a melhor "casca da malária," os trabalhadores e os cientistas têm de vencer os maiores obstáculos e instalar seus acampamentos no coração da mata. Do seu equipamento complexo, fazem parte essencial os Refrigeradores Servel. De trem ou carro de boi, os refrigeradores são transportados até os mais longínquos destacamentos, onde permitem que se conservem remédios e alimentos.

Os Refrigeradores Servel foram escolhidos para tal tarefa justamente porque podem ser levados a qualquer lugar, e funcionam com perfeição, não importa onde. Hoje, há milhares de Servels dando sua contribuição ao esforço de guerra das Nações Unidas, em todos os pontos do globo. E, nos lares e hospitais das Américas, funcionam atualmente mais de dois milhões desses refrigeradores.

SERVEL, Inc.

Departamento de Exportação
51 East 42nd St., New York 17, N.Y.
E.U.A.

FABRICANTES DAS GELADEIRAS SERVEL A QUEROSENE E A GÁS

FREQUENTEMENTE receitada pelos médicos, por suas propriedades suavizantes e curativas, Lanolina é, desde há muito, um alívio para os que sofrem com as irritações da pele. Agora você pode desfrutar os benéficos efeitos da Lanolina, cada vez que usa o Creme de Barbear Williams. Williams contém esta substância protetora.

Como sempre, Williams, de alvura puríssima, é naturalmente benéfico à sua epiderme. A espuma densa "super-saturada" do Creme de Barbear Williams envolve completamente os fios da barba, tornando-os doceis à passagem da navalha. E a suavizante Lanolina evita o ardor e a irritação—deixa a pele fresca e macia.

Se o jantar está atrasado... ganhe tempo... e elogios...

sirva Salsichas SWIFT!

SALSICHAS TIPO VIENA
Sirva com farofa e couve flor.

SALSICHAS TIPO OXFORD
Sirva com purê de batatas.

Ganhe Novas Energias

— com vitamina B1

Este é o alimento que nos dá proteínas e minerais imprescindíveis ao organismo. Sobretudo é rico em preciosa vitamina B-1 — fonte de novas energias, apetite e vitalidade!

PRODUTOS DA

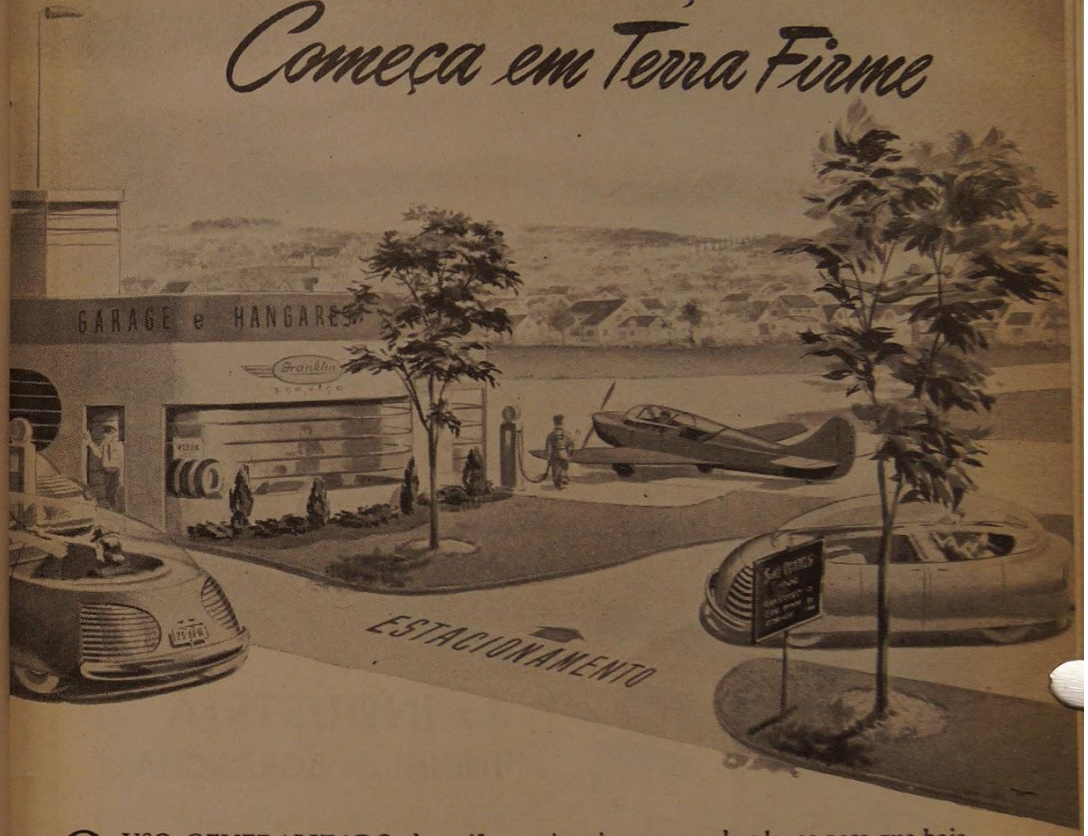
Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO
DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

Eis outros de nossos produtos de qualidade: PRESUNTOS • PÂTÉS • PERU
LÍNGUAS • PRESUNTADA • BACON • CARNE DE PORCO • CORNED BEEF • CARNE COZIDA
EXTRATO DE CARNE • TUCO (para massas) • GALANTINA • BANHA • SALSICHAS COCKTAIL

A "ERA DA AVIAÇÃO"

Começa em Terra Firme



O USO GENERALIZADO de aviões particulares dependerá das seguintes coisas: aviões faceis de pilotar, seguros, dignos de confiança e econômicos, e *boas instalações para aterragem*. E isso porque, por mais econômicos que sejam, por mais práticos que se apresentem, os aviões que pilotarmos depois da guerra só terão utilidade real se for possivel aterrar em qualquer lugar a que desejemos chegar, não muito longe do nosso destino.

Em todas as cidades e aldeias já se deveriam ir preparando planos para que haja mais tarde bons e práticos campos de aterragem para os aviões particulares. Convem que fiquem próximos à cidade, mas podem ser extremamente simples e de construção barata; em muitos casos, bastará que haja uma pista de aterragem, em forma de L ou de T, cobrindo uma área relativamente pequena de terreno.

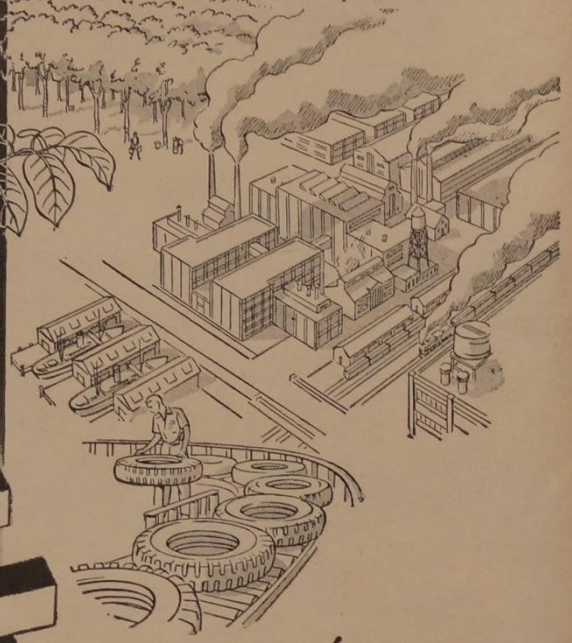
Inscreva-se entre aqueles que já se preparam para a "Era da Aviação". Comece desde já a executar seus planos!

Franklin
MOTORES DE AVIAÇÃO

AIRCOOLED MOTORS CORPORATION ★ Syracuse 8, N. Y., E. U. A.
MESBLA S/A • Rio de Janeiro • Distribuidores Exclusivos para o Brasil

À FRENTE

Mais de 60,000 produtos diferentes, desde pneumáticos até sapatos...desde bolas de golfo até aerostatos! Cada um à frente de sua especialidade.



da INDÚSTRIA MUNDIAL de BORRACHA

Empregando, durante o último século, os descobrimentos de seus laboratórios e o gênio inventivo de seus engenheiros, a "U. S." tem melhorado as plantações de borracha . . . formulou novos meios para obter borracha sintética . . . conseguiu a máxima perfeição possivel numa produção gigantesca, dedicada, hoje, a alcançar a Vitória . . . e, amanhã, a aumentar o bem-estar da humanidade!

UNITED STATES RUBBER COMPANY • US • TRADE MARK •

PROGRESSO PELA CIENCIA

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd.

FABRICANTES DOS PNEUMÁTICOS ROYAL

1230 Sixth Ave., Nova York 20, E.U.A. • No Canadá: Dominion Rubber Co., Ltd.

Pneumáticos Royal • Sapatos Keds • Acumuladores "U.S.A."

PEIXE FRESCO — QUE DELÍCIA!

Si V.S. mora à beira-mar, poderá encontrar sempre à venda excelente peixe —*Si* o comprar no mesmo dia da pesca.

Há alguns anos atraz, as pessoas que moravam no interior não podiam obter "peixe fresco" vindo do oceano. *Agora*, mesmo residindo longe da praia, V.S. pode saborear um delicioso peixe fresco. Porque?—O sistema Carrier de refrigeração tornou possivel o milagre!

Hoje, mesmo o peixe que não é vendido logo após a pesca, pode ser conservado *fresco* por muitos dias. Graças à Carrier, o problema da deterioriação do pescado foi resolvido. Frigoríficos, instalados nos centros pesqueiros ou distribuidores, bem como em navios, vagões de estradas de ferro e caminhões, permitem que o peixe chegue em perfeito estado até a sua casa.

No entretanto, si o sistema de refrigeração ou de ar condicionado que V.S. precisa é para fins militares ou de utilidade pública, o representante da Carrier o auxiliará com prazer em conseguir o tipo de equipamento que V.S. deseja.

CARRIER CORPORATION
Divisão Internacional
Syracuse, Nova York, E. U. A.

DISTRIBUIDORES DA CARRIER NO BRAZIL

ARMCO

ARMCO INDUSTRIAL E COMERCIAL S. A.
Rua Alfandega, 107, Rio de Janeiro
Rua Marconi, 124, São Paulo
Rua Voluntarios da Patria, 916, Porto Alegre

Carrier

Condicionamento de Ar e Refrigeração

KARDEX

● Kardex é um invento genuinamente Norte-Americano, permitindo o arquivamento *horizontal*—em logar de vertical—das informações comerciais mais importantes, o que permite um tremendo aumento, não sómente no arquivamento, como tambem nos lançamentos. A báse de qualquer sístêma de arquivamento é o "índice" e este, em Kardex, é plenamente visivel. Assim sendo, torna-se fácil encontrar imediatamente o que se procúra. Por meio de sináis coloridos, que se móvem dentro da margem visivel, chama-se a atenção sôbre fátos que requeiram particular assistência. Desta maneira, Kardex permíte ao homem de negócio, ter sempre presente, uma imagem sistemática e imediata das suas transações.

● Em toda parte do Brasil, encontra-se Kardex, usado em contrôles importantes, tais como: Inventários, Vendas, Compras, Produção e muitos outros contrôles.

● CONTRÔLE é o que Kardex dá a cada usador... O firme dominio do seu negócio, dando um gráfico exáto dos fátos atinentes ás suas atividades, afim de guiar as suas decisões.

● Kardex póde ajudar e mesmo determinar a eficiência dos seus negócios, como Kardex permíte atualmente ás firmas Norte-Americanas a entréga de cada vez maióres quantidades de material bélico para as Nações Unidas.

Remington Rand

BUFFALO, N. Y., E.U.A.

Maiór Fabricante do Mundo de máquinas de escrever portáteis, Standard e Noiseless. Máquinas de somar e de calcular, máquinas de Contabilidade e de cartões perfurados "Powers". Sistêmas de contrôles Kardex, Safe-Cabinets, Métodos de arquivamento e respectivos equipamentos, sistêma de folhas sôltas e da famósa máquina elétrica de barbear "Foursome".

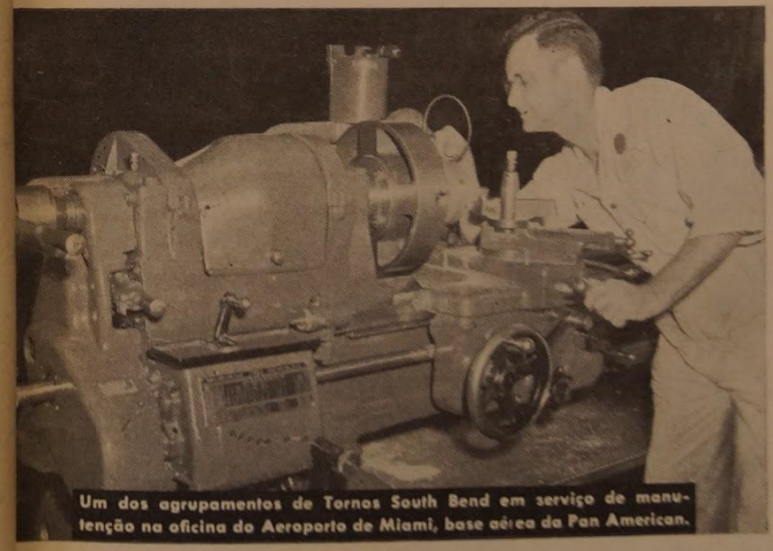
Representada no **BRASIL** *pela* **S. A. CASA PRATT**

RIO DE JANEIRO ● S. PAULO ● RECIFE ● PORTO ALEGRE ● BÉLO HORIZONTE ● BAÍA.

Os Tornos South Bend

AJUDAM A MANTER A FROTA AÉREA DA PAN AMERICAN BEM APARELHADA

A tarefa de manter em excelentes condições de vôo a grande frota aérea da Rede Mundial da Pan American requer a mais absoluta precisão. Em diversas das suas bases os Tornos South Bend desempenham o importante trabalho de manutenção de todo o equipamento de precisão. Eles funcionam diariamente produzindo peças sobressalentes—manutenção dos instrumentos de precisão—torneando uma grande variedade de obras a tolerâncias muito exatas. O largo uso desses tornos nas oficinas mecânicas das bases mantidas pelas principais empresas de navegação aérea é uma prova da sua eficiência em executar trabalhos mecânicos de alta precisão. Esses tornos são fabricados em cinco tamanhos: com diâmetro de rotações de 9" a 16" (polegadas). Escreva pedindo o nosso catálogo, indicando o idioma: português, espanhol ou inglês.



Um dos agrupamentos de Tornos South Bend em serviço de manutenção na oficina do Aeroporto de Miami, base aérea da Pan American.

MANUAL DO TORNEIRO

Um livro de 128 páginas, de 13 cms. por 20 cms., sobre o manejo e cuidado dos tornos mecânicos. Preço Cr.$3,00 por exemplar. Para um só exemplar aceitam-se em pagamento sêlos do correio. Especifique o idioma desejado: espanhol, português, inglês ou francês.

SOUTH BEND LATHE WORKS

SOUTH BEND 22, INDIANA, E.U.A.

Fabricantes de tornos há 37 años

"Sem maldade para com ninguem"

Caro leitor—observe as faces do pessoal aquí fotografado. Não se pode negar que as suas fisionomias revelam alegria sã e camaradagem.

A fotografia é de um grupo de empregados da Beech, suas famílias e amigos, e foi tirada ao natural, sem pose, num dia em que umas 62.000 pessoas visitaram a fábrica Beech.

Esses trabalhadores continuam sem cessar suas tarefas para a Vitória e a libertação dos paises escravizados, porem, para citar as palavras do imortal presidente Lincoln—"Sem maldade para com ninguem".

Beech Aircraft
CORPORATION
OS BEECHCRAFT CUMPREM O SEU DEVER
WICHITA, KANSAS, E. U. A.

Parte do pessoal da Beechcraft e suas famílias no Dia da Visita

O INVENTÁRIO DA INVASÃO

Saindo em torrentes das filas de produção da Higgins para fazer sua aparição em todas as frentes de invasão, sobressaem os barcos-foguetes blindados . . . canhoneiras . . . embarcações de socorro e de salvamento . . . barcos blindados de apoio . . . torpedeiras . . . tudo da Higgins—UMA VERDADEIRA ARMADA PROJETADA PARA O ATAQUE.

Para acelerar ainda mais o ímpeto da invasão, as Indústrias Higgins concederam autorização ao Governo dos Estados Unidos para fazer contratos com outros armadores autorizando-os a servirem-se dos desenhos e outros detalhes patenteados da Higgins, na construção de cascos para embarcações, seus acessórios e princípios mecânicos, enquanto durar a guerra, sem os direitos de propriedade da Higgins.

A história da contribuição da Higgins para a invasão desde a construção de um botezinho até as batalhas das enseadas, descreve-se em um novo folheto, "História Num Relâmpago" . . . Escreva pedindo um exemplar.

Higgins
INDUSTRIES INCORPORATED
NOVA ORLEÃS
FULCRO DAS AMÉRICAS
EMBARCAÇÕES • AVIÕES
MOTORES • PLÁSTICOS

Reprodução em tamanho exato de uma Foto Minicolor 2X feita de uma miniatura transparente Kodachrome.

Preciosas

Fotografias Minicolor feitas de transparências Kodachrome miniatura

AS fotografias Kodak Minicolor são ampliações fotográficas em cores, acabadas sobre uma base pelicular brilhante de cor de marfim e suave superfície. Reproduzem a beleza das transparências Kodachrome originais de 35 mm. e tamanho Bantam, e são fornecidas em três tamanhos estandardes— o "2X" (6 x 9 cm. aproximadamente), que se presta para emoldurar ou levar no bolso ou na bolsa de mão; o "5X" (13 x 18 cm. aproximadamente) e o "8X" (21 x 29 cm. aproximadamente), que, montados em molduras apropriadas, são realmente preciosos ornamentos para o lar. Tambem as fotografias Minicolor são fornecidas em tamanhos especiais até o de 29 x 36 cm. aproximadamente, sob encomenda. Por enquanto, as fotografias Kodak Minicolor só se fabricam em Rochester, Nova York, E.U.A.

Visite o seu distribuidor Kodak e confie na sua ajuda e sugestões para escolher as transparências que melhor se adaptem às fotografias Minicolor, e conte com seu serviço para que V.S. desfrute todo o prazer que proporciona a fotografia a cores por meio da Kodachrome.

Eastman Kodak Company, Rochester, Nova York, E.U.A.

Kodak faz com que a fotografia a cores forme parte da vida de cada um

Restauração de um monumento da cultura americana

FOI A 10 DE MAIO DE 1943 que o fogo destruiu o velho edifício da famosa biblioteca de Lima, capital do Perú. Lá estavam 150.000 volumes e manuscritos de inestimavel valor, coligidos através dos séculos desde a época dos conquistadores. E, com o incêndio, tudo se perdeu. Comparou-se mesmo a catástrofe ao saque da biblioteca de Alexandria no ano 390 D.C.

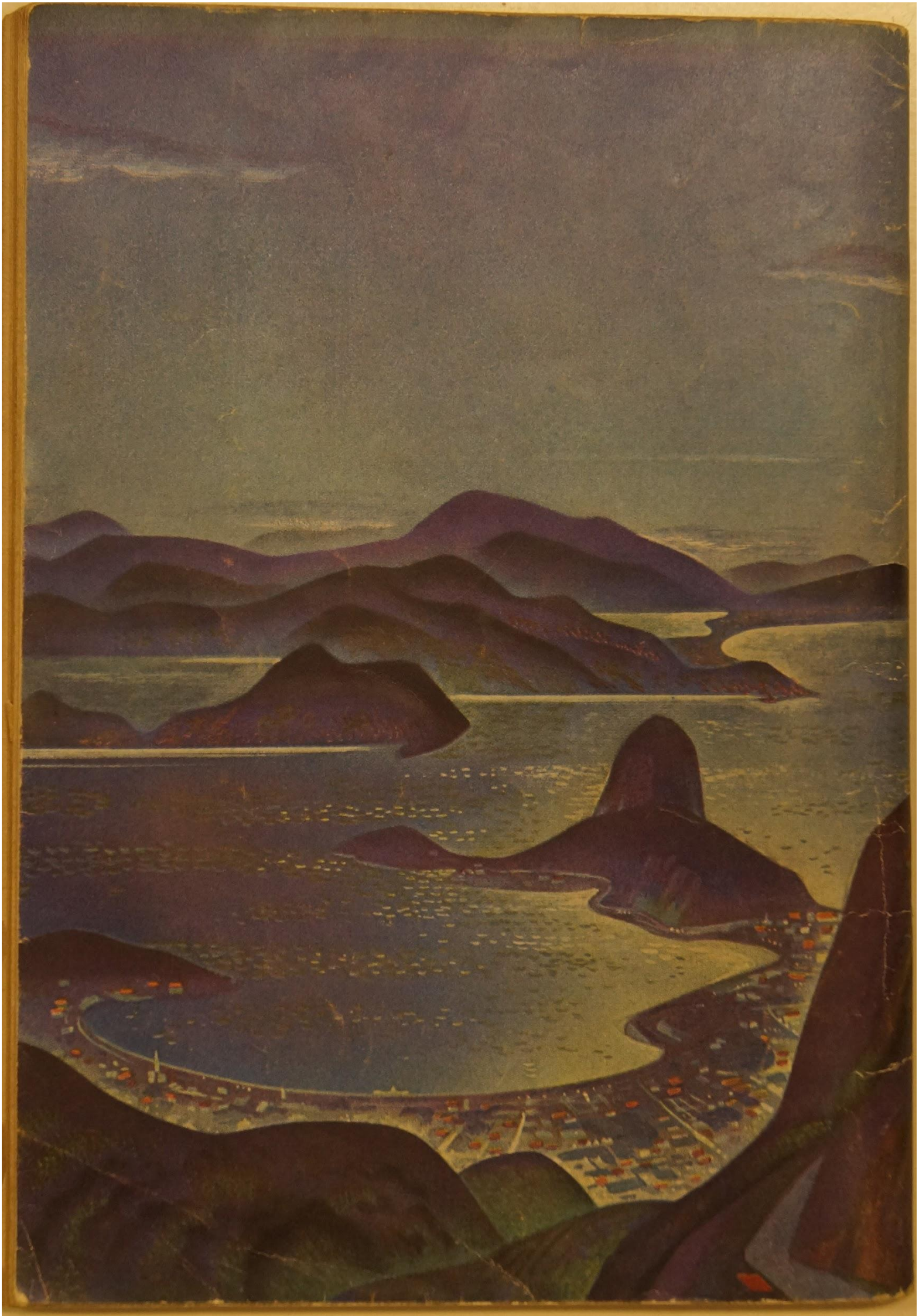
Entretanto, foi pronta e sobremaneira animadora a reação que logo se observou. Espontaneamente, os bibliófilos de toda a América acudiram para repor os volumes destruidos. O governo peruano abriu um crédito de cerca de Cr$15.400.000,00 para a construção de novo e grandioso edifício. Assim tambem ajudaram, consideravelmente, bibliotecários e governos de várias nações americanas, bem como cidadãos de todas as profissões e classes: intelectuais, estudantes, operários...

Segura de que nestas imensas Américas há milhares de pessoas dispostas a colaborar para a restauração desse monumento da gloriosa cultura americana, Seleções do Reader's Digest dirige-se agora aos seus leitores, publicando, com muita satisfação, estas linhas que lhe dirigiu o dr. Jorge Basadre, diretor da Biblioteca:

> Os leitores que desejem contribuir com donativos para a reconstrução da Biblioteca Nacional do Perú podem fazê-lo por intermédio do diretor da Biblioteca Nacional *do seu próprio país*. Para o fim de evitar confusões, roga-se que não se enviem livros nem dinheiro diretamente a Lima. Basta que sejam remetidos os donativos às Bibliotecas Nacionais locais, com destino à subscrição em favor da Biblioteca Nacional do Perú.

Seleções do Reader's Digest tem a certeza de que o público responderá a esse apelo com generosidade. Sobre tais dádivas se alçará, augusta e simbólica, a nova Biblioteca do Perú, excelso monumento que falará a todos da fraternidade e dos elevados ideais que unem os povos do nosso continente.

IMPRESSO NOS E. U. A.



OUTUBRO de 1944 ☼ Cr$ 3,00

Seleções do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

O multiforme poder curativo do sangue . . . *Hygeia* 1
Como assegurar a paz futura? . . *New York Times* 6
Argúcia dos animais 10
Audaciosa incursão a St. Nazaire . *Saturday Night* 12
O peixinho dourado do rei Kalakaua . . . *Atlantic* 17
«A voz da América Latina» . . . . *Pan American* 21
Pode prolongar-se a juventude? . *por Paul de Kruif* 23
Vigia das noites estreladas . *por Clarence Woodbury* 27
Escapou para contar a história . . . . . *Liberty* 30
Um império por uma pechincha. . *por Edwin Muller* 34
A escola orienta-se para a realidade . . . *Harper's* 39
Desta massa se faz um grande povo . *por Leland Stowe* 43
Não se pode deter Gene McDonald . . . . *Forbes* 45
«Até logo, meu filho» . . *Time, Chicago Daily News* 49
Assim vive o homem mais rico do mundo
por Ernest O. Hauser 51
Então você não acredita em reza? . *Cosmopolitan* 55
Já temos quinina artificial . . . *Science News Letter* 57
Os eternos dez segundos de um duelo aéreo
North American Newspaper Alliance 61
Meu tipo inesquecivel . . . . *por William Crossey* 63
Hortas por detrás das trincheiras . . *Leatherneck* 68
Meu triunfo sobre os espantalhos. *por Vash Young* 70
Um general amigo de sua tropa. . *American Legion* 73
Adeus, Sam, e boa sorte! . . . . . *Coronet* 77
Guia nas trevas . . . . . *This Week* 80
A Invasão: Grande acontecimento histórico
A grande decisão . . . . . *por Allan A. Michie* 81
A esquadra entra em ação. . . *por F. Sondern, Jr.* 88
Panorama da cabeça de praia . . *por Ira Wolfert* 93
Seção de Livros — Feiticeiro no apogeu . . *por Jean Burton* 101

EDIÇÃO MUNDIAL DE 10.918.000 EM CINCO IDIOMAS

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil
FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.
AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.
BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.
ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.
GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.
MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.
MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.
MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.
PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.
PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423 Curitiba.
PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 351, Recife.
PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.
RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.
RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.
RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.
SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.
SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.
SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.
TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND,, Rua Garrett, 73, Lisboa
Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo VI, No. 33 — [*Marca Registrado Reg. U.S. Pat. Off.*] — Outubro de 1944

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc.,
em Pleasantville, NovaYork, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace
Redator Gerente: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* Armando de Sá Pires
Administração: *Gerente Geral*, A. L. Cole. *Subgerente:* Fred D. Thompson, Jr.
Gerente de Circulação, Roberto C. Sánchez. *Chefe de Publicidade*, Willard R. Espy
Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson, *Subdiretor:* Marvin McCord Lowes
Diretor de Anúncios: Josiah B. Thomas

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*Reader's Digest* (fundado em 1921): publica-se em inglês em Pleasantville (E.U.A.) e em Londres; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace; tiragem mensal: 9.345.000 exemplares. *Selecciones del Reader's Digest:* edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas; tiragem mensal: 880.000 exemplares. *Det Bästa ur Reader's Digest;* edição em sueco, publicada em Estocolmo; redator: Anders Hedberg; tiragem mensal: 225.000 exemplares. *Al Mukhtar Min Reader's Digest:* edição em árabe, publicada no Cairo; redator: Fuad Sarruf; tiragem mensal: 60.000 exemplares.

TIRAGEM DE TODAS AS EDIÇÕES: 10.918.000 EXEMPLARES

Copyright 1944 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1876. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

CMDE 124
1944

OUTUBRO de 1944

SELEÇÕES do Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO VI — No. 33

O multiforme poder curativo do sangue

Admiraveis aperfeiçoamentos recentes fazem a doação de sangue mais preciosa que nunca—não somente para salvar a vida dos feridos, porem tambem como arma para combater muitas moléstias.

(Condensado de «Hygeia»)

Por Lois Mattox Miller
Auxiliada, no trabalho de pesquisas, por Theodore Irwin

NINGUEM IGNORA como as injeções de plasma sanguíneo vêm reduzindo a percentagem de mortes entre os feridos de guerra, nas frentes de combate. É entretanto menos conhecido o modo por que engenhosos cientistas, não querendo desperdiçar, ainda a mínima parte do que é recolhido, em sangue, da generosidade do povo, estão a fazer milagres com subprodutos que anteriormente eram abandonados, como inuteis, uma vez extraido o plasma.

O ano passado, num hospital de Detroit, uma mulher de 60 anos estava a sucumbir de pneumonia complicada por anemia perniciosa. Em outro tempo, qualquer das duas doenças bastaria, por si só, para levar a paciente ao túmulo. Entretanto, as duas juntas, e não obstante se tratasse de uma pessoa idosa, não perturbaram o médico assistente. Combateu ele a pneumonia com sulfas, e depois tratou a anemia recorrendo a transfusões de corpúsculos vermelhos —um dos muitos subprodutos salvadores de vidas que hoje se vão recolhendo de sangue doado. Assim regista o referido médico, laconicamente, o caso: «Restabelecimento, sem acidentes.»

Na Nova Inglaterra, região nordeste dos Estados Unidos, umas vinte e cinco pessoas se encontram em atividade, sendo impossivel perceber que trazem dentro da cabeça alguma coisa de artificial a revestir-lhes o cérebro. Adquirida durante uma operação a que se submeteram, a membrana de que se trata, feita pelo homem, é uma película semelhante ao *nylon*, originada do fibrinogênio, um componente do sangue.

Os jornais médicos andam cheios atualmente de comunicações clínicas sobre os variados efeitos, até então imprevistos,

que os elementos constitutivos do sangue podem ter na cura de feridos e na dominação de enfermidades. Os cientistas, dispondo, mais que em qualquer outra época, de sangue doado, subdividem-no continuamente, até que cada parte das que entram na sua composição pareça oferecer novo recurso contra algum mal que se julgava incuravel. Cada nova realização é uma página a mais que se escreve na história do milagre do sangue,—milagre esse ainda em pleno desenvolvimento.

A transfusão de sangue, de organismos fortes e sadios, nas veias de enfermos e de agonizantes, foi, através de gerações e de séculos, um sonho da medicina. Mas as tentativas, na matéria, não conseguiam chegar senão a malogros trágicos. Só em 1911, um pesquisador austríaco, Karl Lansteiner, atinou com uma das razões fundamentais do fracasso. O sangue humano produz-se em quatro tipos distintos, ou grupos sanguíneos. Sangue de um tipo, transfundido nas veias de uma pessoa cujo sangue pertence a outro grupo, pode ser-lhe fatal.

Mesmo depois que os médicos aprenderam a destacar ou reconhecer o sangue do tipo que convinha em cada caso, era preciso ter em vista a circunstância de que a transmissão direta era incômoda, penosa, ao mesmo tempo que oferecia perigo. E, uma vez retirado do organismo, o sangue se coagula em dois a dez minutos.

Em 1914, o dr. Luis Agote, da República Argentina, deu início a pesquisas em busca de um anticoagulante. Decorridos seis meses, quantas substâncias pôs a prova deram resultados negativos. Um dia, passando por um restaurante, viu ele uma vitrina cheia de ovos. Alguma coisa lhe ocorreu ao espírito. «Coagulação da albumina!» exclamou. «O citrato de sódio a evita. A albumina faz parte do líquido sanguíneo... Citrato de sódio.» Voltou, a toda a pressa, para o hospital. Um assistente o deteve, logo à entrada, dizendo-lhe que um dos doentes estava precisando com urgência de uma sangria.

«Eu mesmo a farei,» respondeu o dr. Agote. Derramou num frasco pequena quantidade de citrato de sódio, e em seguida juntou a este o sangue extraido do enfermo. Dez dias depois, o sangue ainda se achava em estado líquido, sem nenhum sinal de coágulo. Prosseguindo nas pesquisas durante as seis semanas imediatas, determinou cuidadosamente a quantidade mínima de citrato de sódio necessária para atuar como anticoagulante, no caso.

A 14 de novembro de 1914, podia o dr. Agote anunciar ao mundo que dois décimos de um por cento de citrato de sódio bastariam para evitar a coagulação do sangue humano. Assim, a transfusão indireta, do doador para o paciente, veio afinal a tornar-se, ao mesmo tempo, segura e facil de praticar-se. O sangue, todavia, não se prestava a ser conservado por mais de uma semana. Nos primeiros anos da década 1930-1940, o dr. Yudin, de Moscou, fez experiências extensivas, que o conduziram finalmente a um método de preservar o sangue, não apenas por uma semana, mas por trinta e cinco dias.

Em 1937, o Hospital do Condado de Cook, em Chicago, depois de devidamente pôr a prova o método de Yudin, estabeleceu o primeiro efetivo «banco de sangue» que entrou a funcionar sob os verdadeiros princípios que regem a instituição. Um doente que necessitasse de transfusão era prontamente atendido; em seguida, parentes ou amigos doavam o sangue preciso para preencher, nas reservas de que dispunha o hospital, a porção consumida. Contava-se, a qualquer momento, com sangue de todos os tipos, evitada, por conseguinte, a necessidade de apelar para doadores de emergência.

O primeiro grande caso de aplicação, em largas proporções, de sangue tratado a citrato de sódio, e mantido em depósito, verificou-se durante a guerra civil da Espanha. Os médicos ficaram admirados, ao ver como simples ajudantes praticavam com toda segurança a operação da transfusão, que anteriormente se julgava de tanta delicadeza.

Em 1936, o dr. John Elliott, de Salisbury, estado da Carolina do Norte, registou o uso clínico, em satisfatórias condições, do plasma sanguíneo líquido. É este obtido, colocando-se frascos cheios de sangue numa máquina centrífuga que os faz girar, até que a massa espessa de células brancas e vermelhas se deposite no fundo; retira-se então, de cima, o plasma, cor de palha. Em 1940, o dr. Max M. Strumia, do Hospital Bryn Mawr, nos Estados Unidos, fez demonstrações sobre o uso do plasma seco, sendo que a secagem do plasma o torna tão acessivel como, por exemplo, a aspirina.

Há quatro anos, no decurso da grande ofensiva aérea que os nazistas lançaram contra Londres, surgiu, de iniciativa da Cruz Vermelha Americana, o primeiro projeto de emprego, em grande escala, do plasma. Com uma quantidade cada vez maior de feridos, e um formidavel consumo de material médico, os ingleses se volveram para o plasma, inclusive plasma seco, dos Estados Unidos. Em princípios de 1941, intensificou-se o apelo aos doadores de sangue, já agora destinado às próprias forças armadas americanas. Desde então, têm sido doados cerca de 2 milhões e 500 mil litros.

Mas, no vasto milagre múltiplo do sangue, o plasma figura como parte de um maravilhoso conjunto. Em 1940, o Conselho Nacional de Pesquisas e a Cruz Vermelha Americana convidaram o dr. Edwin J. Cohn, da Universidade de Harvard, e um dos mais destacados fisioquímicos dos Estados Unidos, para dirigir a execução de um grande projeto de investigações. O dr. Cohn e seus colaboradores se consagraram particularmente ao fracionamento do plasma: um método de decompor o fluido da vida, e explorar a função clínica de cada elemento, separadamente.

O primeiro triunfo a emergir foi a soroalbumina—um sucedâneo do sangue que faz o papel do plasma no tratamento do traumatismo dos feridos, oferecendo a grande vantagem de exigir apenas, para a transfusão, um quinto de albumina, em comparação com o que acontece quando todo o plasma é empregado. Hoje, sete fábricas estão produzindo diariamente milhares de unidades de albumina. O chefe do Serviço de Saude da Marinha, Ross McIntire, declarou recentemente que o novo produto vai sendo usado com maravilhosos efeitos nas áreas de batalha do Pacífico. É tambem altamente benéfico para as tropas de Comando, ou paraquedistas, que só podem conduzir equipamentos ligeiros.

A seguir, os pesquisadores de Harvard passaram a estudar as globulinas—elementos do sangue onde se abrigam os anticorpos que dão combate à doença. A maior parte dos doadores comuns armazenam no organismo uma mistura de anticorpos, adquirida através de anos de luta bem sucedida contra o ataque das enfermidades. Porque não isolar tais anticorpos, e pô-los em atividade?

A primeira tentativa foi francamente animadora. A globulina do sarampo, na qual os respectivos anticorpos se acham concentrados, eliminou tranquilamente, no último inverno, três surtos epidêmicos da moléstia nos Estados Unidos, e está

sendo atualmente produzida em enormes quantidades, para proteção das forças armadas. Investigações sobre a globulina, quanto a outras doenças infecciosas—parotidite, escarlatina, difteria, coqueluche—se encontram já em marcha, e em bom caminho. As possibilidades parecem ilimitadas.

Ao mesmo tempo, coisas espantosas têm sido realizadas com os componentes do sangue, dotados de propriedades, ou que exercem funções coagulantes: a trombina e o fibrinogênio, que podem ser concentrados em finos pós brancos. Reunidos em solução, sob o nome de fibrina, apresentam as referidas propriedades. Partindo destas duas substâncias, conseguiram os cientistas preparar películas, espumas, plásticos e colas, apropriadas a uso nas mais delicadas operações cirúrgicas.

Com a fibrina já se substituiu, em um doente, a meninge, membrana que envolve o cérebro, destruida por ferimentos na cabeça. Afim de proteger a região exposta, altamente vulneravel, os cirurgiões dos hospitais de Crianças e Peter Bent Brigham, de Boston, têm adotado, com o melhor dos êxitos, a película de fibrina. Lisa, forte, elástica, é ela imersa em água, e em seguida aplicada, sem dificuldade, sobre o cérebro. As experiências indicam que o organismo, afinal, acaba formando uma pseudo-membrana que substitue integralmente a película de fibrina originada do sangue.

Quanto à espuma de fibrina, tem-se revelado milagrosa como produtora de coágulo. Na cirurgia nervosa, em que o sangue se derrama continuamente de pontos pequenos demais para que se possa detê-lo por meio de pinças, evitam-se as perdas sanguíneas emplastrando o local do derrame com a referida espuma esponjosa.

O dr. Tracy Putnam, afamado especialista em cirurgia nervosa do Instituto Neurológico de Nova York, está usando um novo algodão especialmente tratado—celulose oxidada—embebido em trombina. Pode permanecer internamente, depois da operação, porque, como a espuma de fibrina, é absorvido pelos fluidos do organismo.

Sob a forma de cola ou goma, a fibrina tem sido utilíssima nos enxertos de pele. Anteriormente, os médicos tinham que confiar principalmente na costura dos enxertos, mantendo-os em seu lugar pelo uso de ataduras, ou mesmo de gesso. As dificuldades cresciam quando se tratava de regiões de pequenos ângulos, como as do nariz ou do ouvido, pois tais regiões exigem do enxerto certa elasticidade.

Agora, entretanto, os cirurgiões do Exército e da Marinha se limitam a aplicar trombina sobre a parte ferida ou queimada, imergir enxertos de pele numa solução de fibrina, e adaptá-los ao local, sem que seja preciso, em certos casos, trabalho algum de costura. Os enxertos se fixam rapidamente, a hemorragia é controlada, e os curativos nenhuma dificuldade oferecem. Até entre os dedos das mãos ou dos pés, a nova pele pode ser grudada.

A aplicação mais recente de subprodutos do sangue é a que consiste no emprego das células vermelhas, que representam cerca de 46 por cento, entre os elementos que compõem a grande matéria vital. Estas células, extremamente sensiveis, e que se desintegram com rapidez, eram abandonadas como inuteis.

O dr. Warren Cooksey, de Detroit, verificou ou teve a percepção de que muita gente, porventura necessitada de transfusões de sangue completo, as estavam recebendo sem as referidas células, que entretanto se desperdiçavam diariamente em vastas proporções. Procurando

encontrar um meio de manter vivas as células vermelhas, tentou conservá-las em suspensão numa simples solução salina. A água salgada comum reteve-as intactas por cerca de cinco dias.

O dr. Cooksey experimentou suas transfusões celulares em 200 doentes de anemia, e convenceu-se de que eles tiravam das células vermelhas o mesmo benefício que do sangue, no seu todo. Assim, a partir do ano passado, o serviço de doação de sangue da Cruz Vermelha de Detroit começou a distribuir aos hospitais da região frascos contendo tais células.

O que se pratica em Detroit, estará em breve adotado por todo o país. Já as células vermelhas estão a ser empregadas no combate a uma série de doenças que variam da artrite crônica à tuberculose.

Mas a história das células vermelhas não para na transfusão. Não há muito ainda, os drs. John Moorhead e Lester Unger, de Nova York, descobriram que estas células eram de valor inestimavel no tratamento de feridas, queimaduras e úlceras infectadas. Aplicando uma «pintura» das referidas células a lesões abertas, viram o pus eliminar-se, as dores desaparecerem como por encanto, e acelerar-se a cura.

Enquanto a duração das células vermelhas na solução de Cooksey e na «tinta» Moorhead-Unger é limitada, os médicos da Clínica Mayo conseguiram preparar um pó das mesmas células, que durará indefinidamente. Aplicando diariamente este pó sobre uma úlcera varicosa, de mais de doze centímetros de largura, e que vinha desafiando, havia já oito anos, quantos tratamentos se empregavam, o resultado foi uma cura completa, dentro de oito semanas. Em outros casos de feridas em que tinham sido infrutíferos os meios usuais, o pó mostrou-se tambem de excelentes efeitos.

Estabelecida, depois da guerra, uma fonte contínua de sangue doado, não será de estranhar que a medicina venha a fazer do sangue um agente curativo para todos os fins.

Esperando a virada da sorte?

¶ Há milhões de pessoas que acreditam que o êxito na vida pode ser alcançado através de uma concatenação mística de circunstâncias, a que se dá o nome de «pura sorte». Entretanto, esquecem-se por completo da existência e da importância de certos valores como trabalho, paciência, perseverança, humildade, coragem e iniciativa. A escritora Edna Ferber descreveu isso muito bem, dizendo que, embora tenha recebido centenas de cartas de indivíduos que desejam *ser escritores*, nunca lhe escreveu alguem que desejasse *escrever*. . .

A explicação mais razoavel, que jamais encontrei para o fator «êxito», estava contida na ironia inconciente de um cartaz que anunciava o horário de trabalho numa loja da Quinta Avenida em Nova York. No referido cartaz, lia-se:

NESTA LOJA NINGUEM TRABALHA MAIS DE 40 HORAS POR SEMANA, EXCETO OS DIRETORES E GERENTES

Aí é que está. . . . Ninguem chega muito longe, trabalhando apenas 40 horas por semana. Aliás, a maioria das pessoas eminentes que conheço passam a vida a tentar trabalhar 40 horas por dia. . .

Channing Pollock, no *American Mercury*

COMO ASSEGURAR A PAZ FUTURA?

(Condensado do *Times* de Nova York)

Por Sumner Welles
Antigo Sub-Secretário de Estado

À MEDIDA que passa o tempo, verifica-se haver quem se mostre propenso a acreditar que a futura paz do mundo pode ser assegurada, tão somente, por uma contínua aliança militar entre os Estados Unidos, a Grã Bretanha e a União Soviética, nada sendo preciso oferecer, senão palavras inuteis, ao ideal de uma organização mundial de todos os povos livres.

A adoção, cada vez maior, de semelhante conceito, importaria em evidente perigo para a segurança do nosso futuro; porque, se o povo dos Estados Unidos viesse a pôr a sua confiança na aliança militar de grandes potências como o único remédio para os males de que hoje sofre o mundo, cumprir-lhe-ia logicamente adotar, como política nacional, um programa de incessantes armamentos, e mesmo de expansão territorial, vendo nele o único meio de devidamente garantir-se.

A história não regista um só exemplo, que tenha perdurado, de aliança militar entre grandes nações. O resultado de tais alianças tem sido sempre, invariavelmente, a disputa entre os seus membros, cada um procurando avantajar-se, em relação aos outros. Na melhor das hipóteses, conseguiu-se um equilíbrio de poder, precário e transitório.

O emprego do prestígio e da força, por si sós, não será jamais suficiente para assegurar à humanidade uma paz verdadeira. Esta só pode brotar da colaboração e assentimento de todos os povos livres, para o exercício, em seu nome, por uma organização qualificada para falar por eles, da autoridade que possa ser exigida afim de que a lei moral prevaleça entre as nações.

Se entrarmos pelo caminho de uma pura aliança militar, com o imperialismo que, sem dúvida, terá de acompanhá-la,

ESTE ARTIGO é uma condensação de um discurso feito por Sumner Welles em uma das reuniões, da série organizada pelo *New York Times*, sobre o tema «Sonhos e Planos dos Estados Unidos». O sr. Welles falou com a longa experiência que já tem dos negócios internacionais. Diplomata de carreira, logo depois de formado, em 1914, pela Universidade de Harvard, foi secretário de embaixada em Tóquio e em Buenos Aires, chefe da Divisão Latino-Americana do Departamento de Estado (Ministério das Relações Exteriores), Secretário de Estado Assistente, embaixador em Cuba, e Sub-Secretário de Estado. Visitou a Europa, em 1940, como representante especial do Presidente Roosevelt, para o fim de colher impressões sobre a situação européia, e em 1941 acompanhou o Presidente à conferência, no mar, com Churchill, de que resultou a Carta do Atlântico. O sr. Welles demitiu-se em setembro de 1943, do cargo que vinha exercendo havia já alguns anos, de Sub-Secretário de Estado.

como poderemos contar com as reformas fundamentais, sem as quais será vã a esperança de um mundo mais estavel? Dar-se-á que, recrudescendo os pendores imperialistas, os povos em luta pela liberdade a conquistarão, com efeito? Não seríamos forçados a retroceder, em tal caso, no que entende com as correntes do comércio internacional, àquele mesmo mar morto de discriminação e autarquia que marca a era de Hitler? É possivel conceber, sob semelhantes condições, a liberdade de religião, de informação, de expressão, estabelecida no mundo como direito inerente a todos os homens?

Não nos esqueçamos de ter em vista que certas das forças reacionárias que, servindo aos seus fins egoistas, conseguiram levar esta nação ao isolacionismo, já começam a pregar a política da aliança militar na base do que constitue o que eles denominam «realismo».

Seria preciso que fôssemos todos cegos, para que não percebêssemos claras tendências imperialistas em diferentes setores da nossa própria opinião pública. Nem nos é lícito ignorar que há vozes autorizadas, nos próprios círculos oficiais, que reclamam francamente, como meio de garantia para a nossa futura segurança, a cessão completa e imediata, pela Inglaterra aos Estados Unidos, das bases inglesas de que o governo britânico permitiu que nos servíssemos, em horas incertas da presente guerra.

Análogas pretensões se manifestam—e não cabe fazer, na matéria, ouvidos de mercador—no que diz respeito às bases e facilidades outras que obtivemos de alguns dos nossos vizinhos do Hemisfério Ocidental, para uso durante a guerra, e com o carater de contribuição para um esforço comum pela vitória.

Pede-se tambem que retenhamos, para nosso uso exclusivo, as bases de que nos servimos no Pacífico, e até na África, posto que, em muitos casos, as áreas respectivas já pertençam a outros membros das Nações Unidas.

Não será, entretanto, que os paises da Comunidade Britânica possam invocar precisamente as mesmas razões que as nossas, para pretender, nem mais nem menos, a posse das mesmas bases? E, no que toca ao Oceano Pacífico, haverá boa razão para que a Rússia não considere tambem necessárias à sua segurança, e se proponha a ocupá-las, algumas das mesmas bases que se entende devemos reter, para nosso uso exclusivo?

Não parece muito claro que uma organização internacional, capaz de garantir a segurança de todas as nações, evitaria uma política imperialista, partida de qualquer delas, uma vez que as bases em causa ficassem à disposição dos poderes de polícia, subordinados à autoridade da própria organização?

Nenhuma organização mundial poderá evidentemente estabelecer-se com êxito, se não tiver, a apoiá-la, a firme e contínua cooperação das maiores entre as potências que formam as Nações Unidas. Mas, por outro lado, é impossivel conceber ou imaginar uma organização mundial que não reconheça de fato a plena soberania de todas as nações independentes, por pequenas ou fracas que sejam, bem como o seu direito inalienavel a participar das decisões de carater político que venham a ser tomadas. Nem acredito que tal organização possa sobreviver, a menos que as nações participantes se comprometam a aceitar esclarecidos princípios de conduta internacional, e se lhe dêem, à organização, meios equitativos e eficazes para a solução pacífica de todas as controvérsias, e a força material que for precisa para a manutenção da paz.

Os que sustentam, com tanta veemên-

cia, que a única necessidade prática dos Estados Unidos, depois da guerra, será a de fazer parte de uma aliança militar das maiores potências, não deixam de ser coerentes quando insistem em que devemos presentemente evitar quaisquer propagandas no sentido da adoção, pelas nações, de princípios por que se reja sua conduta internacional. A teoria é a de que a polícia irá formulando a lei como lhe parecer conveniente. Tal política, no mundo de amanhã, significará unicamente um regime de caos contínuo, e uma renovação inevitavel do reinado da força bruta.

Há tambem os que, declarando-se partidários intransigentes de uma organização internacional, se mostram, contudo, inteiramente dispostos a adiar quaisquer medidas práticas tendentes a instituí-la. A grande verdade, entretanto, é que, quanto mais se procrastine o estabelecimento do primeiro núcleo da dita organização, tanto mais corre ela o perigo de protelações excessivas, e tanto maior a probabilidade de, assim o nosso povo, como o das demais grandes potências, acabarem persuadidos de que o generoso conceito de uma associação das nações livres é de todo impraticavel, só lhes restando os recursos da aliança militar, com o complemento do imperialismo, para que resolvam o problema da própria segurança. Tais rumos não levarão a outro desfecho que uma terceira guerra mundial.

Creio que a forma de organização mundial, que a experiência do último quarto de século mostrou ser a mais exequivel, é a que for baseada em sistemas regionais de estados, cada sistema respondendo primariamente pela manutenção da paz na sua própria zona, mas todos funcionando em coordenação com a autoridade suprema de um organismo universal, que possa empregar a força, sempre que a paz do mundo, e não meramente a de uma região, esteja ameaçada.

O tipo de orgão a que me refiro chegou a ser conhecido como um Conselho das Nações Unidas. Passando, entretanto, os meses, sem que se desse qualquer passo à frente afim de estabelecê-lo, a opinião pública nos Estados Unidos começa naturalmente a inquietar-se, pois uma parte, cada vez maior, da nossa população, considera que o momento oportuno para levar a efeito a organização internacional é antes, e não após terminada a guerra. O que se afigura, aos que assim pensam, é que não basta que se troquem idéias sobre esta organização; há que realmente construí-la.

O erro mais grave que o povo americano cometeu, ao sair vitorioso da Primeira Guerra Mundial, foi o de ter permitido que a vital questão de saber se os Estados Unidos, no seu próprio interesse, deviam colaborar numa organização internacional vasada em moldes práticos, se convertesse em matéria da pura alçada ou interesse dos partidos políticos. Mas a lição, estou certo, não terá sido inutil. Hoje se vê claramente que a nossa segurança, a vida dos nossos filhos, e mesmo a preservação dos nossos padrões de existência, são assuntos que pairam acima das divisões partidárias.

Tenho, todavia, minhas dúvidas se uma segunda lição foi guardada, com igual clareza, e está sendo, no momento, devidamente lembrada—a de que a capacidade dos Estados Unidos para exercer influência no sentido de garantir os objetivos básicos, que consideramos essenciais como frutos da nossa vitória, é muito maior agora, com a guerra ainda em marcha, do que será, muito possivelmente, depois de findas as hostilidades.

Se uma organização política das potências aliadas houvesse sido forjada, e tivesse entrado a funcionar, durante a primeira guerra mundial, representando, para todos os seus membros, o único organismo pelo qual se ganharia a paz, como o alto comando interaliado era, por seu turno, o único, por cujo intermédio se poderia alcançar a vitória militar, não haja nenhuma dúvida de que a história do último quarto de século teria sido inteiramente diversa da que nos trouxe aos dias atuais.

Concedeu-nos a Providência mais uma oportunidade para atentarmos construir um mundo pacífico, bastando que nos disponhamos a aproveitá-la. Quanto mais procuremos resolver tão relevantes questões à luz da experiência recolhida dos derradeiros vinte e cinco anos, tanto mais seguros estaremos de assentar em boa base a nossa política nacional. Nem o nosso país, na sua presente fisionomia, nem as caras liberdades qua tanto abençoamos, sobreviverão por longo tempo, se outra vez errarmos o caminho.

Rádio-enigmas do mês

Como em números anteriores, apresentamos uma pequena série de testes, adaptados dentre os melhores do gênero, usados em programas radiofônicos nos Estados Unidos, pelas estações da NBC, CBS, MBS e WOR. Conte dez pontos por toda resposta correta. Se acertar mais de 70, considere-se perito. 60 já é acima de média. As respostas se encontram na página 29.

1. O bico da *bota* italiana se encontra ao lado este ou ao lado oeste da península?
2. Qual é o mais moço dos quatro: Roosevelt, Churchill, Stáline ou Chiang Kai-xeque?
3. Os peritos agricultores dizem-nos que, ao colher rosas para colocá-las em vaso com água, convem sempre cortar as hastes em diagonal. Porque?
4. É comum dizer-se: «Chuva não quebra ossos.» Bem. Digamos que uma chuva excepcional nos quebrasse *todos* os ossos do corpo... Quantos teria de quebrar: aproximadamente 200, 2000, ou 20.000?
5. Que é mais barato: levar *um* amigo ao cinema *duas* vezes, ou *dois* amigos *uma* vez?
6. Qual dos seguintes animais fornece o maior número de peles para uso das senhoras: esquilo, coelho, ou marta?
7. Há, na língua portuguesa, treze sinais gráficos, comumente usados. O leitor é capaz de citar oito?
8. Qual é o meio de transporte que leva mais passageiros por dia, numa grande cidade como por exemplo Nova York ou o Rio de Janeiro?
9. Em que ponto é mais sensivel o nosso tato: a ponta dos dedos da mão, a ponta da língua ou a sola dos pés?
10. Se o médico lhe desse três pílulas e lhe mandasse tomar uma de meia em meia hora, quanto tempo durariam?

ARGÚCIA DOS ANIMAIS

—III—

Selecionados por Alan Devoe

MILHARES de cartas nos têm chegado às mãos, de leitores que testemunharam numerosos exemplos de «reflexão»—ou qualquer coisa de semelhante—por parte dos animais chamados selvagens. Eis algumas destas cartas. Outras serão publicadas em futuras edições.

Quando dois coiotes colaboram

UMA VEZ parei a contemplar um bando de grous migratórios nas planícies do Novo México. As aves avançavam em direção ao flanco de uma colina vizinha, de onde surgiu um coiote que, ao vê-los, se pôs a agir de um modo muito estranho. Corria de cá para lá, ora saltando, ora a rodar em círculos, fazendo cabriolas e dando coices como um animal tomado de loucura. Os grous pousaram um pouco mais adiante, evidentemente intrigados com aquele espetáculo.

Vi então outro coiote acercar-se deles por trás, avançando devagarinho, com infinita cautela. Foi-se aproximando cada vez mais, ao passo que seu companheiro e colaborador executava as mais prodigiosas acrobacias afim de prender a atenção daquela assistência alada. Finalmente, quando já se achava a curta distância, deu um pulo, de repente, e agarrou um dos grous.

Os outros alçaram vôo, enquanto os dois espertos animais se sentavam a gozar o festim, fruto de estreita cooperação... —Bob Beverly

Os esquilos são boas donas de casa

TIVE, DURANTE algum tempo, um par de esquilos que viviam em espaçosa gaiola com uma árvore em miniatura e uma caixa que lhes servia de ninho. Nesta caixa tinham até lençóis e cobertores. Nos dias de sol, os esquilos tiravam a roupa de cama, e, segurando-a entre os dentes, iam estendê-la sobre os galhos da árvore, evidentemente afim de arejá-la. Mal caía a tarde, lá iam buscar as cobertas, colocando-as de novo na caixa, com o perfeito senso das boas arrumadeiras.

Tive ocasião de observá-los no curso de várias estações. Posso, portanto, afirmar que não se tratava de um simples incidente sem qualquer significado. O que me causou maior impressão foi o fato de que nos dias nublados eles nunca tiravam os lençóis do ninho. —C. Huber Watson

A esperteza de um coelho

UM COELHO saltou da pilha de lenha em que eu estava trabalhando e saiu a correr pelo campo em fora. Meu cão de caça lançou-se ao seu encalço. Corria tão depressa, e estava ganhando terreno com tamanha rapidez que, de momento para outro, liquidaria o fugitivo.

O coelho, porem, ladino como poucos, recorreu a um truque tão extraordinário,

que nada vi de comparavel em toda a minha vida. Deu apenas dois saltos: um para o lado, de modo que o seu perseguidor, com a velocidade em que vinha, lhe passou à frente. No segundo pulo, encarapitou-se nas costas do cão. Agarrou-se alí de unhas e dentes, como um macaco de circo montado num garrano. Quando passaram como um relâmpago por uma espessa moita, o coelho desapareceu num abrir e fechar de olhos. O cão, completamente tonto, e sem atinar com o que se passara, rondou ainda por alí minutos, voltando depois para meu lado com o rabo entre as pernas, e muito encabulado. —Reuben D. Knight

O aviso misterioso

MEU CARRO acabava de entrar na fazenda, quando nos chegou um sinal de alarme, prevenindo que o rio Des Moines transbordara, e as águas já se achavam a 20 quilômetros dalí. Fui ao pasto com o fazendeiro, afim de ajudá-lo a reunir o gado e os porcos. Vimos então um sariguê, com o filho montado às costas, subindo em direção às terras mais altas. Pouco depois, vinha um gambá, guiando toda a família na direção oposta à do rio. A seguir, apareceu um coelho que não corria, como se estivesse perseguido por caçadores, mas avançava colina acima, sem parar um só instante. Dentro de alguns segundos, surgiu na mesma direção um texugo.

Disse-me o fazendeiro que, durante todos aqueles anos, nunca vira tanto bicho por alí, e todos a fugir do rio. Evidentemente, não se sabe como os animais tinham percebido o que se estava passando. O instinto selvagem lhes prevenira do perigo que corriam, o que já não se dera entretanto com os animais domesticados, que encontramos a pastar tranquilamente.

—A. H. Crowther

O texugo aprendeu a lição

DURANTE UM INVERNO extremamente frio, em Carolina, quando os pequenos animais que rondam pelos bosques pouco encontravam que comer, o velho Daniel, ao conversar comigo, queixou-se várias vezes de que «algum espertalhão,» sem deixar sinal algum da sua passagem, estava roubando a isca que ele colocava, todos os dias, num de seus alçapões. «Sempre que chego,» declarou-me Dan, «encontro um graveto junto da armadilha, e nem sombra da isca!»

Afim de desvendar o mistério, instalei minha máquina fotográfica ao pé de uma árvore vizinha, cujo tronco formava uma espécie de bifurcação, e liguei-a, por meio de fios de arame, ao alçapão do velho Daniel, do modo que, ao abrir-se este, a máquina funcionasse automaticamente.

Voltamos dois dias depois. A isca fora novamente roubada. Corrí para casa a revelar o filme. Este mostrou-nos um texugo de tamanho respeitavel, sentado ao lado da armadilha, e puxando a isca com um graveto que empurrava com a pata esquerda. Burlava-nos a vigilância com um artifício curioso.

Não sei qual o raciocínio que o levou a tão habil solução. Suponho, porem, que o animalzinho sofrera uma dolorosa experiência, aprendendo desde então a acautelar-se contra os alçapões, porquanto se via nitidamente na fotografia que tivera a pata direita arrancada. —Clifford Beck

Audaciosa incursão a St. Nazaire

Porque o *Tirpitz* jamais conseguiu fazer estragos entre a navegação aliada no Atlântico

(Condensado da «Saturday Night»)

Pelo tenente S. W. Chant e Frederic Sondern, Jr.

OLHADA À LUZ do luar brilhante que fazia essa noite, subindo o estuário do Loire, a nossa flotilha devia ter a aparência mais inocente deste mundo. As sentinelas alemãs postadas nas margens deixaram-se iludir pelo aspecto do velho calhambeque que abria a nossa procissão rio acima, e só demasiado tarde perceberam que se tratava dum *blockship* inglês, isto é, navio de obstrução, escoltado por lanchas e torpedeiros a motor, carregados de tropas dos Comandos. Poucas horas depois, terminada uma das escaramuças mais sanguinolentas e furiosas que jamais se travaram, todos os ingleses, que tinham ousado pôr o pé em terra, estavam mortos ou feitos prisioneiros. Mas as docas de St.-Nazaire—o baluarte nazista mais fortemente guardado de toda a costa atlântica—tinham recebido danos e prejuizos bastantes para lhes paralisar a ação, e assim alterar o curso da Batalha do Atlântico.

Aquele fevereiro de 1942 tinha sido bem negro para o Almirantado Inglês. As alcatéias de submarinos alemães vinham elevando o número de seus êxitos a cifras esmagadoras. A esquadra do Mediterrâneo necessitava desesperadamente de reforços. E, para carregar ainda mais as cores sinistras desse quadro, o couraçado alemão *Tirpitz* aprontava-se para sair da sua base norueguesa, e cair sobre a navegação aliada do Atlântico como um salteador de estradas marítimas. A presença dessa formidavel unidade, cuja potência de fogo excedia de longe a de todos os navios usados na escolta de comboios navais, viria desorganizar todo o nosso sistema de comboiagem, e forçar o Almirantado Britânico a dar-lhe caça com os seus grandes vasos de guerra, que tão necessários eram noutras águas do mundo. Só havia uma maneira de impedir que o *Tirpitz* saisse do seu covil.

O único dique seco do litoral atlântico, capaz de receber um navio das dimensões do *Tirpitz*, era a chamada *Forme Écluse*, nos grandes estaleiros navais de St.-Nazaire. Se fosse possivel destruir esse enorme dique, o couraçado alemão não teria mais ao seu dispor nenhuma base de reparação perto da sua zona de operações, a não ser os portos alemães do Mar do Norte—para atingir os quais teria que afrontar obstáculos tais como a *Home Fleet* inglesa, os campos de minas da Mancha e do Mar do Norte, e os ataques da RAF. Ora, os almirantes de Berlim dificilmente ousariam arriscar o seu último grande navio de linha contra semelhantes azares.

St.-Nazaire era pois a chave do nosso problema. Já os bombardeiros da RAF tinham tentado em vão demolir-lhe as docas. Era evidentemente uma tarefa própria só para a Marinha de Guerra e as forças de Comandos.

Fomos especialmente treinados durante várias semanas. Estudaram-se minuciosamente as fotografias aéreas e modelos, em escala rigorosa, das docas de St.-Nazaire, até que ficamos conhecendo de cor os nossos objetivos. A nossa missão tinha por fim fazer voar as comportas do dique seco, a estação de bombeamento, as instalações vizinhas, e todos os abrigos de submarinos que pudéssemos atingir. Praticamos com cargas de demolição até sermos capazes de as lançar quase de olhos fechados. Exercitamo-nos em batalhas de rua, até que os truques mais minuciosos se tornaram para nós como que uma segunda natureza. Impunha-se que fôssemos perfeitos, e bem que nós o sabíamos.

Pusemo-nos a caminho uma bela manhã de março, armados até os dentes, eriçados de canhões Bren e fuzís-metralhadoras, pistolas automáticas, navalhas, granadas e cargas de demolição. Cada homem levava consigo todo o equipamento necessário ao desempenho da sua própria tarefa. A expedição era um grande conjunto de missões pessoais.

Foi um alívio ver-se a gente a caminho, muito embora todos ou quase todos, penso eu, soubessem muito bem que eram muito tênues as probabilidades de tornarmos a ver e a pisar a terra que agora fugia para a nossa retaguarda.

A minha unidade foi mandada para bordo do *blockship*, que era um velho destróier americano de quatro chaminés, o *Buchanan*, crismado agora sob o novo nome de *Campbeltown*. Tinha ele que arrombar as comportas do dique seco, e afundar-se alí mesmo à entrada, para obstruí-lo. Transportava uma carga de cinco toneladas de formidaveis explosivos, que um rastilho de ação retardada faria rebentar só depois de todos os homens terem desembarcado. Dois destróieres faziam-nos escolta, para nos proteger contra qualquer ataque pela retaguarda, em St.-Nazaire. Uma canhoneira a motor, um moto-torpedeiro, e 16 lanchas a motor, transportavam o grosso dos Comandos, e deviam reconduzir-nos à Inglaterra.

Pareceu-nos interminavel aquela travessia. Durante 33 horas ziguezagueamos num curso delirante, para despistar qualquer observador alemão que pudesse dar pela nossa aproximação. De repente, abriu-se em frente de nós o estuário do Loire. As seis milhas seguintes foram longas e de insuportavel ansiedade.

Com o fim de evitar o canal principal e os navios que o guardavam, entramos no rio galgando por sobre um banco de areia. O *Campbeltown* fora aliviado de carga para poder passar com uns 15 centímetros de vão acima do banco, mas assim mesmo, na escuridão, a coisa não era facil. Houve um momento em que o casco roçou na areia, e um estremeção percorreu o barco de popa a proa, obrigando-nos instintivamente a conter a respiração... Dava-nos isso a ilusão de que estávamos ajudando a aliviar o navio. O fato repetiu-se, mas conseguimos safar o barco; nosso alívio, porem, foi de pouca duração, pois daí a pouco vimos surgir de través um navio alemão de patrulha. Ninguem se moveu, porem. Por cima das nossas cabeças ouvíamos já o agradavel roncar dos aviões da RAF, que vinham com a missão de atacar St.-Nazaire momentos antes de nós alí chegarmos, de modo a absorver a atenção dos projetores luminosos, e a concentrar sobre si o fogo dos canhões anti-aéreos.

O TENENTE CHANT, dos «Gordon Highlanders», foi um dos raros Comandos que conseguiram voltar à Inglaterra, em seguida ao grande raide de 1942 contra o porto francês de St.-Nazaire. Este golpe de mão foi nesta guerra, para as Nações Unidas, o mesmo que, na primeira guerra mundial, o famoso ataque a Zeebruge pelos Aliados. Após 18 meses num campo de concentração de prisioneiros, na Alemanha, o ten. Chant foi repatriado.

Duas milhas mais adiante avistamos enfim, batido de luar, o grande dique seco.

Os grupos de assalto, demolição e proteção tomaram posições nas cobertas. Arriamos as suásticas que nos tinham servido de disfarce, e içamos as nossas bandeiras. Deitamo-nos no chão, com os pés virados para o lado da proa, para proteger a cabeça contra a violência do choque, quando o navio embatesse nas comportas de entrada do dique. Eu fiquei atrás da última chaminé, e do meu lugar podia ver as guarnições das peças Oerlikon aprontando-se para a luta sobre as suas plataformas. Todos os canhões estavam virados para o ar, para dar a impressão de que o navio era alemão, e se dispunha a fazer fogo contra os aviões que voavam lá em cima. Mas esse truque foi o último que nos deu resultado...

Um projetor da margem caiu sobre nós. Centímetro a centímetro o seu foco luminoso trepou mastro acima, até se fixar no nosso galhardete. E um momento depois começava a festa: acendeu-se em cima de nós uma dúzia de grandes holofotes, e os canhões alemães de todos os calibres abriram fogo sobre o *Campbeltown*. As granadas começaram a destroçar a ponte, e o convés era varrido pelas balas de metralhadora que assobiavam por todos os lados. Os nossos homens caíam feridos. Senti um choque, mas estava demasiado interessado na luta para pensar no meu interesse. O velho *Campbeltown* estremecia violentamente debaixo de nós, num supremo esforço das máquinas. Ouviu-se um choque formidavel, um ranger infernal, e a proa subiu no ar, ao embater contra a comporta do dique, a uma velocidade de 18 nós.

Quando nos refizemos do abalo, descobrí que tinha estilhaços de metralha no braço e na perna direita. Aproximadamente três quartas partes dos meus camaradas estavam feridos. Coisa de gravidade, porque ia afrouxar o nosso movimento de ataque. A maioria de nós conseguimos porem descer pelas escadas de corda até ao topo da comporta arrombada, enquanto os alemães, favorecidos pelo luar, despejavam em cima da gente quanta metralha tinham disponivel.

O meu alvo era a estação de bombeamento do dique seco,—grande edifício de cimento armado, defendido por poderosos canhões instalados no terraço. Felizmente para mim e para os meus quatro sargentos, o grupo de assalto já tinha atacado de surpresa as guarnições das peças, de modo que, quando alí chegamos, estas já estavam sendo desmanteladas. Passamos alguns momentos dificeis quando encontramos trancada a imensa e maciça porta de aço: foi preciso rebentá-la, e isso atraiu as atenções de quantos nazistas andavam naquelas imediações.

A satisfação de chegarmos à câmara das bombas, 12 metros abaixo do chão, foi de pouca duração. Enquanto colocávamos as cargas de demolição junto das máquinas, lá em cima no terraço a nossa brigada de demolição começou a fazer rebentar os canhões alemães à esquerda e à direita, e só parecia que o teto do edifício nos ia cair sem tardar em cima da cabeça. Devido aos ferimentos que recebêramos, levou-nos um tempo imenso e custou-nos grande esforço marinhar pelas escorregadias escadas de ferro da câmara das bombas, para sair dalí. As cargas que tínhamos disposto lá em baixo eram de rastilhos curtos, e foi só por um triz que conseguimos escapar à explosão. Mal tínhamos tido tempo para correr do edifício e deitar-nos por terra, quando começaram a chover em cima de nós os blocos de cimento armado.

Neste meio-tempo parecia que o inferno tinha vindo lá das profundas rebentar em St.-Nazaire. Ouvia-se por todos os lados o estrondo abafado das explosões demolidoras, e o anel dos incêndios, cujas chamas subiam a grande altura, mostrava os lugares onde as brigadas incendiárias tinham feito um bom trabalhinho. Outros dois grupos do *Campbeltown* destruiram o aparelho de enrolamento que fazia funcionar as comportas arrombadas pelo nosso navio. Outros dois tinham feito ir pelos ares as comportas do extremo oposto do dique. O Tenente Mickey Wynn levara o seu moto-torpedeiro até junto dos abrigos de submarinos, e disparara dois torpedos de retardamento para dentro das respectivas docas. A ação decorrera com precisão quase cronométrica. O *Campbeltown* devia ter alcançado o seu objetivo à 1 e 30—fê-lo à 1 e 34... E o resto do programa decorreu com a mesma regularidade e precisão.

O que não parecia agora tão facil, era juntarmo-nos no ponto de reunião marcado para o regresso. Os alemães, na sua grande confusão, disparavam loucamente contra tudo o que vissem mover-se. Nós tínhamos que atravessar uma ponte de ferro, que estava sob a proteção duma metralhadora instalada num prédio vizinho. Era sabido que, se avançássemos a descoberto, seríamos abatidos como pássaros. Ordenei por isso aos meus homens que atravessassem a ponte pela parte inferior, suspendendo-se pelas mãos ao longo das vigas e travessas. A mim foi-me preciso atravessar pendurado pelos pulsos, visto que as minhas mãos estavam retalhadas pela metralha. Foi um esforço tremendo. Mas conseguimos chegar ao outro lado, em relativa segurança, entre os armazens do molhe velho. E agora, a caminho do barco—e da Inglaterra!

Foi aí que tivemos a grande desilusão. «Lamento muito,» disse o tenente-coronel Newman, nosso comandante. «Mas se quisermos voltar para casa, terá de ser a pé! Todos os navios foram destruidos ou forçados a fazer-se ao mar...»

Entreolhamo-nos com caras inexpressivas. Éramos ao todo uns 70—os únicos sobreviventes da expedição! Discutimos então, com estranha e desprendida calma, quais as possibilidades que teríamos de atravessar a cidade até chegarmos ao campo, e iniciarmos uma marcha de 480 quilômetros para alcançar refúgio na Espanha... O coronel decidiu que tentássemos.

Combatendo sempre, atravessamos a cidade em ziguezague. O combate de ruas é o mais odioso que se possa imaginar! Nunca a gente pode ver o que tem pela frente, na pressa com que pula dum vão de porta para um lampeão, à procura de abrigo contra os balázios que uivam e ressaltam por todos os lados, vindos de esquinas e janelas invisiveis. Em todo caso eu já começava a ter esperança de escapar, quando alguma coisa me atingiu o joelho: era uma bala que me apanhou de ricochete, e para mim estava acabada a caminhada. Entreguei aos camaradas a munição que me restava, e deitei-me no chão dum velho armazem. Daí a pouco veio juntar-se a mim um soldado das brigadas de assalto, ferido. Tínhamos passado alí uns vinte minutos, quando vimos três alemães das Guardas de Choque que se dirigiam para o nosso lado. Vinham num estado de evidente nervosismo, e não me agradou nada a maneira como nos apontaram as pistolas. Diga-se o que se disser, é horrivel encarar o inimigo face a face, e assim de tão perto, pela primeira vez, e em que circunstâncias.

«*Heraus! Heraus!*» («Saiam! Saiam!»)

berrou um deles. O meu soldado ergueu-se, de mãos no ar. Os três nazistas, a cerca de um metro de distância, puxaram o gatilho ao mesmo tempo: o soldado ficou quase cortado pelo meio. Depois viraram-se para mim. Foi uma sorte eu não me poder nem mexer; um dos alemães disse qualquer coisa a respeito dos meus ferimentos e, após um momento de indecisão, arrastaram-me até um café que ficava alí perto, onde me deixaram guardado à vista, na companhia de mais alguns Comandos, todos eles naturalmente feridos.

Todos nós, prisioneiros, tínhamos um pensamento dominante: que nos tirassem dalí o mais depressa possivel. Sabíamos que a carga explosiva de 5 toneladas, metida a bordo do *Campbeltown*, devia rebentar a certa altura da manhã, e essa explosão ia produzir-se a menos de 200 metros de distância. É claro que nem pensar em pedir aos alemães que nos levassem dalí: seria um aviso imprudente. E assim esperamos, num estado de espírito que se pode facilmente imaginar, até que nos transferiram para uma estação de socorro, improvisada noutro bairro da cidade.

Quando o casco do *Campbeltown* explodiu, causou muito mais prejuizos do que se havia previsto no plano. Cerca de 40 oficiais alemães de patente elevada—inclusive o próprio comandante supremo da região—tinham entrado a bordo do destróier para proceder à inspeção do casco e estudar a maneira de o remover dalí. Perto da cena do desastre estacionavam mais uns 400 oficiais e soldados, de boca aberta. Foi tudo pelos ares feito em picadinho! Dois dias depois, ainda as turmas de trabalhadores andavam apanhando às pazadas os restos de carne humana que cobriam a doca de ponta a ponta!

Mas ainda aí não se tinha acabado a partida. Pelo fim da tarde seguinte, os torpedos de retardamento, que o tenente Wynn tinha lançado dentro dos abrigos de submarinos, explodiram inesperadamente, provocando um verdadeiro pandemônio. Os soldados alemães abriram fogo às cegas contra os trabalhadores franceses que tentavam fugir ao sinistro, e até contra os seus próprios homens da organização *Todt*, que era facil confundir com os soldados ingleses, por causa dos seus uniformes caqui. Ao cair da noite a confusão aumentou ainda mais, e os soldados alemães começaram a disparar uns contra os outros. Isso deve-lhes ter custado mais umas trezentas ou quatrocentas baixas.

Ao amanhecer, pudemos observar a extensão dos estragos por nós causados. É certo que tínhamos caido na ratoeira, e num estado bem digno de dó, mas o grande dique seco ficara sem conserto, fora de combate por muitos meses, de tal modo que, quando quase um ano depois foi fotografado do ar, se encontrava ainda praticamente fora de qualquer possibilidade de utilização.

No posto de Cruz Vermelha não houve oficial, funcionário do partido, nem fotógrafo que não teimasse à viva-força em ver-nos. As perguntas choviam em cima de nós numa barragem contínua: «Mas que diabo é que vocês fizeram para chegar tão longe, aquí em St.-Nazaire?» perguntou-me um oficial alemão. «Nós viemos vindo por aí...» expliquei. «Fosse lá como fosse,» redarguiu ele com um suspiro e um ar de preocupação, «é caso para dar que pensar!»

Nos dias tenebrosos que se seguiram, no hospital e no campo de prisioneiros, foi-nos sempre de grande consolação lembrar a cara com que ele revelou o espanto que lhe ia na alma.

O peixinho dourado do rei Kalakaua

(Condensado do «Atlantic Monthly»)

Por Austin Strong

Nascido em São Francisco da Califórnia, Austin Strong viveu o melhor da sua infância no Pacífico. Sua avó foi esposa do famoso escritor Robert Louis Stevenson

VEJO AINDA aqueles grandes bigodes que eram de meu pai; e uns olhos negros e doces, de minha mãe. Encostado à amurada do navio, com um olhar de despedida a São Francisco e ao seu porto, que deslizavam rapidamente para longe, em torno de mim havia lágrimas, risos, e palavras de adeus.

À nossa frente, um futuro de honras e riqueza: um amigo muito rico tinha encomendado a meu pai uma grande tela a óleo, representando o vulcão Mauna Loa em erupção. E ele levava no bolso uma carta de apresentação para um autêntico rei, com legítima coroa na cabeça, e vivendo num autêntico palácio—Sua Majestade Pacífica, El-rei Kalakaua do Arquipélago de Havaí... Tudo isso excitava a minha imaginação infantil.

Nosso benfeitor tinha-nos oferecido passagem gratis numa das suas escunas de comércio, e ao cabo de catorze dias de viagem, dobrada a ponta do Diamante, acabamos por dar entrada no porto de Honolulú. Uma canoa comprida e graciosa, manobrada por indígenas que entoavam cânticos, disparou direito a nós para nos conduzir em grande pompa à praia. Era a canoa real, vinda expressamente da real doca.

Fomos morar num modesto bangalô de madeira, quase afogado na fragrância dum jardim todo em largas folhagens e flores de exótica aparência. De todas as legações vieram visitar-nos jovens diplomatas com suas elegantes mulheres, a alegria tornou-os depressa inseparaveis de meus pais, e a nossa varanda não tardou a brilhar com as vistosas fardas douradas dos oficiais dos navios de guerra ingleses, russos e franceses, surtos no porto. Passei a viver numa grande orquestração de risos, entre mil festas e bailes. Feliz, eu não era, porem. Os meninos que moravam na nossa rua olhavam para mim por cima do ombro...

A razão era a seguinte: a moda ou costume mandava ter à entrada do jardim, em frente da casa, um grande barril sempre cheio de água fresca para dar de beber aos cavalos. A gente rica tinha lindos barrís pintados com as cores mais garridas; e, para maior prestígio das suas casas, esses bebedouros estavam coalhados de peixinhos vermelhos! Ora, o nosso bebedouro era velho e já sem pintura, um barril desconjuntando com os aros enferrujados; e, suprema vergonha, não tinha peixe nenhum! Os meninos da vizinhança afirmavam, com a maior sencerimônia, que a minha família era muito pobre para se permitir o luxo de pôr peixinho encarnado naquele barril vergonhoso. E o que mais me torturava, era ver que meus pais não compreendiam como o fato nos estava desprestigiando aos olhos dos meninos da vizinhança; mas,

como é próprio da infância, eu sofria e calava.

Certo dia, paramentados como mariposas negras nos seus trajos nacionais, os adidos japoneses vieram a nossa casa almoçar. No meio da conversa percebí que se referiam aos maravilhosos peixinhos vermelhos, de flutuante cauda dupla, que o Imperador do Japão acabava de mandar ao rei Kalakaua, e contavam de que modo, naquela mesma manhã, eles os tinham baldeado cerimoniosamente para dentro do tanque dos lírios, no real Parque de Kapiolani. Diziam eles a mamãe que esses peixinhos sagrados eram muito raros, e pertenciam todos à real família do Japão.

Meu coração deu uma pancadinha, trespassado por súbito e temerário desejo... Desse momento em diante eu não vi mais nada, senão um dourado peixinho imperial nadando graciosamente no nosso estropiado barril dando prestígio a meus pais e fazendo o desespero de meus inimigos.

O Parque de Kapiolani ficava fora da cidade, e só se podia alcançá-lo de carroça, custando cada viagem 5 centavos. No meu mealheiro de lata, eu tinha dez centavos, dos quais gastei metade para comprar um rolo de cordão. Surripiei depois dois alfinetes novos, ainda reluzentes, da cestinha de costura da minha ama, e atirei-me de cabeça à ação.

Era a minha primeira grande aventura a sós, e fora de casa. Batia-me rijo o coração quando mandei parar a carroça, conduzida por um «Kanaka» sonolento e descalço. Sentí-me muito importante ao verificar que era o único passageiro, o que se explica porque a essa hora, que era a mais quente e mais cheia de zumbidos da tarde, toda a gente estava dormindo a sesta. Dentro de mim, uma voz alarmada perguntou, quando paguei a viagem com o meu derradeiro níquel: «Como é que você vai voltar pra casa? A pé?» Mas aprendí logo alí a fechar os ouvidos bem fechados à voz da razão...

Chegado ao Parque Kapiolani, agradecí polidamente ao condutor, que me ajudara a descer do carro, e pedí-lhe que me lesse um aviso postado à entrada. Vagarosamente, o homem lá foi decifrando as garatujas. Dizia assim: «É expressamente proibido pescar neste parque, e as contravenções serão punidas com a máxima severidade.—Kalakaua, Rex.»

Fiquei aparafusado ao chão: «Com a máxima severidade» só podia significar uma coisa, quando gurí caisse nas unhas de sua real majestade! Cabeça cortada, na certa. O meu coração dava pulos no peito, e para o aquietar, pus-me a traçar semicírculos com o dedo grande do pé no pó do chão.

Pouco a pouco, em sutís gradações, a coragem foi-me voltando, e, andando nas pontas dos pés, transpús o portão e penetrei na sombria frescura do parque, como numa catedral. Mais uma vez porem tive de estacar, porque logo na minha frente, bem perto, estava um chinês semi-nu, com uma cara que parecia a máscara dum bonzo, cortando o capim com uma espécie de cimitarra de mau agouro. Fiquei parado e quieto até que ele, sempre ceifando, desapareceu por trás duma árvore, e então disparei através dum gramado, direito a um lindo jardim chinês ornamentado com lanternins de pedra cinzenta, pagodes, quiosques, e leões com cara de rã e olhos esbugalhados de ferocidade...

Cheguei enfim junto dum lago, cuja superfície estava coberta de lírios aquáticos. Por sobre a quietação da água arqueava-se uma ponte em meia-lua, e eu subí por ela acima; chegado ao topo, deitei-me de barriga para baixo, tremendo, a espiar as imediações: mas a paz reinava no jardim, não se via vivalma, e só um flamengo rosado, imovel, me fitava com desconfiança.

Olhei então para baixo, para o lago, e vi o que buscava: lá andavam os nobres e raros peixinhos do Imperador do Sol Nascente! Eram uns bichinhos prodigiosos, com umas barbatanas que pareciam feitas de plumas e umas caudas como os dourados véus da glória.

Dobrei rapidamente um dos meus alfinetes, amarrei-o ao extremo do cordel, e deixei-o escorregar até entrar na água límpida e serena como um cristal. Reluzentes como porcelana, os peixes passaram com majestosa indiferença ao lado do meu anzol. Não sei o que me fizera crer que os peixinhos poderiam morder o meu anzol sem isca! Foi, contudo, um triunfo da esperança sobre a experiência, pois, ao fim de muito esperar, o milagre produziu-se!

Um peixe vermelho, grande e solene como um grão-duque, atraido pelo brilho do alfinete, cometeu o erro estúpido de imaginar que era alguma coisa boa de comer, e tragou-o. Icei-o para a ponte, e depú-lo, debatendo-se, a meu lado; alí cuspiu desdenhosamente o anzol, e teria pulado da ponte abaixo se eu o não tivesse coberto logo com o meu chapéu de palha. Tornei a olhar em roda, mas agora com um justificado sentimento de culpa, pois tinha cometido o grande crime!

Ainda lá estava o flamengo especado, imovel em cima duma perna, com o seu olhar acusador pousado em mim. Tomado de medo pânico, abafei o peixinho na copa do chapéu, enfiei este na cabeça rapidamente e de uma carreira cheguei à estrada.

Meu grande problema era agora saber como é que havia de conservar vivo o peixe, até chegar a casa. Ao lado da estrada, nem de propósito, corria uma larga vala de irrigação. Deslizei pela ribanceira abaixo, tirei o chapéu da cabeça e, segurando o bicho pela suntuosa cauda dourada, dei-lhe um mergulho na água para o fazer voltar à vida. Quando o vi outra vez animado, continuei a correr pela estrada fora, naquela jornada que parecia não ter mais fim, escorregando de vez em quando para dar outro banho na minha alteza real, e prolongar-lhe a vida até à paragem seguinte. Já não sei quantas vezes fiz isto, mas lembro-me que as pernas por fim me doíam e a cabeça me andava à roda, por causa da fadiga e daquele peixe molhado, aos pinotes, dentro da copa do chapéu. E de repente, não sei como aquilo foi, vejo-me no meio do tropear de cavalos, entre gritos de alarme, tilintar de arreios, vozes de comando—e quase que sou atropelado por uma carruagem!

Um oficial saltou do cavalo e surgiu na minha frente, para me conduzir para junto duma reluzente vitória, donde emanava um cheiro bom de verniz fresco, couro polido e cavalos bem tratados.

Sentado nas fofas almofadas da carruagem, numa atitude de nobre e gracioso abandono, vi um cavalheiro vestido de imaculada brancura. O coração pulou-me no peito, pois logo reconheci a cara que andava cunhada em todas as moedas de prata do domínio real... Na cabeça do soberano avistei o famoso chapéu de penas de galo entretecidas, com a sua larga faixa de minúsculas conchas marinhas. E alí fiquei sob o grave olhar do rei, molhado até os ossos, de mãos e pés enlameados, e com um peixe que dava pulos de protesto dentro do meu chapéu. Seria que o rei me ia mandar degolar logo alí, pelos seus ferozes soldados?...

«Olhem!» ouví uma voz grave e profunda dizer: «É o filhinho de Mrs. Strong! Que é que você está fazendo tão longe de sua casa, menino?»

Fiquei sem voz.

«Sua mãe deve estar muito preocupada com a sua ausência. Vamos, eu levo você.»

E o oficial depôs-me, encharcado e enlameado, nos imaculados coxins da carruagem, ao lado do rei. Soou uma ordem, e a equipagem lançou-se para diante, entre o brilho da escolta a cavalo que acompanhava na vanguarda e à retaguarda.

Sua Majestade começou a interrogar-me com muito tato, tentando, como é próprio de reis, pôr o seu hóspede à vontade; mas aquele peixe era um incômodo demasiado na minha cabeça e na minha consciência. Não conseguí conter as lágrimas, de todo impróprias ao momento, ao lugar, e à minha virilidade.

«Que foi, Austin?» perguntou ele com doçura. «Porque é que você está chorando?»

Ouví então uma voz covarde que me saía das entranhas:

«O senhor vai mandar cortar minha cabeça?»

Com majestosa gravidade El-rei retorquiu:

«Não tenho a menor intenção disso, nem vejo motivo para tanto!»

Tirei então o chapéu, e mostrei-lhe o presente do Imperador do Japão. «Parem assim que chegarmos ao primeiro bebedouro de cavalos!» ordenou o soberano. «E depressa!»

A carruagem voou estrada fora, e por fim detivemo-nos em frente duma cabana indígena. Pulei no chão e corrí a dar um mergulho ao meu peixe. Um dos naturais alí presentes foi buscar a toda a pressa uma enorme cabaça, na qual metemos o peixinho, para salvar-lhe a vida e restituir-lhe a dignidade.

E rodamos em triunfo até minha casa, onde cheguei quase ao pôr do sol, profundamente adormecido contra o braço de Sua Real Majestade, tal era o meu cansaço. Despertaram-me as risadas de meus pais, felizes com o meu regresso. Era digno de ver-se, o espanto pintado nas suas caras, quando, com os olhos quase fechados e cambaleando de sono, eu me afastei deles para ir despejar no bebedouro o dourado fruto da aventura.

Acordei bem cedo no dia seguinte, e, ainda na frescura e penumbra do amanhecer, fui espiar a água do barril: lá estava, naturalmente, o meu grão-duque, nadando com a sua dignidade no nosso pobre barril, desse modo restituindo a perdida dignidade a meus pais, e elevando a sua categoria social aos olhos dos meus inimigos.

Nesse mesmo dia, pela tarde, uma elegante ordenança desmontou do cavalo à nossa porta, trazendo na mão um grande envelope de margens douradas, sobre o qual se via estampada a coroa do Havaí. Era um alvará real, em devida forma, pela qual o «Senhor» Austin Strong ficava autorizado a pescar no Parque Kapiolani pelo resto dos seus dias. E trazia esta assinatura, do próprio punho do soberano: «Kalakaua, Rex.»

¶ As MULHERES norte-americanas esperam encontrar em seus maridos uma perfeição que as inglesas somente esperam encontrar em seus mordomos.

—Somerset Maugham, *The Razor's Edge* (Doubleday, Doran)

"A voz da América Latina"

Emílio Azcarraga, super-vendedor, que deu ao México a sua mais possante transmissora de ondas longas, diz que o rádio está fortalecendo a Política de Boa Vizinhança

(Condensado do «The Pan American»)

Por Frank J. Taylor

EM 1929, quando Emílio Azcarraga estava vendendo aos mexicanos aparelhos de rádio norte-americanos a preços populares, ouviu de um dos seus patrícios: «P'ra que comprar rádio? Só se ouve música dos *gringos!*» Azcarraga refletiu que o seu freguês estava certo, e tomou logo um trem para os Estados Unidos. Quando voltou ao México, trazia uma instalação de rádio, aliás bem fraca, com um transmissor de 5.000 vátios—o melhor que pôde conseguir naquela época. E deu aos seus ouvintes a música nacional que eles desejavam.

A estação XEW, «a voz da América Latina no México», como Azcarraga a chamava com grande otimismo, tornou-se logo o ponto de encontro dos músicos, compositores e artistas do país. Durante os intervalos dos programas e após terminadas as transmissões, Azcarraga deixava o estúdio e os instrumentos musicais por conta dos artistas; e, até o amanhecer, a estação XEW era um verdadeiro cabaré de orgias musicais. Dessas noitadas artísticas surgiram inúmeras canções, algumas das quais, como «Guadalajara», «Noche de Luna», e «Bésame Mucho», se tornaram imensamente populares nas Américas do Sul e do Norte.

Em seus 15 anos de existência, a pequena estação de rádio de Azcarraga progrediu sempre, até ser o que hoje é: a grande voz da América Hispânica. Seu transmissor, que é agora de 100 mil vátios—o mais poderoso do Hemisfério Ocidental, em ondas longas—é ouvido em pontos distantes, no interior dos Estados Unidos e nos paises do norte da América do Sul; suas transmissões de onda curta são apanhadas em qualquer ponto, à volta do globo. Com essa estação XEW e com a XEQ, que lhe é igual, e mais 70 outras «vozes» filiadas de duas cadeias que cobrem todo o território do México, Azcarraga alcança mais de 70 por cento dos ouvintes de seu país. O fato das estações de rádio mexicanas serem operadas por interesses particulares, independentemente, e não por um monopólio do governo, em grande parte se deve à iniciativa desse amavel e enérgico supervendedor.

Azcarraga e seus quatro irmãos, todos homens de negócio bem sucedidos, são nativos de Monterrey, filhos de modesto funcionário público. Emílio estudou no St. Edwards College, em Austin, no Texas, mas o seu entusiasmo pelo beisebol e pelo futebol fez com que perdesse o interesse pelos livros e abandonasse a escola. Começou a trabalhar em uma loja de sapatos, nos campos de petróleo das vizinhanças de Tampico, e obteve tão bons resultados que resolveu abrir uma filial por sua própria conta. Foi a Boston, de onde voltou como representante de conhecida fábrica de sapatos, abrindo uma agência no México. Em suas viagens, para introduzir no mercado mexicano os seus artigos, Azcarraga teve a oportunidade de conhecer quase todas as locali-

dades do país, o que lhe permitiu assim familiarizar-se com as necessidades do interior, a maior das quais, diz ele, é a educação.

De revendedor de sapatos, Azcarraga passou a revendedor de automoveis. Em um ano, ele e um dos irmãos compraram vários carregamentos de carros Ford no Texas e os venderam na Cidade do México, com a maior facilidade. Mais tarde, tornou-se agente da fábrica de discos Victor, e era frequentemente chamado a ajudar na busca de músicos para os técnicos da Companhia que, duas vezes por ano, viajavam pelo país, gravando discos.

Quando a Victor e a RCA se fundiram, Azcarraga entrou no negócio de rádio. Organizando sua pequena estação de 5.000 vátios, os artistas que havia apresentado à Victor passaram a constituir sua reserva de talentos. Um deles, por exemplo, foi o dr. Alfonso Ortiz-Tirado, que, como estudante de Medicina da Universidade do México, conseguiu pagar os próprios estudos como cantor. Mas nos círculos da medicina profissional não se via com bons olhos um doutor que tambem cantava, de modo que o jovem cirurgião empregou todo o dinheiro, que ganhava com sua voz, no estabelecimento de uma clínica em que ele, como ortopedista, podia cuidar das crianças pobres aleijadas. Quando Ortiz-Tirado se tornou um dos mais populares e mais bem pagos cantores da América Latina, Azcarraga obteve contratos para o seu antigo protegido, na National Broadcasting Company e nas estações de rádio sul-americanas. Com essa nova fonte de renda, o dr. Ortiz-Tirado aumentou sua clínica, em cuja entrada há uma inscrição onde se lê que a mesma deve a sua existência à XEW e à NBC. Azcarraga compraz-se em descobrir crianças aleijadas e enviá-las à Clínica do dr. Ortiz-Tirado, a quem diz: «Ponha os ossos desse garoto em forma, doutor, e mande-me a conta.»

Azcarraga tem descoberto talentos no México, na América Central e nas Índias Ocidentais. Mediante suas ligações com as cadeias radiofônicas da NBC e da Colúmbia, Azcarraga apresenta aos seus ouvintes as melhores orquestras sinfônicas, mas a música que o encanta pessoalmente é a dos montanheses e a das baladas.

Logo que as condições da guerra permitirem a obtenção de equipamentos novos, a XEW vai aumentar a sua potência para 250 mil vátios. Azcarraga já preparou o terreno para a sua futura Radiópolis—um centro radiofônico que, segundo ele espera, rivalizará com a Radio City de Nova York. Recentemente, Azcarraga encomendou, a título de experiência, 200 mil aparelhos de rádio, de uma só válvula, para serem vendidos a menos de 4 dólares cada um, àqueles que não podem adquirir aparelhos mais caros.

Azcarraga é de opinião que a indústria do rádio das Américas devia estabelecer uma «faixa» hemisférica de onda para uma poderosa estação em cada país. «Depois da guerra,» diz ele, «quando as estações transmissoras forem mais fortes, os rádio-ouvintes de cada país poderão ouvir os programas dos outros paises sem precisar de ondas-curtas.» Embora Azcarraga não tivesse conseguido impor essa idéia na última conferência interamericana de rádio, obteve um acordo verbal, entre as cadeias radiofônicas dos Estados Unidos e do México, para se eliminarem as «faixas» de onda que interfiram umas com as outras.

«Com o tempo,» assegura Azcarraga, «conseguiremos levar a efeito esse plano, no Hemisfério. Quando nós conseguirmos ouvir uns aos outros, todas as noites, sem interferência, teremos finalmente que nos conhecer de fato.»

Pode prolongar-se a juventude?

Por Paul de Kruif

Experimentalmente, o hormônio masculino sintético fornece aos homens renovada energia num momento em que a vida exige mais esforços

A MEIO caminho da existência, muitos homens, justamente em um período em que devem estar na culminância da sua atividade produtiva, sentem que um fator insidioso começa a atingí-los nas energias vitais. Alguns voltam desta crise, que até certo ponto se assemelha à da menopausa feminina, e recuperam o vigor; outros, perseguidos desde então por males misteriosos, entram em velhice prematura. Recentemente, porem, a descoberta de um novo hormônio sintético, o testosterônio, abre a possibilidade de uma renascença de vida para um exército de homens, entre os 50 e os 75 anos—*contanto que os seus médicos verifiquem que as anormalidades de que se queixam são resultantes da deficiência de hormônio masculino.*

A experiência médica tem desde muito desautorizado o sonho de remover, por meio de agentes químicos, a sombra ameaçadora da velhice. O francês, Brown-Sequard, fundador da ciência dos hormônios, injetou em si mesmo, aos 70 anos, extrato de glândulas sexuais, e, tendo-se proclamado um novo homem, morreu logo depois. Os enxertos de glândula de macaco fizeram furor, nos meios científicos, pelas alturas de 1920 a 1930, mas afinal se apurou que não passavam de um mito, da categoria, mais ou menos, da Fonte da Juventude, de Ponce de Leon. A patologia, inflexivel, não cessava de repetir aos pesquisadores alviçareiros que ninguem escapa da velhice.

A despeito das predições, assim desanimadoras, não se resignaram os bioquímicos a abandonar as investigações. Recusaram-se, ao contrário, a admitir impossibilidades. No decênio de 1930 a 1940, os cientistas de laboratório, considerando que a vitalidade dos animais e dos homens é ligada ao vigor sexual, procuraram captar a quintessência da masculinidade. Um holandês, Ernst Laqueur, foi o primeiro a isolar, em 1933, de glândulas sexuais de touros, o hormônio masculino, que um ano depois era preparado sinteticamente pelo químico suiço Ruzicka, no seu laboratório. Hoje, sabe-se que existe um manancial inesgotavel de hormônio masculino no colesterol, abundante na medula e nos miolos do gado. Essa substância pode ser quimicamente reproduzida no hormônio masculino sintético, o testosterônio, e daí terem crescido, entre os caçadores de hormônio, as esperanças na luta pelo prolongamento, para o homem, dos benefícios da mocidade.

Antes que se aplicasse a nova droga a seres humanos, centenas de experiências foram feitas em animais verificando-se então que a ação vital do testosterônio mostrou-se capaz de ir muito mais longe que a mecânica do sexo: doses repetidas do novo sintético transformaram pacíficos capões em galos destemidos, e deram a cobaias fêmeas fortes músculos de macho. Aplicada em injeções, a droga determinou em animais um ressurgimento de energia, habilitando-os a reter melhor nitrogênio, sais e água, cuja perda era indício de velhice.

Mais espantoso, contudo, foi o efeito produzido pelo hormônio masculino sin-

tético sobre a vitalidade de homens que se viram despojados das glândulas sexuais por motivo de doenças ou ferimentos de guerra. Dificil é descrever o que representa, para estes, a perda da função sexual —uma verdadeira tragédia, na semivida que a muitos se afigura já não ser vida de todo: mal começam a trabalhar, sentem relaxados os músculos; a pele torna-se fina, enrugada e cinzenta; se procuram pensar, não tarda que lhes ocorram idéias vãs e fantásticas; suas esperanças de futuro não conduzem senão ao desespero, a que as lágrimas ou a cólera não servem de remédio.

Injeções do hormônio masculino sintético têm levado tais pacientes a uma como ressurreição física e mental. O dr. G. L. Foss, de Bristol, Inglaterra, foi o primeiro a demonstrar, na hipótese, o poder mirífico do hormônio. Aplicou ele uma injeção de testosterônio em um veterano da Primeira Guerra Mundial que perdera as glândulas do sexo, em consequência de ferimento em combate. Decorridos apenas três dias sobre a primeira injeção, voltava ao homem a virilidade, perdida havia já 18 anos; e, à medida que as injeções continuaram a ser dadas, a recuperação tornou-se total.

O mesmo êxito verificou-se em muitos hospitais e clínicas dos Estados Unidos. O dr. E. P. McCullagh, de Cleveland, testemunhou o poder revigorante do testosterônio sobre 12 pacientes em circunstâncias análogas. Os drs. Ernst Simonson, Walter M. Kearns e Norbert Enzer, de Milwaukee, demonstraram notavel revigoramento muscular e nervoso, em testes objetivos; os drs. C. W. Dunn, de Filadélfia, e H. H. Turner, de Oklahoma City, confirmaram a transformação, obtida pela droga, de homens precocemente envelhecidos, em indivíduos reanimados e enérgicos.

O hormônio masculino revelou ainda, em outro setor, sua influência fantástica: refez, por assim dizer, homens sexualmente atrofiados, ou subdesenvolvidos. Estes «quase homens» tinham a voz anormal, e escassez de cabelo no rosto e pelo corpo; músculos fracos, e prematura fadiga, física e mental.

O dr. J. B. Hamilton, atualmente da Escola de Medicina da Universidade de Yale, foi quem primeiro, nos Estados Unidos, assinalou a rapidez com que o testosterônio faz sentir seus efeitos em tais casos. E os drs. J. E. Howard e S. A. Vest, da Universidade Johns Hopkins, viram o hormônio em questão despertar o vigor sexual, modificar a voz, tonificar os músculos, e pôr em ordem o espírito de cada um de 22 enfermos aos quais se ministrou o tratamento.

Os investigadores do hormônio têm agora que enfrentar uma das questões mais empolgantes da medicina moderna. É evidente a relação entre o hormônio masculino e a vitalidade do homem. Será, porem, que só lhe sentem a falta os que perderam as glândulas do sexo, ou constituem o grupo dos subdesenvolvidos? Não! De modo algum. Experiências precisas têm mostrado que a produção natural deste essencial agente químico declina *em todos os homens* à medida que envelhecem. Não estará, porventura, aí, a origem de certos mistérios do coração e do cérebro, que se observam nos homens quando passam da meia-idade?

Em 1938, o dr. Heinz Arndt, de Koenigsberg, Alemanha, deu, no assunto, um grande passo. Reuniu 17 pacientes, em condições deploraveis, vítimas de depressões nervosas e dores no coração, que resistiam a todo meio de cura. Aplicado o testosterônio, os resultados foram magníficos. Veio em seguida a guerra, e uma cortina desceu sobre a ciência alemã.

Mas, nos últimos quatro anos, o poder do hormônio masculino no combate, pelo menos, à angina pectoris, tem sido registado em um número cada vez maior de hospitais, como de clínicas na América.

A angina pectoris é um sinal que dá o coração de que o seu músculo está faminto de sangue. O dr. Maurice A. Lesser, de Boston, tratou 46 vítimas de angina pectoris, crônica e grave, administrando-lhes o testosterônio. As dores terriveis, de que se queixavam, começaram a diminuir em frequência, intensidade e duração. Muitos dos doentes foram dando maior expansão às suas atividades, sem que disso lhes resultasse a reaparição da dor. Alguns, inclusive um caldeireiro, puderam regressar da invalidez à sua antiga faina. Outros médicos, em Boston, Nova York, Columbus, e Beaumont, têm feito idênticas experiências, com idênticos resultados. Todos, porem, verificaram que, para que se produza efeito tão salutar, e se prolongue mesmo, talvez, o viço da maturidade, é sempre necessário um tratamento longo e persistente.

Os médicos, todavia, não se declararam satisfeitos. Exigiram provas seguras de que o testosterônio exercia de fato uma influência, definida, iniludivel, sobre a vitalidade de cérebros, músculos e nervos que se iam depauperando, pois não seria impossivel que se tratasse, na espécie, de simples matéria de imaginação, ou antes, de «sugestão», como se costuma dizer. Os pesquisadores do hormônio deram uma resposta científica—a prova terapêutica. Consiste ela em dar aos enfermos, na ignorância destes, pílulas ou injeções simuladas, isto é, que nada contenham da droga. Pode ser que o paciente não sinta o menor efeito. Se o sentir, apresentando melhoras no seu vigor físico e mental, é claro que se tratará de sugestão. O alívio será temporário, e os sintomas do mal voltarão. Em seguida, aplica-se o hormônio. Se os resultados forem favoraveis, com carater permanente, não se poderá pôr em dúvida a validade do tratamento.

Em 1941, o referido dr. Walter M. Kearns, de Milwaukee, abalou sensacionalmente o ceticismo dos médicos que se não resignavam a crer no testosterônio. Sua experiência aproveitou-se do fato de que, no reino animal, é na raça cavalar que se pode medir a resistência de modo mais preciso, sendo possivel a medição, em segundos, da velocidade por quilômetro.

O dr. Kearns escolheu, para a prova, o cavalo castrado Holloway, de 19 anos, que havia sido, em outro tempo, excelente animal de passo, e agora, velho e cansado, nada mais dava de si. Injetaram-se no quadrúpede cinco gramas de testosterônio. Dentro de 48 horas, operara-se notavel transformação no animal, que adquiriu o aspecto de um garanhão. Tratando-se de um cavalo, o argumento da «sugestão» não podia ter cabimento. O pelo e os músculos do animal readquiriram o aspecto e as qualidades antigas, e, treinado novamente para o trote, alcançou ele em competições, naquele verão, cinco vezes o primeiro lugar, outras cinco o segundo, e três o terceiro. «Em resumo», dizia Kearns, «Holloway estava rejuvenescido.»

Os pesquisadores do hormônio não pretendem fazer voltar os atletas em idade madura aos seus antigos campeonatos, nem autorizam o conceito de que a vida começa aos 50, ou aos 60, ou mesmo aos 75... Acentuam porem que os registos científicos de muitos hospitais e clínicas dão testemunho do poder reconstituinte do testosterônio *entre homens em quem ficou estabelecida a evidência da escassez de hormônio masculino.*

Muitos homens, em plena madureza, e ocupando posições de responsabilidade, conquistadas através de anos e anos de esforço mental e físico, perdem a vitalidade a que tanto deveram o seu êxito. Podem sentir, em semelhantes casos, estranha tensão nervosa: pequenas contrariedades bastam para perturbá-los; poderão, ao deitar-se à noite, adormecer rapidamente, mas acordar dentro em pouco, para perder horas a fio de sono, absorvido por toda uma série de cogitações inuteis, ou preocupações de pouca monta; não será dificil que se queixem de calores e suores; tão pouco se estranhará, se sentirem a memória fraca, o espírito enevoado, a dificuldade, senão a incapacidade, para tomar decisões.

O dr. H. R. Donald, de Manchester, Inglaterra, ministrou o testosterônio a 50 de tais indivíduos. Aplicou-lhes, primeiro, falsas injeções que nada continham do hormônio, e em seguida injeções verdadeiras, isto é, de testosterônio. Todos eles voltaram a dormir bem; não mais lhes apareceram as sensações de calor, nem o suor excessivo; e, restaurados os músculos, e reduzida a fadiga, um por um foi recuperando a vitalidade total.

O dr. A. A. Warner, de St. Louis, estudou os efeitos do testosterônio sobre 39 homens, na fase decadente da existência, e posteriormente registou, no *Journal of The American Medical Association*, e no *Journal of Urology*, o poder reconstituinte do vital agente químico. O dr. Robert J. Douglas, de Míchigan, fez o registo de êxitos análogos em 58 casos. O aludido dr. C. W. Dunn, de Filadélfia, observou uma série de 36 pacientes, nas mesmas condições, restituidos à vitalidade física e mental por obra e graça do testosterônio. Comunicações de numerosos outros cientistas arrolam mais de 600 casos corroborando a influência do hormônio masculino para restaurar ou reerguer a vitalidade total de homens de mais de 50 anos.

O simples bom senso nos está a indicar que *os tratamentos por meio do hormônio masculino devem ser orientados por médicos experientes*. Um homem pode estar sofrendo de uma doença, não resultante da falta ou da escassez de hormônio; se toma o testosterônio, a consequente sensação de bem estar poderá induzí-lo a abrir mão da assistência médica de que precisa. Por outro lado, é possivel suceder que, por efeito da droga, sobretudo se empregada em doses excessivas, homens idosos passem a sentir-se mais moços do que deveras o estejam, e daí atirar-se a demasias, em exercício ou trabalho, com as devidas consequências, claro que nefastas, sobre o aparelho circulatório.

Um aviso, ainda mais grave, é dado em geral, por médicos que têm empregado com proveito o testosterônio, no tratamento de casos de dilatação da próstata. Em alguns exemplos, tal dilatação pode encobrir um cancer, que, segundo se tem verificado, se agrava com a aplicação do hormônio masculino. É, portanto, da máxima importância que os *tratamentos por testosterônio só sejam empreendidos por médicos em guarda contra o perigo de cancer*.

O testosterônio pode ser ministrado oralmente, ou por injeção hipodérmica. Até agora, uma das maiores barreiras opostas ao uso da droga em grande escala tem sido o seu preço proibitivo. Tomado oralmente, custa cerca de 30 centavos (6 cruzeiros) por dia; por injeções, 1 dolar e meio (30 cruzeiros), sendo que o tratamento completo exige, em regra, aplicações durante cerca de um mês. Mas, tal como aconteceu com relação à insulina e à vitamina B_1, a produção aumentada e o engenho dos químicos fará em tempo reduzir o custo da maravilhosa droga.

Como um jovem fazendeiro de Ohio se tornou o maior astrônomo amador do mundo

Vigia das noites estreladas

(Condensado de «The Country Home Magazine»)

Por Clarence Woodbury

MILHARES de fazendeiros terão tirado de suas colheitas maior lucro que Leslie C. Peltier em sua fazenda, perto de Delphos, no estado de Ohio. Nenhum, porem, ao que me parece, terá tido vida tão interessante, pois Leslie, que conta 44 anos de idade, passou grande parte das suas noites, durante 20 anos, examinando os céus com um pequeno telescópio, e, embora nunca houvesse terminado o seu curso ginasial, é considerado atualmente o maior astrônomo amador do mundo.

Peltier possue provavelmente nos seus arquivos maior número de observações sobre o mistério das estrelas que qualquer outro astrônomo. Registrou, pelo menos, a existência de uma estrela que a humanidade desconhecia até então. A partir de 1925, quando seus olhos aguçados e seu pequeno telescópio de dez centímetros de diâmetro descobriram um cometa que havia escapado aos mais poderosos telescópios do mundo, tornou-se descobridor e co-descobridor de sete cometas —um dos quais em 1938.

A história deste fazendeiro-astrônomo começa há 28 anos, numa noite de Natal, quando a mãe de Peltier lhe fez presente de um livro sobre a vida das estrelas, *A Field Book of the Stars*, pelo falecido William Tyler Olcott, que ensinava então na universidade de Harvard. Mal iniciara a leitura do livro, conta Leslie, sentiu-se tomado pouco a pouco de grande entusiasmo. O que alí encontrara, em linguagem acessivel aos leigos, era uma explicação clara e concisa do funcionamento de todo o formidavel mecanismo do sistema solar; a descrição de muitos dos inúmeros sóis que se encontram alem deste, e, o que é mais, um mapa do céu que tornava possivel identificar a olho nu muitas das estrelas mais visiveis.

Desde então, nas noites claras, Leslie costumava sair a passeio pelos campos, e, durante horas a fio, comparava as estrelas com os sinais indicados no referido mapa. O que assim aprendeu, só fez aguçar-lhe ainda mais a curiosidade. Escreveu ao professor Olcott, sendo informado de que, se adquirisse um telescópio, poderia observar as estrelas variaveis.

O telescópio mais barato que Leslie encontrou tinha cinco centímetros de diâmetro, e custava dezoito dólares, quantia que ele não possuía. Ao chegar, porem, o tempo da colheita de morangos conseguiu ganhar esse dinheiro no respectivo serviço.

O dia mais importante de toda a sua vida foi aquele em que recebeu o telescópio. Do pôr do sol à madrugada, deixava-se ficar no campo, deitado sobre as costas, enquanto o novo telescópio lhe desvendava um mundo mais soberbo e mais vasto que tudo o que pudera imaginar nos seus sonhos mais audazes. Viu Vega, a mais brilhante das estrelas visiveis no hemisfério setentrional, transformar-se de simples ponto luminoso num soberbo diamante de uma alvura

sem par. Viu a Via-Láctea dividir-se em inúmeros astros. Seus olhos se fixaram longamente nas quatro pequenas luas que giram em torno a Júpiter e nos fantásticos anéis que cercam o gigantesco Saturno, formando um círculo de uns 350.000 quilômetros de diâmetro.

Leslie, porem, não quis perder mais tempo naquela vaga contemplação das estrelas. Instalou um posto de observação, improvisando um eixo giratório para o telescópio. Escreveu então à Universidade de Harvard, pedindo que lhe enviassem os mapas publicados pela Associação Americana de Observadores das Estrelas Variaveis. Nas noites claras sem luar, registrava suas observações sobre estes astros.

As estrelas variaveis são aquelas cujo brilho não é constante. O eterno fluxo e refluxo da sua luz constitue um dos maiores mistérios do céu. Leslie Peltier enviou a Harvard mais de 50.000 observações relativas às referidas estrelas. Essa contribuição, no parecer dos astrônomos, é tão importante para a ciência quanto as suas sensacionais descobertas sobre os novos cometas.

Leslie ainda estava explorando o firmamento, daquele posto improvisado, quando seu irmão se alistou nas forças armadas durante a Primeira Guerra Mundial. Completados os três anos do curso ginasial, teria ele que ficar em casa, e ajudar o pai com os trabalhos da fazenda. Entrementes, devorou todos os livros de astronomia que pôde encontrar na biblioteca pública da cidade vizinha, encomendando outros; e, por mais que tivesse trabalhado durante o dia, voltava à noite para o telescópio, reiniciando os estudos que tanto o interessavam.

Em 1919, satisfeitos com as observações que Leslie lhes enviava mensalmente, os diretores do Observatório de Harvard perguntaram-lhe se lhe agradaria receber um telescópio de dez centímetros de diâmetro. A universidade dispunha-se a emprestá-lo de bom grado. Claro está que aceitou a proposta, e com que alvoroço! O universo de Leslie ia tornar-se agora ainda mais amplo, com milhões de outras luzes.

Por menos de cem dólares, Leslie e o pai construiram um rústico observatório com um teto movel de cerca de dois metros e setenta, afim de abrigar o precioso instrumento. Durante mais dois anos, concentrou ele seus estudos nas estrelas variaveis. Em 1921, começou a procurar cometas. Muitos homens passaram a vida perscrutando os céus, sem que nunca descobrissem um só destes corpos errantes. Quatro anos decorreram, sem que Peltier obtivesse resultado algum. Certa vez, numa noite de frio cortante, a 13 de novembro de 1925, deu com um pequeno ponto de luz opaca perdido na distância, de que se não tinha notícia até então. O coração bateu-lhe apressado, porque a luz dos cometas é sempre um tanto opaca—quando vistos de grande distância—o que não se dá com a das estrelas, de um brilho vivo e nítido. Peltier sabia, contudo, que o que se toma por um cometa não passa às vezes de uma nebulosa. Dentro de uma hora, procuraria novamente o ponto luminoso. Se tivesse permanecido no mesmo lugar, havia mil probabilidades contra uma de que se tratasse realmente de uma nebulosa.

Foi a hora que mais custou a passar em toda a sua vida. Finalmente, olhou de novo. O ponto de luz opaca mudara de posição! Era um cometa que, atravessando agora os céus, parecia uma casa em chamas. Peltier saiu a toda a pressa do pequeno observatório, e lá se foi a correr pelos campos cobertos de neve em direção à casa, ao telefone, à fama...

Aquela primeira descoberta trouxe-lhe numerosas cartas de astrônomos profissionais que se fizeram distinguir no mundo inteiro. A Sociedade Astronômica do Pacífico conferiu-lhe uma medalha de alto valor. O pequeno observatório passou a ser visitado por curiosos e turistas. As descobertas posteriores de Peltier, em 1930, 1932, e 1933, levaram a universidade de Príncetón a emprestar-lhe novo telescópio de quinze centímetros de diâmetro, destinado à caça aos cometas.

Em 1936, descobriu ele nova estrela—a Nova Lacertae—que os catálogos de Astronomia classificam atualmente entre as 5.000 estrelas mais brilhantes do firmamento. Na noite de 15 de maio de 1936, descobriria ainda o seu maior cometa—o Peltier, de 1936. Este cometa gigantesco, o maior que já foi visto desde o de Halley, em 1910, tem entre 20.000 a 200.000 quilômetros de diâmetro, e se acha a 30 milhões de quilômetros apenas da Terra, estando, portanto, mais próximo de nós, que qualquer outro corpo celeste, a não ser a lua e uns dois asteróides.

Devido ao Cometa de 1936, que só poderá ser visto novamente dentro de 400 anos, Peltier recebeu um Prêmio por Mérito, da Associação Americana de Observadores das Estrelas Variaveis, honra esta só conferida a dois outros astrônomos. Foi convidado a comparecer à Universidade de Harvard, sendo alí aplaudido pelos mais notaveis astrônomos da América do Norte, e o dr. Harlow Shapley, diretor do observatório de Harvard, referiu-se a ele como sendo «um dos maiores astrônomos do mundo».

Ao visitar Peltier, mostrou-me ele o seu último cometa, denominado oficialmente «Cosik-Peltier de 1939», porque um astrônomo russo, Cosik, foi seu co-descobridor. Quando eu me achava alí contemplando o cometa, daquele rústico observatório que ele próprio construira, pensei, sentindo-me tomado de não sei que emoção: daquí a muitos e muitos séculos, quando a maioria dos grandes homens que hoje conhecemos tiverem sido esquecidos—os presidentes, os primeiros-ministros, os ditadores e os reis—a humanidade há-de repetir o nome daquele simples fazendeiro de Ohio, cada vez que um dos cometas de Peltier volte a surgir no espaço, atravessando os céus.

Respostas aos rádio-enigmas do mês

(Vide página 9)

1. Do lado oeste.
2. Chiang Kai-xeque, que tem 55 anos.
3. Porque, cortada a haste em diagonal, fica exposta uma parte bem maior de sua parte interna, permitindo à flor absorver, assim, mais água.
4. 200.
5. Dois amigos de uma vez só, porque assim basta comprar três entradas. Se formos levar um único amigo duas vezes, será necessário comprar duas entradas de cada vez (a nossa e a dele), ou sejam, um total de quatro bilhetes...
6. O coelho.
7. Os treze sinais gráficos da língua portuguesa são: vírgula, ponto e vírgula, dois pontos, ponto, parêntese, ponto de interrogação, ponto de exclamação, pontos de reticência, travessão, chave, asterisco.
8. Os elevadores.
9. A ponta da língua.
10. Uma hora.

Sobrevivente duma quase incrivel aventura, Augusto Wallenhaupt é um marinheiro de verdade

Escapou para contar a história

(Condensado de «Liberty») • *Por Carl B. Wall*

HAVIA QUATRO dias e quatro noites que o cargueiro *Puerto Rican* vinha lutando rijamente com o mau tempo do Ártico, quando por fim conseguiu entrar nas águas da Islândia. Violenta nevada abatia com raiva sobre o mar, reduzindo a visibilidade a quase nada. Tombadilhos, cordame, canoas salva-vidas, tudo vinha coberto duma espessa camada de gelo.

Eram dez da noite quando um torpedo sacudiu o cavername do barco. Augusto Wallenhaupt, que era um marujo experimentado, acordou de salto, e viu logo o que tinha a fazer: não era a primeira vez que um torpedo o arrancava a um sono de justo...

O seu primeiro cuidado foi ajoelhar ao pé do catre e, de mãos postas, murmurar uma rápida oração. O nosso marinheiro ainda hoje está convencido de que essa prece, apesar de curta, teve sua virtude: a de o deter no plano inclinado do terror, por onde ele corria o perigo de rolar. Calçou então umas grossas meias de lã, enfiou o sueter e as amplas calças de marinheiro, afivelou o cinto de salvamento com estofo de paina, e envergou o seu macacão de náufrago, pesado vestuário de borracha. Finalmente, por cima disso tudo, pôs um pesado casacão que lhe descia até aos joelhos e tinha um capuz para abrigar a cabeça, calçando depois um par de luvas. Estava pronto para o que desse e viesse.

Chegado ao tombadilho, ouviu na escuridão as pragas e os gritos dos marujos, que se esforçavam por desembaraçar os escaleres de salvamento, imobilizados no gelo que sobre eles se acumulara. Entoando em uníssono um monótono e ansioso «um-dois-três», arremessavam-se como arietes de encontro ao pesado bloco de gelo. «Era quase o mesmo tentar derrubar um arranha-céu à força de empurrão...» comenta o marinheiro. Enfim, após muitos e frenéticos esforços, o gelo estalou, cedeu, e o bote soltou-se.

Quando tocou as ondas, levava uma carga de vinte a trinta homens. Foi então que Wallenhaupt compreendeu que o vapor se estava afundando, e receou que o escaler fosse arrastado no turbilhão das águas, pois era impossivel soltar os cabos, endurecidos pelo gelo.

Tomou uma decisão instantânea, e arremessou-se de costas para fora do bote, no momento preciso em que o cargueiro ia a pique. A poucos metros de distância avistou o sinal luminoso dum pequeno flutuador de borracha: alcançou-o a nado, e trepou para cima dele, só então notando que tinha as mãos dormentes. Sem saber como, havia perdido as suas preciosas luvas de peles! Esses flutuadores têm no fundo, ao centro, uma espécie de fasquiado através do qual borbulha a água do mar. Ao lado, um marinheiro ia levado à deriva nas ondas... Wallenhaupt deitou-lhe a mão e puxou-o para cima da sua jangadinha. O náufrago trazia apenas a

camisa e o macacão do trabalho, e os seus dentes, com o frio, batiam castanholas.

Nos dez minutos que se seguiram houve mais seis homens que se guindaram laboriosamente para bordo do salva-vidas. Todos envergavam seus pesados casacos de marinheiro, mas pouco ou nada mais. Wallenhaupt era o único que tinha um macacão de salvamento, impermeavel. As mãos de todos eles já começavam a gelar...

A certa altura surgiu das trevas uma larga jangada, que flutuava ao alcance dos náufragos. Wallenhaupt deitou mão dela, sem largar o flutuador, e fez com o seu corpo uma ponte de passagem. Quando já tinham passado sobre ele, gatinhando, cinco dos companheiros, Wallenhaupt olhou para trás: dois marujos tinham ficado sentados, imoveis... E enquanto um dos outros segurava o flutuador junto da jangada, ele pôs-se a dar-lhes bofetadas na cara, e a tentar debalde erguê-los de pé: ambos estavam de olhos abertos, mas inconcientes. Eram dois homens perdidos!

Wallenhaupt tentou então transportar-se do flutuador para a jangada, e reparou que perdera o governo das próprias pernas, das ilhargas para baixo. Tiveram de ajudá-lo a arrastar-se para bordo da balsa. Eram agora seis homens apenas, e apinharam-se o mais chegados que puderam, no centro, para assim conservarem o precioso calor dos corpos. Cada vez que o mar arremessava sobre eles a sua espuma, o frio solidificava-a imediatamente numa fina película de gelo. Entretanto, a luz do flutuador sumiu-se na noite.

De espaço a espaço, os náufragos tentavam sacudir as pernas para manter o sangue em circulação, mas o esforço que isso exigia era demasiado grande. Um deles, por sinal inglês, perdeu a razão, e não fazia senão suplicar num murmúrio, virado para Wallenhaupt: «Me salve, Augusto, me salve!» Experimentaram rezar em voz alta: «Mas as ondas entravam-nos pela boca, e o marulho do mar não nos deixava ouvir nada.» Tiveram que dizer as suas orações em solilóquio.

A intervalos de poucos minutos, vinha uma vaga mais pesada que os atirava de escantilhão pela jangada fora, agarrados uns aos outros num cacho humano, ou enclavinhando as mãos nos cabos, para se manterem juntos e não serem varridos para o mar naquela escuridão gelada. Depois de passada uma dessas ondas, Wallenhaupt reparou que o inglês tinha sido levado pelas águas.

A certa altura da noite, entre dois retalhos de sono sobressaltado, ouviu alguem dizer num sopro, e sem nenhuma expressão: «Ô Augusto!» Reconheceu logo a voz do melhor amigo que tinha naquele navio, um artilheiro naval que, no navio, dormia na tarimba por baixo da dele. E respondeu: «Que é, John?» Não ouviu mais nada. E só ao romper da manhã percebeu que o seu amigo se fora tambem, e aquele chamado era o de um homem que se afunda e pede auxílio.

Não tardou que outro vagalhão arrastasse mais um marinheiro pela borda fora. O desgraçado ficou agarrado às cordas da amurada, e Wallenhaupt esforçou-se por segurá-lo pelas roupas: mas as suas mãos, geladas, tinham perdido a força, e foi preciso engatarem os braços para se manterem agarrados. Wallenhaupt puxou, ou tentou puxar: em vão, porque as forças o abandonaram. E assim ficaram, naquele abraço de morte e desespero, talvez uns cinco minutos.

«Os olhos dele estavam a uns 25 centímetros dos meus, e não nos desfitamos um só instante. O camarada murmurou: —Meu Deus, Augusto, você não pode me ajudar, por favor? —Camarada, eu não posso mais! Então senti que as forças

o abandonavam de todo, e ele deslizou na água.»

A essa altura uma sensação boa de quentura e indolência percorreu-lhe o corpo inteiro. Nenhuma dor. Só que não podia mexer as pernas, e tinha o corpo completamente insensivel. Os braços ainda tinham movimento no cotovelo, mas as mãos estavam geladas, rígidas, meio abertas.

Mais tarde percebeu que as ondas tinham arrebatado outro homem, e que só um ficara a fazer-lhe companhia na jangada: jazia de barriga para baixo, a cabeça descoberta, o cabelo empastado em gelo. Wallenhaupt chamou por ele, e como não ouvisse resposta, arrastou-se até poder bater-lhe no crânio com o cotovelo: nem sequer conseguiu fazê-lo estremecer. O homem estava congelado, era uma massa de gelo soldada aos madeiros da jangada!

Havia 36 horas que aquilo durava, e Wallenhaupt nem sequer pensara ainda em comida ou bebida. E foi só então, sozinho na companhia daquele morto petrificado, que começou a sentir uma sede dos demônios.

Encontrou o quebra-água solidificado pelo frio, e para matar a sede, ao menos mitigá-la, fez uns montinhos com a neve que caía sobre a jangada, e pôs-se a lambê-los com a língua.

Neste meio tempo, a jangada continuava a cortar as ondas do mar encapelado. O vento terrivelmente gelado soprava com a fúria quase dum tufão. Para se abrigar, o marujo deitou-se a sotavento do morto, que lhe servia assim de anteparo. «Para mim, ele não era um morto. Era uma coisa qualquer, um bloco de terra gelada... Estava metido num meio metro de gelo!»

De vez em quando Wallenhaupt caía no sono, deixando que as ondas lhe passassem por cima. Parecia-lhe que sonhava constantemente, mesmo quando acordado, e era sobretudo a infância que lhe voltava assim à flor da conciência.

Pouco antes do amanhecer do terceiro dia, pareceu-lhe ouvir vozes. A escuridão nada lhe permitia distinguir, e pensou se não estaria sofrendo de alucinações. Coisa esquisita, as vozes iam e vinham, como os sons que o vento arrasta à superfície dum lago. Receando que estivesse para perder o juizo, sentiu-se mais angustiado a esse pensamento do que ante a própria idéia da morte. Enterrou a cabeça, o mais fundo que pôde, no casaco, e desatou a rezar em voz alta para abafar aquelas vozes que o assustavam.

Mas as vozes persistiam, e vinham-lhe agora mais fortes do que nunca. Já podia até distinguir palavras nítidas—«Alô aí! Alô da jangada!» Tornou a enterrar a cabeça bem fundo no capuz, e pôs-se a rezar ainda com mais fervor e com maior intensidade.

Só quando sentiu um empurrão violento na jangada é que destapou a cabeça e ergueu os olhos para ver... Era o casco cinzento e liso dum destróier inglês! Ao verem-no mover a cabeça, os marinheiros reunidos no tombadilho desataram aos vivas. Passaram-lhe então um cabo de arpoar por debaixo dos braços, e içaram-no cuidadosamente para bordo. Uma vez lá em cima, perguntou-lhe um oficial a que navio pertencia. À resposta de Wallenhaupt, o oficial fitou-o um instante, e depois virou a cara. O náufrago percebeu, e rompeu a soluçar violentamente... Mais tarde explicaram-lhe que o destróier tinha captado os SOS do *Puerto Rican*, e pusera-se a procurá-lo, sem resultado, até que desistiu e resolveu regressar ao porto, pois já não tinha senão o combustivel estritamente necessário para lá chegar. Wallenhaupt era o único sobrevivente que tinham conseguido apanhar...

Deram-lhe uma coisa bem quente a beber, e uma injeção de morfina; depois embrulharam-lhe as mãos e os pés muito bem, em toalhas frias de neve. Tinha as mãos tão inchadas, que o seu volume era três vezes maior que o normal. Pediu lhe trouxessem o capelão do navio, e rezaram juntos uma prece de graças. Depois caiu num sono de chumbo.

Ao despertar, sentiu que as dores lhe vinham, fortes, das mais intensas. Transpirava tanto, que tinha a cama encharcada. Tornaram a dar-lhe morfina.

Dezoito horas depois desembarcavam-no na Islândia e conduziam-no ao hospital, onde lhe envolveram as pernas em algodão e as suspenderam por meio de roldanas, muito acima da cabeça, para evitar que a circulação do sangue recomeçasse mais depressa do que convinha. Mantiveram-no vivo por meio de injeções constantes de plasma sanguíneo, e alimentando-o por via intravenosa. Injetavam-lhe morfina a intervalos de quatro horas. As dores eram tão terriveis, que ele gritava continuamente, apesar de todos os esforços que empregava afim de se conter.

Sobreveio-lhe um ataque de pneumonia e pleurisia, e foi preciso metê-lo na tenda de oxigênio, com as pernas encerradas em caixas de gelo, com a epiderme separada deste por folículos de borracha. E toda esta complicação lhe ficava acima do nivel da cabeça.

Quando dias depois se viu fora da tenda de oxigênio, veio-lhe uma onda de bom-humor, e não tardou que fizesse dúzias de amigos entre os pacientes do hospital. As dores começavam a atenuar-se um pouco, e só o torturavam quando era preciso mudar o gelo.

Passadas semanas, o médico disse-lhe um dia: «Sim senhor, Wally, vamos tirar essa geringonça amanhã!»

Ele já sabia o que ia acontecer: tinha visto a cor das pernas. A sua esperança era que o mesmo não sucedesse às mãos. Deram-lhe um anestésico, mas antes de adormecer ainda pôde ouvir e sentir a vibração da serra elétrica... Quando voltou a si não tinha pernas. Os dedos também se tinham ido, com exceção do polegar da mão direita, e dois da mão esquerda. Ficou de cama, deitado de costas, mais quatro semanas.

Finalmente anunciaram-lhe que o iam levar de avião para os Estados Unidos. Quando o pesaram, a balança marcou 38 quilos, em vez dos 77 que dantes ele pesava...

Passou os oito meses seguintes no hospital marítimo de Staten Island. Na véspera de Natal, a seção local da União Marítima fez-lhe presente dum par de pernas mecânicas, de alumínio, com as quais pode hoje andar quase normalmente, apoiando-se numa bengala.

Wallenhaupt tornou-se uma espécie de lenda no hospital, porque durante os longos meses que passou de cama, à roda dele nunca se sentiu o desânimo.

E agora, com 27 anos de idade, Augusto anda tirando um curso geral de comércio, porque a companhia de vapores onde trabalhava lhe prometeu um emprego de escritório. Ao mesmo tempo estuda russo e espanhol. Gosta muito de festas e reuniões. Aprendeu a escrever legivelmente, servindo-se apenas do polegar e do nó que lhe resta do indicador direito. Nestes últimos meses a sua caligrafia tem progredido tanto, que até já o banco lhe pediu para renovar a assinatura que tem nos seus registos. Detesta a piedade, e não quer nem ver as pessoas que se compadecem dele... É que este marinheiro não chora a sua sorte, nem sofre da auto-compaixão que tortura tanta gente por esse mundo.

Um império por uma pechincha

Por Edwin Muller

Um acidente histórico, a ambição napoleônica de conquista do mundo, e a audácia de um diplomata norte-americano—resultaram na formação do império ocidental dos Estados Unidos

A COMPRA da Luiziana transformou uma esforçada nação de terceira classe numa grande potência continental. Não resultou, contudo, de planos laboriosos, ou da argúcia dos homens de estado, senão simplesmente de circunstâncias favoraveis, e da audaz decisão de um americano já quase esquecido pela história. Ninguem teria suspeitado que Robert Livingston fosse o homem de ação que provou ser. Extremamente prudente e meticuloso, fora sempre no Congresso ativo e honesto, nunca, porem, de maneira a chamar atenção sobre si.

Em 1801, Thomas Jefferson nomeou-o Ministro dos Estados Unidos na França. Sua principal missão era fazer com que a França pagasse a dívida que contraira com a América do Norte. Durante as guerras napoleônicas, os franceses haviam atacado embarcações americanas, e confiscado vários cargueiros. Como as relações entre os dois paises se tivessem tornado mais amistosas, parecia possivel aos Estados Unidos obter uma indenização pelas perdas sofridas. Tal era a missão de Livingston.

O novo ministro instalou-se num modesto apartamento da rua Chaussée D'Antin, cujas janelas davam para um jardim, e entrou a agir sem mais demora. Aquele com quem as negociações deviam ser entaboladas era o ministro do Exterior de Napoleão, o arguto e insidioso Talleyrand, que não tardou a revelar-se demasiado sutil para o sisudo norte-americano. Quando este, por várias vezes, tentou pô-lo de encontro à parede, Talleyrand achou sempre um meio de desviar a conversa. Livingston tinha ainda a desvantagem de conhecer mal a língua francesa. Como os meses se passassem, sem que nenhum resultado pudesse ser obtido, escreveu ele, desanimado, a Jefferson: «Não vejo grande utilidade em mantermos um ministro aquí.»

Apresentou-se, porem, uma possibilidade muito mais importante que a tentativa de recuperar o que os Estados Unidos haviam perdido. Afim de que bem se compreenda o caso, temos que voltar de París para distantes regiões da América.

Meio milhão de americanos já estavam então vivendo a oeste da cordilheira de Alleghenies. Tinham-se alí estabelecido várias comunidades, cuja sobrevivência dependia do comércio com o resto do país, e do mundo. As estradas eram raras ainda, mas a natureza lhes fornecera duas grandes vias comerciais—o lamacento Ohio e o vasto Mississipi.

O rio inteiro estava aberto aos colonos, exceto a sua foz. A Espanha não só possuía o amplo Território da Luiziana, alem do rio, mas fazia sentir o seu domínio através do próprio rio, em Nova Orleãs.

De Madrí, o mísero Carlos IV governava oficialmente o mais poderoso império do mundo. Ninguem lhe dava, entretanto, maior importância. Não foi

dificil obter dele que se adotassem novas condições quanto à embocadura do Mississipi. Estabeleceu-se em Nova Orleãs o que ficou sendo chamado «direito de depósito». As cargas que navegavam rio abaixo eram descarregadas das barcaças, e depositadas na alfândega, até que pudessem ser postas a bordo dos navios que partiam para alem-mar.

Durante os últimos anos do século 18, o tráfico foi aumentando constantemente. Eram barrís de farinha, fardos de algodão, fumo, presunto, chumbo, rodas de carroça, carne de boi, peles, e couros —sendo a maior parte das mercadorias destinada a paises ultramarinos.

Assim, as regiões do oeste se foram desenvolvendo, tornando-se cada vez mais prósperas; e teriam continuado a prosperar, não fosse a intervenção, ou a ação de um homem.

Napoleão, por volta dos fins do século, dominava a Europa com seus exércitos. Só a Inglaterra continuava a desafiá-lo. Decidiu ele então levar por outros rumos os seus planos de conquista mundial. Fez um armistício com a Inglaterra, e volveu os olhos para o Novo Mundo. Primeiro, obrigou D. Carlos a ceder-lhe todo o Território da Luiziana. Escolheu, como base de operações, a colônia francesa de Haití. A autoridade da França naquela região sofrera um rude golpe com a revolta do escravo negro Toussaint L'Ouverture, e Napoleão encarregou o General Leclerc de restabelecer a ordem na referida ilha.

Enviou em seguida seus emissários para Nova Orleãs, afim de instigar as tribos indígenas contra os colonos ocidentais, organizando, ao mesmo tempo, uma expedição militar que iria rio acima até o delta do Mississipi. Se conseguisse apoderar-se da embocadura do rio, e fechá-la ao tráfego, teria nas mãos o oeste inteiro. Escrevendo, àquela altura, a seu irmão José, blasonava Bonaparte: «Dentro de dois anos, seremos donos do mundo.»

Muito embora as notícias circulassem vagarosamente por aquelas regiões incultas, dentro em pouco já ninguem ignorava, de Kentucky a Ohio, as medidas tomadas pela França. O povo bem percebia o que aquilo significava, e não se dispunha a conformar-se. A milícia mobilizou-se. Uma expedição de Kentucky já se estava preparando para tomar o rumo de Nova Orleãs, antes mesmo que o governo federal anunciasse o que pretendia fazer. O presidente Jefferson debatia-se num dilema. Pacífico por índole e princípio, opusera-se à proposta de Hamilton no sentido de tomar Nova Orleãs pela força, e agora lutava por impedir que, no oeste, agissem com violência.

Pareceu-lhe que havia apenas uma possibilidade de impedir a guerra. Talvez Napoleão se contentasse com o resto do vasto Território da Luiziana, permitindo-lhe comprar Nova Orleãs. Valia a pena tentar. Obteve do Congresso o respeitavel crédito de 2 milhões de dólares, e enviou a Livingston em París uma urgente mensagem: «Compre Nova Orleãs e tambem, se possivel, a Florida Ocidental.»

Livingston submeteu a proposta a Talleyrand. Fez-se tão persuasivo quanto possivel, procurando desvalorizar Nova Orleãs. Tratava-se de «uma cidade insignificante numa região deserta... cercada de terras arenosas e pântanos profundos... uma cidadezinha construida de madeira, com sete mil habitantes.»

Talleyrand, impassivel, olhava-o em silêncio.

Enquanto isso, as notícias que vinham chegando da América se revelavam cada

vez peores. O direito de depósito já deixara de existir em Nova Orleãs. As cargas se acumulavam no cais, e os habitantes da região apressavam os preparativos para a guerra.

Era pela primavera de 1803. O jardim da rua Chaussée D'Antin se ia cobrindo de verde, o que pouco importava a Livingston, que só via diante dos olhos sombrias perspectivas—a catástrofe da guerra.

A 11 de abril, conferenciou novamente com Talleyrand. Repetiu os mesmos argumentos. Talleyrand ouviu-o sem dizer palavra, como o fizera da outra vez. Subitamente, porem, olhando o americano face a face, fez-lhe esta pergunta inesperada: «Quanto os senhores oferecem por toda a Luiziana?»

Tal foi a surpresa de Livingston que, a princípio, nem pôde responder. Tinham-no encarregado de comprar uma cidadezinha, e uma estreita faixa de terra, beirando a costa. Propunham-lhe agora a venda da metade de um continente. Fora autorizado pelo Congresso a gastar 2 milhões de dólares. Restava-lhe calcular o valor da nova compra. Uma consulta ao Presidente levaria várias semanas, até que tivesse solução. Recuperando o sangue frio, e com a atitude de um fazendeiro que quer comprar um cavalo, respondeu: «Creio que não faremos objeção ao preço de vinte milhões de

A pechincha conseguida por Livingston, pagando apenas 15 milhões de dólares, deu aos Estados Unidos uma área quatro vezes maior do que a França, onde vivem atualmente 18 milhões de americanos. Esse vasto território produz anualmente 3 milhões de fardos de algodão, uns 55 bilhões de quilos de milho e trigo, 400 milhões de barrís de petróleo e outros produtos minerais, no valor de 840 milhões de dólares. O valor do gado bovino e suino aí criado estima-se em 2 bilhões de dólares. Sua cidade principal, São Luiz, tem uma produção industrial do valor de 1 milhão de dólares por ano.

francos.» No dinheiro americano daquele tempo, eram cerca de 4 milhões de dólares.

Claro é que Talleyrand achou pouco. Ao se despedirem, porem, a transação, em si mesma, estava decidida. Havia apenas que fixar a quantia.

Que teria levado Napoleão a fazer aquela proposta? O motivo permanece até hoje um nos mais curiosos enigmas da História. Pode ser que se tivesse convencido de que o seu plano de conquista do Novo Mundo envolvia riscos excessivos.

A expedição francesa chefiada por Leclerc saira vencedora nos combates com os haitianos, cujo lider, Toussaint, caira prisioneiro. Isto porem não abafara a revolta. Leclerc continuava a enviar despachos inquietantes sobre as guerrilhas e a mortalidade dos soldados franceses, vítimas da febre amarela. Chegou finalmente o comunicado de janeiro de 1803. Leclerc morrera, e as suas tropas estavam praticamente aniquiladas. Para Napoleão era evidente que tinham perdido o Haití. Decidiu renunciar à aventura do Novo Mundo, e atacar a Inglaterra, empregando na nova expedição o dinheiro que recolhesse das suas transações com o governo americano.

Daí, talvez, ter sido oferecido ao atônito Livingston, para que os Estados Unidos o comprassem, todo o território da Luiziana.

James Monroe, enviado especial de Jefferson, chegou por aquele tempo a París. Tinha por missão colaborar com Livingston na proteção dos interesses americanos, depois da revogação do direito de depósito. Para grande alívio de Livingston, Monroe concordou inteiramente com o que ele havia feito; e, a partir de então, uniram, os dois, seus esforços, no regateio do preço.

Ambas as partes se achavam em posição inteiramente ilegal. O governo americano não havia sido autorizado pelo Congresso, ou pela Constituição, a comprar a Luiziana. Talleyrand e Napoleão (cujos poderes ditatoriais ainda não se achavam confirmados) não tinham autoridade para vendê-la.

Apesar disso, as negociações prosseguiam. Talleyrand apresentava Bonaparte como um tanto indiferente à venda. Chegou mesmo a insinuar que já estava hesitando sobre se devia ou não manter a oferta, o que aliás talvez fosse verdade, e bastou para tornar aqueles últimos dias de abril um período crítico para os Estados Unidos. Napoleão estava às vésperas de consagrar-se imperador. Era mister, portanto, que usasse de grande prudência, afim de que seu prestígio junto ao povo não sofresse o menor abalo. Qual seria o efeito neste da dupla perda, da Luiziana e do Haití?

Os irmãos de Bonaparte, José e Luciano, estavam decididos a dissuadí-lo de vender a Luiziana. Vieram vê-lo tão cedo, uma dada manhã, que ainda o encontraram no banho. O quarto, cheio de vapor, e de perfume, não era bem a atmosfera indicada para uma conferência de negócios.

José e Luciano apresentaram fortes argumentos, e teriam quiçá vencido, se o momento fosse mais propício. Napoleão se achava, porem, possuido de uma confiança em si próprio, que chegava à exaltação. Na noite anterior, fora à *Comédie Française*, recebendo alí ovações entusiásticas. Por isso, àquela manhã, entre as emanações perfumadas do banho, estava firmemente persuadido de que poderia fazer o que melhor lhe aprouvesse, relativamente ao povo e à Constituição. Finalmente, José perdeu a paciência. Avançando em direção à

banheira, ameaçou-o, em termos vigorosos: «Caso se torne necessário, eu mesmo chefio a oposição». Bonaparte riu-se daquilo. José, rubro de raiva, gritou ainda: «Ria, ria, se quiser. Hei-de fazer o que disse.»

Napoleão bradou, enfurecido: «Deixe de insolências!» Ergueu-se do banho, tremendo de raiva, e sentou-se novamente, com violência, inundando José de água quente e perfumada...

Desde então, ninguem mais se oporia, com êxito, à decisão tomada pelo Corso de vender a Luiziana.

Depois de muita discussão fixou-se o preço—15 milhões de dólares. Livingston e Monroe assinaram o tratado. Fizeram-no, provavelmente, com mãos trêmulas. É que aquela soma era maior que toda a renda anual dos Estados Unidos!

Não havia, entretanto, motivo para inquietações. O Presidente e o Congresso sancionaram a transação com o maior entusiasmo. Jefferson, embora um tanto preocupado, porque não pudera encontrar na Constituição nenhum decreto que autorizasse o ato, aceitou, para praticá-lo, não sem certa relutância, os conselhos dos que o cercavam, «confiando», segundo declarou, «no bom senso do povo.»

Em Nova Orleãs, a multidão rompeu em vivas quando a bandeira americana foi hasteada sobre a cidade. E as pesadas barcaças recomeçaram a trafegar.

Napoleão empregou toda a quantia recebida em preparar a expedição que pretendia lançar contra a Inglaterra. Nada, porem, resultou daquilo. Suas legiões nunca chegaram a atravessar o canal; os barcos de invasão apodreceram na praia de Boulogne.

Com o passar dos anos, os Estados Unidos começaram a perceber como era vasto e rico o território que Livingston comprara. Jefferson despachou Lewis e Clark* para o noroeste; Zebulon Pike para o sudoeste. Os relatórios por estes enviados abriram caminho à grande migração através do Mississipi, e ao desenvolvimento do poderoso império ocidental. Servindo-se de uma oportunidade que a sorte lhe ofereceu, Livingston realizou o que Henry Adams chamaria o maior êxito diplomático da história norte-americana.

*Vide Exploradores do Noroeste Americano, Seleções, setembro de 1943.

Situação reveladora...

¶ Winston Churchill tem o hábito de interromper o trabalho a qualquer hora, tomar um banho quente e depois andar, despido, de um lado a outro no seu quarto. Certa vez fez isso, durante uma de suas estadas na Casa Branca em Washington, e quando caminhava, meditabundo, pelo quarto, em trajes de Adão, batem à porta. O Primeiro-Ministro não hesitou, e disse logo, cordialmente: «Pode entrar! Pode entrar!» A porta abriu-se e entrou o presidente Roosevelt, que logo recuou discretamente.

Churchill, porem, num gesto largo de acolhida, exclamou: —Entre, sr. Presidente! Entre! Como o sr. vê, confirma-se o que eu tantas vezes lhe disse: nós, ingleses, nada temos a esconder!

Sydney J. Harris, no *Tribune*, de Chicago

A escola orienta-se para a realidade

(Condensado do «Harper's Magazine»)

Por Dan Stiles
Ex-professor, jornalista e conferencista

Os alunos das escolas secundárias dirigem seus próprios cinemas, estações de rádio e restaurantes automáticos, adaptando-se perfeitamente a um novo sistema de educação.

O ginásio de Connecticut, onde exercí o ensino durante 15 anos, ocupava sete salas de aula no segundo andar de uma escola primária. Este mesmo ginásio possue agora seu próprio edifício, com uma sala de festas, outra para exercícios físicos, uma biblioteca, um departamento de Belas-Artes, um de economia doméstica, oficinas, escola de música, estúdio fotográfico, etc. Custou tudo isto quatrocentos mil dólares.

Multiplicando este exemplo por centenas, e considerando que muitos ginásios custaram mais de um milhão de dólares, teremos uma idéia aproximada do desenvolvimento material das escolas secundárias americanas, nestas duas últimas décadas. Verificou-se concomitantemente notavel expansão do currículo e das atividades escolares, ao mesmo tempo que se foram realizando numerosas experiências de novos sistemas pedagógicos.

Os jovens que terminam os cursos nestas soberbas escolas terão por acaso uma educação mais completa que seus predecessores? Estarão realmente melhor preparados para enfrentar os problemas da sociedade de que entram, desde então, a fazer parte?

No parecer de muitos administradores, o fato de maior alcance na educação secundária foi o aumento da influência do ginásio sobre as atividades dos alunos, desde que vários cursos e toda uma série de ocupações extra foram acrescentados ao programa usual. Em certas escolas, há uma reunião qualquer todas as noites, e até aos sábados. A circunstância de que a organização de tais atividades surgiu em grande parte dos próprios estudantes, é uma prova indiscutivel de que estes se acham sem nenhuma dúvida interessados pelo assunto.

A lista das ocupações não inclue apenas esportes e divertimentos. Certos pais que precisam recorrer a palavras severas para que os filhos arrumem o quarto, não cabem em si de surpresa, quando os vêem trabalhando como mouros para imprimir o jornal da classe, ou construir o que lhes hajam encomendado para o equipamento da escola.

A significação passiva do programa de expansão consiste em que os alunos dispõem de menos tempo para si próprios—tempo que muitas vezes costumam desperdiçar em ambientes e atividades não recomendaveis.

Teoricamente cabe em parte à família manter os jovens ocupados. Na prática, porem, os adolescentes em idade escolar se acham de algum modo entregues a si mesmos durante as horas que não passam no ginásio. A completa futilidade destas horas de recreio representa um desperdício de tempo realmente criminoso. As centenas de rapazolas e mocinhas que se encontram nas ruas de qualquer cidade americana, depois do entardecer, evidenciam o que acabamos de afirmar, e a impressionante percentagem de delinquentes juvenís que figuram nas estatísticas

constituem prova evidente de que muitos deles entram pelo mau caminho.

O desenvolvimento do programa diário das escolas secundárias tem um valor positivo, por isso que contribue largamente para preparar os jovens de um modo geral para a vida de adultos.

Alguns educadores têm em vista uma organização escolar que funcione ininterruptamente, dia e noite, no verão e no inverno, e que mantenha um programa contínuo de estudo, trabalho e recreio. Os clubes cinematográficos já estão muito generalizados e alguns ginásios possuem um equipamento completo para filmar registos anuais das atividades escolares, e até películas de longa metragem. Em muitos dos colégios maiores, os alunos instalaram estações radiofônicas afim de irradiar as conferências públicas que fazem parte dos seus programas. Os ginásios dos estados atlânticos têm clubes para esportes de inverno, e os dos estados ocidentais organizam rodeios. As tradicionais representações escolares passaram a ser organizadas em certos colégios, de modo a formar um programa permanente de espetáculos. Uma das bandas de música do ginásio da cidade de Superior, em Wisconsin, dá frequentes concertos para a turma de operários que trabalham durante a noite nos estaleiros locais. Os que se mostram partidários do desenvolvimento do programa ginasial aconselham a redução das férias periódicas, a não ser por ocasião de colheitas ou plantação, podendo os alunos então prestar auxílio nesses trabalhos de agricultura, e em outros serviços necessários à comunidade.

Uma segunda tendência de alto significado na educação ginasial se manifesta no fato de que os professores reconhecem cada vez mais o valor das atividades extra-escolares como um veículo de ensino.

Os programas de ocupações incluem agora, em certos colégios, aulas sobre os direitos e deveres de cidadania, educação social, sociabilidade, noções de comércio e negócios, e outros requisitos e habilidades que só assim poderiam ser adquiridos. É uma transformação completa que acentua fortemente o que os alunos possam aprender nos livros sobre o desenvolvimento do carater, preparando-os melhor para os problemas comuns da vida adulta. Já que a maioria dos americanos não ingressam nas universidades, a importância da educação ginasial deve ser levada em alta conta.

Os governos formados pelos próprios alunos são um vivo exemplo do que se está passando. Inicialmente, representavam apenas uma nova atividade cujo objetivo era ocupar-lhes o tempo depois das horas de estudo. Os professores mais atentos perceberam, porem, incontinenti, que era tambem um ótimo meio de ensinar-lhes os princípios do governo democrático. Declarou, mesmo, um deles: «De que vale fazer com que os estudantes aprendam nos livros as regras da democracia, quando se encontram ao mesmo tempo sob a autoridade do governo escolar que em tantos e tantos casos é inteiramente autocrático?»

Com o estabelecimento dos governos de estudantes, a responsabilidade destes aumenta cada vez mais. O conselho de alunos, em muitos colégios, tem nas suas mãos as finanças de todas as atividades extra-escolares, o que representa uma importância de vários milhares de dólares por ano. O ginásio de Rochester, no estado de Minesota, organizou uma associação de ética constituida por um grupo de estudantes que procuram, por meio de exemplos e persuasão, modificar a atitude daqueles, entre os seus colegas, que revelem pendores anti-sociais.

Muitas outras atividades estão sendo transformadas de meros passatempos em sistemas educativos de grande eficiência. Não há motivo algum para que os princípios comerciais não sejam ensinados no colégio de um modo prático. Os ginásios de Milwaukee, durante o inverno passado, exibiram películas de longa metragem já expostas noutros cinemas. O espetáculo tinha lugar ao meio-dia, sendo a direção formada por estudantes, e as entradas pagas. Numerosos colégios organizam assembléias profissionais, na mesma base.

Há, por exemplo, em um deles, um restaurante automático. Os estudantes dirigem a organização, cozinham, servem-se, eles próprios, e retiram o lucro. O restaurante funciona como se estivesse nas mãos de profissionais, e os jovens adquirem uma prática que não poderiam alcançar de outra maneira. Os alunos do ginásio de Phoenix, no estado de Arizona, ainda foram mais longe. Não se encarregaram apenas da direção e do serviço, mas construiram o restaurante e todo o equipamento. Num colégio de Novo Hampshire, a oficina de conserto de automoveis funciona em base comercial, aceitando trabalho do público, afim de que os meninos adquiram uma prática verdadeira. Os empregados das garages locais já lhes não fazem oposição; quando precisam de um mecânico, vão ao ginásio, e contratam um que já se ache treinado para o trabalho.

Para qualquer aluno, uma aula de cozinha ou de mecânica não deixa de ser uma aula. Ao trabalharem, porem, num restaurante, ou numa garage, aquilo passa a ser um divertimento. Alguns educadores estão persuadidos de que dentro de algum tempo, o programa de ocupações suplantará o programa oficial de estudos, servindo de base para toda a organização escolar.

Outra transformação que muito promete, no sistema educativo dos ginásios, é a luta contra a formalidade e a monotonia da instrução convencional, que consiste apenas em aula e arguição. Mesmo nos ginásios mais conservadores, as aulas foram sendo aos poucos transformadas em reuniões práticas. O trabalho foi dividido em unidades, e não obedecia à sequência das páginas de um livro. Peças teatrais, cinemas, conferencistas locais, excursões a lugares históricos, e àqueles onde certos acontecimentos de alta importância se desenrolaram, ou se vão desenrolando,—eis os recursos que estão sendo empregados afim de que os próprios fatos se gravem melhor na memória dos alunos.

Os pais em geral, quando levados a falar sobre a instrução que seus filhos recebem nos colégios, declaram de algum modo que se ensina nos ginásios muita coisa que nada tem que ver com a vida e os interesses dos alunos. Um banqueiro de uma pequena cidade fez, por exemplo, a seguinte observação: «Meu filho fica sentado à mesa, metade da noite, lendo um livro sobre rádio, porque está muito interessado em construir seu próprio aparelho. Não estuda história nem álgebra com o mesmo afã, porque não vê naquilo utilidade alguma.» Os cursos ginasiais mais frequentados são os de trabalhos caseiros para as meninas, e de oficina, para os rapazes. Os estudantes empregam nestes cursos mais energia e tempo que em quaisquer outros, visto reconhecerem a sua utilidade. Se pudessem reconhecê-la, tambem, noutros cursos, mostrar-se-iam, ao frequentá-los, igualmente aplicados. O papel dos professores é portanto, sobretudo, o de fazer com que os alunos reconheçam certos valores, em vez de procurar descobrir novos meios de gravar-lhes na memória coisas que lhes não interessam.

Até agora, o que se tem realizado para a solução do problema é em grande parte de expressão negativa—isto é, a eliminação dos cursos que não pareçam ter utilidade imediata, e por isso não despertem o interesse dos alunos. Esse sistema, porem, não resolve a questão. Só devem, por exemplo, eliminar o latim do currículo, se os professores e os pais concordarem em que o latim é menos util que alguma outra matéria pela qual for possivel substituí-lo, e não porque os alunos não *vejam* nenhuma vantagem no estudo do latim. Quando certa matéria é considerada util, na opinião dos adultos, o papel do ginásio é fazer com que esta opinião prevaleça, demonstrando aos estudantes a sua utilidade. Uma vez isto feito, o interesse do aluno é estimulado, e ele passa naturalmente a aprender com muito mais facilidade.

Qualquer professor inteligente que haja iniciado um curso sobre a história da América do Norte, durante o último ano letivo, deve ter passado por maus momentos, tentando despertar certa dose de interesse ou entusiasmo pelos exploradores de há quatrocentos anos, numa classe em que muitos dos discípulos tinham irmãos e amigos vivendo páginas da história pelo mundo em fora. O primeiro professor de ginásio que ensinar a história americana de trás para diante, será provavelmente despedido; o segundo, porem, talvez já venha a ser aplaudido como um pioneiro. Trata-se apenas de aplicar uma lei de pedagogia universalmente aceita—mas geralmente ignorada—segundo a qual o estudo de qualquer matéria deve ser iniciado no ponto que mais se aproxime do interesse do estudante.

Os melhores mestres estão atualmente utilizando o interesse natural dos alunos pela literatura contemporânea para levá-los a uma justa apreciação dos chamados clássicos. É um método muito mais inteligente que o de fazer com que os alunos leiam uma página por aula dos romances famosos do século passado.

A geografia nunca foi ensinada de maneira a despertar o interesse do estudante. Uma vez que 99 em cada 100 alunos ginasiais passam a vida inteira no estado em que estudaram, é natural que o conhecimento da geografia local seja para eles de grande valor. O estudo das condições geográficas regionais tende naturalmente a alargar-se por campos mais vastos.

Todas essas novas experiências relativas aos métodos de ensino e ao programa escolar demonstram, ao que tudo indica, que os ginásios americanos estão levando por diante, constantemente, embora muitas vezes sob a forma de simples tentativa, um programa de evolução que justificará provavelmente seu soberbo progresso material. O ginásio do futuro promete fornecer um programa contínuo de trabalho, estudo e recreio; um programa que se dedica a plasmar os cidadãos de amanhã e formar-lhes o carater, com o mesmo entusiasmo com que prepara os seus alunos para a universidade; sendo, alem disso, assás flexivel na sua organização administrativa, para que cada estudante receba toda a educação que lhe for possivel absorver, orientado que está sendo por um corpo docente capaz de organizar este programa seguindo de algum modo a orientação dos próprios interesses dos alunos. É um sistema, portanto, que favorece o desenvolvimento da personalidade da cada um, ao mesmo tempo que ensina as virtudes da cooperação.

Não creio que haja demasiado otimismo em afirmar que os 25.000 ginásios dos Estados Unidos chegarão algum dia a realizar completamente esse padrão ideal de ensino.

Focalizando a China memoravel

Desta massa se faz um grande povo

(Excerto do livro «They Shall Not Sleep»)

Por Leland Stowe

A Casa Chialing é como um enorme ninho de andorinha pregado numa das paliçadas mais íngremes de Xunquim. Do alto de suas sacadas, avista-se, lá em baixo, a mais de cem metros, as águas pardacentas do Iangtsê. A imobilidade do rio é perturbada apenas pelas embarcações—sampanas e juncos—que passam constantemente, deixando um rasto de ondas miudas na sua passagem. É a China que se move com o passo lento e laborioso dos seus longos séculos.

Atrás do hotel, a estrada sobe serpeando pelas rochas até alcançar o topo da escarpa; e tambem continua toda retorcida morro abaixo, contornando colinas e atravessando os bairros comerciais de Xunquim, até desembocar na primeira rua plana, no alto dos 307 degraus de pedra que levam à barra do Iangtsê. Eu passava por alí todos os dias e, fosse qual fosse o tempo, ainda que houvesse uma camada espessa de limo no leito da estrada, encontrava-os subindo a ladeira.

Naquela primeira manhã em Xunquim, aconteceu-me ouvir a voz deles antes de vê-los, porque uma volta do caminho os ocultava aos meus olhos.

«Hai-*tó*! Hai-*tá*!... Hai-*tó*! Hai-*tá*!... Hai-*tó*! Hai-*tá*!»

Era um canto rítmico. Na realidade não passava de uma série de arquejos em dois tons—uma versão chinesa da canção dos barqueiros do Volga, mas muito menos melodiosa, e ainda mais triste e monótona. Quando cheguei à curva da estrada, dei com eles, antes de chegar a adivinhar o que poderia ser aquele coro ofegante. Alí estavam três homens e dois meninos. Às vezes são apenas três, outras vezes seis. A não ser isso, é sempre a mesma coisa, como deve ter sido, creio eu, durante centenas ou milhares de anos.

Estão atrelados a um carro de duas rodas, e naquela manhã o carro estava carregado de cestos de pedra moida. O guia fica entre os varais. Traz uma corda a tiracolo, envolvendo o peito, a qual prende ao carro dos dois lados. Os outros dois homens e os meninos, de um lado e de outro, têm o mesmo arreio, e as cordas cortam-lhes as espáduas nodosas e o peito mirrado. Os meninos têm a altura média dos pequenos de dez anos, mas são muito mais franzinos do que os ocidentais. Os homens tambem são miudos, e talvez não pesem mais do que uns cincoenta quilos. São cavalos humanos. Já viu cavalos humanos? Gostaria de o ser, desde a idade de dez ou doze anos até a morte?

«Hai-*tó*! Hai-*tá*!... Hai-*tó*! Hai-*tá*!»

O ruido sai daquelas gargantas, daqueles ventres, como de um orgão lacerado. O carro, com a carga e tudo, deve pesar meia tonelada, ou talvez mais. É tão pesado, e a ladeira tão íngreme, que os *coolies*, homens e meninos, são forçados a curvar-se para a frente até que os seus troncos fiquem quase paralelos à estrada. Enquanto se dobram, enterram os pés no

barro viscoso, num esforço tão grande que os músculos saltam e tremem nas magras pernas e nos ombros retesados. Estão nus até a cintura—as costelas, visíveis debaixo da pele requeimada, e os ossos da espádua, acentuados pela pressão das cordas. O carro não anda sem que todos puxem juntos, com todo o vigor dos corpos franzinos. E assim vão eles—«Hai-*tó*!... Hai-*tá*!»—e as enormes rodas mal se movem para a frente e para cima, mais lenta e penosamente do que qualquer coisa que se possa imaginar neste mundo.

Eu observo, com uma estranha contração no estômago, aquela luta, pela subida escarpada e lamacenta. Conseguem manter as rodas em movimento, — as quais continuam a rodar através de sulcos profundos e de rochas, enquanto o suor, a escorrer em bagas por aquelas faces, quase lhes tapa a vista, e lhes encharca os corpos incriveis, feitos de ferro e de ossos. Todos eles levam um trapo sujo na mão. Enquanto se curvam para a frente, enterrando os pés no limo viscoso, enxugam o suor dos olhos a todo momento. Mas a respiração ofegante não se interrompe; é sempre coordenada. É um canto que continua incessante durante dias, anos, séculos.

«Hai-*tó*!... Hai-*tá*!» É como se dissessem: «Havemos de—aguentar!... Precisamos—viver!» É um misto de queixume e desafio. É um apelo à coragem e um grito de desespero. Começa de madrugada, e o seu eco só se extingue quando a noite piedosa desce, por fim.

Que efeito produzirá esse labor excruciante sobre a alma humana? Que força de vontade será essa que consegue sacar daqueles corpos finos a última gota de energia? Que sabemos nós do inquebrantavel espírito humano? Que espécie de homens são estes? São as centenas de milhões de chineses. É esta a gente de maior valor da China.

Muitos devem ter-se perguntado a si mesmos onde residirá a força desta nação. Ela se encontra em volta e alem das paliçadas de Xunquim. Encontra-se em milhares de cidades e aldeias desconhecidas. Está por trás dos arreios e dentro do coração de milhões de camponeses chineses.

Tratamento de canibais

¶ Falava-se muito, entre os membros do Corpo Aéreo do Sul do Pacífico, sobre os horrores a que se expunham aqueles que eram forçados a descer em terras habitadas por selvagens, quando dois tripulantes de um avião de bombardeio comunicaram pelo rádio que tinham que fazer uma descida forçada, e que a única terra à vista era uma ilha habitada por canibais. No dia seguinte, foi feita a busca da praxe. Voando a pouca altura sobre a praia onde os aviadores deviam ter baixado, os pilotos que os buscavam viram três nativos armados de lanças, um deles com um gorro militar, outro com culotes e o terceiro com uma camisa caqui. Os pilotos se prepararam para ver o peor, quando deram com um espetáculo ainda mais impressionante. À sombra de uma copada árvore, jaziam seus companheiros, cobertos de coloridos ornamentos. À sua volta, montes de frutos tropicais. E dois naturais, de pé atrás deles, fabricavam uma brisa refrescante com duas grandes palmas. E, para saudar os assombrados pilotos do avião de socorro, que por cima passava, somente ergueram languidamente os braços...

—*Harold Martin*

¶ *Um homem que tem assombrado constantemente os outros pelo modo como aproveita as experiências*

Não se pode deter Gene McDonald

(Condensado de «Forbes»)

Por William F. McDermott

Eugene F. McDonald gosta de sentar-se no seu grande escritório de Chicago e troçar da idéia tradicional de que o segredo do êxito consiste em trabalhar com afinco numa só coisa. Já foi explorador e estroina famoso, criou negócios uns após outros, rebuscou as ilhas dos trópicos procurando tesouros enterrados, e tem contribuido com muitas invenções importantes para a ciência do rádio.

É bem caraterístico o fato de um dia, num momento de distração, ter guiado seu automovel por um despenhadeiro abaixo. Mas ainda o carateriza melhor a circunstância de ter conseguido tirar proveito do acidente, que o deixou surdo de um ouvido. Assim, McDonald começou a interessar-se pelos aparelhos de audição para surdos, e ainda recentemente lançou no mercado, a preços extremamente reduzidos, um modelo aperfeiçoado.

Durante os seus 54 anos, simultaneamente divertidos e cheios de trabalho, McDonald tem tido sempre novas aventuras, as quais tem sabido aproveitar. Seu primeiro emprego foi um modestíssimo cargo de mecânico na fábrica de automoveis Franklin, em Siracusa, no Estado de Nova York, onde atingiu, pouco depois, o posto de gerente de vendas. Mas nessa época os automoveis só se vendiam à vista. McDonald achava isso um verdadeiro absurdo, e em 1910 abandonou o emprego para fundar a primeira companhia destinada à venda de automoveis a prestações. O negócio desenvolveu-se espantosamente e Gene prosperou.

Um dia, pouco depois da primeira guerra mundial, em que serviu na Seção de Informações do Estado Maior Naval, McDonald entrou numa garage e deparou com os mecânicos reunidos em volta de um rádio, escutando uma das primeiras emissões da estação KDKA, de Pittsburgo. Isto o fez pensar imediatamente nas possibilidades comerciais dessa *coisa* nova. Encontrou dois moços que tinham transformado sua cozinha num laboratório onde construiam um aparelho receptor por dia, dirigindo alem disto uma estação de ondas curtas cujo sinal de chamada era «9ZN».

McDonald entrou com algum dinheiro e os três homens organizaram uma companhia a que deram o nome de Zenith, derivado das iniciais do sinal de chamada. Hoje, transformada num negócio que vale 33 milhões de dólares, a companhia emprega mais de 5.000 operários, todos eles a serviço da indústria bélica, e é uma das maiores fábricas construtoras de aparelhos de rádio do mundo. Antes da guerra possuía 20.000 distribuidores em 97 paises.

Mas McDonald sente mais orgulho pelas contribuições de sua companhia em favor do rádio do que propriamente pelo seu êxito financeiro. Tanto ele como os operários reclamam para si a autoria de uma série contínua de inovações nos domínios do rádio: o primeiro chassí inteira-

mente metálico, o primeiro aparelho portatil construido em série, ou para usos comerciais, o primeiro receptor de ondas curtas para ser usado em qualquer casa, o primeiro rádio que funcionou num trem em movimento, o primeiro sistema prático de sintonização por botões de pressão.

A utilização das ondas curtas foi sempre uma das idéias dominantes de McDonald. Já em 1925 ele tentava convencer a Marinha de Guerra dos Estados Unidos a usar ondas curtas nas comunicações a grande distância. Mas os rotineiros não se deixaram impressionar. Nesse ano, McDonald, como explorador e navegador exímio, comandou o navio *Peary* numa viagem ao Ártico com a expedição nacional MacMillan de estudos geográficos.

O *Peary* fundeou em Godhavn, na colônia dinamarquesa da Ilha de Disco, e pediu para ser reabastecido de combustivel. «Sinto muitíssimo,» disse o oficial encarregado dos serviços, «mas necessito de autorização do Ministro da Dinamarca em Washington.»

«Eu dou um jeito nisso,» respondeu McDonald. E, servindo-se do seu emissor de ondas curtas, entrou imediatamente em contacto com um rádio-amador de Washington, a quem pediu que corresse à Legação da Dinamarca e obtivesse a autorização para abastecer o navio.

Uma hora depois chegou a ordem e os assombrados dinamarqueses só encontraram uma expressão: «Milagroso!»

Prosseguindo na sua rota, McDonald rumou para Etá afim de estabelecer o quartel de inverno da expedição. Pelo caminho foi distribuindo gratuitamente aparelhos de rádio aos funcionários e missionários com que deparou. Mas foi mesmo em Etá que ele levou a cabo um plano astuto, concebido uns meses antes da expedição partir dos Estados Unidos.

Conseguira persuadir o Almirante Ridley McLean, Diretor do Serviço de Transmissões da Marinha, a engajar Fred Schnell, jovem rádio-amador, e a mandá-lo para bordo do *Seattle*, navio capitânia da esquadra do Pacífico. A esquadra cruzava então o sul do Pacífico e devia atingir o ponto mais meridional da viagem, pouco mais ou menos na mesma data em que McDonald chegaria a Etá.

De Etá fez ele uma demonstração teatral do valor das ondas curtas, entrando em comunicação com Schnell que se encontrava a uma distância de 12.000 milhas. Schnell pediu ao Almirante Coontz para escutar. No mesmo instante McDonald fez um sinal a seus artistas improvisados, e um grupo de seis esquimós principiou entoando canções locais para os ouvidos incrédulos do Almirante. Conseguira que a voz humana desse metade da volta ao mundo. A Marinha acabou por convencer-se.

Mas a viagem de McDonald ao Ártico teve outros resultados. Ao regressar a Chicago, começou recebendo cartas dos groenlandeses a quem tinha oferecido rádios. Todos pediam mais baterias ou qualquer sistema gerador de energia para seus aparelhos. E McDonald principiou cogitando se o vento rigoroso do Ártico não poderia ser utilizado para esse fim.

Ouvira falar de dois jovens fazendeiros do estado de Iowa que estavam fabricando um dispositivo no qual um pequeno moinho de vento acionava um gerador Ford de segunda mão, carregando deste modo as baterias. E McDonald foi a Iowa visitar os rapazes. Formou uma sociedade, para a qual entrou com 51 por cento do capital, encomendou 50.000 aparelhos acionados a vento para carregar baterias, e reduziu o preço de venda ao público de 40 para 15 dólares. A Wind-

charger Corporation emprega atualmente 1.600 operários e já forneceu mais de meio milhão destas máquinas a fazendeiros, lenhadores, guardas da fronteira e, ultimamente, aos postos militares avançados do Exército americano situados em paragens remotas como, por exemplo, os das Ilhas Aleutas. Quanto aos dois moços de Iowa, ainda hoje são sócios de McDonald.

A única residência de McDonald durante todos esses anos, enquanto criava negócios sucessivos, era a bordo de seu luxuosíssimo iate *Mizpah*. No intervalo de seus frequentes cruzeiros, o *Mizpah*, amarrado ao cais da avenida Míchigan, constituía uma das curiosidades de Chicago. Mas tanto em terra como no mar, McDonald mantinha-se em comunicação constante com o escritório por meio das ondas curtas, e arranjava sempre tempo disponivel para oferecer as recepções de gala que o tornaram famoso.

McDonald sente-se torturado pela idéia de que uma vez, ao procurar um tesouro enterrado pelos piratas, ele se utilizou do radar sem se aperceber da sua importância. Tinha partido para a Ilha dos Cocos, no Pacífico, a 580 milhas do Panamá, em busca do tesouro. De posse de uns mapas antigos que adquirira a certo clérigo da Terra Nova, a quem tinham sido legados por seus antepassados, ele sentia uma confiança infantil em que conseguiria localizar o tesouro.

A caminho da ilha, McDonald e seu rádiotelegrafista procederam a experiências com um dispositivo destinado a localizar metais. Verificaram que o aparelho lhes permitia avistar outros navios através do nevoeiro e da escuridão, e inclusive determinar seu rumo. Mas antes que se firmasse neles o verdadeiro significado do que tinham entre mãos, o navio atingiu as águas tropicais, cuja densa umidade saturou as bobinas e paralizou o detector. Mas se é certo que não encontraram o tesouro enterrado, nem descobriram o radar, o fracasso fê-los descobrir um processo, que ainda hoje tem grande aplicação, para proteger as bobinas contra a umidade.

McDonald, solteirão impenitente, e ótimo «partido», casou-se finalmente em 1931. Há sete anos, convertido num pai nervoso e cheio de orgulho, inventou uma «governante rádio-elétrica», um dispositivo constituido por um microfone instalado junto ao berço de sua filha, e por um amplificador que podia ser colocado em qualquer ponto do iate. Deste modo, mesmo ele, apesar de surdo de um ouvido, conseguia ouvir os lamentos mais debeis da criança.

Entre a «governante rádio-elétrica» e um novo aparelho de audição para surdos, havia apenas uma pequena distância que seria lógico percorrer. Como ele dizia, se o público podia comprar por 20 dólares um rádio que lhe trazia música da Europa, por que motivo teriam os surdos que pagar oito vezes essa quantia por um aparelho análogo que servia apenas para captar a voz de alguem que estivesse no mesmo quarto? E McDonald resolveu utilizar os mesmos processos da produção em série que, em dez anos, tinham reduzido os preços dos rádios portateis de 175 para 29 dólares. Ele não ignorava que nem todos os casos de surdez podiam beneficiar-se com um dispositivo desta espécie, mas tambem sabia haver nos Estados Unidos mais de 10 milhões de pessoas que tinham necessidade dele e que o comprariam caso pudessem pagar seu preço.

Em fins de 1943, após cinco anos de experiências, os engenheiros da Zenith conseguiram lançar no mercado um aparelho auxiliar da audição dotado de um con-

trole de tom com quatro posições, um microfone de cristal, ajustagem automática, válvulas de rádio em miniatura, e um circuito aperfeiçoado que prolonga a duração dos acumuladores. Alem disto, é tão facil de ajustar como de usar, e o auscultador, ou peça que se adapta ao ouvido, é fabricado com uma substância translúcida cor de carne, que não produz o efeito chocante do material preto.

Ao fazer-se em Chicago a primeira demonstração pública do novo dispositivo, os 15 vendedores encarregados da demonstração não conseguiram atender a todos os clientes. Uma jovem mãe começou chorando ao ouvir pela primeira vez os vagidos de seu filhinho, e um rapaz instalou-se na loja, junto a um rádio, recusando levantar-se antes de terminar a emissão de música que estava ouvindo. E desde esse dia até hoje a multidão de compradores, que podem adquirir pela primeira vez um ouvido auxiliar, não tem diminuido.

Os sistemas de venda, atraentes e modernos, da Zenith revolucionaram o meio comercial no que se refere a esta espécie de aparelhos e estão bem de acordo com a maneira decidida como McDonald ataca todos os assuntos. Seus anúncios sensacionais em todas as espécies de revistas atrairam a atenção para os problemas com que se debatem os surdos. E, ao fazer o público conciente das dificuldades de audição, tornou respeitavel a necessidade de usar tais aparelhos. Assim se deu um passo consideravel a caminho do dia em que eles serão tão pouco notados como hoje são os óculos.

McDonald sente que nunca em nenhum outro período da história houve tanta necessidade de estarmos preparados para auxiliar os surdos. O ouvido humano não foi feito para suportar o ruido e as vibrações da guerra moderna, e ele planeja criar um estoque imenso de aparelhos de audição para surdos afim de serem utilizados pelos militares que regressarem da frente de combate. Quando começou a contratar operários para fabricar o seu dispositivo, McDonald engajou vários homens e mulheres surdos, oferecendo um aparelho a cada um. Muitos estavam desempregados há vários anos, justamente porque ouviam mal; hoje podem ocupar quase todas as espécies de empregos.

De uma maneira ou de outra, direta ou indiretamente, as idéias de McDonald têm auxiliado milhões de pessoas, e seus operários consideram-no um ídolo devido a seu sistema de partilha de lucros e de bonus generosos. Contudo ele zombaria de quem lhe chamasse humanitário; McDonald não é senão um homem de negócios, um aventureiro, um ser humano com um grande gosto de viver, e a quem tudo interessa, especialmente as coisas novas. Tem passado a vida assombrando os outros e assim espera continuar.

Uma queixa comum

¶ Certa manhã, um operário apareceu no trabalho com um olho arroxeado, um lábio inchado e outros pequenos estragos.

—Que foi que houve? perguntou-lhe o patrão.

—O que houve, patrão, é que eu estava falando, quando devia estar ouvindo.

—Edison Marshall

«Até logo, meu filho!»

Não houve banda de música nem cerimônia alguma. Nem sequer foi dramático. Um carro buzinou lá fora, e ele disse: «Bom, acho que está na hora.»

Beijou a mãe e estendeu-me a mão, dizendo:

—Então, adeus.

E não pude dizer senão isto:

—Felicidades!

A porta bateu, e acabou-se—mais um rapaz que vai para a guerra.

Em janeiro de 1942, Howard Vincent O'Brien, autor de uma coluna diária no *Daily News* de Chicago, escreveu esta simples história, descrevendo os sentimentos de um pai, ao se despedir do filho que vai para a guerra. Antes que o ano terminasse, milhões de americanos tinham a impressão de que conheciam pessoalmente o jovem Donel O'Brien, de 20 anos de idade, um belo rapagão alto e esbelto, com cabelos louros e ondulados, que sorria bruscamente à maneira irlandesa. É que a nota «Até logo, meu filho», escrita pelo pai de Donel, tocara o coração do público. Seleções reproduziu a história,* e várias outras publicações fizeram o mesmo. A despedida de Donel foi lida através de toda a nação para ouvintes de rádio, em clubes femininos, nas escolas e nos almoços do Rotary.

O pai O'Brien tinha tangido uma corda cujo som despertava um eco universal...

Fui então para o meu quarto. Tinha na parede o retrato dum gurí—sorriso desdentado numa moldura de caracóis—aquele mesmo rapaz que acabara de me apertar a mão, dizendo: «Então, adeus»... Que curto me pareceu de repente o tempo, desde aquele retrato até o bater da porta, há minutos!

Ora, meu rapaz: você está um homão! Não posso deixar de confessar que fico desolado com a sua partida. Mas não teria barrado o seu caminho, mesmo que pudesse. Estou muito triste, sim. Mas orgulhoso tambem! Até logo, meu filho...

Pela passagem do seu 23º aniversário, o tenente Donel O'Brien, da Força Aérea do Exército, foi dado como desaparecido em combate, depois de um bombardeio sobre a Alemanha.

—Do *Time*

E eis o que o pai escreve, então

Há um verso de Walt Whitman em que este diz, se não me engano, que o que fazemos na vida é subir uma colina, encontrando sempre, do outro lado, outra colina a subir. E é verdade. Pude tambem notar que, a cada colina que vencemos, descortinamos outra vista, e horizontes mais largos.

Os que recebem um telegrama começando por estas palavras: «*O Ministro da Guerra lamenta ter de informar-lhe...*» —mergulham no vale das sombras.

Por mais que nos façamos de fortes, por mais que nos tenhamos preparado para o golpe, este é profundo e lancinante. Chega a estontear. Mas o trabalho não pode ser abandonado. O espetáculo continua. O rapaz que se foi zombaria de nós, se mudássemos de rota, ou entregássemos os pontos. Não foi o que ele fez.

Por isso, prosseguimos. Há que subir a próxima colina, e começamos a galgá-la. Descobrimos, com que surpresa, que a dor se vai apaziguando aos poucos. Há uma nova luz em torno. Alguma coisa nos aquece o coração gelado. Percebemos

*Vd. «Até logo, meu filho!», Seleções, junho de 1942.

então de onde nos vem tal sentimento. São as cartas. Cartas de amigos íntimos, e outros, que já não víamos há muito tempo; até daqueles que julgávamos indiferentes ou hostís; de estranhos; de pessoas importantes e das mais humildes. Esse brotar de compaixões e solidariedade nos enche de um respeito que não pode ser expresso em palavras.

Esta frase de uma carta merece ser citada: «Para Deus, não há acidentes.» Como seres humanos, é-nos dificil compreendê-lo. Erguemos nossos lamentos para um céu distante e mudo de que espera mos a resposta a uma eterna pergunta: «Mas porque? porque?!»

Não nos compete saber o motivo e a finalidade do que nos acontece. É-nos impossivel medir o que recebemos em troca de cada sofrimento e de cada lágrima. Não podemos pesar na balança as amarguras e as doçuras. Estas mãos que se estendem compassivas provam, porem, que há-de haver certo equilíbrio. Se a guerra desperta o animal no homem, revela tambem o anjo. Das profundezas do vale, vê-se melhor o sol a brilhar, lá na altura, por sobre o cume da colina. Em meio ao caos e às realidades mais brutais, é que damos por vezes com as doçuras da bondade e dos afetos desinteressados.

Telegramas como estes estão sendo recebidos igualmente nos lares da Alemanha, onde tambem hão-de chegar tais cartas. Os jovens alemães estão a desfazer-se em pó, e aqueles que os amavam procuram em vão, nos céus iluminados pelo fulgor das bombas, uma resposta ao eterno enigma.

E haverá uma resposta? Há pelo menos a fé, a esperança, e talvez, em séculos por vir, mais caridade de uns para com os outros. E há esta compaixão, esta solidariedade na dor, um sinal evidente de que o homem se vai elevando aos poucos, rumo às alturas.

Outros jovens crescerão em vigor e beleza, para desaparecer depois, repentinamente, como faiscas na noite. O maior monumento que lhes possa erguer são estas fontes de bondade até então ocultas, que se vão abrindo sob seus pés,—que se vão revelando à sua passagem.

—Howard Vincent O'Brien, no *Daily News* de Chicago

Presas da tempestade...

Durante uma violenta tempestade de neve em Kansas City, resolví entrar num botequim para me abrigar do frio e beber algo de quente e revigorante. Mal entrara, abriu-se de novo, e subitamente, a porta, entrando por ela a dentro um veterano marujo, já grisalho, com os ombros cobertos de espessa camada de neve.

Cambaleando ligeiramente, ou, para falar nauticamente, adernando para bombordo, dirigiu-se a uma mesa, pôs a mão na boca, retirou uma dentadura completa, e colocou-a cuidadosamente diante de si. Então, curvando-se para a coleção de dentes postiços, apontou-lhes um dedo peludo, e rosnou: «Agora, seus diabos, vamos parar de tremer!»

—Don Eddy, citado por R.B.H. no *American Magazine*

Assim vive o homem mais rico do mundo

(Condensado do «Saturday Evening Post»)

Por Ernest O. Hauser

Correspondente no estrangeiro—atualmente na Índia

Possuindo uma fortuna no valor de 40 bilhões de cruzeiros, o Nizam de Haiderabá gasta apenas 400 cruzeiros por mês, dirige ele próprio um Ford, que é um verdadeiro calhambeque, e, embora não seja muito sociavel, é um homem bastante simpático

Sua alteza Osman, o Nizam de Haiderabá, o mais poderoso magnata da Índia, que reina sobre um território do tamanho da Inglaterra, mais a Escócia, e é considerado o homem mais rico do mundo, gasta o equivalente a 100 cruzeiros por semana, e vive num casarão quase em ruinas, em companhia de uma cabra que é seu animal de estimação.

Haiderabá é o estado mais importante da Índia; aquele que o governa passa a ser o primeiro entre os 562 príncipes da nação. Exerce plenos poderes de vida e morte sobre os seus 17 milhões de súditos, sendo, porem, que Sua Alteza Osman, nos seus 33 anos de reinado, só sancionou duas execuções. Mantem a sua alfândega —cobrando cinco porcento *ad valorem* sobre as importações da Índia Britânica —seu exército, imprime seus próprios selos, e administra suas estradas de ferro e linhas aéreas. A moeda corrente do reino é a única que circula na Índia, alem da britânica.

É natural, portanto, que se imagine o Nizam num traje de brocado, com botões de pérola, e trazendo à cabeça um turbante cravejado de diamantes raros. É, no entanto, em realidade, um homem muito tímido, extremamente modesto, de 58 anos, a quem um bom corte de cabelo não faria mal algum. A economia é sua principal caraterística. Veste em geral uma túnica indiana de tecido rústico, sapatos muito velhos, e um turbante que qualquer criado já teria posto fora há muito tempo. Mas, por trás da fronte bem talhada, um dos mais brilhantes cérebros da Índia trabalha infatigavelmente à razão de 24 horas por dia. Está sempre a par de todas as questões indús e internacionais, e costuma lançar perguntas à queima-roupa, num inglês de primeira ordem.

Como seus antepassados, é um fiel muçulmano. Sua família descende de Abu Bakr, sogro de Maomé, e seu sucessor como Califa. O pai de Osman era um príncipe muçulmano que andava, ora sobre o dorso de elefantes, ora em magníficos Rolls-Royces, e usava as suas jóias, em vez de ocultá-las, pondo as restantes em sacos que serviam de calços para as portas de seus palácios. Durante muitos anos, não teve filhos, e, quando uma de suas favoritas—uma dansarina indú—deu à luz um menino—Osman—resolveu reconhecê-lo como seu filho e herdeiro.

Depois da morte do pai, Osman fechou o Palácio de Falacnuma—o que significa «igual ao céu»—e mudou-se para o seu atual domicilio, uma modesta residência no subúrbio da cidade de Haiderabá. A instalação consiste em doze edi-

fícios baixos e despretensiosos, cercados por um muro alto. Um Rolls-Royce, amarelo canário, cheio de adornos, que lhe foi oferecido no início do seu reinado, enferruja-se aos poucos na garage. Os elefantes reais não foram mais empregados desde a coroação. Osman anda sempre num Ford de tipo prehistórico.

Só recebe visitantes quando é forçado a fazê-lo. Usa a roupa que traz no corpo, até que esta se rasgue de tão velha. Uma vez rachou-se a bengala em que costuma apoiar-se. Um conhecido comerciante submeteu-lhe a exame uma coleção de bengalas. Osman devolveu-as todas, continuando a usar a velha. Quando o Marquês de Linlithgow, o Vice-rei que precedeu o atual, foi visitá-lo, o Nizam esperava-o na estação, apoiando-se na bengala que a cada momento ameaçava partir-se, de vez, sob o seu peso.

«Isto é muito perigoso, Alteza,» observou-lhe Linlithgow.

«Tem razão,» respondeu ele, «vou mandar consertá-la,» e assim fez.

As fontes de renda visiveis de Osman formam por ano um total de 36 milhões de rúpias, ou sejam 240 milhões de cruzeiros. Acham-se aí incluidos uns 10 milhões de rúpias que provêm de um curioso costume existente no palácio: o súdito que é recebido em audiência pelo Nizam faz-lhe presente de uma moeda de ouro que vale cerca de 100 rúpias, e quatro rúpias de prata. O pai de Osman costumava tocá-las, e devolvê-las aos seus donos, que as conservavam, então, como mascotes. Osman, porem, nunca as devolve. Em quatro festas de grande gala, quando teve ocasião de oferecer, a milhares de convivas ricos, banquetes financiados pelo estado, arregaçou as mangas, ao acolhê-los, afim de receber de cada um as cinco moedas tradicionais, que ia colocando em dois sacos—um para as de prata, outro para as de ouro. Presentes outros, que lhe são oferecidos pelos que desejam obter algum favor especial, resultam, ao que se calcula, numa soma de 60 mil cruzeiros por ano.

Ao que ele próprio declara, sua despesa pessoal é de 400 cruzeiros por mês. O pessoal do palácio e os gastos de cozinha são custeados pelos fundos públicos. Roupas, artigos de toalete, cigarros, lhos oferecem os fabricantes locais. Durante estes 33 anos de economia, terá posto de lado, portanto, nunca menos de 10 bilhões de cruzeiros.

São contudo as jóias a parte mais consideravel da sua fortuna. Um joalheiro, a quem foi permitido examiná-las, porque algumas peças precisavam de conserto, calculou, «só a parte que viu», em 30 bilhões de cruzeiros. Constam da coleção o diamante Jacó, que servia ao antigo Nizam de peso para papéis; um grande diamante, em forma de camelo, um jogo de três pedras preciosas do tamanho de um ovo, e outro, de esmeraldas, de uma beleza incomparavel. Quanto às pérolas, Osman, certa ocasião, mandou submetê-las a uma solução especial que lhes conserva o brilho, e as fez separar por tamanho. Eram tantas que formaram um tapete lampejante, que cobria o telhado de todos os edifícios do palácio. Os empregados levaram três dias para arrumá-las em fila, e acabaram desistindo da divisão em grupos. Osman possue, alem disso, o maior serviço de mesa, em ouro, que se conhece no mundo, do qual fazem parte pratos, travessas, facas, garfos, cinzeiros, e saleiros de ouro maciço, para 150 pessoas. «No Palácio de Buckingham em Londres, há um serviço igual, mas só para 24,» disse-me um dos assistentes do potentado, com certo quê de comiseração na voz.

O Nizam não tem casa especial para o

tesouro. A maior parte do ouro que possue—protegido apenas por um sistema elétrico de alarme—se acha empilhada nos dois edifícios centrais onde reside. Ouro em moeda, barras, e pesados blocos, em forma de barrís, corre ao longo das paredes, nos aposentos que serviam outrora de salas de estar e quartos, e enche a sala de visitas e a garage, sem falar no que jaz depositado em cantos esquecidos. Há vinte e dois anos chegou ao palácio mais um caminhão, carregado de barras de ouro. Como já não houvesse onde guardá-lo, Osman decidiu, provisoriamente, fazer postar uma sentinela, incumbida de guardar a preciosa carga. O caminhão ainda lá se acha, com as rodas quase enterradas no solo, e meio coberto de capim. O ouro alí continua, e a sentinela tambem.

Sem contar com o valor das suas terras —que cobrem vastíssima área, e têm 1.500.000 habitantes—a fortuna do Nizam pode ser calculada em 40 bilhões de cruzeiros. Pessoalmente, não tira ele disso prazer algum, a não ser a emoção do colecionador. A idéia de aplicar em indústrias parte do capital, não parece seduzí-lo, por isso que esta parte, pelo menos, lhe ficaria fora das vistas. Costuma passar horas inteiras no meio dos seus tesouros.

Estes já encheram a casa, a ponto de não deixarem lugar ao proprietário, que se isola, há varios anos, na varanda, onde um rústico tabique separa o quarto, pobremente mobiliado, do escritório, ainda mais modesto. É Osman conhecido como sendo o homem que mais trabalha em Haiderabá. Levanta-se ao raiar da madrugada, e, depois de uma chícara de café, põe-se a ler e a escrever. Às nove horas, toma o pequeno almoço, que consiste em chá com biscoitos, sem interromper o trabalho. A cabra come, ao mesmo tempo, sob sua vigilância. Ao abrirem-se as portas da secretaria do palácio, é um vai-vem constante de mensageiros, de uniformes esfarrapados, entre a dita secretaria e a varanda real.

Às dez horas da manhã, os primeiros visitantes se apresentam, inclusive o comissário da polícia, e dois ou três médicos incumbidos de informar sobre o estado do harem.

As questões de Haiderabá são então examinadas, de modo pitoresco. Osman levanta-se da cadeira, e senta-se nos degraus da varanda, enquanto seus ministros e cortesãos se mantêm de pé em torno, em atitude respeitosa. Ao terminar a audiência, duas horas depois, poucos fatos se terão desenrolado em Haiderabá que não hajam sido cuidadosamente discutidos. Osman revela o mais profundo interesse por tudo o que se passa por trás dos muros, seja dos palácios ou dos casebres, desde questões de amor a discussões em torno de uma herança.

Tem o Nizam por hábito mandar pequenas amostras do seu almoço aos nobres da corte. Pedacinhos escolhidos de frutas, pão e creme, são colocados numa bandeja, e levados de automovel aos respectivos destinatários que, satisfeitos com a amabilidade, mandam em retribuição algumas moedas.

Durante a tarde, Osman estuda meticulosamente os documentos que lhe são submetidos à assinatura, devolvendo-os, às vezes, ao conselho, com uma nota à margem relativa a algum ponto especial que haja passado despercebido aos ministros do estado.

Osman dedicava à mãe um grande afeto. Todas as tardes, costuma visitar-lhe a sepultura. Os apitos dos agentes de polícia interrompem o tráfego, os pedestres permanecem imoveis por alguns segundos, e um murmúrio corre pela cidade, quando Sua Alteza Real desce à

rua—um homem franzino, triste e solitário, metido num velho Ford.

Durante o fim da tarde e o começo da noite, mergulha Osman na leitura—sobretudo dos clássicos persas e do Alcorão—compõe poemas, e escreve uma coluna diária para um jornal. Nestes ensaios, cobre espantosa variedade de assuntos, que vão do cultivo das laranjas ao divórcio. Ultimamente, dedicou toda uma coluna à explicação da palavra inglesa *honeymoon* (lua de mel).

De todos os estados indús, Haiderabá é o que se acha mais ligado ao governo britânico. Tem mantido com este as mais cordiais relações, desde que os ingleses lá se encontram, há dois séculos. Em ambas as guerras mundiais, veio em seu auxílio com armas e rúpias. Atualmente, há dois batalhões de Haiderabá em operações no estrangeiro, e três esquadrilhas da Real Força Aérea são mantidas com fundos fornecidos por aquele estado, cujas fábricas estão produzindo material bélico encomendado pela Grã Bretanha. Alem disto, o governo do Nizam está treinando pilotos e mecânicos para a guerra.

A harmonia que reina entre o Vice-rei da Índia e o Nizam, é um fator político da mais alta importância, pois Osman não é apenas o chefe temporal de um estado da Índia. Haiderabá tornou-se o ponto de reunião dos 90 milhões de maometanos do país, que vêem no seu chefe a incarnação da cultura e da tradição muçulmanas. Sua pessoa é sagrada, e suas palavras são seguidas pelos muçulmanos, do Passo de Quiber ao Cabo de Comorim.

Em nenhuma parte do mundo pôde o feudalismo sobreviver intacto como nos domínios do Nizam. Até, porem, que o povo de Haiderabá e da Índia em geral venha a dispor da força e da energia necessários para exigir uma situação mais favoravel, Osman há-de reinar como um benevolente déspota. E não se tem saido mal da missão. Diz-se que os estômagos cheios são melhor prova de um bom governo. O povo de Haiderabá não está morrendo de inanição, como se dá, em tão grande escala, noutros pontos da Índia.

Se, do que foi dito acima, se deduzir que Osman é um sujeito frio e calculado, tal impressão é inteiramente falsa. Uma das suas mais surpreendentes caraterísticas está no fato de ser extremamente humano. Dotado de uma boa dose de humorismo, ri-se à larga, à menor provocação. Conhece quase todas as inúmeras histórias que circulam a seu respeito na capital, e estas lhe arrancam sempre gostosas gargalhadas. Achou, por exemplo, muita graça na seguinte anedota que lhe contaram recentemente. Tratava-se de uma conversa entre dois de seus cortesãos:

«Eu tinha um relatório urgente para Sua Alteza Real, mas encontrei-o dormindo, e não ousei despertá-lo.»

«Você devia ter sacudido na mão duas moedas de ouro,» diz o outro, «ele acordava em dois tempos.»

¶ Um chofer de ônibus em São Luiz, estado de Missuri, diplomaticamente admoesta os passageiros em pé, dizendo-lhes: «Tenham a bondade de empurrar uns aos outros, até o fundo do carro!»

—*The Christian Science Monitor*

¶ *«É nos momentos extremos da criatura humana que se apresenta a oportunidade de Deus»*

Então você não acredita em reza?

(Condensado do «Cosmopolitan»)

Por Percy Waxman

Quando Livingston, certa vez, procurou descrever o gelo a um chefe africano, suas palavras foram recebidas com grandes gargalhadas. Como os africanos nunca tinham *visto* gelo, recusavam-se a acreditar no que Livingston lhes dizia. Anda o mundo cheio de céticos, que não crêem no poder da oração—tal como aquele selvagem africano que se recusava a crer na realidade de tudo o que porventura se encontrasse alem dos limites de seus cinco sentidos.

Perguntaram, uma ocasião, a um físico famoso, de que maneira ele explicaria o fenômeno, se visse uma barra de aço flutuando no ar. «Se eu fosse testemunha de semelhante fato, respondeu, veria nele a prova de que uma das leis da natureza fora temporariamente suspensa.»

Thomas Huxley, o grande biologista, deu à mesma pergunta outra resposta: «Se eu visse uma barra de aço flutuando no ar, ficaria certo da existência de uma lei da natureza que me era até então desconhecida.»

Provas indiscutiveis do valor da oração, estão agora surgindo dos quatro cantos do globo. Não é de surpreender que em momentos de angústia os homens se voltem para um Poder que paire muito acima de suas próprias forças. Só será surpreendente que isso nos cause surpresa. Há poucos seres no mundo que não possuam de qualquer maneira certo anseio espiritual, o sentimento íntimo, não formulado embora, de que existe uma Força Suprema para a qual se volvem instintivamente.

Quando o Major Allen Lindberg pilotava uma Fortaleza Voadora que, a caminho da Austrália, caiu no mar, ele e os nove outros tripulantes foram dados como perdidos.

«Mal tivemos tempo de agarrar os dois botes de borracha, e ficamos alí flutuando, sem uma migalha de comida, nem uma gota de água,» conta o major. «Os rapazes estavam todos bastante inquietos, como é de imaginar—todos, menos o sargento Albert Hernandez, um de nossos artilheiros. Este pôs-se logo a rezar, e, dentro de algum tempo, surpreendeu-nos declarando saber que Deus ouvira as suas preces, e viria em nosso socorro.»

Levados ao sabor das ondas, sob um sol causticante, com os lábios tão partidos e a língua tão inchada que nem lhes era possivel acompanhar Hernandez no canto dos hinos religiosos que ele se pusera a entoar, os homens, contudo, incessantemente oravam. Três dias depois, pouco antes do cair da noite, viram uma pequena ilha recortar-se no horizonte, e logo após—com que surpresa indescritivel—três canoas, cheias de homens nus em pelo, avançarem ao seu encontro. Os salvadores, ao que depois averiguaram, eram aborígenes australianos—pescadores negros de cabelo encaracolado, que vinham do interior, de lugares dalí afastados por várias centenas de quilômetros.

Contaram a Lindberg que, na véspera, tinham já decidido regressar aos penates, transportando consigo os frutos da pesca, quando um estranho impulso os levou a mudar de direção para ir ter, não sabiam porque, àquele banco de coral deserto, onde nada podia interessá-los. Dalí viram de longe Lindberg e seus companheiros.

«É nos momentos extremos da criatura humana que se apresenta a oportunidade de Deus.» Assim resumiu o caso John Flavel, no século 17. Esse fenômeno espiritual vem sendo proclamado por muitos homens que não costumavam orar mas, num dado momento de aflição, sentiram estender-se para eles a mão da Providência. Quaisquer que sejam os perigos que ameacem ou amedrontem a humanidade, a fé num Poder, acima e alem de nós, é capaz de varrer-nos do espírito a dúvida e o receio. Como disse Alexis Carrel: «A oração, a maior fonte de perfeição e energia, tem sido lamentavelmente abandonada.»

Breves conceitos sobre o casamento

¶ Um casamento feliz é uma longa conversa que sempre nos parece curta demais.

André Maurois, *I remember, I remember* (Harper)

¶ Um casal capaz de rir do seu amor, beijar-se sorrindo e abraçar-se com alegria, terá felicidade muito mais estavel do que aqueles casais sentimentais que falam do seu amor com lágrimas nos olhos e engolem em seco quando se contemplam um ao outro. O amor, quando temperado com risos e bom humor, é muito mais fresco e duradouro.

George Jean Nathan

¶ A mulher aceita o homem por amor ao matrimônio, e o homem aceita o matrimônio por amor à mulher.

Gregory Mason, no *Esquire*

¶ Para provar que é ajuizada e feliz no casamento, basta que uma mulher diga: «Eu gosto de você» mais vezes do que pergunta: «Você gosta de mim?»

Dorothy Dayton, em *Mademoiselle*

¶ A vida de um casal é como uma tarefa permanente, e nada tem a ver com felicidade ou infelicidade. Jamais houve um casamento que se não pudesse tornar perfeito, nem um que não pudesse terminar em amargura e completo fracasso.

Kathleen Norris

¶ A cadeia do casamento é tão pesada, que são precisas duas pessoas para carregá-la, e às vezes até três.

Dumas

Já temos quinina artificial

(Condensado do «Science News Letter»)

Por Harland Manchester

Estimulados por um fabricante que nem sequer precisava do produto para seus negócios, dois jovens cientistas descobrem como fabricar quinina.

Há oitenta e oito anos, um jovem que se chamava William Perkin passou as férias da Páscoa em seu laboratório, numa água furtada de Londres, procurando fabricar quinina num provete. A malária devastava então o mundo, como o faz agora, e a falta da quinina, utilizada no seu tratamento, já se fazia sentir. Antes que as férias terminassem, o jovem cientista, de 18 anos de idade, descobrira a primeira tintura de alcatrão. Fundou assim a química orgânica industrial, tornando-se conhecido como Sir William. Nunca chegou, porem, a sintetizar a quinina.

Durante o ano corrente, Robert W. Woodward e William E. Doering, dois rapazes, resolveram, por igual, passar as férias de Páscoa num laboratório, e sairam-se com êxito das experiências em que fracassaram Perkin e muitos outros brilhantes investigadores. Empregando composições químicas que podem ser formadas com carvão ou petróleo, reproduziram a complicada estrutura da molécula da quinina, conseguindo por fim encher um pequeno frasco com o precioso produto. Não se trata de um sucedâneo, ou de uma imitação, mais ou menos perfeita; é quinina pura, produzida pela primeira vez sem o auxílio de uma planta.

Nunca houve descoberta mais oportuna. Mesmo antes da guerra, 3 milhões de pessoas morriam anualmente de malária. Agora, devido às migrações, a doença se está espalhando, cada vez mais, e os técnicos em questões de saude pública nos avisam de que ela voltará provavelmente a ameaçar certas áreas, onde já tinha sido possivel controlá-la. Os pequenos bosques de cinchona, de Java, de onde provem quase toda a produção de quinina do mundo, estão em mãos do inimigo. A transplantação da cinchona para o hemisfério ocidental levará vários anos, e a opinião geral é que a atebrina e outros sucedâneos não preenchem o lugar da quinina.

Como Perkin, os que se acham ligados à nova descoberta são todos jovens. Woodward e Doering têm, respectivamente, 27 e 26 anos de idade, e Edwin H. Land, cientista e fabricante, que apoiou o projeto, 35.

A história teve início realmente há dez anos passados, quando Land inventou um método de alinhar cristais de quinina e iodo numa lâmina transparente de material plástico. Estes cristais, de reduzido preço, polarizavam a luz tão bem quanto os dispendiosos cristais de calcite, até então empregados. Land fundou a empresa «Polaroid», e como as suas lâminas reduzissem a reverberação, possuindo, alem disso, várias outras qualidades ópticas, puderam ser utilizadas para vários fins—desde óculos escuros para o sol, até instrumentos navais. Tornou-se ele, dentro em pouco, um dos maiores consumidores de quinina para usos não medicinais em toda a América.

Desde 1931, quando os japoneses invadiram a Manchúria, não passou despercebido a Land que o nosso suprimento de quinina se achava ameaçado. Começou a fazer experiências com polarizadores de luz que pudessem dispensá-lo. Encontrou finalmente um que era até superior à lâmina de cristal de quinina.

As pesquisas desempenham um papel importante na indústria de Land, e este mantem entre o seu pessoal vários químicos de institutos de ensino vizinhos, que trabalham alí durante certo número de horas, e são frequentemente consultados. Quando um deles apresenta alguma sugestão que pareça promissora, Land permite, não raro, que o jovem pesquisador leve por diante o seu projeto nas próprias horas de trabalho da companhia. Foi o que se deu com o dr. Woodward, que já desempenhara um papel importante, anteriormente, na preparação do novo polarizador sem quinina.

Robert B. Woodward

Woodward vivia a pensar constantemente na quinina sintética. «Estou convencido de que a quinina pode ser sintetizada e acho que consigo essa síntese,» disse a Land.

Verdadeiro tipo de intelectual, magro e com os clássicos óculos, não era Woodward evidentemente capaz de vãs gabolices. Land acreditou nele, e, tendo em vista os seus antecedentes, era natural que assim fosse. Ainda de calças curtas, Woodward começara a trabalhar no laboratório que ele próprio havia instalado em casa. Depois de cursar durante um ano o Instituto Tecnológico de Massachusetts, executando toda sorte de trabalhos, afim de custear suas despesas, obteve um bolsa de estudos e um laboratório particular, sendo-lhe permitido esquecer as aulas, e trabalhar como melhor lhe aprouvesse. Diplomou-se três anos depois, aos 20 anos de idade, coisa nunca vista até então no referido Instituto. Depois disto trabalhou durante algum tempo na Universidade de Harvard, acabando por fazer parte do respectivo corpo docente.

Woodward tinha ainda um pedido a fazer a Land: desejava muito que Bill Doering, um colega seu de Harvard, viesse ajudá-lo. No laboratório, pensavam ambos do mesmo modo. A similaridade entre os dois não ia, porem, mais longe. Doering, do estado de Texas, rapaz alegre e vivo, era um complemento necessário à natureza reservada do seu companheiro de trabalho.

Puseram mãos à obra a 1.º de fevereiro de 1943. Tinham diante de si um modelo em madeira da molécula de quinina, de construção extremamente complicada, que estavam decididos a reproduzir. Cincoenta e duas bolas de várias cores, representando os átomos de carvão, hidrogênio, nitrogênio e oxigênio, de que se compõe a molécula, se achavam presas uma a outra por pequenas varetas, formando um desenho extravagante. O modelo, de 60 centímetors, representava a molécula da quinina (ampliada milhões de vezes) tal como os cientistas acreditam que seja ela formada, de acordo com o comportamento da molécula durante vários testes. Alterada a posição de uma só destas 52 pequenas esferas, já não temos mais quinina.

Woodward e Doering começaram as suas experiências com um agente químico denominado 7-hidroxiisoquinolina. É extraido do tolueno (base do TNT) e do acetileno, que podem ser, ambos, retirados do carvão e do petróleo. Compõe-se dos mesmos tipos de blocos de construção

atômica que a quinina mas a sua molécula é inteiramente diversa. A tarefa consistia em trabalhar com esta molécula, transformando figuradamente a posição das bolas e varetas, até que estas reproduzissem fielmente o desenho formado pela molécula da quinina.

Passaram vários meses formando o que Doering costuma chamar o «esqueleto» químico da molécula, ao qual se torna então possivel juntar o número de átomos necessários. Devido aos seus compromissos em Harvard, Woodward só podia trabalhar parte do tempo; a Doering, porem, que acabava de servir numa missão secreta ligada à guerra, era lícito prosseguir nas experiências dia e noite, se assim lhe aprouvesse.

William E. Doering

Começando o trabalho com cerca de dois quilos do agente químico, cujo estranho nome referimos acima, submeteram-no a 15 processos principais, colocando-o sob altas pressões e temperaturas, afim de forçar o aparecimento de novos átomos. Em outubro, Doering foi exercer o ensino na universidade de Colúmbia, e os dois colegas continuaram a colaborar de longe. Ao chegarem, porem, as férias da Páscoa, encontraram-se os dois em Cambridge, e juntos se lançaram, sem tréguas, numa verdadeira corrida contra o tempo.

Sabiam que, se conseguissem produzir quinotoxina, parente próxima da quinina, a causa estava ganha, pois, em 1853, Louis Pasteur transformara quinina natural naquela solução, e, mais tarde, outro cientista conseguira convertê-la de novo em quinina. A altas horas da noite, no último dia das férias, o produto que já tinham submetido a tantos processos, por mais de um ano, transformou-se numa espécie de óleo marron escuro, de aspecto repugnante. Era uma mistura de duas espécies de quinotoxina, uma das quais produz quinina. Tornava-se extremamente dificil separá-las. Depois de muitos preparativos, decidiram experimentar um ácido empregado por Pasteur nos casos onde era preciso lidar com substâncias muito semelhantes. Nada resultou, porem.

Foi então que, obedecendo a uma espécie de intuição química, decidiram arriscar a sorte, empregando outro ácido. Desta vez, o resultado não se fez esperar. Um soberbo espetáculo se desenrolou ante os olhos dos dois jovens. Eram agulhas finas e amarelas entremeadas—a quinotoxina que produz quinina—a primeira quinina a ser jamais fabricada pelo homem. Já a tinham; só lhes restava seguir, agora, um método já consagrado.

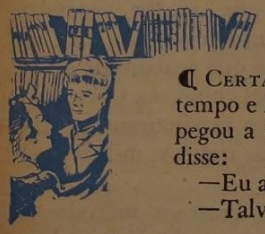
Embora Woodward e Doering tenham realizado uma descoberta química da mais alta importância, são eles os primeiros a fazer ver que, se for necessário organizar uma vasta produção para uso médico da quinina que acabam de descobrir, o trabalho mal começou. O custo da quinina, tal como a produziram no laboratório, subiria a muitos milhares de dólares por dose.

Transformar os custosos métodos de laboratório de modo a adaptá-los a larga escala de produção, é a próxima tarefa—um problema que aos químicos industriais cumpre resolver.

No curso das suas experiências, Woodward e Doering produziram tambem quinidina—um preparado importante para o tratamento de doenças do coração. A dose de que dispomos é tão restrita que nem as próprias forças armadas têm podido contar com o necessário, e, para uso

civil, só pode ser adquirido num caso de vida ou morte. A quinidina é extraida atualmente da quinina natural por meio de um processo extremamente lento e dispendioso. Se a descoberta de Woodward-Doering for utilizada com êxito para a produção comercial, a quinidina sintética virá talvez a tornar-se tão valiosa quanto a própria quinina.

Desde a descoberta da quinina sintética, as agências do governo americano e os fabricantes de drogas têm andado num verdadeiro redemoinho de investigações e projetos. O novo processo pertence à Corporação Polaroid mas o presidente Land e todos os que se acham ligados à descoberta estão decididos a empregá-la sobretudo de modo a satisfazer antes de mais nada ao interesse público. O mundo já recebeu uma lição permitindo que o monopólio holandês da quinina controlasse o preço e a produção de um preparado de que milhões de pessoas necessitam desesperadamente. Land propõe que se entreguem licenças não exclusivas a todas e quaisquer firmas farmacêuticas indicadas pelas autoridades, empregando, no financiamento de novas aventuras no mundo das pesquisas, as taxas impostas a essas licenças.



Respostas ao pé da letra

¶ Certa jovem foi visitar a escritora Agnes Repplier, e, depois de muito tempo e longa prosa, preparou-se para sair, pôs o chapéu, abotoou o casaco, pegou a bolsa, tornou a soltá-la, e deu várias mostras de hesitação. Afinal disse:

—Eu ainda tinha uma coisa que queria dizer, mas esquecí o que era.

—Talvez fosse «*até logo*», observou Miss Repplier delicadamente

Loren Carroll, em *Conversation, Please* (Bobbs-Merrill, editores)

¶ Na noite em que o exímio violinista Jascha Heifetz se apresentou pela primeira vez ao público novaiorquino, estavam presentes, no auditório, o pianista Josef Hoffmann e o violinista Mischa Elman. À medida que a música ia sendo executada, Elman foi-se mostrando cada vez mais nervoso e irrequieto, passando o dedo por dentro do colarinho e enxugando a testa com o lenço. Num intervalo entre duas peças, vira-se ele para Hoffmann, e balbucia:

—Que calor aquí dentro, hein?

—Para os pianistas, nem tanto... balbuciou Hoffmann em resposta.

Edmund Fuller, *Thesaurus of Anecdotes* (Crown, ed.)

¶ *Um ás americano da aviação de caça descreve as emoções da luta no espaço*

Os eternos dez segundos de um duelo aéreo

(Condensado de uma reportagem dirigida à North American Newspaper Alliance)

Conforme a descrição feita pelo

Capitão Don S. Gentile

a Ira Wolfert

A teoria do duelo entre aviões de caça é simples. Você vê o inimigo, lança-se contra a sua cauda, evita que a presa lhe escape, aponta suas metralhadoras contra a retaguarda do avião e aperta o gatilho. Mas enquanto está tentando visar-lhe a cauda, ele está procurando fazer o mesmo ao seu avião. Você dá o bote, mas ele desvia-se bruscamente e coloca-se em posição para atacá-lo. É então a sua vez de se afastar com uma guinada brusca, que o leva novamente a caminho de conseguir seu fito; e assim sucessivamente, pega-larga, larga-pega, às vezes durante muito tempo—dez ou talvez quinze minutos—até que um agarra a presa, que entra em agonia.

Tudo se passa numa série de episódios curtos. Não há tempo para pensar. Se você o fizer, não terá tempo depois para agir. Durante o combate, há certo número de coisas que seu cérebro vai fazendo automaticamente; ele vê, avalia distâncias, prevê os movimentos do inimigo, recorda certas coisas, pondera isto e aquilo, e repele uma teoria para aceitar outra. Mas não se pode dizer que você esteja de fato pensando.

O capitão Don Salvatore Gentile, que o General Eisenhower disse um dia quase constituir sozinho uma força aérea, tem 23 anos de idade e nasceu em Piqua, no estado de Ohio. Voltou recentemente à pátria, de licença, depois de ter destruido 30 aviões nazistas.

Ao terminar o combate, se passar em revista o que fez e deixou de fazer, você achará sempre a razão de cada movimento. Durante a luta, porem, seu cérebro parece vazio, tal como se o que nele existe não passasse de um trêmulo fardo de músculos instalado na sua cabeça.

Em oito de abril, por exemplo, eu abatí três aviões nazistas; pois apesar disto não disparei durante muito mais que dez segundos. Mas como eles me pareceram infinitos!

Quando tiver pegado bem o inimigo e estiver a crivá-lo com força, sua impressão é de que nunca mais dá cabo dele. Tudo é tão lento e demorado que cada fração de segundo nem parece contar como tempo. Os projeteis incendiários perfurantes atingem seu adversário. Percorrem-no como pequenas línguas vermelhas de serpente, que mordem e flagelam por toda parte. E isto prolonga-se e prolonga-se, cada chicotada rápida como o relâmpago, mas o conjunto lento e infindavel.

Depois começa saindo dele fumaça negra, e o glicol, o líquido que evita o superaquecimento do motor, escoa-se como se você o estivesse espremendo. Você não pode voar mais do que um minuto sem

ele. Surge no espaço como uma substância branca, e quando sair com abundância é porque chegou o fim. É o sopro da morte expulsando sangue através dos buracos que você fez. Começa como um tênue bafo gelado que se avoluma lentamente e que parece nunca acabar.

Às vezes, em seguida a isto, quando você está realmente atacando com ferocidade, começam a voar peças do avião. Primeiro são porcas e parafusos, mas depois aparecem coisas maiores, pedaços grandes com o aspecto de terem sido arrancados, como se você lhe estivesse tirando braços e pernas; e estes braços e pernas e a própria cabeça vão voando lentamente sobre você como um cortejo sem fim.

Se você procurar recordar os fatos ou se estiver a presenciá-los do exterior, tudo se resumirá num estrondo e numa explosão; e pronto, o alemão está liquidado. Mas nunca lhe parece a mesma coisa quando você vai lá dentro. Nunca!

Se é o inimigo que o apanha e que começa a crivá-lo, a lentidão é a mesma. É como se estivessem queimando seus miolos com fósforos. Então é preciso lutar para não perder a cabeça. E enquanto esta luta decorre, enquanto você procura agarrar seu cérebro com ambas as mãos, segurá-lo com toda a força para que as idéias se não dispersem, tudo lhe parece longo, e remota a decisão que tão ardentemente ambiciona.

De uma vez fui ajudado nesta espécie de luta por dois nazistas. Ambos eram manhosos e tinham coragem. Tive a impressão que um deles me daria que fazer e que o outro conseguiria escapar para combater outra vez.

Mas qualquer coisa se passou subitamente em seus cérebros. Você, se lá estivesse, teria compreendido claramente. Seus miolos dissolveram-se sob a pressão do medo e transformaram-se em água. Tanto um como o outro ficaram agarrados às alavancas de comando, endireitaram o avião e lançaram-se em linha reta para a sepultura, tal como um homem que cega subitamente e se despenha, aos gritos, num precipício.

Desde então, quando um alemão me morde a cauda, lembro-me sempre desses dois sujeitos. Em geral, o inimigo que você vê—com sua máscara de oxigênio e sem vida nem movimento—aparece-lhe não como um homem mas como um instrumento dentro da sua máquina. Esses dois tipos foram os únicos alemães que considerei como seres humanos, e isto me ajudou muito ao combatê-los. Eu próprio já tive que me conter, por várias vezes, para não fazer o que eles fizeram: perder a cabeça, correr, e lançar-me aos gritos no precipício.

¶ Nos COMBATES aéreos, a gente está sempre num estado horrivel de tensão nervosa. Uma vez, sobre Berlim, ouví um barulho dos diabos, no fone do nosso B-17: era alguem que gritava. «Aí vem um desses «isso-assim-assim»; ponha abaixo esse «isso-assim-assim»; mais dois «isso-assim-assim» pelo alto...» desliguei o fone, e vi que o meu co-piloto, Finch, estava me olhando com a cara mais esquisita deste mundo.

«Você ouviu aquela gritaria?» disse-me ele, depois. «Fiquei pensando quem havia de ser, escutei... e era eu mesmo!»

—Owen F. Ladd, no *Times Magazine* de Nova York

MEU TIPO INESQUECIVEL

A história de uma moça do Alasca, que aos 15 anos era chefe de família, habil comerciante, e valiosa auxiliar dos engenheiros que se achavam naquela região

Pelo cabo William Crossey

Em entrevista a William F. French

NUMA TARDE de julho de 1942, um rebocador arrastou a velha escuna *John A* até uma enseada ao largo da baía de Bristol, no Alasca. Achava-me eu a bordo entre os 45 engenheiros cuja missão era construir um campo de aviação em Port Heiden. O «porto» era uma faixa deserta de areia, com capim ao fundo, batido pelo vento.

Só às dez da noite, transportada a bagagem para terra, deitamo-nos cansados, nos nossos colchões portateis, a conjeturar sobre se havia algum ser vivo a quilômetros de distância daquela terra abandonada e lúgubre.

Ao acordar, sentí-me como se tivesse envelhecido de muitos séculos. Tinha fome, mas a idéia de comer de novo carne salgada e inhame em lata tirava-me o apetite. Percebí, porem, subitamente, vago cheiro de fumaça que recendia a fogo de lenha. Estranhei aquilo, pois nos servíamos de fogões a carvão. Não me enganava entretanto—o cheiro era de fogo de lenha, e qualquer coisa mais—como se estivessem cozinhando peixe. Mau negócio, pensei com meus botões; dei para sentir cheiros.

Foi então que vi a fogueira, num pequeno banco de areia. Três crianças e o nosso cozinheiro iam e vinham em torno.

Duas das crianças eram meninos, de mais ou menos, respectivamente, 6 e 12 anos. A terceira era uma meninota—Emmy. Tinha apenas 15 primaveras, mas, no curso de um ano, não houve, por assim dizer, um só soldado, ou piloto, no norte do Pacífico, que não ouvisse falar nela, ou não tivesse tido ocasião de admirar-lhe as aptidões. Emmy vestia um macacão e uma blusa de lã; era, contudo, graciosa demais, para que a pudessem tomar por um menino. Tinha os olhos negros e a pele bronzeada dos esquimós; os traços, porem, eram mais finos e a expressão mais viva que a de todos os nativos que conhecí. Quando sorria, o rosto todo se lhe iluminava.

Enquanto Emmy se pôs a examinar-nos, sem dizer coisa alguma, o mais velho dos pequenos, apontando para si próprio, apresentou-se: «Mim, Charlie.» «Herman,» acrescentou o menorzinho.

«Emmy trazeu pe-eixe,» disse Charlie, sorrindo amavelmente. Explicou a seguir que nos tinham visto, da enseada, umas duas horas antes, a que Emmy decidira trazer-nos lenha e peixe para o pequeno almoço. Averiguamos depois que, quando Emmy «decidia» alguma coisa, esta era sempre levada a cabo.

O cozinheiro preparara as frigideiras afim de fritar os peixes, mas Emmy ponderou-lhe que era melhor assá-los, e

lá se achavam eles, cada qual de cerca de cinco quilos, na lenha, ainda fumegante.

Entramos a comê-los gulosamente, e, enquanto isto, Emmy nos observava em silêncio. Parecia um tanto amedrontada, mas a curiosidade era maior que o medo.

Quando sugerimos pagar-lhe o peixe, respondeu-nos com uma palavra apenas: «Carvão.» Nada lhe escapara à vista. O carvão que trouxéramos estava ao lado de uma enorme pilha de suprimentos.

Foi a primeira das muitas surpresas que Emmy nos causou. Era sempre tímida para conosco, e extremamente reservada, mas surgia num piscar de olhos, quando quer que precisássemos de auxílio. Charlie e Herman andavam por alí quase todos os dias. Emmy, porem, só aparecia, geralmente, afim de levá-los para casa. Uma ocasião, chegou quando estávamos começando a construção de um cais.

Ficou a olhar-nos por alguns minutos, e depois, apontando para as vigas que estávamos empregando como suportes principais, nos disse, laconicamente: «Emmy tem melhor.»

Julgou, ao que parece, que a informação era suficiente, pois, sem mais acrescentar, fez-se a caminho de casa. Um de meus companheiros e eu trocamos um sorriso, e decidimos seguí-la.

Emmy voltou-se para olhar-nos, quando já se achava uns trinta metros à nossa frente. Embora não parecesse ter mudado de passo, averiguamos de repente que estava ganhando distância sobre nós. Apressamos a marcha. Éramos ambos soldados velhos, já treinados. Emmy, porem, com seu andar cadenciado, batianos de longe. Meu companheiro, dando um grito afim de prevení-la de que era brincadeira, disparou atrás.

Foi peor. Emmy voou por alí em fora como um coelho assustado.

Cerca de um quilômetro adiante, encontrei meu camarada sentado na praia: «Puxa, rapaz!» ofegava. «Não admira que a pequena seja tão misteriosa. Tem dois terços de antílope!»

Os dois meninos, que me tinham alcançado no caminho, guiaram-nos até a casa. Era uma cabana de pescador, castigada pelas intempéries, e que ficava a cerca de cinco quilômetros do nosso acampamento.

A mãe de Emmy, tipo bem esquimó, achava-se de pé ao lado dela, quando lá chegamos. Era baixa e quadrada, tendo a pele do rosto como couro enrugado. Formava assim um vivo contraste com a graciosa figura da filha que naquele momento mais parecia uma corça, atenta, alerta ao mínimo ruido.

Emmy acolheu-nos apontando simplesmente para uma rampa, construida, quase toda, com um bloco de madeira de três metros de comprimento, por quarenta centímetros. Ia da beira da água a um amplo celeiro que ficava no fundo da casa. Era exatamente o que precisávamos. Mas onde e como teriam eles conseguido tal coisa numa região como aquela? Ao lhe fazermos a pergunta, Emmy hesitou, dizendo-nos depois: «Papai deu peles de raposa pro home que veio no barco grande.»

Soubemos, mais tarde, que faziam negócios com todos os visitantes que alí vinham ter em busca de um pouco de água na sua cabana, que ficava a mais de 100 quilômetros da mais próxima aldeia de pescadores. As tripulações dos pequenos cargueiros das embarcações de transporte empregadas pelas fábricas de conserva, e os próprios botes de patrulha dos Estados Unidos, encarregados de guardar a pesca, tinham contribuido para a sua coleção, com toda a sorte de artigos e utensílios, em troca de peixe, presas de bois marinhos, e peles.

Emmy sentou-se junto à mesa, e pôs-se a tratar um salmão, sem erguer sequer os olhos sobre nós enquanto examinávamos aquela curiosa miscelânea. A mãe, porem, seguia-nos os passos, talvez para ver que nada sucedesse à filha. Poderia, no entanto, ter-se poupado ao incômodo, pois o modo por que Emmy manejava aquela faca não convidaria a brincadeiras.

Jogou sobre a mesa um salmão de 10 quilos, decepou-lhe a cabeça num só golpe, e abriu-lhe depois o ventre de cima a baixo com um corte rápido e seguro. Tudo aquilo tão depressa, que fiquei arrepiado.

Depois de pedir-nos pelo bloco de madeira, carvão, açucar, conservas e pregos, Emmy convidou-nos a visitar o celeiro. Dir-se-ia, a um só tempo, a loja de um abastecedor de navios, um depósito de madeiras, e os salvados de um naufrágio. Havia um pouco de tudo— uma arca de navio em madeira castanho-claro trabalhada a mão, um barco salva-vidas de borracha, uma variedade de objetos que provinham evidentemente de um avião destruido, etc.

«Papai suiço», disse Charlie, apontando-me um objeto da coleção.

Algum explorador ou aventureiro, suiço viera ter provavelmente àquele fim de mundo. «Ele fazia tudo...»

«Não nadava bem,» interrompeu o pequeno Herman. Soubemos então que o suiço morrera afogado o ano precedente, quando uma tempestade fizera virar a lancha a motor em que se achava.

Ao seguirmos Charlie que anunciara orgulhoso— «Eu mostro loja de papai»— vimos uma enorme coleção de petrechos de pesca, velas, arpões, redes, etc. Ficamos, porem, de olhos arregalados, quando o pequeno puxou a lona que cobria um motor a gasolina engrenado para impulsionar um torno, serra, e perfuradora.

De repente, Emmy gritou: «Peeixe! Peeixe!» e a nossa visita ao «museu» encerrou-se num segundo. Os pequenos correram a pegar as redes de pesca, pois Emmy, desde que se tornara chefe da família, ao morrer-lhe o pai, mantinha todos em atividade.

Depois desta primeira transação sobre o bloco de madeira, tornou-se ela para nós verdadeira fonte de suprimentos, fornecendo-nos toda sorte de materiais. Dentro em pouco, já não era só a turma inicial de 45 homens que recorria a Emmy, mas tambem os que alí chegaram posteriormente. Nosso capelão, major Joseph M. Applegate, atualmente segundo capelão do Departamento do Alasca, começou a ensinar as três crianças a soletrar e a ler, dando-lhes, alem disso, aulas de geografia e aritmética. Durante estas, a velha se encorujava num canto, repetindo com os filhos a tábua de multiplicar, e soletrando as sílabas.

Embora ainda se mostrasse muito retraida, Emmy, todavia, na presença do capelão, começou a expandir-se um pouco, dando-nos várias informações sobre as regras sociais do Alasca. Apesar das constantes rondas sobre um percurso de 80 quilômetros, no trenó da família puxado por cachorros, afim de examinar as armadilhas que distribuiam por alí, ainda arranjava tempo para nos ajudar a preparar o equipamento de pesca, e os grossos sapatões de andar na neve, e para construir as armadilhas. Ensinou-nos, por outro lado, a caçar caribú, não nos faltando carne fresca desde então.

Um dia deu-nos uma lição sobre a pesca de trutas, reduzindo ao silêncio um de nossos companheiros que se gabava de ser mestre no assunto. «Traz a pá,» disse-lhe Emmy, interrompendo bruscamente as gabolices do rapaz.

Pôs-se em seguida a caminho de um

pântano que ficava por trás da planície, acompanhada por doze de nós. Parou ao lado de um pequeno lago, num ponto em que este estava quase seco, mas onde a terra permanecia encharcada. Depois de examinar cuidadosamente o terreno, traçou um quadrado no chão com o dedo grande do pé.

«Nós pescamos aquí. Você cava,» ordenou ao nosso técnico em questões de pescaria.

Quando o buraco tinha atingido a profundidade de cerca de 60 centímetros, ela afastou o rapaz, empurrando-o de leve, e acocorou-se ao lado da cavidade. Esperou que esta se enchesse de água, e de repente meteu a mão por alí dentro, e apanhou um truta. «Tem mais,» anunciou, com o laconismo de sempre, e lá se foi para casa, como se nada mais tivesse a ver com aquilo.

De fato, não nos enganara. Enchemos de trutas a metade de um saco de pano grosso. A julgar pelo jorro de água que enchera o buraco, pareceu-nos que ela descobrira uma corrente subterrânea.

Quando instalamos no acampamento o abastecimento de água, precisávamos de um tubo para a canalização. Claro está que recorremos a Emmy. Começamos a pagar-lhe em rações, mas ocorreu-lhe outra idéia. Queria que os nossos mecânicos ensinassem Charlie a pôr em funcionamento o motor a gasolina que herdaram do pai.

Quando o capelão trouxe um projetor cinematográfico e uma película (a primeira que víamos em oito meses), Emmy e os irmãos foram nossos convidados de honra. Depois da exibição, perguntamos-lhe se gostaria de morar numa cidade, ter lindas roupas, e vir a ser talvez uma estrela de cinema.

Ficou louca pela música. Quanto às estrelas, porem, declarou: «Bonitas—muito! Mas não está vivendo o que faz. Eu vivo tudo que faço. Muita liberdade aquí. Muito ar.»

Recebemos algumas revistas cinematográficas que lhe demos de presente. As modas e fantasias não lhe causaram grande impressão, o mesmo não sucedendo com os agasalhos de pele que as estrelas ostentavam em várias fotografias.

Ela própria possuía o mais lindo abrigo de peles de raposa que jamais tive ocasião de ver, e o costume que usava nos dias mais frios, sob um casaco grosso, era macio como camurça. A mãe mastigara durante seis meses o couro de uma pele de caribú, para chegar àquele resultado. Um dos rapazes ofereceu-lhe 250 dólares pelo costume. A resposta foi categórica: «Não vende.»

Duas semanas depois, vi o casaco nas costas de um rapazinho que trabalhava conosco, e fora acometido de pneumonia. Emmy lhe fizera presente dele, sem aceitar um centavo em troca, e mostrou-se ofendida quando o rapaz sugeriu devolvê-lo, mais tarde.

Nossa pequena amiga tinha tambem um quê de ardente e belicoso. Quando quer que encontrasse alguma bóia japonesa, flutuando por alí ao sabor das ondas, tratava logo de reduzí-la a pedaços. Ao lhe perguntarmos a razão daquilo, seus olhos lançaram faiscas, mas contentou-se em cuspir para o lado.

Repetimos a pergunta a Charlie, e soubemos então que Emmy disparara o primeiro tiro lançado contra os japoneses de território americano. Ao que parece, os pescadores japoneses tinham querido apoderar-se de suas redes, pouco antes do ataque a Pearl Harbor. Desembarcaram adiante da cabana, instalando um acampamento. Emmy, que os vigiava de longe, percebendo o que pretendiam, armou-se de um fuzil, e abriu fogo sobre o acampamento. Os japoneses correram para seus barcos, e nunca mais voltaram.

Estávamos preparando presentes de Natal para Emmy e seus irmãos, quando recebemos ordens de partir. Acabávamos justamente de construir um carrinho de madeira para Herman—que o pai havia começado e não pudera acabar.

Como a baía estivesse gelada, partíamos de avião. A temperatura era de muitos graus abaixo de zero na manhã em que levantamos vôo; Emmy lá estava, de pé à porta da casa, com a cabeça descoberta, a nos acenar adeus. O piloto inclinou o aparelho numa saudação à viva e corajosa moça que tantos serviços nos prestara.

Anedotas

¶ Bismarck foi decerto um dos maiores amigos que o fumo já teve. Quando, após a guerra franco-prussiana, Jules Favre se avistou com ele para discutirem os termos da paz, o Chanceler de Ferro ofereceu um charuto ao delegado francês. Este respondeu que não fumava, ao que o prussiano redarguiu com a sua imortal defesa do tabagismo:

«Pois faz muito mal! Quando um homem começa uma discussão que possa facilmente degenerar em acalorada disputa, ou ao menos dar lugar a uma explosão de mau gênio, é sempre melhor fumar enquanto fala. Veja o senhor: segurar na mão um charuto, e tratá-lo com cuidado, é uma coisa que serve, em certa medida, para controlar nossos gestos. É uma espécie de diversão: os olhos seguem involuntariamente as espirais azues do fumo que sobe; o efeito é calmante, sente-se a gente de melhor humor, e até mais inclinado a fazer concessões—e como sabe, nós, os diplomatas, vivemos sobretudo de fazer contínuas concessões... É verdade que o senhor, na qualidade de não fumador, tem sobre mim esta vantagem: está mais atento, em guarda, e observa melhor; mas, por outro lado, está mais sujeito do que eu a se deixar guiar pelos impulsos do momento!"

—Stanley Walker, no *This Week*

¶ Havia um ator que sistematicamente embirrava com a indumentária que lhe era distribuida, e sempre cobiçava as roupas dos seus camaradas de cena. Andávamos a certa altura ensaiando uma peça em que, para o melhor equilíbrio do efeito cênico que eu pretendia, se tornava indispensavel que ele envergasse certo traje. Fiquei logo certo de que o nosso ator levantaria objeções, de maneira que mandei fazer o *costume* cuidadosamente à medida dele, e fi-lo vestir a um personagem secundário, que logo se tornou por isso uma figura excessivamente visivel e embaraçosa em cena. Conforme eu previra, não tardou que o meu galã me puxasse pela manga do casaco para um canto:

—Olhe aquí, este meu traje... Claro, é uma coisa bonita! Mas aquele outro—mesmo no canto—V. não acha que ele devia estar mais para o centro da cena?

Concordei que efetivamente...

—Você não acha—continuou o ator—que seria conveniente se eu o pusesse em vez deste?

Concedí que lhe havia de ficar muito bem. O homem sumiu, e daí a nada reaparecia... com o *costume* do outro camarada! Era o que eu queria.

—Coisa mais esquisita! disse o ator. —Até parece que foi feito à minha medida!...

—W. Graham Robertson, *Life Was Worth Living* (Harper)

Até os campos de batalha já produzem hortaliça...

Hortas por detrás das trincheiras

(Condensado do «Leatherneck») • *Pelo sargento George Doying*

Foi no dia de Natal do ano passado. Os fuzileiros navais de certa base avançada do Pacífico esperavam na fila a vez de receberem a «bóia» das mãos do cozinheiro. Mas que surpresas pode esperar um soldado em campanha, tão longe, mesmo no Dia de todos o mais Santo? Um dos fuzileiros, ao chegar à vista do refeitório, deu um pulo e esfregou os olhos, julgando que sonhava: o cozinheiro estava servindo *espigas de milho cozido!* Era a primeira vez que o fuzileiro via um vegetal fresco, desde que saira dos Estados Unidos.

Naquele dia todo o mundo comeu milho verde: 15.000 espigas do famoso Golden Bantam. Perto de 3.000 hectares de terras, até alí selvagens, estão hoje sob cultura desde Guadalcanal até Bougainville. Casos há em que os soldados-lavradores andam arando a terra sob o fogo da artilharia japonesa; mas os primeiros, que por alí meteram os arados à terra, iam sempre de espingarda a tiracolo, para o caso de lhes surgir algum atirador japonês, que por alí tivesse ficado esquecido...

Essas hortas de guerra produzem quase tudo o que se cria nas fazendolas dos Estados Unidos, mas as ricas terras e as cinzas vulcânicas chegam a dar quatro colheitas ao ano, e o fato é que, para o ano corrente, se espera um rendimento superior a 150.000 toneladas, num valor de mais de 11 milhões de dólares.

No outono de 1942, dois oficiais de Marinha, preocupados com a melhor maneira de enriquecer a dieta dos combatentes sem prejudicar as exigências de carregamento dos materiais de guerra, tiveram a luminosa inspiração de ensaiar horticultura naquelas regiões onde sempre escassearam as verduras comestiveis. Até então, só em pequenas quantidades fora possivel mandar melões e alfaces aos soldados, e mesmo para isso eram precisos navios dotados de frigorífico. O que era viavel, sim, era remeter-lhes sementes e alfaias agrícolas. Isso se fez.

Quando a primeira plantação de abóboras e melões começou a dar flor, os homens meteram-se quase de rastos ao longo dos regos, penosamente fecundando as flores à mão, uma por uma. Em Guadalcanal não havia abelhas, e foi preciso importá-las: mas todas as colméias que alí chegaram foram devoradas pela passarada. Só quando os pequenos rebentos dos melões começaram a despontar em plantas que não tinham sido alcançadas à mão, é que os homens descobriram que as formigas, afinal de contas, tambem têm seu quê de aproveitavel. São elas hoje que realizam alí toda a fecundação, levando o polen de um lado a outro.

Já os fuzileiros e soldados de Guadalcanal estão à espera do dia em que possam comer banana na sobremesa. A maneira de experiência, já plantaram mudas de bananeira e um quarto de hectare de abacaxí havaiano. Se a experiência pegar, haverá bananas antes de findo o ano.

Os japoneses tambem têm hortas
—mas não as gozam muito...

Isolados da navegação, e mesmo dos aviões que lhes poderiam lançar mantimentos em paraquedas, em muitas ilhas do Pacífico tais como Bougainville, os japoneses tambem arrotearam algumas terras para fazer hortas. Em volta destas, dispuseram pesadas defesas antiaéreas.

Os ianques deixam que o inimigo cultive as suas hortas até quase chegado o momento das colheitas; então, despejam em cima delas as suas bombas cheias de gasolina ou óleo Diesel e providas de uma carga especial para esparzir o líquido. As plantas que não ficam queimadas, o óleo arruina-as, e os japoneses vêem-se assim forçados a apertar o cinto, e a refazer as suas culturas.

—Joseph Israels II, oficial de comunicações, Serviço Marítimo dos E. U. A. no Pacífico Sul.

As virtudes da feiura

¶ Se alguma vez for a Londres, não deixe de visitar a National Portrait Gallery (Galeria Nacional de Retratos), que é, de fato, um museu interessantíssimo. Lá encontrará retratos de todos os homens que, nos últimos quatro séculos, tiveram alguma eminência em qualquer profissão, na Inglaterra. E por certo reparará que são quase todos muito feios: grandes arcebispos, ilustres sábios, estadistas ou homens de negócios.

A feiura tem valores morais positivos. Em primeiro lugar, aos que dela são vítimas o amor não vem com facilidade; e esse fato apenas estimula-os ainda mais à conquista, armados somente com as suas realizações, e não com uma aparência agradavel.

Alem disso, temos em geral uma tendência a nos predispor favoravelmente em relação à feiura num homem, desde que venha acompanhada de força. Um homem realmente feio quase nunca provoca o ciume (nem a indiferença) daqueles que lhe estão em posição superior na vida. Lembramo-nos sempre mais intensamente de uma pessoa que tenha traços pouco comuns, do que de uma que nos apresente uma cabeça bonita, mas sem originalidade.

André Maurois, no *This Week*

Que calor, hein?

¶ É muito comum iniciarmos uma conversa com alguma observação sobre o tempo; no entanto, há quem despreze esse assunto de palestra, julgando-o vulgar ou sem originalidade, e mostrando, assim, uma total ignorância dos motivos que levam os seres humanos ao desejo de se comunicarem uns com os outros. Muito poucas pessoas «entram na conversa» com a esperança de aprender algo de novo. A conversação deveria ser apenas uma espécie de zumbido cheio de simpatia e compreensão. É por isso que o tempo é um tópico tão util, pois, com ele, as pessoas compartilham de uma experiência comum a todos, e «zumbem», por assim dizer, no mesmo tom... Tendo chegado a essa harmonia, avançam, em passos mágicos, até outros setores, outras experiências comuns, e, à medida que prosseguem, vai-se formando uma agradavel melodia na conversa, que se poderia comparar ao suave ruido de uma piorra rodopiando no chão. E aí está o segredo de uma boa «prosa»: a descoberta constante de novas notas de simpatia e de mútua compreensão.

Robert Lynd, Appleton-Century, Ed., em *The Money Box*

Meu triunfo sobre os espantalhos

(Condensado de «A Fortune to Share»)

Por Vash Young

Eu sou uma dessas criaturas de sorte, que tiveram a ventura de herdar uma fortuna, a qual me veio ter às mãos, após anos de pobreza e vida atribulada, em virtude de uma morte que eu jamais lamentei. Aquele que me legou essa fortuna foi o meu antigo «eu», que morreu vítima de amor-próprio, desconfiança, pessimismo, inveja, preocupações... Administrando essa herança com prudência e cautela, obtive êxito na vida.

Exercia a profissão de agente de publicidade em Nova York, e, apesar de muita inquietação e revolta íntima, ganhava modestamente a vida, sem entretanto saber viver. Não tinha a mais leve idéia de como a felicidade poderia ser alcançada. Era ao tempo da lei seca, e certa vez me vi tão acabrunhado, que cheguei até a pensar em suicídio, crendo que a outra vida não podia ser peor do que a presente.

Ocorreu-me então uma singular idéia. «Suponha que você é dono de uma fábrica,» disse a mim mesmo. «Haveria alguma razão para manufaturar nela somente artigos inuteis? Você deixaria que essa fábrica funcionasse com o único propósito de lhe dar prejuizos? Pois bem: você possue uma fábrica—a do pensamento, e dela é a um tempo—proprietário, gerente, e vigia, e nela só se produz o material que você mesmo idealiza...»

«Uma fábrica de pensamentos! É isso o que você tem dentro de si,» repetí concientemente—«uma fábrica de pensamentos—e tem feito dela uma coisa imprestavel. Examine os seus produtos: medo, preocupação, impaciência, cólera, dúvida. Tal fábrica é uma séria ameaça para você, e uma cacetada para os outros.»

Evidente! Por que não pensei nisso antes? Resolví então remodelar a «fábrica» e comecei por fazer uma lista das qualidades que me pareceram mais duradouras e nobres. Eram: amor, coragem, alegria, energia, compreensão, tolerância, franqueza, generosidade, justiça... Nove senhas maravilhosas! E noite após noite fiquei a pensar nessas palavras, fixando-as no meu conciente, decidindo-me a fazer delas *um roteiro para minha futura conduta*. Sim, porque essas palavras são positivas, dominantes; mais fortes do que suas antônimas. Era preciso vivê-las!

Em primeiro lugar, resolví que deveria esforçar-me por dominar o medo, sentimento que me havia subjugado toda a vida. E a coisa que eu mais temia era perder o emprego. Então, para dominar esse medo, propositadamente pedí minha demissão, e na manhã seguinte achava-me na rua, com menos de 100 dólares no bolso e mulher e filho para sustentar. Mas não há sensação mais agradavel do que a da vitória sobre nós mesmos...

Comecei então a trabalhar como agente de seguros, uma das profissões mais árduas nos Estados Unidos devido à forte concorrência. Tinha de me esquecer de mim próprio, pôr de lado o passado, deixar o futuro a si mesmo e concentrar toda a minha energia no presente. Sempre que um pensamento negativo assaltava a minha mente, eu imediatamente me punha a pensar em coisas construtivas. É um bom hábito, que qualquer pessoa pode adquirir, e verá que as idéias sãs e

construtivas subjugam as pessimistas.

Por algum tempo, eu e minha família passamos por dificuldades financeiras, mas assim mesmo nos sentíamos felizes, porque juntos estávamos vencendo uma série de batalhas. Uma delas, a primeira, foi quando tive de me desfazer de todos os hábitos que me pareciam prejudiciais, e dessa forma, de um dia para outro, abolí as bebidas, o fumo, café e chá da minha rotina diária. Vencer esses hábitos foi de fato uma grande vitória, e a primeira vitória torna as outras mais faceis.

Minha segunda luta teve por fim derrotar o egocentrismo. Minha situação se tornara desesperadora e decidí tomar enérgicas decisões. «Quando nos sentirmos realmente côncios das nossas necessidades, façamos algum benefício a alguem,»—foi o que estabelecí para meu lema. Desde esse dia, durante todo um ano, eu ia aos domingos a um hospital infantil cantar para as crianças paralíticas; e, antes de terminar o ano, tinha ganho dinheiro. Pelo simples motivo de não ter ambicionado o lucro imediato, havia descoberto rendoso meio de vida.

Minha terceira batalha cifrou-se na convicção firme de não deixar que nenhum negócio pudesse afetar a minha paz de espírito, mesmo que fracassasse. Mas, vitorioso nessa luta contra a decepção, eu ainda precisava dominar a cólera. Um incidente inesperado foi a causa desse êxito, de valor inestimavel para mim. Certo dia, cansadíssimo depois de ter trabalhado até tarde, tinha chegado à estação e ia entrar no trem subterrâneo, quando o guarda, sem nenhuma consideração, fechou-me a porta à cara. Não haveria outro trem senão 15 minutos depois, e bem se pode imaginar a minha raiva. Pus-me a esbravejar contra o guarda, mas de súbito refletí. Porque desperdiçar inutilmente o pouco de energia que me restava? Nesse momento, olhando em meu derredor, vi uma mulher que sobraçava uma criancinha e uma valise. Aproximei-me dela, e perguntando-lhe se lhe podia ser de algum auxílio, tomei-lhe a valise, chamei um taxi e a levei até à sua casa. Quando, duas horas depois, estava de volta, todo o meu cansaço havia desaparecido e eu me sentia realmente feliz. Desde então tomei como hábito fazer benefícios.

O assunto «medo» sempre foi um dos meus preferidos. O medo é realmente o peor inimigo de muita gente. Ao lermos certas biografias, deparam-se-nos capítulos que estudam o sentimento do medo, e podemos observar, no curso da leitura, que as grandes figuras foram muitas vezes os homens capazes de vencer o medo. Poucas pessoas passam pela vida sem terem tido pelo menos uma grande oportunidade; entretanto, o simples fato de não terem sabido aproveitar o «momento da boa fortuna», em geral, liga-se ao sentimento do medo... «Nunca dê aso ao medo,» é uma sábia advertência que nos faz Emerson, e dos grandes líderes da humanidade são idênticos os conselhos.

Não creio que existisse uma criatura mais medrosa do que eu. Nunca houve dúvida, ou inquietação, que não me verrumasse a alma; e posso dizer que temia tudo, inclusive ratos, trovões, professores, brigas, etc. Nos meus primeiros dias como agente de seguros, sentia-me tão nervoso, e apavorado, que o meu estômago nauseado não podia reter o almoço—e eu vomitava... Isso se deu não uma só vez, mas várias, e o motivo era o mesmo: *o temor*. Até costumava rezar, pedindo a Deus que os meus clientes tivessem saido quando eu chegasse...

Certo dia, porem, criei ânimo, e explodí contra mim mesmo. «Seu mísero covarde!» disse, «traça um plano de tra-

balho e logo se esgueira apavorado e deixa que tudo se perca!» E arrematei: «Ande! Vá procurar seus clientes!» E, cheio dessa resolução, fui procurar essas pessoas, tive momentos de agradavel palestra com algumas e vim para casa satisfeito do resultado. Pus-me então a me recordar de que, quando eu era menino, costumavam os agricultores colocar espantalhos para proteger suas plantações. Passarinhos ingênuos, vendo alí aquele grotesco arremedo de homem, equilibrado em suas pernas de pau, com seu paletó surrado, ondulando ao vento, voavam para bem longe, espavoridos; entretanto, logo depois, um pássaro mais ladino vinha debicar tranquilamente bem junto do «monstro», usando os seus braços abertos como poleiros. Ora, desde que me cansei de ser tolo, pus-me a considerar que o medo de enfrentar a vida, com seus altos e baixos, é igual ao de se temer um espantalho; e o domínio sobre as emoções prejudiciais, foi o tesouro incomparavel que herdei.

Mas essa herança, por outro lado, exige que eu a dê em partilha aos meus semelhantes, tudo fazendo para lhes suavizar a existência; e dessa forma, faz dez anos, venho dedicando grande parte do meu tempo a socorrer os outros, e disso me vem um admiravel bem-estar interior... Todos os meus sábados são dedicados àqueles que se vêem em face de algum problema aflitivo; e no distribuir minha fortuna com as pessoas que me procuram nesse «dia das aflições», é que se baseia a minha religião.

Em suma: religião, a meu ver, consiste em dar graças a Deus, todas as manhãs, pelos favores que já recebemos, em vez de lhe pedirmos mais e mais... Consiste em contribuir, cada dia, para a felicidade alheia.

Consiste ainda em telefonar a um amigo em dificuldades dando-lhe uma palavra de conforto; a prática desses misteres estabelece o hábito de pensar um pouco mais no próximo e menos em nós mesmos, e posso garantir que os resultados são maravilhosos. Como agente de seguros, meus planos de venda diferem completamente do que chamamos *vender*. Eu costumo estipular um «valor» para meu cliente, que é sempre expresso numa apólice de seguro de prêmio mais baixo do que ele pode pagar, e deixo que daí a aumente por sua espontânea vontade. Assim poderá ele decidir folgadamente, com liberdade. A intenção principal, nas minhas atividades, é fazer que a pessoa a quem procuro se sinta satisfeita ou feliz com a minha visita. E em muitos casos, os negócios se realizam facilmente.

Minha religião consiste tambem em realizar cada dia mais tarefas construtivas do que as planejadas anteriormente. É tambem exercer domínio constante sobre as emoções nefastas e as ambições desmedidas. É ainda encorajar o trabalho alheio, em que descubro certo mérito. Em suma, é desenvolver mais o hábito de oferecer do que o de solicitar...

Finalmente, religião para mim consiste em viver neste mundo como julgamos iremos viver no outro, sem egoismo, ostentação, cobiça, inveja, ódio. O paraiso é sem dúvida resplandescente de vibrações positivas, como o amor, a alegria, a lealdade, e integrando essas qualidades no curso diário da nossa vida, conseguimos estabelecer um pouco do céu na terra... Será tolice querer desviar essa corrente de bons sentimentos, que fazem a existência sã e proveitosa. Eu, por mim, deixei-me impelir por ela, e dela me saturo; e assim, me assenhoreio dos prazeres reais da vida—o grande tesouro de que falei acima—e o qual estou disposto a dividir com os meus semelhantes.

UM GENERAL Amigo de sua tropa

(Condensado do «American Legion Magazine»)

Por Frederick C. Painton

Omar Bradley, comandante de campanha da Infantaria Americana na Europa, é um homem de decisões calmas, e pulso firme; sua tropa lhe tributa grande admiração.

EM MARÇO DE 1943 foi que o general Omar Nelson Bradley, recem-chegado à Tunísia, se iniciou na função de comandante do Segundo Corpo de tropas americanas. Foi por essa ocasião que um de seus ajudantes me disse: «Aposto que daquí a um ano veremos Bradley com três estrelas, no comando superior de campanha.»

É natural, pensei, que um ajudante tenha o seu general na mais alta conta, e, por isso, a essa observação apenas sorrí. Mais tarde, naquele mesmo dia, me foi dado ver Bradley em plena ação, na batalha de Maknassy. Aí ele se me revelou um homem de estatura acima da mediana, de pernas compridas e meio desengonçado; usava uma jaqueta de campanha meio surrada, calças de campanha e reiunas. As estrelas, que se viam no seu velho capacete de aço, eram os únicos distintivos do seu posto. Apresentava traços daquela feiura simpática de Lincoln, notando-se, através dos óculos de aros de tartaruga, o brilho fixo de seus olhos agateados. Sua voz moderada e mansa não revelava nos momentos de calma a inflexão de que era capaz nos transes da luta.

A opinião que formei sobre Bradley, naquele dia, foi a de que se tratava de um homem bastante agradavel, faltando-lhe porem aquela «bizarria» que se atribue aos grandes generais. Pelos meados de abril, como suspeitara o seu ajudante, Omar Bradley estava no comando do Segundo Corpo. Em julho, já havia sido promovido a tenente-general e em agosto a sua fama de mestre da estratégia era conhecida de milhares de oficiais, que lhe tributavam louvores. Mediante tal proficiência, foi por fim escolhido por Eisenhower para comandar as forças de infantaria americana na invasão da Europa.

O general Bradley nasceu em 1893, na cidade de Clark, no Missuri, sendo filho de um mestre-escola que incutiu no rapaz o gosto pelas caçadas. O pai morreu quando Omar contava uns 13 anos, e um amigo da família sugeriu então que a Academia Militar de West Point seria o melhor para um menino que desejava aprender e não dispunha de meios. E, consoante esse alvitre, ele entrou para aquela famosa escola, onde se formou em 1915, fazendo parte de uma turma de 164, dos quais 30 já atingiram o posto de general—inclusive o próprio Dwight Eisenhower...

Bradley foi um dos bons jogadores de beisebol na Escola; do seu time sairam oito generais. Ele ainda hoje tem grande entusiasmo pelo jogo e não perde uma partida, quando dispõe de tempo. Não obstante isso, Bradley disse há tempo ter estimado que o Campeonato de Beisebol do ano passado se tivesse decidido depressa, pois assim as tropas puderam dar toda

a atenção à guerra. E, mais do que ao plano dos generais, afirmou, deveu-se àquele fato ter chegado tão rapidamente a termo a campanha da Sicília...

Dizia-se de Bradley, ao tempo da Escola Militar, que a sua mais pronunciada caraterística era «ganhar terreno»; ora, tendo entrado para a infantaria, está presentemente, como um dos chefes da invasão, no seu elemento de «ganhar terreno», precisamente, onde esse ganho é de vital importância. Mas, para alcançar tal posto, levou 25 anos. «No Exército», confessou certa vez o general, «eu já executei todos os serviços possiveis—e passei 25 anos procurando explicar por que não participei das forças expedicionárias americanas da outra guerra mundial. Felizmente—concluiu—desta vez não perderei tempo com tais explicações...» Ao rebentar a presente guerra, o general Bradley nunca ouvira um único disparo em batalha. Muitos outros oficiais tinham experiência de combate, e ele julgava que esses seriam preferidos, antes que chegasse a sua vez.

Omar Bradley era, porem, «um homem marcado» para o posto que ocupa. Nas suas aulas e preleções militares, sempre deu mostras de conhecer a fundo as leis de estratégia e de tática, vendo-se nele, pois, o homem talhado para o alto comando. Em 1941, percebendo essas qualidades, o General Marshall, chefe do Estado Maior, promoveu-o ao posto de general de brigada e lhe deu poderes para desdobrar a pequena escola de infantaria, que ele dirigia em Fort Benning, transformando-a numa portentosa instituição capaz de treinar de uma vez 14.000 aspirantes a oficial. Bradley desempenhou maravilhosamente bem essa missão, e ainda se divertiu muito, pois realizou magníficas caçadas ao redor da escola. E, não raro, os próprios estudantes eram companheiros do chefe nessas correrias pelos matos...

O comando supremo do Exército ia notando que Bradley dispunha de todas as qualidades de um chefe, e assim é que, em fevereiro de 1942, foi elevado ao posto de major-general, tendo recebido a incumbência de organizar a primeira divisão de tropas aéreas de assalto, que tomou a classificação de 82ª.

Escolhido de preferência a oficiais de mais anos de serviço, foi mandado para a África do Norte, em fevereiro de 1943, como ajudante do general Patton. Em maio substituía esse general-comandante, e, em diversas ocasiões críticas, foram a sua tática e seu grande senso de precisão que surpreenderam os alemães, levando-os à derrota.

Uma das máximas favoritas do general Bradley diz assim: «Ataque-se o inimigo duas vezes: primeiro para provar a sua resistência; e depois, naturalmente, para derrotá-lo.»

Foi em abril que o comando supremo decidiu enviar o Segundo Corpo de Infantaria de Bradley a uns 400 quilômetros mais ao norte, afim de fazer um ataque de surpresa, naquele setor da Tunísia. Movimentar 50.000 homens, 10.000 veículos e enormes quantidades de aprovisionamento—é um problema sério, seja onde for. Desta vez as tropas tinham que se locomover à noite, afim de escapar à vigilância dos aviões inimigos e aos seus foguetes iluminativos. As estradas que Bradley tinha que usar cortavam em determinado ponto as linhas este-oeste de abastecimento do Primeiro Exército inglês, que a esse tempo batalhava contra as tropas alemãs de Von Arnim. É claro que se os veículos de Bradley atravancassem essas estradas, mesmo apenas algumas horas, o resultado poderia ser crítico para os aliados.

Bradley estudou esse trajeto até os mínimos segundos; o inimigo nunca deu pela sua passagem, nem o transporte de material inglês sofreu a menor interrupção. Antes da execução do seu complicado plano, Bradley estava sempre no meio de um e de outro grupo de oficiais, traçando o roteiro com um pau na areia do deserto, pois é opinião sua que num exército certos planos devem ser do conhecimento de bom número de auxiliares.

No seu ataque de surpresa, seguiu ele uma tática inesperada. Em lugar de avançar pelo vale, onde havia caminhos naturais (e tambem alemães), o nosso general fez que suas forças marchassem pelo alto dos serros, e, como fosse o trajeto mais dificil, os inimigos não julgaram que ninguem o preferisse, sendo portanto colhidos de imprevisto. «Atacamos do alto das montanhas,» disse Bradley no seu relatório ao General Marshall, «e embora esse lado apresentasse grandes dificuldades, no transporte do material, concorreu entretanto para reduzir o número de nossas baixas e dar-nos posição para um rápido flanqueamento do inimigo.» Umas seis semanas depois disso, dava ele outro quinau nos alemães, cujas defesas, em Bizerta, gravitavam em torno do morro «609», um pico de uns seiscentos metros de alto e que dominava toda a redondeza. Aí tinha o inimigo colocado tropas escolhidas, a famosa Divisão Goering, sendo esse setor protegido ainda, nos flancos, pelo regimento de paraquedistas de Barenthin—tropa que, como se viu depois, lutou até quase o último homem.

A 34ª Divisão das forças americanas procurou tomar de assalto a colina «609», mas teve que retroceder. A Primeira Divisão tambem lançou um ataque pela direita, e não foi avante. Mas enquanto isso, a Primeira Divisão Mecanizada, que esperava nos vales, não poderia passar, antes que o morro fosse tomado. Bradley considerou bem o problema topográfico de dentro do seu jipe e depois se enterrou no estudo dos mapas da região...

O general sabia que os alemães tinham colocado a maior parte dos seus canhões anti-tanques ao sul desse setor, temendo uma investida dos ingleses. O terreno não era apropriado ao manejo de tanques, mas Bradley enviou dez possantes «Shermans» ao redor da colina «609», afim de cortar a linha de abastecimento do inimigo e combinar o seu esforço com um ataque que a 34ª Divisão devia fazer. A luta foi terrivel, mas a colina foi vencida. E, a seguir, realizou-se a avançada da Primeira Divisão Mecanizada americana, que penetrou pelo vale,—e sete dias depois dava-se o colapso geral das forças alemãs. Grandes segmentos de tropa inimiga, isolados pela tática de Bradley (a que ele chamou «estratégia de ratoeira»), iam-se rendendo, chegando a um total de 37.000 prisioneiros.

Poucas vitórias de tal magnitude foram obtidas com tão pequena perda de vidas —351 americanos e 70 franceses. Por isso é que chamam Bradley «o amigo da tropa», por conseguir tão baixa média de mortes, o que ele alcançou, nesse caso, por ter colocado os hospitais de pronto socorro e estações de evacuação o mais próximo das linhas de fogo que já se havia visto. Esse fato não só ajudou a salvar muitas vidas, como manteve, sem nenhuma dúvida, em ótimo estado o moral das forças.

No mais aceso dos combates é onde comumente se vê Bradley, no seu caraterístico jipe coberto de pó, com suas estrelas da insígnia de general presas ao para-choque. E o seu quartel de campanha—geralmente uma tenda ou um rebo-

que-automovel—fica tão perto das linhas de fogo que parece até talvez imprudente para o general.

Bradley tem escapado da morte várias vezes. Na África, uma bomba matou-lhe um ajudante, que caminhava ao seu lado, tendo alguns fragmentos atingido uma carabina que o general levava. Em outra ocasião, ele se acercou demais das posições inimigas, sendo alvejado por um atirador de tocaia. O sargento-chofer parou o carro imediatamente e Bradley teve que retribuir os disparos do inimigo com o seu próprio fuzil. O tocaia fugiu, mas a história circulou, de ter faltado pouco para Bradley «meter um alemão no saco»... Os companheiros gozaram bastante essa pilhéria, porque ele se gaba de ser ótimo atirador. E de fato, no seu tempo da escola de Fort Benning, costumava exercitar-se de manhã matando cobras d'água com tiros certeiros na cabeça... E não há quem não concorde em que isso já é atirar!

Bradley é geralmente muito cortês. São aliás dele estas palavras: «O homem forte não precisa erguer a voz.» É o único general que já vi dizer «desculpe» a um cabo. Sabe-se entretanto, que, havendo ocasião para tanto, ele pragueja. Certa vez, estava submetendo a interrogatório um oficial alemão prisioneiro, quando um auxiliar disparou, acidentalmente, o seu fuzil, vindo a bala raspar rente à orelha de Bradley; este imediatamente bradou: «Mais cuidado com essa porcaria—por favor...»

Outra vez, tendo que passar a noite no acampamento, o general pediu uma pá, afim de aplainar o terreno onde devia armar a sua cama de campanha. Um ordenança se ofereceu para fazer o serviço. «Não, senhor!»—protestou o chefe—«sou eu quem vai dormir aquí, e não você,» e começou a trabalhar com a pá.

E agora, em Londres, nunca aceita que o seu oficial ajudante o auxilie com a maleta: «Deixe-me com isto!»—diz ele. «Há anos que a carrego...»

O general Bradley tem o seu jeito quietão de decidir as coisas. Uma vez um cabo foi-se queixar a ele, de que já estava tardando a sua promoção a sargento. O general começou a perguntar ao cabo certas coisas que ele não soube responder. Então o chefe chamou um sargento, a quem fez as mesmas perguntas, que receberam logo prontas e corretas respostas. O cabo deu meia volta e se foi com a certeza de que ainda não estava preparado para receber as ambicionadas divisas de sargento.

Bradley tem dois vícios: Coca-cola e sorvete. Consome mais sorvete e coca-cola do que qualquer outro no exército. O seu jogo de poquer e de bridge não é bem um vício; não passa de mero divertimento, mas que, não raras vezes, se torna bastante dispendioso.

Ernie Pyle, conhecido correspondente de guerra, observava uma vez que não poderia ser general e tomar decisões que fossem empurrar muitos homens à morte. O general Bradley manteve-se calado um instante. Depois disse: «Às vezes isso é mesmo motivo de insônia,» confessou. «E aliás deve ser duro para os oficiais mais moços. Quanto a mim, afinal de contas eu já venho condicionando meu espírito há 25 anos a essa contingência, e já aprendí a enviar homens para uma possivel morte, sem que com isto ficasse louco...»

Mas os seus soldados sabem que quando o general os despacha a uma missão, é porque ela é indispensavel... E sabem tambem que o chefe tudo faz para lhes poupar as vidas. Por isso é que o estimam, e o consideram, de modo geral, —o Amigo da Tropa!

A história de um pato selvagem que foi o palhaço da nossa casa até o dia em que ouviu novamente o apelo dos espaços

Adeus, Sam, e boa sorte!

(Condensado de «Coronet»)

Por Paul Cranston

SAM CHEGOU-NOS às mãos quando tinha apenas três meses de idade. Foi um presente de casamento dos rapazes do escritório. Vestiram-no, pela ocasião, com uma casaca feita sob medida. O pescoço, coberto de penas, trazia um colarinho de papelão e uma gravata à borboleta. A cartola inclinada para a frente, quase a tocar-lhe o olho direito, completava a indumentária.

«Já ouví falar em muito presente de casamento extravagante; mas pato nunca vi!» observou minha esposa.

«Mas você vai ficar com ele, não vai?» perguntei.

Como Sam olhasse para ela, àquele mesmo instante, a coisa ficou decidida.

Pareceu-nos natural dar-lhe o nome de Sam, e dir-se-ia que ele tambem aprovava a escolha. Ao lhe gritarmos o nome, de qualquer ponto de casa, respondia infalivelmente com um grasnido.

Instalamos uma casinha para ele na cozinha. Passava os dias a percorrer o gramado como um dono de terras que andasse examinando sua propriedade. Ao cair da tarde, porem, aparecia na porta dos fundos, batendo com o bico na tela, a pedir que lhe dessem entrada.

Sam não queria saber dos horários indicados para a vida de campo. Dormia invariavelmente até oito horas da manhã, mas, 15 minutos depois, já começava a pedir comida. Se até 8 e 15 não lhe trouxessem alimentos, punha-se a grasnar queixosamente em frente à escada da cozinha.

Embora não tolerasse os cães, em geral, travou logo amizade com Mac, nosso cachorro, aninhando-se de encontro ao seu pelo sedoso para a sesta da tarde. Quando algum cão da vizinhança se aproximava dele, seus protestos eram tão violentos, que o animal fugia espavorido.

Sam era um ator de primeira ordem. Deu para seguir minha mulher percorrendo o terreno de nossa casa, e metia-se num canto, enfezado e solitário, ao recebermos a visita de nossos amigos, sentindo-se esquecido e desprezado. Quando, entretanto, todos lhe davam atenção, era capaz de animar a festa um dia inteiro.

Ao completar Sam dois anos de idade, minha mulher decidiu que era tempo de arranjar-lhe uma companheira. Eu, por mim, tinha lá minhas dúvidas a esse respeito. Os homens—mesmo aqueles que fizeram um casamento feliz—respeitam sempre o bem-aventurado celibato dos machos—sejam eles seus iguais, ou patos. Mas todas as mulheres têm uma tendência a favorecer as alianças. Certa noite, ao regressar, encontrei Sam no gramado, às voltas com uma pata branca.

«O nome dela é Gertrudes,» explicou minha mulher. «Levei Sam à fazenda dos Johnsons e, no meio de todos aqueles patos, ele nem hesitou—foi direitinho ao encontro dela.»

Quanto mais gárrulo e petulante Sam se mostrava, tanto mais tímida era Gertrudes. Ele repartia a comida com ela, cedendo-lhe, no jardim, os seus ninhos favoritos. Como a casinha que tínhamos construido para ele fosse pequena demais para os noivos, preparamos-lhes outra, junto à varanda do fundo.

Era um verdadeiro idílio. Durante todo o inverno, os dois andavam sempre por alí, ao redor da casa. Ao chegar, porem, a primavera, começamos a notar que Sam já não era o mesmo. A despeito do conforto que desfrutara até então, o apelo da aventura vinha forte demais.

A primeira vez que Sam levou sua pequena companheira até o bosque, compreendemos que a natureza terminara por conquistá-lo, e que ele nunca mais seria o mesmo—a alegria da casa. Iam cada dia um pouco mais longe, Gertrudes grasnando, de quando em quando, da mesma forma por que as mulheres protestam quando os seus companheiros se lançam nalguma empresa arriscada.

Uma noite, Sam e Gertrudes não voltaram.

Com o auxílio de Mac, demos uma busca nos bosques vizinhos e nos riachos, chamando-o pelo nome. Por duas vezes, pareceu-nos que Mac lhes tinha descoberto a trilha—mas perdeu-a de novo. Era desolador pensar nos dois, perdidos na floresta, pois não faltavam, por alí, doninhas e raposas.

De madrugada, ouvimos de repente o grasnido de Sam. Era como um queixume que se foi tornando cada vez mais alto. Lá estava ele, sozinho, rondando à volta da casa, tão depressa quanto lhe era possivel.

Ao abrirmos a porta, veio ao nosso encontro, e pôs-se a dar-nos pequenas bicadas nos pés. Como o seguíssemos até a varanda, começou a agitar a cauda em sinal de alegria e gratidão. Guiou-nos pelo campo em fora, atravessando o bosque em direção ao riacho. Olhando para trás, como que para certificar-se de que ainda estávamos alí, começou a nadar corrente abaixo, e apressamo-nos em seguí-lo. Numa curva do riacho, ganhou de novo a margem. Demos, por fim, aos nossos pés, com uma pequena forma branca. Era o corpo de Gertrudes.

O único sinal de violência era uma ferida quase minúscula que trazia no pescoço. Fora atacada por uma doninha. Levamos Gertrudes para casa, enterrando-a perto da varanda.

Sam ficou desconsolado vários dias. Recusava-se até a comer seus petiscos favoritos. Decidimos fechá-lo numa gaiola, persuadidos de que assim ele esqueceria mais depressa o que se passara, voltando a andar pelo jardim, como o fazia outrora. Ele porem lutou quanto pôde por que o soltássemos de novo. Sempre que o fazíamos, corria para o ponto onde Gertrudes morrera. Alí ficava horas a fio, recusando-se a voltar, até que o tomássemos nas mãos, levando-o para casa à força. Emagreceu tanto, que as pernas já mal podiam sustê-lo.

Nos começos de setembro, um par de patos selvagens, a caminho do sul, pousou num pequeno lago que ficava no vale, a cerca de uns dois quilômetros da nossa casa. Como o tempo tivesse aquecido um pouco, alí se deixaram estar por quase duas semanas. Todos os dias costumávamos vê-los nadando lado a lado. Certa manhã, porem, um dos patos desapareceu. Um menino da vizinhança, filho de um fazendeiro, não resistira à tentação de tomá-lo por alvo.

A companheira desolada lançou-se à procura dele, e os seus grasnidos eram queixumes de partir o coração. Sam, que se achava a cerca de quilômetro e meio

dalí, na sua eterna vigília, ouviu e compreendeu. Encontraram-se a meio caminho—Sam desajeitado, com suas asas brancas que ainda não sabiam voar, e o pássaro selvagem de plumas luzidias, cor de bronze—asas firmes e fortes. Achariam porem no pequeno riacho um terreno comum que convinha a ambos. Sam não voltou mais para casa.

Ao passarmos por alí de automovel, costumávamos vê-lo frequentemente. A graça um tanto cômica de Sam tinha conquistado o afeto daquele pássaro bravio, tal como conquistara o nosso, pois ele foi ficando por aquelas paragens, muito depois que os bandos de patos que fugiam do norte cruzaram os céus, por sobre o vale.

Sam engordou a olhos vistos. Suas penas se tornaram de novo lustrosas e macias. Descíamos às vezes até a margem do riacho, e ele, ao ver-nos de longe, agitava a cauda em sinal de regozijo. Cabia-lhe porem escolher entre nós e a sua nova companheira. A escolha tinha sido feita. Era inutil tentarmos levá-los para um mundo que, segundo percebera vagamente, seria totalmente estranho para ele.

À medida que os dias se foram tornando mais frios, passamos a vê-los cada vez menos. Mas, certa manhã, deparamos de repente com um espetáculo tão inesperado, que custamos a crer nos nossos próprios olhos. Uma singular parada atravessava os pântanos, chefiada por Sam que, visivelmente, não cabia em si de orgulho. Logo atrás vinha a pata selvagem, seguida por cinco patinhos em fila—e que patinhos!

Dois eram evidentemente da raça do pai—brancos, com patas e bicos amarelos. O terceiro era selvagem, e os outros dois, nem uma coisa nem outra.

Ao nos aproximarmos, Sam hesitou alguns segundos, como que a recordar o passado. Depois, saudando-nos com o grasnido de costume, mergulhou no riacho, seguido de perto pela família.

A «senhora Sam» bateu um pouco as asas desajeitadamente, ao tocar a superfície da água, e tivemos a impressão de que só o dever materno conseguiu impedí-la de alçar vôo, obedecendo ao instinto natural. Sam fez um círculo à volta dos seis, lançando apenas um olhar em direção a nós. Depois, como a um sinal convencionado, lá se foram os sete rio acima.

Parece-me que o nosso velho Sam compreendera que não podia correr o risco de separar-se da sua estranha família, que era, a um tempo, do céu e da terra. Quando dobraram a curva do rio, nós os perdemos de vista para sempre.

Espero que tenham encontrado uma região propícia. Ainda que seja por pouco tempo, é o que lhe desejo de todo o coração, meu velho Sam.

¶ Perguntaram a um velhote londrino, um desses tipos fleugmáticos britânicos, se ele não ficava amedrontado, durante o *blitz* aéreo nazista. «Não senhor,» foi a resposta. «É uma questão de probabilidades. O inimigo tem, primeiro, que atravessar o Canal—o que não é coisa facil. Depois tem que passar pela defesa da costa. Depois vem o Tamisa. E Londres—bem visivel... Mas ele ainda tem que encontrar o bairro de Ammersmith; depois a rua Acácia; depois o número 87; nessa altura eu estarei provavelmente no botequim...»

—*L. & N. Magazine*

Guia nas trevas

(Condensado do «This Week Magazine»)

Por Achmed Abdullah

AO CAIR DA TARDE, a enfermeira telefonara ao coronel (chamar-lhe-emos Rutgers Beekman—nome, aliás, semelhante ao verdadeiro)—afim de informá-lo de que o filho ia tão bem quanto o permitiam as circunstâncias, e seria operado incontinenti.

Pai e filho se achavam na Inglaterra—o primeiro servindo no Estado Maior do general Eisenhower, o segundo, um jovem tenente da marinha, que chegara àquele dia num transporte aéreo, gravemente ferido.

Ao suplicar o coronel que lhe deixassem ver o filho, disseram-lhe que era impossivel. Nem sequer lhe permitiriam entrar no hospital, para evitar que o rapaz sofresse quaisquer emoções.

«Mas ele nem precisa saber»...

«Ainda que não saiba, sentirá provavelmente a sua presença,» respondeu a enfermeira. «Logo depois da operação, o senhor será chamado.»

O coronel Beekman ficou à espera, no seu pequeno apartamento, a andar, inquieto, aflito, de um lado para outro... Finalmente, a campainha do telefone rompeu o pesado silêncio. A operação estava finda, o paciente já voltara a si da anestesia. O coronel podia ir ver o filho.

Desceu a escada, quase a correr. Ao chegar à rua, viu que um espesso nevoeiro, como os há frequentes em Londres, se tinha estendido sobre a cidade. Felizmente, o hospital se achava a pequena distância. Uns quarteirões, apenas. Sem embargo, não lhe foi possivel orientar-se, e, dentro em pouco, se achava completamente perdido. A cerração, agravada pelo blacaute, cobria as ruas, os edifícios, e os raros transeuntes que passavam às apalpadelas, e cujos vultos entrevia vagamente.

Disse então em voz alta: «Sou oficial do exército americano. Meu filho está no hospital. Alguem poderia...»

Nem terminou a frase. Um dos passantes estendeu a mão, e segurou-lhe o braço. E ele ouviu uma voz que dizia: «Tenha a bondade de me seguir.»

O desconhecido pôs-se a guiá-lo. Dobraram à esquerda, depois à direita, depois novamente à esquerda, até que chegaram a uma esquina. Um maciço prédio desenhava-se em meio à escuridão. «Cá estamos,» disse a voz.

O coronel Beekman agradeceu ao Bom Samaritano o serviço que lhe prestara. Ia já subindo os primeiros degraus que levavam à porta do hospital, quando se voltou, e perguntou: «Mas como é que o senhor conseguiu encontrar o caminho?»

«Pra mim é facil,» respondeu-lhe a voz. «Sou cego de ambos os olhos. Em Dunquerque, senhor.»

E desapareceu.

A INVASÃO

Emblema das forças de invasão

No Quartel-General secreto de Eisenhower, cérebro e centro de tensão de todo o movimento; no navio-capitânia da poderosa armada que realizou o milagre de atingir as costas da França sem ser vista; e finalmente na praia sangrenta, lado a lado com os soldados americanos—três correspondentes do Reader's Digest presenciaram as fases capitais em que se desdobrou o drama ciclópico da invasão.

Grande acontecimento histórico

·I·

A grande decisão

Nos Bastidores do Comando de Eisenhower

Por Allan A. Michie

Redator Viajante do Reader's Digest, agora adido ao Comando de Eisenhower

HÁ QUATRO ANOS, antes de ter saido das praias de Dunquerque o último soldado inglês, o Primeiro Ministro Churchill confiou a um pequeno grupo de oficiais a tarefa específica de planejar o regresso dos ingleses ao Continente; então, e por muito tempo depois disso, esses planos afiguravam-se um simples exercício acadêmico. Mas pelas alturas da Conferência de Casablanca, em começos de 1943, o projeto já não parecia tão fantástico, e os planos para o dia «D» transbordavam já de quatro enormes volumes.

O lugar onde a invasão devia ferir seu golpe fora escolhido desde há mais de um ano. Roosevelt, Churchill e os chefes do Estado Maior Aliado aprovaram a decisão em agosto de 1943, na histórica reunião de Quebec.

Foi pelo menos com oito meses de antecipação que se resolveu que a invasão seria iniciada entre fins de maio e meados de junho de 1944. Em novembro de 1943, em Teerã, o Presidente Roosevelt informou disso o Marechal Stáline. Quanto ao dia preciso do começo das operações, isso seria deixado ao General Eisenhower. O Marechal Stáline manifestou-se então de completo acordo.

Quando o General Eisenhower chegou a Londres, em janeiro de 1944, passou a estudar minuciosamente as previsões relativas a homens e equipamento com que poderia contar, e para que datas. Satis-

·II·
Pág. 88
A ESQUADRA ENTRA EM AÇÃO
Como o Navio-Capitânia atravessou a Mancha
Por Frederic Sondern, Jr.

·III·
Pág. 93
PANORAMA DA CABEÇA DE PRAIA
Acompanhando o desembarque das tropas
Por Ira Wolfert

feito, marcou para a invasão a semana de 3 a 10 de junho deste ano.

Mas a escolha do dia preciso foi, ao último minuto, um drama.

Quatro ou cinco semanas antes do dia «D», o Quartel General Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas (SHAEF) saiu de Londres e instalou-se em quartéis de campanha, convenientemente perto dos portos de embarque e dos setores do litoral inglês pavimentados com paralelepípedos, nos quais, com maré alta, podem desembarcar as tropas e materiais dos navios em manobras.

O «centro nervoso» das operações conjuntas de invasão ficou instalado numa grande e sólida casa antiga, que já viu melhores dias, e que se ergue num parque particular, densamente arborizado e de terreno ondulado.

Começaram então a afluir a esse calmo esconderijo silvestre os elementos essenciais de informação—fotografias tomadas por pilotos-suicidas a altitude de zero sobre as praias da Normandia, e que mostravam cinco tipos principais de minas e obstáculos submarinos destinados a impedir o desembarque aliado; fotografias de pontes e depósitos ferroviários de importância essencial, bombardeados até ficarem inutilizados. Os ataques aéreos preparatórios começaram dois meses antes do dia «D», e a 6 de junho já estavam postos fora de ação 82 centros ferroviários estratégicos, à retaguarda da «muralha atlântica» de Hitler, e a maioria das pontes ferroviárias e rodoviárias que punham em comunicação a península de Cherburgo com o resto da França, estavam demolidas, pelo que os alemães eram forçados a fazer longos desvios para transportar seus suprimentos e reforços. De modo a iludir todas as suspeitas do inimigo, a tática aérea consistia em lançar, para cada bomba despejada sobre o verdadeiro objetivo da invasão, duas bombas noutro ponto da costa, como por exemplo o Pas de Calais. Poucos dias antes do dia «D», o plano de limpeza da Mancha começou a funcionar. Os nossos destróieres e aviões, em movimentos bem combinados, cobriram quase metro por metro quadrado o Mar da Mancha, enquanto outras forças o bloqueavam pelas duas extremidades. Os submarinos inimigos ficaram assim, naquela área, impossibilitados de vir à superfície pelo tempo bastante para carregarem as baterias, sem serem logo descobertos. Os navios alemães dos tipos E e R eram repelidos para as suas bases, cujo acesso era minado durante a noite, pelos aviões, para tornar impossivel qualquer súbita sortida contra a esquadra invasora. Navios mais pesados da *Home Fleet* cruzavam constantemente das bandas do Mar do Norte, prontos a interceptar qualquer navio de guerra alemão de maior tonelagem. Os relatórios do serviço de informações militares, corroborados pela fotografia, descreviam a localização dos grandes canhões ocultos da defesa costeira, que anteriormente não tinha sido possivel descobrir.

Ao último minuto, um sargento alemão desertou o seu Fuehrer e, à ponta de pistola, forçou uns pescadores franceses a levá-lo à Inglaterra. Trazia consigo valiosos pormenores das defesas da muralha atlântica, ao longo da costa da Normandia. Mas já por essa altura a muralha atlântica tinha poucos segredos para o comando aliado...

Havia muito tempo que os ingleses tinham dirigido um apelo aos turistas que, antes da guerra, houvessem viajado no continente, para que fornecessem fotografias porventura tomadas naquela zona. Com os milhares de fotos assim reunidos, acumulou-se um verdadeiro tesouro de pormenores—como por exemplo um estreito atalho que não figurava em nenhum mapa, e que conduzia à retaguarda duma falésia sobre a qual os alemães tinham instalado uma bateria de canhões pesados; uma vereda em curva nos fundos dum hotel de turismo que os alemães haviam transformado em verdadeiro baluarte, etc.

Já a 29 de março as tropas começavam a tomar posições nas áreas de concentração, depois mais perto dos portos de saída, e finalmente nos cais e pontes de embarque. Cerca de 2.000 trens especiais de tropas convergiram sobre os portos do litoral. Na vasta sala de controle, um grande mapa luminoso mostrava o progresso de cada comboio militar ao longo das estradas até os portos. No entretanto, em largas áreas da Inglaterra, evacuadas pelos civís, as tropas procediam ao treino com munição autêntica. Foram feitos simulacros dos obstáculos de praia construidos sob as ordens de Rommel, e as brigadas de demolição praticaram longamente a maneira de os reduzir à inocuidade.

Em resultado da experiência adquirida em Diepe, foram criados tipos especiais de navios de desembarque, dotados de baterias de foguetões, para demolir os obstáculos erguidos pelos alemães ao longo das praias. Dezenas de milhares de veículos foram tornados impermeaveis à água, para desembarque nas praias, e equipados com canalização flexivel e chaminés de aço que se erguiam a certa altura acima dos motores, de modo a ventilar estes últimos profundamente, à medida que atravessassem a rebentação, que chegaria ao pescoço dos motoristas. Cerca de 280 fábricas inglesas entraram a trabalhar de dia e de noite, e toda a produção das fábricas de chapas de aço foi consignada a esta grande tarefa. A intrincada operação de carregamento dos navios da invasão, só ela, levou dois anos a planear por peritos.

Os interminaveis paióis de munições construidos ao longo dos quietos caminhos rústicos da Inglaterra continham na realidade mais munições do que toda a que foi queimada durante a primeira Guerra Mundial. Os tanques estavam estacionados cremalheira a cremalheira; os aviões esperavam, asa com asa; comboios e comboios de caminhões, *bulldozers*, carros anfíbios e canhões automoveis, desenrolavam-se em quilômetros de extensão nos campos e ao longo das estradas, ao ponto de que muitos ingleses chegaram a recear que a sua pequena ilha fosse a pique debaixo de tanto peso...

Precisamente 30 dias antes do dia «D», completava-se o último exercício de invasão em larga escala. Fatigados, os soldados ingleses e americanos que já tinham participado em meia dúzia de manobras desse gênero, resmungavam, ansiosos pela luta, e dizendo que se os tornassem a chamar, que fosse para a invasão a sério mesmo. Idêntico estado de espírito predominava entre as tripulações dos navios de desembarque, que com frequência tinham sido mandados ao mar largo em movimentos simulados de invasão, para iludir o inimigo. Fez-lhes Deus a vontade!

Uma semana antes do dia «D», que primeiro fora fixado para 5 de junho, segunda-feira, começou o grande embarque geral.

À medida que os dias corriam, a tensão no SHAEF subia cada vez mais, porem nos aposentos pessoais dos comandantes reinava uma atmosfera de calma. Montgomery deixou aos seus subordinados o trabalho de pormenor, que ele detesta, e lia o seu autor preferido, Anthony Trollope.

Eisenhower não quis ir morar na gran-

de casa, mas instalou o seu quartel general numa tenda, entre as árvores. Gosta de dormir naquilo que ele chama a sua «carroça de circo», que é uma carroceria montada num chassí de caminhão militar de 2½ toneladas—idéia aliás inspirada por Montgomery. Tem um só quarto, que está sempre atulhado com um estranho sortimento de histórias de *cowboys* e de romances psicológicos.

Na sexta-feira pela tarde, 2 de junho, Churchill e o Marechal Smuts apareceram no acampamento de Eisenhower, depois de terem dado uma volta pela costa para assistirem às operações de embarque nos tais trechos de praia dura. Conversaram os três homens durante uma hora; e Churchill sugeriu que o deixassam acompanhar as forças de ataque no dia «D». De começo o General Eisenhower tomou a observação do Primeiro Ministro como gracejo, mas Churchill voltou à carga, até que Eisenhower afirmou peremptoriamente que ele não poderia ir. Teve de lembrar ao Primeiro Ministro que, se este acaso perdesse a vida no curso do ataque, as coisas na Inglaterra ficariam desorganizadas, e toda a gigantesca operação militar seria posta em perigo. «Alem disso—continuou Eisenhower—o navio de guerra em que o senhor seguisse necessitaria de proteção muito maior do que a habitual.»

Churchill teimou: «Afinal de contas,» disse, «eu sou Ministro da Defesa Nacional! Posso embarcar a bordo dum navio de guerra inglês na qualidade de oficial. Nem mesmo o Comandante Supremo pode ditar quem há-de constituir a tripulação de um dos navios de guerra britânicos!»

Enquanto Churchill falava nessa veia, vieram dizer-lhe que do Palácio de Buckingham o chamavam ao telefone: era o rei, que fora informado dos projetos de viagem do seu Primeiro Ministro...

Em circunstância alguma, disse o rei, o sr. Churchill devia considerar sequer a possibilidade de ir até à França no dia «D». O sr. Churchill acedeu, mas de má vontade.

Sábado 3 de junho, à noite, o General Eisenhower convocou a primeira das quatro conferências nas quais iam ser definitivamente assentes o dia «D» e a hora «H». Compareceram: o General Montgomery, desta vez elegantemente vestido por exceção, com um uniforme de campanha que por sinal acabava de lhe ser enviado dos Estados Unidos; o calmo Chefe de Operações Aéreas, Marechal Sir Arthur Tedder, homem de falas mansas, e magnífico lugar-tenente de Eisenhower; o Comandante-Chefe das Forças Navais Aliadas, o pequeno e vivaz Almirante Sir Bertram Ramsay, homem que brilhantemente improvisara o «dínamo de operação» que salvou as tropas encurraladas em Dunquerque.

O último a chegar à reunião foi o Comandante do Ar, Marechal Sir Trafford Leigh-Mallory, comandante da Aviação Expedicionária Aliada. Tinha chegado de Londres no seu aviãozinho particular.

Lá fora, aos olhos do leigo, na evanescente meia-luz daquele dia de verão inglês, o tempo parecia estar bom: mas para os peritos meteorologistas do SHAEF, as previsões eram desanimadoras. Havia alí três meteorologistas chefes assistindo ao nascer da grande invasão—dois oficiais ingleses e um americano, coronel da Aviação. Durante semanas tinham vindo a produzir previsões de tempo e gráficos quase de hora a hora. E agora o seu prognóstico não era favoravel: o tempo, sobre a Mancha e a França, iria peorar constantemente, dando em resultado baixos tetos de vôo que impossibilitariam as operações do ar, bem como ventos frescos e

mares encapelados que dificultariam as operações de desembarque.

A decisão final foi assim adiada até às 4 e 30 da manhã seguinte, isto é, domingo 4 de junho, e o Alto Comando debandou para ir dormir umas horas de sono reparador. Quando de novo se reuniram no domingo de manhã, os meteorologistas confirmaram as suas prévias impressões, e foi resolvido adiar a invasão pelo menos por mais 24 horas. Caso o tempo continuasse mau, a operação teria de ser talvez adiada por muitas semanas, até que as marés e a lua fossem de novo propícias ao desembarque. Só um dia em cada mês, qualquer que ele fosse, seria realmente conveniente: a lua devia estar cheia, para permitir que as tropas transportadas pelo ar e os paraquedistas atuassem com bons resultados, e que a aviação de escolta e a artilharia anti-aérea dos aliados pudessem manter a Luftwaffe a respeitosa distância, e para dificultar a manobra dos barcos «E» dos alemães, vulneraveis com boa luz, mas muito eficientes. A maré devia atingir a baixa-mar umas três horas antes do amanhecer, de modo a deixar a descoberto os obstáculos submarinos, que era preciso demolir, e desimpedir a praia para o desembarque na hora «H».

No domingo 4 de junho, à noite, o Primeiro Ministro e o Marechal Smuts—mais tarde acompanhados tambem pelo Gen. De Gaulle—vieram visitar Eisenhower e ficaram muito tempo discutindo os aspectos da momentosa decisão que só o comandante supremo devia tomar em última instância. Sairam, e às nove horas Eisenhower reuniu nova conferência no SHAEF. Os sábios do tempo foram chamados um por um: suas previsões, formuladas independentemente umas das outras, coincidiam, produzindo um quadro mais favoravel da situação: tudo permitia antecipar que o tempo sobre a França e a Mancha iria melhorar continuamente durante as 48 horas seguintes.

Os altos comandos e seus estados-maiores ponderaram os prós e os contras da decisão que iam arriscar. Ao fim de 45 minutos de debate, chegaram a um acordo provisório: a invasão devia começar. Mas resolveram realizar uma última reunião às 4 e 30 da manhã de segunda-feira, 5 de junho, para o retoque final das decisões.

De regresso à sua caravana do parque, o General Eisenhower recolheu-se e dormiu durante algumas horas. Às quatro voltou para o SHAEF. Em volta da mesa sentavam-se Tedder, Montgomery, Leigh-Mallory, o Almirante Ramsay, e os respectivos chefes de Estado-Maior. Chamou-se o primeiro meteorologista, que persistiu na sua previsão anterior—era de esperar bom tempo. Podia demorar ainda um ou dois dias; mas tambem podia chegar dentro das próximas doze horas. Os outros dois oficiais, separadamente interrogados, concordaram com tal prognóstico.

Eisenhower procedeu então ao balanço da situação para os seus comandantes. Estava tudo a postos. Se adiassem aquilo por mais algum tempo, a aviação alemã de reconhecimento acabaria por descobrir a enorme massa de navios e lanchas de desembarque reunidos nas águas dos portos. A força americana de assalto e o esquadrão naval, tambem americano, já tinham levantado ferro, e quanto mais tempo ficassem agora a pairar no mar, mais dificil seria manter organizados, sob a formação de comboios, os inúmeros navios de desembarque. Mais alguns dias sob a observação dos alemães, e a invasão arriscava-se a perder as vantagens táticas da surpresa.

O estado do tempo era uma jogada arriscada, o general concordou: mas cum-

pria-lhes, a ele e ao alto comando, elevar-se à altura das circunstâncias, ou furtar-se a elas. Todos sabiam o que implicava aquele «furtar-se»—demoras, talvez semanas de atraso; o intrincado processo de carregar os navios, que seria preciso repetir de começo a fim; e finalmente o mau efeito sobre o moral das tropas.

Eisenhower virou-se para o Almirante Ramsay e perguntou: «Que acha, Almirante?»

«Gostaria de ouvir primeiro a opinião do *Ar.*»

O Marechal do Ar, Leigh-Mallory, falou com ponderação, mas sem deixar qualquer dúvida de que o *Ar* estava disposto a correr o risco, na base das predições meteorológicas.

«Muito bem,» disse o Almirante Ramsay com vivacidade e uma ponta de ironia, «se o *Ar* pensa que pode entrar na dança, a Marinha entra tambem sem hesitar.»

Eisenhower sorriu, mas por um breve instante. Era chegado o momento pelo qual os povos de todas as nações aliadas tinham suado e labutado sem trégua. Olhando ao longo da mesa para os seus comandantes, a cara mais séria do que nunca estivera, nem talvez volte a estar, disse calmo: «Então vamos embora.»

Todos os que estavam em volta da mesa se ergueram rapidamente, e correram a dar as ordens que poriam em marcha a imensa máquina de guerra. E o comandante supremo atirou-lhes de lá o seu «Boa sorte!» decisivo.

Foi ele o último a sair daquela sala, caminhando pesadamente, como se, no dizer de alguem que nesse momento o viu, cada uma das suas oito estrelas lhe pesasse uma tonelada sobre os ombros. Encaminhou-se logo a passo vivo para a sua «carroça de circo», e recolheu-se sem sequer acordar os ajudantes.

Com a gigantesca operação enfim a caminho, ninguem parecia menos util do que o comandante supremo! No curso do longo dia anterior ao dia «D», Eisenhower nada tinha que fazer senão visitar as suas tropas. Logo de manhã dirigiu-se de automovel a um dos portos vizinhos, e ficou a «bater papo» com os soldados ingleses que andavam embarcando nos seus botes LCI. Ao anoitecer andou pelos aeródromos onde os homens da 101ª Divisão Americana estavam tomando lugar nos seus transportes aéreos e planadores negros. Enquanto rodava no seu Cadillac de quatro estrelas, de aeródromo em aeródromo, já os soldados estavam a besuntar as caras com pasta de cacau e óleo de linhaça. Andou então de grupo para grupo atirando piadas aos seus homens, em parte para ajudar a aliviar a tensão deles, em parte tambem para aliviar a sua própria.

Vendo os rapazes subir para os seus negros aviões, o General exclamou: «Boa sorte!» Estava nesse momento visivelmente comovido. Era com efeito um risco tremendo, lançar assim algumas divisões de tropas aéreas e paraquedistas vários quilômetros à retaguarda da muralha atlântica, muito antes de ter soado a hora «H», isto é, do ataque às praias. Muitos dos oficiais do seu próprio estado-maior, tanto ingleses como americanos, se tinham pronunciado energicamente contra isso. No caso de não ser possivel consolidar as cabeças de praia, tal fato representaria a perda total de várias divisões soberbamente treinadas. Mas o General aceitara o risco. Bem sabia que, ao corrê-lo, estava mandando alguns daqueles homens para a morte certa. E eles tambem o sabiam.

O primeiro telefonema do dia chamado «D», 6 de junho, soou nos escritórios de Eisenhower cerca das sete da manhã. Respondeu o Comandante Harry Butcher, amigo do general e seu ajudante naval. Era Leigh-Mallory, participando que a aterragem dos paraquedistas e das tropas transportadas pelo ar tivera um êxito inacreditavel, e que os primeiros desembarques tinham sido bem sucedidos. Butcher correu em direção à «carroça de circo» de Eisenhower, esperando encontrar o general ainda a dormir: em vez disso, foi achá-lo sentado na cama, confortavelmente apoiado às almofadas, lendo uma história de aventuras do *Far West.* Butcher transmitiu-lhe as notícias de Leigh-Mallory e o general disse, respirando fundo: «Até que enfim!»

O Almirante Ramsay comunicou que o trabalho da Marinha na operação fora levado a cabo com absoluto êxito e pouquíssimas baixas. De fato, os desembarques tinham colhido os alemães completamente de surpresa. Ramsay, astutamente, tinha mandado um comboio naval simulado, pelo Mar da Mancha acima, na véspera do dia «D», já tarde. A artilharia costeira inimiga tinha aberto fogo com todas as bocas disponiveis, contra o pobre comboio simulado, e em seguida remetera-se ao silêncio por toda a noite. Após o que, a autêntica esquadra de invasão se meteu a atravessar o Canal, direita ao seu objetivo.

À mesa do café, nessa manhã do dia «D», pela primeira vez em muitos meses, o General Eisenhower mostrou-se animado e bem disposto. Conversou com Butcher a respeito de outros dias «D» em que ele tomara parte—desembarque na África do Norte, que dirigira de Gibraltar; Pantelleria e Sicília, que dirigira de Malta, e enfim Salerno. Em comparação com esses ataques, disse o general, a invasão da França tinha ocasionado o mais calmo de todos os seus dias «D».

O estado do tempo continuava porem a preocupá-lo acima de tudo, e ainda mesmo antes de Butcher o ter procurado nessa manhã, já andara pelas imediações do acampamento, espiando os céus através da ramaria das árvores. Quando viu que o sol espreitava de vez em quando por entre as nuvens, foi como se lhe tirassem um peso do peito. Mas no centro nervoso da invasão, que era o SHAEF, houve durante essa manhã um momento de calafrio: foi quando chegou das praias francesas a primeira mensagem, imediatamente transmitida aos chefes do Estado Maior. Quando abriram a mensagem e leram que a primeira vaga de assalto perecera *afogada* no mar, seus rostos ficaram brancos de cal. Então alguem se lembrou de pedir confirmação urgente da mensagem, e durante um ou dois minutos, esperaram: a mensagem repetiu-se, e verificou-se que houvera engano. O texto correto anunciava que a primeira vaga de assalto tinha *grounded* (desembarcado), em vez de *drowned* (afogado) como se lia no primeiro texto...

Dentro das quarenta e oito horas, seguintes à hora «H», a vanguarda das forças de invasão tinha estabelecido posições em França, e isto sem a horrorosa lista de baixas que os pessimistas profissionais tinham predito. Uma semana depois de iniciada a invasão, os exércitos aliados estavam ocupando mais de mil quilômetros quadrados de território continental. A batalha não estava absolutamente finda. Ainda seria arrebatada a vida de muitos dos nossos bravos e melhores soldados. Mas a cabeça de praia estava firmemente ancorada na França!

O que Filipe II de Espanha não lograra fazer; o que Napoleão tentara sem o conseguir; o que Hitler nunca tivera sequer a coragem de tentar—tinham-no ousado, e com êxito, os exércitos sob o comando do General Eisenhower.

• II •

A esquadra entra em ação

Como o navio-capitânia atravessou a Mancha

Por Frederic Sondern, Jr.

Redator viajante do Reader's Digest que, a bordo do navio-capitânia do Almirante Kirk, presenciou a invasão

ERA POIS o momento!—dia «D» e quase a hora «H». A poucas milhas de distância, na costa da França, que alí é baixa, um farol piscava tranquilamente não longe de Cherburgo. O telégrafo da ponte de comando retiniu, e o arfar das máquinas parou. As cadeias das âncoras rangeram nos escovens. A sirene do nosso navio rugiu um breve e rouco sinal, e em redor de nós detiveram-se as silhuetas de muitas dúzias de outros navios. Tudo parecia muito sossegado alí, sob o luar; demasiado quieto, na minha opinião, pensei, enquanto esperávamos que o primeiro canhão dos alemães lançasse da costa o seu trovão de desafio.

Na sala dos oficiais do navio-almirante mal se podia crer no que estava acontecendo. Despregando os olhos do imenso mapa da parede, o oficial navegador do almirante fechou os seus compassos com um estalo. «Na batata!» anunciou. O oficial de informações coçou a cabeça: «Nem sombra deles durante toda a travessia, e se soubessem que nós estamos aquí, com certeza que já tinham aberto fogo!» O chefe de Estado Maior abriu um sorriso forçado: «Com certeza eles querem nos pregar um susto, quando nos apanharem bem de jeito. Isto está me parecendo bom demais.»

O chefe de Estado Maior não tinha razão. As grandes baterias costeiras dos alemães mantiveram-se caladas, e enquanto se escoavam aqueles minutos carregados de tensão nervosa, os couraçados, os transportes e lanchas de desembarque da nossa expedição insinuavam-se, sem ser molestados, exatamente nas posições que lhes tinham sido destinadas.

A bordo do navio-capitânia tudo estava tambem sossegado. Viéramos navegando todo o dia em ziguezagues, a todo o vapor, para fazer crer aos alemães que estávamos aproando ao Pas de Calais, em vez da Península de Cherburgo. Durante a manhã os ânimos estiveram alegres. Tinham-se acabado enfim os longos e monótonos dias do treino, e o espetáculo monstro que estávamos observando nem sequer nos deixava pensar naquilo que adiante nos esperava. À medida que fomos arrebanhando uma após outra as unidades da tremenda frota, nos vários pontos de encontro ao longo da costa francesa, víamos os soldados apinhados nas amuradas. Eram interminaveis as fileiras das barcaças de desembarque, de tanques e de infantaria, pulando sobre as ondas, com os balões de barragem bamboleando-se grotescamente no céu por cima deles, e flanqueados por navios de escolta de todos os tipos. Foi então que, da linha do horizonte, se destacou a imponente formação dos nossos navios de apoio. Uma habil manobra veio colocar-nos em coluna à cabeça do couraçado *Nevada*, e dos cruzadores *Tuscaloosa* e *Quincy*. Os enormes canhões, de goelas escancaradas por trás de nós, tinham uma aparência reconfortante. Um soldado que estava ao pé de mim exclamou: «Puxa, tem canhão p'ra burro!» Concordei, de muito bom humor, que era sem dúvida «canhão p'ra burro!»

A tensão cresceu à medida que a tarde foi correndo. Havia mesmo um excesso de

polidez, uma reserva, que se notava em todos. Na ponte de comando até mesmo o oficial «casca-grossa,» que governava no navio, passou a dar ordens num tom menos rude que o habitual. Mas não havia sinais de nervosismo, e de pavor nem traços. Um coronel de fuzileiros, veterano enrijecido e curtido em muitas batalhas, conseguiu apresentar-nos um sorriso incolor, e declarou que, para soldados calouros, aqueles rapazes lhe pareciam bem prometedores. Na sua boca, estas palavras valiam naturalmente um autêntico elogio.

Quando de repente uma sineta de alarme começou a badalar, e a voz rascante dum mestre veio através dos megafones—«Todos aos postos de combate!»—aquele chamado à ação trouxe-nos um alívio consolador. Desta vez havia pela frente um autêntico avião nazista. Eram 10 e 30 da noite. Mas nada aconteceu.

Na sala de coordenação de operações—cérebro do navio-capitânia—estava-se desdobrando um vasto panorama da gigantesca travessia. Pertencíamos nós a uma das duas forças de invasão: os americanos, sob o comando do Contra-Almirante Alan Kirk, e os ingleses, sob o comando de Sir Philip Vian, da Royal Navy. Cinco mil navios sulcavam agora o Mar da Mancha, convergindo à hora precisa, de algumas dezenas de portos, através de estreitas passagens que os caçaminas algumas horas antes tinham andado a limpar de obstáculos e a balisar. Os comandantes das duas forças expedicionárias encontravam-se em constante comunicação entre si e com o comando supremo, em terra, pelo mais complicado sistema de comunicações militares que já se inventou.

Entretanto, a atividade aparente surpreendia pela sua quase ausência: o plano de operações abraçava os movimentos de cada navio até os mínimos detalhes, e vinha funcionando com precisão cronométrica.

Foi cerca de 1 e 30 da manhã do dia 6 de junho, que um oficial da sala de coordenação de operações de repente bradou:—Duzentos aviões a caminho!

—Inimigos? fez um oficial novato, esganiçado.

—Não, disse o Comandante.—Hão-de ser soldados do transporte aéreo.

E eram mesmo. Um, dois, três, e em seguida dezenas sobre dezenas dos enormes transportes rugiram por cima das nossas cabeças. Da península em frente, a artilharia anti-aérea dos alemães começou a ribombar, e os projetores a varrer o céu.

Poucos minutos depois o comandante voltou-se para o rádio-telegrafista encarregado de escutar as estações militares alemãs, em guarda para o que desse e viesse: «E então?» perguntou. Com ansiedade, nem respiramos. «Por enquanto pouco movimento,» disse o perito inglês, que lia uma novela de *cowboys* enquanto manipulava o aparelho. Era um funcionário muito eficiente, e sempre pegava aquilo que valesse a pena pegar; mas considerava a guerra, segundo me declarou, um modo de vida bastante cacete... Não o molestava absolutamente nada, ao contrário do que me acontecia, o perigo de sermos colhidos pelos holofotes alemães. Mas felizmente, quando eles começaram a varrer o oceano, em busca de navios, as nuvens baixas produziram a refração dos focos, e os nazistas provavelmente concluiram que se tratava de mais um raide aéreo. As baterias costeiras, que doutro modo nos poderiam ter causado estragos terriveis, continuaram caladas.

Sabíamos que precisamente naquele momento as nossas divisões transportadas pelo ar estavam descendo para terra.

Primeiro os paraquedistas, para limpar o terreno das estacas e outros obstáculos que os alemães tinham erguido contra os planadores, avisados que estavam, com antecipação, pela imprudente publicidade dada às dimensões da nossa força de transporte aéreo. Os paraquedistas trabalharam rapidamente com as suas granadas de mão e detectores de minas; não obstante, os soldados dos planadores ainda sofreram perdas.

Ao longo das praias, os Comandos ingleses e os Rangers Americanos andavam muito atarefados. Umas doze nutridas forças andavam procedendo à limpeza de alguns pontos capitais, silenciando as baterias costeiras, e desmantelando centros de comunicação. Uma das mais poderosas baterias da defesa costeira dos alemães estava oculta numa formidavel fortaleza de concreto, quase inexpugnavel mesmo à ação de ataques aéreos e de artilharia. Gigantescas portas de aço maciço barricavam-lhe as entradas. Dois Comandos apoderaram-se dum automovel de oficiais alemães, e, bradando «*Die Invasion hat begonnen!*» («Começou a invasão!») a toda a força dos seus pulmões, atiraram-se contra as sentinelas forçando-as pela surpresa a abrir os portões o bastante para eles poderem arremessar as suas bombas lá para dentro. Feito isso, era impossivel fechar de novo os portões, e, dentro de poucos minutos, o último homem da guarnição alemã caía aos tiros das automáticos dos Comandos.

Na extensão de 96 quilômetros da costa, em ambos os sentidos, os precursores da invasão iam executando o seu trabalhinho dentro do programa. Suas inacreditaveis proezas ficarão como um dos maiores capítulos da história militar.

Mas tudo isso nos parecia longe, muito longe, a nós que estávamos a bordo do navio-capitânia de Kirk. Tão depressa chegava uma comunicação, a sineta badalava. Lida a mensagem, o comandante punha uma nova etiqueta no seu mapa. Finalmente, às três horas, o silêncio que até alí reinara à nossa frente, rasgou-se de meio a meio. Aviões da RAF tinham sobrevoado os navios, e andavam sobre a costa abrindo-nos caminho. Imensos foguetões iluminantes, verdes e vermelhos, desceram do ar para a praia desdobrados em candelabros. E foi então que o inferno se desencadeou: repuxos enormes de areia e fogo ergueram-se em linhas cerradas, à medida que os bombardeiros, precedidos dos seus guias, despejavam carga sobre carga. Os anti-aéreos alemães cuspiam de todos os lados para o ar, e as granadas traçadoras riscavam o céu da noite em curvas, num fogo de artifício fantástico. O tiro deles era bastante certeiro e, de vez em quando, um avião mortalmente ferido mergulhava em chamas direito à terra, como um meteoro, despedindo um jacto de chamas quando embatia no terreno.

Na ponte de comando, um capitão veterano—alheio, na aparência, a todo aquele rumor—dava ordens para que as lanchas de desembarque baixassem ao mar. Interrompeu um momento as ordens, para olhar o bombardeio e a sua pirotécnica de morte, e observou para mim e outro correspondente alí presente, que aquilo lhe fazia lembrar uma véspera de Ano Bom no inferno...

Por todos os lados circulavam agora as lanchas de desembarque, prontas a recolher as tropas dos transportes para as levar rápido à praia. Tornamos a ouvir a voz maçada do mestre, através do sistema de megafones: «Grupo de embarque n.º 5 forma na estação 3.»

A manhã começava a romper e, na ponte da bandeira, o almirante e o general, que comandavam a divisão que ia ser

desembarcada, estavam preocupados. As ondas erguiam-se muito alto, e as lanchas de desembarque eram sacudidas como pedaços de cortiça a esmo. Os soldados que desciam, agarrados às redes de corda, viam-se em sérias dificuldades. Cada vez que um deles caía com um baque no fundo da sua lancha, capacete de aço voando para um lado e o fuzil caindo para o outro, sentíamos um nó na garganta: iria produzir-se agora a catástrofe a que tínhamos escapado por em triz no desembarque da Sicília?

Até que por fim, conforme Deus quis, as lanchas ficaram carregadas de homens. As caras tensas e pálidas dos que ficavam nos postos de comando, começaram a dar sinais de alívio. Às 5 e 40—como se alguem tivesse carregado num botão—os navios de guerra que estavam à nossa frente começaram a troar. O clarão dos tiros era contínuo. As nossas mandíbulas batiam como castanholas, sacudidas pelos disparos dos obuses de todos os calibres que partiam uivando a caminho das praias, lançados pelos couraçados, cruzadores e destróieres. Por toda a área de desembarque, naqueles dez minutos, seiscentos canhões de uns oitenta navios vomitaram duas mil toneladas de explosivos e metal.

Na realidade, tanto o bombardeio aéreo como o naval constituiram a barragem mais cuidadosamente organizada e coordenada desta guerra. Todas as posições e baterias alemãs estavam indicadas naquele importantíssimo mapa da sala de comando do nosso navio, onde se tinha marcado o ponto e momento de ataque de todas as esquadrilhas aéreas, e o fogo de todos os navios da nossa formação. A ordem do bombardeio das posições alemãs tinha sido determinada de acordo com o seu tamanho, alcance, e possibilidades de dificultar as nossas operações. Havia principalmente uma bateria costeira, instalada na encosta duma colina e praticamente invulneravel aos ataques aéreos, que nos poderia ter causado sérios estragos no momento em que desembarcássemos. «Essa bateria, meus senhores, —dissera o Almirante ao dar as instruções prévias para o dia «D»—*tem* que ser destruida.» Um dos nossos couraçados começou a batê-la no momento prefixado, com rajadas de 14 polegadas, e quando um grupo de Rangers americanos lá chegou, pouco depois, para a operação de limpeza, não encontrou vivo nem um só alemão na fortaleza.

Pequenos e lentos aviões de observação cruzavam quase preguiçosamente no ar, por cima dos objetivos, enquanto os seus observadores falavam diretamente para os oficiais que faziam as pontarias a bordo dos navios, assim corrigindo o tiro, sem que o fogo cessasse nunca. Foi linda obra de balística, e a intervalos quase regulares o comandante, que estava na sala de coordenação, punha uma nova marca sobre um dos círculos vermelhos do seu mapa. A marca dizia: «DESTRUIDO.»

Ao abrigo dessa cortina de obuses, as lanchas de desembarque, já carregadas, formavam vagas regularmente espaçadas, esperando a ordem para a corrida decisiva à praia. À frente desses grupos, os batedores navais em barcos de controle determinavam os limites exatos dos trechos de praia consignados a cada grupo: tarefa nada facil, na poeira e fumaça dum bombardeio que tinha feito voar pelos ares quase todos os marcos e pontos de reconhecimento, e para mais sob o fogo cerrado de metralhadoras e morteiros. Esses batedores guiaram até à praia as brigadas de demolição do batalhão naval de desembarque, que com as suas bombas e torpedos Bangalore tinham que abrir, a

ferro e fogo, passagem através do labirinto de estruturas de aço instaladas no terreno, de trilhos de aço cravados verticalmente, de arame farpado e minas. Podíamos vê-los de bordo, remando tranquilamente nas canoas, colocando os seus explosivos, enquanto em volta deles o chumbo e o aço faziam ferver as águas. Os dirigentes desta tarefa, a mais árdua de todas, eram soldados com experiência no Mediterrâneo; mas os outros eram rapazes que estavam recebendo o seu batismo de fogo naquela pavorosa frente de combate.

Através das esteiras de mar assim desimpedidas, vinham agora com precisão cronométrica as lanchas de desembarque, carregadas de tropas, e as lanchas de transporte de tanques, de bordo das quais os tanques já saíam fazendo fogo. Por cima das cabeças deles, e nos flancos, os barcos lança-foguetões disparavam fantásticas rajadas, que iam ganindo pelo ar em densa formação para rebentar as minas da praia com as suas miniaturas de sismos, e abrir grandes rasgões nos arames farpados. Pequenos e velozes barcos lança-foguetões, moto-torpedeiros, navios anti-aéreos e destróieres, aproximando-se da praia, vomitaram uma girândola mortífera de fogo. Então, mais uma vez, com matemática precisão, a cortina se ergueu, e as lanchas de desembarque da vanguarda enfiaram as proas pela areia acima, para deixar cair as pranchas pelas quais os tanques rolaram em filas sucessivas, e os soldados sairam correndo, agachando-se e disparando ao mesmo tempo as suas armas contra as posições inimigas.

Era chegada a hora «H», e a invasão começara.

Em algumas das praias e para alem delas, nas horas que tinham precedido e que se seguiram à hora «H», houve erros e casos de pouca sorte que nos causaram sérias baixas. Assim, por exemplo, uma das formações transportadas pelo ar deu numa zona onde os alemães por acaso estavam fazendo manobras de defesa contra a invasão. As metralhadoras alemãs estavam a postos, e só esperavam que as tropas aliadas pulassem fora dos planadores. Em certo trecho de praia, a força de desembarque deu de cara, acidentalmente, com uma concentração de tropas alemãs que havia sido feita ao último minuto.

O estado do tempo nem sempre cooperou conosco. Ondas com um metro e tanto de altura demoraram os movimentos e o desembarque das tropas em certos pontos, atrasando-as mais de sessenta minutos. Por essa altura a rápida maré da Normandia baixara até o limite, e as lanchas de desembarque tocaram fundo a grande distância da praia, fazendo com que os homens fossem forçados a vadear com água pelos peitos, e debaixo dum tiroteio infernal sem proteção. A demora permitiu aos alemães reagrupar a sua artilharia, o que nos custou muitas vidas, mas nem por isso lhes deu tempo a trazer reforços consideraveis aos pontos críticos, o que para nós poderia ter redundado em desastre.

No conjunto da operação, porem, a surpresa foi completa. O espetáculo, que a meus olhos se desenrolou, repetiu-se em quase todas as praias para a direita e para a esquerda. A marinha de guerra americana e inglesa tinha cumprido a promessa do Almirante Ramsay ao General Eisenhower: «Desembarcaremos os seus homens alí sem erro sequer de um centímetro.»

O importante é que, como escreveu Ernie Pyle, famoso correspondente de guerra americano, se realizara «o milagre do desembarque».

• III •

Panorama da cabeça de praia

Por Ira Wolfert

Ira Wolfert já recebeu o Prêmio Pulitzer pelas suas reportagens da campanha das Ilhas Salomão. O artigo que se segue é, nas linhas gerais, a síntese duma série de telegramas redigidos *in loco* para a North American Newspaper Alliance

Esta nossa cabeça de praia da Normandia é a quarta em que me encontro nestes dois últimos anos. Uma cabeça de praia, ou seja, uma praia de desembarque militar, é qualquer coisa que não tem paralelo no resto do mundo. Sucedem alí mil coisas simultaneamente, desde a vida à morte, e desde o delírio do triunfo ao mais esmagador dos fracassos. A noite difere do dia apenas em que a luz é mais fraca, mais espectrais as balas traçadoras, as ondas mais lívidas, e a tarefa particular de cada um ou mais dificil, ou mais facil. Um homem trabalha até ter cumprido o seu dever, ou até que os superiores se sintam demasiado exhaustos para o fazer trabalhar mais. Depois dorme, dorme até que as explosões, as balas, ou qualquer outro elemento de urgência igual venha arrancá-lo bruscamente ao sono.

A nossa primeira impressão visual da França, a bordo do transporte da Guarda Costeira dos Estados Unidos que nos levava através da Mancha, foi-nos dada pelo clarão incerto das granadas anti-aéreas, que explodiam na noite da Normandia. Era pouco depois da uma da manhã do dia «D», e os nossos paraquedistas já começavam a pular dos seus aviões, entre saraivadas de obuses explodindo e de grossos balázios. Vi cair um avião, depois outro e outro, a pouca distância do navio, enquanto os nossos homens esperavam no escuro, calados e de pé, as caras tensas e os corações apertados.

O transporte lançou ferro a umas doze milhas da costa, e pelo amanhecer, após um terrivel bombardeio naval e aéreo das praias, fomos transferidos para as pequenas lanchas de desembarque. Em baixo, na meia-luz do amanhecer, as lanchas eram sacudidas de metro e meio a três metros de altura na crista das vagas, e depois precipitavam-se no recôncavo das águas; era preciso pular com toda a cautela e precisão da escada escorregadia para dentro duma escotilha ensebada.

À esquerda e à direita, atrás e à frente, até perder de vista, a cena era por toda parte a mesma—vasta formação de vapores que pairavam, esperando pacientemente que os descarregassem, todos eles transbordantes de mercadorias e fervilhando de soldados. As águas em volta dos navios estavam tambem coalhadas de barcos, que iam e vinham sem cessar, colando-se ao costado dos navios maiores, como cachorrinhos em volta das mães.

Passamos sob um céu inçado de aviões, em camadas e mais camadas sobrepostas. Cruzamos navios de guerra que faziam fogo sobre o inimigo, e vimos as águas ferver sob a metralha com que ele, lá de terra, nos tentava atingir. A praia era um verdadeiro inferno; a fumaça subia em grossos rolos, e por todos os lados relampejavam as explosões amarelas e brancas, num fogo deslumbrante.

Então, a guerra estendeu o seu braço gigante, e feriu um golpe de morte mesmo à nossa frente: vimos uma tremenda explosão. Fumaça cinzenta e espumas brancas subiram de jacto a dezenas de metros de altitude. No centro dessa cratera de água, um caça-minas ferido de morte mergulhou e adernou, sangrando óleo aos esguichos, como se lhe tivessem gol-

peado uma artéria. Depois endireitou-se e ficou muito quieto, com aquele grande borbulhar de gases que os navios produzem quando se acabam.

Pairando perto para recolher os sobreviventes, chegamos primeiro àqueles que a explosão arremessara mais longe: estavam todos mortos. «Deixem os mortos, e recolham primeiro os vivos!» ordenou o tenente John Tripson.

E então, de todos os lados começaram a chegar-nos aos ouvidos, infantís e longínquos entre a agitação selvagem das águas, os gritos de socorro—um deles, patético e terrivel: «Por favor, me acudam!»

O tenente John Tripson é um rapagão espadaudo do Mississipi, que costumava jogar futebol americano com os «leões» de Detroit. A força dele, agora, vinha mesmo a propósito. Aqueles moços que pediam socorro nas águas, com tudo o que traziam às costas, pesavam para cima de 100 quilos. John estendia-lhes a mão, uma só, e tirava-os dum puxão para dentro da amurada, a que se agarrava com a outra. Pescamos assim uns seis para fora da água, dois deles indenes, procurando recolher só os vivos e abandonando os cadáveres à fúria das ondas, que lá os iam levando aos trambolhões. Um dos homens vinha nu. A explosão arrancara-lhe as roupas do corpo até ao último trapo, incluindo meias e sapatos, e ele tinha a pele coberta de vergões, como se o houvessem fustigado com um enorme chicote.

Outros barcos de socorro se tinham agora aproximado do caça-minas, e partimos a caminho do nosso destino. Perto de nós singrava o cruzador americano *Tuscaloosa*. Uma bateria alemã de terra tinha-o desafiado, e o *Tuscaloosa*, acompanhado de um destróier, aceitara o repto. Os alemães estavam usando uma pólvora sem fumaça da melhor qualidade, de modo que nos era impossivel descobrir donde vinham os obuses, a não ser que uma pessoa por acaso olhasse mesmo para o ponto onde o lampejo do tiro se produzisse. Tinham tambem instalado uma espécie de sistema de foles, que iam soprar a baforada de fumaça das culatras a boa distância da bateria. O intento deles era frustrar os observadores. Mas a sua melhor proteção eram as casamatas de terra e concreto, com paredes de 3,75 metros de espessura.

Entre a bateria e os dois navios estabeleceu-se então um verdadeiro duelo. O primeiro obús dos alemães—lançado para regular o tiro—caiu na água erguendo um repuxo. Os obuses começaram então a cair em linha reta, mais perto, cada vez mais perto do cruzador. Seguindo a direção em que as sucessivas explosões se produziam na água, era possivel dar com a posição da bateria—justamente o que os comandantes do navio estavam tentando fazer. Verdadeira competição de astúcia! Se os alemães conseguissem atingir o navio antes de os artilheiros deste terem podido calcular a direção dos tiros, a vitória seria deles. Mas se os nossos artilheiros pudessem fazer o cálculo mais depressa, então seríamos *nós* os vencedores...

O comandante do *Tuscaloosa*, Capitão Waller, manteve o seu navio—15 milhões de dólares em metal—imovel, servindo-se dele como duma isca para atrair o tiro dos alemães, enquanto os artilheiros navais faziam febrilmente os seus cálculos.

O destróier (que não pude identificar) manteve-se firme a par do cruzador. E os repuxos cada vez mais perto, perto... Os navios não se moviam nem um centímetro. As explosões chegaram a 500 metros, e rapidamente pularam para 300 de distância. Agora, pensei, é que os navios

se vão desviar... Mas ficaram imoveis e silenciosos. A descarga seguinte rebentou a 200 metros... E eu, inquieto, pensando. A próxima vai atingí-los, a próxima vai atingí-los! Com efeito, os tiros imediatos cobriram os cascos dos navios duma imensa espuma branca, atirando verdadeira cascata de água através do tombadilho do *Tuscaloosa*.

Naquele segundo, o duelo atingiu o ponto culminante. Os alemães sabiam que os nossos navios acabariam por se mover. Precisavam agora era saber para que lado, pois lhes era preciso corrigir o tiro a toda a pressa, para a salva seguinte... E os nossos navios tinham que adivinhar o pensamento dos alemães—e agir de maneira precisamente contrária à deles.

O destróier tinha um último trunfo escondido na manga... E foi ele que virou por completo o curso do duelo, a nosso favor desta vez. O pessoal das máquinas, lá em baixo, reforçou o combustivel, e as chaminés vomitaram uma golfada de fumaça negra. O navio tinha aproado contra o vento, de modo que a fumaça correu para a retaguarda. De longe, os alemães não sabiam ao certo se aquilo era resultado do vento, se do rápido avanço do navio: concluiram que era o navio em marcha avante, e, fazendo rodar os canhões, varreram à metralha a posição em que o destróier se devia achar momentos mais tarde, se na verdade tivesse avançado... A verdade porem é que o navio fazia rapidamente marcha atrás!

Era uma partida acabada, perdida para os alemães. Em suas novas posições, os dois navios deram meia volta, e fizeram entrar em ação toda a sua artilharia: os tiros deram em cheio no alvo, e os alemães, silenciados, ficaram sepultos de envolta com terra e destroços de fortificações...

Na primeira praia onde aproamos, o ar tinha o cheiro limpo e fresco do mar. As gaivotas, em espessos bandos, pairavam por cima, lançando um trinado de agudos pios, como se queixando da invasão das nossas tropas. O panorama alí, varrido de vento, tinha uma força desolada e bravia, uma beleza nua—com a morte de emboscada.

Os alemães tinham semeado minas por toda a praia e arredores. Durante as últimas 24 horas, os nossos sapadores tinham conseguido limpá-las apenas ao longo de algumas passagens estreitas, no que perderam 17 homens feridos, e um morto.

Andavam, dormiam, comiam, viviam em suma, apenas ao longo dessas passagens. Quando caminhavam, era pondo um pé diante do outro com mil cautelas; quando se deitavam para dormir, nunca o faziam sem pôr pedregulhos dos lados, não fossem virar-se durante o sono naquela cama de morte...

Tínhamos desembarcado ao começo da tarde. O vento por essa altura estava caindo, e para onde quer que a gente olhasse, via-se aquela fumaça negra e cinzenta erguendo-se em espirais e pairando na brisa mansa. Eram aviões abatidos que ardiam, minas que explodiam por ação dos detectores, ou do tiro dos americanos, ou das granadas alemãs. Parecia que toda a Normandia se incendiara.

O mar vomitava continuamente nas praias grupos de soldados, que logo metiam mãos à obra—escavando, martelando, removendo terras, carregando caminhões, planejando, dando ordens, vigiando trabalhos, dando e levando tiros... Por entre o fogo da artilharia e das metralhadoras, os uivos e o impacto das granadas, podiam-se ouvir as máquinas de escrever martelando pacientemente, e o retinir dos telefones, trazendo à cena um aspecto familar e doméstico...

Por um lado da estrada desciam em fila os prisioneiros alemães, enquanto do outro avançavam infantes americanos ao assalto. Os ianques levavam a expressão peculiar dos homens que vão entrar em combate; mas dava gosto vê-los, intemeratos, a pele queimada marchando em frente.

«Para onde é que vocês vão?» perguntei a um deles. «Sei lá!» replicou. «Eu vou seguindo este camarada aquí da frente.» E o da frente ia atrás do da frente, e assim por diante—até que, chegado à cabeça da coluna, repetí a pergunta ao chefe: «Eu sigo a coluna que vai adiante,» respondeu.

Rimo-nos os dois, mas o riso dele tinha uma nota de júbilo. «Bem, a coisa não é tão feia assim como pode parecer! Neste exército todos nós temos a mesma idéia na cabeça, e se a gente segue o homem que vai na frente, o mais certo é acabar chegando onde é preciso: é só.» Dizia isto, e eu notei como ele tinha um ar saudavel, curtido e moreno, marchando desengonçado nas pernas compridas, mastigando um naco de queijo que tirara duma lata de ração, como se fosse fumo de mascar. Era um soldado que dava orgulho ver!

A nossa gente avançava até ser colhida pelo fogo inimigo. Em tal caso, passava-se a investigar quem era ou o que era que lhes tinha atirado. Se tinham forças bastantes para resolver o problema, como se diz em tática militar, resolviam-no. Se não, suspendiam o problema e mandavam pedir os socorros que lhes parecessem necessários—reforços de aviação, artilharia, ou tropas de combate.

Os primeiros franceses que eu vi eram uma família típica de normandos—gente alta, de olhos azues, robusta, e com as faces dum vermelho vivo. Os soldados americanos, que avançavam para o front, tinham deixado sinais da sua passagem na mesa de jantar da família—goma de mascar, bombons, alguns cigarros. Falamos do bombardeio, e eu perguntei-lhes como é que tinham podido sobreviver àquilo. «Foi a vontade de Deus!» responderam. «Peores que as bombas, eram os alemães...»

Tendo esquecido a palavra francesa para traduzir «correr» perguntei se os soldados alemães que alí estiveram acantonados tinham «ido passear» com muita pressa por causa do tiroteio. Toda a família riu a bom rir. Disse um dos presentes:

«Os alemães *passearam-se* com o bombardeio—ZIP! tal e qual como um avião *passeia* pelo ar...»

Aqueles alemães eram rijos combatentes, veteranos. Ao bater-nos com eles, não nos era dado cometer mais de um erro: o segundo seria fatal. Apesar disso, pareciam render-se de bom grado, e como que só esperavam da nossa parte que lhes fornecêssemos um bom pretexto. Já se tinham batido na Rússia, e parece que os russos lhes deram uma grande fadiga da guerra... Estes homens combatem enquanto estão convencidos de que podem ganhar: mas não é dificil, convencê-los de que estão perdendo. Então, desistem.

Quando regressei à praia, vi mais prisioneiros alemães que vinham descendo, para serem conduzidos à Inglaterra. Esperavam transporte. Em frente deles, a enseada desdobrava-se sob o peso de inúmeros navios. Quando viu aquela imensa concentração de barcos, um oficial alemão ergueu a mão e deixou-a logo cair, num gesto de desânimo, como a dizer: «Quem é que pode contra tanto?»

A COISA, porem, que melhor lembro desse interminavel dia, foi certo instante, já ao escurecer. Uma imagem que se

cristalizou na minha retina—como um grito parece às vezes cristalizar-se no ar.

Estava eu a bordo dum LCT, que ia transportando feridos americanos e inimigos, recolhidos naquela praia de morticínio. Os prisioneiros nazistas iam sentados, sucumbidos, amontoados lado a lado com os taciturnos americanos. Estávamos já a algumas centenas de metros da praia, quando se desencadeou um raide aéreo a pouca altura, tão próximo, que até pude sentir o bafo quente e exasperado dum dos aviões nazistas! Foi como se me tivessem dado uns dois murros na cara.

Poucos homens se moveram naquele navio. A maioria iam mergulhados na apatia que se apodera dum indivíduo, quando ele sente que já fez quanto lhe era humanamente possivel fazer.

Vi de repente erguer-se na praia uma enorme, fuliginosa bola de fumaça, num jacto tão brusco, que parecia arremessada por mão de gigante. O nosso LCT estremeceu de popa a proa. Entre aquela fumaça avistavam-se destroços—enormes, negros, retorcidos—e, como assente no topo da nuvem, delicadamente pousado alí durante um instante a muitos metros de altura, estava um caminhão, intacto! A sua silhueta recortava-se tão nitidamente no céu do entardecer, que até me foi possivel distinguir-lhe as rodas. Só depois disso é que o estrondo da explosão nos veio esmurrar os tímpanos.

Disse-me um oficial alemão, que ia conosco, que a guerra devia acabar para outubro de 1944, porque nem os americanos nem os russos podiam aguentar por mais tempo a luta. Redarguí-lhe que todos os soldados alemães, com quem eu tinha até alí conversado, se mostravam concordes num ponto: que a guerra acabaria antes de outubro, porque a Alemanha já não se podia aguentar.

«Os seus soldados parecem muito cansados da guerra,» disse eu. «E diga-me: os senhores têm dificuldade em convencê-los de que Hitler acabará por levá-los à vitória?»

«O soldado alemão», respondeu, «bate-se pela pátria, e não há separação possivel, no espírito de nenhum alemão, entre *Der Fuehrer* e *Das Vaterland!*»

Ouvindo este breve discurso do oficial a respeito de Hitler e do espírito dos alemães, um soldado que ia sentado logo ao lado dele piscou-me o olho. Respondí com um largo sorriso...

Nisto, um Heinkel alemão pareceu ficar suspenso no ar, mesmo por cima das nossas cabeças, tão próximo que de novo lhe sentí a baforada ardente na minha cara. Vi cair no mar a sua primeira carga de bombas, e atirei-me no chão de ferro do tombadilho como se quisesse enfiar por alí abaixo. Mas o oficial alemão, dominando as emoções e a dor dos seus ferimentos, ficou erecto, para nos mostrar que alemão não se assusta... Insolentemente apoiado à amurada, fumava o seu cigarro numa pose estudada, mesmo bonita, um pouca rígida, com uma perna levemente dobrada, como é próprio dum cavalheiro que está sendo retratado, em frente duma lareira imponente... Desviei a vista com nojo daquele «super-homem» nazista, e olhei através do tombadilho descoberto onde os feridos graves jaziam em caladas fileiras, sob seus cobertores de cor parda.

À medida que íamos fazendo caminho pelo mar fora, na noite que caía, podíamos avistar os incêndios que rompiam alem na vila de Monteburgo. Eram obra do cruzador *Tuscaloosa*, ou, para ser preciso, como vim a descobrir mais tarde, quando entrei no navio, obra do tenente do exército Joe PuGash, de Tampa (Florida), que servia na qualidade de ob-

servador aéreo das defesas costeiras, em contacto com um grupo de controle naval; e dos tenentes Theral O'Bryant, tambem de Tampa, e William Braybrook, do Ohio, que estavam a trabalhar sentados na sala de operações, bem no âmago do navio. Esses três moços, um no ar, e dois no bojo do navio, vinham-se entendendo pelo rádio.

«A infantaria alemã está-se entrincheirando na praça principal da vila,» disse Joe. «Vamos dar em cima deles?» E os canhões falaram.

«Cessar fogo! Missão bem sucedida,» tornou Joe.

Duas estradas levam a Monteburgo. Por uma delas os alemães andavam trazendo reforços de Valognes, à pressa. Joe estava mudando de lugar para conseguir espiar o que se passava nessas estradas, quando subitamente, e de maneira um tanto abrupta, forneceu um alvo e berrou: «Abrir fogo!»

Logo a seguir fechou-se o silêncio sobre ele...

O'Bryant ficou muito tempo sentado, a escutar o silêncio que vinha de Joe. Uma voz britânica, dum avião que voava por cima, fê-lo voltar à ação: «Transportes estão-se aproximando da cidade, tropas saltando dos caminhões, e tomando posições perto dum cemitério.» A voz soava calma e muito britânica. «Vocês querem atirar neles?»

O *Tuscaloosa* disparou uma girândola de obuses, e a voz britânica lá de cima tornou, mas desta vez sem a habitual tranquilidade: «Ah, que beleza! que beleza! Mas que pontaria formidavel!»

Ao que parece, uma só salva tinha espalhado em cacos, num círculo de alguns hectares, uns dez caminhões carregados de alemães. A voz do inglês recuperou logo a fleugma: «Sinto muito, mas acho que agora tenho que me afastar daquí. O meu avião de proteção foi abatido, e um alemão está avançando pra cima de mim. *Good-bye* a todos!»

«Obrigado, e boa sorte!» berrou Bryant. Mas a voz do inglês não se tornou a ouvir...

Em vez disso foi a voz de Joe que falou daí a pouco. O rapaz estava de volta, sobrevoando Monteburgo. Deu a seguinte explicação:

«Não pude continuar a observar pra vocês (voz cansada). Os alemães nos meteram numa enrascada que durou duas horas, e se eu tivesse botado a cabeça de fora pra espiar, teria ficado sem ela...» E Joe começou a girar por cima da vila, localizando posições de infantaria, movimentos de tropas, postos de observação, e redutos de resistência. A sua voz fatigada repetia a cada descarga cá de baixo:

«Desta vez vocês mandaram eles pro inferno!»

Pela altura em que nós passamos, anelantes e com um batucar de ferros, junto do *Tuscaloosa*, O'Bryant subiu ao convés para tomar um pouco de ar, e ajudou-nos a observar como ardia Monteburgo. «Aquele Joe vai se encrencar!» comentou.

Os feridos com que eu falei deram-me uma idéia aproximada do que tinha sido aquele dia de combates. Disse um capitão de paraquedistas: «Quando cheguei em terra, quebrei uma perna. Levei dois anos me treinando, e quatro segundos depois de entrar em ação fico inutilizado! Rebolei para dentro duma espécie de vala. Os alemães estavam disparando contra mim, mas não conseguiram me pegar. Metido na vala eu pensava assim: Bem, seu moço, a sua contribuição total para o esforço de guerra resume-se em que você poupou tempo ao coveiro, metendo-se na cova pelo seu próprio pé... Um dos alemães começou a caminhar direito a mim. Matutei qual seria a palavra alemã pra dizer *Kamerad*, e só então me lembrei que *Kamerad* já é palavra alemã... Diabo! pensei cá comigo. Vou aproveitar pra ver se ao menos dou conta dum, nesta guerra danada. E liquidei ele! Esperei que ele chegasse bem perto, apontei à virilha, e dalí fui subindo com a minha arma pelo meio do tronco dele, até a garganta. Aí, perdí os sentidos. Mas ainda dei cabo de um! O sr. está vendo, desta maneira, que o meu treino não foi de todo perdido...»

Um oficial de Marinha, que sofria de ter ficado demasiado tempo na água, relatou: «A popa do meu navio foi toda pelos ares. Não deixa de ter seu lado cômico, sabe? Vi um rapaz que foi cuspido a uma altura superior à do mastro. Com os braços abanando e as pernas batendo—até pude reconhecê-lo cá de baixo, àquela altura! Ele foi pescado depois, e só teve uma perna quebrada!»

Um piloto de planador, abatido à retaguarda das linhas alemãs, disse-me: «Caminhei a noite inteira para o lado onde ouvia os canhões. Então encontrei um francês. Dei a ele as minhas rações, e ele me deu vinho. Rapaz, aquilo foi uma bebedeira! Atravessei a pé todas as linhas alemãs, e as nossas tambem, bêbedo como uma cabra, e cantando!»

NÃO HÁ maneira de contar tudo o que se passa num dia—nem sequer numa hora—de ação numa praia de desembarque militar. Centenas de milhares de homens circulam nesta cabeça de praia, e em volta dela; e se cada um deles tomasse nota de todas as coisas violentas que lhe parecessem dignas de registo, esses apontamentos haviam de divergir entre si, não de uma, mas de mil maneiras!

A imperturbavel Eleanor

¶ CERTA noite de maio, em 1919, quando Roosevelt era Assistente do Ministro da Marinha nos Estados Unidos, ele e a senhora iam para casa no seu automovel quando de repente se deu terrivel explosão. Dirigiram-se rapidamente para a rua onde moravam, e verificaram logo que reinava a mais completa escuridão; sentiram tambem que os pneus do carro rodavam sobre vidro partido. Todas as lâmpadas da rua estavam partidas, e muitas árvores perderam suas folhas. Quando o casal Roosevelt chegou a sua casa, viram que, lá tambem, a porta principal fora violentamente aberta pela explosão, não restando, alem disso, uma única janela intacta. O andar térreo estava transformado num verdadeiro caos.

Assim conta o Presidente o resto da história: «Corrí para cima, chamando pelo nosso filhinho, que tínhamos deixado com a empregada; eu estava com o coração nas mãos, e Eleanor tambem, muito aflita, vinha atrás de mim. O garoto não tinha nada; apenas estava um pouco apalermado com o barulho da explosão. Perguntou o que foi que tinha acontecido, e Eleanor respondeu: —Vá dormir, vá. Não foi nada. Foi só uma bombinha!»

Desde esse dia, sempre que algo de anormal sucede na família Roosevelt, e é necessário encarar as coisas com sangue frio, nunca falta quem repita a deliciosa observação da sra. Roosevelt: «Não é nada. Foi só uma bombinha!»

Lowell Thomas, no *Strand Magazine*

FRASES PITORESCAS E POÉTICAS

Convidamos o leitor a colaborar nesta nova seção de SELEÇÕES. *Queira ler a nota ao pé da página.*

Quando beijavam, minhas tias eram como galinhas dando bicadas no chão (Richard Llewellyn) . . . Elástico como a memória (Rebecca Lowrie) . . . Sempre mexendo, como cotovelo de violinista (Harold W. Thompson)

Os meninos ainda andavam por fora, espremendo ao dia um resto de brincadeira (Allis McKay)

A chuva parou, e as pálidas antenas dum sol aguado roçaram a terra esquecida (A. J. Cronin) . . . Dunas de areia, corcovas que o vento modelou (Faith Baldwin) . . . Perto do arrecife, o sino duma bóia monologa nas trevas (Karl Detzer) . . . A debil vela da madrugada, colocada no parapeito do horizonte (Walter Hovland) . . .

Dia de inverno, avançando com pés de veludo (Jules Romains) . . . As aldeias dormentes sob a neve que o luar banhava (John Buchan) . . . Um raio de sol de inverno rastejou até à lareira, para aquecer-se ao fogo (Marcel Proust)

Regatinhos delirantes, ébrios do vinho forte da Primavera (Samuel Hopkins Adams)... A cavalgata desvairada dos ventos de março (Edith Wharton) . . . A casa de fazenda dir-se-ia ancorada na neblina (Gordon Mac Quarrie) . . . Para ele as palavras eram pombos-correio: lançava-as uma a uma, e só em casos de urgência (Merle Crowell)... Tinha uma voz de chapa ondulada (Phyllis J. Bennet)

Só pensa por contágio: apanha opiniões como quem apanha resfriados (John Ruskin)

É democrático como a toalha de mãos duma cantina (Cal Tinney) ... Uma torrada tão fina, que até se retorcia de indignação . . . (Dr. Morris Fishbein)

Lançou ao marido um verdadeiro olhar conjugal (E. J. Rath) . . . Cara de orquídea com língua de cacto (Mrs. Montelle Hackett). Esta mulher não entra numa sala—invade-a! (Sydney A. Farbish)

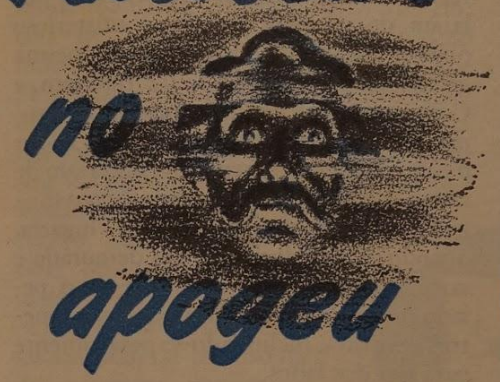
O professor era um sujeito lúgubre: embalsamava o seu assunto, e só então nos permitia olhá-lo (Frances Fitzpatrick Wright) . . . Um ébrio que se aproximava de várias direções (Jake Brown)

O crepúsculo incubava milhões de estrelas (Walter Winchell)... Seus olhos desembainharam espadas (Susan Cooper) . . . Mãozinhas de beija-flor (Louise Peattie)... Uma face nórdica e fria (Hart Crane)

SELEÇÕES pagará cinco dólares por cada frase digna de publicação que os seus leitores lhe remeterem. As frases podem ser originais, ou extraidas de algum livro ou periódico, devendo sempre indicar-se a respectiva origem. Os leitores podem mandar-nos quantas frases quiserem. Por cada uma das que forem publicadas pagaremos cinco dólares. No caso de duas ou mais pessoas nos remeterem a mesma frase, será publicada a que primeiro for recebida. Dirigir-se a: SELEÇÕES DO READER'S DIGEST—Seção de Frases Pitorescas—230 Park Avenue, New York 17, N. Y., E. U. A. (Para facilitar a remessa, as colaborações podem ser enviadas a Fernando Chinaglia, Rua do Rosário 55, Rio de Janeiro, que as transmitirá para Nova York, por via aérea). Não se acusará o recebimento das colaborações.

SEÇÃO DE LIVROS

Feiticeiro no apogeu



CONDENSAÇÃO DO LIVRO «HEY-DAY OF A WIZARD»

POR JEAN BURTON

TRANSBORDANTE de dramas pessoais, de agudo senso do espetacular, de comicidade e de empolgantes demonstrações espíritas, a carreira de Daniel Home não tem verdadeiramente paralelo na história dos médiuns. Na América como na Europa, as suas aterradoras sessões de espiritismo e o encanto irradiado pela sua personalidade invulgar, provocaram autêntico furor. Napoleão III, Imperador dos Franceses, e o Czar Alexandre de todas as Rússias, cumularam-no de gentilezas e de valiosas recompensas.

Ao colher os materiais para esta biografia, Jean Burton mergulhou à farta nos diários, na correspondência e nas obras publicadas dos mais distintos autores dos dois continentes, que tinham tido a sorte de testemunhar os estranhos poderes do grande médium. O fruto dessas pesquisas é este retrato profundamente absorvente.

Os modernos cultores da chamada psicologia transcendental admitem francamente que os prodígios levados a cabo por Home se podem perfeitamente explicar pela arte do truque, em que ele era consumado; mas os mais ilustres contemporâneos do espírita viram-se sempre a braços com o enigma, e nunca foi possivel provar com fatos que as suas manipulações fossem fraudulentas.

Biografia de DANIEL HOME, *o mais famoso dos espiritas*

CERTA NOITE de janeiro de 1863, diversas damas e cavalheiros de alta posição na sociedade parisiense, reunidos no salão de Madame Jauvin d'Attainville, esperavam com impaciência a chegada de um convidado de honra, um tal sr. Daniel Dunglas Home, há pouco vindo dos Estados Unidos.

Mais de seis anos tinham decorrido desde a primeira visita que fizera a París este «notavel espírita, que afirmava pertencer à mais seleta sociedade dos grandes médiuns». Os parisienses tinham-no achado seleto ainda em outro sentido: Mr. Home fazia questão de ser recebido estritamente como um «igual», e ninguem devia nunca, mas nunca, esquecer as conveniências ao ponto absurdo de lhe oferecer dinheiro... Jóias, vestuários, agasalhos de peles, viagens às mais elegantes estações termais, e curas de águas—tudo isso era, no ponto de vista dele, aceitavel: mas dinheiro... nem vê-lo! E outra coisa mais: o espírita recusava-se a considerar sequer aqueles convites que lhe não fossem dirigidos por intermédio de pessoa de sua absoluta confiança.

Para essa reunião em casa de Madame d'Attainville, o intermediário fora nada menos que o Príncipe Joachim Murat, que o médium conhecera numa sessão espírita dada pela Imperatriz Eugênia

nos seus aposentos das Tulherias. Entre outros hóspedes ilustres que alí estavam para saudar Home, contavam-se a Princesa Paulina Metternich e seu marido, o famoso diplomata austríaco e inspirador da Santa Aliança.

Após uma curta e formal conversação de abertura, em francês (que Home falava na perfeição), tomaram todos lugar em volta duma grande mesa. Os candelabros e lustres de cristal lapidado jorravam intensa luz dourada pelo aposento. Home escolheu uma cadeira de braços a uns quatro metros de distância do círculo, chamando de passagem a atenção dos assistentes para o fato de que a mesa se encontrava fora do alcance das suas mãos. E, como era sempre seu hábito, preveniu que Eles (os espíritos) podiam essa noite não estar dispostos a comparecer. Recostou-se então no espaldar da cadeira, e os presentes, emocionados, viram-no empalidecer gradualmente... Porque o olhar dos convidados, no silêncio daquela sala bem aquecida e fulgurante de luz, estava irresistivelmente fixado no rosto do médium.

Os grandes lustres começaram imediatamente a balouçar no ar, e uma cadeira avançou do fundo da sala como impelida por uma força irresistivel. Na tensão do silêncio que o envolvia, a voz de Home bradou então: «Aquí estão eles! Aquí estão eles todos em volta!»

A Princesa de Metternich não pôde reter um agudo grito de pavor.

E com muita razão: invisivel garra de ferro lhe acabava de apertar os delicados dedos... Outras pessoas presentes afirmaram tambem, com grande excitação, que acabavam de sentir a pressão desses dedos de ferro.

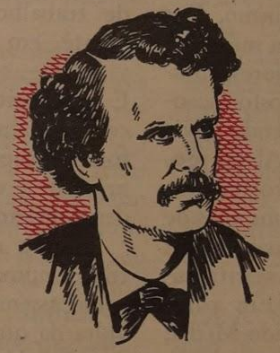
A preciosa tapeçaria que cobria a mesa ergueu-se depois com vagar, e por baixo dela Alguma Coisa— diríeis oculta mão— movia-se agora de lado para lado, em direção aos assistentes. O Príncipe de Metternich e outros ilustres personagens pularam de pé para agarrar o misterioso objeto, mas todos eles sofreram a mesma gelada decepção: mal que lhe tocavam, a Coisa incoercivelmente se evolava e sumia... Um dos cavalheiros chegou a rasgar o pano da mesa, outros se precipitaram de rastos debaixo desta: para acharem— nada. Já retomavam os seus lugares, quando da mesa lhes veio um demorado e sarcástico tamborilar de dedos—e o pesado movel se ergueu a alguns centímetros de altura, inclinando-se pesadamente para um dos lados.

Branco como a cal, imovel, de cabeça descaida para trás, Home já a essa altura entrara em transe profundo. E perguntava agora, naquela voz arrepiante que é a do mistério, se na casa haveria uma harmônica—as condições da sessão estavam-se revelando tão favoraveis, que era bem possivel que Eles estivessem até dispostos a fazer um bocado de música... Dois dos cavalheiros presentes ofereceram-se voluntariamente para buscar uma à loja de música mais próxima.

Regressaram passados minutos, carregando uma harmônica novinha em folha. Home rogou então à Princesa que tivesse a extrema bondade de se pôr em pé, só e no meio da sala, erguendo o instrumento numa das mãos bem acima da cabeça, o mais alto que pudesse.

A esposa de Metternich obedeceu prontamente. Sentiu primeiro que lhe davam um puxão, e logo,— «assombrada, ouví de repente, e todos os presentes comigo ouviram, o som duma música celestial, tocada a primor. A nossa emoção atingiu o ápice!»

Aquí terminou a memoravel sessão, e todos os que a ela haviam assistido prorromperam em animados comentários e especulações: seria aquilo fruto de alucinação? de hipnotismo coletivo? de passes-de-mão incrivelmente sutís? A Princesa de Metternich comentou o fato assim: «Não é de todo impossivel que Home fosse um hipnotizador sem rival; mas nenhum dos processos habituais do hipnotismo nos fora aplicado...» A Princesa faz igualmente notar que, durante a sessão, a sala onde ela decorreu nunca deixou de estar profusamente iluminada; e que Home, que nunca alí estivera, dificilmente poderia ter instalado quaisquer dispositivos para provocar fenômenos.



D. D. Home

A ilustre senhora ficou muito impressionada por uma anomalia que intrigou tambem inteligências muito mais treinadas do que a sua em matéria científica: quando a mesa se inclinava na presença e por ação do médium, por muito elevado que fosse o ângulo da sua inclinação, os objetos nela colocados ficavam todos no seu lugar, firmemente aderentes ao pano, e resistiam a todos os esforços que se fizessem para os deslocar. Mas ainda não é tudo: a chama duma vela, em vez de se conservar na vertical, inclinava-se ao mesmo ângulo que o castiçal e a mesa na qual aquele estava pousado!

Esta demonstração era do tipo das que Home, então na força dos seus 30 anos, organizava às centenas por ano. Não era raro chegar a dar cinco sessões por dia! As mais ilustres personalidades de dois continentes disputavam ansiosamente a honra de o ter como seu hóspede, e ele era quase um ornato indispensavel em mais de uma corte européia. Grande fora, assim, o caminho percorrido por este obscuro escocês, que em rapazinho emigrara para os Estados Unidos: e todo o seu triunfo ele o devia aos seus inexplicaveis poderes psíquicos.

DANIEL DUNGLAS HOME nasceu na Escócia em 1833. Seu pai era filho natural do décimo Conde de Home. Sua mãe era dotada de «segunda visão». Criou-se o mocinho com uma tia, Mrs. Mary McNeal Cook, que o levou, tinha ele então nove anos, para o Connecticut, nos Estados Unidos. Aos treze anos teve a sua primeira «visão», que consistiu em anunciar com rigor a morte de um amigo distante. Poucos anos depois o lar dos Cook começava a ser abalado por inexplicaveis acontecimentos, que se sucediam em cadeia: os moveis deram para se mudar silenciosamente de lado para lado; ouviam-se rumores sinistros; certa manhã, estando Daniel sentado para o café, ouviam pancadas que percutiam por toda a mesa...

Aborrecida com aquilo, a senhora mandou chamar a sua casa o pastor da Igreja Batista, e pediu-lhe rezasse pela cessação das misteriosas aflições, ao que ele acedeu. Mas quando o bom ministro erguia a sua invocação, na própria cadeira em que estava sentado soaram de leve as pancadinhas—e quanto mais veemente era a sua prece, mais rijas e insistentes se iam elas tornando!

Depressa os vizinhos, que logo tiveram notícia de tão estranhos fatos, puseram cerco à casa, crivando de perguntas os seus desorientados moradores. O moço Home dizia-lhes onde encontrar parentes de há muito perdidos, jóias desencaminhadas, títulos de propriedade que tives-

sem levado sumiço. A certa altura a Sra. Cook, que já andava farta daquele negócio, não esteve com meias medidas, e pôs na rua, com 17 anos, o pobre sobrinho.

Passava-se isto em 1850, ou seja dois anos, apenas, depois de as Irmãs Fox terem inaugurado o moderno espiritismo com as suas comunicações do Alem, e o moço deu entrada num mundo em que era já consideravel a concorrência dos mercadores de transcendentalismo. Por todos os cantos se encontravam médiuns, assim profissionais como amadores, mostrando rostos astrais e mãos fosforescentes, descerrando quadros e fazendo ouvir músicas de espíritos, vozes de Alem, provocando luzes sobrenaturais, correntes e bafos de ar gelado. Foram alguns anos de autêntico delírio, durante os quais o total dos membros do movimento espírita entrou pela casa dos milhões. Em parte alguma do mundo, desde a Idade-Média, se vira nada de comparavel a este desarranjo psíquico coletivo que, como uma ressaca, avassalou grande parte dos Estados Unidos.

Muito embora Home se dissesse um pobre abandonado, sem amigos, nunca lhe faltou lugar onde pousasse a cabeça para dormir. Desde o começo ao fim da sua carreira, ele soube sempre gravitar certeiramente em volta das eminências sociais, fosse qual fosse o meio onde se encontrasse. Na Nova Inglaterra a sua sociedade eram comerciantes bem fornidos de capital, médicos, diretores de jornais, eclesiásticos liberais, e gente deste quilate. Na França, o princípio manteve-se idêntico—só que os anfitriões eram Imperador e Imperatriz. Por toda parte era erguido aos píncaros da lua.

As maneiras de Home foram sempre descritas como engenhosas: indicava-se a proferir efusivas expressões de gratidão; e era eminentemente adaptavel,—sempre pronto a ajudar meninos que se viam aflitos no preparo da lição, ou a mostrar-se boquiaberto ante o desenho duma nova colcha de cama. A natureza dotara-o, numa palavra, de todas as qualidades necessárias para fazer dele o Perfeito Convidado. Tuberculoso desde a infância, a saude delicada tornou-o desde sempre alvo de carinho e cuidados.

Em toda a sua vida nunca fez um dia de trabalho: tornou-se muito simplesmente, em escala mundial, grandiosa e vitalícia—«o homem que vem jantar»... E os respeitados, severos cidadãos que o convidavam para o seio de suas famílias, foram sempre unânimes em afirmar solenemente a veracidade de acontecimentos desta ordem:

Bastava muitas vezes que Home entrasse numa sala, para que os moveis começassem a vibrar de leve, e a mesa em volta da qual a assistência tomara lugar, de mãos dadas, desatasse a estremecer ou a palpitar. Quando a «presença» era forte, o fenômeno comunicava-se às paredes e ao chão, de tal maneira que a casa inteira vibrava e estremecia. As pancadas soavam indistintamente por todos os lados, e uma brisa fresca começava a soprar através da sala, dando arrepios de frio às pessoas mais sugestionaveis. Depois disto, tudo podia acontecer: umas vezes eram mãos materializadas que saíam de nuvens luminosas, campainhas que tiniam sem ninguem lhes tocar, lenços que pulavam fora dos bolsos para darem, em pleno ar, diante dos olhos assombrados dos seus possuidores, o mais complicado dos nós... Havia pianos bem-humorados que empurravam velhas donas respeitaveis contra uma parede; relógios que batiam sinistras badaladas em resposta a indiscretas perguntas. Harmônicas, concertinas, guitarras, e outros instrumentos, emitiam música, quer estivessem nas mãos do próprio Home,

quer nas de qualquer outra pessoa—ou mesmo sem que ninguem lhes pegasse. Esses instrumentos musicais eram o cúmulo: sem deixarem de tocar briosamente, jornadeavam de convidado em convidado. Havia sujeitos cépticos que já vinham de casa munidos dos seus próprios instrumentos, ou que se metiam a desmantelar aqueles que tinham ouvido tocar—sem por isso descobrirem nada de anormal.

A levitação era uma das mais peregrinas proezas de Home, e nessa ele levava a palma a todos os rivais. A primeira notícia que haja dum caso desse gênero data de 1852, e devemo-la a L. F. Burr, redator do *Hartford Times*. Diz ele: «E súbito, Home foi arrebatado até ao elevado teto do apartamento, com o qual entrou brandamente em contacto, de cabeça e mãos... Nesse instante, posso afirmar que ele próprio ficou ligeiramente assustado.»

Aquele mesmo ano Home recebia uma delegação da Universidade de Harvard, constituida pelo poeta William Cullen Bryant, mais os senhores B. K. Bliss, William Edwards e David A. Wells. Finda a sessão, assinaram todos quatro uma ata em testemunho de que, entre vários outros fenômenos, quando Wells se sentou em cima duma mesa, esta «sacudiu-se durante alguns momentos com grande violência», acabando por pousar de lado sobre duas das pernas apenas; e nesta posição se manteve, ainda mesmo depois de Bliss e Edwards se terem tambem sentado em cima dela.

Referiram depois o fato de que «Home repetidas vezes instou conosco para que o segurássemos pelas mãos e pelas pernas. A sala estava bem iluminada, e foram-nos oferecidas todas as facilidades para a mais minuciosa das inspeções. *Sabemos que não fomos vítimas de qualquer ilusão, nem de truques.*»

As demonstrações de Home deviam a sua caraterística mais impressionante a dois traços que lhe davam lugar excepcional, sem paralelo: ele ficava invariavelmente sentado entre os restantes espectadores, e executava todos os seus passes em plena luz. Caçoava constantemente desses pobres praticantes que só podiam operar em gabinetes escurecidos, ou por meio de cabines espíritas rodeadas de cortinas. Comentava com impressionante gravidade: «Onde reina a escuridão, há sempre a possibilidade de imposturas». Isto explica que Home nunca fosse muito querido dos seus vários confrades em mediunismo.

Home nem sempre caía em transe durante as suas sessões, mas as manifestações físicas eram sensivelmente as mesmas, quer ele entrasse quer não entrasse em transe. Quando neste estado peculiar, isto é, quando presumivelmente um «espírito» se empossava das suas palavras e ações, Home mostrava-se por vezes muito abalado, tinha e descrevia visões horrorosas, chorava e estremecia, percorrido de arrepios como se atacado de maleita. Uma vez por outra os braços punham-se-lhe rígidos, e as maxilas tetanizadas. Quando saía do transe e lhe descreviam o que, «durante a sua ausência», acontecera, Home replicava por vezes friamente... que não acreditava nem palavra do que lhe contavam.

EM FINS de 1854 Home embarcou para a Inglaterra, onde de há muito o tinha precedido a fama dos seus feitos. Já o escritor Thackeray, por exemplo, ao escrever para o seu país durante a primeira turnê de conferências que fez pelos Estados Unidos, lhe tinha aplicado o epíteto de «prodigioso».

À medida que o navio se acercava das costas de Inglaterra, Home registava com

premeditada dramaticidade: «E alí estava eu sozinho, a saude abalada, sem um amigo que me esperasse...» Era todavia sua simples convicção que alguem surgiria sempre, a tempo de lhe suavizar as asperezas do caminho: e com efeito sempre aparecia alguem.

Daquela vez ele levava no bolso uma carta de apresentação para Mr. William Cox, proprietário do Hotel Cox, em Jermyn Street. A cordialidade que Mr. Cox externava em relação aos espíritas era já conhecida nas duas margens do oceano, e «tão cedo ele soube quem eu era, acolheu-me como um pai teria acolhido seu próprio filho». Em termos menos bombásticos: nada lhe cobrou pela hospedagem...

Não tardou que, em Londres, o número dos convites para as casas da mais alta nobreza excedesse de longe a sua possibilidade material de os aceitar. Sir Edward Bulwer-Lytton, o romancista célebre dos *Últimos Dias de Pompéia*, e grande narrador de histórias sobrenaturais, conseguiu que Home realizasse várias sessões na sua casa de Park Lane, e uma vez por outra tornou a convidá-lo nos dez anos seguintes.

Não tinha estado muito tempo em Londres, quando a poetisa Elizabeth Barrett Browning, que viria a tornar-se uma das suas fãs vitalícias, conseguiu obter convite para uma das sessões do médium. Durante uma hora de assombros e prodígios, a mais famosa poetisa inglesa ficou sentada, num estado de arrebatamento, com seus negros olhos fulgurando na face pálida e delicada como marfim. Tambem estava presente o marido, Robert Browning: mas este franzia a testa em sinal de profunda reprovação por aquela excursão aos subterrâneos da inteligência...

Ocorreu por essa altura o famoso episódio da grinalda: «A pedido do médium, (escreveu a delicada sra. Browning) a mão espiritual ergueu da mesa uma grinalda de clematites, e colocou-a na minha cabeça. Essa mão estava tão perto de mim como a mão com que escrevo, e pude perfeitamente vê-la...»

Nem mesmo assim Robert Browning depôs a desconfiança que votara aos ocultos poderes do escocês: a sua teoria no caso era que as mãos do «espírito», ou bem eram «os pés descalços do sem-vergonha», ou então qualquer engenhoca presa aos sobreditos pés. Escreveu por essa época o poema *Mr. Sludge, the Medium*, sátira demolidora cuja inspiração se tornou óbvia para toda a gente, na Inglaterra, exceto para Home, que a fornecera: dizia este, defendendo-se com o mais cândido sorriso, que «não há pessoa, por muito mal que me conheça, capaz de encontrar *nisto* o mais leve ponto de semelhança comigo».

Ao contrário do que se deu com o poeta, Home encontrou prontamente em John Ruskin um adepto fervoroso. O grande crítico, tendo previamente anunciado que perdera a fé nas religiões reveladas, assistiu às sessões de Home e tornou-se ardente partidário do «espiritismo». Já Charles Dickens, por seu lado, fulminou Home com veemência, acusando-o de impostor. O humorístico *Punch* não deixou de alvejá-lo com a sua sátira. «A imprensa faz-me a honra de me atacar diariamente,» dizia com modéstia o médium, para quem tamanha publicidade não eram penas perdidas.

Quanto à doce sra. Browning, dedicou mais espaço na sua correspondência a este profeta Daniel do espiritismo, do que a qualquer outra celebridade sua conhecida. «Tenho ouvido imensas coisas a respeito da questão Home,» dizia ela em carta a sua irmã, «e tudo tende a confirmar o que vi. Robert foi visitar um amigo descrente, que costumava fazer coro com ele contra as pessoas que se deixam lograr por tão absurdas fantasias; pois com grande surpresa, meu marido foi encontrar a casa virada ao avesso! Tinham-se tomado as mais diversas precauções— até tinham atado Home de mãos e pés. Pois as mãos do espírito vieram desatar os nós um por um, à vista de todos os presentes! A sala inteira tremeu como abalada por um sismo, a tal ponto que todo o mundo ficou enjoado. Em tais condições, o cepticismo é de todo descabido.»

EM PARTE alguma do mundo os espíritos visitadores produziram mais fortes ecos do que entre a colônia anglo-americana de Florença, na qual Home gravitou em 1855, na qualidade de hóspede de Thomas Adolphus Trollope, irmão do romancista Anthony. Aquela sociedade ociosa, de expatriados gozadores da vida, acolheu-o com entusiasmo, e todos rivalizaram de esforços para o receber e agradar. Quando Nathaniel Hawthorne chegou a Florença, três anos depois, ainda foi encontrar a colônia vibrando do «caso Home»; o romancista passou imediatamente a recolher elementos para as suas histórias sobre as proezas do espírita.

Hawthorne tomava chá um dia em casa de Hiram Powers, grande autoridade em anatomia, que tinha procedido a uma cuidadosa inspeção das «mãos espirituais» de Home, e lhe relatou alguns dos fenômenos que presenciara em sua própria casa. Assim, duas mãos fantasmáticas tinham aparecido à beira duma mesa e, erguendo um leque, puseram-se a abaná-lo com a maior naturalidade... Quando, no curso da sessão, Powers inquiriu qual fora a última coisa oferecida em presente a um menino que falecera, ele e sua mulher sentiram de repente uma viva picada nos joelhos, como se feita por um instrumento aguçado: o último presente que o menino recebera fora... um canivete!

«Powers ainda me referiu muitas outras maravilhas (fala Hawthorne, o mais moderado dos mortais) que parecem ter tanto jus a ficar arquivadas por escrito como fatos, quanto outra coisa qualquer que dependa do humano testemunho.»

O anfitrião de Home em Florença, Trollope, escolheu a dedo um velho nigromante, Bartolomeo Bosco, para indagar da sua opinião sobre o médium: Bosco assegurou-lhe que as manifestações provocadas por Home estavam muito alem e para cima de todos os recursos de qualquer ilusionista conhecido.

Quando esta opinião autorizada correu Florença, de boca em boca, os cidadãos ficaram consternados. Passaram a murmurar que Home organizava «missas negras», e que erguia os mortos da cova por meio de artes mágicas... Viu-se ele então ameaçado, em cartas anônimas, dos mais requintados castigos, se não saisse correndo da cidade. Felizmente para Home, o Conde Branicka, sobrinho-neto de Potemkin, convidou-o por essa altura a regressar a París.

Produziu-se então um acontecimento imprevisto, e de grande repercussão: Home anunciou que, no dia 10 de fevereiro de 1856, os espíritos o tinham informado de que o seu «poder» estava prestes a abandoná-lo exatamente durante o período de um ano...

No ano seguinte toda a gente sabia, em París, o dia preciso em que os poderes de Home lhe deviam voltar, e pode-se dizer que nunca o reaparecimento duma diva da ópera, ou dum moderno campeão de box, foi alvo de mais ardentes e desencontradas especulações. Esse ano de abstenção foi obra do mais fino senso da espetaculosidade...

Afinal, na manhã de 11 de fevereiro de 1857, o Marquês de Belmont, a mandado de Sua Majestade Imperial Napoleão III, esperava à porta da casa de Home para saber «se o poder já tinha voltado». Sim senhor, replicou Home, voltara à meia-noite em ponto, e o sinal da *reprise* fora dado pela mão dum espírito que lhe pousara na testa...

Dito isto, o marquês rogou ao médium, em nome do imperador, que se apresentasse no Palácio das Tulherias tão depressa lhe fosse possivel.

DIA ESCOLHIDO com sentimento do mistério, foi numa sexta-feira e dia 13 de fevereiro de 1857, que Home compareceu pela primeira vez à presença de Napoleão III e da romântica Imperatriz Eugênia. Durante toda essa sessão inicial, os frios olhos do imperador estiveram pensativos. O soberano era tambem um mágico-amador bastante razoavel; em todo caso, dava-lhe que pensar que as suas perguntas *mentais* fossem respondidas por aquelas misteriosas pancadinhas...

A Imperatriz Eugênia deixou-se cativar completamente pelo espírita, depressa e sem opor resistência. Home pediu-lhe que metesse a mão por baixo da mesa, segredando-lhe que, se outra mão alí apertasse a dela, seria a de alguem que Sua Majestade não tinha que temer... Esperaram todos, e um momento depois a imperatriz murmurava, quase sufocada, não podendo crer nos seus sentidos: «É a mão de meu pai!» A seu turno, o imperador tocou-lhe tambem: ambos confessaram que a reconheciam sem hesitar, por certo defeito caraterístico...

O momento culminante da sessão foi, porem, quando um halo luminoso se condensou no ar, para logo se transmutar na mão dum homem, que agarrou num lapis e escreveu rapidamente: «Napoleão.» O imperador declarou incontinenti que era a assinatura do grande Bonaparte. Eugênia rogou então que lhe fosse consentido beijar a mão daquele a quem ela e o esposo tanto deviam, e a mão, antes de se desvanecer, ergueu-se até os lábios de Eugênia.

O imperador, impressionado, mandou recado urgente aos doutores da Sorbona, que, segundo ele esperava, explicariam todos aqueles fenômenos como causados pela «eletricidade»—então ainda uma curiosidade de laboratório pouco menos misteriosa do que o ectoplasma dos espíritas. Mas o desconcertante veredito dos sábios professores foi, apenas, que tudo quanto o imperador justamente acabava de lhes dizer que *vira*—não era coisa que olhos humanos jamais pudessem ver...

A partir de então, Home passou a jantar todas as semanas em família com o par imperial, e executou muitos números de seu repertório transcendente para gozo e espanto dos mais distintos visitantes estrangeiros. A corte inteira estava fascinada, e todos alí se mostravam incansaveis em incensar o espírita. Tantas atenções eram realmente de molde a fazer andar à roda a cabeça de qualquer mortal, mas Home tinha mão firme nos seus impulsos. Pálido e imperscrutavel, atravessava aquele mundo de belezas frisadas, cintilantes de jóias, roçagantes de crinolinas, que era a corte de Napoleão-o-Pequeno.

O mundo lá de fora não deixou de interpretar maliciosamente a influência que Home ia ganhando sobre a corte imperial da França. O *Harper's Weekly* consignou que a imperatriz tinha o médium «tão constantemente nos seus aposentos, e em tal intimidade, que as más línguas de París já começavam a babar escândalo». Mais prejudiciais ainda eram as referências que saíam de París pelas malas diplomáticas. Lorde Crowley, embaixador da Inglaterra, escrevia que «ele domina por completo o Imperador e a Imperatriz. A polícia até já anda alarmada». O Conde Walewski, filho ilegítimo de Napoleão I e da sua amiga polonesa Maria Walewska, acusou Home de manobras a favor duma potência estrangeira.

Mr. Home, entretanto, ria placidamente, a todas as sugestões de intriga—mas, a certa altura, atravessou-lhe o espírito este pensamento realmente solene: «Que uso não faria deles um homem calculista, se tivesse os dons que eu possuo?...»

A SOCIEDADE parisiense acabou por abrir de par em par as suas portas a Daniel, que passou a jantar diariamente com príncipes, condes e duques. Era visto com frequência na companhia de Alexandre Dumas, nos teatros e terraços dos cafés da moda. O poeta Shelley e sua mulher convidaram-no a passar uma quinzena em companhia deles. Foi até à Holanda realizar algumas sessões na presença da Rainha Sofia, na Haia. Visitou o Grão-Duque de Baden-Baden, em cuja corte fez uma demonstração especialmente para o rei do Vurtenbergue e o Príncipe Regente da Prússia. O próprio Papa Pio IX (pois que Home, no curso das suas andanças, se convertera ao catolicismo) lhe deu audiência, durante a qual lhe fez muitas perguntas, mandando-o por fim embora com a benção apostólica.

De passagem em Roma, Daniel encontrou num jantar de festa a bela Sacha de Kroll, russa, com 17 anos, e solteira. Doze dias depois anunciavam que estavam noivos.

A cerimônia do casamento realizou-se na Rússia, e Alexandre Dumas serviu de padrinho do noivo. O tzar Alexandre II, cuja sanção era indispensavel para o consórcio de qualquer membro da nobreza, tinha já dado o seu consentimento. (Por sinal, o imperador viria a tornar-se um fiel e bom amigo do espírita.) Três dias antes do casamento, mandou de presente a Daniel um deslumbrante anel de diamantes.

E quando, um ano depois, Sacha teve o seu primeiro bebê, um menino, o padrinho foi nada menos que Alexandre, o tzar de todas as Rússias!

No primeiro aniversário do casamento, os Home, com o bebê Grischa e a respectiva ama, sairam da Rússia para a Inglaterra. Hospedaram-se num apartamento do Hotel Cox (pelo visto, Home era fiel nas amizades), forraram os aposentos com fotografias autógrafas da nobreza e testas coroadas de toda a Europa, e depois abriram as portas a uma torrente de visitantes, que impudicamente se atropelavam uns aos outros para avistar o médium e a sua esposa tão jovem.

Por volta de 1870 seria dificil encontrar uma pessoa de relevo social, homem ou mulher, que não tivesse assistido pessoalmente às prodigiosas demonstrações de Home. Era, numa palavra, o cúmulo da celebridade.

Rodeado de nobres assombrados, com uma mulherzinha deliciosa pelo braço, um filho tenro, e dons psíquicos dos mais rendosos, poderia dizer-se que Home recebera da vida tudo quanto esta, legitimamente, podia oferecer-lhe... Mas uma sombra pesou em breve sobre essa ventura: nenhum «espírito» bondoso parecia ter achado próprio premunir a linda Sacha contra os perigos de contágio pela tuberculose, e a pobre criaturinha começou a definhar a olhos vistos.

Foi um trágico episódio, esse da doença e morte de Sacha. Nem sequer a agravante da notoriedade lhe faltou, pois a bisbilhoteira Inglaterra assistiu em peso àquilo, como a um drama que decorresse

Adare, à cabeceira. Segundo eles, o médium «parecia ir crescendo por ambos os extremos», que se iam afastando cada vez mais um do outro. Acudindo com uma fita métrica, Hall verificou, com uma tontura de assombro, que dos pés à cabeça do médium iam agora quase 2,10 metros!

Mas era o espetáculo de Home manipulando o fogo o que dava aos espectadores o grande e supremo arrepio de horror. Houve em certos meios quem visse nisso a prova irrecusavel de que ele tinha pacto com o Excomungado. Ao que parece, Home podia transmitir a sua imunidade às outras pessoas, e até, ocasionalmente, às próprias flores: punha-as a torrar entre chamas, e depois exibia-as frescas e intactas, como se acabassem de chegar do florista! Lady Gomm testemunhou que, quando ele lhe passou para a mão um carvão em brasa, ela o pôde segurar sem se queimar; mas quando o pousou em cima duma folha de papel, esta desfez-se instantaneamente em chamas.

Homens de nervos robustos ficaram lívidos no dia em que Home, no estado de transe, se encaminhou para uma grande chaminé da sala, espevitou as brasas com a mão, e em seguida, «ajoelhando», pôs a cara mesmo entre os carvões, roçando-a de lado para lado, como se estivesse banhando na água ... Quando voltou cá para fora, nem sequer um cabelo da cabeça se achava crestado! Pegou então num carvão ardente, e andou com ele à roda da sala: estava tão quente, que ninguem se aguentava a 10 ou 15 centímetros de distância dele!

Viver na companhia de Home, como convidado ou companheiro de viagem, era coisa que estava sujeita aos acidentes mais inquietantes. Certa vez, por exemplo, estava ele de passagem em casa dum tal John Enmore Jones, em Norwood, quando Lorde Adare, que se fizera então seu constante companheiro, e viera assistir a uma das suas sessões, perdeu o último trem para Londres, e foi hospitaleiramente convidado a passar alí aquela noite. Carregaram um sofá para o andar de cima, onde estava o quarto de Home. Apagou-se o gás, mas da rua vinha uma réstea de claridade. Estavam os dois amigos conversando em voz sonolenta, quando o quarto começou a ser sacudido, e invisivel mão desatou a puxar-lhes as roupas de cama. Depois ouviu-se música. Chamaram Mr. Jones, que acudiu correndo, e perguntaram-lhe se alguem estaria tocando na casa: ele disse que não, àquela hora!, e ficou tambem para ver o que se passava.

Adare podia agora ouvir o ruido que faziam os seus óculos e a caixa de rapé, que ao deitar-se pusera numa cadeira ao lado da cama, e com os quais o Invisivel brincava. Ao mesmo tempo, a mesa onde ele tinha posto o vestuário ergueu-se no ar, tornando-se do mesmo passo luminescente; as roupas cairam por fim, e o dinheiro que estava nos bolsos rolou tilintando por sobre o tapete. O último rumor que ele nessa noite ouviu foi o tinir das moedas, que os «espíritos» amigos da ordem andaram apanhando do chão, e metendo nos bolsos donde tinham saido.

Home fechou o ano de 1868, em Londres, com o acontecimento mais espetacular e retumbante de toda a sua inquietante carreira: uma combinação de levitação e transporte, passando ele dum quarto para outro através das janelas, situadas à altura dum terceiro andar. O fenômeno produziu-se em casa dos Hall, na presença de Adare, Lindsay, e dum primo de Adare, o capitão Charles Wynne. Lorde Adare e Lindsay escreveram separadamente os seus relatos do impressionante caso.

Contam eles que Home, em transe havia algum tempo, começou a andar pelo quarto numa atitude inquieta, até que por fim se sumiu no quarto vizinho. Ao mesmo tempo Lindsay ouviu uma voz murmurar-lhe ao ouvido: «Ele vai sair por uma janela e entrar pela outra!» Mal tivera tempo de transmitir aos amigos a espantosa revelação, quando «ouvimos levantar a janela de guilhotina do quarto ao lado, e quase imediatamente vimos Home a flutuar no espaço, fora da nossa janela! Manteve-se nessa posição durante alguns segundos, em seguida ergueu a janela, entrou no quarto vogando de pés para diante, e sentou-se.

«Lorde Adare foi então até ao quarto imediato, para examinar a janela: estava levantada uns 37 centímetros, e o nosso amigo declarou-se surpreendido com o fato de Home poder passar através duma abertura tão estreita. Home respondeu (sempre em transe): «Eu lhe mostro»; e logo, de costas para a janela, inclinou-se até ficar na posição horizontal e foi disparado pela abertura da janela, de cabeça para a frente, com o corpo em estado de rigidez. Daí a pouco regressou.»

Home despertava pouco depois, num estado de grande agitação, declarando que se sentia como se tivesse atravessado um grande perigo, e que tinha o mais horrivel desejo de se arremessar pela janela fora...

Nos começos de 1871, a convite do Barão Meyendorff, Home voltou a visitar a Rússia, aonde não fora havia seis anos. O tzar convidou-o a aparecer no Palácio de Inverno.

Durante essa visita travou conhecimento com a formosa Julie de Gloumeline, parenta de S. Exa. Alexandre N. Aksakov, Conselheiro Imperial e espírita distinto, e do dr. A. von Boutlerow, professor de química na Universidade de São Petersburgo.

Júlia achou o médium simpático, e ouviu logo uma voz no ar, por cima dela, anunciando—«Eis o teu marido...» Ficaram noivos quase imediatamente. Mas o casamento não se realizou tão cedo, porque Home tinha que regressar à Inglaterra em março, obrigado por contrato.

William Crookes, o brilhante e ambicioso físico-químico, então em plena mocidade, mais tarde enobrecido com o título de *Sir*, interessara-se profundamente por Home, e andava ansioso por estudar os fenômenos do médium, mas no laboratório.

«O espírita—disse Crookes—fala-nos de salas e casas sacudidas por alguma força sobrehumana. Mas o homem de ciência limita-se a pedir que ele faça vibrar um pêndulo metido sob a sua redoma de vidro.» Dificilmente poderia Home, na sua opinião, hipnotizar *instrumentos*...

Entre os complicados aparelhos de controle instalados por Crookes, estava uma harmônica, metida numa espécie de gaiola toda envolvida em fio de cobre isolado. Durante as experiências, as mãos de Home conservaram-se seguras; apesar disso, podia-se ver o instrumento pairando dentro da gaiola, tocando escalas e acordes, e depois «uma suave e queixosa melodia».

Depois de ter presenciado levitações, manipulações do fogo, e outros fenômenos igualmente prodigiosos nas sessões de Home, Crookes escreveu um relatório para o *Quarterly Journal of Science*, no qual «afirmou concludentemente» a existência de uma «nova força, de certo modo obscuramente relacionada com o organismo humano, que por conveniência poderíamos chamar Força Psíquica»; e que, de todas as pessoas dotadas dessa força, Home era sem dúvida a mais notavel. «*Tudo a quanto com ele assisti, decorreu em plena luz.*»

«Os fenômenos que eu estou preparado para atestar, opõem-se tão diretamente aos artigos mais firmemente assentes da fé científica—entre outros, a ubiquidade e a ação invariavel da gravidade—que em minha mente se estabeleceu um duelo entre a *razão*, que pronuncia o fenômeno como cientificamente impossivel, e a *conciência* de que meus sentidos, assim o tato como a vista ... não são testemunhas perjuras.» Vinte anos depois Crookes ainda escrevia: «Não descobrí vício algum nas experiências então feitas, nem no raciocínio que nelas assentei.»

Casado pela segunda vez, Home retirou-se com 38 anos à vida privada. A demanda judicial sobre a herança de Sacha foi decidida a favor dele. Com as finanças enfim equilibradas, Home era agora o perfeito cosmopolita, ocioso e urbano, e gastou anos de vida em viagens. Mas tinha a saude minada, ambos os pulmões afetados; alem disso sofria de artritismo, e para andar via-se forçado a apoiar-se numa bengala.

Quando aparecia nas termas elegantes, rodeado de secretários e admiradores, a esposa bonita e esbelta pelo braço, sempre debruçada sobre ele, o prestigioso e legendário mágico, com o peito reluzente das jóias que no curso de muitos anos lhe haviam dado em prova de estima as altezas e as realezas, parecia uma árvore de Natal, e em volta dele erguia-se um murmúrio de curiosidade maravilhada. Os dedos de ambas as mãos eram literalmente recamados de anéis. Às pessoas que, ao vê-los, deixavam escapar brados de assombro, Home dava indulgentes explicações: «Este aquí foi presente do Imperador dos Franceses, este, da Rainha Sofia da Holanda; estes rubís, diamantes e esmeraldas foram presentes do tzar da Rússia; e a pérola é uma lembrança de Guilherme I da Alemanha.»

Home festejou em Nice o seu 50º aniversário natalício, e a colônia estrangeira da cidade reuniu-se para o homenagear com cestas de flores e discursos de louvor. Morreu três anos depois, na primavera de 1886, e foi enterrado no cemitério russo de St. Germain-en-Laye.

A vida e as aventuras de Home causaram sensação em toda a Europa, mas o seu triunfo ainda hoje permanece um inexplicavel segredo. Ele próprio nunca, em vida, forneceu qualquer chave de seu enigmático poder, e o segredo acompanhou-o ao túmulo. Tudo o que se pode dizer a respeito, é que Home teve uma existência que foi, não há nenhuma dúvida, um espetáculo permanente e prodigioso.

Até o fim nunca se deixou apanhar desprevenido. A sua vida deve ter sido uma exhaustiva e perpétua vigilância, e os seus dons de espírito muitas vezes o devem ter socorrido à beira do desastre: não obstante, os triunfos tangenciais que constituem o drama real desta existência, nunca ninguem pôde compartilhar deles... «O impostor realmente consumado—refletiu um dia G. K. Chesterton—é o mais desgraçado dos gênios; é como um Napoleão numa ilha deserta!»

¶ Tornamo-nos realmente adultos no dia em que conseguirmos rir de fato... de nós mesmos.

—Ethel Barrymore

ÀS SUAS ORDENS

Para o abastecimento
de melhores produtos de Petróleo

De noite e de dia—para uso em todo o mundo—a vasta organização Texaco não pára de refinar lubrificantes e combustiveis especializados. Homens e ciência conjugam suas forças para criar estes produtos de petróleo, tão essenciais na guerra, e tão indispensaveis na paz.

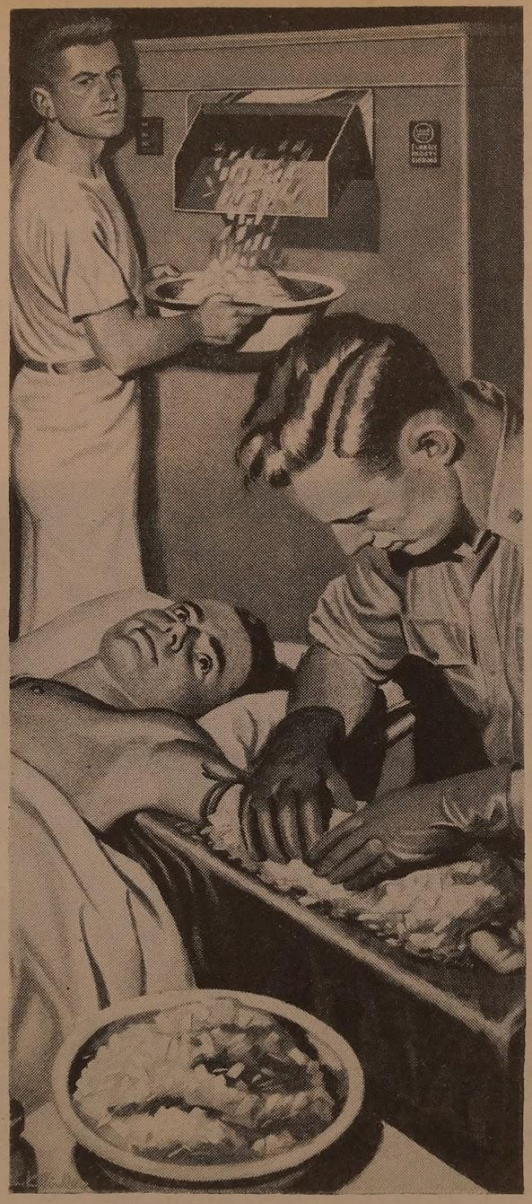
THE TEXAS COMPANY
seus distribuidores

TEXACO
MARCA REG.

UNIDAS HOJE
UNIDAS SEMPRE PARA

TEXACO PRODUTOS DE PETROLEO

Frio Benfazejo



O GELO fez que se acrescentasse uma nova expressão ao vocabulário médico: é a *Anestesia pela Refrigeração*, nova técnica cirúrgica, revolucionária, que está ajudando o Corpo Médico da Marinha dos E.U.A. a poupar muitas vidas no Pacífico Sul.

O gelo, derramado pelas máquinas York FlakIce da Marinha ao simples toque de um comutador, produz uma completa anestesia local. Não só os nervos, mas toda a substância vital dos tecidos congela e amortece, com o consequente alívio da dor e do choque. As urgentes operações podem ser adiadas para oportunidades mais seguras. O benfazejo frio evita o crescimento de bactérias, diminue os riscos de infecção e reduz o metabolismo local, a tal ponto que mesmo um fluxo sanguíneo precário se torna suficiente para nutrir os tecidos ainda vivos.

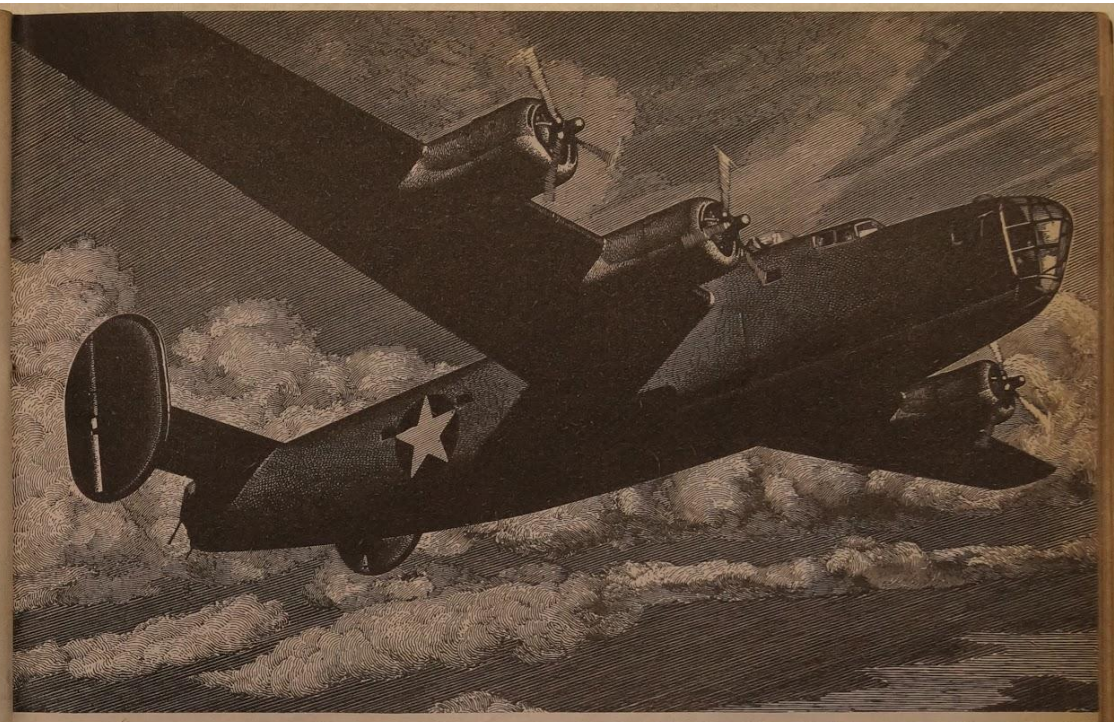
Mesmo nos postos mais avançados ná gelo essa sob essa forma para a nova e benemérita missão. Inteiramente portatil, a máquina FlakIce pode produzir gelo em minutos apenas. O gelo sai dessa máquina incomparavel em fitas cristalizadas e soltas ...pronto para as compressas geladas que podem significar outro triunfo da vida sobre a morte.

Hoje, o FlakIce da York está reduzindo a dor, preservando os víveres, e ajudando a tornar a vida mais agradavel para os homens que estão na guerra. Esta e muitas outras conquistas da York em refrigeração e ar condicionado estão dando a sua contribuição afim de tornar mais próximo o dia em que tais aparelhos possam outra vez servir à saude e ao bem-estar da humanidade na Paz. York Corporation, York, Pa., E.U.A.

YORK **REFRIGERAÇÃO E AR ACONDICIONADO PARA A GUERRA**

Centro de Refrigeração Mecânica desde 1885

REPRESENTANTES NO BRASIL: BYINGTON & CO. SEDE PRINCIPAL NO RIO DE JANEIRO



Bombardeiro Consolidated Liberator construido pela Ford.

Veja passar os Ford!

ESQUADRILHAS de poderosos bombardeiros estão saindo da fábrica Ford em Willow Run. São esquadrilhas de gigantescos *aviões Ford* de quatro motores, com asas e fuselagens blindadas, capazes de descarregar sobre o Eixo toneladas de bombas.

Esses bombardeiros Consolidated Liberator, construidos pela Ford, estão não só em produção, mas em *produção em grande escala,* saindo da Willow Run em ondas interminaveis.

Anteriormente, não se havia realizado tão grande e complexa produção em larga escala, a base de peças interpermutaveis. Alguns asseguraram que não se podia fazer isso, que as permutas em construção tornariam *impossivel* a produção em quantidade. O exército, por sua parte, sabia muito bem que uma falha na fabricação de aviões em série seria desastrosa. Sabia que a Vitória exigia o que parecia *impossivel,* e teve confiança na Ford para a sua execução.

O exército tinha razão. O que muitos acreditavam *impossivel, se realizou* em Willow Run!

Enquanto esses bombardeiros Liberator, construidos pela Ford, continuam seu vôo triunfal sobre os campos de batalha, lembremo-nos que em sua quantidade e qualidade se reflete o sentimento de toda a organização Ford, *de não poupar esforço algum para alcançar a Vitória final.*

FORD MOTOR COMPANY

Ford

"IXTAPANTONGO"

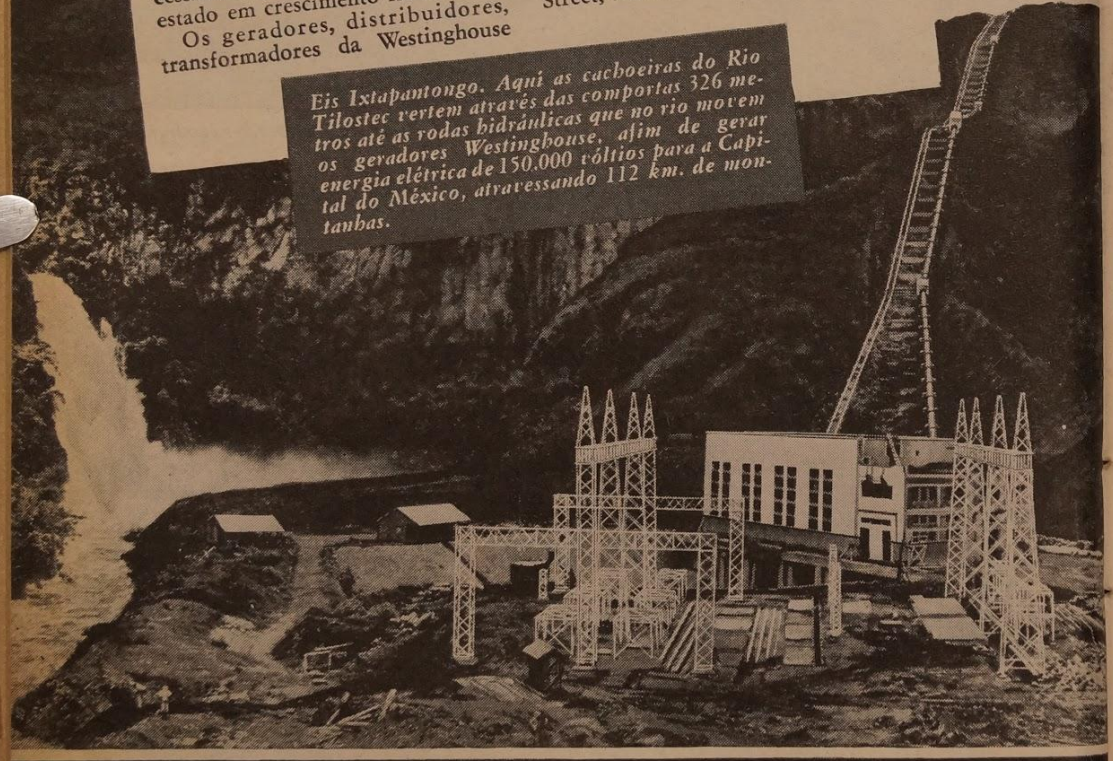
palavra que no México faz brilhar muitos olhos!

DIGA "IXTAPANTONGO" a um mexicano seu amigo . . . e observe o seu orgulho por esse empreendimento, o maior projeto hidro-elétrico até hoje tentado pela Comissão Federal de Eletricidade.

E o mexicano tem razão. Eis aí um grande serviço ao público aproveitando uma das grandes riquezas naturais do país, com o fim de suprir a área da capital do México com abundante energia elétrica, necessidade primordial de qualquer estado em crescimento industrial.

Os geradores, distribuidores, transformadores da Westinghouse estão trabalhando em Ixtapantongo. A solidez do seu modelo e fabricação contribuirão para a eficiência da usina. Assim, mais uma vez — aquí como em todos os recantos do globo — a perícia técnica e a mão-de-obra da Westinghouse provam o seu valor, ajudando a levar força-motriz a baixo custo para a fazenda e a oficina, assim como abundante luz e energia para os utensílios que hoje constituem o prazer e o conforto do lar. Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York 5, E. U. A.

Eis Ixtapantongo. Aquí as cachoeiras do Rio Tilostec vertem através das comportas 326 metros até as rodas hidráulicas que no rio movem os geradores Westinghouse, afim de gerar energia elétrica de 150.000 vóltios para a Capital do México, atravessando 112 km. de montanhas.



Westinghouse —*Empresa Criadora e de Confiança*

ESCRITÓRIOS E DISTRIBUIDORES EM TODO O MUNDO — FÁBRICAS EM 25 CIDADES

AS BELEZAS DA AMÉRICA VÊEM-SE MELHOR DOS GREYHOUND

Milhões de viajantes têm chegado à conclusão de que, para poderem gozar de perto as belezas naturais e as maravilhas da criação humana nos Estados Unidos, não há como viajar pelas estradas. Os auto-ônibus Greyhound — que servem mais de 110.000 quilômetros de estrada por entre grandiosos cenários desdobrados desde o Canadá ao México, e do Atlântico ao Pacífico — são, naturalmente, os preferidos em tempos normais.

Agora porem, com a guerra, os auto-ônibus Greyhound desempenham uma missão bem diferente—têm um papel decisivo nas tarefas de guerra! Consiste essa missão em transportar os homens e as mulheres das forças armadas que vão aos seus campos e aquartelamentos, ou em gozo de licença; em conduzir os operários às fábricas distantes, em manter ininterrupto o tráfego essencial destes dias de luta—servindo deste modo maior número de grandes cidades, de campos de treino militar, portos, zonas agrícolas e centros industriais dos Estados Unidos, do que outra qualquer rede de transportes!

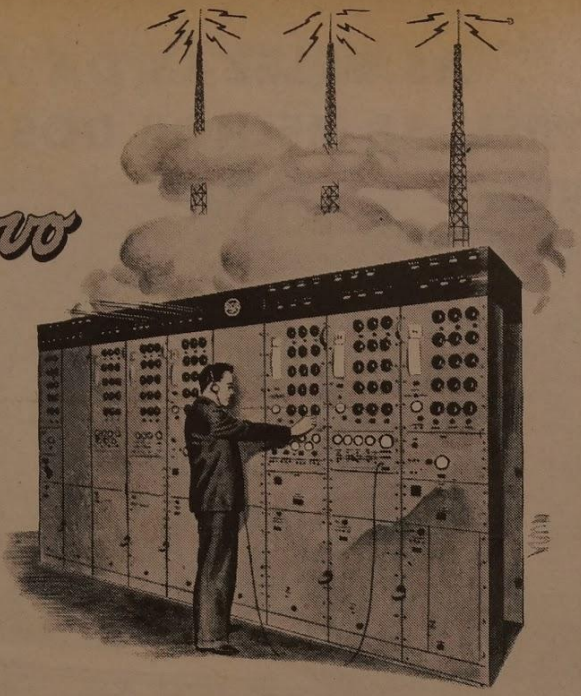
Quando a Vitória nos tiver restituido a Paz, ter-nos-á tambem devolvido as viagens de recreio pelas rodovias deste país imenso e deslumbrante. Aquí tem o convite que lhe fazemos para depois da guerra: Venha ver a América nos auto-ônibus Greyhound, se quer desfrutar de panoramas sem rival! Para quaisquer informações, queira dirigir-se a:

GREYHOUND INFORMATION CENTER, DEPTO. R10
1505 N. B. C. Building • Cleveland 14, Ohio, E. U. A.

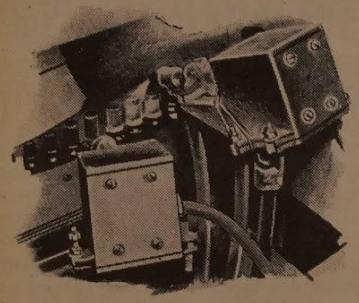
GREYHOUND

A RCA APRESENTA

O Que Há De Mais Novo



O sonho do perito em rádios. O Receptor Múltiplo RCA de onda curta é o que há de mais perfeito em rádio-comunicações: reproduz três "versões" diferentes da mesma transmissão em três diferentes antenas, e *automaticamente* seleciona a melhor! A mesma pesquisa da RCA que agora dedica os seus esforços à causa das Nações Unidas, promete-nos rádios mais soberbos quando vier a paz.



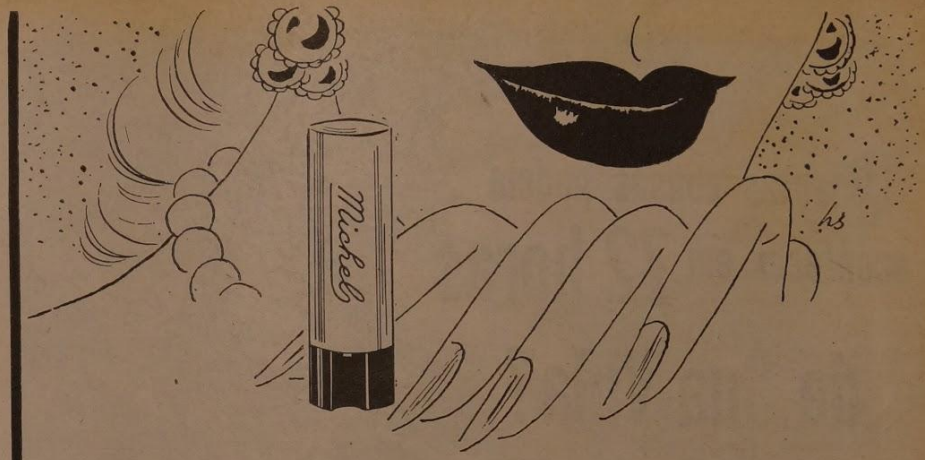
Uma válvula ajuda a pintar outra! Quando se procede à pintura das válvulas de metal RCA, uma válvula Eletrônica RCA economiza a tinta, aspergindo-a automaticamente *só* quando as válvulas estão bem em frente do bocal. Para cada finalidade há uma Válvula Eletrônica RCA.

O mais perfeito receptor RCA para o lar é o QU8. Oferece o que há de mais novo em rádio-audição, com as suas 24 válvulas e circuito de nove faixas. Oferece tambem o melhor em fonografia, podendo tocar automaticamente 20 discos com a mais alta fidelidade de som. Grava discos dos programas de rádio, e serve alem disso como valioso instrumento para amplificar a voz dos oradores nas audições públicas.

RADIO CORPORATION OF AMERICA

DIVISÃO RCA VICTOR, CAMDEN, N. J., E. U. A.

Sempre a primeira.. *em Rádio..Televisão..Válvulas..Fonógrafos..Discos..Eletrônica*



CUIDAR DA BELEZA É HOJE UM DEVER

Michel

BATON DE ENCANTO TRÍPLICE

Aformoseia . . . Beneficia . . . Dura

A formosura da mulher serve hoje à nação! Contribue para conservar o ânimo . . . inspira a humanidade. Por isso aumenta cada vez mais o número de mulheres que adotaram Michel, o Baton expressamente adaptado às necessidades atuais, e que é superior nos três sentidos: Matizes viçosos e encantadores que despertam a emoção; base de um creme especial que não fica oleoso nem estala; suavidade duradoura e aveludada como uma pétala de flor que inspira o galã enamorado.

8 TONS SEDUTORES: AMAPOLÁ · RASPBERRY · AMARANTH SCARLET · CHERRY · VIVID · BLONDE · CYCLAMEN

Insista pelo autêntico Michel. Não se conforme com uma imitação quando possa adquirir o Michel legítimo. Verifique o nome "Michel" no seu Baton, Rouge, Pó de Arroz e Lapis para os olhos. É a marca de qualidade, sinônimo de beleza.

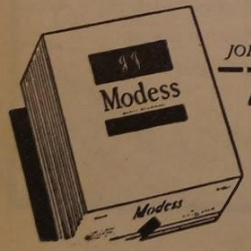
Quantas cousas podem acontecer em 72 horas de Sua Vida?

...não permita que métodos antiquados a mantenham escravizada!

QUANTAS COUSAS podem acontecer em 72 horas da vida de uma mulher! Pense na sua mocidade e não permita que métodos antiquados a mantenham escravizada.

Passe a usar os absorventes MODESS —higiênicos e modernos, feitos para a mulher moderna. Fabricado com um material mais absorvente que o algodão, MODESS possúe, ainda, o lado externo protegido por uma camada impermeável, o que constitúe—segurança absoluta. Para sua tranquilidade, use MODESS. É encontrado em qualquer farmácia e em tôdas as lojas de artigos femininos.

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL



AMOSTRA GRATIS:

Envie-nos Cr.$1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho «O que a Mulher Moderna Deve Saber». Caixa Postal, 2838 - São Paulo

4-HHHH-25

Nome .....

Rua .....

Cidade .....

Estado .....

Foto Oficial do Exército dos E. A. U.

Folha de Serviço

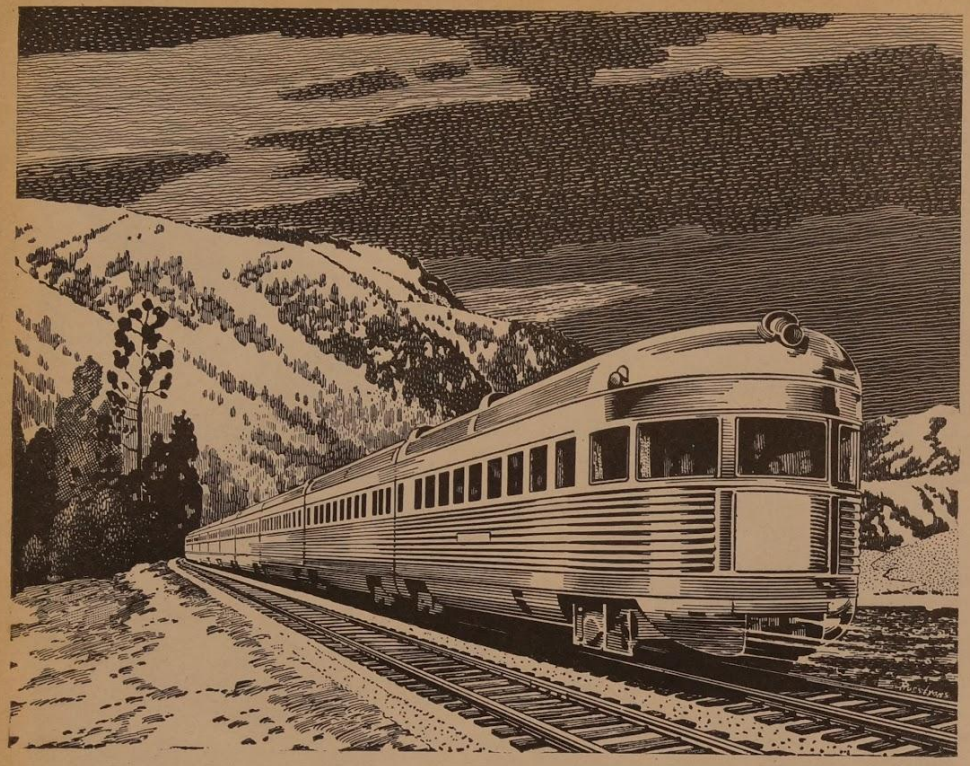
O primeiro Beechcraft construido para a Força Aérea do Exército dos Estados Unidos foi entregue e aceito a 13 de junho de 1939.

Desde esse dia, milhares de Beechcrafts têm sido aceitos tanto pelo Exército como pela Marinha. Desde esse dia, os Beechcrafts têm voado milhões de horas para fins militares. Os bi-motores Beechcraft de treinamento têm instruido a maioria dos bombardeadores, navegadores e pilotos de aviões multi-motores. Os transportes Beechcraft, de um ou dois motores, têm levado, com rapidez e segurança, muitas personalidades importantes em missões de guerra, quer nos Estados Unidos, quer em teatros de guerra alem-mar. Os Beechcrafts têm demonstrado excelente funcionamento em aeroportos de todo gênero, em variadíssimos climas e condições atmosféricas.

Em mais de mil dias e mil noites de rijo serviço, o Beechcraft passou com êxito pelas mais duras provas de força e funcionamento. Após cinco anos de guerra e de preparação para a guerra, apresentam uma folha de serviço tão boa, que até hoje o Exército e a Marinha dos Estados Unidos continuam a encomendar Beechcrafts, em número cada vez maior, para treinamento e outros fins de vital importância.

BEECH AIRCRAFT CORPORATION

WICHITA, KANSAS, E. A. U.



PARA A UNIDADE, UMA NAÇÃO PRECISA DE ESTRADAS DE FERRO

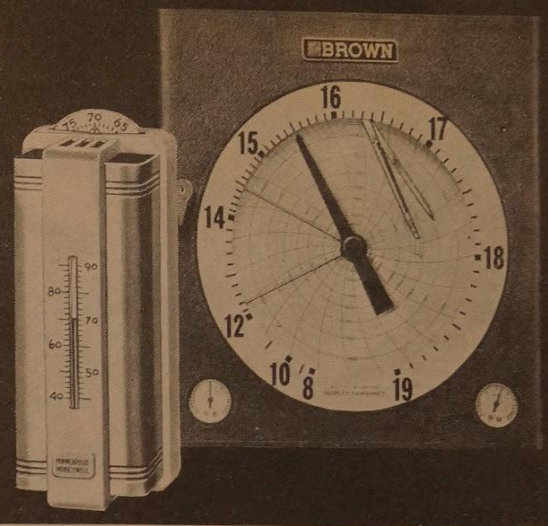
Feliz é o país que possue vastidão territorial e os meios de comunicações necessários. Trens de passageiros que transportem grande número de pessoas em todas as direções, para que se conheçam entre si e facilitem o desenvolvimento do comércio. Trens de carga que levem os produtos agrícolas e florestais para as zonas onde são precisos e façam a distribuição dos artigos industriais.

Equipar as estradas de ferro com trens de passageiros modernos, confortáveis e rápidos é função da Edward G. Budd Manufacturing Company. Os trens da Budd são construidos de aço inoxidável, o qual, por sua grande resistência, permite fabricação tanto forte como leve. São seguros, econômicos em operação e manutenção, e têm dado provas de imensa popularidade entre os viajantes.

Quando os materiais e facilidades de fabricação forem permitidos pela atual produção de guerra, êsses trens modernos estarão à disposição das Américas para os serviços tanto suburbano como interestadual.

EDWARD G. BUDD MANUFACTURING COMPANY, E. U. A. Budd

MH



"O CONTROLE É ESSENCIAL!"

ATRAVÉS da rápida expansão industrial que está-se verificando no grande continente sulamericano, é crescente o interesse que desperta o problema do "Controle"—controle da moderna aparelhagem de aquecimento e condicionamento do ar, em edifícios públicos, casas de apartamentos e outras;—controle para melhoramento da produção em todos os tipos de indústrias — conservação de carnes, energia, destilação, cervejaria, mineração, cimentos, produtos químicos e farmacêuticos, artigos de toalete, para citarmos alguns apenas. A Minneapolis-Honeywell é conhecida há mais de 50 anos como a empresa fabricante de controles de temperatura mais importante do mundo. Sua subsidiária, The Brown Instrument Company, é de há muito reputada pela sua manufatura de instrumentos de registo, indicação e controle, para todos os ramos industriais. Exponha-nos V. S. o seu problema, e o nosso mais próximo distribuidor irá visitá-lo para uma consulta, à sua inteira conveniência.

Minneapolis - Honeywell Regulator Company, Export Department, 4422 Wayne Ave., Philadelphia, Pa.

DISTRIBUIDORES

COM UNIDADE LIBERDADE

Argentina e Uruguai: E. C. Knight e Hijo, Buenos Aires—Brasil: Oscar Taves and Company, Rio de Janeiro—Colômbia: P. Porta, Bogotá—Perú: Custer and Thommen, S. A., Lima—Chile: Thermic Ltda., Santiago—Panamá: The Electric Service Co., Panamá—México: Armando Vaquie, Cidade do México—Cuba: William P. Bryant, Havana—Porto Rico: Sucesores de Abarca, San Juan—Trinidad: Industrial Agencies Ltd., San Fernando.

* * * CONTROLES AUTOMÁTICOS * * *

MINNEAPOLIS Honeywell

INSTRUMENTOS DA BROWN PARA AS INDÚSTRIAS

A marcha, na Paz como na Guerra...

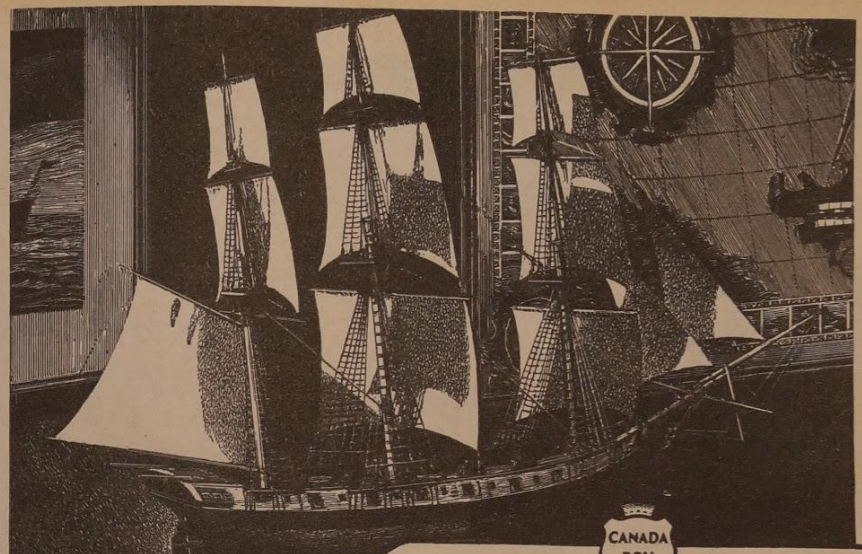
. . . exige conforto, e para tanto as meias devem ser de tecido macio e flexivel. A flexibilidade e maciez do fio para as meias é mais acentuada graças ao ESSOTEX, um oleo que tambem tem a propriedade de evitar o odor caraterístico do tecido e não produzir manchas. Este é mais um campo em que a Organização Esso colabora com as indústrias do Brasil. Na produção do tecido para as meias, o oleo soluvel ESSOTEX é usado para o tratamento especial a que é submetida a lã.

Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidencia de M. Gerais, Belo Horizonte; Farroupilha, de P. Alegre; e Radio Clube de Pernambuco, de Recife.

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL
E A ORGANIZAÇÃO ESSO

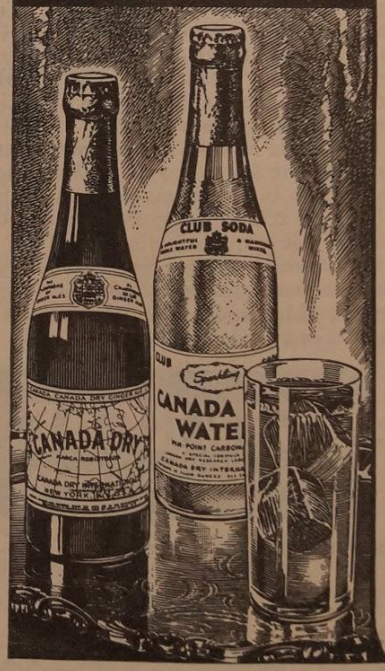
Esso

Distribuidoras dos afamados produtos Esso que se encontram sempre sob o oval ESSO



CANADA DRY

Conhecida nos Sete Mares



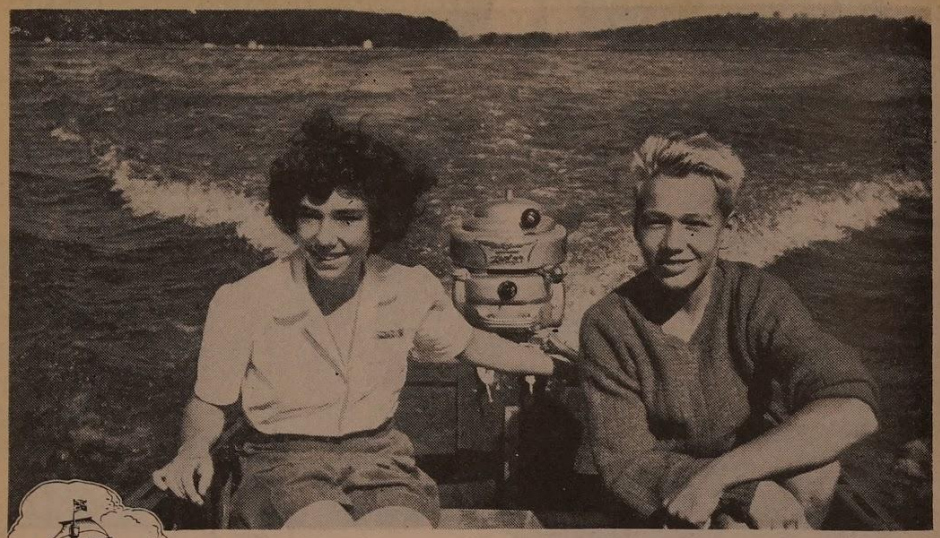
As bebidas Canada Dry satisfazem a todos os gostos . . . em qualquer clima. Desde o dia em que surgiu pela primeira vez, em 1906, a "Champagne das Ginger Ales," a marca Canada Dry tornou-se sinônimo de boa qualidade em todo o mundo. Todas as bebidas Canada Dry impuseram-se à frente de todas as outras.

Não é, pois, de admirar que o programa de expansão da companhia, pelos mercados estrangeiros, já se inicie com toda a segurança de êxito. O engarrafamento nos locais de venda importa em preços mais baixos . . . possibilitando a milhões de pessoas tomar Canada Dry regularmente.

CANADA DRY

The Champagne of Ginger Ales

CANADA DRY INTERNATIONAL
INCORPORATED
100 E. 42nd St., New York 17, N. Y., U. S. A.



"DESCOBRIMENTOS E CONQUISTAS"

Que intrépidos exploradores são estes moços de agora! É certo que, em vez das antigas caravelas, se servem duma ligeira e sólida "traquitana" de família, que corta as águas e ergue espumas, impelido pela força do Motor Evinrude de papai . . . Animados da mesma insaciavel curiosidade dum Colombo ou dum Magalhães, lançam-se em ardentes e alegres excursões de descobrimento. Para eles, uma praia abrigada tem a fascinação dos largos horizontes, que de longe acenam com promessas de aventura e conquistas.

Não há esporte mais atraente para as crianças . . . Parece que nunca se cansam dele! Mas com um Motor Evinrude, toda a família pode compartilhar dos prazeres da canotagem. Onde quer que haja água, um bote acionado por um destes ligeiros Motores Evinrude portateis, tão simples de manobrar, é como um automovel de família — sempre pronto a levar-nos de passeio, para um piquenique numa praia ou enseada favorita — de visita a uns amigos — numa excursão pesqueira — ou vogando suavemente numa noite de luar!

E o Evinrude é tão facil de manobrar, e tão seguro, que até as crianças aprendem depressa a mexer com ele!

Há mais de 30 anos que os Evinrude são populares em todas as águas do mundo— não só para botes de recreio, mas quando se trata de acionar economicamente qualquer tipo de pequena embarcação.

Os Evinrude são hoje fabricados exclusivamente para as forças armadas das Nações Unidas. Mas após a Vitória, estarão de novo às ordens de V.S.

EVINRUDE
MOTORES DE POPA

GRATIS! Se está interessado em barcos a motor, enviar-lhe-emos com prazer o plano de um pequeno barco; para isto basta que nos mande o coupon abaixo, devidamente preenchido.

AS AMERICAS LIVRES E UNIDAS

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING COMPANY
Divisão de Exportação, E-10P — Waukegan, Illinois, E.U.A.

Senhores:
Gostaria de receber o "Selecionador de Barcos e Motores Evinrude".

Nome_____

Endereço_____

AS AMERICAS — UNIDAS CONTRA A DOENÇA E A DESGRAÇA

Saúde hoje . . . felicidade amanhã

O PROGRESSO DA SAÚDE PÚBLICA NAS AMÉRICAS

Mensagem de E. R. Squibb & Sons . . . . .

Difteria

SÔBRE o retrato desta linda criança, que palavra o tempo escreverá? Será "protegida" . . . ou "abandonada"?

A ameaça às criancinhas não protegidas contra a difteria recebe hoje crescente atenção em tôdas as Repúblicas das Américas. Os pais estão aprendendo que atualmente, graças aos descobrimentos da ciência médica, seus filhos *podem* ser protegidos e que, com a sua cooperação, esta temida enfermidade pode ser dominada. A difteria é contagiosa, não nasce no corpo, mas se transmite de uma para outra pessoa.

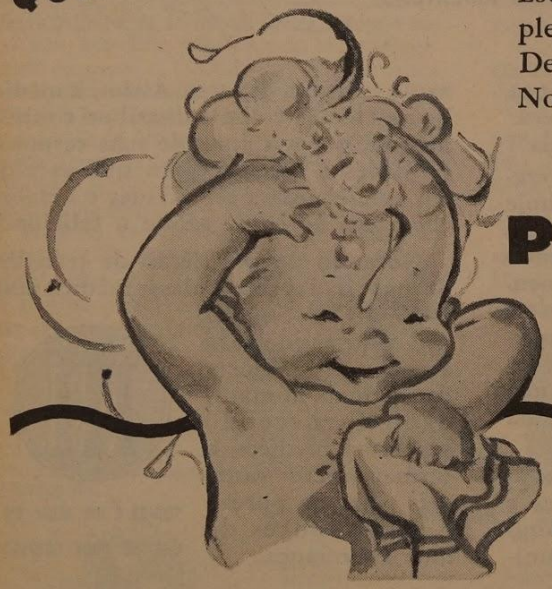
Pode-se ministrar à criança um toxóide preventivo—de aplicação simples e inofensiva—que estimula o pequenino corpo ao desenvolvimento da imunização contra a difteria. Assim, à medida que a ciência colhe e distribue conhecimentos, o povo aprende suas responsabilidades e coopera para que as vidas em botão possam ser vividas e desabrochem em flores de saúde e felicidade!

Gozando do privilégio de trabalhar de mãos dadas com a classe médica desde 1858, a Casa Squibb tem contribuido para a causa da melhoria da saúde da humanidade, fornecendo produtos médicos e farmacêuticos notáveis pela sua pureza e merecedores de tôda a confiança.

SQUIBB É UM NOME EM QUE SE PÓDE CONFIAR

E·R·SQUIBB & SONS, NOVA YORK
QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

QUÃO DIFERENTE É A ÁGUA QUANDO É PURA!



Todas as cidades podem gozar água límpida e pura!

Uma cidade com boa água torna-se um lugar mais saudavel, onde se vive bem feliz. Por isso, centenas de modernas municipalidades já instalaram a aparelhagem Permutit*. O sistema Permutit elimina da água todos os germes vivos, assim como a sujeira, cor, ferro, mau gosto e cheiro. Esse equipamento é muito econômico e facil de operar.

Faça com que a *sua* cidade goze de um bom reservatório de água! Escreva pedindo detalhes completos a The Permutit Company, Depto. RD2, 330 West 42nd St., Nova York 18, E. U. A.

*Marca Registrada

PERMUTIT

CENTRO MUNDIAL DE CONDICIONAMENTO DE ÁGUA

A Força Do HÁBITO

Majestic

ELETRÔNICA
TELEVISÃO
RÁDIO

PODEROSO MONARCA DO AR

A ORGANIZAÇÃO Majestic tem sempre seguido um hábito velho de muitos anos: apresentar ao freguês o que há de melhor em matéria de equipamento sonoro. Esse hábito é tão caraterístico da firma como o próprio nome MAJESTIC.

Quer o freguês seja—como atualmente—as Nações Unidas, quer—como será brevemente—um cidadão em sua casa, em época de paz, o princípio da firma continua inalterado. O objetivo habitual da Majestic, baseado no impecavel funcionamento dos seus departamentos de desenho, engenharia, produção e vendas, consiste em providenciar sempre afim de que todo e qualquer comprador de um rádio Majestic adquira a certeza de ter realizado uma excelente compra.

MAJESTIC RADIO & TELEVISION CORPORATION

2600 WEST 50th STREET, CHICAGO 32, ILLINOIS, E. U. A.

Preparando uma droga milagrosa de um cogumelo pela congelação

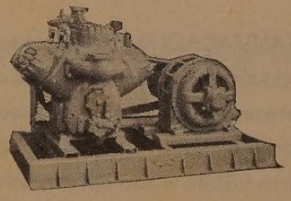
TODO o mundo já ouviu falar da penicilina, êsse milagroso medicamento, que faz cessar a multiplicação de bactérias causadoras de moléstias graves, previne a infecção dos ferimentos e permite a cura rápida da septicemia, pneumonia a outras doenças causadas por estreptococos.

São poucos, entretanto, os que estão a par dos mais recentes aperfeiçoamentos em refrigeração e ar condicionado, que possibilitaram a produção em massa da penicilina para satisfazer às necessidades atuais e futuras.

Em uma das fases do processo de preparação, os compressores de refrigeração, as bombas de vácuo e os ejetores a jato de vapor da Worthington são usados para "congelarsecar" muitos litros da cultura líquida do fungo e para concentrá-la. Tôdas as fases do processo têm que ser efetuadas em um ambiente onde o ar é purificado e a temperatura e umidade são cuidadosamente controladas.

A produção em massa da penicilina é apenas um dos muitos casos em que o equipamento para refrigeração e condicionamento de ar da Worthington está prestando os seus melhores serviços para o benefício da saúde e confôrto de muitas pessoas em muitos paises.

Seja para conservar os alimentos puros e frescos ou para criar condições de ambiente saudáveis e confortáveis em hospitais, escritórios, fábricas . . . a Worthington oferece a mesma perícia técnica e a mesma perfeição mecânica que estão agora ajudando a preparar suficiente penicilina para todos. The Worthington Pump and Machinery Corporation, Harrison, New Jersey, U.S.A.



Conjunto de refrigeração Worthington a cloreto de metila usado em uma importante fábrica de penicilina. A Worthington possue um sortimento completo de equipamento para refrigeração e ar condicionado.

WORTHINGTON

REFRIGERAÇÃO AR CONDICIONADO

A Marca que Significa Valor em Todo o Mundo

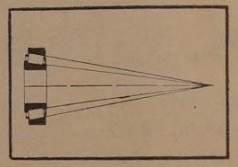
O QUE TODOS DEVEM SABER A RESPEITO DOS MANCAIS TIMKEN

DESENHO—

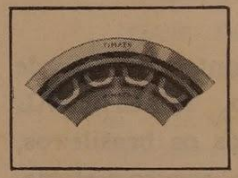
o essencial da operação

Há mais de 45 anos que a Timken introduziu o princípio da conicidade, para conseguir um mancal contra o atrito, capaz de aguentar cargas radiais e cargas de impulso, ou qualquer combinação dos dois tipos de carga. Durante o longo período que se seguiu, de aplicação e experiência de engenharia, veio-se processando um refinamento constante no traçado, que veio culminar no atual mancal Timken, de insuperavel funcionamento.

Aquí tem as suas três caraterísticas mais importantes, exemplificadas no desenho do mancal Timken.



1. Rolamento Autêntico: Esta necessidade fundamental é satisfeita fazendo-se com que todas as linhas coincidentes com as superfícies cônicas dos rolos, casquilho e cone, se encontrem num vértice comum, no eixo do mancal, Fig. 1. O rolamento autêntico faz sempre parte integrante dos mancais Timken.



2. Alinhamento Positivo dos Rolos: Durante o desenvolvimento dos mancais Timken, como as exigências de velocidade, carga e precisão foram crescendo, foi preciso empregar vários processos para estabilizar os rolos e evitar que eles se enviesassem nas respectivas calhas. A solução achou-se ao estabelecer grande área de contacto entre os extremos grandes dos rolos e a estria inferior do cone, assegurando-se por esse meio um alinhamento constante e rigoroso dos rolos, a toda a periferia das calhas. As zonas mais claras nos extremos dos rolos, Fig. 2, mostram o contacto dos rolos com a estria inferior do cone.

3. Tambor de Perfuração Múltipla: Todas as aberturas do tambor dos mancais Timken, Fig. 3, são praticadas numa só operação, por meio de prensas de perfuração múltipla, fabricadas com um rigor que só consente tolerancias mínimas. Isto assegura espaçamento exato dos rolos, de centro a centro, em toda a periferia das calhas, de tal modo que cada rolo recebe a sua quota-parte total da carga, quando os mancais estão a funcionar.

Para ter a certeza de conseguir estas e outras vantagens, procure sempre e insista em ver a marca registada "TIMKEN", gravada no casquilho e no cone de cada mancal de rolamento que comprar, quer para maquinaria nova, quer para substituição em automoveis ou em maquinaria industrial de qualquer tipo.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E. U. A.

SIM, a qualquer hora, contra a dor de cabeça, gripe ou resfriado, MELHORAL acha-se à disposição de todos os brasileiros, para trazer-lhes alívio rápido, seguro e eficaz. Faça como a baiana: prefira tambem MELHORAL que, na opinião dos cientistas, *"é um dos mais rápidos meios, já descobertos, para aliviar as dores, com a grande vantagem de não atacar o organismo"*.

Melhoral

CONTRA DORES E RESFRIADOS

Quanto melhor você tratar o automóvel que não pode por enquanto substituir, melhor serviço êle lhe prestará

Não vacile em cercá-lo de atenções, porque tudo o que faça será pouco em comparação com o que se lucra. Trate-o o melhor que puder . . . e como lubrificante use sòmente VEEDOL, que é o de mais alta qualidade. É fácil verificar que em tôda parte do mundo o automobilista atilado usa exclusivamente VEEDOL, justamente porque obtém os resultados mais satisfatórios. VEEDOL é econômico e eficaz. A película protetora reduz a fricção no motor, dá maior rendimento, e assim produz um excelente efeito no bolso do consumidor.

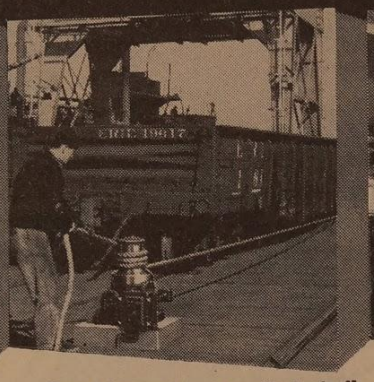
Honra e louvor ao veículo, amigo do homem, e soberano da estrada de rodagem! Para ele, só VEEDOL . . . que é o *melhor dos melhores*.

ÓLEO PARA MOTORES

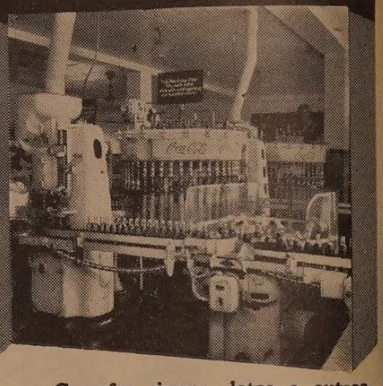
VEEDOL

Como A LINK-BELT Ajuda A Indústria A Produzir Mais!

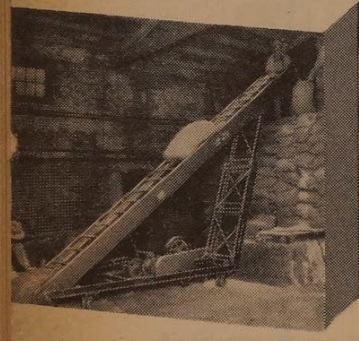
Desde o matadouro até o embarque, as modernas fábricas de conservas de carne empregam Transportadores Link-Belt para tornarem mais eficiente a sua produção.



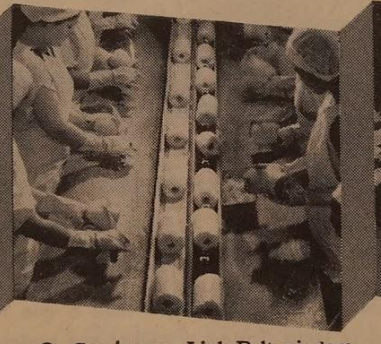
Um só homem, com um "achador" de carros Link-Belt, movido a eletricidade, pode deslocar de um a seis vagões carregados. O "Achador" tambem se emprega para executar outras tarefas igualmente violentas.



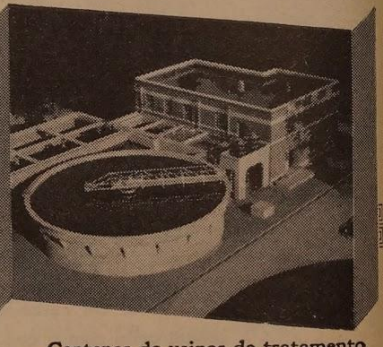
Garrafas, jarros, latas e outros recipientes, deslocam-se facil e velozmente por meio das Cadeias Transportadoras Link-Belt, desde as máquinas de encher e rolhar até a seção de expedição.



Os Arrumadores de Sacos Link-Belt oferecem um meio econômico e eficiente para manipular sacas de qualquer material. São fabricados em tipos "Standard".



Os Condutores Link-Belt ajudam as fábricas de conservas a produzir mais gêneros alimentícios para mais gente, e a menor custo, visto aumentarem a eficiência das operações de manipulação.



Centenas de usinas de tratamento de águas e esgotos estão hoje equipadas com coletores de lodo, tamises, câmaras de cascalho, misturadores, e outros aparelhos e utensílios Link-Belt.

● Em todas as indústrias vemos que as cadeias e transportadores vêm emancipando o trabalhador das tarefas mais próprias de animais de carga. Desde o carvão às conservarias—do aço aos esgotos—dos altos-fornos ao mobiliário—das minas às cadeias de montagem—os transportadores e equipamento de cadeias aliviaram o homem das cargas que sobre ele pesavam . . . contribuindo para dignificá-lo . . . aumentando o seu poder de aquisição . . tornando mais gêneros acessiveis a menor custo, e assegurando maiores lucros aos industriais. Peça o Catálogo 1700.

LINK-BELT COMPANY

Engenheiros—Fabricantes—Exportadores—Estabelecidos em 1875
233 Broadway, Nova York (7), N.Y., E.U.A. Endereço telegráfico: "LINKBELT" 9632

TRANSPORTADORAS LINK-BELT
CADEIAS—EQUIPAMENTO TRANSMISSOR DE FORÇA

Representantes:

Cia. Importadora de Máquinas, Rua Visconde Inhauma 65, 3°., Rio de Janeiro
Lion & Cia. Ltda., Rua Brigadeiro Tobias 475, São Paulo

Escreve sêco com tinta líquida!

a mais notavel caneta-tinteiro fabricada nos últimos anos

PARKER "51"

Leve . . . delicada . . . eficiente . . . esta Parker "51" proporciona real satisfação a quem dela se utiliza.

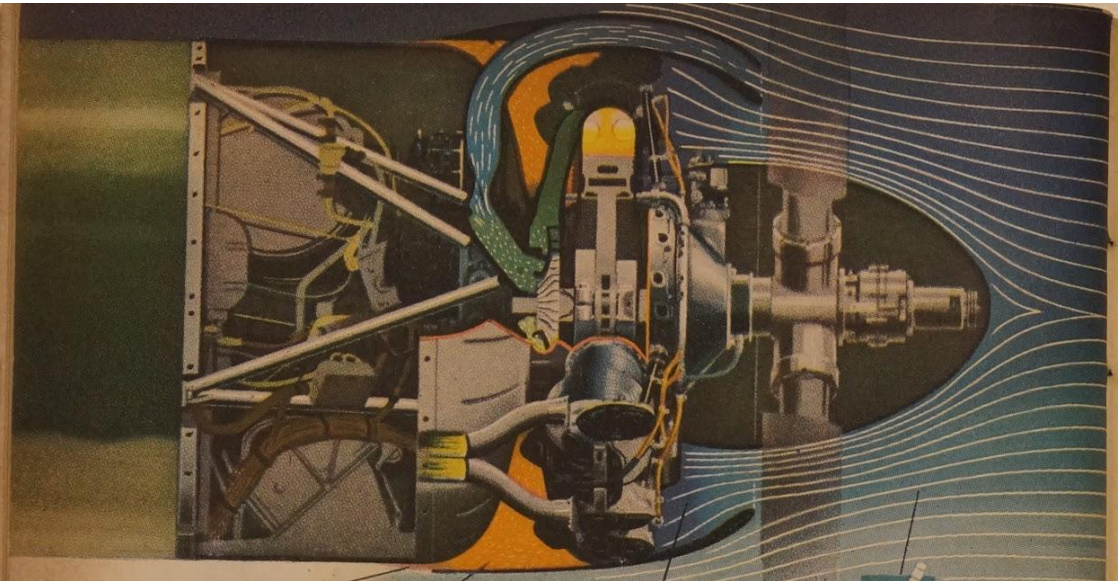
Pouse sôbre o papel a sua elegante ponta em forma de "torpedo." Imediatamente principiará a escrever . . . tão suavemente que dará a impressão de estar deslizando no ar.

Mas só então verá o que lhe há de parecer verdadeiro milagre! Dentre as muitas canetas existentes, esta é a *única* que escreve absolutamente sêco, pois só ela é construida para usar a nova e maravilhosa tinta "51" que *seca à medida que se escreve*, dispensando o mataborrão. A caneta Parker "51" *pode*, no entanto, escrever com *qualquer* tinta.

E claro que há grande procura destas excelentes canetas. Portanto, se o seu fornecedor não tiver, no momento, Parker "51", deixe o seu pedido feito. Brevemente êle receberá nova remessa.

Côres: Preto, Azul, Cinzento e Marron. O Lozango Azul no segurador representa nossa garantia vitalícia.

Unicos Distribuidores para o Brasil e Posto Central de Consêrtos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1º de Março, 9—1º andar. Rio de Janeiro.



4. O ar quente é expulsado em torno do motor e aumenta assim a velocidade de avanço do avião.

3. O ar que há atrás dos cilindros é 65°C. e se dilata enormemente.

2. A uma velocidade de 500 quilômetros / hora o ar é comprimido e sua temperatura sobe para –9°C.

1. A temperatura do ar a uma altitude de 6000 metros é –25°C. Nestas condições 450 gramas de ar ocupam o espaço indicado.

Resfriamento dos motores de aviação

O ar resfria todos os motores de aviação, quer seja direta quer seja indiretamente. Pelo que diz respeito aos motores resfriados ao ar, diretamente, o calor passa das alhetas para o ar ambiente. Pelo que diz respeito aos motores resfriados ao ar, indiretamente, ou seja motores *resfriados por líquido*, um fluido que circunda os cilindros transfere o calor para o radiador que, por sua vez, é resfriado ao ar.

Para o motor dar mais potência, é importante um resfriamento adequado. A temperatura dum motor *resfriado ao ar* depende em grande parte da área das alhetas do cilindro assim como da construção da carenagem que tem por finalidade forçar o ar a passar estreitamente em torno dos cilindros. *Cada cilindro* dum motor Wright Cyclone tem uma superfície de resfriamento de mais de 23.000 cm².

O ar, aquecido ao passar sôbre os cilindros, dilata-se. A energia produzida pela dilatação do ar pode ser utilizada para dar maior fôrça ao avião. O ar quente sai com fôrça da parte posterior duma carenagem corretamente projetada e construída, produzindo um efeito propulsivo e aumentando consideravelmente a velocidade de avanço do avião.

A Wright constrói os motores *resfriados ao ar* porque são os motores mais poderosos por unidade de pêso e mais fáceis de manter e reparar. Estas vantagens significam mais lucros para as linhas aéreas cujos aviões têm motores Wright. Wright Aeronautical Corporation, *Divisão da Curtiss-Wright Corp.*, Paterson, New Jersey, E.U.A.

Cyclones e Whirlwinds · Leves · Compactos · Possantes **WRIGHT** *Aircraft Engines*

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO

A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind

Um alarde de arte e de beleza –

em um instrumento musical insuperável

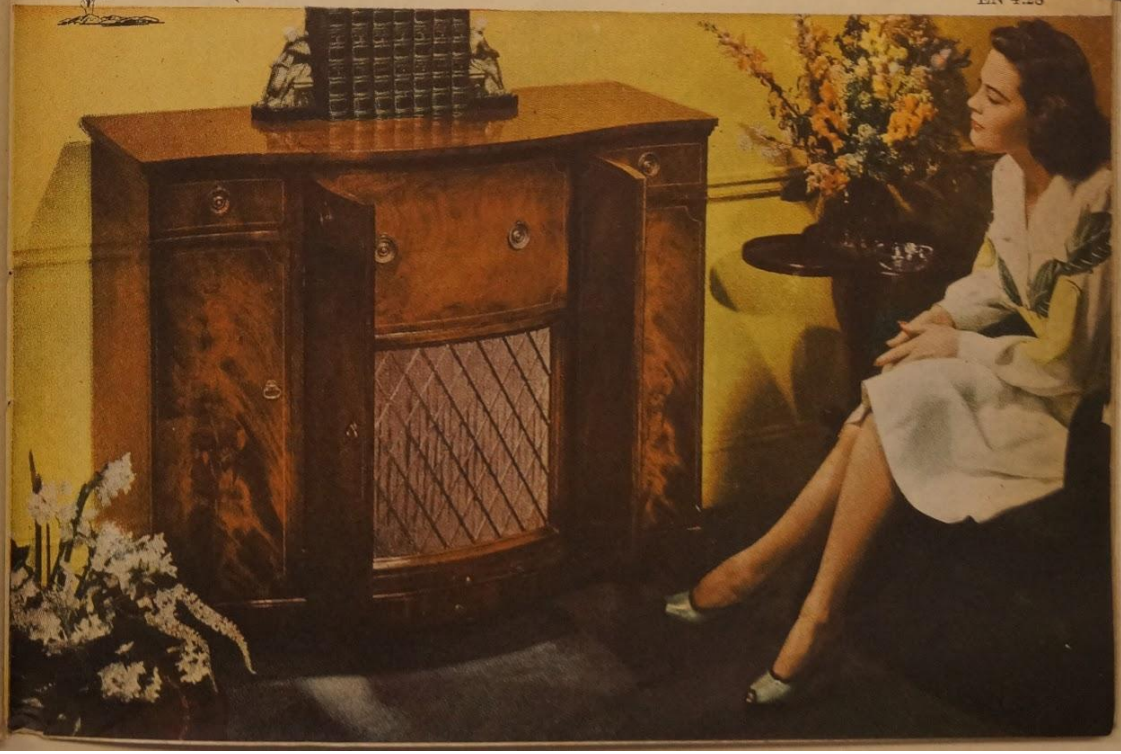
Depois da Vitória, chegará o dia venturoso em que a arte e a beleza voltem a ocupar o seu lugar na terra, e V. S. poderá ter em seu lar êste novo e insuperável receptor de rádio General Electric. Com o Musifônico G-E, V.S. poderá obter uma recepção de onda longa e de onda curta jamais conseguida até agora. Alem disso, quando a radiodifusão FM for estabelecida em seu país, o Musifônico G-E permitirá a V.S. ouvir os programas dêsse maravilhoso sistema em toda sua pureza e em seu colorido tonal, sôbre um fundo de silêncio. Há mais, porém: um magnífico dispositivo fonográfico, com mudança automática de discos, permitirá a V.S. ouvir, a qualquer momento, sua música preferida, interpretada pelos seus artistas favoritos.

O Musifônico, um instrumento musical insuperável, é um produto da General Electric dos E.U.A.

GENERAL ELECTRIC

Marca de confiança, reservada *sempre* para produtos de qualidade

EN 4:28



Não há caneta mais fina para presentear . . . ou para possuir!

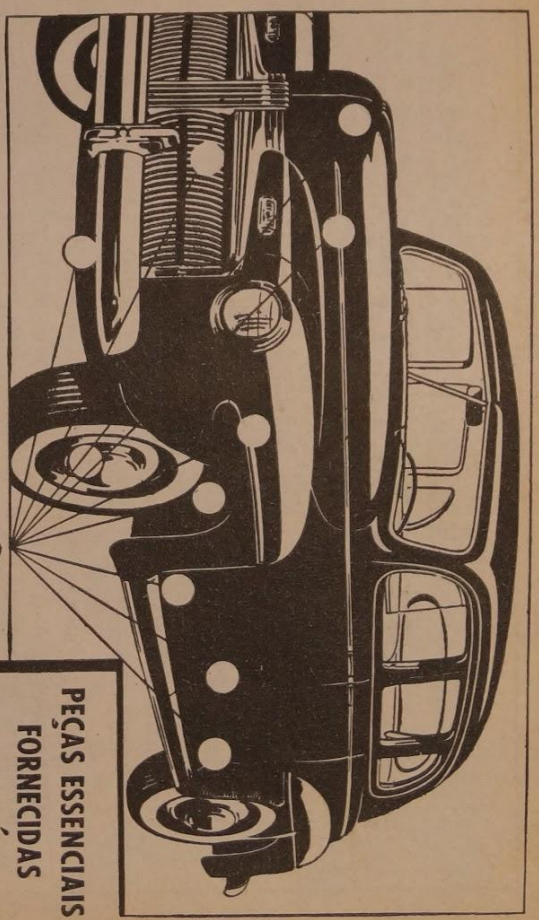
SHEAFFER'S "TRIUNFO" *Lifetime**

*Todas as canetas *Lifetime*, identificadas pelo Ponto Branco, são incondicionalmente garantidas por toda a vida do primeiro possuidor, salvo contra perda ou dano proposital. Havendo necessidade de conserto, e não faltando à caneta nenhuma de suas peças, será consertada mediante apenas o pagamento de pequenas despesas para cobrir seguro, porte e direitos.

A última palavra na criação artística de canetas! . . . Um instrumento para escrever, que combina os belos resultados da mão-de-obra experiente com um princípio inteiramente novo no desenho e acabamento de canetas. Dê uma Sheaffer . . . possua uma Sheaffer. A "TRIUNFO" é a caneta do dia, dando, ao escrever, satisfação por toda a vida.

W. A. SHEAFFER PEN COMPANY • FORT MADISON, IOWA, U. S. A.

Representantes Gerais para o Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa Postal 843—Rio de Janeiro
Representantes Gerais para Portugal—Srs. Azevedo & Duarte, Ltda., Rua do Crucifixo 76—Lisboa, Portugal



Trabalhando desde o início com a indústria automobilística, a **Borg-Warner** *fornece todas essas e ainda outras peças.*

★Borg-Warner—marca que significa "Desenhar melhor . . . para fabricar melhor"—fornece peças essenciais a 9 entre cada 10 fabricantes de automoveis.

Em todas as fábricas da Borg-Warner é incessante a pesquisa afim de se aperfeiçoarem sempre os desenhos. Nos dias de hoje, acha-se suspensa a produção de peças para as fazendas, os lares, os automoveis e a indústria aeronáutica,—peças que já há muito vêm levando o prestígio da Borg-Warner a todos os cantos do globo, devido à qualidade do seu desenho, e que hoje, porem, foram substituidas por 100 ou mais artigos essenciais à guerra.

PEÇAS ESSENCIAIS FORNECIDAS PELAS INDÚSTRIAS BORG-WARNER

Borg & Beck • Borg-Warner International • Borg-Warner Service Parts • Calumet Steel • Detroit Gear Aircraft Parts • Detroit Vapor Stove • Ingersoll Steel & Disc • Long • Marbon • Marvel-Schebler Carbureter • McCulloch Engineering • Mechanics Universal Joint • Morse Chain • Norge • Norge Machine Products • Pesco Products • Rockford Clutch • Spring Division • Warner Automotive Parts • Warner Gear

BORG-WARNER

ENGINEERING B-W PRODUCTION

Fabricantes, em tempo de paz, de peças essenciais às indústrias automobilística, aeronáutica, naval e agronômica, bem como de marca Norge, para uso doméstico.

UNIDADE

Nos tempos difíceis que atravessamos, deve-se reconhecer que a urgência com que se torna imperioso fazer as coisas dá muitas vezes lugar a justificadas críticas. Mas, tendo em vista que é preciso ganhar esta guerra o mais depressa possivel, todas as recomendações de caráter construtivo são de máxima importância para a correção dos erros presentes e para a nossa orientação futura.

Pensemos na inexcedivel coragem dos membros das nossas forças armadas, nos pujantes talentos do nosso povo, nos recursos materiais e reservas humanas da nação, nas liberdades e oportunidades que nos assegura o simples fato de sermos americanos. Saibamos apreciar até que ponto dependemos dos homens e das mulheres hoje em armas para ganharmos esta guerra, e decidamos então, assumir plenamente nossas obrigações individuais, de maneira a assentarmos a Paz em bases que garantam oportunidades para todos, tendo em consideração, especialmente, aqueles que fizeram reais sacrifícios para que a Vitória fosse nossa.

Ao prestarmos homenagem àqueles que fizeram, dando a vida, o supremo sacrifício, resolvamos manter-nos juntos, unidos em propósitos, e fazer quanto em nós couber para manter as nossas forças armadas bem supridas de tudo aquilo que necessitem para esmagar o inimigo e trazer a Vitória às Nações Unidas com a maior brevidade possivel. Tal é o primeiro passo a dar no caminho da liberdade, da paz, da segurança do nosso mundo de amanhã.

Saibamos demonstrar que temos fé, pela firme decisão de erigir uma civilização espiritual, cultural e material ainda mais bela para as vindouras gerações, melhorando para tal, sempre que possivel, a nossa orientação, com visão larga, coragem, bom-senso, e sempre sem quebra dos sagrados direitos e privilégios do nosso povo.

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION

Cobaias para mecânicos...

Nas escolas de serviço da Lockheed usam-se verdadeiros P-38 e Venturas, saídos da linha de produção em série, para servirem de cobaias para o treinamento dos mecânicos das forças aéreas. Esses poucos aviões nunca tomarão parte em combates reais como outros Lockheeds; entretanto, graças a eles, voarão outros, cada vez mais e por mais tempo.

Nas escolas mantidas pela Lockheed, os mecânicos do Exército e da Marinha dos Estados Unidos tornam-se especialistas—e ficam conhecendo, como verdadeiros peritos, o P-38 do Exército, ou o Ventura, da Marinha. Sob a direção dos instrutores da companhia, aprendem a mecânica da manutenção, consertos e exame completo dos aviões, bem como certos métodos especiais para conservar os Lockheeds em boas condições para o combate.

Todos os meses saem da Lockheed 400 novos peritos, que se dirigem a bases aéreas avançadas. Trabalham, hoje, para a vitória; no entanto, o treino que receberam valerá muito no futuro. Terminada a guerra terão seu lugar na Era da Aviação que se aproxima. E isso porque, nos dias do futuro, como agora, a Lockheed não só construirá aviões, mas também prepará-los-á para o vôo, mantendo-os sempre no ar.

COM *Lockheed* SEMPRE NA VANGUARDA

LOCKHEED AIRCRAFT CORPORATION, BURBANK, CALIFORNIA, E. U. A.

Este alimento delicioso dá aos seus meninos a ENERGIA* ADICIONAL que precisam diariamente!

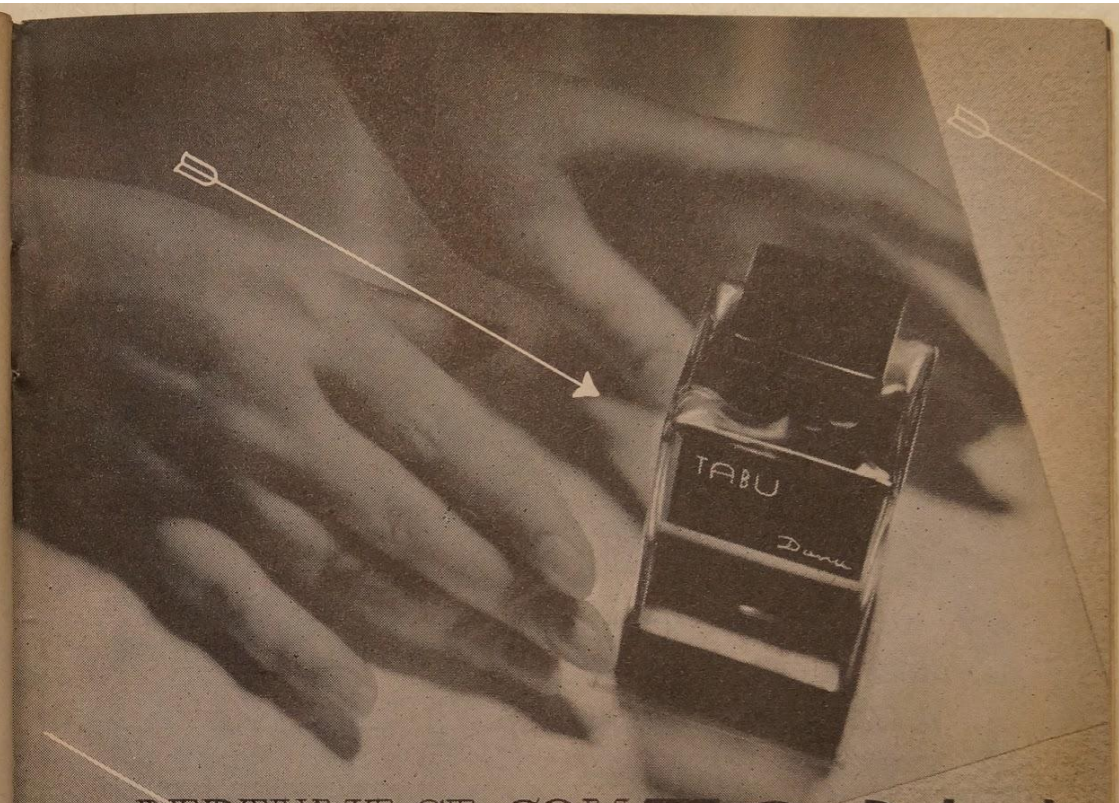
SALTAM... correm... brincam durante o dia inteiro... e ainda nos surpreendemos de que os meninos gastem mais energia que os adultos!

Por isso os meninos precisam, no primeiro almoço, um bom alimento que dê energia.* Sirva-lhes uma tijela cheia de KELLOGG'S Corn Flakes com leite e açucar.

Sirva tambem aos adultos para que o pequeno almoço se torne uma refeição saborosa para toda a família.

Na caixa forrada de papel encerado este cereal se conserva sempre torradinho como ao sair do forno. Vem já pronto e pode-se serví-lo em 30 segundos. Compre hoje uma caixa e goze as boas porções que contem.

KELLOGG'S CORN FLAKES é o cereal já pronto para comer que mais se vende no mundo!



PERFUME-SE COM TABU

CUMPLICE

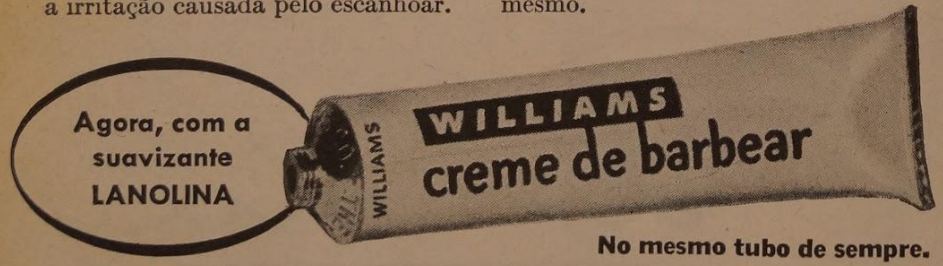
DE TRIUNFOS AMOROSOS

Dana

FABRICAS EM: NOVA YORK - ARGENTINA CUBA - COLOMBIA - COSTA RICA - CHILE - MEXICO - PERU - URUGUAY - VENEZUELA

DEVIDO ao fato de ser muito semelhante à oleosidade natural da pele, os médicos vêm de há muito recomendando a Lanolina para suavizar e amaciar a pele irritada. Agora, essa mesma Lanolina calmante é empregada no Creme de Barbear Williams, contribuindo para evitar a irritação causada pelo escanhoar.

Feito com os ingredientes mais finos que há, o Williams, branco e puro, é naturalmente macio e suave quando aplicado ao rosto. E sua espuma super-penetrante amacia por completo mesmo os fios mais rebeldes, ajudando-nos a fazer a barba suave e limpamente. Experimente-o hoje mesmo.



No mesmo tubo de sempre.

MOTOCICLETAS

Indian

MAIOR PRODUÇÃO
... PARA UMA MOTOCICLETA SUPERIOR

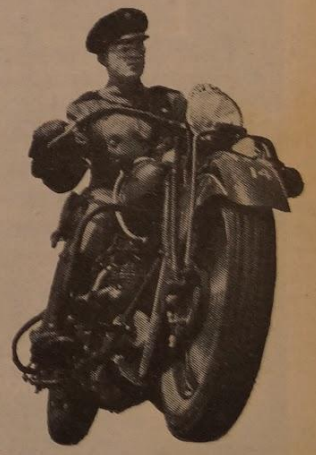
Na imensa fábrica Indian, em Springfield, estado de Massachusetts, os primeiros e principais fabricantes de motocicletas dos Estados Unidos ajustaram sua produção para corresponder às exigências sem precedentes dos dias de hoje. E embora se entregue às Forças Armadas todo o imenso volume de produção atual, a Indian prepara-se, ao mesmo tempo, para o período de após-guerra, quando, ao que se prevê, haverá grande procura desse sistema de transporte.

Isso se aplica, muito em especial, aos países da América do Sul, onde as estradas, cada vez melhores, contribuirão para que sejam utilizadas cada vez mais as motocicletas, em atividades oficiais e industriais, bem como pelos amantes dos esportes que desejem aproveitar o mais possível os prazeres da sadia vida ao ar livre.

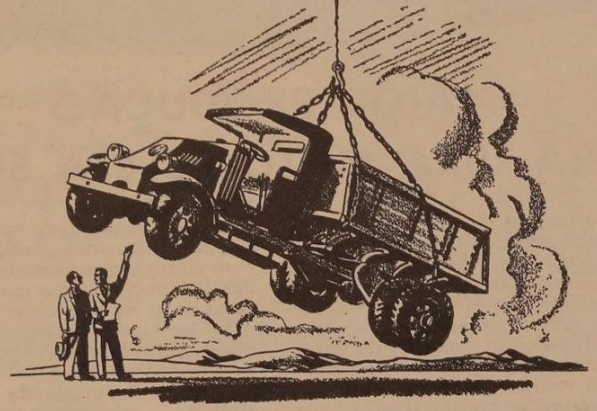
E é por isso que, hoje, os conhecimentos obtidos nas pesquisas para a guerra estão sendo utilizados para a fabricação dos "Modelos Especiais da Paz", criação da Indian . . . modelos que mesmo agora já estão sendo enviados à América do Sul.*

INDIAN MOTOCYCLE COMPANY
DEPT. RD, SPRINGFIELD, MASSACHUSETTS, E. U. A.

**Podem fazer-se embarques imediatos mediante encomenda aprovada pela Foreign Economics Commission.*



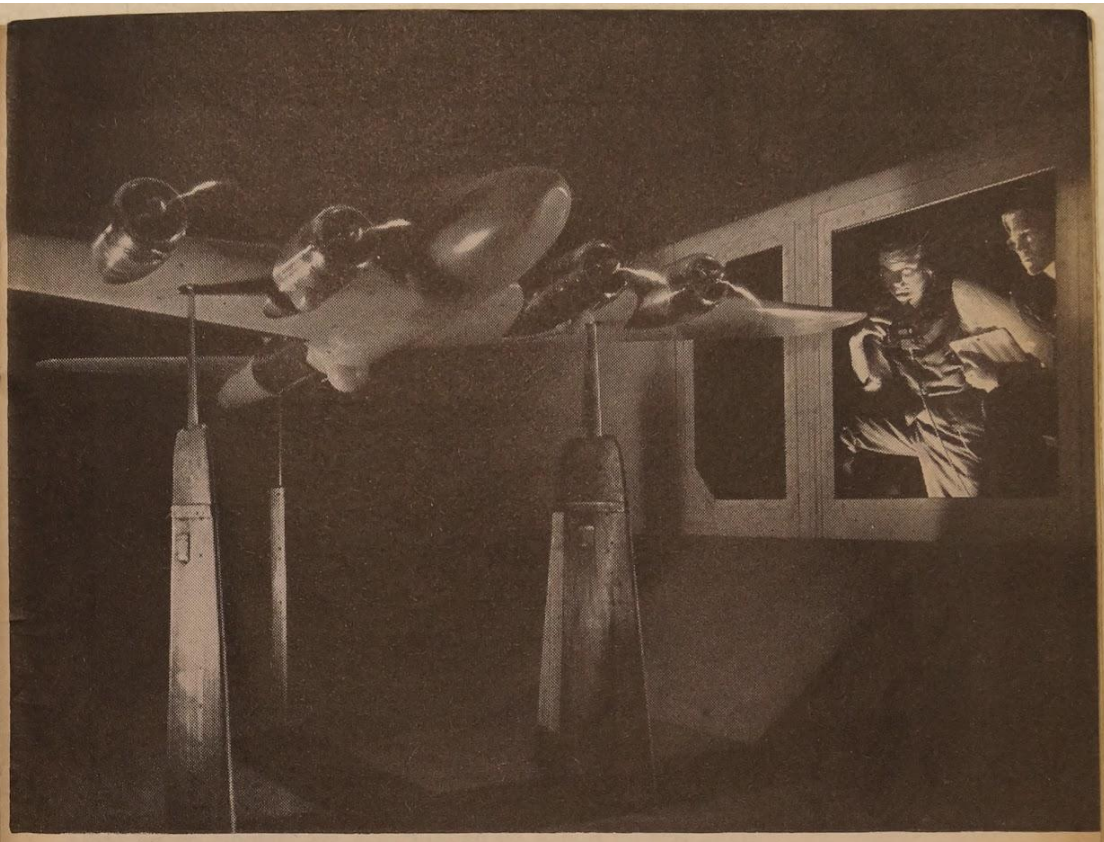
UM DELGADO "FILAMENTO" SUPORTA UM CAMINHÃO DE 3 TONELADAS E MEIA!



ESTE CABO, de diâmetro menor que o seu dedo mínimo, tem uma força de tração equivalente a milhares de quilos. É um produto da UNITED STATES STEEL—a maior produtora de aço do universo—cujos vastos recursos e facilidades de pesquisa estão hoje inteiramente devotados às necessidades de guerra das Nações Unidas.

Quando vier a paz, os frutos dessa pesquisa intensa — os novos e aperfeiçoados aços da U•S•S — estarão disponíveis em toda parte, por intermédio da United States Steel Export Company, que há mais de 40 anos vem suprindo os mercados do mundo inteiro.

UNITED STATES STEEL EXPORT CO.
30 CHURCH STREET, NOVA YORK 8, E. U. A.
FORNECEMOS AO MUNDO



Controlando um Furacão . . .

Pousado sobre suportes de bordas finas como o gume de uma faca, este modelo de Fortaleza Voadora funciona como se estivesse voando em meio de terrivel tempestade. Os engenheiros, atentos ao painel de controles, vigiam e anotam cada reação do robusto aparelho.

O tunel de vento Boeing, instalado nos Laboratórios de Aeronáutica Edmund T. Allen, na cidade de Seattle, nos Estados Unidos, é capaz de atingir velocidades de cerca de 1.200 quilômetros por hora, aproximando-se assim da rapidez do som —ou seja, quatro ou cinco vezes mais do que a velocidade dum furacão.

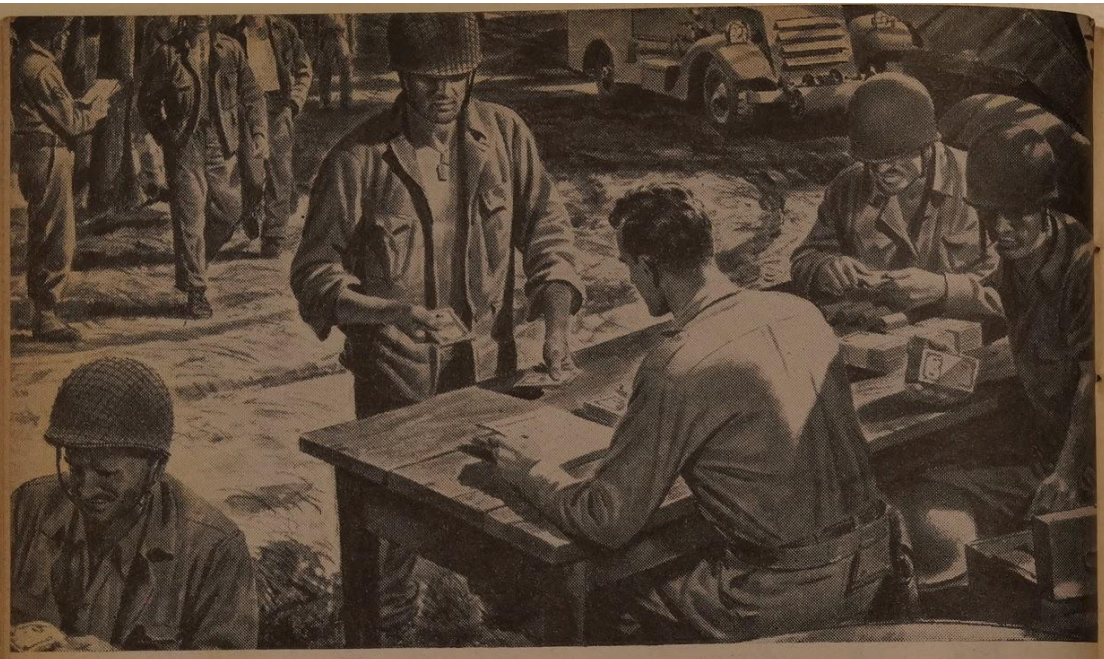
O ar é lançado na cabine onde se processa o teste, por meio de um gigantesco ventilador de 16 pás, diâmetro de 8 metros. A força de um motor elétrico sincrônico de 18.000 cavalos é transmitida ao ventilador através da maior embreagem magnética jamais construida.

• • •

O tunel de vento Boeing está pronto para contribuir para uma vitória mais rápida. Quando se vencer a guerra, sua significação será enorme no sentido de trazer maior conforto, maior velocidade, mais segurança e economia ao transporte aéreo. Como no passado, a liderança da Boeing em desenho, engenharia e fabricação servirá de guia para o desenvolvimento dos produtos de aviação nos dias de paz.

Criadores da Fortaleza Voadora • **Da Nova Super-Fortaleza B-29** do Stratoliner • dos Clíperes Transoceânicos

BOEING



UM BILHÃO DE DÓLARES DE PRÉ!

Pagar o pré aos combatentes dos Estados Unidos é uma operação que exige estratégia global. . . . Trata-se, com efeito, de pagar a mais de dez milhões de homens—onde eles se encontram, seja no Alasca ou na Austrália, na Islândia ou na Índia, na Europa ou na China—e em dinheiro com que eles possam fazer transações, isto é, em dólares e dinari, libras e cruzeiros, rublos e rupias!

O pré de cada militar reclama cálculos complicados em que entram a patente . . . as ajudas de custo . . . os subsídios à família . . . os pagamentos extraordinários aos especialistas, gratificações por serviços no ultramar, recompensas por ações excepcionais e classificação no manejo das armas . . . deduções para pagamento de prêmios de seguro e de artigos especiais.

Em resumo: o pagamento de um milhão de dólares de pré impõe uma das mais gigantescas tarefas de cálculo e escrituração de todos os tempos, tal, que seria impossivel levá-la a bom termo sem a ajuda de máquinas de calcular e contar. Milhares de precisas e velozes máquinas Burroughs estão desempenhando nas forças armadas e nos serviços do governo um papel de importância decisiva neste aspecto da guerra, tão essencial para os combatentes como para as famílias que eles cá deixaram.

★ ★ ★ ★

Visores de Bombardeio Norden

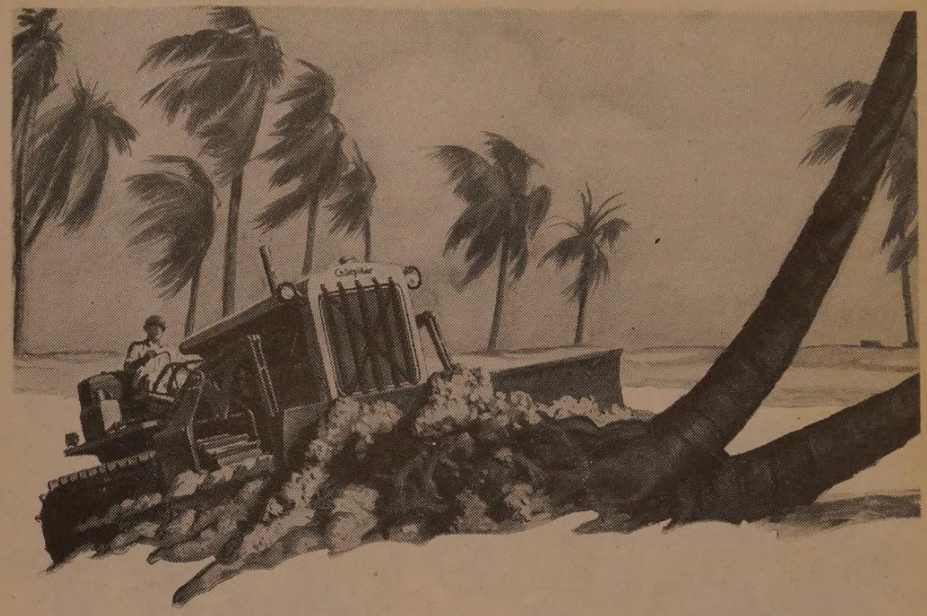
Anos de experiência no fabrico de instrumentos de precisão permitem que a Burroughs produza e distribua o famoso visor de bombardeio Norden—um dos mais importantes e precisos instrumentos usados na guerra moderna.

Novas máquinas de calcular e de contabilidade têm, tambem, sido produzidas pela Burroughs, para serviço das forças armadas, dos governos e empresas de guerra das Nações Unidas.

Há representantes da Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante da Burroughs no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., com séde à rua da Alfandega 81A-1°, Rio de Janeiro.

Burroughs

MÁQUINAS DE SOMAR, CALCULAR, FATURAR, DE CONTABILIDADE, ESTATÍSTICA, E CAIXAS REGISTRADORAS



Máquina de combate de primeira classe

• Os combatentes que voltam da guerra elogiam o equipamento "Caterpillar" Diesel. Nos campos de peleja, quando há necessidade de força-motriz, lança-se mão dos "Caterpillar" Diesel. A guerra põe a prova o conceito elevado desses "armazens de energia", pois a menor falha mecânica pode custar muitas vidas.

A grande capacidade dos "Caterpillar" Diesel para as mais árduas tarefas havia sido evidenciada, em tempo de paz, na construção de estradas de rodagem e edificações, no desbastamento de florestas, e nos campos petrolíferos.

Quando pois se tornou necessário fornecer aos Aliados força-motriz em que pudessem confiar, foi apenas uma questão de aumentar a produção das mesmas máquinas que já tinham sido experimentadas durante tantos anos.

Depois da guerra, os Tratores, Niveladores, Motores e Aparelhos Elétricos da marca "Caterpillar" Diesel serão produzidos em escala nunca alcançada na história, e estarão prontos a fazer frente às inúmeras tarefas que a paz impuser.

Nesse ínterim, os vendedores de "Caterpillar" em toda parte estão em condições de prestar um serviço eficiente para que as máquinas "Caterpillar" agora em uso se mantenham em perfeito funcionamento.

Caterpillar Tractor Co., Peoria, Ill., E. U. A.

CATERPILLAR DIESEL

MARCA REGISTRADA

Tratores de Esteiras • Motores Diesel • Maquinaria Para Estradas

Poderosos exércitos aliados concentram-se na Índia e os caminhões Studebaker ajudam a transportá-los!

HÁ meses que as Nações Unidas se preparam na Índia para a grande investida contra o Japão.

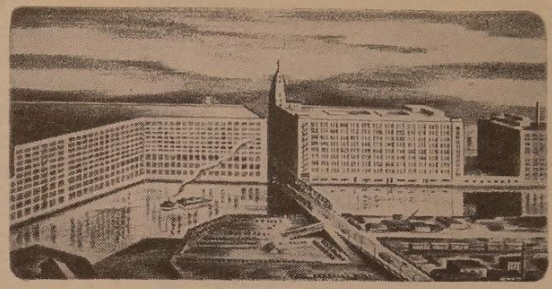
Para que possa haver uma mobilização eficaz num país do tamanho da Índia, é preciso que se disponha de transportes militares adequados. E muitos soldados americanos, que lá estão servindo, poderão tambem dizer quanta confiança as forças aliadas depositam nos caminhões militares Studebaker, de transmissão múltipla.

Esses caminhões Studebaker, ora na Índia, são idênticos aos potentes e seguros Studebakers que já prestaram tantos e tão relevantes serviços no transporte das formidaveis forças soviéticas. E, alem dos caminhões, as cinco grandes fábricas Studebaker continuam a construir, em enormes quantidades, os poderosos motores Wright Cyclone para as famosas Fortalezas Voadoras Boeing, como tambem muitas outras peças para o equipamento bélico.

THE STUDEBAKER EXPORT CORPORATION

South Bend, Indiana, E. U. A.

Endereço telegráfico: Studebaker, South Bend

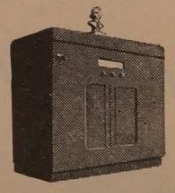


Wards enorme centro fornecedor

A MONTGOMERY WARD é mundialmente famosa e digna de confiança como uma vasta fonte central para fornecer os artigos indispensaveis ao lar e à fazenda. Por sua qualidade, preços de concorrência, bom fabrico e grande produção, os produtos Ward são reputados e gozam a preferência de todo o mundo.

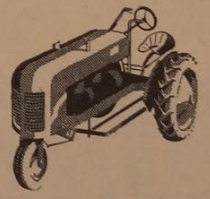
Aos comerciantes interessados na importação e distribuição dos artigos abaixo reproduzidos, alem de maquinaria, tintas, texteis, modas e outras mercadorias de facil venda, roga-se que peçam informações minuciosas.

Refrigeradoras Elétricas Ward—Nas refrigeradoras Ward de após-guerra serão incorporados os últimos aperfeiçoamentos, quer em construção, quer em utilidade.



Rádio-receptores Airline Ward—Com o seu laboratório de pesquisas e seus planos em projeto, a Ward assegura uma notavel seleção de rádios de magnífico funcionamento.

Acumuladores Ward—Sortimento completo . . . Velas de alumagem Ward de qualidade suprema. Facilitam o arranque, dão maior energia, e consomem menos gasolina.



Trator Avery e Utensílios—O trator Avery, de construção resistente para dois arados em fileira, permite trabalhar maior área de terreno com mais eficácia e facilidade.

Tratores Ward para Hortas (com alfaia)—Economia máxima pelos métodos mecânicos no cultivo da terra. Completo sortimento de utensílios para toda espécie de tarefas.

MONTGOMERY WARD

DIVISÃO FABRIL DE EXPORTAÇÃO, CHICAGO, E. U. A.

SRA. NELIA R. S. ALVES DE LIMA

SENHORAS da mais fina sociedade de todo o mundo — que podem escolher qualquer tratamento para a cútis, sem considerar preço — elegeram o método dos 2 Cremes Pond's. Eis o valioso testemunho da Sra. Nelia R. S. Alves de Lima, da melhor sociedade brasileira: «O método Pond's de 2 cremes é a garantia da beleza e do aveludado de minha cútis». Siga, também, êste método:

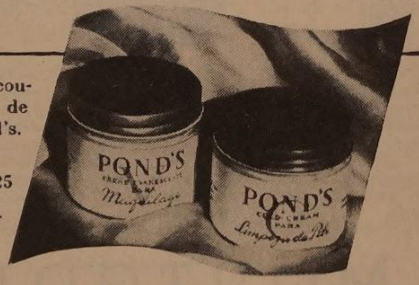
1. *Aplique Cold Cream Pond's no rosto e no colo. Retire-o em seguida. Para amaciar a cútis, aplique mais uma camada.*
2. *Antes de fazer a «maquillage», use o Creme Evanescente Pond's, que protege a cútis contra o sol e o vento, e conserva o pó-de-arroz horas seguidas.*

Esteja entre as mulheres mais lindas do mundo: use o método Pond's dos 2 Cremes

Mulheres que podem escolher elegeram os *Cremes Pond's!*

AMOSTRA GRATIS: — Queira enviar-nos o coupon, acompanhado de Cr. $ 1,00 para despezas de remessa de uma amostra dos 2 Cremes Pond's.
JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL
Caixa Postal 2838 — São Paulo 3-TTTT-25

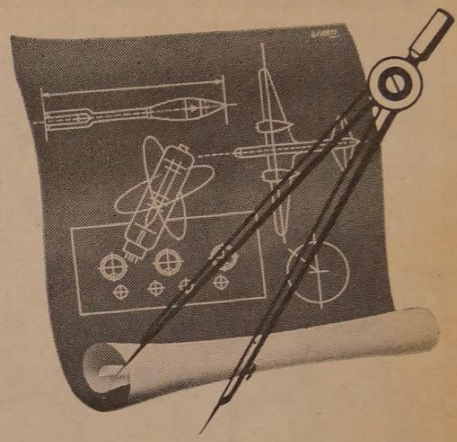
Nome.....
Rua.....
Cidade.....
Estado.....

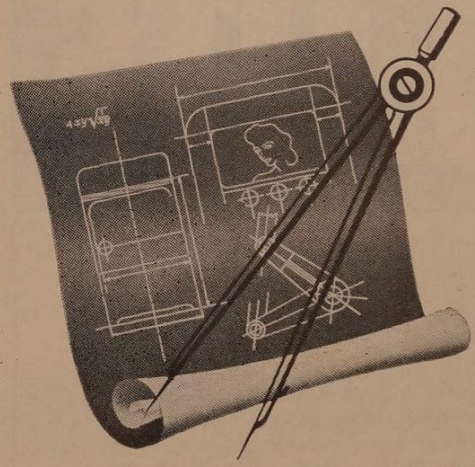


J. W. T.

HOJE

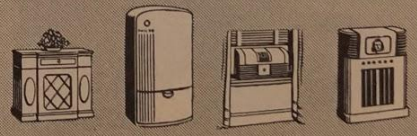
nos desenhos de planos para a guerra, a Philco está contribuindo com suas pesquisas para o aperfeiçoamento da ciência eletrônica, armazenando novos conhecimentos, perícia . . . e idéias!





AMANHÃ

dos frutos dessa pesquisa de guerra . . . a Philco brindará o leitor com maiores empreendimentos para a paz, representados por televisão, rádio, fonografia, refrigeração e ar condicionado.



PHILCO
O RADIO QUE MAIS SE VENDE NO MUNDO

PHILCO INTERNATIONAL CORPORATION, 230 Park Avenue, Nova York, E.U.A.

PARA *Fortalecer*

AS ASAS

DOS HOMENS-PÁSSAROS

AUTO-LITE

Quer na eficiência dum sistema de condutores complexo ou na exatidão dos indicadores de precisão, os conhecimentos e a experiência que Auto-Lite tem ganho em mais de 32 anos contribuem a dar mais vigor às asas que atravessam os ares em serviço das Nações Unidas.

As vinte e seis grandes seções fabris de Auto-Lite estão hoje produzindo grandes quantidades de material de precisão para atender às necessidades das nossas fôrças armadas. À produção desse equipo tem-se dedicado a mesma perícia técnica e a mesma habilidade consumada que tem dado à marca Auto-Lite um lugar de destaque entre o melhor que há em material elétrico para automoveis.

Hoje Auto-Lite aguarda a hora que há de chegar quando a vitória completa lhe permitirá novamente dedicar seus grandes recursos à fabricação de aparelhos e acessórios para o seu automovel, caminhão ou trator.

THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
(Export Division)
Chrysler Building, New York 17, N. Y., E. U. A.

VELAS DE AUTOMOVEIS • ACUMULADORES • FIOS E CABOS
APARELHOS DE ARRANQUE, IGNIÇÃO E ILUMINAÇÃO

Perfeito Desempenho no Transporte Aéreo

Das operações mundiais de transporte aéreo, estimuladas sob pressão da guerra, surgiu uma nova apreciação do excelente funcionamento e da infalivel segurança dos motores e hélices construidos nos Estados Unidos.

A maior parte dos aviões usados nesses vôos de longas distâncias são movidos pelos motores Pratt & Whitney e hélices Hamilton Standard.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

MOTORES PRATT & WHITNEY • AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICÓPTEROS SIKORSKY • HÉLICES HAMILTON STANDARD

O Convite Universal...
"TOME UMA COCA-COLA!"

Vista Charra Mexicana

Preço—Cr. $1.00

No "jaripeo"—festa típica mexicana—ouve-se o cordial convite..."Tome uma Coca-Cola!" A companheira ideal, nessas horas alegres, é uma "Coca-Cola" bem fria—o refresco preferido nas Américas.

Coca-Cola
MARCA REGISTRADA

UNIDAS HOJE
UNIDAS SEMPRE

COPYRIGHT 1944 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

A Nova EVERSHARP Quinta Avenida

UMA CANETA DE TIPO DIFERENTE!

AUTO-SECANTE*

O que V. Sa. nota dentro do círculo fará modificar suas idéias sôbre canetas!

A PONTA

Note a modernística ponta. Esta ponta abriga o aparo . . . protege os dedos . . . e dá à escrita um sentir inteiramente novo.

O APARO

Debaixo da ponta nota-se o novo aparo superfino . . . tão suave que acelera a escrita . . . evitando consaço dos dedos.

A ALIMENTAÇÃO

Atrás do aparo está a nova e aperfeiçoada ALIMENTAÇÃO MÁGICA que evita derrames—tanto ao nível do mar—como a grandes altitudes.

AUTO-SECANTE*

Esta caneta usa tinta que séca à medida que se escreve ...não necessita mata-borrão . . . ainda, escreve perfeitamente com *qualquer* tinta.

GARANTIDO PARA SEMPRE O serviço de consêrtos das Canetas e Lapiseiras de Repetição Eversharp — identificadas pela dupla marca ✓✓ no gancho—é garantido—não por naos—não por vida—mas Garantido para Sempre.

EVERSHARP, INC., CHICAGO, E.U.A.N.

Dê **EVERSHARP** *e dará a melhor!*

O Que Vai Seguir

Desde a fase inicial das históricas lanchas Higgins de desembarque, que solucionaram o problema dos assaltos anfíbios, os engenheiros da Higgins tem continuamente posto em ação uma verdadeira torrente dos mais variados tipos de embarcações.

São eles os barcos-mosquitos de combate, Crocodilos, barcos blindados de apoio, tanques-batelões, rebocadores, barcaças e navios cargueiros.

E começando com as lanchas, os engenheiros da Higgins desenvolveram cerca de uma centena de outros produtos—no campo dos plásticos, contraplacados, motores e aviões—tudo com o desígnio de perpetuar o sistema de vida americano

Mesmo enquanto os barcos-mosquitos Higgins estão patrulhando as zonas marítimas hostís, o helicóptero Higgins está pronto para a sua estréia nos céus quando vier a paz. E enquanto a produção de guerra vai no seu auge, os preparativos para o "que vai seguir" caminham sem cessar para diante.

"HISTORY IN A HURRY" é uma nova história das Empresas Higgins. Escreva pedindo um exemplar gratuito

Higgins
INDUSTRIES INCORPORATED

NOVA ORLEANS
O FULCRO DAS ÁMERICAS

OS MAIORES FABRICANTES DE LANCHAS DO MUNDO

Continuação da última capa

Saber é Poder

Enrique e os seus amigos liam-na com mais ansiedade do que demonstravam em face dos seus jornais cômicos mensais; viviam a citar os seus artigos e a recontar suas anedotas. Os meninos mais pobres, que não tinham dinheiro para comprar a revista, pediam-na emprestada a meu filho todos os meses.

A razão, cedo encontrei-a: o que esses meninos encontravam em *Seleções* era a mesma encantadora combinação dos fatos de hoje com as maravilhas de amanhã, combinação essa que já me deleitara na meninice, quando eu percorria, ávido, as páginas da enciclopédia e de Júlio Verne. Meu filho está crescendo num mundo fantástico—num mundo em que é dado aos homens dar a volta ao globo em aviões-foguete, extrair alimento e energia do sol, acabar com muitas doenças. E *Seleções* registra, por assim dizer, todos os postes de quilometragem nesta lindíssima estrada que leva ao mundo fascinante que nos espera.

Nenhuma significação teriam, entretanto, tais conhecimentos e progressos técnicos—diria mesmo: mais prejudiciais do que benéficos seriam eles—se não fossem alicerçados em sólida rocha moral. Mudam com os tempos os meios de transporte e de comunicações; mas as grandes verdades morais jamais se alteram. É por isso que é tão importante que, nas suas interessantíssimas condensações de artigos e trechos de revistas, jornais e livros, *Seleções* inclua o melhor pensamento não só no que se refira aos tópicos de atualidade, como tambem no que concerne às relações do homem com os seus semelhantes e com o universo.

Seleções prova cabalmente que a melhor leitura pode tambem ser a mais agradavel. E oferece a todos os meninos, tanto ao meu Enrique como aos seus amigos, ricos, pobres, desta ou daquela religião ou origem, a esplêndida arma que é o saber, para poder alcançar o bem.

IMPRESSO NOS E. U. A.

Saber é Poder

Por Napoleon Viera Altamirano

Diretor do *Diário de Hoy*, de São Salvador, República de El Salvador

De vez em quando lembro ao meu filho Enrique, de treze anos, que quando eu tinha essa idade não havia transmissão de notícias pelo rádio. Aos meninos pouco se ensinava do que acontecia pelo mundo—e isso porque, provavelmente, pouco se sabia desses acontecimentos. Estávamos sempre otimamente bem informados em relação ao que sucedera dois mil ou mais anos atrás, na Grécia e em Roma; no entanto, tal era a imperfeição das comunicações, que só fazíamos uma idéia muito vaga do que se estava passando, naquele mesmo ano, nos Estados Unidos, por exemplo, ou na França, ou muito menos ainda entre os povos do longínquo Oriente.

Dispúnhamos, é verdade, de uma fonte de conhecimentos contemporâneos. Em quase todos os lares de classe média havia um exemplar de conhecidíssima enciclopédia, cujas capas encerravam maravilhas—admiraveis fatos sobre a natureza e sobre o homem. Tanto eu como os meus companheiros de brincadeiras infantís tínhamos do mundo uma impressão que se poderia descrever como uma mistura das belas imagens e fascinantes artigos da enciclopédia, com o que nos ensinava Júlio Verne. Se por um lado a enciclopédia nos mostrava os encantos do presente, Júlio Verne previa os do futuro.

Muitos anos mais tarde, sendo eu adulto e pai de um filho, surgiu nas bancas de jornais de Salvador uma revistazinha chamada *Seleções*. Verifiquei logo que essa publicação vinha preencher enorme lacuna no meu material de leitura, e assim passei a guardar zelosamente todos os meus exemplares; guardava-os, mas era frequente sumirem... Não tardei a descobrir que era Enrique que os levava para a escola.

A princípio admirei-me de que uma revista, que tão interessante se afigurava a mim, homem de meia idade, pudesse despertar o mesmo entusiasmo entre meninotes mal entrados na adolescência.

Continua no verso

NOVEMBRO de 1944 ☼ Cr$ 3,00

Seleções do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

O médico que salvou o Brasil . . . *Inter-American* 1
Porque dou meu apoio a Roosevelt . . . . *Collier's* 10
Estas já são favas contadas . . *por Edison Marshall* 13
Como podem entender-se os Estados Unidos e a Rússia *por Eric A. Johnston* 15
Meu tipo inesquecivel . . . . . *por Ben Hecht* 19
Faz bem dar um cochilo . *Better Homes & Gardens* 22
«Life» vê a China de perto. . . . . *Life* 23
Você é homem ou chaminé? . . . *por. J. P. McEvoy* 29
O mistério do quarto trancado . *por Anthony Abbot* 32
Quando os maridos vão para a guerra *Womans Press* 35
O maestro triunfa outra vez . . . *Washington Post* 37
Retalhos do drama cotidiano . *por Henry H. Curran* 41
Vamos conhecendo a dor . . . . . *Cosmopolitan* 43
Suas energias latentes . . . . . *Scribner's* 47
Tio Sam no espelho deformante de Goebbels *por Thomas Kernan* 49
Nova indústria da supermadeira . *American Forests* 53
O gladiador cego . . . . . *Baltimore Sun* 55
Como se utilizam as armas do inimigo *American Mèrcury* 59
O exemplo romântico . . . . . *Parents' Magazine* 63
Instantâneos de Thomas Dewey *por Stanley Walker* 65
Pescando em águas azues . *por Ernest Hemingway* 69
Sitiados pelas chamas . . *por Stewart H. Holbrook* 72
A França sem lei . . . . . *por Kathleen Cannell* 75
Solte esse leão! . . . . . *Liberty* 79
Clube para vendilhões. . *Christian Science Monitor* 83
Uma batalha na selva . . . . . *por W. L. White* 87
Última ação da esquadra do Kaiser . . *This Week* 116
Seção de Livros — Menino do areal . *por Edwin Way Teale* 99

EDIÇÃO MUNDIAL DE 10.918.000 EM CINCO IDIOMAS

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.
AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.
BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.
ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.
GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.
MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.
MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.
MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.
PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.
PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423 Curitiba.
PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 351, Recife.
PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.
RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.
RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.
RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.
SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.
SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.
SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.
TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa
Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo VI, No. 34 — [*Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.*] — Novembro de 1944

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace
Redator Gerente: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* Armando de Sá Pires
Administração: *Gerente Geral,* A. L. Cole. *Subgerente:* Fred D. Thompson, Jr.
Gerente de Circulação, Roberto C. Sánchez. *Chefe de Publicidade,* Willard R. Espy
Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson, *Subdiretor:* Marvin McCord Lowes
Diretor de Anúncios: Josiah B. Thomas

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*Reader's Digest* (fundado em 1921): publica-se em inglês em Pleasantville (E.U.A.) e em Londres; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace; tiragem mensal: 9.345.000 exemplares. *Selecciones del Reader's Digest:* edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas; tiragem mensal: 880.000 exemplares. *Det Bästa ur Reader's Digest:* edição em sueco, publicada em Estocolmo; redator: Anders Hedberg; tiragem mensal: 225.000 exemplares. *Al Mukhtar Min Reader's Digest:* edição em árabe, publicada no Cairo; redator: Fuad Sarruf; tiragem mensal: 60.000 exemplares.

TIRAGEM DE TODAS AS EDIÇÕES: 10.918.000 EXEMPLARES

Copyright 1944 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1876. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

NOVEMBRO de 1944

SELEÇÕES do Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO VI — No. 34

O médico que salvou o Brasil

Osvaldo Cruz, o grande médico que, de origem humilde e obscura, chegou a ser o maior paladino na luta contra a peste bubônica e a febre amarela nos portos litorâneos do seu país

(Condensado do «Inter-American») — *Por Lois Mattox Miller*

PELAS ALTURAS de 1895, circulavam no Velho Continente os tristes rumores de que uma nação do Novo Mundo estava morrendo: «O Brasil está doente... O Brasil agoniza... O Brasil é uma terra de morte.»

O peor é que as versões eram corroboradas por episódios, de fato impressionantes. Um navio italiano havia ancorado a meia milha do porto do Rio de Janeiro. Cinco dias depois, seu comandante e 233 membros da tripulação estavam sepultados no mar. Apenas 103 angustiados sobreviventes conseguiram empreender a viagem de regresso. O flagelo: febre amarela.

Os brasileiros, das cidades do interior, evitavam ir ao Rio, e a outros pontos do litoral; e, quando o faziam, em casos de absoluta necessidade, tratavam de não passar a noite alí. Os diplomatas estrangeiros deixavam a capital, preferindo buscar abrigo em Petrópolis. Os cariocas, que dispunham de algum recurso, tambem arribavam para a montanha, ao primeiro sinal do verão, que era a estação epidêmica. Os negociantes de café em Santos pagavam aos seus empregados enormes salários, admitindo assim tacitamente que se impunha no caso alguma forma de seguro de vida. Os vapores, ao deixar Buenos Aires, traziam o aviso de que «este navio não tocará no Rio ou em qualquer outro porto brasileiro». Com-

panhias européias de navegação anunciavam «viagens diretas ao Rio da Prata, sem tocar em portos do Brasil». Era o meio de impedir que os navios destinados à América do Sul partissem vazios.

A febre amarela surgiu pela primeira vez, no Brasil, em 1849, quando uma escuna americana que, por ironia do destino, tinha o nome de *Brasil*, fundeou no porto da Bahia, com um doente da febre a bordo. Pessoas do lugar contraíram imediatamente a moléstia. No mês de dezembro seguinte, um navio, chamado *Navarra*, foi o involuntário veículo que havia de transportar a enfermidade da Bahia para o Rio, onde marinheiros e mulheres que entraram em contacto com o pessoal do *Navarra* foram as primeiras vítimas. Daí por diante, ano após ano, a calamidade propagou-se, atingindo o seu máximo de intensidade entre 1891 e 1894, quando se registaram, à sua conta, só no Rio de Janeiro, nada menos de 15 mil óbitos.

Durante esse reinado de terror, que já ia por quase meio século, as autoridades sanitárias brasileiras não permaneceram inativas. Buscou-se conselho médico em toda parte do mundo. Tudo, porem, que se pôs em prática para vencer o mal, resultou sempre em malogro. Tão pouco se conhecia, por aquele fim de século, já sobre a doença propriamente, já sobre a maneira de enfrentá-la, que o Brasil se viu forçado a quase resignar-se à contingência de pagar anualmente ao inimigo implacavel o terrivel tributo. Enquanto crescia o número de mortes, ia surgindo o problema dos que só se curavam da febre em más condições de saude; o comércio declinava; os prejuizos materiais indiretos tomavam assustadoras proporções. Repercutiam cada vez mais, no país, os trágicos murmúrios de alem-mar. «O Brasil está doente... O Brasil agoniza...»

Em 1902, Francisco de Paula Rodrigues Alves foi eleito Presidente da República. A febre amarela havia levado ao túmulo, no ano anterior, 2.299 cariocas. Desesperado, mas decidido, o Presidente Rodrigues Alves convocou o seu ministro da Justiça, dr. J. J. Seabra, e incumbiu-o de procurar, para dirigir o departamento de Saude Pública, um homem que fosse capaz de varrer de vez, do Brasil, custasse o que custasse, o flagelo da febre amarela. Era uma ordem—não facil, porem, de ter o cumprimento devido. Um nome foi sugerido: «Recorram ao dr. Osvaldo Cruz.»

«Quem é Osvaldo Cruz?» perguntou, perplexo, o ministro, ao médico de sua confiança, a quem pedira um conselho. O Presidente, por seu turno, mostrou-se desapontado. Não esperava que lhe propusessem, como o cientista indicado para uma tarefa hercúlea, qual a de que se tratava, um em cujo nome até então nunca ouvira falar.

Perguntando, entretanto, ao filho, estudante de medicina, «Quem é este Osvaldo Cruz?», não ocultou o rapaz o seu entusiasmo, ao referir ao pai o que sabia acerca do dr. Cruz: era um bravo e jovem médico, dotado de grande espírito de iniciativa e de luta, que tinha libertado da peste bubônica a cidade de Santos, instituindo uma espantosa campanha de caça aos ratos. Seus trabalhos no tocante ao soro contra a peste eram já famosos na Europa. No entanto, o seu próprio país ainda perguntava: «Quem é Osvaldo Cruz?»

Foi assim que o sanitarista, que andava então pelos 30 anos de idade, se viu erguido de súbito, da obscuridade nacional, ao posto, não de simples diretor da Saude Pública, mas de chefe, numa luta, que se tornaria memoravel, contra o que se havia constituido o maior inimigo de sua pátria. Nos quatro anos que se seguiram, perseguido por médicos conservadores, vilipendiado pela imprensa e por elementos políticos, escarnecido pelo povo, que não podia compreender o sentido das suas medidas de carater drástico, Osvaldo Cruz fez história, varrendo efetivamente do Brasil a desgraça da febre amarela.

Recebido em 1907, como hóspede de honra, na Casa Branca de Washington, pôde ele dar uma idéia de quão completo havia sido o seu êxito. O Presidente Teodoro Roosevelt, disposto a não permitir que a esquadra americana fosse ter a quaisquer portos infeccionados, perguntou-lhe: «Seria seguro, para os nossos navios, visitar o Rio de Janeiro, mesmo no verão?» «Igualmente como no inverno,» respondeu, sem hesitação, Osvaldo Cruz. «A saude das guarnições estaria tão garantida no Rio quanto em Nova York.»

Osvaldo Gonçalves Cruz, grande nome nacional do Brasil de hoje, e de fato um dos mais heróicos entre os combatentes da doença, de que tem notícia a história médica, nasceu em S.Luiz de Paraitinga, filho de um humilde médico do interior. Quando menino, era tímido, infenso às provas orais. Não contava ainda cinco anos, já se iniciava na leitura, tendo por professora a própria mãe. Por esse tempo, a família mudou-se para o Rio, onde fez Osvaldo os seus estudos, até receber o grau de doutor em medicina.

Sendo a família Cruz pobre demais para que pudesse ter criados, cabiam ao pequeno Osvaldo certos deveres domésticos. Tinha que cuidar de sua roupa, e fazer a limpeza do seu quarto, sob a vigilância do pai, a um tempo severo e extremoso. Certa manhã, estava já na escola, foi chamado à casa a toda a pressa. Ao regressar dentro em pouco, sentiu-se em dificuldade para responder às perguntas, quer do professor, quer dos colegas, os quais naturalmente imaginaram que se trataria de algum caso de maior gravidade na família. Mais tarde veio a saber-se o verdadeiro motivo de tal anormalidade: Osvaldo, àquela manhã, se havia esquecido de... fazer a cama.

Formou-se Osvaldo Cruz em medicina aos dezenove anos, o que é fora do comum. Um ano depois, em 1893, casou-se com Amélia da Fonseca, jovem encantadora, filha de abastado português, retirado dos negócios.

Dado o pendor que logo revelou para a investigação biológica, o sogro lhe ofereceu, como presente de núpcias, os recursos necessários para o fim de construir, no próprio porão da sua residência, um modesto laboratório de pesquisa clínica, que foi o primeiro, no gênero, a ser instalado no Rio.

Mas a sua grande aspiração era ir estudar na Europa, especialmente bacteriologia, saude pública, e técnica de pesquisas. Dominava-lhe já, talvez, o espírito, a ânsia por obter uma resposta ao problema da febre amarela. Ainda aí, veio-lhe o sogro em auxílio, tornando-lhe possivel seguir, com a mulher, para París, em 1896, rumo ao Instituto Pasteur. A prova de que, no estrangeiro, continuou a preocupar-se com a situação do Brasil, sob o ponto de vista do flagelo que tanto o perseguia, se encontrará na frequência com que, nas suas cartas aos amigos, costumava referir-se ao «maior dos nossos problemas nacionais». Estudando avidamente as experiências de Carlos Finlay, convenceu-se de que a teoria do investigador cubano, segundo a qual os mosquitos eram o veículo da febre amarela, tinha por si o testemunho dos fatos.

Logo depois que regressou ao Rio, enriquecido pelo cabedal de três anos de estudos em París, uma catástrofe nacio-

nal deu-lhe a primeira das oportunidades em que afirmaria os seus méritos, e se imporia aos lauréis da benemerência pública. Uma epidemia de peste bubônica rebentou em Santos, atingindo em seguida o Rio, com uma percentagem de óbitos, não muito longe—cerca de dois terços—da produzida pela febre amarela. Tanto mais grave se revelava o perigo quanto era o rato o transmissor da doença, e os havia por toda parte. Sabia-se da existência de um soro contra a peste, mas dele não se dispunha.

O Barão de Pedro Afonso, diretor da Saude Pública, telegrafou ao dr. Roux, diretor do Instituto Pasteur de París, pedindo designasse um especialista francês que viesse, a qualquer preço, imediatamente, ao Rio, dirigir o combate à peste.

Os cientistas franceses não vacilaram em exprimir a sua opinião de que visitar o Brasil equivaleria, de alguma sorte, a suicidar-se. Finalmente, deu Roux esta resposta: «Porque não confiar o serviço ao seu próprio compatriota, Osvaldo Cruz? Não conheço ninguem mais capaz.» Pedro Afonso—talvez o primeiro, mas, como se sabe, não o último, a perguntar «Quem é Osvaldo Cruz?»—mandou chamar o jovem cientista, e adotou o conselho de Roux.

OSVALDO INSTALOU, em uma velha granja de Manguinhos, subúrbio do Rio, um pequeno laboratório soroterápico, e deu início ao combate. Não se limitou, entretanto, à produção de soro: estabeleceu realmente uma escola de pesquisas, na qual entrou a ministrar ensino a estudantes e médicos. Era extremamente cuidadoso no treinamento do seu pessoal. Não se poupava a trabalhos, ainda os mais insignificantes. Ele mesmo lavava frascos, e manufaturava ampolas, arte que aprendera em París, trabalhando à noite numa fábrica de vidro. Por fins de 1900, os primeiros soros e vacinas, de produção brasileira, eram oferecidos ao mundo, e, tanto o Instituto Koch, de Berlim, como o Pasteur, de París, os proclamavam excelentes. Em 1902, o Instituto de Manguinhos tinha já adquirido tal reputação, que para lá afluíam novos médicos, desejosos de votar-se à carreira do laboratório, sob as vistas e o comando do jovem pesquisador.

Dentro de breve tempo, tinha Osvaldo jugulado virtualmente a peste. Expulsou-a de Santos e do Rio, e enfim dos demais portos brasileiros. Quando não podia conseguir a cooperação municipal para a execução do seu plano de combate, sem tréguas, aos ratos, anunciava pelos jornais o pagamento de determinada importância, para cada rato, vivo ou morto, que fosse apresentado. Surgiram toneladas de ratos, que às vezes vinham clandestinamente de uns lugares para outros. Mas Osvaldo, com toda paciência, recompensava pecuniariamente, sem maiores indagações, a entrega que lhe faziam dos transmissores de morte, até que o governo pôs um termo ao tráfico. Os casos de peste bubônica ficaram afinal restritos às vizinhanças dos cais, e foram gradualmente declinando. Em 1912, já não houve o registo de um só óbito. Era a total dominação do morbo.

Foi em 1902 que os trabalhos da Comissão Americana, em Cuba*, demonstrando ser verdadeira a teoria de Finlay sobre a transmissão da febre amarela pelo mosquito, encheram de alvoroço Osvaldo Cruz. Estudou ele os relatórios dos métodos usados pela mesma comissão para debelar a febre em Havana, e disse aos seus colegas: «Estas notícias devem ser recebidas com regozijo por todos os brasileiros. Seria um crime não aplicar aquí os mesmos métodos.»

*Vd. Carlos Finlay, o esquecido Pasteur das Américas, Seleções, dezembro de 1943.

Quando, um ano depois, Rodrigues Alves encarregou seu ministro da Justiça de descobrir um homem que pudesse dar cabo da febre amarela, certamente não contaria com resultados imediatos. Mas Osvaldo Cruz estava pronto para meter mãos à obra. Seus três anos de atividade na produção de soros contra a peste, se bem que lhe não tivessem grangeado o reconhecimento público, armaram-no, todavia, de uma experiência inestimavel. Concomitantemente com a sua nomeação para a diretoria de Saude Pública, era nomeado prefeito do Rio de Janeiro o engenheiro Pereira Passos, outra escolha brilhante. Enquanto Osvaldo daria guerra de morte à febre amarela, iria Passos remodelando a cidade.

Antes de entrar no exercício das suas árduas funções, o novo diretor da Saude Pública tratou de obter do Presidente a promessa, em termos peremptórios, de que lhe daria autoridade para tomar as medidas que julgasse necessárias, fornecendo-lhe, por outro lado, os meios financeiros que se tornassem precisos. Em troca, não vacilou Osvaldo Cruz em ligar-se a um compromisso, em cujo cumprimento pouca gente teria acreditado, se é que alguem acreditou, e hoje ressoa com a solenidade de palavras históricas: «Se assim for, prometo livrar o Rio da febre amarela em três anos.»

Foram três anos de grande luta. Coube-lhe combater, não somente o mosquito responsavel pela transmissão da doença, mas outros, quiçá mais poderosos inimigos, que encontrou pelo caminho, e quase o levam ao fracasso.

Círculos médicos, jornais, membros do parlamento, não se resignavam a admitir o que lhes parecia o absurdo de confiar tarefa de tal porte, de tão grave carater técnico, ou expressão científica, a um jovem profissional inexperiente, mais ou menos desconhecido. Abriu-se então contra Osvaldo, e contra o próprio governo, uma campanha em que se usavam, inclusive, as armas do ridículo. Teria aquele arrivista a pretensão de ensinar a velhos médicos, autoridades no ofício, os meios práticos de libertar o país dos ataques anuais da febre amarela? Abaixo o higienista improvisado, e naturalmente quem o nomeou.

Osvaldo Cruz teve, porem, a fortuna de merecer o apoio decidido, não só de Rodrigues Alves, mas tambem de Seabra e Passos. E graças a esse apoio, o higienista concebeu e elaborou um «Código Sanitário», então publicado nos jornais, sob o título «Aviso ao Povo». Baseado na experiência cubana, o Código Sanitário de Osvaldo foi, em última análise, a arma que matou a febre amarela. Recebido com escárneo, e logo ferreteado, em certos meios, com o apelido de «Código de Torturas», nele se explicava à população que os velhos métodos de combater a febre amarela, desinfetando a roupa e a cama das vítimas, eram inteiramente improdutivos. O que cumpria era exterminar os mosquitos, e, pois, suprimir os lugares onde mais facilmente se geram. O contacto entre os mosquitos e os doentes de febre amarela deveria ser evitado por meios efetivos—telas, mosquiteiros, isolamento. O diretor da Saude Pública e o seu pessoal não poupariam esforços, mas o concurso e a compreensão do povo eram de todo em todo indispensaveis.

De toda parte, entretanto, surgiam dificuldades a vencer. No próprio departamento de Saude Pública, a rotina pugnava por que se procurasse adaptar, de alguma forma, a campanha, às linhas dos velhos métodos, de maneira a evitar

praticamente maiores irritações da opinião. Osvaldo Cruz, porem, não transigindo, sequer em pequenas coisas, no que dizia respeito à orientação científica, mantinha-se irredutivel.

Foi preciso todo um ano para que o governo Rodrigues Alves, quando já Osvaldo se dispunha a demitir-se, obtivesse do Congresso o crédito que havia solicitado para os fins da defesa sanitária. Pode, portanto, dizer-se que só realmente em março de 1904 teve começo a batalha. Organizou então Osvaldo Cruz sua famosa «brigada de mata-mosquitos». Precisava, para ela, de 1.200 homens. Conseguiu, a princípio, oitenta e tantos e, finalmente, 235. Quando os «mata-mosquitos», metidos em escuros uniformes caqui, e armados de vassouras, latas de querosene, pistolas de pulverização, etc., entraram a fazer, sem mais nem menos, as suas visitas domiciliárias, a reação cresceu de tal maneira que a própria casa de Osvaldo foi cercada, certa vez, por uma malta infrene, e a sua família, e até ele mesmo, tiveram que escapar-se, à noite, pulando a cerca do fundo.

Sem embargo, durante os três anos, a brigada efetuou 512 mil visitas a 65 mil prédios do Rio de Janeiro. A exterminação dos mosquitos, em uma casa comum, tomava, em média, três horas. Em um ano, um milhão e meio de reservatórios, tanques, goteiras, e receptáculos de águas estagnadas foram limpos—e assim conservados. O número de intimações a proprietários, para a execução de melhoramentos, subiu a 64.594—uma para cada casa da cidade. Foi ordenada a evacuação de cerca de 3 mil prédios, e, quanto a alguns quarteirões, houve que recorrer à dinamite, para os pôr de todo abaixo. É facil de imaginar a repercussão de tais fatos, de que resultavam, já se vê, incômodos para uns, prejuizos para outros, tanto mais que havia técnicos de reconhecida autoridade, a dizer que tudo aquilo não passava de pantomima. A indignação, a revolta, assumia, de hora em hora, maiores proporções.

Não se brincava com as medidas drásticas. Eram elas cumpridas rigidamente. Se e quando preciso, a Brigada invadia, à força, as casas. O querosene, de cheiro pouco agradavel, corria livremente. Moradores de casas condenadas tinham que abandoná-las, sem delongas. Perturbada a população, não faltaram demagogos para clamar por justiça. Eis agitado o Congresso. Jornais de combate, dir-se-ia punham vitríolo nas informações e comentários que estampavam sobre a matéria. Hoje imortalizado no Brasil como uma de suas glórias mais autênticas, Osvaldo Cruz foi, ao tempo, chamado de idiota no senado brasileiro.

Quilômetros e quilômetros de muros de jardim, que se cobriam de cacos de garrafa, para evitar os ladrões, não podiam deixar de ser demolidos, porque a água de chuva coletada nos referidos cacos facilitava a criação de mosquitos. Mas, ao ruido da demolição, se juntava o dos protestos de moradores ou proprietários, vítimas, que se consideravam, de uma violência inutil, ou desabusada, na maneira sumária por que se punha em prática.

A cada passo, tinha Osvaldo Cruz que apelar para meios engenhosos, para contornar os empecilhos que a lei, ou a necessidade de uma lei, opunham às grandes medidas sobre as quais não havia hesitar, nem tempo a perder. Uma vez, um médico da brigada fez ver que, para o fim de sanear determinada zona, se impunha a destruição de certa casa, na área poluida. Intimado o proprietário, que morava na casa, a mudar-se, replicou ele exibindo um documento em ordem, firmado por juiz, e no qual o direito à posse de sua propriedade e moradia lhe era assegurado. Osvaldo quis examinar o papel.

«Deixe-me ver,» disse. E, depois de uma breve pausa: «Mas aquí não se diz nada sobre o telhado da casa. Vamos tirar o telhado.»

Destelhada a casa, foi só sobrevir a chuva, para que o recalcitrante corresse em busca de algum lugar mais seco para onde mudar-se...

Canções populares, juntando o ódio ao ridículo, foram dedicadas, na época, ao «médico louco». Afinal, para poupar o governo a uma situação intoleravel, Osvaldo se dispôs a oferecer-lhe seu pedido de demissão.

«Permaneça, ou caimos juntos,» respondeu o Presidente.

Ampliando o seu campo de ação, para nele incluir o combate à tuberculose e à varíola, não ignoraria Osvaldo Cruz que ia trazer novas ondas ao que já era um vagalhão de clamor contra os atos e processos da sua ingente campanha, ao mesmo tempo que de salvação, de renovação sanitária. É possivel contudo não previsse que estava lançando o país em verdadeiro motim, senão às bordas da revolução. Pediu desde logo uma lei, pela qual se tornasse obrigatória a vacinação contra a varíola, o que ainda, àquela época, repugnava a muitos, ou era visto por muitos como um flagrante atentado, até contra a conciência. Ao debater-se o caso no Congresso, houve quem taxasse a medida de «brutal agressão», e um senador, que era aliás professor da Escola de Medicina, não teve dúvidas em declarar que os agentes da Saude Pública, que ousassem penetrar a sua casa para vacinálo à força, teriam que passar sobre o seu cadaver. Outro membro do Senado disse reconhecer na revolução um recurso legítimo do povo contra a violência implantada, de maneira absurda, em nome da defesa sanitária.

Boletins, ainda com a tinta fresca, eram diariamente distribuidos, contra o diretor da Saude e o governo que o mantinha. Em dois deles, datados de agosto de 1904, declarava um partido político que Rodrigues Alves e Osvaldo Cruz eram anti-republicanos, e «faziam do povo cobaia, a instigação de charlatães egoistas». Somente um levante em regra poria cobro ao que era visto como abusos inominaveis.

Massas de povo desfilavam em direção ao palácio presidencial e às casas do parlamento. Estudantes, munidos de petições com a assinatura de milhares de cidadãos, protestavam contra os excessos, de que era Osvaldo acusado. Calúnias e rumores, destinados, já se vê, a insuflar os ânimos, insinuando inclusive que as medidas de Osvaldo ameaçavam a própria saude da população, corriam de boca em boca, prestigiados, não raro, pela atitude de médicos que discordavam das técnicas, ou condenavam abertamente as doutrinas da Diretoria de Saude Pública. A imprensa rubra agitava as massas com a divulgação que fazia das versões mais adequadas a provocar-lhes a cólera: os médicos vacinadores estavam usando seringas não esterilizadas, propagando doenças venéreas, causando gangrena e morte, desrespeitando lares. Senão quando os tumultos abalaram algumas zonas residenciais da bela capital. Era como um levante exigindo a exoneração de Osvaldo Cruz.

«Um homem como o dr. Osvaldo Cruz não pode ser dispensado,» respondeu o Presidente, com a grande serenidade que era nele um traço caraterístico. E deu maior sentido às suas palavras, reforçando a autoridade do seu malquisto colabo-

rador, a quem viria a dever, em boa parte, a glória do seu governo.

Revoltou-se, entretanto, em seguida, a Escola Militar. Não passava despercebido a Rodrigues Alves que, da campanha contra o diretor da Saude Pública, se havia feito um pretexto para manobras políticas, tendentes à conquista do poder. Dirigidos por um general, um senador e dois deputados, os cadetes puseram-se em marcha em direção ao Catete. Mas as forças fiéis ao governo entraram logo em ação, dominando o movimento. Feridos o general e o senador, os rebeldes se retiraram, acabando finalmente por se renderem.

Durante o primeiro ano da ação enérgica de Osvaldo Cruz, o número de óbitos por febre amarela, no Rio, baixou de 584, que tantos se registaram em 1903, a 48, subindo contudo, inexplicavelmente, a 289, em 1905. Daí, porem, por diante, não mais se manifestaram surtos epidêmicos. A estatística de mortes foi baixando anualmente a 42, 39, 4, até reduzir-se a zero, em 1909. Indiscutiveis, agora, os resultados dos métodos, aparentemente draconianos, de que Osvaldo se servira, a opinião, como era natural, começou a modificar-se. Em fevereiro de 1907— quando ainda faltava um mês para se completarem os três anos do seu arrojado compromisso—já o cientista que se fez herói da defesa sanitária do Brasil estava em condições de declarar ao chefe da Nação que não havia mais febre amarela no Rio de Janeiro.

Antes de deixar, em 1909, a diretoria de Saude Pública, tinha Osvaldo feito sentir a sua atividade, não só no Rio, mas, em geral, no país. A ele muito se deve ter baixado, de 1.200, em 1902, a 176, em 1911, o obituário, por malária, nas bacias do Madeira e do Mamoré. Uma severa epidemia de varíola, em 1908, animou-o a levar por diante o seu programa educacional que tão util havia de ser na preservação contra a moléstia. Um público reconhecido se dispunha, já agora, a observar de bom grado tudo o que Osvaldo Cruz lhe aconselhava como preciso ou indispensavel à defesa da sua própria saude.

O Presidente manifestou-lhe o desejo de recompensá-lo na altura dos serviços que prestara. Osvaldo pediu apenas que se desse a devida expansão ao instituto de estudos e pesquisas que fundara, como vimos, na velha quinta de Manguinhos. Um belo edifício mourisco, destinado a servir de sede ao que houvesse de mais avançado em investigação científica, surgiu do lugar modesto onde sete anos antes um desconhecido de 30 anos fazia, ele mesmo, as suas ampolas, e ele mesmo lavava os seus provetes. Em 1907, o Instituto de Manguinhos passara a chamar-se Instituto Osvaldo Cruz, de patologia experimental e soroterapia, tendo como diretor geral seu grande e agora famoso fundador.

Depois de ter sido o mais odiado, ficou sendo Osvaldo Cruz o cidadão mais benquisto do Rio de Janeiro. O Instituto foi convidado a tomar parte no XIV Congresso Internacional de Higiene, a reunir-se em Berlim. A exibição que alí fez Osvaldo Cruz dos métodos que empregara, combatendo no Brasil doenças tropicais, causou verdadeira sensação. Na véspera do encerramento do Congresso, a Imperatriz Vitória, da Alemanha, conferiu ao instituto do Rio de Janeiro a Medalha de Ouro destinada ao melhor trabalho em patologia experimental. Assim, o único representante sul-americano, que alí se apresentara, ganhou o primeiro prêmio, levando a palma a 2.500 cientistas internacionais que concorreram ao certame, representados por 128 exibições da mesma natureza, embora em campos diversos. Posteriormente, a Medalha da Escola de Patologia Tropical de Liverpool, e outras honrarias análogas, foram tambem outorgadas à instituição de Manguinhos. A França distinguiu Osvaldo Cruz, concedendo-lhe o oficialato da Legião de Honra, e a Academia Brasileira de Letras elegeu-o para ocupar uma de suas cadeiras.

Mas o seu maior orgulho estava no Instituto que criara, e no fato de que os pesquisadores, alí em atividade, já recebiam convites para ir ensinar em outros paises, sem exclusão dos mais adiantados.

Hoje o Instituto compreende, em adição aos seus laboratórios, um hospital para o estudo de enfermidades sul-americanas, e o Museu Osvaldo Cruz, onde se conservam, como relíquias, material de serviço com que Osvaldo trabalhava, e papéis seus, de ordem pessoal. O Instituto já deu a lume cerca de 2 mil obras científicas. Tem criado e preparado mais de 20 produtos, inclusive soros para tétano, difteria e disenteria. Dois filhos de Osvaldo Cruz alí cooperam no desenvolvimento da grande obra paterna: Osvaldo Cruz Junior e Walter Osvaldo Cruz são professores, respectivamente, de Bacteriologia e Hematologia.

Nem por ter deixado a Diretoria de Saude Pública, deixou de prosseguir Osvaldo Cruz em plena atividade. Diretor do seu Instituto, fez duas viagens à Europa, e uma através da América Latina, e, onde quer que fosse, era sempre o pesquisador, e o espírito interessado na luta contra a doença. Em 1915, sua saude, que era o de que menos ele cuidava por entre a sobrecarga de serviço a cuidar da saude geral, entrou a ameaçá-lo seriamente.

A família conseguiu do então Presidente da República, dr. Venceslau Braz, que o induzisse a afastar-se dos trabalhos do Instituto. Para poupá-lo ao desgosto da vida inativa, nomearam-no prefeito de Petrópolis. Osvaldo Cruz foi para lá quase cego, sofrendo do coração, já caminhando com dificuldade. Agravando-se o seu estado, teve que abandonar a prefeitura dentro de seis meses; mas as hortênsias que mandou plantar lá se acham ainda hoje como um dos traços mais belos e mais inesqueciveis daquela encantadora paisagem.

Osvaldo Cruz veio a render a alma aos onze dias do mês de fevereiro de 1917. Contava apenas 44 anos. Contrariamente ao seu desejo expresso em testamento escrito, a cidade do Rio de Janeiro cobriu-se, por ele, de luto. Não só o Rio, mas a nação toda, e mesmo toda a América do Sul, tiveram a sua hora de tristeza, ao saber que se extinguira, quando tinha ainda tanto a dar, aquela expressão maravilhosa de capacidade e energia. Nem é para admirar que tenha sido assim: imortal na consagração dos círculos científicos do mundo, reconhecido iniludivelmente como um dos maiores cientistas que ainda haviam brotado da América do Sul, era, para os cariocas, antes e acima de tudo, o benfeitor, em uma palavra, um ídolo.

Num artigo em *Outlook*, edição de dezembro de 1913, prestou Teodoro Roosevelt uma justa homenagem ao país, escrevendo estas palavras: «O papel exercido pelo Brasil na luta contra as doenças tropicais, utilizando as armas da ciência, não tem sido devidamente apreciado no estrangeiro. O Instituto Osvaldo Cruz é esplêndido no que concerne ao seu equipamento. Não o é menos sob o aspecto da capacidade dos seus homens. O dr. Osvaldo Cruz é um homem da raça de Pasteur.»

Porque dou meu apoio a Roosevelt

(Condensado do «Collier's»)

Por Alben W. Barkley
Lider da Maioria no Senado Norte-Americano

PROVAVELMENTE, nada do que eu disser aquí terá a menor influência sobre os inimigos crônicos do Presidente Roosevelt. Nem escolhí minhas palavras de modo a trazer maior dose de convicção aos atuais idólatras de Roosevelt. Há, no entanto, entre esses dois extremos, imenso número de cidadãos que, desejosos de agir em benefício de sua pátria, se sentem entretanto tomados do vago receio de que, se Roosevelt for reeleito, os alicerces da nossa nacionalidade estarão ameaçados pelo espetro da ditadura, permanecendo o Presidente eternamente no poder.

Seja-me lícito dizer, antes de mais nada, que não sou partidário da doutrina do «homem indispensavel». A história está cheia de homens e mulheres em postos de eminência, para os quais pareciam especialmente indicados em virtude de sua energia, sua capacidade e seu carater. Mesmo, porem, em tais casos, a Providência sempre achou meio de lhes dar sucessor, ou uma série de sucessores, capazes de prosseguir na obra a que, na ocasião, a humanidade se dedicava.

No caso atual do pleito eleitoral de novembro, não cabe verificar se Roosevelt é o único homem apto a ocupar o primeiro posto da nação; trata-se, isto sim, de decidir se é ele quem está em melhores condições de levar a cabo a tarefa imensa a que se acha devotado o país inteiro.

Ninguem poderá negar que Roosevelt possue um conhecimento completo das correntes geográficas, econômicas, políticas, morais, sociais, industriais e comerciais que atravessam constantemente o mundo em que vivemos. Nenhum outro estadista norte-americano tem a seu favor as boas relações pessoais e a capacidade de colaboração que Roosevelt tem demonstrado no trato com os líderes das Nações Unidas, responsaveis, de uma ou de outra forma, pela vitória na guerra e pela conquista final da paz.

Iremos então perder todo esse acúmulo de conhecimentos e compreensão, só por amor às reformas e mudanças? Acreditará alguem, por acaso, que é possivel a um homem tomar posse, sem mais nem menos, de todo esse conhecimento, toda essa experiência, toda essa compreensão, da noite para o dia? E, não sendo isso possivel, quanto tempo levaríamos em ajustamentos, e que efeito teria, sobre nossos amigos e nossos inimigos, um hiato dessa ordem?

Dada a universal importância dessa decisão, e considerando os efeitos que ela terá no mundo inteiro, urge que deixemos de lado quaisquer preconceitos, partidarismo, egoismo, ódio ou mesquinhas antipatias. Não nos podemos guiar pelo simples desejo de ver caras novas em Washington. Eu mesmo concordaria, sem dúvida, em que se substituissem, aquí e alí, algumas figuras que ora ocupam cargos de grande eminência. Mas não nos iludamos: um êxodo total resultaria num caos impossivel de remover.

Há quem diga por aí que a reeleição de Roosevelt para um quarto período presidencial significaria um regime ditatorial vitalício para o país. Muita gente honesta acha que acredita nisso. Basta, entretanto, que debatam a questão consigo mesmos, sem preconceitos e sem parcialidade, para que se convençam da improcedência de tais receios.

Se bem que o Congresso tenha conferido a Roosevelt os poderes mais amplos que registra a história americana, o Presidente nunca os exerceu em sua plenitude. Era inevitavel que se conferissem tais poderes, visto que as democracias não podem tomar parte em grandes guerras guiadas por uma organização necessariamente frouxa e heterogênea. Teria que ser atribuido ao Presidente o direito de proceder à total mobilização dos nossos recursos, por intermédio das comissões por ele escolhidas. Era forçoso que assim fosse, e assim teria sido qualquer que fosse o presidente.

O fato do Presidente não ter considerado necessário valer-se de todos esses poderes; e o fato de não ter empregado discricionariamente os que decidiu exercer, tiram ao exercício de tais poderes quaisquer vislumbres de ditadura.

Pessoas há que dizem ser o Presidente teimoso e às vezes intolerante. É possivel que ele examine as considerações políticas antes de agir desta ou daquela maneira; dará talvez mesmo demasiada atenção aos conselhos daqueles que sempre concordam com ele. Mas assim fizeram outros presidentes. É humano que assim seja; todo homem tem seu carater e seu temperamento, fatores que dão força e colorido à sua personalidade. E ninguem dirá que isso constitue ditadura. E tanto isso é verdade, que qualquer cidadão, no governo ou fora dele, tem e exerce plenamente o direito de discordar do Presidente quanto à política e aos princípios do seu governo. Desde que haja liberdade de palavra e liberdade de discordar, nenhum presidente representa ameaça de ditadura neste país.

Acredito sinceramente que Roosevelt teria preferido retirar-se da vida pública ao terminar seu segundo período presidencial. Porque não o fez?

A resposta é simples. A conflagração, a cujo respeito ele dera ao povo os mais claros avisos, e cujo irrompimento ele próprio tentara impedir, com todo o seu esforço e toda a sua habilidade, representava, já então, uma ameaça bem próxima.

Diante de tal situação, o povo americano sentiu que sua segurança e seus interesses poderiam ser novamente confiados ao homem que, durante oito anos, vivera com o seu povo e o compreendera em todas as suas aspirações fundamentais. Escolheram-no, pois, outra vez, apesar da forte tradição nacional, segundo a qual nenhum presidente fora jamais eleito para um terceiro período. Roosevelt não rompeu essa tradição pelo simples fato de se ter candidatado; foi o povo americano que a rompeu, elegendo-o, como tinha todo o direito de fazer.

Ao abrir esse precedente, Roosevelt estava cercado das mesmas circunstâncias que George Washington citou em seu discurso de despedida como sendo o motivo de sua retirada naquele instante da vida nacional; isto é, as condições em que o país se encontrava não exigiam que ele, Washington, servisse à pátria como Presidente. Washington jamais disse que não aceitaria terceira eleição, se as circunstâncias, no país e no estrangeiro, fossem de ordem a indicar sua permanência no poder.

E, tendo sido completamente rompida a tradição com o terceiro período, não se poderá dizer que haverá maior rompimento com uma quarta eleição.

Nada há de novo nem de sinistro num quarto período. Grande número de governadores de estado e de prefeitos têm sido eleitos quatro vezes. Dezenas de senadores nos Estados Unidos permaneceram em seus postos, por eleição, quatro, cinco, até seis vezes. E não se diga que, devido a esse fato, ameaçaram-se os alicerces da democracia. Segundo a tradição democrática do país, o povo exerceu o seu direito de voto.

Não receio um quarto período no governo atual. Desde que o povo americano mantenha seu direito de escolha livre, *não pode haver ditadura*. Se é desejo do povo que este ou aquele presidente não continue no poder, ele não continuará, quer tenha ficado quatro ou dezesseis anos na Casa Branca.

Entretanto há gente sincera que pergunte porque é que um homem há-de querer ficar dezesseis anos no governo...

Aquí fica minha opinião pessoal a respeito: homem algum, digno de ser presidente deste país, deseja manter-se na presidência apenas por ambição ou para dar emprego a parentes e amigos. E nenhum homem, digno de ser funcionário do governo, aceitaria um emprego desses, pelo simples fato de ser parente ou amigo do presidente.

No meio da maior luta em que o mundo jamais se debateu, pode o presidente Roosevelt retirar-se à vida privada, se é desejo do povo americano vê-lo continuar na tarefa a que todos nos dedicamos? E como poderia o povo manifestar sua vontade, se o Presidente não se colocasse às ordens dos cidadãos, convidando-os a decidir?

É preciso que, de vez em quando, a tradição ceda ao raciocínio e ao julgamento justo, afim de que se possa levar a guerra ao fim mais breve possivel, e conquistar uma paz sensata e duradoura. Ao dar meu apoio ao Presidente Roosevest para novo período, assim faço por uma razão muito simples e muito facil de compreender: nas condições em que se acham atualmente o mundo e a nação americana, condições essas que prevalecerão certamente em novembro e ainda mais tarde, Roosevelt é sem dúvida alguma o homem que tem a seu favor as melhores qualidades capazes de enfrentar tais condições, e encaminhá-las para uma solução satisfatória como Presidente dos Estados Unidos.

Solidariedade profissional

UM ALMIRANTE, observando um recruta, que trabalhava com afã, mas desajeitadamente, indagou-lhe:—Há quanto tempo você está na Marinha, rapaz?

—Dois meses, replicou o recruta.—E o senhor?

O almirante ficou um tanto desconcertado, mas, de bom humor, respondeu:—Trinta anos.

—É horrivel, o sr. não acha?—disse o jovem, com ar solidário...

—T. A. Jenkins

APROVEITE A MINHA EXPERIÊNCIA

Estas já são favas contadas

— 20 —

Por Edison Marshall

HÁ POUCOS MESES sucedeu-me uma coisa que aliás sucede a muitos homens na minha idade. O médico verificou minha pressão arterial, contou-me as pulsações, auscultou meu coração, e declarou que havia uma luz vermelha na minha frente. Tinha que diminuir a velocidade.

—Quer dizer que devo afrouxar no trabalho? perguntei alarmado.

—Evidentemente, a não ser que você deixe de se afligir por causa dele. O que reduz a inválidos os homens em plena força da vida não é o trabalho, são os aborrecimentos. Você tem que se libertar dessa tensão nervosa. Será capaz disso?

Eu sabia lá...

Alguns dias mais tarde, como tivesse ido à Florida em viagem de negócios, resolví caçar patos... para descansar; pelo menos assim o disse a mim próprio. A verdade, porem, é que eu gostava daquilo, embora sempre o tivesse feito com o mesmo fervor que empregaria na resolução de um assunto importante.

Em dois dias seguidos conseguí matar os dez patos do limite legal. No terceiro dia, perto das quatro da tarde, eu já tinha oito patos, mas estava tão ansioso por matar os outros dois e causar boa impressão em quem me visse saltar do bote, que comecei falhando sistematicamente os pássaros uns após outros e fiquei tão nervoso que nem sequer seria capaz de acertar num avestruz.

Quase todos estamos mais próximos do que supomos de realizar nossos desejos.

Mas subitamente deu-se uma reação violenta. «Que é isso, seu tolo!» disse a mim próprio. «Está todo nervoso só por causa de dois míseros patos? Você já tem oito! Chega!»

Mal tinha acabado este monólogo, avistei dois bichos voando a cerca de 90 quilômetros à hora sobre o chamariz. Atirei duas vezes, e pronto! Tinha acalmado inteiramente...

À noite, ao deitar-me, reconstituí o incidente e fiz uma descoberta de pasmar. Na vida tambem, eu já tinha oito patos! Aos 49 anos, estava muito próximo de conseguir tudo quanto é legítimo ambicionar. E contei assim os meus «patos»:

Primeiro: Uma esposa adoravel.

Segundo: Filhos que me enchiam de orgulho.

Terceiro: Saude razoavel.

Quarto: Amigos.

Quinto: Meios de vida.

Sexto: A conciência de ter cumprido meu dever.

Sétimo: Várias atividades que me interessam. (Quando tiver que pôr de parte a caça aos patos, ainda terei muitas distrações.)

Oitavo: Perspectivas cheias de esperança: esperança de paz, de um mundo

melhor, de uma vida futura, de bondade divina e humana, e de tudo quanto é caro ao coração dos homens.

Afinal, os dois patos que me faltavam eram o dinheiro e a fama de que gozam muitos homens. Valeria a pena afligir-me e morrer mais cedo por causa deles?

Certamente que não.

E ocorreu-me que a maioria das pessoas na minha idade já possue mais ou menos os oito patos... Tantas pessoas têm boas esposas ou bons maridos, filhos de que se podem orgulhar, a conciência do dever cumprido, meios de vida razoaveis, e ainda se queixam!

Agora, de cada vez que começo a afligir-me, lembro-me sempre dos oito patos. A semana passada, quando o médico me examinou de novo, minha tensão arterial tinha voltado ao normal e a pequena luz vermelha desaparecera da minha frente.

Quer um conselho? Faça como eu: conte seus oito patos e viva!

À moda dos nativos

¶ No atol de Maquin, o gordo e benevolente rei Nacaiea apresentou-se a um coronel norte-americano, para fazer uma queixa, com a ajuda de um intérprete. O coronel sabia que as jovens nativas de Maquin tomavam banho nuas, em certo lago? Sim, o coronel sabia. O coronel sabia que os soldados se agrupavam à volta do lago, fazendo comentários e rindo, encabulando as nativas? O coronel pensou um pouco e propôs que se construisse, à volta do lago, uma cerca alta, coberta de lona, de modo que as jovens pudessem tomar seu banho sem ser incomodadas.

Como resposta, houve um jorro de palavras reais, apressadas, quase aflitas, que o intérprete traduziu: «O Rei diz que o Coronel não compreende. O Rei diz que olhar está muito bem—o que está mau é rir. Ele só quer que os soldados não riam mais.» Em consequência da queixa, foi baixada uma ordem, para as tropas americanas em Maquin, em razão da qual, à hora do banho, o que se vê são as faces sizudas das sentinelas de patrulha e as fisionomias solenemente sérias dos soldados—contemplando o espetáculo daquele paraiso povoado de sereias morenas...

—Robert Trumbull, no *Time*

¶ Em uma das ilhas do Pacífico Central, o comandante das forças navais americanas achou que o costume das jovens nativas de usar somente uma saia de palha era um costume que, positivamente, não contribuía em nada para o moral das tropas. Consequentemente, ofereceu a cada uma das nativas uma camiseta da marinha, de algodão e com mangas curtas. As jovens ficaram contentíssimas, e algumas delas pediram, mesmo, uma camiseta sobressalente.

Imagine-se a surpresa do comandante, quando, no dia seguinte, deparou com várias indígenas, usando com muita pose as suas novas peças de vestuário, mas com dois buracos redondos, cortados justamente sobre os sítios mais óbvios e apropriados!

—Tenente W. Tim Welch, da Marinha dos Estados Unidos

Como podem entender-se os Estados Unidos e a Rússia

Por Eric A. Johnston

Presidente da Câmara de Comércio dos Estados Unidos

O sr. Johnston visitou recentemente a Rússia a convite do governo soviético Têm sido amplamente reproduzidos na imprensa breves excertos do discurso por ele proferido na recepção oficial com que foi distinguido em Moscou. Mas coube ao Reader's Digest, graças a um acordo especial, a primazia na publicação do notavel discurso na íntegra, como abaixo se lerá.

Procurarei patentear a minha admiração pelos vossos heróicos feitos, e o meu reconhecimento por vosso amavel convite, falando-vos do fundo do meu coração, não em linguagem política, ou mesmo diplomática, senão com total franqueza.

Não exerço, no meu país, nenhuma função política. Sou um simples cidadão americano, um homem de negócios. Muitos entre vós são igualmente homens de negócios. Ajudais a fazer funcionar as empresas econômicas de que é proprietário o vosso estado socialista. Nutro a esperança de que os negócios governamentais da União Soviética e os negócios particulares dos Estados Unidos possam em devido tempo fazer juntos um próspero negócio.

A razão por que assim desejo vai alem do domínio dos lucros que se realizam em dinheiro. Acredito que as cordiais relações econômicas entre paises contribuem grandemente para tornar cordiais suas relações políticas. Acredito que, no dia em que as nações consagrarem mais tempo ao esforço de cooperação, umas com as outras, para o comum desenvolvimento econômico, menos tempo terão a consumir na disputa, umas às outras, do predomínio político. Acredito que o trabalho mundial é o melhor dos antídotos para a guerra mundial.

Nós, nos Estados Unidos, temos um provérbio segundo o qual o verdadeiro amigo é aquele que, conhecendo o que temos de peor, nos mantem, ainda assim, a sua estima. Vou dizer-vos com toda a rudez:

No que diz respeito a prática e ideologia econômicas, meu país não é apenas diferente do vosso: é *mais* diferente do vosso que qualquer outro no mundo. Se não há povo que vos iguale em coletivismo, e estatismo, nenhum tão pouco nos igualará em individualismo. E, senhores, não haja ilusões: *nós estamos decididos a assim permanecer.*

Na maior parte dos paises do Ocidente europeu, as estradas de ferro, o telégrafo, o telefone, as estações de rádio, são, como aquí entre vós, propriedade do Estado. No meu país, entretanto, quem os possue, e os põe em atividade, são entidades privadas. Na maior parte dos paises do Ocidente europeu, os homens de negócios são estimulados pelos respectivos governos a organizar suas empresas em cartéis monopolistas, para dividir os mercados, e fixar os preços. É o coletivismo privado. Em meu país, há uma lei que o proibe.

Deixai que me refira, por um momento, ao meu próprio caso pessoal. Meus

negócios são modestos. Não tenho qualquer contacto com as grandes companhias, a não ser que lhes oponho a minha competição. Eis aí o tipo de Estados Unidos que tem por si o voto ou a preferência de quase todos os americanos: uma terra onde o pequeno possa competir; uma sociedade, mais do que nunca, verdadeiramente capitalista.

Vereis, portanto, sem dificuldade, a distância que nos separa. Não tratemos de ocultá-lo. Comecemos, ao contrário, por pô-lo bem à vista.

«Mas,» podereis perguntar, «o trabalhismo americano aceita, ou não se rebela contra semelhante capitalismo?»

Eu emprego, nos meus serviços, cerca de 2 mil pessoas, as quais mantêm as suas uniões, e com estas celebram seus contratos. Reconheço o direito dos meus empregados a ter uniões. A uniões pertencem atualmente cerca de 13 milhões de americanos; e entre elas haverá hoje nada menos de umas 200, nacionalmente conhecidas, dado o vulto que tomaram. Nenhuma, na presente campanha eleitoral, está pleiteando perante os votantes o princípio socialista da «comum propriedade e gerência dos meios de produção e distribuição».

Convido-vos, senhores, a inteirar-vos de quão completamente os comunistas, nos Estados Unidos, têm estado a desperdiçar o seu tempo. Não há muito, uma instituição de investigações, nos Estados Unidos, submeteu a grande número de pessoas, espalhadas por todo o país, a seguinte pergunta: «A que classe social você pensa que pertence?» A maioria dos operários, em regime de salário, e organizados, a quem foi a questão proposta, respondeu que, na sua opinião, pertencia à «classe média». Como podem os comunistas americanos pensar em fazer uma revolução proletária entre trabalhadores que, eles mesmos, não se consideram proletários?

Os comunistas americanos, desatentos a este fato, de importância capital, se têm mostrado carentes de originalidade e realismo. Seguem ainda, e imitam, o que supõem ou imaginam ser, sem quaisquer outras considerações, as vossas normas políticas. Se o que sentem, como vindo de Moscou, é um cheiro de pimenta, eles espirram; e, se acaso lhes parece que estais a sofrer de indigestão, entram logo a vomitar. Incomodam muito mais os nossos unionistas que os nossos empregadores.

A cada qual dos nossos dois paises, deve ser permitido ir ao encontro do objetivo econômico que lhe é peculiar, sem que o outro lhe crie obstáculos.

Nós, os norte-americanos, ficamos numa das margens; vós outros, os povos da União Soviética, estais na outra margem do abismo. Vamos reconhecer que o abismo existe. Mas vejamos agora que pontes de cooperação prática poderemos lançar para transpô-lo.

A primeira é a que entende com o fascismo.

Nós, homens de negócios dos Estados Unidos, por isso mesmo que cremos na competição capitalista, somos adversários do fascismo. Não vos deixeis levar, a esse respeito, pelos nossos escritores esquerdistas, que são inclinados a marcar com a pecha de fascista quase toda a gente que discorde do nosso atual governo. Um fascista considera que os negócios privados de um país devem todos congregar-se em cartéis monopolistas, sob a proteção de um Fuehrer. Nada pode haver mais oposto ao modo de ver normal dos homens de negócios americanos, antifascistas, portanto, e de modo absoluto, pela sua própria índole.

Não vacilo, pois, em afirmar-vos, sem a menor restrição: Esteja quem estiver na

Casa Branca, toque a seja qual for o partido a preponderância no Congresso, os Estados Unidos não deporão as armas, nesta guerra, enquanto não virem as hordas hitleristas reduzidas a pó.

É esta a primeira ponte por que nos haveremos de ligar: a nossa comum decisão de dar cabo do fascismo.

A segunda ponte, entre nós, é nossa paixão comum pela produção industrial.

Na Europa Ocidental, à sombra do sistema dos cartéis, os espíritos se têm fixado no que se lhes afigura a «estabilidade econômica», sem dúvida uma coisa desejavel, mas que pode facilmente transformar-se em «estagnação econômica». Há que adicionar-lhe outro elemento, indispensavel na hipótese—o desenvolvimento econômico, a expansão econômica, mais aplicações de capital, mais máquinas, mais possibilidades de produção, para mais e mais riqueza.

Nossas estatísticas sobre a Rússia não se acham muito em dia. Sabemos, em todo o caso, que, de 1928 a 1937, elevastes de 10 a 75 bilhões de rublos a soma de capitais invertidos nas indústrias. Sabemos igualmente que, de 1928 a 1940, a vossa produção industrial aumentou na proporção de 650 por cento. É uma realização sem precedentes na história industrial do mundo inteiro, e que os homens de negócios norte-americanos poderão perfeitamente compreender e aplaudir.

Poderão, do mesmo modo, compreender e aplaudir o grande amor com que vos devotais a erigir novas cidades, enchendo-as de novos produtos. Muita gente, da Europa Ocidental, se compraz em considerar que somos, nós e vós, positivamente infantís, no gosto que temos por maiores centros urbanos, trens mais compridos, máquinas-ferramentas mais vultosas, ou mais altas chaminés. Sejamos infantís. Sejamos jovens. Parecemos, na matéria, os dois povos moços do mundo. Talvez isso queira dizer que temos adiante longa vida.

Não esqueceremos, certamente, por muito que vivamos, a revelação ou a descoberta, que fizemos por estes dias, um a respeito do outro, os nossos dois paises. Alguns entre vós, bem o sei, supunham que o nosso sistema de livre concorrência, demasiadamente caótico, não seria capaz de produzir o volume de artigos de todo gênero, reclamados por uma guerra das proporções da atual. Alguns de nós, bem o sei, imaginavam que o vosso sistema de empresa estatal, demasiadamente rígido, acabaria por fracassar, na emergência. Ambos erramos. Somos ambos produtores, que produzem com entusiasmo, não só por amor do lucro, mas pelo prazer da produção.

E aí está a terceira ponte que nos poderá reunir—a da exportação e importação. Cada um de nós pode ajudar o outro a produzir ainda mais.

Tendes produtos como o manganês, a madeira, a cromita, as peles, a platina. Dispomos nós de outros tantos, como as máquinas-ferramentas, os equipamentos para instalações elétricas, ferroviárias e químicas, os instrumentos de precisão, a maquinaria destinada à mineração e à lavoura. Trocas ativas de tais mercadorias, é de esperar se estabeleçam entre nós.

Considero precioso o vosso manganês, e até lhe assinalarei uma particularidade interessante; ele não sabe que é socialista. Porta-se no forno, em Pittsburg, do mesmo modo que em Stalingrado.

Julgareis tambem muito uteis as nossas máquinas-ferramentas. Elas não sabem que são capitalistas. Trabalham o metal em Detroit com a mesma eficiência com que o farão em Kharkov.

Não será, senhores, um bem, que estas formas inferiores da matéria não tenham

ideologias? Assim, lhes é dado servir-nos de mediadores e intérpretes.

Não ignoro, naturalmente, que o comércio entre nações terá que ser conduzido de acordo com tratados, cujas negociações, por via de regra, se ligam, direta ou indiretamente, às de carater político. Resulta, por conseguinte, que o comércio a desenvolver-se entre a União Soviética e os Estados Unidos dependerá, em boa parte, dos entendimentos a que cheguem os nossos dois governos sobre a grande questão básica da organização internacional para a preservação da paz. Faço votos por que as questões políticas, qualquer que seja a sua natureza, a surgir entre os nossos dois governos, possam ter solução amigavel, e na base de princípios ou fundamentos morais, a que demos, uns e outros, pleno assentimento. Faço votos, igualmente, por que então se conlua entre nós um tratado de comércio que, não só permita o comércio entre os nossos dois paises, mas facilite a expansão das suas relações comerciais com o resto do mundo.

Há dificuldades de detalhe a que teremos de dar solução. Vosso país é uma empresa imensa, unificada, consolidada. Nós, os homens de negócios americanos, constituimos uma infinidade de empresas em plena concorrência. Atirando-nos, uns contra os outros, podereis talvez elevar os preços das coisas que nos vendeis, e baixar os daquelas que nos comprais. Nós, os homens de negócios dos Estados Unidos, e vós, os da União Soviética, estamos convidados a empregar um inequívoco esforço de diplomacia econômica, não política, afim de pôr as nossas relações de troca de produtos no pé de equanimidade imprescindivel a que se tornem fecundas.

Metamos mãos à obra o mais breve que for possivel. E não percamos de vista que o caso se reveste, com efeito, de significação mundial. Movamo-nos, quanto antes, rumo do grande princípio de que «o melhor meio de ter fronteiras que não sejam atravessadas por soldados é fazer com que as atravessem as mercadorias».

Aí é que nos incumbe, a nós, homens de negócios, uma missão que ultrapassa os limites da nossa atividade profissional ou comum. Aí é que temos ensejo de concorrer para a paz como quaisquer políticos ou diplomatas. Aceitemos esta missão.

Ao que me informa um dos homens do petróleo do meu país, a energia disponivel da produção petrolífera normal dos Estados Unidos corresponde ao trabalho de 4 bilhões e quinhentos milhões de homens, trabalhando oito horas por dia, seis dias por semana. Tendes posto já em atividade milhões de tais unidades de trabalho, mas há ainda bilhões a serem utilizados, quando tiverdes perfurado os vossos poços, aberto as abóbadas de ouro negro nas vossas minas, equipado os vossos grandes rios, e ligado as diversas regiões do vosso imenso país, com as fitas de aço, as estradas de rodagem, as linhas aéreas, que apenas estamos começando a desenvolver.

Permití, portanto, senhores, que vos proponha um brinde:

«Pelas vitórias de hoje, para as quais lutamos juntos; pela paz de amanhã, para a qual juntos nos esforçaremos.»

¶ Aviso, no Departamento de Engenharia de uma grande usina de guerra: «Como último recurso, use o bom senso.»

—Charles E. Diehl

MEU TIPO INESQUECIVEL

Por Ben Hecht

HÁ MUITOS ANOS, em menino, morava eu numa pequena cidade do estado de Wisconsin. Ao recordá-la agora, tenho a impressão de que era uma cidade cheia de maravilhas e prodígios. Muita coisa, é certo, transformou-se aos poucos para mim numa espécie de lenda, e não posso afirmar se delas guardo ou não uma lembrança exata. De uma, todavia, lembro-me bem. É que se trata do grande homem da minha meninice, cujo nome era Harry.

A mãe de Harry era dona da pensão onde minha família morava. Fora amazona num circo onde o marido trabalhava como palhaço. Harry, seu único filho, crescera nos carros ambulantes do sr. Barnum, dono do famoso circo do mesmo nome, e fizera-se acrobata.

Tudo isto, porem, se passara muito antes que minha família viesse morar na pensão. Harry, que andava pelos 43 anos, era então um sujeito corpulento, de cabelos negros, rosto moreno e um tanto carrancudo. Era conhecido pelas suas bebedeiras. Tinha eu onze anos quando o vi pela primeira vez, e não houve jamais alguem que se parecesse menos com um herói aos olhos de um menino da minha idade.

Corria o inverno, a estação em que Harry se mostrava ainda mais descontente com a vida. Durante os meses de maior frio, metia-se na sua cama estreita da água-furtada, onde uma velha lareira aquecia debilmente o quarto, e, deitado de costas, lia o dia inteiro novelas populares, virando de quando em vez uma garrafa de cerveja, do depósito bem suprido que trazia oculto sob o leito.

Vestia-se uma vez por mês, para percorrer os bares. Desaparecia por vários dias, e os companheiros finalmente o traziam de volta, quase morto de frio, num estado de semi-conciência. A mãe pedia à criada que corresse lá em cima para acender o aquecedor. Harry reanimava-se, metia-se de novo na cama, e recomeçava a beber cerveja, reatando a leitura interrompida.

Quando o vi pela primeira vez, estava lendo um romance em folhetim. Franziu o sobrolho, mal espiei de longe, pela fresta da porta. Chamou-me, porem, para dentro do quarto, e disse, numa voz áspera e rude: «Há uma porção de livros debaixo da minha cama, menino. Leve os que quiser.» Saí com os braços carregados de Júlio Verne e Sherlock Holmes.

Só voltei a vê-lo na primavera. Fui brincar no celeiro que ficava por trás da pensão, e lá dei com Harry, sentado num trapézio que balançava no espaço, preso às vigas do teto.

«Entre, pequeno, e feche a porta,» disse-me ele.

Fiquei alí vendo-o executar proezas no trapézio, resmungando e gemendo, porque os anos e a bebida já lhe haviam dado

AOS 18 ANOS DE IDADE, Ben Hecht, escritor e dramaturgo, começou a ganhar a vida como acrobata no «Costelo», famoso circo ambulante. De 1914 a 1923, colaborou no jornal *Daily News*, tendo sido, durante dois anos, chefe do escritório do referido jornal em Berlim. Em 1928 escreveu, de colaboração com Charles MacArthur, a peça *Front Page*, que obteve grande êxito. Entre os seus livros, figuram *1001 Afternoons in New York*, *Count Bruga*, e *A Book of Miracles*. É, tambem autor de vários enredos para filmes, entre os quais *The Scoundrel* (pelo qual recebeu, com MacArthur, o Prêmio Acadêmico), *Scarface*, *Angels Over Broadway*, e *China Girl*.

cabo da agilidade de outrora. Era ainda, contudo, um acrobata, e infundiu-me, como tal, a mais sincera admiração.

Desde aquele momento, passei a seguí-lo, como se fosse a sua própria sombra. Harry ensinou-me todos os truques de trapézio que conhecia, fazendo-me praticar várias horas diariamente. Algumas semanas depois, resolví levar comigo dois meninos amigos meus, um de 11, outro de 12 anos, e ele os tomou tambem como alunos.

Ao chegar o verão, pôs-se a construir para nós um barco a vela, de cerca de quatro metros e oitenta de comprimento. Trabalhávamos todos juntos, depois da escola, aprendendo a calafetar as costuras, a enrolar as cordas, a coser as velas.

Lançamos a embarcação às águas do Lago Míchigan no próprio dia do encerramento da escola. O nome *Pássaro Marinho* foi pintado em letras cheias de arabescos na popa e na proa. Harry começou então a construir um abrigo para o barco, com roldanas, declive, e várias prateleiras destinadas a aparelhos marítimos. Nunca, porem, conseguimos fazer com que ele embarcasse no *Pássaro Marinho*. Era este propriedade nossa, declarava, e não o seria tanto, se ele passasse a tomar parte nas nossas expedições.

Pelos fins do meu segundo verão em Wisconsin, já me sentia um marinheiro experimentado, e um acrobata e ciclista, capaz de executar na bicicleta toda sorte de façanhas.

Ao chegar o inverno, regressou Harry à água-furtada, e não tornamos a vê-lo senão quando a primavera o trouxe de novo ao celeiro, mais sombrio do que nunca. Aquele verão ainda foi melhor que os outros. Harry construiu-nos um novo barco de seis metros e oitenta, e mais aperfeiçoado. Arranjou com os pescadores do porto uma rede velha, e ensinou-nos a armá-la, a recolher as centenas de peixinhos que apanhávamos, e a vendê-los às donas de casa a cinco centavos à dúzia.

Chuck, Ken e eu, que andava agora por volta dos 14 anos, seguíamos Harry por toda a parte, e éramos todo o seu séquito. Quando começamos a fumar, ele procurou dissuadir-nos, dizendo que aquilo era péssimo para a respiração.

Contou-nos àquela altura o segredo do velho cemitério indígena que ficava a sete milhas do lago. Tinham enterrado alí objetos de grande valor. Mostrou-nos como improvisar lanternas com cabaças vazias, para as nossas expedições noturnas, em busca de tesouros misteriosos. Partíamos, armados de arcos e flechas que ele nos ensinava a preparar, e cavávamos a terra horas a fio. Uma noite desenterramos um ataude, e abrimos na carreira.

Harry nunca tomava parte nestas aventuras. O motivo era sempre o mesmo: «Vão vocês, meninos. Se eu fosse, a coisa não seria a mesma.»

O inverno roubou-nos novamente o nosso mestre e companheiro. Era uma sensação estranha para mim, quando, ao voltar do ginásio, me punha a considerar que o nosso herói lá estava, cochilando o dia inteiro, na água-furtada, presa de um vago torpor.

Chegou por fim o quarto verão. Harry conseguira juntar algum dinheiro, não sei como, e resolveu organizar um pequeno circo que percorreria todo o estado. O celeiro encheu-se de antigos artistas, decididos a tentar a sorte. Muitos deles passaram a dormir alí mesmo. Treinavam-se o dia inteiro. Harry viu-se rodeado de verdadeira corte. Todos ajudavam-no a pintar cartazes e cenários, a trançar as cordas, e a polir as várias peças de toda a velha maquinaria do circo.

Pelos fins de junho, finalmente, verificou-se a partida em sete carros ambulantes—15 artistas, e uma banda de música de cinco figuras. Chuck e eu tambem fomos. Os pais de Ken não permitiram de modo algum que ele nos acompanhasse. Chuck dava saltos mortais, e eu me exibia no trapézio. Vestíamos calções pretos e blusas de seda branca, com galões bordados.

Harry era a estrela do circo. Andava sobre uma barra suspensa, de cabeça para baixo, fazendo círculos com as pernas; levantava uma viga, sobre a qual dois de seus mais velhos camaradas faziam toda sorte de proezas, e terminava o ato no trapézio.

O circo, não se dirá que teve êxito. Só representamos umas doze vezes, porque era dificil manter em bom estado o equipamento de que dispúnhamos, e até armar a barraca; por outro lado o pessoal não se mostrava disposto a pôr mais tarde tudo aquilo abaixo, e recomeçar o trabalho noutro ponto. Foi contudo um verão inesquecivel, embora tivéssemos por fim que vender a barraca e todos os pertences, para pagar as dívidas, e comprar as passagens de regresso. Até meus calções de seda, e a blusa de que tanto me orgulhava, tiveram que ir com o resto. Apesar de tudo isso, Chuck e eu, pelo menos, voltamos triunfantes.

Agora, Harry, na sala da pensão, se entretinha em contar, saboreando-as, aventuras da viagem. A mãe, ouvindo-o, ria-se a bom rir. Lá para as tantas, porem, meteu-se ele de novo calmamente no seu quarto.

Poucas semanas depois, decidiu minha família mudar-se para Chicago. A idéia de viver longe de Harry apertou-me o coração. Numa noite fria de inverno, despedimo-nos de todos. Andei rondando em torno à água-furtada, mas encontrei-a vazia. Meu herói andaria mergulhado em alguma borracheira. Sentí-me como que traido e abandonado, pois ele devia saber que estávamos de partida.

Meu pai, minha mãe e eu nos achávamos junto do aquecedor, na estação, quando a porta se abriu, e um homem corpulento entrou com o passo incerto, sacudindo do capote e do chapéu a neve que os cobria. Era Harry. Nunca o vira em tal estado.

Nem fez caso de meus pais, e caminhou em direção a mim. Tinha o hálito carregado de whisky, e a voz pastosa e grossa:

«Então, você vai embora,» disse-me bruscamente. «Vai ser um homem. Pois leve isto.»

E, ao dizê-lo, entregou-me uma fotografia.

«É pra você, menino,» acrescentou. «Este camarada aí sou eu.»

Era o retrato de um belo jovem—esbelto, musculoso, de olhar brilhante, que vestia um maiô ajustado de seda branca. Olhava-me do fundo do passado com uma expressão de orgulho indescritivel, e os lábios arrogantes pareciam dizer: «O mundo é meu!»

O trem chegou, rangendo surdamente pelos campos cobertos de neve. Harry voltou-se para minha mãe:

«Talvez ele venha a ser o Harry que eu fui,» disse-lhe com a mesma voz surda e arrastada: «Mande ele trabalhar bastante.»

Da janela do trem, vi uma vez ainda partir cambaleando o herói da minha adolescência, sob o vento frio, cortante, daquela noite de inverno. Já então pude compreender de alguma sorte o que ele queria dizer. Meus músculos eram quase semelhantes aos do rapagão do retrato, e meus olhos brilhavam como os dele. Harry quis que eu partisse mundo em fora com todos os tesouros que ele tambem possuira na bela juventude que perdera.

Faz bem dar um cochilo

(Condensado de «Better Homes and Gardens»)

Por Ray Giles

HOJE, COM o esforço imenso que se exige do corpo e do espírito, é oportuno recordar um processo simples para trabalhar mais e passar melhor: o velho e sábio costume de dormir a sesta todos os dias.

Não tem tempo para dormir? Tolice! Winston Churchill, Teodoro Roosevelt, Napoleão e Benjamin Franklin representam apenas um pequeno número dos muitos homens cheios de afazeres que encontram virtudes profundamente revigorantes numa boa soneca durante o dia.

Os médicos estão de acordo em que as sestas acalmam o nervosismo, diminuem a pressão arterial, aliviam o coração e proporcionam muitas outras vantagens. Uma boa sesta produz resultados maravilhosos, tanto antes como depois de violento esforço mental ou físico. Depois você produzirá melhor e trabalhará com maior atividade.

Se nem sempre se sentir com a vivacidade de espírito e com a energia que gostaria de ter, aceite o conselho do famoso psicólogo Carl Seashore. Quando estudante, Seashore era afligido diariamente por uma pesada preguiça. Um dia, ao perguntar ao especialista em educação física da universidade se não havia um remédio para isso, obteve como resposta: «Um bom cristão dorme sempre sua sesta!» E Seashore experimentou. Os resultados foram maravilhosos. Sua energia reapareceu, sua eficiência multiplicou-se, e seu espírito surgiu tão vivo como dantes.

Desta sua experiência e de numerosos anos de observação contínua o Professor Seashore conclue que quinze minutos de sono, depois do trabalho mais intenso e antes da refeição principal, contribuem mais para a eficiência do que um período cinco vezes maior de sono tardio e pouco profundo pela manhã.

Mas o grande argumento em favor da sesta é a afirmação de que ela previne a fadiga excessiva. Alguem perguntou um dia ao senador Chauncey Depew, que foi o conferencista mais famoso do seu tempo, como conseguia falar tantas noites por semana e ser ainda capaz de trabalhar todo o dia no escritório. Sua resposta foi simples: «É que eu deposito meu sono num banco; quando preciso sacar, por ter que ficar acordado até tarde, faço um depósito extraordinário; deste modo minha conta corrente de sono está sempre equilibrada.»

Esta «soneca preventiva», chamemos-lhe assim, é especialmente recomendavel para os maridos que se sentem muito cansados para sair de noite. Eis aquí um conselho dedicado às esposas de tais *desmancha-prazeres:* atrasar o jantar meia hora e deitar o «selvagem» na cama! Ele acordará em melhores condições para apreciar o jantar, e muito mais bem disposto para passar uma noite agradavel.

Nas sestas, como aliás em qualquer arte, é a prática que dá a perfeição. É possivel que você comece somente por se deitar e fechar os olhos durante alguns momentos. Se tiver dificuldade em adormecer experimente recordar qualquer coisa agradavel. Sonhar acordado com seu jardim e divagar sobre o seu filosófo ou poeta favorito, são outros tantos sedativos aconselhaveis. Você pode descansar como um bebê, como um cachorrinho ou como um gato. Siga-lhes o exemplo.

vê a China de perto

Através do bloqueio, um de seus correspondentes traz esta reportagem de primeira mão

(Condensado da «Life») • *Por Theodore H. White*

A CONCEPÇÃO POPULAR que há nos Estados Unidos, a respeito da China, é produto de três mitos, cada qual mais poderoso.

O primeiro provem diretamente dos comerciantes que foram às costas chinesas à procura de lucros. Segundo eles, os chineses são todos velhacos, indignos pois de merecer confiança, sujos e covardes. Devem, por conseguinte, ser tratados como raça inferior, que não há senão que reduzir à submissão pela força.

O segundo é o que se liga a Madame Chiang Kai-xeque. Nada talvez nos revele de modo mais eloquente o gênio de que é dotada esta brilhante mulher do que a rara habilidade com que tem ela, por assim dizer, envolvido toda a China no radioso esplendor da sua própria personalidade. A julgar pela sua lenda, os chineses são nobres de espírito, governados por estadistas de fino quilate, inspirados, como ela, por um belo misto filosófico de confucionismo e cristianismo.

A terceira versão, finalmente, não menos colorida de tons fantásticos, corre por conta de grupos, aliás entre si divergentes, como sejam, por exemplo, o Partido Comunista e os funcionários estrangeiros, porventura desiludidos ou decepcionados. Para estes, o governo de Xunquim não passa de uma camorra, inteiramente fascista. A democracia, naquelas alturas, é puramente anedótica. Os Estados Unidos vão sendo alí explorados, como papalvos, por uma administração que apenas trata de acumular provisões para uma guerra civil que sabe inevitavel. Xunquim não se preocupa em dar luta aos japoneses, que só encontram, a enfrentá-los, os comunistas no Norte.

Nenhuma das três lendas, já se vê, exprime a realidade.

O fato mais importante a ter em vista, quando se queira formar sobre o caso um juizo seguro e imparcial, é que a China é um país de camponeses—homens e mulheres, cor de noz, e dados à vida rústica, que trabalham no campo, do romper da manhã ao anoitecer, e amam a terra que lavram. O que traz unida aquela gente não é somente a comunidade de língua e tradição de cultura, senão tambem a sujeição comum a um estado de pobreza e ignorância que não tem correspondente no mundo ocidental. É desse crisol em fogo de necessidade e penúria que vem, de modo geral, para os chineses, a luta desesperada pela vida.

THEODORE H. WHITE, de 28 anos, foi, desde os 23, correspondente de *Time* e *Life* no Extremo Oriente. Viajou então, mais que qualquer outro jornalista, pelas províncias da China Livre, e observou, já o curso da política, já o da guerra, na China, quer em Xunquim, quer no campo. Regressou recentemente aos Estados Unidos.

A antiga civilização chinesa produziu de fato um código de pensamento e maneiras, que exerce a sua influência sobre todos, dos mais humildes campônios aos mais graduados mandarins, um padrão de humana decência e tolerância humana que só raras vezes se encontrará no Ocidente. Os chineses têm orgulho do seu modo de viver, e uma profunda convicção emotiva da grandeza da China.

Quem conseguisse desenrolar a meada da história chinesa, a partir do colapso, há 30 anos, da dinastia manchú, encontraria três fios que se seguiram em continuidade. O primeiro foi a ascensão dos lordes guerreiros—os brutais, ferozes soldados que cairam, como um flagelo, sobre o país, só deixando no seu rasto desolação e peste. Esfacelaram a China numa absurda colcha de retalhos de feudos e subfeudos, em cada um dos quais reinava um deles como déspota absoluto, sendo comprado com dólares de prata o direito de viver à sua sombra.

Vieram em seguida os nacionalistas, estes na linha da tradição chinesa, de acordo com a qual, depois de cada queda de governo, tinha que surgir uma força para reintegrar a nação. Os nacionalistas, porem, alem de elemento de coesão e unidade, eram tambem um produto da repercussão, no país, da cultura ocidental. À medida que aumentava o número de escolas, e se construiam vias férreas, e se instalavam fábricas, cidades importantes iam surgindo, onde acolher grandes grupos de trabalhadores e operários, empregados de escritório, negociantes, banqueiros, professores. Não se tratava somente da reintegração do país, mas se compreendia, ao mesmo tempo, que se teriam de empregar na obra instrumentos do Ocidente.

Não se deduza daí que, porventura, os nacionalistas aceitassem, de todo o coração, a influência ocidental. Para compreender a China de hoje, é mister que se compreenda a aversão que experimentam os chineses esclarecidos para com os elementos estrangeiros, homens de negócios, que os tratavam com desprezo no seu próprio país. Cidades havia onde estrangeiros não permitiam a chineses a entrada em parques, considerados públicos. Em alguns navios, sob gerência estrangeira, não era dado a chineses viajar em primeira classe. É em tais humilhações que reside a explicação do fato, à primeira vista estranho, de que, não obstante os precedentes de desunião sangrenta, prevaleça atualmente em tantos espíritos, na China, a idéia de que a unidade entre os chineses deve estar acima de tudo.

A terceira grande força a revelar-se na China foi o Partido Comunista. Apareceu por último em cena, e é ainda dificil estimar até onde se desdobra a sua esfera de ação. Como o Partido Nacionalista, desfraldou a bandeira da unidade e da modernização do país. Mas foi adiante, perguntando: Quem organizará a China, e a benefício de quem? Deve a China ser organizada pelos ricos e os instruidos, ou pelos trabalhadores e camponeses?

O que existe hoje na China é uma frouxa associação das três correntes, de que acabamos de dar os traços principais, contra a invasão japonesa. Os lordes guerreiros, os nacionalistas do governo central, e os comunistas, todos eles, mais ou menos, estão comprometidos a repelir o invasor. Vai a guerra já por sete anos. Tendo, porem, começado sob os melhores auspícios de uma aliança estreita dos três grupos, é de lamentar que tal espírito de compreensão e entendimento, em nome e a serviço do objetivo comum, se

tenha modificado de modo tão sensivel.

Na longa, tremenda crise, por que vem passando a China, grande é o quinhão de responsabilidade que toca aos Estados Unidos. Temos feito ao governo chinês promessas que se não cumprem senão pela metade. Soldados americanos, não há dúvida, têm sacrificado a vida, num ingente, heróico esforço para que a China se mantenha em armas. Forçoso é reconhecer, todavia, que a ruptura do bloqueio sob que vivem os chineses não entrou, até hoje, na ordem das nossas preocupações fundamentais, se é que com ele nos preocupamos.

O panorama geral da China, hoje, compreende três problemas que se entrelaçam: bloqueio, inflação, impasse político.

Não há notícia, nos modernos tempos, de um país tão bloqueado quanto o está a China atualmente. Desde o fechamento, na primavera de 1942, da Estrada da Birmânia, os chineses, pode dizer-se, têm vivido quase exclusivamente sobre si, isto é, dos seus própios recursos locais. Havia, por aquela época, talvez 15 mil caminhões, a rodar nas estradas chinesas. Hoje não passarão de 5 mil. Os 10 mil restantes não têm mais serventia. A diferença entre os dois totais significa tragédia. Quer dizer que, quando a fome se declara, como foi o caso, por exemplo, em Honã ou Quantum, não há caminhões disponiveis, nem para levar alimentos ao local atingido, nem para remover dalí os habitantes. Famintos abandonam as aldeias, e os que morrem nas estradas servem de comida aos cães, igualmente famintos. Não é só, porem. Torna-se dificil, para as fábricas, aprovisionar-se de matérias primas. As comunicações entre as províncias, ou entre estas e a sede do governo, ficam enormemente prejudicadas. Todo o sistema de intercâmbio econômico interno declina gradualmente, ameaçado de paralisia. Inspecionada, no último verão, durante o período de um mês, a estrada de rodagem de maior movimento, verificou-se que o número de veículos de todos os tipos que por ela iam e vinham não passava, em média, por dia, de 125.

Os exércitos chineses se movimentam a pé. Divisões inteiras fazem assim percursos de mais de 2 mil quilômetros; e é preciso ter visto os seus soldados, descalços, mal vestidos, e subalimentados, a transpor montes e vales, através dos mais ásperos caminhos, para que se saiba o que é a guerra sob condições de miséria. Não havendo, em algumas das estradas, provisões de alimentos, os soldados, algumas vezes, passam o dia inteiro sem comer. Vendem os cobertores para comprar o que encontrem, de gêneros alimentícios, e à noite, nas frias montanhas, dormem, uns encostados aos outros, em busca de aquecimento. Sei de uma unidade em que 30 por cento morreram durante uma destas marchas, de 800 quilômetros; e um médico americano, que examinou os sobreviventes, apurou que 15 por cento estavam tuberculosos.

O bloqueio, por outro lado, impossibilita a China de produzir materiais de guerra, em quantidades que se aproximem sequer das que lhe são precisas. Os algarismos da produção de projeteis para fuzís e metralhadoras são de tal modo insignificantes que nenhum estado maior, com juizo perfeito, no Ocidente, admitiria a hipótese de lançar tropa em combate com semelhantes reservas de munições de fogo. O resultado de tanta escassez de tudo é um desejo, que se tornou quase um hábito, de evitar batalha, a todo o transe. Antes perder território que armas e munições.

Conhecidas tais circunstâncias, um ocidental perguntará, com toda propriedade, como tem sido, ainda assim, possivel, a um povo em condições tão deploraveis, manter-se em beligerância. A manutenção da China em guerra se deve a Chiang Kai-xeque. A direção, por ele impressa ao país, tem sido, não só heróica, mas inflexivelmente antinipônica. Esteril, porem, seria a sua ação, se não encontrasse como base a enorme estabilidade que o camponês dá à China, constituindo-se, na realidade, a grande matéria prima de que ela dispõe para a guerra, visto que produz duas coisas: alimentos e filhos.

O segundo grande problema da China é a inflação. Não há propriamente, no país, fontes de receita efetivas, não existindo, como não existem, grandes rendas tributaveis, nem indústrias que produzam maiores lucros. Assim, a China financia a sua guerra, emitindo papel moeda. No último ano, o jacto de papel acrescido à circulação montou aproximadamente a 40 bilhões de dólares chineses. Este ano, será maior.

Esta inflação, pelas suas consequências de ordem moral, representa uma séria ameaça à capacidade de resistência que se possa esperar da nação. A corrupção, oficial e privada, só tende a desenvolver-se. Desvalorizada a moeda, perde-se o respeito ao dinheiro, ou aos métodos postos em prática para fazer fortuna. Trate, por conseguinte, cada um, de tirar o seu pedaço. O camponês, subornando, ou deixandose explorar, tanto pode pagar menores taxas, como evitar o recrutamento do filho. Quem souber a que porta bater, escapa, a dinheiro, da conscrição militar.

De semelhante conjunto de anomalias, tem resultado o «front» mais curioso que jamais se terá visto entre duas nações em guerra. Através das semi-estáticas linhas de batalha, vai e vem um ativo comércio, que, embora em si muito util, pois traz aos chineses remédios, roupa, e outros artigos de necessidade, tem, contudo, um mau efeito sobre oficiais do Exército que, tirando lucros das transações, se sentem prejudicados quando se rompem os contactos.

Se a responsabilidade pelo bloqueio e a inflação cabe efetivamente à guerra, o mesmo se não dirá em relação à situação política que se verifica em Xunquim. Só quem lá tenha vivido poderá ter sentido o peso com que o Partido Nacionalista exerce a sua influência sobre a vida de toda a gente. A censura está sempre atenta às públicas manifestações da opinião. A imprensa move-se num escuro ambiente de reservas, onde há lugar para cochichos ou comentários inócuos. Nenhum dos grandes problemas—fome, inflação, bloqueio, relações exteriores, ou personalidades oficiais—pode ser objeto de debate, nos necessários termos.

Não há um, mas dois aparelhos de polícia secreta, pois se incumbem de exercê-la, já o Conselho Militar Nacional, já o próprio Partido. Um e outro têm espiões e agentes por toda parte. A pretexto de qualquer culpa, ainda que suposta, um indivíduo pode ser preso, em cárcere ou campo de concentração. É verdade que as prisões não têm sido em grande número. O fato, porem, de que a polícia secreta pode prender quem quiser, e quando queira, é suficiente, por si só, para que recaia sobre todos o peso da coação.

Atualmente o Partido Nacionalista é dominado por uma corrupta camarilha que reune os peores traços do antigo Tammany Hall americano e da Inquisição Espanhola. Dois irmãos, Chen Li-fu e Chen Kuo-fu, controlam praticamente a

opinião do país, através de uma combinação de distribuição de favores, polícia secreta, espionagem, e autoridade administrativa.

Como chefe da seção de pessoal do quartel general de Chiang Kai-xeque, Chen Kuo-fu controla, quase de todo, o acesso à Grande Presença. Seu irmão mais moço, Chen Li-fu, é ainda mais importante. Como Ministro da Educação, inaugurou um estado de terrorismo intelectual, que é próprio das outras grandes ditaduras.

O Generalíssimo é ligado, por laços de amizade pessoal, quer a um, quer a outro dos seus dois auxiliares de mais evidência. Ferve, entretanto, dentro do Partido, uma onda de prevenções contra a primazia dos Chens, com o prestígio de que gozam, e a estupidez com que insistem em evitar o debate, em termos realísticos, dos grandes problemas, cada vez mais graves.

Dada a presente distribuição das forças políticas, com o Partido Nacionalista a exercer a liderança e o governo reconhecido da República, uma guerra civil entre nacionalistas e comunistas parece muito provavel. Se o Japão fosse derrotado amanhã, seria perfeitamente possivel que as tropas de Chiang Kai-xeque não precisassem de mais de seis meses para esmagar os exércitos comunistas. Mas a guerra promete prolongar-se, e, como os comunistas vão crescendo de influência e de força, é dificil prever quem se imporá, na hora decisiva. Os mais agudos observadores acreditam que só depois da guerra os dois partidos entrarão em luta.

Os nacionalistas desejam, acima de tudo, dar ao mundo uma impressão de que representam a China Unida. Isto, é evidente, os fortaleceria nos conselhos internacionais. Assim, a sua política de censura tem sido a de suprimir toda e qualquer referência às atividades, no Norte, dos exércitos comunistas, e tudo o que, de qualquer modo, reflita alguma séria oposição interna ao seu regime.

A verdade, todavia, é que os comunistas chineses exercem, independentemente, o seu domínio sobre vastos e populosos territórios da China setentrional. Se bem que a grande carga da guerra tenha pesado, e continue a pesar sobre os ombros dos exércitos do governo central, o combate aos japoneses, através de províncias de importância vital, como sejam as de Xantum, Hopei, Xansi e Quiangsú do Norte, tem corrido inteiramente por conta dos comunistas. Segregados completamente do dito governo central, têm eles tecido uma rede de eficaz resistência popular em torno de guarnições e de ferrovias japonesas. As armas de que dispõem são manufaturadas por eles mesmos, ou tomadas ao inimigo. Com efetivos que não vão alem de 200 a 300 mil homens, dão que fazer talvez a 200 mil, de boa e provida tropa japonesa.

À retaguarda, os comunistas vêem-se cortados de todo e qualquer auxílio exterior por cerca de dez das melhores divisões do governo central, que de outro modo se estariam usando na ação contra os japoneses. Até material médico, destinado aos comunistas, tem sido apreendido pelos agentes do referido governo.

O caso dos nacionalistas contra os comunistas é exposto em termos claros. Alegam os nacionalistas que a unidade nacional está acima de tudo; que a nação não pode ser forte, se existirem dois governos, um do outro independentes, cada qual com o seu exército. Acrescentam, sob outro aspecto, que o Partido Comunista da China, como os seus congêneres em outros paises, é expressão de uma po-

tência estrangeira, não sendo lícito que se tolere, dentro de um estado, qualquer grupo cuja política seja estranha, em última análise, à sua própria bandeira.

Os comunistas, por sua parte, declaram que, uma vez que não recebem provisões de espécie alguma do governo central, não têm por que prestar-lhe obediência. Só poderiam abrir mão da independência com que se vêm conduzindo, se o estado nacionalista lhes assegurasse as liberdades, de palavra, de reunião e de imprensa. Se desistissem dos seus exércitos, submetendo-se ao grupo que atualmente governa, seriam eliminados como entidade política, e muitos perderiam até a vida.

O problema do Partido Comunista é de fato o mais melindroso, na política interna da China, porque existe, a complicá-lo, este grande fator desconhecido: Quais são realmente os laços por que se liga o Partido à política externa soviética? Até onde pretende ele seguir as táticas do Partido Comunista Russo?

Como quer que seja, a figura predominante no quadro de toda a China é em suma a de Chiang Kai-xeque. Com o seu modo de ser, suas paixões, suas próprias deficiências, é ele o símbolo da China em guerra, o homem que os próprios comunistas reconhecem como o único chefe possivel para o país a esta hora. Posto que viva cercado de uma corte de sicofantas interessados em envenenar-lhe o espírito, e alimentar-lhe os preconceitos, é um homem de grande inteligência. Ninguem o excede em compreensão da China. Todo o mundo sabe, em Yunquim, o que lhe custam, em preocupações, o estado do seu exército, a negligência dos seus aliados, as repetidas crises de fome, o Partido Comunista, e principalmente a inflação. É enorme a carga de trabalho por que ele responde em pessoa. Compenetrado, cada vez mais, de que é o único em que pode confiar a nação em seu conjunto, dispersa as suas energias, pelos assuntos administrativos, ainda os de menor vulto.

Têm havido sinais subterrâneos de resistência ao regime, vinda à tona, algumas vezes, sob a forma de violentas, conquanto breves, revoltas de camponeses, resultantes, ora de questões de impostos, ora de ineficiência e corrupção no recrutamento de conscritos para diversos fins. Estas revoltas, contudo, foram expressões de desgosto num sistema que não dispõe de válvulas democráticas para o público debate ou o descontentamento público.

Os japoneses, posto que se tenham introduzido na política nacional, do Ocidente, são em verdade insignificantes na história do Oriente. Confinados nas suas ilhas, cheias de rochedos, com pequena cultura, ou padrões de uso exclusivo, a terrivel evidência em que se colocaram é um fenômeno passageiro. A real potência do Oriente reside na China; deu ela ao Oriente a sua civilização por mais de 2 mil anos, e voltará a fazê-lo. O povo chinês, em conjunto, tem afeição pelos Estados Unidos, o que representa, e ainda mais representará no futuro, um dos mais preciosos elementos com que podemos contar, no tocante aos negócios externos. Para assegurar a permanência da sua boa amizade, não há que poupar esforços. Temos uma real obrigação, como aliados em armas, de prestar assistência à China em proporção bem maior que aquela em que o temos feito nestes dois últimos anos. Se o cumprimento desta obrigação não for demasiadamente protelado, encontraremos naquele grande povo energias vitais ansiosas por se juntarem às nossas na perseguição de objetivos que se confundem, para os Estados Unidos, com os ideais em que assenta a vida da nação.

Confissões de um fumador incorrigivel que matou o «papão» nicotina

Você é homem ou chaminé?

(Adaptado de «Your Life»)

Por J. P. McEvoy

UMA VEZ LI uma pequena história sobre Eamon de Valera, primeiro ministro da Irlanda. Preso por tomar parte na revolta da Páscoa, seguia a caminho da cadeia escoltado por soldados ingleses. «Um momento,» disse, e, tirando da boca seu inseparavel cachimbo, fêlo em pedaços contra o passeio. «Para que foi isso?» perguntaram-lhe. «Foi porque eu nunca daria a vocês, seus..., o prazer de me impedirem de fumar na cadeia. Deixei de fumar neste instante.»

E, ao ler isto, pensei que gostaria de poder fazer a mesma coisa. Eu tinha sido, durante anos, um fumador incorrigivel. Pregava, com precisão matemática, novo prego em meu caixão cada dez minutos. E a despesa que isso representava! De uma vez que tentei contar o dinheiro que gastava em cigarros, achei a quantia tão fantástica que me recusei a acreditar.

Um dia, porem, enchí-me de energia e disse a mim próprio: «Escute aquí: você é homem ou chaminé? Se de Valera foi capaz de se controlar, porque é que você não faz o mesmo?» E com efeito assim fiz. Os amigos que ouviram falar da minha decisão heróica correram a prevenir-me das *terriveis* consequências. «O choque vai dar cabo de você,» disse um. «Porque é que você não se limita a fumar menos?»

Mas eu tinha visto muitos homens com os nervos arruinados por terem racionado seus cigarros, reduzindo-os a um depois de cada refeição, ou mesmo a um simples charuto em seguida ao jantar. «Suponhamos que eu consiga chegar à perfeição de fumar somente um cigarro por dia,» pensei comigo mesmo. «Que ganharia com isso? Passaria o dia cheio de impaciência, contando as horas umas após as outras, esperando a tal fumaça depois do jantar. Não só não conseguiria trabalhar sossegado, como chegaria à tardinha quase em estado de coma. Nada! De Valera decidira o caso da única forma possivel.»

E liquidei a questão recordando ao meu amigo a história do velho cavalheiro humanitário que, para não melindrar seu cachorro, decidiu cortar-lhe a cauda aos poucos...

Isto tudo se passou há três anos; de então para cá não fumei uma só vez. Durante os primeiros tempos transformei-me numa espécie de *praga* para os outros fumadores, tão cacete como o alcoólico regenerado que passa o tempo arrancando os copos das mãos alheias. «Você tambem pode deixar de fumar,» dizia geralmente, e depois, com um ar de falsa modéstia, acrescentava: «Como eu.» E quase juraria que o tom das minhas palavras significava: «Que coisa triste; um pobre diabo sem vontade própria, vítima de seus baixos instintos...»

Mas os meses foram passando e eu tornei-me mais tolerante. Só quando os amigos me perguntavam, com ar de comiseração, se eu tinha sofrido muito, é que eu fraquejava e confessava, nas palavras com que o meu amigo Adolfo Men-

jou descrevia a operação a que fora submetido: «Sofrí as dores mais horrorosas que a ciência médica jamais conheceu.»

Agora, porem, decorridos três anos, já posso dizer a verdade. Não sofrí coisa alguma, e nem sequer precisei de exercer uma força de vontade excepcional. Todos podem fazer o mesmo. E afirmo: «Você pode deixar de fumar... *se realmente estiver decidido a isso.*»

A primeira condição é convencer-se de que é melhor para si mesmo *não querer fumar* do que fumar. É uma espécie de auto-sugestão. Você pensa: «Quero deixar de fumar. É um vício danado... me suja os dedos, faz buracos na roupa, esqueço-me onde deixei os cigarros e eles queimam a mobília, e eu tenho que ouvir as imprecações das senhorias que passam o tempo me xingando. Alem disso tambem não me faz bem nenhum. Aquí estou eu, por exemplo, com uma garganta de fumador viciado e com uma tosse de cachorro, que segundo dizem os anúncios não tem igual. Ponha seus olhos nos que fumavam como chaminés e conseguiram abandonar o vício. Eles estão sempre descrevendo como passam muito melhor, como dormem toda a noite, e não sofrem mais de sinusite, como seus olhos estão claros e seu hálito puro, e como suas esposas estão loucas por eles, só porque já não sujam os tapetes, não enchem de fumo as cortinas, nem cheiram mais a fogão abandonado.»

Claro que você pode dizer: «Não consigo parar... estou viciado,» ou então: «Meu organismo precisa de nicotina, é a única coisa que domina meus nervos.» Mas não creia em nenhuma dessas lérias derrotistas. Seu organismo não precisa de nicotina. O vício do fumo não é nem um desejo irresistivel, como o dos narcóticos, nem uma sede insaciavel, como o do alcool. Seu organismo não está escravizado a uma droga; *você* está apenas escravizado a um hábito, a um hábito complexo, formado de pequenos hábitos ligados uns aos outros.

Fumar é apenas um tipo de ato automático, idêntico ao de guiar um automovel. Você calca a embreagem, põe o carro em primeira, e carrega no acelerador. Um ato arrasta os outros e o carro começa a rodar. Pois com o fumo sucede o mesmo. O vício de fumar tambem é composto de uma série idêntica de atos. O psicólogo Henry C. Link chama-lhe «uma cadeia neuro-muscular de atos que começam com o de retirar o pacote do bolso, extrair um cigarro, colocá-lo entre os lábios, riscar um fósforo, engulir a fumaça, e assim por diante, até que a ponta vai parar no cinzeiro.»

Tudo se resume, pois, em impedir que a cadeia se inicie. O método melhor e mais simples para o ataque é lançar no lixo todo o equipamento: cachimbos, caixas para o fumo, cigarros, etc. Desse modo ele não aparecerá sempre na sua frente para se fazer lembrar.

Em seguida você substitue o vício de fumar pelo hábito de não fumar. Eu comecei por mascar chícletes cada vez que me apetecia fumar, mas fiquei com queixos de buldogue e tinha que me deitar mais cedo para repousar minhas mandíbulas exhaustas. Alguem bem intencionado disse-me: «Substitua o fumo por balas.» Ora, eu sempre tinha gostado desse gênero de guloseimas e nunca precisara de inventar desculpas para comer as que me apetecessem. Comprei, portanto, uma caixa de bombons, mas verifiquei horrorizado que comia quase meio quilo de uma vez. Quando censurei o amigo que me dera o conselho, ele respondeu: «É que me esquecí de o prevenir contra os bombons macios, que se comem rapidamente.» Passei então a andar com os bolsos cheios de pastilhas de limão, e de cada vez que pensava em fumar, coisa que durante os primeiros dias sucedia todos os minutos, metia uma pastilha na boca. Acabei por ficar tão farto de pastilhas de limão que desistí de pensar em fumar...

Mas o peor defeito do fumo é a facilidade com que se combina com todos os outros hábitos. Você julga que precisa de fumar um cigarro em seguida ao café da manhã? É que você deixou misturar de tal modo as duas coisas que agora já não pode pensar numa sem a outra. E é sempre por este processo que os fumadores ligam o vício do fumo com todas as atividades normais. Alguns deles, por exemplo, combinaram-no de tal modo com o sono que sofrem de insônias se não acenderem um cigarro na cama e não pegarem fogo às roupas. Mas se você compreender bem a verdadeira natureza destas combinações anormais, tem a vitória na mão.

Claro que terá tentações. Não do amigo que ocasionalmente lhe oferece um cigarro, ou do que tenta minar a sua decisão com alguma piada a propósito; desses se livra você sem dificuldade. Os maiores riscos são os que se derivam de seus devaneios acerca dos prazeres do fumo. Eles colocarão novamente ante seus olhos as caprichosas volutas azues que saíam outrora do seu cachimbo de cerejeira cheio de bom fumo; e um charuto depois do jantar, um daqueles havanas em que a folha exterior parece de seda? E um cigarrinho bem fresco, acabado de tirar do seu pacote de celofane?...

Miragens, tudo miragens! A única coisa a fazer em tais momentos é regressar ao passado e recordar a época em que a sua boca sabia a cabos de guarda-chuva e em que a sinusite, sob a ação de dois pacotes de cigarros por dia, o enchia de dores de cabeça. Deixe que o grande biologista Raymond Pearl o convença, com algarismos, de que os grandes fumadores encurtam suas vidas. Observe como sua esposa sorrí feliz quando você se debruça sobre ela para beijá-la com um hálito tão perfumado como o de uma mocinha elegante. É bem certo que a memória é como uma moeda, tem duas faces, e o reverso, sujo de fumo, não é certamente o mais agradavel de contemplar.

Nunca esquecerei a surpresa e o entusiasmo com que descobrí, certo dia, que conseguira chegar até à noite sem pensar uma só vez em fumar, e que já na véspera me sucedera a mesma coisa. E em breve se passavam semanas sem que pensasse nisso. Via gente fumando em minha volta, acendia cigarros sem conta para os outros, mas recusava com perfeita indiferença todos quantos me ofereciam. À medida que o tempo passava, meu paladar ia melhorando e o apetite aumentava gradualmente; comia melhor e saboreava a comida com requintes de gastrônomo. Meus nervos deixaram de vibrar constantemente, meu coração batia com regularidade, a insônia, essa bruxa invisivel, abandonou meu quarto de dormir, e minhas horas de trabalho eram animadas por um vigor até então inteiramente desconhecido.

Hoje, os benefícios físicos de uma vida isenta do fumo são inegaveis. Esses, e a alegria moral e mental de ter conseguido libertar-me de um hábito escravizante, constituem a satisfação mais profunda da minha vida.

¶ Na vitrina de um restaurante de Seattle foi posto um cartaz com os seguintes dizeres: «Precisamos de uma empregada. Casamos, se for preciso.»

—Lotta Merritt

O mistério do quarto trancado

Por Anthony Abbot

Pseudônimo do autor de vários romances policiais que obtiveram grande êxito, tais como: *About the Murder of Geraldine Foster*, *The Night-Club Lady* e *The Shudders*.

O CRIME PERFEITO foi cometido nas páginas de uma antiga novela de Israel Zangwill: «O Mistério do Arco.» Trata-se de um ato de vilania tão bem tramado que é realmente quase impenetravel.

Às primeiras horas de uma sombria manhã, a campainha retiniu, num som longo e contínuo, à porta da casa de um certo Grodman, inspetor de polícia aposentado (segundo o qual a Scotland Yard, Chefatura de Polícia em Londres, deixara de ser o que fora, desde a sua aposentadoria), e autor de um livro de grande êxito: «Os Criminosos que eu Prendí.»

Uma janela abriu-se finalmente, no segundo andar da casa, e o velho detective, de camisa de dormir, deitou a cabeça para fora, vermelho de raiva, para ver se distinguia alguma coisa, em meio à neblina que pairava sobre a rua Glover. Uma mulher esperava na varanda, visivelmente alarmada, e em prantos. Tratava-se da sra. Drabdump, dona de uma pensão do outro lado da rua.

«Sr. Grodman,» gritou ela, num tom suplicante. «O sr. quer vir até lá em casa comigo? É que o dr. Constant morreu, coitado!»

O detective deu mostras do seu aborrecimento, por ter sido acordado àquela hora, declarando, alem disso, que não via no que lhe pudesse ser util em tais circunstâncias—um médico, ou mesmo o representante de alguma empresa funerária, seriam mais indicados...

Finalmente, porem, resolveu aceder às súplicas da mulher. Prometeu-lhe que desceria imediatamente. Depois de repetidos agradecimentos, a sra. Drabdump enxugou os olhos, e atravessou a rua, esperando o antigo inspetor nos degraus da entrada da sua própria casa, onde já nem ousava entrar sozinha.

Quando o velho detective veio ao seu encontro, explicou-lhe que prometera servir café ao dr. Artur Constant—o mais distinto dos seus hóspedes—às sete horas da manhã. Era um jovem rico, que tomara um quarto na pensão porque andava estudando as condições sociais no Arco, bairro de operários.

Estava ela acendendo o fogão, quando os sinos da igreja vizinha tocaram os três quartos de hora. Subiu, então, ao segundo andar, afim de bater à porta do dr. Constant, e prevení-lo de que o café estaria pronto dentro de 15 minutos. Às 7 em ponto, subiu de novo as escadas, levando na bandeja um bule de café e dois ovos cozidos. Não sem certa estranheza, viu que o seu hóspede não se achava na saleta, onde costumava encontrá-lo. Acendeu a lâmpada a gás, porque a manhã era extremamente sombria, pôs a mesa, e foi bater de novo à porta do rapaz. Bateu primeiro levemente, com os dedos, e depois com o punho cerrado. Fez girar o ferrolho, e chamou-o pelo nome várias vezes, em voz alta.

Só o silêncio lhe respondeu. Tomada de pavor indescritivel, com a certeza absoluta de que qualquer coisa de horrendo se ocultava por trás daquela porta, correu escada abaixo, e, atravessando a rua em meio à espessa neblina, lá foi chamar seu velho amigo, o inspetor Grodman.

Este, chegando à porta do quarto misterioso, bateu tambem, a princípio naturalmente devagar.

«Bata forte mesmo!» murmurou a pobre senhora, obcecada ainda por não sei que estranho pressentimento.

«A porta está fechada por dentro», observou o antigo detective. «Trancada, aliás.»

Lançou-se contra a porta com toda a força e, pouco a pouco, a fechadura cedeu sob o seu peso. Ao entrar pelo quarto, fez um gesto, prevenindo a mulher que não se aproximasse, e ela se afastou horrorizada.

Depois de cobrir o corpo da vítima, em cujo rosto havia uma horrorosa contorsão, Grodman declarou que se achavam em presença de um crime realmente extraordinário. O infeliz rapaz jazia de costas sobre o leito com as mãos sob a cabeça. Tinha na garganta uma ferida aberta e funda, produzida provavelmente por navalha. Não foi possivel, contudo, encontrar no quarto navalha alguma, nem qualquer instrumento semelhante. A única porta tinha sido trancada por dentro, antes do crime. As janelas, tambem, se achavam firmemente cerradas, e a chaminé era estreita demais para que alguem pudesse entrar por alí. Nem mesmo uma criança.

O quarto em que Artur Constant fora assassinado não tinha comunicação com qualquer outra parte da casa, achando-se, portanto, totalmente isolado.

Homicídio? Como teria entrado o criminoso, e como teria saido?

Suicídio? Teria sido preciso que o suicida, tirando uma das mãos de sob a cabeça, pegasse a navalha, ocultando-a tão bem, depois de abrir a própria garganta, que todo um grupo de detectives da Scotland Yard não conseguia encontrá-la, e voltasse a pôr as mãos na mesma posição em que fora encontrado...

O tribunal de investigação decidiu que tanto a possibilidade de suicídio quanto a de crime deviam ser afastadas. O veredito era: «Morte provocada por causas desconhecidas.»

Os homens de Scotland Yard meteram então mãos à obra, e Grodman fez o mesmo. A polícia, investigando o passado sentimental da vítima, descobriu que Constant tivera relações com uma jovem, provocando assim grandes ciumes num antigo namorado desta, um tal Tomás Mortlake. Este foi preso, levado a processo e as provas apresentadas em tribunal evidenciaram o seguinte: Mortlake morava na pensão da sra. Drabdump, tendo, há tempos, ocupado o próprio quarto que mais tarde foi alugado a Constant; na noite anterior ao crime, Tomás visitara Constant no seu quarto, tivera com ele uma troca de palavras, que se supunha ter sido em torno da moça; e, quando interrogado sobre o que fizera naquela noite, Mortlake mentiu. Grodman considerava todas essas provas insuficientes, e caçoou da polícia por acreditar nelas; ficou, entretanto, desconcertado, quando a Scotland Yard lhe mostrou uma chave, duplicata da do quarto de Constant, encontrada entre os pertences de Mortlake; este poderia, pois, ter cometido o crime, deixando depois a porta aparentemente trancada *por dentro*, onde foi encontrada a chave de Constant. As provas eram de fato convincentes, e o juri condenou Mortlake à pena máxima.

Grodman ficou indignado: era o que se poderia esperar do juri, de 12 sujeitos que não entendiam daquilo. Só peritos no assunto, como ele, seriam capazes de desvendar o mistério. As autoridades não

prestavam ouvidos a Grodman; o público, porem, passou a acompanhar a questão com o mais vivo interesse. Dentro em pouco, surgiram petições a favor do condenado, assinadas por milhares de pessoas. Grodman tornou-se o lider da causa cujo objetivo era libertar Tomás Mortlake, vítima de provas que não se afiguravam concludentes. Até a última noite, o ex-detective esforçou-se por libertar o réu. Ao aproximar-se, porem, a hora da execução, já não restavam esperanças.

Verdadeira multidão se tinha reunido às portas das autoridades, clamando pela liberdade de Mortlake. Súbito, num carro que procurava abrir caminho em meio a toda aquela gente, avistaram Grodman. Era o homem justo que tentava, mais uma vez, salvar o inocente. Prolongados vivas ecoaram no espaço, quando a antiga estrela de Scotland Yard subiu os degráus do edifício, e encaminhou-se para o gabinete do Ministro do Interior.

Dirigiu-se a este, pedindo a libertação imediata do preso.

—Ao abrir-se a porta do quarto, declarou, —Arthur Constant dormia tranquilamente. —Então, quando foi que ele morreu?...

—Imediatamente depois.

—Quer dizer que foi a sra. Drabdump...

—Não!

—Mas então, quem?

—Eu mesmo.

Contou, a seguir, a espantosa verdade. Posto para fora de Scotland Yard por questão de idade, projetara vingar-se de um modo incomparavel, por meio de um crime que os seus sucessores nunca pudessem descobrir. Travara amizade com Artur Constant, e, na véspera do assassínio, à noite, conseguira pôr-lhe no chá um forte entorpecente. Estava certo de que a sra. Drabdump viria correndo à sua procura; e, nesta certeza, foi dormir. Ao ser chamado, pela manhã, já levava no bolso uma navalha. Sabia de antemão que a pobre mulher, horrorizada, nem quereria ver o morto. Fez-lhe, por isso, um sinal de aviso, ao entrar no quarto, e protegendo-se, com uma toalha, do jorro de sangue da veia jugular—deu um golpe certeiro.

Depois de narrar os horriveis detalhes do crime, devido ao qual um inocente estava prestes a ser executado, Grodman suicidou-se alí mesmo—naquele mesmo instante—com uma técnica perfeita, como sempre, pois o tiro lhe atingiu em cheio o coração.

Estranha preferência...

¶ No Museu Metropolitano de Belas Artes, em Nova York, vendem-se reproduções baratas de quadros famosos. Um dia chegou lá uma garotinha, pedindo uma reprodução dessas para sua mãe, mas não havia meio de encontrar uma que servisse. Afinal o servente perguntou:

—Sua mãe não gosta de flores amarelas, como estas aquí?

—Não senhor.

—E este quadro do mar todo azul? Ou as crianças neste aquí?

—Não senhor.

—Então, de que é que sua mãe gosta, minha filha?

—De homens, respondeu a menina.

·Do *Time*

Quando os maridos vão para a guerra

(Condensado do «The Womans Press»)

Por Gretta Palmer

A MAIOR soma de salários jamais distribuidos por um só homem é a que passa pelas mãos do general de brigada H. N. Gilbert, chefe do Departamento de Beneficiários e Dependentes, no Ministério da Guerra dos Estados Unidos, o qual já realizou pagamentos num total de 3 bilhões de dólares às famílias dos soldados. Do seu escritório central, em Newark, são expedidos 5.200.000 cheques por mês, num total de 273 milhões de dólares.

Verdadeiro militar de carreira, o general Gilbert tem a seu cargo a missão responsavel pelas maiores dores de cabeça do Exército, segundo afirmam os seus colegas. Basta dizer que em cada 24 horas, cerca de cinco mil dependentes de soldados mudam de casa, e dessas pessoas umas mil não deixam aviso do novo endereço. E, por outro lado, nascimentos e mortes, nessas famílias, alteram mensalmente a importância dos cheques.

Muitas das esposas de soldados, num total de 3 milhões, que figuram na lista de pagamento do departamento, dirigem-se a este pedindo conselho e auxílio, a cada dificuldade, o que faz que a correspondência do general Gilbert, tratando de assuntos domésticos e problemas pessoais, conste hoje de um milhão de cartas por mês!

Quando um soldado americano, esteja onde estiver, contrai matrimônio, o Departamento é o primeiro a saber. As esposas de soldados americanos estão constantemente a pedir conselhos e dinheiro ao departamento, e o fazem em 37 línguas, tais como francês, russo, árabe, esquimó, eslovaco e chinês. Muitas recem-casadas pedem que o Departamento lhes consiga passagem, afim de que venham de seus paises para morar com a família dos maridos. Outras, igualmente necessitadas, pedem auxílio lá de seus respectivos paises, para onde, durante a guerra, é impossivel enviar dinheiro. E por falar em dinheiro, para as esposas de soldados americanos na Inglaterra, manda o referido departamento uns 1.700 cheques mensais, 1.000 para a Austrália e 800 para a Islândia.

A correspondência do departamento é tão complexa, que para a ler e classificar são necessárias 240 pessoas para isso treinadas. Os pagamentos variam de onze dólares por mês, para o irmão de um soldado que dele depende e cujos pais já recebem auxílio, até a importância de 340, recebida por uma esposa com 14 filhos.

Há milhares de cartas que despertam dúvidas quanto à validade do casamento; estas são enviadas ao departamento legal, para que aí as estudem e respondam. As cartas que revelam distúrbios mentais são enviadas a um perito em psiquiatria. E outros casos há, que são levados diretamente ao General.

Por exemplo, um soldado leva vida de bígamo há bons 15 anos, mantendo dois lares em cidades diferentes. Qual a atitude do departamento em tal caso? O Exército, diz o general Gilbert, pagará a compensação à primeira esposa, e quando a segunda solicitar pagamento, receberá ordem de se entender com o marido, para que lhe dê as necessárias explicações.

Segundo a lei tribal dos zíngaros, um homem é responsavel pela criação de sobrinhos que fiquem orfãos. Repetindo-se tal caso no Exército, e sendo o soldado cigano, será paga a compensação? O general Gilbert não tem dúvida em responder afirmativamente.

O Exército reconhecerá como legítimo um casamento feito pelo telefone entre um soldado que se ache no Havaí, estando a noiva na Califórnia? Não, porque as leis da Califórnia tãopouco o reconhecem. Mas se o casório for celebrado em um Estado de leis mais elásticas, então o Exército reconhece o ato como legítimo.

Uma pequena casou com 13 soldados e não se divorciou de nenhum deles. Terá de sair do soldo de algum deles uma compensação para ela? Por certo, —do bolso do primeiro marido!

Um oficial não é obrigado por lei a contribuir para o sustento de sua mulher; o sistema acima referido só afeta os soldados rasos. Alguns oficiais, com efeito, têm recusado que de seus soldos seja deduzida uma mensalidade para as esposas, mas ante uma observação do General, lembrando-lhes que devem ter uma «conduta digna de um cavalheiro», geralmente se conformam e atendem...

A semelhança de nomes engendra sérias dificuldades. No Exército americano há 68.000 Smiths, 3.450 dos quais têm John como primeiro nome; há 46.000 Johnsons, dos quais 2.570 são William. Ultimamente, coube ao Departamento investigar um caso curioso, pois, segundo informante anônimo, certa pessoa, em determinada casa de apartamentos, recebia pelo correio, todos os meses, dois cheques idênticos. Apurado o caso, verificou-se haver duas Gertrudes, casadas com dois soldados chamados John Jones, ambas moradoras desse mesmo edifício; não havia pois nenhuma irregularidade!

A tarefa diária do Departamento não termina com as 50.000 cartas alí recebidas diariamente. Há ainda telefonemas interurbanos, tratando de casos os mais complicados, e solicitação de audiências de esposas que desejam apresentar seus problemas ao chefe do Departamento em pessoa. Em certo dia de grande movimento, atenderam-se 2.183 partes, mas em geral o departamento só despacha umas 500 pessoas diariamente.

Há casos bem complicados. Por exemplo, estando inteiramente sem dinheiro, por não haver recebido seus cheques, uma senhora procura o General, com dois filhos nos braços, para lhe dizer que o senhorio vai pô-la para fora da casa. O Gen. Gilbert chama o proprietário e lhe comunica que é proibido por lei fazer despejo da família de soldado em tais circunstâncias. E depois, falando à companhia de mudança, manda os homens repor no apartamento a mobília, que já se achava amontoada na calçada da casa. Não admira que a missão do General seja dada como assaz dificil...

Se os cheques deixam de alcançar as destinatárias, isso se dá em geral por causa de mudança de domicílio, e o departamento recebe aviso de 150.000 mudanças por mês, calculando-se que umas 50.000 senhoras casadas com soldados se acham constantemente em viagem, seguindo seus maridos. A mulher vencedora do recorde foi uma que se mudou 13 vezes no espaço de uns dois meses, e ainda reclamou, indignada, por não ter recebido os cheques. Outra senhora envia ao Departamento um telegrama dizendo: «Mudei-me para Alton, por motivo inundação. Favor mandar cheque antigo endereço logo que as águas baixem.»

E, para tudo isto, tem o Gen. Gilbert que encontrar uma solução...

A carreira musical de Kreisler tem sido ameaçada de várias formas

O maestro triunfa outra vez

(Condensado do «Washington Post»)

Por Doron K. Antrim

EM TODA A SUA longa carreira, o concerto mais emocionante de Fritz Kreisler não teve lugar no Carnegie Hall de Nova York, uma das maiores salas de espetáculos do mundo—entre os aplausos calorosos de um público entusiasta—mas num quarto silencioso de hospital, e ante um único ouvinte.

A 26 de abril de 1941, o famoso violinista, extremamente distraido por natureza, esbarrou violentamente num caminhão, numa rua de Nova York. Ficou em estado de coma durante vários dias, tendo sofrido uma fratura do crânio, e outras lesões internas. Só depois de um mês puderam os médicos dá-lo por salvo. A senhora Kreisler ficou-lhe junto ao leito noite e dia.

A princípio, ele de nada se lembrava. Pouco a pouco, porem, começou a recompor vários incidentes de sua vida. Entretanto, os que o cercavam faziam todos a mesma pergunta: «Kreisler tocará de novo?» Não sofrera, é certo, ferimento algum nas mãos; temia-se, porem, que se tivessem perturbado suas faculdades mentais. Sem querer confessar a ansiedade de que se via tomada, decidiu a sra. Kreisler recorrer a um simples ardil. Trouxe um dia o violino consigo, e disse em tom natural que não conseguia recordar uma dada passagem do Concerto para Violino, de Mendelssohn. Que tal se ele tocasse alguns acordes?

Sem nada suspeitar, Kreisler afinou o instrumento, e pô-lo em posição. O artista tocou o referido trecho com uma execução perfeita, a que não faltavam a segurança e o brilho de sempre.

Graças à sua extraordinária vitalidade, Kreisler restabeleceu-se completamente, e, pela primeira vez na sua carreira, dará uma série de concertos pelo rádio. Já há vários anos, as maiores estações radiofônicas vinham tentando atraí-lo com prodigiosas ofertas. O violinista, porem, deixara-se dominar por um vivo preconceito contra o rádio, desde certa noite em que jogava bridge com alguns amigos. O dono da casa ligara o aparelho a uma estação de onde estavam irradiando a Nona Sinfonia de Beethoven, sob a regência de Toscanini. Kreisler perdeu a partida, e o seu parceiro desapontado resolveu desligar o rádio.

—Pareceu-me uma verdadeira profanação à música, interrompê-la assim, sem mais nem menos, observou, depois, o artista. —Aqueles que vão aos concertos, vão só para ouví-la. O rádio, porem, não requer esforço algum, e simplifica demais. Conseguiram finalmente persuadí-lo os constantes pedidos dos que nunca teriam uma oportunidade de assistir-lhe aos recitais.

Embora haja pertencido à classe dos meninos prodígios, Kreisler somente surgiu nas grandes salas públicas quando já em idade madura. Nascido em Viena, no ano de 1875, tocava aos quatro anos num

violino em miniatura. O pai, médico vienense, deu-lhe as primeiras lições. Dentro em pouco, insistia ele por tomar parte num quarteto organizado pelos amigos do velho, e estes, afim de dissuadí-lo, incumbiram-no de uma das partes mais difíceis. Encantados com a segurança e a pureza da sua execução, foram silenciando os seus instrumentos, de um a um, enquanto o pequeno Fritz prosseguia sozinho, esquecido de todos e de tudo, a não ser da própria música.

Aos seis anos, entrou para o Conservatório de Viena, sendo o mais jovem aluno a fazer parte daquela instituição, em toda a sua história. Recebeu, aos dez anos, a medalha de ouro, indo então para o Conservatório de París, onde, aos doze, obteria a maior das honras alí conferidas: o *Grand Prix*.

Tinha Fritz catorze anos, quando efetuou a sua primeira turnê pelos Estados Unidos, juntamente com o pianista Moriz Rosenthal. Até hoje ele ainda se ri, ao lembrar-se de alguns episódios destes primeiros contactos com o público em 1889. Em Butte, no estado de Montana, que era, então, uma rústica cidade de aventureiros e exploradores, a «Chaconne» de Bach, sem acompanhamento, que fazia parte do programa, pareceu-lhe uma peça um tanto austera para aquele auditório, motivo pelo qual resolveu substituí-la, à última hora, pelo «Carnaval de Veneza». Já tarde da noite, despertou subitamente, ouvindo alguem bater à porta com uma energia assustadora. Era um *cowboy*, acompanhado da filha, ainda pequenina. Apontando o número do programa que fora omitido, declarou que desejava ouví-lo alí mesmo, e já—senão a coisa acabava mal... Ao dizê-lo, apalpava o cano da pistola, ameaçadoramente. Kreisler tocou a peça inteira. «É uma porcaria,» disse o *cowboy*, e lá se foi arrastando a filha, tal como tinha vindo.

As receitas mal puderam cobrir as despesas, e Kreisler voltou a Viena desapontado com a carreira de concertista. Pôs de lado o violino durante dez anos, estudou medicina e pintura, e cumpriu o seu período de serviço militar.

A atração pela música era, porem, mais forte. Começou a tocar de novo na Europa e na América. Seguiram-se vários anos improdutivos e desanimadores. Foi então que lhe surgiu uma grande oportunidade: tocar, com a Filarmônica de Londres, o Concerto de Beethoven para violino e orquestra. Na noite do recital, Londres inteira trepidava com as notícias de guerra. Corria o ano de 1900, e o sítio de sete meses de Mafeking acabava de ser levantado pela pequena guarnição britânica. Os jornais da manhã seguinte, cheios de notícias da vitória, não traziam uma linha sobre Kreisler.

Encontrou ele a mesma dificuldade em ver reconhecido o valor das suas composições. Durante muitos anos, nem conseguiu achar quem as publicasse. Finalmente um editor, depois de examinar umas seis peças, ofereceu-lhe 25 dólares por cada uma. Kreisler recusou a oferta. Algum tempo depois, entretanto, seu irmão Hugo, brilhante violoncelista, escreveu-lhe comunicando que teria de interromper os estudos, por lhe faltar dinheiro. Kreisler deu-lhe as seis composições, dizendo que cobrasse a referida importância. Uma das peças era o famoso «Caprice Viennois».

Embora o grande violinista se tivesse feito ouvir diversas vezes nos Estados Unidos, conquistando pouco a pouco um vasto grupo de fiéis admiradores, seria preciso uma guerra para que o seu nome se tornasse conhecido do grande público. Como oficial da reserva do exército austríaco, foi imediatamente mobilizado, ao

declarar-se a Primeira Guerra Mundial. Serviu nas trincheiras e, ferido, teve baixa do serviço ativo antes que a guerra completasse um ano. Nos Estados Unidos, os jornais anunciavam: «Kreisler morto em combate,» «Kreisler nunca mais poderá tocar.»

Pelos fins de 1915, os cartazes anunciaram um concerto de Kreisler no Carnegie Hall, em Nova York. A sala encheu-se totalmente, da platéia às galerias. Tinha ele então 40 anos. Entrou apoiado a uma bengala, e teve que esperar 15 minutos que o tumulto dos aplausos cessasse por completo. Dez e até vinte anos antes, já era um violinista de igual porte. Qual o motivo, então, daquele subitâneo entusiasmo?

A multidão viera aplaudir um herói da guerra. De um dia para outro, Kreisler passou a fazer parte da classe de artistas que obtêm, por concerto, 3.000 dólares ou mais.

Ao entrarem os Estados Unidos na guerra, em 1917, viu-se de novo coagido a pôr de lado o violino. Nas festas da Cruz Vermelha, depois do Armistício, sofreu mais de uma vez humilhações públicas, quando os Legionários entravam na sala, e apagavam as luzes, chamando-o de alemão. Esse amargor perdurava ainda em 1918, quando o artista deu um recital no Carnegie Hall, aliás repleto. À medida que o seu Stradivarius ia adquirindo vida sob seus dedos, emanava do instrumento um canto de esperança e amor, coragem, triunfo após a luta, e paz. Um violinista francês, presente na ocasião, e que estava de relações cortadas com Kreisler desde 1914, não se conteve; expandindo-se aos gritos de «Bravo!», correu aos bastidores para abraçar o genial artista.

Kreisler, que se tornou cidadão americano, não regressou à Alemanha, desde que Hitler subiu ao poder. Os nazistas confiscaram-lhe a casa, perto de Berlim, e quase toda a coleção de objetos de arte, extremamente valiosos e raros, que ele conseguira reunir durante toda uma vida de lutas e triunfos.

O segredo de Kreisler é o que há de extremamente pessoal no seu modo de tocar; encontra, dir-se-ia, um denominador comum entre a música e o auditório. Alguem, depois de ouví-lo, fez o seguinte comentário, que exprime bem o que afirmamos: «Tive a impressão de que ele estava tocando só para mim».

Seus colegas invejam-no pelo fato de que pouco estuda. Rachmaninoff, que passava diariamente várias horas ao piano, comentou, certa feita: «Kreisler não precisa praticar... dá tantos concertos!»

O grande violinista explicou, porem, o caso, dizendo que, ao estudar, se concentra de tal modo no que está fazendo, que uma hora lhe basta. É capaz de fazê-lo, aliás, onde quer que se encontre, e até sem o violino, apenas lendo a música e tocando mentalmente. Estudou assim mais de uma peça no trem, a caminho de algum concerto, onde iria executá-la pela primeira vez. Toca piano quase tão bem quanto violino, tocando ainda violoncelo e guitarra. Em matéria de música, é mesmo capaz de tudo, menos de cantar; quando tenta fazê-lo, os cães respondem latindo, e a sra. Kreisler leva as mãos à cabeça. Poderia ter sido um matemático de valor, pois é uma das poucas pessoas capazes de explicar a teoria de Einstein.

Há alguns anos, a descoberta de que Kreisler era o autor de várias composições atribuidas, por muito tempo, aos velhos mestres, causou verdadeira sensação. Nos primeiros tempos de sua carreira, como não encontrasse com facilidade peças curtas para violino, resolveu compô-las, ele próprio. Não lhe agradava, porem, ver o seu nome repetido nos programas,

e suprimia sua própria assinatura, acrescentando apenas o seguinte: «no estilo de» tal ou qual antigo mestre. Mais tarde, seus colegas pediram-lhe os manuscritos emprestados, afim de acrescentá-los aos seus programas. Kreisler aquiesceu finalmente em publicá-los, com a seguinte nota em três idiomas: «Estas transcrições são tão livres que podem quase ser consideradas trabalho original.» As referidas peças passaram, contudo, a ser conhecidas como originais de Couperin, Vivaldi e outros compositores de que trazem o nome.

Apurou-se entretanto a verdade em 1936, quando Olin Downes, crítico mucal do *New York Times*, estava consultando alguns editores de música sobre uma produção de Pugnani a que se referia numa conferência musicada. Foi então informado de que aquela, e muitas outras peças, eram composições de Kreisler. Downes divulgou a história, referindo-se a ela como «um dos mais divertidos exemplos do verdadeiro talento de um artista».

Algumas vezes, os empresários locais que prometem a um artista altas quantias por um concerto, sofrem grandes prejuizos financeiros devido ao mau tempo. Nenhum todavia jamais perdeu dinheiro em contratos feitos com Kreisler. Desde que começou a ganhar largamente, o famoso violinista fez sempre questão de cobrir tais deficits, reembolsando os empresários. Dessa correção de maneiras e atitudes que lhe é inata, temos um vivo exemplo no seguinte episódio, que se verificou durante um concerto. Tratava-se de uma peça em que o acompanhador e o violinista tocam alternadamente o mesmo trecho. O acompanhador enganou-se numa dada passagem, e Kreisler repetiu-a, com o mesmo erro, afim de que ninguem percebesse o que se passara.

É homem de hábitos simples. Não tem criado particular nem secretário, e viaja sem luxo, carregando as suas próprias malas.

Apesar das suas várias aptidões, Kreisler é sobretudo um músico. Como todos os grandes violinistas, dedicou grande parte do seu tempo à procura de um violino cujo som não pareça deste mundo. É uma caça constante, e terrivelmente dispendiosa. O seu primeiro Stradivarius custou-lhe 4.000 dólares; pagou 10.000 por um Guarnerius que tem um som de veludo. Apaixonou-se, porem, depois, por uma jóia de instrumento, exibida por conhecido negociante em Londres. Kreisler conseguiu por fim descobrí-lo. Era um colecionador, homem de grande fortuna. Informou-lhe este que o instrumento não estava à venda. Kreisler levantou o arco, e a magia de sempre espalhou-se em torno. «É seu,» disse o negociante. «Tenho verdadeira paixão por este violino, mas o senhor é que sabe fazê-lo viver. Eu não tenho o direito de reduzí-lo ao silêncio.»

Isso depende...

¶ Um montanhês estava fazendo a corte a uma moça já há certo tempo. O pai da pequena, por causa das dúvidas, interpelou o namorado: «Há um ano que você anda de namoro com a Nelly. Quais são as suas intenções—boas ou más?»

O rapaz, apalermado, replicou: «*Vancê* quer dizer que eu posso escolher?»

—Harry Hershfield, na *Parade*

Retalhos do drama cotidiano

—XI—

Por Henry H. Curran
Juiz municipal em Nova-York

Quando a causa da sra. Trovatore contra a sra. Traviata entrou em julgamento na Corte de Bowery, ao fim de um longo dia, eu já tinha por certo, antes mesmo que as duas contendoras tomassem a palavra, que teríamos panos para as mangas. A sra. Trovatore conseguiu finalmente desligar-se de um grupo de mulheres que se tinham reunido de um lado da sala da Corte. Do outro lado, a sra. Traviata, igualmente cercada, fez o mesmo. Os dois grupos vinham servir de testemunhas—cerca de doze para cada parte. A coisa levaria horas.

—Então, sra. Trovatore, perguntei num suspiro. —Que lhe fez a sra. Traviata?

—Me cuspiu!

—Moram ambas na mesma casa?

—Não; na mesma rua—rua Catarina. Ela mora de um lado e eu do outro.

—Em que andares?

—Moramos as duas no segundo andar.

—Como é que ela cuspiu de um lado ao outro da rua?

—Seu juiz; quando ela cospe da janela, faz um gesto com a mão querendo dizer que o cuspe é pra mim, e manda as crianças de todo o quarteirão gritarem quando eu passo: «Olha a gorda!» «Nem pode arranjar marido, de tão gorda!»

Virei-me para a sra. Traviata: —Que queixas tem a fazer contra a sra. Trovatore?

—Ela sacudiu a vassoura na janela, atirando todo o sujo e todo o pó pra cima de minha casa!

—Mas como é que ela podia ter atirado a poeira sobre a senhora, de tão longe?

—Seu juiz, quando ela sacode a vassoura, faz um gesto com a mão, como quem diz que aquilo é pra mim. E grita um nome feio, que nem posso repetir.

—Há testemunhas? perguntei.

—Há sim, seu juiz. É o que não falta.

Os dois grupos se levantaram como se movidos por mola, e ficaram de pé. Dir-se-iam dois regimentos, prontos para entrar em combate...

—Sentem-se, por favor, convidei. Sentaram-se a contragosto.

Tinham passado o dia inteiro na Corte, à espera da justiça. Queriam erguer a mão direita, pronunciar um juramento, e depor. De outra maneira, declarariam, ao partir, que a justiça não fora cumprida.

—As senhoras não poderiam fazer as pazes, e tornar-se amigas? perguntei.

—Não senhor!

—Não senhor!

As respostas explodiram como dois tiros de pistola. Não havia saida possivel. Os guardas agitavam-se, um tanto inquietos. As testemunhas, atentas, aguardavam ansiosamente o momento de serem chamadas a desempenhar o seu papel. As duas adversárias encaravam-se com olhar penetrante.

Fiquei a refletir sobre o caso, com os olhos perdidos no espaço, esperando ainda encontrar alguma solução. Era preciso, se possivel, restabelecer a paz na rua Catarina. Levei nisto tanto tempo, que as mulheres, ao que pude perceber, começaram a cochichar a respeito do juiz, sem saber ao certo se aquilo era cansaço,

ou estupidez. O ponteiro avançava no relógio, e era tempo de tomar uma resolução qualquer.

—A senhora tem algum parente na guerra? perguntei à sra. Trovatore. Era uma simples tentativa.

Ela olhou-me, surpresa. —Tenho, sim senhor. Três irmãos. O mais moço foi dado por desaparecido.

Disse-o com voz tranquila, a olhar-me firmemente. Só a mão lhe tremeu um pouco.

Voltei-me, então, para a sra. Traviata: —Terá tambem algum dos seus na guerra? —Tenho sim, respondeu-me. —Três filhos. O mais velho foi ferido. Me disseram que talvez ele volte.

Quis acrescentar alguma coisa, mas parou de repente.

Fez-se um silêncio absoluto na casa. A agitação cessara como por encanto. As próprias testemunhas mantinham-se caladas. Sem refletir sequer, fiz um vago gesto de cordialidade, e disse-lhes unicamente:

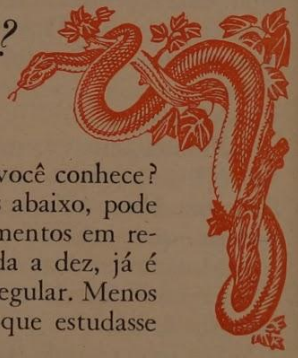
—Boa noite, minhas senhoras.

A sra. Trovatore e a sra. Traviata voltaram-se, uma de frente para a outra, e lá se foram lado a lado, pela passagem central da sala, como se tivessem vindo juntas. As testemunhas ergueram-se, e acompanharam-nas tranquilamente.

Desde então, restabeleceu-se a paz na rua Catarina.

Conhece os campeões?

(Adaptado da revista *Fauna*)



Dos campeões da natureza, quantos são os que você conhece? Se responder corretamente a todas as perguntas abaixo, pode considerar-se possuidor de excepcionais conhecimentos em relação ao reino animal; e mesmo que só responda a dez, já é digno de parabens. Oito é bom número, e seis é regular. Menos do que isso, é pouco... Aconselharíamos então que estudasse mais história natural.

Preste atenção! Algumas das perguntas podem «tapear» os incautos...

(*Respostas na página 82*)

1. Qual o maior animal que existe atualmente?
2. Qual o maior animal que já existiu?
3. Qual o animal mais feroz do Brasil?
4. Qual o maior pássaro do mundo?
5. Qual a serpente mais longa do mundo?
6. Qual o animal de vida mais longa?
7. Qual o mamífero que vive mais tempo?
8. Qual o quadrúpede mais veloz?
9. Depois do homem, qual o animal mais inteligente?
10. Qual o animal que tem pele mais cara?
11. Qual o animal de que se extrai a lã mais fina do mundo?
12. Qual o animal não-domesticado que mais auxilia o homem?

Vamos conhecendo a dor, e dominando-a

Acompanhando a dor nos seus mistérios, a ciência vai concluindo que muito sofrimento pode ser aliviado

(Condensado do «Cosmopolitan»)

Por Albert Q. Maisel

Em um dos hospitais de base naval do Sul do Pacífico, tive ensejo de ouvir um fuzileiro, que havia perdido um braço, queixar-se a um cirurgião de dores que sentia no pulso, na mão, nos dedos, do braço desaparecido, muito tempo depois da amputação!

Quando o homem saiu, o cirurgião voltou-se para mim, e disse: «Para todos os efeitos, ele sente a presença do braço. Tecnicamente, é uma ilusão; mas nem por isso a dor deixa de ser efetiva e, por via de regra, horrivel.»

Àquela mesma tarde, vi o cirurgião injetar uma solução de novocaina nos nervos que anteriormente, quando o braço existia, o alimentavam. O paciente mostrou-se aliviado, e assim se foi conservando, até que, decorridos alguns dias, a dor cessou de todo, embora se mantivesse ainda a sensação de que o braço estava em seu lugar.

O cirurgião não procurou formular qualquer explicação para o fenômeno. Mas aventou uma hipótese. Afigurava-se-lhe que as pessoas que perdem um braço ou uma perna retêm a imagem mental do membro perdido. Os nervos atingidos no coto mandam ao cérebro mensagens de dor, e estas mensagens são interpretadas segundo o quadro mental original.

Por motivos que o médico não sabia explicar plenamente, as injeções de novocaina nos nervos cortados determinam um alívio prolongado, senão às vezes permanente. Nem sempre o tratamento produz resultado, mas, quando o produz, os efeitos parecem miraculosos.

Nestes poucos últimos anos, os neurologistas, neurocirurgiões e fisiologistas têm aprendido mais, no que diz respeito à dor, e aos meios de controlá-la, do que nunca, em qualquer época, na história da medicina; e muitas das noções adquiridas são resultantes de estudos feitos sobre dores que pesquisadores de laboratório têm infligido a si mesmos.

Um dos mais destacados investigadores britânicos, no gênero, o dr. David Waterston, cortou cuidadosamente camadas da sua própria pele, a várias profundidades, de maneira a poder medir a dor que lhe ia causando cada corte. Foi o meio que encontrou para verificar com segurança que as camadas superficiais da pele mantêm os orgãos do tato, ao passo que as mais profundas conduzem os nervos da dor.

No Instituto de Patologia Russell Sage, de Nova York, o capitão de corveta James Hardy e o capitão Stewart Wolf submeteram-se a experiências igualmente estranhas. Cada dia, um deles se deitava numa maca ao lado de um vaso de louça vidrada, cheio de água gelada, e mergulhava o braço na água, até que a dor se

Albert Maisel regressou, há poucos meses, do Sul do Pacífico, onde esteve observando os serviços médicos da Marinha, na selva e nos navios hospitais. Está agora na Europa, a recolher impressões sobre o «front» médico, em atividade na invasão. É o autor dos livros *Miracles of Military Medicine* e *The Wounded Get Back*.

tornasse quase insuportavel, a ponto de produzir profusa transpiração, apesar do frio. Enquanto isto, o outro ia registando as reações, medindo os efeitos da dor na pressão sanguínea, no pulso, e no próprio braço.

Depois, passaram a medir a influência que exerciam determinadas drogas sobre a sensação dolorosa, chegando à conclusão de que as drogas que produzem expansão dos vasos sanguíneos não têm nenhum efeito sobre a dor causada pelo frio, ao passo que as que os fazem contrair-se aumentam a mesma dor, em intensidade e duração, mais de 50 por cento.

Afinal, conseguiram determinar exatamente quais as fibras nervosas que se relacionam com a dor do frio. Hoje, os médicos do Exército e da Marinha estão tirando proveito do novo conhecimento, tanto para evitar o contacto com o frio, como para reduzir ao mínimo o sofrimento dos homens cujos navios se afundam em mar gelado, ou cujos aviões vão ter aos gelos da Groenlândia ou do Alasca.

Um aparelho usado pelo dr. Harold G. Wolff, no New York Hospital, mede a intensidade do estímulo que produzirá uma sensação de dor, apenas perceptivel. A «vítima» coloca a testa contra um orifício num pequeno compartimento, do outro lado do qual há uma lâmpada de mil vátios focada sobre o orifício. Mediante o controle de uma pequena janela, faz-se incidir durante três segundos sobre a pele do paciente o calor da lâmpada. Partindo de uma luz muito fraca, repetem-se as experiências de minuto em minuto, até que afinal desponte a sensação dolorosa.

A importância de tais medições é melhor compreendida quando se sabe que a função primária de quase todos os medicamentos para aliviar a dor consiste precisamente em elevar o que se chama o limiar da dor, ou seja, o nivel em que se declara a sua aparição. Temos empregado, através de gerações, a morfina, o alcool, a aspirina, mais ou menos cegamente. Agora, Wolff e Hardy, e Helen Goodell, pesquisadora do New York Hospital, puderam medir com grande exatidão os efeitos aliviadores de várias drogas. É assim que apuraram que a morfina eleva o limiar da dor ao duplo do nivel normal; a codeina, apenas 50 por cento; o alcool, 45 por cento, e a aspirina, um terço.

Lograram, por outro lado, demonstrar que, alem de certa dose, as quantidades extraordinárias da droga não têm efeitos extraordinários, e que duas drogas combinadas não levantam a maior altura o limiar da dor do que o fará, por si só, a mais eficaz das duas. A combinação, entretanto, se torna aconselhavel quando, ao passo que uma das drogas produz efeitos de alívio passageiros ou rápidos, a outra é de ação perduravel. Concluiram ainda os investigadores que a distração, a auto-sugestão, a sugestão hipnótica, podem ser tambem muito uteis, para os fins que se têm em vista.

Todas estas recentes pesquisas têm provado a verdade de coisas que os médicos, desde muito, supunham verdadeiras. Mas só agora vieram a ter certeza de que o são, visto que podem até medí-las e analisá-las com a exatidão devida. Os neurologistas, atualmente, não encontram maior dificuldade em traçar diagramas extremamente detalhados dos caminhos dos nervos, que mais parecem o sistema de fios de um quadro telefônico, com linhas individuais a intercalar-se nos cabos que sobem pela coluna vertebral, rumo ao cérebro. Não se têm limitado os médicos a provar que as mensagens nervosas são elétricas; foram alem, pois conseguiram medir a quantidade de eletricidade que há num torcer de nervo, e a velocidade com que

a mesma faz o seu percurso para o cérebro.

O dr. H. S. Graser, usando um aparelho eletrônico, denominado oscilógrafo de raios catódicos, mostrou que os nervos conduzem os seus impulsos elétricos a diferentes graus de velocidade. Os nervos de fibras menos espessas são os mais lentos—um ou dois metros por segundo, ou seja o ritmo de uma marcha apressada. Os impulsos nervosos mais rápidos correm, entretanto, à razão de 120 metros por segundo, com a velocidade, portanto, de um avião de bombardeio em picada.

Quem tropeçou algum dia, machucando o dedo do pé, se recordará de que, primeiro, sentiu uma viva dor no ponto atingido. Esta dor «rápida» transitou pelos nervos de fibras espessas, a que os fisiologistas dão o nome de fibras do Grupo A. Alguns segundos depois, sobreveio uma dor diferente, latejando por todo o dedo. É a dor «lenta», conduzida pelas fibras do Grupo C, e cuja mensagem foi para o cérebro, inteiramente «em passo normal».

Os médicos têm podido desenvolver toda uma série de operações, destinadas ao alívio da dor, tomando por base a própria geografia do sistema nervoso. Quando a fonte da dor é um simples nervo, bastará, às vezes, cortá-lo. Outras vezes, cortar-se-ão as «raizes posteriores», onde os nervos penetram a coluna vertebral. Em outros casos ainda, pratica-se uma operação chamada «cordotomia», na qual, através do trato talamo-espinhal, se corta um «cabo» nervoso espinhal. Aí o conhecimento da geografia dos nervos se reveste da máxima importância. As camadas menos profundas desta área servem à parte inferior do organismo. É mister, por conseguinte, que os neurocirurgiões cortem apenas o suficiente, em profundidade, para anestesiar o ponto de onde promana a dor. Habilmente executada, esta operação não deve causar qualquer perda nas sensações de postura ou de tato, eliminando, entretanto, as de temperatura e de dor, mas apenas do ponto dolorido para baixo.

Todavia, sempre que lhes é possivel, os neurocirurgiões evitam o canivete, pois, conquanto hajam obtido em algumas de suas operações os mais admiraveis resultados, acontece que muitas vezes o alívio proporcionado pelo emprego dos métodos radicais é apenas temporário. O sistema nervoso tem um meio de contornar o obstáculo de tais operações, encontrando novos caminhos por onde transite a dor. Um ataque cirúrgico pode ser, por exemplo, utilíssimo para um doente de cancer, evitando-lhe o sofrimento durante os meses que ainda lhe reste viver. Mas, de modo geral, preferem os médicos recorrer, para o fim de que se trata, ao uso de drogas, e o número destas se tem multiplicado, de maneira espantosa, nas duas últimas décadas.

Uma das mais eficazes é o novo anestésico pentotal, que se tem revelado especialmente util na guerra. Diferentemente dos complicados e explosivos éteres e gases, o pentotal pode ser prontamente empregado, sem nada mais que uma seringa hipodérmica.

Lembro-me do caso de um jovem soldado que, atingido por uma bomba japonesa, tinha fratura exposta de ambas as pernas. O cirurgião pediu ao ferido que fosse contando de 1 a 50 lentamente, e, enquanto este o fazia, o assistente lhe injetava, gota a gota, numa veia do antebraço, a solução anestésica. O rapaz contava com voz clara e firme. Ao chegar ao número «treze», a intensidade da voz começou a declinar. Já mal pôde proferir o número «quinze», e o «dezesseis» não lhe aflorou aos lábios. Então o cirurgião começou a operá-lo.

Perguntei, mais tarde, ao soldado, que lembrança guardava da operação. Respondeu-me que se recordava, muito vagamente, da contagem, mas tinha a idéia de que havia parado no número oito ou nove. O mais importante, porem, é que não conservava a mais ligeira impressão de qualquer dor que houvesse padecido.

Os médicos se encontram anualmente diante de milhares de casos de dores crônicas persistentes, dificeis de localizar, e ainda mais de submeter à competente análise. O sistema nervoso, como qualquer sistema elétrico, é sujeito a «curtos-circuitos». A dor, que pode surgir de qualquer simples nervo atingido, é passivel de espalhar-se, criando outras, reflexas, que ocultam praticamente a fonte original.

Em tais casos, muitos médicos voltam ao emprego de anestésicos locais, para interromper, temporariamente, todo o mecanismo da dor. Por um curioso fenômeno, que os próprios médicos ainda não compreendem plenamente, um anestésico local, temporário, injetado num nervo ou músculo dolorido, porá termo, não raro, à dor, de modo permanente. Os neurocirurgiões experientes sabem como encontrar os pontos, dos quais parece que parte o complexo conjunto dos impulsos dolorosos e têm repetidamente verificado que uma injeção de novocaina aplicada na respectiva zona quebra o círculo vicioso, e alivia o paciente—durante vários meses, e até, às vezes, para sempre.

Os médicos do Exército e da Marinha dos Estados Unidos têm usado injeções de novocaina para simplificar os tratamentos. Em vez de aplicar a um tornozelo torcido pesadas ataduras, deixando os pacientes inteira ou parcialmente incapacitados, empregam o anestésico, e, ainda muito depois de cessado o efeito deste, a dor não volta, o que permite aos homens pronto retorno ao serviço.

Posto que os neurocirurgiões hajam alcançado, na luta contra a dor, êxitos que, ainda há cinco anos, se diriam inacreditaveis, têm eles já sob vistas, caminhando a passo largo para os domínios da prática, novos processos que surgem, cada qual mais surpreendente, com que dominar, cada vez mais, o sofrimento físico.

Torre de Babel

¶ Quando o famoso escritor francês André Maurois visitou os Estados Unidos, há alguns anos, teve a oportunidade de fazer uma série de conferências, em francês, num clube feminino. Maurois estava encantado com o sucesso das conferências, pois as senhoras compareciam regularmente, tomando notas sem cessar.

Certa manhã, com a costumada assiduidade e carregando os seus livros de notas, as sócias chegaram ao clube, mas a sala das conferências estava deserta. Depois de esperar uma hora pelo escritor, as senhoras decidiram pôr-se em contacto com a sua secretária. «Monsieur Maurois não falará hoje,» disse-lhes a secretária, tomada de surpresa. «Pois se ele disse isso claramente, na última conferência!»

—E. E. Edgar

Suas energias latentes

(*Condensado do* «Scribner's Magazine») *Por Edward W. Bok*

Se as pessoas tímidas pudessem compreender as energias latentes que há em cada um de nós! Têm aspirações, sentem a necessidade de fazer algo; mas, invariavelmente, são dominadas por um sentimento de falta de confiança em si, que as paralisa. Depreciam o seu próprio valor, dizendo: «Sou um simples indivíduo... Que é que eu posso fazer?»

Que foi Florence Nightingale, senão «um indivíduo»? Todavia, seu trabalho conduziu à criação da Cruz Vermelha! Que progressos teriam sido alcançados, nessa grande cruzada humana de cuidar dos feridos e dos que sofrem, em todo o mundo, se essa enfermeira inglesa tivesse ficado inerte, lamentando o fato de ser «apenas uma mulher»?

Que teria sido do maravilhoso trabalho do rádio, descoberto pelo casal Curie, se Madame Curie tivesse cruzado os braços, ao perder o esposo, dizendo: «Eu sou uma simples mulher»?

«Sim, mas uma mulher excepcional,» hão de dizer. Ao contrário. «Eu tinha fé: apenas isso», disse Florence Nightingale. «Eu tinha confiança, e pouco mais que isso,» disse Madame Curie, e ambas se devotaram de corpo e alma ao seu trabalho.

Era excepcional aquela mãe, cujo filho, de seis anos de idade, um dia voltou para casa, com uma nota da professora, sugerindo que fosse retirado da escola, por ser «estúpido demais para aprender»! «Meu filho não é estúpido,» foi a réplica materna. «Eu mesma serei professora dele.» E foi: Thomas A. Edison nunca mais voltou à escola...

Quantas vezes, uma mulher diz: «Sou apenas uma dona de casa, ocupada com as tarefas do lar.» A madrasta de Abraão Lincoln era simplesmente uma «dona de casa», mas foi ela quem deu ajuda e inspiração ao seu enteado, acendendo-lhe a chama do ideal em que ele se inflamou, para emancipar o povo. «Minha mãe,» disse Lincoln uma vez, em uma carta, «eis o maior livro que jamais li.» A esposa de Dwight L. Moody era tambem uma simples mulher do lar, mas foi ela quem lhe ensinou a ler, quem lhe incutiu o temor a Deus e o amor dos homens, tornando-o o maior evangelista de seu século.

Houve outra esposa, cujo marido teve que deixar o lar por um período indefinido, confiando o filho aos seus cuidados. «Farei as vezes de seu pai,» disse ela. Ocupou-se, durante anos, em ler-lhe as obras que falavam dos feitos dos grandes homens do seu tempo, despertando-lhe, assim, a ambição. O filho dessa «simples mulher do lar» foi o general Robert E. Lee, comandante dos sulistas na Guerra Civil Americana.

Parece que nos custa compreender que as grandes obras da humanidade começaram sempre pelos esforços de uma só pessoa. Emerson resumiu um sermão em uma dúzia de palavras: «Uma grande instituição é apenas a sombra ampliada de um só homem!» Certo cavalheiro, desgostoso com a inépcia de um comitê, expressou esta grande verdade: «O comitê ideal consiste de três pessoas, duas das quais estejam doentes.» Todas as instituições que contribuiram para o progresso dos Estados Unidos foram criadas pela iniciativa e o entusiasmo de um único indivíduo.

Vivemos obcecados com a idéia de que não podemos trabalhar sós, mas apenas mediante uma organização. Observemos

essas organizações, e veremos que, invariavelmente, a sua força criadora e dirigente procede de uma só personalidade; algumas vezes, de duas; raramente de maior número. «Sim,» hão de dizer, «mas essas são sempre grandes personalidades.» «Não há grandes homens,» diz Emerson. «Pensamos que outros são grandes homens, e nós não, porque eles fazem brilhar a centelha divina que receberam, e nós o não fazemos. Não realizamos nada, porque depreciamos o que somos. Não compreendemos a força da posição em que nos encontramos.»

Eis um exemplo: «Sou apenas uma professora!» E assim, como se se tratasse de uma coisa insignificante, nos referimos ao posto de maior influência potencial que se pode exercer na vida, com exceção, é claro, da influência materna! Tal foi o que me disse, certa vez, uma professora, minha conhecida. Mas, depois, ao compreender a importância de sua missão, seu trabalho assumiu um carater quase evangélico: seus olhos, durante as aulas, tinham novo brilho, e sua voz refletia a suprema confiança que Deus nos deu a todos. Brilhava na sua alma a centelha divina. Dentro de 18 meses, tornou-se diretora da sua escola. E, hoje, centenas de alunos estrangeiros saem dessa mesma escola iluminados pela mesma luz, de um verdadeiro americanismo: todos os anos, em junho, deixam a escola, para a vida, centenas de pequenos americanos que, dentro de alguns anos, vão pôr em prática, a benefício geral, os ensinamentos recebidos.

«Oh vós que tendes pouca fé!» Eis a razão do fracasso. Ou não temos fé alguma ou temos muito pouca. Recordemos o que disse Jesús: «Se tiverdes fé como um grão de mostarda, nada vos será impossivel.»

Fico assombrado com os moços que se perdem em pensamentos inuteis, duvidando de que possam fazer isso ou aquilo, e perdendo o seu tempo, em lugar de dizer: «Deus, quando me fez, teve algo em vista, algo que vou fazer.» Desde que estejamos convencidos desse simples fato, isto é, de que Deus nos pôs no mundo com algum propósito, e que a semente divina, que em nós trazemos, deve ser cultivada, para desabrochar e florir, não teremos vacilações no caminho a seguir. Cumpre-nos fazer o esforço, com toda a nossa energia e integridade. É o jovem de pouca fé que diz: «Eu não sou nada.» Ao passo que o de concepção acertada dirá: «Eu sou tudo!» e trata de prová-lo com toda energia.

Napoleão expressou fundamentalmente essa idéia, quando disse: «Circunstâncias? Eu *crio* as circunstâncias.» Essas não são as palavras de um egoista. São a expressão de um fato. Todos nós *criamos* as circunstâncias.

O fim em vista...

¶ Uma pequena de calças compridas, de aspecto desembaraçado e excepcionalmente bem feita de corpo, precedeu-me à entrada de uma fábrica de aviões na Califórnia. Exibiu o seu passe, sem se deter, passando pelo guarda. Este já ia perguntar-lhe pelo seu distintivo de identificação, quando viu que este estava suspenso atrás, no cinto, bem à vista, sobre as ancas. O guarda perguntou-lhe então por que motivo ela levava o distintivo em tal lugar. «Porque,» respondeu a pequena, «este é o lugar que você sempre olha!»

—H. J. Wickman

¶ *Fatos impressionantes, colhidos no local por um homem que acaba de voltar da Alemanha*

Tio Sam no espelho deformante de Goebbels

(Condensado do «Saturday Evening Post»)

Por Thomas Kernan

Internado, 13 meses, na Alemanha, de onde regressou recentemente

Quando a guerra terminar; quando as bandeiras aliadas triunfantes forem desfraldadas em Berlim, teremos que fazer face a um relevantíssimo problema: a penetração do espírito germânico.

O Ministério da Propaganda de Goebbels tem conduzido o povo, na Alemanha, a não ver com os seus próprios olhos, nem ouvir com os seus próprios ouvidos, julgando inutil prestar qualquer atenção ao que lhe digam ou anunciem, do mundo exterior.

Passei 13 meses internado em Baden-Baden. Minhas fontes de informações, e as oportunidades que eu tinha de recebê-las, não diferiam das de que dispunha um cidadão alemão. Era-me permitido assinar jornais, não só do Reich, senão tambem de paises sob ocupação nazista—França, Bélgica, Holanda, Itália. Ouvia as irradiações, destinadas aos alemães e povos subjugados. Podia tomar minhas notas, e trocar impressões com os meus companheiros de internamento, muitos deles jornalistas e diplomatas.

Profissional, como sou, da publicidade, resolví naturalmente acompanhar, passo a passo, o curso da propaganda interior germânica, e observar o funcionamento da máquina que o dr. Goebbels tem conseguido tornar de uma perfeição sinistra.

Goebbels traz os alemães perfeitamente informados do que haja de favoravel nas operações militares, mas só lhes dá, sobre os Estados Unidos, idéias falsas e depreciativas. Dia a dia, traço a traço, se ia completando, às nossas vistas, a imagem que, dos norte americanos, se procurava deixar gravada no espírito alemão; e era como se utilizassem, para dá-la a ver ao povo, um desses espelhos grotescos, que desfiguram e deformam. Os alemães imaginam que a nossa liberdade é uma pilhéria. Não desejam participar dos nossos ideais republicanos. Tudo o que somos, tudo por que nos batemos, lhes tem sido apresentado de tal modo, com tal desvirtuamento, que, conquanto reconhecivel como americano de fato, é, todavia, inteiramente falso em suas conclusões.

Goebbels procura tirar todo o proveito que pode dos bombardeios, cada vez maiores, de cidades alemãs, por aviões americanos e ingleses. Os edifícios, de modo geral, nas cidades européias, são construidos muito próximos uns dos outros. Onde quer que se trate de destruir um entroncamento ferroviário, ou uma ponte, ou uma fábrica, não haja dúvida que uma ou duas igrejas, ou casas de habitação da vizinhança, serão tambem atingidas. Goebbels passa a dizer aos alemães que os nossos aviões procuram de preferência objetivos ou alvos sem expressão militar, porque o que temos em mira é destruir as instituições culturais e

humanitárias do Reich. Repetido cem vezes, e mil vezes fotografado, o tema de um «vil assalto» anglo-americano à velha cultura da Europa tem finalmente penetrado fundo o espírito das massas alemãs.

A 12 de março de 1943, aviões aliados passaram sobre nós, a caminho de Stuttgart, e uma bomba, caida em Baden, deu em resultado o incêndio de uma igreja católica. Foi a única bomba que por alí se viu, no decurso dos 13 meses da nossa permanência. Como, porem, se tratava de um grande templo, no alto de uma colina, não houve meio de convencer o povo de que o caso fora acidental. O hospital municipal de Francfort, de 6 mil leitos, e situado no campo, afastado de quaisquer outros edifícios, foi completamente destruido, com certeza por engano, confundido com algum outro alvo. As catedrais de Colônia, Trier, Aix-la-Chapelle e Munster, e as igrejas e museus de maior importância em Munique, incluem-se entre os monumentos ou edificações que se acham grandemente danificados, senão de todo em ruinas.

Quando alguem diz a um alemão que o mesmo, em suma, fizeram eles em Londres em 1940, o seu espanto é completo. Nunca ouvira falar nisso. E a impressão que se tem é de que ele realmente ignora o trágico tributo que a Luftwaffe impôs à Grã Bretanha, e honestamente acredita que foi esta, e não a Alemanha, quem deu início à prática terrivel do bombardeamento das cidades.

Os jornais e as revistas consagram muito espaço à discussão dos negócios internos dos Estados Unidos. As águas turvas do *New Deal* são um predileto campo de pescaria, e as disputas entre os serviços de guerra, em Washington, fornecem lenha à fogueira. A tecla em que mais se bate é a de que é assim que correm as coisas nos regimes democráticos. Suas reportagens ou registos são bem documentados, na base de informações de comentadores de rádio, e jornais que chegam a Lisboa.

O mais perigoso, porem, é o que poderei chamar a «propaganda negra» contra os Estados Unidos, sob a forma de livros de fotografias, exibindo tudo o que temos de mau, ou de mau gosto, e vendidos a preços mínimos.

Um de tais livros, por exemplo, reproduz uma bela série de cartazes do nosso Bureau de Informações de Guerra, sob os títulos «O mais alto nivel de vida no mundo» e «O modo de viver americano», e lhes opõe fotografias autênticas de malandros a vaguear pelas ruas de Chicago, de velhos desamparados nos postos de distribuição de sopa de Nova York, e dos mais miseraveis quarteirões de morada dos negros. Na Alemanha, onde a habitação de baixo custo é um verdadeiro fetiche, e os vagabundos psicopatas são postos em campo de concentração, fora das vistas do público, estas fotografias, deslealmente exibidas, dão dos Estados Unidos uma triste impressão.

Outro livro procura pôr em evidência as ofensas ao bom gosto, por que primam os norte-americanos. «Os Estados Unidos querem trazer religião à Europa,» diz a legenda, «mas olhem para isto.» Seguem-se então quarenta páginas, descrevendo as cenas mais excêntricas de que são susceptiveis os nossos funerais e casamentos, alguns dos últimos realizados a bordo de aviões ou em jaulas de circo.

Ainda um terceiro livro transcreve algumas das nossas críticas ao treinamento da juventude nazista, fazendo-as acompanhar de 30 ou 40 fotografias de jovens americanos, de ambos os sexos, com as peores aparências, ou respondendo nos tribunais por crimes que variam da embriaguez aos homicídios sádicos. O peor, todavia, destes livros, é o dedicado ao linchamento de negros, com gravuras que não creio pudessem jamais ser entre nós publicadas. O alemão nunca lê um livro americano, exceto aqueles do gênero de *Vinhas da Ira*, de John Steinbeck, amplamente divulgado para que melhor se conheça o lado desagradavel do nosso país.

Goebbels dedica muito espaço dos jornais à demonstração de que as forças de ocupação aliadas na África e na Itália pouco têm feito para abastecer, ou mesmo confortar as populações. Alega que as ditas forças são, para não empregar mais duro termo, desorganizadas; que a situação alimentar em Argel é hoje peor do que antes do nosso desembarque; que París sob a ocupação alemã é melhor alimentada que as cidades da América do Norte. Quanto à Itália, fotografias publicadas em revistas americanas, mostrando crianças e mulheres famintas entre as ruinas das suas aldeias, as revistas alemãs as reproduzem como prova dos horrores da ocupação americana e aliada. A argumentação é simples: se o que vem na esteira dos «libertadores» é nada mais do que fome, caos político e comunismo, não estareis melhor com a Nova Ordem?

Certos amigos meus, liberais, nos Estados Unidos, têm dito muitas vezes: «Quem dera que a nossa mensagem pudesse chegar de fato aos alemães! Se, ao menos, eles pudessem conhecer o sentido da Carta do Atlântico e das Quatro Liberdades!»

Lamento ser forçado a registar que o público alemão conhece tudo o que há a respeito da Carta do Atlântico, e não poucas vezes tem ouvido discorrer sobre as Quatro Liberdades do Presidente Roosevelt. Faz parte da técnica do dr. Goebbels revelar aos alemães, imediatamente, e por completo, os nossos documentos idealistas, mas sublinhando-os com um ridículo que logo os inutiliza no espírito do povo.

A Carta do Atlântico foi qualificada de vago, inócuo idealismo, «uma réplica marítima» dos 14 pontos de Wilson. Goebbels glosou: «Enganastes-nos, uma vez, em 1918, com as vossas belas frases; não haveis de enganar-nos de novo.»

As Quatro Liberdades deram aos oradores alemães largo pretexto para comentários irônicos. A Alemanha tambem tem, diziam eles, suas Quatro Liberdades— está livre do capitalismo, do imperialismo anglo-saxônico, do bolchevismo e dos judeus. A frase «Quatro Liberdades» é tão corrente na Alemanha quanto nos Estados Unidos, com a diferença de que lá é sempre mencionada com um sorriso. O mesmo se dá no tocante a quantas declarações idealistas brotam de fontes americanas ou inglesas, seja que apareçam nas colunas dos seus jornais, ou venham em folhetos nossos, despejados do ar.

Há dez anos vem Goebbels trabalhando o espírito alemão. Os alemães de menos de 25 anos não têm tido, em rigor, outro meio de formar sua opinião acerca dos negócios mundiais, a não ser os que o ministro da Propaganda escolhe para darlhes. Nestes dez anos, conseguiu ele duas grandes coisas:

Primeiro, para o alemão de hoje, «democracia» e «liberdade» não são mais palavras que despertem devoção e reverência; inspiram, antes, repulsa. Uma «república» não significa, para o alemão de hoje, a mais feliz das formas de vida política; traz-lhe, ao contrário, à lembrança o desemprego e a miséria dos últimos anos da república de Weimar. Todo o nosso vocabulário de pensamento político é desautorizado de antemão.

Tão seguros se acham disto os líderes germânicos, que o texto do apelo Churchill-Roosevelt ao povo italiano, lançado

do ar, em milhões de folhetos, por ocasião do desembarque na Sicília, foi reproduzido incontinenti em todos os jornais alemães, «para que deste modo o sr. Roosevelt não precise expor a vida dos seus aviadores afim de distribuir ao nosso povo semelhantes frioleiras.»

Em segundo lugar, tem Goebbels persuadido os alemães de que nada terão a aprender com as irradiações aliadas, ou nada que admirar nos métodos ou princípios aliados. O alemão está compenetrado de que as suas próprias normas são iguais, senão infinitamente superiores às dos demais paises.

Quando chegar o momento da conquista do que Goebbels denomina a Fortaleza da Europa, com o espírito alemão preparado, através de dez anos, para desprezar a democracia, temer a Rússia, e desconfiar da Inglaterra e dos Estados Unidos, não nos bastarão belas palavras e reeducação por propaganda. Anos vão ser necessários, de trato honesto e salutares exemplos da nossa parte, para que os alemães reconheçam que a imagem que de nós lhes deu Goebbels, por um tão longo período, desfigurando-nos com o seu espelho grotesco, não exprime o nosso povo, nem o nosso modo de vida.

A França Eterna

¶ O CORONEL STEPHEN BONSAL, em seu livro *Unfinished Business*, que é uma crônica da Conferência de Versalhes, conta o episódio em que Clemenceau foi alvejado por um fanático chamado Cottin. O juiz que ia julgar Cottin, pelo crime de tentativa de assassinato, perguntou ao «Tigre» qual era a sentença que lhe parecia justa.

«Ainda bem que não sou juiz,» respondeu o homem de estado, ferido por Cottin. «Quando me lembro que outros estão sempre me atacando de tocaia, tenho a tentação de dizer que esse bravo sujeito, que teve a coragem de afrontar a minha bengala com uma simples metralhadora-revolver, devia ser condecorado com uma ordem do Mérito, com a Grande Cruz, ou outra qualquer. Todavia, contenho os meus impulsos, pois devem ser levadas em consideração as mulheres e as crianças, bem como outras pessoas inocentes que se achavam presentes e que poderiam ter sido atingidas, quando o nosso herói estava atirando contra minha velha carcassa. Alem disso, sua falta de pontaria deve tambem ser levada em conta. Acabamos de sair vitoriosos na mais terrivel guerra da história, e, entretanto, aquí está um francês que, à queima-roupa, de sete tiros perde seis! Sem dúvida, esse homem deve ser castigado pelo fato de usar uma arma com tão pouco cuidado e de atirar tão mal. Sugiro, portanto, que ele passe oito anos na prisão, exercitando-se intensamente em tiro ao alvo.»

Uma nação que pode produzir um homem com tal espírito, com essa finura, essa tolerância, é certamente uma nação de primeira grandeza. *Vive la France!*

—The Saturday Evening Post

Nova indústria da supermadeira

Este novo produto multiplicou subitamente os recursos florestais em declínio nos Estados Unidos

(Condensado de «American Forests»)

Por Harland Manchester

NESTE MOMENTO em que os Estados Unidos enfrentam séria escassez de madeira, devido às imensas exigências da guerra, os recursos florestais do país, longe de diminuirem, encontram-se, pelo contrário, multiplicados. As madeiras macias, como o pinheiro de crescimento rápido que é abundantíssimo no sul do país, o pau-brasil da Califórnia, e muitas outras variedades, consideradas inuteis, podem atualmente ser endurecidas, transformando-se em «supermadeira», capaz de substituir diversas outras que já escasseavam. Entre mil variedades de árvores nas florestas norte-americanas, apenas cincoenta são usadas comercialmente. Entretanto, já agora quase todas se tornaram uteis.

De determinado ponto de vista, essa nova supermadeira nem é propriamente madeira; é um material inteiramente novo. Foi um grupo de químicos da Companhia du Pont, chefiados pelo dr. J. F. T. Berliner, quem conseguiu descobrí-la, embora reconhecendo a grande influência exercida em seus estudos pelos trabalhos do Laboratório de Produtos Florestais, em Madison, no estado de Wisconsin.

A madeira é impregnada, sob pressão, com um composto químico econômico e incolor, que se combina com os componentes dos ácidos da mesma para formar uma resina plástica que enche o tecido vegetal. O produto resultante, apesar de levemente mais escuro, conserva o aspecto inicial da madeira.

Seja qual for o grau de dureza da maior parte das madeiras, o novo processo torna-as ainda mais duras. Apontando-se a chama de um maçarico sobre um pedaço de madeira macia convertida, esta acaba por carbonizar-se, mas não continua a queimar quando a chama é afastada. Nos processos industriais para tratar madeiras afim de torná-las incombustiveis, os agentes químicos tendem a evolar-se, ou a perder seu efeito, mas a supermadeira conserva a sua incombustibilidade durante muito tempo.

O agente químico que consegue o *milagre* é um pó branco denominado metilol-uréia. Até 1920 toda a uréia que se utilizava nos Estados Unidos era importada da Alemanha, a preços que atingiam 20 cruzeiros o quilo. Atualmente a fábrica du Pont em Belle, na Virgínia, produz uréia em grande quantidade (com anidrido carbônico e amônia), e vende-a a menos de dois cruzeiros o quilo.

Os encarregados das pesquisas do Laboratório de Produtos Florestais constataram que, espargindo cristais de uréia sobre a madeira verde, se podia impedí-la de abrir fendas ou estalar, e descobriram, alem disso, que, mergulhando a madeira numa solução de uréia e aquecendo-a, se podia arqueá-la e dar-lhe qualquer feitio. Depois, para fixar a fórmula, acrescentaram-lhe formaldeido, e assim conseguí-

ram obter o processo rápido para fabricar as tábuas recurvadas que se utilizam nas quilhas dos navios, na fuselagem dos planadores e em muitas outras coisas.

Por outro lado, como a resina de uréia tem uma afinidade especial para as anilinas, pode colorir-se permanentemente a nova madeira impermeavel e à prova de manchas, através de toda a sua espessura, e dar-lhe qualquer das cores do arco-iris, o que permitirá empregá-la nas mobílias, nos bares, em balcões, nas mesas dos restaurantes, em brinquedos, e em botões de fantasia.

Hoje, se o gurí deixar cair seu machado de escoteiro na mesa da sala de jantar, ou se mamãe despejar em cima do toucador a acetona com que limpa o verniz das unhas, é necessário chamar um polidor. Amanhã, porem, um pedaço de lixa e um ligeiro toque com cera serão suficientes para reparar os estragos em minutos. A razão é simples: «madeira convertida.»

No tampo de uma mesa de madeira convertida o acabamento, ou polimento, atravessa toda a espessura; o café ou os coquetéis entornados, os pratos quentes, e os riscos ou mossas não a prejudicarão. Podemos, por exemplo, mergulhá-la em água sem que empene. E apesar de forte como é, conservará sempre um aspecto bonito e assetinado, que realçará o desenho natural da madeira.

Já há oito fábricas que utilizam este processo revolucionário, ou que se preparam para utilizá-lo, visto que as patentes iniciais, do Laboratório de Produtos Florestais, são públicas e gratuitas. O interesse da Companhia du Pont está no fato de ser a única produtora de uréia nos Estados Unidos, e, portanto, quanto maior for o número de fabricantes, tanto maior será o seu negócio.

Os fabricantes de artigos de madeira assistiram, durante dezenas de anos, à extinção gradual de seus estoques e à invasão de seus mercados pelos metais e matérias plásticas. A situação atual é a inversa. Descobriu-se a supermadeira, e o seu futuro é ilimitado.

Prestação de contas

¶ O CAIXA do jornal *Courier*, de Louisville, nos Estados Unidos, nos tempos do famoso redator-chefe Henry Watterson, estava sempre em apuros, com o problema diário da falta de fundos na sua Caixa Registradora. Porque o redator-chefe, sempre que achava necessário, recorria simplesmente à Caixa e saía, sem dar satisfações a ninguem.

Um dia, seguido pelo caixa, o gerente do jornal foi ao escritório de Mr. Watterson. «Não tem importância o fato do sr. tirar o dinheiro,» explicou o gerente. «Mas, para saber a quantas andamos, seria preferivel que o sr. deixasse uma nota, com suas iniciais, na Caixa, mencionando a quantia retirada.» O redator-chefe, contrafeito, concordou.

Naquela mesma tarde, Watterson entrou no guichê do Caixa, foi à Registradora, rabiscou uma nota num pedaço de papel, meteu-a na gaveta, e deu o fora. Mal tinha saido, o caixa e o gerente foram ver a Registradora. Encontraram a gaveta vazia. A nota, deixada por Watterson, dizia: «Levei tudo. H. W.»

—Frank C. McLearn

¶ *Samuel Langford, apelidado o «Menino de Pixe», foi durante muito tempo um lutador extraordinário, e ainda vive sua vida com prazer*

O gladiador cego

(Condensado do «Baltimore Sun»)

Por Bertram B. Fowler e Al Laney

FOMOS procurá-lo e lá o encontramos, ouvindo o rádio, sentado no seu pequeno quarto, no bairro negro de Nova York, onde há anos vivia.

Quase não podíamos crer que nos defrontávamos alí com o outrora famoso lutador de boxe, por apodo o «Menino de Pixe», cuja carreira fora uma das mais fantásticas que os anais esportivos registram, e de quem, no rol de suas 640 pelejas, apenas se assinala uma perda por nocaute. Samuel havia sido, sem dúvida, o ídolo de toda uma geração de entusiastas do pugilismo, de Boston até o Panamá; e agora alí estava, cego, pobre, esquecido por todos, vivendo de um pequeno auxílio que o governo dá aos desempregados e indigentes.

Esperávamos encontrar um velho, já desiludido da vida e cujo cérebro se tivesse estagnado na recordação dos seus vinte e três anos de boxe; ao invés disso, o que alí se nos deparou foi um homem, dono de uma memória que quase poderia ser classificada como fenomenal, ainda de posse da sua mente lúcida de outrora, que lhe permitia antepor-se aos golpes do adversário e derrotá-lo.

Langford recebeu-nos com o seu amavel sorriso e nos foi logo dizendo: «Não tenham pena do velho Samuel. Eu já gozei muitos prazeres neste mundo; tive muitas lutas divertidas. E se eu tivesse hoje um dinheirinho no bolso, bem que eu era feliz.»

Talvez Langford não tenha sido o maior pugilista que já existiu; entretanto os cronistas esportivos que conhecem a sua carreira são unânimes em colocá-lo numa categoria à parte, pois nas suas pelejas ele sempre lutou com dificuldades quase insuperaveis. Um acidente que sofrera em criança afetou-lhe a visão. De estatura mediana e nunca tendo pesado mais de 70 quilos, suas pelejas foram sempre com adversários da classe de peso-médio e peso-pesado, visto como os lutadores de peso igual ao seu sempre temiam enfrentá-lo. E mesmo os adversários que o ultrapassavam em estatura, invariavelmente lhes concedia uma margem de 20 a 25 quilos. Samuel possuía ombros largos, braços excessivamente longos e manejava os pés com tal agilidade, que fez um cronista esportivo comentar: «Os seus movimentos instintivos são mais rápidos do que os premeditados.» Alem disso, poucos lutadores podiam resistir aos seus murros fulminantes.

Samuel nasceu na Nova Escócia, há 58 anos. Quando tinha apenas 9 anos de idade, perdeu a mãe, e o pai o maltratava tanto que um veranista, condoendo-se da sorte do garoto, levou-o consigo para Boston.

Aos 15 anos, o futuro pugilista trabalhava como caixeiro num bar, e, certo dia, quando o patrão estava ausente, entrou no estabelecimento um desses homenzarrões metidos a valente que, tendo tomado três cervejas, ia saindo «à francesa», sem pagar a bebida. Samuel reclamava pelos 15 centavos, quando o patrão, ao entrar, viu logo do que se tratava, observando ao rapaz: «Foi você quem vendeu, Samuel; você é que tem de cobrar.»

E embora pesasse apenas pouco mais de 50 quilos, Samuel meteu-se na luta que, ante os olhos surpresos dos presentes, terminou com o «mau freguês» estendido por terra. O patrão sempre estimulava Samuel a tornar-se lutador profissional. Mas, movido por pequena ambição, o rapaz ia boxeando onde quer que fosse por cinco ou dez dólares, com que comprava quantos bifes e cerveja podia consumir, pois comumente seus ganhos não lhe chegavam para mais alem de feijão, e lá uma vez—um cozido de carne... Em muitas de suas pelejas, Samuel enfrentava o contendor «escorado» apenas por meia dúzia de biscoitos e um copo de água.

Aos 17 anos, já então classificado como «peso-leve», conseguiu vencer Joe Gans, um dos mais famosos boxeadores daqueles dias. Aos 20, pesando menos de 70 quilos, lutou contra Jack Johnson, que pesava quase 90 e estava então no auge do seu poder, tendo logo depois conquistado a coroa de campeão mundial. No sexto *round*, Jack conseguiu derrubar Samuel com um golpe, mas no nono coube a Samuel estender Jack ao comprido no tablado; e, no final da luta, no décimo-quinto *round*, Jack dava-se por feliz de deixar o ringue como simples vencedor por pontos.

Langford nunca havia tomado lições de boxe; depois desse encontro, porem, um famoso treinador tomou-o como discípulo e lhe ensinou muitos dos importantes segredos do pugilismo. E, desde esse tempo, não houve mais bolsa compensadora, nem conselhos, que convencessem Johnson a aceitar uma segunda luta, tendo ficado célebre, nos anais do boxe americano, a persistência de Samuel em desafiar o seu vencedor por toda parte. Divertia-se provocando Johnson onde quer que o encontrava—em bar ou restaurante—propondo-lhe uma segunda luta em qualquer lugar, sob quaisquer circunstâncias, se não fosse por dinheiro, por simples diversão, alí mesmo, no salão do bar. Mas Johnson preferia sofrer as importunações de Samuel a travar com ele nova peleja...

Tem havido muito pugilista que luta por lutar, mas Samuel era um verdadeiro apaixonado. Abriu-se caminho aceitando encontros com qualquer lutador, sem se incomodar com o peso e outras condições do contendor. Em 23 anos, lutou 640 vezes. No entanto, o boxeador de nossos dias que apresenta uma lista de 300 lutas, é considerado uma maravilha.

Em 1917, um ligeiro soco desferido por Fred Fulton, lutador medíocre da classe dos peso-pesados, acabou por cegar o já defeituoso olho esquerdo de Samuel. Mas o pugilista pediu ao médico para não revelar nada a esse respeito, tendo continuado com as pelejas, ainda que a visão do olho direito estivesse tambem desaparecendo.

Em 1918, na capital do México, Samuel registrou nos anais do pugilismo um dos seus mais palpitantes episódios. Por esse tempo, já se achava praticamente cego. À noite, ainda conseguia lobrigar os objetos, se bem que de forma enevoada; à luz do sol, porem, não conseguia ver um palmo diante de si. Havia assinado um contrato para lutar com o «Selvagem», campeão do México, devendo o encontro realizar-se de noite, na arena das touradas. Mas o segredo da sua má visibilidade se espalhara e os agentes do «Selvagem» conseguiram que a luta se levasse a cabo em pleno dia...

Dessa forma, o ajudante de Samuel conduziu-o ao centro do ringue com o sol a brilhar em cheio. Samuel tinha por essa época 32 anos, idade que é considerada demasiada, mesmo para um lutador em plena posse de todas as suas faculdades físicas. Pouco depois, o árbitro deu a ambos os lutadores os últimos informes e os mandou cada qual para o seu canto, a esperar o gongo para o início da luta. Samuel, entretanto, mantinha-se parado bem no centro da arena. «Eu não enxergava o meu canto,» explicava ele mais tarde.

Ao bater do gongo, o «Selvagem» avançou para o centro, cercando Samuel e procurando uma brecha para abatê-lo. Samuel movia-se lentamente, com a cabeça esticada para a frente, num esforço supremo para divisar o vulto do adversário. O «Selvagem», sempre na ofensiva, lhe havia já descarregado duas possantes esquerdas. Samuel aparou a segunda destas com a sua direita, e desfechou no outro um golpe fulminante. O «Selvagem» veio abaixo como se tivesse sido alcançado por uma descarga elétrica.

«Nem sei onde foi que eu atingí ele,» comentou Samuel depois. «Só sei que ele ainda me esmurrou duas vezes, mas naquela mesma tarde eu era campeão do México!»

Samuel nunca viu no pugilismo uma profissão. Era-lhe antes de tudo uma diversão. Boa comida, companheiros e boas risadas—eram as coisas que realmente o deliciavam. Sua estrondosa gargalhada deu-lhe a alcunha onomatopéica de «Ho! Ho!» Mas ele bem que sabia a exata ocasião de rir, e quando parar o riso...

Certa vez, ao aceitar luta com um famoso peso-pesado, Samuel não se incomodou em assinar de antemão o respectivo contrato. Pouco antes do início da peleja, o empresário chegou-se a ele e lhe comunicou que as vendas de entradas, na caixa, revelavam um grande fracasso e que na realidade havia apenas 2.800 dólares para pagar os dois pugilistas. O outro lutador assinara antes a sua garantia, de maneira que, para Samuel, restavam somente 300 dólares.

«Faça uma boa luta!» pediu-lhe o empresário, meio sentido da pequena paga.

«Chefe,» respondeu-lhe o boxeador negro, «esta vai ser a luta mais curta que o senhor já viu.» E, quando o gongo soou, Samuel saltou do seu canto como uma pantera assanhada, e, com um murro certeiro, derrotou o adversário por nocaute.

Havia outra coisa surpreendente em Langford. Ele sabia avaliar o resultado desses murros como nenhum outro lutador. Num encontro com um conhecido peso-meio-pesado, por nome Jack Lester, no início do quinto *round*, Samuel veio do seu canto, de luvas estendidas para o outro. Lester olhou-o com espanto. «Que é isto?» perguntou-lhe. «Não é o último *round* ainda!»

Samuel riu. «É o que você pensa!» E a luta terminou um minuto depois, com Lester deitado ao comprido na arena...

Outra vez, quando enfrentou Jim Flynn, um dos melhores pesos-pesados do seu tempo, um rapaz, encarregado de filmar a luta, aproximou-se e disse ao negro que só dispunha de filme para 8 *rounds*.

«Não se aflija,» disse-lhe Samuel. «Pode rodar seu filme.»

Entre o sétimo e o oitavo *round*, o fotógrafo, nervoso, correu para o canto de Samuel, fazendo-lhe gestos desorde-

nados. O lutador limitou-se a sorrir, retrucando-lhe: «Vá embora, não fique nervoso!» Langford partiu então da sua esquina como um corisco, e num instante reduziu os 90 quilos de Flynn a um monte inerme de carne na arena, bem junto ao seu empresário.

A única vez em que Samuel foi vencido por nocaute foi no Panamá, lutando com Harry Wills, que pesava perto de 100 quilos, era muito agil, tinha uma direita fulminante e estava no auge de sua carreira. Samuel explicou, desculpando-se de se haver descuidado de se esquivar aos golpes do adversário. Mais tarde tirou uma desforra, derrotando Wills por nocaute duas vezes.

Já perto da cegueira, o «Menino de Pixe» defendeu durante 4 anos o título de campeão do México, derrotando todos os pretendentes, pois aí, senhor daquele título, podia impor a condição de os encontros se realizarem à noite.

Depois de esgotadas todas as possibilidades no México, Samuel regressou aos Estados Unidos. A cegueira se acentuava, e ele engordava e envelhecia...

Em 1924, lutou com Eddie Trimbly, em Venice, na Califórnia. Um cronista esportivo, que sabia que Samuel estava já quase completamente cego, postou-se junto ao ringue com um médico, ambos a observar o lutador. Samuel derrubou Trimbly, e, não conseguindo localizar onde o contendor caira, pôs-se a voltear lentamente na arena, tentando encontrá-lo. Isso bastou para convencer o médico, e Langford foi declarado cego. Dessa forma trágica terminou a sua legendária carreira pugilística.

Mas, na verdade, Samuel não dá a impressão de ter sido marcado pela tragédia. Ainda hoje ri-se a bons pulmões, e pode-se mesmo lobrigar certo reflexo de alegria nos seus olhos vazios de luz, quando ele exclama: «Sim senhor, enganei todo mundo. Lutei sete anos, antes de descobrirem que eu estava cego!»

Samuel desapareceu então, envolto no esquecimento e na obscuridade, até que por acaso conseguimos descobrí-lo naquele quartinho do Harlem. Al Laney dedicou-lhe então um artigo na seção esportiva do *Herald Tribune* de Nova York, e os resultados foram magníficos. Choveram cartas de antigos admiradores do pugilista negro e de outros que nunca o tinham visto, e quase todas traziam cheques ou dinheiro. Conseguiu-se assim reunir uma soma que permitiu a Samuel abster-se da pensão de indigência fornecida pelo governo e ainda ter algum dinheiro disponivel para comer os bifes de que tanto gostava.

O mesmo espírito desprendido, que sempre caraterizou a vida de Langford, pode ser divisado neste incidente verificado pouco antes de seu encontro com o ídolo do pugilismo inglês—Tiger Smith —em Londres. O falecido Lord Lonsdale se achava presente, quando se originou uma acalorada discussão sobre quem deveria agir como juiz na luta. Durante todo esse qui-pro-quó, Samuel se manteve sentado no seu canto, alheio a tudo.

Lord Lonsdale por fim dirigiu-se ao lutador negro e mui cortêsmente perguntou-lhe: —Qual a sua opinião, Mister Langford, sobre o árbitro a ser escolhido?

Samuel encarou-o com o seu espontâneo sorriso e lhe respondeu: —Chefe, escolha o que lhe agradar, que isso pouco me preocupa. Eu por mim, trago comigo o meu árbitro... o meu juiz particular...

—O seu juiz? exclamou o inglês admirado. —Como assim?

Samuel ergueu o punho em frente de Lord Lonsdale, e prosseguiu:—Chefe, meu árbitro é este. Quem decide é ele, e não adianta nenhum lero-lero...

Os aliados utilizam contra o inimigo as suas próprias armas de guerra capturadas e aperfeiçoadas

Como se utilizam as armas do inimigo

(Condensado do «American Mercury»)

Por Thomas M. Johnson

AS TROPAS ALIADAS lançaram-se ao assalto da costa francesa, no «dia D», desembarcando de lanchas e navios de tipo especial, concebidos segundo uma idéia confiscada aos alemães. Outras forças desceram subitamente à retaguarda das linhas inimigas, transportadas em planadores que possuiam muitas caraterísticas copiadas dos planadores nazistas apreendidos na África. E durante os três dias que precederam a invasão, submarinos em miniatura, cruzando despercebidos, balizaram o caminho para os nossos homens, dispondo bóias ao longo da costa francesa. Esta idéia, que tambem custou caro, os americanos aprenderam em Pearl Harbor com os japoneses.

Os aliados usam hoje na França muitas armas secretas, inteiramente novas, que se acumularam cuidadosamente como uma surpresa da invasão. Mas era legítimo esperar que o inimigo tambem tivesse surpresas. Prevenindo essa hipótese, enviaram-se, com as primeiras forças a desembarcar, turmas de oficiais e soldados, especialmente treinados, cuja única missão era a de recolherem as armas e equipamento do inimigo para estudo.

Na África, na Itália, e em numerosas ilhas do Pacífico, os *detectives* mantidos pelos aliados no campo de batalha estiveram sempre nas primeiras linhas. Seu trabalho cotidiano consistia em desmontar e examinar as granadas por explodir ou as bombas de novo tipo. As outras armas inimigas eram transportadas em avião até aos laboratórios para serem rigorosamente analisadas e experimentadas No campo de experiências do material bélico, em Aberdeen, no estado de Maryland, existem mais de 600.000 artigos diferentes de material de guerra inimigo.

Aí se verificou que a maioria das armas italianas formavam um conjunto estranho e sem nexo. Suas munições eram tão perigosas que foi preferivel destruí-las em vez de as usar, como se fez com as alemãs. Copiaram-se, porem, as botas «Alpini», para montanha, cujas cardas de ebonite não provocam faiscas à noite, quando se caminha sobre as rochas. O material japonês às vezes é bom. Foi de um avião japonês que se obteve um aperfeiçoamento para um dos dipositivos tecnicamente mais complicados, o piloto automático. De modo geral, entretanto, a maior parte das idéias japonesas copiaveis são antiquadas. Assim, por exemplo, os japoneses explodiam bombinhas e outros artifícios pirotécnicos para simular tiros de metralhadora e confundir os soldados aliados; estes fizeram melhor, pois empregaram petardos que dão mais resultado e ocupam menos espaço. E quando eles utilizaram trepadeiras fosforescentes para marcar os atalhos na selva durante a noite, os aliados usaram tinta fosforescente, que ainda é melhor.

Nas Aleutas as tropas americanas envergavam numerosas peças de vestuário

Dois botões

No centro de pesquisas da Diretoria do Material Bélico, em Aberdeen, no estado de Maryland, há um tenente-coronel de cabelos grisalhos, óculos, e modos serenos, que ao olhar um estilhaço de granada é capaz de dizer qual a espécie de canhão que a disparou, suas caraterísticas, a data da produção, o nome do fabricante, e a localização da fábrica. O Tenente-Coronel George Burling Jarrett tem disparado mais canhões do que qualquer outro mortal, e conhece melhor o equipamento e as armas alemãs do que a maioria dos generais nazistas.

Aos 16 anos, durante a primeira guerra mundial, alguem lhe enviou de Verdun um botão do capote de um soldado alemão, e outro de um soldado francês. Desde esse dia o rapaz começou a colecionar artigos militares e a sua coleção acabou por conter 4.000 peças diferentes de material bélico, milhares de fotografias, e perto de 600 livros. Em certo momento tornou-se tão grande e volumosa que decidiu expô-la ao público em Atlantic City, onde mais de um milhão de pessoas pagaram para a visitar. Quando rebentou esta guerra, o Coronel Jarrett foi chamado ao serviço ativo e enviado para o Oitavo Exército Britânico com a missão exclusiva de continuar a sua coleção. O material que enviou para os Estados Unidos era suficiente para encher um grande armazem, e quando regressou foi nomeado chefe da Seção do Material Estrangeiro de Aberdeen. Tudo isso por causa de dois botões...

—Alfred H. Sinks, na *Popular Science*

leve em vez de poucas de material pesado. A idéia veio por intermédio dos russos, que a aproveitaram dos finlandeses. Os alemães tambem a utilizaram, mas demasiado tarde; se tivessem aplicado a idéia mais cedo, teriam podido salvar muitas vidas no inverno de 1941-42.

O material alemão é bom; a maior parte revela estudos demorados e trabalho meticuloso. Seu célebre *Volkswagen*, ou automovel de transporte coletivo, é um reptil musculoso comparado com o jipe americano, mas um e outro ainda são os líderes deste tipo de veículos.

Eis como se trava esta luta surda nos campos de batalha: em 1940, durante o *blitz*, a artilharia anti-aérea da defesa de costa inglesa lançou projeteis-foguetes contra os aviões alemães. Os nazistas copiaram a idéia e fabricaram a sua ruidosa «Mimi», um grupo de tubos, com o aspecto de chaminés, que lançam projeteis-foguetes de pólvora negra a uma distância de pelo menos 7.000 metros.

De outra vez os ingleses capturaram um carro de combate inimigo de novo tipo. Um oficial do serviço de informações apressou-se a transportar a presa para a retaguarda, perseguido constantemente por aviões alemães de bombardeio, que pretendiam destruí-la antes que seus segredos fossem devassados. Seu interesse em conseguir isso era tão grande que chegaram ao ponto de tentar meter a pique o navio em que tinha sido carregado o carro, no porto de Suez. O exame demonstrou que o novo carro de combate tinha um blindagem demasiado espessa para a artilharia, contra os carros com que a infantaria era normalmente dotada. O problema foi transmitido a Washington, onde alguem se recordou da «Mimi». Por que não fabricar um lança-foguetes tão leve que pudesse ser transportado por qualquer soldado de infantaria? Os projeteis-foguetes não dão coice e seu poder explosivo é terrivel. E assim

nasceu a bazuca, cuja produção se iniciou imediatamente. Uma semana depois da fábrica ter entregue o primeiro lote, chegavam as primeiras bazucas à África e alguns dias mais tarde à Rússia.

A destruição que fizeram foi tão grande que os alemães empregaram esforços especiais para obter uma amostra. Seis meses depois de o conseguirem, apresentaram nos campos de batalha uma bazuca mais poderosa, que ainda hoje utilizam contra os carros de combate aliados. Só tem um defeito: deixa um rasto de fogo que se escapa pela abertura posterior da arma, tão perigoso que a vida de quem o dispara depende de um macacão de amianto e de uma prece a Deus... Quando chegou a nossa vez de apanhar uma dessas bazucas aperfeiçoadas, não precisamos de muito tempo para lhe corrigir os defeitos.

Foram os alemães que começaram lançando projeteis-foguetes de bordo dos aviões. Os aliados apreenderam alguns, estudaram-nos, conceberam uma tática nova para os combater, e acabaram por montá-los nos seus aviões. A etapa seguinte consistiu em instalá-los nos aviões navais cujos ataques precedem as operações conjuntas. Mas, provavelmente, apesar destas inovações, nenhum dos combatentes esgotou ainda as possibilidades de uma idéia que se utilizou pela primeira vez contra os americanos durante a guerra de 1812.

Um incidente extraordinário, ocorrido há pouco tempo, veio dar realidade ao sonho de todos os oficias do Serviço de Informações. Um piloto nazista, farto da guerra, aterrou num campo de aviação aliado a bordo de um avião bi-motor JU-88, de bombardeio a grande altitude. Nossos aviadores, sem perda de tempo, levaram esse aparelho para Dayton, onde se converteu num objeto de estudo apaixonado. O primeiro resultado desse estudo foi a resposta à pergunta: Por que é que todos os JU-88 que capturamos parecem ter tido a cauda arrancada? A explicação foi simples: é que transportam, nesse ponto da fuselagem, uma carga explosiva que o piloto faz detonar para impedir que o inimigo se apodere de um avião intacto e o utilize em suas pesquisas. Descobriu-se igualmente, nesse mesmo avião, um encanamento especial que levava, até às asas, os gases quentes da combustão para fundir o gelo que aí se tivesse acumulado. E os americanos não hesitaram em aproveitar a idéia.

No aeródromo da fábrica Wright experimentam-se atualmente cerca de 20 aviões inimigos. Lá se encontram um Messerschmidt, que os caças aliados atacaram e forçaram a aterrar intacto, e um avião japonês, reconstituido com peças de cinco aviões. Logo que se apoderaram do primeiro avião nazista, os mecânicos do aeródromo descobriram que a desmontagem do motor levava menos 20 minutos do que em qualquer avião americano. Escusado será dizer que se adotou sem demora o sistema alemão de montagem do motor.

Ao contrário do que se pode supor, a qualidade dos aviões alemães não está decaindo; está melhorando, e o mesmo sucede com a dos japoneses. Só os visores nazistas de bombardeio é que não são mais exatos do que os visores americanos de segunda ordem. Mas se, apesar de todas as precauções, os nazistas conseguiram apoderar-se de um dos famosos visores *Norden* intacto, não parece que tenham sido até agora capazes de o reproduzir, nem provavelmente o serão durante muito tempo, dado que possue cerca de mil peças.

As armas leves dos japoneses são vantajosas para o combate em bosques, mas têm que ser substituidas por material

mais pesado para a luta em terreno descoberto. Isto, naturalmente, complica os problemas da produção e do treinamento das tropas. Os aliados conservam-se fiéis ao material pesado, com maior poder ofensivo, e ultimamente os japoneses têm-nos imitado, empregando um fuzil maior, embora mais lento e com menor alcance e precisão que o *Garand* dos americanos. Os paraquedistas alemães, que tão tenazmente defenderam Cassino, foram os primeiros a utilizar uma réplica nazista do *Garand*, mas a imitação é apenas sofrivel e a guerra terminará antes que possam produzí-la em quantidade.

O dispositivo que as tripulações dos aviões e navios lançam ao mar para transmitir o sinal automático S.O.S. é copiado de uma invenção alemã. A versão americana está atualmente salvando vidas aliadas em todos os pontos do oceano.

Em Coventry os alemães lançaram minas sobre a cidade, causando uma devastação sem precedentes. As cargas explosivas eram tremendas e possuíam uma espoleta instantânea para o impacto, evitando desse modo que os projeteis se enterrassem no solo, amortecendo as consequências da explosão. Alem disso eram lançados com paraquedas, afim de dar ao avião tempo suficiente para se afastar. Isto deu aos ingleses idéias para as atuais super-bombas da Real Força Aérea.

Em muitos casos o exame do equipamento inimigo revela fatos essenciais que ele desejaria ocultar. A análise do combustivel encontrado nos depósitos dos aviões nazistas permite averiguar quais as proporções de gasolina sintética e de gasolina extraida dos poços rumenos, e isto facilita a verificação dos resultados dos bombardeios aliados. As análises mais recentes demonstram que a situação dos alemães quanto a combustiveis é dificil.

A inspeção dos rolamentos tirados dos aviões e carros de combate alemães revela que quando os aliados destroem uma das suas fábricas, eles resolvem o problema aumentando a importação de mancais suecos, o que explica a pressão que os aliados têm exercido junto à Suécia para que ponha termo a tais exportações. A análise do aço apreendido aos nazistas indicou, em dada altura, que eles tinham falta de manganês e que o substituiam por cromo. Dessa descoberta nasceu a pressão dos aliados para que a Turquia suspendesse as vendas desse metal à Alemanha.

Os alemães principiaram por usar latão nos cartuchos das granadas; mais tarde adotaram aço com um banho de latão e, em seguida, aço de têmpera azul. Atualmente estão usando cartuchos de ferro sem liga. As espoletas alemãs são deficientes; os peritos aliados afirmam que cerca de 20% não detonam. Isto, segundo se julga, é o resultado da sabotagem posta em prática pelos operários em regime de trabalho forçado, e da ganância dos industriais alemães.

Certo dia os peritos encarregados de examinar os depósitos de gasolina retirados dos aviões alemães constataram com surpresa que eles tinham sido tornados estanques, não com borracha sintética, como até então sucedera, mas com borracha natural. Ao mesmo tempo o novo equipamento capturado aos japoneses revelava decidida influência alemã. Estariam os japoneses trocando borracha por idéias nazistas?

As esquadras inglesa e americana intensificaram suas pesquisas do oceano e o resultado não se fez esperar. Passado algum tempo descobriram que os navios alemães, sob bandeiras de diversas nacionalidades, estavam fazendo viagens entre Bordéus e o Oriente. Os navios saidos da

França transportavam aços especiais, máquinas-ferramentas, planos e amostras dos novos tipos de armas alemãs, motores de aviação, e veículos de transporte para os japoneses copiarem. Na viagem de regresso traziam para a Europa óleos vegetais, estanho e borracha. Da tripulação desses navios, destinados a romper o bloqueio, faziam parte artilheiros da marinha de guerra alemã. Os aliados meteram ao fundo 25 navios inimigos entre os quais, ultimamente, alguns submarinos, e ao mesmo tempo ficaram conhecendo outros pontos fracos dos adversários.

O inimigo tinha sobre os aliados um avanço de 20 anos no que se referia a engenhos de guerra. Até 1939 os americanos permitiram que toda a gente se apoderasse dos frutos da sua inteligência. Tanto os alemães como os japoneses adquiriam os segredos das invenções militares comprando por dez centavos, na Imprensa Nacional de Washington, os boletins da Repartição de Patentes! Os aviões de bombardeio de mergulho, os paraquedistas, as lagartas para os carros de combate, e os canhões moveis, tudo isso são idéias americanas de que os alemães se apoderaram. Só agora conseguiu-se recuperar o tempo perdido.

Os aliados ainda têm muitas armas secretas não usadas. A maioria está reservada para o momento psicológico, mas uma parte ficará armazenada por tempo indefinido. É que é constituida por armas tão terriveis, que as vantagens do seu emprego seriam anuladas pelas consequências que teria para os aliados a revolta da opinião mundial. Os técnicos aliados confiam, porem, em que tenham aprendido a lição: guardar os nossos segredos, vigiar o que se passa pelo mundo em matéria de armamentos, e unir intimamente à defesa nacional as investigações, a ciência e a indústria, pois ninguem sabe o que o futuro nos reserva.

O exemplo romântico

Confissões de um pai, que sabe que os atos paternos têm mais influência sobre os filhos do que os melhores conselhos

(Condensado do «Parents' Magazine»)

Por Mark Dunnett

UMA NOITE, estava eu tratando de pôr em ordem o orçamento financeiro da família, quando entrou na sala minha filha Nancy, sobraçando um molho de flores, colhidas durante o passeio que sempre, à noitinha, faz em companhia de Filipe.

Aproximando-se da minha mesa, disse: «A noite está linda!» E depois, sentando-se no braço da minha cadeira, fez uma observação que me surpreendeu e de que nunca me esquecí:

«Pai, eu tenho reparado que você e mamãe têm uma vida muito feliz, porque vocês se dão bem um com o outro e se divertem tanto!» E depois de curta

pausa: «Tomara que eu e Filipe sejamos assim tambem quando nos casarmos!»

Esse inesperado elogio, que Nancy fazia à nossa harmonia conjugal, fez-me lembrar um incidente de família: como eu e minha mulher havíamos comemorado o nosso último aniversário de casamento. Tínhamos primeiro planejado uma visita de avião a Nova York. Mas, provado que isso seria financeiramente impraticavel, ficamos sem plano nenhum para a data. Daí, pois, a surpresa de minha senhora, quando uma noite, depois do jantar, eu lhe revelei que iríamos passar o nosso aniversário nupcial num retiro, nas montanhas, não distante da nossa cidade. «Não, senhora!» observei, enquanto ela protestava. «Não há recusa que sirva; o luar vai estar magnífico, e não poderemos resistir ao efeito. Vamos, querida! Vamos acampar acima do mundo!»

Envolví-a num capote, e, apesar dos seus protestos, carreguei-a de casa para o carro, que estava à porta. Resultado: esse aniversário foi um dos melhores que passamos...

Aliás, nós sempre gostamos das demonstrações afetuosas, em família... Ao entrar em casa, de volta do trabalho, nunca deixo de cumprimentar minha esposa com sinceridade e afeto. E todas as noites, após o jantar, enquanto os meninos lavam os pratos e limpam a mesa, eu e minha mulher conversamos a sós na sala, de mãos dadas, ou ouvimos música, ou o que seja... E embora o caçula faça troça do romantismo dos «velhos», presta bastante atenção, e não se esquece...

Suscetivel, como a juventude é, aos efeitos românticos, por que não os tornar possiveis no próprio lar? Em lugar de colherem essas impressões através de fitas de cinema e de novelas baratas, é melhor que as recebam em casa, em manifestações de sincera emoção, como a prova de que um marido e mulher podem continuar em amor durante toda a vida.

Quando, sem motivo ou data especial, entro em casa com algum presente para minha esposa, Nancy costuma observar: —Depois de 20 anos de casado, não é comum um homem continuar a trazer flores e presentes para a mulher... Na realidade, o que Nancy sente, quando diz isso, é um pouco de inveja!

—Se você for boa esposa, depois de tantos anos o seu marido ainda te dará presentes! É o que eu comumente lhe respondo.

O amor e admiração sempre se manifestam por meio de elogios, presentes e palavras de afeto. Um polido «muito obrigado», ou o abrir a porta do carro a uma esposa, não são meros toques de etiqueta; demonstram, quase sempre, um pouco de romantismo. Naturalmente que tais sentimentos devem ser mútuos. Minha mulher, por exemplo, dá a entender que me acha inteligente—e sempre interessante...

Na azáfama da vida moderna, a gente se esquece às vezes da necessidade de manter a vida conjugal harmoniosa e feliz, a despeito dos anos. E em tal atmosfera os filhos crescem mais equilibrados, aprendendo a viver com mais prudência e bondade.

¶ Winston Churchill, quando se casou, tinha trinta e três anos de idade; e, 22 anos mais tarde, encerrou o seu livro *A Roving Commission* com esta risonha frase: «... até setembro de 1908, quando me casei, e vivi feliz para todo o sempre.»

—Philip Guedalla, *Mr. Churchill* (ed. Reynal & Hitchcock)

Instantâneos de

THOMAS DEWEY

(Condensado de «Tom Dewey»)

Por Stanley Walker

Estas notas íntimas de Thomas Dewey, são condensadas do livro prestes a publicar-se, TOM DEWEY, da autoria de Stanley Walker, jornalista bem conhecido de Nova York, e velho amigo do biografado. O livro será editado pela casa Whittlesey.

Quando Thomas E. Dewey era ainda um jovem advogado desconhecido, aconselharam-no que pedisse a George Medalie, jurisconsulto de grande reputação, que defendesse no tribunal a firma em que ele, Dewey, trabalhava. Medalie consentiu. Durante os julgamentos, Dewey sentava-se ao lado do advogado mais antigo, fornecendo-lhe dados, passando-lhe documentos, mostrando-se completamente senhor do caso em discussão.

No último dia do julgamento Medalie foi nomeado Procurador da República para a jurisdição do Sul de Nova York, a mais importante dos Estados. A princípio, pediu a Dewey que reunisse um grupo de advogados moços. Em seguida convidou-o para ocupar o cargo de Chefe do Departamento Criminal, que Dewey não aceitou. E mais tarde ofereceu-lhe o posto de Primeiro Assistente do Procurador; posto esse tão honroso, que seria de fato irrecusavel, pois consistia em dirigir, aos 29 anos, um contencioso de 60 advogados, quase todos mais velhos que ele. Foi o início da vida pública de Dewey.

Pedindo um dia a Medalie que definisse a caraterística mais importante de Dewey, respondeu ele: «Bom senso inato.»

A primeira vez que Dewey se apresentou como Procurador não causou grande impressão. Os juizes e advogados da oposição estavam inclinados a considerá-lo um moço inteligente, mas a quem faltava a audácia, o colorido e as qualidades tradicionais dos grandes causídicos.

Dentro em breve, porem, os juizes começaram a respeitá-lo. Quanto aos advogados da oposição, até o eloquente Lloyd Stryker acabou por concordar que naquele moço havia «alguma coisa». E essa «alguma coisa» era uma argumentação cerrada, baseada em fatos. Dewey nunca recorreu aos processos de fazer desperdiçar tempo ao juiz ou ao juri, nem se abandonou a empolados discursos. Costuma dizer que «não é necessário dar socos na mesa nem usar manhas de espertalhão; porque um fato produz melhor efeito».

Nem os seus próprios inimigos poderão negar os resultados obtidos: em 73 casos de acusação, conseguiu 72 condenações. Dewey tem metido na prisão mais «cavalheiros ilustres» do que nenhuma outra pessoa da nossa época ou do passado; haja vista Waxey Gordon, James J. Hines, Richard Whitney, Dixie Davis, «Lucky» Luciano, Fritz Kuhn e muitos outros.

Dewey confessa que grande parte do seu sucesso, quer como Procurador quer como Governador, é devido à cooperação dos seus ajudantes. E a sua resposta habitual, quando o felicitam pelo seu extraordinário êxito, é: «São os meus ajudantes que merecem o elogio.»

Depois de cada grande vitória—como a condenação de «Lucky» Luciano, ou James J. Hines,—redige uma nota dando os nomes dos seus ajudantes a quem se devia o bom resultado.

Como Governador, não tem sido outro o seu critério. Teve que dar solução a muitos problemas urgentíssimos, em tempo de guerra, em matéria de agricultura; acabou com uma situação deploravel nos hospícios estaduais; reorganizou a polícia do Estado, excelente grupo de homens cuja competência e cujos esforços estavam sendo prejudicados por certos indivíduos deshonestos e cronicamente preguiçosos; reduziu ao mínimo a burocracia no que se refere a salários de compensação para os trabalhadores; de maneira rápida e sem espalhafato, promulgou decretos tendentes a melhorar a administração de vários departamentos estaduais.

E em tudo isso atribuía, invariavelmente, o êxito aos seus auxiliares.

Dewey trabalha muito, mantendo sempre, no entanto, a mesa do escritório na mais perfeita ordem. Acredita ter escolhido para seus assistentes os melhores homens que teria sido possivel conseguir, e os elogia generosamente sempre que se lhe apresenta uma oportunidade. Esses homens são dotados de extraordinária energia, trabalhando, muitas vezes, dia e noite. Quase todos são velhos conhecidos de Dewey, e, salvo algumas exceções, têm mais ou menos a mesma idade que ele.

O seu forte é como organizador; para ele, administrar consiste em conseguir da habilidade dos outros homens a mais alta eficiência. E por isso procura sempre cercar-se de homens de grande habilidade.

Um velho calculador, que conhecia bem os caprichos de Nova York, comentava, numa noite do outono de 1937, as probabilidades que Thomas E. Dewey teria de ser eleito Promotor Público em Nova York: «É um moço simpático, mas não pode ser eleito. Eu conheço bem Nova York, e os seus habitantes, e eles não gostam de quem anda pondo todo o mundo na cadeia.» Mas os cálculos daquele profeta sairam errados. No distrito de Nova York estavam registados apenas 120.000 Republicanos contra 536.000 Democratas, e Dewey, propondo-se como Republicano, foi eleito por uma maioria de 109.000 votos.

Sem dar a impressão de ser expansivo e comunicativo, Dewey é generoso e cordial. Um dos seus assistentes disse-lhe uma vez, em Albany, que uma das dactilógrafas tinha faltado por doença durante mais de um mês: «Creio que a lei exige,» informava ele ao Governador, «que eu a risque da folha de pagamentos.» Dewey perguntou: «Essa moça tem algum outro rendimento?» E como o ajudante lhe respondesse: « Não, e está tuberculosa,» Dewey disse-lhe muito friamente: «O sr. não encontrará nada na lei que exija que se corte o salário da moça.»

A senhora Dewey não se deixa impressionar pelos excessos de entusiasmo dos partidários de seu marido. Está firmemente a seu lado, mas, para ela, ele é simplesmente Tom Dewey, um homem que ela conhece e em quem confia há muito tempo.

«É pena,» disse ela uma vez, «que quando se escolhe um homem para um alto cargo, tantas pessoas bem intencionadas ficam insistindo em que ele possue qualidades notaveis, quando a verdade é que ele, geralmente, é muito parecido com os outros.»

Uma tarde, encontrava-se a senhora Dewey conversando com uma pessoa amiga, no terraço do palácio do Governador do Estado, em Albany, quando esta, referindo-se a ele, empregou o termo, pouco feliz, de «super-homem». Nesse momento passou, correndo, «Canuto», o

enorme cão dinamarquês, que é o favorito da família. Ao mesmo tempo, saía por uma porta lateral o Governador, e, vendo «Canuto», seguiu-o. O enorme cão voltou-se de repente e fez cair o Governador. A senhora Dewey, dirigindo-se à pessoa com quem estava conversando, comentou apenas: «Olhe lá o seu super-homem.»

Dewey é religioso, sem sombra de beatice. Em 1917 entrou para a Igreja Protestante Episcopal de Owosso no Míchigan. É membro da junta da paróquia da Igreja Protestante de S. Pedro, em Albany, e toma parte ativa nas discussões e reuniões da junta. Faz parte tambem da Igreja de Cristo, em Quaker Hill, perto de Pawling, a pouca distância da sua fazenda. Algumas vezes, no verão, a senhora Dewey toca orgão nesta pequena igreja. Uma vez por ano a Escola Dominical promove um pique-nique na sua propriedade, e Dewey ajuda a assar as salsichas e a carne.

Tanto em Pawling como no Palácio do Governador, diz-se sempre a oração de graças antes de jantar, e os meninos, antes de se deitarem, rezam sempre as suas devoções, mesmo que para isso tenha que interromper-se alguma história de «detectives» no programa de rádio.

A esposa do Governador de Nova York tem 1 metro e 60 de altura, pesa 60 quilos e tem olhos castanhos. Compra os seus vestidos feitos, conserta-os ela mesma e usa-os durante muito tempo. Nasceu em Sherman, uma velha aldeia do nordeste do Texas, e aos onze anos foi com os pais para Sapulpa, Oklahoma. Conheceu o sr. Dewey quando ambos estudavam música em Chicago. Os Dewey têm dois filhos: Thomas Dewey Jr., de 11 anos, e John Martin Dewey, de 8 anos. Ambos estudam na Academia de Albany. Antes de irem para Albany, frequentavam a escola pública perto de Pawling, aonde a mãe os conduzia todas as manhãs no automovel. Durante as férias na propriedade de Pawling, têm tarefas separadas a cumprir, como o cultivo dos legumes, que vendem ao Governador...

A senhora Dewey recebe poucas pessoas em Albany, em parte devido à guerra, e tambem porque o casal, por natureza, não aprecia recepções vistosas. A esposa do governador não faz discursos, não arrisca opiniões políticas senão com os amigos mais íntimos, e recusa todas as ofertas para escrever artigos.

«Eu não creio que se deva tornar a vida mais complicada do que é necessário,» é a sua justificação.

O sr. Dewey conhece o valor do dinheiro. O pouco que tem custou-lhe muito trabalho. Lembra-se de ter ganho, numa fazenda, 20 dólares por mês e o passadio, trabalhando no campo durante um verão; ao sair da escola secundária tinha amealhado uns 1.200 dólares trabalhando na tipografia do pai e representando o *Saturday Evening Post;* e, numas férias de verão passadas na Inglaterra, ele e um amigo, Ward Jenks, compraram um Ford por 130 dólares para viajarem «em estilo».

Como advogado principalmente em Nova York, o que ganhava mal lhe chegava para viver. Mais tarde, e apenas por um breve período, ganhou 30.000 dólares por ano. Quando deixou o lugar de Promotor Público, poderia ter feito pelo menos 100.000 dólares por ano, dedicando-se exclusivamente à advocacia.

Devido a sua experiência em assuntos orçamentários, inclusive a do seu próprio orçamento doméstico, pois ele já teve que

viver, casado, num apartamento de dois únicos cômodos, sem elevador, gosta de calcular o custo das coisas, e os lucros, se os há, em qualquer empresa, seja ela particular ou do governo. É capaz de descobrir facilmente quem vive acima das suas posses, e tirar daí as necessárias conclusões.

Tom Dewey tem pouco mais de 1 metro e 70 de altura, quase exatamente a da média dos homens do exército americano. Pesa 70 quilos, é muito resistente, e graças ao exercício moderado, conserva-se em perfeitas condições físicas. Todos quantos o conhecem afirmam nunca o ter visto cansado.

A berlinda dos sargentos

¶ O SOLDADO agarrou um doce, fez uma cuidadosa pontaria e arremessou-o certeiramente à cara do sargento... E toda gente—recrutas e oficiais—riu às bandeiras despregadas. O próprio sargento teve um sorriso amarelo—sob a camada amarela de limão que lhe cobria toda a cara. Essa cena fez parte de um novo divertimento, chamado «GI Wish»—(o desejo do recruta), que é apresentado semanalmente nos acampamentos pelo músico Kay Kyser, como forma preliminar de seus programas de rádio. Esse extraordinário divertimento consiste em um concurso musical, somente para soldados rasos, cujos vencedores têm o direito, como prêmio, a realizar os seus mais recônditos desejos. Os sargentos, sob cujo comando se achem os vencedores, são sempre solicitados a tomar parte na farsa, e, apesar de saber da sorte que os aguarda, honra seja feita, não houve um só caso em que eles se recusassem.

Um recruta pediu que o sargento se sentasse em frente a um ventilador. O pedido pareceu inofensivo, até mesmo sinal de solicitude, pois fazia bastante calor. Então o recruta pediu uma dúzia de ovos—e logo aumentou o interesse geral. Um por um, o soldado lançou os ovos ao ventilador, de onde o sargento recebeu, em plena cara, uma «ovação» em grande estilo. Outro recruta, com o corpo ainda moido pelos exercícios feitos no mesmo dia, no campo de treinamento, tirou a maior desforra da sua vida: pôs o pobre sargento em seu lugar e, com as posições trocadas, berrou-lhe as mesmas ordens de comando que o haviam posto exhausto.

Num forte da Califórnia, o barbeiro da tropa foi a vítima: um soldado vingativo pegou-lhe as tesouras e raspou-lhe toda a cabeça!... Tomar o café na cama, como os granfinos ricos, e servido pelo seu sargento instrutor—foi outro desejo realizado por um recruta, vencedor do concurso musical do programa de Kay Kyser. Alguns soldados, entretanto, se limitam a pregar peças aos seus terriveis sargentos. Um deles, por exemplo, pediu que Georgia Carroll, uma das cantoras da orquestra de Kay Kyser, entoasse uma canção de amor ao sargento; e, enquanto este estava distraido, ouvindo a artista, o recruta foi, muito sorrateiramente, por detrás dele, e deixou-lhe um fósforo a arder, preso à sola do sapato...

—Harold Mendelsohn, no *Collier's*

Pescando em águas azues

(Condensado do «Esquire»)

Por Ernest Hemingway

NESTE MUNDO já tão explorado, são o Gulf Stream e outras grandes correntes oceânicas os únicos lugares ainda incultos e em grande parte virgens. Nunca se pescou no Gulf Stream, a não ser numa faixa estreitíssima junto às margens e assim mesmo apenas numa dúzia de pontos perdidos na imensidão daquela correnteza; é por isso que ninguem sabe quais os peixes que lá vivem, que tamanho e que idade alcançam, e a que profundidade têm o seu habitat. Quem sai para pescar e vai navegando até perder de vista a terra, e atira quatro linhas à água, à profundidade de 120, 160, 200 ou 300 metros, em águas de quilômetro e meio de fundo, não tem meios de saber qual será o peixe que morderá a isca; e todas as vezes que a linha começa a correr no carretel, devagar a princípio e depois rapidamente, dobrando o caniço, a emoção que se sente é forte, e nem precisa de perigo para dar-lhe maior aspecto de realidade. Pode ser que surja um peixe-espada, num belo salto que se repete em vários pulos, salpicando água como se fosse uma lancha de corrida. Talvez venha algum peixe que siga reto à frente, liso e veloz como um submarino, aparecendo à tona daí a cinco horas, e devolvendo ao pescador um anzol já sem curva e sem gancho... Provavelmente haverá tambem peixes-espada de tais proporções, que reduzem a meros peixinhos aqueles que conseguimos trazer para bordo.

Uma vez o nosso piloto cubano, Carlos, fisgou um peixe-espada branco. Depois de dois formidaveis pulos, o peixe afundou e nesse momento Carlos sentiu de repente tal peso, que não pôde continuar segurando a linha, que era puxada irresistivelmente até a profundidade de 300 metros. Carlos me disse que teve a impressão de estar preso ao próprio fundo do mar. Súbito, afrouxou-se a tensão, embora ele ainda sentisse o peso do peixe; puxou a linha e eis que surge o belo espada branco, já morto. Sucedera evidentemente que algum peixe enorme, sem dentes, apertara entre as mandíbulas o corpo da nossa vítima, bicho de seus cincoenta quilos, esmagando-lhe as entranhas, para deixá-lo, finalmente, subir às nossas mãos. Que imenso peixe não teria sido esse?

De outra feita sucedeu que um velho pescador, sozinho na sua canoa, perto de Cabanas, conseguiu fisgar um espada tão forte que o peixe puxou a embarcação até o mar alto. Daí a dois dias, outros pescadores foram encontrar o velho, a 60 milhas para leste, com a metade do peixe presa ao bordo da canoa. Só aquele pedaço de peixe, que restava, tinha um peso superior a 300 quilos. O velho permanecera alí com a sua presa um dia, uma noite, outro dia e outra noite, sempre puxado pelo enorme espada, que nadava fundo. Quando veio à tona, o velho, aproximando a canoa, lançou-lhe o arpão e o segurou à borda da sua pequena embarcação. Mas não tardou que surgissem os tubarões ávidos pela carne fresca da-

quele belo companheiro submarino, já agora reduzido à impotência. E o velho teve que lutar sozinho contra a fúria dos tubarões, batendo-lhes com remos, ferindo-os a faca, até cair exhausto; os tubarões só se afastaram depois de se terem fartado de carne de peixe... O velho chorava quando os pescadores o encontraram; chorava a triste perda que sofrera.

Qual é o encanto dessas pescarias de bordo duma lancha? É tão excitante e tão belo, que se torna dificil descrevê-lo: os peixes são criaturas estranhas e bravas, selvagens, cuja velocidade e cuja força e beleza são realmente inacreditaveis, dentro da água, e pulando; quando embocam a isca, o pescador se sente repentinamente preso a eles, percebendo-lhes a agilidade e a força, a força selvagem, e é como se a gente estivesse nas costas dum cavalo bravo. Uma hora, duas, cinco horas—e o pescador está tão preso ao peixe, como este ao pescador; é preciso domá-lo como a um potro bravo, e trazê-lo afinal até o barco. É a vaidade, e o bom preço que se consegue em Havana, que nos leva a embarcar o peixe e levá-lo finalmente à terra; mas o melhor não é isso—o melhor é mesmo a pescaria.

Se o anzol se engancha na parte óssea da boca do peixe, tenho a impressão de que não o machuca. Muitas vezes, os peixes maiores nem sentem o anzol, e nadam em direção à embarcação, em busca de nova isca. Outras vezes, vão nadando até mais fundo, inconcientes de estarem presos, e só quando afundam mais e começam a sentir a pressão e os puxões da linha, é que percebem a gravidade da sua situação e começam a lutar...

Da roda do leme, a gente vê primeiro os peixes menores, tentando comer a isca tentadora; e de repente, por trás deles, surge uma sombra escura e comprida, depois uma espada rompe a superfície da água e é seguida de um olho, uma cabeça e as costas lisas; a isca sobe com a onda do mar, e o peixe não consegue mordê-la.

—Espada! Grita Carlos, e pega rapidamente o leme, enquanto a gente corre para o caniço preso à forquilha, e vem de novo aquela sombra, rápida como a sombra dum avião sobrevoando o mar, e rompem pela flor da água a espada, a cabeça, as barbatanas, e a linha corta velozmente a água; e, segurando o caniço, a gente percebe que ele dobra, e a parte mais grossa dá-nos como que um pontapé na barriga...

Depois é o caniço grosso que, num largo arco, aponta na direção do peixe, e este surge todo fora da água, nítido e longo, prateado à luz do sol, redondo como um barril, e listado, e, quando mergulha de novo, atira para o ar um repuxo que nem explosão de granada.

Em seguida, pulando como um galgo, ele tenta escapar para o noroeste; de pé, a gente tem que seguí-lo, com a linha esticada feito corda de violão bem afinado.

E Carlos está gritando: —Olha o pão de meus filhos! Nossa Senhora, Mãe de Deus, olha o pão de meus filhos como pula! Será que eu vou perder o pão de meus filhos?

Esse peixe-espada, em linha reta para noroeste, deu 53 saltos, e cada vez que ele surgia no ar, era de se lhe tirar o chapéu. Que beleza! De repente chegou o momento de puxá-lo, e eu disse ao Carlos: —Vamos puxar o pão de seus filhos. Qual será o peso dele?

Fiz a pergunta com a boca seca, o caniço mero prolongamento do meu braço, o suor salgado me tapando os olhos.

—Duzentos e cincoenta quilos, responde ele.

—Deixa disso, rapaz! Que duzentos e cincoenta, que nada! comenta Júlio.

—Você sempre duvidando! replica Carlos. —Quando o peixe é de outro, você sempre acha que ele está pesando menos.

—Bem, então duzentos, concede Júlio.—Mais do que isso, nunca.

E quando a gente está quase com o peixe a bordo, ele consegue escorregar e zás—sente-se a linha afrouxar.

—Escapou, observei.

—O pão de seus filhos, brinca Júlio com Carlos.

—É, caçoa mesmo! Carlos responde. —Pode caçoar. Mas duzentos quilos a 20 centavos o quilo... Você sabe quantos dias é preciso trabalhar no inverno pra um pobre homem poder ganhar tanto dinheiro?

Mas tudo isso é adoravel. O prazer de estar no mar, o prazer de encontrar de repente a presença selvagem e desconhecida dum peixe grande; e a satisfação de conquistar essa criatura que domina o mar em que vive.

E depois, na manhã seguinte ao dia em que se pega um bom peixe, o carregador que o levou ao mercado vem a bordo trazendo o dinheiro embrulhado em jornal, e é um dinheiro que satisfaz... É dinheiro de verdade.

—Olhe aí: o pão de seus filhos, digo ao Carlos.

«Duplo» aperto...

Um homem de negócios de Nova York, sujeito ativo e apressado, estava em Washington, já de partida para a sua cidade, mas perdeu o trem e entrou então num bar da estação para beber qualquer coisa, afim de «afogar as máguas», e esquecer o aborrecimento de ter que esperar novo trem. Entrando, pediu à garçonete que lhe desse um whisky duplo com soda. A moça, meio espantada, observou-lhe que não havia «whisky duplo» no menú.

—Não faz mal. Me traga um assim mesmo, pediu o freguês.

—Mas não tem no menú!

Então o freguês mostrou-lhe pacientemente que havia, no menú, whisky com soda. E o que ele queria era um whisky com soda *duplo*. Só isso. Chegou ao extremo de ensinar a moça a medir a dose justa da bebida em cada copo.

—Ah, mas isso eu não posso fazer, não senhor, disse ela. —Não está no menú.

—Escute aquí, insistiu ele. —Eu tenho um amigo, entendeu? A senhora traga um whisky pra ele. Está compreendendo?

Satisfeita, a moça se retirou e dalí a pouco voltou com a bebida, colocando um whisky em frente ao nosso amigo e outro ao lado. Ele então pegou o whisky do «amigo», derramou-o no seu próprio copo e encostou-se na cadeira com ar de triunfo, dizendo: —Está vendo agora?

A garçonete contemplou a cena com certo espanto durante um momento e depois perguntou: —Mas o seu amigo não vai ficar aborrecido?

Cincoenta anos apenas são passados e continuamos surdos ao tremendo aviso de Hinckley contra os incêndios das florestas

SITIADOS PELAS CHAMAS

(Condensado de «Burning an Empire»)

Por Stewart H. Holbrook

No dia 1.º de setembro de 1894, a madrugada estava custando a raiar nos bosques de leste do Minesota. O apito da grande serraria de Hinckley, a capital da região, anunciou sete horas, porem nada mais indicava que o dia havia começado. Uma espessa camada de fumaça azul-cinza pairava no ar fino e seco, tapando o sol.

Os 1.200 habitantes de Hinckley não se alarmaram. Para eles, não passava de outro dia fumarento. Durante um período de dois meses extraordinariamente áridos—julho e agosto—a combustão sem chama havia consumido milhares de tocos de pinheiros que tinham sido cortados nos arredores da cidade. Naquela manhã, como de costume, a rotina das dez horas diárias começou nas serrarias.

À medida, porem, que as horas passavam, a fumaça calava cada vez mais fundo, até que alguns residentes começaram a sentir-se incomodados. Quando o escritório da serraria marcou meio-dia, o guarda-livros estava com a luz acesa para poder enxergar os números. Caía do ar uma cinza que secava a tinta nó papel.

Fora da cidade, nas fazendas, o fogo alastrou-se até as plantações de nabos, e entrou a correr ao longo das cercas. O proprietário Gustavo Wenz não gostou do aspecto da coisa. Pôs a família na sua camionete e seguiu para Hinckley. Os tocos abrasados que viu ao longo do caminho fizeram-no voltar para conduzir à cidade uma família vizinha.

Pouco depois de uma hora, um vento forte começou a soprar do sudoeste. Os bombeiros voluntários de Hinckley foram mandados para os limites da cidade, onde uma dúzia de incêndios já estavam penetrando. Os homens logo se convenceram de que nem água nem terra adiantavam coisa alguma. E agora o vento trazia pedaços de carvão em brasa que se queimavam ao cair naquelas ruas, cobertas de serragem mais do que de terra. Uma nuvem grande e negra como a noite apareceu no horizonte para o sul, e ouviu-se um estrondo distante como de uma enorme cachoeira.

O Padre Lawler, sacerdote católico que estivera trabalhando com os bombeiros, atravessou correndo a rua principal, a gritar: «Corram para o depósito de pedregulho! Corram para o rio! Salvem-se! Salvem suas vidas!»

E então foi como se o inferno, vindo nas costas do furacão, tivesse despencado em Hinckley, a rugir.

Não houve tempo de salvar nada. As mães agarraram os filhos e fugiram. A rua principal transformou-se de repente em duas filas de casas em chamas. Muita gente precipitou-se para a Estação da Estrada de Ferro Oriental de Minesota, onde se engataram às pressas três vagões de carga, cinco carros de passageiros e

duas locomotivas. Os sinos tocavam para apressar os fugitivos. Afinal a própria estação começou a arder, mas continuaram a chegar homens, mulheres e crianças, aos gritos, correndo para o trem.

Já agora a pintura dos carros tinha começado a se despregar, formando borbulhas. Ao pensar na ponte de madeira sobre o rio que tinham de atravessar para sair da cidade, os dois maquinistas tocaram o apito, abriram as válvulas e puseram o trem a toda velocidade. No momento da partida, uma rajada de vento e fogo varreu a estrada, e eles viram homens e mulheres, cavalos e vacas cambaleando na rua, para depois cair de uma vez. As casas «parecia que se derretiam».

Agora o trem corria na escuridão de breu da fumaça. A locomotiva principal fazia marcha à ré. Como não houvesse luz na retaguarda do tender, dois guarda-freios banharam-se em água e dependuraram-se nele, um de cada lado, com lanternas nas mãos. Assim que atravessaram a ponte do rio Grindstone, ouviram gritos e berros na fumaça. Diminuiram a marcha, e umas quarenta pessoas embarcaram. Este acréscimo levou o total de passageiros a quase 500. Quando o trem se aproximou do rio Kettle, uns vinte quilômetros ao norte de Hinckley, a ponte já estava ardendo. Os guarda-freios desceram para fazer um reconhecimento, e encontraram o corpo do guarda da ponte ao lado dos trilhos, carbonizado. A ponte estava em chamas quase que em todo o comprimento, mas eles acharam que ela aguentaria. Devagar, com todo o cuidado, o trem atravessou o rio numa ponte em chamas, enquanto dentro dos carros as mulheres gritavam ao ver as línguas de fogo entrando pelas janelas espatifadas. Dois minutos depois que o trem alcançou a outra margem e chegou a salvamento, a ponte ruiu.

Na cidade de Hinckley, a morte andava à caça dos cidadãos restantes. Cento e vinte e sete deles refugiaram-se num lugar pantanoso ao longo da Estrada de Ferro Oriental de Minesota, e foram reduzidos a carvão negro ou a cinza, desde o primeiro até o último. Um dos habitantes, de nome Allen Fraser, não estava muito longe e viu-os perecer. «Quando a onda de fogo bateu no brejo,» contou ele, «só se ouviu um grito lancinante de agonia, depois tudo ficou quieto, menos o uivar do vento.»

Fraser, a mulher e dois filhos, escaparam milagrosamente. Quando fugiam pela estrada, deram com uma parelha de animais atrelados a um carro, e sem guia, no meio da fumaça. A família subiu ao carro e encontrou quatro barrís quase completamente cheios de água. Dentro desses barrís, os quatro sobreviveram através daquele inferno.

O único lugar seguro de Hinckley naquele dia era o depósito natural de pedregulho, terreno lamacento, que salvou mais de cem pessoas e muitos animais, pois grande número de cavalos, vacas, cães e gatos, guiados pelo instinto, foram ter ao único lugar onde se podia salvar a vida.

Os que não partiram no trem, nem se refugiaram no depósito natural de pedregulho, tiveram uma sorte trágica. Uns 200 correram para o norte, acompanhando os trilhos de outra via férrea. Os dormentes fumegavam e rebentavam em chamas debaixo dos seus pés, e a intervalos de alguns metros línguas de fogo levantavam-se para agarrar primeiro um, depois dois, depois uma dúzia, até que 33 cairam e morreram. Os sobreviventes, continuando para o norte, logo sentiram que o leito da estrada vibrava, e finalmente viram uma luz avançando na escuridão. Era o expresso: mas não estava

destinado a chegar ao seu destino. O maquinista Root viu aquele bando de fugitivos a correr para ele e, por trás, uma nuvem de fumaça que tapava tudo. Parou o trem e crianças de faces brancas, mulheres de cabelos chamuscados e homens sem sobrancelhas subiram ao carro.

A água mais próxima era um brejo chamado lago Skunk, a 10 quilômetros para trás. Root virou a alavanca e abriu as válvulas. Naquele instante a floresta em redor deles ergueu-se em chamas numa tremenda explosão que espatifou a vidraça da cabine. Estilhaços de vidro cortaram profundamente o pescoço e a fronte de Root, o qual teve de passar o tempo todo enxugando a testa para não lhe cair sangue nos olhos. O fogo corria ao lado e na frente do trem. Os dormentes estavam em chamas, como tambem partes dos carros. A pintura escorria pelas paredes por dentro dos vagões. Tinham acendido as lâmpadas, mas agora estavam quebradas ou queimadas. As explosões tinham rebentado quase todas as janelas do trem, e os passageiros estavam tomados de pânico.

Na cabine do maquinista, o calor era desses que muito poucos homens conseguem aguentar. Pequenas chamas corriam pelo madeiramento da mesma, como se estivessem experimentando a sua resistência antes de queimá-la de uma vez. A solda que prendia a lâmpada ao forro da cabine derreteu, e as chaves de madeira dos tubos que ligavam o vapor, tambem começaram a arder. Root desmaiou várias vezes, mas o foguista reanimou-o atirando-lhe água, e ele se manteve firme no posto.

O próprio carvão do tender ardia como se fosse uma grelha quando o trem chegou ao lago Skunk. Root desligou o vapor. O trem inteiro incendiou-se no momento em que parou. O foguista, agarrando um balde, jogou água nos degraus em chamas dos carros e nas plataformas, para que os passageiros pudessem descer. Eles pularam dentro da água rasa e suja, coberta de espuma, e sentaram-se com limo até as axilas. Quando as rajadas de chamas passavam por cima do tanque, eles cobriam a cabeça com roupa molhada. Sobreviveram o maquinista e umas 300 pessoas que se refugiaram no lago.

Quando o fogo passou, grande parte da região estava em cinzas. Cidades, lenharias e casas tinham sido destruidas. Encontravam-se mortos por toda aquela terra fumegante, uns 30 quilômetros ao norte e ao sul de Hinckley. A lista oficial das vítimas chegou a 418, inclusive muitos que nunca foram identificados.

Ninguem teve culpa do incêndio. Em 1894 não ocorria a ninguem dar atenção a pequenos incêndios nos bosques, e não havia autoridade alguma especialmente encarregada de cuidar disso. O desastre de Hinckley dramatizou o terrivel perigo desses pequenos incêndios, e no ano seguinte o estado de Minesota promulgou sua primeira lei florestal. Desde então, impelidos por outros desastres, os Estados Unidos começaram a se preocupar cada vez mais com a prevenção e supressão do perigo permanente que representam os incêndios nas florestas.

¶ Cartaz posto à entrada de um pequeno restaurante, de aspecto sujo e duvidoso: «Entre assim mesmo!»

A FRANÇA SEM LEI

Por Kathleen Cannell

Desde o colapso da França, a vida civil no país tem sido ininterruptamente desorganizada, com um afrouxamento da fibra social que se torna ameaçador. Nunca houve tantas leis; nunca houve, porem, tão pouca lei. Tendo lá vivido quatro anos sob a ocupação nazista, seguí de perto o fenômeno.

O dia em que a polícia de París, sem ter porque corar das suas lágrimas, abateu as suas armas, na Prefeitura Municipal, aos pés do conquistador germânico, marcou o fim da segurança civil em terras de França. Quando se retira a armadura em que repousa, com a lei, a aceitação de sua autoridade, tudo pode acontecer. Em París, ladrões de roupa, valendo-se do blacaute, entraram a funcionar impunemente. As mulheres, já se vê, eram as suas vítimas preferidas. Atacavam-nas, de pistola ou revolver em punho, tirando-lhes o vestido, as peles, os sapatos, o chapéu, e até as meias, se houvesse. Uma minha conhecida viu-se assim despida em plena rua—Avenida Foch—numa noite de janeiro. A outra minha amiga, que regressava do campo, onde tinha ido em busca de provisões, tomaram, na Avenida da Ópera, a valise, repleta de alimentos e outras aquisições preciosas, e toda a roupa do corpo, exceto a combinação. Tal aconteceu numa hora em que, antes da guerra, estaria aquela avenida a transbordar de povo, e brilhantemente iluminada. Entretanto, a minha amiga, até chegar à casa de pessoa das suas relações naquelas vizinhanças, e que lhe emprestou um capote, não encontrou, no caminho, um único transeunte.

Protegidos pela escuridão, pequenos gangsteres, de 9 a 16 anos, arrebatam bolsas de senhoras. Outros fingem de carregadores em torno das estações de estradas de ferro, e de trens subterrâneos. Oferecem-se a mulheres que viajam para carregar-lhes a bagagem, e desaparecem com esta. Um deles furtou dois volumes a uma viuva, tambem minha conhecida, que ficou assim despojada de tudo o que tinha em roupas, e dos títulos que representavam economias de uma vida inteira do seu finado marido.

Uma das causas de delinquência infantil tem sido a ausência da disciplina paterna. Os pais jovens estavam, quase todos, na Alemanha, ou ocultos, e as mães mal podiam fazer face às grandes dificuldades da manutenção da família. Por outro lado, muitos daqueles meninos tomaram parte na Fuga de 1940. Viram todo um povo em debandada, varridas inteiramente as regras de boa conduta, ou as conveniências usuais, pelo pânico e pela confusão dele provinda. O medo, o saque, as metralhadoras, em suma as impressões e os episódios daquela indescritivel odisséia, e posteriormente a fome, tudo contribuiu para torná-los inconcientes da lei, e precoces no mau sentido.

A miséria dos velo-taxis floresceu em París quase dois anos, até que os respectivos condutores, homens robustos, fos-

Kathleen Cannell visitou pela primeira vez a França em 1910, afim de completar, na Sorbona, a sua instrução. Terminada a primeira guerra mundial, regressou àquele país, como correspondente de assuntos de modas para o *Times* de Nova York e a revista *New Yorker*. Estando lá quando se deu a ocupação, os alemães a deixaram solta sob palavra, embora constantemente vigiada, tendo sido presa duas vezes pela Polícia Militar dos nazistas. Embarcou no *Gripsholm* a 27 de fevereiro de 1944, após 25 anos de residência em París.

sem conscritos para trabalhar nas fábricas de munições da Alemanha. Os velo-taxis eram pequenos veículos puxados por bicicletas para dois. Quem fosse encontrado à noite alem da hora de recolher, só não seria preso se estivesse num de tais carros. Conduzida, porem, a vítima, pelos condutores de taxi, a algum ponto deserto, aí estes a intimavam a pagar algum preço ultrajante para ser levada a seu destino; e a alternativa era a de ser entregue às patrulhas alemãs, que cumpria evitar a todo o transe.

A denúncia de alguem ao inimigo é de prática corrente em todos os territórios de ocupação nazista. Em troca de «informação que possa conduzir à captura de um conspirador», acena a Gestapo com sedutoras promessas para gente que vive sofrendo: a libertação do marido ou filho, prisioneiro; dinheiro para comida, se os filhos estão com fome.

Os alemães, na França, recebem diariamente milhares de cartas denunciatórias. É facil de imaginar os abusos a que isso se presta. Verificou-se, por toda a França, o fato de pequenos esquifes de celulóide serem remetidos a pessoas, suspeitas de colaboracionismo, como advertência de estar próximo o dia do ajuste de contas. Tratava-se, entretanto, realmente, de vinganças pessoais. Quem não gostava de alguem, procurava, de todo jeito, marcá-lo com o ferrete de colaboracionista.

Há, é claro, uma relação entre todos estes fatos e o que Churchill denomina «doenças da derrota». O frio, a fome, a sujidade, não se fazem sentir impunemente. As pulgas que eu trazia para casa, cada vez que tomava o trem subterrâneo, eram do tamanho de grãos de arroz. Quando a vida se reduz a uma luta primitiva para sobreviver, a criatura humana tende a cair abaixo do nivel dos animais selvagens.

Muitos fatores concorreram para a deterioração da fibra moral do cidadão médio. O primeiro é a *injustiça*. Tanta gente é presa por nada, nos paises que vivem sob o jugo da ocupação nazista! Transeuntes inocentes, colhidos num ataque a alemães, ou pessoas a comer inocentemente os seus legumes, em restaurantes onde os fiscais encontram outros fregueses com bifes escondidos sob a alface, são metidos na cadeia, onde podem ficar longos meses, sem que deles tenham as famílias a mínima notícia, correndo inclusive o risco de ser sumariamente fuzilados, no carater de refens. Os que conseguem escapar, levam consigo a noção de que poderão matá-los, tanto por ser lobo, como por ser cordeiro.

Em París sob os alemães, a gente acaba por habituar-se com os quadros mais estranhos: poderá tropeçar num cadaver, estendido, à noite, numa sarjeta, ou ver, de uma ponte sobre o Sena, o corpo de um alemão, no seu uniforme cinzento, flutuando rio abaixo. É passar, e nada dizer; quanto menos se sabe, melhor.

O dono da charutaria da minha rua foi morto, a bala, certa manhã, quando levantava as portas de ferro da sua pequena casa de negócio. Ninguem soube jamais porque, nem quem tenha sido o matador. O marido de uma velha empregada da nossa família caiu vítima de metralhadora no momento em que deixava a modesta casa de campo onde buscara o repouso de uma velhice tranquila. Com ele, no mesmo dia, dois outros homens foram «executados», na sossegada aldeia ribeirinha. Como, na sua humildade, se fez alvo do ódio terrorista, dificil será sequer imaginá-lo.

Uma noite, pelo meado do verão, acabávamos de jantar, eu e uma amiga, quando vimos por entre o escuro, perto do restaurante, um vulto estendido na

rua, e, debruçada sobre ele, de joelhos, uma figura de mulher. Ajudamos a trazer o homem para o restaurante, e procuramos enxugar as lágrimas da pobre senhora. Em seguida, caminhei até a minha casa, distante oito quarteirões, sem encontrar viv'alma. A lua se tinha erguido, emprestando uma beleza teatral, de negro e prata, aos castanheiros em fila. Aquilo era París—a mais empolgante das cidades, reduzida agora à letargia de uma caserna para acampamento de inimigos!

Tudo conspirava no sentido do relaxamento dos princípios que negam a boa conduta. Havia de fato que sacrificar a lei em benefício da vida, até pela simples razão de que seria impossivel viver, sem receber do interior, por contrabando, gêneros alimentícios, e comprar, pelo menos algumas coisas, no mercado negro. Em outros tempos, honestos burgueses e homens do trabalho, que deviam ser a espinha dorsal da nação, educavam os filhos como modernos Oliver Twists. Qual a espécie de cidadãos que resultará de menores que entram agora na vida por pequenos furtos, e pela evasão da lei?

Durante o tempo em que permanecí em París, não havia segurança absolutamente nenhuma. Cada vez que soava a campainha da porta, sobretudo depois do escurecer, ficava-se assustado. Podia ser a Gestapo, que vinha prender alguem, alegando que o seu nome ou retrato havia sido encontrado na casa de um suspeito partidário do General de Gaulle; ou então provocadores, apresentando-se como agentes de vendas do mercado negro, ou inspetores de couro, para verificar o número de sapatos que existiam na casa, tudo como pretexto para entrar, e roubar o que encontravam, em alimentos, sabão, ou roupa, tão penosamente adquiridos.

Inúmeras requisições falsas surgiam diariamente, feitas por bandidos que envergavam uniformes da polícia, francesa ou alemã. Blasonavam, exibiam distintivos, e mesmo carteiras de identidade habilmente forjadas, e faziam então o «confisco» de jóias, ouro, títulos, ou outros valores. Alguns visitavam as casas de pessoas suspeitas de ligações com os movimentos de resistência; se encontravam quaisquer provas nesse sentido, as apreendiam para o fim de explorar, à grande, a vítima.

O «falso paraquedista» foi outro capítulo de crime, sobretudo no interior. Homens batiam à porta de uma casa, dizendo serem paraquedistas, belgas, poloneses, ou holandeses, que tinham estado escondidos «debaixo d'água». A expressão «debaixo d'água» era procedente da Holanda, onde os canais lhe davam cabimento. Pediam dinheiro para ir à Inglaterra, ou viajar para qualquer outro centro onde se propunham a fazer propaganda secreta para os Aliados. Quem os socorresse de qualquer modo, estaria provavelmente, dentro de uma hora, nas mãos dos nazistas.

Os libertadores da França devem considerar, quando for tempo, que o país tem vivido anos a fio sob um eclipse espiritual em que não é possivel distinguir o amigo do inimigo. Espiões alemães, usando uniformes americanos, ou ingleses, e falando perfeitamente a língua inglesa, têm descido, em paraquedas, de bombardeiros dos Estados Unidos, capturados e restaurados. Têm chegado a ferir-se a si mesmos, para despertar a piedade de camponeses, que são presos e executados, se lhes dão acolhimento. Tais espiões lograram já ingressar nas organizações patrióticas mais cuidadosamente organizadas, e expedir ordens falsas, endossadas por senhas verdadeiras, falando, pelos rádios clandestinos, em vozes familiares aos respectivos ouvintes. Amigos,

por outro lado, têm aparecido muitas vezes com a indumentária do inimigo. Como, pois, estranhar que as massas passem a não confiar em ninguem?

Conquanto seja devida toda honra aos verdadeiros heróis do movimento subterrâneo francês, cuja história de sacrifícios, privações, e inumeraveis feitos de coragem nunca será devidamente exaltada, é preciso não esquecer que muitas regiões da França estão infestadas de bandos, menos idealistas, que vivem a terrorizar os camponeses. Assassinos e anarquistas estrangeiros praticam os maiores atentados à propriedade e à vida. Pouco tempo antes da minha partida de París, 26 terroristas confessaram-se responsaveis por 229 ataques armados a civís. Dos 26, apenas 7 eram franceses. Semelhantes criminosos só têm de comum, é claro, com a legítima organização de patriotas, o fato de viverem pelo mato.

Entre os convivas que eram esperados num jantar a que estive presente em París, às vésperas da minha vinda para os Estados Unidos, figurava uma senhora que devia ter chegado do campo, num trem da tarde. Soou, porem, e passou, a hora marcada, sem que ela aparecesse. Afinal, chamou-nos pelo telefone, de longe, e em estado de desespero. Haviam-lhe incendiado a granja. Casa, celeiros, animais, colheitas, tudo tinha sido destruido.

Esta senhora era uma francesa patriota. Seu marido achava-se, como refem, em poder dos alemães. Procurando manter em atividade, durante a ausência do mesmo, a sua grande propriedade agrícola, era ela obrigada a procurar, de vez em quando, o *Feldkommandant* do distrito, como tinha que fazer quem quer que estivesse a cargo de negócios de certo vulto. Entretanto, só porque a viram, certa ocasião, a falar com um oficial nazista, a incluiram na lista negra local.

Os poucos polícias armados, franceses ou alemães, não podiam proteger convenientemente os habitantes de localidades solitárias, ou fazendas afastadas dos centros mais povoados. Lavradores, de cereais ou de vinha, como produtores de lacticínios, de posse de cartas ameaçadoras, muitas vezes por motivo de relações necessárias, puramente oficiais, que mantinham com os alemães, despachavam as mulheres e filhos para París, onde supunham maior a possibilidade de abrigo contra a vingança desarrazoada de uma gente enlouquecida pela fome, pela opressão, e pelo senso ou a compenetração de haver sido, e estar sendo traida.

Só haverá ordem onde houver, por parte do povo, respeito voluntário à lei. Não há repressão armada que seja suficiente para impor esse respeito. Os alemães têm sido os únicos representantes armados, a serviço, nos últimos tempos, da lei em França, e os franceses não nutrem por eles outra coisa senão ódio. Sem embargo, encontram-se os franceses na trágica posição de efetivamente depender da proteção do inimigo. O único meio de nos sentirmos seguros, ao regressar para casa, na escuridão da noite, era seguir de perto o retinir das esporas alemãs.

Os que libertarem a França não devem contar com grande coisa, a princípio. Mesmo antes dos bombardeios que precederam a invasão, a luta inglória com o frio, a fome, o terror, fez de todos nós, eu inclusive, criaturas anormais. Mascarada a violência sob as formas externas da ordem, só restava a cada um fazer o melhor que pudesse para manter-se vivo até o fim.

Sim, não se devem esquecer os libertadores da França de que tratam com uma nação em traumatismo, vítima da neurose da derrota.

Solte esse leão!

(Condensado da revista «Liberty»)

Por Ted Shane

Uma noite, no pequeno hotel de uma aldeia da França, um par de noivos casadinhos naquele mesmo dia despediram-se dos convidados, subiram ao seu apartamento e fechavam a porta à chave, quando, acesa a luz, depararam com um tigre enorme, que soltou um rugido!

—Psiu! disse uma voz vinda da janela. —Esse tigre é meu. Não dêem sinais de medo. Não corram. Vão até à outra janela, devagar, sem voltarem as costas.

Apavorados, os noivos obedeceram. Encostada à janela estava uma escada; desceram, e daí a um minuto, livres do tigre, pisavam na rua.

Mas a rua tambem oferecia perigo: dois leões, à solta, arreganhavam a dentuça aos homens que tentavam deitar-lhes o laço. Num café, cujas luzes inundavam a rua mais adiante, a porta rotatória girava com tal rapidez, que os fregueses, desorientados pelo medo, não podiam entrar nem sair. E lá dentro, campeavam dois formidaveis tigres!

Por toda parte corria gente aflita, gritando, numa confusão. Ao que parece, dez leões e oito tigres tinham-se escapado do Circo Court.

—Felizmente—diz hoje Alfred Court, relembrando o pitoresco incidente—não perdí nenhum dos meus bichos. Dentro de vinte e quatro horas estavam todos de novo na gaiola.

O negócio de monsieur Court consiste em ir buscar as feras à selva, às montanhas ou mesmo a jardins zoológicos, e em seguida domesticá-las, ensiná-las a dansar e a representar, sem darem dentadas no respeitavel público. Tal é a função de Court na grande companhia de circo dos irmãos Ringling. Aliás, ele faz isso para quem quer que se mostre interessado: se qualquer pessoa quiser aprender a lidar com esses «bichinhos», Court está sempre às ordens para ensinar.

Alfred é um sujeito baixo, magro, agil, o corpo coberto de cicatrizes de mordidas; é calado e modesto. Não permite aos domadores por ele instruidos, que usem armas ou aparelhos elétricos para dominar os animais. Seus métodos caraterizam-se de preferência pela brandura, sem qualquer vestígio de brutalidade, antes com uma paciência infinita. Para enfrentar panteras, leopardos, tigres, ursos polares, leões e outros bichos menos domésticos, mune-se apenas de um chicote comum e de um pau curto. Explica o seu sistema dizendo que «é absurdo dar tiros na cara do bicho, porque pode vasar um olho dele....»

Nos circos europeus, o quadro apresentado por Court chamava-se *Paz na floresta;* e era esse mesmo quadro que estava sendo ensaiado quando eu o entrevistei. Preparavam-se dois leões e um urso preto, pequeno ainda e assustado, para uma cena de pirâmide. Tendo o urso arranhado por acidente um dos leões, estes começaram a rugir ameaçadoramente, sem entretanto agredir o animal mais fraco. O fato era que os leões estavam dando muito mais atenção ao chicote, manobrado por um dos ajudantes de Court.

—Daquí a alguns dias—explicou este último—o urso, que ainda é novinho, já

vai percebendo que os leões não querem fazer mal a ele. Aí é que nós vamos ter paz.

Nascido em Marselha, Court hoje conta 59 anos; antes dos 20 já trabalhava nos circos, tornando-se perito na acrobacia em barras horizontais. Apaixonou-se por uma acrobata de 15 anos, e pediu-a em casamento uma noite, quando estavam ambos no trapézio aéreo.

Em 1918, o falecido John Ringling trouxe o casal para os Estados Unidos, onde, sob o nome de cartaz «Os Orpingtons», trabalharam na famosa companhia de Circo Barnum & Bailey, durante vários anos, ganhando 3.000 dólares por mês. Court finalmente comprou um circo, de cujo programa fazia parte um pequeno ato de feras, com quatro leões. Depois da estréia, o domador da companhia, talvez para acalmar os nervos, saiu para beber, e voltou embriagado. Fiel à sua convicção de que para ser domador é preciso manter-se completamente abstêmio, Court despediu-o.

Encontrou-se então na contingência de ter que arranjar substituto para o empregado demitido. Vendo que ninguem queria aceitar a incumbência, ele próprio pegou do revolver (com cartuchos de pólvora seca) e de um chicote, e entrou na jaula. Duas vezes esteve ameaçado de descer pelo tubo digestivo de um leão. Diz ele hoje: «Entrei naquela jaula tremendo de medo, mas saí vencedor e triunfante!»

Tendo deixado cair o revolver, percebeu que não lhe fazia falta: bastava mesmo usar apenas a voz e o chicote. Apesar de ter treinado desde então 1.100 feras, nunca mais usou arma de fogo.

Entre 1920 e 1930, Court voltou à Europa, tendo-se dedicado por lá ao fabrico de adereços necessários aos domadores e donos de circo, fazendo ao mesmo tempo experiências com grupos mistos de feras: leões, tigres e hienas. Verificou de caminho que, muitas vezes, era tambem necessário domesticar... os domadores.

Um dos episódios mais emocionantes que ele nos conta, é o do tigre Bengalí. Court avisara um domador novato que não se podia confiar naquele animal, como aliás em tigre algum. Mas durante uma matinê, quando o domador estava desatento, Bengalí ergueu-se dum torpor aparente, e deitou as garras a uma perna dele.

Court pulou para dentro da jaula, agarrou o tamborete de metal com que o tigre «trabalhava», e atirou-o contra Bengalí.

O animal soltou a perna do domador, e este levantou-se.

—Eu então gritei para ele que se virasse e olhasse o tigre cara a cara, conta Court abanando a cabeça. —Mas o coitado estava com tanto medo, que o tigre percebeu, e aí foi o desastre.

Bengalí saltou de novo, e abocou a cabeça do treinador. Court conseguiu libertá-lo, mas o rapaz morreu daí a duas horas.

—E que fez o senhor? perguntei. —Condenou Bengalí à morte?

—Nada disso! respondeu calmamente. —Fiquei alí mesmo, e terminei a representação, com o próprio Bengalí!

—Mas ele não era perigoso?

—Perigoso só quando o domador é descuidado! replicou Court. —Quando há um acidente desses, nunca é culpa do animal; é sempre do domador.

Os animais já quiseram «almoçar» Court, por engano, uma porção de vezes. Disso dão testemunho as suas cicatrizes, quase todas aliás bastante pequenas; em duas ocasiões, porem, ele escapou pela tangente à consequências mais sérias. Há alguns anos, em París, dois tigres da Sibéria resolveram disputar entre si a posse duma encantadora *vamp* de sua raça, beleza felina de 200 quilos. Court tentou apartá-los, mas isso desagradou à *mulher fatal*, que o atacou pelas costas e o derrubou. No espaço de 10 segundos, Court recebeu vinte arranhões nas costas.

De outra feita, em Diepe, um leão provocou um urso, este reagiu, e quando a pancadaria se generalizou na jaula, uma leoa avançou para Court. «Caimos juntos,» conta ele, «e eu enchí-me de raiva... Francamente, depois de todo o trabalho que eu tinha tido para domar aquela bichinha, ela me faz uma coisa dessas! Briguei a valer. Mordí até o nariz dela! Afinal, os empregados restabeleceram a ordem esguichando água na jaula. Mas minha ferida infectou-se, eu apanhei uma septicemia e passei dois anos no hospital; quase que ia morrendo!»

Court não se orgulha das cicatrizes: «Tenho vergonha delas; domador cheio de cicatrizes é domador incompetente.»

Em 1938, a companhia de circo Ringling tornou a trazer Court para os Estados Unidos. Ele é hoje, sem dúvida alguma, o melhor domador de feras do mundo.

O primeiro passo que dá, consiste em estabelecer relações amistosas com os animais. Prefere sempre os que nasceram na selva. Fala com eles através das grades, vai pessoalmente dar-lhes carne de vez em quando. Quando lhe parece haver chegado a ocasião oportuna para uma intimidade mais pronunciada, entra na jaula, armado de chicote e bengala, com alguns pedaços de carne para o caso de sobrevir aos animais um apetite inoportuno. A princípio, é quase certo os bichos tentarem atacá-lo. «Aí nós entramos numa lutazinha para esquentar,» diz ele. «Eles com os dentes e as garras, e eu com o meu chicote e a bengala. Sempre é vencedor quem tem mais competência...»

A maioria dos animais aprendem com facilidade e rapidez; mas muitos precisam ser acorrentados e ensinados pacientemente meses a fio. As panteras negras, por exemplo, levam quatro anos a treinar. Court procura sempre descobrir os talentos especiais de cada bicho. Se vê um tigre-fêmea dar um pulo de seis metros para o ar, tentando sair da jaula, trata de treiná-la para saltos em altura. Algum que cubra de um pulo uma distância de 9 metros, para atacar o domador, mostra que pode ser encarregado da parte de saltos a distância... O leão preguiçoso, que só quer ficar deitado, recebe treino especial para se rebolar no chão como filhote de cachorro.

Tendo os animais aprendido a não comer os domadores, e a não devorar-se uns aos outros, Court prepara o «drama» propriamente dito. Logo que treinador e animais estejam perfeitamente sincronizados, ele passa, por assim dizer, a batuta ao outro domador, que irá dirigir a cena. Qualquer deixa errada, ou a mais ligeira mudança de posição do domador, poderá fazer com que o animal empaque, recusando-se a continuar. Essa recusa, por sua vez, pode provocar um «blitzkrieg» na jaula: o sangue repuxa, andam nuvens de pelo no ar, e num instante perde-se um ano de trabalho e os milhares gastos com os animais e com os treinos.

Uma vez bem ensaiado o drama, e acostumados os animais, aos diversos movimentos que têm de executar, diz Court que qualquer pessoa poderia reger aquela «orquestra», armando-se de uma simples bengala.

Isso de enfiar a cabeça pela goela do leão, é facil para Alfred Court. Depende só de se encontrar um leão camarada, que goste da gente... Começa-se por captar-lhe a confiança, para que ele deixe que

lhe toquem; depois, com um leve beliscão nos lábios, o bicho já abre a boca... e a gente mete a cabeça lá dentro. Daí por diante, pode-se explorar aquela garganta leonina cada vez mais fundo. O que é necessário é ter muito bom ouvido; sim, porque se começa a vir das entranhas do leão um rugido abafado, surdo,—de duas uma: ou ele está precisando de bicarbonato, ou então é porque resolveu comer aquele objeto estranho que lhe entrou pela garganta. Aí é o momento de bater em retirada, e depressa.

Court trabalha cerca de 18 horas por dia; durante todo esse tempo a esposa fica do lado de fora da jaula, observando. Já aprendeu a ver nos olhos dos tigres aquele brilho da traição, e assim tem salvo a vida do marido muitas vezes.

Assistindo ao trabalho dos seus auxiliares, ele protesta contra qualquer demonstração de brutalidade ou impaciência; à sua fina sensibilidade não passa despercebida a mais ligeira imperfeição no serviço. No entanto, os auxiliares são-lhe extremamente dedicados.

Court só tem medo de uma coisa: certa vez, estávamos conversando, sentados dentro duma barraca do Circo Ringling, na Florida. Lá fora rugia uma tempestade, e a barraca, mal protegida, deixava entrar o vento frio. Court então disse, preocupado:

—Vamos embora daquí. Eu tenho muito medo dessas correntes de ar; é assim que se apanha uma pneumonia!

Respostas a «Conhece os campeões?»

(Vide pág. 42)

1. A baleia azul (*sibbaldus musculus*), que se calcula pesar 150 toneladas.
2. Tambem a baleia azul.
3. A onça pintada.
4. O avestruz; peso superior a 150 quilos.
5. A piton reticulada, cujo comprimento chega a cerca de 10 metros.
6. A tartaruga; chega a viver 152 anos, e até mais.
7. O homem; tem atingido a idade de 114 anos, e até mais.
8. A chitá, espécie de leopardo asiático. Cerca de 115 quilômetros por hora.
9. O chimpanzé.
10. A chinchila. Uma única pele, embora muito pequena, chega a ser vendida por 150 dólares (cerca de Cr $3.000,00).
11. A vicunha; seus pelos são duas vezes mais finos que os do melhor carneiro.
12. A minhoca, segundo os agrônomos; revolve o solo, aumentando-lhe a fertilidade.

O que é esse original clube, que tem auxiliado milhares de meninos que ganham a vida nas ruas de Boston

Clube para menores vendilhões

(Condensado do «Christian Science Monitor»)

Por Webb Waldron

—Que é que tu vai fazer na Fundação?

—Ah, hoje vai ter cinema.

—Eu não posso ir—é só pra jornaleiro e engraxate. Eu vendo verdura, com o meu «velho».

—Pode sim! Você é vendedor-ambulante e a Fundação é nossa. Você pode ir tambem! A Fundação é «do barulho», disse outro garoto, desafogando o peito.

—Me ensinaram a consertar sapato e eu agora «arrumo» os sapatos do pessoal lá de casa. Trataram dos meus dentes—espia aquí!—e só cobraram dez centavos de cada vez. E tiraram meu irmão da cadeia—ele agora está na guerra, é oficial!

É assim que, de boca em boca, se faz conhecido em Boston o clube conhecido pelo nome de «Burroughs Newsboys' Foundation».

Quem quer que vá à sede do Clube, na encosta do Morro Beacon, em qualquer noite, encontrará o local apinhado de vendedores de rua, ocupadíssimos, redigindo o seu próprio jornal, manobrando uma impressora, fazendo modelos de aviões, ensaiando peças teatrais, estudando fotografia, ou tratando de conseguir ajuda para os seus trabalhos escolares. Uma vez ou outra, há uma desordem qualquer, mas os próprios rapazes imediatamente apaziguam os brigões.

Nos 16 anos de sua existência, a Fundação teve grande influência na vida de 20.000 vendedores de rua, de 26 nacionalidades diferentes, em Boston. Em sua maioria, esses rapazes passaram de meninos de rua a cidadãos respeitaveis. Muitos, que estavam no mau caminho, tiveram ajuda e se regeneraram. Centenas deles conseguiram auxílio para prosseguir os seus estudos até as universidades. Alguns desses rapazes são hoje médicos, homens de negócios, advogados, professores.

Muitos deles estão nas forças armadas. A Fundação de tal modo incutiu nos jovens o ideal da vida saudavel que menos de 2% dos que foram examinados, para entrar nas fileiras, foram rejeitados por deficiência física, ao passo que em todo o país a média dos fisicamente incapazes é de 35%.

Harry Burroughs, criador da Fundação que tem seu nome, é um homem enérgico de 50 e poucos anos de idade. E a Fundação é um reflexo das suas próprias lutas, dos seus sonhos e das suas convicções. Há quarenta anos, com 12 de idade, imigrante vindo da Rússia, sem saber uma palavra de inglês, ele chegou a Boston. Tornou-se jornaleiro, lutando para manter o seu «ponto» de venda, em uma esquina. Nove anos mais tarde, tinha acabado os seus estudos secundários, obtinha uma bolsa em uma Escola de Direito, conseguindo formar-se. Aos 35 anos, tinha alcançado extraordinário êxito na vida, ganhando 100.000 dólares por ano.

Tem havido, na América, muitos milagres como esse,—de homens que vieram

do nada e triunfaram materialmente,— mas um milagre muito maior foi o fato de ter esse homem, no ponto culminante de seu triunfo, abandonado a profissão para se dedicar inteiramente ao bem estar da juventude, especialmente a juventude constituida pelos vendedores de rua.

Desde que Henry Burroughs iniciou a sua carreira de advogado, antigos camaradas dos tempos em que ele vendia jornais vieram procurá-lo, pedindo ajuda para si mesmos ou para seus parentes, em caso de dificuldades; e, generosamente, de graça, ele fornecia auxílio profissional; mas isso não lhe parecia bastante. O que tinha em mente era um clube, um local que pertencesse aos próprios rapazes necessitados de auxílio. Burroughs sabia que o jornaleiro, sob a sua aparência ativa e alegre, muitas vezes se sente fracassado e descontente, sendo um estranho misto de energia e de dúvidas; é um jovem que, geralmente, vem de um lar pouco agradavel e se sente tentado a ficar na rua, quando findo o seu trabalho.

A agressividade que faz um vendedor de rua triunfar, muitas vezes faz tambem com que ele entre em conflito com a lei. Burroughs viu muitos que desejavam instruir-se e que não tiveram possibilidade de conseguí-lo, tornando-se homens desligados de tudo, vivendo vidas completamente inuteis.

Comprou ele, então, um edifício de três andares, no coração da cidade, aparelhando-o devidamente. E, praticamente abandonando o seu trabalho de advocacia, encarregou-se ele próprio de dirigir a Fundação. Quando chamou os rapazes para o seu clube, eles vieram, em multidão, para ver do que se tratava. Para dar aos jovens a compreensão de que alí eles eram os donos, Burroughs estabeleceu ações nominais, mas os mais pobres podiam ganhar dinheiro mediante tarefas diversas relacionadas com a Fundação.

Desde o princípio, a tolerância racial se tornou um brilhante lema da Fundação. Sob a inspiração de Burroughs, foram levados a efeito espetáculos teatrais, em que participavam rapazes de diferentes nacionalidades, mostrando a contribuição que cada país dera à América.

Todos os membros da Fundação têm que se submeter a um completo exame médico. Os casos de amígdalas em mau estado, de nutrição deficiente, e de outras enfermidades, são tratados ou operados muitas vezes de graça. O dr. LeRoy Miner, reitor da Escola de Odontologia de Harvard, persuadiu 40 dentistas a oferecerem os seus serviços gratuitamente, uma noite por semana. Os rapazes, cada vez que são tratados, pagam somente 10 centavos, e as casas vendedoras de artigos de odontologia fornecem o material para o tratamento. Nem um só dos rapazes da Fundação foi rejeitado, por causa de maus dentes, no exame médico do exército.

Durante três anos, Burroughs dirigiu sozinho a Fundação. Em seguida, veio a época da crise americana, e, tendo gasto a maior parte do seu dinheiro, ficou em situação dificil. O tesoureiro da Universidade de Harvard, Henry Shattuck, veio então em seu auxílio, dizendo-lhe: «Procure ajuda, porque você merece. Conte comigo, para 5.000 dólares.» Frederick Cabot, juiz da Corte Infantil, fez o mesmo, e outros tambem ajudaram.

Cursar as Universidades parecia algo alem dos mais ousados sonhos dos jornaleiros e engraxates, mas Burroughs conseguiu bolsas de estudos para os seus protegidos. Essas bolsas nunca passam de 200 dólares, e têm por fim unicamente dar um impulso inicial aos rapazes na Universidade; uma vez nesta, depende unicamente do próprio rapaz conseguir outras bolsas, mediante as quais faça seus estudos com a ajuda de trabalhos que o ocupem somente parte do dia. Cada candidato a bolsas é julgado por uma Junta de 11 pessoas—três designadas pelo Governador de Massachusetts, três pelo Prefeito de Boston e cinco pela Fundação. Burroughs estipulou que os candidatos fossem julgados respectivamente, primeiro pelo seu carater, segundo pela sua falta de recursos, terceiro pela sua capacidade de adaptação, quarto pelas suas aptidões escolares.

Certa manhã, há dez anos, um jornaleiro, magro e franzino, compareceu ante a Junta. Queria estudar na Universidade de Harvard. Um dos juizes disse: «Eu acho que esse menino não tem saude suficiente para aguentar a Universidade.» Burroughs observou: «Veja o brilho dos olhos dele! Garanto que ele aguenta.» Os juizes, embora hesitantes, concederam ao rapazola a bolsa que lhe permitia pagar a primeira metade do primeiro ano de estudo. Uma vez matriculado, conseguiu outras bolsas da Harvard até o fim do curso, e, obtendo um dos primeiros lugares ao se diplomar, recebeu o disputado prêmio «Sheldon Prize Fellowship», que lhe permitiu passar um ano no estrangeiro, em viagem de estudos. Esse brilhante jovem era Theodore White,* correspondente de *Time* e *Life*, no Oriente.

Leon Wright, orfão negro, entrou para a Universidade de Boston mediante uma bolsa, ao mesmo tempo que trabalhava no transporte de carvão nas horas vagas, e atualmente é professor em uma Universidade no Estado de Maryland.

Como esses, houve muitos casos semelhantes, entre os 300 vendedores de rua da Fundação Burroughs que obtiveram bolsas de estudos.

Há alguns anos, com a ajuda de Maximilian Agassiz, neto do grande naturalista, Burroughs realizou mais um dos seus sonhos: adquiriu um terreno, junto ao Lago do Maine, para aí estabelecer um local de veraneio para os seus protegidos. Os rapazes ajudaram a preparar o terreno, a tornar habitaveis dois velhos edifícios da propriedade, a construir estradas e a plantar jardins. Pouco a pouco foram sendo realizadas várias melhorias, tornando-se a Vila Agassiz uma instituição única no gênero, com governo próprio. Os jovens que podem, pagam a sua estada de duas semanas; e os que não podem pagar, mas que merecem essa estada, são enviados pela Fundação Burroughs gratuitamente.

Os peritos em trabalho social têm criticado a Vila Agassiz, por vários motivos. Um deles é que a Vila tem um Circo de Cavalinhos. Onde já se viu semelhante coisa num acampamento para garotos de «favelas»? A idéia do Circo de Cavalinhos na Vila foi posta em prática por Burroughs, o qual, na sua infância na Rússia, nunca pôde pagar a entrada para um Circo desses, apesar do seu grande desejo; que paraiso para os meninos pobres, andar num Circo de Cavalinhos, a qualquer hora que desejem!

A maior acusação feita pelos ditos críticos era o fato de que Burroughs misturava os maus rapazes com os bons. Escolhia frequentemente aqueles que tinham estado em complicações e os enviava para a Vila, para ver o efeito que podia ter sobre eles a existência em uma comunidade ao ar livre. Diziam que os maus elementos corromperiam os bons, mas Burroughs sustentava que, ao contrário, os bons dariam salutar exemplo aos maus. E conseguiu tais maravilhas na Vila Agassiz, que a Corte Juvenil de Boston e outras agências sociais começaram a mandar

*Vd. «*Life* vê a China de perto», neste número.

rapazes de mau comportamento para a Vila, para aí passarem uma temporada.

Uma noite, perguntei a um jovem de 20 anos, chamado Vincent Tringali, que ensinava desenho na Fundação, como foi que ele tinha ido para alí. —Eu tinha um companheiro, respondeu Vincent, mais velho do que eu, que pertencia à Fundação; tudo o que ele fazia eu imitava, porque eu o admirava. Uma noite pedí a ele que me levasse à Fundação, e eu entrei no clube com ele.

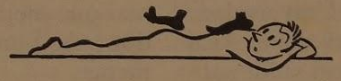
—Quem era ele? perguntei.

—Era o Charley Fidale. Foi para a Marinha, conseguindo o posto de segundo-tenente. Foi ao fundo com o *Juneau*, no sul do Pacífico, juntamente com os cinco irmãos Sullivan. Era um excelente rapaz!

—Justamente, disse Burroughs, que estava perto, ouvindo a conversa.

—Fidale veio para aquí muito menino, e saiu-se otimamente.

Os olhos de Harry Burroughs se umedecem quando os seus rapazes «se saem bem». E isso acontece com quase todos.



Incidentes no Cairo

¶ Um oficial norte-americano chegou ao Cairo, cansado das manobras do deserto, precisando de fazer a barba. Entrou em uma casa de banhos, fez a barba, banhou-se e, para completar aquela série de coisas repousantes, entregou-se às mãos de um massagista egípcio. Já refrescado e quase a dormir, sob a pressão macia dos dedos do massagista, o oficial sentiu subitamente um consideravel aumento da pressão sobre as suas costas. E, voltando a cabeça, viu que era o nativo, de pés descalços, calmamente a passear, para cima e para baixo, em sua espinha!

—Rod Van Every

¶ Um cavalheiro sabido, encontrando-se com um árabe no Cairo, à entrada da cidade, propôs-lhe vender um bonde por 200 libras. O ingênuo filho do deserto, com os bolsos cheios de libras egípcias, contemplou os bondes, apinhados de gente, e decidiu logo fechar o negócio. Quando quis tomar posse do veículo, procurando substituir o condutor, para receber ele próprio as passagens, o vigarista naturalmente já tinha dado o fora. Mas, quando os jornais do Cairo fizeram do árabe o trouxa número 1 da cidade, dando grande publicidade ao incidente, foi que o esperto egípcio revelou o seu verdadeiro talento. Conseguiu voltar às boas com o árabe e preparou com o dito uma nova tramóia. Arranjou uma tenda no bairro árabe do Cairo, exibindo o «trouxa», com entrada paga, dividindo-se entre os dois os proventos. O negócio deu tão bom resultado que o árabe, cansado de ser exibido, empregou um substituto para «bancar» o palerma ante a multidão curiosa. Mas a polícia então apareceu e fechou a exibição do «homem que comprou o bonde», dizendo que havia fraude...

—Quentin Reynolds, *The Curtain Rises* (Random House, ed.)

¶ *O chefe de um batalhão conta-nos o que é lutar com os japoneses emboscados nas densas florestas da Nova Geórgia*

Uma batalha na selva

Por W. L. White

Autor de «Homens para Queimar»

Charlie Davis, tenente-coronel de infantaria do Exército Americano, tem 26 anos de idade, e já é portador da Medalha de Honra do Congresso, conquistada pela sua brilhante atuação em Guadalcanal. Natural do estado de Alabama, costuma referir-se, num tom de voz suave e compassado, à cidade de Gordo, onde nasceu e se criou, tachando-a de «pequenina cidade algodoeira» daquela zona de terra vermelha onde o pai possuía uma fazendola, uma farmácia, uma serraria e um inseparavel cão perdigueiro.

Lembra-se ele de quando, ainda garoto de menos de 6 anos e antes mesmo de entrar para a escola, seu pai costumava levá-lo consigo em pescarias e caçadas, e ele tinha que entrar pelos brejos do Riacho Bear e margens do rio Sipsey.

Nos últimos cinco meses, Charlie Davis teve oportunidade de, por diversas vezes, lutar nas florestas, e afirma que é realmente tarefa lenta e exhaustiva.

«Nosso corpo de infantaria» —diz ele —«já havia lutado em Guadalcanal, quando recebemos ordens de seguir para Nova Geórgia. Sabíamos que lá as nossas tropas recem-chegadas sofriam grandes reveses e era grande o número de feridos vindos das linhas de fogo.

«Era de ver a alegria dos companheiros quando desembarcamos dos navios-transportes.—Qual a sua divisão, camarada?—perguntavam-nos enquanto marchávamos na direção da floresta.—Somos da 25ª, respondíamos, adiantando-lhes que não nos amolassem com histórias de bravatas, como costumam fazer com as tropas novas.

«Naquela noite, o nosso batalhão acampou perto de uma grande clareira aberta na floresta por uma bomba de uma tonelada, propositadamente atirada de paraquedas, afim de fazer uma brecha por onde os aviões pudessem deixar cair volumes de provisões para o abastecimento das tropas. Cada soldado recebeu sua ração «C» que consiste em uma lata de picadinho de carne ou cozido em conserva, ração essa que nos devia contentar até que as nossas linhas de abastecimento fossem organizadas. Verificamos então que um soldado se mantem regularmente bem com esse regime alimentar, pois na tensão nervosa em que está, se esquece até de comer.

«No dia seguinte tivemos ordem para que nos fôssemos colocar, e assim fizemos, ao flanco direito das nossas tropas, que estavam atacando os japoneses no aeroporto de Munda. Pensávamos que íamos tomar parte naquele combate, porem o comandante do regimento nos disse que tinham coisa melhor reservada para nós.

Acampamos nas proximidades de uma base anti-aérea que os japoneses tinham deixado. A uns 500 metros de distância ouvíamos o detonar dos fuzís e o ronco da artilharia, de maneira que fomos dormir conjeturando qual seria a missão especial que nos iria caber. Isto nos foi divulgado na manhã seguinte pelo coronel George Bush. Mostrando-nos uns mapas, indicou ele um velho caminho através da floresta, o qual, acreditava, ia ter a um pequeno lugar chamado Zieta. Era crença tambem que os japoneses, batidos em Munda, se dirigiam para as próximas praias, onde seriam recolhidos pelos seus navios de socorro.

«E a nossa missão? Pelo mapa vimos que Zieta ficava a uns 4 quilômetros de distância, mas ainda assim poderíamos considerar-nos felizes se conseguíssemos vencer esse percurso em duas semanas— e em constante luta com o inimigo. Nossos superiores procuravam tornar-nos a tarefa o mais facil possivel. O Coronel trouxera em sua companhia um nativo de cabelo encarapinhado, de calção à guisa de uniforme, apelidado de Joe. Era ele que ia ser nosso guia, pois anos antes havia estado em Zieta, embora se tivesse servido então de outro caminho. Esse indígena iria prestar-nos valiosos serviços, de maneira que o colocamos à retaguarda das tropas para evitar que fosse morto, visto como era o único homem alí que conhecia o roteiro por onde devíamos ir, ou por onde supúnhamos estar indo...

«Nosso primeiro obstáculo eram dois montes a uns 500 metros, passando o caminho pela baixada existente entre eles. Disseram-nos que provavelmente não encontraríamos japoneses naquelas imediações, mas eu já tinha tido ocasião de verificar, em Guadalcanal, que eles estão onde menos se espera, e assim, fiquei de sobreaviso. Decidí então que não nos iríamos aventurar a seguir por aquele caminho entre dois morros sem primeiro investigar bem a floresta em redor.

«Enviei então uma companhia que denominei *Pat*, com ordem de tomar posição no morro à esquerda, ao mesmo tempo que outra companhia, denominada *Mike*, ocuparia a encosta do morro à direita. Se o inimigo não surgisse, então, sim, o resto do batalhão poderia prosseguir, confiante, no caminho...

«Cada companhia, à medida que avançava, ia distendendo fios telefônicos, que deviam estabelecer comunicações através da floresta, por dentro de rios, num raio de ação de 4 ou 6 quilômetros. Permanecí na junção das duas companhias, afim de manter-me em contacto com ambas. Enquanto esperávamos, pusemo-nos a construir fortificações, e base para os morteiros, afim de que dalí pudessem alvejar a baixada entre os montes, quando fosse preciso. Assentar canhões na floresta é sem dúvida trabalho dificil; requer uma derrubada de muitos metros, porque não sendo assim, os morteiros, ao disparar, podem ferir galhos de árvores, e as bombardas, explodindo, matar os próprios artilheiros.

«Fazia uns 45 minutos que as companhias tinham partido, quando ouvimos descargas de fuzís à esquerda, na direção de *Pat*. Do lado da *Mike*, tudo estava em silêncio.

«É dever de um comandante dirigir-se sem demora para o lugar onde irrompe um tiroteio, e assim o fiz, levando comigo uma patrulha para o que desse e viesse. Como de costume, o Capitão Horton Camp, médico cirurgião do batalhão, nos acompanhou; geralmente, ele se mete no aceso do combate, afim de atender os feridos sem a mínima perda de tempo.

«Seguimos a linha telefônica da *Pat*, e a meio do morro nos encontramos com o Capitão dessa companhia—Ollie Roholt —que nos informou ter o pelotão da direita entrado em contacto com os japoneses, e que se achavam em ótimas posições e dispunham de grande quantidade de material bélico automático.

«Ordenei então que o pelotão da esquerda circundasse o morro, e atacasse o inimigo pela retaguarda. Isso não seria um combate em regra, mas simples escaramuça que nos desse ensejo de localizar com precisão as posições inimigas, aferindo-o pela direção de sua fuzilaria, e em seguida caíríamos sobre eles, derrotando-os completamente.

«Mas, enquanto pensávamos pôr em prática esse plano, ouvimos intenso tiroteio vindo do morro oposto, e compreendemos que a *Mike* entrara em ação. Ao mesmo tempo, ouví uma detonação que era demasiado forte para ser de granada, e imediatamente comuniqueime pelo telefone com Ben Ferguson, o capitão da *Mike*.

—Que é que aconteceu aí? perguntei-lhe.

—Encontramos os japoneses, e eles estão rolando minas pela ladeira abaixo em cima das nossas tropas.

«Disse-lhe então que os desbaratasse como melhor pudesse, e procurasse descer o morro, indo unir-se à Companhia *Pat* que estava na baixada da junção já referida.

«Enquanto isso, dois pelotões de *Pat* punham as posições japonesas entre dois fogos, atirando-lhes granadas em tal quantidade, que em pouco tempo o inimigo estava vencido. E havia japoneses mortos por todos os lados. Mas não os enterramos, como em geral fazemos, porque desta vez não dispúnhamos de tempo.

«No outro monte, do lado oposto, os japoneses continuavam rolando minas contra a *Mike*. Essas minas eram do tamanho desses discos de madeira com que se joga *shuffleboard* no convés dos vapores. A explosão delas é terrivel. A companhia sofreu muitas baixas, alem do fato de uns 15 homens terem ficado temporariamente alucinados.

«Entretanto, apesar desse revés, a *Mike* portou-se valentemente, e o comandante comunicou que estavam a caminho da baixada. Pelo telefone eu lhe disse que fizesse seus homens gritar uníssonos: *Mike*—afim de poderem ser facilmente localizados. E nós responderíamos *Pat!*

«Puseram-se eles então a gritar *Mike!* —e nós respondíamos *Pat;* mas os japoneses, que nos estavam de permeio, descobrindo a senha, puseram-se a gritar tambem *Mike* e *Pat* conjuntamente. Isso resultou em grande confusão. E como com o escuro da noite já se fazia impossivel localizar os nossos soldados, dei nova ordem, afim de que permanecessem onde se achavam.

«Começamos a entrincheirar-nos a meia crista do morro, nessa posição estratégica que, não sendo o cimo, é o mais alto a que se deve chegar, sem que a silhueta dos soldados, fazendo-se de alvo, se estampe no espaço. Fui então inspecionar as nossas defesas, para verificar se as trincheiras não se achavam muito separadas umas das outras, e se os fuzís automáticos e as metralhadoras estavam em boas clareiras, que lhes permitissem disparar sem encontrar obstáculos. Em cada trincheira havia de quatro a cinco homens que se revesavam de vigia durante a noite, sempre de prontidão atrás de suas armas.

«Tudo parecia em ordem, e eu me metí na minha trincheira, de onde não poderia retirar-me até de madrugada. As

nossas sentinelas tinham a mania de pensar que tudo que fizesse algum ruido no mato era um japonês. Imagine-se, pois, os sustos por que passaram muitos daqueles novatos...

«A trincheira do comandante é provida de rádio, e portanto podemos ouvir as irradiações dos Estados Unidos. No posto do regimento há um caminhão de rádio, que todas as noites recebe e retransmite notícias irradiadas de S. Francisco, que nós ouvimos pelo telefone. Eu anoto os fatos mais interessantes e na manhã seguinte transmito essas notícias aos meus homens.

«Aquí ninguem necessita de despertador ou de clarim para acordar. Quando a madrugada mal começa a romper, os soldados se levantam, ansiosos por verificar a causa dos ruidos que ouviram durante a noite, ou então pegam das latas de ração C, que abrem, e comem fria.

«O equipamento dos soldados consta apenas de um capacete de aço, um fuzil automático e uma colher. O uso de marmitas seria incômodo, pois como não há água quente para lavá-las, nunca se conservariam perfeitamente limpas, isentas de tóxicos; por isso, os rapazes comem na própria lata, e depois a jogam fora. À noite, os homens se enrolam em suas lonas, ao invés de as armarem em barracas, pois isso daria muito na vista.

«Naquele dia, bem cedo ainda, nos dirigimos para a baixada, esperando a cada instante o ataque do inimigo, mas conseguimos nos reunir à outra companhia sem nenhum contratempo. Os japoneses tinham desaparecido durante a noite, deixando quase intactas suas instalações—muitas barracas feitas em forma de pirâmide, cobertas com galhos de árvore, o chão forrado completamente de folhagem.

«Encontramos tambem o *posto de comando*—uma barraca de dois andares onde o oficial superior se instalava para dirigir suas forças,—e nós a tomamos para nosso quartel general, inclusive o *trono*, confortavel cadeira pintada de vermelho, e que provavelmente havia sido roubada de alguma vivenda por eles confiscada. O meu telefone de campanha foi instalado de tal forma, que eu podia dar ordens recostado, *bancando* o imperador. Primeiramente, telefonei à companhia de artilharia pesada, que se achava na junção da estrada, afim de que viesse ter conosco. Pus-me então a inspecionar pelos arredores o equipamento deixado pelos japoneses: rádios, mapas, carabinas, munições, fotografias mostrando como identificar aviões americanos, e outras de gueixas em poses que não entusiasmaram muito os nossos rapazes.

«Eu estava preocupado com a nossa linha de abastecimento. Os sapadores, que geralmente seguem as tropas encarregados de abrir estradas, não nos tinham alcançado ainda, e as nossas provisões de água e mantimentos esperavam condução. Muitas vezes, as estradas vão sendo abertas logo à retaguarda das tropas; tive ocasião de ver aí o aparelhamento de construção de estradas dos japoneses—uns aterradores de modelo antigo, que não se podiam comparar com os nossos.

«Na manhã do dia seguinte eu telefonava dando ordens para que se preparasse a marcha. Perto de onde me achava, havia uma caixa de lona cheia de foguetes de sinais; de repente, ouvimos tremenda explosão, que parecia um fim de mundo. Dei um salto, descí do meu trono, e me deitei atrás duma árvore. Quando a fumaça se dissipou, vimos que um japonês de tocaia tentara atingir-me, porem acertara na caixa de foguetes. Entretanto, o súdito do Micado parece que julgou

ter conseguido o seu intento, pois não voltou a disparar.

«Pouco depois a nossa caravana pôs-se em marcha, fazendo mais curvas do que uma cobra. Despachei uma companhia vanguardista, não ao longo do caminho,—mas dividida em duas partes, indo cada uma delas pelo seu lado, a uns 70 ou 80 metros por dentro do matagal, à procura de metralhadoras deixadas pelo inimigo. Íamos assim penetrando a floresta, que era tão densa que quase não se via o sol. Essa vanguarda representava nossos *olhos e ouvidos*, que atentos nos guardavam das possiveis surpresas. Custou-lhe um dia inteiro para avançar até um ponto a cerca de 800 metros, onde parou, e logo nos reunimos.

«Não há dúvida de que aos vanguardistas cabe pesada tarefa, pois se expõem a grandes perigos, através da selva inhóspita e desconhecida, onde detrás de cada tronco pode surgir o inimigo emboscado. Os homens marcham, pois, sob grande tensão nervosa, de maneira que, para proporcionar-lhes descanso, eu revesava as companhias frequentemente.

«Acampamos na floresta, e eu me deitei na minha trincheira, atento ao menor ruido. E havia muito que ouvir! Primeiro, o conhecido cricri dos grilos e o coaxar das rãs. Depois o *rap-rap-rap* de um pássaro semelhante ao pica-pau, que nos passa um arrepio pelos nervos, pois um som parecido é produzido pelos japoneses, com uns pedaços de bambú, para se comunicarem na selva. Ao cabo disso, volta o silêncio, que é logo quebrado pelo rumor de alguma árvore podre ao cair, e que dá a impressão de tanques rolando... E agora chegam aos nossos ouvidos de espreita uns ruidos surdos, como o de qualquer coisa que se arrasta pelo chão ou de alguem que andasse sobre palhas secas. Pensa-se que é um japonês sedento de sangue, que vem de rojo sobre a barriga... mas isso não passa talvez de um importuno caranguejo noctívago, à cata de alimento...

«Esses caranguejos de fato apavoram a gente à noite, são como guaiamús, de um palmo de tamanho, muito ligeiros, de cor verde-cinzenta, e bastam uns cinco ou seis deles, passando à noite por um acampamento, para produzirem um ruido que lembra um pelotão de japoneses, a avançar de rojo, para um ataque inesperado.

«Suponhamos que cochilamos um pouco e um desses malandros se mete pela trincheira, a fazer-nos companhia, e, —*nhaqt!*—mete-nos o couro do pescoço nas suas tenazes! O susto não é menor do que se um japonês estivesse com a ponta de uma faca a nos procurar a carótida... Não admira que um pobre salte de dor, esbraveje e grite, dentro da noite, como verdadeiro louco!

«Por outro lado, muitos dos soldados, principalmente depois de uma batalha, têm pesadelos. Às vezes, um deles põe-se a gritar desabridamente, e parece que todo o exército japonês o está atacando, na sua própria trincheira. Outras vezes, o camarada desperta sobressaltado, e põe-se a correr; o companheiro tem então de lhe dar um murro nos queixos, pô-lo nocaute, e trazer o fujão de volta para a trincheira.

«Aí pelas 2 horas de certa noite, ouví um grito, e a seguir quatro tiros, fato

que pôs todo mundo de dedo no gatilho. Claro, eu não podia sair a essa hora; na manhã seguinte, porem, tive ciência de que um dos soldados, vítima de um pesadelo, pusera-se a correr, e uma sentinela, voltando-se abruptamente para ver o que era, o fuzil se lhe enganchou nuns cipós, quase lhe caindo das mãos. O guarda desenganchou com rapidez o fuzil, e, certo de que estava em frente a um inimigo, disparou quatro vezes na sua direção. Ora, se com a nossa tropa, já experimentada, dão-se coisas dessa ordem, imagine-se o que não será tratando-se de novatos, com sobressaltos a cada instante, à noite, por causa de um galho que cai, ou de outro ruido qualquer!...

«Na manhã seguinte recebemos ordens do coronel para ficarmos alí, enquanto o 2.º batalhão passou pelo nosso, e tomou a dianteira. Essa unidade havia avançado apenas uns 200 metros, quando ouví um primeiro tiro de fuzil. É que tinham encontrado os japoneses entrincheirados dos dois lados do caminho, e tiveram que sustar a marcha. Nós nos espalhamos, para proteger a retaguarda, o que é boa manobra na floresta, e enquanto isso, o 2.º batalhão procurava localizar o inimigo, tarefa bastante dificil numa selva tão densa, que mal enxergávamos alguns metros diante de nós.

«Ao terminar o dia, havíamos sofrido 35 baixas, e não tínhamos avançado um metro sequer; os soldados se achavam sob tremendo nervosismo, e, para completar o nosso infortúnio, chovia pelo menos duas vezes, de dia ou de noite; e no tocante a sono, isso era coisa em que muitos pensavam, e pouco se conseguia.

«No dia imediato de manhã despachei a companhia K, afim de que se dirigisse pela esquerda, e, contornando as posições inimigas, se atacasse pela retaguarda. Os japoneses, porem, responderam com tão furioso ataque, que eu, falhado o nosso plano de os pilhar pela retaguarda, dei ordem para que pusessem em ação a nossa artilharia, e me telefonassem os resultados.

«Os nossos artilheiros observadores estavam ligados por telefone às suas baterias de fogo—10 quilômetros na retaguarda—e retrocedemos um pouco para não sermos apanhados pelas balas. Precisar o alcance de um canhoneio, em mata cerrada, é dificílimo. Para jogar com certa segurança, o observador manda fazer o primeiro disparo com uma margem de uns 600 metros adiante. É possivel então ouvir o choque surdo da bala a ferir a terra. E aí vem a ordem telefônica do observador:

«Direito, um-zero-zero; curto, um-zero-zero!

«O segundo tiro soa mais perto e mais forte. Ouve-se um silvo acima da cabeça, e logo após uma explosão seguida de ramos e fragmentos de árvores caindo em derredor. Quando as explosões se repetem a apenas uns 150 metros de distância, quer dizer que a situação se faz perigosa para o artilheiro, porque rochas e galhos de árvores são arremessados em muitas direções. E existe sempre o perigo de uma bombarda que ao sair do canhão, fere um galho de árvore e explode no ar, pondo-nos em risco de sermos feridos por seus fragmentos.

«Por outro lado, devido à direção do vento, uma bomba pode explodir nas nossas próprias linhas. Nesse mesmo dia, uma bala explodiu bem no meio de uma companhia do 2.º batalhão, matando vários homens e deixando outros em estado de choque.

«Assim que cessou a barragem de artilharia, a companhia K começou a atacar o flanco esquerdo do inimigo, que estava

defendido por um morro de espessa vegetação de uns 70 metros de altura. Nossas tropas atacaram; mas as posições japonesas eram tão fortes, que os nossos tiveram que retroceder com uma perda de dez homens.

«Transportar feridos em plena selva, é missão das mais penosas. Os membros do nosso Corpo Médico nunca usam o distintivo da Cruz Vermelha, pois é sabido que os japoneses, cujos médicos não trazem nenhum sinal que os distinga, preferem alvejar os homens que ostentam aquele emblema...

«As baixas entre os do Corpo Médico são tantas quantas as de qualquer pelotão de ataque, pois eles muito se arriscam quando vão até as linhas de fogo, afim de colher os feridos. Engatinhando sob o tiroteio, arrastam para a retaguarda os soldados abatidos, pondo-os às vezes ao abrigo de um tronco de árvore. Aí fazem os primeiros curativos—polvilham-lhes os ferimentos com pós de sulfa, põem-lhes ataduras, aplicam-lhes injeções de morfina, e anotam tudo isso na papeleta.

«Depois desses socorros iniciais, pedem a maca. O ferido é então colocado nesse estrado de lona fixo a uma armação de ferro, sendo levado por dentro da mata, ou por alagadiços, e terrenos ásperos, até o hospital, tarefa em que se empregam oito homens, quatro dos quais para carregar a maca. Quando há falta de gente no corpo de assistência médica, põem-se em campo radiotelegrafistas, cozinheiros, mecânicos, para removerem os feridos de debaixo do fogo. O exército tem os seus homens em alta conta, e não poupa esforços em lhes ministrar todos os socorros, e com toda a prontidão possivel.

«As padiolas levam o ferido aos primeiros postos de socorro, que ficam às vezes ocultos detrás de uma árvore ou duma rocha. Aí ele recebe novos curativos, feitos por um cirurgião militar, que prepara o paciente para o hospital. Faz-lhe até uma aplicação de plasma sanguíneo, quando isso se torna imperioso. E é de ver o efeito do plasma no paciente, que logo se reanima...

«Há sempre alguma trilha ou caminho que liga o hospital central às linhas de frente. Se o ferido se encontra em estado grave, é transportado na maca colocada em cima da ambulância; não sendo assim, poderá então sentar-se ao lado do chofer, sendo atendido por um auxiliar do Corpo Médico. O objetivo principal é que os feridos sejam recambiados, sem excesso de demora, para os hospitais de socorro, e hospital central, afim de que recebam logo os necessários tratamentos.

«Mas, voltemos ao combate. Tiramos nossas deduções, concluindo que os japoneses eram em pequeno número, porem tão bem dispostos nas suas tocas, que ainda que cada uma delas só tivesse um artilheiro de metralhadora e dois ou três auxiliares de fuzil, nos seria dificil pilhá-los pela retaguarda. Naquele morro, com efeito, não devia haver mais de quinze japoneses, mas, como era um ponto estratégico, eles valiam por uns 500 homens em campo aberto.

«Ora, como já se fazia tarde, tivemos que improvisar trincheiras, e pernoitar na encosta do morro. Das nossas posições podíamos ouvir o ruido dos japoneses abrindo passagem pelo mato para os seus canhões, e escutávamos o seu papaguear uns com os outros. Como de costume, veio a chuva à noite, para nos deixar encharcados e aborrecidos.

«Pela manhã, o coronel me deu boa notícia: íamos receber tanques! A estrada de abastecimento das nossas linhas tinha sido aberta. Um dos engenheiros até teve

oportunidade de fazer uso do fuzil que trazia, dando um tiro num japonês que bancava de macaco, no mato; não foram vê-lo, mas deram-no como *liquidado*. E agora, com o caminho vindo até a nossa retaguarda, já tínhamos café com roscas, trazido por um jipe...

«Logo depois ouvíamos o buzinar dos tanques pedindo via livre uns aos outros. E só aquele ruido bastava para apavorar os japoneses. Chegaram, afinal, vencendo todos os obstáculos. Eram quatro, e marchavam com a portinhola de cima aberta, onde se achava um soldado que avisava o chofer quando havia algum galho importuno ou árvores grandes demais para ser derrubadas. A tripulação dos tanques era composta de fuzileiros, e logo o seu comandante, o Capitão Carlson, oficial louro, alto e simpático, saltou de um dos carros, comunicando entusiasmo aos presentes. Enquanto os seus homens se acamaradavam com os nossos, eu lhe ia dando informes sobre o local, onde se achavam as posições inimigas e as defesas de que dispunham. Depois disso, meteram-se novamente nos tanques, mas desta vez com as escotilhas de cima fechadas,— e a coluna pôs-se em marcha...

«Nada faz tanto barulho como tanques cruzando a floresta. Roncam os motores, gritam as buzinas como mulheres malcriadas, e cortando por dentro do cipoal, abatendo moitas e árvores menores, lá se vão os monstros de aço, despedaçando tudo, e abafando num grande rumor todos os ruidos menores. Nós nos conformamos com seguir atrás desses bichos rosnantes, que em zigue-zague, serpenteando, abriam um tunel por dentro da selva. Para nós, agora, o avanço se fazia em *grande estilo*... Em 45 minutos tínhamos alcançado as posições adversárias, e com prazer notamos que estavam já bastante destroçadas pela nossa artilharia, inteiramente guiada alías pelos ruidos causados pelo inimigo. Ouvindo o barulho dos tanques, os japoneses tinham batido em retirada, deixando no campo muitos fuzís, munições, e provisões de boca—arroz e bolachas.

«Entretanto, a uns 75 metros dalí, topamos com um riacho de uns dez metros de largura, e que dava água acima da barriga—o bastante para interromper a marcha dos tanques. Tivemos, pois, que atravessá-lo a vau—sem pensar sequer em crocodilos—e tocar com a caminhada para a frente. Do outro lado tomamos o caminho de Zieta, e, se bem que a tarde ainda se prolongasse um pouco, eu desejei que tivéssemos feito melhor caminhada. Nesse instante, ouvimos um tiro de fuzil.—Diabos!—disse—ei-los por aquí novamente.

«Os japoneses tinham deixado que a nossa vanguarda passasse, e abriram fogo depois contra o segundo elemento da coluna. Começava a escurecer rapidamente, e tínhamos que nos entrincheirar para a noite, e lutar ao mesmo tempo.

«Quando tentava reunir os seus vanguardistas às nossas forças, o Capitão Ollie Roholt foi ferido. Uma bala lhe fraturara um braço, indo alojar-se na perna; mas, ainda assim, conseguiu arrastar-se até nós, com a perna e braço sãos. Três de seus homens tinham sido feridos; apenas um, todavia, precisava de ser carregado.

«Aquela noite não foi nada agradavel para mim. De quando em quando ouviam-se descargas, e eu me punha a pensar nos meus soldados, que vinham lutando contra a floresta e contra os japonesesdurantetodaumasemana. Felizmente que ainda dispúnhamos de material e munições para levarmos por diante o ataque.

«Pela madrugada, despachei uma patrulha. Ia provida de telefones, e movia-se com pés de lã, ocultando-se por trás das árvores. A floresta era tão densa, que à tarde já parecia o cair da noite. E sempre, ao nosso lado, a colunada dos troncos das árvores, cujas copas, em cima, davam a impressão de altos edifícios, e uma criatura se esfalfa de caminhar o dia inteiro sem jamais achar uma clareira a céu aberto...

«Havia decorrido uma meia hora da saida da patrulha, quando um dos homens se comunicou comigo. Pela sua voz muito sumida, quase um cochicho, pude compreender que estavam perto das posições japonesas.

«—Ei, Davis!—dizia aquele cochicho. —Encontramos novas posições avançadas. Quais são as suas ordens?

«—Tratem de voltar sem serem vistos, respondí. De regresso, a patrulha me informou que os japoneses estavam a uns 150 metros caminho acima, e dispunham, segundo parecia, de boa quantidade de armamento.

«Tudo que podíamos fazer era ir atacá-los, e assim fizemos. Eles deixaram que nos aproximássemos de suas posições, e quando estávamos a uns 15 ou 20 metros, abriram fogo!

«Atacamos com metralhadoras, fuzís e granadas. Porem as trincheiras inimigas ficavam por trás dos troncos e debaixo das raizes das árvores, e não era nada facil arrancá-los dalí. Ficamos o dia todo a atacá-los sem grandes resultados, e à noite voltamos para o lugar onde havíamos pernoitado. E ficamos alerta contra qualquer surpresa. Pouco antes da meia-noite, ouví alguns tiros vindos das trincheiras dianteiras, mas de novo o silêncio voltou a reinar. Ao amanhecer, um dos soldados encontrou um japonês morto, com um tiro na testa, a alguns metros da sua toca.

«Nessa madrugada, como de costume, sentíamos frio, e estávamos sujos e exhaustos. O clima, aquí na selva, é semelhante ao de Alabama em setembro: transpiramos horrivelmente durante o dia, e as noites são frias; e, se não usamos cobertores, é porque, com o equipamento leve de campanha, não os poderíamos carregar. Os soldados tinham as barbas muito crescidas, pois há dias que não tomavam banho nem se barbeavam. Abriam latas de ração C, cujo conteudo felizmente varia de vez em quando, ou fumavam quando dispunham de cigarros enxutos. Não estavam muito animados. Macambúzios e caladões, parecia que previam coisas desagradaveis à frente.

«Desta vez atacamos com duas companhias, simultaneamente, e os homens iam de gatinhas, a poucos palmos uns dos outros. Agachavam-se sobre troncos caidos, entre o emaranhado dos cipós, e mal podiam enxergar uns 20 metros adiante.

«Em tais ataques, os homens vão se insinuando na direção do inimigo, sempre alertas e à procura de um lado desguarnecido para o golpe; mas pode acontecer que, enquanto de rojo, os homens cruzam um tronco deitado, um deles é baleado num ombro, e aí todos os outros se imobilizam, porque, se se mexerem e os japoneses derem pela sua presença, varrem-nos a bala. Quando todas as unidades de ataque se acham em tal situação, o remédio é bater em retirada para as posições mais seguras, mas isso tambem requer ciência.

«E, durante tal retirada, precisa-se de uma força para proteger a retaguarda. Então, em cada esquadrão um soldado de fuzil automático abre fogo contra o inimigo em descargas cerradas, ao mesmo tempo que os companheiros vão re-

cuando do terreno. Depois, protegido pelo fogo da companhia, os atiradores da retaguarda se reunem aos outros. Concluida essa operação, o comandante pode mandar a artilharia entrar em ação...

«Nesse dia, os nossos canhões estavam tão atrás, que mal se ouviam as detonações. Assim que a primeira granada feriu o chão, eu e os meus comandantes de companhia nos ocultamos alí, e decidimos que depois de uns 30 minutos desse bombardeio, avançaríamos de novo contra as posições japonesas e lhes daríamos, golpes seguros, antes que eles pudessem tomar tento para lutar.

«E assim fizemos. Penetramos o território inimigo atacando com toda a fúria. Um soldado sente-se mais satisfeito quando está fazendo fogo, ainda que não tenha a certeza de que vai atingindo o alvo. Mas a empresa não deu resultados. Ficamos paralisados outra vez. Estávamos tão cansados que as árvores e a trama dos cipós nos tomavam o passo, como se tambem lutassem contra nós. Era uma situação de completo desânimo...

«No dia seguinte, os homens tinham no rosto uma máscara de desconsolo. Estávamos de novo no velho acampamento, ainda tentando vencer o inimigo, cada dia com menor número de homens; não queríamos voltar à carga—mas tínhamos que batê-lo. Do comandante do regimento já havíamos recebido a ordem: —Continuem apertando o ataque.

«Tínhamos já atacado uma vez, e preparávamos segunda investida, quando nos chegou o aviso de que os engenheiros haviam construido uma ponte sobre o ribeiro, e os tanques estavam a caminho. Essa notícia causou tanta alegria nos rapazes como se tivessem recebido presentes de casa...

«Meia hora depois, chegavam os tanques roncando ao longo do caminho—os mesmos quatro de antes, com o seu capitão chefiando o desfile. Os soldados estavam de tal modo desejosos de voltar ao lugar onde tinham tido duas derrotas, que logo se meteram de marcha, e os tanques abriam caminho atroando o mato com o ruido dos motores.

«Tínhamos avançado mais de 40 metros, quando os japoneses abriram fogo sobre nós, mas desta vez a coisa foi diferente. Os tanques investiram por entre as árvores achatando as posições inimigas e despejando metralha por todos os lados, ao mesmo tempo que os canhões de 37mm entravam em ação. Estes canhões, em vez de dispararem balas sólidas, estavam carregados de chumbo de escumilha, de maneira que a sua descarga era como a de uma enorme espingarda de caça, e cada tiro abria grandes buracos no emaranhado dos ramos e cipós. Dispunham tambem de balas de grande força de penetração, as quais atravessavam as defesas dos japoneses e arrebentavam os blocos de coral que eles haviam amontoado juntamente com troncos de árvores.

«As descargas das nossas metralhadoras e fuzís contribuiam para aumentar a confusão enquanto as trincheiras inimigas, em número de quatro ou cinco, eram destruidas. Ao mesmo tempo que isso se dava, o Capitão Ferguson recebia aviso sobre outras posições japonesas mais adiante. Como já era tarde, decidimos voltar ao nosso acampamento, para pernoitarmos, e recomeçar a tarefa no dia imediato, com os tanques.

«NA MANHÃ SEGUINTE, quando voltamos ao campo da luta, não encontramos vestígios do inimigo, exceto alguns cadáveres. A uns duzentos metros de distância, encontramos outro acampamento japonês abandonado. Começamos então a compreender o que se dera. O inimigo havia sido desalojado pela nossa artilharia em toda essa área, e eis o motivo por que a barragem inicial, cujo alcance tinha sido ajustado para uns 200 metros mais alem, não dera resultado antes da chegada dos tanques.

«Tínhamos avançado uns 800 metros, quando entramos num descampado. Não era nenhum lugar importante; constava de algumas barracas de palha e construidas sobre estacadas, onde havia um cartaz em caracteres japoneses, que um dos rapazes do nosso batalhão—um nipo-americano do Serviço Secreto de Informações—traduziu da seguinte maneira: —Aquí termina o caminho.

«Mas o momento mais agradavel que experimentei foi quando Joe, o nosso guia indígena, olhou em derredor do local, e afirmou sacudindo a cabeça:—*Estamos em Zieta!*

«A praia ficava a uns 500 metros de distância, e para evitar que os japoneses, vindo de todas as direções, fossem ter à costa, fechamos o caminho ao trânsito. Essa interdição deu resultados, porque em seguida vieram os japoneses, e atacando a parte bloqueada, gritavam:—Americanos, rendam-se!—Entreguem-se, vocês estão cercados!—Isso entretanto de nada lhes valeu, pois, findo o incidente, contavam-se trinta japoneses mortos.

«O nosso batalhão devia ainda avançar até um lugar que no mapa estava denominado por *Piru Plantation*, e situado através dum alagadiço ao longo da costa. Na manhã seguinte, para lá nos dirigimos. A princípio, a coisa não nos pareceu tão impraticavel: tentamos caminhar sobre as raizes dos mangues, mas logo começamos a escorregar e cair no lamaçal. Tínhamos alguns soldados de pequena estatura no batalhão, e quando um destes pisava em falso e caía, metia-se na lama até a cintura. Era preciso então que um dos companheiros o arrancasse do atoleiro, e, a um puxão mais violento, o pobre diabo saía, fungando, e espadanando lama...

«O arvoredo acima de nossas cabeças era tão denso como na selva mais densa, e, não só vedava a luz, mas retinha em baixo o cheiro, de maneira que o ambiente parecia tresandar a puro enxofre.

«Depois de quatro horas de caminho, defrontamos com as divisas da fazenda. Havia um lindo relvado e os coqueirais se enfileiravam a perder de vista. As casas eram muito brancas e o sol refulgia nas águas. Quando se passam várias semanas na floresta, a pele fica esbranquiçada como barriga de sapo, e então não há sol que chegue.

«A fazenda estava abandonada, porem o gado andava solto, pastando com gosto. Olhávamos para essas reses com intenções gustativas... pois embora cedo os aviões nos tivessem trazendo novas rações, estavamos *secos* por um pouco de carne fresca...

«Duas reses das mais gordas foram abatidas. Nesse *ato* entrou Horton Camp, médico do batalhão, que tomou a si a tarefa de armar as tripeças, e, feitas as espetadas, assar alí o churrasco à maneira da Carolina do Norte. Enquanto a carne se ia tostando, ele preparava um molho e suco de tomates, e, com uma grande agulha hipodérmica, lhe injetava a substância nos gordos pedaços.

«Por fim, tínhamos o petisco a ponto de ser comido, e entramos de rijo com os nossos canivetes, cortando grandes nacos suculentos, que devorávamos com um prazer que nunca esqueceremos.

«E agora, os homens podiam finalmente descansar. Despachamos uma patrulha para vigiar a costa, mas o restante do pessoal vivia na praia, em calções ou completamente nus, banhados em cheio pelo sol. E durante dez dias gozamos de um agradavel veraneio. Ouvíamos o troar ao longe da artilharia em centenas de descargas. Mas não era ainda a nossa vez de voltar à luta...

«Esta narrativa foi escrita com o fim de esclarecer porque um avanço através das florestas toma às vezes tanto tempo. E há ainda muitas ilhas como a Nova Geórgia à nossa frente...»

Multiplicação dos pães

CERCA de três bilhões de hastes de trigo, brotadas de sementes americanas no estado do Kansas, acham-se atualmente guardadas sob as neves da Ucrânia, à espera da estação primaveril. Constituem um símbolo da gratidão de mil fazendeiros do Kansas aos russos, por terem estes enviado aos Estados Unidos, há 69 anos, cem litros de trigo vermelho que veio revolucionar a agricultura na parte sudoeste dos Estados Unidos, onde se construiu o que bem se poderia chamar de «império do trigo».

Os cem litros foram levados ao Kansas em 1874 por oito famílias que fugiam ao serviço militar do czar. Grão a grão as crianças dessas famílias foram plantando a semente na turfa virgem. Daí nasceu o trigo, multiplicado 160 vezes em relação ao número original de sementes. Em desolador contraste, os fazendeiros já estabelecidos no Kansas, tendo plantado muito mais, obtiveram safra infinitamente menor. E assim o trigo russo, mais rico em proteina, produziu pão em maior quantidade.

Antes de 1874, no Kansas, estado produtor de trigo em pequena escala, as plantações nunca alcançaram grandes safras. Daí a treze anos, porem, já os fazendeiros conseguiram multiplicar por vinte as suas safras, as quais, em 1931, antes do governo decretar a limitação do plantio, foram mais que duplicadas, atingindo assim um quarto da produção total do país.

E, já agora, os fazendeiros do Kansas enviam à Rússia uma semente de trigo melhorada e aperfeiçoada. Não hesitaram em auxiliar os russos, apesar de que estes são, potencialmente, os seus concorrentes mais poderosos, no mercado de exportação. E se assim agiram, foi por saberem que, em 1941, os russos queimaram suas próprias terras, novamente arrazadas, recentemente, pelos nazistas em retirada, os quais destruiram tratores, mataram cavalos das fazendas, e queimaram todas as sementes que não puderam levar consigo.

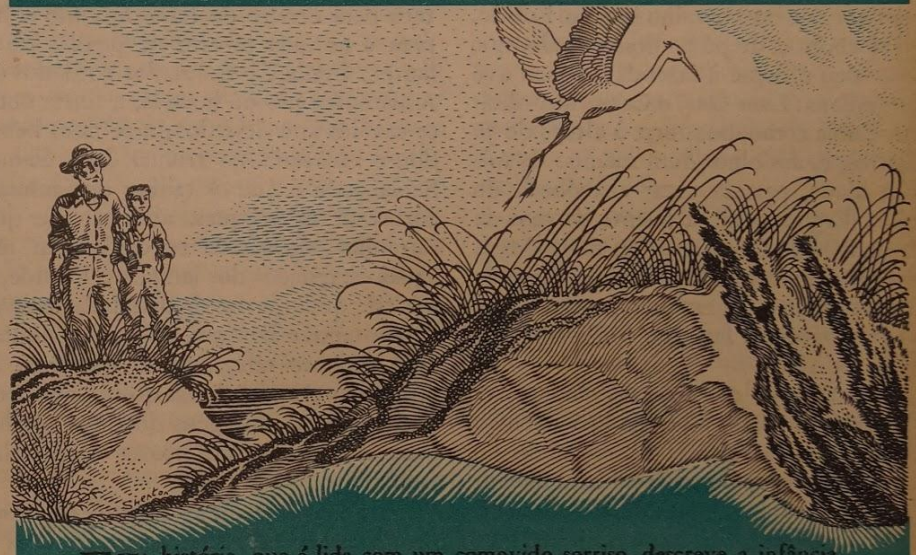
As sementes do trigo do Kansas chegaram à Ucrânia no último outono, justamente a tempo de serem plantadas. Os velhos e crianças que atualmente cuidam da agricultura, tiveram que usar máquinas meio quebradas, e pedaços de ferramentas, para aplainar o chão após a passagem dos tanques alemães, e só então puderam plantar o grão, com imenso carinho, pedindo a Deus que, em junho, consigam uma safra multiplicada 160 vezes, como em outra ocasião, no Kansas...

Bliss Isely no *Christian Science Monitor*

SEÇÃO DE LIVROS

MENINO DO AREAL

CONDENSAÇÃO DO LIVRO "DUNE BOY" *POR* EDWIN WAY TEALE



ESTA história, que é lida com um comovido sorriso, descreve a infância e a adolescência de um naturalista, e traz-nos nostálgicas evocações da vida simples e bucólica que muitos de nós já experimentamos, ou que desejaríamos ter conhecido. São pequenas aventuras, frequentes e tantas vezes cômicas; são os dias passados a «brincar de índio», os primeiros ensaios no mundo dos negócios, e as horas preguiçosas no pomar, mastigando maçãs gostosas, e vendo ao longe as dunas de areia banhadas de sol. O melhor de tudo, porem, neste livro, serão talvez as figuras fortes de bandeirantes representadas por «Vovó e Vovô», esse casal que o leitor estimará, e que parece ter sido feito sob medida, segundo as especificações do mais exigente garoto... Um crítico, Richardson Wright, disse de «Menino do Areal» que é «um livro de menino, para adultos».

Por obras anteriores, já foi o autor honrado com prêmio excepcional, concedido às melhores obras de história natural.

Copyright 1943, Edwin Way Teale; Editor: Dodd, Mead & Co., Nova York. Preço $3.00.

Foi aquele carvalho branco, isolado, enorme, de pé no descampado, que deu o nome à fazenda do meu avô no Indiana: *Lone Oak*, o Carvalho Solitário. Subia como uma torre à altura de 30 metros, e, aos olhos dum menino da minha idade, parecia tocar a abóbada do céu... Erguia-se alí, a poente da casa da fazenda, havia 200 anos ou mais. Meus avós haviam conhecido e amado a grande árvore desde o dia em que, jovens ainda, vieram viver na fazenda. Foi isso lá por volta de 1867.

Tinha eu o costume de olhá-lo, seguindo cá de baixo a vertiginosa ascensão do seu tronco imenso. Empoleirado no telhado musgoso do celeiro, ficava espiando horas e horas os esquilos vermelhos que trepavam e desciam com ligeireza pelo tronco cinzento escuro, enquanto em cima, na ponta dos ramos, os pintarroxos cantavam. Nos dias em que os cimos inacessiveis da copa se recortavam num fundo de grandes rolos de nuvens em marcha, a velha árvore parecia oscilar brandamente no espaço, inclinando-se para mim.

A casa da fazenda, pintada de branco e verde, ficava no centro de uns 40 hectares de terras alagadiças, bosques e terreno arenoso. Eu conhecia a fazenda palmo a palmo—os pomares de macieiras, os campos de centeio, o celeiro vermelho, o palheiro e o pátio atapetado de aparas de madeira. Tinha um vasto palheiro, onde eu me acostumara a pular das traves do teto para dentro do feno, fazendo subir para o ar uma nuvem de poalha cintilante... Conhecia os valados bordados de sumarentos pés de hortelã, a fonte onde os cavalos iam dessedentar-se num bebedouro escavado no tronco dum álamo. Sabia onde é que os trilhos dos animais cortavam os bosques, ao norte, e que estranhos moradores se ocultavam nas águas estagnadas dos lameiros. E onde, a uns três quilômetros de distância, através de pântanos e bosques, podia ver montanhas de ouro reluzindo ao sol: eram as cristas das grandes dunas do Indiana, que se erguiam nas margens do Lago Míchigan, selvagens, misteriosas, penteadas pelo vento.

Eu passava os meses de inverno com meus pais na cidade de Joliet, onde ia à escola. E quando vinha o verão, aquela jornada de 120 quilômetros até o país misterioso das dunas, onde estava a fazenda de meus avós, como que me arrebatava para a outra banda do mundo. Na Fazenda do Carvalho Solitário, a não ser uma visita de meus pais ou das moças da família, Vovó, Vovô e eu ficávamos sós, então, dois velhos e uma criança. Eu era um garoto desengonçado, dotado de viva imaginação, com um espírito extremamente ativo, mas muito indisciplinado. É quase certo que fiz os velhotes passarem mais de um mau bocado, e raras vezes saberiam qual a surpresa que eu lhes reservava. Mas sempre me deram a impressão de compreender que eu vivia num

mundo de sonho e fantasia, talvez porque, como Yeats escreveu,

> A vida assoma entre clarões de sonho,
> Flue depois na luz banal de horas banais,
> Até que a idade volta a atear a rubra chama.

Vovô era um grandalhão barbado, ossudo e seco, com o cabelame já grisalho sempre em desordem. Mas nem os anos de labor, apesar de lhe haverem corcovado as espáduas e engrossado os punhos, haviam podido embotar-lhe o bom humor.

Odiava que lhe dessem ordens ou lhe gritassem, e, quando dava ordens aos outros, era sempre de maneira que mais parecessem simples sugestões. Mas eu é que não tardei a aprender que, ordem ou sugestão, tudo vinha a dar na mesma. Certa manhã, saía eu de casa para ir correr no milharal, quando ele me disse: «Edwin, você hoje pode ir apanhar batatas no canteiro do poente, se quiser.»

O dia foi-se gastando, e eu, sem vontade de ir arrancar batatas. Chegada a tarde, Vovô, cansado e coberto de poeira, desatrelou os cavalos, e os levou por alí abaixo até o bebedouro. Eu, atrás, arrastando os pés, para ir espiar as rãs nas musgosas profundidades do tanque.

—E então, quantos alqueires é que você apanhou? disse Vovô.

—Não apanhei nada, não senhor.

—Ora! E porque?

Aprendí logo alí, e duma vez para sempre, que quando Vovô dizia que eu *podia*, se quisesse, era o mesmo que dizer que eu devia, tivesse vontade ou não.

A educação de Vovô, nas escolas fronteiriças de outros tempos, dir-se-ia que acabara antes de ter começado. Basta dizer que só depois de casado viera a ler um livro. Era entretanto um vivo desmentido ao conceito de que todo homem que não andou na escola é um ignorante. As idéias de Vovô tinham por assim dizer amadurecido lentamente, como um fruto ao sol.

Pelo seu lado, Vovó era uma pessoa tão interessante quanto o marido. Noiva aos 16 anos, se enterrara, a essa idade, na Fazenda do Carvalho Solitário, moça singularmente bela que então devia ser, com suas feições regulares, os cabelos castanhos e reluzentes, e o vivo rubor da saude pintado nas faces. Ainda mesmo passando dos 50, a sua tez conservava a macia brandura das pétalas de rosa. Com o seu 1,52 m. de altura, mal chegava ao ombro de Vovô.

Aqueles primeiros tempos da fazenda não tinham sido faceis. A malária apertava tanto, por vezes, que ao café da manhã era de regra pôr na mesa um pires com quinino, para que cada membro da família tomasse a sua dose. Curvada sobre a tábua de engomar, ou lidando no fabrico da manteiga, Vovó sentia-se sacudida de arrepios, e batia o queixo com febre. Faltando a mão-de-obra, ela mesma ia cavar com a enxada debaixo do sol escaldante. Criou assim três filhos, dos quais perdeu um.

Eram estes ainda pequenos quando se produziu na região grande e memoravel acontecimento que lhe acarretou graves encargos: os mentores daquela comunidade rural adquiriram uma coleção de 140 clássicos mundiais, para constituir a biblioteca pública. Durante muitos anos, estes livros ficaram na fazenda, sob a custódia de Vovó.

E Vovó pôs-se a ler em voz alta, palavra por palavra, os milhares de páginas da biblioteca. Ficaram assim conhecendo, ela e o marido, todas as batalhas célebres da história, a obra de Shakespeare, os poemas de Milton, os romances de George Eliot. Vovô, esse então sabia de

cor a salteado a vida inteirinha de Napoleão!

Durante mais de 40 anos, Vovó leu em voz alta quase todas as noites para quem quisesse ouvir, e esse era um dos grandes momentos do dia. Por vezes entrava algum vizinho, ou vinham os empregados da fazenda, e sentavam-se a escutar. Se era no verão, espichavam-se na varanda da frente, tirando em silêncio a cachimbada, dando, quando sim quando não, uma sonora palmada num mosquito... Sentada por trás da porta de tela, junto a um candieiro de querosene, Vovó lia, lia sempre, erguendo a voz com expressão às passagens mais empolgantes.

A vida de árduo trabalho, que foi o seu quinhão da sorte, nunca pôde quebrantar-lhe o ânimo. Parecia que ela tinha pederneira na substância de que era feita, e por vezes a pederneira lançava chispas. Havia dias em que se sentia esgotada e irritadiça; era então que Vovô me chamava de parte e dizia: «Vovó não está boa hoje... O melhor é você sumir da cozinha.»

Vovó mostrava-se por vezes colérica e impulsiva. Um dia atirou com a escova de esfregar ao gato, que atravessara a casa deixando pegadas no soalho lavado, e depois chorou durante meia hora... porque tinha machucado o bicho! Mas transigir com a maldade deste mundo, isso ela não transigia; via através da manha da gente como se fosse pela vidraça duma janela. Verdadeiro Isaías de touca, onde quer que a injustiça ou a maldade erguessem a grimpa, lá estava ela, armada de ânimo belicoso. Costumava dizer:

«O que é preciso é evitar que gente maldosa pratique o mal. Não basta perdoar o mal que já esteja feito!»

O jardinzinho da fazenda não era um lugar como outro qualquer: as áleas bordadas de flores, e rosas por todos os lados. Havia lilazes velhos de cincoenta anos, amendoeiras anãs, malva-rosa, chagas trepadeiras. Vovó ocupava-se do jardim nos seus raros momentos de ócio, e pela fresca da tarde, acabadas as lidas do dia.

Tanto ela como Vovô eram admiraveis narradores de histórias. A maior parte dos racontos dele tinham por assunto a *sua* Guerra Civil, e os tempos da «fronteira», ou então as façanhas dum imaginário *Mister Bump*. Quando eu era muito pequeno, Vovó costumava fazer-me adormecer todas as noites com a interminavel narração dos «Anõezinhos do Rio»—mundo de gente imaginária e minúscula, com chapelinhos bicudos, correndo as margens dum escuro ribeiro, e que ainda hoje, delido pelo tempo e a distância, me acompanha.

UMA SOMBRA triste pesou sobre meus anos de infância: que pena não houvesse eu nascido pele-vermelha! Todo o meu sonho era uma existência diferente, longe dos livros de escola, com o futuro representado por uma longa sucessão de anos cheios de sol, sob um céu vasto e aberto. Parecia-me—e eu não o escondia—que meu pai e minha mãe eram de certo modo responsaveis pelo fato de eu não ter nascido índio. Ao que Vovô observou uma vez: «Bem, seu moço, o melhor é você ver se vai se habituando a ser *rosto-pálido*, porque já é um pouco tarde para remediar...»

Fiz todo o possivel para compensar a irreparavel deficiência, deixando que o sol queimasse minha pele, lavando-me tão pouco quanto a lei e Vovó consentiam—e um dia cheguei mesmo a pregar-lhe um susto, aparecendo na porta da cozinha com a cara toda pintalgada de sumo de amoras! Experimentei viver de bolota todo um dia, e dormí no chão duro do meu quarto. Com pedaços de couro, retalhos de ganga e pele de coelho, acabei por compor uma esquisita blusa de pele-vermelha. Coroado de penas de galinha, que pendiam majestosamente pelas minhas costas abaixo, era raro que eu saisse de casa sem levar comigo arco e setas. Fora Vovô quem fizera o arco, talhado a facão numa vara de freixo, e as setas eram de madeira de carvalho polido, com autênticas pontas de pederneira.

Aquele país de dunas fora sucessivamente ocupado por diversas tribos de índios. A «ilha» de terreno pantanoso onde as vacas de Vovô procuravam abrigar-se à sombra, nas tardes de calor, teria sido em tempos, segundo contava a lenda, um campo de batalha; o areal, que o capim mal cobria aquí e alem, era verdadeira mina de utensílios dos índios. Só alí conseguí eu reunir mais de cem pontas de setas e lanças, e lâminas de *tomahawks* (achas de guerra dos índios norte-americanos).

O dia mais memoravel de minha vida, no que respeita ao desejo de virar guerreiro índio, foi aquele em que determinei pôr minha coragem à prova dos carvões em brasa. Segundo tinha lido, os jovens guerreiros índios davam mostras da sua impassibilidade, colocando brasas nos pulsos, e deixando-as alí a arder até ficarem reduzidas a cinza, sem que o herói sequer pestanejasse!

Ora, uma tarde, estando só na cozinha, entreabrí cautelosamente a quente portinhola do fogão, e espreitei lá para dentro: línguas de fogo vermelho rompiam por sobre a massa de carvões fulgurantes, lambendo as paredes da fornalha. Foi um instante, e fechei a porta vivamente.

Custou-me cinco minutos de ansiosa e silente discussão comigo próprio, para induzir este meu corpo de rosto-pálido, a aproximar-se de novo do fogão. Tenaz em punho, pesquei para fora uma brasa chispante, bem do tamanho de um olho de boi. Soprada pela minha respiração nervosa, a brasa se dilatou mesmo como um olho maldoso e funesto... Resolví então experimentar com uma brasa menor: porque, quanto ao *tamanho* dos carvões a tradição índia era omissa!

Por esse processo de eliminação, acabei por encontrar uma brasinha que não seria maior do que um grão de fuligem, e que fulgurou um efêmero instante no meu pulso, expirando logo a seguir como uma estrela cadente. Quando examinei a pele à luz do sol, fora de casa, ví que no pulso se notava apenas uma minúscula mancha avermelhada. A queimadura tinha as proporções de uma cabeça de alfinete. Era no entanto uma tortura infligida por minha própria vontade, um emblema de ânimo forte! Foi assim que me convencí de que, a despeito da minha pele de homem branco, eu tinha de fato o nervo de um bravo guerreiro índio.

DEPOIS DISSO, o que eu podia fazer de melhor para me transformar num índio, era percorrer aqueles bosques do norte, como um caçador de peles da baía de Hudson. Tal ambição era periodicamente alimentada pela chegada dos consecutivos exemplares do catálogo da Companhia Sears Roebuck, esse fabuloso livro de sonhos dos meninos de fazenda. Os catálogos ofereciam a venda tudo que se pudesse imaginar: tendas de campanha, armas e canoas, chapéus de *cowboy*,

chicotes de pele de cobra, armadilhas, camisas de lenhador, e botas de caça. Como tantos outros rapazelhos daquela época, aprendí a ler, principalmente, graças ao meu desejo de encontrar nesse catálogo todos os pormenores descritivos das coisas que, acima de tudo, desejava possuir.

Nos mapas de um velho manual de geografia, fui traçando os percursos necessários, e calculei as quilometragens ao longo dos grandes rios do Norte—o Saskatchewan, o Athabaska, o Mackenzie. Em seguida percorria o catálogo, tomando nota de todos os utensílios necessários à minha longa e aventurosa jornada. Das listas que então fiz, ainda me resta uma: 6K4053, armadilha para lobos; 6K4089, montador de armadilhas; 6K4114, armadilha de árvore; 6K4230, curtidor de peles... Escusado será dizer que nenhuma dessas viagens, através da nevada brancura do Norte, chegou jamais a realizar-se. Mas, por curto espaço de tempo, tornei-me realmente um caçador de peles profissional na Fazenda do Carvalho Solitário.

Nos dias de chuva, Vovô e eu nos reuníamos no celeiro. Alí ficava ele sentado, reparando os arreios dos cavalos, e contando-me histórias da sua juventude, enquanto no interior do velho edifício pairava um estranho misto de odores. O aroma da chuva fresca, que lá fora pingava na poeira quente e seca, misturava-se ao aroma do cachimbo de Vovô, e às emanações da tinta, do alcatrão, e da graxa dos carros. Mas, cobrindo todos esses cheiros, predominava o dos ratos...

Com efeito, o celeiro de Vovô era uma espécie de santuário da rataria. Gerações sucessivas de roedores se apoderavam daquele tesouro, e engordavam na abundância, lançando Vovô em indescritiveis crises de furor. Certo dia de agosto, quando as arcas estavam cheias, e dir-se-ia que os ratos disso estavam informados, de tal modo afluiam dos campos àquela Terra Prometida, Vovô decidiu agir:

—Edwin, — disse ele — você quer ser caçador de peles, não é?

—Quero, sim senhor.

—Nesse caso, porque é que você não começa por dar caça a esta peste dos ratos? Eu lhe dou um niquel por cada dúzia de ratos.

O preço era realmente deslumbrante. Pus-me a escutar o rumor das correrias e dos guinchos dos ratos, e cheguei à conclusão de que por alí podia, sem percalços nem trabalho, como numa estrada lisa, chegar à fortuna.

Na sua viagem seguinte à cidade de Míchigan, Vovô comprou duas dúzias de ratoeiras de mola. E ao entregar-mas, disse: «Agora é que você vai entrar no negócio das peles.»

Na manhã imediata, as minhas mais róseas expectativas pareciam justificadas: em cada uma das ratoeiras estava aprisionado um ratinho!

Sentindo já o cobre de Vovô a tilintar-me no bolso, uma idéia nova me ocorreu. Esfolaria os ratinhos, e curtiria as suas brandas peles. A custa de muito afiar minha faca de mato, conseguí dominar a arte de esfolar ratos, e pelo anoitecer já tinha cinco courinhos secando sobre uma prancha no telheiro da lenha. Bem pregados com alfinetes, eu os havia esfregado cuidadosamente com sal e alumen. Depois da ceia, Vovô e Vovó foram vê-los, e Vovó me perguntou «que mais é que eu iria inventar depois daquilo...»

Nessa noite, sonhei que era o fundador de toda uma nova indústria, e sentí-me transfigurado numa espécie de magnata das Peles de Rato... Visionava fardos e mais fardos de pequeninas peles, muito bem atados, esperando embarque em plataformas de expedição. Mas ao cabo da primeira semana, a minha colheita diária começou a minguar. A despeito do seu número, que era na aparência grande, os ratos do celeiro estavam desaparecendo. Quem andava contentíssimo, era Vovô, que exultava:

—Você quase que acabou com a raça dos malditos!

—Mas eu pensei que houvesse muito mais ratos...

—Bom,—disse Vovô—nunca se pode ajuizar pelo que se ouve. Isso me faz lembrar o que aconteceu com Mr. Bump e as rãs. Houve um verão em que as rãs, na lagoa que ficava perto da casa de Mr. Bump, coaxaram de tal maneira que ele não pôde dormir noites seguidas. Bump então fez um contrato com um hotel da cidade, comprometendo-se a fornecer 10.000 pares de pernas de rã. Quando se preparava para fazer a entrega da mercadoria, só conseguiu encontrar ao todo, nas águas da lagoa, oito rãs!

Tive que me dedicar à caça de outras peles, como, por exemplo, de toupeiras, e até mesmo um ou dois esquilos vermelhos. Nesse outono, quando regressei à cidade para recomeçar os estudos, levei comigo as peles que obtive, devidamente tratadas: o maço era tão pequeno, que eu podia carregá-lo na palma da mão. Nas animadas ruas de Joliet, já não existiam as «barraquinhas» de outro tempo, com facas, revólveres, e peças de chita para as trocas. Mas, passando os olhos pelo jornal, encontrei o grande anúncio de uma venda de peles, e concluí de mim para mim que a casa anunciante devia estar precisando de novo suprimento.

Com explicavel timidez, subí as escadas, e entrei no respectivo departamento. Durante muito tempo, ninguem me prestou atenção, e alí fiquei, um garoto de oito anos, trocando os pés aflitivamente em cima do grosso tapete verde. Finalmente, o gerente deu pela minha presença:

—Como é, moço, você gostaria de ver algumas peles?

—Eu tenho pele para vender.

— Que espécie?

—É pele miuda...

Metí a mão no bolso, e tirei para fora o pequeno pacote.

O gerente quase deu um pulo, e voltou-me as costas, aparentemente para examinar a mercadoria à luz da janela. Depois, disse: «Acho que vou mostrar ao dono da casa. Sabe, é ele quem decide sobre estas compras de importância.»

Desapareceu logo numa sala vizinha, fechando a porta atrás de si. Lá de dentro vieram exclamações abafadas e risadas mal contidas. Abriu-se um pouco a porta, e o gerente fez sinal à chefe das vendedoras do departamento. Não tardou que às primeiras vozes se juntassem risadas femininas. Até que o gerente voltou a aparecer, com a face vermelha do esforço de reprimir o riso.

—Sinto muito, mas não é exatamente o que nós precisamos, explicou cortêsmente. —Mas, eu acho que a Casa Boston está precisando de algumas peles destas. Dê um pulo até lá, pergunte por Mr. Bryant, e diga que vai da minha parte.

No ínterim, a chefe das vendedoras tinha andado a dizer segredinhos a uma porção de empregados e fregueses, e, à medida que me encaminhava para as es-

cadas, sentí que todos os olhos estavam cravados em mim. No momento preciso em que punha o pé no degrau de cima, uma gorda e rubicunda senhora, que alí estava a examinar o efeito de uma pele de raposa prateada em volta do pescoço, pareceu atingir o limite do auto-controle, e estourou como um saco de papel numa risada estrondosa, enquanto eu voava cheio de vergonha escada abaixo, sentindo que a minha carreira de caçador de peles findara naquele beco sem saida do ridículo...

NA PRIMAVERA seguinte, meus pais, na esperança de orientar minha atividade em sentido mais prático, decidiram comprar um porco para mim. Esperavam eles oferecer-me assim uma lição-de-coisas, tanto sobre as virtudes da economia, quanto sobre os mistérios dos juros compostos.

Esse porco foi precedido por um porquinho de louça vidrada, cor marron, com uma pequena fenda no lombo. Durante o inverno, segundo as instruções recebidas, fui botando niqueis e pratinhas dentro do mealheiro, e na primavera, o total, que andava por cinco dólares, foi entregue a Vovô para fazer a compra.

—Vovô vai comprar uma porca pra você, explicou mamãe. —Passado algum tempo, a porca vai ter leitõezinhos. Alguns deles serão fêmeas, e, quando crescerem, terão outros leitõezinhos. Assim, começando só com uma, você pode vir um dia a ter um curral cheio de porcos.

O dono da fazenda onde Vovô foi comigo para comprar o porco era conhecido como sujeito bastante manhoso, de fala atrapalhada, fungando quando falava. Levou bem cinco minutos a tomar em consideração a oferta de Vovô. Por fim, pigarreou e disse:

—Bom, essa porca que você está vendo é do melhor que existe... mas você pode levar ela por cinco dólares, se o menino quiser.

Dei à porquinha o nome de Flora. A idéia era levá-la a viver no chiqueiro com os porcos de Vovô; pela minha parte eu devia pagar seu sustento com trabalho, isto é, transportando diariamente um balde de restos da cozinha para a mangedoura dos porcos. Quando vi a porquinha instalada no seu chiqueiro, sentí-me tão feliz e orgulhoso, como se já navegasse em pleno mar de rosas de juros compostos.

À manhã seguinte, saí correndo, para ver se já haveria alguns leitõezinhos no chiqueiro: nem mesmo Flora lá estava! No extremo mais afastado do chiqueiro, onde a prancha inferior do tapume estava pregada a um poste de madeira macia, de sassafraz, a porquinha tinha sabido abrir caminho para a liberdade, e as marcas dos seus pezinhos bifurcados, impressas na terra, dirigiam-se em linha reta para a fazenda onde na véspera a tínhamos comprado.

Vovô fez uma cara séria, e pôs-se logo a atrelar o cavalo ao carrinho. Já íamos rolando estrada fora, quando eu o ouví murmurar de si para si: «O que eu não sei é se aquele amigo vai dizer a verdade, mesmo que a porquinha tenha voltado para a casa dele.» Dito e feito... O criador de porcos recusou confessar.

—Esta manhã—declarou ele—vi um porquinho branco aí fora do meu chiqueiro. Mas—fungadela—cinco dos meus porcos andavam tambem por fora. Podia muito bem ser um deles. E não sei como é que podemos verificar!

Vovô tornou a subir na carrinhola. Não tínhamos posto marca nenhuma em Flora; não nos era possivel identificá-la. «Macaco velho, safado!» rosnava Vovô a caminho de nossa casa. «Ele está farto e mais que farto de saber que aquele é o porquinho que vendeu ontem a você.»

De repente sentí-me siderado por este pensamento: se Flora tinha fugido, com ela tinham ido todos os meus leitõezinhos de juros compostos! *E onde estavam meus cinco dólares?* O desgosto foi tal, que nem mesmo quando, mais tarde, meu pai reparou a dinheiro a perda, me foi possivel restaurar a antiga fé nas maravilhas dos juros.

AS LIÇÕES de coisas de Vovô eram mais faceis de compreender, e deixavam traço mais profundo. Uma das tarefas a que eu estava condenado, de tempos a tempos, era ajudá-lo a afiar um machado. Minhas queixas amargas se erguiam acima dos guinchos e rangidos do machado na pedra de amolar:

—Vovô, quebrei a espinha!

—Não pode ser. Nunca ninguem partiu a espinha só de amolar um machado. A maneira de você descansar, é fazer um pouquinho mais de força na manivela. E respire devagar.

—Porque é que o senhor não roda a manivela, enquanto eu seguro o machado?

—Porque você não sabe fazer isso.

Houve um dia em que recorrí ao mais velho dos estratagemas que a infância utiliza:

—Vovô!

—Que é?

—Eu acho que o senhor não era capaz de fazer girar esta mó tanto tempo.

—Hum, hum, fez Vovô. —Pois muito bem, já que você está tão ansioso por segurar no machado, vá para a frente, e veja o que acontece.

Pôs-se a dar à manivela até que a mó desatou a espirrar água, enquanto eu carregava bem no machado.

—Você não pode amolar só essa pontinha do machado, —observou ele. —Deve começar um pouco mais atrás: e tambem precisa carregar pra baixo. Você não está fazendo força que chegue pra esborrachar um pernilongo!

Carreguei mais no machado. Este me escorregou desajeitadamente das mãos, e uma ponta, que já estava afiada, bateu na roda da mó. A falha resultante arruinou meu trabalho, e eu tive que voltar, cheio de vergonha, a dar à manivela. Durante toda a minha vida tenho considerado que era o Jeito que se encarregava do machado, e a Falta-de-Jeito que fazia girar a pedra de amolar...

ERAM OS morangos e os espargos que produziam o primeiro rendimento da estação. Todos os anos, em junho, Vovô remetia centenas de caixas de morangos para Chicago. Depois, pelo 4 de julho, vinham as batatas Early Rose, que eram seguidas pelas maçãs vermelhas Astracan, e pelas ceifas do trigo. Chegavam por fim as colheitas do outono—abóboras, milho, nabos, cabaças, batatas seródias, e maçãs de outono. E durante todo o verão Vovô carregava várias vezes por semana a carroça com produtos agrícolas, e levava-os a vender nas ruas de Míchigan.

Não constituia um acontecimento ordiná-

rio, essa viagem com Vovô até a cidade. Antes do amanhecer, já andávamos numa roda-viva, atendendo às tarefas matutinas, enquanto Vovó preparava a toda a pressa o pequeno almoço de milho frito e mel. Enquanto Vovó me escarafunchava as orelhas com a ponta úmida duma toalha, Vovô surgia na porta com a gravata pendente da mão, e um ar embaraçado. A necessidade de se vestir à moda da cidade era sempre para ele um motivo de alarme e inquietação. Dizia: «Se você quer que eu ponha este troço no pescoço, tem que me dar o nó!»

Enquanto vivo foi, nunca vi que fosse capaz de praticar a arte de atar uma gravata. No tempo em que servia como jurado, metia-se na cama todas as noites, sem tirar a camisa. Durou isso desde a segunda até sexta-feira! «Se eu me atrevo a tirar o diabo da gravata, nunca mais sou capaz de tornar a fazer o nó!»

Pelas quatro e meia da manhã, estávamos prontos, e a caminho na frescura da madrugada. Ao atingirmos as portas da cidade, já o mulherio andava a pé, e nós começávamos a colher a nata da freguesia, antes que as lojas estivessem abertas. Guiando a carroça rua abaixo, Vovô ia apregoando: «Batatas! Maçãs! Milho doce!» e quando nos saía ao caminho algum freguês, era eu que pulava da boléia, e ia medir ou pesar a mercadoria. Tínhamos um acordo anual: se eu apanhasse as maçãs boas para Vovô, podia vender por minha conta e meu proveito, por metade do preço, as maçãs bichadas e pequenas. Com grande espanto e desgosto do velho, as minhas maçãs inferiores eram quase sempre as primeiras a vender-se...

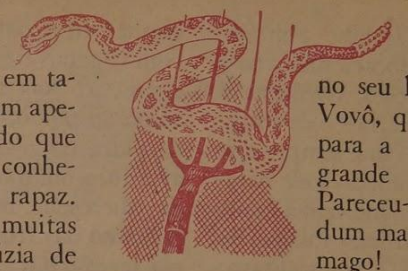
Antes do meio-dia, totalizadas as vendas, e o dinheirinho cantando nos bolsos, a primeira coisa que fazíamos era encaminhar-nos para a confeitaria, e regalarnos de refrescos. A nossa última parada do dia era a Biblioteca Pública, situada na fresca sombra de grandes olmos, com a grama verde em volta, ainda úmida da rega recente; trazíamos de lá uma braçada de livros novos. Durante meia-hora eu ficava por alí remexendo em livros e pilhas de revistas, no grande edifício calado, com o seu cheiro misterioso de couro velho e papel impresso.

Anoitecia geralmente antes de havermos chegado a casa. Em tais noites era sempre à pressa que executávamos os nossos deveres domésticos. Ordenhadas as vacas e lavada a louça da ceia, ocupações respectivamente de Vovô e de Vovó, íamos sentar-nos em ansiosa expectativa. Vovó acomodava no nariz os seus óculos de aro de prata, espevitava a torcida do candieiro de querosene, e rompia a leitura dos livros de histórias.

O cachimbo de Vovô ardia com um fervilhar que parecia acelerar o ritmo da leitura, e eu ficava estendido no chão da sala de jantar, de olhos arregalados na meia obscuridade, a ouvir desenrolar-se o enredo de contos maravilhosos de aventuras e viagens, um dos quais, *Animais Selvagens que eu Conheci*, ouvimos ler e reler vezes sem conta.

Nunca eram lidas, se acaso o sabíamos de antemão, histórias em que os animais falassem como gente. Vovó não queria dessas. «Pois se eu gosto de bicho justamento porque é diferente da gente!»

Ao NORTE dos bosques do Carvalho Solitário desenrolava-se larga zona arenosa, abandonada dos homens e escavada de tuneis e galerias pelas toupeiras. As dunas eram já um bom terreno para caçar cobra, mas esses campos arenosos eram o verdadeiro paraiso das serpentes. Viam-se por toda parte, na areia nua, os rastos dos repteis cruzando-se em todos os sentidos.



Claro está, dizia Vovô com uma pontinha de vaidade, essas cobras, em tamanho e em número, eram apenas a sombra apagada do que tinham sido as que ele conhecera nos seus tempos de rapaz. «Nessa época, acontecia muitas vezes eu caçar uma dúzia de cobras antes do café! E não era preciso que fosse a temporada delas!» As pobres eram pela maior parte inofensivas naquela zona, mas um pouco para alem, onde o areal deserto descia até se perder na vegetação emaranhada dos pântanos, habitava a temivel massasauga, ou seja a cascavel da pradaria.

Não obstante, as cobras me davam medo, e na estação da sega esse medo crescia em pavor. Para os ratos, as cotovias do prado, as cobras e demais moradores de um prado, a colheita dos fenos é uma estação fatal. O vaivem das lâminas da segadeira, os bicos de aço do rastrilho, os agudos dentes da forquilha, as pesadas e atroadoras rodas do carroção—tudo isso passa nos campos, deixando atrás de si um rasto de morte e destruição. Sentado no alto da imensa carga de feno, enquanto rodava o carroção, cada vez que eu via Vovô espetar e erguer no ar com a forquilha um grande molho de feno, para o carregar, imaginava que uma cobra, até alí oculta na erva, vinha coleando em minha direção.

Certo dia de muito vento, em julho, ia eu no alto da carga de feno, calcando-o com os pés na dianteira do carro, quando Vovô chegou à última meda daquela fileira. Carregando com todo o peso do seu corpo no cabo da forquilha, enterrou ele profundamente os dentes desta na grande massa cônica de feno. Depois, erguendo-a vigorosamente contra o vento, fê-la assentar atrás e bem perto de mim, retirando logo a forquilha. Enquanto eu a calcava no seu lugar, lancei o olhar a Vovô, que já se encaminhava para a fileira seguinte com a grande forquilha ao ombro. Pareceu-me receber a pancada dum martelo na boca do estômago!

Ao espetá-la na meda de feno, Vovô tinha cravado um dos dentes da forquilha no corpo roliço duma cascavel, que, erguida agora, se contorcia chicoteando o ar, quase ao alcance das costas do velho. Vencendo o medo que me emudecera, lancei um agudo grito de aviso, mas o vento levou para longe a minha voz. Tornei a gritar mais e mais, com toda a força dos pulmões, mas Vovô continuou sem me ouvir, caminhando com a maior tranquilidade.

Os compridos segundos que se seguiram parecem obra de pesadelo: eu gritando de terror no alto da imensa mole de feno, e aquele velho andando calmamente campo fora, com a cascavel espetada na forquilha e escabujando para a direita e para a esquerda. Mas Vovô acabou por perceber que as sacudidelas da forquilha não podiam ser causadas só pelo vento, e virou a cabeça para olhar. O que então viu, provocou-lhe uma reação tão rápida quanto decisiva.

Quando vi morta a cascavel, deixei-me escorregar do alto do feno para o chão. Com todas as cautelas, pois me lembrava do velho dito de que as cascavéis andam sempre aos pares, aproximei-me, e olhei assombrado o corpo do medonho reptil. Vovô continuou calmamente a fazer seu trabalho. Quanto a mim, essa aventura voltou-me ao espírito muitas vezes, ampliada e requintada, em pesadelos que me vieram perseguindo durante muitos anos.

NA FAZENDA do Carvalho Solitário nunca foi preciso tocar a sineta para chamar a gente às refeições. Vovô estava sempre pronto na hora certa—e de costume um pouco antes. «Não é sempre que eu estou com fome,» começava ele habitualmente, «mas quando me vem a fome, é mais ou menos nesta altura.» Puxava do grande relógio de ouro, e acrescentava: «Mas não passa de onze e meia, e acho que o melhor é acabar esta fileira. A gente arranca umas ervas, corta algumas, pisa outras e o resto morre...»

Durante alguns minutos continuávamos a trabalhar em silêncio, até que Vovô tornava a puxar do cronômetro: «Uma vez, quando Mr. Bump estava na tropa, era um dia assim quente como o de hoje. O general mandou formar todos os soldados, e disse assim para eles: «Rapazes, nossa munição está-se acabando. Quero que vocês dêem fogo até queimar o último cartucho. Depois, fujam.» Aquí Mr. Bump fez a continência, e disse: «Seu general, eu sou um bocado coxo. Melhor é eu começar já a fugir!»

Em pequeno, Vovô tinha vivido em casa duns certos parentes que, por serem avarentos, lhe fizeram passar muita fome. Contava-me ele que, até a idade de dezesseis anos, nunca soube que as galinhas tinham alguma coisa que se comesse, alem de asas e pescoço. «Não quero saber de indagar do preço da comida que eu gosto. No dia que for preciso pensar nisso prefiro morrer logo duma vez.»

A despensa do Carvalho Solitário era um verdadeiro paiol de mantimentos; todos os anos, pelo outono, Vovó entrava em preparativos dignos dum general que espera o cerco da sua praça. A quantidade de comestiveis que ela armazenava no porão era verdadeiramente incrivel: grandes arcas, barrís e caixas, ficava tudo cheio a mais não poder. Nas prateleiras alinhavam-se batalhões de frascos e boiões com vegetais e frutas de toda espécie, em conserva. Nas noites de inverno, uma visita ao porão, para buscar uma garrafa de cidra ou maçãs, era uma verdadeira aventura olfativa. O cheiro do candieiro de querosene misturava-se ao perfume delicioso das frutas armazenadas, ao aroma terroso das caixas de batata, à pesada emanação das barricas de conserva, aos mil e um aromas daquele tesouro de víveres.

Vovô tinha imenso orgulho das habilidades culinárias de Vovó, mas sempre que havia visitas gostava de fazer pouco dela: «A gente aquí não pede desculpas por causa da comida,» explicava ele, com um sorriso jovial para os convivas. «Se nós comemos disto todos os dias, e gostamos, vocês não têm remédio senão gostar por hoje».

AO ENTARDECER dos dias de verão, eu costumava ir ao pátio da fazenda, para tomar fresco e olhar as andorinhas. A graça delas, o rápido ir e vir do seu vôo, faziam-me desejar ter asas tambem. Outras vezes, quando os cúmulos se alteavam no céu ardente, e ficavam pairando, como gigantes vestidos de brancura, deslizando vagarosos, eu me deitava na erva do prado, e alí ficava sonhando que subia através deles até o mais alto do céu, para depois descer numa espiral vertiginosa, como se escorregasse lá de cima pelo corrimão de uma escada imensa.

E foi assim que acabei decidindo-me a ser aviador.

A aeronáutica soltava então os seus primeiros vagidos. O primeiro desafio internacional do ar tivera lugar o ano anterior, em Reims, na França, e os grandes pioneiros da aviação—Santos Dumont, os Irmãos Wright, Louis Blériot, Henri Farman, Glenn Curtiss—andavam na boca de todo mundo e nos cabeçalhos dos jornais...

Mergulhei com febril entusiasmo nas questões aeronáuticas. Li nove vezes o livro de Santos Dumont, e outras obras sobre o assunto. Um meu tio mandou-me um exemplar duma revista de aviação, que eu deixei literalmente feito em pedaços, de tanto o folhear.

Ao ler tudo isso, conseguira esclarecer um mistério que de há muito me vinha intrigando. Dizia-se que, poucos anos passados, um «velho doido» aparecera na região das dunas, e se instalara perto de uma elevação arenosa que declinava lentamente para o lago. Era do tope dessa colina que ele, servindo-se de umas asas artificiais, descia pairando pela encosta abaixo, esforçando-se por erguer vôo. Suas primeiras asas, ao que se afirmava, tinham sido cobertas de penas de galinha, porem mais tarde eram apenas um esqueleto de pinho revestido de musselina.

Nenhuma das histórias que eu já tinha ouvido me impressionou tão profundamente como aquela. Noites e noites seguidas ficava na cama imaginando o velho solitário, com a sua longa barba branca batida do vento, erguendo-se acima da praia morena e da brancura da rebentação.

E vinha agora a saber, nos meus livros de aviação, quem era realmente aquele velho «doido» das nossas dunas: nada menos que Octave Chanute, um dos mais notaveis pioneiros do vôo humano! A sua colina de areia quedava a poucas milhas de distância da nossa fazenda, e a descoberta desse fato ainda mais excitou o meu desejo de me tornar eu mesmo pioneiro do mais pesado que o ar e da conquista dos espaços.

Servindo-me de fasquias de pinho branco, arame de embalagem, e papel com massa de farinha, comecei a reproduzir aqueles primitivos aeroplanos em pequenos modelos com 30 cm. ou pouco mais de envergadura de asa, e o lenheiro de Vovô se tornou o hangar onde eu armazenava minhas aeronaves em miniatura.

Foi por essa época que comecei a usar o boné com a pala para trás, à maneira dos meus grandes heróis do ar, Hubert Latham e Lincoln Beachey. Submetí-me tambem a muitos e complicados testes com o fim de demonstrar minha capacidade para a carreira. Ainda me lembro de que, certa vez, fiquei pendurado durante 75 segundos dum galho de macieira, de cabeça para baixo, só para descobrir as sensações do vôo invertido...

Pela altura em que completei os 11 anos, o número de meus modelos de máquinas de voar atingira um total de 120! Então, daqueles simples modelos, passei aos papagaios ou arraias capazes de transportar um ser humano. Um imenso papagaio de caixa, quase com 3 metros de comprido, ficou esborrachado logo na inauguração, com grande alívio de Vovó. Veio depois a idéia duma pequena asa, presa com arames em baixo da barra de minha bicicleta. Pedalando como um louco por uma pequena encosta abaixo,

alcançava uma espécie de trampolim de esquís, feito duma prancha e duma caixa, e conseguia ir por ares e ventos uns bons três metros e meio, antes de tornar a tocar terra.

Assim, de degrau em degrau, cheguei finalmente ao meu tandem planador, com asas de mais de 5 metros de envergadura. Após curtas evoluções pelo telhado do galinheiro, eu me precipitava à mercê do ar insubstancial. Mas a palavra que melhor descreve o resultado de tais experiências, é uma só: Catrapuz!

Foi durante o 13.º estio da minha infância que minha obsessão de voar atingiu o ápice com a Dragonette. Era esta construida de varas de abeto e pinho branco, armadas por meio de parafusos grossos. As seções eram reforçadas com cordas de piano. O trem de aterragem consistia num par de rodas de carrinho de mão. A fuselagem media 4,50 m. de comprimento, a asa superior estendia-se a 7,20 m. de envergadura, e mais de 1,50 m. de largura. Por sobre o esqueleto da fuselagem e das asas, estiquei uma forte musselina, que preguei muito bem com tachas.

Fixado assim todo o forro de pano, Vovó preparou uma grande caçarola cheia de grude quente. Com uma brocha de caiar, pintei as asas e a fuselagem com aquela goma para tornar o tecido teso e menos resistente ao ar.

Quando, concluida a tarefa, me pus a contemplar a máquina de amplas asas, deslumbrante ao sol como uma grande gaivota branca, o coração me cresceu no peito, que eu até mal podia respirar.

Meu plano era simples: Vovô prometera atrelar Dolly, a velha égua de tiro, à minha Dragonette, que seria então rebocada pelo animal, através do prado, contra um vento muito fresco. Eu imaginei que, se aquele «motor» de 1 cavalo podia puxar minha máquina a 15 quilômetros por hora, contra um vento de 40 quilômetros à hora, as asas teriam a mesma capacidade de elevação que se o aparelho fosse correndo no chão a 50 km. à hora numa calmaria...

Nada se parecia menos com um motor do que Dolly, égua de plácida e paciente condição, com as maiores patas que já vi no gênero, e um rabinho ralo que mais dava a idéia de uma vassoura velha. Nos seus tempos de glória, Dolly poderia ter dado um máximo de 18 quilômetros por hora...

Chegado o grande dia, meus pais, avisados da marcha dos acontecimentos, apareceram como por obra de mágica. Tive alegria em vê-los, porque, no meio dos meus preparativos, me vinham perseguindo inquietas imagens de aviões escangalhados, com rapazinhos mortos entre os destroços. Minha mãe estava pálida e assustada, mas isso me deu coragem!

Pusemos-nos a caminho do prado de baixo, em procissão. À cabeça, as grandes patas de Dolly batiam com rumor abafado na areia do caminho; a longa corda da roldana do palheiro arrastava-se atrás dela, atada a um pau de boléia. A Dragonette lá ia caminho em fora, aos trancos e barrancos, comigo a erguer-lhe a cauda, e mamãe e papai aos extremos das asas. Vovó, cheia de dúvidas sobre o nosso estado mental, fechava o cortejo à retaguarda.

Chegados à cerca da pastagem, que não tinha vão bastante para deixar passar as asas do aparelho, foi preciso erguê-lo no ar, para que passasse. Vovô logo resmungou que, quando tinha posto alí aquela cerca, não era para deixar passar máquinas de «andar no ar»...

À medida que íamos entrando pelos vastos espaços do prado, a brisa refrescou, ao ponto de provocar o caraterístico

ruido das folhas em agitação de um próximo carvalho. Meu pai e minha mãe explicaram a sua intenção de correr agarrados às pontas das asas, para me manterem baixo, não fosse o caso que eu e o meu passarão lembrássemos de trepar na atmosfera «demasiado rarefeita».

Instalei-me na carlinga, com a cabeça mal assomando acima da fuselagem. A cerca de 30 metros adiante o «mecânico» pôs em marcha o «motor»—ou antes, pô-lo a rodar, pois a Dolly, com o seu ar melancólico e ausente, se tinha deixado embaraçar nas cordas e tirantes. Vovô ajeitou tudo como pôde, e deu alguns estalos ruidosos com a língua. Nada se mexeu, e ele então berrou: «Vamos embora, mula preguiçosa!»

Rebolando os olhos de maneira que se lhe via o branco, Dolly virou apreensivamente a cabeça para a caranguejola que vinha atrás, e sacudiu um par de vezes a vassoura que lhe fazia as vezes de rabo. Depois, sem mais aviso, meteu a galope! Vovô galopava atrás, enquanto papai e mamãe, agarrados às pontas das asas, corriam por cima da folhagem... O chapéu de Vovô voou com o vento, e sua barba ondejava no ar. A minha surpresa foi tamanha, com tudo aquilo, que me esquecí de manobrar os comandos. Rolamos assim aos tropeções uns cem metros, e paramos.

Ninguem sabia o que dizer. Eu pulei como pude no chão, dei meia volta à Dragonette, e lentamente nos encaminhamos para o ponto de partida. Mais uma vez fomos rodando pelo campo, e eu, com muito cuidado, puxei devagarinho o cabo do comando. Nada sucedeu, embora eu notasse que papai, em vez de empurrar a asa para baixo, a estava levantando do seu lado. Na tentativa seguinte, ele disse ter a certeza de que poderia impedir sozinho que o aparelho subisse demasiado alto, de modo que mamãe ficou abanando-se com o leque à sombra do carvalho. Foi então que tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo!

Dolly arrancou logo com velocidade. Papai correu tambem, fazendo força para cima na sua extremidade de asa. Um pé de vento mais forte cantou nos arames, e fez vibrar a tesa musselina engomada das asas. Sentí-me soerguido de repente, e os solavancos na terra cessaram...

Ouví vagamente papai gritar: «Está voando!» Depois tropeçou, e desapareceu de minha vista.

Mas o vento depressa abateu, e as rodas da Dragonette chocaram no chão, uma delas esbarrou num valado, e a máquina descambou bruscamente para a direita. Ouviu-se um estilhaçar de várias coisas...

Arrastei-me conforme pude para fora dos destroços, através duma nuvem de fina poeira cinzenta. Papai se erguia do solo. Vovó e mamãe corriam para nós. Vovô dava pulinhos em roda, agarrando uma perna levantada no ar... Tinha a cara toda arrepanhada, de tal modo que tudo o que dele se via eram pelos, através dos quais me chegavam altos e violentos gritos de raiva. Quando a máquina virou, o pau da boléia o apanhara direitinho na canela! Desatrelou Dolly, e foi-se coxeando, para aplicar um linimento na contusão, declarando que não queria mais ser meu primeiro mecânico. Para dizer a verdade, ele rompeu logo alí, e para sempre, todos e quaisquer laços que o prendessem a futuras experiências aeronáuticas.

Papai me confortou, dizendo que tinha visto as rodas erguerem-se do chão, e a máquina ir pelo ar como um papagaio gigantesco; mas, homem amigo da verdade, toda a minha pressão não conseguiu levá-lo a admitir que as rodas tivessem subido a mais de metro e meio...

Com o destroço da Dragonette acaba-

ram-se minhas tentativas de pioneiro dos ares. O telheiro das carroças voltou a ser simplesmente o telheiro das carroças. Dolly reingressou na rotina invariavel dos seus dias passados. E eu mergulhei mais uma vez no mundo da verdura, e nos encantos do ar livre de há muito quase esquecidos.

A OESTE e na orla mais afastada dos bosques que ficavam ao norte do Carvalho Solitário, desenrolavam-se numa confusão quase impenetravel as amoreiras. Quando se aproximava o fim de minhas férias de verão, naquela atmosfera de suave melancolia que, como uma névoa precursora do outono, envolvia os últimos dias da minha liberdade, Vovô, Vovó, e eu, organizávamos uma expedição para a colheita das amoras silvestres.

Vovó atava firmemente nos queixos a sua touca de pala comprida, contra as soalheiras, e, armados de baldes de todos os tamanhos e feitios, nos encaminhávamos para a colheita.

Vovô bancava o batedor de bosques. Punha-se a andar a esmo através do arvoredo, e nós lhe seguíamos as pegadas, colhendo amoras à direita e à esquerda. As silvas erguiam-se acima de minha cabeça, naquela selva onde Vovô desbravava quietas virgindades. De caminho eu via ninhos de aves e rastos de coelhos bravos. Insetos pardos e verdes, que mais pareciam gravetos soltos, caminhavam desajeitadamente pela folhagem. E essas folhas animadas, que são as cigarras dos Estados Unidos, levantavam as asas com veios verdes e abanavam as antenas finas como linhas de coser. A olhar tudo aquilo, esquecia-me de que andava a colher amoras, até que Vovó repontava: «Edwin, é pena que você não tenha nascido rico, com umas mãos tão finas como as suas. Quanto é que você quer para se servir da outra mão tambem?»

No balde de lata de Vovó, caíam as amoras num jorro seguido. De vez em quando ela perguntava ao marido: «Você não acha que já correu bastante? Não seria melhor se você nos ajudasse tambem a apanhar amoras?»

Mas Vovô tinha sempre outro atalho, «só mais um», para correr. Alí para diante era sempre melhor. Parava, colhia umas poucas dúzias de amoras, e desandava à procura dum lugar onde elas fossem mais densas. Às vezes tinha razão. Mas era sempre Vovó que enchia a maioria dos baldes.

Chegando o meio-dia, Vovô piscava os olhos para o sol, e puxava do cebolão: «Estas amoras estão ficando miudas e escassas como tudo. E está um calor de rachar pedras! Vamos andando pra casa.»

De regresso a casa através dos campos, ele olhava com orgulho todos aqueles baldes de fruta fresca:

—Bem, hoje apanhamos um bocado de amoras, hein?

Vovó respondia:

—É, você ajudou bastante...

E desatávamos a rir.

OS DIAS felizes do Carvalho Solitário acabaram quase ao mesmo tempo que a minha infância dourada.

Eu tinha meus dezesseis anos, e o mundo estava-se tornando sério em volta de mim. Estudava com ardor no ginásio, poupava dinheiro ganho com a colheita de amoras, com as maçãs bichadas, com as batatas Early Rose. Trabalharia como um homem. Acabara-se a infância, o passado morrera.

E morreu mesmo. Numa noite, precisamente, em que estes e outros pensamentos que tais me corriam pela cabeça, deitado em minha cama,—longe, na fazenda, Vovô estava abafando o lume do enorme fogão da sala de jantar. Era janeiro, e o frio tanto, lá fora, que ele resolveu deixar o respiradouro da chaminé parcialmente aberto, para que o fogo não se apagasse. Ainda durante a noite, o vento ergueu-se e soprou umas faulhas pela chaminé acima...

Eram três da manhã quando Vovó despertou tossindo. O quarto de cama, que era no andar térreo, estava cheio de fumaça de madeira queimada. Vovô pulou da cama, e abriu de par em par a porta da cozinha: a parte leste da casa estava em chamas.

Os dois velhos calçaram os sapatos, embrulharam-se em cobertores, sairam para o vento que soprava abaixo de zero, e, sob o nevão, correram a refugiar-se em casa do mais próximo vizinho.

Vovô carregava sob o braço esquerdo um caixão preto, de carvalho, que havia mais de quarenta anos guardava debaixo da cabeceira da cama, por prudência: continha todos os seus papéis de importância—o título da fazenda, as apólices de seguro, os seus papéis da Guerra Civil, o dinheiro para as necessidades correntes. Mais de cem vezes ele dissera: «Se um dia esta casa pega fogo, a primeira coisa que eu faço é passar a mão no caixão e sair correndo para salvar tudo o que contem!»

E assim fizera.

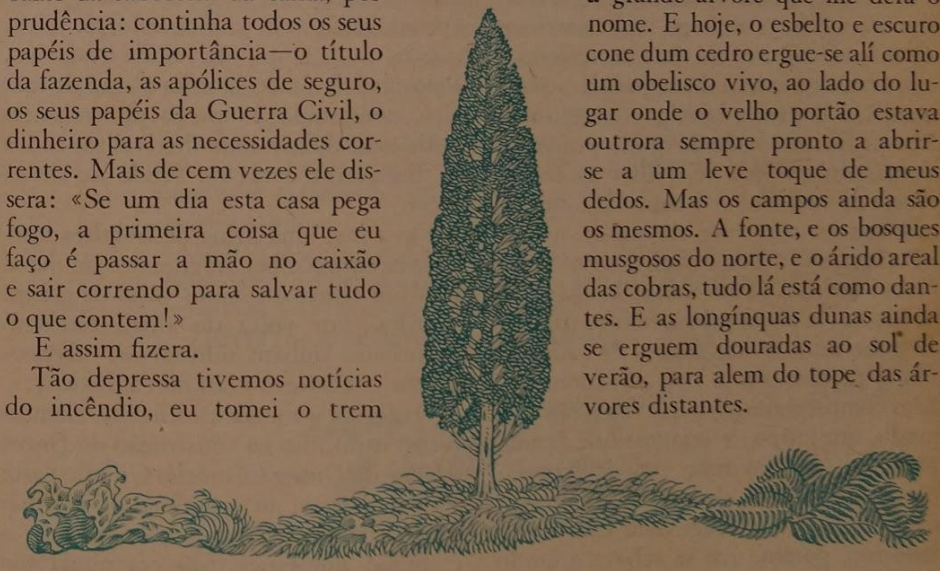
Tão depressa tivemos notícias do incêndio, eu tomei o trem para o Carvalho Solitário, afim de levar os avós comigo para Joliet. Ambos passavam bem dos 70: pois apesar disso estavam bem dispostos como se nada tivessem sofrido, nem fogo, nem vento, nem neve.

—Ainda me lembro de ter censurado um dia as pessoas que ficam nervosas por causa dos incêndios, disse Vovó.—Tinha certeza de que eu ficaria calma. Mas tudo isto aconteceu tão de súbito, que nem sei se eu fiquei fria ou não...

—Bom, seus pés ficaram frios, de andar na neve! redarguiu Vovô.

Durante algum tempo ainda falaram em reconstruir a casa. Mas ofereceu-se-lhes boa ocasião de venderem tudo no estado em que se achava, e aproveitaram-na. E os dois velhos aposentaram-se duma vida de trabalho, no bem ganho sossego da casa de mamãe.

A aparência do Carvalho Solitário alterou-se com os anos. Desapareceu de lá a grande árvore que lhe dera o nome. E hoje, o esbelto e escuro cone dum cedro ergue-se alí como um obelisco vivo, ao lado do lugar onde o velho portão estava outrora sempre pronto a abrir-se a um leve toque de meus dedos. Mas os campos ainda são os mesmos. A fonte, e os bosques musgosos do norte, e o árido areal das cobras, tudo lá está como dantes. E as longínquas dunas ainda se erguem douradas ao sol de verão, para alem do tope das árvores distantes.



Última ação da esquadra do Kaiser

(Condensado de «This Week Magazine») • *Por Tom Mahoney*

QUANDO, depois do Armistício, a frota alemã, constituida por cerca de 70 navios de guerra, e internada em Scapa Flow, aguardava que os Aliados decidissem, nas conferências de Versalhes, que destino lhe dar; o contra-almirante von Reuter traçou um projeto para que todos os navios fossem postos a pique, em vez de se renderem ao inimigo. A primeira medida foi reduzir a tripulação a um punhado de oficiais e marinheiros cuja lealdade podia ser posta a prova. A 17 de junho de 1919, transmitiu aos seus oficiais a seguinte ordem secreta: *Façam preparativos para o afundamento imediato de todos os navios* (1) *se os ingleses tentarem capturá-los de surpresa, ou* (2) *ao receberem o sinal em código «Parágrafo II—Tome conhecimento!»*

A 21 de junho, o almirante Sydney Freemantle, da Real Marinha Britânica, levou a sua frota ao largo para exercícios de torpedeamento. Só dois destróieres e sete traineiras mantinham guarda, aquela manhã, à esquadra inimiga, quando von Reuter foi informado de que as propostas alemãs tinham sido rejeitadas na conferência de Versalhes. «Transmita o sinal,» ordenou ao seu chefe de estado maior. «Parágrafo II—Tome conhecimento!»

As bandeiras foram içadas, brilhando à luz do sol; os oficiais abriram incontinenti as torneiras nos dois flancos de cada navio, e prepararam-se para abandoná-los. Sem compreenderem o que se estava passando, um grupo de crianças que faziam parte de uma excursão escolar contemplava aquela cena, do convés de um pequeno vapor, não longe dalí. Um pintor londrino, porem, que se achava a bordo de uma traineira, foi o primeiro a dar o sinal de alarme. Era quase meio dia quando notou que o *Kaiser Friedrich der Grosse*, que ele estava justamente desenhando, começara a afundar. Puseram-se a arriar os barcos salva-vidas, e içaram o sinal de «prontos para combate».

Mensagens urgentes foram transmitidas para a frota britânica. Os tripulantes das traineiras de guarda tentaram fazer com que os marinheiros alemães voltassem a fechar as válvulas. Ouviram-se tiros. Treze alemães foram mortos e uns quarenta feridos. Os ingleses conseguiram levar para terra vários destróieres. Quanto aos navios maiores, nada lhes foi possivel fazer.

Pouco depois do meio-dia, o *Kaiser Friedrich der Grosse* virou e foi a pique. Quinze outros cruzadores tinham tido o mesmo destino, quando a frota do almirante Freemantle chegou de volta, às duas e meia. Os ingleses conseguiram apenas, e não sem grande esforço, salvar quatro dos navios que ainda restavam. Pelos fins da tarde, a frota alemã de mar alto, construida ao preço de trezentos milhões de dólares afim de rivalizar com a da Inglaterra, jazia no fundo de Scapa Flow.

Em 1924, uma firma de Londres interessada em recolher fragmentos de metal resolveu trazer a tona os vasos de guerra alemães. Por volta de 1926, todos os destróieres tinham sido salvos. Depois, alguns cruzadores voltaram a flutuar.

Os ferros e metais dos navios alemães foram utilizados na construção do *Queen Mary* e do *Queen Elizabeth*. Grande parte serviu tambem ao programa de rearmamento da Grã Bretanha, e, quando o consumo doméstico não era ainda tão grande, certa quantidade do metal foi adquirida pela Alemanha...

CONTINUE A DANSA!

A juventude ainda sente maior prazer na música e na dansa, esquecendo a austera realidade da vida atual.

Com um simples movimento no mostrador do rádio V.S. pode ouvir a música das mais famosas orquestras do mundo. Entone um programa do Rio para ouvir um maxixe arrebatador . . . Buenos Aires o encanta com seus excitantes tangos . . . quase todas as Repúblicas da América Latina têm suas próprias e magníficas orquestras que tocam suas músicas típicas.

ZENITH . . . preferido por milhões . . . subsiste há muitos anos como o lider dos rádios para o lar . . . traz alegria e felicidade a todas as pessoas da família.

ZENITH—lider ontem—hoje—amanhã.

ZENITH *LONG DISTANCE* RADIO

OS MAIORES FABRICANTES NO MUNDO DE APARELHOS RADIÔNICOS, EXCLUSIVAMENTE

Oportunidades para breve

UM mundo de paz e abundância extremas, como nunca se viu, vislumbra-se para a juventude do Continente Americano. Agora, no limiar da existência, os jovens podem olhar confiantes para alem —um mundo em que a liberdade é a herança natural do homem, o que trará vantagens sem conta para atraí-los.

Para que os nossos jovens possam gozar por completo os frutos da liberdade, a Ford—durante todo o seu programa de produção para a guerra—nunca descuidou na busca de novos e melhores produtos, de novos e melhorados métodos de criar utensílios.

A pesquisa que a Ford vem fazendo para a guerra estará a serviço da juventude na grandiosa e nobre era futura de paz.

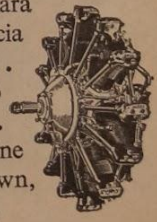
FORD MOTOR COMPANY

Ford

Fé no porvir . . .

A Era da América do Sul avança agora com o transporte aéreo. As antigas barreiras de distância, obstáculos ao comércio e às viagens, estão solucionadas. O aeroplano dá acesso a novas regiões, novos campos, para alimentar metade do mundo. E aos aviões seguirão novas indústrias!

No adiantamento da aviação continental . . . os motores Jacobs oferecem serviço seguro dia após dia . . . funcionamento livre de contratempos em qualquer terreno ou clima . . . a preços vantajosamente baixos . . . Nas escolas dos pilotos das Forças Aéreas Aliadas, os motores Jacobs, instalados em aviões de treino de dois motores, dão mais de mil horas de serviço entre reparações . . . batendo recordes de economia em serviço e manutenção . . . Para atender as novas necessidades do Sul, Jacobs continuará subministrando potência segura e econômica . . . Escreva-nos pedindo maiores detalhes . . . Jacobs Aircraft Engine Company, Pottstown, Pennsylvania, E.U.A.



JACOBS • Pottstown, Pa., E.U.A.

Este Simples Lingote Vai Correr Mundo!

Este rude lingote de chumbo não dá idéia alguma, a quem o vê, da sua imensa utilidade. Soberanamente importante em tempo de guerra, o chumbo é indispensavel na paz!

O chumbo entra em guerra como parte integrante de aviões e ambulâncias, de canoas e bombardeiros, de cartuchos e aparelhos fotográficos. Em vindo a paz, o chumbo continuará mostrando a sua utilidade em novos automoveis e autogiros, em construções e banheiras, em cabos e porcelanas, nas tintas e nas canalizações.

A Eagle-Picher—que é um dos maiores produtores mundiais de chumbo e zinco—dedica-se à mineração e fundição de ambos esses metais indispensaveis, e fabrica à base deles centenas de produtos diversos. A Eagle-Picher é tambem importante produtor de artigos de isolamento fabricados com «lã mineral», para aplicações domésticas e industriais. Em todos estes três domínios de utilidade—chumbo, zinco, isolamento—a Eagle-Picher está-se preparando agora para prestar ainda maiores serviços à América inteira.

EAGLE EP PICHER **EAGLE-PICHER**

Chumbo... Zinco... Isolamento

THE EAGLE-PICHER LEAD CO.
Depto. de Exportação:
420 Lexington Ave., N. Y. 17
Escritórios Centrais:
Cincinnati 1, Ohio
Cabogramas: EAGLEPICH

Waterman's

COMPLETA 60 ANOS DE FABRICAÇÃO DA CANETA-TINTEIRO MAIS CONHECIDA EM TODO O MUNDO

A supremacia da Waterman's entre tôdas as casas do seu ramo, assenta em 60 anos contados de experiência na produção de canetas-tinteiro de primeira categoria . . . pois Waterman's — que é a marca mais antiga—*foi quem inventou há 60 anos a caneta-tinteiro.*

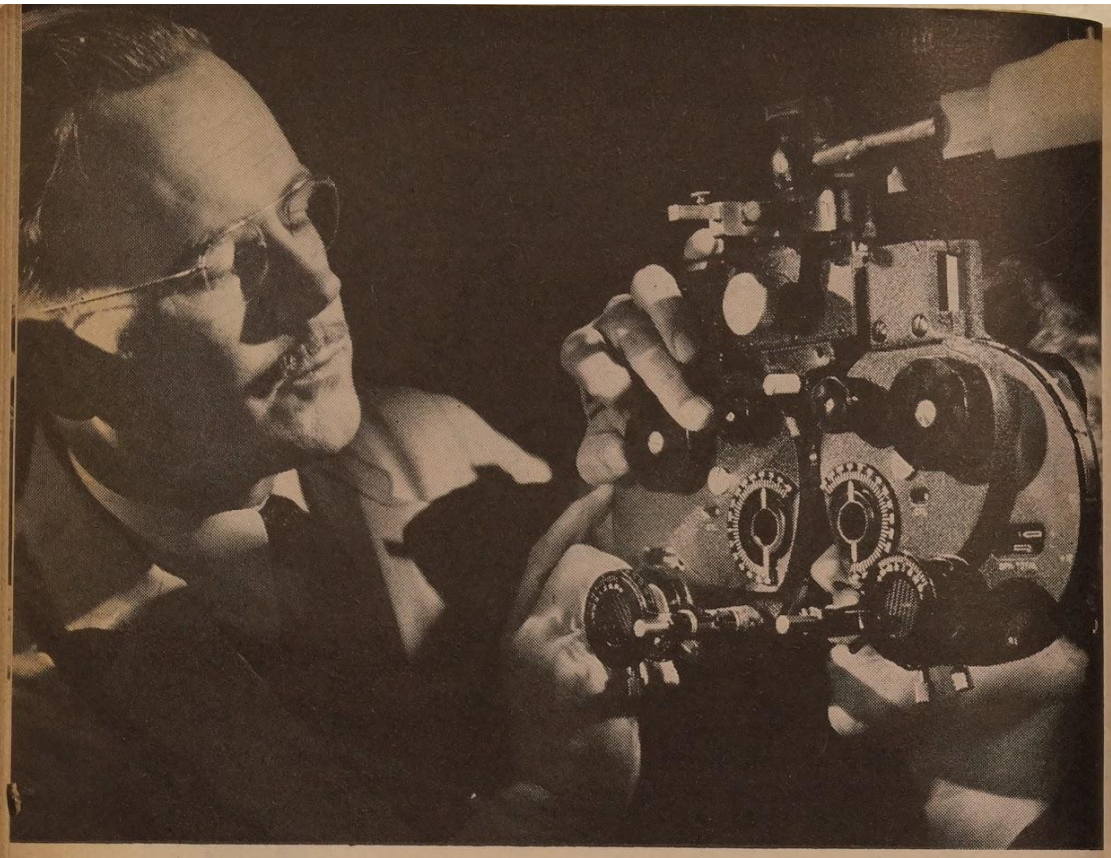
Não é nada de estranhar, portanto, que milhões de compradores prefiram as canetas Waterman's! São elas que têm pontas de ouro de 14 quilates, encaixadas à mão *uma por uma,* . . . Cem-por-cento fabricadas à mão por artífices mestres . . . e dessa maneira produzindo a escrita suave que as tornou famosas no mundo inteiro. Em todos os outros pormenores da Waterman's se encontra a mesma qualidade, elegância, e duradouras vantagens. Quem quiser ter a melhor caneta, deve comprar Waterman's.

A gravura ao lado mostra a caneta Waterman's De Luxe para 100 anos, com tampa de ouro e tubo de côr, garantida por um século.

Nenhum Nome Significa Tanto Numa Caneta ou Tinta Como

Waterman's

AMÉRICAS UNIDAS



Seus olhos necessitam de todo cuidado

OS óculos são a ajuda visível mas não a única para melhorar a visão. Seus olhos bem poderão precisar de auxílio científico para uma fusão perfeita ou outras inúmeras aberrações que seu oculista pode e deverá tratar. O prejuizo devido à negligência raras vezes pode ser reparado. Mande examinar seus olhos agora mesmo.

Se V. S. necessita de óculos, trate de garantir-se com os de qualidade Bausch & Lomb, que são insuperaveis. Justamente por ser superior a qualidade Bausch & Lomb, é que os govêrnos das Nações Unidas mantêm as nossas já ampliadas instalações trabalhando 24 horas diarias para que aos soldados combatentes sejam fornecidos os artigos de ótica que necessitam. Os pedidos de artigos para consumo da população civil estão sendo atendidos na medida das possibilidades permitidas pelas licenças do racionamento da produção existente.

BAUSCH & LOMB

ROCHESTER, N.Y. • RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO • BUENOS AIRES

Fabricantes de vidro ótico e de uma linha completa de instrumentos de ótica para usos militares, educacionais, pesquisas, indústria, correção e conservação da vista.

CAMPEÃO DA ESCAVAÇÃO DE VALAS

Para um Trator "Caterpillar" Diesel e a sua escavadora, abrir uma vala profunda, larga, de fundo liso, ou um canal, é obra de brinquedo. O imenso poder de tração e a grande potência desta máquina habilitam-na a remover muitos metros cúbicos de terra por hora. E a profundidade e largura da escavação podem ser controladas de maneira a respeitar as especificações mais rigorosas.

O trator aquí representado é o "Caterpillar" Diesel D7, puxando uma escavadora para abrir uma vala de drenagem no lugar onde se ergue um grande hotel em Petrópolis.

Os "Caterpillar" Diesel fornecem a potência de confiança e a economia geral necessárias a qualquer obra de remoção de terras. Podem funcionar eficientemente com grande variedade de combustiveis baratos, e sempre consomem pouco. Acresce que a sua construção duradoura e robusta assegura-lhes longa existência util, e reduz as despesas de manutenção.

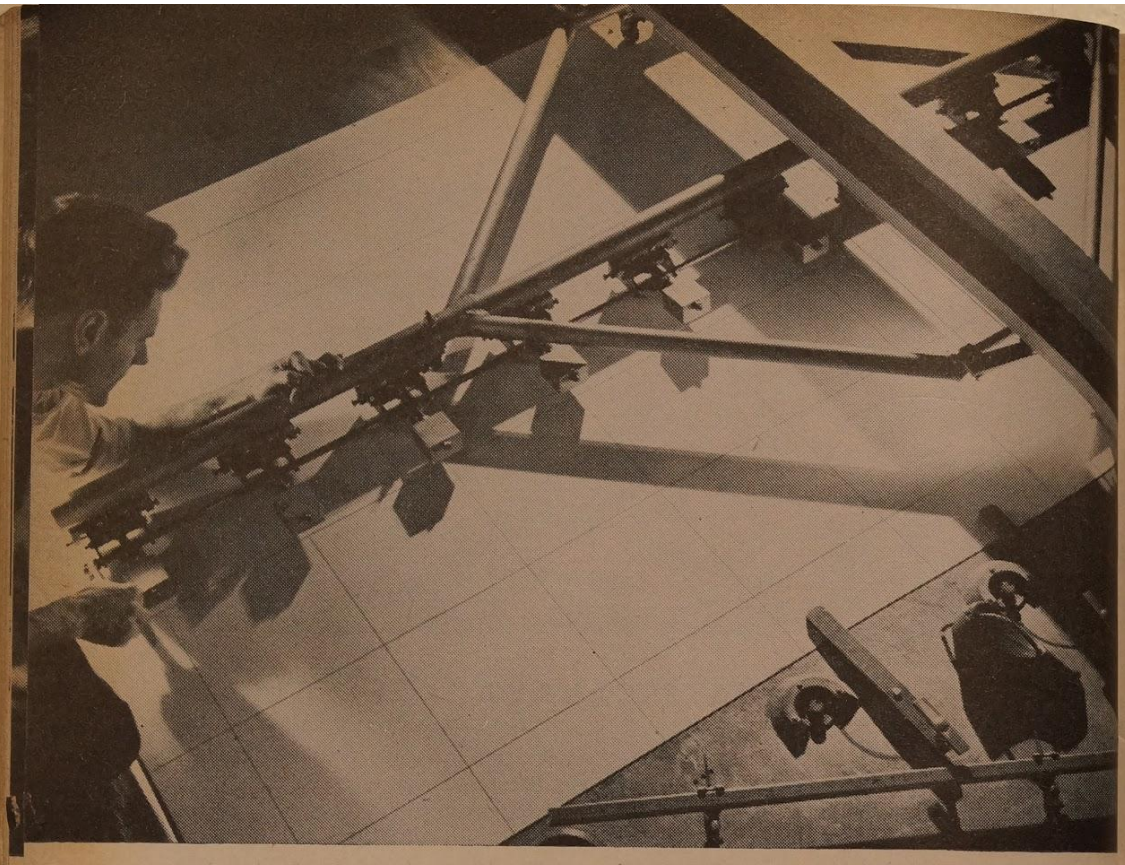
Quando esta guerra acabar, os Tratores, Moto-Niveladores, Motores e Eletrogeradores "Caterpillar" Diesel poderão ser obtidos em largas quantidades, para as tarefas da paz que agora estão sendo planejadas por todo o Continente Americano. No ínterim, os representantes da "Caterpillar" em todo o mundo estão bem equipados para auxiliar os nossos clientes a manter seu material em boas condições de serviço.

CATERPILLAR TRACTOR CO., Peoria, Ill., E.U.A.

CATERPILLAR DIESEL

MARCA REGISTRADA

TRATORES • MOTORES E ELETROGERADORES • MAQUINARIA PARA REMOÇÃO DE TERRAS



Retas que levam a Berlim...

Traçar uma linha reta é das coisas mais dificeis que se podem imaginar. E no entanto, para se construir um grande avião como a Fortaleza Voadora Boeing, é preciso traçar milhares de linhas matematicamente retas.

Até relativamente há pouco tempo, isso constituía uma lenta e fastidiosa tarefa. Só para desenhar a quadriculação dos planos mestres para as estruturas e compartimentos de um modelo apenas, consumiam-se 5.600 horas de labor!

Os engenheiros da Boeing decidiram modificar os seus métodos de traçado: criaram a "Máquina de Quadricular" que acima se vê—e que é um dispositivo muito simples, extremamente rigoroso, capaz de traçar de cada vez doze retas paralelas, enquanto o desenhista se limita a vigiar o trabalho. De modo que essa operação se realiza hoje em um décimo do tempo que dantes consumia.

Nas oficinas da Boeing, por toda a parte se encontram exemplos análogos de engenho e habilidade, aplicados à tarefa ingente de construir *mais* aviões muito *mais depressa*, e *mais economicamente*.

• • •

Quando tivermos ganho a guerra, as múltiplas aptidões da Boeing para traçar, conceber e manufaturar, voltarão a concentrar-se na produção de produtos da paz. Pode ficar certo da qualidade de tais artigos. . . . Se é "Construido pela Boeing" não pode deixar de ser bom!

Criadores da Fortaleza Voadora • **Da Nova Superfortaleza B-29**
do Stratoliner • dos Clíperes Transoceânicos

BOEING

O MUNDO VIAJA SOBRE TRILHOS

Quer sejam ligando as mais distantes cidades e nações, quer sejam no vaivém de comunicações entre as metrópoles e seus subúrbios, as estradas de ferro ainda são o grande meio de transporte para a maioria das pessoas.

Se isto é verdade hoje—ainda o será mais no mundo de após-guerra, pois então as redes ferroviárias se alargarão, e será posto a circular novo e melhor equipamento para transporte de passageiros.

Veremos então intensificar-se enormemente o emprêgo dos modernos trens de aço inoxidável, que tão populares se tornaram na América do Norte. Esses trens de resplandescente aço inoxidável são desenhados e construidos pela Edward G. Budd Manufacturing Company. São velozes, de grande segurança, e inexcediveis de confôrto. Capazes de transportar vasto número de passageiros, quer no transporte suburbano, quer nos longos percursos entre as cidades, os trens construidos pela Budd constituem seguro e rendoso emprêgo de capital para as emprêsas ferroviárias, e ao mesmo tempo uma grande conveniência para o público em geral.

EDWARD G. BUDD MANUFACTURING COMPANY, E. U. A. **Budd**

JOHNSON "SEA-HORSES"

A superior qualidade e as caraterístícas exclusivas tornaram os Motores de Popa Johnson "Sea-Horse" os melhores e mais procurados onde quer que o homem faz uso de botes. Eis algumas dessas caraterísticas:

- Escape silencioso debaixo da agua
- Marcha à ré e rotação de 360°
- Cordão de arranque com auto-enrolamento
- Injeção e faisca sincronizadas
- Volante de controle automático
- Potência extra elevada, peso leve
- Impulsão suave a curso duplo

Com os "Sea-Horses" Johnson, pode-se converter instantaneamente qualquer casco médio ou pequeno num moderno barco a motor, e por um custo mínimo. Estes motores estarão de novo no mercado, tão depressa tevirmos ganho a guerra.

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING CO.

Divisão de Exportação: Waukegan, Illinois, E. U. A.

GRATIS

Escreva-nos pedindo um exemplar do folheto gratuito em que damos todos os pormenores de construção dum elegante bote de 4 metros de comprido, com motor de popa.

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING CO.,
Divisão de Exportação: Waukegan, Illinois, E.U.A.

Queiram enviar-me os planos de construção para um pequeno bote. (JIIP)

Nome _____

Endereço _____

GARGALHADAS! ROMANCE... UM DRAMA VERDADEIRAMENTE EMOCIONANTE!

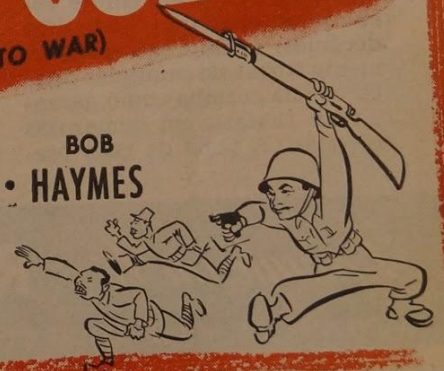
Edward G. ROBINSON

no Filme Columbia

MR. WINKLE VAI PARA A GUERRA

(MR. WINKLE GOES TO WAR)

com RUTH WARRICK • TED DONALDSON • BOB HAYMES



Argumento de Waldo Salt, George Corey e Louis Solomon
Adaptação da Novela de THEODORE PRATT
Produzido por JACK MOSS
Dirigido por ALFRED E. GREEN

"Abrigados por enormes toldos... estavam dispostos vários buffetes, *enormes mesas para a ceia pantagruélica, ornadas com sumptuosidade inexcedível... buffetes para senhoras e um especial para a família imperial."*

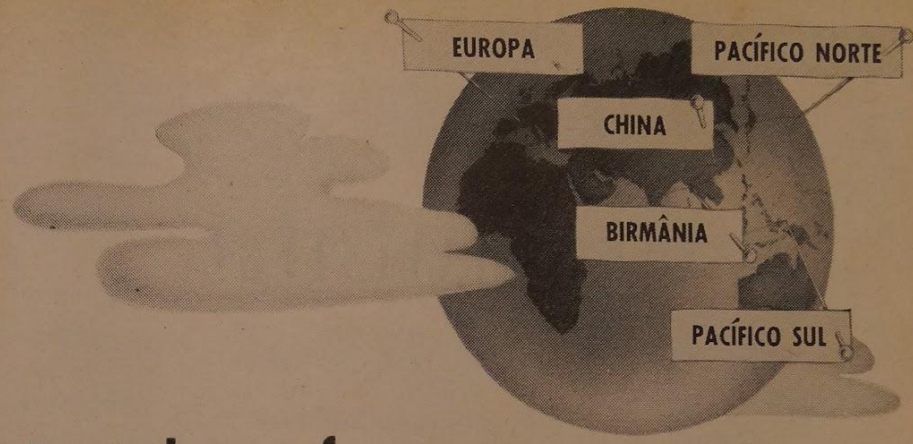
("O Paiz" 10-11-1889, noticiando o famoso baile da Ilha Fiscal).

Há 75 anos que a "Colherinha Royal" vem fazendo prodígios.

O Brasil possuiu sempre uma tradição culinária de bons pratos, de mesas fartas, de quitutes e sobremesas soberbas. A essa tradição, que vem de séculos, incorporou-se, há muitos decênios, o emprego do Fermento Royal, de múltiplas aplicações na cozinha como garantia de sucesso em numerosas receitas. A dona de casa brasileira sabe que pode contar com a "Cozinha Royal". E com razão, pois, graças ao Fermento Royal, os bolos crescem fôfos e saborosos. Tenha sempre à mão o livro de cozinha Royal, fonte de inúmeros pratos tentadores que irão confirmar o seu prestígio como perita no preparo de deliciosos quitutes.

Fermento em Pó **ROYAL**

A CHAVE DE MIL E UM PRATOS DELICIOSOS



Em todas as frentes de batalha havia uma Cine-Kodak*...

Cine-Kodak Magazine em ação

NO mais espantoso dos infernos que o homem já foi capaz de desencadear, havia centenas de Cine-Kodak filmando a invasão da Europa pelas forças das Nações Unidas.

No clima úmido e frígido do Pacífico Norte, apesar da violência dos ventos, da chuva, do gelo, da neve e da espessa neblina, a Cine-Kodak entrou em ação com as forças militares dos Estados Unidos.

Das tempestades do deserto, do calor que sufoca ou do frio que paralisa—tendo aguentado os baques e os violentos sobressaltos das explosões, a Cine-Kodak regressava sempre às bases, levando consigo o testemunho animado e fiel das batalhas...

Nos ares salinos, nos matagais e pântanos doentios das regiões do Pacífico Sul, em batalhas de violência extrema como a de Tarava, a Cine-Kodak portou-se com galhardia.

Enfim, em todas as frentes de batalha, sem embargo de todas as condições hostís do ambiente, Cine-Kodak, aos milhares, tem cumprido a sua missão com rigor e sem desfalecimentos.

* * *

Se V.S. possue uma Cine-Kodak, é caso para se sentir orgulhoso! Se não, talvez lhe seja grato saber que, por ordem do governo dos Estados Unidos, a produção das Cine-Kodak não se interrompeu devido à guerra. E quando a Cine-Kodak regressar à vida civil, estará tambem pronta a servir V.S. com o mesmo rigor, segurança e fidelidade.

Cine-Kodak Special em ação

EASTMAN KODAK COMPANY, Rochester, N.Y., E.U.A.

**Ainda não está disponivel para venda. Oportunamente anunciaremos o seu aparecimento.*

CARGA INVISIVEL

Em cada viagem que realizam, os navios Delta levam um carregamento suplementar, invisivel, que não consta dos documentos de carga, nem parece consignado a qualquer destinatário conhecido.

Essa carga é desembarcada em cada um dos portos em que os navios tocam, e regressa a bordo antes que o vapor levante ferro.

À medida que as viagens se multiplicam, a quantidade deixada no seu país e no nosso, cresce sem cessar. Desde o começo da guerra que progressivamente nos fomos tornando mais concientes de que essa é, de todas as cargas, para nós a mais valiosa.

Pois essa carga, que os nossos marinheiros guardam tão ciosamente como a própria carga visivel, é a compreensão mútua entre os nossos paises!

Casa Internacional

Quando V.S. vier a Nova Orleãs, onde a Delta Line tem sua sede, não deixe de visitar a International House. *Faça dela o seu lugar de encontro com amigos e colegas de negócio. Para informações antecipadas sobre a Casa Internacional, queira dirigir-se aos representantes da Delta Line nessa cidade.*

Delta Line

NOVA ORLEÃS

ARVORAM A BANDEIRA DAS AMÉRICAS

Palavras mágicas de amor

desta caneta mágica

Suaves e rápidas, as Canetas Eversharp Skyline resvalam sôbre o papel. Até as idéias vêm ao pensamento com mais rapidez quando se escreve com uma Eversharp! A "Alimentação Mágica" evita derrame de tinta das Canetas Eversharp — a grandes altitudes ou ao nível da terra. Escrevem mais palavras sem necessidade de serem cheias repetidas vezes.

As Lapiseiras de Repetição Eversharp disparam pontas novas como uma metralhadora. Basta premir "Botão Mágico" com o polegar, e uma ponta sai do depósito da lapiseira, com abastecimento para seis meses.

Compare a Caneta ou a Lapiseira Eversharp com qualquer outra no mercado não importa o preço, e concordará com as palavras de nossa divisa: "Dê Eversharp e Dará o Mais Fino."

EVERSHARP INC., CHICAGO, E. U. A.

O Serviço de Consêrtos nas Canetas e Lapiseiras Eversharp —identificadas pela dupla marca no gancho segurador é garantido—não por anos—não por vida— mas GARANTIDO PARA SEMPRE.

Dê **EVERSHARP** *... e dará o mais fino*

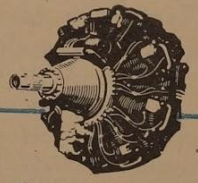
FÔRÇA-MOTRIZ PARA
A TONELAGEM DO AR

Carregamento completo é carregamento lucrativo

Sejamos realistas. Muitos profetizaram—nós tambem—a grandeza do transporte aéreo. A indústria conhece bem as suas grandes possibilidades. O mais urgente problema em aviação será, porem, o de assegurar que todos os transportes, grandes e pequenos, voem com carregamento completo.

O transporte com o máximo aproveitamento de capacidade é a chave para a expansão, pois daí provem a margem de lucro que torna possivel a redução de fretes—e, em compensação, o desenvolvimento dos negócios. Correspondência, por via aérea, a abertura de novas possibilidades de transporte, o estabelecimento de serviços aéreos auxiliares, serviço mais frequente e operação mais econômica, tudo isso contribuirá para maior aceitação e uso por parte do público. São objetivos ao nosso alcance e, num futuro próximo, poderão transformar-se em esplêndida realidade.

Como fabricante de motores, a contribuição da Wright consiste na economia de operação. O desenhista de qualquer tipo de aparelho aéreo pode contar com os motores Wright para operar com economia de combustivel e de manutenção. E, devido ao fato de pesarem menos que qualquer motor comparavel, tornam possivel um carregamento perfeitamente compensador. *Os motores Wright Cyclone compensam o seu custo.*



Os Cyclones economisam de 3 formas

MENOS PÊSO—MAIS CARGA PAGA
MENOR CONSUMO DE COMBUSTÍVEL
MANUTENÇÃO REDUZIDA

WRIGHT

Aircraft Engines

Wright Aeronautical Corporation
Divisão da Curtiss-Wright Corporation
Paterson, N. J., E. U. A.

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO

A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind

Ofereça o Brinde de Perene Duração!

• Presentear uma pessoa com discos ou albuns de discos Victor, é dar-lhe um prazer de longos anos—e deixar-lhe uma imperecivel recordação da sua gentileza. V. pode oferecer os admiraveis discos de Jascha Heifetz, que se vê acima.

Uma das obras primas típicas da execução de Heifetz é o Concerto para Violino em Ré maior, de Beethoven, com a Orquestra Sinfônica da National Broadcasting Company, sob a regência do grande Toscanini. A interpretação de Heifetz é arrebatadora, deixa-nos suspensos—e projeta integralmente a nobre beleza dessa obra imortal. *Album DM-705.*

Outro presente esplêndido é *A Prole do Bebê*, pelo aclamado compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos, tocada por Artur Rubinstein com virtuosidade, vida e buliçosa alegria. *Album M-970.* Visite a loja Victor, e peça essas e outras obras-primas de grande música.

OS MAIORES ARTISTAS DO MUNDO GRAVAM EM

Discos VICTOR Sêlo Vermelho RCA

Viajando 4.000 Milhas Expostos à Ação das Ondas!

Como a Experiência de 78 Anos da Socony-Vacuum Ajudou a Solucionar Um Vital Problema da Guerra

TEMPOS ATRAZ, quando as Nações Unidas começaram a lutar, muitos aviões embarcados para Guadalcanal e para a África chegavam com as metralhadoras corroidas pela água do mar. Essas armas tinham por isso que ser desmontadas, recondicionadas e recompostas.

Isso já não se dá hoje em dia! A Socony-Vacuum Oil Co. Inc., produtora dos Lubrificantes Gargoyle, fez uma outra contribuição vital para apressar a guerra. Seus técnicos elaboraram uma nova graxa para aplicação nos delicados mecanismos e um novo óleo para ser pulverizado nos canos.

Agora as armas viajam completamente protegidas contra a ação corrosiva das longas viagens por mar, chegando prontas para entrar em ação — graças a produtos surgidos da maior experiência mundial em derivados do petróleo.

Hoje essa experiência está principalmente dedicada ao esforço de guerra, continuando entretanto ao dispor de V.S. para proteger suas máquinas insubstituiveis. Quando vier a Paz, estará mais do que nunca em condições de ajudá-lo a manter a capacidade produtiva de sua indústria, com um baixo custo de manutenção.

GARGOYLE

EM TODAS AS INDÚSTRIAS Lubrificantes REDUZEM AO MÍNIMO O DESGASTE

Onde uma cútis sem mácula é exigência social...

A CONDÊSSA IRENE DE BOJANO

PORISSO É CRESCENTE, entre a elite feminina, a preferência pelos Cremes Pond's. A Condêssa Irene de Bojano, da alta sociedade brasileira, diz: «O assetinado e frescor da minha cútis são resultado do método Pond's». Siga, também, êste método:

1. **Aplique Cold Cream Pond's no rosto e no colo.** Retire-o em seguida. Para amaciar a cútis, aplique mais uma camada.
2. **Antes de fazer a «maquillage»** use o Creme Evanescente Pond's, que protege a cútis contra o sol e o vento. e conserva o pó-de-arroz horas seguidas.

AMOSTRA GRÁTIS:— Queiram enviar-nos o coupon acompanhado de Cr. $1,00 para as despesas de remessa de uma amostra grátis dos 2 Cremes Pond's.

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL
Avenida do Estado, 5.537 — São Paulo
3-UUUU-25

Nome.....

Rua.....

Cidade..... *Estado*.....

Desempenho de Combate...

Que ultrapassa os resultados obtidos em operações civís.

Os TracTracTores International estão sempre na vanguarda à medida que as áreas de combate se expandem de continente a continente e de ilha a ilha. Eles trabalham e lutam em condições peores do que quaisquer outras imaginadas pelos engenheiros e empreiteiros em tempos de paz.

Esses tratores de esteiras estão experimentados e aprovados sob o fogo das batalhas. Eles rebocam artilharia pasada, constroem e limpam os campos de pouso, reparam crateras de bombas e removem destroços e materiais inutilizados, efetuando o trabalho no meio de luta onde e quando há necessidade de força mecânica.

O registro de guerra dos TracTracTores International é uma sequência de feitos excepcionais. E tambem a sua garantia de que os International de após-guerra oferecerão à indústria civíl e à agricultura ainda maior desempenho, confiança e economia.

Há um trabalho a fazer no momento: Mantenha o seu Equipamento Industrial *trabalhando* para que continúe a bem servir a sua localidade. O agente International em sua zona fará o possível para atendê-lo com peças sobressalentes e assistência mecânica até que cheguem novos TracTracTores ao mercado.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building — Chicago, U. S. A.
Filiais no Brasil:
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — PORTO ALEGRE

INTERNATIONAL HARVESTER

O motor Franklin BATE TODOS OS RECORDES EM HELICÓPTEROS

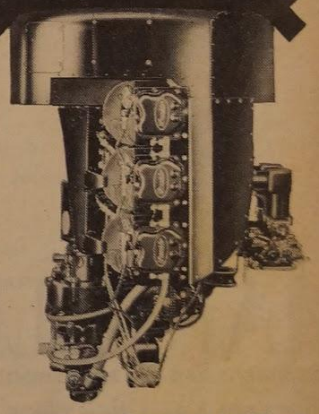
Há poucos meses, o mais recente dos helicópteros do Exército dos Estados Unidos, o Sikorsky XR-6, acionado a motor Franklin de 245 H.P., voou sem escala de Washington, D. C., ao aeroporto Patterson, em Dayton, Ohio, pilotado pelo Cel. H. F. Gregory. Esse vôo bateu extra-oficialmente todos os recordes até então estabelecidos por helicópteros.

Ficou estabelecido um novo recorde de distância: 623 km. sem escala. O XR-6 permaneceu no ar 4 horas e 55 minutos—recorde de resistência sem precedentes. Sobrevoou os Aleganis à altura de 1500 metros levando piloto e passageiro—altitude superior à atingida anteriormente por qualquer outro helicóptero, com semelhante carga. A velocidade em terra, para decolar, atingiu aproximadamente a média de 128 km. por hora—novo recorde de velocidade no terreno, em helicópteros, alcançada a despeito de ventos contrários de 16 a 48 km. por hora.

Deste modo, o XR-6 demonstrou sensacionalmente que é uma máquina própria para voar de verdade, isto é, emancipada por completo da fase puramente experimental. E assim, mais uma série de "primeiros" vieram acrescentar-se à longa série de que os Motores Franklin já eram detentores nos domínios da força-motriz aeronáutica.

Os engenheiros da Aircooled Motors Corporation já estão mesmo planeando novos "primeiros" para o Franklin—novos e melhores motores para o avião que V. S. vai adquirir após a guerra. *Especifique sempre: Motor Franklin!*

AIRCOOLED MOTORS CORP.
Syracuse 8, N.Y., E.U.A.
MESBLA S/A
Rua do Passeio 48-54
Rio de Janeiro, Brasil



MOTOR FRANKLIN 6ACV-405 gerador de força para o mais novo helicóptero do Exército Americano: o Sikorsky XR-6, que acima se vê.

Franklin
EXCELENTES MOTORES DE AVIAÇÃO

Têm sido e serão sempre o primoroso símbolo do mais cobiçado momento na vida da mulher.

Pérolas
MARVELLA

PÉROLAS ARTIFICIAIS—DE REVESTIMENTO NATURAL

383 Fifth Avenue, Nova York, E. U. A.

Agentes distribuidores:
Nilzo Pinto Russio,
Avenida Calógeras 12,
Rio de Janeiro

A Caneta-Tinteiro Mais Macia Que V. S. Tenha Usado

JÁ SE CONSEGUE... A Linda e Nova Esterbrook

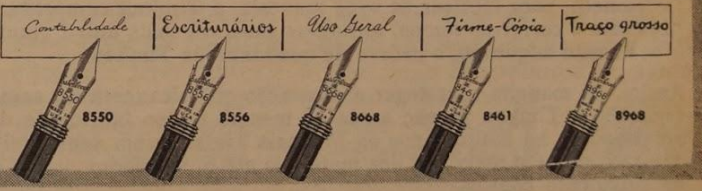
A NOVA Esterbrook é uma caneta-tinteiro de classe, que lhe garante uso duradouro e anos de escrita fácil e macia.

As penas da Esterbrook são renováveis, permitindo-lhe a escolha da "pena com o bico mais apropriado para a sua letra". Além disso, esta particularidade aumenta a utilidade da Esterbrook, facultando a troca da pena por outra quando, por qualquer motivo, for necessária.

Experimente uma Esterbrook, hoje, em qualquer boa casa do ramo — ela o encantará principalmente por uma razão — a razão de ser de tôda a caneta-tinteiro; *a forma como escreve.*

PENAS RENOVÁVEIS
V S mesmo pode trocar a pena

ESCOLHA O BICO MAIS APROPRIADO PARA SUA LETRA



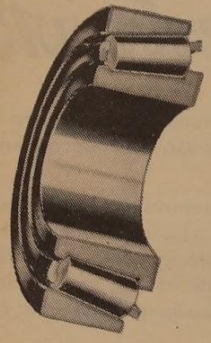
Esterbrook

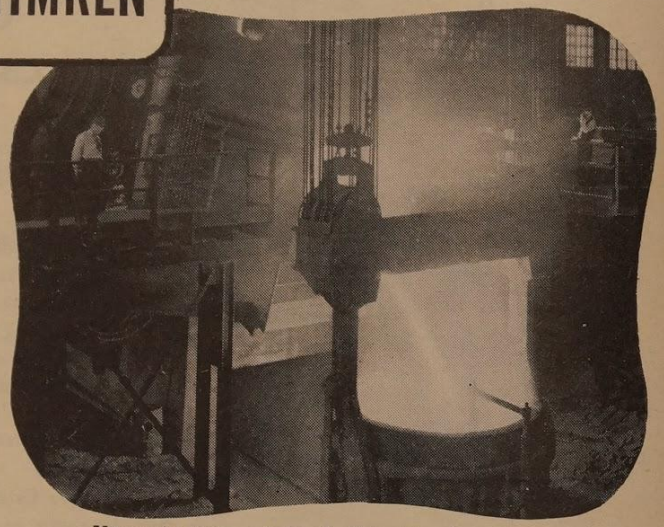
CAMDEN, NEW JERSEY, E. U. A.

O QUE TODOS DEVEM SABER SOBRE OS MANCAIS TIMKEN

MATERIAL

Medida de Resistência





Vertendo uma colada de Liga de Aço Timken, a forno elétrico, na Fábrica de Aço Timken.

O desenho ou traçado é de primordial importância no superior desempenho do Mancal de Rolamento Cônico da marca Timken. No entanto, a capacidade de carga, a resistência e a duração dos mancais dependem em larga medida do material de que eles são feitos.

De começo, para fabricar os seus mancais, a Timken comprava o aço no mercado. Mas com o correr do tempo, tornou-se cada vez mais dificil manter inalteravel, com o oça assim adquirido, o padrão de qualidade da Timken.

Assim, de maneira a proteger a reputação que alcançara no ramo de fabricação de mancais, a Timken passou a ser ao mesmo tempo fabricante de aço tambem e é por isso que há muitos anos os Mancais Timken vêm sendo feitos de Liga de Aço Timken, que é o mais fino dos materiais até hoje criados para o fabrico de mancais cônicos.

A superior qualidade da Liga de Aço Timken conquistou-lhe reputação internacional, dando em resultado que ela é hoje empregada em muitas outras aplicações, alem do fabrico de mancais. Tem desempenhado papel decisivo no esforço de guerra dos Estados Unidos. The Timken Roller Bearing Company, Canton 6, Ohio, E. U. A.

TIMKEN

TRADE-MARK REG. U. S. PAT. OFF

TAPERED ROLLER BEARINGS

AS AMERICAS — UNIDAS CONTRA A DOENÇA E A DESGRAÇA

Saúde hoje ... felicidade amanhã

O PROGRESSO DA SAÚDE PÚBLICA NAS AMÉRICAS

Mensagem de E. R. Squibb & Sons . . . . .

Diabetes

NÃO há muitos anos médico algum teria profetizado que chegaria em breve o dia em que um diabético gozaria livremente o exercício fora de casa, indo para o seu trabalho diário, e vivendo como o fazem pessoas normais. Mas, isso foi antes da descoberta da Insulina.

Hoje, graças aos progressos da medicina, o diabético que segue a dieta prescrita, toma o devido cuidado, pratica higiene e usa Insulina de acordo com a prescrição, pode levar uma vida normal e contar com uma existência longa e util.

A diabetes, porem, é insidiosa e deve ser mantida sob controle pela cooperação do doente e do médico. Eis porque estão sendo largamente disseminadas entre os povos das Repúblicas das Américas, como parte da grande e nova campanha em prol de melhor saúde estipendiada pelos respectivos governos, informações sobre os sintomas e o tratamento da diabetes.

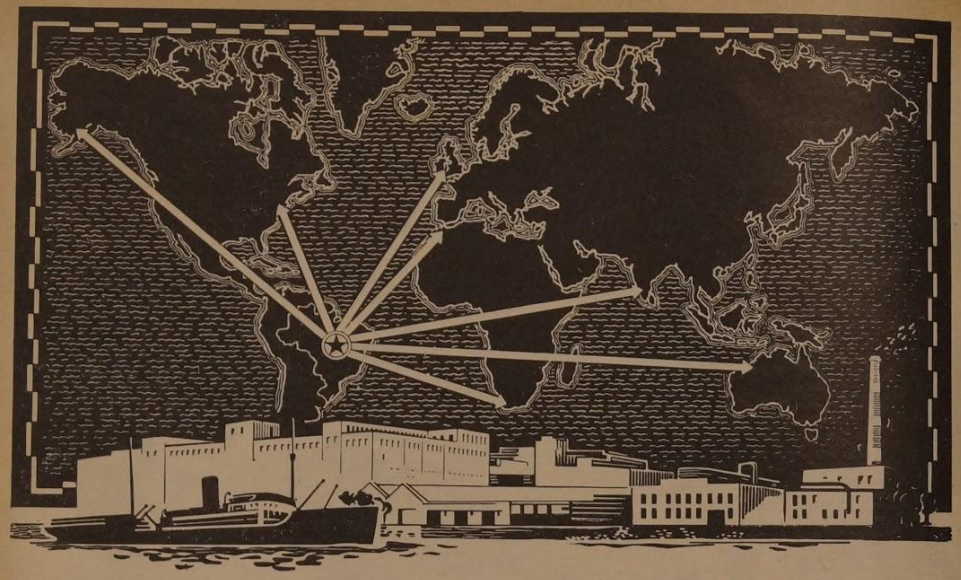
Não há preparados de Insulina melhores do que os dos Laboratórios Squibb, há mais de 85 anos dedicados à fabricação de produtos medicinais, segundo os mais altos padrões. Preparados que ostentam a marca Squibb merecem inteira confiança, seja soro ou vacina para hospitais, vitaminas, dentifrícios ou medicamentos caseiros.

SEGURANÇA

SQUIBB É UM NOME EM QUE SE PODE CONFIAR

E·R·SQUIBB & SONS, NOVA YORK

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858



Há mais de um Quarto de Século...

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

CARNES CONGELADAS
•
CARNES EM CONSERVA
•
XARQUE
•
CARNE DESIDRATADA
•
COUROS
•
ALIMENTOS PARA ANIMAIS
•
DEFUMADOS
•
SALGADOS
•
SEBOS
•
BANHA
•
COMPOSTO E OLEO VEGETAL «A PATRÔA»

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

...A Swift do Brasil distribue aos mercados de todo o mundo seus excelentes produtos brasileiros. Esta aceitação mundial dos produtos nacionais, se deve à perfeita seleção que a Cia. faz de matérias primas, criteriosa escolha das melhores carnes e, sobretudo, pelo extremo rigor sanitário com que são conduzidos os processos de fabricação da Cia. Swift do Brasil.

Honrando com a qualidade de seus produtos a etiqueta «Product of Brazil», a Swift contribue para divulgar, nos quatro cantos do Globo, o alto valor da indústria nacional.

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO
DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

"Black Widow"* NORTHROP

O Caça Noturno P-61

*O nome deste avião inspira-se na famosa aranha venenosa, a "viuva negra".

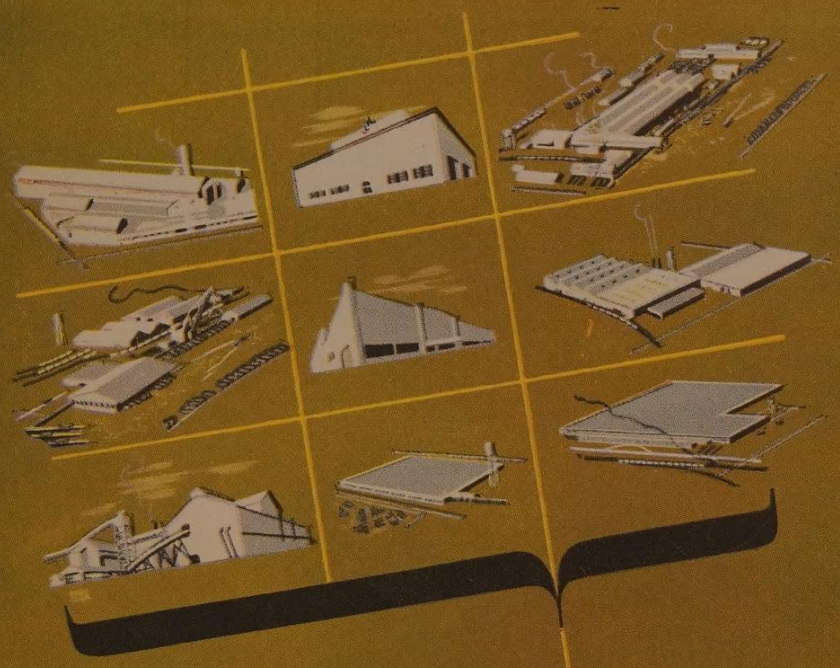
"O BLACK WIDOW" foi o primeiro avião especialmente concebido nos Estados Unidos para combate noturno, e é o maior dos caças até hoje construidos. Em plena treva, ele pode atingir os aparelhos inimigos com os seus canhões de 20mm e as suas metralhadoras de .5.

Ao raio de ação e à corpulência dos bombardeiros médios, o "Black Widow" junta a rapidez dos caças. É dificil de pegar mesmo nas curvas mais apertadas. Levanta vôo rapidamente . . . e aterra tão devagar, que até na escuridão pode utilizar campos de reduzidas dimensões.

O "Black Widow" é fruto da experiência e da excelente mão-de-obra da Northrop, há muito reconhecidas. Ao mesmo tempo que o grupo Northrop produz este avião novo . . . a Northrop já se está preparando para continuar na vanguarda dos futuros aviões.

Desenhistas e Construtores do
NORTHROP CAÇA NOTURNO P-61 "Black Widow"

NORTHROP AIRCRAFT, INC., NORTHROP FIELD, HAWTHORNE, CALIFORNIA, E. U. A. • MEMBER AIRCRAFT WAR PRODUCTION COUNCIL, INC.



AS NOVE FÁBRICAS DA HIGGINS

. . . produzem agora navios, barcos, motores, aviões, dispositivos condutores de som, material plástico, madeira laminada—num total de mais de sessenta produtos essenciais para a GUERRA —essas fábricas esperam apenas o dia "Y" para converter rapidamente todo o seu equipamento e sua mão-de-obra a produção desses e de outros produtos essenciais na PAZ.

Higgins
INDUSTRIES INCORPORATED
NEW ORLEANS
HUB OF THE AMERICAS

fábricas e pessoal para resolver os problemas da produção

O Convite Universal...
"TOME UMA COCA-COLA!"

Campo de Polo

As façanhas dos jogadores de polo argentinos são conhecidas mundialmente. Depois de um renhido "match", é natural deleitar-se com uma "Coca-Cola" bem fria — o refresco que se destaca pela sua qualidade!

Preço—Cr. $1,00

Coca-Cola
MARCA REGISTRADA

UNIDAS HOJE
UNIDAS SEMPRE

COPYRIGHT 1944 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

Quebrando os Recordes de Eficiência

Na indústria aeronáutica, há duas coisas absolutamente indispensaveis: alta precisão e tolerâncias exatas. Mas, com a guerra, vieram novas exigências—precisava-se de maior rapidez e melhor eficiência. Isso significava que era necessário estabelecer e manter tolerâncias ainda mais exatas. Orgulhamo-nos do fato de que uma de nossas mais importantes incumbências consiste justamente em corresponder às mínimas exigências da produção de aviões de guerra. Onde quer que se fabriquem aviões, os Tornos South Bend vêm estabelecendo recordes invejaveis de precisão.

Em todas as indústrias em que se trabalha com metal, os Tornos South Bend estão prestando os mesmos serviços garantidos que já prestam na indústria aeronáutica.

Agora, como antes da guerra, toda a nossa fábrica está voltada para a produção de Tornos South Bend. E, apesar das restrições e da escassez de materiais em tempo de guerra, em nada se alterou nossa eficiência. Hoje, os Tornos South Bend são melhores em tudo e por tudo.

Os Tornos South Bend, de Engrenagem de Mudança Rápida, bem como os de Oficina de Ferramentas, fabricam-se em cinco tamanhos, com diâmetro de rotações de 9, 10, 13, 14-½ e 16 polegadas. Os Tornos Revolver têm dois tamanhos: diâmetro de rotação de 9 polegadas, com mandrís de capacidade de meia polegada, e dez polegadas, com mandrís de capacidade de uma polegada. Peça nosso catálogo que descreve esses tornos. Especifique o idioma que prefere: português, espanhol ou inglês.

SOUTH BEND LATHE WORKS

SOUTH BEND 22, INDIANA, E.U.A. • *Fabricantes de Tornos há 37 Anos*

UNITED STATES RUBBER COMPANY • US • TRADE MARK •

À FRENTE 60.000 VEZES

PNEUMÁTICOS
CÂMARAS de AR
ACUMULADORES
VOLANTES para Auto e Avião

ESSÊNCIAS AROMÁTICAS
ÁCIDOS
PRODUTOS QUÍMICOS para a Agricultura

LUVAS para Cirurgiões
COURO ARTIFICIAL
LINHA E TECIDOS de Asbestos
GORROS de BANHO
AEROSTATOS

ARTIGOS para HOSPITAIS
LACAS
SAPATOS de Lona e Borracha
CAPAS IMPERMEÁVEIS
CORREIAS de TRANSMISSÃO
ENVÓLUCROS para maquinaria
BOTAS de BORRACHA
MANGUEIRAS
LÂMINAS de Latex para Transfusões do Sangue
MATERIAIS para TAPEÇARIA
CABOS ISOLADOS

Material para ARMAÇÕES de CIMENTO
SALTOS e SOLAS
FOLHAS ISOLANTES
CORREIAS CONDUTORAS
ESTEIRAS de BORRACHA
BRINQUEDOS AQUÁTICOS
TRAVESSEIROS de BORRACHA
FIVELAS e CINTOS
BOTES SALVA-VIDAS que se podem encher de ar
PEDRAS de ESMERIL
CIMENTOS
LUVAS

ROUPAS de BANHO
BORRACHA CONDUTORA
ARAME ISOLADO
PARACHOQUES
TECIDO ESPONJOSO
BOLAS de GOLFE
SALVA-VIDAS

ACESSÓRIOS para ENCANAMENTO

A "U.S." fabrica a assombrosa variedade de mais de sessenta mil artigos diferentes, em muitos dos quais se usa, total ou parcialmente, a borracha. Os produtos "U.S." mais conhecidos do público são os pneumáticos "U.S. Royal" . . . os artigos mecânicos "U.S." . . . os sapatos "U.S. Keds"... Mas, sabe V.S. que a "U.S.", servindo o público mediante a Ciência, fabrica muitíssimos outros produtos que, se bem sejam de extraordinária diferença entre sí, procedem das mesmas fábricas e laboratórios?

A lista dos produtos "U.S." aumenta sempre. Hoje necessitam-se para a guerra. Amanhã, alcançada à vitória, realizarão a grande aspiração da "U.S."... contribuir para melhorar o nivel da vida de toda a humanidade.

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd.

FABRICANTES DOS PNEUMÁTICOS "ROYAL"

1230 Sixth Avenue—Rockefeller Center—Nova York 20, E. U. A. • No Canadá: Dominion Rubber Co., Ltd.

PROGRESSO PELA CIÊNCIA

A América Latina Bate-se!

É grande a contribuição que a América Latina está dando à causa da Democracia. Materiais estratégicos essenciais, de incalculavel importância, estão fluindo incessantemente das suas reservas naturais, para a produção de armas de guerra.

Minérios e metais indispensaveis, borracha, mica, diamantes, cristal de rocha, madeira de balsa, óleo de girasol e de linhaça, extrato de quebracho — só em 1942, último ano a que fazem referência as estatísticas, montaram a 419 milhões de dólares as compras de artigos, urgentemente necessitados pelos Estados Unidos, às 20 outras repúblicas da América.

Na realização desta tarefa de guerra sem precedentes, o trator tem desempenhado um papel de importância. Manipulando materiais na sua própria origem . . . desbravando terras . . . construindo aeródromos e abrindo estradas para assegurar transporte rápido a regiões dantes inacessiveis . . . o possante trator de esteiras dá bem depressa conta da tarefa básica de remoção de terras.

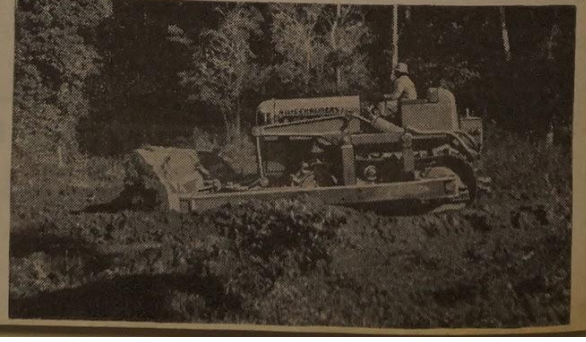
ACELERANDO AS TAREFAS DA GUERRA

Esta "bulldozer" Allis-Chalmers de esteiras, a motor Diesel de 2 ciclos, faz parte duma brigada de tratores que andam desbravando terras, abrindo valas, fazendo trincheiras e nivelando terrenos, numa obra de construção de estradas no Brasil.

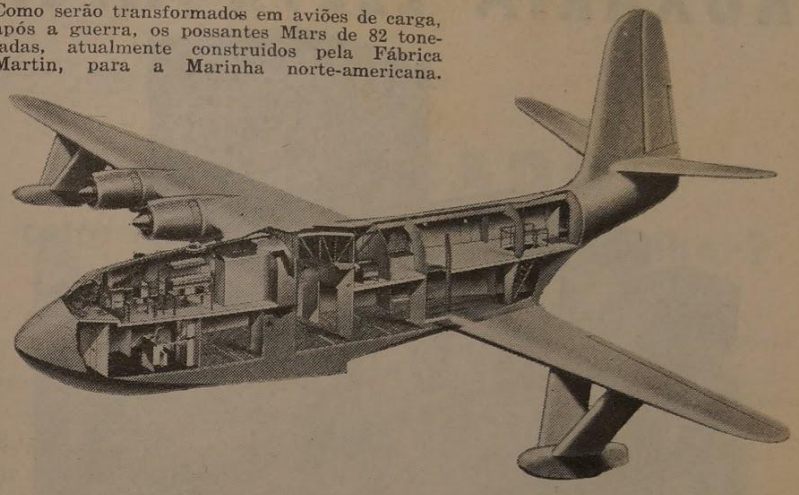
ALLIS-CHALMERS

Depto. PD-1144, Divisão de Tratores, Milwaukee 1, E.U.A.

FABRICANTES DE MAQUINARIA DESDE 1846



Como serão transformados em aviões de carga, após a guerra, os possantes Mars de 82 toneladas, atualmente construidos pela Fábrica Martin, para a Marinha norte-americana.



O Novo Mars, da Companhia Martin, Reduz o Custo da Tonelada-Por-Milha!

Graças ao avião Mars, de 82 toneladas, obra da fábrica Martin, já se pode dizer, em verdade, que a manutenção dum avião-cargueiro é tão barata quanto a de um trem, em alguns casos. Sendo o avião mais eficiente que existe, o Mars, já demonstrou ser possivel manter-se a menos de Cr$3,00 por tonelada-milha, segundo afirma o sr. Glenn L. Martin, presidente e fundador da companhia do mesmo nome.

Alem disso, declara o sr. Martin, a manutenção dos vinte novos transportes Mars de 82 toneladas, ora em construção para a Marinha americana, custará 10 centavos americanos (Cr$2,00) por tonelada-milha, com 80% de lotação de carga; e já se prevê a redução desse custo a 7 centavos.

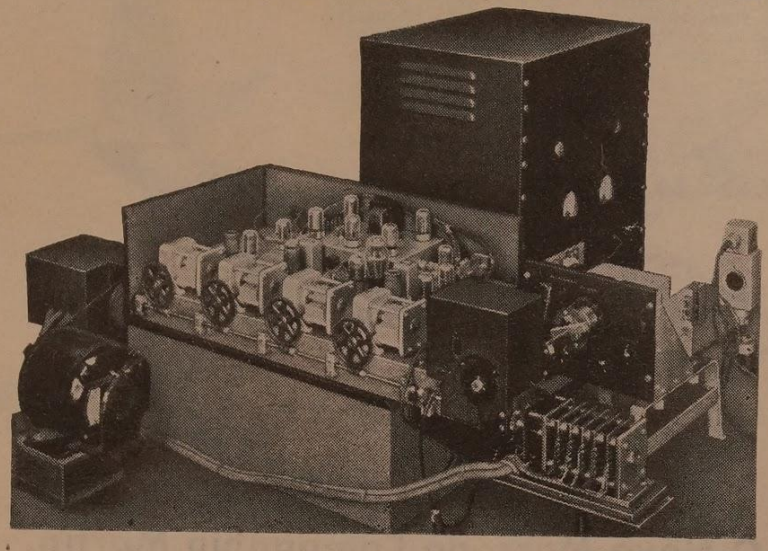
E mais importante ainda é o fato de que atualmente as remessas por via férrea, de gêneros alimentícios congelados, custam cerca de 16 centavos (Cr$3,20) por tonelada-milha, num trajeto de 1.000 milhas; ao passo que os transportes Mars, que dispensam a aparelhagem de refrigeração mecânica devido à altura em que voam (uns 8.000 metros) e por conseguinte à temperatura de zero graus, podem ser mantidos a custo muitíssimo mais baixo. Esse, note-se, é apenas um dentre os muitos campos abertos pelo Mars à aviação. Para que seus produtos alcancem o mundo de amanhã, remeta-os a bordo dum Mars Martin!

THE GLENN L. MARTIN COMPANY
Baltimore 3, Md., E. U. A.

AVIÕES Martin

Construtores de Aviões de segurança desde 1909

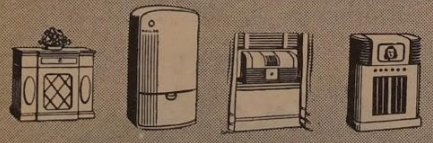
BRUXARIA ELETRÔNICA!



Os Engenheiros da Philco Criam um "Cérebro Mágico" que Pensa . . . Lê . . . Calcula . . . e Calibra

Entre as numerosas contribuições da Philco para o esforço de guerra, conta-se o "Cérebro Mágico" eletrônico, assombroso instrumento que emprega 126 válvulas, e veio tomar o lugar de intrincadas e penosas operações manuais, com grande economia de tempo e de dinheiro para o Governo dos Estados Unidos.

Verdadeira façanha de guerra, este aparelho dá uma idéia das maravilhas que vão brotar dos espíritos e das mãos dos cientistas, engenheiros e operários da Philco, para maior conforto, conveniência e bem-estar da Humanidade inteira—quando tiver soado a trombeta da Vitória!



PHILCO

O RADIO QUE MAIS SE VENDE NO MUNDO

PHILCO INTERNATIONAL CORPORATION, 230 Park Avenue, Nova York, E. U. A.

Estaremos

PREPARADOS

para organizar um mundo melhor?

O futuro está em nossas mãos. As decisões de amanhã terão de basear-se nas experiências e idéias de hoje.

E estaremos nós preparados para formular essas idéias . . . para tomar as transcendentes decisões futuras?

Sim!—se todos nós, em todos os paises, procurarmos informar-nos cabalmente a respeito dos problemas e acontecimentos do dia que passa.

Todos os programas das emissoras dos Estados Unidos irradiam normalmente informações exatas sôbre a marcha dos acontecimentos mundiais. Essas notícias são objetiva e escrupulosamente preparadas por autoridades de categoria no respectivo campo, tendo em vista a melhor compreensão e cooperação internacional.

* * *

Os programas de rádio dos Estados Unidos oferecem grande variedade de música, peças de teatro, e entretenimentos dignos de atenção. Começam diariamente às 5 da tarde, e continuam até às 11 e 30 da noite (hora de guerra dos Estados Unidos)—sete dias por semana. Escute as seguintes estações:

WCBX • WRCA • WGEA

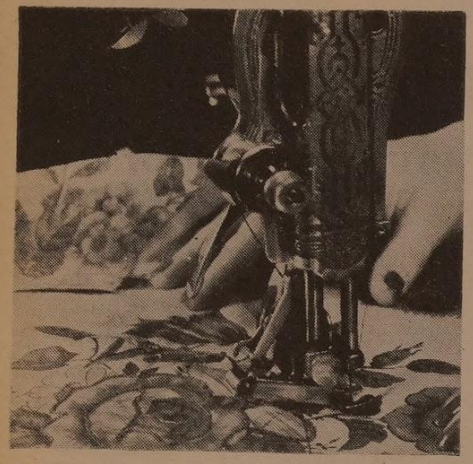
Programas mensais completos, com horários, serão enviados gratuitamente a V. S. mediante pedido ao

COORDENADOR DE ASSUNTOS INTER-AMERICANOS

CAIXA POSTAL 860, RIO DE JANEIRO, OU

CAIXA POSTAL 205B, SÃO PAULO

Recursos para a costura elegante



Faça novos franzidos pelo método da Singer—na sua máquina de costura. Temos acessórios para aplicações, enfeites, pregas e babados. Mas lembre-se, temos um estoque reduzido.

Dar-lhe-emos idéias e conselhos sobre os problemas de costura. A Singer oferece-lhe toda a espécie de serviço e ajuda-lhe em trabalhos de corte e feitio, dando-lhe idéias para fazer franjas. Visite-nos.

Rejuvenesça a sua máquina chamando a sua casa o agente da Singer, para que ponha óleo na máquina e faça os necessários ajustamentos, tornando assim mais facil e perfeita a sua costura.

Use só agulhas, óleo e peças Singer legítimas na sua máquina Singer de coser. Procure sempre o "S" vermelho na vitrina da loja, para se certificar de que é o serviço Singer legítimo que vai ordenar.

SINGER

SEWING MACHINE COMPANY

Copyright U.S.A.,1940,1942, by Singer Sewing Machine Co.
All rights reserved for All Countries.
Todos os direitos devidamente protegidos
por tratado internacional.

O Beechcraft Modelo 18, monoplano bimotor inteiramente metálico, é o mais adaptavel de quantos aviões não-combatentes andam ao serviço das forças armadas dos E.U.A.: tem sido produzido para os governos dos E.U.A. e das nações aliadas, em cinco tipos para fins específicos, desde os de fotografia a grande altitude aos treinadores de bombardeio e navegação, e desde os transportes de pessoal de comando aos de material. Quinze variantes destes tipos foram fabricadas para fins especiais.

O Treinador de Navegação Beechcraft AT-7, da Aeronáutica Militar, por exemplo, tem sido produzido em grande quantidade como avião terrestre, mas tambem tem sido convertido em hidroavião ou em avião de esquís, adaptando-se-lhe flutuadores Edo ou esquís Noorduyn. Facilmente convertivel de avião terrestre em hidroavião ou avião de esquís, este tipo tem-se desempenhado de tarefas especialíssimas e dificeis, no Alasca e na região circumpolar, e noutras partes do mundo. Esta multiplicidade de usos teve origem muitos anos antes da guerra, quando o modelo comercial Beechcraft 18 conquistou a preferência das linhas aéreas do Canadá e outros clientes, que reclamavam aparelhos de transporte rápido, para todas as estações, próprios para sobrevoar tundras sem trilhos, até aos centros mineiros e feitorias de peles, muitas vezes situados bem dentro do Círculo Polar Ártico. As aterragens se faziam em lagos bordados de floresta, na vasta baía de Hudson, ou mesmo no Oceano Ártico. Se os seus clientes comerciais eram exigentes, os seus fregueses militares ainda são mais estritos!

O Beechcraft cumpre o seu dever, em guerra como na paz, por toda parte do mundo, em todos os climas, e sob todas as condições de vôo imaginaveis.

Beech Aircraft

CORPORATION

OS BEECHCRAFT CUMPREM O SEU DEVER

WICHITA, KANSAS, E.U.A.

Aço para 5 Grandes Pontes por Dia!

CADA DIA que passa, a UNITED STATES STEEL—que é a maior produtora de aço do mundo—fabrica aço bastante para construir cinco grandes pontes. Quando tiver voltado a paz, os grandes recursos e aptidões desta vasta organização estarão prontos a colaborar na edificação dum mundo novo e melhor. Os aços U•S•S, melhores e mais resistentes, que hoje estão brotando das pesquisas impostas pela guerra, ficarão disponiveis por intermédio da United States Steel Export Company, que há mais de 40 anos se encontra no mercado, satisfazendo por todo o mundo as necessidades dos consumidores de aço.

UNITED STATES STEEL EXPORT CO.
30 CHURCH STREET, NOVA YORK 8, E. U. A.

FORNECEMOS AO MUNDO
aços superiores do maior fabricante de aço do mundo

Os postos de gasolina e serviços automobilísticos PAN-AM, estrategicamente localizados, asseguram ao seu automovel ou caminhão o serviço e os produtos necessarios ao seu melhor funcionamento.

Para conservar bem o seu carro e operá-lo o mais economicamente possivel empregue sistematicamente gasolina e oleo para motores "PAN-AM".

REPRESENTANTES NAS PRINCIPAIS CIDADES DO PAÍS

DEPÓSITOS:
RIO DE JANEIRO
SANTOS • SÃO PAULO
SÃO SALVADOR
RECIFE • BELÉM

THE CALORIC COMPANY
MATRIZ—RIO DE JANEIRO
AV. PRESIDENTE WILSON NO. 118

RESFRIADOS? GARGANTA IRRITADA? NÃO DEMORE!

Logo que apareçam

Gargareje com Listerine

COMBATE OS MICRÓBIOS!

Atua sobre as mucosas da boca e garganta

QUE ALÍVIO!

Listerine lhe ajuda a conservar-se sadia

OS ENSAIOS PROVAM QUE LISTERINE DIMINUE O NÚMERO DE RESFRIADOS

Ensaios efetuados durante um período de investigações de doze anos mostraram que as pessoas que costumam gargarejar com o Antisséptico Listerine duas vezes ao dia, contraem menor número de resfriados do que aquelas que não o usam.

Vale, realmente, a pena fazer gargarejos sistematicamente com o Antisséptico Listerine como precaução contra resfriados ou constipações—até talvez evite enfermidades sérias. Listerine . . . o antisséptico *seguro*.

Antisséptico **LISTERINE**

Creme Dental Listerine. Mistura de 14 ingredientes escolhidos, equilibrada para dar excelente ação detergente sem estragar o esmalte dos dentes.

Escova de Dentes Pro-phy-lac-tic. Planeada cientificamente para chegar a *toda* a dentadura e limpá-la perfeitamente—com os seus pelos elásticos e sua durabilidade.

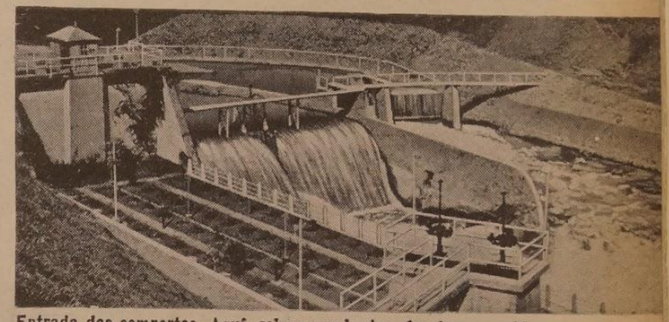
COMO SE ILUMINA UMA CIDADE

UMA HISTÓRIA ILUSTRADA que mostra o fluxo de energia que parte de um tormentoso rio para as casas de família e de comércio da segunda cidade em importância e principal centro industrial da Colômbia . . . Medellín.

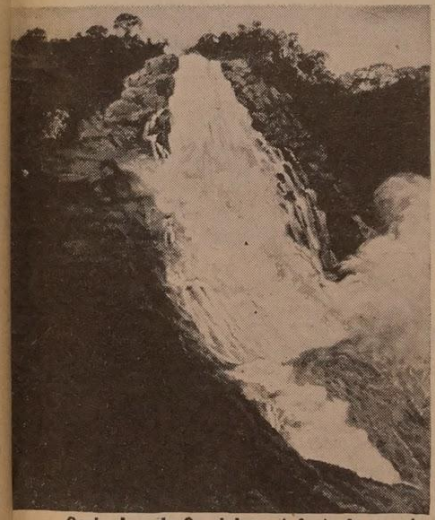
UM MENINO aperta um botão e zás . . . ilumina-se uma sala. No mundo inteiro a iluminação está sendo posta em maior número de casas, e o conforto dos modernos utensílios elétricos para o lar fazem brilhar a vida para outros milhões de pessoas . . . por causa do desenvolvimento de projetos de força e luz como este. A Westinghouse orgulha-se da parte que lhe toca em fornecer o equipamento básico e em aplicar a sua vasta experiência técnica à perícia e ao empreendimento das juntas executivas nacionais que promovem a existência desses melhoramentos vitais. Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York 5, E.U.A.

Westinghouse

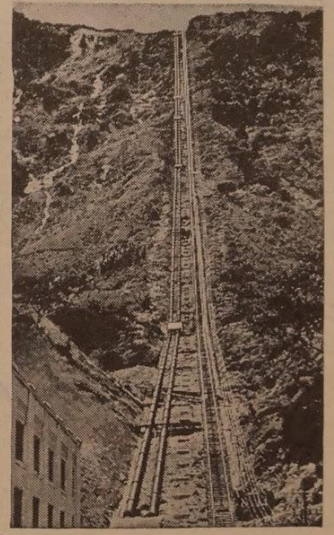
— Empresa Criadora e de Confiança



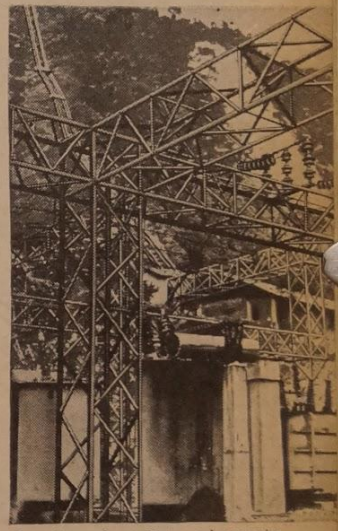
Entrada das comportas. Aquí, sobre a cachoeira, é a água reunida e conduzida nos canos de aço.



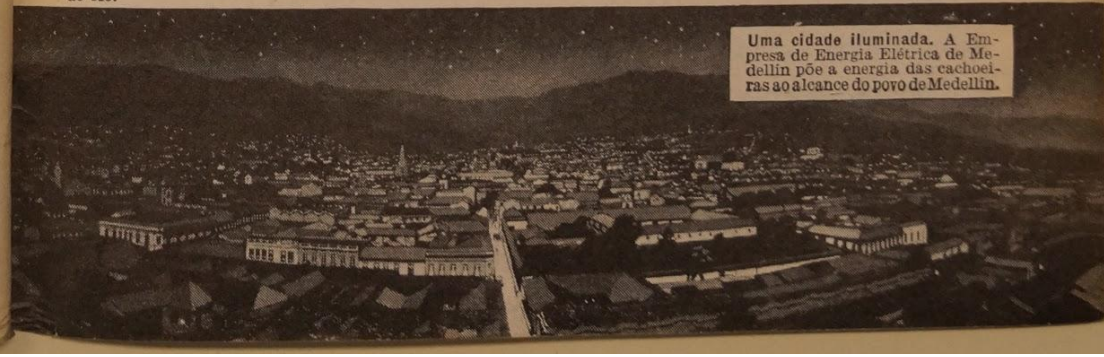
Cachoeiras do Guadalupe. A fonte da energia. Esta queda de água dá rapidez à correnteza do rio.



As comportas. Esses condutos levam a água para a usina (que se vê à esquerda) onde os geradores criam a eletricidade.



Transformadores. Este equipamento converte a voltagem a 110.000 vólfios e leva-a através de 84 km. de terreno escarpado até Medellín.



Uma cidade iluminada. A Empresa de Energia Elétrica de Medellín põe a energia das cachoeiras ao alcance do povo de Medellín.

O "Constelação"

O mais veloz de todos os aviões de transporte — velocidade de cruzeiro superior a 500 km. por hora

o maior raio de ação — mais que suficiente para cruzar o continente norte-americano sem etapas

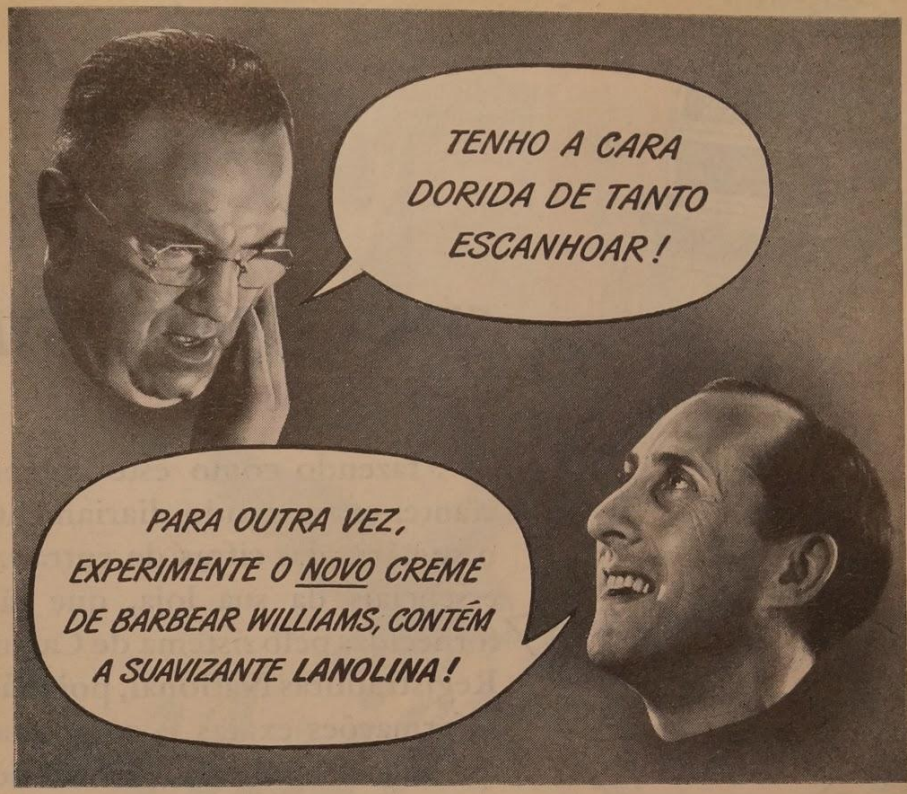
a maior capacidade para carga — 64 passageiros, alem da tripulação e da carga

a maior velocidade de ascenção — mais de meio quilômetro por minuto, com quatro motores

e esses fatores do seu funcionamento fazem do "Constelação" *o mais seguro* de todos os aviões de transporte.

COM **Lockheed** SEMPRE NA VANGUARDA

LOCKHEED AIRCRAFT CORPORATION, BURBANK, CALIFORNIA, E. U. A.



QUANDO se trata de curar uma epiderme irritada, é muito comum os médicos receitarem a Lanolina. Esta substância balsâmica, que se parece muito com a natural secreção oleosa da pele, foi agora adicionada ao Creme de Barbear Williams, para permitir que V. se escanhoe sem sofrer. A Lanolina do Creme Williams deixa-lhe a cara macia e lisa.

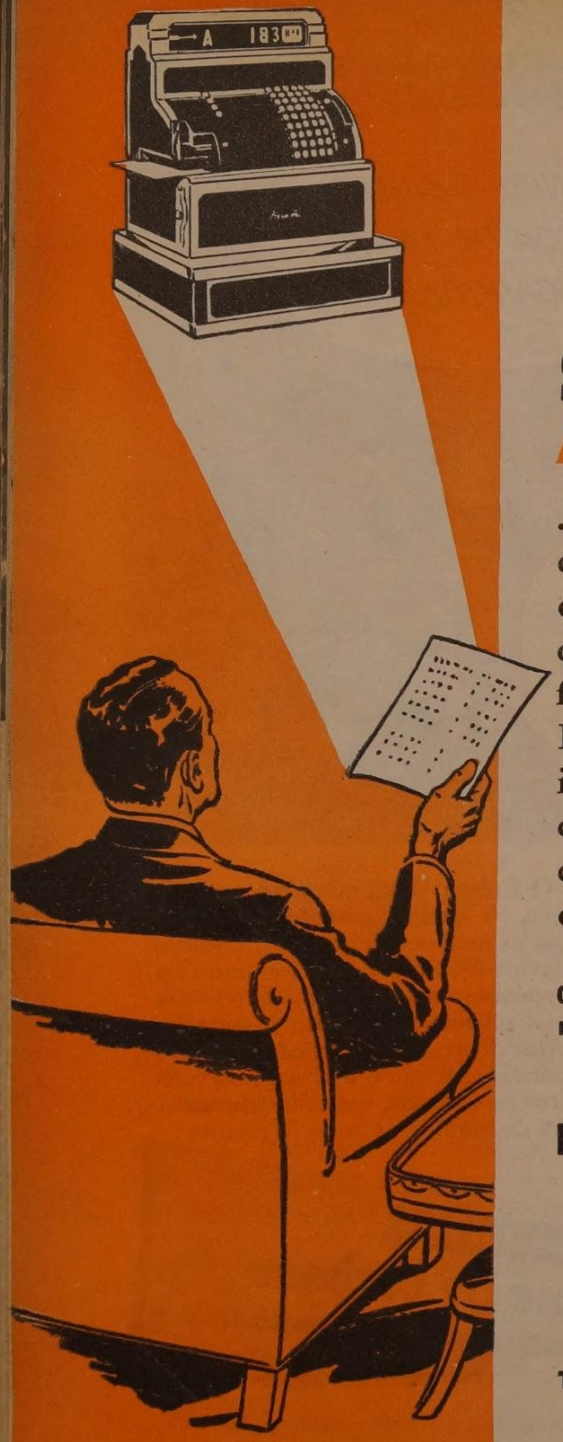
O Creme Williams, alvo como a neve, é exclusivamente fabricado com os melhores ingredientes, duma suavidade natural. Sua espuma rica e espêssa amacia *por completo* a barba mais rebelde, e permite à navalha cortar depressa sem irritar a pele. Se quer saber o que é o cúmulo do confôrto ao barbear, experimente amanhã de manhã o Creme Williams.

Contém a suavizante LANOLINA

WILLIAMS

creme de barbear

No mesmo tubo de sempre.



SENHOR VAREJISTA

AUMENTE SEUS LUCROS...

. . . fazendo como este comerciante: examinando diariamente o sumário das cifras de entradas essenciais da sua loja, que são fornecidas pelo sistema de Caixas Registradoras National, pois dão informações exatas e completas que o habilitam a tomar boas decisões e poder dirigir com êxito o seu negócio.

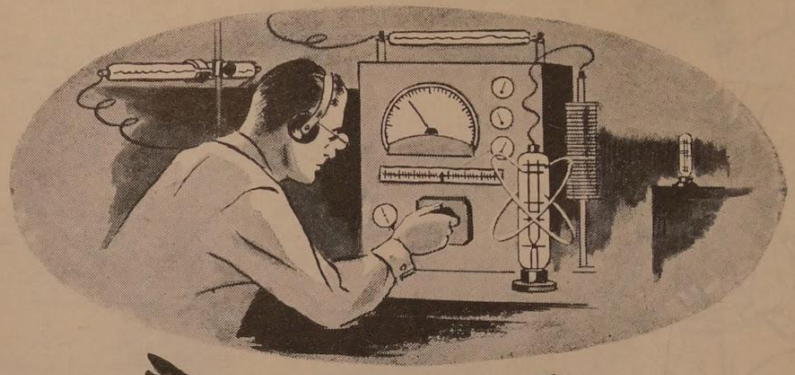
CHAME A CAIXAS REGISTRADORAS NATIONAL S/A
RUA CHILE No. 31 • RIO DE JANEIRO

CAIXAS REGISTRADORAS
MÁQUINAS DE CONTABILIDADE

National

Representante exclusiva no Brasil de
THE NATIONAL CASH REGISTER COMPANY
DAYTON, OHIO, U. S. A.

BELAS COISAS NA FORJA...



Majestic

ELETRÔNICA
TELEVISÃO
RÁDIO

PODEROSO MONARCA DO AR

HOMENS e mulheres, todos sonhamos hoje com os dias de tranquilidade que hão-de vir . . . Serões passados em família—rindo com una comédia, escutando um concerto, a culta palavra dum comentarista, e a melhor orquestra . . . Todos nós sonhamos com a perfeita recepção radiofônica, com lindos e bons aparelhos de rádio a um preço acessivel a todos os bolsos. Graças à Majestic, estes sonhos se estão convertendo em fortes realidades! Foram eles que inspiraram novos aperfeiçoamentos no traçado . . . na técnica . . . na produção . . . no valor. Belas coisas estão na forja da Majestic—novas idéias de rádio que V. poderá usufruir *amanhã!* Quando soar a hora da Paz, o novo Rádio Majestic voltará a ser uma vez mais em milhares de casas de família—o valor máximo entre os rádios.

MAJESTIC RADIO & TELEVISION CORPORATION
2600 WEST 50th STREET, CHICAGO 32, ILLINOIS, E. U. A.

Os Refrigeradores Servel funcionam a Querosene ou a Gás Engarrafado

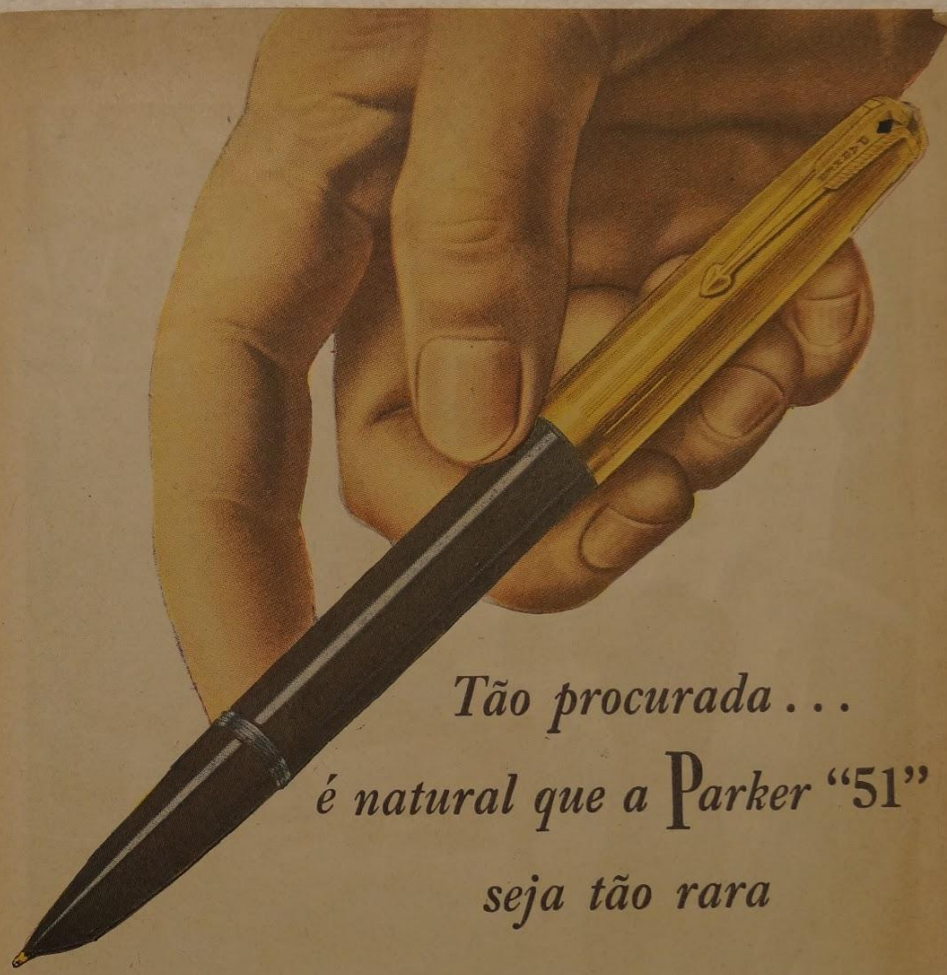
FAMÍLIAS que residem em fazendas e estâncias gozam atualmente, por toda a América, do mesmo tipo de refrigeração de que dispõem os moradores das cidades. Os Refrigeradores Servel a *Querosene* e os Refrigeradores Servel a *Gás Engarrafado* são, sob todos os aspectos mais importantes, idênticos aos DOIS MILHÕES ou mais de Refrigeradores Servel que se vêem em outras tantas residências e apartamentos urbanos. Uma pequenina chama faz circular o refrigerante produtor do frio constante que conserva os alimentos, e de grande quantidade de pedras de gelo para preparar refrescos. O sistema de refrigeração Servel não tem peças moveis que se gastem, ou causem desarranjos, ou produzam ruidos. Os Refrigeradores Servel são silenciosos, e duram mais.

Acabada a guerra, os novos recursos da distribuição de combustiveis tornarão os Refrigeradores Servel a *Querosene* e os Refrigeradores Servel a *Gás Engarrafado* acessiveis a um número de famílias maior que nunca em todo o Continente Americano.

SERVEL, Inc.

Departamento de Exportação
51 East 42nd St., Nova York 17
N. Y., E. U. A.

FABRICANTES DO REFRIGERADOR SERVEL • SILENCIOSO • DURA MAIS



Tão procurada . . .
é natural que a Parker "51"
seja tão rara

Escreve sêco com tinta líquida!

• Tantas são as pessoas que desejam esta caneta-tinteiro que alguns precisam esperar por ela. Mas vale a pena!

De desenho audacioso, embora de elegante simplicidade, a Parker "51" é uma caneta-tinteiro que se ostenta com orgulho . . . que se usa com satisfação.

A ponta exclusiva, em torpedo, escreve instantaneamente . . . dá ao ato de escrever uma nova facilidade . . . e há muito mais!

Porque somente a "51" pode empregar a tinta Parker "51". . . que *seca à medida que se escreve!* Dispensa o mataborrão. Mas, naturalmente, a caneta "51" *pode* escrever com qualquer tinta.

Se o seu revendedor não tem no momento uma "51", deixe com êle o seu pedido. Em breve êle o poderá atender!

Cores: Preto, Azul, Cinzento e Marron.

Unicos distribuidores para todo o Brasil e Posto Central de Consêrtos: COSTA, PORTELA & CIA. Rua 1º de Março, 9—1º andar, Rio de Janeiro

PARKER "51"

Ainda existem na Terra vastas áreas inexploradas. Os incontaveis tesouros situados no interior, muito longe das estradas de ferro e das estações serão atingidos com o auxílio do mágico transporte aéreo. Mas para isso é preciso contar com o seguro e impecavel funcionamento dos motores e das hélices. Entre os entendidos em aviação, os motores Pratt & Whitney e as hélices Hamilton Standard são altamente conceituados.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

MOTORES PRATT & WHITNEY • AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICÓPTEROS SIKORSKY • HÉLICES HAMILTON STANDARD

(*Continuação da última capa*)

Saber, confiar, crer e esperar

Nada disso. Nem nova religião, nem nova filosofia, nem pedras filosofais. O segredo que o Reader's Digest detem, o seu talismã, o seu «Abre-te Sésamo» é bem mais simples e bem mais antigo. É pelo menos tão simples e tão antigo quanto estas duas fontes perenes de receptividade e de simpatia a que suas mensagens se destinam: o desejo de ampliar o conhecimento e a necessidade de crença na possibilidade de aperfeiçoamento moral da humanidade —traços comuns ao homem do nosso tempo, ao homem de todos os tempos.

Agora já não há mistério nem segredo no triunfo do Reader's Digest. Tudo está explicado. O que todos buscamos nos seus fascículos são as suas mensagens de conhecimento e de esperança, essas singelas e magníficas condensações de saber e de experiência que, dilatando-nos o âmbito de nossas cogitações, num mundo em que as exigências da especialização restringem cada vez mais os reclamos de nossa universalidade, tanto nos ajudam a compreender o sentido e os anseios de nossa época.

Para alem do humor da anedota antiga e moderna, da aventura das ficções que nos proporcionam os seus excelentes resumos de novelas, contos e romances, o que todos procuramos e encontramos no Reader's Digest, é o roteiro que nos conduz, no intervalo de nossas tarefas cotidianas, através da informação, da crônica, do ensaio, da biografia, dos fatos e dos exemplos, para mais junto daqueles que lutam, morrem, trabalham e vencem para nos mostrar, em meio aos nossos desalentos, que ainda não se estancaram na alma humana nem o desejo de conhecer, descobrir, inventar e aperfeiçoar, nem a sua esplêndida capacidade de confiar, crer e esperar.

IMPRESSO NOS E. U. A.

Saber, confiar, crer e esperar

Por Vianna Moog

Autor de «Eça de Queiroz e o Século XIX», «Um Rio Imita o Reno», e outras obras importantes da moderna literatura brasileira

UMA REVISTA de aceitação internacional, com mais de dez milhões de exemplares mensalmente distribuidos pelos quatro cantos da terra, acolhida com igual interesse assim no Brasil como nos Estados Unidos, na Inglaterra como na Turquia, na Suécia como em Portugal, na Espanha como no Chile, eis um fato com o qual parecia não contar o próprio Júlio Verne e que, na enormidade de suas proporções, nunca nos foi anunciado pelos mais audazes profetas do nosso tempo.

No entanto, para surpresa e edificação do mundo contemporâneo, o milagre que se nos afigurava impossivel, transforma-o em realidade o advento triunfal do Reader's Digest.

E que realidade! Apregoada em inglês e espanhol, em árabe, sueco e português, manuseada nos aviões, nos trens, nos bondes, nos ônibus, com entrada no palácio do rico e na choupana do pobre, presente nas montras de todas as livrarias, resplandecendo no *bureau* do banqueiro e na modesta cantoneira do operário, na biblioteca do sábio e na estante do guarda-livros, na cesta de costura da dona de casa e no toucador das atrizes, presente à mesa de trabalho do médico e à mesa de cabeceira do convalescente, já não há recanto habitado do Ocidente em que a sua evidência não nos entre pelos ouvidos ou pelos olhos.

Que teria acontecido? Que misteriosas e estranhas mensagens transmitirá esse prodigioso Reader's Digest para que lhe dêem livre trânsito tantas fronteiras e se lhe entreabram alvoroçados tantos corações? Tratar-se-á da descoberta da pedra filosofal? De uma nova religião ou de uma nova filosofia capazes de dissolver no vasto estuário de aspirações comuns as diversidades de origem, de linguagem e de tendências que dividem os indivíduos, os povos e as nações?

(*Continua no verso*)

DEZEMBRO de 1944

Cr$ 3,00

Seleções do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

Um ensina ao outro . . . . . *por J. P. McEvoy* 1
Defenda a sua pele . . . . . *Collier's* 7
Porto Rico: divórcio com alimentos? . *New Leader* 10
O pirata-patriota Jean Laffite . *por Donald C. Peattie* 15
Argúcia dos animais 19
A senha foi Mandalai . . . . . *U. S. Air Services* 21
«Já que você me pergunta» . *Ladies' Home Journal* 26
Há o perigo dos intrusos internacionais *por Sir Norman Angell* 28
A imaginação—doença e remédio 31
À procura dos primeiros americanos . . . *Harper's* 33
O futuro da bomba voadora . . *American Mercury* 38
Retalhos do drama cotidiano *por Winfred L. Van Atta* 41
Irão os Estados Unidos ao suicídio naval? *Saturday Evening Post* 45
Um triunfo eleitoral com música *American Magazine* 48
Os soberanos do tecnicolor . . . . . *Rotarian* 52
O homem que ganhou a guerra . . *Atlantic Monthly* 55
Prisioneiro da noite . . . . . *por John Nesbitt* 61
Como se tratam hoje os feridos de guerra *This Week* 63
Vou começar vida nova . *Good Housekeeping* 69
Vontade de viver! . . . . . *New Yorker* 71
«Devo minha carreira a ter perdido uma perna» *Ladies' Home Journal* 78
Meu tipo inesquecivel . . . . . *Esquire* 81
Vamos aprendendo algo acerca da mulher . . *Argosy* 86
Flagrantes da vida americana 112
Seção de Livros — Objetivos de guerra dos Estados Unidos *por Walter Lippmann* 89

EDIÇÃO MUNDIAL DE 10.918.000 EM CINCO IDIOMAS

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.

BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Carvalho, Pinheiro & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423 Curitiba.

PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 351, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo VI, No. 35 — [*Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.*] — Dezembro de 1944

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace

Redator Gerente: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator*: Armando de Sá Pires

Administração—*Gerente Geral*: A. L. Cole. *Subgerente*: Fred D. Thompson, Jr.
Gerente de Circulação: Roberto C. Sânchez. *Chefe de Publicidade:* Willard R. Espy
Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson, *Subdiretor*: Marvin McCord Lowes
Diretor de Anúncios: Josiah B. Thomas

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*Reader's Digest* (fundado em 1921): publica-se em inglês em Pleasantville (E.U.A.) e em Londres; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace; tiragem mensal: 9.345.000 exemplares. *Selecciones del Reader's Digest:* edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas; tiragem mensal: 880.000 exemplares. *Det Bästa ur Reader's Digest:* edição em sueco, publicada em Estocolmc; redator: Anders Hedberg; tiragem mensal: 225.000 exemplares. *Al Mukhtar Min Reader's Digest:* edição em árabe, publicada no Cairo; redator: Fuad Sarruf; tiragem mensal: 60.000 exemplares.

TIRAGEM DE TODAS AS EDIÇÕES: 10.918.000 EXEMPLARES

Copyright 1944 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1876. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

DEZEMBRO de 1944

SELEÇÕES do Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO VI — No. 35

O novo e surpreendente método do dr. Laubach oferece ensejo a milhões de analfabetos, em todo o mundo, de aprender a ler com facilidade

Um ensina ao outro

Por J. P. McEvoy

SE O LEITOR ainda não ouviu falar no dr. Frank C. Laubach, pode ficar sabendo que o seu nome é uma palavra mágica para os milhões de criaturas que, em todo o mundo, já receberam os seus benefícios. Sim, porque esse suave e genial missionário americano descobriu um método simples e muito eficaz para ensinar a ler com rapidez a mais da metade da população do globo, que a tanto atinge o número dos analfabetos.

O método do dr. Laubach foi já com muito êxito vertido em 84 línguas diferentes, embora o seu criador confesse, com grande modéstia, que ele pessoalmente é um ignorante em todas essas línguas... E pergunta-se, como é natural, se é possivel a um homem que não sabe espanhol, por exemplo, demonstrar, perante um grande auditório hispano-americano, que qualquer pessoa pode aprender a ler duas dúzias de palavras na língua espanhola, em menos de cinco minutos. Eu não acreditava em tal história, até que recentemente encontrei esse professor em Havana. Depois de uma rápida explicação dada pelo dr. Laubach, e vertida para o espanhol por um pastor que servia de intérprete ao auditório, o dr. Laubach pediu que alguns voluntários se apresentassem para a demonstração. Uma velhinha cubana veio então muito acanhada para o estrado. O dr. Laubach fê-la sentar, de costas para a assistência, e, colocando diante dela um grande caderno com ilustrações, pôs-se a apontar-lhe as figuras, ensinando-lhe a ler sílaba por sílaba os nomes dos objetos alí pintados.

E, no final da lição, quando a anciã, hesitantemente, leu todas as palavras do diagrama sem cometer um único erro, a assistência prorrompeu numa salva de palmas. A expressão de prazer e orgulho, que no rosto enrugado da velhinha se estampava, quando pela primeira vez na

vida ela verificou que estava realmente lendo, era com efeito digna de ser vista.

«Agora, a senhora pode ler qualquer palavra que seja formada por estas mesmas *duas letras iniciais*—ou sílabas», disse-lhe o dr. Laubach. «Mas, antes de voltar amanhã, para a sua segunda lição, eu lhe peço que procure uma pessoa que não saiba ler, e lhe ensine esta primeira lição aquí aprendida.» E prosseguiu: «Por esse método poderá conferir a alguem a mesma felicidade que agora experimenta; isso a ajudará a reter melhor a lição na memória, pois não há maneira mais segura de se aprender do que ensinando.»

O segredo do vitorioso método de «Um ensina ao outro», como é conhecido, surgiu por acaso, em virtude de uma lição que o dr. Laubach recebeu de um analfabeto—um chefe dos Mouros das Ilhas Filipinas. O atual professor seguiu para lá em 1915, como missionário e diretor da *Union College and Seminary*, em Manila; cinco anos mais tarde, encontrava-se nas selvas de Mindanau ensinando os ferozes Mouros a ler. E algum tempo depois se esgotavam todos os recursos de que o missionário dispunha para o seu serviço.

O dr. Laubach procurou então o cacique daqueles indígenas e lhe explicou que a sua campanha de alfabetização teria que parar por falta de fundos. «Isso é que não!» bradou o chefe. «Esta campanha não deve parar por falta de dinheiro. Todo aquele que já está alfabetizado terá que ensinar a outro que não o esteja.» E concluiu com autoridade: «E quem não fizer isto—mando matar!»

E foi assim que, naquele momento crítico, coube ao temivel tuxaua filipino forçar a invenção do sistema de «Um ensina ao outro», que desde então se espalhou pelo mundo.

Como conseguiu o dr. Laubach, ignorando a língua dos Mouros, adaptar o seu método a ela, de modo que milhares de indígenas aprendessem a ler?

«Primeiramente,» esclareceu o missionário, «tive que me fazer amigo deles. Os Mouros, como se sabe, são maometanos, e, como tais, sempre detestaram os cristãos. Não tinham nenhum interesse, pois, em lidar com um missionário como eu. E pensei comigo que, se eu desejava que eles fossem tolerantes para com a minha religião, tinha tambem que ser tolerante com a deles; assim pensando, comuniquei aos seus sacerdotes que eu gostaria de ler o Alcorão. No dia seguinte esses sacerdotes se aglomeraram no meu pequeno chalé, certos de me converterem ao islamismo.»

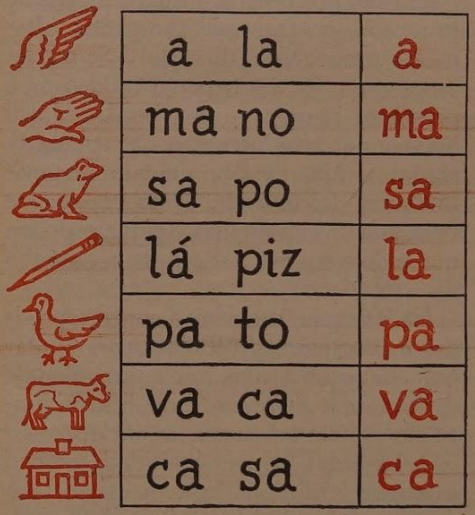
O dr. Laubach notou então que não havia uma única passagem impressa em *maranau*, o principal dialeto dos Mouros. Os sacerdotes e chefes sabiam um pouco de árabe, mas essa língua era demasiado dificil para o resto da população. Então, com o auxílio de um educador filipino—Donato Gália—o dr. Laubach conseguiu adaptar a fonética da língua ao alfabeto romano: uma letra para cada som e um único som para cada letra. E verificou que, com quatro vogais e doze consoantes, poderia escrever a língua *maranau*. Mas, como ensinar os Mouros a ler essa língua?—aí estava o problema. Ao cabo de muitas pesquisas, o dr. Laubach encontrou três palavras do dialeto *maranau* muito usadas, e nas quais se empregam todos os doze sons consoantes.* «Usando cada uma destas palavras-chaves como base,» diz ele, «com elas formu-

*Ma-la-ba-nga... (*Malabang* é o nome duma cidade em Lanau)
Ka-ra-ta-sa... (*Karatas* significa papel)
Pa-ga-na-da... (*Paganada* quer dizer estudar ou aprender)

lamos cartazes de letras graudas, de dois centímetros, fazendo de cada palavra uma lição.»

Fazia que os Mouros, seus alunos, decorassem a forma da sílaba «Ma», por exemplo, e então apontavam no cartaz a palavra «Mama»—que identificavam e liam «ma-ma», «homem» no dialeto *maranau*.

«Quando o estudante acaba de ler o cartaz,» afirma o dr. Laubach, «já está apto para continuar lendo sem o auxílio de professor. A primeira lição que dei aos nativos, foi uma antiga canção que todos sabiam de cor, desde a infância. E agora,



Este fragmento de um dos cartazes de sílabas e figuras do dr. Laubach esclarece bem o seu método prático de ensinar espanhol aos analfabetos. Ele aponta, por exemplo, a figura de uma *a-la* (asa) e pergunta «que é isto?» Os alunos respondem: « É uma asa.» Então o professor mostra que a palavra *ala* começa com o «a» que se vê na coluna à direita. A seguir pergunta: «Qual é o primeiro som de *ma-no* (mão)?» E os alunos respondem: «Ma.» O mestre lhes mostra que «ma» é o som que está na coluna ao lado, e assim os alunos aprendem a identificar a forma escrita de certas sílabas ao lado das ilustrações que as representam.

pela primeira vez, *sabiam* o que estavam lendo. Um dos alunos não se pôde conter e exclamou com grande surpresa:—Isto é mágica!»

O dr. Laubach calcula que 70% dos Mouros de Mindanau aprenderam a ler pelo seu sistema. Há mais de dezessete dialetos nas Filipinas, e ele teve que preparar lições em todos eles, usando sempre o seu sistema de *palavras-chaves*... Ao mesmo tempo que os naturais aprendiam a ler, o missionário ia simultaneamente aprendendo os meios de aperfeiçoar ainda mais o seu método de ensinar.

«O fato de ser eu ignorante da língua dos nativos, era sem dúvida um grande auxílio,» diz ele, «pois eu podia assim avaliar melhor as suas dificuldades e tratar de os ajudar.» O analfabeto é quem melhor pode julgar se está aprendendo bastante ou não. Se está aprendendo, considera bons o professor e os seus métodos; mas se não faz progresso na aprendizagem, diz logo que deve haver qualquer coisa a corrigir no mestre ou no seu sistema...»

«Em verdade», continua o professor, «eu nunca encontrei alguem que fosse velho demais para aprender a ler. A crença, tão generalizada, de que as crianças aprendem com mais rapidez do que os adultos, é sem dúvida um conceito errado.»

Em 1935, o dr. Laubach fez uma visita a Singapura e logo preparou uma adaptação do seu método para o ensino do malaio. Em seguida foi à Índia e fez a mesma coisa com relação ao indú. Agrupou as letras de sons semelhantes em 13 classes ou «famílias» e com elas compôs uma série de lições, que levou a receber a aprovação de Gandhi. «Eu não considero o analfabetismo o problema magno da Índia,» disse Gandhi. «O problema econômico é o mais premente. A educação

muitas vezes é um perigo, pois enquanto a mente se preocupa com leituras se descuida de pensar e meditar. Alem do mais, muitos dos benfeitores da humanidade não sabiam ler nem escrever... Maomé, por exemplo.»

«Eu me vi atrapalhado por um momento,» confessa o dr. Laubach. «Mas, subitamente, uma resposta perfeita me pareceu vir do céu:— O senhor tem razão, sr. Gandhi,—disse-lhe eu,—mas se porventura o senhor fosse analfabeto e não tivesse escrito livros tão valiosos e tambem nós não os soubéssemos ler, milhões de criaturas que o admiram, jamais teriam ouvido falar do senhor.— Gandhi respondeu modestamente:—É verdade.—Quatro anos depois, ele escrevia:—Eu me convencí e agora creio que combater o analfabetismo é o dever primordial de todo bom cidadão. Se cada um que aprender tomar a seu cargo ensinar a um ignorante, em pouco tempo poderemos alfabetizar toda a Índia.»

É esse um problema capital da Índia, onde as estatísticas acusam a existência de 300 milhões de iletrados—um terço dos analfabetos de todo o mundo. Mas, a despeito disso, o dr. Laubach encarou o assunto com incrivel otimismo. Viajou 30.000 quilômetros, compareceu a 40 conferências num incansavel afã de organizar programas e diagramas fonéticos, e em dez semanas ele e seus colaboradores prepararam lições em indú, maratí, télugo, tamil e urdú, cinco das mais importantes línguas das 225 existentes na Índia. E então confiou a missão de aperfeiçoamento e experimentação com essas lições aos cuidados de professores especialmente treinados e conhecedores do seu sistema; e hoje, a despeito da guerra, a campanha contra o analfabetismo na Índia ainda prossegue.

O Egito, a Palestina e a Síria aceitaram o plano. A Universidade Americana de Beirute tomou a seu cargo a campanha contra o analfabetismo como um serviço de guerra da cidade.

Em um dos centros sírios, um Xeique protestou contra essa campanha altamente progressista, dizendo: «Se o meu povo aprender a ler, perco todo o meu prestígio, porque eu sou aquí o único homem que tem instrução.» Entretanto, algum tempo depois, quando algumas mulheres descobriram como era facil e bom saber ler, o mesmo Xeique ordenou que todo o seu povo se pusesse a caminho da... sabedoria.

Na Turquia, o governo contratou seis dos mais capazes professores para ajudar o dr. Laubach a organizar o programa de disseminação do seu método, que foi posto em prática sob auspícios oficiais.

A Liga das Nações convidou então o infatigavel missionário a prosseguir em seus serviços na Africa. Sem desanimar

pa pa va a la ca sa

O segundo passo é pedir ao aluno que leia em voz alta simples sentenças feitas com as sílabas já aprendidas, cada uma das quais corresponde a uma figura. O estudante associa assim a figura à palavra escrita e o seu som, podendo então ler sem titubeios «pa-pa va a la ca-sa» (papai vai à casa). Algum tempo depois ele pode ler as sílabas sem o auxílio das figuras, isto é, *já sabe ler!*

ante a tremenda tarefa—pois há mais de 300 línguas e dialetos nesse continente—o dr. Laubach organizou comitês de peritos para tratar de alguns dos dialetos, adaptando aos mesmos o seu método.

A campanha da África deu admiraveis resultados. O próprio Laubach ficou surpreso com o aproveitamento das mulheres africanas, que injustamente eram tidas como broncas. «Ao contrário do que se dizia,» observou o missionário educador, «essas mulheres são mesmo muito capazes; nem nas próprias Filipinas vi tanta ansiedade por aprender, nem tão rápido progresso. Mesmo nos sábados, quando a escola ia fechar para o fim da semana, as mulheres ficavam lá implorando-nos que continuássemos com as aulas.» Certa vez, um funcionário africano disse ao dr. Laubach: «Eu venho observando todos os dias o seu trabalho em instruir os meus conterrâneos e estou convencido do que esta sua missão é a coisa mais importante que já sucedeu na África depois das explorações de Livingstone.»

Trabalhando sob os auspícios do Comitê Mundial de Alfabetização no Estrangeiro, o dr. Laubach concentrou seus esforços durante dois anos em vários países da América Latina. Nove governos aprovaram oficialmente o seu método, e ao voltar ao Perú, depois de alguns meses de ausência, encontrou ele 14.000 professores pagos pelos cofres públicos, isso sem falar na crescente legião de voluntários, que se achavam dando aos alunos suas lições de «sílabas e figuras». O curso, em espanhol ou português, compõe-se de 16 lições e é ensinado foneticamente, exigindo em média de cinco minutos a meia hora para cada lição. Depois disso, os estudantes podem ler em voz alta todas as palavras com as quais já se acham familiarizados e estão preparados a continuar por si quaisquer exercícios de leitura dentro do vocabulário que já conhecem...

O dr. Laubach prefere ensinar adultos, individualmente ou em pequenos grupos, afim de que os alunos não se sintam acanhados. E, pelo mesmo motivo, quase nunca permite que pessoas instruidas estejam presentes às suas aulas. «É preciso lembrar,» diz o criador deste método, «que esses alunos não são crianças, que tenham forçosamente que ir para a escola. Torna-se imperioso, pois, prender a sua atenção falando-lhes de coisas do seu interesse. Se um desses estudantes graudos não aprender «um bocado», no primeiro dia, é quase certo que não voltará à aula no dia seguinte. Logo, é de boa praxe elogiá-lo, dando-lhe uma palmadinha amistosa nas costas e dizendo-lhe sem rebuços:—Esplêndido! Saiu-se muito bem!—Podendo rematar isso com uma frase assim: —Parabens! Provou que é inteligente!—Notamos então com que satisfação o aluno recebe estas palavras e vemos que um prazer íntimo lhe ilumina suavemente os olhos. É o seu momento de alta emoção, do qual tambem nós participamos.»

O dr. Laubach diplomou-se em sociologia na Universidade de Príncetón. Mais tarde, para colar o grau de doutor em filosofia na Universidade de Colúmbia, escreveu uma tese baseada em interessante estudo sobre a indigência e vagabundagem em Nova York. Obtido o grau em filosofia, estudou ainda no *Union Theological Seminary*, prestou serviços em centros de ensino gratuito às classes pobres, foi pastor de uma igreja em Nassau, nas ilhas Bahamas, e finalmente fez-se de rumo às Ilhas Filipinas, tocando primeiro em Manila e depois em Mindanau e Mouros.

«Uma grande e intensa batalha foi ga-

nha contra o analfabetismo nos últimos 25 anos,» declara o dr. Laubach. «Na Rússia, 100 milhões aprenderam a ler e a escrever; na China, graças a Jimmy Yen* e o seu valioso trabalho de instrução em massa, 40 milhões foram alfabetizados, e na Índia, sobe a 30 milhões o total dos que se beneficiaram com o mesmo sistema. No resto do mundo, mais de 20 milhões receberam as luzes da instrução. Mas, com tudo isso, ainda resta mais de metade da população do globo, que precisa ser alfabetizada,» conclue ele.

Frequentemente, o dr. Laubach sai pelo mundo fora pregando o evangelho da instrução, com um vigor extraordinário, que desmente os seus 60 anos de idade. E no tocante ao seu método de ensino, quando alguem, com ironia, lhe citou a conhecida frase do poeta inglês Alexander Pope—de que «o pouco saber é sempre perigoso»—o intrépido educador rebateu esse dito de pessimismo dizendo que «toda sabedoria é perigosa quando o coração é selvagem». E concluiu o pensamento: «Os céus de todo o mundo estão hoje cheios das mais modernas invenções, dedicadas a uma destruição total. Vê-se por aí que a muita ou alta sabedoria é ainda mais perigosa do que os seus simples rudimentos, pela mesma e simples razão de que um moderno bombardeiro é mais destruidor e perigoso do que a flexa e o arco dos primitivos indígenas.»

E o incansavel evangelizador do A. B. C. explica ainda: «A nossa campanha contra o analfabetismo encontra os mesmos problemas que se deparam à instrução universalizada, problemas de coordenação dos impulsos do coração com as mais refinadas lucubrações mentais do homem em grupo. Não adquirimos a ética da vida, como se dá com os conhecimentos históricos, pela aplicação direta da memória. É ela o resultado, no nosso processo educativo, da formação de hábitos e de ação. Segundo o que pude observar por meio do meu contacto direto na instrução de adultos em diferentes línguas e paises, estou convencido de que a melhor maneira de organizar um sistema de reciprocidade educativa, de que o mundo hoje tanto carece, é por meio de campanhas de ensino voluntário e gratuito. Em suma, há incentivo para a alma, o coração e a mente na prática do novo método de «Um ensina ao outro».

*Vd. «Jimmy Yen, mestre da China», SELEÇÕES, fevereiro de 1944.

Verdadeira mobilização

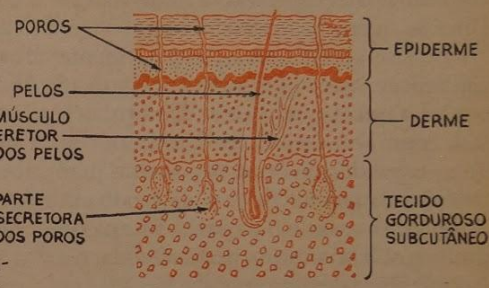
¶ QUANDO os italianos invadiram a Abissínia, o Imperador Hailé Selassié promulgou a seguinte ordem de mobilização:

«Ao ser esta ordem conhecida, todos os homens e rapazes que puderem empunhar uma lança deverão ir a Adis-Abeba. Os homens casados levarão consigo suas esposas, para cuidar-lhes da comida e da roupa. Todos os solteiros levarão consigo as mulheres que puderem encontrar, para o mesmo fim. Serão dispensados somente os cegos, as mulheres com filhos pequenos, e aqueles que estiverem muito velhos ou muito enfermos para carregar uma lança. Todos os demais, que forem encontrados em casa, depois de ser conhecida esta ordem, serão enforcados.»

—De um discurso do almirante Harold Stark

DEFENDA A SUA PELE

Um dos mais extraordinários mecanismos do mundo



(Condensado do «Collier's»)

Por Elsie McCormick

Artigo inspirado numa entrevista com o dr. Frank C. Combes, diretor da seção de dermatologia do Hospital Bellevue, em Nova York

SÓ UMA COISA nos separa de um mundo povoado de germes—a pele, cuja espessura varia de um milímetro—nas pálpebras—a seis milímetros nas solas dos pés.

Trata-se porem de algo mais que um simples revestimento protetor. É um orgão de uma eficiência fantástica. Mantem a temperatura do corpo a um nivel igual; tem nervos,—sentinelas que avisam quando há calor, frio, contactos, ou o mínimo traumatismo; fabrica unhas e cabelos; expele os resíduos de matérias; produz o pigmento que nos protege contra o sol, e reconstrói constantemente a superfície externa à medida que esta se gasta.

O papel mais importante da pele é manter o corpo a uma temperatura regular. Os nervos vaso-motores têm o poder de dilatar ou contrair os vasos sanguíneos; os nervos secretores distribuem ordens a dois milhões de glândulas sudoríparas. Nos dias quentes, os vasos sanguíneos se dilatam, afim de dar escapamento ao calor, e as glândulas sudoríparas expelem até cerca de dois litros de água por dia, trazendo-nos assim um pouco de alívio. Quando faz frio, a transpiração diminue, e os vasos sanguíneos se contraem. O mecanismo é tão exato que uma pessoa em bom estado de saude mantem-se constantemente numa temperatura de 37 graus, quer esteja trabalhando nos trópicos, ou caçando focas no polo ártico.

A superfície da pele é uma couraça feita de escamas sobrepostas como as dos peixes. Ninguem inventou jamais um melhor impermeavel. A pele é perfurada por milhões de pequenos orifícios—os poros. Devido, porem, às suas glândulas sebáceas, e à sua engenhosa estrutura, podemos ficar dentro da água, submersos até o pescoço, durante um tempo indefinido, sem que de água se encham os nossos orgãos.

Outra importante tarefa, desempenhada pela pele, é a fabricação dos cabelos. Quase todo o corpo se acha coberto por pelos, tão finos, às vezes, que se tornam invisiveis. Há em cada cabelo um pequeno vaso sanguíneo que o alimenta, várias cavidades de óleo destinadas a lubrificá-lo, um nervo que dá o alarme quando puxam por ele, e um pequeno músculo que se contrai, eriçando-o, quando estamos com frio ou alguma coisa nos causa medo. Ao tempo em que os seres humanos eram mais hirsutos, este eriçar dos cabelos contribuía, certamente, para protegê-los contra o frio.

Há, tambem, na pele, cerca de dois milhões de pequenas glândulas sebáceas que impedem o ressecamento da superfície externa, e numerosas fibras elásticas que fazem com que esta se adapte aos contornos do corpo. Logo abaixo se encontram camadas de gordura. Ao che-

garmos a uma idade avançada, estas tendem a desaparecer—motivo pelo qual os velhos se queixam tanto do frio.

A pele se acha tambem estreitamente ligada às emoções que sofremos—fato já familiar a quem quer que se haja ruborizado, num momento embaraçoso, ou tenha empalidecido de pavor. Certas perturbações da pele melhoram de modo extraordinário quando o paciente escapa de alguma história amorosa mal sucedida, ou encontra um trabalho que lhe agrade. O estado da pele é, portanto, intimamente relacionado com a felicidade pessoal—no casamento, nos contactos sociais, e nas atividades que exercemos. Como, pois, dela tratarmos?

Segundo o dr. Combes, não há nada que fazer contra as rugas. Ao chegarmos a certa idade, as camadas de gordura que forram a pele vão desaparecendo, e as fibras elásticas se tornam tão gastas e deficientes quanto uma cinta velha. Não há massagem nem creme, nem tratamento que possam impedir a formação de novas rugas.

Há porem certos métodos pelos quais podemos evitar que estes sinais de velhice apareçam antes de tempo. Sabe qual é o meio mais eficaz de fazer com que o rosto envelheça rapidamente? É cozinhá-lo ao sol, durante o verão. Isto faz secar o óleo natural, estimula a formação de rugas, e abrevia o ciclo de vida das células, apressando, assim, o envelhecimento da pele. Talvez nos parecesse estranho ver nossas avós de sombrinha aberta na praia; cientificamente, porem, o que elas faziam era agir contra os anos. Se não pudermos resistir à tentação de ficar horas na praia, com a cabeça descoberta, procuremos pelo menos proteger o rosto, usando algum produto que lhe sirva de sombrinha —um preparado que absorva os raios maléficos do sol.

Podemos tambem adquirir rugas desnecessárias passando o inverno numa casa aquecida demais, removendo o óleo natural por meio do uso excessivo de sabonetes e tônicos da pele, ou mantendo sempre uma expressão preocupada ou de ansiedade constante. Quem já estiver bem adiantado na casa dos 40, poderá evitar as rugas diminuindo o uso do sal. Ao chegarmos à idade madura, passamos a expelir o sal com mais dificuldade. O resíduo que fica no corpo provoca a distensão da pele, terminando, eventualmente, por causar rugas.

Os cremes protegem a pele contra o sujo, e impedem que esta se resseque. Não podem, porem, «nutrí-la». A única maneira eficiente de fazê-lo, é através do sistema digestivo. Não há tãopouco um só creme no mundo que possa realmente diminuir os poros do rosto. Esses poros são pontos de saida para as glândulas sebáceas, e se vão tornando maiores à medida que a pessoa vai envelhecendo.

Na adolescência as glândulas de lubrificação trabalham demais, em geral. O excesso de óleo produz os cravos. Estes se infeccionam formando espinhas. O que daí resulta para os rapazolas e meninotas é que se sentem envergonhados da sua aparência. Em regra, porem, este tipo de espinha pode ser controlado sem maior dificuldade. Os pacientes são geralmente aconselhados a lavar o rosto com água e sabão quatro ou cinco vezes por dia, a tomar sol, comer muitas frutas e legumes, evitar sorvetes, chocolate, e outras tentações semelhantes.

Qualquer orgão tão complicado quanto a pele é inevitavelmente suscetivel de doenças. Entre as mais perigosas a primeira é o cancer. Este mata, por ano, mais de 3.000 norte-americanos. No entanto, os dermatologistas afirmam que, por assim dizer, todas estas mortes po-

diam ter sido evitadas. O cancer da pele é visivel a olho nu. Pode ser reconhecido logo de início, e removido cirurgicamente, ou por aplicações locais de rádio e raios X.

Ao que é provavel, o melhor meio de estimular a formação do cancer da pele é o abuso do sol. Aparece ele com maior frequência entre pessoas que trabalham ao ar livre, e adeptos do banho de sol que se deixam assar como bolos. É nove vezes mais frequente entre as pessoas louras que entre as morenas. O uso moderado do sol pode ser benéfico, mas não procure entrar em concursos a ver se consegue ser o mais queimado de toda a praia...

Outro conselho util: examine de quando em vez, cuidadosamente, seus sinais e verrugas. Cada pessoa tem, em média, cerca de 40 sinais. A grande maioria destes pequenos pontos pigmentados não oferece perigo algum, mas o sinal cinzento, ou levemente azulado, que aparece, em geral, na cabeça ou nos pés, se torna às vezes mais escuro, ou mais duro, e começa a crescer. Quando isto acontece, devemos correr a um médico.

Não se preocupe com as verrugas que apareceram na sua juventude, pois estas não são nunca um prelúdio do cancer. Podem ser destruidas por meio dos raios X ou aplicações de um pó de bióxido de carbono. Os dermatologistas têm provas evidentes de que é possivel tambem eliminá-las por simples sugestão—o que se tem feito com crianças através de séculos. Muitos médicos fizeram desaparecer numerosas verrugas pintando-as apenas com água colorida. Outras desapareceram com supostos tratamentos de raios X em que o aparelho nem sequer estava ligado. Porque? Ninguem sabe.

As perturbações emotivas são uma das causas mais frequentes, tanto do eczema, como da urticária. Quando não nos é possivel expressar o que sentimos, a pele às vezes se encarrega de fazê-lo por nós. As crianças que se sentem infelizes na escola têm mesmo, por vezes, um «eczema de segunda a sexta-feira» que melhora milagrosamente no fim da semana. Uma senhora vinha sofrendo há dois anos de uma urticária que surgia toda noite por volta das oito horas. Confessou finalmente ao médico que lhe causava grande desagrado o fato de que o cunhado vinha à sua casa em visita sempre àquela hora. Quando deixou de fazê-lo, a urticária desapareceu.

A urticária e o eczema são tambem causados frequentemente por alergias. Estas podem resultar de alimentos ou de qualquer substância com que o corpo entre em contacto—desde o talco a uma jóia, ou qualquer outra coisa. A melhor maneira de averiguar qual o alimento responsavel é reduzir a dieta alimentar a leite ou qualquer gênero alimentício igualmente simples, e ir depois acrescentando os mais alimentos, de um a um, até que surja o culpado. As alergias de contacto podem ser reveladas por meio de um teste. Uma amostra de todas as substâncias com que o paciente entrou em contacto é colocada de encontro à pele deste, com um esparadrapo, alí permanecendo durante 24 horas. Ao cabo deste período, a substância responsavel terá deixado um sinal.

Se quiser manter a sua pele na melhor condição possivel, siga apenas alguns princípios simples. Tome bastantes vitaminas, especialmente vitamina A, conserve sempre perfeito asseio, exponha-se ao sol com um entusiasmo moderado, procure manter-se de bom humor, e não se exceda em nada. Talvez não leve uma vida tão interessante quanto poderia levar, mas sem dúvida terá uma pele bem melhor...

Porto Rico: divórcio com alimentos?

(Condensado do «New Leader»)

Por Oswald Garrison Villard

UM FUNCIONÁRIO espirituoso do Departamento de Estado (que é o Ministério das Relações Exteriores dos E.U.A.) declarava não há muito que a única solução para o problema da ilha de Porto Rico, nas suas relações com os Estados Unidos, está no «divórcio com alimentos». O casamento dos Estados Unidos com essa antiga colônia da Espanha, depois da guerra hispano-americana, foi feito à ponta de pistola—e a pistola, esta é a verdade, estava nas mãos do Tio Sam... Ao cabo de 46 anos de vida em comum, vê-se que os cônjuges não se entendem, e que as suas relações vão de mal para peor. E o que é mais grave é que a disputa ameaça acabar num grande sururú familiar, precisamente no momento em que nós andamos por esse mundo, empenhados em liquidar uns quantos ditadores, que destruiram várias nações fracas, e justamente quando estamos procurando conquistar as afeições dos vizinhos latino-americanos.

O ex-secretário de Estado, Sumner Welles, já nos advertiu de que o prestígio dos Estados Unidos, na América Latina, está indo por água abaixo rapidamente. E uma vez que as repúblicas latino-americanas conhecem muitas vezes, melhor do que nós, o que se está passando em Porto Rico, esta ilha serve-lhes de barômetro indicador do que é a atitude real dos Estados Unidos para com a América Latina.

As cinco semanas que passei em Porto Rico convenceram-me de que essa colônia tem razões sem conta para requerer o divórcio, e está preparada para reclamar os chamados «alimentos judiciais», sem tardar, e com grande cópia de argumentos. O governo de São João confessa que três quartas partes dos porto-riquenhos «não têm bastante que comer nem que vestir, nem um lugar decente para morar». Das 75 cidades da ilha, só 45 possuem redes de esgoto; nenhuma das zonas rurais dispõe de abastecimento de água em condições; mais de 250.000 pessoas habitam em autênticas pocilgas, cujo número cresce constantemente, sem esgotos, sem serviço de limpeza nem de remoção de lixo, nem qualquer outra medida de higiene pública.

Na intenção de salvar ao menos algumas das crianças da ilha, esfomeadas, e raquíticas que dão pena, a esposa do governador Rexford Tugwell tomou a iniciativa de instalar umas 550 estações de leite, onde essas pequenas e inocentes vítimas do nosso mau governo possam obter todos os dias um copo de leite, e talvez um prato de cereais cozidos e uma fatia de pão—o que, para muitas delas, será a única refeição diária. Nós, americanos, não precisamos ir à Índia para ver o que é fome: basta-nos tomar o avião de Porto Rico...

A vergonha dos mocambos cabe tanto aos próprios porto-riquenhos como à administração de Washington; ninguem parece tomar a coisa a sério—nem a municipalidade de São João, nem a Legislatura insular, nem a Junta de Projetos, que está encarregada de planejar o futuro de Porto Rico. O dr. Rafael Pico, presidente dessa mesma junta, ficou simplesmente boquiaberto quando me ouviu dizer que o seu primeiro cuidado devia ser acabar com a vergonhosa miséria das favelas. Não obstante, nenhuma das outras muitas e desesperadas necessidades da ilha afeta tão diretamente as vidas e os valores humanos, nem sobrecarrega tanto ou tão duradouramente de responsabilidades o Tesouro dos Estados Unidos.

Afirmaram-me alí que era quase impossivel obter materiais de construção; que muitos dos moradores dos bairros da miséria se opunham a ser despejados; e que em Porto Rico se deposita muita confiança na possibilidade de a ilha vir a obter um quinhão nos grandes projetos norte-americanos de construção de moradias, quando a guerra acabar. É bem verdade que os serviços de habitação, em Washington, já aprovaram a verba de 45 milhões de dólares para ser aplicada no correr de seis anos, sendo que a verba anual destinada a habitação, no orçamento da própria ilha, é apenas de 500.000 dólares. Mas, considerando-se que 75 por cento das 355.000 moradias atualmente existentes são inteiramente impróprias para a habitação de seres humanos, essas medidas acima indicadas são de todo insuficientes.

Porto Rico é um dos paises mais densamente povoados do mundo: vivem alí 2 milhões de almas, numa área que mede aproximadamente 160 quilômetros de comprimento por 56 de largura; 200.000 a 250.000 pessoas aptas a trabalhar estão normalmente desempregadas durante metade do ano. O índice de natalidade subiu para 40,1 por mil habitantes—o que representa 80.000 vidas novas todos os anos. Há pelo menos 200.000 crianças que nunca puseram o pé numa escola, e o número dos analfabetos atinge a cerca de um terço da população.

A ilha carece de médicos, de dentistas, e de hospitais em condições; a tuberculose arrebata a elevada taxa de 266,5 indivíduos por cada 100.000—contra 41,9 que é a taxa nos E. U. A. A diarréia e a enterite matam 415,5 pessoas em cada 100.000 habitantes, contra 14,2 apenas nos E.U.A.; a pneumonia mata 176,1 contra 67 na metrópole! O índice de mortalidade é, no conjunto, quase duas vezes maior que nos Estados Unidos ou no Canadá, e isto a despeito de ser o clima tão benéfico.

A maneira como temos tratado os problemas de Porto Rico redundou numa autêntica confusão. A situação política, por exemplo, é hoje peor do que era sob a administração dos espanhóis. A Espanha, ao menos, assegurava completa autonomia à ilha, e acatava dois representantes desta às Cortes, com direito a voto. A ilha, com então aproximadamente metade da população que hoje conta, governava-se conforme podia, e era relativamente feliz. Ao contrário de Cuba, que lutava contra o domínio castelhano quando os americanos dela se apoderaram, a ilha de Porto Rico não queria ser governada por anglo-saxões, nem pediu os beneficios da liberdade americana. Assim mesmo, lá foi andando conosco—e de mal a peor.

A população de Porto Rico tem visto decair gradualmente quatro das suas maiores indústrias: o fumo, o café, as frutas cítricas, e os trabalhos de agulha. Paralelamente, tem assistido ao crescì-

mento duma monstruosa indústria açucareira, ianque, que produz tão só para benefício dum punhado de proprietários absenteistas, residentes nos Estados Unidos. Metade da população depende direta ou indiretamente da cultura da cana de açucar, e dela vive e se nutre, a uma média de 277 dólares de salário *anual* para os operários rurais.

A ilha vive asfixiada pelas nossas leis de navegação costeira, que proibem a paragem alí de todo navio estrangeiro que se dirija a qualquer outro porto americano. O próprio comércio com as ilhas vizinhas está sujeito a restrições. Os porto-riquenhos afirmam que estão nas mãos de quatro linhas de navegação americanas, que, alem de exercerem o monopólio, nunca prestaram serviços condignos, e mantêm elevadas taxas de frete.

Tem acontecido mais de uma vez que, ao heroismo com que alguns porto-riquenhos empreenderam a fundação de fábricas locais, respondeu em massa o *dumping* intencional por parte de firmas americanas: e assim se arruinaram à nascença essas indústrias insulares. Muito embora os porto-riquenhos venham gozando de proteção aduaneira, e tenham sido admitidos ao mercado norte-americano do açucar, pesado é o preço que, em outros pontos de vista, foram forçados a pagar.

E, acima de tudo, são e sentem-se governados por uma capital estranha. A Legislatura de Porto Rico só pode fazer leis de acordo com o Governador (que é nomeado pelo Presidente dos E.U.A.) e com o Congresso dos Estados Unidos. De maneira que os nossos burocratas, instalados a 2.500 quilômetros de distância, podem tomar resoluções de importância decisiva para o povo de Porto Rico, sem para isso terem de consultar qualquer funcionário da ilha!

A súbita procura de que se tornou objeto o rum porto-riquenho, devido à falta de distilados nos Estados Unidos, prenunciou a maior vaga de prosperidade que regista a história da ilha. Sobre uma produção calculada para 1944 em 909.000 hectolitros de rum (os distiladores aliás exageraram estes números), Porto Rico deveria ter cobrado cerca de 150 milhões de dólares em impostos. E foi então que, sem mais nem menos, o «Bom Vizinho» de Washington anunciou que, dada a situação precária de Cuba, que é para todos os efeitos uma nação estrangeira, os cidadãos americanos de Porto Rico não poderiam produzir mais de 33.785 hectolitros de rum em 1944, cobrando os correspondentes 51.314.000 dólares de impostos previstos!

Mais tarde a capital federal pôs em vigor novas medidas, muito bem recebidas na ilha apesar de ainda serem insatisfatórias, pelas quais a quota subiu a mais 25 por cento, ao mesmo tempo que autorizava um aumento de 25 por cento nas importações de rum de Cuba, e de todos os outros paises que aquí tinham suas quotas de importação. Não é de espantar, em semelhantes condições, que os porto-riquenhos perguntassem: «Será que ser Bom Vizinho rende mais do que ser Bom Filho?»

Os porto-riquenhos citam de bom grado a afirmação do Governador Tugwell: «Não é possivel manter permanentemente 2 milhões de almas na zona crepuscular do colonialismo.» Nessa ordem de idéias, foi muito bem recebida a apresentação ao Congresso dos Estados Unidos, o ano passado, dum projeto de lei tendente a fazer eleger pelo povo o governador de Porto Rico, que ficaria dotado do necessário poder para governar a colônia de harmonia com a Legislatura desta. Mas o Senado americano alterou a lei a tal ponto, que, no parecer do Governador Tugwell e de outros observadores bem informados, ela ficou reduzida a um alçapão.

Muitas das pessoas, que são favoraveis à concessão da categoria de estado à ilha de Porto Rico, confessam ter pouca esperança de jamais verem satisfeita a sua aspiração. Porto Rico fica a 1.520 quilômetros do mais próximo porto dos Estados Unidos; é uma nação latino-americana, e orgulha-se de o ser. O número dos habitantes que falam inglês não ultrapassa 37 por cento, e muitos deles estão longe de o falar na perfeição. Que probabilidades haveria, então, de o nosso Congresso vir a fazer de Porto Rico o 49º estado da nossa federação, dada a dissimilaridade do seu povo, tão relutante em aprender e usar o nosso idioma?

Interroguei muitos residentes da ilha, bem informados, sobre o que haveria a esperar se as condições se mantivessem no seu estado presente. Um deles respondeu: «Não a revolução, mas a desordem, a indolência sistemática, a sabotagem, e todos os outros métodos a que uma população recorre, quando quer exprimir o seu descontentamento e a sua cólera.»

As classes operárias de Porto Rico, que hoje sentem a força que têm, não estão dispostas a viver à beira da fome, sem protestar. A produção tem diminuido em toda a linha. Em 1939 um trabalhador rural cortava 4,84 toneladas de cana por dia; em 1943 essa média diária caiu para 3,36 toneladas, e em 1944 ainda é menor. Apesar disso, a Agência das Obras Federais, de São João, refere que a grande maioria dos milhares de indivíduos desempregados que lhe vão bater à porta, «são jovens e mostram-se ansiosos por trabalhar.» Tem havido, naturalmente, muitas greves ou ameaças de greve, uma vez que o custo da vida aumentou 50 por cento, enquanto os salários não cresceram mais de 26 por cento desde 1941.

Os problemas mais prementes da ilha são a onipotência da indústria açucareira, o alarmante aumento da população, e o completo fracasso das tentativas de criação, por parte do governo ou do capital particular, de novas indústrias e atividades suscetiveis de aliviar o desemprego. Durante a crise de mão-de-obra, que se verificou com esta guerra, os Estados Unidos tiveram uma oportunidade maravilhosa de auxiliar os desempregados de Porto Rico. Mas que é que fez o nosso governo? Importou mão-de-obra do México, das Bahamas e de Jamaica, e não recorreu absolutamente aos trabalhadores porto-riquenhos!

A ilha inquiriu mais uma vez: «Então nós somos ou não cidadãos americanos? Que direito tem o governo a exigir lealdade da nossa parte, quando ele próprio estabelece medidas discriminatórias contra nós, em favor da mão-de-obra estrangeira?» E a triste razão do fato é bem conhecida em toda a ilha; é que, acabada a guerra, esses estrangeiros, súditos mexicanos ou britânicos, serão recambiados à sua procedência; ao passo que os porto-riquenhos, cidadãos americanos, ninguem os poderia mandar embora...

Assim mesmo, Porto Rico tem cumprido galhardamente a quota-parte que lhe coube nos deveres de guerra: mais do que subscreveu todos os empréstimos de guerra; os porto-riquenhos acudiram em tais números a alistar-se nas nossas forças armadas, que quase se tornava alí desnecessária a lei do serviço obrigatório. E quem é que poderia resistir a assentar praça, quando um soldado com mulher e um filho recebe por ano mais de 700 dólares, ao passo que um operário açucareiro com numerosa família tem apenas 277?...

E aí estão deduzidos os fundamentos

para o divórcio: incontestaveis, escusado será que eu o repita! Mas se decretamos o divórcio, que se passará depois?—É preciso que os *alimentos* sejam pagos integralmente. E aqueles a quem o custo parecer exagerado, devem lembrar-se de que o Tesouro Federal dos Estados Unidos está hoje gastando em Porto Rico uns 63.500.000 dólares, anualmente, em estradas, escolas, moradias, seguros sociais, obras públicas, assistência, e em impostos de renda interna cedidos à sua tesouraria. Mesmo que gastássemos uns 300 milhões de dólares com a ilha, de maneira a dar-lhe uma boa vantagem inicial antes de a entregar ao seu destino, esses números não seriam nada de espantar nestes dias de orçamentos astronômicos em que vivemos. E o gesto viria demonstrar ao mundo inteiro que nós, ianques, somos sinceros quando falamos em libertar os povos do espetro da fome e do medo.

A questão crucial desse divórcio é o problema das tarifas. O Senador Tydings, autor dum projeto de lei para a independência de Porto Rico, estipulou que a separação econômica devia durar vinte anos, e que se deviam pôr em vigor tarifas à razão de 5 por cento ao ano, dando-se à ilha tempo, desse modo, para achar novos mercados, novos fregueses, e para reconstituir a sua própria vida econômica.

Mas por que motivo é que a ilha de Porto Rico havia de ser forçada a pagar-nos tarifas? Porventura o simples fato de ela poder hastear a sua própria bandeira justifica tratamento tão implacavel? Por que motivo é que o consumidor americano não havia de continuar a comprar o seu açucar de Porto Rico isento de taxas? A ilha não pode competir com os Estados Unidos em detrimento de uma só das nossas indústrias, a não ser a do açucar, porque ela não tem fábricas. O Congresso dos Estados Unidos podia perfeitamente dizer aos porto-riquenhos: «Sigam o caminho que entenderem, arranjem-se lá com o governo que quiserem; nós faremos de contas que vocês ainda são legalmente parte dos Estados Unidos.»

Chegou a altura de pôr as cartas na mesa. Todos os partidos políticos de Porto Rico votaram já unanimemente no sentido da cessação da nossa atual política colonial. O Partido Popular obteve a sua estreita maioria governamental (que é hoje apenas de 1 voto no Senado) graças ao moto—«Pão, Terra e Liberdade». Se este ano o Congresso dos Estados Unidos não conceder a autonomia a Porto Rico, podemos ir-nos preparando para ver realizadas as peores profecias.

Claro é que podemos, se o quisermos, instalar alí um governo militar, e distribuir comida à interminavel fila dos esfomeados: mas tal regime equivaleria a violar tudo aquilo que afirmamos ser nosso ideal—o direito das pequenas nações a viver consoante a sua vontade; o direito universal dos homens a escolher o governo, bom ou mau, que seja do seu agrado; o direito de qualquer homem livre a levantar a cabeça, e a afirmar que é dono do seu próprio destino. A nossa sinceridade, a nossa honestidade, a nossa boa-vontade estão alí em jogo: iremos ser coerentes conosco próprios, iremos nós fazer justiça aos nossos pupilos, ou escolheremos o manto da hipocrisia?...

¶ Para alfabetizar o exército, os australianos criaram um Serviço Militar de Instrução, com excelentes resultados. Veja-se, por exemplo, o seguinte relatório sobre um soldado que cursou as aulas: «Há um mês ele não sabia ler nem escrever. E ontem foi preso por ter falsificado a assinatura do oficial num Passe.»

David Bailey, no *Saturday Evening Post*

JEAN LAFFITE

pirata e patriota

¶ Envolta numa bruma de mistério, a aventurosa carreira deste famoso espadachim reflete o espírito romântico dos primeiros tempos dos Estados Unidos

500 DÓLARES DE RECOMPENSA

A quem trouxer à polícia o chamado John Laffite, afim de que o dito John Laffite seja entregue à justiça. Expedido por mim em Nova Orleãs no dia 24 de novembro de 1813.
Pelo Governador: (assinado)
William C. C. Claiborne

Por Donald Culross Peattie

O CHAMADO Jean Laffite, ao ler essa proclamação com um sorriso zombeteiro, foi certamente reconhecido por centenas de cidadãos de Nova Orleãs. Nenhum deles, porem, procurou detê-lo, pois o belo jovem pirata era querido por todos na alegre capital.

Três dias depois, Claiborne, olhando para o ponto em que a proclamação fora colocada, alí deixou-se estar estupefacto alguns segundos, enquanto uma onda de sangue lhe subia ao rosto. É que, pregada sobre a sua oferta pela prisão de Laffite, havia outra assinada por este:—1.500 dólares—três vezes mais—pela captura do chamado William Claiborne, e a quem o entregasse na Ilha Grande, o esconderijo dos piratas. A audaciosa réplica muito fez rir a Nova Orleãs!

A Ilha Grande guardava a entrada da Baía de Barataria, umas 50 milhas a sudoeste de Nova Orleãs. Era para lá que os piratas levavam as naus capturadas—espanholas, britânicas, e algumas americanas. Laffite afirmava que os seus homens não eram piratas, mas «corsários», a serviço da república de Cartagena (mais tarde parte da Colômbia), que estava lutando por tornar-se independente da Espanha, alegando ainda que só atacavam navios espanhóis. Talvez por serem muito impulsivos, cometiam, uma vez ou outra, algum engano quanto à identidade das embarcações...

Da Ilha Grande, era facil fazer com que o contrabando entrasse em Nova Orleãs, e Jean Laffite já tinha até instalado uma loja de artigos de luxo na elegante rua Royal. Com o auxílio do irmão mais moço, Pierre, organizara aquele mercado negro que fora prontamente aceito pela população gaulesa da cidade. Nos dez anos que se tinham sucedido à compra da Luiziana,* os residentes do lugar mal começavam a pensar como americanos. Pouco se sentiam levados a ser leais ao distante governo de Washington, e, afim de evitar as impopulares tarifas dos Estados Unidos, negociavam de bom grado com os irmãos Laffite, sem lhes fazer perguntas sobre a maneira por que tinham conseguido as sedas, os veludos, os vinhos, os licores, os serviços de prata, e as jóias que vendiam.

Alem disso, os Laffites haviam contribuido para resolver o problema da falta de mão de obra que assolava aquela região de plantações, desde que, em 1808, o governo americano proibira que se continuassem a importar escravos da África. Jean e Pierre negociavam tambem com

*Vd. «Um Império por uma pechincha», Seleções, outubro de 1944.

«marfim negro»—pobres pretos roubados de navios negreiros espanhóis, e vendidos à razão de dois dólares por quilo. Porque pagar 600 a 1.000 dólares por um escravo, quando Laffite os vendia a um preço médio de 140 dólares?

O passado de Laffite era obscuro. Nascera na França em 1780; corria a lenda, provavelmente falsa, de que era filho de um nobre. Fugira para o mar aos 15 anos de idade e alguns anos depois aparecia nas Antilhas como corsário—profissão lucrativa àquele tempo, porquanto a Espanha, a França e a Inglaterra andavam frequentemente às turras, e os corsários, navegando com «cartas» de uma destas nações, assaltavam o comércio das demais.

Na região de Barataria, Jean Laffite chefiava, sem que ninguem lhe disputasse a autoridade, um bando de 500 a 1.000 foragidos—pescadores que se tinham tornado contrabandistas; cavalheiros transformados em piratas, e os que alí iam ter fugindo à justiça ou ao tédio. Daquele quartel-general, dirigia as atividades dos que se achavam sob seu comando, encarregando-se, ele próprio, da parte comercial das operações. Depositava dinheiro nos bancos, recorria aos serviços de advogados, quando necessário, e acolhia os fregueses, que saíam a fazer o elogio da sua sedução pessoal.

Em meio dos pântanos de Barataria, vivia como um grão-senhor, e muito lhe agradava surpreender os visitantes, fazendo-os sentar a uma mesa que resplandecia de pratas antigas, e onde se serviam finíssimos vinhos. Mais de uma vez, tendo capturado funcionários da alfândega enviados para prendê-lo, mandava-os embora, carregados de presentes.

Os tempos, todavia, não tardariam a mudar, inclusive para os piratas de vida regalada. Os Estados Unidos se achavam em guerra—a de 1812—e as coisas iam mal. Por volta de setembro de 1814, o bloqueio britânico dos portos orientais americanos tornou-se estrangulador. Não havia porto de maior importância que o de Nova Orleãs—cidade próspera, com 30.000 habitantes, e chave de todo o Vale do Mississipi. Os ingleses, porem, ainda não tinham aparecido por lá, e para os cidadãos de Nova Orleãs a guerra parecia tão longínqua que nada tinham a ver com ela. Continuaram a juntar preguiçosamente os seus míseros grãos de café, dansar quadrilha, e frequentar a ópera. Não é de surpreender que o governador Claiborne tivesse explosões de raiva!

Naquele momento de crise, quando as tropas adversárias se estavam reunindo para o ataque a Nova Orleãs, não faltavam na Ilha Grande convivas a Jean Laffite. A nau *Sophia*, da Real Marinha Britânica, ancorou ao largo da ilha, e o comandante Lockyer, acompanhado pelo capitão McWilliams, do exército inglês, veio à terra, e fez uma proposta tentadora ao chefe dos piratas: se Laffite se reunisse às forças britânicas num ataque a Nova Orleãs, seria altamente recompensado por Sua Majestade, que o faria capitão, e distribuiria entre os seus homens lotes de terra da Luiziana. Caso, entretanto, recusasse a oferta, os canhões da nau britânica fariam voar pelos ares a Barataria, liquidando-os a todos. Jean serviu aos seus visitantes um cálice de vinho Madeira, e pediu amavelmente que lhe dessem um pequeno prazo para examinar a situação.

Os ingleses aquiesceram em lhe conceder duas semanas, e voltaram para bordo. Jean enviou em ato contínuo a Claiborne os documentos que denunciavam os planos do inimigo. Prontificou-se a servir à causa dos Estados Unidos em troca da anistia para os seus camaradas, e da restauração de sua cidadania americana. Esperou, dia após dia, a resposta de Claiborne.

Esta chegou finalmente. Uma frota de canhoneiras da marinha americana surgiu subitamente na baía, capturando as embarcações que alí se achavam ancoradas, apoderando-se de quase tudo o que pertencia a Laffite, abrindo fogo sobre as suas terras, e fazendo com que a sua gente se retirasse para o interior dos pântanos. Os Estados Unidos, declarou Claiborne, não se haviam de juntar a foragidos da justiça. O major general Andrew Jackson, chegando a toda a pressa para chefiar a defesa de Nova Orleãs, disse a Claiborne que fizera bem, punindo «infernais bandidos». «O abaixo-assinado não recorre a piratas e bandidos, para que se reunam a ele nesta causa gloriosa,» escreveu Jackson, em frase grandiloquente.

Ao chegar, porem, à cidade, o General ficou pasmo ao verificar que só tinha à sua disposição 700 soldados, com pouca munição, e era quase nenhuma a artilharia. Já Nova Orleãs se achava em verdadeiro pânico—com os bancos fechados, e o comércio suspenso. A população da Luiziana compreendera de súbito, e já um tanto tarde, que Sir Edward Pakenham, com seus 9.000 veteranos treinados para a guerra pelo Duque de Wellington, estava prestes a apoderar-se da sua querida metrópole.

Cidadãos de todas as classes congregaram-se em torno à bandeira; os numerosos negros libertados ofereceram-se para combater; os índios Choctaw, ansiosos por darem combate aos «brancos de Casaco Vermelho» (que era a cor do uniforme britânico daquela época), surgiram, a postos, na capital. Em dois tempos, cerca de 2.000 atiradores de Tennessee e Kentucky vieram tambem alí, depois de longa e dura marcha através de pântanos e montanhas. Jackson não tinha ainda, contudo, munição, nem canhões, nem navios, que protegessem os flancos da cidade, frente ao mar.

As perspectivas eram negras, quando, certo dia de dezembro, uma figura sobranceira apareceu à porta da sala de trabalho do General. Era um homem forte e desempenado, de 1 metro e oitenta de altura, envergando estranho uniforme verde, com um gorro de pele de lontra. Tinha uma expressão a um tempo cordial e sardônica, e uma das pálpebras meio caida, o que lhe emprestava um ar um tanto zombeteiro. Era Jean Laffite, cuja cabeça fora posta a prêmio e que vinha assim pôr-se ao alcance da autoridade que o qualificara de «bandido infernal».

«Ponho à sua disposição,» anunciou, «todos os meus homens, meus navios, e a munição de que disponho.» Nem tocou sequer no assunto de pagamento ou anistia. Tudo o que tinha, punha, sem condições, a serviço da causa americana.

O velho general, com suas dragonas reluzentes, como que alargou as espáduas, e decidiu, sem hesitar: «Aceitamos a sua oferta,» respondeu bruscamente. «É oportuna, e os Estados Unidos lhe são gratos.»

O governador Claiborne lançou nova proclamação. Certos indivíduos de Barataria—informava esta à população de Nova Orleãs—manifestaram o desejo de servir à causa americana; serão aceitos como patriotas, se derem provas reais de sinceridade e brio. Foi de olhos esbugalhados que viu Nova Orleãs os piratas desfilarem pela cidade, e marcharem com o exército americano improvisado, ao encontro dos ingleses, naquela data memoravel de 8 de janeiro de 1815.

Pakenham esperava uma vitória facil, porquanto as suas forças representavam quase o dobro das que defendiam a cidade. Ordenou que lançassem um ataque

de frente contra os americanos, que se ocultavam por trás das trincheiras formadas com fardos de algodão. Estes absorveram as balas britânicas, e os tiros certeiros das tropas de defesa, entre as quais os piratas, foram derrubando as filas de soldados inimigos cujos casacos vermelhos se avistavam de longe. Os homens de Laffite tinham trazido consigo os canhões das suas naus, e iam fazendo explodir, com eles, os britânicos. Três vezes os ingleses atacaram com inaudita intrepidez; três vezes recuaram, sofrendo graves perdas. Ao terminar o combate, deixaram no campo de batalha 2.036 mortos e feridos, inclusive Sir Edward. Os americanos só tiveram 71 baixas.

«O General,» escreveu Jackson, no seu comunicado oficial, «não pode senão aplaudir calorosamente a maneira por que estes senhores (Laffite e o seu bando) se portaram, e a bravura com que defenderam seu país.»

A 23 de janeiro, celebrou-se o baile da Vitória. Dansou-se um minueto, e o general Jackson tomou parte nos festejos. Foi uma noite de glória para Jean Laffite. Aceito finalmente pela alta sociedade de Nova Orleãs, dansou com as mais elegantes damas da população local, foi tratado por Claiborne como um velho camarada, e bebeu vários brindes com os oficiais americanos.

Em começo de março, o presidente Madison expressou a sua gratidão a todos os Baratarianos. E a romântica história do pirata deveria terminar aqui, embainhando ele a espada, e instalando-se de vez na risonha capital, como honrado cidadão.

Tal vida porem, tranquila, não fora feita para Jean Laffite. Dentro de um mês, seus navios se lançavam de novo à caça, e os mercadores voltavam a perder suas preciosas cargas, e muitos a própria vida. Finalmente, a Inglaterra, a Espanha e os Estados Unidos se uniram na perseguição aos piratas, até que os baratarianos foram forçados a abandonar seu velho abrigo, deixando atrás de si a lenda, que até hoje prevalece, de que há inestimaveis tesouros ocultos naquela região lendária.

Soube-se depois em Nova Orleãs que Jean Laffite instalara uma nova colônia chamada Campeche, na ilha Galveston. Vários milhares de homens audaciosos e aventureiros se foram reunir a ele, e durante algum tempo a colônia prosperou. Tornou-se, porem, cada vez mais dificil levar por diante a pilhagem de embarcações, pois os espanhóis passaram a comboiar as suas frotas mercantes com navios de guerra. Procedendo contra os ordens de Laffite, os piratas começaram a atacar os navios americanos.

Foi em vão que Laffite fez enforcar um dos que mais se tinham excedido, entregando outros quatro à justiça americana. Perdera o domínio que outrora havia exercido sobre os seus homens. Em 1821, o brigue *Enterprise*, dos Estados Unidos, surgiu em Galveston, e o tenente Kearney foi à terra afim de notificar Laffite de que devia evacuar incontinenti a ilha, por ordem do governo americano. Laffite concordou. Dividindo o produto de vários saques entre os membros da colônia, fez-se de viagem a vela com um pequeno grupo de amigos fiéis.

Ninguem sabe ao certo que fim levou Jean Laffite, espadachim e malfeitor, pirata e patriota. Desapareceu da cena americana pela mesma forma misteriosa por que nela entrara. Ainda lá está porem, num dos museus de Nova Orleãs, a velha, rija espada—companheira de tantas aventuras—que Jean Laffite desembainhou em defesa da pátria, num dia de grandes dificuldades.

ARGÚCIA DOS ANIMAIS

IV

Selecionados por Alan Devoe

OS ANIMAIS não «pensam» nem «refletem» à maneira humana; mas possuem, —ao que testemunham os naturalistas e os adeptos da vida ao ar livre—uma sabedoria que lhes é própria, um conhecimento das coisas mais velho do que o próprio pensamento. De milhares de cartas sobre o assunto, que nos foram enviadas por leitores nossos, selecionamos mais as seguintes. Outras serão publicadas em próximos números.

A estratégia dos lobos

EM FRENTE ao nosso acampamento, no nordeste do estado de Minesota, há um vasto descampado cuja extremidade, por não se achar ao alcance das nossas carabinas, era frequentemente percorrida por lobos. Nosso cão, Spike, produto de um cruzamento de raças, dedicava-se à tarefa de dar caça a todo e qualquer lobo que visse atravessando a planície, sozinho. Assim foi, até que os lobos decidissem recorrer à argúcia que sempre os caraterizou, desde tempos imemoriais, afim de resolver casos desses.

Uma tarde vi Spike, o pelo eriçado, partir como um raio. Avistara um lobo atravessando a planície. O lobo alí ficou até que Spike já o tivesse quase alcançado, e então, dando uma volta, partiu forçando o cão a perseguí-lo. Horrorizado, vi dois outros lobos surgirem por entre os salgueiros, por trás de Spike, e seguí-lo silenciosamente. Ao mesmo tempo, o lobo que se pusera em fuga parou bruscamente. O cão tinha caido numa perfeita armadilha.

Dentro de alguns segundos, tudo terminara. Embora fosse terrivel ver o pobre do Spike ser morto daquela maneira, a cena revelou-me uma vez mais quanto são sutís os animais selvagens. Alan Campbell

A esperteza de um pardal

DOIS PARES de pardais da Inglaterra se tinham instalado nas duas extremidades opostas do nosso viveiro. Um dia notei que um dos machos vagava à entrada do «apo-sento» onde morava, quando o «senhor» pardal No. 2 surgiu com o seu achado—uma pena branca de galinha que colocou triunfalmente no ninho. Tagarelou alguns instantes, alçando vôo novamente. Mal desapareceu, o primeiro pardal entrou-lhe pelo ninho, roubando a preciosa pena. Voando até uma pilha de madeira que se achava perto dalí, escondeu o tesouro sob um dos toros, e voltou para o poleiro como se nada houvesse sucedido.

Dentro em pouco, o outro regressava ao ninho, de onde aliás saía incontinenti, dando mostras de grande agitação. Meteu-se como uma flecha pela «casa» do pardal No. 1, que lhe permitiu dar uma busca em regra. Ao certificar-se de que este não era responsavel pelo roubo, levantou vôo de novo.

Mal o perdeu de vista, o primeiro voou tranquilamente para a pilha de madeira, e, apanhando a pena, que escondera cuidadosamente, trouxe-a para o seu ninho... Arthur Twomey

Amigos no infortúnio

COMO GUARDA-FLORESTA, numa das montanhas do Adirondaque, tive oportunidade de observar de perto as manobras de três porcos-espinhos que vinham, toda noite, a uma clareira coberta de relva, junto da minha cabana. Descobrí dentro em breve que um dos animais, já muito velho—pois o pelo embranquecia—era cego.

Geralmente, os porcos-espinhos não são muito inclinados a andar em bandos, mas os companheiros do velho inválido teriam compreendido, fosse lá como fosse, que este morreria de fome, se o deixassem entregue aos seus próprios recursos. Todas as tardes, por volta das seis, o trio aparecia na clareira—o cego cercado pelos dois outros que lhe guiavam os passos. Uma vez instalado este na relva, os dois se metiam pelo bosque. Algumas horas depois, voltavam para acompanhá-lo novamente, de volta.

Aquela cena repetiu-se diante dos meus olhos por mais de dois anos. O trio só veio a separar-se quando o cego foi morto por um urso. George LaVasseur

A obra de engenharia de uma aranha

UMA VEZ, achando-me eu sentado à margem de um riacho, pus-me a observar uma aranha que trepava por um caule de cerca de 40 centímetros de altura. Estupefacto, vi que um fio transparente flutuando no espaço, ao sopro da brisa, foi finalmente pousar sobre um pequeno arbusto na margem oposta. A aranha começou então a atravessar aquela ponte suspensa. Ao chegar no centro, o seu peso fez com que o caule se inclinasse, e o fio baixou tanto que ameaçava margulhar na água. A toda pressa, a aranha recuou em direção ao caule. Desceu por este, enrolando em torno dele o fio, do meio para baixo, de modo a formar um nó. Ao chegar a terra, seguiu em frente, na direção do vento, por uns 20 centímetros, prendendo a extremidade do fio a outro caule, de modo a formar um perfeito esteio que mantivesse o outro firme. Subiu depois de novo, pelo mesmo caminho, e recomeçou a travessia da ponte, chegando à margem oposta sã e salva. Notavel obra de engenharia realizada por um dos seres mais insignificantes de toda a Criação. Cecil Pragers

A lebre no deserto

NOSSO CAMINHÃO ia arrancando através do Deserto de Sonora, em meio de uma paisagem onde o que mais se destacava eram cactos, cujos espinhos espetam barbaramente. Súbito, uma lebre passou diante do carro, correndo e saltando com a rapidez do vento, perseguida por um lobo pequeno. Num segundo, perdemos ambos de vista.

Pouco mais alem, demos com uma cena que nunca esquecerei. Sob um vasto cacto, tantos espinhos haviam caido, que cobriam o chão numa camada espessa formando em torno à planta um círculo que teria talvez quatro metros e tanto de largura. Em torno a este círculo, o pequeno lobo rondava enraivecido. Vimo-lo pôr uma pata sobre os espinhos, e retirá-la, aflito. Ficamos alí a observá-lo, e, visivelmente, se ia sentindo cada vez mais frustrado nos seus planos. Ao pé do cacto, cercada pela espessa camada de espinhos, a lebre lá estava sentada tranquilamente, franzindo o focinho, e olhando de vez em quando para o lobo, com a mais absoluta indiferença. John Gardiner

A SENHA FOI MANDALAI

(Condensado de «U. S. Air Services»)

Pelo Tenente-Coronel James W. Bellah

Phil Cochran

Eis como Phil Cochran e o seu grupo, transpondo montanhas à luz da lua, conduziram pelo ar a guarda-avançada das forças do General Wingate, depositando-a no interior da Birmânia ocupada pelos japoneses. Foi assim que muitos homens morreram, e muitos outros sobreviveram para vibrar um golpe audacioso, auxiliando Stilwell e Wingate a conquistar o norte da Birmânia e a salvar a China.

OS SETE meses de trabalho exhaustivo e enervante terminaram bruscamente nessa manhã. Apenas algumas horas lentas nos separavam da largada. Jerry Dunn continuava falando da morte, e eu persistia em fechar-lhe a boca. Ele ria-se e dizia: «Falando da morte, ela não vem...»

Havia no mapa dois espaços abertos, duas clareiras rodeadas pela selva e pelas montanhas, onde ninguem jamais pisara o pé. Existiam porem fotografias. Os planadores de transporte de tropas deviam descer lá dentro em breve, e era necessário conquistar e ocupar ambos os pontos a todo o transe porque os planadores não podiam regressar.

Era preciso saltar em terra e entrar imediatamente em combate. E atrás dos primeiros homens, vaga após vaga, viriam os sapadores americanos, os soldados ingleses, e os «bulldozers», niveladoras, e mulas. Sua missão era a de construir um aeródromo, entre a madrugada e o começo da noite, afim de que na noite seguinte os grandes aviões de transporte pudessem desembarcar a tropa.

No parque de planadores da nossa base ouviam-se sotaques de Brooklyn, e das Carolinas, de Londres e de Liverpool, do Texas e do Nepal. Mas parecia que de repente todos tinham perdido a nacionalidade. Phil Cochran, provavelmente, devia ter sentido um desinteresse súbito pelas coisas supérfluas da vida. Suas últimas instruções terminaram com a frase: «Vocês vão verificar esta noite se realmente têm alma. Nada do que vocês fizeram até agora tem valor. Só valem as próximas horas. Felicidades.»

Dunn e eu estávamos deitados à sombra da asa de um planador. Dunn contava coisas sobre a sua mulher que deixara em Londres, mas de vez em quando, à medida que ele falava, toda a formidavel aventura me surgia no cérebro com a mesma frequência com que em garoto me vinham à memória as horas marcadas no dentista. O tempo, porem, passava. Dunn levantou-se, deu-me uma palmada no ombro, murmurou um «até logo», e dirigiu-se para um dos planadores.

Aos 44 anos o Tenente-Coronel James W. Bellah é autor de uma dúzia de romances e de vários contos publicados em revistas, alem de ser um aviador de nomeada, e combatente de duas guerras. Durante a Primeira Guerra Mundial, serviu na R.A.F. como piloto, e quando a guerra terminou dedicou-se a assuntos de publicidade, ensinou inglês na Universidade de Colúmbia, e veio a ser mais tarde correspondente da revista *Aero Digest* no Oriente. Logo que os Estados Unidos entraram na guerra atual, Bellah ofereceu-se para servir na Infantaria, e hoje faz parte do Estado Maior do Almirante Mountbatten, Comandante-Chefe das forças aliadas no sudoeste da Ásia.

John Alison, piloto de caça que desta vez exercia as funções de sub-comandante de Cochran, com a missão de construir em 12 horas um aeroporto no meio da selva, aproximou-se correndo e subiu tambem para outro planador; depois foi a vez do segundo piloto, e em seguida a minha. Atrás de nós veio um destacamento de soldados que acabou de encher os outros lugares. Todos levavam o equipamento de campanha, e iam armados até os dentes com carabinas, pistolas metralhadoras, facas de mato e granadas. A aparência do exército de Wingate e dos «comandos» de Cochran, com as fardas camufladas, os chapéus e abas largas pintados para a selva, e a maior parte dos homens com a barba crescida, era a de piratas.

Como a nossa missão não tinha sido improvisada, ninguem sentia necessidade de falar para acalmar os nervos e não se diziam fanfarronadas. O que enchia a longa fila de planadores atrás do nosso era um verdadeiro exército, uma força militar poderosa que devia percorrer centenas de quilômetros durante a noite, voando sobre uma selva sem caminhos nem atalhos, eriçada de montanhas, e sobre uma formidavel força japonesa.

Os planadores iam rebocados aos pares, presos a extensos cabos. Seese pilotava o avião da esquerda do nosso reboque, levando a bordo o General de Brigada Calvert, e a maior parte de um dos grupos do estado maior da Brigada. Logo que levantamos vôo, começamos lutando para nos elevarmos, descrevendo grande círculos afim de ganhar altura para transpor as montanhas na nossa frente. Não havia outra coisa a fazer senão prepararmo-nos para as longas horas de vôo que se seguiriam, durante as quais teríamos que nos conservar comprimidos, sem poder fumar, e à espera de um desfecho que só Deus naturalmente sabia o que viria a ser.

Toda aquela atividade febril a que nos tínhamos habituado durante dias desaparecera; estávamos sós. O pôr do sol de Assam tingia o interior do nosso planador com uma cor rósea dourada que avivava as barbas hirsutas dos nossos companheiros e cintilava nos canos dos fuzís e nos punhos das facas de mato.

Passado algum tempo, só víamos o rasto azulado do escapamento do motor de boreste do avião que nos rebocava; só sentíamos a respiração ofegante dos homens comprimidos, e os saltos do planador, preso como um animal ao ondulante cabo de reboque; e só ouvíamos o ruido atroador provocado pela deslocação do ar... pois os planadores são tão barulhentos como os aviões.

Estávamos sós; pelo menos, não víamos ninguem à nossa volta, mas sabíamos que o resto da vaga nos seguia. Voávamos a 3.800 metros de altura, justamente sobre a fronteira da Birmânia; tínhamos passado as montanhas. Se os japoneses tivessem um só bom piloto de caça noturna, teríamos sido liquidados como patos; seguíamos sem escolta de caças, e em aparelhos desarmados, confiando apenas na audácia e na surpresa.

Sobre a Birmânia, a lua estava alta e brilhante. Atravessamos o rio Irrawaddy e passamos a pouca distância de um acampamento japonês. Os que estavam junto às janelas colaram o nariz contra os vidros em busca dos projeteis traçadores da artilharia anti-aérea ou dos aviões inimigos. Mas nem uma coisa nem outra apareceu. Deixaram-nos passar sem novidade, supondo provavelmente que se tratava de uma missão de bombardeio.

A frase «a 20 minutos do objetivo» fez-nos abandonar bruscamente as nossas posições incômodas e contrafeitas. Entraram os cartuchos nas câmaras dos fuzís.

Os homens ajustaram suas mochilas, umas mochilas pesadas, especiais para a selva, que continham o suficiente para nos sustentar se tivéssemos tido necessidade de seguir a pé.

Na nossa frente o avião que nos rebocava inclinou-se lentamente e começou descrevendo uma curva. John Alison gritou: «Eles já acenderam as fogueiras!» O primeiro planador já tinha pousado. A meio da curva, a cerca de 300 metros, Alison desligou o cabo de reboque e começamos a pairar. Íamos, finalmente, em completa escuridão, a caminho da clareira misteriosa, a mais de 150 quilômetros à hora, contra os ventos dominantes, e em pleno território inimigo, com o pequeno John Alison lutando com os controles e com o doutor Tulloch a anunciar-lhe as altitudes e a velocidade de vôo.

Agora eram as árvores; estávamos mesmo sobre elas! Depois surgiu na nossa frente um terreno sombrio. O planador endireitou-se por um momento, mergulhou em direção à clareira, tocou em terra, e pulou; os deslizadores cortaram o solo poeirento, e paramos bruscamente. As portas escancararam-se e o destacamento de segurança saltou correndo do planador, dispersou-se em círculo, e avançou para a selva, donde a qualquer instante podia surgir o fogo arrasador dos japoneses.

«Planadores!»

Sobre as nossas cabeças voava outro avião de reboque com seus planadores já desligados. Podíamos vê-los sobre as árvores distantes, perdendo altura rapidamente e mergulhando em direção a nós, um deles com a morte à sua espera. Antes que franqueasse as árvores, um estrondo de coisas estilhaçadas ecoou no silêncio da noite. O planador estava destruido.

Corremos na direção donde viera o ruido do choque, enquanto mandávamos chamar o médico. Abrimos caminho através da vegetação densa e gritamos, mas não obtivemos resposta. Apenas se ouvia o roncar de mais motores e o deslizar quase silencioso de dois planadores, e depois outros dois, até que o espaço sobre nós parecia estar coberto deles.

Espalhou-se a notícia de que os arbustos mais fortes e um ou outro tronco de árvore tinham arrancado as rodas de alguns dos planadores já pousados. Era preciso que todos os homens ajudassem a desviá-los e a desembaraçar o terreno. E todos correram para os aparelhos avariados, lutando freneticamente para os afastar do caminho. Mas um planador enorme, sem uma das rodas e com os deslizadores enterrados no solo, não é coisa facil de deslocar. Havia cincoenta homens a puxar, mas ele nem mexia.

«Planadores!»

Eram mais dois que surgiam das árvores em direção ao congestionamento. Um ainda viu o perigo a tempo, subiu um pouco com a velocidade que lhe restava, e foi pousar são e salvo um pouco adiante. O outro, porem, colidiu de nariz e transformou dois planadores num monte de sucata. Irromperam gritos através da noite, e o pessoal, sem ferramentas, começou a tarefa de retirar os feridos de entre os destroços. Já lá estava um médico inglês fazendo qualquer coisa à luz de uma lâmpada elétrica de bolso, qualquer coisa terrivel, com seu bisturí, depois da morfina ter amortecido os gritos.

Ouviu-se uma voz calma dizer: «Não me toquem; caí aquí, e morro aquí mesmo.» E o destino levou mais um esplêndido sargento.

Entretanto John Alison dava nova disposição às luzes para indicar outra pista de aterragem, distante dos destro-

ços, à segunda vaga de planadores. O infatigavel John, percorrendo a clareira de um lado para o outro com as suas pernas curtas, não mais como piloto, mas como superintendente de aeroporto.

O General Calvert tinha instalado o seu posto de comando no limiar da selva, e os seus agentes de informação tinham-se dispersado em todas as direções. Ouviu-se um tiro a distância, mas por enquanto nada de inimigos. O posto de socorros do doutor Tulloch começou a encher-se. Alguns feridos vinham a pé e outros eram transportados em padiolas, mas nenhum proferia o mais ligeiro queixume. Raramente se ouvem lamentos após os primeiros gritos de dor.

Sentiu-se novamente o barulho dos aviões de reboque, e mais uma vez os planadores começaram pousando aos pares. Um deles, com um «bulldozer» a bordo, ultrapassou a faixa de aterragem por causa da escuridão, enfiou em linha reta entre duas árvores, perdendo ambas as asas, e foi parar no meio da clareira. O «bulldozer» quebrou as amarras, estilhaçou o nariz do planador, lançou ao ar o primeiro e o segundo piloto, fez ricochete antes que caissem no solo, e deixou os dois homens sem um arranhão!

Aos primeiros clarões da madrugada, principiou a ouvir-se o ruido dos «bulldozers», e os sapadores iniciaram a tarefa de construir um aeroporto para os aviões a motor, reduzindo os declives e enchendo as covas, nivelando os acidentes do terreno, ceifando a vegetação espessa, e arrastando os planadores avariados para junto das árvores.

Um capitão inglês apareceu manquejando por causa de um pé quebrado. Conseguira chegar até nós acompanhado por um sargento depois do planador em que seguiam ter caido em plena selva. Ambos estavam ainda estonteados, e segundo diziam ainda havia mais dois homens com vida. O dr. Tulloch tomou nota da direção indicada pelo capitão e meteu-se a caminho, armado de um facão e seguido pelos padioleiros. Regressou ao findar a manhã com as mãos abanando; o capitão estava perturbado demais para fixar direções.

O general Calvert fez uma lista provisória das baixas, que eram surpreendentemente reduzidas em relação ao que se tinha conseguido. Dentro de seis horas os aviões a motor começariam desembarcando milhares de soldados nesse aeródromo que as primeiras tropas tinham ocupado à custa da sua vida.

Ouviu-se o zumbido de motores menos potentes e subitamente surgiu no céu, sobre o arvoredo, uma formação de pequenos aviões. Eram os «Helldivers» que vinham recolher os feridos. Conseguimos que um deles voasse sobre a floresta para localizar o ponto em que o planador caira. Quando voltou com os dados exatos metemo-nos à selva, abrindo caminho através da vegetação, e passada uma hora chegamos ao local do acidente. Tiramos dois sobreviventes dos destroços, mas Jerry Dunn, e mais alguns, ficaram lá para sempre. Ele tinha errado. Em Samarra o que está para acontecer acontece mesmo, quer se fale quer não.

Apesar do calor e das horas que pareciam não ter fim, os sapadores americanos trabalharam toda a tarde para aumentar o comprimento da pista de aterragem. Esses homens, com suas pás e suas metralhadoras, encarregados das missões mais dificeis da guerra, sentem certamente no seu íntimo um fogo sagrado que só um sapador pode compreender.

O sol começava a esconder-se atrás das árvores e as sombras invadiam pouco a pouco a clareira; uma clareira tão distante, em pleno território inimigo, que ao

de assim viverem é mau para elas e para os filhos, se os tiverem.

Acha que as mulheres têm tanto senso de humor quanto os homens?

Tanto os homens quanto as mulheres podem ter um senso de humor acentuado ou absolutamente nulo. Parece-me, contudo, que as mulheres são mais inclinadas a perceber o lado humorístico das coisas, por isso que—tradicionalmente—se adaptam ao estado de espírito das pessoas com quem estão, refletindo, portanto, a atmosfera que as cerca, mais depressa que os homens.

Como conseguiu desenvolver os sentimentos que possue de justiça, boa vontade, bondade, tolerância e serenidade?

É muito gentil de sua parte atribuir-me tantas qualidades. Creio que, com a publicidade e as controvérsias que nos vêm cercando, a mim e à minha família, por muitos anos já, eu me teria tornado uma velha amarga ou um feixe de nervos, se me não tivesse sido possivel decidir-me sempre pelo que julgo direito e certo, tornando-me indiferente às opiniões alheias, a não ser quando as ouça de pessoas cujo conselho respeito e acato acima de tudo.

Instantâneos australianos

¶ Os oficiais das forças dos Domínios Britânicos usam unicamente distintivos pregados sobre os ombros—um para segundo-tenente, dois para primeiro-tenente e três para capitão. Há pouco, um capitão australiano e dois soldados razos entraram, democraticamente, juntos, em um café de Alexandria, no Egito. O gerente aproximou-se logo, declarando que os soldados deviam retirar-se, uma vez que aquele café era unicamente para oficiais. Não adiantava protestar, e os três australianos sairam, indignados. Mas pouco depois regressaram, abancando-se novamente a uma mesa. E de novo o gerente apressadamente se encaminhou para eles, mas desta vez estacou, limitando-se a apresentar-lhes o cardápio. Porque, em vez de encontrar um capitão e dois soldados razos achava-se agora em presença de «três segundos-tenentes»...

—Sgto. Karl Sprinkle, na *Coronet*

¶ Uma divisão de infantaria australiana, estacionada na Inglaterra, foi convidada para visitar a cidade de Manchester. Os australianos se divertiram tanto que, ao terminar a visita, declararam ao Prefeito da cidade que desejavam dar uma pequena prova da sua gratidão. Reunindo-se na Prefeitura, os soldados ofereceram ao assombrado Prefeito uma magnífica coleção de objetos raros australianos de incalculavel valor. O Prefeito, tomado de emoção, somente pôde murmurar algumas palavras de agradecimento.

Foi somente no dia seguinte, quando os soldados australianos tinham já partido, que a polícia revelou um roubo havido no Museu de Manchester: um roubo que se limitava à coleção inteira de objetos dos aborígenes da Austrália...

—George H. Johnston, *Pacific Partner*, (ed. Duell, Sloan and Pearce)

Uma ideologia pode unir 37 nações aliadas, mas—

Há o perigo dos intrusos internacionais

Por Sir Norman Angell

QUANDO Winston Churchill observou, na Câmara dos Comuns, que a guerra, à medida que se desenvolve, vai perdendo o seu cunho ideológico, choveram sobre ele condenações severas, quer na Inglaterra, quer nos Estados Unidos. Tais censuras revelam confusão no espírito dos que as fazem e que se diria ignoram uma singela, mas essencial distinção, no tocante ao que deve ser o objetivo primário, ou fundamental, dos Aliados.

Se a atual guerra tivesse que ser convertida numa espécie de conflito entre doutrinas armadas, no qual os Aliados, uma vez vitoriosos, se consagrassem a usar a sua ação combinada, para impor, através do mundo, determinado ideal, ou determinado sistema, social, econômico, ou político, é certo que tal esforço redundaria em fracasso. Mais ainda do que isso. Os Aliados se dividiriam, como se deu em seguida a anteriores vitórias, habilitando o inimigo a reproduzir a agressão, como tem acontecido. Alimentássemos semelhantes propósitos, e a outro fim não chegaríamos, senão à anarquia e ao caos, sem paz nem liberdade para o mundo.

O escopo dos Aliados é, ou deve ser, algo inteiramente diverso, resumindo-se em assegurar o direito, que têm todas as nações, de viver sem quaisquer riscos de intervenção externa, sob a forma de democracia, república, monarquia, socialismo ou comunismo, que livremente escolherem. Estabelecer, com segurança, para todas as nações, grandes e pequenas, este Direito à Vida, como a cada uma convier —não se dirá que não baste para representar uma tarefa; e, do êxito da empresa, não resultará obstáculo para os planos, ainda os mais arrojados, de reforma social.

Pelo rumo, assim aberto, poderemos seguir a passo firme, quaisquer que sejam as divergências reinantes, no que diz respeito à melhor forma de sociedade humana. Os Estados Unidos, capitalistas, entrando nesta guerra, contribuem para que a Rússia possa conservar-se comunista, enquanto, por outro lado, a Rússia comunista, batendo-se com tamanha galhardia, concorre para que subsista o capitalismo americano. Na base do direito de cada nação a manter ou criar a forma de governo, ou o sistema econômico ou social que melhor lhe convier, segundo o seu julgamento, poderemos encontrar uma ideologia comum, que nos dará unidade. Eis em que consiste a liberdade, pela qual estamos lutando. Fazer da nossa campanha uma cruzada em favor de um dado «ismo», seria abandonar, em última análise, o método de liberdade, para adotar o de força, usada esta, não para a defesa de cada país, senão para impor uma doutrina que acontece contar, no momento, com a preferência dos mais poderosos. Seria o fim da unidade aliada na guerra, e de todas as esperanças de paz permanente como resultado da vitória.

A PARTIR de 1910, quando escreveu *The Great Illusion*, o escritor inglês Sir Norman Angell tem dado à publicidade muitos livros, e feito numerosas conferências, sobre as causas da guerra, e os meios de evitá-la. Daí haver-lhe sido concedido, em 1933, o Prêmio Nobel da Paz. Na mocidade, passou muitos anos nos Estados Unidos, onde foi lavrador, *cowboy*, explorador, reporter de jornais. Entre os seus livros recentes, figuram os intitulados *For What Do We Fight?* e *America's Dilemma*.

Até personalidades eminentes, assim no mundo intelectual como no político, parecem desatentas ao fato de que uma guerra para habilitar as nações (inclusive as de ditadura, como por exemplo a Rússia e a China) a escolher livremente, e viver, com segurança, sob o sistema que lhes pareça o melhor, não é somente diversa, mas é na verdade o oposto de uma guerra em benefício de algum sistema predeterminado, social ou político. Os objetivos são opostos, pela simples razão de que a primeira se destina a garantir a liberdade de escolha, que é justamente o que a segunda nega.

Não deixa de ser expressivo da confusão reinante em nosso tempo que uma ideologia de liberdade na esfera internacional, e que, só ela, pode reunir-nos à sombra de um propósito comum, corra o risco de ser arguida de «reacionária» ou «semifascista».

O autor deste artigo pertence ao número dos que sustentam que a sociedade ocidental necessita, e ardentemente, de reformas constantes e progressivas. É um liberal, um socialista, que tem militado, a maior parte da sua vida, e ainda continua a militar, no Partido Trabalhista Inglês. Está profundamente convencido de que somente através do regime democrático, isto é, da sabedoria e do bom senso da gente comum, poderão os homens criar uma civilização livre, a um tempo humana e pacífica. Mas, por outro lado, acredita que as propostas no sentido de prestigiar com os elementos ou a força da Grande Aliança alguma tese ou doutrina revolucionária especial, e não o direito que caiba a cada povo de escolher sua própria doutrina, assentam apenas numa ilusão perigosa, tanto mais quanto fatal ao pacífico desenvolvimento social.

Muitos dos nossos esquerdistas insistem na afirmativa de que o objetivo da guerra deve ser proclamar o primado da democracia no mundo. Perguntarei, entretanto: que é que entendemos por democracia? Será porventura o regime em que o povo, como um todo, tenha o direito de, em reuniões, ou por meio da imprensa, criticar o seu governo, e substituí-lo por outro, que resulta da ação organizada da oposição política? Mas as próprias crianças não ignoram que tais normas democráticas não existem na Rússia e na China, sem que sequer seja possivel prever quando venham a vigorar naquelas latitudes. Não quer isso dizer, forçosamente, que a maioria dos russos ou dos chineses tenha grandes queixas dos poderes que os seus governos exercem.

Pode até acontecer que, dadas as circunstâncias, ocorrentes nos dois paises, nenhum outro método de governo estavel, e capaz de responder pelas responsabilidades da guerra, pudesse ter cabimento. Assim pensarão, sem dúvida, e com a maior boa fé, os dois respectivos ditadores, que são nossos aliados. Ver-se-á, portanto, no caso, o perigo que há em dizer que nos achamos em armas para estabelecer, no mundo inteiro, o sistema democrático. É evidente que os dois ditadores, nossos aliados, não tolerariam imposições, ou mesmo sugestão da nossa parte, sobre o que, a nosso juizo, seja, ou deixe de ser, «democrático».

Escritores e comentadores concitam veementemente os Aliados a usar do seu poder para apoiar, em diferentes paises, um partido contra outro, em nome da causa da democracia. Julgam-se, tais opinantes, inteiramente certos de que os partidos que indicam, na Itália, na Grécia, na Iugoslávia, na Polônia, na Índia, ou na Palestina, são verdadeiramente democráticos, e representam o povo. Essa facil compenetração de conhecimento completo da popularidade de partidos em paises estrangeiros, ainda os mais distantes, é realmente espantosa. Se, entretanto, perguntarmos, a qualquer destes mesmos comentadores, americanos ou ingleses, qual o partido, no seu próprio país, que melhor demonstrará nas próximas eleições contar com o apoio do povo, ou interpretar-lhe os desejos, a resposta virá possivelmente sem maior segurança, porque esta, ele só a tem, quando se trata das aspirações de povos que não conhece, cuja língua não compreende, e que vivem muito longe, a milhares de quilômetros de distância.

Ainda recentemente, um comentador americano, procurando descobrir um critério que lhe parecesse seguro, em matéria de democracia, chegou a esta conclusão: desde que uma monarquia é, por definição, antidemocrática, todo e qualquer partido antimonárquico deve melhor refletir a vontade do povo que os que sustentam o trono. A prevalecer tal doutrina, a Espanha, Portugal, a própria Alemanha, repúblicas em forma, são mais verdadeiramente democráticos que a Noruega, a Dinamarca, a Suécia, a Holanda, a Grã Bretanha, o Canadá, a Nova Zelândia, a Austrália, que mantêm um monarca como o símbolo de unidade nacional ou imperial.

É muito de presumir que não seria de grande proveito, para a unidade aliada após a guerra, dizer aos noruegueses, aos dinamarqueses, aos suecos, aos holandeses, aos ingleses, aos canadenses, aos neozelandeses, aos australianos (para não falar nos 250 milhões de muçulmanos e árabes, entre os quais a tradição monárquica é ainda mais enraizada que no Ocidente) que lhes cumpriria destruir aqueles símbolos a que se afizeram através de tantos séculos, para que ficassem aptos a participar dos ideais das Nações Unidas.

O ajuste das diferenças entre povos exige uma atitude tolerante de concessões recíprocas. Mas o espírito revolucinário é, por via de regra, intolerante. Nada de meios termos; tudo ou nada. Divergências doutrinárias, simples em tempos normais, assumem, durante as revoluções, o carater de bandeiras, pelas quais se mata e morre.

Se tem que haver uma ideologia comum, congregando as 37 Nações Unidas —asiáticos e europeus, africanos e americanos, ditadores e democratas, socialistas e capitalistas, republicanos e monárquicos—é preciso que ela seja, a um tempo, de liberdade e tolerância; com limites à crítica e à desconfiança, que só podem gerar dissenções, quando o que se colima é a unidade. A disciplina que nos imporá essa ideologia de coesão, não é facil de ser mantida. Será, ao contrário, extremamente dificil pô-la devidamente em prática. Mas é o preço da estabilidade da vitória e da paz.

UMA MOÇA, candidata a um emprego de secretária, estava se submetendo a um exame no escritório do futuro patrão, e, a uma pergunta deste, respondeu:

— Bem, eu sei estenografia, sim senhor. Mas é que com estenografia eu demoro mais...

H. R. Waddell

À procura dos prímeiros americanos

Do Novo México ao Alasca, num empolgante inquérito, um grupo de cientistas se esforça por encontrar o rasto do furtivo Homem de Folsom, que se crê ter sido o primeiro a pôr os pés na América do Norte

(Condensado do «Harper's Magazine»)

Por Frank C. Hibben

Antropologista, por muitos anos, na Universidade do Novo México, e em serviço atualmente na Marinha dos Estados Unidos

UMA TARDE, em 1927, um *cowboy*, passando ao longo da margem de um íngreme arroio no Novo México, viu, a sobressair na margem oposta, uma fila de ossos e pontas de pedra. Ele bem sabia que nem mesmo ossos de búfalo podiam estar soterrados sob seis metros de terra. Divulgou então o fato.

Historiadores, geólogos e arqueólogos, que raramente concordam uns com os outros, foram de uma mesma opinião nesse caso. Havia naquele arroio prova irrecusavel de uma invasão, pelo homem, da América do Norte, muito anterior a qualquer outra, até alí conhecida.

Todos os livros clássicos informam que o homem, como ser propriamente, se desenvolveu na Ásia, na África ou na Europa. Não há motivo para pô-lo em dúvida. O Novo Mundo das Américas, do Norte e do Sul, permaneceu, até épocas relativamente recentes, imune ou virgem do progresso humano. Mas até quando, na realidade? Haviam-nos dito, em 1925, que nenhum ser humano jamais existira na América em data muito distante do ano 1.000 antes de Cristo. Soubemos depois que tinham vivido na América do Norte, em tempos não mui remotos, os Maias e outras tribos especializadas na construção de obras de terra e na manufatura de cestas; que, de modo geral, as chamadas civilizações antigas do Novo Mundo eram posteriores a Cristo. Eis, entretanto, aí no Novo México um testemunho inequívoco de que *mãos humanas, e mãos habeis, tinham morto um grande animal, que se assemelhava a um búfalo, haveria, possivelmente, mais de 15 mil anos.*

Os ossos da margem do arroio foram cuidadosamente libertados, pelos arqueólogos, da espessa camada de terra que os cobria. De acordo com os melhores cálculos científicos, pertenciam a um animal que se extinguira, na América do Norte, pelo menos há 10 mil anos. Apurou-se tambem que jaziam nas proximidades de um pequeno leito de lago, onde lago hoje não existe. Os geólogos, à vista das provas, ligaram os tempos de que se tratava aos últimos das grandes congelações continentais ocorridas na América do Norte, há já milhares de anos.

De mistura com os ossos, havia pontas de pedra, meticulosamente preparadas, e curiosas na forma. Pareciam a lâmina de

uma baioneta, com uma ranhura em baixo, em cada lado. A excavação tomou o nome de Folsom, que assim se chama a pequena localidade próxima; as pontas de pedra passaram a ser conhecidas como pontas de Folsom, e hoje figuram entre os achados arqueológicos mais significativos e famosos.

Depois que os jornais espalharam pelos quatro ventos a notícia da descoberta de Folsom—Encontrado no Ocidente O Homem Antigo Mais Velho do que Tutankhamen—começaram a chegar cartas. Eram todas variações do mesmo tema: «Eu vi no jornal uma fotografia de uma ponta de Folsom com a sua forma estranha. Achei uma delas na minha fazenda...» Quase todos os registos eram errôneos, mas excavações se fizeram em Colorado e Wyoming, e especialmente no Novo México oriental, e em Texas e Oklahoma. Num imenso campo, nas imediações do Novo México, o Homem de Folsom tinha vitimado, não só búfalo, mas igualmente camelo, cavalo e mamute, durante muitos anos. Não é sem estranheza que se pensa em mamutes a desfilarem, com a sua aparência de elefantes, pelas planícies do sudoeste norte-americano.

Ponta de Folsom

Reunindo todos esses elementos, chegamos à conclusão de que o Homem de Folsom deve ter caçado, mais ou menos, através de uma longa área oval, a leste das Montanhas Rochosas, até, para o sul, a fronteira do México, e, para o norte, Sascachevão e Alberta, no Canadá. Ele procurava saber onde a caça era mais abundante. Usava raspadeiras de pedra para tirar a pele aos animais, e poder usá-la como roupa, inclusive, talvez, de cama. Poderemos imaginá-lo, com o corpo envolto em uma pele de cavalo ou de camelo, a sair para a caçada com duas ou três lanças na mão, e um pequeno saco de pontas de pedra ao cinto—nada mais.

Temos podido reconstruir muita coisa acerca do Homem de Folsom, pelo estudo, precisamente, dos ossos e peças de pedra que eles deixaram nos sítios onde estiveram acampados. Mas o que é mais importante—o seu aspecto físico—prossegue mergulhado no mistério.

Ordinariamente, quando se encontram os lugares por onde andou o Homem Primitivo, são tambem achados remanescentes dos que alí habitaram. Mas, apesar de perseverantes pesquisas, não descobrimos ainda sequer um fragmento do Homem de Folsom, um dente, ao menos, que fosse. É possivel, para um técnico, identificar um osso humano por um dos seus pedaços, ainda mínimo; e um osso de perna, braço, ou mandíbula, já bastaria para fornecer uma informação apreciavel.

Podemos, contudo, estar certos de que o Homem de Folsom era essencialmente moderno na sua aparência, porque os instrumentos que deixou, não é de crer tenham sido produto de um homem-macaco. As pontas de pedra, por ele fabricadas, e de que provia as suas lanças, são obra de um artista altamente perito em trabalhos de pedra. As pontas de seta mais comuns, de pedra, como, por exemplo, as que usavam os índios americanos, podem ser reproduzidas com algumas horas de esforço. Mas o caso é diferente, quando se trata de uma ponta de Folsom. As ranhuras, nela existentes, indicam conhecimento, em grau consideravel, da física da penetração. O poder penetrante de uma ponta de Folsom é cerca de quatro vezes maior que o da média das setas feitas pelos índios, milhares de anos mais tarde.

De onde veio, porem, o Homem de Folsom? Como chegou à América do Norte? Por outro lado, se os animais, a que deu ele caça, acabaram por extinguir-se, que aconteceu ao Homem de Folsom? Presumivelmente, aqueles primitivos caçadores foram os ancestrais dos índios. Que é feito então do intervalo entre os tempos de Folsom e os dos índios—um lapso que, ao que se calcula, será, no mínimo, de 9 mil anos? Só há poucos anos encontramos uma pista por onde seguir, à procura da incógnita. Foi numa loja de antiguidades em Quetchican, no Alasca. Nas prateleiras empoeiradas, despercebida no meio de uma confusão de pedras de esquimós, cestas e outros objetos da vida primitiva, estava uma ponta de Folsom, diferente de quantas outras se haviam conhecido. Perguntamos ao proprietário de onde tinha vindo aquilo, e foi uma felicidade que ele pudesse informar-nos: «Eagle Johnson, de Seldóvia, encontrou-a na praia ao norte da baía de Cook.»

O Alasca fica perto da extremidade nordeste da Sibéria. Teria o Homem de Folsom vindo da Sibéria, entrando, a caçar, pelo Canadá? Em 1941, organizamos uma expedição para fazer sobre o assunto as necessárias investigações.

Se a busca de ouro no Alasca já é bastante dificil, mais dificil seria encontrar a origem de uma determinada ponta de Folsom. Ao longo de toda a costa da Colúmbia Britânica, e em cada um dos pequenos portos do Alasca onde parávamos, indagações eram feitas. Caçadores, mineiros, índios, não houve por aquelas alturas quem não fosse interrogado. Ninguem vira jamais pontas de Folsom como a que trazíamos conosco. Todavia—acrescentavam-nos—se tínhamos interesse por ossos antigos, deveríamos ir a Fairbanks. E um velho, a quem faltava uma das pernas, foi mais explícito: «Nós nunca achamos aquí coisas dos índios, mas, se os senhores estão procurando ossos, minha mina lá em cima no Iucão está cheia deles.»

Não nos sentíamos desapontados. Uma espessa camada de lama negra cobre a maior parte da área setentrional do Alasca. A partir de cerca de um metro abaixo da superfície, até uma profundidade desconhecida, há gelos eternos. À medida que os mineiros, escavando, penetravam as terras geladas com jactos de vapor e água fervente, à procura de ouro, iam encontrando ossos e árvores, massas de folhas, turfa, e outros vestígios de uma grande vida animal, e da vegetação que a manteve. O mais extraordinário é que muitos destes ossos tinham ainda carne, tendões, ou fragmentos de pele—preservados por efeito da congelação através de 10 mil anos.

Foi-nos dado provar um pouco de carne de mamute congelada. Tratava-se de um pedaço da anca. Estava a carne quase preta, mas visivelmente em bom estado. Depois de submetida a processos culinários rudimentares, não deu mais do que era de esperar; o seu sabor não passava de uma combinação de areia e lama, mas os nossos cães esquimós se deliciaram com aquele quitute, de 10 mil anos de idade.

Como quer que seja, concluimos, a julgar pelos restos de animais encontrados, que houve algum tempo no Alasca rebanhos de mamutes, búfalos, camelos, cavalos, veados, e todos os carnívoros que os comiam. O feroz leão do Alasca, uma mistura, dir-se-ia, de leão africano e tigre de Bengala, andou dominando por alí, do mesmo modo que por alí transitaram um lobo de grande vulto, bem como ursos, e vários felinos menores. Quando o negro detrito, entre os ossos, resfriados há 10 mil anos, se funde ao sol do verão, sente-se, ainda a quilômetros de distância, o cheiro de carne podre.

Com tal abundância de caça, era muito de presumir que existissem no local sinais de vida humana. Lutamos durante semanas, a examinar as escavações, sem nenhum resultado.

Até que o dia chegou. Cerca de um metro abaixo do local onde se achavam despojos de um exemplar particularmente interessante de leão do Alasca, eis que encontramos uma ponta de Folsom, presa, pela congelação, à terra, a uns vinte e dois metros abaixo da atual superfície do vale. O trabalho de quase um mês produziu uma única ponta—a só prova que ficara de que pelo menos um par de olhos humanos tinha visto os animais de que tantos remanescentes se conservaram.

Precisávamos de mais provas. Como, porem, obtê-las na vastidão do Alasca, quando só contávamos com o auxílio de algumas perfurações abertas, naquele mundo, pelos caçadores de ouro? Havia, contudo, ainda a ponta de Eagle Johnson, a que nos levara ao Alasca. Dirigimo-nos então para o local onde ela fora encontrada.

Em Seldóvia, uma pequena localidade de pesca na Península Quenai, soubemos que Eagle Johnson tinha falecido—e somente dele esperávamos recolher, em todo o Alasca, esclarecimentos conducentes a algum conhecimento mais seguro sobre a invasão do Homem de Folsom! Todavia, o pescador que nos deu a informação ajuntou, para nosso consolo: «Parece que eu me lembro que Eagle achou uma porção de pontas e ossos lá para a baía de Chinitna.»

Chinitna é uma baía vasta, com muitos quilômetros de praia; e não nos seria facil, com tão poucos elementos de orientação, encontrar coisas, já de si tão obscuras, como fosse alguns ossos ou pontas de pedra. Descobrimos, porem, felizmente, que havia apenas um estreito canal com fundo bastante para permitir que flutuasse mesmo o nosso pequeno barco. Aí ancoramos.

Mal havíamos desembarcado, e fomos logo encontrando a nossa primeira peça de pedra, e depois outra, e mais outra. Vimos então facilmente onde Eagle Johnson tinha feito as suas descobertas. As altas marés e as rijas ventanias, naquele trecho do Alasca, atingiram de tal modo a margem ocidental da baía, que se formou um banco, do qual sobressaem ossos, pedaços de madeira congelada, e pontas de pedra. Ao pé do banco, já expelidos pela erosão contínua da superfície, muitos outros remanescentes. Era, não havia dúvida, o lugar!

Alvoroçados, precipitamo-nos a investigar ao longo da costa, um a dois quilômetros. Parecia efetivamente que o Homem de Folsom havia acampado, caçado e comido alí, não poucas ocasiões. Os vestígios eram diversos: pedaços de carvão animal, ossos de mamute carbonizados, pontas de Folsom, e fragmentos ou aparas destas, resultantes provavelmente dos trabalhos da respectiva manufatura.

Voltamos radiantes para o barco. Desabou, porem, àquela noite, um grande temporal. O vento rugiu três dias. No quarto, fomos a terra com muita dificuldade. Um grande urso tinha aberto enormes buracos em todos os pontos onde havia sinais da nossa passagem, deixando expostos às nossas vistas alguns excelentes espécimes.

Depois de ancorados ao largo apenas uma semana, percebemos a razão por que o Homem de Folsom abandonara Chinitna, não obstante a quantidade de caça que havia no local. É que as tempestades se sucediam, e as marés se tornavam, não raro, de grande violência. Os cabos da âncora partiam-se. O vento arrebentava tudo o que era movel na superstrutura da nossa embarcação. Afinal, sob a pres-

até dez toneladas. Tais bombas voadoras, envolvidas em couraça penetrante, e impulsionadas por motores de foguete ou propulsão por jacto, entrarão irresistivelmente no casco de qualquer couraçado, ou em qualquer massa em terra. O ataque virá de uma distância inacessivel ao eficaz alcance da artilharia anti-aérea, e com terrivel precisão, porque tão grande será a velocidade do *robot* que qualquer navio se encontrará convertido, para todos os efeitos, em verdadeiro alvo fixo. Nada haverá, em terra ou sobre as águas, em condições de resistir à agressão; só a força aérea, a ela oposta, será capaz de enfrentá-la.

A nova arma tem fatores de limitação. Sua precisão, necessariamente, diminuirá com a distância. Sendo um projetil autônomo, pode, é evidente, alcançar um imenso alvo como Londres. Mas, a grandes distâncias, um erro infinitesimal no ponto de partida importa em grave desvio no de chegada; e, por mais que se estabeleça cientificamente o percurso, não se impedirá a influência dos distúrbios atmosféricos.

A alternativa seria o controle, pelo rádio, do movimento da bomba. Há, porem, aparelhos eletrônicos que permitiriam facilmente neutralizar o recurso. Vários esforços têm sido empregados, durante a presente guerra, para usar tanques e navios, guiados por meio de rádio. Mas todas as tentativas têm invariavelmente fracassado. O ponto fraco em todos os mecanismos de tal gênero é que o controle eletrônico diminue, em potência, mais ou menos na razão do quadrado da distância. Quando o projetil se aproxima do alvo, muita potência é precisa para mantê-lo em seu curso, do qual facilmente se desvia. O antídoto para as armas de controle remoto ou a distância, não será dificil encontrá-lo e aperfeiçoá-lo.

A história dos aparelhos automáticos tem demonstrado, ao menos por enquanto, que não há sucedâneo adequado para o espírito humano. Onde quer que um *robot* entre em competição com uma máquina controlada pelo homem, esta o levará de vencida. Bastará que façamos um confronto entre o bombardeio a esmo de Londres pelas bombas voadoras, e aquele feito, com precisão, sobre Berlim, para que tenhamos a impressão ou a medida do contraste.

A bomba voadora será um triunfo para a ciência germânica, mas, considerado sob o aspecto puramente militar, só demonstra estreiteza de vistas. Tem causado muito estrago, e pode fazê-lo ainda mais, sem que, entretanto, perturbe a estratégia aliada, ou solape seriamente a resistência total do nosso dispositivo de guerra. O inimigo está procurando empregar a inovação como um sucedâneo da força aérea quando, de fato, é ela apenas uma parte integrante da mesma força, e só se tornará decisiva se usada nesse carater.

A bomba voadora, em última análise, é um novo gênero de artilharia. O canhão monstro, Berta, com um alcance de 150 quilômetros, atacou París na última guerra, de detrás das linhas germânicas. Na guerra atual, a costa de Dover tem estado, desde muito, sob fogo procedente do outro lado do Canal. Agora, a bomba voadora, com alcance de uns 300 quilômetros, vem caindo sobre Londres. Mas o aumento do alcance da artilharia não altera fundamentalmente os planos de guerra. O meio de lidar com qualquer grande canhão é destruí-lo, ou privá-lo de munições, seja cortando as linhas de transporte que o abastecem, seja, o que ainda é melhor, pondo abaixo as fábricas de material bélico. A melhor maneira de levar a efeito qualquer destas coisas é a do

ataque pelo ar. Em outras palavras, a resposta à bomba voadora *robot*, na atual ou em qualquer guerra futura, é uma avassalante força aérea.

Enquanto não se descubra algum novo princípio, segundo o qual a destruição e a morte possam ser transmitidas através do espaço—digamos um «raio da morte»—as guerras serão ganhas, não por aparelhos *robots*, mas por homens em aviões.

Não há razão para que o avião *robot* não seja utilizado para transportar malas postais, ou mercadorias, em vez de servir de veículo à destruição e à morte. Os aviões sem piloto poderão voar, com precisão, e a grandes velocidades, entre pontos cada vez mais distantes. O controle remoto pelo rádio será perfeitamente exequivel, quando não houver, a perturbá-lo, a interferência inimiga, mas se dispuser, ao contrário, de cooperação, nas bases de partida e de chegada. O rádio guiará tais aviões durante o seu percurso; mecanismos de detenção, parecidos, de alguma sorte, com os usados nos porta-aviões para verificar a velocidade dos aparelhos a descarregar, deverão assegurar-lhes uma parada suave. Espero confiantemente que o avião *robot*, que surgiu para fins de guerra, atingirá realmente seu desenvolvimento máximo em atividades de paz.

Vida militar

¶ Depois de uma hora de violento exercício sob o sol ardente do Texas, um tenente, coberto de suor, deu a ordem de alto ao seu pelotão. «Para quebrar a monotonia,» disse o oficial aos seus homens, tambem suados e exhaustos, «vou chamar alguns de acaso, e aqueles que forem chamados darão ordem de comando, para que o pelotão as execute.»

«O'Neill!» gritou o tenente.

«Esquerda-volver, marche!» ordenou o soldado O'Neill, e o pelotão cumpriu a ordem, marchando em direção ao oficial.

«Hudson!» chamou o tenente, enquanto os soldados se aproximavam.

«Pelotão! Alto!» ordenou o soldado Hudson.

«Clark!» chamou o tenente.

«Fora de forma!» gritou o soldado Clark—e o pelotão debandou e correu logo para o descanço das barracas, deixando o tenente mudo de assombro.

—Sgto. Brendan J. Connelly

¶ As esposas dos soldados americanos, aquartelados na Inglaterra, tiveram há pouco tempo um choque nada agradavel... Acontece que leram no *Yank*, jornal do exército, algumas aulas de francês destinadas aos homens que desembarcariam na França, e em uma das lições ensinava-se claramente os soldados a dizer: «Minha mulher não me compreende!»

—*Time*

Retalhos do drama cotidiano

—XII—

É para mim sempre um prazer relembrar George Sexton

Por Winfred Lowell Van Atta

George Sexton tinha 44 anos quando o levamos a uma pescaria no norte de Minesota. Era um homem de pequena estatura, solteirão manso e tímido—uma dessas criaturas solitárias, que vivem em apartamentos de hotel aguardando a velhice. No nosso escritório, onde se fizera por si só, começando como mensageiro e acabando chefe da contabilidade, todos gostavam dele. Sua vida, contudo, fora monótona e apagada. Tivera uma namorada, mas, ao mesmo tempo, uma pobre mãe viuva e uma irmã pequena. O resultado é que acabara ficando sozinho.

Carl Danforth e eu trabalhávamos sob a sua direção como simples auxiliares. Estávamos na casa dos vinte, e éramos estranhos em Chicago; gostávamos de divertir-nos, e muitas vezes nos encontrávamos sem um centavo no bolso, antes do dia de pagamento. George se preocupava conosco como um pai, e nos acudia sempre com uma nota de cinco dólares quando esta se tornava necessária. Pedimos-lhe que nos acompanhasse à tal pescaria, em parte porque lhe votávamos estima, e em parte porque ele tinha automovel...

Partimos rumo ao Lago Otter, 500 quilômetros ao norte de Mineápolis. Carl levou-nos a um acampamento de turistas onde estivera certa feita, mas não encontramos alí um só lugar. Quando estávamos prestes a partir, o proprietário sugeriu: «Rocky Duncan talvez possa acomodá-los na nova hospedaria dele. Sigam a estrada em linha reta. Não tem errada.»

A estrada transformou-se num caminho estreito, quando entramos na floresta, terminando, por fim, numa clareira à beira do lago onde demos com um chalé de madeira ao lado de um chalezinho menor.

Um grande cão irlandês correu ao nosso encontro, seguido por um rapaz de cabelos ruivos que vestia calção de banho. Dissemos-lhe que desejávamos falar com um tal Rocky Duncan. «Sou eu,» respondeu-nos calmamente.

A nova casa ainda não estava terminada por dentro, e nem tinha fogão; mas, para dormir, nos bastava, e podíamos cozinhar, nós mesmos, a fogo de lenha, comendo juntos no chalé. Rocky prontificou-se a dar-nos hospedagem cobrando 20 dólares por dez dias, o que lhe permitiria comprar um fogão pequeno e outras coisas de primeira necessidade.

O chalé grande tinha dois quartos, com cadeiras e mesas de madeira, fabricadas a mão. Havia uma chaminé de pedra, e uma linda vista sobre o lago. O rapaz construira, ele próprio, o chalé e os moveis. Se conseguisse alugar os quartos durante toda a temporada de verão, declarou-nos, talvez conseguisse dinheiro para construir outra.

George olhava para o hospedeiro com uma profunda admiração estampada no rosto. —Que idade tem você, meu filho? perguntou-lhe.

—Dezessete anos, respondeu Rocky.

George tirou do bolso quatro notas de 10 dólares. —Pois tomamos os quartos. Não, guarde o resto. De qualquer maneira, nós pretendíamos mesmo gastar 40 dólares, quando saimos de Chicago.

O rapaz ficou radiante. Levou-nos ao chalezinho onde morava, e, sem demora, nos serviu peixe frito e café bem quente. Tirou ainda, de uma rústica geladeira improvisada, um pequeno cesto cheio de amoras selvagens.

O Lago Otter tinha 15 quilômetros de comprimento, e os pinhais e vidoeiros que lhe cobriam as margens desciam até a beira da água. Pescamos durante três dias, e não faltava pesca. Depois, contentávamo-nos em dormir, comer, nadar, e explorar aquela região deserta. Para nós, homens da cidade, aquilo era um verdadeiro paraiso.

George, depois de muito conversar com Rocky, descobriu afinal a sua história. O pai, veterano da Primeira Guerra Mundial, veio ter àquela floresta, mal deixou o exército. Vivia da sua pensão militar e do que ganhava alugando quartos e servindo de guia. A mãe de Rocky morreu primeiro; depois, morreu-lhe o pai, e ele passara a viver alí sozinho.

Cozinhava suas refeições, e lavava, ele mesmo, a roupa. Colocava armadilhas na floresta, durante o inverno, e vendia as peles dos animais. Havia muita caça na região, e não lhe faltava o que comer. Continuavam a enviar-lhe, todos os meses a pequena pensão de filhos de militares. Isso, junto ao que ganhava com o negócio de peles, era bastante para seu sustento, e ainda lhe permitira construir uma nova casa. A propriedade estava muito bem situada, e ele confessou a George que sua maior ambição era transformá-la na melhor hospedagem para caçadores e pescadores de toda a região.

Uma tarde, George e Rocky estavam pescando, enquanto Carl e eu tomávamos um banho de sol, e ouvíamos, de longe, tudo o que eles diziam. George estava descrevendo Chicago ao rapaz.

Aquela zona onde estávamos era deserta demais para um jovem da idade dele, observou. Que tal se nos acompanhasse a Chicago, entrando logo para a escola? Tinha ele, George, uma cama vazia no seu apartamento, e Rocky poderia facilmente empregar-se no restaurante do hotel, resolvendo, assim, o problema das refeições. Depois da escola, passaria à universidade. Um rapaz inteligente e corajoso, nas suas condições conseguiria ser o que quisesse.

Na véspera da nossa partida, à noite, quando nos achávamos sentados em frente à chaminé, George anunciou-nos que Rocky decidira vir conosco. Era um moço que merecia ser ajudado. E, afinal, não lhe custava muito dar-lhe uma oportunidade como aquela.

No dia seguinte ao da nossa chegada em Chicago, George fez presente a Rocky de dois ternos completos, com todos os acessórios, e o recem-vindo entrou logo para o ginásio John Marshall.

No escritório todos notaram a mudança de George. Trabalhava com novo entusiasmo. Não houve pai que elogiasse mais o filho, do que ele a Rocky. Mostrou-lhe a cidade inteira—os museus, o Jardim Zoológico, os cinemas, levou-o às partidas de beisebol.

Rocky era o mesmo, com seus modos tranquilos de sempre. Embora procurasse adaptar-se ao mundo de George, e agradar-lhe o mais possivel, percebemos que alguma coisa o preocupava. Não compreendí porem de que se tratava, até um dado sábado em que fomos, todos juntos, até o cais. A expressão de Rocky animou-se, e ele respirou a plenos pulmões, enquanto contemplava o lago Michigan. —Se houvesse alguns pinheiros aquí em vez de pipocas e amendoins, eu sentiria o cheiro da minha terra, comentou.

Alguns dias mais tarde, certa noite, não apareceu no apartamento. Por volta das dez, George pediu-me que fosse até lá. Encontrei-o a andar de um lado para o outro, inquieto e preocupado.

—Rocky não iria embora sem te avisar, protestei. —Com certeza saiu com um grupo de colegas. Deixe desses exageros.

Esperamos até às 11, e foi então que me lembrei da expressão do rapaz ao contemplar o lago. —Vá buscar o automovel, sugerí. Talvez ele esteja no Cais da Marinha.

E lá estava de fato, sentado num banco a olhar o lago.

—Que há, meu filho?, perguntou-lhe George, bondosamente.—Eu estava muito aflito.

O rapaz afastou o rosto bruscamente, e levou o lenço aos olhos. Finalmente, voltou-se para George, e disse, olhando-o bem de frente:

—Se... se você não se importa, eu preferia voltar para Minesota. Não é ingratidão; eu reconheço quanto você fez por mim; é que... não me adapto a esta vida.

George sentou-se ao lado do seu protegido, e deixou-o falar. Rocky foi confessando o que lhe andava na alma. Os patos selvagens já estariam voltando do Canadá, àquela altura... Tinha saudades do cheiro do mato, e da sensação que experimentava quando, da margem do lago, via, ao longe, no horizonte, as distantes «luzes do norte». Tinha saudades do seu cão, e do ar puro que respirava por lá. Na cidade, tudo era tão sujo, e havia tanta gente em toda parte... Caras fechadas... Lá, nos bosques desertos, desfrutava a mais completa liberdade.

No escritório, à manhã seguinte, George nos pareceu nervoso e triste. Assim foi até à sexta-feria imediata, quando me chamou à seção onde trabalhava. Andara refletindo muito, disse-me, e estava certo de que, se pudesse passar alguns meses com Rocky, conseguiria persuadí-lo a continuar na escola. Tinha muita confiança no rapaz; estava certo de que ele venceria na vida. —Mas que é que pode você fazer, perguntei-lhe,—já que ele não quer ficar em Chicago?

—Já apresentei a minha demissão, respondeu-me calmamente. —Vou para Minesota com ele. Estou envelhecendo, e tudo o que tenho no mundo é algum dinheiro num banco, e um seguro de vida. Se eu morrer não faço falta a ninguem. Quero ajudar o rapaz.

George e Rocky partiram de Chicago àquele outono, e só tornei a vê-los cinco anos depois, quando Carl e eu voltamos ao Lago Otter.

Hospedamo-nos num dos melhores hotéis de pescadores e caçadores daquela região. A casa que nos deram tinha três quartos, muito bem mobiliados, e água corrente quente e fria. O preço era alto, mas nos achávamos alí como convidados do gerente—um homem de 49 anos de idade que parecia dez anos mais moço. George Sexton, esbelto, tostado pelo sol, já não tinha as gorduras de outrora, a deformar-lhe o corpo. Sabia preparar um anzol, tornara-se bom atirador, e era capaz até de consertar motores. Havia catorze casas como a nossa, e todas se achavam alugadas. Rocky, informou-nos, estava na universidade de Minesota estudando medicina.

Veio ver-nos no fim da semana. Transformara-se num belo rapaz, de expressão resoluta. Justificou em tudo a confiança que George nele depositara. É hoje primeiro tenente, e está servindo num hospital militar da Itália.

Quando volto a pensar neles, apraz-me sempre recordar como aquele homenzinho tímido teve a coragem de seguir o impulso de um coração bondoso e desinteressado, muito embora se arriscasse com isso a sacrificar seu próprio futuro. Saiu-se bem, não somente no que diz respeito a Rocky—mas por ter encontrado a recompensa numa vida mais feliz e mais completa do que a que vivera até então.

Dois homens e um jipe

¶ O ATALHO terminava num montículo de pedras uns quinhentos metros abaixo do pico da montanha. Nem mesmo o jipe seria capaz de prosseguir nessas condições.

O sargento desceu do carro e, cerrando os olhos contra o sol, examinou o pico à distância. Tirou o fuzil do estojo a um lado do jipe e encheu os bolsos de munição. Em seguida declarou: —Se quando escurecer eu não tiver voltado, vocês desçam o morro e vão embora.

Ficamos então os dois—o chofer e eu—acompanhando o sargento com os olhos, até que ele desapareceu numa curva na rocha, coberta de baixa vegetação.

—Ele tem coragem, observou o chofer. —Francamente, eu não gostava nada de fazer o que ele está fazendo.

Quatro dos nossos soldados, destacados para instalar um posto avançado no pico, lá haviam ficado, sem que tivéssemos deles a menor notícia. Encontrá-los, pois, era a missão do sargento.

—Eles com certeza levaram bala dos alemães, disse o chofer. —Tudo quanto é morro por aí está cheio de alemão. Atiradores escondidos, principalmente. Uma metralhadora em bom ponto matava o sargento num instante, sem ele nem perceber o que tinha acontecido. É preciso coragem!

O sol se punha, e a planície, lá em baixo, se coloria de vermelho-púrpura. A artilharia soltava incessantemente suas cargas poderosas. E o chofer continuou:

—O caso é que ele não precisava estar se arriscando desse jeito. Ele podia perfeitamente apear do carro, dar uma vista de olhos daquí mesmo, e depois voltar e dizer que não conseguiu encontrar os outros. Se fosse eu, bem que havia de sentir essa tentação...

Já agora, reinava um silêncio de morte naquele morro. Tudo escurecia pouco a pouco e um pássaro cantou tristemente, bem longe. Daí a uma hora, o sargento voltou, a camisa marron manchada de suor, e o rosto coberto de transpiração. Respirava ofegante.

—Nem sinal deles, disse. Sentou-se, acendeu um cigarro, e acrescentou, dirigindo-se ao chofer: —Há outra possibilidade, Jim. Você está vendo aquela ponta? Pode ser que eles tivessem ido por alí.

—É, estou vendo.

—Que tal você ir dar uma olhadela por lá? Ainda temos uma meia hora de claridade, e meia hora deve dar para você ir e voltar. Se eu não estivesse tão pregado, eu mesmo ia.

—Não, deixa que eu vou, respondeu o chofer.

Apanhando o fuzil, certificou-se de que estava carregado. E iniciou a escalada.

—Bom sujeito, esse, observou o sargento. —Não tem medo de ir a parte alguma.

—*Relman Morin*, da Associated Press

Irão os Estados Unidos ao suicídio naval?

Eliminados depois da última guerra: 30 couraçados, 15 cruzadores, 139 destróieres! Para que se não repita semelhante loucura, pensemos na falta que estes navios fizeram em 1941!

(Condensado do «Saturday Evening Post»)

Por James Forrestal
Ministro da Marinha dos Estados Unidos

ENQUANTO a paz não repouse em bases firmes e sólidas que efetivamente a garantam, a nossa obrigação é presumir que haverá agressores, sendo a força o único meio de pô-los no seu lugar. Quaisquer que forem as associações, ou convênios internacionais, por que se congreguem as Nações Unidas, uma das grandes pedras angulares, para a construção da paz estavel, deve ser a manutenção, pelos Estados Unidos, de conveniente força armada, sobretudo da potência, marítima e aérea, da Marinha.

No passado, ao fim de cada guerra, durante algumas das quais o nosso poder naval chegou a formidaveis proporções, foi prática invariavel destruí-lo, ou deixá-lo ir caindo aos poucos.

Terminamos a última guerra com uma respeitavel esquadra em atividade, mais navios a sair dos estaleiros, e uma lisonjeira perspectiva de bases suficientes no Pacífico. Mas em 1922 tomamos, nós mesmos, a iniciativa da Conferência de Desarmamento Naval, que resultou em tratados, de acordo com cujos termos tivemos que afundar 25 por cento da nossa frota, suspender as novas construções, e aceitar limites outros para o nosso futuro programa.

Algumas das coisas que fizemos, em virtude de tais acordos, e outros subsequentes, parecem hoje incriveis. *Reduzimos a ferro velho, ou pusemos a pique, 30 couraçados, inclusive sete ainda não completos, 15 cruzadores, 138 destróieres, e 52 submarinos.*

Alguns destes navios eram os melhores e os mais modernos, no gênero. Oficiais da Marinha ainda se comovem ao recordar o episódio do *Washington*, excelente unidade de combate, já construida 75 por cento, a ser rebocada para o mar, e aí afundada pelos nossos próprios canhões e torpedos, no dia 25 de novembro de 1924. Conquanto houvéssemos salvo dois cruzadores, já em adiantada construção e que posteriormente se converteram nos porta-aviões *Lexington* e *Saratoga*, destruimos quatro deles, que nos teriam dado, por igual, quatro bons porta-aviões, de valor inestimavel em 1942.

O tratado de 1922 limitou nossa força aérea naval a 135 mil toneladas de porta-aviões, estabelecido um máximo de 27 mil toneladas para cada um dos novos. Resultado: estamos atualmente a construir os porta-aviões de 45 mil toneladas, indispensaveis a uma ação, em regra, da nossa aviação naval. Do mesmo modo, aos novos couraçados, ficou imposto o limite de 35 mil toneladas, o que nos impediu de construir os mais agigantados, de 45 mil toneladas, do tipo do atual *Iowa*.

No tratado de 1930, aceitamos o limite, em número de 18, para a classe de cruzado-

res com canhões de mais de 6,1 de calibre. Resultado: um fator de restrição, ao sermos levados à presente guerra. Concordamos tambem com um limite de 150 mil toneladas para os destróieres, e com a determinação de que a ninguem seria permitido construir qualquer outro navio de guerra de superfície, entre 600 e 2.000 toneladas, se o mesmo tivesse tubos de torpedo, e uma velocidade superior a 20 nós. Esta última restrição, dir-se-ia inacreditavel, tornou-se particularmente séria, visto que impediu a construção de navios antisubmarinos. Os submarinos alemães navegam, na superfície, a 18 ou 19, e alguns até a mais de 20 nós.

O que decorre, evidente, de semelhante recapitulação, é que, pelos tratados aludidos, abandonamos, um tanto levianamente, os meios pelos quais nos teria sido possivel preservar a paz do mundo, ou, pelo menos, varrer qualquer agressor dos mares. Não nos contentamos com afundar parte da nossa Marinha, e cercar de peias o resto; fomos ainda mais longe, procurando envolver em descrédito indústrias e indivíduos, a que poderíamos recorrer para a construção de navios, canhões, ou aeroplanos. A partir, principalmente, de 1930, caiu sobre os fabricantes de armamentos uma onda de má vontade, como a taxá-los de «mercadores de morte». Daí resultou que a Bethlehem Steel Corporation, que só tinha, no mundo, um rival, que era a Casa Krupp da Alemanha, quanto a instalações e elementos para a manufatura de grandes canhões, anulou, quase de todo, o respectivo equipamento. Veio a Marinha a ter que restaurá-lo em 1940, ao custo de nada menos de 2 milhões e 500 mil dólares. A Companhia Du Pont, um dos maiores produtores de explosivos do mundo, viu-se na contingência de restringir-se, quase exclusivamente, à fabricação de pólvora, só fabricando explosivos, a urgentes pedidos da Marinha. A indústria de aviões, não menos acusada de comércio internacional mortífero, deixou, igualmente, de receber qualquer estímulo.

QUANDO ainda era subsecretário da Marinha dos Estados Unidos, James Vincent Forrestal contribuiu grandemente para a criação da maior esquadra do mundo. Veio ele para Washington, no carater de consultor administrativo do Presidente Roosevelt, depois de um êxito meteórico em Wall Street como presidente da firma de corretagem Dillon, Read & Co. Formado pela Universidade de Príneton, e aviador naval na última guerra, Forrestal é pouco conhecido da maioria dos americanos. Perguntando-lhe alguem, numa entrevista, o que mais lhe agradava, respondeu: «a obscuridade!»

Solapamos, por uma terceira forma, a nossa força potencial, com a indiferença que manifestamos pela geografia militar. Ao tempo da aquisição das Filipinas, poderíamos tambem ter comprado, ao governo da Espanha, por cerca de 4 milhões e 500 mil dólares, as ilhas Marianas, Carolina e Palau. Adquirimos apenas Guão, nas Marianas. A Alemanha comprou o resto, que passou ao mandato do Japão, depois da Primeira Guerra Mundial.

Aceitamos assim, por inércia, uma limitação inconveniente, para não dizer desastrosa, à liberdade de ação que nos caberia no Pacífico. Foi como se ignorássemos, ou não tivéssemos compreendido que, sem uma adequada ponte de bases através do Pacífico, impossivel nos seria defender as Filipinas, ou sustentar convenientemente a nossa Política de Porta Aberta na China. Em suma: enquanto continuávamos a querer ter opinião e influência nos negócios asiáticos, negávamos, a nós mesmos, os meios mili-

nenhuma película enquanto fosse Governador. Todavia, espera que algum dia possa ser um legítimo «astro», como *cowboy* cantor. Durante anos, tem-se exercitado como cavaleiro, e, quando chegar a ocasião, estará pronto para aparecer com o seu próprio cavalo, o «Chief», um poldro imponente, que está sendo adestrado por um treinador profissional nos truques necessários à produção cinematográfica.

Quando os amigos de Jimmie na Luiziana o persuadiram a se candidatar ao posto de Governador, foi com relutância que ele abandonou a sua nova carreira artística. E agora, que se acha no exercício de suas novas funções, parece um pouco receoso. «Não tenho espírito de político,» disse-me, em um tom preocupado. Entretanto, os jornalistas da Luiziana pensam, em geral, que ele será um bom governador.

Eu era fã de Jimmie, muito antes dos seus recentes êxitos políticos. Imaginava-o um rude montanhês, com um vasto chapéu desabado e falando mau inglês. Mas Jimmie, fora do palco, se veste como um próspero homem de negócios.

Jimmie Davis, que se diplomou pela Universidade da Luiziana, é uma das pessoas mais simpáticas que existem. Pouco versado nos assuntos nacionais, lê jornais ocasionalmente, nunca lê livros, e pouco sabe do que está ocorrendo pelo mundo. Mas é capaz de falar mais sobre o passado, o presente e o futuro da Luiziana do que qualquer livro especializado de história.

Tem um metro e oitenta de altura, é moreno e vistoso, de compleição esbelta e sadia. Não fuma nem bebe. É supersticioso: jamais canta no banheiro ou põe o chapéu sobre a cama. Em geral, os cantores cantam melhor em jejum, mas para cantar bem as suas canções regionais, em que fala dos corações desenganados e dos vaqueiros que definham na prisão, Jimmie toma sempre um litro de leite de cabra, que o deixa, por certo, muito bem disposto...

O novo Governador da Luiziana diz que já está «na casa dos quarenta», porque não sabe a idade que tem. Seu pai era lavrador, teve onze filhos e não registrou nenhum. «Nós éramos muito pobres,» disse-me Jimmie, «e nem tínhamos sapatos, quando pequenos.»

Nos tempos de escola, Jimmie era o cantor principal de todas as festas locais da gente pobre, que vivia em casas de um ou dois quartos—pondo de lado as mesas e as camas para dar lugar para o baile, e usando cantores por falta de instrumentos musicais.

Jimmie, que desejava instrução superior, obteve um catálogo da Universidade de Luiziana, pediu uma mala emprestada, meteu dentro as suas coisas, e partiu para a capital. Ao terminar os seus estudos, tinha 26 anos de idade. Para se manter na Universidade, exerceu ocupações de vários gêneros, desde limpador de pratos até cantor de cafés.

Em 1928, um dos amigos de Jimmie conseguiu-lhe um emprego de amanuense na Prefeitura de Shreveport. Uma estação de rádio permitiu-lhe cantar uma vez por semana. «E não me cobraram um centavo!» diz Jimmie, sorrindo. Organizou uma banda, com um violino, uma viola, dois violões, um acordeão, um bandolim e um piano—com rapazes que, como ele, cantavam e tocavam por prazer. O agente de uma empresa de discos ouviu o programa dos rapazes pelo rádio, encomendou-lhes um disco de experiência com uma canção popular, e Jimmie Davis e sua banda de montanheses passaram a ganhar dinheiro. Gravaram mais de cento e cincoenta discos.

Em 1936, Jimmie casou-se com a filha de um ilustre médico de Shreveport, uma exímia musicista, que detesta a música dos montanheses. «Eu experimento uma canção com ela,» diz Jimmie: «Se ela não gosta, fico com a certeza de que será um sucesso formidavel...»

Há dois anos, Jimmie foi eleito Fiscal dos Serviços Públicos do Estado. Nessa campanha, descobriu que era capaz de conseguir votos, cantando. No primeiro comício político em que compareceu, falou durante 45 minutos, e a maioria dos ouvintes saiu do recinto, deixando-o como a pregar no deserto.

«Eu sabia que me tinha saido mal,» disse-me Jimmie. «Chamei os meus rapazes e disse a eles:—Afinem os seus instrumentos, que amanhã eles vão ouvir o que querem.»

E durante todo o resto da campanha política, o que Jimmie fazia era falar durante dois ou três minutos e, em seguida, com o seu grupo de montanheses, oferecer um espetáculo musical. Foi eleito por tremenda maioria.

Durante a campanha para as eleições da Luiziana, como candidato a governador, Jimmie deu mais de 300 recitais, nos auditórios de Nova Orleãs e nas assembléias rústicas dos campos de algodão. Levava um caminhão, equipado com alto falante e um sistema de iluminação elétrica portatil, que fazia as vezes de tribuna. Geralmente se detinha ao chegar a uma cidade, para tomar o seu litro de leite de cabra, e seguia até a praça central, onde instalava o seu equipamento e a banda começava a tocar, atraindo a multidão. Depois de um número de sucesso, o tocador de bandolim da banda apresentava-o com fanfarra ao público alí reunido.

Os incansaveis agentes de publicidade de Jimmie escreviam os seus discursos políticos, os quais apareciam nos jornais, tratando de boas estradas, impostos, pensões e aposentadoria. Mas Jimmie nunca pronunciava tais discursos; em vez disso, dizia que era um homem do campo, que conhecia os problemas da gente pobre, e que não estava fazendo campanha política, mas sim uma simples excursão de boa vontade. «Me acusam de ser matuto, um cantor montanhês,» dizia. «Confesso que sempre gostei de música e que sempre hei de gostar. Se assim eu consigo trazer um pouco de alegria aos outros pela vida afora, eu me sinto feliz e me dou por satisfeito.»

Como prova de que pensava acerca da guerra, Jimmie algumas vezes acrescentava: «Acho que se os ditadores largassem as suas armas por três minutos, para cantar alguma velha canção, não tornariam a empunhar armas outra vez.» Certamente a maioria da gente da Luiziana partilhava dessa extraordinária filosofia, pois Jimmie era sempre aplaudido com fervor.

Em seguida, a banda começava a tocar e Jimmie cantava a canção de um vaqueiro apaixonado cuja noiva morrera nas vésperas do casamento. «Algumas das minhas canções,» diz ele, «saem do cemitério e flutuam em cima das sepulturas. Acho que conheço bem o povo do meu estado. Na maioria, é gente solitária, que vive no interior e tem dificuldades. É um grande erro dizer:—Ânimo, meu amigo!—a alguem que se sinta deprimido. Se eles se sentem deprimidos, querem ouvir alguem que se ache ainda mais deprimido, como consolo.»

Geralmente, Jimmie acabava cantando a sua canção favorita, e se o comício estivesse sendo levado a efeito em um salão, e se houvesse tempo, a banda entraria a tocar, para que o público dansasse.

«Nenhum candidato foi jamais eleito falando tão pouco como eu,» declara Jimmie. «Nunca tratei de convencer a ninguem. Somente procurei me mostrar amigo. Eles estão cansados de ouvir arengas políticas. Naturalmente o que eles queriam era um sujeito camarada, pra ser governador.»

Como se construiram as bases das Super-Fortalezas Voadoras

¶ No dia em que as super-fortalezas voadoras, B-29, atacaram o Japão pela primeira vez, o correspondente da Columbia Broadcasting System, James Stewart (não confundir com o ator de cinema do mesmo nome), irradiou de Xunquim a seguinte história:

«Em novembro de 1943 foi escolhido, para os aeroportos, o terreno propício, a oeste da China. O terreno tinha que estar situado perto de leitos fluviais, onde fosse facil conseguir pedra; era preciso que houvesse uma área plana de consideraveis proporções, pois os enormes aviões exigiam vastíssimo espaço.

Não havia máquinas: nem tratores, nem compressores, nem caminhões. As bases tinham que ser construidas da mesma maneira que a Grande Muralha da China no século XIV. Chiang Kai-xeque ordenou ao governador da província que procedesse à maior mobilização de mão-de-obra jamais vista na China. Dentro em pouco todas as estradas nos arredores estavam apinhadas de trabalhadores, em geral humildes lavradores usando blusas, sandálias de palha e calças de algodão azul, levando cada um dois caniços sobre os ombros, e arroz que chegasse para mantê-los até alcançarem o terreno. Ao chegarem aí, fincaram os caniços no chão e cobriram-nos de palha, construindo assim o único abrigo em que moraram durante vários meses.

No período de 17 dias, haviam-se reunido 200.000 lavradores, sendo que esse número foi subindo até chegar a 430.000. Só em uma parte do terreno, vimos, certa vez, 67.000 trabalhadores em plena faina. Iniciavam o serviço de madrugada e só o largavam à tardinha, e isso durante a semana inteira.

Os campos de aterragem foram construidos num terreno que, há séculos, nada mais era que pântanos alagados. Em certos casos, foi preciso cavar mais de dois metros até encontrar terreno sólido. Tudo foi feito por esses magníficos trabalhadores, cada qual com uma vara nos ombros e uma cesta dependurada em cada extremidade da vara. Terminado o serviço de preparação do solo, foram buscar pedra no leito do rio, para cobrir todo o terreno. Sobre essa primeira camada colocaram outra, de pedras maiores e bem selecionadas, e por cima, ainda outra camada de pedregulho. Milhares de homens, sentados no chão, martelavam as pedras maiores afim de conseguir reduzí-las ao tamanho necessário.

Encontrou-se algures um velho compressor quebrado; encheram-no de pedra e ferro—5 toneladas de peso, que passaram a ser puxadas diariamente por 150 chineses, até que, afinal, via-se o campo perfeitamente liso e sólido.

Enquanto observávamos o trabalho dessa gente admiravel, num esforço bem digno dos seus gloriosos antepassados, voavam sobre nós os grandes aviões-transporte do exército americano, vindos da Índia, e trazendo gasolina, bombas e toda essa carga da guerra moderna. Os chineses nem olhavam, pois tinham uma tarefa a cumprir.»

Os soberanos do TECNICOLOR

Um modesto professor de Boston deu às produções de Hollywood todas as cores da realidade

(Condensado do «Rotarian»)

Por Frank J. Taylor

OS PRODUTORES de Hollywood estão constantemente indo bater à porta de um cavalheiro alto e grisalho, ex-professor de universidade em Boston, e de sua ruiva e mui fotogênica esposa. O preço de entrada nessa casa é 25.000 dólares, quantia essa que comumente é paga pelo aluguel de uma câmara de tecnicolor, esse complexo aparelho que fotografa e nos apresenta os personagens na tela como se fossem seres reais, de carne e osso.

E de início, é bom que se saiba, só existem 30 câmaras de tecnicolor em todo o mundo—26 que funcionam nos Estados Unidos, e 4 que se acham na Inglaterra. O dr. Herbert Kalmus, presidente da Companhia Tecnicolor, é o mago que aluga esses prodigiosos aparelhos aos estúdios de cinema, pois foi ele quem inventou e aperfeiçoou o único método satisfatório, até agora usado, para tirar fitas em cor. Sua esposa, Natalie, perita na arte e indústria do colorido dos filmes, segue as câmaras de estúdio a estúdio, dirigindo pessoalmente o arranjo, nos *sets*, das cores determinadas, afim de que estas se projetem na tela, não para causar um efeito berrante, mas para produzirem os tons de um padrão artístico. Para Madame Kalmus, a cor, quando bem distribuida, desempenha no cinema um papel emotivo tão importante quanto o do som ou o da ação.

No ano passado, as 26 câmaras tecnicolor de Hollywood trabalharam noite e dia, graças ao que puderam os magnatas do filme produzir 28 fitas de grande metragem em cor, e um número duplo de *shorts*, ou pequenos filmes de complemento de programa. Por esse trabalho, o dr. Kalmus e os seus associados receberam a ninharia de 9 milhões de dólares! Cada fita de longa metragem, quando feita em cores, requer um dispêndio adicional de 100.000 a 150.000 dólares que toca à Companhia. Trabalhando com cada uma das gigantescas câmaras que fotografam uma cena simultaneamente em três cores —e nisto está o segredo básico da perfeição cromática do tecnicolor—se acha um grupo de técnicos, que jogam com a experiência obtida em 27 anos de provas e experimentos, muitos dos quais, completos fiascos, teriam decerto desanimado outros pesquisadores, não possuidos da persistência do dr. Kalmus.

O «doutor», como, com o devido respeito, é ele conhecido em Hollywood, vem com teimosia perseguindo uma mesma idéia, desde 1900, quando se matriculou no Instituto de Tecnologia de Boston e tinha em mente fazer-se autoridade no novo campo da eletro-química. Dois anos depois, conheceu Natalie Dunfee, de olhos azues e cabelos ruivos, que estudava arte dramática em Boston. Após o casamento, o dr. Kalmus mudou-se para São Francisco da Califórnia, onde foi diretor de uma escola secundária; e, ao regressar, ensinou na sua universidade, em Boston, e na Queen's University, de Ontário, Canadá. Como um ramo aparte, o jovem cientista fundou, com dois colegas, uma firma de pesquisas científicas denominada Kalmus, Comstock e Westcott.

Em 1912, apareceu-lhe um consulente no pequeno laboratório de Boston, que trazia um aparelho chamado «Vanascope», recentemente inventado para fazer cinema em cores. Depois de detido exame do aparelho, opinaram os rapazes que o mesmo não era prático, porem poderiam engendrar um sistema que desse bom resultado. Os financiadores do Vanascope prometeram financiar as experiências. O trio de cientistas começou a trabalhar e logo que descobriu um novo método de colorido para os filmes, o seu modelo obrigatório e favorito era Madame Kalmus, que se via filmada de mil maneiras, sendo o vermelho de seus cabelos e o rosado de suas faces, na tela, comparados às cores naturais da encantadora senhora. Mas tão exigente era o dr. Kalmus, que sempre considerava essas provas como de todo inaproveitaveis.

Em 1917, depois de inúmeros experimentos, parecia terem descoberto um processo satisfatório. Kalmus batizou o novo sistema «Tecnicolor». Construiram um completo laboratório fotoquímico num vagão de estrada de ferro e pretendiam levar esse laboratório ambulante para qualquer lugar onde estivessem filmando alguma fita e aí, em pleno local, irem revelando e preparando os filmes em cor. A única viagem feita por esse vagão-laboratório foi para a Florida, afim de fazer a primeira filmagem em tecnicolor, *The Gulf Between*, produção em que Madame Kalmus desempenhou um dos principais papéis femininos.

Logo na estreía do filme, que se exibia para um grupo de cientistas, verificou-se que qualquer coisa tinha andado mal. Na tela apareciam cavalos estranhos, com duas caudas—uma vermelha e outra azul; e outras imperfeições técnicas vinham provar que o dr. Kalmus e seus associados não podiam ainda fazer cinema colorido. Depois de algumas exibições forçadas, nos cine-teatros da cidade, foi o filme retirado do mercado.

Três anos depois, Kalmus, Comstock & Westcott reapareciam em campo com uma nova câmara que tirava duas fotografias simultaneamente, depois do que eram as cores transferidas para um filme-matriz. O resultado foi tão compensador que muitos magnatas do cinema inverteram consideraveis capitais no novo método. Nicholas Schenck começou uma fita de grande metragem—*The Toll of the Sea*—empregando o novo sistema. A sua primeira exibição em Nova York, em 1922, foi recebida com grandes aplausos; entretanto, a companhia levou mais de um ano para preparar cópias em número suficiente para todo o país. Os produtores falavam com entusiasmo do novo produto, mas os exibidores o achavam muito caro, pois as cópias do *The Toll of the Sea* regulavam em 60 centavos o metro de filme. O dr. Kalmus conseguiu, não obstante, saltar essa barreira, fazendo que seus amigos empregassem mais dinheiro na companhia, afim de montarem maiores laboratórios em Boston e Hollywood. Com a aplicação de métodos mais práticos, em breve o custo de produção se foi reduzindo.

Os inventores tiveram que resolver outras dificuldades. Os diretores, com a intenção de criar bizarrismos na tela, abusavam geralmente das cores. Natalie Kalmus começou então a se bater, junto aos produtores, pela idéia de se moldarem os argumentos às cores. Ela tomava parte nas discussões sobre o enredo das fitas, auxiliando os diretores cinematográficos a organizar as cenas em relação à tonalidade cromática das mesmas, sempre com o fim de dar ao público o máximo de realismo. Antigas idéias sobre «fundo» e «maquilagem» tiveram que ser modifica-

das ou abandonadas. Os fundos para os filmes em branco-e-preto podem ser feitos de qualquer cor que ofereça boa qualidade fotográfica; no caso do Tecnicolor, entretanto, os fundos têm que ser *autênticos*, ou de cores reais. As maquilagens sobrecarregadas nos tons foram substituidas pelas cores naturais da pele.

Foi em 1929 que a indústria do filme abraçou de súbito a idéia das produções coloridas, pois melhores métodos de laboratório tinham reduzido o custo do filme de cor para 20 centavos o metro. A Warner Brothers contratou de uma vez 20 fitas coloridas de grande metragem; a Metro-Goldwyn-Mayer tambem assinou contratos, o mesmo tendo feito outros estúdios cinematográficos. O dr. Kalmus agora tinha tantas encomendas, que seus laboratórios nem podiam dar conta.

Aconteceu, porem, que quando os chamados «soberanos da cor» iam começar a colher os amplos proveitos do mágico invento, sobreveio a crise financeira americana. Os produtores de cinema começaram a fazer economias na produção, e o primeiro gasto que punham de lado era o que se referia ao tecnicolor. E pelos meados de 1931, dos 1.200 técnicos da companhia, só restavam uns 230...

A depressão econômica colheu o dr. Kalmus com uma nova câmara pronta para o serviço—um complexo aparelho de tirar cenas em três filmes simultaneamente, cada quadro sendo tratado para imprimir uma cor. Trabalhando com esses três filmes, o laboratório preparava filmes-matrizes que projetavam na tela tons mais vivos e mais naturais, sem aquele empastelado de nuances dos primeiros filmes em tecnicolor. Um novo processo, como esse, impunha o abandono das antigas câmaras e outros materiais, mas o dr. Kalmus não mediu consequências nem despesas — fez a transformação.

Walt Disney foi o primeiro produtor a provar a nova câmara comercialmente. Começou a usá-la nas suas sinfonias coloridas, e logo o empregou em *Os Três Porquinhos* e *Branca de Neve e os Sete Anões*. Estas fitas fizeram um sucesso colossal, tendo Disney provado a teoria de que os argumentos poderiam ser escritos tendo-se em vista o efeito dos coloridos. Outros estúdios seguiram os passos de Disney, e não demorou muito que produtores, diretores, cenaristas e atores se vissem dominados pelos princípios de beleza cromática, que tanto o dr. Kalmus como Natalie defendiam.

Em 1936, já os estúdios da Companhia estavam com uma produção de mil quilômetros de filme por mês! O dr. Kalmus, associado com Alexander Korda, organizou a filial inglesa da companhia, tendo concedido a essa sucursal 4 das trinta câmaras de filmes coloridos existentes em Hollywood. Natalie Kalmus passou um ano na Inglaterra, instruindo um grupo de técnicos para trabalhar na filial.

No laboratório experimental da Companhia, em Hollywood, trabalham cientistas que são tão reservados quanto o próprio dr. Kalmus, e sob cuja direção se processam hoje experimentos que só daqui a muitos anos virão a dar frutos.

E uma das idéias do dr. Kalmus já teria sido posta em prática, se não fosse esta situação de guerra e o fato de estar a sua firma empenhada no esforço bélico.

A nova invenção do realizador do tecnicolor, aliás já provada, é um novo sistema que forçará o abandono das custosas câmaras de três filmes e três cores, tornando possivel a filmagem em cores com as câmaras comuns dos estúdios. E, assim sendo, provado fica que em 1917 já o dr. Kalmus estava no rastro, tecnicamente falando, dessa grande inovação, porem, 27 anos adiantado a si mesmo...

O homem que ganhou a guerra

(Condensado do «Atlantic Monthly»)

Robert Buckner

O autor desta narrativa, diz o Atlantic Monthly, «teve meticuloso cuidado em obter a rigorosa confirmação dos fatos, por parte das autoridades britânicas e belgas. Pode bem ser que a sua narrativa seja uma importante apostila à história da Primeira Grande Guerra.»

UMA VEZ, pelo menos, na vida de cada escritor sucede ele receber, por inspiração direta da realidade, aquilo que se pode chamar a «perfeita história». Mas o mal da grande maioria das histórias reais é a sua inverossimilhança. É muito mais facil inventar um enredo convincente, do que arrancá-lo já feito aos fatos autênticos da existência. Os arquivos oficiais não encerram a prova completa do que passo a narrar. A única evidência legal do caso deve estar inhumada numa pequena urna de pedra, algures nas praias da Flandres. . .

I

ERA numa noite do inverno de 1927, já tarde, e eu viajava no Expresso de Bruxelas, que rolava ao longo do negro vale do Rur, tão velozmente como se o assustassem os vômitos de chamas vermelhas expelidos pelos altos-fornos de aço, iluminando infernalmente as desmedidas montanhas de escórias.

—Parece o inferno, hein? observei, dirigindo-me ao meu único companheiro de viagem naquele compartimento, inglês sem dúvida alguma.

—Inferno? disse ele, e teve um riso breve.—Não está nada mau o inferno que eles fabricam aquí. Aço, aço para canhões e munições...

Depois, calmamente, como se falando com os seus botões:—Doidos, doidos! Então não bastou a lição que eles receberam na guerra passada?

Esta súbita explosão de pensamentos levou-me a estudar com mais atenção o meu companheiro de viagem: era homem de seus cincoenta anos, com uns olhos pardos, agudos, de expressão cordial. Sua bagagem constava duma valise e dum embrulho quadrado, de papel, que repousava no assento, ao lado do dono.

—Bem, disse eu—não vai ser facil tornar a arrastar a América a uma dessas. Esta coisa de «ganhar a guerra» foi um negócio que nos saiu muito caro.

—Ah?! fez ele interrogativamente. —Então o sr. tambem acha que foi a América que ganhou a guerra?

—B-bom...—tornei com inocência—se não fomos nós quem ganhou a guerra, quem foi então? Talvez que a sua suposição seja melhor que a minha...

Após um curto silêncio o inglês perguntou num tom estranho:

—Será que o sr. quer saber mesmo quem é que ganhou a guerra? Eu não estou fazendo suposições: *fui eu*. Fui eu quem ganhou a guerra!

Houve uma pausa de natural embaraço. Minha esperança era que ele fosse dos «mansos»...—O sr. já está pensando que eu estou louco, não? disse ele por fim. Repliquei:

—Muito ao contrário. E teria até prazer em saber como é que isso se passou.

Durante um bom pedaço ele ficou-me olhando, ou melhor, olhando através de mim. Depois refletiu em voz alta.

—E porque não? Até vem a propósito

neste momento. Eu me chamo Roger Bradman.

Declinei minha identidade, e apertamos as mãos.

II

—Claro é que o sr. nunca ouviu falar do «Caso Bradman», uma história de espionagem que se deu lá por 1913, começou ele.—Tudo isso se passou antes do seu tempo...

Com efeito. Mas eu lera a respeito do caso famoso, no livro do dr. Spingard, e indaguei:—Não foi esse o incidente que ia provocando a guerra entre a Alemanha e a Inglaterra? E o sr. é então *o tal* Bradman?...

—Sim, sou eu. O Serviço Secreto da Marinha me tinha mandado a Berlim para obter os planos das fortificações da Heligolândia. Bom, o caso é que os conseguí —e depois fui apanhado com a boca na botija.

«É claro que a Inglaterra alegou imediatamente que não me conhecia... Por fim, não sei por que extraordinário milagre, os alemães me deixaram sair em paz. Depois disso, andei um ano aos tombos por essa Europa, com todas as minhas despesas pagas por um dos mensageiros da rainha.

«Por fim, em 1914, quando o rastilho pegou fogo, recebí ordens para regressar imediatamente a Londres, onde me confiaram o comando do destróier de patrulha *Firedrake*, em serviço no Mar do Norte.

Nesta altura o meu inglês estendeu a mão, pegou o meu jornal, e esboçou nele um mapa rudimentar da costa belga, marcando Ostende e Nieuport e o sinuoso curso do rio Iser.

—Como deve estar lembrado (recomeçou, apontando com o lapis), a Alemanha atacou a França por três lados; em direção ao sul, através dos Vosgos; pelo centro, ao longo do Marne; e atravessando a Bélgica com um terceiro exército, sob o comando de Von Kluck. O plano dos alemães era convergir sobre París, numa série de rápidos movimentos envolventes. E não há dúvida que estiveram bem perto da sua meta!

«Depois de terem capturado Antuérpia, marcharam pela costa fora, tomando as cidades costeiras de Dunquerque, Calais e Boulogne. Essa manobra visava cortar a melhor linha de comunicações da Inglaterra, e ao mesmo tempo teria envolvido o flanco dos Aliados. O êxito dela teria acabado com a guerra logo alí.

«Entretanto, os alemães quase tinham varrido o pequeno exército belga para as águas da Mancha. Retirando dias e dias seguidos, reduzidos a migalhas pela artilharia pesada do inimigo, os belgas estavam positivamente à beira do abismo. Na noite de 28 de outubro os dois exércitos estavam a muito menos de um quilômetro um do outro, os belgas com a sua ala esquerda fincada nas dunas do Mar do Norte, quilômetro e meio ao sul de Nieuport. Os soldados estavam completamente esgotados, e dormiam de pé nas trincheiras. A situação era desesperada. O rei Alberto sabia que os alemães iam atacar de novo pelo amanhecer. Tambem sabia, e com triste certeza, que as suas tropas extenuadas nunca poderiam sustentar o ataque, e que se os alemães conseguissem romper as linhas, a guerra acabaria, pois nenhum outro obstáculo se erguia agora entre eles e a cidade de París. Pouco depois da meia-noite de 28, o rei dos belgas convocou um conselho do seu estado-maior. Quando os oficiais se reuniram, verificou-se que nenhum deles julgava a salvação possivel. Por fim, em desespero de causa, um coronel de Dragões adiantou esta temerária sugestão:

«Que se mandasse uma pequena patrulha de homens escolhidos até à praia, na extrema esquerda das linhas; a patrulha devia procurar abafar as sentinelas alemãs, e então fazer sinais para o mar, na esperança de que parte, ao menos, da esquadra inglesa que andasse alí cruzando na escuridão, avistando os sinais, viesse em socorro dos belgas, bombardeando as linhas alemãs com a sua artilharia pesada.

«A sugestão foi aceita como medida extrema. Foram escolhidos oito homens para a perigosa missão. Puseram-se a caminho das dunas de areia, arrastando-se pelo fundo das trincheiras superficiais, de baionetas prontas para entrar em ação, que seria, assim o esperavam, curta e silenciosa.

III

Chegado aquí, Bradman calou-se e ergueu o embrulho quadrado que tinha ao lado, no assento.

—E deram com a sentinela? instei eu.

—Ora, como não! continuou Bradman muito sério.—E *ferrada no sono*! Um moço de 20 anos ou pouco mais, tonto de cansaço, sentado num toro que o mar trouxera à praia, e com o fuzil apertado entre os joelhos. Tinha tirado as botinas para poder enterrar os pés doloridos na areia fria, e arregaçado as calças por cima dos joelhos.

«Um dos oficiais da patrulha deu-lhe uma coronhada na cabeça, com o revolver, e depois ataram-no de mãos e pés. Em seguida, num recanto que ficava abrigado pela elevação das dunas, os belgas fizeram uma fogueira de madeiros colhidos na praia, regando-a com gasolina. Quando a fogueira pegou bem, lançavam-lhe de vez em quando punhados de pólvora, fazendo assim uma espécie de farol de clarão intermitente.

«Ora, é nesta altura—e o inglês hesitou um instante—que eu entro. Nessa noite o *Firedrake* passava em frente da costa belga, carregando suprimentos de obuses, torpedos e algumas caixas de whiskey para a marinha. Quero dizer, *pensávamos* nós que era whiskey quando carregamos as caixas em Plymouth. As caixas tinham a marca «Cameron Highlander», que era o nome duma marca popular de whiskey. Mas ao verificarmos a nossa carga, descobrimos que as caixas continham, não whiskey mas uniformes destinados ao primeiro regimento de *Cameron Highlanders*, que estava num ponto qualquer da França! Eram 180 uniformes completos, com saiotes, barretes escoceses e tudo quanto era preciso. Bem, nessa época, erros como este cometiam-se às centenas!

«Cerca da uma da madrugada do dia 29, um dos nossos vigias enxergou a fogueira que ardia na praia. Durante muito tempo examinei com o binóculo os clarões periódicos que a fogueira lançava, e que para mim não tinham sentido algum. Nós julgávamos saber aproximadamente até onde os alemães tinham avançado, mas ninguem podia acreditar que eles já pudessem ter chegado tão longe. Ardendo em curiosidade por saber o que é que aquela luz poderia significar, dei ordem para que o meu navio se aproximasse da costa. Uma coisa eu tinha como certa: alguem estava fazendo sinais para o mar. Mandei arriar um escaler e, acompanhado de uns doze marinheiros, fui desembarcar a um quilômetro e meio ao sul da fogueira. Avançamos então cautelosamente praia adiante, até que me foi possivel reconhecer os uniformes belgas. Interpelei os homens em francês.

«Nunca em minha vida vi tamanho espanto pintado em caras humanas! Quando nos viram caminhar direitos à fogueira, os belgas precipitaram-se ao nosso en-

contro, e puseram-se a abraçar-nos chorando de alegria. Correram bem cinco minutos antes que algum deles pudesse pronunciar uma frase coerente, até que por fim o oficial traçou na areia um esboço das linhas de batalha, por meio do qual eu pude compreender quanto era desesperada a situação.

«Expliquei-lhes que os canhões ligeiros do *Firedrake* não tinham o alcance necessário para um bombardeio feito do largo. A esta má notícia o major belga ficou silencioso. Desviei a vista para evitar a angústia que se lia nos olhos do pobre homem, e dei com a sentinela alemã, que jazia na areia, um menino quase, com as calças arregaçadas e as pernas espichadas e nuas: tinha recobrado os sentidos, mas os belgas o amordaçaram.

«Fiquei durante instantes parado, olhando para os joelhos dele, e de repente me acudiram à idéia os uniformes escoceses que tínhamos no *Firedrake*. Por que não os entregar aos belgas? Uma companhia que envergasse os garridos saiotes escoceses podia alarmar as estafadas tropas de Von Kluck, e fazer-lhes crer que os ingleses acabavam de lançar nas linhas uma divisão escolhida, com as forças ainda intactas. Era um estratagema psicológico que podia muito bem dar resultado. Eu podia tambem conceder-lhes um ou dois caixotes de metralhadoras Lewis...

«Rapidamente, comuniquei o meu plano ao major, que de começo me escutou sem entusiasmo, mas por fim exclamou, agarrando-me no braço: «Sim, senhor! Ao menos, isso já é *alguma coisa*!»

«Regressei a toda a pressa ao navio; mandei arriar dois botes, e transportar os uniformes e as armas para terra. Neste meio tempo os belgas tinham destacado duas companhias para nos virem receber na praia. Foi um espetáculo que eu nunca esquecerei: 180 homens trocando os uniformes em volta da fogueira, achando uma graça infinita nos saiotes dum amarelo e vermelho vivo, e pondo os barretes de trás para diante, de modo que as fitas lhes caíam para as caras escuras e cavadas de fadiga. Montamos as Lewis para que eles pudessem usá-las.

«A nossa tarefa estava acabada cerca de uma hora antes do amanhecer. Esperamos que o último homem de saiote escocês desaparecesse nas dunas, e então regressamos apressadamente para bordo. Quando o destróier aproava ao largo, ouvimos os primeiros tiros da artilharia alemã, dando início à barragem. O último dia da primeira batalha da Flandres tinha começado...

—O dia em que os alemães foram detidos pelo rompimento dos diques do Iser! intervim eu.

—É assim que eles contam nos manuais de história, assentiu o meu inglês.—Mas quem ganhou a ação foram em realidade os saiotes escoceses... Eles, e meia dúzia de metralhadoras Lewis. Os atiradores belgas, à medida que os alemães avançavam através dos pântanos, dizimavam-nos, amontoando-se os cadávares uns sobre os outros. Foi essa talvez a mais pavorosa carnificina da guerra, depois de Verdun e Galípoli. Os metralhadores suspenderam uma ou duas vezes o fogo, deixando que os alemães se aproximassem o bastante para avistar os uniformes britânicos. E os alemães ficaram completamente descoroçoados quando viram que tinham pela frente o que julgaram ser um regimento novo, de tropas escocesas de elite. E quando, por fim, os belgas abriram os diques inferiores do Iser, a batalha estava acabada. Dessa hora em diante, a ala esquerda dos Aliados ficou salva, e até ao fim da guerra os alemães nunca mais conseguiram avançar um passo nas terras alagadas da Flandres.

IV

—Mas Santo Deus,—exclamei—o senhor nunca contou isso a ninguem? Ninguem chegou a saber?

—Bem, *houve alguem* que ficou sabendo: um homem apenas. Há três anos, passava eu em frente daquele mesmo trecho da costa, quando me ocorreu que eram passados dez anos, contados quase dia por dia, desde o meu desembarque de socorro naquela praia. Apoderou-se de mim uma invencivel curiosidade, que me impeliu a regressar àquele ponto para tornar a ver a praia. Atracamos a uma doca de Antuérpia na manhã do dia 29, e ao anoitecer desse dia eu estava em Nieuport. No hotel da vila encontrava-se apenas outro hóspede, um alemão calado e ainda novo. Chamava-se Bechtel—Gunnar Bechtel. Conhecemo-nos à hora do jantar.

«Nessa noite, já tarde, encaminhei-me pelas ruas calçadas de calhaus, em direção ao mar, e daí a pouco achava-me na praia. Caminhando vagarosamente sobre a areia endurecida, avistei um homem que estava sentado num madeiro, a pouca distância. Fiquei um tanto sobressaltado, até que, ao luar, pude reconhecer Bechtel, meu companheiro de hotel. Ri-me e, mais aliviado, dirigí-me para ele, chamando-o pelo nome.

«Alí ficamos sentados, fumando e falando, até que por fim ele me perguntou o que é que me trouxera a Nieuport pelos frios de outubro. Contei-lhe então exatamente o que acabo de lhe narrar. Lembro-me de que, quando acabei, me sentí um bocado embaraçado, como se tivesse falado demais; e resolví pôr ponto ao bate-papo, dizendo em ar de meia troça:—E aquí tem V. na sua frente, Herr Bechtel, o homem que na verdade ganhou a guerra!

«O alemão tocou-me de leve no braço, e disse com toda a calma:—E sabe o amigo quem eu sou? Eu sou o homem que *perdeu* a guerra. *Sou o sentinela que os belgas encontraram dormindo!*

«E era verdade. Havia dez anos que aquele *pecado*, como ele lhe chamava, lhe vinha roendo a conciência, a ponto de quase o fazer endoidecer; e, com a sua simples mentalidade de campônio, tinha esperado que uma visita à cena da sua desgraça o pudesse ajudar a dominar a inquietação. Assistira, depois da guerra, a todos os horrores da revolução, à fome dos seus compatriotas, e todos esses acontecimentos lhe tinham parecido ser o fruto do *seu* monstruoso crime de lesa-pátria. Porque Bechtel sabia que, se naquela noite ele não tivesse adormecido, o exército alemão teria infalivelmente entrado na capital francesa antes do Natal de 1914.

«E alí ficamos ao luar, naquele trecho da praia, olhando um para o outro, o homem que ganhou a guerra, e o homem que a perdeu. Por fim, demos meia-volta e regressamos vagarosamente ao hotel. Não havia mais nada que dizer, absolutamente mais nada. E nós caminhamos em silêncio.

—E desde então o senhor voltou a ver Bechtel? inquirí.

—Não, retrucou Bradman.—Nunca mais o vi.

O seu olhar descaiu, e fitou-se no embrulho que ele tinha ao lado.—Correspondíamos-nos uma vez por ano. Ele trabalhava numa fundição de ferro perto de Dortmund. Há uma semana escreveu-me dum hospital dessa cidade, dizendo que queria que eu lhe prestasse um serviço. Dizia-me na carta que eu havia de receber uma pequena caixa contendo cinzas e me pedia que fosse enterrá-la por ele na praia vizinha de Nieuport. É para lá que

me dirijo neste momento,—acrescentou Bradman, não sem certa emoção, —e esta é a caixa.

Desfez com carinho o embrulho, pondo a descoberto uma pequena urna funerária, de pedra, na qual havia sido gravada esta modesta inscrição: GUNNAR BECHTEL.

Verdadeira boa vizinhança

¶ A 5 DE JANEIRO DE 1943, justamente ao meio-dia, começou a incendiar-se a casa em que eu morava. No incêndio, alem dos danos materiais, perdí minha filhinha de 16 meses. Não tardou que os jornais espalhassem a notícia pelos quatro cantos. Pois bem: dentro das primeiras 24 horas, recebí 65 telegramas, provenientes de 16 estados; nos próximos dias chegaram-me 627 cartas e cartões, de pessoas que moravam em 25 estados diferentes. Centenas de pessoas enviaram-me víveres, roupas e objetos de uso caseiro. Dinheiro tambem me foi mandado, somando a importância de mil dólares. Se bem que muitas das cartas e telegramas tivessem sido enviados por amigos e gente de nossas relações, grande parte eram de pessoas que nem eu nem minha mulher conhecíamos; desses, muitos nos manifestavam sua solidariedade, dizendo-nos que tinham, tambem, perdido pessoas queridas em circunstâncias análogas. Tudo isso foi feito com grande ternura e confortante simpatia.

De um soldado recebemos 10 dólares, e um fazendeiro pobre remeteu-nos três selos. Um padre, dizendo ter tido muitos golpes cruéis em sua vida, pediu-nos que aceitássemos 5 dólares, o que muito o alegraria.

Que bem nos fez tudo isso; que consolo encontramos na bondade humana, florescente neste mundo cheio de confusão e hostilidade!

Andrew Allen

¶ UM AMERICANO chamado Franklin Waite foi convocado para o exército num momento bastante inoportuno de sua vida: acabara de comprar um lote, enchera-o de material de construção e estava pronto para começar a erigir, nas horas vagas, uma modesta casa de madeira para a família, isto é, ele, a mulher e uma filha. Já agora, convocado que estava, a construção teria que esperar até o fim da guerra.

Entretanto, sendo vigia numa fábrica de munições, esquecera-se de um fato: a estima que lhe votavam os colegas de serviço. Sabedores do que sucedera ao vigia, foram todos, ao largar o trabalho, para o lote deste, num subúrbio, e iniciaram a construção. Nessa labuta ficaram até à noite, servindo-se de luz elétrica improvisada.

Assim se esforçaram, durante cinco noites seguidas, 50 carpinteiros e doze pintores. Na véspera de sua partida para o forte, para onde fora designado, Waite assistiu aos últimos retoques na sua casa, de construção firme e sólida; comovido, e conciente agora, mais que nunca, daquilo que iria defender nos campos de batalha, observou: «Nunca vi tanta bondade na minha vida.»

Time

Prisioneiro da noite

(Condensado de um programa do Columbia Broadcasting System)

Por John Nesbitt

UMA MANHÃ, no ano de 1888, a pequena estância balneária de St. Adresse, na França, foi perturbada por misterioso crime.

Na noite anterior, um comerciante de nome André Monet, que tinha ido àquela praia acompanhado da esposa, em gozo de férias, deixou o hotel em que estava hospedado para ir tomar um banho de mar antes de recolher-se. Na manhã seguinte, bem cedo, um menino, entregador de pão, ao passar pela praia, encontrou o corpo de Monet deitado um pouco acima da linha da maré, com um buraco de bala na testa. Estava despido, tendo a roupa a seu lado, cuidadosamente dobrada. Não se encontrou arma alguma.

Quando a Sûreté—a famosa Polícia de París—foi informada do ocorrido, imediatamente telegrafou ao seu melhor detective, Robert Le Dru, incumbindo-o de ir a St. Adresse investigar o crime. Naquela ocasião, Le Dru, o herói invejado de todos os garotos da França, encontrava-se no porto do Havre, que fica a cinco quilômetros de St. Adresse.

Sendo um dos mais jovens agentes da Sûreté, Le Dru havia entretanto recebido as mais altas honrarias pelos esplêndidos serviços prestados. Dizia-se que ele, examinando as pegadas de uma pessoa, era capaz de descrever o seu tipo, e que ao cheirar as cinzas de um charuto sabia identificar a marca do mesmo.

Le Dru, porem, sabia que havia exagero nesses comentários; ele não era nenhum «assombro», na verdade. Era apenas meticuloso, organizado, paciente; quando encarregado de um caso, costumava examinar pormenorizadamente, polegada por polegada, o soalho de cada compartimento num edifício inteiro, recolhendo qualquer alfinete, qualquer fiozinho que encontrasse. Nada lhe era trabalho inutil, nada o cansava. Era homem de gastar horas inteiras à procura do dono de um botão encontrado na cena de um crime. Graças à sua extraordinária paciência, conseguira a solução de muitos dos mais intrincados crimes nos anais da Polícia de París.

Mas Le Dru pensava que, se os seus chefes tivessem conhecimento de tanta meticulosidade e persistência, isso poderia prejudicar a sua reputação, de maneira que enviava sempre relatórios exagerados sobre as suas investigações. Em vez de admitir que tinha levado, por exemplo, cinco horas seguindo um suspeito, costumava dizer que tinha, logo de início, deduzido o paradeiro do criminoso. Isso parecia admiravel posto assim no papel; mas, no intuito de manter as suas bravatas, o pobre Le Dru trabalhava a noite inteira no esclarecimento dos casos a seu cargo. Às vezes, durante longos lapsos de tempo, dormia apenas duas ou três horas por noite, e uma ocasião, no correr de toda uma semana, teve somente seis horas de repouso...

Como resultado desse excesso de trabalho, viu-se vítima de grande esgotamento nervoso e sua saude começou a

decair. Frequentemente, no meio da noite, acordava atormentado por horriveis pesadelos, nos quais se via como autor de crimes... Seu médico recomendou-lhe repouso por algum tempo, afim de restaurar os nervos combalidos, mas Le Dru não seguiu o conselho, que o proibia de dedicar-se a trabalhos tão exhaustivos.

Chegando a St. Adresse, Le Dru viu-se em face de um mistério. Os bolsos do homem assassinado não tinham sido tocados, e neles se encontravam intactas algumas centenas de francos. Uma ligeira investigação revelou que o morto não possuía inimigos, não era rico e nem tinha herdeiros alem da esposa. Mme. Monet esperara por seu marido, no saguão do hotel, até às duas e meia da manhã, e como o médico legista declarou que o crime fora cometido às duas da madrugada, a esposa ficava isenta de suspeita.

Finalmente, não podendo resolver o crime assim à primeira vista, o detective resolveu pôr em prática o seu método de laboriosa e paciente investigação. Examinou a praia num círculo de 15 metros, incansavel e minuciosamente como era de seu hábito em busca de vestígios que por acaso tivessem ficado na areia. De há muito que escurecera, mas ele ainda lá estava, auxiliado por uma lanterna, à cata de indícios, quando subitamente encontrou o que procurava. Parou então como que estupefacto.

Naquela noite, ele vagou pelas ruas de St. Adresse até bem tarde, e na manhã seguinte apresentou-se à Sûreté.

«Senhores,» disse Le Dru, numa voz muito calma: «Eu acabo de desvendar o crime! Aquí está um decalque da pegada deixada pelo assassino, quando atacou a sua vítima de costas. Calçava meias para não fazer ruido. Agora, por favor, notem certa singularidade nesta impressão. Nesta aquí, do pé esquerdo; reparem na primeira junta do dedo grande. Podem ver claramente que está faltando; não há dúvida de que esta é a pegada do assassino!»

O detective então curvou-se, e descalçou o sapato do pé esquerdo.

«Senhores,» repetiu tristemente. «Eu sou o assassino.»

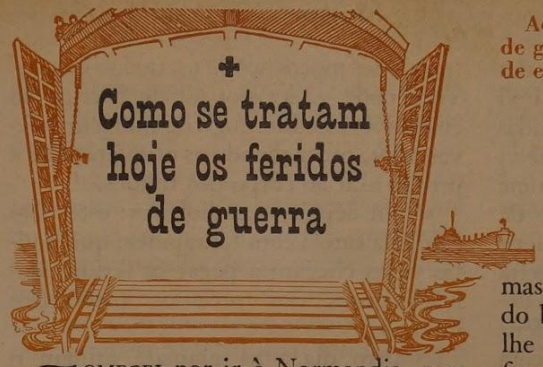
Le Dru havia perdido, quando menino, a primeira junta do dedo grande. A impressão deixada na areia correspondia exatamente à de seu pé. O pesadelo, em que ele se vira cometendo crimes, se fizera desta vez cruel realidade. Ele era criminoso!

Foi então preso e levado à barra do Tribunal de Justiça. Seu advogado, que fez uma das mais emocionantes defesas dos anais da criminologia francesa, provou, com o auxílio de um laudo médico, que Le Dru era perigoso somente à noite, quando vítima de pesadelos; durante o dia era um homem completamente normal.

«E desde que Le Dru é perigoso apenas quando dorme,» continuou o seu defensor, «por que razão condenar à morte um sonâmbulo?»

Assim foi o famoso detective condenado à prisão perpétua. Entretanto, sua sentença, por estranho que pareça, ficava suspensa todos os dias até ao cair da noite; de manhã até o sol se pôr, ele era livre para fazer o que lhe aprouvesse. Mas todas as noites, invariavelmente, tinha que se apresentar e dormir na prisão até o dia seguinte.

Durante cincoenta e um anos, Robert Le Dru serviu essa singular sentença, até que ficou livre dela—para sempre—quando, em 1939, pouco antes da queda da França, foi encontrado morto na sua cela...



Como se tratam hoje os feridos de guerra

Acompanhando passo a passo um ferido de guerra, através dum sistema hospitalar de eficiência sem rival

(Condensado do «This Week»)

Robert Littell

COMECEI por ir à Normandia, para averiguar exatamente o que sucede a cada um dos nossos soldados feridos, desde o momento em que o levam ao pronto-socorro do batalhão, logo à retaguarda das linhas, até que ele chega a um dos hospitais gerais na Inglaterra.

Visitei três postos de pronto-socorro na frente. Não conseguí chegar ao quarto, porque no momento em que estava a caminho, a artilharia pesada dos alemães começou a bombardear a estrada que alí levava. Quando vi o oficial, que amavelmente se prestara a me guiar, pular muito lesto para dentro duma trincheira, seguí-lhe o grato exemplo, e resolví deixar em paz o quarto posto.

O pronto-socorro de batalhão é, em geral, apenas isto: ao abrigo duma elevada cerca viva, encontra-se um grupo de soldados e oficiais com braçadeiras da Cruz Vermelha, todos eles com a fadiga pintada no rosto, onde prospera uma barba de três dias. Estendendo-se paralelamente à cerca, e muito perto do seu canteiro, vêem-se as trincheiras, que são bastante estreitas. Estamos ao alcance da artilharia inimiga, cujo troar se ouve perfeitamente, e o terreno lamacento, em volta, está todo cravejado de crateras recentes de obuses.

Chega um soldado na padiola: ferimento grave do pé. O pobre esforça-se por fumar o cigarro que lhe meteram nos dedos, mas a mão pálida treme-lhe. Os ajudantes do batalhão inclinam-se para ele, põem-lhe ligaduras no pé, e procuram dar-lhe firmeza à mão para que ele possa levar o cigarro até a boca.

Esta gente já está por aquí há dias, sempre correndo para dentro e para fora dos abrigos, indo rápidos à frente, que fica a algumas centenas de metros à vanguarda, caindo de sono, mas sem largar o seu trabalho por um só instante. Um dos padioleiros foi morto ainda não faz uma hora. Ontem já tinham perdido outro camarada... Só agora eu percebo porque é que tantos dos feridos com quem tenho conversado me dizem sempre: «Não vá se esquecer de elogiar os *médicos!*»

Visitei mais tarde um hospital de evacuação, instalado em vasto terreno, em tendas marcadas com grandes cruzes vermelhas no teto. Os feridos que aquí chegam nas ambulâncias, para receberem o seu primeiro tratamento cirúrgico sério, são cuidados com tanta perícia como lhes seria possivel obter num hospital de primeira ordem do seu país. E, no entanto, este hospital, com toda a sua moderna aparelhagem, quando há apenas uma semana começou a enterrar no solo as estacas das suas barracas, estava muito à vanguarda da artilharia da respectiva divisão, e durante alguns dias foi sacudido pelos retumbantes disparos de grandes canhões.

Aquí vim encontrar a melhor aparelhagem de raios X que se pode adquirir, se bem que fosse preciso pendurar os ne-

gativos lá fora, a enxugar nas cordas das barracas, como roupa lavada. Aquí vi grupos de cirurgiões efetuando delicadas e longas operações de cérebro; aquí vi tambem, repousando sem um queixume nos seus catres de lona, longas filas de combatentes, restabelecendo-se de ferimentos tão graves que, na Primeira Guerra Mundial, muitos não lhes poderiam ter sobrevivido. Homens com ferimentos do torax por onde o ar entra com um sorvo sinistro; outros, com os intestinos reduzidos a picadinho pela metralha; infelizes em cujos corpos as balas tinham andado minando como as toupeiras exploram a terra por baixo dum gramado...

«Recebemos aquí os casos considerados peores,» diz-me o oficial médico, jovem capitão de saude. «Mas repare que dos primeiros 80, só dois morreram!»

O coronel a cargo do hospital explicava-me assim este aparente milagre: «Uma coisa é preciso lembrar: estes moços, quando foram feridos, estavam em excepcionais condições de saude. Outra coisa a ter presente é que as infecções são raras, graças à prontidão com que administramos sulfamidas e penicilina, e com que cortamos os tecidos necrosados. Mas a razão principal de tantas vidas salvas são as transfusões imediatas de plasma ou sangue integral, e a imediata e habil intervenção cirúrgica.

«A grande maioria dos homens só chegam aquí uma ou duas horas depois de serem feridos. Os autênticos heróis desta luta contra a morte são os ajudantes de saude, três por cada companhia, que entram em combate com todo o seu apetrechamento, prestam os primeiros socorros, preenchem etiquetas dizendo o tratamento que se faz, e marcam o lugar onde se encontram os feridos, cravando na terra o fuzil com a baioneta calada, para que os padioleiros os possam facilmente encontrar. Esses moços apanham que se fartam! Você pode vê-los por aí, de barriga no chão, debaixo dum fogo de morteiros devastador, preenchendo as etiquetas que é preciso atar ao corpo dos feridos.

«Vêm depois os padioleiros: estes dão conta da tarefa com tal rapidez, que muitas vezes chegam a pegar os feridos alemães antes dos próprios padioleiros inimigos!

«Outro dia uma granada atingiu o pronto-socorro dum batalhão, a pouca distância de nós, e fez em tiras boa parte do pessoal. Trouxeram para aquí um capitão-médico que tinha sido atingido no cotovelo. Assim que se apanhou tratado, quis logo regressar ao seu posto: —Ainda me resta um braço em condições, (dizia ele) e alguns dedos da outra mão. Por que é que eu não havia de continuar a trabalhar?»

Tão depressa os feridos estão em condições de poderem ser removidos do seu hospital de evacuação, levam-nos as ambulâncias para as praias de embarque. Os casos de menor gravidade podem ir para os campos de convalescença, aquí mesmo na França, e daí seguem depois diretamente para a sua unidade de combate. Os casos mais sérios são levados de avião, e saem dos campos próximos.

A maioria dos feridos, porem, atravessam a Mancha em navio. Sabedor disso, fui até à Inglaterra para ver como é que os tratam, a partir do momento em que chegam ao porto. Assistí um dia, no cais, à entrada dum barco LST carregado de feridos. Estavam na minha companhia alguns oficiais médicos do exército, entre os quais o Major-General Paul R. Hawley, cirurgião-mor do teatro europeu de operações, homem de coração e de infinita energia. A ele se deve, em grande parte, a eficiente e notavel organização da rede de hospitais de invasão. Deu-me licença

para acompanhar um soldado ferido através do resto da chamada «cadeia de evacuação».

O LST, que mais parece uma fantástica baleia mecânica, toca em terra, abre de par em par as suas enormes queixadas, e lança a prancha de desembarque como uma enorme língua de ferro. Entramos pela boca do monstro e subimos à ponte dos tanques. Mais de cem feridos jazem alí em padiolas, formas corcovadas debaixo dos cobertores bem puxados até às orelhas, como meninos que dormem sossegados. Algumas daquelas cabeças estão numa imobilidade terrivel; só os olhos mexem, seguindo os oficiais médicos que vão de padiola em padiola fazendo perguntas em voz baixa, examinando os feridos, espiando lábios e pálpebras, a ver se encontram sinais de choque.

Os feridos, com exceção duns 30 que podem andar, vão sendo levados e postos nas ambulâncias que esperam enfileiradas. Executam essa tarefa soldados negros, cujos músculos funcionam com a brandura da seda. «Admiraveis rapazes,» comenta um oficial. «Parece que nasceram talhados para esta tarefa!»

Na praia, outros caminhões carregados de soldados de capacete, equipados com armas e mochilas, esperam a sua vez de entrar a bordo do LST, tão depressa ele tenha desembarcado toda a sua carga de dores e coragem. E os homens, que estão agora a caminho da França, contemplam silenciosamente aqueles que de lá regressam escorrendo sangue...

Sobre algumas das padiolas podem-se ver capacetes, botas, ou pequenas trouxas contendo objetos pessoais dos feridos; ergo do chão um pedaço de papel que caiu duma delas, e leio: «Boa sorte, e a benção do teu—Pai.» É o fecho duma carta...

Tomo lugar na ambulância, com um dos feridos que vai a caminho do seu primeiro hospital na Inglaterra. Diz-me chamar-se George. Tem uma perna bastante machucada, mas como a ferida não seja perigosa, passamos alem dos pequenos hospitais em barracas de lona, ao longo do porto, e chegamos a uma aldeia formada de tendas, tão bem arrumadas como um taboleiro de xadrês, e situada entre uma cerca de sempre-vivas e um jardim. Depositam o meu ferido num dos 15 catres que estão assentes, de pernas cruzadas, num pavimento novo de concreto. Uma fornalha aquece o interior da tenda, e em cima duma mesa há flores viçosas.

Daí a poucos minutos já estão dois médicos militares a examiná-lo, e não tarda que eu veja a espetral fotografia a raios X dum pequeno pormenor da batalha da França: é a perna direita do George, onde se nota um osso esmigalhado e rodeado de pequenas manchas brancas—os fragmentos de metal que algum alemão disparou contra ele.

Pouco depois, noutra barraca, as mãos ageis e o aço reluzente dum cirurgião arrancam o primeiro penso da ferida, deixando a nu uma horrivel cratera de carne viva. «Alguem lá na França fez um bom trabalho aquí», comenta o cirurgião. «A ferida está limpa.» Acabado o tratamento, a perna é metida numa nova forma de gesso, à qual se apõe um diagrama descritivo do ferimento, para informação dos que venham mais tarde a ocupar-se desta vítima da guerra.

Quando George volta a si e à vida, mostra-me um osso que conservou da última galinha que comeu antes do dia da invasão, e diz-me: «Entramos bem uns 18 quilômetros pela França a dentro; íamos marchando com toda a cautela ao longo duma estrada, entre ribanceiras altas, quando vi um alemão afastando com as

mãos a folhagem duma cerca, e logo em seguida o fogo da metralhadora. Quando fui atingido estava deitado na erva, que era de boa altura, e fui ficando alí até que os enfermeiros me encontraram.

«Um doutor me aplicou um curativo provisório numa velha casa de fazenda, me deu uma transfusão de plasma e um bom gole de gim pra me aquecer. Nessa casa eu vi três ratos lambendo o sangue do chão... Daí a uma hora e meia, me levaram para a praia num jipe. Alí me tornaram a dar injeções, e fizeram outro curativo. E a bordo do navio veio um médico da Marinha e me aplicou uma tala.»

Pendente do catre de George encontra-se uma lata de café, cheia de etiquetas e pedaços de papel, alguns deles rabiscados na agonia da cabeça-de-praia; esses papéis dizem-nos todos os tratamentos que o ferido recebeu: soro anti-tetânico, morfina, plasma, penicilina... O que mais impressiona é o cuidado fiel com que ele foi tratado por homens que, com certeza, trabalhavam sem descansar nem dormir, e que muitas vezes se encontravam eles próprios debaixo do fogo inimigo.

George acha-se agora, aproximadamente, no 5.º anel da cadeia de evacuação, —um hospital de retenção para onde são desviados os homens até que tenham recuperado as forças para continuarem na sua peregrinação. Vai agora passar ao 6.º anel: isto é, um hospital de trânsito, donde os homens só saem quando em condições de viajar, e de cada vez sai um trem carregado deles. Foi outrora uma grande propriedade privada, e os seus vastos gramados estão hoje recortados de áleas cimentadas, de acantonamentos cor de pixe, ligados entre si por galerias cobertas. Vêem-se enfermeiras, convalescentes que deambulam vestidos com «robes», médicos militares de bicicleta, serventes de avental branco que empurram padiolas com rodas de borracha.

A enfermaria para onde enviam George é um quarto longo e espaçoso, através de cujas janelas rasgadas entra a jorros o sol brilhante. Dos cabides pendem frascos de plasma ou glucose, que restauram os fluidos e a nutrição desses corpos debilitados. George é agora examinado por um major, que estuda a sua radiografia à luz, e lê a etiqueta azul aposta à forma de gesso. Tiram uma amostra do sangue do ferido, e remetem-na para o laboratório: verifica-se que o seu sangue está deficiente, de modo que lhe é feita uma transfusão.

Ficamos a olhar o fluido escuro, salvador de vidas, que goteja no tubo de borracha. Numa cama, ao fundo da enfermaria, está deitado um homem de uniforme caqui—um dos soldados em serviço no hospital, que repousa depois de ter doado o meio litro de sangue que está entrando agora nas veias de George. É curioso que grande parte do sangue empregado em transfusões provem dos empregados do próprio hospital. Tambem existe alí um banco de sangue, como reserva, sangue que foi recolhido num laboratório médico central, graças aos voluntários recrutados entre tropas aquarteladas na Inglaterra.

Quando chega a noite, George parece sentir-se bem, e põe-se a ler o suplemento de um jornal.

Junto dele está deitado um homem que acaba de regressar da sala de operações. Ainda sob os efeitos do anestésico, rosna, e rola a cabeça de lado para lado, na almofada, até que de repente uma enfermeira lhe dá um tapa na cabeça, e corre a chamar um médico. Daí a momentos, põem-se os dois a comprimir pausadamente as costas do sujeito, que não tarda a rosnar de novo e a mover a cabeça.

«Imagine você!» diz o médico para mim, «este esteve mesmo por um fio! Tinha parado de respirar...»

Fiquei alí dois dias, a ver como o pessoal, estafado e cheio de devoção, penava para salvar vidas, vendo os sorrisos que as suas perguntas enternecidas faziam aflorar às faces pacientes daqueles moços pálidos na alvura dos travesseiros, compreendendo o que os oficiais de saude tinham passado, quando os ouvia discutir e teimar para saber em que dia da semana é que se estava!

Entre outras atenções, George recebeu três transfusões de sangue, e de quatro em quatro horas tomava um comprimido de sulfadiazina. Já ele começa a se queixar de tantas injeções e pílulas—sinal certo de que está melhorando: «Eu queria era dar à enfermeira uma *pírula* para fazer ela dormir!»

«E fique sabendo que bem preciso!» responde ela secamente.

Outros soldados começam tambem a sentir-se melhor na enfermaria. Uma mocinha da Cruz Vermelha diz-me: «Quando perguntamos aos soldados o que é que eles precisam, muitos deles respondem: —Me tirem daquí pra fora, que eu quero voltar ao batalhão!—É preciso esconder as roupas dos feridos que já podem caminhar. Se não, alguns eram capazes de se escapulir daquí, e procurar jeito de voltar à Normandia!»

Um dia, de manhã cedo, George é posto a bordo dum trem-hospital, na companhia de algumas centenas de outros soldados. Num carro de cadeiras vão os convalescentes que já podem andar, muitos deles envergando ainda orgulhosamente as fardas esfarrapadas com que iniciaram o ataque às praias de desembarque. Atrás vêm os carros da farmácia, da sala de operações, da cozinha, onde os cozinheiros preparam sanduiches às centenas. Por fim, os compridos e impecaveis carros-enfermarias, cheirando a limpeza, onde os feridos jazem nos catres sobrepostos aos três de ambos os lados da coxia.

O major encarregado do trem percorre os carros, detem-se a interrogar, um por um, centenas de homens. «Como é, seu moço? Vai bem? Em que cidade você nasceu? Precisa de alguma coisa?»

Pode-se dizer que, com exceção de um ou dois, quase todos os estados da União Americana estão representados aquí neste trem de feridos—o melhor da América jovem, moços de bom gênio, doceis, sem queixumes, prontos a dizer e a aceitar uma piada. A maioria deles têm apenas um desejo imediato: comer. E, com efeito, não tarda que os serventes, todos de branco, comecem a passar as travessas de mão em mão. George recebe café, suco de fruta, duas enormes sanduiches. Alguns dos rapazes têm o que ler, mas é grande a falta de revistas e livros.

Quando o major pergunta a um tipo enorme, nascido na Rússia, se ele quer alguma coisa, a resposta, em voz profunda e com um forte sotaque, provoca o riso de todo o carro: «Eu quero tomar uma bebedeira!»

O trem roda devagar, e o caminho é comprido. A conversa comunica-se gradualmente de leito para leito; alguns descobrem que vêm do mesmo estado, ou do mesmo regimento—«o melhor estado do mundo!», ou «o melhor regimento do mundo!»...

Ao entardecer, os feridos chegam ao último anel da «cadeia de cura,» pelo menos na Inglaterra. E aquí, nestes campos abertos, suavemente ondulados, dúzias de cabanas parecem contemplar os distantes rebanhos de carneiros e os murinhos de pedra solta. É um dos

hospitais da meia dúzia que existem na região. No seu conjunto formam um centro aonde afluem as maiores sumidades médicas, vindas de grandes hospitais e de grandes universidades. É aqui que os especialistas prestam a cada soldado aqueles cuidados especiais que hoje seria dificil igualar em qualquer hospital civil.

Concordo com o coronel do Corpo Médico que um dia me disse: «O nosso soldado ferido está sendo tratado com muito mais cuidado do que o cidadão que, nos Estados Unidos, é atropelado por um automovel!»

Atualidades norte-americanas

¶ Uma senhora de Cleveland chamou uma empresa que se encarrega da limpeza de janelas, pedindo-lhe que enviasse um limpador.

«As suas janelas estão muito sujas, minha senhora?» perguntou-lhe o gerente.

«Certamente. Foi por isso que eu...»

«Sinto muito, minha senhora. Hoje em dia, limpar janelas muito sujas demora muito.»

—Do *Press* de Cleveland

¶ A penitenciária Estadual de Colorado anunciou que não podia aceitar mais contratos de serviço de guerra—devido à falta de mão-de-obra.

—*PM*

¶ O dono de um posto de gasolina tem um mapa da guerra de que se orgulha muito. O mapa, que ocupa uma parede inteira de seu escritório, está todo marcado com alfinetes—azues, representando os aliados, vermelhos, representando os inimigos. Destacando-se entre todos, há um alfinete branco. «Este,» explica o homem, «é Mrs. Roosevelt.»

—Jack Gordon no jornal *Press* de Fort Worth

¶ Recentemente, um velhote apareceu no Departamento de Pessoas Perdidas, em Nova York, e informou que havia quinze anos não sabia o paradeiro da mulher. O funcionário que o atendeu ficou atônito. «E somente agora é que o senhor nos informa? Não queria saber onde ela se achava, todo esse tempo?»

O velho sacudiu a cabeça, melancolicamente, e disse: «É que agora eu me sinto muito só.»

—*PM*

¶ Em mineápolis, a mulher de um sujeito chamado Allen Daugherty, depois de discutir com o dito, saltou do automovel em que viajavam, mas ficou presa pela roupa e foi arrastada uns bons trinta metros. Ao juiz, mais tarde, o marido explicou que não pôde parar o carro com rapidez, para não estragar os pneumáticos...

—*Time*

Vou começar vida nova

(Condensado de «Good Housekeeping»)

Por Stephen Leacock

Um dos últimos escritos do célebre humorista e economista, datado de pouco antes de sua morte

No momento, todos nós estamos cheios de idéias sobre a reconstrução do mundo de após-guerra. Queremos restabelecer o tráfego das estradas de ferro, inaugurar novas linhas aéreas, desobstruir as cidades. Pois eu proponho, caro amigo, que cada um comece por se reconstruir a si próprio, como um primeiro passo indispensavel na reconstrução do mundo de após-guerra; dispa-se de uma porção de coisas e bote-as fora; derrube tudo que não serve, e comece de novo; e principalmente ponha de lado as queixas e animosidades mesquinhas que a luz violenta da guerra reduziu às suas verdadeiras proporções.

Como eram triviais as coisas sobre as quais fazíamos um cavalo de batalha! Conhecí dois professores de grego que cortaram relações porque não podiam concordar sobre o mais-que-perfeito do subjuntivo... Vi amigos brigarem por causa de golfe, porque um jogava melhor, mas o outro marcava melhor os pontos.

Lembro-me de dois velhos que eram inimigos políticos ferozes. O velho Archie não falava com o velho Sidney havia dez anos. Não senhor! Archie era «Grit» e Sidney era «Tory». Você não sabe o que isso significa, nem eles sabiam tãopouco. O caso era que se sentavam todas as manhãs no botequim com seus jornais. Cada um deles então começava uma campanha de indiretas e risotas aparentemente dirigidas à freguesia do bar, mas na verdade para uso do outro. «Percebo muito bem onde é que certos Tories cretinos...», etc. E assim continuaram durante anos. Um dia o velho Sidney morreu. Vi o velho Archie no enterro, todo encolhido e silencioso, sacudindo a cabeça de um lado e de outro. Dizem que na eleição seguinte (a última em que ele votou), mudou de partido.

Por isso, enquanto é tempo, tratemos de reconhecer como essas animosidades são insignificantes—como no fundo todos nós somos bons sujeitos. Vem-me à memória uma canção inglesa de café-concerto, cujo estribilho dizia: «Ele é bom depois que a gente o conhece, mas é preciso conhecê-lo antes.» Todos nós somos assim. Tenho certeza de que o sou, e acho provavel que você tambem seja. Você pode ter um ar antipático, mas a culpa não é sua, com essa cara que Deus lhe deu. Faça que os outros percebam que é só a cara, e que o coração é amigo!

E não se esqueça de que todos podemos chegar a esse resultado, se levarmos a experiência a sério. Todos nós o conseguimos uma vez por ano, no Natal: fazemos de conta que somos muito bonzinhos, e o mundo se torna mais luminoso durante essas vinte e quatro horas, devido às alegres saudações do dia. Pois sabem que mais? É a ilusão que é a verdadeira realidade. «O mundo inteiro é um palco,» como disse Shakespeare, ou pelo menos poderia ser, se nos dispu-

séssemos a transformá-lo. Vamos! Vamos ser, nesse palco, o que gostaríamos de ser, bem de acordo com nossa verdadeira personalidade.

Vou contar por que razão desejo essa reconstrução. É que não acredito que, sem isso, seja possivel consertar este nosso mundo rebentado. Tratados e contratos, leis e compromissos, não têm valor nenhum sem o coração e o espírito do povo. No fim de contas só o espírito pode fazer mover o mundo. Quanto a mim, vou começar já. Vou fazer de conta que sou o sujeito mais amavel, mais bondoso que já pisou na rua. Você há de notar, assim que me vir. E comece você tambem. Não espere pela reconstrução das estradas de ferro, pela inauguração de novas linhas aéreas e pela reorganização do comércio, e todos os demais projetos de que tanto se fala. Não ponha a tarefa nas costas do Presidente da República. Comece a desempenhá-la você mesmo!

«Escreveu, mas não leu...»

¶ Os HERDEIROS de bens e propriedades, no Arizona, frequentemente encontram, entre os papéis deixados pelo morto, um velho documento, assinado por um grande de Espanha, da Baronia de Arizonac, garantindo terras à família. Mas, quando procuram reivindicar a sua herança, descobrem que o precioso documento não tem valor algum, ou que se trata de uma das maiores piratarias havidas naquelas terras.

Há mais de cincoenta anos, um sujeito imponente apareceu no território do Arizona e anunciou que era Dom Jaime Addison de Peralta Reavis, e que vinha tomar posse de uma vasta baronia que havia sido doada aos seus antepassados em 1748 pelo Rei da Espanha. Trazia consigo cópias dos respectivos documentos, reconhecidas por tabelião, e o governo dos Estados Unidos, obrigado por tratado a honrar as concessões de terras feitas pela Espanha neste país, procedeu a investigações e confirmou as pretensões de Dom Jaime, o qual entrou assim na posse das terras mais valiosas do território.

A Estrada de Ferro Southern Pacific teve que pagar 50 mil dólares, pelo direito de atravessar as propriedades de Dom Jaime. A mina Silver King pagou-lhe quantia semelhante, pelos direitos de exploração do sub-solo. E os donos de terras tiveram que lhe pagar tributos, de acordo com as suas posses. Em poucos meses, Dom Jaime estava riquíssimo.

A gente do Arizona mandou buscar na Espanha os documentos originais cujas cópias Dom Jaime apresentara, e os peritos declararam que eram autênticos. Quando os documentos iam ser devolvidos para a Espanha, um impressor, de nome Tom Weedin, pediu para examiná-los. E descobriu que um dos documentos, datado de 1748, tinha sido impresso com um tipo do ano de 1875, e outro, datado de 1787, tinha a marca de água de uma fábrica de papel de Wisconsin, fundada em 1866.

Estava descoberta a trapaça. Dom Jaime confessou que tinha falsificado os documentos e introduzido os mesmos nos arquivos dos mosteiros da Espanha. Apurou-se que o seu verdadeiro nome era Jim Reavis, de Missuri, onde tinha sido cocheiro. Foi metido numa prisão, mas os papéis por ele forjados não foram eliminados de uma só vez, e até hoje, de vez em quando, criam casos...

—Oren Arnold no *Saturday Evening Post*

Epopéia de pesadelo—como um punhado de homens lutaram contra a morte nas Ilhas Salomão

Vontade de viver!

(Condensado do «New Yorker»)

Por John Hersey

Correspondente de *Time* e *Life*, autor dos livros *Into the Valley* e *A Bell for Adano*

CERTO DIA de agosto de 1943, um oficial dum esquadrão de moto-torpedeiros com base nas Ilhas Salomão, escrevia à família estas palavras carregadas de amargura:

... A noite passada George Ross perdeu a vida por uma causa em que acreditava mais firmemente do que qualquer de nós, porque era um idealista no mais puro sentido da palavra. Jack Kennedy, filho do ex-embaixador, estava no mesmo bote e perdeu tambem a vida. O homem que um dia disse que a guerra devora a nata duma nação, nunca poderá ser acusado de ter exagerado uma cruel verdade...

Dois dias depois o esquadrão ouviu missa pelas almas de Kennedy, Ross e dos outros onze tripulantes do PT 109.

Mas o luto que entristeceu a base dos PT era prematuro: segue-se o relato do que realmente sucedeu. Por ele se vê bem que, entre tantos horrores da guerra no Pacífico, uma coisa brilha consoladoramente: o invencivel desejo humano de viver!

O PT 109, sob o comando do Tenente John F. Kennedy, andava uma noite, por sinal escura e sem estrelas, patrulhando o estreito de Blackett, no grupo central das Ilhas Salomão. Cerca das 2 e meia da manhã, estando ao leme, Kennedy reparou que George Ross, que ia instalado na proa a explorar a escuridão com o seu binóculo de campanha, se virava para trás e apontava qualquer coisa. O homem de vigia à metralhadora da proa bradou: «Navio a boreste!»

Kennedy entreviu uma forma nas trevas, e fez girar o volante para se pôr em posição de ataque; mas o moto-torpedeiro, que marchava com um só dos três motores a funcionar, para fazer o mínimo de onda e evitar que o avistassem de algum avião, reagiu com demasiada lentidão. A vaga forma definiu-se: era um destróier japonês que cortava noite fora a 40 nós, e vinha de proa em cima do moto-torpedeiro... As mãos dos tripulantes ficaram crispadas um momento nas armas e instrumentos, e o destróier embateu como um raio no 109, rachando-o de meio a meio. Kennedy só teve tempo de pensar: «É assim que se morre...» Um instante depois encontrava-se na ponte, deitado de costas, olhando o casco do destróier que cortava a embarcação ao meio.

Abaixo da ponte encontrava-se apenas o maquinista McMahon. O choque arre-

messou-o violentamente contra um anteparo de metal. Os tanques de combustivel sopraram sobre ele uma tremenda baforada de chamas. Ergueu as mãos à cara, dobrou as pernas e ficou assim, encolhido, à espera da morte. Mas logo em seguida sentiu-se submergido pela água, cujo sorvo irresistivel o arrastou bem para o fundo, enquanto se afundava tambem a metade do barco em que ele se achava. Começou a debater-se nas águas para voltar à superfície: por cima da cabeça, como num telhado de vidro, viu um clarão amarelo fulgurando: era a gasolina que ardia, espalhada à superfície! Rompeu até em cima, e encontrou-se rodeado de labaredas. Então começou a espadanar desesperadamente, para afugentar o fogo e manter à sua volta uma ilhota de água.

O outro maquinista, Johnston, estava dormindo na ponte quando se deu a colisão, que o atirou borda fora. O turbilhão deixado na esteira do destróier arrebatou-o para o fundo, fê-lo dar voltas e viravoltas, sacudiu-o, e amolgou-lhe as costelas. No dia seguinte tinha o corpo coberto de nódoas negras e azues, todo machucado da sova.

Entretanto, os compartimentos estanques da metade dianteira do barco, onde estava Kennedy, mantiveram-no em flutuação. O destróier continuou a sua marcha na escuridão, sem dar pelo sinistro, e de repente caiu um sossego medonho: só se ouvia o estralejar da gasolina em chamas, derramada no mar.

—Quem está a bordo? berrou Kennedy.

Responderam as vozes enfraquecidas de três tripulantes, McGuire, Mauer, e Albert, e a de um oficial, Thom.

Um por um, os sobreviventes que flutuavam no mar foram respondendo à chamada do Tenente Kennedy: Ross, terceiro oficial; Harris, McMahon, Johnston, Zinsser, Starkey, todos tripulantes. Dois não responderam: Kirksey e Marney, tambem marujos.

Através da treva Harris gritou: «Mr. Kennedy! Mr. Kennedy! O McMahon está muito ferido!»

Para alguma coisa Kennedy tinha feito parte do time de natação da Universidade de Harvard, cinco anos atrás: deu um mergulho e pôs-se a nadar em direção a Harris e McMahon, que estavam a uns 90 metros de distância, pegou o ferido, e rebocou-o de regresso ao que restava do PT. Uma brisa leve soprava, empurrando o barco devagar para longe dos nadadores: levou-lhes 45 minutos a vencer um percurso que começara por ser inferior a 100 metros. De caminho, Harris, que tinha uma perna contusa, declarou que não podia avançar mais. Kennedy disse para Harris, seu conterrâneo: «Com essa fita toda, você nem parece da minha terra!» Harris não se queixou mais, e venceu a distância até ao casco do torpedeiro... Então Kennedy foi nadando de homem para homem, para verificar que tal lhes iam correndo as coisas. Todos tinham os seus cintos salvavidas, mas os que não sabiam nadar, foi preciso levá-los a reboque para o resto do torpedeiro. Todas essas operações de salvamento absorveram umas três horas.

Os náufragos espicharam-se em cima do tombadilho inclinado, e alguns cairam imediatamente num sono de chumbo. Os outros falavam agora da maravilha que é sentir-se vivo...

Quando rompeu a manhã, os náufragos avistaram a três milhas para nordeste o imponente cone da ilha de Colombangara, onde, como eles bem sabiam, pululavam cerca de 10.000 japoneses. Para oeste, a cinco milhas de distância, avistava-se Vela Lavela: mais japoneses! Para o sul, a uma milha apenas, mais ou menos,

podiam distinguir à vista desarmada um acampamento em Gizo. Kennedy ordenou aos seus homens que se conservassem agachados ou deitados, para que de longe não fosse possivel avistar silhuetas em movimento, recortadas no horizonte. O casco do moto-torpedeiro, todo inclinado, vomitava bolhas de ar e ia-se afundando lentamente.

McMahon, com as suas horrorosas queimaduras, e Johnston, que tossia constantemente por causa dos gases de combustão da gasolina que lhe tinham entrado nos pulmões, precisavam de estar deitados, e o espaço ia-lhes faltando. O comandante ordenou que os homens restantes pulassem dentro da água, e deu ele mesmo o exemplo. Passaram toda aquela manhã agarrados ao casco flutuante, maldizendo a guerra em geral, e os PT em particular... Perto das dez da manhã o casco exalou um suspiro úmido, e virou de quilha para o ar, como uma tartaruga. McMahon e Harris tiveram que ficar suspensos o melhor que lhes foi possivel.

Tornava-se agora evidente que os restos do 109 não tardariam a ir a pique. Kennedy, apontando para uma ilhota dum grupo que distava deles umas três milhas a sueste, disse: «Vamos nadar até aquela ilha. Temos menos probabilidades de chegar lá do que de alcançar algumas das outras, mas tambem há menos probabilidades de haver japoneses alí.» Os homens que não podiam nadar bem agruparam-se à volta duma grande trave que a colisão arrancara do barco e deixara a flutuar; para que ela não se afundasse, ataram-lhe alguns pares de sapatos, e bem assim a lanterna do barco, embrulhada num casaco salvavidas.

Kennedy agarrou com os dentes na ponta duma comprida presilha do cinto de McMahon, e foi nadando de peito e rebocando o ferido, que estava incapaz de se mover. A água salgada entrava-lhe na boca por entre os dentes fincados na presilha, e não havia outro jeito senão engulí-la.

Levaram cinco horas para alcançar a ilha, que não chegava a ter cem metros de diâmetro. Exhausto, Kennedy atirou-se no chão; andava naquela faina havia 15 horas e meia, com poucos minutos de intervalo passados de quando em quando no casco do torpedeiro. Seu estômago estava carregado de água salgada, que fora forçado a engulir. Mas não parou de pensar um instante. Noites e noites seguidas, o seu moto-torpedeiro cruzara o Passo de Ferguson todas as noites, a caminho da ação. Ora, o Passo de Ferguson ficava mesmo para lá da ilhota mais próxima. Quem sabe se...

A certa altura ficou em pé. Tirou as calças, pegou um par de sapatos, pôs um salvavidas de borracha à cintura, suspendeu do pescoço uma .38 presa a um fiador. Pegou na lanterna do barco, pesada com a sua bateria própria, ainda então embrulhada num casaco estofado de paina. E disse: «Se eu encontrar algum

barco, aceno duas vezes com a lanterna. A senha é *Roger*, e a contra-senha *Willco*. Entendidos?»

Kennedy gastou duas horas de natação para atingir o recife que envolvia a ilha mais próxima. Por essa altura já estava escuro. Com água pelo peito, pôs-se a caminhar então ao longo do recife desigual, aos tropeções como um ébrio em câmara lenta, e abraçado à lanterna. As agudas arestas de coral cortaram-lhe as canelas e os artelhos. Eram perto das nove horas quando atingiu o extremo do recife, que acompanhava o Passo de Ferguson. Descalçou então os sapatos, atou-os ao casaco de salvamento, e enfiou pela água onde não dava pé. Nadou assim perto de uma hora, até lhe parecer que estava suficientemente ao largo para interceptar a passagem dos moto-torpedeiros que acaso alí viessem ter. Batia com os pés para se manter verticalmente na água, com arrepios percorrendo-lhe a carne, segurando a lâmpada, ao mesmo tempo que estava de ouvido à escuta para perceber o ruflar abafado de algum motor amigo.

Olhando para oeste viu subir no céu os foguetões iluminantes que davam de longe a falsa impressão dum arraial festivo: a dez milhas dalí, combatia-se em Gizo. E Kennedy compreendeu então que os PT tinham escolhido, pela primeira vez em muitas noites, dar a volta por Gizo em vez de cortarem pelo Passo de Ferguson! Não restava pois esperança.

Deu meia volta, e começou a nadar por onde viera. Mas já não era a mesma coisa: sentia-se fatigado, e a corrente, muito forte agora, arrastava-o para a direita. Percebeu que não seria capaz de alcançar a ilha a nado, de maneira que fez um sinal com a lanterna e gritou «Roger! Roger!» para se identificar.

Os homens, vendo a luz e ouvindo os brados, pensaram que Kennedy tinha encontrado algum moto-torpedeiro. Puseram-se a caminho do recife, água adentro, e ficaram alí à espera. Esperaram e tornaram a esperar, mas não viram nada alem da fosforescência do mar, e nada ouviram senão o marulho das vagas. Regressaram, profundamente descoroçoados, às suas posições.

—Vamos morrer aquí, lamentou um deles. E Johnston retrucou:

—Cale a boca! Você ainda não morre desta. Só quem é bom é que morre tão novo...

Kennedy tinha ido à deriva mesmo em frente da ilhota. Pensou que nunca na sua vida se vira em tamanhas dificuldades, mas uma coisa ele fez que mostra que, embora talvez inconcientemente, não tinha perdido de todo a esperança. Largou os sapatos, mas aferrou-se obstinadamente à lanterna, símbolo do seu contacto com os camaradas. Renunciou a lutar com as ondas, e deixou de nadar. Parecia que nada mais lhe importava agora. Entregue ao elemento, o seu corpo derivou à toa durante horas, e ele sentia muito frio. Pouco a pouco, a escuridão e o tempo foram tomando, no seu cérebro, o lugar do pensamento. Dormiu ou delirou durante muito tempo, ou flutuou numa crise de calafrios.

As marés, em volta das Ilhas Salomão, puxam e sorvem as águas em todos sentidos, fazendo rodopiar as correntes marítimas das maneiras mais inesperadas. Jack Kennedy derivou pois, descrevendo um círculo imenso — passou em frente de Gizo caminho de oeste, depois de Colombangara para norte e este, e finalmente descaiu para o sul. Quando por volta das seis a luz da manhã rompeu, viu-se de novo no Passo de Ferguson—exatamente no lugar onde se encontrava na noite anterior, quando avistara aqueles clarões para alem de Gizo! E pela segunda vez se pôs a caminho «de casa», se assim pode dizer-se. Pareceu-lhe por momentos que tinha perdido o juizo, e na sua alucinação julgava estar repetindo imaginariamente a sua tentativa do dia anterior, para atingir a ilha. Mas o frio da água é que não tinha nada de imaginário, e ele fazia progressos consideraveis. Desta vez alcançou a ilha de verdade, e arrastou-se pela praia acima. Estava vomitando quando os seus companheiros se aproximaram. Disse só: «Ross, esta noite quem tenta é você.» E perdeu os sentidos.

Pela tarde Ross atravessou a nado para a ilha B, levando consigo uma pistola para dar sinal, e passou toda a noite a espiar a passagem de algum barco pelo Passo de Ferguson: mas de barco nem sombra.

Na manhã seguinte todos aqueles homens se sentiam acabrunhados. Alguns rezavam, e Johnston resmungou: «Vocês me amolam. Não deram nem um tostão pra igreja em dez anos, e agora, vendo-se de repente nesta encrenca, começam logo a chamar Deus!»

Quando Ross voltou, Kennedy decidiu que o grupo se transferisse para uma ilhota mais extensa, a sueste, onde parecia haver mais coqueiros, e onde os náufragos se encontrariam mais perto do Passo Ferguson. Mais uma vez levou McMahon a reboque, pelas presilhas do salva-vidas presas entre os dentes, e os restantes nove homens agrupados em volta da trave de madeira. Só nessa travessia levaram eles três horas.

O que maior sofrimento lhes causava era a sede, e quando alcançaram a ilha correram a apanhar os cocos que viram caidos por terra, partiram-lhes a casca e beberam sofregamente a água. Kennedy e McMahon, que foram os primeiros a beber, ficaram enjoados, e os outros já beberam com mais moderação. Como durante essa noite choveu, alguem sugeriu que se refugiassem no mato, onde poderiam matar a sede lambendo as gotas de chuva depositadas na folhagem. Quando amanheceu viram que todas as folhas estavam revestidas de excrementos de aves! Irritados, batizaram o lugar com o nome de Ilha dos Pássaros.

Naquele dia, que era o quarto da sua odisséia, os homens sentiam-se sem coragem. Até Johnston, o «humorista», estava deprimido. McGuire tinha um rosário, e Johnston acabou dizendo: «Vamos ver, reze um pouco aí.» Ao que McGuire respondeu com suavidade: «Está bem: eu rezo por todos.»

Ainda nessa altura o tenente Kennedy se recusava a admitir que não houvesse esperança de salvamento. Perguntou a Ross se ele seria capaz de nadar na sua companhia até a uma ilha chamada Nauru, que ficava a sueste daquela. Ambos se sentiam já muito fracos mas, apesar disso, ao fim duma hora de esforços, tinham chegado à ilha.

Puseram-se então a caminhar penosamente através de Nauru, em direção ao Passo de Ferguson. Por sorte, encontraram na praia uma caixa de bombons japoneses e de bolachas, um cantil com água, e uma canoa de um só tripulante. Banquetearam-se regiamente! Caida a noite, Kennedy tomou lugar na canoa com o cantil, e entrou pelo Passo de Ferguson. Mais uma vez não apareceu nenhum PT, e não teve remédio senão remar a caminho da Ilha dos Pássaros, onde distribuiu pelos seus homens uma pequena ração de bolacha e água doce.

Antes do amanhecer já Kennedy partia novamente para juntar-se a Ross; mas no caminho levantou-se vento e a canoa

fez água. Vindos como do céu, surgiram então alguns indígenas numa canoa, que socorreram Kennedy e o levaram para Nauru. Chegados alí, mostraram-lhe onde estava oculta uma canoa para dois homens. O tenente levantou do chão um coco de casca macia, e com a sua faca de mato gravou nela a seguinte mensagem: ONZE VIVOS. INDÍGENA SABE POSIÇÃO E RECIFES ILHA NAURU KENNEDY. Depois, dirigindo-se aos seus salvadores, disse: «Rendova! Rendova!»—para lhes indicar a ilha onde estava situada a base dos torpedeiros.

Os naturais pareceram compreender o recado, e, agarrando no coco, meteram-se à água.

Ross e Kennedy ficaram todo o dia num estado de confusão doentia. Ao escurecer, a conciência voltou a Kennedy, que persuadiu o companheiro a ir com ele até ao Passo de Ferguson, na canoa de dois. Ross mostrou-se contrário à idéia, mas Kennedy insistiu. Partiram juntos. Quando, porem, já navegavam no estreito, o vento levantou-se de novo, as ondas cresceram, e daí a pouco chegavam a quase 2 metros de altura. A canoa não se aguentou, e encheu-se de água. Ficaram os dois agarrados ao casco, Kennedy à proa, e Ross à popa. A maré foi-os arrastando para mar aberto, obrigando-os a lutar, batendo desesperadamente com os pés para empurrar a canoa em direção à ilha de Nauru. Andaram nessa luta com o mar outras duas horas.

Entretanto o tempo foi peorando, e a chuva desabou tão cerrada que não se podia ver nada alem de 3 metros de distância. Então Kennedy atreveu-se a gritar: «Desculpe ter trazido você até aquí, George!» E Ross replicou da outra ponta: «Agora era o caso de eu perguntar a você quem é que tinha razão, mas não pergunto!»

Nisto avistaram pela frente uma linha branca de espumas, e chegou-lhes aos ouvidos um estrondo pavoroso: eram as vagas, rebentando contra um recife de coral! Demasiado tarde para evitar o escolho, o que havia a fazer era deixar-se ir e esperar.

Uma onda despregou do casco as mãos de Kennedy, arrebatando-o para longe da canoa, e fazendo-o andar às cambalhotas entre as espumas. Tinha um trovão de água nos ouvidos, os seus olhos rolavam nas órbitas, e, pela terceira vez depois da colisão com o destróier, ele pensou que ia morrer. Mas por sorte as ondas não o sacudiram contra as arestas do recife, e ele encontrou-se flutuando calmamente numa espécie de remoinho. E de repente sentiu debaixo dos pés a firmeza dum apoio: era o recife. Gritou: «George!» mas não obteve resposta. Pensando com remorso que ele é que tinha teimado em arrastar o companheiro na canoa, gritou de novo: «George!» Desta vez Ross respondeu: tambem ele fora arremessado sobre o recife, mas, menos afortunado, tinha o braço direito e o ombro cruelmente lacerados pelos corais, e os pés, que já vinham infectados dos ferimentos anteriores, tinham recebido mais alguns golpes.

Afinal conseguiram chegar à praia ao fim de muitos esforços, e cairam na areia, para dormir. Pela manhã ouviram um rumor que os despertou: olhando para cima, deram de cara com quatro robustos indígenas, um dos quais disse em excelente inglês: «Tenho uma carta para o senhor.» Kennedy rasgou o envelope. A nota dizia: «Serviço de Sua Majestade. Ao Senhor Oficial encarregado em Nauru. Acabo de ter conhecimento da sua presença na Ilha Nauru. Sou comandante da força de infantaria neo-zelandesa que patrulha a Nova Geórgia. Aconselho que

venha ter comigo em companhia destes naturais. Ao mesmo tempo vou pôr-me em comunicação pelo rádio com as autoridades americanas em Rendova, e poderemos fazer planos para recolher o resto da sua gente. Tenente Wincote.»

Trocaram apertos de mão, e os quatro indígenas levaram Ross e Kennedy na sua canoa de guerra, passando pela Ilha dos Pássaros para dar a boa nova aos companheiros. Alí, os naturais fizeram um abrigo de folhagem para McMahon, cujas queimaduras já cheiravam mal, e para Ross, cujo braço inchara tanto que parecia uma perna. Depuseram então Kennedy no fundo da canoa, cobrindo-o com linhagem e palmas para que os japoneses o não pudessem avistar de bordo de algum avião, e fizeram-se à água para o longo percurso até Nova Geórgia. Quando aproaram à praia, o tenente Wincote aproximou-se e disse com formalidade: —Como está? Eu sou Wincote.

—Alô! respondeu Kennedy, e declinou a sua identidade. Wincote disse: —Venha à minha tenda, tomar uma chícara de chá.

Nessa noite Kennedy sentou-se na canoa de guerra, para esperar num certo ponto de encontro que fora combinado pelo rádio com a base dos moto-torpedeiros. A lua pôs-se às 11 e vinte, e pouco depois Kennedy ouvia o sinal—quatro tiros. Respondeu atirando outros quatro.

Uma voz gritou no escuro:—Jack!

—Onde é que vocês estavam? disse Kennedy.

Um moto-torpedeiro aproximou-se e parou. Kennedy pulou a bordo, e ajudou a puxar os seus homens para dentro do PT. Depois o torpedeiro foi à Ilha dos Pássaros buscar o resto do grupo, e arremeteu a toda a pressa para a base. O médico do esquadrão tinha mandado aguardente para ajudar a reanimar os homens, enfraquecidos pelas privações e a luta com os elementos. Johnston sentiu nessa altura a necessidade de um cordial, de alguma coisa que o restituisse à vida... Era mesmo dum cordial que ele estava precisando, bem o sentia! Depois de enxugar a garrafa muito bem, retirou-se para a ponte e foi-se sentar com os braços passados sobre os ombros de dois roliços naturais que tinham algum treino das missões protestantes. E, apanhando em cheio na cara a brisa fresca que a marcha rápida do barco levantava, caminho da base, cantaram os três em coro um hino que, por acaso, todos conheciam.

Anjos da guarda

¶ Dois jovens apaixonados, que procuravam um lugar isolado para se abraçarem à vontade, deparavam com gente e mais gente em toda parte. O rapaz teve então uma idéia, e levou a pequena para a estação da estrada de ferro. Aí, colocando-se junto da porta de um vagão, como se se estivesse despedindo, beijou a pequena demoradamente. Depois de terem repetido o truque quatro ou cinco vezes, um carregador se aproximou deles e murmurou com simpatia, ao ouvido do jovem:

«Leve a moça para o ponto final da linha de ônibus. Os ônibus partem de três em três minutos!»

—*Jinx*

«Devo minha carreira a ter perdido uma perna»

O conhecido técnico em aeronáutica acha a vida rica, excitante, dramática—não apesar da sua invalidez, mas devido a ela.

(Condensado do «Ladies' Home Journal»)

Pelo Major
Alexander P. de Seversky
Autor de «A Vitória pela Força Aérea»

DEVO EM grande parte a minha carreira ao fato de ter perdido, durante a Primeira Grande Guerra, a minha perna direita. O que então me pareceu ser um triste fim, não foi na verdade senão um brilhante reinício. Afirmo-o com toda a sinceridade. A mutilação do meu corpo acordou em mim forças e aptidões que jaziam adormecidas; pôs em foco energias mentais que, a não ser por esse fato, se teriam dissipado; reforçou meu interesse por estudos que, em circunstâncias diferentes, me haveriam escapado.

Em 1915, quando eu fazia parte da aviação russa, oferecí-me voluntariamente para tomar parte numa expedição de bombardeio contra navios de guerra alemães no Báltico. Meu avião foi atingido e, ao pousar na água, explodiram as bombas que ainda não tinham sido lançadas.

Lembro-me perfeitamente de ter sido atirado ao ar e depois ter começado a afundar. A seguir, voltei à superfície e conseguí reunir forças bastantes para poder agarrar-me a um pedaço de asa que flutuava.

Atordoado pelas dores, apalpei-me por todo o corpo, achando, no lugar onde devia estar a minha perna direita, o «nada» formado por uma massa tépida e mole. Uma idéia impossivel arrepiou todos os meus doloridos nervos. Aos 21 anos eu me achava inutilizado! Estava acabada a minha vida, mesmo que conseguissem afinal salvar-me.

Fui recolhido por um destróier russo e passei vários meses em hospitais. Mas, à medida que me ia habituando a usar as muletas, aprendendo ao mesmo tempo a saltar mesas e cadeiras com o seu auxílio, o meu desespero foi diminuindo. O que sobejava era um desafio a quanto havia de mais forte no meu carater. Por mais que os médicos e os meus colegas me afirmassem o contrário, eu sabia que havia de voltar a voar. Sabia tambem que muitas coisas, que eram normais para outras pessoas, seriam glorificadas em mim, em virtude da minha invalidez.

Ainda de muletas, voltei para o trabalho de guerra, como Inspetor chefe da Aviação Naval do distrito de Petrogrado. Ligado fisicamente à terra, sentia voar a minha imaginação. O desenho, a engenharia e a produção de aviões deslumbravam-me. Comecei a pôr mais armamento nos aviões a meu cargo; instalei reparos flexiveis para metralhadoras; e até fiz experiências com chapa blindada nos hidroplanos, inovação surpreendente naquele tempo.

Como resultado direto da minha invalidez, meu espírito foi conquistando novo mundo de interesses. Até ao momento do meu desastre, a aviação para mim tinha sido uma espécie de esporte superior. Mas agora eu começava a seguir com entusiasmo as maravilhas da aerodinâmica.

Quando finalmente me puseram a perna artificial, julguei que nunca seria capaz de habituar-me a ela. Parecia-me que teria de arrastar toda a vida um peso de mil toneladas. Era horrivelmente doloroso. Isso foi antes do progresso verdadeiramente impressionante realizado neste ramo durante a última geração. Pouco a pouco me fui habituando ao novo membro, começando a considerar o meu caso mais como uma distinção do que como uma desvantagem.

O meu desejo de voar não diminuiu. Ao inspecionar aviões, tive muitas oportunidades de sentar-me nas cabines dos pilotos durante horas seguidas, onde, sob pretexto de experimentar os comandos, eu provava realmente a resistência e flexibilidade da minha perna artificial.

Um dia fui mandado para uma estação naval no Mar Negro, para dirigir a montagem duma quantidade de hidroplanos pesados de bombardeio. Ao chegar, descobrí que estava marcada uma demonstração aérea na presença dos oficiais mais elevados do exército e da marinha. Na manhã dos grandes exercícios, um dos aviões executou evoluções extraordinárias, causando a admiração dos eminentes dignitários. Voou em espiral, girou sobre si mesmo, fez cambalhotas, caiu em folha morta, picou e ergueu-se com enorme velocidade. Finalmente aterrou, saindo dele o piloto desconhecido de Petrogrado —com uma perna só!

O comandante da estação naval, enfurecido por eu ter voado sem licença, deu-me ordem de detenção nos meus aposentos. Mas a história chegou, de qualquer maneira, aos ouvidos do Czar Nicolau II, que me fez reintegrar na aviação. Antes do fim da guerra eu tinha a meu cargo o comando dos aviões de caça do Mar Báltico, com o grau de comandante—e com treze aviões alemães destruidos a meu crédito.

O fato de ter conseguido um récorde, apesar da minha invalidez, deu-me glória dobrada, que eu certamente não merecia. Para mim mesmo, eu sabia que muito do meu êxito em combate era devido a essa invalidez, a qual me forçara a tomar precauções, a desenvolver perfeições técnicas, a submeter-me a um treino, que, se eu tivesse ambas as pernas, nunca teria realizado.

Dado que voar era para mim um esforço maior, eu estudava constantemente os fenômenos aerodinâmicos e fazia experiências para melhorar alguns instrumentos de aviação. Para reduzir o peso da minha perna de madeira, inventei vários dispositivos. Para os hidroaviões, desenhei esquís que podiam baixar-se ou recolher-se, tendo sido adotados pela marinha russa, um aperfeiçoamento dos quais serviu a Sir Hubert Wilkins no seu vôo polar. Concebí tambem uma mira de bombardeio, ponto de partida da primeira mira completamente automática.

Quando, em 1917, a Rússia cessou as hostilidades, vim para os Estados Unidos, onde oferecí meus serviços à aviação americana, na esperança de voltar ao combate. Mas, por ter uma perna artificial, foi-me dada uma posição de engenheiro, no Ministério da Guerra, trabalhando na produção de aviões de caça SE-5. E assim estive em contacto ainda mais imediato com as figuras de destaque nas novas forças áereas americanas. Por fim organizei a Seversky Aircraft Corporation (agora Republic Aviation Corporation) e construí aviões de caça para o exército dos Estados Unidos. E tenho hoje a satisfação suprema, como cidadão americano, de saber que um avião de caça, concebido por mim, está combatendo brilhantemente pelo nosso país.

Cedo descobrí que o mais dificil de vencer não é a incapacidade física, mas

sim o estado mental que dela deriva. O mundo tem sua maneira de encarar o homem segundo o que ele vale—foi a minha conclusão. Se ele consente que a sua condição o torne temeroso e tímido, só preocupações despertará nos outros. Mas se conquistar a própria dignidade, todas as pessoas do seu conhecimento facilmente lhe tributarão o respeito que merece.

Pouco tempo depois, eu era capaz de falar da minha invalidez com a mesma naturalidade com que outros homens se referiam à sua completa calvície ou qualquer outro desagradavel defeito físico. A adaptação não foi facil. Muitas vezes os amigos manifestavam um bem intencionado ar piedoso, que me magoava profundamente. O melhor conselho a dar aos que têm seus membros intactos, ao lidarem com os que os não têm, é esquecer o assunto—não evitá-lo ou fazer-se de conta que não se viu nada: mas, sim, tratar o caso, como uma circunstância pouco importante. Se se analisar bem, é afinal de contas coisa secundária. Considerando a habilidade de um homem e o seu carater essencial, uma perna mais ou uma perna menos é de fato mero incidente.

Cada ano fui readquirindo habilidades físicas, que julgara ter perdido para sempre. Maior agilidade e mais força nas mãos e nos braços foi a compensação pela perda da perna. Adquirí a convicção de que não podia mover-me tão rapidamente como os outros—e isto causava-me certa desvantagem em alguns esportes, como no tenis, por exemplo. Mas no golfe onde direção, equilíbrio e coordenação contam mais do que velocidade, eu podia igualar-me a outros praticantes desse esporte.

O esforço para aprender de novo a patinar não foi facil; mas o orgulho que sentia por ter conseguido realizá-lo, compensava-me amplamente do esforço empregado. É curioso notar que a natação é o exercício físico mais facil para uma pessoa com uma perna só. Porque o peso do nadador a quem falta uma perna é menor que a sua deslocação de água, e por isso aumenta o seu poder natural de flutuação.

A impressão de que outras pessoas notavam a minha condição física, na praia ou no trampolim, deixou de preocuparme. Pelo contrário—e isto tambem é uma das maravilhas humanas—atingí uma espécie de orgulho interior. Era como se trouxesse sempre comigo o símbolo da minha completa vitória sobre todas as dificuldades.

Certa vez um amigo meu, da força aérea americana, convidou-me a sair com a namorada dele e outra moça que eu não conhecia. Fui-lhe apresentado; era Evelyn Olliphant, por quem me apaixonei rapidamente. Com ela voei, e fiz passeios de automovel; tambem nadamos juntos. Se houve jamais algum sentimento de timidez entre nós, pelo fato de eu ser aleijado, tal sentimento desapareceu por completo, à medida que ia crescendo a nossa amizade mútua. Hoje, estamos casados. Por mais estranho que pareça, estou convencido de que, se o meu defeito teve qualquer influência sobre minha esposa, foi apenas no sentido de aumentar nela a ternura que por mim nutre.

E hoje eu sinto ser minha obrigação solene ajudar os recentemente invalidados. O melhor que posso fazer, geralmente, é procurar convencê-los de que a vida continua a ser rica, interessante e cheia de frutos, apesar duma incapacidade física: que a vida tem a sua maneira de nos compensar com outras coisas, tambem valiosas.

MEU TIPO INESQUECIVEL

(Condensado do «Esquire»)

Por J. D. Ratcliff

O prazer que nos causa a leitura de um dos grandes jornais americanos, devemo-lo, em grande parte, a Carr Van Anda, que é, desde há muito, uma figura lendária na sua profissão

O REDATOR-SECRETÁRIO, tal como costumam descrevê-lo no palco e na tela, é um sujeito forte que fala aos berros, traz sempre as mangas da camisa arregaçadas, usa em torno à cabeça uma tira com uma pequena aba de celulóide verde a proteger-lhe os olhos, e vive num contínuo estado de agitação. Um dos maiores deles, no entanto, na vida real, era um homem franzino, muito quieto, com uma voz apagada, que só deixava a sua cadeira quando não tinha outro jeito.

Quem o visse, com seu modo ponderado de falar, o pince-nez preso a uma fita, e o colarinho duro e alto, tomaria facilmente Carr Van Anda por algum professor. É verdade, aliás, que, nas horas de lazer, ele decifrou hieroglifos egípcios, estudou a fundo a teoria da relatividade de Einstein, e descobriu mais de um erro nos cálculos matemáticos de alguns astrônomos de renome.

Sua vida era o jornal a que tanto serviu. Por mais de 20 anos, durante doze horas por dia, Van Anda escavou as entranhas da cidade, da nação e do mundo, afim de colher notícias para os leitores do *New York Times*. Tinha autoridade ilimitada, dispunha de recursos financeiros tambem ilimitados, e era senhor de uma imaginação extremamente fecunda. Tais foram os instrumentos com que formou a maior organização de caça a notícias que jamais existiu. O credo do *Times* era que a livre publicação de notícias completas e imparciais constitue um dos elementos essenciais da democracia. Van Anda pôs em prática, na sua lida cotidiana, esse princípio abstrato. Suas idéias a respeito de reportagem eram únicas e surpreendentes. Muito antes, porem, que sua atividade cessasse, já transformara, pelo seu exemplo, todos os jornais americanos. Apesar disso, o público nunca ouviu falar em Van Anda; era tão anônimo no apogeu da sua carreira, como o é, atualmente, desde que dela se afastou. Para os jornalistas, porem, é uma figura familiar, e todos reconhecem nele o mais alto expoente da classe nos Estados Unidos. As histórias de Van Anda já se tornaram verdadeiras lendas que são citadas como paradigma da habilidade jornalística.

Na noite de 14 de abril de 1912, um dos redatores da seção de telegramas colocou o seguinte boletim sobre a mesa de Van Anda: «Cabo Race, Terra Nova. Às 10 e 25 desta noite, o transatlântico *Titanic*, da White Star, transmitiu um CQD (sinal de alarme).»

O *Titanic*, o mais novo e o maior de todos os transatlânticos, estava efetuando sua primeira travessia, com numerosos passageiros de renome internacional a bordo. Era, segundo os seus construtores

tinham afirmado ao mundo inteiro, «insubmergivel.»*

Devido a isso, a maior parte dos jornalistas de Nova York não deu a menor importância ao boletim. Alguns chamaram, em todo caso, os representantes da White Star, sendo por estes informados de que tudo ia bem. O CQD—que naquele tempo equivalia ao SOS—ou bem é repetido várias vezes, ou não passa de uma burla. Afinal de contas, só se ouvira aquilo—uma única mensagem.

Van Anda, porem, conseguiu descobrir os projetos empregados para a construção do navio. Mostravam estes que o rádio a bordo tirava a sua força motriz de duas fontes—uma na casa de máquinas, e outra, suplementar, na própria cabine de rádio. O navio, portanto, só podia transmitir mensagens, enquanto o ponto mais alto da sua superestrutura estivesse acima da água. Van Anda concluiu que o próprio fato de que nenhuma outra mensagem fora transmitida era uma indicação evidente: algo de trágico sucedera com o famoso transatlântico. Fez com que vários redatores escrevessem descrições detalhadas do navio. Tirou da cama diversos personagens importantes, em Nova York e Londres pelo telefone, afim de obter informações sobre a companhia, e sobre o *Titanic* e os seus passageiros.

À manhã seguinte, o *Times* vinha cheio de artigos acerca do *Titanic*. Seus concorrentes pouco tinham a fornecer ao público sobre o assunto. Um deles chegou mesmo a ridicularizar o jornal pelo que chamava uma tremenda «cincada».

Foi, no entanto, um dos maiores «furos» jornalísticos daquele tempo. Nenhum outro jornal soube narrar tão bem quanto o de Van Anda as histórias de angústias, covardias e heroismos de que os sobreviventes da tragédia deram conta em Nova York, ao chegarem a bordo do *Carpathia*. Van Anda alugou uns doze quartos num hotel que ficava em frente do cais onde o *Carpathia* devia atracar. Instalou fios telefônicos particulares, ligando-os diretamente à redação do *Times*. Analisara tão a fundo a história dos radiotelegrafistas que estes já nada mais teriam a contar. Os repórteres do *Times* lançavam-se sobre todas as pessoas que saíam do *Carpathia*. Não eram mais espertos ou mais habeis que os dos outros jornais, mas eram muitos. Creio que foi Herbert Swope, do *World*, quem comentou, com visivel admiração: «O maldito do Van Anda tinha um gato em cada buraco de rato!»

Em 1916, antes que os Estados Unidos entrassem na guerra, o submarino alemão *Deutschland* esgueirou-se através do bloqueio inglês, atravessou o Atlântico, e atracou em Baltimore, com uma carga de matérias corantes, no valor de um milhão de dólares. A façanha feriu a imaginação dos americanos. Quando o submarino se achava prestes a partir, os repórteres enchiam o cais. Van Anda, porem, não se sentiu satisfeito com a reportagem de costume. Examinou durante horas a fio as tabelas das marés, e os mapas da Baía de Chesapeake. Concluiu que só havia um ponto onde o submarino poderia logicamente submergir, afim de escapar aos navios de guerra da Grã Bretanha e da França que mantinham guarda ao largo da costa. Fretou um rebocador em Norfolk, e enviou um reporter e um fotógrafo para o referido ponto. Lá pelas tantas, o *Deutschland* fez-se à vista, e submergiu bem em frente ao rebocador. A única fotografia da cena foi publicada no *Times*.

A Primeira Guerra Mundial lançou aos jornalistas um verdadeiro desafio. Foi Van Anda quem sugeriu a idéia de imprimir os documentos históricos da guerra, e o texto completo dos discursos importantes, ainda que transmitidos pelo telégrafo. Os jornais de Londres, por exemplo, costumavam publicar os discursos pronunciados no Parlamento, resumindo-os consideravelmente, e empregando a terceira pessoa. Por exemplo: «O Primeiro Ministro fez ver que duvidava de que o governo pretendesse agir,» etc. Van Anda contratou estenógrafas para copiar os discursos, palavra por palavra, sendo estes assim transmitidos para Nova York. O mesmo, relativamente aos relatórios e comunicados oficiais.

Ao terminar a guerra, o *Times* foi o único jornal a publicar o texto completo do Tratado de Versalhes—oito páginas ao todo—transmitidas numa noite por 20 linhas telegráficas.

Mais tarde o *Times* de Nova York publicaria a primeira mensagem transatlântica transmitida pelo sem fio. Van Anda foi tambem um pioneiro das boas reportagens fotográficas. Ao ver as fotografias em rotogravura de um jornal alemão, embarcou no primeiro navio, afim de obter, para o *Times*, os meios de pôr em prática o processo.

O Presidente Harding morreu em São Francisco, tarde da noite, a 2 de agosto de 1923, quando o vice-presidente Coolidge se achava em Plymouth, no estado de Vermont, onde fora passar as férias do verão. James Hagerty, o reporter do *Times* que se achava em Plymouth, transmitiu, ele próprio, a notícia ao vice-presidente, ficando alí para assistir a uma das cenas comoventes da história norte-americana—o pai de Coolidge saudando a ascensão do filho ao mais alto posto do país, à luz de uma lâmpada a gás, numa rústica fazenda. Só havia um fio telefônico em Plymouth—e este fora instalado por Van Anda. Quando Hagerty chegou à aldeia, o telefone passou a funcionar ininterruptamente.

Van Anda tirou da cama, em Washington, dezenas de notabilidades, afim de obter notícias e comentários sobre o caso. Analisou a repercussão na Europa. Não deixou escapar um só detalhe. A primeira página do *Times* daquela manhã serve hoje de modelo em quase todas as escolas de jornalismo.

O grande redator começou a carreira muito cedo. Nascido em Georgetown, no estado de Ohio, a 2 de dezembro de 1864, começou a publicar um pequeno jornal que circulava em família, aos seis anos de idade. Aos 11 organizou, ele mesmo, uma oficina de imprensa. Educou-se no Colégio Marieta, passando a trabalhar, depois, em Cleveland e Baltimore. Foi ter por fim a Nova York onde começou a escrever para o *Sun*, no dia da famosa tempestade de neve de 1888. Cinco anos depois, era já jornalista de relevo.

Em 1896, Adolph S. Ochs, jovem editor de Chattanooga, comprou o *New York Times*—que ia financeiramente de mal a peor—por 75 mil dólares. Hearst e Pulitzer tinham os jornais de maior circulação de Nova York, e cada qual procurava vencer o outro em sensacionalismo. Ochs imaginou que o público haveria de gostar de um jornal que se limitasse a imprimir notícias, uma grande quantidade de notícias, bem redigidas, e sobretudo imparciais. Afim de levar por diante o seu singelo programa, chamou Van Anda para o *Times* em 1904.

Na busca de notícias, era este de uma paciência infinita. O *World* ofereceu um prêmio de 10.000 dólares a quem efetuasse um vôo ininterrupto de Albany a Nova York. Glenn Curtiss tentou várias vezes a experiência. Os repórteres do *World* acabaram por desinteressar-se da questão, e deixaram Albany. Mas, cada

*Vd. «O *Titanic* não afunda», Seleções, setembro 1944.

vez que Curtiss reproduzia a tentativa, um trem especial do *Times* partia de Albany ao mesmo tempo. Finalmente, Curtiss conseguiu efetuar o vôo, sendo seguido ao longo do Hudson pelo trem do *Times*. Àquele tempo, os trens eram tão rápidos quanto os aviões. Van Anda foi o primeiro a felicitar o piloto quando este aterrisou. Disse-lhe que sentia muito, mas não sabia que fim tinham levado os repórteres do *World*. Assim foi que o *World* pagou 10.000 dólares, mas não conseguiu vencer Van Anda...

Quando o Congresso aprovou a lei que permitia a publicação das rendas individuais tributaveis, os outros jornais não se manifestaram a respeito. Van Anda, embora considerasse odiosa a referida lei, deu-lhe grande publicidade—prevendo que assim ela seria repelida mais depressa. Os funcionários do departamento de arrecadação em Nova York vacilaram em fornecer algarismos, exigindo, para isto, uma lista específica de nomes. Van Anda mandou-lhes a lista telefônica, seguida de uma nota, informando-lhes que receberiam depois uma lista mais completa.

Até então, poucos redatores se tinham interessado por problemas científicos, alem de simples especulações sobre se o planeta Marte era ou não habitado. Van Anda foi o primeiro a fazer com que seus leitores participassem do ávido interesse que a ciência sempre lhe inspirara. Iniciou-os na observação das maravilhas da Astronomia, da Química e da Física. O *Times* financiou liberalmente as experiências de Peary, Amundsen, Scott, Byrd, e outros exploradores, exigindo apenas, em troca, a exclusividade em noticiar o resultado das suas viagens e pesquisas.

Foi devido, em grande parte, ao interesse de Van Anda pelo assunto, que a abertura do túmulo de Tutankhamen se tornou a notícia mais sensacional daqueles tempos. Certa feita, ele próprio corrigiu a tradução de alguns hieroglifos encontrados no túmulo. Um reporter protestou, declarando que a tradução original fora feita pelo professor A. H. Sayce, de Oxford, um dos mais famosos egiptólogos do mundo. Verificou-se, porem, que o egiptólogo amador estava certo, e Sayce cometera um erro.

Na redação, era um perfeito autócrata. Alguem pediu uma vez a Adolph Ochs, proprietário do *Times*, que lhe arranjasse um emprego para o filho. Ochs respondeu: «Posso dar-lhe uma carta de recomendação para Van Anda,» e acrescentou: «mas acho que essa carta lhe fará mais mal do que bem.»

Van Anda nunca foi o tipo do «chefe camarada». «Espero que ninguem me tome por um bom sujeito,» custumava dizer, num tom ríspido e seco. Não tinha o menor apreço pelo reporter de histórias romanceadas, ou pelo jornalismo individual. Exigia reportagens sólidas e verídicas, e não aceitava outra coisa. Em regra, todavia, a única censura que fazia aos repórteres era a de que algum outro jornal tinha publicado uma história mais completa que a do *Times*. Era contudo inteiramente incapaz de demitir alguem. Alva Johnston narra o caso de um correspondente inepto de Nova Jersey, que o redator responsavel naquela cidade acabou por despedir. Poucos dias depois, o sujeito foi acusado de fraude. Van Anda prontamente contratou-lhe de novo os serviços. «Talvez o rapaz andasse tão preocupado que nem podia trabalhar direito.»

Van Anda sempre evitou qualquer publicidade pessoal, alegando que «os médicos não gostam de tomar as receitas que eles próprios prescrevem». Alguem fez-lhe ver que não havia, por assim dizer, nos arquivos do *Times* uma palavra sobre ele. «Afinal o que está lá é mais do que o que Shakespeare nos deixou, e 20 vezes mais que o que ficou de Homero,» foi a sua sarcástica resposta.

A maioria dos homens retiram-se à vida privada para se dedicar a um passatempo qualquer. Van Anda fê-lo, porem, afim de «dispor de maior tempo para a vida intelectual». Aos 79 anos, mantem ainda um vivo interesse por Astronomia e Matemáticas. Há vários anos, numa publicação oficial da Associação Americana pelo Progresso da Ciência (American Association for the Advancement of Science), desmentiu totalmente as teorias apresentadas por Sir James Jeans e dr. Harold Jeffreys de Cambridge, sobre a formação do nosso sistema solar.

Todo o jornalismo profissional do seu tempo fez-lhe os mais altos elogios; mas, desde que se aposentou, o melhor tributo lhe foi prestado por um simples reporter. Um incêndio destruiu um grande hotel de veraneio, perto da casa de Van Anda, em Catskills. Quando o reporter do *Times* lá chegou, Van Anda já tinha reunido todas as informações necessárias: a data em que o hotel fora construido, o seu valor, e a lista dos hóspedes. O jovem reporter tomou as notas que lhe foram fornecidas pelo amavel desconhecido, copiando-as tão depressa quanto possivel. Ao terminar, o neófito declarou, sorridente e reconhecido, ao incógnito veterano: «O senhor tambem tem jeito pra jornalista...»

A comédia dos enganos

¶ Um capitão britânico, no Cairo, abriu um telegrama procedente da Inglaterra e ficou mudo de espanto com o que leu: «Nasceu menino.» Na maior aflição, foi fazer averiguações na agência telegráfica, descobrindo (e com que alívio!) que tinha havido um engano de números: o telegrama que lhe correspondia tinha o número 85 e não 185, que foi o que ele recebera. O telegrama 85 dizia: «Recebo cartas de vez em quando.» Explica-se o nervosismo do capitão: havia dois anos que não via a esposa...

—*Time*

¶ Eugene Casey, assistente especial do Presidente Roosevelt, foi enviado a Chicago, para fazer uma conferência no American Butter Institute (Instituto Americano da Manteiga). Mr. Casey não tinha falado mais do que dois ou três minutos, quando começou a perceber risotas e cochichos na assistência, o que deveras o surpreendeu, pois sua conferência era uma coisa séria, sem piadas. Foi somente depois de terminar—ruborizado e perplexo—que o conferencista soube da terrivel verdade: o orador que o havia precedido, na tribuna, dr. Thomas Sitts, diretor da Seção de Laticínios da Divisão de Nutrição de Guerra, tinha lido minutos antes a mesmíssima palestra, palavra por palavra!

—George Dixon no *Daily News*, de Nova York

Por que razão as operárias agem como mulheres?
E que há a fazer sobre o caso?

Eis aquí algumas das respostas, segundo pesquisas feitas numa grande fábrica de aviões

Vamos aprendendo algo acerca da mulher

(Condensado de «Argosy»)

Por Gretta Palmer

«O MISTÉRIO DA MULHER» é, não há dúvida, um tema para os poetas; mas, quando as misteriosas diferenças entre as criaturas dos dois sexos começam a fazer-se sentir no terreno prosaico do fabrico de aviões para a guerra, há que deixar de parte a poesia, e descer ao domínio dos fatos.

Na fábrica, por exemplo, da Consolidated Vultee Aircraft Corporation, onde se empregam mais mulheres que homens, o absenteismo, entre aquelas, era cinco vezes maior que entre estes. Por outro lado, em cada grupo de cinco mulheres, quatro deixavam o trabalho, antes de haver completado um ano de serviço. Recrutar e treinar novas mulheres, para preencher as vagas, importava em prejuizo de tempo e de dinheiro, e em desviar trabalhadores peritos das suas atividades construtivas, para convertê-los em instrutores.

Resolveu então a companhia investigar as razões em virtude das quais as operárias procedem como mulheres, afim de ver se algumas medidas práticas se podiam tomar sobre o assunto. Não se conhecem ainda todas as respostas, mas o estudo intensivo, a cargo de Mary Jackson, chefe do departamento consultivo da empresa, já revela muito de novo no tocante às mulheres em serviço.

O elemento feminino, nas fábricas de aviões, constitue, efetivamente, um corte transversal. As idades variam de 16 a 78 anos. No que diz respeito à educação, encontram-se desde as analfabetas até as diplomadas de universidade. Há casadas e solteiras, polidas e rústicas, de boa e de má índole, brancas e de cor. Só existem, portanto, de comum, nas operárias da Consolidated, os traços que são caraterísticos da Mulher, em toda a parte e sempre.

Os arquivos da senhora Jackson estão cheios de fatos curiosos:

Uma discussão com o marido, à mesa do café da manhã, repercute no trabalho da mulher, durante o dia todo; sua produção diminue de modo apreciavel. A eficiência do marido não é, entretanto, atingida.

Nove vezes em dez, a queda de eficiência no trabalho feminino resulta de alguma coisa estranha à fábrica. Quanto aos homens, o que se passa é justamente o contrário.

A mulher acha melhor continuar com uma tarefa que lhe é familiar, com os mesmos companheiros, o mesmo chefe, a rotina a que está habituada, do que ser promovida, sob a condição de mudar de ambiente. O homem anseia por qualquer mudança que equivalha a progredir.

As mulheres se ressentem, muito mais do que os homens, de qualquer crítica brusca. As advertências a ser-lhes feitas, é preciso açucará-las: «Você faz um ótimo dia de serviço, quando comparece. Porque não trata de ser mais assídua?»

A competição, com prêmios, estimula os homens, e muitas vezes levanta o rendimento de toda uma seção. Todavia, para as mulheres, não é remédio aconselhavel. Logo se mostram nervosas, e as que ficam para trás se sentem de tal maneira desanimadas que passam a produzir menos do que antes.

A operária muito bonitinha tem seus inconvenientes. Se trabalha com real destaque, e o chefe ou o mestre a promove, as companheiras propendem a interpretações maliciosas. Se é repreendida, como que vê na censura uma afronta pessoal, tão acostumada se acha ao poder mirífico dos seus encantos.

Os homens casados, e que vivem felizes no lar, são melhores chefes, para as operárias, que os solteiros. Será porque têm mais experiência sobre o modo de ser das mulheres, ou porque trazem para a oficina os costumes da vida de família?

As mulheres são mais propensas que os homens a reconhecer erros que cometam, e pedir conselho. Ficam, porem, em apuros, se há decisões a tomar. Não convem que haja dois modos de realizar um mesmo serviço, confiado a uma operária; longo tempo ela perderá a escolher qual dos dois pôr em prática.

Todas estas observações se prendem a uma conclusão de ordem geral, não muito surpreendente:

As mulheres estão primariamente interessadas no seu papel de mulheres. O interesse que possam ter, em qualquer outro sentido, vem longe, em segunda plana. Poder-se-ia dizer, com igual verdade, que o mesmo se dá, correspondentemente, no que concerne ao outro sexo. Mas para o homem o êxito exige, de alguma sorte, uma situação no mundo dos homens, o que raras vezes acontece, no caso da mulher.

Trabalhar pelo salário é alguma coisa que uma mulher faz... enquanto não encontra o marido que lhe convenha, enquanto não chega o bebê, enquanto o marido, que está na guerra, não volta, ou a sua renda é pequena para as despesas domésticas, enquanto não vem a paz. Exceções? Sem dúvida. Aos milhares. Mas a mulher média, numa fábrica de guerra, vive ansiosa por que chegue o dia em que possa ficar em casa. As pesquisas da senhora Jackson provam-no de modo iniludivel.

Entre outras várias particularidades, de certa importância prática, mencionam-se as seguintes: as mulheres não trabalham bem com ferramentas que exijam movimentos rotatórios, como sejam, por exemplo, as chaves de parafuso. (Procure uma explicação para esse fenômeno.) São contra-indicadas para trabalhar em altas plataformas, porque têm fraco o senso do equilíbrio. Trabalham melhor, e com mais rapidez do que os homens, em serviços leves e rítmicos. Nos conflitos entre empregados dos dois sexos, o agressor ou provocador é a mulher, na proporção de três em quatro casos, vale dizer 75 por cento.

A Consolidated providenciou de acordo com o apurado pelo inquérito, e o absenteismo, entre as mulheres, reduziu-se aos razoaveis algarismos de 7,7 por cento diariamente, ao mesmo tempo que sensivelmente cresceu a produção da fábrica, e baixou o movimento de substituição de pessoal. Outros fabricantes de aviões—Curtiss-Wright, Glenn Martin, Fairchild, Lockheed Vega, General Motors—estudam as conclusões a que tem chegado a senhora Jackson, e com as quais muito devem aprender os empregadores de mulheres.

Alem de dar instruções aos chefes de serviço, na base do que as pesquisas revelaram, a medida mais importante da Consolidated foi a de treinar conselheiros ou consultores—um para cada grupo de 350

empregadas—e os quais funcionam como agentes de ligação entre o pessoal masculino e o feminino. Quer os homens, quer as mulheres têm hoje em alto apreço os consultores, e lhes submetem, cada vez, maior número de questões.

Aparecem então histórias que vão do bizarro ao patético. Uma certa Maria não fazia bem o seu serviço, e começava a sentir-se visivelmente infeliz. É que, já de meia idade, e muito sensivel às primeiras rugas que lhe comprometiam a beleza, não se conformava com o fato de que o marido tinha ao lado, trabalhando no mesmo departamento, uma bela pequena, cheia de requebros, sem que ela pudesse vê-los, do lugar onde a postaram. Bastou que se mudasse de local a jovem tentadora, e a paz restabeleceu-se no espírito de Maria, condição indispensavel a uma atividade eficiente.

Vera, transferida de um serviço de broqueamento para a linha de montagem, passou a mostrar-se um tanto negligente. Um interrogatório cuidadoso revelou que o seu amor próprio se sentia ferido—ela se julgava tão boa como qualquer homem, para a tarefa de que a desligaram, e diminuida com a remoção para trabalhos próprios de mulheres. Mandaram-na trabalhar em rebitagem, e ela o fez em melhores condições que a maior parte dos homens empregados no mesmo serviço.

A noção de «sexo fraco» perdeu muito em substância à vista de vários fatos, que têm sido registados, de energia feminina. Há uma operária, mulher pequenina—pesa pouco mais de 40 quilos—que faz diariamente uma viagem, ida e volta, de uns 40 quilômetros (que é quanto dista da fábrica um sítio onde toma conta de um pomar de árvores frutíferas, uma criação de galinhas e uma vaca), enquanto o marido está ausente, na guerra. Mariana, manejando, aos 60 anos, uma prensa perfuratriz, nem uma só vez faltou ou chegou tarde durante 15 meses, não obstante ter aos seus cuidados três filhos; faz as compras, cozinha as refeições, e dorme cinco horas por noite. Margaret, uma sombra de mulher de 74 anos, diz-se extremamente feliz, porque pode afinal criar pavões e pequenos cães de raça, e ter em casa um piano, para aprender a tocar, com uma aula por semana.

E que serão as operárias das fábricas, quando voltarem ao recolhimento do lar?

«Melhores esposas e melhores donas de casa,» afirma a senhora Jackson. «Saberão quanto vem cansado um homem que volta do trabalho; saberão o que quer dizer ganhar dinheiro, e quanto custa ganhá-lo. Terão aprendido o valor do tempo, e como distribuí-lo; e as noções que adquiriram acerca de ordem e método, hão-de utilizá-las, com proveito, no governo doméstico. Acima de tudo, terão verificado quão preciosa é a arte de viver em comum com os outros—para que melhor compreendam a importância de um lar harmonioso, ainda quando traduzida em termos de eficiência em serviço, e portanto de salários ou remunerações a que fazer jus.»

Belo ajuste...

¶ Tivemos, uma vez, uma empregada jovem, muito eficiente. Mas seu marido, apesar de simpático, era um boa-vida, que nunca parava num emprego, nem se esforçava, segundo parecia, para estar ocupado. Um dia, perguntei à moça como era que ela aguentava aquilo. Sem hesitar, respondeu-me: «É assim, dona Alvada: eu ganho a vida e ele me dá gosto pra vida...» —Alvada Pope

OBJETIVOS DE GUERRA DOS ESTADOS UNIDOS

Condensação do livro U. S. WAR AIMS

POR WALTER LIPPMANN

Autor de «Public Opinion», «U. S. Foreign Policy», e outras obras

«Robusteçamos a estrutura internacional que já forjamos para levar por diante esta guerra—escreve o mais brilhante analista político dos Estados Unidos—e poderemos então alcançar uma grande e duradoura paz.»

Eis outro estudo, de grande clareza e poder de penetração, que Walter Lippmann nos oferece como base para um plano de paz. Suas esclarecidas páginas provocam o leitor, ao mesmo tempo que o ajudam, a examinar, com maior interesse e compreensão que nunca, o dramático panorama dos negócios mundiais. Nenhum americano que se preze de pensar tem direito a deixar de ler esta análise capital das razões de guerra, e das maneiras de alcançar a paz.

Copyright 1944, Walter Lippmann. Editor: Little, Brown & Co., Boston, Massachusetts.
Preço $1.50

OBJETIVOS DE GUERRA DOS ESTADOS UNIDOS

É CHEGADO o momento de definirmos os nossos objetivos de guerra, e o caminho está enfim desimpedido para essa tarefa.

No ano passado teria sido impossivel fazê-lo; e muito menos pela altura em que declaramos a guerra, já que a simples resolução de resistir ao ataque e levantar a luva que nos fora lançada, não podia constituir, só por si, aquilo que possamos chamar «objetivos de guerra». Em dezembro de 1941 ainda não sabíamos se nos poderíamos aguentar no Havaí, no Alasca e na Austrália; ignorávamos até se —e como—poderíamos socorrer a China, antes que ela tivesse caido por completo em mãos do inimigo; ainda em 1942 ignorávamos se a Alemanha iria ou não irromper através do Médio Oriente, e o Japão pela Índia, para se darem as mãos às margens do Oceano Índico. Nem sequer sabíamos se a União Soviética poderia repelir a agressão teutônica!

Estamos porem em 1944, e agora, já podemos enxergar com bastante nitidez o desenrolar futuro das operações, de modo a definirmos os propósitos com que vimos fazendo a guerra. Penso mesmo que não nos estamos iludindo, quando supomos que já está ao nosso alcance uma paz profunda e duradoura.

Mas não há quem possa instalar-se no seu gabinete de estudo, ou à mesa duma conferência, e inventar um plano viavel de paz duradoura. Uma árvore não é coisa que se possa inventar: podemos plantá-la, podá-la, combater os parasitas que, sem nós, a devorariam; podemos escorá-la contra os vendavais. A paz não se fará quando se calarem os canhões; está sendo feita hoje mesmo, nesta hora. A única paz que poderemos usufruir é justamente esta, a que estamos hoje modelando com as mesmas mãos com que fazemos a guerra; e seria grande presunção da nossa parte pensar que podemos pôr de lado essa paz, e fabricar outra que fosse diversa.

Quando os nossos inimigos pedirem mercê, já teremos em nossas mãos a estrutura e forma da paz futura. Não será preciso construí-la, pois já os heroismos e labores sem fim dos homens a terão estruturado. Precisamos estar atentos a que a não aniquilem; então poderemos torná-la mais forte, e empreender o seu melhoramento; se os sobreviventes se aperceberem do que foi consumado, achar-se-ão herdeiros duma grande paz, que os homens amassaram em sangue rubro, em suor e em lágrimas; e perceberão que essa paz só poderá durar, se nos mantivermos fiéis à sua essência e à sua promessa.

Urge, antes de tudo, saibamos por que é que estamos fazendo a guerra: quando em verdade soubermos porque estamos combatendo, e o que em verdade já ganhamos, então saberemos como definir nossos objetivos de guerra.

Guerra com o Japão

PODEREMOS começar por indagar como é que chegamos às vias de fato com o Japão. É bem verdade que o Japão atacou

Pearl Harbor em 7 de dezembro de 1941, e que esse ataque nos não deixava outra alternativa. Mas os japoneses não nos teriam atacado, se não tivessem encontrado antes disso a nossa oposição, em questões sobre as quais eles estavam resolvidos a impor seus pontos de vista.

A natureza dessas questões não é mistério para ninguem: o Japão andava empenhado na conquista da China, e estava-se preparando para subjugar as Índias Orientais, as Filipinas, a Península da Malaia e a Indo-China. Estava tambem nos seus planos, com certeza, atacar a União Soviética. Mas o seu intento capital, irrevogavel, não há dúvida que era a conquista da China. Quando os Estados Unidos se negaram a desistir da oposição à conquista da China pelos japoneses, estes recorreram ao argumento das armas.

A questão está, pois, em saber porque é, e como é, que os Estados Unidos, em vez de deixar que a China fosse subjugada, se resolveram a aceitar o repto do Japão.

O primeiro presidente dos Estados Unidos que assumiu a oposição ao desmembramento da China foi McKinley. O seu secretário de Estado para os negócios exteriores, John Hay, declarava em 1900 que «a política dos Estados Unidos em relação à China consiste . . . em preservar a integridade dessa nação».

Quando em 1937, ao fim de demoradas e devastadoras guerras intestinas, as fações chinesas se unificaram para resistir ao japonês, impunha-se-nos aceitar o risco da guerra: porque desde então os chineses passavam a derramar seu sangue em defesa dum princípio que nós vínhamos proclamando havia 40 anos, e não podíamos, com honra e prudência, alhear-nos do que por lá se passava.

Nessas condições, e após toda uma série de protestos diplomáticos, os Estados Unidos começaram a tomar medidas que pouco distavam da guerra. Depois, a 26 de julho de 1941, o nosso governo congelou os fundos e créditos japoneses nos Estados Unidos. Era a declaração da guerra econômica... Depois disto, só restava saber quando e onde é que os japoneses dariam o primeiro golpe.

Foi nessas circunstâncias que se iniciaram as negociações finais com Kurusu, o enviado especial do Japão. O preço mínimo do acordo, por ele fixado, era que os Estados Unidos renunciassem a ajudar a China, e dessem o seu assentimento à conquista desse país pelo Japão. Ora, essa era, precisamente, a cláusula em que não podíamos chegar a acordo.

Se a imensa população e os vastos recursos naturais da China chegassem algum dia a ser explorados sob as ordens dos japoneses, viriam a constituir uma combinação de força terrestre e naval em que nós outros, americanos, não podíamos pensar sem profundo alarme. Em novembro de 1941, era-nos finalmente imposta a escolha: ou nos submetíamos, e deixávamos estabelecer o Império Asiático, ou resistíamos, e tínhamos a guerra. Se, em lugar de nos erguermos a apoiar em fatos tudo o que durante 40 anos viéramos dizendo em relação à China, continuássemos a apaziguar o Japão, o que nos esperava era, muito provavelmente, a formação dum governo chinês que se poria de acordo com o Japão, e este, reforçado e apoiado pela China, acabaria de toda forma por nos agredir, e então com muito maiores reservas e forças. Na grande cartada final, os Estados Unidos concluiram que teriam de aceitar o risco da guerra imediata com o Japão, para não se aventurarem a que a China se rendesse aos nipões, e depois lhes desse a sua colaboração num vasto império sob a hegemonia do Sol Nascente.

O repto germânico

O QUADRO dos acontecimentos históricos que, por duas vezes, nos levaram à guerra com a Alemanha, mostra que o instinto de conservação nacional dos Estados Unidos se agita sempre e quando algum estado agressor triunfa sobre as nações vizinhas dos oceanos que, deste lado, banham nossas praias.

Digam o que disserem poucos ou muitos americanos, esse é o perigo ante o qual a nação reage sempre, infalivelmente. Os indivíduos podem intitular-se isolacionistas ou intervencionistas; podem ser a favor das leis de neutralidade, ou da segurança coletiva: mas sempre que a nação se encontra em face duma potência conquistadora, para alem das oceânicas fronteiras, o debate se extingue. Na verdade, quando examinamos de perto os argumentos de parte a parte, torna-se evidente que eles brotam essencialmente de uma discrepância de juizos práticos, quanto à possibilidade de vitória do agressor sobre um de nossos vizinhos de alem-mar: se não há, ou quando não há mais dúvida, o povo americano reage com notavel unanimidade de vistas.

O regime nazista assumiu o poder a 30 de janeiro de 1933, e não tardou a revelar a sua verdadeira fisionomia, ao destruir as liberdades alemãs, ao glorificar a guerra, e ao ameaçar destruir os seus vizinhos mais fracos da Europa. Tudo isso levantou protestos. Mas, de começo, a agressividade nazista pareceu-nos dirigir-se para leste—para a Áustria, a Tchecoslováquia e a Polônia—isto é, afastar-se do nosso mundo atlântico.

Se bem que os nazistas fossem geralmente detestados nos Estados Unidos, só aqueles americanos que acreditavam que Hitler eventualmente se voltaria para oeste é que conclamavam por medidas de prevenção contra o nazismo. E tudo quanto, de começo, reclamaram, foi que se levantasse o embargo da exportação de armamentos para a França e a Inglaterra. Só mesmo depois de ter começado a guerra na Europa se propôs nos Estados Unidos algum programa de armamento a sério. «Ao rebentar a guerra na Europa, o Presidente promulgou uma declaração de estado de emergência limitada, na qual autorizava que os efetivos do exército passassem de 210.000 para 227.000 homens, e que a Guarda Nacional aumentasse para 235.000 homens... Ainda em março de 1940 a Câmara dos Deputados reduzia a 57 o número de aviões da já modesta estimativa proposta pelo Ministério da Guerra.»*

Assim vemos que, enquanto o poderio terrestre da Alemanha se mostrasse contido pela barreira das armas franco-britânicas, a agressão alemã não era por nós tratada como uma ameaça real e direta à segurança dos Estados Unidos. Enquanto aquela barreira ocidental se mantivesse intacta, os Estados Unidos não necessitavam de preparar-se para a guerra.

Mas quando a Alemanha abriu brecha na barreira ocidental, produziu-se o reconhecimento imediato, e praticamente unânime, da ameaça que surgia para os Estados Unidos.

As linhas francesas romperam-se em Sedan a 14 de maio de 1940. A 16 desse mês já o presidente pedia ao Congresso dos Estados Unidos verbas suplementares de defesa, no montante de 896 milhões, e reclamava a produção de 50.000 aviões militares.

O novo programa de defesa tornava-se imperioso, porque a barreira da Europa

*Relatório Bienal do Chefe do Estado-Maior do Exército dos E.U.A., 1.º de julho de 1939 a 30 de junho de 1940, pp. 2–3.

Ocidental abrira brecha. Mostra-se com documentos que o carater sinistro do regime nazista não foi a causa primeira do conflito entre a Alemanha e os Estados Unidos: o regime nazista fora tão execravel desde janeiro de 1933 a maio de 1940, como o havia de ser posteriormente a esta última data. Mas quando a Alemanha atingiu o litoral atlântico, nenhuma pessoa com senso de responsabilidade teria ousado assumir o risco de não reforçar poderosamente as nossas forças armadas.

A tal ameaça reagiram os Estados Unidos em 1941, como já tinham reagido em 1917. Segundo o ponto de vista americano, como o vimos refletir-se em duas guerras com a Alemanha e uma com o Japão, o mal a que urge sempre resistir, é a conquista de nossos vizinhos *situados às margens dos oceanos que nos rodeiam.*

A que perigos nos deixamos arrastar

NA SUA resoluta oposição à conquista dos seus vizinhos oceânicos por outras potências mais fortes, o povo americano inspira-se numa verdadeira concepção dos seus próprios interesses mais essenciais. A guerra tem mostrado que uma potência capaz de efetuar a conquista de qualquer vasto setor dessa região oceânica, não tarda a comprometer a segurança imediata dos Estados Unidos. O Japão tinha organizado forças capazes de ocupar as Filipinas, estabelecer bases nas imediações do Alasca, ameaçar o Havaí e até mesmo a nossa costa do Pacífico. A Alemanha tinha organizado forças que só por um triz se não estabeleceram na América do Sul e nas vizinhanças do Canal de Panamá.

Uma guerra do gênero da que vimos fazendo mostra que os nossos juizos fundamentais a respeito estavam certos, e que por havermos deixado de apoiá-los por meio de uma bem concebida e bem preparada política diplomática e militar, quase fomos arrastados à beira de irreparavel desastre nacional.

Mas esta experiência só nos terá sido proveitosa se formos capazes de fazer um uso sensato da vitória que havemos de ganhar. *Para fazermos um uso sensato dessa vitória, temos que definir os nossos objetivos de guerra de tal modo, que ao fim desta guerra possamos dispor de meios eficientes para manter os nossos interesses essenciais sob uma política nacional bem assente.*

OS ESTADOS UNIDOS começaram a fazer a guerra já depois de os nossos inimigos terem conquistado muitas das terras e nações destinadas a fazer parte de seus novos impérios. Por isso tivemos que atravessar os oceanos para tomar de assalto as praias que orlavam seus domínios recem-ganhos. Fomos forçados a desfazer aquilo mesmo que devíamos ter evitado que se fizesse.

No Extremo Oriente estamos combatendo para recuperar tudo o que, desde 1931 a 1941, nos tínhamos oposto a que o Japão conquistasse. E se o não recuperarmos, as forças japonesas que já conquistaram as Filipinas, e ameaçaram o Alasca, o Havaí e a nossa Costa do Pacífico, terão ficado intactas. Senhor das imensas reservas de energia humana da Ásia Oriental e das riquezas da Índia, o Japão tornar-se-ia um império militar potencialmente muito mais forte do que os Estados Unidos. Compreendemos agora claramente o que só vagamente vislumbramos antes: que não é possivel distinguir entre, dum lado, a emancipação da China e dos povos conquistados, e, do outro, a defesa dos Estados Unidos propriamente ditos. Não fora assim, e não teríamos que ir libertá-los agora, com o propósito de derrotar o Japão.

No teatro europeu de guerra, a situa-

ção tem sido diferente, porque as hostilidades com a Alemanha começaram quando ainda tínhamos o domínio dos mares, e a grande base transoceânica, que é a Inglaterra, ainda estáva intacta. Para apreciar devidamente as vantagens que isso nos trouxe, bastará imaginarmos de quanto proveito nos teria sido, no Pacífico, um aliado tão poderoso como a Grã Bretanha, a menos de 30 quilômetros do exército japonês, com Tóquio ao alcance dos seus bombardeiros, e interposto entre nós e o Japão.

Poderíamos, no entanto, ter ficado isolados no Atlântico, como o ficamos no Pacífico. Após a queda da França, em 1940, os alemães tinham boas perspectivas de subjugar as Ilhas Britânicas. Houvessem eles ganho a batalha da Inglaterra, e não haveria na Europa poder capaz de lhes deter a marcha, temporariamente sequer, em direção aos postos avançados do Hemisfério Ocidental.

Em 1940, de fato, os Estados Unidos não tinham forças com que pudessem interceptar, por exemplo, uma invasão anfíbia da América do Sul. Todas as forças de que então dispúnhamos—insuficientes quanto eram—estavam empenhadas e absorvidas no Pacífico, em frente ao Japão. Assim, a queda da Grã Bretanha teria deixado escancaradas as portas da América do Sul.

Uma vez instalados no Brasil e na Argentina, quem poderia evitar que os alemães reunissem forças bastantes, assim aéreas como terrestres, para avançarem contra o Canal de Panamá e contra a nossa rede de comunicações na zona das Antilhas? A própria defesa continental dos Estados Unidos teria sido, após semelhante avanço, muito precária e dificil. A braços com as forças combinadas da Alemanha e do Japão, sozinha após a queda da Inglaterra, poderia a América ter esperança de conseguir alguma coisa mais do que uma trégua perigosa, ou do que se esgotar numa interminavel guerra defensiva?

Tão deploraveis resultados não chegaram, felizmente, a verificar-se. Mas ninguem ousaria pôr em dúvida que se poderiam ter produzido. Esse perigo mortal se arredou de nós porque, durante os meses mais decisivos talvez da nossa história, a Inglaterra, sob a chefia de Churchill, repeliu com êxito os alemães na Europa, e porque na América prevaleceu o ponto de vista dos americanos que seguiam Roosevelt e Willkie. E, por assim dizer num abrir e fechar de olhos, os Estados Unidos estavam suprindo e reforçando a Inglaterra.

Do verão de 1940 ao verão de 1942, os Estados Unidos acharam-se mais gravemente ameaçados, e por mais formidaveis inimigos, do que em qualquer outro momento da sua história. E só depois de termos avaliado corretamente esse perigo, e de havermos compreendido as suas causas, é que estaremos em condições de definir nossos objetivos de guerra; pois que estes serão de todo destituidos de significação, a menos que possamos evitar que esta nação se deixe arrastar a outra situação igualmente ameaçadora.

JÁ VIMOS em que perigo os Estados Unidos se encontraram, quando as nações da Europa Ocidental estiveram à beira de serem conquistadas pela Alemanha. Mas é igualmente importante acentuar o fato de que toda a Europa Ocidental esteve prestes a ser conquistada, quando os Estados Unidos eram ainda neutros. O nosso país é hoje o reduto supremo dentro do qual se encontram os arsenais e as principais reservas estratégicas para a defesa de toda a zona atlântica. Duas vezes, no curso de um quarto de século, verificamos o fato de que a defesa da Europa Ocidental não pode ser bem sucedida sem o auxílio dos Estados Unidos. Estas duas guerras nos vieram ensinar que a Europa Ocidental e a América do Norte e do Sul são, do ponto de vista da segurança e da defesa, uma unidade ou um sistema estratégico indivisivel.

Daí se deduz que só por meio da ação coordenada de *grupos* de estados nacionais será possivel estabelecer uma ordem internacional. Um desses grupos, ousarei chamá-lo de *Comunidade Atlântica:* e uma vez que desta fazemos parte, ela deve ser naturalmente a nossa preocupação primordial. Dar-lhe-ei o nome de Comunidade Atlântica, se bem que ela atinja afastadas regiões do Pacífico, já que o poder e a autoridade desta comunhão de nações, em ambos os oceanos, e o tipo de civilização ou cultura que entre elas prevalece desde o Ocidente até à Austrália e à Nova Zelândia, têm sua fonte original e principal na bacia do Atlântico.

Os acordos de paz com o Japão e com a Alemanha não poderão realizar-se, nem ser bem sucedidos, se forem feitos separadamente por qualquer das quatro grandes potências aliadas; nem poderão estas quatro, mesmo que juntas, estabelecer um duradouro acordo com o inimigo, se este acordo não tiver em conta os estados vizinhos. Para organizarmos a ordem, deveremos começar por definir e estabilizar as defesas estratégicas, e as relações exteriores de todas as nações compreendidas dentro do mesmo sistema estratégico.

Ora, a Comunidade Atlântica é, precisamente, um de tais sistemas. Torna-se evidente que a União Soviética é o núcleo de outro sistema congênere, e que a China por sua vez entrará na constituição de um terceiro. Uma ou mais constelações desta natureza se formarão provavelmente no mundo islâmico ou no indiano —mas essa questão está mais longe de nós. Aquilo que nós desde já podemos reconhecer até aos pormenores, é o agrupamento, por um lado, da Comunidade Atlântica, e por outro, dos estados da Órbita Soviética. O tratado de paz com a Alemanha será cimentado por esses dois grandes grupos de estados, e o tratado com a Japão, por esses dois grupos e mais a China.

A Comunidade Atlântica

PODEMOS determinar quais os estados que serão membros indispensaveis da Comunidade Atlântica. São eles, na Europa Ocidental, a Inglaterra e a França; e os Estados Unidos e o Canadá no continente americano. Em tempos de paz, estas quatro nações pensam geralmente que lhes é possivel seguir trajetórias separadas; mas em tempo de guerra verificam que não podem passar umas sem as outras, e que se encontram em perigo mortal se não realizarem uma combinação de forças. Mais adiante veremos que outras nações poderão aderir a este grupo.

A interdependência da França, da Inglaterra e da América do Norte já ficou demonstrada em duas tremendas guerras. A França não podia aguentar-se sem a Inglaterra; caida a França, estavam as Ilhas Britânicas em perigo mortal. A Inglaterra não se podia manter sem a ajuda dos Estados Unidos; tivesse caido a Inglaterra, e o hemisfério ocidental teria ficado com as portas abertas de par em par ao invasor.

A defesa de cada uma destas quatro nações atlânticas não se pode conceber sem a defesa combinada de todas elas. A prova disso não está no que nós, homens, pensávamos e dizíamos antes da guerra; está no que sucedeu. Nestas duas guerras

do nosso século, estas quatro nações marginais do Atlântico foram forçadas a bater-se sob um comando unificado.

A Comunidade Atlântica não é, pois, simples produto da imaginação. É uma realidade, e uma realidade que nós, correndo todos os riscos, desprezamos ou negligenciamos. E duas vezes, Deus sabe por que tremendo preço, fomos forçados a restaurá-la. Na guerra atual esta comunidade está funcionando como um sistema único, estratégico e tático, e debaixo de comando unificado. Este comando estende-se até os limites das responsabilidades e dos interesses essenciais desta comunidade de nações.

Assim, ele não se estende ao ponto de abranger a Rússia ou a China; estas são na verdade aliadas numa coalisão mundial, mas vêm conduzindo a guerra sob o seu próprio comando estratégico, e constituem de fato sistemas militares separados, se bem que relacionados e coordenados com os restantes beligerantes. Podemos chegar a sólidos e bons termos com a União Soviética e com a China, mas apenas sob a condição de reconhecermos esta realidade: que, na paz como na guerra, elas constituem sistemas independentes, posto que relacionados com o nosso.

Considerando, pois, que a bacia do Atlântico constitue um sistema defensivo, a primeira regra que a razão nos está aconselhando, é que a guerra deve ser declarada ilegal nesta zona do mundo. Esta «ilegalização» da guerra adentro da Comunidade Atlântica não é uma flor de retórica piegas: é uma promessa altamente prática de orientação futura. Se nós, americanos, a tivéssemos aceitado ao tempo da Conferência de Washington, em 1922, já teríamos maior interesse em ver fortalecidas a Inglaterra e a França, e não em nos esforçar por enfraquecê-las pela nossa própria ação.

Aceito esse princípio, todos os armamentos das nações atlânticas terão que ser regulamentados no futuro. E em vez de se impor um limite máximo de armamento aos nossos aliados e a nós próprios, urgirá que estabeleçamos antes um limite mínimo sobre o qual possamos sentir-nos seguros. Nesse sistema todos terão suas responsabilidades, e todos igualmente se preocuparão com a sua capacidade para delas se desincumbir.

Uma vez que as nossas forças têm que operar infalivelmente como uma força combinada, não poderão ser eficazes em guerra a menos que sejam organizadas com aquele fim em vista. Será, assim, preciso dar garantias de que cada nação recrutará e equipará o tipo de exército que melhor se adapte à sua capacidade, e que melhor se ajuste ao plano estratégico geral da segurança conjunta. Para tal fazer, será necessário manter em comum estados maiores, serviços de informações, e comissões de planos estratégicos.

Se tais princípios receberem aprovação, os chefes militares e os governos civís terão ao seu dispor uma base para calcular as proporções que deverão atingir as suas forças navais, terrestres e aéreas, e o carater das mesmas. De que outra maneira poderia, por exemplo, a nossa Marinha dizer ao Presidente, ou ao Congresso dos Estados Unidos, que o orçamento naval deve atingir tal verba, e não o dobro, ou a metade dela, se necessário? Nada é possivel calcular em relação à Marinha dos Estados Unidos, se não soubermos até onde chega a Marinha de guerra dos ingleses. Nada podemos decidir sobre as dimensões do nosso Exército, enquanto não soubermos com quanta força armada poderemos contar em outros paises.

Uma política militar racional, nos Estados Unidos, só poderá fundar-se na sólida compreensão política de que a guerra, na esfera do Atlântico, é alguma coisa de inadmissivel, e que a guerra para alem dela não poderá deixar de ser um conjunto de operações combinadas.

A Comunidade Atlântica é um sistema oceânico; aliás, alguns poderiam preferir mesmo chamar-lhe Comunidade Oceânica. As principais potências militares que a constituem estão separadas pela água; são, relativamente entre si, como ilhas. Quer isto dizer que a comunidade não poderá ser como um império militar que fosse governado por uma metrópole. Só poderá ser um concerto de nações livres que se mantêm unidas pela compreensão realista de seus interesses comuns, e que unidas atuam por consentimento mútuo.

O Reino Unido e a França devem manter-se juntos; mas nenhuma das partes poderá compelir a outra a manter-se nessa união; nenhuma poderá ocupar nem dominar a outra. Sem embargo, devem defender-se mutuamente. Os Estados Unidos não poderiam—ainda que fossem tão estúpidos que o imaginassem desejavel ou possivel—ocupar o Brasil e a Argentina, de modo a compelí-los a agir de acordo conosco. E muito embora a necessidade de defesa conjunta da América do Norte e do Sul seja imperativa, ela só poderá ser levada a cabo por via de acordo. Não há maneira de forçar ninguem ao acordo. Este só pode resultar do poder convincente das comuns vantagens, e do desenvolvimento duma lealdade recíproca.

Assim é que, no mundo atlântico, os fatos da vida internacional se conformam com o espírito da Carta do Atlântico. A zona atlântica é a região do mundo onde os direitos das pequenas nações se encontram mais bem assegurados. É nela, de fato, que se encontram os pequenos estados mais firmemente assentes.*

A independência dos pequenos estados do mundo atlântico, e em especial a das nações da América do Norte e do Sul, vem-se apoiando de há muito em alicerces bastante diferentes daqueles em que, no passado, assentavam os pequenos estados europeus. Com efeito, no Novo Mundo tem-se desenvolvido entre as grandes e as pequenas potências um sistema de relações que se intitulou, com rigor e felicidade, *Política da Boa Vizinhança*. Na Europa, pelo contrário, até ao deflagrar da guerra atual, a independência das pequenas nações estava diretamente relacionada com a manutenção do equilíbrio de poder entre as grandes potências, que foi sempre precário. Assim por exemplo, a política estrangeira da Polônia e da Finlândia não era de neutralidade, como nós, americanos, a entendemos; essas nações só tinham esperança de sobreviver, apoiando-se na Alemanha contra a Rússia, ou na Rússia contra a Alemanha. Receando ambos os seus grandes vizinhos e antipatizando com eles, a Polônia e a Finlândia procura-

*Alem dos Estados Unidos, do Reino Unido e da França, que são grandes potências militares, a Comunidade Atlântica compreende os estados seguintes: Argentina, Austrália, Bélgica, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Dinamarca, Equador, Eire (Irlanda), Espanha, Filipinas, Guatemala, Haití, Holanda, Honduras, Islândia, Libéria, Luxemburgo, México, Nicarágua, Noruega, Nova Zelândia, Panamá, Paraguai, Perú, Portugal, Salvador, São Domingos, União Sul-africana, Uruguai, Venezuela.

Devíamos incluir tambem a Suécia, a Itália, a Grécia e a Suiça, que estão todas elas intimamente ligadas à Comunidade Atlântica.

vam manter-se alheias a um e outro, e acabaram por não se alinhar nem com um nem com o outro.

Em contraste com isso, as relações da Boa Vizinhança são de tal ordem, que uma grande potência e os pequenos estados seus vizinhos, na mesma zona de segurança estratégica, se tornam aliados na paz como na guerra. A grande potência assegura às outras a proteção que nenhum pequeno estado pode assegurar-se por si só, dadas as condições técnicas da guerra moderna. Pela sua parte, os pequenos estados correspondem a essa proteção, concedendo todas as facilidades estratégicas necessárias à defesa comum, e fazem uso dos seus próprios poderes soberanos para defender o seu grande vizinho contra a infiltração, a intriga e a espionagem.

Esta política foi descoberta e, embora ainda longe da perfeição, ensaiada no Novo Mundo, podendo os americanos propô-la ao mundo como uma contribuição verdadeiramente construtiva para a paz e a liberdade dos homens. E foi-nos possivel fazer semelhante contribuição porque, no Hemisfério Ocidental, ainda se não viu coisa tal como seja o equilíbrio de poder. De acordo com a experiência européia, isso podia ter equivalido à criação dum império americano; mas, ao invés, conduziu-nos a uma radical inovação na esfera dos negócios humanos, e ao único verdadeiro substituto que já se descobriu para o sistema imperial: aquilo que chamamos Política da Boa Vizinhança.

Pelo fato mesmo de serem tantos estados independentes, nenhuma das nações atlânticas, com exceção dos Estados Unidos (e mesmo assim, só até certo ponto), se pode considerar, sequer de longe, autosuficiente. A Região Atlântica é, portanto, o centro histórico da economia de trocas internacionais. A dependência em que todas elas se encontram relativamente ao comércio internacional, imprimiu um carater peculiar à respectiva economia interna. Este estado de coisas deu impulso ao comércio privado e, por via deste, à iniciativa particular.

A Órbita Soviética

A Rússia travou duas guerras com a Alemanha no decurso deste século. Essas guerras convenceram os russos de que as nações ocidentais são impotentes para evitar que os alemães invadam a Europa Oriental e a Rússia. Essa a razão por que os russos foram levados a considerar todo o território a leste da Alemanha como um sistema de segurança, estrategicamente independente do resto da Europa.

Por muito consideravel que nós estimemos o volume do auxílio prestado à Rússia, nesta guerra, pela Inglaterra e a América, o fato puro e simples é que a expulsão dos exércitos germânicos que invadiram o território soviético dependeu preponderantemente da capacidade do Exército Vermelho e dos esforços do povo russo. Torna-se desta maneira evidente que a União Soviética subsiste numa região de segurança estratégica, alheia às potências atlânticas, e depende dessa mesma região.

Isto não quer dizer, porem, que a região atlântica e a esfera soviética não dependam uma da outra: elas são na verdade interdependentes. É hoje evidente que a Rússia não podia só por si ter batido a Alemanha e muito menos bater ao mesmo tempo o Japão. Não é menos evidente que, se as nações ocidentais se não tivessem aliado com a Rússia, dificilmente poderiam ter esperado uma decisão favoravel na guerra contra a Alemanha e o Japão. É sobre essas condições que assenta a aliança dos ocidentais com a Rússia Soviética. Temos com a Rússia inimigos

comuns, e sem a ajuda mútua nenhum de nós poderia ter derrotado esses inimigos.

A paz, que a esta guerra se seguir, será pois determinada pela manutenção da aliança entre a Órbita Soviética e a Comunidade Atlântica. A possibilidade, assim, de se produzir uma terceira Guerra Mundial no curso do século XX, depende de se saber se os russos, de um lado, e os estados atlânticos, do outro, estão dispostos a manter-se nas suas respectivas órbitas, e se estarão aptos depois a conciliar os seus pontos de vista a respeito da Alemanha e do Japão.

A Órbita Chinesa

A China tem dois grandes vizinhos: são eles o Japão e a União Soviética. Se pusermos de parte os mapas da era da navegação à vela, e lançarmos mão dum globo geográfico contemporâneo, veremos imediatamente que as estradas aéreas diretas, entre os Estados Unidos e a China, atravessam território russo, e que até as próprias rotas marítimas atravessam águas japonesas e soviéticas.

A maneira como esta guerra se tem desenrolado vem mostrando até que ponto aquele fato influe na posição que a China tem no mundo. O Japão pôde cortar as comunicações marítimas entre a China e os Estados Unidos. Sem embargo, com a pequena ajuda de nós recebida, o hinterland profundo da China há muito que resiste à conquista japonesa. Se Owen Lattimore, que é um verdadeiro e provado amigo da China, tem razão ao pensar que a Nova China do futuro não estará situada ao longo das costas nem do rio Iantsé, mas nas profundidades do seu interior ocidental, e que a industrialização da China «virá a ser firmemente edificada no coração desse país»—então, quando a China se vir livre da ameaça japonesa, ela estará tambem estrategicamente independente dos Estados Unidos. As relações exteriores dominantes na vida da China serão as que ela estabelecer com os seus vizinhos territoriais—isto é, a União Soviética e eventualmente a Índia.

Assim, outro sistema regional virá a constituir-se em volta da China. Quando tiver atingido a unidade política interna e o desenvolvimento industrial de que hoje carece, a China será uma grande potência capaz de organizar a sua própria segurança regional, entre os estados menores seus vizinhos, como a Indo-China, a Birmânia, o Sião e os Estados Malaios.

Ajuste de contas com o Japão

O ajuste de contas com os vencidos dependerá do grau de organização dos vencedores. O lugar que a Alemanha e o Japão vierem a ocupar no mundo futuro, é questão que só poderá ser resolvida se houver acordo prévio sobre qual a maneira como o mundo posterior à guerra deve ficar organizado.

A Declaração do Cairo obriga os Estados Unidos, a China e a Inglaterra a bem definidas cláusulas que fixam novos limites territoriais ao Japão. Será ele compelido a restituir à China todos os territórios de que esta foi esbulhada, inclusive a Manchúria. Será «privado de todas as ilhas do Pacífico» que ocupou durante a Primeira Guerra Mundial, e expulso de todos os territórios que vem ocupando ou dominando desde o verão de 1940.

Tomados em conjunto, significam estes termos que o Japão será expelido da parte continental da Ásia, e ao mesmo tempo despojado de todo o poderio marítimo no Pacífico. O Japão voltará a ser novamente uma nação confinada a algumas ilhas, e rodeada dum oceano que outras nações controlam.

Ora, seria descabido impor agora esses

termos, se os não viéssemos a incorporar num acordo geral suscetivel de durar. Deve este começar por ser de tal ordem, que o Japão não o possa desfazer; e transformar-se pouco a pouco num acordo que o povo japonês acabe aceitando.

O propósito geral de qualquer acordo duradouro, que põe termo a uma guerra de agressão, é este: aniquilar o partido da guerra, e proteger o partido da paz, tornando irremissivel a derrota e aceitavel a paz.

Uma vez expulso o Japão do continente asiático, ele não poderá voltar alí sem o consentimento expresso da U.R.S.S. e da China. Uma vez repelido das ilhas do Pacífico, ele não poderá alí regressar se os Estados Unidos estiverem dispostos e resolvidos a impedí-lo. Por isso, os termos definidos na Declaração do Cairo só poderão perdurar se a União Soviética, a China e os Estados Unidos se apoiarem firmemente na sua manutenção.

Se, por outro lado, um sério conflito sobrevier entre essas três potências, o Japão encontrará nele o incentivo para voltar à liça. Porque, a produzir-se um conflito entre essas três potências, é quase certo que alguma delas, ou mais provavelmente todas elas, procurariam obter as boas-graças do Sol Nascente.

O acordo com o Japão é como um banco de três pés: não poderá manter-se equilibrado se qualquer das três potências alterar a sua política em relação ao Japão.

No tratamento político a dispensar à nação japonesa, deveremos confiar o papel de guia à China. Será essa a única maneira de evitar o grande perigo de o Japão se vir a tornar, aos olhos de todo o mundo oriental, um povo oriental que os ocidentais estão oprimindo.

Teremos de reconhecer que os chineses estão em melhores condições de julgar, do que nós jamais estaríamos, por onde deve passar a linha divisória entre a justiça, que seja justiça aos olhos da Ásia, e a vingança, de que a Ásia se ressentiria como do próprio domínio do homem ocidental. A América terá alcançado o seu objetivo, se o Japão ficar incapaz de recuperar as forças de agressão militar. A reforma e a reconstrução do Japão estão fora do nosso alcance, e será sensato da nossa parte consolidar nossas relações com a China, reservando-lhe o primeiro lugar nestas matérias.

Devemos entretanto esperar que essa reforma seja profunda, e que vá revolucionar a ordem social e cultural do feudalismo e do imperialismo japonês. Nunca deveremos consentir que a propaganda da agressão nos baralhe as idéias, nem deixar-nos convencer de que o Japão deve alargar suas conquistas pelo fato de ser uma nação sem possessões. Os japoneses, diz Owen Lattimore, «nunca foram, nem de longe, tão pobres de possessões, como a pacífica e ordeira nação que é a Suécia de hoje.»

O que não está nas nossas mãos é a possibilidade de dirigir uma revolução japonesa. O máximo que poderemos fazer, é tornar essa revolução imperativa, ao tornarmos irrevogavel a derrota.

Ajuste de contas com a Alemanha

O QUE DIZEMOS do Japão aplica-se igualmente à Alemanha. Os Aliados não podem encontrar solução alguma, antes de haverem estabilizado as suas próprias relações mútuas. O arranjo com a Alemanha será tão duradouro quanto o forem os laços que prenderem a Comunidade Atlântica à Órbita Soviética.

Quase toda a gente está de acordo em que a Alemanha deve ser rigorosamente desarmada. Mas a grande questão é saber quem é que vai ficar de sentinela, e por quanto tempo... Alegam uns que a Alemanha devia perder territórios em benefício da Polônia; mas sendo assim, ocorre perguntar: Como é que a Polônia vai defender esses territórios? Outros exigem que a Alemanha seja retalhada, pela força, em duas ou mais Alemanhas; mas aí se ergue logo a questão de saber como é que poderemos evitar que esses fragmentos da Alemanha se voltem a soldar entre si. Dizem-nos a cada passo que é preciso distinguir entre bons e maus alemães; argumentam alguns, na base deste truismo, que nós devemos apoiar os democratas alemães, ao mesmo tempo que outros, invocando o passado, sustentam que os democratas alemães se deixaram sempre iludir e guiar pelos militaristas prussianos.

Não é possivel encontrar resposta e solução para tantas questões, enquanto não pudermos afirmar com segurança que as nações vizinhas da Alemanha estarão solidamente organizadas, e cada uma delas positivamente responsavel, dentro do seu respectivo sistema estratégico de segurança, pelo cumprimento das cláusulas do acordo alemão. Em cada um dos planos acima mencionados, é esta a indispensavel premissa.

Se a Alemanha vier a poder desligar da Comunidade Atlântica qualquer dos seus vizinhos, e a atraí-lo à sua esfera de influência, não será possivel fazer funcionar qualquer plano, quer ele seja inspirado na dureza, quer na tolerância. Qualquer plano de desarmamento, anexação, desmembramento, ou preservação duma Alemanha intacta, democrática e com paridade de condições de vida econômica, ficaria frustrado, se a Alemanha fosse capaz de arrancar a França, por exemplo, à Comunidade Atlântica, ou a Polônia à Órbita Soviética.

A questão suprema, portanto, respeita à durabilidade da estrutura estratégica e política integrada no acordo que se vier a fazer com a Alemanha vencida.

Não há vantagem nenhuma em imaginarmos que seria possivel fazer durar indefinidamente qualquer regime especial estabelecido na Alemanha. A minha opinião, baseada em provas colhidas nas guerras passadas, é que a crise se declarará aproximadamente uns 15 anos após o armistício. Se o armistício for firmado em 1945, quer dizer que pelas alturas de 1960 a Alemanha se moverá, quer no sentido de preparar uma nova guerra, quer no de estabelecer uma autêntica paz. E a crise há-de manifestar-se, quer a nova geração alemã tenha rompido com os veteranos do partido da guerra, quer ela venha a seguí-los, da mesma maneira que os nazistas seguiram os velhos pangermanistas.

Só à custa de incalculaveis riscos, e pagando-se um preço enorme, foi possivel evitar que a Alemanha ganhasse esta guerra contra uma aliança de nações que, de estar formada antes da guerra, poderia tê-la prevenido. Daquí a quinze anos, esta mesma aliança dos dias de guerra deverá estar intacta, pois, caso contrário, o partido da guerra, na Alemanha, estará mais uma vez apto a provar à nova geração que outra tentativa, sem os erros que Hitler cometeu, abriria gloriosas perspectivas à Alemanha.

A vida vai ser dura na Alemanha vencida. As perspectivas de evasão, que o rompimento da nossa aliança abriria imediatamente, tornariam insuportavelmente pesadas, aos olhos dos alemães, as penosas obrigações da reconstrução. Se os alemães imaginarem que poderão romper a estrutura da nossa aliança, o partido da guerra passará a considerar a derrota militar como um simples revés temporário. Mas se imaginarem que não podem quebrar essa estrutura, talvez uma pacífica

democracia alemã tenha viabilidades de se manter, e de vir a liquidar finalmente o partido da guerra.

Os termos da paz que entenderem com as questões de território, reparações, punição dos responsaveis e criminosos de guerra, são, claro é, de transcendente importância. Mas eu sustento que em relação a eles, como em relação ao tratamento político a dispensar ao Japão, não cumpre aos Estados Unidos assumir o papel dirigente. Do mesmo modo que é preferivel deixar que os chineses nos orientem politicamente no estabelecimento da ordem interna do Japão, assim tambem devemos ter a sensatez bastante de deixar que os povos europeus, vítimas primeiras da Alemanha, façam com ela o necessário ajuste de contas morais e políticas. Para nós outros, americanos, a consideração de ordem suprema é que esse arranjo de paz seja duradouro, e aí a grande questão é averiguar se o partido da guerra sobrevive ou perece na Alemanha.

O armistício não liquidará o partido da guerra na Alemanha, o qual poderá persistir durante alguns anos na clandestinidade. Ele se esforçará por insinuar a Alemanha na posição de árbitro, ou fiel da balança, no equilíbrio de poder entre a União Soviética e o mundo ocidental. Ele apelará para a Comunidade Atlântica, pedindo autorização para restaurar as forças militares da Alemanha, de modo a equilibrar o poderio soviético e a estancar a «expansão do comunismo». E seja qual for o êxito que os alemães alcançarem com esse apelo nos círculos de París, Londres ou Washington, os seus diplomatas não deixarão então de proclamar em Moscou, para espevitar os antigos receios da União Soviética, que o mundo inteiro se está armando e unindo contra ela, como durante o período 1919-1921. Lançando os seus adversários uns contra os outros, a Alemanha se esforçará por evadir as imposições do acordo de paz, e por começar de novo a edificação do seu próprio poderio militar.

O nosso primeiro objetivo de guerra deve pois ser inflexivel: consistirá em tornar impossivel que os alemães consigam atingir a posição de fiel do equilíbrio de poder entre a União Soviética e o nosso lado.

Quer me parecer que, afinal de contas, uma Alemanha desarmada poderá dignamente, e sem perigo, vir a fazer parte do sistema de trocas internacionais da Comunidade Atlântica. Mas a Alemanha só poderá assumir tal posição com o franco assentimento da União Soviética. Não há por isso que falar sequer da possibilidade de a Alemanha vir a ser incluida no sistema estratégico das potências atlânticas. Ao fazermos com que a Alemanha desmilitarizada passe a depender do comércio marítimo, teremos firmado a melhor garantia de que a imemorial expansão germânica para Leste—a tão falada *Drang nach Osten*—chegou ao seu termo. Para acabar com ela duma vez para sempre, a segurança estratégica da Órbita Soviética terá de ser então robustecida por firmes alianças entre a União Soviética e os outros vizinhos orientais da Alemanha.

Não será possivel isolar a Alemanha por toda a eternidade. Os povos do mundo é claro que não irão esperdiçar longos anos do seu tempo a vigiar a Alemanha, internada numa espécie de reformatório. Ela deverá reassumir eventualmente o lugar que reconhecidamente lhe pertence no esquema das coisas futuras. A alternativa está, unicamente, em saber se esse lugar será na Comunidade Atlântica ou na Órbita Soviética.

Mas na Órbita Soviética não há lugar para a Alemanha, que não represente um perigo e uma ameaça para os povos orientais ou ocidentais. Uma Alemanha integrada na União Soviética representaria perigoso e ameaçador inimigo interno para essa organização. E uma vez que a inclusão dela na Órbita Soviética atrairia esta, inevitavelmente, às praias do Atlântico, tal solução seria intoleravel para as nações do mundo ocidental.

Ao contrário, uma Alemanha desmilitarizada e comercial, dentro da Comunidade Atlântica, tornar-se-ia tão inócua quanto é possivel fazê-la para a Europa e para o resto do mundo.

U.R.S.S. e E.U.A.

Se fizermos da nossa vitória um uso sensato, poderemos pôr termo à série de guerras que vêm devastando o mundo há cerca de 50 anos. Poderemos ter então alguma coisa mais do que um novo armistício, que só poderá durar enquanto as nações estiverem demasiado fatigadas para recomeçar a luta. Poderemos gozar duma paz prolongada, tal como nenhum homem, hoje de idade mediana, conheceu jamais. Poderemos voltar a viver então uma época em que as guerras, ou os boatos de guerra, não sejam nossa constante e sombria preocupação.

O futuro depende, mais do que de outro qualquer fator, das relações entre a União Soviética e os Estados Unidos da América do Norte. Uma e outra nação são atualmente os centros de gravidade de duas vastas áreas da terra. Elas podem prevenir uma terceira guerra mundial. E, se chegarem a se desentender, será essa a mais terrivel de todas as guerras mundiais.

Nunca em tempos modernos se viu tamanha distribuição de força militar, como veremos quando esta guerra tiver findado. Os dois estados mais poderosos do mundo encontrar-se-ão tão separados quanto é possivel sê-lo: o núcleo da potência soviética está nos Montes Urais, isto é, no seio profundo do continente eurásico; a potência da América reside no Vale do Mississipi, que é o coração do continente insular chamado América do Norte. Nestes últimos mil anos, ou mais, nunca se viu tão boa e vasta perspectiva de paz harmoniosa. Voltamos a encontrar-nos numa era em que as duas principais potências capazes de fazer uma grande guerra são, respeito uma da outra, invulneraveis.

No ocidente, as duas nações não poderão atingir-se mutuamente, a não ser através da Europa. Poderiam travar uma guerra de fronteiras alí onde o Alasca e a Sibéria quase se tocam. Mas os americanos não poderiam invadir e ocupar os Urais por via do Alasca, do mesmo modo que os russos não poderiam alcançar o Mississipi pelo caminho da Sibéria. Até onde nos é possivel enxergar o futuro, uma guerra travada diretamente entre a U.R.S.S. e os Estados Unidos é quase tão dificil quanto um duelo entre uma baleia e um elefante.

A guerra é, todavia, possivel se se tratar de uma guerra geral, de que outras nações venham participar: e é com esta realidade que nos devemos preocupar. A U.R.S.S. e os E.U.A. podem bater-se no Extremo Oriente, se o Japão e a China concederem as bases donde é possivel o ataque. Podem bater-se no Ocidente, se toda a Europa e a Inglaterra forem primeiro envolvidas na conflagração. Isto é, só por meio de alianças poderão a América e a União Soviética chegar às mãos uma da outra.

Deste modo, a Rússia e a América se encontram numa posição tal, que o dilema paz ou guerra, entre elas, será resolvido ou determinado pela orientação que seguirem em matéria de alianças. A Rússia e a América podem viver em paz, se

utilizarem suas alianças para estabilizar a política exterior dos seus aliados. E terão a guerra, se qualquer delas procurar fazer alianças dentro da órbita da outra, ou se qualquer delas tentar incorporar a Alemanha ou o Japão no seu próprio sistema estratégico. O mundo inteiro ficaria logo sabendo que os preliminares da terceira guerra mundial se tinham verificado, se a União Soviética fizesse uma aliança com a Alemanha ou com o Japão; do mesmo modo, se qualquer membro da Comunidade Atlântica—digamos a Inglaterra ou a França—fizesse uma aliança (em que não se incluisse a União Soviética, ou que fosse feita sem o consentimento desta) com a Alemanha, ou com qualquer dos estados situados na Órbita Soviética, digamos a Polônia, o evento seria o sinal certo de que na estrutura da paz se abrira uma brecha fatal.

Ao reconhecermos o princípio dos grupos regionais, estabelecemos uma regra prática de trabalho que nos permitirá definir a agressão. Se quisermos evitar a guerra, é indispensavel que ponhamos um dique à agressão muito tempo antes de o agressor ter atravessado qualquer fronteira. Esperar até que tal aconteça, é dar ao agressor todas as vantagens da iniciativa. A altura própria para se evitar a guerra, é antes de o agressor ter podido dar o primeiro golpe. E esse momento chega quando o agressor faz a primeira manobra diplomática para isolar a sua vítima provavel.

Sob o princípio do regime regional que venho preconizando, seria considerada, como ato aberto de agressão, qualquer tentativa, por parte de qualquer estado, de encontrar fora da sua órbita estratégica uma aliança com outro estado pertencente a órbita diferente. As alianças são boas quando realizadas adentro da mesma convizinhança estratégica; os vizinhos devem e precisam combinar-se para sua segurança comum. Mas as alianças tornam-se nocivas quando permitem a entrada duma potência estranha no círculo de vizinhança. Ninguem objeta às nossas alianças com o Canadá e o México. Mas se o México fizesse uma aliança com a União Soviética, todos perceberiam imediatamente que a paz estava sendo perturbada. Se nós fizéssemos uma aliança com o Irã ou com a Rumânia, todo o mundo teria o direito de pensar o peor das nossas intenções.

Questões entre a U.R.S.S. e os E.U.A.

Uma vez que as nossas relações com a União Soviética virão determinar se haverá ou não uma terceira guerra mundial, somente fazendo uso da mais perfeita sinceridade poderemos nós chegar a estabelecer boas relações mútuas. A nossa política em relação à Rússia não deve ser traçada, apenas, para os anos das «vacas gordas», mas concebida para resistir igualmente aos anos de «vacas magras». No entanto, as nossas relações são desde já perturbadas por fundas contradições que inibem uma confiante colaboração.

Essas contradições resultam, em primeiro lugar, de que o nosso intercâmbio diplomático não funciona em bases de igualdade e reciprocidade. O Governo Soviético mantem uma quarentena contra a liberdade de relações entre os dois paises. A censura das correspondências que saem da Rússia permite-nos conhecer, a respeito do que se passa na União Soviética, apenas aquilo que o seu governo considera conveniente. A censura imposta ao que alí entra permite ao povo russo saber a nosso respeito, e até a respeito dos nossos atos oficiais, tão somente aquilo que convem ao Governo Soviético.

A quarentena soviética significa que, na esfera das relações exteriores, o Governo Soviético pode usar de métodos secretos e de surpresas, que lhe permitem manobrar de um modo que está defeso aos governos democráticos. São de tal ordem as nossas instituições, que nós não poderíamos, sem as destruir primeiro, igualar os termos do nosso intercâmbio com a Rússia, pelo estabelecimento da nossa própria quarentena. Ao invés da União Soviética, a nossa orientação só pode ser fixada após debates e deliberações parlamentares, de que o mundo inteiro tem conhecimento.

Em seguida a esta dificuldade preliminar, outra nos surge. Desde 1941, que a política exterior da União Soviética mostra não perfilhar quaisquer planos de comunismo revolucionário internacional, e tem professado apoiar plenamente as instituições e os princípios democráticos em vigor em outros paises. A Constituição Soviética de 1936 é de carater democrático. Nela se contem uma declaração de direitos civís, bem como um sistema eleitoral «na base de sufrágio universal, direto e igual». Mas estas provisões de carater democrático, expressas na constituição, nunca entraram em plena aplicação na U.R.S.S. É pois inevitavel que o mundo pergunte se às recentes profissões de fé democrática da política exterior dos Sovietes corresponderão as realidades. Não podemos perder de vista estes fatos, se de verdade pretendemos chegar a termos de perfeito entendimento com a União Soviética. Devemos ter mão firme na meada. A ordem mundial durante a geração que aí vem repousará conjuntamente sobre a Comunidade Atlântica e a União Soviética. Ela não pode inspirar confiança e lealdade aos povos do mundo, se este conflito ideológico, sobre os mais elementares direitos civís do homem, não encontrar solução.

Mas antes de podermos, em perfeita sinceridade e boa conciência, discutir essa questão, bom é que tenhamos presente o outro lado da medalha: a Rússia ainda não pôde esquecer que, ao terminar a Primeira Guerra Mundial, os seus ex-aliados, embora apregoando os princípios da não-intervenção nos negócios internos de outras nações, mandaram tropas e armas para a Rússia, participando na guerra civil. A desconfiança da U.R.S.S. para com as potências ocidentais, sendo a contrapartida da desconfiança destas para com os Sovietes, pode ser por fim vencida se apoiarmos um tratado de paz pelo qual se ponha termo, definitivamente, às ameaças germano-japonesas contra a segurança e integridade da U.R.S.S. É dessa base que poderemos partir, sem temor, em busca dum entendimento duradouro com os Sovietes.

O conflito dos direitos elementares dos cidadãos, que está na raiz das nossas dificuldades, é suscetivel de solução, e alimentamos esperanças de que será resolvido. Desde que a guerra fez de nós aliados, a União Soviética tem-se comprometido cada vez mais positivamente a prosseguir uma política exterior firmada em princípios democráticos, e não totalitários. E uma vez que os próprios Sovietes proclamaram aderir aos princípios democráticos na ordem interna, na sua Constituição de 1936, não existe mais, *na ordem teórica*, qualquer conflito relativo aos direitos elementares do homem. Mas esse conflito existe de fato, porque a constituição soviética ainda não foi inteiramente posta em vigor.

Nestas condições, o mundo fica no direito de continuar a ponderar se, a despeito de sua Constituição, a União

Soviética será ainda de fato um estado totalitário sob a ditadura do partido comunista. Aqueles que alimentam boas disposições acerca da Rússia, podem repetir com Sorokin que «o severo regime» atualmente prevalecente não é mais a ditadura ilimitada da primeira fase da revolução, mas antes «um regime ou lei marcial» resultante da «necessidade nacional» em face da agressão nazista. Quanto àqueles que nutrem más disposições em relação à Rússia, dirão que ao professar uma ideologia democrática, do mesmo passo que exerce a ditadura, o governo soviético está procedendo de má-fé, com o propósito de iludir e dominar a humanidade.

Mas não é discutindo qual dessas duas interpretações é a mais justa, que nos será possivel estabelecer boas relações de confiança com os Sovietes. Só estes—e não os observadores estrangeiros—podem arrumar a controvérsia duma vez para sempre, com aquilo que fizerem quando a guerra tiver acabado, ou mesmo ainda no decurso da guerra, para tornar efetiva a sua constituição política.

Compreendemos perfeitamente que as guerras de extermínio não podem conduzir-se eficientemente sob um regime de liberdades democráticas, e na U.R.S.S., onde a liberdade democrática é uma inovação radical, ter-se-ia tornado temerário admitir a confusão no momento em que um feroz ataque se esboçava contra ela. Mas uma vez consumada a derrota do Japão e da Alemanha, que são os únicos inimigos da U.R.S.S., terão desaparecido as razões que hoje podem justificar alí a ditadura e o regime da lei marcial. Se, porem, uma e outra forem mantidas, como poderemos nós explicá-lo? Os russos não poderão muito simplesmente esperar que o resto do mundo acredite nos princípios democráticos da sua política exterior, se não puserem esses mesmos princípios em vigor na ordem interna.

«*Declaração de Direitos*»

Ao ELABORAR a constituição duma nova ordem mundial, entendo eu que deveríamos propor a inclusão duma declaração de direitos para os estados com categoria de membros. A declaração deveria promulgar aqueles direitos do homem e do cidadão, que são comuns à constituição soviética e à constituição de alguns estados ocidentais. A inclusão de semelhante declaração de direitos no diploma constitucional da sociedade mundial equivaleria, claro está, a um compromisso no sentido de tornar válidas as suas disposições. A União Soviética ficaria obrigada a pôr em vigor a sua própria constituição: as democracias ocidentais, pelo seu lado, ficariam obrigadas a manter os respectivos regimes constitucionais, em oposição aos movimentos totalitários, de carater fascista ou comunista.

Temos pois que apelar para os russos: são eles que têm nas mãos a chave do problema. Falando-lhes com a franqueza de aliados que querem ser ao mesmo tempo amigos, devemos rogar-lhes que consagrem o mundo do futuro à causa da liberdade democrática. É-nos lícito esperar, e até mesmo acreditar, que eles não recusarão. Só eles nos podem dar a prova de que acederam aos nossos rogos—por meio das medidas que vierem a tomar, uma vez finda a guerra, para validar as suas promessas constitucionais, e para tornar livre, igual e recíproca a troca de notícias e de opiniões entre o povo soviético e os seus aliados de hoje.

Se eles recusarem, poderemos continuar a esforçar-nos por colaborar com eles, persistindo, pelos meios ordinários que a diplomacia oferece, no esforço de evitar uma terceira guerra mundial. Mas

se eles recusam, melhor será que não nos iludamos, e que não nos deixemos embalar pela aparência, a que poucas realidades corresponderão, de uma sociedade universal consagrada a manter a paz.

Objetivos de guerra

ESTOU PRONTO a sustentar que os objetivos de guerra, que abaixo vou resumir, são específicos. É a respeito deles que todo o mundo se deve preparar para tomar uma decisão. Tudo o mais são apenas negociações, legislação, e execução. Só quando as relações fundamentais tiverem sido corretamente definidas, é que o Governo e o Congresso dos Estados Unidos terão claramente presentes os objetivos das negociações relativas ao nosso complexo de relações internacionais, no mundo de após a guerra.

Resumindo, como objetivos de guerra, os Estados Unidos devem:

1. Consolidar as relações estratégicas e diplomáticas da Comunidade Atlântica já existentes; quer dizer, com o *Commonwealth* e o Império Britânico, com a Pan-América, com a França e o seu império, com a Bélgica, a Holanda e as respectivas colônias, com o Luxemburgo, a Noruega, a Dinamarca, e a Islândia; e esforçar-se por estendê-las a Portugal, à Espanha, à Itália, à Grécia, à Irlanda e à Suécia.

2. Reconhecer como válido e adequado o sistema estratégico da Órbita Soviética, que incluiria os estados a leste da Alemanha e a oeste da União Soviética. Em seguida, fazer sentir ao governo soviético que a colaboração numa organização geral do mundo será positiva e livre, ou hesitante e restrita, conforme a medida em que os estados membros—especialmente os mais poderosos—mantiverem as liberdades democráticas internas que desejam ver frutificar além-fronteiras.

3. Reconhecer que a China virá a ser o núcleo dum terceiro sistema estratégico, destinado a abranger todo o extremo continente asiático, entre as fronteiras da União Soviética e a Índia.

4. Reconhecer que, a seu devido tempo, as nações islâmicas e indús da África do Norte, do Médio Oriente e da Ásia Meridional virão a formar sistemas regionais próprios.

5. Assentar, como princípio cardeal do acordo no Extremo Oriente, que o Japão não será o fiel da balança de poder no extremo asiático, entre a China, a União Soviética e os Estados Unidos; e assentar como princípio cardeal e primário do acordo com a Alemanha, que esta não será o fiel da balança de poder entre a Comunidade Atlântica e a Órbita Soviética.

6. Reconhecer que o propósito geral de qualquer acordo duradouro de paz, consecutivo a uma guerra de agressão, é extirpar o partido da guerra e proteger o partido da paz, tornando, para todos os efeitos, a derrota irrevogavel e a paz aceitavel.

É minha convicção que, seguindo-se essas linhas de orientação, as nações da terra poderão entrar num período prolongado de paz. Não se trata aquí dum mecanismo diplomático baseado em ficções legalistas, e sobreposto em seguida às ações reais dos estados nacionais. Trata-se, antes, duma ordem bem definida de poder entre os estados nacionais do mundo dos nossos dias; e é definida porque lhes impõe determinar e estabilizar as suas relações exteriores com os vizinhos geográficos. Nenhuma nação terá de renunciar à sua soberania; mas todas elas renunciarão ao seu direito de manobrar arbitrariamente na esfera das relações diplomáticas. E eu sustento que somente sobre os alicerces estaveis duma paz assim

ordenada, poderá estabelecer-se com êxito uma sociedade universal.

O erro de 1919

Estou conciente de que tal não tem sido o ponto de vista dominante nos Estados Unidos desde os tempos do Presidente Wilson. Acreditava ele que uma sociedade universal do gênero da Liga das Nações poderia encarregar-se de organizar e manter a paz. Neste estudo eu assumí uma posição radicalmente oposta à sua. Os Estados Unidos só podem confiar, primeiro, na sua própria força armada e poder nacional; segundo, nos seus aliados naturais; e terceiro, numa organização geral do mundo.

A guerra não se pode prevenir por meio das regras e processos da sociedade universal. A organização mundial não pode policiar os policiais. Se isto é o que se entende que ela deve fazer, não só ela falhará, como falhou a Liga, mas é quase certo que despertará tensões e alinhamentos que só virão precipitar o seu fracasso.

Tal era, essencialmente, o ponto de vista da França em 1919, e acho que devemos hoje reconhecer que Clemenceau tinha razão, e que Wilson estava iludido. O que o mundo precisava em 1919, antes de tudo, era de um acordo com a Alemanha, que fosse suscetivel de durar: medidas convincentes capazes de manter a Alemanha em paz, até que ela houvesse adquirido ou formado os hábitos de governo democrático. A insistência de Wilson no sentido de tornar o acordo com a Alemanha subsidiário dum plano de paz universal, denegou à França a segurança que só um grupo de aliados de confiança lhe poderia ter fornecido.

Ao sobrepor a paz em geral a uma paz específica, o Presidente Wilson com efeito perdeu de vista a Alemanha. Deu de barato, por assim dizer, que o armistício resolvera de vez o problema alemão. Foi então para París, impor aos aliados uma paz wilsoniana. A despeito das prevenções, e contra o parecer de homens como Teodoro Roosevelt, Lodge, Knox, e outros, Wilson dissolveu a coalisão que tinha ganho a guerra, e que, só ela, poderia ter perpetuado o tratado de paz. A responsabilidade pela ordem deve caber aos governos vitoriosos. Essa responsabilidade eles não podem delegá-la numa sociedade mundial que ainda não existe, ou que mal acaba de ser organizada.

O grande erro de concepção de Wilson residia na suposição de que uma sociedade universal poderia *tomar o lugar* dos instrumentos ordinários da vida internacional. Esse erro de concepção persiste ainda hoje em altos círculos de influência, e mesmo no seio do grande público. Ele ameaça fazer abortar a organização duma ordem mundial. Pois, ao passo que uma sociedade universal pode reforçar a segurança nacional e regional, ela não é substituto para a solidez das fronteiras, para os exércitos adequados e racionalmente organizados, nem para as posições estratégicas, nem para as alianças naturais e necessárias entre os estados.

É assim que os Estados Unidos não têm, nem tiveram nunca em mente renunciar à defesa do Canal de Panamá ou da nossa base naval na república independente de Cuba, ou à defesa do Canadá, do México e das nações antilhanas. Nunca esta nação pensou sequer em admitir que Cuba, o Haití ou a República de Panamá tivessem o «direito»—embora todas elas sejam nações independentes e soberanas—de contrair alianças que não fossem consistentes com a solidariedade de toda a região Norte-Americana.

Wilson cometeu tambem o erro de se identificar com o princípio da auto-determinação. Esquecendo Abraão Lincoln, esquecendo a maior controvérsia constitucional da história dos Estados Unidos, ele nunca se deteve a definir a diferença entre o direito de auto-determinação e o direito de secessão. Fazer do princípio de auto-determinação a lei suprema da vida internacional, é abrir as portas à pura e simples anarquia.

Esse princípio pode ser e tem sido utilizado para promover o desmembramento de quase todos os estados organizados. Ninguem o compreendeu melhor que o próprio Adolfo Hitler: o princípio da auto-determinação foi o seu instrumento capital no alargamento do Reich por anexação, e na corrosão intestina da unidade civil nos estados que ele projetava atacar. Hitler invocou esse princípio quando anexou a Áustria, desmembrou a Tchecoslováquia, atacou a Polônia, se infiltrou na Alsácia-Lorena, conspirou contra a Rússia na Ucrânia, tentou influir no Brasil, e quando subornou os árabes.

Assim, considerado nos seus aspectos extremos, o princípio da auto-determinação equivale a uma licença de intervenção e agressão. A despeito da sua aparência «democrática», o princípio da auto-determinação é, num sentido exato, profundamente anti-americano e anti-civilizado, porque rejeita o ideal dum estado no seio do qual diversos povos encontram justiça e liberdade sob as mesmas leis, e se convertem numa comunidade. A auto-determinação, que nada tem que ver com auto-governo, apesar de ter sido frequentemente confundida com este, é bárbara e reacionária: sancionando a secessão, ela convida maiorias e minorias à intransigência e à irreconciliabilidade. O seu poder de pulverização da sociedade humana é sem limites. Adentro das minorias que fizeram secessão, tenderão a aparecer novas minorias, que por sua vez se esforçarão por se separarem tambem.

A Sociedade das Grandes Comunidades

Uma sociedade universal só pode ser uma associação voluntária de estados soberanos. Não pode exprimir-se num governo mundial, porque não há atualmente maneira concebivel de permitir a tal governo que recebesse, de dois bilhões de habitantes da terra, o seu poder de legislar e de fazer cumprir as leis. É evidente que não pode haver, na ordem mundial, qualquer hereditariedade dinástica; mas tambem não há maneira de eleger um governo mundial. O povo dos Estados Unidos, por exemplo, não concederia poderes soberanos a uma legislatura mundial na qual, sobre a base de votação individual, ele ficasse em minoria de um contra dez em relação, digamos, aos povos da Asia. Assim mesmo, porem, em que princípio moral se poderiam apoiar os americanos, para pretender que os seus votos valessem mais do que os de outro qualquer povo do mundo?

É-nos contudo possivel estabelecer um conselho mundial: não um governo mundial que reja os destinos da humanidade inteira, mas um simples conselho, no seio do qual os governos nacionais se consultem e procurem chegar a acordo. Porque as questões consideradas vitais por cada um dos estados, individualmente, não podem ficar sujeitas aos azares do voto.

Em 1937 havia 73 estados com legitimidade para pedir representação separada numa organização mundial. Torna-se evidente que, se todos os membros qualificados tivessem um voto, e se todos eles tivessem que estar de acordo, nenhuma controvérsia séria poderia ser resolvida pela contagem de votos.

Bastará lembrarmos a maré de protes-

tos que ergueu nos Estados Unidos o fato de o Império Britânico ter «seis votos» na Liga, contra *um* só dos Estados Unidos; ou o movimento de apreensão que aquí se seguiu ao anúncio recente, pela União Soviética, de que ela se compunha agora de 16 repúblicas, com outros tantos departamentos de Relações Exteriores. Muita gente, julgando que os negócios internacionais se podem governar por uma espécie de mecânica política, começou a perguntar se não seria justo que os Estados Unidos passassem a contar 48 votos, um por cada estado da União! A idéia duma sociedade universal governada pela mera contagem de votos, leva a absurdos desse jaez.

O mal, cujo remédio nos é urgente encontrar, está antes nos vai-vens das alianças da «política de poder». O remédio para as oscilações das alianças está na estabilização destas. Isso mesmo é o que o regionalismo procura conseguir; cada estado deveria reconhecer que pertence a uma, e só uma zona mais vasta de segurança estratégica. Seu alinhamento não estaria nunca em dúvida, nem seria objeto de intrigas e barganhas.

Estou convencido de que deveríamos inverter os princípios wilsonianos: que deveríamos procurar conservar os estados políticos atualmente existentes, de preferência a desmembrá-los na base da autodeterminação, e que deveríamos aprovar em vez de proibir, aperfeiçoar e não dissolver, os agrupamentos regionais de estados. Os verdadeiros constituintes da sociedade universal já não seriam então aquelas 73 moléculas políticas, suscetiveis de se fragmentar não sabemos em quantos átomos; e a sociedade universal seria a associação das grandes comunidades de estados.

Uma delas, que é a nossa, já eu chamei de Comunidade Atlântica. Ela já existe, não porque um teórico a tivesse inventado, mas porque, no estado de necessidade duma guerra travada pela existência mesma, nos foi forçoso organizá-la.

A ameaça duma nova agressão por parte da Alemanha não pode ser rigorosamente excluida antes de ter passado uma geração—isto é, até que o partido da guerra tenha perecido sem deixar herdeiros. Durante esse período, a Comunidade Atlântica e a Órbita Soviética terão de organizar os seus estabelecimentos militares e coordenar suas políticas estrangeiras, com o propósito expresso de evitar que a Alemanha restabeleça o seu poderio militar, transformando-se de novo em árbitro do necessário equilíbrio de poder entre a União Soviética e o mundo ocidental.

Numa tal visão das coisas futuras, desaparece a horrenda antítese do nacionalismo e internacionalismo. Ninguem será instado a transferir a sua lealdade do seu próprio país para uma nova pátria cosmopolita. Aquele que for bom patriota, será do mesmo passo bom vizinho; e ao ser bom vizinho, ele será inteiramente fiel às leis, usos e exigências da universal sociedade.

Nós não podemos, ao contrário do que Wilson procurou, erigir dos pés à cabeça uma sociedade universal: impõe-se-nos construí-la a partir dos estados nacionais existentes, e das comunidades regionais, históricas. Isso, penso eu, é o que todos nós temos que aprender da grande experiência gorada da Sociedade das Nações. Estou convencido de que nos convem estudá-la minuciosamente: pois não nos será permitido cair noutro erro.

O destino da América

QUANDO PROCURO comparar a América em que me criei, com a América em que hoje vivemos, fere-me logo a idéia de

quanto eu vivia indiferente, na mocidade, às questões que constituem o tema cotidiano da História. Nunca pensei na segurança da república, nem na maneira de a defender. Na minha idade de inocência eu acreditava que a luta pela existência atingira de há muito o seu termo satisfatório.

Até há bem pouco tempo, e até onde podia chegar a memória dos vivos, os Estados Unidos não tinham tido inimigos. A nação gozava de tão perfeita imunidade ao ataque externo, que quase podia dispensar-se inteiramente dos incômodos, despesas e riscos dos armamentos, das precauções estratégicas e das alianças. Nós costumávamos explicar essa segurança tão sem esforço por meio dum mito popular: o Oceano Atlântico era demasiado largo para ser atravessado por qualquer inimigo. O que se passasse alem-oceano, nunca teria que ver conosco, se nós não nos fôssemos meter nos negócios alheios. Os Estados Unidos não necessitavam então de medidas conservadoras da sua própria segurança; bastava-lhes abster-se de se imiscuirem nos problemas de alem-mar. Só agora, na segunda das duas grandes guerras deste século, parece o nosso povo ir aceitando o fato de que o período da nossa segurança sem esforço e sem paralelo se acabou, e que os Estados Unidos têm hoje que ser *defendidos*, como todos os outros grandes estados da História, pela diplomacia, pela organização e pelas armas.

Perguntarmos se a nação americana saberá erguer-se à altura das circunstâncias, e ser digna do seu destino, é o mesmo que perguntar se os americanos têm vontade de viver. Acerca disso não há que ter dúvidas mórbidas; porque as coisas que perturbam a nossa vida nacional—a nossa tendência nacional para derivar, nossa individual indiferença ante os deveres públicos, nossa carência de qualquer política positiva, seja na ordem interna ou na externa—são o resultado não de tentativas fracassadas de fazer grandes coisas, mas dum hábito longamente adquirido de não ter que fazer grandes coisas. Não são as coisas domésticas e triviais que podem despertar a nobreza de alma num povo. É só quando os homens se sentem gravemente desafiados, que se esforçam plenamente, e passam a crer no seu destino.

O povo dos Estados Unidos vê-se hoje em presença dum desafio como nunca lhe foi lançado. E está-se esforçando mais plenamente do que nunca o fez. Se for capaz de reconhecer o seu dever, decerto o abraçará, não com relutância mas alegremente, porque esse dever virá restituir à vida pessoal de cada um de nós uma significação de que ela tristemente carecia, e à conciência de ser americano o lustro e o esplendor duma idéia imperecivel.

O destino consumou o fato de que a América não está mais na orla, mas no próprio centro da civilização ocidental. Nisso reside o destino da América. Podíamos furtar-nos a ele. Se o fizéssemos, a civilização ocidental, glória do nosso mundo, passaria a ser apenas uma franja decadente e desorganizada em volta da União Soviética, e dos povos que hoje emergem da Ásia.

Mas se bem compreendermos e aceitarmos o nosso destino, saberemos erguer-nos ao nivel dele. A visão aí está, e o nosso povo não tem que perecer. A América é enfim chamada a fazer aquilo que os fundadores e os pioneiros sempre acreditaram ser a grande tarefa do Novo Mundo: fazer deste um lugar onde a antiga fé pudesse reverdecer e florir, sem impecilhos, e a sua eterna promessa enfim ser redimida.

FLAGRANTES DA VIDA AMERICANA

EM BELA manhã de domingo, no estado de Dacota do Sul, fui ajudar um fazendeiro na colheita do trigo. Daí a pouco chega o padre, já de passagem para a missa, e pergunta ao fazendeiro se não vai à igreja. O meu amigo hesitou um momento, e depois disse: —O sr. quer saber duma coisa, padre? Eu prefiro ficar sentado no celeiro, pensando na igreja, do que ficar sentado na igreja pensando no celeiro.

—Ludvig Dockan

VIAJAVA EU certa vez pelo Colorado, quando vi uma menina, muito pequena ainda, empurrando um carrinho de criança, dentro do qual se via um garotinho duns quatro anos, pálido, e evidentemente paralítico das pernas. Seguí-os. A menina foi levando o carrinho pelo terreiro até chegar a um canto da cerca que ficava paralela à estrada de ferro e à rodovia.

Aproximando o carrinho da cerca, pulou por cima desta e pôs-se a observar ansiosamente o horizonte. Interroguei-a, e fiquei sabendo então que o seu irmãozinho fora atacado há pouco de paralisia infantil, e ela, que tinha seis anos, trazia-o todos os dias àquele mesmo lugar, para que ele pudesse assistir à passagem do trem aerodinâmico, *City of Denver*.

Não tardou que, de fato, ouvíssemos o rouco assovio do trem, e a menina não hesitou um segundo: segurando o irmãozinho, ergueu-o bem alto, afim de que ele conseguisse apoiar as mãos na parte superior da cerca. Ajoelhando-se então perto dele, a garota baixou a cabeça de maneira que o menino se sentasse nos ombros dela. Alí ficaram os dois, enquanto o trem passava, diante do olhar cheio de admiração com que o acompanhava o pequeno paralítico. Terminado o espetáculo, afrouxou as mãos e a irmã desceu-o suavemente até o carrinho. Não me contive, e exclamei então: «Mas, filhinha, você mesma não viu o trem afinal!» Fitou-me com aquele olhar que as crianças precoces dirigem tantas vezes aos adultos, e respondeu: «Eu já tinha visto, antes dele adoecer.»

—Carey J. Downing

Índice classificado de Seleções

Acha-se impresso um índice completo dos artigos que se publicaram em Seleções no ano de 1944, e que será de grande utilidade para os leitores que colecionam esta revista. Quem quiser obtê-lo poderá dirigir-se por carta a este escritório: Seleções do Reader's Digest, Pleasantville, Nova York, ou ao nosso agente geral: Sr. Fernando Chinaglia, Rua do Rosário 55, Rio de Janeiro.

MUITAS VEZES O FUTURO É TÃO CLARO COMO NOITE DE VERÃO

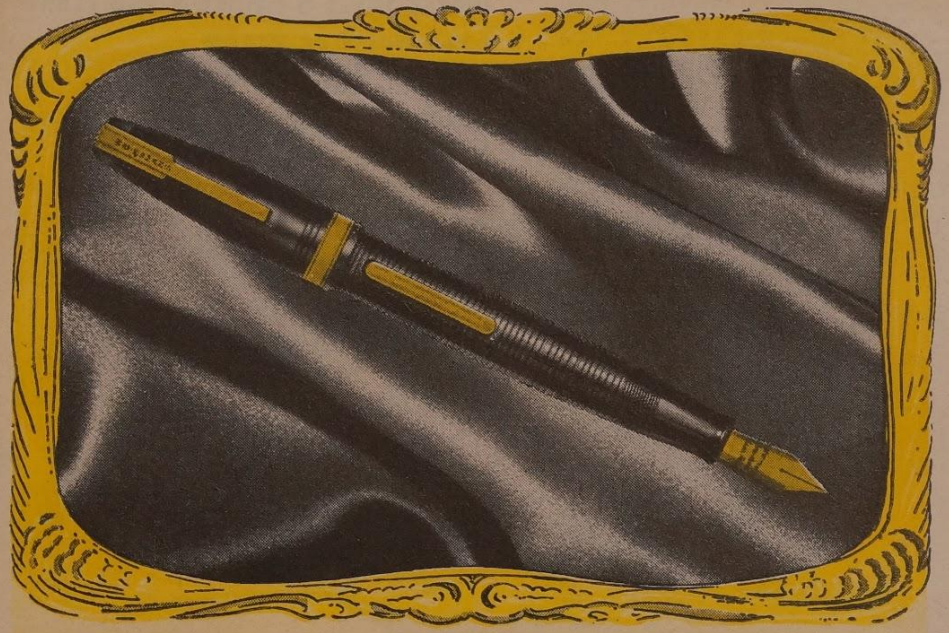
Há momentos, raros, em que o engenho do homem acelera o ritmo do progresso. Nesses momentos, o porvir apresenta a clareza de uma noite de verão...um futuro que promete aviões ainda maiores, horizontes sempre mais amplos, verdadeiros elos de mútua compreensão entre os povos.

O "Constelação" Lockheed

o mais veloz avião de transporte ★ o de maior raio de ação ★ o de maior capacidade de carga ★ o de maior velocidade ascensional

COM LOCKHEED SEMPRE NA VANGUARDA

Lockheed Aircraft Corporation, Burbank, California, E. U. A.



Uma Obra De Arte

Consumada em 60 anos

● Se o leitor quiser experimentar a caneta cujo aperfeiçoamento levou 60 anos — o supremo triunfo da perícia — o resultado da aplicação da mais extensa experiência no fabrico desse utilíssimo objeto — faça uso da Waterman's. Não é uma caneta comum — é uma verdadeira obra de arte.

Eis a caneta Waterman's, da qual só a pena exige 82 elaborações diferentes. Esta é a pena de ouro de 14 quilates, suja simetria e suavidade só se pode conseguir pelo trabalho manual.

Lembre-se de que qualquer Waterman's oferece-lhe as mesmas qualidades superiores, quer seja uma "Waterman's de Cem Anos", que se vê na gravura, ou outro modelo destas famosas canetas ultra-aperfeiçoadas.

Nenhum outro nome significa tanto numa caneta como o de

Waterman's

IMPORTAÇÕES DIFICEIS... MATÉRIAS PRIMAS ESCASSAS...

Maugrado essas dificuldades, DANA conserva a suprema qualidade em suas creações. Às suas precavidas providências deve-se que DANA possa e continuará podendo elaborar seus produtos com essas mesmas matérias primas selecionadas, do tempo de paz.

Dana

FABRICAS EM: NOVA YORK - ARGENTINA - CUBA - COLÔMBIA - COSTA RICA - CHILE - MÉXICO - PERU - URUGUAY - VENEZUELA

Rico passado...
Brilhante Futuro

O nome Canada Dry tem brilhado entre as bebidas desde 1906... quando surgiu, pela primeira vez, "O Champagne das Ginger Ales".

Hoje—O Champagne das Ginger Ales Canada Dry bem como a refrescante Canada Dry Water (água mineral) e SPUR, a mais deliciosa bebida de Cola... ja são conhecidas no mundo inteiro. Experimente cada um dos produtos Canada Dry e verá que todos correspondem à reputação da marca Canada Dry: pureza e bom gosto.

Brilhante futuro espera estas bebidas de qualidade... agora que se estende a outros mercados o programa de expansão da Canada Dry. O engarrafamento nos próprios locais tornará possivel a venda das bebidas Canada Dry a preços populares...

CANADA DRY

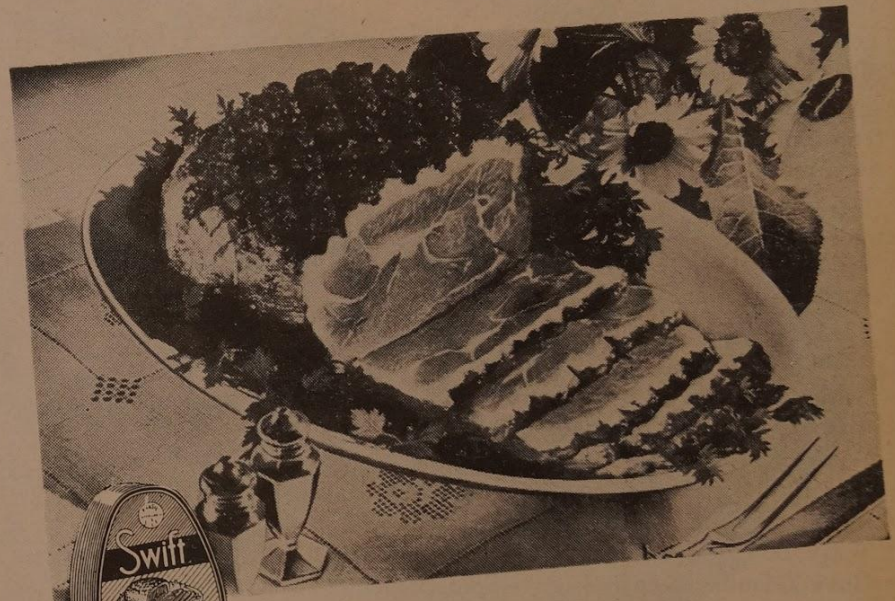
O Champagne das Ginger Ales

CANADA DRY INTERNATIONAL
INCORPORATED
100 East 42nd Street, New York 17, N.Y., U.S.A.

Gosta de elogios?

— Sirva Presunto SWIFT!

EIS um petisco que todos recebem com agrado! Porque é leve, delicioso e nutritivo. Dê mais encanto à sua hospitalidade — e receba elogios, servindo sempre esta verdadeira carícia para o paladar: Presunto Swift — ótimo para sanduiches e para enriquecer o sabor de outros pratos!



PRESUNTO COZIDO
(Em lata) Médio, grande, e de 1 K. para pequenas familias.
(Embrulhado) vários tamanhos

PRESUNTO DEFUMADO
(Embrulhado)

PALETA DEFUMADA
(Embrulhada)

PRODUTOS DA

Swift do Brasil

Experimente também êstes produtos SWIFT:—

Salsichas • Pâtés • Perú • Linguas • Presuntada • Bacon • Carne de Porco • Corned Beef • Carne Cozida • Extrato de Carne • Tuco (para massas) • Galantina • Banha

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

O "Algum Dia" do Serviço Global de Transportes Aéreos

O MAPA que acima se vê NÃO É precisamente o fruto das lucubrações dum artista sobre *imaginárias* rotas aéreas do após-guerra: muito ao contrário! Mostra-nos ele uma rede mundial com mais de 157.000 quilômetros de extensão, que já estava a *funcionar efetivamente* antes de Pearl Harbor. Esta rede, que é a maior entre os transportes aéreos do mundo inteiro, já em 1941 andava carregando passageiros, correio e mercadorias, a cinco continentes.

Mas há mais! A maior parte das carreiras iniciadas pela Pan American World Airways *antes* da guerra, têm estado desde então em constante funcionamento. Unicamente as carreiras da ilha de Wake, de Guão, de Manila, de Hong Kong, e da Nova Zelândia, podem estar temporariamente suspensas.

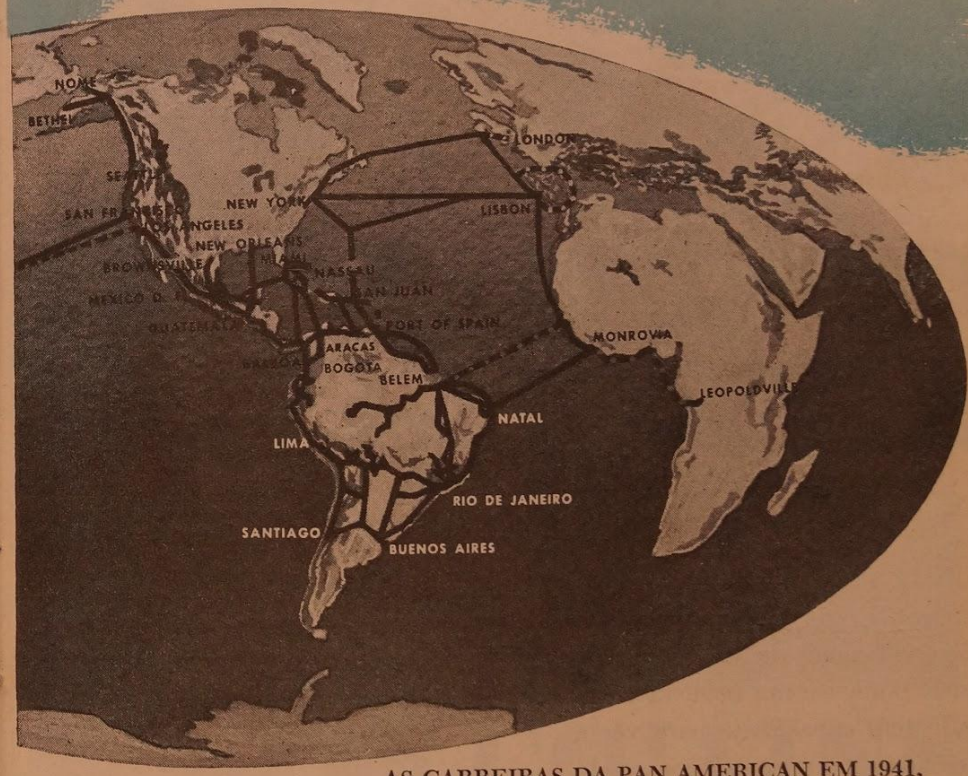
Estude as linhas sólidas no grande mapa supra. Se tiver necessidade de se transportar a qualquer das cidades situadas nessas carreiras, queira consultar o agente local da Pan American, ou o seu agente de viagens. Terão prazer em informá-lo sobre horários, preços, e mais detalhes. Para embarques pelo Expresso Aéreo, queira consultar tambem a Pan American.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Empresa dos *Clippers*

Um Cliper Panamericano construido pela Boeing

já hoje é uma Realidade!



AS CARREIRAS DA PAN AMERICAN EM 1941, e as que desde então foram inauguradas. As linhas sólidas mostram as carreiras atuais—as linhas tracejadas indicam as carreiras temporariamente suspensas ou fechadas ao público.

Companhias Associadas na América Latina: Pan American-Grace Airways; Panair do Brasil, S.A.; Aerovías Nacionales de Colombia, S.A.; Cia. Mexicana de Aviación, S.A.; Cia. Nacional Cubana de Aviación; Urabá, Medellín & Central Airways; Lloyd Aéreo Boliviano.

V. S. só, nunca descobrirá o segredo da vista

NUNCA V. S. verá o interior dos próprios olhos embora sua estrutura física dê sinais de iminentes dificuldades. Sòmente um oculista especializado tem capacidade para vêr e compreender o que se está passando dentro de seus olhos.

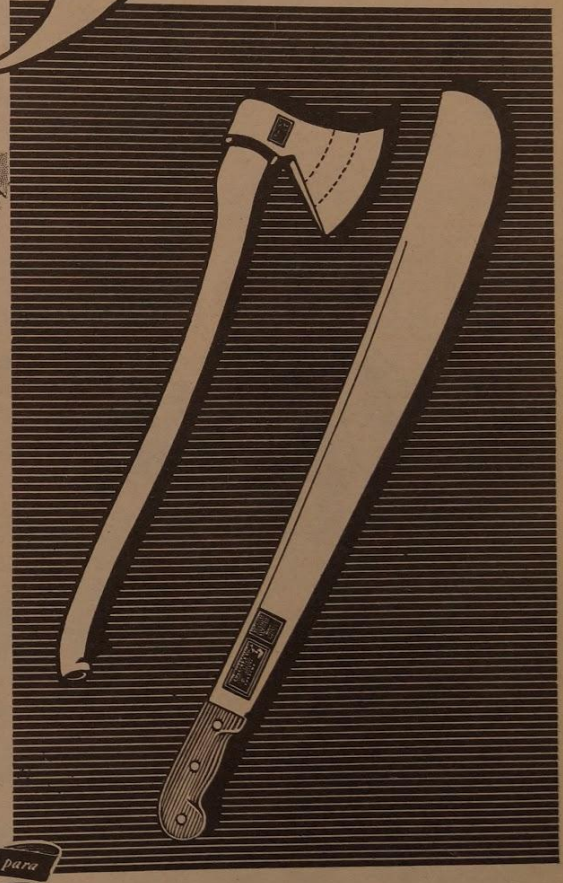
Talvez que V. S. não precise de óculos nem mesmo de qualquer tratamento. Não queira, porém, ser adivinho e lembre-se de que as crianças sofrem frequentemente de defeitos visuais sem reclamar. Elas, também, precisam de um exame da vista.

BAUSCH & LOMB

ROCHESTER, N.Y. • RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO • BUENOS AIRES

Fabricantes de vidro ótico e de uma linha completa de instrumentos de ótica para usos militares, educacionais , pesquisas, indústria, correção e conservação da vista.

Eu quero a ferramenta que os peritos usam—COLLINS!



A REPUTAÇÃO da Collins vem-se transmitindo de geração em geração. Onde quer que haja homens a trabalhar com ferramentas manuais, encontraremos sempre uma decidida e real preferência pela ferramenta que poupa tempo e alivia o esforço: a Collins. O fabrico de guerra permitiu desenvolver aços de qualidade muito superior, e a qualidade Collins é hoje *muito melhor* do que dantes. Melhor equilíbrio, maior segurança de golpe, maior duração . . . e maior valor pelo seu dinheiro!

AÇÕES UNIDAS para AMÉRICAS LIVRES

LEGITIMUS

COLLINS

"SEU AMIGO DE CEM ANNOS"

THE COLLINS COMPANY Collinsville, Conn., E.U.A.

AVISO AOS IMPORTADORES!

O melhoramento recente nas nossas condições de fabrico e embarque habilita-nos a fornecer maior quantidade de ferramentas Collins do que nestes últimos meses. Conquanto não possamos prometer a satisfação imediata de todas as encomendas, continuaremos a fazer todo o possivel para honrar os nossos pesados compromissos.

a águia torna a voar!

Majestic

ELETRÔNICA
TELEVISÃO
RÁDIO

PODEROSO MONARCA DO AR

Símbolo do domínio dos ares, a águia Majestic está novamente desdobrando as asas poderosas, como que a anunciar o regresso de tranquilos prazeres aos lares onde a Paz virá reinar de novo.

A Majestic será no mundo inteiro o veículo que há-de levar o entretenimento, as notícias, a educação, as informações de toda ordem aos lares de família e às escolas, quer nas cidades quer nos campos. A Era da Eletrônica virá estreitar mais os laços de aproximação entre as nações—em pensamentos, hábitos e ações.

Quando a hora soar, volte-se para a Águia, Poderoso Monarca do Ar, se deseja obter o que há de melhor em rádio, televisão e eletrônica.

MAJESTIC RADIO & TELEVISION CORPORATION
2600 WEST 50th STREET, CHICAGO 32, ILLINOIS, E. U. A.

Bandeirante . . . 1944

ELE está planejando desbravar o futuro desconhecido com a mesma sofreguidão com que o fizeram os Conquistadores... alçando seus sonhos para alem das enseadas... para o mundo de amanhã.

A aurora do Novo Dia brilhará para ele? Nós, da Ford, diremos que "Sim!" por que a indústria automobilística, enquanto está produzindo exclusivamente o essencial para a guerra, vai descobrindo diariamente novos produtos, melhores métodos para tornar sua vida mais rica em divertimentos e oportunidades.

Enquanto a Ford diligencia na pesquisa do inexplorado, vai tambem aumentando o rol das boas coisas para a vida do tempo de paz.

FORD MOTOR COMPANY

Ford

ESTA é a imagem do carinho, da esperança e da fé . . . Enquanto seus dedos tecem o agasalho de lã que protegerá o filho combatente, o seu pensamento o acompanha às terras longínquas, onde ele foi contribuir com a sua parcela de esforço para a construção de um mundo melhor . . .

Nós . . . os da *Organização Esso* . . . participamos tambem desse trabalho sagrado . . . A lã que agasalha o combatente das Democracias nos climas frios é tecida com fios que receberam um tratamento especial. Graças ao tratamento com *Essotex* — um dos inúmeros produtos da família dos óleos lubrificantes *Esso* — essa lã se torna macia e flexivel, própria para o agasalho do corpo humano. Empregado nas indústrias texteis do Brasil, o *Essotex* é uma parcela desse carinho, dessa esperança e dessa fé.

Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidência de M. Gerais, Belo Horizonte; Farroupilha, de P. Alegre; e Rádio Clube de Pernambuco, de Recife.

Estes fios protetores, na paz e na guerra...

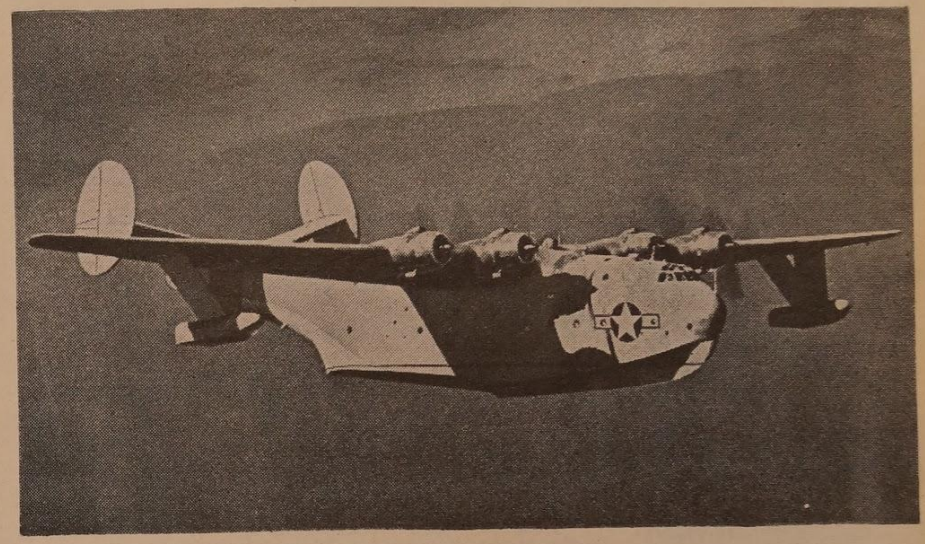
STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

ESSO

E A ORGANIZAÇÃO ESSO

Distribuidoras dos afamados produtos Esso que se encontram sempre sob o oval ESSO.

Rasgando os Trilhos do Futuro com o Possante Martin "Mars"



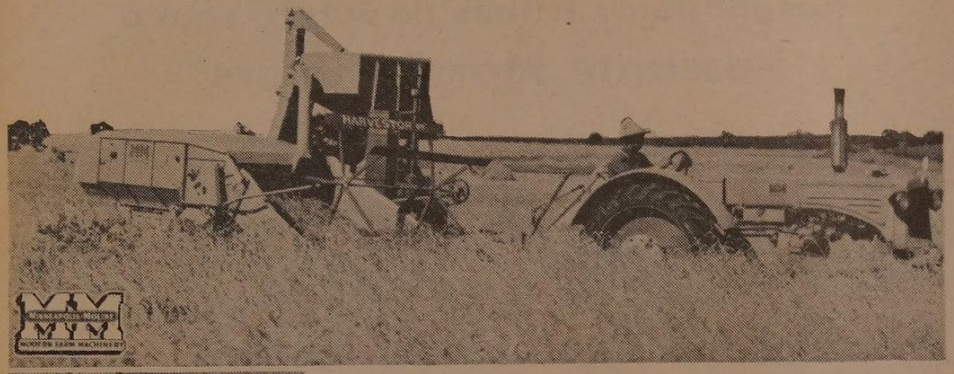
O mundo inteiro já sabe agora do que é capaz o formidável avião de 72 toneladas Martin "Mars". É um fato incontroverso que êle pode transportar 150 soldados armados até aos dentes . . . que êle pode levar 20 toneladas de carga ao mais longínquo ponto da terra em 5 dias, e até menos . . . que êle é, dos aviões até agora construídos, o mais eficiente por quilo de material usado, por cavalo-de-fôrça, e por litro de combustível. Feitos tais como o seu vôo sem escala desde Patuxent River, no Maryland, até Natal, no Brasil—7.040 quilômetros com uma carga de 16 pessoas e 6.000 quilos de correio—vieram demonstrar que esta aeronave gigantesca possue caraterísticas capazes de lhe permitir bater todos os recordes . . . O "Mars" presta atualmente serviço na Marinha de Guerra dos E.U.A. Em breve irão juntar-se-lhe outras 20 aeronaves idênticas.

E apesar disto tudo, êstes gigantes do ar são apenas uma antecipação do futuro! Os engenheiros da Martin afirmam que hoje não há, praticamente, limites aerodinâmicos para os aparelhos de vôo transoceânico.

THE GLENN L. MARTIN COMPANY
Baltimore 3, Md., E. U. A.

AVIÕES Martin

Construtores de Aviões de segurança desde 1909



DOS CAMPOS DE OURO
Para nutrir um mundo faminto

A Minneapolis-Moline orgulha-se de ter dado uma contribuição de valor ao progresso dos métodos e máquinas de colheita.

Os milhares de MM HARVESTORS atualmente em uso trarão sua ajuda à campanha da alimentação para a vitória. E os HARVESTORS que a companhia fabricou este ano tambem contribuirão para melhorar as colheitas locais em 1945 e em muitos anos futuros.

Os fazendeiros merecem muito bom crédito por se terem prontificado a aceitar novos métodos e máquinas novas.

Mas a Minneapolis-Moline está tambem fabricando todos os tratores e máquinas agrícolas que o governo permite, dentro dos limites impostos pela escassez de certos materiais. Os VÍVERES CONTRIBUEM PARA A VITÓRIA . . . Cuide de suas máquinas agrícolas pensando na pátria.

MINNEAPOLIS-MOLINE
POWER IMPLEMENT COMPANY
MINNEAPOLIS 1, MINNESOTA, U. S. A.

Esperando por êle...

AGUARDE tranqüila e feliz o seu bebê! Ouça os sábios conselhos de seu médico! Contra as perturbações digestivas, tão comuns à senhora, êle recomenda — LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS o antiácido e laxante ideal, que:

- **Neutraliza o excesso de acidez, livrando-a da azia, náuseas e má digestão.**
- **Age suavemente sôbre os intestinos, eliminando a prisão de ventre.**
- **Ainda, usado em bochêchos, protege seus dentes, agora mais expostos aos ácidos bucais.**

Faça dêste o período mais feliz de sua vida, usando LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS — o remédio que os médicos recomendam.

LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS
LÍQUIDO E COMPRIMIDOS

"Não há dúvida que têm a potência precisa!"

UM dos metralhadores a bordo duma Fortaleza Voadora Boeing escrevia ao irmão as seguintes palavras, que este último citou em carta para a Studebaker:

"Estes motores Wright Cyclone que a Studebaker fabrica são realmente dignos da nossa confiança. E não há dúvida que têm a potência que é precisa!"

É natural que todos os comentários desta natureza nos lisonjeiem imenso. Mas os técnicos e operários dos dois sexos que trabalham na Studebaker, sabem que o que conta acima de tudo são as façanhas das intrépidas tripulações aéreas e das incansaveis brigadas de pista que servem os aviões da América, e os feitos das nossas forças armadas por todo o mundo.

A organização Studebaker compreende perfeitamente que ela é apenas um dos anéis da imensa cadeia de produção e de combate das Nações Unidas, e que nessa cadeia o esforço de cada um é digno de nota.

Mas a Studebaker orgulha-se justamente do papel que lhe cabe desempenhar nessa cadeia. E as cinco grandes fábricas da Studebaker continuam a vomitar ininterruptamente quantidades enormes de motores Wright Cyclone para as Fortalezas Voadoras Boeing — grandes caminhões militares de transmissão múltipla — e outras peças essenciais de material de guerra.

The Studebaker Export Corporation
SOUTH BEND, INDIANA, E. U. A.
Cabogramas: STUDEBAKER, South Bend

STUDEBAKER *CONSTRÓI OS MOTORES WRIGHT CYCLONE PARA AS FORTALEZAS VOADORAS BOEING*

NOVA IDÉIA OUSADA NUMA CANETA DE TINTA PERMANENTE

A Nova Eversharp "*QUINTA AVENIDA*" . . . É Uma Caneta de Qualidade Diferente!

Olhai dentro desse círculo! O que está dentro desse importante círculo mudará completamente as vossas idéias com respeito a canetas de tinta permanente!

A PONTA • Notae a modernistica ponta coberta. Ela abriga o aparo . . . protege os vossos dedos . . . dá à escrita um sentir absolutamente novo.

O APARO • O novo aparo super-suave descobre-se por debaixo da cobertura . . . tão suave que acelera a vossa escrita . . . elimina o cansaço dos dedos.

A ALIMENTAÇÃO • Por detraz do aparo está a nova e aperfeiçoada Alimentação Mágica que evita derrame — no avião, a grande altitude — assim como no solo.

AUTO-SECANTE* • A nova caneta Eversharp "Quinta Avenida" *escreve* com tinta que séca rapidamente . . . escreve perfeitamente com *qualquer* tinta.

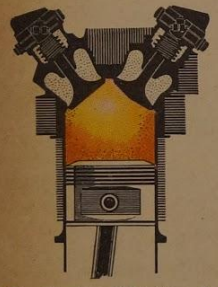
EVERSHARP, INC., CHICAGO, E. U. A.

O Serviço de Consertos nas Canetas e Lapiseiras Eversharp — identificadas pela dupla marca ✓ no gancho segurador — é garantido — não por anos — não por vida — mas GARANTIDO PARA SEMPRE

Oferecei **EVERSHARP** *e oferecereis a melhor!*

FÔRÇA MOTRIZ PARA A TONELAGEM DO AR

Utilidade ou desperdicio?



O cilindro Wright, de cabeça forjada, permitiu um aumento de 15% na fôrça motriz, sem aumento no pêso.

O combustível no cilindro de um motor pode ser consumido de duas maneiras diferentes: ou êle se queima economicamente, a uma velocidade constante, ou explode, detona, desperdiçando energia com a criação de pressão e temperatura altas.

Para se obter melhores resultados, o combustível deve queimar-se com uma velocidade de cêrca de 150 pés por segundo, de maneira a proporcionar a necessária pressão nos pistões durante todo o tempo em que êle avança no movimento propulsionador. Verifica-se a detonação quando parte do combustível queima-se normalmente mas o restante explode, sob a alta pressão, como se fosse um foguete.

O problema na confecção de um motor, é obter o máximo de fôrça motriz, com um mínimo consumo de combustível, sem causar detonação. A solução dêsse problema envolve fatores que afetam quasi tôdas as partes do motor. Uma vez que o uso de um combustível de maior valor em octane por si só não produz maior fôrça motora, é necessário que o próprio motor seja capaz de tirar a maior vantagem possível de suas melhores qualidades de combustão. Isto constitue assunto de contínuas pesquizas nos laboratórios Wright. Wright Aeronautical Corporation.

Divisão da Curtiss-Wright Corporation, Paterson, New Jersey, E. U. A.

Cyclones e Whirlwinds · Leves · Compactos · Possantes **WRIGHT** *Aircraft Engines*

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CIA., LTDA., RIO DE JANEIRO

A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind

Somente o seu Dentista os vê-

MAS OS MOLARES TEMBEM TÊM QUE SER LIMPOS!

Assim é—os molares devem ser limpos e conservados brilhantes tambem e a *melhor* e mais eficaz maneira de o fazer é usar a protuberância de pelos da Escova de Dentes Pro-phy-lac-tic.

A Escova Pro-phy-lac-tic foi planeada cientificamente para que chegue a *toda* a dentadura e a limpe perfeitamente. A sua famosa protuberância de pelos limpa os molares por completo—a sua superfície escalonada de muitos pelos limpa os dentes—e lhes dá brilho.

Não esqueça a sua dentadura—limpe-a com a sua Escova de Dentes Pro-phy-lac-tic.

ESCOVA DE DENTES **Pro-phy-lac-tic**

Antisséptico Listerine. Logo que apareça um resfriado ou irritação de garganta, gargareje com o Antisséptico Listerine—e como primeira cura tambem. Listerine é o antisséptico *seguro!*

Creme Dental Listerine. Gostará do sabor—gostará de como tonifica a boca—mas, sobretudo, gostará de como limpa os dentes.

PRECISÃO

—TÃO VITAL NA GUERRA COMO NA PAZ

Em todo o teatro de guerra os tornos South Bend estão conservando as suas tradições de ante-guerra quanto à fiel precisão. Na oficina mecânica móvel das fôrças mecânizadas dos Aliados, êles duplicam as tolerâncias da fábrica em complicadas peças necessárias para reparos de emergência em armas, tanques, caminhões e outros equipamentos essenciais. Também a bordo de muitos dos navios da Marinha de Guerra, onde a alta precisão é uma necessidade absoluta, servem êles para a manutenção e reparo do equipamento mecânico. Nas bases de consertos da aviação, representam êles igualmente parte muito importante por manterem os aviões em serviço.

Em tôda a classe de serviços de guerra êstes tornos estão fazendo ótimo trabalho de precisão—não somente com as fôrças armadas, mas também na indústria —onde a fiel exatidão é tão vital como a rapidez e adaptabilidade em fazer face aos urgentes pedidos de produção.

Hoje os Tornos South Bend são melhores em todo o sentido. Numerosos melhoramentos têm-lhes sido trazidos afim de se fazer face às exatas necessidades da produção bélica. Êstes e seus muitos outros caraterísticos trarão melhor e mais rápido trabalho mecânico a mais baixo custo.

Os tornos South Bend "Engrenagens de Mudança Rápida" e "Oficina de Ferramenteiro" são fabricados em 5 tamanhos, de 9″ a 16″, de diâmetro torneável. Os tornos "Revólver" têm um diâmetro torneável de 9″ e 10″ com boquilha de capacidade máxima de ½″ e 1″ respectivamente. Peça-nos catálogos, indicando o idioma desejado, se Português, Espanhol ou Inglês.

MANUAL DO TORNEIRO

Um livro de 128 páginas, de 13 cms. por 20 cms., sobre o manejo e cuidado dos tornos mecânicos. Preço por exemplar: 25 centavos (moeda americana). Encomende-o por intermédio de seu jornaleiro ou livraria.

SOUTH BEND LATHE WORKS

SOUTH BEND 22, INDIANA, U.S.A. • *Fabricantes de Tornos há 38 Anos*

FORÇA-MOTRIZ ECONÔMICA PARA QUALQUER BARCO PEQUENO

Leves, portateis e muito faceis de adaptar a qualquer barco, os Motores de Popa "Evinrude" vieram revolucionar o acionamento das pequenas embarcações no mundo inteiro. Estes econômicos motores de tão facil manobra impulsionam barcos de recreio de todos os tipos, desde as pequenas canoas a remos até as elegantes lanchas. Robustos e dignos de confiança, estes motores acionam com eficiência milhares de embarcações comerciais — barcos de pesca, lanchas para serviço de travessia de rios, lanchões e botes de carga pequenos.

Atualmente os "Evinrude" são motores de guerra — "Motores de Popa para combate" — fabricados para ajudar a acelerar o dia da Vitória das Nações Unidas. Com a volta da Paz será de novo possivel comprar os "Evinrude" . . . e "Evinrude" tão bons como jamais se fabricaram!

EVINRUDE
MOTORES DE POPA

GRATIS! Solicitem-nos o "Boat & Motor Selector" Evinrude, que indica o motor adequado para cada tipo de barco, e fornece informações uteis sobre embarcações, velocidades, etc. Remeta o cupon apenso a este anúncio.

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING COMPANY
Divisão de Exportação, E-12-P Waukegan, Illinois, E. U. A.

Queiram remeter-me um exemplar do "Boat & Motor Selector" da Evinrude.

Nome:.....

Endereço:.....

GRANDES ARMAZENS FLUTUANTES

Por toda a imensa vastidão do Pacífico se encontram espalhadas as tropas das Nações Unidas, e, para aprovisioná-las, os transportes americanos dão "rendez-vous" às formações navais de combate, e andam continuamente em demanda das mais remotas bases insulares, dispersas numa extensão de muitos milhares de milhas de águas infestadas pelo inimigo.

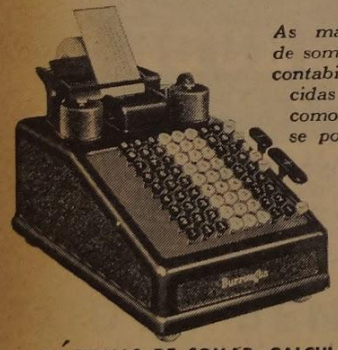
Esses transportes, autênticos armazens flutuantes, vão abarrotados de suprimentos, mais de 12.000 artigos diversos de cada vez, —gêneros alimentícios e roupas, peças de motor e trens de cozinha, equipamento elétrico e de rádio, artigos médico-farmacêuticos . . . toda a infinita diversidade de coisas que a cada instante se tornam imprescindiveis, para manter em ação os homens e os navios.

A extensão do imenso rol de suprimentos basta para mostrar que tremendo trabalho não representa a aquisição, o acondicionamento e a distribuição desses artigos—trabalho que implica interminaveis horas de cálculo o mais meticuloso, e uma volumosa escrituração que desce aos mínimos detalhes.

Os algarismos e lançamentos que regulam o fluxo ininterrupto de suprimentos através de fábricas e usinas, por estradas-férreas e rodovias, à entrada e à saída dos centros estratégicos de embarque—tudo é fornecido por máquinas de estatística e contabilidade. E entre essas máquinas encontram-se milhares de Máquinas Burroughs, tão rápidas como rigorosas, fabricadas para as indústrias de guerra, as repartições do governo, e os diversos ramos das forças armadas.

★ ★ ★

Há representantes da Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante da Burroughs no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., com séde à rua da Alfandega 81A-1°, Rio de Janeiro.



As máquinas Burroughs de somar, de calcular e de contabilidade são reconhecidas no mundo inteiro como as melhores que se podem adquirir.

Burroughs

MÁQUINAS DE SOMAR, CALCULAR, FATURAR, DE CONTABILIDADE, ESTATÍSTICA, E CAIXAS REGISTRADORAS

Por que perder em cada ano 36 Dias de Juventude?

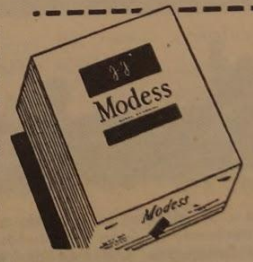
...desfrute todos os dias do mês sem receios e preocupações!

POR QUE PERDER todos os anos 36 dias felizes, quando a mocidade é tão bela e a vida tão curta!

A mulher moderna, que está ao par dessas verdades, vive despreocupadamente todos os dias do ano porque adota MODESS—o método moderno e científico. Os absorventes MODESS—higiênicos e confortáveis—proporcionam completa proteção em certos dias do mês.

MODESS é flexível, macio—não irrita. Mais absorvente que o algodão, é exteriormente protegido por uma camada impermeável. Porisso é recomendado pelos médicos, e pelas senhoras que o experimentaram. Nas farmácias e nas lojas de artigos femininos, peça simplesmente MODESS!

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL



AMOSTRA GRATIS: Envie-nos Cr. $ 1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho «O que a Mulher Moderna Deve Saber». Caixa Postal 2838, São Paulo.

4 - GGGG - 25

Nome.....

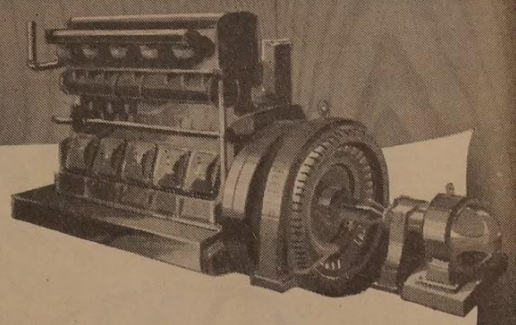
Rua.....

Cidade.....

Estado.....

J.W.T

PROGRAMA PARA CIDADES PROGRESSISTAS EM UM MUNDO DE PAZ



Proporcionar as máximas facilidades de electricidade, gás, água e esgôto . . . é o segundo parágrafo do Programa Trilateral de Reconstrução e Progresso Industrial da Worthington.

Quer planeje aquisições futuras ou para o presente, ser-lhe-á conveniente informar-se sôbre o "Triângulo de Progresso" da Worthington, cujos três lados são: Transporte, Serviços de Utilidade Pública e Produção (agrícola e industrial.)

Os motores Diesel, os conjuntos turbo-geradores e o aparelhamento de fôrça motriz a vapor da Worthington . . . as bombas para o abastecimento de água Worthington . . . auxiliam o melhoramento ou reconstrução dos Serviços de Utilidade Pública das comunidades.

Desta maneira, fica preparado o terreno para a fase final do Programa Trilateral da Worthington . . . a expansão ou rehabilitação das atividades industriais e agrícolas, nas quais as máquinas Worthington também desempenham um papel importante. Worthington Pump and Machinery Corporation, Harrison, New Jersey, U. S. A.

WORTHINGTON

A Marca que Significa Valor em Todo o Mundo

PUBLIC SERVICES ★ PRODUCTION ★ TRANSPORTATION ★

X4-13B

Após a Worthington ter ajudado a reedificar as usinas elétricas e o abastecimento de água devastados pela guerra com seu Equipamento para Construções, suas máquinas geradoras de força motriz e para suprimento de água poderão ser instaladas para estes serviços.

IDÉIAS TRANSFORMADAS EM AÇO

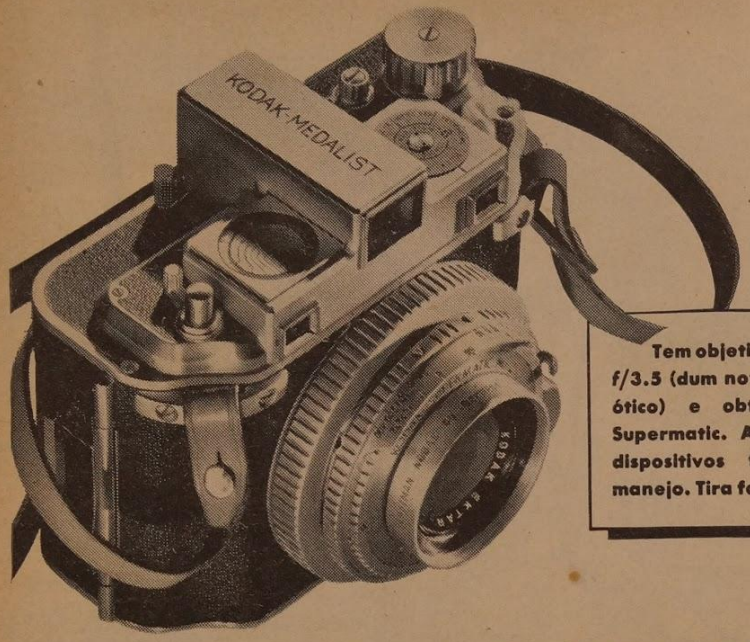
Isto não é um sonho do futuro: é um trem moderno, de aço inoxidável—pêso leve—linhas aerodinâmicas.

Pena é que não se tivessem construido mais trens dêstes antes da guerra, porque êles são feitos de idéias, tanto como de aço. Idéias que ajudam as estradas de ferro a transportar mais gente com maior confôrto; que produzem maior segurança e serviço de maior precisão; e que tornam fáceis e luxuosas as viagens diurnas ou noturnas em trens mesmo sem dormitório.

Todos êstes modernos trens de aço inoxidável são obra da Budd. Os engenheiros da Budd os desenharam, e empregaram aço inoxidável no seu fabrico porque a sua resistência permite o tipo de estrutura leve que poupa potência e combustível.

A construção dêstes trens está hoje suspensa, porque a guerra absorve todo o aço. As fábricas da Budd estão completamente empenhadas nas encomendas do Exército e da Marinha. Mas as tarefas extra-pesadas da guerra vieram provar a robustez dêstes trens resplandescentes. Está-se adquirindo nova experiência, e todos os dias nascem novas idéias. Nos dias vindouros, a Budd alargará a sua posição de vanguarda e levará mais longe a visão dos transportes num mundo moderno.

EDWARD G. BUDD MANUFACTURING COMPANY, E. U. A. Budd



Tem objetiva Kodak EKTAR f/3.5 (dum novo tipo de vidro ótico) e obturador Kodak Supermatic. A colocação dos dispositivos facilita o seu manejo. Tira fotos de 6 x 9 cm.

A Nova Kodak Medalist*

Prestou serviço militar tal como foi criada

O APARELHO fotográfico tornou-se instrumento indispensavel na guerra. Por exemplo: oficiais e marinheiros da Marinha de Guerra dos Estados Unidos usam a Kodak Medalist como usam o binóculo para registrar imparcialmente os acontecimentos e relatar fielmente a batalha. Mesmo nas operações mais dificeis, verificou-se que este aparelho era digno da maior confiança.

A Kodak Medalist acabava de ser criada para uso dos fotógrafos amadores, quando rebentou a guerra. Os peritos da Marinha americana submeteram-na imediatamente a ensaios, concluindo que era de ação precisa e de excelente qualidade; forte como um couraçado, e compacta como um submarino. A Marinha de Guerra dos Estados Unidos comprou então todas as Medalist que estavam disponiveis, e encomendou muitas mais. Quando a Kodak Medalist voltar à vida civil, será uma das primeiras máquinas de qualidade que V. S. vai ter ocasião de apreciar e aprovar tambem.

EASTMAN KODAK COMPANY, Rochester, N. Y., E. U. A.

**Ainda não está disponivel para venda. Oportunamente anunciaremos o seu aparecimento.*

Horowitz... "TINHA MÚSICA NA RUA EM QUE NASCEU"

• Vladimir Horowitz nasceu efetivamente na "Rua da Música", em Kiev, capital da Ucrânia. Coisa que até parece obra de fadas, pois Horowitz ia-se tornar um dos pianistas mais brilhantes do mundo.

Desfrute a sua virtuosidade no fresco e melodioso CONCERTO PARA PIANO NO. 2, de Brahms, tocado com a Orquestra Sinfônica da NBC, sob a direção do grande Arturo Toscanini (*Album DM-740*). E ouça tambem a deslumbrante interpretação do CONCERTO PARA PIANO, de Tchaikóvsky, igualmente sob a direção de Toscanini. A beleza caprichosa e crepitante dessa peça—o seu colorido iridescente—tudo ficou imperecivelmente gravado neste disco Victor, claro como o cristal! (*Album DM-800*).

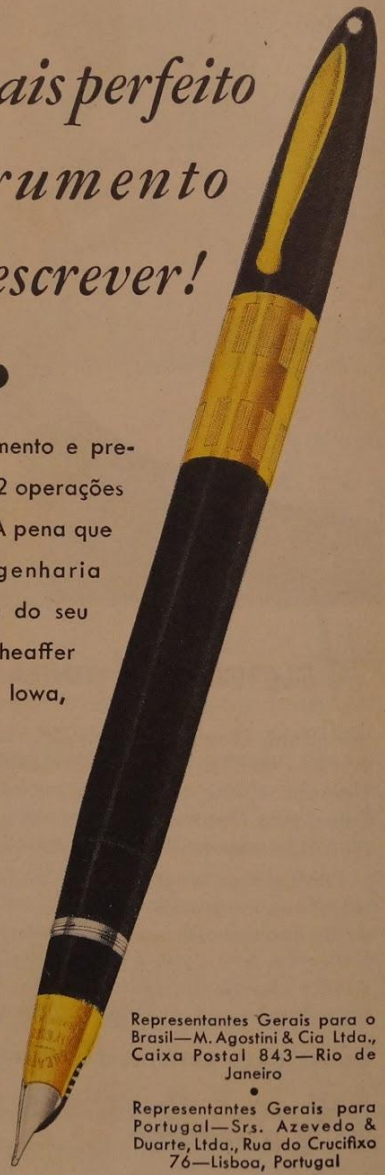
Procure este e outros maravilhosos discos Victor Red Seal na sua loja de música—para seu próprio gozo, ou para brindar os seus amigos.

OS MAIORES ARTISTAS DO MUNDO GRAVAM EM

Discos VICTOR Sêlo Vermelho RCA

O mais perfeito instrumento para escrever!

Beleza no acabamento e precisão, obtidas em 72 operações manuais diferentes! A pena que é uma obra de engenharia para maior perfeição do seu funcionamento! W. A. Sheaffer Pen Co.—Fort Madison, Iowa, U. S. A.



SHEAFFER'S Lifetime

"TRIUNFO"

Representantes Gerais para o Brasil—M. Agostini & Cia Ltda., Caixa Postal 843—Rio de Janeiro

Representantes Gerais para Portugal—Srs. Azevedo & Duarte, Ltda., Rua do Crucifixo 76—Lisboa, Portugal

Carga – pela Via Moderna

O transporte de carga pelo ar está-se tornando rapidamente um fator de importância na circulação de mercadorias por toda a parte do mundo. Os gigantescos transportes alados vencem hoje, numa questão de horas apenas, percursos que até há pouco exigiam muitos dias de viagem. Os Motores Pratt & Whitney e as hélices Hamilton Standard, que entram na montagem da imensa maioria desses cargueiros do ar — tornam-nos dignos da maior confiança.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

MOTORES PRATT & WHITNEY • AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICÓPTEROS SIKORSKY • HÉLICES HAMILTON STANDARD

O Convite Universal...
"TOME UMA COCA-COLA!"

Monolito Arcaico na Guatemala

Torne suas horas de recreio mais agradaveis com "Coca-Cola" bem fria. Em reuniões, às refeições e nos esportes—a qualquer hora e em qualquer ocasião, "Coca-Cola" é a companheira ideal. "Coca-Cola" é sempre digna de confiança.

Preço - Cr. $1,00

Coca-Cola
MARCA REGISTRADA

UNIDAS HOJE
UNIDAS SEMPRE

COPYRIGHT 1944 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

BORG-WARNER

Veículo anfíbio, marca "Alligator", manufaturado em uma das fábricas Borg-Warner.

Ontem...ARTIGOS PARA O LAR E A FAZENDA
Hoje...ARTIGOS ESSENCIAIS À GUERRA

● Ontem, a Borg-Warner dedicava-se ativamente à produção de equipamento para automoveis, para os lares e as fazendas—em produção tão vasta e tão variada, que suas vantagens são desfrutadas por milhões de pessoas diariamente.

Amanhã, há-de repetir-se o ciclo histórico —com uma diferença: a Borg-Warner passará novamente a fabricar aqueles artigos para a indústria automobilística, bem como para o lar e a fazenda, mas terão melhor desenho e manufatura mais bem acabada, devido às lições aprendidas na guerra.

BORG-WARNER

Borg & Beck · Borg-Warner International · Borg-Warner Service Parts · Calumet Steel · Detroit Gear Aircraft Parts · Detroit Vapor Stove · Ingersoll Steel & Disc · Long · Marbon · Marvel-Schebler Carbureter · McCulloch Engineering · Mechanics Universal Joint · Morse Chain · Norge · Norge Machine Products · Pesco Products · Rockford Clutch · Spring Division · Warner Automotive Parts · Warner Gear

ENGINEERING B-W PRODUCTION

SERÁ QUE O NOSSO TIME DE FUTEBOL ESTÁ GANHANDO? . . .

Os soldados e marinheiros de todas as frentes de batalha habituaram-se a confiar nos Rádios ZENITH, porque, por muito longe que estejam da pátria, e sejam quais forem as condições do clima, eles prestam sempre serviços infaliveis.

A sólida construção dos Rádios ZENITH assegura longa duração—e a sua impecavel recepção e fidelidade de tom são inexcediveis.

O ZENITH invariavel em todos os climas desafia a umidade extrema dos trópicos—como a neve e os gelos do Polo. Onde quer que V. viva, enquanto tiver à sua disposição um Rádio ZENITH, nunca perderá contacto com o resto do mundo!

UNIÃO VITÓRIA LIBERDADE

ZENITH RADIO

LONG DISTANCE

OS MAIORES FABRICANTES EXCLUSIVOS DE EQUIPAMENTO RADIÔNICO

Hoje, como jamais . . .

a Vida é DRAMA!

A história não registra época tão dramática como a em que vivemos e em que se assinalam: Ansiedade . . . Paixões . . . Conflitos . . . Morte . . . Heroismo.

O cenário mundial está pleno de eventos dramáticos! O destino das nações, o bem-estar e a alegria dos povos estão, constantemente, em jôgo.

A vida é um drama, por todos vivido e que a todos empolga!

Considerando o interesse universal pelo drama, tornou-se ele um dos elementos essenciais dos programas, em ondas curtas, que as Emissoras dos Estados Unidos irradiam, diariamente.

Estas emissões diárias vos apresentam dramas, sinfonias, bailados, noticiários, comentários sobre atualidades, em suma, uma profusão de atrações dignas de nota. Teem elas início às 18.00 horas e se prolongam até as 00.30, incluindo os domingos e por intermédio das seguintes estações emissoras:

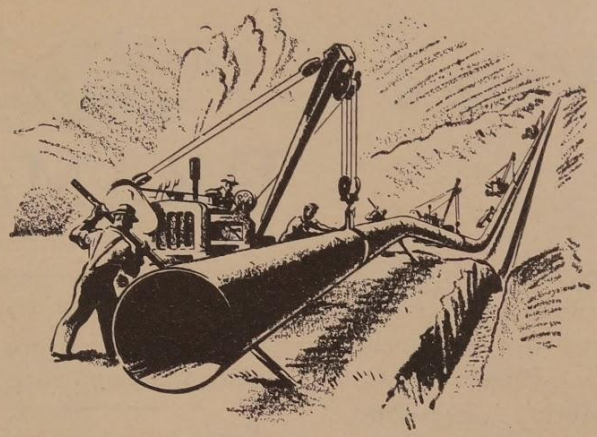
WCBX ★ WRCA ★ WGEA

Ser-vos-ão enviados, gratuitamente, programas mensais completos, com os devidos horários, mediante pedido ao

Coordenador de Assuntos Inter-Americanos

DEPTO. B.

CAIXA POSTAL 860-B, RIO DE JANEIRO, OU
CAIXA POSTAL 205B-B, SÃO PAULO



Rios subterrâneos de óleo

UMA DAS FUNDIÇÕES da UNITED STATES STEEL produziu 885 quilômetros de oleodutos em quatro meses apenas. Produzimos diariamente uma média de 8.860 metros desses condutos. Essa quantidade—que compôs 4.600 carregamentos—foi fabricada para fins de guerra.

Da pesquisa que nos faz produzir para a guerra redundará maior quantidade e melhor conduto de aço U•S•S para óleo, gás, água, e outros usos especiais — assim como outros muitos novos e melhorados produtos U•S•S—para serem util e economicamente empregados quando se fizer a paz no mundo.

UNITED STATES STEEL EXPORT CO.
30 CHURCH STREET, NOVA YORK 8, E. U. A.

FORNECEMOS AO MUNDO
aços superiores do maior fabricante de aço do mundo

Sua Máquina de Costura está "doente"?

DE VEZ EM QUANDO a sua máquina Singer precisa ser submetida a completo exame, sendo talvez necessário trocar alguma peça.

Sua máquina salta pontos? Há acúmulo de poeira na caixa da bobina? Nota em sua Singer quaisquer outros "sintomas", inevitaveis após prolongado uso?

Os peritos da Singer são capazes de consertar qualquer desarranjo! Em pouco tempo, farão funcionar sua Singer novamente, na perfeição.

Mas não se esqueça: procure sempre o "S" vermelho, para ter certeza de que é o Serviço Singer autêntico.

Nas Lojas Singer encontram-se tambem:

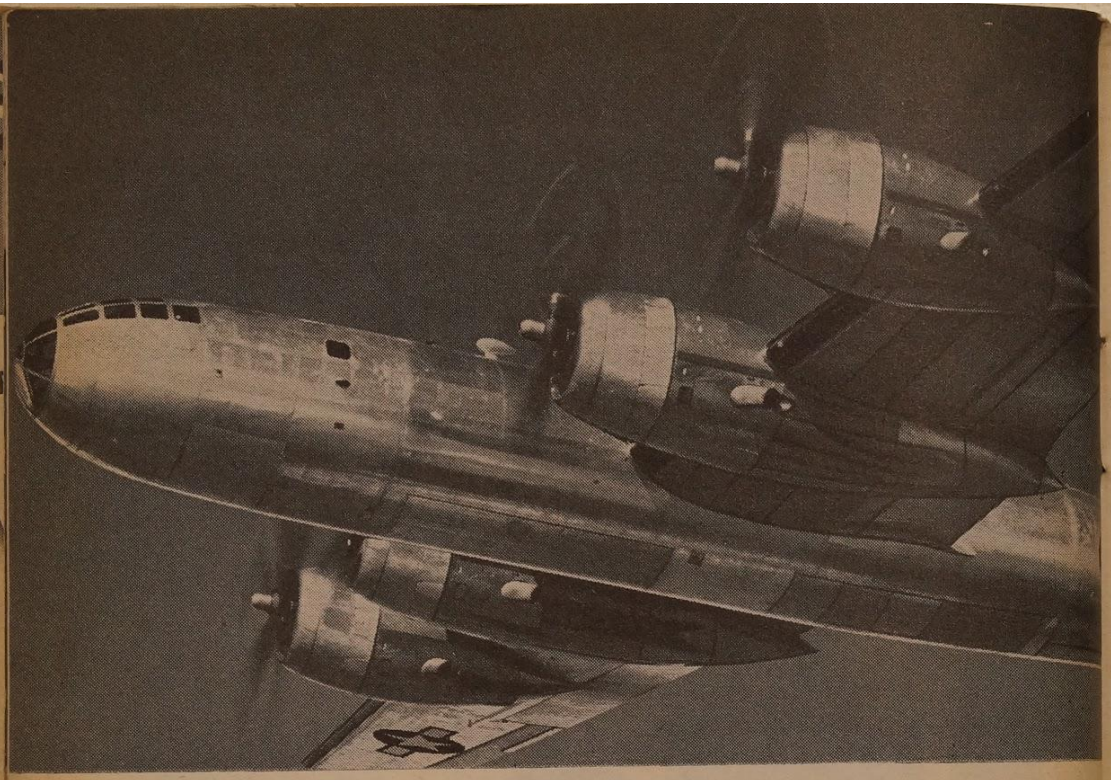
Agulhas, óleo e acessórios Singer.

Serviço de auxílio na confecção de vestidos e bordados.

Folhetos sobre a confecção de vestidos e decorações.

SINGER SEWING MACHINE COMPANY

Copyright U.S.A.1944, by the Singer Sewing Machine Co. All rights reserved for all Countries.
Todos os direitos reservados em todos os paises.



História das Superfortalezas Boeing

O leitor ainda se lembra do mês de janeiro de 1940? Foi então que a Aviação Militar dos Estados Unidos decidiu que havia de conseguir um avião *capaz de carregar mais longe, mais alto e mais depressa, maior carga de bombas* do que outro qualquer avião que o mundo já tivesse visto.

As mais importantes empresas construtoras de aviões foram convidadas a apresentar projetos. Mas a Boeing—com a sua inigualavel experiência na construção de aviões quadri-motores tais como a Fortaleza Voadora, o «Stratoliner» e o Cliper Transoceânico — estava em ótimas condições para solucionar os problemas do traçado.

Os ensaios do modelo Boeing no «tunel de vento» impressionaram a tal ponto as autoridades aeronáuticas, que à Boeing foi encomendada a construção de três aviões experimentais. E foi então que — mesmo antes de estar completo o primeiro dos três, e de se fazerem os ensaios de vôo — a Aeronáutica Militar resolveu que *esse* era o Bombardeiro Número Um do mundo!

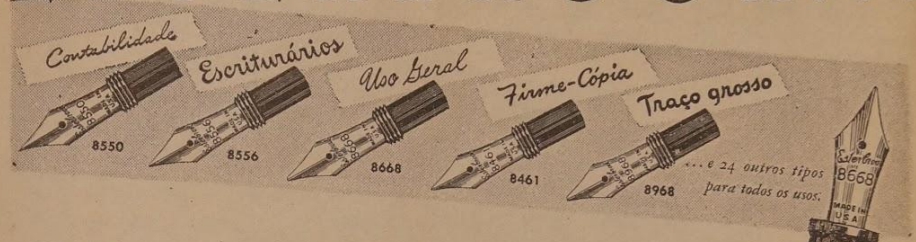
Era tão seguro o seu desenho fundamental, que nem sequer uma só alteração de importância foi preciso introduzir-lhe, quando se iniciaram os testes de vôo real. E cerca de um ano e meio depois, os modelos da primeira produção estavam bombardeando o Japão.

As Superfortalezas vão tomando o seu lugar ao lado das famosas Fortalezas Voadoras, nos esforços que a Boeing vem fazendo para suprir as grandes brigadas de bombardeamento do Exército com os melhores aviões possiveis, de maneira a poderem cumprir suas tarefas tão importantes quanto arriscadas.

Criadores da Fortaleza Voadora • **Da Nova Superfortaleza B-29**
do Stratoliner • dos Clíperes Transoceânicos

BOEING

ESTERBROOK...



"A pena adequada ao estilo de sua letra"

DOS 29 TIPOS DE PENAS ESTERBROOK, UMA É PARA SUA LETRA.

Há uma pena Esterbrook para cada estilo de letra—uma delas é *adequada* para a sua letra. A Caneta-Tinteiro Esterbrook possui uma característica exclusiva: as "Penas Interpermutáveis", que permitem a V. S. a escolha daquela que melhor se adapta ao estilo de sua letra—proporcionando-lhe muitos anos de escrita macia, prazenteira e sem esfôrço.

As Canetas-Tinteiro Esterbrook oferecem a máxima precisão, são práticas e possuem equilíbrio científico. Foram projetadas para facilitar a escrita. Feitas em várias côres atrativas, são vendidas a um preço ao alcance de qualquer bolso.

Esterbrook—A Caneta-Tinteiro de Cunho Pessoal

PENAS INTERPERMUTÁVEIS
Escolha a sua

Esterbrook

CAMDEN, NEW JERSEY, E. U. A.

Os Primeiros Fabricantes de Penas da América

PRODUÇÃO MAIOR

Vista aérea da Fábrica de Motocicletas Indian

. . . para uma maior MOTOCICLETA

Indian—o mais antigo e mais importante produtor de motocicletas de alta qualidade nos Estados Unidos—acelerou a produção na sua fábrica gigante de Springfield, Massachusetts, para satisfazer a procura sem precedentes destes dias de guerra. Mas, embora esteja produzindo agora, para as Forças Armadas, um volume maior que nunca, a Indian vai ao mesmo tempo preparando-se para a procura prevista, no após-guerra, para este meio de transporte em todo o mundo.

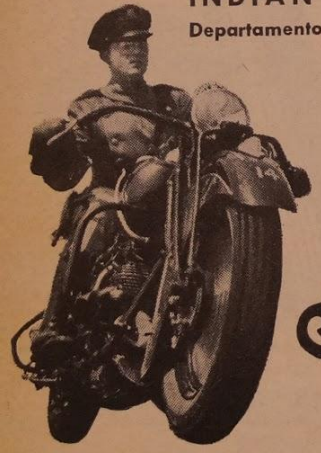
Isto se aplica muito especialmente aos paises da América do Sul, onde os mais modernos e melhores meios de transporte —melhores rodovias—abrirão caminho a um fomento enorme dos transportes motorizados. É que a motocicleta está-se tornando de dia para dia mais util para usos comerciais, e bem assim como um meio econômico e agradavel de gozar os prazeres do Ar Livre.

Por isso é que hoje—o conhecimento adquirido com as pesquisas do tempo da guerra está sendo aplicado ao traçado dos grandes modelos Indian "Especiais da Paz" —que já hoje estão sendo expedidos para a América do Sul.*

A Indian foi sempre a *primeira* a apresentar a maior parte das inovações progressivas no traçado de motocicletas. Assim—fique desde já na expectativa das caraterísticas que farão dela a *Primeira Motocicleta da América!*

INDIAN MOTOCYCLE COMPANY

Departamento RD, Springfield, Massachusetts, E. U. A.



**As encomendas aprovadas pela Foreign Economics Commission podem ser imediatamente expedidas para a América do Sul.*

Indian MOTOCICLETAS

O Brasil Aumenta sua Potência Elétrica

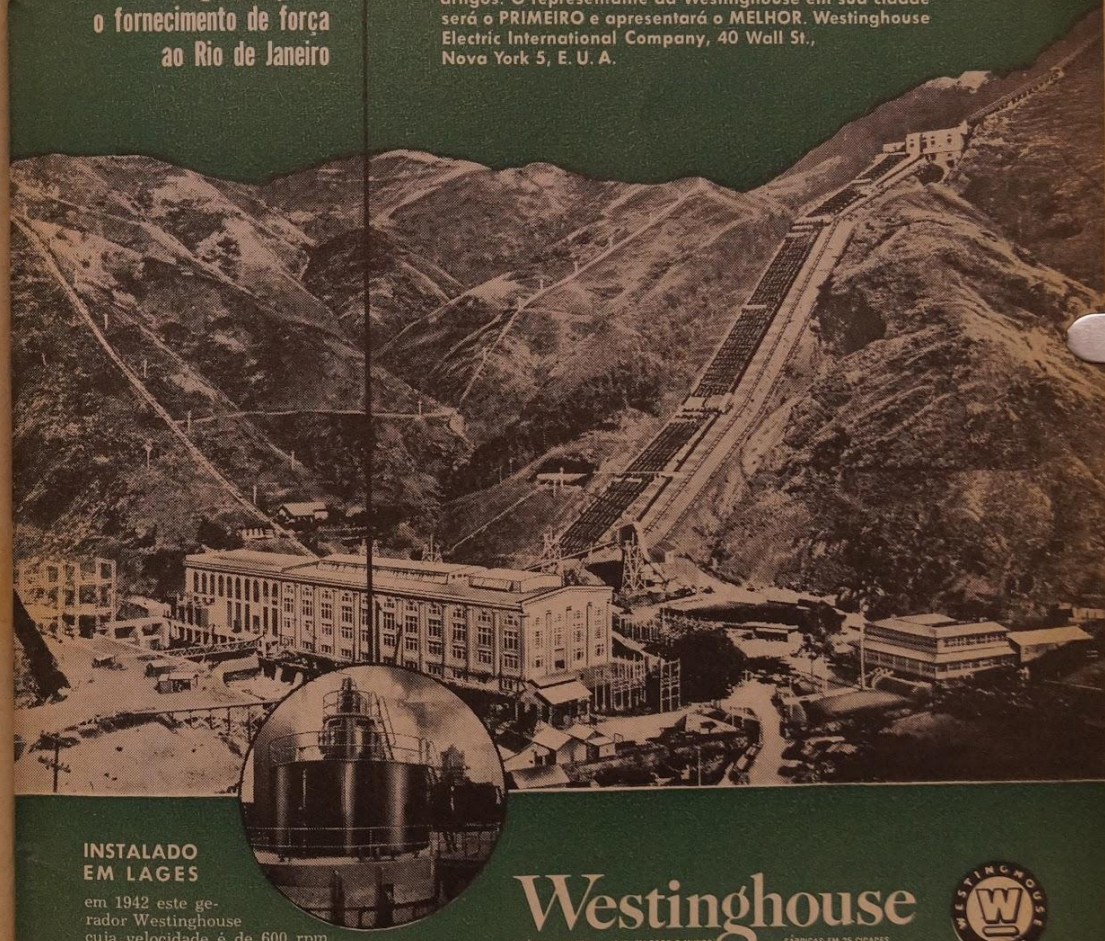
O novo equipamento gerador da Westinghouse, em Lages, ampliará o fornecimento de força ao Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro precisava de mais força elétrica, e essa necessidade foi suprida pelo aumento da usina de Lages, principal fonte de força para o Distrito Federal.

Abaixo vêem-se os grandes condutos forçados que levam a água à usina geradora. Aqui, nove geradores Westinghouse com a capacidade total de 114.000 kw convertem a energia do ribeirão naquilo que é o verdadeiro sangue da crescente indústria do Brasil: força elétrica abundante e barata.

Assim, a influência da técnica e do equipamento básico da Westinghouse se faz sentir mesmo na nascedouro da força elétrica . . . em Lages, em outros pontos das Américas, em todos os continentes.

E para que essa nova força seja utilizada em sua plenitude, teremos muitos melhoramentos que tornarão a vida mais agradavel: televisão, rádio, refrigeradores, fogões elétricos, ventiladores, ferros, máquinas de lavar roupa em casa e muitos outros artigos. O representante da Westinghouse em sua cidade será o PRIMEIRO e apresentará o MELHOR. Westinghouse Electric International Company, 40 Wall St., Nova York 5, E. U. A.



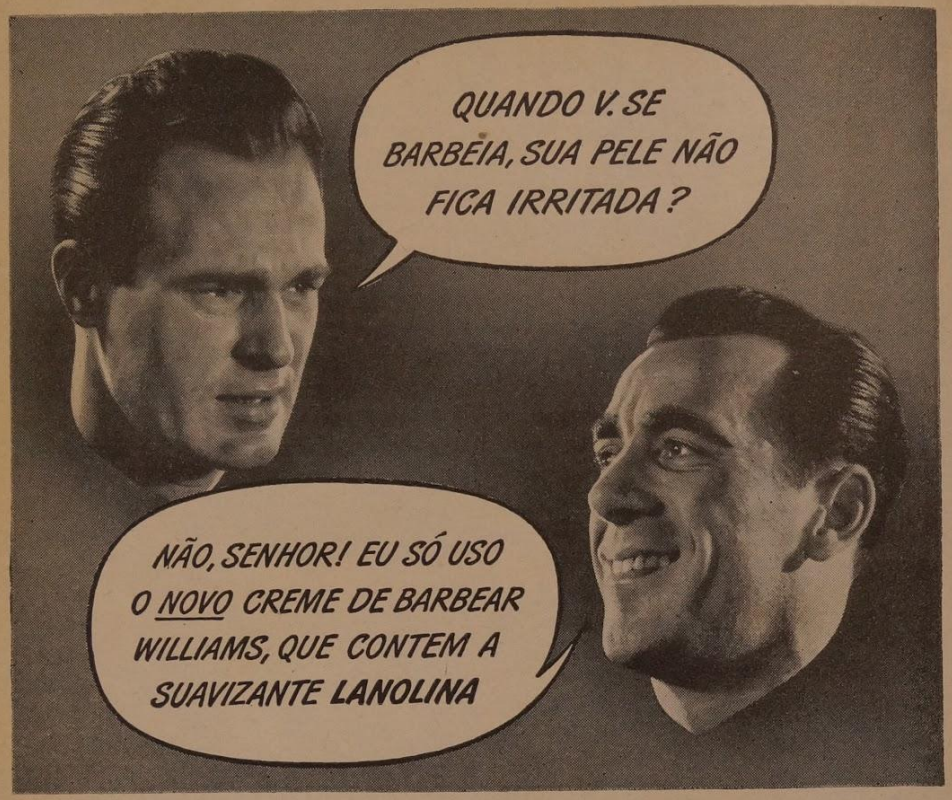
INSTALADO EM LAGES

em 1942 este gerador Westinghouse cuja velocidade é de 600 rpm . . . é considerado o maior jamais fabricado nos E. U. A. para essa velocidade. A Westinghouse fabrica atualmente outro gerador do mesmo tipo.

Westinghouse

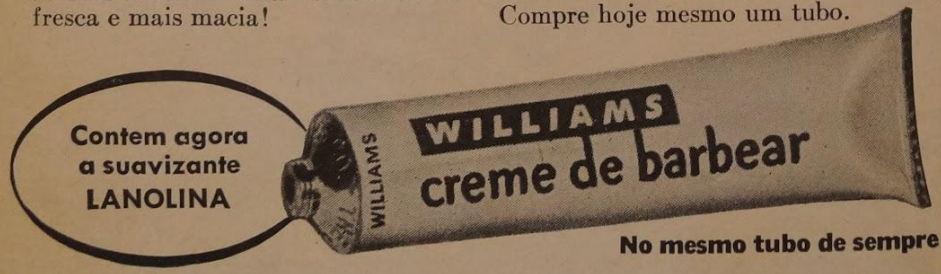
ESCRITÓRIOS E DISTRIBUIDORES EM TODO O MUNDO — FÁBRICAS EM 25 CIDADES

—Empresa Criadora e de Confiança



MUITO semelhante à secreção oleosa, natural da pele, a Lanolina é famosa pelas suas propriedades suavizantes. Os médicos receitam-na mesmo com frequência como bálsamo para a pele. Para os homens, é uma boa notícia saber que a Lanolina do Creme Williams lhes vai permitir escanhoar-se sem irritar a cara—e deixando-a fresca e mais macia!

Produto da habil mistura de suaves ingredientes da mais alta qualidade, o Creme Williams, alvo como a neve, é macio quando aplicado ao rosto. Produz a mesma espuma suave e refrescante em que os homens confiam para se barbearem depressa e sem dificuldade. Agora, com Lanolina, o Creme Williams ainda ficou melhor! Compre hoje mesmo um tubo.



No mesmo tubo de sempre

Depois da Vitória . . .

Percorra os Estados Unidos num Ônibus Greyhound

Celebre a próxima vitória das Nações Unidas com uma visita aos Estados Unidos — terra de assombrosas belezas naturais, que oferece ao viajante uma quase infinita variedade de coisas que ver e que fazer.

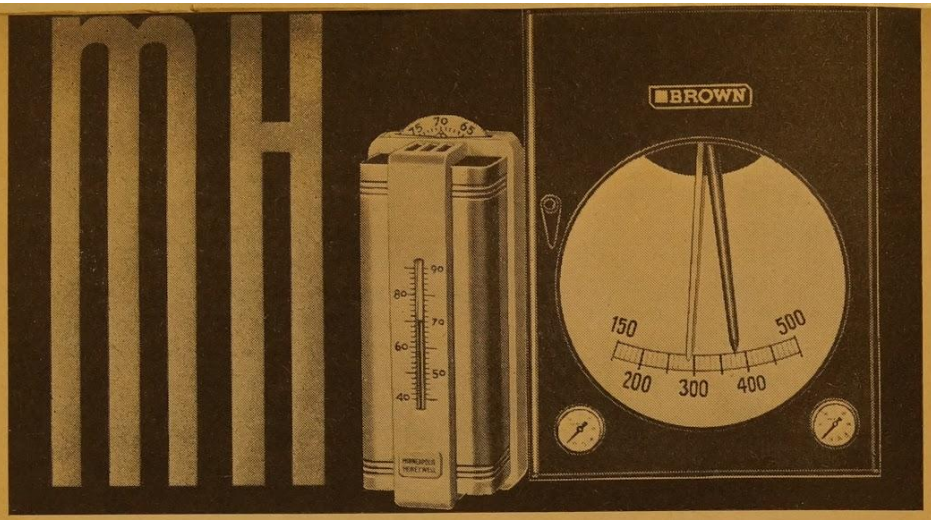
A imensa brigada de Ônibus Greyhound está hoje ocupadissima, cumprindo a sua quota-parte das tarefas de guerra — mas nos dias mais venturosos que o futuro nos reserva, estes "reis das rodovias" voltarão a oferecer a milhões de pessoas os prazeres do turismo. Do Altântico ao Pacífico e do Canadá ao México —a Greyhound serve maior número de grandes cidades, parques nacionais, praias de recreio, estâncias montanhosas e regiões agrícolas dos Estados Unidos, do que qualquer outra empresa de transportes.

Passagens a preço módico, e as carreiras constantes e muito convenientes sobre uma rede de estradas de 112.000 quilometros, traduzem-se para V. S. na possibilidade de ver *mais* por *menos* dinheiro, quando viajar no Ônibus Greyhound através dos fascinantes cenários naturais dos Estados Unidos.

Para mais informações escreva ao

GREYHOUND INFORMATION CENTER, DEPTO. R12
1505 N. B. C. Building • Cleveland 14, Ohio, E. U. A.

GREYHOUND



Marchando a par do Progresso

Correndo parelhas com o sempre crescente interesse pelo lar moderno, que se nota em toda a América do Sul, está a grande procura pela aparelhagem de Controle Automático de Aquecimento e Acondicionamento de Ar, da Minneapolis-Honeywell, fabricante de vanguarda desde 1885. No sentido de acompanhar a procura de equipamento industrial, em constante aumento no grande continente do Sul, estão sendo hoje considerados absolutamente necessários os Controles para melhorar a produção, evitar desperdícios, e assegurar a segurança dos trabalhadores. Muitos Instrumentos de Registo Industrial, de Indicação e Controle para as Indústrias, são produto da Brown Instrument Company, subsidiária da Minneapolis-Honeywell. Sendo certo que, devido à guerra, muitos tipos de mecanismo de controle, não se podem hoje obter, convidamos os interessados a informar-se sobre qualquer assunto relativo a controle industrial e técnico. Minneapolis-Honeywell Regulator Company. Departamento de Exportação, 4422 Wayne Ave., Philadelphia, Pa.

COM UNIDADE LIBERDADE

DISTRIBUIDORES

Argentina e Uruguai: E. C. Knight e Hijo, Buenos Aires—Brasil: Oscar Taves and Company, Rio de Janeiro—Colômbia: P. Porta, Bogotá—Perú: Custer and Thommen, S.A., Lima—Chile: Thermic, Ltda., Santiago—Panamá: The Electric Service Co., Panamá —México: Armando Vaquie, Cidade do México—Cuba: William P. Bryant, Havana—Porto Rico: Sucessores de Abarca, San Juan—Trinidad: Industrial Agencies Ltd., San Fernando.

★ ★ ★ ★ CONTROLES AUTOMÁTICOS ★ ★ ★ ★

MINNEAPOLIS-HONEYWELL

INSTRUMENTOS DA **BROWN** PARA AS INDÚSTRIAS

UM GRANDE AMOR RECAPTURADO!

COLUMBIA PICTURES apresenta

JEAN ARTHUR

LEE BOWMAN · CHARLES COBURN

na obra de

Irving Cummings

Duas Vezes Lua-De-Mel

(THE IMPATIENT YEARS)

com

EDGAR BUCHANAN · CHARLEY GRAPEWIN · JANE DARWELL

Entrecho original de VIRGINIA VAN UPP
Produtora associada

Produzido e dirigido por IRVING CUMMINGS

É ADMIRAVEL
COMO O
Michel
REALÇA A
FORMOSURA,
NÃO É VERDADE?

Observe o efeito mágico e caricioso do Baton Michel, que tem a contextura do creme . . . A cada aplicação traz mais beleza, mais mimo! Sentirá o coração palpitar com a formosura enaltecida por Michel, quando usa Baton . . . Pó de Arroz . . . Rouge . . . e Lapis para os olhos.

8 TONS SEDUTORES DE BATON
AMARANTH • CHERRY • BLONDE • SCARLET
AMAPOLA • RASPBERRY • VIVID • CYCLAMEN

Insista pelo autêntico Michel. Não se conforme com uma imitação quando possa adquirir o Michel legítimo. Verifique o nome "Michel" no seu Baton, Rouge, Pó de Arroz e Lapis para os olhos. É a marca de qualidade, sinônimo de beleza.

Michel

BATON PARA OS LÁBIOS • PÓ DE ARROZ
ROUGE • LAPIS PARA OS OLHOS

A LEI MORAL

A LEI moral é a base fundamental das boas relações humanas. O grau de felicidade e bem-estar da humanidade existe em proporção direta com a prática desta lei. Os privilégios, posses e direitos do homem dela dependem. São os seus postulados que ditam as relações adequadas entre os homens, entre as comunidades, e entre as nações.

Lei do espírito que não foi escrita,—ela é a Regra Áurea. A sua profunda influência em nossa vida é maior do que qualquer documento, decreto ou axioma, que tenha sido ou venha a ser concebido pelo homem.

A lei moral é a lei universal, absoluta, eterna, dirigida por nossa conciência e sem restrições de línguas, costumes, fronteiras, tempo e circunstâncias.

É a base de todas as leis íntegras que o homem estabeleceu.

A causa da presente conflagração mundial reside no fato de que ela tem sido ignorada por pessoas da mais alta responsabilidade.

Quando as forças armadas das Nações Unidas tenham levado de vencida os inimigos da decência e do direito, deveremos estar preparados para ditar uma paz que venha a ser o desdobramento da lei moral —uma paz que garanta o respeito pelos direitos de outrem nas relações políticas, industriais, econômicas, educacionais, culturais e espirituais, e que ofereça amplas oportunidades a todos os indivíduos e nações de viver e trabalhar em paz e harmonia uns com outros.

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION

ÀS SUAS ORDENS

Para o abastecimento de melhores produtos de Petróleo

Graças às intensivas pesquisas atuais, estimuladas como são pelas colossais exigências da guerra, os combustiveis e lubrificantes Texaco do futuro serão objeto de melhoramentos constantes, de maneira que esses produtos de alta qualidade lhe proporcionarão ainda maior rendimento e economia quando vier a paz.

THE TEXAS COMPANY
e seus distribuidores

UNIDAS HOJE
UNIDAS SEMPRE PARA

TEXACO
MARCA REG.

TEXACO PRODUTOS DE PETRÓLEO

"BLACK WIDOW"*
NORTHROP—O Caça Noturno P-61

V. S. está vendo aqui o maior dos aviões de combate que os Estados Unidos já construiram...um avião que conduz *três* combatentes especializados. Sendo o primeiro caça noturno autêntico da América, o "Black Widow" está especialmente aparelhado para perseguir os aviões inimigos através do nevoeiro.

Tem a velocidade e o poder ascensional dos aviões de caça. Para que pudesse utilizar com segurança os pequenos aeródromos, na escuridão, o "Black Widow" foi concebido e traçado para decolar rapidamente e aterrar com o máximo vagar e cautela.

Ao mesmo tempo que o grupo Northrop está produzindo o revolucionário P-61 . . . a Northrop continua na primeira linha, concebendo traçados ainda mais audaciosos, e melhores técnicas de produção para o futuro.

*O nome deste avião Northrop Inspira-se na conhecida aranha venenosa Viuva Negra.

NORTHROP *Desenhistas e Construtores do* **CAÇA NOTURNO "Black Widow" P-61**

NORTHROP AIRCRAFT, INC. • NORTHROP FIELD, HAWTHORNE, CALIFORNIA, E. U. A.
MEMBER, AIRCRAFT WAR PRODUCTION COUNCIL, INC.

Um presente que será estimado por toda a vida!... a brilhante Parker "51"

• Construida com precisão, perfeitamente equilibrada, a Parker "51" é esguia como uma aeronave em pleno vôo.

Pouse no papel a sua elegante ponta em forma de torpedo e verá como principia imediatamente a escrever suavemente, quasi sem esforço.

A maior maravilha, porém, se verifica depois: *A tinta seca à medida que se escreve!*

Isso porque só na caneta Parker "51" se pode usar a maravilhosa tinta Parker "51". Não obstante, a caneta Parker "51" escreve, com qualquer outra tinta.

É natural que não possa haver grandes estoques de canetas como estas que todos desejam possuir. Se o seu fornecedor, pois, não tiver, a Parker "51", deixe o seu pedido feito. Dentro de pouco tempo êle a terá para o servir.

Côres: Preto, Azul, Cinzento e Marron. O Lozango Azul no segurador representa a nossa garantia vitalícia.

Escreve sêco com tinta líquida!

Únicos distribuidores para todo o Brasil e Posto Central de Consêrtos: COSTA, PORTELA & CIA. Rua 1° de Março, 9-1° andar—Rio de Janeiro

PARKER "51"

Continuação da última capa

Prece de Natal

Elas, de geração em geração, ficaram sabendo para todo o sempre a história do teu nascimento. E nessas festas do seu contentamento e da sua inocência tens, ó Deus dos mansos e dos fracos, dos humildes e dos pequeninos, a parte mais límpida do teu culto, o raio mais meigo da tua influência benfazeja. Esses ritos infantís estrelam de alegria as neves polares, orvalham de suave umidade os fulgores tropicais, estendem o firmamento debaixo dos nossos tetos, e dentro do nosso espírito mortificado, inquieto, triste, põem uma hora de alvorada feliz.

Cristo, como te sentimos bom quando te vemos entre as crianças, e quando as crianças te encontram entre si. Despindo a tua majestade toda, para caberes num seio de mulher e no tamanho de um pequenito, assentaste sobre as almas um império sutil e irresistivel, por onde a espontaneidade da nossa adoração continuamente se renova e embalsama nas origens da vida. Todos aqueles, pais, irmãos, ou benfeitores, a quem concedeste a benção de amar um menino, e o têm nos braços ou o prenderam, vêem nele a tua imagem, a cópia, idealizada pela fé e pelo amor, do eterno tipo do belo. Divinizando a infância, nascendo e florescendo como ela, deixaste à espécie humana a reminiscência mais amavel e celeste da tua misericórdia para conosco.

De cada casa, onde permitiste que gorjeie e pipile esta manhã um desses ninhos tecidos pela providência das mães no meio das nossas agonias, se estão exalando para ti as súplicas e os hinos do nosso alvoroço. Por essas criaturinhas, Senhor, é que o nosso espírito se peja de cuidados, e a nossa previsão, agora mesmo, enoiteceria de agoiros funestos, se te não víssemos de permeio entre elas e o futuro carregado e temeroso. Deus benigno e piedoso, que em cada uma delas nos deixaste a miniatura da tua face desnublada, poupa-as à expiação das nossas culpas. Multiplica os nossos sofrimentos em desconto dos seus. Doira-lhes o porvir de teu riso compassivo. Cura a nossa pátria da aridez da alma, que mata, semeando a tua semente nesta geração que desponta. Permite, enfim, que nossos filhos possam celebrar com os seus, em dias mais ditosos, a alegria do teu natal.

IMPRESSO NOS E. U. A.

Prece de Natal

Rui Barbosa

Mistério divino, em cujo seio, há mil e novecentos anos, se desenvolve a civilização humana, perdoa aos que deste lugar de fraquezas e paixões ousam esflorar com o pensamento a tua pureza. Os moldes da única eloquência capaz de te não profanar quebraram-se com a última inspiração dos teus livros sagrados. Desde então, de cada vez que o homem se desengana do homem, e a alma precisa do ideal eterno, na melancolia das épocas agitadas e tenebrosas, diante da injustiça ou da dúvida, da opressão ou da miséria, é no cristal das tuas fontes que se vai saciar a nossa sede. Deixaste-as abertas na rocha da tua verdade, e há dezenove séculos que borbotam, com o mesmo frescor sempre das primeiras lágrimas daquela, cuja maternidade virginal desabotoava hoje na flor da redenção cristã.

Tamanha é a tua grandeza, que excede todas as do universo e da razão: o espaço, o tempo, o infinito, acima dos quais a cruz da tua tragédia espantosa parece maior que os vôos da metafísica, as imensidades do cálculo e as hipóteses do sonho. Daí a palavra e a imaginação recuam assombradas, balbuciando. A criatura sente o teu amor, mas tremendo. Vê-se alvorecer a eternidade na magnificência de um abismo que se rasga no céu; mas nas suas arestas alguma coisa há de sombra e ameaça. De onde, porem, tu penetras no coração de todos com a doçura de uma carícia universal, é daquele presepe, onde a tua bondade nos amanheceu um dia no sorriso de uma criança.

Enquanto Cesar cuidava do império, e Roma do mundo, assomavas tu ao canto de uma província e na vileza de um estábulo, sem que Roma, nem o império, nem Cesar te percebessem para ficar à posteridade a lição indelevel de que a política ignora sempre os seus mais formidaveis interesses. Tiveste por berço as palhas de um curral. A última das mães sentir-se-ia humilhada, se houvesse de reclinar o fruto do seu regaço no sítio abjeto, onde recebeste os primeiros carinhos da tua. Mas a manjedoira, onde só abriste os olhos à primeira luz, rescende até hoje o perfume da mais esquisita poesia, e o dia do teu natal fez-se para a cristandade o mais formoso dia da terra, o dia azulado e cor de rosa entre todos como o céu da manhã e o rosto das crianças.

Continua no verso